

# A BÍBLIA EM PORTUGAL

## PLANO DOS VOLUMES

### VOLUME I

As Línguas da Bíblia. 23 séculos de traduções

### VOLUME II

A Bíblia na Idade Média

### VOLUME III

A Bíblia nos Séculos XVI-XVII

### VOLUME IV

A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida

### VOLUME IV/1

Catálogo das Obras Bíblicas de João Ferreira Annes d'Almeida

### VOLUME V

A Bíblia nos Séculos XVIII-XIX

### VOLUME VI

A Bíblia nos Séculos XX-XXI



# A BÍBLIA EM PORTUGAL

VOLUME V

A BÍBLIA NOS SÉCULOS XVIII-XIX

1.<sup>a</sup> edição | maio, 2021

 EDIÇÕES ESGOTADAS

Lisboa | Porto | Viseu | Aveiro

[www.edicoesesgotadas.com](http://www.edicoesesgotadas.com)  
[geral@edicoesesgotadas.com](mailto:geral@edicoesesgotadas.com)

© 2021

Direitos reservados para Edições Esgotadas, Lda.

**Título:** A Bíblia nos Séculos XVIII-XIX

**Autor:** © Frei Herculano Alves, OFM<sup>Cap.</sup>  
[freiherculano@gmail.com](mailto:freiherculano@gmail.com)

**Coleção:** A Bíblia em Portugal – Volume V

**ISBN:** 978-989-9015-75-3

**Orcid:** 0000-0001-9611-7390

**Depósito Legal:** 483616/21

**Paginação:** A. M. Vale Pinto

**Impressão e acabamento:** Rainho & Neves, Lda.

Esta publicação foi financiada com fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do Projecto UIDB/00077/2020



# A BÍBLIA EM PORTUGAL

VOLUME V

A BÍBLIA NOS SÉCULOS XVIII-XIX



*Frei Herculano Alves*

APRESENTAÇÃO

*Guilherme d'Oliveira Martins*

 EDIÇÕES ESGOTADAS



HERCULANO ALVES é Franciscano Capuchinho português. Estudou Teologia no Instituto Católico de Toulouse (França), Filologia Românica na Universidade de Coimbra, Ciências Bíblicas no Instituto Bíblico de Roma e fez o doutoramento em Teologia Bíblica na Universidade Pontifícia de Salamanca, onde foi bolseiro. De 1986 a 2011, foi professor de Sagrada Escritura na Universidade Católica Portuguesa. Coordenador geral e tradutor de vários livros da Bíblia dos Capuchinhos (Difusora Bíblica). É autor de algumas dezenas de artigos de carácter científico publicados em várias revistas e obras coletivas e de mais de uma dezena de livros sobre temas de Sagrada Escritura. Foi diretor do Movimento de Dinamização Bíblica dos Capuchinhos em Portugal, durante vinte anos, e diretor da Revista Bíblica. Investigador do CEPUL—Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, do CEHR—Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, e do IEAC-GO—Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização.

# Índice

|                                                                                          |       |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| Siglas dos livros da Bíblia . . . . .                                                    | xix   |
| Siglas de bibliotecas e outras. . . . .                                                  | xx    |
| Siglas de Ordens Religiosas. . . . .                                                     | xxii  |
| Abreviaturas . . . . .                                                                   | xxiii |
| <b>APRESENTAÇÃO</b> . . . . .                                                            | 25    |
| <b>INTRODUÇÃO GERAL</b> . . . . .                                                        | 29    |
| 1. Período de decadência bíblica . . . . .                                               | 29    |
| 2. A Igreja Católica e os estudos bíblicos. . . . .                                      | 31    |
| 3. Restauração dos estudos bíblicos. . . . .                                             | 31    |
| 4. Conteúdo deste volume . . . . .                                                       | 33    |
| 5. Um volume em duas partes e com 26 capítulos . . . . .                                 | 34    |
| 7 suplementos . . . . .                                                                  | 40    |
| <b>I PARTE</b> . . . . .                                                                 | 43    |
| <b>CAPÍTULO 1 – Contexto português: principais características deste período</b> . . . . | 45    |
| 1.1. A Igreja Católica e o Iluminismo regalista. O Marquês de Pombal . . . . .           | 45    |
| 1.1.2. O Iluminismo e a Igreja . . . . .                                                 | 47    |
| 1.1.3. Grandes autores iluministas apoiantes de Pombal. . . . .                          | 51    |
| 1.1.4. Iluministas não apoiantes de Pombal . . . . .                                     | 61    |
| 1.2. Regalismo e galicanismo . . . . .                                                   | 65    |
| 1.2.1. O regalismo de Pombal e o papado . . . . .                                        | 67    |
| 1.2.2. Pombal e a “sua” Inquisição: <i>A Real Mesa Censória</i> . . . . .                | 70    |
| 1.2.3. Pombal e as reformas do país . . . . .                                            | 71    |
| 1.2.4. O regime pombalino e a Igreja . . . . .                                           | 77    |
| 1.2.5. Dois focos de tensão provocados pelo Marquês . . . . .                            | 79    |
| 1.3. A Igreja Católica e o Jansenismo . . . . .                                          | 90    |
| 1.3.1. Jansenismo: um pouco de história . . . . .                                        | 91    |
| 1.3.2. Os valores em questão . . . . .                                                   | 92    |
| 1.4. Nova aprovação dos Jesuítas e regresso a Portugal . . . . .                         | 96    |
| 1.5. O liberalismo e a extinção das Ordens religiosas . . . . .                          | 96    |
| 1.5.1. Reação da Igreja Católica aos excessos do liberalismo do séc. XIX . .             | 102   |
| 1.6. A maçonaria . . . . .                                                               | 106   |
| 1.6.1. Reação da Igreja Católica contra a maçonaria. . . . .                             | 107   |
| 1.7. A Revolução Francesa e a sua influência na nossa cultura religiosa. . . . .         | 108   |
| 1.7.1. Incidências da Revolução em Portugal . . . . .                                    | 111   |
| 1.8. O anticlericalismo . . . . .                                                        | 114   |

|                                                                                                                       |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 1.9. Resposta dos leigos católicos às ideologias anticristãs: o 1.º Congresso Católico do Porto (1871-1872) . . . . . | 114        |
| 1.10. O estabelecimento do protestantismo em Portugal, motivo de polémica . .                                         | 116        |
| 1.11. Respostas da Igreja a estas questões . . . . .                                                                  | 121        |
| 1.11.1. O concílio Vaticano I (8.12.1869 – 18.07.1870) . . . . .                                                      | 121        |
| 1.11.2. A Igreja Católica e as traduções da Bíblia em línguas vulgares. . .                                           | 129        |
| 1.11.3. A encíclica <i>Providentissimus Deus</i> , sobre a Bíblia (Leão XIII, 1893)                                   | 133        |
| Conclusões . . . . .                                                                                                  | 134        |
| <b>CAPÍTULO 2 – Contexto bíblico europeu: traduções da Bíblia na Europa. . . . .</b>                                  | <b>137</b> |
| 2.1. Bíblias francesas. . . . .                                                                                       | 139        |
| 2.1.1. Bíblia de Maistre de Sacy / Port-Royal (1613-1648) . . . . .                                                   | 139        |
| 2.1.2. Bíblia do Pe. Dinis Amelote (séc. XVII) . . . . .                                                              | 146        |
| 2.1.3. Bíblia de Hugues Oltramare (séc. XIX) . . . . .                                                                | 146        |
| 2.1.4. Novo Testamento do Cónego Gaume (1802-1879) . . . . .                                                          | 146        |
| 2.1.5. Novo Testamento do Pe. Lallemand (séc. XIX) . . . . .                                                          | 147        |
| 2.1.6. Novo Testamento de Isaac de Beausobre (1659-1738) e Jaques L'Enfant (1661-1728) . . . . .                      | 147        |
| 2.1.7. Bíblia de Charles Le Cène (1647?-1703) . . . . .                                                               | 147        |
| 2.1.8. Bíblia do Pe. Matthieu de Barneville (séc. XVIII) . . . . .                                                    | 148        |
| 2.1.9. Bíblia de L'abbé de Vence (1676?-1749) e Augustin Calmet, OSB (1672-1757) . . . . .                            | 148        |
| 2.1.10. Bíblia do Pe. Carrières (séc. XVII) . . . . .                                                                 | 151        |
| 2.1.11. Bíblia comentada de Sionnet (M. l'Abbé) . . . . .                                                             | 152        |
| 2.1.12. Bíblia de Robert Olivetan (1506-1538) . . . . .                                                               | 152        |
| 2.1.13. Bíblia de Édouard Reuss (1804-1891) . . . . .                                                                 | 152        |
| 2.1.14. O Novo Testamento dos "Ministres de la Parole de Dieu" . . . . .                                              | 152        |
| 2.1.15. Novo Testamento de David Durand (1680-1763) . . . . .                                                         | 153        |
| 2.1.16. Bíblia de Nicolas Le Gros (séc. XVIII) . . . . .                                                              | 153        |
| 2.1.17. Novo Testamento do Padre Valart (séc. XVIII) . . . . .                                                        | 153        |
| 2.1.18. Association Anglaise et Étrangère de La Bible . . . . .                                                       | 154        |
| 2.1.19. Salmos de J. F. X. Wurth (séc. XIX) . . . . .                                                                 | 154        |
| 2.1.20. Bíblia da Sociedade Bíblica Francesa. . . . .                                                                 | 154        |
| 2.1.21. Obras bíblicas editadas pela SPCK de Londres. . . . .                                                         | 154        |
| 2.1.22. Bíblia de J. N. Darby (1800-1882) . . . . .                                                                   | 155        |
| 2.1.23. Novo Testamento de Edmond Stapfer (séc. XIX) . . . . .                                                        | 155        |
| 2.1.24. Novo Testamento de Charles-François Bailargeon (1798-1870) . .                                                | 155        |
| 2.1.25. Antigo Testamento de H. A. Perret-Gentil (séc. XIX) . . . . .                                                 | 155        |
| 2.1.26. Novo Testamento de Eugène Arnaud (1826-1905) . . . . .                                                        | 156        |
| 2.1.27. Novo Testamento de Albert Rilliet (séc. XIX) . . . . .                                                        | 156        |
| 2.1.28. Novo Testamento de L. Bonnet (séc. XIX) . . . . .                                                             | 156        |
| 2.1.29. Bíblia de M. L'Abbé A. Crampon (1826-1894) . . . . .                                                          | 156        |

|                                                                                                   |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 2.1.30. Bíblia do Rabinato (Bíblia Judaica) . . . . .                                             | 156 |
| 2.1.31. Evangelho de Paul Passy (1895-1940) . . . . .                                             | 157 |
| 2.1.32. Evangelho da NBSS . . . . .                                                               | 157 |
| 2.1.33. Bíblia de S. Karppe (séc. XIX) . . . . .                                                  | 157 |
| 2.1.34. Bíblia de Eugène Ledrain (1844-1910). . . . .                                             | 157 |
| 2.1.35. Bíblia de Ostervald (1663-1747) . . . . .                                                 | 157 |
| 2.1.36. Bíblia de Genebra. . . . .                                                                | 166 |
| 2.1.37. Bíblia de Antoine Eugène Genoude (1792-1849). . . . .                                     | 168 |
| 2.1.38. Novo Testamento de François Pierre Mésenguy (séc. XVIII) . . . . .                        | 169 |
| 2.1.39. Novo Testamento de Jean Le Clerc (1657-1736) . . . . .                                    | 169 |
| 2.1.40. Bíblia de David Martin (1639-1721) . . . . .                                              | 169 |
| 2.1.41. Bíblia de Jean Baptiste Glaire (1798-1879) . . . . .                                      | 173 |
| 2.1.42. Os Santos Evangelhos de Henri Lasserre (1828-1900) . . . . .                              | 174 |
| 2.1.43. A Bíblia de Louis Segond (1810-1885) . . . . .                                            | 174 |
| 2.1.44. Evangelhos de Jacques Bénigne Bossuet (1627-1704). . . . .                                | 175 |
| 2.1.45. Bíblia de Jean Jacques Bourassé (1813-1872) e Pierre-Désiré Janvier (1817-1888) . . . . . | 175 |
| 2.1.46. Outras Edições . . . . .                                                                  | 175 |
| 2.1.47. Traduções em dialetos franceses . . . . .                                                 | 176 |
| 2.1.48. Bíblias pastorais francesas – <i>Histórias Bíblicas</i> . . . . .                         | 177 |
| 2.2. Bíblias italianas . . . . .                                                                  | 178 |
| 2.2.1. Bíblia de Diodati (1576-1649) . . . . .                                                    | 178 |
| 2.2.2. Bíblia de António Martini (1720-1809) . . . . .                                            | 178 |
| 2.2.3. Bíblia de Pietro Bernabó Silorata (1808-1886) . . . . .                                    | 180 |
| 2.2.4. Bíblia de Samuele David Luzzato (1800-1865). . . . .                                       | 180 |
| 2.3. Bíblias espanholas . . . . .                                                                 | 180 |
| 2.3.1. Hispano-judaicas . . . . .                                                                 | 180 |
| 2.3.2. Guillermo Norton (séc. XIX) e Juan Calderon (1791-1854) . . . . .                          | 180 |
| 2.3.3. Cipriano de Valera (1532-1602) . . . . .                                                   | 180 |
| 2.3.4. Bíblias católicas . . . . .                                                                | 181 |
| 2.3.5. Bíblias protestantes . . . . .                                                             | 188 |
| 2.4. Bíblias inglesas . . . . .                                                                   | 192 |
| 2.4.1. Bíblias protestantes . . . . .                                                             | 192 |
| 2.4.2. Bíblias católicas . . . . .                                                                | 194 |
| 2.5. Bíblias holandesas e flamengas. . . . .                                                      | 199 |
| 2.6. Bíblias alemãs . . . . .                                                                     | 200 |
| 2.7. Bíblias de influência germânica . . . . .                                                    | 201 |
| Bibliografia . . . . .                                                                            | 202 |
| Conclusões . . . . .                                                                              | 202 |

|                                                                                                                          |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>CAPÍTULO 3 – Obras bíblicas mais importantes deste período . . . . .</b>                                              | <b>205</b> |
| 3.1. Autores e obras bíblicas . . . . .                                                                                  | 208        |
| 3.2. Histórias Sagradas . . . . .                                                                                        | 222        |
| Bibliografia . . . . .                                                                                                   | 250        |
| Conclusão . . . . .                                                                                                      | 251        |
| <b>CAPÍTULO 4 – Outras obras bíblicas . . . . .</b>                                                                      | <b>253</b> |
| 4.1. Autores e outras obras bíblicas . . . . .                                                                           | 253        |
| 4.2. Vidas de Jesus . . . . .                                                                                            | 266        |
| 4.3. Contributo dos judeus portugueses . . . . .                                                                         | 272        |
| 4.4. Revisões da Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida . . . . .                                                       | 275        |
| 4.4.1. Séc. XIX: edições da BFBS de Londres . . . . .                                                                    | 275        |
| 4.4.2. Revisão do Reverendo Thomas Boys (1839-1847) . . . . .                                                            | 278        |
| 4.4.3. Revisão a partir de 1865 . . . . .                                                                                | 281        |
| 4.4.4. Revisão de 1886 . . . . .                                                                                         | 281        |
| 4.4.5. Revisão de 1886-1887 . . . . .                                                                                    | 281        |
| 4.4.6. Revisão de A. de Mattos . . . . .                                                                                 | 282        |
| Conclusão . . . . .                                                                                                      | 282        |
| <b>CAPÍTULO 5 – Bíblia e ciências modernas . . . . .</b>                                                                 | <b>285</b> |
| 5.1. Ciências modernas e leituras da Bíblia: Do <i>TEXTO</i> ao <i>texto</i> e do <i>texto</i> ao <i>TEXTO</i> . . . . . | 286        |
| 5.2. A Bíblia: uma leitura pré-crítica . . . . .                                                                         | 291        |
| 5.3. Estudos bíblicos no período do racionalismo: o criticismo bíblico . . . . .                                         | 293        |
| 5.4. Hermenêutica e exegese dos textos bíblicos . . . . .                                                                | 295        |
| 5.5. As “Vidas de Jesus” . . . . .                                                                                       | 303        |
| 5.6. Outros estudos bíblicos sobre os Evangelhos . . . . .                                                               | 311        |
| 5.7. Método histórico-crítico: uma iniciação . . . . .                                                                   | 316        |
| 5.8. Orientalismo e Ciências Bíblicas . . . . .                                                                          | 324        |
| 5.9. Edições críticas da Bíblia . . . . .                                                                                | 328        |
| 5.10. Contributo de autores portugueses . . . . .                                                                        | 330        |
| 5.11. Estudos bíblicos e praxis da Igreja Católica . . . . .                                                             | 335        |
| 5.12. A eterna polémica: Que relação entre Fé e Razão? . . . . .                                                         | 338        |
| 5.13. Ainda a tradução da Bíblia para as línguas vernáculas . . . . .                                                    | 341        |
| 5.14. Resposta da Igreja ao racionalismo científico . . . . .                                                            | 344        |
| Bibliografia . . . . .                                                                                                   | 348        |
| Conclusões . . . . .                                                                                                     | 352        |
| <b>CAPÍTULO 6 – Bíblia e Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos . . . . .</b>                                          | <b>357</b> |
| 6.1. Autores portugueses e obras . . . . .                                                                               | 360        |
| 6.1.1. Gramáticas latinas . . . . .                                                                                      | 370        |
| 6.1.2. Gramáticas hebraicas . . . . .                                                                                    | 376        |

|                                                                                                                                 |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 6.2. Comentários e Dicionários estrangeiros . . . . .                                                                           | 380        |
| 6.2.1. Comentários bíblicos . . . . .                                                                                           | 380        |
| 6.2.2. Outros comentários . . . . .                                                                                             | 381        |
| 6.2.3. Dicionários. . . . .                                                                                                     | 382        |
| Conclusões . . . . .                                                                                                            | 384        |
| <b>CAPÍTULO 7 – Bíblia e Literatura de controvérsia. . . . .</b>                                                                | <b>385</b> |
| 7.1. Igreja e política: iluminismo regalista e liberalismo radical. . . . .                                                     | 386        |
| 7.2. Sigilismo . . . . .                                                                                                        | 424        |
| 7.3. Igreja e cientismo anticristão . . . . .                                                                                   | 430        |
| 7.4. Igreja Católica e Igrejas Protestantes . . . . .                                                                           | 435        |
| 7.4.1. Protestantismo e venda de Bíblias no séc. XIX . . . . .                                                                  | 439        |
| 7.4.2. Autores e obras de polémica protestante. . . . .                                                                         | 440        |
| 7.4.3. Pastorais de alguns bispos contra o protestantismo. Polémica das <i>Bí-<br/>blias truncadas e falsificadas</i> . . . . . | 446        |
| 7.5. Jesuitismo e antijesuitismo. O Marquês de Pombal e outros . . . . .                                                        | 465        |
| Bibliografia . . . . .                                                                                                          | 472        |
| Conclusões . . . . .                                                                                                            | 477        |
| <b>CAPÍTULO 8 – Bíblia e Literatura apologética. . . . .</b>                                                                    | <b>479</b> |
| A imprensa religiosa . . . . .                                                                                                  | 479        |
| Bibliografia . . . . .                                                                                                          | 504        |
| Conclusões . . . . .                                                                                                            | 504        |
| <b>CAPÍTULO 9 – Bíblia e ciências eclesiásticas . . . . .</b>                                                                   | <b>507</b> |
| Bibliografia . . . . .                                                                                                          | 536        |
| Conclusões . . . . .                                                                                                            | 539        |
| <b>CAPÍTULO 10 – Bíblia e espiritualidade . . . . .</b>                                                                         | <b>541</b> |
| 10.1. A <i>Jacobeia</i> , movimento espiritual setecentista. . . . .                                                            | 542        |
| 10.2. Espiritualidade em geral . . . . .                                                                                        | 546        |
| 10.3. Espiritualidade mística . . . . .                                                                                         | 588        |
| 10.3.1. O <i>Cântico dos Cânticos</i> , o grande livro da mística . . . . .                                                     | 594        |
| 10.4. Espiritualidade eucarística . . . . .                                                                                     | 597        |
| 10.5. Espiritualidade da Paixão de Cristo . . . . .                                                                             | 604        |
| 10.6. Espiritualidade penitencial . . . . .                                                                                     | 611        |
| 10.6.1. Espiritualidade do “Contemptus Mundi”. Edições da <i>Imitação de<br/>Cristo</i> . . . . .                               | 624        |
| 10.7. Espiritualidade mariana. . . . .                                                                                          | 628        |
| 10.8. Espiritualidade devocional. . . . .                                                                                       | 645        |
| 10.9. Espiritualidade dos “Últimos fins”. . . . .                                                                               | 653        |
| 10.10. Espiritualidade da literatura de espelho . . . . .                                                                       | 661        |
| Bibliografia . . . . .                                                                                                          | 669        |

|                                                                   |            |
|-------------------------------------------------------------------|------------|
| Conclusões .....                                                  | 669        |
| <b>CAPÍTULO 11 – Bíblia e liturgia .....</b>                      | <b>671</b> |
| 11.1. Autores que coordenaram ou editaram obras litúrgicas .....  | 672        |
| 11.2. Breviários .....                                            | 689        |
| 11.3. Horas Canónicas .....                                       | 693        |
| 11.4. Ofício Divino .....                                         | 694        |
| 11.5. Rituais .....                                               | 698        |
| 11.6. Missais .....                                               | 701        |
| 11.7. Cerimonias .....                                            | 704        |
| 11.8. Pontificais .....                                           | 706        |
| 11.9. Processionários .....                                       | 707        |
| 11.10. Saltérios .....                                            | 709        |
| 11.11. Obras litúrgicas do Arquivo do Cabido da Sé de Braga ..... | 710        |
| Bibliografia .....                                                | 715        |
| Conclusões .....                                                  | 716        |
| <b>CAPÍTULO 12 – Bíblia e música litúrgica .....</b>              | <b>719</b> |
| 12.1. Formação musical .....                                      | 720        |
| 12.2. Compositores portugueses de música litúrgica .....          | 726        |
| Bibliografia .....                                                | 752        |
| Conclusões .....                                                  | 753        |
| <b>CAPÍTULO 13 – Bíblia e hagiografia .....</b>                   | <b>755</b> |
| 13.1. Autores e obras .....                                       | 757        |
| 13.2. Igreja Católica. <i>O Martirológio</i> .....                | 769        |
| Bibliografia .....                                                | 771        |
| Conclusões .....                                                  | 772        |
| <b>CAPÍTULO 14 – Bíblia e oratória sagrada .....</b>              | <b>775</b> |
| Bibliografia .....                                                | 823        |
| Conclusões .....                                                  | 823        |
| <b>CAPÍTULO 15 – Bíblia e literatura catequética .....</b>        | <b>825</b> |
| Bibliografia .....                                                | 869        |
| Conclusões .....                                                  | 870        |
| <b>CAPÍTULO 16 – Bíblia e artes .....</b>                         | <b>871</b> |
| 16.1. Pintura .....                                               | 872        |
| 16.2. Escultura barroca .....                                     | 884        |
| 16.3. Azulejaria ou Arte do azulejo (barroco) .....               | 901        |
| 16.4. Arte indo-portuguesa. Breve alusão .....                    | 906        |
| 16.5. Arquitetura (barroca) .....                                 | 906        |
| Bibliografia .....                                                | 908        |



|                                                                                                        |             |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| Síglas .....                                                                                           | 911         |
| Conclusão .....                                                                                        | 911         |
| <b>CAPÍTULO 17 – Bíblia e poesia .....</b>                                                             | <b>913</b>  |
| Bibliografia .....                                                                                     | 950         |
| Conclusão .....                                                                                        | 951         |
| <b>Capítulo 18 – Bíblia e teatro .....</b>                                                             | <b>953</b>  |
| Bibliografia .....                                                                                     | 959         |
| Conclusão .....                                                                                        | 959         |
| <b>CAPÍTULO 19 – Bíblia e cultura nas missões do Oriente asiático .....</b>                            | <b>961</b>  |
| 19.1. Intervenção das Sociedades Bíblicas (protestantismo) .....                                       | 964         |
| 19.2. Obras impressas em português no Oriente: Batávia e Tranquebar .....                              | 965         |
| 19.3. Obras editadas em ou para Tranquebar .....                                                       | 973         |
| 19.3.1. A tipografia de Tranquebar .....                                                               | 974         |
| 19.3.2. Obras em tamul e noutras línguas orientais .....                                               | 975         |
| 19.4. Edições bíblicas e outras, em português: de Batávia para Tranquebar ....                         | 978         |
| 19.4.1. Edições dos missionários de Tranquebar e de João Ferreira<br>d’Ameida. ....                    | 979         |
| 19.4.2. Edições litúrgicas e outras: catequética, espiritualidade, controvér-<br>sia protestante... .. | 991         |
| 19.5. Obras de vários géneros em indo-português. ....                                                  | 1008        |
| 19.6. As missões católicas e a (não) ação do Padroado Português no Oriente ...                         | 1018        |
| 19.6.1. As missões e o Padroado Português .....                                                        | 1018        |
| 19.6.2. Obras religiosas de autores portugueses .....                                                  | 1020        |
| 19.6.3. Autores e obras de tipologia cultural. ....                                                    | 1028        |
| 19.6.4. Obras em indo-português de Ceilão. Uma listagem .....                                          | 1035        |
| 19.6.5. Obras escritas na e sobre a China deste período .....                                          | 1040        |
| Conclusões .....                                                                                       | 1043        |
| <b>CAPÍTULO 20 – Bíblia e cultura nas missões do Brasil e da África lusófona ....</b>                  | <b>1045</b> |
| 20.1. No Brasil. ....                                                                                  | 1046        |
| 20.1.1. Intervenção das Sociedades Bíblicas .....                                                      | 1046        |
| 20.1.2. “Associação da Propagação da Fé” e “Sociedade Católica” (em fa-<br>vor das missões). ....      | 1051        |
| 20.1.3. Bíblia e obras catequéticas .....                                                              | 1052        |
| 20.1.4. Autores e obras culturais .....                                                                | 1056        |
| 20.2. África lusófona .....                                                                            | 1060        |
| 20.2.1. A missão em Cabo Verde e na Guiné .....                                                        | 1062        |
| 20.2.2. A missão em Angola. ....                                                                       | 1062        |
| 20.2.3. A missão em Moçambique. ....                                                                   | 1064        |
| Bibliografia .....                                                                                     | 1068        |

|                                                                                                                   |             |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| Conclusões .....                                                                                                  | 1070        |
| <b>CAPÍTULO 21 – Autores e obras bíblico-culturais da literatura do Brasil .....</b>                              | <b>1073</b> |
| Conclusão .....                                                                                                   | 1092        |
| <b>Capítulo 22 – Temas específicos dos séculos XVIII-XIX .....</b>                                                | <b>1093</b> |
| 22.1. Obras referentes ao terremoto de Lisboa (1755) .....                                                        | 1093        |
| 22.2. Obras referentes ao profetismo político .....                                                               | 1106        |
| 22.3. Obras referentes ao dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. . .                                      | 1114        |
| 22.4. Obras referentes à devoção ao Coração de Jesus. ....                                                        | 1119        |
| 22.5. Obras referentes à maçonaria. ....                                                                          | 1127        |
| Conclusões .....                                                                                                  | 1134        |
| <b>CAPÍTULO 23 – A encíclica <i>Providentissimus Deus</i> de Leão XIII e a leitura da Bíblia .....</b>            | <b>1135</b> |
| 23.1. Circunstâncias da encíclica <i>Providentissimus Deus</i> .....                                              | 1136        |
| 23.1.1. O concílio de Trento, antecedente remoto da <i>Providentissimus Deus</i> .....                            | 1137        |
| 23.1.2. Do concílio de Trento à <i>Providentissimus Deus</i> .....                                                | 1139        |
| 23.1.3. O racionalismo e o liberalismo protestante, antecedentes imediatos da <i>Providentissimus Deus</i> . .... | 1141        |
| 23.1.4. As traduções da Bíblia em línguas vernáculas .....                                                        | 1143        |
| 23.1.5. O concílio Vaticano I e o contexto de <i>Providentissimus Deus</i> . . . .                                | 1144        |
| 23.1.6. O avanço das ciências modernas. ....                                                                      | 1147        |
| 23.1.7. A inspiração e verdade da Bíblia. ....                                                                    | 1147        |
| 23.1.8. A “Questão Bíblica” e o racionalismo. ....                                                                | 1148        |
| 23.1.9. As soluções da encíclica .....                                                                            | 1149        |
| 23.2. Como ler a encíclica <i>Providentissimus Deus</i> .....                                                     | 1149        |
| 23.2.1. Uma rápida leitura da <i>Providentissimus Deus</i> . ....                                                 | 1150        |
| Conclusões da I Parte .....                                                                                       | 1152        |
| <b>II PARTE .....</b>                                                                                             | <b>1155</b> |
| <b>CAPÍTULO 24 – Pe. António Pereira de Figueiredo, tradutor da Bíblia .....</b>                                  | <b>1157</b> |
| 24.1. Quem foi o Padre António Pereira de Figueiredo? .....                                                       | 1157        |
| 24.1.1. Alguns traços da sua vida (1725-1797). ....                                                               | 1157        |
| 24.1.2. O Pe. António Pereira de Figueiredo e Pombal .....                                                        | 1161        |
| 24.1.3. António Pereira de Figueiredo, jansenista? .....                                                          | 1162        |
| 24.1.4. Pe. António Pereira de Figueiredo: regalismo e eclesiologia .....                                         | 1168        |
| 24.1.5. O tempo da <i>Viradeira</i> . ....                                                                        | 1174        |
| 24.1.6. Luta entre “os dois poderes”? .....                                                                       | 1174        |
| 24.1.7. Figueiredo e seus opositores .....                                                                        | 1176        |

|                                                                                                                         |      |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| 24.2. Tradução da Bíblia em Língua Portuguesa a partir da Vulgata Latina . . . .                                        | 1187 |
| 24.2.1. O Pe. António Pereira de Figueiredo e o decreto da Sagrada Congregação do Índice (1757) . . . . .               | 1188 |
| 24.2.2. Critérios de tradução do Pe. Figueiredo . . . . .                                                               | 1191 |
| 24.2.3. Obras bíblicas traduzidas . . . . .                                                                             | 1192 |
| 24.3. Cronologia das edições da sua tradução da Bíblia . . . . .                                                        | 1195 |
| 24.3.1. Novo Testamento. Primeira edição: 6 volumes . . . . .                                                           | 1195 |
| 24.3.2. Antigo Testamento: 17 volumes. . . . .                                                                          | 1197 |
| 24.3.3. <i>Segunda Impressão Revista e Retocada pelo mesmo Autor: 1791-1805</i> . . . . .                               | 1198 |
| 24.3.4. “Edição nova” – 1794-1819. . . . .                                                                              | 1198 |
| 24.3.5. Edições posteriores ao Pe. António Pereira de Figueiredo. . . . .                                               | 1200 |
| 24.3.6. <i>Dicionário Bíblico</i> da Bíblia de Figueiredo . . . . .                                                     | 1201 |
| 24.3.7. Oposições à Bíblia de Figueiredo . . . . .                                                                      | 1205 |
| 24.3.8. A Sociedade Bíblica de Londres (BFBS): entre a Bíblia de Almeida e a de Figueiredo . . . . .                    | 1207 |
| 24.3.9. Uma edição da Bíblia a partir de Almeida e Figueiredo? . . . . .                                                | 1212 |
| Bibliografia . . . . .                                                                                                  | 1213 |
| Conclusões . . . . .                                                                                                    | 1214 |
| <b>CAPÍTULO 25 – Pe. António Pereira de Figueiredo: obras culturais</b> . . . . .                                       | 1215 |
| 25.1. Obras de Gramática Latina e Latinidade . . . . .                                                                  | 1216 |
| 25.2. Obras de Retórica, Eloquência e Língua Nacional. . . . .                                                          | 1225 |
| 25.3. Obras de História . . . . .                                                                                       | 1227 |
| 25.4. Dissertações sobre a História Antiga de Portugal. Lidas em várias sessões da Academia Real das Ciências . . . . . | 1237 |
| 25.5. Obras de Teologia e outras Ciências Eclesiásticas . . . . .                                                       | 1239 |
| 25.6. Traduções para latim. . . . .                                                                                     | 1254 |
| 25.7. Obras de Música . . . . .                                                                                         | 1257 |
| 25.8. Obras de polémica . . . . .                                                                                       | 1259 |
| 25.9. Literatura encomiástica . . . . .                                                                                 | 1266 |
| 25.10. Epigramas e Inscrições . . . . .                                                                                 | 1271 |
| 25.11. Catálogos das Obras de Figueiredo . . . . .                                                                      | 1274 |
| 25.12. Outras obras relacionadas com o Pe. António Pereira de Figueiredo . . . .                                        | 1275 |
| Bibliografia . . . . .                                                                                                  | 1276 |
| Conclusões . . . . .                                                                                                    | 1279 |
| <b>CAPÍTULO 26 – Pe. António Pereira de Figueiredo: catálogo das obras bíblicas</b> .                                   | 1283 |
| 26.1. Edições da Bíblia durante a vida de Figueiredo e revistas por ele . . . . .                                       | 1287 |
| 26.1.1. Primeira Edição . . . . .                                                                                       | 1287 |
| 26.1.2. <i>Segunda Impressão mais correcta no Texto e acrescentada nas Notas (1779-1781)</i> . . . . .                  | 1288 |

|                                                                                                                             |      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| 26.1.3. <i>Segunda Impressão revista e retocada pelo mesmo autor</i> (1782 [Sal-<br>mos], 1791-1804) – 17 volumes . . . . . | 1293 |
| 26.1.4. “Edição Nova” (1794-1818/1819) – 7 volumes . . . . .                                                                | 1297 |
| 26.2. Edições da Bíblia depois da sua morte . . . . .                                                                       | 1301 |
| 26.2.1. Bíblias completas . . . . .                                                                                         | 1302 |
| 26.2.2. Antigo Testamento e suas partes (“porções”) . . . . .                                                               | 1329 |
| 26.2.3. Novo Testamento . . . . .                                                                                           | 1330 |
| 26.2.4. Outras presenças da Bíblia de Figueiredo . . . . .                                                                  | 1353 |
| Bibliografia . . . . .                                                                                                      | 1356 |
| Conclusões . . . . .                                                                                                        | 1357 |
| <b>SUPLEMENTOS.</b> . . . .                                                                                                 | 1361 |
| <b>SUPLEMENTO 1 – “Acerca da proibição e censura dos livros”, do papa Leão XIII</b> . . . . .                               | 1363 |
| <b>SUPLEMENTO 2 – Duas alocuções do papa Gregório XVI referentes a Portugal</b> . . . . .                                   | 1371 |
| <b>SUPLEMENTO 3 – Bíblias latinas em Portugal</b> . . . . .                                                                 | 1377 |
| 1. Bíblias e comentários bíblicos mais antigos . . . . .                                                                    | 1378 |
| 2. Bíblias Latinas dos séc. XVIII-XIX . . . . .                                                                             | 1380 |
| 3. Bíblias de outras línguas traduzidas em latim . . . . .                                                                  | 1391 |
| 4. Concordâncias latinas . . . . .                                                                                          | 1392 |
| Conclusão . . . . .                                                                                                         | 1394 |
| <b>SUPLEMENTO 4 – Bíblias hebraicas e gregas em Portugal</b> . . . . .                                                      | 1395 |
| 1. Bíblias hebraicas . . . . .                                                                                              | 1395 |
| 2. Bíblias gregas e greco-latinas . . . . .                                                                                 | 1399 |
| 3. Bíblias políglotas . . . . .                                                                                             | 1402 |
| 4. Gramáticas e dicionários hebraicos . . . . .                                                                             | 1403 |
| <b>SUPLEMENTO 5 – <i>Suave Milagre</i> (Eça de Queirós)</b> . . . . .                                                       | 1407 |
| <b>SUPLEMENTO 6 – <i>A Fé e a Razão</i> (14.09.1998). Uma leitura</b> . . . . .                                             | 1409 |
| 1. Meios para alcançar a Verdade . . . . .                                                                                  | 1410 |
| 2. Uma sociedade sem valores . . . . .                                                                                      | 1410 |
| 3. Quem sou eu? Donde venho? Para onde vou? . . . . .                                                                       | 1411 |
| 4. A verdade da Revelação foi sempre transmitida indiretamente, através de pes-<br>soas e sinais . . . . .                  | 1412 |
| 4.1. A verdadeira sabedoria compreende todas as coisas . . . . .                                                            | 1412 |
| 4.2. Deus também se dá a conhecer na natureza . . . . .                                                                     | 1412 |
| 4.3. Paulo em Atenas (Act 17,22-27) . . . . .                                                                               | 1413 |
| 4.4. O sentido da vida: para onde vamos? . . . . .                                                                          | 1413 |
| 4.5. Diferentes modos de procurar a Verdade . . . . .                                                                       | 1413 |

## ÍNDICE

|                                                              |      |
|--------------------------------------------------------------|------|
| 5. Espécies de verdade . . . . .                             | 1413 |
| 5.1. <i>Verdades científicas ou não</i> . . . . .            | 1413 |
| 5.2. <i>Verdades filosóficas</i> – especulativas. . . . .    | 1413 |
| 5.3. <i>Verdades religiosas</i> . . . . .                    | 1413 |
| 6. Relação entre Verdade revelada e Filosofia . . . . .      | 1414 |
| 6.1. Separação entre Fé e Razão . . . . .                    | 1415 |
| 7. Intervenções do Magistério em Filosofia . . . . .         | 1415 |
| 8. Interação Teologia – Filosofia (cap. VI, p. 87s). . . . . | 1416 |
| 9. A relação da fé com outras culturas . . . . .             | 1417 |
| 10. Diferentes estádios da Filosofia (p. 100) . . . . .      | 1417 |
| 11. Exigências e tarefas atuais (cap. VII) . . . . .         | 1418 |
| 12. Tarefas da Teologia (n.º 93) . . . . .                   | 1420 |
| Conclusão . . . . .                                          | 1421 |
| <b>SUPLEMENTO 7 – Bibliografia do Oriente</b> . . . . .      | 1423 |
| Bibliografia geral . . . . .                                 | 1435 |
| Conclusões finais . . . . .                                  | 1445 |
| <b>Índice de Autores</b> . . . . .                           | 1457 |
| <b>Índice Temático e Onomástico</b> . . . . .                | 1485 |



## Siglas dos livros da Bíblia

|                                        |                                             |
|----------------------------------------|---------------------------------------------|
| <b>Abd</b> – Profeta Abdias            | <b>Js</b> – Josué                           |
| <b>Act</b> – Actos dos Apóstolos       | <b>Jz</b> – Juízes                          |
| <b>Ag</b> – Profeta Ageu               | <b>Lc</b> – Evangelho de S. Lucas           |
| <b>Am</b> – Profeta Amós               | <b>Lm</b> – Lamentações                     |
| <b>Ap</b> – Apocalipse de João         | <b>Lv</b> – Levítico                        |
| <b>Br</b> – Profeta Baruc              | <b>1 Mac</b> – 1.º Livro dos Macabeus       |
| <b>Cl</b> – Carta aos Colossenses      | <b>2 Mac</b> – 2.º Livro dos Macabeus       |
| <b>Ct</b> – Cântico dos Cânticos       | <b>Mc</b> – Evangelho de S. Marcos          |
| <b>1 Cor</b> – 1.ª Carta aos Coríntios | <b>Ml</b> – Profeta Malaquias               |
| <b>2 Cor</b> – 2.ª Carta aos Coríntios | <b>Mq</b> – Profeta Miqueias                |
| <b>1 Cr</b> – 1.º Livro das Crónicas   | <b>Mt</b> – Evangelho de S. Mateus          |
| <b>2 Cr</b> – 2.º Livro das Crónicas   | <b>Na</b> – Profeta Naum                    |
| <b>Dn</b> – Profeta Daniel             | <b>Ne</b> – Neemias                         |
| <b>Dt</b> – Deuterónimo                | <b>Nm</b> – Números                         |
| <b>Ecl</b> – Eclesiastes (ou Qohélet)  | <b>Os</b> – Profeta Oseias                  |
| <b>Ef</b> – Carta aos Efésios          | <b>1 Pe</b> – 1.ª Carta de S. Pedro         |
| <b>Esd</b> – Esdras                    | <b>2 Pe</b> – 2.ª Carta de S. Pedro         |
| <b>Est</b> – Ester                     | <b>Pr</b> – Provérbios                      |
| <b>Ex</b> – Êxodo                      | <b>Rm</b> – Carta aos Romanos               |
| <b>Ez</b> – Profeta Ezequiel           | <b>1 Rs</b> – 1.º Livro dos Reis            |
| <b>Fl</b> – Carta aos Filipenses       | <b>2 Rs</b> – 2.º Livro dos Reis            |
| <b>Flm</b> – Carta a Filémon           | <b>Rt</b> – Rute                            |
| <b>Gl</b> – Carta aos Gálatas          | <b>Sb</b> – Sabedoria                       |
| <b>Gn</b> – Génesis                    | <b>Sf</b> – Profeta Sofonias                |
| <b>Hab</b> – Profeta Habacuc           | <b>Sir</b> – Ben Sira (antigo Eclesiástico) |
| <b>Heb</b> – Carta aos Hebreus         | <b>Sl</b> – Salmos                          |
| <b>Is</b> – Profeta Isaías             | <b>1 Sm</b> – 1.º Livro de Samuel           |
| <b>Jb</b> – Job                        | <b>2 Sm</b> – 2.º Livro de Samuel           |
| <b>Jd</b> – Carta de Judas             | <b>Tb</b> – Tobite                          |
| <b>Jdt</b> – Judite                    | <b>Tg</b> – Carta de S. Tiago               |
| <b>Jl</b> – Profeta Joel               | <b>1 Tm</b> – 1.ª Carta a Timóteo           |
| <b>Jn</b> – Profeta Jonas              | <b>2 Tm</b> – 2.ª Carta a Timóteo           |
| <b>Jo</b> – Evangelho de S. João       | <b>1 Ts</b> – 1.ª Carta aos Tessalonicenses |
| <b>1 Jo</b> – 1.ª Carta de S. João     | <b>2 Ts</b> – 2.ª Carta aos Tessalonicenses |
| <b>2 Jo</b> – 2.ª Carta de S. João     | <b>Tt</b> – Carta a Tito                    |
| <b>3 Jo</b> – 3.ª Carta de S. João     | <b>Zc</b> – Profeta Zacarias                |
| <b>Jr</b> – Profeta Jeremias           |                                             |

## Siglas de bibliotecas e outras

- ACIENL** – Academia das Ciências de Lisboa  
**ANTT/TT** – Arquivos Nacionais / Torre do Tombo  
**BAEA** – Biblioteca do Arquivo Eugénio de Almeida, Évora  
**BAJUDA** – Biblioteca da Ajuda  
**BBM** – Biblioteca Brasileira Mindlin, acervo digital  
**BCaB** – Biblioteca dos Capuchinhos, Barcelos  
**BCaP** – Biblioteca dos Capuchinhos, Porto  
**BCM** – Biblioteca Central da Marinha  
**BEP** – Biblioteca do Exército – Paulinas, Lisboa  
**BFBS/SBBE** – British and Foreign Bible Society (ou Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira)  
**BGP** – Bibliografia Geral Portuguesa  
**BGUC** – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra  
**BJPII** – Biblioteca João Paulo II, UCP, Lisboa  
**BL** – British Library – Biblioteca Nacional da Inglaterra, Londres  
**BME** – Biblioteca Municipapl de Elvas  
**BMF** – Biblioteca Municipal de Faro  
**BMGC** – British Museum General Catalogue  
**BNC** – Biblioteca Nacional – Copenhaga  
**BNH** – Biblioteca Nacional da Holanda  
**BNM** – Biblioteca Nacional de Madrid  
**BNP** – Biblioteca Nacional de Portugal  
**BNRJ** – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro  
**BOCD** – Biblioteca da Ordem dos Carmelitas Descalços, Fátima  
**BPARAH** – Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo  
**BPARPD** – Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada  
**BPB** – Biblioteca Pública de Braga  
**BPE** – Biblioteca Pública de Évora  
**BPH** – Biblioteca Pública de Horta  
**BPMP** – Biblioteca Pública Municipal do Porto  
**BPNM** – Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra  
**BSEA** – Biblioteca do Seminário Episcopal de Angra  
**BSL** – Biblioteca do Seminário de Leiria  
**BSME** – Biblioteca do Seminário Maior de Évora  
**BSMP** – Biblioteca do Seminário Maior do Porto  
**BSOSL** – Biblioteca da “School of Oriental Studies”, Londres



**BSS** – Bible Society Scriptures (Young 1825-1936)<sup>1</sup>  
**CBAP** – Catálogo da Biblioteca Amorim Pessoa, Cantanhede  
**CBUA** – Catálogo do Livro Antigo da Biblioteca da Universidade de Aveiro  
**CEHR** – Centro de Estudos de História Religiosa (UCP)  
**CMSTR** – Biblioteca da Câmara Municipal de Santarém  
**CMVIS** – Biblioteca da Câmara Municipal de Viseu  
**DB** – Difusora Bíblica  
**DBS** – Dictionnaire de la Bible – Supplément  
**EDB** – Editorial Dehoniana, Bolonha (Itália)  
**FacFil** – Faculdade de Filosofia (UCP), Braga  
**FLUC** – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
**FLUP** – Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
**INCM** – Imprensa Nacional – Casa da Moeda  
**INIC** – Instituto Nacional de Investigação Científica  
**ISTE** – Instituto Superior de Teologia de Évora  
**LC** – Library of Congress, Washington  
**MB** – Museu da Bíblia, Barueri (S. Paulo, Brasil)  
**NUC** – National Union Catalogue  
**PTSL** – Princeton Theological Seminary Libraries  
**RGPL-RJ** – Real Gabinete Português de Leitura – Rio de Janeiro  
**SBA/ABS** – Sociedade Bíblica Americana / American Bible Society  
**SBTB** – Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil  
**SGM** – Scripture Gift Mission  
**SocBib** – Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa  
**SPCK** – Society for the Promoting of Christian Knowledge  
**UCP** – Universidade Católica Portuguesa  
**UCPBP** – Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca do Porto  
**ULFL** – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

---

<sup>1</sup> Bible Society Scriptures, that refers to books in the Bible Society's collection Young (...collection donated to Cambridge University Library in 1933, by A. W. Young – 1852-1963 – of Trinity College, Cambridge).

## Siglas de Ordens Religiosas

- CM** – Congregação da Missão (Vicentinos)  
**CO** – Congregação do Oratório  
**CR** – Clérigo Regular  
**CRSA** – Cónego Regrante de Santo Agostinho  
**CRSJE** – Congregação dos Cónegos Regulares de S. João Evangelista  
**CSJE** – Congregação de S. João Evangelista  
**CSSJE** – Congregação dos Cónegos Seculares de São João Evangelista  
**OCarm** – Ordem dos Carmelitas Calçados  
**OCD** – Ordem dos Carmelitas Descalços  
**OCart** – Ordem da Cartuxa  
**OCist** – Ordem de Cister  
**OESA** – Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho  
**OEDSA** – Ordem dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho  
**OFM** – Ordem dos Frades Menores  
**OFMCap** – Ordem dos Frades Menores Capuchinhos  
**OMC** – Ordem Militar de Cristo  
**OP** – Ordem dos Pregadores  
**OSA** – Ordem de Santo Agostinho  
**OSant** – Ordem Militar de São Tiago  
**OSB** – Ordem de S. Bento  
**OSC** – Ordem de Santa Clara  
**OSJ** – Ordem de S. Jerónimo  
**OSPPE** – Ordem de São Paulo primeiro eremita  
**OSST** – Ordem da Santíssima Trindade  
**SJ** – Sacerdote Jesuíta

## Abreviaturas

|                                     |                                       |
|-------------------------------------|---------------------------------------|
| <b>a. C.</b> – antes de Cristo      | <b>NT</b> – Novo Testamento           |
| <b>AT</b> – Antigo Testamento       | <b>o. c.</b> – obra citada            |
| <b>ca.</b> – circa, mais ou menos   | <b>Of.</b> – Oficina                  |
| <b>cod.</b> – códice                | <b>p.</b> – página(s)                 |
| <b>d. C.</b> – depois de Cristo     | <b>Pe.</b> – Padre                    |
| <b>dir.</b> – diretor               | <b>RevAct</b> – Revista e Actualizada |
| <b>col.</b> – coluna                | <b>RevAut</b> – Revisão Autorizada    |
| <b>ed.</b> – editor(es), edição     | <b>RevCor</b> – Revista e Corrigida   |
| <b>fol.</b> – fólho(s)              | <b>RevRef</b> – Revista e Reformada   |
| <b>ib.</b> – ibidem, no mesmo lugar | <b>s. d.</b> – sem data               |
| <b>Id.</b> – Idem, o mesmo autor    | <b>séc.</b> – século(s)               |
| <b>Il.</b> – Ilustrado              | <b>t.</b> – tomo                      |
| <b>Misc.</b> – Miscelânea           | <b>trad.</b> – traduzido, tradutor    |
| <b>ms</b> – manuscrito              | <b>Typ.</b> – Tipografia              |
| <b>n.</b> – nota                    | <b>vol.</b> – volume(s)               |
| <b>n.º</b> – número                 | <b>Vv.</b> – vários autores           |



## APRESENTAÇÃO

### *UM TEMPO POUCO CONHECIDO...*

Por Guilherme d'Oliveira Martins

O quinto volume da obra “Bíblia em Portugal” de Frei Herculano Alves, OFMCap, constitui mais um contributo inestimável como referência onde se apresenta um repositório muito completo sobre a literatura bíblica em Portugal. Trata-se de um instrumento posto ao dispor dos investigadores e estudiosos, que permite podermos ter acesso aos factos, às obras (ca. 8300) e aos autores (ca. 1900) que se ocuparam do tema, o que constitui um assinalável estímulo a quantos, nos dias de hoje, se dedicam a estudar as repercussões da Bíblia na História e na sociedade. No período abrangido pelo presente volume, assistimos a uma perda de influência direta e capacidade de atração, quer em virtude do século das luzes valorizar sobretudo a razão, quer pela perda de influência das Ordens religiosas. Da secularização da sociedade e do ocaso do clericalismo, decorre uma separação entre o mundo religioso e a vida intelectual, literária e até artística, com consequências no interesse pela cultura bíblica.

Os estudos bíblicos têm nos séculos XVIII e XIX um momento de abrandamento, até em virtude da separação constitucional das esferas do Estado e das Igrejas. Nessa perspetiva, a ideia de contrato social vai sobretudo pôr na ordem do dia a organização do espaço público, a partir de uma noção de legitimidade civil, que se autonomiza da procura dos fundamentos transcendentais, que justificavam e incentivavam o desenvolvimento dos estudos bíblicos. Só mais tarde, no decurso do século XIX, é que os textos religiosos e a História das Religiões ganharão importância crítica, já não como referência de legitimação política, mas como meio de aprofundar o conhecimento da sociedade humana. Afinal, a liberdade e a cidadania não podem ser compreendidas sem um melhor conhecimento dos fenómenos religiosos e da sua ligação ao livre arbítrio e aos fundamentos da coesão social. Se os autores portugueses, nos séculos XVI-XVII, se tinham tornado relevantes na Europa do seu tempo nos estudos bíblicos, o século seguinte vai representar um apagamento significativo dessa presença.

As prioridades no estudo e investigação no âmbito da Teologia e da Filosofia, designadamente na Universidade de Coimbra, não se evidenciam no domínio

bíblico. O reinado de D. João V não marca pelo desenvolvimento dos estudos da Bíblia – até pelos riscos e receios de aproximações ao judaísmo e ao reformismo protestante. Em seguida, o despotismo pombalino e o anti jesuitismo, com todos os seus desenvolvimentos, essencialmente políticos, envolvendo o fecho da Universidade de Évora, só agravaram a tendência para a subalternização, quando não desvalorização, dos estudos e sobretudo de uma pedagogia catequética ligada ao conhecimento bíblico. O absolutismo do Antigo Regime, o regalismo de Sebastião José e o anticlericalismo do regime liberal nascente deixaram na penumbra a presença da Bíblia, mesmo para aqueles que consideravam como relevante a presença religiosa. Lembremo-nos, entre nós, de Garrett e Herculano que representam, no campo literário, uma perspectiva segundo a qual a liberdade de espírito não poderia desenvolver-se sem a tradição religiosa, quer numa dimensão popular, quer numa perspectiva aberta próxima dos contributos da Reforma. Isso pressuporia a necessidade de uma nova relação crítica com os textos bíblicos, lidos em língua vulgar, que a primeira geração liberal encontrara no exílio com o Anglicanismo ou em autores como Chateaubriand, Lamennais ou Lacordaire.

Nos séculos tratados no presente volume, abrange-se um tempo de perseguições a quantos tivessem ideias que chocassem com a lógica absolutista, clerical e regalista ou galicana, com a afirmação do iluminismo e a génese do liberalismo, abrangendo o confronto entre o tradicionalismo legitimista e a defesa da liberdade de consciência. Há, no entanto, diferenças significativas de atitude: se o Padre António Pereira de Figueiredo (1725-1797) traduz a Bíblia, sob a proteção de Pombal, outros são obrigados a sair do País para poder usufruir de liberdade crítica. Foi este o caso do também oratoriano Padre Teodoro de Almeida (1722-1804), com uma vida atribulada, cultor inicial das ideias iluministas, obrigado ao exílio em França, sendo pioneiro na literatura de divulgação científica com a “Recreação Filosófica”. Regressado com a “Viradeira”, foi alguém que marcou o seu tempo, intelectual e pedagogicamente. São dois casos contrastados que caracterizam este tempo, na sua diversidade complexa.

A tradução da Bíblia de Pereira de Figueiredo é o ponto de exceção neste período de decaimento do interesse bíblico em Portugal. Todavia, os novos Estatutos da Universidade de Coimbra do período pombalino concediam importância significativa formal ao estudo da Sagrada Escritura, sendo esta, aliás, a principal disciplina ministrada na Faculdade de Teologia. Os professores deveriam, assim, dar importância à Hermenêutica bíblica, antes de entrarem na exegese. Igual interesse deveria ter o estudo das diferentes etapas da História da Igreja. A Hermenêutica deveria ter em conta os aspetos “gramatical, retórico, lógico, etiológico, escolástico e popular”, devendo desenvolver-se ainda as ciências históricas, arqueológicas e literárias. De qualquer modo, como afirmará Alexandre

Herculano, era muito exígua e pobre a formação do clero, o que contrastava com aquilo que encontrara no exílio, no caso dos anglicanos. Daí a relativa ignorância dos católicos acerca da Bíblia, problema que perdurou, porque a Igreja Católica, sobretudo até ao Concílio Vaticano II, cultivou a catequese, pregações, devoções, sacramentos e orações, distanciado do Livro Sagrado. Apesar do que vínhamos dizendo, o Papa Leão XIII, em 1893, deu um claro impulso à necessidade da leitura da Bíblia, na encíclica “Providentissimus Deus”, com um duplo objetivo: promover os estudos bíblicos na Igreja, em especial, nos Seminários, na formação de futuros sacerdotes; e assegurar a defesa da Bíblia perante os ataques que lhe eram dirigidos. E assim afirmava o Papa:

“Muito desejável e muito necessário é sobretudo que o uso da divina Escritura se difunda através de toda a Teologia, e se lhe torne, por assim dizer, a alma: tal foi, em todas as épocas, a doutrina de todos os Padres e dos mais notáveis teólogos, doutrina que eles apoiaram pelo seu exemplo” (n.º 58).

A encíclica representa, pois, uma viragem relativamente à atenção aos estudos bíblicos: estamos perante a “alma da Teologia” (diz o Papa), o que obrigaria a novos métodos da Crítica Histórica na exegese bíblica. Assim, a Bíblia não pretende explicar os fenómenos científicos, mas descrever a realidade com linguagem comum e popular do seu tempo.

O Padre António Pereira de Figueiredo e a sua tradução da Bíblia são os protagonistas da parte II deste volume. Estamos diante da segunda versão em língua portuguesa, tendo sido a primeira a de João Ferreira Annes d’Almeida (tema exclusivo do 4.º volume). Trata-se, porém, da primeira tradução completa portuguesa das Escrituras. Figueiredo foi o teólogo próximo de Sebastião José, o Marquês de Pombal, com uma sólida formação no Latim, plenamente habilitado para a tradução da Bíblia a partir da Vulgata Latina, trabalho que o ocupou em grande parte da sua vida, sendo terminado em 1772 e publicado em 23 volumes, entre 1778-1790 – 17 do Antigo Testamento e 6 do Novo. O autor foi uma figura complexa e vista por muitos com desconfiança por ter saído dos Oratorianos para passar ao clero secular e pela proximidade do pensamento jansenista e do regalismo, apesar de nunca ter rompido com a Igreja Católica, sendo, aliás, protegido pelo Arcebispo de Évora, Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, figura marcante do liberalismo. A tradução tem assinalável valor literário e filológico, sendo, por isso, uma das obras importante da literatura portuguesa do séc. XVIII, tantas vezes esquecida.

A Bíblia de Pereira de Figueiredo superou a grande lacuna sentida em Portugal, entre o fim do séc. XVIII e o início do séc. XX, até à publicação da tradução do Padre Matos Soares, de 1930. O Padre António Pereira de Figueiredo

trabalhou durante cerca de 18 anos, sobre o texto da Vulgata, confrontando e corrigindo o seu trabalho com o conhecimento de outras traduções. A versão em um só volume só foi publicada em 1821 pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, com todos os livros originais traduzidos pelo autor, incluindo os Livros Apócrifos / Deuterocanónicos (Tobias, Judite, Ester, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc e 1 e 2 Macabeus) tal como a Bíblia católica, mas sem notas. No entanto, esta edição afasta a obra dos católicos. Nesse sentido, já a edição de 1828 viria a ser publicada segundo a norma das Bíblias protestantes. Apesar da Igreja Católica ter aprovado originalmente a Bíblia de Figueiredo, o certo é que não a aproveitou, na linha dos ensinamentos e orientações do Papa Leão XIII, para a divulgar amplamente. O texto viria sobretudo a ser aproveitado pelas Igrejas protestantes, que fizeram dela também o seu texto sagrado, juntamente com a de Almeida.

O trabalho de Frei Herculano Alves, OFMCap, merece uma referência especial de grande apreço, uma vez que, mercê de uma diligência exaustiva e competente, faz luz sobre uma realidade pouco conhecida, mas necessária para a compreensão da vida intelectual, cultural e histórica em Portugal e no mundo global da língua portuguesa. E se demos ênfase às qualidades da Bíblia do Padre António Pereira de Figueiredo, e à sua obra, bem como à multifacetada produção intelectual, bem diferente, mas complementar, do Padre Teodoro de Almeida, devemos insistir sobre a necessidade de os lermos, para uma melhor compreensão da nossa História cultural e religiosa.

G.d'O.M.



## INTRODUÇÃO GERAL

A presença da Bíblia na sociedade, na cultura e na língua portuguesas teve um enorme impacto na própria identidade da nação. Todavia, a consolidação dessa presença é bastante irregular e muito pouco uniforme ao longo do tempo, relativamente aos canais e suportes utilizados. Há, porém, um paradoxo que parece contradizer esta afirmação, já que foi muito tardia a tradução de uma Bíblia católica para a nossa língua, precisamente a que tratamos neste volume, a do Pe. António Pereira de Figueiredo.

Mas, apesar de não haver uma Bíblia em português, a Bíblia como tal não esteve completamente ausente na Igreja Católica nem na nossa cultura. Figueiredo preencheu esta grande lacuna; mas não podemos esquecer o papel absolutamente inovador, desempenhado pelas Sociedades Bíblicas protestantes, contribuindo para o estabelecimento de estruturas próprias de divulgação bíblica, que só se viriam a desenvolver noutros contextos político-religiosos, precisamente na segunda metade do século XX.

Eis algumas notas sobre este 5.º volume.

### 1. Período de decadência bíblica

O séc. XVIII pode considerar-se um *período de decadência bíblica*, sobretudo por causa das ideologias filosóficas anticristãs e da extinção das Ordens religiosas, as que mais se dedicavam aos estudos bíblicos. De facto, nos séc. XVI-XVII, os exegetas portugueses colocaram Portugal no mapa bíblico da Europa, como vimos no 3.º volume desta coletânea. A partir daí, houve um declínio irreparável. Neste período, os professores de exegese bíblica de Coimbra não produziram obras de relevo ou não produziram mesmo nenhuma; e, como Pombal mandou fechar a Universidade de Évora, por ser dos Jesuítas, o país ficou mais pobre cultural e biblicamente.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ver 1.2.5. e passim; ROSENTHAL, A., *Rare, Unusual & Standard Books in Spanish & Portuguese...*, Catalogue 72, Oxford, England, s. d, n.º 616: Charles III of Spain. ARANDA, Conde de, *Collecção do Real Decreto de S. M. Catholica, dado em 27 de fevereiro de 1767 para a Execução da Desnaturalização dos Regulares da Companhia, encarregada por S. M. ao Conde de Aranda, como Presidente do Conselho: das Instruções, e Ordens dadas successivamente para o*

O regime absolutista, iniciado por D. João V e continuado pelo regalismo do regime do Marquês de Pombal e pelo liberalismo, prejudicou seriamente os estudos, por diferentes motivos. A perseguição movida a todos os que tivessem ideias diferentes das do regime instituído impedia, não só a liberdade de expressão, mas também que se escrevesse sobre temas que não fossem gratos à ideologia regalista. Os tempos eram para os amigos do regime, como foi o caso do Padre António Pereira de Figueiredo, que traduziu a Bíblia, sendo um dos principais protegidos do regime pombalino. Outros, ou fugiam para o estrangeiro, se conseguissem fazê-lo a tempo, ou eram simplesmente presos, sem um julgamento justo. Que o diga o Padre Teodoro de Almeida, de quem falaremos a seu tempo. Ainda assim, foi a tradução de Figueiredo que salvou a situação, neste período de decadência bíblica. A esta tradução da Bíblia dedicaremos a II Parte deste volume.

Apesar do que acabamos de afirmar, os novos *Estatutos da Universidade de Coimbra*, feitos precisamente no tempo do Marquês de Pombal, conferem particular interesse ao estudo da Sagrada Escritura, como sendo a principal Cadeira da Faculdade de Teologia. Os professores deveriam conceder especial importância à Hermenêutica bíblica, antes de entrarem na exegese propriamente dita, já que aquela é o instrumento principal desta última; igual interesse deveria ser dado à história da Tradição, no contexto das diferentes etapas da História da Igreja. A Hermenêutica deveria ter em conta os seguintes aspetos do texto bíblico: “gramatical, retórico, lógico, etiológico, escolástico e popular”.<sup>2</sup>

Outros subsídios absolutamente necessários para o ensino e aprendizagem da Escritura Sagrada prendem-se com as ciências históricas, arqueológicas, literárias, etc. Mas como seria impossível explicar todos os livros da Bíblia em tão pouco tempo, os Estatutos ordenavam que “interpretarão, pois, os ditos Professores tão-somente os lugares mais difíceis e escuros e que necessitam verdadeiramente das luzes da Exegética” (n.º 47).

---

*cumprimento*, Lisbon, A. Rodrigues Galhardo, 1767. *Expulsion of the Jesuits from Spain*; n.º 617: Idem, *Pragmatica Sanção de S. Magestade Catholica com força de ley para a desnaturalização do Regulares da Companhia, dos seus Reinos, apprehensão dos seus bens temporaes: e prohibição do seu reestabelecimento em tempo algum; com as mais precauçoens, que nella se contem*; 11 p. folio, Lisbon, A. Rodrigues Galhardo, 1767 (BNP, R. 2612//12 A.); n.º 620: DELVAUX, Joseph, *Soc. Jesus, Lettres inédites sur le rétablissement des Jésuites en Portugal (1829-1834), publiées par le P. Auguste Carayon de la Compagnie de Jésus*, Paris, 1866; 16, 508 p.

<sup>2</sup> RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de 1640 a 1910*, Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos, Coimbra, 1974, p. 101. Para uma síntese dos Estatutos, no que se refere à Escritura, vejam-se as p. 94-116.

## 2. A Igreja Católica e os estudos bíblicos

A Igreja Católica teve – e continua a ter – uma ideia de Bíblia bastante diferente do movimento protestante. Enquanto este tem da “Bíblia” a ideia de um livro, ou melhor “O Livro”; a Igreja Católica, por seu lado, pensa a Bíblia como um livro tão sagrado, que se deve ler com muito cuidado, para não deturpar o sentido da palavra sagrada que ele encerra. Ainda para a Igreja Católica, o centro da Bíblia é a Pessoa de Deus que aí nos fala, e essa palavra pode ser distribuída ao povo – que a não sabe “ler-interpretar” – indiretamente, mediante aqueles que a sabem ler, explicar, pela catequese, pregação, etc.; isto porque a Pessoa de Deus não pode ser escutada por ouvidos surdos, nem vista por olhos cegos... Daqui parte toda a polémica entre católicos e protestantes, no que toca ao uso da Bíblia como livro humano que contém a palavra de Deus. Mas não é aqui o lugar de ir mais longe neste assunto.

Depois do concílio de Trento, a Igreja ficou tranquila com as definições dogmáticas aí definidas, com o grande *Catecismo*, que os párocos deveriam usar para explicar a doutrina cristã ao povo, e com a *Vulgata Latina*, que apenas os entendidos nesta língua podiam ler. Daí a relativa ignorância dos católicos acerca da Bíblia, problema que perdura até aos nossos dias, apesar de haver Bíblias em línguas vulgares em abundância e acessíveis a todas as bolsas. É que a Igreja Católica cultivou um cristianismo mais baseado em catequese, pregações, devoções, sacramentos e orações do que diretamente na Bíblia, como o “nosso Livro”, o livro dos cristãos. Foi uma mentalidade, uma cultura que se foi firmando e ganhando raízes, de tal modo que o estudo da Bíblia ainda não faz parte do “programa” dos católicos, em geral.

## 3. Restauração dos estudos bíblicos

Esta tarefa começou, a nosso ver, demasiado tarde, precisamente nos séculos abrangidos por este volume (XVIII-XIX), com Cornelly, Knabenbauer e Hummelauer, na publicação do *Cursus Sacrae Scripturae*, depois com as obras do dominicano Lagrange, com o *Dictionnaire de la Bible* de Vigouroux e outros.<sup>3</sup>

Estes séculos caracterizam-se também pelas traduções dos textos bíblicos para as línguas vulgares. Foi neste período que nasceram as duas grandes Bíblias em

<sup>3</sup> Teremos ocasião de falar destes estudos no cap. 5: *A Bíblia e Ciências Modernas*; VIGOUROUX, *Dictionnaire de la Bible, contenant les noms de personnes, de lieux, de plantes, d'animaux mentionnés dans les Saintes Écritures, les questions Théologiques, Archéologiques, Scientifiques, Critiques relatives à l'Ancien et au Nouveau Testament et des notices sur les commentateurs anciens et modernes... avec le concours de collaborateurs*, Paris, Letouzey et Ané ed. 1895-1908; 4 vol. (BNP, TR. 1869 V. - 1872 V.).

língua portuguesa, ou seja, a de João Ferreira de Almeida e a do Padre António Pereira de Figueiredo, que são tratados em estudos especiais.<sup>4</sup> Figueiredo publicou a sua Bíblia em 7 volumes entre 1790-1819, depois de aparecer em parcelas durante 18 anos, a partir de 1778. A BFBS publicou-a ao longo dos séc. XIX-XX, sem notas e sem os livros Dêutero-canónicos; e, num só volume, em 1821.

No século XIX multiplicaram-se em Portugal as Sociedades Bíblicas (protestantes), cuja finalidade era difundir a Bíblia em traduções vernáculas e, assim, atrair adeptos para as suas Igrejas. Compreende-se que, na base dos princípios adotados no século XVI, a Igreja se opusesse a tais iniciativas, consideradas como perigosas para a reta fé dos católicos. Assim, uma advertência oficial deu-se em 1816. Ao arcebispo católico, que recomendava aos seus fiéis a Bíblia da Sociedade Bíblica fundada em São Petersburgo, na Rússia, escrevia o papa Pio VII:

“A Igreja Romana, segundo as prescrições do concílio de Trento, reconhece a edição Vulgata da Bíblia e rejeita traduções feitas para outros idiomas, se não estiverem acompanhados de notas provenientes dos escritos dos Padres e dos doutores católicos, a fim de que tão grande tesouro não seja exposto às corruptions das novidades... Se não poucas vezes lamentamos que tenham falhado na interpretação das Escrituras homens piedosos e sábios, como não deveremos recear grandes riscos se entregarem as Escrituras traduzidas em vernáculos ao povo ignorante, que, na maioria dos casos, carece de discernimento e julga com temeridade?” (Denzinger, n.º 2710s).

Em 1844, o papa Gregório XVI escrevia também:

“Não ignoreis quanta diligência e sabedoria são necessárias para se traduzir fielmente a Palavra de Deus; em consequência, nada há de mais fácil do que nas traduções vernáculas, multiplicadas pelas Sociedades Bíblicas, se introduzirem erros gravíssimos, seja por imprudência, seja por fraude de tantos tradutores; tais erros, aliás, permanecem ocultos, para a perdição de muitos, dada a multidão e a variedade de tais Sociedades. Às Sociedades Bíblicas pouco ou nada interessa o facto de que os homens que leem a Bíblia em vernáculo caíam em um ou outro erro; mais lhes importa que acostumem aos poucos a exercer o livre exame a respeito do sentido das Escrituras e a menosprezar as tradições divinas contidas na doutrina dos Padres e guardadas na Igreja católica, repudiando assim o próprio magistério da Igreja” (Denzinger, n.º 2771).

<sup>4</sup> A Bíblia protestante de João Ferreira Annes d'Almeida foi objeto de todo o IV volume, como primeira tradução da Bíblia em língua portuguesa, do séc. XVII, e que continua a ser editada atualmente no mundo protestante. A Bíblia de Figueiredo será objeto de estudo nos últimos três capítulos deste volume.

Declaração semelhante foi produzida pelo papa Pio IX em 09.11.1846, na encíclica *Qui pluribus*.<sup>5</sup> Tal posição da Igreja manteve-se até ao início do século XX. Era motivada por circunstâncias contingentes e revestia-se de carácter disciplinar, não doutrinal. Era, pois, reformável desde que desaparecessem as razões que inspiraram as apreensões decorrentes da difusão do texto sagrado em língua vernácula. Ora, realmente no século XX foi-se alterando o contexto histórico.

#### 4. Conteúdo deste volume

No que se refere especificamente ao conteúdo deste volume é normal dizer que aqui se colocam perante o leitor as obras que são diretamente bíblicas e também indiretamente, o que se nota pelos próprios títulos dos capítulos que abaixo referenciamos. Como o leitor poderá verificar, muitas das obras só muito indiretamente são bíblicas. Estou a referir-me concretamente aos capítulos sobre *Literatura de Controvérsia* (cap. 7) e também sobre *Literatura Apologética* (cap. 8).

Estes capítulos são específicos da época abrangida por este 5.º volume e, por vezes, só indiretamente têm a ver com o tema central desta coletânea. Mas não quisemos deixar de lado esta temática, porque ela explica justamente o motivo de haver tão poucas obras de tipologia bíblica. A sociedade portuguesa, em geral, e os autores cristãos, em particular, andavam ocupados com problemas ideológicos e, por isso, não tiveram tempo suficiente para preocupações espirituais e bíblicas. Noutros capítulos, sobretudo nos que se referem às missões nos antigos territórios ultramarinos portugueses, além da literatura bíblica e religiosa, em geral, apresentamos também muita literatura de tipologia cultural (cap. 19 e 20).

O capítulo 21, por seu lado, recolhe, todos os autores e obras escritas no Brasil, ou por autores brasileiros. Cremos, assim, fazer justiça à presença da Bíblia no maior país de língua portuguesa, ao longo destes dois séculos aqui tratados.

No fim dos capítulos de tipologia especializada (do cap. 3 ao 21), julgámos importante apresentar aos leitores (como, aliás, fizemos no vol. III) um capítulo que recolhe várias temáticas mais típicas desta época histórico-cultural. Isto acontece no cap. 22.

Pretendemos, com este capítulo, evidenciar as preocupações de muitos escritores desta época, que deram origem a muitas obras destas tipologias e que estão contidas neste 5.º volume.

Para fechar a série de capítulos da I Parte deste volume sobre a Bíblia nos séc. XVIII-XIX, achámos que a melhor maneira de o fazer seria apresentar um

<sup>5</sup> Ver parte dessa encíclica em ALVES, Herculano, *A Bíblia nos Documentos da Igreja – 160-2010*, Difusora Bíblica, Fátima, 2010, n.º 43, p. 158-161. Aí fala, com palavras muito duras, sobre a atividade das Sociedades Bíblicas (p. 160-161).

pequeno capítulo sobre a primeira encíclica sobre a Bíblia da história da Igreja – a *Providentissimus Deus* do papa Leão XIII (1893). Assim, fechamos a I Parte com chave de ouro, mesmo no fim da época abrangida por este volume. E dizemos a I Parte, porque a II Parte é toda dedicada à tradução da Bíblia pelo Pe. Antônio Pereira de Figueiredo: cap. 24, 25 e 26. No fim, apresentamos ainda sete suplementos.

No que se refere à origem de todo este acervo de material bibliográfico, ele foi sendo recolhido nas mais variadas bibliotecas portuguesas e estrangeiras, como consta da bibliografia de alguns autores, da que se encontra no fim de cada capítulo e da *Bibliografia geral*. Mas queremos deixar claro que uma das grandes fontes foi o *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio, imprescindível para esta época histórico-cultural e religiosa.<sup>6</sup>

Pelos motivos apontados, alguém poderá estranhar que não apresentemos mais obras bíblicas como seria de esperar, num volume que se intitula precisamente: *A Bíblia nos séculos XVIII-XIX*. Não as apresentamos porque não existiram. Mas nem por isso deixámos de fazer um volume consagrado a esta época, tão rica de ideias e projetos, uma época que constitui uma fronteira de passagem do Antigo ao Novo Regime. E saber que não existe literatura bíblica apreciável também entra nos parâmetros do conhecimento, do saber.

## 5. Um volume em duas partes e com 26 capítulos

Este volume apresenta uma novidade em relação aos vol. II e III: a tradução completa da Bíblia pelo Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Foi por este motivo que resolvemos apresentar o volume em duas partes: na primeira encontram-se os capítulos com a temática normal para um volume desta tipologia.

Na segunda parte apresentamos três capítulos referentes à personalidade bíblica mais importante deste volume, o Padre Antônio Pereira de Figueiredo e a sua tradução da Bíblia. Esta foi a segunda em língua portuguesa. A primeira – a de João Ferreira Annes d’Almeida – foi objeto de um volume inteiro (em 2019), não porque fosse mais importante, mas porque foi objeto de uma tese de doutoramento e, por isso mesmo, tem uma identidade própria. Pensamos que, deste modo, encerraremos a obra com chave de ouro: a primeira tradução (católica) completa da Bíblia para a língua portuguesa.

<sup>6</sup> Por este motivo, quando, em determinado autor, colocamos a fonte “Inocêncio”, isso significa que as obras desse autor se encontram nessa fonte, se nada for dito em contrário, ou forem acrescentadas outras fontes, sobretudo a Biblioteca Nacional (BNP).

Dito isto, vamos agora verificar o plano do presente volume, elencando, de maneira sucinta, os respetivos capítulos. Trata-se de uma estrutura geral em 26 capítulos e 7 suplementos.

## I Parte: 23 capítulos

1. *Contexto português: principais características deste período.* Este capítulo pretende mostrar a especificidade dos séculos XVIII-XIX, no que diz respeito à Bíblia, à cultura e mesmo à política, que influenciou – e muito – os diferentes movimentos de espiritualidade, que seriam os principais viveiros de produção de obras bíblicas. Este primeiro capítulo apresenta, portanto, o contexto português destes dois séculos que iluminará (ou não) o espírito cristão e, portanto, a produção bíblico-cultural no nosso país.

2. *Contexto bíblico europeu: traduções da Bíblia na Europa.* Tal como fizemos nos vol. II e III, também neste vol. V vamos apresentar um elenco bastante substancial de traduções da Bíblia na Europa. Esta exposição pretende mostrar a nossa “posição bíblica” perante os restantes países do nosso continente. É neste confronto que podemos avaliar, mais ou menos positivamente, o “espírito bíblico” português, que se vai manifestar nos capítulos que se seguem.

Depois de nos debruçarmos sobre o contexto português e europeu, vamos entrar diretamente nos capítulos atinentes à produção bíblico-cultural em Portugal e noutros territórios de língua portuguesa (Oriente asiático, assim como Brasil e África).

3. *Obras bíblicas mais importantes deste período.* Neste capítulo, voltamos já o nosso olhar e a nossa atenção para a produção interna de obras bíblicas. O leitor saberá avaliar da qualidade de tais obras. Mas, desde já adiantamos que o panorama bíblico não é muito atraente e belo, para ficarmos com muito otimismo. O nosso otimismo poderá ser mais expressivo nos últimos capítulos deste volume, com um grande nome da nossa cultura: o Pe. António Pereira de Figueiredo, que nos brindou, na passagem do séc. XVIII para XIX, com a segunda tradução da Bíblia em português (depois da de João Ferreira Annes d’Almeida).

4. *Outras obras bíblicas.* Neste capítulo recolhemos as obras que não cabem no âmbito do anterior. São, portanto, obras menos importantes, isto é, menos diretamente bíblicas. Aqui se encontram, por exemplo, as *Histórias Sagradas*, que marcam uma boa presença bíblica neste quarto capítulo.

5. *Bíblia e ciências modernas.* A partir de agora entramos no domínio temático de fatores que atuam, ou não, a favor da produção de obras bíblicas ou dos estudos bíblicos. Este capítulo apresenta-se, pela primeira vez, de um modo algo violento, nesta coletânea sobre *A Bíblia em Portugal*. As novas ciências provocaram, talvez, a maior crise no pensamento cristão, e sobretudo bíblico, em toda a História da Igreja; de facto, estas ciências estão na origem de revoluções, da queda do Antigo Regime e sobretudo de uma revolução no pensamento cristão europeu. Daí a importância fundamental deste capítulo, no sentido em que abalou o antigo modo de perspetivar a Bíblia, tanto na Europa das nações como na Igreja. A violência foi maior nestes séculos, porque este foi o primeiro choque, sentido como um “tremor de terra”, para o bem e para o mal.

6. *Bíblia e Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos.* Foi a nova avalanche de ciências que despoletou na Europa e na Igreja o afã pelos novos estudos bíblicos. Este foi o efeito benéfico que o capítulo anterior introduziu na dinâmica bíblica. O “tremor de terra”, produzido pelas novas ciências do capítulo anterior, mostra neste o lado positivo que delas se esperava. São estas ciências auxiliares que irão preparar o caminho para o avanço dos conhecimentos bíblicos que se patenteará apenas no séc. XX.

7. *Bíblia e Literatura de controvérsia – a imprensa religiosa.* Estamos num capítulo típico deste volume. De facto, as novas ciências, as novas políticas, os novos modos de viver a fé cristã (entre catolicismo e protestantismo) e mesmo os novos movimentos de espiritualidade, provocaram polémicas das mais variadas tipologias. Numa palavra, destes dois séculos de crise não se esperava outra coisa: crises, polémicas, controvérsias...

8. *Bíblia e literatura apologética.* A apologética é uma outra faceta da controvérsia. Nesta última, tem prioridade a luta entre ideias opostas. Na apologética dá-se como verdadeira e provada a posição que alguém sustenta sobre determinado assunto. Por isso, estes dois capítulos são inseparáveis e centrais neste volume, porque sustentam e valorizam os que vêm imediatamente. Estes últimos são mais positivos e doutrinários.

9. *Bíblia e ciências eclesiásticas.* Este capítulo apresenta já resultados positivos, como efeitos das novas ciências, no interior da Igreja Católica. Estas “ciências eclesiásticas” – que mereceram, pela primeira vez, um capítulo específico nesta coletânea – são autênticos tratados de carácter científico, já influenciados pelas novas ciências.



10. *Bíblia e espiritualidade*. Neste capítulo de valor positivo (sem polémicas), merece especial relevo a espiritualidade. Tem várias tipologias e é das que mais tem a ver com a vivência da palavra da Bíblia, que é a base de toda a espiritualidade. Este é um dos grandes capítulos deste volume, já que abarca várias tipologias espirituais, como veremos.

11. *Bíblia e liturgia*. Há uma relação íntima entre Bíblia e liturgia, na medida em que, segundo o concílio Vaticano II, a liturgia é o espaço próprio, ideal, para a leitura da Bíblia. De facto, esta deve ser lida como livro de fé e para alimento da fé da comunidade cristã reunida na presença do Ressuscitado, que lhe fala na palavra da Bíblia.

12. *Bíblia e música litúrgica*. A liturgia é realizada e vivida como um drama sacro. Nesse drama há a proclamação solene da Palavra aos ouvintes: há respostas a essa Palavra, há gestos e também há música. A música confere um carácter festivo à liturgia como encontro com o Senhor, que está vivo no meio dos seus discípulos. A música é, portanto, um elemento fundamental da liturgia, porque esta é, essencialmente, festa em louvor do Ressuscitado.

13. *Bíblia e hagiografia*. Numa obra que fala da Bíblia na cultura portuguesa, também devem entrar os ecos dessa palavra divina. Ora, os ecos mais significativos são os santos, como modelos dos que vivem essa Palavra.

14. *Bíblia e oratória sagrada*. Falamos aqui de “oratória sagrada” e não de oratória profana. A primeira distingue-se da segunda precisamente porque tem um conteúdo completamente diferente: a Bíblia. Se a Bíblia é o conteúdo fundamental da oratória sagrada, a forma de o transmitir, embora secundária, também é muito importante, já que pretende convencer o ouvinte a viver essa mesma Palavra.

15. *Bíblia e literatura catequética*. A literatura catequética, mormente os catecismos, é um dos meios mais eficazes de estudar e compreender a Bíblia. Esta nem sempre é diretamente acessível a toda a gente. Os catecismos, e outra literatura da mesma tipologia, apresentam, de maneira simples e resumida, as grandes verdades da Bíblia. Por isso, este capítulo tem um lugar importante neste volume.

16. *Bíblia e artes*. A arte cristã, que estudamos neste capítulo, foi, ainda nestes séculos, uma representação de temas ou de personagens bíblicos. Neste caso, a arte cristã pode e deve tornar-se um “catecismo” para quem não lê a Bíblia. É

neste sentido que ela marca presença neste volume. Aqui apresentamos sobretudo a pintura e a escultura, abordando um pouco a arquitetura, sempre no nosso país.

17. *Bíblia e poesia.* Este capítulo entra no âmbito deste volume, por dois motivos: primeiramente, porque a Bíblia está em grande parte escrita em poesia e em linguagem poética, a única linguagem capaz de falar *de Deus e a Deus*; em segundo lugar, porque os nossos escritores portugueses colocaram a sua arte poética ao serviço de muitos temas e personagens bíblicos, como veremos a seu devido tempo.

18. *Bíblia e teatro.* O teatro é a arte de representar um facto, uma ideia ou um texto literário. Nesse sentido, muitos escritores portugueses teatralizaram textos bíblicos ou deram a determinados textos um sentido, um sabor bíblico, mediante alusões a determinados factos e personagens da Bíblia.

19. *Bíblia e cultura nas missões do Oriente asiático.* Este capítulo pretende ressaltar a presença missionária de Portugal no Oriente, sobretudo a permanência da língua portuguesa, que se tornou um veículo de fé cristã e de cultura portuguesa, sobretudo por holandeses e ingleses, nestes dois séculos.

20. *Bíblia e cultura nas missões do Brasil e da África lusófona.* A temática do capítulo anterior aplica-se também a este, com uma diferença: neste capítulo, os atores da evangelização e da cultura são portugueses ou ao serviço de Portugal.

21. *Autores e obras bíblico-culturais da literatura do Brasil.* Este capítulo pretende levar ao conhecimento do grande público aquilo que apenas alguns especialistas conhecem: as obras de carácter bíblico-religioso que foram produzidas no Brasil e por escritores aí nascidos. Desde sempre nos propusemos não excluir a literatura em língua portuguesa, onde quer que ela produza obras de tipologia bíblica, ainda que este conceito seja aqui entendido em sentido bastante amplo. Podemos considerar este período histórico como o momento do despertar para uma produção literária tipicamente brasileira. É certo que algumas destas obras foram impressas no continente português, mormente em Lisboa. Eis a razão de ser deste capítulo 21.

22. *Temas específicos dos séculos XVIII-XIX.* Como já acima referíamos, há neste período alguns temas muito específicos, que exprimem a chegada de uma nova sociedade, de uma nova mundividência, tanto no que se refere à sociedade, em geral, como à própria Igreja. Aqui recolhemos essa temática, para eviden-

ciar as ideias que nos parecem mais relevantes nestes dois séculos. Este capítulo abrange cinco itens:

22.1. *Obras referentes ao terremoto de Lisboa, 1755*

22.2. *Obras referentes ao profetismo político*

22.3. *Obras referentes ao dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora (08.12.1854)*

22.4. *Obras referentes à devoção ao Coração de Jesus*

22.5. *Obras referentes à maçonaria ou jacobinismo maçónico*

23. *A encíclica “Providentissimus Deus” de Leão XIII e a leitura da Bíblia (18.11.1893)*. Este é o mais importante documento bíblico da época que tratamos neste volume e um dos mais importantes da Igreja Católica, ao longo dos 20 séculos da sua história. Por isso, não podíamos esquecê-lo, já que, cronologicamente, e pela sua importância intrínseca, merece encerrar esta época histórica e esta I Parte do 5.º volume. A II Parte refere-se unicamente à tradução da Bíblia pelo Pe. António Pereira de Figueiredo.

## II Parte: 3 capítulos e 7 suplementos

Como referíamos acima, nesta II Parte vamos tratar da pessoa e obra do Pe. António Pereira de Figueiredo. A sua grande obra e a que mais interessa no contexto desta coletânea é a sua tradução da Bíblia para a nossa língua. Eis, portanto, os três capítulos finais, todos eles dedicados a esta personagem marcante do período que aqui tratamos.

24. *Pe. António Pereira de Figueiredo, tradutor da Bíblia*. Este capítulo pretende introduzir a complexa personagem deste homem da Igreja, adepto e colaborador de Pombal, na sua relação com a tradução da Bíblia.

25. *Pe. António Pereira de Figueiredo: obras culturais*. Este segundo capítulo dedicado a Figueiredo pretende mostrar a sua enorme cultura, como capacitação para tradutor da Bíblia completa, pela primeira vez em Portugal feita por um único tradutor. João Ferreira d’Almeida chegou apenas ao início do profeta Ezequiel e não traduziu os Dêutero-canónicos.

26. *Pe. António Pereira de Figueiredo: catálogo das obras bíblicas*. Tal como fizemos para o estudo da Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida (pro-

testante), fazemos agora para Figueiredo (católico), apresentando o catálogo das suas obras bíblicas que nos foi possível conhecer e reunir.

Algumas conclusões finais pretendem dar conta do material recolhido neste volume, apresentando igualmente as ilusões não realizadas, assim como os valores deste volume, em particular, e do conjunto dos volumes desta coletânea de *A Bíblia em Portugal*, em que o mesmo se integra.

## 7 suplementos

Além dos temas acima apresentados nos respectivos capítulos, quisemos apresentar aos leitores outros que achámos importantes, mas que interrompiam o fio lógico da exposição. Por isso, resolvemos colocá-los em suplementos que, nos respectivos capítulos, serão assinalados ao leitor. Estes suplementos levam os títulos seguintes:

**Suplemento 1.** *“Acerca da proibição e censura dos livros”, do papa Leão XIII.*

**Suplemento 2.** *Duas alocuções do papa Gregório XVI referentes a Portugal.*

**Suplemento 3.** *Bíblias latinas em Portugal.*

**Suplemento 4.** *Bíblias hebraicas e gregas em Portugal.*

**Suplemento 5.** *Suave Milagre* (Eça de Queirós).

**Suplemento 6.** *A Fé e a Razão* (*Fides et Ratio*: encíclica de João Paulo II, 1998): *uma leitura*.

**Suplemento 7.** *A Bibliografia do Oriente.*

Estes são os capítulos possíveis para este volume, que os índices da obra explicitarão melhor; mas pareceu-nos que não seriam necessários outros, já que estes preenchem suficientemente os possíveis *loci* bíblicos, ou seja, a temática fundamental da nossa cultura portuguesa onde a Bíblia marcou a sua presença nos séc. XVIII-XIX. Se as nossas bibliotecas estivessem inteiramente catalogadas, talvez se pudesse apresentar mais material de reflexão sobre estas tipologias e, talvez, mais algum capítulo. Mas tão-pouco pretendemos ser exaustivos nestas matérias, o que seria utópico e, portanto, está completamente fora do âmbito desta coletânea de 6 volumes.

***Modus procedendi* deste trabalho.** Deixamos aqui uma breve informação ao leitor sobre o modo como é apresentado este material de tipologia bíblica dos séculos XVIII-XIX:

1. Em certos casos, atualizámos minimamente o português destes séculos, mas deixando o “gosto” da linguagem de então, para não deformar os títulos originais das obras.

2. Os autores com maior número de obras conservam-nas todas juntas no capítulo em que se integram melhor; remete-se para este capítulo e autor as obras que também se encontram noutros capítulos específicos. Por exemplo, para o Pe. António Pereira de Figueiredo remete-se sempre para os cap. 24-26.

3. Quanto à organização de cada capítulo, apresentamos a seguinte estrutura:

- a) Introdução, mais ou menos longa, segundo o tema o requeira.
- b) Divisão do capítulo por subtemas específicos, se necessário, para melhor delimitar a temática própria. Esta divisão é apresentada no fim da referida introdução e antes da apresentação dos autores e respectivas obras. As remissões serão feitas segundo esta numeração.
- c) Apresentação dos autores e obras respeitantes aos subtemas, se os houver.
- d) Bibliografia.
- e) Conclusão final do capítulo. É de notar ainda que, em relação a certos autores, pela sua especial valia, no contexto do capítulo ou do volume, mereceram bibliografia própria e, por vezes, uma “apreciação”. De qualquer modo, as notas de rodapé apresentam sempre muita bibliografia sobre a generalidade dos autores ou mesmo obras citadas.
- f) Uma característica dos volumes desta coletânea: em todas as obras dos respetivos autores são referenciadas as fontes bibliográficas ou as bibliotecas onde eles aparecem, com a respetiva cota.

Finalmente, o autor deste 5.º volume da coletânea *A BÍBLIA EM PORTUGAL*, apresenta aqui os mais sinceros agradecimentos à Professora Maria Olinda Reis Silva Vieira, pela generosa colaboração nesta obra, tanto ao nível da investigação e da redação, como das várias revisões dos textos. Uma saudação amiga e um agradecimento sincero também ao senhor António Manuel do Vale Pinto pela sua colaboração na investigação e pela paginação deste volume.

Fátima, 10 de abril de 2021

*Frei Herculano Alves, OFMCap*



## I PARTE

Iniciamos agora o nosso estudo propriamente dito com a exposição dos temas referenciados em cada um dos capítulos. É natural que uns sejam mais longos do que outros, devido à maior ou menor pertinência dos temas ou também ao material encontrado nas nossas bibliotecas. Como é sabido pelos investigadores, não é fácil trabalhar nas bibliotecas portuguesas, porque uma grande parte do material existente, em pleno séc. XXI, ainda nem sequer está catalogado, encontrando-se perdido em velhas fichas, cujas obras, porventura, já mudaram as cotas. Estes factos dizem bem do descuido a que tem sido votada a cultura portuguesa.





## Capítulo 1

### Contexto português: principais características deste período

Para compreendermos este período, no qual tratamos como tema fundamental a Bíblia na cultura portuguesa, é necessário encontrar as suas grandes características político-religiosas e literárias e, assim, podermos entender as obras bíblicas, que aparecerão nos diferentes capítulos, e também a tradução completa da Bíblia do Pe. António Pereira de Figueiredo, que constitui a II Parte deste volume. Seguimos aqui a regra fundamental de que todo o texto depende, em parte, do seu contexto. E, neste volume V de *A Bíblia em Portugal*, o contexto é muito variado e bastante problemático. Sem esta visão de conjunto, não encontraremos a razão de ser sobretudo das obras de carácter polémico: “Bíblia e Literatura de Controvérsia” (cap. 7). Este tema vai tornar-se, por assim dizer, o mais comum. Mas abordamos aqui muitos outros temas e personagens que marcam profundamente este período, o qual é conhecido como o ponto de passagem do Antigo ao Novo Regime. E, quando há estes saltos de um regime para outro, há sempre crises graves a resolver. É o caso do presente volume.

Para melhor organizarmos este capítulo colocámo-lo por parágrafos, como outros tantos temas importantes deste período.

Se há um personagem fulcral, que caracteriza este período da história de Portugal, esse nome é o do Marquês de Pombal/Conde de Oeiras. Ele vai estar presente, direta ou indiretamente, um pouco em todos os aspetos que caracterizam esta época histórico-cultural, emprestando-lhe o colorido do iluminismo regalista. Partindo destes pressupostos, vamos analisar as consequências teológicas e eclesiológicas, neste período em geral, e no governo de Pombal, em particular.

#### 1.1. A Igreja Católica e o Iluminismo regalista. O Marquês de Pombal

Poderíamos afirmar, ainda que genericamente, que Igreja e Estado, na época pombalina, andaram, em muitos aspetos, de costas voltadas. Esta afirmação merece uma explicação desenvolvida, porque o problema tem muitos e variados matizes.

Em primeiro lugar, constata-se, pela história deste período, que não há uma homogeneidade de pensamento, por parte da Igreja: uns aceitam mais ou menos o regalismo de Pombal, enquanto outros se opõem ao mesmo, sobretudo veladamente, por medo das vinganças. Por outro lado, sendo os bispos apresentados pelo rei ao Papa, sentiam-se, nas próprias dioceses, como uma espécie de delegados políticos do rei e seu governo, o que constituía uma injusta submissão do poder espiritual ao poder real, civil. Pelo mesmo motivo, muitos bispos tinham lugar no Conselho de Estado. No ultramar português, quando faltava o governador ou o vice-rei, era o bispo que assumia as suas funções, interinamente. O mesmo acontecia também nos outros Estados europeus. Portanto, neste aspeto, nada de novo se passou em Portugal neste período, a não ser em certos pormenores e circunstâncias peculiares.

A nível interno da Igreja portuguesa, manifestavam-se também certos conflitos: diferenças e mesmo desunião entre o episcopado, por causa das decisões do governo de Pombal; problemas entre bispos e Inquisição; desentendimentos entre bispos e cabidos diocesanos... Mas o maior problema foi com a Santa Sé, que levou à rotura das relações diplomáticas entre os dois Estados. Portanto, pode dizer-se que a época pombalina é uma época de crises, tanto a nível interno como internacional.

Tudo o que acabamos de afirmar apresenta-nos um puzzle de opiniões e de decisões eclesiásticas dentro da Igreja, que levou a que esta se colocasse nas mãos de Pombal. Claro que tudo isto passava por bispos e personagens importantes da vida intelectual e governativa. O povo, esse, nada tinha a dizer..., porque tentava sobreviver no lamaçal da pobreza e da ignorância, tanto religiosa como cívica e política. Isso fez depender a nossa cultura e mesmo a literatura da francesa anti-eclesiástica, por um lado, e da apologética católica, por outro. Felizmente, esta última afetou positivamente alguns dos nossos escritores de maior vulto: António Feliciano de Castilho, Visconde de Azevedo, Camilo Castelo Branco, Pinheiro Chagas, João de Lemos e o Duque de Saldanha. Em todos estes escritores (e não só), há uma maior ou menor aproximação ao cristianismo e à pessoa de Jesus, não apenas pelos caminhos da razão, mas também pelos da fé.

Este estado de coisas originou, pelo menos, um relativo apagamento da Igreja perante a ascensão, cada vez mais veloz, do regalismo absolutista de Pombal, que subjugou a Igreja em Portugal em muitos aspetos da sua missão cultural e espiritual. Por este motivo, não se pode dizer, sem mais, que Pombal atacou a Igreja. Melhor seria dizer: atacou sim, algumas pessoas e grupos da Igreja, que podiam fazer-lhe sombra, mormente os Jesuítas. Atacou-os, não tanto por motivos religiosos, mas ideológicos (o ultramontanismo) e de poder. Pombal não permitia

que no país houvesse uma espécie de contrapoder.<sup>1</sup> Mas, em geral, os autores destas matérias afirmam que em Portugal houve uma certa permeabilidade nas relações Igreja-Estado e vice-versa.

### 1.1.2. O Iluminismo e a Igreja

Apesar de não existir uma relação direta entre iluminismo e Bíblia, não podemos prescindir de uma abordagem do iluminismo português e europeu como contexto cultural dos novos estudos e edições bíblicas deste período. Este movimento cultural é filho do entusiasmo pelas novas ciências e, sobretudo, do novo espírito científico, iniciado no fim do séc. XVII, e que se desenvolveu ao longo dos séc. XVIII-XIX. Daí surgem as suas principais caraterísticas:

“A ênfase colocada na razão e na experiência, por uma conceção materialista do homem, pela rejeição das autoridades tradicionais, pela desconfiança e hostilidade em relação à religião, pelo otimismo assente nas capacidades da razão humana em construir a própria felicidade e fazer progredir o mundo, pelo reformismo em todos os setores da sociedade e pela emergência gradual do ideal das sociedades liberais, seculares e democráticas, contestando o absolutismo anteriormente vigente”.<sup>2</sup>

Como se vê por esta definição descritiva, o iluminismo é um fenómeno complexo, porque multifacetado, aplicando-se a vários setores do pensamento, da vida e do agir humanos. Assume ainda formas diferentes, segundo a geografia, as culturas e os povos. Assim, ainda no séc. XVII, na Inglaterra, com Hobbes e Bacon, apresenta-se pela via experimentalista; com Descartes, em França, presta reverência à razão humana; ainda em França vai manifestar-se pelos intelectuais da *Encyclopédie*: Montesquieu, Voltaire, Rousseau e outros. Nestes e noutros países, assumiu também uma atitude anticatólica, o que não aconteceu, por exemplo, na Itália, na Espanha e em Portugal. Segundo Banha de Andrade, o iluminismo “representa uma atitude mental de controvérsia e de afirmação” (*O Iluminismo*, p. 642); controvérsia com o passado, em geral, e afirmação dos novos métodos científicos e das novas ciências. Neste sentido, o iluminismo pode confundir-se

<sup>1</sup> Ver PAIVA, José Pedro, *A Igreja e o Poder*, em Carlos Moreira Azevedo (Dir.), *História Religiosa de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, vol. II, p. 135-185.

<sup>2</sup> ABREU, Adélio Fernando, *Iluminismo e Cristianismo em Portugal. Uma abordagem histórica*, em *Humanística e Teologia* 33/2, Porto, 2012, p. 31; ANDRADE, A. A. Banha de, *O Iluminismo Filosófico em Portugal*, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 52/2, 1982, p. 642-645; SILVA DIAS, José Sebastião da, *Portugal e a Cultura Europeia (séc. XVI-XVIII)*, Coimbra, 1953, p. 121-123.184-192. 195.202-204.254-255.258; RAMOS, Luís de Oliveira, *Iluminismo*, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal (C-I)*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 414-418.

com cientificismo; mas este descambou, frequentemente, para o deísmo e mesmo para o ateísmo.

Em Portugal, este movimento, mais tardio do que noutros países europeus, chega em força no séc. XVIII, mas pode ter o seu período *a quo* depois da Restauração (1668, data da paz com a Espanha) e o seu período *ad quem* no liberalismo radical que aniquilou as Ordens religiosas (1834). O seu ponto central foi no governo do Marquês de Pombal, cujas reformas foram feitas no espírito das *Luzes* e materializadas na polémica antijesuítica e antirromana. Também iniciou a perseguição a outras Ordens religiosas (os Oratorianos, por exemplo), com a proibição de receber candidatos, facto que representava o anúncio de uma morte lenta das mesmas (aviso régio de 28.06.1762).<sup>3</sup>

No nosso país, podemos mesmo considerar esta ideologia também como reacção reformista em relação aos tempos de sujeição à Espanha e ao atraso do país nos vários aspetos – sobretudo cultural – perante a Europa da mesma época. A nível político-cultural, Portugal aliou-se à Inglaterra, pelo tratado de Methuen (1703), a fim de sentir aí o apoio contra as potências continentais, sobretudo Espanha e França. Deste modo, o iluminismo português sofre as influências dos países com os quais sente uma relação mais estreita.

Uma das grandes preocupações dos homens das *Luzes*, em Portugal, era acabar, de uma vez por todas, com os restos da Escolástica, que ainda se manifestaram bem vivos, sobretudo em Coimbra, nos chamados “Conimbricenses”: Pedro da Fonseca (1548-1617), Luís de Molina (1535-1600), Francisco Suárez (1548-1617), etc. Acusado de *decadência*, este período foi, no entanto, o de Camões, do Pe. António Vieira, de Francisco Manuel de Melo e de muitíssimos outros, como víamos no vol. III desta coletânea (séc. XVI-XVII).<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Sobre toda esta questão, veja-se COELHO DIAS, Geraldo José Amadeu, *Quando os Monges eram uma Civilização... Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*, Ed. Afrontamento, CITCEM, Porto, 2011, p. 213-226. O autor fala da “Monacofobia” do liberalismo, que se estendeu praticamente por toda a Europa, citando Alemanha, Áustria, Hungria, Itália, Nápoles, França e a Revolução Francesa, Espanha e Portugal. Em todos estes países, as leis, umas atrás das outras, foram sufocando e destruindo progressivamente as Ordens religiosas. Em Portugal, o processo iniciou-se com o regime do Marquês de Pombal e terminou com a lei de extinção total das mesmas em 1834. Os agentes principais deste processo foram o iluminismo absolutista, o liberalismo ateu, a Revolução Francesa, a agressividade da maçonaria, o laicismo, mas também a situação interna, por vezes, deprimente, de mosteiros e conventos.

<sup>4</sup> Sobre a luta dos homens do iluminismo contra a Escolástica, veja-se ANDRADE, A. A. Banha de, *O Iluminismo Filosófico em Portugal*, o. c., p. 642-645. Apesar do que se pensava no século das Luzes e seguintes, Leão XIII promoveu a Neo-escolástica e o Neo-tomismo, com a encíclica *Aeterni Patris*, de 04.08.1879; e Pio X reagiu contra o chamado “Modernismo”, na encíclica *Pascendi*, onde prescreve, para os professores católicos e outros com tarefas eclesiais, o *Juramento-antimodernista*. Como diz um bispo português, agora, “em vez do forte despertar teológico da

Com as *Luzes*, um novo método científico se impunha – o método indutivo – que era exatamente oposto ao da Escolástica, que era dedutivo. Agora, marcava a sua presença e partia exatamente da experiência, da observação da natureza, a fim de formular novas ideias, ao passo que o método escolástico partia de uma elaboração intelectual, da qual se deduziam determinadas conclusões em forma de verdades. No caso do método empírico das Luzes, a fonte das ideias eram as sensações, os sentidos.<sup>5</sup>

Na Igreja portuguesa, vários expoentes do clero, mesmo bispos, distinguiram-se nesta cosmovisão: D. Miguel de Távara, arcebispo de Évora; D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga; D. Manuel do Cenáculo, bispo de Beja e de Évora. Este iluminismo católico queria construir uma Igreja mais consciente da própria fé; numa palavra, uma Igreja, mais culta, mesmo a partir das bases, do povo simples, com uma catequese mais aprofundada.

Esta tentativa iluminista pretendia apresentar ações concretas, como novas bibliotecas, o exame dos candidatos ao sacerdócio, edições de novos missais e breviários, visitas pastorais dos bispos com maior frequência e rigor, etc.

**Em resumo:** o iluminismo colocou no seu programa de ação, no que toca às ciências, o experimentalismo que vinha de Francis Bacon (1561-1626), seguido por Newton (1642-1727). Por isso, seguiu o método indutivo, em ordem à formulação de hipóteses científicas. No que toca à filosofia, o iluminismo assumia posições diferentes, segundo os países; assim, em França, adota um caráter anticatólico e mesmo anticristão, ateu e deísta, próprio dos autores da *Encyclopédie* francesa; mas, em Portugal, não assume tais ideias, por ter sido trazido por membros “esclarecidos” do clero católico, sobretudo Luís António Verney e Rafael Bluteau e, mais tarde, outros, que irão seguir os seus passos, mormente o bispo Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas e o Padre António Pereira de Figueiredo.

Portanto, o que nos chegou do iluminismo francês não foi apenas o anticristianismo, mas também o galicanismo e o jansenismo, dos quais trataremos a seu tempo. Houve ainda a influência italiana de Muratori (1572-1750), de António

---

primeira metade do séc. XIX, domina a atitude de salvaguarda do dado revelado; em vez da reflexão pessoal, agora predomina o método didático da interpretação da verdade perenemente revelada; em vez da procura de uma orgânica global da revelação, agora o que preocupa é a investigação pormenorizada e objetivante; em vez de uma abertura universal a todas as correntes do pensamento, o que interessa é a defesa e a polémica” (RAMOS, António Moiteiro, *Catecismos Portugueses – Notas de História*, Paulinas, Lisboa, 1998, p. 73). Sobre o Iluminismo, ver ainda, CANTISTA, Maria José, *Passado e Presente da Ilustração*, em Revista Portuguesa de Filosofia 38/1, 1982, p. 307-324.

<sup>5</sup> Ver CRIPPA, Adolfo, *Conceito de filosofia na época pombalina*, Revista Portuguesa de Filosofia, 38/2, 1982, p. 437.

Genovese (1712-1769) e de outros, devido à proximidade cultural de matriz católica entre as duas culturas.

O iluminismo português, recebendo influências de várias origens, assumiu matizes muito variados, que abrangem os vários campos de cultura: filosóficos, pedagógicos, religiosos e políticos. É, pois, um iluminismo multidisciplinar e insistiu sobretudo nas *luzes* que pretendia trazer à cultura portuguesa, em oposição às *trevas*, nas quais esta viveu mergulhada até então. *Luzes* e *trevas* são dois termos que aparecem e se repetem continuamente, em textos polémicos e outros, contra a cultura anterior (trevas). Há uma vontade férrea de impor uma nova cosmologia, que se caracteriza pelas ideias de reformismo, criticismo, razão, ciência nova, etc. A Europa era, para estes homens da cultura, o modelo a seguir, e Portugal teria que trilhar estes caminhos já abertos, se quisesse acompanhar a cultura europeia. No fundo, pretendia-se um novo estilo de humanismo e, mediante este, um novo modelo de sociedade.

Os principais alvos da crítica eram o “formalismo” seiscentista e a Companhia de Jesus, que corporizavam a antiga cultura. Para atingir os seus objetivos, era necessário encontrar uma nova pedagogia e novos conteúdos no ensino, sobretudo na Universidade. Este ideário corporizou-se na reforma dos estudos menores e dos estudos na Universidade de Coimbra. Tudo isto aconteceu no reinado de D. José, sob as ordens do Marquês de Pombal. Com este, o iluminismo atinge a máxima projeção em Portugal.<sup>6</sup>

Um tipo de *iluminismo religioso* apareceu também nos escritos e na mentalidade de alguns bispos portugueses. Foi o caso do arcebispo de Braga, Dom Gaspar de Bragança, que fez esforços para uma edição crítica dos missais e breviários bracarenses. Tal incumbência foi pedida precisamente ao Pe. António Pereira de Figueiredo. Pretendia-se eliminar “fábulas e erros” históricos sobre os santos do calendário litúrgico bracarense, “porque é grande miséria que nas cousas mais santas se misture a superstição mais estragadora, adotando por próprios, santos que nunca houve” (Carta de 01.08.1778).<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Sobre a reforma da Teologia na Universidade de Coimbra, ver o artigo de RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra e a Reforma Pombalina*, em *Como Interpretar Pombal?*, em Edições Brotéria, Lisboa, 1983, p. 255-273; AZEVEDO, Carlos A. Moreira, *A Faculdade de Teologia de Coimbra (1772-1910): o ensino da Teologia Moral*, Didaskalia, XLVI (2016) II, p. 67-90.

<sup>7</sup> Título da obra: *Dissertação Crítica sobre o Antigo e Moderno Calendário Bracarense para servir de base à Reforma que o Sereníssimo Senhor D. Gaspar intenta fazer no Breviário, e Missal da mesma Igreja* (BAC, Ms. azul 259). O autor destas linhas manejou um rascunho deste projeto de Figueiredo, que se encontra na Biblioteca Pública de Évora.

Os mesmos sentimentos deste iluminismo católico mostraram Frei Manuel do Cenáculo, bispo de Beja; Dom Miguel de Távora e Sousa, arcebispo de Évora; Dom Miguel da Anunciação, bispo de Coimbra, e Dom Gaspar da Encarnação, dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

Numa palavra, com todos estes “ajudantes”, Pombal não podia perseguir a Igreja como tal, mas atingir apenas aqueles, que dentro e fora dela, não aceitassem o “regalismo iluminado”, que disfarçava uma ditadura mais anticlerical que religiosa. Por isso, qualquer obra que atacasse a religião não passava na Real Mesa Censória. Isso prova que Pombal não era propriamente antirreligioso, mas, em certo sentido, anticlerical.

### 1.1.3. Grandes autores iluministas apoiantes de Pombal

Para ter êxito no seu governo, Pombal necessitava de apoiantes, os quais, por sua vez, precisavam também do apoio dele para os seus projetos pessoais. Deste modo, Pombal, apenas nomeado primeiro-ministro pelo rei D. José, soube rodear-se de pessoas importantes da sociedade, da cultura, e mesmo da Igreja, para estarem, por sua vez, ao serviço dos seus ideais regalistas. E, como Portugal esteve sempre a olhar para a Europa e dependente dela em vários aspetos da sua cultura, muitos clérigos e leigos, mesmo bispos, já tinham mentalidade regalista – copiada sobretudo do cismontanismo francês, mais comumente chamado galicanismo, já antes do governo de Pombal. Isso facilitou-lhe a tarefa.<sup>8</sup>

**Luís António Verney, máximo expoente das *Luzes* em Portugal (1713-1792).<sup>9</sup>**  
A grande obra deste padre teatino e arcediogo da Sé de Évora é *O Verdadeiro*

<sup>8</sup> Para a lista de alguns nomes que se seguem, ver ABREU, Adélio Fernando, *Iluminismo e Cristianismo em Portugal. Uma abordagem histórica*, em *Humanística e Teologia*, 33/2 (2012), p. 41-49.

<sup>9</sup> Verney nasceu em Portugal, de ascendência francesa, e faleceu em Roma. A sua formação foi feita no colégio de Santo Antão dos Jesuítas de Évora, tendo-se graduado em Teologia e Artes. Estudou também Filosofia com os Oratorianos. Aos 23 anos, viajou para Itália, onde estudou ainda Jurisprudência e Teologia e teve ocasião de verificar o atraso cultural em que vivia a nação portuguesa. Sobre Verney, veja-se ANDRADE, A. A. Banha de, *O Iluminismo Filosófico em Portugal*, em *Revista Portuguesa de Filosofia*, 52/2, 1982, p. 647-650; o autor apresenta o antagonismo entre Iluminação e Escolástica; a intensificação acontece com Verney e o seu *Verdadeiro Método de Estudar*. Verney juntou-se a Figueiredo contra os Jesuítas, o que se vê no modo como escrevem aos Oratorianos de Goa, em 24 de abril de 1771, na pessoa do Pe. Nicolau Francisco: “Ainda a nossa Corte trabalha com as demais, em que o Papa extinga a Religião dos Jesuítas, que tantos danos e inquietação causam ainda hoje na Religião e no Estado” (*Cartas de Luís António Verney e António Pereira de Figueiredo aos Padres da Congregação do Oratório em Goa*, p. 15; em SANTOS, Cândido dos, *Pombal e o Iluminismo*, em *Humanística e Teologia* 3, 1982, p. 299-343 (p. 306). Ver ainda MONCADA, L. Cabral de, *Um iluminista português do séc. XVIII: Luís António Verney*, em





*Método de Estudar*, Valensa [Nápoles], Of. de Antonio Balle, 1746; 2 tomos.<sup>10</sup> Esta obra é considerada a raiz do iluminismo em Portugal. São 16 longas Cartas sobre os mais variados temas culturais vistos pelo prisma do iluminismo. A sua obra generalizou as ideias iluministas em Portugal, vulgarizando aquilo que se dizia apenas nos círculos intelectuais.

Em grandes linhas, pretende o seguinte: acabar com o latim nas gramáticas e nos escritos, atacando sobretudo a Gramática do Pe. Manuel Álvares, SJ; pretendia também a reforma da poesia, da retórica e da linguística. Ao mesmo tempo atacava Aristóteles, a tradição e a Escolástica, a fim de deixarem campo aberto à *Razão* e às *Luzes*. A sua obra suscitou um movimento de reforma do ensino, levando o Marquês de Pombal a criar a *Junta de Providência Literária*, composta pelos partidários de Verney, para a renovação dos estudos, sobretudo os novos *Estatutos da Universidade de Coimbra*. Estes levavam o selo do *regalismo* e, por isso, pretendiam também influir na mentalidade das novas gerações de intelectuais portugueses, o que veio a notar-se claramente na relação Estado-Igreja no séc. XIX.

No que toca à Bíblia, Verney alvitra o conhecimento das línguas originais da mesma, como base para os estudos teológicos. Sem o estudo dessas línguas, não podemos compreender nem os textos bíblicos nem a própria Teologia.<sup>11</sup>

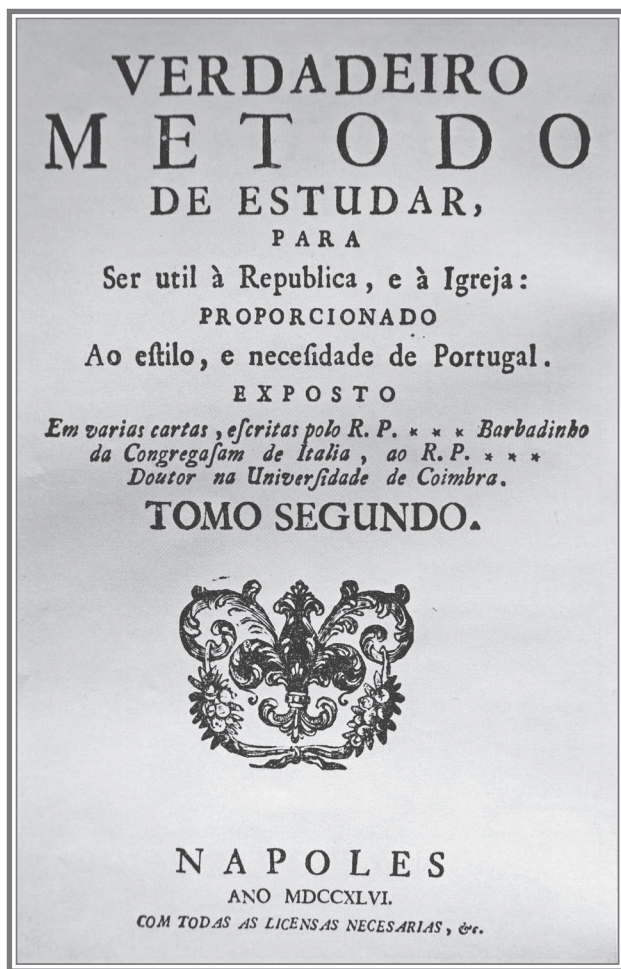
---

Congresso do Mundo Português, vol. XIII, Lisboa, 1940, p. 459-470; SILVA DIAS, José Sebastião da, *Portugal e a Cultura Europeia (séc. XVI-XVIII)*, Coimbra, 1953, p. 128.130.154-156.173.192-229.232-234.278-283, etc. Dedicar-lhe ainda grande parte dos cap. VIII e IX, respetivamente: “Verney e o Iluminismo Europeu” e “A Polémica do ‘Verdadeiro Método’”. Veja-se também ARAÚJO, José de (1681-?), *Reflexões Apologéticas à obra intitulada Verdadeiro Método de Estudar*, Of. de António Vale, Valensa, 1748; 4, 54 p. (BNP, L. 3194/11 A.). Segundo Inocêncio (IV, p. 250; V, p. 224), António Vale é anagrama de Francisco Luís Ameno, de Lisboa. Era um modo de esconder a autoria da obra. É curioso que este autor finge que a sua obra foi impressa no mesmo lugar que o *Verdadeiro Método* de Verney.

<sup>10</sup> O *Verdadeiro Método de Estudar* saiu em 1746 sob o pseudónimo de Padre Barbadinho e dava rudes golpes na pedagogia dos Jesuítas, favorecendo, assim, os Oratorianos e seus colégios. O ensino destes últimos estava mais atualizado para a nova época científica que chegava nessa altura em toda a Europa; ver *Verdadeiro Método de Estudar III, Estudos filosóficos de Luís António Verney*, Livraria Sá da Costa Editora, abril de 1950, p. 158-165.

<sup>11</sup> No *Journal des Savants* de França é reportada uma ideia essencial de Verney: “L’Auteur voudrais persuader aux Théologiens portugais de chercher, non dans leurs disputes scolastiques, non dans leurs rêveries de leurs Casuistiques, mais dans les sources sacrées, dans l’Écriture, dans





Neste sentido, Verney é muito atual, seguindo as pegadas dos renascentistas e dos “cientistas” do seu tempo. As suas propostas para o novo método científico experimental são sempre acompanhadas da crítica frontal ao ensino tradicional, à Escolástica e a Aristóteles.

---

les ouvrages des Pères, surtout dans la connaissance parfaite de l'Histoire Ecclésiastique, les armes nécessaires pour combattre et pour vaincre les ennemis de notre Religion. Il conseille aux hommes de faire usage de leur raison, non pour percer la sainte obscurité de nos mystères, mais pour se rendre compte des motifs de leur croyance, et pour apprendre, de cette raison même, combien ses bornes sont étroites, combien ses lumières sont faibles et combien le secours de la Révélation lui était nécessaire” (Cartas 14 e 15; em ANDRADE, A. A. Banha de, *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, 1966, p. 608).

Com a chegada de Pombal ao poder, aconteceu um fenómeno comum no iluminismo europeu: uma aliança entre iluminismo e política, que, neste caso, se tornou uma política despótica, que destruiu hierarquias antes estabelecidas. A hierarquia católica não ficou em perigo, senão no que dizia respeito ao Vaticano e à questão jesuítica, que trataremos mais abaixo.

Em todas estas questões do poder, estava em causa a questão filosófica do Direito, para dirimir, separar, o que era de Direito natural, civil e eclesiástico, etc., em que Verney foi um dos primeiros agentes teóricos. O Direito positivo deveria sujeitar-se ao Direito natural, de lei eterna, divina. É claro que todas estas questões jurídicas têm a ver com a época que nos ocupa, sobretudo no momento em que Pombal tomou conta do poder absoluto, fazendo frequentemente da sua própria vontade a fonte do Direito e calcando aos pés certas teorias jurídicas vigentes no seu tempo.<sup>12</sup> Noutras questões referentes aos Jesuítas, Pombal seguiu o pensamento de Verney.

**Rafael Bluteau** (1638-1734) foi outro corifeu do iluminismo português, no seu saber enciclopédico, recebido nas muitas deslocações de estudo ao estrangeiro (França, Itália, Inglaterra, onde nasceu). Viveu em Portugal entre 1668-1687 e 1702-1734, ao todo 51 anos. Por isso, podemos considerá-lo um homem do iluminismo europeu. O seu saber enciclopédico ficou reunido no *Vocabulário português e latino...* (1712-1721), em 8 volumes. Este autor situa-se entre a nova Escolástica e o iluminismo, optando seriamente por este último e pelas novas ciências.<sup>13</sup>

**Francisco Xavier de Meneses** (1673-1743). Fundou em sua casa uma Academia filosófica frequentada por portugueses e estrangeiros; foi um dos primeiros membros da Academia de História e reuniu uma grande biblioteca com a temática das novas ciências e cientistas (Bacon, Hobbes, Locke e Newton...). Portanto, o movimento cultural do iluminismo foi, de início, de tipo aristocrata, publicando obras “iluministas” de carácter científico. A partir das reformas pombalinas, o movimento científico atinge uma certa democratização.

**Manuel de Azevedo Fortes** (1660-1741). Influenciado sobretudo por Descartes e pelo seu método da dúvida, como caminho para a ciência, escreveu a obra

<sup>12</sup> Veja-se MARQUES, Domingos Guimarães, *A Filosofia do Direito em Portugal do séc. XVI ao séc. XVIII*, em Revista Portuguesa de Filosofia, 1982/II, p. 470-473.

<sup>13</sup> Sobre a importância de Bluteau na cultura Portuguesa e europeia, ver SILVA DIAS, José Sebastião da, *Portugal e a Cultura Europeia (séc. XVI-XVIII)*, Coimbra, 1953, p. 105-112.127.254.269. A este personagem dedica o cap. IV: *Bluteau e os Pioneiros Ericeirenses*. É sobretudo antiescolástico.

*Lógica Racional, geométrica e analítica.* Defende que a verdade em si mesma não vem das ciências, mas é garantida pela verdade de Deus. Torna-se, a partir deste pressuposto, um paladino da conciliação entre o catolicismo e o pensamento científico moderno.<sup>14</sup>

**António Nunes Ribeiro Sanches** (1699-1783). Era cristão-novo e foi médico de profissão; depois de estudar Medicina e Direito na Universidade de Coimbra deixou as *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (Paris, 1759), na mesma linha pedagógica, para um novo sistema científico a partir da razão e da experiência. Escreveu artigos na *Encyclopédie* francesa, publicada por Diderot e d'Alembert em 1750. Foi muito conceituado em França.<sup>15</sup>

O seu método educativo filia-se plenamente no iluminismo; primeiro: estudo da História, seguindo-se a Geografia e a Cronologia; estudo das Ciências naturais, do mundo terrestre e do mundo celeste, com os respetivos aparelhos: telescópio, microscópio, prisma... a ótica, a mecânica e a estática. Fala depois do modo de dizer estas coisas: a retórica e a poesia, em verso; um 3.º grupo de disciplinas engloba a lógica e a metafísica. Acusou os Jesuítas de serem os causadores do mau ensino e do atraso cultural em Portugal. Por esse motivo, escreveu:

- *Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuítas e dos estragos feitos nas ciências e nos professores e diretores que a regem, pelas maquinações e publicações dos novos estatutos por eles fabricados*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1771.

**Pe. António Pereira de Figueiredo** (1725-1799). Tornou-se o conselheiro teológico de Pombal. Trataremos esta personalidade sobretudo no que toca à grande obra que nos legou: a 1.ª tradução integral de uma Bíblia católica. Mas, culturalmente, interessa-nos saber que Figueiredo foi um dos maiores representantes do iluminismo português, sobretudo pelo facto de ser o teólogo consultor do Marquês, para assuntos religiosos, mormente na crise com a Santa Sé, que levaria ao rompimento das relações entre as duas partes, em 1760.

A sua cultura é plurifacetada, desde a música à história eclesiástica, passando pelo latim, exegese, retórica, tradução da Vulgata, etc. Defende o ensino da Teo-

<sup>14</sup> Sobre Azevedo Fortes, ver SILVA DIAS, José Sebastião da, *Portugal e a Cultura Europeia*, o. c., p. 106.107.112.132-135.147.162.168.234.254.257.

<sup>15</sup> Ver LEMOS, Maximiliano, *Ribeiro Sanches, a sua vida e a sua obra escrita sobre novos documentos no desempenho do governo português*, Porto, Eduardo Tavares Martins, 1911, p. 291-310. Sobre a "Encyclopédie" e os enciclopedistas, ver COTONI, Marie-Hélène, *L'Encyclopédie de Diderot et de d'Alembert*, em *Le Siècle des Lumières – La Bible de Tous les Temps* (BTT 7), Beauchesne, Paris, 1986, p. 759-803.

logia pela via positiva, baseado na exegese dos textos bíblicos, acompanhando, assim, o sentir dos intelectuais europeus do seu tempo. A propósito dos estudos históricos, afirma: “Sem os estudos da História, ninguém pode ser bom teólogo”.<sup>16</sup>

Figueiredo foi um acérrimo paladino do regalismo de Pombal, já que defendia a autonomia dos reis em relação ao Papa, nos assuntos do foro temporal. Os seus princípios neste assunto foram publicados sobretudo na obra *Doctrina Veteris Ecclesiae*, de 1765. Aí defende, por exemplo, a cobrança de impostos sobre os bens da Igreja, o recurso dos membros do clero à justiça secular, a submissão da hierarquia ao rei, como supremo poder, neste mundo.

Em 1766, publicou a *Tentativa Teológica*, para demonstrar – não havendo recurso ao Papa – que os bispos podiam conceder dispensas matrimoniais e despachar outros assuntos, normalmente reservados ao Papa. Ao mesmo tempo, nega que seja o Papa o único legislador da própria Igreja, reservando-lhe apenas a função de vigilância no cumprimento das leis. Continua a discutir, na sua *Demonstração Teológica*, 1769, a confirmação e autorização para a sagração de bispos pelos metropolitas; isso não chegou a acontecer, porque, no ano seguinte, restabeleceram-se as relações com a Santa Sé. Defende, portanto, o *episcopalismo*, que é uma deriva do galicanismo, no seguimento de outros teólogos do seu tempo: Van Espen (1646-1728), bispo e teólogo de Lovaina, Febrônio (1701-1790) e muitos outros.<sup>17</sup>

Figueiredo tornou-se, assim, um bom instrumento nas mãos de Pombal, a fim de levar a cabo as reformas que pretendia, mesmo dentro da Igreja. Por isso, foi nomeado para altos cargos, sobretudo para membro da *Real Mesa Censória*, o tribunal que Pombal criou para substituir a Inquisição sobre livros a publicar (1769). Esta Mesa Censória era outra Inquisição pior que a anterior, para o controlo total do poder pombalino, mormente sobre as ideias das pessoas e dos grupos.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição e polémica na Segunda Metade do Século XVIII*, Roma Editora, Lisboa, 2005, p. 76.

<sup>17</sup> SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 92-95. Justino Febrônio era o pseudónimo do bispo Nicolau von Hontheim. A sua obra, que foi publicada por toda a Europa, leva o seguinte título: *De satatu ecclesiae et de legitima potestate Romani Pontificis*, Frankfurt, 1763. Nela negava praticamente todo o poder do Papa, que pouco mais era do que um presidente de honra dos bispos, os quais tinham o real poder eclesiástico. Foi seguido à letra por Figueiredo. Ver VAN ESPEN, Z. Bernardo, *Scripta Omnia*, Lovaina, 1753, em Museu de Lamego, *Catálogo de Alguns manuscritos da Biblioteca Municipal de Lamego*, 1976, n.º 55.

<sup>18</sup> Assim rezava o alvará, de 10 de junho de 1769, pelo qual a Real Mesa Censória controlava os livros: “Fui informado que, neste Reino e seus domínios, se introduziram (...) vários livros corruptores da Religião e da Moral, destrutivos dos Direitos e Regalias da Minha Coroa e opostos

Por tudo isso, chegou a ser levantada a hipótese de Pombal querer “protestantizar” Portugal. Mas, nesse campo, tinha a oposição clara do rei, da nobreza e do povo. Como tinha sido embaixador em Londres, talvez pretendesse, à semelhança da Inglaterra (*Church of England*), criar uma “Igreja Portuguesa”. Na mentalidade de Pombal, o regalismo e o galicanismo poderiam tornar-se o fermento de uma “Igreja Nacional Portuguesa”. Ver este autor nos cap. 24-26.

**Manuel do Cenáculo Vilas Boas** (1724-1814). Este grande homem da cultura professou com 16 anos na Ordem Terceira de São Francisco de Assis, tendo estudado e ensinado Teologia em Coimbra. Era perito em línguas clássicas (grego e latim), assim como nas orientais (síriaco e árabe). Em 1750 fez uma viagem a Roma para participar no capítulo Geral da sua Ordem, tendo contactado com iluministas italianos e outros.

Deste modo, entrou para o grupo dos adeptos de Pombal e, depois de ser eleito Provincial da sua Ordem, foi nomeado para a “Real Mesa Censória” e para a “Junta de Providência Literária”, entretanto criada para a reforma dos estudos em Portugal, mas também para controlar o pensamento dos intelectuais portugueses. Foi ainda nomeado primeiro bispo da diocese de Beja (1770-1802), que, nessa altura, foi desmembrada da de Évora, onde também foi arcebispo (1802-1814). Foi ele que ditou o rumo das ciências eclesiásticas no tempo de Pombal e dos novos *Estatutos da Universidade de Coimbra*.

No que se refere ao estudo da Bíblia, esta mereceu aos seus autores um especial cuidado, afirmando nomeadamente:

“A Theologia exegética expõe a Palavra divina, ou escrita ou ensinada pela Tradição; indaga e descobre as verdades Católicas, deduzindo-as e desentranhando-as dos Textos Sagrados e dos Depósitos da Tradição, em que elas se contêm para o uso da fé e da vida cristã, para glória de Deus e salvação das almas fiéis. E para que esta exposição seja sempre a mais exata e sólida, en-

---

à conservação e sossego público desta monarquia... Mando que todos os Livreiros, Impressores, Mercadores de livros, Universidades, Religiões, Comunidades, Corporações e pessoas particulares, assim desta Corte como de todos os meus Reinos e Domínios, sejam obrigados a formarem um catálogo fiel de todos os livros impressos ou manuscritos, científicos e literários, que tiverem em suas Casas, Lojas, Oficinas e Livrarias...” (em CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª edição, Lisboa, 1996, p. 467-468). Como se vê, o rei D. José assinava de cruz todos os papéis que Pombal lhe apresentava. Por isso, Pombal, em 1762, tinha proibido a publicação da *Gazeta de Lisboa*, o primeiro jornal noticioso de Portugal, para poder controlar as notícias.

sina também o modo, que nela se deve observar; e dá a conhecer os verdadeiros princípios e as fontes de toda a Teologia” (n.º 8 dos Estatutos).<sup>19</sup>

Com a queda do governo de Pombal, caiu também politicamente em desgraça, retirando-se para a sua diocese, onde foi um bom pastor das almas entregues ao seu cuidado. Era um cientista e um teólogo, conseguindo aliar ciência, razão e fé cristã. Criou bibliotecas, academias e outras instituições, sobretudo em ordem à formação do clero, assim como dentro da sua Ordem.<sup>20</sup>

Filosófica e culturalmente foi eclético e equilibrado nas suas críticas à Escolástica, apesar do seu gosto pelo real e pelo espírito científico e rigoroso (geométrico), do gosto pela observação e pela filosofia natural.

O seu iluminismo era anti-metafísico e, portanto, anti-escolástico, retórico, literário e orientado para a formação eclesial. Por isso, lançou um plano de estudos para a sua Ordem:

- *Plano de Estudos para a Congregação dos Religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco do Reino de Portugal*, Lisboa, Tipografia Régia, 1769.

Em relação à Escolástica, sobretudo a Aristóteles, não se esqueceu de criticá-la, mas lembrando também que tinha alguns bons princípios. Quanto às novas

<sup>19</sup> Sobre os novos *Estatutos da Universidade de Coimbra*, ver RODRIGUES, Manuel Augusto, em *A Cadeira de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de 1640 a 1910*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1974, p. 94-116 (p. 97).

<sup>20</sup> Sobre a formação do clero da diocese de Évora, veja-se, por exemplo, LAVAJO, Joaquim Chorão, *A Formação do Clero Eborense. Séculos XVIII-XX*, em *Eborensia* n.º 49, ano XXVIII, 2005, p. 91-128. O autor fala da boa colaboração dos Padres Vicentinos na formação do clero diocesano (p. 93-96), antes e depois de D. Maria I assinar o alvará para a fundação do Seminário; seguidamente fala da fundação do “Instituto Eborense” para a formação dos sacerdotes, por D. Frei Manuel do Cenáculo, para remediar as limitações que reconhecia no Seminário. O referido Instituto funcionava no Colégio do Espírito Santo então pertencente à Ordem Terceira Regular da Penitência, da qual fazia parte o próprio Cenáculo. Teve que fechar logo a seguir, por causa das invasões francesas. Depois destas, o governo liberal determinou que em cada diocese se abrisse um Seminário para a formação do clero. O acordo com a Santa Sé (1852) levou à abertura dos Seminários de Évora, Braga, Lisboa e Funchal; mas o acordo com as outras dioceses só teve resultados em 1859. O problema estava nos obstáculos que o próprio governo colocava à reabertura dos mesmos e não dava qualquer contributo para as despesas, já que as dioceses, por motivos vários, estavam economicamente arruinadas. Mas logo a seguir, o mesmo governo de D. Pedro mandou fechá-los, com a vã promessa de os reabrir, quando fosse conveniente (art. 3 do decreto de 13 de agosto, depois de outros de 30 de junho e 5 de agosto de 1832). Entretanto, no meio de tanta calamidade, o antigo arcebispo de Évora, exilado em Roma devido ao terror liberal, enviava pastorais aos seus diocesanos. Sobre os Seminários portugueses em tempos liberais, veja-se o quadro negro apresentado por um especialista na matéria, D. Manuel Clemente, *Patriarca de Lisboa, Religião e Secularização*, em *História Religiosa de Portugal*, Círculo dos Leitores, 2001, vol. III, p. 69-70. De decreto em decreto, os governos liberais iam destruindo tudo o que podiam, em assuntos referentes à Igreja.



ciências, este eclesiástico introduziu-as apenas no ensino a que hoje damos o nome de Propedêutica, antes dos estudos eclesiásticos propriamente ditos. Nas *Memórias Históricas do Ministério do Púlpito*, Lisboa, 1776, Cenáculo apresenta-nos as linhas fundamentais do seu projeto de ensino. Pode dizer-se ainda que foi ele que impôs os princípios de Verney sobre o ensino nos conventos da sua Ordem.

Cenáculo, como bispo de Beja e de Évora, teve um papel de relevo, tanto a nível pastoral, sobretudo na formação do clero e na evangelização, como na ordem cultural, fundando bibliotecas nessas dioceses. Cenáculo foi, talvez, o maior bibliófilo português do seu tempo, conhecendo-se muita correspondência sobre a compra de livros.<sup>21</sup>

Partindo de todos estes dados, pode dizer-se que as principais Ordens religiosas foram tocadas pelo iluminismo cristão, em maior ou menor grau. Basta recordar, a título de exemplo, que entre os Beneditinos, na época da *Ilustração*, havia adeptos para os dois lados: monges cismontanos e ultramontanos; uns que seguiam a linha mística da Jacobeia e outros mais racionalistas. Assim, Frei Joaquim de Santa Clara Brandão é admirador de Pombal, enquanto Frei José da Expectação era discípulo do jacobeu, Frei Miguel da Anunciação.<sup>22</sup> O episcopado em geral encontrava-se dividido entre a Jacobeia e outros tipos de reforma. Alguns seguiam a via iluminista. Daí a polémica anti-Jacobeia, que Pombal utilizou para diabolizar estes eventuais opositores, temendo, talvez, que formassem um partido político.

**João Ramos de Azevedo Coutinho** (séc. XVIII). Escreveu uma obra sobre o poder dos bispos, naturalmente, em oposição ao poder do Papa: *Sobre o poder dos Bispos*, Lisboa, 1766. António José Correia de Brito defendeu teses regalistas na Universidade de Coimbra, em 1771, afirmando que o rei só deve dar contas a

<sup>21</sup> Sobre este assunto, ver OLIVEIRA, Márcia, *A Comunidade Ilustrada na 2.ª metade do séc. XVIII: Frei Manuel do Cenáculo e o seu universo de correspondentes*, em *Lusitania Sacra* 27, 2.ª Série, janeiro-junho, 2013, p. 175-202. Grande parte desta correspondência, de temática, aliás, muito variada, encontra-se sobretudo na Biblioteca Pública de Évora (BPE), que lhe deve grande parte do seu espólio.

<sup>22</sup> Sobre estes assuntos, veja-se, por exemplo, RAMOS, Luís A. de Oliveira, *Os Beneditinos e a Cultura: Ressonâncias da Ilustração*, em *Revista da Faculdade de Letras – História*, II série, Porto, 1984; vol. I, p. 159-186. Sobre Manuel do Cenáculo, ver MARCADÉ, J., *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, Évêque de Beja, Archevêque de Évora (1770-1814)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978; GAMA CAEIRO, Francisco, *Concepções da Historiografia Setecentista na Obra de Frei Manuel do Cenáculo*; em *A Historiografia anterior a Herculano*, Ed. Academia Portuguesa de História, 1977, p. 197-211; Idem, *A Obra do Arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo à luz da Cultura Portuguesa*, Évora, 1994.

Deus e a mais ninguém: nem ao Papa nem aos bispos. Nesse mesmo ano, Soriano de Brito negou a infalibilidade do Papa.

**Frei Joaquim de Santa Clara Brandão** (1740-1818). Este monge beneditino foi sucessor de D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas na arquidiocese de Évora. A sua eleição foi polémica, em relação à sua indignação pelo governo português, dominado por Pombal. O papa Pio VII não lhe deu, facilmente, o episcopado. Este beneditino nasceu no Porto em 1740 e era irmão de Frei Bartolomeu Brandão. Estudou latim, grego e hebraico, tendo professado no mosteiro de Tibães; em 1765 matriculou-se na Faculdade de Teologia de Coimbra onde obteve o grau de bacharel. Interrompida a Faculdade de Teologia por Pombal, até que se reformassem os estudos, Santa Clara dedicou-se a ensinar as ditas línguas aos seus confrades de Coimbra. Teve tanto êxito que Pombal expediu ordens por todo o reino para que os que quisessem estudar essas línguas o fizessem com esse professor beneditino. As suas teses não foram aceites pela Real Mesa Censória de 25.04.1773. Depois foi docente e teve altos cargos na Universidade; foi também pregador régio, sócio da Academia Real das Ciências, da Academia das Ciências de Lovaina, etc. Foi ele o pregador do sermão nas exéquias do Marquês de Pombal, o que o tornou famoso (1782). Esse texto foi impresso cinco vezes em Portugal: 1811, 1817, 1826 (BNP), 1850 (BNP), 1871; no Rio de Janeiro, edição de ca. 1813 (Inocêncio IV, p. 73). Esse escrito leva o título seguinte:

- *Oração Fúnebre que, nas Ezéquias do Marquez de Pombal, primeiro deste título, recitou o Doutor Joaquim de Sancta Clara.*

Este discurso foi considerado pelo papa Pio VII como indigno de um bispo, porque aí se manifestava como adepto do regalismo de Pombal e das suas obras de governo, por vezes, em confronto direto com a Santa Sé (expulsão dos Jesuítas, etc.).<sup>23</sup> O Papa intimou-o a que, na primeira pastoral que fizesse, se mostrasse arrependido de tais ideias e mostrasse a sua plena obediência à Santa Sé. Por outro lado, o futuro arcebispo deveria condenar o Sínodo de Pistoia; deveria

<sup>23</sup> Assim dizia, por exemplo, Santa Clara, acerca de Pombal: “O ministro intrépido e capaz (...) forçar esses muros de Bronze [da Igreja], que um medo servil tinha respeitado por barreiras impenetráveis do vício (...), o vingador da Majestade da Religião (...)”. Neste caso, o pombalismo tinha sido uma “época memorável da segurança e opulência do Estado, do aumento e perpetuidade das famílias, da expulsão do fanatismo e da barbaridade (...)”. Tal foi sempre o precioso, o único objeto de todos os seus trabalhos: a Ordem pública, a Glória do Soberano, a Felicidade do Estado, o Progresso das Ciências e das Artes, o restabelecimento da Disciplina, a Grandeza da Religião. A estes seus desejos insaciáveis foi que se deveu o desterro da Hipocrisia... A expulsão do fanatismo...”. Tudo se referia ao grande “feito” de Pombal ter expulsado a Companhia de Jesus. Pio VII, que tinha restabelecido a Companhia de Jesus, não podia “engolir” tantas afrontas.



igualmente declarar o acatamento da Bula dogmática *Auctorem fidei*, o que significaria a aceitação do ultramontanismo e a repulsa do jansenismo, pois pareceria haver ligação entre Santa Clara e os cismáticos da Igreja de Utreque. A reação violenta do governo português às exigências do Papa diz bem da força que tinha o regalismo do séc. XVIII: reafirmou a confiança no futuro bispo; ameaçou o Papa com um novo cisma; pediu que semelhantes procedimentos da Cúria Romana não se voltassem a repetir.

Perante tais ameaças, Pio VII cedeu, e Santa Clara Brandão foi sagrado em Lisboa, em 1816, mas, infelizmente, morreu em 1818, com 76 anos.<sup>24</sup>

#### 1.1.4. Iluministas não apoiantes de Pombal

**Pe. Teodoro de Almeida** (1722-1804). Nascido em Lisboa, desde cedo frequentou a Casa do Espírito Santo, dos Oratorianos, tornando-se, aos 13 anos, membro desta Congregação, sendo ordenado em 1744. Destruída esta casa com o Terramoto, foi para a casa das Necessidades, onde se encontra, atualmente, o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Aí ensinou Filosofia e foi instruído nas ciências físicas pelo Padre Batista, um dos primeiros em Portugal a ensinar ciências experimentais.

Teodoro de Almeida fez das ciências também um argumento a favor da religião, já que, pela natureza, chegamos a Deus. Desse modo, as ciências físicas foram também uma expressão da sua espiritualidade. Assim – pensava ele – a natureza, na perspetiva do seu Criador, é um livro aberto a um significado espiritual que a supera enormemente. Por isso, atacou o *deísmo*, assim como o excesso de *cientismo* que leva a uma exagerada naturalização do homem, comparada com a dos animais.<sup>25</sup> Como cristão e sacerdote, defendeu um tipo de felicidade que tem Deus como centro.

<sup>24</sup> Sobre este bispo e tudo o que envolveu a sua trajetória académica, política e eclesiástica, ver BRIGOLA, João Carlos, *D. Frei Joaquim de Santa Clara Brandão – um beneditino ao serviço de Pombal*, em Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora, Évora, 1994, Actas, vol. I, p. 521-528.

<sup>25</sup> *Deísmo* é uma teoria filosófica sobre Deus – muito comum nos séc. XVIII-XIX – que concebe um Deus abstrato, impessoal, que preside à ordem da natureza e deve ser cultuado de acordo com esse estatuto. É uma religião sem o Cristo revelador da Palavra do Pai e sem Redenção. Voltaire foi o grande arauto desta divindade filosófica, inventada por Lord Herbert of Cherbury, no séc. XVII. Os deístas foram alguns dos grandes inimigos do cristianismo nestes séculos, cuja doutrina era difundido pela maçonaria, especialmente em França, onde chegou a ter, em 1789, uns 30.000 filiados em 600 lojas. O facto de ser uma seita secreta atraía muitos adeptos. A maçonaria foi uma das forças que causou a Revolução Francesa, terminando com o Antigo Regime. Ao contrário da maçonaria anglo-saxónica, a francesa e as lojas latinas, em geral, tornaram-se anticlericais, anti-eclesiásticas, antimonárquicas e revolucionárias. Voltaire, por meio dos seus

Apesar da sua formação e atividade profundamente científicas, escreveu várias obras de piedade e devoção e dedicou-se com zelo apostólico a falar do Evangelho, não apenas nas suas aulas, mas também nas paróquias ao redor de Lisboa. Chegou mesmo a trabalhar, pastoralmente, em Óbidos, Paço de Arcos e noutros lugares, sobretudo dedicando-se à pregação ao povo simples, muitas vezes sem qualquer apoio espiritual.

Como filósofo, tentou sempre conciliar o espírito científico da sua época, a filosofia das Luzes, com as verdades do cristianismo, congradando a sua profunda fé cristã com a ciência e a sua liberdade de pensar, o que não agradava a Pombal. Como não concordava com as ideias do ministro de D. José, foi acusado de “ultramontanista”.<sup>26</sup> Por isso, fugiu para o Porto, onde redigiu a sua *Recreação Filosófica*, uma obra de ciências físico-naturais, em dez volumes, publicada entre 1715-1799.<sup>27</sup> O Marquês soube onde ele estava e mandou prendê-lo; mas o Corregedor, encarregado de a executar, não recebeu a ordem a tempo, porque o Pe. Faustino, da mesma Congregação, avisou-o e ele refugiou-se em Espanha e França, onde continuou a ensinar e a escrever. Neste tempo de exílio, escreveu também *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna*, obra de ficção e da realidade histórica em que ele próprio viveu; mas é também uma obra de divulgação científica, que foi publicada em Portugal e traduzida em Espanha e França.

Em Espanha, tinha-se fixado em Tuy, onde iniciou a sua pregação em terras estrangeiras. No entanto, avisado por amigos de Lisboa de que o lugar ainda não era seguro, prepararam tudo para que fugisse para França ou Amesterdão. Fixou-se, então, na cidade francesa de Bayonne; mas, por instigação de Pombal, mesmo nessa cidade, foi procurado pela polícia francesa para ser preso. Valeu-lhe o povo, que o escondeu das autoridades. Trabalhou e ensinou também na cidade francesa de Auch, tendo o seu bispo oferecido a verba para ele poder regressar a Portugal, o que aconteceu, depois da morte de D. José, em 1777. De facto, com a morte do rei, deu-se a queda de Pombal e Teodoro de Almeida pôde voltar a

---

escritos, foi um dos maçónicos que declarou à Igreja uma guerra sem quartel.

<sup>26</sup> *Ultramontanismo* é um conceito que os *galicanos* inventaram para tratar os “que estão para além dos montes”, isto é, dos Alpes. Portanto, trata-se da Itália e concretamente do Papa e dos Estados Pontifícios da altura. Está em causa neste conceito uma acusação à exagerada autoridade papal, segundo o galicanismo, iluminismo e outros. Os *galicanos* defendiam o *episcopalismo*, sem a direta autoridade do Papa, autoridade que para quase nada servia, senão para “vigiar” o cumprimento das leis da Igreja, mas com pouco poder de legislar. A legislação, mesmo referente à Igreja, ficava ao encargo dos príncipes e dos reis com poder absoluto também sobre os seus membros. Sobre o ultramontanismo, ver BOUYER, L., *Dictionnaire Théologique*, Desclée, Paris, 1963, p. 633-636.

<sup>27</sup> Ver AZEVEDO, Ferdinand, SJ., *Padre Teodoro de Almeida: Um Oratoriano no Iluminismo português*, em Brotéria 109, agosto-setembro, 1979, p. 155-167; outubro, p. 301-315.

Portugal. Colaborou valiosamente na Academia de Ciências, que foi inaugurada em 4 de julho de 1780, no Real Palácio das Necessidades, Lisboa, curiosamente, a casa onde o Pe. Teodoro estudou e ensinou. O seu cargo aí era o de orador e competia-lhe falar da Academia quando fosse necessário. Exerceu-o até à morte, em 1804. Nos seus muitos escritos, são raras as alusões à perseguição que Pombal lhe moveu por todo o lado em que ele se encontrasse, sinal de que não era ranco-roso e sabia, como cristão, perdoar aos seus inimigos.<sup>28</sup>

Pombal combateu ainda outros oratorianos que não comungavam das suas ideias, sobretudo porque se opunham à sua política regalista. A obra tipicamente regalista era a do Desembargador Inácio Ferreira do Souto, encarregado por Pombal de fazer uma obra sobre os princípios do regalismo. Leva como título:

- *Tractatus de incircumscripita potestate regis* (em abreviado: *De Potestate Regis in Ecclesiasticos*), 1760.

Podia traduzir-se: “Tratado sobre o Poder Ilimitado do Rei”. Alguns oratorianos que trabalhavam no Santo Ofício não queriam aprovar o livro. Pombal zangou-se e deportou-os: o já citado Padre João Baptista, demorando-se a aprová-la, foi deportado para o Norte, tal como Teodoro de Almeida e João Chevalier. Mas a vingança do Marquês não ficou por aí: proibiu-os, oficialmente, do púlpito e dos exercícios espirituais e eliminou também as rendas que eles recebiam do governo. Esteve mesmo a ponto de extinguir esta Congregação.<sup>29</sup> De qualquer modo, alguns oratorianos foram deportados de Lisboa para a Província.<sup>30</sup> Sobre este autor, veja-se 10.2.

<sup>28</sup> Ver AZEVEDO, Ferdinand, SJ., *Padre Teodoro de Almeida*, o. c., p. 302-306.

<sup>29</sup> Sobre este assunto ver SILVA DIAS, *Portugal e a Cultura Europeia*, o. c., p. 189-190.

<sup>30</sup> Sobre o Oratório em Portugal, ver SANTOS, Cândido dos, *O Oratório no Norte de Portugal – Contribuição para o estudo social da história religiosa e social*, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de História da Universidade do Porto, Textos de História – 4, Porto, 1982. José Sebastião da Silva Dias dedica a esta Congregação um capítulo da sua obra *Portugal e a Cultura Europeia (séc. XVI-XVIII)*, Coimbra, 1953 (BNP, H. G. 56912 V.); cap. VI: “O Papel da Congregação do Oratório”. O autor ressalta aqui o papel educativo desta Congregação, dedicada à juventude. Este papel irá criar um certo atrito com a Companhia de Jesus e os seus colégios, sobretudo no que se refere aos métodos aplicados na educação da juventude (p. 191s.). Por isso, Figueiredo pode ter sido influenciado por este facto na sua polémica antijesuítica. Silva Dias opina que o Oratório se caracterizava pela adesão às “correntes novas do pensamento: o cartesianismo na filosofia, o classicismo na arte, o jansenismo na religião, o criticismo em quase tudo”. Aqui podemos encontrar também uma das causas do pensamento pro-jansenista em António Pereira de Figueiredo. O mesmo se diga em relação à sua inclinação para a história da Igreja antiga e para a Patrística, na procura das raízes cristãs, ideologia própria do iluminismo e do jansenismo como programa para a reforma da Igreja.

Uma honrosa exceção, entre outras, a esta atitude persecutória de Pombal, foi a do Pe. António Pereira de Figueiredo, que se manteve firme na defesa das ideias do Marquês.<sup>31</sup>

**Inácio Monteiro**, SJ (1724-1812). Foi autor de um *Compêndio dos elementos de Matemática*, Coimbra, 1754; 2 vol.; um autêntico manifesto iluminista. Na mesma linha de pensamento se encontrava o seu colega da mesma Ordem, o Pe. Manuel de Campos. Inácio Monteiro, no aspeto filosófico, seguiu o iluminismo eclético, não se deixando enfeudar numa qualquer facção do iluminismo em voga. Este deu-lhe a convicção de que a verdade só é possível, não através de pressupostos filosóficos, mas através da interrogação sobre os problemas, por meio da razão e da experimentação. O seu *Compêndio de Matemática* destinava-se “aos estudantes da boa filosofia, letras humanas e mais ciências naturais”. Inácio Monteiro, no aspeto do iluminismo, não fica muito aquém do teatino António Verney, com o *Verdadeiro Método de Estudar*, ou de Teodoro de Almeida, com a *Recriação Filosófica*.

**António Cordeiro** - 1, SJ (1641-1722). Defendia ideias antitomistas e experimentalistas, em questões filosófico-científicas. Escreveu:

- *In praecipua partium D. Thomae Theologia Scholastica*, Lisboa, José Lopes Ferreira, 1716.
- *Cursus Philosophicus Conimbricenses, em três partes*, Lisboa, Of. Régia Deslandiana, 1713-1714.

**Francisco José Freire** / Cândido Lusitano, Pe., CO (1719-1773). Foi um dos oratorianos que se notabilizou no iluminismo mediante a *Arte Poética* e outras obras de caráter cultural.

<sup>31</sup> Este colocou-se explicitamente ao lado de Pombal e do rei, contra alguns da sua Congregação, “porque desaprovar e perseguir as doutrinas que o Ministério de Sua Majestade tanto aprova e promove, e que hoje são as que têm estimação na Europa e na mesma Roma, he o mesmo que opor-se às justas e prudentes intenções de Sua Majestade” (ANDRADE, António Alberto de, *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1966, p. 331); idem, *Verney e a Filosofia Portuguesa, no 2.º Centenário do “Verdadeiro Método de Estudar”*, Livraria Cruz, Braga, 1946; ver ainda Carta de António Pereira de Figueiredo, datada de 24.04.1771, em Cunha Rivara, *Cartas de L. A. Vernei e A. P. de Figueiredo aos Padres da Congregação do Oratório de Goa*, p. 15. Todos estes indícios e declarações manifestam o regalismo do Pe. António Pereira de Figueiredo.

## 1.2. Regalismo e galicanismo

O poder temporal teve sempre a tentação de absorver o poder religioso; mas, com a Reforma de Lutero, os príncipes tornaram-se “protetores” da Igreja, chegando ao cúmulo de Henrique VIII se proclamar o “único chefe da Igreja de Inglaterra” (1534). O que aconteceu nos Estados de maioria protestante começou a contagiar os governos de países católicos, como a França, Áustria, Portugal... E, assim, se estabeleceram, progressivamente, os regimes regalistas europeus.

Sabemos que o *regalismo* é um sucedâneo do absolutismo, ou regime de governo não democrático dos reis; e o galicanismo é o nome do regalismo francês que, depois, se estendeu por toda a Europa. O regalismo reclamava para si a origem divina do poder real. Tão divina como a do Papa. É o famoso princípio do “poder divino dos reis”, que tem a sua origem remota noutros povos do Médio Oriente Antigo. Ao contrário da Idade Média, em que o poder real dependia da aprovação do Papa, agora, defendia-se mesmo que este poder vinha diretamente de Deus ao rei e não tinha qualquer limite!

Todos os teóricos da questão do poder do “Príncipe”, desde S. Paulo – *Todo o poder vem de Deus* (ver Jo 19,11; Rom 13,1) – desmentiram a afirmação de que o seu poder não tem limites; e isto pela simples razão de que o poder não vem de Deus diretamente para a pessoa do Príncipe, mas para o povo. Esse, sim, por uma espécie de contrato social, o coloca nas mãos do Príncipe, mas na condição de o devolver, colocando-o ao serviço do mesmo povo e não o utilizando para simples fruição pessoal. O povo é que tem o poder. Esta descoberta foi feita pela democracia moderna, mas a teoria foi já tratada pelos autores medievais e mesmo pelos clássicos gregos do chamado “século V” grego.<sup>32</sup>

Assim, segundo a filosofia regalista, o rei seria, ao mesmo tempo, legislador, juiz e executor supremo de todo o poder, mesmo do poder sobre os eclesásticos, que se deveriam considerar seus súbditos, mais do que do Papa e dos bispos. O rei só teria que responder perante Deus, nem perante o Papa, nem perante o povo. Esse poder tinha uma consequência gravíssima e nada democrática: qualquer tipo de resistência ao rei equivalia, automaticamente, a um crime de lesa-majestade e, portanto, passível da pena máxima. Daí vem a glorificação da imagem do rei, como uma espécie de culto público, prestado ao soberano. Foi deste poder ditatorial que usou o Marquês de Pombal, em nome do rei, contra os seus inimigos pessoais.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Sobre este assunto, veja-se SOARES, Frei Miguel, *Portugal Libertado*, Porto, [s.n.], 1974. Com estudo introdutório de Cândido dos Santos.

<sup>33</sup> Contra este regalismo absoluto, Francisco Suárez, professor na Universidade de Coimbra, defendia um regalismo relativo; isto é, se o rei recebia o poder através do povo, o mesmo povo podia

Desta ideia geral de regalismo surgiu a de *galicanismo*, que seria um regalismo estilo francês. Mesmo assim, é um conceito algo diferenciado nas suas modalidades. A sua principal característica era a relativa independência da Igreja de França (Gália) em relação ao *ultramontanismo*, isto é, ao domínio do Papa, considerado excessivo, por esta Igreja. O galicanismo oficial tem a sua origem na famosa *Assembleia do Clero Galicano* convocada pelo rei Luís XIV, em 1680. Nesta Assembleia foram elaborados quatro artigos:

1. A rejeição da jurisdição temporal do Papa.
2. A Santa Sé devia respeitar os direitos e costumes da Igreja Galicana.
3. A superioridade do poder do concílio ecuménico em relação ao poder do Papa.
4. A rejeição da infalibilidade do Papa, mesmo em matéria de fé, se a Igreja universal não desse o seu consentimento.

Em 1690, o papa Alexandre III condenou estes quatro artigos, o que não obistou a que este regalismo se estendesse pela Europa e, naturalmente, a Portugal, assumindo contornos ainda mais relevantes.

Todas estas teorias partiam do conceito de realza como participação do poder divino no governo dos povos, ficando para o Papa e para a hierarquia católica em geral apenas o poder espiritual, que pertence ao foro íntimo das pessoas, e pouco mais do que isso. Os adeptos do galicanismo apelidaram a doutrina contrária de *ultramontanismo*, isto é, “do outro lado dos montes”, ou seja, da Itália, como espaço geográfico do domínio dos papas. Segundo estes conceitos, *regalismo* e *galicanismo* opõem-se a *ultramontanismo*, teoria política que era vista como “inimiga” do regalismo, instalado em vários países europeus neste período. Os grandes defensores dos poderes do Papa e, portanto, do ultramontanismo, eram os Jesuítas. Daí se tornarem os grandes inimigos dos regimes regalistas da Europa de então.<sup>34</sup>

---

destituir o rei, se ele fosse intruso ou tirano. Este seria um dos motivos do ódio de Pombal aos Jesuítas (ver ALVES, Paulo Durão, *A Filosofia política de Suárez*, Porto, 1949). É interessante notar que este regalismo não é propriedade privada do regime pombalino. O próprio D. João VI, quando foi elevado à realza em 1816 (e mesmo antes) torna-se objeto de muitos sermões, que glorificam, não apenas o cargo, mas sobretudo a pessoa do rei (ver BRAGA, Isabel Drumond, *Imagens de D. João VI na parenética (1808-1821)*, em *Via Spiritus* 21, 2014, p. 227-239). Isso acontecia também em aniversários natalícios, aniversários da chegada da corte ao Rio de Janeiro, eleição do Brasil a reino e a ascensão do Príncipe regente D. João ao trono. Ele foi o primeiro rei aclamado em toda a América.

<sup>34</sup> Sobre os conceitos de *galicanismo* e *ultramontanismo*, veja-se BOUYER, Louis, em *Dictionnaire Théologique*, Desclée, Tournai, 1963, p. 275-277 e 633-634, respetivamente; sobre o *galicanismo*,

O regalismo em Portugal foi exercido, não propriamente pelo rei D. José, um rei sem autoridade própria, mas pelo seu ministro todo-poderoso, o Marquês de Pombal. Em vários episódios do ministério mostrou o ódio que tinha a qualquer outro poder que o pudesse enfrentar. Utilizava a lei da lesa-majestade a seu bel-prazer, para matar quem lhe parecesse ameaçar os seus privilégios. Assim procedeu com os Távoras, o conde de Aveiro e muitos outros. No caso do motim do Porto, em que o povo simples se levantou, protestando contra o monopólio da *Companhia das Vinhas do Douro*, fundada por Pombal, mandou matar 21 homens e mesmo 5 pobres mulheres, além de penas gravíssimas para 404 homens e 49 mulheres. Pombal governava pelo terror.<sup>35</sup>

### 1.2.1. O regalismo de Pombal e o papado

Depois de vencida a nobreza com a morte dos Távoras e outros; depois de abater, de modo vil, a forte e internacional Companhia de Jesus, faltava a Pombal vencer um último e mais forte obstáculo: a assim chamada “ingerência” do Papa no catolicismo português. Era a soberania portuguesa contra a soberania do Papa sobre o catolicismo nacional. Pombal queria dominar ainda o exercício pastoral e espiritual da Igreja. Faltava-lhe ainda este espaço, para ter o domínio absoluto sobre todas as instituições do Estado e da Igreja. Apesar de D. José e o seu governo apregoarem que eram defensores da religião, aproveitavam todos os argumentos e ocasiões para dominarem a Igreja e a submeterem aos seus projetos políticos.<sup>36</sup>

Um facto claro deste tipo de regalismo foi a não aceitação do Breve *Apostolicum Pascendi*, do papa Clemente XIII, de 7 de janeiro de 1765, que defendia os Jesuítas das acusações de Pombal. A resposta “regalista” ao próprio Papa não se fez esperar: Pombal arrancou uma assinatura do fraco rei D. José a um decreto, que afirmava não ser o próprio Papa o autor do Breve (de quem havia de ser?):

“Declaro as ditas Letras por obreptícias, subreptícias, sediciosas, dolosas, perturbativas da paz e do sossego público, e ofensivas da liberdade e independência do Meu Real Trono e, como tais, *ipso facto et ipso iure* nulas, incompatíveis com o Apostólico espírito do Santíssimo Padre Clemente XIII, e diametralmente opostas às suas Paternais e pias Intenções e a sua Santíssima Vontade: e mando se suprimam os seus exemplares; e que incorram no crime de Lesa-

---

ver ainda DUBRUEL, M., *Dictionnaire de Theologie Catholique*, t. VI, col. 1096-1137; CONGAR, Y., em *Catholicisme*, vol. IV, col. 1731-1739; sobre *ultramontanismo*, ib., vol. XV, col. 440-448.

<sup>35</sup> Ver LEITE, António, *A Ideologia Pombalina – Despotismo Esclarecido e Regalismo*, em *Como Interpretar Pombal?* Lisboa, Ed. Brotéria, 1983, p. 34-35.

<sup>36</sup> Veja-se, sobre este assunto, Fortunato de Almeida III, p. 342-352.



-Majestade os que as espalharem e introduzirem nas terras dos Meus Reinos e Domínios”.<sup>37</sup>

As ameaças do decreto real incluíam, portanto, a morte de quem, simplesmente, possuísse este documento papal. Era assim o Marquês e o seu governo: qualquer motivo servia para ameaças de morte. Como o Papa não cedeu, propôs aos seus amigos dos governos de França e Espanha a invasão dos territórios pontifícios para a deposição do Papa, que morreu em 1769, sendo eleito Clemente XIV que, sob a pressão desses três países e, para evitar problemas maiores, extinguiu a Companhia de Jesus.<sup>38</sup>

Afinal, que pretendia Pombal com todas estas manobras e mostras de grande poder? Parece evidente que queria manifestar a importância de Portugal e da sua pessoa no conjunto das nações europeias. Mas, para aumentar o seu prestígio pessoal e do seu rei, empreendeu também uma campanha a nível eclesial: afirmar a sua importância perante a autoridade do Papa e obrigá-lo a ceder aos seus caprichos, sobretudo no caso da pressão exercida sobre Clemente XIV para extinguir os Jesuítas.<sup>39</sup>

Pombal utilizou ainda outro instrumento jurídico para mostrar a sua força perante a Igreja: o beneplácito régio, que ele extrapolava à medida das suas necessidades, chegando a estendê-lo às Cartas pastorais dos bispos. Ou seja, sem a assinatura do rei, um bispo não podia enviar ou ler uma pastoral aos seus fiéis. Era uma autêntica inquisição política contra o poder espiritual da Igreja.

Curiosamente, em Portugal, os suportes teóricos deste domínio absoluto, que atingia os poderes do Papa, foram oferecidos a Pombal por elementos da própria Igreja portuguesa, sobretudo pelo Pe. António Pereira de Figueiredo e por Antó-

<sup>37</sup> LEITE, António, *Despotismo esclarecido e Regalismo*, em *Como interpretar Pombal?* Lisboa, Ed. Brotéria, 1983, p. 47; ver ainda o capítulo do Pe. Manuel Antunes, *O Marquês de Pombal e os Jesuítas*, ib., p. 125-144; SIMÕES, Manuel, *Camilo, Pombal e os Jesuítas*, ib., p. 147-161.

<sup>38</sup> Sobre os avatares das relações entre Clemente XIV e o Marquês, ver LOPES, António, *Loucas Relações entre Clemente XIV e Pombal sobre a Extinção da Companhia de Jesus*, em *Lusitania Sacra* 18, 2.<sup>a</sup> Série, 2006, p. 485-503. Estabeleceu-se entre este Papa e o Marquês uma relação de inteira confiança, certamente porque o Papa necessitava de nomear bispos para Portugal, o que não podia fazer sem o beneplácito régio. Por tudo isto, o Marquês obteve o que queria: extinguir a Companhia de Jesus, pressionado também pelas cortes de França e Espanha.

<sup>39</sup> Os reis portugueses gozavam do título de católicos *Fidelíssimos*, título concedido pelo Papa a D. João V e seus sucessores. Outra medida do mesmo estilo foi a concessão do cardinalato a todos os núncios papais que exercessem esse múnus em Lisboa. Numa época complicada para os papas que tinham que gerir as relações diplomáticas com as monarquias europeias de regime regalista, Bento XIV foi vítima de tantas pressões que foi “obrigado” a suprimir a Companhia de Jesus, com a Bula *Dominus ac Redemptor* de 21 de junho de 1773.



rio Ribeiro dos Santos, este último com a obra *De Sacerdotio et Imperii* (1770).<sup>40</sup> Pombal e o seu governo procuraram todas as maneiras para provocar as instituições da Igreja e romper as relações diplomáticas com o Vaticano, mormente no tempo do nuncio apostólico da altura, Mons. Filipe Acciaiuoli, que foi elevado ao cardinalato.<sup>41</sup> As relações foram cortadas em 1760, um ano depois da expulsão dos Jesuítas.

A partir desta altura, Pombal estava mais livre para agir contra certas instituições e homens da Igreja que não lhe agradassem. Foi o que aconteceu com a prisão de D. Miguel da Anunciação, bispo de Coimbra, por publicar uma pastoral que condenava alguns textos regalistas, sem ter o beneplácito régio para tal; seguiram-se os impostos sobre o clero, a confiscação das receitas da *Bula da Cruzada*. Mais ainda: toda a documentação eclesiástica ficava sujeita ao beneplácito régio. Por exemplo, todas as cartas dirigidas para Roma tinham que passar pela censura real... até que se restabeleceram as relações com Roma em 1770, com a morte de D. José e a consequente queda do Marquês e seu governo.

A *Viradeira*, período que se seguiu durante o reinado de D. Maria I e até ao liberalismo, não eliminou totalmente a legislação pombalina; apenas a retocou nos aspetos mais importantes, servindo-se inclusive de todos os privilégios que a Igreja concedeu aos portugueses, para lutar contra esta. A reforma da Universidade de Coimbra serviu também para se defenderem teses que ultrapassavam todos os limites do beneplácito régio:

“... a extensão do beneplácito régio mesmo aos documentos de natureza dogmática, a faculdade do príncipe usar em seu proveito os bens da Igreja, ainda que estivessem ao serviço do culto; validar um matrimónio católico que tivesse sido anulado pela justiça eclesiástica, convocar um concílio eclesiástico

<sup>40</sup> É conhecida a amizade entre o Pe. António Pereira de Figueiredo e o Pe. António Ribeiro dos Santos, ambos jansenistas e defensores do regalismo de Pombal. Este último dedicou mesmo dois sonetos ao Pe. Figueiredo, lamentando a injustiça da Pátria para com um homem tão distinto (ver *Poesias Elpino Duriense*, vol. III, p. 104-105; 192; 236). Ribeiro dos Santos era Desembargador do Paço, por ser um especialista em Cânones, e também era o Bibliotecário-Mor da primitiva Biblioteca Nacional. Sobre algumas obras de Figueiredo em apoio do regalismo pombalino, ver o cap. 25: *Figueiredo: Obras culturais*.

<sup>41</sup> Ver ABREU, Adélio Fernando, *Iluminismo e Cristianismo em Portugal. Uma abordagem histórica*, em *Humanística e Teologia* 33/2, Porto, 2012, p. 59. Figueiredo aprovava esta luta do governo português contra Roma, apoiado nos livros de Gerson, onde ele via “autorizadíssima confirmação da inteireza, prudência e piedade com que o nosso Augustíssimo e Fidelíssimo Monarca se tem havido e se ha (vai por nove anos) com a Cúria Romana. São uma demonstração concludente da justiça de todos os procedimentos da nossa Corte” (António Pereira de Figueiredo, *Compêndio da Vida e acções do venerável João Gerson*; Dedicatória).

nacional; zelar pela aplicação dos cânones da Igreja e de suprimir institutos religiosos, em caso de ameaça ao bem público”.<sup>42</sup>

Poderíamos afirmar que Pombal não tipifica o iluminismo português senão na dimensão em que este adquire um pendor político absolutista. As raízes do fenómeno devem procurar-se também e sobretudo nos “estrangeirados” representados por Luís António Verney, Jacob de Castro Sarmiento, Ribeiro Sanches e também no Pe. Teodoro de Almeida, que foi perseguido por Pombal. Mas esta influência dos “estrangeirados” já vinha do fim do séc. XVII, com Rafael Bluteau, Xavier de Meneses, Manuel Álvares e outros. De qualquer modo, no essencial, o catolicismo português não foi grandemente atingido, senão nalgumas estruturas eclesiásticas, portanto, exteriores à fé. O povo, longe da política dos gabinetes governamentais, continuou a viver a sua fé também na medida em que os seus pastores o ajudavam.

Foi um pouco mais tarde, já no séc. XIX, que chegou o anticlericalismo e o anticatolicismo, com as ideias liberais, os sucedâneos da *Encyclopédie* francesa, e com a Maçonaria. No período que nos toca analisar neste volume, manteve-se um certo equilíbrio entre Igreja e Estado, apesar das políticas de Pombal.<sup>43</sup>

### 1.2.2. Pombal e a “sua” Inquisição: A *Real Mesa Censória*

A *Real Mesa Censória* era constituída por Deputados Ordinários, em número de 10, e outros tantos Extraordinários. Portanto, eram 20 ao todo e bem remunerados, além de outros benefícios. A sua função era passar pelo crivo da ideologia real e pombalina todas as publicações do reino. Apesar das suas afirmações de fidelidade à Igreja de Roma, segundo os próprios estatutos, esta fazia o que Pombal e seus apoiantes quisessem aos documentos emanados de Roma. O fundamento deste seu proceder era sempre o mesmo:

“Usando de todo o pleno e supremo poder que na temporalidade recebi imediatamente de Deus todo-poderoso, em justa e necessária defesa, assim da mesma Igreja e seus Cânones de que sou protetor nos meus Reinos e Domínios”.

Foi o que aconteceu, por exemplo, com a proibição da entrada em Portugal da bula *In Coena Domini*, popularmente chamada a “Bula da Ceia”. Cada ano, o Papa enviava a toda a Igreja esta mensagem e nela se exprimiam certos abusos

<sup>42</sup> Ver COELHO, F. Senra, e MARTINS, Alberto, *D. Frei Manuel do Cenáculo e o pensamento iluminista na transição entre os séculos XVIII e XIX*, Brotéria 178, março, 2014, p. 245.

<sup>43</sup> Acerca do ideário da maçonaria, um arremedo da Bíblia verdadeira, veja-se, LIGOU, Daniel, *La Bible des Maçons*, em *Le Siècle des Lumières – La Bible de Tous les Temps* (BTT 7), Beauchesne, Paris, 1986, p. 719-755.

contra a Igreja, como aconteceu na de Pio V (10.04.1568). Aí se condenavam, por exemplo, os hereges e seus defensores; os que se afastavam da obediência à Santa Sé; os que usavam de violência física contra cardeais, bispos ou núncios; os que apelavam do Papa para um futuro concílio; os que faziam estatutos contra a liberdade da Igreja, etc.

Ora, uma doutrina como esta era vista pelo poder político da altura como uma ingerência de Roma nos Estados europeus. Por isso, uma lei de 2 de abril de 1768 proibia a entrada em Portugal da *Bula da Ceia*, assim como proibia os *Índices Expurgatórios* da Inquisição, porque tinha a sua própria inquisição. Este era um elenco de livros proibidos ou não aconselhados pela antiga Inquisição romana, que não interessava a Pombal, sob o pretexto de ser da autoria dos Jesuítas. Por todos estes motivos, foi proibido.<sup>44</sup>

Concluindo: Pombal serviu-se da *Real Mesa Censória*, um organismo inquisitorial, como instrumento, não apenas moralizador dos bons costumes, mas também como repressão das ideias contrárias ao seu sistema político.<sup>45</sup>

### 1.2.3. Pombal e as reformas do país

Não há dúvida que Pombal deixou obra feita no Portugal que governou em tempos muito especiais, tanto a nível interno como internacional. O tirocínio que fizera na vida diplomática, tanto em Londres como em Viena (1739-1749), fê-lo constatar uma Europa iluminista e de regimes absolutistas. Quando D. José lhe abriu as portas do poder, do ponto de vista económico, criou várias instituições e reformas no comércio e nas exportações (alfândegas).

Do ponto de vista social, tentou amarfanhar as classes tradicionalmente mais elevadas da sociedade portuguesa: a nobreza e o clero, mormente os Jesuítas e mesmo os Oratorianos. Ou seja, tentou subjugar todos os que o podiam enfrentar. Quando não tinha argumentos inventava-os, a fim de aniquilar “o inimigo”. Foi o que aconteceu com os Távoras, com o duque de Aveiro e com os Jesuítas. Positivamente, teve o mérito de criar a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, de reedificar Lisboa, após a destruição do terramoto, e de fazer algumas reformas no ensino.

<sup>44</sup> Sobre as regras e âmbito do trabalho da Real Mesa Censória, veja-se SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo, – Erudição e polémica na Segunda Metade do Século XVIII*; Roma Editora, Lisboa, 2005, p. 131-136.

<sup>45</sup> Sobre o tema da Inquisição em geral, ver VACANDARD, E., *Inquisition*, em *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. VI, col. 2016-2068.

## A reforma do ensino

Tratamos aqui apenas a reforma do ensino, porque é sobretudo esta que tem a ver com a cultura e, portanto, com o tema de (possíveis) obras bíblicas deste período. Depois da expulsão dos Jesuítas – que tinham uma vasta rede de Colégios e a Universidade de Évora – substituiu a *Gramática Latina* do jesuíta Pe. Manuel Álvares, pelo *Novo Método de Gramática Latina* do Pe. António Pereira de Figueiredo (1752), com dez edições até 1797; ou pela *Arte* de António Félix Mendes. Este ensino devia estender-se a todas as vilas, mas, de facto, isso não aconteceu, devido às condições económicas, à falta de organização e de professores qualificados para tal.

Neste mesmo campo, instituiu o *Colégio Real dos Nobres* (1761) para as humanidades e ciências experimentais. Deu também especial proteção ao *Colégio de Mafra* (1772), aberto aos nobres, mas também a todos os que tivessem capacidades para o frequentar. Por seu lado, a reforma da Universidade de Coimbra não teve o êxito esperado, porque as ideias de professores e alunos eram estritamente controladas pelo regime despótico de Pombal. E um aspeto totalmente negativo a este propósito foi o da extinção da Universidade de Évora, um rude golpe na cultura portuguesa. Tal era a sanha antijesuítica de Pombal que nem a Universidade deles, aberta sobretudo ao público do Sul do país, ficou de pé, dois séculos depois de ser criada. A culpa de qualquer evento negativo era sempre assacada aos Jesuítas. Um moderno autor, bem conhecido na nossa cultura atual, diz expressamente:

“Quanto ao influxo da Filosofia escolástica em Portugal e no Brasil... merece realçar o que constitui autêntica viragem no panorama filosófico português, com a entrega da orientação do Colégio das Artes, em Coimbra, à Companhia de Jesus, em 1555: a renovação da Escolástica aristotélico-tomista e o aparecimento do *Curso Conimbricense*...”<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Sobre a importância do Colégio das Artes de Coimbra na cultura portuguesa, ver SILVA DIAS, José Sebastião da, *Portugal e a Cultura Europeia (séc. XVI-XVIII)*, Coimbra, 1953, p. 9-13.36-41.55.64.83-84.86.114-117.158.165.174.181-184.246.252-253.269-270. Sobre a Universidade Jesuítica de Évora (1559-1759), pode consultar-se o número especial de Economia e Sociologia, n.º 88/89, Évora, 2009. Aqui encontramos os seguintes artigos, que mais interessam ao nosso estudo: NUNES, Maria de Fátima, *Universidade e Modernidade: 1559-2009*, p. 19-30; SILVA, Augusto da, SJ, *O Ensino Jesuíta: Carisma e estratégia*, p. 31-44; CARVALHO, J. Vaz de, *A Antiga Universidade de Évora (1559-1759): Visão panorâmica*, p. 45-84; DIAS, Dom Manuel Madureira, *A Teologia na Universidade de Évora (Ensino e Princípios)*, p. 85-109; SANTOS, Teresa, *A Filosofia na Universidade de Évora (1559-1759) – Um percurso interrompido; um percurso esquecido*, p. 111-135; FONSECA, Maria do Céu, *A Gramática no curso de Humanidades da Universidade de Évora (1559-1759)*, p. 137-156; JORGE, Carlos Jorge Figueiredo, *Entre os Exercícios Espirituais e a Disputa Argumentativa – O Esplendor da Retórica na Universidade de Évora, entre o Século XVI*

Deste *Curso* se fizeram muitíssimas reimpressões em França, Itália e Alemanha e nos ambientes filosóficos europeus do seu tempo. E continua o mesmo autor:

“Assim, quando se criticam os autores do *Curso Conimbricense*, por neles se não registarem os reflexos da Expansão e das Ciências experimentais, incorre-se num erro de perspectiva teórica, pedindo àqueles mestres e à dispensa o que eles não teriam de oferecer”.<sup>47</sup>

A característica mais negra da época pombalina foi o ambiente de terror e de perseguição que teve o condão de criar no país. O autoritarismo levou ao descontentamento geral mesmo das Companhias monopolistas por ele criadas. Por isso, Pombal tinha que cair. E caiu com a morte do rei em 1777, à qual se seguiu a *Viradeira*, termo que significa a anulação, pelo menos parcial, das políticas por ele prosseguidas. Seguiu-se uma época mais calma e menos crispada, social e politicamente, que foi perturbada pelas invasões francesas (1807-1811) e, depois, pelas lutas liberais (a partir de 1820).

Com o seu espírito persecutório a quem não o bajulava, ou que não podia vencer pelas ideias, Pombal deixou bastante arruinada a cultura portuguesa, apesar da tão falada reforma da Universidade de Coimbra (1772).<sup>48</sup> De facto, ao perseguir e expulsar os Jesuítas (1759), Pombal acabou com uma das duas Universidades existentes no país e mais de vinte colégios, só em Portugal continental, que constituíam a única rede de ensino acessível a todos os cidadãos, tanto nas

---

e o Século XVIII, p. 157-170; LOPES, José Manuel Martins, *A Educação da Companhia de Jesus e o “Modus Parisiensis”*, p. 171-202; PATRÍCIO, Manuel Ferreira, *Sobre as Propostas de Verney para o estudo das línguas*, p. 203-223; ZURBACH, Christine, *O Teatro da Companhia de Jesus*, p. 225-232; LAVAJO, Joaquim Chorão, *Os Jesuítas em Évora – Entre a Cátedra e o Povo*, p. 233-248; AMOEDO, Margarida I. Almeida, *A Livraria Geral da Antiga Universidade de Évora*, p. 249-269; CUNHA, Mafalda Soares da, *Sebastianismo, os Jesuítas e os Bragança. Reflexões históricas em torno de 1640*, p. 357-375.

<sup>47</sup> Sobre os “Conimbricenses”, ver CAEIRO, Francisco da Gama, *O Pensamento Filosófico do século XVI ao século XVIII em Portugal e no Brasil*, em Actas do I Cong. Luso-Brasileiro de Filosofia (Separata), Faculdade de Filosofia, Braga, 1982, p. 64-65; SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, *O Curso Conimbricense, Expressão do Patriotismo Português*, em Actas do I Congresso Nacional de Filosofia, Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, 1955, p. 458-467; ALVES, Manuel dos Santos, *Pedro da Fonseca e o Cursus Collegii Conimbricensis*, ib., p. 479-489; MAURICA, Eleutério Elorduy, *Influjo de Fonseca en Suárez*, ib., p. 507-519; GOMES, João Pereira, *Os Professores de Filosofia do Colégio das Artes*, ib., p. 520-545; SOARES, Torquato de Sousa, *O Ensino no Colégio das Artes de Coimbra: “Os Conimbricenses”*, ib., p. 756-768.

<sup>48</sup> Ver CABRAL, Roque, SJ, *Pombal e a incultura em Portugal*, Brotéria 153, outubro, 2001, p. 835-839. Ver ainda LEITE, António, *Pombal e o Ensino Secundário*, o. c., p. 165-181; VERÍSSIMO SEREÃO, J., *História de Portugal*, vol. VI, na entrada “O Marquês de Pombal”, Lisboa, 1982. Contém estatísticas sobre os professores nomeados por Pombal.

idades, mas sobretudo no interior do país. Fora de Lisboa, Coimbra e Évora, os colégios dos Jesuítas eram praticamente os únicos centros de ensino e de educação secundária em Portugal, que funcionavam de maneira estável e permanente, para além de serem gratuitos.

Alguns destes colégios tinham mais de 2000 alunos, como era o caso do de S. Paulo, em Braga. Foram, portanto, muitos milhares de alunos que ficaram sem ensino, o que levou – pasme-se! – o pretenso “homem das Luzes” a deixar o país nas trevas da ignorância. Nem Pombal se preocupou muito com isso, porque, apesar de se socorrer de um alvará para remediar a *calamitosa situação escolar*, isso irá ter poucos efeitos práticos.<sup>49</sup>

Uma outra consequência gravíssima foi a queda brusca de alunos na Universidade de Coimbra, porque não podiam entrar sem o ensino médio, que era ministrado nos colégios jesuítas (e outros), onde o próprio Pombal tinha estudado! Depois de ter destruído também o ensino dos Oratorianos, o próprio reitor da Universidade de Coimbra, D. Francisco de Lemos, adepto intransigente de Pombal, alertou para o problema grave que estava a passar-se, enviando-lhe uma relação dos factos.

O alerta era normal, depois de Pombal eliminar grande parte do ensino médio no país. Assim, o adepto de Pombal enviou-lhe o seguinte documento, a queixar-se da falta de alunos:

- *Relação Geral do estado da Universidade de Coimbra desde o princípio da Nova Reformação até o mês de setembro de 1777*, Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa, 1784.

Mas isto não teve consequências visíveis.

A política de Pombal contra os Jesuítas e o seu nulo sentido cultural manifestou-se na atitude de queimar, em autos de fé, algumas das suas grandes bibliotecas. Foi contado um episódio por um jesuíta alemão que tinha trabalhado na Amazónia brasileira e, apanhado por Pombal, foi parar às masmorras de Almeida e de S. João da Barra, saindo daí apenas em 1777, depois da morte do rei. Falando de uma visita de Francisco de Lemos à Universidade de Coimbra, o dito jesuíta escreveu:

“Ao ver a biblioteca, uma das mais ricas da Companhia, tanto na quantidade como na seleção das suas obras, manda fazer publicamente uma fogueira com vários milhares de volumes de autores jesuítas, ou de outros seus admiradores (...). Naquele dia, entre outras obras, pereceram devorados pelas chamas

<sup>49</sup> CABRAL, Roque, SJ, *Pombal e a incultura em Portugal*, o. c., p. 836.

os 23 tomos in-fólio do Doutor Exímio Francisco Suárez, que ele, por vinte anos, coligira nas eruditíssimas aulas...”.<sup>50</sup>

Mas também em 24 de setembro de 1770, a Real Mesa Censória expediu um edital com uma lista de livros onde figuravam Hobbs, Diderot, Rousseau, Voltaire, La Fontaine, Espinosa, etc. Mandou, para isso, fazer grandes fogueiras para queimar esses livros, no Terreiro do Paço e na Praça do Pelourinho em Lisboa.<sup>51</sup>

Para cúmulo do despotismo, mandou escrever, e talvez também escrevesse, obras feitas precisamente para inventar factos, apresentando-os como históricos e colocando-os ao serviço dos seus interesses pessoais e do seu regime. Exemplos desta farsa histórica são:

- *Relação abreviada da República que os Religiosos Jesuítas das Províncias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos Domínios Ultramarinos das duas monarquias e da guerra, que nele têm movido e sustentado contra os exércitos Hespanhoes e Portugueses*, s. l.; s. d.
- *Dedução chronológica e analytica. Parte primeira, na qual se manifestão pela successiva serie de cada hum dos Reynados da Monarquia Portuguesa que decorreram desde o governo do Senhor Dom João III, até o presente, os horrorosos estragos que a Companhia, denominada de Jesus, fez em Portugal, e todos os seus Domínios, por um Plano e Systema por Ella inalteravelmente seguido desde que entrou neste Reyno, até que d'elle proscripta e expulsa pela justa, sábia e prudente Ley de 3 de Setembro de 1759*, Lisboa, Officina de Miguel Manescal da Costa, 1767.<sup>52</sup>

Sobre a autoria desta obra, não há qualquer dúvida de que ela pertence ao Marquês. O próprio Figueiredo, que a traduziu para latim, a fim de ser divulgada na Europa contra os Jesuítas, diz claramente que ela é a “obra-prima do Senhor Marquês”. Em resumo, todos os males de Portugal tinham origem nos Jesuítas!<sup>53</sup> As *Nouvelles Ecclésiastiques*, sempre à procura de notícias sensacionais antijesuíticas, dedicaram-lhe 12 páginas a 2 colunas.

<sup>50</sup> Ver, ABRANCHES, Joaquim, e SILVA, Ana Maria Lage da (trad.), *Memórias de um jesuíta prisioneiro de Pombal*, Anselmo Eckart, Braga, Livraria A.I., e S. Paulo, Edições Loyola, 1987; tradução do original latino: *Historia persecutionis Societatis Jesu in Lusitania*.

<sup>51</sup> Ver CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 1996, p. 498-506.

<sup>52</sup> Desta obra diz Figueiredo que é “a obra-prima do Senhor Marquês, a qual eu com tanto gosto como trabalho traduzi do português em latim para que dela se pudessem aproveitar todas as Nações”. Assim fala na carta escrita ao Oratório de Goa, na pessoa do Pe. Nicolau Francisco (SANTOS, Cândido dos, *Pombal e o Iluminismo*, o. c., p. 306).

<sup>53</sup> SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição*, o. c., p. 152-155.



Outra obra do mesmo jaez fala dos “estragos” dos Jesuítas na Universidade de Coimbra:

- *Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuítas e dos estragos feitos nas Sciencias e nos professores, e nos directores que a regiam pelas maquinações e publicações dos Novos Estatutos por eles fabricados*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1771.

Este é também um escrito antijesuítico da iniciativa da “Junta de Providência Literária”, para mostrar os estragos que eles fizeram na Universidade e noutras escolas do país. As *Nouvelles Ecclésiastiques* dedicaram-lhe 4 páginas e meia. Foi elaborado pelo Pe. Figueiredo, por ordem do Marquês, mas sobretudo traduzido em latim por ele próprio. A esta obra acrescentou o *Appendix*, que é uma súmula de acusações contra os Jesuítas.<sup>54</sup> Esta obra nada tem a ver com um outro *Apêndice* de caráter litúrgico:

- *Probationes Appendicis Breviario historico subjectae*.<sup>55</sup>

As obras antijesuíticas, acima referidas, tiveram grande relevo nas *Nouvelles Ecclésiastiques*, como era de esperar. Portanto, desde que Pombal interrompeu praticamente o ensino médio, até à segunda metade do séc. XIX, não houve ensino regular em Portugal, porque seguiram-se a Pombal as invasões francesas e as lutas liberais. Uma pergunta pertinente surge aqui: Quem ficou a ensinar em Portugal? A resposta não pode ser outra: os Seminários das dioceses. Estes foram a base do ensino em Portugal, pelo menos até meados do séc. XX. Que o digam Oliveira Salazar, Mário de Figueiredo, Mário Pais de Sousa, Rafael Duque, Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, Miguel Torga, Aquilino Ribeiro, Bernardo Santareno, Hernâni Cidade, etc., etc.

Mais ainda, a maior parte dos deputados que faziam parte da Assembleia Nacional, antes do 25 de abril, eram ex-seminaristas, tal como os que fizeram parte da Assembleia da República, autores da atual Constituição portuguesa, depois do 25 de abril.

<sup>54</sup> Assim diz Figueiredo: *Appendix ao capítulo segundo da segunda parte para servir de suplemento ao Sexto dos Estragos e Impedimentos que a Sociedade Jesuítica fez e acumulou para corromper e impossibilitar o estudo da jurisprudência Canónica e Civil com a introdução e propagação da Moral de Aristóteles*. Afinal, segundo o já citado Cândido dos Santos, esta aleivosa acusação foi tirada de uma coletânea francesa também antijesuítica em que estes são acusados de todos os pecados contra Deus e contra a sociedade... É chamada *Assertions des Jésuites*, um 2.º vol. de um *Recueil par ordre de dates de tous les arrêts du Parlement de Paris...*, publicada em 8 vol., em 1766. A coleção francesa tinha 20 “crimes” dos Jesuítas, que, aqui, aparecem resumidos. Portanto, o que acontecia em Portugal tinha as suas fontes noutros países europeus.

<sup>55</sup> Ver Pe. António Pereira de Figueiredo: *Obras culturais*, cap. 25.6.



Apesar dos alardes das *Luzes*, Pombal foi o primeiro dos atores políticos a contribuir para o descalabro da cultura portuguesa, que durou até meados do séc. XX, porque destruiu grande parte das estruturas do mesmo, sacrificando o bem do país, no altar da sua mania de grandeza e das suas ideias regalistas. Mas ele não foi o único culpado, já que os regimes que se seguiram, ou não tiveram interesse pela cultura ou andaram em guerras político-partidárias inúteis para o país real, arrastando-o para uma situação de pobreza endémica, sem recursos para criar verdadeiras instituições culturais. Que o digam os liberais do séc. XIX, que o digam os republicanos do início do séc. XX, que deixaram o país na bancarrota e, naturalmente, sem dinheiro para investir no ensino.

No entanto, depois de tudo o que aconteceu no tempo de Pombal, Figueiredo teve ainda a coragem de afirmar, a este propósito:

“Todo o mundo está hoje muito iluminado: a Teologia conseguiu nestes tempos a liberdade, que lhe tinham tirado os Jesuítas. Não se crê já em *Bula da Ceia*, nem no *Despotismo da Cúria Romana*. Já não se faz caso nem dos Soares nem dos Belarminos. Só reina e só se atende a Antiguidade, os Padres, os Concílios, a Tradição dos primeiros séculos. Este é o *Plano de Estudos* que Sua Majestade agora publica para a reforma deles na Universidade de Coimbra e no Reino todo”.<sup>56</sup>

Ora, sabe-se que todos estes elogios eram vazios de sentido, porque, sem os Jesuítas, pelo menos o ensino médio quase desapareceu do país, apesar da reforma apressada do mesmo, por alvará de 28 de junho de 1759. Segundo essa reforma, estabelecia-se o ensino do latim em todas as vilas do país e em Lisboa deviam abrir-se uma ou mais escolas em cada bairro. Pelo mesmo documento oficial, como já dizíamos antes, ficou proibida a Gramática Latina do Pe. Manuel Álvares, SJ; em seu lugar ficavam as do Pe. António Pereira de Figueiredo e a de António Félix Mendes.<sup>57</sup>

#### 1.2.4. O regime pombalino e a Igreja

Depois do que acabamos dizer, a propósito da relação do regime regalista com o papado, por um lado, e o regime e os bispos portugueses, por outro, fica-

<sup>56</sup> Carta ao Pe. António Ribeiro da Congregação do Oratório de Goa, em 24 de abril de 1771; em SANTOS, Cândido dos, *Pombal e o Iluminismo*, p. 308; ANDRADE, António Alberto de, *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1966, p. 331. C. R. Boxer traça um perfil muito negativo de Pombal no cap. VIII da sua obra: *O Império Marítimo Português (1415-1825)*. Sintomaticamente, intitula o capítulo: “A Ditadura Pombalina e as suas Consequências (1755-1825)”, p. 179-201.

<sup>57</sup> ANDRADE, António Alberto de, *Verney e a Cultura do seu Tempo*, o. c., p. 315-316.

mos com uma ideia bastante confusa acerca do título em epígrafe. E a pergunta que surge logicamente é a seguinte: Como puderam os bispos portugueses, ou uma boa parte deles, estar ao lado de Pombal, contra o poder do Papa? A resposta é complexa, mas não é aqui o lugar de a desenvolver. No entanto, não podemos deixar de afirmar que eram muito fortes as ideologias então em voga, sobretudo o *galicanismo*, o *jansenismo*, o *episcopalismo* e o *regalismo*, que combatiam juntos o *ultramontanismo*, isto é, o poder temporal (e não só) do Papa.

Como os Jesuítas defendiam o Papa, por um quarto voto feito na profissão religiosa, tinham que ser combatidos por Pombal e mesmo pelos bispos portugueses, que estavam ao lado do regime. E isto acontecia devido ao poder régio de apresentar o nome dos bispos ao Papa. Naturalmente, eram apresentados nomes que estavam ao lado do regime. Daí, a divisão dos bispos (uns contra e outros a favor do regime), que tanto prejudicou a Igreja portuguesa de então. O mesmo acontecia também no próprio clero regular. Por isso, esta época pode ser caracterizada por conflitos, internos e externos.

No meio disto tudo, Pombal lavou as mãos, como Pilatos, porque não apareceu como perseguidor da Igreja e, de facto, perseguiu apenas alguns grupos, precisamente aqueles que se opunham ao seu projeto de governo, de sociedade e de Igreja. Mais ainda, quis passar por defensor da Igreja de Portugal, nos contactos com a Igreja de Roma, como se as duas não fossem uma só. E ele tinha certa razão, porque nomes de vulto da própria Igreja “se ofereceram” para o ajudarem a concretizar o seu projeto, tais como o Pe. António Pereira de Figueiredo e o bispo de Beja e Évora, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Por seu lado, D. Tomás da Encarnação, numa pastoral dirigida aos seus diocesanos, elogiava o rei D. José e Clemente XIV, porque fizeram “desaparecer da face da terra os maiores inimigos da tiara e do cetro, da justiça e da verdade, aqueles autores de opiniões falsas, tirânicas, homicidas, escandalosas e ofensivas aos pios ouvintes, solenemente proscritas e condenadas pela Santa Sede Apostólica”.

Ao mesmo tempo recomendava o “pasto saudável” e a “moral certa”, de obras editadas pelo governo de Pombal ou com o seu consentimento, como as conhecidas:

- *Origem infecta da Moral Jesuítica...*
- *Dedução chronológica e analítica...*
- *Compêndio histórico do scisma do sigilismo...*
- *Catecismo de Montpelier...*
- *Ideia de hum perfeito Pároco instruído nas suas obrigações e instruindo as suas ovelhas na sólida piedade...*

Em toda esta questão misturavam-se problemas filosóficos, culturais, religiosos, políticos, teológicos...

Muitos destes problemas vinham já do século anterior, mas ganharam força na conjuntura cultural e religiosa dos séculos que estamos a tratar.<sup>58</sup>

Com a expulsão dos Jesuítas, Pombal ficava com o campo livre para expandir e aprofundar as políticas regalias. Para o mesmo efeito, colocou no tribunal da Inquisição os seus amigos, para controlar todo o poder, não apenas do Estado, mas também o da Igreja.

Este estado de coisas persistiu, para além do regime pombalino, embora com menos violência; isto é, no tempo da Viradeira e mesmo durante o período liberal como já referíamos antes. Há aqui todo um processo de contaminações e interdependências das duas instituições. Mas o Estado, em termos gerais, continuou a dominar a Igreja, mesmo depois de Pombal.

### 1.2.5. Dois focos de tensão provocados pelo Marquês

Podemos dizer que Pombal criou dois grandes focos de tensão: toda a problemática do regalismo em relação com a Igreja Católica e a expulsão dos Jesuítas. Do primeiro, já falámos acima. E podemos acrescentar que o iluminismo português, não chegando a ser anticristão, nem sequer anticatólico, foi sobretudo antipapista e antijesuítico.<sup>59</sup>

### A expulsão dos Jesuítas

A expulsão dos Jesuítas portugueses precedeu o mesmo acontecimento noutros países europeus e teve consequências gravíssimas sobretudo no ensino, tanto no Portugal continental como nos nossos territórios ultramarinos (Açores, Madeira, África, Ásia e Brasil). Nesses territórios, quase todo o ensino da nossa língua, assim como a cultura portuguesa, estavam intimamente ligados aos colégios dos padres Jesuítas espalhados pelas principais cidades. Além disso, tinham a Universidade de Évora e vários professores em Coimbra. A sua expulsão dos territórios portugueses foi um rude golpe na nossa cultura e na Igreja portuguesa. Assim, por falta de professores capazes, o ensino e, portanto, a língua e cultura portuguesas praticamente desapareceram dos nossos territórios ultramarinos.<sup>60</sup>

<sup>58</sup> Para um bom tratamento de toda esta questão, veja-se SOUZA, Evergton Sales, *Igreja e Estado no período pombalino*, Lusitania Sacra 23, 2.ª Série, (jan.-jun), 2011, p. 207-230.

<sup>59</sup> Veja-se MARCADÉ, Jacques, *Les Courants Religieux au Portugal au XVIII<sup>e</sup> siècle*, em *Histoire du Portugal, Histoire Européenne*, Actes du Colloque, 22-23 mai, Paris, 1986, FCG, Centro Cultural Português, Paris, 1987.

<sup>60</sup> Sobre a cultura no tempo de Pombal, ver também MARQUES, Maria Adelaide Salvador, *Pom-*

A pressão do governo português e de alguns outros foi tal que, para evitar males maiores, o papa Clemente XIV, pelo Breve *Dominus ac Redemptor*, de 21 de julho de 1773, declarava a extinção da Companhia de Jesus. Na sequência desse facto, o Marquês mandou fazer grandes festas em todas as igrejas de Lisboa, em 29 de setembro do mesmo ano. Como foi possível o Papa ceder às pressões de Pombal?<sup>61</sup>

Quanto às motivações que o governo de Pombal arranjou para os expulsar, a meu ver, tratou-se de uma guerra entre duas forças antagónicas, e o Marquês não permitia outra força que não a sua, a do regalismo absolutista, que ele representava. De facto, os Jesuítas constituíam uma força “inimiga”, pois eram muitos, tinham praticamente todo o ensino sob a sua alçada e à sua custa (o Estado não o pagava) e era uma Ordem internacional. Ocupavam, portanto, um lugar especial em vários domínios do país, sobretudo no plano intelectual. Mas foram atacados e expulsos por outro motivo não menos importante: os Jesuítas eram acusados de ultramontanismo, isto é, de defenderem a autoridade do Papa. Ora, isto não cabia na cabeça do Marquês de Pombal e de outros pensadores do seu tempo.<sup>62</sup>

Uma segunda motivação prende-se com o ensino da Escolástica – a chamada *Nova Escolástica* – que ainda fazia parte do ensino jesuítico, nalguns setores. Não era, pois, a *Escolástica* medieval; mas, mesmo assim, foram acusados disso. Essa foi uma acusação que já vinha dos primeiros iluministas portugueses e europeus. Já no período do Renascimento, houve reação idêntica contra a Escolástica. No

---

*balismo e Cultura Média – Meios para um Diagnóstico através da Real Mesa Censória*, em *Como Interpretar Pombal?*, p. 185-212. Aqui se afirma que “a sua fundação [da Real Mesa Censória] foi, afinal, aproveitada para fazer resultar, das acusações à Companhia de Jesus, o aumento do poder do Estado” (p. 185). Sobre a orgânica da referida Mesa, com as respetivas penas a aplicar aos faltosos, ver as pp. 187-195.

<sup>61</sup> Uma resposta é dada por ANTÓNIO LOPES, em *Loucas Relações entre Clemente XIV e Pombal sobre a extinção da Companhia de Jesus*, *Lusitânia Sacra* 18, 2.<sup>a</sup> Série, 2006, p. 485-503. O autor oferece-nos algumas janelas por onde podemos entrever pistas. Mas, a nós, parece-nos que foi a pressão internacional da França, Espanha e Áustria, países católicos, mas regalistas, nessa altura.

<sup>62</sup> Sobre a expulsão dos Jesuítas de Portugal e dos seus territórios, ver o número especial da revista *Brotéria* 169, agosto-setembro, 2009, nos 250 anos da sua expulsão, com os seguintes artigos: *Sob o signo da unidade. Regalismo vs. Jesuitismo; Memória por Alvará: registos legais/monumentos políticos; “O negócio Jesuítico” e o papel da política regalista portuguesa; Padre Gabriel Malagrida e o Marquês de Pombal; Ecos de uma expulsão: paralelismos e divergências no desterro dos Jesuítas ibéricos; O ensino linguístico dos Jesuítas e a oposição no Século das Luzes; O espaço jesuítico em Coimbra – em torno da expulsão e depois; Estudo comparativo sobre a aplicação das temporalidades espanholas e portuguesas; O desamparo dos Jesuítas portugueses durante o seu desterro nos Estados Pontifícios; O pagamento das cóngruas aos Jesuítas portugueses exilados em Itália durante o reinado de D. Maria I; Para uma periodização da literatura dos Jesuítas portugueses expulsos (1759-1814); Manuel de Azevedo, um ilustre exilado (1713-1796); Um acontecimento mediático na Europa das Luzes: A propaganda antijesuítica pombalina em Portugal e na Europa.*

entanto, os (jesuítas) *Conimbricenses* renovaram a Escolástica. Tratava-se, portanto, do confronto entre dois métodos e conteúdos diferentes. Estas duas motivações juntas levaram à conhecida atitude do Marquês e quem ficou a perder foi, não apenas o catolicismo, mas também a cultura portuguesa, tanto na Europa, como na África, Ásia e Brasil, como já foi dito. E, falando do Brasil, segundo um autor perito nestas matérias de cultura:

“Não é possível minimizar o relevo da educação jesuítica que modelou a inteligência Brasileira até meados do séc. XVIII, nem tão-pouco ignorar a formação escolástica dos cerca de 2.000 licenciados pela Universidade coimbrã que para o Brasil seguiram, em levas contínuas, no exercício de diversas funções. A Segunda Escolástica constituiu a principal inspiração e estímulo para a difusão das ideias filosóficas no Brasil, pelo menos até à expulsão dos jesuítas, em 1759”.<sup>63</sup>

A guerra feita aos Jesuítas teve várias etapas, que foram bem planeadas pelo Marquês, antes do ataque final, com a expulsão:

1. Em 1757 foram expulsos da Corte 5 jesuítas que aí exerciam várias funções. Foram substituídos nos cargos que ocupavam: confessores e conselheiros (1757). Foi o que aconteceu, por exemplo, ao Pe. Malagrida (1689-1761), que tentara convencer o rei e a rainha a fazerem os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio. Isso poderia levar o rei a interromper os planos políticos do Marquês.

2. Foram proibidos de pregar e confessar no patriarcado de Lisboa e acusados pelo próprio cardeal Saldanha, nomeado pelo Papa como visitador da Companhia de Jesus, de atividade comercial. Isto já lhe tinha sido sugerido pelo Marquês. Praticamente assinou, sem investigar cuidadosamente, a acusação contra os Jesuítas, feita também na Ásia, já desde o séc. XVI.

3. Logo a seguir, foram proibidos de sair de suas casas. Assim, ficavam “presos”, sem poderem defender-se nem fugir.

4. Em janeiro de 1759 foi a prisão do Provincial e, ao mesmo tempo, o roubo de todos os seus bens em Portugal.

5. Proibição de ensinar em todos os territórios portugueses.

6. São acusados de estar por detrás do atentado contra o rei D. José. Numa *Carta Régia* enviada a todas as dioceses de Portugal, intimam-se as autoridades eclesiais a colaborarem com o governo, para que eles sejam isolados da popu-

<sup>63</sup> Ver CAEIRO, Francisco da Gama, *O Pensamento Filosófico do século XVI ao século XVIII em Portugal e no Brasil*, em Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia – Revista Portuguesa de Filosofia, t. XXXVIII/II, Separata, Braga, Faculdade de Filosofia, 1982, p. 67-68.

lação, a fim de prevenir contágios perigosos! Todo e qualquer inimigo do regime passa a estar ligado aos Jesuítas, fazendo destes os piores inimigos da Pátria. Os seus colégios e casas passam a estar rodeados de tropas.<sup>64</sup>

7. Em setembro de 1759, saiu o decreto da expulsão de todos os territórios sob domínio português. Seriam expulsos de Portugal, todos os que não aceitassem ficar como sacerdotes diocesanos; caso contrário, seriam metidos em calabouços, como bandidos comuns, sem qualquer julgamento.

8. Encerramento da Universidade de Évora e de todos os seus estabelecimentos de ensino (1759). Todo este processo antijesuítico pretendia também justificar todo o mal-estar em que o país vivia, económica, social e religiosamente. O Marquês fez dos Jesuítas a vítima expiatória dos seus próprios fracassos.

O pior foi que alguns bispos apoiaram estas medidas pombalinas. E, com os bispos desunidos, não havia quem defendesse os Jesuítas, como homens muito ativos na Igreja em Portugal. Por outro lado, os “pombalistas”, como Frei Manuel do Cenáculo e sobretudo o Pe. António Pereira de Figueiredo, seguiam, a par e passo, as publicações e as notícias sobre o regalismo europeu, aceitando, pois, estes acontecimentos como normais.<sup>65</sup>

As acusações contra o seu ensino e pedagogia nos colégios eram falsas, até porque muitos dos professores jesuítas de Évora e de Coimbra eram grandes cientistas. É o caso, por exemplo, de Inácio Monteiro, SJ (1724-1812), professor de Matemática em Coimbra, que publicou o *Compêndio dos Elementos da Matemática*, seguindo pelos caminhos das novas ciências. Depois da expulsão de Portugal, publicou na Itália, sendo professor em Ferrara, a sua *Philosophia Libera seu Ecletica, Rationalis et Mechanica Sensuum* (1766) em sete volumes. Pelo título, se descobre o seu pensamento eclético.

<sup>64</sup> Ver EDUARDO FRANCO, José, *O Terramoto Pombalino e a campanha de “desjesuitização” de Portugal*, Lusitania Sacra 18, 2.ª Série, 2006, p. 182-200; RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Problemática Religiosa em Portugal no séc. XIX, no contexto europeu*, em *Análise Social*, 2.ª Série, 16, 61-62 (1980), 1.º e 2.º, p. 407-428; Idem, *Pombal e D. Miguel da Anunciação, bispo de Coimbra*, em *O Marquês de Pombal e o seu tempo*, em *Revista da História das Ideias*, 1982, 207-298. É um número especial dedicado a Sebastião de Carvalho e Melo; Idem, 2.º *Centenário da Morte do Marquês de Pombal*, em *Revista de Guimarães* 92, 1982, p. 393-411.

<sup>65</sup> Cenáculo cita frequentemente Bossuet e outros autores franceses galicanos: Louis Ellies Dupin, *Historie de l'Église en abrégé*, Paris, 1712; e o Pe. Racine, *Abregé d'Historie Ecclésiastique*, Utrecht, 1748. Eram também muito conhecidos em Portugal, e mesmo traduzidos, autores regalistas, como o canonista de Lovaina, Van Espen (1641-1728), e o seu discípulo, bispo auxiliar de Trêves, Jean Chrysostome von Hontheim (1701-1790), conhecido como Justinus Febronius. O primeiro publicou o *Jus Ecclesiasticorum* e o segundo, o *De Statu ecclesiae et Legitima Potestate Romani Pontifici*, 1763. Foi uma obra muito traduzida em várias línguas europeias.

Muitos outros motivos forjou Pombal para expulsar os Jesuítas, que não são do interesse direto deste livro.<sup>66</sup> No entanto, o único jesuíta que foi julgado e queimado, em 1761, foi o Padre Gabriel Malagrida, sob a acusação de heresia e de estar associado à conjura dos Távoras, pelo facto de ser confessor de D. Leonor Tomásia de Távora (1700-1759).<sup>67</sup> Depois do terramoto, durante o qual se empenhou em ajudar todos os que necessitavam, escreveu um folheto sobre as causas do mesmo:

- *Juízo da verdadeira causa do Terramoto que padeceu a Corte de Lisboa no primeiro de Novembro de 1755*, Lisboa, 1756; 15, 2 p.; 21 cm (BNP, H.G. 22843 V.).

Aí afirma que um católico não pode atribuir um terramoto unicamente a causas e contingências naturais. Os que são católicos devem saber que os seres humanos não são os donos deste mundo, mas sim a Providência de Deus.<sup>68</sup>

Aqui se vê claramente que o espírito das Luzes não tinha tocado o espírito do Pe. Malagrida. No entanto, os adeptos do jansenismo divulgaram também uma interpretação providencialista do terramoto, afirmando que esse teria sido castigo divino por Portugal ser um país retrógrado, onde ainda subsistiam a Inquisição e os Jesuítas. A correspondência de Cenáculo mostra também um certo anti-jesuitismo, mas sem fazer leituras político-religiosas do terramoto. Ele interessou-se, sim, por recuperar os livros das bibliotecas dos Jesuítas. O que Cenáculo tentou sempre levar a efeito foi a conjugação da luz da razão com a luz da fé.

<sup>66</sup> Veja-se, por exemplo, ABREU, Adélio Fernando, *Iluminismo e Cristianismo em Portugal. Uma abordagem histórica*, em *Humanística e Teologia* 33/2, Porto, 2012, p. 56-58; Fortunato de Almeida III, p. 110-131. O autor dá conta das maiores barbaridades levadas a cabo por Pombal, para atingir os seus fins: serviu-se de todos os meios ilícitos, de mentiras e coações, para expulsar de Portugal os últimos “inimigos”, os Jesuítas. Trabalho fundamental sobre a expulsão dos Jesuítas: EDUARDO FRANCO, José, *O “Terramoto” Pombalino e a Campanha de “Desjesuitização” de Portugal*, *Lusitania Sacra* 18, 2.<sup>a</sup> Série, 2006, p. 147-218.

<sup>67</sup> O Pe. Gabriel Malagrida (1689-1761), de origem italiana, depois de entrar na Companhia de Jesus, pediu para ser enviado para as missões. O seu zelo apostólico manifestou-se bem em várias regiões do Nordeste brasileiro (1721), pregando, fundando Seminários, casas de formação para jovens e também para mulheres carentes. Foi ainda professor em S. Luís do Maranhão. O rei D. João V (1689-1750) teve-o como conselheiro e confessor. Com a morte de D. José, foi expulso da Corte e visto como inimigo. Sobre o Pe. Malagrida, ver NAVARRO, Álvaro (Visconde da Trindade), em *Como se organiza uma biblioteca*, s. l., 1972, p. 189-190; LEITE, António, *Despotismo esclarecido e Regalismo*, em *Como interpretar Pombal?* Lisboa, Ed. Brotéria, 1983, p. 47-49. Consta que o próprio Voltaire condenou Pombal pelo excesso do ridículo e do horror; ver ainda TOLEDO, Cezar de Alencar Arnaut de, e FURLAN, Vinicius, *A acção educativa do padre Gabriel Malagrida (S.J.) na América Portuguesa do século XVIII*, Brotéria, 188/3, 2019, p. 76-92; NETO, Edgar Leite, *Gabriel Malagrida, O Anticristo e a Modernidade*, ib., p. 428-440.

<sup>68</sup> Sobre o polémico processo do Padre Malagrida, ver Fortunato de Almeida III, p. 125-128.



Como toda a vida do Pe. Malagrida estava eivada do sobrenatural, atribuíu o terramoto ao mau comportamento e falta de fé das gentes de Lisboa e, apesar de ser publicado com todas as licenças, o livro mereceu-lhe o desterro para Setúbal (1758). Nesse mesmo ano, foi acusado de estar implicado no atentado contra D. José. Por isso, foi proibido de exercer o seu ministério sacerdotal e, em 1759, foi preso. Na prisão escreveu ainda:

- *Vida e Império do Anticristo*, obra de teor apocalíptico, que lhe valeu ser acusado de herege.<sup>69</sup>

Neste reinado do Anticristo, todas as religiões viveriam juntas e eram todas verdadeiras. Haveria, portanto, um relativismo religioso, um pluralismo moral e a negação da Lei natural. Assim, o cristianismo perderia o seu valor como “a religião verdadeira”. O “profeta” Malagrida tinha certa razão, porque, no fundo, denunciava o mal que continuamente envenenava as consciências e as afastava da Verdade daquele que é o Absoluto e o único que pode dar um sentido à vida humana sobre a terra. Portanto, o seu discurso mantém uma certa coerência com o Evangelho e não com a heresia, pela qual foi condenado pela Inquisição, que estava às ordens de Pombal.

É interessante notar que a interpretação dos terremotos foi sempre de caráter apocalíptico, como aconteceu no dia 26 de janeiro de 1531, também no Vale do Tejo. A pregação de tipologia apocalíptica era tão forte que levou Gil Vicente a queixar-se a D. João III, por levar a crer que o sismo era um castigo de Deus pelos pecados do povo. Acerca do terramoto de 1755, a pregação do Pe. Rondet (1717-1765) interpretou-a como um castigo divino por D. João III ter chamado os Jesuítas a trabalhar em Portugal.

O conhecido Cavaleiro de Oliveira, isto é, Francisco Xavier de Oliveira, pensava da mesma maneira, ao fazer o mesmo tipo de interpretação apocalíptica, afirmando no seu *Discours Pathétique au sujet des calamités présentes au Portugal*, 1756: Deus deixou de proteger Lisboa, porque o reino criara três monstros: a idolatria do povo no culto dos santos, a proibição da leitura da Bíblia em língua

<sup>69</sup> Segundo narra Fortunato de Almeida, um companheiro de prisão de Malagrida, o Pe. Pedro Homem, testemunhou no processo contra Pombal, dizendo que não foi o Pe. Malagrida que escreveu esta obra, mas um ex-Capuchinho, a pedido do Marquês de Pombal, pagando-lhe 1300 reis. Pombal queria, assim, que Malagrida fosse condenado a todo o custo, talvez por ter sido confessor na Corte de D. João V e de D. José. Malagrida, escrevendo ao papa Clemente XIII, dizia-lhe, referindo-se ao Marquês: “Sobre mim despeja este homem toda a ira que tem acumulado” (Fortunato de Almeida III, p. 127). Sobre este assunto, veja-se ainda Revista da História do Livro, vol. XIV, *O Juízo da verdadeira causa do terramoto.... o sacrificio simbólico do Pe. Malagrida, seguido do fac-símile da edição princeps desta obra*, Lisboa, Of. de Manuel Soares, 1756.



vulgar e a perseguição dos judeus, pelo Santo Ofício. Uma outra obra de Cavaleiro de Oliveira sobre o terramoto, à maneira do Pe. Malagrida, leva o título:

- *Tratado do princípio, progresso, duração e reino do reynado do Anti-Cristo, oferecido à Nação Portuguesa...*, Londres, 1768.

A pregação em torno da temática do último terramoto era do mesmo estilo, como veremos, a seu tempo (ver *Terramoto*, cap. 22). O Pe. Malagrida foi apenas um de tantos, mas tinha que ser a única vítima expiatória de tal pregação. Por todos estes motivos, apesar de ter feito maravilhas no Brasil em favor dos mais pobres, de ter sido confessor de D. João V e durante o terramoto ter socorrido as vítimas, foi executado pela Inquisição, num *Auto Público da Fé*, em 21 de setembro de 1761, dois anos depois dos Jesuítas terem sido expulsos de todos os territórios portugueses.

Pombal agiu contra o Pe. Malagrida por dois motivos principais: pela sua pregação apocalíptica, à maneira dos profetas bíblicos (Jonas, Jeremias, Ezequiel...), que atribuía as desgraças do terramoto aos pecadores de Lisboa, onde ele se sentiu incluído, e ainda por ser jesuíta e continuar em Portugal.

Esta foi a última execução às ordens da Inquisição em Portugal. A razão de tudo isto parece clara: o governo do Marquês de Pombal queria “limpar” do país tudo o que tivesse a ver com os Jesuítas. De todas estas peripécias resultou que 1100 jesuítas foram acolhidos nos territórios pontifícios; 70 terão morrido nas prisões e uns 40 nas viagens. Uns 45 ainda se encontravam presos quando o regime pombalino ruiu.

### Porquê a expulsão dos Jesuítas?

Uma questão pertinente fica no ar: Porquê tanta sanha contra os Jesuítas, sempre tratados, nas obras “oficiais” deste período, como malfeitores? Insistimos no assunto, porque esta foi uma das grandes questões do país, no governo de Pombal, e também uma das grandes questões da Igreja desse período. Portanto, apesar de já termos dito algo sobre este assunto, resumimos aqui a questão em cinco respostas fundamentais para a pergunta acima formulada:

1. Uma resposta de carácter ideológico: os Jesuítas defendiam, com todas as suas forças, os direitos tradicionais do Papa sobre o episcopado de todo o mundo. Numa palavra, segundo o vocabulário da época, eram *ultramontanistas*. Ora, o regalismo pombalino não pactuava com estas doutrinas, que, naturalmente, eram ensinadas nos colégios jesuítas espalhados por todo o país.

2. A esta acusação, juntava-se uma outra de *carácter pedagógico*: nos seus muitos colégios, ensinavam segundo métodos pedagógicos ultrapassados e, portanto,

não de acordo com os novos métodos científicos das *Luzes*. Estavam, portanto, ainda num conteúdo e num método quase medieval, escolástico.

3. Protegidos pelos reis desde D. João III e devido à formação que davam nos seus colégios, os Jesuítas tinham muito poder. Esse poder não se cingia às fronteiras do nosso país. Era também um poder internacional, pois encontravam-se em todos os países europeus e em territórios doutros continentes. O regalismo pombalino não podia permitir que houvesse um poder igual, muito menos superior ao seu. Daí o ataque cerrado e por todos os meios, lícitos e ilícitos, aos Jesuítas.

4. Um motivo económico: com as contas públicas deficitárias, Pombal pensava que iria remediar a economia com o assalto aos muitos bens que os Jesuítas possuíam em Portugal, devido ao seu trabalho, mas também a legados régios e outros.

Estas quatro respostas possíveis à sanha de Pombal contra os Jesuítas poderiam resumir-se numa só: a questão do poder, segundo a ideologia regalista em voga na Europa. Esta ideologia ditatorial não permitia contrapoderes.

5. A expulsão dos Jesuítas foi um projeto bem arquitetado e os “argumentos” de Pombal foram impressos, não apenas em livros, mas em toda a classe de folhetos e folhetins, que eram distribuídos abundantemente e traduzidos em línguas estrangeiras. A tipografia foi a sua arma mais utilizada, para desacreditar publicamente a Companhia de Jesus.<sup>70</sup>

Assim, poderíamos concluir que os Jesuítas foram expulsos devido à sede de poder de Pombal, que pretendia ter sob a sua alçada, além do poder político, o ensino, a cultura, as missões ultramarinas e a própria Igreja. O “crime” da Companhia foi ter em suas mãos o domínio do ensino, tanto em Portugal como nos territórios ultramarinos. Tudo o que ele considerasse como diferente ou inimigo era facilmente apelidado de obscurantista, retrógrado ou decadente, numa palavra, a viver nas *trevas*. Estes eram atributos que a Companhia também recebia, apesar da fama de que sempre gozou de estar na linha da frente da cultura portuguesa.

<sup>70</sup> Sobre este assunto, veja a grande quantidade destas pequenas obras, impressas por Miguel Rodrigues, em ARTUR ANSELMO, *Livros e Mentalidades*, no capítulo “Sebastião de Carvalho [Marquês de Pombal], os Jesuítas e a Tipografia”, Guimarães editores, Lisboa, 2002, p. 137-145. E o autor conclui o seu trabalho, afirmando: “Em resumo: a oficina de Miguel Rodrigues funcionou, em Lisboa, como uma espécie de quartel-general da ofensiva editorial contra os Jesuítas, de que Sebastião de Carvalho foi o indiscutível cérebro, com a colaboração de um aguerrido batalhão de diplomatas, teólogos, historiadores e um impressor-livreiro desde sempre habituado a apostar em causas vencedoras. Talvez por isso, Miguel Rodrigues deixou, à hora da morte, uma fortuna imensa...” (p. 145).

## Conclusões sobre o regime do Marquês Pombal

1. O regime de Pombal teve aspetos positivos; mas estes goraram-se, em parte, devido ao seu autoritarismo, pois colocou a sua pessoa e o seu sistema de pensamento no centro dos problemas do país. Deste modo, o seu iluminismo foi o de um déspota, como, aliás, também os houve noutras partes da Europa do seu tempo. Esta situação resultou de uma sede desmedida do regime autocrático e autoritário de Pombal, chegando ao ponto de querer dominar a própria Igreja, pelo menos de lhe dificultar a atuação, manietando-a na sua independência tradicional.

Felizmente uma grande corrente de iluministas católicos corporizaram um tipo de iluminismo que conseguiu congregar a fé cristã com a razão e a cultura. Desta corrente de iluministas católicos faziam parte grandes vultos eclesiásticos da cultura portuguesa, já antes referidos, como Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, o Pe. Teodoro de Almeida e o Pe. António Ribeiro dos Santos. Esta síntese entre iluminismo e catolicismo deu origem à expressão “iluminismo católico”, de que fala Cabral de Moncada.<sup>71</sup>

Por isso, o catolicismo português nunca esteve em causa, perante o iluminismo reinante, como aconteceu noutros países, mormente em França, pátria da *Encyclopédie* e da *Revolução Francesa*. Aliás, a Congregação do Oratório, tinha o Pe. António Pereira de Figueiredo e Manuel do Cenáculo, bispo de Beja, como seus grandes representantes, tanto do iluminismo como do catolicismo desse período. Estes deram novo impulso à renovação dos estudos da Universidade de Coimbra e dos Seminários, apontando como elemento fundamental do ensino da Teologia e da pregação a Sagrada Escritura e a Tradição patrística.

Amostra disso é a obra de Cenáculo *Memórias Históricas do Ministério do Púlpito* (1776), temas sobre os quais já Verney tinha insistido. Deste modo, fé e ciência conviveram pacificamente e “iluminaram-se” mutuamente no iluminismo português.

2. Um certo *regalismo*, como conceção de política religiosa, funcionou em Portugal desde o início da nacionalidade; mas este regalismo pouco tem a ver com o regime de Pombal, que queria submeter a Igreja pela força das ideias, mas também pela força das leis e da violência física. O regalismo, por exemplo, da dinastia de Avis, pretendia defender a Igreja de tudo o que pudesse prejudicá-la na sua função espiritual, enquanto Pombal pretendia simplesmente submeter a

<sup>71</sup> CABRAL DE MONCADA, L., *Filosofia do Direito e do Estado, I: Parte histórica* (= Studium 57), Coimbra, 1955<sup>2</sup>, p. 87.

Igreja à vontade soberana do rei e, sobretudo, da sua própria pessoa. Daí, todo o género de violência utilizada para atingir os seus próprios fins.<sup>72</sup>

Apesar de quanto vimos dizendo, não podemos esquecer uma ação positiva de Pombal, entre outras, que consistiu em ter abolido a diferença entre “cristãos novos” e “cristãos velhos”, já que os primeiros levavam sempre o labéu de não serem bem cristãos e serem olhados negativamente pelo resto da população, o que tinha consequências mesmo do ponto de vista jurídico.

**3. Uma “teocracia” moderna?** Poderíamos ainda afirmar que o regalismo pode ser considerado um sucedâneo da teocracia medieval, que se desagregou na sua estrutura fundamental com o irromper do humanismo.<sup>73</sup> Mas trata-se de uma teocracia ao contrário, no sentido em que, quem mantém e domina já não é a pessoa que representa o poder espiritual – o Papa – mas o rei, que não é sagrado para o exercício dos assuntos espirituais, mas apenas para os assuntos temporais. A partir daqui, os dois poderes (espiritual e temporal), que conviviam pacificamente e se ajudavam mutuamente, a fim de atingir os respetivos fins e para bem do seu povo, tentam definir as fronteiras que os separam e não só: cada um deles tenta atingir a supremacia sobre o outro. Poderíamos mesmo dizer que o regalismo constitui uma “vingança” sobre o supremo poder que era concedido ao Papa sobre os reis cristãos da Europa; isto é, o poder espiritual tinha a supremacia sobre o poder temporal; agora, a dinâmica política vai em sentido contrário: todos os súbditos do rei e todas as instituições do país – incluindo a Igreja – lhe devem estar sujeitos.

Antes, a Igreja defendia que o poder divino lhe pertencia exclusivamente e ao qual se deveria submeter todo o poder temporal. Agora, é exatamente o inverso que é defendido, mediante instituições como o “Beneplácito Régio”, autorização régia para dar o seu “placet” sobre a nomeação de bispos, a criação da Mesa da Consciência das Ordens, o Tribunal do Santo Ofício... Tudo estava, agora, ao serviço do poder civil. Era uma antiteocracia. Com o regalismo, é o Estado, na pessoa do rei, que implanta o regime da “regiocracia”. Os próprios documentos do Estado ao tratar o rei, tratam-no por “Nosso Senhor”, termos antes utilizados apenas para Deus e Jesus Cristo.

Em conclusão, a linguagem antijesuítica de Pombal deu origem a um estilo próprio, que se reflete noutras obras do seu tempo e que perduraram muito para além da sua época. Esse estilo aparece, sobretudo, nos termos usados contra os

<sup>72</sup> Sigo aqui algumas ideias de um especialista nesta matéria: SANTOS, Cândido dos, *Pombal e o Iluminismo*, Humanística e Teologia, n.º 3, 1982, p. 299-343.

<sup>73</sup> Ver a este propósito o vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 43-66.

Jesuítas: “crimes”, “excessos” “extermínio geral da Companhia” e outros epítetos, que contaminaram outro tipo de literatura não pombalina.<sup>74</sup>

**4. Fim do regime pombalino.** Com a morte de D. José, em 1777, D. Maria I, sua filha, aliviou a carga que os crimes e a legislação do Marquês de Pombal tinham deixado no país. Por tudo o que foi dito e pelo muito mais que se poderia dizer, a figura de Pombal continua a ser motivo de polémica acesa, pelo bem e pelo mal que fez, sobretudo na sua relação com a nobreza e com os Jesuítas, deixando o país numa situação de penúria no que ao ensino diz respeito. O seu regime, no século das *Luzes*, foi uma mistura de absolutismo, regalismo e janse-nismo, o que dá uma salada cultural bastante homogênea, já que os três conceitos tinham muito em comum.<sup>75</sup>

<sup>74</sup> Outras obras deste jaez apareceram contra os Jesuítas nesta altura, porque se tornara uma moda este tipo de obras, certamente pelos mais diversos motivos:

- *Relação por onde consta clara e distintamente, o estabelecimento e progresso que entre os Menores da Observância de S. Francisco da Província de Portugal tiveram os estudos e a decadência que neles experimentaram depois da entrada dos Jesuítas neste Reino* (BPE, cod. CXIV/2-24, n.º 9);
- *Breve narração que manifesta o estado em que estavam na Província da Piedade dos Menores Descalços as virtudes e letras quando, no ano 1540, entravam em Portugal os Padres da Sociedade de Jesus e os horrorosos estragos que nas mesmas fizeram desde o seu ingresso, até que foram expulsos* (BPE, cod. CXIV/2-24, n.º 6);
- *Epítome da história literária dos Cônegos Regulares de Portugal*: 1.º: *Princípio e progresso dos seus estudos até ao estabelecimento dos Jesuítas no Reino*; 2.º *Da ruína que causou nos estudos dos Cônegos Regulares a perniciosíssima escola dos Jesuítas e das hostilidades que estes lhes moveram, quando os Cônegos os desampararam na última restauração das letras* (BPE, cod. CXIV/2-8);
- *Compêndio histórico em que pelos felizes progressos que a Ordem de S. Domingos fez em Portugal desde 1777 em que nele entrou pelo brilhante esplendor... que conservou nas ciências até ao reinado de D. João, se fazem conhecer os horríveis estragos que nela fizeram os Jesuítas* (BPE, cod. CXIV/2.17);
- *Epítome da Historia literária da Congregação dos Cônegos Seculares de S. João Evangelista, estado dos seus bons estudos, decadência deles depois da introdução dos denominados Jesuítas nestes Reinos...* (BPE, cod. CIV/2-24, n.º 3).

<sup>75</sup> Um ótimo resumo sobre a política pombalina antijesuítica encontra-se em EDUARDO FRANCO, José, *O Terramoto Pombalino e a campanha de “desjesuitização” de Portugal*, Lusitania Sacra 18, 2.ª Série, 2006, p. 147-218; e também *Os Catecismos antijesuíticos Pombalinos. As obras fundadoras do antijesuitismo do Marquês de Pombal*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 7-8, Ano IV, 2005, p. 247-268. Estes “catecismos” são a *Relação Abreviada da República que os Religiosos Jesuítas...*; *os Erros ímpios e sediciosos que os Religiosos da Companhia de Jesus...*; *Dedução cronológica e analítica...*; *Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra...*; e outros. Estas obras resumem a doutrina política e religiosa pombalina, contra a Companhia de Jesus. Para os títulos completos de algumas obras antijesuíticas, veja-se o cap. 22: *Figueiredo: Obras culturais*; ver ainda EDUARDO FRANCO, José, *O mito dos Jesuítas em Portugal – séculos XVI-XX*, em Revista Lusófona das Religiões, n.º 9-10, Ano V, 2006, p. 303-304; Idem, *O mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente (séculos XVI e XX)*, Ed. Gradiva, Lisboa, 2006-2007; 2 vol.

**Bibliografia pombalina:** veja-se 7.5: *Jesuitismo e antijesuitismo. O Marquês de Pombal e outros.*

### 1.3. A Igreja Católica e o Jansenismo

O termo “jansenismo” vem de Jansénio, o nome mais famoso deste movimento religioso. Cornelius Jansénius nasceu em 1585, estudou e foi professor em Lovaina e Paris e bispo de Ypres. Envolveu-se nas querelas daquele tempo, entre tomistas e molinistas, acerca da graça, do livre arbítrio e da predestinação. Estes eram temas que andavam na moda também no vocabulário protestante.

Jansénio defendeu estas teses desde 1636 até à sua morte, em 1638. A sua obra “jansenista” mais importante é o *Augustinus*, onde expõe a doutrina deste grande doutor da Igreja à sua maneira. Foi publicado apenas em 1640, portanto, já depois da sua morte. Em 1653, Inocêncio X condenava 5 proposições suas, por negar a realidade do livre arbítrio, a possibilidade humana de recusar a graça e a universalidade da salvação na morte de Jesus. Mas Clemente X fez a paz com os jansenistas (1669), que se tornaram sobretudo um partido político, inserido na sociedade francesa.

Além destes temas, os jansenistas caracterizavam-se pelo pessimismo dogmático, pelo rigorismo moral e pelo reformismo disciplinar e outras diferentes teses, mesmo contrárias à ortodoxia católica. Esta doutrina desenvolveu-se sobretudo na Bélgica e na França, no seio da Igreja Católica. A consequência de tanto rigorismo foi levar o povo a afastar-se dos sacramentos, devido ao medo de um Deus castigador.

Esta doutrina foi divulgada por Miguel Baio (1513-1589), também ele professor em Lovaina. Interpretando a seu gosto Santo Agostinho, a propósito do pecado original, ensinava que este privou a humanidade, não apenas dos dons sobrenaturais, mas também dos da própria natureza humana, sobretudo do livre arbítrio. Outros professores de Lovaina caíram nestes erros (Cornélius Jansen [1585-1638], o abade de Saint-Cyran), que foram condenados por S. Pio V, pela Bula *Ex omnibus afflictionibus*, de 1.10.1567.<sup>76</sup>

Quanto à relação com o Estado, sob pretexto de regressar às fontes do cristianismo, assumiam, na prática, as teses do regalismo e do galicanismo da França. Chegaram ao deslante de afirmar que os decretos vindos do Papa necessitavam da aprovação dos bispos para serem válidos.

O jansenismo tem em comum com o regalismo duas ideias: a teoria de que as Igrejas nacionais devem ter uma relativa independência perante a Igreja de

<sup>76</sup> Ver DENZINGER, Heinrich, *Enchiridion Symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, edizione biligüe, a cura di Peter Hünemann, EDB, Bolonha, 1996, n.º 1901-1980.

Roma, e também o ataque aos Jesuítas, como agentes de uma moral de relaxamento e de terem demasiada submissão ao Papa. Por seu lado, os Jesuítas franceses acusavam-nos de protestantismo. No resto, jansenismo e regalismo parecem mais dois conceitos opostos, no sentido em que o jansenismo insistia na formação e valorização do indivíduo na sociedade e na emergência de personalidades fortes e influentes, o que não agradava aos regimes absolutistas, que queriam fazer do seu povo massas não pensantes.

Portanto, Pombal não admitiria uma organização jansenista, propriamente dita, no nosso país, e tudo indica que não chegou a existir.<sup>77</sup> As influências do jansenismo em Portugal aconteceram sobretudo no século XVIII, e mesmo nas ideias do Padre António Pereira de Figueiredo. O Marquês conseguiu também o apoio deste movimento religioso que, tendo perdido, em grande parte, o seu crédito no aspeto religioso, “investiu” no campo político-religioso, aliando-se ao galicanismo/regalismo, contra a ideologia ultramontana. Mas vejamos um pouco da sua história.

### 1.3.1. Jansenismo: um pouco de história

Este movimento nasce já na primeira metade do séc. XVII, em França, a partir de uma certa leitura parcial de Santo Agostinho, sob a influência de Saint-Cyran e outros reformistas. Santo Agostinho, ou melhor, os seus escritos, está na origem remota deste movimento reformista da piedade cristã, que se distinguia pela severidade, tanto na moral como na prática dos sacramentos. Um dos grandes corifeus do Jansenismo foi Pascal que, nos seus *Pensamentos*, manifesta uma reação contra o que os jansenistas chamavam as “correntes libertinas”, fruto da ignorância endémica do clero francês. Este estado de coisas exigia uma nova filosofia religiosa, uma mudança radical de mentalidade cristã.<sup>78</sup>

Não podemos dizer que o nosso Pe. António Pereira Figueiredo tivesse sido um jansenista militante, mas era admirador dos jansenistas mais famosos: Jansen/Jansenius, bispo de Ypres (que deu o nome a este movimento), Antoine Ar-

<sup>77</sup> Sobre o “Jansenismo”, ver *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. 8, art., “Jansénisme”, col. 318-527. Uma das obras de caráter jansenista que mais voga teve em Portugal foi o chamado *Catecismo de Montpellier*: 6000 ex., em Braga; 4000, em Évora; 2000, no Porto. Foi editado também noutras dioceses.

<sup>78</sup> Sobre Pascal, ver SILVA DIAS, José Sebastião da, *Portugal e a Cultura Europeia (séc. XVI-XVIII)*, Coimbra, 1953, p. 46.59.70.73.133.241. Sobre a influência do mesmo escritor em Port-Royal, vida e obras, ver CONSTANTIN, C., *Pascal, Blaise*, em *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. XI, col. 2074-2203.



nauld, o abade de Saint Cyran, Pasquier Quesnel, oratoriano (1634-1719), etc. Admira sobretudo este último.<sup>79</sup>

Pereira de Figueiredo chega a afirmar que deu a conhecer frequentemente que gostaria de ver o Reino de Portugal a viver “segundo a justiça e unção” reveladas nas *Reflexões* do jansenista Quesnel; mais ainda, diz “detestar e desacreditar” a constituição *Unigenitus Dei Filius* (08.09.1713) do papa Clemente XI, como uma manobra dos Jesuítas, para voltar aos relaxados costumes e a pôr de lado a velha e sã doutrina de Santo Agostinho.

Portanto, podemos dizer que, se Figueiredo não era propriamente um jansenista, era, pelo menos, um filojansenista. Um outro problema é o da relação entre o jansenismo e o grupo de Port-Royal, em Paris. Não há uma relação direta entre os dois movimentos reformadores, apenas uma coincidência na espiritualidade. Por isso, muitos jansenistas se refugiaram na abadia de Port-Royal, para levar uma vida de penitentes. Mais resistentes foram as religiosas, que lutaram pela sua espiritualidade, até que o próprio Luís XIV, de acordo com Papa, extinguiu a abadia e destruiu os próprios edifícios. Os dois movimentos, entre muitos outros, são resultantes da Contra-Reforma, e nasceram já na segunda metade do séc. XVII. Mas foi no séc. XVIII que tiveram maior pujança e influência social.

### 1.3.2. Os valores em questão

No início, a sua espiritualidade caracterizava-se pelo “desprezo do mundo”, no sentido do Evangelho de João, isto é, de um “mundo” mau, oposto e contrário ao Evangelho. Portanto, a atitude dos jansenistas e quejandos era semelhante à antiga “fuga mundi”, dos primeiros séculos da Igreja.

O jansenismo defendia a doutrina católica, mas com determinadas exigências, pautando-se por um especial rigorismo. Assim, Pascal, por exemplo, afirma que, querer viver sem Deus é encontrar-se perdido entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande; mas o que abraça a fé em Deus encontra-se numa grandeza tal, que fica pouco aquém do ser divino. É através de contrastes e de extremismos deste tipo que se costuma falar de jansenismo.

Assim, Pascal insiste sempre na ideia de que a fé surge como a única forma do ser humano sair da escravidão do pecado. O ser humano só reconhece quem

<sup>79</sup> Sobre o “Grand Arnauld”, ou melhor, Antoine Arnauld (1612-1694), ver MANGENOT, E., *Arnauld*, em *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. I, col. 1978-1984; CALVET, J., *Arnauld*, ib., t. I, col. 852. Sobre a Bula *Unigenitus*, ver COGNET, Louis, *Jansénisme*, em *Catholicisme*, t. 6, col. 313-331; *Eglise janséniste d'Utrecht*, ib., col. 331-332; *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. 15, col. 2061-2162; *Eglise d'Utrecht*, ib., col. 2390-2446. Para uma boa síntese histórica e eclesiológica do jansenismo, ver SEABRA, João, *A Influência do Jansenismo na Eclesiologia regalista do século XVIII*, em *Communio*, Lisboa, 1995, n.º 4 (julho-agosto), p. 342-353.



realmente é pelo mistério de um Deus que desceu do Infinito ao nada dos humanos, atravessando o espaço entre os dois infinitos; e a felicidade humana só se encontra na livre adesão e submissão à vontade do Deus, criador e redentor.

Esta doutrina, em si mesma, é ortodoxa. O mal residia nos exageros e nas exigências colocadas, para uma vida moral demasiado rigorosa para a frágil natureza humana. Além disso, a sua doutrina escorregava para conceitos próximos do protestantismo calvinista acerca da natureza humana decaída e da correlativa Redenção da mesma operada por Cristo. Havia ainda o perigo de se aceitar um conceito de predestinação muito próximo do conceito calvinista, mais rigoroso que o de Lutero.

O jansenismo também condenava tudo o que conduzisse à usura, aos negócios pouco sérios e à falta de rigor moral, o que poderia irritar Pombal, empenhado no desenvolvimento da indústria e do comércio internacional, sobretudo com o Brasil. A acusação de jansenismo que, de facto existiu, ou seja, um “jansenismo português” tem mais a ver com a oposição aos Jesuítas por parte dos Oratorianos de Lisboa, já que os Jesuítas em França foram os mais fortes opositores dos jansenistas, acusando-os de protestantismo. Daí também a acusação de jansenismo em relação aos Oratorianos, por parte dos Jesuítas.

As ideias jansenistas francesas foram influenciadas por flamengos e alemães: Jean Optraët, professor em Lovaina (1651); Nicolau von Hontheim (1701-1790); de origem italiana: António Genovesi (1713-1750); Luís António Muratori (1672-1750); e pelos franceses: Gerson, Arnould, Nicole, Quesnel, Colbert, Ellies Dupin, Richer, Natal Alexandre, Maimburg, Dujat, Durand de Maillane, etc.<sup>80</sup>

**Em resumo:** o jansenismo é uma doutrina que gira em torno da graça, tal como a doutrina protestante, além do problema da doutrina sobre a natureza humana corrompida. Disso se deram conta os Jesuítas, acusando-os de protestantes, apesar de eles se dizerem católicos. Por outro lado, os Jesuítas, mais humanistas, não viam a natureza humana naturalmente corrompida. Poderíamos ainda afirmar que em Portugal não houve um verdadeiro jansenismo, mas apenas, aqui e acolá, algumas características comuns a outros movimentos espirituais ou de carácter nacionalista. O rigor moral, por exemplo, não pode ser tomado como apnágio dos jansenistas.<sup>81</sup> Por outro lado, tanto o jansenismo como a jacobea eram

<sup>80</sup> Sobre estes autores ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, o. c., p. 174-178. Normalmente, os jansenistas franceses eram também galicanos.

<sup>81</sup> Jacques Marcadé nega terminantemente que tenha havido um verdadeiro movimento jansenista em Portugal (*Les courants religieux au Portugal au XVIII<sup>e</sup> siècle*, em *Histoire du Portugal, Histoire Européenne*, Actes du Colloque, Paris, 22-23 de maio de 1986, FCG, Paris, 1987, p. 158-160). Sobre o “Jansenismo”, ver *Catholicisme – Hier – Aujourd’hui – Demain*, tome VI, Letouzey et

movimentos reformadores, mas mais ligados ao passado, a Trento, enquanto as circunstâncias histórico-sociais e religiosas tinham mudado. E muito, sobretudo com as novas ciências, traduzidas cultural e filosoficamente pelo conceito de iluminismo.

Um sinal de que o jansenismo e galicanismo, associados a outros conceitos semelhantes, andavam na cabeça de muitos dos antigos colaboradores de Pombal, foi o facto da Real Mesa Censória dar todas as licenças para a publicação das Atas do “concílio de Pistoia”, um conciliábulo heterodoxo presidido pelo bispo desta diocese italiana (1786). Oitenta e cinco proposições deste concílio diocesano foram condenadas pelo papa Pio VI, na Bula *Auctorem Fidei* (1794). Ora bem, a Real Mesa Censória não permitiu que esta Bula papal fosse publicada em Portugal, apesar de todos os esforços da Santa Sé junto do governo português, já depois de Pombal.<sup>82</sup> Alguns estudiosos do jansenismo avisam que as bibliotecas portuguesas estão cheias de obras jansenistas portuguesas e estrangeiras.<sup>83</sup>

E, para concluir, diremos ainda que alguém defendeu a tese de que houve em Portugal apenas um jansenismo tardio, posterior a 1760, diferente do francês, espanhol e italiano, que se caracterizou pela atuação da Real Mesa Censória e pela análise do pensamento do maior representante dessa corrente político-religiosa, precisamente o autor que tratamos na II Parte deste volume, o Pe. António Pereira de Figueiredo. É claro que tal jansenismo sofreu as influências pessoais e oficiais do Marquês de Pombal, que eram, visivelmente, regalistas. Este jansenismo “pombalino” teve, naturalmente, as suas raízes e as suas ligações a outros movimentos religiosos e políticos europeus: certas tradições tridentinas de caráter mais rigorista, o augustinismo de Lovaina, o jansenismo francês e algumas possíveis ligações com a jacobina.<sup>84</sup>

Há, pois, neste final do séc. XVIII, um caldo jansenista-regalista, difícil de determinar em todos os seus pormenores e campos de ação humana. Mais ainda, no episcopado tão-pouco se descobrem elementos jansenistas claros, pois, frequentemente vão aliados ao regalismo, muito claro e evidente, por exemplo, no

---

Ané, Paris, 1967, col. 313-332. Sobre *Cornelius Jansenius*, ib., col. 332-343.

<sup>82</sup> Sobre este concílio e suas proposições, veja-se SANTOS, Cândido dos, em *Jansenismo e Antijansenismo nos finais do Antigo Regime*, CTCES – Edições Afrontamento, Porto, 2011, p. 120-134.213-223; Bula *Auctorem Fidei* de Pio VI (28.08.1794), em DENZINGER, Heinrich, *Enchiridion Symbolorum...*, Edizioni Dehoniane, Bologna, 1996, n.º 2600-2700.

<sup>83</sup> Na BNP, Cod. 13049, 83 fol.

<sup>84</sup> Para um estudo aprofundado desta questão, veja-se SOUZA, Evergton Sales, *Jansénisme et Réforme de l'Église dans l'Empire Portugais: 1640-1790*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2004; recensão por José Pedro Paiva em *Lusitania Sacra* 18, 2.ª Série, 2006, p. 629-634.

arcebispo de Braga, Dom Gaspar de Bragança, também, talvez por isso, amigo do Pe. António Pereira de Figueiredo.<sup>85</sup>

### Bibliografia Jansenista

CARREYRE, J., *Jansénisme*, em Dictionnaire de Théologie Catholique, t. VIII, col. 318-529.

CONGNET, Louis, *Le Mépris du Monde à Port-Royal et dans le Jansénisme*, em Revue d'Ascétique et de Mystique, t. XLI, número 163, 1965, p. 387-402.

*Le Cento una proposizioni estratte dal libro delle riflessioni morali sul Nuovo Testamento condannate dal Sommo Pontefice Clemente XI nella Bolla Unigenitus considerate come contenenti il sistema di Giansenio, e come domabili per se stesse. Operetta teologica tradotta dal Francese*, Milão, 1723; em 8.º (BNRJ, 156, 4, 2).

JANSÊNIO, Cornélio, *Augustinus, seu doctrina sancti Augustini de humanae naturae sanitate, aegritudine, medicina, adversus Pelagianos et Massilienses tribus tomis comprehensa*, Lovaina, 1640.

KNOB, Pascoal, *Jansenismo e Antijansenismo em Portugal por ocasião da Bula "Unigenitus" (1713-1721)*, Itinerarium, V, Braga, 1959, p. 26.

ORCIBAL, J., *Jansénisme*, em Catholicisme, Hier, aujourd'hui et demain, Latouzey et Ané, Boulevard Raspail, Paris, t. 6, col. 313-343 [Catholicisme].

PATOUILLET, Louis (fl. 1752), *Dictionnaire des Livres Jansénistes ou qui favorisent le Jansénisme*, Anvers, Chez Jean-Baptiste Verdussen, 1755; 4 vol.; 18 cm (BNP, B. 200 P. – 204 P.).

SILVA, Domingos Maria da, *A Ecclesiologia do Padre António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, s. ed., 1983.

SILVA, Vicente da (trad.), *Discursos sobre a História eclesiástica*, [s.l.: s.n. 18??]; autor: Claude Fleury (1640-1723); "Augmentada dos Discursos sobre a Poezia

<sup>85</sup> Cândido dos Santos apresenta as obras jansenistas traduzidas na língua portuguesa: *O Bom Pastor de João Opsträet*; *A Ciência da Salvação de Pierre Nicole*; *O espírito de Mr. Nicole*; *A Bíblia de Royaumont*; *Avisos e reflexões sobre o estado religioso*; *Catecismo de Montpellier*; *Verdadeira ideia da conversão do pecador*; *A prática do sacramento da Penitência*; *Um tratado jansenista sobre as indulgências*; *Disposição para os sacramentos da Penitência e da Eucaristia*; *A Teologia Moral de António Godeau, bispo de Vence*; *Blaise Pascal: Pensamentos sobre a religião e outras matérias* (Pombal e o Iluminismo, em Humanística e Teologia 3, 1982, p. 692-693). Aponta ainda autores jansenistas existentes nas livrarias episcopais, nos colégios universitários, assim como nos Seminários de Teologia (ib.).

dos Hebrêos, sobre a Escripura Santa, sobre a Prêgação, sobre as Liberdades da Igreja Gallicana...”; 16x10 cm (BNP, TR. 4484 P.).<sup>86</sup>

SOUZA, Evergton Sales, *Jansénisme et Réforme de l'Église dans l'Empire Portugais: 1640-1790*, Paris, Centre Culturel da FCG, 2004; 503 p. (BNP, R. 23111 V.).<sup>87</sup>

ZOLA, Giuseppe (1739-1806), *Praelectiones historicae de erroribus & controversiis Christi gratiam & praedestinationem sanctorum exortis... historia pelagiana*, Ticini, in Typ. Her. Petrigaleati, 1793; 4, 395, 96, 62 p.; 20x12 cm (BNP, H.G. 12143 V.; BSEA).

#### 1.4. Nova aprovação dos Jesuítas e regresso a Portugal

O papa Pio VII, pelo Breve *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*, de 7 de agosto 1814, declarava restabelecida a Companhia de Jesus em Portugal e noutros reinos europeus. O governo português da altura, em 1 de abril de 1815, comunicou à Santa Sé que, de modo algum, permitiria que os Jesuítas voltassem a Portugal. Mas, no reinado de D. Miguel, em 1829, tendo ele pedido jesuítas franceses, estes chegaram a Portugal em 17 de março do mesmo ano. Mas a 24 de maio de 1834, o “liberal” Joaquim António de Aguiar, por decreto de 24 de maio, intimou-os a dirigirem-se para Lisboa, a fim de seguirem para fora do país, com a mesma argumentação do Marquês de Pombal, acrescentando ainda que tinham sido apoiantes de D. Miguel, o que era pura mentira, segundo testemunhos da época.

Os poucos Jesuítas foram acompanhados até Lisboa por um batalhão de soldados, como se se tratasse de criminosos comuns e, já em Lisboa, em 6 de junho, foram encurralados na Torre de São Julião da Barra até 5 de agosto, dia em que embarcaram para Génova. Era o regime, chamado *liberal*, que continuava, e até endurecia, as políticas de repressão de Pombal contra a Igreja.

#### 1.5. O liberalismo e a extinção das Ordens religiosas

O liberalismo, de origem e vivência maçónicas, tentava prejudicar a Igreja naquilo que pudesse. No entanto, o mal-estar das Ordens religiosas, na primeira metade do séc. XIX, não vinha apenas de fora, mas sobretudo de dentro. Havia,

<sup>86</sup> Sobre Claude Fleury e a influência jansenista na sua *Histoire Ecclésiastique*, ver CONSTANTIN, C., *Fleury*, em *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. VI, col. 21-24.

<sup>87</sup> Veja-se sobretudo o cap. VII: “L’oeuvre d’António Pereira de Figueiredo: Synthèse d’un Projet Réformateur”, p. 391-457. O autor defende as ideias do Marquês de Pombal em relação à sua atuação para com a Igreja Católica portuguesa.

de facto, um grande relaxamento, tanto em conventos e mosteiros masculinos como femininos. Naturalmente, o governo liberal aproveitou estas circunstâncias para desferir o ataque final a todas as Ordens religiosas em Portugal.<sup>88</sup>

Ao princípio, no governo ainda discutiram se não se deveria deixar uma Ordem seguir o seu caminho e terminar com as outras ou, pelo menos, suprimirem-se alguns mosteiros e conventos; os que ficassem deveriam depender do bispo do lugar; ou ainda que fossem reduzidos ao estado secular todos os religiosos que tivessem património para sobreviver. Depois, o governo pensou pedir ao Papa para fazer estas reformas, num documento da sua autoria. No entanto, Fernandes Tomás afirmava que o governo tinha poderes para fazer isso e muito mais. Um colega seu afirmou até que esta doutrina era ensinada na Universidade de Coimbra desde o tempo do Marquês de Pombal.

Mas a cadeia de documentos e sentenças contra os religiosos continuava a sua ação antirreligiosa bebida no exemplo dos revolucionários franceses, como veremos a seguir. Assim, um decreto de 1821 proibia a entrada de novos membros nos conventos masculinos e femininos. Era o anúncio da morte das Ordens religiosas. Seguidamente, por um decreto de 1822, o número de conventos e mosteiros foi drasticamente reduzido para cada uma das Ordens existentes. Isso levou à invasão dos conventos, confiscando o que bem lhes parecia, sem qualquer autoridade eclesiástica competente ser consultada para tal. Normalmente, os bens dos conventos eram vendidos ou oferecidos aos “amigos” da mesma ideologia e partido, deixando as bibliotecas e as igrejas em total abandono. Era voltar as costas ao iluminismo e à cultura dos séc. XVII-XVIII.

Em 9 de janeiro do mesmo ano, o governo decretou que os bispos recebessem nas suas dioceses todos os religiosos que quisessem tornar-se sacerdotes diocesanos. Quanto às freiras que se quisessem secularizar e não tivessem poses, o mosteiro donde saíram dar-lhes-ia uma pensão, segundo as suas possibilidades.

<sup>88</sup> Sobre a relação do liberalismo com as Ordens religiosas, veja-se Fortunato de Almeida III, p. 131-147; RODRIGUES, Henrique, *Extinção das Ordens Religiosas e dinâmicas sócio-culturais: Frades residentes no Alto Minho no séc. XIX*, em *Lusitania Sacra* 16, 2.ª Série, 2004, p. 13-42; sobre o anticlericalismo, ver MACEDO, J. Borges de, *O Anti-clericalismo em Portugal no séc. XIX*, em *Communio, Revista Internacional de Teologia*, 5/II, Lisboa, 1985, p. 440-450; MARTINS, António Manuel, *Recepção em Portugal das encíclicas sobre o Liberalismo: Mirari vos; Quanta Cura; Immortale Dei*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.ª Série, Lisboa, 1989, p. 41-80; CLEMENTE, Manuel, *A Sociedade Portuguesa à data da publicação da Rerum Novarum: o sentimento católico*, em *Lusitania Sacra* 6, 2.ª Série, Lisboa, 1994, p. 47-60; Idem, *A situação religiosa em Évora a seguir ao cisma de 1832-1841*, em *Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora – Actas*, vol. I, Évora, 1994, p. 467-478; Idem, *Laicização da sociedade e afirmação do laicado em Portugal (1820-1840)*, em *Lusitania Sacra* 3, 2.ª Série, 1991, p. 111-154.

Este tinha sido o método de todos os perseguidores da Igreja, desde o início: oferecer vantagens humanas a quem abandonasse a sua vocação ou apostatasse da sua fé. O Marquês tinha usado a mesma estratégia em relação aos Jesuítas, sepultados em masmorras sem água e sem luz: se abandonassem o seu hábito talar, seriam integrados na sociedade e receberiam altos cargos. O mesmo tinham feito os imperadores romanos aos primeiros cristãos perseguidos; isto está inclusive na técnica do rei perseguidor dos judeus, ao aliciar os sete irmãos Macabeus, oferecendo-lhes dinheiro e altos cargos, se abjurassem da sua fé (2 Mac 7). É o conhecido processo de todos os perseguidores da fé. Não havia aqui qualquer novidade.

Mas, pela contrarrevolução de 1823, o rei D. João VI, por decreto de 14 de junho do mesmo ano, suspendia o decreto do governo do ano anterior, restituindo às Ordens e Congregações todos os bens de que tinham sido espoliados.

Mas o governo liberal, estabelecido na ilha Terceira, voltou à carga, por decreto de 1832, proibindo que, nos conventos dos Açores, fossem admitidos novos membros, ao mesmo tempo que suprimia grande parte dos conventos e mosteiros em todas as ilhas.<sup>89</sup>

Depois do desembarque no Mindelo, o governo liberal, já instalado no Continente, continuou a saga de decreto atrás de decreto, até à extinção final das Ordens religiosas, pelo decreto de Joaquim António Augusto de Aguiar, em maio de 1834. Contra a força da maçonaria vencedora, os bispos, absorvidos nos seus problemas diocesanos, nada puderam fazer em contrário, perante a ruína a que a Igreja portuguesa estava exposta.

O certo é que, perante a Igreja Católica, o governo liberal tomou uma posição hipócrita ou, pelo menos, dúbia. Se, por um lado, conservava o estatuto da Igreja Católica como religião oficial do país, por outro, servia-se de todos os meios para a atacar. É o que consta, por exemplo, na *Crónica da Terceira*, folha oficial da regência, na qual, em 1831, se publicava um “comunicado” em que se fazia propaganda contra o catolicismo; atacava-se a Igreja de Roma e reclamava-se a língua vulgar na liturgia.<sup>90</sup>

<sup>89</sup> Fortunato de Almeida III, p. 133-135. Também é certo que as Ordens religiosas não se renovaram e a maior parte dos conventos estavam cheios de dívidas. Sobre este assunto, ver *ib.*, p. 135-145.

<sup>90</sup> Sobre o liberalismo e a proteção concedida ao protestantismo, numa atitude anticatólica, ver Fortunato de Almeida III, p. 350-355. Na nota da p. 353, encontra-se um grande conjunto de pastorais dos bispos portugueses contra o avanço do protestantismo em Portugal. Veja-se também a pastoral de D. Américo, bispo do Porto, em *Obras Pastorais do cardeal D. Américo*, t. I, Porto, 1901, p. 107-187. Sobre o evoluir da presença do liberalismo nos Açores, ver as diferentes conferências do Colóquio: *O Liberalismo nos Açores – Do Vintismo à Regeneração. O Tempo de Teotónio de Ornelas Bruges (1807-1870)*, Direção Regional da Cultura, Angra do Heroísmo, 2008;

A conclusão que se tira deste processo de expulsão das Ordens religiosas pelos liberais é que o governo não quis ficar atrás dos revolucionários franceses. Por isso, algumas palavras de um bispo dos Açores, D. José Pegado de Azevedo, podem retratar, a seu modo, a situação em que a Igreja e a sociedade se encontravam nestes dois séculos:

“Um aluvião de livros ímpios vagou sem a menor dificuldade por toda a Europa, e a mocidade inexperta, incauta e cheia de ardor e de fogo dos poucos anos, bebeu, sem o saber, todo o veneno, que lhe deu a morte. Desde que esta peste grassou no mundo, a virtude foi desprezada, o vício aplaudido; a religião escarnecida; os mentirosos sofistas do presente século triunfaram; numa palavra, tudo se perturbou, perdeu-se a antiga ordem. E, com ela, a paz e o sossego do mundo (...). Nunca, nunca se viu junta a igual desenvoltura, a ousadia tão atrevida, como a do presente século. Em que um qualquer, até o simples leigo e ignorante, não receia falar e decidir publicamente do que ignora ou não entende; nem teme de qualificar de supersticiosas, de inúteis e de quiméricas a doutrina católica, a autoridade infalível da Santa Madre Igreja, os ritos e as cerimónias santas e até o mesmo culto externo, que é devido a Deus, como Senhor e Dominador Supremo do Universo, e que os mesmos pagãos reconheceram e praticaram. Eis aqui, amados filhos, o século que hoje, oh desgraça, se chama e se reclama Iluminado!”.<sup>91</sup>

Estas duras palavras, apesar de verem mais os aspetos negativos que os positivos da época retratada, o início do séc. XIX, mostram, no entanto, vários temas que tratamos neste capítulo.

Em conclusão, o liberalismo, com todo o seu sistema de pensamento, levou a uma sociedade laica, porque sublinhava o indivíduo como entidade autónoma,

“em detrimento das certezas tradicionais. Na prática, rejeitava todas as situações e instituições, que lhe pareciam sublinhar a individualidade de cada um: a confessionalidade absoluta do Estado, sacralidade da vida pública e privada, congregações religiosas... Consequentemente, o triunfo do liberalismo de 1820 trouxe a progressiva laicização da sociedade portuguesa”.<sup>92</sup>

---

COSTA, Susana Goulart, *A diocese de Angra e a implantação do liberalismo*, ib., p. 59-68; SANTOS, Eugénio dos, *D. Pedro IV e a opção pelo Liberalismo*, ib., p. 27-34.

<sup>91</sup> Texto de uma pastoral do bispo de Angra (5 de agosto de 1809), D. José Pegado de Azevedo, em *O Liberalismo nos Açores. Do Vintismo à Regeneração – O tempo de Teotónio Ornelas Bruges (1807-1870)*. Actas do Colóquio, Angra do Heroísmo, 2008, p. 60.

<sup>92</sup> Ver CLEMENTE, Manuel, *Laicização da sociedade e afirmação do laicado em Portugal (1820-1840)*, Lusitania Sacra 3, 2.<sup>a</sup> Série, 1991, p. 111-154 (p. 111). Isso deu origem à *História Abreviada da decadência e queda da Igreja Lusitana*, Braga, Tipografia Luzitana, 1863. Na p. 29, diz o autor da obra, Frei António de Jesus: “Não havia recurso nem agravo à coroa, por mais eclesiástica ou divina que fosse a matéria, interposto por homens contra os cristos do Senhor, isto é, contra



Segundo a filosofia liberal, que tem a sua origem na Revolução Francesa, proclamava-se a *igualdade, fraternidade e liberdade*, mas, na prática, tornou-se raiz de feroz individualismo. Segundo esta filosofia,

“Igreja e Estado são duas realidades distintas, pelo que, entre uma e outra deve reinar a separação. Sendo assim, o que proíbe ou permite a Igreja, pode ser permitido ou proibido pelo Estado; este, o Estado, deixa de exercer funções de “braço secular” em relação à Igreja; a vida pública e social deve desenvolver-se à margem da Igreja; cessa o conceito de “Religião do Estado” e fomenta-se a liberdade de consciência...”<sup>93</sup>

A expulsão das Ordens religiosas (28.05.1834) teve outro efeito nefasto de ordem cultural: as bibliotecas ou foram espoliadas ou deixadas ao abandono. O Estado não estava minimamente preparado para recolher e colocar em lugares próprios tantas bibliotecas de conventos dispersos por todo o país, incluindo as ilhas. Por isso, milhares de livros foram usados para papel de embrulho e outras utilidades domésticas, outros estragaram-se, porque não tinham as condições climáticas necessárias; outros, ainda, foram roubados por particulares e, certamente muitos, os mais valiosos, foram vendidos no estrangeiro. Foi um trágico golpe na cultura do país.<sup>94</sup>

---

os párocos das freguesias, ou mesmo contra os prelados das dioceses, que não fosse acolhido. A opinião herética de que aos ministros da Igreja só pertence exortar; que o mandar e obrigar é só de secular governo, corroborava-se de dia em dia”.

<sup>93</sup> ABREU, Paulo, *A Doutrina Social da Igreja em D. Augusto Eduardo Nunes*, Lusitania Sacra 3, 2.<sup>a</sup> Série, 1991, p. 265-290.

<sup>94</sup> Veja-se BARATA, Paulo J. S., *Roubos, extravijs e descaminhos nas livrarias conventuais portuguesas após a extinção das Ordens Religiosas: um quadro impressivo*, em Lusitania Sacra 16, 2.<sup>a</sup> Série, 2004, p. 319-343; Idem, *O depósito das Livrarias dos Extintos Conventos: uma instituição desconhecida do período oitocentista português*, em Revista da História do Livro, Ano V, n.º 10, 2001, Ed. Távola Redonda, Lisboa, 2002, p. 75-105; SILVA, António Martins da, *Nacionalizações e privatizações em Portugal: a desamortização oitocentista*, Coimbra Editora, Coimbra, 1997. Uma outra pessoa entendida na matéria de livros desta altura relata as preocupações do Bibliotecário-Mor por essas centenas de milhares de livros que foram parar ao recentemente extinto Convento de S. Francisco da Cidade, que passou a ser o depósito de livros dos conventos de Lisboa e não só. Na minuta autógrafa, António Nunes de Carvalho a Sá da Bandeira, ministro do Reino: “... Ontem à noute recebi um aviso... para examinarmos, se nos inventários que existem, há preciosidades que se acham descritas magníficas pinturas e que consta correm perigo de serem vendidas por baixo preço a especuladores que as procuram para países estrangeiros, e tomarem-se, neste caso, as medidas necessárias para que tais vendas se não efetuem (...). Logo que Rodrigo da Fonseca Magalhães entrou no Ministério do Reino, veio por vezes a este Depósito de companhia com o Ministro da Fazenda, Silva Carvalho, o Governador Civil Larcher e o lente Tomás d’Aquino; e pelas averiguações que fizeram, informações que pediram, e conversações que em segredo tiveram entre si e que eu ouvi, vim ao conhecimento de que estes homens pretendiam apoderar-se das riquezas que observaram, para as reduzir a dinheiro e venderem aos estrangeiros uma parte, e



Uma característica da ideologia e do regime liberal é o *anticlericalismo*. Este não diferiu essencialmente do seu homólogo europeu. Portanto, o anticlericalismo, o galicanismo, o episcopalismo, o enciclopedismo e o iluminismo; republicanos, socialistas, anarquistas e a maçonaria são ideologias características deste período. O anticlericalismo é abrangente, no sentido em que atinge todas as estruturas eclesiais, mesmo o Papa. Em resumo, a ideologia liberal manifestou-se, geralmente, contra a Igreja como instituição. Chegaram a atacar o celibato, os sacramentos, numa palavra, tudo o que era sagrado, cristão. Era a ideologia da Revolução Francesa em ação, também em Portugal.<sup>95</sup>

Este anticlericalismo manifestou-se claramente nas comemorações do VII centenário de Santo António de Lisboa, em 1895. Este foi organizado por uma grande comissão, à qual presidia a rainha D. Amélia e era integrada por pessoas representativas da Igreja e da cultura, como o Cardeal Patriarca de Lisboa, o Pe. Sena Freitas, Ramalho Ortigão, Rafael Bordalo Pinheiro e muitas personagens da classe política de então.

A reação contra as festas religiosas, populares e culturais foi contestada pelos jornais da esquerda socialista e liberal, que apelidaram as festas antonianas de “ignóbil mascarada” e lançavam apelos como este: “Que nenhum operário consciente se incorpore nem assista ao cortejo religioso do centenário. Que o clericalismo fique consigo próprio e com os seus cooperadores” (jornal *Federação*, socialista). Como este, muitos outros jornais trataram o centenário com uma linguagem de mau gosto. Assim, o jornal *Vanguarda*, por exemplo, em artigos de fundo, atacava continuamente o centenário.

O pior aconteceu: a ação socialista organizou um *Congresso Anticlerical*, que decorreu em Lisboa entre 15 e 18 de junho de 1895. Nas conferências falaram Cândido Leal e outros. Aí foi proposta a eliminação do ensino religioso nas es-

---

guardarem a outra para si, deixando unicamente os objetos de mui pouco ou nenhum valor...”. Contra estes homens do governo liberal, o Bibliotecário-Mor teve que armar uma estratégia para que esses bens culturais não fossem presa fácil dessas aves de rapina que faziam parte do Governo, em Lisboa. “... Como isto desconcertou os planos daqueles indivíduos, desde então, mudaram de tática e procuraram todos os modos de paralisarem os trabalhos e de me desgostarem, esperando que, assim, me obrigariam a abandonar-lhes a presa. Felizmente caíram com aplauso de todos os verdadeiros Portugueses, e o Depósito escapou desta vez” (LOPES, Fernando Félix, *Lembranças avulsas da Livraria do Convento de S. Francisco de Xabregas*, II, Itinerarium, Braga, 1978, p. 144-151, sobretudo, 146-147).

<sup>95</sup> “A imprensa anticlerical e os almanaques do registo civil e do livre-pensamento surgiam povoados de ilustrações grosseiras e primárias, representando torturas terríveis em interrogatórios que tinham como cenário tenebrosas masmorras inquisitoriais, em poses que desafiavam as leis da Física, tudo com o objetivo de provocar uma reação emocional por parte do observador e de a potenciar na luta contra a Igreja e os seus representantes...” (VENTURA, António, *A Contestação ao centenário de Santo António*, em *Lusitania Sacra* 8/9, 2.ª Série, 1966-1967, p. 362-363).

colas estatais, O segundo orador fez uma invetiva contra o cortejo alegórico das festas programadas, como uma desonra para Lisboa; Teodoro Ribeiro falou do movimento católico contra o socialismo. E assim foram todas as conferências, um chorrilho de ideias contra a Igreja Católica no ensino e noutras atividades sociais. Tudo conjugado entre maçonaria, socialismo e republicanos.

Outro assunto contra o *status quo* da sociedade da época foi a introdução do *casamento civil* pelo governo liberal, que tentou mesmo tirar valor civil ao casamento católico. Isso deu polémica, como seria de esperar. Várias obras foram escritas sobre este assunto, contra ou a favor dessa ideologia, que era mais um ataque à Igreja e ao cristianismo em geral.<sup>96</sup>

Um dos maiores pecados dos governos liberais foi a expulsão das Ordens religiosas, fator que contribuiu para o abandono quase total das missões católicas nos territórios ultramarinos portugueses. As missões eram o meio ideal e prático de marcar a presença portuguesa nos territórios africanos que, assim, ficaram disponíveis à voragem de outras nações europeias, porque não havia, por parte de Portugal, uma ocupação efetiva dos mesmos (ver cap. 19: *Bíblia e cultura bíblica no Oriente Asiático*, e o cap. 20: *Bíblia e cultura bíblica na África e no Brasil*).<sup>97</sup>

### 1.5.1. Reação da Igreja Católica aos excessos do liberalismo do séc. XIX

Os Papas do séc. XIX não ficaram indiferentes aos exageros dos governos liberais e aos ataques que os mesmos desferiam contra a Igreja em todos os países católicos. Assim, três deles publicaram encíclicas contra estes governos, mas

<sup>96</sup> ALEXANDRE HERCULANO (1810-1877), *Estudos sobre o casamento civil por ocasião do opúsculo do Sr. Visconde de Seabra sobre este assumpto*, Lisboa, Typ. Universal, 1866; 48 p.; 24 cm (BNP, H.G. 11198 V.). GAMA, Manuel de Azevedo de Araújo e, *Estudo sobre o Casamento Civil, Dissertação Académica para o concurso a uma das vagas na Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa Académica, 1881 (CBAP, n.º 912). Do ponto de vista teológico, esta obra tornou-se uma peça de referência obrigatória nos estudos religiosos posteriores sobre o casamento e a família.

<sup>97</sup> Sobre o liberalismo e as suas consequências funestas para a Igreja e para a cultura portuguesa, pode ver-se Eborensia, n.º 33, 2004, com os seguintes artigos: NUNES, Maria de Fátima, *Bases ideológicas do Liberalismo*, p. 3-24; CLEMENTE, Manuel, *A Igreja e o Liberalismo – Questões Oitocentistas*, p. 25-38; MATOS FERREIRA, António, *O Liberalismo no Cenário Europeu e a sua implantação em Portugal*, p. 39-62; SENRA COELHO, Francisco José, *O Liberalismo e a dessacralização do Alentejo*, p. 63-97; COELHO, José Maria Afonso, *Expulsão das Ordens Religiosas*, p. 99-132; BORGES, Artur Goulart de Melo, *Dispersão do Património Artístico Conventual Eborense*, p. 133-144; NUNES, Joaquim José Duarte, *Destino do Património cultural e artístico da Igreja do Algarve*, p. 145-154; LAVAJO, Joaquim Chorão, *D. Fortunato de S. Boaventura – Entre o Trono e o Altar*, p. 155-183. Sobre a expulsão das Ordens religiosas, ver ainda SILVA, António Martins, *Extinção das Ordens Religiosas*, em Carlos Moreira Azevedo (Dir.), *Dicionário da História da Igreja em Portugal* (C-I), Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 232-236.

sobretudo contra a filosofia liberal que grassava já no Brasil, de mãos dadas com a maçonaria. São os seguintes Papas e as respetivas encíclicas, com o devido enquadramento português.<sup>98</sup>

- **Gregório XVI: encíclica *Mirari vos* (1832).**

Foi publicada durante a guerra civil entre liberais e miguelistas. Em França, os católicos liberais são chefiados por Lamennais, a quem se associam todos os liberais e intelectuais católicos, em ordem a defender a liberdade da Igreja, já que o liberalismo do governo francês estava novamente a encadear a Igreja de várias maneiras e de modo violento.

Este grupo criou o jornal *L'Avenir* e uma estrutura social com o nome *Ageance pour la défense de liberté religieuse*. Entretanto, Roma queria ir mais devagar que Lamennais, e este, apesar de aceitar a encíclica, abandona o grupo de que faziam parte os conhecidos Lacordaire e Montalembert e escreve um livro intitulado *Paroles d'un croyant*, que causará grande polémica. António Feliciano de Castilho traduziu-o e prefaciou-o.<sup>99</sup>

No nosso país, a encíclica ficou um pouco obnubilada pela guerra civil e suas consequências, que levaram o governo liberal de D. Pedro, no que toca à Igreja, a desfazer tudo o que D. Miguel tinha realizado e legislado. Por isso, sucedeu o que acima dizíamos a propósito da “guerra” liberal contra a Igreja, identificada com o regime miguelista. Assim, a guerra contra D. Miguel, depois da posse do governo liberal, apenas mudou de alvo: a Igreja Católica.

O mesmo Gregório XVI pronunciou duas alocuções acerca do liberalismo português: a primeira foi a 1 de agosto de 1834, depois do “liberal”, D. Pedro, ao chegar a Lisboa, ter expulso, com modos pouco diplomáticos, o pronúncio da Santa Sé em Portugal. Esta alocução foi feita num consistório que o Papa reuniu, para pedir explicações ao governo português desse facto, depois do mesmo não fazer caso das diligências feitas, logo a seguir à expulsão.

A segunda alocução aconteceu dois anos depois, num outro consistório secreto, em 2 de fevereiro de 1837. Pela segunda vez, o Papa queixa-se do facto do governo liberal não ter dado qualquer sinal de diálogo com o chefe supremo da Igreja, criando um cisma (1832-1841). Ao mesmo tempo, lamenta a situação da Igreja portuguesa, que tinha sido espoliada de praticamente todos os seus bens

<sup>98</sup> Sobre estes documentos, veja-se MARTINS, António Manuel, *Recepção em Portugal das Encíclicas sobre o Liberalismo: “Mirari Vos”, “Quanta cura”, e “Immortale Dei”*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.<sup>a</sup> Série, 1989, p. 41-80. Sigo aqui algumas ideias mais pertinentes, em relação com o tema deste volume.

<sup>99</sup> CASTILHO, A. F. de, *Palavras dum crente*, Lisboa, 1836. Alexandre Herculano imitou Lamennais no seu livro *A Voz do Profeta*, Porto, 1937<sup>2</sup>.

materiais e estava a ser alvo de outros tipos de perseguição (ver os dois discursos no *Suplemento 2*).<sup>100</sup>

• **Pio IX: encíclica *Quanta cura* (08.12.1864).**

Foi publicada juntamente com o famoso *Syllabus*, que tanta polémica causou a nível político e religioso. Por isso, tornou-se um dos documentos mais discutidos da época, positiva e negativamente. Em Portugal, a sua publicação coincidiu com o facto do governo liberal determinar que todos os cargos eclesiásticos deveriam ser postos a concurso público (!).

É claro que este documento não está diretamente relacionado com Portugal, mas com o movimento de ideias liberais contra os integristas e tradicionalistas, que envolve os Estados Pontifícios, protegidos pela França, em caso de ataques exteriores. O problema que, politicamente, se colocava era o seguinte: Podem os católicos ser liberais?

A resposta positiva era dada pelos intelectuais franceses, como Montalembert, fiel ao ideário de Lamennais: *L'Église Libre dans l'État libre*. No jornal *Le Correspondant* escreve sobre esta separação dos dois poderes, que se respeitem e colaborem mutuamente, em vez de andarem em guerra permanente. Esta era também a opinião geral dos católicos noutros países, sobretudo na Itália. Mas Pio IX, não ia muito por esses caminhos e dedicou o seu pensamento mais à condenação de ideias e filosofias do que a colaborar com os novos tempos. Daí os temas desta encíclica que se centra nos erros de carácter filosófico, com incidências na sociedade e na Igreja: racionalismo que nega a divindade de Cristo; o já nosso conhecido *galicanismo*; o *estatismo* que reivindica o monopólio do ensino; o *socialismo* que pretende submeter a família ao Estado e ao direito civil; o *naturalismo* que pretende uma sociedade, sem ter em conta a dimensão religiosa da pessoa humana. O Papa apela, naturalmente, à Revelação bíblica como base de todos os direitos e deveres do ser humano. No *Syllabus*, um catálogo de 80 erros em dez artigos, considera que, para a Igreja ser livre, necessita do poder temporal, como um Estado qualquer, apesar de várias opiniões contra (erro 76).

Em França, o grupo de Montalembert fica desolado, quase perdendo a confiança no Papa. Mas depois do bispo de Orleans, Dupanloup, explicar oficialmente o contexto da encíclica, a tempestade acalma e o próprio Pio IX agradece a dita contextualização. Faz-se a paz entre católicos integristas e liberais.

<sup>100</sup> Fontes destes discursos: *A Voz da Igreja ou Decisões da Santa Sé Apostólica (...). Segunda edição, acrescentada com algumas decisões, a sua Defensão e um Appendice*, Porto, Typografia Comercial Portuense, 1838 (BPB, Res. 387 A.). É neste *Apêndice* que se encontram estes dois discursos, que foram também publicados por Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, IV, Nova Edição, Livraria Civilização, Lisboa, 1971, p. 282-285.

Em Portugal, com os liberais no centro do poder, a luta trava-se entre católicos integristas e liberais anticatólicos. Os bispos, como não tinham grande liberdade política nem religiosa, calaram-se. Os leigos católicos é que vão travar a batalha nos jornais, a favor da encíclica, contra o liberalismo reinante, sobretudo em *O Amigo da Religião* (31.12.1864, etc.); em termos idênticos se pronuncia outro jornal católico de Lisboa, *A Nação*. Mas o jornal liberal de Lisboa, *O Português*, condena a encíclica, como um grito de guerra contra o progresso e por intromissão nos assuntos públicos dos Estados, ao mesmo tempo que reafirma o poder civil sobre a Igreja de cada país, à boa maneira do regalismo, ainda vigente. Por isso, este jornal publicou o texto da encíclica na íntegra, enquanto *A Nação* “exigia” que os bispos se pronunciassem sobre o documento do Papa. Alguns deles fizeram-no mais tarde.

Em conclusão, desde a morte de D. João V e a subida ao trono do rei D. José I, que tinha como ministro de Estado o Marquês de Pombal, começa a haver uma situação de rutura entre o poder político e o poder papal, chegando ao ponto de se consumir um divórcio entre as duas partes em questão. Esta situação agrava-se com o liberalismo que acentuou – e de que maneira – esta rutura.<sup>101</sup>

• **Leão XIII: a encíclica *Immortale Dei* (01.11.1885).**

Foi publicada num momento em que os leigos católicos apelavam à união de todos os que pretendiam defender o catolicismo na praça pública; isto é, se associassem de modo a entrar ativamente na política, contra o anticlericalismo e o positivismo reinante.

Os tempos já são outros, e Leão XIII, depois dos seus antecessores terem falado, em tom mais defensivo que polémico, de todos os movimentos e filosofias modernas, agora, fala num tom mais construtivo e de cooperação com as novas ideias. É, pois, uma encíclica de diálogo com o mundo moderno. Por isso, apela aos católicos para não lutarem pela separação entre Igreja-Estado, mas para estabelecerem um diálogo franco entre as duas partes.

Certamente, o Papa atua deste modo, porque, a França, o maior país católico da altura (com a Itália), tenta separar a Igreja do Estado, o que irá prejudicar a Igreja, na educação, por exemplo, já que esta ficaria sem recursos económicos para exercer a sua função. Mons. D’Hulst, que ressuscitou o jornal *Le Monde* e era Reitor do Instituto Católico de Paris, afirma no mesmo jornal que o Papa

<sup>101</sup> A esta situação de rutura, Rui A. Costa Oliveira chama, com termos simbólicos, rutura de um “casamento” entre os dois poderes que se caracterizava pela “fidelidade” um ao outro, desde o início da nacionalidade (ver OLIVEIRA, Rui A. Costa, *O Projeto “Portugal” e a relação Estado-Religião à luz da Metáfora Conjugal*, Paulinas, 2019; sobretudo as p. 476-548).

condenou o liberalismo, mas não as ideias liberais. O Papa defende a dualidade radical do poder civil e religioso. Cada um tem os seus meios de atingir os próprios fins. Por isso, não podem estar um contra o outro, mas colaborar para o bem do mesmo povo que governam, cada um deles no respetivo campo de atividade. Esta separação de poderes não implica luta, mas consensos para o bem comum da sociedade. Tal é, em resumo, o conteúdo da *Immortale Dei*.<sup>102</sup>

Por isso, ao contrário da *Quanta cura*, de Pio IX, esta encíclica teve o aplauso de todo o episcopado português:

“Os bispos portugueses, devotíssimos da Sé Apostólica, ligados com um só e mesmo vínculo da caridade, saúdam-Vos como Doutor máximo, reconhecem-Vos como Mestre Sapientíssimo, seguem-Vos como Guia Fidelíssimo, aderindo às doutrinas da Sapientíssima Encíclica e, apoiados na vossa suprema Autoridade, esforçam-se sempre, mas principalmente nesta idade, para adquirir, com a ajuda de Deus, forças para desempenhar o seu gravíssimo múnus”.<sup>103</sup>

Estas palavras podem servir como conclusão da boa receção em Portugal da *Immortale Dei* de Leão XIII, que nos deixará um outro documento, desta vez diretamente sobre a Bíblia, como veremos abaixo. De qualquer modo, a partir da conquista do poder, depois da guerra civil (1828-1834), deveria acabar o absolutismo e iniciar um novo regime de separação dos poderes entre Igreja-Estado. Mas nem sempre isso aconteceu, já que a Igreja foi esvaziada de todos os poderes, perante o poder estatal. De qualquer modo, no mundo católico cresceu a “devção” ao Papa, sobretudo a partir da Questão Romana, que foi saneada com o “Acordo de Latrão” entre Mussolini e Bento XV (11 de fevereiro de 1929).

## 1.6. A maçonaria

Esta seita secreta foi das que mais problemas causou à Igreja nestes dois séculos, pelo facto de ser, originalmente, anticristã. A sua origem remota vai até à Idade Média (séc. XIII), às associações de pedreiros (em francês, *maçon*). No entanto, estas associações não tinham ainda um carácter negativo em relação à Igreja. Tinham apenas os seus códigos linguísticos com outras associações profissionais. Deste modo, a origem mais remota desta sociedade secreta parece estar na *Royal Society* (inglesa), fundada em 1662. Tal como a conhecemos hoje, vem do séc. XVIII.

<sup>102</sup> BELLO, A. Mendes, *Carta Pastoral de 25 de Janeiro de 1886 sobre as doutrinas da encíclica “Immortale Dei” do Santo Padre Leão XIII, que trata da constituição dos Estados*, Faro, 1886.

<sup>103</sup> Ver MARTINS, Manuel, *Recepção em Portugal das encíclicas sobre o Liberalismo: Mirari vos; Quanta Cura; Immortale Dei*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.<sup>a</sup> Série, Lisboa, 1989, p. 76.

Assim, em 1717 surge a *Grande Loja* de Londres e um tal Anderson redigiu as suas constituições. Em 1725, aparecem as primeiras lojas jacobinas e tiveram D. Pedro I da Rússia e Montesquieu, como alguns dos mais famosos adeptos desse tempo. Daí as lojas expandiram-se para as colónias britânicas na Índia e na América. Em 1732, fundou-se a “Grande Loja” da França; 1737, na Escócia e seguiram-se outros países. Frederico II da Prússia também foi iniciado nesta seita.

Um outro fator decisivo da intervenção da maçonaria na política foi a sua orientação para terminar com o Antigo Regime, sobretudo com as obras de Mirabeau, um dos principais arautos da Revolução Francesa. Mas, esta pôs em grande alarido as diferentes lojas maçónicas, porque tinham exatamente os mesmos objetivos. De qualquer modo, um grande número de dirigentes mundiais no séc. XIX pertencia à maçonaria, como B. Franklin, G. Washington, Simão Bolívar, Pedro I da Rússia, etc. Napoleão, que desconfiava dos maçons, no entanto, fez que seu irmão, José, imposto como rei da Espanha, fosse o Grão-Mestre do Grande Oriente, talvez por motivos simplesmente políticos.

Uma coisa é certa: apesar de estarem divididos em várias lojas, os maçons, em momentos especiais, defendem-se e ajudam-se uns aos outros. Parece que a última condenação oficial da maçonaria foi feita no papado de João Paulo II, assinando uma declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, em 26 de novembro de 1983.

Em Portugal e no Brasil, durante os séculos tratados neste volume, a influência da maçonaria fez-se sentir nos governos e outras autoridades civis.<sup>104</sup> Podemos dizer que foi a santa aliança entre liberalismo e maçonaria que, tanto em Portugal como no Brasil, abriram as portas ao protestantismo, não porque fossem muito religiosos e adeptos do protestantismo, mas simplesmente para enfraquecer a força da Igreja Católica em Portugal.

### 1.6.1. Reação da Igreja Católica contra a maçonaria

Preocupado com este crescimento da maçonaria, por ser uma seita secreta e atacar frontalmente a Igreja, em 1751, o papa Clemente XII condenou-a com a bula *In eminenti apostolatus specula*, excomungando os seus membros; em 15 de junho de 1751, o papa Bento XIV renovou a mesma excomunhão. Além dos motivos aduzidos acima, estes Papas condenavam os vínculos que este movimento tinha com o paganismo e com círculos heréticos. Assim, nenhum católico poderia pertencer à maçonaria. A mesma atitude dos Papas tiveram as Igrejas

<sup>104</sup> Veja-se MANZANARES, César Vidigal, *Dicionário de Seitas e Ocultismo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1992, p. 83-86.



protestantes da altura, mas com menos impacto, porque não têm uma autoridade central. No entanto, homens famosos não deixaram de pertencer à maçonaria, a fim de atingirem o poder político e económico nos respetivos países.<sup>105</sup>

### 1.7. A Revolução Francesa e a sua influência na nossa cultura religiosa

O período que tratamos neste 5.º volume abrange a época da Revolução Francesa (1789-1804).<sup>106</sup> Ninguém desconhece o impacto que esta teve na nossa cultura e na cultura europeia, em geral. Tal como todas as revoluções, teve os seus prós e os seus contras. E isto explica-se pelas etapas históricas, que são necessariamente acompanhadas de mudanças culturais de relevo: o iluminismo político, que, por sua vez, originou a filosofia liberal, foi a causa primeira dessa Revolução.

Assim, o período do Renascimento afastou-se dos padrões culturais e teológicos da medievalidade. Este período foi seguido pelos séculos da Expansão, em que Portugal viveu mais com o olhar nos mares e nas terras descobertas, mas conservando certos valores, sobretudo religiosos, dos períodos anteriores.<sup>107</sup>

A partir daí, o tema do 5.º volume, que desenvolvemos agora, situa-se num momento crucial da história em que Portugal se volta mais para a Europa, sobretudo para a Inglaterra e para a França, as duas potências europeias da altura que maior influência exerceram – positiva e negativa – no nosso país.

Ora, a Revolução Francesa exerceu uma viragem na cultura europeia, nunca antes vista. Tal influência manifesta-se em todos os setores da cultura e da vida humana: social, política, religiosa, etc. Mas não podemos esquecer que a Revolução Francesa não desceu do céu como um *deus ex machina*. Pelo contrário, foi bem preparada pelo iluminismo, que descambou no absolutismo dos reis, que se apropriaram também dos assuntos religiosos, fazendo deste caldo político-religioso uma bomba pronta a explodir.

Mas não era apenas isso que estava em causa: o povo – sobretudo os trabalhadores do campo e os operários das novas indústrias – vivia revoltado na sua miséria. Faltavam os filósofos cabecilhas para pôr em marcha todas estas energias

<sup>105</sup> Ainda em 1983 a Congregação para a Doutrina da Fé emanou uma “Declaração sobre as Associações Maçónicas”. Leva o sugestivo subtítulo: “Inconciliabilidade entre a fé cristã e a maçonaria”, com anexo de documentos de algumas conferências episcopais (Paulus, 1983), 93 p.

<sup>106</sup> Para algumas breves ideias sobre a Revolução Francesa sirvo-me de um escrito acerca de um autor português e na visão deste. Trata-se do Pe. José Agostinho de Macedo: *A Revolução e as Invasões Francesas no Sermonário do Padre José Agostinho de Macedo*, em MARQUES, João Francisco, *Obra Selecta t. I: Religião e Política*, vol. II, Roma Editora, Lisboa, 2013, p. 325-338.

<sup>107</sup> Assunto tratado no vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos Séculos XVI-XVII*, Lisboa, Manufatura/Europress Editores, 2019, cap. I, p. 43-66.



negativas acumuladas. E eles apareceram: os instruídos pela maçonaria e pela *Encyclopédie*. Não é aqui o lugar de descrever as diferentes etapas da Revolução e os seus efeitos positivos e negativos.

A Revolução Francesa, a meu ver, fez explodir a bomba e separou, a ferro e fogo, as águas dos chamados dois poderes: o religioso e o civil, ou melhor, instalou um regime civil que “desconhecia” (ou perseguia mesmo) o poder religioso, para ficar como único poder em campo aberto. Daí veio a guilhotina para os reis franceses e um poder despótico que tinha sido bem preparado pelos autores da dita *Encyclopédie*.<sup>108</sup>

O nosso Padre José Agostinho de Macedo pode oferecer-nos a caracterização dos males dessa revolução, ao verberar os desmandos da mesma num sermão na Igreja dos Mártires em Lisboa, 1808:

“...Seguir, abraçar e estabelecer o Napolianismo é ultrajar a Religião, a Natureza, a Sociedade: e que considerar como um bem este horrendo crime do sistema opressor, é o último degradamento do espírito humano, o último bocejo, o último paroxismo da moral e a tornada infalível da vandálica barbárie ao mundo (...), uma das mais pestíferas e ruinosas obras do espírito humano (...), que abalou todas as bases e dissolveu todos os vínculos daquela verdura que os mesmos homens podiam gozar no estado social em que existiam (...). Em fim, a Revolução Francesa e suas consequências foram um aborto da malícia, da soberba e do incontestável orgulho humano”.

E o nosso pregador continua a desbobinar argumentos e factos, para provar que a Revolução Francesa foi o pior dos males, tanto para a França como para a Europa, tendo Portugal sofrido também três invasões. No sermão já antes citado, o pregador apresenta argumentos e factos históricos bem conhecidos dos seus atentos ouvintes:

“A Revolução preparada e formada no seio do crime, trouxe, em seu mesmo seio, o gérmen funestíssimo de todos os males, os quais não se circunscreveram só nos limites da assolada e devastada França; estenderam-se aos mais remotos ângulos do globo. O primeiro elo desta cadeia de desventuras foi o desprezo do pacto social e de todas as humanas instituições, que o longo fio dos séculos tinha convertido em hábito e em natureza entre todos os homens; deste desprezo das leis e do desmascarado insulto ao Sacerdócio e ao Império, nasceu a primeira guerra que se fez à Europa e que a Europa venceu”.

E, depois de atribuir todos os males, não às espadas e canhões, mas às ideias de um filosofismo ateu, destruidor dos valores humanos, prometendo uma qui-

<sup>108</sup> Sobre a relação entre o poder civil e religioso, Leão XIII pronunciou-se na encíclica *Immortale Dei*, de 1 de novembro de 1885 (Denzinger, n.º 3165-3179).

mérica *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*, que confundisse, para sempre, todas as hierarquias. Continua o nosso orador:

“Esta obra revolucionária assenta em mais de um milhão de cabeças decapadas e sustenta-se em tenebrosas teorias de uma chamada ciência de regeneração por estragos”.

O pregador conclui que, depois deste castigo divino, que criou tais monstros famintos de sangue espalhados por toda a Europa, era tempo de arrepiar caminho, deixando de seguir as ideias de Montaigne, Le Vayer, Bayle, Charron e de muitos outros que os antecederam, mesmo Espinosa e Hobbes. Este último “torna suspeita a religião, reduz os homens ao primitivo estado, dissolve os vínculos da sociedade e chama estado natural do homem à guerra e à rapina”. Neste sentido, como afirma o autor cujas ideias sigo aqui, “A França acabara por ser a oficina da Impiedade”, pois – conclui o orador:

“Começou a fazer-se profissão pública de Ateísmo (...) principiaram a sair das tenebrosas cavernas o revoltoso e abominável banco Maçónico, publicam-se e epidemicamente se multiplicam erros concebidos e criados no delírio; e o que eram até ali visagens enigmáticas, se dão a conhecer como potentes símbolos da conspiração anti-cristã. Chama-se iluminismo ao que era incredulidade e olham-se e consideram-se unicamente verdadeiros filósofos os que, educados e preparados no seio do Maçonismo, sacudiam e arremessavam do pescoço o jugo suavíssimo do cristianismo” (ib., p. 335).

Portanto, o nosso orador sabe do que fala e fala do que sabe. Por isso, não se esquece dos filósofos da Revolução Francesa: Denis Diderot (1713-1784), que dirigiu a *Encyclopédie*, fazendo dela o principal arauto do materialismo moderno; Helvétio e Voltaire (1694-1778) e Pierre Dupuy (1582-1651), a quem se atribui a obra *Origem dos Cultos* e o *Traité des Libertés de l'Église Gallicane*. Voltaire era um livre-pensador, combateu implacavelmente a Igreja Católica e negou a origem revelada da religião cristã.

Mas o nosso orador português defendeu sempre a inseparabilidade entre o Trono e o Altar; atacou a impiedade, o filosofismo, o anticlericalismo, sobretudo da maçonaria na sua relação com a Revolução Francesa; defendeu ainda uma interpretação providencialista da História de Portugal.<sup>109</sup>

O grande valor positivo da Revolução consistiu na *Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão*, em 27 de agosto de 1790. Esta Declaração

<sup>109</sup> A maçonaria foi condenada pela Carta Apostólica de Clemente XII: *In Eminenti apostolatus specula*, de 28 de abril de 1738 (Denzinger, n.º 2511-2513); pela encíclica de Leão XIII, *Humanae generis*, de 20 de abril de 1884 (ib., n.º 3156-3158); e numa Instrução do Santo Ofício, *Ad gravissimam advertenda*, de maio de 1884 (ib., n.º 3159-3160).

resumia-se na famosa tríade: *Liberté, Égalité, Fraternité*. Eram palavras que expressavam valores profundamente cristãos. No entanto, como ideal simplesmente humano, criou uma corrida ao poder, entre vários grupos sociais e ideológicos, e tudo acabou como se sabe: sangue, guerras... No início, a Revolução não era anticlerical nem anticristã. Mas, quando a Assembleia Nacional ficou senhora do poder, aprovou a expropriação de todos os bens da Igreja, aboliu todas as Ordens religiosas e fez perseguições sangrentas ao clero. A nova Constituição separa a Igreja francesa de Roma, ficando integrada no Estado francês.

O clero foi obrigado a jurar a nova Constituição e os que se negaram foram presos, deportados, executados (ao todo, uns 40 000). Depois, os Jacobinos tomaram o poder, iniciando uma época de terror, entre setembro de 1792 e julho de 1794. Foram executados uns 5000 padres, tanto diocesanos como religiosos, e mesmo Irmãos de Ordens religiosas, que se dedicavam à oração e ao serviço dos pobres. Mais de 30 000 padres fugiram do país, outros trabalharam na clandestinidade, disfarçados noutras profissões.

As perseguições à Igreja só terminaram quando Napoleão tomou conta do poder e assinou com o papa Pio VII, em agosto de 1801, uma concordata, segundo a qual o catolicismo era, oficialmente, conhecido como “a religião da grande maioria do povo francês”. Esta declaração foi acompanhada da devolução das catedrais e igrejas ao clero.

Mas estas concessões foram bem pagas pela Igreja: nenhum documento papal podia ser recebido em França sem autorização do governo; os Seminários não podiam ser erigidos sem a mesma aprovação; o mesmo acontecia para os sínodos, catecismos e festas religiosas. E Pio VII pagou ainda mais: foi obrigado a ir abençoar a coroação de Napoleão como imperador dos franceses, tendo este deixado o Papa à espera durante duas horas e colocando ele próprio a coroa de imperador na cabeça.

Para além de tudo isto, em 1806, Napoleão exigiu que ele se colocasse a seu lado contra os inimigos da França. Tendo-se recusado a tal, Napoleão anexou os Estados Pontifícios e ocupou Roma. O Papa excomungou-o, mas ele levou o Papa prisioneiro para a França. Deste modo, a França ia espalhando, por meio das suas conquistas na Europa, os ideais da Revolução. Portugal foi também vítima de Napoleão em três invasões.

### 1.7.1. Incidências da Revolução em Portugal

Naturalmente, toda esta ideologia revolucionária chegou a Portugal por diferentes canais e influenciou certamente, não apenas na política, mas também na Igreja e na sua relação com o Estado. Com o liberalismo instalado pela Constituição

de 1822, acontece o inesperado: depois do Estado dominar a Igreja, mediante o regalismo de Pombal, agora o Estado passa a “desconhecer” a Igreja, como parceira, para o bem comum do povo português.

Em meados do séc. XVIII, Portugal estava ao sabor do filosofismo francês, sendo invadido por todo o tipo de literatura anticristã e anticatólica. Dom Miguel da Anunciação, bispo de Coimbra, na sua célebre pastoral denunciava este tipo de literatura – sobretudo de Rousseau e Voltaire – que andava nas mãos de estudantes e professores da Universidade. A própria Real Mesa Censória teve que intervir, condenando livros franceses como heréticos ou como perturbadores da ordem social.<sup>110</sup> Dom Frei Caetano Brandão, numa pastoral, afirmava que estes erros vindos de França eram o pior mal dessa época.

Portanto, a Revolução Francesa sentiu-se em Portugal no reforço da Maçonaria, do deísmo e de outros erros condenados, mais tarde, na encíclica *Quanta Cura*, que leva como apêndice uma série de erros concretos num documento chamado *Syllabus* (08.12.1864).

O filosofismo francês teve também uma manifestação nas tão faladas *Conferências do Casino*, onde estavam inscritos, em 16 de maio de 1871, Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, Augusto Soromenho, Oliveira Martins, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, Eça de Queirós e outros. Qualificadas de *democráticas*, estas *Conferências* foram inauguradas por Antero de Quental, que falou sobre a decadência dos povos peninsulares:

“Todo o discurso foi um ataque cerrado à Igreja Católica, em misto repugnante de blasfêmias e erros históricos. A esta conferência seguiram-se, aproximadamente na mesma orientação, as de Augusto Soromenho, Eça de Queirós e Francisco Adolfo Coelho; estava anunciada a de Salomão Sáraga, que se propunha negar a divindade de Jesus Cristo”.<sup>111</sup>

Mas em 26 de junho de 1871, uma portaria, assinada pelo Marquês de Ávila e de Bolama, proibiu a continuação das *Conferências do Casino*. O fundamento invocado era que nelas “se expunham e procuravam sustentar doutrinas e proposições que atacavam a religião e as instituições políticas do Estado”.<sup>112</sup>

<sup>110</sup> São exemplos disso, o *Dictionnaire Historique et Critique*, de Pierre Baile; *Histoire Philosophique et Politique des Établissements et du Commerce des Européens dans les deux Indes*; *Le vrai sens du système de la nature*, de Claudio Elvécio. Foram ainda condenadas várias obras de Rousseau e outras, entre 1769 e 1775. O que mais combateu este tipo de obras foi o intendente da polícia, do tempo pombalino, Diogo Inácio de Pina Manique, porque isso desestabilizava o governo de Pombal.

<sup>111</sup> Fortunato de Almeida III, o. c., p. 356.

<sup>112</sup> Em Fortunato de Almeida III, p. 356. Salomão Sáraga era um judeu que se tornou amigo de Renan. Ver ainda SIMÕES, João Gaspar, *As conferências do Casino*, em A Geração de 70, Lisboa,

O facto provocou a fúria dos conferencistas, sobretudo de Alexandre Herculano, que escreveu nos jornais a protestar contra a referida proibição.

Quanto a Antero de Quental, 16 anos depois, em 1887, escrevia ao Dr. Wilhelm Stork que o seu discurso no Casino “se ressentia muito da influência das ideias políticas preconcebidas, da crítica histórica com ‘tendências’”.<sup>113</sup>

- *Supressão das Conferências do Casino*, em Opúsculos, por Alexandre Herculano, Lisboa, Viúva Bertrand, 1873-1908, vol. I, p. 252 (BNP, P. 5627 P.).

Mas Alexandre Herculano recebeu a resposta que não esperava, da parte de José Sousa Monteiro (1846-1909), com a seguinte obra:

- *Duas obras de misericórdia ou enérgica refutação do opúsculo do Snr. A. Herculano a propósito da supressão das Conferências do Casino: ensinar os ignorantes e castigar os que erram... com prólogo e notas por um vimaranense*, Guimarães, Teixeira de Freitas, 1875; 185, III p.; 19 cm (BNP, H.G. 19273 P.).

Antero, por sua vez, escreveu também ao ministro:

- *Carta ao Marquês de Ávila e Bolama, sobre a portaria que mandou fechar as Conferências do Casino Lisbonense*, Lisboa, 1871.

Isso fez que o Marquês abandonasse o ministério e mesmo a vida política.

Uma outra afronta das ideias liberais anticatólicas vigentes neste período, sobretudo no meio dos intelectuais, foi a admissão de Renan, como correspondente no estrangeiro, na Real Academia de Ciências de Lisboa. Isto provocou protestos por parte de alguns intelectuais que faziam parte da Academia, acontecendo o mesmo do lado dos católicos, protestantes e judeus. Era o elogio do agnosticismo e mesmo do ateísmo, vindo de uma Academia que se dizia, num país católico. O que mais atacou esta decisão da Academia foi José de Lacerda com as suas *Cartas* sobre “A Questão Renan”. As principais são:

- “*Questão Renan (1.ª serie)*. Carta ao vice-presidente da Academia Real das Sciencias; no *Conimbricense*, n.º 2:806, de 16 de junho de 1874; reproduzida no *Jornal da noite*, n.º 1:058 de 18 de Junho, com observações críticas de Teixeira de Vasconcellos; Carta ao redactor do *Jornal da noite*. Saiu nesta folha, n.º 1:062, de 23 de junho, também anotada pelo redactor principal.
- *Questão Renan (2.ª serie)*. *Primeira carta*; no *Conimbricense*, n.º 2815, de 18 de julho de 1874; *Segunda carta*; na dita folha n.º 2:816, do mesmo mez e anno. *Terceira carta*; na dita folha, n.º 2:818.” (Inocência XIII, p. 79).

---

Inquérito, [D. L., 1984]. Antero atribuía a decadência dos povos peninsulares à monarquia e à “Igreja do concílio de Trento”. Os jornais católicos contra-atacaram, mas ele respondeu-lhes no *Jornal do Comércio*.

<sup>113</sup> Ibidem, p. 356.

## 1.8. O anticlericalismo

Na segunda metade do séc. XIX, o anticlericalismo encontrou novo vigor, numa luta contra o fantasma dos Jesuítas, Lazaristas e Ultramontanistas e ainda contra a centralização do poder papal. Era a “doença” da moda, aliás pouco racional, por parte de gente que se cria (e era certamente) muito racional, intelectual e sobretudo muito “liberal”, no mau sentido do termo. Assim, liberais como Alexandre Herculano (1810-1877) e Vicente Ferrer Neto Paiva (1798-1866) redigiram um panfleto, precisamente contra os “inimigos” acima mencionados. O dito folheto era apelidado justamente *Jesuítas e Lazaristas* e foi publicado em 1862, em Lisboa, acusando-os de minar as organizações liberais e de lutar pela restauração de um regime autoritário (BNP, H.G. 15602//1 P.).

Tratava-se já de uma preparação do laicismo de Estado, que se queria atingir atacando, pela via do clero, o regime liberal monárquico, que ainda defendia o catolicismo como religião do Estado português (e Brasil). O que eles pretendiam, no fundo, era simplesmente a descristianização do país, projeto que seria atingido com o almejado regime republicano, como realmente aconteceu em 1910.

Mas o anticlericalismo cresceu e ganhou raízes com a proclamação do dogma da infalibilidade do Papa, facto que irritou o liberalismo reinante e os republicanos anticristãos, que não aceitavam, de modo algum, o fortalecimento da autoridade do papal. Os próprios católicos liberais não se sentiram bem neste ambiente hostil, que se traduzia em obras escritas mesmo pelos grandes nomes da literatura portuguesa, como Alexandre Herculano.

## 1.9. Resposta dos leigos católicos às ideologias anticristãs:

### o 1.º Congresso Católico do Porto (1871-1872)

A Igreja Católica vivia momentos extremamente difíceis: a guerra franco-prussiana ganha por esta última; a partir daí, Pio IX deixou de contar com o apoio francês. Por outro lado, o fim do concílio Vaticano I, interrompido pelo avanço das tropas italianas, que conquistam Roma, deixou o Papa prisioneiro no Vaticano. A definição da infalibilidade do Papa quando fala “ex Cathedra”, também encontrou, mesmo nas nações católicas, bastante alarido, assim como a encíclica *Quanta cura* e o *Syllabus*. Eram tempos difíceis para a Igreja, que se encontrava cercada fisicamente e contestada nas suas doutrinas.

O Congresso foi organizado secretamente por D. António de Almeida (1821-1900), um leigo, sobrinho do Duque de Saldanha. Este reuniu, quase secretamente, os intelectuais católicos leigos para esse Congresso, que se realizou no Palácio de Cristal, no Porto. Todos eram unânimes quanto à regeneração católica e à exaltação de Pio IX. O lema de Dom António era: “A guerra ao Papa é a

guerra à Igreja, é a guerra ao cristianismo, é a guerra à religião; a guerra à religião tem por consequência necessária a guerra à sociedade”.<sup>114</sup> Este Congresso foi um brado da sentinela a acordar uma Igreja que, por um lado, estava adormecida na sua fé, por outro, comprometida frequentemente com os poderes políticos, que pretendiam amarrá-la aos seus projetos pouco ou nada cristãos. Produziu dois frutos saborosos: a *Associação Católica do Porto* e um jornal também do Porto: *A Palavra*. Este jornal confrontou-se permanentemente com o seu congénere liberal.

### A imprensa católica

A propósito do jornal católico, *A Palavra*, será útil recordar a grande quantidade de títulos de imprensa católica depois da implantação do liberalismo (1820) até à implantação da República (1910). Trata-se, portanto, de uma reação da Igreja Católica contra o liberalismo. Um grande e ótimo inventário desta imprensa apresenta nada menos de 309 títulos, que tiveram, naturalmente, maior ou menor duração. Este número enorme de jornais e revistas mostram-nos que a Igreja não estava morta e que reagia à investida liberal e maçónica, que, nessa altura, trabalhavam de mãos dadas.<sup>115</sup>

<sup>114</sup> CLEMENTE, Dom Manuel, *O Congresso Católico do Porto (1871-1872) e a emergência do laicado em Portugal*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.ª Série, 1989, p. 181-182. Aí discursaram o Visconde de Azevedo e muitos outros, sobretudo Roberto Guilherme Woodhouse, que respondeu aos detratores da religião (ib., p. 187-188); o Conde de Samodães, homem de uma ténpera católica invejável, que, no Congresso, afirmou a fé que recebeu no batismo e recusou as calúnias que sobre ele lançaram os inimigos da fé: reacionário, jesuíta, lazarista... Era um homem que, desde a infância, lia a Sagrada Escritura: “Entre os livros da Sagrada Escritura aquele que mais se me gravou na memória foi o dos Atos dos Apóstolos. Gostava tanto dele, quando estava ao princípio da adolescência, que o lia e relia, sempre que outros estudos me davam ocasião” (ib., p. 189-190). O Conde de Samodães, depois do Congresso, continuou a lutar, pela escrita, no jornal *A Palavra*, jornal dos católicos do Porto. Outros oradores foram o Reverendo Barroso, António Moreira Belo, o visconde de Azevedo, o Pe. Carlos João Rademaker e outros. Ver ainda GONÇALVES, Eduardo C. Cordeiro, *O Conde de Samodães e o discurso conciliador entre catolicismo e liberalismo*, *Lusitania Sacra* 16, 2.ª Série, 2004, p. 87-109. Como diz o próprio título, apesar de combater um liberalismo pouco “liberal”, Samodães opta por uma “santa aliança” entre liberalismo e catolicismo, reivindicando todas as liberdades para este último. Sobre este Congresso Católico, a Associação Católica do Porto e o jornal *A Palavra*, ver ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo Ferreira dos Santos Silva. Bispo do Porto (1871-1899)*, Biblioteca Humanística e Teologia, Porto, 2010, p. 246-259; CLEMENTE, Manuel, *Laicização da sociedade e afirmação do laicado em Portugal (1820-1840)*, em *Lusitania Sacra* 3, 2.ª Série, 1991, p. 111-154; OLAI, Nuno, *Carlos Rademaker (1828-1885): Percorso do Restaurador da Companhia de Jesus em Portugal*, em *Lusitania Sacra* 12, 2.ª Série, 2000, p. 98-102.

<sup>115</sup> Veja-se o referido catálogo por AZEVEDO, Joaquim, e RAMOS, José, *Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910*, em *Lusitania Sacra* 3, 2.ª Série, 1991, p. 215-264; VOLOVITCH, M.



De entre os grandes homens que se notabilizaram nesta época, não podemos esquecer um católico militante, Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914), que tentou, tal como antes dele aconteceu com o conde de Samodães, aliar a política miguelista direitista, com a política liberal e republicana, progressista.<sup>116</sup>

### 1.10. O estabelecimento do protestantismo em Portugal, motivo de polémica

O aparecimento e desenvolvimento do protestantismo em Portugal está diretamente relacionado com o facto “da lenta desagregação do paradigma da uniformidade confessional na sociedade portuguesa e cujas origens podemos fazer remontar ao fim do séc. XVIII”.<sup>117</sup> A uniformidade confessional (católica) foi-se desagregando, ainda segundo o mesmo autor, devido ao fortalecimento monopolista do Estado, fenómeno político que atuou, por ricochete, na relação do Estado com a Igreja Católica. Esta foi obrigada a aceitar uma condição de subalternização em relação ao primeiro.

Neste paradigma político-religioso, o Estado autoritário prescindiu do apoio da Igreja para exercer as suas próprias funções, para o bem comum da sociedade, como acontecia no antigo paradigma de aliança entre os dois poderes. Com a ruína do antigo regime, devido à Revolução Francesa e suas sequelas político-religiosas, o novo regime absoluto, apesar de se chamar “liberal”, tomou uma posição bastante contrária à Igreja Católica, abrindo brechas de tipologia religiosa, por onde entrou também o protestantismo.<sup>118</sup>

---

C., *La presse de la démocratie chrétienne et du catholicisme militant au Portugal (1878-1913)*, em Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, 2, 1980, p. 81-116; ver ainda PINTO, António Augusto d’Almeida, e FREITAS, Pe. J. J. Sena, *Discursos pronunciados no Salão da Associação Catholica*, Porto, Typ. da “Palavra”, 1873; 71 p.; 18 cm (BNP, S.C. 12945/114 P.). Sobre a imprensa católica neste período, ver também FONTES, Paulo F. de Oliveira, *Imprensa Católica*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal, C-I, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 423-424.

<sup>116</sup> Sobre esta personalidade do catolicismo, ver FERREIRA, António Matos, *Um Católico Militante diante da crise nacional: Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914)*, CHER, UCP-Lisboa, 2007.

<sup>117</sup> SANTOS, Luís Aguiar, *O Protestantismo em Portugal (séculos XIX-XX): Linhas de força da sua história e historiografia*, Lusitania Sacra 12, 2.<sup>a</sup> Série (2000), p. 37-64 (37).

<sup>118</sup> As primeiras décadas do séc. XIX foram trágicas para Portugal nos vários domínios da política, da cultura e da religião: a guerra com a Espanha e o humilhante tratado de Badajoz (1801); o tratado de Fontainebleau assinado entre Napoleão e a Espanha, no qual Portugal era riscado do mapa europeu; a invasão da França, por três vezes, e a consequente ocupação do nosso país pelo exército inglês, comandado pelo general Beresford, depois da fuga da família real para o Brasil (1807); a revolução de 1820, que substituiu a regência durante o reinado de D. Maria I, por uma Junta Provisória, que redigiu uma Constituição; o regresso de D. João VI, em 1821, dei-



Neste novo paradigma foram permitidas organizações que não o seriam no antigo, a principal das quais foi a Maçonaria, apesar da confessionalidade do Estado ser ainda a religião católica. Esta não foi vista como uma ameaça ao Estado, mas pouco a pouco foi entrando nele e mesmo tomando conta dele; isto aconteceu, pelo menos em parte, no regime liberal, que não facilitou a vida da Igreja Católica, mas facilitou a entrada do protestantismo, tanto em Portugal como no Brasil. Isso não significa que o regime liberal tenha protegido o protestantismo, já, que, em geral, respeitou o princípio jurídico da referida confessionalidade do Estado português, durante todo o séc. XIX. Isso significa que as diferentes Igrejas protestantes não tinham liberdade de culto público nem igrejas para o mesmo, o que acontecerá mais tarde. Mas os protestantes, de nenhum modo, foram perseguidos, nem pelo regime liberal e muito menos pela Igreja Católica, que não tinha meios para o fazer, como certa literatura apologética pretende afirmar.<sup>119</sup> As pastorais dos bispos desta altura são mais de caráter de defesa do que de ataque, perante a propaganda protestante, por meio de livros e folhetos entregues, por assim dizer, de porta a porta.

Numa palavra, até às invasões francesas, o protestantismo não tinha conseguido ganhar raízes em Portugal, embora se vendessem livros um pouco secretamente nos livreiros de Lisboa. O certo é que, com a ameaça de Napoleão invadir Portugal – se não fechasse os portos à Inglaterra – e a consequente fuga da corte portuguesa para o Brasil, o nosso país ficou ao abrigo dos ingleses; assim, as Bíblias inglesas e outras (protestantes) começaram a entrar no nosso país em grande quantidade, não apenas para os soldados ingleses, mas também para o grande público. A partir daí, a BFBS estabeleceu-se em Portugal, embora, ao princípio, sem uma estrutura formal. Mas a liberdade era, agora, mais consistente e as Bíblias começaram a ser distribuídas em grande quantidade.

A primeira edição da Bíblia distribuída foi o *Novo Testamento* de Almeida, 1809.<sup>120</sup> A Sociedade Bíblica Americana aproveitou também o ensejo para pu-

---

xando o filho, D. Pedro em seu lugar no Brasil; a revolução chamada “Vilafrancada”, 1823, por iniciativa da esposa do rei, D. Carlota Joaquina, e seu filho, D. Miguel, que não reconheceram a Constituição de 1821; seguiu-se a “Abrilada” em 1824, encabeçada pelos mesmos elementos da família real, para fazer abdicar D. João VI e restabelecer o regime absolutista. João VI, ao ter que suportar tudo isto e ainda a independência do Brasil por seu filho D. Pedro, em 1822, acabou por morrer em 1826. Todas estas revoluções, controvérsias e guerras deixaram o país debilitado em todos os sentidos, sobretudo nas instituições do Estado, nos costumes, com a presença ativa da maçonaria inglesa...; a Igreja sofreu, por ricochete, todas estas influências pouco agradáveis para a vida dos cristãos portugueses.

<sup>119</sup> Ver SANTOS, Luís Aguiar, *O Protestantismo...*, o. c., p. 38s.

<sup>120</sup> Ver esta edição no *Catálogo das Obras Bíblicas de João Ferreira d'Almeida*, no vol. IV desta coleção, p. 750.

blicar o *Novo Testamento* de João Ferreira Annes d'Almeida em 1839; e, neste mesmo ano, também a Sociedade Bíblica Trinitariana de Londres (SBT/TBS) publicou em português e para Portugal e suas colónias o *Novo Testamento* do mesmo Almeida. Aliás, esta Sociedade aproveitou a presença do exército inglês em Portugal para fazer uma revisão de toda a Bíblia de Almeida (1819), mediante o oficial e capelão inglês que aqui viveu dois anos, Thomas Boys. De facto, este serviu-se de auxiliares portugueses, cujos nomes se desconhecem, para corrigir o seu texto, que não é de um português correto. Foi publicada sem o nome do autor, pelo que foi chamada “Do Anónimo inglês”.<sup>121</sup>

Um elemento protestante que teve muita influência no assunto foi Francisco Xavier de Oliveira, o conhecido “Cavaleiro de Oliveira”, por ser professo na Ordem de Cristo. Mesmo assim, tinha abjurado o catolicismo e adotado o protestantismo. Um facto que irritou o Marquês de Pombal e o rei D. José foi uma obra sua escrita em francês e enviada da Inglaterra, onde viveu muitos anos, e que leva o seguinte título:

- *Discours pathétique au sujet des calamités présentes arrivées au Portugal, adressés à mes compatriotes et en particulier à Sa Majesté Très Fidèle Joseph 1.<sup>er</sup>, Roy de Portugal, par le Chevalier d'Oliveira*, Londres, 1757.

Aqui se dizia que a causa do terramoto de Lisboa (1755) foi para castigo dos pecados dos católicos portugueses, mormente da Corte, devido à idolatria de imagens e devido também à manutenção do tribunal da Inquisição. Atacava ainda a doutrina católica acerca do Purgatório; defendia o uso da Bíblia nas línguas vulgares e tratava os Papas de Roma com termos indecorosos. A sentença contra todas estas injúrias, sobretudo por acusar também o rei como causa do terramoto, foi a condenação à fogueira; mas como vivia em Londres, foi queimado em efígie, na mesma fogueira em que foi queimado o corpo do Padre Malagrida, no claustro de S. Domingos em Lisboa, a 20 de setembro, 1761.

Ainda acerca de Bíblias protestantes, favorecidas pelos ingleses estabelecidos no nosso país, podemos informar que a primeira Bíblia de Figueiredo publicada em Londres, em 1821, deve ter chegado a Portugal em grande abundância, mas sempre na edição protestante.<sup>122</sup> Aliás, foi à sombra dos ingleses, muito presentes no nosso país nesta época, e de comerciantes protestantes de outros países

<sup>121</sup> A Difusora Bíblica tem em sua posse o texto manuscrito original, com a correção à mão, da revisão da Bíblia de Almeida (1819), por Thomas Boys.

<sup>122</sup> Sobre as muitas edições da Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida (protestante), ver o respectivo *Catálogo*, II Parte do vol. IV desta coletânea; sobre as do Pe. António Pereira de Figueiredo (católica), ver o seu *Catálogo* na II Parte deste volume (cap. 26).

estrangeiros, que o protestantismo criou raízes em Portugal, mesmo fundando imprensa própria, como foi o caso de *A Reforma* e *O Evangelista*.

Poderíamos ainda falar de outros temas que preocuparam a sociedade e a Igreja em particular. A superstição, por exemplo, não foi abolida pelo iluminismo. As grandes massas de povo simples ficaram sempre alheias às teorias dos iluminados, dos intelectuais e dos filósofos, porque não houve, nesta altura, um projeto nacional que tivesse em conta os mais desfavorecidos da sociedade de então. O exemplo dessa pedagogia religiosa foi o bispo de Beja e de Évora, Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, como veremos a seu tempo.

Podemos concluir este parágrafo, dizendo que o protestantismo, pelo menos nestes séculos, não influiu sensivelmente na nossa cultura. Influiu apenas negativamente, na medida em que as doutrinas protestantes e a sua propaganda provocaram a reação dos Pastores da Igreja Católica, como veremos no capítulo sobre *Bíblia e Literatura de Controvérsia* (cap. 7).<sup>123</sup>

Um assunto interessante que tem a ver com o protestantismo foi o facto de as embaixadas de países protestantes terem, em Lisboa, nas mesmas embaixadas, o chamado “direito de capela”. Esta instituição jurídica vinha de 1641, data em que foi reafirmado o catolicismo como religião do Estado português. A Inquisição estava atenta para que não houvesse qualquer forma de culto público de outras religiões ou Igrejas protestantes em Portugal e seus territórios. Por isso, o “direito de capela” estava reservado unicamente aos embaixadores, em cujas embaixadas poderia haver uma capela privada para os residentes em Portugal, que fossem da mesma Igreja. Mesmo assim, houve problemas diplomáticos entre Portugal e outros países, sobretudo com a Holanda.<sup>124</sup>

### Algumas Sociedades Bíblicas importantes e o protestantismo em Portugal

Apresentamos seguidamente a nomenclatura de várias das muitas Sociedades Bíblicas, que nasceram nesta altura, sobretudo a partir da inglesa BFBS. Pelo menos algumas destas estiveram presentes em Portugal ou nos nossos territórios ultramarinos de então.

<sup>123</sup> Ver AFONSO, José António, *Propostas para o estudo dos protestantismos ibéricos*, em *Lusitania Sacra* 16, 2.ª Série, 2004, p. 465-475; VALENTE, David, *Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal: Contributo para a história da sua formação*, em *ib.*, p. 477-510. Sobre as Sociedades Bíblicas protestantes, ver também o que dizemos em *Bíblia e Cultura Bíblica no Oriente Asiático* (cap. 19).

<sup>124</sup> SANTOS, Luís Aguiar, *A primeira geração da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (1876-1902)*, em *Lusitania Sacra* 8-9, 2.ª Série, 1996-1997, p. 299-360. Uma obra de grande valia para um estudo exaustivo do estabelecimento do protestantismo em Portugal é a seguinte: LEITE, Rita Mendonça, *Livro, Texto e Autoridade – Diversificação Religiosa com a Sociedade Bíblica em Portugal (1804-1940)*, Lisboa, INCM, 2019, sobretudo p. 31-466.

1. *Society for Promoting Christian Knowledge* (SPCK), Inglaterra, 1698.
2. *Society for Promoting the Gospel in Foreign Parts*, Inglaterra, 1701.
3. *Society in Scotland for Propagating Christian Knowledge*, Escócia, 1709.
4. *Society for Promoting Religious Knowledge among the Poor*, Inglaterra, 1750.
5. *Naval and Military Bible Society*, 1779, Inglaterra.
6. *Society for the Support and Encouragement of Sunday Schools*, Inglaterra, 1785.
7. *French Bible Society*, Londres, 1792.
8. *Sociedade Missionária de Londres*, Londres, 1795.
9. *Sociedade de Tratados Religiosos* (STR), Inglaterra, 1799.
10. *British and Foreign Bible Society* (BFBS/SBBS), Londres, 1804.
11. *Sociedade Bíblica de Berlim*, 1805.
12. *Sociedade Bíblica de Glasgow*, 1805.
13. *Sociedade Bíblica de Ratisbona*, 1805.
14. *Sociedade Bíblica de Dublin/Hibernian Bible Society*, 1806.
15. *Sociedade Bíblica Canadiana*, 1807.
16. *Sociedade Bíblica de Filadélfia* (USA), 1808.
17. *Sociedade Bíblica de Edimburgo* (Escócia), 1809.
18. *Sociedade Bíblica da Rússia*, 1813.
19. *Sociedade Bíblica Dinamarquesa*, 1814.
20. *Sociedade Bíblica Sueca*, 1815.
21. *Sociedade Bíblica Norueguesa*, 1816.
22. *Sociedade Bíblica Americana*, Nova Iorque, 1816.
23. *Sociedade Bíblica Australiana*, 1817.
24. *Trinitarian Bible Society* (SBT/TBS), Londres, 1831.
25. *National Bible Society of Scotland*, 1861.

A partir do séc. XIX, as Sociedades Bíblicas começaram a expandir-se por todos os países, mesmo na Rússia e no Oriente asiático. Por isso, nos dispensamos de as nomear a todas. No entanto, deixamos aqui estas 25, todas do séc. XIX. A Bíblia distribuída por estas Sociedades em territórios da língua portuguesa era, geralmente, a de João Ferreira d'Almeida. Em ordem a uma melhor eficácia na sua distribuição, as referências à revisão da mesma aparecem logo em 1838, proposta por um capelão inglês no Porto, o Reverendo Whiteley, e Joseph Jones, os dois conhecedores do português. O ponto de partida foi *O Novo Testamento* de 1693, de 1711 e o da Bíblia de 1819.

No centro da polémica de distribuição de Bíblias no território continental, na Madeira e os Açores, surgiu na Madeira a revista católica com o título:

- *Revista Histórica do Proselitismo Anti-Católico Exercido na Ilha da Madeira pelo Dr. Roberto Reid Kalley, médico escocês, desde 1838 até hoje. Por um madeirense* [Manoel de Sant'Ana e Vasconcellos], Funchal, Typografia do Imparcial, 1845; 2, 92 p.; 24 cm (BNP, H. G. 2761//7 V.).

Certamente, os artigos da revista incendiaram os ânimos e, no ano seguinte, o povo passou à ação e incendiou a casa de Roberto Kalley, sendo destruídas todas as Bíblias que ali se encontravam. Deste modo, ele foi obrigado a sair da Madeira, para a América Central, Estados Unidos e, posteriormente, para o Brasil.

Em 1864, depois de muitas peripécias e avanços e recuos, devido às mudanças de rigor da lei portuguesa relativa à distribuição de Bíblias vindas do estrangeiro, a SBBE resolveu passar a imprimi-las em Portugal. O *Depósito das Sagradas Escrituras* começou a funcionar a partir de 1876. Em 1878 funda-se um outro na Madeira; e já em 1889 é aberto um outro em Cabo Verde.

### 1.11. Respostas da Igreja a estas questões

Além das respostas que foram apresentadas para cada tema específico, vamos agora elencar as grandes respostas oficiais da Igreja Católica, que englobam os mais variados problemas destes séculos, contra os quais a Igreja, sentindo-se perseguida, reagiu oficialmente. Refiro-me, sobretudo, ao regalismo que tentava absorver o poder espiritual do Papa.

Essencialmente, estas respostas são duas: O concílio Vaticano I e a encíclica de Leão XIII, *Providentissimus Deus*. As duas, no seu conjunto, dão a resposta possível, no seu tempo, aos problemas que viemos tratando. Além disso, não podemos esquecer que este Papa, em 8 de dezembro de 1854, definiu o dogma da *Imaculada Conceição de Nossa Senhora*. Foi um facto importante para os católicos, que, aliás, já viviam a sua fé na Mãe de Jesus na perspectiva da sua Conceição Imaculada.

#### 1.11.1. O concílio Vaticano I (8.12.1869 – 18.07.1870)

Este Concílio foi convocado pela bula *Aeterni Patris* de Pio IX, em 29 de julho de 1869, e reuniu em 8 de dezembro de 1869. Nenhum Estado católico foi chamado a fazer-se representar, ao contrário do que era tradição. E este assunto era o ponto de vista que lhes interessava acerca do Concílio.

Mas o Concílio vai reagir, não defendendo o poder temporal do Papa, que era atacado há muito tempo. Reagiu, sim, contra os ataques de carácter teológico, como o dogma da infalibilidade do Papa, para fazer calar todas as doutrinas

antipapistas que estavam na moda, a fim conseguir mudar essas mentalidades e estabelecer uma nova e sã relação com os Estados.<sup>125</sup>

Mas o liberalismo, que já estava em ação para entrar em cena, vai trazer novos episódios pouco agradáveis para a Igreja de então, sobretudo mediante uma sociedade secreta: a Maçonaria, que, por sua vez, será várias vezes condenada pela Igreja, como um poder secreto anticristão e ateu, além do laicismo e do naturalismo, contra os quais, Pio IX escreveu a encíclica *Qui pluribus* de 9 de novembro de 1846.<sup>126</sup>

O concílio Vaticano I, convocado pelo papa Pio IX, foi um dos grandes acontecimentos eclesiais do séc. XIX. Como temos vindo a considerar, as circunstâncias internacionais eram críticas, sob o ponto de vista político, mas sobretudo ideológico. Depois do jansenismo, do regalismo e do filosofismo ateu, espalhados pela Revolução Francesa, que geraram o liberalismo, o racionalismo, o materialismo e o socialismo, as potências europeias, que antes colaboravam pacificamente com a Igreja, na solução dos problemas dos povos, agora colocaram-se numa posição de indiferença e mesmo de ataque ao papado de Roma. Havia governos profundamente anticlericais e mesmo anticatólicos, que se serviam de privilégios anteriormente concedidos pela Igreja, para, agora, a dominarem. Na Itália, estava em curso o processo de unificação de todos os Estados da Península. Deste modo, os próprios Estados Pontifícios foram invadidos pelo rei Vítor Emanuel II da Casa de Sabóia. Como já vimos, o Papa, segundo as teorias em voga, sobretudo o regalismo, não deveria ter a força espiritual de que gozou desde a reforma gregoriana e muito menos ser senhor de um Estado, como se fosse um rei como outro qualquer.

<sup>125</sup> Ver BARBOSA, David Sampaio, *O Concílio Vaticano I e o governo Português (1869-1870)*, Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, 1989. O autor apresenta um historial relativamente completo sobre o evoluir dos acontecimentos do Concílio, mas também sobre a perspetiva com que os grandes Estados europeus acompanhavam, mediante os seus representantes em Roma, os acontecimentos, em ordem ao poder temporal do Papa e da sua infalibilidade, porque, mesmo esta tinha incidências políticas.

<sup>126</sup> Denzinger, n.º 2775-2786. Aí fala da infalibilidade do Papa, condena o racionalismo e outros erros do tempo, como as *seitas clandestinas* (maçonaria?), o *indiferentismo*, que tenta desvanecer a diferença entre vício e virtude; e deixa também umas palavras amargas contra as “astutíssimas Sociedades Bíblicas, que, renovando o antigo costume dos hereges, não deixam de distribuir gratuitamente e de impor em grandíssimo número de exemplares (...) os livros sagrados da Escritura, traduzidos em todas as línguas vulgares, contra as mais sagradas regras da Igreja, e frequentemente mal interpretadas, a todos os homens, de todas as classes, mesmo aos mais rústicos, para que todos, abandonada a divina tradição, a doutrina dos Padres e a autoridade da Igreja Católica, interpretem, a seu livre arbítrio, a Palavra de Deus, mudando o seu sentido, escorregando para os mais graves erros. Gregório XVI (...) desaprovou estas Sociedades. E Nós também queremos que sejam condenadas” (ib., n.º 2884).

A Igreja necessitava de dar uma resposta cabal a tantos *ismos*.<sup>127</sup> Para isso, nada melhor que um concílio geral. Pio IX subiu ao trono pontifício numa altura conturbada, no ano de 1846. Para responder a todos esses problemas, em vários documentos, começou por condenar os referidos princípios e sistemas filosófico-políticos. Tais erros foram mesmo inventariados na já referenciada encíclica *Quanta Cura*, que leva como apêndice uma seriação de erros concretos num documento chamado *Syllabus* (08.12.1864).<sup>128</sup> Na encíclica *Qui pluribus*, de 7 de fevereiro de 1878, condenava os erros do racionalismo.<sup>129</sup> Também em 18 de setembro de 1861, foram condenados os erros de Jakob Frohshammer sobre a liberdade absoluta da ciência.<sup>130</sup> Condenou igualmente o indiferentismo;<sup>131</sup> e diversos erros foram condenados na altura, não simplesmente por os considerar heterodoxos, mas sobretudo para esclarecer os católicos e outros, acerca dos perigos que tais doutrinas traziam para a fé cristã e para a humanidade em geral.

Seguidamente, para apresentar soluções mais credíveis, pensou num concílio geral; mas, antes, fez várias consultas a grupos de bispos de diferentes nacionalidades, em ordem à justificação de um concílio e ao programa doutrinário do mesmo. Havia a ideia geral de que o concílio de Trento não tinha definido com a clareza suficiente a eclesiologia; e daí surgiu uma série de confusões doutrinárias sobre a mesma (galicanismo, regalismo, etc.).

Os bispos pediam que se esclarecessem os princípios doutrinários do cristianismo como: a existência de um Deus pessoal e diferente do mundo (contra o panteísmo, deísmo e outros erros da altura); este Deus pode ser conhecido, embora imperfeitamente pela razão; a criação do mundo; a Providência; a Encarnação do Verbo eterno; a Redenção; o problema da graça e a autoridade da Igreja. Alguns bispos pediam também que fosse definida a infalibilidade do Papa, quando fala “ex Cathedra”.

<sup>127</sup> Sobre este Concílio, veja-se BRASÃO, Eduardo, *O Concílio Vaticano I visto por diplomatas portugueses*, em *Lusitania Sacra* 9, 1.ª Série, 1970-1971, p. 255-309; BARBOSA, David Sampaio, *O Concílio Vaticano I e o Governo Português*, *Lusitania Sacra* 1, 2.ª Série, 1989, p. 11-40; LEITE, António, *O Centenário do Concílio Vaticano I*, em *Brotéria*, novembro, 2012, p. 390-403

<sup>128</sup> Ver Denzinger, n.º 2890-2980; LEITE, António, *O Syllabus*, *Brotéria* 79, dezembro, 1964, p. 513-526; GOMES, F. S., *A Oposição do governo Português ao Syllabus. Documentos da Nunciatura em Lisboa conservados no Arquivo do Vaticano*, ib., 89, julho, 1969, p. 103-121; ver referências em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, Difusora Bíblica - Gráfica de Coimbra, 2.ª edição, Fátima, 2010, n.º 44, p. 161.

<sup>129</sup> Ver Denzinger, n.º 2775-2786.

<sup>130</sup> Carta *Gravissimas inter*, dirigida ao arcebispo de München-Freising (Denzinger, n.º 2850-2861).

<sup>131</sup> Encíclica *Quanto conficiamur moerore*, dirigida aos bispos italianos (Denzinger, n.º 2865-2867).



Mas, para convocar um concílio, seria ainda necessário que fosse oportuno. O Secretário de Estado de Pio IX, o cardeal Antonelli, mostrou-se favorável, mas temia que as potências europeias se opusessem, sobretudo a Áustria, onde eram muito conhecidas as ideias do já referido Febrônio, que se apresentavam com o nome de *josefismo*, além do *galicanismo* francês.<sup>132</sup>

Durante dois anos, a Comissão Preparatória do concílio trabalhava afanosamente nos temas a apresentar ao mesmo. A 29 de julho de 1867, celebrou-se em Roma o 28.º centenário do martírio dos apóstolos Pedro e Paulo, onde se juntaram uns 500 bispos de todo o mundo. O Papa aproveitou para lhes anunciar que iria celebrar-se um concílio, para responder aos problemas desse momento histórico do mundo e da Igreja. Foram seguidamente enviados questionários a todos os bispos acerca dos problemas a tratar, tendo havido apenas umas 250 respostas, individualmente ou em grupo.

Finalmente, a 29 de junho de 1868, o papa Pio IX promulgou a bula *Aeterni Patris*, para convocar oficialmente o concílio Vaticano I, marcando a sua inauguração para a Basílica Vaticana, no dia 8 de dezembro do ano seguinte, 1869. Foram convidadas a estar presentes as grandes Igrejas Protestantes e as Orientais, mas, por um motivo ou por outro, todas se recusaram explicitamente, e algumas fizeram mesmo manifestações públicas contra o Concílio.

Foram previamente criadas 4 comissões de trabalho para apresentarem ao Concílio as propostas de estudo sobre os diferentes temas a tratar:

1. Comissão da Fé, para problemas doutrinários;
2. Comissão de Doutrina Eclesiástica, para preparar os decretos disciplinares;
3. Comissão para as Igrejas Orientais e Missões;
4. Comissão para preparar as relações com os governos e os prelados.

De Portugal, não foi escolhido ninguém para as comissões preparatórias, porque não havia, no clero português, pessoas capacitadas para tal, pois estava-se em pleno governo liberal, depois da campanha pombalina antirromana. Além disso, o episcopado português encontrava-se muito dividido, devido aos problemas já mencionados.

O primeiro texto a ser votado, na 3.ª Sessão do Concílio, foi o da Constituição *Dei Filius* (24.04.1870), que teve muitos reparos, sendo aprovada, depois de uma profunda reformulação do texto, pela unanimidade dos 667 Padres presen-

<sup>132</sup> Os erros do febronismo acerca do poder do Papa foram condenados explicitamente pelo Breve de Pio VI *Super Soliditate Petrae*, de 28 de novembro de 1786 (Denzinger, n.º 2592-2597).



tes. É um documento de caráter cristológico e tem 4 capítulos a que se seguem 18 Cânones, nos quais se condenam os erros contrários às verdades dogmáticas aí definidas.<sup>133</sup> A temática dos quatro capítulos está assim distribuída:

- *Deus criador*;
- *A Revelação*; é este capítulo que mais diretamente interessa ao nosso tema, a Bíblia;<sup>134</sup>
- *A Fé*;
- *Fé e Razão*. É uma resposta ao cientismo racionalista, que “dispensava” a Fé.

O principal interesse deste documento dogmático, como resposta aos problemas do momento, situa-se na relação entre Fé e Razão (4.º capítulo).

O segundo documento, aprovado na 4.ª Sessão de 18 de julho de 1870, foi a Constituição dogmática sobre a Igreja. Na 1.ª parte tratava-se do Primado e dos poderes do Papa e da sua infalibilidade. Esta Constituição foi aprovada com aplausos dos cristãos de toda a Europa e ataques e críticas pelos inimigos ou não adeptos de tais doutrinas. Leva o título latino de *Pastor aeternus*. Era este o documento mais esperado, dados os antecedentes do regalismo, galicanismo e outros erros contra o poder papal. O conteúdo aparece nos seguintes capítulos, que nos mostram a resposta às filosofias anticatólicas dos séc. XVII-XIX:

- *Prólogo*
- *A instituição do primado apostólico do bem-aventurado Pedro*
- *A perpetuidade do primado de Pedro nos bispos de Roma*
- *Valor e natureza do primado do bispo de Roma*
- *O magistério infalível do bispo de Roma*

Este último capítulo termina com a fórmula que consagra a infalibilidade do Papa, nas condições aí apontadas:

“O bispo de Roma quando fala *ex cathedra*, isto é, quando, cumprindo o seu ofício de doutor e pastor de todos os cristãos, define, em virtude da sua suprema autoridade apostólica, que uma doutrina, em assuntos de fé e de moral, deve ser admitida por toda a Igreja, goza, por essa assistência divina que lhe foi prometida na pessoa de São Pedro, daquela infalibilidade, da qual o divino

<sup>133</sup> Ver Denzinger, n.º 3000-3045.

<sup>134</sup> Ver ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, o. c., n.º 46, p. 163-164. No Cànone 4 fala ainda da verdade histórica dos milagres e profecias dos Evangelhos.

Redentor quis que fosse dotada a sua Igreja, quando define a doutrina sobre assuntos de fé e de moral. Por conseguinte, estas definições do Bispo de Roma são imutáveis por si mesmas, e não em virtude do consenso da Igreja. Portanto, se alguém – que Deus não o permita – ousasse contradizer esta nossa definição: seja anátema”.

Esta Constituição dogmática responde aos vários *ismos* que tratámos acima, sobretudo ao regalismo, ao episcopalismo e outros. Torna-se claro que nenhum Papa define doutrinas de fé e de moral, ao de leve, isto é, sem consultar os bispos e o sentido comum da Igreja universal. Por outro lado, este Concílio e a Constituição dogmática *Dei Filius* não podem ser vistos isoladamente: se Pio IX convocou um concílio é porque havia gravíssimos problemas de fé e de moral a resolver. Esses problemas são os que já anotámos, no período do Marquês de Pombal e muitos outros, que tinham a ver com a relação entre Razão e Fé, a propósito das novas ciências, dos novos sistemas filosóficos em campo, do regalismo absolutista, que colocava em grave perigo a autoridade da Igreja e a relação entre a mais alta hierarquia católica e os fiéis de todo o mundo. Esta espécie de luta entre razão humana e fé divina colocava imensas dúvidas à pastoral da Igreja e à consciência dos fiéis católicos.

Nos ambientes de política liberal, dominados pela maçonaria, pelos anticlericais e não católicos, o anúncio de um concílio despertou algumas reações hostis. Ao contrário de tais atitudes, este anúncio despertou grande regozijo nos bispos e no mundo católico em geral. Fundou-se mesmo, um jornal, *O Echo de Roma*, destinado a dar notícias sobre o andamento do concílio. Na inauguração (08.12.1869), estiveram presentes na Basílica de São Pedro 642 Padres conciliares (bispos), número nunca antes visto em nenhum concílio ecuménico (no entanto, era apenas a 4.<sup>a</sup> parte dos que estiveram presentes no Vaticano II). Além destes, havia também abades, superiores gerais das grandes Ordens religiosas, etc., ao todo, 737 Padres. Pela 1.<sup>a</sup> vez, havia bispos das Américas e da Ásia, além de 30 do Oriente, unidos a Roma.

### Participação portuguesa no Concílio

A participação portuguesa neste Concílio foi muito pobre, por vários motivos: alguns bispos pediram dispensa, alegando idade avançada: Évora, Coimbra, Viseu, Guarda, Angra e Angola; o bispo de Bragança estava ausente da diocese e o Patriarca de Lisboa, doente. O nosso governo liberal declarou que não impedia ninguém de ir ao Concílio, mas também não daria qualquer ajuda. Por outro lado, os próprios bispos portugueses não mostravam grande entusiasmo por este Concílio, devido ao ensino antirromano que recebiam na Universidade de Coim-

bra, ou porque muitas dioceses estavam mesmo vacantes. A Igreja portuguesa também não tinha bispos à altura dos acontecimentos, certamente como efeito do regime pombalino, seguido do liberalismo vigente.

Mas, em 14 de novembro de 1869, partiram para Roma os bispos seguintes: D. António da Trindade Vasconcelos, de Lamego; D. Inácio do Nascimento Moraes, do Algarve; D. Patrício Xavier de Moura, do Funchal; D. José Luís Alves Feijó, de Cabo Verde. Também seguiram na comitiva o deão da Sé do Funchal, Dr. Aires de Ornelas, assim como o pároco da Sé de Braga e alguns padres da Covilhã.

**Em resumo:** esta pobreza foi devida à situação política e social em que se encontrava o país, depois da morte de D. João VI (1826), com uma guerra civil e outras revoluções até 1834. De qualquer modo, a situação foi melhorando até que a Igreja, no fim do séc. XIX, já tinha um episcopado suficiente e à altura dos acontecimentos.

### Fim *ex-abrupto* do Concílio

Com a guerra franco-prussiana em pleno, Napoleão III teve que retirar as tropas francesas que defendiam a cidade de Roma, cercada pelas tropas italianas. Por esse motivo, a cidade foi tomada a 20 de setembro, 1870, com a perda do poder temporal do Papa, que se refugiou no Vaticano como prisioneiro.

Muitas medidas previstas no programa, não podendo ser aprovadas, foram depois decretadas pelos papas Pio IX, Leão XIII e Pio X. Este Concílio serviu ainda para preparar a magna Constituição da Igreja do Vaticano II, a *Lumen Gentium*. Em determinados assuntos, o concílio Vaticano II supõe e refere-se, com frequência, ao Vaticano I.

Com este Concílio, a Igreja deu a resposta possível aos problemas da altura. Foi pena que o mesmo não tivesse um desfecho pacífico, para levar até ao fim o seu programa, devido ao exército italiano, que já estava às portas de Roma. Isso levou os Padres conciliares a retirarem-se para os seus respetivos países. O Concílio não foi depois reatado, como aconteceu, por exemplo, com os três períodos em que se realizou o concílio de Trento.<sup>135</sup>

### Literatura sobre o concílio Vaticano I

Este Concílio ecuménico foi objeto de reações positivas e negativas, como era de esperar. Por isso, deu azo a alguma literatura de carácter apologético e mesmo

<sup>135</sup> Ver o vol. III desta coletânea: *A Bíblia nos Séculos XVI-XVII: “Os três períodos do Concílio de Trento”*, p. 110-112.

de polémica, também por causa da usurpação dos territórios papais e da própria cidade de Roma, que era considerada a capital da cristandade. Assim sendo, o papa Pio IX considerou-se prisioneiro do novo governo italiano dentro do pequeno Estado do Vaticano. Vejamos alguma bibliografia a propósito destes dois magnos acontecimentos:

FERREIRA, Francisco António (?-?). Traduziu: *Carta sobre o Futuro Concílio Ecu-ménico*, Porto, Tip. da Livraria Nacional, 1869; autor: Félix Dupanloup, bispo de Orléans (1802-1878); 88, 2 p.; 19x12,5 cm (BSEA).

MESQUITA, António (ca. 1800). Traduziu: *Urgente necessidade de uma cruzada para a libertação do Sumo Pontífice*, Porto, J. J. de Mesquita Pimentel, 1893; 3.<sup>a</sup> ed.; autor: José Maria Carulla (ca. 1800); 25, 242, 2 p.; 19 cm (BNP, L. 43477 P.; BSEA). Traduziu também do francês: *A situação do Papa sobre a Questão Romana*, Porto, Liv. Religiosa e Científica, 1882; 100 p.; 19,5x12,5 cm (BSEA).

RADEMAKER, Carlos João, *Discurso... à definição dogmática pronunciada pelo Santo Concílio do Vaticano sobre a infalibilidade do Sumo Pontífice...*, Lisboa, Typ. Universal, 1870; 2.<sup>a</sup> edição; 22, 2 p.; 22 cm (BNP, R. 29535//14 P).

SOTOMAIOR, Miguel (1828-1911). Traduziu: *A Igreja Triunphante no Concílio do Vaticano: explicação dogmática, philosophica e histórica dos decretos do Concílio Ecuménico do Vaticano*, Porto, Livraria Portuense, 1875; 12, 301 p.; 20 cm (BNP, R. 22583 P.; BSEA).

Traduzido por um português: *A Questão Romana: Carta do Ex.mo Bispo d'Orléans, Mons. Dupanloup em resposta ao folheto "O Papa e o Congresso", seguida de um artigo sobre o direito e o exercício da soberania temporal do Soberano Pontífice e do protesto contra os attentados commettidos contra aquella soberania*, Lisboa, Typ. da Nação, 1860; autor: Félix Dupanloup; 2 col.; 13 p.; 31 cm (BNP, R. 6642//12 A.; BSEA).

Por seu lado, os bispos brasileiros, nessa altura, formalizaram um protesto contra a conquista dos Estados Pontifícios e da cidade de Roma:

*Protesto do episcopado brasileiro contra a usurpação de Roma, capital do catholicismo, e dos restantes Estados da Igreja pelo Governo Italiano*, Pará, Typographia do Diário de Belém, 1871; 2 fol., 7 p.; 20 cm (BNRJ, 090,002,011 n. 013).

## Conclusão

Este Concílio contribuiu muito para resolver as dúvidas dos católicos acerca das heresias político-espirituais em voga nestes séculos, para a afirmação do po-

der papal e para contrariar o regalismo e liberalismo antirreligiosos, reinantes no período abrangido pelo estudo deste 5.º volume de *A Bíblia em Portugal*.

É de notar ainda que Otto von Bismarck, chanceler do império alemão e mentor da filosofia do *Kulturkampf*, protestou contra as decisões do concílio Vaticano I, acusando a Igreja Católica de ter decidido o centralismo romano e o totalitarismo do Papa. A resposta a Bismarck foi dada por um documento escrito pela totalidade do episcopado alemão (29.12.1874). Aí se dão ao chanceler todas as explicações e o sentido em que deve perspetivar-se o primado do Papa.<sup>136</sup>

Que diz, em resumo, o Vaticano I sobre a Bíblia? Essencialmente, tratou de três problemas:

- a) a natureza da Revelação bíblica, insistindo na interpretação autêntica da Bíblia pela Igreja;
- b) a reafirmação do Cânon tridentino;
- c) a afirmação da realidade histórica dos milagres e profecias referidos na Sagrada Escritura. Aqui reafirma, contra a crítica liberal, o que já tinha sido condenado no *Syllabus* de 8 de dezembro de 1864. Foi condenada a seguinte proposição racionalista:

“As profecias e os milagres expostos e referidos nas Santas Escrituras são ficções de poetas; e os mistérios da fé cristã, o resultado de investigações filosóficas; nos livros do Antigo e do Novo Testamento há invenções míticas e o próprio Jesus Cristo é uma ficção mítica”.<sup>137</sup>

### 1.11.2. A Igreja Católica e as traduções da Bíblia em línguas vulgares

Não podíamos deixar de lado, neste capítulo sobre o contexto social, político e religioso dos séc. XVIII-XIX, o antigo problema das traduções da Bíblia para as línguas vulgares.

Ainda aparece nesta época, em certos documentos da Igreja Católica, o receio de que tais traduções – apesar de já não serem proibidas, desde 1757 – possam ser um problema para a consciência dos fiéis católicos.<sup>138</sup> Vamos cingir-nos

<sup>136</sup> Ver Denzinger, n.º 3112-3117, onde se inclui a aprovação e aplauso do papa Pio IX ao episcopado alemão.

<sup>137</sup> Ver ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, Gráfica de Coimbra/Difusora Bíblica, Coimbra - Fátima, 2011, n.º 44, p. 161.

<sup>138</sup> O decreto do Papa, mediante a *Congregação do Index* é de 13 de julho de 1757, modificando a famosa *Quarta Regra* de Trento que proibia as traduções da Bíblia em língua vulgar. Agora, porém, diz-se: *Quod si huius Bibliorum Versiones fuerint Apostolica Sede approbatae, aut annotationibus desumptis Ecclesiae Patribus, vel ex Catholicisque viris, conceduntur*. Quer dizer: “Porém

a apresentar alguns documentos oficiais da Igreja, sem mais delongas. Para não aborrecer o leitor, remeto para a obra *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, onde se encontra o texto de cada documento e as respetivas páginas.<sup>139</sup>

**Pio VII** (3.09.1816). Manifesta o receio de que a proliferação das Bíblias pode ser perigosa, porque as pessoas, sem conhecimentos bíblicos, podiam interpretá-la mal.<sup>140</sup>

**Leão XII** (24.05.1824). Este Papa, à semelhança do anterior, receia que a multiplicação das traduções bíblicas, oferecidas pelos protestantes, possam prejudicar a consciência dos católicos.<sup>141</sup>

**Pio VIII** (24.05.1829). Diz que é necessário vigiar as traduções em línguas vulgares.<sup>142</sup>

**Gregório XVI** (8.05.1844). Mostrava ainda, num grande documento, enorme receio de que tais traduções trouxessem mais mal do que bem para o povo católico e colocava-se de pé atrás contra as Sociedades Bíblicas.<sup>143</sup>

**Pio IX** (09.11.1846). Já num outro ambiente mais positivo em relação à Bíblia, afirma que é pelo conhecimento da palavra de Deus que podemos defender a fé.<sup>144</sup>

**Leão XIII** (02.01.1897). Foi o autor dos Decretos Gerais “Acerca da proibição e censura dos livros”. Aí tem em conta muitos outros aspetos além da leitura e tradução da Bíblia nas línguas vulgares. Devemos dizer que Bento XIV foi, felizmente, o grande responsável pelas novas traduções.

O receio que a Igreja tinha em relação às Bíblias em línguas vulgares era normal, dada a ausência de instrução cristã do povo, já que a maioria nem sequer sabia ler. Um cálculo sobre a instrução pública do séc. XVIII diz que 5%

---

se estas traduções da Bíblia forem aprovadas pela Sé Apostólica, ou publicadas com anotações tiradas dos Santos Padres da Igreja, ou de Varões doutos e Católicos, concedem-se”.

<sup>139</sup> ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, o. c. Sobre estas proibições, veja-se MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan, *A Censura Literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, FCG, Lisboa, 2005, sobretudo p. 9-107.310-540.

<sup>140</sup> ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, n.º 39, p. 144-145.

<sup>141</sup> Id., ib., Doc. n.º 40, p. 145-147.

<sup>142</sup> Id., ib., Doc. n.º 41, p. 147-148.

<sup>143</sup> Id., ib., Doc. n.º 42, p. 148-157.

<sup>144</sup> Id., ib., Doc. n.º 43, p. 158-161.

da população pertencia à nobreza; 10% ao clero e 85% à classe popular; destes últimos, 10% eram burgueses e 75% pertenciam à classe dos pobres, doentes e famintos a pedir esmola. Parece evidente que apenas a nobreza, o clero e alguns das classes populares sabiam ler e escrever. Mas, que conhecimentos tinham de Bíblia, para tirarem dela algum proveito? Por isso, o grande Fénelon, arcebispo de Cambrai, afirmava que o mais necessário era instruir os cristãos sobre a Bíblia e não simplesmente mandar-lhes ler a Bíblia. Este foi, e é ainda, o grande problema da Igreja Católica.<sup>145</sup>

O próprio clero que estudava um pouco de Teologia e de Bíblia, tão-pouco tinha grande capacidade de interpretar muitíssimos textos do nosso Livro. Além disso, *saber ler* não é suficiente para *saber ler a Bíblia*. Porquê exigir que um povo, que mal sabia soletrar, tivesse de ler a Bíblia, se não havia sequer uma simples iniciação à leitura da mesma? Portanto, o que faltava não eram Bíblias para ler, mas cultura e catequese bíblica para todo o povo. É aí que se situa o problema, que tanta celeuma criou entre católicos e protestantes, nestes séculos, até hoje. Infelizmente, este problema ainda existe, embora em menor escala. Porque nos admiramos de que tenha existido nos séc. XVIII-XIX? Será que as autoridades do Estado obrigavam os seus cidadãos, que mal sabiam soletrar, a ler Homero, Horácio ou outros autores clássicos?

Esta situação cultural e religiosa era devida também às relações internacionais da altura, que davam origem a guerras, praticamente cada 15 anos, e algumas duravam muitos anos. Essas circunstâncias tornavam-se motivo para atrasos de toda a espécie e também de atraso cultural.

Tal era a situação que encontrou o concílio Vaticano I, quando se reuniu em Roma em 1869-1870. Depois do que dissemos até aqui, não é difícil perceber o porquê destas afirmações conciliares, na segunda metade do séc. XIX. Quanto à natureza da Revelação bíblica, foi a primeira vez que um concílio ecuménico lhe consagrou um estudo e uma declaração solene. Os concílios anteriores tinham simplesmente afirmado o facto da Revelação sobrenatural e as fontes da mesma

<sup>145</sup> É curioso que, sobre a proibição da leitura da Bíblia, o Pe. António Pereira de Figueiredo, na sua *Prefação Geral a toda a Sagrada Bíblia*, afirma que esta proibição era normal e já vinha do judaísmo: “Esta disciplina da Igreja Cristã vinha já do costume da antiga Sinagoga dos judeus, a qual, ainda que permitia aos meninos a lição de todos os Livros Sagrados, contudo, aos que não tinham ainda trinta anos de idade, proibia a lição de certas partes da Divina Escritura, pelo perigo que considerava em as ler gente moça. Estas partes são: o primeiro capítulo do Génesis, em que se trata de como Deus criou o mundo; todo o livro do Cântico dos Cânticos, que debaixo de expressões as mais ternas entre os homens, contém os amores de Cristo com a Igreja e da Igreja com Cristo; o princípio da profecia de Ezequiel, onde se descreve a misteriosa visão dos quatro animais; os últimos capítulos da mesma Profecia, que contém a descrição do Templo” (*Prefação Geral a toda a Sagrada Bíblia*, Edição Nova [1794-1819], p. 93-94).

(Escritura e Tradição); mas não tinham falado da sua necessidade, da sua natureza, nem da relação entre Revelação sobrenatural e conhecimento natural de Deus.

O concílio Vaticano I consagra, assim, uma doutrina, que vinha já do séc. XVII, contra o deísmo, o qual afirmava ser suficiente uma religião natural descoberta pela “deusa” Razão. Quis acentuar a necessidade de uma Revelação sobrenatural, necessária para a salvação, como sistema de verdades inacessíveis à razão humana. O importante, do nosso ponto de vista, é que, para o Vaticano I, a Revelação divina torna-se o objeto da fé dos cristãos.

Na Idade Média e no concílio de Trento, quando se fala do objeto da fé, diz-se: “doutrina sagrada”, “verdade da fé”, “verdade de salvação” e “Evangelho”. Deus era a fonte destas verdades reveladas. Ora, para o concílio Vaticano I, o termo “Revelação” inclui a fonte da Revelação, isto é, a ação reveladora de Deus, assim como as verdades que Ele nos revela. É uma ação iluminadora de Deus dada aos Apóstolos e Profetas, que faz perceber as verdades; e um conhecimento sobrenatural de Deus que se sobrepõe ao conhecimento natural.

O concílio Vaticano II irá ainda mais além, afirmando, solenemente, que a Revelação não é unicamente uma luz para conhecer a Deus; é o próprio Deus que *Se* revela a “si mesmo e dá a conhecer o Mistério da sua vontade” (DV 2). E afirma a centralidade de Cristo na Revelação divina, o que não aparecia ainda no Vaticano I.

No que se refere ao Cânon, o concílio Vaticano I recorre ao de Trento, que continua como norma absoluta sobre este aspeto. De facto, fica-nos a impressão de que o Vaticano I quase nada legislou sobre a Bíblia que o concílio de Trento não tivesse já afirmado, quatro séculos antes. Durante estes quatro séculos, as intervenções da Igreja em documentos oficiais, no referente à Bíblia, são em número reduzido, de pouca importância e quase todas formuladas em termos negativos, isto é, em forma de proibições.<sup>146</sup>

O concílio de Trento e o concílio Vaticano I tinham colocado os estudos bíblicos mais ao serviço da apologética, da defesa da fé e da Teologia: a Bíblia era vista ainda com desconfiança. A partir do Vaticano I, a Bíblia vai ser olhada pela Igreja de um modo muito mais positivo. As grandes encíclicas bíblicas – *Providentissimus Deus*, *Spiritus Paraclitus* e *Divino Afflante Spiritu* – que transcrevemos, na sua totalidade nos mesmos *Documentos*, são três grandes luzeiros a iluminar o fim do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX. Não há dúvida de que a Igreja pode orgulhar-se destes três grandes documentos sobre a Bíblia.

<sup>146</sup> ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, Difusora Bíblica-Gráfica de Coimbra, 2011, Doc. n.º 35-42, p. 135-157.



Uma caraterística dos séculos que nos ocupam é o facto de se pretender organizar, cada vez melhor, os estudos, para facilitar o trabalho dos estudantes, com novos métodos pedagógicos, isto é, com maior proximidade estudante-professor e com manuais que coloquem diante dos alunos o projeto organizado do estudo de cada Cadeira, sobretudo na Universidade (de Coimbra). Deste modo, vulgarizam-se manuais para todos os gostos.<sup>147</sup>

### Bibliografia sobre as línguas vulgares

*Apologia Breve de Pio VI... Sobre a Sagrada Escritura em língua vulgar*, Pavia, 1784; 288 p. (BPA, F.M. A-02242).

*La lectura de la Biblia en lengua vulgar, juzgada según la Escritura, tradición y razón*, 1866 (Manual del Librero).

MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan, *A Censura Literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, FCG, Lisboa, 2005.

SAN MIGUEL, Felipe Scio de, et alli, *Cartas eclesiásticas de D. Joaquín Lorenzo Villanueva al doctor D. Guillermo Díaz Luzeredi en defensa de las leyes que autorizan ahora al pueblo para que lea en su lengua la Sagrada Escritura: va al principio una carta del Rmo. P. Felipe Scio de S. Miguel... á este mismo propósito*, Madrid, Imprenta Real, regente D. Lázaro Gayguer..., 1794; XLVIII, 243 p.; em 8.º.

VILLANUEVA, J. L., *Recomendación de la lectura en lengua vulgar – Extracto del Opúsculo publicado con el mismo título*, Montevideo, Imp. del Nacional, 1844; 34 p.; em 8.º (Manual, 368.230).

Sobre o assunto da proibição das traduções da Bíblia em línguas vulgares, ver o *Suplemento* 1 deste volume: “Acerca da proibição e censura dos livros” do papa Leão XIII.

#### 1.11.3. A encíclica *Providentissimus Deus*, sobre a Bíblia

(Leão XIII, 1893).

A 18 de novembro de 1893, o papa Leão XIII assinava a primeira encíclica da já longa história da Igreja, sobre problemas bíblicos.<sup>148</sup> Este é o mais impor-

<sup>147</sup> Sobre os compêndios ou manuais desta época, ver, por exemplo, AZEVEDO, Carlos A. Moreira, *A Faculdade de Teologia de Coimbra (1772-1910): o ensino da Teologia Moral*, Didaskalia XLVI, 2, 2016, p. 75s.

<sup>148</sup> O texto integral desta encíclica aparece em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia (160-2010)*, o. c., n.º 49, p. 168-198; Idem, *As encíclicas Providentissimus Deus de Leão*

tante documento bíblico da época que tratamos neste volume e um dos mais importantes da Igreja Católica, ao longo dos 20 séculos da sua história. Por isso, não poderíamos esquecê-lo neste 5.º volume de *A Bíblia em Portugal*, já que ele influiu, naturalmente, também na Igreja portuguesa, a partir de então.

Pela sua importância fundamental nos estudos bíblicos, esta encíclica merece um tratamento à parte. Por isso, dedicámos-lhe um capítulo deste volume, para o qual remetemos o leitor (cap. 23).<sup>149</sup>

## Conclusões

1. A personagem de Pombal projetou a sua sombra sobre todo o período que tratamos neste volume. Não só no seu presente histórico, mas também no período seguinte – o liberalismo – na medida em que sujeitou a Igreja ao poder político, criando o ambiente propício para as lutas liberais. Serviu-se, por exemplo, da *Real Mesa Censória*, um verdadeiro organismo inquisitorial, como instrumento, não apenas moralizador dos bons costumes, mas também como instrumento repressivo das ideias contrárias ao seu sistema político.

2. Em grande medida, toda esta questão tinha origem na política do *padroado real*, ou seja, nos benefícios que o poder real concedia à Igreja, a fim de esta poder exercer, com maior capacidade e eficácia, as suas diferentes atividades pastorais. Em troca dessa ajuda material e organizativa, os reis tinham certos direitos sobre as instituições da Igreja, como, por exemplo, a escolha dos bispos, apesar de estes terem a aprovação do Papa, antes de serem consagrados.<sup>150</sup>

No tempo da Expansão, este tipo de patronato assumia novas formas, sempre com a aprovação do Papa. Deste modo, os bispos funcionavam, na prática, não apenas como delegados da Igreja, na sua missão específica, mas também como delegados do poder político. Já a partir da Idade Média, havia confiança entre os dois poderes, religioso e civil, mas também uma certa permeabilidade, ou melhor, uma grande confusão, entre os dois.

3. A questão tornou-se grave quando os reis deixaram de ter uma verdadeira vivência da fé católica, como acontecia a partir dos nossos primeiros reis. Agora, serviram-se dos costumes e da antiga legislação eclesiástica para continuarem,

---

*XIII e Divino Afflante Spiritu de Pio XII. Dois marcos na leitura da Bíblia*, em *Bíblica-série científica*, n.º 2, Difusora Bíblica, Fátima, 1994, p. 7-32; ainda sobre a *Providentissimus Deus*, ver Denzinger, n.º 3280-3294.

<sup>149</sup> Ver *Acta Sanctae Sedis*, 26, Vaticano, 1893-1894, p. 279-292.

<sup>150</sup> Veja-se, por exemplo, a bula do papa Júlio II, *Universalis Ecclesiae*, 1508.

não apenas a trabalhar com a Igreja no mesmo projeto evangelizador, mas simplesmente para dominar a Igreja em todas as suas estruturas humanas e eclesiais.<sup>151</sup>

Ora, isto aconteceu em todos os países católicos europeus, começando pela França de Luís XIV, cujo regalismo era o modelo de todos os outros: a famosa frase a ele atribuída, “L’État c’est moi”, diz bem do seu regalismo puro e simples. O mesmo fez também o rei Carlos III de Espanha (séc. XVIII), a propósito da Igreja espanhola, tanto na Europa como nos territórios espanhóis da América do Sul. Teve, inclusive, a mesma política de Pombal para com os Jesuítas.

Todos estes regimes e outros, em toda a Europa do séc. XVIII, fizeram o mesmo: nomeação de bispos, supressão da imunidade eclesiástica e direitos tradicionais reconhecidos pelos dois poderes em causa, intervenção direta e absoluta no ensino, a fim de educar nas ideias regalistas as gerações futuras... Numa palavra, colocar a Igreja ao serviço do poder civil, isto é, constituir uma ditadura do poder civil sobre a Igreja. Pior ainda, justificavam tudo isto com a legislação antiga da Igreja, que fora feita num outro contexto, social e religioso, completamente diferente.

4. Poderíamos chamar a este *modus procedendi* manipulação legislativa em proveito próprio. Mas, em grande medida, foram homens da Igreja que entregaram todas estas justificações nas mãos do poder político de então. No caso português, foi sobretudo o nosso conhecido Pe. António Pereira de Figueiredo que exerceu esse papel. Portanto, os acontecimentos do regime de Pombal, em termos gerais, foram simples cópia do que já tinha acontecido, ou que acontecia, ao mesmo tempo, noutros países europeus, durante o séc. XVIII.

5. Como o conteúdo deste capítulo não é propriamente de apresentação de obras bíblicas, cita apenas 16 autores e 136 obras, na perspetiva típica deste conteúdo. Mas, muitos deles irão marcar presença, como autores, nos capítulos seguintes.

<sup>151</sup> Sobre esta temática, veja-se, por exemplo, CARDIM, Pedro, *Religião e Ordem Social. Em torno dos fundamentos católicos do sistema político do Antigo Regime*, em Revista da História das Ideias, vol. 22, Coimbra, 2001.

*“Estes são os mandamentos, as leis e os preceitos que o Senhor, vosso Deus, ordenou que vos ensinasse para os cumprirdes na terra onde ides entrar, para dela tomar posse.*

*Portanto, deves temer o Senhor, teu Deus, cumprindo todas as suas leis e mandamentos que te ordeno, tu, os teus filhos e os filhos dos teus filhos, por todos os dias da tua vida, a fim de que os teus dias se prolonguem.*

*Portanto, Israel, escuta e tem cuidado em cumprir o que será bom para ti e vos fará multiplicar muito na terra onde corre leite e mel, como te prometeu o Senhor, Deus dos teus pais.*

*Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único!*

*Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.*

*Estes mandamentos que hoje te imponho estarão no teu coração.*

*Repeti-los-ás aos teus filhos e reflectirás sobre eles, tanto sentado em tua casa, como ao caminhar, ao deitar ou ao levantar.*

*Atá-los-ás, como símbolo, no teu braço e usá-los-ás como filactérias entre os teus olhos.*

*Escrevê-los-ás sobre as ombreiras da tua casa e nas tuas portas”.*

Livro do Deuteronomio, texto apelidado *Shema'Israel*,  
que o judeu piedoso recita três vezes por dia

## Capítulo 2

### **Contexto bíblico europeu: traduções da Bíblia na Europa**

Tal como víamos no volume anterior, o problema da proibição de traduções da Bíblia para as línguas vulgares continuou, nestes dois séculos, até que o papa Bento XIV permitiu que se fizessem, desde que fossem aprovadas pela Igreja. Como aconteceu nos vol. II e III, onde verificámos uma abissal diferença entre as traduções portuguesas e o resto da Europa, também neste 5.º volume vamos apresentar uma série de traduções da Bíblia para as línguas vulgares noutros países europeus.

Este capítulo tem, assim, um valor em si mesmo, pela informação bíblico-cultural que apresenta, mas tem, ao mesmo tempo, um valor funcional, na medida em que nos patenteia as diferenças da nossa cultura bíblica com a do resto da Europa. No volume III, vimos como era grande a diferença entre a Europa e o nosso país. Neste capítulo, embora as distâncias sejam encurtadas – devido à tradução da Bíblia pelo Pe. António Pereira de Figueiredo – nem por isso atingimos o nível europeu, nem mesmo em termos relativos.

As causas foram fundamentalmente as mesmas: a rigorosa obediência às determinações da hierarquia eclesiástica, que ainda proibia as traduções para as línguas vulgares até meados do séc. XVIII, e sobretudo a falta de cultura suficiente para ler e compreender a Bíblia, na generalidade da população portuguesa. Por isso, já no fim do séc. XVIII, a Bíblia do Pe. António Pereira de Figueiredo salvou-nos a face, no que se refere a Bíblias católicas, já que a de João Ferreira Annes d'Almeida era protestante e, portanto, proibida aos católicos. Esta apareceu na segunda metade do séc. XVII e foi objeto específico do vol. IV desta coletânea.

Quanto à metodologia a seguir neste capítulo, adotaremos, em termos gerais, a mesma dos vol. II e III, apresentando algumas versões e edições dos principais países europeus, com os respetivos tradutores. Este capítulo representa, portanto, o contexto europeu das nossas parcas produções bíblicas, mas também da Bíblia do Pe. António Pereira de Figueiredo, tratada na II Parte deste volume.

É certo que não apresentamos aqui todas as edições bíblicas europeias – isso seria um trabalho gigantesco – destes dois séculos, mas apenas uma amostragem dessa enorme produção, muito antes que surgisse em Portugal a Bíblia traduzida por Figueiredo. E não são apenas as Bíblias protestantes que enchem as páginas deste capítulo. Há muitas Bíblias católicas também, desde o início do séc. XVIII, portanto, antes que o papa Bento XIV permitisse, oficialmente, a sua tradução para as línguas vulgares, por um Breve de 1757.

Informamos ainda que apresentamos um elenco relativamente completo, apenas das Bíblias francesas, para não alongarmos demasiado este capítulo com Bíblias estrangeiras. Quanto aos outros países europeus (Espanha, Itália, Alemanha, Inglaterra e mesmo na Holanda), limitámo-nos a um breve elenco das principais traduções, embora aí a produção bíblica também fosse grande, mas inferior à francesa.<sup>1</sup>

As traduções e edições bíblicas que aqui deixamos à atenção do leitor pretendem mostrar, não apenas a relativa pobreza da produção bíblica do nosso país, mas também a dependência da nossa cultura, nestes séculos, precisamente e sobretudo da cultura francesa, o que parece evidente também noutros capítulos deste volume. Por isso, estes dois séculos da cultura portuguesa caracterizam-se, não pela produção bíblica nacional, mas pela tradução de obras bíblicas estrangeiras, como o leitor poderá verificar ao longo dos capítulos que integram este volume. Por isso, grande parte das obras aí apresentadas não é de verdadeiros “autores” portugueses, mas “tradutores”.

Estruturamos este capítulo nos itens seguintes, segundo as línguas e culturas europeias:

- 2.1. Bíblias francesas
- 2.2. Bíblias italianas
- 2.3. Bíblias espanholas
- 2.4. Bíblias inglesas
- 2.5. Bíblias holandesas e flamengas
- 2.6. Bíblias alemãs
- 2.7. Bíblias de influência germânica

<sup>1</sup> O catálogo de Darlow & Moule apresenta um elenco de traduções bíblicas francesas nos séculos XVIII e XIX, n.ºs 3776-4045; para as italianas, n.ºs 5601-5699; para as espanholas: n.ºs 8484-8687.

## 2.1. Bíblias francesas

No que se refere às traduções da Bíblia e a outras produções bíblicas francesas, deixamos bem claro que este país levou a dianteira em relação a outros. Por isso, colocamo-las em primeiro lugar. Como metodologia de apresentação deste capítulo, achamos que seria mais claro e interessante apresentar as edições por autores. Isso evidencia os principais e os menos importantes, ao mesmo tempo que torna mais clara a exposição de tantas obras deste período.<sup>2</sup>

### 2.1.1. Bíblia de Maistre de Sacy / Port-Royal (1613-1648)

1697-1710. 37 vol. *La Genèse [L'Éxode, etc...] Traduit en français. Avec explication du sens littéral & du sens spirituel, tirée des Saints Pères & des Auteurs Ecclésiastiques par le Sr. Le Maistre de Sacy. Dernière édition*, Bruxelles e Paris, E. H. Fricz e G. Desprez, Paris, 1697-1710; 16x9 cm (Darlow, 3785; ver também Darlow, 3756).<sup>3</sup>

1702-15. *La Sainte Bible en latin et en françois, avec des notes littérales pour l'intelligence des endroits les plus difficiles: divisée en deux tomes*. Avec un troisième tome, contenant la *Concorde des quatre Évangélistes*; les *Livres Apocryphes en Latin & en François*; & plusieurs autres pièces.

— Tome I. Paris, Guillaume Desprez, 1715; em fol.

— Tomes II-III. *Nouvelle édition enrichie de cartes géographiques et de figures, avec les Traitez de Chronologie & de Géographie, les Sommaires des Livres, tant du Vieux que du Nouveau Testament; & toutes les Tables tirées de la grande Bible Latine d'Antoine Vitre...*, Liège, Jean François Broncart, 1702; 3 t. em 2 vol.; em fol. (BNRJ, 148, 8. 1-3).<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Ver “Traduções francesas da Bíblia” no vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos Séculos XVI-XVII*, p. 184-205.

<sup>3</sup> A Bíblia de Antoine e Louis Isaac de Sacy (*Bíblia de Sacy*) saiu dos meios jansenistas de Port-Royal (1667-1695). Também foi chamada “Bíblia de Mons”, por se supor que teria sido feita nessa cidade francesa; foi impressa em Amsterdão, 1667. Começou com o Novo Testamento, mas Sacy acrescentou-lhe o Antigo com muitas notas (Paris, 1672-1695). Estas notas foram também traduzidas para a língua italiana. Os trabalhos de Sacy deram origem à chamada *Bíblia de Vence*, que saiu pela primeira vez em 17 volumes, numa edição orientada por L. St. Rondet (Avinhão, 1767-1773). Desta serviu-se, mais tarde, *Filion*, Paris, 1903-1904.

<sup>4</sup> Em POMPEIA, Dr. Raúl d'Ávila (ed.), *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1895, vol. XVII, fasc. 1, p. 150-151, há uma grande explicação desta Bíblia (Sacy).

1710. *Le Nouveau Testament... Traduit en françois selon l'édition Vulgate, avec les différences du Grec*, Hannover, Nicholas Foerster, 1710; é nova edição da Bíblia de Mons / Port Royal; 894 p.; 15,5x10 cm (Darlow, 3787).<sup>5</sup>
1711. *L'Apocalypse Traduit en françois, avec une explication tirée des Saints Pères et des auteurs ecclésiastiques*, Paris, Guillaume Desprez e Jean Desessartz, 1711; 426 p.; 20x13 cm (BSG).
1713. *La Sainte Bible, Traduite en françois sur la Vulgate par Mr. le Maistre de Saci*, Mons, Gaspard Migeot, 1713; 2 vol.; 26 cm (BNP, Bib. 324 V. - 325 V.; BPG, n.º 4643).
1717. 4 vol. *La Sainte Bible en latin et en françois, avec des notes littérales... et la "Concorde des Quatre Evangelistes". Par Monsieur le Maistre de Saci*, Paris, G. Desprez e J. Desessartz, 1717. É a Bíblia de Port Royal, com o latim e francês em colunas paralelas; XII, 1041, 1311 p.; Concordância: 172 p. O vol. 4 tem "Os livros Apócrifos em latim e francês"; 40x26 cm (BNP, Bib. 95 A. - 98 A.: CMVIS, 2414; BNRJ, 148, 9, 1-4; Darlow, 3788).
1717. *Le Nouveau Testament Traduit en françois sur la Vulgate, par Monsieur le Maistre de Saci*, Paris, G. Desprez J. Desessartz, 1717; em 12.º. É uma versão de Port-Royal, "Imprimé avec la permission de Son Eminence Monseigneur le Cardinal de Noailles, Archevêque de Paris". Nos preâmbulos, apresenta o *Ordinário da Missa*; texto: 706 p.; 17x9 cm (Darlow, 3789).
1720. *L'Apocalypse Traduite en françois, avec une explication tirée des SS. Pères et des auteurs ecclésiastiques*, Paris, Guillaume Desprez e Jean Desessartz, 1720; 52, 426 p. (CMVIS, 2836).
1720. *L'Ecclésiastique de Salomon Traduit en françois, avec une explication tirée des SS. Pères et des auteurs ecclésiastiques*, Paris, Guillaume Desprez e Jean Desessartz, 1720; 550 p.; 19,5x13 cm (BSG).
1722. *La Sainte Bible Traduite en françois par Mr. de Sacy. Avec des Nottes courtes, tirées des SS. Pères et des meilleurs Interprètes, pour l'intelligence des endroits les plus difficiles*, Haia, Chr.Van Lom. P. Goske et R. Alberts, 1722 (BPNM, a-e 6,A – X: t. I).
1722. *Les Psaumes de David*, Paris, Guillaume Desprez e Jean Desessartz, 1722; 654 p.; 19x13 cm (BSG).

<sup>5</sup> Em 1713-15, apareceu outra edição de Port-Royal, revista, em ordem à vida interior, por Jeanne Marie B. de la Mothe Guyon (1648-1717), uma mística francesa. Foi publicada em 20 volumes, Amesterdão e Colônia, Jean de Pierre; em 8.º (Darlow, 3787).



1722. *Epîtres Catholiques, Traduites en françois, avec une explication tirée des SS. Pères et des auteurs ecclésiastiques*, Paris, Guillaume Desprez e Jean Desessartz, 1722; t. 1.º: 654 p.; índices; 19x13 cm (BSG).
1724. *Epître de Saint Paul aux Romains Traduite en françois, avec l'explication du sens littéral et du sens spirituel, tirée des Saints Pères et des auteurs ecclésiastiques*. Tome premier [-IV-part II], Paris, Guillaume Desprez e Jean Desessartz, 1724 (CMVIS, 2864).
1729. *L'Apocalypse Traduite en françois, avec une explication tirée des Saints Pères et des auteurs ecclésiastiques*, Paris, Guillaume Desprez e Jean Desessartz, 1729; 52, 426, 2 p. (CMVIS, 2841).
1729. *Les Psaumes de David Traduits en françois, avec une explication tirée des Saints Pères et des auteurs ecclésiastiques*, Paris, Guillaume Desprez e Jean Desessartz, 1729; 52, 426, 2 p. (BSG).
1730. *Le Nouveau Testament Traduit...*, Paris, G. Desprez et J. Desessartz, 1730; em 12.º; 2 vol.; 523, 460 p. É a Bíblia de Port Royal; com privilégio (Darlow, 3801).
1730. *Les Actes des Apôtres, Traduits en françois, avec une explication tirée des Saints Pères et des auteurs ecclésiastiques*, Paris, Chez Guillaume Desprez, 1730; XXXII, 683, 4 p. (CMVIS, 2840).
1742. 14 vol. *La Sainte Bible contenant l'Ancien et le Nouveau Testament... avec des notes pour l'intelligence des endroits les plus difficiles...*, Paris, Guillaume Desprez, 1742; em 12.º (BNP, 61 P. - 81 P.; BEP, 8266-16-6).
1749. 9 vol. *La Sainte Bible, Traduite de la Vulgate por Lemaistre de Sacy*, Paris, Jean-Jacques Moret, 1749; 17 cm.
1759. *La Sainte Bible contenant l'Ancien et le Nouveau Testament, Traduite en français, sur la Vulgate, par Monsieur le Maistre de Sacy. Nouvelle édition. Avec de courtes notes pour l'intelligence du sens littéral & prophétique*, Paris, Guillaume Desprez, 1759; XXXII, 1090 p.; 41x25,5 cm (BGUC, S.P.-Ah-8-1; BNRJ, 147, 8, 10; Darlow, 3821).
1767. *Le Nouveau Testament... Traduit en françois sur la Vulgate...*, Paris, G. Desprez, 1767. É uma versão de Port Royal, com o *Ordinário da Missa*, orações, etc.; XXXII, 541 p.; 12,5x6,5 cm (Darlow, 3824).
- 1781-1786. 15 vol. *Sainte Bible Traduite en françois, avec l'explication du sens littéral et du sens spirituel, tirées des Saints Pères et des auteurs ecclésiastiques*. Tome premier [-XVI]. Nouvelle édition, mise dans un meilleur ordre pour la distribu-

- tion des volumes et augmentée de plusieurs pièces nouvelles, notes et sommaires, et d'une table générale des matières contenues dans tout l'ouvrage, en forme de dictionnaire*, Nîmes e Paris, Pierre Beaume..., Guillaume Desprez..., 1781-1786; 15 vol. (CMVIS, 2191).
- 1781-89. 25 vol. *La Sainte Bible Traduit en françois avec l'explication du sens littéral & du sens spirituel, tirée des Saints Pères & des auteurs ecclésiastiques*, Nîmes, Pierre Baume, 1781-1789; Nouv. éd. (BGUC, V.T.-13-6-1/17; e V.T.-13-7-1/8).
- 1787-89. 8 vol. *La Sainte Bible Traduite en françois; avec l'explication du sens littéral et du sens spirituel, tirée des Saints Pères et des auteurs ecclésiastiques. Tome premier [-huitième] du Nouveau Testament. Nouvelle édition, mise dans un meilleur ordre pour la distribution des volumes, et augmentée de plusieurs pièces nouvelles, notes et sommaires, et d'une table générale des matières contenues dans tout l'ouvrage, en forme de dictionnaire*, Nîmes et Paris, Pierre Beaume..., Gillaume Desprez..., 1787-1789 (CMVIS, 2192).
- 1789-91. 4 vol. *La Sainte Bible: contenant L'Ancien et Le Nouveau Testament. Trad... sur la Vulgate par M. Le Maistre de Sacy*, Paris, Defer de Maisonneuve, 1789-1791; Nouv. éd., ornée de 300 figures, gravées...; il. (BNP, Bib. 174 V.-177 V.; BAJUDA, 1-II-29).
1793. 4 vol. *Le Nouveau Testament en latin et en français. Traduit par Sacy; édition ornée de figures gravées sur les dessins de Moreau Le Jeune*, Paris, Saugrain, Imp. de Didot Jeune, 1793; com gravuras; 29x21 cm (BNP, Bib. 182 V. - 185 V.).
1799. *La Sainte Bible Traduite en françois par M. de Sacy. Avec des notes courtes, tirées des Saints Pères & des meilleurs Interprètes, pour l'intelligence des endroits les plus difficiles*, Anvers, Jean-Jacques, 1799; em 12.º (BNRJ, 146, 2, 3-11).
1801. *Les Psaumes Traduits en français, avec des réflexions*. Tome premier [-cinquième], Toulouse, De l'imprimerie de A. D. Manavit fils, 1801 (CMVIS, 2892).
1815. *Le Nouveau Testament selon la Vulgate. Réimprimé sur la traduction française de Le Maistre de Sacy*, St. Petersburgo, Sociedade Bíblica da Rússia, 1815; 336 p.; 22,5x14 cm (Darlow, 3843).
1816. *Le Nouveau Testament... Traduit sur la Vulgate par Le Maistre de Sacy*, Paris, Fermin Didot, 1816; 584 p.; 24x15 cm (Darlow, 3844).<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Edição publicada ao cuidado de M. Frédéric Léo, que recolheu ofertas para a "Institution Biblique-Catholique, fondée à Paris en 1816".

1817. *La Sainte Bible... Traduite sur la Vulgate par Mr. Le Maistre de Sacy*, St. Petersbourg, 1817 /15; 1270, 836 p.; 23x14 cm (Darlow, 3845).
1819. *Les Quatre Évangiles et les Actes des Apôtres. Traduits... par le Maistre de Sacy*, Paris, Firmin Didot, 1819; obra para as crianças das escolas, pelos cuidados de Frédéric Léo; 324 p.; 18,5x11 cm (ver edição de 1816; Darlow, 3852).
1819. *La Sainte Bible contenant le Vieux et le Nouveau Testament: revue et corrigée avec soin d'après les textes hébreu et grec et fidèlement réimprimée sur la Bible Protestante Française, publiée par l'Association Anglaise et Étrangère de la Bible, avec de nombreuses corrections, conformes à l'édition la plus approuvée, maintenant en usage dans le sud de la France*, Londres, chez Ogle, Duncan and Co... [et al.] [de l'imprimerie de Moyes], 1819; ca. 1200 folhas (CMVIS, 2172).
1820. *Le Nouveau Testament... Traduit... par Le Maistre de Sacy*, Paris, BFBS, J. Smith, 1820; 68 p.; 18,5x11 cm (Darlow, 3858).
1821. *La Sainte Bible... Traduite sur la Vulgata par le Maistre de Sacy*, Paris, BFBS, J. Smith, 1821; 1084, 287 p.; 21x13,5 cm (Darlow, 3860).<sup>7</sup>
1821. *Le Nouveau Testament... Traduit... par le Maistre de Sacy*, Paris, BFBS, J. Smith; 409 p.; 20x11,5 cm (Darlow, 3862).
1822. *La Sainte Bible... Traduite... par Le Maistre de Sacy*, Paris, BFBS, J. Smith, 1822; sem Dêutero-canônicos; 822, 259 p.; 22x13,5 cm (Darlow, 3864).
1823. *Le Nouveau Testament... Traduit... par Le Maistre de Sacy*, Paris, BFBS, J. Smith, 1823. Foi impresso também em 1830, 1831 e 1839 para as Sociedades Bíblicas protestantes; 873 p.; 14x8,5 cm (Darlow, 3868).
1823. *Les Saints Livres des Psaumes, des Proverbes, de l'Ecclésiaste et du Prophète Isaïe... par Le Maistre de Sacy*, Paris, BFBS, J. Smith, 1823; 564 p.; 14x8,5 cm (Darlow, 3870).
1829. *La Sainte Bible... Traduite... par Le Maistre de Sacy*, Paris, BFBS, J. Smith, 1829; sem os Dêutero-canônicos; reimpressa em 1831 e 1832; 822, 259 p.; 23x14 cm (Darlow, 3880).
1829. *Le Nouveau Testament... Traduit... par Le Maistre de Sacy...*, Paris, BFBS, J. Smith, 1829; 404 p.; 20,5x12 cm. Reimpresso em 1830 (Darlow, 3881).

<sup>7</sup> Texto baseado na edição de 1759 (Darlow, 3858).

1829. *Les Saints Livres des Psaumes, des Proverbes, de l'Ecclésiaste, et du Prophète Isaïe... par Le Maistre de Sacy*, Paris, A. Firmin Didot, 1829; 510 p.; 18x8 cm. É uma reedição de 1823 (Darlow, 3882).
1831. *Le Nouveau Testament... par Le Maistre de Sacy...*, Paris, BFBS, A. Firmin Didot, 1831; 535 p.; 21,5x13 cm (Darlow, 3883).
1834. *La Sainte Bible... par Le Maistre de Sacy...*, Paris, 1834; “Édition populaire et de luxe, tirée a cent mille exemplaires”; saiu em vários volumes; este tem Gênesis-Levítico; 22, 22, 136 p.; 29x19,5 cm (Darlow, 3886).
1837. *Les Saints Évangiles... Traduction de Le Maistre de Sacy. Édition populaire, dédiée à la Nation Française par des ouvriers imprimeurs. Avec une Introduction par les Auteurs de l'Histoire Parlementaire de la Révolution Française. Au Bureau de Publication*, Paris, 1837; texto sem notas; 227 p.; 17x11 cm (Darlow, 3890).
- 1837-38. *Les Évangiles... Traduction de Le Maistre de Sacy*, Paris, J. J. Dubochet et C.<sup>e</sup>, 1837-38; 719 p.; 26x16,5 cm (Darlow, 3891).
1839. *Le Nouveau Testament... Traduit... par Le Maistre de Sacy*, Paris, Société Biblique Française, 1839; 409 p.; 15x10 cm (Darlow, 3893).
1842. *Le Nouveau Testament... Traduit... par Le Maistre de Sacy*, Bruxelas, BFBS, Meline, Cans et C<sup>ie</sup>, 1842; reimpresso outras vezes, por ex. em 1846; 470 p.; 18,5x12,5 cm (Darlow, 3902).
1842. *Le Saint Évangile selon Saint Luc et les Actes des Saints Apôtres, Traduits... par Le Maistre de Sacy*, Toulouse, K. Cadaux, 1842; 212 p.; 22x13,5 cm (Darlow, 3903).
1847. *La Sainte Bible... Traduite... par Le Maistre de Sacy*, Paris, BFBS, L. Hachette e J. Smith, 1847; sem os Dêutero-canônicos; reimpressa várias vezes; 907, 288 p.; 25x15,5 cm (Darlow, 3912).
1848. *Le Nouveau Testament... Traduit... par Le Maistre de Sacy*, Bruxelas, BFBS, 1848; 363 p.; 20x13 cm (Darlow, 3915).
1851. *Le Nouveau Testament... Traduit par Le Maistre de Sacy...*, Paris, M. Ducloux et Comp<sup>ie</sup>., 1851; 464 p.; 11x7 cm (Darlow, 3922).
1860. *La Sainte Bible Traduite sur le latin de la Vulgate par Le Maistre de Sacy – pour l'Ancien Testament – accompagnée de nombreuses notes explicatives par l'Abbé Delaunay, Chanoine de Meaux et curé de Paris; avec lettre approbative de Mgr. Sibour, évêque de Paris*, Paris, L. Curmer, 1860; 2.<sup>ème</sup> édition; 5 tomos

mais ou menos iguais; 27,5x20,5 cm (Seminário das Missões de Cernache do Bomjardim).

1867. *La Sainte Bible... trad. par Le Maistre de Sacy...*, Paris, Garnier, 1867; Nouv. éd. revue par M. L. Abbé Jacquet; 6 vol. il.; 27 cm (BNP, B.R. 8821 - 8826).
1869. *Le Nouveau Testament... Traduit par Le Maistre de Sacy...*, Paris, BFBS, Ch. Meyrueis, 1869; sem aprovação eclesiástica; 840 p.; 20,5x14 cm (Darlow, 3958).
1870. *Le Nouveau Testament... Traduit... par Le Maistre de Sacy...*, Bruxelas, Imp. Combe et Vande Weghe, 1870; sem aprovação eclesiástica; 497 p.; 12x8 cm (Darlow, 3962).
1871. *Le Nouveau Testament... Traduit... par Le Maistre de Sacy...*, Paris, Bruxelles (Cambridge printed), 1871; 400 p.; 15,5x11 cm (Darlow, 3966).
1873. *La Sainte Bible... Traduite par Le Maistre de Sacy...*, Paris, BFBS, Ch. Meyrueis, 1873; sem Dêutero-canónicos; 907, 288 p.; 24x14,5 cm (Darlow, 3972).
1879. *Le Nouveau Testament... Traduit par Le Maistre de Sacy...*, Bruxelas, BFBS, A. Lefèvre, 1879; 497 p.; 11,5x7,5 cm (Darlow, 3991).
1881. *Sainte Bible Traduite... par le Maistre de Sacy...*, Bruxelas, BFBS, A. Lefèvre, 1881; sem Dêutero-canónicos; 907, 288; 24x15 cm (Darlow, 3997).
1883. *Le Nouveau Testament... Traduit par le Maistre de Sacy...*, Paris, Bruxelas, BFBS, 1883; 394 p.; 16x11,5 cm (Darlow, 3999).
1884. *La Bible.... Traduite par Le Maistre de Sacy...*, Paris, Bruxelas, BFBS, 1884; sem aprovações; com notas de rodapé; sem Dêutero-canónicos; 880 p.; 16x11 cm (Darlow, 4003).<sup>8</sup>

<sup>8</sup> “De Sacy’s French version and the Latin Vulgate are printed in columns; with copieux notes, prefaces, tables, etc. The compilation of the notes, begun by De Sacy, was completed by Pierre Thomas du Fossé, C. Huré... and others. This Bible, originally published by G. Desprez, at Paris, in thirty volumes..., various dates from 1672 to 1695, was the earliest to present the complete Port-Royal Version. The separate volumes were subsequently reprinted both at Paris and at Brussel. In 37 volumes, bearing various dates from 1697 to 1710, and printed by E. H. Fricx, or (in the case of few volumes) G. Desprez. Some volumes bear the words ‘suivant la copie imprimée à Paris’, or their equivalent. A few are marked ‘seconde édition’ or ‘troisième édition’. Vol. I contains a portrait of De Sacy and an engraved frontispiece” (Darlow, 3785).

### 2.1.2. Bíblia do Pe. Dinis Amelote (séc. XVII)

1733. *Le Nouveau Testament... Traduit par le R. P. D. Amelote... Avec permission... Nouvelle édition...*, Paris, Christophe David, 1733; 653 p; 12x6 cm (Darlow, 3805; ver ib., 3773).
1743. *Le Nouveau Testament... Traduit par le R. P. D. Amelote*, Paris, Pierre & Jean Herissant, 1743; 12, 581, 7 p. (BNP, Bib. 164 P.).
1757. *Le Nouveau Testament... Traduit... par le R. P. Denis Amelote... Nouvelle édition revue & corrigée*, Paris, Au Palais, 1757; encadernado com as “Intructions pour passer chrétiennement la journée...”; 680 p.; 19x11 cm (Darlow, 3820).
1813. *Le Nouveau Testament... Traduit sur l'ancienne version latine corrigée... par le R. P. Denis Amelote... Nouvelle édition, revue, corrigée et mise en meilleur ordre que les précédentes*, Limoges, F. Chapoulaud, 1813; com autorização do bispo de Limoges; 608 p.; 16,5x10 cm (Darlow, 384 2).
1834. *Le Nouveau Testament... publié par l'autorité du Pape Clément VIII, Traduit par le R. P. Amelotte*, Limoges, Martial Ardant, 1834; nova edição com imagens; 468 p.; 18x10 cm (Darlow, 3888; ver ib., 3773).

### 2.1.3. Bíblia de Hugues Oltramare (séc. XIX)

1872. *Le Nouveau Testament... Version nouvelle par Hugues Oltramare* [um dos Pastores de Genebra], Paris e Genève, A. Cherbuliez et C<sup>ie</sup>; Sandoz et Fischbacher, 1872; XI, 517 p.; 21,5x13,5 cm (Darlow, 3969).
1879. *La Sainte Bible. Ancien Testament, version de L. Segond. Nouveau Testament, version de H. Oltramare*, Genève, Cherbuliez et C.<sup>ie</sup>, etc., 1879; sem Dêutero-canónicos; 1103 p.; 17,5x11,5 cm (Darlow, 3990).
1898. *La Sainte Bible. Ancien Testament, version de L. Segond; Nouveau Testament, version de H. Oltramare*, Paris, Société Biblique Protestante, 1898; sem Dêutero-canónicos; 1553, 462 p.; 21,5x14 cm (Darlow, 4029 a).

### 2.1.4. Novo Testamento do Cónego Gaume (1802-1879)

1863. *Le Nouveau Testament... Traduction nouvelle avec sommaires et notes par le Chanoine Gaume*, Paris, Gaume Frères e J. Duprey, 1863; Nouvelle édition; revisão de E. Genoude com notas do cónego Gaume; aprovada pelo Arcebispo de Paris; XXI, 506 p.; 18x8,5 cm (Darlow, 3945a).

### 2.1.5. Novo Testamento do Pe. Lallemant (séc. XIX)

1847. *Le Nouveau Testament... Texte de la Vulgate, avec traduction et notes pour servir à l'intelligence du texte, par le Père Lallemant*, Liège, J. - G. Lardinois, 1847; texto em latim e francês, com pequenas notas; VI, 549, 613 p.; 2 vol.; 21,5x13,5 cm (Darlow, 3913; ver ib., 3774).

### 2.1.6. Novo Testamento de Isaac de Beausobre (1659-1738) e Jaques L'Enfant (1661-1728)

1736. *Le Nouveau Testament... Traduit en français sur l'original grec. Avec des notes littérales, pour éclaircir le texte. Par Mrs. de Beausobre et Lenfant. Nouvelle édition, revue & corrigée*, Berlim, 1736; com prefácios e mapas; 490, 702 p.; 2 vol.; 26x20 cm (Darlow, 3808).<sup>9</sup>

1741. *Le Nouveau Testament... Traduit en Français... avec des notes littérales... Par Mrs. de Beausobre et Lenfant*, Amsterdão, Pierre Humbert, 1741; 2 vol. É uma nova edição corrigida e aumentada pelos seus autores; contém: Advertência, Prefácio, etc.; CCCVIII, 485, 712 p.; 26x21 cm (Darlow, 3812).

1746. *Le Nouvean Testament... Par Mrs. de Beausobre et Lenfant*, Basileia, J. H. Decker, 1746; com a tradução alemã de Martinho Lutero, em colunas paralelas. É uma impressão preparada para estudantes; 809 p.; 19x11 cm (Darlow, 3816).

1819. *Le Nouveau Testament... da tradução de Beausobre e Lenfant...*, Basileia, 1819; com a tradução alemã de Martinho Lutero [Das Neue Testament], em colunas paralelas; 963 p.; 18,5x11 cm (ver a diglota de 1746; Darlow, 3851).

### 2.1.7. Bíblia de Charles Le Cène (1647?-1703)

1741. *La Sainte Bible... Nouvelle version française. Par Charles Le Cène*, Amsterdam, Michel Charles Le Cène, 1741; 2 vol.: 698 e 137, 235 p., respetivamente; 39x24 cm (BNP, Bib. 170 A. - 171 A.; Darlow, 3811).<sup>10</sup>

<sup>9</sup> A tradução anotada é de Isaac de Beausobre e de Jacques Lenfant, protestantes franceses emigrados na Alemanha; o primeiro foi capelão do rei da Prússia e o segundo capelão dos franceses em Berlim.

<sup>10</sup> Charles Le Cène era pastor Huguenote, refugiado na Holanda e Inglaterra. No início do t. I diz: "Projet d'une nouvelle version française de la Bible par Mr. Charles Le Cene".



### 2.1.8. Bíblia do Pe. Matthieu de Barneville (séc. XVIII)

1719. *Le Nouveau Testament... nouvellement Traduit en françois selon la Vulgate*, Paris, Philippe-Nicolas Lottin, 1719; 696 p.; 16,5x9,5 cm. Teve muitas edições (Darlow, 3790).<sup>11</sup>
1720. *Le Nouveau Testament... Traduit selon la Vulgate*, Paris, Philippe-Nicolas Lottin, 1720; terceira edição revista; XXIV, 701 p.; 16x9,5 cm (Darlow, 3791).
1727. *Le Nouveau Testament... Traduit selon la Vulgate. Nouvelle édition*, Paris, Gabriel-François Quilieu Fils, 1727; com Prefácio, *Ordinário da Missa...* (XXI p.); Aprovação e Privilégio; texto (700 p.); 14x8 cm (Darlow, 3797).
1728. *Le Nouveau Testament... Traduit selon la Vulgate. Nouvelle édition*, Paris, 1728; em caracteres grandes, para as pessoas idosas; XXIV, 622, 794 p.; 17x9,5 cm (Darlow, 3798).
1731. *Le Nouveau Testament... Traduit selon la Vulgate. Nouvelle édition*, Paris, J. Bullot, 1731. Com Privilégio; edição de bolso; 410, 347 p.; 10x6 cm (Darlow, 3803).
1732. *Le Nouveau Testament... Traduit selon la Vulgate. Nouvelle édition*, Paris, Gabriel Valleyre et Charles Osmont, 1732; com Prefácio e *Ordinário da Missa* (XXII p.); 684 p.; 16x9 cm (Darlow, 3804).
1735. *Le Nouveau Testament... Traduit selon la Vulgate. Enrichi d'amples Concor-dances. Nouvelle édition*, Paris, Jean Baptiste Lamesle, 1735; XI, 488, 439 p.; 17x10 cm (Darlow, 3806).

### 2.1.9. Bíblia de L'abbé de Vence (1676?-1749) e Augustin Calmet, OSB (1672-1757)

Estes dois nomes estão associados à chamada “Bíblia de Vence”.

- 1748-50. 14 vol. *La Sainte Bible en Latin et en François avec des notes littérales, critiques et historiques, des préfaces et des dissertations, tirées du commentaire de Dom Augustin Calmet, Abbé de Senores, et de M. l'Abbé De Vence et des auteurs les plus célèbres*, Paris, Gabriel Maryin, J. B. Coignard e Ant. Boudet, etc., 1748-1750; il.; mapas, gravuras, tabelas; 26x19 cm (BGUC, J.F.-61-2-9/16 e J.F.-61-3-1/16; BPNM, 1-1-12-3/16).

<sup>11</sup> Esta parece ser a 1.<sup>a</sup> edição da Igreja Católica em ligação com o conhecido Abbé de Barneville, oratoriano irlandês, que trabalhou em França na divulgação da Escritura no ambiente católico, que necessitava de conhecimentos sobre a Bíblia. Parece estar também na origem da “Société Biblique Catholique française, 1719-1740”.



1767-73. 17 vol. *Sainte Bible en latin et françois, avec des notes littérales critiques et historiques... tirées du commentaire de Dom Augustin Calmet... de Mr. l'Abbé de Vence & des auteurs les plus célèbres, pour faciliter l'intelligence de l'Écriture-Sainte...*, Paris e Avignon, Antoine Boudet-Nicolas Desainte; François Barthelemy Merande, 1767-1773; 2.<sup>ème</sup> edition; 26x19 cm (BNP, Bib. 1 V. - 34 V.; BAJUDA, 1-VI-23 a 27 e 1-VII-1 e 2; BGUC, S.P.-V-3-15/18; S.P.-V-7-1/13; BPMP, 7-4.º - A¹-11-34; BPG, n.º 4644).<sup>12</sup>

Vejamos cada volume em particular:

Vol. 1: *Prolégomènes et Genèse*, 1767; XV, 946 p., VI fol.

Vol. 2: *Exode, Lévitique et les Nombres*, 1768; VII, 896 p., 8 fol.

Vol. 3: *Deutéronome, Josué, les Juges et Ruth*, 1768; VII, 766 p., III fol.

Vol. 4: *Les quatre Livres des Rois*, 1769; IV, 878, 2 p., XIII fol.

Vol. 5: *Deux livres des Paralipomènes, Esdras & Néhémias*, 1769; VII, 872 p., 2 fol.

Vol. 6: *Tobie, Judith, Esther et Job*, 1770; VIII, 830 p.

Vol. 7: *Livre des Psaumes*, 1770; VIII, 872 p.

Vol. 8: *Livres Sapientiaux*, 1771; VIII, 984 p.

Vol. 9: *Préliminaires des Prophètes et Isaïe*, 1771; VIII, 818 p.

Vol. 10: *Jérémie, Baruch et Ezéchiël*, 1772; VII, 945, p.

Vol. 11: *Daniel et les Douze Petits Prophètes*, 1772; VII, 808 p.

Vol. 12: (?), 1772; XI, 879 p.

Vol. 13: *Les Préliminaires du Nouveau Testament et des Saints Évangiles ...*, 1773; XII, 815 p.

Vol. 14: *Quatre Livres des Saints Évangiles*, 1773, VIII, 698 p.

Vol. 15: *Les Actes des Apôtres & les sept premières Epîtres de S. Paul*, 1773; VII, 848 p.

Vol. 16: *Sept dernières Epîtres de S. Paul, les Sept Epîtres Canoniques & L'Apo-calyse*, 1773, VII, 883, p.

Vol. 17: *Esdras & huit différentes tables, avec une planche qui représente les caractères Samaritains anciens & modernes*, 1773; VIII, 88, 140, 120, 60, 264, 56, 20 p.

— 5<sup>ème</sup> édition, Paris, Mame et Delaunay-Vallée, Méquignon-Havard et Comp., 1827-1833; 17 vol. (BNP, Bib. 653 P. - 679 P.).

1781-89. 21 vol. Nova edição. *Explication de la Sainte Bible selon le sens littéral et selon le sens spirituel, tirée des Saints Pères et des auteurs ecclésiastiques. Nouvelle*

<sup>12</sup> Edição bilingue: francês e latim em colunas paralelas; Augustin Calmet foi autor da introdução, comentador do texto escrito, etc.; Henri François Vence, anotador, autor das introduções, etc.

*édition, augmentée de plusieurs pièces nouvelles, & séparée du texte & de la traduction, pour servir de supplément aux autres Bibles & principalement à l'Abrégé du commentaire de Dom Calmet, connu sous le nom de Bible de Vence, Nîmes e Paris, Pierre Beaume, Guillaume Desprez, 1781-1789;; 21 cm (BGUC, J.F.-62-4 A-1/21).*<sup>13</sup>

Apresentação de alguns volumes:

Vol. 1: *Genèse, l'Éxode & Lévitique*, 1781; LX, V-LVIII, 770 p.

Vol. 2: *Nombres, Deutéronome, Josué, Juges & Ruth*, 1782; 656 p.

Vol. 3: *Quatre livres des Rois & les Paralipomènes*, 1783; XVI, 647 p.

Vol. 4: Tome IV. Partie I: *Esdras, Néhémias, Tobie, Judith & Esther*; 1784; XVI, 364 p.

Vol. 5: Tome IV. Partie II: *Job*, suivi d'une *Concorde des Livres Historiques de l'Ancien Testament*, 1784; XXXII, 464, 4 p.

Vol. 6: Tome V, *Les 100 premiers Psaumes*, 1784; 650 p.

Vol. 7: Tome VI, *Cinquante derniers Psaumes & les Proverbes de Salomon*, 1784; 734 p.

Vol. 8: Tome VII, *Ecclésiaste, Sagesse & Cantique des Cantiques*, 1784; 573 p.

Vol. 9: Tome VIII. Partie I: *Ecclésiastique, avec une "Concorde des livres Sapientiaux"*, 1784; 460 p.

Vol. 10: Tome VIII. Partie II: *Préface général sur les livres prophétiques de l'Ancien Testament, & le Prophète Isaïe*, 1785; 272, 203, 4 p.

Vol. 11: Tome IX, *Jérémie, Baruch & Ezéchiel*, 1786; 666 p.

Vol. 12: Tome X. Partie I: *Daniel & les Douze Petits Prophètes*, 1786; 493 p.

Vol. 13: Tome X. Partie II: *Machabés & une "Concorde des livres prophétiques de l'Ancien Testament"*, 1786; 206, 311, p.

1820-24. 25 vol. *Sainte Bible en latin et en français, avec des notes littérales, critiques et historiques, des préfaces et des dissertations, tirées du Commentaire de Dom Augustin Calmet... de l'Abbé De Vence et des auteurs les plus célèbres...*, Paris, Méquignon Fils Ainé-Méquignon Junior, 1820-1824; 4.<sup>a</sup> ed.; 25 vol.; 21x13 cm (CBAP, n.º 238; SocBib, vol. I-VIII, XIII, XV, XVII).

### Comentários bíblicos de Calmet - Vence

1724-26. 9 vol. *Commentaire littéral sur tous les livres de l'Ancien et du Nouveau Testament, par le R. P. D. Augustin Calmet...*, Paris, Émery, Saugrain l'Ainé e

<sup>13</sup> São 18 tomos encadernados em 21 volumes. Os vol. 4, 8 e 10 são constituídos por 2 partes em 2 vol.

Pierre Martin, 1724-1726; 8 t. em 9 vol.; 40x25 cm (BGUC, J.F.-58-2-1, etc.; Darlow, 3794).<sup>14</sup>

1730. *Commentarium Litterale in Biblia, Psalmi et Proverbia*, Veneza, 1730; 34,5x23,5 cm (Arquivo do Cabido da Sé de Braga: t. 4).

#### 2.1.10. Bíblia do Pe. Carrières (séc. XVII)

1701. *La Sainte Bible Traduite en françois, le latin de la Vulgate à coté, avec de courtes notes tirées des Saints Pères & des meilleurs Interprètes... et la Concorde des Quatre Évangelistes, en latin & en Français. Nouvelle édition*, Liège, Jean François Broncart, 1701; 2 vol.; 38x25 cm (Darlow, 3779).<sup>15</sup>

1750. *Sainte Bible contenant L'Ancien et Le Nouveau Testament avec un commentaire littéral inséré dans la trad... Par le R. P. de Carrières...*, Paris, Huart et Moreau, Desaint et Saillant, Durand, 1750; 6 vol. (BNP, Bib. 329 V. - 334 V.).

1765. *Sainte Bible contenant L'Ancien et Le Nouveau Testament avec une traduction française en forme de paraphrase... et les Commentaires de Ménochius*, Paris, Gaume Frères e J. Duprey, 1765; em latim e francês; 9 vol.; 21x13 cm (BPH).

1788. *Sainte Bible en latin et en français, contenant l'Ancien et le Nouveau Testament, avec un commentaire littéral inséré dans la traduction française. Par le R. P. De Carrières...* Tome I [-X], Toulouse, Chez Noël de Sens, 1788; 10 vol.; 17,5x11 cm (BNP, Bib. 43 P. - 52 P.).

1846. *Le Nouveau Testament... Traduit en français, avec le commentaire littéral du Père de Carrières dans le texte, et des notes explicatives...*, Québec, J.-Bte. Fréchette, 1846; XVI, 742 p.; 21,5x13 cm (Darlow, 3909).

1877. *Sainte Bible contenant L'Ancien et Le Nouveau Testament. Trad... en forme de paraphrase par Le R. P. de Carrières...*, Besançon, Outhenin Chalandre Fils, 1877; Nouv. Éd.; 7 vol. (BNP, Bib. 495 P. - 501 P.; falta vol. 7).

1887. *La Sainte Bible contenant l'Ancien et le Nouveau Testament avec une traduction française en forme de paraphrase...*, Paris, 1887; 373 p. (BSEA).

1890. *Évangile selon Saint Matthieu. Traduction du R. P. de Carrières*, Paris, 1890; avec les illustrations photographiées sur la collection du R. P. Natali, S.J.; septième édition; 96 p.; 25,5x18,5 cm (Darlow, 4018).

<sup>14</sup> Trata-se da Bíblia de Port-Royal, com volumosos comentários, acompanhados com o texto da Vulgata, em colunas paralelas, tendo os comentários no fundo da página.

<sup>15</sup> Esta é uma Bíblia de Port-Royal com o francês e o latim da Vulgata em colunas paralelas. Foi corrigida e reimpressa pelo Abbé de Vence, em 1743 (Darlow, 3779).

1891. *Les Quatre Évangiles et les Actes des Apôtres. Traduction nouvelle, avec des notes tirées des Saints Pères et des auteurs ecclésiastiques; approuvée par Monseigneur l'Évêque de Nîmes, Édition illustrée de quatre-vingt-trois gravures publiées à Anvers en 1595*, Paris, Typographie Augustinienne, 1891; 94, 46, 78, 62 p.; 25,5x18 cm (Darlow, 4021).

1891. *Les Quatre Évangiles. Traduction nouvelle... approuvée par Monseigneur l'Évêque de Nîmes, édition illustrée...*, Paris Typographie Augustinienne, 1891; com algumas notas; *Ordinário da Missa* e índice dos Evangelhos; 187, 107, 187, 140 p.; 12,5x8,5 cm (Darlow, 4022).

#### 2.1.11. Bíblia comentada de Sionnet (M. l'Abbé)

1844s. *La Sainte Bible expliquée et commentée. Contenant le texte de la Vulgate... Un Nouveau Commentaire Littéral... critique, dogmatique et moral... avec une introduction et un appendix*, Paris, Librairie Ed. Gaume Frères; 1844; 2.<sup>me</sup> édition; 18 vol.; 22x14 cm.

#### 2.1.12. Bíblia de Robert Olivetan (1506-1538)

1861-72. *La Sainte Bible. Ancien Testament. Nouvelle version du texte hebreu*, Lausanne, G. Bridel, 1861-1872; saiu em diversos volumes. É uma revisão da versão de Olivetan, sem os Dêutero-canônicos; 21x13,5 cm (Darlow, 3967).

#### 2.1.13. Bíblia de Édouard Reuss (1804-1891)

1874-81. *La Bible. Traduction nouvelle, avec introductions et commentaires par Edouard Reuss*, [professor em Strasburgo], Paris, Strasbourg, 1874-81; 15 partes: o Antigo Testamento em 7 partes e o Novo em 6: 18 vol.; sem Dêutero-canônicos (Darlow, 3995).

#### 2.1.14. O Novo Testamento dos “Ministres de la Parole de Dieu”

1839. *Le Nouveau Testament... Traduit sur l'original par une Société de Ministres de la Parole de Dieu*, Lausanne, S. Delisle, etc., 1839; 499 p.; 21,5x13,5 cm (Darlow, 3892).

1849. *Le Nouveau Testament... Traduit en Suisse par une Société de Ministres de la Parole de Dieu sur le texte grec reçu. Seconde édition et enrichie de références*, Lausanne, G. Bridel, 1849; 575 p.; 15x10 cm (Darlow, 3917).

1859. *Le Nouveau Testament... Traduit par une Société de Ministres de la Parole de Dieu, sur le texte grec reçu, et accompagné d'un choix de références. Troisième édition, revue et retouchée avec soin*, Lausanne, G. Bridel, 1859; 602 p.; 14,5x9,5 cm (Darlow, 3936).

1875. *Le Nouveau Testament... Traduit par une Société de Ministres de la Parole de Dieu sur le texte grec reçu, avec les principales variantes et un choix de références*, Lausanne, G. Bridel, 1875; Quatrième édition; 584 p.; 14,5x10 cm (Darlow, 3979).

#### 2.1.15. Novo Testamento de David Durand (1680-1763)

1740? *Le Nouveau Testament... Nouvelle édition, exactement revue sur le texte de M. Martin par D. D...*, Londres, J. Nourse & P. Vaillant, 1740?; 15x9 cm (Darlow, 3810).

1750. *Le Nouveau Testament... Nouvelle édition, exactement revue par David Durand*, Londres, J. Nourse & Vaillant, 1750; uma reimpressão do de 1740; em 12.º (Darlow, 3817).

#### 2.1.16. Bíblia de Nicolas Le Gros (séc. XVIII)

1753. 6 vol. *Sainte Bible Traduite sur les textes originaux, avec les différences de la Vulgate; nouvelle édition, revue & augmentée de Concordances, Tables chronologiques & quelques notes*, Colônia, 1753; XXII, 528, 362, 225, 310, 431, 355, 304 p.; 14x8 cm (BNP, Bib. 755 P. - 760 P.; Darlow, 3818).

1777. 6 vol. *Sainte Bible... Nouv. éd.*, Paris, Veuve Savoye... [et al.], 1777 (BNP, Bib. 749 P. - 754 P.).

1819. 7 vol. *La Sainte Bible... nouvelle édition...*, Paris, 1819.<sup>16</sup>

#### 2.1.17. Novo Testamento do Padre Valart (séc. XVIII)

1760. *Le Nouveau Testament... Traduit en françois sur la Vulgate avec une explication des noms de monnaies, poids, mesures, sectes et tribunaux... Par l'Abbé Valart*, Paris, 1760.

1817. *Le Nouveau Testament... Traduit en françois sur la Vulgate. Avec une explication des noms de Monnaies, Poids, Mesures, Sectes et Tribunaux qui se trouvent dans ce Livre. Par l'Abbé Valart. Nouvelle édition*, Paris, A. Delalain, 1817; VI, 520 p.; 18x7 cm (Darlow, 3847).

<sup>16</sup> Em *Dictionnaire de Bibliographie Catholique*, col. 359.

### 2.1.18. Association Anglaise et Étrangère de La Bible

1819. *La Sainte Bible contenant le Vieux et le Nouveau Testament, revue et corrigée avec soin d'après les textes hébreu et grec et fidèlement réimprimée sur la Bible Protestante Française, publiée par l'Association Anglaise et Étrangère de la Bible, avec de nombreuses corrections conformes à l'édition la plus approuvée, maintenant en usage dans le Sud de la France*, Londres, Ogle, Duncan et Co... [et al.] [de l'imprimerie de Moyes], 1819.

Parece que é correção da edição da BFBS de 1813; sem Dêutero-canônicos; 15,5x9 cm (CMVIS, 2172; Darlow, 3850).

### 2.1.19. Salmos de J. F. X. Wurth (séc. XIX)

1841. *Psaumes de David. Traduction fidèle, d'après le texte hébreu universellement admis, por J. F. X. Wurth* [professor em Liège], 1841. Contém: Dedicatória à rainha, orações durante a missa; introdução aos Salmos; XLVIII, 188 p.; 14,5x9,5 cm (Darlow, 3899).

### 2.1.20. Bíblia da Sociedade Bíblica Francesa

1824. *La Sainte Bible...*, Paris, J. J. Smith, Sociedade Bíblica de Paris, 1824; sem Dêutero-canônicos; 1160, 364 p.; 24,5x15,5 cm (Darlow, 3872).

1868. *Le Livre des Psaumes*, Paris, Soc. Bib. de France (Strasbourg printed.), 1868; 127 p.; 12,5x8,5 cm (Darlow, 3956).

### 2.1.21. Obras bíblicas editadas pela SPCK de Londres.<sup>17</sup>

1842. *Le Nouveau Testament... Version revue sur l'original*, Paris, J. Smith, 1842; 241 p.; 33x24 cm (Darlow, 3900).

1842. *Le Nouveau Testament... Version revue sur l'original*, Londres, W. M'Dowal, 1842. É revisão da edição anterir; com traduções alternativas nas margens; 343 p.; 22x14 cm (Darlow, 3901).

1849. *La Sainte Bible... Version revue sur les originaux*, Londres, W. M'Dowal, 1848-49; sem os Dêutero-canônicos; 1159, 343 p. (Darlow, 3916).

1850. *La Sainte Bible... Version revue sur les originaux*, Paris, J. Smith, 1850; NT de 1842; 32x24,5 cm (Darlow, 3923).

<sup>17</sup> Nome completo desta Sociedade Bíblica inglesa: *Society for Promoting Christian Knowledge* (SPCK).

1853. *Le Nouveau Testament... Version sur l'original*, Londres, R. Clay, 1853; 17x10,5 cm (Darlow, 3925).

1875. *La Sainte Bible... Version revue sur les originaux*, Oxford, Clarendon Press, 1875; sem Dêutero-canônicos; 867, 282 p.; 17x10,5 cm (Darlow, 3978).

#### 2.1.22. Bíblia de J. N. Darby (1800-1882)

1859. *Les Livres Saints connus sous le nom de Nouveau Testament. Version nouvelle*, St. Agrève (Ardèches), L. Preneloup, Vevey, D. Revel, 1859; XV, 358 p.; 14,5x10 cm (Darlow, 3935).

1885. *La Sainte Bible qui comprend l'Ancien et le Nouveau Testament, Traduite sur les textes originaux, par J. N. Darby*, La Haye, C. Blommendaal, etc., 1885; sem Dêutero-canônicos e com pequenas notas; XXIV, 645, 205 p.; 18x11 cm (Darlow, 4007).

#### 2.1.23. Novo Testamento de Edmond Stapfer (séc. XIX)

1889. *Le Nouveau Testament Traduit sur le texte comparé des meilleures éditions critiques, par Edmond Stapfer...*, Paris, Librairie Fischbacher, (Strasbourg printed), 1889; 740 p.; 24x16 cm (Darlow, 4014). O tradutor deste NT era pastor da Igreja Reformada da França.

1894. *Le Nouveau Testament... Version de Edmond Stapfer... Nouvelle édition, revue et corrigée, publiée par la Mission de Ste. Chrischona, près de Bâle*, Paris e Basileia, 1894; 796 p.; 12x8 cm (Darlow, 4027).

1899. *Le Nouveau Testament Traduit par Edmond Stapfer... Troisième édition revue et corrigée*, Paris, Soc. Bib. Protestante, 1899; VII, 719; 17,5x12 cm (Darlow, 4031a).

#### 2.1.24. Novo Testamento de Charles-François Bailargeon (1798-1870)

1865. *Le Nouveau Testament... Traduit de la Vulgate en français, avec des notes... Par Monseigneur Charles-François Bailargeon, Evêque de Tloa...*, Québec, Le-ger Brousseau, 1865; XIV, 816 p.; 19x11 cm (Darlow, 3949).

#### 2.1.25. Antigo Testamento de H. A. Perret-Gentil (séc. XIX)

1866. *L'Ancien Testament. Nova versão do hebreu por H. A. Perret-Gentil*, Paris, Société Biblique Française et É. (Stasbourg printed), 1866; os Hagiógrafos e Profetas vieram à luz em 1847 e o Pentateuco e Livros Históricos em 1861; 1311 p. (Darlow, 3951). Este tradutor foi professor em Neuchâtel



### 2.1.26. Novo Testamento de Eugène Arnaud (1826-1905)

1858. *Le Nouveau Testament... Version nouvelle faite sur le texte comparé des meilleures éditions critiques, avec l'indication exacte des corrections apportées au texte reçu... par Eugène Arnaud, Pasteur... accompagnée de sommaires et de parallèles, et suivie d'une table succincte des matières...*, Paris, Grassart, 1858; VIII, 626 p.; 15x9,5 cm (Darlow, 3933).

1885. *Le Nouveau Testament... version d'Eugène Arnaud...*, Paris, Soc. Bib. Protestante (Nancy printed.), 1885; 399 p.; 21,5x14 cm (Darlow, 4008).

### 2.1.27. Novo Testamento de Albert Rilliet (séc. XIX)

1859. *Les Livres du Nouveau Testament; Traduits pour la première fois d'après le texte grec le plus ancien; avec les variantes de la Vulgate Latine et des manuscrits grecs jusques au dixième siècle, les citations de l'Ancien Testament suivant le texte hébreu et la version des LXX, une division nouvelle de chaque livre et des notes explicatives*, Paris e Genève, Albert Rilliet... Jöel Cherbuliez, 1859; 377, 199, 44, 41 p.; 23,5x15 cm (Darlow, 3938).<sup>18</sup>

### 2.1.28. Novo Testamento de L. Bonnet (séc. XIX)

1876. *Le Nouveau Testament... expliqué au moyen d'introductions, d'analyses et de notes exégétiques...*, Lausanne, G. Bridel, 1875-76; Seconde édition entièrement refondue de 1846-55; 2 vol.; 24x15,5 cm (Darlow, 3981). Este tradutor foi pastor em Frankfurt am Main.

### 2.1.29. Bíblia de M. L'Abbé A. Crampon (1826-1894)

1889. *Le livre des Psaumes, suivi des Cantiques, des Laudes et des Vêpres. Traduction nouvelle sur la Vulgate avec sommaires et notes, par M. l'abbé A. Crampon*, Tournai, Société S. Jean l'Évangéliste; Desclée Lefèbvre, etc., 1889. Édition latine-française approuvée par Mons. Jacquenet, Évêque d'Amiens; XXXIV, 744 p.; 13,5x8,5 cm (Darlow, 4017).

1894-1904. 7 vol. *La Sainte Bible Traduite en français sur les textes originaux...*, Tournai - Paris - Rome, Desclès, 1894-1904; em 4.º.

### 2.1.30. Bíblia do Rabinato (Bíblia Judaica)

Esta Bíblia foi feita por uma equipa liderada pelo rabino Zadoc Kahn (Paris, 1899-1906). Impôs-se no séc. XX pela sua fidelidade ao texto original.

<sup>18</sup> "A new translation by Albert Rilliet, formerly a professor at Geneva. First published in 1858."



1899. *La Bible, Traduite du texte original par les membres du rabbinat français sous la direction de M. Zadoc Kahn, grand rabbin*, Paris, A. Durlacher 1899; Tome 1.<sup>er</sup> (Pentateuque-Premiers Prophètes): VII, 486 (Darlow, 4031).

— Outra Bíblia menos conhecida é a de S. Cohen, Paris, 1831-39.

### 2.1.31. Evangelho de Paul Passy (1895-1940)

1894. *L'Évangile de Luc... Version populaire, faite sur le texte grec, avec examen des variantes des anciens manuscrits, par Paul Passy...*, Paris, Firmin-Didot, 1894; 104 p.; 17,5x11 cm (Darlow, 4028).

### 2.1.32. Evangelho da NBSS

1870. *L'Évangile... selon Saint Luc*, Genève, NBSS, Carey Frères, 1870; 126 p.; 11x7,5 cm. É uma “Porção” bíblica (Darlow, 3965).

### 2.1.33. Bíblia de S. Karppe (séc. XIX)

1896. *La Bible. Pages Choisies par S. Karppe...*, Paris, A. Durlacher, 1896; são passagens selecionadas do Antigo Testamento; 350 p.; 17,5x11,5 cm (Darlow, 4029).

### 2.1.34. Bíblia de Eugène Ledrain (1844-1910)

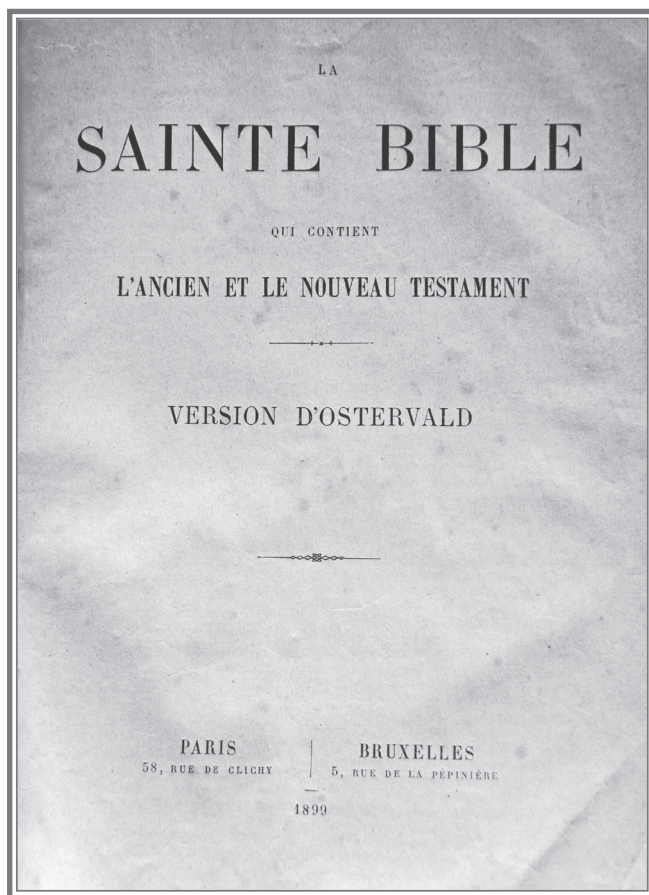
1886-1899. 10 vol. *La Bible. Traduction Nouvelle d'après les textes Hébreu et Grec... A new translation by Eugene Ledrain*, Paris, A. Lemerre, 1886-99; 24x15 cm (Darlow, 4030).

### 2.1.35. Bíblia de Ostervald (1663-1747)

Foi usada pelos protestantes franceses até ao séc. XX. Todas as edições deste tradutor são protestantes. Teve várias revisões. Não se publicaram os *Livros Apócrifos*. Ostervald foi revisor e editor sobretudo da “Bíblia de Genebra”, que foi aceite pelos protestantes de língua francesa até ao fim do séc. XVIII; foi também traduzida para os protestantes ingleses, a “Geneva Bible”.

1698-1701. [*Bible*], Bruxelles, Eugène Henry Fricx, 1698-1701; 52 vol. (BGUC, S.P.-B-2-1/34 (vol. 1-34); S.P.-A-5-1/17 (vol. 35-52)).<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Os vol. 2, 4, 6, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 22, 23, 25, 27, 29, 31, 34, 37, 38, 40, 42, 44, 45, 47, 50 e 52 têm frontispício reproduzido da edição de Paris, 1689, Guillaume Desprez; os vol. 24 e 28 são da edição de Paris, 1699, Guillaume Desprez. O vol. 49 é de Paris, 1698, Lambert Roulland.



1701. *La Sainte Bible Traduite en François, le latin de la Vulgate a coté, avec de courtes notes tirées des Saints Pères... et la Concorde des Quatre Evangelistes, en latin et en François. Nouvelle édition*, Liège, Jean-François Broncart, 1701; 2 vol.; 38x25 cm (Darlow, 3779).
1702. *La Sainte Bible*..., Amesterdão, par Pierre Mortier et Jean Louis de Lorme; em fol.; “aux dépens de la Compagnie” [Companhia Holandesa das Índias], 1702; em fol; o texto é o de Genebra, 1693 (Darlow, 3780).
1709. *Cantique des Cantiques*..., Paris, Guillaume Desprez, 1709; 40, 558, 10 p. (BGUC, 3-(6)-4-6).
- 1722-1746. [*Bible*], Paris, Guillaume Desprez, etc., 1722-1746; 32 vol.; il. (BGUC, S.P.-B-2-1/22; S.P.-B-3-1/10).<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Nota da BGUC: Os vol. pertencem a edições diversas.

1724. *La Sainte Bible... Avec les Nouveaux Arguments & les Nouvelles Reflexions*, Amsterdão, J. F. Bernard, & H. Uitwerf; Roterdão, J. D. Beman, 1724. É a Bíblia de Genebra, em francês, revista e anotada por este autor protestante; sem os Dêutero-canônicos. É melhor que a de David Martin, mas tem um estilo muito pesado; 760, 279 p.; 40x25 cm (Darlow, 3793).
1744. *La Sainte Bible... Avec les Arguments et les Reflexions...*, Neuchâtel, Abraham Boyve et Compagnie, 1744. É a segunda e melhor revisão feita pelo autor; 2 vol.; 707, 276, 366, 145 p.; 43x27 cm (BAJUDA, 107-IX-1 a 2; Darlow, 3814).
1764. *La Sainte Bible que contient le Vieux et le Nouveau Testament, revue & corrigée sur le texte hebreu et grec, par les Pasteurs & les Professeurs de l'Église de Genève; avec les arguments et les réflexions sur les chapîtres de l'Écriture Sainte & des notes...*, Neuchâtel, Samuel Fauche & Comp., 1764 (Bragança, Arquivo Distrital, Fundos Especiais, A-110-8 e 9 (2 ex.)).
1771. *La Sainte Bible... revue... par les Pasteurs & Professeurs de l'Eglise de Genève. Avec les arguments et les réflexions sur les chapîtres... Troisième édition, revue & corrigée*, Neuchâtel, S. Fauche & Comp.<sup>a</sup>, 1771 / 70; XI, 1076, 156, 417 p.; 18,5x12 cm (Darlow, 3825).
- Outra impressão com outro frontispício e menos rica em mapas, etc., no mesmo ano; 2 vol. (Darlow, 3814).
1779. *La Sainte Bible... Avec les arguments et les réflexions...*, Neuchâtel, Société Typographique, 1779; *Cinquième édition, soigneusement revue & corrigée*; VII, 682, 671 p.; 39,5x24,5 cm (Darlow, 3826 a).
1802. *Le Nouveau Testament... exactement revu et corrigé sur le texte grec*, Paris, [London Missionary Society], J. Smith, 1802. É uma edição de Osterwald publicada pela referida Sociedade de Londres, em França, e terá sido a primeira publicação bíblica protestante neste país, desde 1678; 374 p.; 17,5x10 cm (Darlow, 3829).
1810. *Le Nouveau Testament... exactement revu et corrigé sur le texte grec...*, Basileia, Emanuel Tournaisen, 1810; revisão da versão de Osterwald, feita sob o patrocínio da BFBS e com os sumários de David Martin; 360 p.; 22x12,5 cm (Darlow, 3837).
1811. *La Sainte Bible... revue et corrigée sur le texte original*, Basileia E. Tournaisen, 1811; revisão da versão de Osterwald; 1317 p.; 21,5x13,5 cm (Darlow, 3838).

1813. *Le Nouveau Testament...*, Paris, Fermin Didot, 1813; com breves introduções; 394 p.; 23,5x15 cm (Darlow, 3841).
1817. *Le Nouveau Testament... The New Testament*, Londres, BFBS, 1817; edição bilingue (francesa de Ostervald e inglesa A.V.); 822 p.; 22x14 cm (Darlow, 3846).
1818. *La Sainte Bible... Deuxième édition revue et corrigée sur le texte original*, Basileia, Tourneisen, 1818; reimpressão da de Ostervald; 4.<sup>a</sup> edição; 1304, 350 p.; 23x15 cm (Darlow, 3848).
1822. *La Sainte Bible... d'après l'édition publiée par J. F. Ostervald*, Lausanne, Frères Blanchard, 1822; edição revista pelas Sociedades Bíblicas de Lausanne e Neuchâtel; com algumas notas; revisão da Bíblia de 1744 por David Levada e outros; 678, 256, 193, 308 p.; 30x28 cm (Darlow, 3814; ib., 3863).
1823. *La Sainte Bible...*, Londres, S. Bagster, 1823 / 21. É a versão de Ostervald, uma das línguas da Poliglota de Bagster; 585, 188 p.; 16,5x10,5 cm (Darlow, 3865).
1823. *Le Nouveau Testament...*, Paris, J. Smith, 1823; versão revista de Ostervald, publicada pela Sociedade Bíblica de Paris; 364 p.; 27x17 cm (Darlow, 3866).
1826. *Le Nouveau Testament... d'après l'édition publiée par J. F. Ostervald. Revue avec soin par les Sociétés Bibliques de Lausanne et de Neuchâtel. Seconde édition*, Lausanne, Frères Blanchard, 1826; IV, 664 p.; 19x12 cm (Darlow, 3874).
1826. *Le Nouveau Testament... d'après l'édition publiée par J. F. Ostervald*, Paris, J. J. Smith, 1826; 374 p.; 14x9,5 (Darlow, 3875).
1832. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Paris, E. Duverger, 1832; sem os Déutero-canônicos; 1112, 352 p.; 15x9,5 cm (Darlow, 3884).
1833. *Le Nouveau Testament... d'après la Version revue par J. F. Ostervald et publiée par la Société Biblique protestante de Paris*, Valence, Marc Aurel, 1883; 404 p.; 20,5x12,5 cm (Darlow, 3885).
1836. *La Sainte Bible... d'après l'édition publiée par J. F. Ostervald, et revue par les Sociétés Bibliques de Lausanne et de Neuchâtel. Seconde édition, revue par la Société de Bible de Lausanne*, Lausanne, Frères Blanchard, 1836; 690, 260, 308 p.; 30x22,5 cm (Darlow, 3889).
1840. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, W. M'Dowal, 1840; sem os Déutero-canônicos; 15x9 cm (Darlow, 3894).

1840. *The New Testament... Nouveau Testament*, Londres, 1840; Bíblia diglota da BFBS, versão de Ostervald; 18,5x11 cm (Darlow, 3895).
1841. *La Sainte Bible... Version de J. F. Ostervald...*, Paris, Société Biblique de Paris, 1841; sem Dêutero-canônicos; 1016, 324 p.; 36,5x28 cm (Darlow, 3896).
1841. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Paris, Société Biblique Française, 1841; sem Dêutero-canônicos; mas algumas edições apresentam-nos; 625, 197 p.; 14x8,5 cm (Darlow, 3898).
1844. *Le Nouveau Testament... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, W. M'Dowal, 1844; reimpresso em 1846; 355 p.; 18x11,5 cm (Darlow, 3905).
1846. *Le Nouveau Testament... et les Psaumes de David, d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, 1846; e também *Das Neue Testament und die Psalmen Davids*, do Dr. Martinho Lutero. É, portanto, uma edição diglota em francês-alemão com o Novo Testamento e Salmos. Foi reimpresso em 1856 (Darlow, 3908; ver ib., 4368).
1848. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Paris, Société Biblique Française, 1848; sem os Dêutero-canônicos; foi reimpressa em 1850 e noutras datas; 1096, 352 p.; 23,5x15 cm (Darlow, 3914).
1849. *Le Livre des Psaumes*, Paris, BFBS, M. Ducloux et Comp.<sup>ie</sup>, 1849; foi reimpresso em 1850; 147 p.; 11x7 cm (Darlow, 3918).
1850. *Le Nouveau Testament*, Paris, BFBS, M. Ducloux et Comp.<sup>ie</sup>, 1850; 570 p.; 11x7 cm (Darlow, 3921).
1852. *Psaumes. Extraits du Livre des Psaumes de la Bible*, Turim, Vassallo e Forneris, 1852; 52 p.; 10x7,5 cm (Darlow, 3924).
1855. *Le Nouveau Testament... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, Richard Barrett, 1855; 855 p.; 18,5x11 cm (Darlow, 3927 a).
1856. *Le premier livre de Moïse, dit La Genèse; et le Saint Évangile selon Saint Luc*, Londres, BFBS, W. Clowes, 1856; 160, 112 p.; 11x7 cm (Darlow, 3929).
1857. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J.-F. Ostervald*, Paris, Société Biblique Française, 1857; 766, 244 p.; 15,5x9,5 cm (Darlow, 3930).
1857. *Le Nouveau Testament... d'après la version revue par J.-F. Ostervald. Avec des parallèles*, Paris, Soc. Biblique Française, 1857; 195 p.; 18,5x12 cm (Darlow, 3931).

1858. *Sainte Bible ou l'Ancien et le Nouveau Testament*, Londres, BFBS, 1858; sem paginação; sem notas nem referências; a 2 col.; 14x8,5 cm (SocBib).
1859. *Le Nouveau Testament... Version de J.-F. Ostervald. Édition du Jubilé*, Paris, Société Biblique de Paris, (Strasbourg printed), 1859; 682 p.; 14x9 cm (Darlow, 3937).
1861. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J.-F. Ostervald. Avec des parallèles*, Société Biblique Française, Paris, 1861; sem Dêutero-canônicos; 603, 195 p.; 18x12 cm (Darlow, 3939).
1861. *Le Nouveau Testament... D'après la version revue par J. F. Ostervald*, Paris, CH. Meyrueis et C<sup>ie</sup>, 1861; 324 p.; 21x13,5 cm (Darlow, 3941).
1861. *Le Nouveau Testament... D'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, 1861; 496 p.; 14,5x9,5 cm (Darlow, 3942).
1862. *La Sainte Bible... d'après la version de J.-F. Ostervald*, Paris, CH. Meyrueis et C<sup>ie</sup>, 1862; sem Dêutero-canônicos; 902, 289 p.; 24,5x16 cm (Darlow, 3943).
1862. *Le Nouveau Testament... D'après la version revue par J. F. Ostervald*, Paris, CH. Meyrueis et C<sup>ie</sup>, 1861; 343 p.; 11,5x7,5 cm (Darlow, 3944).
1863. *La Sainte Bible... d'après la version de J.-F. Ostervald*, Strasbourg, BFBS, 1863; sem Dêutero-canônicos; 1071 p.; 16x11 cm (Darlow, 3945).
1864. *The New Testament... Le Nouveau Testament, d'après la version par J. Ostervald*, Londres, BFBS, 1864; inglês e francês em colunas paralelas; 15,5x11 cm (Darlow, 3946).
1865. *Le Nouveau Testament... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Strasbourg, Veuve Berger-Levrault, BFBS, 1865; 504 p.; 11,5x8 cm (Darlow, 3950).
1866. *Le Nouveau Testament... d'après la version revue par J. F. Ostervald; Das Neue Testament nach der deutschen uebersetzung Dr. Martin Luthers*, Colônia, BFBS, 1866; francês e alemão em colunas paralelas; reimpresso em 1874; 791 p.; 15,5x11 cm (Darlow, 3952).
1867. *La Sainte Bible... revue par J.-F. Ostervald*, Bruxelas, BFBS, 1867; sem Dêutero-canônicos; com lugares paralelos; 1328 p.; 25x18 cm (Darlow, 3953).
1867. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, W. Clowes et Fils, 1867; sem Dêutero-canônicos; reimpressa em 1870; 14,5x9 cm (Darlow, 3954).



1868. *Le Nouveau Testament... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Paris, Société Biblique Française, 1868; com lugares paralelos e referências no fundo da página; 477 p.; 31x24 cm (Darlow, 3955).
1869. *Le Nouveau Testament... Version de J. Fr. Ostervald, révisée par un Pasteur de l'Église Réformée de France* [Ch. L. Frossard], Paris, Veuve Berger-Levrault et Fils (Strasbourg printed), 1869; 370 p.; 26x17 cm (Darlow, 3957).<sup>21</sup>
1869. *Le Nouveau Testament... Version de J. F. Ostervald. Nouvelle version revue*, Bruxelas, BFBS, 1869; revista pela BFBS e por uma comissão liderada por W. H. Kirkpatrick, agente da Sociedade Bíblica de Londres em Bruxelas; por isso, esta tornou-se a versão *standard* de Ostervald; foi reimpressa em 1872; 524 p.; 17,5x11,5 cm (Darlow, 3959).
1869. *Nouveau Testament grec et français... Nouvelle édition revue*, Colónia, BFBS, 1869; o texto francês é de Ostervald em colunas paralelas com o texto grego revisto; 652 p.; 15x10 cm (BNP, Bib. 866 P.; Darlow, 3960).
1870. *Les Saintes Écritures de l'Ancien Testament d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, SBBE, 1870; 2 vol.; 18,5x11 cm (BNP, Bib. 505 P. - 506 P.; DB: vol. II; BSMP). Bíblia Hebraica com tradução francesa de J. F. Ostervald, em páginas paralelas. É uma diglota judaica, apenas com o Antigo Testamento:
- Vol. I: *Torah, Nebiim, ûKetubim* (p. 1-482).
- Vol. II: *Isaías a Malaquias, Salmos, Provérbios a Ester, Daniel, Esdras, Neemias, 1 e 2 Crônicas* (p. 483-1022).
1870. *Le Nouveau Testament... la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, 1870; 355 p.; 18,5x11,5 cm (Darlow, 3961).
1870. *Le Nouveau Testament... Version de J. F. Ostervald. Nouvelle version revue*, Londres, BFBS, 1870; 494 p.; 11,5x7,5 cm (Darlow, 3963).
1870. *La Genèse... Version de J. F. Ostervald*, Florence, BFBS, Claudienne, 1870; 200 p.; 11,5x7,5 cm (Darlow, 3964).
1870. *La Sainte Bible ou L'Ancien et Le Nouveau Testament d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, SBBE, 1870; 2 col.; 876 p.; 17 cm (BNP, B.R. 15332).

<sup>21</sup> Darlow diz que o revisor guardou o mais possível o texto de Ostervald, mas confrontou-o com o grego e outras edições nacionais e estrangeiras.

1872. *La Sainte Bible... Version de J. F. Ostervald. Nouvelle édition revue par BFBS*, Oxford, Univ. Press, 1872. Tem a 1.<sup>a</sup> parte do Antigo Testamento (Gênesis-Ester) do texto revisto por W. H. Rirkpatrick; sem Dêutero-canônicos; 856 p.; 15,5x10,5 cm (Darlow, 3968).
1872. *Le Nouveau Testament... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Paris, Société Biblique Française, 1872; Nancy printed; 408 p.; 19,5x13,5 cm (Darlow, 3970).
1873. *Le Nouveau Testament... version de J. F. Ostervald révisée par Ch. L. Frossard...*, Paris, Société Biblique Française, 1873; Nancy printed; 389 p.; 25x16,5 cm (Darlow, 3973).
1873. *Proverbes de Salomon et le Livre de l'Ecclésiaste. D'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, 1873; 95 p.; 11,5x7,5 cm (Darlow, 3974).
1874. *Le Nouveau Testament... Version de J. F. Ostervald. Nouvelle édition revue*, Londres, BFBS, 1874; sem Dêutero-canônicos; 404 p.; 10x6 cm (Darlow, 3976).
1875. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J. F. Ostervald... avec des parallèles*, Paris, Société Biblique Française, 1875; XIX, 603; VII, 195; 18,5x12,5 cm (Darlow, 3977).
1875. *Le Livre des Psaumes. Version de J.-F. Ostervald révisée par un pasteur de l'Église Réformée* [Guillaume Monod], Nancy, Berger-Levrault et C.<sup>ie</sup>, 1875; 99 p.; 25x16,5 cm (Darlow, 3980).
1876. *La Sainte Bible... version de Ostervald*, Paris, Société Biblique Française, 1876; sem Dêutero-canônicos; 720, 229 p.; 15,5x10 cm (Darlow, 3982).
1876. *La Sainte Bible. Version de J.-F. Ostervald. Nouvelle édition revue*, Londres, BFBS, 1876; sem Dêutero-canônicos; 843 p.; 15,5x9,5 cm (Darlow, 3983).
1876. *Le Nouveau Testament... et le Livre des Psaumes. Version de J.-F. Ostervald. Nouvelle édition revue. Avec des parallèles*, Paris e Bruxelas, BFBS, 1876; 692, 178 p.; 22x14 cm (Darlow, 3984).
1877. *La Sainte Bible... Version de J. -F. Ostervald. Nouvelle édition revue*, Paris e Bruxelas, BFBS, 1877; sem Dêutero-canônicos; com referências marginais; 1040 p.; 20x14 cm (Darlow, 3985).
1877. *Le Nouveau Testament... Version de J.-F. Ostervald, révisée par Ch. L. Frossard*, Paris, Société Biblique Française, 1877; Nancy printed; 389 p.; 20x18,5 cm (Darlow, 3987).



1878. *Le Nouveau Testament... Version de J.-F. Ostervald. Nouvelle édition revue*, Londres, BFBS, 1878; 504 p.; 11x7 cm (Darlow, 3988).
1878. *Les Quatre Évangiles et les Actes des Apôtres*, Nancy, Berger-Levrault et C.<sup>ie</sup>, 1878; 185 p.; 19,5x13 cm (Darlow, 3989).
1881. *La Sainte Bible... version d'Ostervald révisée*, Paris, Société Biblique Française, 1881; Nancy printed; VI, 875, 286 p.; 26x17,5 cm; sem Dêutero-canónicos (Darlow, 3996).
1883. *Évangile selon Saint Luc en français et en néerlandais*, Bruxelas, BFBS, 1883; versão francesa de Ostervald e versão holandesa (flamenga) de De Jonge, em páginas paralelas; 287 p.; 11,5x7,5 cm (Darlow, 4000).
1884. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres e Oxford, BFBS, Univ. Press, 1884,82; sem Dêutero-canónicos; 15,5x10,5 cm (Darlow, 4001).
1884. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, 1884; sem Dêutero-canónicos; 856 p.; 18x12 cm (Darlow, 4002).
1884. *La Sainte Bible... d'après la version revue par J.-F. Ostervald. Nouvelle édition revue*, Paris e Bruxelas, BFBS, 1884; sem Dêutero-canónicos; 843 p.; 15,5x9,5 cm (Darlow, 4004).
1885. *Le Nouveau Testament... et le Livre des Psaumes, d'après la version revue... par J.-F. Ostervald. Nouvelle édition revue*, Paris e Bruxelas, BFBS (Nancy printed), 1885; 251, 68 p.; 15x9 cm (Darlow, 4010).
1886. *La Genèse... Version d'Ostervald révisée*, Londres, BFBS, 1886; 151 p.; 16,5x11 cm (Darlow, 4011).
1889. *Le Nouveau Testament... Version revue par J.-F. Ostervald, Nouvelle édition*, Bruxelas e Paris, BFBS, 1889; 524 p.; 17,5x11,5 cm (Darlow, 4015).
1889. *Le Nouveau Testament... et le Livre des Psaumes. Version de J.-F. Ostervald, nouvelle édition revue*, Paris e Bruxelas, BFBS (Nancy printed), 1889; 268, 66 p.; 15x10,5 cm (Darlow, 4016).
1891. *La Sainte Bible... Version d'Ostervald. Avec des parallèles*, Bruxelas e Paris, BFBS, 1891; Oxford printed; sem Dêutero-canónicos; 1056 p.; 17x11,5 cm (Darlow, 4019).
1891. *Le Nouveau Testament... d'après la version revue par J.-F. Ostervald*, Nancy, Berger-Levrault et C.<sup>ie</sup>, 1891; édition publiée par la Fondation Léo; com os Salmos em apêndice; 584 p.; 21,5x14 cm (Darlow, 4020).

1892. *La Sainte Bible... Version de J.-F. Ostervald. Nouvelle édition revue*, Bruxelles e Paris, BFBS, 1892; sem Dêutero-canônicos; 843 p.; 15x9,5 cm (Darlow, 4023).
1893. *La Sainte Bible... Version d'Ostervald...*, Bruxelas e Paris, BFBS (Nancy printed), 1893; revisão da de 1881; sem Dêutero-canônicos; 790 p.; 16x11 cm (Darlow, 4024).
1894. *Le Nouveau Testament... révision préparée sur l'invitation du Synode Général Officieux par la Commission Synodale des versions bibliques pour être soumise à l'examen des églises et des synodes particuliers*, Nancy e Paris, Berger-Levrault et C.<sup>ie</sup>, 1894; XIX, 481 p.; 22x14,5 cm (Darlow, 4025).
1894. *Le Nouveau Testament... Version revue de Ostervald*, Bruxelas e Paris, 1894; 287 p.; 14x9 cm (Darlow, 4026).
1899. *La Sainte Bible qui contient l'Ancien et le Nouveau Testament – Version d'Ostervald*, Paris – Bruxelas, 1899; NT com frontispício próprio e do mesmo ano; registo de família, no início; segue-se o índice dos livros bíblicos, com indicação de páginas do início e número de capítulos de cada um; 2 col.; sem notas nem referências; tem apenas o texto dos livros proto-canônicos; 902, 288 p.; 24,5x17 cm (DB).

### 2.1.36. Bíblia de Genebra

1700. *La Sainte Bible... Avec des Indices... On a ajouté en cette dernière édition les Psaumes de David, mis en rime Française par Mr. Conrat*, Amesterdão, 1700; “French Geneva version”.
- Foi revista pelo Sínodo das Províncias Unidas e acharam que estava de acordo com a última edição da Bíblia de Genève. Os Dêutero-canônicos estão em caracteres menores; 37x24 cm (Darlow, 3776).
1700. *Le Nouveau Testament... Imprimé sur la dernière traduction*, Amsterdam, Viúva van S. Stoart, 1700; francês e inglês em colunas paralelas; 580 p.; 23,5x9 cm (Darlow, 3777).
- 1700 (ca.). *Les Livres Apocryphes...*, ca. 1700. “French Geneva version”; 74 fol.; 24x19 cm (Darlow, 3778).
1702. *La Sainte Bible... On a ajouté en cette dernière édition les Psaumes de David; mis en rime française par Clement Marot, & Theodore de Bèze*, Amsterdam, aux dépens de la Compagnie, 1702. “French Geneva version”. “Reprinted from a revision published at Geneva in 1693”; 38x24 cm (Darlow, 3780).

1706. *Le Nouveau Testament... Nouvelle édition revue & corrigée. Par David Mortier*, Londres, 1706; “French Geneva version”; 2 col.; 260 p.; 20x12 cm (Darlow, 3783).
1710. *La Sainte Bible... Nouvelle édition*, Amsterdam, Les Wetsteins, 1710; sem Dêutero-canônicos; 13,5x7 cm (BPMP 1-16 – A’-3-1; ).
  - Outra cópia com os Salmos musicados, em 2 volumes, 1710.
  - Outra cópia semelhante, em 1743, também em dois volumes (Darlow, 3786).
1726. *Le Nouveau Testament...*, Genebra, Fabri & Barrillot, 1726. Nova tradução revista e aprovada pelos Pastores da Igreja e da Academia de Genebra; com breves notas na margem e referências no fundo da página; 720 p.; 25x19,5 cm (Darlow, 3795).
1727. *Le Nouveau Testament... avec les Psaumes de David, de la nouvelle version, revue par ordre du Synode Walon des Provinces Unies*, La Haye, Thomas Johnson, 1727; versão da Bíblia de Genebra em francês; 272 p.; 16x9 cm (Darlow, 3796).
1730. *Le Nouveau Testament... Nouvelle édition, par P. Gosse & J. Neaulme*, Haia, P. Gosse & J. Neaulme; Amesterdão, Zacharie Chatelain, 1730; com Salmos musicados; 463 p.; 14,5x8 cm (Darlow, 3800).
1731. *Le Nouveau Testament... par P. Gosse & J. Neaulme*, Haia, P. Gosse & J. Neaulme, 1731; 15x9 cm (Darlow, 3802).
1747. *La Sainte Bible qui contient L'Ancien et Le Nouveau Testament...*, Amsterdam, D. Onder de Linden, 1747; Nouv. éd.; contém: Les Psaumes de David mis en vers françois... (324 p.) [Pauta de música com os respetivos versos] (BNP, Bib. 484 P.).
1761. *La Sainte Bible...*, Amesterdão, D. Onder de Linden, 1761; sem Dêutero-canônicos; com Salmos musicados (1747); 14x7 cm (Darlow, 3823).
1802. *Le Nouveau Testament... traduction nouvelle revue & approuvée par les Pasteurs & les Professeurs de l'Eglise et de l'Académie de Genève*, Genebra, J. P. Bonant e G. J. Manget, 1802; 672 p.; 27x21 cm (Darlow, 3828).
1803. *Le Nouveau Testament... Traduction nouvelle, revue...*, Londres, C. Corall, 1803; sem notas nem referências; 11x6,5 cm (Darlow, 3830).
1805. *La Sainte Bible ou le Vieux et le Nouveau Testament, Traduits en Français sur les textes Hébreu et Grec, par les Pasteurs et les Professeurs de l'Église et de l'Aca-*

*démie de Genève*, Genebra, J. J. Paschoud, 1805; IV, 628, 225, 120 p.; 39x25,5 cm (Darlow, 3832).<sup>22</sup>

1805. *La Sainte Bible...*, ib., mesmo impressor, 1805; com o mesmo texto da anterior; em 3 vol. mais pequenos; a lista dos livros bíblicos é dada no fim do vol. 3; VII, 607, 550, 412, 260 p.; 21x18 cm (Darlow, 3833).

1805. *La Sainte Bible... revue et corrigée sur le texte original, par les Pasteurs et Professeurs de l'Église de Genève*, Paris, Imprimerie de la Rue de l'Échiquier, 1805; é reimpressão da de 1771; sem Dêutero-canónicos; XII, 1330 p.; 18,5x10,5 cm (Darlow, 3834).

1807. *Le Nouveau Testament... Imprimé sur l'édition de Paris, de l'année 1805. Revue et corrigée avec soin d'après le texte grec*, Londres, BFBS, A. Wilson, 1807; 329 p.; 18,5x11 cm (Darlow, 3835).

1811. *La Sainte Bible, qui contient le Vieux et le Nouveau Testament, Traduits en français sur les textes hébreu et grec, par les Pasteurs et Professeurs de l'Église de Genève*, Londres, BFBS, A. Wilson, 1811; sem Dêutero-canónicos; 789, 207 p.; 18x10,5 cm (Darlow, 3839).<sup>23</sup>

1813. *La Sainte Bible. Édition revue et corrigée avec soin d'après les textes hébreu et grec*, Londres, BFBS, T. Rutt e A. Wilson, 1813. Tem a ver com a dos pastores de Genebra, Paris, 1805; sem os Dêutero-canónicos; 789, 207 p.; 18x11 cm (BNP, Bib. 737 P.; Darlow, 3840).

### 2.1.37. Bíblia de Antoine Eugène Genoude (1792-1849)

1820- 24 (?). *Sainte Bible, Traduite d'après les textes sacrés, avec la Vulgate, par M. Eugène Genoud...*, Paris e Lyon, 1820-24 (?); 21,5x13,5 cm (Darlow, 3871).<sup>24</sup>

É uma nova versão francesa, que saiu em vários volumes com introduções e notas; teve várias edições além desta, com os seguintes volumes do Antigo Testamento:

Vol. I: *Génésis*, 1821; LXVIII, 623 p.

Vol. II: *Êxodo*, 1821; 632 p.

Vol. III: *Salmos*, 1820; 560 p.

Vol. IV: *Livros Sapienciais*; parte 1, 1820; XX, 402 p.; parte 2, 1821; 455 p.

Vol. V: *Isaias*, 1821; XVI, 460 p.

<sup>22</sup> Trata-se de uma revisão dessa Bíblia, que tem algumas notas de rodapé e um prefácio antes dos Dêutero-canónicos, estes colocados antes do Novo Testamento.

<sup>23</sup> O Novo Testamento desta edição também saiu separado.

<sup>24</sup> Darlow apenas nos dá informação dos volumes aqui apresentados (n.º 3871).

Vol. VI: *Jeremias e Baruc*, 1820; XXIV, 508 p.

Vol. VII: *Ezequiel*, 1820; XIV, 404 p.

1838-1840. 5 vol. *La Sainte Bible... Traduction nouvelle d'après la Vulgate avec des notes littéraires... par M. de Genoude*, Paris, Sapia, Pourrat Frères, 1838-1840; 4<sup>ème</sup> édition; il. (BGUC, V.T.-3-8-5/9).

1841. *Sainte Bible. Traduction nouvelle par M. de Genoude. Édition diamante*, Paris, Sapia, 1841; sem notas; 1247 p.; 14,5x9 cm (Darlow, 3897).

### 2.1.38. Novo Testamento de François Pierre Mésenguy (séc. XVIII)

1729. *Le Nouveau Testament... Traduit en français, avec des notes littérales... par M. Mésenguy*, Paris, 1729.

1764. *Le Nouveau Testament... Traduit en français, avec des notes littérales... par M. Mésenguy* [jansenista], Paris, Desaint & Saillant e Butard, 1764; com o *Ordinário da Missa*; IV, XXIV, 631 p.; 16,5x9,5 cm (Darlow, 3823a).

### 2.1.39. Novo Testamento de Jean Le Clerc (1657-1736)

Foi pastor dos *Remonstrans* e um dos grandes eruditos do seu tempo. A sua obra é, praticamente, uma edição crítica do Novo Testamento. Nunca foi bem visto pelos calvinistas, mas sim pelos homens da cultura renascentista. É uma tradução muito literal (Bogaert, p. 122-123).

1702. *Le Nouveau Testament... Traduit sur l'ancienne édition latine, par Jean Le Clerc. Avec des Remarques littérales & critiques sur les principales difficultés*, Trévoux, Estienne Ganeau, 1702; 4 vol.; 17x11 cm (Darlow, 3781).

1703. *Le Nouveau Testament... Traduit sur l'original grec. Avec des remarques, où l'on explique le texte & où l'on rend raison de la version. Par Jean Le Clerc*, Amsterdam, Jean Louis de Lorme, 1703; 2 vol.: 334, 369 p.; 24,5x19 cm (Darlow, 3782).

### 2.1.40. Bíblia de David Martin (1639-1721)

1707. *La Sainte Bible... Expliquée par des Notes de Théologie & de Critique sur la Version ordinaire des Églises reformées, revue sur les originaux & retouchée... par David Martin*, Amsterdam, Henry Desbordes, Pierre Mortier, Pierre Brunel, 1707; 2 vol.; em fol.; 44x28 cm (BNP, Bib. 201 A. - 202 A.; Darlow, 3784).<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Trata-se de uma revisão da Bíblia de Genebra, encomendada pelos pastores das Igrejas da Walónia. Foi reimpressa em 1707, 1710, 1714, 1722 e 1724, Amesterdão; em 4.º (Bogaert, p. 123-124).

1722. *La Sainte Bible... revue sur les Originaux & retouchée dans le langage*, Amsterdam, Pierre Brunel, 1722; com breves notas marginais; Antigo Testamento (385 fol.); Novo Testamento (126 fol.); com os “Apócrifos” em caracteres menores (65 fol.); Salmos musicados; 25x20 cm (Darlow, 3792).
1730. *Le Nouveau Testament...*, Amesterdão, P. Mortier, 1730; Nova edição; 494 p.; 16x9 cm (Darlow, 3799).
1736. *La Sainte Bible... avec de petites notes par feu Mr. David Martin... corrigée par Pierre Roques*, Basileia, Jean Rodolphe Im-Hoff, 1736. Nova edição revista e corrigida. É da Bíblia de Genebra em francês; algumas notas de rodapé; Salmos musicados; Antigo Testamento(940 p.); NT (328 p.); com os Dêutero-canônicos (190 p.); 27,5x22 cm (Darlow, 3807).
1739. *La Sainte Bible... Le tout revu sur les originaux & retouchée dans le langage; avec des parallèles et des sommaires par David Martin...*, Hamburgo & Leipsig, por Jonas Korte; reimpressão da de 1722, para jovens e viajantes; 956, 364 p.; 17x10 cm (Darlow, 3809).
- 1740 (?). *Le Nouveau Testament... Nouvelle édition exactement revue sur le texte de Martin, par Dava Durand Min. de la Savoye*, Londres, J. Nourse & P. Vaillant, [1740?]. O revisor era protestante francês; 15x9,5 cm (Darlow, 3810).
1743. *La Sainte Bible... Revue... avec de petites notes marginales & les textes parallèles. Por David Martin*, Haia, J. Neaulme, 1743; “approuvée par le Synode Walon (1742)”; 444, 63, 144 fol.; 27x21,5 cm (BNP, Bib. 228 V.; Darlow, 3813).
1744. *La Sainte Bible qui contient le Vieux et le Nouveau Testament... Revue... Dans le langage, avec des parallèles et des sommaires par David Martin... Nouvelle éd. revue et corrigée par Pierre Roques...*, Basileia, Jean Rodolphe Im-Hoff, 1744; 2 vol. (BNP, Bib. 221 P. - 222 P.).
- 1745-46. *Sainte Bible... Suivant la version ordinaire des Églises Reformées. Avec des préfaces... tirées de la Bible de Mr. Martin. Nouvelle édition, revue et corrigée par Samuel Scholl*, Bienne e Yverdon, J. C. Heilmann e J. J. Neubrand, 1745-46; Antigo Testamento, 1746; Novo Testamento, 1745; sem notas; 750, 139, 244 p.; 37x23 cm (Darlow, 3815).
1756. *Le Nouveau Testament... Nouvelle édition revue sur le texte de David Martin*, Amesterdão, J. Schreuder & Pierre Mortier le Jeune, 1756; 494 p.; 15x9 cm (Darlow, 3819).

1760. *La Sainte Bible... Revue... et retouchée... avec des parallèles et des sommaires par David Martin... Nouvelle édition revue... par Pierre Roques...*, Basileia, J. R. Im-Hoff, 1760; 804, 148, 262 p.; 18x10 cm (Darlow, 3822).
1772. *La Sainte Bible... Nouvelle édition revue... par David Martin... et par Pierre Roques...*, Basileia, J. R. Im-Hof et Fils, 1772; 816, 148, 262 p.; 17,5x10 cm (Darlow, 3826).<sup>26</sup>
1804. *Le Nouveau Testament. Nouvelle édition exactement revue sur le texte de M. Martin, par D. Durand, Min. de la Savoye*, Londres, SPCK, C. et W. Galabin, F. Wingrave, etc., 1804; edição para os prisioneiros de guerra franceses. Foi reimpresso em 1808; 14,5x9 cm (Darlow, 3831).
1807. *Le Nouveau Testament... Nouvelle édition, exactement revue sur le texte de M. Martin*, Southampton, Baker et Fletcher, 1807; também foi uma edição de Durand para os prisioneiros de guerra franceses; 15x9 cm (Darlow, 3836).
1819. *La Sainte Bible... revue... par David Martin. Nova edição sob a responsabilidade da BFBS*, Navarra e Toulouse, 1819; 2 vol.; com Dêutero-canônicos; 864, 332, 391, 223 p.; 24x14 cm (Darlow, 3849).
1820. *La Sainte Bible... revue... par David Martin... Avec des parallèles*, Paris, Treuttel et Würtz, 1820; 1048, 345, 195 p.; com referências; 23,5x15 cm (Darlow, 3853).
1820. *La Sainte Bible... revue par David Martin...*, Paris, J. Smith, 1820; 897, 283 p.; 14,5x9 cm (Darlow, 3855).
1820. *La Sainte Bible... revue... par David Martin...*, Genève, Guillaume Fick, 1820; é a Bíblia de Genebra, sem os Dêutero-canônicos; 2 vol.: 985, 319 p.; 14x8,5 cm (Darlow, 3856).
1820. *Le Nouveau Testament... traduction de David Martin, avec des parallèles*, Paris, Treuttel et Würtz, 1820; com referências; 788 p.; 15x9 cm (Darlow, 3859).
1823. *Le Nouveau Testament... revue... par David Martin...*, Paris, J. J. Smith, 1823; 828 p.; 14x8,5 cm (Darlow, 3869).
1824. *Bible... revue... par David Martin*, Basileia, E. Tourneisen, 1824; reimpressa em 1828; sem Dêutero-canônicos; 1083, 204, 344 p.; 22,5x16 cm (Darlow, 3873).

<sup>26</sup> Foi uma edição feita para o exército e marinha da Inglaterra; por isso aí se diz (BFBS) que não pode ser vendida.



1827. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Montbéliard, Deckherr, 1827; é uma reimpressão da edição de Paris, 1820; sem Dêutero-canônicos; 2 vol.; 794, 298, 356 p.; 28x14 cm (Darlow, 3876; ver ib., 3855).
1827. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Paris, J. J. Smith, 1827; sem Dêutero-canônicos; reimpressa em 1832; 680, 212 p.; 20,5x13 cm (Darlow, 3877).
1827. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Paris, J. J. Smith, 1827; sem Dêutero-canônicos; 768, 241 p.; 15x9,5 cm (Darlow, 3878).
1829. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Paris, J. J. Smith, 1829; sem os Dêutero-canônicos; 1068, 331 p.; 25x16 cm (Darlow, 3879).<sup>27</sup>
1834. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Paris, Firmin Didot Frères, 1834; sem Dêutero-canônicos; 886, 280 p.; 22,5x14 cm (Darlow, 3887).
1842. *Le Nouveau Testament... Version revue sur l'original*, Paris, SPCK, J. Smith, 1842. É uma revisão sobre os textos de David Martin e Ostervald; com referências na margem e traduções alternativas; 241 p.; 33x24,5 cm (Darlow, 3900).
1843. *Le Nouveau Testament... revu... par David Martin*, Bruxelas, BFBS, 1843; 472 p.; reimpresso em 1846; 1855 e 1857; 19x13 cm (Darlow, 3904).
1844. *Le premier livre de Moïse, dit La Genèse, et Le Saint Evangile selon Saint Luc. Revus par David Martin*, Londres, BFBS, 1844; 166, 116 p.; 11x7 cm (Darlow, 3906).
1846. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Bruxelas, BFBS, 1846; em caracteres pequenos; referências na margem; sem os Dêutero-canônicos; reimpressa, por ex., em 1867; 753 p.; 17x10,5 cm (Darlow, 3907).
1846. *Le Nouveau Testament... revu... par David Martin*, Bruxelas, BFBS, 1846; reimpresso, por ex., em 1889; 481 p.; 11x7 cm (Darlow, 3910).
1847. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Bruxelas, BFBS, 1847; sem os Dêutero-canônicos; 1116 p.; 26,5x17 cm (Darlow, 3911).
1850. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Bruxelas, BFBS, 1850; sem os Dêutero-canônicos; 987 p.; 21,5x13,5 cm (Darlow, 3918).

<sup>27</sup> Foi reimpressa em 1831, e o Novo Testamento destas edições foi impresso separadamente várias vezes: 1832, etc.



1850. *Le Nouveau Testament. Revu... par David Martin*, Bruxelas, BFBS, 1850; com referências depois dos versículos; 587 p.; 15x9 cm (Darlow, 3920).
1858. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Bruxelas, BFBS, 1858; sem Dêutero-canônicos; lugares paralelos; 1292 p.; 27x18,5 cm (Darlow, 3932).
1859. *La Sainte Bible... revue... par David Martin*, Bruxelas, BFBS, 1859; sem Dêutero-canônicos; 811 p.; 14x9,5 cm (Darlow, 3934).
1864. *Le Nouveau Testament... par David Martin, et augmenté de diverses tables par Louis Durand* [Pastor em Liège], *avec des parallèles*, Bruxelas, Librairie Chrétienne Évangélique, 1864; XVI, 581, 12 p.; 15,5x10 cm (Darlow, 3947).

#### 2.1.41. Bíblia de Jean Baptiste Glaire (1798-1879)

1861. *La Sainte Bible selon la Vulgate, Traduite en français, avec des notes par J. B. Glaire. Nouveau Testament approuvé par le Saint-Siège*, Paris, A. Jouby, 1861-1877; traduziu o Antigo Testamento em 1877; XXII, 466; 15x9 cm (Darlow, 3940).
1862. 5 vol. *Introduction Historique et Critique Aux Livres de L'Ancien et du Nouveau Testament*, Paris, S. Jouby, 1862; 3.<sup>a</sup> edição; 22x13 cm (BNP, TR. 4333 P. - 4334 P.; BSME).
1865. *La Sainte Bible... Traduite... par l'Abbé J. B. Glaire. Nouveau Testament approuvé par le Saint-Siège après l'examen fait à Rome par la Sacrée Congrégation de l'Index. Seconde édition, augmentée de plusieurs pièces importantes*, Paris, A. Jouby, 1865; XXXII, 504 p.; 22,5x15 cm (Darlow, 3948).
1877. *La Sainte Bible selon la Vulgate, Traduite en français, avec des notes, par l'Abbé J. Glaire. Ancien Testament*, Paris, A. Jouby et Roger, 1877; 3 vol.: XXXIV, 600, 644, 622 p.; 14,5x9 cm (Darlow, 3986).
1884. *La Sainte Bible selon la Vulgate, Traduite en français avec des notes, par l'abbé J. B. Glaire. Nouveau Testament approuvé par le Saint-Siège*, Paris, A. Jouby et Roger, 1884; XXXVI, 466 p.; 14,5x9 cm (Darlow, 4006).
1897. *La Sainte Bible selon la Vulgate, Traduite en français avec des notes, par l'abbé J.-B. Glaire avec introductios, notes complémentaires et Appendices par F. Vigoureux, prêtre do Saint Sulpice; Nouvelle édition*, Paris, A. Roger & F. Chernoviz, Libraires éditeurs, 1897; 824 p.; 15x9,5 cm; com várias aprovações episcopais e introduções.

### 2.1.42. Os Santos Evangelhos de Henri Lasserre (1828-1900)

1887. *Les Saints Évangiles. Traduction Nouvelle, par Henri Lasserre; publiée avec l'imprimatur de l'Archevêché de Paris*, Paris, Société Générale de Librairie Catholique, Victor Palmé, 1887; Neuvième édition; 600 p.; 18x11,5 cm (Darlow, 4012).

1888. *Les Saints Évangiles. Traduction Nouvelle par Henri Lasserre; publiée avec l'Imprimatur de l'Archevêché de Paris, et honorée de Lettres approbatives de Rome et de l'Épiscopat. Édition illustrée d'après les chefs-d'œuvre de tous les temps et de tous les pays...*, Paris, Victor Palmé, etc., 1888; XXXIII, 603; 29x20 cm (Darlow, 4013).

### 2.1.43. A Bíblia de Louis Segond (1810-1885)

Esta Bíblia teve larga divulgação e foi editada durante muito tempo entre os protestantes.

1872. *Choix de Psaumes suivant leurs principaux sujets*, Genève, F. Richard, 1872. São 122 Salmos traduzidos em vista de uma tradução do Antigo Testamento, onde participou o pastor Segond, que irá editar uma Bíblia com o seu nome; VIII, 206 p.; 24x14,5 cm (Darlow, 3971).

1874. *La Sainte Bible. Ancien Testament. Traduction nouvelle d'après le texte hébreu par Louis Segond*, Genève, Cherbuliez et C<sup>ie</sup>; etc., 1874; com a colaboração dos Pastores de Genebra; 2 vol.: Gn – Est e Job – Malaq; XVIII, 863, 819 p.; 22x14 cm (Darlow, 3975).

1879. *La Sainte Bible. Ancien Testament, version de Louis Segond. Nouveau Testament, version de H. Oltramare*, Genève, Cherbuliez et C<sup>ie</sup>, etc., 1879; sem Dêutero-canônicos; 1103 p.; 17,5x11,5 cm (Darlow, 3990).

1880. *La Sainte Bible, qui comprend l'Ancien et le Nouveau Testament, Traduits sur les textes originaux... par Louis Segond*, Oxford, Lausanne, Paris, Univ. Press, 1880; sem Dêutero-canônicos; XIV, 792 e VII, 204 p.; 17x11,5 cm (Darlow, 3992).

1880. *La Sainte Bible. Nouveau Testament. Traduction nouvelle d'après le texte grec par Louis Segond*, Genève, A. Cherbuliez et C<sup>ie</sup> e Charles Schuchardt, 1880; com notas de rodapé; IX, 499 p.; 22x14 cm (Darlow, 3993).

1880. *Nouveau Testament. Traduction nouvelle d'après le texte grec par Louis Segond*, Genève, A. Cherbuliez et C<sup>ie</sup> et Charles Schuchardt, 1880; 330 p.; 14x9,5 cm (Darlow, 3994).

1881. *Nouveau Testament... Traduction nouvelle d'après le texte grec par Louis Segond*, Londres, TBS, Benjamin West e Elliot Stock, 1881; edição popular ilustrada; 126 p.; 15x11,5 cm (Darlow, 3998).
1884. *L'Ancien Testament. Traduction nouvelle... par Louis Segond...*, Paris, Société Biblique Protestante, 1884; XX, 1553 p.; 22x14 cm (Darlow, 4005).
1885. *Le Nouveau Testament... Traduction nouvelle... par Louis Segond*, Lyon e Marseille, 1885; VIII, 296; 16,5x10,5 cm (Darlow, 4009).
1887. *La Sainte Bible qui comprend l'Ancien et le Nouveau Testament trad. sur les textes originaux hébreu et grec par Louis Segond*, Oxford, Impr. de l'Université, 1887; 2 col.; 8 mapas color. desdobr.; il.; XIV, 792, VII, 204 p. (BNP, Bib. 1185 P.).

#### 2.1.44. Evangelhos de Jacques Bénigne Bossuet (1627-1704)

1855. *Les Saints Évangiles. Traduction de Bossuet; mise en ordre par H. Wallon*, Paris, Firmin Didot, 1855; com Advertência e Apêndice; XXXII, 302 p.; 21,5x13,5 cm (Darlow, 3928).

#### 2.1.45. Bíblia de Jean Jacques Bourassé (1813-1872) e Pierre-Désiré Janvier (1817-1888)

1866. *La Sainte Bible. Traduction Nouvelle Selon La Vulgate...*, Tours, Alfred Mame et Fils, 1866; Dessins de Gustave Doré; 2 vol.; 42 cm (BNP, Res. 595 A. - 596 A.).

#### 2.1.46. Outras Edições

- 1780? *Salterio*, Paris, 1780 (?); em 12.º; Dedicado ao Rei, por Cocquelin. Tem Prefácio; *Cânticos*; *Oração dominical*; o francês e o latim em colunas paralelas; 568 p.; 14,5x8 cm (Darlow, 3827).
1796. *Le Nouveau Testament en françois, avec des reflexions morales sur chaque verset, pour en rendre la lecture plus utile & la méditation plus aisée. Imprimé par l'ordre de Monseigneur l'Evêque & Comte de Chalons, Pair de France. Et approuvé par Son Eminence Monseigneur le Cardinal de Noailles, Archevêque de Paris. Nouvelle édition corrigée & augmentée par l'Auteur...*, Amesterdão, Pierre Mortier, 1796; 8 vol.; em 12.º (BNRJ, 147, 2, 18-25).

1820. *La Sainte Bible... imprimée sur l'édition de Paris, année 1805*, Nova-York, ABS, D. Fanshaw, 1820; sem os Dêutero-canónicos; 789, 207 p.; 18x10,5 cm (Darlow, 3854).
1820. *Le Nouveau Testament... Imprimé sur l'édition de Paris, de l'année 1805*, Norwich, BFBS, R. M. Bacon, 1820; 329 p. (Darlow, 3857).
1821. *La Sainte Bible... revue et corrigée sur le texte original*, Basileia, E. Tournaisen, 1821; 1164, 315 p.; 19,5x11,5 cm (Darlow, 3861; ver ib., 3848).
1823. *Le Nouveau Testament...*, Basileia, E. Tournaisen, 1823; 3.<sup>a</sup> edição revista de 1821; 315 p.; 19,5x12 cm (Darlow, 3867; ver 4861).
- 1828-34. 13 vol. *La Sainte Bible. En latin et en françois suivie d'un Dictionnaire Étymologique, Géographique et Archéologique*, Paris, Lefèvre, 1828-1834; il. (BNP, Bib. 246 V. - 258 V.).
1853. *Gospel of Saint John in French, adapted to the Hamiltonian System, by an analytical and interlinear translation. By James Hamilton, author of the Hamiltonian System. New Edition*, London, 1853; VIII, 52, 159 p.; 18,5x11 cm (Darlow, 3926).
1854. *Le Livre des Psaumes, Traduit sur le texte hébreu, avec de nombreux renvois aux passages parallèles*, Lausanne, G. Bridel..., 1854; 15x9,5 cm (Darlow, 3927).
- 1883-1887. *La Sainte Bible. Texte de la Vulgate, traduction française en regard avec commentaires ...*, Paris, P. Lethielleux, 1883-1887; não contém o texto completo da Vulgata; 5 vol.; 25 cm (CBAP, n.º 234).

## Anónimo

- 1770-1799. *Explication de La Sainte Bible*, A Nismes, De l'Imprimerie de Pierre Beaume, [1770-1799]; 21 cm (BJPII, 22.07=40 ESB).

## 2.1.47. Traduções em dialetos franceses

A Bíblia foi traduzida também em vários dialetos franceses ou “línguas” regionais. Temos assim: em provençal, em valdense e na língua de Auvergne.

### Em provençal

1848. *The Romaunt version of the Gospel according to St. John, from MSS preserved in Trinity College, Dublin, and in the Bibliothèque du Roi, Paris*, Londres, John

Murray (Cambridge printed), 1848; XVI, CV, 116 p.; 23x14,5 cm (Darlow, 4041).

1887. *Le Nouveau Testament, Traduit au XIII<sup>e</sup> siècle en langue provençale, suivie d'un rituel cathare*, Paris, 1887 (Darlow, 4042).

### Em valdense

1848. *The Romaunt version of the Gospel according to St. John*, Londres, J. Murray (Cambridge printed), 1848; 23x14,5 cm (Darlow, 4043).

1890. *The New Testament*, Turim (Milan printed), 1890 (Darlow, 4044).

### Na língua de Auvergne

1831. *Livre de Ruth en hébreu et en patois auvergnat*, Paris, 1831; J. Labouderie (trad.); 22 p.; 21x12,5 cm (Darlow, 4045).

### 2.1.48. Bíblias pastorais francesas - *Histórias Bíblicas*

Trata-se de histórias bíblicas ou *Bíblias historiadas*, com muitas gravuras. Algumas delas serviram de modelo às Bíblias historiadas portuguesas; e até foram algumas delas traduzidas para português como se pode ver noutro lugar deste volume.<sup>28</sup>

1703. *La Sainte Bible en images*; 2 vol. Em cada imagem há uma legenda bilingue, isto é, em latim e francês (BSEA).

1735. *L'Histoire du Vieux et du Nouveau Testament, représentée avec des figures & des explications édifiantes, tirées des SS. PP., pour régler les mœurs dans toute sorte de conditions. Dédiée à Monseigneur le Dauphin par le Sieur de Royaumont, Prieur de Sombrevail*, Paris, Jean Villett, 1735; em 4.º (BPE, S.L., XVIII-8; BNRJ, 148, 6, 16).

— Vienne, Jean Thomas Trattner, 1762 (BAJUDA, 4-I-34).

— Paris, 1770; 552 p.; 28,5x22 cm (DB).

1754. *Paraphrase et explication des Quatre Évangiles réunis en un seul, ou de la Concorde des Quatres Évangiles et des Actes des Apôtres* (Par l'Abbé Joly de Fleury), Paris, Chez Vincent, 1754; 4 vol.; em 12.º (BNRJ, 147, 1, 42-45).

1759. *L'Ancien et le Nouveau Testament représentés en cinq cents tableaux gravés d'après les desseins de Raphael et d'autres grands maîtres. Et expliqués par les*

<sup>28</sup> Ver cap. 3.2.

*paroles de l'Écriture*, Paris, Claude Hérissant... et Guillaume Desprez..., 1759; 252 fol. (CMVIS, 3819). Aparece ainda com outro título:

1767. *Figures de la Bible contenues en cinq cens tableaux gravés d'après les desseins de Raphael & des plus grands maitres, accompagnés d'une courte explication pour l'instruction de la Jeunesse...*, Paris, 1767.

1864-1865. *La Bible Populaire. Histoire Illustrée, de l'Ancien et du Nouveau Testament, par l'Abbé Drioux*, Paris, Hachete et C<sup>ie</sup>., 1864-65. Em três volumes:

— Antigo Testamento, 1864: vol. I (*Génésis a 2 Macabeus*); vol. II (*Job a Malaquias*).

— Novo Testamento, 1865: vol. III; 516 p. (BPMP, M<sup>o</sup>-5-1).

## 2.2. Bíblias italianas

Como afirmávamos na introdução a este capítulo, apresentamos aqui apenas algumas Bíblias mais representativas em língua italiana.<sup>29</sup>

### 2.2.1. Bíblia de Diodati (1576-1649)

1712. *La Sacro-Santa Biblia in lingua italiana, cioè il Vecchio e Nuovo Testamento, nella purità della lingua volgare, moderna e corretta, corrispondente per tutto al Testo fondamentale vero, distincta per versetti a pro della Gioventù e stampata com lettere molto leggibili, a pro di quei, che sono di età avanzata*, Nuremberga, Mattia d'Erberg, 1712 (Darlow, 5603).

1855. *La Bibbia che contiene il Vecchio e il Nuovo Testamento / Tradotto in lingua italiana da Giovanni Diodati* (BNC).

1859. *Il Nuovo Testamento del Signor nostro Jesu Christo: Tradotto in lingua italiana da Giovanni Diodati*, Londres, 1859.

1867. *La Sacra Bibbia ossia L'antico ed il Nuovo Testamento. Tradotti da Giovanni Diodati*, Londres, Società Biblica Britannica e Forestiera, 1867; 1114 p.; 2 col.; 17 cm (BNP, R. 34980 P).

### 2.2.2. Bíblia de António Martini (1720-1809)

A Bíblia do arcebispo católico de Florença, António Martini (1769-1781), é uma edição que tem autoridade, porque foi a 1.<sup>a</sup> oficialmente admitida pela

<sup>29</sup> Ver “Traduções italianas da Bíblia” no vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos Séculos XVI-XVII*, p. 165-171.

Igreja, como tradução moderna, a partir da Vulgata Latina. A edição definitiva é de 1782-1792, com muitas notas. Nasceu, pois, a partir do levantamento da proibição das traduções para a língua vulgar e foi feita pelo texto da Vulgata, segundo a norma do concílio de Trento. Tornou-se normativa para todas as edições e reimpressões seguintes, até ao séc. XX. Apareceu, pela última vez, em 1950, e tornou-se um texto bíblico clássico da língua e da Igreja italiana. Edição bilíngue: latim e italiano. Leva o seguinte título:

- *La Sacra Bibbia: Antico e Nuovo Testamento. Trad. secondo la Vulgata. Di Antonio Martini...*; 23 volumes.<sup>30</sup>

### Antigo Testamento

1776-1781. 17 vol. *Del Vecchio Testamento: secondo la Volgata tradotto in lingua italiana e con annotazioni illustrato*, Turim, Stamperia Reale, 1776-1781; il.; 20 cm (BNP; Darlow, 5606).

### Novo Testamento

1775-78. 6 vol. *Nuovo Testamento del signor nostro Gesù Cristo secondo la Volgata tradotto in lingua italiana, e con annotazioni illustrato*, Torino, Stamperia Reale, 1775-1778; Nuova edizione riveduta, corretta, e accresciuta; il.; 20 cm (BNP).

1848. 6 vol. *La Sacra Bibbia secondo la Volgata tradotta in lingua italiana e con anotazioni dichiarata da Monsignore Antonio Martini*, Nápoles, Caetano Nobili, 1848; em latim e italiano; em 4.º (BNRJ, 158, 4, 8-13).

1881-1883. *La Sacra Bibbia: Antico e Nuovo Testamento trad. secondo la Vulgata. Di António Martini; Disegni di Gustavo Doré e fregi di Enruco Giacomelli*, Milano - Treves, 1881-1883; 2 t.<sup>31</sup>

1898. *La Sacra Bibbia: Antico e Nuovo Testamento trad. secondo la Volgata. Tradotta in lingua italiana ed annotata da Monsignore António Martini, arcivescovo di Firenze. Testamento Vecchio*. Só tivemos informação de dois vol.:

Vol. IV: *Paralipomeni I e II, Giobbe*. Mandovi Tipografia edit. Vesc. Graziano, 1898; 17x10,5 cm.

<sup>30</sup> Esta tradução foi autorizada por um Breve do papa Pio VI, em abril de 1778, já que o decreto de Bento XIV, que permitia traduzir a Bíblia para as línguas vulgares, em determinadas condições, era de 1757. Uma das condições é que fosse traduzida da Vulgata, como foi o caso desta. Mais tarde, foi revista por M. Sales, Turim, 1911, e por E. Tintori, em 1931.

<sup>31</sup> Encontra-se um exemplar nas bibliotecas Suíças, com a cota GB 5521/1 e GB 552/2. 1778.

Vol. XII: *Filipensi-Apocalisse*, ib., mesmo ano e medidas do anterior.<sup>32</sup>

### 2.2.3. Bíblia de Pietro Bernabó Silorata (1808-1886)

1876. *La Sacra Bibbia* (...), tradotta in versi italiani dal Comendatore Pietro Bernabó Silorata, Roma, Tipografia dell Opinione, 1876 (BAJUDA, 131-I-18).

### 2.2.4. Bíblia de Samuele David Luzzato (1800-1865)

1872-1875. Tradução do *Antigo Testamento* a partir do hebraico. É uma Bíblia protestante.

## 2.3. Bíblias espanholas

### 2.3.1. Hispano-judaicas

1726. *Biblia en lengua española. Traducida de la verdad Hebrayca, por muy excelentes letrados y aora nuevamente imprimida por David Fernandes y corregida por Dr. R. Yshac de Ab.[natar] Díaz*, Amsterdão, impresso por David Fernandes, 5486 [1726]; 16, 1299, 5 p.; 19,5x12,5 cm (BNP, Bib. 831 P.; CMVIS, 4051; BNRJ, 147, 7, 6). Trata-se da Bíblia de Ferrara revista e reeditada.

1733. *Cinco libros de la Ley divina* [Pentateuco]: *Nuevamente corregidos y reimprimidos*, Amsterdão, David de Elisa Pereyra, 1733; 6, 476 p. (BNC). É o *Pentateuco* da Bíblia de Ferrara.

1762. *Biblia en dos columnas Hebraico e Espanhol...*, Amsterdam, en casa y a costa de Joseph Iacob y Abraham de Salomon Proops; 5522 [1762]; en la primera columna, el original hebraico; en la 2.<sup>a</sup>, la traducción en la lengua española; 5 fol., 332 p.; 45x29 cm. Conteúdo: *Prophetas Posteriores*; 2.<sup>a</sup> edição pouco vulgar. Trata-se da Bíblia de Ferrara revista e reeditada; pertenceu a Alcobaça (BNP, Bib. 169 A).<sup>33</sup>

### 2.3.2. Guillermo Norton (séc. XIX) e Juan Calderon (1791-1854), traduziram:

1858. *Las Escrituras del Nuevo Pacto*. Trata-se só do Novo Testamento.

### 2.3.3. Cipriano de Valera (1532-1602)

<sup>32</sup> Encontra-se um exemplar no Colégio-Universidade dos Salesianos, S. Paulo-Brasil.

<sup>33</sup> Ver “Traduções espanholas da Bíblia” no vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos Séculos XVI-XVII*, p. 171-181.



1862. *La Santa Biblia... Antigua version de Cipriano de Valera...*, Oxford, SPCK, Imp. de la Universidad, 1862 / 61; notas e referências nas margens laterais; 2 col.; 747 p.; 17x10,50 cm (Darlow, 8548; Biblioteca Municipal do Funchal, C2-E10-P3; S4-E1-P1).

— Revisão da mesma em 1900; AT: 952 p.; NT: 296 p.

1873. *La Santa Biblia que contiene los Sagrados Libros del Antiguo y Nuevo Testamento Antigua version de Cipriano de Valera, cotejada com diversas traducciones y revisada com arreglo a los Originales Hebréo y Griego*, Madrid, Depósito Central de la Sociedad Bíblica, 1873; 2 col.; 1048 p.; 16,5x11,5 cm.

Inicia com um elenco dos livros do Antigo e Novo Testamento; sem notas; explicação no início dos capítulos em itálico; Novo Testamento com frontispício próprio e do mesmo ano.

1876. *La Santa Biblia. Antigua version de Cipriano de Valera, cotejada com diversas traducciones y revisada com arreglo a los Originales Hebréo y Griego*, Madrid, Depósito Central de la Sociedad Bíblica, 1876; 992 p.; 23x15 cm.

1895. *La Santa Biblia ... antigua de Cipriano Valera*, Sociedade Bíblica, 1895 e 1921.

— *El Nuevo Testamento de N.S.J. Salvador Jesus Cristo*, Cassiodoro de Reina. Revisada por Cipriano Valera-México.

### 2.3.4. Bíblias católicas

A Inquisição espanhola, mais que outras do seu género, estava postada em apanhar nas suas malhas qualquer tentativa de tradução da Bíblia em língua vulgar. O Breve de Bento XIV de 1757 só teve execução em Espanha em 1782, isto é, 25 anos depois. O documento papal dava liberdade de tradução da Bíblia para as línguas vulgares, mediante certas condições:

- a) licença eclesiástica;
- b) notas dos Santos Padres e exegetas católicos, nos textos mais difíceis.

Neste novo ambiente aparecem primeiramente traduções parciais da Bíblia e só depois as grandes traduções de Felipe Scio de San Miguel e de Torres Amat.

### Partes da Bíblia

1740. Juan Haraneder. Era sacerdote da diocese de Bayonne. Traduziu os *Evangélicos* em língua basca. Foi a primeira tradução católica.

1777. Gregório Salas, *Lamentações*.

1785-89. Ángel Sánchez, *Salmos e Livros sapienciais*.

1785. António Petite, *Evangelhos*.

1790. Eugénio García, *Livros dos Reis*.

1799. Pedro António Pérez de Castro, *Salmos*, Madrid.

1800. Pablo Olavide, *Salmos*, Madrid.

1825-27. José de Virués, *Salmos*, Madrid.

1831-33. Balbán Rivera (séc. XIX). Este autor traduziu a *Bíblia de Vence*, com as notas de Mons. Calmet, para uso no México, 1831-1833. É uma tradução em 25 volumes.

1875. Anselmo Petite, *Novo Testamento*, Madrid.

1880. *Saltério* de Juan de Valdés. É de grande valor, mas ficou inédito até que foi publicado em Bonn, em 1880.

### Em língua catalã

Nos séculos que nos toca tratar aqui, devem mencionar-se as seguintes Bíblias ou partes das mesmas:

1832. Prat Colom, *Novo Testamento*, Londres 1832 e 1835. É feita sobre a Vulgata e com fins propagandísticos, pois é protestante. Foi, naturalmente, publicada pela Sociedade Bíblica de Londres. Em 1836, foi editada em Barcelona e depois traduzida para castelhano em Madrid, 1888.

1859-65. *Bíblia* em língua vasca pelo capitão J. Divoisin, Londres, 1859-1865. Trabalhou nela sete anos, mas a partir da Vulgata.

1859. José António Uriarte (1812-1869) pensou traduzir toda a Bíblia em língua vasca, mas ficou-se por *Génesis*, *Êxodo* e *Levítico*, Londres, 1859.

### Edições da Bíblia completa

Estas tentativas individuais de traduções parciais da Bíblia vão desaguar nos grandes projetos de Bíblias completas que veremos seguidamente: a de Felipe Scio de San Miguel e a de Félix Torres Amat.

### Bíblia de Filipe Scio de San Miguel (1738-1796)

Este tradutor pertencia à Congregação dos Esculápios ou das Escolas Pias. Foi um dos grandes nomes da sua Congregação no setor do ensino, que, depois da expulsão dos Jesuítas, assumiu um papel fundamental na educação da juven-



tude em Espanha. Foi preceptor da infanta D. Carlota Joaquina, que viria a ser esposa do nosso rei João VI. Por isso, viveu em Lisboa durante vários anos. Foi eleito bispo de Segóvia em 1795, mas faleceu em 1796.

A 1.<sup>a</sup> edição da sua tradução publicou-se em Valencia, 1790-93, segundo as normas ditadas pelo decreto de Bento XIV sobre traduções em línguas vulgares. É uma versão literal da Vulgata Latina, tal como aconteceu com a tradução do Pe. António Pereira de Figueiredo, de que tratamos neste volume. A de Felipe Scio tornou-se a Bíblia católica espanhola clássica no seu tempo.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Felipe Scio de San Miguel tinha grande influência na corte espanhola de Carlos III, por ser

O mencionado tradutor teve a colaboração de outros da sua Congregação, sobretudo de Benito Feliú de San Pedro. O seu texto caracteriza-se pela fidelidade à Vulgata Latina (e não diretamente aos textos originais da Bíblia), mas mesmo assim foi criticada por não ser bem fiel à dita Vulgata; assim, na sua revisão, ficou ainda mais presa a esse texto. Tem muitas notas explicativas, segundo as orientações do Breve papal. Foi uma Bíblia que fez caminho em língua espanhola, mesmo no ambiente protestante, que também a utilizou, como aconteceu, aliás, com a Bíblia portuguesa do Padre António Pereira de Figueiredo. Por isso, teve muitíssimas edições ao longo dos anos. Leva o seguinte título e foi frequentemente editada em muitos volumes:

**1790-93.** 10 vol. *La Biblia Vulgata Latina traducida en español y anotada Conforme al sentido de los Santos Padres y Expositores Cathólicos por el Padre Pelipe Scio de San Miguel de las Escuelas Pias, confesor de la Princesa del Brasil, Infanta de España. Dedicada al Rey Nuestro Señor Don Carlos IV*, Valencia, Oficina de Joseph y Thomas de Orga, 1790-1793; em latim e espanhol (BNRJ, 147, 6, 8-17).<sup>35</sup> Tem muitas gravuras de luxo, pelo que se tornava muito cara; mas esgotou-se rapidamente.

Vejamos, em concreto, alguns dos volumes:

T. 1: *Los quatro Evangelios*; 6, XXXIV, 581 p.

T. 2: *Los Hechos y Cartas de los Apóstoles y el Apocalypsis de San Juan*; 811 p.

T. 1: *El Génesis, el Éxodo y el Levítico*; XIV, 2, 646, [1] p.

T. 2: *Los Números, el Deuteronomio, Josué, los Jueces y Ruth*; 591, 81 p.

T. 3: *Los quatro libros de los Reyes*; 578 p.

T. 4: *Los dos libros de los Paralipómenos, los dos libros de Esdras, Tobias, Judith, Esther y Job*; 699 p.

T. 5: *Los Psalmos, los Proverbios y el Eclesiastés*; 603 p.

T. 6: *El Cántico de los Cánticos, el Libro de la Sabiduría, el del Eclesiástico y la Prophecía de Isaías*; 649 p.

T. 7: *Las Prophecías de Jeremías y sus Threnos, las de Baruch, de Ezequiel y de Daniel*; 669 p.

---

“Preceptor de Infantes”; depois foi nomeado preceptor de D. Carlota Joaquina, facto que o obrigou a residir em Portugal entre 1785 e 1790. Portanto, esta Bíblia recebeu proteção real, pelo que a Inquisição se “dispensou” de a examinar, para verificar se estava de acordo com a Vulgata, conforme o decreto romano acerca das traduções para as línguas vulgares. Mas a sua tradução é literal, feita a partir da Vulgata, como declara na *Disertación Preliminar* do primeiro volume do Antigo Testamento. No entanto, consultou outras Bíblias: Casiodoro de Reina, Bíblia de Ferrara, além dos textos originais, hebraico e grego.

<sup>35</sup> Sobre esta Bíblia, ver nota da p. 198 do Catálogo da BNRJ, Annaes...; ver ainda Catálogo da Biblioteca Pública de Guimarães, 1888, com o n.º 4653)

T. 8: *Los Doce Prophetas Menores y los libros I y II de los Macabeos*; Se añaden las tablas chronológicas (I-LXXXVII); Índice de las cosas notables y el índice de toda la Bíblia; 480, CXLV p.

Tomo 10 del Nuevo Testamento. *Los Quatro Evangelios*, Valencia: En la Oficina de Joseph y Thomas de Orga. Año 1790; a 2 col.; muitas notas de rodapé, também em colunas; 581 p.; 32,5x22 cm (BNP, Bib. 221 A. - 228 A.; Museu Alberto Sampaio, Guimarães; FacFil).

1791-1798. 10 vol. *La Biblia Vulgata Latina traducida en español, y anotada conforme al sentido de los Santos Padres y expositores Católicos por el Padre Phelipe Scio de San Miguel, dedicada al Señor Don Carlos IV*, Valencia, Of. de Joseph y Thomás de Orga, Madrid, en la imprenta de Don Benito Cano, 1791-1798; Con Real Permiso; 31x20 cm (BPNM, 1-1-11-5/14). Alguns volumes:

T. 1: *Los Números, el Deuteronomio, Josué, los Jueces y Ruth*, ib., mesmo impressor, 1791. (FacFil).

T. 2: *Los Quatro Libros de los Reyes*, ib., mesmo impressor, 1791; 578 p. (FacFil).

T. 3: *Dos Libros de los Paralipómenos, los dos de Esdras, el libro de Tobias*, ib., mesmo impressor, 1792; 699 p. (FacFil).

T. 4: *Psalmos, Proverbios y Eclesiastes*, ib., En Valencia en la Oficin de Joseph y Thomás, 1792; 603 p. (FacFil).

T. 5: *El Cantico de los Cânticos, el Libro de la Sabiduria, el del Eclesiástico y La Prophecia de Isaías*, ib., Oficina de Joseph y Thomás de Orga, 1793. Con Real Permiso (FacFil).

T. 6: *Las Prophecias de Yeremias y sus Threnos, las de Baruch, de Ezequiel y de Daniel*, ib., mesmo impressor, 1793; 669 p. (FacFil).<sup>36</sup>

1794-97. 19 vol. *La Biblia Vulgata Latina, traducida en español y anotada conforme al sentido de los Santos Padres y expositores católicos...*, Madrid, por Don Benito Cano, 1794-1797; 2.<sup>a</sup> edição; il.; 19 cm (CBAP, n.º 229).

Esta segunda edição é o resultado da revisão da primeira, devido a certas críticas feitas à mesma, entre as quais a de ser menos fiel à Vulgata, como já foi referido, e de se perder com alusões ao texto original hebraico e grego. Mas esta 2.<sup>a</sup> edição foi igualmente criticada, porque se eliminaram muitas das riquíssimas notas da primeira, o que manifestava os grandes conhecimentos que o autor tinha de Hermenêutica, de Filologia e de Patrística. Os revisores fo-

<sup>36</sup> Na Biblioteca Nacional de Madrid encontramos edições desta Bíblia com as seguintes cotas: 1843: 1/50519-20; 1845: 1/50252-61; 1848: 5/1944; 1851-53: 18839; 1/11996-12001; 1852: 5/14523; 3/7669-73; 1852-54: Ms/60-64; 4/47150-47154; 1861: U/6767; 1892: Ms: 590-94; 189-: 1/49953-8.

ram os seus colegas Calixto Honero, Hipólito Lereu, Luís Minguez e Ubaldo Hornero.

1797. *Bíblia Sagrada, a saber el Antiguo y el Nuevo Testamento, traducidos de la Vulgata Latina... Nueva edición... conforma a la 2.ª... el año de 1797 en Madrid.*

— Nova York, 1826; em 8.º (BNF, A- 5920).

1816. *La Biblia Vulgata Latina, traducida en español, y anotada conforme al sentido de los Santos Padres y Espositores Católicos, por el Ilustrísimo Señor Obispo de Segóvia D. Felipe Scio de S. Miguel... Tercera edición. Tomo Segundo, del Nuevo Testamento. S. Juan y Echos de los Apóstoles*, Madrid, Imprenta de Ibarra, 1816; bilingue: latim e espanhol em colunas paralelas; 344 p.; 21x15 cm (DB).

— T. 3: *Las Epístolas de San Pablo*, Madrid, Imprenta de Sancha, 1816; 509 p. (DB).

1823-24. *La Biblia: ó el Antiguo y Nuevo Testamento traducidos al español de la Vulgata Latina; por Phelipe Scio de S. Miguel*, Londres, 1823-24; outra de 1858 (BNC, Mag, LGV (1/0)).

1825. *Bíblia*, Filipe Scio, impressa em Londres, por Samuel Bagster, 1825; 4, 585, 188 p.; em 8.º.

1828. *La Santa Biblia, Antiguo Testamento* (Gn-Est, Job-2 Mac), Londres, 1828; 15x10,5 cm (Biblioteca Municipal do Funchal, S9-E6-P1).

1845. Tomo II del Nuevo Testamento, Barcelona, A. Pons y C.<sup>a</sup>, Libreros Editores; *De Romanos a Apocalipse*; 415 p. de texto; *Tablas Cronológicas y Cosas notables*, 91 p.; *Diccionario Geográfico de la Biblia; Índices*; 96 p. (DB).

1852-53. *La Santa Biblia traducida al español de la Vulgata Latina y anotada conforme al sentido de os Santos Padres y Espositores Católicos, por el Ilmo. Sr. D. Felipe Scio de S. Miguel publica y censura de la autoridade eclesiástica a autoridade eclesiástica, tomo Primero - Antiguo Testamento*, Madrid, Gaspar y Roig, Editores, 1852-53; 580 p. mais índices (9 p.); 27x18 cm; contém *Génesis – Rute* (DB).

Caraterísticas: texto a duas colunas, com o latim na coluna da esquerda e o espanhol na da direita; colunas separadas por filete e as notas também separadas do texto por um filete horizontal; com belas gravuras; introduções a cada livro; as notas são muito científicas, utilizando mesmo com frequência termos hebraicos, o que não acontece na Bíblia de Figueiredo, que desconhecia essa



língua. No fim, apresenta um índice de cada capítulo e de todos os livros do volume, como era costume fazer-se nas Bíblias desta época; e também mapas.

T. 2: *Livros dos Reis (1-4), 1 e 2 Paralipómenos, 1-2 de Esdras, Tobias, Judite, Ester, Job*, 1852; 614 p.

T. 3: *Salmos, Prov., Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria, Eclesiástico*, 1852; 583 p.

T. 4: *La Profecia de Isaías a Profetas Menores e 1 e 2 Macabeus*, 1853; 676 p.

1858. *La Biblia, ó el Antiguo y Nuevo Testamento*, Londres, Imp. por W. Clowes e Hijos, 1858 (BNP, Bib. 766 P.).

1863-64. 6 vol. *La Sagrada Biblia. Trad... De la Vulgata Latina y Anotada... Por El... Sr. D. Felipe Scio de San Miguel*, Barcelona, Sociedad Ed. La Maravilla, 1863-1864; 6 vol.; vol. 1-4: Antiguo Testamento; vol. 5-6: Nuevo Testamento (BNP, Bib. 110 V. - 115 V.).

1869. *La Sagrada Biblia. Trad... de la Vulgata Latina y Anotada Conforme al sentido de los Santos Padres y expositores católicos... Por El... Sr. D. Felipe Scio de San Miguel*, Madrid, Gaspar y Roig, 1869; Nueva ed.; coleção Biblioteca ilustrada (BNP, Bib. 162 V. - 165 V.).

### **Bíblia de Félix Torres Amat (1772-1847)**

Este tradutor foi sacerdote em Barcelona, tornando-se, mais tarde, bispo de Astorga. Para a tradução da Bíblia, teve o beneplácito do rei Carlos IV e de Fernando VII, talvez a partir de um manuscrito do jesuíta José Miguel Petisco. Parece que a tinha pronta em 1822. Recebeu uma proposta das Sociedades Bíblicas para a editar sem notas, mas não aceitou. Estas, aliás, já tinham editado, com grande êxito, a de Felipe Scio de San Miguel.

Segundo os especialistas nesta matéria, é menos literal que a de Filipe Scio, no entanto, é demasiado parafrástica, o que a torna menos dura na leitura. Apareceu 30 anos depois desta e é da autoria de José Manuel Petisco, SJ, mas saiu com o nome de Torres Amat, devido à Companhia de Jesus ter sido, entretanto, suspensa. Este confessa, no prólogo, que apenas completou a versão que o jesuíta tinha iniciado. Tanto uma como outra, em vários volumes, tornavam-se inacessíveis à maioria da população, economicamente desfavorecida.

Tem como base a Vulgata e está em bom castelhano. Foi publicada também com modificações nas notas, tanto por católicos como por protestantes.

Em resumo, esta Bíblia segue o texto base da Vulgata, segundo as normas vigentes, tem boa linguagem, ainda relativamente atualizada, mas tem muitas parafrases ilegítimas.

Vejamos, então, a primeira edição desta Bíblia:

1824-25. 8 vol. *La Sagrada Biblia, traducida de la Vulgata Latina, por...*, Madrid, 1824-1825; 21,5x15 cm. Os 6 primeiros volumes contêm o *Antigo Testamento*, 1824-25; os dois volumes seguintes contêm o *Novo Testamento* com um apêndice, 1825 (Darlow, 8508).<sup>37</sup>

1871-1873. 4 vol. *La Sagrada Biblia traducida de la Vulgata Latina al español, aclarado el sentido de algunos lugares con la luz que dan los textos originales hebreo y griego, e ilustrada con várias notas sacadas de los Santos Padres y expositores sagrados, por D. Félix Torres Amat*, Barcelona, 1871-73; Nueva edición ilustrada por Gustavo Doré; em fol. (BNRJ, 267, 10, 11-14).

### 2.3.5. Bíblias protestantes

#### Bíblias completas em castelhano

1824. *La Biblia, ó el Antiguo y Nuevo Testamento, traducidos al español de la Vulgata Latina, por Phelipe Scio de S. Miguel*, s.l, 1824. Não tem imprimatur.

1825. *La Biblia, ó el Antiguo y Nuevo Testamento, traducidos en español por Phelipe Scio de San Miguel*, Londres, Impreso por Samuel Bagster, 1825.

— Outra ed., 1858.

1853. *La Biblia que contiene el Antiguo y el Nuevo Testamento. Versión cotejada cuidadosamente con las antiguas traducciones, y rev. con arreglo a los originales hebreo y griego*, Londres, Gilbert y Rivington, 1853.

1856. *Biblia Sagrada, trad. en español. Versión cotejada esteriográfica*, Nueva-York, 1856.

— Outra ed., 1857.

1862. *La Santa Biblia, que contiene los sagrados libros del Antiguo y Nuevo Testamento. Antigua versión de Cipriano de Valera, cotejada con diversas traducciones y rev. con arreglo a los originales hebreo y griego*, Oxford, Imprenta de la Universidad, 1862.

— Outra ed., Londres, Printed for the ABS, New York, by the BFBS, 1914; Com referências.

<sup>37</sup> Para as Bíblias de Scio e Torres Amat, ver VERD, G. M., *El Padre Scio, traductor de la Biblia*, EstBib 32, 1973, p. 137-156; DALMAU, J. P. Burgués, *La Biblia del Padre Felipe Scio, primera edición católica de la Biblia en España (1790-1793)*, Analecta Calasanciana 58, 1987, p. 259-335.



## Novo Testamento em castelhano

1813. *El Nuevo Testamento de Nuestro Señor Jesu Christo*, Bermondsey, Impreso por Diego Powell, 1813.
1817. *El Testamento Nuevo, de Nuestro Señor y Redentor Jesu Cristo*, s. l., 1817. Nueva ed. cuidadosamente corrigida.
1820. *El Nuevo Testamento. Trad. al español de la Vulgata Latina por Phelipe Scío de San Miguel*. Imprenta de T. Rutt y Hijo, 1820.  
— Londres, Imprenta de W. Watts, 1847; outra ed., 1854.
1822. *Testamento, El Nuevo. Trad. al español de la Vulgata Latina por Phelipe Scío de San Miguel*. Imprenta de J. Smith, Paris, 1822; outra ed.: 1823; Londres, Impreso por T.C. Hansard, 1826; Madrid, Imprenta a cargo de Joaquín de la Barrera, 1837; Paris, Imprenta de Ch. Meyrueis y C.<sup>a</sup>, 1856.
1837. *Nuevo Testamento; Trad. al español de la Vulgata Latina por Phelipe Scío de San Miguel*, Barcelona, Imprenta de Antonio Bergnes, 1837. Edición preparada por el teniente Graydon, companero de Borrow.  
— Madrid, a cargo de Joaquín de la Barrera, 1837.
1849. *El Nuevo Testamento, trad. al castellano por Cipriano de Valera en 1602, y rev. en 1831*, Glasgow, Imprimido para la Sociedad de la Biblia de Glasgow, 1849.
1852. *El Nuevo Testamento. Version cotejada cuidadosamente con las antiguas traducciones, y rev. con arreglo al original griego por la “Sociedad para Promover los Conocimientos Cristianos”*, Londres, Impreso por Ricardo Clay, 1852. Outra ed., de 1854. Não menciona a entidade editora.
1855. *El Nuevo Testamento, trad. al español de la Vulgata Latina por Felipe Scío de San Miguel*. Imprenta de J. Martín Alegria, 1855; Londres, 1859.
1858. *Escrituras, Las, del Nuevo Pacto. Traducción del original griego* [Union Bíblica Americana, Nueva York y Londres], 1858; outra ed., 1869; Barcelona, Imprenta Hispana, 1871.
1860. *El Nuevo Testamento de Nuestro Señor Jesu-Cristo: que es, los escritos evangélicos y apostólicos. Versión revista y confrontada con el texto griego, y con diversas traducciones, por Cipriano de Valera*, Londres, 1860; *ibid.*, 1864; Iglesia Reformada de Málaga, 1865.

1865. *El Nuevo Testamento de Nuestro Señor Jesu-Cristo. Antigua versión de Cipriano de Valera, cotejada con diversas traducciones y rev. con arreglo al texto griego*, Oxford, Imprenta de la Universidad, 1865.

— Madrid, SBBE, 1869, 1870, 1871.

— ... *que contiene los escritos evangélicos y apostólicos. Antigua versión de Cipriano de Valera, rev. con arreglo al texto griego*, Madrid, SBBE, 1872.

— ... *que es los escritos evangélicos y apostólicos*, 1876.

— Outras edições: 1880, 1882, 1887, 1890, 1891, 1892, 1893.

— ... *de Nuestro Señor Jesucristo, que contiene los escritos evangélicos y apostólicos. Antigua versión de Cipriano de Valera, del año 1602, rev. con arreglo al original griego*, Madrid, SBBE, 1898.

1868. *El Nuevo Testamento de Nuestro Señor y Salvador Jesucristo. Version de Cipriano de Valera, rev. y corr.*, Nueva York, ABS, 1868.

— Outras edições: 1871, 1872, 1876.

1871. *El Nuevo Testamento de Nuestro Señor y Salvador Jesucristo. Imprenta de L. Obradors y P. Sulé*, Barcelona, 1871. Tradução de Valera.

1872. *El Nuevo Testamento de Nuestro Señor Jesu-Cristo, que es los escritos evangélicos y apostólicos. Antigua versión de Cipriano de Valera, cotejada con diversas traducciones, y rev. con arreglo al original texto griego*, Londres, Red Lion Square, 1872.

S. d. *El Nuevo Testamento de Nuestro Señor Jesucristo, que contiene los escritos evangélicos y apostólicos. Antigua versión de Cipriano de Valera, rev. con arreglo al original griego*; New York, ABS; em 32<sup>mo</sup>.

S. d. *El Nuevo Testamento de Nuestro Señor Jesu-Cristo, que contiene los escritos evangélicos y apostólicos. Antigua revisión de Cipriano de Valera, hecha con arreglo al original griego*, Sociedad Española de Tratados Religiosos y Libros, Figueras.

## Evangelhos e Atos dos Apóstolos

1857. *El Evangelio de Nuestro Señor Jesu Cristo, segun San Mateo. Trad. al español é impreso por la primera vez en el año 1602 por Cypriano de Valera. Reimpreso en 1857 por algunos amigos del Evangelio*, Tolosa, Imprenta de A. Chauvin, 1857.

1876. *Los Evangelios, de San Mateo y San Lucas, y los Hechos de los Apóstoles. Con notas y mapas*, Madrid, imprenta de José Cruzado, 1876.

1885. *El Evangelio segun San Mateo. Trad. del griego y comparado con las mejores ediciones antiguas y modernas de Reina, Scio, Amat y otros*, Madrid, LNE, 1885.
- Na mesma série: *Evangelio de San Marcos*, 1887; *Evangelio de San Lucas*, 1886; *Evangelio de San Juan*, 1889; *Los Hechos de los Apóstoles según San Lucas*, 1889.
1888. *El Evangelio, ó sea, la Buena Nueva de Nuestro Señor Jesucristo segun San Marcos*. Con 18 láminas. Imprenta de Felipe Marques. Madrid, 1888.
1889. *El Evangelio segun San Juan. Trad. del griego y comparado con las mejores ediciones antiguas y modernas de Reina, Scio, Amat y otros*, Madrid, LNE, 1889.
1889. *Los Santos Evangelios y los Hechos de los Apóstoles. Antigua versión de Cipriano de Valera, del año 1602, revista con arreglo al original griego*, Madrid, SBBE, 1889.
1892. *El Evangelio de Nuestro Señor Jesu-Cristo segun San Mateo. Versión de Cipriano de Valera, rev. y corr.*, Nueva York, 1892.
- S. d. *Evangelio, El, de Nuestro Señor Jesu-Cristo segun San Juan*, Nueva York.
- S. d. *El Santo Evangelio segun San Juan. Con ilustraciones de dibujos originales hechos en Palestina*. Office of the “Scripture Gift Mission”, Londres.
- S. d. *El Evangelio de Nuestro Señor Jesucristo segun San Matéo. Version del Padre Amat, obispo de Astorga, cuidadosamente cotejada con las demás versiones. Edicion estereotípica*, Imprenta “Del Ramo de Olivo”; H. Matamoros.

### Outras porções da Bíblia

1823. *Los Libros sagrados de los Psalmos, Provérbios, Eclesiastés, y de la Prophecia de Isaías. Trad. al español de la Vulgata Latina por Phelipe Scio de San Miguel. Sacados de la versión de la Biblia entera publ. con real permiso en el año de 1790*, Paris, Imprenta de J. Smith, 1823.
- Londres, Imprenta de Bagster y Thoms, 1828.
1862. *Los Provérbios de Salomón, tomados de la Biblia de Cipriano de Valera, impresa en Amsterdam en 1602, y trad. del original hebreo*, Nueva York, SBA, 1862.
1865. *Las Epístolas del apóstol San Pablo á los Tesalonicenses, á Timotéo, Tito, y Filémon. Antigua version de Cipriano de Valera, cotejada con diversas traducciones y rev.*, Oxford, 1865.

1869. *Libro de los Salmos*, Madrid, Imprenta de J. Cruzado, 1869.  
— Madrid, SBBE, 1896 e 1929.
1871. *El Libro de los Salmos. Tomado de la Biblia de Cipriano de Valera*; impresa en Amsterdam en 1602, trad. del original hebreo, Nueva York, SBA, 1871.
1879. *El Libro de los Salmos. Trad. del original hebreo, y cotejado cuidadosamente con muchas y diversas versiones*, Nueva York, SBA, 1879.
1886. *El Génesis, nuevamente trad. del original hebreo y que reproduce lo mejor que se puede el próprio estilo de Moisés*, Nueva York, SBA, 1886.
1889. *Los Hechos de los Apostoles segun San Lucas. Trad. del griego y comparados con las mejores ediciones antiguas y modernas de Reina, Scio, Amat y otros*, Madrid, LNE, 1889.
1894. *Los Salmos. Antigua versión de Cipriano de Valera, del año 1602, rev. con arreglo al original hebreo*, Madrid, SBBE, 1894.
1899. *La Epístola del apóstol Pablo á los Gálatas. Trad. del griego con ayuda de las mejores versiones antiguas y modernas de Valdés, Reina, Scio, Amat y otros*, Madrid, LNE, 1899.

## 2.4. Bíblias inglesas

Como afirmávamos no início deste capítulo, não daremos especial relevo às Bíblias inglesas, já que ressaltámos sobretudo as francesas, que mais influíram na nossa cultura bíblica. Por isso, apresentaremos apenas um apontamento muito breve das que se encontram nas nossas bibliotecas.<sup>38</sup>

### 2.4.1. Bíblias protestantes inglesas

1708. “*The Holy Bible, by D<sup>or</sup> Mart. Luther*, Hamburg, 1708 – 1-8.º Nid. Biblia Germânica – A’ -2-2”. A BPMP apresenta apenas estes dados. Trata-se de uma edição da Bíblia de Lutero.
1712. *The History of the Old and New Testament (...), by the Sieur de Royaumont and translated (...) by Anthoni Horneck* (4.ª ed.), Londres, by Jeremiah Bright (BAJUDA, 110-VIII-28).

<sup>38</sup> Ver “Traduções inglesas da Bíblia” no vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos Séculos XVI-XVII*, p. 205-209.

1717. Pyle Thomas (ed. lit.), *A Paraphrase with short and usefull notes on the books of the Old Testament... for the use of families*, London, John Wyat, 1717 (BJPII, 222.1.05=20).
1736. *The Holy Bible, containing the Old Testament and the New...*, Altona, by the Brothers D. C. G. Korte, 1736 (BNP, Bib. 283 P.).
- 1749-1750. Revisão da edição anterior, por R. Challoner.
1755. *The Holy Bible, both Old and New Testament, digested, illustrated, and explained by way of question and answer in which the principal controverted points are considered, and the connection of sacred and profane history preserved compiled chiefly from the writings of the most eminent historians, divines, and comentators, and embellished with proper maps, and other ornamental and instructive representations, neatly engraved. Designed for Promoting of Christian Knowledge*, London, printed for J. Hinton... and J. Hodges, 1755; The second edition, with improvements; 14, 490 p. (CMVIS, 1162).
1756. *The Holy Bible containing the Old Testament and the New: Newly translated out of the original tongues, and with the former translations diligently compared and revised...*, Cambridge, Printed by Joseph Bentham... and by B. Dod., 1756; 419 fol.; 17x10 cm (BNP, Bib. 241 P.).
1777. “*The Holy Bible, containing the Old Testament – the New translated of the original tongues*, Cambridge, 1777.... 1-12.º - A’-2-3”. A BPMP apresenta apenas estes dados.
1780. *The Holy Bible (...) translated out of the original tongues (...) by His Majesty’s special Comand*, Cambridge, J. Arch de Agon, 1780. Trata-se da “King James’ Bible” (BAJUDA, 4-I-36).<sup>39</sup>
1788. “*The Holy Bible...*, Oxford, 1788, 1-8.º - A’-2-4”. A BPMP apresenta apenas estes dados.
1793. *The Holy Bible (...) translated out of the original tongues (...) by His Majesty’s special Comand*, Edimburgh; Markand Charles Kerr, 1793. Trata-se da “King James’ Bible” (BAJUDA, 110-VII-40).
1794. *King James Version*, Oxford, 1794 (BMF, S1-E5-P7).

<sup>39</sup> Sobre a *King James Bible*, veja-se DUFOUR, Jean-Paul, *La version autorisée dite aussi Bible do Roi Jacques*, em *Le grand Siècle de la Bible. La Bible de Tous les Temps (BTT)*, vol. 6, Beauchesne, Paris, 1989, p. 361-374.

1836. Samuel Collingwood, *The Holy Bible, containing the Old and New Testaments translated out of the original tongues, and with the former translations diligently compared and revised, by his majesty's special command*, Oxford, Printed at the University Press, by Samuel Collingwood, 1836 (BJP II, 22.05=20).
1862. *Holy Bible... Old and New Testament, translated of the original tongs*, NY ABS, 1862; 19x13,5 cm.
- 1881-1885. *Revised Version* (1881-1885). Esta tem a sua correspondente americana na *American Standard Version* (1901).
1885. *Holy Bible containing the Old and New Testaments. Translated out of the original tongues. Being the Version set forth A.D. 1611*, Oxford, Printed for the Universities of Oxford and Cambridge, 1885.
- 1881-1895. Revisão da *King James Bible*, a fim de a atualizar aos novos estudos bíblicos. 1913 e 1925: J. Moffatt, Londres.<sup>40</sup> A *King James* tornou-se um caso de sucesso como *Authorised Bible*. Foi o resultado de muitas outras Bíblias anteriores que serviram de experiência tradutora. Tornou-se a Bíblia quase perfeita, de tal modo que, nestes dois séculos que estamos a estudar, a BFBS não admitia, como Bíblia inglesa, senão esta. Espalhou-se aos milhões por todo o mundo onde chegou o império inglês.
- Uma revisão de 1881-1884 fez com que fosse batizada com o nome de *The Revised Version* (RV).
  - Uma nova revisão aconteceu já no séc. XX, como veremos no próximo volume.
- S. d. *The English version of the Polyglot Bible containing the Old and New Testament: with copious references to parallel and Illustrative passages*, Londres, Samuel Bagster and Sons, s. d.; 16,5x11 cm (SocBib).

#### 2.4.2. Bíblias católicas inglesas

##### Bíblias da Família nos Estados Unidos da América

Trata-se de Bíblias monumentais no tamanho e conteúdo. Normalmente, apresentam uma ou várias páginas com o *Family Record*, a fim de nelas se escreverem os grandes acontecimentos de determinada família, de geração em geração.

<sup>40</sup> A Bíblia de King James, a mais famosa Bíblia inglesa, também não agradava a muita gente. Assim, muitos puritanos preferiram a *Bíblia de Genebra* e levaram-na para o Novo Mundo, a América do Norte. O motivo desta escolha é que lhes parecia mais protestante que a de King James.

(Séc. XIX) *The Holy Bible with a Devotional and Pratical Commentary, by the Reverend Robert Jamieson, D. D., Minister of St. Paul's Parish, Glasgow; with illustrative engravings on steel, London, James S. Virtue, City Road and Ivy Lane.* Tem na p. seguinte a lista de todos os livros do Antigo Testamento; apenas com os livros Proto-canónicos. Portanto, deve ser uma Bíblia protestante.

Segue-se a Introdução nas p. I-VIII.

Depois tem novo frontispício com um Suplemento de 39 páginas.

Finalmente, vem o texto bíblico. Cada livro tem uma introdução de meia página e uma breve introdução a cada capítulo. O texto está em caracteres grandes e a página divide-se em 2 colunas separadas por duplo filete; em cada uma das colunas há uma mais estreita para os lugares paralelos e breves referências. As notas, muito abundantes, estão no fundo da página. O livro tem muitas e belas gravuras a preto e branco; 33,5x24 cm.

Vol. I: *Génesis a Ester*; 730 p.

Vol. II: "Livros Poéticos": *Job até fim dos Profetas*; 459 p.; com tábuas cronológicas e outros apêndices, entre os quais o *Family Record*, com listas de casamentos e outros eventos familiares.

Vol. III: *Novo Testamento* com frontispício próprio e com apresentação idêntica à do Antigo; 423 p. No fim, um índice apresenta os temas tratados nas notas (1 p. a 3 colunas).

No fim do Apocalipse, são apresentados comentários a cada um dos livros do Novo Testamento; 76 p.

Portanto, todo o volume tem 730, 450, 423, 76 páginas. Total: 1679 p. Apresenta-se com encadernação artística de alto luxo e fechos de metal, pelo que a torna muito pesada (6 kg). Não apresenta qualquer data, mas tudo indica que deve ser do fim do séc. XIX, já que na mesma se encontra um diploma de família de 1911 (DB).

1830. *The Holy Bible containing the Old and New Testaments with the Apocrypha and Concordance*, Boston, Published by Langdon Coffin, n.º 31 Cornhill, 1831. Inicia com uma palavra ao leitor (1 p.) e segue-se a listagem de todos os livros da Bíblia divididos em três séries:

1. *The books of the Old Testament.*
2. *The books called Apocrypha.*
3. *The Books of the New Testament.* Na mesma página: as datas em que se pensa terem sido escritos os livros do Novo Testamento. Tem algumas belas gravuras.



Todo o livro se apresenta em duas colunas separadas por um artístico filete, tendo nas respectivas margens exteriores as referências. No alto de cada coluna aparece a data em que se julgava terem sido escritos os respectivos livros ou episódios. Não tem notas de rodapé e apresenta-se em três volumes num único tomo:

Vol. I: *Antigo Testamento*, 744 p.

Vol. II: *Apocrypha*: 138 p. No fim apresenta algumas páginas de “Family Record.”

Vol. III: *Novo Testamento*, com frontispício próprio: *The New Testamento of our Lord Jesus Christ, translated of the original greek and with former translations diligently compared and revised*, Boston published by Langton Coffin, 31 Washington street, 1830. Todo o livro está em paginação seguida, 974 páginas. Depois do Apocalipse há:

*An Index to the Holy Bible or, an account of the most remarkable passages in the books of the Old and New Testaments*. Este índice encontra-se dividido em duas colunas por página e cada uma delas tem, na respetiva margem esquerda, mais duas colunas estreitas: uma com as datas dos acontecimentos e outra com os capítulos referentes à respetiva passagem (p. 975-994); seguem-se tabelas de medidas, pesos, moedas e outras (p. 995-999). Segue-se a “Tabela alfabética dos nomes próprios do Antigo e Novo Testamento” (p. 999-1006); mais 4 p. sobre a Judeia, Palestina e Terra Santa. Finalmente vem:

*A Brief Concordance to the Holy Scriptures of the Old and New Testamente, by which, all, or almost of principal texts of Scripture may be easily found out*, by John Brown. *Revised and corrected*, Boston, published by Langton Coffin, 31 Wasington str., 1830; 56 p.; 4 col.

Portanto, o livro tem 1066 p.; 28x23 cm; apresenta-se com encadernação de luxo e fechos de metal. Tal como a anterior, parece ser uma Bíblia protestante (DB).

(Séc. XVIII?). *The Holy Bible translated from The Latin Vulgate: diligently compared with the Hebrew, Greek and other editions in divers Languages. The Old Testament first published by the English College at Douay, A. D. 1609; The New Testament, by the English College at Rheims, A. D., 1582; notations by the Reverend Dr. Challoner; together with references, an historical and chronological index and a Table of the Epistles and Gospels for all the Sundays and Holy days throughout the year and the most notable feasts in the Roman calendar; revised and corrected according to the Clementine edition of the Scripture*, Philadelphia, John E. Potter and Company.



Apresenta a aprovação do bispo de Filadélfia (USA), assim como uma grande lista de outros bispos que aprovaram a edição; mas não apresenta data, embora tudo indique que seja do fim do séc. XVIII ou início do séc. XIX.<sup>41</sup>

O texto está a duas colunas separadas por um duplo filete, que continua nas notas do fundo da página; tem breves introduções a cada livro da Bíblia e os temas de cada capítulo. As notas não são muitas, mas aparecem em quase todas as páginas; tem algumas belas gravuras. No fim do Antigo Testamento apresenta o “Family Record.” O Antigo Testamento tem 789 páginas.

O *Novo Testamento* tem frontispício próprio: “The New Testamento of our Lord and Saviour Jesus Christ translated from The Latin Vulgate, diligently compared with greek: and first published by the English College at Rheims...”; as mesmas aprovações do início da Bíblia com a lista dos livros do Novo Testamento em três secções: *Evangelhos*; *14 Epístolas de Paulo*; *sete Cartas Católicas e Apocalipse*; 222 p.

Apresenta ainda:

*Uma Tabela das Epístolas e Evangelhos de todos os domingos e dias de festa do ano* (p. 223-224).

*Uma Tabela das referências* (p. 225-226).

*Um índice Histórico e Cronológico do Novo Testamento* (p. 227-228).

*Um índice Histórico e Cronológico do Antigo Testamento* (p. 229-235).

No fim há 2 folhas de papel mais grosso com espaço próprio para colocar fotografias ou pinturas das pessoas de família. Portanto, o livro tem 1024 páginas; 31x25 cm; tem uma luxuosa capa em madeira trabalhada e com fechos em metal. Como se vê pela tradução da Vulgata e aprovações episcopais, trata-se de uma Bíblia católica (DB).

- S. d. A Bíblia que se segue também é católica, pois abre com uma gravura do papa Pio IX e com uma outra da Assunção de Nossa Senhora ao Céu. O frontispício também indica isso: *The Holy Bible translated from The Latin Vulgate: diligently compared with the Hebrew, Greek and other editions in divers Languages. The Old Testament first published by the English College at Douay, A. D. 1609; and The New Testament, first published by the English College at Rheims, A. D., 1582; with annotations, references and an historical and chronological*

<sup>41</sup> A prova disso são as palavras que apresenta em duas páginas a seguir: “As seguintes palavras de S. Santidade o papa Pio VI ao Muito Reverendo António Martini, *agora arcebispo de Florença*, na sua tradução da Bíblia para italiano, apresentando os benefícios que a fé pode tirar da leitura da Escritura nas língas vulgares”. E apresenta o texto do Papa datado de abril de 1778 (sublinhado nosso). Portanto, António Martini, quando esta Bíblia foi editada era ainda arcebispo de Florença.

*index from the last London and Dublin editions. The whole revised and diligently compared with the Latin Vulgate. Carefully printed from the edition of 1844, which was published with the approbation of the Most Reverend John Hughes, D. D., Arcebishop of New York, New York, Johnson, Fry and Company.*

Inicia com a lista dos livros do Antigo e do Novo Testamento, com o número dos capítulos de cada livro. E, seguidamente, apresenta as mesmas palavras do papa Pio VI, da Bíblia anterior, a propósito das traduções da Bíblia em língua vulgar; a tabela dos livros da Bíblia com os respectivos anos em que teriam sido escritos, terminando esta introdução com a “Tabela de todas as Epístolas e Evangelhos para todos os domingos e festas ao longo do ano”.

O texto bíblico apresenta-se do seguinte modo: breve introdução para cada livro; resumo-título de cada capítulo; o texto de cada página é envolvido num retângulo com duplo filete e dividido com um filete vertical em duas colunas. No fundo de cada página há um espaço para as notas e outro para os lugares paralelos, separados do texto e uns dos outros por filetes horizontais. Antigo Testamento com 804 p. No fim, há uma página do *Family Record*. Aparece aí o nome de uma pessoa que nasceu em 15.11.1842, casou em 1870 e faleceu em 1925. Há 10 nomes registados. A separação dos dois Testamentos é feita ainda por uma imagem em forma de medalhão que apresenta o Cristo da Eucaristia.

O *Novo Testamento* tem frontispício próprio, igual ao do início, apresentando também os livros divididos em três secções: *Evangelhos*; *14 Epístolas de S. Paulo*; *7 Cartas Católicas e Apocalipse*. A paginação é seguida, pelo que o texto bíblico termina na p. 1020. Segue-se:

*An historical and chronological index to the Old Testament* (p. 1021-1022).

*An historical and chronological index to the New Testament*, com outras tabelas de pesos, medidas, moedas e outras (p. 1023-1024). Todo o livro tem, pois, 1024 p.; em 32x25 cm (DB).

- S. d. *Pictorial Family Bible: Holy Bible containing the King James and Revised Versions of the Old and New Testament, arranged in Parallel columns. The Text conformable to that of the Universities of Oxford and Cambridge; with a Complete Concordance and Psalms of David in Metre. Copious marginal references, Chronological Tables, and many important and valuable aids to the study of the Holy Scriptures written to increase the interest in and simplify the Word of God*, Boston, Mass: W. L., Rochadson Co.

Esta Bíblia tem os Proto-canónicos apresentados logo no verso do frontispício com o número dos capítulos respetivos; segue-se a história das traduções inglesas da Bíblia (p. 9-11); vem a seguir o conteúdo de cada livro do Antigo e Novo Testamento (p. 12-16); prefácio dos revisores (19-20). Vem depois uma

introdução crítica a toda a Bíblia com muitas imagens. Tem muita cultura geral sobre a Bíblia: Explicação crítica do Tabernáculo dos israelitas (p. 1-16); História das denominações religiosas do mundo (p. 1-16), com outras curiosidades históricas... Há também um Dicionário da Bíblia com 112 páginas; uma listagem dos nomes próprios, com 16 p. a quatro colunas.

O texto da Bíblia vem depois de umas 200 páginas e apresenta-se em duas colunas separadas por um filete que vai até ao fundo da página, pois não tem notas, mas apenas as referências numa coluna estreita nos dois lados da página. Na coluna da esquerda tem a tradução da *A. Version*, enquanto na da direita tem a da *R. Version*.

No início de cada capítulo da A. V. há um título em itálico. Tem algumas imagens a quatro cores. *Génesis* a *Malaquias* vai da p. 1-1018. Segue-se um *Apêndice* das diferenças entre o inglês americano e o da Inglaterra (8 p.). Apresenta, portanto, o texto de duas versões, em paralelo: *King James and Revised Versions*.

Seguem-se os *Apocrypha*, ou seja, os chamados Dêutero-canónicos pelos católicos (104 p.).

O *Novo Testamento* inicia com generalidades sobre a vida de Cristo, seguindo-se o Evangelho de Mateus na p. 1033, retomando páginas anteriores; e segue no mesmo tipo de exposição dos textos A. V. e R. V. O Apocalipse termina na p. 1334.

Segue-se depois uma lista de lugares paralelos dos livros do Novo Testamento. Vem em seguida um “Índice cronológico de toda a Bíblia” (8 p. a 2 col.); depois: “Quatro mil questões e suas respostas sobre o Antigo e o Novo Testamento... para o uso dos estudantes e professores da Escola Dominical” (44 p. a 3 col.), seguindo-se as respostas às questões: *Scripture difficulties explained* (4 p. a 2 col.).

Um outro frontispício apresenta a “Cruden’s Concordance to the Old and New Testament”: 102 p. a quatro colunas; nomes em inglês. Termina com os *Salmos de David* em poesia para serem cantados (36 p. em quatro colunas)

Trata-se de uma Bíblia de estudo, pois grande parte do volume é para isso mesmo. No fim, tem 4 páginas para retratos de família. Tem, pelo menos, 2000 p.; 31x25 cm. Apresenta-se com capa de luxo em madeira trabalhada artisticamente, mas sem os fechos metálicos (DB).

## 2.5. Bíblias holandesas e flamengas

1703. *Erasmus Opera Omnia*, Lugdunia Batavorum, Cura et impensis Petri Vander, AA, MDCCIII – MDCCVI.

1732. *Biblia. A. van den Schuur e H. Van Rhijn* (2 vol. 1732), a partir das línguas originais.
1763. Erasmus, Desiderius (1469-1536), *Selectae e Novo Testamento historiae ex Erasmi Roterodami paraphrasibus desumptae: Opusculum elementarium...*, Paris, Barbou, 1763 (Bibliotecas suíças: ANT 4235).
- 1802-03. Por I. Van Hamelsveld (1802-03), a partir das línguas originais.
- 1818-19. Por J. H. Van den Palm (2 vol. 1818-19). Houve outras adaptações da “Bíblia de Leiden”, em 1899-1901.<sup>42</sup>
1848. *Bíblia sinodal*, por ordem do Sínodo deste ano.
- 1894-96. Bíblia oficial do episcopado belga, em Bruxelas.
- 1899-1901. Em Leyden.

## 2.6. Bíblias alemãs

1701. *Sacra Biblia Germanica: Sacra Biblia, das ist Die ganse Heilige Scherift*, Bamberg, Johann Ziegener und Georg Lehmann, 1701; com gravuras, por Gaspar Ulenberg (BAJUDA, 103-VIII-6).
1705. *Biblia das ist die gantzheilige Scrifft und Neuen Testaments*, Würtzburg, Bedruckt ben Johann Michael Kleyer, 1705; autor: D. Johann Dietenberger; 90, 1280, 344 p.; 2 col.; 20x12,5 cm (BNP, Bib. 275 P.).
1715. *Bíblia de Lutero*. Tit.º da portada: *Biblia das ist: Die ganze Heil Schrift altes und neues Testaments nach der Deutschen Uebersetzung D. Martin Luthers (...)*, Halle, Nebst einer Verrede von Baron Carl Hildbrands von Ganstein, 1715 (BAJUDA, 5-I-1).
1728. *Luthern Martin, Biblia in die Ober-Lausitzische Wendische Sprache tibersetzt*; Budissin; David Richtarja (BAJUDA, 7-IV-24).
1780. *Charakteristick der Bibel von August Hermann Riemeyer*; I [-V]; Halle, ben Johann Jacob Gebauer, 1780; 20x12 cm; 5 vol. (BNP, Bib 562 - 566 P.).
1788. Bíblia de *Braun-Allioli*, iniciada em 1788. Foi a mais usada no séc. XIX. Bíblia católica.

<sup>42</sup> Ver *Encyclopaedia judaica*, Jerusalém, 1978<sup>4</sup>, vol. 4, col. 876. Ver em *The Cambridge History...* o. c., p. 352-355, as várias versões em Dutch. Na página 122, as várias aí impressas, quem e porquê.

1788-94. *Bíblia de H. Braam*. Foi sucessivamente retocada por M. Feder (1803), por J. Fr. Allioli (1830-32) e por Arnt (1899-1901).

1798-1810. D. Brentano e J. A. Dereser, traduziram uma Bíblia a partir dos textos originais, em Frankfurt.

1807. Tradução por L. van Ess, em Braunschweig.

1820-22. Tradução por N. Schögl.

1836. Tradução por Sulzbach.

1851-66. V. Loch e W. K. Reischl publicaram uma tradução coletiva em Ratisbona, que foi reimpressa em 1914-15.

1851s. *Bíblia de Loch-Reischl*, 1851s. Bíblia católica.

1875. *Bíblia de C. von Weizäker* (Novo Testamento), Tubinga, 1875.

1890. *Bíblia de E. Kautzch*, Antigo Testamento de Frigurgo de Brisgau.

Estas duas últimas foram reunidas na seguinte:

1899. *Textbibel des A. und N. Testament*, Tubinga.<sup>43</sup>

## 2.7. Bíblias de influência germânica

1685. *Magyar Biblia*, Esztendoben, 1685 (BAJUDA, 7-IV-25).

1712. *Bibliorum Codex Sacer* (Bíblia suíça?), Tigurí, Croweli Hortimer, excudebat Christophorus Froschoverus Junior, 1712 (BAJUDA, 7-V-13).

1722. Bíblia da Boémia: *Bíblia Sacra to gest: Biblj Swata*, Lèta Pànè Bohemice, 1722 (BAJUDA, 7-IV-23).

1724. Bíblia da Dinamarca (?): *Wans Kongl. Maysis. Biblia Germanica em norueguês?* Tit.º do rosto: *Biblia, det er den aandste Hell Skriftes Boger*, Kjobenhavn; Tryktudi Missions-Collegi Bogtrykkerie, 1724 (BAJUDA, 7-IV-20).

1726. Bíblia Polaca. Tit.º do rosto: *Bíblia Sacra, to iest Wssyetkie Rsiegi Starego i Novego Vraymierza*, Hali Magdeburskiey, Drukarni Stefana Orbana, 1726 (BAJUDA, 7-IV-21).

<sup>43</sup> Ver “Traduções alemãs da Bíblia” no vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos Séculos XVI-XVII*, p. 181-183.

## Bibliografia

- BOGAERT, Pierre-Maurice (Dir.), *Les Bibles en français – Histoire Illustrée du Moyen Âge à nos Jours*, Brepols, 1991, p. 142-208.
- DARLOW, M. A. T. H., & MOULE, M. A. H. F., *Historical Catalogue of the Printed Editions of Holy Scripture in the Library of the British and Foreign Bible Society*, II. – *Polyglots and Languages Other than English*, Londres, 1911 [Darlow].
- DOMINIQUE BARTHÉLEMY, *Decouvrir l'Écriture*, LD-Hors série, Cerf, Paris, 2000, p. 67-108.
- GREENSLADE, S. L. (ed.), *The Cambridge History of the Bible – The West From the Reformation to the Present Day*, Cambridge University Press, 1963.
- LAUGHTON, James Brotherston, *An exposure of the true character of the versions of the Holy Scriptures in the French, Spanish, Italian, and Portuguese languages, now circulated by the British and Foreign Bible Society*, Douglas (Isle of Man), 1842; 24 p. (University of Cambridge, BSH.700.73).
- MILLER, Stephen M., & HUBER, Robert V., *The Bible: A History. The Making and Impact of the Bible*, Oxford, Lion Publishing, 2003.
- POMPEIA, Dr. Raúl d'Ávila (ed.), *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1895, Typ. Leuzinger, vol. XVII, fasc. 1, p. 1-337.
- Vv., *Le grand Siècle de la Bible. La Bible de Tous les Temps* (BTT), vol. 6, Beauchesne, Paris, 1989.
- Vv., *Le Monde Contemporain et la Bible – La Bible de Tous les Temps* (BTT), Beauchesne, vol. 8, Paris, 1985.
- Vv., *Le Siècles des Lumières et la Bible – La Bible de Tous les Temps* (BTT), Beauchesne, vol. 7, Paris, 1986.

## Conclusões

1. Em primeiro lugar, salta à vista esta enorme quantidade de Bíblias em língua vulgar, impressas na Europa dos séculos XVIII-XIX, comparada com a míngua de traduções bíblicas editadas em língua portuguesa nos mesmos dois séculos. Salvou-nos do descrédito o nosso Padre António Pereira de Figueiredo, com a sua tradução a partir da Vulgata Latina, na passagem do séc. XVIII para XIX.

2. Já noutro lugar deste volume falámos das causas deste vazio de traduções da Bíblia para a nossa língua, causas que têm a ver com o nosso atraso cultural,

em grande parte, devido à expulsão dos Jesuítas e, a partir de 1834, a expulsão de todas as outras Ordens religiosas.

3. Este atraso cultural foi, de algum modo, minimizado por traduções de obras estrangeiras, sobretudo francesas, ou pela simples importação dessas mesmas obras para serem lidas nas línguas originais. Ou seja, o nosso atraso fez de Portugal uma “colónia” francesa, no sentido cultural da expressão.

4. Mas a verdadeira causa do atraso cultural do país deve-se a fatores endógenos, em primeiro lugar, económicos, pois o país nunca teve grandes recursos naturais para serem explorados; e, quando os teve, como foi o caso do ouro do Brasil, nunca soube geri-los em favor do progresso do país. As grandes riquezas que entravam no país serviam para comprar produtos ao estrangeiro, descuidando, assim, a produção nacional e exportando as divisas que tinham entrado, em vez de as investir na cultura e instrução do povo português.

Por isso, este foi sempre um dos motivos da pobreza do país. Sem economia, não há instrução, e sem instrução, a economia também não funciona. Foi um círculo vicioso infernal que nos deixou sempre na cauda da Europa, por causa dos maus políticos que governaram o país.

Neste capítulo há uma enorme quantidade de autores (110) e sobretudo de obras (972); mas, não se trata de números matematicamente exatos.

### *Traduções da Bíblia*

“É preciso que esteja patente aos cristãos o acesso à Sagrada Escritura. Por este motivo a Igreja, logo desde os seus começos fez sua a antiquíssima tradução grega do Antigo Testamento chamada dos Setenta; e sempre teve em grande apreço as outras traduções orientais e latinas, sobretudo aquela a que chamam Vulgata.

Porém, como a palavra de Deus deve estar sempre à disposição de todos, a Igreja procura, com solícitude maternal, que se façam traduções apropriadas e cuidadas nas várias línguas, sobretudo a partir dos textos originais dos Livros Sagrados. As quais, se se vierem a fazer em colaboração com os irmãos separados, poderão ser usadas por todos os cristãos segundo a oportunidade e com a aprovação da autoridade da Igreja”.

*(Dei Verbum do concílio Vaticano II, n.º 22)*



## Capítulo 3

### Obras bíblicas mais importantes deste período

As obras bíblicas deste período, como afirmávamos na *Introdução* a este volume, são poucas, qualitativamente pobres e, geralmente, traduções estrangeiras e não de genuína produção portuguesa. As que encerram algum valor são parafraseadas e todas elas publicadas depois de 1762; os Salmos e os Provérbios têm a preferência, havendo também muita influência francesa. Não há, por isso, muita originalidade, neste período.

Como sabemos, a única tradução completa da Bíblia feita em Portugal é a do Padre António Pereira de Figueiredo, já que a de Almeida foi feita em Batávia, atual Jakarta, capital da Indonésia, sob o domínio dos protestantes holandeses. Esta não entrou oficialmente em Portugal, pelas leis em vigor, segundo o regime do Estado de que o catolicismo era a religião oficial. Por isso, as leis do Estado também proibiam, não apenas as Bíblias não aprovadas pela Igreja, mas também os próprios agentes que quisessem introduzir modificações religiosas no regime vigente.

Como o leitor poderá constatar, excluídas as edições “protestantes” de João Ferreira de Almeida (proibidas aos católicos) e as de Figueiredo (católicas, tratadas na II Parte deste volume), a produção de literatura bíblica que resta é bastante pobre. Isso deve-se aos fatores já antes referidos no cap. 1, assim como ao poder dissuasor da Inquisição.

É certo que a Bíblia faz parte integrante e é mesmo o fundamento e a nota identitária da cultura e da religião cristãs. No entanto, nem sempre a presença da Bíblia foi tão intensa como seria de desejar. Aqui pretendemos cingir-nos apenas aos dois séculos que fazem parte do âmbito do 5.º volume desta coletânea. Podemos dizer que a presença intermitente da Bíblia na cultura do nosso país se aplica claramente a estes dois séculos em estudo. As Sociedades Bíblicas deram o seu real contributo, embora num contexto muito polémico entre católicos e protestantes, o que, hoje, todos lamentamos.

Por outro lado, embora a Bíblia tenha estado sempre presente no âmago da nossa cultura, nem por isso andava nas mãos dos católicos até ao século XVIII, com a tradução do Pe. António Pereira de Figueiredo. Toda esta situação tem

as suas causas remotas e próximas. A causa remota vem do concílio de Trento e mesmo da Idade Média, onde já falávamos da proibição de traduções para as línguas vulgares.<sup>1</sup> As causas próximas são de caráter cultural e económico: um povo analfabeto não podia ler a Bíblia. De facto, é sabido que, mesmo no século XIX, a maior parte da população não sabia ler e quando não há público para ler, não vale a pena editar livros.<sup>2</sup> Por outro lado, somos um pequeno povo e, portanto, com poucos leitores. A pobreza em que vivia a generalidade da população portuguesa tão-pouco facilitava a compra de uma Bíblia. É vergonha dizê-lo, mas é verdade: as Sociedades Bíblicas estrangeiras é que editaram as “nossas” Bíblias para as enviarem aos portugueses, a partir da Inglaterra e dos Estados Unidos.

É inquestionável que a maior parte das Bíblias em português nestes dois séculos, aqui tratados, foram editadas pelos protestantes. A própria Bíblia católica de Figueiredo sofreu o mesmo destino: foi muito mais editada pelas Sociedades Bíblicas (protestantes) do que pela Igreja Católica. Esta deixou de a editar, sem motivo aparente, mas queixando-se de que os protestantes a editavam sem as notas de rodapé e sem os livros Dêutero-canónicos. Daí o apelido pouco simpático de “Bíblias falsificadas e truncadas”, colado, pelos católicos, às Bíblias protestantes assim editadas. As condições económicas, a dispersão das pessoas e da economia pelo imenso território das colónias portuguesas em três continentes contribuíram certamente para este atraso cultural, o que dificultou a leitura da Bíblia, para além das outras condicionantes já apontadas.

Tudo isto levou a que o protestantismo se impusesse perante os católicos como “a religião da Bíblia”, e os católicos fossem acusados de abandonar a Bíblia, trocando o Evangelho, e a Bíblia em geral, por outro tipo de cristianismo, tipicamente devocional e, portanto, frequentemente, sem o necessário conteúdo cristão.

Nestes séculos, o que mais irritava os pastores da Igreja Católica, sobretudo os bispos, era o facto de os protestantes fazerem da Bíblia um instrumento de proselitismo entre os católicos, que viviam de boa-fé o seu cristianismo, segundo as suas possibilidades e circunstâncias. Se os protestantes fossem evangelizar os pagãos, os animistas ou outras religiões não cristãs, muitas calúnias recíprocas teriam sido evitadas. Agora, em tempos de evangelização global, como eram os séc. XVIII e XIX, ir ao encontro dos cristãos católicos, para os evangelizar, causava natural repulsa aos pastores católicos.

<sup>1</sup> Ver vol. II desta coletânea: *A Bíblia na Idade Média*, p. 270-276.

<sup>2</sup> O índice de alfabetização nestes séculos era alto nos países do Centro e Norte da Europa (95% da população), enquanto na Rússia, Balcãs e Portugal rondava apenas os 15%. Ainda em 1991, havia em Portugal 10% da população que não sabia ler.

A insistência dos pregadores protestantes de que a Igreja Católica não queria que os seus fiéis soubessem, pela Bíblia, qual era a religião verdadeira, foi, de facto, uma acusação injusta e sem qualquer fundamento. A Igreja nada tinha a esconder acerca do Evangelho e ensinava-o de muitas outras maneiras. Havia simplesmente o receio de meter na mão de uma qualquer pessoa sem instrução religiosa, e sem nenhuma instrução bíblica, uma Palavra que, mesmo os grandes teólogos e exegetas ainda continuam hoje a estudar e a explicar... Dessa leitura só podiam sair confusões e mesmo as maiores heresias, como a História da Igreja apresenta provas suficientes. Esta é a realidade da questão.

Por isso, a Igreja servia-se de meios mais fáceis para levar a Bíblia ao povo: a catequese, a pregação, a liturgia... Diz-se, por vezes, que a Igreja Católica não explicava ao povo os motivos por que proibia a leitura da Bíblia em línguas vulgares. Quem lê os documentos da Igreja sobre o assunto sabe que essas explicações são dadas e são quase sempre as que acima mencionámos.<sup>3</sup> E a prova aí está: meter a Bíblia na mão de qualquer pessoa, independentemente de saber ou não ler/interpretar a Bíblia, deu o resultado que está à vista de todos e que é um escândalo, mesmo para outras religiões: milhares de Igrejas e outros pequenos grupos, independentes uns dos outros e, por vezes, em luta uns contra os outros; e todos a lerem a mesma Bíblia! Este é um facto inconcusso que deveria ser remediado e que as azedas acusações à Igreja Católica de um Reid Kalley e de muitos outros não respondem a esta simples pergunta: Quantas Igrejas fundou Jesus Cristo?

Neste capítulo, dedicado às obras bíblicas mais importantes destes dois séculos, apresentamos as que foi possível reunir numa enorme quantidade de bibliotecas consultadas. Sabemos que a produção científica nacional nestes dois séculos, assim chamados do *iluminismo* e *modernismo*, foi biblicamente muito pobre, pelos motivos já aduzidos no capítulo introdutório (ver cap. 1). Por isso, uma grande parte das obras que se seguem não são de produção nacional, mas simples tradução, sobretudo da língua francesa. Aliás, nos vários domínios da cultura e da religião, Portugal foi influenciado, entre todas as nações europeias, sobretudo pela França. Dividiremos este capítulo nos seguintes itens:

### 3.1. Autores e obras bíblicas

### 3.2. Histórias Sagradas

Eis então as obras e respetivos autores dos séculos XVIII-XIX, que nos pareceram mais importantes, no que à Bíblia se refere.

<sup>3</sup> Veja-se ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, Difusora Bíblica – Gráfica e Coimbra, 2.<sup>a</sup> edição, Fátima, 2011.

### 3.1. Autores e obras bíblicas

**Agostinho de Santa Maria** - 1, Frei, OSST (?-1736). Oriundo de Lisboa, onde estudou latim e também Filosofia. Professou em 1705. Foi um grande pregador e poeta exímio. Escreveu:

- *Commentaria in Canticum* “Nunc Dimitis” (ms).<sup>4</sup>

**António da Silveira**, Frei, OSST (1709-?). Era natural de Lisboa e professou na Ordem dos trinitários. Como notável teólogo e grande conhecedor da Sagrada Escritura, veio a ensinar no Colégio de Coimbra. Escreveu:

- *Discordia Concors seu Sacrae Scripturae Antilogiae brevi calamo conciliatae* [Pentateuco, Josué, Juízes e Rute], Lisboa, Oficina Manuel Fernandes da Costa, 1738; 302 p.; 14,5x9,5 cm (BPNM, 2-1-2-29; FacFil).  
— Pars prima, *Pentateuchum comprehendens*, Lisboa, apud Emmanuellem Fernandes á Costa, Sancti Officii Tipographum, Sumptibus Joannis Baptistae Lemos, 1738; em 8.º (BNRJ, 147, 1, 11).<sup>5</sup>

**António de Santa Clara**, Frei, CRSA (1676-1730). Traduziu:

- *Discursos Scripturários sobre o Sagrado Livro de Êxodo*, Roma, António de Roni, 1726 (BAJUDA, 3-VII-32; BPNM, 2-2-8-8).

**António Ribeiro dos Santos** (1745-1818). Nasceu no Porto e faleceu em Lisboa. Estudou Humanidades no Brasil e Direito na Universidade de Coimbra, onde se doutorou. Foi encarregado da instituição que antecedeu a Biblioteca Nacional de Portugal em 1796, pelo decreto de D. Maria I (Inocêncio I, p. 247-256). Muitos autores dizem que ele escreveu inúmeras obras, das quais destacamos aqui as que são de carácter bíblico:

- *Versão das Epístolas e Evangelhos que se recitam todo o ano...*, Lisboa, 1803.
- *O Evangelho de Jesus Christo segundo S. Mateus e S. Marcos, traduzido e illustrado em largos comentários*, Lisboa, 1818; 4 vol.; foram publicados o 1.º e 2.º vol., mas o 3.º e 4.º não. Foi pena ter ficado manuscrita uma obra de quem tão bem falou do tradutor João Ferreira de Almeida. Segundo alguns autores, encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa. Eduardo Moreira afirma:

<sup>4</sup> Barbosa I, p. 71-72; IV, p. 504; Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 257.

<sup>5</sup> Obra descrita por Barbosa, que dá notícia da sua continuação em mais 4 vol. manuscritos; no entanto, não consta fossem dados à estampa (Barbosa I, p. 391; IV, p. 499); Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 256; Serafim Leite, *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. 12, col. 2627.

“O próprio Ribeiro dos Santos (1745-1818) fez dos *Evangelhos de S. Mateus e S. Marcos* uma versão inédita, que assim se conservará provavelmente até que haja entre nós um movimento filobíblico, fora de partidos e escolas”.<sup>6</sup>

*Nota:* Apesar de vários autores lhe atribuírem estas obras, o certo é que não existem na Biblioteca Nacional, onde teriam sido depositadas. Fizemos todos os esforços para as encontrar, mas em vão. Numa palavra, ou foram roubadas ou estão perdidas dentro da própria biblioteca.

**Diogo Soares, SJ (1684-1748).** Nasceu em Lisboa e tornou-se jesuíta em 1701. Foi um cartógrafo português responsável pelo primeiro levantamento das latitudes e longitudes de uma vasta área do território brasileiro, por ordem do nosso rei D. João V. Foi professor de Humanidades e Filosofia, na Universidade de Évora. Publicou sem o seu nome:

- *Commentarium in Genesim*, Nantes, 1785; em 4.º.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Ver *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, art. “Versão”, vol. 34, p. 758; Inocêncio I, p. 255, n.º 1414, também menciona esta obra, no elenco dos manuscritos, em 3 vol.; em 4.º; também está citada num elenco de “Obras MSS depositadas na Real Bibliotheca de Lisboa” na “Classe de Sciencias Ecclesiasticas” (Cod. 4714, fol. 147); apesar de tudo isto que se diz sobre as suas obras, sobretudo as acima referidas, o próprio Inocêncio diz: “Tenho de confessar com magoa, que foram ineficazes as diligencias que intentei para examinar miudamente essa importante collecção, em que se comprehendem numerosos manuscritos, mais ou menos interessantes e confrontei-os com o catalogo especial e primitivo que delle se fizera, e que tambem hoje existe, mas que pelas entrelinhas, borraduras, córtes, e accrescimos nelle introduzidos por diversas mãos em diversos tempos, se acha reduzido a um estado informe, pouco menos que ininteligível, e (seja permitido dizerl-o) vergonho! Tambem dos manuscritos relacionados, alguns têm desaparecido, sem que se saiba como, ou quando. Renunciei pois, a semelhante exame, em que, ainda coadjuvado pela annuência e boa vontade com que os chefes e empregados do estabelecimento se prestam a obsequiar-me, teria forçosamente de consumir muitos e muitos dias, com prejuizo de outras investigações não menos necessarias, e de impreterivel urgência” (VIII, p. 295). Seguidamente, Inocêncio fornece uma listagem das divisões temáticas das obras que se encontram em “Bibliotheca Riberiana, ou catalogo dos livros e papeis de composição do dr. Antonio Ribeiro dos Sanctos”. Pela nossa parte também tentámos ver os códices das suas obras que se diz existirem na BNP. Mas em vão; pois não encontrámos as obras bíblicas acima referidas por muitos autores. Dado o resultado desta questão, não compreendemos como Aires do Nascimento escreve com toda a clareza: “Outros tradutores [de obras bíblicas] são: António Ribeiro dos Santos, *Evangelhos Sinópticos*”. Ora, o que se diz num dos códices de Ribeiro dos Santos, também segundo Inocêncio I, p. 255, é: “Evangelho de Jesus Christo segundo S. Matheus e S. Marcos, traduzido e ilustrado em largos comentários, 3 vols.; em 4.º”; mas este texto não aparece em lado nenhum (em AIRES, A. Nascimento, *Dizer a Bíblia em português – Fragmentos de uma história incompleta*, Revista Lusófona das Religiões, série monográfica, vol. VI, Lisboa, 2010, p. 55, n. 164). Também não temos notícia da existência dos *Evangelhos* de Francisco Rafael de Castro (1750-1816), citados na mesma nota.

<sup>7</sup> Barbosa I, p. 697-698; IV, p. 104; Serafim Leite, t. 12, “Portugal”, 1933; col. 2627.

**Francisco Alexandre Lobo**, Dom Frei, OSB (1763-1844). Era natural de Beja, doutorou-se em Teologia na Universidade Coimbra. Foi bispo de Viseu e membro da Academia Real das Ciências de Lisboa. Embrenhou-se na política o que o levou ao exílio após a vitória dos liberais. Escreveu um compêndio de história sagrada para os estudantes da Faculdade de Teologia e dos Seminários:

- *Resumo da História da Igreja do Antigo Testamento*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822; 79 p.; 21 cm (BNP, H.G. 1089 P.; BGUC, Abraveia 9-(1)-6-2-31).
- 2.<sup>a</sup> edição mais correcta e acurada, ib., mesmo impressor, 1827; 62 p.; 21 cm (BNP, H.G. 1090 P.).
- 4.<sup>a</sup> edição mais correcta e acurada, ib., mesmo impressor, 1856; 64 p.; 21 cm (BNP, H.G. 4075//2 P.).
- 8.<sup>a</sup> edição mais correcta e acurada, ib., mesmo impressor, 1901; 62 p.; 23 cm (BNP, R. 13020 V.).

As suas obras foram publicadas postumamente:

- *Obras de D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu*, Lisboa, Impressas à custa do Seminário da sua Diocese, Typografia de José Baptista Morando, 1848-1853; 3 vol.; 21 cm (BNP, F. 2472; BGUC, 9-(4)-A-124/126). Ver o autor em 11.1.<sup>8</sup>

**Francisco da Trindade**, Frei, OFM (séc. XVIII). Era natural do concelho de Miranda do Corvo. Professou no Real Convento de Lisboa em 1725, tornando-se muito instruído na língua latina e nos preceitos da oratória. Foi regente da cadeira de Prima de Teologia no Real Convento de Mafra (Barbosa II, p. 277). Deixou manuscrito:

- *De Diluvio Universalí*. Ver o autor em 3.1.

**Francisco da Visitação de Massarelos**, Frei, OFM (1702-1750). Nasceu no lugar do seu apelido, nos subúrbios do Porto. Aprendeu as ciências escolásticas, ensinando-as depois no convento de Mafra e Coimbra. Doutorado pela Universidade de Coimbra (Barbosa IV, p. 145-146.499). Deixou pronto para impressão:

- *De Sacra Scriptura* (ms).
- *De potestate Clavium* (ms) [Mt 16,13-19].

<sup>8</sup> Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 256; Rodrigues, *A Cátedra (1640-1910)*, p. 125; Fortunato de Almeida III, 393; Inocêncio II, p. 324 e 476.

**Francisco Dias Gomes** (1745-1795). Era natural de Lisboa. Estudou nas escolas da Congregação do Oratório. Foi um poeta e crítico literário português (Inocência II, p. 369; IX, p. 284). Traduziu:

- *Benedictus Dominus Deus* [Lc 1,68-79; Bendito seja Deus], na elegia XII, p. 179 e nota 30; em *Obras Poéticas de Francisco Dias Gomes*, Lisboa, Academia R. das Sciencias, 1799; XXVII, 425 p.; 21 cm (BNP, F. 6480).<sup>9</sup>
- *Canto fúnebre de Ezechiel*, cap. 27, em Id., ib., p. 359-361.
- *Miserere Mei Deus...* [Tem de mim compaixão], em Id., ib., p. 180-182 e nota 40.
- *Tradução do Cântico de Moysés*, Êxodo, cap. XV, em Id., ib., p. 422-425 (A Tradução em Portugal, 2192).

**Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva** (ca. 1834-1900). Oriundo de Vila Seca de Armamar (Lamego), filho de um rabino espanhol da Síria. Emigrou para o Brasil onde aderiu à Reforma protestante e se notabilizou como lexicógrafo e hebraísta. Foi instruído pelo pai nas línguas semitas. Veio a Portugal em 1865, onde permaneceu durante 5 anos a estudar nas bibliotecas locais. Nesta altura manteve contactos com o historiador Alexandre Herculano.<sup>10</sup> Deixou-nos:

- *Harpa d'Israel. Nova tradução dos Salmos, tirada do texto hebreu, seguida de anotações, em que são apontadas, discutidas e elucidadas numerosas discrepâncias entre a Vulgata Latina, versão de António Pereira de Figueiredo e o texto original hebreu...*, S. Paulo, Vanorden & Comp., 1898; ed. por G. W. Chamberlain; 486, 2 p.; os Salmos vão até à p. 300; seguem-se as “Anotações aos Salmos”; 23,5x16 cm (BSS, 213.E98.2; Darlow, 7571).<sup>11</sup> Com outro título:  
— *O Livro dos Salmos: Nova tradução tirada do texto hebreu*, ABS, Nova Iorque, 1902; 263 p.; 16,5x11 cm (Darlow, 7580; BSS, 213.F02.3; SocBib).  
— BFBS, Rio de Janeiro [impressa em Londres], 1904; adotou os nomes pró-

<sup>9</sup> Na FacFil há uma obra com as mesmas características, mas com o título seguinte: *Arte Poética*, Lisboa, 1799; 425 p.; 20x14 cm.

<sup>10</sup> Em BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento, *Diccionario bibliographico brasileiro*, Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1883; 7 vol.; vol. 3: p. 106-107 (Ed. fac-símile do Conselho Federal de Cultura, 1970).

<sup>11</sup> Versão crítica dos Salmos muito apreciada por ser considerada fiel ao original; as notas que acompanharam a edição de S. Paulo são muito valiosas. A matéria preliminar inclui uma dedicatória ao colégio protestante – Machenzie College – em S. Paulo, um prefácio (datado de 26 de abril de 1894) e lista de nomes próprios, etc. Texto com anotações, seguido de “post-scriptum” (no final da p. 488) e uma tabela de conteúdo. Edição de 2000 exemplares numerados e assinados. Este corresponde ao n.º 808 (Darlow, 7571).

prios da tradução de Figueiredo; sem notas; 92 p.; 18x12 cm (BL, 03068. ff.13.; BSS, 213.F04.4; Darlow, 7592).

— ABS, Nova Iorque, 1911; 263 p.; 6,5x11 cm (LC, BS1425.P7 S3 1911).<sup>12</sup>

- *O livro de Hanokh* (acerca da amizade), em “Echo Americano”, 1871; traduzido do hebraico; p. 174 e 200. Ver o autor em 6.1; 7.1 e 9.

**Joaquim Alberto de Azevedo** / Joaquim da Encarnação, Frei, OSA (1724-1798).

Nasceu em Barcelos. Era mais conhecido por D. Joaquim da Encarnação. Foi muito versado nas línguas bíblicas e perito em história e liturgia (Inocêncio IV, p. 76). Escreveu:

- *Explicação da oração do Senhor copiada dos SS. Padres...*, Coimbra, Oficina da Academia Litúrgica, 1763; 8, 328 p.; 16 cm (BNP, H.G. 15195//3 P.).Ver o autor no cap. 3.2.

**Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré**, Dom Frei, OFM (1776-1851), tradutor do Novo Testamento. Era natural do Sítio da Nazaré e faleceu no Maranhão, onde fora bispo. Após a independência do Brasil, veio para Portugal e foi nomeado bispo de Coimbra; a sua adesão à causa miguelista provocou-lhe a saída daqui, tendo-se estabelecido em Lisboa e, tempos depois, novamente no Brasil, com receio da repressão dos liberais vencedores. Dom Carmelo Ballester, que faleceu arcebispo de Santiago de Compostela, deu-nos as últimas edições da sua tradução do Novo Testamento.

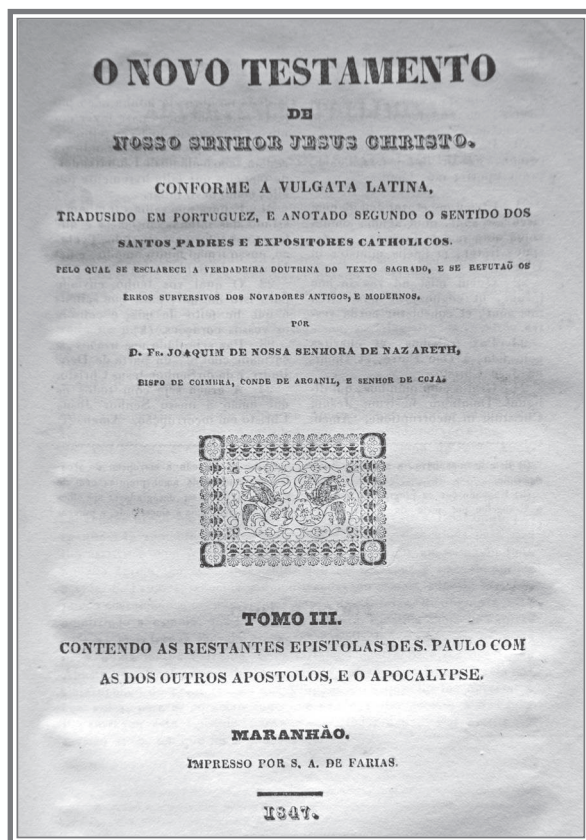
Começa praticamente com ele a era brasileira das versões bíblicas, com a tradução do *Novo Testamento* bilingue, vertido da *Vulgata*, cujo texto lhe vem junto. Foi impresso em 1845-1847, em S. Luís do Maranhão, para onde o bispo emigrara, como irredutível miguelista, aquando da vitória de D. Pedro IV. Frei Joaquim da Nazaré utilizou, à vista, a Bíblia de Figueiredo.<sup>13</sup>

- *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, conforme a Vulgata Latina, traduzido em portuguez, e anotado segundo o sentido dos Santos Padres e Expositores Catholicos, pelo qual se esclarece a verdadeira doutrina do texto sagrado, e se refutão os erros subversivos dos novadores antigos e modernos*, Maranhão, Typographia de I. J. Ferreira, 1845-1847; bilingue: português e latim; todos os

<sup>12</sup> Edição feita com a permissão do filho do tradutor; com algumas alterações, sobretudo no modo de pronunciar os nomes próprios e sem notas.

<sup>13</sup> Sobre este autor e sua obra, ver GIRALDI, Luiz António, *A Bíblia no Brasil Império*, SBB, Barueri - S. Paulo, 2013 (p. 128-131); RODRIGUES, Manuel Augusto, *A hierarquia católica e o liberalismo. O bispo de Coimbra D. Frei Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré (1776-1851), no contexto da sua época*. Colóquio organizado pelo Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa sobre “Liberalismo na Península Ibérica na primeira metade do séc. XIX”. Comunicações, Lisboa, 1981, p. 125-184.





livros são acompanhados de “Advertências preliminares”; 29,5x21,5 cm (DB; SBA; Harvard: Houghton: Bible R. 845; Darlow, 7509; BL, 1602/298; BNRJ, 55,10, 17: falta vol. III).<sup>14</sup> Obra em 3 volumes, in-fol., num só tomo:

Vol. I: contém os *Quatro Evangelhos*, Maranhão, Typographia de I. J. Ferreira, 1845; 482 p.

Vol. II: contém os *Actos dos Apóstolos e as cinco primeiras Cartas do Apóstolo S. Paulo* [Act-Ef], Maranhão, Typographia de I. J. Ferreira 1846; 358 p.<sup>15</sup>

Vol. III: contém as restantes *Epístolas de S. Paulo com as dos Santos Apóstolos e o Apocalipse*, [Filipenses-Apocalipse], Maranhão, Impresso por S. A. de

<sup>14</sup> Na Biblioteca da ABS, Nova Iorque, uma nota manuscrita diz: “Presented by A. L. Blackford, Rio de Janeiro, Nov. 8<sup>th</sup>, 1850”.

<sup>15</sup> Na Biblioteca da ABS, Nova Iorque, uma nota manuscrita diz: “This copy of the New Testament in portuguese belongs to Rev. John M. Kyle of Rio de Janeiro. Brazil. If not called for within 25 years from date it is to become the property of the American Bible Society for its Library. New York City, July 15<sup>th</sup> 1890”.

Farias, 1847; no fim do vol. diz “Impresso na Typ. de J. A. G. de Magalhães, Rua Grande, n.º 40, ano de 1847”; 4, 170 (Filipenses-Hebreus), 175, 7 p. (Cartas Católicas e Apocalipse). Cada volume tem o seu próprio frontispício.

Reimpressão, sem o texto latino, Lisboa, 1875. Título completo:

- *O Novo Testamento de Jesus Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... em conformidade da versão francesa anotada por J.- B. Glaire e aprovada pela Santa Sé*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1875; ed. por José Franco de Sousa; 2 col.; 4, XXII, 507, 3 p.; 15x9,5 cm (BNP, Bib. 865 P.; BOD, Port.e.8; SBA; MB: 2 ex.; BSEA; BSS, 213.E75.2; Darlow, 7543; BJPII; SocBib).<sup>16</sup>  
— Edição de bolso, Lisboa, Imprensa Nacional, 1875; 510 p.; 11x6 cm (BPAAH, F.G.-A-3564; SocBib; BSME).
- *O Santo Evangelho de N. S. Jesus Cristo segundo S. Mateus*, Coimbra, Gráfica Conimbricense, 1922; XVI, 128 p.; 17 cm (Cambridge Univ.); ib., 1948 (BNP, R. 30949 P.).
- *O Santo Evangelho de N. S. Jesus Cristo segundo S. Marcos*, Coimbra, Gráfica Conimbricense, 1922; 71 p.; 16 cm (Cambridge Univ.).
- *Evangelhos e Actos*, Pia Sociedade de S. Paulo, 1935; anotado por Glaire e re-

<sup>16</sup> Sobre esta reimpressão de Lisboa, ver SANTOS FERREIRA, Guilherme, *A Bíblia em Portugal, Apontamentos para uma monografia, 1495-1850*, Lisboa, Typ. de Ferreira de Medeiros, 1906, p. 91-101. Aqui é dito que o editor de Lisboa ocultou a 1.ª edição (Maranhão, 1845-47), não lhe fazendo qualquer referência. Apresenta os títulos completos e datas destas edições. Polemiza contra uma *Advertência* [Prefação!] da edição de Lisboa (1875), na qual se ataca os protestantes, quando ainda não se falava de ecumenismo, nem as Igrejas cristãs se tratavam como irmãs. De facto, foi o próprio editor de Lisboa (e não o autor do texto) que acrescentou, no seu Prefácio: “... E, querendo o tradutor... concorrer para o bem da Igreja, do próximo e dos seus compatriotas, determinou dar à luz a presente tradução do Novo Testamento, feita pelo bispo de Coimbra, D. Frei Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré, modificada em conformidade com a versão em francês, feita pelo Pe. João Baptista Glaire, e com as eruditas notas do mesmo Pe., que mereceram a aprovação dos mais ilustres prelados de França (...) e, finalmente, da Santa Sé Romana. Ninguém ignora a urgentíssima necessidade que se fazia sentir no nosso país de um tal livrinho. Os protestantes, assalariados pela Sociedade Bíblica de Londres, andam metendo à cara Bíblias em que se dizem quantos disparates há contra a religião que nossos pais nos ensinaram e nós sabemos que é a única verdadeira, fora da qual não há salvação. Eles querem-nos impor quase à força Bíblias falsificadas, viciadas, truncadas, que falam contra o Papa, contra a Igreja, contra a Confissão, contra a Eucaristia, contra Maria Santíssima, contra os santos, contra tudo o que há de bem. Às Bíblias de tal jaez opõe o tradutor o Novo Testamento Católico; como, porém, parecessem ainda alguns lugares obscuros, às notas do Pe. Glaire, que se traduziram do francês, juntaram-se algumas outras, extraídas pela maior parte do Novo Testamento traduzido pelo dito D. Frei Joaquim de Nossa Senhora da Nazareth e de outros autores católicos de vasta erudição. Estas notas vão designadas por um asterisco” (Ed. de 1875, p. X-XI). O NUC apresenta esta obra no vol. 55, p. 687.

visto pelos Padres da Sociedade de S. Paulo; edição popular; com notas; 352 p.; 16,5x11,5cm (SBA).

— Ib., mesmo impressor, 1937; 352 p. (BPMP, 226-B582j-1937).

— Anotado por Glaire e revisto pelos Padres da Pia Sociedade de S. Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, 1943; 920 000 ex.; 366 p.; 13x9 cm (SBA).

- *Epístolas dos Apóstolos e Apocalipse*, S. Paulo, Pia Sociedade de S. Paulo, 1935; resumo dos capítulos e algumas notas; edição popular; 218 p.; 16,5x11cm (SBA); ib., 1937 (Darlow).

Estas obras, cujo tradutor original foi Dom Joaquim de N. Senhora da Nazaré, continuarão a ser reeditadas nos séc. XX, pelo revisor e editor Pe. C. Ballester, em conformidade com a edição de 1875.

**José António da Silva Rego** (séc. XVIII). Foi alferes de infantaria e académico aplicado. Traduziu do francês:

- *Provérbios de Salomão em paráfrase...*, Lisboa, Oficina da viúva de Ignácio Nogueira Xisto, 1774; 17, 3, 387 p.; 15x10 cm (BNP, L. 25026 P.; CBAP, n.º 1920; BNRJ, 147, 1, 12; LC, 58887158; BL, 3015.e.9.).

— Baía, 1815.<sup>17</sup>

**José da Trindade**, Frei, OESA (1709-1759). Era natural de Lisboa, mas foi viver para Estremoz com um tio paterno. Nesta vila abraçou o instituto de Santo Agostinho, onde estudou Gramática e Filosofia. Também se distinguiu no ensino de Sagrada Escritura.<sup>18</sup> Como tal, escreveu:

- *Expositio ad Cap. I Epistol. D. Paul. Ad Ephesios* (ms).
- *Viridarium cum Litaniis Pueritia Jesu Christii* (ms). Ver o autor em 10.2 e 10.7.

**José Maria Dantas Pereira de Andrade** (1772-1836). Nasceu em Alenquer. Seguiu a carreira militar, o que o levou ao Brasil; mas regressou a Portugal. Foi refugiado político em França, onde passou os dois últimos anos da sua vida; veio a falecer em Montpelier (Inocêncio V, p. 29-33). Tem uma vasta obra li-

<sup>17</sup> Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 258; Inocêncio IV, p. 248; XII, p. 237. Na p. 192 de Annaes BNRJ, há uma nota que diz: “A tradução foi feita pelas paráfrases de Nicolas Guilbert e de Mr. Ardene” e outras informações. O autor, a partir de um provérbio ou sentença de Salomão, faz um capítulo de reflexões morais numeradas; contém 31 capítulos e um Apêndice: “Da doutrina que neste livro se contém muito naturalmente se vem assentar nas verdades seguintes, das quais muitas nele estão incluídas: Deus; Religião; Religião cristã; Dogmas cristãos; Moral cristã; Oração; Sl 50, Miserere Mei Deus em paráfrase; termina com uma paráfrase de Daniel 3, que é um hino de Ação de Graças”.

<sup>18</sup> Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 257; Barbosa IV, p. 228-230.507.

terária, mas apenas a seguinte interessa ao nosso tema, onde foi o coordenador e um dos tradutores:

- *Os três psaltérios, a saber: Hymnos e psalmos do officio de Nossa Senhora: Psaltério de quinta, sexta e sabbado da Semana Sancta; e Psalmos penitenciaes: traduzidos por vários portugueses...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1830; X, 169 p.; em 12.º. Nesta coleção entram os Salmos traduzidos por António Pereira de Sousa Caldas, José Jacinto Nunes de Mello, Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento, Francisco de Borja Garção Stockler, Domingos Maximiano Torres e pelo coordenador José Maria Dantas Pereira.

— *Additamento aos três Psaltérios, ou Psaltério do Officio de Defuntos*, Lisboa, Imprensa Régia, 1831. Numeração contínua, da p. 173 até 242.

**Manuel de Santa Ana**, Frei, OFM (1784-1802). Deixou-nos os seguintes comentários manuscritos:

- *Livro do Pentateuco intitulado Génesis*; 2 vol.: 1.º, 546 p.; 2.º, 737 p.; 21x15 cm (BPNM, 2-2-4-1/2).
- *Livro do Pentateuco intitulado Êxodo*; 2 vol.: 1.º, 392 p.; 2.º, 551 p.; 21x15 cm (BPNM, 2-2-4-3/4).
- *Livro do Pentateuco intitulado Levítico*; 439 p.; 21x15 cm (BPNM, 2-2-4-5).
- *Livro do Pentateuco intitulado Números*; 447 p.; 21x15 cm (BPNM, 2-2-4-6).
- *Livro do Pentateuco intitulado Deuteronomio*; 545 p.; 21x15 cm (BPNM, 2-2-4-7). Ver o autor em 7.1 e 10.6.<sup>19</sup>

**Manuel de São Jerónimo**, Frei, OSJ (1702-1746). Era natural de Lisboa, estudou na Universidade de Coimbra, onde se doutorou em Teologia. Deixou uma obra sobre os lugares difíceis da Sagrada Escritura:

- *Clavis Sacrae Scripturae* (ms).<sup>20</sup>

**Manuel Fernandes de Santana**, SJ (1864-1910). É considerado figura máxima, do fim do século, que, pela sua preparação filosófica, teológica e científica, impressionou os próprios adversários, sobretudo na polémica com Miguel Bombarda.<sup>21</sup> De temática bíblica deixou:

- *O Evangelho segundo S. Mattheus: com gravuras, mapas e plantas*, Lisboa, Typ.

<sup>19</sup> Inocêncio V, p. 358, apresenta-nos um autor com este nome e frade da província da Arrábida, mas não refere as obras que aqui deixamos.

<sup>20</sup> Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 257; Barbosa III, p. 288-289; IV, p. 499.

<sup>21</sup> Sobre o autor, ver MAURÍCIO, Domingos, *Apológica*, em Enc. Luso-Brasileira da Cultura, col. 782-783; SOARES, António Sepúlveda, *Uma polémica no final do século XIX: Padre Manuel Fernandes Santana versus Miguel Bombarda*, Braga, 2006 (BNP, R. 25041 V.).

“A Editora”, 1909; LXII, 325, 24 p. (apêndice); il.; 4 mapas; 19x13 cm (BNP, R. 28648 P.; BSME). Ver o autor em 7.1.

**Manuel José dos Santos Farinha** (1871-1923). Era natural de Lisboa. Estudou Teologia na Universidade de Coimbra. Foi ordenado presbítero em 1894, tendo sido pároco na freguesia da Madalena e de Santa Isabel em Lisboa. Também foi professor no Seminário de S. Vicente de Fora, na mesma cidade. Pertenceu à Associação de arqueólogos portugueses (Fortunato de Almeida III, p. 392). Como conhecedor das línguas bíblicas, fez a revisão, comentários e anotações a:

- *Bíblia Sagrada Contendo o Velho e Novo Testamento. Versão do Padre António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1902; Ed. popular e ilustrada; 3 vol.; 29 cm (BNP, Bib. 159 V. - 161 V.). Ver Cat. de Figueiredo (cap. 26); ver o autor em 13.1 e 14.

**Pedro Rahmeyer** (1699-1757). *Velho Testamento traduzido em português*, 1751. Este autor era um comerciante natural de Hamburgo, que viveu em Lisboa cerca de 30 anos, com o seu irmão, Benedito. Traduziu toda a Bíblia em português, incluindo os Dêutero-canónicos. Depois do terremoto de 1755, retirou-se para o seu país, oferecendo o manuscrito à Biblioteca do Senado de Hamburgo. Ficou conhecida como “Bíblia de Rahmeyer”. Supõe-se que a tenha traduzido do alemão. No entanto, faz muitas referências às línguas originais da Bíblia.

Eduardo Moreira, nas suas *Notas Históricas*, diz: “Até agora inédita, encontra-se na Biblioteca de Hamburgo, onde um amigo meu, o Sr. Edmundo Romberg, e a meu pedido, encontrou o *Velho Testamento traduzido em português por Pedro Rahmeyer*, comerciante que vivia em Lisboa pelos anos do terremoto, e que também traduziu o *Novo Testamento*. Parece que este se perdeu. Deste mesmo tempo é o protestante português Francisco Xavier de Oliveira, mais conhecido por Cavaleiro de Oliveira”. Seguidamente fala da vida deste (p. 5-10).<sup>22</sup>

Esta Bíblia foi estudada pelo Prof. Henrici, de Berlim, em 29.11.1991 para a Deutsche Kommission der Berliner Akademie, em Catalog der Theolog. MSS. n.ºs 1002 e 1003; 32x25 cm. Cada uma das partes tem paginação própria.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> EDUARDO MOREIRA, *Notas Históricas sobre a origem das Igrejas Evangélicas em Portugal*, Braga, Editor: O Auctor, 1913, p. 4; PORTELA, Artur, *Cavaleiro de Oliveira – Aventureiro do séc. XVIII*, INCM, 1982, 190 p.

<sup>23</sup> Numa nota inicial do manuscrito, lê-se: “com advertência p.<sup>a</sup> quem a copiar em limpo q emende algumas omissões q. nella achar, por ser som.<sup>tes</sup> o prim.<sup>to</sup> da tradução que fez Pedro Rahmeyer Hamburgez, do q o prezente não foi senão o Borrão. A.<sup>o</sup>. 1751 Hamburgo. Tomo 2do que

Apresentamos seguidamente um resumo do conteúdo desta Bíblia, por Luís Silveira:

***BÍBLIA PORTUGUESA / TOMO PRIM.<sup>RO</sup> / Q CONTHEM / OS 5 LIVROS DE MOZÉ***

“O I.º Vol., do princípio do qual se transcrevem alguns versículos, é formado das partes seguintes:

I – Genesis em Hebreio Beresith: fol. I a 103

Capítulo I

Criação do Ceo e da Terra e de todas as creaturas e do homem

1 – No principio creou Deos o ceo e a terra

2 – Porem a terra estava informe e vazia +, e as trevas estavam sobre o abismo, e o espirito de Deos se movia sôbre as águas + +

3 – E Deos *Disse*, façasse a Luz, e foy feita a Luz.

4 – E vio Deos a luz, que era boa: e Deos dividio a luz das trevas.

(notas)

+ Septuag. Porem a terra era invisível.

+ + Hebr.: o espirito de Deos fecundava as águas.

II – O segundo Livro de Mosé, chamado Exodo: fol. I a 71

III – Levitico ou Terceiro Livro de Moysé: fol. I a 51 + 3

IV – Os Numeros, ou quarto Livro de Mozé: fol. I a 69 + 1

V – Quinto Livro de Mozé chamado Deuteronomio: fol. I a 67

VI – Livro de Josué em Hebreu Jehosua: fol. 26 (não numeradas)

Tem anotações com referencias a Vieira. Por ex., “Ex-forçai vos & tende grande valor porque vos aveis de repartir &c”. Vieira I, 6, 209

VII – O Livro dos Juizes, em Hebreu Sophetim: fol. 24 (sem numeração)

VIII – Livro de Ruth: fol. 4 (s. n.)

IX – Livro primeiro dos Reys: fol. 33 (s. n.)

X – Livro segundo de Samuel ou dos Reys: fol. 26 (s. n.)

XI – Livro terceiro do Reys (fol. 31; s. n.)

XII – Livro quarto dos Reys (fol. 30; s. n.)

A pag imediata (certamente deslocada) diz: Biblia Portuguesa / Tomo seguinte / q conthem os Livros de Josué, Juizes, Ruth, Samuel, Reys – mas não as chronicas, Esdras, nehemias & Esther, que acharás aqui junto impreço em

---

contem os mais livros de Josué, Juizes, Ruth, Samuel (depois, três linhas riscadas) – mas cá vão mais Job & os Salmos. Ao. 1752 (ao lado, a seguinte nota: “vão mais no Tomo 2do os Provérbios o Ecclesiastes os Canticos de Salomao). Numa espécie de fotografia, em página separada, referem-se dados biográficos do irmão de Pedro, Benedito / Bento Guilherme Rahmeyer: no alto da página: “Hamburg, Ao. 1780 Octobris 29; no fundo da página: “Benedictus Guillielmus Rahmÿer / Mercator / Hamburgo natus Octris 29 Ao.1705”.



Trangambar – conthem mais os Livros de Job & Salmos.<sup>24</sup>

XIII – Livro de Job: pag. 51 (as folhas não são numeradas no verso, mas correspondem a paginação e não a foliação).

XIV – Psalterio de David: pag. 119 + 2 (como o anterior)

XV – Proverbios de Salomon: pag. 36 + 2 (c/o ant.)

XVI – Ecclesiastes ou Pregados de Salomon: pag. 8 + 12 (c/o ant.)

## Volume II

XVII – Livro das Profecias de Isaías Profeta: pag. 82 (c/o anterior)

XVIII – Profecias de Jeremias. O Profeta Jeremias: pag. 90 (c/o ant.)

XIX – Lamentações de Jeremias: pag. 7 + 1 (c/o ant.)

XX – O Profeta Ezequiel: pag. 67 + 4 (c/o ant.)

XXI – O Profeta Daniel: pag. 20 (c/o ant.)

A seguir, escrito com letra mais recente: “A história de Suzanna que segue he apócrifa & deve de seguir na ordem depois do cântico dos Três Rapazes no fogo”.

XXII – História de Suzanna e de Daniel que se acha na versão grega de Theodocion: pag. 3 (c/o ant.)

XXIII – Livro dos doze Profetas chamados Menores: 62+6 (c/o ant.)

XXIV – Terceiro Livro de Esdras: pag. 24 (c/o ant.)

XXV – O Quarto Livro de Esdras: pag. 43 (c/o ant.)

XXVI – O Livro de Tobias: pag. 18 (c/o ant.)

(riscado: o que se achar entre () he tirado de outras versoens, principalmente da versão antiga latina)

XXVII – O Livro de Judith: pag. 28 (c/o ant.)

XXVIII – Fragmentos de Esther: pag. 7 (c/o ant.)

XXIX – Sapiença ou Sabedoria de Salomon: pag. 25 (c/o ant.)

XXX – A Sabedoria de Jezus Sirach chamado o Ecclesiastico. Prologo de hum Autor grego anonymo: pag. 75 (c/o ant.)

XXXI – A Profecia de Baruc: pag. 7 (c/o ant.)

XXXII – Carta de Jeremias: pag. 4 (c/o ant.)

XXXIII – Cântico de louvores dos três Varoens, no fogo, que só se acha na

<sup>24</sup> Esta anotação do tradutor refere-se à Bíblia dos missionários de Tranquebar / Trangambar, num conjunto de livros do Antigo Testamento chamado *Os Livros Históricos do Velho Testamento, convém a saber, o livro de Josué, o livro dos Juizes, o livro de Ruth, o primeiro livro de Samuel, o segundo livro de Samuel, o primeiro livro dos Reis, o segundo livro dos Reis, o primeiro livro das Crônicas, o livro de Esdras, o livro de Neemias, o livro de Ester: traduzidos na língua portuguesa pelo reverendo padre Joam Ferreira A. D'Almeida, ministro pregador do Santo Evangelho na cidade de Batávia, revistos e conferidos com o texto original pelos padres missionários de Trangambar. Anno de 1738* (ver esta e outras obras de Tranquebar no cap. 19).

versão grega: pag. 2 (c/o ant.)

(Escrito com outra letra: “agora segue o conto de Suzanna que acharás no fim das Profecias de Daniel.”)

XXXIV – Oração de Asarias que só se acha na versão grega e não no original hebreu: pag. 2 (c/o ant.)

XXXV – Do Bel de Babylonia: pag. I (c/o ant.)

XXXVI – Do Dragão de Babel: pag. I (c/o ant.)

XXXVII – Oração de Manasse Rey de Judá, achando-se prisioneiro em Babylonia. Apócrifo: pag. 2 (c/o ant.)

XXXVIII – O primeiro Livro dos Macabeos: pag. 51 (c/o ant.)

XXXIX – O segundo Livro dos Macabeos: pag. 35 (c/o ant.)

XL – Terceiro Livro dos Macabeos: pag. 15 (c/o ant.)

XLI – Apocryphos do Apostolo S. Paulo aos Laodiceos. Contem:

- a) Carta de S. Barnabé a huma certa Congregação
- b) Primeira Epistola de Sam Clemente aos Corinθος
- c) Segunda Epistola de São Clemente aos Corinθος
- d) Epistola de São Polycarpo aos Felippos
- e) Epistola da Igreja de Smirma sobre o martírio de São Policarpio
- f) Epistola de Santo Ignacio a Polycarpio
- g) Epistola de Santo Ignacio á Igreja de Efeso
- h) Epistola de Santo Ignacio á Igreja de Roma
- i) Epistola de Philo, e de Agathopo do martyrio de Santo Ignacio
- j) Epistola de Santo Ignacio á Igreja de Tarso, escrito em Filippes
- k) Epistola de Santo Ignacio à Igreja de Tarsos
- l) Epistola de Ignacio a Itero Diácono da Igreja de Antioquia escrita em Filippes
- m) Epistola de Ignacio à Igreja de Filippes, escrita de Rhegio: pag. 113 + 6 (c/o ant.)

Fim dos Livros Apocryphos do Novo Testamento”.<sup>25</sup>

Assim termina a relação feita por Luís da Silveira. Esta é, assim, a segunda tradução da Bíblia em português (AT), depois da de Almeida, já que a de Figueiredo é dos anos 1781-1819, nas suas diferentes edições revistas por ele próprio.

<sup>25</sup> Silveira, Luís, Portugal nos Arquivos do Estrangeiro, Lisboa, Tip. Of. Gráfica, Inst. para a Alta Cultura, 1946-; 1.º vol: Manuscritos portugueses da Biblioteca Estadual de Hamburgo; 167, 4 p., 20 p.; 26 cm (BNP, C.G. 5906 V.); a descrição desta Bíblia encontra-se nas p. 13-19. Existem imagens microfilmadas de todas as páginas desta Bíblia na DB. Muitos dos resultados da investigação das bibliotecas de Hamburgo foram sendo publicados nos Anais das Bibliotecas e Arquivos. As relações de Lisboa com os portos hansíaticos eram correntes nessa altura.



**Teodósio de Santa Marta**, Frei, CSSJE (séc. XVIII). Era natural de Lisboa. Entrou na Congregação dos Cônegos Seculares do Evangelista, no Convento de Santo Eloy, a 4 de outubro de 1700. Foi doutorado pela Universidade de Coimbra e eleito geral da sua Ordem em 1737 (Barbosa III, p. 733; IV, p. 503). De caráter bíblico deixou-nos manuscrito:

- *Comment. in Psalmum 137*: “Super flumina Babilonis”.

**Thomas Boys** (1792-1880). Foi oficial do exército inglês de Wellington. Mas 30 anos depois, foi ordenado presbítero da Igreja anglicana, tendo mais tarde aderido à Igreja trinitariana. Em Portugal, aprendeu alguma coisa da nossa língua, pelo que, com a ajuda de dois portugueses, fez a revisão da Bíblia de Almeida, 1819. Para facilitar a leitura, introduziram nessa Bíblia termos da gíria comum. Também foi professor de hebraico. A sua revisão da Bíblia é conhecida como:

- “A Bíblia do Anónimo Inglês”, em língua portuguesa. É, presentemente, a Bíblia da Sociedade Bíblica Trinitariana. Trata-se, portanto, da Revisão da Bíblia de Almeida por Thomas Boys. Ver o autor em 4.4.<sup>26</sup>

**Thomaz Delany** (?-?). Foi notável professor da língua grega no colégio de São Lourenço no Porto (Inocêncio XIX, p. 366). Traduziu do grego:

- *Discurso de S. Paulo na presença de Agripa* [Cap. 26 de Actos dos Apóstolos] (BNP; A Tradução em Portugal, 1006).

**Vicente Maria**, Dom (?-?). Inocêncio apenas diz que era da nação espanhola (VII, p. 433). Não refere a obra que aqui apresentamos:

- *Discursos Scripturários sobre o Sagrado Livro do Êxodo*, Roma, António Rossi, 1726 (BPNM, 2-2-8-8).

#### Tradutores anónimos

- *Conselhos da Sabedoria, ou resumo das Máximas de Salamão* [sic], *as mais necessárias ao homem para se regular prudentemente, com reflexões sobre as mesmas máximas, trad. em portuguez por hum devoto*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1754-1755; 15x10 cm (BPNM, 2-13-3-13/14).

— *Ib.*, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1766; 3 tom. em 2 vol.: 248, 112 p.; 15x10 cm (BNP, S.C. 29291 P. - 29292 P.; BPH: t. I; A Tradução em Portugal, 1095). Começa pelo “Retrato do Sábio”; seguem-se paráfrases e reflexões sobre os Provérbios e outros livros Sapienciais.

<sup>26</sup> Ver vol. IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, Edições Esgotadas, Viseu, 2019, p. 363-366.

- *Deprecações sagradas extrahidas literalmente dos Psalmos de David...*, [Almeida], Lisboa, Typ. de Bulhões, 1827; 1163 p.; 22 cm (BPARD, JC B/411 Res).
- *Explicação dos dez mandamentos da Lei de Deus* [cod. alcobacense 244], em “Collecção de Livros Lusitanos”, Coimbra, 1829, p. 154-166 (A Tradução em Portugal, 4139).
- *Máximas de Salomão commentadas por hum anonymo na língua francesa, e traduzidas no idioma portuguez por huma curiosa*, Lisboa, Oficina José da Costa Coimbra, 1758 (A Tradução em Portugal, 940);  
— Ib., Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1762; 16, 20, 415, 8 p.; 22x16,5 cm (BNP, Res. 4140 V.; BPB, Res. 597 V.; Inocêncio XVI, p. 18); s.l e s.n., 1763; 16, 20, 451, 8 p.; em 4.º (A Tradução em Portugal, 1040); é obra de uma “curiosa” anónima, talvez uma dama da Corte portuguesa.<sup>27</sup>

### 3.2. Histórias Sagradas

Por influência do estrangeiro, entram em circulação em Portugal certas obras com um carácter acentuado de histórias sagradas. Este tipo de literatura bíblica consiste em recolher, *ad libitum*, certos textos da Bíblia, que se julga serem mais importantes. Em princípio, os textos são transcritos tal como se encontram na Bíblia.

**A. José das Neves Maldonado Bandeira (?-?).** Traduziu do francês:

- *Compêndio da história do Antigo e Novo Testamento: com as razões com que se prova a verdade da nossa religião*, Lisboa, Oficina Manoel António, 1772; 8, 128, 48 p.; 17 cm (BNP, H.G. 1084 P.; CBAP, n.º 230).  
— Ib., *Traduzido da língua francesa para instrução da mocidade portuguesa*; Impressão Régia, 1816; 2 tomos num volume; 15 cm (BNP, R. 21859 P.).  
— *Nova edição*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1868, em 8.º (BNRJ, 4, 3, 31).

**António de Macedo Costa**, Dom (1830-1891). Era natural de Minas Gerais, fez os seus estudos eclesiásticos em França. Foi bispo de Belém do Pará e do Porto. Deixou-nos a seguinte obra, que foi acolhida com benevolência por sua “Santidade Leão XIII e aprovada por sua Eminência, o cardeal bispo do Porto, por todos os bispos da Suíça, muitos da França, Itália, Brasil e Portugal” (Inocêncio VIII, p. 231; XX, p. 249). Editada muitas vezes, como se pode ver:

- *Resumo da História Bíblica ou Narrativas do Velho e do Novo Testamento...*,

<sup>27</sup> Trata-se dos Provérbios de Salomão e do Eclesiástico comentados um a um, divididos em partes temáticas e artigos; alguns títulos estão em latim; Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 258; Inocêncio XVII, p. 18.

Nova-Iorque, Carlos & Nicolao Benziger Irmãos, 1872; 293 p.; edição em vulgar, ilustrada com cerca de 200 estampas (BNP).

— Einsiedeln, C. Benzinger, 1872; 8, 293, 3 p.; il.; em 8.º (Bibliotecas Suíças, MUS PED IV 126; FR BCU-Beauregard Magasin; BSL; BL).

— Ib., Estabelecimentos Benziger & Co. A. G., 1875; 10, 293, 2 p.; il.; 17 cm (BNP, Bib. 1420 P.; Providence College, USA).

— Porto, Lello e Irmão [1894]; 11, 289, 11 p.: il.; 18 cm (BNP, H.G. 7367 P.).

— Ib., Livraria Chardron, 1895; 289, 2 p.; il.; 18 cm (BNP, H.G. 16667 P.).

— Ib., mesmo impressor, 1898; 13, 289 p.; il.; 17 cm (BNP, R. 28539 P.; BSL).

— 25.<sup>a</sup> edição, ib., Machado & Ribeiro, [18??]; 8, 293, 3 p.; em 8.º (BSL).

— Ib., Livraria Chardron, 1908 (BSME).

— Ib., mesmo impressor, 1916.

— Ib., mesmo impressor, 1921 (BFCG, RS 9192).

— Coimbra, Tip. Gráfica Conimbricense, 1927; 4, 310 p.; 18 cm (BNP, Bib. 1114 P.).

— *Nova edição*, Porto, Livraria Chardron Lello & Irmão, 1936; 355 p. (DB).

— Ib., mesmo impressor, 1945 (BCapP).

— Ib., mesmo impressor, 1955; 14, 355 p.; il.; 18 cm (DB; Providence College, USA). Ver o autor no cap. 21.

**António Duarte Gomes Leal** (1848-1921). Era natural de Lisboa. Frequentou o curso de Letras, tornando-se um poeta de renome. A sua obra insere-se nas correntes ultra-romântica, parnasiana, simbolista e decadentista (Inocência XX, p. 201; XXII, p. 239, 533). Deixou-nos as seguintes obras:

- *História de Jesus para as criancinhas lerem*, Lisboa, Rua Oriental do Passeio, 1883; 135, 7 p.; 20 cm (BNP, P. 9618 P.; BNRJ, 245, 7, 39).

— Ib., Vega, [D.L. 1987]; 135, 7 p.; 20 cm (BNP, P. 9618 P.).

**António Lourenço da Silveira Macedo** (1819-1891). Foi um historiador e político da ilha do Faial, Açores. Foi ainda reitor do liceu da Horta. Exerceu diversos cargos públicos na administração da sua ilha (Inocência XX, p. 244). Deixou-nos:

- *Resumo da História Sagrada para as Escolas Primárias*, Horta, Typ. de Francisco P. de Mello, 1876; 40 p.; 12 cm (BNP, H.G. 14923//2 P.).

**António Pereira de Castro**, Pe. (?-?). Traduziu:

- *Bíblia da Infância ou História resumida do Velho e Novo Testamento... Pelo*

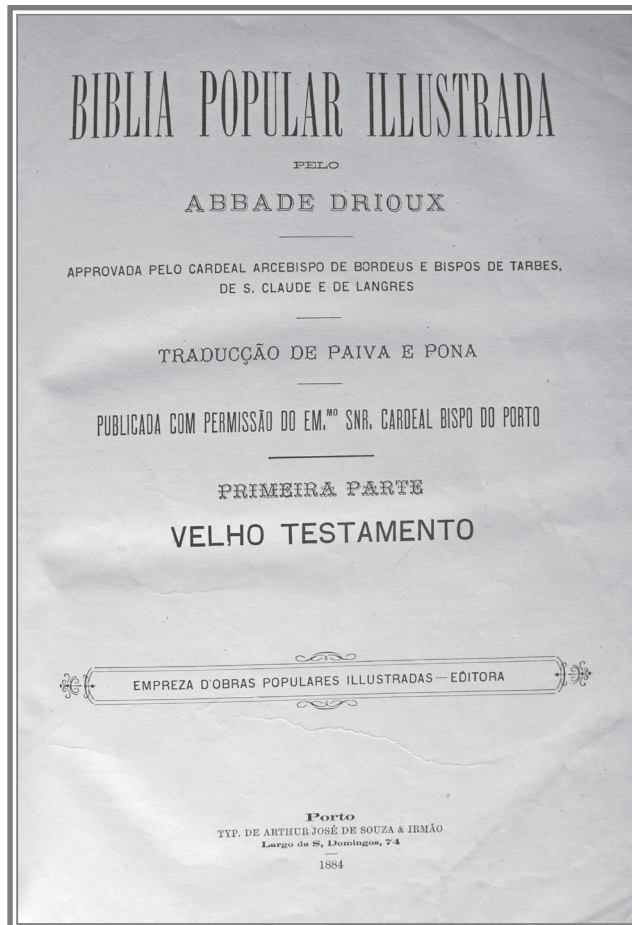
*Abade Martinho de Noirlieu*, Lisboa, Typografia de José B. Morando, 1864 (BPE, S.L. LXVII-2).

— *Nova edição... Referida a meninos de oito a doze anos*, Lisboa, Viúva Bertrand, 1870; autor: Abade Martinho de Noirlieu; 6, 394 p.; 13 cm (BNP, Bib. 420 P).

— *Nova edição*, ib., mesmo impressor, 1877; 394 p.; 12,5x8 cm (BSME).

— Ib., mesmo impressor, 1882; VI, 294 p.; suplementos (VI p.); 12x7 cm (BPAAH, F. G./A-1115).

— Ib., Viúva Bertrand & C. Sucessores Carvalho & C., 1885; 8, 411 p.; 13 cm (Providence College).



**António Pereira de Paiva e Pona** (?-?). Inocêncio supõe que tenha sido médico-cirurgião da Armada Nacional (XXII, p. 338). Não refere a seguinte obra, que traduziu:

- *Bíblia Popular ilustrada pelo abbade Drioux. Publicada com permissão do cardeal Bispo do Porto. Velho e Novo Testamento*, Porto, Ed. Emp. d'Obras Populares Ilustradas - Editores, 1881-1882; 2 col.; 2 Partes (AT e NT); 2 vol.: vol. I, 504 p.; vol. II, 4, 237, 2 p.; ilustrada com gravuras; 30 cm (BNP, Bib. 583 V. - 584 V.; BL, F14/3337 - 38; BNRJ, 267, 7, 31).  
— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1884; 30 cm (BNP, R. 11554 V.; DB; BL, control number 006821137); ib., 1895; em 4.<sup>o</sup>.<sup>28</sup>

**António Ribeiro dos Santos** (1745-1818). Nasceu no Porto e faleceu em Lisboa. Estudou Humanidades no Brasil e Direito na Universidade de Coimbra, onde se doutorou (Inocêncio I, p. 47-256). Escreveu inúmeras obras, das quais destacamos:

- *Apointamentos de notícias extraídas da História Sagrada*, 1774; 196 fol.; ms (BNP, Cod. 4585). Inicia com uma pequena biografia de alguns personagens bíblicos: Samuel, Job, Moisés... (39 fol.); “De Captivitate Babylonica” (fol. 42-45); “Discursos sobre as Agapas e os Banquetes Sagrados entre os Judeus e os Cristãos” (fol. 50-78).
- *A Verdadeira Religião Aprovada pelos testemunhos da Escritura*, 1727; ms em 8.<sup>o</sup> (Cod. 4629).<sup>29</sup> Ver autor em 3.1; 7.1 e 8.

**António Soares Barbosa**, Pe. CO (1734-1801). Era natural de Ancião. Foi um dos quatro principais professores de Filosofia da Universidade de Coimbra, após o decreto de expulsão dos Jesuítas de Portugal (Inocêncio I, p. 274-275; VIII, p. 311). Traduziu:

- *Compêndio de história do Antigo e Novo Testamento com as razões com que se prova a verdade da nossa Religião, traduzido da língua francesa para instrução da Mocidade Portuguesa*, Lisboa, Oficina de Manuel António, 1772; o autor deve ser Fleury; 128, 48 p.; em 8.<sup>o</sup> (CBAP, n.º 230; A Tradução em Portugal, 1190);

<sup>28</sup> Não tem o texto bíblico à letra, mas sim uma paráfrase do mesmo.

<sup>29</sup> Neste mesmo códice encontra-se ainda uma relação de Bíblias em latim e hebraico da Universidade de Coimbra, com as seguintes datas: 1742, 1740, 1720, 1776, 1705, 1753, 1712, 1750, 1781, 1728, 1767 (Cod. 4629). No Códice 4586, encontramos o seguinte: “Notícias extraídas da História Eclesiástica para uso do Dr. António Ribeiro”; “Dos Deuses da Antiga Lusitânia” (fol. 98-123v); “Promulgação do Evangelho na Lusitânia” (fol. 125-145); Da Antiga Geografia Eclesiástica da Lusitânia e da Galiza - Ano de 1773” (fol. 153-187); “Compêndio da Antiga Geografia eclesiástica das Espanhas, principalmente da Lusitânia e da Galiza” (fol. 191-217v).

— *Nova edição correcta*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1830 (A Tradução em Portugal, 4180).

— *Nova edição correcta*, Lisboa, Imprensa Régia, 1830; p. 1-148 (AT); p. 149-178 (NT); segue-se em Suplemento: *Razões com que se prova a Verdade da Religião Cristã* (p. 179-203); 15 cm (BNP, H.G. 1093 P.; BPNM, 2-82-2-28).<sup>30</sup>

- *Resumo dos Provérbios de Salomão para moral e instrução da mocidade*, Lisboa, Imprensa Régia, 1829; insiste muito no estudo da Sagrada Escritura no tempo da mocidade; 27 p.; 15x10 cm (BPNM, 2-82-2-28/2). Ver o autor nos cap. 9; 10.2 e 15.

**António Teixeira de Magalhães** (ca. 1760-1831). Nasceu em Braga ou arredores. Recebeu as Ordens Menores, mas abandonou a carreira eclesiástica. Foi professor de língua grega em Braga e no Porto, por carta régia de D. Maria I. Por isso, aparece oficialmente como “Professor Régio de Língua Grega na Cidade do Porto” (Inocência I, p. 280; VIII, p. 312-313). Escreveu

- *História da vida e morte de Jezu Christo Nosso Senhor [manuscrito]. Extrahida dos Santos Evangelhos por Antonio Teixeira de mag.ez, Professor Régio de Lingoa grega na cidade do Porto*, 1793; XI fol., 371 p., enc.; 23 cm (BNP, Cod. 1418). Trata-se de um ms de finais do séc. XVIII, que contém uma Vida de Cristo “humilde e devota”.<sup>31</sup>

Estava na posse de um impressor de Lisboa, que o ofereceu à Biblioteca da Corte (atual BNP). Talvez não tenha sido impresso devido à fama que a Bíblia de Figueiredo, entretanto saída (1778-1781), tenha mudado a opinião do autor e do impressor. O autor não se limita a apresentar o texto evangélico, mas tece também considerações espirituais sobre o mesmo, além de anotações históricas sobre factos que acha relevantes. Também não esquece os Santos Padres e os ditos dos santos. Ver o autor em 11.1.

<sup>30</sup> Alguns títulos dos capítulos da obra: Primeira Idade; Segunda Idade: Começa no fim do Dilúvio e acaba na vocação d’Abraão: durou 426 anos; Terceira Idade: Principia na vocação d’Abraão e acaba quando o Povo Judeo sahio do Egypto: durou 430 annos; Quarta Idade: começa na sahida do Povo de Israel do Egypto, e acaba na fundação do Templo de Salomão: comprehende 479 annos; Quinta Idade: começa na fundação do Templo, e se acaba no fim do Captiveiro dos Judeos em Babylonia: durou 476; Reino de Judá; Reino de Israel; Costumes dos Israelitas; Sexta Idade: começou no fim do Captiveiro dos Judeos em Babylonia, e liberdade dada por Ciro rei da Pérsia, e acabou quando Jesu Christo nasceo. Comprehende 532 annos; Compêndio da História Sagrada do Novo Testamento.

<sup>31</sup> É assim que Isabel Vilares Cepeda a qualifica em *A Vida de Cristo de um autor dos finais do séc. XVIII*, em Jesus Cristo, o Eterno no Tempo, Edições Didaskalia, Lisboa, 1997, p. 241-248.

**Augusto Pereira de Moura** (?-?). Escreveu:

- *Resumo da Bíblia ou Histórias Santas. Seguido dos principais dogmas da religião cristã. Compilado... para uso das Escolas*, Coimbra, 1878; 190 p.; 14,5x8 cm (BPA, F.G. A-14026).

### **Congregação do Oratório**

- *Diálogo da História Sagrada: da criação do mundo até o fim do primeiro século cristão: para uso das escolas da Congregação do Oratório na real casa de N. Senhora das Necessidades*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, [18--]; 78 p.; 14 cm (BNP, H.G. 1873//1 V.).  
— Ib., Impressão Régia, 1813; 78 p.; 14 cm (BNP, H.G. 1873//2 V.).  
— Ib., mesmo impressor, 1829; em forma de perguntas e respostas; 76 p.; 15x10 cm (BNP, H.G. 1873//3 V.; BPNM, 2-82-2-28/3).  
— Ib., Tip. de José Baptista Morando, 1845; 76, 4 p.; 14 cm (BNP, H.G. 1873//4 V.).

**Domingos Vieira**, Frei, OESA (?-1854). Pensa-se que professou no convento da Graça, em Lisboa, onde exerceu vários cargos, e aí residia na época da supressão das Ordens religiosas em Portugal (Inocêncio II, p. 203). Traduziu:

- *História Abreviada da Religião antes da vinda de Jesus Christo...*, Lisboa, Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1843; autor: Homond; 2 vol.; 16x11 cm (BNP, R. 24690 P. - 24691 P.; BSEA).  
— Ib., Typ. de O. R. Ferreira & Comp., 1846 (BNP, H.G. 15677 P.). Ver o autor no cap. 15.

**Emílio Aquiles Monteverde** (1803-1881). Nasceu em Lisboa. Pertencia ao conselho de sua majestade. Foi oficial maior e secretário geral do ministério dos negócios estrangeiros.<sup>32</sup> Escreveu:

- *Mimo à infância, ou Manual de História Sagrada: para uso das crianças que frequentam as aulas, tanto em Portugal como no Brasil*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859; 256 p., 25 fol. de est., 25 fol. de est.; 17 cm (BNP, R. 11166 P.);  
— 2.<sup>a</sup> edição, ib., 1865 (10 500 ex.). Seguiram-se muitas outras edições, como por exemplo em 1877 (BJPII). Ver o autor nos cap. 9 e 15.

**Francisco de Jesus Maria Sarmiento**, Frei, OFM (1713-1790). Era natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia. Era igualmente grande conhecedor da língua latina, muito culto e exímio pregador.

<sup>32</sup> Inocêncio II, p. 226-227; IX, p. 169; Fortunato de Almeida III, p. 393.



Quando faleceu, em 1790, era Provincial da sua Ordem. É contemporâneo de Figueiredo (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocêncio II, p. 394s; IX, p. 309).

Entre 1777 e 1782, Francisco de Jesus Maria Sarmiento faz publicar a sua tradução parafraseada do Novo Testamento que intitulou de *História Evangélica* (vol. I-V) e *História Bíblica* (vol. VI-XI). A do Antigo Testamento saiu entre 1778 e 1787 com o título de *História Bíblica*. O seu texto, umas vezes é tradução do latim, outras, e geralmente, é parafraseado. Trata-se, pois, de uma tradução bíblica parafraseada. Este texto teve, pelo menos, duas edições: uma de Lisboa e outra do Porto. Não foi possível a consulta presencial de todos os volumes, porque as nossas bibliotecas não os têm ou estão em mau estado.

- *1.ª edição*: Lisboa (1777-1787)

Nesta edição, o texto em latim acompanha a tradução e explicações ou paráfrases, mas na reprodução de 1864-1869 foi tirado.<sup>33</sup> O latim é colocado em coluna paralela, ao lado do português, com um tipo de letra mais pequena.

O *Novo Testamento* tem 11 volumes com várias datas, entre 1777 e 1782. O Antigo tem 31, entre 1777 e 1787; foram editados em várias tipografias. Tem também um volume suplementar, com um *Tesouro Bíblico ou Dicionário histórico e etimológico dos nomes próprios*, perfazendo 43 volumes. Apresentamos os títulos completos:

## Novo Testamento

- T. 1: *História Evangélica, em que se refere segundo a Ordem Chronológica e Geográfica a Vida e Acções do Divino Salvador Jesus Christo Senhor Nosso, que promiscuamente se encerram no Sagrado texto Quatro Evangelistas donde foram traduzidas por...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1777; com licença da Real Mesa Censória; VII, 379 p.; 20x14 cm (BOCD; FacFil, R 23-E-3). Trata-se de uma concordância dos Evangelhos ou ainda uma *Concordia Evangelica*.
- T. 2: *História Evangélica, Apostólica, e Doutrinal, deduzida dos Livros Santos do Novo Testamento com frequentes Paráfrases, introduzidas no Texto, sobre algumas Notas Literaes em certos lugares mais diffíceis: Tudo Extrahido dos Antigos Padres, e modernos Expositores, para melhor, e mais fácil intelligência*

<sup>33</sup> Darlow, 7483 fala de uma provável “segunda impressão”, tendo conhecimento dos seguintes volumes: Tomo 11: 2 Sm; 203 p. 1792: “segunda impressão”; Tomo 12: 1 Reis, 236 p., 1792: “segunda impressão”; ver ainda Serafim Leite, *Dictionaire de Théologie Catholique*, tomo 12, “Portugal”, 1933; A Tradução em Portugal, 1281 e 1282.



*da Sagrada Escritura...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1777; com licença da Real Mesa Censória; 320 p.; 20x14 cm (DB).

Os tomos III, IV e V apresentam o mesmo título, pois o seu conteúdo é a continuação dos Evangelhos. Os restantes volumes do Novo Testamento apresentam o seguinte título:

— *História Bíblica, Apostólica, e Doutrinal, deduzida dos Livros Santos do Novo Testamento com frequentes Paráfrases, introduzidas no Texto, sobre algumas Notas Literaes em certos lugares mais diffíceis: Tudo Extrahido dos Antigos Padres, e modernos Expositores, para melhor, e mais fácil intelligência da Sagrada Escritura...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1778-1782 (DB; Darlow, 7483; FacFil, R46-D-14).

Enumeramos seguidamente o conteúdo dos tomos:

Tomo I: *Concordância Evangélica*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1777; VII, 379 p. (BOCD).

Tomo II: *Evangelho de Mateus*, ib., mesmo impressor e ano; 320 p. (DB).

Tomo III: *Evangelho de S. Marcos*, ib., mesmo impressor e ano; 146 p. (DB).

Tomo IV: *Evangelho de S. Lucas*, ib., mesmo impressor e ano; 276 p. (DB).

Tomo V: *Evangelho de S. João*, ib., mesmo impressor, 1778; 244 p. (DB).

Tomo VI: *Atos dos Apóstolos*, ib., mesmo impressor e ano; 301 p. (DB).<sup>34</sup>

Tomo VII: *Carta aos Romanos*, ib., mesmo impressor, 1779; 206 p. (DB).

Tomo VIII: *1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios*, ib., mesmo impressor, 1780; 271 p.

Tomo IX: *Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito; Filemon*, ib., mesmo impressor, 1782; 205 p. (DB).

Tomo X: *Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João; Judas*, ib., mesmo impressor e ano; 321 p. (DB).

Tomo XI: *Apocalipse*, ib., Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1782; XV, 209, 3 p. (DB).

## Antigo Testamento

- *História Bíblica e doutrina moral da religião catholica extrahida dos livros santos do Antigo Testamento com frequentes paráfrases e várias notas literais e reflexões morais para sua maior e mais proveitosa intelligência da Sagrada Escritura...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1778-1787; com licença da Real Mesa Censória; 20x14 cm (BNP, Bib. 575 P. e seguintes: faltam vários volumes; BL,

<sup>34</sup> Na SocBib, há uma edição com Lucas e João no mesmo volume.

3006.r.; Darlow, 7483; BSS, 213.D87.1-21; FacFil, R27-G-4 a 17; R23-G-1; R23-G-1-A; R23-G-2).

Enumeramos seguidamente os respetivos tomos:

Tomo I: *Génesis* 1-25, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1778; XXX, 257 p.;

Tomo II: *Génesis* 26-50, ib., mesmo impressor e ano; 243 p. (BOCD).

Tomo III: *Êxodo* 1-20, ib., mesmo impressor e ano; 192 p. (BOCD).

Tomo IV: *Êxodo* 21-40, ib., mesmo impressor, 1779; 170 p. (BOCD).

Tomo V: *Levítico*, 1778; 221 p.

Tomo VI: *Números*, 1779; 264 p.

Tomo VII: *Deuteronomio*, 1779; 234 p.

Tomo VIII: *Josué*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1779; 185 p. (BOCD).

Tomo IX: *Juízes e Rute*, 1780; 246 p.

Tomo X: *1 Samuel*, 1785; 260 p.

Tomo XI: *2 Samuel*, 1785 p. ?

Tomo XII: *1 Reis*, 1792, p. ?

Tomo XIII: *2 Reis*, 1792; 255 p.

Tomo XIV: *1 e 2 Crónicas*, 1738; 356 p.

Tomo XV: *1 e 2 Esdras e Neemias*, 1783; 150 p.

Tomo XVI: *Tobias, Judite e Ester*, data?; p. ?

Tomo XVII: *Job*, 1784; 8, 260 p.

Tomo XVIII: *Sl* 1-50; 1784; 8, 222 p.

Tomo XIX: *Sl* 51-100; 1784; 227 p.

Tomo XX: *Sl* 101-150; 1784; 225 p.

Tomo XXI: *Provérbios e Eclesiastes*; 1784; 324 p.

Tomo XXII: *Cânticos dos Cânticos e Sabedoria*; 1784; VIII, 278 p.

Tomo XXIII: *Eclesiástico*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Sciencias, 1784; XIV, 281 p. (DB).

Tomo XXIV: *Isaías*, 1784; XII, 388 p.

Tomo XXV: *Jeremias e Baruc*; 1785; 203 p.

Tomo XXVI: *Jeremias e Baruc*; VI, 193 p.

Tomo XXVII: *Ezequiel*; 1785; VI, 193 p.

Tomo XXVIII: *Ezequiel*; 1785; 179 p.

Tomo XXIX: *Daniel e Oseias*; 1785; XV, 248 p.

Tomo XXX: *Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias*; 1785; 269 p.

Tomo XXXI: *1 e 2 Macabeus*; 1785 e 1787; com um apêndice da *Oração de Manassés e 3 e 4 Esdras*; XIII, 319, 243 p.<sup>35</sup>

Tomo sem número (Suplementar): *Tesouro Bíblico ou Dicionário histórico e etimológico dos nomes próprios...*, 1785; 298 p.

- 2.<sup>a</sup> edição: Porto, 1864-1869

Nesta edição, o Antigo Testamento tem 27 tomos em 5 volumes e o Novo, 11 tomos em 3 volumes. Tem também dois volumes inumerados: um contém a “Oração de Manassés” e o “Livro Terceiro e Quarto de Esdras”; o outro contém o “Tesouro Bíblico”. Perfaz, assim, 40 tomos em 8 volumes. Como já foi dito, nesta edição, tirou-se o latim. Passamos a apresentá-la:

### Antigo Testamento

Mantém o mesmo título da 1.<sup>a</sup> edição, acrescentando apenas:

- ...*Approvada e mandada rever pelo Exm<sup>o</sup> Bispo desta Diocese*, Porto, Typographia da Revista, 1864-1867, 22x13,5 cm (Darlow, 7535; BSS, 213.E69.1-15; FacFil, 22.07 SAR). Apresentamos aqui apenas os tomos.

Tomo I: *Gênesis*, Porto, Typ. da Revista, 1864; XXVIII, 368 p. (DB).

Tomo II: *Êxodo*, ib., mesmo impressor, 1864; 255 p. (DB).

Tomo III: *Levítico*, ib., mesmo impressor, 1865; 155 p. (DB).

Tomo IV: *Números*, ib., mesmo impressor e ano; 176 p. (DB).

Tomo V: *Deuteronomio*, ib., mesmo impressor e ano; 156 p. (DB).

Tomo VI: *Josué*, ib., mesmo impressor e ano; 133 p. (DB).

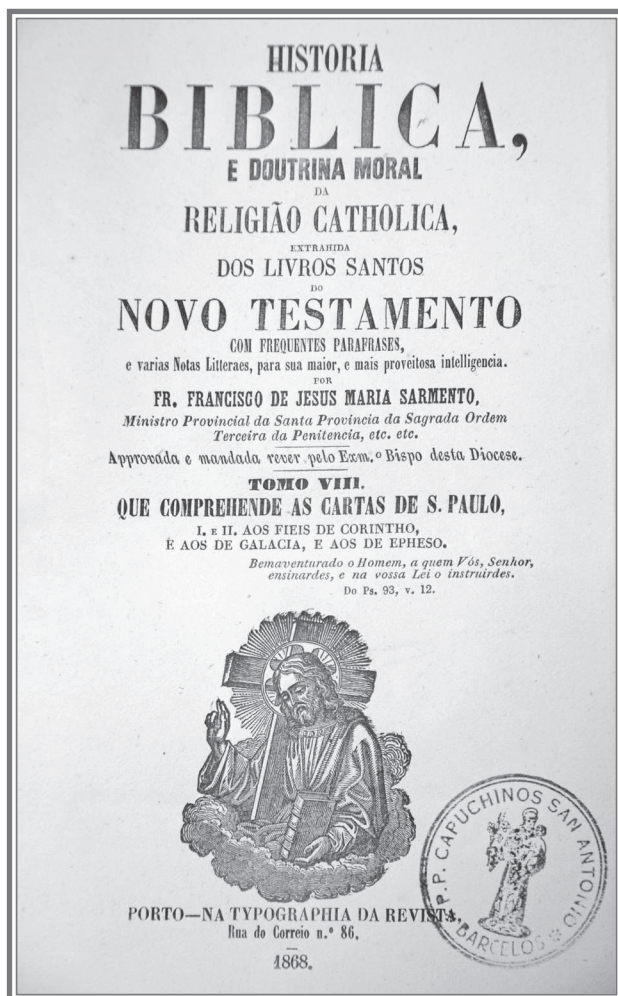
<sup>35</sup> A *Oração de Manassés* faz parte dos livros Dêutero-canônicos. A Oração propriamente dita é da autoria de um escritor grego cristão feita a partir da oração do rei Manassés, que se encontra em 2 Cr 33,12-13. Aqui apenas refere que ele orou ao Senhor, e o autor compôs esta oração, que se introduziu em alguns manuscritos da Bíblia Grega (LXX), mas não figura ordinariamente nos textos das Crônicas; isto porque foi colocada numa outra coleção chamada “Dos Hinos”. A Vulgata colocou-a em Apêndice e encontra-se também nas Constituições Apostólicas II, XXII, Mign, PG, t. I, col. 648s, e daqui é que passou para a Setenta; mas nunca foi aceite como texto canônico pela Igreja Católica; o título de 3 e 4 Esdras editado por Sarmento é o seguinte: Abraham ben Meir Ibn Ezra, 1092-1167; Sarmento, Francisco de Jesus Maria, 1713-1790 (editor), *Livro terceiro e quarto de Esdras sacerdote, e doutor da lei antiga: em que se refere a sagrada historia do livramento, e vinda do povo judaico do cativo de Babilônia, e da reedificação do santo templo de Jerusalem, e por ultimo, se expressão varias Doutrinas, Revelações, e profeticas figuras, para instrução do povo fiel: e ajunta-se primeiro a oração do rei Manasses que pertence ao livro segundo dos Reis; aonde se não transcreve, por se não achar no texto Hebreo. Mas anda inserta no corpo da sagrada Biblia (fora do numero dos livros canônicos) como também estes dous livros, terceiro, e quarto de Esdras*, Lisboa, Na Officina Morazziana, 1787; 8, 243 p.; 21 cm (FacFil, R23-E-2).

- Tomo VII: *Juízes* (p. 1-149) e *Rute* (p. 150-171), ib., mesmo impressor e ano (DB); tem ainda índice ou compêndio histórico do que tratam os cap. do livro dos Juízes (p. 173-177); índice de Rute (p. 179-180).
- Tomo VIII: *1 Samuel*, ib., mesmo impressor e ano; 175 p. (DB).
- Tomo IX: *2 Samuel*, ib., mesmo impressor e ano; 142 p. (DB).
- Tomo X: *1 Reis*, ib., mesmo impressor e ano; 172 p.
- Tomo XI: *2 Reis*, ib., mesmo impressor e ano; 187 p.
- Tomo XII: *1 e 2 Crônicas*, ib., mesmo impressor, 1866; 197 p.
- Tomo XIII: *Esdras e Neemias*, ib., mesmo impressor e ano; 85, 2 p. (DB).
- Tomo XIV: *Tobias* (p. 6-68), *Judite* (p. 69-120) e *Ester* (p. 121-183), ib., mesmo impressor, 1866 (DB).
- Tomo XV: *Job*, ib., mesmo impressor e ano; 144 p. (DB).
- Tomo XVI: *Livro dos Salmos* (Sl 1-50), ib., mesmo impressor e ano; 184 p. (DB).
- Tomo XVII: *Livro dos Salmos* (Sl 51-100), ib., mesmo impressor e ano; 182 p. (DB).
- Tomo XVIII: *Livro dos Salmos* (Sl 101-150), ib., mesmo impressor e ano; 175 p. (DB).
- Tomo XIX: *Provérbios e Eclesiastes*, 1866; 206 p.
- Tomo XX: *Cântico dos Cânticos e Sabedoria*, 1866; 160 p.
- Tomo XXI: *Eclesiástico*, 1866; 151 p.
- Tomo XXII: *Isaías*, ib., mesmo impressor, 1867; 214 p. (DB).
- Tomo XXIII: *Profecias de Jeremias, Lamentações e Baruch*, ib., mesmo impressor e ano; 255 p. (DB).
- Tomo XXIV: *Profecias de Ezequiel*, ib., mesmo impressor e ano; 192 p. (DB).
- Tomo XXV: *Daniel*, ib., mesmo impressor e ano; 114 p. (DB).
- Tomo XXVI: *Os doze profetas Menores*, ib., mesmo impressor e ano; 234 p. (DB).
- Tomo XXVII: *1 e 2 Macabeus*, ib., mesmo impressor e ano; 170 p. (DB).

## Novo Testamento

Mantém os mesmos títulos da 1.<sup>a</sup> edição, mas acrescentando também:

- ...*Approvada e mandada rever pelo Exm<sup>o</sup> Bispo desta Diocese*, Porto, Typographia da Revista, 1867-1869 (FacFil, 226.1.02: 6 vol.).
  - Tomo I: *Concordância Evangélica*, Porto, Typ. da Revista, 1867; 223 p. (DB).
  - Tomo II: *Evangelho de Mateus*, ib., mesmo impressor, 1868; 228 p. (DB).
  - Tomo III: *Evangelho de Marcos*, ib., mesmo impressor e ano; 100 p. (DB).



Tomo IV: *Evangelho de Lucas*, ib., mesmo impressor e ano; 191 p. (DB).

Tomo V: *Evangelho de João*, ib., mesmo impressor e ano; 174 p. (DB).

Tomo VI: *Actos dos Apóstolos*, ib., mesmo impressor e ano; 210 p.

Tomo VII: *Romanos*, ib., mesmo impressor e ano; 152 p.

Tomo VIII: *1 Cor - Efésios*, ib., mesmo impressor e ano; 1868 p. (DB).

Tomo IX: *Fil-Film*, ib., mesmo impressor e ano; 148 p.

Tomo X: *Hebreus-Judas*, ib., mesmo impressor, 1869; 234 p.

Tomo XI: *Apocalipse*, ib., mesmo impressor e ano; 164 p.

Tomo sem número (Suplementar): *Oração de Manassés e Livro Terceiro e Quarto de Esdras*, ib., mesmo impressor e ano; 112 p. (DB).

Tomo sem número (Suplementar): *Thesouro Bíblico*, ib., mesmo impressor e ano; 236 p. (DB).

### História Bíblica Abreviada (1787-1788)

Trata-se de um resumo da *História Bíblica* de Francisco Sarmiento editada em Lisboa.

- *História Bíblica Abbreviada, ou Compêndio Doutrinal e Instructivo de tudo o que se trata nos Veneráveis Livros da Sagrada Escritura...*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Sciencias, 1787-1788; 8 vol.; 20,5x14,5 cm (BNP, Bib. 850 P. - Bib. 857 P.; BAJUDA, 1-II-17 a 23).

### Antigo Testamento

Tomo I: *Gênesis e Êxodo*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Sciencias, 1787; 240 p., incluindo índices dos capítulos (Bib. 850 P.)

Tomo II: *Levítico, Números, Deuteronomio, Josué, Juizes, Rute e 1 Reis*, ib., mesmo impressor e ano; 271 p.; sem índice (Bib. 851 P.).

Tomo III: *2, 3 e 4 Reis, 1 e 2 Paralipómenos / Crônicas*, ib., mesmo impressor e ano; 262 p., incluindo índices dos capítulos (Bib. 852 P.).

Tomo IV: *1 e 2 Esdras, Tobias, Judite e Ester*, ib., mesmo impressor e ano; 219 p., incluindo índices dos capítulos (Bib. 853 P.).<sup>36</sup>

- *Index Bíblico do Antigo e Novo Testamento, que traduzirão em linguagem portugueza o R. P. M. Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento e o R. P. António Pereira de Figueiredo. Obra que pode servir de último tomo a qualquer das duas traduções*, Porto, Oficina de Viúva Mallen, Filhos e Companhia, Impressores da Relação, 1797; 2 col. sem filete; notas de rodapé; com licença de Sua Majestade; 144 p.; 21,5x15,5 cm (BPMP, Y3-1-128; BPB, R. 1112 V.; BNRJ, 147, 4, 22; BPARPD, Conv.8225 Res; BCAP, n.º 1075). Sobre esta obra ver 24.3.6.

### Outras obras

- *Flos Sanctorum ou santuário doutrinal que comprehende o extracto e relação dos mystérios e festas, e das vidas e obras dos principaes santos...*, Lisboa, Oficina de António Gomes, 1789; 768 p.; 29x20 cm (BPH); ib., Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1794-1818; 2 vol.; 30 cm (BNP, H.G. 1423 V. - 1424 V.; BJPII, 235.3 SAR: tomo 1; BME, JHT1984); esta obra foi a que lhe deu mais notoriedade.
- *3.ª edição*, Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciências, 1859; 531 p.; 2 vol.; 31x22 cm (BPH: t. II).

<sup>36</sup> Na BNP, existem todos os volumes, mas, pelo seu muito mau estado de conservação, não foi possível a consulta presencial dos vol. V-VIII, o que nos impediu de os descrever.



- Margão (Índia), Typ. do Ultramar, 1867; 101 p.; 28 cm (BNP, H.G. 1422//2 V.).
- *Flos Sanctorum abreviado, ou compêndio das vidas dos sanctos, de especial veneração na igreja de Deus: para se elegerem por advogados, e protectores em qualquer dia do anno. Com várias reflexões, doutrinas moraes e espirituaes, exercícios para se imitarem as suas virtudes: e juntamente algumas devoções em beneficio das almas do purgatório*, Lisboa, 1773; ib., 1780 (Fortunato de Almeida III, 405);
- 3.<sup>a</sup> edição, ib., Typ. da Academia Real das Sciencias, 1852; vol. 1: 181 p.; 13,5x7,5 cm (CBAP, n.º 1965: vol. 2; BSEA: vol. 1).
- *História geral da Igreja Christã, desde o seu nascimento até ao fim do mundo, e seu último estado triunfante, e glorioso no Ceo: extrahida principalmente do Apocalypse de S. João Evangelista, e confirmada por várias predicções dos santos profetas do Antigo Testamento; segundo o que até agora se tem escripto, e explicado melhor a este respeito*, Lisboa, Officina da Acad. Real das Sciencias, 1786-1787; 4 vol.; 14 cm (BNP, H.G. 579 P. - 582 P.; FacFil, R21-G-1, 2 e 3.
- Porto, Typografia da Revista, 1869-1870; 2 t.: 287 e 240 p.; 23x13,5 cm (BNP, H.G. 1792 V.; BSME; FacFil, 27 (022)).
- *Sermão gratulatório na soleníssima açã de graças que consagrou à Divina Magestade a Venerável Ordem Terceira do Convento... pela milagrosa preservação da preciosíssima vida del Rey D. José I*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1759; 48 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6805//11 V.).
- *Sermam panegyrico da Milagrosa Imagen do Sto Christo Crucificado... na parochial igreja de S. Miguel a Cidade de Lisboa...*, Lisboa, Oficina de José da Silva da Natividade, 1742; 53, 2 p. : il.; 20 cm (BNP, R. 9607//3 P.).
- *Thesouro Bíblico ou Diccionario Histórico e Etymológico dos Nomes Próprios dos Povos, Províncias, e Cidades com as suas respectivas interpretações...: Obra utilíssima para a melhor Intelligência do Antigo e Novo Testamento assim mesmo para a Lição da História da Santa Igreja...*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1785; 298 p.; 2 col.; 21x15 cm (BNP, Bib. 821 P.).
- Ib., Impressão Imperial e Real, 1826; 298 p.; 23 cm (BNP, H.G. 539 V.).
- Porto, Typ. da Revista, 1869; 236 p.; 23 cm (BNP, R. 11581 V.).<sup>37</sup>
- *Formulário de Orações, e Devoções com algumas Instrucções prévias para diversos Exercícios de Piedade*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1785; 262, 2 p.; 15 cm (BNP, R. 7481//2 P.).

<sup>37</sup> Serafim Leite, *Dictionaire de Théologie Catholique*, tomo 12, 1933, col. 2627.

- Ib., Régia Oficina Typ., 1803 (BNP, R. 1620 P.).
- Ib., Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1813; 295 p.; 13 cm (CBAP, n.º 1966).
- Ib., mesmo impressor, 1821.
- Ib., Imprensa Régia, 1824; 296 p.: il.; 14 cm (BNP, R. 36293 P.).
- *Horas preciosas, empregadas na lição e meditação dos venerandos mistérios da paixão e morte do Nosso Redemptor Jesus Christo...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1783; 21, 350 p.; 17 cm (BNP, R. 27925 P.; BJPII, 232 SAR).
- *Horas Marianas, ou Officio Menor da Ss. Virgem Maria Nossa Senhora: Instituído, Reformado, e Aprovado pela Santa Igreja, e exposto no idioma portuguez*, Lisboa, Oficina Simão Thadeu Ferreira, 1720. A obra apresenta todo o ritual da Semana Santa, com reflexões, orações, etc.
  - 2.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1775; 389 p.; 15 cm (BNP, R. 29301 P.); ib., 1776.
  - Ib., mesmo impressor, 1781 (BPNM, 2-71-9-28).
  - Ib., Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1785; 24, 310, 2 p.; 15 cm (BNP, R. 7481//1 P.).
  - Ib., mesmo impressor, 1820.
  - 19.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1796; 295, 5 p.: il.; 14 cm (BNP, R. 33569 P.).
  - 20.<sup>a</sup> impressão, ib., 1798.
  - 22.<sup>a</sup> impressão, ib., Oficina Typográfica, 1803; 13 cm (BNP, R. 27174 P.).
  - Ib., Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1813; 310 p.; 13 cm (CBAP, n.º 1967).
  - 30.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1820 (BNP, R. 28397 P.).
  - 31.<sup>a</sup> impressão, ib., Imprensa Régia, 1824; 24, 310 p.: il.; 14 cm (BNP, R. 36294 P.).
  - 32.<sup>a</sup> impressão, ib., 1836; teve outras edições posteriormente (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- *Horas anuais para os principais mistérios de Jesus Cristo e de Maria Santíssima*, Lisboa, 1776.
- *Horas da Semana Santa, empregados na Lição e Meditação dos Principais Officios e Sagrados Mistérios dêste Santo Tempo*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1775 (BNP, R. 26135 P.).



- 2.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1776; 463 p.; 15 cm (BNP, R. 29299 P.).
- Ib., mesmo impressor, 1786; 570, 6 p.: il.; 14 cm (BNP, Res. 3046 P.).
- 9.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1793 (BNP, Res. 6660 P.).
- 11.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1799; 584 p.; 13 cm (BNP, R. 33571 P.; A Tradução em Portugal, 2190).
- 13.<sup>a</sup> impressão, ib., Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1804; 548, 3 p.
- 15.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1814; 584 p.: il.; 14x7 cm (BNP, R. 28842 P.; BSME; A Tradução em Portugal, 3136); ib., 1818.
- Nova edição, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1843; 14x7,5 cm (DB).
- *Ofício Pequeno da Santíssima Virgem Maria*, Porto, Tip. de Manuel L. de Saura Ferreira, 1885; 228 p.; 10 cm (BNP, R. 29023 P.).
- *Obséquio aos Santíssimos Corações de Jesus e de Maria...*, Lisboa, Impressão de J. B. Morando, 1822; 68 p.; 14 cm (BNP, R. 29771 P.).
- *Directório sacro das eclesiásticas cerimónias da benção e procissão das candeias, da solene imposição das cinzas, da benção e procissão dos ramos, e de todos os ofícios da Semana Santa até Terça feira da Páscoa inclusivé... Extraído, e abreviado do Directório Eclesiástico de Fr. Veríssimo dos Mártires...* [Música Impressa]: E de outros Rubricistas Modernos, com todo o canto-chão, que nos mesmos dias se deve praticar..., Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1772; 6, 350 p.; principalmente música; 20 cm (BNP, M.P. 152 P.; Inocêncio II, p. 395).
- *Segunda impressão*, ib., mesmo impressor, 1794; 6, 354 p.; principalmente mus.; 20 cm (BNP, C.I.C. 34 P.).

Inocêncio dá o seguinte título e as seguintes impressões da obra:

- *Directório fúnebre e reformado, para as cerimónias e cantochão do officio de defunctos, enterro, e procissão das almas; modo para se officiar e administrar com perfeição o sacrosancto viatico aos enfermos. Obra utilíssima para os parochos, regentes de coro, e mais eclesiásticos, etc.*, Lisboa, Regia Oficina Typográfica, 1773; ib., 1774; ib., 1776; Quinta impressão, ib., Oficina de Simão Tadeu, 1797. Há também 6.<sup>a</sup> edição cuja data diz não ter presente (II, p. 395; Fortunato de Almeida III, p. 393).

Encontrámos ainda as seguintes edições com título um pouco diferente:

- *Director fúnebre reformado para se officiar, e administrar com perfeição o Sacrosanto Viático... e outras funções pertencentes aos mortos: com o próprio canto, que nellas se deve observar, segundo o Ritual Romano de Paulo V, decretos apostólicos... que compoz Fr. Veríssimo dos Martyres*, Lisboa, Régia Ofi-

- cina Typográfica, 1775; 3.<sup>a</sup> impressão... por Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento; 4, 279 p.; 20 cm (BNP, Res. 6717 P.; FacFil, R66-B-12; BPH).
- 6.<sup>a</sup> *impressão correcta e acrescentada por Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento*, Lisboa, Oficina Patriarcal de João Procópio Correa da Silva, 1799; 336 p.; 20 cm (BNP, R. 22784 P.; FacFil, R67-C-15).
- 7.<sup>a</sup> *impressão correcta e acrescentada...*, ib., Impressão Régia, 1817; 338 p.; il., not. mus.; 20 cm (BSEA; BJPII, 264-15 VER).
- *Apocalipse de Esdras: ecos nas letras e na arte portuguesas*, Tradução de Frei Francisco de Jesus Maria Sarmento, com introdução e notas de Manuel J. Gandra, Mafra, 1994; 87 p.; 22x14 cm (BNP, R. 18321 V.).<sup>38</sup>
  - *Os Santos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo*, 1904. Apenas tem os Atos dos Apóstolos com a paráfrase de Frei Francisco Maria Sarmento de 1778.
  - *Meditações sobre a Paixão de Christo*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1782; 16, 22, 350 p.; 15x10 cm (BSEA).
  - *Obras da Quaresma, empregadas na meditação dos mistérios deste tempo*, s. d., s. l. (BSEA).
  - *Sermões panegíricos e morais*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1758-; 21 cm (BNP, TR. 1847 P.; FacFil, R16-B-6; R16-B-6-A; R16-B-6-B; R17-F-6).
  - *Missal Festivo com as missas dos domingos e dias santos traduzidas...*, Coimbra, Oficina de Joseph da Costa, 1758.  
— Lisboa, 1787; ib., Oficina Simão Tadeu, 1807; 508 p.; 13x7 cm (BSEA).
  - *Espírito de Doutrina do Glorioso S. Francisco de Sales... Recopilado de vários escriptos... do venerável João Pedro Camus... Extraída e abreviada por Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento...*, Lisboa, Oficina Morazziana, 1786; 399 p.; 15x9,5 cm (BPH).
  - *Horas da Quaresma empregadas na lição, e meditação dos principais officios, fes-*

<sup>38</sup> Este livro é apócrifo, isto é, nunca foi considerado como inspirado ou canónico. É de carácter apocalíptico, isto é, fala dos últimos acontecimentos da vida humana sobre a terra, mediante revelações pouco credíveis feitas por um anjo ou pelo arrebatamento aos céus, mediante a contemplação da *Mercabah* ou *Carro de Deus*, também presente nas “visões” iniciais do profeta Ezequiel. Teve bastante influência nalguns géneros de literatura e de arte, mesmo no Sapateiro de Trancoso, e em certa literatura do Quinto Império. Uma das muitas obras, que se serviu deste livro: António de Mariz Faria, *Esdras explicado sobre o 5.º Império, em verso heróico latino, dedicada à Magestade de El Rey D. João V por mãos do Excelentíssimo Marquês de Abrantes* (ms); em verso; na perspectiva político-messiânica do Padre António Vieira. Em todas estas interpretações parece claro que o divino desce até aos humanos, e estes adquirem capacidades especiais para a ascensão ao mundo do Além.

*tas... deste santo tempo...*, Lisboa, Régia oficina Typográfica, 1775; 288 p.; 15 cm (BNP, R. 28139 P.).

- *Horas da Quaresma com a tradução e explicação das missas, mistérios e festas principais desde o domingo da Septuagésima até o quinto da Quaresma*, Lisboa, 1775. — Ib., 1787 (Fortunato de Almeida III, p. 393).
- *Manual eclesiástico para todo o fiel católico praticar com proveitoso fruto os santos exercícios de piedade, que de modo ordinário se fazem no templo*, Lisboa, 1777 (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- *Condutor fiel no caminho da verdade, para o feliz termo duma morte santa*, Lisboa, 1785; ib., 1824 (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- *Explicação e orações para ganhar o jubileu do ano Santo*, Lisboa, 1750; ib., 1775 (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- *Jubileu da Porciúncula com várias ilustrações e orações devotas*, Lisboa, 1776 (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- *Cartilha doutrinal ou Compêndio da doutrina e principais verdades da nossa Santa Fé Católica*, Lisboa, 1780. Seguiram-se, pelo menos, quatro edições (Fortunato de Almeida III, p. 395).
- *Devoção das almas do Purgatório*, Lisboa, 1759.
- *Obséquio devotíssimo à soberana Mãe de Deus, Maria Virgem Senhora Nossa em o solene octavário...*, Lisboa, José da Costa, 1748; música no texto (BGUC; Pericão, Bibliografia, p. 412).

**Francisco Xavier de Santana**, Frei, OFM (18--). Escreveu:

- *História do Antigo Testamento, extrahida da Sagrada Escritura*, Lisboa, Impresão Régia, 1833 (BAJUDA, 1-II-25). Ver o autor em 11.1 e 19.

**J. C. Fernandes Pinheiro**, cónego (?-?). Foi autor de:

- *História Sagrada illustrada para o uso da infância, seguida de um appendice...*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1879; 6.<sup>a</sup> edição; 315 p.; em 18.<sup>o</sup> (BNRJ, 70 c, 2, 2).

**Jaime de Magalhães Lima** (1859-1936). Referência ao autor em Inocência XVIII, p. 20, como colaborador literário da publicação *Anathema*. Traduziu:

- *O Ensino de Jesus: uma exposição simples*, Lisboa, A Editora, 1909; autor: Leão Tolstoi (1828-1910); 102 p.; 19x13 cm (BNP, R. 3716 V.). Trata-se de uma pequena História de Jesus.
- *Jesus Christo*, Porto, Livr. Intern. de Ernesto Chardron, 1894-1895; autor:

Henri Didon, OP (1840-1900); 3 vol.: 1.º, 252 p.; 2.º, 402 p.; 3.º, 329 p.; 20x12 cm (BNP, H.G. 16732 P. - 16734 P.; BSEA; BSME).<sup>39</sup>

**João Crisóstomo da Veiga**, Pe. (1796-18??). Presbítero secular, natural do lugar de Telhados, bispado de Aveiro (Inocêncio III, p. 350). Foi autor de:

- *História universal: sagrada, profana, política e eclesiástica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1854-57; 2 vol.; 21 cm (BNP, H.G. 1102 P. - 1103 P.; CBAP, n.º 2207).

— Tomo 1: *Contém a História Sagrada do Velho Testamento...*, 1854; 453, XXVI, XV, 3 p.

— Tomo 2: *Contém a História de Portugal...*, 1857; 582 p. Ver o autor em 10.2.

**João Félix Pereira** (1822-1891). Era natural de Lisboa. Foi médico-cirurgião. Homem de saber enciclopédico deixou vasta obra literária dos mais variados assuntos (Inocêncio III, p. 368; X, p. 241-245). Da presente temática, escreveu:

- *Epítome da História Sagrada...*, Lisboa, Typ. José da Costa, 1859; 108 p.; 17 cm (BNP, L. 3630//3 P.).

— 2.ª edição, Lisboa, Imprensa da Bibliotheca Univ., 1878; 56 p.; 16 cm (BNP, H.G. 15044//4 P.).

— Com o título: *Compêndio de História Sagrada, para uso das aulas de instrução primária*, 4.ª edição, Lisboa, 1863, 185 p.; 15x10,5 cm (BNP, H.G. 10479//1 P.; SocBib). Ver o autor em 4.1; 15 e 17.

**João Tedeschi** (1811-1856). Era natural de Lisboa. Depois de ter estudado numa escola de comércio e na academia da marinha, fundou um colégio na Junqueira, onde gozou de bom crédito e teve grande número de discípulos (Inocêncio X, p. 366). Escreveu:

- *Apontamentos geraes da História do Antigo e Novo Testamento e História Eclesiástica*, Lisboa, Imprensa Silviana, 1849; 70 p.; 16 cm (BNP, H.G. 4077//3 P.).

**Joaquim Alberto de Azevedo / Joaquim da Encarnação**, Frei, OSA (1724-1798). Nasceu em Barcelos. Foi abade reservatário da igreja de S. João Batista de Sedavim. Era muito versado nas línguas bíblicas e perito em História e Liturgia.<sup>40</sup> Escreveu:

<sup>39</sup> O vol. I desta obra percorre toda a vida de Jesus Cristo desde a Galileia até à sua vida apostólica, assim como o percurso de João Batista e a sua ação, tudo situado no contexto daquele tempo.

<sup>40</sup> Breve resumo da vida do autor e sua obra, em CASTRO, Eduardo-Felipe Fernandes de, *Notas para um "Índice" de Escriturários Portugueses*, em Biblos 4, 1928, p. 630; Inocêncio IV, p. 68 e 76.

- *Compêndio da Sagrada Bíblia*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1788; 48 p.; 21 cm (BNP, Bib. 1115//2 P.).  
— Em latim: *Sacrae Bibliae Compendium à D. Joachimo de Azevedo ecclesiae de Sedavim abbate in lucem editum*, Lisboa, Philippi á Silva e Azevedo, 1788; 36, 3 p.; 21x14,5 cm (BNP, Bib. 1115//1 P.).
- *Novena do Natal*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1788; 45 p.; em 8.º (Pericão, Bibliografia, p. 403).
- *Explicação da oração do Senhor copiada dos SS. Padres...*, Coimbra, Oficina da Academia Litúrgica, 1763; 8, 328 p.; 16 cm (BNP, H.G. 15195//3 P.).

Traduziu do latim e ampliou com aditamentos:

- *Vida do admirável Padre S. Theotónio, cônego regular, e primeiro Prior do Real mosteiro de S. Cruz de Coimbra...*, Coimbra, Typ. da Academia Litúrgica, 1764; 18, 2, 226, 2 p.; 16 cm (BNP, H.G. 15195//1 P.; A Tradução em Português, 1057).
- *In Sacram Historiam Veteris et Novi Testamenti Exercitationes*, Coimbra, 1806; 2 vol.; 20x14 cm (BNP, H.G. 515 V. - 516 V.; BAJUDA, 1-III-11 e 12; BSEA).<sup>41</sup>
- *Pantheon Sacro, templo de Deus vivo. Festas do Senhor, da Virgem Maria, e dos Sanctos para todo o anno. Mostra os Sanctos de todos os estados, edades e condições, protectores, advogados para conseguir quanto podemos desejar nesta vida, e na eternidade*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1790-1793; é uma espécie de Flos Sanctorum não muito vulgar; 4 tomos, cada um compreende três meses: com 697, 875, 750 e 675 p., respetivamente; 21 cm (BNP, H.G. 3232 P. - 3235 P.).
- Traduziu: *Instruções da pregação da Palavra de Deus, dadas aos pregadores*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1763; autor: S. Carlos Borromeo; 24, 566, 2 p.; 15 cm (BJPII, GOER-Ke 350).
- *Método prático e instrução para bem se confessar e comungar que expoz no concílio Romano aos confessores de meninos o S. P. Benedicto XII...*, Coimbra, Oficina da Academia Litúrgica, 1764; 8, 103 p.; 16 cm (BNP, H.G. 15195//4 P.; Pernambuco, p. 417).
- *Pro Vulgata Sacrorum bibliorum latina editione contra Sixtinum Amama Liber Apologeticus...*, Lisboa, Typ. Régia, 1792 (BNP, R. 2810 A.; BME, FA169; BAJUDA, 1-VIII-12).<sup>42</sup>

<sup>41</sup> Pelas pesquisas efetuadas sobre Joaquim de Azevedo e Joaquim da Encarnação, notámos alguma confusão de nomes e obras, quer na Biblioteca Nacional, quer em Inocêncio. Optámos por respeitar as informações da Biblioteca Nacional, quanto à autoria das obras.

<sup>42</sup> Nesta obra ataca os religiosos reformados e sobretudo “Sixtinus quidam Amama Frisius in audacissima quidam iniquissimaque censura contra Vulgata latinam versionem edita” (ver

**Joaquim Lopes Carreira de Melo** (1816-1885). Era natural da Mealhada. Com vasta obra literária (Inocência IV, p. 115-123); mas apenas a seguinte interessa ao nosso tema:

- *Resumo da História Sagrada antiga e da Igreja christã para as escolas de instrução primária*, Lisboa, Typ. de Castro & Irmão, 1855; 204 p.; 16 cm (BNP, H.G. 4078 P.). Ver o autor no cap. 15.

**José de Sousa Albuquerque** (1857-1933). Foi autor de:

- *História Sagrada: Velho Testamento*, Lisboa, José V. de Sousa, 1903; col. Biblioteca do Povo e das Escolas; 62 p.; 17 cm (BNP, R. 29788//2 P.; BMF, S1-E 11-P 1).

**José Inácio Roquete**, Frei, OFM (1801-1870). Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Frei José de Nossa Senhora do Cabo Roquete; foi lente de Sagrada Escritura no convento de Xabregas. Em 1833 esteve preso por suspeitas políticas, no ano seguinte retirou-se para Londres e depois para Paris. Aqui viveu muitos anos, regressado a Portugal em 1858, ficou a ser professor no Seminário patriarcal de Lisboa.<sup>43</sup> Foi autor de:

- *História Sagrada do Antigo e Novo Testamento: Enriquecida com notas e reflexões Moraes para Instrução e Santificação dos Fiéis*, Paris, J.-P. Aillaud, 1850; 2 t. (BNP, H.G. 20599 P. - 20600 P.; BCapP; BSME).
  - 2.<sup>a</sup> edição, ib., V.<sup>a</sup> de J.-P. Aillaud, Monlon e C.<sup>a</sup>, 1856; 18 cm (BNP, Bib. 772 P.).
  - 4.<sup>a</sup> edição, Paris, J.-P. Aillaud, 1863; 2 vol.; 18x11 cm (BNP, H.G. 711 P.-712 P.; BGUC, Abraveia 9-(1)-5-7-18; BSME: t. 1).
  - 5.<sup>a</sup> edição, Paris, s. d. (BGUC, 9-67-20-28: vol. I).
  - 6.<sup>a</sup> edição mais correcta e augmentada, Paris, Guillard Aillaud, 1880; 2 t.: 468 e 519 p.; 18x11 cm (BSME; BCapP: t. I).
  - 7.<sup>a</sup> edição mais correcta e augmentada, Paris, Guillard Aillaud, 1886; 3 vol.; 17,5x11 cm (BSEA; BPH: t. 1, 519 p.).
  - 8.<sup>a</sup> edição mais correcta e augmentada, Paris e Lisboa, Guillard Aillaud, 1892; 2 vol.; 19 cm (BNP: vol. I).
  - 9.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1896; 2 tomos num volume: 468 e 519 p.; 17,5x11 cm (BSME).
- *Novas Horas Marianas ou Officio Menor da Ss. Virgem Maria Nossa Senhora:*

---

Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 257).

<sup>43</sup> Sobre o autor, ver Inocência IV, p. 373-377; XIII, p. 15; Fortunato de Almeida III, p. 393.

- Novamente Traduzido e Devocionário mui completo de Orações e Exercícios de Piedade*, Paris, 1854; 19, 15, 672 p.; 14x9 cm (BNP, R. 37440 P.; BOCD).
- *Novíssima edição*, Paris e Lisboa, Aillaud & C.<sup>ia</sup>, 1908; XIX, 12, 845 p., 2 fol. est.; il.; 12 cm (BGUC, 9-(2)-1-50-25).
- *Horas Marianas pequenas para uso da mocidade contendo exercícios quotidianos, orações para a missa...*, Paris, 1854, seguido de outras edições (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- Traduziu: *Epitome Historiae Sacrae Ad Usus Tironum Linguae Latinae; Nova edição enriquecida de notas em portuguez e d'um Vocabulário*, Paris, Va. J.-P. Aillaud, Monlon e Ca, 1856; autor: Charles-François Lhomond; 8, 180 p.; 14 cm (BNP, H.G. 4082//2 P.).
  - *Tesouro da Mocidade Portuguesa ou a Moral em Acção...*, Paris, Edição J. P. Aillaud, 1846; 3.<sup>a</sup> edição; 322 p. (Esc. Sup. Educ. Lisboa, R-Rel-Roq); Paris, V.<sup>a</sup> J.-P. Aillaud Monlon, 1857; 300 p.; 18 cm (BNP, L. 103480 P.).
    - 6.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1860; 300 p.; il.; 18 cm (BNP, L. 32119 P.).
    - 7.<sup>a</sup> edição, ib., J. P. Aillaud: Typ. A. Parent, 1865; 300 p.; 18 cm (BNP, S.A. 12304 P.); Paris, 1875 (BNP, R. 24075 P.).
  - *Livro de ouro dos Meninos*, Paris, V.<sup>a</sup> J.-P. Aillaud, 1867; 7, 288 p.; 16 cm (BNP, S.A. 13533 P.).
  - *Livro de ouro dos Meninos para servir de introdução ao tesouro da adolescência e da juventude*, Paris, V.<sup>a</sup> J.-P. Aillaud, Guillard, 1864; 20 cm (BNP, L. 592 P.); ib., mesmo impressor, 1867; 988, 4 p.; 16 cm (BJP II, 244 ROQ).
  - *Thesouro de Meninas: Ou Lições d'uma Mãe a sua Filha, á cerca dos Bons Costumes e da Religião*, Paris, V.<sup>a</sup> J.-P. Aillaud, Monlon e Ca..., 1855; 440 p.; 18 cm (BNP, S.A. 2288 P.).
  - *Manual da Semana Santa, para assistir aos Offícios que celebra a Santa Igreja nas Horas Matutinas dos Veneráveis, e Principaes dias de Domingo de Ramos, Quarta Feira de Trévas, Quinta Feira Santa e Sexta Feira de Paixão*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1790; 286 p.; 12 cm (BNP); ib., Imprensa Régia, 1817; 264 p.; 14 cm (BNP, R. 36292 P.).
    - Outro título: *Manual dos Offícios da Semana Santa*, Paris, Livr. Portugueza de J. P. Aillaud, 1847; novamente traduzidos em português por J. I. Roquete; 12, 631 p., 2 fol.; 15 cm (BNP, R. 9246 P.).
    - *Novamente traduzidos em portuguez...*, ib., V.<sup>a</sup> J.-P. Aillaud, Monlon e C.<sup>a</sup>, livreiros, 1855; encadernação de luxo e folha dourada; XV, 558 p.; 12,5x8 cm (coleção particular).
    - Lisboa, Aillaud Alves, [1915?]; 16, 574 p.; 13 cm (BJP II, SARD-0559).



- *Manual da Missa e da Confissão*, Paris, J. P. Aillaud, 1837; 720 p.; 12x7,5 cm (BNP, R. 27381 P.; DB).
  - *Nova edição consideravelmente aumentada...*, Paris, 1853; em 32.º.
  - Ib., J.-P. Aillaud, Guillard e Ca, 1877; XVI, 724 p.; il., estampas; 13 cm (BJPII).
- *Manual pequeno da Missa e da Confissão*, Paris, J. P. Aillaud, 1853; em 32.º; resumo do anterior.
- *Manual abreviado da Missa e da Confissão*, Paris, 1853; 2.ª edição; Inocêncio presume que a 1.ª edição foi de 1846.
- Traduziu: *Imitação de Christo, Tradução Nova acompanhada de piedosas reflexões no fim dos capítulos e precedida de orações para assistir ao Santo Sacrifício da Missa*, Paris, Typ. Aillaud Guillard, Filial de Lisboa [18--]; autor: Tomás Kempis; 509 p.; 12x8 cm (BNP, R. 26283 P.).<sup>44</sup>
  - Ib., V.ª J. P. Aillaud, 1862; 12 cm (BNP, R. 27397 P.).
- *Exercício da via sacra e outras orações novas para todas as sextas-feiras da Quaresma*, Paris, 1847 (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- Traduziu: *Visitas ao Santíssimo Sacramento... postas em linguagem, aumentadas com mui devotas meditações*, Paris, 1853; autor: Sto. Afonso de Ligório (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- *Homilias e sermões parochiaes para todas as domingos do anno*, Paris, Typ. V. Goupy et Cie, 1865; 2 vol.; 18 cm (BNP, R. 24159 P. - 24160 P.; BCapB: t. 1, 440 p.).
  - Paris, V.ª J. P. Aillaud Guillard, 1865; 18 cm (BNP, TR. 3893 P.; BSEA).
  - Ib., Typ. Paulo Dupont, 1877; 18 cm (BNP, R. 24161 P.).
  - Ib., V.ª J. P. Aillaud Guillard, 1877; 2 t.: 437 e 391 p.; 18x11,5 cm (BPH).<sup>45</sup>
  - Porto, 1901 (Fortunato de Almeida III, p. 398).
- *Manual de Eloquência Sagrada: Para uso dos Seminários e dos Ecclesiásticos que começam a exercer o Ministério do Púlpito*, Paris, J. P. Aillaud, 1857; XI, 418 p.; 20x11,5 cm (BNP, L. 1989 P.; BSEA; BSME).
  - Ib., mesmo impressor, 1878; 14, 424 p.; 17x11 cm (BNP, R. 25965 P.; BSEA).

<sup>44</sup> Contém “Prólogo”, p. I-XIV; “Método de Assistir ao Santo Sacrifício da Missa”, p. XV-XXXII. Segue-se o texto, p. 1-509; as p. 487-496 têm um índice; da p. 497-501 tem leituras para determinado tipo de pessoas ou de devoções.

<sup>45</sup> Nesta biblioteca encontram-se os dois tomos: o 1.º é de 1865; o 2.º de 1877.



- *Sermão da Bula da Santa Cruzada pregado na Igreja de São Pedro de Alcântara...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1861; 30 p.; 20x13,5 cm (BNP, H.G. 29518//3 P.; BSEA).
- *Sermões em honra de Nossa Senhora e panegíricos dos Santos e das Santas*, Paris, Tip. de Pillet fils Ainé, 1872; 608 p.; 18x15 cm (BSEA).  
— Porto, 1901; 2 vol. (Fortunato de Almeida III, p. 398).
- Traduziu: *Deus é o amor puríssimo; minha oração e contemplação: por Eckartshausen. Edição do doutor Moura, revista...*, Paris, 1853; em 32.º gr.  
Traduziu a decisão do Conselho de Espanha, a propósito da *Tentativa Teológica* do Pe. António Pereira de Figueiredo, com o seguinte título:
- *Consulta do Supremo Conselho de Castella sobre a “Tentativa Theologica” do Padre António de Figueiredo trad. em portuguez por Fr. J. D. N. S. D. C. R.* [Frei José de Nossa Senhora do Cabo Roquete], Coimbra, Real Impressão da Universidade, 1832; 171 p.; 20 cm (BNP, R. 30889 P.). Ver os cap. 24 e 25.

**José Máximo Lopes da Silva Rebelo** (?-?). Foi autor de:

- *Lições de História Sagrada e Eclesiástica no ano lectivo 1847-1848*, Coimbra, Litografia dos dois amigos; manuscrito de 354 p.; 21x14 cm (BSEA).

**José Rodrigues da Costa** (séc. XVIII). Escreveu:

- *Narrações bíblicas para uso das escolas católicas, compostas segundo a Bíblia de Businger-Walter...*, Suíça, Ed. e Imprensa da Santa Sé, Benziger & Co., 1806; 106 p. (BSEA).  
— Ib., mesmo impressor, 1896; 106 p.; 16x11 cm (BSEA).

**José Vitorino de Sousa Albuquerque** (1843-1916). Era natural de Viseu. Foi médico-cirurgião formado pela escola do Porto, onde defendeu tese em 1867 (Inocêncio XIII, p. 240). Inocêncio não refere a obra que aqui apresentamos:

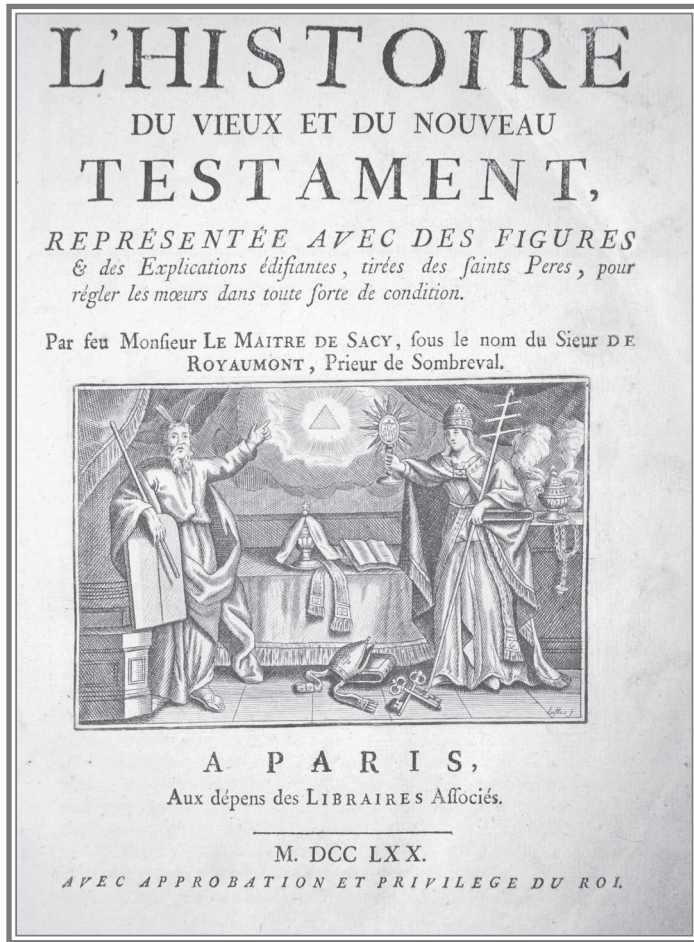
- *História Sagrada: Velho Testamento*, Lisboa, A Editora, 1903; 62 p.; 17 cm (BPMP, V5-2-1C). Encadernado com outros.

**Luís Correia Júnior** (?-?). Escreveu:

- *Pequeno resumo de História Sagrada para uso da infância*; séc. XIX (Belinquete, História do Ensino, p. 374).

**Luís Paulino da Silva e Azevedo**, OMC (1690-1755). Era natural do Porto e pertenceu à Ordem Militar de Cristo. Veio a estudar jurisprudência na Universidade de Coimbra. Perito na língua francesa, da qual traduziu, sobre o original de Monsieur de Royaumont [pseud. de Nicolas Fontaine], a obra seguinte:

- *História Sagrada do Velho, e Novo Testamento com explicações, e Doutrinas*



*dos Santos Padres para reformação e os costumes em todos os estados, e pessoas: Composta na lingoa Francesa por... Royaumont Prior de Sombrevail traduzida na portugueza, e offerecida a Elrei Nosso Senhor Dom João V, Lisboa, Oficina de Francisco da Silva, 1742; 18, 744 p.; 29 cm (BNP, R. 6665 A.; BPNM, 2-1-10-2).*

— *ib.*, mesmo impressor, 1745; 24, 744 p.; 29x20 cm (BNP, R. 6661 A.; BNRJ, 148, 6, 17; SocBib).

— *ib.*, Oficina de António Vicente da Silva, 1758; em 4.º (BNRJ, 126, 7, 32).

— *ib.*, mesmo impressor, 1769; 10, 503 p.; 22 cm (BNP, H.G. 531 V.; BNRJ, 147, 4, 23; SMS; A Tradução em Portugal, 1140).

- ib., José da Silva Nazareth, 1770; 20, 452 p.; 14 cm (BPB, HG 01590 A.; SMS; CMVIS, 313; BPNM, 2-1-1-14).
- ib., Oficina de Manuel António, 1772; 2 vol.; em 8.º (BNRJ, 147, 1, 29-30; SMS; DB: 2.ª parte).
- Porto, Oficina de Vicente Pedro de Lacerda, 1776; 2 vol.; em 8.º (BNRJ, 147, 1, 26-27).
- Lisboa, Oficina de José de Aquino Bulhoens, 1781; 537 p.; 21 cm (BNP, H.G. 532 V.; R. 28543//9 P.; BPB, IM 01816; A Tradução em Portugal, 1384).<sup>46</sup>
- ib., [s.n.], 1786; 2 vol.; 16 cm (BNP, H.G. 1136 P. - 1137 P.; A Tradução em Portugal, 1615).
- ib., Oficina José de Aquino Bulhões e João António da Silva, 1791; 2 vol.; 15 cm (CBAP, n.º 1886; BPNM, 2-1-1-11/12).
- Coimbra, Real Impr. Universidade, 1792; 2 vol.; 17 cm (BNP, H.G. 1022 P. - 1023 P.; SMS; BPNM, 2-1-1-15; A Tradução em Portugal, 1952).
- ib., mesmo impressor, 1809; 16 cm (BNP, H.G. 1141 P.; BNRJ, 172, 3, 37; A Tradução em Portugal, 2906).
- Lisboa, Tip. Rollandina, 1817; 2 vol.: 467 e 253, 10 p.; 15 cm (BNP, H.G. 1138 P.; A Tradução em Portugal, 3362).
- ib., Typ. Lacerdina, 1819; 2 vol. (BNP, H.G. 4080 P. - 4081 P.; BSME).
- ib., [s.n.], 1830; 2 vol.; 14 cm (BNP, H.G. 1139 P. - 1140 P.; BPNM, 2-1-15-21/22; A Tradução em Portugal, 4192).<sup>47</sup>
- *Visões de Daniel e o Apocalipse de S. João, extraído da História Sagrada do Velho*

<sup>46</sup> Curiosamente, o exemplar da BNP, R. 28543//9 P. pertenceu a uma religiosa do convento de Santo Alberto em Lisboa: “Este livro é de Joana Angélica e Rita de Jesus Maria”, como afirma Fernanda Maria Guedes de Campos, em *Vidas exemplares Femininas nas Leituras do Convento de Santo Alberto, Lisboa (século XVIII)*, em Vozes da Vida Religiosa Feminina - Experiências, Textualidades e Silêncios (séculos XV-XXI), CEHR, Universidade Católica, Lisboa, 2015, p. 113.

<sup>47</sup> Autor: Nicolas Fontaine, sob o pseudónimo “Mr. de Royaumeont, prior de Sombrevall”; fez esta obra enquanto esteve na prisão de Bastilha, onde foi ajudado por Issac-Louis Le Maistre de Sacy; título original da obra: *L'Histoire du Vieux et du Nouveau Testament, représentée avec des figures & des Explications édifiantes, tirées des SS. PP. pour régler les mœurs dans toute sorte des conditions. Dédiée à Monseigneur le Dauphin par le Sieur de Royaumeont, Prieur de Sombrevall*, Paris, chez Pierre le Petit, 1670; em 4.º gr. (BNRJ, 147, 7, 24); ib., Jean Villette, 1735 (BNRJ, 148, 6, 16); ib., Viúva Delaguette, 1757 (...); *avec Approvatio et Privilège du Roi* (BEP, 8104-9-6; ib., 1770; 28,5x22 cm; 552 p. (DB); Vienne, Jean Thomas Trattner, 1762 (BAJUDA, 4-I-34); *Édition stéréotype*, Paris, Chez Mame, 1812; XI, 504 p.; 17 cm (CBAP, n.º 1887). Ver Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 263; Inocêncio V, p. 312; Barbosa III, p. 125; IV, p. 236 e 499.

*e do Novo Testamento*, Lisboa, Imprensa Imperial e Real, 1808; autor: Nicolas Fontaine (1625-1709); 16 p.; 21 cm (BNP, Bib. 532 V.; A Tradução em Português, 2842).

**Manuel Borges Carneiro** (1774-1833). Nasceu na vila de Resende, Lamego. Destinado a seguir a carreira das leis, matriculou-se na Universidade de Coimbra em 1791. Era juiz de fora em Viana do Alentejo quando se deu a primeira invasão francesa (Inocêncio V, p. 378; XVI, p. 144). Escreveu:

- *Resumo de alguns dos Livros Santos*, Lisboa, Impressão Régia, 1827; contém: Eclesiástico (p. 1-74); livro da Sapiência/Sabedoria (p. 75-95); livro dos Provérbios (p. 96-114); Eclesiastes (p. 115-124); Salmos (p. 125-212); 15x11 cm (BPNM, 2-82-2-27). Encadernado com dois anónimos:

— *Máximas tiradas da Sagrada Escritura* (16 p.).

— *Realidade da Creação do Mundo e do Dilúvio Universal descriptos por Moyses em o Génesis...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1827; 46 p.; mesmas medidas.

**Manuel de Sousa Barbosa** (ca. 1800). Escreveu:

- *Novo resumo da História Sagrada para uso da infância*, Lisboa, Livr. Catholica, 1880; 8, 272 p.; il.; 15 cm (BNP, H.G. 14750 P.).
- *3.<sup>a</sup> edição, mais correcta e augmentada*, ib., Tip. Universal, 1904; 302 p.; 14,5x10 cm (BSME).

**Manuel Dias de Sousa, Pe.** (ca. 1755-ca. 1822). Era natural de Santa Maria de Souto, concelho de Guimarães. Foi presbítero secular. Estudou Direito canónico na Universidade de Coimbra (Inocêncio V, p. 409). Escreveu:

- *História da criação do mundo segundo a Sagrada Escritura e a melhor doutrina dos sábios*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1804; 396, VIII p.; 16 cm (BNP, H.G. 529 P.; BPMP, D6-9-40).
- *2.<sup>a</sup> edição*, Lisboa, Impr. Régia, 1825; 400 p.; 19 cm (BNP, H.G. 530 P.).
- *Nova edição*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1857; XII, 2, 368 p.; 16 cm (BNP, H.G. 4079 P.). Ver o autor em 4.1; 10.7 e 15.

**Maria do Carmo Osório Cabral Pereira de Meneses** (1828-?). Nasceu na Quinta das Lágrimas em Coimbra (Inocêncio XVI, p. 353). Com intenção de vulgarizar as boas doutrinas do catolicismo e facilitar ao povo a leitura de um livro tão ortodoxo e singelamente escrito, traduziu e publicou, oferecendo à sua mãe, a seguinte obra:

- *História da Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo desde a Incarnação até à Ascen-*

*são... na qual se conservaram e distinguiram as palavras do texto sagrado, segundo a Vulgata... Edição augmentada com um resumo dos Actos dos Apóstolos, e uma tábua analytica das matérias...*, Coimbra, 1865; autor: Pe. François de Ligny (BNP, TR. 4586 P.).

**Sebastião José Ribeiro de Sá** (1822-1865). Nasceu em Lisboa. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real... (Inocêncio VII, p. 217; XIX, p. 186). Traduziu:

- *Bíblia da Mocidade. História do Antigo e Novo Testamento...*, Lisboa, José Rodrigues, 1864; 311 p.; 14x10 cm (DB); autor: Abade Martinho de Noirliu; “Obra aprovada pelo Conselho Geral de Instrução Pública – Para uso das escolas”; obra catequética com perguntas e respostas.
- *História resumida do Antigo e Novo Testamento*, 1861 (Belinquete, em Ensino da Doutrina Cristã, p. 374).

**Tomé Rodrigues de Almeida Cabral** (séc. XIX). Foi coordenador de:

- *Compêndio da História Sagrada do Antigo e Novo Testamento para uso das escolas*, Lisboa, Impr. de Francisco Xavier de Souza, 1851; IX, 141, 2 p.; 16 cm (BNP, H.G. 4077//4 P.).

#### **Autores anónimos**

- *História Universa Veteris ac Novi Testamenti in compendium redacta. Appendices quedam S. Scripturas Studiosis máxime utiles*, Lisboa, Tip. Simão Tadeu Ferreira, 1788; 557 p.; 13x8 cm (BSEA).
- *Pequena História Sagrada da Infância com algumas noções da História Ecclesiástica*, Rio de Janeiro, Typ. do Apóstolo, 1874; 72 p.; em 8.º peq. (BNRJ, 43, 1, 39).
- *História Sagrada tirada do Velho e Novo Testamento, com explicação e doutrinas dos Santos Padres, para reformation dos costumes de todos os estados e pessoas* [S.l.: s.n., 18--]; 503 p.; 19,5x13,5 cm (BNP, R. 28732 P.: sem folha de rosto; BPH); é um resumo da Bíblia comentada de Génesis a Apocalipse. No fim tem a suma da cronologia sagrada (p. 485-503).
- *Brevíssimo Resumo da História Sagrada, do Antigo e Novo Testamento, ordenado para uso dos alumnos do asylo da infância desvalida de Coimbra*, Coimbra, Impr. da Universidade, 1853; VI, 2, 79 p.; 21 cm BNP, H.G. 4075//1 P.).
- *Tratado de Geographia, Chronologia e História sagrada, profana e de Portugal: offerecido aos bons estudantes portugueses por três anónimos*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1847; 176 p.; 20 cm (BNP, H.G. 4097//1 P.).

- *História do Profeta e Santo Rei David: tirada fielmente da Bíblia Sagrada e dos Santos Padres*, Porto, Lelo & Irmão, 1891; 2 col.; 16 p.; 24 cm (BPMP).
- *História verdadeira do sagrado nascimento de N. S. Jesus Christo. Refere-se o edicto de Augusto César, e como por este motivo N. Senhora, e S. Joseph se foram para Belém...*, Lisboa, Oficina de Ignacio Nogueira Xisto, 1760; 8 p.; 20 cm (BNP, F. 3213; BGUC, Misc. 809).
- *Bíblia Sagrada ilustrada por Gustavo Doré*. Espécime. Séc. XIX, Lisboa, Carvalho & Pons. (BAJUDA, 125-II-47).

### Tradutores anónimos

- *Resumo da História do Antigo Testamento para uso da mocidade*; séc. XIX; autor: Cristóvão Schmid (Belinquete, História do Ensino, p. 375).
- *História do Antigo e Novo Testamento, e dos Judeos. Composta na língua francesa por D. Augustinho Calmet. Traduzida na portuguesa por D. (?) P. A. S. P. S.*, 1791; [manuscrito]; 3 fol., 339 p., 7 fol.; 21 cm (BNP, Cod. 9417).<sup>48</sup>

### Bibliografia

- BRULÉ, Eugénio, *L'Histoire du Nouveau Testament*, Paris, C. Borrani, 1873; 367 p.; 15x9,5 cm (BSEA; BSME).
- BUDDE, Johann Franz, *Historia Ecclesiastica Veteris Testamenti, ab orbe condito usque ad Christum Natum: Variis Observationibus Illustrata*, Halae Magdeburgicae, Impensis Orphanotrophi, 1729-1744; 2 vol.; 22 cm (BJPII, 221.09 BUD).
- CONCINA, Daniele, *Theologia Christiana Dogmatico-Moralis*, Romae, Venetiis, apud Simonem Occhi, 1773; Ed. novissima in decalogum; 10 t. em 6 vol. (BNP, VAR. 4639 - 4644; DB).<sup>49</sup>
- DURUY, Victor (1811-1894), *Petite Histoire Sainte Contenant l'Ancien et le Nouveau Testament*, 1874 (BJPII).

<sup>48</sup> Na ficha da BNP, pode ler-se: “Trata-se provavelmente do exemplar preparado para impressão. Carimbo da Real Mesa Censória em várias páginas ao longo do códice. Tradutor não identificado. Para a datação teve-se em conta a data da licença de impressão: ‘Imprimase, e volte a conferir: Meza 31 de Março 1791’ (último f. do códice), e também a data 10 de Março 1791, registada no verso do f. [1]. Contem: O ms. corresponde ao Tomo Segundo: contém os Livros Segundo e Terceiro, e Index dos respectivos capítulos”.

<sup>49</sup> O exemplar da DB é uma encadernação com Liber Tertius até Liber Decimus; 24x17,5 cm.



- , *Nouv. Éd.*, Paris, Hachette, 1876; 2, II, 237 p. (BNP, H.G. 19748 P.); *ib.*, mesmo impressor, 1879; 237, 2 p. (BNP).
- , *Histoire Sainte d'après la Bible*, Paris, Libr. Hachette, 1874; 7<sup>ème</sup> éd.; 4, VIII, 2, 456 p. (BNP, H.G. 4177 P.).
- IGREJA CATÓLICA, *Diatessaron: sive Integra historia Domini Nostri Jesu Christi graece, ex IV Evangelis inter se collatis ipisque evangelistarum verbis apte et ordinate dispositis confecta: Subjungitur Evangeliorum harmonia brevis*, Oxonii, Typographeo Clarendoniano, 1826; 7.<sup>a</sup> ed.; VII, 280 p.; 19 cm (BJP II).
- MORTIER, Pierre (1661-1711), *Histoire du Vieux et du Nouveau Testament: enrichie de plus de quatre cens figures...*, Amsterdam, chez Pierre Mortier, 1700; 2 vol. (BNP, Bib. 197 A. - 198 A.). Brunet diz que esta obra é conhecida como “Bible de Mortier”.
- PEREIRA, J., *Portugaises (versions) de la Bible*, em F. Vigouroux, Dictionnaire de la Bible, t. V, col. 563-569.
- SANTOS FERREIRA, *A Biblia em Portugal, Apontamentos para uma monografia, 1495-1850*, Lisboa, Typ. de Ferreira de Medeiros, 1906.
- VIGOUROUX, F., *Dictionnaire de la Bible, contenant les noms de personnes, de lieux, de plantes, d'animaux mentionnés dans les Saintes Écritures, les questions théologiques, archéologiques, scientifiques, critiques relatives à l'Ancien et au Nouveau Testament et des notices sur les commentateurs anciens et modernes... avec le concours de collaborateurs*, Paris, Letouzey et Ané ed., 1895-1908; 5 vol. (BNP, TR. 1869 V. - 1872 V.).
- , *Le Nouveau Testament et les Découvertes Archéologiques Modernes*, Paris, Berche et Tralin, 1890; VII, 438 p.; 20 cm (BJP II, 225 VIG).

## Conclusão

Os 59 autores e as respectivas obras, que apresentamos neste capítulo, deixam-nos uma certa desilusão, não pela quantidade, mas pela qualidade, já que não há aqui uma única tradução da Bíblia completa. Salvaram a situação Dom Frei Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré, com a tradução do *Novo Testamento*, e Frei Francisco de Jesus Maria Sarmento, com a sua monumental História Sagrada. Aliás, como se viu acima, este capítulo apresenta dois setores:

- a) Traduções e outras obras bíblicas, com 24 autores e 113 obras.
- b) Histórias Sagradas, com 35 autores e 319 obras. O total de obras deste capítulo, incluindo as reedições, atinge o número assinalável de 432. Ti-

vemos em conta sobretudo os autores portugueses, como é normal, numa obra como esta. O problema é que estes chamados “autores” são, de facto, simples tradutores de obras estrangeiras.



## Capítulo 4

### Outras obras bíblicas

No capítulo anterior colocámos as obras bíblicas que nos pareceram de maior valia. Neste, oferecemos à consideração do leitor aquelas obras que, apesar de não serem diretamente bíblicas, têm uma relação íntima com ela e não se integram nos outros capítulos deste volume. Por isso, este não é um capítulo essencialmente diferente do anterior, mas contém obras, a nosso ver, de menor valia bíblica. Isso não quer dizer que não sejam importantes. Apenas afirmamos que não são biblicamente muito relevantes. Aliás, avisámos desde o início que estes dois séculos não se caracterizam pela especialização em obras de grande conteúdo bíblico ou de traduções da Bíblia, a não ser a já referida do Pe. António Pereira de Figueiredo.<sup>1</sup> Este capítulo apresenta-se com os seguintes itens:

- 4.1. Autores e outras obras bíblicas
- 4.2. Vidas de Jesus
- 4.3. Contributo dos judeus
- 4.4. Revisões da Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida

#### 4.1. Autores e outras obras bíblicas

**Antero Tarquínio de Quental / Antero de Quental** (1842-1891). Era natural de S. Miguel (Açores). Deu início aos estudos na sua cidade natal, mudando-se para Coimbra aos 16 anos, onde estudou Direito e manifestou as primeiras ideias socialistas. Dedicou-se à poesia, à filosofia e à política (Inocência VIII, p. 70; XX, p. 160 e 345; XXII, p. 150). Deixou-nos:

- *A Bíblia da Humanidade*, Barcelos, Tip. Aurora de Carvalho, 1895; 38 p.; 16 cm (BNP, L. 25457//15 P.). Trata-se de uma obra apenas com ressonâncias bíblicas.<sup>2</sup> Ver o autor nos cap. 7.1; 7.3; 10.3.1 e 17.

<sup>1</sup> Vejam-se os cap. 24-26 deste volume.

<sup>2</sup> *A Bíblia da Humanidade* não é uma Bíblia e quase não fala sobre a Bíblia a não ser mediante vagas alusões ao Antigo Testamento e a Cristo que, aliás, é confundido com personagens salientes

**António Aires de Gouveia** / António Frutuoso Aires de Gouveia Osório, Dom (1828-1916). Era natural do Porto. Doutorou-se na Universidade de Coimbra, em Direito e Teologia, a 22 de junho de 1864. A sua ordenação sacerdotal ocorreu em Viseu no ano de 1869. Alcançou de Roma o título de arcebispo da Calcedónia. Grande e profundo orador, literato e um vulto distinto entre os intelectuais portugueses da sua época.<sup>3</sup> Traduziu:

- *Os chamamentos de Jesus*, Porto, Joaquim Ayres de Gouvêa Allen, 1934; autor: M. Reynés Montlaure; 133 p.; il.; 19 cm (BNP, R. 25529 P.). Ver o autor no cap. 14.

**António do Sacramento**, Frei, OFM (1711-1785). Nasceu em Vila Verde de Unhão (Guimarães). Era de família nobre. Professou no Porto em 1729 (Inocência I, p. 264). Escreveu:

- *Segredos da onnipotência divina manifestados ao mundo segundo a luz eterna comunicada pela Sagrada Escripura... ou succinta expressão em diálogo da occupação de Deus no seu ser infinito...* [manuscrito], Lisboa, 1770; 263 p., enc.; 21 cm (BNP, Cod. 11403). Ver o autor nos cap. 9; 22.1 e 22.3.

**António Moreira Belo** (ca. 1874). Era escritor público. Traduziu várias obras no âmbito da “biblioteca da juventude cristã” e outras.<sup>4</sup> Deixamos aqui estas:

- *Explicação Litteral e Moral das Epístolas e Evangelhos...*, Porto e Braga, Liv. Internacional de Ernesto e Eugénio Chardron, 1874-1876; autor: Pe. A. Guillois; 2.<sup>a</sup> edição; 2 tomos: 438 e 382 p.; 22x15 cm (BNP, R. 509//10 V.; BSEA; BPH; BSME; BSG: t. II; CBAP, n.º 1009).  
— 3.<sup>a</sup> edição, Porto, Editores Lugan de Genelioux, 1891; 2 tomos num volume; traduzido da 4.<sup>a</sup> edição francesa (BJPII, 264-041 GUI-BEL); outra edição do mesmo ano, lugar e impressor, encadernada em volumes separados (BJPII, 264-041 GUI-BEL).
- *Para onde vamos?*, Porto, 1871. Obra de carácter apocalíptico da autoria de Jean Joseph Gaume. Ver o autor nos cap. 4.2; 15 e 22.4.

---

de outras religiões, incluindo Maomé. Trata-se de uma amálgama de cristianismo, sincretismo, deísmo, e mesmo uma espécie de panteísmo, na medida em que Deus está em todas as coisas e em todas as pessoas e são estas que criam os seus deuses, depois de Deus as ter criado... Tudo isto, numa poesia que deixa o leitor sem saber o que pensava realmente Antero acerca de um Deus pessoal, afinal, o Deus da Bíblia, o Deus de judeus e cristãos.

<sup>3</sup> Sobre este autor, ver Fortunato de Almeida III, p. 399; Inocência VIII, p. 95; XX, p. 178; XXII, p. 536.

<sup>4</sup> JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em Lusitania Sacra 12, 2.<sup>a</sup> Série, 2000, p. 395.

**Braz José Rebelo Leite** (séc. XVIII). Nasceu em Lisboa, estudou latim, humanidades, retórica e mais tarde Filosofia. Ainda estudou Direito Pontifício na Universidade de Coimbra (Barbosa I, p. 546-547). Traduziu do italiano:

- *Diálogo Sagrado sobre o Génesis escrito pelo Doutor Paulo Medici Sacerdote e Leytor Publico de Theologia Positiva em Florença*, Lisboa, Oficina Domingos Gonçalves, 1739; 2 partes; 32, 400 p.; 20x14 cm (BPNM, 2- 2-4-15; BPH; CBAP, n.º 1343).<sup>5</sup>

**Camilo Castelo Branco** (1825-1890). Era natural de Lisboa, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica. Foi um dos grandes escritores portugueses: o 1.º em Portugal que conseguiu viver do que escrevia, sendo muito prolífero, o que afetou um pouco a qualidade das obras (Inocência II, p. 15; IX, p. 7; XVII, p. 55). De caráter bíblico, temos uma tradução em poesia:

- *Hossana* [Paráfrase dos sete Salmos Penitenciais], Porto, Typografia F. P. de Azevedo, 1852; 47 p.; 17 cm (BNP, L. 3714//23 P.; BL, 1606/615: [Psalms. Portuguese. Metrical Versions]).<sup>6</sup>
- *As sete dores de Maria Santíssima*, em “Duas Épocas da Vida”, 3.ª ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1906, p. 277-296. Contém: Profecia de Simeão; Fugida para o Egipto; Desaparecimento de Jesus no Templo; Maria encontra Jesus no caminho do suplício; A morte de Jesus; Jesus golpeado pela lança e descido da cruz; Jesus encerrado no sepulcro.
- *Preceitos de consciência*, ib., p. 151-257. Contém várias poesias, deixamos aqui alguns títulos:

*Amai a Deus;*  
*Lamentações de Jeremias;*  
*Quarta Feira de Cinza;*  
*Ao Imaculado Coração de Maria;*  
*S. João Baptista;*  
*Avé, Maria!;*  
*Oração à mãe de Deus, etc.*

- *Nas Trevas: Sonetos sentimentais e humorísticos*, [S.l. : s.n., 193-] (BNP, L. 28500 P.). Contém:  
*Coroa de Espinhos*, que inicia assim: “Das trevas de além-mundo o esposo amado...”, p. 31.

<sup>5</sup> Freitas de Carvalho, *La Bible au Portugal*, em BTT 7, p. 256 e nota 10; A Tradução em Portugal, 707.

<sup>6</sup> Em *Duas Épocas da Vida*, 3.ª ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1906, p. 261-276.

*Rachel*, inicia assim: “Libavas, borboleta, a flor da vida...”, p. 35.

*A maior dor humana*: soneto na morte quase simultânea de dois filhos únicos de Teófilo Braga, p. 25.

- *Horas de Paz: Escriptos Religiosos*, Porto, Tip. F. G. da Fonseca, 1865; 333 p.; 19x12 cm (BSEA; Palha 92);
  - 3.<sup>a</sup> edição, rev. e aumentada, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1903; 2 vol.; 19 cm (BNP, L. 11908 P. - 11909 P.);
  - 4.<sup>a</sup> edição, conforme a segunda, revista e emendada pelo auctor, ib., mesmo impressor, 1916 (BNP, L. 57029 P. - 57030 P.);
  - 5.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1926 (BNP, L. 30395 P. - 30396 P.).<sup>7</sup>
  - *Horas de Paz*, vol. I, cap. XXXVII: “Porque descreem?”; aqui defende o cristianismo contra as ideias opostas a este e, ainda, importadas do estrangeiro (p. 169-175).

E Camilo, esse pobre Camilo, que nunca soube encontrar o norte para a agulha magnética, no seu espírito irrequieto, não quis deixar de prestar homenagem à Bíblia, o Livro dos livros:

“São vergonhosas aquellas perguntas, se as fizermos com a mão sobre o Evangelho. Sabeis que livro é este? A vós mesmos, cristãos que o sois pela vossa vida, o perguntamos – lestes o livro de Deus, onde cada linha parece escrita perante nós pela mão visível de um anjo, que o Senhor nos envia, num instante de incerteza? Sabeis que esse monumento, com as suas bases no coração do homem, e o vértice no trono do Eterno, é ainda a voz do neto de Abraão que nos fala pela boca dos Seus discípulos? (*Horas de Paz*, ed. de 1926, vol. II, cap. XL, p. 194).

Cap. VI: As sete palavras de N. S. Jesus Christo. São as seguintes:

*Pai! Perdoa-lhes, que não sabem o que fazem!*

*Hoje serás comigo no paraíso.*

*Mulher! Aí tens o Teu filho.*

<sup>7</sup> Ficam aqui os títulos de alguns capítulos de *Horas de Paz*. 1.º vol.: I - O Padre (apreciação muito positiva e espiritualista); II - Assunção de Nossa Senhora (cita Ap. 12 e outros); III - A Festa da Razão (fala da época de terror e impiedade da Revolução Francesa e seus corifeus); VI - As Sete Palavras de N. S. Jesus Cristo; VII - O Poder Temporal dos Papas (defende-o contra os racionalistas e outros); VIII - Razão (ataca os racionalistas que confundem Cristo com Buda e Maomé); IX - Fé (faz comparações entre Fé e Razão, que devem iluminar-se mutuamente); XI - A casa de Oração e a Música profana (deve dar-se ao templo a devida dignidade); XIV - Coração de Maria (análise de um sermão); 2.º vol.: XXIV - Domingo (visão bíblica e cristã do descanso); XXVIII - Rainha do Céu na presença dos humildes da Terra (fala das aparições de La Salette a 19 de setembro de 1846 e do que se seguiu); XXXIV - Consequências da Irreligião.

*Aí tens a tua Mãe.*

*Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?*

*Pai! Em Tuas mãos entrego o meu espírito.*

*Tudo está consumado* (ib., p. 69-73). Ver o autor nos cap. 8; 10.2; 10.9 e 18.<sup>8</sup>

**Domingos Maximiano Torres** (1748-1810). Era natural de Sintra. Adquiriu o grau de bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1770 (Inocêncio II, p. 191; IX, p. 146). Escreveu:

- *Parafrase do Psalmo XII* [...] [manuscrito], 17--; fol. 60-63; 22x15 cm (BNP, Cod. 11232//23).
- *Parafrase do cântico da B. V. Maria* [manuscrito], 17--; fol. 64; 24x16,5 cm (BNP, Cod. 11232//24).
- *A Assumpção* [de Nossa Senhora], em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LXXXIV, p. 174. Ver o autor nos cap. 17 e 22.3.

**Fortunato de São Boaventura**, Dom Frei, OCist (1778?-1844). Era professor de Teologia na Universidade de Coimbra em 1810. Fugiu para Roma, depois de ser arcebispo de Évora, por defender os Jesuítas e ser adepto de D. Miguel (Inocêncio II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Editou:

- *Actos dos Apóstolos*, em Collecção de Inéditos Portugueses, t. I, 1829; p. 15-128; autores: Nicolau Vieira e Bernardo de Alcobaça (BL, 12231.g.1).<sup>9</sup>
- *O Domingo. Tratado histórico e moral resumido do que escreveu Albano Butler e posto em linguagem...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1813; 106 p.; 15 cm (BNP, R. 27017//5 P.; A Tradução em Portugal, 3088). Ver o autor nos cap. 6.1.2; 8; 9; 10.6; 10.7; 10.9; 10.10; 13.1; 15 e 22.5.

**Francisco de Pina e de Melo**, Pe. (1695-ca. 1775). Nasceu em Montemor-o-Velho. Estudou Filosofia e Cânones na Universidade de Coimbra. Pertenceu

<sup>8</sup> Para alguma bibliografia sobre Camilo, pode consultar-se: FREITAS, Sena, *Perfil de Camilo de Castelo Branco*, S. Paulo, Typographia King, 1887; 147 p.; 19 cm (BNP, H.G. 29825 P.); SIMÕES, Manuel, *Camilo, Apologista dos Jesuítas*, em Lusitania Sacra 5, 2.<sup>a</sup> Série, Lisboa, 1993, p. 299-318.

<sup>9</sup> Título completo: *Collecção de Inéditos Portugueses dos séc. XIV-XV, que ou forão compostos originalmente, ou traduzidos de várias linguas por monges cistercienses deste Reino. Ordenada e copiada fielmente dos manuscritos do mosteiro de Alcobaça por Fr. Fortunato de S. Boaventura, monge do próprio mosteiro*, Coimbra, Real imprensa da Universidade, 1829; 3 vol.: vol. 1: *Actos dos Apóstolos* (p. 15-128); *Catecismo da Doutrina cristã* (p. 129-168); seguem-se “Opúsculos de Frei João Claro” (p. 169-242); finalmente: *Fragmentos de uma versão antiga da “Regra de S. Bento”* (p. 243-291); vol. 2: *Histórias d’abreviado do Testamento Velho: Gn-2 Rs*; vol. 3: *Histórias d’abreviado do Testamento Velho: 3 Rs-2 Mac. e Adições tiradas de Flávio José*. Ver o que foi dito sobre esta edição no vol. II desta coletânea: *A Bíblia na Idade Média*, p. 332-351.

à Academia Real da História Portuguesa. Foi grande poeta e pregador (Barbosa II, p. 221-222; Inocêncio III, p. 33-35). Traduziu:

- *David e Absalão. Trad. parafrástica e comentário moral dos capítulos XIII e seguintes do 2.º livro dos Reis*, s. l., s. d. [1829]; 15 p.; em 4.º (A Tradução em Portugal, 4144). Ver o autor nos cap. 8 e 22.1.

**Francisco Fernandes de Guimarães Fonseca** (1838-?). Era natural de Guimarães. Foi bacharel em Direito na Universidade de Coimbra (Inocêncio IX, p. 288). Foi autor de:

- *O Cântico dos Cânticos: imitação*, Lisboa, Typ. da Gazeta de Portugal, 1865; 15 p.; em 8.º.
- *A virtude de dois anjos*, Coimbra, Imprensa Litteraria, 1864; 124 p.; 20x10,5 cm (BNP, L. 3380 P.)

Esta obra faz uma comparação entre o amor divino e o amor humano. Ver o autor no cap. 10.3.1.

**Francisco Ferreira Barreto, Pe.** (1790-1815). Nasceu na cidade de Recife, Pernambuco. Foi pároco colado na igreja matriz de São Frei Pedro Gonçalves do Recife (Inocêncio IX, p. 288-289). Escreveu:

- *A criação do homem e da mulher ou Adão e Eva*, Lisboa, Tip. de A. J. da Costa, 1842; 36 p.; 17 cm (BNP, L. 3446//1 P.).
- *Resposta à consulta de um amigo, relativa a uma passagem da Escripura Sagrada, que vem no officio da Conceição de Maria Santíssima*, Pernambuco, José dos Santos Torres - Typ. União, 1848; 9 p.
- *Obras Religiosas e Profanas do Vigário Francisco Ferreira Barreto*, Recife, Typographia Mercantil, 1874; vol. 1 (prosa, com 207 p. mais advertência) e o vol. 2 (verso, com 217 p.), encadernados juntos. Ver o autor no cap. 21.

**Francisco José Freire / Cândido Lusitano, pseud., Pe., CO** (1719-1773). Era natural de Lisboa. Este padre oratoriano inspirou o movimento estético-literário da Arcádia Lusitana (Barbosa II, p. 165-167; IV, p. 130.502). Traduziu do italiano a seguinte obra:

- *Reflexões ao Psalmo 50. Miserere mei Deus* (ms). Ver o autor nos cap. 10.2; 13.1; 14 e 17.

**Francisco Recreio, Pe.** (1800-1857). Foi presbítero secular, mas antes tinha sido oratoriano. Morreu vítima de febre amarela (Inocêncio III, p. 41-43). Segundo Inocêncio, é autor de:

- *Prefação aos leitores*. Foi o encarregado principal de fazer uma nova edição da Bíblia Sagrada conforme a versão de António Pereira de Figueiredo, pelos

editores da Livraria Popular, Silva & Sousa. Foi concluída no ano de 1857. Além do trabalho de revisão do texto e notas da mesma Bíblia, fez a *Prefação* da mesma: 11 p. (ver cap. 23: *Catálogo das Obras Bíblicas de Figueiredo*).

- Outra *Prefação aos leitores* precede a versão do Novo Testamento, contendo 45 p. no total. Ver o autor nos cap. 7.1 e 22.2.<sup>10</sup>

**João de Faro**, Dom Frei, OFM (1676-1741). Era natural da cidade que lhe deu o apelido. Ingressou na sua Ordem em 1694, onde exerceu alguns cargos com prudência e afabilidade. Foi nomeado bispo de Cabo Verde (Barbosa II, p. 655-656; IV, p. 504). Foi autor de:

- *In Cantica Canticorum* (desaparecido no naufrágio do autor).

**João Félix Pereira** (1822-1891). Era natural de Lisboa. Foi médico-cirurgião pela Escola de Lisboa; professor de História, Cronologia e Geografia no Liceu Nacional da mesma cidade. Homem de saber enciclopédico deixou vasta obra literária dos mais variados assuntos (Inocêncio III, p. 368; X, p. 241-245). Segundo Inocêncio, traduziu:

- *Tradução portuguesa e transcrição, em caracteres romanos, do original hebraico do primeiro livro do Pentateuco* (o Génesis). Ver o autor nos cap. 3.2; 15 e 17.

**João Joaquim Pinto**, Cónego (?-?). Foi bacharel em Teologia, deão da Sé do Funchal e vigário geral da diocese. Ainda foi professor de Ciências Eclesiásticas no Seminário diocesano da mesma cidade. Anotou:

- *Evangelho de Mateus*, Funchal, Typ. “Camões”, 1901; 217 p.; 20,5x15 cm (BSME).

**Joaquim de Santa Clara Brandão**, Dom, Frei, OSB (1740-1818). Era natural do Porto e foi monge no mosteiro de Tibães, onde se encontra uma pintura com o seu retrato. Foi também arcebispo de Évora (Inocêncio IV, p. 73 e 441; XII, p. 146). Escreveu:

- *In Gloriam Jesu Christi... Moralis Evangelicae: In Gratiam Matris Ecclesiae...*, Porto, Francisco Mendes Lima, 1767; 48 p.; 20 cm (BNP, R. 25025//9 P.).<sup>11</sup> Ver o autor nos cap. 6; 22.4.

<sup>10</sup> A primeira *Prefação aos leitores* encontra-se no vol. I (AT) da Bíblia de 1852-1857. Aqui, Francisco Recreio, que era um dos censores dessa Bíblia, advertia que essa edição se publicava com todo o cuidado, porque “a Propaganda Protestante fazendo-a sahir a seu modo de impuros, e refalsados prêlos, tem sinistramente introduzido em Portugal e seus domínios. – A fidelidade das Versões Bíblicas em todos os tempos foi reconhecida como valioso antidoto, justamente aplicado pelo Catholicismo, contra o veneno das inovações dos heterodoxos” (p. 11). A segunda encontra-se no vol. III (NT) da mesma Bíblia. As *Prefações* são muito diferentes uma da outra.

<sup>11</sup> Este monge beneditino foi um indefetível adepto das políticas pombalinas, pelo que foi mesmo

**Joaquim José da Costa e Sá** (ca. 1740-1803). Era natural de Lisboa. Foi aluno de gramática e língua latina do Pe. António Pereira de Figueiredo e, mais tarde, professor destas matérias com grande sucesso (Inocêncio IV, p. 97-102). Escreveu:

- *Versão das Epístolas e Evangelhos, que se recitam em todo o ano. Acompanhada de ilustrações*. Ficou manuscrito. Ver o autor nos cap. 11.1; 15 e 17.

**José Acúrsio das Neves** (1766-1834). Era natural do concelho de Pampilhosa da Serra. Enveredou pelo estudo do Direito, na Universidade de Coimbra, onde cursou Leis na respetiva Faculdade. Destacou-se como defensor acérrimo do miguelismo (Inocêncio IV, p. 181; p. XII, p. 196). Traduziu:

- *Paraphrase ao capítulo XIV do livro de Isaías*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1809; 18 p.; 20 cm (BNP, H.G. 14944//8 P.; A Tradução em Portugal, 2904).<sup>12</sup>

**José António da Conceição Vieira**, Pe. (1831-?). Nasceu em Alcoutim (Algarve). Foi presbítero secular, exercendo funções em várias paróquias algarvias e, mais tarde, também em Lisboa (Inocêncio XII, p. 224). Escreveu:

- *Divagações Bíblicas*, Lisboa, Typ. da Lotaria da Santa Casa da Misericórdia, 1900; 58 p.; 21x14 cm (BNP, R. 12761 V.; BSEA). Trata-se de um opúsculo com três temas fundamentais: as genealogias de Cristo nos Evangelhos de Mateus e Lucas; grau de parentesco entre a Virgem Maria e São José; acerca da Virgem Maria; com breve aditamento de vários assuntos. Ver o autor nos cap. 7.1 e 13.1.

**José Caetano de Mesquita e Quadros**, Pe. (1726-1799). Era natural da Figueira da Foz. Cursou Direito canónico na Universidade de Coimbra. Foi professor de Retórica e Lógica do Colégio Real dos Nobres (Inocêncio IV, p. 283-285). Traduziu:

- *História de Sancto Tobias, tirada da Sagrada Escritura para utilidade dos fiéis que a não podem ler no original*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1793; 10, 74 p.; 15 cm (BNP, H.G. 1833//2 V.; A Tradução em Portugal, 2015). Ver o autor nos cap. 9; 10.6; 14 e 15.

**José Caetano**, Frei, OSJ (1670-1746). Oriundo de Lisboa, estudou Filosofia, Teologia e Sagrada Escritura, vindo a ensinar com notoriedade na Universidade de Coimbra.<sup>13</sup> Deixou-nos:

---

repreendido pelo Papa (ver cap. 1.1.3).

<sup>12</sup> O autor coloca uma parte do versículo em latim, segundo a Vulgata, fazendo uma reflexão sobre cada um dos 32 versículos do capítulo, aplicando-a à história do seu tempo.

<sup>13</sup> Ver RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de*



- *De sapientia, et insipientia Salomonis paraenesis scholasticoexpositiva, in septemdecim capita distributa...*, Coimbra, Colégio Real das Artes, Soc. Jesu, 1741; em 4.º (BNRJ, 150, 5, 5).
- *Divini verbi Hierologia...* Pars secunda, Coimbra, Typ. Regali Artium Collegio Soc. Jesu, 1730; Pars quinta, ib., mesmo impressor, 1734 (BPNM, 2-4-8-17). Ver o autor no cap. 14.

**José de Beringel**, Frei, OFM (?-?). Era oriundo da vila que lhe deu o apelido (Alentejo). Recebeu o hábito em 1726. Foi lente de Teologia (Barbosa II, p. 832; IV, p. 201.504). Deixou composto:

- *Reflexiones Marianae in Canticum Canticorum* (ms).

**José de Mesquita Falcão** (?-1773). Inocêncio não nos fornece dados biográficos da autora (Inocêncio V, p. 73); indica a sua tradução de:

- *A Valeroza Judith ou Bethulia Libertada* [Libreto], Lisboa, Oficina de Caetano Ferreira da Costa, [1773]; autor: Pietro Metastasio; 51 p.; 16 cm (BNP, T.S.C. 193 P.; A Tradução em Portugal, 1193).
- Ib., Oficina Francisco Borges de Sousa, 1781 (A Tradução em Portugal, 1366).
- Ib., Oficina Caetano Ferreira da Costa, 1783 (A Tradução em Portugal, 1439).

**José Vitorino Pinto de Carvalho**, Pe. (1838-?). Era natural do concelho de Amarante. Foi ordenado sacerdote em 1861. Foi redator em várias publicações literárias e políticas (Inocêncio XIII, p. 382). Escreveu:

- *Jesus Cristo. Considerações familiares sobre a pessoa e vida e mistério de Cristo*, Lisboa, Tip. da Nação, 1864; 173 p.; 18,5x13 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 8.

**Leonor de Almeida Portugal e Lencastre** / Marquesa de Alorna / Alcipe, pseud. / Condessa de Oyenhausen (1750-1839). Foi uma poetisa portuguesa de origem nobre. Leonor teve uma infância atribulada, pois os seus avós maternos foram executados barbaramente e, aos 8 anos, foi encerrada como prisioneira, com a mãe e a irmã, no convento de São Félix em Chelas, Coimbra (1758-1777), estando o pai preso e encarcerado na Torre de Belém. Isto porque a sua família foi perseguida pelo Marquês de Pombal, por ter parentesco com os Távoras. As suas filhas interpretaram a obra que se segue como “ensejos inspirados só para mitigar as mágoas e trabalhos da sua vida”:

---

1640 a 1910, Coimbra, 1974; Barbosa II, p. 833-835.

- *Paraphrase dos cento e cinquenta Salmos que compõem o Psaltério, em várias espécies de ritmo seguida da paráfrase de vários cânticos bíblicos e hinos da igreja*, em Tomo VI de Obras poéticas de D. Leonor d'Almeida... conhecida entre os poetas portugueses pelo nome de Alcippe, Lisboa, 1844; com o retrato da autora. Seis volumes.

Parece que a paráfrase dos Salmos não fora feita sobre a Vulgata, diz o seu editor, Carlos Manuel Soyé, mas sobre a versão italiana do Pe. Saverio Matthei: *I Libri poetici della Bibbia*, Nápoles 1779-1780; 7 volumes. Este clérigo tinha sido preceptor nas cortes de Nápoles e de Viena, entre 1742 e 1795.

- Uma parte do Psaltério já fora publicada em vida da autora: *Paraphrase dos Psalmos em Vulgar, por Alcippe, Ou L. C. D'o. Hoje M. D'a*, [S.l., s.n.] [Lisboa, Imprensa da Rua dos Fanqueiros], 1833; 194 p.; em 8.º; edição parcial dos Salmos (BNP, F.G. 1240; A Tradução em Portugal, 4306; Providence College, USA).
- A outra parte saíra também anteriormente com o título: *Paraphrase a vários Psalmos*, Lisboa, 1817 (A Tradução em Portugal, 3356).
- Depois dos Salmos encontra-se também a tradução do *Cântico da Vitória de Moisés* [Ex 15].
- *Cântico de David* [Rs 2,23].
- *Cântico de Zacarias* [Lc 1,68-79] e hinos de Santo Ambrósio e Santo Agostinho.

- *Obras Poéticas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844; 6 vol.; 24 cm (BNP, L. 1151 A. - 1153 A.). Nesta obra encontra-se a *Parafrase a vários Salmos*, Lisboa, 1817 e 1833, que foi publicada ainda em vida da marquesa, como já se disse. A primeira (1817) foi feita na data da aclamação de D. João VI e a segunda (1833), aquando da vitória das tropas liberais. Ver a autora no cap. 8.<sup>14</sup>

**Manuel da Anunciação**, Frei, OP (1643-1690). Inocência desconhece a vida do autor (XVI, p. 110). Apenas nos dá conta da seguinte obra:

- *Anunciações Evangélicas, em vários assuntos divididos*, [Lisboa: s. n., 1745]; contém vinte e três anunciações; 4, 8, 492 p.; 20 cm (CBUA, RS/A-18-37V.1).
- Lisboa, Oficina Pinheirense da Música, 1746; 21 cm (BNP, TR. 3504 P.).

<sup>14</sup> Sobre esta obra poética da Marquesa de Alorna, ver ANASTÁCIO, Vanda, *Alcipe e os Salmos*, em *Via Spiritus* 12, 2005, p. 109-153. Aqui aparecem outros exercícios literários sobre os Salmos, da mesma época; ver ainda Inocência V, p. 177; XIII, p. 290.

**Manuel Dias de Sousa, Pe.** (1755-ca. 1822). Nasceu na freguesia de Sobradelo, Póvoa do Lanhoso. Era sacerdote diocesano (Inocêncio V, p. 409; XVI, p. 172). Como laborioso pastor evangélico, escreveu:

- *História da criação do mundo segundo a Sagrada Escritura e a melhor doutrina dos sábios*, Coimbra, Real Impr. da Universidade, 1804; 396, VIII p.; 16 cm (BNP, H.G. 529 P.).
  - 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Impr. Régia, 1825; 1500 ex.; 400 p.; 19 cm (BNP, H.G. 530 P.).
  - *Nova edição*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1857; XII, 2, 368 p.: il.; 16 cm (BNP, H.G. 4079 P.).
- “São Manuscriptos licenciados desde 12 de setembro de 1805, os quaes constam:
  - 3.<sup>o</sup> *Compêndio da história sagrada do Antigo e Novo Testamento*, ordenado para servir aos meninos de exercício de leitura, e juntamente de introdução ao estudo da doutrina christã.
  - 4.<sup>o</sup> *Compêndio da moral celeste, extraído dos livros Sapienciaes do Antigo Testamento*, para servir aos meninos de exercício de leitura, e juntamente de lhes inspirar as regras sublimes, que dictou a divina sabedoria, para a direcção dos costumes”. Ver o autor em 3.2; 10.7 e 15.<sup>15</sup>

**Manuel Marinho, Mons.** (séc. XIX). Escreveu:

- *O Sacerdócio antes de Jesus Christo*, Porto, Typ. Fonseca, 1913; em 8.<sup>o</sup> (BNP, R. 996 P.). Ver o autor nos cap. 9; 10.4; 10.7 e 22.3.

**Manuel Rodrigues da Silva Abreu** (1793-1869). Era natural de Ponte de Lima. Homem de firmes convicções liberais, competente e dedicado. Perseguido politicamente emigrou para Inglaterra e França, donde regressou em 1832. Foi o primeiro bibliotecário da Biblioteca Pública de Braga (Inocêncio VI, p. 97-98). Traduziu:

<sup>15</sup> “Seguem-se os Manuscriptos concluidos, mas ainda por licenciar: Constam de uma obra importantissima, e fructo de grande trabalho, com o titulo de *Breviario da Biblia Sagrada, no qual se conservam, quanto é possível, as próprias palavras da Sagrada Escripura, e se lhe ajuntam as illustrações dos sagrados expositores, competentes ao commum dos fieis*. Acompanhado de observações sobre os factos da historia mais interessantes á instrucção da edificação dos mesmos fieis. Ordenado para facilitar aos fieis portuguezes de ambos os sexos e de todos os estados o celestial alimento da palavra de Deus, por meio da lição das sagradas escripturas. Estavam escritos cinco volumes, tendo o 1.<sup>o</sup> 681 páginas de folio, o 2.<sup>o</sup> 648, o 3.<sup>o</sup> 772, o 4.<sup>o</sup> 812, e o 5.<sup>o</sup> 730”. Inocêncio continua nomeando outros manuscritos e conclui afirmando: “Juntem-se agora todos estes manuscriptos ás obras que imprimiu o padre Manuel Dias de Sousa, e veja-se que laboriosa vida elle teve! Este é que era um verdadeiro pastor evangélico!” (Inocêncio XVI, p. 172).

- *Lamentações de Jeremias e o Cântico de Moisés*, em Murmúrio de Braga [jornal], 1856. Ver o autor no cap. 17.

**Miguel de São Bento**, Frei, OSB (?-1718). Era natural de Vila da Feira, doutorado em Teologia na Universidade de Coimbra. Aqui ensinou Teologia e Sagrada Escritura. Escreveu:

- *Commentaria In Magistrum Sententiarum...*; na perspetiva bíblica.<sup>16</sup>

**Rafael da Purificação**, Frei, OFM (1691-1744). Era natural de Matosinhos e tinha por nome Manuel da Cunha. Foi para o Brasil, onde ingressou na sua Ordem. Dominava as línguas latina, grega, hebraica, francesa, italiana e inglesa (Barbosa III, p. 633-634; IV, p. 502). Escreveu:

- *Expositio in Tobiam* (ms). Ver o autor no cap. 9.

**Roberto Guilherme Woodhouse Barreto de Lencastre** (1828-1876). Nasceu e faleceu no Porto. Embora tivesse sido educado pela mãe na religião anglicana, converteu-se ao catolicismo. Foram os males da sociedade portuguesa: corrupção, guerra declarada contra a religião, espírito de perversidade, luxo excessivo, depravação moral..., que o incentivaram nesta obra apologética. Todos os seus escritos são fundamentados na Bíblia e na Tradição.<sup>17</sup> Deixamos o seguinte:

- *A lenda do Éden ou considerações sobre a realidade authentica da catastrophe succedida aos nossos primeiros paes no Paraizo...*, Porto, J. E. da Costa Mesquita; Rio de Janeiro, Agostinho Gonçalves Guimarães, 1875; 30 p.; 18x11,5 cm (BNP, L. 25212//14 P.; ISTE; CBAP, n.º 2276). Ver o autor no cap. 9.<sup>18</sup>

**Vicente da Silva**, Pe. (1707-?). Foi ordenado sacerdote em 1733. Estudou Direito pontifício na Universidade de Coimbra. Dotado para a oratória, que exercitou na pregação do Evangelho (Barbosa III, p. 787-788; IV, p. 503). Deixou-nos manuscrito:

- *Psalmo 50 illustrado* em verso e prosa. Ver o autor no cap. 17.

**Victor Felíssimo Francisco Nabantino**, Frei, OCart (séc. XIX). Era natural de Tomar, onde nasceu no início do século XIX. Foi monge da Ordem de São Bruno e o último a professar na Cartuxa de Évora, antes da extinção das

<sup>16</sup> Ver Barbosa III, p. 465-466; Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 257.

<sup>17</sup> PINHARANDA GOMES, J., *Roberto Guilherme Woodhouse (1828-1876), Resposta aos detractores e mofadores da religião e dos seus ministros*, em Lusitania Sacra 1, 2.ª Série, 1989, p. 163.

<sup>18</sup> Títulos de alguns capítulos desta obra: Cap. I: “A Revolução”; Cap. II: “A Revolução Franceza”; Cap. III e IV: “Novos Testemunhos...[de autores estrangeiros]”; Cap. V: “A Revolução e os direitos do homem”; Cap. VI: “A Revolução e o povo soberano”; Cap. VII e VIII: “A Revolução e o Christianismo”; Cap. IX e X: “A Revolução e a Monarchia”, etc.

Ordens religiosas. Refugiou-se em Itália (Inocêncio VII, p. 444; XIX, p. 335; XX, p. 16). Escreveu:

- *Monopanton das Cartas de S. Paulo, apóstolo. Traduzido do latim em português com algumas notas*, Nápoles, Oficina Polygráfica, 1844; 8, 351 p.; em 12.º. Ver o autor no cap. 10.10.

#### **Autores anónimos**

- Seleção de textos: *Colecção de vários símiles tirados da Sagrada Escritura que a diferentes matérias se podem aplicar*, 1802; em 8.º (BL, control number 000318157).
- *Epístolas e Evangelhos dos Domingos e Dias Santos para uso dos orfãos da Ajuda*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860; 204 p.; 15x10,5 cm (BNP, R. 28563 P.). O autor transcreveu as leituras de cada domingo ou festa.
- *Cristo e os dois ladrões*, Londres, 56 Paternoster Row, 1854; 24 p.; 17 cm (BJPIL, MC-1460).
- *As Epístolas e Evangelhos com variaçoens próprias, que se leem na missa em os domingos, e festas do anno conforme o uso do missal...*, Porto, Oficina de Bernardo António Farrapo, 1790; 437, 5 p.; 13 cm (CBAP, n.º 246: vol. 2).
- *Livro dos Evangelhos para as Religiosas lerem no refeitório em as Domingas do Advento e Quaresma e mais domingos do Ano com algumas festividades particulares, o qual mandou renovar a Senhora D. Abbadeça D. Luíza Antónia Vidigal no seu triénio da era de 1774. Novamente encadernado em Agosto de 1840*; 394, 103 p. (BPE, Cod. CXXXI/2-8).<sup>19</sup>

#### **Tradutores anónimos**

- *Resumo dos Provérbios de Salomão em portuguez e francez*, Lisboa, Typ. Rollandina, 1826; 2.ª edição; 62 p.; em 8.º (A Tradução em Portugal, 3953).
- *O Dogma do inferno ilustrado por factos tirados da História sagrada e profana...*, Porto, Liv. Catholica Portuense, 1896; autor: Padre F. X. Schouppe, SJ; 165 p.; 12,5x9 cm (BCapP).
- *Tradução livre do Cântico de Moyses [Ex 15]*, 1778 (A Tradução em Portugal, 1284).
- *Máximas de Salomão comentadas por um anónimo*, Lisboa, Francisco Luís Ameno, 1762 (BNP, L. 11715 V.; BPNM, 2-13-8-17; Inocêncio XVII, p. 18). Está baseada numa tradução francesa, por uma “Curiosa”.

<sup>19</sup> Este curioso livro de leituras do Evangelho belamente escrito à mão tem um Índice e inicia no 1.º Domingo do Advento. Trata-se de paráfrases, tipo sermão, e não do texto evangélico limpo. Tem duas Partes, sendo a 2.ª a mais pequena: “Para Nossa Senhora e alguns Santos”.

- *Conselhos da Sabedoria ou Resumo das Máximas de Salomão*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1754-1755 (BPNM, 2-13-3-13/14).
- Apócrifo: *Sete Cartas de Nosso Senhor Jesus Christo dirigidas a Abgar, Rei de Edessa em resposta ás cartas d'este...*, Rio de Janeiro, s. d.; 39 p.; em 8.º peq. (BNRJ, Misc. 471, 14).<sup>20</sup>

## Bibliografia

- FLEURY, M. l'Abbé, *Moeurs des Israelitas et des Chrétiens*, Paris, Jean-Thomas Herissant, 1760; Nouvelle edition; 403 p.; 17x10 cm (DB).
- VASCONCELOS, J. Leite de, *Os manuscritos portugueses na Biblioteca Nacional de Munique*, em Instituto 48, 1901, p. 79.83.323-325 (BNP, B. 11784 V.).
- BARDOY, G., *Les Femmes de la Bible: principaux fragments d'une histoire du Peuple de Dieu*, Paris, Garnier, 1850; il.; 27x18,5 cm (UCBPB, 2-23-055.2 D225f VI).<sup>21</sup>

## 4.2. Vidas de Jesus

Nestes séculos, em que as ciências, em geral, e as ciências eclesiásticas, em particular, procuram o fundamento da religião cristã, era natural que se escrevessem “Vidas de Jesus”, pois Ele está na origem do cristianismo e é a sua raiz. Pretendia-se com isto compreender o tempo histórico e o meio ambiente em que Jesus viveu e, assim, conhecer mais diretamente a sua Pessoa e o Evangelho que Ele pregou. Estas “Vidas” faziam parte de um projeto de caráter científico: encontrar as verdadeiras raízes do cristianismo; mas também se estudava e se escrevia a *Vida de Jesus* por motivos de fé, como meio de imitação da sua Pessoa e vivência da sua Palavra. Foi o que aconteceu nos séculos anteriores, desde a *Vita Iesu Christi* de Ludolfo de Saxónia, até a *Os Trabalhos de Jesus*, de Frei Tomé de Jesus, que teve edições, pelo menos, até ao séc. XIX.<sup>22</sup>

Ora, foi precisamente nestes dois séculos que começou o estudo histórico-exegético destas “Vidas de Jesus”; mas já antes, na França, se tinham feito tentativas sobre o assunto.

<sup>20</sup> Sobre este apócrifo ver, OTERO, Aurélio de Santos, *Los Evangelios Apócrifos*, edição crítica bilingue; BAC, Madrid, 2006, p. 656-663.

<sup>21</sup> Pertenceu à biblioteca de Leonardo Coimbra. É uma bela obra com imagens espetaculares das mulheres bíblicas; 2 volumes sem paginação. Cada mulher é tratada separadamente com a sua história pessoal e a sua imagem artística de autores célebres

<sup>22</sup> Para a *Vita Iesu Christi*, estudo em pormenor, ver volume II desta coletânea, *A Bíblia na Idade Média*, p. 410-427; para *Os Trabalhos de Jesus*, ver vol. III, *A Bíblia nos Séculos XVI-XVII*, p. 646-648.

O problema teve mais a ver com a Igreja Católica, pois ao protestantismo em geral, com os seus grupos ou igrejas, interessava sobretudo a união individual com Cristo, pela fé. Aliás, esta conceção do cristianismo levou à negação da Igreja como lugar essencial da presença de Cristo ressuscitado. Para o protestantismo, a Igreja e a Tradição constituíam uma mediação que não ajudava, ou até impedia, essa ligação individual a Cristo. Por isso, as rejeitaram, sobretudo a ideia de Igreja, tal como um católico a concebe.<sup>23</sup>

Se Lutero rejeitou a ligação entre Cristo e a Igreja, o protestantismo liberal vai operar uma separação mais profunda: a separação entre o *Cristo da fé* e o *Cristo da história*. Teoricamente, uma pessoa poderia ter fé em Cristo, mesmo prescindindo de qualquer certeza histórica acerca do que Ele fez e ensinou. O que ficava de histórico, neste tipo de racionalismo acerca da vida Jesus e da sua ação era apenas a sua existência e a sua morte na cruz “por mim”. Esta foi a afirmação que fez, já no início do séc. XX, um grande teólogo protestante chamado Rudolf Bultmann. O luteranismo atinge aqui o seu máximo grau de racionalismo.

Antes de Rudolf Bultman, alguns protestantes liberais afirmavam a impossibilidade de chegar a uma *Vida de Jesus*, historicamente fiável; outros afirmavam que isso era possível. A maioria destas *Vidas* eram anticatólicas e partiam de dois pressupostos apresentados por Strauss:

- a) o Cristo ideal opõe-se ao Cristo histórico;
- b) o carácter sobrenatural a que algumas “Vidas” aludem, só se entendem numa evolução religiosa posterior à morte-ressurreição de Cristo, isto é, são conceção da Igreja primitiva, e, portanto, não propriamente históricas. É o problema do *Cristo da Fé*, segundo a terminologia cara a Rudolf Bultmann.

A *Vida de Jesus* que teve mais renome nesta altura foi a de Ernest Renan, que perspectivava Jesus Cristo pelo aspeto psicológico, fazendo dele um egocêntrico, que se fez a si mesmo Filho de Deus, a partir do batismo. E os discípulos fizeram o resto, que foi escrito nos Evangelhos. Apesar de condenada pela Igreja, esta *Vida* teve enorme êxito. Em Portugal foi atacada por Pinheiro Chagas e por outros escritores católicos na *Gazeta de Portugal*: Camilo Castelo Branco; o Visconde de Azevedo, no seu artigo, ataca o método histórico de Renan, como seguidor da filosofia de Voltaire e dos protestantes liberais, como é o caso de

<sup>23</sup> Veja-se o que foi dito no vol. III desta coletânea (*A Bíblia nos séc. XVI-XVII*) sobre o protestantismo e suas consequências para o cristianismo em geral (p. 67-160).



Strauss; Camilo insiste, mais ou menos, nos mesmos argumentos do Visconde. Vejamos então as “Vidas de Jesus” e seus autores.<sup>24</sup>

**António Moreira Belo** (ca. 1874). Era escritor público. Traduziu várias obras no âmbito da “biblioteca da juventude christã” e outras. A seguinte foi traduzida do francês:

- *A Vida de Nosso Senhor Jesus Christo...*, Porto, Tip. de Francisco Pereira d’Azevedo, 1864; autor: M. Luís Veuillot; 514, IV p.; 15,5x11 cm (BSME). Ver o autor nos cap. 4.1; 15 e 22.4.<sup>25</sup>

**Francisco Manuel do Nascimento** / Filinto Elísio, pseud., Pe. (1734-1819). Era natural de Lisboa. Foi sacerdote, poeta e tradutor português do neo-classicismo. Refugiou-se da Inquisição em Paris, onde teve que fazer traduções para poder sobreviver (Inocêncio II, p. 446; IX, p. 333). Traduziu:

- *Vida de Jesus Cristo conforme os quatro Evangelistas...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1819; 382, 32 p.; 15x10 cm (BNP, H.G. 12750 P.; BSEA; A Tradução em Portugal, 3597; BSME).  
— Ib., mesmo impressor, 1829; 382 p.; em 8.º (A Tradução em Portugal, 4146).  
— Paris, Livr. Portugueza de J. P. Aillaud, 1847; 320 p.; 16 cm (BNP, H.G. 3426 P.). Ver o autor no cap. 8.<sup>26</sup>

**João Baptista de Castro**, Pe. (1700-1775). Nasceu em Lisboa e foi presbítero secular. Viveu algum tempo em Roma. Escreveu várias obras de caráter religioso, moralizante e geográfico. Vejamos a seguinte:

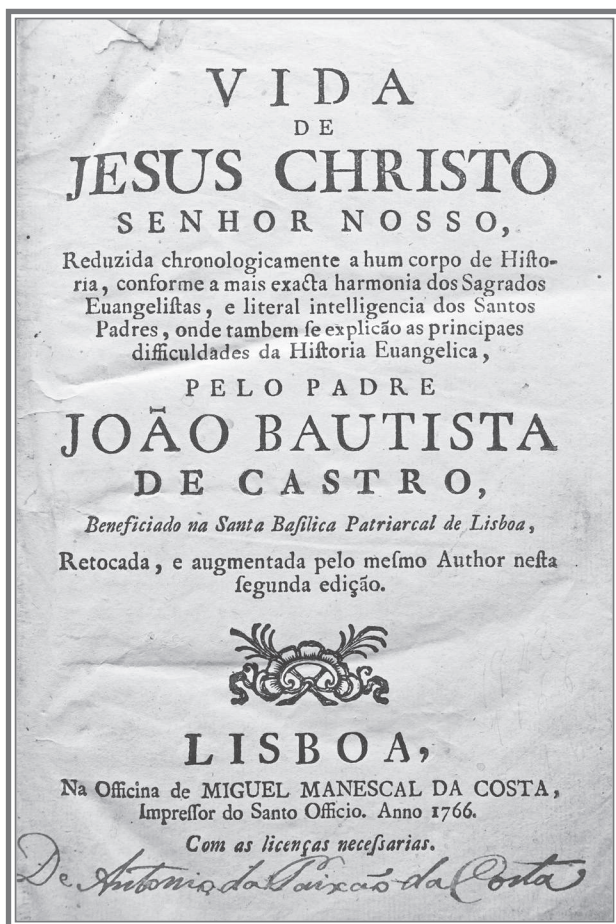
- *Vida de Jesus Christo Senhor Nosso, reduzida chronologicamente a hum corpo de História, conforme a mais exacta harmonia dos Sagrados Evangelistas, e literal intelligência dos Santos Padres, onde também se tocão e explicão as principaes difficuldades da História Evangélica...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1751; 48, 568 p.; 21x15 cm (BCM, 2E9-84; BNRJ, 147, 4, 19)

<sup>24</sup> Sobre as *Vidas de Jesus*, no aspeto científico, veja-se o que escrevemos no cap. 5: *Bíblia e Ciências Modernas*.

<sup>25</sup> JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em *Lusitania Sacra* 12, 2.ª Série, 2000, p. 395.

<sup>26</sup> Obra “Dada à luz pelos Devotos Congregados do Archanjo S. Rafael, existente na Igreja da Magdalena de Lisboa, a benefício da Viúva e filhos de Manoel Monteiro de Carvalho, um dos infelizes réos supliciados a 18 de Outubro de 1817”. O autor da Prefação aos leitores da edição de 1857 (p. XXX) diz que esta edição, obra de Filinto Elísio, “foi publicada em Lisboa, 1819, pelos Devotos Congregados da Santa Via-Sacra... a benefício da Viúva e Filhos de Manuel Monteiro de Carvalho, um dos infelizes réus supliciados a 18 de outubro de 1818”.





- *Retocada, e augmentada pelo mesmo Author nesta segunda edição*, ib., mesmo impressor, 1765; em 4.º (BNP, R. 26464 P.; BNRJ, 147, 3, 26).
- Ib., mesmo impressor, 1766; 16, 623 p.; 21x15 cm (BNP, R. 1124 P.; BNRJ, 270, 4, 24; BPH; BME; DB).
- 3.<sup>a</sup> edição, ib., Oficina de Francisco Borges de Souza, 1771; 16, 623 p.; 21x14 cm (BNP, R. 32237 P.; BSEA; BOCD; BSG).
- 4.<sup>a</sup> edição, ib., Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1790; 2 vol.; 15 cm (BNP, TR. 768 P. - 769 P.; BME, ATP597; Palha 7). Ver o autor nos cap. 7.4.2; 10.2; 11.1; 13.1 e 22.1.<sup>27</sup>

<sup>27</sup> O autor afirma ter-se inspirado em Jansenius e Bernard Lamy. Tem um índice temático (p. 605-623); inicia a obra com o anúncio de João Batista e termina com a Ascensão; com muitos

**Luís Augusto Rebelo da Silva** (1822-1871). Era natural de Lisboa, foi um jornalista, historiador, romancista e político português, colaborador ativo de múltiplos periódicos e membro das tertúlias intelectuais e políticas lisboetas da última metade do século XIX (Inocêncio V, p. 228; XIII, p. 350). Escreveu:

- *Fastos da Igreja: História da Vida dos Santos: Vida de Jesus Christo*, Lisboa, A. J. F. Lopes, 1854-1855; 2 t. num volume; XVII, 300, 263 p.; 19x12 cm (H.G. 11428 P.).<sup>28</sup>
  - 2.<sup>a</sup> edição, ib., Typ. do Panorama, 1870; 2 t. num volume: 244 e 224 p.; 19x12 cm (BNP, R. 23742 P.).
  - Ib., Empresa da História de Portugal, 1907; 4 vol.; 19x12 cm (BNP, R. 31335 P. - 31338 P.).

**Luís Filipe Leite** (1828-1898). Era natural de Lisboa. Foi professor no Liceu Nacional de Ponta Delgada, donde foi transferido para o lugar de diretor da Escola normal primária de Lisboa. Foi discípulo de Castilho (Inocêncio V, p. 287; XVI, p. 21). Traduziu:

- *Vida de N. S. Jesu-Christo escripta pelos quatro evangelistas ou o Evangelho na sua unidade; approvada por um Breve do Summo Pontífice Pio IX...*, Lisboa, Emprezarios Silva & Sousa, [1853?]; autor: Pedro Lachèze; 134 p.; 32 cm (BNP, R. 307 A.; BSEA; BSL; BJPII, 22.04=71 690-FIG3). Encadernada com:
- *Diccionario Histórico, Theológico, Etymológico, Crítico e Moral da Bíblia Sagrada*, Lisboa, Empresários Silva & Sousa, 1852; 215 p.
- Com outro título: *Vida de Nosso Senhor Jesu Christo, escripta pelos quatro Evangelistas; coordenada, explicada e desenvolvida pelos Sanctos Padres, Doutores e oradores mais célebres, e pelos homens de maior auctoridade na egreja, etc. Redigida pelo Abbade Brispot e vertida em vulgar*, Lisboa, Typ. de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1858. Publicou-se como suplemento à Bíblia Sagrada de Figueiredo, 1852-1857 (“Edição Suplementar”; ver cap. 23: *Catálogo da Obras Bíblicas de Figueiredo*).

---

comentários; este tipo de obras espirituais teve enorme sucesso; ver o autor, em Barbosa II, p. 596-597; IV, p. 503; Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 263-264.265; Inocêncio III, p. 300-302; X, p. 172; Fortunato de Almeida III, p. 393.

<sup>28</sup> O autor planeou uma História ou Vida de Cristo com personagens dos Evangelhos; no Livro Primeiro fala de uma História de Jesus com o povo hebreu / judeu; o Livro Segundo tem por título: “Vida de Jesus Cristo. Vida Íntima”; o Livro Terceiro começa com a cura da filha de Jairo e seguem-se outras passagens bíblicas; o Livro Quarto trata da “Vida Dolorosa” e “Vida Gloriosa”; ver MARQUES, João Francisco, *Apologetica*, em *Dicionário de História da Igreja de Portugal* (A-C), Círculo de Leitores, 2000, p. 90.



**Manuel Joaquim Pinheiro Chagas** (1842-1895). Nasceu em Lisboa. Seguiu a carreira militar, tendo sido distinto oficial e secretário particular de el-rei D. Pedro V. Foi também ministro da marinha e do ultramar, onde deixou bastantes documentos do seu valor como estadista. Foi um dos mais fecundos escritores do seu tempo (Inocência XVI, p. 288-297 e 415-416; XVIII, p. 90-91 e 251). Foi o dir. lit. de:

- *Vida de Jesus*, Lisboa, Lucas & Filho, 1874; Educação Popular, n.º 6; 128 p.; 14x9,5 cm (BNP, H.G. 14779//1 P.). Ver o autor no cap. 5.10.

“Vidas de Jesus” estrangeiras

- P. Nicolò Avancini, *Vita et Doctrina Jesu Christi ex Quatuor Evangeliiis Col-*

*lecta*, Coimbra, Typ. In Regalarium Collegio, 1739; em 8.º (BNP, R. 2511 P.; BPNM, 2-5-3-25).

- Jean Croiset, *Vie de Notre-Seigneur Jesus-Christ tirée des quatre évangélistes et celle de la très Sainte Vierge Marie, Mère de Dieu*, Lyon, Jean-Marie Bruyset, 1783; 18 cm (BNP, R. 26472 P.).
- Carlo Antici, *Vita e Dottrina di Gesù Cristo, raccolta dai quattro evangelisti e distribuita in materia da meditare per tutti i giorni del'Anno, dal Padre Nicolò Avancino della Compagnia di Gesù... Di nuovo ristampata, e corretta*. Parte seconda, Padova, Stamperia del Seminario, Appresso Giovanni Manfrei, 1710; 2 vol.; em 12.º (BNRJ, 147, 1, 4); Roma, Stamperia de Romanis, 1822; 2 vol. (BNP, H.G. 3102 P. - 3103 P.).
- A. Peyrat (1812-1891), *Histoire Élémentaire et Critique de Jésus*, Paris, Michel Lévy Frères, 1864; 2ème éd.; XIV, 351 p. (BNP, H.G. 2709 P.).
- Ludolphe le Chartreux, *La Grande Vie de Jésus-Christ. Traduction nouvelle et complète par Dom Marie-Prospér Augustin*, Paris, C. Dillet, Typ. Renou et Maulde, 1864-65; 6 vol.; 23 cm (BNP, R. 10328 V. - 10333 V.; BNRJ, 229, 4, 28-33).
- *Bibliche Geschichte des Alten und Neuen Testaments* [História Bíblica do Antigo e Novo Testamento] com aprovação de Leão XIII, NY, Cincinnati, Cicas, 1890; com muitas gravuras; 284 p.; em caracteres góticos: 17,5x11,5 cm.

### 4.3. Contributo dos judeus portugueses

Nos volumes anteriores (II e III) falámos do contributo dos judeus para a história da Bíblia em Portugal, ou melhor, na língua portuguesa, já que, quase sempre se tratava de autores portugueses ou seus descendentes que viviam na diáspora judaica e também escreviam noutras línguas. É curioso que, ainda nestes séculos, alguns judeus escreveram as suas obras na nossa língua, deixando o nome de Portugal presente nos países onde habitavam. Eis alguns exemplos de quanto afirmamos.

**Isaac Delgado** (?-?). Foi um judeu português, célebre professor de hebraico em Londres. Traduziu o Pentateuco para a língua inglesa:

- *Pentateuch with Haftarat and five megilot according to the german and portuguese rite accompanied by a revised and correct translation by...*, 1789; 236 p. (BL, ORB30/2466).

— Em hebraico: *Hamishah humshe Torah: 'im haftarat ke-minhag ha-*

-*Asbekenazim ve-Sefardim*, Londres, Ann Abrahams and Son, 1876; 5 vol.; 18 cm.<sup>29</sup>

**Jacob / Henrique de Castro Sarmento** (1691-1761/62). Era natural de Bragança. Estudou Filosofia em Évora e Medicina em Coimbra. Devido à Inquisição refugiou-se em Hamburgo e depois em Londres. Foi um dos rabis da sinagoga de Londres (Inocêncio III, p. 247; X, p. 111). Escreveu:

- *Exemplar de Penitência, dividido em três discursos para o Dia Santo de Kipur*, Londres, 1724.
- *Extraordinária Providência que el gran Dios de Israel... por medio de Mardoqueu e Ester... Compendiosamente deduzida de la Sagrada Escritura*, Londres, 1724.<sup>30</sup>

**Jacob de Andrade Velosino** (1675-?). Era natural de Pernambuco, mas foi para Amsterdão. Foi médico em Haya e Antuérpia (Inocêncio III, p. 246). Escreveu as seguintes obras:

- *Theologo Religioso contra o Theologo Politico de Bento de Espinosa que, de Judeo, se fez atheísta* (ms). É um escrito contra um outro judeu, Baruc Espinosa.<sup>31</sup>
- *Messias Restaurado* (ms de 6 vol., com 400 p. cada um); escrito contra as *Disertaciones sobre el Messias* de I. Jacquelot.
- *Epitome de la Verdad de la Ley de Moyses... reducido a melhor estilo... e lhe acrescentou doutíssimas reflexões* (ms). É a tradução espanhola da obra composta por S. L. Morteira (outro judeu), feita à custa de Yshac Gomez de Sosa.<sup>32</sup>

**Jacob de Selomoh Hisquijahu Saruco** (?-1756). Judeu português refugiado em Amsterdão. Aqui tinha um colégio com David Isaac de León, onde ensinavam as disciplinas da escola primária e ainda várias línguas: francês, holandês, português, inglês, etc. Escreveu:

- *Avizos espirituales e instruçoens sagradas, para cultivar o engenho da juventude no amor, e temor Divino*, Amsterdão, Oficina Gerhard Johan Janson, 1766 (BNP, Res. 18//1 V).<sup>33</sup>

<sup>29</sup> Sobre o autor e a sua obra, ver ARS IV, p. 317-321.337; a tradução do Pentateuco por Isaac Delgado foi dedicada ao bispo de Salisbury.

<sup>30</sup> Kayserling, *Biblioteca Española - Portuguesa - Judaica*, Nieuwkoop, B. de Graaf, 1968, p. 37.

<sup>31</sup> Ver o que foi dito sobre Baruch Espinosa no vol. III desta coletânea (*A Bíblia nos Séculos XVI-XVII*), p. 406-408.840.

<sup>32</sup> Ver vol. III desta coletânea, p. 422.

<sup>33</sup> Nesta obra, foi co-autor com David Isaac de León (?-1766); sobre o autor, ver Kayserling, *Biblioteca*, p. 98; Inocêncio X, p. 114 e 397.

**José Henriques de Almeida** (séc. XVII-XVIII). Foi assistente na cidade de Amesterdão e instruído em todo o género de erudição (Inocêncio IV, p. 367). Compôs:

- *Anagrama acróstico do sagrado nome de Torá*, Amesterdão, Isaac Ezequias de Córdova, 1706. É um poema em 4 oitavas.<sup>34</sup>

**Joseph Benoliel** (1888-1937). Era natural de Tânger, mas passou quase toda a sua vida em Lisboa. Notável bibliófilo e académico poliglota: falava hebraico, árabe, português, francês e espanhol. Escreveu em espanhol:

- *Porat Joseph*. Pequeno compêndio que contém: *Tratado de las máximas de Abot*; *la Agadá de Pessah* seguida del *Halled y Bircat Mazon*; el *Cantico de los Canticos*, y las *Haphtaroth Bahet Hahi, Hod Hayom, y Asoph Asiphem, y en fin, Ruth, Ejah y Esther*, Lisbonne, Luso-Hespanhola, 1887; 32 p.<sup>35</sup>

#### Autores anónimos

- *Diálogos Espirituaes no qual [sic] se encontrão as Almas e formão discursos sobre o que lhes passou neste mundo terrestre...*, 1781; 445 p. (ms).<sup>36</sup>
- *Pequena reunião de alguns textos sagrados e concisas reflexões ácerca da Santa Religião Católica Apostólica Romana*, Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1868; 448 p.; 16 cm (CBAP, n.º 1658).

#### Bibliografia judaica

ANDRÉ, l'abbé Charles-Marin, *Moise révélateur ou exposition apologetique de la Théologie du Pentateuque*, Paris, J. Lecoffre, Libraire-Éditeur, 1849; 341 p.; 17x15 cm (BPH).

BOER, Harm den, *Spanish and Portuguese printing in the Northern Netherlands, 1584-1825* [documento electrónico], IDC Publishers, cop. 2003 (BNP, S.A. 40539 P.).

—, *Spanish and Portuguese editions from the Northern Netherlands in Madrid and Lisbon Public Collections (1580-1820)*, *Studia Rosenthaliana*, 23 (2), 1989, p. 138-177.

FRANCO, David Mendes, *Memórias do Estabelecimento e Progressos dos Judeus Portugueses e Hespanhoes nesta... Amesterdão*, Amesterdão, 1769.

<sup>34</sup> Kayserling, *Biblioteca*, p. 10.

<sup>35</sup> Kayserling, *Biblioteca*, p. 27-28.

<sup>36</sup> Em MENDES, David Franco, e REMÉDIOS, J. Mendes dos, *Os Judeus Portugueses em Amesterdão*, Lisboa, Edições Távola Redonda, 1990; edição (fac-símile das edições de 1911 e 1974) e estudo introdutório de Manuel Cadafaz de Matos e Herman Prins Salomon, p. 307.



- KAYSERLING, Meyer, *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica: Dictionnaire Bibliographique... Avec un aperçu sur la littérature des juifs espagnoles et une Collection des Proverbes Espagnoles*, Nieuwkoop, B. de Graaf, 1968 [Kayserling, Biblioteca].
- NEVES, Álvaro, *Bibliografia luso-judaica. Notícia subsidiária da coleção de Alberto Carlos da Silva*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913.
- PONCELIN, J. Ch., *Morale des Patriarches et des Prophètes, tirée des livres de l'Ancien Testament*. Tome premier [-second], Paris, 1802; 2 vol.; 216, 216 p. (CMVIS, 1883).
- RIBEIRO DOS SANTOS, António (1745-1818), *Memória da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses no presente século [XVIII]*, em *Memórias da Litteratura Portuguesa*, tomo IV, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa, 1792, p. 306-338 [ARS].
- , *Ensaio de uma Biblioteca antirabínica ou memorial dos Escritos Portugueses que escreveram*, em *Memórias de Literatura Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa*, vol. VII, 1806
- WOLF, J. Chr. *Bibliotheca Hebraea*, Hamburgo, 1715-1753, 4 vol.

#### 4.4. Revisões da Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida

Apesar desta Bíblia ter sido objeto exclusivo do 4.º volume, lembramos aqui apenas as revisões que ela sofreu no século XIX, no que se refere ao Novo Testamento. De facto, durante o séc. XVIII, foram editados apenas os Novos Testamentos de 1711, de 1760-65 e de 1773. Foi a partir do séc. XIX que as edições de Almeida se multiplicaram extraordinariamente.

##### 4.4.1. Séc. XIX: edições da BFBS de Londres

A Bíblia de Almeida sofreu permanentes revisões, como aconteceu, aliás, com outras Bíblias. As especiais circunstâncias históricas em que estiveram envolvidos Portugal e a Inglaterra, no séc. XIX, e tendo em conta a necessidade que já se sentia de ler a Bíblia, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BFBS/SBBE) encetou a publicação de edições bíblicas em língua portuguesa, para Inglaterra, Oriente e, naturalmente, para Portugal. O texto era certamente o de Almeida, mas isso não foi revelado no título, talvez para melhor entrar em Portugal. Assim, temos:

- *O Novo Testamento, isto hé, O Novo Concerto de Nosso fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido na lingua portugueza*. [BFBS] Impresso por Heney e Haddon (Londres), 1809.

É uma obra em 1 vol. de IV, 352 páginas, em 18x10 cm. O catálogo Darlow, atribuiu-lhe o n.º 7488, afirmando que se trata de uma *D'Almeida's version*, o que também suspeitávamos, porque este autor não aparece no frontispício. Além disso, afirma que é a 1.ª edição que essa organização publica em português, o que lhe concede um sentido histórico especial.<sup>37</sup> Para nós, há uma regra que parece repetir-se: quando uma edição bíblica, nesta altura, aparece sem autor é suspeita de pertencer a Almeida. De facto, o nome de Figueiredo, por ser católico, nunca é ocultado, pois pretendia-se, precisamente, levar a Bíblia sobretudo aos católicos.

“É este Novo Testamento um livro bastante raro, de que apenas temos visto o exemplar da nossa collecção, o qual devemos á amável offerta do Rev. Roberto H. Moreton, do Porto” – diz Santos Ferreira. Diz ainda que este ofereceu informações sobre esta edição, que “foi de mais de 20.000 exemplares e sua ortografia foi revista por um tal Uzielli” (Santos Ferreira, p. 83).

Por seu lado, Eduardo Moreira afirma:

“Em 1809 apareceu em Londres a 1.ª edição popular do Novo Testamento feita pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. A versão usada foi a de Almeida (...). Em 1811, nesse mesmo ano, era publicado o Novo Testamento na versão de Figueiredo”.<sup>38</sup>

O mesmo autor afirma ainda:

“Alexandre Dallas, capelão anglicano na Península, em 1812-1813, interessou-se pela evangelização das duas nações, como Henri Martyn, missionário anglicano, no Oriente; este rogara à Sociedade Bíblica de Londres, em 1811, que publicasse a Bíblia na nossa língua, decerto tendo em vista a expansão evangélica nas terras do Leste, onde o português era a língua franca”.<sup>39</sup>

Por seu lado, Cunha Rivara, que viveu muitos anos em Goa, fala de duas “Edições separadas do *Novo Testamento* sem declaração do nome do traductor e

<sup>37</sup> “The earliest edition in Portuguese published by the BFBS”. O autor do catálogo (Darlow, II, p.1240, n.º 7488) indica seguidamente os motivos desta edição: “In 1808 the presence in England (Plymouth and other towns) of Portuguese political refugees, ‘together with the facilities now afforded for communications with Portugal and the Portuguese Islands and colonies’, induced the Committee to publish an edition of the N.T. in Portuguese. This was prepared from the edition of 1712 (n.º 7468) with changes in the orthography, by *Uzielli*, under the supervision of *Adam Clark* and *W. Blair*, and published in an edition of 5.000 copies in 1809”.

<sup>38</sup> O nosso catálogo da Bíblia de Almeida no 4.º volume, p. 750-751, apresenta as bibliotecas onde se encontram os exemplares destas duas edições do Novo Testamento.

<sup>39</sup> *História da Igreja Lusitana*, edição do Sínodo da Igreja Lusitana Católica, Apostólica Evangélica, Lisboa, 1949, p. 19.



retocadas pelos editores. De duas destas possuímos exemplares em cujo título se lê...”. São as duas edições de Londres, que apareceram com estes títulos:

- *O Novo Testamento, isto he, O Novo concerto de nosso fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido na língua portugueza.* [BFBS] T. Ruth: Shaklewell. Impresso por T. Rutt. 1811.<sup>40</sup>

É uma obra em 1 vol. com IV, 352 páginas em 17,5x10,5 cm. Como parece evidente, trata-se de uma reimpressão da edição anterior (Darlow, n.º 7488), de 1909, da qual se fizeram 10 000 exemplares. Cunha Rivara tem, pois, razão quando afirma, a propósito desta edição que ela é uma reimpressão da de Uzielli, mas com muitos erros:

“Constitui esta edição uma reimpressão litteral da de Uzielli, que acompanha, linha por linha, até à p.182; mas é notavelmente inferior àquella, pelos muitos erros que contém, os quaes parecem mostrar que o revisor não conhecia a língua portugueza” (ib.).

Cunha Rivara deve ter conhecido esta edição no Oriente, segundo notícias que o autor do catálogo também nos fornece. O mesmo estudioso fala seguidamente de uma outra edição do Novo Testamento de 1813, que foi reeditado com o seguinte título:

- *O Novo Testamento, isto he, O Novo Concerto de nosso fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido na língua portugueza.* 1813. [BFBS] Impresso por Hamblin e Seyfang. - Monte do Alho (Londres).

Trata-se de uma obra em 1 vol., tal como as duas anteriores. Tem IV, 352 páginas em 18,5x11cm, o que indica tratar-se de reimpressões ou reedições do mesmo original de 1809 e, portanto, de Almeida. Por isso, Rivara afirma que esta paginação “corresponde, linha por linha, às da edição de 1811” (p. 83). E continua:

“São em tudo idênticas quanto ao texto e até parecem saídas da mesma oficina. Para se julgar dos retoques que os editores fizeram nestas edições, confrontem-se os versículos que atrás ficam trasladados da de 1819, onde se declara o nome do traductor, Ferreira d’Almeida, com os parallelos destas referidas edições anonymas, que dizem assim...” (ib.).

E dá os exemplos a seguir (p. 83). “Parece-nos que, por amor destes retoques, saíram estas edições sem nome de traductor, e até com título diverso do que se acha naquellas, em cuja frente se lê o nome de Ferreira d’Almeida” (ib.).

<sup>40</sup> Ver Darlow, 7490; vol. IV desta coletânea, p. 360-362; Cunha Rivara, *O Cronista de Tisuary*, vol. I, n.º 3, março, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1866, p. 74-84.

No fundo, Rivara suspeita que nestas edições de Almeida se escondeu o seu nome, a fim de melhor poderem entrar nas mãos dos católicos, sobretudo em Portugal. Mas, segundo o autor que estamos a seguir, “não são falsas, como poderiam parecer à primeira vista, as indicações do lugar de impressão dos *Novos Testamentos* de 1811 e 1813: *Shacklewell* e *Monte do Alho* (*Garlick Hill*) eram os lugares de Londres onde os impressores tinham as suas oficinas”. Fizeram-se desta edição apenas 5000 exemplares, sendo 2000 deles enviados para Calcutá (Índia), onde ainda se falava português.

Foram as edições do *Novo Testamento* de Almeida que tiveram a parte de leão, ou seja, o Novo Testamento foi a única obra que foi impressa durante a vida de Almeida; e depois foi também muito difundida, como podemos ver pelo nosso *Catálogo* do vol. IV desta coletânea.

- *O Novo Testamento, isto he, O Novo Concerto de Nosso fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido na lingua portugueza.* [BFBS] Impresso por Tilling e Hughes, Chelsea (Londres), 1817.

É mais uma reedição do Novo Testamento de 1809 (“D’Almeida’s version”), com as mesmas características dos anteriores. O catálogo Darlow, atribuiu-lhe o n.º 7492 e dela afirma que se fizeram 5000 exemplares.

Em 1816 é fundada a Sociedade Bíblica Americana, que irá editar algumas obras de Almeida, tanto para os portugueses que imigravam para a América como para o Brasil. Aqui, o protestantismo – com a ajuda das Sociedades Bíblicas Americana e de Londres – iniciou um trabalho bíblico organizado, sobretudo a partir de 1822, ano da independência do país. Mas a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) será fundada apenas em 1948 e é a que mais exemplares de Almeida tem editado. Contam-se por milhões as suas edições.

#### 4.4.2. Revisão do Reverendo Thomas Boys (1839-1847)

Quase desde o início da sua existência, a TBS (Trinitarian Bible Society) interessou-se por uma nova revisão ou tradução da Bíblia para português. A resolução foi tomada em 16 de maio de 1837. Thomas Boys (1792-1880), professor no Trinity College, em Cambridge, foi contratado pela TBS para orientar o projeto de revisão da Bíblia de Almeida.<sup>41</sup> A sua competência, como professor de hebraico, era indiscutível, pois tinha publicado obras sobre a matéria. Foi ainda

<sup>41</sup> Sobre esta revisão, ver BROWN, A. J., *The Word of God among all Nations – A Brief History of the Trinitarian Bible Society, 1831-1981*, Trinitarian Bible Society, Londres, 1981, p. 37-41. Esta Sociedade Bíblica tinha como lema publicar apenas “the pure Word of God” (...), isto é, “the Holy Scriptures, as comprised in the Canonical Books of the Old and New Testaments, WITHOUT NOTE OR COMMENT, to the exclusion of the Apocrypha” (ib., p. 23-24).

oficial das forças inglesas do general Wellington em Portugal, durante a guerra peninsular, ou seja, contra as invasões napoleónicas, o que lhe conferiu alguns dotes linguísticos para uma revisão da Bíblia portuguesa.

Trinta anos depois, para colmatar as naturais deficiências na língua, Boys veio para Portugal, agora como presbítero da Igreja Anglicana. Serviu-se, então, da colaboração de dois portugueses cujos nomes se desconhecem e cujo português não era o melhor (ver edições de 1863 e 1883).<sup>42</sup> A razão da escolha de Almeida era o facto de esta ser a única Bíblia propriamente protestante, e tinha como leitores os prisioneiros da guerra peninsular, Portugal, suas ilhas e colónias. A revisão do Novo Testamento estava feita e impressa em 1843, em Londres, mas só em 1844 se terminou a revisão do Antigo Testamento. As primeiras edições foram as de Marcos, em 1839, e dos Salmos.

O último volume da revisão orientada por Boys foi impresso em Londres, apenas em 1847.<sup>43</sup> Esta foi a primeira edição, da que continua a chamar-se *Almeida Revista e Reformada segundo o original* (RevRef). O seu trabalho consistia em comparar Almeida com o texto hebraico e grego, mudando estilo, linguagem e vocabulário, de modo a tornar o texto mais inteligível. A edição total desta Bíblia foi feita pela Makintosh, em 25 pequenos volumes.

Posteriormente ainda sofreu revisões ortográficas, feitas por Boys e outros, sendo esta chamada Almeida Correcta (Corrigida). Estas edições da Bíblia de Almeida, a partir de Boys, levam no frontispício “Fiel aos textos Originais” ou “Segundo o Original”:

“Segundo os dados históricos, a edição Revista e Reformada também fez parte do leque das várias revisões que foram usadas para chegar à versão conhecida como Corrigida. Restou do frontispício da primeira impressão da tradução de Almeida pela TBS uma expressão ou “Segundo o Original”, ou, com outra expressão: “Fiel aos Textos Originais”.<sup>44</sup>

Quanto aos métodos que Boys seguiu na revisão, ele próprio os descreve em duas cartas dirigidas à TBS. Estes critérios poderão mostrar-nos os modelos de tradução no séc. XIX: em primeiro lugar, diz que residiu em Lisboa durante dois anos, onde se familiarizou com a língua e procurou colaboradores entre os

<sup>42</sup> Eduardo Moreira afirma que estes portugueses foram “desleais” a Almeida, pois “introduziram no texto termos da mais baixa gíria” (*Versões Bíblicas*, Separata da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, p. 10).

<sup>43</sup> BROWN, A. J., *The Word of God*, o. c., p. 38.

<sup>44</sup> Elementos coligidos da *Introdução à Edição Almeida, Corrigida, Fiel*, SBTB, S. Paulo, 2003.

seus habitantes; o que pretendeu, não foi fazer uma Bíblia protestante, mas uma Bíblia que fosse correta.<sup>45</sup>

Que tem a ver a Bíblia de Boys com a de Almeida? Aquele tentou fazer “moderna” uma Bíblia “antiquada”.<sup>46</sup> Depois publicou Marcos, como primeira edição experimental.<sup>47</sup> E o nosso tradutor / revisor afirma ainda que foi elogiado pelos leitores portugueses da sua obra.<sup>48</sup>

Em 1869, é anunciada pela TBS uma nova edição da Bíblia revista por Boys (3000 exemplares). O seu trabalho parece ser semelhante ao da *Revista e Atualizada* da SBB, ou seja, parece uma revisão perfeita no português vernáculo, suavizando a literalidade de Almeida, trabalho que também tentaram os revisores de Tranquebar. Isso nota-se quando estes suprimem textos, onde aparece a tradução literal do acusativo interno hebraico, como “morrendo morrerás”, “dizimando dizimarás”, “em gerações do século”... Boys usa uma linguagem bastante vernácula: por exemplo, Oriente, em vez do clássico Orion (Am 5,8). Não deixou, no entanto, de guardar a literalidade de Almeida, no essencial. Esta foi uma revisão, mas tornou-se praticamente uma reedição com correções ortográficas.

A edição da Trinitariana, revista por Boys, por vezes chamada do “anónimo inglês”, afinal, não é anónima senão formalmente.<sup>49</sup> Uma apreciação global desta revisão não a deixa muito bem vista, pois os conselheiros portugueses de Boys, afinal, foram maus conselheiros, deixando passar muitas palavras de português

<sup>45</sup> “During this two years’ residence in the dominions of the Pope, I was *never once asked* for a Roman Catholic Bible, I was *asked repeatedly* for a correct Version of the original Scriptures” (BROWN, A. J., *The Word of God*, o. c., p. 39).

<sup>46</sup> “When I was commissioned to undertake your version of the Portuguese Bible, adopting, as far as possible, the honest but antiquated version of Almeida, but in all cases following the Original Text, some time elapsed before I went to reside at Lisbon, for the purpose of carrying on the work with native assistance. In the interval, beginning with the New Testament, I proceeded with the work in London” (BROWN, A. J., *The Word of God*, o. c., p. 39-40).

<sup>47</sup> “Having first submitted my proposal to the Committee, and obtained their consent, I published forthwith, on my own responsibility, my Gospel of St. Mark in Portuguese (1839). This was as it came out of my hands, without native revision of any kind (...). Meanwhile we were able to ascertain that it was approved of by Portuguese of the more educated class” (BROWN, A. J., *The Word of God* o. c., p. 40).

<sup>48</sup> “For in a flying visit to Oporto and Lisbon I had taken copies with me, and had submitted them to the judgement of all classes, unlearned as well as learned, the classical scholar, the popular writer, and domestic servant” (ib., p. 40). Depois, especifica esta edição de Almeida “in twenty-five successive portions, each as it was ready for the press; the Gospels, each a portion by itself; the Acts; the rest of the New Testament in three other portions; in like manner, the Old Testament: Isaiah, The Book of Psalms, and so on, till we completed and closed the series with the most difficult portion of all, the book of Job...” (ib., p. 40-41).

<sup>49</sup> EDUARDO MOREIRA, *Versões Bíblicas*, o. c., p.10.

calão ou com duplo sentido, o que em nada dignificou a edição, que não teve, por isso mesmo, grande sucesso. Pensou-se até em destruí-la. O seu melhor texto é o dos Salmos.

#### 4.4.3. Revisão a partir de 1865

Em 1865, encontramos a menção de uma revisão de Almeida, sobretudo na ortografia.<sup>50</sup> Em 1866, no já citado Boletim da Sociedade Bíblica Britânica Estrangeira, fala-se de nova revisão.<sup>51</sup> No seu “Editorial Report”, de 1916, diz-se ainda que estão a ser corrigidas faltas ortográficas e gralhas tipográficas. Foi a partir da edição do Novo Testamento de 1773, que estava segundo a *correspondência formal*, que se fizeram as seguintes revisões e edições do NT de Almeida.

#### 4.4.4. Revisão de 1886

Tentativa de nova revisão a partir dos textos originais e tendo como base o texto de Figueiredo. A iniciativa partiu dos esforços da British and Foreign Bible Society (BFBS), de Londres, e da American Bible Society (ABS), de Nova Iorque, para traduzir uma Bíblia para Portugal e Brasil. Robert Stewart presidia ao comité em Portugal e A. L. Blackford ao do Brasil. O comité português imprimiu, numa primeira tentativa, o Evangelho de Mateus em 1886; o do Brasil editou apenas os primeiros 8 capítulos de Lucas, no Rio de Janeiro do mesmo ano. Este texto tem notas, traduções alternativas, 2 colunas, mas sem paginação (ver Darlow, n.º 7554).

#### 4.4.5. Revisão de 1886-1887

Neste caso, um grupo de ministros protestantes reuniram-se para rever Almeida. Este grupo era constituído por “T. Pope, Robert Stewart, Chaves e Moreton, chegando a sair do prelo os *Evangelhos*, as *Epístolas aos Romanos*, *Coríntios*,

<sup>50</sup> Boletim da *British and Foreign Bible Society*, Londres, 1865, p. 104.107: “The Committee will merely add, that the Portuguese of Almeida is now undergoing such revision, as will bring it into conformity with modern idiom and orthography; and in a short time one edition of the New Testament will be issued. Separate Gospels so revised are already printed”.

<sup>51</sup> “Two editions of the New Testament of 5000 each and one edition of the Bible, of the same size, have been published at Lisbon during last year [1865]. A careful revision of Almeida’s Testament has also taken place so as to render it both acceptable to the educated and intelligible to the humble classes. An edition of 5000 copies is now passing through the press” (ib., 1866, p.102). Até ao momento, não identificámos estas edições. Terão sido impressas? De facto, em 1865 aparecem duas Bíblias, mas de Figueiredo (Darlow, n.º 7528-7529). Há ainda um Novo Testamento de Figueiredo (1865) e outro de Boys, de 1867.

*Gálatas e Colossenses*” (Eduardo Moreira).<sup>52</sup> Não encontramos esta edição em nenhum catálogo. Parece ser deste grupo de revisores o Evangelho de Mateus, de 1893.

#### 4.4.6. Revisão de A. de Mattos

Este ministro presbiteriano, em Jacksonville, Illinois (USA), também reviu o Novo Testamento de Almeida, que foi publicado em 1857 em português e inglês. Deve ter feito tal revisão a partir da edição de T. Boys. Esta parece mais próxima do texto antigo de Almeida.<sup>53</sup>

Estas revisões não deram o fruto esperado, ou por falta de meios pessoais ou financeiros, mas sobretudo porque os intervenientes nas revisões – pertencendo a igrejas diferentes – não se entenderam quanto à terminologia a utilizar. Todas terminaram, geralmente, em boas intenções e sobretudo em correções ortográficas, o que já não era pouco.<sup>54</sup>

### Conclusão

Este capítulo trata ainda diretamente de temas bíblicos e tem como conteúdo pequenas obras e mesmo textos bíblicos de certo valor. Por isso o dividimos nos quatro setores assinalados no início, para melhor compreendermos a qualidade e quantidade do conteúdo do mesmo:

- a) Autores e outras obras bíblicas: apresenta nada menos de 35 autores.
- b) Vidas de Jesus, que apresenta apenas 6 autores.
- c) Contributo dos judeus: 6 autores.

<sup>52</sup> Robert Stewart foi secretário da Sociedade Bíblica em Lisboa entre 1876 e 1902; Moreton substituiu-o entre 1902 e 1935.

<sup>53</sup> Com o bispo protestante Santos de Figueiredo e outros colaboradores, Eduardo Henriques Moreira reviu também a Bíblia de Almeida (ver *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 17, p. 853). Eduardo Moreira fala também de uma revisão feita pelo Reverendo Robert Moreton: “Tivemos o privilegio de colaborar com o saudoso e erudito Reverendo Roberto Moreton, na revisão da Bíblia de Almeida agora corrente. Durante essa revisão, quantas vezes tivemos de repor na forma original muitos termos e maneiras de dizer, que revisores ignorantes do génio e da alma da língua tinham alterado” (*Portugal Evangélico*, Setembro-Outubro, n.º 96-97, 1928, p. 1). Talvez se trate da mesma revisão de 1886-1887.

<sup>54</sup> Mattos “based it mainly on ‘a translation from London, from the Greek’ – probably Thomas Boys revision” (Darlow, n.º 7518); no n.º 7519, diz que Mattos preparou também o Novo Testamento de 1857, apenas em português (a ABS editou estas obras).

No total, apresentamos 47 autores com 107 obras, cujo valor reside sobretudo no facto de serem influenciadas direta ou indiretamente pela Bíblia. Este capítulo marca, portanto, uma clara presença da Bíblia na nossa cultura, pois muitas das obras têm como autores, não clérigos, mas simples leigos e homens de cultura.

Esta presença da Bíblia é reforçada pelo esforço feito por algumas Igrejas protestantes em melhorar o texto da Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida, que teve a honra de ser o primeiro português a aventurar-se numa tradução (quase) total da Bíblia, ainda no séc. XVII. Foi a esta Bíblia que dedicámos todo o IV volume desta coletânea, para o qual remetemos o leitor.

### ***Relação mútua dos dois Testamentos***

“Deste modo, Deus, inspirador e autor dos livros de ambos os Testamentos, dispôs sabiamente que o Novo Testamento estivesse escondido no Antigo, e o Antigo se tornasse claro no Novo. Pois, apesar de Cristo ter fundamentado a Nova Aliança no seu sangue (Lc 22,20; 1 Cor 1,25), os livros do Antigo Testamento, integralmente assumidos na pregação evangélica, adquirem e manifestam a sua significação completa no Novo Testamento (Mt 5,17; Lc 24,27; Rm 16,25-26; 2 Cor 3,14-16), ao mesmo tempo que o iluminam e explicam”.

*(Dei Verbum do concílio Vaticano II, n.º 16)*



## Capítulo 5

### Bíblia e ciências modernas

Podemos avançar, desde já, que este capítulo é dos mais típicos dos séculos tratados neste volume. O motivo fundamental reside no facto de a leitura da Bíblia, feita tradicionalmente, ser agora posta em causa pelas novas ciências. Estas puseram em crise a antiga crítica histórica, literária, textual...; numa palavra, toda a ciência de interpretação da Bíblia, a hermenêutica tradicional.

Este capítulo entende-se melhor, se o lermos em paralelo com o capítulo 7, *Bíblia e Literatura de Controvérsia*, e mesmo com o anterior: *Bíblia e Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos*. São três capítulos típicos destes dois séculos.

Por isso, apresentamos, desde já, os pontos fundamentais, para que o leitor tome consciência dos verdadeiros problemas que estão em causa neste capítulo muito especial:

- 5.1. Ciências modernas e leituras da Bíblia: do TEXTO ao texto e do texto ao TEXTO.
- 5.2. A Bíblia: uma leitura pré-crítica
- 5.3. Estudos bíblicos no período do racionalismo: o criticismismo bíblico
- 5.4. Hermenêutica e exegese dos textos bíblicos
- 5.5. As “Vidas de Jesus”
- 5.6. Outros estudos bíblicos sobre os Evangelhos
- 5.7. Método histórico-crítico: uma iniciação
- 5.8. Orientalismo e ciências bíblicas
- 5.9. Edições críticas da Bíblia
- 5.10. Contributo de autores portugueses
- 5.11. Estudos bíblicos e praxis da Igreja Católica
- 5.12. A eterna polémica: que relação entre Fé e Razão?
- 5.13. Ainda a tradução da Bíblia para as línguas vernáculas
- 5.14. Resposta da Igreja ao racionalismo científico

Vamos dizer apenas algumas palavras sobre cada um destes pontos.

## 5.1. Ciências modernas e leituras da Bíblia:

### Do *TEXTO* ao *texto* e do *texto* ao *TEXTO*

Que queremos dizer com esta expressão? Uma coisa relativamente simples: *TEXTO* é a palavra de Deus inspirada no texto humano (*texto*). Portanto, se a dinâmica da inspiração de Deus foi *Palavra inspiradora*, que deu origem ao *texto humano*, a dinâmica do nosso estudo tem que partir em sentido inverso: do *texto* humano (palavra inspirada) para o *TEXTO* (Palavra inspiradora). Em conclusão, não podemos chegar a compreender o *TEXTO*, sem passarmos pelo estudo atento do *texto* (do escritor humano). Foram as novas ciências, sobretudo literárias, que nos deram a conhecer esta dinâmica, condição absolutamente necessária para uma verdadeira hermenêutica do texto bíblico.

Lutero tinha apreendido aos quatro ventos que a leitura da Bíblia era suficientemente clara, devido à presença, na própria letra do texto, do Espírito inspirador da mesma. Por isso, “dispensou” o concurso do Magistério da Igreja e, em parte, da Tradição mais que milenar, para a interpretação da Bíblia, como verificámos no volume III desta coletânea.<sup>1</sup>

Lutero tinha, em parte, razão, no sentido em que o Espírito está no texto bíblico e fala através dele. Mas seria necessário explicar em que sentido isso acontece. De facto, o Espírito de Deus não está agarrado, “enjaulado”, na materialidade do *texto escrito*, mas sim no *texto lido*, isto é, *lido* na fé da Igreja, já que o texto bíblico é sempre dirigido ao *povo* de Deus, tanto do Antigo como do Novo Testamento; e também à pessoa singular, na medida em que esta está inserida nesse povo, na fé desse mesmo povo. É sempre útil lembrar um texto típico da Segunda Carta de Pedro:

*Antes de tudo, tende presente que ninguém pode interpretar por si mesmo uma profecia da Escritura, porque jamais uma profecia foi proferida pela vontade de um homem; mas, sendo movidos pelo Espírito Santo é que certos homens falaram da parte de Deus (2 Pe 2,20-21).*

Ora, se os profetas falaram, não foi para uma pessoa singular, mas para todo o povo. Este é o destinatário principal do anúncio profético ou de outros homens e mulheres de Deus que falaram inspirados pelo Espírito Santo. Portanto, é *segundo e na fé do povo de Deus* que o indivíduo, membro do mesmo povo, deve ler o texto bíblico. Só então é que este último atinge o seu objetivo, a finalidade para a qual foi pregado e/ou escrito. Nesse caso é que podemos dizer que o *Texto* se torna *claro*, no mais profundo sentido bíblico. Essa *clareza* não lhe vem, propriamente, da materialidade do *texto*, mas também do seu estudo científico. Este

<sup>1</sup> *A Bíblia nos séc. XVI-XVII* (p. 67-103).

estudo é muito importante e fundamental, mas não oferece a *clareza bíblica*, se lhe faltar a *fé do povo*, para o qual foi escrito.

Mas o conceito de “clareza da Bíblia” vai passar, agora, nos séc. XVIII-XIX, a significar, não a *clareza* que o Espírito Santo infunde no espírito do leitor, para compreender a Bíblia, à maneira de Lutero, mas a compreensão do texto bíblico devida aos árduos estudos, com a ajuda das novas ciências (História, Arqueologia, História das religiões...), que a descoberta de novos mundos também ajudou a desenvolver. Os cientistas destes dois séculos interessam-se profundamente pela Bíblia, mas numa perspetiva mais científica do que cristã. Trata-se, portanto, agora, de uma *clareza científica*, que pretende apossar-se do verdadeiro estudo da Bíblia; numa palavra, vai pretender dizer a última palavra sobre a Bíblia e esta, por sua vez, torna-se um dos grandes motivos de várias ciências, sobretudo as antes apontadas.

Deste modo, vão defrontar-se dois tipos de *clareza bíblica*, a científica e a da fé. E as duas começam um duro combate entre si, em vez de colaborarem para o mesmo objetivo. A ciência vai acusar, frequentemente, a Bíblia de ser um repositório de mitos e “estórias” antigas das religiões do Médio Oriente. Os que fazem uma leitura crente da Bíblia acusam a outra parte de racionalismo “à outrance”; reagem contra ela, argumentando com provas tiradas da História e da Arqueologia, mediante o conhecido e estafado motivo de que *A Bíblia Tinha Razão*.<sup>2</sup> Esta foi a reação mais comum de católicos e protestantes para provar que a Bíblia não era um “mito” ou uma série de “estórias” antigas. Portanto, merecia crédito histórico e arqueológico.

Sobre estas ideias gerais vai surgir uma imensa literatura de controvérsia contra o cientismo, deísmo, ateísmo, gnosticismo e outros “ismos”. Esta mesma ideologia, mais ou menos antibíblica, irá responder com uma série de literatura sobre determinados géneros literários pouco condizentes com o sentido cristão da Bíblia: “mito”, “histórias antigas”, “lendas” e outros, que tinham, na altura, conotações negativas contra o espírito tradicional do cristianismo.

Hoje ninguém afirma que tais géneros literários tenham qualquer sentido negativo; pelo contrário, estes géneros mostram-nos os muitos e variados modos que o engenho humano utilizou para falar do divino, presente na história humana. Neste sentido, a obra de Werner Keller – *A Bíblia Tinha Razão - A verdade histórica da Bíblia demonstrada pela Arqueologia* – que tantas traduções teve em muitas línguas, não tem qualquer valor provativo: ao pretender ser científico,

<sup>2</sup> KELLER, Werner, *Und die Bibel hat doch recht* (E a Bíblia teve mesmo razão), 1955. Na contracapa diz-se: “A verdade histórica da Bíblia, esse livro máximo da história da humanidade, é demonstrada pela Arqueologia. As escavações, os estudos arqueológicos, a erudição histórica foram pouco a pouco revelando e comprovando a veracidade dos textos bíblicos...”.

tornou-se precisamente anticientífico. A verdade da Bíblia não se prova pelas descobertas científicas, mas *pelo que ela é*, em si mesma. E, em si mesma, não é história pura, mas histórica, porque se situa no tempo histórico. Daqui se conclui que a verdade histórica da Bíblia não carece de ser comprovada, como pretende o autor.

Finalmente, a Europa católica só neste período despertou para a força da Palavra, lida e escutada diretamente a partir do “texto nu” e não apenas do “texto catequizado”, do “texto pregado”, do “texto celebrado” na liturgia, etc. Mas, nem por isso, a polémica católico-protestante amainou, dando ocasião ao famoso tema das “Bíblias corrompidas”, epíteto que a Igreja Católica não se esqueceu de atribuir a certas Bíblias não católicas. Tal foi o caso da Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida, por lhe faltarem, além de outras componentes exigidas, os livros dêutero-canônicos.<sup>3</sup>

Quem irá colocar em questão o demasiado otimismo da legibilidade e clareza da Bíblia não vai ser propriamente a Igreja Católica, mas as novas ciências históricas, arqueológicas e literárias. Tais ciências vão pôr em crise, neste período, a pretensa diáfana *clareza* do texto bíblico, assim como, frequentemente, a própria causa de tal *clareza* – o Espírito Santo, inspirador da Bíblia. Numa palavra, um certo fundamentalismo bíblico, que aureolava a própria materialidade do texto, vai ser profundamente questionado. Nesse caso, o próprio Lutero ficará grandemente desacreditado perante as novas ciências, que, essas sim, pretensiosamente, vão desvelar, não tanto o sentido divino, cristão, da Bíblia, mas o sentido histórico dos seus textos, agora lidos mais como história antiga do que como palavra de Deus. Este estudo histórico-científico da Bíblia vai dar azo ao chamado “racionalismo bíblico”, saído, curiosamente, do mundo protestante, como reação ao fundamentalismo bíblico ou biblicismo também protestante (e católico).

É a própria base da Reforma protestante que, em parte, é abalada. O sacerdote católico Richard Simon, tal como Sacy, irão gritá-lo aos ouvidos pios de um protestantismo, biblicamente “naïf”, assim como a uma Igreja Católica ainda com medo de que a Bíblia fosse um instrumento de contágio de protestantismo. Antes dele, já Espinosa tinha dado o mote, ao colocar o texto da Bíblia perante a filosofia e a crítica, tratando a Bíblia como um outro qualquer texto humano, a fim de que as possíveis opacidades do mesmo se tornassem mais claras, não pela subjetividade protestante, mas pelos estudos históricos e científicos. Trata-se, pois, de um processo de desconstrução do texto, a fim de o reconstruir novamente, peça por peça, como faz a criança perante o brinquedo, para verificar a maneira como todas as suas peças funcionam.

<sup>3</sup> Ver vol. IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, 2019.

Hoje, tudo isto é normal, devido ao avanço das técnicas literárias de desconstrução-construção de um qualquer texto literário. Ora, a Bíblia é, sem dúvida, um dos grandes textos literários da humanidade. E só agindo segundo este processo, sabemos como ele funciona *por dentro*, numa palavra, sabemos *o que o texto diz*, em si mesmo. E é sabendo o que o texto diz que sabemos realmente o que ele *nos* diz. Ou, ainda mais claramente, para os crentes, sabemos *o que o Espírito Santo diz e nos diz*.

Nos séculos que nos ocupam no presente volume, este processo constituiria um autêntico “abuso” do texto, uma grave ofensa ao *Texto Sagrado*, uma espécie de heresia a fulminar com todos os anátemas. E o mais curioso ainda é que os fautores deste processo de “desconstrução” do texto bíblico, mediante as novas ciências, foram precisamente os estudiosos da Bíblia, pertencentes ao mundo religioso da Reforma protestante. Por isso, foram apelidados de “racionalistas protestantes” e constituíam um grupo à parte, um grupo suspeito, que não convivia facilmente com a generalidade de um “protestantismo popular”, fundamentalista e biblicista.

Perante este avanço de uns, o que acontece, normalmente, é o recuo de outros. É a *fuga para trás* ou a *fuga para o lado*. A primeira é uma reação claramente negativa, que pretende marcar pontos no combate contra os da *fuga para a frente*. Este binómio aconteceu no protestantismo tradicional, mas também no catolicismo. Neste ponto, marcaram o mesmo posicionamento perante a Bíblia, que, geralmente, se caracterizava por uma leitura literalista e historicista.

Dentro da Igreja Católica, as orientações que vinham de cima, isto é, do Vaticano, dominado por canonistas e moralistas, a *fuga para trás* acentuou-se, mesmo por meio de condenações de certas posições “racionalistas”, em “defesa” do texto bíblico. Perante estas duas forças opostas, aconteceu o que chamamos acima a *fuga para o lado*, isto é, a procura de um meio-termo, de uma meia-via, de uma abstenção da luta.

Assim, no que se refere aos católicos, continuaram a ater-se a pregações e exercícios de piedade, a participar em movimentos espiritualistas, como vinha sendo tradição proceder, ou, simplesmente, não ler a Bíblia ou lê-la de modo literalista. Eram, de algum modo, os meios substitutos da leitura séria e crente da Bíblia. No mundo protestante, esta *fuga para o lado* deu origem a movimentos pietistas e sectários, sendo o exemplo mais evidente o das *Testemunhas de Jeová*, nascidas nos Estados Unidos, precisamente no séc. XIX.

Facto interessante é que todos estes movimentos, com as suas diferentes formas de leitura da Bíblia, procuram *a verdade* do texto bíblico: “É verdade ou não é verdade que a Bíblia diz que....?” – ouvimos frequentemente perguntar. Portanto, o problema da leitura da Bíblia não está na intenção de procurar a *verdade*

da Bíblia, mas no *método* rigoroso, nos caminhos a seguir para a encontrar. Ora, as novas ciências bíblicas, que deram os primeiros passos já nos séc. XVI-XVII – como víamos no volume anterior desta coletânea sobre *A Bíblia em Portugal* – começam a estruturar-se e a fixar as suas metas precisamente na época que nos ocupa neste volume, nos séc. XVIII-XIX.<sup>4</sup>

O séc. XVII foi o século da revolução da imprensa, facilitando, assim, a divulgação dos livros e, portanto, a cultura democratiza-se; e, com a cultura em geral, democratizou-se a Bíblia, tornando-se acessível a praticamente todas as bolsas, se não fossem as proibições de a ler, como aconteceu no nosso país.<sup>5</sup> Não poderíamos esquecer aqui uma palavra para afirmar que o método de ler a Bíblia não é tudo. Sendo, como é, uma biblioteca de livros de carácter religioso, o leitor, para encontrar a *verdade* do texto, terá que se colocar nesse contexto espiritual, religioso, para receber, não apenas a verdade humana do texto bíblico, mas sobretudo a *Verdade divina*, que se esconde por detrás da *verdade humana*.

Daqui poderíamos concluir que as novas ciências bíblicas, de que estamos a falar, mostraram-nos o caminho para chegar à verdade humana do texto bíblico, para, assim, chegarmos mais diretamente e com passos seguros, à Verdade divina do mesmo. Deste modo, a teoria da *leitura dos textos* tornou-se o suporte humano, científico, do princípio teológico da *leitura do Texto*. Por outras palavras, as ciências bíblicas ajudaram o leitor cristão a encontrar, no *texto-significante*, o autêntico *significado*, ou seja, a palavra de Deus, que só a fé faz descobrir verdadeiramente. Sem as ciências bíblicas, o leitor do *Texto* ficaria como barco à deriva no meio das ondas encapeladas de leituras subjetivas e relativistas, que ainda se encontram por aí, em pleno séc. XXI.

Tudo quanto acabamos de afirmar a propósito de deficiências e exageros na leitura dos textos, é devido, em parte, à teoria do texto literário: a Bíblia deve sempre ser lida, também como um texto literário, com valor em si mesmo. Este vazio era, talvez, devido a uma autossuficiência teológica e mesmo canónica do texto bíblico, já que, teólogos e canonistas, no interior da Igreja Católica, eram os que debitavam as regras hermenêuticas de interpretação da Bíblia, e não propriamente os exegetas, que tinham de se submeter religiosamente aos primeiros.

Por outro lado, a enorme pluralidade de géneros literários dentro dos diferentes livros da Bíblia – que se vão descobrindo na época abrangida por este estudo – era uma dificuldade acrescida para a hermenêutica, ou seja, para a *clareza* da

<sup>4</sup> No que diz respeito aos séc. XVI-XVII, veja-se o vol. III, por exemplo, cap. 18, p. 837-864.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, no vol. III, o contraste entre o cap. IV, referente às traduções da Bíblia no resto da Europa, e os restantes capítulos do mesmo volume.

Bíblia no seu conjunto. Portanto, a clareza da Bíblia não se adquire apenas a partir do *Alto*, traduzida pela inspiração bíblica, mas também a partir de *baixo*, isto é, do estudo da Bíblia através das chamadas *Ciências Auxiliares do estudo da Bíblia*, como víamos já um início no volume III desta coletânea.

É no cruzamento destes dois eixos hermenêuticos que está a dificuldade de interpretação da Bíblia. A única solução é a conciliação dos dois níveis hermenêuticos: o humano-científico e o divino. Os dois são necessários e é nessa complementaridade entre os dois que o leitor encontra mais clareza no texto: dois significantes contribuem para um significado mais verdadeiro da Bíblia. Um problema grave na tradução da Bíblia é ainda o facto de nem sempre ser fácil encontrar a correspondência exata entre o significante e o significado, ficando sempre uma parte de ambiguidade na tradução do significante. Tal ambiguidade pode ainda sofrer os reveses da adaptação do tradutor, neste caso, o leitor da Bíblia. A indeterminação do sentido do texto original traduzido pode ser amenizada mediante notas esclarecedoras, tanto de carácter filológico como semântico.

## 5.2. A Bíblia: uma leitura pré-crítica

Nos primeiros dezoito séculos, tentava encontrar-se semelhanças no essencial e explicar as divergências entre os 4 Evangelhos. E até ao séc. XX, publicavam-se ainda “Harmonias dos Evangelhos” ou “Concordâncias dos Evangelhos”. Era a tentativa, sempre frustrada, de uma visão historicista dos Evangelhos: os três seriam três modos, essencialmente iguais, da mesma “vida de Jesus”. *O Diatesseron de Tassiano* foi a primeira tentativa de redigir uma “Vida de Jesus” a partir dos 4 Evangelhos. Muitas igrejas reagiram contra, certamente com medo de que este livro substituísse os 4 Evangelhos.

Os comentadores de então limitavam-se a encontrar conteúdos doutrinários nos Evangelhos. No entanto, já com Orígenes e Jerónimo houve a preocupação por desentranhar as dificuldades, partindo duma incipiente crítica textual. A partir deste momento, vamos ver alguns nomes importantes que impulsionaram definitivamente as ciências bíblicas e apresentaram uma visão científica da Bíblia como livro de fé e de cultura. *O protestantismo liberal* iniciou uma crítica profunda contra o fixismo tradicional.

### A Crítica Histórica (séc. XIX)

Com o grande incremento dado à História, a *Historiografia bíblica* recebeu grande importância. É também no século XIX que a *Arqueologia* vai despoletar os estudos da *Filologia bíblica*. Estes progressos científicos levam o homem deste século a considerar-se independente de todo o poder superior e da própria fé.

É esta a atitude que vigorará até ao séc. XX, mormente até ao fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

As características da hermenêutica liberal são essencialmente três: em primeiro lugar, confiança na *razão* (herdada do período anterior) e nos *métodos literários*. Isto fará com que o método histórico-crítico atinja independência, em relação com a fé. Em segundo lugar, havia confiança nos *sistemas filosóficos* em vigor na época: o idealismo hegeliano da tese-síntese-antítese, o evolucionismo, o positivismo e o historicismo. Os sistemas filosóficos não foram bons guias dos exegetas, como veremos. Em último lugar, aconteceu uma *separação nítida entre exegese e teologia*, entre razão e fé, que terá o seu ponto culminante em Bultmann. O povo simples protestante sentiu-se fora da corrente exegetica e não conseguiu apanhar o comboio da renovação da leitura bíblica. O ponto mais positivo foi, sem dúvida, o aprofundamento dos estudos literários e a maior atenção prestada ao texto bíblico, enquanto palavra humana, de autores humanos.

No campo católico, a reação a este movimento continuava negativa. Suspeitava-se do racionalismo e não se via com bons olhos um estudo puramente científico da Bíblia, isto é, desligado da fé. Tentou-se atacar os novos métodos, “provando” a historicidade de tudo, porque ainda se confundia verdade da Bíblia com verdade histórica. Até os 12 primeiros capítulos do Génesis foram objeto de declarações do Magistério acerca da sua verdade histórica.

Esta posição oficial católica pode ver-se ainda espelhada no *Manuel Biblique* (1876) de F. Vigouroux e Bacuez, assim como no *Cursus Scripturae Sacra* (1886) de R. Cornely.<sup>6</sup> Seguiu-se-lhes, ainda em França, o famoso *Dictionnaire de la Bible*, também dirigido por F. Vigouroux, que abriu novas perspetivas (1891-1912). O *Dicionário Apologético da fé católica* (1889) é o lugar da expressão dos mais conservadores. Estes estudos foram devidos, em parte, ao avanço das ciências literárias e arqueológicas, que deram a conhecer o mundo do povo bíblico.

A Alemanha foi, sem dúvida, o berço dos novos estudos bíblicos. Para isso contribuiu o movimento romântico da liberdade, que tinha conquistado os espíritos; a filosofia hegeliana, que dava um sentido à História. A exegese tinha que se libertar do dogma, para poder livremente partir à conquista de novos horizontes. A Idade Média tinha passado, definitivamente.

<sup>6</sup> Entre 1885 e 1887, este jesuíta, professor na Universidade Gregoriana de Roma, publicou, em quatro volumes, a sua *Historica et critica Introductio in utriusque Testamenti libros sacros*. Esta obra monumental era a base do mencionado *Cursus Scripturae Sacrae*. Na sua *Introductio*, Cornely unia a exegese bíblica com a Teologia católica. Foi feita em colaboração com J. Knabenbauer e F. von Hummelauer e teve certamente influência na encíclica de Leão XIII e na exegese católica posterior. Sobre este autor e sua obra pode consultar-se *Dictionnaire de la Bible-Supplément* (DBS) II, col. 153-155.



### 5.3. Estudos bíblicos no período do racionalismo: o criticismo bíblico

Sabemos que a colonização de povos de outros hemisférios tinha despertado o apetite pelas ciências naturais, e as primeiras descobertas arqueológicas no Médio Oriente tinham feito renascer a curiosidade pelas culturas do povo da Bíblia e dos seus vizinhos. Descobre-se que, afinal, nem tudo o que está escrito na Bíblia caiu do céu, senão que pertence também a um povo, a uma cultura e mesmo a uma série de povos do Médio Oriente Antigo.

Nasce, assim, o orientalismo e, com ele, os estudos comparados da Bíblia com outras literaturas antigas vizinhas do povo bíblico. Numa palavra, todas as descobertas modernas, sobretudo a partir do conhecimento de novos mundos e povos, aguçaram o apetite pelas ciências. E a Bíblia não ficou de fora; mas foi descoberta também como um espaço, embora muito especial, para a intervenção de algumas das novas ciências. Este espírito científico, mormente no que se refere à Bíblia, insiste em vários setores: línguas e civilizações do Médio Oriente Antigo, Filologia, Arqueologia e História comparada das religiões.<sup>7</sup>

Sabemos ainda que, depois do concílio de Trento, a Igreja ficou descansada e acomodada aos decretos emanados pelo mesmo Concílio. É interessante notar que, entre esse Concílio e o Vaticano I, há apenas nove breves intervenções da Igreja dignas de registo, sendo quatro acerca de proibições de traduções da Bíblia em língua vulgar.<sup>8</sup>

É neste contexto que o iluminismo e, seguidamente, o racionalismo vão olhar para a Bíblia de um modo diferente, concedendo um especial papel à razão humana. Daí a *crítica* que estes dois sistemas de pensamento faziam ao modo tradicional de ver o mundo e a própria Bíblia. Pretendia-se encontrar a razão de ser das coisas, as suas origens e justificação do que se pensava e se vivia. Por isso, o termo “crítico” passou a significar um estudo aprofundado, científico.

Os dois objetivos fundamentais do criticismo bíblico eram:

<sup>7</sup> É claro que não consideramos aqui as ciências com uma finalidade propriamente profana e frequentemente opostas à Bíblia e à religião, como é o caso das obras dos enciclopedistas franceses e outras como *L'Esprit des Lois de Montesquieu, avec des Notes de Dupin, Crevier, Voltaire, Mably, Servan, La Harpe, etc.*, Paris, Chez Lefèvre, Libraire-Éditeur, 1835; 769 p.; 26x16,5 cm (DB). Para um repertório de investigadores no Médio Oriente Antigo, à procura de antiguidades e cidades perdidas, veja-se NUNES CARREIRA, *O século de Verdi: o Despertar de um Gigante*, em Cadmo 12, Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa, 2002, p. 9-39.

<sup>8</sup> Ver ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre A Bíblia (160-2010)*, Fátima, Coimbra, Difusora Bíblica e Gráfica de Coimbra, 2011, n.º 37-45, p. 128-162.

- a) Encontrar e estabelecer como verdadeiros os textos mais próximos dos originais ou autógrafos, já que estes se tinham perdido. Assim, quando se preparava uma edição bíblica tinham que se comparar todos os textos manuscritos conhecidos, na altura. Nascia aí a chamada *Crítica Textual* e as chamadas “edições críticas” dos textos bíblicos.
- b) Depois de se encontrar o texto mais seguro, era necessário estudá-lo literariamente, estilisticamente e descobrir o seu género literário, a fim de se conhecer, na medida do possível, a intenção do autor desses textos. Pois é sabendo o que o autor queria dizer, que compreendemos, pelo menos parcialmente, o que o texto diz. Nasceu assim a *Crítica Literária*. Com estes dois instrumentos, podia-se, agora, conhecer melhor a Bíblia, não apenas como palavra humana, mas também como palavra de Deus. Para um cristão ou judeu, a Bíblia tem dois autores: o *autor divino*, que falou à humanidade mediante o *autor humano*.
- c) Mas era necessário conhecer também as línguas (hebraico e grego), a história e a própria geografia do povo da Bíblia, porque tudo isto influiu na escrita. Nasceu, assim, a *Historiografia Crítica* da Bíblia.

Com estes instrumentos de leitura da Bíblia, podia-se avançar para uma verdadeira hermenêutica e exegese bíblicas. A chamada “Escola de Tubinga”, durante o séc. XIX, tentou caminhar, embora por pouco tempo, por esta via.

### As novas ciências e o racionalismo protestante

Com o despertar do espírito científico, tentou-se encontrar na Bíblia o autêntico sentido da palavra de Deus, ou seja, o sentido querido pelo escritor do texto bíblico. A isto se chama normalmente *sentido literal*, ou seja, o sentido da “letra” do texto bíblico. Distingue-se do literalismo, que é um modo de ler a Bíblia à letra, como se fosse história, sem procurar a semântica, o sentido profundo do texto.

Até ao séc. XVI, a cristandade acreditou que os *Cinco livros de Moisés* tinham sido escritos por ele próprio, o que levantava não poucos problemas de crítica histórica e textual. Os Padres da Igreja já se tinham dado conta destas dificuldades, mas resolviam-nas com o famoso “concordismo”, que nem sempre era a melhor solução.

Este período vai, “grosso modo”, do séc. XVIII até meados do séc. XX, sobretudo até à encíclica de Pio XII, a *Divino Afflante Spiritus* (1943). Utilizam-se os meios científicos ao alcance dos estudiosos, mas também se prescinde facilmente da inspiração bíblica. É nesta altura que, com o nascimento do orientalismo, se

fazem estudos comparados entre a Bíblia e outras literaturas antigas do Médio Oriente. Estas, a História do povo bíblico e a Arqueologia bíblica recebem uma grande importância e tornam-se ciências obrigatórias para os estudos bíblicos.

A História torna-se uma ciência independente da fé e, por vezes, constrói-se uma dicotomia entre as duas. Utilizam-se como métodos o comparativismo histórico e religioso e dá-se uma enorme importância à história comparada das religiões. Para muitos deles, a fé é alheia ou simplesmente não cabe nas novas ciências. A deusa *Razão* – como proclamou a Revolução Francesa – adquiriu maioria e afastou-se da sua mãe-fé. Já no séc. XVII, o racionalismo surge nos escritos de alguns filósofos e intromete-se também nos estudos bíblicos: um exemplo claro é o de Espinosa, filósofo judeu de ascendência portuguesa, com o seu *Tratado Teológico-Político* (1670).

#### 5.4. Hermenêutica e exegese dos textos bíblicos

Vejamos agora alguns dos maiores representantes das ciências bíblicas, no que se refere ao texto bíblico em si mesmo, assim como as regras hermenêuticas por eles utilizadas. É claro que, nessa altura, tais regras não eram ainda muito definidas e claras; mas procurava-se um meio de entrar no coração da Bíblia, para conhecer o sentido profundo das suas palavras e da sua mensagem.

Normalmente, define-se a *hermenêutica* como a ciência da interpretação dos textos escritos, e a *exegese*, como a arte de aplicar as regras hermenêuticas. A hermenêutica bíblica engloba dois planos diferentes: o 1.º considera os textos bíblicos na sua linguagem e história humanas, etc. Assim, inclui os seguintes campos:

1. O conhecimento das línguas da Bíblia.
2. O estabelecimento do texto autêntico, mediante a ciência da crítica textual.
3. O conhecimento da mentalidade dos autores dos textos bíblicos e as circunstâncias históricas em que eles escreveram (*Sitz im Leben*).
4. Conhecimento da “forma” do livro, isto é, o seu estilo e género(s) literário(s).
5. Conhecimentos referentes à especificidade da literatura bíblica como tal.
6. Possuir as regras da leitura de um texto: texto em si (género, etc.), contexto onde se insere, etc.

O 2.º plano hermenêutico é superior ao de qualquer texto e considera as regras específicas para o conhecimento de um texto bíblico como tal:

1. Aceitar a Escritura como palavra de Deus.
2. Aceitar o Magistério da Igreja na interpretação de determinados textos. Este Magistério manifesta-se pelas declarações oficiais dos Papas, concílios, que, por sua vez, incluem a Tradição e o sentir comum dos cristãos ao longo dos tempos.

Vamos agora verificar as primeiras tentativas de interpretação dos textos por alguns autores dos séc. XVIII-XIX. Colocamos os autores por ordem cronológica, para melhor se poderem captar os avanços das respetivas investigações.

**Charles François Houbigant**, Pe., CO (1686-1784). Este oratoriano francês dedicou o seu trabalho bíblico à crítica textual e escreveu, fora da França, uma obra monumental desta temática:

- *Biblia Hebraica cum notis criticis et versione latina ad notas críticas facta*, Paris, 1743-1754; 4 vol.; in-fol.; tem 191 p. de *Prolegómenos* em latim e introduções a cada um dos volumes.<sup>9</sup>

Querendo restituir o texto hebraico puro, defende que este seja escrito sem os pontos-vogais, escrevendo mesmo uma pequena obra sobre o assunto:

- *Racines hébraïques sans point-voyelles ou Dictionnaire hébraïque par racines où sont expliqués suivant les anciens et les nouveaux interprètes, tous les mots hébreux et chaldaïques du texte original des livres saints*, 1732.<sup>10</sup>

Isto significa que Houbigant escreveu a sua Bíblia hebraica sem as famosas “vogais” dos massoretas, que ele acusa de deturparem o texto original, o que ele vê nos 1048 *keré-kétif* recenseados por Arias Montano. Assim, a sua Bíblia tem numa coluna o texto da Bíblia hebraica de Amesterdão, 1705, de Athias, revisto por Van der Hooght, com correções na margem; numa 2.<sup>a</sup> coluna coloca a sua própria tradução latina, segundo as correções que ele propõe para o hebraico. O texto e a tradução são seguidos de notas explicativas em latim. Foram feitos 500 exemplares da sua Bíblia.

**Johann Gottfried Herder** (1744-1803). Este autor alemão representou o movimento da Crítica Histórica, mas na perspetiva da estética literária, o que aqui não tratamos especificamente.

**Johan Gottfried Eichhorn** (1752-1827). Este investigador alemão já começou a sistematizar os estudos bíblicos feitos até aí, a fim de os aplicar a um ensino or-

<sup>9</sup> HADAS-LEBEL, Mireille, *Le P. Houbigant et la critique textuelle*, em *Le Siècle des Lumières et la Bible – BTT*, vol. 7, Beauchesne, Paris, 1986, p. 103.

<sup>10</sup> *Ib.*, p. 107.

ganizado. Inicia o seu estudo pela crítica textual, apesar de ser um historiador de profissão. Assim, produziu uma *Introdução à Bíblia*, começando pelo Antigo Testamento (*Einleitung in des Alte Testament*, 1780-83), numa exposição ordenada segundo o método histórico-crítico; depois estendeu-a ao Novo Testamento. Distinguiu no texto bíblico duas narrações do Dilúvio e encontrou estas duas correntes em Génesis, Êxodo e Levítico.

**Karl David Ilgen** (1763-1834), por seu lado, notou que os textos que utilizam o nome *Elohim* são de duas classes: o “Eloísta” (E) e o “Sacerdotal” (P). Ewald (1823) supôs que o Pentateuco era constituído por uma narração de base, a Sacerdotal (P), à qual se juntaram outras complementares. Mas é a Hupfeld (1853) que se deve a primeira teoria de conjunto sobre os livros do Génesis, Êxodo e Números, formados por três documentos; mas considera ainda que o Sacerdotal (P) é o mais antigo.

Sobre este mesmo assunto, Graf (1865) pensava que era exatamente o contrário: o Sacerdotal seria posterior ao Deuteronomio e, portanto, o mais recente. Ora, sabe-se, depois de Wette (1805), que o Deuteronomio está ligado à reforma de Josias (em 622).

Mas tocará a Julius Wellhausen demonstrar e desenvolver esta teoria sobre a formação do Pentateuco. Este ensinava hebraico e árabe e, depois, *História de Israel*, em diversas Universidades alemãs, sobretudo em Madburgo e Göttingen. A sua *História de Israel* (1878) segue a teoria de Hegel sobre a evolução das ideias e das sociedades. Assim, no tempo dos Juízes e dos primeiros reis, Israel teve uma religião primitiva, naturista (é a *tese*); depois, com o idealismo dos profetas, a religião tornara-se mais espiritual e moral (é a *antítese*); finalmente, a partir do Exílio, o judaísmo faz a *síntese* entre a Lei e a religião. Foi com uma análise cuidadosa dos textos das leis sobre o culto que Wellhausen confirmou e aperfeiçoou as hipóteses anteriores. Os seus estudos sobre as narrações bíblicas não têm a mesma qualidade, porque ele não lhes concedeu um grande grau de historicidade.

Lembremos as grandes linhas da sua *Hipótese documentária*, publicada em 1889, na *Composição do Hexateuco e dos Livros Históricos do Antigo Testamento*: fala de *Hexateuco*, isto é, dos “seis livros” (o Pentateuco e Josué), um conjunto uniforme. O processo de formação deste conjunto teria sido o seguinte:

1. Depois das *primeiras tradições orais*, da época dos Juízes (ou de Moisés), que são composições poéticas, a maior parte das outras são redigidas em Judá, no séc. X-IX a. C. (a que chama “Javista” - J); posteriormente, no reino do Norte, pelo séc. VIII a. C., é feito o documento “Eloísta” (E). Depois da conquista da Samaria pela Assíria (722), estes dois documen-

tos foram reunidos, em Jerusalém, por um “Redactor” (documento que ele identifica com a sigla RJE (Redator + J + E).

2. *O Deuteronomio* é a lei da reforma de Josias (622); mas várias edições sucessivas completam-no e juntam-no, finalmente, ao documento “RJE”.
3. *Os escritos sacerdotais* são redigidos durante e depois do Exílio; contêm a *Lei de Santidade* (Lv 16-26) e um “escrito fundamental” (atribuído a Esdras), que forma uma grande História de Israel, desde a Criação até à entrada em Canaã; e, finalmente, leis rituais complementares. O Pentateuco terá sido terminado por volta de 400 a. C.

Esta grande síntese, que Wellhausen tornou acessível ao grande público, fez avançar a exegese bíblica, pois acreditava-se que o próprio Moisés tinha escrito todo o Pentateuco. A influência desta teoria ainda dura, apesar de contestada abertamente há décadas. Desde o princípio, os biblistas católicos denunciaram o pensamento evolucionista e racionalista de Wellhausen, acusando-o de não ter em conta a noção bíblica de Revelação. Por outro lado, esta síntese não tinha podido ainda aproveitar-se de todos os conhecimentos sobre o Médio Oriente Antigo, tal como os possuímos hoje mais de um século depois. O seu ponto fraco está na análise das narrativas, muitas vezes vistas, por ele, como “lendas”. Mais tarde, os seus discípulos, como Gunkel e outros, virão corrigir e completar esta teoria monumental.<sup>11</sup>

**Wilhelm Martin Leberecht de Wette** (1780-1849). Era bastante mais sério e profundo do que Paulus. Faz uma análise mais científica do Novo Testamento e estudou igualmente o Antigo, sobretudo o Deuteronomio, no aspeto literário e histórico; assim lançou as bases de futuros estudos sobre o Pentateuco.

**Johann Tobias Beck** (1804-1878). Este estudioso tinha da Bíblia uma opinião completamente ortodoxa, no sentido em que afirmava que os autores da Escritura foram inspirados e, portanto, será necessário fazer exegese espiritual (pneumática); isto é, interpretá-la, não apenas pela razão, mas também pelo prisma da fé; a Bíblia é uma “História da Salvação” (*Heilsgeschichte*) e, portanto, deve ser tratada de maneira diferente de outra qualquer história puramente humana.

**Adolf von Harnack** (1851-1930). Era filho de um teólogo luterano e foi historiador da antiguidade cristã e dos dogmas; mas tornou-se um dos melhores

<sup>11</sup> GRUSON, Philippe *Le Pentateuque en question*, ed. A. de Pury, Labor et Fides, Genève, 1989 (sobretudo a primeira parte, p. 9-80: história da Questão por A. de Pury e T. Romer); BRIEND, J., *Uma Leitura do Pentateuco*, Caderno Bíblico n.º 14, Difusora Bíblica, Lisboa, 1984 (expõe a teoria de Wellhausen com os aperfeiçoamentos posteriores).

representantes do protestantismo liberal. Pelo seu método histórico e erudição, exerceu grande influência no tempo do Modernismo. Vamos limitar-nos aqui apenas aos seus trabalhos sobre exegese bíblica. Era admirador de Marcião. Este autor do séc. II via contradições entre o Deus-Pai, anunciado por Jesus Cristo, e o Deus terrível do Antigo Testamento; para ele, o Novo Testamento consistia apenas em parte do Evangelho de Lucas e 10 Cartas de S. Paulo. Harnack atribuiu a Marcião um papel importante na formação do Cânon do Novo Testamento.<sup>12</sup>

Seguindo este último, Harnack desejava que a sua Igreja (protestante) se libertasse do Antigo Testamento. Esta incompreensão vai ter consequências importantes. A sua obra sobre *“A missão e a expansão do cristianismo”* (1902) contém muitos dados que continuam a ser válidos.

Harnack tornou-se célebre pelas conferências feitas aos estudantes de Berlim, no inverno de 1899-1900, e publicadas com o título: *A Essência do Cristianismo*, que foi um *best-seller*, traduzido em várias línguas. Segundo ele, o coração do cristianismo encontra-se no *Sermão da Montanha*, em que Jesus nos convida ao amor filial para com Deus Pai e ao amor fraterno. A única autoridade válida é a que vem do interior de cada um e que nos traz a libertação, isto é, apenas o Evangelho. Era a contestação radical à Igreja como instituição, que cria dogmas, por vezes sem fundamentação evangélica. O desenvolvimento da cristologia e dos dogmas viria, segundo Harnack, de uma helenização do Evangelho. No fim da sua vida, opôs-se a Karl Barth, que, rompendo com a religião liberal, voltava, vigorosamente, às grandes teses teológicas da Reforma protestante.<sup>13</sup>

**Julius Wellhausen** (1844-1918). Este investigador protestante descobriu que a tradicional maneira de ver a Bíblia, como uma espécie de história de Israel bem alinhada cronologicamente, tinha, afinal, um enorme anacronismo. As grandes leis da Torah eram muito posteriores a Moisés. Durante anos de estudo do texto bíblico descobriu as conhecidas quatro *Fontes do Pentateuco*: Javista, Eloísta, Deuteronomista e Priest Codex (Sacerdotal); são, portanto, as fontes J.E.D.P. A primeira fonte (J) seria a mais antiga (séc. X a. C.), sendo as outras posteriores, até à atual configuração do Pentateuco, que terminou no séc. V a. C. Esta foi uma revolução copérnica no modo de ver a cronologia bíblica.

<sup>12</sup> Marcião é o fundador do chamado *marcionismo*, cuja doutrina inclui várias heresias dos primeiros séculos do cristianismo: o docetismo, o gnosticismo e o maniqueísmo.

<sup>13</sup> Ver NEUFELD, K. H., *L'ecclésiologie de Harnack*, em *La crise contemporaine. Du modernisme à la crise herméneutique* (Ed. por C. Kannengiesser), Paris, 1973, p. 87-133; *Catholicisme Hier, aujourd'hui et demain*, t. V, col. 516-519.



Se esta visão da Bíblia, nas suas linhas gerais, nos parece hoje verdadeira, na altura, provocou um choque nos espíritos que tinham dela uma visão historicista.<sup>14</sup> Quanto aos Evangelhos, afirma que eles não podem ser fontes históricas acerca de Jesus, porque são um produto da fé dos seus discípulos (*Einleitung in drei ersten Evangelien* = Introdução aos três Evangelhos, 1905). Todo o material teria sido escolhido com uma finalidade dogmática.

Ao falarmos de Wellhausen, não podemos esquecer um nome importante que o antecedeu e que foi o verdadeiro criador da *Teoria das Fontes do Pentateuco* ou “Teoria Documentaria”. Trata-se de Karl Heinrich Graf (1815-1869). Por isso, esta teoria foi precisamente chamada *Hypothèse grafiénne-wellhausénienne*.<sup>15</sup>

**Hermann Gunkel** (1862-1932). Este nome é importante para o estudo da exegese contemporânea, embora pertença à geração dos balbuceios científicos da exegese liberal dos séc. XVIII-XIX. Apesar de menos brilhante que Wellhausen, o seu nome e a sua atividade como professor em Göttingen ultrapassou as fronteiras da Alemanha, atraindo muitos estudantes de outras paragens para auriem um pouco do seu saber. A sua investigação incidiu sobre os géneros literários da Bíblia.

Com Eichhorn, Wrede e Bousset, fundou a chamada “Escola da História das Religiões” (*Religionsgeschichtlich Schule*), que defendia a autonomia da exegese em relação à Teologia e a outras ciências eclesásticas. Esta atitude, algo negativa, em relação com a exegese, foi justamente criticada.<sup>16</sup>

Racionalista como os seus “mestres”, Heggel, Herder e Wellhausen, via na história de Israel (Antigo Testamento) e nos inícios do cristianismo, apenas e só belas páginas de história humana. Numa palavra, olhava para a Bíblia como um livro mais humano que divino, estudado à luz da história das religiões e não da inspiração divina. Não via no Novo Testamento um *ponto de partida* para um novo mundo, pela revelação que Jesus veio trazer; via nisso, antes, um *ponto de chegada*. Preocupava-o sobretudo encontrar o *Sitz im Leben*, isto é, o “ambiente”, o “contexto vital”, as circunstâncias do Novo Testamento, cujas raízes se estendiam muito longe no passado, sobretudo nas fontes orais, antes

<sup>14</sup> Sobre este autor, ver *Catholicisme*, vol. XV, col. 1414.

<sup>15</sup> Ver TRINQUET, J., *Graf, Karl Heinrich*, em *Catholicisme*, vol. 5, col. 181. Sobre a *Hipótese ou Teoria Documentária e Teologia das tradições do Pentateuco*, ver GUILLAUME, P.-M., *Pentateuque*, em *Catholicisme*, vol. XIX, col. 1195-1204.

<sup>16</sup> A escola da *Religionsgeschichtlich Schule* insistia na sociologia da religião, enquanto a *Formgeschichte* insistia no estudo das “formas” do próprio texto bíblico. Sobre esta última, ver BRAUN, F.-M., *Dictionnaire de la Bible-Supplément* (DBS), vol. III, col. 312-317.



de serem escritas. Em resumo, interessava-se mais pela sociologia do povo da Bíblia do que pela inspiração da Escritura.

Estudou também os Salmos, onde encontrou os seus gêneros literários específicos e outros pormenores importantes. Por isso, os *Salmos* de Gunkel são, ainda hoje, uma obra a consultar.

Apesar disso, a sua posição provocou uma reação muito forte dos teólogos protestantes de então, acusando-o de laicizar a Bíblia, de a esvaziar do seu conteúdo religioso e de ameaçar destruir pela base os próprios fundamentos da Reforma. De qualquer modo, Gunkel teve o mérito de chamar a atenção para as raízes da Bíblia, em geral, e de muitos textos, em particular. Concretamente, esta pesquisa e análise dos textos bíblicos levou-o ao chamado *Método da História das Formas* (Formgeschichte), que foi aplicado aos Evangelhos por Dibelius e Bultmann na segunda década do séc. XX.<sup>17</sup> Este método foi, de algum modo, corrigido pela *Escola da História das Tradições* (Traditionsgeschichte), que valorizou sobretudo o contexto das pequenas unidades e o próprio livro na sua totalidade, onde elas se encontram. Representantes desta escola são, por exemplo, Von Rad e Conzelmann.

Não é aqui o lugar de ir mais longe, a propósito destas tentativas de esclarecer o cristianismo, em geral, e a Bíblia em particular. O grande erro de Gunkel consistiu em não fazer a ligação das novas ciências humanas com a Teologia e a fé cristã, em geral.<sup>18</sup>

Depois desta brevíssima apresentação das principais figuras da época do racionalismo dos séc. XVIII-XIX, deixamos para o séc. XX-XXI outras figuras de proa na interpretação da Bíblia, sobretudo alguns discípulos de Bultmann, que atacaram o seu mestre, devido a certos exageros: Joaquim Jeremias, Karl Barth, Käsemann e outros.

Nesta divagação pelos nomes mais importantes dos estudos científicos da Bíblia, alguém poderia ficar um pouco scandalizado devido aos argumentos científicos utilizados para explicar a Bíblia. O certo é que se deveria correr esse

<sup>17</sup> O método consiste em analisar pequenas “formas”, ou textos, perícopas, como sendo unidades de carácter relativamente independentes e que teriam vindo da oralidade, para responder a determinada necessidade: litúrgica, apologética, catequética... É inegável o valor desta análise, mas este método não valoriza suficientemente o conjunto das unidades contidas no mesmo livro bíblico. Os investigadores desta escola não colocaram de lado a fé cristã e muito menos a inspiração divina dos textos estudados, mas tão-pouco valorizaram este segundo aspeto de leitura bíblica.

<sup>18</sup> Para uma apreciação mais científica deste autor do protestantismo liberal, veja-se, HENNEQUIN, L., *Gunkel, Hermann*, DBS III, col. 1374-1377; TRINQUET, J., *Catholicisme*, vol. V, col. 429-430.

risco, porque a razão foi dada por Deus aos seres humanos, a fim de ser utilizada na procura da verdade. A razão bem utilizada, isto é, dentro dos seus próprios limites e respeitando outras áreas do ser e do saber, não elimina, antes esclarece a verdade revelada. Assim o acreditaram Descartes e Espinosa, por exemplo. Por isso, para compreender a Bíblia, não basta a *divina claritas*, como reclamava Lutero. A essa *divina claritas*, opunha Lemaistre de Sacy a *divina obscuritas*, “ao produzir uma Bíblia para garantir, ao mesmo tempo, o rigor do tradutor, o respeito pela inspiração divina do texto e a preocupação pelo brilho da arte francesa do momento”.<sup>19</sup>

Ficamos por aqui, no que se refere aos séculos XVIII-XIX. No próximo volume (vol. VI) estudaremos este mesmo assunto no que se refere aos séculos XX-XXI.

**Concluindo.** Esta época, no que toca às ciências bíblicas, caracteriza-se, não apenas pelas ciências bíblicas em si mesmas, mas também pelo *cientismo*. Este termo significa a elevação da ciência à categoria do absoluto, isto é, a ciência como solução para todos os problemas humanos. Este conceito de dominou sobretudo em França, ao afirmar-se explicitamente que a ciência é o único saber válido para a humanidade. Esta atitude foi o paroxismo da exaltação da “deusa” ciência, já iniciada no século das Luzes e que teve o seu auge no positivismo de Augusto Comte.

Este cientismo foi objeto de vivas polémicas entre cientistas e teólogos católicos, que recusaram ver na ciência a morte da “ciência” da fé e da reflexão teológica. Ernest Renan (1828-1893) tinha afirmado na obra *La valeur de la science*, 1890: “La science organisera l’humanité et Dieu lui-même”. Era o endeusamento da ciência, a máxima expressão do cientismo. A este propósito, não se deve esquecer o positivismo dos escritos de Littré (1801-1881), de Taine (1828-1892) e do químico Berthelot (1827-1907), para o qual “o mundo não tem mistérios”.

Perante esta ousadia dos “cientistas”, a Igreja Católica não tinha armas suficientes, sobretudo filosóficas e bíblicas, para se defender deste ataque à fé cristã. Foi necessário esperar por um Blondel com as suas teses em *L’Action* (1893) e pela obras de filosofia cristã de Bergson.<sup>20</sup>

Neste apartado fizemos referência a 10 autores estrangeiros. Isto revela o nosso atraso científico nos estudos bíblicos.

<sup>19</sup> DE CERTEAU, Michel, *L'idée de la traduction de la Bible au XVII<sup>e</sup> siècle*, Recherches de Science Religieuse, Paris, 1978.

<sup>20</sup> Para outras informações, ver RUSSO, F., *Scientisme*, em *Catholicisme Hier, aujourd’hui et demain*, vol. 13, col. 954-955.

## 5.5. As “Vidas de Jesus”

Um dos géneros literários dos estudos bíblicos da época a que se refere este volume foi o das numerosas *Vidas de Jesus*. Estas continuaram até ao séc XX e pretendiam fazer a análise das fontes referentes à figura de Jesus, do Seu ambiente (*Sitz im Leben*), assim como da evolução da Sua pessoa. Pelo facto de ser anterior aos outros Evangelhos Sinóticos (Mateus e Lucas), Marcos tornou-se o texto base para qualquer reconstrução histórica acerca de Jesus. Pelo contrário, o Evangelho de S. João era secundarizado, pelo facto de ser mais teológico e, segundo eles, não ter valor histórico, valor que mais lhes interessava acerca de Jesus.<sup>21</sup> Normalmente, estes primeiros estudiosos da Bíblia, em geral, e dos Evangelhos, em particular, estudavam estes textos apenas como textos histórico-literários, prescindindo, ou mesmo negando, a sua inspiração divina e o carácter sobrenatural dos mesmos.

**Hermann Samuel Reimarus** (1694-1768). Uma das características do *Século das Luzes* (*Aufklärung*), na Alemanha, foi o surgir da *Crítica Bíblica*, como reacção contra a ortodoxia luterana e católica.<sup>22</sup> De facto, a veneração pela Bíblia era tal que se defendia a inspiração das palavras e mesmo das chamadas “vogais”, ou melhor, sinais vocálicos do texto hebraico. Depois de uma certa formação teológica, H. S. Reimarus orientou-se para a Filosofia. Preocupado com a sua posição social, não publicou a sua *Apologia para aqueles que veneram a Deus segundo a Razão*. Trata-se de uma obra na qual contesta radicalmente a existência de uma revelação sobrenatural. Para ele, a razão humana é o único meio que nos permite ter acesso à religião. A razão é fundamental para compreender a religião. Daí optar por uma religião natural, escrevendo mesmo uma apologia sobre o assunto: *Apologie pour ceux qui honorent Dieu selon la Raison*.<sup>23</sup>

Depois de ter criticado o Antigo Testamento como indigno do Deus da razão, Reimarus apresentava a sua interpretação de Jesus. Segundo ele, por causa do messianismo do seu tempo, Jesus apresentou-se como rei temporal, que livraria os judeus da opressão dos romanos. Depois da sua morte, os Após-

<sup>21</sup> Sobre Richard Simon, ver BRUN, J. Le, em DBS, t. XII, col. 1353-1383, com muita bibliografia (col. 1380-1383).

<sup>22</sup> Reimarus casou com a filha do famoso filólogo Johann Albert Fabricius. Sobre a sua vida e obra, veja-se WALRAVENS, Else, *La Bible chez les penseurs en Allemagne*, em *Le Siècle des Lumières – La Bible de Tous les Temps* (BTT 7), Beauchesne, Paris, 1986, p. 580-590. Sobre um outro pensador, Edelmann, ver ib., p. 593-597. Este foi mais cristão e mesmo piedoso, apesar da crítica feita à religião luterana.

<sup>23</sup> A primeira edição levava o título: *Gedanken von der Freyheit eines vernünftigen Gottesdientes*, ib., p. 583.

tolos roubaram o seu corpo, para fazer acreditar na ressurreição do Mestre. Apoiando-se na opinião minoritária de um Messias sofredor, os Apóstolos foram os verdadeiros criadores dos dogmas cristãos.

Foi esta a opinião de Reimarus, claramente heterodoxa, e a sua obra constituiu um escândalo para todas as Igrejas cristãs. Mas, pelo menos levantou questões que, com outros estudos posteriores, ficaram mais claras.

Numa palavra, Reimarus, nos seus escritos, publicados por Lessin entre 1774-1778, apresentava o Jesus histórico como um judeu de tipo político, que defendia a ideia de um messianismo de carácter puramente terreno, um reinado davídico (2 Sm 7). O seu Evangelho resumia-se a normas de boa conduta, sem uma perspectiva sobrenatural; os próprios milagres eram de carácter simbólico, para exprimir qualquer atividade de tipo social. Defende que os livros do Novo Testamento não foram escritos com fins religiosos, para fundar uma nova religião, nem Jesus terá querido isso.

O fracasso de Jesus na cruz terá levado os seus discípulos a espiritualizá-lo e a apresentá-lo como ressuscitado, numa tentativa revolucionária apocalíptica: um Jesus que vai vir para pedir contas do cumprimento da sua doutrina, no Juízo universal.<sup>24</sup> Escreveu ainda:

- *Dissertations sur les verités essentielles de la raison naturelle* (1754) e *Doctrines de la Raison* (1756).

Podemos dizer que Reimarus vê em Jesus um revolucionário político fracassado. Os seus discípulos teriam inventado a Ressurreição, como já se disse. Apesar destes exageros evidentes, Reimarus faz uma descoberta importante: distingue o *Jesus Histórico* e o *Cristo da Fé*. Esta distinção terá consequências na exegese posterior dos Evangelhos.

**Gotthold Ephraïm Lessing** (1729-1781). Filho de um pastor luterano teve uma boa formação intelectual e religiosa. Foi um filósofo da *Aufklärung*, que publicou alguns extratos da obra de Reimarus, sob o título *Fragments de um anónimo* (1774-1778). Este livro de Reimarus provocou grande escândalo, mas nem por isso deixou de ter seguidores; de tal modo que Reimarus foi mesmo

<sup>24</sup> Reimarus foi teólogo e filósofo alemão das Luzes. Foi professor de hebraico e de outras línguas orientais, na Universidade de Wittemberg. Tratou de assuntos relacionados com a fé cristã, que lhe deram uma certa nomeada. Influenciado pelos deístas, defendeu a possibilidade de uma religião natural contra os racionalistas franceses; mas combateu também os luteranos tradicionalistas, que faziam uma leitura literalista da Bíblia (sobre este autor, ver *Catholicisme*, o. c., vol. XII, col. 743-744; MAGNANI, Giovanni, *Origini del Cristianesimo*, vol. 1 – *Gesù il Fondatore e i Filosofi – critica delle critiche*, Citadella editrice, Assis, 1997, p. 110-120).

considerado “fundador da investigação histórica acerca de Jesus”.<sup>25</sup> Lessing, no entanto, não se deixou seduzir por Reimarus e, sobre os Evangelhos, avança a hipótese, aliás, interessante, de um “Evangelho primitivo”, que seria uma recolha de notícias sobre a vida e as palavras de Jesus (*Lettres à divers savants théologiens*). Segundo esta hipótese, o cânon do Novo Testamento seria bastante tardio.

Foi um defensor acérrimo do dogma cristão, contra as ideias racionalistas da moda. Contra essas, escreve *L'Éducation du genre humain*, onde afirma que a verdade em Deus é infinitamente diferente das ideias humanas.<sup>26</sup> Lessing lançou a “perigosa” tese de um Jesus histórico, diferente do Cristo da fé da Igreja. E acrescentou ainda uma outra questão perigosa: Como pode o Cristo histórico arrastar consigo um valor e um significado salvífico universal para a humanidade? Esta questão coloca em evidência a mentalidade histórico-racionalista dos séc. XVIII-XIX: um Cristo humano onde o divino e o teológico ficaram obnubilados pelos sistemas filosóficos e historicistas de então.

**Karl Friedrich Bahrdt (1741-1792).** A sua vida de Jesus é também fantasiosa. Para ele, Jesus foi um simples instrumento nas mãos dos essênios – uma espécie de sociedade maçônica da altura – que se propunha derrubar o poder dos sacerdotes e dos fariseus, portanto, do Templo. Toda a vida de Jesus, milagres, morte, ressurreição... foram encenadas pelos seus membros secretos. Esta visão da autenticidade de Jesus e da sua mensagem é irracional e ignóbil.<sup>27</sup>



*Jesus aparece a Maria Madalena  
(Jo 20,11-17)*

<sup>25</sup> Reimarus não publicou essa obra em vida, com receio de ser perseguido devido à sua crítica racionalista.

<sup>26</sup> Sobre Lessing, ver *Catholicisme*, o. c., t. VII, col. 471-473.

<sup>27</sup> Sobre o tema da autenticidade (de documentos bíblicos), em sentido jurídico e crítico, ver HÖPFL. H., *Authenticité*, em DBS I, col. 666-676.

Um tal K. H. Venturini vai pelo mesmo caminho, e é ainda mais ridículo ao descrever a vida de Jesus como a de um médico, que levava consigo a sua mala de secretos remédios, para fazer “milagres”.

**David Friedrich Strauss** (1808-1874). Foi autor de: *Leben Jesu für der deutsch volk* [Vida de Jesus], 1835. Foi filósofo, teólogo protestante alemão e discípulo de Baur, de Schleiermacher e outros, sobretudo de Hegel. Escreveu outra *Vida de Jesus*, fazendo do ano de 1835 o grande ano revolucionário da Teologia moderna. Para ele, Jesus foi um piedoso judeu que, depois de batizado por João Batista, ficou persuadido de que era o Messias, ganhando audiência junto das multidões. Em guerra contra o ódio dos fariseus, foi crucificado; mas os seus discípulos espalharam a história da sua ressurreição e encheram a sua vida de milagres, que não passam de *mitos*.

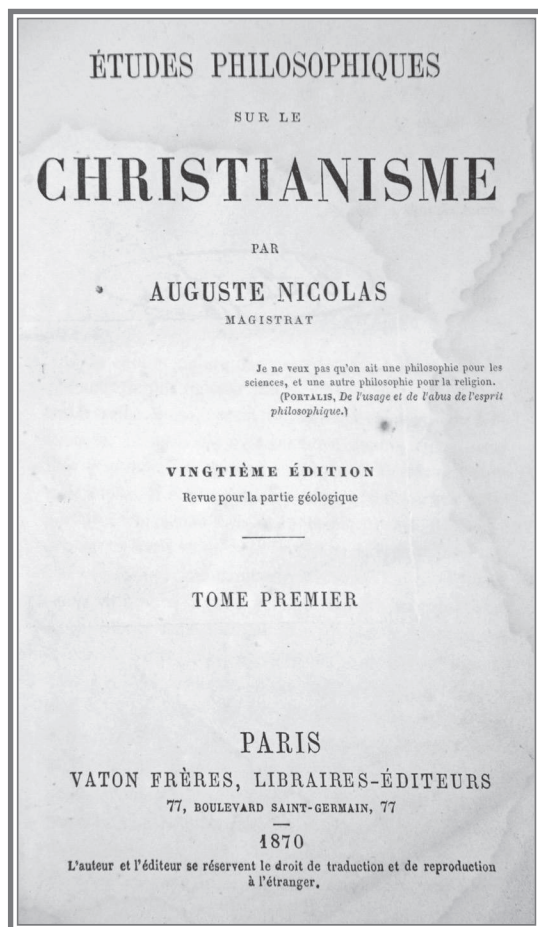
Marca, portanto, a distinção profunda entre os acontecimentos históricos e os acrescentos e reinterpretações da Igreja, a que chama *mitos*. O termo tornou-se clássico no protestantismo liberal. É preciso descobrir e eliminar os “mitos” do Evangelho, para encontrar os elementos “históricos” do mesmo. Toda a pesquisa posterior até hoje não pode prescindir do “acontecimento Strauss”. Bultmann foi o seu maior expoente, chegando ao ponto de propor a “desmitização” dos Evangelhos.

Para Strauss, o *mito* não tem o mesmo sentido da definição clássica: seria, em palavras simples, uma invenção de obras sobrenaturais atribuídas a Jesus, pelos seus seguidores e, portanto, não históricas. Não seria, naturalmente, uma invenção *ex nihilo*, mas acrescentos a um núcleo histórico, do tempo de Jesus. A obra de Strauss suscitou fortes polémicas, mesmo no mundo protestante. Ele próprio modificou os seus pontos de vista. Por isso, defendeu a imagem de um Cristo eterno, ideal do homem perfeito, um grande sábio do seu tempo, tendo sido incompreendido por muitos dos seus contemporâneos. Mas, um simples homem! A *Vida de Jesus* de Strauss fê-lo muito conhecido, pela negativa, mesmo entre os estudiosos protestantes.

Estes lutavam pela “sola Scriptura” contra o que chamavam “dogma católico”, que vinha da “Tradição”, muitas vezes confundida com “tradições”. Agora, mediante os seus teólogos racionalistas, tentam encontrar a “Scriptura” de Jesus histórico dentro da própria Bíblia; pois, segundo eles, a Igreja pós-pascal tinha “desenvolvido” a “Scriptura” de Jesus.

Outros tentam relegar para plano secundário a “releitura” dos factos históricos feita pela Igreja pós-pascal. Bultmann tentou a grande tarefa de “desmitizar” a Bíblia, para encontrar o texto mais primitivo, como o mais genuíno e verdadeiro, num contexto anti-Tradição, próprio do liberalismo.





Resumindo: segundo os mencionados autores, os factos originais, “históricos”, sobre Jesus, evoluíram, devido à teologização da Igreja pós-pascal, à luz das profecias do Antigo Testamento e das esperanças messiânicas postas em Jesus. Acerca do famoso “mito”, Strauss raciocina da seguinte maneira: A história desaparece quando o maravilhoso se apresenta: sendo o milagre intrinsecamente impossível, toda a narração que o contém não pode ser histórica. O Evangelho é um tecido de milagres e, como estes são impossíveis, logo é também impossível a história deles. Portanto, tal história não existe, e se não existe, trata-se de um mito. O raciocínio é lógico, mas errado, já que parte de premissas falsas.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Sobre a obra de Strauss, ver TRINQUET, J., *Strauss*, em *Catholicisme*, o. c., vol. XIV, col. 502-503;

**Heinrich Eberhard Gottlob Paulus** (1761-1841). *Vida de Jesus*. Este autor alemão foi contemporâneo de Schleiermacher, mas, sendo mais racionalista do que ele, caiu em *delírios racionalistas*: os anjos do presépio eram luzes fosforescentes; a Transfiguração de Jesus foi produto da imaginação dos discípulos que, ao acordarem, o viram falar com dois desconhecidos, durante um belo pôr-do-sol; e outras explicações do mesmo jaez. Isto era a desclassificação da Crítica Histórica. E, ao mesmo tempo, estava aberta uma brecha dificilmente reparável, num tema tão querido, quer aos reformadores protestantes quer aos católicos: a inspiração bíblica. E esta é a menina dos olhos de todos os cristãos (e judeus, para o Antigo Testamento): Onde foi parar o caráter divino do Livro de judeus e cristãos? Este autor é o máximo expoente de um racionalismo anticristão.

Em resumo, Paulus fala da aceitação incondicional da verdade histórica dos Evangelhos, mas também tem uma visão falsamente espiritualista, isto é, com um valor apenas simbólico e moralista, apelando para uma fraternidade apenas humana. Por exemplo, o milagre dos pães seria a distribuição de alimento, por Jesus e seus discípulos.<sup>29</sup>

**Ernest Renan e a exegese racionalista** (1823-1892). Este autor francês entrou na carreira eclesiástica, onde estudou ciências bíblicas e orientalismo; abandonando essa carreira, foi professor no Colégio de França. Foi arqueólogo em vários lugares do Médio Oriente, ao mesmo tempo que se tornou um especialista nas línguas do Médio Oriente Antigo. Já na segunda metade do séc. XIX, a obra deste racionalista francês marcou uma nova etapa científica sobre os problemas bíblicos: a irrupção da Crítica na opinião pública; ou seja, a ciência chegou à opinião pública francesa. Pelas suas qualidades literárias e científicas, este antigo seminarista deixou uma vasta obra. Nas suas *Recordações*, lembra, muito reconhecido, a figura de um sacerdote de S. Sulpício, M. Le Hir, piedoso e instruído, que o ensinou a descobrir a língua hebraica.

Na *História das Línguas Semitas* (1855), mostra todo o seu saber neste domínio. Mais tarde, publicará o *Corpus das Inscrições Semitas*, como o seu melhor trabalho de investigação científica.

---

ver ainda MAGNANI, Giovanni, *Origini del Cristianesimo*, vol. 1 – *Gesù il Fondatore e i Filosofi – critica delle critiche*, Citadella editrice, Assis, 1997, p. 169-225; GRAF, F.-W., *La Théologie critique au service de l'émancipation bourgeoise: David Frédéric Strauss (1808-1874)*, Revue de Théologie et de Philosophie, 1998/2, p. 151-172.

<sup>29</sup> MAGNANI, Giovanni, *Origini del Cristianesimo*, vol. 1 – *Gesù il Fondatore e i Filosofi – critica delle critiche*, Citadella editrice, Assis, 1997, p. 120-125.



Os seus estudos científicos referentes à Bíblia, tal como era ensinada na altura, colocaram-lhe um problema de consciência: a noção rígida de inspiração das Escrituras tornava-se insustentável, perante o progresso das ciências e pela comparação dos textos bíblicos com textos profanos da mesma época histórica. Por isso escreveu: *Origines du Christianisme*, em 7 volumes, um dos quais é a *Vie de Jésus* (1863). Desde 1849, Renan tinha manifestado as suas convicções sobre o futuro da ciência, escrevendo *L'Avenir de la science* (1849-1890), onde afirma: “A minha religião continua a ser o progresso da razão, isto é, a ciência”. Apaixonava-se pelas obras mais avançadas da exegese alemã, como a já citada *Vida de Jesus* de Strauss (1835).

Por isso, escreveu também a sua *Vida de Jesus*, mas fundada em pressupostos psicológicos. Para Renan, desde a sua mocidade, Jesus vivia em íntima união com Deus e tinha-se convencido de que os Profetas tinham falado dele. Convencido também de que era o Filho de Deus, iniciou a pregação de um novo Reino de Deus, o que atraiu numerosos discípulos e despoletou a inveja das autoridades judaicas sobre Ele. Prevendo a sua morte, atribuiu-lhe um valor salvífico sobrenatural.

O triste retrato apresentado por Renan, faz de Jesus um alucinado, um romântico exaltado, contra toda a tradição cristã, desde os primeiros dias do cristianismo até hoje. Historicamente, Renan ficou reprovado, apesar de apresentar documentos que tinha ao seu alcance, naquele tempo.<sup>30</sup>

Mesmo afastado da fé cristã, Renan manteve uma enorme admiração por Jesus, “Este homem incomparável”, segundo a sua declaração, na lição inaugural no Colégio de França. A viagem à Fenícia, onde recolheu numerosas inscrições, deu a Renan o sentido dos locais bíblicos; por isso, ao contrário dos seus mestres alemães, ele continuará fiel à topografia e à cronologia do Evangelho de João.

Literato de temperamento, apesar do seu espírito científico, Renan não praticou, na sua *Vida de Jesus*, as análises literárias de pormenor, próprias dos alemães. Preocupava-se em fazer reviver as personagens do Evangelho, o que lhe deu grande fama de escritor. Por isso, a sua *Vida de Jesus* será traduzida e reeditada muitas vezes, também em Portugal (ver cap. 42).

Seguiu-se-lhe a *História do povo de Israel*, centrando a sua atenção em três vetores principais: a raça semita, à qual atribui uma “consciência clara mas

<sup>30</sup> Sobre Renan, sua vida e obras, ver o grande artigo de MARCHASSON, Y., *Renan (Joseph Ernest)*, em DBS X, col. 277-344, com muita bibliografia; *Catholicisme*, vol. XII, col. 897-882. Renan fez as seguintes traduções bíblicas do hebraico: *L'Ecclésiaste: traduit de l'hébreu*, Paris, Calmann Lévy, 1890; 155 p.; 22 cm (Academia Brasileira de Letras, RJ: MA-620); *Livre de Job*, 1858; *Cantique des Cantiques*, 1860.

limitada”; o monoteísmo, que floresceu espontaneamente no deserto; e o profetismo, que pregará uma religião pura, separada do sacrifício, ao passo que, depois do Exílio, o sacerdócio levará o judaísmo a fechar-se sobre si mesmo. Renan liga-se, com independência, à grande síntese sobre a formação do Pentateuco, feita por Graf e Wellhausen, mas, segundo ele, faltava-lhe uma análise mais precisa dos textos para se impor.

Perante a profundidade científica de Renan, nenhum autor católico francês se sentiu com capacidade para o combater. Mais tarde, a *Escola Bíblica de Jerusalém*, fundada em 1890 pelo dominicano francês, Lagrange, terá uma palavra a dizer sobre estes assuntos, como veremos no vol. VI desta coletânea.

**Georg Wilhem-Friedrich Hegel (1770-1831)** e a *Vida de Jesus (Leben Jesu)*. Além do que temos dito sobre este filósofo alemão, no que se refere à *Vida de Jesus*, o autor evoluiu de um *Cristo moralista*, uma espécie de Cristo-Sócrates, a um *Cristo conciliador*, passando, seguidamente, à ideia de um *Cristo mediador de liberdade*. Este é visto como uma espécie de “arquetipo do processo lógico universal do espírito”. O Cristo moralista é, para Hegel, um filósofo puramente humano, onde não descortina luminusidades do divino.<sup>31</sup> Na sua lógica racionalizante do divino, Hegel pensou atrair, senão mesmo reduzir, o divino à nossa pobre horizontalidade humana (o que o levaria ao panteísmo).

Para alguns, Hegel não negou o cristianismo (luteranismo); para outros, como Gabriel Marcel, a sua lógica racionalista foi um modo subtil de destruir o divino pela base, já que o Transcendente é essencialmente vertical, está infinitamente acima deste mundo, não cabendo na nossa horizontalidade, própria da condição humana.<sup>32</sup> Não cabe, muito menos, nas nossas ideias, por mais belas e profundas que pareçam. Isto significa que a filosofia hegeliana, de modo algum, se confunde com a teologia da Encarnação do Verbo eterno (Jo 1,1-14), nem sequer com a teologia da “Condescendência divina” (*synkatábasis*), já presente no Antigo Testamento.<sup>33</sup>

<sup>31</sup> Hegel expõe as suas ideias filosóficas, sobretudo a sua dialética, nas obras, *Phenoméologie de l'Esprit* (1807); *Science de la Logique* (1812-1816) e em *Encyclopédie des sciences philosophiques. Précis à l'usage des auditeurs* (1827-1830), que é um verdadeiro manual do seu sistema filosófico (ver LECLÈRE, H., em *Catholicisme* 5, col. 561-568; ver ainda MAGNANI, Giovanni, *Origini del Cristianesimo*, vol. 1 – *Gesù il Fondatore e i Filosofi – critica delle critiche*, Citadella Editrice, Assis, 1997, p. 158).

<sup>32</sup> Sobre as filosofias da época que tratamos neste volume e a filosofia cristã de Gabriel Marcel, ver TEIXEIRA, Joaquim de Sousa, *A Apologética filosófica de Gabriel Marcel*, em *Didaskalia*, vol. VIII, 1978, p. 55-88.

<sup>33</sup> Sobre este assunto ver ALVES, Herculano, *Condescendência de Deus no Antigo Testamento*, em *Revista Bíblica-série científica*, n.º 8, Difusora Bíblica, Fátima, 1999, p. 21-79.

## 5.6. Outros estudos bíblicos sobre os Evangelhos

Para além das *Vidas de Jesus*, outros nomes, sobretudo alemães, lançaram-se por diversos caminhos da investigação bíblica. Vejamos os mais importantes:

**Friedrich-Daniel-Ernst Schleiermacher** (1768-1834) e a *Teoria das Duas Fontes*.

Este professor em Berlim inscreve-se na investigação das fontes dos Evangelhos, de modo a congraçar a ciência do seu tempo com a fé cristã. A *Vida de Jesus* faz parte da sua obra exegética. Fala mais de *Cristo* do que de *Jesus* e do que esta distinção representa em ordem ao ensino do dogma cristão. Preocupava-se em lutar contra o docetismo e o ebionismo, que negavam a humanidade e a filiação divina de Jesus.

No entanto, no que se refere à ressurreição de Jesus, não se decide por esta ou por uma reanimação. Sobre os milagres, admite que podem negar-se, caso não sejam explicados racionalmente, estabelecendo mesmo uma escala de probabilidades. Este ceticismo, criado por Paulus e Reimarus, fez perder a fé a muitos e outros enclausularem-se num pietismo sem suporte teológico.

No entanto, os trabalhos teológicos de Schleiermacher sobre a interpretação das fontes do cristianismo, fundados numa teoria da compreensão, fazem dele um dos pais da hermenêutica moderna. Colocou-se também a questão das fontes dos Evangelhos, a partir das suas investigações sobre a obra de Lucas (1817) e sobre os testemunhos de Papias acerca do Evangelho de Mateus e de Marcos (1832).

Papias escreveu: “Mateus colocou por ordem os ‘logia’ na língua hebraica e cada um interpretava-os como podia”. Schleiermacher deduziu daqui que tinham existido outros documentos diferentes dos Evangelhos, donde os evangelistas teriam recolhido o material que conhecemos. Papias, ao falar dos *logia* de Jesus (oráculos, sentenças), construiu a ideia de que estes podiam ter constituído uma compilação, uma “fonte”, que foi designada pela letra *Q* (do alemão *Quelle* = fonte).<sup>34</sup>

Se Schleiermacher foi o primeiro a imaginar um tal documento, seguia ainda a hipótese de que Mateus era o mais antigo dos três Evangelhos, segundo o esquema proposto por Griesbach. Para chegar à teoria chamada das *Duas Fontes*, era necessário dar ainda um outro passo na Crítica Histórica dos

<sup>34</sup> Há imensa literatura sobre este assunto. Veja-se, por exemplo, MARUCCI, C., *La fonte Q e il problema del Gesù Storico. Annotazioni in mérito al XLIX Colloquium Biblicum Lovaniense*, em *Rivista Biblica*, Dehoniane, Bologna, ano XLIX, n.º 3, 2001, p. 319-336.

Evangelhos, passo esse que consistia em considerar Marcos como anterior a Mateus e a Lucas.

Ao reparar nas semelhanças e diferenças entre os três Evangelhos chamados, por isso, *Sinóticos* (Mateus, Marcos e Lucas), este estudioso inventou uma teoria que poderia explicar esse fenómeno. É a famosa *Teoria das Duas Fontes*. Partia-se do pressuposto de que os Evangelhos não são narrativas de carácter puramente histórico, reportagens em direto daquilo que Jesus fez e ensinou. A questão que se colocava era: Qual a relação entre os três Evangelhos, quem é fonte de quem, já que Jesus só pregou um Evangelho e não quatro? A primeira ideia que saltou ao espírito dos investigadores foi a de que eles se tinham conhecido entre si, sendo o mais antigo a fonte comum dos outros dois. O problema continuava: Qual o critério para encontrar o mais antigo? A esta última questão nem todos davam a mesma resposta. O mais breve, como resumo dos outros dois? O mais breve como mais antigo e, portanto, na origem daqueles?<sup>35</sup>

**Johann Jakob Griesbach** (1745-1812). Este autor alemão foi professor na Universidade de Halle, sendo transferido, mais tarde, para a de Iena. Tornou-se especialista na crítica textual do Novo Testamento. Para explicar as semelhanças e diferenças entre os três Evangelhos Sinóticos propôs a “Teoria das Duas Fontes”. A Teoria de Weiss foi reformulada por J. J. Griesbach numa obra publicada em 1776 e reeditada em 1783:

- *Novum Testamentum graece. Textum ad fidem codicum, versionum et Patrum recensuit et lectionis varietatem adjecit D. Jo. Jak. Griesbach. Editio secunda emendatior multoque locupletior.*

O 1.º vol. tem uma introd. de 132 p. e 554 de texto; o 2.º, 11 p. de introdução e 684, 40 p. de texto. Trata-se de uma edição crítica de todo o Novo Testamento.

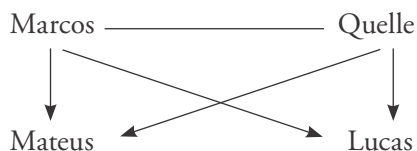
Em 1776, publicou uma *Synopsis Evangeliorum Mathei, Marci et Lucae*, em grego; em 1797 juntou os textos joânicos, sobre a Paixão e Ressurreição; e em 1809, numa 3.ª edição, apresentava todos os textos joânicos que podiam ver-se como paralelos aos outros três Evangelhos. A sua teoria poderia resumir-se do seguinte modo: Mateus influenciou diretamente Lucas. Marcos foi o último e o “resumo” dos outros dois. Isto dava-nos o seguinte esquema:

<sup>35</sup> Sobre Schleiermacher, ver LÉON-DUFOUR, X., *Introduction à la Bible. Nouveau Testament*, vol. 2: *L'Annonce de l'Évangile*, p. 18-23.173-175.184-185; *Catholicisme*, o. c., vol. XIII, col. 917-923.



Esta ideia original foi exposta também por Ch. G. Wilke (1786-1854).

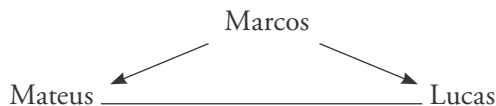
**Christian Hermann Weisse** (1801-1866). Este estudioso alemão dos Evangelhos foi o inventor da hipótese de que Marcos, sendo o Evangelho mais curto, é o mais antigo, por um princípio da Crítica Textual. Colocou Marcos no cimo da pirâmide, para indicar que este Evangelho tinha influenciado os outros dois Sinóticos (Mateus e Lucas); mas, como isso não explicava tudo, sobretudo os discursos de Mateus e Lucas (que não se encontram em Marcos), então afirmou que deveria haver uma outra *Fonte*, que teria sobretudo discursos e que teria sido aproveitada apenas por Mateus e Lucas. Marcos não a deve ter conhecido, já que tem muito poucos discursos de Jesus. A essa fonte chamou-lhe precisamente “a Fonte” (em alemão, *Quelle*). A *Quelle* forneceu os seus discursos a Mateus e Lucas, que seguiram, mais ou menos, o esquema estruturante de Marcos. Esta teoria revolucionária pode sintetizar-se no seguinte esquema:



Em resumo: retomando os trabalhos de Griesbach e de Wilke, Ch. H. Weisse formulou de novo a hipótese das *Duas Fontes*: Marcos e Q eram as *Fontes* dos outros dois; portanto, Marcos não recebeu nenhuma influência da Q e foi o primeiro Evangelho, que influiu também nos outros dois. A Q forneceu discursos de Jesus a Mateus e Lucas, enquanto Marcos emprestou aos mesmos o esquema de três anos de pregação de Jesus, sintetizados apenas num único ano.

*Griesbach* fez a primeira *Sinopse* de Mt-Mc-Lc. A partir daqui, se chamaram “Sinóticos”; mais tarde, comentou Marcos, tentando demonstrar que todo ele foi tirado de Mt-Lc, sendo um resumo destes. Esta descoberta de Griesbach, que faz parte da mais que famosa *Teoria das Duas Fontes* (com a *Quelle*), fez história, mas foi corrigida pelo seu discípulo Wilhelm Martin Leberecht de Wette (1780-1849). Este seguiu a mesma teoria, aperfeiçoando-a, até que

Gottlob Christian Storr (1746-1805) coloca o esquema sinótico precisamente ao contrário: Marcos não foi o resumo de Mateus e Lucas mas a “Fonte” dos dois, o que daria o seguinte esquema:

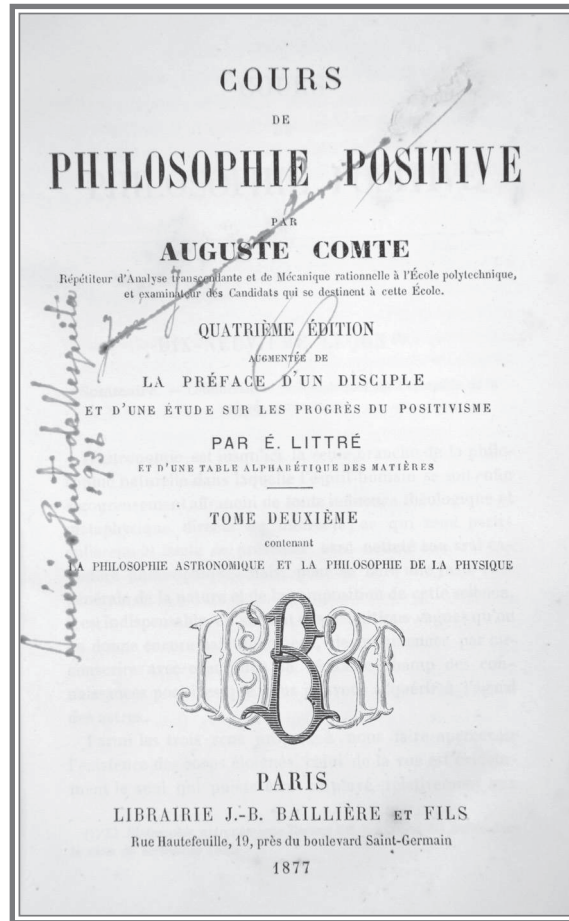


Griesbach teve o mérito de levantar a questão Sinótica e deu uma solução que, apesar de não ser aceite por todos, fez história nos estudos do Evangelho.

Este é apenas um resumo do chamado *Facto Sinótico*, que continua a ser objeto de minuciosos estudos; mas o problema foi levantado já nos séculos que nos ocupam neste volume. A sua formulação definitiva, pelos mencionados estudiosos alemães, durou mais de setenta anos de pacientes investigações sobre os textos, investigações nas quais foi feito um trabalho minucioso de análise, a par de uma reflexão teológica para a compreensão da palavra de Deus. Aqui constatamos o trabalho literário e histórico, que foi necessário fazer para uma melhor compreensão dos Evangelhos, que são muito mais do que simples histórias para contar.<sup>36</sup>

**Ferdinand Christian Baur** (1792-1860). Na mesma altura, este professor das origens do cristianismo e fundador da chamada “Escola de Tubinga” introduziu no estudo da Bíblia o esquema idealista de Georg Wilhelm Friedrich Hegel: *tese*, *antítese* e *síntese*. Segundo este esquema, à *comunidade judaizante* de Jerusalém, com Pedro e Tiago, que queriam seguir a lei judaica (*tese*), *opõe Paulo*, apóstolo da liberdade cristã (*antítese*): segundo este ponto de vista, o segundo capítulo da Carta aos Gálatas servia de alavanca para toda a teoria. A *síntese* entre as duas correntes opostas só irá aparecer no séc. II, sob a pressão do gnosticismo e das perseguições ao cristianismo. As obras que marcam a reconciliação-síntese entre as duas posições seriam, segundo ele, os Atos dos Apóstolos e as Cartas Pastorais, erradamente atribuídas a Paulo. A partir destas hipóteses, segundo o esquema filosófico hegeliano, as questões de autor e de data irão ter um lugar importante nas introduções à Bíblia. E foi desta tensão e distensão que surgiu a Igreja Católica. Baur meteu-se também na

<sup>36</sup> LÉON-DUFOUR, X., *Introduction à la Bible, Nouveau Testament*, vol. 2: *L'annonce de l'Évangile*, p. 18-23; 173-175; 184-185. Ver ainda BOISMARD, Marie-Émile, *L'hypothèse synoptique de Griesbach*, em *Le Siècle des Lumières et la Bible – BTT*, vol. 7, Beauchesne, Paris, 1986, p. 129-137; sobre a obra científica do mesmo, ver J. J. Griesbach: *Synoptic and Text-critical Studies, 1776-1976*, edited by Bernard Orchard and Thomas R. W. Longstaff, Cambridge, 1978.



temática do *Facto Sinótico*, afirmando que Marcos é apenas um Evangelho, resumo dos outros dois (Mateus e Lucas) e, portanto, sem valor histórico.

Apesar de estranhas e de suscitarem muita contestação, na altura, estas ideias de Baur e de outros contemporâneos seus tiveram o mérito de “mexer” com a historiografia dos Evangelhos e de suscitar novas ideias a propósito.<sup>37</sup>

**Conclusões.** Na maior parte destes autores revisitados, nota-se um clima interpretativo racionalista, naturalista e bastante contrário ao facto religioso. Há mesmo uma atitude contrária ao diálogo interreligioso. O próprio cristianismo é

<sup>37</sup> Sobre Christian Baur, ver AUVRAY, P., *Baur, Christian*, em *Christianisme*, o. c., vol. I, col. 1321. Dentre as suas obras mais representativas contam-se: *Paulus, der Apostel Jesu Christi*, 1845; *Das Marcus-evangelium*, 1851; e *Kirchengeschichte*, 1853s.



interpretado em chave deísta ou reduzido a um socialismo moralista, no sentido em que o próprio Jesus apareceu em Israel para trazer uma nova moral fraterna, mas (apenas) humana.

Nesta corrente racionalista, no que diz respeito à questão de Jesus e aos Evangelhos em geral, entrecruzam-se várias ideologias, desde a corrente naturalista à idealista de Hegel, o imanentismo religioso, passando pela corrente do *mito* (Strauss e Bultmann) e do deísmo dos filósofos. Em todas elas, há uma certa evaporação do histórico e do divino, ao mesmo tempo.

É o tempo em que a razão prevalece sobre a fé e, sem esta, a revelação divina dos Evangelhos e da Bíblia, em geral, evapora-se simplesmente. Hegel, por exemplo, não se preocupa com a salvação particular de cada um (nem com a sua própria), mas com a religião comunitária (a *Volkreligion*). Por isso, abandona mesmo a fé num Deus pessoal.

### 5.7. Método histórico-crítico: uma iniciação

Este método engloba vários submétodos, como é o caso da Crítica Textual, Crítica Histórica, Crítica Literária (*História das Formas* e *História da Redação*)... Trata-se de um processo de análise que tem vários parâmetros a considerar, pois tem em conta o texto na sua diegese, isto é, na sua *diacronia*, a fim de se conhecer a “história” do mesmo. Diferente é o método chamado *sincrónico*, que analisa o texto em si mesmo, sem sair dele, isto é, sem se interessar pelo seu passado histórico, nem sequer pelo seu autor.

Este método não foi inventado de uma só vez, mas é o resultado de várias componentes experimentadas ao longo de séculos. Todas essas experiências de leitura bíblica foram concentradas já nos séc. XIX-XX neste método, que assim foi chamado, precisamente por insistir nas duas vertentes: a vertente histórica, porque tem em conta a história do texto em causa; e a vertente “crítica”, porque se trata de um aprofundamento, de uma explicação científica do mesmo.

Vamos ver apenas alguns nomes destes séculos, que deram os primeiros passos na organização deste método que, mais tarde, receberia o nome em epígrafe.

**Richard Simon** (1630-1712). Foi o iniciador dos estudos científicos da Bíblia no âmbito da Igreja Católica, e as suas obras foram escritas ainda no séc. XVII. Referimo-lo neste volume como fundador da moderna Crítica bíblica. Foi ordenado sacerdote na Congregação do Oratório, em 1670. Foi tal o impacto que teve o seu livro sobre o *Velho Testamento*, que o levou a ser excluído da sua Congregação. Eram ainda ideias demasiado revolucionárias para a época, sobretudo no que diz respeito à Crítica Textual, ou seja, ao pôr, eventualmente, em causa alguns termos do texto em voga, certamente o da Vulgata.



O seu nome está ainda ligado aos comentários e traduções do Antigo e Novo Testamento.

O assim chamado “racionalismo protestante” tem a parte de leão nesses estudos bíblicos. Mas, mesmo antes da maior parte deles, não estiveram totalmente ausentes os católicos, que têm o seu representante máximo em Richard Simon, com a sua *Histoire critique de l'Ancien Testament* (1678), uma obra que introduziu o estudo crítico da Bíblia no contexto cultural da Igreja Católica.

Não lhe faltou engenho para submeter a Bíblia a um estudo científico no aspeto da análise literária e histórica. E descobriu, muito antes de Gunkel e Welhausen, que, no Pentateuco, há tradições literárias não escritas, e que Moisés não foi o único autor do Pentateuco. Ao mesmo tempo que fez uma obra ímpar para o seu tempo, R. Simon conseguiu fazer algo muito específico: aliar a Crítica à Teologia e à fé católica, não prescindindo – como tantos outros do seu tempo e depois – da Bíblia como livro inspirado. R. Simon não via, no seu rigoroso estudo da Bíblia, nada que pudesse contradizer a fé católica.

Atacado por Bossuet e por outros tradicionalistas do seu tempo, e sem o amparo da Igreja institucional, o génio de Richard Simon mergulhou na sombra do esquecimento, e ainda por cima, com o seu livro colocado no *Índice* dos livros proibidos.<sup>38</sup> Deste modo, a exegese católica perdeu uma boa oportunidade de sair de um tradicionalismo fechado às ciências, que poderiam ter colocado a Bíblia no lugar que lhe cabe na Teologia católica. Desperdiçada a grande oportunidade de conciliar Bíblia e ciências, a Igreja deixou passo livre ao racionalismo exagerado, deísta e, por vezes, ateu, que partiu do campo do racionalismo protestante, onde eram permitidas todas as liberdades de pensamento (o que não acontecia na Igreja Católica).

“Sabemos que a vitória de Bossuet sobre Richard Simon, por volta de 1680, foi fatal para a exegese católica. Esta acabava de sair de um “século de ouro” iniciado no fim do concílio de Trento, e a recusa do estudo científico e crítico da Bíblia, como o recomendava Richard Simon, levou a dois séculos de silêncio sobre a Bíblia. Deste período de decadência da exegese católica emerge apenas D. Calmet (...). A Bíblia deixou de ser estudada, nem sequer lida e tudo o que se sabe dela é quase sempre de segunda mão”.<sup>39</sup>

<sup>38</sup> Sobre o conflito de Bossuet com Richard Simon, ver DOMINIQUE BARTHÉLEMY, *Découvrir l'Écriture*, Lectio Divina-hors série, Cerf, Paris, 2000, p. 131-134. Toda a questão entre um e outro residia no modo de compaginar e relacionar a autenticidade histórica, inspiração bíblica e tradição da Igreja, ou dos Santos Padres, como atacava Bossuet. Este, não conhecendo bem o hebraico não atacava Simon por esse prisma, mas por ele ser infiel à tradição dos Santos Padres.

<sup>39</sup> GILBERT, Maurice, *Cinquant'anni di magistero romano sull'ermeneutica biblica – Leone XIII (1893) – Pio XII (1943)*, em Vv., Chiesa e Sacra Scrittura – un secolo di magistero ecclesiastico e

Esta posição oficial da Igreja Católica foi paga a bom preço: durante estes dois séculos (1680-1880) surgem apenas algumas figuras católicas, sobretudo francesas, posteriores a R. Simon, que sobressaem do marasmo em que se encontravam os estudos bíblicos na Igreja. De entre essas figuras, podemos apontar: B. de Montfaucon (†1741), Paul Sabatier (†1742), A. Calmet (†1757), o oratoriano C. F. Houbigant (†1784) e o italiano G. B. Rossi (1742-1831). Apenas estas figuras iluminaram uma mediocridade geral, no mundo bíblico católico.

Vejamos agora uma simples listagem das obras de Richard Simon, sem entrarmos em comentários sobre as suas principais aportações, assim como de outros homens que deram mais brilho à cultura europeia, em geral, e, particularmente, à cultura bíblica. Começaremos por Richard Simon como o primeiro dos representantes dos estudos bíblicos deste período na Igreja Católica.<sup>40</sup> As obras de Simon são, pois, as seguintes, todas editadas na Holanda, já que em França não eram bem-vindas:

- *Histoire Critique du texte, des versions et de commentateurs du Vieux Testament*, Paris, 1678; Roterdão, 1685.
- *Histoire Critique du texte du Nouveau Testament*, Roterdão, 1669.
- *Histoire Critique des versions du Nouveau Testament*, Roterdão, 1690.
- *Nouvelles observations sur le texte et les versions du Nouveau Testament*, Roterdão, 1695.

---

studi Biblici, Subsidia Biblica – 17, Ed. Pontificio Istituto Bíblico, Roma, p. 11-12. Sobre a vida e obra de Richard Simon, pode consultar-se o grande artigo de BRUN, J. Le, em DBS XII, col. 1353-1383, com muita bibliografia. Em DBS IV, col. 644-645, L. Vaganay afirma sobre este autor: “O segundo período [da exegese católica moderna] conta apenas com um grande nome, Richard Simon, o fundador da crítica bíblica. Ele não escreveu nenhum comentário, mas apenas obras de introdução: *Histoire critique du texte du Nouveau Testament*, 1689; *Histoire critique des versions du Nouveau Testament*, 1690; *Histoire critique des principaux commentateurs du Nouveau Testament*, 1693; *Nouvelles observations sur le texte et les versions du Nouveau Testament*, 1695. Com as suas lacunas, e apesar dos seus erros, ele foi um mestre, sem ter fundado nenhuma escola”. Para um resumo breve da história da exegese bíblica, ver Caderno Bíblico n.º 43, *Palavra de Deus e exegese*, Difusora Bíblica, Fátima, 1993. Para um estudo sobre este período, em relação com as ciências bíblicas, ver VAZ, Armindo dos Santos, *Literaturas do Antigo Oriente e Renovação dos Estudos Bíblicos*, em Cadmo 12, Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa, 2002 (Actas do colóquio *Orientalismo Ontem e hoje*, p. 157-193); *Le Siècle des Lumières et la Bible*, BTT 7, o. c., 1986.

<sup>40</sup> Sobre Richard Simon, ver ainda WOODBRIDGE, John D., *Richard Simon, “le Père de la critique biblique”*, em BTT 6, Beauchesne, Paris, 1986, p. 193-206; aqui se contam as perseguições à obra de Simon, por instigação de Bossuet, que o considerava herético: os seus livros foram aprisionados e queimados e a consequente expulsão da Congregação do Oratório; SCHWARZBACH, Bertram Eugène, *Les Sources Rabbiniques de la critique biblique de Richard Simon*; ib., p. 207-231.

- *Histoire Critique des principaux commentateurs du Nouveaux Testament depuis le commencement du Christianisme jusqu'à notre temps*, Roterdão, 1693.

Assim, a *Histoire Critique do Vieux Testament*, que saiu à luz em 1678, foi a sua primeira obra importante. Bossuet levou o rei da França a proibi-la, mediante um decreto real; mas ela reapareceu pouco tempo depois na Holanda. Trata-se de um trabalho que versa os mais variados assuntos bíblicos: nascimento e vida dos livros do Antigo Testamento, através da história dos textos; traduções e comentários judeus e cristãos. O facto da obra aparecer em língua francesa foi importante, pois foi um modo de democratizar as novas ciências bíblicas. Antes, tal como fez, em 1650, o autor protestante, Cappel, ao publicar a *Crítica Sacra*, os livros científicos eram publicados em latim e, portanto, apenas para os intelectuais da altura. O termo *crítica* é também uma novidade dessa época e que poderíamos traduzir hoje por “tratado científico”.

Esta obra teve uma enorme importância na relação entre Teologia e Bíblia, renovando e reformulando certas verdades tradicionais, defendidas em Teologia. A Crítica pôs em causa certas tradições judaico-cristãs, por exemplo, afirmando que Moisés era o único autor do Pentateuco. A ciência encontrou no Pentateuco marcas, sobretudo literárias, muito posteriores a Moisés, além de adições, repetições e resumos. Simon afirma que este foi um trabalho dos *profetas inspirados* (diferentes dos grandes profetas), que desempenhavam um papel importante no ambiente dos hebreus. Tais profetas acrescentavam ou suprimiam parte das *memórias* e *factos* que recebiam do passado, quando afirma:

“No que se refere aos Livros de Moisés, tais como os possuímos atualmente, as adições que foram feitas aos antigos Actos impedem-nos de discernir o que é verdadeiramente dele, daquilo que foi acrescentado por aqueles que lhe sucederam ou pelos autores deste último conjunto de livros”.

Esta perspectiva de Richard Simon apresentava uma dupla vantagem:

1. Ao introduzir a *Crítica*, no que se refere concretamente à Bíblia, estava a proceder segundo os cânones e exigências do seu tempo. De facto, o espírito do Renascimento tinha favorecido o regresso aos textos originais, dos quais se esperava maior clareza e verdade. Nessa altura, sabia-se que esta clareza e esta verdade não apareciam imediatamente, porque os textos das Bíblias em voga tinham sofrido o desgaste do tempo. O trabalho do estudioso consistia em reparar este desgaste, para que as Bíblias se aproximassem, o mais possível, dos textos e das versões originais.
2. Ao dar-se conta das adições e das reinterpretações em relação ao texto bíblico original, Simon encontra o sentido original do mesmo, sem despre-

zar os acrescentos ou adições feitas pela tradição. Pensa mesmo que todo o sentido introduzido na Bíblia merece respeito. Muitas vezes, é mesmo este sentido que alimenta a fé dos fiéis. Assim, na profecia do Emmanuel (Is 7,14), a Crítica pensa que o sentido literal se refere à mulher do profeta Isaías ou do rei Acaz; é ela que está grávida e vai dar à luz um filho. Mas esta profecia foi lida por uma tradição judaica mais tardia (*Bíblia Grega do Antigo Testamento* ou Setenta), que lhe deu um sentido diferente: o Messias. Os cristãos, por sua vez, apoiando-se nesta tradição judaica, veem nessa profecia o nascimento de Jesus. Este sentido alimenta a fé dos cristãos e é muito profundo, porque foi transmitido por toda a tradição, a partir da letra do texto hebraico, na sua tradução grega dos Setenta. Este foi um trabalho enorme feito pela ciência crítica.

Naturalmente, esta apresentação das coisas não agradava aos teólogos, que estavam habituados a ir à Bíblia procurar argumentos para as suas teorias. Assim, Bossuet afirmava que o sentido literal de Is 7,14 se referia a Jesus Cristo, porque é este o sentido que se encontra em Mateus 1,22-23 e, seguidamente, em toda a tradição cristã. Pelo contrário, deveria pensar que Mateus, sendo mais tardio, foi à Setenta buscar o sentido messiânico desse texto. Parece evidente que Isaías não pensava diretamente em Cristo-Messias, mas no socorro que Deus daria ao rei Acaz, não permitindo que os assírios conquistassem a cidade de Jerusalém, iniciando aí toda a tradição da Igreja. Portanto, era inevitável o conflito entre Bossuet e Richard Simon. Depois das polémicas causadas pela sua *História Crítica do Velho Testamento*, Simon publicou, em vários volumes, uma *História Crítica dos textos, das versões e dos comentários do Novo Testamento* (1693). Encontramos aqui o mesmo espírito crítico.

Contra esta obra, Bossuet escreveu a sua *Defesa da Tradição e dos Santos Padres*. De facto, Simon faz uma leitura crítica de tudo o que os Padres da Igreja, a Idade Média, os humanistas, os reformadores e os seus contemporâneos tinham produzido como comentários ao Novo Testamento, sem esquecer as deficiências no conhecimento dos manuscritos, nas línguas hebraica e grega; ataca a alegoria, sobretudo em Orígenes, dando a preferência aos comentadores que se limitam ao sentido da letra do texto bíblico.

Simon também publicou, em 1702, em Trévoux, o seu *Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo*, traduzido a partir da Vulgata, que o concílio de Trento tinha imposto; mas, nas notas, refere-se aos manuscritos gregos, sempre que há uma variante. Também faz referência ao sentido primitivo das palavras do texto original, para além do sentido que a tradição cristã lhes atribuiu.



*Ressurreição do filho da viúva  
(Lc 7, 11-17)*

Esta novidade foi-lhe fatal: um decreto do arcebispo de Paris, influenciado certamente pelo mesmo Bossuet, condenou esta tradução.

A carreira atormentada de Simon é um exemplo vivo da difícil coexistência entre o estudo científico da Bíblia e a(s) Teologia(s), ainda no nosso tempo. Espírito livre, não hesita em inspirar-se nos autores judeus, cujos livros bem conhecia, sobretudo as “paráfrases caldaicas” (ou *targums*) e os seus *midrashim*. A gramática e a história ajudaram-no a fixar o sentido dos textos bíblicos. Mas Bossuet – sempre ele – acusa-o de fazer depender a fé em Jesus Cristo de uma erudição de rabino e de colocar a Teologia à margem dos textos bíblicos. Simon defendeu-se, citando os Santos Padres a favor das suas posições, afirmando igualmente que Bossuet abusa do argumento da unanimidade dos Padres. No que se refere às tradições judaicas e cristãs antigas, Simon atribuiu-lhes uma grande importância na formação do conjunto dos livros da Bíblia, cuja existência não se pode separar da vida dos crentes.

Sobre a polissemia de um determinado texto bíblico que, para Sacy, por exemplo, era um sinal de riqueza que tal texto nos oferece, para Simon, era sinal de que não se tinha ainda captado o seu verdadeiro valor. Trata-se aqui do texto literal, pois não estava em causa a famosa teoria medieval dos diferentes *sentidos bíblicos*.<sup>41</sup> Simon procura a “verdade” do texto em todas as suas dimensões: histórica, textual, literária, hermenêutica, exegética... Tudo isto parte ainda do facto de que a Bíblia, como palavra de Deus, foi primeiro palavra oral e só (muito) mais tarde, palavra escrita.

É neste sentido que ele fala de uma “Crítica da Escritura”, isto é, da “verdade” mais profunda do texto, estudado cientificamente, a partir de várias ciências que se tornam auxiliares de compreensão do texto escriturístico.<sup>42</sup> Por isso é que Simon não acredita muito nas traduções rigorosas da Bíblia, as quais, para além de produzirem uma grande multiplicidade de textos de diferentes épocas e autores, tornam “o Texto” bastante opaco em si mesmo. Daí a necessidade de notas explicativas, que nem sempre conseguem dar o verdadeiro sentido do referido Texto.

O maior problema que o exegeta e o tradutor encontram, a nível da “finalidade do Texto”, é, sem dúvida, o da relação do Texto em si com o significado divino do mesmo, o que nem sempre é “percebido” por todos os leitores da Bíblia, sobretudo quando se lê o mesmo sem o necessário “preconceito” da fé, para o homem crente; isto é, combinar a leitura crítica do texto bíblico com a leitura crente do mesmo. Enfim, falar da Bíblia não é como falar de um livro que um simples escritor humano redigiu em determinadas circunstâncias e num determinado momento histórico. É muito mais do que isso.

A partir de agora, iremos verificar outros autores que se dedicaram também ao estudo científico da Bíblia. Trata-se de autores que pertenceram ao chamado *liberalismo protestante*. De facto, foram eles que deram o pontapé de saída nos estudos científicos da Bíblia, muito antes dos estudos oficiais dentro da Igreja Católica.

No protestantismo, em geral, havia duas linhas principais de interpretação da Bíblia: uma, de carácter popular, que interpretava a Bíblia à letra. Era fundamentalista, a tal ponto de acreditarem que cada letra do texto bíblico, e mesmo os *sinais vocálicos* do mesmo, tinham sido inspirados pelo Espírito Santo (!).<sup>43</sup>

<sup>41</sup> Sobre os sentidos bíblicos, veja-se a clássica obra de LUBAC, Henri de, *Exégese Médiévale – Les quatre sens de L’Écriture*, vol. 1-4, Paris, Cerf / DDB, 1959-1962.

<sup>42</sup> Já no vol. III – *A Bíblia nos séculos XVI-XVII* – falávamos das *Ciências Auxiliares do Estudo da Bíblia* (cap. 18, p. 837-864).

<sup>43</sup> Os *pontos vocálicos* são simples sinais (não letras), que foram colocados por cima ou por baixo das consoantes hebraicas, pois trata-se de uma língua consonântica. Desconheciam que estes *sinais*

Perante esta leitura bíblica de caráter popular, levantou-se um grupo de estudiosos que tinham, tal como o católico Richard Simon, uma outra visão mais científica da questão da leitura da Bíblia. Estes estudos foram possíveis porque o protestantismo, não tendo uma autoridade central que oriente os estudos ou mesmo outros setores da vida da Igreja, cada um pode pensar e publicar os estudos que quiser.

Portanto, a Alemanha foi o berço dos novos estudos bíblicos. Para isso contribuiu o protestantismo liberal, o movimento romântico da liberdade, que tinha conquistado os espíritos, a filosofia hegeliana, que dava um novo sentido à História; e a exegese começava a libertar-se do dogma, para poder livremente partir à conquista de novos horizontes, no que se refere aos estudos bíblicos, aproveitando-se das novas ciências.<sup>44</sup>

Richard Simão levou atrás de si outros discípulos como J. Le Leclerc (1657-1736). A sua crítica textual foi aperfeiçoada por este e também pelo inglês B. F. Kennicot e A. Schulten; William Gesenius (1786-1842) fez uma síntese dos estudos levados a cabo até então com a sua *Grammatica Hebraica* de 1817 e com o *Dicionário Hebraico* de 1810, que teve 17 edições. Um outro seguidor de R. Simon foi J. Astruc:

**Jean Astruc** (1684-1766). Este professor de Medicina em Montpellier, Toulouse e Paris, e médico de Luís XIV, tinha observado no Pentateuco o uso de dois nomes de Deus: *Javé* e *Elohim*. Daqui tinha concluído a existência de dois documentos paralelos; ou seja, a Bíblia não era, para ele, uma história, no sentido moderno, mas uma espécie de coleção de diferentes documentos. Expôs esta teoria na sua obra:

- *Conjectures sur les mémoires originaux dont il parait que Moïse s'est servi pour composer le livre de la Genèse avec des remarques qui appuient ou éclairent ces conjectures*, Bruxelas, 1753.

Além dos referidos documentos, que contêm Javé ou Elohim (javista e eloísta), Astruc apresenta outros dez, vindos de moabitas, edomitas, etc. Moisés teria feito uma recolha de documentos em três ou quatro colunas, que um outro, mais tarde, refundiu; a nós toca voltar atrás para a reconstrução do “documento mosaico” original. Astruc pretendia, assim, deixar de atribuir a Moisés os erros cronológicos e outros do livro do Génesis. Hoje, achamos uma

---

*vocálicos* foram colocados pelos massoretas, por volta do ano mil da nossa época, para mostrar como determinada palavra se deveria pronunciar.

<sup>44</sup> Ver MAGNANI, Giovanni, *Origini del Cristianesimo*, vol. 1 – *Gesù il Fondatore e i Filosofi – critica delle critiche*, Citadella editriche, Assis, 1997, p. 230-245.



certa graça a estas conjecturas; mas foi assim que a investigação fez avançar os estudos bíblicos.<sup>45</sup>

## 5.8. Orientalismo e Ciências Bíblicas

**George Smith e o orientalismo (1840-1876).** A 3 de dezembro de 1872, um jovem de 32 anos, estudioso de Assiriologia, fez uma declaração na *Biblical Archaeological Society* de Londres, que alarmou o mundo científico e a opinião pública:

“Encontrei, entre as tabuinhas assírias do British Museum, um relato do Dilúvio... É evidente que os acontecimentos contados na Bíblia e os da referida inscrição são os mesmos e seguem a mesma ordem”.

Aprendiz de gravura, de tal modo se apaixonou pelas antiguidades assírias, recentemente chegadas a Londres, que o conservador do Museu, Rawlinson, dez anos antes, tinha reparado neste jovem contratando-o como seu assistente. Rawlinson foi o primeiro a decifrar alguns nomes de reis, em escrita cuneiforme, desde 1850. Com ele, Smith aprendeu a ler, restaurar e recopiar os milhares de tabuinhas de argila que chegavam das escavações de Nínive, Korsabad e Nimrud (entre 1842 e 1855). Foi, portanto, ao fim de dez anos de trabalhos, depois de publicar outros textos, que Smith descobriu três fragmentos de uma narração de dilúvio. Tratava-se de uma cópia assíria da 11.<sup>a</sup> tabuinha da epopeia de Gilgamesh.

O próprio G. Smith partiu para Nínive, à caça das tabuinhas do rei assírio, Assurbanípal. Em duas campanhas, conseguiu recolher mais de três mil documentos. Em 1876 publicou *A relação caldaica do Génesis (Enouma Elish)*, isto é, os primeiros textos do mito babilónico da Criação. Morreu durante uma outra viagem, depois de uma crise de desintéria, em Alepo, apenas com 36 anos. Ao lado de G. Smith, poderíamos citar muitos outros escavadores e decifradores, cujos trabalhos nos revelaram a literatura do Médio Oriente Antigo. *O Relato Caldeu do Génesis*, Londres, 1875, foi uma notícia sensacional a todos os títulos. Então, a Bíblia não é o livro mais antigo do mundo? Deus também inspirou a Bíblia aos caldeus? – perguntavam os leitores.

Com a descoberta do documento que continha o mito *Atrahasis*, os textos bíblicos da Criação ficaram mais “apoiados” por textos muito mais antigos encontrados na mesma região.

<sup>45</sup> Sobre Jean Astruc, veja-se *Catholicisme*, t. I, col. 971; MAGNANI, Giovanni, *Origini del Cristianesimo*, o. c., p. 245-246.



A reação dos católicos mais conscientes e conhecedores de assuntos bíblicos foi quase de susto. Alguns até perderam a fé, porque esta estava baseada numa visão historicista da Bíblia e de uma visão da mesma em círculo fechado, sem relação a outras culturas. Também não podemos esquecer o autor que descobriu, desde 1822, o acesso aos textos do antigo Egito e suscitou em toda a Europa um interesse enorme pelas antiguidades orientais: o francês J. F. Champollion. Até meados do séc. XIX, pensava-se que o único documento para conhecer a região do Médio Oriente Antigo era apenas a Bíblia, os escritores judeus e alguns escritores clássicos gregos.

### Algumas pesquisas arqueológicas no ambiente geográfico da Bíblia (séc. XIX)

É inegável o avanço das ciências modernas. Este facto está ligado ou é mesmo causa de uma nova filosofia da cultura e da ciência, mas que tem implicações sérias na antropologia, isto é, na maneira do homem se ver a si mesmo, assim como o mundo à sua volta. Tem a ver igualmente com a dimensão dos valores relativos à sua dimensão vertical, isto é, para com o Criador do mundo, onde as ciências se desenvolvem. Já no fim do séc. XIX, começam a surgir, fora do campo católico, documentos e publicações de carácter bíblico-científico. Vejamos os mais importantes:

- 1795. É fundada a *École Nationale des Langues Orientales*, e o *Institut d'Égypte* aparece no seguimento das campanhas napoleónicas naquela região, em 1798; a partir de 1850 são decifrados textos do Egito e da Assíria.<sup>46</sup>
- 1801-12. O suíço J. L. Burckhart fez escavações em Petra, Irby, Mangles, Iraq-el-Amir (1827), Cesareia de Filipe, Aman e Jerash.
- 1821. Buckingham descobre os planos de Jerash e Aman.
- 1822. Champolion, francês, descobriu a chave de leitura da escrita hieroglífica do antigo Egito.
- 1838-52. E. Robinson (americano): identificou 150 lugares bíblicos.
- 1850 e 1863. Saulcy fez escavações no “Túmulo dos Reis”, em Jerusalém.
- 1850. A. Layard descobre a biblioteca de Assurbanípal, em Nínive.
- 1850. Rawlinson faz a leitura das primeiras inscrições reais assírias, entre as quais o obelisco de Salmanasar III e de Jehú (séc. IX a. C.).
- 1857. Primeira leitura correta de um texto cuneiforme, por 4 sábios.
- 1865. Renan começa a publicação da *Histoire des origines chrétiennes*, terminada em 1883, que põe em causa muitos dos princípios até aí sem discussão.

<sup>46</sup> Ver ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, p. 71, nota 36.

1867. Warren explora, mediante poços e túneis, a esplanada do Templo, em Jerusalém.
1869. C. Clermon-Ganneau encontrou e leu a estela do rei amonita, Mesha, em Dibbôn (séc. IX a. C.). Daí chamar-se, depois, *Estela de Mesha*.<sup>47</sup>
1869. Fundação da associação *Palestine Exploration Fund*.
1872. Publica-se o relato babilônio do Dilúvio.
1876. Wellhausen publica a sua teoria das *Quatro Fontes do Pentateuco*, que revolucionaria a concepção histórica e literária da Bíblia; aparece a revista *Teologische Litteraturzeitung*.
1877. Constitui-se, na Alemanha, uma sociedade para exploração arqueológica dos países da Bíblia, a *Deutscher Palästina Verein*.
1879. Aparece a *Revue d'Histoire des Religions*.
1881. Com Wescott-Hort, inicia-se a Crítica Textual moderna do Novo Testamento. Aparece também a revista de Assiriologia: *Assyriologische Untersuchungen*.
1885. Aparece a revista *American Journal of Archeology*.
1887. Descoberta das *Cartas de El-Amarna*, no Egito (séc. XIV a. C.).
1890. W. M. Flinders Petrie (inglês), na exploração sistemática de Tell Hesi, inventou a estratigrafia, isto é, o estudo dos estratos geológicos, mostrando que a cerâmica evoluiu segundo os mesmos, o que evidencia as diferenças entre a cerâmica da Palestina e a do Egito ou outras. Aparece aqui a base da arqueologia moderna.<sup>48</sup>
1891. Aparecem as revistas *Critical Review* e *Zeitschrift für Theologie und Kirche*.

Todas estas obras eram apresentadas por cientistas e organizações científicas que se situavam fora do âmbito da obediência às normas da Igreja Católica. Eram sobretudo organizações laicas, que integravam certamente exegetas e peritos em história bíblica, pertencentes, ideologicamente e sobretudo, ao protestantismo liberal. A Igreja Católica, por seu lado, estava ainda, oficialmente, receosa de avançar por estes caminhos científicos, com medo de deturpar o sentido divino dos textos bíblicos, que estas novas ciências viam com olhares simplesmente humanos; ou, por outro lado, havia ainda o medo de escandalizar os fiéis e o clero menos instruído nestas ciências, que “liam” a Bíblia como uma história, no sentido científico do termo.

<sup>47</sup> Na *Estela de Mesha* está inscrito um texto do rei moabita, Mesha, que refere uma vitória sobre o rei de Israel.

<sup>48</sup> Para um resumo das explorações nas terras da Bíblia, ver *Dictionnaire Encyclopédique de la Bible*, Brepols, 1987, p. 503s.

Este passo em frente será dado apenas 50 anos depois com a encíclica de Pio XII, cujo sugestivo título é *Divino Afflante Spiritu* (O Espírito Santo inspirador), ordenando a todos os responsáveis pelo estudo e ensino da Bíblia que avancem pelos novos caminhos científicos, sobretudo pelos estudos literários sobre a Bíblia.

Perante tudo isto, os católicos apenas podiam apresentar:

1886. *Cursus Scripturae Sacrae*, de Cornely-Knabenbauer, e *La Science Catholique*, de Jaugey.

1891. Vigouroux começa a publicação do *Dictionnaire de la Bible*.

1892. Aparece em Jerusalém a *Revue Biblique*, dirigida pelo Padre Lagrange (OP), da *École Biblique et Archéologique Française*, em Jerusalém, criada no mesmo ano com a bênção do papa Leão XIII.

### Associações de pesquisa dos lugares bíblicos

Estas associações pretendiam arranjar fundos económicos para as escavações, ao mesmo tempo que partilhavam os saberes entre os seus membros e publicavam as descobertas bíblicas em publicações periódicas especializadas. Eis as principais:

- *Palestine Association*, 1804, que foi substituída pela:
- *Palestine Exploration Society*, Londres, 1865.
- *Palestine Exploration Society*, Nova Iorque, 1870.
- *Deutscher Palestina-Verein*, Leipzig, 1877.

Em plena época de desenvolvimento das ciências, sobretudo da História, os orientistas levantaram controvérsias apaixonadas à volta da Bíblia, de tal modo as suas descobertas transtornavam os antigos hábitos de a ler. Assim, para continuar no caminho de Smith, 30 anos mais tarde, em 1902, F. Delitzsch deu uma conferência em Berlim, perante o imperador Guilherme II, que ficou célebre; a conferência tinha como título: *Babel und Bibel* (Babilónia e a Bíblia). Manifestava a necessidade do conhecimento dos textos antigos da Assíria para o estudo da Bíblia. Ao mesmo tempo, tentava provar a superioridade desta cultura antiga, que teria dado a Israel o monoteísmo, assim como os valores morais e religiosos. Podemos adivinhar o alarme que tais afirmações devem ter provocado, nas relações já tensas entre sábios e teólogos.<sup>49</sup>

<sup>49</sup> Sobre a enorme amplitude das pesquisas arqueológicas do Médio Oriente Antigo, veja-se o

## 5.9. Edições críticas da Bíblia

Neste período já se fizeram edições críticas dos textos bíblicos com elevado caráter científico, a fim de apresentar o texto o mais perfeito possível. Apresentamos aqui um modelo deste tipo de edições, que já se encontram no vol. I desta coletânea.<sup>50</sup> O seu modelo é a seguinte obra:

**Brooke Foss Westcott** (1825-1901) e **Fenton John Anthony Hort** (1828-1892):

Vol. I: *The New Testament in the original Greek*, 1890; Text (595 p.); 19,5x13,5 cm.

Vol. II: *Introduction. Appendix*, 1896; 330, 180 p.; mesmas medidas (vulgarmente chama-se Westcott - Hort).

**Robert Lowth** (1710-1787). Foi um moderno professor de poesia bíblica. Traduziu do latim:

- *Leçons sur la Poésie Sacrée des Hébreux*, seconde édition revue et augmentée, tome premier, Avignon, por Seguin Aîné, libraire-éditeur, 1839; 330 p.; 17,5x11 cm (DB).<sup>51</sup>

**Jean Baptiste Glaire** (1798-1879). Escreveu muitas obras, algumas das quais foram traduzidas para português; tais como:

- *Les Livres Saints Vengés*, Paris, Méquignon Junior et J. Leroux, 1845; 2 vol.: 520 e 492 p.; 21x13 cm (BNP, R. 29436 P. - R. 29437 P.).
- *Introduction Historique et Critique aux Livres de L'Ancien et du Nouveau Testament*, Paris, S. Jouby, 1862; 5 tomos; 3.<sup>a</sup> edição; 22x13 cm (BNP, TR. 4333 P. - 4334 P.; BSME).

**Fulcran Grégoire Vigouroux** (1837-1915). Escreveu muitas obras de caráter científico, muitas das quais se encontram nas nossas bibliotecas:

- *Les Livres Saints et la Critique Rationaliste. Histoire et Réfutation des objections*

---

grande estudo de HENNEQUIN, L., *Fouilles et Champs de Fouilles en Palestine en Phénicie*, em Dictionnaire de la Bible-Supplément, Letouzey et Ané, Paris, 1938, vol. III, col. 318-524; GRUSON, Philippe, e A. MILLARD, *Trésors des temps bibliques*, Sator / Cerf, Paris, 1986.

<sup>50</sup> Para não repetirmos aqui as edições que foram mencionadas no vol. I desta coletânea – *As línguas da Bíblia. 23 séculos de traduções*, veja-se para edições de Bíblias políglotas modernas, p. 136-139; edições da Setenta, p. 139-142; edições da Vetus Latina, p. 228-230; edições críticas da Vulgata, p. 283-288; sobre as edições críticas da Bíblia nestes séculos remetemos o leitor para o cap. 6: *Ciências Auxiliares do estudo bíblico*; ver ainda os Suplementos 3 e 4: *Bíblias latinas e Bíblias hebraicas e gregas*

<sup>51</sup> Aborda vários temas relativos, não apenas à poesia bíblica, mas também faz o contexto teológico da mesma.

*des incrédules contre les Saints Écritures...*, Paris, 1887-1890; 4 vol.; 2.<sup>a</sup> edição (BSME).

- *La Bible et la critique, réponse aux “Souvenirs d'enfance et de jeunesse” de M. Renan*, Paris, Berche et Tralin, 1883.
- *La Bible et les Découvertes Modernes en Palestine, en Égypte et en Assyrie*, Paris, Berche et Tralin, 1879-1882; 2.<sup>a</sup> edição; 4 vol. (BNP, H.G. 15541 P);  
— 4.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1889; 4 vol.; 20x13 cm (BSEA; BSME: vol. 2 e 4).  
— ib., Imp. Coutant-Laguerre, 1877; 2 vol.; 19x12 cm (BNP, R. 24679 P. - 24680 P.; BNRJ, 67, 3, 8-9).
- *Dictionnaire de la Bible, contenant les noms de personnes, de lieux, de plantes, d'animaux mentionnés dans les Saintes Écritures, les questions théologiques, archéologiques, scientifiques, critiques relatives à l'Ancien et au Nouveau Testament et des notices sur les commentateurs anciens et modernes... avec le concours de collaborateurs*, Paris, Letouzey et Ané ed., 1895-1908; 4 vol. (BNP, TR. 1869 V. - 1872 V.).
- *Le Nouveau Testament et les Découvertes Archéologiques Modernes*, Paris, Berche et Tralin, 1890; VII, 438 p.; 20 cm (BJPII, 225 VIG).
- *La Sainte Bible Polyglotte contenant le texte hébreu original, le texte grec des Septante, le texte latin de la Vulgate, et la traduction française de M. l'Abbé Glaire*, 1900-1909, 8 volumes.

**Louis Auguste Sabatier** (1839-1901). Foi um pastor protestante francês que interpretava a Bíblia mais pela razão que pela fé. As suas interpretações foram mesmo condenadas pela Igreja, segundo se pensava na altura do racionalismo. Escreveu:

- *L'Apôtre Paul. Esquisse d'une Histoire de sa Pensée par A. Sabatier...*, Paris, Librairie Fischbacher, 1896; 424 p.; 1 mapa; 3.<sup>a</sup> edição revista; 22,5x14 cm (BSME).
- *Mémoire sur la notion hébraïque de l'Esprit*, Paris, 1879.
- *Les origines littéraires et la composition de l'apocalypse de Saint Jean*, Paris, 1888.<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Não confundir este autor com o seu aluno Paul Sabatier (1859-1928), também teólogo e pastor protestante, que estudou as raízes do franciscanismo como ponto de partida para uma reforma da Igreja Católica: *Vie de Saint François d'Assise*. Sobre um e outro ver *Catholicisme*, vol. 13, col. 236-238.

No aspeto da história das religiões, temos a seguinte obra:

**Gaston Camille Charles Maspero** (1846-1916). Foi um egiptólogo francês. Desde cedo dedicou-se ao estudo da escrita de hieróglifos. Como tal, escreveu:

- *Histoire ancienne des peuples de l'Orient par G. Maspero. Ouvrage contenant neuf cartes et quelques spécimens des sculptures hyeroglyphiques et cuneiformes.* Troisieme édition, Paris, 1878; em 8.º (BNRJ, 52, 2, 11).

## 5.10. Contributo de autores portugueses

Alguns autores portugueses desta época deram também a sua colaboração de carácter científico à sociedade portuguesa de então, embora sob a influência de autores europeus da mesma época. Vejamos alguns nomes mais sonantes:

**António Garcia Ribeiro de Vasconcelos**, Pe. (1860-1941). Nasceu na freguesia de São Paio de Gramaços (Oliveira do Hospital). Foi o primeiro Presidente da Academia Portuguesa da História de 1936 a 1941 (Inocência XX, p. 221). Escreveu:

- *Religião e ciência: discurso pronunciado na Real Capella da Universidade na solemnidade inaugural do novo anno lectivo a 1 de outubro de 1899*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1899; 16 p.; 25 cm (BNP, R. 2663//23 A.).
- *O Evolucionismo e a origem da vida. Breve estudo sobre um capítulo de Haecckel*, Braga, Tip. Lusitana, 1891.<sup>53</sup> Ver o autor nos cap. 6; 8; 9; 11.1 e 22.3.

**António Gil Gomes** (séc. XIX). Era natural da Madeira; mas, devido às suas ideias políticas, emigrou para o Brasil. Foi professor no Rio de Janeiro e, mais tarde, regressou à Pátria (Inocência VIII, p. 156). Escreveu:

- *Compilação de princípios de Filosofia Racional*, Funchal, Tip. Nacional, 1843; 49 p.; 24 cm (BNP, S.C. 1065//5).

Deixamos aqui também um testemunho que tem a ver com o tema deste capítulo: a arqueologia cristã:

**Joaquim Possidónio Narciso da Silva** (1806-1896). Era natural de Lisboa. Foi arquiteto, arqueólogo e fotógrafo português. Foi para o Brasil levado pelo seu pai, mas regressou à pátria (Inocência IV, p. 149; XII, p. 136 e 400). Deixou-nos:

- *Resumo elementar de arqueologia cristã*, Lisboa, Lallement Frères, 1887; 418 p.; 20 cm (BNP, B.A. 1664 P.).

<sup>53</sup> Saiu na Crónica do Segundo Congresso Católico da Província Eclesiástica de Braga, Abril, 1891, p. 305-346.

**José Agostinho de Macedo**, Pe., OESA (1761-1831). Era oriundo de Beja. Foi escritor, pregador real e uma das principais figuras do séc. XIX. Da temática que nos ocupa, escreveu:

- *A meditação: poema filosófico em quatro cantos...*, Lisboa, Impressão Régia, 1812; 66 p.; 15 cm (BNP, L. 3667//2 P.). É um poema filosófico sobre a Criação adaptado às ciências modernas e com a linguagem clássica de autores romanos e gregos. Ver o autor nos cap. 7.1; 8; 10.2; 10.7; 14 e 17.

**José Joaquim de Sena Freitas**, Pe. (1840-1913). Era natural de Ponta Delgada, foi sacerdote, orador sacro e polemista português (Inocêncio XIII, p. 41; XVIII, p. 107; XX, p. 78). Escreveu:

- *A Doutrina positivista*, Porto, Tip. da Empresa Literária e tipográfica; 98 p.; 19 cm (BNP, R. 25346//9 P.). Ver o autor nos cap. 7.1; 7.4.2; 8; 10.2; 14; 22.3; 22.4.

**Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque** (1792-1846). Segundo Inocêncio “Foi um dos portugueses mais distintos d’este século, pela vastidão dos seus conhecimentos e pela firmeza e independência do seu carácter” (V, p. 323). Escreveu:

- *Curso Elementar de Physica e de Chymica: Offerecido aos alumnos destas Sciencias no Real Laboratorio Chymico da Moeda*, Lisboa, Typografia de António Rodrigues Galhardo, 1824; Tomo I [-Tomo V]; 21 cm (BNP, S.A. 4564 P. - 4568 P.; CBAP, n.º 40).

**Manuel Joaquim Pinheiro Chagas** (1842-1895). Nasceu em Lisboa. Seguiu a carreira militar, tendo sido distinto oficial e secretário particular de el-rei D. Pedro V. Foi um dos mais fecundos escritores do seu tempo (Inocêncio XVI, 288-297 e 415-416; XVIII, 90-91 e 251). Traduziu:

- *As grandes verdades religiosas*, Lisboa, Tipografia Lallement Frères, 1874; autora: “Baroneza de Mackau”; 95 p. (BNP, H.G. 10883 V.). Ver o autor no cap. 4.2.

**Teodoro de Almeida**, Pe., CO (1722-1804). Foi sacerdote católico do Oratório, escritor e filósofo, uma das mais expressivas figuras do iluminismo cristão em Portugal. Foi perseguido pelo Marquês de Pombal, sendo obrigado a fugir para Espanha e França, por ser antijansenista e antirregalista assumido (Inocêncio VII, p. 301-308). Foi autor de:

- *Recreação Filosófica, ou Diálogo sobre a Filosofia Natural, para instrução de pessoas curiosas, que não frequentarão as aulas*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1758-

-1800; 3.<sup>a</sup> Impressão; 10 vol.; 16 cm (BNP, S.A. 22672 P. - 22681 P.; DB: vol. 1-6; BSEA).

— *Quarta Impressão muito mais correcta que as precedentes*, ib., mesmo impressor, 1781-; 17x10 cm (BOCD: vol. VI, 504 p.).

— *Quinta Impressão muito mais correcta que as precedentes*, ib., mesmo impressor, 1786-1800; 18x11 cm (BNP, S.A. 27574 P. - 27583 P.; FacFil: t. IV).<sup>54</sup>

- *Cartas Físico-Mathematicas de Theodozio a Eugenio para servir de complemento à Recreação Filosófica*. Tom. I [III]..., Lisboa, Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria, 1784-[1798]; 3 vol.; 16 cm (BNP, S.A. 263 P. - 265 P.; CBAP, n.º 69: 1.º e 2.º vol.). Ver o autor no cap. 10.2.

### Igreja Católica, Congregação do Santo Ofício:

- *Index librorum prohibitorum Innoc. XI p. m. jussu editus usque ad annum 1681: eidem accedit in fine appendix usque ad mensem Junii 1704*, Roma, Typis Rev. Camerae Apost., 1704; 24, 405 p. (CMVIS, 925).
- *Index librorum prohibitorum sanctissimi domini nostri Benedicti XIV Pontificis Maximi jussu recognitus, atque editus*, Roma, Typographia Apostolica, 1758; LVI, 320 p. (CMVIS, 365).
- *Index librorum prohibitorum Justa exemplar romanum jussu Sanctissimi Domini Nostri...*, Mechliniae, H. Dessain, 1855; XLIX, 370 p.; 18 cm (CBAP, n.º 1076).

### Bibliografia científica

ACHTEMEYER, P. J., *An Introduction to the New Hermeneutic*, Philadelphia, 1969.

ANTISERI, D., *Dal neopositivismo alla filosofia analitica*, Roma, 1966.

<sup>54</sup> *Primeiro tratado de física: recreação filosófica ou diálogo sobre a filosofia natural (tomo I) [de] Teodoro de Almeida*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2017; Direção de José Eduardo Franco, Carlos Fiolhais; coordenação Carlos Fiolhais, em Coleção: Obras pioneiras da cultura portuguesa, vol. 29. “Apresentamos aqui, em versão moderna, o volume I da obra “Recreação filosófica ou diálogo sobre a filosofia natural”, a 5.<sup>a</sup> edição publicada em 1786, que não conhecia edição entre nós desde essa data. Tendo saído em vida do autor, foi por ele preparada... Após uma invocação ao Rei D. José I, um prólogo explicativo das intenções do autor e uma breve história da filosofia que, começando na Antiguidade Clássica, vai dar lugar à filosofia natural do Iluminismo, então triunfante, o seu corpo principal é constituído por um diálogo entre três personagens que discutem as leis da mecânica e da hidrostática. A mecânica fundada essencialmente por Galileu e Newton, e que foi chamada “nova ciência” ou “moderna ciência”, baseada na observação, na experiência e na matemática, é colocada em nítido contraste com a “antiga ciência”, baseada na doutrina de Aristóteles e de outros autores clássicos, que tinha sido convenientemente adaptada ao cristianismo na Idade Média”. [excerto retirado da introdução da autoria de Carlos Fiolhais].



- AYNÉS, François David, *Nouveau Dictionnaire universel de Géographie ancienne et moderne...*, Lyon - Bruxelles, Chez Rusand et C.e - Chez le Charliet, 1804; 3 vol.; 20 cm (CBAP, n.º 148).
- BARNOUR, R. S., *Traditio-Historical criticism of the Gospels*, Londres, 1972.
- BARTHEL, P., *Interpretation du langage mythique et teologie biblique*, Leiden, 1967.
- BERGIER (1718-1790), *Dictionnaire de Théologie*; está integrado na Encyclopédie méthodique, editada em 1788. É de caráter apologético e católico.
- , *Le Déisme refuté par lui même ou l'examen des principes de l'incrédulité répandus dans les divers ouvrages de M. Rousseau en forme de lettres*, Paris, 1765.
- , *La certitude des preuves du christianisme ou refutation de l'examen critiques des apologistes de la religion chrétienne*, Paris, 1767. As duas obras estão em português, de 1787 e 1788, dedicadas a D. José da Costa Torres, bispo do Funchal.
- BORNKAMM, G., *Jesus von Nazareth*, Stuttgart, 1956.
- BRAUN, H., *Jesus*, Berlim, 1969.
- BROTTÉRO, J., *Mésopotamie. L'Écriture, la raison et les dieux*; folio / Histoire, Gallimard, Paris, 1987.
- BROTTÉRO, J., e KRAMER, S. N., *Lorsque les dieux faisaient l'homme. Mytologie Mésopotamienne* (Bibliothèques des Histoires), Gallimard, Paris, 1989.
- CARREIRA, José Nunes, *Mito, Mundo e Monoteísmo*, Biblioteca Universitária; Europa-América, Mem Martins, 1994.
- CAZELLES, H., *Écriture, Parole et Esprit, trois aspects de l'hermeneutique biblique*, Paris, 1971.
- D'ORBIGNY, M. Charles (dir.), *Dictionnaire Universel d'Histoire Naturelle*, Paris, Chez les Editeurs M. Renard, Martinet et C.<sup>ie</sup>, 1847; 760 p.; 24x16 cm (BNP, S.A. 4931 V. - 4947 V.; BPH).
- GOMES, Francisco Luís, *Os Brahamanes*, Lisboa, 1866.
- GONZÁLEZ, Cardinal, OP, *La Biblia y La Ciencia*; tomo primero; segunda edición corregida por el autor, Sevilla, Imprenta de Izquierdo y Comp.<sup>a</sup>, 1892; 572 p.; 21,5x14 cm.
- GRECH, P., *Jesus Christ in History and Kerygma*, NCCHS, p. 822-837.
- KÄSEMANN, E., *Das Problem des historischen Jesus*, em ZTK 51, 1954, p. 125-153.
- LAOUEANAN, R. R. Pe., *Du brahamanisme et de ses rapports avec le judaïsme et le christianisme*, Pondichery, 1884-1885; 2 vol.
- LAGRANGE, M.-J., *Introduction à l'étude du Nouveau Testament; 2.<sup>e</sup> partie: Critique Textuelle, II. La Critique Rationnelle*, Paris, 1935.

- LENORMAND, F., *Les Origines de l'Histoire d'après la Bible et les traditions des Peuples Orientaux*, Paris, 1880-1882; 1880-1884<sup>2</sup>; 3 vol.
- , *Historie Ancienne de l'Orient*, Paris, 1881.
- LÉON DUFOUR, X., *Les Évangiles et l'Histoire de Jésus*, Paris, 1963.
- MALEVEZ, L., *Le message Chrétien et le Mythe*, Bruxelas, 1954.
- METZGER, B. M., *The Text of the New Testament*, Oxford, 1968<sup>2</sup>.
- PERRIN, N., *Rediscovering the Teaching of Jesus*, Londres, 1967.
- POTTERIE, I. de la, *De Jésus aux Évangiles*, Paris, 1967.
- ROBINSON, J. M., *The New Quest of the historical Jesus*, Londres, 1959.
- PRITCHARD, J. B., *Ancien Near Eastern Texts (ANET), realting the Old Testament*; Princeton University Press (USA), 3.<sup>a</sup> ed., 1969.
- RIGORD, François-Xavier, *Connaissance de la mythologie: par demandes & par réponses: augmentée des traits d'histoire qui ont servi de fondement à tout le système de la fable; avec une table très commode pour les Lecteurs*, Paris, Chez la Veuve Sayoye, 1774<sup>7</sup>; XII, 396 p.; 17 cm (FacFil, R19-C-7).
- SCHULTZ, W., *Kant als Philosoph des Protestantismus*, Hamburg-Bergstedt, 1961.
- SCHWEITZER, A., *Von Reimarus zu Wrede*, Ed. Siebenstern: Geschichte der Leben-Jesu-Forschung, 1902.
- SICARD, M., Trad., *Leçons sur la Poesie Sacrée des Hébreux*, Avignon, 1839; autor: Dr. Lowth (bispo de Londres); traduzido do latim para francês; 2.<sup>a</sup> edição; t. I; 330 p.; 17x10 cm (DB).
- STRAUSS, D. F., *Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet*, Tübingen, 1835; 2 vol.
- TAYLOR, V., *The formation of the Gospel tradition*, Londres, 1935.
- , *The Text of the New Testament*, Londres, 1961.
- VACCARI, A., *De Textu*, em “Institutiones Biblicae”, vol. I, Roma, 1951, p. 233-369.
- VAZ, Armindo, *A Visão das origens em Génesis, 24b-3,24*, Ed. Didaskalia – Ed. Carmelo, Lisboa, 1996.
- , *Literaturas do Antigo Oriente e Renovação dos Estudos Bíblicos*, Cadmo 12, Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, 2002 (Atas do Colóquio Internacional: *Orientalismo ontem e hoje*, Lisboa, p. 157-193).
- VIANA, Pedro de Amorim, *Defeza do Racionalismo ou Análise da Fé*, Porto, Typografia de F.G. da Fonseca, 1866.
- Vv., *Littératures anciennes du Proche Orient (LAPO)*, Paris, CNRS, 1896; 424 p.; 1 mapa; 3.<sup>a</sup> edição revista; 22,5x14 cm; vários volumes (BSME).

### 5.11. Estudos bíblicos e praxis da Igreja Católica

Perante todo este movimento científico moderno, no campo católico, a reação continuava mais ou menos negativa. Suspeitava-se de tudo o que “cheirava” a racionalismo e não se via com bons olhos um estudo puramente científico da Bíblia, pois a leitura que dela se fazia era de caráter historicista. Tentou-se atacar os novos métodos, “provando” a historicidade de tudo, porque ainda se confundia verdade da Bíblia com verdade histórica. Até os primeiros 12 capítulos do Génesis foram objeto de declarações do Magistério acerca da sua verdade histórica, como se pode ver nos documentos da época. Esta situação “dispensava” os católicos de ler a Bíblia, e os professores de Teologia e de Bíblia também não a estudavam. Atinham-se às declarações do concílio de Trento.

**Rudolf Cornely, SJ (1830-1908) e outros.** Esta situação mudou um pouco com a intervenção de alguns estudiosos da Bíblia. É o caso do *Manuel Biblique* (1876) de F. Vigouroux e Bacuez, assim como do *Cursus Scripturae Sacrae* (1886) do alemão Rudolf Cornely, SJ (1830-1908), professor de exegese bíblica em Maria-Laach (Alemanha) e na Universidade Gregoriana, em Roma, entre 1879 e 1889. Este *Cursus* é um resumo, ou manual de estudo, da sua grande obra *Historica et Critica Introductio in utriusque Testamenti libros sacros* (1885-1887), em quatro grandes volumes, na qual trabalhou cerca de vinte anos. Foi levada a cabo com a colaboração de outros dois jesuítas: Joseph Knabenbauer e Franz von Hummelauer.<sup>55</sup>

Nesta *Introductio* aliavam-se já as novas ciências com a Teologia católica. Fez ainda um resumo da mesma obra com o título:

- *Historicae et criticae introductionis in utriusque Testamenti libros sacros compendium*. Durante a sua vida teve cinco edições e três reedições, entre 1909-1914, mais quatro entre 1927-1939. Teve ainda uma tradução francesa com o título:
- *Manuel d'introduction historique et critique à toutes les Saintes Écritures*. Foi, portanto, um clássico em assuntos bíblicos e marcou o início da nova exegese católica.<sup>56</sup>

São, portanto, de Cornely, as seguintes obras bíblicas:

<sup>55</sup> Sobre estes dois jesuítas e suas obras, ver TRINQUET, J., *Knabenbauer*, Joseph, e J., *Hummelauer*, em *Catholicisme*, vol. 6, col. 1460, e vol. 5, col. 1103, respetivamente.

<sup>56</sup> Cornely foi expulso da Alemanha pelos mentores do Kulturkampf; estudou em várias Universidades europeias, estudou e viajou pelo Médio Oriente, informando-se das novas descobertas arqueológicas, vindo seguidamente ensinar exegese bíblica em Roma. Sobre este autor e sua obra pode consultar-se DBS II, col. 153-155; *Encyclopédie Catholique*, t. III, col. 200-201.

- *Historica et Critica Introductio in utriusque Testamenti libros sacros*, 1885-1887.
- *Historicae et criticae introductionis in utriusque Testamenti libros sacros compendium* (1909-1939).
- *Manuel d'Introduction historique et critique à toutes les Saintes Écritures*, 1928.
- *Analysis librorum sacrorum Novi Testamenti, quae ex sua introductione speciali in Novum Testamentum excerpit et complevit Cornely, SJ*, 1899. É um extrato da sua *Introductio*.
- *Synopsis omnium librorum sacrorum utriusque Testamenti ex introductione speciali in Vetue et Novum Testamentum excerptae, retactatae, completae*, 1899.
- *Synopsis Psalmorum*, 1899.
- *De divina inspiratione commentariolus*, obra extraída do seu *Compendium*.<sup>57</sup>
- *Commentaire de la 1ère Epître aux Corinthiens*, 1890.
- *Commentaire de la 2ème Epître aux Corinthiens et de l'Épître aux Galates*, 1892.
- *Commentaire de l'Épître aux Romains*, 1896.
- *Commentaire du Livre de la Sagesse*, editado pelo P. Zorell, 1910.

A estas obras de Rudolf Cornely, seguiu-se, ainda em França, o famoso *Dictionnaire de la Bible*, em cinco volumes, dirigido por F. Vigouroux, que abriu novas perspectivas sobre a Bíblia na sua relação com as ciências (1891-1912). Por seu lado, da mesma altura é o *Dicionário Apologético da fé católica* (1889), que era o espelho da expressão dos mais conservadores, assim como o igualmente famoso *Dictionnaire de Théologie Catholique*, em 20 volumes. Estes estudos já espelham, em grande parte, o avanço das ciências literárias e arqueológicas, que deram a conhecer o mundo do povo bíblico; ao mesmo tempo, devem ter prestado o seu contributo para o conteúdo da encíclica de Leão XIII sobre a exegese católica.

Nesta altura da História da Igreja, estes estudos produziram muito alvoroço, porque, desde o concílio de Trento, os católicos pensavam que todos os problemas sobre a Bíblia estavam praticamente resolvidos. Quanto aos protestantes, havia duas linhas opostas: enquanto os estudiosos liberais continuavam a escrever de acordo com as novas descobertas científicas, o povo protestante permanecia

<sup>57</sup> Sobre o seu comentário da Carta aos Romanos, Lagrange, OP, afirmou: “Ce commentaire est non seulement le meilleur, le plus utile, le plus complet parmi les commentaires catholiques; on peut dire qu’il est le meilleur de tous, par son tact exégétique, très modéré et très sûr. C’est un des exemples les plus remarquables du progrès de l’exégèse dans l’Église” (*Lettre aux Romains*, Paris, 1931, p. X).

numa leitura bíblica literalista, historicista e piedosa. Aliás, o mesmo acontecia com os católicos.<sup>58</sup>

A reação da Igreja Católica foi dupla: ou ignorou o que se passava a nível das pesquisas científicas, acerca do texto bíblico, ou combateu o racionalismo e as novas interpretações que se faziam dos textos, com receio de que este fosse espoliado da sua sacralidade. Poderíamos dizer que esta situação se prolongou, entre altos e baixos, até à encíclica *Divino Afflante Spiritu* de Pio XII (1943), que abriu as portas de par em par às novas ciências para uma nova ciência bíblica. Até aí, a Igreja Católica teve dificuldade em “digerir” os argumentos das ciências que tinham alguma relação com Gn 1-11, textos essencialmente míticos, isto é, não históricos, no sentido rigoroso do termo.

Assim, ainda em 1909, a Pontifícia Comissão Bíblica reagia negativamente a certas descobertas e suas conclusões sobre Génesis 1-3, afirmando que tais descobertas, “para excluir o sentido literal histórico destes capítulos, os seus argumentos não assentavam em fundamentos sólidos” (Denzinger, n.º 3512). E negava a propósito, as seguintes ideias como “modernas”:

- As que diziam respeito a existirem nestes capítulos fábulas tiradas das mitologias dos antigos povos do Médio Oriente e adaptadas ao monoteísmo de Israel.
- A ideia que reduzia a alegorias e símbolos, sem fundamento na realidade objetiva, apresentados em forma de história, para ensinarem verdades de ordem moral e religiosa.
- A ideia que via nas lendas dos povos pagãos algo de muito positivo, porque foram aceites pela Bíblia com o fim de instruir e edificar o povo de Deus.

O decreto acrescentava ainda que em Gn 1-3 havia “narrativas de factos verdadeiramente acontecidos, ou seja, que correspondiam à realidade objetiva e à verdade histórica”. E reafirmava que não se podiam pôr em dúvida o sentido literal e histórico dessas narrações, porque

“... se tratava de factos que tocam os fundamentos da religião cristã, entre os quais estão: a criação do universo feita por Deus, no início do tempo; a peculiar criação do homem; a formação da primeira mulher do primeiro homem; a unidade do género humano; a felicidade original dos protoparentes em estado de justiça, integridade e imortalidade; a ordem dada por Deus aos primeiros pais, para provar a sua obediência; a sua transgressão, após a sedução do diabo,

<sup>58</sup> Sobre este assunto, veja-se, por exemplo, ARMOGATHE, Jean-Robert, *La vérité des Écritures et la Nouvelle Physique*, em *Le Grand Siècle et la Bible – la Bible de Tous les Temps* (BTT 6), Beauchesne, Paris, 1989, p. 49-60.

em forma de serpente; a perda do estado primitivo de inocência, por causa desta transgressão; a promessa de um futuro redentor” (Denzinger, n.º 3513-3514).

É interessante notar que, neste mesmo sentido de uma visão historicista, algumas Bíblias do séc. XIX ainda colocavam na margem da página a indicação do ano em que um determinado acontecimento se realizou, alguns referentes a estes capítulos, numa pretensa informação histórica sobre o assunto.<sup>59</sup> Tudo isto aconteceu por não se conhecer ainda o género literário dos cap. de Gn 1-11, que petencem mais aos mitos de origem da humanidade do que ao género histórico. Os autores bíblicos sabiam bem que não estavam a construir narrativas históricas, mas “estórias” míticas que tinham aproveitado de outros povos mais antigos e mais evoluídos do que o povo de Israel.

Tais “estórias” circulavam, nessa altura, por todo o Médio Oriente, e os catequistas da Bíblia serviram-se delas para construirem narrativas com sentido literário, teológico e moral. Era o método de ensino que se utilizava na altura: contar “estórias”, em família ou em grandes grupos; narrativas que, muito mais tarde, foram postas por escrito como um testamento de fé para as futuras gerações. Muito poucos sabiam ler e escrever.

### 5.12. A eterna polémica: Que relação entre Fé e Razão?

Esta é uma das polémicas transversais ao pensamento, à cultura e à religião, pois é uma questão que sempre se colocou e há de continuar a colocar-se. Trata-se, primariamente, de um tema antropológico e não apenas civilizacional: o ser humano foi criado com razão e pensamento, diferentemente de todos os animais irracionais. Mas também recebeu “um sopro de vida divina” (Gn 2,5-7), que o torna capaz de intuir Deus presente na sua vida e na sua mundividência. A fé é, pois, algo ínsito à própria natureza humana, cuja vivência só encontra sentido, tanto na dimensão horizontal (humana) como vertical (divina). Em palavras mais simples, poderíamos dizer que o “espírito-sopro divino” é como uma semente lançada por Deus no barro, na terra da nossa condição de humus-terra. Por isso, nos chamamos (e somos) precisamente “humanos”.

Para quê todo este discurso de antropologia bíblico-teológica? Para dizer que, se não vivermos nestas duas dimensões, não somos homens e mulheres verdadeiros. Falta-nos uma parte essencial de nós próprios.

Tudo isto vem a propósito da relação entre Bíblia-Fé e Razão; a primeira marca a dimensão vertical; a segunda, a dimensão horizontal. Mas distingamos

<sup>59</sup> Ver o *Catálogo das obras Bíblicas* de António Pereira de Figueiredo, no fim deste volume, cap. 26.

as coisas: refiro-me à Razão que “expulsa a Fé” do indivíduo, para viver simplesmente na perspetiva horizontal, deste mundo e seus valores, descartando a fé.

### Tem sentido a “polémica” Razão vs. Fé?

Em primeiro lugar, a relação Razão e Fé não deveria ser “polémica”, já que as duas “irmãs” devem ser “boas amigas”, pois vivem juntas dentro de cada ser humano. O problema surge quando a Razão pretende matar a sua “Irmã-Fé”, ficando sozinha como senhora da vida do indivíduo. Este é o problema do racionalismo ateu (ou com outras adjetivações): matou a “irmã-Fé”, porque esta lhe parecia incômoda, não lhe dava todo o espaço que ela queria. A Razão é essencialmente ditatorial, querendo que a Fé se submeta às suas ordens categóricas e “evidentes”. Que o digam os racionalistas ateus dos séc. XVIII-XX, os ateísmos com diferentes adjetivações e ainda os agnosticismos cada vez mais correntes na civilização europeia atual.

Este tema levar-nos-ia muito longe; mas perguntemo-nos, com Tertuliano: “O que tem a ver Atenas com Jerusalém?” Esta interrogação retórica do grande Tertuliano leva consigo o pressuposto de que a Razão, isto é, na altura, a filosofia grega, não tinha muito a ver com a Fé de judeus e cristãos. Esta observação pode também não ser justa, porque peca pela separação entre as duas “irmãs”; ou seja, Fé e Razão devem conviver, cada uma no seu campo e com o seu próprio método de investigação. Mais, devem colaborar uma com a outra: a Fé necessita da razão para ser mais esclarecida; mas a Razão precisa também de ser iluminada pela Fé, para exercer bem o seu papel.<sup>60</sup> Se o Criador nos deu as duas é porque são necessárias para o equilíbrio e felicidade do ser humano.

No campo das ciências bíblicas – já que este é o tema do presente capítulo – deve acontecer exatamente a mesma coisa: as novas ciências serviram para esclarecer os contextos e, portanto, os textos bíblicos. Por seu lado, a Bíblia ilumina, dá sentido e contexto às grandes descobertas feitas nestes séculos. Neste caso, como noutros, as duas “irmãs” dão-se as mãos, para o bem da humanidade em geral e para o bem de cada indivíduo em que habitam.

### Onde reside a questão da polémica?

Digamo-lo imediatamente: na má utilização destes dois “instrumentos” que o Criador colocou em nós, nas nossas mãos. Se desconfiamos demasiadamente da Razão, ficamos apenas no plano da Fé. Se isso acontecer, em primeiro lugar,

<sup>60</sup> Veja-se, neste sentido, PIMENTEL, Manuel Cândido, *Fé e razão podem conciliar-se?*, em Didaskalia 45/2, 2015, p. 259-269.



não vamos ter uma Fé verdadeira, mas um cristianismo pietista, “irracional”. Se nos quedamos apenas com a Razão, ficamos num racionalismo, que nos enterra num materialismo, onde o sopro divino depressa morrerá asfixiado; e, por isso, não teremos uma vida verdadeiramente humana, mas dominada pelos instintos, com as perspectivas “espiritualizantes” muito fragilizadas, porque lhes falta o contrapeso das forças do Alto.

O primeiro grande filósofo cristão, São Justino, entendeu isto, quando viu no *logos* grego uma profecia do *Logos-Verbo* eterno de Deus (Jo 1,1-18). É uma aliança perfeita entre o temporal e o eterno, mas sem prescindir de nenhum deles, como aconteceu com o racionalismo da época que aqui estudamos. Mas não é fácil conhecer a “quidade”, os limites e, portanto, o papel exato da cada uma delas. A Fé investiga, mediante os métodos da Teologia e da Bíblia; a Filosofia e as ciências investigam, também com métodos próprios, as coisas deste mundo que têm o mesmo Autor da primeira; a Razão faz parte da natureza criada por Deus, e a Fé é um dom do mesmo Deus, pela qual O conhecemos melhor do que mediante a nossa própria natureza racional. Neste sentido, a Fé vem em socorro da delibidade ôntica da Razão, para que ela possa conhecer melhor o mundo e o próprio Deus.

No que diz ainda respeito ao racionalismo e da sua relação com as novas ciências, que levantaram, aparentemente, problemas relacionados com a Bíblia, toda a questão reside no método de leitura que se fazia. Portanto, a questão reside, não na Bíblia em si mesma, mas nas leituras que dela se faziam antes. A Bíblia não é culpada pelas leituras que dela se fazem. E, digamos de passagem: neste ponto, a Bíblia tem sido muito maltratada.

Por outro lado, sem as novas ciências – que foram sendo aperfeiçoadas a partir do séc. XVIII – não era possível fazer-se a leitura que hoje fazemos da Bíblia. Neste caso, a Razão, isto é, as ciências deram um contributo valiosíssimo à fé do povo cristão. Sendo assim, abandonar a Fé, devido às novas ciências, é, a meu ver, irracional, ou seja, um mau uso, tanto da Razão como das ciências. É desconhecer que as duas colaboram uma com a outra, nos diferentes campos do saber e, neste caso, também para um melhor conhecimento da própria Bíblia. Um ateísmo que tem por base apenas o problema científico parece-me irracional: presta um péssimo culto à própria Razão em que diz apoiar-se.

Razão e ciências fazem parte do ser e da atividade humana, são dádivas do Criador para o serviço, e bem estar da humanidade; a Fé, apesar de pertencer a um outro patamar superior do ser humano, colabora com a Razão e as ciências, a fim de lhes abrir perspectivas e caminhos para além do “útil”, tornando-se autênticas obras de amor pela humanidade sofredora. O cientista que alia a sua ciência à Fé no Criador, que fez todas as coisas, é o verdadeiro cientista e um colaborador



na obra da criação de Deus, aperfeiçoando-a, pois foi esta a tarefa dada ao homem na criação:

*O Senhor levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também para o guardar* (Gn 2,15).

Já nos nossos dias (14.09.1998), o papa João Paulo II, na sua encíclica *A Fé e a Razão*, tratou este problema sempre atual e com necessidade de ser esclarecido cada vez melhor.<sup>61</sup>

**Concluindo.** Hoje não tem sentido falar de polémica entre Bíblia e ciências modernas, pois a Bíblia não é um livro de ciências nem pretende ser um manual de história no sentido moderno do termo. A Bíblia trata de temas que pouco têm a ver com a ciência, e esta deve colocar-se no seu campo e deixar que a Bíblia siga o seu caminho. Para um esclarecimento desta questão seria necessário estudar os mais variados géneros literários da Bíblia (que não são os da literatura atual). Numa palavra, a Bíblia é mais um manual de doutrina catequética e litúrgica do que de ciências humanas.

### O domínio absoluto da Razão: negação da inspiração bíblica

Todos os fatores já inventariados foram causadores do abandono, ou mesmo, da negação da inspiração bíblica, nestes dois séculos. Foram precisamente os autores protestantes, que, apesar de defenderem o princípio luterano da *Sola Scriptura*, mais tarde, destruíram esse mesmo princípio, depois de passarem pelas filosofias anticristãs do racionalismo filosófico.

Um desses arautos foi Johann Salomo Semler (1725-1791), discípulo de Baumgarten, que partia do princípio de que, na Sagrada Escritura, havia muitas coisas inúteis, inexatas, casuais, não demonstráveis... Fez ainda a distinção entre *Escritura* e *Palavra de Deus*, o que pode ter consequências teológicas graves, se estes dois conceitos forem mal entendidos ou distorcidos.

### 5.13. Ainda a tradução da Bíblia para as línguas vernáculas

Este parágrafo tem o seu interesse neste capítulo, na medida em que as traduções da Bíblia tinham a ver com os novos estudos bíblicos, a nova hermenêutica, a nova exegese. Uma tradução correta tem que partir das línguas originais que, justamente, se estudaram com grande intensidade nos dois séculos a que se refere este volume.

<sup>61</sup> João Paulo II, *Carta Encíclica Fides et Ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II sobre as relações entre *Fé e Razão*, Ed. Paulinas, Lisboa, 1998.

No que diz respeito a este tema, tal como ao tema conexo com este, a leitura da Bíblia, depois da “canonização” da Vulgata pelo concílio de Trento e das regras impostas para a impressão e divulgação da Bíblia e outros livros religiosos, o panorama não era muito mais animador. Por vezes, a severidade dos inquisidores era mais rígida que a do próprio legislador.

Assim, o primeiro *Índice* espanhol, de 1551, mandou queimar todas as Bíblias em vernáculo; Fr. Luís de León, que tinha publicado a tradução do *Cântico dos Cânticos*, mereceu cinco anos de cadeia; e a tradução dos Salmos, feita por Fr. Luís de Granada em 1580, só pôde ser publicada em 1801. O *Índice* de 1564, que recolhia grande parte das discussões do concílio de Trento, permitia a leitura da Bíblia em língua vulgar com licença do pároco, do confessor ou do superior religioso, e a Bíblia latina era permitida aos doutos, mas com licença do bispo. A constituição apostólica *Unigenitus Dei Filius*, de Clemente XI, em 1713, condenava, num conjunto de 101 proposições, os que afirmavam a necessidade da leitura da Sagrada Escritura para todos os fiéis (proposições 79-85).<sup>62</sup>

No fim do séc. XVIII, a Igreja liberalizou um pouco mais esta legislação, com um Breve de Bento XIV, datado de 23 de dezembro de 1757, em que se *per-mítia* (não obrigava) traduzir e ler a Bíblia em línguas vulgares, na condição de serem aprovadas pela autoridade eclesiástica, de terem notas explicativas e de serem feitas no espírito da tradição, por sábios católicos. No entanto, em Espanha, por exemplo, a proibição de editar Bíblias em língua vulgar só foi levantada em 1782.<sup>63</sup> É a Igreja “tridentina”, caracterizada pela oralidade, pelo barroco e pelas devoções, que avança timidamente para uma “Igreja da Escritura impressa”.<sup>64</sup>

No séc. XIX, a abertura às traduções e leitura da Bíblia nas línguas do povo foi também muito tímida: Gregório XVI, na encíclica *Inter praecipuas machinationes*, de 8 de maio de 1844, mostrava grande receio de que tais traduções trouxessem mais males do que proveito para o povo católico e colocava grandes interrogações acerca do trabalho das Sociedades Bíblicas.<sup>65</sup> Pio VII, em 1816, e Leão XII, em 1824, tinham manifestado idênticos receios.<sup>66</sup>

Na mesma época, na Alemanha, mais liberal nas ideias, mais protestante e menos católica, e também um pouco na França, surgiram nomes que deram o

<sup>62</sup> Ver Denzinger, n.º 2400-2502 (sobretudo 2479-2485); DBS, XII, col. 471.

<sup>63</sup> Ver DBS, XII, col. 471; Vv., *La Biblia en su entorno*, Estella (Navarra), p. 568.

<sup>64</sup> Ver DBS, *ibidem*.

<sup>65</sup> Ver Denzinger, n.º 2771-2772.

<sup>66</sup> Para Pio VII, ver Carta *Magno et acerbo*, de 3 de setembro de 1816, em Denzinger, n.º 2710-2712. Para Leão XII, ver Denzinger, n.º 2720; Idem, *El magistério de la Iglesia*, Barcelona, 1959, n.º 1602-1608.

início ao estudo racionalista dos Evangelhos, como vimos acima. Era o domínio do racionalismo em que a figura de Jesus é desespiritualizada, mesmo desdivinizada. Todos esses nomes e muitos outros, com as suas teses, são o verdadeiro pano negro de fundo do texto da *Providentissimus Deus*. Ao lê-la, sentimos que o Papa está a responder a todas as suas teorias sobre a interpretação da Bíblia, em geral, e dos Evangelhos, em particular.

Mas, parte destas teorias filosóficas já tinham sido solenemente condenadas por Pio IX na encíclica *Quanta cura* e no seu suplemento, o *Syllabus* ou colecção de erros, de 8 de dezembro de 1864.<sup>67</sup> Curiosamente, os dois documentos são promulgados um ano depois da *Vida de Jesus* de Renan e no mesmo ano da *Vida de Jesus*, de Strauss. Era a resposta católica oficial ao racionalismo do século XIX. Trata-se de uma enorme lista de 80 erros, o 7.º dos quais reza assim:

“As profecias e os milagres expostos e referidos nas Santas Escrituras são ficções de poetas; e os mistérios da fé cristã, o resultado de investigações filosóficas; nos livros do Antigo e Novo Testamento há invenções míticas, e o próprio Jesus Cristo é uma ficção mítica”.<sup>68</sup>

### Traduções da Bíblia para as línguas vulgares em tempos do modernismo

Estamos num período altamente conturbado devido ao chamado modernismo do tempo de Pio IX. Muitos autores católicos, mesmo sacerdotes, serão condenados nesta altura, por terem uma visão mais aberta acerca da relação da Igreja com o mundo daquele tempo, em vários tipos de problemas, mormente no da interpretação da Bíblia, tema que mais nos interessa. Autores mais conhecidos são Loisy, Monsenhor D'Hulst e Duchesne, acerca dos quais há muita bibliografia.<sup>69</sup>

A constituição apostólica *Officiorum ac munerum* (25 de janeiro de 1897) ainda se interrogava sobre a utilidade do uso generalizado da Sagrada Escritura, em língua vulgar, nos seguintes termos:

<sup>67</sup> Ver Denzinger, n.º 2890-2896; *Le Syllabus et l'encyclique - texte officiel et quelques notes*, Paris, 1873.

<sup>68</sup> Ver Denzinger, n.º 2890-2980 (2907); *Doctrina Pontificia*, I, *Documentos Bíblicos*, B.A.C., Madrid, 1955, p. 192. O concílio Vaticano I fez sua esta proposição (cânon 4.º da Terceira Sessão), mas argumenta, seguindo o concílio de Trento (decreto *Sacrossanta*, de 1546), pela Escritura (ver DBS, XII, col. 499). Veja-se o texto português em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 44, p. 161.

<sup>69</sup> Ver, por exemplo, SESBOÜÉ, Bernard, *Avant le Modernisme – Louis Duchesne et Alfred Loisy à la Faculté de Théologie de l'Institut Catholique de Paris*, em *Les Cent ans de la Faculté de Théologie*, Beauchesne, Paris, 1992, p. 99-139.

“As edições do texto original e das antigas versões católicas da Sagrada Escritura, incluídas também as da Igreja Oriental, que tenham sido publicadas por qualquer não católico, são permitidas exclusivamente aos que se dedicam a estudos bíblicos e teológicos, desde que não ataquem, nos prólogos ou notas, os dogmas da fé católica.

Já que a experiência ensina claramente que, para a temeridade dos homens, se se permite o uso da Bíblia Sagrada em todas as partes, sem distinção, em língua vulgar, dá-se origem a mais dano que proveito, são absolutamente proibidas todas as traduções em língua vulgar, mesmo as feitas por homens católicos, a não ser que tenham sido aprovadas pela Sé Apostólica, ou editadas sob a vigilância dos bispos, com notas tiradas dos Santos Padres da Igreja e de doutos escritores católicos.

Sejam proibidas todas as traduções dos Livros Sagrados feitas por quaisquer não católicos em qualquer língua vulgar e, sobretudo, aqueles cuja divulgação esteja a cargo de Sociedades Bíblicas, mais de uma vez condenadas pelos pontífices romanos, posto que nelas não se faça nenhum caso das racionalíssimas leis da Igreja sobre as edições dos Livros divinos.

Proíbem-se igualmente os livros que, intencionalmente, injuriam a hierarquia da Igreja ou o estado clerical ou religioso”.<sup>70</sup>

#### 5.14. Resposta da Igreja ao racionalismo científico

Perante a luta de gigantes travada entre a Fé e a Razão nestes séculos, por vezes, ficamos com a sensação de que a Razão venceu a Fé. Ou melhor, os homens da fé não tiveram argumentos válidos para responder aos problemas surgidos com as novas ciências e as novas filosofias. Porque as filosofias provocavam problemas mais acutilantes do que propriamente as ciências.

Perante esta dramática situação, a Igreja Católica tentou responder com as armas e os argumentos que então possuía. Estes argumentos encontram-se em vários documentos da Igreja desta época, sobretudo no concílio Vaticano I e na encíclica sobre a Bíblia, a *Providentissimus Deus*, como vemos seguidamente.

#### O Concílio Vaticano I e o contexto da encíclica *Providentissimus Deus* de Leão XIII

É nestas circunstâncias que a Igreja sente a necessidade de reunir um concílio ecuménico. Foi o concílio Vaticano I, celebrado entre 8 de dezembro de 1869 e 20 de outubro de 1870. Este Concílio, com a *Providentissimus Deus*, representa

<sup>70</sup> Ver ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 52, p. 201-202, e problemas associados com o contexto imediato deste assunto.

a resposta da Igreja ao “modernismo”. Dadas as graves circunstâncias político-militares em que a cidade de Roma estava envolvida, o Concílio foi interrompido. Não tendo sido um Concílio com grandes preocupações diretamente bíblicas, pouco mais fez do que reafirmar as questões já definidas no concílio de Trento.<sup>71</sup> Daqui não veio, pois, um grande contributo para a *Providentissimus Deus*. No entanto, respondeu solenemente a um problema que há muito entrava nas discussões de teólogos e exegetas: qual a relação entre canonicidade, inspiração e autoridade da Igreja:

“E os livros do Antigo e Novo Testamento, integralmente, com todas as suas partes (...). A Igreja considera-os sagrados e canônicos, não porque foram escritos unicamente pelo esforço humano e depois aprovados com a autoridade da Igreja; nem unicamente porque contêm a Revelação sem erro, senão porque, tendo sido escritos pela inspiração do Espírito Santo, têm Deus por autor e, como tais, foram entregues à mesma Igreja” (*Documentos*, p. 164).

Cânon 4: “Se alguém não aceitar como canônicos os livros da Sagrada Escritura integralmente e com todas as suas partes, como os apresentou o santo concílio de Trento ou negar que são inspirados por Deus, seja anátema (...).”<sup>72</sup>

Mas, antes de um breve comentário da encíclica *Providentissimus Deus*, não podemos deixar de referir a famosa *Questão Bíblica*, da mesma época, e que se situava na difícil relação entre ciências modernas e inerrância bíblica.<sup>73</sup> Mons. D’Hulst, primeiro reitor do Instituto Católico de Paris, defendia aquilo a que ele próprio chamava, nesta matéria, a “École large”, na qual se incluía Renan, recentemente falecido, e o não menos famoso Loisy, também professor na mesma Universidade. Esta “escola” defendia que a inspiração da Bíblia “garantia ao escrito a ausência de todo o erro, em matéria de fé e de moral; mas não passaria para além disso”. Para Loisy, a Bíblia tinha apenas uma “verdade relativa”, isto é, podia ter erros em todos os domínios que não pertencessem à fé e à moral.<sup>74</sup>

<sup>71</sup> Ver Const. Dogmática *Dei Filius*, em Denzinger, n.º 3000-3045. Os documentos bíblicos em língua portuguesa encontram-se em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 46, p. 163-164.

<sup>72</sup> Ver ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 46, p. 164.

<sup>73</sup> *La question biblique* era, efetivamente, o título de um artigo publicado pelo primeiro reitor do Instituto Católico de Paris, Mons. D’Hulst. Este artigo apareceu depois da morte de Renan, em 1892, no jornal *Le Correspondant*, em 25 de janeiro de 1893, p. 201-251 (ver *Le Monde Contemporain et la Bible*, BTT 8, Paris, 1985, p. 390, nota 9).

<sup>74</sup> No referido artigo, Mons. D’Hulst distinguia, no interior da exegese católica, duas “escolas”: “celle qui reçoit comme histoire vraie, infaillible en vertu de l’inspiration, toute narration qui n’a pas le caractère évident d’une parabole”. A segunda escola é a que ele chama “École large, qui croit pouvoir faire un triage dans les récits bibliques d’après les procédés de la critique historique” (p. 228); ver DBS, XII, col. 499. Sobre este personagem francês, reitor do Instituto Católico

Pretendia-se, com esta teoria, resolver o problema da linguagem da Bíblia e das suas deficiências para transmitir a verdade teológica. Aquela era o “veículo” da mensagem: “Quando o autor humano utiliza documentos humanos, (Deus) só intervém para corrigir as suas imperfeições e inexactidões, na medida em que estas se opõem à finalidade dogmática e moral da inspiração”.<sup>75</sup> A encíclica de Leão XIII, como veremos, irá enfrentar este problema, mas ainda sem os instrumentos da linguística – géneros literários – que serão apanágio da *Divino Afflante Spiritu*, de Pio XII (1943).

Durante o tempo da *Questão Bíblica*, o clero vivia à margem destes grandes problemas, e o estudo da Bíblia não merecia, por parte dos professores dos Seminários, mais que uma hora por semana, para preencher o horário, como se queixava o bispo de La Rochelle em 1901.<sup>76</sup> Mas muitos professores católicos, sobretudo do Seminário de S. Sulpício, em Paris, dedicaram-se ao estudo das línguas orientais, deixando para os teólogos um concordismo grosseiro entre as ciências e o texto da Bíblia.

Os que pretendiam avançar para uma sã separação de campos entre Bíblia e Ciência, como foi o caso de Alfred Loisy e François Lenormant, eram ameaçados pelos apologistas-teólogos, que levavam as suas obras ao *Índice* dos livros proibidos. Apesar de todas estas contradições, surgem nesta altura grandes exegetas católicos, tais como os já citados Mons. D’Hulst e Alfred Loisy, Padre Duchesne, Pierre Batiffol e, sobretudo, o Pe. Lagrange, o maior representante da *Questão Bíblica* e fundador da *École Biblique de Jerusalem* (1890).<sup>77</sup> Este tinha recebido,

---

de Paris, numa época complicada para a Igreja Católica, ver BERETTA, Francesco, *Monseigneur d’Hulst et la Science Chrétienne. Portrait d’un intellectuel*, Paris, Beauchesne Ed., 1996. Os capítulos da obra dizem bem da sua importância no fim do séc. XVIII: “La formation d’un clerc catholique libéral”; “Les débuts d’une carrière”; “Recteur de l’Institut Catholique de Paris”; “Le contexte d’un engagement”; “La promotion de la science chrétienne”; “De la science catholique à la philosophie chrétienne”; “La Question Biblique”; ver também BAUDRILLART, Mgr Alfred, *Vie de Mgr d’Hulst*, Paris, Ancienne Librairie Poussielgue, 1921 (estas duas obras em BSME).

<sup>75</sup> Sobre a “Questão Bíblica”, ver *Doctrina Pontificia...*, p. 34-48 (p. 41); LEDRÉ, Ch., *Ulst, Maurice Le Sage D’Hauteroche*, em *Catholicisme*, vol. 5, col. 1064-1067.

<sup>76</sup> Ver THÉOBALD, Christophe, *L’exégèse catholique au moment de la crise moderniste*, em *Le Monde Contemporain et la Bible*, BTT 8, Paris, 1985, p. 394, nota 28. Aqui se diz que o bispo de La Rochelle, Mons. Le Camus, declarou: “Quand on songe que dans la plupart des Séminaires, on consacre à l’étude de la Bible à peine une heure par semaine, et que ce cours est, d’ordinaire, confié à un maître pris au hasard, dont on veut simplement compléter l’horaire, on demeure stupéfait”.

<sup>77</sup> A prova de que o reitor do Instituto Católico era um homem moderado e pretendia encontrar os caminhos seguros para a exegese católica é que ele tanto se opõe aos homens de ciência, por se servirem da Bíblia para atacar a Igreja, como aos homens da Igreja, por não distribuírem aos fiéis o pão da palavra de Deus. A este propósito, afirma, na linha dos Santos Padres, aquilo que





*S. Pedro e as chaves do governo da Igreja*

será consagrado pela *Dei Verbum*: “La Bible et l’Eucharistie sont deux formes du pain vivant descendu du ciel. Y croire est nécessaire pour s’en nourrir, mais il faut encore le manger” (em *La Question Biblique, Le Correspondant*, 134 [1893], p. 243); ver *Le Monde Contemporain et la Bible*, BTT 8, Paris, 1985, p. 391; DV, n.º 21. O Pe. Lagrange não teve dificuldade em rodear-se de uma plêiade de nomes famosos nos estudos bíblicos, como os Sulpicianos M. Vigouroux e Mons. Le Camus; os Jesuítas Cornély, Corluy, Knabenbauer, Jean-Pierre van Kasteren; os Dominicanos Henri-Martin Didon, Faucher, Lacôme, Ollivier e Scheil; os sacerdotes diocesanos Pierre Batiffol, Henri Hyvernât e muitos outros (ver NRT, Out. (1946), p. 650, nota 2).

da parte dos seus superiores, a incumbência direta de estudar a Bíblia cientificamente, na dita Escola, projeto que o papa Leão XIII abençoou pessoalmente em 1892.<sup>78</sup>

É nessa Escola que nascerá a primeira grande revista de estudos bíblicos, a *Revue Biblique* (1892). Para responder à *Questão Bíblica* (que atingira o seu ponto quente em janeiro de 1893) e a outras, depois de toda esta história atribulada, com as suas luzes e sombras, marcadas pelas curvas da História e pela sempre difícil escolha entre palavra de Deus e palavra dos homens, em 1893, Leão XIII promulgou a primeira encíclica bíblica da História da Igreja. Nas entrelinhas deste texto aparecem certamente o Pe. Lagrange, as marcas do seu génio e da sua profunda obediência à Igreja. Uma nova era começava para os estudos bíblicos.<sup>79</sup>

Um resumo obre a temática *A Fé e a Razão* encontra-se no *Suplemento* 6: “A Fé e a Razão (14.09.1998). Uma leitura”.

## Bibliografia

ABÉLÉ, Jean, *Le Christianisme se désintéresse-t-il de la Science?* 1<sup>ère</sup> Partie, em Je Sais - Je Crois, Encyclopédie du Catholique au XX<sup>ème</sup> siècle, Paris Fayard, 1960.

BAUDRILLART, Mgr. Alfred, *Vie de Mgr. d'Hulst*, Paris, Ancienne Librairie Pous-sielgue, 1921 (BSME).<sup>80</sup>

BERETTA, Francesco, *Monseigneur d'Hulst et la Science Chrétienne. Portrait d'un intellectuel*, Paris, Beauchesne Ed., 1996.

BRIEND, Jacques, *Israel et les Nations d'après les textes du Proche-Orient Ancient*, traduit par Jacques Briend et M.-Joseph Seux, Cahiers Évangile – Supplément au Cahier 69, Éditions du Cerf, Paris, 1989; 115 p.; 18x19 cm (DB).

CABA, José, *El Jesús de los evangelios*, Madrid, BAC, 392, 1977.

—, *De los Evangelios al Jesús histórico*, Madrid, BAC, 316, 1980.

CARREIRA DAS NEVES, Joaquim, *Jesus Cristo – História e Mistério*, Ed. Franciscana, Braga, 2000.

*Catholicisme, Hier, Aujourd'hui et demain*, Latouzey et Ané, Boulevard Raspail, Paris, 1948-2000 [Catholicisme].

<sup>78</sup> Ver Carta de Leão XIII ao Pe. Lagrange, em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 48, p. 166-167.

<sup>79</sup> Ver THEOBALD, C., *L' Exégèse catholique au moment de la crise moderniste*, em *Le monde contemporain et la Bible*, BT 8, Paris, 1985, p. 387s.

<sup>80</sup> O volume trata dos seguintes capítulos: *La formation d'un clerc catholique libéral; Les débuts d'une carrière; Recteur de l'Institut Catholique de Paris; Le contexte d'un engagement; La promotion de la science chrétienne; De la science catholique à la philosophie chrétienne; La question biblique.*



- CÉSAR VIDAL, *El Documento Q – El Evangelio más desconocido nos revela toda la verdad sobre la vida de Jesús*, Barcelona, Planeta, 2005.
- CHARLESWORTH, James H. (ed.), *Jesús y la Arqueología*, Estella (Espanha), Verbo Divino, 2006.
- CLEMENTE, Manuel, *A Igreja e o liberalismo. Um desafio e uma primeira resposta*, *Communio* IX, (6), 1992, p. 548-553.
- , *Católicos, Estado e Sociedade no Portugal oitocentista (Congressos católicos, 1891 e 1895)*, *Communio* I, (3), 1984, p. 245-255.
- , *Oração e racionalismo, no séc. XIX em Portugal. A posição de I. Roquete e J. Monsabré*, *Communio* II (4), 1985, p. 360-366.
- COMTE, Auguste, *Cours de Philosophie Positive*, 4<sup>ème</sup> édition augmentée de la Préface d'un disciple et d'une étude sur les progrès du Positivisme, par É. Littré, tome sixième, Paris, Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1877; 775 p.; 21x13,5 cm (DB).
- , *Catéchisme positiviste*, Paris, Garnier Frères, [19--]; XXXVI, 386 p. (BNP, S.A. 36965 P.).
- , Em português: *Catecismo positivista: ou exposição sumária da religião universal de onze colóquios sistemáticos entre uma mulher e um sacerdote da humanidade*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1980; 258 p.; 20 cm (BEP, 11.391/A).
- CORTE, Nicolas, *Les Origines de l'Homme*, 3.<sup>ème</sup> Partie, em Je Sais – Je Crois, *Encyclopédie du Catholique au XX<sup>ème</sup> siècle*, Paris, Fayard, 1957.
- DREYFUS, François, *Jésus savait-il qu'il était Dieu?*, Paris, Cerf, 1984.
- DUGUET, Jacques Joseph, *Explication du livre de Job, selon la méthode des Saints Pères; l'on s'atache à découvrir les Mystères de Jésus-Christ, & les Règles des mœurs renfermées dans la lettre même de L'Écriture*, Paris, Chez François Babut, 1732; 3 t. em 4 vol.; 17x9,5 cm. Avec approbation et Privilège du Roi (FacFil: vol. II).
- , *Règles pour l'intelligence des Saintes Écritures*, Paris, Jacques Estienne, 1716; 372 p; 16,5x9,5 cm. Avec Approbation & Privilège Du Roi (FacFil).<sup>81</sup>
- GEFFRÉ, Claude, *L'Entrée de l'Herméneutique en Théologie*, em *Les Cent Ans de la Faculté de Théologie [de Paris]*, Beauchesne, Paris, 1992, p. 245-273.<sup>82</sup>

<sup>81</sup> Apresenta 14 regras hermenêuticas e teológicas para encontrar Cristo nos Evangelhos.

<sup>82</sup> O autor fala do fim do séc. XIX como *La fin de l'anti-modernisme; La Nouvelle Théologie; La Théologie comme science herméneutique; le caractere hermeneutique de toute science*, etc.

- HITCHCOCK, Edward (1793-1864), *Religion of Geology and it's Connected Sciences*, Glasgow, William Collins, Publisher & Queens Printer, 1863; 408 p; 18 cm (BJPII, 215 HIT).
- JAQUELOT, Isaac, *Traité de la vérité et de l'inspiration des livres du Vieux et du Nouveau Testament*; Amsterdam, 1752 (Catálogo da Biblioteca Municipal de Guimarães, n.º 4664).
- KITTO, John, *Scripture Lands: Described in a series of Historical, Geographical and Topographical Sketches, and Illustrated by A Complete Biblical Atlas...*, London, Henry G. Bohn, 1850; ca. 430 p.; il., gravuras, mapas; 20 cm (BJPII, 22.09KIT).
- LAMBIASI, F., *Autenticidade histórica dos Evangelhos. Estudos de criteriologia*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1978.
- LAROUSSE, Pierre (1817-1875), *Jardin des racines grecques*, Paris, Librairie Larousse, [19--]; 17,5x11,5 cm; 363 p. (DB).
- LATOURELLE, René, *A Gesù attraverso I Vangeli. Storia ed ermeneutica*, Assis, Cittadella Editrice, 1982<sup>2</sup>.
- MARCHADOUR, Alain, *Les Évangiles au feu de la critique*, Paris, Bayard editions / Centurion, 1995.
- MARTINS, Oliveira (1845-1894), *Sistema dos Mitos Religiosos*, Lisboa, Guimarães & C.a Editores, 1953; 3.ª edição; XXX, 336 p.; 21 cm (BNP, B.R. 9145).
- MENDEIROS, J. Filipe, *As Ciências Sagradas no primeiro século da Universidade de Évora*, Évora, 1960.
- MENDES, Paula Almeida, *Itinerários pedagógicos e civilidade cristã na literatura didática feminina em Portugal (séculos XVIII-XX)*, em *Via Spiritus*, 18 (2011), p. 83-112.
- PASSARD, F.-X., SJ, *La Pratique du Ratio Studiorum pour les Collèges*, Nouvelle édition, Alliance des Maisons d'Éducation Chrétienne, Paris, Librairie Ch. Poussielgue, 1896; 238 p.; 22,5x14 cm (BNP, S.A. 8188 V.; DB).
- PIMENTEL, Manuel Cândido, *Fé e Razão podem conciliar-se?*, em *Didaskalia*, vol. 45 / 2, 2015, p. 259-282.
- PLUCHE, Antoine (1688-1761), *Histoire du Ciel, où l'on recherche l'origine de l'idolatrie, et les méprises de la Philosophie, sur la formation des corps célestes, & de toute la nature*. Tome premier [-second]; Nouvelle édition, Paris, chez les Frères Estienne..., 1757; il.; 17 cm; t. 1., 37, 3, 518, 2 p.; 24 extratextos; il.; t. 2, 515, 1 p. (BNP, S.A. 2872 P.).

- RANOLDER, Joannes, *Hermeneuticae Biblicae Generalis Principia Rationalia Christiana et Catholica: Selectis Exemplis Illustrata Exhibet*, Budae, Typis C. R. Scient. Universitatis, 1859; Editio secunda; XVI, 420, 2 p.; 23 cm (BJPII, 22.06).
- RIGORD, François-Xavier (1690-1739), *Connaissance de la mythologie: par demandes & par réponses: augmentée des traits d'histoire qui ont servi de fondement à tout le système de la fable; avec une table très commode pour les Lecteurs*, Paris, Chez le Veuve Sayoye, 1774<sup>7</sup>; XII, 396 p.; 17 cm (FacFil, R19-C-7).
- ROBINSON, John A. T., *Peut-on se fier au Nouveau Testament?*, Paris, P. Lethielloux, 1980.
- ROCHA, Afonso, *A Filosofia no pensamento português da segunda metade de Oitocentos*, Revista Portuguesa de Filosofia 67 / 2, 2011, 207-230.
- SCHÖKEL, Alonso, *La Historia de las Formas Evangelicas*, Valencia (Espanha), Edicep, 1984.
- SEABRA, João, *Reino fidelíssimo, República laica: Vicissitudes da Liberdade Religiosa*, em Forum Canonicum, 6/1, 2011; p. 145-159.
- SÉRIEUX, J.-Adr., e VAUGONDY, Robert de, *Géographie Sacrée et Historique: de l'Ancien et du Nouveau Testament...*, Paris, Chez Durand, 1747; 3 vol.; 17 cm (BNP, H.G. 1030 P. - 1032 P.).
- SEUX, M.-Joseph, *Les Lois de l'Ancien Orient*, Cahiers Évangile – Supplément au Cahier 56, Éditions du Cerf, Paris, 1986; 99 p.; 18x19 cm (DB).
- SILVA, Simão Daniel Cristóvão Fonseca da, *Fé ou Razão? O dilema do pensamento moderno*, em Revista Lusófona das Religiões, 9/10, Ano V, 2006, p. 131-162.
- SOLAGES, Mgr. de, *Critique des Évangiles et methode historique – L'Exégèse des Synoptiques selon Rudolf. Bultmann*, Toulouse, Édouard Privat, Éditeur, 1972.
- STACKHOUSE, Thomas, *Le Sens Littéral de l'Écriture Sainte, défendu contre les principales objections des Anti-Scriptuaires et des Incrédules Modernes*; traduit de l'anglais de Mr. Stackhouse avec une Dissertation du traducteur sur "Les Demoniacques"; Tome Premier. À La Haye, 1741; 403 p.; 16,5x10,5 cm (FacFil).
- TRILLING, Wolfgang, *Jesús y los Problemas de su Historicidad*, Barcelona, Herder, 1978.
- VAGANAY, L., *Le Problème Synoptique*, Tournai, Desclée & C<sup>o</sup>; NY, Roma, 1.<sup>o</sup> vol., 1954.
- Vv., *La Crétion et le Déluge d'après les textes do Proche-Orient Ancien*, Cahiers Évangile – Supplément au Cahier 64, Éditions du Cerf, Paris, 1988; 99 p.; 18x19 cm (DB).

Vv., *Prières de l'Ancien Orient*, Cahiers Évangile – Supplément au Cahier 27, Éditions du Cerf, Paris, 1979; 99 p.; 18x19 cm (DB).

Vv., *Prophéties et Oracles dans le Proche Orient Ancien* – I. Chiers Évangile – Supplément au Cahier 88, Éditions du Cerf, Paris, 1994; 99 p.; 18x19 cm (DB).<sup>83</sup>

## Conclusões

Estas simples observações acerca da relação da Bíblia com as ciências modernas levam-nos a concluir o seguinte:

1. Com o estudo da Bíblia, compreenderemos melhor muitas das dificuldades que acima apresentamos. A Bíblia, bem entendida, ajuda mesmo a evolução, ao negar o processo cíclico dos gregos em que os seres não entravam propriamente na categoria de tempo. A Bíblia não nega a história como componente da realidade das relações do homem com a natureza, da qual também faz parte; nem tão-pouco nega a aparição de novos seres.

Por outro lado, a evolução enriquece a ideia de criação, como dizia o próprio Darwin: a partir de algumas formas de ser, foi maravilhosa a sua transformação, pelas forças internas que Deus concedeu a tais seres. Isto é, Deus não terá criado todos os seres, tais como os conhecemos, de uma só vez; mas criou, sim, o que Santo Agostinho chamou as “rationes seminales”, isto é, as “sementes” de todas as coisas, com capacidades de evoluir, de crescer.

2. Poderíamos ainda acrescentar que, nestes dois séculos de crise de crescimento, todas as polémicas, com boas ou más intenções, tiveram os seus valores positivos para a Igreja e para o cristianismo em geral. Fizeram refletir sobre os fundamentos da própria fé, para mais convictamente ser vivida nas comunidades cristãs. Ao colocar interrogações aos católicos, a ciência fez que estes aprofundassem, estudassem mais seriamente os textos bíblicos e a Tradição, a fim de saber dar razões da própria fé (1 Pe 3,15), num mundo complicado como foi o destes dois séculos. Foram séculos de profunda crise, de crises em todos os setores da vida internacional, crise do cristianismo, em geral, e da Igreja, em particular. Mas deste parto difícil irá surgir uma vida nova.

3. No tempo em que se fez uma leitura historicista da Bíblia, confundiu-se a verdade da Bíblia com a verdade histórica, em sentido moderno. As ciências modernas pouco ou nada têm a ver com as “ciências” que encontramos na Bíblia.

---

<sup>83</sup> Há imensa bibliografia sobre os problemas aqui apresentados acerca da relação entre a Bíblia e ciências, mormente em relação aos Evangelhos. Aqui se encontra apenas uma amostra da mesma.

O centro de interesse dos autores da Bíblia era a fé no Deus da Aliança e não dar explicações científicas do mundo e do homem. Por isso, não tem sentido criar conflitos entre religião e fé, entre Bíblia e ciências modernas.

4. Finalmente, tudo o que afirmamos aqui, a propósito das ciências bíblicas, com todos estes questionamentos, problemas, teorias, filosofias e métodos de estudo da Bíblia, tudo isto foi, em parte, iluminado por uma encíclica papal, a 1.<sup>a</sup> encíclica da história da Igreja do papa Leão XIII, que leva como título *Providentissimus Deus*. Desta encíclica apresentamos algumas pistas de leitura, que a Igreja de então tinha para oferecer como solução para novos problemas bíblicos, que surgiram nestes dois séculos, devido sobretudo às novas ciências (cap. 23).

E repetimos a ideia: “a Igreja de então”, já que, sobre a Bíblia, noutros tempos e circunstâncias posteriores, a Igreja irá apresentar soluções mais avançadas, porque mais avançados estavam, então, os estudos bíblicos. Essas encíclicas e outros pronunciamentos da Igreja sobre a Bíblia, sobretudo a Constituição dogmática – *Dei Verbum* – ficarão para o último volume desta coletânea, o vol. VI.

A sociedade tecnicista de hoje e a Bíblia... São dois campos muito diferentes, mas nunca opostos. O primeiro está ao serviço da dimensão material do ser humano; o segundo, ao serviço da dimensão espiritual; e os dois devem conviver pacificamente na pessoa, porque esta necessita dos dois “alimentos”: material e espiritual, como explica a antropologia bíblica.

5. Neste importante período (séc. XVIII-XIX), em que já se dão passos seguros na procura de uma compreensão mais global e profunda da Bíblia, são de ressaltar os vários campos destes novos estudos: a *Arqueologia Bíblica* começou a dar os primeiros resultados concretos no que se refere ao texto bíblico, mas sobretudo em relação ao *Sitz im Leben* do mesmo.

A descoberta de escritos antigos no Médio Oriente deu origem ao progresso da *Filologia Bíblica*, para a compreensão de textos bíblicos, mais do que nos dois séculos anteriores (XVI-XVII), como víamos no volume III. Os estudos das línguas originais da Bíblia generalizaram-se, favorecendo o estudo dos textos bíblicos no que diz respeito à Crítica Textual, assim como à Crítica Literária, ao estudo da Teologia e das Literaturas Antigas, sobretudo as do Médio Oriente.<sup>84</sup>

<sup>84</sup> Em 1795 é fundada a *École Nationale des Langues Orientales*, e o *Institut d'Égypte* aparece no seguimento das campanhas napoleónicas naquela região, em 1798; a partir de 1850 são decifrados textos do Egito e da Assíria; ver ainda ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, p. 71, nota 36.

Estes estudos do ambiente do povo da Bíblia vão desaguar numa maior atenção aos diferentes géneros literários da Bíblia e ao estudo das literaturas comparadas dos povos dessa região, o que irá esclarecer muitos textos bíblicos em concreto (o Dilúvio, por exemplo: Gn 6-8).

6. Os sistemas filosóficos em presença (idealismo hegeliano, evolucionismo, positivismo, historicismo...) vão criar problemas, mas tornaram-se também, mais tarde ou mais cedo, motivo para a solução dos muitos problemas apresentados pela Bíblia. Hoje, felizmente, cada uma das ciências – a Bíblia também é uma ciência – respeita o campo e o método da outra, para o bem comum da humanidade do nosso tempo. Podemos mesmo dizer que Fé e Ciência representam dois domínios completamente separados e diferentes; mas podem entretajudar-se em muitos domínios, para o bem do homem integral; e isto porque a Ciência e a Fé completam-se uma à outra: há um certo grau de fé em toda a verdadeira ciência e há um carácter científico próprio da Teologia e da Bíblia, enquanto objeto de estudo científico.

7. A Bíblia, ao contrário do que se possa dizer, estabeleceu as bases para uma conceção racional e científica do mundo. Isto sobretudo pela desdivinização dos astros, que eram considerados deuses: para os povos pagãos, o mundo estava cheio de divindades e de espíritos, uns bons outros maus... Ao condenar todo esse falso espiritualismo pagão, fazendo das coisas simples obra da criação de Deus, por um lado, os autores reconhecem que só Javé é criador e, por outro, procedem a uma autêntica mundanização do mundo. Não há qualquer *númen* ou espírito dentro da matéria, a qual é absolutamente diferente do seu Criador.

Esta desmitização da criação de Deus estendeu-se não só aos espíritos bons ou maus, considerados rivais de Javé, mas também à doença que se considerava ter origem nos espíritos do mal. Foi desmitizada a própria morte pelos mesmos motivos e não entrou na esfera cúltica, como aconteceu, mais tarde, no cristianismo, e em tantas religiões primitivas ainda existe.

Daqui se deduz a causalidade absoluta de Javé em relação ao mundo, como tal, e aos próprios seres humanos. Tudo vem dele. A natureza, como conjunto de leis reguladoras dos fenómenos naturais, é igualmente dependente do único Criador, ao contrário de certas filosofias antigas, que a consideravam como uma divindade inferior ou mesmo, povoada de divindades. A mesma teologia bíblica e pelos mesmos motivos, nega igualmente o *Cosmos* no sentido grego, porque o mundo não é governado por leis eternas que se subtraíam ao poder do Deus Criador da Bíblia.

Em conclusão: A Bíblia não é uma ilha. Culturalmente, é herdeira de uma língua, de uma estrutura de pensamento, própria das culturas em que nasceu e que nela influíram. Daí a necessidade de procurarmos encontrar a palavra de Deus por trás das suas palavras, das culturas que lhe deram origem. É aqui que as ciências humanas e teológicas se devem dar a mão para uma compreensão cada vez mais plena e verdadeira da Bíblia como o grande livro da humanidade.

8. A Bíblia nunca pretendeu ser um livro de ciências. Nunca pretendeu explicar o *como* dos fenómenos do universo criado. Pretendeu, sim, apontar para o Autor dos mesmos. Portanto, o problema da relação entre Bíblia e ciências modernas não é um problema da Bíblia. É um problema de leitura da mesma.

O facto histórico da descoberta de outros povos e hemisférios despertou o apetite pelas ciências naturais e colocou em causa muitas afirmações da Bíblia, tal como era explicada na altura. Foi um facto positivo, também para a Bíblia. Esta podia ser a nossa conclusão final deste capítulo, apesar de ter havido uma situação extremamente dolorosa para a Igreja de então.

9. Neste capítulo, a colaboração portuguesa é, mais uma vez, quase nula, nem era de esperar que fosse diferente, dados os pressupostos que temos apresentado. Citámos 115 obras, mas quase todas de autores estrangeiros, de várias temáticas: Hermenêutica (9 autores); Vidas de Jesus (6 autores); outros estudos sobre os Evangelhos (4 autores); método histórico-crítico (2 autores); orientalismo (1 autor); edições críticas da Bíblia (6 autores); autores, quase todos portugueses, de diferentes tipologias (9). No total, há, portanto, 38 autores e 115 obras.





## Capítulo 6

### **Bíblia e Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos**

O capítulo das *Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos* é muito oportuno na época tratada neste volume. De facto, como já tivemos ocasião de observar, os séc. XVIII-XIX foram fundamentais no avanço das Ciências Bíblicas. As ciências acharam-se dignas de todo o esforço humano e também se apresentaram como se tivessem a solução de todos os problemas da vida humana sobre a terra, como observamos a propósito do “Cientismo” (cap. 5). Foi neste ambiente científico e nesta época histórico-cultural que os estudos bíblicos ganharam raízes e deram passos importantes, cujos frutos atingirão a plenitude apenas na segunda metade do séc. XX. As *Ciências Bíblicas* ganharam novo fôlego a partir do contributo de outras ciências: as línguas da Bíblia, a História, a Geografia, a Arqueologia... no que se refere às terras do povo bíblico. Este é o motivo fundamental da existência deste capítulo.

Por isso, não apresentaremos aqui apenas os esforços feitos no campo das ciências em geral – tema específico do capítulo anterior – mas também alguns frutos saborosos, no que se refere aos estudos bíblicos. Primeiramente, citaremos os autores portugueses com suas obras e depois os instrumentos necessários para utilização nas Ciências Bíblicas: gramáticas, dicionários e outros recursos, sempre nas línguas bíblicas: hebraico e grego, mas também em latim.

A encíclica *Providentissimus Deus* (1893) do papa Leão XIII já recolheu alguns frutos dessas ciências, que muito contribuíram para um melhor conhecimento do contexto e do texto da própria Bíblia; por esse motivo, várias destas ciências (senão todas) tornaram-se precisamente o que hoje chamamos com o título em epígrafe: *Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos*. Uma leitura da Encíclica irá merecer-nos a devida atenção no fim deste volume, constituindo o cerne do último capítulo (cap. 26), para o qual remetemos o leitor. Entretanto, chamamos a atenção para o conteúdo fundamental deste capítulo.

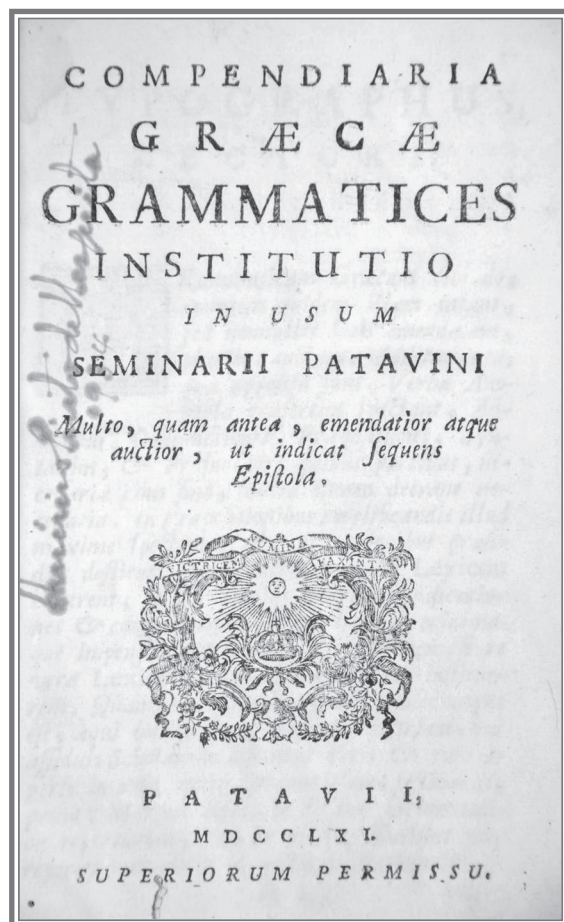
## Bíblias hebraicas, gregas, latinas e outros subsídios

Ao colocarmos neste volume algumas Bíblias hebraicas, gregas e latinas – tal como fizemos nos vol. II e III – quisemos mostrar que, ainda nestes dois séculos, se editava uma grande quantidade de Bíblias, não apenas nas línguas originais da Bíblia (hebraico e grego), mas também em latim. E dizemos “também em latim”, porque é sobretudo nesta época que se luta pelas traduções da Bíblia nas línguas vulgares e já não tanto em latim.

Poderíamos alvitrar vários motivos religiosos e culturais deste facto. Em primeiro lugar, podemos apresentar o argumento da tradição: a Igreja sempre teve um especial carinho pela Bíblia nestas três línguas; as duas primeiras porque são as línguas originais em que foi escrita; e o latim, porque, desde o séc. IV, foi a língua oficial da Igreja Católica, usada sobretudo nas Universidades e Seminários; o latim chegou mesmo a ser a língua internacional europeia na diplomacia, em pleno séc. XVIII. Vejamos o exemplo do Pe. António Pereira de Figueiredo, cuja personalidade foi adornada com as qualidades de grande latinista, de tal modo que se tornou o tradutor oficial dos documentos diplomáticos, e outros, da Corte do rei D. José e ao serviço do Marquês de Pombal (ver cap. 22: *Figueiredo: Obras culturais*).

É aqui o momento de lembrar as cátedras trilingues dos séc. XVI-XVII, que tinham como objeto fundamental o estudo precisamente destas três línguas (hebraico, grego e latim). É claro que, neste período, a cultura já não estava apenas nas mãos da Igreja, como acontecia no período medieval e mesmo no Renascimento. Por isso, muitas destas Bíblias são editadas por cientistas e por motivos científicos, que não tinham necessariamente uma ligação direta com a Igreja, tratando-se, frequentemente, de obras primariamente culturais, onde o tema da fé estava apenas implícito.

E já que falamos de cultura, não podemos desligar este capítulo daquele que leva o título de *Bíblia e Ciências Modernas* (cap. 5), pois este integra-se plenamente nas ciências destes séculos, mas tem como núcleo central o tema “Bíblia”; ou seja, é o cap. 5 que está na base do presente (cap. 6). Podemos também afirmar que foi o tema deste capítulo que, em grande parte, despoletou a dinâmica do anterior; isto é, o desejo de conhecer os mistérios da Bíblia foi uma das grandes motivações para as várias tipologias das ciências modernas. Por exemplo, a Arqueologia estava praticamente ao serviço da Bíblia, na procura dos fundamentos históricos da mesma. Os estudos históricos das religiões do Médio Oriente pretendiam também encontrar os fundamentos do *Livro* e explicar muitos textos e factos do mesmo. Afirmção semelhante se pode fazer a propósito dos *estudos filológicos* das línguas do Médio Oriente Antigo, já que a Bíblia se tornou o grande livro dessas culturas e aí tem as suas raízes históricas mais profundas.



Não podemos esquecer ainda uma última nota: em Portugal e nestes séculos – que tenhamos conhecimento – não se fizeram edições científicas da Bíblia nem outras grandes obras de carácter bíblico das tipologias acima mencionadas. O ambiente cultural do país era demasiado baixo para produzir autores capazes disso e tão-pouco havia leitores suficientes com capacidade de as utilizarem. Por isso, sem leitores, não havia motivos para se editarem Bíblias nessas três línguas ou outras obras do mesmo género. Sendo assim, este tipo de obras foi editado mormente nos países da Europa Central. Quem necessitasse de uma Bíblia destas comprava-a no estrangeiro, e os livreiros, sobretudo os de Lisboa, estavam apetrechados para esse efeito.

Esse facto deve ter sido tão comum que resultou num grande número destas Bíblias, que se encontram nas nossas grandes bibliotecas. Basta fazer uma pesquisa na Biblioteca Nacional, na de Évora, na Biblioteca Geral da Universidade

de Coimbra, sem falar das que se encontram na Biblioteca do Palácio de Mafra, na Biblioteca da Ajuda, etc. Há Bíblias mais antigas, mas muitíssimas são dos séculos que estudamos.

Neste capítulo pretendemos apenas e só apresentar uma pequena amostra destas Bíblias e de outros instrumentos de estudos bíblicos, que também fazem parte da nossa cultura, já que foram utilizados em Portugal e pertencem a bibliotecas portuguesas. É pena não haver catálogos que nos apresentem de maneira orgânica estas Bíblias e outras obras do mesmo tipo no nosso país, também para ficarmos com uma ideia geral da cultura europeia, onde Portugal se integra.

Deixamos aqui o repto para trabalhos académicos desta tipologia, absolutamente necessários, e que dariam um passo em frente para uma visão geral da cultura europeia destes dois séculos. Lamentamos que obras de alto valor científico permaneçam “enterradas” nas nossas bibliotecas, sem ninguém que as “ressuscite” e lhes dê uma vida nova, editando-as, para exemplo da *cultura light*, que nos invade por todos os lados.

Para não prolongarmos este capítulo, deixaremos as *Bíblias em latim* para o *Suplemento 3*, e as *Bíblias hebraicas, gregas e greco-latinas, políglotas* e outras obras nestas línguas, de autores estrangeiros, para o *Suplemento 4*. Nesse caso, o esquema deste capítulo será o seguinte:

- 6.1. Autores portugueses e obras
  - 6.1.1. Gramáticas latinas
  - 6.1.2. Gramáticas hebraicas
- 6.2. Comentários e Dicionários estrangeiros

## 6.1. Autores portugueses e obras

Colocamos neste item as várias tipologias de obras acima referidas, já que não são muitos os autores portugueses que trabalharam no campo das Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos.

**António Garcia Ribeiro de Vasconcelos**, Pe. (1860-1940). Este sacerdote, académico da Universidade de Coimbra, escreveu:

- *Isagogé Geral e Arqueologia*, 2.<sup>a</sup> ed., França Amado, Coimbra, 1901; 20x14 cm (BPH: vol. 1, 484, 47 p.). Ver o autor nos cap. 5.9; 8; 9; 11.1 e 22.3.

**António Inácio Coelho de Moraes** (1805-?). Era natural da comarca da Guarda. Formou-se em Cânones com o grau de bacharel na Universidade de Coimbra, em cuja cidade veio a ser professor de liceu (Inocêncio I, p. 155; VIII, p. 170). Foi autor de:

- *Compêndio de grammatica da língua grega para uso das Escolas do reino*, Coimbra, Real Imp. da Universidade, 1834; XII, 250 p.; 20 cm (BNP, L. 263 P.; BJPII).
- *Novo compêndio de gramática grega, comparada com as línguas latina e portuguesa*, Coimbra, Imp. da Universidade, 1874; em 8.º (BNP, L. 75 V.).

**António Pereira de Figueiredo**, Pe., CO (1725-1797). Como complemento da sua tradução da Bíblia, juntou-se-lhe:

- *Diccionario Histórico, Theológico, Etimológico, Crítico e Moral da Bíblia Sagrada...*, Lisboa, Empresa Silva e Sousa, 1852; 215 p. Foi publicado como vol. 4 da Bíblia de 1852-1857: *Bíblia Sagrada – Edição Suplementar*, ou também integrado no vol. 3 da mesma Bíblia (ver cap. 23: *Catálogo das Obras Bíblicas de Figueiredo*).
- *Index Bíblico do Antigo e Novo Testamento, que traduzirão em linguagem portugueza o R. P. M. Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento e o R. P. António Pereira de Figueiredo. Obra que pode servir de último Tomo a qualquer das duas traduções*, Porto, Oficina de Viúva Mallen, Filhos e Companhia, Impressores da Relação, 1797; 2 col. sem filete; notas de rodapé; Com licença de Sua Majestade; 144 p.; 21,5x15,5 cm (BPMP, Y3-1-128; BPB, R. 1112 V.; BNRJ, 147, 4, 22; BPAPD, Conv.8225 Res). Sobre o autor ver os cap. 23-26.

**Francisco António Rodrigues de Azevedo**, Pe. (1809-1897). Natural de Coimbra, frequentou a Faculdade de Teologia na sua cidade, doutorando-se em 1838; também aí foi professor. Deixou-nos:

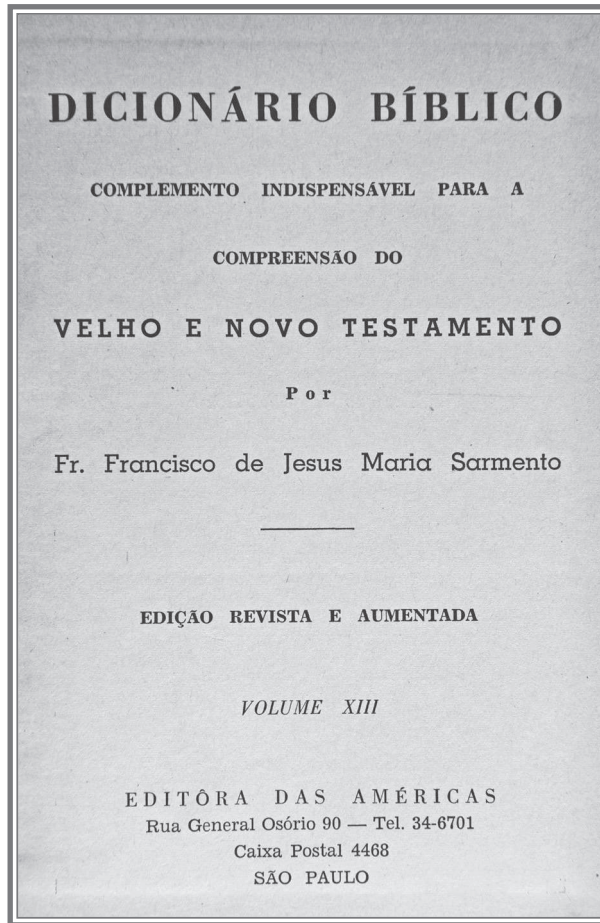
- *Synopsis Sacrae Hermeneutichae*, Coimbra, 1858; ib., 1862. Serviu de manual para os estudantes de Teologia. Ver o autor nos cap. 11.1 e 14.

**Francisco de Jesus Maria Sarmento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia. Foi o autor de:

- *Thesouro Bíblico, ou Dicionário Histórico, e Etymológico dos nomes próprios dos Povos, Províncias e Cidades, com as suas respectivas interpretações. E relação sucinta das noticias e acções principaes da maior parte das Pessoas, que se encontram nos veneráveis Livros da Sagrada Escritura. Obra utilíssima para a melhor intelligência do Antigo e Novo Testamento e assim mesmo para a lição da História da Santa Igreja*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1785; 298 p.; 21x15 cm (BNP, Bib. 821 P.; BNRJ, 151, 4, 19).

— ib., Impressão Imperial e Real, 1826; 298 p.; 23 cm (BNP, H.G. 539 V.).

— Porto, Typ. da Revista, 1869; 236 p.; 2 col.; 23 cm (BNP, R. 11581 V.).



- *Dicionário Bíblico. Complemento indispensável para a compreensão do Velho e Novo Testamento por Francisco de Jesus Maria Sarmiento*, Edição revista e aumentada, Editora das Américas, São Paulo, 1951; vol. XIII.
- *Index Bíblico do Antigo e Novo Testamento, que traduzirão em linguagem portuguesa o R. P. M. Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento e o R. P. António Pereira de Figueiredo. Obra que pode servir de último Tomo a qualquer das duas traduções*, Porto, Oficina de Viúva Mallen, Filhos e Companhia, Impressores da Relação, 1797; 2 col. sem filete; notas de rodapé; Com licença de Sua Majestade; 144 p.; 21,5x15,5 cm (BPMP, Y3-1-128; BPB, R. 1112 V.; BNRJ, 147, 4, 22; BPARPD, Conv.8225 Res).

Deste *Index*, só temos conhecimento, nas bibliotecas aqui indicadas, da sua publicação em volume separado e nunca em conjunto com outras obras, como é sugerido no próprio título. Ver o autor nos cap. 3.2.



**Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva** (ca. 1834-1900). Era oriundo de Vila Seca de Armamar (Lamego), filho de um rabino espanhol da Síria. Emigrou para o Brasil onde aderiu à Reforma protestante e se notabilizou como lexicógrafo e hebraísta. Escreveu:

- *Acerca da necessidade e utilidade do estudo das línguas bíblicas no império do Brasil como poderoso auxiliar das sciências ecclesiásticas e da filologia...*, em *Echo Americano*, tomo 1.º, p. 398 e 435, e tomo 2.º, p. 30, 47, 71, 94 e 123. É datada do Rio de Janeiro, 12 de junho de 1870. Ver o autor nos cap. 3.1; 7.1 e 9.

**Jerónimo Soares Barbosa** (1737-1816). Presbítero secular, natural de Ansião. Estudou Cânones em Coimbra e foi professor de Retórica no Colégio das Artes (Inocêncio III, p. 276). No que diz respeito à temática deste capítulo, escreveu:

- *As duas línguas, ou gramática filosófica da língua portuguesa comparada com a latina, para ambas se aprenderem ao mesmo tempo*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1807 (BNP, L. 302 V.).

Com outro título: *Gramática filosófica da língua portuguesa ou princípios de gramática geral aplicados à nossa linguagem*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1822; 14, 466 p.; 20 cm (BNP, L. 296 V.).

— 2.ª edição, ib., mesmo impressor, 1830 (BNP, L. 298 V.).

— Coimbra, Real Imp. da Universidade, [188-] (BNP, L. 30890 P.).

— 3.ª edição, ib., mesmo impressor, 1862 (BNP, L. 299 V.).

— 4.ª edição, ib., mesmo impressor, 1866 (BNP, L. 300 V.; BJPII, MC-7463).

— 5.ª edição, ib., mesmo impressor, 1871 (BNP, L. 301 V.).

— 6.ª edição, ib., mesmo impressor, 1875; 15, 320 p.; 22 cm (FLUP, 806.90B198g).

— 8.ª edição, 2.ª tiragem, Lisboa, Academia de Ciências, 2004; 16, 515, 2 p.; 25 cm (BNP, L. 85741 V.). Ver o autor no cap. 22.4.

**João da Apresentação Campeli**, Frei, OFM (?-1756). Escreveu:

- *Prolusiones Sacrae ad Perfectam aliquarum vocabularum Sacrae Scripturae intelligentiam*.<sup>1</sup>

**João de Deus**, Frei, OESA (1732-179?). Era natural de Lisboa e foi pregador no convento de Tavira e no da Penha de França, em Lisboa (Inocêncio III, p. 361-62). Foi o autor de:

- *Diccionario Histórico, Jurídico, e Theológico, que contém as peças mais interes-*

<sup>1</sup> Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 257. Inocêncio III, p. 295, apresenta-nos um autor com o nome de Frei João da Apresentação Campelo, mas não refere esta obra.

*santes pertencentes à História Ecclesiástica, à Jurisprudência e à Theologia*, Porto, Typ. de António Alvarez Ribeiro, 1804; 2 vol.; 16 cm (BNP, R. 23019 P. - R. 23020 P.). Ver o autor no cap. 10.6.

**João de Santa Helena**, Frei, CRSA (1700-1756). Era natural do Porto. Professoreu em 1716. Foi professor de Teologia escolástica e moral, Jurisprudência canónica e civil e História eclesiástica e profana (Barbosa IV, p. 180.499.649). Deixou composto:

- *Peculium utriusque Juris alphabeticum & Sacra Scriptura, Theologia, & Philosophia, Historiaque Ecclesiasticae, profanae* (ms).
- *Alfabeto de notícias humanas e divinas* (ms).

**João de Sousa**, Frei (1734-1812). Vindo de Goa e tendo nascido em Damasco, de pais católicos, ficou aos cuidados de João Saldanha de Oliveira e Sousa, que foi nomeado reitor da Universidade de Coimbra por Pombal, para detetar todas as influências dos Jesuítas na Universidade, a fim de as destruir. O jovem João de Sousa ficou a ser o seu secretário nesse trabalho. Em 1772, entrou para a Ordem Terceira de S. Francisco onde fez outros estudos árabes, já que falava fluentemente o árabe. É sabido que os estudos árabes são um complemento interessante dos estudos bíblicos, pois trata-se de línguas e culturas vizinhas (Inocêncio IV, p. 41). Nesse sentido, Frei João escreveu:

- *Compêndio de Gramática Árábica* (sic), *Abreviado*, Lisboa, 1795; 15, 155 p. (BNP, L. 1062 P.). Ainda hoje é um bom instrumento pedagógico.
- *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*. Leva também um outro título:  
— *Lexicon etimológico das palavras e nomes portugueses que têm origem árábica*, Lisboa, Oficina da Academia de Ciências, 1789; 204 p.; 22 cm (BNP, L. 11703 V).
- *Documentos árabicos para a História de Portugal... copiados dos originais da Torre do Tombo*, Lisboa, Oficina da Academia de Ciências, 1790; 8, 190 p.; 2 col.; 22 cm (BNP, H.G. 19437 P.).  
— ...*augmentado e anotado*, ib., 1830; 16, 204 p.; 21 cm (BNP, L. 715 V).

Estas obras criaram um novo espírito científico sobre as influências árabes em Portugal e na língua portuguesa e foram um novo ponto de partida para estudos mais aprofundados e científicos.

**João Jacinto de Magalhães**, Pe. (1722-1790). Nasceu em Aveiro e estudou humanidades, grego e latim em Coimbra, no Colégio da Sapiência e no Mosteiro de Santa Cruz, ambos pertencentes à Congregação dos Cónegos Regrantes



de Santo Agostinho. Tomou hábito em 1743, mas, mais tarde, secularizou-se. Grande cientista do seu tempo conhecido internacionalmente.<sup>2</sup> Escreveu:

- *Novo Epitome da Grammatica Grega de Porto-Real* [Port Royal] *composto na Língua Portuguesa, para uzo das Novas Escolas de Portugal...*, Paris, Oficina de Francisco Amb. Didot, 1760; 20 cm (BNP, L. 234 P.).
- Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1814; XV, 280, 10 p.; 18 cm (BJPII, CDU: 807.5-5).
- Aveiro, Universidade, Departamento de Línguas e Culturas, 2000; XVI, 382 p.; 18 cm (BNP, L. 91039 P.; BGUC, RC-71-18). Ver o autor no cap. 8.

**Joaquim Alberto de Azevedo** / Joaquim da Encarnação, Frei, OSA (1724-1798). Nasceu em Barcelos. Era mais conhecido por D. Joaquim da Encarnação. Foi muito versado nas línguas bíblicas e perito em história e liturgia (Inocêncio IV, p. 76). Escreveu:

- *Compêndio da Sagrada Bíblia*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1788; 48 p.; 21 cm (BNP, Bib. 1115//2 P.). Traduziu do latim:
- *Sacrae Bibliae Compendium à D. Joachino de Azevedo ecclesiae de Sedavim abbate in lucem editum*, Lisboa, Philippi da Silva e Azevedo, 1788; 36, 3 p.; 21x14,5 cm (BNP, Bib. 1115//1 P.).<sup>3</sup> Ver o autor no cap. 3.2.

**Joaquim de Santa Clara Brandão**, Dom Frei, OSB (1740-1818). Era natural do Porto e foi monge no mosteiro de Tibães. Foi destacado orador e Diretor Geral dos Estudos da Congregação de São Bento e Dom Abade do seu Colégio de Coimbra. Era bastante instruído nas línguas inglesa e francesa e ainda no grego, latim e hebraico. Foi arcebispo de Évora e lente da Faculdade de Teologia. Era irmão de Bartolomeu Brandão (Inocêncio IV, p. 73, 441; XII, p. 146). Como tal, publicou:

- *Conspectus Hermeneuticae Sacrae Novi Testamenti*, Coimbra, Typ. Academicis, 1807 (BGUC, Abraveia 9- (1)-6-1-19 (1); BAJUDA, 1-III-34).<sup>4</sup>
- *Editio secunda postuma*, ib., mesmo impressor, 1817; 126 p.; 21x15 cm (BSEA).
- ib., mesmo impressor, 1827; 126 p.; 21x14,5 cm (BSEA; BSME).

<sup>2</sup> Informação colhida em <http://dererummundi.blogspot.com/2010/11/joao-jacinto-de-magalhaes-1722-1790.html>.

<sup>3</sup> O abade de Sedavim, cónego regente de Santo Agostinho, era perito nas línguas da Bíblia, assim como em história e liturgia.

<sup>4</sup> Foi manual universitário de Teologia, entre os anos 1808-1858 (Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 256).

- *Analysis hermeneutica historiae harmonicae quattuor Evangeliorum, quam... auditoribus suis explicabit Fr. Joachinus de S. Clara...*, Coimbra, Typ. Academicis, 1807; 21 cm (BGUC, Abraveia 9-(1)-6-1-19 (2). Ver o autor nos cap. 4.1 e 22.4.

## Bibliografia

- MACHADO, J. T. Montalvão, *Um Monge Beneditino de Rara Coragem Moral: P. Joaquim de Santa Clara Brandão*, Lisboa, Acad. Port. da História, 1985 (BNP, R. 15861 V.).
- MILLER, Samuel J., *Dom Frei Joaquim de Santa Clara (1740-1818) and later Portuguese Jansenism*, em *The Catholic Historical Review*, vol. LXIX, n.º 1, 1983, p. 21-30.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira, *Um Intelectual de Setecentos. D. Fr. Joaquim de Santa Clara Brandão*, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1984 (BNP, R. 15493 V.).
- RODRIGUES, Manuel Augusto, *D. Frei Joaquim de Santa Clara Brandão, Lente da Universidade de Coimbra e Arcebispo de Évora*, Braga, Diário do Minho, 1986; Sep. Rev. Theologica, 20 (BNP, H.G. 36624 V.).

**José Pedro da Transfiguração**, Frei, OFM (ca. 1760-1792). Foi professor de História Eclesiástica no convento de S. Francisco. Escreveu:

- *Dissertação ou breve tratado sobre algumas regras mais necessárias da hermenêutica e da diplomática...*, Porto, Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1792; 4, 100 p.; 16x9,5 cm (BNP, H.G. 1343 P.; BSEA). Ver o autor no cap. 14.

**Manuel de Jesus Lino**, Pe. (1845-1912). Era natural da Covilhã, estudou Teologia na Universidade de Coimbra, onde se matriculou a 14 de outubro de 1867, doutorando-se em 1874. Foi um dos lentes mais prestigiados de Sagrada Escritura, desde a reforma pombalina. Escreveu:

- *Synopsis Biblicae Hermeneuticae et Exegeseos*, Coimbra, 1900; 40 p; 23 cm.<sup>5</sup>

**Manuel de Jesus Maria**, Frei, OFM (?-?). Escreveu teses nos Estudos Teológicos do convento de Mafra:

- *Conclusiones biblico-chronologicas de ortu, progressu, variaque fortuna Gen-*

<sup>5</sup> O autor aparece no “Registo de Matrículas da Universidade de Coimbra” com o n.º 002936; veja-se Rodrigues, *A Cátedra (1640 a 1910)*, p. 130-133; Fortunato de Almeida III, p. 392; ver ainda CARREIRA, José Nunes, *Exegese Bíblica*, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, C-I, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, vol. p. 228.

*tis Hebraicae, comprehendentes Pentateuchum a nativitate Abrahae usque ad obitum Moysis...*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1744; 14 fol.; 31 cm (BNP, R. 5875//21 A.).

**Manuel dos Santos** - 3, Frei, OFM (1712-1760). Escreveu:

- *Conclusiones biblico-chronologicas de statu, progressu, variaque fortuna gentis hebraicae, comprehendentes sacros libros Josue, Judicum, ac Ruth ab ingressu Terrae Promissae...*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 17--; 14 fol.; 31 cm (BNP, R. 5875//33 A.). São teses dos Estudos Teológicos do convento de Mafra.

**Manuel José Ferreira**, Frei da Ordem Terceira de S. Francisco (1746-ca.1800). Era natural da povoação de Matança, Viseu (Inocêncio VI, p. 83; XVI, p. 287). Foi pregador Geral na sua Ordem e reitor do Colégio de Évora. Escreveu:

- *Magnum Lexicum Latinum et Lusitanum*, Lisboa, Typ. Régia, 1780.
- *Magnum Lexicum Latinum et Lusitanum, editio altera, priori longe auctor et emendatior, opera et studio R. P...*, Lisboa, 1802.  
— 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Typ. Régia, 1819; IV, 727 p.
- *...in hac vero quarta editione redactum, correctum per...*, Lisboa, Typ. Régia, 1833; 841 p.; 28 cm (BNP, L. 5818 A.).
- *Magnum Lexicum novissimum Latinum et Lusitanum...*, Paris, J. P. Aillaud, 1852; 841 p.; 2 col.; 28 cm (BNP, L. 5818 A.; BPH; Inocêncio VI, p. 83).
- Lisboa, Typ. António José da Rocha, 1857.  
— *Nova edição*, Paris, 1860.

**Marcos Casteli** (?-?). Compôs:

- *Dicionário Hebraico-Português* (ms da BPE, CXXVIII/1-9); as significações estão, algumas vezes, em espanhol e italiano (Rivara II, p. 5).

**Pedro de Sousa de Castelo Branco**, OC (1678-1755). Era natural de Lisboa e professo da Ordem de Cristo. Frequentou a Universidade de Coimbra, mas interrompeu os estudos. Foi grande estudioso de História e de Genealogia (Barbosa III, p. 620; Inocêncio VI, p. 448). Sendo conhecedor da língua francesa, traduziu:

- *Elementos da História, ou o que he necessário saber-se da Chronologia, da Geografia, do Brazão, da História Universal, da Igreja do Testamento Velho, das Monarquias antigas, do Testamento Novo, e das Monarquias novas...*; *Quarta impressão accrescentada com huma série de medalhas imperiaes desde Júlio César a Heráclio*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1734-1751; autor: Abbade

de Vallemont; 5 vol.; respetivamente, com 48, 542; 26, 2, 409; 8, 389; 14, 2, 398; 8, 409 p.; 23 cm (BNP, H.G. 18 V.-22 V.).

— 5.<sup>a</sup> impressão acrescentada, ib., Oficina de António Vicente da Silva, 1766-1767; 5 vol.; 21 cm (BNP, H.G. 27695 P. - 27699 P.; A Tradução em Portugal, 1091).

**Pedro José da Fonseca** (1737-1816). Foi professor régio de Retórica e Poética, em Lisboa, nomeado em 1759, e transferido depois para o exercício da mesma cadeira no Colégio Real dos Nobres (Inocência VI, p. 419). Escreveu:

- *Parvum Lexicon Latinum, lusitana interpretatione adiecta ad usum lusitanorum adolescentium, in lucem editum jussu Iosephi I regis fidelissimi*, [Olisipone, s.n., 1762]; 826 p.; 21 cm (BNP, L. 4334 V.).

— Lisboa, Typographia Régia, 1785; 824 p.; em 4.º (CBUA, RS/A-18-31).

— Ib., Typ. Regalis Acad. Scient. Olisiponensis, 1788 (BNP, L. 4335 V.). Ver o autor no cap. 9.

**Rafael Bluteau** (1638-1734). Era teatino francês, nascido em Londres e filho de pais franceses; a sua formação foi feita em Itália. Viveu em Portugal e foi um dos homens que mais influenciou a nossa cultura na época do iluminismo (Inocência VII, p. 42-45). Viajou por vários países e Universidades europeias, pelo que adquiriu um saber enciclopédico, que concretizou no seu:

- *Vocabulário Portuguez e Latino, Aulico, Anatômico, Architectónico, Bélico, Botânico, Brasilico, Cômico, Crítico, Chímico, Dogmático, Dialéctico, Dendrológico, Ecclesiástico, Etymológico, Económico, Florífero, Forense, Fructífero... Autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses e latinos...*, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728; 10 vol.; 31x21 cm (BNP, L. 2761 A. - 2770 A.; FacFil).
- *Oraculum utriusque Testamenti...*, [1676-1712]; 3 tomos; 44 cm (BNP, Cod. 3000-3003). Foi publicado com o título:
- *Oraculum utriusque Testamenti ad promiscuas in Sacra Biblia interrogationes, servato literarum ordine, responsa reddens, et verbi divini praeconibus viam aperiens ad innumerabiles argutas sententias, quas vocant conceptus praedicabiles...* Tomus primus: olim Henricetae Mariae a Francia Anglorum regina a concionibus; quinquaginta abhinc annis, et amplius in sacello regum Portugalliae concionatore, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1734; 16, 830 p.; 29 cm (BNRJ, 171, 9, 20: t. I; CMVIS, 1027; ANTT, SP 3792; BPE, SL - E. 37, C. 8).
- *Diccionario da Língua Portuguesa composto pelo Padre D. Rafael Bluteau... Reformado, e Acrescentado por António de Moraes Silva...*, Lisboa, Oficina de

Simão Thaddeo Ferreira, 1789; 2 vol.; 26 cm (BNP, L. 2893 A. - 2894 A.; Inocência I, p. 209).

— 2.<sup>a</sup> edição *correcta e augmentada*, ib., Typografia Lacerdina, 1813; 2 t. (Inocência I, p. 14).

— 3.<sup>a</sup> edição, ib., 1823. Esta edição foi ampliada e dirigida por Pedro José de Figueiredo, que dizem lhe acrescentara cinco a seis mil artigos (Inocência I, p. 14).

— 4.<sup>a</sup> edição, *posta em ordem, correcta e enriquecida por Theotónio José de Oliveira Velho*, Lisboa, Imp. Regia, 1831; 2 vol. (BNP, L. 2921 A. - 2922 A.).

— 6.<sup>a</sup> ed. *melhorada e muito accrescentada pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão*, ib., Typ. de António José da Rocha, 1858; 2 vol.; 29 cm (BNP, L. 2925 A. - 2926 A.).

— 7.<sup>a</sup> edição, ib., Typ. de Joaquim Germano de Souza Neves, 1878 (BNP, L. 2927 A. - 2928 A.).

— 8.<sup>a</sup> ed. *rev. e melhorada*, ib., Empresa Litteraria Fluminense, 1891 (BNP, Sem informação exemplar).

Bluteau criticou a Escolástica como formalista, especulativa e inútil; manifestou o seu espírito científico em vários ramos do saber: astronomia, literatura, etc. Como tantos outros elementos da cultura desse tempo, não carregava para Portugal ideias anticristãs ou mesmo antieclesiásticas, o que acontecia com o iluminismo francês em geral. Mas, entre nós, manifestou-se a sua matriz galicana e jansenista e não a deísta e atea.

Rafael Bluteau foi um dos introdutores do iluminismo em Portugal, que recebeu também influências italianas de Ludovico Muratori (1672-1750) e de António Genovesi (1712-1769), que tinham uma matiz cristã e resistiram às influências deístas e ateias de outras culturas, sobretudo inglesa e francesa. De qualquer modo, o nosso iluminismo “iluminou” diferentes aspetos da cultura e da religião, tomando como alvo, positivamente, a vontade civilizadora mediante a razão e a crítica sistemática ao passado da escolástica, que ainda marcava presença no Portugal do séc. XVIII, sobretudo no método de ensino dos Jesuítas.

A reforma da sociedade de então passava pela reforma da pedagogia e do ensino, em geral, assim como da política.<sup>6</sup> Perante o cenário de atraso cultural em que o Portugal de então vivia, os nossos iluministas, ao mesmo tempo que atacavam as “trevas”, manifestavam a sua profunda admiração pelas nações

<sup>6</sup> Ver PACHECO, Maria Cândida Monteiro, *Filosofia e Ciência no Pensamento português dos séculos XVII e XVIII*, Revista Portuguesa de Filosofia, 38/2, 1982, p. 480-481

“iluminadas” da Europa. Todas estas ideias incidiram, culturalmente, numa prática pedagógica mais racionalista e, na política, no governo despótico do Marquês de Pombal.<sup>7</sup>

**Raúl de Matos Ferreira** (ca. 18??). Escreveu:

- *Relances da Palestina. Notas de viagem*, Lisboa, Guimarães e comp., 1905; 289 p.; 21,5x16 cm (BNP, H.G. 8131 V).

**Shelomoh Yehudah Leão Templo** (?- ca. 1733). Foi rabi em Amesterdão e aluno de Isaac Aboab. Escreveu:

- *Principio de Sciencia ou Gramathica Hebrayca. Por hum Methodo Breve, Claro, Facil, e Distincto por.... Para Uzo das Escolas como a mesma ensina no Medrás em que assiste, no K. K. de Talmud Torah*, Amsterdam, Officina de Ymanuël Athias, à custa do Author, anno 5463 [i. é 1703]; 46 p.; 19 cm (BNP, Res. 17 V.; Kayserling 58).

### 6.1.1. Gramáticas latinas

Das gramáticas latinas de autores portugueses dos séc. XVI-XVII, pontificava a famosa Gramática Latina do Pe. Manuel Álvares, SJ, que foi recebida com agrado em toda a Europa, assim como nos territórios recentemente evangelizados, tanto na Ásia como na América. A *Ratio Studiorum* dos Jesuítas fez dela uma bandeira em todos os colégios da Companhia:

“Cuide o Provincial de que os nossos professores adotem a Gramática de Manuel [Álvares]. E, se em algum lugar, o seu método parecer demasiado exigente para o entendimento dos alunos, faça então adotar a gramática romana ou compor outra gramática que seja semelhante – depois de consultar o Superior geral. Seja, porém, respeitada a autoridade de todas as regras de Manuel [Álvares] e o seu caráter específico” (I, 23).<sup>8</sup>

Mas a Gramática Latina do Pe. Manuel caiu no desagrado do Marquês de Pombal e dos seus seguidores, no que toca ao ensino do latim. O Marquês diz mesmo:

<sup>7</sup> Ver o que dissemos sobre Bluteau no vol. III, *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 581-582.

<sup>8</sup> Ver o que foi dito desta gramática no vol. III da coletânea, *A Bíblia nos séc. XVI-XVII*, p. 856 e 963; ver ainda *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599). Regime escolar e curriculum de estudos*. Ed. bilingue: latim-português, introd., versão e notas por Margarida Miranda; *Ratio Studiorum um modelo pedagógico*, por José Manuel Lopes, SJ, Faculdade de Filosofia de Braga-UCP-Alcalá, 2008.

“Hey por proibida, para o ensino das escolas, a Arte de Manoel Alvares, como aquella que contribuío mais para fazer difficultozo o estudo da Latini-dade nestes reinos” (Alvará régio de 26.06.1759).

Nem por isso o Marquês esqueceu o ensino nos territórios onde os portugueses ainda imperavam, aproveitando, noutros campos do saber, os métodos e os instrumentos de que estes se serviram antes de serem expulsos. As obras dos missionários Jesuítas, que lembrámos no volume III, continuaram, portanto, a ser utilizadas, agora, por outros missionários, sobretudo Oratorianos.

Quanto ao ensino da Teologia ministrado na Universidade de Coimbra, Luís António Verney, em 1746, no *Verdadeiro Método de Estudar* – Carta XIV, “Sobre os estudos teológicos e escriturísticos”, desdenhava de tal ensino, por ter como alunos apenas padres e pregadores. No entanto, a reforma pombalina de 1772 exigia da Faculdade de Teologia o ensino das três línguas da Bíblia, a saber, além do hebraico e do grego, também o latim.<sup>9</sup>

Muitas destas obras sobre gramática latina nasceram como oposição à famosa Gramática Latina do Padre Manuel Álvares, que leva o título: *De Institutione grammatica libri tres*. Reinou no universo gramatical durante uns dois séculos (1572-1759). As novas ciências exigiam também novos métodos pedagógicos. Daí a sua contestação no período em que nos encontramos neste volume.

## Autores

**António Álvares, Pe., CO (1735-1807).** Nasceu em Lisboa e entrou na Congregação do Oratório. Como homem da cultura de então, escreveu:

- *Ortografia da língua latina*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1759; 2 vol.; 15 cm (BNP, L. 289 P. - 290 P.; Inocência I, p. 84). Ver o autor no cap. 9; 11.1 e 13.1.

**António Félix Mendes (1706-1790).** Era natural de Pernes (Santarém) e foi um ilustre professor da língua latina. A sua gramática foi uma das que veio substituir a do jesuíta Manuel Álvares (Inocência I, p. 136). Teve várias edições:

- *Gramática da língua latina*, Lisboa, Nova Oficina Almeidiana, 1741; em 8.º (Inocência VIII, p. 141).
- *Ib.*, Régia Oficina Typ., 1774; 20 cm (BNP, L. 385 P.).
- *2.ª impressão*, *ib.*, Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima Rainha Nossa Senhora, 1749; 2, 88 p.; 16 cm (BNP, L. 8706 P.).

<sup>9</sup> Ver PATRÍCIO, Manuel Ferreira, *Sobre as propostas de Verney para o estudo das línguas*, em *Economia e Sociologia*, 88/89, Évora, 2009, p. 203-214.



— Ib., mesmo impressor, 1798 (BNP, L. 8629 P.).

— ... *Reformada e acrescentada*, ib., Typ. J. A. S. Rodrigues, 1841 (BNP, L. 4915 P.).

- *Grammatica portugueza da lingua latina para uso dos cavalheiros e nobres, que têm mestre em suas casas*, Lisboa, Nova Officina Almeydiana, 1741; 16 fol., 23 p.; 15 cm (BNP, L. 34125//5 P.).

**António José dos Reis Lobato** (?-?). Este autor, fictício ou verdadeiro, segundo consta, escreveu:

- *Arte de Gramática da Língua Portuguesa*, Régia Oficina Tipográfica, Lisboa, 1770. Foi oferecida ao Conde de Oeiras / Marquês de Pombal, por este “bacharel”.

Amadeu Torres, ao comparar esta *Arte de Gramática* com o *Novo Método* de António Pereira de Figueiredo, achou que esta obra era tradução ou imitação do referido *Novo Método*: “São evidentes as semelhanças entre os dois textos, porquanto, quase sempre, um deles é tradução do outro”, diz Amadeu Torres. A pergunta que surge é a seguinte: Como é que Figueiredo, autor de uma gramática e sendo membro da Real Mesa Censória, deixaria publicar uma Gramática tão semelhante à sua? É, de facto, uma cópia da sua a vários níveis: estrutura, capítulos, títulos, etc. A conclusão a que se pode chegar é esta: *António José dos Reis Lobato* será um pseudónimo do Pe. António Pereira de Figueiredo (ver o *Novo Método* no cap. 22: *Figueiredo: Obras culturais*).<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Esta obra foi contestada por alguns defensores do Pe. Manuel Álvares. Exemplos mais notáveis são: António Franco com o opúsculo *Contramina Gramatical*, 1731; mas, dez anos mais tarde, João de Moraes Madureira Feijó, na sua *Arte Explicada*, defende, com os argumentos ao seu dispor, o seu ídolo, o Pe. Manuel Álvares. Mas Figueiredo, no “Prólogo” (100 p.) do seu *Novo Método da grammatica latina para uso das Escolas da Congregação do Oratório*, 1752, desfez toda a argumentação que estava a favor do Pe. Manuel Álvares. Alguém ainda protestou com o *Antiprólogo crítico e apologético*, Lisboa, 1753, assim como com uma outra obra do mesmo ano, o *Mercúrio gramatical*, Augusta, 1753. Mas, daí em diante, o *Método* de Figueiredo assentou praça na cultura latina portuguesa. Sobre toda esta questão, veja-se AMADEU TORRES, *Parvum Lexicon de António Pereira de Figueiredo – Comemorando o bicentenário (1797-1997)*, Ed. Humanitas, Braga, 1998, p. 19-47. Ao comparar o *Novo Método* de Figueiredo e a *Arte da Gramática* de António José dos Reis Lobato, nota-se uma grande semelhança ou quase identidade entre as duas obras. Daí se pode concluir que António José dos Reis Lobato seria um pseudónimo do Pe. António Pereira de Figueiredo que, assim, jogava em dois tabuleiros, isto é, com duas gramáticas da língua latina. Deste modo, *O Novo Método* é colocado no pedestal da fama ao ser oficializado por decreto de 28 de junho de 1759 sobre a reforma do ensino em Portugal. As gramáticas latinas aí recomendadas são a de Pereira de Figueiredo, que já ia na 5.<sup>a</sup> edição (1759), com o título *Novo Método de grammatica latina reduzida a compêndio*. É também oficializada a gramática de A. Felix Mendes. Próximo do poder político, Figueiredo estava à vontade para se colocar na linha da frente. Mas com mérito.



**António Venâncio da Costa**, Pe. (?-ca. 1817). Foi professor de gramática latina no Real Colégio do Patriarcado, em Santarém. Ainda vivia em 1817 (Inocência I, p. 286). Escreveu:

- *Novo Método de Gramática Latina para uso do Real Colégio de N. S. da Conceição*, Lisboa, Oficina de João Procópio Corrêa da Silva, 1799; 280 p.; 20 cm (BNP, L. 269 P.).

**Jerónimo Contador de Argote** / Caetano Maldonado da Gama (1676-1749). Nasceu em Colares. Foi Clérigo Regular da Ordem dos Teatinos, onde professou em 1688 (Inocência III, p. 260; Barbosa II, p. 494). Escreveu:

- *Regras da Língua Portuguesa, espelho da Língua Latina ou disposição para facilitar o ensino da Língua Latina pelas regras da Portuguesa*, Lisboa Ocidental, Oficina de Mathias Pereira da Sylva e João Antunes Pedroso, 1721; 228 p.; 15 cm (BNP, L. 612 P.).
- *Segunda edição muito acrescentada e correcta*, Lisboa, Oficina da Música, 1725; XXIV, 356, 4 p.; 15 cm (BNP, L. 601 P.). Ver o autor no cap. 14.

**João de Moraes Madureira Feijó**, SJ (1688-1741). Nasceu nas proximidades de Bragança. Foi bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra. Foi prior de Ançã (Coimbra) e mestre de Gramática do duque de Lafões (Inocência III, p. 422-424; Barbosa III, p. 171). Escreveu, especialmente para o seu discípulo, uma explicação da Gramática do Pe. Manuel Álvares, que teve muitas edições:

- *Explicationes in omnes Partes totius Artis Pe. Alvares*; Lisboa, em 4.º; 4 volumes, Miguel Rodrigues, 1729.
- Ib. 1730 e 1739.
- *Orthographia, ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portugueza para uso do excelentíssimo Duque de Lafoens...*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1734; 10, 553, 3 p.; 20x15 cm (BNP, F. 5216).
- ib., mesmo impressor, 1739; 495 p. (BNP, L. 4547 V.; BOCD; FacFil).
- *2.ª impressão*, Coimbra, Oficina de Luís Seco Ferreyra, 1739; 548 p. (incomp.); 21x15 cm (BOCD).
- ib., Edição de Eugénio Augusto, s.d.; 142 p. (Esc. Sup. Educ. Lisboa, R-Li-Fei).
- Lisboa, Régia Oficina, 1786; 495 p.; 21 cm (BNP, L. 25492 P.).
- Ib., Régia. Oficina Typ., 1797; 495 p.; 21 cm (BNP, L. 11825 V.).
- *6.ª impressão mais correcta*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1802; 495 p.; 22 cm (BNP, L. 16186 V.).

- Ib., mesmo impressor, 1814 (BNP, L. 26672 P.).
- Ib., Tip. Lacerdina, 1818 (BNP, L. 24419 P.).
- *Arte explicada... para uso do excelentíssimo Duque de Lafoens:*
  - 1.<sup>a</sup> Parte. *Princípios*. Contém todos os nominativos, linguagens, rudimentos, géneros, pretéritos e declinações dos latinos e gregos, etc., Lisboa, Miguel Rodrigues, 1735; 2.<sup>a</sup> *impressão acrescentada e emendada* (BNP, L. 124 V.).
  - 3.<sup>a</sup> *impressão acrescentada e emendada pelo seu auctor*, Coimbra, Oficina de Luís Seco Ferreyra, 1739; 8, 412 p.; 20 cm (BNP, L. 135 V.; BJPPII, MC-7511).
  - 2.<sup>a</sup> Parte. *Syntaxe*, ib., mesmo impressor, 1730 (BNP, L. 127 V.).
- *Appendix da Syntaxe Perfeita, e segundo tomo da segunda parte. Eschólios de nomes e verbos*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1732 (BNP, L. 131 V.); Coimbra, Luís Secco Ferreira, 1739.
  - 3.<sup>a</sup> Parte. Tomo IV. *Syntaxe figurada, syllaba e versos, com a medição*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1732; Coimbra, Luís Secco Ferreira 1739.
  - 2.<sup>a</sup> *impressão*, ib., mesmo impressor, 1753 (BNP, L. 139 V.).

Foi, portanto, uma obra de grande sucesso, pelo menos, no que diz respeito ao número de edições, talvez porque antecedeu, em alguns anos, o *Novo Método*, cuja primeira edição é do ano de 1746. De qualquer modo, esta Gramática foi utilizada ao mesmo tempo que o *Novo Método* de Figueiredo (Oratorianos).

**Joaquim Alves de Sousa, Pe.** (1825-1892). Foi um célebre professor de hebraico e filosofia na Universidade de Coimbra. Também conhecia bem a língua latina.<sup>11</sup> Deixou-nos nessa língua:

- *Gramática Elementar da Língua Latina*, Coimbra, Imp. da Universidade, 1857; em 8.º (BNP, L. 82 V.).
  - 2.<sup>a</sup> *edição*, ib., mesmo impressor, 1858 (BNP, L. 83 V.).
  - 3.<sup>a</sup> *edição*, ib., mesmo impressor, 1863 (BNP, L. 84 V.).
  - 4.<sup>a</sup> *edição*, ib., mesmo impressor, 1866 (BNP, L. 85 V.).
  - 5.<sup>a</sup> *edição*, ib., mesmo impressor, 1869 (BNP, L. 86 V.).
  - 6.<sup>a</sup> *edição*, ib., mesmo impressor, 1872 (BNP, L. 87 V.).
  - 7.<sup>a</sup> *edição muito aumentada*, ib., Liv. J. Augusto Orcel, 1875; 200 p.; 21x13 cm (BSEA).

<sup>11</sup> Ver RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Cátedra (1640-1910)*, p. 133, n. 35.

- 9.<sup>a</sup> edição, ib., J. A. Orcel, 1880 (BNP, L. 1289 V).
- 10.<sup>a</sup> edição aumentada, ib., Imp. da Universidade, 1884 (BNP, L. 541 V).
- 14.<sup>a</sup> edição melhorada, ib., F. França Amado, 1900 (BNP, L. 7841 V).
- 15.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1903 (BNP, L. 6003 V). Ver o autor nos cap. 9 e 10.9.

**Luís António Verney**, Pe. (1713-1792). Nasceu em Portugal, mas de ascendência francesa. Estudou Teologia, Artes e Filosofia em Portugal. Foi arcediogo da Sé de Évora. Viveu em França, Inglaterra e Itália onde faleceu (Roma). Quando foi para Roma, estudou Jurisprudência e novamente Teologia, onde se deu conta do atraso em que Portugal vivia. Foi grande poeta, pedagogo e polemista (Barbosa IV, p. 234; Inocêncio V, p. 222-223). Escreveu:

- *Gramatica latina tratada por um método novo, claro e fácil para uzo daquelas pessoas, que querem aprendela brevemente e solidamente*, Barcelona: [s.n.], 1758. Traduzida de francês em italiano e de italiano em português (BNP, L. 11617 P.; CBUA, RS/A-18-34).
- 3.<sup>a</sup> edição mais emendada, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1775 (BNP, L. 18230 V.).
- 4.<sup>a</sup> impressão emendada, Ib., mesmo impressor, 1785; 68, 316 p.; 20x14 cm (BSEA).
- 5.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1790; em 8.º (BNP, L. 150 V.).
- *Verdadeiro Método de Estudar, para ser útil à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal exposto em várias cartas...*, Valensa, Oficina de António Balle [Genaro e Vincenzo Muzio], 1746; 2 vol.; 21 cm (BNP, L. 767 V. - 768 V.).
- Valensa [Lisboa], Oficina de António Balle [no Convento de Sto. Elói], 1747 [1751?] (BNP, S.C. 53280 V. - 53281 V.; BJPII, GOER-B 450/3; BPH).

**Manuel Coelho de Sousa**, OC (?-1736). Era um fidalgo da Casa Real, natural de Colares e pertencia à Ordem de Cristo, com o grau de Sargento-mor. Escreveu uma obra em que o próprio título manifesta um teor contestatário da gramática do Pe. Manuel Álvares, S.J. (Inocêncio V, p. 398; XVI, p. 155):

- *Exame da Sintaxe e reflexoens sobre as suas regras, dividida em três livros*. No prólogo desta obra, argumenta, referindo-se ao jesuíta, que não é a antiguidade de uma gramática que lhe confere maior verdade e espírito científico. Ver o autor no cap. 10.2.

**Manuel Monteiro**, Pe., CO (1667-1758). Nasceu no Porto. Foi membro da Academia Real de História. Escreveu muitas obras, cujo valor nem sempre foi reconhecido. Vejamos a mais conhecida:

- *Novo Método para aprender a Gramática Latina. Oferecido a Elrey, Nosso Senhor D. João V. pelo Padre Manuel Monteiro, da Congregação do Oratório*, Lisboa, Oficina de Francisco da Silva, 1746. Com todas as licenças necessárias e privilégio; 37, 267, 16 p.; 13x7 cm (BNP, L. 508 P.).
- Parte II, ib., mesmo impressor, 1749; Com todas as licenças necessárias e privilégio; 16, 99 p.; 13x7 cm (BNP. L. 508 P.).<sup>12</sup> Ver o autor nos cap. 9; 10.2; 10.4; 10.5; 10.7 e 17.

### 6.1.2. Gramáticas hebraicas

As Bíblias hebraicas foram um dos grandes instrumentos para os estudos da Bíblia. E, como nestes séculos se procuravam as raízes das ciências bíblicas, não se podia prescindir deste instrumento fundamental. Daí, o grande número de edições deste tipo de Bíblias. Aqui apresentamos apenas o instrumento fundamental da aprendizagem desta língua: as gramáticas. Sobre as Bíblias hebraicas existentes em Portugal, veja-se o *Suplemento* 4.

**Emanuel Vieira** (?-?). Escreveu:

- *Compendium grammaticae hebraeae*, 1728; em latim.<sup>13</sup>

**Fortunato de São Boaventura**, OCist (1778?-1844). Era natural de Alcobaça e faleceu aos 66 anos, segundo o que um irmão terá dito (Inocêncio II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Escreveu:

- *Memória do começo, progressos, e decadência da litteratura hebraica entre os portugueses católicos romanos desde a fundação deste Reino até ao reinado d'El Rei D. José I*, em História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,

<sup>12</sup> “Não sei por que motivo se acha entre nós de todo obliterada a memoria d’este P. Monteiro como latinista e grammatico, attribuindo-se commummente ao P. Antonio Pereira de Figueiredo o projecto e execução da reforma da antiga *Arte* do P. Manuel Ávaes; sem attenderem a que antes da primeira edição do *Novo Methodo* de Pereira (1752) já Monteiro havia publicado o seu, como dito fica. O Sr. Francisco Antonio Martins Bastos na noticia biográfica do P. Pereira, que imprimiu ha poucos annos na *Instrução Publica* (jornal assim intitulado), é um dos que incorreram nesta inexplicavel omissão, esquecendo-se totalmente do P. Monteiro, e parecendo ignorar até a existencia do *Novo Methodo* por elle publicado” (Inocêncio VI, p. 66; ver ainda ANDRADE, António Alberto de, em *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Por Ordem da Universidade, Coimbra 1965, p. 464).

<sup>13</sup> Kayserling, *Biblioteca*, p. 109.

t. IX, 1825, p. 26-61; ou Sep. Memórias Academia Ciências Lisboa, tomo IX, parte 1.<sup>a</sup> [S.l. : s.n. 19--]; 35 p.; 28 cm (BNP, L. 20572 V.).

- *Memoria do começo, progressos e decadência da literatura grega em Portugal desde o estabelecimento da monarquia até ao reinado do senhor D. José I* [S.l.; s.n. 19--]; 54 p.; 28 cm; em História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, t. VIII, 1823, p. 1-51; ou Sep. Memórias da Academia Ciências de Lisboa, tomo VIII, parte 1.<sup>a</sup> (BNP, L. 20572 V.). Ver o autor nos cap. 4.1; 8; 9; 10.6; 10.7; 10.9; 10.10; 13.1; 15 e 22.5.

**Francisco da Paz**, OFM, Frei (1731-1798). Nasceu em Aveiro. Era religioso da Ordem Terceira de S. Francisco e professor de Sagrada Escritura e da língua hebraica, no convento de N. Senhora de Jesus, em Lisboa. O seu companheiro da Ordem Terceira de S. Francisco, o arcebispo Cenáculo, convidou-o para professor do Seminário de Beja (Inocência III, p. 30). Escreveu para os seus alunos do mesmo convento:

- *Compêndio dos Princípios da Gramática Hebraica, no qual se explicam breve e claramente as regras fundamentais... Para uso das escolas da mesma Congregação*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1773; 158, 2 p.; em 4.º; com esquema final das conjugações verbais; 20,5x14,5 cm (BNP, L. 1247 P.; DB).

— *Segunda edição correcta e acrescentada com muitas regras necessárias para a inteligência da dita língua*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1826.

— [S.l.: s.n., 1880] (BNP, L. 11734 V.). Esta gramática está dividida em quatro partes.

- *Dictionarii Hebraei et investigandarum radicum methodus brevissima et facilima* (ACIENL, Ms, 5, 24, n.º 8.).
- *Enodatio plurimarum vocum anomalarum et paulo difficiliorum, quae in textu hebraico accurrunt: ad usum scholarum ejusdem Ordinis*, Lisboa, Tipografia Régia, 1774; 384 p.; 18 cm (BJPII, 221(03)=924-FRA).

**João da Encarnação**, Dom Frei, CRSA (?-?). Este autor aparece, por vezes, com o nome de João da Anunciação. Foi professor de hebraico na Universidade de Coimbra. Como tal, elaborou:

- *Grammatica Linguae Sanctae, a multis scriptoribus excerpta, sed in volumen unum redacta per...*, Coimbra, Typ. Academiae, 1789; IV, 550 p.; 22 cm (BNP, L. 5056 A; BJPII, 809.24-5=71-ENC).

Servia de compêndio das aulas da Universidade de Coimbra. Está dividida em cinco partes.<sup>14</sup>

**Manuel de São José Seixas**, Frei (?-?). Escreveu:

- *Breve e fácil introdução para estudar a língua sancta* (ACIENL,5, 23, 6).

#### **Autores anónimos**

- *Manual Bíblico. Uma introdução ao Estudo da Escriptura Sagrada para uso das classes bíblicas, escolas dominicais e famílias*, Lisboa, Typ. dos Marianos, 1880; 393 p.; 18x13 cm; com mapas; sobre a Bíblia em geral: antiguidade, legitimidade, autenticidade, credibilidade, autoridade, inspiração... Antigo Testamento, sobre estes temas: linguagem, geografia, cronologia, cânon, diversos livros; para o Novo Testamento, a mesma tipologia temática (BCapB).
- *Diccionario Abbreviado da Biblia, traduzido do francez... Obra utilíssima para a intelligência do Velho, e Novo Testamento, e para a Historia da Igreja...*, Lisboa, António Rodrigues Galhardo, 1766; 4 fol., 585 p.; 15x9,5 cm (BNP, R. 23797 P.; BSEA; BAJUDA, 8-II-48; Tomo I; CMVIS, 2980; BME, JHT1594; BNRJ, 149, 1, 18; BPG, n.º 4660; SocBib).
  - *2.<sup>a</sup> edição correcta e emendada*, ib., Typ. Rolandiana, 1794; 4, 419 p.; 16 cm (BNP, Bib. 938 P.; BNRJ, 149, 2, 23; CBUA, RS/A-18-104; BOCD; CBAP, n.º 664; A Tradução em Portugal, 2065).
  - Ib., 1888 (BPG, n.º 4643).<sup>15</sup>
- *Historiae celebriores Veteris Testamenti. Iconibus repraesentatae et ad excitandas bonas meditationes selectis epigrammatibus exornatae in lucem datae...*, Noribergae, Christophoro Weigchio, 1712; 43x29 cm; 257 fol. (BNP, Bib. 47 A.).
- *Regulae critico-hermeneuticae pro historia juris et Sacrae Scripturae*, Olissipone, Ex typographia Régia, 1773; 242 p. (CMVIS, 892).
- *História Universal Veteris et Novi Testamenti (...) a Seminarii Patavini Alumno*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1788 (BAJUDA, 2-I-10).

<sup>14</sup> Ver Rodrigues, *A Cátedra (1640-1910)*, p. 117, n. 24. Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 255; Inocêncio X, p. 240. Para três Gramáticas hebraicas (Francisco da Paz, Manuel de São José Seixas e João da Encarnação), ver AMZALAC, Mosés Bensabat, *Hebrew Grammars and Grammarians*, Lisboa, 1928, p. 22-24. Descreve as cinco partes da gramática de João da Encarnação, nas p. 23-24 (BNP, L. 377283).

<sup>15</sup> Título do original francês: *Dictionnaire Abrégé de la Bible*, Reims, 1756.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Justino Mendes, *Um Catálogo Setecentista de “Artes de Gramática”*, Lisboa, 1896 (BNP, Ms n.º 354).
- Encyclopaedia or un Universal Dictionnary of Art and Sciences*, 1728.
- Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* t. I, Paris, 1751.
- Encyclopaedia Britannica*, 1768s.
- KITTO, John, *Scripture Lands: Described in a Series Of Historical Geographical and Topographical Sketches, and Illustrated by a complete Biblical Atlas...*, London, Henry G. Bohn, 1850; pág. var. (ca. 430 p.); il., gravuras, mapas; 20x13 cm (BJP II, 22.09).
- MASCH, Andrea Gottlieb; GEBAUER, Johann Jakob; LE LONG, Jacques; BÖRNER, Christian Friedrich, ed. lit., *Bibliotheca Sacra post Cl. W. Jacobi le Long et C. F. Boernerii iteratas curas ordine disposita, emendata, suppleta continuata ab Andrea Gottlieb Masch... Pars I [-II] de editionibus textus originalis*; Halae, Sumtibus Joannis Jac. Gebaveri, 1778-1790; 5 vol. (CMVIS, 389).
- RAFAEL BLUTEAU, *Vocabulário Português e Latino*, em 8 volumes e 2 volumes de *Suplemento*; ao todo, 10 volumes.
- RAMBACHII, Jacobi, *Institutiones Hermeneutichae Sacrae, variis observationibus...* *Editio octava*; Jena, 1764.
- RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de 1640 a 1910*, Coimbra, 1974, p. 122-125.
- VIGOUROUX, F., *Dictionnaire de la Bible, contenant les noms de personnes, de lieux, de plantes, d'animaux mentionnés dans les Saintes Écritures, les questions théologiques, archéologiques, scientifiques, critiques relatives à l'Ancien et au Nouveau Testament et des notices sur les commentateurs anciens et modernes... avec le concours de collaborateurs*, Paris, Letouzey et Ané ed., 1895-1908; 4 vol. (BNP, TR. 1869 V. – 1872 V.).
- , *Le Nouveau Testament et les Découvertes Archéologiques Modernes*, Paris, Berche et Tralin, 1890; VII, 438 p.; 20 cm (BJP II, 225 VIG).
- WOUTERS, Henricus Guilielmus, *Historae Ecclesiasticae Compendium*, Tomus Tertius, editio sexta, Lovaina, Valinthout Fratres, 1879; 430 p. (DB).
- Vv., *Exposição Bíblica da Biblioteca Nacional – Catálogo*, Lisboa, 1957 (BNP, B. 7943 V.).



## 6.2. Comentários e Dicionários estrangeiros

### 6.2.1. Comentários bíblicos

Dom Augustin Calmet, OSB (1672-1757)

1730. *Commentarium literale in omnes ac singulos tum Veteris cum Novi Testamenti Libros*, auctore Augustin Calmet, OSB, Tomus Quartus, Veneza, 1730.

1732. *Commentarium literale in omnes ac singulos tum Veteris cum Novi Testamenti...* Dom Augustin Calmet (1672-1757)... e gallico in latinum sermonem translatum. Tomus octavus. Venetiis, Sebastianum Coleti, 1732; 24,5x23 cm; 791 p. É a tradução latina do seu comentário em francês (BNP, Bib., sem cota).

1734. *Prolegomena et dissertationes in omnes et singulos Sacrae Scripturae Libros...*, Veneza, 1734; 2 vol.; 35x23 cm (BSEA).

1754-56. *Commentarius literalis in omnes libros Veteris et Novi Testamenti. Opus gallice primum ab authore, nunc vero latinis litteris traditum a Joan. Dom. Mansi*, Venetiis, 1754-56; 8 volumes.

*Commentarius in omnes libros Veteris et Novi Testamenti... Editio Novissima... emendata*, Veneza, 1754; 9 vol.; 34x22 cm (BSEA).

1737. Lorino, João, *Commentarii in librum Psalmorum in quibus praeter accuratam a sensus litteralis explanationem varium tum editionum tum lectionum collationem cum Vulgata... 2.<sup>a</sup> editio Veneta...*, Veneza, apud Jacob Tommasino, 1737; 4 vol.: 1.º, 607 p.; 2.º, 617 p.; 3.º, 677 p.; 4.º, 772 p.; 35x24 cm (BSEA).

### Laurent Helbigensis

1713-1714. *Pandesia Sacra Mysticis Copiose Instructa, cujus Missus Primus sunt Prolegomena in Universam Scripturam Sacram amplissima...*

— Tomi primi: *Pars Prima*, a Laurent. Helbig...; Coloniae, Sumptibus Wilhelmi Metternich, Bibliopolae, 1713; 24, 879 p.; 37 cm (BPNM, 1-3-2-1).

— Tomus secundus: *Commentarius In Librum Exodi; Auctore Joanne Laurentio Helbig*, Coloniae, Sumptibus Wilhelmi Metternich, Bibliopolae, 1713; 24, 879 p.; 37 cm [BPNM, 1-3-1-17 (1.º) e 1-3-2-2 (1.º)].

— Tomus tertius: *Commentarius In Librum Levitici; Auctore Joanne Laurentio Helbig*, Coloniae, Sumptibus Wilhelmi Metternich, Bibliopolae, 1714; 178 p.; 37 cm [BPNM, 1-3-1-17 (2.º) e 1-3-2-2 (2.º)].

— Tomus quartus: *Commentarius in Librum Numeri; Auctore Joanne Lauren-*



*tio Helbig*, Coloniae, Sumptibus Wilhelmi Metternich, Bibliopolae, 1714; 238 p.; 37 cm [BPNM, 1-3-1-17 (3.º) e 1-3-2-2 (3.º)].

— Tomus quintus: *Commentarius in Librum Deuteronomii; Auctore Joanne Laurentio Helbig*, Coloniae, Sumptibus Wilhelmi Metternich, Bibliopolae, 1714; 268, 27 p.; 37 cm [BPNM, 1-3-1-17 (4.º)].

### 6.2.2. Outros comentários

1701. Laureto, Jerónimo, *Sylva, seu potius, Hortus Floridus allegoriarum totius Sacrae Scripturae: mysticos ejus sensus & magnaetiam ex parte literales complectens, syncerae theologiae candidatis perutilis necessarius, qui loco integrae Bibliothecae cuilibet Sacrarum literarum studioso service poterit*, Coloniae Agrippinae, apud Hermannum Demen, 1701; 10, 1096, 70 p.; em fol.; 36 cm (BJPII, 22:82-191 LAU).

1707. Bochart, Samuel, *Geographia Sacra, seu Phaleg et Canaan, cui accedunt variae dissertationes philologicae, geographicae, theologicae...: antehac ineditae: ut et Tabulae Geographicae et Indices...*, Lugduni Batavorum, apud Cornelium Boutesteyn, Jordanum Luchtmans Trajecti ad Rhenum, apud Guilielmum van de Water, 1707; Editio quarta, prioribus multo correctior & splendor / procuravit Petrus de Villemandy; 10, 44, 6 p., 1224 colns., 60 p.; 41 cm (BJPII, 22:59 BOC/4).

— *Opera Omnia: Hoc est Phaleg, Chanaan, et Hierozoicon: Quibus Accesserunt Dissertationes Variae...Praemittitur Vita Auctoris a Stephano Morino Descripta... In Quibus Omnibus Digerendis atque Exornandis Operam Posuerunt Viri Clarissimi Johannes Leusden & Petrus de Villemandy*, Lugduni Batavorum, apud Cornelium Boutesteyn, Samuelem Luchtmans Trajecti ad Rhenum, apud Guilielmum van de Water, 1712; Editio quarta; 4 p., 1094 col., 91 p.; 41 cm (BJPII, 22:59 BOC/4).

1713. Ayrolo, Jacobo Maria, SJ, *Liber LXX Hebdomadum resignatus, seu in cap. IX. Danielis Dissertatio, in qua per genuinam editionis Vulgatae interpretationem, hebraico textu illustratam, prophetiae celeberrimae nodus dissolvitur. Accedunt confirmationes ab Anno Sabbathico & Jubileo. Auctore...*, Roma, Typ. Georgii Plachi, apud S. Marcum, 1713; em 4.º (BNRJ, 148, 3, 28).

1714. A Lapide, Cornélio, *Commentarium in Pentateuchum Mosis*, Antuerpiae, apud Henricum et Cornelium Verdussen, 1714; 6, 1060, 44; em 4.º.

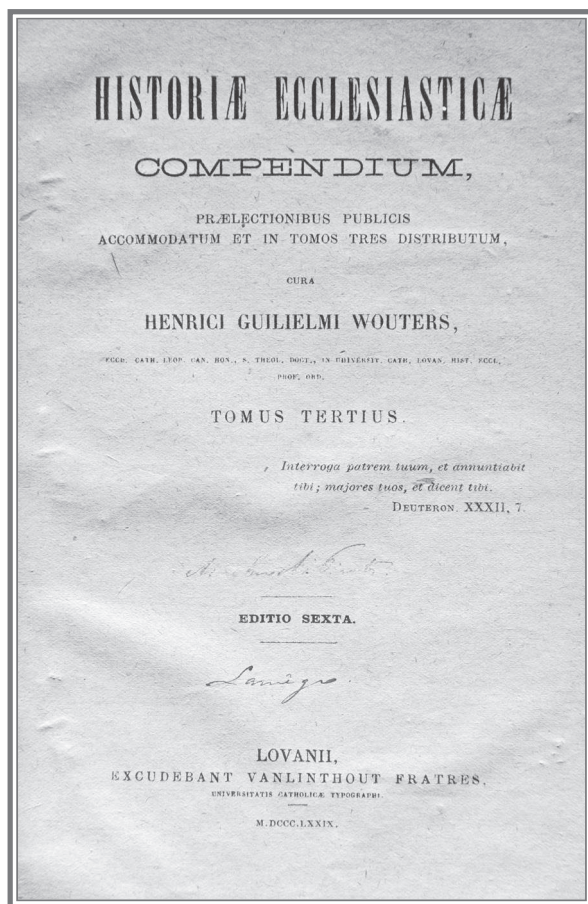
— *Commentarius in Josue, Judicum, Ruth, V Libros Regum et Paralipomenon*, Antuerpiae (mesmo impressor), 1718; 2 vol.; em 4.º.

1743. Relandi, Hadriani, *Antiquitates Sacrae Veterum Hebraeorum... Notas et Animadversiones* Adiecit Ioh., Herbornae, Excudit B. Joh. Nicolai Andreae, 1743; 1006 p.; 18 cm (BJPII, 22.09 REL).
- 1859-1864. Cornelis van den Steen, *Commentaria In Scripturam Sacram. R. P. Cornelli A Lapide; Accurate Recognovit Ac Notis Illustravit, Augustinus Crampon*, Parisiis, Ludovicus Vivés, 1859-1864; 24 vol; 28 cm (BJPII, 22.07=71 LAP/CRA).
1860. Migne, Jacques Paul, *Scripturae Sacrae Cursus Completus*, Parisiis, Excudebat et vent Apud J. P. Migne, 1860; 28 vol.; 28 cm (BNP, TR. 542 V. - 567 V.; BJPII, 22.06 SSCC).
1877. Roberto Belarmino, *Supplementum ad Commentaria in Scripturam Sacram R. P. Cornelli a Lapide, S.J., Roberti Belarmini, Explanatio in Psalmos cui accedit Nova Psalmorum ex Hebraeo versio latina notis illustrata; auctore Augustino Crampon. Editio Nova; Tomus Primus*, Paris, apud Ludovicum Vivés, Bibliopolam Editorem, 1877; 499 p.; 27,5x19 cm (DB).
1892. Joseph Knabenbauer, *Commentarius In Quator S. Evangelia Domini N. Iesu Christi*, Parisiis, P. Lethielleux, 1892; 25 cm (BJPII, 22.07=71 CSS/C-II).

### 6.2.3. Dicionários

**Dom Augustin Calmet** (1672-1757). Tradução em latim:

1725. *Dictionarium Historicum, Criticum, Chronologicum, Geographicum, et Litterale Sacrae Scripturae*:
- Tomus primus, Typis Sebastiani Dominici Cappuri, 1725; 449 p.; 35 cm (BPNM, 1-2-2-2).
  - Tomus secundus, Typis Leonardi Venturini, 1725; 552 p.; 35 cm (BPNM 1-2-2-3).
  - *Supplementum ad Dictionarium Historicum, Criticum, Chronologicum, Geographicum et Litterale Sacrae Scripturae*, Typis Leonardi Venturini, 1725; tomus primus; 11, VIII, 347 p.; 35 cm (BPNM).
1757. *Dictionarium...*, Veneza, Sebastião Coleti, 1757; 2 vol. (BNP, R. 6716 A. - R. 6717 A.).
1759. *Dictionarium Historicum, Criticum, Chronologicum, Geographicum et Litterale Sacrae Scripturae*, Augsburgo, Sump. Inácio Adão e Francisco António Veith, 1759; 2, 679 p.; 39,5x25 cm (BSEA).



1766. *Dictionarium...*, Veneza, 1766 (Museu de Lamego, Catálogo de alguns manuscritos da Biblioteca Municipal de Lamego, 1976, n.º 59).

#### Em francês

1730. *Dictionnaire Historique, Critique, Chronologique, Géographique et Littéral de la Bible*, Paris, Chez Saugrain; Chez Pierre Martin; Chez Emery, 1730; 40 cm; t. 1: 14, CXXIV p., 6 map., 41 grav.; 568 p.; t. 2: 55 grav.; 746 p.; t. 3: 83 grav.; 724 p.; t. 4: 5 grav., 568 p. (BPNM 1-2-2-8/11).

1740. A. R. D. M. Philippo Paulo Merz..., *Onomasticon Biblicum, seu index ac dictionarium historico-etymologicum, ab A. R. D. M. Philippo Paulo Merz..., Augustae Vindelicorum...*, *Continens... historiam ac descriptionem omnium personarum, virorum & mulierum, populorum, regionum... &c immo omnium*

*nominum propriorum, quae in Sacra Scriptura seu Bibliis extant...*, Augustae Vindelicorum; Sumptibus Martini Veith, Bibliopolae, 1740; 22x17 cm; 6 fol., 1.254 p., 11 fol. (BNP, Bib. 648 P.).

1804. Sicard, Roch Ambroise Cucurron (ed. lit.), *Dictionnaire Généalogique, Historique et Critique de l'Écriture Sainte: où sont refutées plusieurs fausses assertions de Voltaire et autres Philosophes du Dix-Huitième Siècle... Revu, corrigé, et publ. par l'abbé Sicard*, Paris, Bertrandet Avignon, Le Clerc, 1804; XVIII, 664 p.; 21 cm (BJPIL, 22(03)=40 SIC).

## Conclusões

1. Todos os itens aqui considerados oferecem-nos uma ideia geral da influência das ciências modernas nas Ciências Bíblicas ao longo destes dois séculos e, ao mesmo tempo, apresentam-nos alguns dos instrumentos mais aptos para os estudos bíblicos. Embora Portugal, também neste aspeto, tenha vivido estes dois séculos à sombra da cultura e das ideologias europeias, notamos que, também no nosso país, se produziram algumas obras, embora ainda bastante pobres, como acabamos de verificar. As que aqui foram elencadas apresentam-nos apenas uma amostragem do que acontecia na Europa, a nível de Ciências Auxiliares da Bíblia e da sua metodologia de estudo. Neste caso, importante foi a utilização destas obras estrangeiras nas escolas de Portugal, o que contribuiu, certamente, para o progresso das ciências bíblicas entre nós.<sup>16</sup>

2. Ao contrário do capítulo anterior, este marca uma presença concreta e bastante significativa de autores portugueses nestas ciências dos estudos bíblicos. Isto é sinal de que em Portugal havia já a preocupação para estudar cientificamente a Bíblia. No que se refere, portanto, a autores portugueses, apresentámos o número inesperadamente interessante de 39, com obras de tipologia variada, 10 com gramáticas latinas, 5 com gramáticas hebraicas e 5 anónimos, perfazendo 59 autores. Como modelos deste estudo científico, apresentámos 26 obras estrangeiras de diversos autores, no que se refere a comentários e a dicionários bíblicos. Trata-se de autores que eram muito considerados em Portugal e, consequentemente, encontram-se nas nossas bibliotecas. Este capítulo apresenta-se, pois, um pouco mais positivo no que diz respeito a Portugal. Quanto às obras, o seu número perfaz um total de 209.

<sup>16</sup> Sobre as edições da Bíblia em latim, ou partes da mesma, publicadas nestes séculos, veja-se o *Suplemento 3*.

## Capítulo 7

### Bíblia e Literatura de controvérsia

Neste capítulo, move-nos a intenção de apresentar o desconforto e, por vezes, a luta em campo aberto, entre a Bíblia ou a doutrina da Igreja – que se supõe estar fundamentada na Bíblia – com outros setores da sociedade ou da religião cristã, vivida dentro e de acordo com a Igreja Católica. A partir deste pressuposto, é natural que este capítulo tenha várias subdivisões, porque a controvérsia marca o confronto entre vários setores da sociedade e da religião, para nos servirmos da ideia, tão profundamente marcada nesta época, dos dois poderes: a política e a religião. Como foi dito e repetido no capítulo introdutório (cap. 1), esta época foi marcada pela controvérsia, já que se trata de uma época de crise, de várias crises, que se tornaram, a longo prazo, crises de crescimento. Por isso, estas controvérsias não são necessariamente negativas, más em si mesmas, mas, pelo contrário, foram crises que produziram frutos positivos, no futuro.

Neste sentido, podemos dizer que a Igreja e as sociedades são como os indivíduos: têm as suas etapas de crescimento e cada uma delas é marcada por uma crise, por um sofrimento, queiramos ou não: a passagem da situação de criança para a adolescência; desta para a juventude; da juventude para a idade adulta; da idade adulta para a terceira idade. A sociedade e a Igreja seguem também um ritmo semelhante: de crise em crise, atinge-se cada vez maior perfeição. Isto significa que não podemos ver nestas controvérsias algo simplesmente negativo, mas muito normal, situando as lutas azedas entre grupos e instituições, num determinado momento (de crescimento) da história em que aconteceram. Por isso, este capítulo, tal como outros deste volume, não pode ser lido sem referência ao capítulo introdutório, onde se oferece o contexto geral de todo o volume.

Papel importante nas discussões controversas teve a imprensa católica ou outra que apoiava as ideias opostas.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Para informações sobre a imprensa católica neste período, veja-se Fortunato de Almeida III, p. 408-415; algumas obras estrangeiras desta temática: DU VOISIN, Jean-Baptiste, *L'autorité des Livres du Nouveau Testament contre les incrédules*, Paris, Chez Charles-Pierre Berton, 1775; 428 p.; 18 cm (BJPII, 225.01 DUV); Idem, *L'autorité des livres de Moyse, établie et défendue contre les incrédules*, 1778 (BJPII, 222.1.01 DUV).

Portanto, encontraremos os seguintes campos ou temas de controvérsia:

- 7.1. Igreja e política: iluminismo regalista e liberalismo radical
- 7.2. Sigilismo
- 7.3. Igreja e cientismo anticristão
- 7.4. Igreja Católica e Igrejas protestantes
- 7.5. Jesuitismo e antijesuitismo. O Marquês de Pombal e outros

Todos estes campos de investigação nos farão compreender estes dois séculos, talvez aqueles em que a Igreja Católica mais sofreu, devido às inesperadas mudanças políticas, religiosas, sociais e outras.

## **7.1. Igreja e política:**

### **iluminismo regalista e liberalismo radical**

Esta controvérsia em concreto foi uma das que mais fez sofrer a Igreja, na medida em que os súbditos da Igreja, em princípio, são os mesmos que os do Estado. Por isso, os assim chamados “dois poderes” – a Igreja e o Estado – na Idade Média, e mesmo durante a época do Renascimento, conviviam bem, como se dizia, para bem dos súbditos e salvação das suas almas. Mas, com o regime iluminista-regalista de Pombal, os dois poderes começam um processo de divórcio, no qual o poder civil quis sobrepor-se ao religioso, o Estado sobre a Igreja. Em Portugal, o caso mais emblemático é o do regime pombalino, ao qual se seguiu o regime liberal. Este endureceu a luta contra a Igreja, de tal maneira que o “marido” tentou matar a “esposa”, a Igreja, para usar a metáfora conjugal em ordem a exprimir a relação entre os dois poderes. Era uma luta com armas desiguais, pois as únicas armas que a Igreja tinha à mão para lutar (excomunhões, etc.) já não atingiam o “inimigo”, pois este estava imune, não as temia, porque, em grande medida, tinha perdido a fé. Esta é a magna questão deste período: a crise entre os dois poderes: o religioso e o civil.

A toda essa questão, há que acrescentar outra pior: a relação entre razão e fé cristã. Segundo o racionalismo científico vigente e bem enraizado no sistema político liberal, a vida humana desenrola-se entre estes dois polos: a razão e a fé. O dilema da escolha entre um e outro representa uma questão essencial, um sentido de vida, que tem consequências transcendentais, tanto individuais como coletivas. Mas a questão não se deve colocar na opção por um deles, rejeitando o outro, nem muito menos em colocar os dois em conflito, mas em fazer aliança entre eles. Esta última tese tem o seu fundamento na própria natureza do ser humano, é uma questão antropológica; ou seja, o ser humano, para além da razão, é

dotado de um sexto sentido, o “sentido do divino”, que o faz pressentir a presença de valores transcendentais no mundo exterior e no seu mundo interior.<sup>2</sup>

A luta política contra a Igreja queria fazer vingar a falsa tese acima apontada de que a fé era incompatível com a razão e com as novas ciências. Teoricamente a tese parecia inofensiva, parecia ser apenas uma questão individual. O pior foi quando ela ganhou corpo num sistema político-ideológico, que ocupou o poder do Estado. Foi o sistema liberal, racionalista, mas também maçónico. Esta aliança de três ideologias, teoricamente adversas ao cristianismo, produziram efeitos nefastos para a Igreja Católica. Apresentamos rapidamente um caso que é sintomático e que deu azo a um primeiro discurso do papa Gregório XVI sobre Portugal (ver *Suplemento 2*).<sup>3</sup>

D. Pedro, mal entrou em Lisboa, depois de vencer as tropas de seu irmão D. Miguel, em 1833, expulsou o pronúncio da Santa Sé em Portugal, o cardeal Justiniani, e de um modo nada diplomático. Depois da sua chegada a Roma, fez-se, no Vaticano, um consistório secreto, já que o problema era muito grave. No seu discurso, o papa Gregório XVI sentiu o desprezo a que foi submetido o seu representante em Portugal. Isto significava para o Papa, que o governo liberal, presidido por D. Pedro, nada queria com a Igreja Católica. O mesmo Papa reafirmou que, desde o fim de setembro de 1833, até ao princípio de agosto de 1834, não cessou de querer dialogar com o governo de D. Pedro; mas não recebeu nenhuma palavra. E o Papa continua contando o que o governo “liberal” estava a fazer à Igreja Católica, quanto aos seus bens, às igrejas e conventos ocupados e profanados ou vendidos em hasta pública...

Para não demorar o leitor, deixamos para um suplemento este importante discurso do Papa referente a Portugal, assim como um outro logo a seguir (ver *Suplemento 2*: “Duas alocações do papa Gregório XVI referentes a Portugal”).

Quanto à descristianização, que se tornou um efeito nocivo da polémica Igreja-política, tem raízes anteriores a estes dois séculos, pois vem já dos séc. XVI-XVII, mas sentiu-se o seu apogeu no séc. XIX e primeira metade do séc. XX, na continuidade do regime liberal, que gerou um filho à sua imagem e semelhança, o regime republicano. Esta polémica, entre Igreja e Estado, tem a sua causa principal no desencontro entre as propostas da Igreja do pós-concílio de Trento e as da sociedade em geral, formatada por ideologias, geralmente anticristãs. O

<sup>2</sup> Veja-se PEREIRA, J. Esteves, *As ideias do século*, em Portugal contemporâneo (dir. António Reis), Lisboa, Ed. Alfa, 1990, vol. I, p. 287-294; Id., *A tensão entre progresso e tradição*, ib., vol. 2, p. 250.

<sup>3</sup> Para a transposição deste problema para o Parlamento português e para os políticos em geral, veja-se NETO, Vítor, *A Questão Religiosa no Parlamento*, vol. I: 1821-1910, Lisboa, Texto Editores; Assembleia da República, 2009, 150 p.; veja-se também a recensão, por Francisco Senra Coelho, em *Lusitania Sacra* 29, 2.<sup>a</sup> Série (janeiro-junho), 2014, p. 282-285.



conformismo obediente da sociedade à Igreja de então estava muito longe do *status quo* da Igreja da sociedade medieval e mesmo da sociedade renascentista. A meu ver, a Igreja oficial não teve a pedagogia adequada para conviver mais intimamente com o iluminismo e com todos os *ismos* que se lhe seguiram.<sup>4</sup> Outra pedagogia e formação mais adequadas dos cristãos teriam minorado as consequências dramáticas que teve de enfrentar. Houve, por parte da Igreja, demasiada confiança nas decisões de Trento. Os resultados estão à vista nos autores e obras que vamos apresentar seguidamente:

**Alexandre Herculano Carvalho e Araújo** (1810-1877). Era natural de Lisboa e veio a falecer em Santarém. Foi escritor, historiador, jornalista e poeta português da era do romantismo.<sup>5</sup> De temática de controvérsia escreveu:

- *A reacção ultramontana em Portugal ou a concordata de 21 de Fevereiro*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1857; XI, 56 p.; em 8.º gr. (BNP, H.G. 6593/17 V.).
- *Eu e o clero. Carta ao Ex.<sup>mo</sup> Cardeal-Patriarcha*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1850; 20 p.: 21 cm (CBAP, n.º 1038).
- *Opúsculos por Alexandre Herculano*, Lisboa, Viúva Bertrand, 1873-1908; 10 vol.; 17 cm (BNP, P. 5627 P. - 5646 P.: digitalizado).
  - *Os Egressos. Petição humilíssima a favor de uma classe desgraçada*, 1842, em *Opúsculos por Alexandre Herculano*, t. I, p. 99.<sup>6</sup>
  - *Eu e o clero. Ao Patriarcha de Lisboa*, ib., tomo III, p. 3.

“Quando um autor como Alexandre Herculano escreve *Os Egressos* em 1842, pedindo mais compaixão e cuidado para com os religiosos expulsos dos conventos oito anos antes, não se furtando a implorar pão para ‘metade dos nossos sábios, dos nossos homens virtuosos, do nosso sacerdócio’ (*Opúsculos*, tomo I, p. 99), realiza decerto um acto humanitário, mas deixa entrever também a

<sup>4</sup> Para iluminar estas ideias pode ver-se RIBEIRO, António Vítor, *Crise e Consciência: Ensaio sobre a decristianização de Portugal no século XVII*, em *Via Spiritus*, n.º 23, 2016, p. 117-146.

<sup>5</sup> Ver Inocêncio I, p. 35-37; XVIII, p. 141. Também foi organizador de: *Portugaliae Monumenta Historica...: Diplomata et Chartae*, Academia das Ciências de Lisboa, 1867, 2 vol.; Idem, *Inquisitiones*, Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1917, 4 vol.; Idem, *Leges et Consuetudines*, Academia das Ciências de Lisboa, 1858-1868, 4 vol.; Idem, vol. I: *Scriptores*, Academia das Ciências de Lisboa, 1861; 27, 420 p.

<sup>6</sup> Alexandre Herculano referia-se aos frades e freiras expulsos de mosteiros e conventos, por decreto do governo liberal, em 1834. Tinham ficado à fome, sem trabalho, e deixaram abandonadas as suas bibliotecas, que eram praticamente a única fonte de cultura do país. Muitos intelectuais, por serem religiosos, ficaram na miséria.



perda que constituiria para o país o fim de instituições que tinham garantido boa parte – ‘metade’, escreve ele – da inteligência portuguesa”.<sup>7</sup>

— *Considerações Pacíficas sobre o opúsculo Eu e o Clero. Ao Redactor da Nação*, em Opúsculos, vol. III, p. 35.

- *A Voz do Profeta*, Lisboa, Typ. Patriótica de C. J. da Silva e Comp.a, 1837; 32 p.; 18 cm (BNP, Res. 4344 P.).<sup>8</sup> Ver o autor no cap. 17.

**Ângelo dos Santos**, Frei (?-?). Era monge da Congregação dos Cónegos de Monfurado (Inocêncio VIII, p. 66). Traduziu:

- *A única religião verdadeira, demonstrada contra os atheos, deístas e todos os sectários*, Lisboa, Oficina José d’Aquino Bulhões, 1781; autor: Jayme Le Febure; 15 cm (BNP, R. 25086 P.; A Tradução em Portugal, 1380).

**Antero Tarquínio de Quental / Antero de Quental** (1842-1891). Era natural de Ponta Delgada, S. Miguel (Açores). Deu início aos estudos na sua cidade natal, mudando-se para Coimbra aos 16 anos, ali estudando Direito e manifestando as primeiras ideias socialistas. Dedicou-se à poesia, à filosofia e à política.<sup>9</sup> Escreveu:

- *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos: Discurso*, Porto, Typ. Comercial, 1871; 48 p.; 21 cm (BNP, H. G. 10991 V).<sup>10</sup>
- *Carta ao Marquês de Ávila e Bolama contra a portaria que mandou fechar as Conferências do Casino lisbonense* (ver cap. 1.7.1).
- *Hino à Razão: soneto*, que reza assim:

“Razão, irmã do Amor e da Justiça / Mais uma vez escuta a minha prece/  
É a voz dum coração que te apetece / Duma alma livre, só a ti submissa”.<sup>11</sup>

Soneto oposto ao anterior:

- *Lacrimae rerum*, que começa e termina deste modo:

<sup>7</sup> CLEMENTE, Dom Manuel, *A vitalidade religiosa do catolicismo português: do Liberalismo à República*, em História Religiosa de Portugal III, p. 74.

<sup>8</sup> Nesta obra, o autor faz um apelo ao profetismo bíblico e do próprio Cristo, para falar do desencanto que sente na sua própria pátria, mesmo em Lisboa.

<sup>9</sup> SILVA, Lúcio Craveiro da, *Antero de Quental. Evolução do seu Pensamento Filosófico*, Braga, Livraria Cruz, 1959; sobre o autor, ver Inocêncio VIII, p. 70; XX, p. 160 e 346; XXII, p. 150.

<sup>10</sup> Sobre esta obra veja-se MATOS, Luís Salgado de, “*Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*”: Um texto fundador da Ciência Social, em Concílio de Trento. Inovar na Tradição – História, Teologia, Projeção, Universidade de Alcalá, 2016, p. 763-776.

<sup>11</sup> Em *Poetas do Séc. XIX – Almeida Garrett, Antero de Quental, Cesário Verde*, Porto Editora, 1978, p. 41.

“Noite, irmã da Razão e irmã da Morte / Quantas vezes tenho eu interrogado / Teu verbo, teu oráculo sagrado / Confidente e intérprete da Sorte!”

“É tudo, em torno de mim, dúvida e luto / E, perdido num sonho imenso, escuto / O suspiro das coisas tenebrosas...”.<sup>12</sup>

Ver o autor nos cap. 4.1; 7.3; 10.3.1 e 17.

**António de Jesus, Frei, OFM (1774-1841).** Nasceu em Parada, Paredes de Coura, e faleceu em Bragança. Professou no convento de Vinhais. Foi o fundador do Seminário de Falperra (Inocêncio VIII, p. 173). Traduziu:

- *A Voz da Igreja ou Decisões da Santa Sé Apostólica. Sobre a comunicação in Divinis com os cismáticos ou hereges tolerados, traduzidas fielmente... com Notas para a sua boa inteligência. Segunda edição acrescentada com algumas decisões, a sua Defesa e um Apêndice*, Porto, Tipografia Comercial Portuense, 1838; 5, 115 p.; 16x10 cm (BNP, R. 29297//2 P.; BPB, Res. 525 A.).<sup>13</sup> Encadernado com:

<sup>12</sup> Idem, ib., p. 45.

<sup>13</sup> Esta obra trata dos problemas que a Igreja portuguesa e outras Igrejas europeias tiveram com a Sé Apostólica no tempo do iluminismo e liberalismo. Tudo indica que esta situação se passa antes, durante e depois da Revolução Francesa, em que os padres subscreveram os pontos saídos da *Assembleia do Clero Galicano*, convocada por Luís XIV em 1680. Esta Assembleia teve repercussões a partir daí, porque a Santa Sé considerou-os cismáticos, embora compreendendo a situação histórica do momento. Possivelmente, inclui outros cismáticos; mas o certo é que choeram em Roma perguntas sucessivas para tratar de certos aspetos de convivência entre o clero que aceitou e o que não subscreveu tais artigos que, em geral, eram pela independência do clero francês em relação à Sé Apostólica, concretamente do Papa. Também há alguns casos em que se pergunta acerca de certos assuntos nas missões da Ásia; mas geralmente os assuntos versam sobre temas entre um clero e outro na França em assuntos “in divinis”, isto é, assuntos que tenham a ver com a religião, sobretudo com liturgia e com a administração dos sacramentos, em particular. Trata-se, pois, de assuntos com a chamada “Igreja Galicana”. Vejamos apenas alguns exemplos: começa por uma declaração geral da Sagrada Congregação da Propagação da Fé (p. 1-4), seguindo-se outras no tempo de Pio VI, 1795, sobre a assistência ao culto dos cismáticos, comungar das suas mãos; sobre casamentos, funerais; resposta a várias perguntas (1668, 1682, 1708); 1791, Carta aos bispos católicos de França; 1792, Breve dirigido ao povo da França; Breve ao bispo de Genebra, 1793; Breve de Faculdades aos bispos franceses, de Pio VI; Indulto aos fiéis de França, 1794, 1795; Não permitir que os chamados “intrusos” celebrem em templos ortodoxos, nem vice-versa. Sobre Portugal há também “Memorial” enviado a Roma, que tem a ver com o país em geral, mas com Braga em particular (p. 30-34). Na p. 49, há também uma pergunta de um sacerdote português, feita ao papa Gregório XVI: se se pode deixar assistir à missa a pessoas cismáticas, que o são de boa fé, ou seja, sem o saberem. Seguem-se mais ainda: problemas sobre a absolvição de sacerdotes cismáticos; dizer missas pelos cismáticos, e outras complicações. Finalmente, há um apêndice com duas alocuções de Gregório XVI sobre Portugal, com um título um pouco jocoso: *Appendis das Allocuções do Nosso Santíssimo Padre Gregório XVI. Com as oportunas advertências. A fim de ver se calam a boca as que dizem que o Papa nada disse a respeito de Portugal*. Vamos reproduzir este Apêndice, no *Suplemento 2*.

- *Regras Católicas para os lugares e tempos de Cisma...*, Porto, Tip. Comercial, 1837; 60 p.; 16x10 cm (BPB, Res. 525//2 A.).
- *Advertências mais precisas ao Clero que deseja trilhar as veredas ortodoxas*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 18 p. (BPB, Res. 525//3 A.)
- *Os Clamores e providências do Pastor Supremo, Gregório XVI, às ovelhas Lusitanas*, ib., mesmo impressor, 1838; 102 p.; mesmas medidas (BPB, Res. 525//4 A.).
- *Abreviada história da decadência e queda da Igreja lusitana com os meios de a levantar e estabelecer*, publicada [depois de 1840].
  - Parte I: *Em que se recordão princípios genuínos de direito público ecclesiástico, se referem suas violações, deduzindo d'ellas a presente ruína, deixando já entender o que devem ou não fazer, se quiserem religião, e felicidade as potestades do mundo* [manuscrito]; 159 fol., enc.; 22 cm (BNP, Cod. 544).
 Foi publicada com o título:
  - *História abreviada da decadência e queda da Egreja Lusitana...* Pub. por A. S. P. M. F. [António de Sousa Pereira de Magalhães Feio], Braga, Typografia Luzitana, 1863; 292, 4 p.; 22 cm (BNP, R. 4860 V.; Fortunato de Almeida III, 408).
- *Escudo da Religião Católica*, Lisboa, 1837. Um virulento folheto anti-liberal com outros colaboradores.<sup>14</sup>
- *Analyse da Carta Constitucional da monarchia portugueza: decretada, e dada por D. Pedro, imperador do Brasil, aos 29 de Abril de 1826 nos artigos que tocam em religião*, Braga, João Baptista de Jesus, 1863; 461 p.; 21 cm (BNP, R. 27131 V.).
- *O clamor e petição do povo fiel e pio desejoso da tranquillidade do Altar e do Throno aos Príncipes catholicos... Dada à luz por João Baptista de Jesus*, Braga, Typ. do Seminário dos Orphãos, 1865; 480, 94 p.; 22 cm (BNP, R. 22515 P.; BJPII, 239:273 JES).
- *Reddite... Quae sunt dei deo* [Dai a Deus o que é de Deus], *se quereis que sua espada se recolha na bainha. O Direito Natural Público e Divino da Igreja. Sua violação, a fonte dos males que nos afligem...*, S. l., Typografia Bracarense, 1847; 4, VI, 198 p.; 21 cm (CBAP, n.º 1102). Ver o autor no cap. 17.

<sup>14</sup> Em MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em *Dicionário de História da Igreja de Portugal* (A-C), Círculo de Leitores, 2000, p. 90.

**António de Santa Bárbara**, Frei, OSA (?-?). Foi bacharel em Filosofia e Matemática pela Universidade de Coimbra e professor régio de Filosofia. Pregou este sermão que pretendia, na mentalidade do orador, acalmar os ânimos entre os vários grupos políticos que se defrontavam durante a revolução liberal. Apresentamo-lo:

- *Sermão de Ação de graças pela desejada e muito feliz união da Junta Provisória do Governo Supremo do Reino com o governo interino de Lisboa, verificada no 1.º de outubro de 1820, que, na igreja dos monges beneditinos da cidade do Porto, e no dia 22 do mesmo mês, quando o Corpo do Comércio deu o maior testemunho da sua gratidão ao Deus dos Exércitos por tão memorável benefício...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1821; 19 p.; em 4.º.<sup>15</sup>

**António dos Remédios**, Frei, OFM (?-?). Inocêncio diz que esta obra versa sobre a “difinibilidade do mysterio da Immaculada Conceição da Sanctissima Virgem” (I, p. 245; VIII, p. 293). O seu título é:

- *Dissertação histórico-crítica principalmente sobre a... fábula do glorioso triunfo... defendendo a Immaculada Conceição...*, Lisboa, Domingos Gonçalves, 1755; 28, 230 p. (BGUC, RB-11-24).

**António Maria do Couto** (1778?-1843). Era natural de Lisboa. Foi professor régio de grego, demitido de funções durante algum tempo por motivos políticos (Inocêncio I, p. 199). Escreveu:

- *Palmatória contra pedreiros-livres, refutação à herética pravidade de seus modernos escriptos, e à introdução do manifesto do Grande Oriente Lusitano por o censor profano...*, Lisboa, Impressão de Alcobia, 1821; 68 p.; 22 cm (BNP, H.G. 6727//9 V).<sup>16</sup>

**António Maria Ferreira**, Pe. (séc. XIX). Era natural da Sertã. Foi cónego capitular da Sé catedral de Angra e professor de ciências eclesiásticas no Seminário

<sup>15</sup> Sobre este sermão e seu autor, veja-se TAVARES, Pedro Vilas Boas, *A Pregação ao serviço da Revolução: O Porto e a instauração do Liberalismo num Sermão de Fr. António de Santa Bárbara*, em Revista da Faculdade de Letras do Porto – Línguas e Literaturas, 2.ª Série, vol. IV, 1987, p. 43-74. O autor do *Sermão* teria sido, segundo as ideias expostas neste artigo, o redator principal do jornal liberal “O Analista Portuense”; ver ainda Inocêncio VIII, p. 98.

<sup>16</sup> PINHARANDA GOMES, em *A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Guimarães Editores, Lisboa, 2009, 2.ª edição, p. 732, afirma que “José Agostinho de Macedo, em 1821, voltaria ao tema [maçonaria], sob o pseudónimo de António Maria do Couto, para, na *Palmatória contra Pedreiros-Livres*, atacar a maçonaria como seita perniciosa ligada ao judaísmo, com o propósito de disputar o governo do mundo ao Altíssimo”. Ora, segundo Inocêncio, a obra aqui referida não é da autoria de Agostinho de Macedo, com o pseudónimo de António Maria do Couto, mas de um autor real com este nome (I, p. 199).

diocesano. Foi notável orador e escritor (Inocêncio XX, p. 251; XXII, p. 319). Escreveu a seguinte obra:

- *Polémica científica sobre a origem da vida entre o Exmo Sr. Dr. José Augusto Nogueira Sampaio... e o Presbytero António Maria Ferreira*, Angra do Heroísmo, Tip. Fidelidade, 1895; 23, 408 p.; 20x13 cm (BNP, R. 27001 P.; BSEA; BPH).

**António Osório**, Frei, OP (1778-1865). Era natural de Lamego. O seu nome de religioso é Frei António de Santa Ana Osório (Inocêncio I, p. 216; VIII, p. 265). Traduziu do espanhol:

- *Nova sentinela contra Franc-Massões: discurso sobre sua origem, instituto, segredo e juramento...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1817; 4, 162 p.; 16 cm (BNP, H.G. 3896/12 P.; A Tradução em Portugal, 3343).<sup>17</sup>

**António Ribeiro dos Santos**, Pe. (1745-1818). Nasceu no Porto e faleceu em Lisboa. Estudou Humanidades no Brasil e Direito na Universidade de Coimbra, onde se doutorou. Foi encarregado da instituição que antecedeu a Biblioteca Nacional de Portugal em 1796. Escreveu:

- *De sacerdotio et imperio selectae dissertationes quaeis praemittitur dissertatio de Deo, de religione natural et revelata tanquam earum basis et fundamentum...*, Lisboa, Typ. Régia, 1770 (BNP, R. 15403 V).

Trata-se de uma obra em que defende o regalismo, tal como o seu contemporâneo, António Pereira de Figueiredo. Os dois tentaram apresentar um fundamento teológico, histórico e mesmo bíblico da ideologia regalista.<sup>18</sup>

- *Apontamentos de notícias extraídas da História Sagrada*, 1774; 196 fol.; ms (BNP, Cod. 4585). Inicia com uma pequena biografia de alguns personagens bíblicos: Samuel, Job, Moisés... (39 fol.); “De Captivitate Babylonica” (fol. 42-45); “Discursos sobre as Agapas e os Banquetes Sagrados entre os Judeus e os Cristãos” (fol. 50-78).
- *A Verdadeira Religião Aprovada pelos testemunhos da Escritura*, 1727; ms em 8.º (Cod. 4629).<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Inocêncio não sabe se este foi o autor da tradução ou simplesmente o editor literário, sendo o autor Lourenço Justiniano Osório, que, pelo apelido, indica haver parentesco entre ambos (VIII, 265).

<sup>18</sup> Sobre este autor, ver PEREIRA, J. Esteves, *O pensamento político em Portugal no séc. XVIII – António Ribeiro dos Santos*, INCM, 1983, sobretudo p. 89s. Sobre as Ciências e a Teologia, veja-se Idem, *Teologia e apologética em Portugal na segunda metade do século XVIII*, em Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora – Atas, vol. I, Évora, 1994, p. 133-139; Inocêncio I, p. 247-256.

<sup>19</sup> Neste mesmo código encontra-se ainda uma relação de Bíblias em latim e hebraico da

- *Memória da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses no século XVI*, em *Memórias da Literatura Portuguesa*, vol. II, 1793, p. 354-414.
- *Memórias da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses no séc. XVII*, em *Memórias da Literatura Portuguesa*, vol. III, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1792, p. 227-373.
- *Memória sobre algumas traducções e edições bíblicas menos vulgares em língua Portuguesa, especialmente sobre as obras de João Ferreira de Almeida*, em *Memórias da Literatura Portuguesa* publicadas pela Academia de Ciências de Lisboa, Lisboa, 1806, vol. VII, p. 17-59.
- *Ensayo de huma Bibliotheca Lusitana anti-rabínica ou Memorial dos Escritores Portugueses que escreveram de controvérsia antijudaica*, em *Memórias da Literatura Portuguesa*, vol. VII, Lisboa, 1806, p. 308-377.
- *Memória para a História da Typografia Portuguesa do Século XVI*, em *Memórias da Literatura Portuguesa*, vol. VIII, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1812, p. 77-147.
- *Memória da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses no presente século [XVIII]*, em *Memórias da Literatura Portuguesa*, vol. IV, Academia Real das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1792, p. 306-338. Ver o autor com outras obras nos cap. 3.1; 3.2 e 8.

**Augusto José Vieira** (1861-1919). Nasceu no Funchal, fazendo os primeiros estudos na sua terra natal, mas completou-os em Lisboa. Dedicou-se ao estudo da Filosofia positiva, tornando-se um excelente professor (Inocêncio XX, p. 471). Traduziu:

- *História dos papas: mistérios e iniquidades da Corte Romana: crimes de reis, rainhas, imperadores através dos séculos*, Lisboa, Emp. Edit. do Mestre Popular, 1893; autor: Maurício Lachatre; 5 vol.; 29x20 cm (BNP, F. 2249; UCPBP, 27-9 L143h). Inicia com uma declaração claramente iluminista. Daí também o seu título. Aproveita todas as fraquezas da Igreja...<sup>20</sup>

---

Universidade de Coimbra, com as seguintes datas: 1742, 1740, 1720, 1776, 1705, 1753, 1712, 1750, 1781, 1728, 1767 (Cod. 4629). No Códice 4586, encontramos o seguinte: “Notícias extraídas da História Eclesiástica para uso do Dr. António Ribeiro”; “Dos Deuses da Antiga Lusitânia” (fol. 98-123v); “Promulgação do Evangelho na Lusitânia” (fol. 125-145); Da Antiga Geografia Eclesiástica da Lusitânia e da Galiza - Ano de 1773” (fol. 153-187); “Compêndio da Antiga Geografia eclesiástica das Espanhas, principalmente da Lusitânia e da Galiza” (fol. 191-217v).

<sup>20</sup> Este ex. pertenceu à biblioteca de Leonardo Coimbra.

**Bartolomeu Brandão**, Frei, OESA (1747-1804). Era natural do Porto, irmão de Joaquim de Santa Clara Brandão, que foi arcebispo de Évora. Professou em Lisboa, no convento da Graça, em 1761 (Inocêncio I, p. 330; VIII, p. 361). Doutorou-se em Teologia, pela Universidade de Coimbra, com a seguinte tese:

- *Demonstratio Christianae Religionis a primordiis universi ad nostra tempora adversus atheos, ethnicos, judaeos mahumedanos, deistas, ceterosque haereticos: cui praemittuntur dissertatio de deo, atque elementa juris naturae, et gentium tanquam illius bases, et fundamenta...*, Coimbra, Typ. Academicis A. C., 1772; 80 p.; 20 cm (BNP, R. 25025// 5 P.).

**Brás José Rebelo Leite**, Pe. (séc. XVIII). Nasceu em Lisboa. Depois de instruído na gramática latina, retórica e humanidades, frequentou a Filosofia. Na Universidade de Coimbra estudou Direito pontifício, no qual recebeu o grau de bacharel em 1738. Traduziu do italiano:

- *Diálogo Sagrado sobre o Génesis*, Lisboa, Domingos Gonçalves, 1739; autor: Doutor Paulo Medici, sacerdote (BPNM, 2-2-4-15).

A obra é polémica, pois trata do problema dos judaizantes na sua relação com o pensamento católico.<sup>21</sup>

**Carlos de Jesus Maria** - 2, Frei, OFM (?-?). Era natural de Aveiro. Professou no Seminário de Brancanes a 13 de junho de 1741 (Barbosa IV, p. 7). Deixou-nos duas obras para defender a comunhão frequente:

- *Carta escrita a hum Padre Anonymo, consultando-o sobre o uso da Comunhão frequente à vista de alguns argumentos pela parte contrária*, Lisboa, por Joseph da Costa, Coimbra, 1753; em 8.º.

Contra esta *Carta* escreveu Fr. Luís da Encarnação, Carmelita Descalço, uma resposta, que foi impugnada pelo mesmo Fr. Carlos de Jesus Maria, com a obra seguinte:

- *Discurso Filosófico, Theológico, Moral e Mystico, em que com a verdade das Sagradas Escrituras, dos Pontífices, dos Concílios, dos Santos Padres, do Direito Canónico, dos Doutores e das razões se prova o uso da Comunhão frequente de quotidiano* (ms). Ver o autor no cap. 10.4.

**Carlos João Rademaker**, SJ (1826-1885). Nasceu em Lisboa, foi educado em Turim, no seio da sua família que aí vivia na altura. Aí se formou em Direito canónico e civil (Inocêncio II, p. 32; IX, p. 37). Escreveu várias obras e foi um dos grandes intelectuais do seu tempo em Portugal:

<sup>21</sup> Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 257, nota 10; Barbosa I, p. 546-547; IV, p. 500.



- *Discurso em aplauso à definição dogmática pronunciada pelo Santo Concílio do Vaticano sobre a Infalibilidade do Sumo Pontífice, pregado em Lisboa na paróquia igreja de Nossa Senhora dos Mártires, em 18 de agosto de 1870, diante do Exmo. e Rmo. Senhor Mons. Oreglia, arcebispo de Damíata, Nuncio Apostólico em Portugal...*, Lisboa, Typ. Universal, 1870; 24 fol.; 21x14 cm (BNP, R. 15028//3 P.; BSEA).
- *Discurso pronunciado em ocasião das preces públicas na peregrinação do Monte Sameiro para obter de Deus a restauração da independência do Sumo Pontífice*, Braga, Typ. Lusitana, 1871; 16 p; 20 cm (BNP, H.G., 29518//7 P.).
- *Discurso da publicação da Bulla da Santa Cruzada: recitado na Igreja de S. Roque em Lisboa...*, Lisboa, 1856, Imprensa Nacional, 1857.  
— ib., Imprensa União Typográfica, 1858; 14 p.; 22 cm (BNP, R. 29809//3 P.).
- *Pio IX, Papa e Rei, ou episódios de uma peregrinação ao Sameiro, pelo autor da Viúva do Ministro*, Comissão de S. Luís Gonzaga, Braga, Typ. Lusitana, 1874.<sup>22</sup> Ver o autor nos cap. 7.4.2; 15; 17 e 22.3.

**Carlos José Caldeira** (1811-1882). Era natural de Lisboa. Foi um jornalista católico, que escreveu diversos artigos sobre o positivismo (Inocência II, p. 33; IX, p. 38). Estes artigos foram reunidos numa obra prefaciada por Sena Freitas, com o título:

- *O positivismo e a sociedade*, Guimarães, Centro de Propaganda Catholica em Portugal, 1882; 329 p.; 19 cm (BNP, S.A. 17184 P.). Nestes artigos, o autor zomba do “positivismo português” e confessa que se apoiou numa obra francesa, *Les doctrines positivistes en France*, 1873, de um autor competente na matéria, o Pe. A. Guthin, professor de Filosofia em Colmar.<sup>23</sup> Ver o autor no cap. 19.6.5.

**Custódio M. Veloso**, Pe. (1845-1910). Era natural de Vila do Conde. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Foi redator e diretor da *União Católica* de Braga. Pensa-se que foi padre. Fez várias traduções e escreveu uma obra de caráter filosófico, que aqui mencionamos:

- *Brados d'alma: breves dissertações sobre assumptos de Religião, Phylosophia e Lit-*

<sup>22</sup> Sobre Rademaker e suas obras, veja-se, OLAIÓ, Nuno, *Carlos João Rademaker (1828-1885), Percurso do restaurador da Companhia de Jesus em Portugal*, Lusitania Sacra 12, 2.ª Série, 2000, p. 65-119.

<sup>23</sup> Obra referida por MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), Círculo de Leitores, 2000, p. 96. A introdução de Sena Freitas entrou mais tarde na coleção “Ciência e Religião”.



*teratura*, Braga, Typ. Lusitana, 1873; 298 p.; 20x13,5 cm (FLUP, PV/4092; BJPII).<sup>24</sup>

**Eduardo Augusto Salgado** (1833-1870). Nasceu no Porto, onde foi jornalista. Faleceu ainda jovem (Inocência IX, p. 158). Traduziu:

- *Vida de Jesus, por Ernesto Renan*, Porto, Typ. de António José da Silva Teixeira, 1864; 56, 412 p.; 21 cm.
- *Ib.*, Lello & Irmão, 1961; Tít. orig.: *La vie de Jésus*; 56, 418 p.; 20 cm (BNP, R. 33444 P.).
- *Ib.*, mesmo impressor, [D.L. 1969]; 56, 418 p.; 20 cm (BNP, R. 35255 P.).
- *3.ª edição*, Porto, Livraria Chardron, 1905; 58, 378 p.; 19 cm (BNP, R. 43455 P.).
- *4.ª edição*, *ib.*, mesmo impressor, 1915; 58, 376 p.; 18 cm (BNP, R. 35538 P.; FLUP, 232R327v - Fundo Primitivo).
- *Os Apóstolos, por Ernesto Renan*, Porto, Typographia de António José da Silva Teixeira, 1866; autor: Ernest Renan; 44, 239 p.; 21 cm (Univ. Minho Serv. Documentação, BCEP 291.1).
- *2.ª edição*, *ib.*, Livraria Chardron, 1904; 60, 295 p.; 18 cm (BNP, R. 41714 P.).
- *3.ª edição*, *ib.*, mesmo impressor, 1925; 19 cm (BNP, L. 29250 P.; BJPII, CP-R7).

**Eduardo Pimenta** (1865-1922). Traduziu:

- *Os Evangelhos e a segunda geração cristã*, Porto, Livr. Chardron de Lello & Irmão, 1911; autor: Ernest Renan; 29, 287 p.; 19 cm (BNP, H.G. 18200 P.).
- *Ib.*, Lello & Irmão, 1929; 29, 296 p.; 19 cm (BNP, R. 32407 P.).
- *A Igreja cristã*, Porto, Lello & Irmão, [19--]; autor: Ernest Renan (BNP, H.G. 18015 P.).

**F. F. da Silva Vieira** (1831-1885). Traduziu:

- *Vida de Jesus por Ernesto Renan*, Lisboa, Typ. do Futuro, 1865; 202 p.; 20 cm (BNP, H.G. 188 P.).

**Fernando Teles da Silva Caminha e Meneses** / 4.º Marquês de Penalva (1754-1818). Seguiu a vida militar, assentando praça em cavalaria. Pertencia ao par-

<sup>24</sup> JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em *Lusitania Sacra* 12, 2.ª Série, 2000, p. 398.

tido miguelista, acompanhando sempre o infante D. Miguel e o exército realista até à convenção de Évora Monte. Como regalista convicto, escreveu:

- *Dissertação a favor da Monarquia, onde se prova pela razão, autoridade, e experiencia ser este o melhor, e mais justo de todos os Governos...*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1799; 144 p.; 21 cm (BEP, 8205-14-6).

**Francisco Coelho da Silva** (ca. 1786). Segundo Inocêncio, exerceu alguns lugares de magistratura, e em 1786 era Juiz de fora em Mértola. Tornou-se suspeito e, como tal, perseguido pelo intendente Pina Manique (II, p. 365; IX, p. 279-280). Traduziu:

- *O deísmo refutado por si mesmo ou exame dos princípios de incredulidade, espalhados nas diferentes obras de João Jacques Rousseau em forma de cartas*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1787; autor: Mr. Bergier (1718-1790); 76, 522 p.; 17 cm (BNP, R. 11822 P.; A Tradução em Portugal, 1670).

— Ib., mesmo impressor, 1788 (A Tradução em Portugal, 1729). Ver o autor nos cap. 8 e 10.7.<sup>25</sup>

**Francisco Correia de Portocarreiro, Pe.** (ca. 18??). Traduziu:

- *Os Mystérios da Franc-Maçonaria revelados por Léo Taxil*, Porto, António Douro, 1892; il.; 4 vol.; 28 cm (BNP, H.G. 11907 V.; BSEA). Ver o autor no cap. 22.5.

**Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar** / 2.º Conde de Samodães (1828-1918). Nasceu em Cambade, Gaia, e faleceu no Porto. Estudou Matemática na Universidade de Coimbra. Redigiu largos anos “A Palavra”, diário católico do Porto. Foi várias vezes deputado; presidente da Câmara do Porto e Ministro da Fazenda em 1868-1869 (Inocêncio IX, p. 267; XVIII, p. 251; XIX, p. 162). Escreveu:

- *Byssus, Abyssum Invocat* [Sl 41,8] — a propósito da segunda edição correcta do poema “A Delfina do Mal”, por Tomás Ribeiro; algumas reflexões por..., Porto, Typ. da Palavra, 1881; 71 p.; 19 cm (BNP, L. 41610//4 P.). Ver o autor nos cap. 8; 10.2; 10.4; 10.7.

**Francisco Martins, Pe.** (ca 18??). Escreveu:

- *A Hierographia e a Divindade do Christianismo*, Coimbra, Impr. da Universidade, 1887; 116 p.; 25 cm (BNP, R. 2530//2 A.). Ver o autor no cap. 14.

<sup>25</sup> Título original: *Le Déisme refuté par lui-même ou l'examen des principes d'incredulité répondus dans les divers ouvrages de M. Rousseau, en forme de lettres*, Paris, 1765.

**Francisco Recreio**, Pe. (1800-1857). Era filho de pai espanhol e mãe portuguesa. Segundo alguns, nasceu em Lisboa, mas, para outros, foi numa aldeia da freguesia do Monte da Caparica. Foi presbítero secular, mas, antes tinha sido oratoriano. Morreu vítima de febre-amarela (Inocêncio III, p. 41-43). Escreveu:

- *Justa desafronta em defesa do Clero, ou refutação analítica do impresso “Eu e o Clero”: Carta ao Exmo. Cardeal-Patriarca por A. Herculano*, Lisboa, Tipografia de António José da Rocha, 1850; 128 p.; 21 cm (UCBPB, 27-285.2 R248j).<sup>26</sup>
- *Sincera defeza da verdade em desaffronta do clero, ou antidoto analytico contra as intitulas considerações pacíficas sobre o opúsculo “Eu e o Clero”: carta ao redactor do periódico “A Nação” por A. Herculano*, Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1850; 164 p.; 24 cm (BNP, H.G. 5806//12 P.; CBAP, n.º 1780).

— Ib., mesmo impressor, 1851; 164 p.; 21 cm (BNP, R. 25219 P.). Ver o autor nos cap. 4.1; 22.2.

**Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva** (ca. 1834-1900). Era oriundo de Vila Seca de Armamar (Lamego), filho de um rabino espanhol da Síria. Emigrou para o Brasil onde aderiu à Reforma protestante e se notabilizou como lexicógrafo e hebraísta. Escreveu:

- *O catholicismo romano, ou A velha e fatal illusão da sociedade*, Empresa Editora Brasileira, 1932; 243 p.; escreveu esta obra como despedida do sacerdócio católico em 1888. Ver o autor nos cap. 3.1; 6.1 e 9.

**Francisco Xavier de Oliveira / Cavaleiro de Oliveira** (1702-1783). Era natural de Lisboa. Com 27 anos, é feito Cavaleiro da Ordem de Cristo. A Inquisição proíbe a divulgação das suas obras em Portugal. Em 1744 viaja para Londres, procurando obter apoio do novo embaixador, Sebastião José de Carvalho e Melo. A 22 de julho de 1746 abjura oficialmente o catolicismo, convertendo-se ao protestantismo. Parte das suas obras foram editadas na Holanda.<sup>27</sup> Deixamos aqui algumas:

- *Opúsculos contra o Santo-Ofício*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1942; XI, 142, 3 p.; 26 cm (BNP, R. 11213 V).

<sup>26</sup> Este exemplar pertenceu à biblioteca de Leonardo Coimbra.

<sup>27</sup> PORTELA, Artur, *Cavaleiro de Oliveira, aventureiro do século XVIII – Temas portugueses*, INCM, Lisboa, 1982; RODRIGUES, António Gonçalves, *O protestante lusitano: estudo biográfico e crítico sobre o Cavaleiro de Oliveira*, Coimbra Ed., 1950; nesta obra diz-se: “A cerimónia da abjuração realizou-se em 22 de Junho de 1746 ‘dans l’Eglise Française nommé des Grecs’ hoje desaparecida.” (p. 134). Para uma série de bibliografia sobre este personagem, ver PAULO BRANCO, *Subsídios para uma Bibliografia do Protestantismo no espaço Lusófono*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 9-10, ano V, 2006, p. 67; Inocêncio III, p. 90-93.

- *Mille et une observations sur divers sujets de Morale, de Politique, d'Histoire, & de Critique...*, Amesterdão, 1791; 6, 159 p. (BNP, Res. 2287 P.).
- *Oeuvres mêlées ou discours historiques, politiques, moraux, littéraires, & critiques: publiés dans les mois de janvier, février, mars & avril [mai, juin, juillet & août; septembre, octobre, novembre & décembre] 1751, sous le titre de "Amusement Periodique"*, Londres, [s.n.], 1751; 3 vol.; 17 cm (BNP, Res. 236 V. - 238 V.).
- *Mémoires de Portugal, avec la Bibliothèque Lusitane, dedicada a D. Manuel de Portugal*, Amesterdão, 1741; 2 vol.; 16x10 cm (BNP, H.G. 36443 P.: t. 1, 24, 384 p.; BPB, Res. 526 A. - 527 A.).
- *Mémoires historiques, politiques, et littéraires, concernant le Portugal*, A La Haie, Adrien Moetjens, 1743; 2 vol.: X, 22, 384 p. e 16, 384 p.; 17 cm (BNP, Res. 1123 P. - 1124 P.; BJPII, EC-946.9 OLIV).
- *Reflexoens de Felix Vieyra Corvina de Arcos...* [Cavaleiro de Oliveira] *sobre a Tentativa Theológica composta pello reverendo e douto Padre António Pereyra, da Congregação do Oratório de Lisboa*, Londres, Oficina de Jacob Lister, 1767; 95 p.; 17 cm (BNP, Res. 66/1 P.; BL, 3901.bb.46).<sup>28</sup>  
— *Nova edição: prefácio de Eduardo Moreira*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929; XXV, 95 p.; 27 cm (BNP, R. 22741 P.).
- *Tratado do princípio, progresso, duração e reino do reynado do Anti-Cristo, oferecido à nação portuguesa*, Londres, 1768; ms (ANTT, maço 8 068-120-154). Ver o autor no cap. 22.1

**Guilherme Eusébio Andrews** (?-?). Escreveu:

- *Exame crítico e histórico do livro dos martyres de Fox, em que se mostram os erros, falsidades, e exagerações daquela obra fraudulenta*, Lisboa, Typ. de Bulhões, 1828; 8, 527, 4 p.; 22x14 cm (BNP, H.G. 10121 P.; BSEA).

**Inácio Ferreira do Souto** (séc. XVIII). Era natural de Lisboa. Estudou na Universidade de Coimbra, entre 1728-1731, onde se doutorou em Direito. Era ho-

<sup>28</sup> Inocêncio afirma: "O nome do supposto auctor forma incontestavelmente o anagramma perfeito de Francisco Xavier de Oliveira. Este, tomando por thema o livro do P. Pereira, vai muito mais adiante que elle, pois ataca com a maior virulência, e a descoberto, a primasia papal, e estabelece princípios e máximas próprias do protestantismo estreme, que já então professava, encaminhando bem claramente os portuguezes a apartarem-se da communhão da Igreja romana, e a desligarem-se de toda a obediência ao papa. Se esta obra lhe foi encomendada pelo ministério portuguez (como tenho alguma razão de suppôr), foi sem duvida muito alem do que se queria, escrevendo em termos taes, que não era possível que a leitura d'ella fosse permitida no reino" (III, p. 92).

mem da confiança do Marquês de Pombal. Escreveu, em favor da sua política, uma obra muito contestada:

- *De Potestate Regis*, Lisboa, 1760.<sup>29</sup>

J. A. X. de Magalhães (1833-1902). Traduziu:

- *Vida de Jesus*, Lisboa, J. A. X. de Magalhães, 1864; autor: Ernest Renan; 202 p.; 20 cm (BNP, H.G. 187 P.).

João Baptista, Frei, OSA (1733-1788), e Francisco Forjaz, Frei, OSA (ca. 1814). João Baptista nasceu em Lisboa e faleceu em Coimbra. Foi reitor do colégio da sua Ordem em Coimbra (Inocêncio III, p. 298-299). Escreveram:

- *Os Frades julgados no tribunal da razão: obra posthuma*, Lisboa, Impr. Régia, 1811; 145 p.; 20 cm (BNP, R. 23985 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1814; 149 p.: il.; 22 cm (BNP, H.G. 3099 P.).

A obra trata de um dos fatores que contribuiu para que o governo extinguisse as Ordens monásticas: a oposição entre o clero regular e o secular. Ver o autor no cap. 10.2.<sup>30</sup>

João da Madre de Deus Araújo, Frei, OSA (1760-1843). Nasceu em Guimarães e morreu em Lisboa. Na sua Ordem exerceu vários cargos (Inocêncio III, p. 403; X, p. 300). Escreveu uma obra a favor da união da Igreja e Estado, numa época perturbada pelo conflito entre os dois poderes:

- *O Amigo da religião e do rei: ou o Amigo do altar e do throno, para formar a boa educação da mocidade portugueza...*, Lisboa, Impressão Régia, 1827; 71 p.; 16 cm (BNP, R. 29831/8 P.). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.4; 14 e 15.

João Duarte Beltrão, Pe. (1769-1851). Nasceu em Pedrógão Pequeno. Foi presbítero secular. Bacharel formado em cânones, beneficiado colado na Igreja da Colegiada de S. Cristóvão da cidade de Coimbra (Inocêncio III, p. 364; X, p. 238). Compilou:

- *Collecção das leis dos hereges pedreiros livres, contra os verdadeiros christãos*, Coimbra, Imprensa da Rua dos Coutinho, 1823; só foi publicado o t. 1: 1.<sup>a</sup> pt.; 32, 3 p.; 23 cm (BNP).

<sup>29</sup> Referência ao autor em RODRIGUES, Neuma Brilhante, *Para a utilidade do Estado e "Glória À Nação": A Real Casa Pia de Lisboa nos Tempos de Pina Manique (1780-1805)*, em Revista Territórios e Fronteiras V.1 N.2 – Jul/Dez 2008; Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História do ICHS/UFMT.

<sup>30</sup> ALMEIDA, António Vitorino de, *O Império da Vontade e a Raiz Cristã da Descristianização*, Coimbra, Imp. da Universidade, 2017, p. 172; sobre esta obra, ver o que diz Inocêncio III, p. 298-299.

- Traduziu: *Bulla... contra os Pedreiros-Livres. Mandada publicar pela piedade e decidido amor à religião e ao trono da... Imperatriz e rainha Carlota Joaquina de Bourbon*, Lisboa, Régia Typ. Silviana, 1828; autor: Leão XII; 95 p.; em 8.º (BNP; A Tradução em Portugal, 4114).

**João Evangelista de Lemos** (?-?). Traduziu:

- *Pensamentos Teológicos próprios para combater os erros dos filósofos livres do século*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1784; autor: Nicolas Jamin; 2 vol.; 15 cm (BJPII, 239.7 JAM-LEM; CBAP, n.º 1098: t. 2, 284 p.).

**Joaquim de Azevedo**, Frei, OSA (1746-1808). Era natural de Vila Viçosa. Professoreu no convento da Graça, em Lisboa, 1762. Estudou Teologia na Universidade de Coimbra, onde depois veio a ser lente (Inocêncio IV, p. 68). Escreveu:

- *Pro Vulgata Sacrorum biblicorum latina editione contra Sixtinum Amama Liber Apologeticus...*, Lisboa, Typ. Régia, 1792 (BNP, R. 2810 A.; BME, FA169; BAJUDA, 1-VIII-12). Ver o autor no cap. 10.5.<sup>31</sup>

**Joaquim Gomes Teixeira** (séc. XVIII). Formado em leis pela Universidade de Coimbra, seguiu a carreira da magistratura (Inocêncio IV, p. 82). Traduziu do italiano uma obra contra os Jesuítas:

- *Confrontação da doutrina da Igreja com a doutrina da sociedade dos Jesuítas*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1770; 2, 18, 353 p.; 17 cm (BNP, H.G. 2862 P.; A Tradução em Portugal, 1156; LC).

**Joaquim José Pacheco e Sousa**, Dom (1769-1857). Era natural de Lisboa. Foi secretário de D. Carlos da Cunha, cardeal de Lisboa, e bispo da Guarda. Dadas as circunstâncias políticas, retirou-se para Itália no reinado de D. Maria II (Inocêncio IV, p. 107 e 446; XII, p. 89). Escreveu contra os que atacavam a doutrina tridentina:

- *Concílio Tridentino Vindicado ou Demonstração Crítico-Canónica da Genuína Orthodoxa Intelligência do mesmo Sagrado Concílio no Cap. VIII Ses. XIV...*, Lisboa, Imprensa de Alcobia, 1808; XVI, 327 p.; 16x11 cm (BNP, S.C. 14240 P.; BSME).<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Nesta obra ataca os religiosos reformados e sobretudo “Sixtinus quidam Amama Frisius in audacíssima quadam iniquíssimaque censura contra Vulgata latinam versionem edita” (ver Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 257).

<sup>32</sup> Este “capítulo VIII” pertence à teologia do sacramento da penitência, concretamente sobre a “satisfação” pelos pecados cometidos, afirmando o Concílio: “... O santo Sínodo declara ser absolutamente falso e contrário à palavra de Deus a afirmação de que o Senhor nunca perdoa a culpa sem perdoar completamente a pena... Além disso é conforme à divina clemência que não nos sejam perdoados os pecados, sem exigir de nós alguma satisfação, para evitar...” que

**Joaquim José Pedro Lopes** (1778?-1840). Era natural de Lisboa. Com inclinação para as letras procurou como orientador o padre José Agostinho de Macedo (Inocêncio IV, p. 107; XII, p. 93). Como conhecedor da língua francesa, traduziu uma obra contra as ideias da Revolução:

- *Os precusores do anti-christo: história profética dos mais famosos ímpios que tem havido desde o estabelecimento da Igreja até aos nossos dias ou a Revolução Francesa profetizada por S. João Evangelista*, Lisboa, Imprensa Régia, 1791 (BSEA; A Tradução em Portugal, 1914).

— Ib., mesmo impressor, 1818; 8, 38 p.; 16 cm (BJPII, SARD-0416).

— 2.<sup>a</sup> edição correcta, ib., mesmo impressor, 1825; 8, 380 p.; 14 cm (BNP, H.G. 1962 P.; BJPII, CP-R281; A Tradução em Portugal, 3951).

- *A religião provada pela Revolução, ou exposição das prevenções decisivas, que, a favor do cristianismo, resultão da Revolução, de suas causas e de seus efeitos*, Lisboa, Impr. Régia, 1819; autor: Abbade Clausel de Montals; 308 p.; 14 cm (BNP, H.G. 1964 P.). Ver o autor no cap. 22.5.

**Joaquim Simões da Silva Ferraz** (1834-1875). Era natural do Porto. Foi professor no Liceu Nacional de Lisboa (Inocêncio IV, p. 156). Traduziu:

- *O verme roedor das sociedades modernas: ou o paganismo na educação*, Porto, F. G. da Fonseca, 1856; autor: Jean Joseph Gaume; 232 [i.e. 234] p.; 19 cm (BNP, S.A. 2305 P.). Ver o autor no cap. 15.

**Joaquim Teófilo Fernandes Braga** (1843-1924). Era natural de Ponta Delgada. Foi um poeta, sociólogo, político, filósofo e ensaísta literário português. Doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra, fixou-se em Lisboa em 1872, onde lecionou literatura no Curso Superior de Letras (atual Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Escreveu algumas obras de carácter polémico:

- *Origens poéticas do christianismo*, Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 1880; VII, 296 p.; 19 cm (BNP, H.G. 16161 P.). Trata-se de uma obra anticristã, no sentido em que confunde o cristianismo com as religiões antigas, a religião dos mistérios (pagãos), afirmando aí a sua origem.
- *As lendas christãs*, Porto, Livraria Int. de Ernesto Chardron, 1892; 12, 400 p.; 19 cm (BNP, H.G. 8403 V.). É do mesmo jaez da obra anterior. Ver o autor no cap. 17.

---

pequemos mais ainda, ultrajando o Espírito Santo (Denzinger, n.º 1689-1690, de 25.11.1551). Trata-se de um assunto de polémica antiprotestante.



**José Agostinho de Macedo, Pe.** (1761-1831). Era oriundo de Beja. Primeiramente foi membro da Congregação dos Eremitas Agostinianos, mas não tendo vocação claustral saiu. Foi escritor, pregador real e uma das principais figuras do séc. XIX. Falou contra o liberalismo e a maçonaria em Portugal. Defensor da pureza da fé e do pensamento católico tradicional (Inocência IV, p. 183-215). Traduziu:

- *O Segredo Revelado ou Manifestação do Systema dos Pedreiros-Livres e Illuminados, e sua Influência na fatal Revolução Francesa: Obra Extraída das mesmas para a História do Jacobinismo do Abbade Barruel. Publicada em portuguez para confusão dos ímpios, e cautela dos verdadeiros Amigos da Religião, e da Pátria*, Lisboa, Impressão Régia, 1809-1810; autor: Augustin de Barruel; 3 vol.; 15 cm (BNP, L. 69018 P. - 69020 P.; BME, JHT1535; BJPII, MC-267; A Tradução em Portugal, 2882). Esta obra é contra a maçonaria.
- *Refutação dos princípios metafísicos e moraes dos Pedreiros Livres iluminados*, Lisboa, Imprensa Régia, 1816; 9, 251 p. (BNP, L. 69009 P.; BME, JHT1221).
- *Os frades ou reflexões filosóficas sobre as corporações regulares*, Lisboa, Impr. Régia, 1830; 76 p.; 22 cm (BNP, H.G. 6730//9 V.).
- *Manifesto do Grande Oriente Lusitano contra a Loja Regeneração e Circulares e Protestos desta Contra o Grande Oriente acompanhado da Censura, e Eruditíssimas Reflexões...*, Lisboa, Typ. de Bulhões, 1829; 45 p.; 22 cm (BNP, L. 23771 V.).
- *Considerações Christãs e Políticas sobre a Enormidade dos Libellos Infamatórios...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1811; 38 p.; 22 cm (BNP, H.G. 12149//13 V.).
- *Exorcismos contra Periódicos, e outros malefícios...*, Lisboa, Officina da Viúva de Lino da Silva Godinho, 1821; 34 p.; 15 cm (BNP, L. 69092 P.).
- *A Verdade ou Pensamentos Filosóficos sobre os objectos mais importantes à Religião e ao Estado*, Lisboa, Impressão Régia, 1814; 5, 173, 5 p.; 15 cm (BNP, L. 69017 P.).
  - *Nova edição*, Lisboa, Impressão Silviana, 1828; 6, 173, 5 p.; 16 cm (BNP, L. 69007 P.).
  - Pernambuco, 1837 (Fortunato de Almeida III, 408).
- *O Homem ou os Limites da Razão: Tentativa Filosófica*, Lisboa, Imprensa Régia, 1815; 182 p.; 15 cm (BNP, L. 69000 P.).
- *Cartas Filosóficas a Attico*, Lisboa, Impressão Régia, 1815; 331 p.; 15 cm (BNP, L. 69021 P.).
- *Os Jesuítas ou o Problema que resolveo e ao muito Alto e muito Poderoso Rei o*



*Senhor D. Miguel I, Nosso Senhor, Consagrou José Agostinho de Macedo*, Lisboa, Impressão Régia, 1830; 27 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6661//1 V). É uma obra de combate ao liberalismo intransigente. Ver o autor no cap. 14.<sup>33</sup>

**José António da Conceição Vieira**, Pe. (1831-?). Nasceu em Alcoutim (Algarve). Foi presbítero secular, exercendo funções em várias paróquias algarvias e, mais tarde, também em Lisboa (Inocêncio XII, p. 224). Escreveu:

- *O Apocalypse e a Magia*, Lisboa, Typ. Matos Moreira, 1886; 224 p.; 17 cm (BNP, R. 25106 P.). Ver o autor nos cap. 4.1 e 13.1.

**José de Sousa Amado** (1812-1878). Foi autor de:

- *A “Questão Nuncio” ou Observações sobre as apresentações de presbíteros para bispos e não aceitação delas pelo Nuncio...*, Lisboa, Typ. Universal, 1883; 96 p.; 19x13 cm (BNP, H.G. 23296//4 P.; BSEA).
- *História da Igreja Católica em Portugal e possessões*, 1872; 10 vol. É uma obra mais de caráter apologético do que histórico.

**José Francisco Trindade Coelho** (1861-1908). Nasceu em Mogadouro e faleceu em Lisboa. Com o grau de bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, exerceu as funções de delegado do Ministério Público na comarca do Sabugal e, depois, na de Lisboa. Foi escritor de grande mérito. Dedicou-se a uma intensa atividade pedagógica, na senda de João de Deus, tentando elucidar o cidadão português para a democracia. Numa carta dirigida ao “Correio da Noite” afirma:

“Ah! Meus amigos, a Bíblia é o único livro e a sua leitura a única literatura”.

E, num postal de 26.04.1902, diz:

<sup>33</sup> Com o liberalismo triunfante de 1834, “o episcopado ultramontano e miguelista reage publicando pastorais de intransigente repúdio pela supressão das liberdades e jurisdição eclesiásticas. Entre outros, Dom Joaquim da Nazareth, bispo-conde de Coimbra, Dom Frei Fortunato de São Boaventura, arcebispo de Évora... O cisma, no entanto, ocorreu, inevitável, com um infundo cortejo de danos, ao longo de onze anos (1832-1843) e sequelas irreparáveis na vida religiosa do país: alguns bispos perseguidos, outros exilados; nuncio expulso e relações com a Santa Sé suspensas; párocos vigiados e demitidos; culto perturbado e decaído do tradicional esplendor; eclesiásticos intrusos e autoridades hierárquicas desrespeitadas; Seminários encerrados; clero disperso e pauperizado; conventos extintos, suprimidos e profanados, arrolados à Fazenda Nacional e vendidos os patrimónios...” (MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), p. 90); sobre este cisma, veja-se ainda FERREIRA, José Augusto, *Memórias para a História dum cisma (1832-1842)*, Braga, Cruz e Companhia Editores, 1916. Pelo decreto de 30 de maio de 1834, foram extintos 356 conventos de frades e monges, com 5061 religiosos. Estes, por vezes grandes sábios, ficaram entregues a si próprios, levando uma vida faminta, quando não tinham familiares capazes de os ajudar. As bibliotecas dos conventos sofreram assaltos e muitos outros danos e foram mesmo roubadas pelos amigos do regima liberal.

“Sabe que eu tenho muitas Bíblias: sobre a minha mesa, em todas as estantes, à cabeceira da cama, na sala de jantar e até no tribunal e... no bolso? É a minha grande leitura”.<sup>34</sup>

A SBBE ofereceu-lhe um exemplar luxuoso da Bíblia Sagrada como sinal de reconhecimento pelo serviço prestado na divulgação da Bíblia em Portugal.<sup>35</sup>

- *A Bíblia Sagrada Católica e Protestante*, Troviscal, Igreja Evangélica Baptista, 1960; 2 fol.; 16 cm (BNP, R. 32980 P.; BPMP, H7-8-38[27]).

**José Gonçalves de Aguiar**, Pe. (1831-?). Foi bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocêncio XII, p. 349). Traduziu do francês:

- *Morte ao clericalismo ou ressurreição do sacrifício humano*, Lisboa, Livr. Catholica, 1879; autor: Jean Joseph Gaume; 156, 2 p.; 21 cm (BNP, R. 25159 P.; BSEA).

Nesta obra, o autor percorre os séculos para exemplificar os sacrifícios humanos da barbárie de todos os tempos contra a Igreja, que se repete no século em que escreve. Ver o autor nos cap. 10.6; 10.8 e 22.3.

**José Joaquim de Sena Freitas**, Pe., CM (1840-1913). Natural de Ponta Delgada, foi sacerdote, orador sacro e polemista português. Publicou um extenso conjunto de obras, a maior parte sobre questões religiosas e de moral. Foi discípulo de Antero de Quental. Faleceu no Rio de Janeiro, mas as cinzas vieram para a sua terra natal. Foi um dos grandes homens da nossa cultura e da Igreja, no período em que nos encontramos neste 5.º volume. A sua cultura era multifacetada, abrangendo domínios como a teologia, pedagogia, filosofia, literatura, crítica literária, etc. Conviveu com António Feliciano de Castilho. Orientado pelo pai, também escritor, para seguir a carreira eclesiástica, frequentou o Seminário de Santarém, mas seguiu depois para Paris, entrando na Congregação da Missão (Lazaristas).

Foi professor do Seminário e missionário em várias partes do Brasil. Abraçando a causa da Igreja, que se debatia contra o regalismo, combateu em várias frentes em favor dela: artigos nos jornais, folhetos, sermões, conferências... Tentou juntar todas as tendências católicas numa *União Católica*, contra os inimigos da Igreja de então. O seu combate tinha várias frentes principais: o laicismo, liberalismo, protestantismo, republicanismo, socialismo... Numa palavra, defendeu os valores do cristianismo, como essenciais para o pro-

<sup>34</sup> Em “Sinais dos Tempos”, 1.º trimestre, 1998, p. 15.

<sup>35</sup> TRINDADE COELHO, *Auto-biographia e Cartas*, Lisboa, A Editora, 1910, p. 107; Prefácio de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos; XXV, 213 p.; 23 cm (BNP, H.G. 52424 V.).



gresso da humanidade. Regressado a Portugal, foi nomeado cónego da Sé Patriarcal de Lisboa, onde se manteve até ao triunfo da República (1910). Depois, partiu novamente para o Brasil, onde faleceu.<sup>36</sup> Deixou vasta obra literária:

- *Autópsia da velhice do Padre Eterno*, S. Paulo, 1886.

— 2.<sup>a</sup> edição, Porto, Livr. Int. Ernesto Chardron, 1888; 99 p.; 18 cm (BNP, H.G. 10693 V.; BSEA).

— 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 1900; esta edição está acrescentada com um Corretivo, que não se encontra nas edições anteriores. Nesse Corretivo, Sena Freitas ataca e defende-se de Guerra Junqueiro devido a uma polémica entretanto levanta

entre os dois por um terceiro anónimo, que escreveu umas poesias imundas contra Sena Freitas em nome de Guerra Junqueiro.<sup>37</sup>

<sup>36</sup> Sobre o autor, ver Vv., *Homem de palavra: Padre Sena Freitas: estudos inéditos e autobiografia*, em Congresso Internacional “Igreja, Sociedade e Cultura – O Padre Sena Freitas e o seu Tempo”; org. Universidade Católica Portuguesa; coord. Luís Machado de Abreu et al.; pref. D. Manuel Clemente, Lisboa, Roma Editora, 2008; 846 p.; 24 cm (BNP, R. 25315 V.); Inocêncio XIII, p. 41; XVIII, p. 107; XX, p. 78. NEVES, Moreira das, *Guerra Junqueiro e o Padre Sena de Freitas*, em “As grandes Polémicas Portuguesas”, Verbo, Lisboa, 1964, vol. II, p. 319-349.

<sup>37</sup> Deixamos aqui um pequeno extracto da obra, que é uma crítica ao poema “Velhice do Padre Eterno” de Guerra Junqueiro, citado em Inocêncio XX, p. 78: “... O que na realidade envelheceu foi a musa de Guerra Junqueiro. Mette dó vê-la. Mirrada por uma consumpção súbita, affectada de um amolecimento de espinha, que se revela por uma tremura constante, arqueada como a lamina da espada que o duelista experimenta entre o guarda-mão e o solo, mais calva que um joelho, affectada de demência senil, apenas coberta com o manto espipado que outr’ora pertenceu a Diogenes, enovelado a um canto do seu albergue, entretem-se a fazer bonecos de retalhos e a baptizá-los de deuses...”; sobre esta polémica, veja-se ainda PEREIRA, Henrique Manuel S., *Litré e o Padre Sena Freitas: no quadro da polémica entre Sena Freitas e Junqueiro – I e II*, em *Brotéria* 165 (2007), p. 263-278 e 373-392, respetivamente. A propósito do mesmo tema de Guerra Junqueiro, uma nova polémica foi forjada entre ele e Sena Freitas, por um intermediário, que fez uma “poesia imunda e injuriosa” contra Sena Freitas, no contexto de uma missa que este celebrou em Braga por alma do revolucionário e cientista francês Émile Littré, que se teria convertido ao catolicismo pouco tempo antes da sua morte. O certo é que tal poesia andava manuscrita e falsamente atribuída a Guerra Junqueiro. Sobre o tema, veja-se PEREIRA, Henrique Manuel S., *Litré e o Padre Sena Freitas no quadro da polémica entre Sena Freitas e Junqueiro-I-II*,

- Traduziu do francês e anotou: *Jesuitas*, Porto, Livr. Internacional de Ernesto Chardron, 1878; autor: Paul Féval; 2 vol.; 20x12 cm (BNP, R. 30020 P. - 30021 P.; BSEA; SJBrot, 2/10-11A.).
- *Luctas da Penna*, Lisboa, Typografia Universal, 1901-1902; 2 vol: 302 e 304 p.; 19 cm (BNP, H.G. 23170 P.; BSG); obra com temas muito variados.
- *No Presbytério e no Templo*, Porto e Braga, Liv. Internacional de Ernesto e Eugénio Chardron, 1874; 2 vol.: 292 e 302 p.; 19 cm (BSME: vol. I).<sup>38</sup>  
— 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Lallémant Frères, 1884; 19 cm (BNP, TR. 383 P. - 384 P.; BSME: vol. 2).
- Traduziu: *Evangelho segundo Renan ou Refutação da Vida de Jesus d'este auctor...*, Porto, Typ. da "Palavra", 1873; "opuscule livremente trasladado a português da 25.<sup>a</sup> edição francesa e anotado pelo Padre J. J. Senna Freitas..."; autor: Henrique Lasserre (1828-1900); 5, 74 p.; 18 cm (BNP, R. 37575 P.; BSME).  
— Rio de Janeiro, Companhia Impressora, 1893; Edição popular; XVIII, 78 p.; em 8.<sup>o</sup> (BNRJ, 322, 3, 11; BSME).
- *Os Lazaristas pelo "lazarista" sr. Ennes*, Porto, Livraria Central de J. E. da Costa Mesquita, 1875; 75 p.; 18 cm (BNP, F. 7265). Enc. com "Os Críticos do Cancioneiro Alegre" de Camilo Castelo Branco.
- *Cartas ao Sr. Enes*, 1876.
- *Quem são os verdadeiros reacionários?*, Coimbra, Tip. França Amado, 1901; 48 p.; 19 cm (BNP, L. 25458//11 P.). É um folheto em que explica o direito de fundar e de viver numa Ordem religiosa.
- *A Alta Educação do Padre: Introdução, nacionalização e commentação de dois notáveis discursos de Monsenhor Spalding, Bispo de Peoria nos Estados Unidos*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1909 (FLUP, PV/1525).<sup>39</sup>
- *Historicidade da existência humana de Jesus*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1910; 211 p.; 20 cm (BNP, H.G. 18188 P.; BJPII, CP-B1369). Contra o infeliz libelo de Emílio Bossi: Jesus Cristo nunca existiu.

---

em Brotéria 165 (2007), p. 263-278 e 373-392.

<sup>38</sup> Títulos de alguns capítulos do vol. 1: O ideal christão nas bellas-artistas; Estudos histórico-christãos; Indifferentismo religioso; Claro-escuro dos mysterios da fé, etc.; o vol. 2 contém: Oito anos nos sertões da América do Sul ou O Brasil por dentro.

<sup>39</sup> FRANCO, José Eduardo (ed. lit.), *A Alta Educação do Padre*, Lisboa, Roma, 2003; 168 p.; 23 cm (BNP, R. 23468 V.).

- *O positivismo sob o aspeto filosófico, moral, sociológico e religioso*, 1893.<sup>40</sup>
- *Dia a dia de um espírito christão*, 1881.
- *Escriptos cathólicos de hontem*.

Traduziu:

- *Os santos da Igreja cathólica*.

**José Joaquim Rebelo Maia** (?-?). Inocêncio desconhece dados biográficos do autor (Inocêncio XIII, p. 98). Refere o seguinte opúsculo da sua autoria:

- *Questão religiosa. Roma e o Espiritismo: Opúsculo... Com uma carta preambular ao Exmo Sr. Conselheiro Marinho...*, Rio de Janeiro, Typ. do Globo, 1877; 84 p.; 18 cm (BNP, L. 42272//4 P.; CBAP, n.º 1282).

**José Marcelino Temudo** (?-?). Foi o autor duvidoso de:

- *Conferências cathólicas, canónicas, theológicas, jurídicas... sobre o estado da Igreja e legítimo poder do pontífice romano; contra o tratado que d'este assumpto escreveu... Justino Febronio*; 4 vol. (BPE, Cod. CXXII/2-16 a 2-19).<sup>41</sup>

**José Maria d'Almeida e Araújo Correia de Lacerda** / **José de Lacerda**, Dom Frei, OSA (1802-1877). Era natural de Vila Real de Trás-os-Montes. Foi deão da Sé patriarcal (Inocêncio V, p. 15; XIII, p. 79). Escreveu:

- *Cartas contra "A Questão Renan"*. Segundo Inocêncio, as principais são:
  - "*Questão Renan (1.ª série)*". - Carta ao vice-presidente da Academia Real das Sciencias. - No *Conimbricense*, n.º 2:806, de 16 de junho de 1874; reproduzida no *Jornal da noite*, n.º 1:058 de 18 de junho, com observações críticas de Teixeira de Vasconcellos.
  - Carta ao redactor do *Jornal da noite*. Saiu nesta folha, n.º 1:062, de 23 de junho, também anotada pelo redactor principal.
  - *Questão Renan (2.ª série)*.
  - *Primeira carta*. - No *Conimbricense*, n.º 2815, de 18 de julho de 1874.
  - *Segunda carta*. Na dita folha n.º 2:816, do mesmo mês e anno.
  - *Terceira carta*. Na dita folha, n.º 2:818. Encontra-se a reprodução destes

<sup>40</sup> Segundo MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), p. 96, esta obra foi editada no Brasil; na mesma página, também refere a obra *Dia a dia de um espírito christão*, 1881.

<sup>41</sup> "No tomo IV vem a minuta do Discurso Preliminar, *Anotações à Analyse da Profissão de Fé do Papa Pio IV*, pelo Padre António Pereira de Figueiredo" (em Cunha Rivara, *Catálogo de manuscritos*, vol. IV, p. 73).

documentos no *Jornal do Comércio* n.ºs 6:208, 6:209 e 6:220, de 18 e 19 de julho, e 1 de agosto do mesmo anno”. Ver o autor nos cap. 14 e 15.<sup>42</sup>

**José Maria da Fonseca e Évora**, Dom Frei, OFM (1690-?). Era natural de Évora. Estudou nas Universidades de Évora e Coimbra, respetivamente, Artes e Direito pontifício (Barbosa II, p. 868-872). Escreveu:

- *Confins do Sacerdócio, e do Império, e Concordia do Ius da Regalia com a liberdade da Igreja* (ms). Ver o autor nos cap. 10.10; 11.1 e 15.

**José Máximo Rangel** (17??-1823). Foi major do exército, algum tempo governador do castelo de São João da Foz no Porto. Deputado às Cortes ordinárias em 1822 (Inocêncio V, p. 69-70). Escreveu:

- *Causa dos Frades e dos Pedreiros Livres no Tribunal da Prudência*, Porto, Imprensa do Gandra, 1821; 22, 61, 4 p.; 22 cm (BNP, H.G. 1345//1 A.).  
— Lisboa, Typ. Rolandiana, 1822; 22, 60, 3 p.; 20 cm (BNP, H.G. 9717//11 P.).<sup>43</sup>

**José Pereira de Sampaio / Sampaio Bruno**, pseud. (1875-1915). Era filho de um maçom portuense e distinguiu-se como filósofo anticristão. Caiu no deísmo, racionalismo e anticlericalismo. Em várias das suas obras notam-se influências esotéricas de carácter judaico, além do racionalismo maçónico.<sup>44</sup> Deixamos aqui uma pequena amostragem da sua obra:

- *Analyse da Crença Christã: estudos críticos sobre o christianismo*, Porto, Arthur José de Sousa, 1874; XV, 334 p.; 18 cm (BNP, R. 40887 P.).
- *A Questão Religiosa*, Porto, Chardron, 1907; XXXII, 449, 2 p.; 20 cm (BNP, H.G. 17010 P.).

Toda a sua obra está eivada de crítica à religião cristã, como, por exemplo, em *Os Três Frades e Outros textos de ficção*, onde manifesta fobia anticlerical primária. Na *Analyse da Crença Christã*, escrita aos 17 anos, nega todos os

<sup>42</sup> Inocêncio XIII, p. 79. Esta “Questão” foi levantada quando a Academia de Ciências de Lisboa, dominada por liberais racionalistas, convidou Renan para seu Sócio Correspondente no estrangeiro (ver cap. Introd.). José de Lacerda, membro da mesma Academia, protestou contra essa decisão, escrevendo nos jornais da época.

<sup>43</sup> Segundo Inocêncio, esta obra tem duas partes: “Na primeira advoga o auctor a causa dos frades, mostrando que elles são verdadeiros cidadãos em exercicio de seu direito como tal, etc. Na segunda faz a apologia da *maçonaria* e responde ás objecções dos adversarios desta instituição” (V, p. 70). O autor, nesta obra, estabelece os fundamentos da imortalidade do espírito humano.

<sup>44</sup> PINHARANDA GOMES, J., *Roberto Guilherme Woodhouse (1828-1876), Resposta aos detractores e mofadores da religião e dos seus ministros*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.ª Série, 1989, p. 163; Inocêncio XIII, p. 169; XVIII, p. 107.

dogmas da fé cristã; para ele, certos capítulos do Antigo Testamento são “a última palavra da mentira ignóbil e imbecil” do “romance bíblico”. Com esta e outras das suas obras pretendia que o povo reconhecesse “na sua crença o absurdo e a negrura: o Erro contra a Sciencia, o insulto contra a Razão, a nódoa na História”. E diz mais: “Na religião christã, a verdade não existe, como não existe em religião alguma dos tempos antigos nem dos tempos modernos. A verdade está nos conhecimentos aferidos pela razão... nas concepções arrojadas da matemática, nas experiências perscrutadoras de química, na grandeza da filosofia”.<sup>45</sup>

Depois de lermos apenas algumas palavras de Sampaio Bruno, ficamos com a sensação de termos diante de nós um racionalista perfeito, e não só... Eram assim os tempos na passagem do séc. XIX para o séc. XX.

**José Possidónio Estrada**, Frei, OSST (?-?). Foi pregador e mestre na sua Ordem. Organista no convento da Trindade em Lisboa (1820-1823). Secularizado em 1834, passou, anos depois, a residir no concelho de Almada (Inocêncio V, p. 106-107; XIII, p. 175). Escreveu:

- *Superstições descobertas: verdades declaradas, e desenganos a toda a gente. Aparecem as superstições nas missas, altares privilegiados, indulgências, almas do purgatório, Stabat Mater, Sacrosanctae, Ladainhas, Porciúncula, Terra Santa...*, Lisboa, Imprensa de João Baptista Morando, 1822; 244 p.; 16 cm (BNP, R. 34872 P.; CBAP, n.º 2095).  
— 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Nova Impr. Silviana, 1833; 16, 42 p.; 16 cm (BNP, R. 34873 P.).<sup>46</sup>
- *Ajuste de Contas com a Corte de Roma*, Lisboa, Typ. de António Rodrigues Galhardo, 1822; tratado anexo à 2.<sup>a</sup> edição de *Superstições descobertas*.
- *Problema Resolvido. Se os corpos regulares devem totalmente suprimir-se ou con-*

<sup>45</sup> Ver TAVARES, Pedro Vilas Boas, *Bruno e os católicos (revisitando decimonónicas reciclagens de tópicos e slogans anticlericais)*, em *Via Spiritus*, n.º 22, 2015, p. 167-178. As citações foram feitas a partir deste artigo.

<sup>46</sup> Este tratado foi influenciado por um outro: *Traté des superstitions selon l'Écriture Sainte*, 1679, e também por *Tractatus de Superstitionibus de Dinis, o Cartuxo*. Mas não cita os nomes dos autores onde se inspira. O autor português encontra superstições por todo o lado: na missa, nas indulgências, nos altares privilegiados, nas irmandades, no Sacramento da Ordem, etc. Pretende um cristianismo de tal modo puro que não tenha nada do que ele diz ser “superstição”. Resumimos aqui algumas ideias de SANTOS, Cândido dos, *Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime*, CITCEM-Ed. Afrontamento, FLUP, Porto, 2011, p. 220-223.



*servarem-se alguns para memória*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1821 (BNP, S.C. 10544/5 P.). Ver o autor no cap. 14.<sup>47</sup>

**Luís Maria da Silva Ramos**, Pe. (1841-1921). Era natural de Braga. Doutorou-se na Universidade de Coimbra e foi professor no Seminário de Braga e de Coimbra; também foi lente de Teologia na Universidade de Coimbra, até à extinção da Cadeira. Escreveu:

- *Dignidade da razão perante a fé: dissertação académica apresentada ao conselho da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra*, Porto - Braga, Livraria Internacional de Ernesto e Eugénio Chardron, 1873; 10, 12-89 p.; 23 cm (BNP, R. 8187/5 V.).
- *Necessidade e realidade da Revelação*, 1865. Ver o autor nos cap. 4.2; 7.4.1; 8; 9; 14; 15 e 22.3.<sup>48</sup>

**Luís Marques Lagoa**, Pe. (1762-1842). Nasceu e morreu em Lisboa. Entrou na Congregação do Oratório em Estremoz, mas abandonou antes de 1834. Foi professor de Retórica do Seminário de Portalegre, dedicando-se à educação da juventude (Inocêncio V, p. 304). Escreveu:

- *O Grito da Verdade, consignada na Escripura e Tradição contra as máximas pseudo-católicas e anti-socias destructivas da Doutrina de Jesu-Chisto e da verdadeira Disciplina da Santa Igreja*, Lisboa, Tip. Maignrense, 1822; 22, 219 p.; 16 cm (BJPII, SARD-0498).

**Manuel Borges Grainha** (1862-1925). Era natural da Covilhã. Foi professor de liceu, pedagogo e político republicano português. Revelou-se muito anti-clerical. Escreveu:

- *O Portugal Jesuíta*, Lisboa, Typ. Moderna, 1893; 512 p.; 19 cm (BNP, H.G. 12535 P.; BSEA).

**Manuel de Santana e Vasconcelos** (1798-1851). Era natural da Madeira. Foi administrador do concelho do Funchal e autor de várias obras acerca da realidade regional e do proselitismo protestante em vigor na ilha da Madeira à época (Inocêncio V, p. 359). De controvérsia, escreveu:

<sup>47</sup> Esta ideia não era original do autor, pois tinha sido tratada no Sínodo de Pistoia (ver cap. 1). Deveria haver uma só Ordem de preferência a Ordem Beneditina, mas segundo a espiritualidade de Port-Royal. Foi tratado em Portugal nas Cortes Constituintes saídas das eleições de 1820 (veja-se CORREIA, José Eduardo Horta, *Liberalismo e Catolicismo. O problema congregacionista (1820-1823)*, Universidade de Coimbra, 1974).

<sup>48</sup> MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), p. 95, menciona esta obra e também *Dignidade da razão perante a fé*; sobre o autor, ver Inocêncio XVI, p. 46; Fortunato de Almeida III, p. 399.



- *Clamor dos madeirenses ou uma breve análise dos males, que resultam à Ilha dos tributos pela lei de 23 de Junho de 1834*, Lisboa, Imp. Nacional, 1835; 16 p.; 20 cm (BNP, S.C. 10570//11 P.). Ver o autor no cap. 7.4.2.

**Manuel de Santa Ana**, Frei, OFM (1784-1802). Deixou-nos:

- *Analyse sobre a “Analyse da profissão de fé do Santo Padre Pio IV” que deu à luz o Pe. António Pereira de Figueiredo*, ms, [depois de 1791]; 453, 8 p.; 22 cm (BNP, Cod. 13262 e 12900).

É contra a obra *Analyse da Profissão de Fé do Santo Padre Pio IV* do Pe. António Pereira de Figueiredo. Ver o autor nos cap. 3.1 e 10.6.<sup>49</sup>

**Manuel de São Joaquim Maia**, Frei (séc. XVIII). Inocêncio diz-nos que este autor era religioso, mas ignora a Congregação (VI, p. 18; XVI, p. 307). Escreveu:

- *A Besta de Sete Cabeças e dez Cornos ou Napoleão, Imperador dos Franceses e Exposição literal do cap. XIII do Apocalipse* [segundo a tradução de Filipe Scio de S. Miguel], por um presbítero andaluz, vizinho da cidade de Málaga, Lisboa, Oficina E. Vaz Vieira, 1809; 30 p.; em 4.º (BNP, F.G. 810; BL, 3186.bb.21).<sup>50</sup>

**Manuel Fernandes de Santana**, SJ (1864-1910). É considerado figura máxima do fim do século XIX, pela sua preparação filosófica, teológica e científica. Impressionou os próprios adversários, sobretudo na polémica com Miguel Bombarda.<sup>51</sup> Neste sentido, escreveu:

- *Curso de Religião: apologética*, Lisboa, Typographia da Casa Católica, 1901; 317 p.; 22 cm (BNP, TR. 1291 P.).
- *Questões de Biologia: O Materialismo em face da Sciencia: A propósito da Consciência e Livre Arbítrio do Sr. Prof. Miguel Bombarda*, Lisboa, Typographia da Casa Catholica, 1899-1900; 2 vol.: 489 p. e 567, 5 p.; 23 cm (BNP, S.A. 6665 V. - 6666 V.). Ver o autor no cap. 3.1.

**Manuel Ferreira Marnoco e Sousa**, Pe. (?-?). Estudou Teologia no Seminário de Braga em 1872, diocese onde veio a ser ordenado sacerdote.<sup>52</sup> Traduziu:

<sup>49</sup> Inocêncio V, p. 358; VI, p. 178, apresenta-nos um autor com este nome e frade da província da Arrábida, mas com obras diferentes desta. Pensamos tratar-se deste autor.

<sup>50</sup> O catálogo da Biblioteca Pública de Guimarães de 1888 diz que possui 1 folheto com o n.º 4642; sobre as invasões francesas e o clero, ver MARQUES, João Francisco, *O Clero Nortenho e as Invasões Francesas: patriotismo e resistência regional*, em Sep. da Revista de História, Centro de História da Universidade do Porto, Vol. IX, Porto, 1989, p. 165-246.

<sup>51</sup> Sobre o autor, ver o artigo de MAURÍCIO, Domingos, *Apologética*, em Enc. Luso-Brasileira da Cultura, col. 782-783.

<sup>52</sup> JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em Lusitania Sacra 12, 2.ª Série, 2000, p. 406.

- *Pode-se ser catholico liberal?: dedicado aos jovens catholicos liberaes*, Rio de Janeiro, A. A. Lopes do Couto, 1875; autor: Louis Gaston de Ségur (1820-1881); 96, 2 p.; 15 cm (BNP, S.C. 12596//4 P.). Ver o autor nos cap. 10.2; 14 e 15.

**Manuel Inácio da Cunha** / Inácio de Santa Teresa, Dom Frei, CRSA (1682-1751). Era natural do Porto. Doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Foi bispo de Goa e depois do Algarve. Escreveu a Roma uma carta sobre um problema teológico dessa altura, que foi motivo da sua mudança para o Algarve:

- [*Cartas dirigidas ao Papa e aos Cardeais da Congregação do Concílio Tridentino sobre a Proposição que “as boas obras feitas em pecado, ainda que em si boas são abominação para Deus por razão do sujeito”; Memoriale seu brevis informatio S. R. E. Cardinalibus contra hereticam pravitatem inquisitoribus super utraque propositione conficta et vera Archiepiscopi Goani Ignatii á Sancta Theresia singulariter offerendum* [manuscrito]; fol. 146-163v.; 32 cm; cópia autógrafa (BNP, Cod. 1524//13). Ver o autor nos cap. 7.2; 15 e 22.2.<sup>53</sup>

**Manuel Isaías Abúndio da Silva** (1874-1914). Trata-se de um leigo católico que pretendeu aliar a política miguelista tradicionalista com a liberalista progressista. Como católico militante, como se vê nas suas obras, interveio com todas as suas energias espirituais e humanas em duas crises político-religiosas do seu tempo: liberalismo-miguelismo e a 1.<sup>a</sup> República.<sup>54</sup> Deixamos aqui algumas delas:

- *Nacionalismo e acção católica*, Porto, António Figueirinhas, 1909; 127 p.; 24 cm (BNP, S.C. 8551//2 V.).
- *Cartas a um abade sobre alguns aspectos da questão político-religiosa em Portugal*, Braga, Liv. Cruz, 1913 (BNP, H.G. 18278 P.).
- *Cantos de alma*, Coimbra, F. França Amado, 1895; 196 p.; 24 cm (BNP, L. 11919 V.).
- *A Cruzada: Revista cathólica das famílias e Boletim official da Diocese do Porto*.

<sup>53</sup> Na ficha da BNP, diz: “Trata-se de um conjunto de cartas de frei Inácio de Santa Teresa dirigidas ao papa Clemente XII e a diversos cardeais sobre a proposição que defendeu e um memorial sobre o mesmo assunto”; sobre o autor, ver ALVES, Ana Maria Mendes Ruas, “O Reyno de Deos e A Sua Justiça” Dom Frei Inácio de Santa Teresa (1682-1751) – Dissertação de Doutoramento em História da Época Moderna, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Agosto de 2012 (on line).

<sup>54</sup> Sobre o autor e a sua obra, ver FERREIRA, António Matos, *Um Católico Militante diante da Crise Nacional: Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914)*, CEHR, UCP – Lisboa, 2007.

Ano 1, n.º 1 (4 Mar. 1908) - ano 1, n.º 25 (16 Set. 1908), Porto, D.P., 1908; 33 cm (BNP, J. 1145//1 B.).

- *Política religiosa: resposta a uma crítica*, Braga, Liv. Cruz & Ca., 1913; 83 p.; 19 cm (BNP, H.G. 18383 P.). Ver o autor nos cap. 11.1 e 17.

**Manuel Joaquim de Mesquita Pimentel** (?-?). Estudou no Seminário do Porto. Foi cônego da Sé de Lamego. Traduziu várias obras de caráter apocalíptico, tais como:

- *Vozes proféticas...*, Braga, 1872; autor: J. M. Curique.
- *Certeza do fim do mundo*, Porto, 1871; autor: Marquy. Ver o autor no cap. 15.<sup>55</sup>

**Marcelino Mesquita** / Marcelino António da Silva Mesquita (1856-1919). Era natural do Cartaxo, onde viveu e morreu. Frequentou o Seminário de Santarém, a Escola Politécnica e a Escola Médico-Cirúrgica, tendo-se formado em Medicina em 1884. No entanto, Marcelino Mesquita notabilizou-se como poeta, jornalista, escritor, dramaturgo, político e deputado pelo círculo eleitoral do Cartaxo (Inocêncio XVI, p. 344). Traduziu:

- *A Rússia Vermelha*, Lisboa, A Editora, 1908; autor: John Foster Fraser; 2.ª edição; 228 p., 48 fol.; il.; 19x13 cm (BNP, B.R. 8553; BSEA).

**Mateus de Assunção Brandão**, Frei, OSB (1778?-1837). Foi doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra e pertenceu à Academia Real das Ciências (Inocêncio VI, p. 162; XVII, p. 9). Traduziu do francês:

- *História da perseguição do clero francês durante a Revolução composta pelo Padre Barruel, Esmoler de Sua Alteza Sereníssima a Princesa de Conti, traduzida em linguagem portuguesa...* [manuscrito]. Tomo primeiro. [depois de 1795]; 78 fol.; 23 cm (BNP, Cod. 1425).<sup>56</sup>
- *História abreviada da perseguição do clero francês durante a Revolução...*, Porto, Oficina de A. A. Ribeiro, 1796; autor: Abbé Augustin Barruel; 3 vol.; 14 cm (BNP: vol. 2 e 3).<sup>57</sup>
- *História das revoluções de Portugal* [manuscrito]; traduzida em português por

<sup>55</sup> JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em *Lusitania Sacra* 12, 2.ª Série, 2000, p. 406.

<sup>56</sup> Segundo a ficha da BNP, “Parece tratar-se de uma trad. diferente da do texto impresso no Porto: Off. de Antonio Alvarez Ribeiro, 1795”.

<sup>57</sup> Em Catálogo de Publicações dos séc. XVI, XVII e XVIII, Lisboa, Secretaria-Geral do Ministério, 1973, p. 55.

\*\*\* M. B., [antes de 1815]; autor: René Aubert Vertot; 7 fol., 143 p., 5 fol.; 23 cm (BNP, Cod. 1449). Ver o autor no cap. 15.<sup>58</sup>

**Matias da Conceição**, Frei, OFM (16??-17??). Era natural de Palmela e professou na sua Ordem em 1704. Foi bibliotecário do convento de Maфра (Barbosa III, p. 453). Foi autor de:

- *Reflexões críticas à Tentativa Theologica, feitas pelo p. M. Fr[ei] Mathias da Conceição, a instancia de hum seu discipulo* [manuscrito] [Depois de 1766]; 352 fol.; 25 cm (BNP, Cod. 8537). Ver o autor no cap. 14.<sup>59</sup>

**Miguel António Dias** (1805-1878). Era natural da Covilhã. Frequentava o curso de medicina na Universidade de Coimbra, quando se viu obrigado a emigrar. Foi em Lovaina que se doutorou nessa área (Inocêncio VI, p. 220-223). Escreveu, de caráter polémico, as seguintes obras:

- *Architectura Mystica do rito francez ou moderno* [S.l.: s.n., 184-]; 4, 337, 3 p., 6 fol.; 21 cm (BNP, F.G. 216).
- *Biblioteca maçónica ou instrução completa do franc-maçom*, Paris, J.-P. Ailland, Guillard, 1874; 3.<sup>a</sup> edição; 2 vol.; 16 cm (BNP, P. 8425 P. - P. 8426 P.).
- *Annaes e Código dos Pedreiros Livres em Portugal*, Lisboa, [s.n.], 1853; 117, 11 p. (BNP, H.G. 6725//3 V.).
- *Salomão ou um dia em Jerusalém*, Lisboa, Typ. Sebastião Paulo da Fonseca Cabral, 1851; 64 p.; 21x13 cm (BNP, L. 47102 P.). Trata-se de um drama alegórico em cinco atos.

**Miguel da Anunciação**, Dom Frei, CRSA (1703-1779). Nasceu em Lisboa de família nobre. Foi batizado com o nome de Miguel Carlos da Cunha. Estudou Cânones na Universidade de Coimbra. Foi nomeado bispo desta cidade em 1741 (Inocêncio VI, p. 217; XVII, p. 36). Deixou várias pastorais. Entre elas, temos:

- *[Pastoral pela qual proíbe a leitura de alguns livros, por ser perniciososa à disciplina da Igreja e aos bons costumes]*, 1768; ms; 3 fol.; 32 cm (BNP, R. 5868//8 A.).

<sup>58</sup> Segundo a ficha da BNP: "Letra provavelmente da mão de Fr. Mateus da Assunção Brandão. Ver Cod. 1413-1415. É provável que as iniciais do tradutor, \*\*\* M. B., correspondam a Fr. Mateus da Assunção Brandão, autor da trad. impressa publicada em 1815".

<sup>59</sup> Referido em SANTOS, Cândido dos, *António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung: ensaio sobre o Regalismo e o Jansenismo em Portugal na 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII*, em *Revista de História das Ideias*, vol. 4, tomo I, Coimbra, 1982, p. 183.

- [Estatutos da Academia Litúrgica Pontifícia], [Coimbra: Academia Litúrgica, 175-]; 10, 2 p.; 30 cm (BNP, Res. 2948 A.).<sup>60</sup>
- *Pastoral do Bispo – Conde de Coimbra D. Miguel da Anunciação*, 8 de novembro, 1768; ms (BGUC, Cod. 1604; BPE, Cod. CX/2-1 (fol. 34-37)).<sup>61</sup>
- *De feza e Justificação do Bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação dividida em três Partes:*

Na Parte primeira confuta-se a consulta ou sentença da Real Mesa Censória contra a Pastoral de 23 de dezembro de 1768 e contra a Pastoral que o mesmo Bispo havia publicado em 8 de novembro do dito anno.

Na Parte segunda confutam-se as Razões, em que a Mesa Censória fundou o Juízo Divino, que formou contra as Teses, Máximas e Exercícios Espirituais, que se acharam entre os papéis do mesmo Bispo.

Na Parte terceira confutou-se quanto a mesma Mesa Censória se esforçou mostrar: tanto no seu Compêndio Histórico de factos de sigilismo, que nunca existiram, como do Discurso Jurídico, com que invahio contra o crédito, e reputação do ditto Bispo, e de todas as Pessoas Religiosas, Pias, e Doutas de todo este Reyno (ms). Ver o autor no cap. 7.2.<sup>62</sup>

**Miguel de Sotomaior**, Dom (1828-1911). Foi um grande polemista católico. Escreveu obras desta temática (Inocência XIX, p. 165). Apresentamos algumas:

- *Um brado contra a propaganda protestante dirigida ao povo português*, Porto, Livraria Portuense, 1881; 20 p. (BNP, H.G. 10675 V).
- *O Marquês de Pombal: exame e história crítica da sua administração*, Porto, Livraria Victorino de Motta & Commandita, 1905; 30, 621 p.; 23 cm (BNP, H.G. 6493 V).

Traduziu do francês:

- *O século XIX em face da consciência e da Igreja. Conferências feitas no templo de Nossa Senhora de Paris pelo Rev. Padre Roux... no Advento de 1875...*, Porto, Liv. Portuense, 1876; 208 p.; 18x11,5 cm (BSME).<sup>63</sup>

<sup>60</sup> Sobre o autor, ver RODRIGUES, Manuel Augusto, *D. Miguel da Anunciação e o Cabido da Sé de Coimbra*, em Separata do Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1982, vol. V, 53 p.

<sup>61</sup> Este exemplar da BPE tem comentários regalistas de um censor, certamente nomeado pelo governo para tal.

<sup>62</sup> Em ROCHA, Ilídio, *Catálogo da Livraria do Convento da Arrábida e do Acervo que lhe estava anexo*, Lisboa, Fundação Oriente, 1994, n.º 2054.

<sup>63</sup> Nesta biblioteca, está encadernado com uma miscelânea de conferências católicas. Contém 6 conferências com os seguintes títulos de capítulos: *O décimo-nono século prevaricador e reparador; O século XIX é o século prevaricador; O século XIX pode e deve ser o século reparador; Forma intelectual*

- *História da extinção das ordens religiosas em Portugal*, Braga, Typ. Lusitana, 1889; 7, 237 p.; 17 cm (BNP, H.G. 24473 P.). Ver o autor no cap. 8.<sup>64</sup>

**Miguel Tibério Pedegache** / Pedegache Brandão Ivo (ca. 1730-1794). Era natural de Lisboa. Foi coronel de um Regimento de Infantaria de Elvas (Inocêncio VI, p. 249). Traduziu do francês:

- *Do estado da Igreja e do poder legítimo do Romano Pontífice. Resumo da excelente obra de Febrônio, que, da língua francesa traduziu na vulgar*, Lisboa, Oficina Patriarcal, 1770; 2 vol. (CBAP, n.º 780: t. 2).

É um resumo de uma obra do jansenista Febrônio. Ver o autor no cap. 22.1.

### Patriarcado de Lisboa

- [*Carta pastoral sobre os rudimentos da fé e as más influências*], Lisboa, Typ. de António Rodrigues Galhardo, 1823; 1 desdobr.; 39x51 cm (BJPII, 261.7 CPF).

**Patrício da Silva**, Dom Frei, OESA (1756-1840). Doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Foi o sétimo Patriarca de Lisboa com o nome de D. Patrício I, tendo também sido bispo de Castelo Branco e arcebispo de Évora (Inocêncio VI, p. 357; XVII, p. 147). Escreveu:

- *História eclesiástica inter catholicos, et protestantes controversa...*, Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1790; co-autor: António da Purificação; 6, 106 p.; 21 cm (BNP, Cod. 13090//3).

**Pedro Álvares**, Pe., CO (?-1739). Era natural de Lisboa (Inocêncio XVII, p. 176). Compilou:

- *Extracto de todas as Proposições, que condenaram os summos pontífices desde o tempo do concílio Tridentino até o ano de 1706*, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1706. Saiu sem o nome do autor; António Pereira da Silva, bispo

---

*da prevaricação: o falso no século XIX; Profundidade do erro moderno; Extensão do erro moderno; Forma prática da prevaricação: egoísmo contemporâneo; O egoísmo reina em a esfera individual, onde o interesse toma o lugar do dever; O egoísmo na esfera religiosa, onde o homem tende cada vez mais a substituir-se a Deus; A Fé catholica do nosso tempo; A Fé deve ser completa; A Fé, assim como é completa em nossas almas, deve ser também completa nas suas manifestações exteriores; A Fé deve ser defendida; Confiança pela pátria e pela Igreja; A força de um povo está só e unicamente na confiança que elle tem em Deus; Na presente hora, como filhos da França e da Igreja, temos os mais sérios motivos de esperar; A acção catholica no mundo moderno.*

<sup>64</sup> Esta obra insere-se na campanha jacobina contra o celibato e as congregações religiosas que, no último quartel de novecentos, acentuou a sua luta na literatura, no teatro e na imprensa, aliada aos republicanos ateus. Particular fama teve o drama “Os Lazaristas” de António Enes, ao qual respondeu Sena Freitas (ver acima).

do Algarve, foi o editor literário; 71 p.; 20 cm (BNP, H.G. 23766//5 P.). Ver o autor nos cap. 10.7 e 13.1.

**Pedro de Amorim Viana** (1822-1901). Foi um teólogo racionalista, mas não chegou a negar a fé (Inocêncio VI, p. 383; XVII, p. 339). Escreveu:

- *Defesa do racionalismo ou analyse da fé*, Porto, Livraria Cruz Coutinho, 1885; 247 p.; 20 cm (BNP, S.A. 39057 P.).
- *Ib.*, Typographia de F. G. da Fonseca, 1866; 364 p.; 20 cm (BNP, R. 31452 P.).<sup>65</sup>

**Pedro Nicolau de Andrade** (16?-17?). Pouco se sabe da vida deste autor. Era natural de Lisboa, perito no idioma castelhano (Barbosa III, p. 604), do qual traduziu:

- *História eclesiástica do cisma do Reino de Inglaterra, na qual se tratam as cousas mais notáveis que succederam naquele Reyno, tocantes à nossa Santa Religião...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1732; autor: Pedro de Rivadeneyra, SJ; 26, 373 p.; 21 cm (BNP, H.G. 1350 A.; A Tradução em Portugal, 609).

**Pio IX**, Papa (1792-1878)

- *Bulla... contra a associação chamada dos Carbonários*, em *Gazeta Universal, Litteraria e Mercantil*, 3-11-1821 (A Tradução em Portugal, 3746).

**Real Mesa Censória**

- *Sentença da Real Mesa Censória contra a pastoral manuscrita, e datada de 8 de novembro próximo passado que o Bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciação espalhou clandestinamente pelos párocos da sua diocese, proferida no dia 23 de dezembro de 1768*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1768; 23 p.; 30 cm (BNP, R. 2612//21 A.).<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Edição desta obra por SILVA, António Carlos Leal da, Lisboa, INCM, 1982; 312, 3 p.; 25 cm (BNP, S.A. 57830 V.); sobre o autor, ver PINHARANDA GOMES, J., *Roberto Guilherme Woodhouse (1828-1876), Resposta aos detractores e mofadores da religião e dos seus ministros*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.<sup>a</sup> Série, 1989, p. 163. O autor “valorizou ao máximo a luz da razão, considerando-a todavia como a verdadeira luz divina; procedeu a uma tentativa de desmontagem racionalista da sobrenaturalidade da fé cristã: reduziu esta a uma revelação natural e interior de Deus”, citação de COUTINHO, Jorge Peixoto, *Filosofia e Religião*, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (C-I), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 266.

<sup>66</sup> Foi esta sentença pombalina que condenou o bispo de Coimbra ao calabouço durante vários anos, saindo de lá no reinado de D. Maria I. Desde aí, retomou o governo da diocese de Coimbra até à sua morte (ver cap. 1.2.1; 10.1 e passim).



**Ribeiro de Carvalho** (1880-1942). Traduziu:

- *A Igreja e a Liberdade*, Lisboa, Livraria Internacional, [19--?]; autor: Emilio Bossi (1870-1920); 220, 2 p.; 18 cm (BNP, R. 41693 P.; BSL).
- *Socialismo e Anarquismo*, Lisboa, Livraria Internacional Abel d'Almeida, [18??]; 157, 3 p.; em 8.º (BSL).  
— Ib., Livraria Internacional, [19--]; autor: A. Hamon (1862-1945); 165, 3 p.; 18 cm (BNP, S.C. 26956 P.).

Em co-autoria com Moraes Rosa (1875-1956), traduziu:

- *Jesuitas*, Lisboa, A Editora, 1909; 346 p.; 22 cm (BNP, B.R. 11978).  
Em co-autoria com Fernão Boto Machado (1865-1924), traduziu também:
- *Syndicalismo e greve geral*, Lisboa, Livr. Internacional, [19--]; autores: José Prat e Aristide Briand; 152 p.; 19 cm (BNP, A.H.S. 33).
- *Problemas sociais: o problema religioso, o problema moral...*, Lisboa, Livraria Internacional, [18??]; autor: Gustavo de Molinari; 175, 9 p.; em 8.º (BSL).

**Teodoro de Almeida**, Pe., CO (1722-1804). Foi sacerdote católico do Oratório, escritor e filósofo, uma das mais expressivas figuras do iluminismo cristão em Portugal. Era antijansenista e antirregalista assumido. Por isso, foi perseguido pelo Marquês de Pombal, sendo obrigado a fugir para Espanha e França (Inocência VII, p. 301-308). Escreveu:

- *Armonia de la razon y la religion ó respuestas filosóficas á los argumentos de los incredulos: obra escrita en português. Traducido em espanhol por P. Francisco Vazquez...*, Nueva edicion, [s.l.; s.n.], 1848 (Alcoy, Impr. de Francisco Cabrera); 2 tomos num vol.; 16 cm (BNP, R. 32308 P.).  
— Barcelona, Libreria Religiosa, 1850; 2 vol.; 15 cm (BNP, R. 32286 P. - 32287 P.). Ver o autor no cap. 10.2.

**Theodoro de Bussières**, Visconde (1802-1865). Foi autor de:

- *História do Scisma Portuguez na India*, Lisboa, Typ. de L. C. da Cunha, 1854; 3, 348, VI p.; 17 cm (BNP, H.G. 8092 P.; CBAP, n.º 362).

**Vital Maria Gonçalves de Oliveira**, Dom Frei, OFMCap (1844-1878). Este Franciscano Capuchinho nasceu em Paraíba, Brasil, e morreu em Paris, onde foi procurar a cura para uma enfermidade. Foi o 20.º bispo de Olinda, nomeado pelo Imperador D. Pedro II. O conflito com a maçonaria valeu-lhe a prisão. Está em processo de beatificação e canonização; por isso recebeu o título de *Servo de Deus* (Inocência XX, p. 24). Escreveu:

- *A Maçonaria e os Jesuitas: Instrução Pastoral do Bispo de Olinda...*, Guimarães, Teixeira de Freitas, 1876 (BNP, R. 885 P.; BSEA).

- *A Maçonaria e o Jesuitismo: a glória do supremo architecto do universo: propaganda maçónica offerecido ao mundo maçónico e profano pela loja obreiros do trabalho*, Lisboa, Typ. Portuense, 1893; 16 p.; 17x12 cm (BSEA).  
— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1895; 16 p.; 17 cm (BNP, S.C. 17776 P.).
- *O bispo de Olinda e os seus detractores no tribunal do bom senso*, 1872 ou 1873; opúsculo. Ver o autor no cap. 22.5.

### Vários autores

- *Discursos pronunciados no Salão da Associação Catholica pelos Exc.<sup>mos</sup> Snrs. Dr. António Augusto d'Almeida Pinto, Conde de Samodães, e Padre J. J. S. Freitas, em diversas Academias e n'uma Palestra Religiosa que tiveram lugar no corrente anno de 1873*; paginação própria para cada discurso; 20,5x13,5 cm (BSME).<sup>67</sup>

### Igreja Católica

- *Breve do Santíssimo Padre Benedicto XIV [1740-1758] expedido a XXIII de Agosto de MDCCLVI para a supressão, união, e incorporação de todos os mosteiros de freiras, tanto da corte de Lisboa, como de todo o reino*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1771; edição bilingue, em latim-português, lado a lado; 22 p.; 2 col.; 29 cm (BNP, R. 15269 V.; A Tradução em Portugal, 1171).
- *Breve do Santíssimo Padre Clemente XIV pelo qual a Sociedade chamada de Jesus se extingue, e supprime em todo o Orbe*, Lisboa, Régia Officina Typ., 1773; 46 p.; 31 cm (BNP, R. 5868//28 A.; A Tradução em Portugal, 1203).
- *Breve [Dominus ac Redemptor] do Santíssimo Padre Clemente XIV pelo qual se suprimem os mosteiros dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho de Portugal...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1770; 14 p.; 30 cm (BNP, R. 2612//22 A.).
- *Sacrosanctum Concilium Tridentinum cum citationibus ex ultroque Testamento...*, Bassani: [s.n.], 1780; 16, 300 p. (CBUA, RS/A-18-96).
- Igreja Católica no Brasil (Bispos), *Protesto do episcopado brasileiro contra a usurpação de Roma, capital do catholicismo, e dos restantes estados da Igreja pelo Governo Italiano*, Pará, Typographia do Diário de Belém, 1871; 2 fol., 7 p.; 20 cm (BNRJ).
- *Appendis das Allocuções do Nosso Santíssimo Padre Gregório XVI. Com as oportunas advertências. A fim de ver se calam a boca as que dizem que o Papa nada disse a respeito de Portugal.*

<sup>67</sup> Deixamos aqui alguns dos discursos que se encontram nesta miscelânea: *Alexandre Braga antijesuíta* (48 p.); *Discurso no Monte Sameiro*, por Carlos João Rademaker (16 p.); *Discurso... colocação da primeira pedra para o monumento da Imaculada Conceição* (20 p.); *Discurso comemorativo do 1.º de Dezembro* (21 p.); *Discurso do Conde de Samodães* (33 p.).

Esta obra refere-se aos dois discursos do papa Gregório XVI, relativos às dificuldades que os liberais colocaram à Igreja Católica, quando tomaram conta do governo em Lisboa (ver os dois discursos no *Suplemento* 2).

- *Pastoral do bispo de Troyes, sobre a impressão de maus livros, e nomeadamente sobre a nova edição das obras completas de Voltaire e de Rousseau*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1823; 38 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6645//2 V.; A Tradução em Portugal, 3860).

#### Autores anónimos

- *A Guerra à Igreja: (Refutação ao Libro do Sr. Seabra)*, Porto, Tip. Fonseca e Filhos, 1913; 81 p.; 19x12,5 cm (BNP, R. 25190//4 P.; BSEA).<sup>68</sup>
- *Harmonia da razão e da religião ou respostas filosóficas aos argumentos dos incrédulos que refutam a religião contrária à boa razão*, Lisboa, 1793-; 17x10,5 cm (BSEA: vol. 9; BPH: vol. 9).
- *Manual do Catholico Português contra os fautores do Scisma*, Coimbra, Impr. da Universidade, 1839 (BNP, R. 31985 P.).
- *Demonstraçam do horrível, e bárbaro desacato, que em hua freguesia do bispado do Porto se fez ao Santíssimo Sacramento...*, Lisboa, Oficina Pedro Teixeira, 1742; 22 p.; 16x10 cm (BPE, N. Res. 766).
- *Estatutos da Universidade de Coimbra compilados debaixo da immediata e suprema inspecção de El Rei Dom José I, Nosso Senhor, para a restauração das Ciências e Artes liberais nestes Reinos e todos os seus domínios ultimamente roborados por sua Majestade na sua Lei de 28 de Agosto deste presente ano*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1772; 3 vol.; 29 cm (BNP, S.C. 209 A. - 211 A.).<sup>69</sup>
- *Os apóstatas da razão contra as Ordens religiosas desbaratados pelas poderosas forças da verdade*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1821; 37 p.; 21x14 cm (BNP, R. 9703//13 V.).

<sup>68</sup> Este Seabra é certamente José Seabra da Silva, que trabalhou nos gabinetes do governo de Pombal e escreveu, a mando do mesmo, a *Dedução chronológica e analytica* (ver cap. 1).

<sup>69</sup> Na Introdução, afirma-se o propósito antijesuítico: "... Por me pertencer como Rei e Senhor Soberano que na temporalidade não conhece na terra superior, como Protector da sobredita Universidade e como Supremo Magistrado remover dos meus fiéis Vassalos a intolerável opressão de uma tão injuriosa e prejudicial ignorância (...) de que foram tão temerariamente esbulhados pela sobredita e intolerável opressão..." (FRANCO, José Eduardo, *Os Catecismos antijesuíticos pombalinos. As obras fundadoras do antijesuítismo do Marquês de Pombal*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, Ano IV, n.º 7/8, Lisboa, 2005, p. 262, n. 66).

## Tradutores anónimos

- *Carta a hum espírito forte sobre os seus escritos contra a religião*, 1778; autor: Bruté (A Tradução em Portugal, 1285).
- *A certeza das provas do christianismo ou refutação do exame crítico dos apologistas da religião christã*, 1780; autor: Bergier (A Tradução em Portugal, 1352).
  - Lisboa, Oficina Patriarcal Francisco Luís Ameno, 1785, 44, 500 p.; em 4.º (A Tradução em Portugal, 1573; Inocência IX, F-2370).
  - Ib., Régia Officina Typográfica, 1788; 18 cm (BNP, R. 23259 P.; A Tradução em Portugal, 1728).
- Traduzido do francês: *Opúsculo sobre a Associação da Propagação da Fé estabelecida na cidade de Leão...*, Lisboa, Typ. Vieira e Torres, 1830 (A Tradução em Portugal, 4181).
  - 3.ª edição, Lisboa, 1841 (Catálogo dos livros do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, p. 133).
- Traduzido por A. M., *Os diffamadores do clero catholico...*, Porto, Typ. da Palavra, 1873; autor: Tounissoux; 61 p.; 22 cm (BNP, R. 9954//14 V.; BPH: encadernado com outros).
- *Tradução do extracto da Pastoral que o Bispo de Soissons dirigio ao Clero Secular, e Regular... para os preservar das perniciosas doutrinas... do Padre Harduino... e Padre Berruyer...*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1760; 53, 15 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6805//1 V.; BPB, Res. 163//25 V.).
- *Reflexões de hum português sobre o memorial apresentado pelos Padres Jesuítas a sua santidade do Papa Clemente XIII, felizmente reinante, expostas em huma carta escrita na língua italiana a hum amigo em Roma, e traduzidas fielmente na portuguesa*, s. l., n. imp., 1759; 216 p.; 15x9,5 cm (BPB, Res. 475//2 A.; BPNM, 2-55-1-9).<sup>70</sup>
- *Cartas a um scéptico em matéria de Religião*, Porto - Braga - Rio de Janeiro, Liv. Internacional, 1876; autor: D. Jayme Balmes; 398 p.; 13x8 cm (BSME).
  - Porto, Ernesto Chardron, 1878; 399 p.; 13x8,5 cm (BSME; BJPII, 291.1 BAL).

<sup>70</sup> Trata-se da defesa da Ordem dos Jesuítas perante o Papa, que recebia pedidos de certos governos europeus para extinção da Ordem, incluindo o governo do Marquês de Pombal. Este Papa resistiu à pressão, mas Bento XIV (1740-1758) não conseguiu e extinguiu a Companhia de Jesus (ver abaixo).

- *O Papa e a Igreja. Questões da ordem do dia*, Porto, F. G. da Fonseca [1862]; autor: Louis Gaston de Ségur (1820-1881); 28 p.; 14 cm (BNP, R. 29528//14 P.; CBAP, n.º 1988).
- *O Papa é infalível...*, Porto - Braga, Livraria Internacional, 1875; autor: Louis Gaston de Ségur (1820-1881); 56 p.; 15 cm (CBAP, n.º 1985).

## 7.2. Sigilismo

O *sigilismo* andou em voga, sobretudo na época pombalina, como pretensa revelação do segredo que os confessores obtinham do penitente durante o sacramento da confissão, acerca dos seus cúmplices. Esta acusação veio sobretudo do rigor com que os clérigos, ligados ao movimento da *Jacobeia*, agiam na celebração deste sacramento. Vários sacerdotes, e mesmo bispos que tinham aderido à *Jacobeia*, também foram acusados deste crime.<sup>71</sup>

Sobre o movimento espiritualista da *Jacobeia*, veja-se o cap. 10.1.

Vejam algumas obras em que o sigilo do sacramento da confissão aparece como argumento de contenda.

**Dionísio Bernardes de Moraes**, Pe., CO (ca. 1680-depois de 1760). Era natural de Lisboa. Foi doutorado em Cânones pela Universidade de Coimbra. Era sobrinho do Pe. Manuel Bernardes e também, como ele, oratoriano. Combateu o sigilismo e os jacobeus, assim como as obras do italiano Muratori (Inocêncio II, p. 178; IX, p. 132). Sem nome de autor, escreveu:

- *Discurso apologético, theólogo-jurídico, em que se mostra inofensa a jurisdição dos ordinários do reino de Portugal pelo edital, com que o Santo Officio manda denunciar os que obrigação à declaração dos cúmplices na confissão sacramental; e a jurisdição, e recto procedimento, com que o mesmo santo officio executou as suas determinações. Escrito em contraposição da pastoral de Évora, e em defesa*

<sup>71</sup> Sobre o sigilismo, ver a obra de SILVA, Frei António Pereira da, *A questão do sigilismo em Portugal, no século XVIII. História, Religião e Política no reinado de D. João V e D. José I*, Braga, Editorial Franciscana, 1964; 558 p.; 25 cm (BNP, S.C. 23658 V.); Ib., *Jacobeia, Sigilismo e Constituições de Bento XIV sobre a indagação dos cúmplices dos penitentes na confissão*, em Itinerarium, ano V, Braga, 1960, p. 196-220. Na p. 199, Frei António Pereira da Silva afirma: “O Cardeal Inquisidor Geral, D. Nuno da Cunda, e o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida, acreditaram neste rumor [denúncia dos cúmplices do sacramento da Confissão] e acusações contra os jacobeus e resolveram intervir com admoestações e cominação de penas canónicas. O primeiro divulgou por todo o Reino um Edicto e o segundo dirigiu aos seus súbditos uma Pastoral”. O papa Bento XIV condenou o sigilismo, pelo Breve *Suprema omnium Ecclesiarum* de 7 de julho de 1745 (ver Denzinger, o. c., n.º 2543-2544). Ver ainda SOUZA, Evergton Sales, *D. Frei António de Guadalupe, um bispo Jacobeu no Rio de Janeiro (1725-1740)*, em Via Spiritus, n.º 22, 2015, p. 137-165.

*daquelle Santo Tribunal por hum zeloso da fê e da verdade*, A Bruxelles [i. é Lisboa], chez François Foppens [i. é, Miguel Rodrigues], [depois de 25.05.1746] (BNP, H.G. 6634//1 V.).

- *Coruscationes dogmaticae universo orbi terrae pro recta Sacramenti Poenitentiae administratione refulgentes in varios distributae radios, quibus noxia praxis detegendi complices destruitur, atque variae propositiones tum Morini, tum Mutatori, tum aliorum dissipantur*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1748 (Barbosa IV, p. 107).

Nesta obra combate Muratori, que escreveu uma obra referindo-se a Portugal. Ver o autor no cap. 10.7.<sup>72</sup>

**José de Araújo**, SJ (1681-1759). Era oriundo do Porto e ingressou na Companhia em 1696. Ditou Retórica em Coimbra, Filosofia no Porto e Teologia no Colégio de Santo Antão de Lisboa.<sup>73</sup> Publicou:

- *Carta de hum curioso da Universidade de Évora escrita, a outro curioso da Universidade de Coimbra, que pela sua reposta [sic] mostra as consequências terríveis*,

<sup>72</sup> A obra de Muratori leva o título: *Lusitaniae ecclesiae religio in administrando poenitentiae sacramento et Decretales ea de re Sanctissimi Patris Benedicti XIV Pontificis propugnata*. Muratori defendia uma certa diferença doutrinária nas condenações papais, enquanto Bernardes de Moraes as seguia à letra, defendendo também a questão da infalibilidade papal, quando fala “ex cathedra”. O Pe. António Pereira de Figueiredo defendeu a posição do rigorismo de Muratori contra o seu correligionário do Oratório, na sua obra *De non definita in concilio tridentino, nec ab ecclesia adhuc probata sufficientia attritionis ad gratiam in sacramento poenitentiae impetrandam. Dissertatio Historico-Theologica adversus recensiores scholasticos* (BPE, CXI/2-11). No fundo, tratava-se de uma querela muito próxima do jansenismo, defendida pelo nosso Pe. Pereira de Figueiredo e pelo referido Muratori. A propósito da obra de Dionísio Bernardes, *Coruscationes Dogmaticae Universo...*, pode ler-se no Cat., p. 67-68, a seguinte nota: “N.B. Antes de concluirmos este Artigo d’hum Manuscrito incompleto de António Pereira, do qual nos deo huma exacta noticia o Reverendo Francisco José da Serra na Carta já citada. Eis-aqui a Cópia do parágrafo, que diz respeito à obra de que fallamos: Pouco depois do grande Terremoto, visitei por dependência minha litteraria, o Padre Pereira na quinta que hoje dizem de Giraldes. Alli, fallando comigo, tanta era a sua virtude para com alguns sobre a Obra que pouco antes tinha deixado em poder de meus Padrinhos, os Senhores Barbosas, accrescentou que nunca se imprimiria, porque os Padres do Governo não convinhão, em que da Congregação sahisse Obra contra hum Sobrinho do seu, e nosso, Padre Manoel Bernardes. Então, pedi-lhe a licença de tirar huma cópia, e que logo me foi concedido... Continha o Manuscrito cinco Dissertações breves contra Dionysio Bernardes de Moraes, Prelado da Santa Igreja Patriarcal, como Author da Obra publicada com o plausível, e brilhante nome de – *Coruscationes Dogmaticae Universo Orbi terrae pro recta Sacramenti Penitentiae administratione refulgentes...* Ulissipone, apud Michaellem Rodrigues, 1748; em 4.º. Conservados por mim os três cadernos, a que reduzi a cópia; succedeo que, por estarem juntos a algumas Obras minhas, e de minha letra, hum deles foi lançado no fogo.... Ficaram salvos dois: segundo e terceiro, e de hum destes transcreverei o que baste para dar huma ligeira ideia do que perece, e conservo”.

<sup>73</sup> Serafim Leite, tomo 12, “Portugal”, 1933; Barbosa II, p. 824; IV, p. 199; Inocêncio IV, p. 250.

*que nascem de alguns Confessores não guardarem o sigillo da confissão Sacramental*, Madrid, Oficina dos Herdeiros de Francisco del Hierro, 1746; 2, 29 p.; 20 cm (BNP, H.G. 6620//3 V. ; BJPII, MC-1216). Ver o autor nos cap. 8 e 9.

**José de Seabra da Silva** (1732-1813). Era procurador do Marquês de Pombal (Inocência V, p. 121; VIII, p. 314; XIII, p. 199 e 379). Escreveu:

- *Memorial sobre o cisma do sigilismo que os denominados jacobeus e beatos levantaram neste reino de Portugal...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1719; 4, 16, 268 p.; 32 cm (BNP, S.C. 2954 V. - 2955 V.; BME, JHT2197; ANTT, SP 3574 (11).

— Ib., mesmo impressor, 1769; 500 p. (CBUA, RS/A-18-13).<sup>74</sup>

- *Collecção das Leys Promulgadas, e sentenças proferidas nos casos da infame Pastoral do bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação, das seitas dos jacobeos, e sigillistas, que por ocasião della se descobriram neste reino de Portugal*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1769; XIV, 521 p.; 16 cm (BNP, S.C. 1088 A.).

A BNP não atribui autor a esta obra, mas é consensual, entre os especialistas nesta matéria, pertencer a José de Seabra da Silva, jurisconsulto de Pombal.<sup>75</sup> Ver o autor no cap. 7.5.

**Manuel Inácio da Cunha** / Inácio de Santa Teresa, Dom Frei, CRSA (1682-1751). Era natural do Porto. Doutorado em Teologia na Universidade de Coimbra. Foi bispo de Goa e depois no Algarve. Escreveu sobre o sigilismo o seguinte:

- *Pastoral do Excelentíssimo e Reverendíssimo Arcebispo Bispo do Algarve Dom Inácio de Santa Teresa...*; encontra-se numa miscelânea intitulada “Sigilismo III”, *Colecção Terceira...*, Madrid, Oficina de António Sanz, 1746; p. 15-18; 19x13 cm (BJPII, MC-5509). Todas as obras desta miscelânea se encontram neste parágrafo do sigilismo. Ver o autor nos cap. 7.1; 15 e 22.2.<sup>76</sup>

**Miguel da Anunciação**, Dom Frei, CRSA (1703-1779). Foi nomeado bispo de Coimbra em 1741. Esteve preso durante 8 anos às mãos do Marquês de Pom-

<sup>74</sup> “Na parte 1.<sup>a</sup> se contém um Compêndio Histórico dos factos do referido cisma. Na parte 2.<sup>a</sup> se contém um discurso jurídico sobre a indispensável necessidade que há de se abolir o mesmo cisma” (subtítulo da obra). Esta obra foi uma reacção pombalina contra a *Pastoral* de D. Miguel da Anunciação, sobre o sigilismo (1768).

<sup>75</sup> Ver MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), p. 89.

<sup>76</sup> Sobre o autor, ver ALVES, Ana Maria Mendes Ruas, “*O Reyno de Deos e A Sua Justiça*”. Dom Frei Inácio de Santa Teresa (1682-1751) - Dissertação de Doutoramento em História da Época Moderna, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Agosto de 2012 (on line).



bal (Inocêncio VI, p. 217; XVII, p. 36). Atribui-se-lhe uma obra (com o pseudónimo de Pedro Bembo), sobre o sigilismo, intitulada:

- *Fundamentos que certas pessoas douts sendo perguntadas... por Pedro Bembo ... para que a todos constem as justificadíssimas razoens, que suas Excelencias tiveram para recorrerem a Sua Santidade... sobre o Ponto da interrogação dos complices aos penitentes no acto da Confissão Sacramental*, Madrid, Oficina dos Herdeyros de Francisco del Hiero, 1747; diz-se que foi impressa numa tipografia clandestina de S. Martinho do Bispo; encontra-se numa miscelânea intitulada “Sigilismo III”; 1 p.; 20x13 cm (BJPII, MC-5509). Ver o autor no cap. 7.1.

**Miguel de Ataíde Corte Real, Pe. (?-?).** Foi cónego penitenciário da catedral de Faro (Inocêncio XVII, p. 42). Escreveu:

- *Muratori simulado arguido com as suas mesmas doutrinas, e convencido nas allegações, em que se firma, principalmente nas três Bullas do Santíssimo Padre Benedicto XIV: Suprema; Ubi primum, Ad eradicum, expeditas para condemnar a abominável praxe de extorquirem os Confessores dos penitentes as circunstancias para conhecerem aos complices dos seus pecados...: respondido, capítulo por capítulo, por Ramiro Leite Gatade Luneira de Recidabe, a instâncias de Ruberto Aníbio Deiro*, Sevilla, con licencia en la Imprenta Real, 1747; encontra-se numa miscelânea com o título “Sigilismo III”; 6, 258 p.; 20 cm (BJPII, MC-5509).

**Miguel de Távora, Dom Frei, OESA (?-?).** Era natural de Lisboa. Doutorou-se em Teologia pela Universidade de Coimbra e, mais tarde, foi aí também professor. Foi arcebispo de Évora entre 1741-1759. No contexto do sigilismo, escreveu:

- [Carta Pastoral do arcebispo de Évora, D. Frei Miguel de Távora, a proibir aos confessores, regulares e seculares, que perguntem aos penitentes os “nomes dos complices das suas culpas”; manuscrito], Évora, ao 1 de Abril de 1746; fol. 294-295; 35 cm (BNP, Cod. 1601//39).
- Também existe uma edição impressa numa miscelânea intitulada: “Sigilismo III”, *Colecção Terceira...*, Matriti, Oficina Antonio Sanz, 1746; 14 p.; 19x13 cm (BJPII, MC-5509).<sup>77</sup>

<sup>77</sup> Sobre o autor ver, LAVAJO, Joaquim Chorão, *D. Fr. Miguel de Távora no contexto eclesial e político do seu tempo*, em *Eboresia* 35, 2005, p. 115-142. Aqui se diz também que este bispo estava ligado à Jacobeia, o que prova que este movimento não era “sigilista”, como foi acusado por Pombal.

## Igreja Católica

- *Sanctissimi in Christo Patris et Domini Nostri Domini Benedicti Divina Providentia Papae XIV. Constitutio, qua Literae iam editae adversus Confessarios exquirentes à Poenitentibus Complicum nomina, confirmantur, & ampliantur*, Roma, Typogr. Rev. Camerae Apostolicae; Lisbonae, Iuxta Exemplar Ex Typis Michaelis Rodrigues, 1746; encontra-se numa miscelânea intitulada “Sigilismo III”; 12 p.; 20x13 cm (BJPII, MC- 5509).
- *Sanctissimi in Christo Patris et Domini Nostri Clementis... Papae XIV Epistola Encyclica ad Patriarchas, Primates, Archiepiscopos, et Episcopos Universae Ecclesiae Catholicae = Carta Encyclica do Santíssimo Padre em Christo e Nosso Senhor Clemente... Papa XIV aos Patriarcas, Primazes, Arcebispos, e Bispos de toda a Igreja Catholica*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1770; 19 p.; 2 col.; 32 cm (BNP, R. 5838//8 A.).

## Autores anónimos

- *Collecção universal das bullas, editaes, pastoraes, cartas, dissertações, apologias, e tudo o mais, que até agora se tem escrito, e divulgado, e mais se póde desejar, para inteira, e individual notícia do insólito, e pernicioso erro da fracção do sigillo sacramental; e das contenddas, que a este respeito tem havido sobre o ponto da jurisdição entre o sempre respeitável Tribunal do Santo Officio, e alguns dos Senhores Ordinários do Reyno de Portugal*, Madrid, Oficina dos Herd. de Francisco del Hierro [falsa indicação de local de impressão e impressor], 1747; 3 vol.; 21 cm (Paços do Concelho [Lisboa], RES-P-XVIII-20/3).<sup>78</sup>
- *Carta gratulatória aos eminentísimos, e reverendíssimos Senhores Cardeaes da S.ta Igreja de Roma, Inquisidor Geral, e Patriarca na qual se estabelece o poder do Papa, a jurisdiçam da Santa Inquisição, e a injustiça dos seus contradictores, e se mostra a rigorosíssima obrigação do sigillo sacramental... escrita ha muito tempo por hum anonymo, a agora impressa para utilidade pública*, Madrid, Herdeiros de Francisco del Hierro, 1746; 65 p.; 20 cm (BJPII, MC-1216).
- *Carta que se escreveo sem nome, no reinado do Augusto Rey o Senhor Dom João 5.º ao Cardeal da Cunha, que era Inquizidor Geral, sobre huns livros que sahirão tratando sobre o sigillo da confição sacramental, que parece era patrocínada a sua*

<sup>78</sup> Esta obra é uma das edições clandestinas que foram publicadas em Portugal nos anos 1746 e 1747, originadas pela polémica questão do sigilismo, que constituiu um marco na história religiosa portuguesa setecentista. De autoria anónima, a obra apresenta no pé-de-impressão uma falsa indicação do local de impressão e da identidade do impressor: “Madrid: Na Offic. dos Herd. de Francisco del Hierro”. Foi sob esta fausse-adresse que se escondeu, na verdade, o verdadeiro impressor, Miguel Rodrigues, um dos mestres da clandestinidade editorial em Lisboa no século XVIII.

*introdução pello Padre Frey Gaspar de Moscozo reformador dos Padres Vicentes, e muito valido daquelle monarcha* [manuscrito], [1776-1815]; fol. 1-4; 21 cm (BNP, Cod. 805//1).

Cópia: Texto redigido com o propósito de denunciar a publicação de “Livros prejudiciais, e perniciosíssimos, por que Frey Gaspar patrocina a infeção do Reino”. Integra o Tomo 8 de um conjunto de códices com o título: “Miscelaneas curiozas e interessantes em Manuscrito”, que pertenceu a José Manuel de Carvalho e Negreiros.

- *Erros Bem Vistos, Verdados Mal Attendidas, que nos Retiros da Corte repete Sylvana Astréa pelos successos de sua vida, em que mostra o caso succedido com certa beata empenhada a persuadilla a seguir os erros dos confessores sigilistas. Dado à luz por hum ermitam*, Madrid, En la Oficina de Antonio Sanz, 1746; 27 p.; 20x13 cm (BNP, Res. 1353//1 P.; BJPII, MC-5509).
- *Carta Consultiva e Desengano Católicos (...) ao (...) Arcebispo de Évora D. Fr. Miguel de Távora. Dado à luz por certo monge*, Madrid, Oficina de Francisco del Hierro, 1746; 23 p.; 20x13 cm (BNP, TR. 5708//2 P.; BJPII, MC-5509).
- *Sigilistas confundidos em Quatorze sonetos, nos quais se pondera o motivo do glorioso martyrio do Prothomartyr do sigillo Sacramental, São João Nepomuceno. Dados à luz por um devoto do mesmo Santo*, Madrid, En la Imprensa de Francisco del Hierro, 1746; encontra-se numa miscelânea intitulada “Sigilismo III”; 14 p.; 20x13 cm (BJPII, MC-5509).
- *Crisol Crítico, balança da verdade, e Invectiva apologética em que se refutam as Doutrinas que hum papel manuscrito, que de Évora se remetteo a esta Corte. Dividida em várias Conferências... Interlocutores: hum confessor orthodoxo e outro confessor rigorista...*, Sevilla, En la Empresa Real, Casa del Correo Viego, s. d.; encontra-se numa miscelânea intitulada “Sigilismo III”; 236 p.; 20x13 cm (BJPII, MC-5509).
- *Carta Discursiva sobre os papéis, que tem apparecido nesta corte, a respeito da abominável praxe de alguns confessores, que perguntavão na confissão ao penitente pelo cúmplice do seu pecado...*, Madrid, Oficina de Juan del Tajo, 1746; 2, 30 p.; 20x13 cm (BNP, TR. 5741//6 P.; BJPII, MC-5509).
- *Judicum Prudens, ac Orthodoxum circa Constitutiones Pontificias, et circa Aliquas Pastorales Lusitanorum Praesulum in Materia Interrogationis Complicum ad Eminentissimum Dominum Cardinalem da Cunha, Inquisitorem Generalem*, Matriti, Apud Haeredes Francisci del Hierro, 1746; 28 p.; 20 cm (BJPII, MC-5509).

### 7.3. Igreja e cientismo anticristão

Chamamos aqui “cientismo anticristão” à ideologia que se apoia nas ciências para afirmar que estas são incompatíveis com a fé. Foi a ilusão de que as ciências iriam ser a solução, “a caixa de Pandora” de todos os problemas, e as religiões seriam relegadas ao domínio das trevas da ignorância. Nessa altura, os estudos bíblicos científicos estavam ainda no seu início. Por isso, o cientismo afirmava que a Bíblia era uma espécie de “romance”, cheio de contradições, com a história e com as outras ciências. Hoje, um exegeta sorri destas banais afirmações, que denotavam, simplesmente, o desconhecimento, a ignorância do que é realmente a Bíblia. Esta não é um livro de história e, portanto, não pode estar contra a história; também não um livro de ciências; por isso, não pode estar contra as ciências. Mas sigamos em frente, para verificarmos o que dizem os autores destes dois séculos. E iniciamos esta visita aos documentos, começando por um documento papal, que foi objeto de muita discussão a propósito das ciências modernas e da descristianização da sociedade de então.

**Papa Pio IX** (1846-1878): Encíclica *Quanta Cura* e *Syllabus* (8.12.1864).

#### Reação em Portugal

Esta Encíclica, com o seu suplemento, *Syllabus ou coletânea de erros proscritos em diversos documentos de Pio IX*, apresenta e condena os chamados erros modernos. Deixamos aqui alguns exemplos: panteísmo, naturalismo, racionalismo absoluto, indiferentismo; erros referentes à Igreja, à sociedade civil, sobre a ética natural e cristã, sobre o matrimónio cristão, sobre a soberania do Papa, sobre o liberalismo...<sup>79</sup> Em Portugal foi editada com o título:

- *O Syllabus ou a doutrina de Roma*, Porto, Typ. de António José da Silva Teixeira, 1873; 40 p.; 22 cm (BNP, R. 10287//9 V.).

Este documento teve reações favoráveis e desfavoráveis, também em Portugal, como seria de esperar; mas, na generalidade, todos os católicos estavam ao lado do Papa, mesmo certos escritores, apesar de não haver muitas obras explícitas sobre o assunto.

#### Em defesa da Encíclica

**Antero Tarquínio de Quental** / Antero de Quental (1842-1891), escreveu:

- *Defesa da Carta Evangélica de SS. Pio IX contra a chamada opinião liberal* (Coimbra?), 1864 ou 1865.

<sup>79</sup> Ver Denzinger, n.º 2890-2980.

Trata-se de um protesto violento contra os que atacavam o *Syllabus* em nome da liberdade, pretendendo, ao mesmo tempo, permanecer católicos fiéis. Ver o autor nos cap. 4.1; 7.1; 10.3.1 e 17.

### Contra a Encíclica

**Carlos Pinto de Almeida** (1831-1899). Era natural de Lisboa (Inocêncio IX, p. 42). Escreveu:

- *O pontificado perante os séculos: resposta à Encyclica de Pio IX*, Lisboa, Typ. Portuguesa, 1865; 56 p.; 21 cm (BNP, R. 10273//20 V.).

Seguem-se os autores que tiveram nomeada contra ou a favor do cristianismo e da Igreja:

### Obras de Renan

Ernest Renan (1823-1892) tinha nacionalidade francesa. Estudou no Seminário da sua terra natal. Entrou em crise de vocação sacerdotal no contacto com a escolástica e a exegese da Bíblia. As suas ideias rejeitam todo o sobrenatural, afirmando a certeza de um determinismo universal e apresenta um culto quase místico da ciência positiva. Embora sendo francês, apresentamo-lo aqui, pois as suas obras foram muito traduzidas em Portugal. Vejamos algumas:

- *Vie de Jésus par Ernest Renan...*, Paris, Calmann-Lévy, [18--]; 262, 2 p. (BNP, H.G. 18723 P.; BJPPII, 232.9 REN);  
— 11.<sup>a</sup> edição, Paris, 1864; em 8.º gr. (BNRJ, 272, 4, 22).  
— 12.<sup>a</sup> edição, ib., Michel Levy Frères, 1864; 59, 462 p.; 23 cm (BNP, H.G. 4198 V.; BNRJ, 74, 3, 19).
- *Les Évangiles et la seconde génération chrétienne...*, Paris, Calmann Lévy, 1877; em 8.º (BNRJ, 22, 1, 33).
- *L'ecclésiaste traduit de l'hébreu, avec une étude sur l'âge et le caractère du livre...*, Paris, Calmann Levy, 1882; em 8.º (BNRJ, 12, 4, 47).<sup>80</sup>

### Obras contra Renan

**Pedro Guerra** (séc. XIX). Inocêncio apenas reproduz uma notícia sobre este autor e a sua única obra (XVII, p. 205), traduzida do francês:

<sup>80</sup> Existe imensa bibliografia sobre este autor quer em francês, quer em inglês e mesmo em português, que nos dispensamos de apresentar aqui. De qualquer modo, ver o que escrevemos sobre este autor no cap. 1: 7.1 e cap. 6: Bíblia e Ciências Modernas, n.º 5.5.

- *Exame crítico da Vida de Jesus de E. Renan*, Lisboa, Typografia Universal, 1864; autor: Abade Freppel (1827-1891); traduzido da 13.<sup>a</sup> edição; 89 p.; 22 cm (BNP, H.G. 190 P.; BSEA; BNRJ, 269, 5, 24 n. 8).<sup>81</sup>

**José Manuel Groot** (séc. XIX). Escreveu:

- *Refutacion analítica del libro de Mr. Ernesto Renan titulado - Vida de Jesus...*, Paris, Libr. Europea de Dramard Baudry, 1869; em 8.º (BNRJ, 70 r, 3, 24).

**João Joaquim de Almeida Braga** (1836-1871). É uma figura bracarense marcadamente ligada aos preceitos do catolicismo e a uma postura compassiva, a partir da qual ficou conhecido como “santo” entre os seus conterrâneos (Inocêncio III, p. 388; X, p. 282). Escreveu:

- *O Christianismo e o Século: Resposta à obra de Mr. Renan - Vie de Jesus*, Porto, F. G. da Fonseca, 1864; 172, 3 p.; il.; 20 cm (BNP, Var. 3928; CBAP, n.º 310, BSEA).<sup>82</sup>
- *O Poder Temporal do Papa: Carta ao Excelentíssimo Senhor D. António Alves Martins, Bispo de Viseu...*, Braga, Typ. Lusitana, 1867-1870; 7 fol.; 21 cm (BNP, R. 15030 V.; BSEA).
- *Jesus Christo em face do mundo. Continuação da obra “O Cristianismo e o Século”*, Porto, Typ. de F. Gomes da Fonseca, 1865; 85 p.; 19x11,5 cm (BNP, R. 38165 P.). Ver o autor nos cap. 10.2 e 17.<sup>83</sup>

**Tomás de Carvalho** (1819-1897). Foi médico formado em Paris e veio a ser lente de anatomia na Escola Médico-cirúrgica de Lisboa. Tem vasta obra literária (Inocêncio VII, p. 340). Segundo Inocêncio XIX, p. 277, fez uma introdução histórica ao opúsculo que se segue, a pedido do seu editor:

- *Vida de Judas - Renan: refutação das novas impiedades*, Lisboa, Typ. de J. da Costa Nascimento Cruz, 1864; 89 p.; 19 cm (BNP, H.G. 16199//5 P.).

<sup>81</sup> Título original da obra: *Examen Critique de la Vie de Jésus de M. Renan...*, Paris, V. Palmé, 1864; 14.<sup>a</sup> ed.; 176 p.; 22 cm; autor: Freppel (BNP, H.G. 12028 P.).

<sup>82</sup> Os escritores católicos depressa perceberam que estavam a ser bombardeados por obras que chegavam do estrangeiro contra a fé católica. A resposta surgiu no Porto em 1864 com a obra aqui apresentada, onde o “autor elabora também uma apologética em que defende a autenticidade dos Evangelhos, a verdade dos dogmas do cristianismo e a presença da Igreja no mundo como fator de progresso da civilização” (ver CRUZ, Robson, *Camilo Castelo Branco e o livro “Divindade de Jesus”* (1865), em Lusitania Sacra 1, 2.<sup>a</sup> Série, 1989, p. 94).

<sup>83</sup> Nesta obra, o autor defende, com argumentos bíblicos e filosóficos, a existência e divindade de Jesus Cristo. Está dividida em 10 breves capítulos. É de caráter apologético. Sobre o autor, ver Inocêncio III, p. 388; X, p. 282.

## Obras a favor de Renan

**Carlos Pinto de Almeida** (1831-1899). Era natural de Lisboa. Foi um escritor português de renome, orientalista, apologista de Renan e forte crítico da Igreja Católica (Inocência IX, p. 42). Escreveu:

- *Estudo sobre a Vida de Jesus de Mr. Renan*, Porto, Typ. de Francisco Gomes da Fonseca, 1866; 185 p.; 23 cm (BNP, R. 10302 V.; BSEA).<sup>84</sup>

**Mateus Augusto**, Pe. (?-?). Segundo Inocência, “Foi um dos instaladores do “Conselho Conservador de Lisboa”, formado em 1808 para promover a restauração de Portugal, e sacudir o jugo francez” (VI, p. 164; XVII, p. 10). Foi autor de:

- *O Triunpho da Verdade contra o sophisma ou Lições Moraes e Philosophicas ao alcance da Mocidade*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1847; 92, 2 p.; 16 cm (BNP, S.A. 1782//2 P.; CBAP, n.º 138). Ver o autor no cap. 8.

## Autor anónimo

- *As Ideias liberaes, último refúgio dos inimigos da religião e do throno...*, Lisboa, Impressão Régia, 1819; 201 p.; 16 cm (CBAP, n.º 1071).  
— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1823; 301 p.; 15 cm (CBAP, n.º 1072).

## Tradutor anónimo

- *O romance de Ernesto Renan, Vida de Jesus, refutado pelo Rev. Padre Freppel*, Baía, 1864; em 4.º (BNRJ, 13, 4, 21).

**João Campos Lima** (18??). Traduziu:

- *O Anti-Christo*, Porto, Lello & Irmão, 1909; autor: Ernest Renan. (BNP, H.G. 18156 P.).  
— Ib., Livraria Chardron, 1910; Livro IV – História das Origens do Cristianismo; 350 p.; 19x12 cm (BSME).

## Bibliografia

- BRUNO, Joseph Faadi, *Catholic Belie* [Fé católica], London, Burns and Oates, 1878; Second edition; 452 p., 8 p.; il.; 14x10 cm (BNP, R. 29401 P.; BPH).
- DURAND, Pe. Bartolomeu, *Fides vindicata. Quatuor libris comprehensa in quibus historiae, cronologiae ac critice referuntur. Selectissimisque Sacrae Scripturas*,

<sup>84</sup> Inocência também refere a seguinte obra deste autor: *A verdade do Christianismo e sua influência*, Lisboa, Typ. Universal, 1862; 58 p.; em 8.º gr. (IX, p. 42).



- Sanctorum patrum & conciliorum Oraculis refutantur haereses...*, Veneza, Ap. Sebastianum Coleti., 1726; 10, 632 p.; 34x23 cm (BSEA).
- FOISSET, M., *Histoire de Jesus-Christ d'après les textes contemporains...*, Paris, Louis Vivès, Libraire- Éditeur, 1863; 454 p.; 21x13 cm (DB).<sup>85</sup>
- GENOUDE, M. de, *La Raison du Christianisme ou preuves de la verite de la religion tirees des ecrits des plus grande hommes de la France, Angleterre et de l'Allemagne*, Paris, Parent-Desbarres, s.d.; 4.<sup>a</sup> edição; 4 vol. (BSEA).
- GUERRA, Aloísio (trad.), *De Fundamentis Religionis et de Fontibus Impietatis*, Venetiis, Sumpt. Heredis Nicolai Pezzana, 1770; 2.<sup>a</sup> edição; autor: Antonini Valsecchi; 28, 527 p. (BNP, VAR. 4350).<sup>86</sup>
- JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Fides et Ratio do Sumo Pontífice João Paulo II sobre as relações entre Fé e Razão*, Ed. Paulinas, Lisboa, 1998.
- LAMOURETTE, Antoine-Adrien (1742-1794), *Pensamentos sobre a Filosofia da incredulidade, ou reflexões sobre o espírito, e desígnio dos filósofos sem religião do presente século, dedicados a Monsieur, irmão de elrei de França, pelo Abbade Lamourette, doutor theologo, traduzidos em português...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1795; 16, 284 p.; 15 cm (BNP, S.A. 1258 P.; A Tradução em Portugal, 2089).
- Pastoraes de alguns bispos franceses por ocasião da Revolução* [trad. em port.], Porto, Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1797 (A Tradução em Portugal, 2101); sem indicação de autor nem tradutor.<sup>87</sup>
- ROSA, Morais (trad.), *Descendemos do macaco?*, Lisboa, Livraria Internacional Almeida, Carvalho & C<sup>a</sup>, [18??]; autor: E. Denoy; 159 p.; em 8.<sup>o</sup> (BSL).
- TRADUTOR ANÓNIMO: *História abreviada da perseguição, assassinato e do desterro do clero francês...*, Porto, Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1795-1797; autor: Augustin de Barruel, SJ (1741-1820); 3 vol.: 19, 235; 4, 270, 6 e 2, 4, 400 p.; 15 cm (BNP, H.G. 3006 P.).

<sup>85</sup> Trata-se de um autor católico que ataca Renan e outros que negam ou não afirmam claramente a divindidade de Cristo. O autor vai seguindo os textos evangélicos, apresentando-nos as passagens mais importantes destes, numa espécie de “Concordância dos Evangelhos”.

<sup>86</sup> Original italiano: VALSECCHI, Antonini, *Dei Fondamenti della Religion e dei Fonti dell'Empieta...*, Padova, Giovanni Manfre, 1779; 3 vol.: 1.<sup>o</sup>, 360 p.; 2.<sup>o</sup>, 344 p.; 3.<sup>o</sup>, 392 p.; 23x17 cm (BOCD).

<sup>87</sup> Na Tradução em Portugal, n.º 2101, diz-se: “Nota do editor: ‘Esta obra pode servir como de continuação à História abreviada da perseguição, assassinato e do desterro do clero francês, durante a Revolução, etc. Impressa nesta Off. onde se vende’”.

WISEMAN, Nicholas Patrick Stephen (1802-1865), *Discours sur les rapports entre la science et la religion révélée*, Paris, chez Dufort et C.<sup>o</sup>, Editeurs, 1842; 18x11,5 cm (BPH); ib., A. Royer, 1845; 464 p.; 18 cm (BNP, L. 25656 P.).

#### 7.4. Igreja Católica e Igrejas Protestantes

Nos séculos tratados neste volume, há um facto que sobressai no relacionamento entre a Igreja Católica, por um lado, e as Igrejas protestantes, por outro: as *Sociedades Bíblicas*, sobretudo a partir de 1804, data da fundação da *Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira*.<sup>88</sup>

Foi o pastor galês Thomas Charles que teve a iniciativa da Sociedade Bíblica de Londres, 1804. Depois fundaram-se na Rússia, Suécia, Holanda, Noruega, Dinamarca, Alemanha, Suíça, França, Escócia, E. Unidos.<sup>89</sup>

Apresentamos as principais:

- 1805: Sociedade Bíblica da Escócia (Glasgow)
- 1806: Sociedade Bíblica da Irlanda
- 1807: Sociedade Bíblica do Canadá
- 1809: Sociedade Bíblica do Comité de Edimburgo
- 1813: Sociedade Bíblica da Rússia
- 1814: Sociedade Bíblica da Dinamarca
- 1814: Sociedade Bíblica da Holanda;
- 1815: Sociedade Bíblica da Suécia
- 1816: Sociedade Bíblica Americana (SBA)
- 1816: Sociedade Bíblica da Noruega

<sup>88</sup> Ver o vol. IV da coletânea, “A Bíblia em Portugal”: *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, p. 248-250, com as respetivas notas.

<sup>89</sup> Ver o que foi dito no vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, a propósito da “Literatura antiprotestante”, p. 445-448. Sobre as Sociedades Bíblicas, veja-se também o artigo *Bíblia* na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, onde se diz que “as 14 maiores Sociedades Bíblicas distribuíram nos últimos anos 36 milhões de exemplares por ano (...). Em Portugal, a Sociedade de Londres introduziu as suas edições em 1809, por meio dos capelães militares da Guerra Peninsular e enviou aqui Borrow em 1834. Em 1842, o cardeal Saraiva examinou e aprovou a oferta ao povo açoriano de uma certa quantidade de exemplares da Bíblia da mesma Sociedade. As acusações supervenientes da falsidade dessas edições aparecem em 1875, e foram, desde então, repetidas, mas contraditadas por Trindade Coelho e P. Alves Correia. A sua difusão foi juridicamente permitida em acórdão da Relação de Lisboa de 1927 e a proteção oficial é-lhe dada em documento de 1935. A média de saída dos depósitos das quatro Sociedades em Portugal é de mais de 120 000 exemplares por ano; até hoje, tem-se espalhado em Portugal 650 000 exemplares da Bíblia completa e mais de 6 milhões de separatas” (p. 645-646). Uma obra fundamental sobre a introdução e estabilização do protestantismo em Portugal é a de LEITE, Rita Mendonça, *Livro, Texto e Autoridade-Diversificação Religiosa com a Sociedade Bíblica em Portugal (1804-1940)*, INIC, 2019, sobretudo p. 31-186.

1817: Sociedade Bíblica da Austrália

1836: Sociedade da Igreja Batista para a América e para o Exterior

1837: Sociedade Bíblica da Nova Zelândia

1946: Sociedade Bíblica da Polónia

1946: Sociedades Bíblicas Unidas (UBS / SBU), para prover a cooperação entre as diferentes Sociedades e construir projetos comuns.

1948: Sociedade Bíblica Alemã.

Já no capítulo introdutório a este volume, falávamos da “instalação” das *Sociedades Bíblicas* e do protestantismo em geral, nos territórios portugueses. Aque-las dedicaram-se inteiramente a difundir a Bíblia em todos os países e também no nosso. Particularmente ativa esteve a Sociedade Bíblica inglesa, nascida em 7 de março de 1804, formada por umas 300 pessoas de várias denominações protestantes, sobretudo anglicanas. É conhecida pela sigla BFBS / SBBE (*British and Foreign Bible Society*; ou *Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira*).

Pretendia, como revela o seu próprio nome, levar a Bíblia, não apenas ao conjunto das chamadas Ilhas Britânicas, mas também às suas colónias e a todos os países, onde fosse possível. Esta Sociedade tornou-se, sem dúvida, a maior distribuidora de Bíblias e partes dela em todo o mundo. Foi a grande novidade destes séculos, no aspeto bíblico, em Portugal, sem falar das antigas colónias portuguesas. Este modo de pensar e de agir por parte dos protestantes – ter a Bíblia na mão – era o único modo de fazer cristãos e de alimentar a sua fé, o que levava à convicção de que, ser cristão, era sobretudo “ler” a Bíblia, dando a entender que o protestantismo era, na prática, a *religião do Livro* (a Bíblia). A Igreja Católica, ao contrário, pensava que o importante era o “modo de a ler”. Este princípio era fundamental para a Igreja, já que na sua longa história, todas as heresias tinham vindo, não simplesmente do “ler a Bíblia”, mas sobretudo do “modo de a ler”. Esta era, e é, ainda hoje, “a grande questão Bíblica”.

Toda a polémica entre a Igreja Católica, por um lado, e os milhares de Igrejas, que se reclamam do Evangelho de Cristo (os “evangélicos”), por outro, reside simplesmente neste ponto. Portanto, a grande tarefa de todos os que se dizem cristãos (católicos e protestantes) consiste em fazer a ponte entre “o ler” e o “modo de ler”. Afirmar o contrário é confundir a nuvem com Juno. E esta questão não é apenas de carácter hermenêutico e exegético, mas envolve outros critérios básicos muito importantes, de que não falamos aqui.<sup>90</sup>

<sup>90</sup> Tais critérios, por parte da Igreja Católica, estão bem expressos sobretudo na *Dei Verbum*, do concílio Vaticano II e, mais recentemente, no documento sinodal sobre a Bíblia, presidido pelo papa Bento XVI, a *Verbum Domini*, 2010.

Em pleno séc. XXI, já era tempo de encontrar uma real plataforma de diálogo franco, honesto e fraternamente cristão, entre as grandes Igrejas protestantes tradicionais, por um lado, e a Igreja Católica, por outro; isso poderia levar a um consenso de meia dúzia de princípios teológicos básicos, como alvitrou o concílio Vaticano II, evitando-se, assim, o triste espetáculo de lançar acusações e calúnias mútuas, como aconteceu nos séculos XVIII-XIX. Mas não é aqui o lugar de avançar por este caminho, que nos conduziria para fora dos limites desta obra.

Apesar das dificuldades colocadas pelo governo liberal e pela Igreja Católica às Bíblias não aprovadas por esta, a delegação da Sociedade Bíblica da Inglaterra (BFBS), sediada em Lisboa, segundo informações de Robert Moreton em 1905, fez sucesso na distribuição de literatura bíblica, desde 1809: 221 342 Bíblias completas, 492 420 Novos Testamentos e 930 275 exemplares de “Porções” bíblicas.<sup>91</sup> Apesar de ser trabalho de um século, no meio de tantas dificuldades, foi um êxito. Estas Bíblias eram, naturalmente, em língua portuguesa, umas de João Ferreira de Almeida, outras do Pe. António Pereira de Figueiredo, “truncadas” dos livros Dêutero-canônicos e das suas valiosas notas.

Este êxito deve-se a fatores conjunturais, sobretudo à deslocação de milhares de portugueses, uns que saíram do país e outros que entraram, pelos mais variados motivos políticos ou económicos, que a história explica. No início deste processo de propaganda bíblica e no que diz respeito à língua portuguesa, a *Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira* decidiu avançar com as edições de Almeida, por dois motivos:

- a) porque Almeida era protestante;
- b) porque se acreditava que a sua Bíblia tinha sido traduzida a partir dos textos originais (grego e hebraico), ao contrário da de Figueiredo, que era católica, portanto, nada fiel às ideias protestantes, e, além disso, traduzida a partir da Vulgata Latina. Aliás, dizer que a de Almeida foi traduzida dos originais não tem plena garantia histórica, como afirmávamos no IV volume desta coletânea.<sup>92</sup>

Depois da já referida BFBS, aparece em cena também a Sociedade Bíblica Americana (SBA), com o nome oficial de *American Bible Society* (ABS), que es-

<sup>91</sup> EDUARDO MOREIRA, *A Situação religiosa em Portugal. Conspecto e Considerações*, Lisboa, Edições do Portugal Novo, 1935, p. 14; Idem, *Vidas Convergentes. História breve dos movimentos da Reforma cristã em Portugal a partir do século XVIII*, Portugal Novo, 1935.

<sup>92</sup> Ver vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, o. c., p. 456-469. Na conhecida edição do *Novo Testamento* de Almeida, BFBS, 1809, diz-se que é “tradução do grego”, o que não é afirmação muito segura e correta.

palhou Bíblias (apenas) de João Ferreira Annes d'Almeida sobretudo nas nossas antigas colónias.<sup>93</sup>

Nesta época histórica e cultural, o antiprotestantismo manifesta-se sobretudo na crítica às Bíblias protestantes impressas e espalhadas um pouco por todo o lado. Assim, na introdução do *Novo Testamento* de D. Frei Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré (edição de Lisboa, 1875) aparecem palavras que ninguém diria hoje, num momento especialmente ecuménico, felizmente apresentado oficialmente pela Igreja Católica no concílio Vaticano II. Eis as duras palavras que aí se dizem e que denotam as características desta época que estamos a tratar, entre as duas maneiras de viver o único cristianismo:

“Os protestantes, assalariados pela Sociedade Bíblica de Londres, andam-nos metendo à cara Bíblias em que se dizem quantos disparates há contra a religião que nossos pais nos ensinaram, e nós sabemos que é a única verdadeira, fora da qual não há salvação. Eles querem-nos impor quase à força Bíblias falsificadas, viciadas, truncadas que falam contra o Papa, contra a Confissão, contra a Eucaristia, contra Jesus Cristo, contra Maria Santíssima, contra os santos, contra tudo o que há de bom. Às Bíblias de tal jaez opõe o tradutor o Novo Testamento Católico...”.<sup>94</sup>

Como este, há muitos outros textos; apresentaremos alguns mais abaixo. Os qualificativos de “Bíblias falsificadas, viciadas, truncadas” referem-se certamente ao facto dos protestantes, mediante ordens emanadas pela Sociedade Bíblica de Londres, terem eliminado de todas as Bíblias os livros Dêutero-canónicos, aos quais chamam *Apócrifos*. Por outro lado, eliminaram as notas da Bíblia, que antes as tinha, como foi o caso da Bíblia do Pe. António Pereira de Figueiredo, ficando completamente despida de notas e mesmo dos lugares paralelos. Portanto, havia entre as duas partes um relacionamento azedo, pouco cristão, devido à falta de diálogo fraterno.

A propósito do “Papado” e da Igreja Católica em geral, vejamos o que diz a “Confissão de Fé de La Rochelle” (1559):

“... Por isso, nós condenamos as assembleias do Papado, porque tendo sido banida a verdade pura de Deus, os Sacramentos foram corrompidos, alterados, falsificados ou totalmente aniquilados, e toda a sorte de superstições e idolatrias

<sup>93</sup> Ver o Catálogo do nosso vol. IV, onde constam muitas edições da Sociedade Bíblica Americana (ABS / SBA). Além destas duas Sociedades Bíblicas, em Portugal, trabalhou também a *National Bible Society of Scotland* e, eventualmente, outras.

<sup>94</sup> Ver também o que dizemos a propósito das Sociedades Bíblicas no capítulo sobre a presença portuguesa no Oriente (*Bíblia e Cultura Bíblica no Oriente Asiático*, cap. 19); ainda sobre o debate do Cânon e fundação das Sociedades Bíblicas Protestantes, ver Vv., *Le Canon de L'Ancien Testament – Sa formation et son Histoire*, Labor et Fides, Genève, 1984, p. 313s.

que nela estão presentes. Nós estimamos que todos aqueles que se reúnem e participam de tais atos se separam e se retiram do Corpo de Cristo. Entretanto, porque ainda resta um pequeno vestígio de Igreja no Papado, e que a realidade essencial do Batismo nela subsistiu – ligado ao facto de que a eficácia do Batismo não depende daquele que o administra – nós confessamos que aqueles que foram nela batizados, não necessitam de um segundo batismo. Entretanto, por causa das corrupções que nela existem, não se pode, sem se contaminar, apresentar as crianças para o batismo (Mt 10,14-15; Jo 10; 1 Cor 3,10-13; Ef 2,19-21; 2 Cor 6,14-16; 1 Cor 6,15; Mt 3,11; 28,19; Mc 1,8; At 1,5; 11,15-17; 19,4-5; 1 Cor 1,13).<sup>95</sup>

A linguagem de condenação da Igreja Católica pelas Igrejas e seitas Protestantes, estas últimas saídas dos princípios hermenêuticos de leitura da Bíblia por Lutero, despoletaram toda esta triste controvérsia. Mas, infelizmente, a Igreja Católica respondeu aos ataques com argumentos que podiam ter sido evitados, se tivesse montado estruturas de ensino da palavra de Deus aos cristãos católicos, seus filhos. Estes achavam-se pessoalmente desprotegidos, não tendo as mesmas armas (de caráter bíblico), para se defenderem dos protestantes. Daí as respostas das mais altas instâncias romanas a intervir sobre o cuidado a ter com as traduções da Bíblia em línguas vulgares; daí também as pastorais e outras intervenções de alguns bispos para defenderem o seu rebanho.<sup>95</sup>

#### 7.4.1. Protestantismo e venda de Bíblias no séc. XIX

O protestantismo desenvolveu-se em Portugal, por meio de vários tentáculos montados pela SBBE, apesar da lei portuguesa consignar a religião católica como religião do Estado. Com efeito, assim reza o art. 6 da Carta Constitucional de 1826:

“A Religião Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras religiões do Reino serão permitidas aos Estrangeiros com seu culto doméstico. Ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma de templo”.<sup>96</sup>

Mas, ao mesmo tempo, este texto jurídico estabelecia que ninguém podia ser perseguido por motivos religiosos. Assim, esta lei tornava-se um pomo de discórdia, ao ser invocada por católicos, por motivos óbvios, mas também pelos protestantes. Estes defendiam-se pelo artigo que proibia a perseguição religiosa

<sup>95</sup> Sobre a polémica protestante, ver também o que dissemos no cap. 1.10.

<sup>96</sup> *As Constituições portuguesas, de 1822 ao Texto atual da Constituição*, Introdução por Jorge Miranda, Livraria Petrony, 1992, 3.<sup>a</sup> ed., p. 105.

e, reclamando, portanto, a plena liberdade religiosa para as suas atividades de venda de Bíblias e de outras manifestações da sua fé, sobretudo mediante os colportores. Estes foram mesmo objeto de represália por certas autoridades judiciais. A hierarquia católica, como seria normal, era a mais interessada em impedir a propaganda protestante e a venda indiscriminada de Bíblias ao povo simples.

Foi o caso do bispo da Guarda, D. Manuel Martins Manso, que, depois de o ter sido também do Funchal, onde fez duas pastorais contra os protestantes, faz também, na nova diocese, uma pastoral a 16 de dezembro de 1867. Aí se insurge contra “as novas tentativas de propaganda protestante, que os emissários das Sociedades Bíblicas protestantes” estavam aí a desenvolver.<sup>97</sup> As autoridades judiciais estavam a tomar as precauções. Estas, nem sempre atuavam do mesmo modo, de tal maneira que um colportor, de nome Manuel Vieira de Souza, foi preso em várias cidades (Porto, Barcelos, Braga, Lamego) e outros nunca o foram. Normalmente, nestes casos, as Bíblias eram apreendidas.

As acusações baseavam-se no facto de tais livros serem proibidos por serem heterodoxos, isto é, por não terem os livros Dêutero-canónicos. Por todos estes motivos, houve várias queixas da BFBS acerca da dificuldade em fazer o seu apostolado no nosso país.

Seguem imediatamente os nomes, as obras e o teor da polémica anti-protestante e vice-versa, a propaganda anticatólica. Vão todos juntos, por ordem alfabética.

#### 7.4.2. Autores e obras de polémica protestante

**Carlos João Rademaker**, SJ (1826-1885). Nasceu em Lisboa, foi educado em Turim, no seio da sua família que aí vivia na altura. Aí se formou em Direito canónico e civil (Inocência II, p. 32; IX, p. 37).

- *Vinte e cinco por cento! Aos cem disparates dos Protestantes, vinte e cinco respostas sem réplica, por um que leu a Bíblia*, Guimarães, Centro de Propaganda Católica em Portugal, 1881.

— Ib., mesmo impressor, 1886; 61 p.; 15 cm (BNP, R. 29528//13 P.).

— 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa, [s. n.] 1931; 45 p.; 16 cm (BNP, R. 22910//7 P.).

— 5.<sup>a</sup> edição, Porto, Tip. Porto Médico, 1941; 43 p.; 14 cm (BNP, R. 30310//6 P.).

<sup>97</sup> As Pastorais deste Bispo, de que falaremos ainda mais abaixo, foram transcritas por PINHARANDA GOMES, *Dom Manuel Martins Manso: Bispo do Funchal e da Guarda: Escritos Pastorais*, Lisboa, S. João da Talha, 1996; 190, 2 p.; 24 cm (BNP, H.G. 43066 V.).



- *6.ª edição*, Lisboa, Rev. “Brotéria”, 1951; 31 p.; 16 cm (BNP, R. 31492//2 P.).
- *Vinte e cinco Respostas aos Protestantes*, Lisboa, Brotéria, 1961; 7.ª edição; 32 p.; 16 cm (BNP, R. 33399 P.).
- *A Viúva do Ministro; episódios sobre a propaganda protestante*, Lisboa, 1871.<sup>98</sup>
  - *Nova edição revista*, ib., Tipografia do Bem Público de Germano da Silva, 1907; 14 cm (BNP, R. 27017//11 P.).
  - Ib., União Gráfica, 1936; 134 p.; 19 cm (BNP, L. 11945//6 P.). Ver o autor nos cap. 7.1; 15; 17 e 22.3.

**Francisco Mendes Alçada de Paiva**, Pe. (ca. 18--). Foi pároco da Igreja dos Anjos e Carnide. Foi bacharel em Teologia (Universidade de Coimbra). Escreveu uma obra de fôlego antiprotestante:

- *O Protestantismo esfacelado perante a verdade do catolicismo*, 1916 (BSME).<sup>99</sup>

**Guilherme Dias da Cunha** (ca. 1844-1907). Nasceu em Mesão Frio, tendo-se ordenado sacerdote com vinte anos. Após alguns anos no Brasil, regressa a Portugal e abandona o sacerdócio, fazendo-se protestante em finais de 1870. Escreveu as seguintes obras de sabor anticatólico.<sup>100</sup> Prefaciou e anotou:

- *A Confissão: Ensaio Dogmático-Histórico*, Porto, Tip. Ocidental, 1880; 158 p.; 19x12 cm (BSEA).
- Lisboa, Livr. Evangélica, 1932: autor: Luigi de Sanctis (BNP, R. 23988 P.).
- *O Que é a Missa: Perguntas e Respostas*, Porto, Typ. Gutenberg, 1888; 2. ed.; 95 p.; 17 cm (BNP, R. 11172//3 P.). Teve a 1.ª edição no ano anterior.

Trata de vários assuntos, entre eles temos: Supremacia de Pedro; Transsubstanciação; Origem da palavra “missa”; Missas e Purgatório; Origem das vestes sacerdotais; O verdadeiro sacerdote segundo a Bíblia, terminando com a afirmação de que todos os cristãos são sacerdotes.

- *O que é a Confissão auricular e o que são as indulgências: conferências recitadas na*

<sup>98</sup> É uma obra de ficção didática, onde se expõem as razões pelas quais se deve combater a fé protestante, os artifícios usados pelos seus ministros, e o modo como devem responder os católicos. Utiliza continuamente argumentos bíblicos. No final da obra, a viúva do ministro protestante acaba por se converter ao catolicismo e reconhecer que andou no erro toda a sua vida.

<sup>99</sup> Em MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), Círculo de Leitores, 2000, p. 95.

<sup>100</sup> Biografia recolhida em Arquivo Histórico da Igreja Lusitana: Documento simples 040.

*capela evangelista lusitana de Villa Nova de Gaya em maio de 1888*, Porto, Typ. Gutenberg, 1889; 43 p.; 16 cm (BNP, R. 32620 P.).

Nesta pequena obra de 4 conferências, nega simplesmente o sacramento da Penitência, recorrendo a argumentos dos Evangelhos e da Patrística, tudo interpretado pelo prisma protestante. Ver o autor no cap. 3.1.

**João Baptista de Castro**, Pe. (1700-1775). Era natural de Lisboa. Foi presbítero secular e viveu algum tempo em Roma. Escreveu várias obras de caráter religioso, moralizante e geográfico.<sup>101</sup> Na BPE, encontra-se o seguinte manuscrito:

- *Discurso sobre vários pontos da religião cathólica contra os protestantes*. “É parecer do Padre João Baptista de Castro, Lisboa, 2 de fevereiro de 1756” (BPE, Cod. CXII/2-15, a fl. 51).<sup>102</sup> Ver o autor nos cap. 4.2; 10.2; 11.1; 13.1 e 22.1.

**João Vieira** (?-?). Traduziu:

- *O Protestantismo comparado com o Catolicismo em suas relações com a civilização europeia*, Porto e Braga, Liv. Internacional de Ernesto Chardron e Eugénio Chardron, 1877; autor: D. Magme Balmes; 4 tomos; 18x12 cm (BPH: t. I, III e IV).

**Joaquim Alves da Hora** (?-?). Escreveu, como tese inaugural apresentada a concurso à Faculdade de Teologia, a seguinte obra:

- *Critica hodierni positivismi analysis: dissertatio inauguralis quam anno MDCC-CLXXIX in Conimbricensi Academia...*, Coimbra, Typis Academicis, 1879; 112 p.; 25 cm (BNP, R. 2530//1 A.).<sup>103</sup>
- *O Protestantismo considerado em seus fundamentos. Exame crítico dos Systemas protestantes sobre a Regra da Fé*, Porto, Imprensa Comercial, 1886; 72 p.; 21x14 cm (BPH).

**José de Sousa Amado** (1812-1878). Era natural de Assafarge, Coimbra. Foi professor de liceu em Lisboa. Licenciou-se em Teologia em 1843 (Inocêncio V, p. 139; XIII, p. 221). Escreveu:

- *Os protestantes desmascarados ou os protestantes de hontem, de hoje, e de amanhã*, Lisboa, Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1873; 15 p.; 22 cm (BNP, VAR. 4048//8).

<sup>101</sup> Barbosa II, p. 596-597; IV, p. 503; Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 263; Inocêncio III, p. 300-302; X, p. 172; Fortunato de Almeida III, p. 393.

<sup>102</sup> Em Cunha Rivara, *Catálogo de manuscritos*, vol. IV, p. 70.

<sup>103</sup> MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em *Dicionário de História da Igreja de Portugal* (A-C), o. c., p. 95.

- *O respeito nos templos ou observações moraes e religiosas*, Lisboa, Typ. Universal, 1885; 2.<sup>a</sup> edição; 65 p.; 23 cm (BNP, R. 10287//12 V).
- *Exposição contra os Protestantes da Doutrina Católica acerca da Presença Real de Jesus Cristo*, Lisboa, Typ. Universal, 1875; 12, 64 p.; 23 cm (BNP, R. 11076//6 V).
- *Refutação de leituras inconvenientes e erros manifestos contra a religião católica, apostólica, romana...*, Lisboa, Typ. Universal, 1874; 29 p.; 16 cm (BNP, R. 29869//9 P.). Ver o autor nos cap. 7.1; 10.6; 10.7; 13.1 e 15.

**José Joaquim de Sena Freitas**, Pe. (1840-1913). Natural de Ponta Delgada, foi sacerdote, orador sacro e polemista português. Publicou um extenso conjunto de obras, a maior parte sobre questões religiosas e de moral (Inocêncio XIII, p. 41; XVIII, p. 107; XX, p. 78). Sobre assuntos de polémica anti-protestante, escreveu:

- *Crítica à Crítica*, Porto, Liv. Portuense de Manuel Malheiro, 1879; 124 p.; 19 cm (BNP, L. 24460 P.; BSEA).<sup>104</sup>
- *A Sagrada Bíblia. Discurso proferido no Congresso Catholico Antoniano, realizado em Lisboa em junho do anno de 1895*, Lisboa, M. Gomes, 1895; 27 p.; 23x16 cm (Bib. da Gulbenkian, BB 9333; BPARPD, EC, CX.57.25 Res).<sup>105</sup>

Nesta obra, o autor segue duas linhas paralelas no seu raciocínio: positivamente, fala do valor essencial da Bíblia para todos os cristãos e mesmo para os que não são cristãos, devido aos valores humanistas que a Bíblia irradia; por outro lado, num aspeto mais negativo, ataca os inimigos da fé e da religião, que são os liberais, republicanos, anarquistas e outros, que atacavam por todos os meios a Igreja Católica e negavam a própria existência de Deus. Por isso, Sena Freitas intitula o seu trabalho precisamente do modo seguinte: “Autenticidade e Valor Histórico da Bíblia – Sua defesa perante a Crítica Anti-Cristã”.

O autor argumenta com a história e com as novas ciências, assim como com a Patrística e mesmo com o princípio teológico do *sensus fidei*, isto é, com “o sentir comum” de todas as Igrejas cristãs desde o seu início. E conclui: “A Bíblia goza de uma dupla autoridade – divina e humano-histórica”; e, referindo-se a Strauss, afirma:

<sup>104</sup> “Esta obra é a resposta a um folheto de Guilherme Dias contra a instrução pastoral do cardeal D. Américo sobre o protestantismo” (MAURÍCIO, Domingos, *Apologetica*, em Enc. Luso-Brasileira da Cultura, col. 782); ver ainda ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto (1871-1899)*, o. c., p. 322-326.

<sup>105</sup> Este Discurso é dedicado a D. José III, cardeal Patriarca de Lisboa, que foi o principal organizador do Congresso (ver cap. 1, n.º 10).

“Nenhum desses escritores acatólicos era mais hostil ao cristianismo que o célebre Dr. Strauss, escritor alemão moderno, autor de uma *Vida fantasmagórica* de Jesus (...). Pois, não obstante, Strauss reconhece que os quatro Evangelhos existiam já no fim do 2.º século com a atribuição dos autores que conservam até hoje” (p. 15).

E o autor continua a argumentar de maneira arguta, mas clara, na linha humano-histórica, para utilizar as mesmas armas dos adversários da Bíblia e do cristianismo, recorrendo a autores antigos e seus contemporâneos, utilizando a sua enorme cultura histórica e teológica.

Também não esquece um autor de que falamos no capítulo 5, o conferencista de Notre Dame de Paris e Reitor do Instituto Católico da mesma cidade, Mons. d’Ulst, quando afirma:

“Pelo que me toca, estou convencido de que o desprezo da leitura da Bíblia, de há uns cem anos a esta parte, tem sido uma grande desgraça para a sociedade cristã, uma causa de fraqueza para as almas, e uma das causas que explicam a extinção progressiva da fé (...). O livro da missa, usado pelos fiéis na assistência ao Santo sacrifício da missa, apenas tem, em textos destacados e sem nexos, a quinquagésima parte do Novo Testamento e algumas páginas do Antigo...”.

Tanto o discurso de Sena Freitas como estas palavras do antigo Reitor do Instituto Católico de Paris, são demasiado atuais para não tirarmos delas as devidas consequências, tanto no aspeto teológico como cultural.<sup>106</sup> Ver o autor no cap. 7.1.

**Luís Maria da Silva Ramos, Pe. (1841-1921).** Era natural de Braga. Doutorou-se na Universidade de Coimbra e foi professor no Seminário de Braga e de Coimbra; também foi lente de Teologia na Universidade de Coimbra. Contra o protestantismo, escreveu:

- *Affirmações cathólicas contra os erros d’um apostata - Resposta ao folheto protes-*

<sup>106</sup> A determinada altura do discurso, afirma: “... será certo que a Bíblia é a única obra humana que goza do maravilhoso privilegio de ser a historia do passado e a prophesia irrecusável do futuro. Com ella, senhores, subi a este estrado, com ella descerei d’elle, do mesmo modo que com ella atravessei as florestas e as populações da América meridional. Quando um dia descer á valla comum, quero que repousem sobre meu peito a hostia que foi o viático de toda a minha vida e o volume divino que foi o thema de todos os meus modestos discursos na missão evangelizadora que me coube por sorte. Ao soar a hora em que o Autor do Universo, inaugurando uma nova era cosmica, dobre e enrole a abóbada da criação actual, como quem enrola a tela de um pavilhão de campanha, e das ruínas dos mundos existentes architectar, talvez, outros mundos, eu não me admiraria que se realizasse então a palavra de um escriptor cathólico – dois objectos dos nossos tempos transitórios serão conservados além do tempo: ‘o symbolo da cruz, onde um Deus morreu e o volume inspirado onde Elle nos falou’”.

tante “*O que é a Missa*”, Coimbra, J. J. Reis Leitão, 1889; 495, 8 p.; 20 cm (BNP, F. 7664).

O autor responde, ponto por ponto, a todas as objeções que um protestante [Guilherme Dias] colocava contra a missa / Eucaristia católica. Ver o autor nos cap. 7.1; 8; 9; 14; 15 e 22.3.

**Manuel de Albuquerque** (1843-1912). Era natural da Covilhã. Formado em bacharel de Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocêncio XVI, p. 105). Escreveu:

- *O Protestantismo*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense, [188-]; 111 p.; 19 cm (BNP, VAR. 4185//2). Ver o autor nos cap. 9 e 22.4.

**Manuel de Santana e Vasconcelos** (1798-1851). Era natural da Madeira. Foi autor de várias obras acerca da realidade regional e do proselitismo protestante em vigor na sua Ilha nesta época (Inocêncio V, p. 359).

- *Revista Histórica do Proselytismo Anti-Catholico exercido na Ilha da Madeira pelo Dr. Robert Reid Kalley* (1845). Ver o autor no cap. 7.1.

#### Autores anónimos

- *Religião Católica em triunfo e as diferentes seitas refutadas...*, Lisboa, Impressão Régia, 1819; 171 p.; 16 cm (CBAP, n.º1814).
- *O Protestantismo em cena (analisado). Uma obra de justiça aos Evangelhos*, Ponta Delgada, 1884 (BPA, F.M. / A-03708).

Contém artigos de *O Catholico*, juntando-se ao folheto feito por um sacerdote de Ponta Delgada intitulado: *O Protestantismo em cena*, mas corrigindo-o em certos aspetos.<sup>107</sup>

- Anónimo madeirense, *Revista Histórica do Proselytismo anti-Cathólico exercido na Ilha da Madeira pelo Dr. Roberto Keid Kalley, médico escocês: desde 1838 até hoje*, Funchal, Typografia do Imparcial, 1845; 2, 92 p.; 24 cm (BNP, S.C. 10652//10 P).

#### Tradutores anónimos

- *História da Reforma Protestante em Inglaterra e Irlanda...*, Lisboa, Tip. de Bulhões, 1827; autor: Guilherme Gobbett; 2.ª edição; 19 cm (BNP, H.G. 9027 P.; CBAP, n.º 516).

<sup>107</sup> Alguns títulos de artigos: “*Sempre as Biblias*”, onde fala do tema recorrente dos erros das mesmas; *São os factos que falam!*; *Que Incoerência!*”. Nestes artigos refere-se aos fundadores do protestantismo e a outros protestantes célebres que deram maus exemplos de cristãos. Em todos estes artigos há uma linguagem pouco cristã; ou seja, os católicos pagavam na mesma moeda aos protestantes.

- 3.<sup>a</sup> edição, Ib., mesmo impressor, 1828; 366 p.; 19 cm (BNP, H.G. 3861 P.; A Tradução em Portugal, 4047).
- Nova edição, ib., Typ. Universal, 1864; 386, 4 p.; 19 cm (BNP, H.G. 13762 P.; BSEA).
- Tradução do francês: *A Diferença entre Católico e Protestante*, Rio de Janeiro, Sociedade de Literatura e Moral, 1877; 13 p.; 15x11 cm (BSEA).
- *Conversas sobre o protestantismo hodierno*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879; autor: Louis Gaston Ségur; 226, 2 p.; 16 cm (CBAP, n.º 1987).

### 7.4.3. Pastorais de alguns bispos contra o protestantismo.

#### Polêmica das *Bíblias truncadas e falsificadas*

Foi nos séculos XVIII-XIX que se fez sentir de maneira acutilante a presença do protestantismo no nosso país e na nossa cultura, isto é, também nos territórios ultramarinos onde se falava a língua portuguesa. Por isso, não admira que se tenha multiplicado a literatura de controvérsia pro e anti-protestante, como estamos a verificar neste apartado. Como são documentos do maior relevo, apresentamos aqui apenas uma breve síntese das Cartas Pastorais de alguns bispos e outros documentos conexos com estas e da mesma tipologia. Isto aconteceu sobretudo em Portugal e no Brasil. Mas não podemos esquecer que, no estrangeiro e nesta mesma época, aparece também este tipo de literatura polémica, mais ou menos com os mesmos termos.

O que estava em causa nestes documentos episcopais era o cuidado que os bispos mostraram acerca do avanço do protestantismo que, com a sua literatura e venda de Bíblias, poderiam desviar do seu caminho os católicos mais incautos. Estes, como não usavam a Bíblia nem liam literatura bíblica senão na liturgia, tornavam-se presa fácil de missionários e colportores protestantes, que os encontravam pelas ruas, sem um mínimo de preparação para falar da Bíblia.<sup>108</sup>

Vejamos, agora, os documentos mais importantes acerca deste assunto: as pastorais de alguns bispos sobre as Bíblias protestantes.<sup>109</sup>

<sup>108</sup> Os *colportores*, termo que vem do francês, eram vendedores ambulantes de Bíblias e de literatura sobre a Bíblia. O seu alvo preferencial não eram os ateus ou pagãos, mas sobretudo os católicos.

<sup>109</sup> Deixamos neste apartado também as cartas pastorais de bispos que exerciam a sua missão no Brasil e outros escritores, a fim de ficarmos com uma visão de conjunto sobre este assunto. Deste modo, os autores brasileiros serão repetidos no seu próprio capítulo, o cap. 21, com referências a este apartado. Estão neste lote de autores Dom António Macedo Costa, Dom Manuel Joaquim da Silveira e Mons. Joaquim Pinto de Campos.

## 1. Antônio de Macedo Costa, Dom (1830-1891)

Era natural de Minas Gerais, fez os seus estudos eclesiásticos em França e foi bispo de Belém do Pará, mas também da diocese do Porto (Inocêncio VIII, p. 231; XX, p. 249). Escreveu a sua pastoral antiprotestante no Brasil, com o título seguinte:

- *Instrução pastoral sobre o protestantismo premunindo os fiéis contra a propaganda que se tem feito nesta diocese de Bíblias falsificadas e outros opúsculos heréticos...*, Pará, Typ. do Jornal do Amazonas, 1851; 16 p.; 20 cm (BNRJ).
- *Instrução pastoral sobre o protestantismo...*, Porto, Imprensa Comercial de Santos Corrêa & Mathias, 1878; 103 p.; 23 cm (BNP, R. 10975 V.; BSEA).

## 2. Manuel Joaquim da Silveira, Dom (1807-1875)

Oriundo do Rio de Janeiro, foi sacerdote católico e arcebispo da Baía. Escreveu uma *Carta* a premunir os seus diocesanos contra as *mutilações e adultrações da Bíblia* traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Foi esta pastoral que mais brado deu no Brasil.<sup>110</sup> Apresenta-se com o título seguinte:

- *Carta pastoral do Exmo. e Revdmo. Senhor D. Manuel Joaquim da Silveira...*, Baía, Typ. Camilo de Lelis Masson, 1862; 78 p.

— Outra edição: *Carta Pastoral do Exm.<sup>o</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Senhor Dom Manuel Joaquim da Silveira, Metropolitano e Primaz do Brasil, premunindo os seus diocesanos contra as mutilações e adultrações da Bíblia, traduzida em português pelo Padre João Ferreira A. d'Almeida; contra os Folhetos e Livrinhos contrários à Religião que, com a mesma Bíblia, se tem espalhado na Cidade da Baía e contra alguns erros que se têm publicado no Império do Brasil*, Ponta Delgada, Typ. do Eco Social, 1865; 4, 3, 69 p.; 21 cm (BNP, R. 13116 V.; BPARPD).

Nesta edição há uma apresentação, feita pelo editor da edição de Ponta Delgada, em nome do autor da pastoral. O texto da pastoral propriamente dita co-

<sup>110</sup> Sobre o autor, ver Inocêncio VI, p. 23; XVI, p. 236 e 407. Este arcebispo da Baía, perante as Bíblias protestantes, e sobretudo a Bíblia de Almeida, impressa em Nova Iorque, 1852, comparou-a com a Bíblia católica. Achando nela diferenças que lhe pareceram graves, numa Pastoral, preveniu os seus diocesanos contra as Bíblias protestantes. Não conhecemos a edição impugnada (Nova Iorque, 1850), mas quanto à 1.<sup>a</sup> ed. do NT (da qual existe um exemplar na BN de Lisboa) o juízo mais moderado de Ribeiro dos Santos não parece estar longe da verdade, salvo em um ou outro caso, como, por ex., Lc 1,28 (gozo ajas em graças aceita; à margem: “engraçada”, que edições posteriores emendaram para “agraciada”, em desconformidade com a interpretação das mais antigas versões: “cheia de graça”. “Mas, em outros passos incriminados (Ef 5,32; 2 Tm 4,5; etc.), não encontrámos melindres, pelo menos à luz da exegese moderna”. O grande defeito, sob o ponto de vista católico, é a omissão dos Dêutero-canônicos do Antigo Testamento.



meça por falar das Bíblias dos protestantes e do modo como eles as levam ao público católico, único alvo da sua propaganda. Reafirma o bispo que tinha ouvido o seguinte facto: os protestantes andavam no meio do seu rebanho a distribuir e “vendendo Bíblias falsas e livrinhos contra a Religião” e, por cima, diziam às pessoas que o faziam com ordem do bispo. Ainda ouviu dizer que “também pregavam doutrinas heréticas”.

Passa seguidamente a falar das “Bíblias mutiladas, Bíblias falsificadas”, dizendo mesmo que eles mudaram o texto bíblico a seu gosto. Não se esquece de referir as Sociedades Bíblicas como culpadas desta propaganda e recorda que a Bíblia vendida na sua cidade era a de João Ferreira d’Almeida, editada em Nova Iorque. A propósito desta Bíblia, aproveita para apontar muitos erros de tradução e outros que, hoje, achamos de somenos importância. Aí despende muitas páginas.<sup>111</sup>

### Resposta à Pastoral anterior

**José Inácio de Abreu e Lima** (1795-1869). Este senhor era um leigo, um general natural do Recife, Pernambuco. Andou refugiado pela Colômbia, em cuja revolução participou, pelos Estados Unidos, pela Europa, mas regressou ao Brasil, vivendo em Niterói, Rio de Janeiro, e depois em Pernambuco. Era um socialista convicto e aliado da maçonaria. Nesta altura, entrou em várias polémicas religiosas (Inocêncio IV, p. 370; XIII, p. 10-13). Escreveu sob o pseudónimo de “Cristão Velho”, contestando vários escritos do Cónego Joaquim

<sup>111</sup> O tema geral desta Pastoral consiste, simplesmente, em avisar os seus diocesanos e os brasileiros em geral contra o método da propaganda protestante que, como é conhecido, estava em pleno nessa altura. Pior ainda, os colportores ou vendedores ambulantes de Bíblias afirmariam que tinham licença do bispo da diocese. Além dessa campanha, que ele afirma ser contra as pessoas incautas e sem instrução, o *leit-motif* da sua Pastoral é o sintagma “Bíblias mutiladas e falsificadas”, ou outros semelhantes, como “Bíblias mutiladas e adulteradas”. Que significa isto? O bispo da Baía, sentindo-se responsável por todos os católicos da diocese, avisa que essas Bíblias não são católicas, isto é, conforme as normas gerais em vigor na Igreja Católica: serem aprovadas por um bispo católico, terem notas explicativas, tendo em conta a doutrina dos Padres da Igreja, e serem traduzidas da Vulgata Latina, como texto bíblico oficial da Igreja. Ora bem, as Bíblias protestantes não obedeciam a nenhuma destas condições. Daí a linguagem muito forte utilizada pelo arcebispo porque, no contexto geral da sua imensa diocese, a maioria dos diocesanos não sabia ler. Toca ainda outros assuntos, nos quais os protestantes insistiam muito nas suas pregações: os folhetos espalhavam as suas doutrinas contra as “Imagens” dos Santos, de Cristo e Nossa Senhora, etc. Eram os temas em que sempre bateram sobretudo as seitas, saídas das grandes Igrejas protestantes. O arcebispo insiste, talvez demasiado, nos erros de tradução dessas Bíblias. Ora bem, dar a Bíblia a um povo que mal sabia ler (se é que sabia) era um perigo, pois não sabia interpretá-la, causando ainda mais problemas para a evangelização daquele povo simples. De facto, uma coisa é *saber ler*, outra é *saber ler a Bíblia*. De qualquer modo, a temática geral desta Pastoral – o problema da leitura-interpretação da Bíblia – é sempre atual.

Pinto de Campos, que, naturalmente, apoiava as ideias insertas na Carta Pastoral do seu bispo, Dom Manuel Joaquim da Silveira, acima referida. Assim, Abreu Lima escreveu, nesta temática específica:

- *As Bíblias Falsificadas ou Duas Respostas ao Sr. Cónego Joaquim Pinto de Campos, pelo Cristão Velho* [Abreu e Lima], Recife, Typ. Commercial de G. H. de Mira, 1867; 374 p.; 20x13 cm. Assinou este seu livro com a sigla “J. A. R.” (cópia na DB).<sup>112</sup>
- *O Deus dos judeus e o Deus dos cristãos. Terceira resposta ao Sr. Cónego Joaquim Pinto de Campos*, Recife, 1867; em 8.º gr.<sup>113</sup>

A estas duas obras de carácter polémico, respondeu o Cónego Joaquim Pinto de Campos, em dois opúsculos, que vamos resumir ao essencial.

### Joaquim Pinto de Campos e a polémica contra José Inácio Abreu e Lima e outros

O Cónego Pinto de Campos era uma personagem de relevo e muito interventivo da diocese da Baía. Além de possuir uma grande cultura, tinha a arte de escrever, pelo que se tornou um apologeta temível para os seus adversários. Tinha escrito no *Jornal de Pernambuco* alguns artigos de apoio à Pastoral do seu bispo e tinha feito vários ataques aos protestantes da cidade, que foram editados no opúsculo seguinte:

- *As Bíblias Falsificadas*, Recife, Typografia Universal, 1865; 35 p.; 21 cm (BNP, R. 29872//3 P.).

<sup>112</sup> O autor revolta-se contra a obra de Pinto de Campos, afirmando que o *Novo Testamento*, editado em Londres e em Lisboa, está em tudo conforme com o de António Pereira de Figueiredo. É mais uma polémica entre católicos e protestantes, agora no Brasil: o cónego Pinto de Campos escreveu, no *Diário de Pernambuco* de junho e julho de 1866, uma série de artigos contra o tal *Novo Testamento*, a que se refere o autor desta réplica. Nos seus artigos, Pinto de Campos continua a explanação da Pastoral do seu bispo. O autor da réplica responde a cada um dos artigos com a linguagem própria deste género literário de carácter apologetico e polémico. Nesta resposta, engloba o arcebispo da Baía e o seu vigário geral, o cónego Pinto de Campos. Este é aí acusado de mandar queimar alguma literatura protestante. Outro pomo de discórdia é a velha questão do Cânon do Antigo Testamento que foi “mutilado” pelos protestantes (artigo II); o III trata da polémica da Pastoral do bispo acerca da Bíblia de Nova Iorque, etc., etc. É neste tom que, ao longo de mais de 300 páginas, se degladiam argumentos entre Pinto de Campos e o *Cristão Velho*, que deve ser protestante. Cada um dos dois contendentes manifesta uma grande cultura histórica e bíblica. Um índice de duas páginas mostra uma variedade enorme de temas em destaque nesta polémica. Não desenvolvemos estes argumentos porque ultrapassam o âmbito bíblico a que nos propomos nesta obra; ver ainda cap. 3.

<sup>113</sup> Sobre José Inácio de Abreu e Lima (1795-1869), ver ROMERO, Sílvia, *História da Literatura Brasileira*, vol. V, Rio de Janeiro, 1943, p. 140.220.

— Ib., mesmo impressor, 1865; 35 p.; 24 cm (BNP, R. 15464 V).

O opúsculo de Pinto de Campos foi promovido pela direção do *Jornal de Pernambuco*, onde ele escreveu uma série de artigos sobre o tema em epígrafe. Por isso, os editores, para facilitar a leitura de todos os artigos, resolveram juntá-los no referido opúsculo. Aliás, numa breve introdução, afirmam “a reconhecida conveniência de conservar e de dar toda a possível publicidade a trabalhos d’esta ordem, que tornam patentes as deturpações escandalosas que se fizeram nos Livros Sagrados” (p. 7).

Mons. Pinto de Campos começa por afirmar que alguém lhe pediu para responder ao problema das *Bíblias Falsificadas*, que os protestantes andavam a vender na sua diocese. Com a sua conhecida verve e enorme cultura teológica e histórica, responde aos adversários da sua tese sobre Bíblias e não só. Fala das “mil variações do protestantismo, que diariamente se vão subdividindo e condenando umas pelas outras; essas crenças incertas, em que o filho já despreza o culto que o pai seguiu e o neto desprezará o de ambos”

Seguidamente fala dos “erros” protestantes acerca de outros aspetos indiretamente bíblicos, como: o culto dos santos, o purgatório, a confissão sacramental, a transubstanciação, o santo Sacrifício da Missa e a comunhão sob as duas espécies. Tudo isto é atribuído a Lutero e a Calvino, que também negaram o pecado original, etc.

Passa depois a falar das *Bíblias truncadas* de alguns livros do cânon católico – os Dêutero-canónicos. E enumera os seguintes livros e outros textos: *Tobias*; *Judite*; cap. 11-16 do livro de *Ester*; os livros da *Sabedoria* e *Eclesiástico*; o livro de *Baruc*; a *Oração de Azarias*; *Daniel* 3,24-90.98-100; 13-14 e *Macabeus* 1 e 2. Portanto, a questão das *Bíblias truncadas* é uma questão referente ao cânon protestante, que se tornou diferente do católico. Quanto aos erros apontados sobre tradução textual, a questão não é hoje relevante, já que se trata de pormenores de tradução sem alcance teológico especial.

Finalmente, Pinto de Campos parte para um outro campo, o da catequese bíblica, segundo o esquema seguinte: *O catolicismo ensina...* – *O protestantismo ensina...*

No fim do opúsculo, o autor responde a uma carta do diretor do Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro) se seria conveniente ou não guardar nas suas estantes a conhecida obra *Vida de Jesus*, de Ernesto Renan. Pinto de Campos responde negativamente a esse pedido de esclarecimento (p. 34-35). Referimo-nos a essa *Vida* noutro lugar deste volume (cap. 5.5: *Bíblia e ciências modernas*).

O escrito de Pinto de Campos é datado de Recife, 21 de outubro de 1864.

- *As Bíblias Falsificadas – Novas Miscelâneas Religiosas, por Monsenhor Pinto de*

*Campos*, I, Lisboa, Typografia do Futuro, Rua da Cruz de Pau, 1866; 40 p.; 21x12 cm (BNP, R. 27018//12 P.).

Em 20 pontos, o autor trata problemas como o do método pedagógico para levar a Bíblia ao povo, “cujas condições intelectuais pedem doutrinação clara, fácil, metódica e extrema de todo o fermento”; sobre o grave problema do Cânon dos livros da Bíblia, afirma que a Igreja Católica guardou, desde o início, o depósito da doutrina de Jesus Cristo. E cita Santo Agostinho: “In ventre Ecclesiae veritas manet” (a verdade permanece no seio da Igreja); ao mesmo tempo, lembra o primado de Pedro, que constituiu a instituição fundamental da unidade da Igreja Católica, em contraposição com a multidão de Igrejas e seitas protestantes, todas reclamando serem as mais fiéis a Cristo. Daqui parte para a história das heresias ao longo da História da Igreja.

O autor volta novamente à Bíblia impressa em Nova Iorque, 1857, fonte de toda esta polémica com os protestantes no Brasil, despoletada pela pastoral de Dom Manuel Joaquim da Silveira, em 1862. Desta edição de 1857 há apenas três exemplares conhecidos, que maneámos pessoalmente, numa das bibliotecas da Universidade de Harvard (USA), na British Library (Londres) e no Museu da Bíblia, Barueri (S. Paulo).<sup>114</sup>

O autor coloca, depois, a provocante interrogação se um católico pode, depois do decreto do concílio de Trento, suprimir alguns livros da sua Bíblia, “sem incorrer em nota de heresia?”. Dá, seguidamente, a argumentação de que se serviu o Concílio para a definição dogmática dos livros canónicos, sobretudo dos Dêutero-canónicos, que sempre foram utilizados em todas as Igrejas antigas. Apresenta 8 argumentos a favor. Estende-se nesta questão de Trento por algumas páginas. Em toda esta argumentação, Pinto de Campos tem em vista sobretudo responder ao documento do *Cristão Velho*, o seu mais acérrimo opositor na polémica anti-católica. E termina com as seguintes palavras:

“Fica entendido, pois, que, quanto dissemos, tem referência próxima ou remota aos erros que a propaganda protestante e seus auxiliares vão derramando no seio da população brasileira, inclusive contra o dogma do Purgatório”.

Para confirmar as suas ideias acerca das dificuldades que os católicos tinham de ler a Bíblia corretamente – tal como os protestantes – Pinto de Campos cita a voz imprevisível de um autor como Alexandre Herculano em:

- *O Pároco de Aldeia* (Amadora, Bertrand, imprensa 1978); 231, 4 p.; 20 cm (BNP, L. 72011 P.). Ver o autor nos cap. 15 e 21.

<sup>114</sup> Ver o nosso *Catálogo das Bíblias de João Ferreira d'Almeida*, em vol. IV, desta coletânea *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, Fátima, 2020, p. 788.

Vejamos o texto a propósito das imagens, combatidas pelos protestantes:

“– Quê! (exclama o Sr. Alexandre Herculano no seu inimitável *Párocho da Aldeia*) ignora acaso o protestantismo que o mais grosseiro católico vê acima dessa imagem, que adora, o espírito puro que ella representa, e que acima desse espírito está Deus? O catholicismo, no seu culto das imagens, nas suas festas, nas suas visualidades como vós lhes chamaes, cometeu o grave erro de supôr que a maioria do género humano não era composta de philosophos, nem capaz de um espiritualismo absoluto; de abstrahir inteiramente das coisas sensíveis para remontar ao ceo. O catholico lembrou-se das doutrinas do Christo; acomodou-se à curta compreensão dos pequenos e humildes. Vós tendes um evangelho mais fidalgo e altivo. O protestantismo convém por isso ao Reino Unido, onde os quatrocentos mil senhores do solo são tudo, e são nada quinze ou vinte milhões de servos da gleba e de mendigos” (em *As Biblias Falsificadas*, Recife, 1865, p. 14-15).

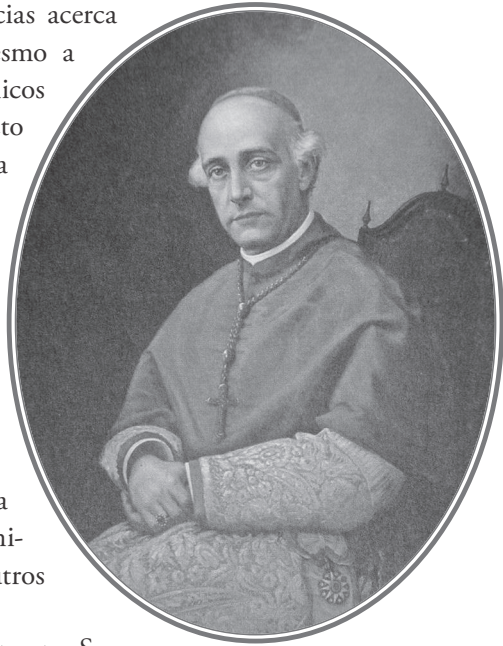
### 3. Américo Ferreira dos Santos Silva, Dom (1830-1899)

Estudou no Porto e em Paris, antes de se matricular, em 1845, no curso de Teologia da Universidade de Coimbra, tendo-se doutorado em 1852. Foi bispo do Porto entre 1871-1899, época conturbada para a Igreja Católica. No que nos diz respeito, publicou:

- *Instrução Pastoral sobre o protestantismo dirigida aos seus diocesanos...*, Porto, Imprensa Commercial, 1878; 103 p.; 21x13 cm (BNP, R. 10309//1 V.; CBAP, n.º 91).<sup>115</sup> Esta pastoral é de 30 de setembro de 1878.

<sup>115</sup> Esta pastoral também se encontra em *Obras Pastoraes do Eminentissimo Cardeal D. Américo...*, Porto, Typ. da Real Officina de S. José, 1901-1902; 2 vol.; 24 cm (BNP, R. 11758 V. - 11759 V.); t. I, p. 107-187. Sobre o autor, ver ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo Ferreira dos Santos Silva (1871-1899), Bispo do Porto*, Humanística e Teologia, UCP – Porto, 2010 (ver as p. 312-326, para esta pastoral e réplica protestante). Nessa pastoral, D. Américo diz nomeadamente: “Sim, caros diocesanos, já não há que dissimular; o protestantismo introduziu-se entre nós, e uma das suas seitas, protegida pela cumplicidade de alguns, favorecida pela ignorância ou indiferentismo de muitos, e à sombra da natural tolerância de todos, vai a pouco e pouco e com mão oculta, disseminando os seus erros n’esta terra até hoje d’elles virgem” (em *Obras Pastoraes*, I, 108-109). No Jornal Metodista, a forma em que escrevia sobretudo o inglês Robert Moreton, o combate ao catolicismo fazia parte de todos os números do mesmo, falando dos estafados temas do ultramontanismo, dos Jesuítas... da Sé Apostólica de Roma, acusando-a de estar “reumática, nervosa, de mau humor, debilitada, alimentando-se de bulas irritantes”. Além disso, defendia também o que ele chamava “o Evangelho puro”, a rejeição de uma religião oficial do Estado. A estes ataques à Igreja juntavam-se também os liberais da época na literatura jornalística ou outra. Na sua Instrução pastoral, o bispo insistia em que os fugitivos do catolicismo voltassem, mas sobretudo pretendia dar conhecimento da gravidade da situação aos que ainda faziam parte do catolicismo romano. Ao mesmo tempo, apelava às autoridades civis, para que intervissem em favor da religião do Estado, que era o catolicismo. Finalmente, dá relevo especial à refutação

D. Américo tinha já experiências acerca do protestantismo e conhecia mesmo a passagem de vários sacerdotes católicos para algumas dessas Igrejas. Um facto interessante a este propósito foi o da sepultura da viúva Ermelinda Júlia de Brito Sandeman, que, sendo católica, depois das cerimónias religiosas, a família sepultou-a no cemitério anglicano do Porto, ao lado do seu marido. D. Américo protestou diante do governador civil, porque esse gesto “contrariava a Religião que em vida sempre ella professou”.<sup>116</sup> O problema dos cemitérios confessionais colocou-se noutros casos semelhantes.



No discurso de abertura do curso no Seminário do Porto, no ano letivo de 1873/74, evocou o dinamismo dos protestantes, em contraste com um catolicismo necessitado de reformas urgentes. Mas a sua intervenção maior foi na Pastoral de 1878. Aliás, esta foi o resultado de provocações perpetradas pelos principais chefes das igrejas protestantes da diocese do Porto, na altura. Essas provocações vinham da igreja do Mirante no Porto e do jornal *A Reforma*, onde escreviam geralmente o ex-padre Guilherme Dias e o inglês Robert Moreton. O primeiro era um declarado adepto do liberalismo reinante. Desses dois púlpitos, estes chefes protestantes lançavam contra a Igreja Católica provocações contínuas, apelidando-a de *ultramontana*, *jesuítica* e outras adjetivações pouco agradáveis; também não tinham pejo de apelar à Sé apostólica de “reumática, nervosa, de mau humor, debilitada, alimentando-se de bulas irritantes” e manifestando “uma grande enfermi-

---

do erro fundamental do protestantismo: o livre exame, sem deixar de criticar alguns padres que passaram ao protestantismo, apenas pelo simples desejo de casar. Também não deixava de lembrar que o catolicismo não abandonou a Bíblia; pelo contrário, fez dela o núcleo de todas as suas vivências religiosas, culturais e artísticas.

<sup>116</sup> Utilizo aqui algumas páginas da obra de ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo Ferreira dos Santos Silva. Bispo do Porto (1871-1899)*, Biblioteca Humanística e Teologia, Porto, 2010, p. 312-335; ver ainda, MARQUES, João Francisco, *A controvérsia doutrinária entre o catolicismo e o protestantismo em Portugal no último quartel do século XIX*, em *Lusotopie*, 1998/5, p. 283-298.

dade”. Mais do que isso, os mesmos ameaçam atacar a Igreja Católica por todos os meios ao seu alcance, quando diziam:

“Ora, é mister combater por todos os meios enérgicos permitidos, princípios tão subversivos, sem embargo de que nos apodarem de conjuradores os homens das sacristias”.<sup>117</sup>

Ao mesmo tempo, o jornal apregoava a difusão do “Evangelho puro” e exigia das autoridades o respeito por todos os cultos, a renúncia do Estado a uma religião oficial e “a instrução pública dinamizada por gente com convicções cristãs”. Estas últimas eram certamente as deles, não as da Igreja Católica!<sup>118</sup>

Na sua *Pastoral*, a resposta do bispo do Porto a estas provocações não tem a ver com a vingança repressiva mediante o poder civil da altura, que nem sequer faria caso da queixa do bispo; ele segue pela via da oração e da benevolência para com os que ofenderam gravemente a Igreja Católica:

“Ao desempenharmos, porém, este dever do nosso cargo, quizeríamos não fossem mal interpretadas as nossas intenções, e muito menos o sentimento do nosso coração para com aqueles que vimos combater. Por mais agressiva que seja a ideia ou acerba a expressão contra o adversário, é à sua profissão de fé errónea que nos dirigimos, que para com a pessoa d’elle, quem quer que seja, protestamos a mais carinhosa benevolência”.<sup>119</sup>

Na primeira parte dedica-se a fazer a “Defeza da autoridade da Igreja Catholica”. E afirma, a propósito: “Para um católico, a regra da sua crença é a palavra de Deus ensinada pela Igreja; para um protestante, é a Escripura por elle próprio lida e interpretada”. Defende igualmente a Igreja Católica, porque foi ela que guardou, desde o início, o depósito da fé, assim como o primado de Pedro, encarregado de unir e conduzir o rebanho (ver Mt 16,15-19; Jo 21,15-17). Falou também das quatro notas características da Igreja, concluindo que a Católica Romana era superior às do passado e do presente, porque “em tempo algum deixou de n’ella haver unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade”.

A propósito da apostolicidade, que os protestantes entendem de modo diferente, afirma:

“Rejeitem embora esta prova incontestável todas essas Igrejas dissidentes, visto que, pola não poderem apresentar, sentem ser ella a sua própria sentença de condemnação. Com essa prova se lhes diz a cada um: - Em tal século, em tal

<sup>117</sup> Guilherme Dias, no jornal *A Reforma*, de 2 de agosto de 1877; em ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo*, o. c., p. 316.

<sup>118</sup> Sobre toda esta polémica, ver ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo*, o. c., p. 314-15.

<sup>119</sup> Em ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo*, o. c., p. 316.



dia, um de vós arvorou-se em ministro de Christo sem que d'elle recebesse missão; separastes-vos da Igreja que vo-la tinha conferido, e ella, condenando-vos como herege ou como scismático, retirou-vos os poderes que tínheis. Tendes uma data de princípio de vida, e essa data é a vossa morte espiritual: sois de hontem, não sois dos Apóstolos, não sois de Christo”.<sup>120</sup>

Depois de tratar da apostolicidade, defendeu a autoridade da Igreja Católica, no seu Magistério infalível na pessoa do Papa, numa terceira parte: “Refutação do erro do Protestantismo: O livre exame”. Ler a Bíblia apenas pela razão humana leva a erros perversos, nem é a regra de leitura dos cristãos. E acentua que os católicos utilizam a Bíblia na instrução do clero, na catequese e na pregação do povo, contra as campanhas de que a Igreja não permitia a leitura da Bíblia. Seguidamente, acusa o protestantismo que, pelo livre exame dos textos bíblicos, abriu as portas ao racionalismo vigente e deturpou os textos bíblicos, negando a sua inspiração. E diz concretamente:

“... Eliminam da Escripura quanto por mylagre ou mystério vai acima da sua compreensão, decidem ser legenda, mytho ou invento de exaltada imaginação o que transpõe os limites por eles marcados ao possível; ao que fica dignam-se acolhê-lo como uma das mais honrosas e admiráveis evoluções por que o espírito humano tem passado; e, apeando Jesus do altar em que é adorado como Deus, insultam-no com louvores, saudando-o como homem de insigne mérito e virtude. Chamar-se cristão e negar a divindade de Christo: eis a última e atual expressão do protestantismo, eis a consequência lógica do apregoado livre exame da Bíblia”.<sup>121</sup>

Por outro lado, D. Américo acusa os protestantes de usarem as instituições de caridade “a troco de profissão da fé evangélica: então, ainda uma vez mais que nunca protestamos contra tão iníqua opressão à consciência religiosa”. Este assunto está relacionado com um outro que é o da divisão das famílias, devido à distribuição de Bíblias, perturbando a unidade das mesmas.

Seguidamente, o bispo do Porto trata da “Refutação dos principaes erros do protestantismo: males que eles produzem”. Nesta quarta parte da sua pastoral, D. Américo faz um elenco de “erros” comuns a todas as Igrejas protestantes: a recusa da Presença Real de Cristo na Eucaristia; o culto a Maria e aos santos; o Purgatório; o sufrágio pelos defuntos; os sacramentos da confissão, da confirmação, da unção dos doentes; o sacerdócio, de instituição divina; o sacramento da Ordem e a recusa do celibato; o matrimónio indissolúvel. Mas a grande mácula

<sup>120</sup> Ibidem, p. 317.

<sup>121</sup> Ibidem, p. 318.

dos protestantes reside no facto de terem destruído a hierarquia eclesiástica, o que deu origem a uma multidão de Igrejas e de seitas.

É claro que devemos situar esta Pastoral no contexto do fim do séc. XIX, um século que gerou crises de vária ordem. Hoje, nenhum bispo utilizaria esta linguagem nem sequer estes conteúdos. O que aqui nos move é ver como da crise da Igreja Católica *versus* protestantismo, surgiu, a meados do séc. XX, um novo modo de relacionamento através do diálogo ecuménico.

### Reações protestantes à Carta Pastoral

Como era de esperar, as reações foram de dois tipos: positivo, pelos católicos do Porto, sobretudo pelo Conde de Samodães, José de Sousa Barroso, o Pe. Sena Freitas e outros escritores, no jornal católico, *A Palavra*. O lado negativo, ou seja, a réplica protestante veio de Robert Kalley, que fez do jornal protestante, *A Reforma*, o seu púlpito contra a Pastoral de D. Américo. Responde, ponto por ponto, ao bispo do Porto sobre os problemas por ele levantados contra os protestantes: os sacramentos, o celibato, os livros Dêutero-canónicos...

Nesta resposta foi ajudado por outro companheiro, Guilherme Dias, que negou a ligação das quatro características da Igreja com a Igreja Romana. Este foi particularmente virulento nas acusações feitas à Igreja Católica que, aliás, tinha abandonado. Afirmou que rejeitava várias normas disciplinares do catolicismo, que não se encontravam nos Evangelhos: a infalibilidade do Papa, o direito da Igreja à interpretação da Bíblia, a Tradição para provar verdades de fé, os livros Dêutero-canónicos, o culto das imagens, o septenário sacramental, a justificação pelas obras, o purgatório, as indulgências e o celibato eclesiástico. Enfim, as estafadas e gastas acusações à Igreja Católica, que vinham de Lutero.

a) **Resposta de Kalley.** A réplica protestante mais forte foi feita por Kalley com a seguinte obra:

- *Observações à Instrução pastoral do bispo do Porto, D. Américo, sobre o protestantismo*, Porto, 1879; 28 p.; 16 cm (BNP, R. 29831//6 P.; CBAP, n.º 1118).<sup>122</sup>

<sup>122</sup> Kalley era um médico presbiteriano escocês que se estabeleceu no Funchal, em 1838, com a esposa, onde fundaram um hospital e escolas primárias para adultos e crianças; mas a essa atividade, o médico juntou a pregação e o ensino da Bíblia, o que levou a que a população, açada, talvez por algum clérigo católico, tenha feito vários tumultos, o que deu azo à sua fuga para a Inglaterra, para os Estados Unidos e, finalmente, para o Brasil; sobre a atuação de Kalley em Portugal, ver SANTOS, Luís Aguilar, *A transformação do campo religioso português*, em História Religiosa de Portugal III, p. 449-451; LEITE, Rita Mendonça, e CAVACO, Timóteo, *A circulação da Bíblia no Portugal oitocentista – o papel da Sociedade Bíblica*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões – A Bíblia e suas edições em língua Portuguesa, série monográfica VI,

Nesta resposta, Kalley afirma ter distribuído entre os portugueses “milhares de exemplares das Escrituras Sagradas, tradução do Padre Pereira e edição de Londres”, garantindo seguidamente:

“Conferi todo o Evangelho de S. Mateus desta edição com o impresso em Lisboa, aprovado pelo cardeal patriarca, e cotejando capítulo por capítulo, verso por verso, palavra por palavra e letra por letra, achei-os iguais, à excepção de um lugar onde havia um erro de imprensa a saber, ‘sio’ em vez de ‘sido” (*Observações*, p. 28).

**b) Resposta de Guilherme Dias da Cunha.** Este autor nasceu por volta de 1844 em Mesão Frio, tendo-se ordenado sacerdote com vinte anos. Após alguns anos no Brasil, regressou a Portugal e abandona o sacerdócio, fazendo-se protestante em finais de 1870. Escreveu:

- *Resposta... à instrução pastoral do Excmo. Bispo do Porto D. Américo...* Porto, Imprensa Civilização de Santos e Lemos, 1878; 152 p.; 21 cm (BNP, R. 10292 V.).

Esta obra era uma síntese das verdades que constituíam as armas de combate de todos os grupos protestantes contra a Igreja Católica, que ele próprio tinha abandonado: o livre exame na leitura da Bíblia, o Purgatório, as indulgências, as devoções, procissões, imagens... e sobretudo o Papa, que era visto como um intruso numa pretensa “Igreja nacional” portuguesa, que, na sua perspetiva, deveria ser protestante. Ver o autor no cap. 7.4.2.

Ao ataque destes dois protestantes, responderam dois padres católicos:

### Contra-réplica católica

**a) O Pe. Sena Freitas** escreveu, em tom polémico, sobretudo contra Guilherme Dias, com o opúsculo:

- *Crítica à Crítica*, Porto, Manuel Malheiro, 1879; 19 cm (BNP, L. 24460 P.).<sup>123</sup>

É uma obra cheia de erudição bíblica, defendendo os Dêutero-canónicos como palavra de Deus. E Sena Freitas aproveitou para se dirigir ao ex-padre, Guilherme Dias, afirmando que “os protestantes eram melhores que o protes-

---

Lisboa, 2010, p. 184-186; OLIVEIRA, Rui A. Costa, *Dr. Roberto Reid Kalley e o estabelecimento do Presbiterianismo em Portugal e no Brasil*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 9-10, Ano V, Universidade Lusófona, Lisboa, 2006, p. 103-123.

<sup>123</sup> “Esta obra é a resposta a um folheto de Guilherme Dias contra a instrução pastoral do cardeal D. Américo sobre o protestantismo” (MAURÍCIO, Domingos, *Apologética*, em Enc. Luso-Brasileira da Cultura, col. 782); ver ainda ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto (1871-1899)*, o. c., p. 322-326.

tantismo, excepto os padres apóstatas”. Depois, rebate, um por um, todos os argumentos do seu opositor.<sup>124</sup>

b) **Manuel Filipe Coelho** respondeu às provocações dos dois contendentes protestantes com argumentos de um professor de Teologia e não com a retórica apologética de Sena Freitas, com a obra:

- *Refutação das principaes objecções d'alguns protestantes contra a Instrução Pastoral do Exmo, Snr. D. Américo Bispo do Porto sobre o Protestantismo*, Porto e Braga, por Ernesto Chardron e Eugénio Chardron, 1879; VII, 143 p.; 22x14 cm (BNP, R. 3958 V).

Portanto, nesta polémica católico-protestante nenhum dos contendores ganhou. O único que ganhou foi o povo católico, que ficou mais esclarecido acerca das verdades da sua fé.

#### 4. **Manuel Martins Manso**, Dom (1793-1878)

Era natural de Trás-os-Montes. Foi nomeado bispo do Funchal, em 1849, e depois da Guarda, em 1858, onde permaneceu até morrer. Como bispo do Funchal, escreveu duas pastorais contra o protestantismo, dirigidas aos seus diocesanos:

- *Carta Pastoral*, 7 de julho de 1855 (p. 115-120).<sup>125</sup>
- *Carta Pastoral*, 12 de março de 1856 (p. 120-130)

Como bispo da Guarda, escreveu também duas pastorais sobre o mesmo tema:

- *Carta Pastoral*, 24 de agosto, 1863.<sup>126</sup>
- *Carta Pastoral*, 16 de dezembro, 1867 (p. 157-160).

<sup>124</sup> Sobre este assunto, veja-se ainda ABREU, Adélio Fernando, *A Sagrada Escritura numa controvérsia católico-protestante do Porto oitocentista*, em Didaskalia XLV/2, 2015, p. 233-258; MARQUES, João Francisco, *A Controvérsia Doutrinária entre o catolicismo e o Protestantismo em Portugal no último quartel do século XIX*, em Lusotopie, 1998, p. 248-286; Idem, *O Padre Sena Freitas e a Controvérsia Portuense entre Catolicismo e Protestantismo no último quartel do século XIX*, em Homem de Palavra. Padre Sena Freitas. Estudos Inéditos e Autobiografia, coord., Luís Machado de Abreu et alii, Lisboa, Roma Editora, 2008, p. 359-375; CATROGA, Fernando, *Laicismo e a Questão Religiosa em Portugal (1865-1911)*, em Análise Social 24, 1988, p. 218-226.

<sup>125</sup> As Pastorais deste bispo foram transcritas por PINHARANDA GOMES, *Dom Manuel Martins Manso: Bispo do Funchal e da Guarda: Escritas Pastorais*, Lisboa, S. João da Talha, 1996; 190, 2 p.; 24 cm (BNP, H.G. 43066 V.). Apresentamos as páginas de cada uma das pastorais.

<sup>126</sup> Em Fortunato de Almeida III, p. 353, n. 1; diz-se aqui que a pastoral deste bispo de 1867 foi publicada no “Bem Público” (jornal católico), série XI, p. 201s.

## 5. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, Dom (1815-1889)

Ingressou na vida eclesiástica no Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, mas, por expulsão do seu corpo docente, pelo governo liberal, foi estudar Direito na Universidade de Coimbra. Veio a ser bispo de Angra em 1871 (Inocêncio X, p. 307).

- *Carta Pastoral* (23 de agosto), Angra do Heroísmo, Tipografia da Virgem Imaculada, 1883 (BNP, R. 12664 V).
- *Carta Pastoral* (6 de abril), Angra do Heroísmo, Tipografia da Virgem Imaculada, 1885; 12 p.; 20,5x12,5 cm (BNP, R. 12665 V); aqui condena afirmações anticatólicas do jornal protestante *O Athleta*.<sup>127</sup> Ver o autor nos cap. 9; 10.5; 11.1 e 14.

## 6. Manuel Bento Rodrigues, Dom Frei, CRSJE (1800-1869)

Foi patriarca de Lisboa. Segundo Fortunato de Almeida III, p. 353, n. 1, foi autor de uma pastoral anti-protestante de 10 de outubro, 1863.

## 7. José Joaquim de Azevedo e Moura, Dom (1794-1876)

Foi arcebispo de Braga. Segundo Fortunato de Almeida III, p. 353, n. 1, foi autor de uma pastoral anti-protestante de 22 de agosto, 1863.

## 8. José Manuel de Lemos, Dom

Foi bispo de Coimbra entre 1858-1870. Segundo Fortunato de Almeida III, p. 353, n. 1, foi autor de uma pastoral contra os erros dos protestantes de 22 de agosto, 1863.

<sup>127</sup> Nesta Carta pode ler-se o seguinte: "... mas nunca a calúnia cynica, nunca a mentira descarada, nunca a injúria audaz chegou às alturas d'um artigo em forma de carta que o dito Periódico nos dirigio em seu n.º 195 de 25 de Março último!!!!... Contém ele inumeráveis calúnias e atrozes injúrias à nossa pessoa e ao Clero em geral e muitos erros contra a fé" (p. 4-5). A certa altura, afirma ainda o bispo de Angra do Heroísmo: "Depois de ter aquele periódico insultado e caluniado o seu Bispo e o Clero em geral, eis como classifica os Papas: *homens perversos, que têm feito do crime a sua religião (!!!)*... mostra não acreditar no Purgatório, na eficácia do santo sacrificio da missa, no valor das indulgências, no dogma da comunhão dos santos, na vantagem das penitências; nega as penas do Inferno, dizendo *falsas penas do Inferno*; e a veneração dos santos, que chama idolatria, por estas palavras: '*Adoram, como os pagãos, muitos deuses, que são as Santas e os Santos, que os enriquecem*, confundindo, por ignorância, por maldade, os diferentes cultos que prestamos a Deus nosso Senhor, a Maria Santíssima, Mãe de Deus, e aos outros santos. É evidente a doutrina e erros do Protestantismo..." (p. 6-7). O *sublinhado* é do autor da Carta pastoral.

**9. António Alves Martins, Dom Frei, OFM (1808-1882)**

Foi bispo de Viseu. Segundo Fortunato de Almeida III, p. 353, n. 1, foi autor de uma pastoral contra os erros dos protestantes de 28 de setembro, 1863.

**10. António da Trindade de Vasconcelos Pereira de Melo, Dom (1812-1895).**

Foi nomeado bispo de Beja, mas de seguida transferido para Lamego. Segundo Fortunato de Almeida III, p. 353, n. 1, foi autor de uma pastoral contra os erros dos protestantes de 14 de agosto, 1863.

Apresentamos aqui um exemplo concreto da discussão muito em voga nesta época acerca das *Bíblias truncadas e falsificadas*:

Resposta à introdução do editor do Novo Testamento do bispo de Coimbra e da Baía, D. Frei Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré, editado em Lisboa, 1875, por:

J. A. R. [José Inácio Abreu e Lima] *As Bíblias Falsificadas, Viciadas e Truncadas dos Protestantes. Uma resposta ao Rev.<sup>mo</sup> Sr. Bispo de Coimbra, por J. A. R.*, Lisboa, Papelaria e Typografia Guedes, 1892; 80 p.; 20x15 cm (BJPII, CP-R294; cópia na DB).

Estamos a contas com mais uma polémica católico-protestante, na qual o visado é o “bispo de Coimbra”, sem dizer o nome do mesmo. Mas como o texto aqui analisado é o de Dom Joaquim da Nazaré, que traduziu e editou no Brasil o *Novo Testamento*, em 1845-47, deve tratar-se dele próprio.<sup>128</sup>

Mas há aqui um problema: o próprio bispo, na sua obra original, não ataca os protestantes. Foi o editor português que, na versão de Lisboa, 1875, fez uma crítica severa ao protestantismo numa introdução da sua autoria. Portanto, o “bispo de Coimbra”, então residente no Brasil, não tem nada a ver com esta polémica, mas sim o seu editor em Portugal. Este também suprimiu o latim que, na edição do antigo bispo de Coimbra, aparecia em paralelo com o português, publicando a obra apenas na nossa língua. Neste ponto, o contendor não tem toda a razão: deveria atacar o editor, mas não o “Rev.<sup>mo</sup>. Bispo de Coimbra”, que nada tem a ver com esta questão. Possivelmente, J. A. R. não conhecia a edição original feita no Brasil.<sup>129</sup>

<sup>128</sup> A Difusora Bíblica possui um exemplar desta edição original, que é, aliás, muito rara, pelo menos em Portugal.

<sup>129</sup> A propósito desta edição publicada em Lisboa, 1875, e sobretudo acerca da sua introdução, levantou-se o sempre polémico Santos Ferreira, que não poupa culpas ao editor lisboeta, ao mesmo tempo que desculpa o antigo arcebispo de Coimbra (em *A Bíblia em Portugal, Apontamentos para uma monografia, 1495-1850*, Lisboa, Typ. de Ferreira de Medeiros, 1906, p.

O autor desta resposta ao referido editor – pensando que era o bispo de Coimbra – numa introdução de 5 páginas, contesta a acusação de falsificação das Bíblias, colocando numa visão sinótica a edição de Almeida, 1868, a de Figueiredo, Lisboa, 1867 (estas duas da Typografia Universal), a do “Anónimo Protestante” (Almeida revista) e a do bispo de Coimbra, 1875, Imprensa Nacional, pelo editor J. Franco de Sousa.<sup>130</sup> Fazendo isto, o autor da réplica pretende que seja o leitor a julgar as tais “falsificações” (p. 6-61).

É claro que as diferenças são poucas, apenas de pormenor e sem problemas teológicos de relevo, como acontece em qualquer tradução da Bíblia. Aqui, J. A. R. ganha pontos ao editor. Mas este, por seu lado, tão-pouco perde a batalha, porque na introdução à sua edição do “bispo de Coimbra” fala em termos muito genéricos, não mencionando concretamente estas Bíblias aqui comparadas. É, pois, uma polémica onde ninguém perde nem ganha pontos; ou seja, é uma polémica estéril. O único ponto negativo em toda esta questão é o facto de irmãos na mesma fé cristã andarem com estas quezílias. Lamentamos que o “Sr. J. A. R.” não tenha tido a coragem de assinar a diatribe com o seu nome.

## Bibliografia

- AFONSO, José António, *Proposta para o estudo dos protestantismos ibéricos*, em Lusitania Sacra 16, 2.<sup>a</sup> Série, 2004, p. 465-475; com muita bibliografia.
- ASTROS, Cardinal Paul Thérèse David d', *La Bible mutilée par les protestants ou Demonstration de la divinité des Écritures rejetées par la Reforme*. Publiée par ordre de Mgr. D'Astros, Archevêque de Toulouse..., Toulouse, Imprensa de Jean Mathieu Douladoure, 1847; 2.<sup>a</sup> edition; em 8.<sup>o</sup> (BNRJ, 68, 7, 25).
- BAEZA, D. Juan Diaz de (trad.), *Variaciones de las Iglesias Protestantes*, Barcelona, Libreria Religiosa, Imprenta de Pablo Riera, 1852; autor: Monseñor Jacobi Benigno Bossuet; 2 t.: 449 e 432 p.; 22x14 cm (DB).
- BALMES, Jaime (1810-1848), *Le Protestantisme comparé au Catholicisme dans ses rapports avec la Civilisation Européenne*, Paris, Librairie d'Auguste Valon, 1851; 3 vol.; 18 cm (BNP, R. 30787 P. - 30789 P.).

---

93-120). No fim da visão sinótica, o autor desta diatribe ataca as autoridades eclesiásticas por permitirem uma tal afronta ao protestantismo e aproveita igualmente para se estender a outros assuntos do mesmo jaez.

<sup>130</sup> Sabe-se que o “Anónimo Protestante” é a tradução de Almeida revista e comparada pelo original grego, possivelmente pela “Trinitarian Bible Society”, de Londres (TBS / SBT).



- , Edição espanhola: *El Protestantismo comparado com el Catolicismo*, em Obras Completas, vol. IV, BAC-Filosofia, Madrid, 1949. É uma obra em 72 capítulos com 768 páginas.
- BOSSUET, Jacques-Benign, *Advertissements aux Protestantes – Histoire des Variations des Églises protestantes...*, Paris, Charpentier, Libraire – Éditeur, 1845; 651 p.; 18x11,5 cm (BNP, TR. 3488 P.; BPH).
- BOTELHO, Sebastião José Xavier, *História Verdadeira dos Acontecimentos da Ilha da Madeira, depois do memorável dia 28 de Janeiro...*, Lisboa, Oficina António Rodrigues Galhardo, 1821; 17 p.; 24 cm (BNP, S.C. 10652//3).
- CAVACO, Timóteo, *O contexto específico das origens em Portugal da Sociedade Bíblica e os seus “vários começos” (1809, 1835, 1864)*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 7-8, ano IV, Lisboa, Universidade Lusófona, 2005, p. 31-49.
- ESCOBAR, Samuel, *As Origens dos movimentos das Sociedades Bíblicas e o seu contexto missiológico*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 7-8, ano IV, Lisboa, Universidade Lusófona, 2005, p. 21-30.
- GERBERON, Gabriel, *Le Just Discernement de la creance catholique d’avec les sentiments des protestans et d’avec ceux des pelagiens touchant le mystere de la predestination et la grâce du Sauveur*, Colónia, Jacques de Vale, 1691. É um códice que se encontra na BPMP (n.º 13049).<sup>131</sup>
- , *Les Entretiens de Dieu-Donné et de Romain ou l’on explique la doctrine chrétienne touchant la predestination et de la grâce du Sauveur*, Cologne, Chez Jacques de Vale, 1691.
- HENRIQUES, João Paulo, *O pioneirismo protestante na génese de organizações universalistas em Portugal*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 7-8, ano IV, Lisboa, Universidade Lusófona, 2005, p. 97-107.
- IGREJA ESPISCOPAL REFORMADA, *Os XXXIX artigos da Igreja Episcopal Reformada*, Lisboa, Typ. Luso-Britannica, 1876; 96 p.; 19x12,5 cm (BSME).

<sup>131</sup> O autor tem aqui os seguintes documentos: “a) *Instrução sobre as promessas de Jesus Cristo à sua Igreja*; b) *Conversações de Deodato e de Romano em que se explica a doutrina cristã sobre a predestinação e a graça de Jesus Cristo*; c) *O Pelegianismo*; d) *Juízo exato da crença católica comparada com os sentimentos dos Protestantes e Pelagianos acerca do mistério da Predestinação e da Graça de Jesus Cristo*; e) *Regnas que se devem seguir nas contestações atuais sobre as verdades católicas*; f) *Diálogo entre Teótimo e Filopista sobre a concórdia da Graça com o Livre Arbitrio*” (ver SANTOS, Cândido dos, *Jansenismo e Antijansenismo nos finais do Antigo Regime*, o. c., p. 120-134).

- JARDIM, Pe. Manuel Gomes, *A Igreja e o Protestantismo*, Funchal, Tip. Esperança, 1944; 2 vol. (BNP, R. 29892 P. - 29893 P.); 2.º vol.: O dogma católico e as negações protestantes; 8, 644 p.<sup>132</sup>
- KALLEY, Robert, *Uma Exposição de factos de R. R. Kalley*, Funchal, Tip. do Defensor, 1843; 32 p.; 24 cm (BNP, S.C. 10652//6 P.)
- KEENAN, Stephen, *Controversial Catechism: or Protestantism Refuted and Catholicism Established... Holy Scriptures, The Testimony of the Holy Fathers, and The Dictates of Reason...*, London, Catholic Publishing and Bookshelling Company Limited, 1853; New edition, corrected by the author; 236 p.; 18x11 cm (BPH).
- La Bible mutilée par les protestants, ou démonstration de la divinité des Écritures rejetées par la Réforme ... 2.ª edição revista e corrigida*, Toulouse, 1847. 16, 373 p. (Catálogo Azevedo Samodães, n.º 401).
- Le Protestant cité au Tribunal de la Parole de Dieu dans les Saintes Écritures*, Paris, Imp. Despily, 1765; 396 p.; 17x11 cm (BSEA).
- LEITE, Rita Mendonça, *Livro, Texto e autoridade – Diversificação Religiosa com a Sociedade Bíblica em Portugal (1804-1940)*, Imprensa Nacional, 2019.
- , *A Portabilidade da Bíblia a uma nova escala: a Sociedade Bíblica e o projeto de universalização das Escrituras (séc. XIX)*, em *Lusitania Sacra* 34, 2.ª Série (julho-dezembro), 2016, p. 183-208.<sup>133</sup>
- LEITE, Rita Mendonça, e CAVACO, Timóteo, *A circulação da Bíblia no Portugal oitocentista – o papel da Sociedade Bíblica*, em *Revista Lusófona de Ciência das Religiões – A Bíblia e suas edições em língua Portuguesa*, série monográfica VI, Lisboa, Universidade Lusófona, 2010, p. 181-207.
- MARQUES, João Francisco, *Para a História do Protestantismo em Portugal*, Porto, Faculdade de Letras, 1995; em Sep. de Revista da Faculdade de Letras, 2.ª Série, vol. XII, 1995, p. 431-475.
- Moção Feita na Sociedade Patriótica madeirense por um dos seus membros*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1835; 16 p.; 24 cm (BNP, S.C. 10652//4).

<sup>132</sup> Nesta obra, o autor ataca o pastor protestante Robert Keid Kalley, que trabalhou na Madeira. Divide-se em duas partes: 1.ª Parte, A Igreja e a Bíblia (7 cap.); 2.ª Parte, A Igreja e a sua Hierarchy (8 cap.).

<sup>133</sup> Este texto foca especialmente o trabalho da SBBE e outras Sociedades Bíblicas inglesas, em Portugal, sobretudo no séc. XIX, já que o projeto protestante é anterior, como afirmamos noutros lugares deste capítulo.

- MOREIRA, Eduardo, *A Crise Nacional e a Solução Protestante*, Porto, Typ. Moreira, 1910; 31 p.; 19 cm (BNP, S.C. 12936//9 P.).<sup>134</sup>
- PAULO BRANCO, *Cronologia para o estudo do Protestantismo no espaço Lusófono*, Em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 9-10, ano V, Lisboa, Universidade Lusófona, 2006, p. 33-54.
- , *Subsídios para uma bibliografia do Protestantismo no espaço Lusófono*, ib., p. 55-73.
- , *Sobre o Protestantismo, Reforma e figuras protestantes, publicados em Portugal*, ib., p. 68-69.
- SANTOS, Luís Aguiar, *Pluralidade Religiosa. Correntes cristãs e não-cristãs no Universo religioso português*, em História Religiosa de Portugal (dir. C. M. de Azevedo), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, vol. 3, p. 399-501.
- , *Protestantismo*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (P-V). Apêndices, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 75-85.
- , *Evolução institucional da presença em Portugal da Sociedade Bíblica – de Agência Britânica a Instituição de Utilidade Pública*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 7-8, ano IV, Lisboa, Universidade Lusófona, 2005, p. 51-61.
- TAVARES, Vítor, *Os colportores e a sua acção*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 7-8, ano IV, Lisboa, Universidade Lusófona, 2005, p. 79-95.
- VALENTIN, D. Rafael, Arzobispo de Santiago (trad.), *Examen de la viciosa traducción de las Biblias protestantes...* Escrito em inglês por Tomas Ward..., Santiago, Imprensa del Correo, 1868; em 4.º (BNRJ, 21, 9, 18, n.º 5).
- VILAÇA, Helena, *A religião e a Bíblia num quadro de liberdade religiosa*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 7-8, ano IV, Lisboa, Universidade Lusófona, 2005, p. 109-117.
- Vv., *Ainda o Protestantismo na Diocese dos Açores - Artigos publicados pelo Jornal “O Católico” com referência à análise feita pelos da propaganda protestante ao folheto intitulado “O Protestantismo em cena”*; Angra do Heroísmo, Typ. Correio da Terceira, 1884; 30 p.; 21 cm (BNP, R. 12465 V.).

**Concluindo.** Depois de examinarmos, ainda que ao de leve, esta tipologia de literatura polémica, temos de confessar que nesta se encontra, como é próprio da

<sup>134</sup> Nesta obra apresenta escritores que criticaram a Igreja Católica, tal como ele fez. Oferece como solução das crises a conversão pessoal a Cristo, segundo as ideias protestantes (a leitura da Bíblia).

mesma, um claro exagero de linguagem entre os dois lados. Os católicos jogavam tudo na defesa do seu “castelo” do dogma da Igreja, em relação aos protestantes; mas nem por isso deixaram de utilizar armas de ataque, por vezes, com alguma violência de vocabulário, apelando os protestantes de hereges. Por seu lado, os protestantes, por meio das suas variadas Igrejas, jogavam apenas ao ataque, na conquista do território que estava na posse da Igreja Católica. Também os protestantes usaram de violência na sua linguagem, acusando os católicos de “idólatras”, referindo-se ao culto dos santos. Eram tempos de polémica acesa, própria de uma época em que, protestantes e católicos ainda não se tratavam por “irmãos em Cristo”.

### 7.5. Jesuitismo e antijesuitismo. O Marquês de Pombal e outros

Como já falávamos, no cap. 1, sobre esta luta desigual entre Pombal e os Jesuítas, vejamos a reação de alguns autores a esta questão político-religiosa, isto é, do iluminismo regalista do Marquês de Pombal.<sup>135</sup>

**Alexandre José da Silva Braga / Alexandre Braga** (1829-1895). Nasceu e morreu no Porto. Foi um poeta e jornalista português. Coursou Direito na Universidade de Coimbra e exerceu advocacia na sua cidade natal (Inocêncio I, p. 37; VIII, p. 39). Escreveu:

- *Discurso Pronunciado no comício antijesuítico, realizado no Theatro de S. João a 17 de Abril de 1881*, Porto, Tipografia Occidental, 1881; 143 p.; 19 cm (BNP, S.C. 3854 V.).
- *Discurso pronunciado no comício antijesuítico realizado no Theatro de Recreios a 7 de Setembro de 1885*, Porto, Typ. Occidental, 1885; 154 p.; 21 cm (BNP, L. 56246 V.). Uma crítica a este discurso por:
- Um anónimo “Liberal”: *Breves considerações ao Discurso pronunciado no comício antijesuítico realizado no Theatro de Recreios...*, Porto, Livraria Lello Editora, 1885 (BSME).

**Almeida Silvano, Pe.** (ca. 18??-?). Escreveu:

- *O Marquez de Pombal: celebrado por um grupo de distinctos escriptores liberaes*, Lisboa, Empr. de O Bem Público, 1906; 295 p.; 20 cm (BNP, H.G. 15513 P.). Ver o autor no cap. 8.

<sup>135</sup> Obra relacionada com este tema: *O triumpho da verdade e do direito ou a expulsão dos Jesuítas das suas casas de França em 30 de Junho de 1880*, Porto, Livraria Religiosa e Científica de J. J. de Mesquita Pimentel, 1882; 140 p.; 18 cm (CBAP, n.º 2164).

**António Luís Falcão** (?-?). Traduziu:

- *O triunfo da verdade e do direito ou a expulsão dos Jesuítas das suas casas de França em 30 de Junho de 1880*, Porto, Liv. Religiosa e Scientifica de J. J. Mesquita Pimentel, 1882; 140, 4 p.; 19 cm (BNP, H.G. 25383 P.; BSEA). Ver o autor no cap. 22.4.

**Francisco de Toledo**, SJ (1694-1784). Foi autor do manuscrito com:

- *Collecção de crimes e decretos pelos quais vinte e hum jesuítas foram mandados sair do estado de Grão Pará e Maranhão antes do extermínio geral de toda a Companhia de Jesus daquele Estado*, Coimbra, Ed. de M. Lopes de Almeida, 1941; Prefácio de Serafim Leite, SJ; ms da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: n.º 570; 134 p.; 24 cm (BNP, S.C. 13457 V.).

**João Cosme da Cunha**, Dom, OCRSA (1715-1783). Foi bispo de Leiria entre 1745-1760 e autor de:

- *Pastoral do bispo de Leiria* [João Cosme da Cunha], *dando conhecimento aos fiéis diocesanos das ideias erróneas dos jesuítas, impedindo-os de pregar, confessar e proibindo a comunicação com eles, dada em 28 de fevereiro de 1759*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1759; 11 p.; 30 cm (BNP, R. 6642//10 A.).
- *[Instrução Pastoral do bispo de Leiria aos seus súbditos eclesiásticos, proibindo a comunicação com os Jesuítas, dada em 11 de Outubro de 1759]*, 1759; 7 p.; 30 cm (BNP, Cod. 1601, fol. 72-75).

Contém uma Carta do rei D. José ao Bispo de Leiria sobre a expulsão dos Jesuítas, datada de 3 de setembro de 1759. Ver o autor no cap. 15.

**João de Almeida Portugal** / 2.º Marquês de Alorna (1726-1802). Era o pai de D. Leonor de Almeida, que foi a grande poetisa marquesa de Alorna. Foi preso aquando da perseguição feita aos Távoras pelo Marquês de Pombal (Inocência III, p. 283; X, p. 146). Escreveu a seguinte obra, que esteve manuscrita durante 70 anos:

- *As prisões da Junqueira durante o ministério do Marquez de Pombal escriptas alli mesmo pelo Marquez de Alorna, uma das suas victimas*, Lisboa, Typographia de Silva, 1857; publicadas conforme o original por José de Sousa Amado; 5, 3, 107 p.; 16 cm (BNP, F. 8210).

[**João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho** (1722-1799) e Junta da Providência Literária de Portugal]. O suposto autor desta obra nasceu no Rio de Janeiro e faleceu em Lisboa (Inocência II, p. 94; IV, p. 20). Colaborou, com o seu ir-

mão, Dom Francisco de Lemos, na elaboração dos Estatutos da Universidade de Coimbra e também do seguinte compêndio:

- *Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuítas e dos estragos feitos nas Sciencias e nos Professores, e Directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos Novos Estatutos por eles fabricados*, Lisboa, Régia Officina Typographica, 1771; 2, 15, 3, 348, 124, 2 p.; 30 cm (BNP, H.G. 462 A.; CBUA, RS/A-18-84; Brasiliana I, p. 191).  
— Ib., mesmo impressor, 1772; 20, 2, 503 p.; 18x11 cm (BNP, H.G. 12219 P.; Palha 2522; Brasiliana 1, p. 191).<sup>136</sup>
- *Appendix ao capítulo segundo da segunda parte para servir de suplemento ao sexto dos estragos e impedimentos que a Sociedade jesuítica fez e acumulou para corromper e impossibilitar o estado da Jurisprudência canónica e civil com a introdução e propagação da Moral de Aristóteles* (BPE, Cod. CXI/2-11, n.º 1). Ver o autor no cap. 21.

**José de Castro** (1868-1929). Foi bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Apresentamos a sua conferência feita aquando do centenário da morte do “grande estadista”, o Marquês de Pombal (Inocência XII, p. 280; XIX, p. 163). Deixamo-la aqui:

- *O Marquez de Pombal e o Jesuitismo: Conferência...*, Coimbra, Impr. Académica, 1882; 45, 2 p.; 21 cm (BNP, H.G. 10681 V.).

**José de Seabra da Silva** (1732-1813). Era natural de Coimbra, licenciado em Leis pela Universidade desta cidade. Foi desembargador da Casa da Suplicação e Procurador da coroa de sua Majestade, D. José (Inocência V, p. 121; VIII, p. 314; XIII, p. 199 e 379). Como ministro do governo de Pombal, ao serviço do regalismo e para combater os Jesuítas, várias obras lhe são atribuídas, direta ou indiretamente. Temos, assim, as seguintes obras:

- *Dedução chronológica e analytica*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal

<sup>136</sup> Esta obra critica a falta de rigor no estudo da Sagrada Escritura, começando pelo estudo rigoroso das línguas da Bíblia, o hebraico e o grego, línguas também necessárias para o estudo da Teologia. Critica igualmente a Teologia Escolástica. Foi orientada e patrocinada pelo Marquês de Pombal. Nota da ficha da BNP: “Inocência II, 418; IV, 20; X, 331 refere que D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, depois Bispo de Coimbra e Reitor da Universidade, e seu irmão, o Desembargador João Pereira Ramos de Azeredo [sic] Coutinho, foram os principais responsáveis pela redacção do texto; Inocência I, 43; II, 94; IX, 80; XIX, 21 refere a edição de 1772, em 8.º”; ver ainda Rodrigues, A Cátedra (1640-1910), p. 94-96, e FRANCO, José Eduardo, *Os Catecismos antijesuíticos pombalinos. As obras fundadoras do antijesuitismo do Marquês de Pombal*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, Ano IV, n.º 7/8, Lisboa, 2005, p. 260-265.

da Costa, 1767-1768; 3 vol.; 28 cm (BNP, H.G. 4029 A. - 4031 A.; Facfil, R-79-F-1; BPH: parte II).

- Vol. 1: *Parte primeira, na qual se manifestão pela sucessiva série de cada hum dos Reynados da Monarquia Portuguesa que decorreram desde o governo do Senhor Rey Dom João III, até o presente, os horrorosos estragos que a Companhia, denominada de Jesus, fez em Portugal e todos os seus domínios, por hum Plano e Systema por Ella inalteravelmente seguido desde que entrou neste Reyno, até que delle foy proscripta e expulsa pela justa, sábia e providente Ley de 3 de Setembro de 1759... para servir de instrução e fazer parte do recurso que o mesmo ministro interpoz e se acha pendente na Real presença do dito Senhor sobre a indispensável necessidade que sente pela urgente Reparação de algumas das mais atendíveis entre as ruínas, cuja existência se acha deturpando a Autoridade Régia e oprimindo o Público*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1767; 8, 566 p.

É exclusivamente antijesuítico, fazendo uma resenha histórica de todos os aspetos negativos da história de Portugal, atribuindo-os aos Jesuítas, “a Companhia denominada de Jesus degenerou em sociedade Leonina para destruir toda a união cristã”.

- Vol. 2: *Parte segunda na qual se manifesta o que sucessivamente passou nas diferentes épocas da Igreja sobre a censura, proibição e impressão dos livros: demonstrando-se os intoleráveis prejuízos que, com o abuso delas se tem feito à mesma Igreja de Deus: a todas as Monarquias, a todos os Estados soberanos; e ao sossego público de todo o Universo...*, ib., mesmo impressor, 1767; 16, 260 p.<sup>137</sup>

É uma exposição doutrinal em forma histórico-demonstrativa, tendo 7 demonstrações e 42 “monumentos” para provar que, segundo a tradição, a censura dos livros pertence ao Estado e não à Igreja. Mais, a própria Igreja precisaria do beneplácito régio para a publicação dos seus próprios livros! Ao mesmo tempo, todos os documentos de Roma sobre proibição de livros ou outros assuntos não teriam aplicação em Portugal.

- Vol. 3: *Colecção das Colecções das provas que foram citadas na Parte Primeira e Segunda da Deducção Cronológica e Analítica e nas suas petições de recurso do Doutor Joseph Seabra da Silva*, ib., mesmo impressor, 1768; 16, 312 p.

<sup>137</sup> Seabra da Silva, de regresso do degredo a que o próprio Pombal o condenou, disse não ter praticamente nada a ver com essa obra, que pertencia unicamente a Pombal e seus colaboradores (ver Eduardo Franco, *Os Catecismos*, n. 33).



É um apêndice com documentos, chamado precisamente “Apêndice documental”, insistindo na subordinação da Igreja à “proteção” e orientação do Estado.

— Ib., mesmo impressor, 1768; 5 vol.; 18x10,5 cm (BNP, H.G. 5471 P.- 5475 P.; FacFil, R-79-F).

— Ib., mesmo impressor, 1768; 2 vol.; 17 cm (FLUP, 09:93S58d; FacFil, R70-B-23; R70-B-22; CBUA, RS/A-18-14; BOCD).

Esta obra teve três edições em português, como se pode ver. É a obra mais típica do regalismo pombalino, de raiz galicana, que defendia o poder divino dos reis e uma Igreja nacional independente do Papa. Portanto, o rei seria, tal como acontece na Igreja Anglicana, a suprema autoridade da Igreja. Nos seus três volumes trata, sobretudo, estes dois grandes temas; mas há outros aspetos, sobretudo o antijesuitismo inveterado, que se desenvolveu entre 1750 e 1780.

É, pois, a “Bíblia” da política interna pombalina, embora não seja da mão pessoal do Marquês. Também não se diz que seja da autoria de José Seabra da Silva; apenas se sabe que foi publicada por ele, como procurador da Coroa. Possivelmente, é obra deste, no aspeto jurídico da questão, mas também do Pe. António Pereira de Figueiredo, que nutria os mesmos sentimentos, como se constata por outras obras suas.

O Pe. António Pereira de Figueiredo fez a tradução para latim, a fim de que a obra fosse conhecida no estrangeiro; mas pode ter ajudado também nas provas referentes à História Eclesiástica e à Teologia. Vejamos o seu título:

- *Deductio Chronologica e Analytica: Pars Prima [-Secunda] In Lucem Edidit Doct. Josephus e Seabra Silvius... Latinitate Donavit Antonius Pereria Figueiredus*, Lisboa, Typographia Régia, 1771; 2 vol.: 1.º, 10, VI, 408; 2.º: 4, XI, 663 p.; 20 cm (Cat.; BNP, H.G. 5659//1 P. - 5660 P.). Ver cap. 25: *Pe. António Pereira de Figueiredo: Obras culturais*, 6.2.

Também foi traduzida em espanhol:

- *Deduccion chronologica y analitica en que por la succesiva serie de cada uno de los reynados de la monarquia portuguesa, desde... Juan III hasta el presente, se manifiestan los horrosos estragos que hizo en Portugal, y en todos sus dominios la Compañia llamada de Jesus... hasta su expulsion en 1759; traducida del idioma portugués por... Joseph Maymó y Ribes, abogado del colegio de esta Corte*, Madrid, Joachin Ibarra, 1768; 3 tomos; 20 cm (BNP, H.G. 22794 V. - 22795 V.).
- *Petição de recurso do Procurador da Coroa a S. Majestade fidelíssima, sobre a clandestina introdução do Breve Apostolicum “Pascendi”, etc.*, Lisboa, Oficina

de Miguel Rodrigues, impressor do Eminentíssimo Cardeal Patriarca, 1765; 2, 44 p.; 30 cm (BNP, R. 2612//15 A.).

- *Petição de recurso apresentada em audiência pública à Majestade de El Rey Nosso Senhor pelo Doutor Jozeph de Seabra da Sylva... Sobre o último, e crítico estado desta monarquia depois que a Sociedade chamada de Jesus foi desnaturalizada e proscripta dos domínios de França e Hespanha*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1767; 59, 13 p.; 28 cm (BNP, H.G. 2078 A.; BPB, Res. 287//2 P.; Inocêncio V, p. 121).

— Em latim: *Petitio recursus Maiestatis domini nostri Regis in publica audientia praesentata a doctore Josepho de Seabra Sylvio... super ultimum et criticum statum hujus monarchiae ex quo Societas à Jesu nuncupata expulsa proscrip-taque est de Regnis Galliae et Hispaniae latinitate donavit, praefationemque adjecit professor quidam olisiponensis* [António Pereira de Figueiredo], Olisipone, Typis Michaelis Manescalii Costii jussu regis, 1767; 16, 78 p.; 20 cm (BNP, H.G. 5659//2 P.).

Em francês:

- *Réquisitoire présenté a Sa Majesté Très-Fidele, dans une audience publique, par le Docteur Joseph de Seabra da Sylva... sur les circonstances critiques où se trouve cette monarchie, depuis que la Société dite de Jésus a été bannie & expulsée des domaines de France & d'Espagne: traduit du portugais*, [S.l.: s.n.], 1768; 2, 125 p.; 18 cm (BNP, H.G. 31579 P.).
- *Prove e confessioni authentiche estratte dal processo, che dimostrano la realtà dei Gesuiti nell'attentato regicidio di S. M. Fedelissima D. Giuseppe I, Re di Portogallo; e compendio di quanto è passato nel suo Regno dal dì 31 Luglio 1750 sino alla loro espulsione. Cui si aggiugne la Suplica di Ricorso intorno a l'ultimo critico stato della monarchia porthoghese dopo che la Società di Gesù è stata pros-critta dai Domini della Francia e della Spagna*, Venezia, [s.n.], 1768; 160 p.; 13 cm (BNP, D.S. XVIII - 352//1); junto com: “Riflessioni critiche..”; “I gesuiti mercanti...”; “Monita secreta Societatis Jesu”.
- *Provas da dedução cronológica e analítica e petição de recurso*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1768; 2 vol.; 18x10,5 cm (BNP; BPH: 1.<sup>a</sup> Parte, 405 p.; BSEA, 2.<sup>a</sup> Parte, 248 p.). Ver o autor no cap. 7.2.

**Sebastião José de Carvalho e Melo / Marquês de Pombal** (1699-1782). Foi um nobre, diplomata e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I, sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa (Inocêncio VII, p. 209; XIX, p. 17-184). Ordenou que se escrevesse a seguinte obra:

- *Relação Abbreviada da República, que os Religiosos Jesuítas das províncias de Portugal, e Hespanha estabelecerão nos domínios ultramarinos das duas monarquias, e da guerra, que nelles tem movido, e sustentado contra os exércitos hespanhoes e portugueses: formada pelos registos das secretarias dos dous respectivos principaes commissários e plenipotenciários; e outros documentos authenticos*, [Lisboa?: s.n., 1757]; 34 p.; 29 cm (BNP, H.G. 25367 V.).

Esta obra não apresenta nome de autor, nem lugar, nem licenças das instituições censórias. Imprimiram-se 20 000 ex. em 8.º, mas vários também em 16.º, para maior divulgação, tanto em Portugal como no Ultramar. Foi ordenada a sua divulgação no estrangeiro, pelos canais diplomáticos. Teve edições em Espanha, França, Alemanha, etc., em latim.<sup>138</sup>

- *Erros ímpios e sediciosos, que os religiosos da Companhia de Jesus ensinaram aos réus que foram justificados e pretenderam espalhar nos povos destes reinos*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, [1759]; 53-81 p.; 17 cm (BNP, D.S. XVIII - 270).<sup>139</sup>

#### Autores anónimos

- *Origem infecta da relaxação da moral dos denominados Jesuítas: manifesto dolo, com que a deduziram da ethica, e da metafysica de Aristóteles, e obstinação, com que, ao favor dos sofismas da sua Lógica, a sustentaram em commum prejuízo fazendo prevalecer as impiedades daquelle filósofo, falta de todo o conhecimento de Deus, e da vida futura, e eterna, contra a Escritura, contra a Moral estabelecida pelos livros dos officios de S. Ambrósio...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1771; 446 p.; 14,5x10 cm (BNP, H.G. 2882 P.; Inocência II, p. 132; CBUA, RS/A-18-97; SocBib).
- *Doutrinas da Igreja sacrilegamente offendidas pelas atrocidades da moral jesuítica, que foram expostas no appendix do compêndio histórico, e deduzidas pela mesma*

<sup>138</sup> Na BNP, uma nota refere o conteúdo da obra: "Copia das instrucçoens, que os padres, que governaõ os Indios, lhes deraõ quando marcharaõ para o Exercito, escritas na lingua Guarani, e della traduzidas fielmente na mesma fórma, em que foraõ achadas aos referidos Indios (p. 24-26); Copia da carta que o povo ou antes o cura da Aldea de S. Francisco Xavier escreveu em 5 de Fevereiro de 1756... escrita na lingua Guarani, e della traduzida fielmente na lingua Portugueza (p. 27-29); Copia da carta sediciosa, e fraudulenta que se fingio ser escrita pelos cassiques das Aldeas rebeldes ao Governador de Buenos Aires... escrita na lingua Guarani, e della traduzida fielmente na lingua Portugueza (p. 29-31); Copia da Convenção celebrada entre Gomes Freire de Andrada, e os Cassiques para a suspensão de armas (p. 32-34). Sobre esta obra, ver Eduardo Franco, *Os Catecismos*, p. 249-252.

<sup>139</sup> Sobre esta obra, ver FRANCO, José Eduardo, *Os Catecismos antijesuíticos pombalinos. As obras fundadoras do antijesuítismo do Marquês de Pombal*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, Ano IV, n.º 7/8, Lisboa, 2005, p. 253-255.

*ordem numeral do referido appendix [...]*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1772; 367 p.; 14,5x10 cm (BCM, 2A2-20; CBUA, RS/A-18-107; CBAP, n.º 691; Inocência II, p. 131; SocBib). Na Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, estas duas obras estão encadernados juntas, num único tomo.

### Tradutores anónimos

- *Collecção dos breves pontificios, e leys regias, que forão expedidos, e publicadas desde o anno 1741, sobre a liberdade das pessoas, bens, e commercio dos índios do Brasil; dos excessos que naquella Estado obraram os regulares da Companhia denominada de Jesu...*, [Lisboa], impressa na Secretaria de Estado, [1759]; 282, 4 p.; 32 cm (A tradução em Portugal, 2293; Inocência II, p. 90).
- *Instrução a príncipes sobre a política dos padres Jesuítas, illustrada com largas notas e traduzida de italiano em português*, Lisboa: [s.n.], 1760; 24, 208 p.; 14 cm (BNP, H.G. 1669 P.; BPNM, 2-65-11-10; A Tradução em Portugal, 983).
- Vv., *Lettres pastorales, l'une du chapitre de l'Eglise d'Elvas, l'autre du collège de la Sainte Église de Lisbonne en execution de la lettre royale du 19 Janvier 1759, pour anéantir les erreurs impies et sédicieuses que les Jésuites ont voulu semer dans ces Royaumes, avec un coup d'oeil de leurs usurpations dans l'Amérique Espagnole et Portugaise*, s.l., 1759; 16x10 cm; 24 p. (BNP, Res. 65//3 P.; NUC; BNF; Brasiliana I, p. 409).

### Pro-jesuítico

- *Retrato dos Jesuítas feito ao natural pelos mais sábios, e mais illustres cathólicos ou o juízo feito à cerca dos Jesuítas pelos maiores, e mais esclarecidos homens da Igreja, e do Estado, desde o ano de 1540, em que foi a sua fundação, até ao anno de 1650 antes das disputas, que se levantaram a respeito do livro de Jansénio*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1761; 5, 255 p. (CBUA, RS/A-18-45).
- Papa Pio VII, *Bulla que restabelece a Ordem dos Jesuítas*, 1814 (A Tradução em Portugal, 3139).

### Bibliografia

- ABREU, Luís Machado de, e FRANCO, José Eduardo, *Dois exercícios de ironia: defesa da Carta Encíclica de Pio IX de Antero de Quental, contra "Os Jesuítas" de Sena Freitas*, Lisboa, Prefácio, 2005; 145 p.; 24 cm (BNP, R. 25086 V).
- BACKER, Augustin e Aloys, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, Bruxelas, Oscar Stephens; Paris, Alphonse Picar, 1890-1960; 12 vol. (BNP, B. 227 A.).

- BARROS, Francisco Lobo Correia de (séc. XIX), *Altos feitos do Marquez de Pombal*, Lisboa, Typografia de Mattos Moreira & Cardoso, 1882; 4, 116 p.; 21x14 cm (BNP, H. G. 19492 P.; Inocêncio XIX, p. 181).
- BENTO XIV, papa, *Constitutio Sanctissimi in Christo Patris, contitutio in qua confirmatur litterae...*, Roma - Lisboa, Tip. da Câmara Apostólica, 1746; 20x14,5 cm (BPB, Res. 164// 6 V.).
- , *Opera*, Roma, 1747 (Museu de Lamego, *Catálogo de alguns manuscritos da Biblioteca Municipal de Lamego*, n.º 53).
- BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL (org.), *A expulsão dos Jesuítas dos Domínios Portugueses – 250.º Aniversário*, Lisboa, 2009; contém um catálogo de obras manuscritas e impressas que se encontram na BNP, sobre esta temática ou com ela relacionadas.
- BOSSUET, Jacques Bénigne, *Defensio Declarationis celeberrimae, quam de Potestate Ecclesiastica Sunxit Clerus Gallicanus...*, Luxemburgi, 1730; 2 vol. (BPNM, 1-50-8-4/5).
- CACHEUX, Abbé, *Discussion Théologique et Philosophique avec le protestantisme... suivie de la lettre du Pasteur Puaux...*, Paris, 1855; 557 p.; 23,5x15,5 cm (BSEA).
- CARDOSO, Tereza Maria Rolo Fachada Levy, *As luzes da educação: fundamentos, raízes históricas e prática das aulas régias no Rio de Janeiro (1759-1834)*, Bragança Paulista, Editora da Universidade de São Francisco, 2002.
- CARVALHO, Laerte Ramos de, *As reformas pombalinas da instrução pública*, São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- CASTRO, Manuel de Oliveira Chaves e (1836-1919), *O Beneplácito Régio em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1885; 129 p.; 23 cm (BNP, S.C. 4799 V.).
- CASTRO, Zília Osório de, *O Regalismo em Portugal. António Pereira de Figueiredo*, em *Cultura, História e Filosofia* 6, 1987, p. 357-411.
- CLEMENTE, Manuel, *A Igreja e o liberalismo. Um desafio e uma primeira resposta*, *Communio*, 1992, IX, (6), p. 548-553.
- , *Católicos, Estado e Sociedade no Portugal oitocentista (Congressos católicos, 1891 e 1895)*, *Communio*, 1984, I, (3), p. 245-255.
- , *Oração e racionalismo, no séc. XIX em Portugal. A posição de I. Roquete e J. Monsabré*, *Communio*, 1985, II (4), p. 360-366.
- , *A Igreja e o Liberalismo – Questões oitocentistas*, em *Eborensia* 33, 2004, p. 25-38.

- COELHO, José Maria Afonso, *Expulsão das Ordens Religiosas*, em *Eborensia* 33, 2004, p. 99-132.
- CONDE DE SAMODÃES, Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar / 2.º Conde de Samodães (1828-1918), *O Marquez de Pombal, cem anos depois da sua morte...*, Porto, 1882. Referências ao terremoto de 1755 da p. 36 a 40.<sup>140</sup>
- CRUZ, António, *Nota sobre a reforma Pombalina da instrução pública*, FLUP, Revista da Faculdade de Letras-série História, II, 1971, p. 1-63.
- D'ALEMBERT, *Sur la destruction des Jésuites en France*, Paris, Librairie de la Bibliothèque Nationale, 1898; 190 p.; 14 cm (UCBPB, 27-789.5 A351s).<sup>141</sup>
- Défense de la Declaration de L'Assemblée du Clergé de France de 1682...*, A Liège, Chez les Libraires Associés, 1768 (BSG).
- DUPUIS, Charles-François, *Abrégé de l'origine de tous les cultes*, Paris, por Henri Agasse, 1798; 597 p.; 21 cm. Vai dos cultos da natureza, Grécia, Roma, Pérsia, Índia, etc., até ao cristianismo (UCBPB, 2-5 D948a).<sup>142</sup>
- FALCON, Francisco J. C., *A Época Pombalina: Política Económica e Monarquia Ilustrada*, São Paulo, Editora Ática, 1993; 2.ª ed.
- FALCON, Francisco, e RODRIGUES, Cláudia (org.), *A “Época Pombalina” no mundo luso-brasileiro*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2015.
- FERRÃO, António, *A Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra e a sua apreciação por alguns eruditos espanhóis*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926. Separata do Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa.
- , *A Censura Literária durante o governo Pombalino: Subsídios para a história do pensamento em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e, *As Reformas Pombalinas no Brasil*, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2011.
- FORTUNATO DE ALMEIDA, *O Jansenismo e o Regalismo na Administração Pombalina*, em *História da Igreja em Portugal*, vol. III, Nova Edição preparada e dirigida por Damião Peres, Liv. Civilização Editora, Porto - Lisboa, 1970, p. 342-350 [Fortunato de Almeida III].
- FRANCO, José Eduardo, *O Terremoto pombalino e a campanha de “desjesuitização” de Portugal*, *Lusitania Sacra* 18, 2.ª Série, 2006, p. 147-218.

<sup>140</sup> O Conde de Samodães era natural de Vila Nova de Gaia. Foi um conhecido escritor e defensor do catolicismo (Inocêncio IX, p. 267; XVIII, p. 251; XIX, p. 162).

<sup>141</sup> Pertenceu à biblioteca de Leonardo Coimbra.

<sup>142</sup> Pertenceu à biblioteca de Leonardo Coimbra.

- , *Os Catecismos antijesuíticos pombalinos. As obras fundadoras do antijesuitismo do Marquês de Pombal*, em *Revista Lusófona de Ciências das Religiões*, Universidade Lusófona, n.º 7-8; ano IV, Lisboa, 2005, p. 247-268; com muita bibliografia [Franco, *Os Catecismos*].
- FRANCO, José Eduardo, e SILVA, Cristiana Lucas, *O Antitridentismo em Portugal. Um Concílio como causa da Decadência Portuguesa e Ibérica, em Concílio de Trento. Inovar na Tradição – História, Teologia, Projeção*, Universidade de Alcalá, 2016, p. 397-406.<sup>143</sup>
- IGREJA CATÓLICA, *Cartas Interessantes do Papa Clemente XIV*, Lisboa, Borel, 1785; 4 vol.; autor: provavelmente, o marquês de Caraccioli; 17 cm (BNP, L. 58917 P. - 58920 P.; A Tradução em Portugal, 1508).
- , Outra edição, Porto, Oficina de Pedro Ribeiro França, e Viúva Emary, 1791; 2 vol.; 15 cm (BNP, H.G. 31485 P. - 31486 P.).
- JACQUELOT, Isaac (1647-1708), *Dissertations sur l'existence de Dieu, où l'on démontre cette verité par l'histoire universelle de la première antiquité du monde: par la refutation du système d'Epicure et de Spinoza: par les caracteres de divinité qui se remarquent dans la religion des juifs: et dans l'établissement du Christianisme*, A La Haye, chez Etienne Foulque, Marchand Libraire, auprès de la Cour, à l'Enseigne de Corneille Tacite, 1697; 44, 705 p.: il.; 24 cm (BNP, S.A. 1040 V.).
- LIMA, Tomás Machado, *Cronologia dos Jesuítas em Portugal – No bicentenário da restauração*, Lisboa, 2017.
- MACEDO, Jorge Braga de, *O anti-clericalismo em Portugal no séc. XIX, ensaio de uma perspectiva sociológica*, Communio, 1985, II (5), p. 440-450 (BJPIL, 05:28=690-COM).
- [MARQUÊS DE POMBAL], *Regimento do Santo Offício da Inquisição dos Reynos de Portugal. Ordenado com o Real beneplácito e Régio auxílio do Rey... Cardeal da Cunha, e Inquisidor Geral neste Reino em todos os seus Domínios*, Lisboa, Of. de Miguel Manescal da Costa, 1774; 8, 158 p.; 29 cm (BNP, S.C. 28145 V.).
- MARQUES, João Francisco, *A acção da Igreja no terremoto de Lisboa de 1755: Ministério espiritual e pregação*, em *Lusitania Sacra* 18, 2.ª Série, 2006, p. 219-329.

<sup>143</sup> Segundo estes autores, na época do iluminismo, os males sociais e da Igreja eram atribuídos à Escolástica e ao concílio de Trento; na época pombalina e regalista, seguida do liberalismo, os Jesuítas são sempre associados ao passado, mormente à Escolástica e ao Concílio de Trento. Antero de Quental seguiu essa mesma linha na conferência que preparou para ser feita nas conhecidas “Conferências do Casino” de 1871. O título era: *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Estas “Causas” eram o concílio de Trento e o Neocatolicismo ultramontano, dirigido pelos Jesuítas.



- , *Os Jesuítas, confessores da Corte portuguesa na época barroca 1550-1700*, Porto, Faculdade de Letras, 1995, em Sep. de Revista da Faculdade de Letras, vol. XII, 2.<sup>a</sup> série, 1995, p. 231-270.
- MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan (ed. lit.), *O debate ideológico na censura pós-pombalina*, Lisboa, Verbo, 2011; Edição fac-similada da de Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1769; coleção Inéditos da censura em Portugal 1; 280, 4 p.; il.; 24 cm (BNP, S.C. 137369 V.).
- MATOS FERREIRA, António, *O Liberalismo no Cenário Europeu e a sua implantação em Portugal*, em *Eborensia* 33, 2004, p. 39-62.
- MAXWELL, Keneth, *Marquês de Pombal: paradoxo do iluminismo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. Tradução de António de Pádua Danesi.
- MILL, John Stuart, *Essai sur la religion*, trad. do inglês por M. E. Cazelles, Paris, Félix Alcan, 1875; 244 p; 24x15 cm (UCPBP, 2(035) M589e). Apresenta os argumentos do teísmo e outros movimentos filosóficos; atributos e imortalidade de Deus e a Revelação. É, pois, uma obra teológico-bíblica.<sup>144</sup>
- NUNES, Maria de Fátima, *Bases Ideológicas do Liberalismo*, em *Eborensia* 33, 2004, p. 3-24.
- OLIVEIRA, Luiz Eduardo Oliveira (org.), *A legislação pombalina sobre o ensino de línguas: suas implicações na educação brasileira (1757-1827)*, Maceió, Edufal, 2010.
- ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO, *Academia celebrada pelos religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco do Convento de N. Senhora de Jesus de Lisboa no dia da solemne inauguração da estátua equestre de el Rey Dom José Primeiro*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1775; 170 p.; 29x20 cm (BNP, H.G. 4544//1 A.; BPH).
- PREZA, Manuel José Gonçalves, *História Verdadeira da Inquisição*, Guimarães, Liv. Ed. de Teixeira de Freitas, 1882; trad. do espanhol; autor: Francisco Xavier Garcia Rodrigo; 2 vol.; 22x15 cm (BSEA).
- , Nova edição, ib., mesmo impressor, 1884-; 2 t.; 22 cm (BNP, H.G. 27700 P.; BSEA).
- SALDANHA, António Vasconcelos de, *A Índia Portuguesa e a Política do Oriente de Setecentos*, ed. Alfa, Biblioteca da Expansão Portuguesa, Lisboa 1989, p. 54-66.

<sup>144</sup> Pertenceu à biblioteca de Leonardo Coimbra.

- SANTOS, Cândido dos, *António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung, ensaio sobre o Regalismo e o Jansenismo em Portugal na 2.<sup>a</sup> metade do século XVIII*, em *Revista de História das Ideias* 41, 1982.
- , *O Marquês de Pombal e o seu Tempo*, ib., p. 167-203.
- SENRA COELHO, Francisco José, *O Liberalismo e a dessacralização do Alentejo*, em *Eborensia* 33, 2004, p. 63-97.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O Marquês de Pombal: o homem, o diplomata e o estadista*, Câmaras Municipais de Lisboa, Oeiras e Pombal, 1982.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, e ARANHA, Brito, *Dicionário Bibliográfico Português*, t. XIX, p. 17-184 [Inocêncio].
- SILVA, João António dos Santos e (1824-1874), *Revista histórico-política de Portugal desde o ministério do Marquez de Pombal até 1842...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1852; XV, 258 p.; 21 cm (BNP, H.G. 9819//1 P.).
- VAZ, Francisco A. Lourenço, *O ensino em Évora na segunda metade do século XVIII: da extinção da Universidade ao fim do consulado pombalino*, em *Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora – Actas*, vol. I, Évora, 1949, p. 195-207.
- VOGEL, Christine, *Guerra aos Jesuítas – A Propaganda antijesuítica do Marquês de Pombal em Portugal e na Europa*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2017; trad. de Cristina Osswald.
- Vv., *Catolicismo e Liberalismo em Portugal (1820-1850)*, Universidade Católica Portuguesa (ed.), Centro de Estudos do Pensamento Português, INCM, 2009; 796 p.; 24 cm (BNP, H.G. 59382 V.).

## Conclusões

1. Começamos por afirmar que este capítulo é o mais típico deste volume, na medida em que faz transparecer toda a problemática própria destes dois séculos. Várias vezes fomos repetindo que se trata de uma época de crises permanentes, crises dolorosas para a sociedade em geral e, muito especialmente, para a Igreja. Estas crises eram os sinais da mudança do Antigo Regime para o Novo e, portanto, também de crescimento. Tiveram o seu início nas reformas do Marquês de Pombal e, desde aí, duraram até ao séc. XX. Tratava-se da luta entre os dois poderes: o político e o religioso.

2. As crises sociais e políticas tornaram-se, ao mesmo tempo, crises para a Igreja e dentro da Igreja. Isso aconteceu mormente com o iluminismo, o rega-

lismo, o liberalismo radical e o antijesuitismo. Estas foram, talvez, as mais dolorosas para a Igreja. O cientismo anticristão foi também, não só uma preocupação para a Igreja, mas também causa de grande sofrimento e desorientação teológica e moral.

3. A nível interno da Igreja Católica, a crise notou-se mais na desorganização e na depauperização espiritual das Ordens religiosas, que teve o seu triste desfecho na expulsão dos religiosos dos seus conventos e mosteiros, pelo regime liberal, em 1834. Havia também pouca união entre os próprios bispos, nomeados pelo poder político, muitas vezes, sem as qualidades requeridas para esse múnus espiritual e pastoral. Essa crise teve um dos seus pontos altos na luta entre miguelistas e liberais.

4. Mas, talvez, a crise que maior escândalo causou na sociedade do séc. XIX foi a palavrosa luta entre a Igreja Católica e as diferentes Igrejas protestantes. Tratava-se de uma luta entre “irmãos”, discípulos do mesmo Cristo. Foi uma luta triste e inglória, para os dois campos, que pretendiam vencer a batalha da ortodoxia.

Pelos motivos aduzidos, encontramos neste capítulo uns 85 autores de controvérsia política; de sigilismo, 8; cientismo anticristão, 10; protestantismo, 28; jesuitismo, 10; portanto, temos, assim, 141 autores que escreveram 365 obras de controvérsia.

## Capítulo 8

### Bíblia e Literatura apologética A imprensa religiosa

Chamamos “apologética” à ciência teológica que tem como finalidade essencial justificar a fé cristã, utilizando como base a Sagrada Escritura, os Santos Padres, a Tradição da Igreja, etc. Aliás, o verbo grego *apologetai* significa defender, confessar. Este seria o papel da apologética em sentido positivo (*apologética positiva*); se pretende defender o cristianismo ou a Igreja de ataques ideológicos anticristãos, atacando, chama-se, consequentemente, *apologética negativa*, polémica. Este é, pois, um capítulo típico destes dois séculos e que deu origem a muita literatura justamente chamada “apologética”.

Nem sempre é fácil definir a fronteira entre literatura apologética e literatura polémica ou de controvérsia, da qual falámos no capítulo anterior. Frequentemente, é pelo estilo de linguagem de ataque (controvérsia) ou de defesa (apologética), que distinguimos uma tipologia da outra. Enquanto a apologética procura sobretudo argumentos de defesa, a controvérsia utiliza sobretudo armas de ataque.

Aqui apresentamos um capítulo para cada uma destas duas tipologias. A literatura de controvérsia – objeto do capítulo anterior – poderia chamar-se também “apologética negativa”, no sentido em que se pretende mais atacar os erros do adversário do que provar a própria doutrina; esta segunda iria na linha da “apologética positiva” e constitui o objeto do presente capítulo.

Desde o início do cristianismo já se exerciam estas duas tipologias apologéticas, desde os chamados “Padres Apologistas” do séc. II (S. Justino, Taciano, Atenágoras, Teófilo de Antioquia, *Carta a Diogeneto*...) até hoje. Com efeito, a Igreja teve sempre adversários, mais ou menos perigosos. Contra os que matavam os cristãos, como acontece ainda hoje, não há apologética que valha, porque esses são ditadores e incapazes de diálogo, não vendo nada de bom naqueles que matam. Os Padres Apologistas discutiam e defendiam o cristianismo, dialogando com os judeus e os filósofos gregos e romanos.

A apologética exercida ao longo dos dois séculos tratados neste volume de *A Bíblia em Portugal* não tinha propriamente adversários físicos (embora tenham

também existido), mas sobretudo adversários ideológicos, que são, por vezes, piores que os outros: esses foram infiltrando na sociedade ideias anticristãs e, se não matam o corpo, matam a “alma”, a vida espiritual do cristão, o próprio cristianismo, tanto nos indivíduos como nas sociedades. Matam, portanto, a própria Igreja. As ideologias anticristãs foram sempre o inimigo número um do cristianismo, piores que os déspotas, que fizeram milhões de mártires, ao longo de dois mil anos de história cristã.

De que adversários se defendiam os apologetas destes dois séculos? Dos que negavam a existência de Deus, dos que atacavam o catolicismo, mesmo sendo cristãos, etc. O leitor atento saberá descobri-los, pois muitos não aparecem nomeados explicitamente. Por exemplo, se se trata do sacramento da confissão, são, possivelmente, protestantes. Uns são de carácter político, outros são de carácter religioso ou sectário, como será o caso da *maçonaria*, por exemplo; ou o *positivismo*, cujo representante mais conhecido foi o francês Comte. Em termos genéricos, esta filosofia baseava-se no *empirismo* de Hume, negando, portanto, tudo o que não fosse objeto de percepção pelos sentidos corporais. Era, pois, uma doutrina perigosa e adversa ao sobrenatural, que é o coração do cristianismo.<sup>1</sup>

Vamos ver, a partir de agora, os autores que foram considerados como *apologetas*, no sentido mais positivo da disputa ideológica, isto é, na defesa do cristianismo católico.

### Autores e obras

**A. Nicolas** (?-?). Escreveu:

- *A Divindade de Jesus Christo*, Lisboa, 1864; 214 p. (BSEA).

**Almeida Silvano, Pe.** (ca. 18??-?). Escreveu:

- *Defesa das Ordens Religiosas e análise do relatório do Mata-Frades*, Coimbra, J. J. Reis Leitão, 1884; 306 p.; 20 cm (BNP, H.G. 15771 P.; BSEA). Ver o autor no cap. 7.5.

**Amador do Desengano** (fl. 1761). Escreveu:

- *Espelho Crítico, no qual claramente se vem alguns defeitos das mulheres, fabricado na Loja da Verdade pelo Irmão Amador do Dezengano, que pôde servir de estímulo para a Reforma dos mesmos defeitos*, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1761; 13, 2 p.; 20 cm (BNP, F.G. 668).

<sup>1</sup> Contra esta filosofia fez o papa Leão XIII, em 1879, a encíclica *Aeterni Patris*, que foi traduzida pelo Padre Sena Freitas e publicada no “Progresso Católico” (agosto de 1879).

A esta obra antifeminista respondeu Gertrudes Margarida de Jesus, com a obra que se pode ver mais abaixo.

**António Caetano do Amaral** (1747-1819). Era natural de Lisboa. Foi bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 99; VIII, p. 106). Traduziu do castelhano:

- *O Evangelho em triunfo, ou história de hum filósofo desenganado*, Lisboa, Typ. Rollandina, 1802; autor: Pablo de Ollavide; 8 vol.; 15 cm (BNP, R. 23117 P. - 23124 P.; CBAP, n.º 748; A Tradução em Portugal, 2450). Ver o autor no cap. 10.2.

**António Cardoso**, Pe., CO (1727-1798). Este autor, quando interpelado sobre se o empréstimo de dinheiro com lucro era ou não justificado, escreveu uma longa dissertação sobre o assunto, “o monstro da usura”:

- *Resposta de um amigo a outro, que lhe pergunta: se o contrato entre nós chamado de dinheiro a ganho de que o tal sujeito usa será manchado de usura. Por hum anónimo português*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1785; 2 vol.; 17 cm (BNP, TR. 1472 P.).<sup>2</sup>

**António Cordeiro** - 2 (17??-18??). Escreveu:

- *Apologia religionis naturalis et revelatae*, Lisboa, Tipografia Régia, 1806; 30 p.; 20 cm (BNP, R. 21752//5 P.).

**António Correia de Menezes** (1869-1919). Traduziu:

- *Harmonia entre a Ciência e a Fé*, Coimbra, ed. J. J. Reis Leitão [17--]; versão portuguesa sobre a segunda edição espanhola; autor: Pe. Miguel Mir; 21x12 cm (BNP, TR. 2545 P.: vol. 2; BPH: vol. 1, 335 p.).  
— *Ib.*, mesmo editor, [1892]; 2 vol.; 20 cm (BNP, S.A. 21803 P. - 21804 P.).

**António da Costa Sousa de Macedo** (1824-1892). Nasceu em Lisboa de origem nobre. Estudou Direito em Coimbra. Foi o fundador do jornal “O Leiriense”. Deixou uma vasta obra literária (Inocêncio I, p. 117; VIII, p. 122; XX, p. 194). Citamos apenas a seguinte:

- *O Christianismo e o Progresso*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1868; 180 p.; 19 cm (BNP, R. 3123 V.).  
— 2.<sup>a</sup> edição, *ib.*, mesmo impressor, 1875; 210 p.; 19x12 cm (BNP, S.A. 97 A.; BSEA).

<sup>2</sup> Sobre este autor e o problema bíblico da sua obra, ver SANTOS, Cândido dos, *O Jansenismo em Portugal*, p. 293-298.

- 3.<sup>a</sup> edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1908; 165, 2 p.; 19 cm (BNP, S.C. 40149 P.; BSEA).
- 4.<sup>a</sup> edição, Porto, Livr. Educação Nacional, 1936; 227 p., 2 fol.; 14 cm (BNP, R. 25846 P.).

**António de Almeida Portugal** / 5.<sup>o</sup> Marquês do Lavradio (1794-1874). Foi um nobre militar, embaixador, político, jornalista e escritor. Como defensor do cristianismo, escreveu:

- *A Divindade de Jesus Christo*, Lisboa, Tip. M. J. Marques da Silva [18--]; 15 cm (BNP, R. 28080//10 P.).
- *História Abbreviada das Sociedades Secretas*, Lisboa, Imprensa Comercial, 1854; na maior parte extraído do que escreveu Augustin Barruel nas Memórias para a história do Jacobinismo; “Com permissão do Prelado Diocesano”; 79 p.; 19x14 cm (BNP, H.G. 6724//3 V.; CBAP, n.º 1177).<sup>3</sup>
- *Algumas observações sobre a Inquisição, sobre os Cruzados, e outros objectos análogos, em resposta à obra intitulada “Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal”, de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1856.
- *Algumas ideias sobre o domínio temporal do Sumo Pontífice e sobre as reformas de administração...*, Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1868; 46 p.; 21 cm (BNP, R. 37781 P.; CBAP, n.º 1172).<sup>4</sup>
- *Algumas reflexões em resposta à reacção ultramontana em Portugal ou a concordata de 21 de Fevereiro por Alexandre Herculano*, Lisboa, Typografia de Mathias José Marques da Silva, 1859; 8, 86 p.; 22 cm (CBAP, n.º 1174).
- *Algumas observações sobre o casamento civil*, Lisboa, Tip. de J. M. Martins, 1865; 16 p.; 22 cm (BNP, S.C. 10624//2 P.; CBAP, n.º 1173).

**António de Pádua e Belas**, Dom Frei, OFM (1732-1808). Era natural de Belas. Foi nomeado bispo do Maranhão em 1783, para onde partiu de seguida (Inocência I, p. 217; VIII, p. 266; XXII, p. 335). Traduziu do latim:

- *Defensor do Homem Cathólico ou Comunitário de Vicente Leirinese*, 1798; 102 p.; em 8.<sup>o</sup> (A Tradução em Portugal, 2152); publicou-se com as iniciais D.F.A.P.B.B.M.R.A., que significam D. Fr. António de Pádua e Belas, bispo do Maranhão e religioso arrábido. Ver o autor nos cap. 10.2 e 14.

<sup>3</sup> Dedicar a obra à Santíssima Virgem. Fala dos Jacobinos, caracterizando-os de anti-cristãos; dos Pedreiros-Livres (maçons) e dos Carbonários com origem em Nápoles.

<sup>4</sup> O seu nome completo é: António de Almeida Portugal Soares Alarcão Melo Castro Ataíde Eça Mascarenhas Silva e Lencastre; ver Inocência I, p. 83; VIII, p. 76; XVIII, p. 142; XX, p. 166.



**António de São José e Castro** / António José de Castro, Dom Frei, OCart (1741-1814). Nasceu em Lisboa. Foi bispo do Porto e patriarca indigitado de Lisboa. Escreveu:

- [*Pastoral do Bispo-Patriarca de Lisboa a seus fiéis esortando-os a serem fiéis à fé cristã*], Lisboa, Impressão Régia, 1813; 4 p.; 31 cm (BJPII, 239 CAS).

**António do Santíssimo Sacramento Tomás de Almeida e Silva Saldanha** / D. António de Almeida (1821-1900). Era sobrinho do duque de Saldanha. Nasceu em Lisboa e morreu em Coimbra. Foi na Universidade desta cidade que recebeu o seu doutoramento em 1852. Era bisneto materno do Marquês de Pombal. Foi o promotor do 1.º Congresso Católico, Porto. Toma a defesa do cristianismo com a publicação do opúsculo *Os Vínculos em Portugal*.<sup>5</sup>

Vejamos as suas obras:

- *Os Vínculos em Portugal...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1852; 23 p.; 23 cm (BNP, H.G. 16446//11 V.).
- *Reflexões sobre os Vínculos: segundo folheto sobre a questão...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1854; 31 p.; 22 cm (BNP, S.C. 11355/14 P.).
- *Breves considerações sobre os Vínculos: terceiro folheto sobre a questão...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1856; 44 p.; 24 cm (BNP, S.C. 7285//11 V.).
- *Pio IX e a missão da mocidade...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1849; 55 p.; 24 cm (BNP, R. 11016//3 V.).
- *Os orfãos das últimas epidemias em Lisboa e as irmãs da caridade*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859; 19 p.; 21 cm (BNP, H.G. 2761//11 V.).
- *A Reforma dos Vínculos...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1857; 72 p.; 20 cm (BNP, S.C. 7060//15 V.).
- *Apontamentos para a defesa das liberdades e imunidades da Igreja...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1850; 33 p.; 22 cm (BNP, R. 2666//9 A.).
- *Brado católico...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859; 25 p.; 23 cm (BNP, R. 9954//11 V.).
- *Páginas católicas*, Porto, 1871-1872; n.º 1 (1871)-n.º 6 (1872); 24 cm (BNP, R. 10287//2 V.).

**António Feliciano de Castilho** (1800-1875). Era oriundo de Lisboa. Aos 6 anos de idade ficou cego, mas mesmo assim licenciou-se em Direito na Universi-

<sup>5</sup> JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em *Lusitania Sacra* 12, 2.ª Série, 2000, p. 396-397; CLEMENTE, Manuel, *O Congresso Católico do Porto (1871-1872), e a Emergência do Laicado em Portugal*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.ª Série, 1989, p. 175-195.

dade de Coimbra. Viveu algum tempo em Ponta Delgada. Antero de Quental foi seu opositor na chamada “Questão Coimbrã”. Foi um espírito profundamente crente, deixando:

- *Palestras Religiosas e Consolações*, Lisboa, Emp. da História de Portugal, 1906; Coleção Obras completas de A. F. de Castilho, vol. 37 e 38 (BNP, L. 46506 P. - L. 46507 P).<sup>6</sup>
- Traduziu: *O génio do christianismo por M. de Chateaubriand*; [trad. António Feliciano de Castilho e José da Silva Mendes Leal Júnior], Lisboa, Typ. Universal, 1854; 268 p.; 2 col.; il.; 31 cm (BNP, R. 2223 A.).
- *As Ordens Religiosas consideradas em diversos aspectos*, 1854. Ver o autor nos cap. 9 e 17.

**António Garcia Ribeiro de Vasconcelos**, Pe. (1860-1941). Nasceu na freguesia de São Paio de Gramaços (Oliveira do Hospital). Em 1885, foi ordenado sacerdote. Deixou vasta obra literária. Desta temática, temos:

- *Religião e Ciência. Discurso (IX) pronunciado na Real Capela da Universidade na solenidade inaugural do novo ano letivo, a 1 de outubro de 1899*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1899; 16 p.; 25 cm (BNP, R. 2663/23 A.). Ver o autor nos cap. 5.9; 6.1; 9; 11.1 e 22.3.<sup>7</sup>

**António Isidro da Nóbrega** (1708-1759). Era natural de Lisboa. Estudou Medicina na Universidade de Coimbra, vindo a ser médico de profissão (Inocência I, p. 156). Escreveu, de índole apologética antijudaica:

- *Discurso catholico, no qual hum christão velho, zeloso da nossa Santa Fé, falla com os Judeos, convencendo-os dos erros, em que vivem, para aproveitamento das suas almas, e glória de Jesus Christo. Deduzido das palavras de Jeremias, e outros lugares da Escritura Sagrada, considerando o lastimoso espectáculo de hum Auto de*

<sup>6</sup> Tem as seguintes palestras: Os cemitérios; A Semana Santa (2 temas); São Bruno; As Ordens religiosas; O dia de Finados e os cemitérios; Estrela do mar, em honra de Nossa Senhora; Natal; Trabalho nos dias santificados; Da oração do cristão. Em todos estes temas, Castilho está em perfeita sintonia com o dogma católico. As *Obras Completas* são uma coleção de artigos dispersos em prosa e poesia na Revista Universal Lisbonense. Aí aparece, por exemplo, a refutação do artigo do filósofo Silvestre Pinheiro Ferreira.

<sup>7</sup> Sobre o autor, ver PERES, Damião, *Prof. Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos*, em Revista Portuguesa de História I, 1941, p. 7-9; ib., *Bibliografia do Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos*, p. 11-47; SOARES, Torquato de Sousa, ib., II, 1943, p. 7-23; RODRIGUES, Manuel Augusto, *Memória das Cerimónias da Catedral de Coimbra*, Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, I, p. 267-294; Inocência XX, p. 221.

*Fé, aonde aparecem os delinquentes em teatro público*, Lisboa, Oficina Sylviana, da Academia Real, 1738; 16, 113, 3 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6704//4 V.).<sup>8</sup>

**António José Boavida**, Dom (1838-1910). Era natural de Alpedrinha. Foi bispo de Beja. Na Universidade de Coimbra cursou Teologia, tendo recebido o sacramento da Ordem em 1861. Foi orador sagrado e escritor apreciado (Inocêncio XX, p. 241). Foi o autor de:

- *Carta Pastoral sobre a questão de Roma e do poder temporal*, Lisboa, Typ. Universal, 1881; 38 p.; 20 cm (BNP, R. 10270//6 V.; CBAP, n.º 271).
- [*Exortação Pastoral para conhecimento de todos os fiéis, determinando, que todos os párocos a leiam na missa conventual, e lhes demonstrem que o desprezo da lei religiosa e a depravação dos costumes, são a causa da decadência e ruína dos povos e das nações*], [S.l.; s.n., 1877]; 56 p.; 25 cm (BNP, R. 2663//9 A.).

**António José de Carvalho** (ca. 1800). Escreveu:

- *O poder temporal dos Papas em resposta ao Papa - Rei e o Concílio...*, Lisboa, Tip. do Futuro, 1871; 248 p., 3 fol.; 25 cm (BNP, R. 10276 V.; BSEA).

**António Mesquita** (ca. 1800). Traduziu:

- *Urgente necessidade de uma cruzada para a libertação do Sumo Pontífice*, Porto, J. J. de Mesquita Pimentel, 1893; 3.ª edição; autor: José Maria Carulla (ca. 1800); 25, 242, 2 p.; 19 cm (BNP, L. 43477 P.; BSEA).
- Traduziu do francês: *A situação do Papa sobre a Questão Romana*, Porto, Liv. Religiosa e Científica, 1882; 100 p.; 19,5x12,5 cm (BSEA).

**António Ribeiro dos Santos**, Pe. (1745-1818). Nasceu no Porto e faleceu em Lisboa. Estudou Humanidades no Brasil e Direito na Universidade de Coimbra, onde se doutorou. Foi encarregado da instituição que antecedeu a Biblioteca Nacional de Portugal em 1796 (Inocêncio I, p. 247-256). Escreveu:

- *A Verdade da Religião Christã*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1787; 2 t.: 360 e 403 p.; em 8.º (CBAP, n.º 1837: 1.º t.).<sup>9</sup> Ver o autor em 3.1; 3.2 e 7.1.

**Benevenuto António Caetano de Campos**, Pe. (ca 1778-ca 1840). Era natural de Lisboa. Foi Clérigo Regular Teatino e depois padre secular (Inocêncio I, p. 341; VIII, p. 368). Traduziu:

<sup>8</sup> LOPES, António, *Apologética*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 85; MAURÍCIO, Domingos, *Apologética*, em Enc. Luso-Brasileira da Cultura, col. 780.

<sup>9</sup> Inocêncio diz que esta obra saiu anónima, “mas a opinião geral, até agora não contestada, lhe dá por auctor A. Ribeiro”.

- *O génio do christianismo ou Bellezas da religião christã*, Lisboa, Imprensa de J. B. Morando, 1817; autor: François Auguste de Chateaubriand; 3 t.; 15 cm (BNP, R. 7609 P. - 7611 P.; A Tradução em Portugal, 3358).
- *Os martyres ou a victória da religião christã*, Lisboa, Imprensa de J. B. Morando, 1816-1817; autor: François Auguste de Chateaubriand; 6 t. em 3 vol.; em 8.º (BNP, L. 1847 P. - 1849 P.; A Tradução em Portugal, 3273). Segundo Inocêncio VIII, p. 368, ainda foi autor de:
- *Cathecismo philosophico ou verdades da religião Cristã*; 4 vol.
- *Deveres do cristão*. Ver o autor nos cap. 9; 10.4 e 10.7.

**Camilo Castelo Branco** (1825-1890). Era natural de Lisboa, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica. Foi um dos grandes escritores portugueses: o 1.º em Portugal que conseguiu viver do que escrevia, sendo muito prolífero, o que afetou um pouco a qualidade das obras. Deixou várias obras a favor do cristianismo e da divindade de Jesus, contra o deísmo e o racionalismo reinantes.<sup>10</sup> Apresentamos algumas:

- *Divindade de Jesus e tradição apostólica. Com uma carta dirigida ao auctor pelo Snr. Visconde d'Azevedo*, Porto, Viúva Moré, Typ. de Francisco Gomes da Fonseca, 1865; 37, 190, 2 p.; 19 cm (BNP, Res. 2390 P.; BSEA; BNRJ, 231, 3, 25).
  - 2.ª edição, Porto, Livraria de João C. da Cruz Coutinho-Editor..., 1883; 36, 171 p.; 19 cm (BNP, R. 31438 P.).
  - 3.ª edição, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1913; 206, 5 p.; 19 cm (BNP, L. 100503 P.).
  - 7.ª edição, ib., mesmo impressor, 1957; 194 p.; 19 cm (BNP, R. 32091 P.).
  - 8.ª edição, ib., mesmo impressor, 1971; 212, 3 p.; 25 cm (BNP, R. 13225 V.).

Esta obra desenvolve uma apologética com os seguintes capítulos: 1.º cap.: “A razão do homem intérprete dos actos de Deus”; o 2.º cap. intitula-se “Profecias”, onde aborda uma interpretação tipológica do Antigo Testamento; o 3.º cap. intitulado “Jesus”, situa-o na esperança de um “redentor” comum aos povos pagãos do tempo de Cristo; no 4.º cap.: “Discípulos, apóstolos e mártires”,

<sup>10</sup> SANTOS, José, *Camiliana. Descrição Bibliográfica d'uma importante e valiosa colecção de Obras do genial e popularíssimo romancista Camillo Castelo Branco*, Porto, Tip. da Emp. Literária e Tipográfica, 1916 (BNP, H.G. 10081 V.); ver Inocêncio II, p. 15: IX, p. 7; XVII, p. 55; ABREU, Luís Machado de (1940-), *Camilo contra Renan: A Propósito da Divindade de Jesus*, Aveiro: [s.n.], 1992-94; Sep. da Revista da Universidade de Aveiro. Letras, n.º 9-11 (1992-1994), p. 117-134; 23 cm (BNP, L. 55984 V.).

Camilo esboça uma tentativa de reconciliar o acesso a Jesus com a tradição eclesial.<sup>11</sup>

- *O clero e o Senhor Alexandre Herculano*, Lisboa, Impr. de Francisco Xavier de Sousa, 1850; 19 p.; 20 cm (BNP, H.G. 5806//6 P.; CBAP, n.º 430).
- Traduziu: *Jesus Christo perante o século, ou Novos testemunhos das sciencias em abono do catholicismo*, Porto, F. G. da Fonseca, 1852; autor: Rosselly de Lorgues; 3.<sup>a</sup> versão em português sobre a 15.<sup>a</sup> edição de Paris; anotada por Camilo Castelo Branco; 15, 391 p.; 20x12 cm (BNP, R. 43311 P.; UCPBP, 27-31 L872j; Palha 69).<sup>12</sup>
  - 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, [19--]; 353 p.; 21 cm (BNP, R. 12144 V.).
- Traduziu: *O génio do christianismo*, Porto, A. R. da Cruz Coutinho, 1860; autor: Mr. de Chateaubriand; revista por Augusto Soromenho, ornada de 10 gravuras; 2 vol.; 23x13,5 cm (BSEA).
  - 2.<sup>a</sup> edição correcta, ib., mesmo impressor, 1864; 2 vol.; 21x13 cm (BSEA).
  - 3.<sup>a</sup> edição correcta, ib., mesmo impressor, 1874; 2 vol.; 22 cm (BNP, L. 20376 V.; BSEA).
  - 4.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1888; 2 vol.; 21 cm (BNP).
  - 5.<sup>a</sup> edição, ib., Liv. Chardon, 1897 (BSEA).
- Traduziu: *Os Mártires ou a Religião Christã em Triumpho*, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1816-1817; 3 vol.; 16 cm (CBAP, n.º 491).
  - 2.<sup>a</sup> edição, ib., António Maria Pereira, 1898; poema; autor: François-René de Chateaubriand; 2 vol.; 24 cm (BNP, L. 14461 V. - 14462 V.; BJPII, CP-C236-37). Com outro título, editada em Paris:
- *Quatro Horas Innocentes*, Lisboa, Liv. de Campos Junior – Editor, 1866.
  - 2.<sup>a</sup> edição, ib., Parceria A. M. Pereira, 1904 (BNP, L. 7088 V.).
  - 3.<sup>a</sup> edição conforme a 1.<sup>a</sup>, única revista pelo auctor, ib., mesmo impressor, 1919; 234 p.; 19 cm (BJPII, SARD-2800).
  - 4.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1928 (BNP, L. 30626 P.).
  - 5.<sup>a</sup> edição conforme a 1.<sup>a</sup>, única revista pelo auctor, ib., mesmo impressor, 1968; 193 p.; 20 cm (BNP, L. 19555 V.). Ver o autor nos cap. 4.1; 10.2; 10.9 e 18.

<sup>11</sup> Sobre esta obra, ver CRUZ, Robson, *Camilo Castelo Branco e o livro "Divindade de Jesus" (1865)*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.<sup>a</sup> Série, 1989, p. 81-118.

<sup>12</sup> Pertenceu à biblioteca de Leonardo Coimbra.

**Carlos da Cunha e Meneses**, Dom (1759-1825). Era natural de Lisboa. Foi o sexto Patriarca de Lisboa, funções que desempenhou entre 1819-1825. Escreveu várias pastorais premunindo os seus fiéis acerca das novas e adversas doutrinas que proliferavam no país. Enunciamo-las:

- [*Carta Pastoral sobre os rudimentos da fé e as más influências*], Lisboa, Patriarcado, 1823 (BJPII, 261.7 CPF).
- [*Pastoral sobre os deveres da religião*], Lisboa, Cardeal Patriarca, 1823 (BJPII, 239 MEN).
- [*Carta Pastoral exortando sacerdotes e fiéis a uma fervorosa vigilância ante o sacrário eucarístico, para malograr os sacrílegos projectos dos ímpios*], Lisboa, Typ. de António Rodrigues Galhardo, [1825]; 5 p.; 34 cm (BNP, S.C. 4358//2 A.).
- [*Carta Pastoral sobre a obediência à lei divina e ao rei*], Lisboa, Typografia de António Rodrigues Galhardo, 1823; 1 desdobr.; 32 x 44 cm (BJPII, 261.7 CPO).
- [*Pastoral declarando proibidos, determinados opúsculos que pela sua doutrina podem confundir, os pequenos e ignorantes, pelo que os ministros ou pessoas capazes, ensinem a doutrina cristã, pelo Catecismo mandado publicar pelo Senhor Patriarca Mendonça*], Lisboa, Typ. de António Rodrigues Galhardo, [1824]; 5 p.; 32 cm (BNP, R. 6642//20 A.).
- [*Carta Pastoral condenando as filosofias que correm, exortando os fiéis a permanecer na verdade evangélica, a amar os seus irmãos e a respeitar o rei*], Lisboa, Typ. de António Rodrigues Galhardo, [1824]; 9 p.; 32 cm (BNP, R. 6642//21 A.).

**Eugénio Bartolomeu Bocanera** (séc. XIX). Escreveu:

- *Voz da verdade aos portugueses*, Lisboa, Impr. Régia, 1831-1832; 9 cartas; encadernado com outros; 21 cm (BNP, S.C. 3850 V.).

**Fortunato de São Boaventura**, Dom Frei, OCist. (1777-1844). Era professor de Teologia na Universidade de Coimbra em 1810. Refugiou-se em Roma, perseguido por defender os Jesuítas e ser adepto de D. Miguel (Inocência II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Traduziu:

- *O Defensor dos Jesuítas*, Lisboa, Impressão Régia, 1829-1833; do n.º 1 (Ago. 1829) a n.º 12 (1833); 20 cm (BNP, J. 3509 P.).
- *A religião offendida pelos seus chamados protectores ou manifesto das injúrias que o governo francez intruso em Portugal ha feito à religião cathólica romana e aos seus ministros...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1809; 26 p.; 20 cm (BNP, H.G. 19036//7 P.). Ver o autor nos cap. 4.1; 6.1.2; 9; 10.6; 10.7; 10.9; 10.10; 13.1; 15 e 22.5.

**Francisco Coelho da Silva** (ca. 1786). Segundo Inocêncio, exerceu alguns lugares de magistratura; pouco se sabe dele, mas em 1786 era Juiz de fora em Mértola. Tornou-se suspeito politicamente e, como tal, perseguido pelo intendente Pina Manique (II, p. 365; IX, p. 279-280). Traduziu:

- *A Certeza das Provas do Christianismo ou Refutação do “Exame Crítico dos apologistas da religião cristã”... dedicado ao bispo do Funchal D. José da Costa Torres*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1788; autor: Bergier, doutor em Theologia; 18 cm (BNP, R. 23259 P.). Ver o autor nos cap. 7.1 e 10.7.

**Francisco de Arantes** (1783-1870). Era natural do Recife. Doutor e lente de Teologia na Universidade de Coimbra (Inocêncio II, p. 346; IX, p. 261). De literatura de apologética, escreveu:

- *Refutação da “Voz da Razão do doutor José Anastásio da Cunha, Lente de matemáticas da Universidade de Coimbra” ou a verdadeira Voz da Razão*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1824; 79 p.; em 16.º; o original encontra-se na BNP (Cod. 12901).

— Porto, Reimp. Typ. de F. G. da Fonseca..., 1857; 62 p. (BNP, TR. 6218 P.). Ver o autor no cap. 21.

**Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar** / 2.º Conde de Samodães (1828-1918).

Era natural de Vila Nova de Gaia. Bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra, engenheiro civil e militar, deputado, par do reino, ministro do estado, escritor, etc. Em 1871, encetou, com outros católicos, um percurso dedicado à causa religiosa (Inocêncio IX, p. 267; XVIII, p. 251; XIX, p. 162). Traduziu:

- *Motivos da minha Fé Religiosa...*, Porto, Tip. Ocidental, 1883; autor: E. Barthe; anotada pelo tradutor; 477 p.; 19x12 cm (BNP, R. 23809 P.; BPH).<sup>13</sup>
- *Apologia do Cristianismo*, Porto, Ernesto Chardron, 1875-76; autor: Francisco Hettinger; 5 vol.; 23 cm (BNP, TR. 1200 V. - 1201 V.; BSEA; BJPII).<sup>14</sup>
- *Discurso pronunciado na Sessão Pública do Congresso dos Oradores e Escritores*

<sup>13</sup> Trata-se de uma obra em três Partes. I Parte: “Veda-me a razão que eu adira a algum dos sistemas anti-cathólicos?: Ateísmo, Panteísmo, Materialismo, Darwinismo, Positivismo, Fatalismo, Septicismo religioso”; II Parte: “Considerações Gerais sobre os Dogmas do Catolicismo”; III Parte: “Obrigá-me-á a Religião a ser católico?”. Aqui apresenta as suas razões de ser católico.

<sup>14</sup> Ver Portugal - Dicionário Histórico, vol. VI, p. 513-515. Aqui aparece com o nome de Francisco Teixeira de Aguiar de Azeredo; JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do 1.º Congresso Católico Português (1871-1872)*, em Lusitania Sacra 12, 2.ª Série, 2000, p. 398-401.



*Católicos na noite de 3 de janeiro de 1872*, Porto, Typ. de Manuel Pereira, 1872; 21 p.; 18x11,5 cm (BSME).<sup>15</sup>

- *Breves reflexões sobre a Incredulidade*, Porto, Typ. de Manuel José Ferreira, 1872; 31 p.; 18x11,5 cm (BNP, R. 33129 P.; BSME).
- *O Sétimo Centenário de Santo António no Congresso Cathólico Internacional de Lisboa: Memória sobre o décimo quarto assumpto proposto ao Congresso: Meios de moralizar as fábricas*, Porto, Typ. da Real Officina de S. José, 1895; 102 p.; 23,5x16 cm (BSME). Ver o autor nos cap. 7.1; 10.2; 10.4; 10.7.

**Francisco de Pina e de Melo**, Pe. (1695-1773). Nasceu em Montemor-o-Velho. Estudou Filosofia na Universidade de Coimbra. Escreveu:

- *Triunfo da religião: Poema épico-polémico*, Coimbra, Oficina António Simões Ferreira, 1756; 20 cm (BNP, L. 2078 V.; BPNM, 2-24-12-9).<sup>16</sup>

Esta obra foi dedicada ao papa Bento XIV, que lhe respondeu com um Breve sobre “os erros dos sistemas dos Ateístas, Politeístas, Deístas, Libertinos, Religionários e Cirenaicos, do Maometismo, Hebraísmo, Luteranismo, Calvinismo e dos Incoerentes”.<sup>17</sup> Ver o autor nos cap. 4.1 e 22.1.

**Francisco de Saldanha da Gama** (1723-1776). Nasceu em Lisboa. Foi o terceiro Cardeal Patriarca de Lisboa, cargo que exerceu entre 1758-1776. Escreveu:

- [*Pastoral do cardeal patriarca de Lisboa de 5 de maio de 1765 acerca da introdução de novas orações sem aprovação do Papa e dos Bispos...*], [S.l.: s.n., 1766?]; 7 p.; 31 cm (BNP, H.G. 11570/2 V).
- [*Pastoral do Cardeal de Lisboa D. Francisco, apelando à lealdade para com os verdadeiros soberanos*], Lisboa, [s.n.], 1770; 7 p.; 31 cm (BJPII, 261.7).

**Francisco de São Luís Rebelo**, Frei, OSP (séc. XVIII). Professou em 1723. Doutorou-se em Teologia pela Universidade de Évora e foi geral da sua Ordem em 1752 (Inocêncio II, p. 423). De temática apologética, escreveu:

<sup>15</sup> Nesta biblioteca, obra encadernada com outras numa miscelânea de conferências católicas.

<sup>16</sup> É uma obra de caráter polémico. A poesia vai da página 1 a 331. Dividida em 9 livros: I. *Contra o ateísmo*; II. *Contra o politeísmo*; III. *Contra o deísmo*; IV. *Contra o libertinismo religioso*; V. *Contra o libertinismo cyrenaico*; VI. *Contra o maometismo*; VII. *Contra o hebraísmo*; VIII. *Contra o luteranismo, calvinismo...*; IX. *Contra os incoerentes*. Geralmente não há uma homogeneidade no tipo de estrofes. Alguns poemas têm 6 ou 8 versos e outros com um grande número de versos. Tem muitas notas de rodapé, já que trata de muitos temas religiosos diversificados, da época do autor.

<sup>17</sup> LOPES, António, *Apologética*, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C)*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 89; sobre o autor, ver Barbosa II, p. 221-222; Inocêncio III, p. 34-36.

- *Brado do zelo para respeito dos monarcas e confusão dos rebeldes, em huma declamação evangélica...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1759; 8, 19 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6805//4 V.). Ver o autor no cap. 14.

**Francisco Lourenço Rosado** (?-ca. 1820). Foi professor de Gramática Latina, por resolução régia de 1771 (Inocêncio II, p. 422). Traduziu do francês:

- *Cartas de huma mãe a seu filho pelas quaes lhe prova a verdade da religião christã...*, Lisboa, Oficina Luís Ameno, 1786; 3 vol.; 11,5x6,5 cm (BSEA).  
— *Tradução novamente feita do idioma francês ao português*, Lisboa, Oficina António Gomes, 1787; 4 vol.; 15 cm (BNP, R. 34610 P. - 34613 P.; BSEA).
- *O systema dos ímpios contra o sólido fundamento dos Estados, impugnado e convencido pelas vantagens da sociedade, fundadas na religião christã*, Lisboa, Officina Nunesiana, 1798; XVIII, 196, 2 p.; 16 cm (BNP, S.A. 1204 P.).

**Francisco Manuel do Nascimento** / Filinto Elísio, pseud., Pe. (1734-1819). Era natural de Lisboa, foi sacerdote, poeta e tradutor português do neo-classicismo. Refugiou-se da Inquisição em Paris, onde teve que fazer traduções para poder sobreviver (Inocêncio II, p. 446; IX, p. 333). Traduziu:

- *Os Martyres, ou Triumpho da Religião Christã*, Paris, Rey et Gravier, 1816; poema de Chateaubriand; 32, 392, 2, 479 p. (A Tradução em Portugal, 3272; CBAP, n.º 492).  
— *Ib.*, mesmo impressor, 1819 (A Tradução em Portugal, 3547). Ver o autor no cap. 4.2.

**Francisco Manuel Vaz** (?-?). Foi missionário na África oriental e professor no Liceu de Bragança. Traduziu do francês:

- *Os esplendores da Fé. Acordo perfeito da Revelação e da Ciência, da Fé e da Razão...*, Porto, António Dourado, 1889-1891; autor: Pe. Moigno; 4 vol.: vol. 3, 702 p. e 109 de apêndice; 23x16 cm (BSEA; BPH; BSME: vol. 3).

**Gertrudes Margarida de Jesus** (fl. 1761). Escreveu:

- *Primeira Carta Apologética e Segunda Carta Apologética em Favor e Defesa das Mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Dezengano, com a qual destroe toda a Fabrica do seu Espelho Crítico*, Lisboa, Officina de Francisco Borges de Sousa, 1761; 13, 3 p.; 21 cm; Misc. 61, n.º 1353 (BGUC, F. 3213).

A obra desta escritora responde à anterior de Frei Amador do Desengano (*Espelho Crítico...*), o qual aí indicava os defeitos de que eram qualificadas as mulheres, imaginando-as inferiores aos homens. Deixamos aqui esta obra

como retrato de uma mentalidade pouco de acordo com a Bíblia, já que Deus criou o homem e a mulher com os mesmos direitos e deveres, apesar de serem diferentes. Por seu lado, S. Paulo na Carta aos Efésios 5,21s afirma que a mulher deve ser simpática (*obediente*) para o marido, mas este deve *dar a vida* (morrer) por ela, tal como Cristo deu a Sua vida pela Igreja (Sua Esposa).<sup>18</sup>

Esta obra é sinal de que, neste século, a mulher começa a reivindicar os seus direitos. Mas foi nos conventos e mosteiros que esta mudança se iniciou. A própria condessa de Alorna confessou que foi nos anos de prisioneira no convento de Chelas de Coimbra que lhe permitiram desenvolver-se intelectualmente.<sup>19</sup>

**Henrique de Andrea** (?-?). Traduziu do italiano:

- *A Verdadeira Fé Triunfante. Explicação do Mystério da Santíssima Trindade. Disputa entre um hebreu e um cristão...*, Lisboa, Francisco Luís Ameno, 1751; autor: Jacome Cavalli (A Tradução em Portugal, 864).  
— Ib., mesmo impressor, 1785 (A Tradução em Portugal, 1574). É, pois, de apologética antijudaica.

**João de Lemos Seixas Castelo Branco** (1819-1890). Nasceu em Peso da Régua. Foi um jornalista, poeta religioso cristão e dramaturgo português (Fortunato de Almeida III, p. 407; Inocêncio III, p. 396). Escreveu:

- *Religião e Política: breves considerações sobre sua mútua indiferença*, Lisboa, Typ. Rua da Bemformosa, 1871; 15 p.; 23 cm (BNP, S.C. 7586//9 V).
- *A Egreja Cathólica e o seu clero regular e secular nas sciencias, nas letras e nas artes: abreviado estudo*, Porto, Liv. Cathólica de Manuel Malheiro, 1889; XXII, 352 p.; 19x12 cm (BNP, R. 17210 P.).<sup>20</sup>
- Compilou: *Os Frades: Defesa Justificação e Apologia Insuspeitíssimas*, Guimarães, Centro de Propaganda Catholica em Portugal, 1883; 2.<sup>a</sup> ed.; VIII, 182, 2 p.; 21 cm (BNP, R. 25989 P.; CBAP, n.º 1198). Ver o autor no cap. 17.

**João de Nossa Senhora da Anunciação**, Frei, OSA (1718-?). Era natural de Leiria. O seu nome de batismo era João de Sousa Castelo Branco. Professou em 1738 (Inocêncio III, 426-427). Traduziu:

<sup>18</sup> Sobre estas duas obras, veja-se LEAL, Ivone de Freitas, *As Mulheres na Vida Religiosa Portuguesa: Fontes, Itinerários e Problemáticas*, em *Vozes da Vida Religiosa Feminina - Experiências, Textualidades e Silêncios* (séculos XV-XXI), CEHR, Universidade Católica, Lisboa, 2015, p. 15.

<sup>19</sup> Ver LEAL, Ivone de Freitas, *As Mulheres na Vida Religiosa Portuguesa: Fontes, Itinerários e Problemáticas*, ib., p. 16.

<sup>20</sup> Trata-se de uma obra com 164 temas da mais variada tipologia, ora defendendo ora criticando a Igreja. Pode considerar-se uma apologia da Igreja Católica em vários ramos da cultura.

- *Compêndio da História Sagrada, com as provas da religião*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1769; 12, XII, 4, 281, 3 p.; 16 cm (BPMP, D-5-6). Ver o autor no cap. 10.10.

**João Jacinto de Magalhães**, Pe. (1722-1790). Era natural de Aveiro. Entrou na Congregação dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho, mas depois secularizou-se e foi para Inglaterra, em 1764 (Inocência III, p. 386; X, p. 280). Traduziu do francês:

- *A fê dos catholicos: obra dirigida a instruir e confirmar na sua crença os cathólicos e mostrar aos que o não são que não têm razão alguma para os acusar de que vivem errados...*, Lisboa, Oficina Francisco Luís Ameno; autor: Abbade Platel; 20, 253 p.; em 8.º (A Tradução em Portugal, 1046). Ver o autor no cap. 6.

**Joaquim Bernardes de Santa Ana**, CRSA (1692-ca. 1770). Era natural de Lisboa e sobrinho do Pe. Manuel Bernardes. Viveu algum tempo em Madrid onde se destacou na pregação e na poesia (Inocência IV, p. 69; XII, p. 24). Escreveu:

- *Crítica da Crítica, e Defesa da Defesa distribuídas em dez cartas apologético criticos* (sic), em que se qualifica a justiça da resposta às duas cartas que de Villa Viçosa se escreverão contra o poema intitulado “Triunfo da Religião”, e se notão alguns descuidos em que miseravelmente cahirão os eruditos authores das duas cartas, escriptas pelo Padre D. Joaquim Velho do Canto. Dadas à luz pelo P. Fr. João da Annunciaçam Pomba, Lisboa, Oficina Pedro Ferreira, 1760; XXII, XL, 226 p.; em 4.º (BNP, L. 4540 V.). Ver o autor nos cap. 11.1 e 14.

**José Agostinho de Macedo**, Pe. (1761-1831). Era oriundo de Beja. Foi escritor, pregador real e uma das principais figuras do séc. XIX. Defensor da pureza da fé e do pensamento católico tradicional, anterior ao liberalismo (Inocência IV, p. 183-194). Escreveu:

- *Demonstração da existência de Deus*, Lisboa, Impressão Régia, 1816; 93, 3 p.; 15 cm (BNP, L. 69112 P.; Palha 59).

— Rio de Janeiro, 1845 (Fortunato de Almeida III, p. 408).

- *O Sebastianista Desenganado à sua custa: Comédia representada oito vezes successivas no Theatro da Rua dos Condes, em 1810*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1823; 59 p.; 15 cm (BNP, L. 3665//4 P.). Ver o autor no cap. 14.

**José da Assunção** - 2, Dom Frei, OFM (1781-1841). Foi bispo de Lamego (Inocência XII, p. 243). Foi o editor literário de:

- *O Defensor da Religião, em disputas com incrédulos*, Lisboa, Typ. de Bulhões, 1836-1837; 6 vol.; 21x14 cm (BNP, R. 24840 V. - 24845 V.; BSG).

Trata de diversas disputas em diálogo com as seguintes personagens: Parocho, Jansenista, Deísta, Ateo e Freguez.

— *2.ª edição correcta e muito augmentada*, Lisboa, Typ. do P. J. A. S. Amaral, 1839; 6 vol.; 21 cm (BNP, P.P. 24349 V.).

- *O Defensor da Religião. Em socorro dos RR. Párocos com Homilias para todos os domingos e festividades principais do ano*, Lisboa, Tip. P. J. A. S. Amaral, 1840; 1.ª parte: 339 p.; 2.ª parte: 363 p.; 21x15 cm (BNP, R. 27179 P.; BJPII; BSEA). Ver o autor nos cap. 10,6; 14 e 15.

**José da Silva Mendes Leal** (1820-1886). Era natural de Lisboa. Foi bibliotecário na Biblioteca Nacional e desempenhou vários cargos políticos (Inocêncio V, p. 127; XIII, p. 209). Traduziu:

- *O génio do christianismo por M. de Chateaubriand*; [trad. António Feliciano de Castilho e José da Silva Mendes Leal Júnior], Lisboa, Typografia Universal, 1854; 268 p. a 2 col.; il.; 31 cm (BNP, R. 2223 A.). Ver o autor no cap. 17.

**José de Araújo**, SJ (1681-1759). Era oriundo do Porto e ingressou na Companhia em 1696. Ditou Retórica em Coimbra, Filosofia no Porto e Teologia no colégio de Santo Antão de Lisboa.<sup>21</sup> Publicou:

- *Reflexoens apologéticas à obra intitulada “Verdadeiro método de estudar” dirigida a persuadir hum novo método para em Portugal se ensinarem e aprenderem as sciencias, e refutar o que neste reino se pratica; expendidas para desagravo dos portugueses em huma carta, que em resposta de outra escreveo da cidade de Lisboa para a de Coimbra o P. Frey Arsenio da Piedade, religioso da província dos capuchos*, Valensa, Oficina de Antonio Balle, 1748; 4, 54 p.; 21 cm (BNP, L. 3194//1 A.). Ver o autor nos cap. 7.2 e 9.

**José Felisberto da Silva Trigueiros** (1767-1845). Nasceu em Torres Vedras, onde foi batizado na Igreja de São Pedro. Foi guarda-livros, contador e inquiridor da Alfândega Grande de Lisboa, da qual foi demitido a 14-9-1833. A data da sua demissão, pouco tempo depois dos liberais terem ocupado a capital, indicia-nos que teria sido um simpatizante da causa miguelista. Escreveu:

- *A Verdade da Religião Christã provada pela imencível paciência de seus martyres nos séculos da Primitiva Igreja...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1787; 2 vol.: 356 e 403 p.; 15x10 cm (BSEA).

— Lisboa, Régia Typografia Silviana, 1825; 20 cm (BNP, R. 23605 P.).<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Serafim Leite, tomo 12, “Portugal”, 1933; Barbosa II, p. 824; IV, p. 199; Inocêncio IV, 250.

<sup>22</sup> LOPES, António, *Apologética*, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C)*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 89, atribui esta obra ao “canonista António Ribeiro dos Santos,

**José Franco de Sousa** (?-?). Traduziu do italiano:

- *Respostas populares às objecções mais comuns contra a religião*, Lisboa, Typ. Universal, 1878; autor: Secondo Franco; 2 vol.; 19x12 cm (BNP, R. 25220 P. - 25221 P.; BSEA; BSME: t. 2, 531 p.; BJPII, 239 FRA-SOU).

**José Jacinto Nunes de Melo**, Pe. (1740-1814). Era natural de Lisboa. Adquiriu o grau de bacharel na Faculdade de Cânones pela Universidade de Coimbra. Foi cónego da Sé de Évora. Escreveu:

- *Repulsa crítica, e apologética de um livro intitulado “Crítica da crítica e defesa da defesa”... escreveu um anónimo com o nome de Dom Joaquim Velho do Canto...*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1764; em 4.º (BNP, L. 1005 V.). Ver o autor nos cap. 10.7; 17 e 22.4.<sup>23</sup>

**José Joaquim de Sena Freitas**, Pe. (1840-1913). Era natural de Ponta Delgada, foi sacerdote, orador sacro e polemista português. Publicou um extenso conjunto de obras, a maior parte sobre questões religiosas e de moral. Foi condiscípulo de Antero de Quental (Inocência XIII, p. 41; XVIII, p. 107; XX, p. 78). Escreveu:

- *Historicidade da existência humana de Jesus*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1910; 211 p.; 20 cm (BNP, H.G. 18188 P.; BJPII, CP-B1369). Contra o infeliz libelo de Emílio Bossi: *Jesus Cristo nunca existiu*. Ver o autor no cap. 7.1.

**José Maine**, Frei, OFM (1723-1792). Era natural do Porto. Foi grande pedagogo e confessor do rei D. Pedro III. O seu nome de religioso era José de Jesus Maria Maine. Escreveu:

- *Dissertação sobre a alma racional, onde se mostram os sólidos fundamentos da sua imortalidade, e se refutam os erros dos Materialistas Antigos e Modernos*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1778; 118 p.; 20x15 cm (BNP, L. 3563//1 A.; DB; BEP, 8189-14-6).<sup>24</sup>

**José Maria de Sousa Monteiro** (1846-1909). Foi um católico militante e um ativo escritor e jornalista do Semanário *Domingo* (1855-1857), com outros nomes conhecidos como o Pe. Sousa Amado, Carlos Rademacker, SJ, o mar-

---

anonimamente editada em Coimbra (1787)”; porém, a BNP atribui-lhe o autor indicado no texto.

<sup>23</sup> Obra a favor do poema intitulado “Triunfo da Religiam” de Francisco de Pina e de Melo (ver cap. 8); sobre o autor, ver Inocência IV, p. 377; XIII, p. 16.

<sup>24</sup> O autor explica, na dedicatória a D. Pedro III, o porquê e a finalidade da obra, no seu tempo, em que já se perseguia a religião (3 fol.); sobre o autor, ver Inocência V, p. 70; XIII, p. 68.

quês da Valada, assim como no *Bem Público* (1857-1877) e no *Echo de Roma* (1869-1878).<sup>25</sup> Escreveu:

- *Duas Obras de Misericórdia ou Enérgica Refutação do Opúsculo do Snr. A. Herculano a Propósito da Supressão das Conferências do Casino: Ensinar os ignorantes e castigar os que erram...*, Guimarães, Teixeira de Freitas, 1875; 185, III p.; 19 cm (BNP, H.G. 19273 P.).

**José Maria do Casal Ribeiro** (1825-1896). Era natural de Lisboa. Estudou Direito na Universidade de Coimbra. Manteve uma longa carreira de participação na vida política portuguesa sendo responsável por vários cargos, e notabilizou-se pelos dotes oratórios e pela sua frontalidade. É de sublinhar a defesa que fez da liberdade das Congregações religiosas e da educação feminina. Escreveu, entre outras obras:

- *O Soldado e o Povo*, Coimbra, Typ. do Observador, 1848; 23 p.; 20 cm (BNP, H.G. 6717//17 V.).<sup>26</sup>

**José Vitorino Pinto de Carvalho, Pe.** (1838-?). Era natural do concelho de Amarante. Ordenado em 1861. Foi redator em várias publicações literárias e políticas (Inocêncio XIII, p. 382). Escreveu:

- *Esboços Apologéticos da Religião Catholica*, Porto, Tipografia de A Palavra, 1886; 18 cm (BNP, R. 24515 P.).
- *Reflexões sobre a incredulidade*, Porto, Tip. de “A Palavra”, 1878; 111 p.; 19x12 cm (CBAP, n.º 424; BSEA).
- Traduziu: *Jesus Christo é Deus*, por Monsenhor Parisés. Saiu na “Fé cathólica”. Ver o autor no cap. 4.1.

**Leonor de Almeida Portugal e Lencastre / Marquesa de Alorna / Alcipe**, pseud. / condessa de Oyenhausen (1750-1839). Foi uma poetisa portuguesa de origem nobre. Traduziu:

- *Ensaio sobre a indifferença em matéria de Religião*, Lisboa, Imprensa Régia, 1820; autor: Lamennais; 2 vol.; em 8.º (A Tradução em Portugal, 3686). Ver a autora no cap. 4.1.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), p. 91; ver ainda Inocêncio V, p. 52; XIII, p. 119.

<sup>26</sup> Opúsculo onde o autor “preconiza a união de todos sob a bandeira evangélica ‘da liberdade, igualdade e da fraternidade’, expressão de um catolicismo que, encarnando a relação entre liberdade e caridade como autêntico programa de regeneração social, o identificava como recristianização (FERREIRA, António Matos, *Desarticulação do Antigo Regime e guerra civil*, em História Religiosa de Portugal III, p. 42); ver ainda Inocêncio V, p. 24; XIII, p. 88.

<sup>27</sup> ANASTÁCIO, Vanda (Introd. e nota bibliog.), *Obras poéticas. Marquesa de Alorna*, Lisboa, INCM, cop. 2015.



**Lucas Tavares, Pe.** (1757-1824). Nasceu em Lisboa. Entrou na Congregação do Oratório em 1777 e saiu em 1795, passando a presbítero secular. Foi censor da Mesa de Desembargo do Paço. Jansenista assumido, pertencia ao grupo dos que apoiavam Pombal (Inocêncio V, p. 204; XIII, p. 321). Escreveu:

- *Censuras e Apologias de Lucas Tavares*. Trata-se de nove censuras, enquanto censor da Mesa de Desembargo do Paço, entre as quais salientamos:
  - *Compêndio de indulgências do Santo Padre Pio VI*, 1809.
  - *Conheça o Mundo dos jacobinos que ignora*, 1812.
  - *Censura do livro Anti-Cristo*, 1812.
  - *Censura do Catecismo do bispo do Funchal*, 1813, etc. (BAJUDA, 51-I-59). Ver o autor no cap. 15.<sup>28</sup>

**Luís Maria da Silva Ramos, Pe.** (1841-1921). Era natural de Braga, doutorou-se na Universidade de Coimbra, onde foi professor de Teologia, assim como no Seminário de Braga.<sup>29</sup> Escreveu:

- *A Liberdade de consciência considerada filosófica, religiosa e socialmente*, Porto - Braga, Liv. Internacional, 1878; 40 p.; 20 cm (BNP, H.G. 29518//10 P.).
- Traduziu: *Tractado de Theologia Fundamental ou Apologética*, Porto, António Henrique Morgado, 1890; 413 p.; autor: Francisco Hettinger; 1.<sup>a</sup> Parte: “Demonstração da religião cristã”; muito bíblico nos assuntos; 413 p.; 23x16 cm (DB). Ver o autor nos cap. 7.1; 7.4.2; 9; 14; 15 e 22.3.<sup>30</sup>

**Manuel de Nossa Senhora da Glória, Frei, CR** (ca. 1829). Era doutorado em Teologia e foi opositor ao ensino ministrado pela Faculdade de Teologia de Coimbra, segundo os estatutos aprovados por Pombal (Inocêncio XVI, p. 276). Traduziu:

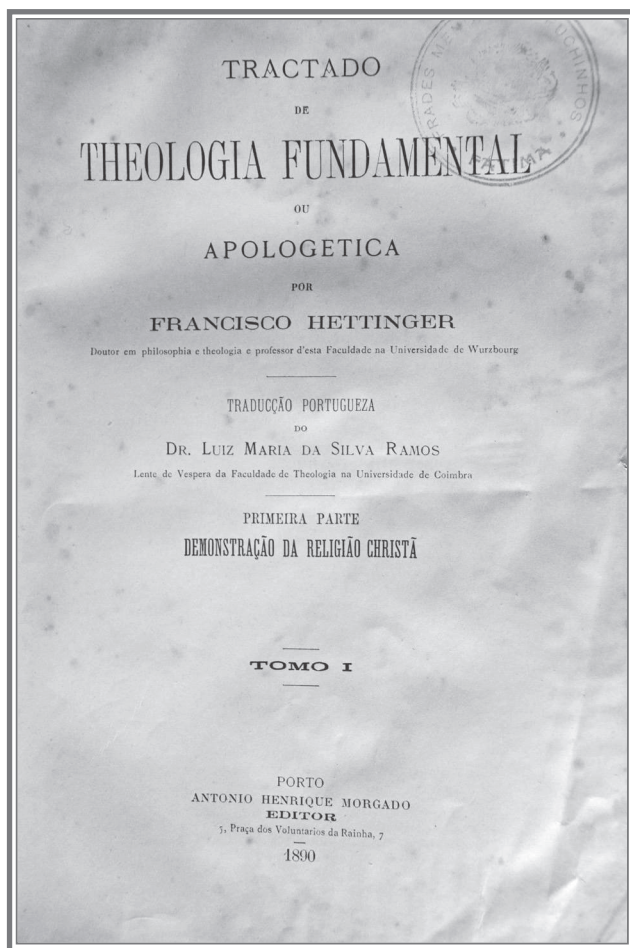
- *Discursos ou Conferências sobre a Religião...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1829; autor: Frayssinous; 4, 50 p.; 24 cm (BNP, R. 2674//2 A.; A Tradução em Portugal, 4189).

**Manuel de Oliveira Ferreira / Manuel de Jesus de Oliveira Ferreira, Frei, OFM** (1711-1782). Era natural do Porto. Doutorou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra. Primeiro foi padre secular, mas dada a admiração que tinha

<sup>28</sup> Sobre a censura deste Catecismo e justificação da mesma por Lucas Tavares, ver SANTOS, Cândido dos, *O Jansenismo em Portugal*, p. 253-292. Este censor não queria aprová-lo, mas o bispo do Funchal recorreu, e o catecismo foi publicado para a sua diocese.

<sup>29</sup> Sobre o autor, ver JORGE, Ana Maria, *Os participantes do 1º Congresso Católico Português (1871-1872)*, em *Lusitania Sacra* 12, 2.<sup>a</sup> Série, 2000, p. 405; Inocêncio XVI, p. 46; Fortunato de Almeida III, p. 399.

<sup>30</sup> Esta obra é interessantíssima como modelo de apologética do cristianismo no fim do séc. XIX.



por São Francisco de Assis, ingressou na sua Ordem.<sup>31</sup> Foi autor de uma obra sobre o chamado “Poder das Chaves”, do ponto de vista jurídico (Mt 16,13-19):

- *Laurealis Corona Divini Humanique Juris, seu de omni scibili secundum universum Jus Canonicum ex materia de Potestate Clavium*, Conimbricae, Typ. António Simões Ferreira, 1745. Ver o autor nos cap. 9; 11.1; 17 e 22.2.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Sobre o autor, ver MARQUES, João Francisco, em *Biblos: enciclopédia verbo das literaturas da língua portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995; volume 2: D-Le, col. 544; Barbosa III, p. 327-329; Inocêncio VI, p. 9.

<sup>32</sup> Segundo Barbosa III, p. 328, nesta obra “expende 235 Conclusoens acerca do Papa e seu poder; 156 acerca do Bispo, e sua ampla jurisdição; 108 acerca do Párocho, e sua plena autoridade, e compreende nestas toda a Jerarchia Ecclesiástica”.

**Manuel de Santo António**, Dom Frei, OSB (1671-1749). Nasceu em Lisboa e morreu em Coimbra. Foi lente de Teologia na Universidade de Coimbra. Escreveu:

- *Escudo beneditino ou dissertação histórica escolástica, e teológica em defesa dos injustos golpes...*, Salamanca, Oficina de la Viúda de António Ortiz Gallardo, 1736; 36, 316 p.; 30 cm (BNP, H.G. 889 A.). Ver o autor no cap. 14.<sup>33</sup>

**Manuel de São José Lisboa**, Frei, OFM (1757-1780). Traduziu:

- *Os costumes dos israelitas em que se ve o modelo de hua polytica simples, e sincera para o governo dos Estados e da reforma dos costumes...*, 1777; autor: Claude Fleury; 216 p.; 23 cm (BNP, Cod. 1437). Ver o autor nos cap. 9; 10.2 e 10.10.

**Manuel José Gonçalves do Couto** (1819-1897). Era natural de Zimão, freguesia de Telões, concelho de Vila Pouca de Aguiar. Foi ordenado sacerdote em 1844. Foi um grande missionário católico (Inocêncio XVI, p. 242). Escreveu:

- *A incredulidade confundida ou provas da religião christã*, Porto, Typ. de Sebastião José Pereira, 1864; 36 p.; 14 cm (BNP). Ver o autor no cap. 10.6.

**Manuel Nunes da Fonseca**, Pe. (1778-1826). Era natural de Coimbra. Foi presbítero secular, formado em Cânones pela Universidade da sua cidade natal (Inocêncio VI, p. 70). Traduziu:

- *Os Martyres ou a Religião Christã em Triumpho... trasladados em vulgar sobre a última edição de Paris emendada pelo auctor*, Lisboa, T. Rolandiana, 1816; autor: Chateaubriand; 6 vol.; em 8.º (BNP; A Tradução em Portugal, 3271).

**Manuel Pedro Henriques de Carvalho** (ca. 18??). Inocêncio diz que ele foi cirurgião pela Escola antiga de Lisboa; isto é, antes da reforma dos estudos em 1836. Ignora outras circunstâncias do autor (VI, p. 76). Escreveu:

- *A época ou a illusão e o engano destruídos ou a defesa da verdadeira religião de J. C., da moral evangélica, da boa ordem e da paz, contra os ataques que lhe tem dirigido o materialismo dominante...*, Lisboa: [s.n.], 1846; XIX, 41 p.; 21x13 cm (BNP, R. 9703//10 V.).

**Manuel Pinto Coelho Cota de Araújo** (?-ca. 1852). Inocêncio apenas fala do ano incerto da morte do autor e de algumas obras (XVI, p. 297). Refere a seguinte tradução da 14.ª edição francesa:

- *Jesus Christo ante o século ou Novos testemunhos das Sciencias a favor do catoli-*

<sup>33</sup> Sobre o autor, ver COUTINHO, Luísa, *Ascensão e queda de um bispo: D. frei Manuel de Santo António, primeiro bispo de Malaca residente em Timor*, Barcelona, Omega, 2013 (BNP, H.G. 65021 V.); ver ainda Inocêncio V, p. 359; XVI, p. 306.

*cismo*, Lisboa, Imprensa de Cândido António da Silva Carvalho, 1844; autor: Roselly de Lorgues; 446 p.; 16x11 cm (BSEA; BSME).

**Mateus Augusto**, Pe. (?-?). Segundo Inocêncio, “Foi um dos instaladores do “Conselho Conservador de Lisboa”, formado em 1808 para promover a restauração de Portugal, e sacudir o jugo francez” (VI, p. 164; XVII, p. 10). Foi autor de:

- *Triumpho da virtude. Discurso oratório recitado na igreja de Nossa Senhora do Rosário de Calcutta: oferecido ao Sr. António Ribeiro Pereira de Almeida*, Calcutá, 1801; VIII, 40 p.; em 8.º grande. Ver o autor no cap. 7.3.

**Mateus da Encarnação de Pina**, Dom Frei, OSB (1687-1764). Natural do Rio de Janeiro, onde foi bispo. Foi professor de ciências escolásticas dos seus confrades. Admirado como grande orador evangélico (Barbosa III, p. 448-449). Escreveu contra o jansenismo:

- *Defensio Purissimae, et Integerrimae Doctrinae Sanctae Matris Ecclesiae per Sanctissimum Dòminum Nostrum, Dominum Clementem Deo Providente, Papam XI Divinitus Inspiratae In Constitutione “Unigenitus” Adversus Errores Paschali Quesnel, ab Eodem Sanctissimo Domino Damnatos...*, Lisboa, Oficina da Música, 1729; 8, 597 p.; 30 cm (BNP, R. 3558 A.). Ver o autor no cap. 21.<sup>34</sup>

**Miguel de Sotomaior**, Dom (1828-1911). Foi um grande polemista católico. Escreveu obras de apologética (Inocêncio XIX, p. 165), como por exemplo:

- *A divindade de Jesus Christo provada pela Prophecia de Daniel: reflexões sobre o capítulo IX do mesmo propheta*, Lisboa, Typ. da Fé Cathólica, 1865; 51 p.; 23 cm (BNP, R. 2665//4 A.).
- Traduziu: *A Igreja Triunphante no Concílio do Vaticano: explicação dogmática, philosophica e histórica dos decretos do Concílio Ecuménico do Vaticano*, Porto, Livraria Portuense, 1875; 12, 301 p.; 20 cm (BNP, R. 22583 P.; BSEA).
- *A Igreja Cathólica Romana e os seus perseguidores: crises principaes por que ha passado a igreja: seus triumphos: castigos dos seus inimigos*, Porto, Jacintho António Pinto da Silva, 1873; 192 p.; 20 cm (BNP, R. 24468 P.). Ver o autor no cap. 7.1.

**Pedro Dinis** (?-1896). Tinha estudos e aptidões em questões económicas. Como tal, desempenhou longos anos as funções de administrador da casa dos viscondes de Valmor (Inocêncio VI, p. 402; XVII, p. 198). Escreveu:

<sup>34</sup> MAURÍCIO, Domingos, *Apologética*, em Enc. Luso-Brasileira da Cultura, col. 780, cita uma edição de 1721.

- *Das Ordens Religiosas em Portugal*, Lisboa, Typ. J. J. A. Silva, 1853 (BNP, H.G. 17331 P.).

É uma obra a favor das Ordens religiosas, que foi exaltada pelo poeta João de Lemos e citada na sua coletânea “Os Frades” (1883).

— 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Typ. J. J. A. Silva, 1854; 293, 7 p.; 15 cm (BNP, H.G. 3349 V.).

- *Livro d'ouro para uso das casas de educação*, Lisboa, 1855.

**Sebastião de Magalhães Lima** (1850-1928). Nasceu no Rio de Janeiro, mas ainda muito novo veio para Lisboa. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi jornalista, escritor, etc. Foi o fundador do jornal “O Século”. Escreveu:

- *O papa perante o século*. (Reputação do ultramontanismo), Porto, Imprensa Litterario-Commercial, 1874; 58 p.; 19 cm (CBAP, n.º 1223).

**Sebastião de Santa Clara**, Frei, OFM (séc. XIX). Foi egresso da sua Congregação, mas continuou a pregação de missionário. Foi frade no extinto convento de Vinhais (Inocêncio VII, p. 204). Escreveu:

- *Voz da verdade aos portugueses seduzidos pela mentira*, 1836.<sup>35</sup>

**Tomás de Noronha**, Dom, OP (?-1847). Foi eleito bispo de Cochim e, como tal, sagrado a 7 de março de 1819 (Inocêncio VII, p. 204). Foi o ed. literário de:

- *Anais da Propagação da Fé*, Lisboa, Typ. de J. F. de Sampaio, 1839-1928; t. 1, n.º 1 (1822) - n.º 601 (Nov. 1928); 21cm (BNP, J. 343 B.). Trata-se de uma publicação periódica oficial da Igreja. Ver o autor no cap. 15.

### Vários redatores

- *A Nação*, Lisboa, I. H. C. Semmedo, 1847-1928; n.º 1 (15 Set. 1847) - a. 82, n.º 16778 (23 Set. 1928); 46 cm (BNP, F.P. 166). Esta publicação defendia os interesses da Igreja.

### Autores anónimos

- *O Contra-Atheismo. Nas maravilhas do Senhor claramente se vê quem hé o seu author*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1847 (BNP, L. 2061//4 V.). Obra que combate o ateísmo, mostrando quem fez as maravilhas da natureza.

<sup>35</sup> LOPES, António, *Apologética*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 90. É um folheto contra o liberalismo reinante, que tirou as liberdades aos cidadãos e à Igreja depois da extinção das Ordens religiosas.

- *Entretenimentos de Theófilo e Eugénio sobre a religião christã, com hum discurso, que mostra a necessidade de a estudar*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1780; 14, 342 p.; 14 cm (CBAP, n.º 728).
- *Cartas de Hum Amigo a Outro sobre as Indulgências*, Lisboa, Typ. de Simão Thadeu Ferreira, 1822.
- *A religião catholica em triumpho e as diferentes seitas refutadas...*, Lisboa, Impressão Régia, 1819; 171 p.; 16 cm (CBAP, n.º 1814).

### Tradutores anónimos

- *Cartas de huma mãe a seu filho pelas quaes lhe prova a verdade da religião christã, tradução novamente feita do idioma francez ao português*, Lisboa, Oficina de António Gomes, 1787; 4 vol.; o 3.º vol. foi impresso por Simão Thaddeo Ferreira; 15 cm (BNP, R. 34610 P. - 34613 P.; BCM, 3T1-27/28).  
— *Segunda edição*, 1803; 2 vol.; em 8.º (A Tradução em Portugal, 2515).

Esta obra pretende provar a verdade da religião cristã pela própria razão, contra os que defendiam a eternidade da matéria, contra o deísmo e o materialismo.

- Traduzido do francês por J. B. R. P., *Pensamentos de M. Pascal sobre a religião, e outras matérias muito interessantes*, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1786; 45, 14, 407 p.; 15 cm (BNP, S.A. 1247 P.; A Tradução em Portugal, 1642).
- Traduzido por C. R., *Defesa do christianismo ou Conferências sobre a Religião...*, Porto, Imprensa de J. A. G. M., 1841; autor: Monsenhor D. Frayssinous, bispo d'Hermopolis; 3 vol.; 20x13 cm (BSEA).  
— *2.ª edição*, ib., Typ. F. P. d'Azevedo, 1852; 2 vol.: 472 e 504 p.; 20x12,5 cm (BNP, R. 23752 P. - 23753 P.; BSME).
- Por um português: *A Questão Romana: Carta do Ex.mo Bispo d'Orleans, Mons. Dupanloup em resposta ao folheto "O Papa e o Congresso", seguida de um artigo sobre o direito e o exercício da soberania temporal, do Soberano Pontífice e do protesto contra os attentados commettidos contra aquella soberania*, Lisboa, Typ. da Nação, 1860; autor: Félix Dupanloup; 13 p.; 2 col.; 31 cm (BNP, R. 6642//12 A.; BSEA).
- *O deísmo refutado por si mesmo ou exame dos princípios de incredulidade, espalhados nas diferentes obras de João Jacques Rousseau em fôrma de cartas*, Lisboa, Tipografia Régia, 1787; autor: Bergier; LXXVI, 522 p.; 17 cm (BNP, R. 11822 P.).

- *A profanação do Domingo*, Porto, Typ. F. P. d'Azenedo, 1853; autor: Jean Joseph Gaume; 135 p.; 20 cm (CBAP, n.º 925).  
— Ib., mesmo impressor, medidas e páginas, 1855 (BNP, R. 25102 P.).
- *Discurso em favor da infalibilidade do Pontífice Romano...*, Porto, Typografia da “Palavra”, 1876; autor: Miguel Paya y Rico; 71 p.; 20 cm (CBAP, n.º 1650).

**Um documento judaico.** Foi encontrado em Hamburgo um documento que aparenta ser judaico e mesmo anticristão. Diz assim:

- *Resposta a hum papel que aqui mandou de França huma pessoa da nossa nação afirmando quatro pontos fundamentaes da religio Xpram [cristam], a saver: 1.º Que o Masiah havia de ser D.º [Deus] Home; 2.º Que o Masiah he já vindo; 3.º Que o cap. 53 de Jesahias trata do seu Masiah; 4.º Que avia de cesar a observância da Ley com a vinda do Masiah.*

Trata-se do resumo de um folheto de 26 páginas de um judeu português enviado a outra pessoa, também certamente um judeu português. A carta em francês que acompanha o ms vindo de Amesterdão, pede para que o folheto seja publicado ou, pelo menos, traduzido.

Um cristão, talvez um católico, que viu este manuscrito, escreveu nele umas notas esclarecedoras: “Livro blasfemo contra a nossa santíssima religião, escrito em Amesterdão por um judeu português. Está em língua portuguesa. É uma obra ímpia, mas erudita. Traduzi para latim este opúsculo na sua totalidade; mas, depois de ter pensado melhor, dadas as inumeráveis blasfêmias que nele se encontram destrui toda a tradução”. E assina.<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Veja-se SILVEIRA, Luís da, *Portugal nos Arquivos Estrangeiros I. Manuscritos Portugueses da Biblioteca Estadual de Hamburgo*, Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1946, p. 21-22 (BNP, R. 169253). Este códice tem 26 p. e é descrito na fol. 13 do Catálogo, parte 4.ª 2.º V.º, com a cota: Cod. Theol. 1831-4.º. Foi examinado pelo Prof. Henrici em 1914 [o mesmo que examinou a Bíblia de Rahmeyer, de que falámos no cap. 2 deste volume]. “Em carta em francês que o acompanha datada de janeiro, 18, de 1710, lê-se: “... Comme il y a une synagogue Portugaise à Amsterdam, je conjecture que c’est de là que votre Exemplaire est venu en ce país... Ainsi, je crois que vous ferez bien de le donner au public... Au moins, je vous conjure d’en achever la traduction...”. Certamente sobre o mesmo, seguem-se as seguintes notas: “Liber blasphemus contra sanctissimam religionem mostram scriptus Amstelodami, a judeo lusitano. Lingua Lusitana. Opus impium quidem, attamen eruditum. Hoc opusculum ferme integrum in linguam latinam olim transtuleram; sed postea, saniore consilio, ob innumera quae eo continentur blasphemias, absolutam prope modum versionem abolevi. / Maturinus Veysière la Croze. / ex cuius dono possidet. / Jo. Cristoph Worfius Berolini XII Kal. Septemb. A. C. MDCCIX. / Ms. Huius copiam habet H. Uffenbachius...”.



## Bibliografia

- ANICETO, Ricardo (coord.), *Cartas Pastorais dos Patriarcas de Lisboa*, Lisboa, Nova Terra, Patriarcado de Lisboa, 2017; 2 vol.
- ANÓNIMO, *The protestant principle of appealing to the Holy Scriptures, subversive of protestant doctrine, and confirmatory of the Roman Catholic Faith: with illustrative references to the fathers, councils, and protestant writers*, 1834 (BJPII).
- BERGIER, Nicolas Sylvestre, *La certitude des preuves du christianisme ou réfutation de "l'Examen critique des apologistes de la religion chrétienne"*, 1767.
- MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), Círculo de Leitores, 2000.
- MOTA, Luís de Almeida, *A Apologética Cristã em Portugal (1680-1818)*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1993 (Dissertação de Mestrado); I Parte, Cap. II: "A apologética cristã e as ideias em Portugal no século XVIII", p. 48-66.
- PEREIRA, José Estêves, *Teologia e Apologética em Portugal na segunda metade do século XVIII*, em Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora – Actas, I vol., Évora, 1994, p. 133-139.
- , *Filosofia e Ciência em Portugal no século XVIII*, em *Eboresia* 35, 2005, p. 3-27.
- PUCHESSE, F. Baguenault de, *Le Catholicisme présenté dans l'ensemble de ses preuves. Ouvrage approuvé par l'évêque d'Orléans*, Paris, Gaume Frères et J. Durey, Orléans, A Blanchar Libraire, 1859; 2 vol; 18 cm; tome second: 475 p. É um tratado que abrange Bíblia e História da Igreja, em 6 partes. Dedicado aos que creem e aos que duvidam (UCPBP, 272 P998c V1 - 272 P998c V2).<sup>37</sup>
- VERON, Francisco, *Professio Fidei Catholicae ex Sacra Scriptura et antiquitate*, Veneza, Tipografia Rolandina, 1776; Editio prima; 247 p.; 15,5x9 cm (BSEA).

## Conclusões

1. A literatura de carácter apologético fez o seu curso em paralelo com a literatura de tipologia polémica ou de controvérsia. Enquanto esta era especializada no ataque a um qualquer alvo bem definido, a literatura apologética fez o seu papel defendendo a parte atacada. Normalmente, era o cristianismo ou a Igreja Católica que tinham esta missão de defesa, já que, por um motivo ou por outro, eram frequentemente a parte atacada. Por isso, poderíamos ter dividido estes ca-

<sup>37</sup> Pertenceu à biblioteca de Leonardo Coimbra.

pítulos em vários parágrafos, segundo os alvos em questão. Não o fizemos para não complicar a leitura e também porque, frequentemente, numa mesma obra estavam em causa vários alvos atacados.

2. Este tipo de literatura eclesiástica – é desta que tratamos aqui – fez o seu caminho, até que foi guardada nas estantes das bibliotecas. Depois do concílio Vaticano II (e mesmo antes), esta Cadeira deixou de existir nas Faculdades de Teologia. Hoje, o cristianismo tem outros argumentos de defesa, que é mais positiva, sem atacar ninguém. Os argumentos “apologéticos” de hoje são sobretudo dois:

- a) o testemunho de vida cristã;
- b) o estudo sério e aprofundado do cristianismo, começando pelas suas raízes: os Evangelhos e a Bíblia em geral.

Não se entende, hoje, um cristianismo de tradição, de modo ou folclórico. Na sociedade científica, em que a Igreja está inserida, não tem lugar este cristianismo “tradicional”. Por isso, os católicos de hoje e os cristãos, em geral, têm bem presente uma palavra de 1 Pedro 3, 15:

*No íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça.*

Este é o programa apologético fundamental do cristianismo para os nossos tempos. Como o nosso capítulo se situa noutros tempos e culturas, apresenta-nos 72 autores e 199 obras.

### *Sabedoria do mundo e loucura da cruz*

Na verdade, Cristo não me enviou a baptizar, mas a pregar o Evangelho, e sem recorrer à sabedoria da linguagem, para não esvaziar da sua eficácia a cruz de Cristo.

A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus.

Pois está escrito: *Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes.*

Onde está o sábio? Onde está o letrado? Onde está o investigador deste mundo? Acaso não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?

Pois, já que o mundo, por meio da sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os que crêem, pela loucura da pregação.

Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios.

Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus.

Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte que os homens.

(S. Paulo, 1.<sup>a</sup> Carta aos Coríntios 1,17-25)

## Capítulo 9

### Bíblia e ciências eclesiais

Este capítulo integra-se no contexto da relação da Igreja Católica com as várias ciências, que têm, direta ou indiretamente, a ver com a religião cristã. Por isso, é um capítulo com uma temática muito alargada e não rigorosamente definida. No fundo, pode dizer-se que as obras que vamos elencar marcam a presença da Igreja nas ciências e perspectiva estas na sua relação com a Igreja. Esta relação nem sempre foi saudável e amigável, dependendo este fator de determinados contextos sócio-políticos e religiosos. Por isso, poderíamos intitulá-lo como um capítulo de cultura cristã. O leitor atento saberá ver este conjunto de relações e de possíveis confrontos entre as duas partes: Igreja e ciências. Mas aqui não se trata propriamente de confronto entre as mesmas, mas do interesse que a Igreja Católica manifesta já em favor das ciências, sentindo-se nestas obras uma grande diferença do capítulo da Controvérsia (cap. 7) e da Apologética (cap. 8). É, pois, um capítulo mais positivo do que combativo.

Vejamos seguidamente os autores com suas respectivas obras.

**António Álvares, Pe., CO (1735-1807).** Nasceu em Lisboa e entrou na sua Congregação em 1753. Como homem de vasta cultura, escreveu obras de carácter jansenista e outras. Era mesmo considerado um dos chefes dos jansenistas (Inocêncio I, p. 84). Isto aparece nas suas teses:

- *De primi parentis peccato; De Praedestinatione atque Jesu Christi gratia publicam Disputationem Antonius Alvaresius et Josephus Portellius, Congregationis Oratorii sacerdotum...*, Olissipone, Tip. Régia, 1788. Trata-se de teses defendidas no Colégio das Necessidades. Ver o autor nos cap. 6.1.1; 11.1 e 13.1.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Depois de algumas considerações preliminares sobre 18 assuntos, vem a tese “Do Pecado Original e da sua transmissão aos descendentes de Adão”, em 34 teses; segue-se o “Tratado da Predestinação” em 31 teses; vem depois “Da Graça de Jesus Cristo pela qual são curados os que são curados”, em 52 teses. Sobre este autor e suas ideias, ver SANTOS, Cândido dos, *O Jansenismo em Portugal*, FLUP, Porto, 2007, p. 143-231.

**António Cordeiro** - 1, SJ (1641-1722). Era natural de Angra, ilha Terceira. Ensinou Teologia Escolástica e Moral, Filosofia, Retórica, etc. Como tal, deixou-nos algumas obras que usou no ensino:

- *In praecipua partium D. Thomae theologia scholastica*, Lisboa, Josephi Lopes Ferreyra, 1716; 8, 875 p.; 31 cm (BNP, Res. 3897 V).<sup>2</sup>
- *Cursus Philosophicus Conimbricensis...*, Lisboa, Oficina Régia Deslandesiana, 1713-1714 ; 3 partes; 30 cm (BNP, S.A. 792 V.).

**António do Sacramento**, Frei, OFM (1711-1785). Nasceu em Vila Verde de Unhão (Guimarães). Era de família nobre. Professou no Porto em 1729 (Inocência I, p. 264). Escreveu:

- *Viagem santa e peregrinação devota, que aos santos lugares de Jerusalém, em que se obrou a nossa redenção, fez nos annos de mil setecentos e trinta e nove, e quarenta Fr. António do Sacramento...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1748; 2 partes num 1 vol.; 21 cm (BNP, H.G. 2312 P.).

Este tipo de obras pretendia dar a conhecer a geografia da Palestina. Ver o autor nos cap. 4.1; 22.1 e 22.3.

**António dos Reis** - 1, Pe., CO (1690-1738). Era natural de Pernes (Santarém). Foi um excelente cultor da língua latina; igual foi o génio e afluência que teve para a poesia em língua vulgar e latina (Barbosa I, p. 367-371; Inocência I, p. 243-244). Traduziu do italiano:

- *Instrução de Ordinandos tirada do Concílio de Trento, do Ritual, e Pontifical Romanos, e dos Decretos de S. Carlos Borromeo, na qual em summa se instruem não só os Ordinandos no que devem saber sobre cada huma das Ordens, mas os Confessores em todos os pontos mais essenciaes da Theologia Moral, e os Pregadores suas matérias predicativas de que costumão ser examinados*, Lisboa, José António da Silva, 1725; autor: Pe. Francisco Maria Campione (A Tradução em Portugal, 544); ib., Régia Oficina Tipográfica, 1778 (BSEA). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.9; 14; 15 e 20.

**António Feliciano de Castilho** (1800-1875). Era natural de Lisboa. Foi um escritor romântico português, polemista e pedagogo, inventor do *Método Castilho* de leitura. Em consequência de sarampo, perdeu a visão quase completamente aos 6 anos de idade. Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Viveu alguns anos em Ponta Delgada, Açores, onde exerceu uma grande influência entre a intelectualidade local (Inocência I, 130-135). É

<sup>2</sup> Serafim Leite, tomo 12, "Portugal", 1933; Inocência refere outras obras deste autor e não estas; Inocência I, p. 114.

muito eloquente nas manifestações de apreço pela Bíblia na coletânea *Palestras Religiosas e Consolações*:

“Cerraremos n’esta hora todos os livros de profanidades, embora nobres, embora moralíssimos, e abriremos a Bíblia; a Bíblia, o primeiro livro do mundo, assim na antiguidade dos tempos, como na alteza insondável das matérias; a Bíblia, não obra de um homem consumado, mas de muitos homens inspirados; ou antes: não obra de homens, senão escritura de Deus; história completa de todo o passado e de todo o futuro; arca de Fé que tem sobrenadado a todos os dilúvios de pseudo-filosofias; estandarte, a cuja sombra caminham os povos para a civilização, e ante o qual se não envergonham de curvar joelho os maiores sábios” (vol. I, cap. 2, p. 15).

- *Palestras religiosas*, Lisboa, Emp. da História de Portugal, 1906; 2 vol.; 20 cm (BNP, L. 46506 P. - 46507).
- *Quadros para as Escolas de Leitura pelo “Methodo Portuguez”*, [S.l.; s.n., 18--]; 11.<sup>a</sup> edição (BNP, L. 1865 A.).
- *Método Castilho para o Ensino Rápido e Aprazível do ler Impresso, Manuscrito, e Numeração e do Escrever*, Lisboa, Impr. Nacional, 1853; 2.<sup>a</sup> edição inteiramente refundida, aumentada e ornada de um grande número de vinhetas; 59, 319 p.; 16 cm (BNP, S.C. 28857 P.: digitalizado).
- Verteu em vulgar: *Palavras de um Crente Escriptas em Francez pelo Senhor Padre la Mennais*, Lisboa, Typ. de A. I. S. de Bulhões, 1836; 175 p.; 18x11,5 cm (BNP, R. 29559 P.; BSEA).<sup>3</sup> Ver o autor nos cap. 8 e 17.

**António Garcia Ribeiro de Vasconcelos**, Pe. (1860-1941). Nasceu na freguesia de São Paio de Gramaços (Oliveira do Hospital). Foi o primeiro Presidente da Academia Portuguesa da História de 1936 a 1941. Doutor e lente catedrático em Teologia pela Universidade de Coimbra. Em 1885, foi ordenado sacerdote.<sup>4</sup> Escreveu:

- *Ciência e fé: discurso recitado na Real Capella da Universidade na festa da Imaculada Conceição a 8 de Dezembro de 1887*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890 (BNP, R. 2668//6 A.).

<sup>3</sup> Inicia com o prómio, onde indica as circunstâncias em que traduz a obra, que tem a ver com a sociedade em que vive e os seus valores, numa visão bastante negativa (38 p.); contém XLI reflexões a partir da Bíblia e da fé cristã, numa espécie de meditação sobre os mais variados temas. Segundo Inocêncio I, p. 135, “A digressão que o sr. Castilho fez ao Brasil em 1854 o impediu de prosseguir a tradução que encetara do *Génio do Christianismo* de Chateaubriand... são unicamente da sua penna a introdução e os quatro primeiros livros”.

<sup>4</sup> Para esta e outra bibliografia, ver também PERES, Damião, *Bibliografia do Doutor António Garcia Ribeiro Vasconcelos*, em Revista Portuguesa de História I, 1941, p. 11-47; Inocêncio XX, p. 221.

- *Theses ex universa Theologia decerptae quas... pro laurea doctorali obtinenda in Conimbricensi Academia...*, Coimbra, Typ. Academicis, 1886; 22 p.; 25 cm (BNP, R. 2663//14 A.).
- *Exposição e crítica dos conceitos da Encarnação do Verbo, segundo os racionalistas; verdade omnímota do conceito católico*. Dissertação para o acto de Licenciatura, Coimbra, 1886.<sup>5</sup>
- *Pluralização da linguagem. Um estudo bíblico-linguístico*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1887; 156 p.; 23 cm (CBAP, n.º 2190; BPA).<sup>6</sup>
- *Realeza de Jesus Christo: discurso recitado na Real Capella da Universidade na festa da Anunciação da Santíssima Virgem a 25 de Março de 1889*, Coimbra, Impr. da Universidade, 1890; 20 p.; em 4.º (BNP, R. 2668//14 A.; BJPII, MC-903).<sup>7</sup>
- *Jesus libertador da humanidade: discurso pronunciado na Real Capella da Universidade na festa da Purificação da Santíssima Virgem, a 2 de fevereiro de 1892*, Coimbra, Impr. da Universidade, [1892]; 13 p.; 24 cm (BNP, R. 2666//1 A.).<sup>8</sup>
- *O pecado original. Discurso (VII) pronunciado na Real Capela da Universidade na festa da Imaculada Conceição, a 8 de dezembro de 1895*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896; 22 p.; 27 cm (BNP, R. 2667//20 A.).
- *Perpetuidade do Reino de Cristo. Discurso (VIII) pronunciado na Real Capela da Universidade na festa da Anunciação da Virgem a 25 de março de 1897*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1899; 16 p.; 25 cm (BNP, R. 2663//22 A.).
- *A doutrina da Imaculada Conceição e a Universidade de Coimbra: discurso pronunciado na Real Capella da Universidade na festa da Imaculada Conceição a 8 de Dezembro de 1894*, Coimbra, Impr. da Universidade, 1895; 50 p.; 25 cm (BNP, R. 2530//4 A.).
- *Os mortos vivem: discurso (XI) recitado na Real Capella da Universidade na comemoração dos finados a 2 de Novembro de 1903*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903; 20 p.; 24 cm (BNP, R. 2674//21 A.; BJPII, GOER-Hd 1110).
- *A Bíblia protestante. Conferência feita em a noite de 9 de dezembro, 1900*, Porto, Typ. de José Fructuoso da Fonseca, 1901; 20 p.; em 4.º.<sup>9</sup>

<sup>5</sup> Saiu na revista *Instituições Cristãs*, vol. de 1885, 1.ª Série.

<sup>6</sup> Foi a tese para concorrer ao ensino na Faculdade de Teologia. Há outra edição na Biblioteca de Angra do Heroísmo.

<sup>7</sup> Saiu em *O Instituto*, vol. 37, n.º 8, p. 493-504.

<sup>8</sup> Saiu em *O Instituto*, vol. 39, n.º 8, p. 537-549. Teve uma 2.ª edição reproduzida na mesma tipografia em 1899.

<sup>9</sup> Saiu na *Memória do Congresso Catholico do Porto* celebrado nos dias 8, 9 e 10 de dezembro, 1900,



- *O catholicismo durante o século XIX. Discurso (X) pronunciado na Real Capela da Universidade, na festa da Purificação da Santíssima Virgem a 2 de fevereiro de 1901*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1901; 36 p.; em 4.º.
- *A eucaristia, fonte de vida. Conferência pronunciada no C.A.D.C. em Coimbra a 9 de novembro de 1924*; 48 p.; em 4.º.<sup>10</sup>
- *Cronologia do Nascimento de Cristo*, Coimbra, Casa Tipográfica de Alves & Mourão, 1926; 32 p.; em 8.º.<sup>11</sup> Ver o autor nos cap. 5.9; 6; 8; 11.1 e 22.3.

**António João de França Bettencourt**, Pe. (1827-1881). Segundo Inocêncio era presbítero secular natural da Calheta (Madeira). Doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra (VIII, p. 176). Escreveu:

- *Verdade philosophica do mysterio da Encarnação*, Coimbra, Imprensa Litteraria, 1873; 122, 2 p.; 21 cm (CBAP, n.º 222).

**António José Viale** (1806-1889). Foi um erudito latinista e helenista. Distinguiu-se pelas suas traduções do latim, grego clássico e italiano para português (Inocêncio I, p. 181; VIII, p. 218; XX, p. 372). Como tal, traduziu a seguinte obra:

- *Conferências Ecclesiásticas de Massillon, traduzidas em portuguez por ordem, e a expensas de S. M. a rainha D. Estephania...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859; 368 p.; em 8.º; Porto, António Dourado, 1902; autor: Jean Baptiste Massillon; 16, 363 p.; 24 cm (BNP, R. 9853 V). Ver o autor nos cap. 10.2 e 17.

**António Maria d'Almeida Neto** (?-?). Traduziu do francês:

- *A Religião em Face da Sciencia: Lições sobre o accordo entre os dados da Revelação Bíblica e as Theorias Scientificas Modernas*, Lisboa, Tip. Universal de Tomás Quintino Antunes, 1884; autor: Abade Alexis Arduin; 6 vol.; 21 cm (BSEA); Viseu, Liv. Académica Ed., 1884-1885; trad. da 3.ª ed. francesa.  
— 1.ª Parte: *Cosmogonia*; 551 p.  
— 2.ª Parte: *Geogenia ou origem da Terra*; 482 p.; dividido em “Lições sobre o acordo entre os dados da revelação bíblica e as teorias científicas modernas”; 22x14 cm (BSME; BSG: 2.ª parte).

**António Ribeiro da Costa e Almeida** (1828-1903). Nasceu em Viseu e faleceu no Porto. Foi bacharel em Direito e professor no Liceu Nacional do Porto. Tam-

---

p. 77 e seguintes.

<sup>10</sup> Em separata da Revista Estudos, ano III, n.º 31-32, e no Congresso Eucarístico Nacional, Braga, 1924, p. 345-368.

<sup>11</sup> Publicada em Revista Estudos, vol. IV, n.º 43-44.

bém foi jornalista (Inocêncio VIII, p. 294; XXII, p. 349). É autor do seguinte manual de estudo:

- *Curso Elementar de Philosophia redigido segundo o programma official para o ensino dos Lyceus do Reino...*, Porto, Typographia de António José da Silva Teixeira, 1866; 2.<sup>a</sup> edição emendada e acrescentada; IV, 531 p.; 20 cm (BNP, S.A. 585 V.; DB).

— 3.<sup>a</sup> edição, ib., Livraria Universal, 1879 (DB).

**António Soares Barbosa**, Pe. CO (1734-1801). Era natural de Ancião. Foi um professor de Filosofia da Universidade de Coimbra, um dos quatro principais professores de Filosofia após o decreto de expulsão dos Jesuítas de Portugal (Inocêncio I, p. 274-275; VIII, p. 311). Escreveu:

- *Diálogo sobre os Concílios Geraes da Igreja...*, Lisboa, 1830; VII, 23 p.; 15x10 cm (BPNM, 2-82-2-28/4).
- *Exposição do Decreto do Concílio de Trento sobre as indulgências*; em 8.<sup>o</sup> (ms).
- Traduziu: *Carta de um Theólogo sobre a distinção das duas Religiões, Natural e Revelada* (ms); autor: Abade Pelvert; em 8.<sup>o</sup>. Ver o autor nos cap. 3.2; 10.2 e 15.

**António Xavier de Sousa Monteiro**, Dom (1829-1906). Foi bispo de Beja (Inocêncio XX, p. 268). Escreveu:

- *Carta ao clero sobre a perfeição sacerdotal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1881; 9 p.; em 8.<sup>o</sup>
- *Carta aos párochos sobre a instrução religiosa do povo*, 1884; 23 p.; em 8.<sup>o</sup>
- *Elementos de archeologia e iconographia cristã*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1889; obra coordenada com 36 estampas; 162 p.; em 8.<sup>o</sup>. Ver o autor nos cap. 12.2 e 15.

**Artur Eduardo de Almeida** (?-?). Foi o dir. do seguinte jornal:

- *A Voz do Christão*, Porto, Fraga Lamares, 1884-1890; vol. 1 (1884) - vol. 7 (1890); 27 cm (BNP, J. 1052 B.; BSEA).

**Augustin Calmet**, Frei, OSB (1672-1757). Deixamos aqui este autor francês, porque as suas obras tiveram muita influência na cultura portuguesa e mesmo europeia da época em estudo neste volume. Vejamos algumas que se encontram nas nossas bibliotecas:

- *Histoire de L'Ancien et du Nouveau Testament et des Juifs, pour servir d'introduction à L'Histoire Ecclésiastique de M. L'Abbé Fleury*, Paris, Pierre-Alexandre Martin, 1737; Nouv. éd.; 4 vol. (BNP, H.G. 526 V. - 530 V.).

— Ib., Gabriel Martin, 1742; 5 vol.; 17x10 cm (BPE, S.L., E. 36-C.3; BSEA).

— Ib., 1770; 3 vol. (BSEA).

- *Dictionaire Historique de la Bible*, Paris, 1846-59-60; 1228, 1288, 1360 p. (BSEA).
- *Dictionarium Historicum, Criticum, Chronologicum, Geographicum et Literale Sacrae Scripturae, cum Figuris Antiquitates Judaicas... e Gallico in Latinum Translatum a Joanne Dominico Mansi, Tomus Primus*. Venetiis, apud Sebastianum Coleti, 1734; 29x25 cm.

Na BPE encontram-se várias edições deste dicionário ou tomos do mesmo com as seguintes datas e cotas:

— Veneza, 1726 e 1757 (BPE, S.L., E.35-C.9; E. 36-C.9).

— Lucca, 1725 (tomo I e II).

— Paris, 1730; 4 volumes (BPE, S.L. E.34-C.11).

O tomo I (de A – Ly) inicia com a *Bibliografia Sacra*, uma informação geral sobre a Sagrada Escritura (200 p.). Segue-se o *Dictionarium Biblicum, Historicum...*; 762 p.; 35,5x22 cm (FacFil).

Escreveu vários tratados de explicação da Sagrada Escritura. Apresentamos aqui alguns:

- *Commentarium Literale in Omnes ac Singulos tum Veteris cum Novi Testamenti Libros*:

Tomus secundus: *Josué e quatro livros dos Reis*, Venetiis, apud Sebastianum Coleti, 1730; Superiorum permissu ac privilegio; 745 p.; 35x23,5 cm.

Tomus tertius: 1 e 2 *Crônicas*, *Esdra*s, *Neemias*, *Job*; 1 e 2 *Macabeus*, ib., mesmo impressor, 1730; Superiorum permissu & privilegio; com Índice temático; 778 p.; mesmas medidas.

Tomus quartus: *Salmos* 1-151 (este último é apócrifo); *Provérbios*, ib., mesmo impressor, 1731; Índice temático; Superiorum permissu ac privilegio; 692 p.; 35x23,5 cm.

Tomus quintus: *Eclesiastes*, *Cântico dos Cânticos*; *Sabedoria*; *Eclesiástico*; *Introdução aos Profetas*; *Isaias*, ib., mesmo impressor, 1731; com um índice; Superiorum permissu ac privilegio; 679 p.; 35x23,5 cm (FacFil).

**Augusto Eduardo Nunes**, Dom (1849-1920). Era natural de Portalegre. Adquiriu o grau de doutor pela Faculdade de Teologia, em Coimbra, 1880, e foi catedrático de Teologia na mesma Faculdade. Posteriormente, foi nomeado arcebispo de Évora (Inocência XX, p. 282; XXII, p. 465). Escreveu:

- *Socialismo e Catholicismo: ensaio crítico sobre as soluções da questão social*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1881; 23 cm (BNP, S.C. 10676 V).

- *Influência benéfica e civilizadora da Igreja através dos tempos*, Lisboa, M. Gomes, 1895; 28 p.; 24 cm (BNP, R. 12569 V.). Discurso proferido na sessão inaugural do Congresso Cathólico Internacional de Lisboa, no dia 25 de junho de 1895.
- *Institutiones Theologiae Fundamentalis*, Conimbricae, Typis Universitatus, 1893; 22,5 cm (BNP, R. 3142 V.).
- *Ecclesiae Catholicae munus sociale*, Coimbra, Typ. Académica, 1880; 23 cm (BNP, R. 23592 P.).<sup>12</sup> Ver o autor nos cap. 10.6; 10.7 e 14.

**Benevenuto António Caetano de Campos**, Pe. (ca 1778-ca 1840). Era natural de Lisboa. Foi Clérigo Regular Teatino e depois padre secular (Inocência I, p. 341; VIII, p. 368). Traduziu:

- *Compêndio cronológico da história santa e eclesiástica...*, Lisboa, Impr. Régia, 1814; 223 p.; 15 cm (BNP, H.G. 1082 P.; CBAP, n.º 390; BSEA). Ver o autor no cap. 8.

**Bernardo Augusto de Madureira** (1842-1926). Foi sacerdote, teólogo, professor catedrático, poeta, escritor e polemista. Doutorou-se em Teologia na Universidade de Coimbra, onde foi professor. Foi também provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra (1884-1885).<sup>13</sup>

A sua obra mais importante foi a que se segue, tendo sido adotada como manual académico em Coimbra, nos Seminários portugueses, no Brasil e nos Estados Unidos:

- *Institutiones Theologiae Dogmatico-Polemico...*, Coimbra, Typis Academicis, 1885.  
— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1890-93; 3 vol. (BNP, TR. 4181 P.).  
— 3.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1896; 3 vol.; 22 cm (BJPII, 23(02) MAD).
- *Institutiones Theologiae Dogmaticae Specialis...*, Coimbra, Typ. Academicis, 1885; 2 vol.; 23 cm (BNP, R. 10077 V. - 10078 V.).

<sup>12</sup> Trata-se de uma tese de doutoramento, onde o autor nega o ateísmo como “thesim” e como “hypothesim” (ver ABREU, Paulo, *A doutrina social da Igreja*, em D. Augusto Eduardo Nunes, em Lusitania Sacra 3, 2.<sup>a</sup> série, 1991, p. 265-290). Sobre este bispo e o seu contributo para a Igreja e para a sociedade em Portugal, ver SENRA COELHO, Dom Francisco José, *D. Augusto Eduardo Nunes e o Seminário de Évora*, em Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora, Actas II vol., Évora, 1994, p. 225-238.

<sup>13</sup> Fazem referência ao autor: Rodrigues, *A Catedral (1640-1910)*, p. 125; MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, p. 95.

- *Futuro da Igreja. Breves considerações sobre a indefectibilidade do catolicismo*, 1873. Esta obra foi uma dissertação para concurso à Faculdade de Teologia.

**Emílio Aquiles Monteverde** (1803-1881). Nasceu em Lisboa. Pertencia ao conselho de sua majestade. Foi oficial maior e secretário geral do ministério dos negócios estrangeiros.<sup>14</sup> Escreveu:

- *Manual encyclopédico para uso das escolas d'instrução primária*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1850; 5.<sup>a</sup> edição refundida e melhorada; 664, 4 p.; il.; 16 cm (BNP, S.C. 34426 P.).  
— *10.<sup>a</sup> edição revista e melhorada, aprovada pela Junta Consultiva de Instrução Pública*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874; 666 p.; 15x10 cm (BCapP). Ver o autor nos cap. 3.2 e 15.

**Fortunato de São Boaventura**, Dom Frei, OCist (1778?-1844). Era natural de Alcobaca. Professou na sua Ordem em 1795. Doutorou-se em Teologia na Universidade de Coimbra, onde veio a ser professor. Refugiado político assentou residência em Roma (Inocêncio II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Escreveu:

- *História Cronológica e Crítica da Real Abadia de Alcobaca... continuação da Alcobaca Ilustrada do cronista-mor, Frei Manuel dos Santos*, Lisboa, Imprensa Régia, 1827; XLIII, 188, 84 p.; 30,5x21 cm (BNP, Res. 834//1 V.; BPB, Res. 74 P.). Ver o autor nos cap. 6.1.2; 8; 10.6; 10.7; 10.9; 10.10; 13.1; 15 e 22.5.

**Francisca de Chantal Álvares**, Soror, VSM (séc. XVIII). Foi religiosa do mosteiro da Visitação desde 1784 e madre superiora do mesmo mosteiro desde 1800. Consta que se chamava Ana Inácia do Coração de Jesus na vida secular e foi irmã do filósofo nortenho Manuel Álvares Queirós, tendo nascido, tal como o irmão mais velho, na freguesia de Santa Marinha (Vila Nova de Gaia). Destaca-se por ser a primeira gramática para o ensino feminino e escrita por uma mulher:

- *Breve Compêndio da Gramática Portuguesa para uso das Meninas que se educão no Mosteiro da Visitação de Lisboa*, 1786 (Inocêncio II, p. 93).

**Francisco António Ferreira** (?-?). Traduziu:

- *Carta sobre o Futuro Concílio Ecuménico*, Porto, Tip. da Livraria Nacional, 1869; autor: Félix Dupanloup, bispo de Orleans (1802-1878); 88, 2 p.; 19x12,5 cm (BSEA).

**Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho**, Dom Frei, OESA (1780-1859). Partiu para as missões do Brasil em 1812, onde mostrou os seus grandes

<sup>14</sup> Inocêncio II, p. 226-227; IX, p. 169; Fortunato de Almeida III, p. 393.

dotes de pregador; mas com a independência do Brasil, regressou a Portugal, pregando no Alentejo, sobretudo na cidade de Évora, no tempo do arcebispo Cenáculo.

Quando D. Joaquim da Nazaré foi nomeado bispo de Coimbra, escolheu-o para seu secretário; mas seguidamente foi sagrado arcebispo de Évora em 11 de julho de 1845 e confirmado por Gregório XVI a 24 de novembro do mesmo ano. A sua grande obra foi a refundação do Seminário de Évora, escrevendo para o efeito a seguinte pastoral:

- *Discursos Morais para instrução dos Filhos da Sancta Igreja Metropolitana d'Évora*; Lisboa, Tipografia do Panorama, 1847; 32 p.
- *Pastoral de 28 de outubro de 1850, publicada no Diário do Governo*, 04 de novembro de 1850. Dirigida ao povo e aos seminaristas de Évora.<sup>15</sup>

**Francisco da Natividade**, Frei, OSB (?-1765). Foi doutor em Teologia (Inocêncio III, p. 19). Escreveu:

- *Sciencia dos Costumes, ou Filosofia Moral dirigida pela Luz da Razão, pela Escritura e Tradição da Igreja: Ethica Christã regulada pela Doutrina de Jesus Cristo. Para Lição da Mocidade Portuguesa e dos que não têm maiores estudos*, Lisboa, Typografia Rolandiana, 1788; 16, 200, 8, 2 p.; 16 cm (BNP, S.A. 1754 P.).
- *Reflexões moraes e políticas sobre as principaes obrigações do homem, para a instrução da mocidade*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1765-67; 2 vol.; o vol. 2 foi impresso na Oficina da Viúva de Ignácio Nogueira Xisto, 1767 (BCM, 2B9-27/28). Ver o autor no cap. 15.

**Francisco da Trindade**, Frei, OFM (séc. XVIII). Era natural do concelho de Miranda do Corvo. Professou no Real Convento de Lisboa em 1725, tornando-se muito instruído na língua latina e nos preceitos da oratória (Barbosa II, p. 277). Deixou manuscrito:

- *De Sacramentis in genere*.
- *Directorium Morale*. Ver outra obra do autor no cap. 9.

**Francisco de Almeida**, Pe. (1701-1745). Era natural de Lisboa. Estudou Filosofia com os oratorianos da Corte, passando depois à Universidade de Coimbra

<sup>15</sup> Como bibliografia sobre este autor, ver PINHARANDA GOMES, Jesué, *Dom Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho, fundador do Seminário Episcopal de Évora (pastoral de 28.10.1850)*, em Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora – Actas, vol. II, Évora, 1994, p. 405-420. Pinharanda apresenta o texto integral da *Pastoral*. Ver ainda Fortunato de Almeida III, Porto, 1970, p. 535-536.

onde se licenciou em Direito Pontifício. Foi deputado da Inquisição de Lisboa (Barbosa II, p. 99-100; Inocêncio II, p. 325). Escreveu:

- *Apparato para a disciplina, e ritos ecclesiásticos de Portugal, parte primeira, na qual se trata da origem e fundação dos patriarchados de Roma, Alexandria, e Antiochia, e se descreve com especialidade o patriarchado do occidente, mostrando que as Igrejas de Hespanha lhe pertencião por direito particular*, Lisboa, Oficina de Joseph António da Sylva, 1735-1737; 4 vol.; il.; 30 cm (BNP, R. 335 V. - R. 338 V.; FacFil, R66-E-4; R66-E-5).

**Francisco de Jesus Maria Sarmiento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocêncio II, p. 394s; IX, p. 309). Escreveu:

- *História geral da Igreja Christã, desde o seu nascimento até o fim do mundo e seu último estado triunfante e glorioso no céu, extraída principalmente do apocalipse de S. João Evangelista...*, Lisboa, Oficina Acad. Real das Sciencias, 1786-1787; 4 vol.; 14 cm (BNP, H.G. 579 P. - 582 P.).

— Porto, Typ. da Revista, 1869-1870; 2 t. num volume: 287, 240 p.; 23x13,5 cm (BNP, H.G. 1792 V.; BSME).

- *Apocalipse de Esdras: ecos nas letras e na arte portuguesas*, Mafra, M. J. Gandra, 1994; introd. e notas Manuel J. Gandra; 87 p.; 22 cm (BNP, R. 18321 V.). Ver o autor no cap. 3.2.

**Francisco de Matos**, SJ (1636-1720). Era natural de Lisboa, mas cedo partiu para a Baía, onde ingressou na sua Companhia (Barbosa II, p. 196; Inocêncio III, p. 7). Deixou-nos:

- *Palavra de Deus desatada em discursos concionatórios de doutrinas evangélicas, moraes, & políticas...*, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1709-1712; 2 vol.: 1.º, 32, 696, 56 p.; 2.º, 24, 762, 2, 67 p.; 20 cm (BNP, R. 5240 V. - 5241 V.). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.7 e 14.

**Francisco Gomes de Sequeira**, Frei (1687-?). Nasceu na freguesia de Santa Maria de Achete (Santarém). Foi presbítero do hábito de S. Pedro. Perito nas línguas grega, hebraica, francesa e italiana (Barbosa II, p. 159). Traduziu do latim:

- *Luz Moral repartida em duas partes onde se declara sumariamente quazi toda a Theologia Moral muito acomodada para os Ordinandos, e instrução de Confessores em o seu exame, e exercício para que evitem erros, e não ignorem as Proposições até aqui condenadas pelos Summos Pontífices*. Primeira Parte, Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1737; autor: Fr. Sabino de Bolonha, Religioso Franciscano; em fol. (A Tradução em Portugal, 666).



— *Segunda Parte onde se acrescenta hum Tratado da Bulla da Cruzada Portuguesa, e as diferenças, que há entre os Privilégios desta, e da de Espanha, e no fim a Bulla Latina*, ib., mesmo impressor e ano; em fol. Ver o autor no cap. 10.9.

**Francisco Jacinto Jevoy** (?-?). Escreveu:

- *Obrigações Eclesiásticas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1779; 2 partes; 20x14 cm (BNP, R. 25015 P.; BSEA).

**Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva** (ca. 1834-1900). Era oriundo de Vila Seca de Armamar (Lamego), filho de um rabino espanhol da Síria. Emigrou para o Brasil onde aderiu à reforma protestante e se notabilizou como lexicógrafo e hebraísta. Deixou-nos:

- *Novíssimo dicionário latino-portuguez, etymológico, prosódico, histórico, geográfico, mythológico, biográfico, etc, redigido segundo o plano de L. Quecherat e precedido de uma lista de autores e monumentos latinos, citados no volume e das principaes siglas usadas na língua latina*, Havre, 1881; 20, 297 p.; em fol.; 3 col. Ver o autor nos cap. 3.1; 6.1 e 7.1.

**Inácio de São Caetano**, Dom Frei, OCD (1718-1788). Nasceu em Chaves e faleceu no Palácio de Queluz. Estudou Filosofia na Universidade de Évora e Teologia em Coimbra. Chegou a lecionar a cadeira de Sagrada Escritura em Braga. Foi o primeiro e único bispo de Penafiel. Foi ainda conselheiro religioso da rainha D. Maria I e seu mestre espiritual no culto do Sagrado Coração de Jesus, no que se refere à construção da basílica da Estrela.<sup>16</sup> Escreveu:

- *Dissertação Crítica e Apologética da autenticidade do Primeiro Concílio Bracaraense celebrado em 411...*, Lisboa, Oficina Typ., 1773; 22 cm (BNP, R. 23071 P.).
- *Dissertação Crítica e Apologética a favor do Culto de S. Pedro de Rates e outros muitos santos que se veneram da Igreja de Braga. Resposta à Dissertação Crítica que contra o culto dos mesmos santos para servir de plano à Reforma do Breviário da mesma catedral compôs um sábio crítico moderno, seu autor Lusitano Filopátrio* [Pe. António Pereira de Figueiredo], (BAC, ms Azul 641; BPE, CXI/2-17; TT, Ms da Livraria, 2198).<sup>17</sup> Ver o autor nos cap. 10.5; 10.10 e 15.

<sup>16</sup> Cândido dos Santos apresenta a sua personalidade e doutrina, qualificando-o de “jansenista” e “regalista”, em *Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime*, CITCEM - Ed. Afrontamento, FLUP, Porto, 2011, p. 70-89; Inocêncio III, p. 204; Fortunato de Almeida III, p. 391.

<sup>17</sup> É evidente que esta *Dissertação Crítica* é contra outra de Figueiredo, de que falamos noutro lugar (cap. 22: *Figueiredo: Obras Culturais*) e que se encontra na Academia de Ciências de Lisboa

**Jacinto, Pe. (?-?).** Foi autor de:

- *A sociedade civil nas suas relações com o christianismo: sumário das conferências pregadas em Notre-Dame de Pariz, no Advento de 1867*, Paris, 1868 (BJPII).

**João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun / Duque de Saldanha (1790-1876).** Era de família nobre e, certamente, profundamente católica, que lhe deu boa educação cristã; isto manifesta-se nas obras escritas que nos deixou. Ocupou altos cargos, sendo marechal e 1.º duque de Saldanha, além de outros títulos. Escreveu obras em defesa da fé cristã, contra os inimigos da mesma. Por exemplo:

- *Concordância das Ciências Naturais e principalmente da Geologia com o Génesis, fundada sobre as opiniões dos S.S. Padres e dos mais distintos Teólogos*, Viena d'Austria, Tip. dos P. P. Mechitaristas, 1845; 58 p.; 22 cm (BNP, S.A. 11052//8 V.).<sup>18</sup>
- *A Verdade*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1868; 61 p.; 23 cm (BNP, H.G. 10659 V.; BJPII; CBAP, n.º 1914).<sup>19</sup>
- *Carta sobre o casamento civil dirigida ao Exmo. Presidente do Conselho de Ministros*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1865; 7 p.; 23 cm (BNP, H.G. 10588 V.). Aí se manifesta contra este tipo de casamento.
- *Algumas ideias sobre a Fé*, [S.l.: s.n. 19--]; [4 fol.]; 23 cm (BNP, S.A. 11056//3 V.).
- *A Voz da Natureza ou o poder, sabedoria e bondade de Deus manifestados na criação...*, Londres, W. Knowles, 1874; 3, 147 p.; il.; 23 cm (BNP, S.A. 10952 V.).
- *Necessidade de Associação Católica*, Londres, impresso por T. Brettell & Co..., 1871; 18 p.; 22 cm (BNP, R. 15189 V.; CBAP, n.º 1913).

**João Manuel Correia (?-?).** Era bacharel formado em Teologia e Direito pela Universidade de Coimbra. Foi professor de ciências eclesiásticas no Seminário de Braga e, no liceu dessa cidade, foi professor de inglês e alemão. Traduziu do alemão:

---

(Ms Azul 259). Isso aparece claro numa carta que o arcebispo D. Gaspar de Bragança dirigiu ao Pe. António Pereira de Figueiredo em 30 de março de 1769, acerca da reforma dos Missais e Breviários bracarense.

<sup>18</sup> Foi traduzido em italiano e encontra-se na BNP (S.A. 1204 A.).

<sup>19</sup> Nesta obra defendeu a verdade do cristianismo contra os detratores da divindade de Cristo, como, por exemplo, Renan e Strauss. Juntou-se assim uma plêiade de católicos de mentalidade cristã tais como José Maria de Sousa Monteiro, J. J. Sena de Freitas, o Conde de Samodães e o bracarense Luís Maria da Silva Ramos.

- *A Bíblia e a Natureza: lições sobre a história bíblica da Creação*, Porto e Braga, Livraria Internacional de Ernesto e Eugénio Chardron, 1877-1878; autor: Heinrich Reusch; 2 vol.: 1.º, 332 p.; 2.º, 270 p.; 22,5x14 cm (BNP, R. 24241 P. - 24242 P.; BSE; BSME).

**João Maria Pereira do Amaral e Pimentel**, Dom (1815-1889). Ingressou na vida eclesiástica no Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim. Veio a ser bispo de Angra em 1871 (Inocêncio X, p. 307). Como professor, escreveu o seguinte manual para os alunos:

- *A Sciencia da Civilização: Curso Elementar completo de Educação Superior, Religiosa, Individual e Social*, Braga, Typ. Luzitana, 1865; XXXII, 371 p.; 20 cm (BNP, S.A. 13843 P.; BSEA.). Ver o autor nos cap. 7.4.3; 10.5; 11.1 e 14.

**João Rodrigues Chaves** (1704-?). Escreveu e ensinou:

- *Historia Ecclesiástica e Chronológica da Primeira Idade do Mundo: Flores Históricas, Moraes, e Críticas...*, Lisboa, na Régia Oficina Sylviana, 1744; 21 cm (BNP, H.G. 537 V.; Barbosa II, p. 738).

**João Rosado Vilalobos e Vasconcelos** (?-1786?). Era natural de Beja. Foi bacharel pela Universidade de Coimbra e professor régio de Retórica e Poesia na cidade de Évora (Inocêncio IV, p. 30). Traduziu do francês:

- *Os costumes dos israelitas onde se ve o modelo de huma politica simples, & sincera para o governo dos estados, & reformação dos costumes compostos na lingua franceza por Mons. Fleury...*, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1777; 386 p.; 16 cm (BPE, 8165-12-6).
- *Os costumes dos christãos: desde os primeiros séculos da igreja até ao presente por serem úteis à religião e ao Estado*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1782; autor: Claude Fleury; 2 vol.; 16 cm (BNP, H.G. 1696 P. - 1697 P.; CBAP, n.º 852; BEP, 8167-12-6: t. I; A Tradução em Portugal, 1412). Ver o autor no cap. 10.2.

**Joaquim Alves de Sousa**, Pe. (1825-1892). Formado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Mais tarde, foi aí célebre professor de hebraico e Filosofia.<sup>20</sup> Como tal, escreveu o seguinte manual:

- *Curso de Philosophia Elementar para uso das Escolas...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1871; IX, 554 p.; 22 cm (BNP, S.A. 578 V.).  
— 2.<sup>a</sup> edição melhorada, ib., mesmo impressor, 1873; VIII, 2, 556 p.; 21 cm (BNP, S.A. 579 V.).

<sup>20</sup> Rodrigues, *A Cátedra (1640-1910)*, p. 133, n. 35; Inocêncio IV, p. 59; X, p. 385.

- 3.<sup>a</sup> edição mais correcta e muito ampliada, ib., mesmo impressor, 1877; 2 tomos num vol.; 22 cm (BNP, S.A. 580 V.).
- 4.<sup>a</sup> edição melhorada, ib., mesmo impressor, 1879; 2 tomos num vol.; 24 cm (BNP, S.A. 5931 V.).
- 5.<sup>a</sup> edição refundida e mais simplificada, ib., mesmo impressor, 1886; em 8.º (BNP, S.A. 10853 P.; DB). Traduziu:
- *Teologia do Além*, Porto, Liv. Apostolado da Imprensa, 1953; autor: J. Bujanda; 246 p.; 17 cm (BNP, R. 31599 P.). Ver o autor nos cap. 6.1.1. e 10.9.

**Joaquim Pais de Sobral** (ca. 18?). Traduziu:

- *Compêndio da teologia moral*, Viseu, José Maria d'Almeida, [1884]-1895; autor: Jean Pierre Gury, SJ; 4 vol.; 23 cm (BNP, R. 21546 V. - 21549 V.).

**Joaquim Pedro de Oliveira Martins** (1845-1894). Era natural de Lisboa. Ficou órfão de pai, pelo que teve uma adolescência difícil, não chegando a concluir o curso liceal, pois teve de trabalhar. Oliveira Martins colaborou nos principais jornais literários e científicos de Portugal, assim como nos políticos socialistas. Deixou vasta obra literária (Inocêncio XII, p. 125 e 399). Apresentamos aqui:

- *Systema dos Mythos Religiosos*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1882; 361 p.; 19x12 cm (BSEA).
- 2.<sup>a</sup> edição, ib., Livraria de António Maria Pereira, 1895; 19, 361 p.; 19 cm (BNP, R. 31334 P.).
- 3.<sup>a</sup> edição, ib., Parceria António Maria Pereira, 1904 (BNP, R. 41925 P.).
- 4. edição, ib., António Maria Pereira, 1922 (BNP, H.G. 36562 P.).
- Ib., Guimarães Ed., 1986; pref. José Marinho; 4.<sup>a</sup> edição; 280 p.; 21 cm (BNP, L. 37875 V.; BSEA).
- *O helenismo e a civilização cristã*, Lisboa, Guimarães Editores, 1985; pref. José Marinho; 22, 356, 2 p.; 21 cm (BNP, H.G. 36325 V.).
- *Obras Completas*, Lisboa, Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores, 1953; 3.<sup>a</sup> edição; 33, 336 p.; 21 cm (BNP, B.R. 9145).<sup>21</sup>

**José Amaro da Silva**, Pe. (séc. XVIII). Foi presbítero secular, natural de Guimarães. Viveu na segunda metade do século XVIII (Inocêncio IV, p. 220). Traduziu:

<sup>21</sup> “Oliveira Martins propunha a separação entre a Igreja e o Estado, para que os portugueses pudessem exercer a cidadania sem entraves confessionais e para que os católicos despertassem para a apologia da sua crença sem álibis estatais” (CLEMENTE, Manuel, *A vitalidade religiosa do catolicismo português: do Liberalismo à República*, em História Religiosa de Portugal III, o. c., p. 84).

- *Compêndio Histórico e Universal de todas as sciencias, e artes, em diálogo por perguntas, e respostas, para uso dos curiosos*, Porto, Typografia da Viúva Alvarez Ribeiro, e Filhos, 1817; 21, 424 p.; 15 cm (BNP, S.A. 48 P.).  
— *Nova edição*, Lisboa, Typographia Rolandiana, 1838; 8, 262, 8 p.; 16 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 17.

**José Bernardino**, SJ (1663-1738). Era natural de Lisboa, mas foi com o seu pai para a Baía, onde estudou num colégio de Jesuítas. Ingressou, mais tarde, nesta Ordem. Escreveu:

- *Arte por onde devem estudar os Seminaristas do Seminário de Bethlem para saberm guardar as suas regras, e costumes, e poderem proceder christãa, e cortesmente, e sair delle aproveitados na virtude, e nas letras...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1740; 40, 428, 4, 46, 2 p.; 15 cm (BNP, R. 13191 P.; Brasiliana I, p. 88). Ver o autor nos cap. 10.2 e 13.1.

**José Caetano de Mesquita e Quadros**, Pe. (1726-1799). Era natural da Figueira da Foz. Coursou Direito canónico na Universidade de Coimbra. Foi professor de Retórica e Lógica do Colégio Real dos Nobres (Inocêncio IV, p. 283-285). Escreveu:

- *Instrução sobre os fundamentos da religião cathólica*, Lisboa, 1794; em 8.º. Ver o autor nos cap. 4.1; 10.6; 14 e 15.

**José de Araújo**, SJ (1681-1759). Era oriundo do Porto e ingressou na Companhia em 1696. Ditou Retórica em Coimbra, Filosofia no Porto e Teologia no Colégio de Santo Antão de Lisboa.<sup>22</sup> Publicou:

- *Cursus Theologicus in decem disputationes divisus*.  
— Tomus primus, Lisboa, Michaellem Rodrigues, 1734; em fol.  
— Tomus secundus, ib., mesmo impressor, 1737; em fol. Ver o autor nos cap. 7.2 e 8.

**José Inácio Roquete**, Frei, OFM (1801-1870). Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete. Em 1833 esteve preso por suspeitas políticas e no ano seguinte retirou-se para Londres e depois para Paris (Inocêncio IV, p. 373-377; XIII, p. 15; Fortunato de Almeida III, p. 393). Foi o editor literário de:

- *Dicionário da Língua Portuguesa... Feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado...*, Paris, J. L. Ailland, 1852; autor: Pedro José da Fonseca; 35, 977 p.; 15 cm (BNP, L. 79818 P.).

<sup>22</sup> Serafim Leite, tomo 12, "Portugal", 1933; Barbosa II, p. 824; IV, p. 199.

— Ib., V.<sup>a</sup> J. P. Aillaud, Moulon, 1861 (BNP, L. 22585 P.).

- *Novo Dicionário Português-Francês*, Porto, Lello & Irmão, 1962; 1021 p.; 19 cm (BNP, L. 53655 P.). Ver o autor no cap. 3.2.

**José Joaquim Pires de Moraes**, Pe. (1803-?). Foi autor de:

- *Compêndio theológico que contém diversas matérias sobre os lugares theológicos da Escripura Sagrada, extrahidas de vários authores mostrando as autoridades dos Sanctos Padres, dos theologos, canonistas e concílios, de todos estes dá hum claro e breve conhecimento* [manuscrito], Anno Domini 1832; 29 p.; 15 cm (BNP, Cod. 11372//3).

**José Maria da Cunha Seixas** (1836-1895). Nasceu no concelho de São João da Pesqueira. Estudou Direito na Universidade de Coimbra e veio a ser advogado (Inocência XIII, p. 91). Escreveu:

- *A Fénix ou a imortalidade da alma humana*, Lisboa, Lallement Frères, Typógraphos, 1870; editor: C. Busch; 201 p.; 17x11 cm (BNP, L. 59389 P.; BCapB).
- *Estudos de Literatura e de Filosofia, segundo o systema pantitheista*, Lisboa: [s.n.], 1884; XXIV, 216 p.; il.; 20 cm (BNP, S.A. 31120 P.). Neste tratado, o autor nega o panteísmo, uma das heresias do séc. XIX.<sup>23</sup>
- *A dotação do culto e do clero ou exposição e analyse do projecto de lei do excellentissimo Senhor Conselheiro Levy Maria Jordão*, Lisboa, Typ. Portuguesa, 1865; 88, [1] p.; 21 cm (BNP, Fg. 8110).

**José Roberto Monteiro de Campos Coelho e Sousa** (ca. 1778-1791). Era natural de Lisboa (Inocência V, p. 114). Traduziu:

- *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* [manuscrito], [antes de 1791]; autor: Flávio Josefo; traduziu-a do original grego e conferiu-a com diferentes manuscritos; 2 vol.: 244 fol. e 139 fol.; 24 cm (BNP, Cod. 1451-1452).

— Lisboa, Oficina João António da Silva, 1791; 3 vol. (A Tradução em Português, 1875).<sup>24</sup>

**José Vieira Caldas de Vasconcellos**, Pe. (ca. 18??). Traduziu do francês:

- *A Filosofia do credo ou resposta às objecções actualmente ventiladas em matérias*

<sup>23</sup> Sobre o seu tratado e a posição em que se coloca sob o ponto de vista científico e filosófico, ver PINHARANDA GOMES, *História da Filosofia Portuguesa – I. A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Guimarães Editores, 1999, p. 398-399. A sua posição é antiespinozista.

<sup>24</sup> Inocência V, p. 114, refere que “...desta obra só se publicaram três tomos, suspendendo-se a continuação por motivo que ignoro.” Estes dois códices correspondem aos quatro restantes. Os três primeiros tomos foram publ. em Lisboa, Oficina de João António da Silva, 1791-1792.

*religiosas*, Lisboa, Typografia Universal, 1864; 182 p.; 21,5x14 cm (DB); [S.l.: s.n. 19-]; autor: A. Gratry; 182 p.; 23 cm (BNP, R. 10963 V).<sup>25</sup>

**Luís (?-?).** Escreveu:

- *Lições da natureza, ou considerações para cada dia do anno sobre a história natural, a física, e a química, expostas ao espírito e coração*, Lisboa, Typografia Rolandiana, 1805-1817; 2 vol.; 15x9 cm (BNP, S.A. 6464 P. - 6465 P.; BSEA: vol. 1).

**Luís Augusto Rodrigues Viana**, Pe. (séc. XIX). Foi considerado um grande orador sagrado (Inocêncio XIII, p. 351). Deixou-nos:

- *O Apostolado do Clero. Conferências religiosas que no Domingo da Quaresma recitou na Sé Cathedral do Porto...*, Porto, José Fructuoso Fonseca, 1884; 96 p.; 19x12 cm (BNP, R. 26689 P.; BJPII; BSEA).
- *O Apostolado da Imprensa. Conferências Religiosas que nos Domingos de Quaresma recitou na Sé Cathedral do Porto...*, Porto, José Fructuoso Fonseca, 1884; VII, 96 p.; 19 cm (BJPII).

**Luís Cardoso Coelho (?-?).** Foi autor de:

- *Tribunal de Ordinandos em que por vários exames com toda a brevidade, e clareza, se tratam todas as matérias, que deve saber todo do que se quizer ordenar, conforme a irrefragável, e jurídica doutrina do angélico mestre, e quinto doutor da igreja Santo Thomas e outros gravíssimos autores...*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galram, 1731; 16, 424 p.; 20 cm (Liv. Colofon, n.º 2268).

**Luís Carlos Moniz Barreto (?-1791).** Foi bacharel em leis pela Universidade de Coimbra (Inocêncio V, p. 280). Traduziu:

- *Discursos sobre a Historia Ecclesiastica por Mr. O Abbade Fleury...; exposto tudo na lingua portugueza, e offerecido ao Excellent. e Rever. Senhor D. Fr. Manoel do Cenaculo, Bispo de Beja, do Conselho de Sua Magestade...*, Lisboa, Officina de António Vicente da Silva: a custa de Luiz António Alfeiraõ, 1773; autor: Claude Fleury; 3 vol.: 26, 309 p.; 268 p.; 342, 2 p.; 17 cm (BNP, H.G. 1647 P. - 1649 P.)

— *Outra edição*, 1800.

<sup>25</sup> Esta obra foi escrita por um francês para defender a Igreja Católica contra a maçonaria que ameaçava destruí-la. Está ordenado em diálogos. O tradutor no Prólogo afirma: “Todos temos obrigação restricta de defender a religião santa, que nossos paes nos legaram, contra os insultos da impiedade...” (p. 7).



**Luís Maria da Silva Ramos**, Pe. (1841-1921). Era natural de Braga, doutorou-se na Universidade de Coimbra e foi professor no Seminário de Braga e de Coimbra e lente de Teologia na Universidade de Coimbra, até à extinção da cadeira (Inocêncio XVI, p. 46; Fortunato de Almeida III, p. 399-400). Escreveu:

- *A soberania social de Jesus Cristo. Conferência religiosa recitada na Sé catedral de Coimbra*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardon, 1879; 32 p.; 24x17 cm (BNP, R. 11017//9 V.).
- *A Sciencia Cathólica. Revista mensal de Propaganda Escholástico-Thomista dedicada ao Santíssimo Padre Leão XIII*, Coimbra, J. J. Leitão, 1881; em colaboração com José Maria Rodrigues (BCapB: vol. I). Ver o autor nos cap. 7.1; 7.4.2; 8; 14; 15 e 22.3.

**Manuel Álvares Queirós**, Frei, ex-CO (1739-1777). Entrou na Congregação no Porto, mas depois abandonou (Inocêncio V, p. 353). Escreveu:

- *História da criação do Mundo conforme as ideias de Moisés, e dos Filósofos...*, Porto, Oficina de Francisco Mendes Lima, 1762; 19, 308 p.; 21 cm (BNP, F. 7100; Palha 19).<sup>26</sup>

**Manuel António Monteiro de Campos Coelho da Costa Branco** (séc. XVIII). Pouco se sabe da biografia deste autor, apenas que é natural de Azeitão, a sul do Tejo (Inocêncio V, p. 362; XVI, p. 113-114). Traduziu do francês:

- *Discurso sobre a História Universal, ao Sereníssimo Senhor Delfim: para explicar a continuação da religião, e as mudanças dos impérios...*, Lisboa, Oficina Manuel António, 1772; autor: Jacques Bénigne Bossuet; 4 vol.; 17x10 cm (BSEA).<sup>27</sup>

**Manuel da Avé Maria**, Frei, OSP (?-1775). Foi Lente jubilado de Teologia e examinador sinodal do Patriarcado de Lisboa (Inocêncio XVI, p. 124). Escreveu:

- *O Ordinando instruído nos deveres do seu ministério, conforme a Escripura, Concílios, Santos Padres e antiga disciplina da Igreja*, Lisboa, Régia Oficina Typographica, 1777; 14, 350 p.; em 8.º.
- Traduziu do castelhano: *Breve instrução de Ordinandos, composta das cousas que devem guardar e saber em suas ordens, e se lhes perguntarem nos exames, desde a primeira tonsura até ao sacerdócio*, Lisboa, 1727; autor: António de Quinta-

<sup>26</sup> Esta obra está dividida em 2 partes: I Parte, “História da Creação conforme as Ideias de Moisés e dos Filósofos”: Descartes, Pitágoras, Newton, Platão, etc. (VII capítulos). II Parte, “Dissertações várias sobre a Creação do mundo” (6 dissertações). No fundo, é uma espécie de catecismo contra as heresias do séc. XVIII, sobretudo contra o panteísmo.

<sup>27</sup> Inocêncio XVI, p. 113, afirma: “Em 1830 saiu outra versão diferente, sem o nome do traductor, impressa em Lisboa, na Typ. Rollandiana”.

nadeuñas; 17, 296 p.; em 8.º. Com um apêndice do exame dos confessores e pregadores. Ver o autor no cap. 14.

**Manuel Dâmaso Antunes, Pe.** (?-?). Era natural da Póvoa de Rio de Moinhos, concelho de Castelo Branco (Inocência XVI, p. 170 e 400). Foi o diretor da revista semanal:

- *O Clero Português: revista de todas as questões eclesiásticas*, Lisboa, A. 1, n. 1 (8 Maio 1885)-a. 6, n. 177 (15 Fev. 1892); 29 cm (BNP, J. 243//1 M.). Ver o autor nos cap. 11.1 e 22.4.

**Manuel de Albuquerque** (1843-1912). Era natural da Covilhã. Formado em bacharel de Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocência XVI, p. 105). Foi diretor de:

- *O Consultor do Clero*: Revista Religiosa, Porto, Typographia de António José da Silva Teixeira, 1883-1885; A. 1, n. 1 (15 Jan. 1883) - a. 3, n. 8 (30 Abr. 1885); 28 cm (BNP, J. 965//13 P.).
- *Sciencias Ecclesiásticas*: Revista Mensal dedicada ao clero de Portugal e Brasil, Leça da Palmeira, Typographia de Fraga Lames, 1891-1895; v. 1, a. 1, n. 1 (Jan. 1891) - v. 5 (1895); 27 cm (BNP, R. 500 V. - 503 V.).
- *Consultório eclesiástico: respostas a consultas*, Leça da Palmeira, Typografia Fraga Lames, 1889-1891; 2 vol.; 23 cm (BNP, S.C. 4897 V. - 4899 V.).  
— *Segunda edição revista e augmentada*, Porto, Livraria Católica Portuense, [1897]; 16, 435 p.; em 8.º (BSL).
- *A verdadeira igreja de Cristo*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense, [188-]; 106, 5 p.; 19 cm (BNP, VAR. 4185//3). Ver o autor nos cap. 7.4.2 e 22.4.

**Manuel de Oliveira Ferreira / Manuel de Jesus de Oliveira Ferreira, Frei, OFM** (1711-1782). Era natural do Porto. Doutorou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra. Primeiro foi padre secular, mas dada a admiração que tinha por São Francisco, ingressou na sua Ordem.<sup>28</sup> Foi autor de:

- *Instituta Parochiana, ou Pastor de si mesmo, e dictames para suas ovelhas, que dos textos da Sagrada Escritura, Cânones Apostólicos, Bullas Pontificias, Concílios Geraes, Provinciaes, Decretos, Rituaes das Congregaçoens e Synodos Diocesanos extrahio e formou para desempenho de sua obrigação no regimen Pastoral da Reitoria de S. Miguel de Oliveira de Azeméis*. Composto antes de tomar posse

<sup>28</sup> Sobre o autor, ver MARQUES, João Francisco, em *Biblos: enciclopédia verbo das literaturas da língua portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995; volume 2: D-Le, col. 544; Barbosa III, p. 327-329; Inocência VI, p. 9.

deste Benefício, anno 1741; ms (Barbosa III, p. 329). Ver o autor nos cap. 8; 11.1; 17 e 22.2.

**Manuel de São José Lisboa**, Frei, OFM (1757-1780). Traduziu do francês:

- *Compêndio Chronológico da História Ecclesiástica em que se contém a História das Igrejas do Oriente e do Occidente; Os Concílios Geraes, e Particulares; Os Autores Ecclesiásticos; Os Scismas e As Heresias, As Instituições das Ordens Monásticas*, [Depois de 1751]; autor: Philippe Macquer; 2 t.; 31 cm (BNP, Cod. 661). Ver o autor nos cap. 8; 10.2 e 10.10.

**Manuel do Cenáculo Vilas Boas**, Frei, OFM (1724-1814). Foi bispo de Beja e arcebispo de Évora e um dos maiores expoentes da cultura e da religião no Portugal do séc. XVIII. Dele se fala frequentemente na relação com o convento de Santa Maria de Jesus, em Lisboa, como aluno, e professor da Universidade de Coimbra, como membro da Academia de Ciências de Lisboa, da qual foi sócio, a partir de 28 de junho de 1780. Sempre se preocupou em ter muitos e bons livros, comprando em Portugal e no estrangeiro tudo o que podia... e não podia, de tal modo que, a determinada altura, teve que começar a vendê-los, para pagar as dívidas contraídas. Numa palavra, Cenáculo foi uma ilustre exceção numa Ordem franciscana que não primava pelos valores culturais.<sup>29</sup>

Cenáculo pertencia a um grupo de reformadores típicos da sua época, entre os quais se situam muitos dos que citamos neste volume: o Pe. António Pereira de Figueiredo, Verney, José de Seabra, D. Francisco de Lemos, João Pereira Ramos, Monteiro da Rocha, Ribeiro Sanches, etc. No entanto, era menos radical que alguns deles, em relação às reformas a fazer na Igreja e na cultura, em Portugal.

No seu elogio fúnebre, feito por Francisco Mendes Trigoso de Aragão Morato, diz-se que Frei Manuel do Cenáculo “Respeitava e amava tanto este livro [a Bíblia] que nunca deixou de o trazer consigo, ainda que em viagem; nunca o abriu com a cabeça coberta; nunca se deitou, ainda que nos incómodos aposentos em que se alojava nas ocasiões da Visita, sem que primeiro lesse, de joelhos, um capítulo dele”.<sup>30</sup> Escreveu ou traduziu as seguintes obras:

<sup>29</sup> Sobre todas estas peripécias, veja-se AMARAL, Ilídio do, *As Bíblias e outras raridades das coleções de Frei Manuel do Cenáculo. Da sua existência na Academia de Ciências de Lisboa*, Edições Colibri, Lisboa, 2012. O códice da sua autobiografia encontra-se na Academia de Ciências de Lisboa: cod. 802V. Sobre o seu elogio fúnebre, veja-se *Memórias da Academia Real das Ciências*, 1815, t. IV, 1.<sup>a</sup> série, p. LXIII-CXX; ver ainda Inocêncio V, p. 389-396; XVI, p. 151-153.

<sup>30</sup> Em AMARAL, Ilídio, *As Bíblias e outras raridades*, o. c., p. 22. No “Livro das Doações Gratuitas que se fazem à Real Bibliotheca Publica da Corte” encontra-se o seguinte registo (sem indicação de data): “O Ex.mo e R.mo D. Fr. Manoel do Cenáculo Villasboas, Bispo de Beja, do Conselho

- *Cuidados Litterários do Prelado de Beja em Graça do seu...* (Escudo com as armas de Portugal, primorosamente aberto a buril), Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791; 8, 552, 2 p.; 22 cm (BNP, H.G. 4697 A.; BPE, S.L. E.1-C.8).
- *Dissertação Theológica, Histórica, Crítica sobre a Definibilidade do Mystério da Conceição Imaculada de Maria Santíssima*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1758; 18, 10, 248, 38 p.; 21 cm (BNP, R. 23665 P.; BGUC, CF G-8-13; BPE, S.L., E. 18-C.6; CBAP, n.º 2237).
- *Instrução Pastoral do... sobre as Virtudes da Ordem Natural*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1785; 70 p.; 16 cm (BNP, R. 24523//4 P.; BPE, A. 1302).
- *Instrução Pastoral do... sobre o Rito e Disciplina da Igreja na Administração do Ss. Sacramento da Eucaristia por Viático em ambulas viatórias*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1784; 52 p.; 18 cm (BNP, S.C. 5305 P.; BPE, S.L. E.66-C.3).
- *Instrução Pastoral do... sobre a Justiça Christã*, Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1794 (BNP).
- *Instrução Pastoral do... sobre a Memória da Paixão. E agonia do Nosso Divino Redemptor*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1780 (BPE, A. 1383 S).
- *Instrução Pastoral do... sobre as graças, e jubileos novamente concedidos... E celebrando-se a memória da Instituição do Augustíssimo Sacramento da Eucaristia*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1784 (BPE, A. 877).
- *Instrução Pastoral do... sobre a religião revelada*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1785 (BNP; BPE, CXXVIII / 2-4; CBAP, n.º 2239).

---

de S. Mag. de Mestre que foi dos sereníssimos Príncipes D. Jozé, e D. João, e Prezidente da Real Meza Censória, a da Junta do Subsídio Literário, Varão dotado de todas as boas partes, cheio de eficácia, e zello pela honra da Religião, pela glória da Pátria, pelo augmento, e esplendor das Artes, e das Sciencias, tendo ilustrado a todas ellas com suas obras de altíssima doutrina, e de Vastíssima erudição, e querendo que a parte mais precioza das riquíssimas Colecções de livros, e de Antiguidades que a sua deligencia soube ajuntar com excessivas despesas, e trabalhos no espaço de m.tos anos, houvesse de ficar sempre em hum depozito seguro, donde podesse aproveitar a todos os presentes, e vindouros; sacrificou generozam.te o seu interesse e o seu próprio gosto, e entretenimento ao bom publico da Nação, e doou liberalm.te a esta real Bibliotecta o seg.te ...] Hua Collecção de Mss. Pertencentes a cada hua das Artes, e Sciencias, que constão do Catalogo também Methodico, q se fez em um Volume de folha.” O Livro das Doações (1803-1863) dá conta destas ofertas à BNP (citação de SOUSA, Luís Correia de (ed.), *In Principio - A Bíblia Medieval em diálogo com a pintura de Ilda David*, Biblioteca Nacional de Portugal, 2016, p. 107, nota 2).

- *Instrução Pastoral do... sobre o Catecismo*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1786; 101 p. (BPE, A. 1360).<sup>31</sup>
  - *Instrução Pastoral do... sobre os estudos Fysicos do seu Clero*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1786 (BNP).
  - *Instrução Pastoral do... sobre a confiança na Divina Providência*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1786 (BNP).
  - *Instrução Pastoral do... sobre a modéstia dos vestidos do Clero*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1792; 117 p. (BNP).
  - *Instrução Pastoral do... ao clero e ordenados da sua diocese*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1784; 15 p. Insiste na santidade do sacerdote como modelo dos fiéis (CBAP, n.º 2238).
  - *Oração que disse o M. R. P. M. Doutor Fr. Manuel do Cenáculo... Sendo Presidente em a Primeira Sessão da Academia Mariana celebrada nesta cidade de Lisboa...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1758; 14, 28 p.; 20 cm (BNP, H.G. 36686 P).
  - *Patente sobre o verdadeiro systema de Theologia que se deve seguir na Província da Ordem Terceira da Penitência, segundo a saudável determinação do S.S. Padre Clemente XIV*, s. d., s. n.; 75 p.
  - *Método prático da oração mental* (BPE, Cod. CXXIX/1-1).<sup>32</sup>
  - *Exercícios espirituais por D. Fr. Manuel do Cenáculo, Arcebispo de Évora* (BPE, Cod. CXXIX/1-1).
  - *Pensamentos sobre o Christianismo e S. Judas* (BPE, Cod. CXXIX/1-1, a fl. (b)).
  - *Vida Christãa* (BPE, Cod. CXXVIII/2-3, a fl. (b)).<sup>33</sup>
  - *Vida Cristãa*, Lisboa, 1792 (BNP).
- *Reimpressa novamente* em 1817 para uso das escolas militares; [S.l.: s.n. 182-]; 53 p.; 15 cm (BNP, R. 42496 P); enc. com:

<sup>31</sup> Sobre esta Pastoral, afirma Belinquete I, p. 847: “Pode considerar-se um pequeno grande tratado sobre a Catequese, versando desta, a sua importância na formação do homem-cristão (...) a missão de ser catequista e a sua grandeza, os seus destinatários (a começar nas crianças de tenra idade, os pequeninos), os conteúdos da catequese...”.

<sup>32</sup> Segundo Cunha Rivara, *Catálogo de manuscritos*, vol. IV, p. 45: “Letra do próprio punho de Cenáculo”.

<sup>33</sup> Este e os dois manuscritos anteriores da BPE são referidos em Cunha Rivara, *Catálogo de manuscritos*, vol. IV, p. 65.

— *Huma palavra às almas descuidadas ou extracto da direcção para ter os nove dias de exercícios*, de Manuel Fernandes, Lisboa, Typ. de Simão Thaddeo Ferreira, 1824 (BNP, R. 42494 P.).

**Apreciação.** O bispo Cenáculo é uma personagem incontornável na passagem do séc. XVIII para XIX. Mas, ao mesmo tempo, de tal modo multifacetada que será difícil defini-la com alguma precisão. A sua ação foi marcante, tanto na história de Portugal como na história da Igreja desta época. Ele é, aparentemente, contraditório na sua colaboração próxima com o absolutista Pombal e, ao mesmo tempo, zeloso pela sua Ordem e pelo povo das duas dioceses (Beja e Évora), onde foi um bispo exemplar. Foi igualmente um dos grandes intelectuais do seu tempo; mas soube, ao mesmo tempo, descer ao povo simples e ignaro, recomendando-lhes, inclusive, as devoções religiosas tradicionais.

No que se refere à espiritualidade, poderia definir-se como próximo dos jacobinos, naquilo que diz respeito ao *elan* criado para a renovação da Igreja, nas suas estruturas mais variadas, tanto na sua Ordem como nas duas dioceses em que evangelizou. Mas também foi anti-jacobino, ao lado de Pombal, no sentido político-religioso, tentando congraçar a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens, tarefa gigantesca na época em que lhe tocou viver. Cenáculo tinha ultrapassado a conceção medievalista dos dois poderes, na qual a Cidade de Deus estava acima da dos Homens. Agora, como bom iluminista, achava que a Cidade dos Homens podia, ao mesmo tempo, envolver-se na Cidade de Deus, permitindo ao poder do rei interferir nos assuntos da Igreja. A meu ver, a sua tarefa era demasiado difícil, e este foi o “ponto fraco” de Frei Manuel do Cenáculo.

## Bibliografia

- ABREU, António Graça de, *O Senhor de Beja e o Senhor Pequim, Fr. Manuel do Cenáculo e Fr. Alexandre de Gouveia, dois Franciscanos Ilustres do séc. XVIII*, em III-IV Seminários – O Franciscanismo em Portugal, Actas, Fundação Oriente, 2000, p. 139-149 (BNP, R. 20726 V).
- CAEIRO, Francisco da Gama, *A obra do arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo à luz da cultura Portuguesa*, em Congresso de História no IV Centenário do Seminário Maior de Évora – Actas, vol. II, Évora, 1994, p. 367-373 (com muita bibliografia).
- Catálogo das obras do Senhor Arcebispo de Évora*, em História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1815; t. IV, Parte I, p. CIX-CXX.

COELHO, Senra F., e MARTINS, Alberto, *D. Frei Manuel do Cenáculo e o pensamento iluminista na transição entre os séculos XVIII e XIX*, Brotéria 178, março, 2014, p. 241-256.<sup>34</sup>

D'ALCOCHETE, Nuno Daupias, *Humanismo e Diplomacia – Correspondência Literária de Francisco José Maria de Brito com Dom Frei Manuel do Cenáculo (1789-1804)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1976.

MARCADÉ, J., *Frei Manuel do Cenáculo-Vilas Boas – Évêque de Beja, Archevêque d'Evora (1770-1814)*, Cultura Medieval e Moderna XII, Centro Cultural Português, FCG, Paris, 1978; 592 p. Não ressalta a obra de Cenáculo como bibliófilo.

MORATO, Francisco Manuel Trigoso D'Aragão, *Elogio histórico do Excelentíssimo e Reverendíssimo D. Frei Manuel do Cenáculo arcebispo de Évora, recitado na Assembleia Pública da mesma Academia, de 24 de junho de 1714*, em História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1815; t. IV, Parte I, p. LXIII-CVIII.

OLIVEIRA, Márcia, *A Comunidade Ilustrada na 2.ª metade do séc. XVIII: Frei Manuel do Cenáculo e o seu universo de Correspondentes*, Lusitania Sacra 27, 2.ª Série (janeiro-junho), 2013, p. 175-202.<sup>35</sup>

VAZ, Francisco António Lourenço (coordenador), *Os Livros e as Bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo*, BNP, Lisboa, 2009. Contém listas de livros raros, Bíblias, etc.

**Manuel Inácio Coutinho**, Frei, OCD (?-ca. 1754). Era natural de Lisboa e entrou na sua Ordem em 1718. Depois de estudar, ditou Teologia e Filosofia nos colégios de Coimbra e Évora. Foi doutorado pela Universidade de Coimbra (Barbosa III, p. 288). Deixou-nos um tratado teológico sobre o culto devido a Deus:

- *De cultu sacro debitae servitutis et honorariae subjectionis, sive de adoratione religiosa, tractatus theologico-dogmaticus*, Coimbra, Architypographia Académico-Régia, 1765 (BGUC, 4 A-18-1-2). Ver o autor no cap. 10.7.

**Manuel Marinho**, Mons. (séc. XIX). Traduziu e prefaciou:

- *A Cruz ou o Último Dia de Jesus Christo: Estudos Históricos e Archeológicos sobre*

<sup>34</sup> Os autores abordam aqui os diferentes aspetos culturais da época de Cenáculo: o pensamento iluminista, as relações Portugal-Santa Sé, a reforma pombalina; as doutrinas jansenistas e galicanas; o confronto com os Jesuítas; o jansenismo e o regalismo; a invasão de Évora pelo exército francês.

<sup>35</sup> A autora analisa a correspondência, enviada ou recebida, tanto na geografia europeia, como nos conteúdos culturais e religiosos, no âmbito do iluminismo português.



*a Crucifixação de Jesus Christo*, Porto, Livr. Port. Editora, 1922; autor: Padre J. E. Decorde; 111 p.; 22 cm (BNP, R. 9576 V.). Ver o autor nos cap. 4.1; 10.4; 10.7; 15 e 22.3.

**Manuel Monteiro**, Pe., CO (1667-1758). Era natural do Porto. Professou na sua Ordem em 1716. Devido aos seus dotes académicos, foi eleito membro da Academia Real em 1738 (Barbosa III, p. 315-316). Escreveu:

- *Novo Método para se aprender a língua latina*. I e II Partes, Lisboa, Francisco da Sylva, 1751.
- *O Ordinando Instruído para Primeira Tonsura: Ordens Menores, de Subdiacono, Diacono, e Presbytero, oferecido ao Excelmo. e Revermo. Senhor D. Lazaro Leytão Aranha / Manoel Ayres*, Lisboa, Imprensa à custa de Joze Francisco Mendes, 1739; 22, 283 p.; 13 cm (BNP, Var. 583). Ver o autor nos cap. 6.1.1; 10.2; 10.4; 10.5; 10.7 e 17.

**Pedro de Santa Clara**, Frei, OFM (séc. XVIII). Era natural de Lisboa. Ingressou na sua Ordem no convento de Santa Maria de Xabregas, onde fez os estudos eclesiásticos (Barbosa III, p. 567-568; Inocêncio VI, p. 399; XVII, p. 229). Escreveu:

- *Medula Evangélica, Doctrinalis, Moralis, Allegorica, Anagogica, Tropologica, Litteralis, Grammaticalis & Ascetica divisa in 4. Partes: 1. Dominicalis. 2. Moralis. 3. Quadragesimalis. 4. Santoralis*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1745-46; índices muito pormenorizados ; 2 vol.: 1.º, I Parte de 432 p.; esta parte trata do modo de viver moralmente, segundo a palavra de Deus; 2.º, II Parte de 365, 131 p.; esta parte trata de temas de pregação bíblica; 20x15 cm (BPNM, 2-4-4-6/7).<sup>36</sup> Ver o autor nos cap. 10.2; 10.3 e 15.

**Pedro José da Fonseca** (1737-1816). Foi professor régio de Retórica e Poética, em Lisboa, nomeado em 1759, e transferido depois para o exercício da mesma cadeira no Colégio Real dos Nobres (Inocêncio VI, p. 419). Foi autor de:

- *Diccionario da língua portuguesa, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Oficina da mesma Academia, 1793 (Inocêncio VI, p. 422). Ver o autor no cap. 6.1.

**Porfírio António da Silva** (séc. XIX). Foi o primeiro professor de uma cadeira intitulada “Teologia Pastoral, Eloquência Sagrada e Isagoge Bíblica”, que, na

<sup>36</sup> Não conhecemos a 3.ª e 4.ª Partes da obra.

Universidade de Coimbra, era dada no 4.º ano do curso teológico.<sup>37</sup> A sua tese de doutoramento foi:

- *Theses Ex Universa Theologia atque Inauguralis Dissertatio*, Coimbra, Typis Officinal Progressus, 1886; 20, 116 p.; 24 cm; (BNP, R. 2743//9 A.; Univ. Coimbra - Biblioteca das Ciências da Saúde, C2-129-1-28).
- *De Diluvii Biblici Veritate*, 1886.<sup>38</sup>

**Rafael da Purificação**, Frei, OFM (1691-1744). Era natural de Matosinhos e tinha por nome Manuel da Cunha. Foi para o Brasil, onde ingressou na sua Ordem. Dominava as línguas latina, grega, hebraica, francesa, italiana e inglesa (Barbosa III, p. 633-634; IV, p. 502). Escreveu:

- *Letras simbólicas, e sibyllinas: obra de recreação e utilidade chêa de erudição sagrada, e profana de notícias antigas e modernas*, Lisboa, Oficina de Francisco da Silva, 1747; 24, 544 p.; 30 cm (BNP, L. 62101 V.).<sup>39</sup> Ver o autor no cap. 4.1.

**Roberto Guilherme Woodhouse Barreto de Lencastre** (1828-1876). Nasceu e faleceu no Porto. Embora tivesse sido educado pela mãe na religião anglicana, converteu-se ao catolicismo. Toda a sua obra é fundamentada na Bíblia e na Tradição.<sup>40</sup> Escreveu:

- *O Naturalismo ou o Dogmatismo applicado à Sciencia*, Porto, Typ. de A. J. da Silva Teixeira, 1875; em 8.º (BNP, S.A. 37 V.).
- *Resposta aos detractores e mofadores da religião e dos seus ministros...*, Porto, Typ. Manoel José Pereira, 1872; 14 p.; 20 cm (BNP, R. 32706 P.).
- *A sciencia hodierna e o dogma christão ou considerações breves sobre as principaes objecções levantadas contra o christianismo pelos pseudo-sábios dos nossos dias...*, Porto, Livraria Internacional, 1875; 98 p.; 21 cm (BNP, R. 3513 V.; CBAP, n.º 2277). Ver o autor no cap. 4.1.

**Serafim da Conceição**, Frei, OCD (1734-1814). Era natural de Vila Real, Trás-os-Montes (Inocêncio VII, p. 255). Escreveu:

- *Novo pároco instruído nas matérias morais para o exame sinodal*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1816; 426 p.; 15,5x10,5 cm (BSEA; BOCD).

<sup>37</sup> Rodrigues, A Cátedra (1640-1910), p. 130.

<sup>38</sup> MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal (A-C), p. 95.

<sup>39</sup> Nesta obra, o autor tenta explicar a simbologia cabalística.

<sup>40</sup> Sobre o autor, ver PINHARANDA GOMES, J., *Roberto Guilherme Woodhouse (1828-1876). Resposta aos detractores e mofadores da religião e dos seus ministros*, em Lusitania Sacra 1, 2.ª Série, 1989, p. 149-177.

- *Opúsculo da Bulla da Santa Cruzada, Portuguesa, Vindicada e Illustrada*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1812; 2 partes num vol.; 15 cm (BNP, S.C. 5450 P.). Ver o autor nos cap. 10.6 e 14.

**Silvestre Pinheiro Ferreira** (1769-1846). Era natural de Lisboa. Recebeu formação na Congregação do Oratório, onde ingressou com 14 anos, com destino à vida eclesiástica. Estudou aí Humanidades com bom aproveitamento, dando provas de grande talento. De seguida, abandonou a Congregação e Portugal, a bordo de um navio holandês, e foi para Londres e Paris. Mais tarde, regressou ao seu país, onde desempenhou vários cargos políticos (Inocência VII, p. 259-273). Da temática que nos ocupa, típica destes séculos, escreveu:

- *Théodicée ou Traité Élémentaire de la Religion Naturelle et de la Religion Révélée par le Commandeur Pinheiro-Ferreira Ministre d'État Honoraire Membre de l'Académie des Sciences de Lisbonne Correspondant de l'Académie des Sciences Morales et Politiques de l'Institut de France, de l'Académie de Stanislas de Nancy, de la Société Littéraire et de l'Institut Historique de Rio-de-Janeiro, etc., etc.* [Manuscrito], Lisbonne, 1845; 5 fol., 316 p.; 32 cm (BNP, Cod. 13452).<sup>41</sup>

**Teodoro de Almeida, Pe., CO** (1722-1804). Foi sacerdote católico, escritor e filósofo português, uma das figuras mais expressiva do iluminismo em Portugal. Era antijansenista assumido (Inocência VII, p. 305). Escreveu:

- *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna, Ou Arte de viver contente em quaesquer trabalhos da Vida, Dedicado a Jesu Crucificado...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1779; com licença da Real Mesa Censória e Privilégio Real; 3 vol.: 347, 307 e 346 p.; 17x10,5 cm (DB: vol. I; FacFil).
- *Ib.*, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1786; 13x7 cm (BUA, RS/A-18-101V.1.2ed; BSEA).<sup>42</sup>
- *Nova edição*, Lisboa, Tip. de José Baptista Morando, 1844; 2 vol. (BNP, L. 11707 P. - 11708 P.). Ver o autor no cap. 10.2.

### Autores anónimos

- *Divinae Fidei Analysis seu de Fidei Christianae resolution*, Paris, J. Barbou, 1767; Editio novissima; 2 vol.; 420 p.; 18x10 cm (BNP, TR. 2237 P.; BSEA).
- *Elementos de História eclesiástica... desde o nascimento de Jesus Christo até o*

<sup>41</sup> Obra traduzida por CUNHA, Rodrigo S., *Teodiceia ou Tratado Elementar da Religião Natural e da Religião Revelada*. Silvestre Pinheiro Ferreira, Lisboa, INCM, 2005; Coleção Pensamento Português; 344, 5 p.; 24 cm (BNP, R. 23040 V.).

<sup>42</sup> Obra de caráter científico que o seu autor dedicou a Cristo crucificado.

*Pontificado de Pio VI...*, Porto, Officina de Pedro Ribeiro França, 1795; 4 vol.; 15 cm (CBAP, n.º 718).

— *Elementos de Historia, livro VI que contém as monarchias antigas, que são as que florecerão antes do nascimento de Cristo*, s. l., s. d.; sem folha de rosto; 327, 2 p.; 20 cm (CBAP, n.º 719).

- *Géographie Sacrée et Historique: de l'Ancien et du Nouveau Testament...*, Paris, Chez Durand, 1747; 3 vol.; 17 cm (BNP, H.G. 1030 P. - 1032 P.).

### Tradutores anónimos

- *Tratado da existência e dos atributos de Deus*, Tip. Manuel de J. Coelho, 1843; autor: Fénelon; 420 p.; 14x9 cm (BSEA).
- *Deus é sempre o mesmo*, Porto, Imprensa Civilização, 1881; autor: Conrade Bolanden; 55 p.; 16x11 cm (BSEA).
- Traduzido do francês: *Espírito do Cristianismo, ou Conformidade do Christão com Jesus Christo*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1773; 355 p.; 16x10 cm (BSEA).
  - 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1782; 16, 326, 7 p.; 15 cm (BNP, R. 26630 P.; CBAP, n.º 741).
- *O sacerdócio eterno*, Londres, Granville Masions, 1887; autor: Eduardo Manning Henrique; trad. do inglês por um Terceiro da Ordem do Carmo; 23, 379 p.; 18,5x12,5 cm (BSEA).
- *Guia do Párocho no Exercício do seu Ministério ou Manual Completo das Obrigações, Direitos e Privilégios dos Párochos*, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira, 1866; autor: Jean Baptiste Massillon (1663-1742); 4, 283 p.; 17 cm (CBAP, n.º 1335; BME, JHT1857).
  - 2.<sup>a</sup> edição revista e aumentada por Francisco da Silva Figueira, Lisboa, Liv. de A. M. Pereira, 1875; 303 p.; 17x12 cm (BSEA).
- *Teologia moral para uso dos párocos, e mais sacerdotes*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1771-1775; autor: Antoine Godeau; 3 vol.; 16 cm (BNP, R. 15313 P. - 15314 P.).
- *Ciência da Salvação ou princípios sólidos das obrigações mais importantes da religião. Tirados dos ensaios de Moral de Mr. Nicole*, Lisboa, Oficina Luisiana, 1781; autor: Pierre Nicole (A Tradução em Portugal, 1382).
- *Dissertação sobre o estado religioso em que se mostra qual he o seu espírito, qual a sua origem, os seus progressos, os serviços que tem feito à Igreja e à sociedade...*,

Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1786; 16, 319, 2 p.; 15 cm (BNP, H.G. 2343 P.; BSEA; A Tradução em Portugal, 1633).

- *Reflexoens christans e políticas sobre o estado religioso oferecidas ao Marquês de...*, Lisboa, Real Oficina Typ., 1787 (A Tradução em Portugal, 1685).
- Traduzido do francês: *Os séculos cristãos, ou história do christianismo no seu estabelecimento e progressos...*, Lisboa, Typographia Rolandiana, 1780-[178-?]; autor: Abade Ducreux (?-1785); 9 vol.; 19 cm (BNP, H.G. 1477 P. - 1485 P.; BCM, 2A9-01/11; CBUA, RS/A-18-118V.1).
  - 2.<sup>a</sup> edição correcta e emendada, ib., mesmo impressor, 1792-18-- (BPH: t. 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10 e 11).
  - *Suplemento aos séculos cristãos*, Porto, Oficina António Álvarez Ribeiro, 1799-1806; 2 vol.: 8, 426, 2; 4, 434 p.; 19 cm (BNP, H.G. 1394 P. - 1395 P.).
- *Onde estamos?: Estudo sobre os acontecimentos da actualidade:1870 e 1871*, Lisboa, Livraria Catholica, 1872; enc. com outros na BPH; autor: Jean Joseph Gaume (1802-1879); 15, 303 p.; 19 cm (BNP, R. 25245 P.; BPH).<sup>43</sup>
- *Explicação histórica dogmática, moral, litúrgica e canónica do Catecismo com a resposta às objecções extrahidas das Sciências contra a Religião*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardon; Braga, Livr. Internacional de Eugénio Chardon; Rio de Janeiro, B. L. Garnier - A. A. Lopes do Couto, 1874-1875; autor: Abade Ambroise Guillois; trad. da 12.<sup>a</sup> ed. de Paris; 4 vol.; 22 cm (BNP, R. 913 P. - 916 P.; BJPII: vol. 2 e 4).
- *Eclesiasticae Historiae Breviarium. Editio novissimae*, Bassani, Ap. Remondini, 1784; Pars. 1.<sup>a</sup>, 303 p.; 18x12 cm (BSEA).

## Igreja Católica

- *Index librorum prohibitorum sanctissimi domini nostri Benedicti XIV Pontificis Maximi jussu recognitus, atque editus*, Romae, Ex Typographia Rev. Camerae Apostolicae, 1758; LVI, 320 p., 1 folha de estampa (CMVIS, 365).

## Bibliografia

ABELLY, Louis, *Medulla theologica ex S. Scripturis, conciliorum pontificumque decretis, et Sanctorum Patrum ac doctorum placitis expressa... Pars prima. Editio octava et postrema ab ipso authore emendata, et quamplurimis capitibus et sectionibus aucta: adjunctis etiam variis indicibus, necnon methodica catechesi, ex*

<sup>43</sup> O cap. XIX da obra intitula-se “Em que estado se acha a Europa”.

- ipsius medulla theologicis effectis concinnata*, Lião, Claudius Galbit, 1682; 36, 614 p. (CMVIS, 346).
- Bibliotheca Criticae sacrae circa omnes qui Sacrorum librorum difficultates...*, Lovaina, 1704; 4 vol.; in-fol. (BPE, S.L. E 31-C.9).
- Bibliothèque Janséniste...*, Bruxelas, 1744; 2 vol. (BPE, S.L., E. 62. C. 2).
- CALEPINUS, Ambrosius, *Septem Linguarum, hoc est, Lexicon Latinum... Editio Nova*, Patavii, 1772; 2 vol. (BPE, Manizola Reg. 13690-91).
- CHEYNA, T. K., e BLACK, J. Sutherland (ed. lit.), *Encyclopaedia Biblica: A Critical Dictionary of the Literary Political and Religious History. The Archeology, Geography and Natural History of the Bible*, London, Adam & Charles Black, 1899-1907 (BJPII, 22(03)=20 EB-CHE).
- CORNELY, Rudolf, *Historica et critica introductio in U. T. Libros Sacros. Praelectiones quas in germania, in collegio B. M. V. ad lacum et Romae, in Universitate Pontificia Gregoriana, habet Rudolphus Cornely*, Parisiis, P. Lethielleux, 1885-1887; 3 vol. (BNP, R. 9456 V. - 9458 V.).
- , *Introductio in M. T. Libros Sacros*, Parisiis, Sumptibus P. Lethielleux, 1885-1887; 2 vol. (BNP, R. 10695 V. - 10696 V.).
- , *Manuel d'Introduction à toutes les Saintes Écritures par les Rr. Pp. Cornely et Merk, S. J.; seule traduction autorisée, faite sur la neuvième édition latine par Labbé Ph. Mazoyer et revue par les soins du R. P. Merk, S. J.*, Paris, P. Lethielleux, 1930; 2<sup>e</sup> édition revue; 2 vol.: XII, 706 e 611, 8 p.; 21 cm (BNP, R. 22949 P).
- , *Historicae et Criticae Introductionis in U. T. Sacros Compendium S. Theologiae Auditoris Accomodatum...*, Paris, P. Lethielleux, 1925; 752 p.; 25x16 cm (BSG).
- Dissertação sobre a autoridade das nações em os bens ecclesiásticos segundo o espírito invariável da Igreja e os princípios inconcussos do Direito público*, Baía, Typografia da Viúva Serva, e Carvalho, 1821; 4, 42 p.; 19 cm (CBAP, n.º 682).
- DRIVER, Samuel Rolles, *An introduction to the literature of the Old Testament*, 1897 (BJPII).
- FEYERABEND, Karl (compil.), *A Complete Hebrew-English Pocket Dictionary to the Old Testament*, Berlin-Schoeneberg [etc.]: Langenscheidtsche Verlagsbuchhandlung, [19--?]; 10, 392 p.; 16 cm (BJPII, 221(03)=924 FEY).
- FRANZELIN, Joannes Baptista, SJ (1816-1886), *Tractatus de Divina Traditione et Scriptura*, Romae, Typ. S.C. de Propag. Fide Taurini, Apud Petrum H. F. Marietti, 1870; 642 p.; 23 cm (BJPII, 231.742 FRA).

- HASTINGS, James, *Dictionary of the Bible: dealing with its language, literature and contents: including the biblical theology*, 1898 (BJPII).
- HUMMELAUER, Francisco de, *Commentarius in Exodum et Leviticum*, Parisiis, Sumptibus P. Lethielleux Editoris, 1897; 8, 552 p.; 25 cm (BJPII).
- LAURENS, Hippolyte, *Morale de la Bible, divisée en deux parties, contenant les principales maximes de l'Ancien et du Nouveau Testament suivies d'un choix alphabétique des ces maximes sur divers sujets de morale et d'une table indicative des textes*, Paris, Libr. de Poussielgue-Rusand, 1835; VIII, 467 p.; 21 cm (BJPII, 241 LAU).
- LOUREIRO, Marlene, *A descrição das partes da oração na primeira gramática portuguesa para o ensino feminino*. Textos seleccionados. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, p. 340-359.
- MERZ, Philippo Paul, *Thesaurus Biblicus, hoc est Dicta, Sententiae, et Exempla Ex Ss. Bibllis Collecta...*, Venetiis, Sumpt. Foresti et Bettinelli, 1818; Editio quinta (BNP, R. 361 V.).
- , Paris, Sumpt. et Typis P. Lethielleux Editoris, 1897; é um temário bíblico com as respetivas citações (DB).
- PIROT, Louis, *Dictionnaire de la Bible – Supplément, contenant les noms de personnes, de lieux, de plantes, d'animaux mentionnés dans les Saintes Écritures, les questions théologiques, archéologiques, scientifiques, critiques relatives à l'Ancien et au Nouveau Testament et des notices sur les commentateurs anciens et modernes...*, Paris, Letouzey et Ané ed., I-XIII, 1928- [DBS].
- PONT, Félix Amat de Palou y (1750-1824), *Ecclesiae Jesu Christi Summarium Historicum...*, Conimbricae, ex Typ. Academico-Regia, 1832; 2 vol.; 21 cm (BNP, H.G. 15246 P. - 15247 P.; CBAP, n.º 88).<sup>44</sup>
- SANTOS, Zulmira C., *Para a História da Educação feminina em Portugal no século XVIII: a fundação e os programas pedagógicos das Visitandinas*, Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos, Porto, FLUP, 2004, p. 985-1001.
- , *Percursos e formas de leitura feminina na 2.ª metade do século XVIII*, em Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Culturas, volume XIX, p. 71-110.
- SANTOS, Zulmira C., e QUEIRÓS, Helena, *Letras e Gestos. Programas de Educação feminina em Portugal. Sécs. XVIII-XIX*, em Via Spiritus 19, 2012, p. 59-122.

<sup>44</sup> Este autor era um bispo catalão de mentalidade jansenista, tio de Félix Torres i Amat de Palou. A sua obra foi importante para o estudo da História da Igreja e, provavelmente, utilizada pelos estudantes da Universidade de Coimbra, pelo que foi aí editada.



- VIGOUROUX, F., *Dictionnaire de la Bible, contenant les noms de personnes, de lieux, de plantes, d'animaux mentionnés dans les Saintes Écritures, les questions théologiques, archéologiques, scientifiques, critiques relatives à l'Ancien et au Nouveau Testament et des notices sur les commentateurs anciens et modernes... avec le concours de collaborateurs*, Paris, Letouzey et Ané ed., 1895-1908; 4 vol. (BNP, TR. 1869 V. – 1872 V.).
- , *Le Nouveau Testament et les Découvertes Archéologiques Modernes*, Paris, Berche et Tralin, 1890; VII, 438 p.; 20 cm (BJPII, 225 VIG).

## Conclusões

1. Podemos dizer que as *Ciências Eclesiásticas* são já o resultado dos capítulos anteriores; isto é, os estudos científicos vão pôr em marcha um processo bastante moroso, mas que vai provocar as ideologias religiosas de então e causar crises na Igreja: é o capítulo da *Controvérsia*, por um lado, e o da *Apologética*, por outro. O certo é que estes confrontos com as ideologias religiosas ou políticas vão chegar a um tal consenso que as hipóteses científicas se transformam em teses científicas e, no nosso caso, em *Ciências Eclesiásticas*. Esta é a sequência lógica dos cap. 6 a 9.

2. Este capítulo é já bastante extenso com 73 autores portugueses e 253 obras. Mas esta constatação é apenas uma amostra do que acontecia sobretudo na Europa Central, mais desenvolvida, cultural e eclesialmente. Quisemos mostrar algumas dessas obras europeias, colocando-as na bibliografia deste capítulo.



## Capítulo 10

### Bíblia e espiritualidade

A expulsão dos Jesuítas, por ordem do Marquês de Pombal (1759), juntamente com o corte de relações com a Santa Sé (1760), provocou um certo espanto em toda a Europa de Setecentos. Esta crise não tem origem no anticlericalismo de Pombal e do seu governo, mas a sua gestação vem precisamente de um movimento de espiritualidade reformista da Igreja chamado *Jacobeia*, conduzido por Frei Gaspar da Encarnação, a partir da igreja da Graça em Coimbra, na qual nasceu esse movimento.<sup>1</sup> Teve também em Frei Francisco da Anunciação um dos seus principais mentores. Este movimento espiritualista teve o condão de criar mais uma crise a nível político-social e mesmo eclesial em Portugal.

Com estas palavras de introdução, queremos apenas afirmar que os séc. XVIII-XIX, apesar de serem tempos de crise profunda a vários níveis (espiritual, científico, eclesial, moral, político, ecuménico...), foi também uma época de profunda vida espiritual. Apesar de todas estas crises, mais ou menos graves, a Igreja arrancou forças interiores para transformar estas crises em profunda vida espiritual, mesmo mística, em vários setores da sociedade e da própria Igreja.

Uma novidade neste ressuscitar de forças espirituais aconteceu no ambiente laical, como temos ocasião de notar em vários capítulos deste volume.<sup>2</sup> É a espiritualidade laical de muitos cristãos que tem a capacidade de fermentar uma sociedade em crise de fé e, frequentemente, mesmo adversa ao cristianismo. Deste modo, podemos concluir – sem cair na dinâmica histórica de Hegel – que, tanto na Igreja como na sociedade, a partir de uma crise, irá surgir um tempo novo, melhor que o anterior.

---

<sup>1</sup> O nome de batismo de Dom Frei Gaspar da Encarnação é Gaspar Moscoso da Silva. Professou a regra de São Francisco no Seminário do Varatojo, onde foi guardião e mestre de noviços. Exerceu vários cargos ao serviço do rei D. João V, como por exemplo, a reforma dos cruzios e de outras congregações. Foi ainda o educador dos *Meninos de Palhavã*, filhos naturais do mesmo rei.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, vol. 1, n.º 10: Congresso dos leigos do Porto e a imprensa católica orientada e assegurada pelos leigos.

Como se trata de um capítulo muito longo, já que tem uma tipologia muito variada, para facilitar a leitura, vamos apresentá-lo segundo os seguintes itens:

- 10.1. *A Jacobeia*, movimento espiritual setecentista
- 10.2. Espiritualidade em geral
- 10.3. Espiritualidade mística
  - 10.3.1. O Cântico dos Cânticos, o grande livro da espiritualidade mística
- 10.4. Espiritualidade eucarística
- 10.5. Espiritualidade da Paixão de Cristo
- 10.6. Espiritualidade penitencial
  - 10.6.1. Espiritualidade do “Contemptus mundi”
- 10.7. Espiritualidade mariana
- 10.8. Espiritualidade devocional
- 10.9. Espiritualidade dos “Últimos fins”
- 10.10. Espiritualidade da “Literatura de espelho”

### **10.1. *A Jacobeia*, movimento espiritual setecentista**

Este movimento surge nos fins do séc. XVII, portanto, antes da época referente a este volume, e foi muito divulgado pelos Franciscanos do convento de Varatojo. Era um movimento bastante fechado, que incluía religiosos, mas também alguns leigos, cujo objetivo era refletir nos modos e caminhos de renovação da Igreja. Começou a divulgar-se a partir de 1680. Por isso, atingiu muitas comunidades religiosas de vida ativa e contemplativa, assim como grupos laicais.<sup>3</sup>

O programa destes homens e mulheres espirituais pretendia fundamentalmente a reforma da vida cristã dos seus associados, procurando adequar a vida evangélica à sociedade do seu tempo. Concretamente, tal programa incluía exercícios espirituais, oração mental quotidiana, exame de consciência, participação nos sacramentos, sobretudo na confissão sacramental; mas os confessores eram escolhidos com certo rigor, para sintonizarem com a vida espiritual dos penitentes. Igualmente, eram-lhes muito caros os estudos de Teologia Moral, História da Igreja e Liturgia, assim como a pregação de cariz escatológico.

---

<sup>3</sup> Sobre este movimento, veja-se o bom trabalho de COSTA, Elisa Maria Lopes da, *A Jacobeia – achegas para a história de um movimento espiritual no Portugal setecentista*, em Arquipélago. História, Revista da Universidade dos Açores; 2.<sup>a</sup> série, XIV-XV, 2010-2011, p. 31-48; com muita bibliografia.

O termo *Jacobeia* parece ter vindo de um agostiniano do Colégio da Graça, de Coimbra, Frei Jerónimo ou Manuel de S. Tiago / Jacobo, que chamava *Jacobeia* a um espaço escondido e reservado à oração e diálogo com Deus. Tratava-se, portanto, de um movimento algo semelhante ao movimento francês de Port-Royal, pelo seu rigorismo moral; mas a *Jacobeia*, em si mesma, não tinha características jansenistas, como era o caso do referido movimento francês. O nome de *Jacobeia* veio também do facto das reuniões do grupo terem lugar no cimo de uma escada que recordava, simbolicamente, a *Escada de Jacob*, em que havia um movimento de vaivém entre o Céu e a Terra (Gn 28,10-22).

Passou, seguidamente, a ter o sentido de uma espiritualidade reformadora das Ordens religiosas, de leigos e mesmo de bispos. Uma das suas características era a preferência pelo canto gregoriano, em lugar da música polifónica, a Teologia Moral, em vez da Teologia Dogmática. Numa palavra, era uma espécie de ascetismo com um carácter moral muito vincado, também para exemplo de um mundo que começava a paganizar-se. Nos seus sermões, estavam sempre bem presentes a morte, o juízo final, a fragilidade humana, o pecado, etc.

O ascetismo e o misticismo deveriam ter precedência sobre a Teologia Especulativa. O seu “manual” eram os trinta princípios, chamados *Máximas*, da autoria de Frei Francisco da Anunciação, OSA (1669-1720), grande mentor da *Jacobeia*, no seu livro *Vindícias da Virtude*, Lisboa, 1725s. Frei Manuel de Deus, OFM (1696-1730), foi outro dos mentores deste movimento, insistindo na oração mental, no seguimento do padre Bartolomeu de Quental. Este místico pode mesmo estar na origem remota da *Jacobeia*, que insistia sobretudo na renovação da vida religiosa comunitária, exigindo uma reforma urgente, no seguimento do concílio de Trento.

Deste modo, a reforma dos indivíduos levaria à reforma das instituições e de toda a sociedade em geral. O problema estava nos critérios de virtude e de cristianismo, já que eles julgavam-se os bons, os puros, enquanto os demais eram vistos como pecadores. No entanto, grande número de bispos nacionais, no Brasil ou no Oriente tornaram-se reformadores do clero e das suas dioceses em geral. A *Jacobeia* cresceu de tal modo que obteve a benevolência do próprio D. João V, podendo mesmo classificar-se como protetor deste movimento espiritual.<sup>4</sup>

Entretanto, a sua rigidez levou-os a serem alvo de calúnias, inclusive a de violarem o segredo da confissão. As acusações de *sigilismo*, a maior parte das vezes injustas e infundadas, levaram Pombal a “obrigar” o Patriarca de Lisboa a publicar uma excomunhão, *ipso facto*, para os confessores da sua diocese que

<sup>4</sup> AZEVEDO, Ferdinand, *Padre Teodoro de Almeida: Um Oratoriano no Iluminismo Português*, Brotéria 109, 1979, p. 301.

violassem tal segredo; e a 6 de maio de 1745, a Inquisição publicou um edital que excomungava *latae sententiae* todos aqueles que, sabendo do abuso do sigilo da confissão, o não denunciassem. Isso dava azo a inúmeras injustiças, porque os denunciadores não tinham que provar as acusações que faziam.<sup>5</sup>

Finalmente, o papa Bento XIV, a pedido de algumas instâncias eclesiásticas e políticas, promulgou o Breve *Suprema omnium*, a 7 de julho do mesmo ano, proibindo a indagação dos eventuais cúmplices dos penitentes durante a confissão. Aliás, Pombal também utilizou, à falta de outros melhores, o argumento do *sigilismo* contra os Jesuítas e mesmo contra os Oratorianos, em 1759.<sup>6</sup> Qualquer arma lhe servia para atacar um inimigo previamente visado. Segundo ele, o grande “crime” dos jacobeus era a fidelidade ao Papa. Com a prisão exemplar do bispo de Coimbra, Dom Miguel da Anunciação, a *Jacobeia* ficou sem o melhor protetor e defensor. A causa da sua prisão, no forte de Pedrouços, foi uma circular dirigida aos seus fiéis de Coimbra a preveni-los contra certos livros que circulavam na Universidade. Enviou-a manuscrita para fugir à Real Mesa Censória, que bem conhecia...

Estas decisões revoltaram muitos bispos e superiores de Ordens religiosas, por verem falhada ingloriamente a reforma da Igreja tão almejada. Muitos deles eram abertamente apoiantes da *Jacobeia*, não pelas ideias em si mesmas, mas por uma bela oportunidade perdida para a reforma da Igreja. Pombal teve medo que a *Jacobeia* assumisse um cariz político-partidário, que lhe fizesse frente, e acabou com ela antes que fosse tarde de mais, acusando-a do crime de *sigilismo*... como fez com os Jesuítas. Deste modo, a *Jacobeia*, preso o seu guia, D. Miguel da

<sup>5</sup> Chamou-se *sigilismo* à pretensa relação do segredo que os confessores obtinham do penitente durante o sacramento da confissão. Esta acusação veio certamente do rigor com que os clérigos deste movimento agiam neste sacramento. Vários bispos aderiram a este movimento reformador (veja-se SOUZA, Evergton Sales, *D. Frei António de Guadalupe, um bispo Jacobeu no Rio de Janeiro (1725-1740)*, em *Via Spiritus*, n.º 22, 2015, p. 137-165.

<sup>6</sup> MARCADÉ, J., *Les Courants Religieux au Portugal au XVIII<sup>e</sup> siècle*, em *Histoire du Portugal, Histoire Européenne*, Actes du Colloque, 22-23 mai, Paris, 1986, FCG, Centro Cultural Português, Paris, 1987, p. 150. Sobre o sigilismo, ver a obra de SILVA, Frei António Pereira da, *A questão do sigilismo em Portugal, no século XVIII. História, Religião e Política no reinado de D. João V e D. José I*, Braga, Editorial Franciscana, 1964; 558 p.; 25 cm (BNP, S.C. 23658 V.). O papa Bento XIV condenou o sigilismo, pelo Breve *Suprema omnium Ecclesiarum* de 7 de julho de 1745 (ver Denzinger, o. c., n.º 2543-2544). Sobre o mesmo tema, existem dois sermões impressos, em 1746, dedicados a São João Nepomuceno, protomártir do sigilo, onde rigoristas e Jesuítas se confrontavam em tom estremado na defesa do segredo da confissão. Os seus autores são o cônego regente D. Joaquim de Santa Ana Bernardes e o agostiniano Frei Filipe de Oliveira (1708-1755). O sermão deste último encontra-se na BNP (cota: R. 24340/10 P.).

Anunciação, nem sequer teve tempo de argumentar para se defender das acusações do governo de Pombal.<sup>7</sup>

D. Miguel da Anunciação ficou preso 8 anos, mesmo depois de instado pelo papa Clemente XIV a renunciar ao cargo, a fim de ser nomeado outro bispo. Foi declarado inocente pela rainha D. Maria I e libertado a 25 de fevereiro de 1777, mas ninguém sabia onde ele se encontrava senão o Marquês (Forte de Pedrouços). De regresso à sua cidade (Coimbra), foi homenageado por todo o povo por onde passava e manteve-se à frente da sua diocese até à morte.<sup>8</sup> Outros bispos não tiveram a mesma coragem de Dom Miguel da Anunciação. De outro modo, as coisas teriam corrido de maneira diferente.

Assim morreu, quase à nascença, este movimento espiritual dos séc. XVII-XVIII, cujo objetivo fundamental consistia na renovação espiritual e moral, a fim de corrigir a relaxação dos costumes e a superficialidade a que tinha chegado a vida religiosa em Portugal, sem esquecer o despojamento, a prática da oração mental, a penitência, o regresso à vida mística clássica e à oração mental. Se este movimento sobrevivesse, talvez se tivesse evitado a tragédia da extinção

<sup>7</sup> Com a ascensão ao poder do Marquês de Pombal, travou-se uma luta sobre qual dos dois poderes deveria intervir em assuntos como este: o poder civil ou o religioso. O Marquês não esteve com meias medidas e, em 1760, cortou relações com a Santa Sé, criando, em 1768, a Real Mesa Censória, para substituir a Inquisição. Aquela era, agora, a inquisição do Estado, em vez da da Igreja. O Marquês, como era próprio do regalismo do seu tempo, não admitia que a Igreja e as suas organizações e mesmo pessoas ficassem fora da autoridade do Estado. Por outro lado, achava inadmissível que um Estado estrangeiro – o Vaticano – tivesse intervenções legais noutro Estado. Outro decreto de Pombal, em 1767, suprimia a “Academia Litúrgica Pontifícia” de Coimbra e outros desmandos, até que foi enfrentado pelo bispo de Coimbra, Dom Miguel da Anunciação, que era, nessa altura, o presidente da Jacobeia: emanou uma pastoral, interditando, para os fiéis da sua diocese, uma série de obras que defendiam as novas ideias regalistas de Pombal, sobretudo de Voltaire e de outros autores franceses. Isto aconteceu em 1768. O resultado foi a prisão do bispo, por ordem de Pombal, acusado de conluio secreto, com o apoio dos Jesuítas. E a 8 de abril de 1769, a Real Mesa Censória – com a assinatura de Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas e de Frei Inácio de São Caetano (logo a seguir promovidos ao episcopado) – condenou o bispo ao cárcere por ter dito mal (na sua pastoral) do “ortodoxo” Daupin e do “sábio” Febrônio, por ser chefe dos Jacobeus e, sobretudo, por atentar contra a autoridade da Real Mesa Censória. De entre outras medidas que se seguiram, Pombal mandou expulsar da Universidade de Coimbra, tanto professores como alunos, por suspeita de pertencerem à Jacobeia. Mais tarde, fará exatamente o mesmo com os Jesuítas, dando ordens para eliminar todos os resquícios de “jesuitismo” na Universidade. Assim, podia manipular melhor as ideias dos presentes e futuros estudantes. Copiou, assim, a técnica da Inquisição, mas com maior rigor e sem possibilidades de defesa no tribunal, o que acontecia com a Inquisição.

<sup>8</sup> LAVAJO, Joaquim Chorão, *D. Fr. Miguel de Távara no contexto eclesial e político do seu tempo*, em *Eboresia* 35, 2005, p. 115-142; neste artigo, o autor afirma que Dom Frei Miguel de Távara, arcebispo de Évora, estava também ligado à Jacobeia, mas numa pastoral, proíbe a revelação do sigilo da confissão (ver cap. 7.2.).



das Ordens religiosas de 1834. Como movimento perseguido, ninguém escreveu obras sobre o seu estatuto ou espiritualidade. Os bibliógrafos, mais tarde, encarregaram-se de escrever alguns pequenos tratados ou artigos sobre a Jacobeia.

### Bibliografia

- CARVALHO, José Adriano Freitas de, *As instruções de D. Francisco de Portugal, Marquês de Valença, a seus filhos: Um texto para a Jacobeia?*, em *Península*, Revista de Estudos Ibéricos 1, Porto, 2004, p. 319-350.
- CASTRO, Zília Osório de, *Jacobeia*, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, (J-P), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2001, p. 5-7.
- CONCEIÇÃO, Frei José Manuel da, OFM (1714-1767). Pregou um sermão antijacobeu:
- , *Sermão da 4.<sup>a</sup> Domingo de Quaresma, pregado por Fr. José Manuel da Conceição, em S. Bartholomeu de Coimbra*, 1746. Aí satiriza os jacobeu, especialmente o Reitor do Colégio de S. Pedro, o Dr. Joaquim José Pimenta, seu prelado (BPE, Cod. CVII/1-9).<sup>9</sup>
- COSTA, Elisa Lopes da, *Nótolas para o estudo da Jacobeia*, Bracara Augusta 43, 94/95, Braga, 1991-1992, p. 375-407.
- ENES, Maria Fernanda D. T., *O Movimento da Jacobeia: seu significado e suas implicações*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1985.
- FONSECA, Fernando Taveira da, *D. Miguel da Anunciação: Um Homem no seu tempo*, em *Estudos Teológicos*, ISET, Coimbra, ano 20, 2016, p. 109-133.
- LAVRADOR, João E. Pimentel, *Pensamento Teológico de D. Miguel da Anunciação, bispo de Coimbra (1741-1779) e renovador da diocese*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1995.
- SILVA, Frei António Pereira da, OFM, *A Jacobeia, movimento de renovação da Igreja em Portugal no século XVIII*, em *Sep. de Estudos Teológicos: Actas da III Semana Portuguesa de Teologia*, realizada em Lisboa, no Colégio Universitário Pio XII de 24 a 28 de setembro de 1963; 14 p.
- , *Jacobeia, Sigilismo e Constituições de Bento XIV sobre a indagação dos cúmplices dos penitentes na confissão*, em *Itinerarium*, ano V, Braga, 1960, p. 196-220.

### 10.2. Espiritualidade em geral

Apresentamos aqui os autores e as respetivas obras de tipologia espiritual que julgamos não se inserirem noutras mais específicas, que virão a seguir.

<sup>9</sup> Segundo Inocêncio, era natural de Lagos e lente de Teologia no convento de Santarém (IV, p. 9).

**Afonso dos Prazeres**, Frei, OSB / OFM (1690-1759). Era natural de Penamacor e foi batizado com o nome de Afonso Furtado de Mendonça. Professou na Ordem de São Bento, em 1713, vindo, passados 14 anos, a mudar-se para a Ordem Franciscana, tendo vivido no Seminário do Varatojo. A sua presença no púlpito e confessional era contínuo, devendo-se aos seus conselhos admiráveis transformações em pessoas de diversos estados (Barbosa I, p. 49-50; Inocêncio I, p. 12); deixou-nos tratados ascético-apologéticos:

- *Máximas Espirituaes, e directivas para instrução mystica dos virtuosos, e defesa Apostólica da virtude fabricadas à luz da razão natural, estabelecidas na verdade da Sagrada Escritura, e confirmadas com as doutrinas dos Santos Padres*. Tom. I, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1737; em 8.º; tom. II, ib., António Isidoro da Fonseca, 1740 (BPNM, 2-13-9-6).  
— 2.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1739-1740; 2 vol.; 21 cm (BNP, TR. 3495 V.).
- *Consultas espirituais, em que, conforme a verdadeira Teologia Mystica e Moral, se responde às mais frequentes dúvidas que ocorrem na vida do espírito; Offerecidas a Cristo Crucificado por... indigno Missionário Apostólico do Seminário de Varatojo*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1745; 20, 452 p.; 20 cm (BPNM, 2-13-9-8; CBAP; n.º 1739). Ver o autor no cap. 10.6.

**Agostinho de Santa Maria** - 2, OESA (1642-1728). Nasceu em Estremoz da província do Alentejo. O seu nome de batismo era Manuel Gomes Freire. Foi prior do convento de Évora, secretário da Província, definidor três vezes e, por fim, Vigário Geral de toda a sua Ordem (Barbosa I, p. 69-71; Inocêncio I, p. 39). Escreveu:

- *Celeste, e devota Filotea, e tesouro de espirituais riquezas de santos exercícios com que as almas devotas podem crescer muito nas virtudes, e no amor, e devoção de Jesus, e de Maria*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1721.  
— Ib., mesmo impressor, 1727; 20 cm (BNP, R. 27356 P.).
- Traduziu do latim: *O caminhante christão que dirige a sua jornada à pátria espiritual*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1721; autor: Pe. Jacob Merostio; em 12.º (BNP, R. 25443 P.; A Tradução em Portugal, 516).<sup>10</sup>
- Traduziu do italiano: *O Inferno aberto para que o ache fechado, o Christão disposto em várias considerações*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1724; autor: Pe. Paulo Senheri; em 12.º (A Tradução em Portugal, 535).

<sup>10</sup> *A Tradução em Portugal* atribui a tradução da obra a Frei Francisco de Santa Maria.

- Traduziu do castelhano: *Meditações e Suspiros do Glorioso Doutor da Igreja Sancto Agostinho...*, Lisboa, José Lopes Ferreira, 1727; em 12.º (BNP, R. 419 P.; A Tradução em Portugal, 562).
- Traduziu do francês: *Desengano dos peccadores, necessário a todo o género de pessoas, utilíssimo aos missionários, e aos prégadores desenganados, que só desejão a salvação das almas...*, Roma, Oficina António Rossi, 1724; XXX, 439 p.; em 4.º (A Tradução em Portugal, 538).
  - 5.ª edição acrescentada com o *Tratado do Inferno Aberto: para que o ache fechado o Christão... seu author o M. R. Padre Paulo Senheri, da Companhia de Jesus*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1765; 511 p.; 21 cm (BNP, R. 29589 P.; Brasiliana II, 662).
- *Adeodato Contemplativo e Universidade da Oração, dividida em três classes pelas três vias, purgativa, iluminativa e unitiva*, Lisboa, Oficina António Pedrozo Galram, 1713; 21 cm (BNP, R. 23748 P.). Ver o autor nos cap. 10.6 e 10.9.

**Agostinho Ferreira, Pe.** (1709-?). Nasceu no Porto. Foi presbítero do hábito de S. Pedro (Barbosa I, p. 66). Publicou:

- *Director de Directores para o governo das almas, no qual se contém os avisos, e documentos para o governo das almas, que vão por caminho extraordinário*, Lisboa, Oficina da Congregação do Oratório, 1738; 32, 375 p.; 21 cm (BNP, R. 6083 V.).

**António Caetano do Amaral** (1747-1819). Era natural de Lisboa. Foi bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 99; VIII, p. 106). Traduziu do francês, por ordem de Frei Caetano Brandão:

- *Cartas Espirituais... sobre diversos assuntos*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1804; autora: Giovanna Francesca Fremiot Chantal; 316 p.; 17x11 cm (BSEA).
  - Ib., mesmo impressor, 1816; 18 cm (BNP, TR. 4442 P.: t. 2).
- *Vida e Regras Religiosas de S. Fructuoso Bracarense...*, Lisboa, Impressão Régia, 1805; 13, 376 p.; 30 cm (A Tradução em Portugal, 2668). Ver o autor no cap. 8.

**António Carneiro, SJ** (1662-1737). Era natural de Lisboa, onde foi admitido na Companhia de Jesus em 1676 (Barbosa I, p. 231-232). Escreveu:

- *Santuário mental...*, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1714 ; 791 p.; 15 cm (BNP, R. 28895 P.).
- *Arte de orar abreviada à instrução, com que se crião os noviços da Companhia de*

*Jesus...*, Lisboa, Matias Pereira da Silva, 1721; 24, 137 p.; 11x6 cm (BPE, S. N. 41-1).

— *Ib.*, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1743 ; 155 p.; 14 cm (BNP, R. 28981 P.; BGUC).

Contém: “De algumas considerações, com que em todos os dias da semana podemos visitar a Virgem Senhora”. Ver o autor nos cap. 10.5 e 11.1.

**António da Silva Leite** (1759-1833). Foi um músico notável (Inocêncio I, p. 270; VIII, p. 305; XXII, p. 358). Escreveu:

- *Novena do Senhor Jesus, que se venera na Igreja de S. Pedro de Miragaia*, Lisboa, [s.n.], 1818 (BNP, R. 8122//3 P.). Ver o autor nos cap. 10.6; 11.1; 12.1 e 12.2.

**António de Macedo Neto e Melo**, SJ (1702-?). Era natural de Óbidos. Estudou com os Jesuítas no Colégio de Santo Antão de Lisboa (Barbosa IV, p. 42). Escreveu, com o nome de Pe. António Metelo, a seguinte obra:

- *Preparação devota para o nascimento do Menino Deus expressada em uma novena em utilidade das almas fervorosas*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1740 (Pericão, Bibliografia, p. 408).

**António Marques Gomes** (séc. XVIII). Inocêncio diz: “Auctor incognito a Barbosa, que d’elle não faz menção” (Inocêncio I, p. 204); porém refere a seguinte obra, dizendo: “Entra na classe dos muitos livros ascéticos...”.

- *Corte Celeste, ou devoção muy agradável ao Nosso Divino Redentor, e Salvador Jesu Christo... Com additamentos de várias orações e devoções, ladainhas do Santíssimo Nome de Jesus, N. Senhora, e dos Santos*, Lisboa, Oficina dos Herdeiros de António Pedrozo Galvão, 1751; 8, 190, 2 p.; il.; 15 cm (CBAP, n.º 961).

**António de Nossa Senhora do Carmo**, Frei, OC/OSA (1689-1749). Nasceu na cidade da Baía e foi batizado com o nome de António da Cunha Brochado. Foi professo da Ordem de Cristo, mas, mais tarde, retirou-se para o claustro do Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, onde professou a 16 de julho de 1735 (Barbosa I, p. 340). Traduziu do castelhano:

- *Retiro espiritual para hum dia de cada mês: muito útil para a reforma dos costumes, e para dispor-se com huma santa vida para huma boa morte escreveu-o em francês hum Padre da Companhia de Jesus; e o traduzio de italiano em hespanhol o Mestre Joseph Altamirano...; traduzido na língua portuguesa por hum zeloso da salvação das almas, Cônego Regular da Reformada Congregação de Santa Cruz de Coimbra...*, Coimbra, Oficina de António Simoens Ferreyra, 1738; autor: Manuel José Altamirano; 14, 383 p.; 15 cm (BNP, R. 13017 P.; CBAP, n.º 1828).

— Ib., mesmo impressor, 1741; 16, 383 p.; 16 cm (BNP, R. 2008 P.; CBAP; n.º 1829).

- Novamente traduzido do francês: *Retiro espiritual para hum dia de cada mês: obra muito útil para toda a sorte de pessoas, e principalmente para aqueles, que desejão segurar huma boa morte*, Coimbra, Oficina da Academia Litúrgica, 1764; 16, 442, 6 p.; 18 cm (BNP, R. 25266 P.; BCAP; n.º 1830).

— *Nova edição mais correcta, e exacta*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1773; 14, 522 p.; 18 cm (BNP, R. 10624 P.; DB; CBAP, n.º 1831).

— *4.ª edição mais correcta e exacta*, ib., Régia Officina Typográfica, 1781; 14, 502 p.; 17 cm (CBAP, n.º 1832).

— *5.ª edição mais correcta e exacta*, ib., mesmo impressor, 1784; 502 p.; 17x10 cm (BSEA; BSG).

— *Sexta edição mais correcta, e exacta*, ib., mesmo impressor, 1795; 2 vol.; 18 cm (BNP, R. 9307 P.).

— *Oitava edição mais correcta e exacta*, ib., Oficina António Rodrigues Galhardo, 1818; 502 p.; 18x11,5 cm (BSME).

**António de Pádua e Belas**, Dom Frei, OFM (1732-1808). Era natural de Belas. Foi nomeado bispo do Maranhão em 1783, para onde partiu de seguida (Inocência I, p. 217; VIII, p. 266; XXII, p. 335). Escreveu:

- *Arte de viver em paz com os homens*, Lisboa, 1783 (BNP).
- Traduziu do francês: *Religião do coração exposta nos sentimentos que inspira a terna piedade, com breves elevações a Deus...*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1778; autor: Aiguebelles Chevalier de Lasne; 30, 368 p.; em 8.º (BNP, R. 23607 P.; A Tradução em Portugal, 1279).

— Ib., mesmo impressor, 1781; 17 cm (BNP, R. 9926 P.; BME, ATP41). Ver o autor nos cap. 8 e 14.

**António de São Francisco de Paula Cartaxo**, Frei, OFM (17??-18??). Foi lente de Teologia na sua Ordem e examinador sinodal (Inocência I, p. 263; VIII, p. 153). Escreveu:

- *Discursos Moraes e Evangélicos sobre vícios e virtudes...*, Lisboa, Oficina Patr. de Francisco Luís Ameno, 1783-1786; vol. I e II; 15 cm (BJPII, MC-684; CBAP, n.º 414).
- Vol. III, ib., Régia Oficina Tipográfica, 1789; 14,5x9,5 cm (BPH). Ver o autor no cap. 10.6.

**António dos Reis** - 1, Pe., CO (1690-1738). Era natural de Pernes (Santarém).

Foi um dos mais excelentes cultores da língua latina e um grande orador sacro (Barbosa I, p. 367-371; Inocêncio I, p. 243-245). Deixou-nos:

- *Motivos para acompanhar o Santíssimo Sacramento propostos a todos os Fiéis*, Lisboa, Oficina Ferreiriana, 1721; 16, 494 p.; 19 cm (CBAP, n.º 910). Saiu com o nome de Luís António Cardoso da Gama.

— *Nova edição mais acrescentada, e emendada com o nome de seu autor*, Lisboa, na mesma oficina e ano.

- *Vida de Maria no Ventre de Santa Anna*, Lisboa, Oficina da Congregação, 1737; autor: P. D. Luiz Novarino (A Tradução em Portugal, 663).
- Traduziu do italiano: *Vida de Christo no Ventre de Maria*; autor: P. D. Luis Novarino, Clérigo Regular; em 8.º.
- Traduziu do castelhano: *Favores de Maria Santíssima*, Lisboa, Mathias Pereira da Sylva, 1719; autor: Pe. Bernardino Villegas, SJ.
- *Duas Elegias Latinas a Nossa Senhora sobre os dous primeiros versos dos Cantares, e outras a vários assumptos*; em 4.º. Ver o autor nos cap. 9; 10.9; 14; 15 e 20.

**António Faria Barreiros** (?-?). Era natural de Lisboa. Gastou grande parte do seu tempo a traduzir livros devotos, para satisfazer a piedade de algumas pessoas (Barbosa I, p. 266-267). Temos, assim, vertido do castelhano:

- *Chave do Ceo com a qual se abrem as portas da Glória aos pecadores, e confessorário geral e Via-Sacra*, Lisboa, Bernardo da Costa de Carvalho, 1714; autor: Pe. Fr. Jayme Corella, Capuchinho; em 16.º (A Tradução em Portugal, 470).  
— Lisboa, Oficina Manuel Manescal, 1719 (BNP, R. 1794 P.; A Tradução em Portugal, 505).
- *Novena do Santíssimo Nascimento do Menino Jesus nosso Salvador distribuída pelos nove dias antecedentes à Sagrada Festa do Natal*, Lisboa, 1713; autor: Pe. Fr. Francisco Lezana Carmelita. Ver o autor nos cap. 10.9 e 13.1.

**António Joaquim Pereira** (1862-1939). Escreveu:

- *Horas de Piedade*, [S.l.], Editor José Frutuoso da Fonseca, [1884]; 5.ª edição; 315, 3 p.: il.; 12 cm (BNP, R. 28840 P.).  
— 10.ª edição, Porto, mesmo editor, 1898; 13 cm (BNP, R. 28292 P.).  
— 14.ª edição, ib., Viúva de José Frutuoso da Fonseca [1919]; il.; 15 cm (BNP, R. 26589 P.).  
— 21.ª edição, ib., mesmo impressor, 1932; 483 p.: il.; 14 cm (BNP, R. 25191 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1937; 487 p.; 14 cm (BNP, R. 28515 P.).

— 24.<sup>a</sup> edição, ib., Tip. Fonseca, 1942; 488 p.: 3 est.; 14 cm (BNP, R. 30301 P.).

**António José Viale** (1806-1889). Foi um erudito latinista e helenista. Distinguiu-se pelas suas traduções do latim, grego clássico e italiano para português (Inocência I, p. 181; VIII, p. 218; XX, p. 372). Deixou-nos:

- *Manière de vivre chrétiennement dans le monde, traduite de italien*, Paris, 1838. Versão em francês da obra do P. Quadrupani, barnabita; teve, depois, algumas reimpressões. Ver o autor nos cap. 9 e 17.

**António Soares Barbosa**, Pe. (1734-1801). Era natural de Ancião. Foi professor de Filosofia da Universidade de Coimbra, um dos quatro principais professores desta cadeira, após o decreto de expulsão dos Jesuítas de Portugal. Foi presbítero secular, sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e deputado no tempo do Marquês de Pombal, de quem era adepto e, portanto, regalista e jansenista.<sup>11</sup>

- Traduziu do italiano: *Parecer sobre os Actos de Fé, Esperança e Caridade e outras virtudes cristãs...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1798; autor: João Baptista Guadagini; 240 p.; 17 cm (BNP, R. 29395 P.; CBAP, n.º 1641).
- Traduziu do francês: *Elevações a Deus sobre todos os mistérios da Vida Cristã*, 1794; 2 vol.; autor: Jacques Bénigne Bossuet, bispo de Troyes.
- Traduziu: *Meditações sobre o Evangelho* (ms); autor: Bossuet; 4 vol.; em 8.º.<sup>12</sup>
- *Exame analytico da proposta de hum pároco contra o parecer sobre os Actos de Fé, Esperança e Caridade* (ms); em 8.º. Ver o autor nos cap. 3.2; 9 e 15.

**Apolinário da Conceição**, Frei, OFMCap (1629-ca. 1759). Nasceu em Lisboa. Foi procurador geral e cronista da sua Província (Inocência I, p. 300; VIII, p. 322). Escreveu:

- *Pequenos na Terra grandes no Céu...*, Lisboa, Oficina de Música de Teotónio Antunes Lima, 1738-1744; 30 cm (BNP; Brasiliana I, p. 168).
- *Viagem devota e feliz, em que os navegantes exercendo algumas devoções, e discorrendo em cousas espirituais, que abonão com vários exemplos... Dedicada à*

<sup>11</sup> Vejam-se mais notícias e obras deste personagem em SANTOS, Cândido dos, *Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime*, CITCEM - Ed. Afrontamento, FLUP, Porto, 2011, p. 92-103; PEREIRA, José Esteves, *O problema moral em António Soares Barbosa*, Humanística e Teologia, 33 / 2, 2012, p. 379-396; Inocência I, p. 274-275; VIII, p. 311.

<sup>12</sup> Título original: *Meditations sur l'Évangile*, Paris, Garnier Frères, s. d. ; com 73 meditações; 539 p.; 27,5x19 cm (BSME).



*Immaculada Conceição, Nossa Senhora...*, Lisboa, Oficina José António Plantes, 1746; 23, 288 p.; 13x7 cm (Brasiliana I, p. 169).

**Bento Morganti**, Pe. (1709-?). Era natural de Roma, filho de mãe portuguesa e pai italiano. Foi presbítero secular licenciado em Cânones pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 349; VIII, p. 375). Traduziu:

- *Narciso à fonte: isto he: O homem vendo-se na própria miséria. Obra utilíssima a todo o género de pessoas, que quizerem colher o fruto para sua salvação e instruir-se nas divinas e humanas letras...* Escrito na língua italiana pelo Padre D. Hypolito Falcone...

— *Traduzido e Novamente Correcto e Emendado pelo...*, Lisboa, Oficina João António da Costa, 1765; 2 partes num volume: 223 e 168 p.; com índice temático (p. 147-168); 17x10,5 cm (BNP, TR. 6316 P.; CBAP, n.º 767).

- *Enchiridion ou prática familiar deduzida dos lugares da Sagrada Escritura para a recta e perfeita observância dos domingos e mais festividades do anno*, Lisboa, Francisco da Silva, 1759. Ver o autor no cap. 22.1.

**Camilo Castelo Branco** (1826-1890). Era natural de Lisboa, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica. Foi um dos grandes escritores portugueses (Inocêncio II, p. 15; IX, p. 7; XVII, p. 55). Traduziu:

- *A Imortalidade, a Morte e a Vida: Estudo àcerca do destino do homem*, Porto, F. G. da Fonseca, 1866; 2.ª edição; autor: Baguenault de Puchesse; 16, 377 p.; 20x13 cm (BNP, R. 35018 P.; BSEA).
- Traduziu e prefaciou: *História de Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus Apóstolo do Brasil no século XVIII estrangulado e queimado no Largo do Rocio de Lisboa aos 21 de setembro de 1761*, Lisboa, Livr. Ed. de Matos Moreira, 1875; autor: Padre Paulo Murry; 29, 188, 2 p.; 19x12 cm (BNP, H.G. 3965 P.; BPH). Ver o autor nos cap. 4.1; 8; 10.9 e 18.

**Carlos de Santo António**, Frei, OFM (?-?). Era natural de Milão. Traduziu do italiano:

- *Obséquio devido dos Sagrados Templos dividido em três livros...*, Lisboa, Oficina Sylviana, 1739; autor anónimo; 499 p.; 21x15,5 cm (BNP, R. 28817; BOCD).

**Custódio da Silva Barbosa** (séc. XVIII). Traduziu:

- *Miserere exposto em pensamentos, e affectos de humildade, e paciência*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1787; autor: Fr. Caetano Maria de Bergamo; 22, 354 p.; 15 cm (BNP, VAR. 1062; BSEA; A Tradução em Portugal, 1686).
- *Ib.*, mesmo impressor, 1789; 14 cm (BNP, R. 26990 P.).

- *Director espiritual para aquelles que o não tem...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1778; 20, 483 p.; 15 cm (BNP, R. 23776 P.; A Tradução em Portugal, 1278; CBAP, n.º 2160). Ver o autor nos cap. 10.7; 10.10; 11.1 e 22.4.

**Estêvão de Jesus Maria**, Dom (séc. XIX). Foi bispo de Angra ca. 1860. Escreveu:

- *Exhortação Pastoral... ácerca da Encyclica do S.mo P.e Pio 9.º de 8 de dezembro de 1864 em que se publica indulgência plenária, em forma de jubileu*, Angra do Heroísmo, Typ. da Terceira, 1865; 34 p.; 25 cm (BNP, R. 2663//2 A.; BSEA).

**Estêvão de Santo António**, Frei (?-?). Escreveu:

- *Queixas da alma e verdadeira prática da oração mental*, Lisboa, 1731.<sup>13</sup>

**F. Preto Pacheco** (?-?). Traduziu do inglês:

- *Tudo por Jesus ou Caminhos fáceis do Amor Divino*, Porto, José Fructuoso da Fonseca, 1893; autor: Pe. Frederic William Faber; 431 p.; 19x12 cm (BNP, R. 28920 P.; BCapB).

**Félix Moreno de Monroy y Ros** (?-?). Tinha naturalidade espanhol, mas viveu muitos anos em Portugal, onde, segundo Inocêncio, “creio que faleceu” (II, p. 267). Traduziu do espanhol:

- *Método práctico para falar com Deus*, Lisboa, Oficina Domingos Gonçalves, 1779; 551 p.; em 8.º.

**Francisco António de São José Garcia** (?-?). Escreveu:

- *Christo Glorioso no ceo, representado em considerações christãs...*, Lisboa, Oficina Francisco Borges de Sousa, 1767; 24, 316 p.; 16 cm (CBAP, n.º 915).

**Francisco da Conceição**, Frei, OFM (fl. 1779). Segundo Inocêncio era um Franciscano dos Capuchos. Cita o autor, mas fornece poucos pormenores da sua vida (II, p. 366; IX, p. 280). Escreveu:

- *Director instruído ou breve resumo da mystica theologia para instrucção dos directores...: offerecido ao director dos directores, mestre, e exemplar das virtudes Jesus Christo crucificado*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1779; XII, 480 p.; il.; 21 cm (BNP, R. 23594 P.; BJPII, 248(02) FC).

**Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar** / 2.º Conde de Samodães (1828-1918). Era natural de Vila Nova de Gaia. Formou-se com o grau de bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra; foi professor, engenheiro civil e militar, presidente da Câmara Municipal do Porto. Foi também um conhecido

<sup>13</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, *Espiritualidade*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (C-I), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2002, p. 192.

escritor, defensor do catolicismo (Inocêncio IX, p. 267; XVIII, p. 251; XIX, p. 162). Escreveu:

- *O mês dos Finados. Meditações para todos os dias de novembro*, Porto, Ed. José Frutuoso da Fonseca, 1888; 224 p.; 19x13 cm (BSEA).
- Ib., mesmo impressor, [1896]; 220, 6 p.; em 8.º (BSL).
- *O mês de S. Francisco: manual dos devotos do seráfico Patriarcha S. Francisco d'Assis para o mês d'Outubro...*, Porto, Typografia da Palavra, [188?]; 14, 310 p.; em 8.º (BSL).
- *A liberdade da Igreja em Portugal. Escriptos avulsos a propósito dos Exames Synodaes, 1828-1918*, Porto, Livr. Malheiro, 1880; 14, 308 p.; 20 cm (BNP, R. 3834 V.; BSEA). Ver o autor nos cap. 7.1; 8; 10.4; 10.7.

**Francisco de Jesus Maria Sarmiento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocêncio II, p. 394s; IX, p. 309). Escreveu:

- *Formulário de orações, e devoções com algumas instruções prévias para diversos exercícios de piedade*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1785; 262, 2 p.; 15 cm (BNP, R. 7481//2 P.).
- Ib., Régia Oficina Typ., 1803 (BNP, R. 1620 P.).
- Ib., Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1813; 295 p.; 13 cm (CBAP, n.º 1966).
- Ib., mesmo impressor, 1821.
- Ib., Imprensa Régia, 1824; 296 p.; il.; 14 cm (BNP, R. 36293 P.).
- *Espírito de Doutrina do Glorioso S. Francisco de Sales... Recopilado de vários escriptos... do venerável João Pedro Camus... Extraída e abreviada por Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento...*, Lisboa, Oficina Moraziana, 1786; 399 p.; 15x9,5 cm (BPH).
- *Explicação e orações para ganhar o jubileu do ano Santo*, Lisboa, 1750; ib., 1775 (Fortunato de Almeida III, 394).
- *Jubileu da Porciúncula com várias ilustrações e orações devotas*, Lisboa, 1776 (Fortunato de Almeida III, 394). Ver o autor no cap. 3.2.

**Francisco de Matos**, SJ (1636-1720). Era natural de Lisboa, mas cedo partiu para Baía, onde ingressou na sua Ordem. Dali passou ao Rio de Janeiro, onde foi reitor do colégio dessa cidade. Faleceu no colégio da Baía, onde também trabalhou (Barbosa II, p. 196; Inocêncio III, p. 7). Deixou-nos:

- *Desejos de Job, discorridos em dez livros, por serem outros tantos os seus desejos.*

*Offerecidos & consagrados a Deus N. S. por seu author... Mestre dos noviços no Collégio da Bahia*, Lisboa, Oficina de Pascoal da Sylva, 1716; 16, 439 p.; 20 cm (BNP, R. 23808 P.).<sup>14</sup>

- Traduziu do francês: *Guia para tirar as almas do caminho espaçoso da perdição, & dirigidas pelo estreito da salvação...*, Lisboa, Oficina de Domingos Carneiro, 1695; autor: P. Julião Hayneufe, SJ; 44, 355, 24 p.; 15 cm (BNP, R. 15303 P.).
- *Coro Mystico de Sagrados Cânticos, entoados na harmonia de assumptos moraes, políticos, concionatórios, e asséticos...*, Lisboa, Oficina de Pascoal da Sylva, 1724; 40, 656 p.; 30 cm (BNP, R. 1713 A.; BJPII, GOER-Hb 3086; BPNM, 2-2-9-16). Ver o autor nos cap. 9; 10.7 e 14.

**Francisco de Penamacor Barba Rica**, Frei, OFM (?-?). Natural da terra que lhe deu o apelido e irmão de João Barba Rica (Barbosa IV, p. 140-141). Escreveu:

- *Solilóquio da alma fazendo-lhe devota, e fiel companhia nos dolorosos passos da sua Paixão sagrada* (ms).
- *Leito Florido da Esposa de Jesu Christo, e instrução espiritual para as almas religiosas, e devotas colherem os frutos das doenças* (ms).
- *Deserto sacro, e cultivado em oito dias de exercícios espirituales debaixo da proteção de Jesus, Maria e Joseph* (ms).
- *Novena da Santa Humildade na Vigília, e Otavário da Assumpção da Virgem Maria Senhora Nossa* (ms).
- *Exercícios de sete dias para pessoas sentidas de testemunhos falsos* (ms).

**Francisco de Salazar**, SJ (?-?). Traduziu:

- *Afectos e considerações devotas sobre os exercícios de Santo Inácio*, Coimbra, Oficina de Joseph Antunes da Sylva, 1731; 375, 5 p.; 14 cm (BJPII, MC-694).  
— Ib., Oficina de António Simões Ferreira, 1742; 15 cm (BNP, R. 26826 P.; A Tradução em Portugal, 745).  
— Lisboa, Oficina Herd. de António Pedrozo Galvão, 1743; 463 p.; 15 cm (BNP, R. 29546 P.).  
— Coimbra, Oficina António Simões Ferreira, 1842; 16 cm (BNP, R. 23419 P.).

**Francisco de Santa Rosa de Viterbo** - 1, Dom Frei, OFM (?-1750). Nasceu em Flor da Rosa, vila de Crato. Ensinou Teologia na sua Ordem. Foi bispo de Nanquim, China (Barbosa II, p. 246). Escreveu:

<sup>14</sup> O autor, ao longo da obra, interpreta à sua maneira o livro de Job, transpondo esses “desejos” para a vida espiritual do cristão do seu tempo.

- *Optativo do Santíssimo Nome de Jesus*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1735.
- Traduziu do castelhano: *Thesouro dos Christãos que para cada dia lhes deixou Christo no verdadeiro Maná Sacramento...*, Lisboa, 1734 (A Tradução em Portugal, 634).
  - Ib., Oficina de Domingos Gonçalves, 1739; autor: António Velasques Pinto; 2 vol.; 21 cm (BNP, TR. 1883 P).
  - *Appendix ao Thesouro dos Christãos dividido em três partes. Tom. 2. em que se prova a mesma matéria sobre a Comunhão quotidiana convencendo com efficacíssimas razoes, e genuínas provas aos da opinião contrária com 10 aprovaçoens de Theólogos modernos*, Lisboa, 1734 (A Tradução em Portugal, 634).
  - Ib., Bernardo Fernandes Gayo, 1739; em 4.º. Ver o autor nos cap. 10.7 e 13.1.

**Francisco de Santa Rosa de Viterbo** - 2, Frei, OFM (1744-1822). Nasceu na povoação de Gradiz, bispado de Viseu, conselho de Aguiar da Beira. Foi pregador na sua Ordem e cronista da Província (Inocêncio IV, p. 152-154). Traduziu do espanhol:

- *Thesouro da misericórdia divina e humana*, s/data; em 4.º (A Tradução em Portugal, 2298). Ver o autor no cap. 14.

**Francisco de Sousa de Almada** (1676-?). Era natural de Alenquer e estudou na Universidade de Coimbra. Deixou uma vasta obra literária poética e não só (Inocêncio III, p. 68 e 435). Vejamos:

- *Norte Christão e Político em dez Centúrias de Dictames Moraes, Políticos e Christãos*; em 4.º (ms).
- *Apotegmas do mesmo Pe. Vieira, moralizados e elucidados*; em 4.º (ms).
- *Espelho visível e corpóreo da Alma incorpórea e invisível* (ms). Ver o autor nos cap. 14; 17 e 18.

**Francisco Gomes de Avelar**, Dom Frei, CO (1739-1816). Era natural de Vila Franca de Xira. Foi bispo do Algarve. Iniciou a sua carreira como professor na Ordem dos Oratorianos, tendo ensinado as disciplinas de Sagrada Escritura, Retórica, Filosofia e Moral (Inocêncio II, p. 386; IX, p. 300). Ordenou a tradução do italiano:

- *Caminho do Céu ou meditações sobre as máximas eternas e sagrados mystérios da Paixão de N. S. Jesus Christo para cada dia do mês... e impressas de mandado do... bispo do Algarve...*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1795 (BPE, S.L., 12-1; A Tradução em Portugal, 2086).

- 2.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, 1798; em 8.º (BPE, S.L. E. 37-C.1).
- Ib., Imprensa Régia, 1813; 4 fol., 287 p.; 14x8,5 cm (BNP, R. 25925 P.; A Tradução em Portugal, 3084; BOCD).
- 4.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, Imprensa Régia, 1913; 287 p.; 13 cm (BNP, R. 28142 P.). Ver o autor nos cap. 14 e 15.

**Francisco José Duarte de Macedo** (?-?). Traduziu do italiano:

- *Jesus Christo fallando ao coração do sacerdote ou meditações ecclesiásticas para todos os dias do mês*, Porto, A. Gomes da Silva, 1910; 4.<sup>a</sup> edição aprovada pelo bispo do Porto; autor: Bartolomeu do Monte (BNP, R. 989 P.; BSEA).

**Francisco José Freire** / Cândido Lusitano, pseud., Frei, CO (1719-1773). Era natural de Lisboa. A sua obra *Arte Poética* marcou em Portugal a afirmação da estética neoclássica, que ficaria conhecida na literatura portuguesa pelo nome de arcadismo. Escreveu:

- *Mundano enganado, e desenganado. Obra de Cândido Lusitano. Escripita em seu noviciado em a Congregação do Oratório de Lisboa* (BPE, Cod. CXIII/1-11: 1.<sup>a</sup> parte, 137 fol.; Cod. CXIII/1-12: 2.<sup>a</sup> parte, 161 fol.).<sup>15</sup> Ver o autor nos cap. 4.1; 10.2; 14 e 17.

**Francisco Luís de Seabra**, Pe. (1818-1878). Foi prior da freguesia de Cacia, Aveiro. Traduziu as seguintes obras:

- *Meditações Sacerdotais ou O Padre Santificado...*, Porto, Ernesto Chardron ed., 1884-1885; autor: Chaignon; 5 vol.; 18 cm (BNP, R. 30127 P. - 30131 P.; BSEA).
- 2.<sup>a</sup> edição refundida, Porto, Apostolado da Imprensa, 1934-35; 3 vol.; 17x12 cm (BNP, R. 25789 P. - 25791 P.; BSEA).
- 3.<sup>a</sup> edição, Porto, Apostolado da Imprensa, 1954-; 18 cm (BNP, C.G. 7204 P.).
- *A Raccolta ou Collecção de Orações e Obras Pias. Publicada por Ordem do Papa Pio IX*, Porto, Ernesto Chardron, 1879; 445 p.; 17 cm (BNP, R. 23508 P.).
- *Meditações para todos os dias do ano*, Porto, Ernesto Chardron, 1883; autor: M. Hamon; trad. da 3.<sup>a</sup> edição francesa; 16 cm (BNP, TR. 364 P.). Ver o autor nos cap. 14 e 15.

**Francisco Xavier do Rego**, Frei, CR (1692-1738). Era natural de Lisboa. Inocêncio pouco sabe deste autor (III, p. 94). Refere as seguintes obras:

<sup>15</sup> Obra em Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 64; sobre o autor, ver Barbosa II, p. 165-167; IV, p. 130.502.

- *Avisos importantes para a salvação, praticados em alguns exercícios precisamente necessários para uso de um verdadeiro cristão*, Lisboa, Oficina da Música, 1727.  
— Ib., Oficina de Pedro Ferreira, 1719; ib., Oficina Domingos Gonçalves, 1750; em 12.º.
- *Coroa mystica do grande patriarcha Sancto Agostinho... Ilustrada com sentenças tiradas dos seus escriptos*, Lisboa, Oficina de Matias Pereira da Silva, 1720; em 12.º. Ver o autor no cap. 14.

**Henrique José de Castro, Pe.** (1764-1829). Nasceu na cidade de Beja. Era doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Foi prior da freguesia e colegiada de São Lourenço de Lisboa (Inocêncio III, p. 184-185; X, p. 12). Escreveu:

- *Breviário de affectos santos e fervorosos...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1828; 13 cm (BNP, R. 24116 P.). Ver o autor nos cap. 14 e 18.

**Ildefonso da Madre de Deus, Frei, OSA** (1737-?). Nasceu em Lisboa. Professou no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Inocêncio III, p. 216-217). Traduziu do francês:

- *Retiro espiritual para hum dia de cada mês: muito útil para a reforma dos costumes, e para disporse com huma santa vida para huma boa morte... Traduzido na lingua portuguesa por hum zeloso da salvação das almas, cônego regular da reformada Congregação de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra, 1763 (A Tradução em Portugal, 1039).  
— Ib., 1764; em 8.º (A Tradução em Portugal, 1057).
- *A Voz do Pastor: discursos familiares de um pároco aos seus fregueses para todos os domingos do ano*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1793; 2 tomos; o 2.º tomo contém desde o Primeiro Domingo da Quaresma até Domingo antes do Pentecostes; 292 p.; 15 cm (BJPIL, 252.8 VOZ; CBAP, n.º 2265: t. 1).<sup>16</sup>  
— 2.ª edição, ib., Oficina de J. F. M. de Campos, 1817; 432 p.; 16 cm (CBAP, n.º 2267).

**Inocêncio das Sete Dores, Frei** (séc. XVIII). Escreveu:

- *Prática de Exercícios Espirituais*, Lisboa, 1757 (BPE, S.L., E. LXX – C.1).

<sup>16</sup> Inocêncio afirma: “Julgo ser a mesma obra, que depois imprimiu com o seu nome D. João de N. S. da Porta Siqueira, como se dirá no artigo respectivo” (III, p. 217).



**Jerónimo de Belém** / Fortunato Lopes de Oliveira, Frei, OFM (1692-1760?). Era natural de Arcos de Valdevez. Exerceu vários cargos na sua Ordem, entre eles o de bibliotecário do convento de Xabregas e cronista da Província.<sup>17</sup> Escreveu:

- *Excellências da Mulher Forte, a Despozada mais Casta, a Estéril mais Fecunda, a Mãe da mesma Graça Maria Santíssima, e Avó, segundo a natureza humana, de Jesus Christo a Senhora S.ta Anna...*, Lisboa, Oficina Joaquiniana de Bernardo Fernandez Gayo, 1733; 36, 224 p.; 15 cm (BNP, H.G. 15016//1 P.).
- *Saudações Angélicas aos Santíssimos Corações de Jesus, Maria, e José*, Lisboa, Bernardo Fernandes Gayo, 1738; em 12.º. Ver o autor nos cap. 10.6; 12.2; 13.1 e 22.4.

**João Antunes**, Pe., CO (?-ca. 1747). Entrou na sua Congregação em 1686, mas depois saiu. Então foi prior da igreja matriz de Atalaia, onde faleceu (Inocência III, p. 294; X, p. 162). Traduziu:

- *Escola do Temor de Deus, em que se ensina a viver bem fugindo dos vícios e procurando as virtudes. Obra utilíssima a todo o Christão...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1745; autor: Pe. José Mansi; 16, 423 p.; 15 cm (BJPII, 248.12 MAN; A Tradução em Portugal, 437). Ver o autor no cap. 13.1.

**João Baptista**, Frei, OSA (1733-1788). Nasceu em Lisboa e faleceu em Coimbra. Foi reitor do colégio da sua Ordem em Coimbra (Inocência III, p. 298-299). Escreveu:

- *Obséquio saudoso a Jesu Christo Salvador Nosso, para se fazer na novena, festa e oitavário da sua Gloriosa Ascensão*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1753; 14, 131 p.; 15 cm (CBAP, n.º 163). Ver o autor no cap. 7.2.

**João Baptista de Castro**, Pe. (1700-1775). Nasceu em Lisboa. Foi presbítero secular e viveu algum tempo em Roma. Escreveu várias obras de caráter religioso, moralizante e geográfico.<sup>18</sup> Escreveu:

- *A afflicção confortada dirigida à virtude da paciência*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1818; 4.ª edição; 102, 6 p.; 15 cm (BNP, L. 6614//1 P.).  
— 5.ª edição, ib., mesmo impressor, 1827; 102 p.; 16 cm (BNP, S.A. 1953 P.).  
Ver o autor nos cap. 4.2; 7.4.2; 11.1; 13.1 e 22.1.

<sup>17</sup> Ver MARQUES, João Francisco, em Biblos: enciclopédia verbo das literaturas da língua portuguesa, Lisboa, Editorial Verbo, 1995; 3.º vol: Le-Pa, col. 1254-1256; Barbosa II, p. 485-486; Inocência III, p. 258; X, p. 127.

<sup>18</sup> Ver Barbosa II, p. 596-597; IV, p. 503; Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 263; Inocência III, p. 300-302; X, p. 172; Fortunato de Almeida III, p. 393.

**João Barba Rica**, Frei, OCist (1673-1729). Natural de Penamacor, foi mestre em Teologia no Colégio de Coimbra. Foi distinto pregador evangélico (Barbosa II, p. 602-603). Escreveu:

- *Novena para o glorioso precursor de Christo S. João Baptista*, Lisboa, Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha, 1727. Ver o autor no cap. 10.10.

**João Crisóstomo da Veiga**, Pe. (1796-18??). Presbítero secular, natural do lugar de Telhados, bispado de Aveiro (Inocêncio III, p. 350). Foi autor de:

- *Novena do Menino Jesus...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1856; 40 p.; 16 cm (BNP, R. 19111 P.). Ver o autor no cap. 3.2.

**João da Madre de Deus Araújo**, Frei, OSA (1760-1843). Nasceu em Guimarães e morreu em Lisboa. Na sua Ordem, exerceu vários cargos (Inocêncio III, p. 403; X, p. 298-300). Foi o compilador de:

- *Consolação da alma fervorosa: contemplando a vida de S. Teresa de Jesus. Extrahida do que se acha nas suas obras por...*, Lisboa, Imprensa da Viúva Neves e Filhos, 1832; 252 p.; 15 cm (BNP, H.G. 3771 P.).
- *A Verdade praticada...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1817. Só se tiraram desta edição 124 exemplares.
- *Terço do Sanctíssimo Sacramento*, Lisboa, Imprensa de João Nunes Esteves, 1886; em 12.º (BNP, R. 15509 P.).
- *Encantos da sólida virtude*, Lisboa, Imprensa Régia, 1837; segundo Inocêncio é um opúsculo de 5 folhas e meia, do qual se tiraram duzentos exemplares (III, p. 403). Ver o autor nos cap. 7.1.; 10.4; 14 e 15.

**João de Jesus Cristo**, Frei, OFM (?-?). Inocêncio refere o autor, mas desconhece os seus dados biográficos (III, p. 387). Escreveu a seguinte narrativa de viagens:

- *Viagem de Hum Peregrino a Jerusalém, e visita que fez aos Lugares Santos em 1817*, Lisboa, Imp. Régia, 1819; 292 p.; 16 cm (BNP, H.G. 2152 P.; BME, JHT294).
  - 2.<sup>a</sup> edição, ib., Typografia da Academia das Ciências, 1822; VIII, 334 p.; 17 cm (CBAP, n.º 1104).
  - 3.<sup>a</sup> edição, ib., Impr. de Eugénio Augusto, 1831; VIII, 308, 3 p.; il.; 20 cm (BNP, H.G. 1339 A.; BCM, 407-11).
  - 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Imp. de Elias José da Costa Sanches, 1837; 20 cm (BNP, R. 24544 P.).
  - Porto, Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, 1902; 304 p.; 18 cm (BNP, H.G. 17208 P.).

**João de Nossa Senhora da Porta Siqueira**, Frei, OESA (? -1797). Nos últimos anos de vida, dedicou-se ao ensino e publicou algumas obras, na maior parte traduções; foi exlastrado por um breve apostólico (Inocêncio III, p. 217; X, p. 322). Deixamos aqui algumas das suas obras:

- *Escola dos bons costumes, ou reflexões morais e históricas...*, Porto, 1789; 4 tomos; autor: Mr. Blanchard.  
— *Nova edição*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1820; 4 vol.; 15 cm (BNP, S.A. 1525 P. - 1527 P.).
- *Incêndios de amor, ou elevações e transportes da alma, na presença de Jesus Cristo e de suas imagens...*, Porto, 1791.
- *Breve instrução do amor de Deus, traduzido do francês*, Porto, Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1787; 291 p.; 15x10 cm (BNP, R. 29381 P.; A Tradução em Portugal, 1682).<sup>19</sup> Ver o autor no cap. 14.

**João Joaquim de Almeida Braga** (1836-1871). Nasceu e faleceu em Braga. Sempre cultivou uma escrita de pendor religioso (Inocêncio III, p. 388; X, p. 282). Traduziu:

- *Direcção para sossegar nas suas dúvidas as almas timoratas*, Porto, Liv. Internacional de Rubato Chardon, 1870; autor: Quadrupani; 100 p.; 14 cm (BNP, R. 29806//6 P.). Ver o autor nos cap. 7.3; 8 e 17.

**João Martins** (?-?). Segundo Barbosa Machado (IV, p. 555), traduziu do castelhano:

- *Orações & meditações da vida de Jesu Christo Nosso Salvador. Divididas em quatro partes*, Lisboa, Oficina Bernardo da Costa Carvalho, 1716; autor: Thomas Kempis, que escreveu em latim; D. Francisco de Borja traduziu em castelhano; 16, 364 p.; em 8.º pequeno (A Tradução em Portugal, 484).

**João Piçarra** (?-?). Escreveu:

- *Breve compêndio do que para se salvar está obrigado todo o christão... E agora novamente acrescentado com exame para a confissão...*, Coimbra, Luís Seco Freyre e António Pires Henriques, 1741; 67 p.: il. (BGUC, RB-23-5).

**João Rosado Vilalobos e Vasconcelos** (?-ca. 1786). Era natural de Beja. Foi bacharel pela Universidade de Coimbra, exercendo o cargo de professor régio de Retórica e Poesia na cidade de Évora (Inocêncio IV, p. 30). Traduziu:

<sup>19</sup> Obra de caráter espiritual e místico, que se fundamenta na Bíblia e nos místicos da História da Igreja, como é o caso de São Bernardo, de São Francisco de Sales e outros. Cita frequentemente textos bíblicos; sobre o autor, ver Inocêncio III, p. 217; X, p. 322.

- *Plano de uma obra pia, geralmente útil ao Reino de Portugal, para serviço da Igreja, e do Estado*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1782; autor: Bernardo Ward; 32, 253 p.; 16 cm (BNP, R. 37518 P.). Ver o autor no cap. 9.

**João Soares da Cunha** (?-?). Traduziu do francês:

- *Sentimentos de hum Christão tocado de hum verdadeiro amor de Deus*, Porto, Oficina António Álvares Ribeiro, 1790 (BNP; A Tradução em Portugal, 1825).

**Joaquim de Miranda Rebelo** (?-ca. 1821). Segundo Inocêncio, foi cavaleiro da Ordem de Cristo, Oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, etc. (IV, p. 135). Traduziu:

- *As delícias da solidão tiradas do espírito, e da contemplação da natureza*, Lisboa, Oficina António Rodrigues Galhardo, 1821; autor: Zimmermann; 2 vol.: 21, 81, 11 e 108 p. (A Tradução em Portugal, 3708).

— Ib., Typ. de Francisco Xavier de Sousa, 1846 (BNP, S.A. 10341 P.).

O autor parte de elementos vulgares da natureza, como as colheitas, estações do ano, vendo nessas realidades da criação de Deus ponto de partida para a contemplação do próprio Criador. Esta atitude lembra Génesis 1–2.

**Joaquim de Santa Rita**, Frei, OSA (174?-1770). Pouco se sabe da vida deste autor; apenas que era “Augustiniano” (Inocêncio I, p. 3-4; VIII, p. 6); e escreveu:

- *Academia dos humildes e ignorantes: diálogo entre hum teólogo, hum filósofo, hum ermitão e hum soldado no sítio de Nossa Senhora da Consolação... Por D. F. J. C. D. S. R. B. H.*, Lisboa, Oficina de Ignácio Nogueira Xisto, 1759-1762; 6 vol.; 21x15,5 cm (BNP, L. 53014 P. - 53019 P.; BPH; BOCD: vol. III, 416 p.)

Trata-se de conferências sobre vários assuntos, que eram publicadas periodicamente em folhetos e depois compiladas em volumes.<sup>20</sup>

**Joaquim do Rosário**, Frei, OFM (?-?). Era natural de Leiria. Mestre jubilado de Teologia, guardião, definidor e visitador da Província de Santa Maria da Arrábida; foi também pregador régio da Corte. Inocêncio não fornece dados biográficos do autor, apenas as suas obras (Inocêncio IV, p. 154). Traduziu:

- *Regras da vida christã, ou saudáveis instruções com que todas as mães devem educar seus filhos*, Lisboa, 1791; em 8.º. Ver o autor nos cap. 10.6 e 10.9.

<sup>20</sup> Inocêncio VIII, p. 6, dá notícia de mais 2 tomos: t. VII, impresso em Lisboa, na Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1763-1764; mas no frontispício tem a data 1765. O t. VIII imprimiu-se na mesma oficina nos anos de 1765, 1766 e 1767, porém a data do rosto é 1770. Ambos no mesmo formato dos anteriores.

**José Agostinho de Macedo**, Pe., OESA (1761-1831). Era oriundo de Beja. Foi escritor, pregador real e uma das principais figuras do séc. XIX. Falou contra o liberalismo e a maçonaria em Portugal. Defensor da pureza da fé e do pensamento católico tradicional, anterior ao liberalismo (Inocêncio IV, p. 183-215). Escreveu:

- *Viagem Extática ao Templo da Sabedoria*, Pernambuco, Typ. Santos, 1836; 18, 140 p.; 13 cm (BNP, L. 69136 P.).  
— Braga, Imprensa por J. H. d'O. M., 1841; 13, 3, 3 fol.; 16 cm (BNP, L. 44506 P.).
- Traduziu de um catecismo inglês: *Ladainha da Paixão de Nosso Benito Salvador*, Lisboa, Impr. Nacional, 1821; 32 p.; 13 cm (BNP, L. 69109 P.; A Tradução em Portugal, 3742). Ver o autor nos cap. 5.10; 7.1; 8; 10.7; 14 e 17.

**José Barbosa Leitão** (?-?). Traduziu:

- *Monte Libano mystico, descoberto no Santuário de Monte-Serrato, traduzido da língua castelhana, e da latina e ordenado de vários tratados das obras que escreveu Fr. Joseph de S. Bento...*, Lisboa, Oficina Domingos Gonçalves, 1737; 2 vol.; 15 cm (BNP, L. 40463 P. - 40464 P.; BSEA; A Tradução em Portugal, 665).

**José Bernardino**, SJ (1663-1738). Escreveu:

- *Directório dos exercícios da Congregação da Virgem Senhora com as regras, que devem guardar seus Congregados*, Lisboa, Jozé António da Sylva, 1725. Ver o autor nos cap. 9 e 13.1.

**José da Trindade**, Frei, OESA (1709-1759). Era natural de Lisboa, mas foi viver para Estremoz com um tio paterno. Nesta vila abraçou o instituto de Santo Agostinho (Barbosa IV, p. 228-230). Deixou-nos:

- *Ramalhete Espiritual composto com as flores dos doze Sermões Doutriniais*, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1764 (BNP, R. 9786 V.). Ver o autor nos cap. 3.1 e 10.7.

**José de São Bernardino Botelho**, Frei, CRSJE (1742-1827). Era natural de Lisboa. Foi processado pela Inquisição de Coimbra em 1792 por ser maçom (Inocêncio IV, p. 237; XIII, p. 196). Escreveu:

- *Salvação de todos os innocentes pela redempção de Jesu Christo*, Lisboa, Oficina da Viúva de Lino da Silva Godinho, 1822; 169 p.; em 8.º (Escritores Vimaranenses (52). Ver o autor no cap. 10.5.

**José Joaquim de Nossa Senhora** (séc. XVIII). Traduziu:

- *Instrução da mocidade em a piedade cristã, tirada da Escritura Santa e dos Santos*

*Padres*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1778; autor: Carlos Gobinet; 16 cm (BNP, TR. 3747 P.; CBAP, n.º 956; A Tradução em Portugal, 1287).

**José Joaquim de Sena Freitas**, Pe. (1840-1913). Era natural de Ponta Delgada, foi sacerdote, orador sacro e polemista português. Publicou um extenso conjunto de obras, a maior parte sobre questões religiosas e de moral. Foi condiscípulo de Antero de Quental. Faleceu no Rio de Janeiro, mas as suas cinzas vieram para a sua terra natal (Inocência XIII, p. 41; XVIII, p. 107; XX, p. 78). Deixou-nos:

- Anotações e tradução: *Solilóquios de Santo Agostinho*, Porto, Liv. Apostolado da Imprensa, 1944; 215 p.; 16 cm; 4.ª edição (BNP, R. 30526 P.; BJPII, CP-F40).
  - 2.ª edição com outro título: *Corações acima ou solilóquios de Santo Agostinho: nacionalizados em vernáculo sobre o original latino e anotados nas passagens obscuras...*, Porto, Aloysio Gomes da Silva, Typ. A. J. da Silva Teixeira, 1898; 13, 227 p.; 14 cm (BNP, R. 34295 P.).
  - 5.ª edição, ib., mesmo impressor, 1955; 223 p.; 15 cm; (BNP, R. 31604 P.).
- *O milagre e a Crítica Moderna ou a Imaculada Conceição de Lourdes...*, Braga, Typ. Lusitana 1873; 1 folha; 17 cm (BNP, R. 28080//5 P.).
- *Dia a dia de um espírito cristão*, Guimarães, 1881; 224 p. (BSEA). Ver o autor no cap. 7.1.

**José Joaquim Rodrigues de Bastos** (1777-1862). Era natural de Valongo. Foi bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra. Foi desembargador do Paço e deputado às Cortes Constituintes de 1821 (Inocência IV, p. 393-394). Foi autor de:

- *Meditações ou discursos religiosos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1842.<sup>21</sup>
  - 3.ª edição, *augmentada com uma nova introdução e alguns capítulos*, ib., mesmo impressor, 1844; em 8.º gr.
  - 4.ª edição, ib., mesmo impressor, 1846; 310 p., 18x11,5 cm (BSME).<sup>22</sup>
  - 5.ª edição, Porto, Typ. de S. J. Pereira, 1850; 15, 310 p.; 20 cm (BNP, R. 29851 P.).

<sup>21</sup> Inocência afirma: “Esta obra, adoptada geralmente nas escolas de Portugal, foi traduzida em francez, e publicada com auctorisação do Arcebispo de Paris; e diz-se que o fora também em inglez e italiano” (IV, 394).

<sup>22</sup> Nesta biblioteca, está encadernado numa miscelânea de conferências católicas. Contém os seguintes títulos de capítulos: *Do sentimento religioso; Do atheismo; Do racionalismo; Da revelação; Da indiferença; Do amor de Deus* (3 cap.); *Do amor do próximo; Da maledicência; Da tolerância; Das paixões políticas; Da justiça; Da injustiça; Dos juizes; Do duelo; Do suicídio; Da esperança.*

- 6.<sup>a</sup> edição, ib., Cruz Coutinho, 1854; 268 p.; 19x12 cm (BSEA; BSME).
- 7.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1857; 12, 262 p.; 21x12 cm (BNP, R. 26431 P.; BSMP, 244B329m7; BJPII, SARD-0419; BSEA).
- 8.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1861; 248 p.; 21 cm (BNP, R. 11958 V.).
- 11.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1874; 201, 16 p.; 19x13 cm (BSEA).
- *Collecção de Pensamentos, Máximas e Provérbios... Segunda edição augmentada de muitos artigos, assim extrahidos de diversos autores, como originaes*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1847; 2 tomos num vol.; 21 cm (BNP, S.A. 1087 V.).
- 3.<sup>a</sup> edição, Porto, Cruz Coutinho, 1854; 2 t.; 20 cm (BNP, L. 72878 P. - 72879 P.).
- 4.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1865.
- 5.<sup>a</sup> edição *augmentada de muitos artigos posthumos do mesmo auctor*, ib., mesmo impressor, 1885; 311 p.; 20 cm (BNP, B.R. 10900).
- Ib., mesmo impressor, 1887 (BNP, S.A. 3737 P.).

**José Romano** (1825-1887). Inocêncio refere um autor com este nome, mas pouco diz e não indica a obra que aqui apresentamos (V, p. 117; XIII, p. 189). Escreveu:

- *Suspiros D'alma paráfrases das Lamentações de Jeremias...*, Porto, Typ. Ocidental, 1883; 123 p.; 14 cm (BNP, R. 25098 P.).

**Luís António da Costa Pego de Barbosa**, Pe., OC (1710-?). Era natural de Guimarães. Estudou Humanidades em Braga e tão proveitosamente se entregou às letras, que estas lhe abriram carreira para os mais elevados cargos que desempenhou. Foi capelão da casa de sua Majestade e beneficiado da Igreja Colegiada de Castelo Branco (Barbosa IV, p. 233). Escreveu:

- *Novena do Príncipe dos Apóstolos S. Pedro para se fazer na sua Basílica da villa de Guimarães...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1752; 50 p.; 14x9 cm (BPB, Res. 353 A.). Ver o autor no cap. 10.7.

**Luís António de Azevedo** (1755-1820?). Era natural de Lisboa. Aplicou-se ao estudo de Humanidades e Filologia e, mais particularmente, ao das línguas grega e latina, adquirindo de uma e outra profundo conhecimento (Inocêncio V, p. 213-215). Traduziu:

- *Escada dos Religiosos Claustres ou Methodo de Orar*, Lisboa, Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1791; 40 p.; 15x9,5 cm (BSME).
- Ib., mesmo impressor, 1795; autor: São Bernardo (BNP, R. 598 P.).



**M. J. Valente**, Pe. (ca. 18?). Traduziu:

- *O Padre Santificado ou Necessidade e Meios de adquirir e aperfeiçoar a Santidade Sacerdotal...*, Porto-Braga, Liv. Internacional de Ernesto Chardron e Eugénio Chardron, 1878; autor: Abbade H. Dubois; 421 p.; 21x13 cm (BPH). Ver o autor no cap. 15.

**M. M. d'Almeida**, Pe. (?-?). Traduziu:

- *Jesus vivo no Padre: considerações sobre a excelência e santidade do sacerdócio...*, Porto, José Frutuoso da Fonseca, 1886; autor: Millet; versão da 3.<sup>a</sup> edição francesa; 18 cm (BNP, R. 26246 P.; BSEA; BCapB).  
— 2.<sup>a</sup> edição cuidadosamente revista e actualizada, Porto, Tip. Fonseca Porto, 1950; 418, 2 p.; 16 cm (BNP, R. 31167 P.).

**Manuel Coelho de Sousa** (?-1736). Era natural de Colares, Sintra. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo (Inocêncio V, p. 398; XVI, p. 155). Escreveu:

- *Explicação das partes da oração, com todas as circunstâncias, etimologias e inteligências*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galram, 1721; 20 cm (BNP, L. 604 P.).
- *Resumo para os principiantes das oito partes da oração...*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1726; 77 p.; 15 cm (BNP, L. 1666//6 P.; BSEA). Ver o autor no cap. 6.1.1.

**Manuel Coimbra**, Frei, OFM (1647-1727). Nasceu em Óbidos do patriarcado de Lisboa. Passou parte da sua vida a traduzir obras do latim, para poderem ser lidas por todos (Barbosa III, p. 223-224). Temos assim:

- *Clarim do Céu, e exame clerical que hum Prelado zeloso da reforma dos Ministros de Christo propõem aos Ecclesiásticos Sacerdotes Párochos e Beneficiados*, Lisboa, Matias Pereira da Silva e Joseph Antunes Pedrozo, 1720.
- *Passatempo espiritual no Jardim de vários exercícios devotos, e horas manuaes*, Lisboa, Bernardo da Costa 1702.  
— Ib., mesmo impressor, 1706; em 24.º. Ver o autor no cap. 10.9.

**Manuel da Consciência**, Pe., CO (1669-1739). Era natural de Lisboa onde estudou humanidades, passando depois à Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Direito Romano (Barbosa III, p. 229-230; Inocêncio V, p. 402; XVI, p. 157). Traduziu do italiano:

- *Via Sacra explicada e ilustrada com a nova declaração feita por Sua Santidade Clemente XII*, Lisboa, Oficina Maurício Vicente de Almeida, 1734; autor: Pe. Leonardo do Porto Maurício; em 12.º (A Tradução em Portugal, 630).

- *Aljava de sagradas setas*, Lisboa, Oficina de Maurício Vicente de Almeida, 1733; 574 p.; 14x10 cm (BNP, R. 25317 P.; BSEA).
- *Novena para todos os mistérios*, Lisboa, 1746; 2 vol. (BSEA).
- *A Mocidade enganada, desenganada. Duello Espiritual onde com Gravíssimas Sentenças da Escritura, e Santos Padres; Com Sólidas Ponderações, e Exemplos muy Singulares de Erudição Sagrada, e Profana se propoem, e convencem em forma de Diálogo todas as escusas, que a mocidade (e qualquer outro peccador) e com que se engana, para se não converter a Deus...*, Lisboa, Oficina Augustiniana, 1730; 32, 690, 14 p.; 20 cm (CBAP, n.º 556).
  - *Segunda impressão*, Lisboa, Nova Oficina de Maurício Vicente de Almeida, 1734-1739; 6 vol.; 20x15 cm (BNP, Res. 3531 P. - 3536 P.; BPNM, 2-14-5-11/12; BOCD: vol. VI; CBAP, n.º 557: 1.ª parte).
  - Lisboa, Régia Oficina Silviana, 1766; 6 tomos; 20 cm (BNP, R. 25277 P. - 25282 P.).
- *A Mocidade desenganada convertida e instruída...*, Lisboa, Oficina Maurício Vicente de Almeida, 1738 (BPNM, 2-14-5-16: t. VI).
- *Floresta novíssima de várias açoens sentenciosas, e ilustradas com todo o género de erudição... que é prodigiosa ideia de penitentes...*, 1735-37; 2 tomos: 1.º t., I parte, 277 p., e II parte, 286 p.; 2.º, I parte, 336 p., e II parte, 342 p.; 21x16 cm (BPB, Res. 304 - 305 V.).
- *Delícias do Coração Cathólico, o Suavíssimo Menino Jesus Nascido em Belém. Propoem-se para a Terníssima Festa de seu Alegre Nascimento alguns vários e affectuosos exercícios que, à Virgem Maria Senhora Nossa e ao Patriarca S. José, dedica o Padre Manuel da Consciência, da Congregação do Oratório de Lisboa*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Ofício, 1745; 3.ª impressão; 12 fol., 376 p.; 16 cm (BNP, R. 14065 P.).
  - *Nova edição*, ib., mesmo impressor, 1757; 19, 396 p.
- *A Velhice instruída e destruída*, Lisboa, Oficina Silviana, 1742; 21 cm (BNP, R. 24851 P.; BPNM, 2-14-5-18/19).<sup>23</sup>

**Manuel de Deus**, Frei, OFM (1686-1730). Era natural da cidade de Évora, em cuja Universidade estudou letras humanas e divinas. Foi professor no Seminário de Varatojo em 1715. Este autor é normalmente conotado com o movi-

<sup>23</sup> Ver o autor com outras obras no vol. III desta coletânea: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 382, 611, 622 e 631.

mento espiritual da Jacobeia.<sup>24</sup> Escreveu as seguintes obras de tipologia espiritual:

- *Luz, e método fácil para todos os que quiserem ter o importante exercício da Oração Mental acrescentado com a Via-sacra e ladainha de Nossa Senhora*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1729.
  - Coimbra, António Simões Ferreira, 1735.
  - Porto, Casa de Cruz Coutinho, 1866; 264 p.; 11 cm (BNP, R. 28689 P.).
  - Lisboa, Oficina Simão Thadeu Ferreira, 1815; 10 cm (BNP, R. 26937 P.).
  - Porto, Cruz Coutinho Ed., 1866; 264 p.; 11 cm (BNP, R. 28689 P.).
- *Semana espiritual de meditações*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1750; em 8.º; saiu no livro intitulado “Caminho do Ceo”.
- *Modéstia no exterior ornato, gala decorosa do Christianismo defendida em todo este tratado, em que segundo a verdade das Escrituras, e doutrinas dos Santos Padres se condena o luxo repreensível...* (ms).
 

Barbosa afirma: “Desta obra vimos uma cópia primorosamente escrita” (III, p. 245).
- *Católico no Templo, exemplar e devoto*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1730; 15 cm (BNP, R. 27892 P.).
  - 2.<sup>a</sup> edição, 1890. Ver o autor nos cap. 10.4 e 10.6.

**Manuel de São José Lisboa, Frei, OFM (1757-1780).** Traduziu do espanhol:

- *Livro Espiritual, que trata das más linguagens do mundo, carne, e demónio, e dos remédios contra estes inimigos da fé, e do próprio conhecimento; da penitência, da oração, meditação, e Paixão de N. Senhor Jesu Christo, e do amor dos próximos...*, 1765; autor: São João de Ávila, pregador em Andaluzia; 354 p., 4 fol.; 30 cm (BNP, Cod. 5278).
- *Avisos espirituais de Santa Teresa de Jesus*, Ano de 1769; 514 fol.; 31 cm (BNP, Cod. 4103).
  - Edição de 1795 (A Tradução em Portugal, 2090).
- *Avisos espirituais... comentados pelo P. Affonso de Andrade*, Coimbra, Real Imp. da Universidade, 1792; 2 vol.; em 4.º (A Tradução em Portugal, 1974). Ver o autor nos cap. 8; 9 e 10.10.

<sup>24</sup> Sobre este autor, ver Fortunato de Almeida II, p. 445; Barbosa III, p. 245-246; Inocêncio V, p. 408.

**Manuel de Sousa** (1737-?). Nasceu em Lisboa. Era capitão de infantaria. Inocência desconhece a data da morte do autor; mas diz que ainda era vivo em 1781 (VI, p. 112; XVI, p. 338). Traduziu do francês:

- *Tratado das obrigações da vida cristã*, 1774; autor: P. de Tracy; 2 vol.; em 8.º (A Tradução em Portugal, 1222).
- Lisboa, Typ. Rolandiana, 1779; 2 vol.; em 8.º (BNP, R. 18978 P. - 18979 P.); ib., 1783 (CBAP, n.º 652; A Tradução em Portugal, 1466).

**Manuel dos Santos Carvalho** (1821-1916). Foi o editor da seguinte publicação:

- *A Voz do Evangelho*, Lisboa, M. S. Carvalho, 1889-1892; A. 1, n. 1 (Out. 1889)-a. 3, n. 22 (Jul. 1892); 34 cm (BNP, J. 524//1 M.).

**Manuel Ferreira Marnoco e Sousa**, Pe (?-?). Estudou Teologia no Seminário de Braga em 1872, diocese onde veio a ser ordenado sacerdote. Traduziu:

- *Thesouro do sacerdote ou reportório das principais cousas que o sacerdote deve saber para se santificar a si e santificar os outros...*, Porto - Braga - Rio de Janeiro, Livraria Internacional, 1876; autor: José Mach; trad. da 7.ª edição; 2 t.: 1.º, 480, 16 p.; 2.º, 676 p.; 22x12 cm (BNP, R. 30039 P. - 30040 P.; BSEA; BPH; CBAP, n.º 1269).
- 2.ª edição, Porto, Typ. António José da Silva Teixeira, 1886; 2 vol.; 22 cm (BNP, R. 9931 V. - 9932 V.; BSEA; BSG).
- *Âncora de Salvação ou copiosos e eficazes meios para cada um se salvar*, Porto, Liv. Chardron, 1909; autor: P. Mach; 5.ª edição melhorada e consideravelmente aumentada; 654 p.; 13,5x9 cm (BCapP). Ver o autor nos cap. 7.1; 14 e 15.<sup>25</sup>

**Manuel Guilherme**, Frei, OP (1685-1730). Era natural de Lisboa. Estudou Filosofia em Évora e Teologia no Colégio de Coimbra. Com grande inclinação para o púlpito, que exercitou (Barbosa III, p. 284-286; Inocência V, p. 446; XVI, p. 225). Escreveu:

- *Ramilhete espiritual, que offerece aos peitos das Esposas de Christo huma consciência charitativa, formado pelo autor da Escada Mística, o Padre Cardoso*, Lisboa, António Pedroso Galram, 1728; saiu com o nome do P. Paulo Cardoso, com as licenças necessárias. Tem 52 p. e o mesmo formato da *Escada Mística*, estando os dois encadernados no mesmo volume.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em *Lusitania Sacra* 12, 2.ª Série, 2000, p. 406.

<sup>26</sup> Vê-se que este pequeno volume é dedicado às religiosas e contém textos que não se encontram na *Escada* de 1721, mas sim na edição de 1758 (a partir da p. 300). Seguidamente, aparece o *Espelho Josephino*, uma novena em honra de São José; e, finalmente, o *Palácio Sagrado* (p. 36-52), que é

— Coimbra, Oficina de José Antunes da Silva, 1731; 52 p.; 13 cm (CBAP, n.º 1007).

- *Socorro aos moribundos*, Lisboa, Oficina da Música, 1730; saiu com o pseud. Manuel Velho; 8, 274 p.; 15 cm (BNP, R. 18810 P.).
- *Conselheiro fiel, com máximas espirituais para convencer o entendimento, e combater o coração do peccador esquecido*, Primeira Parte, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1727; 3 vol. (BNP, R. 29116 P. - 29118 P.).  
— *Segunda Parte*, ib., mesmo impressor, 1727.  
— *Terceira Parte*, ib., mesmo impressor, 1728.
- *Cartas diretivas e doutrinaes*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1730; saiu com o pseud. Manuel Velho (BPNM, 2-13-9-4).
- *Práticas espirituais e doutrinas*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1732; saiu com o pseud. Manuel Velho (BPNM, 2-13-9-5).
- *Escada Mística de Jacob...*, Coimbra, Oficina de Joseph Antunes da Silva, 1731; saiu com o pseud. Paulo Cardoso; 8, 336 p.; 16 cm (BNP, R. 26383 P.; CBAP, n.º 1006). Ver o autor nos cap. 10.3; 10.4; 13.1; 14 e 15.<sup>27</sup>

**Manuel José da Silveira Lara** (?-1784). A sua pátria, nascimento, óbito, etc. são desconhecidos a Inocência. Chegou a ser oficial da Biblioteca Nacional de Lisboa (Inocência VI, p. 33). Traduziu do francês:

- *Tratado de moral ou as obrigações do homem a respeito de Deus, da sociedade e de si mesmo*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1782; autor: Pierre Firmin Lacroix; 2 vol.: 12, 321 e 8, 304 p.; 16 cm (BNP, S.A. 1644 P. - 1645 P.).
- *Elementos do Direito natural, social e das gentes ou tratado das obrigações do homem a respeito de Deus, da sociedade e de si mesmo: com várias reflexões sobre a religião revelada*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1768; 17 cm (Pernambuco, p. 365).  
— Ib., Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1782; autor: Pierre Firmin Lacroix; 2 vol.; 16 cm (BCM, 2K2-01/02; A Tradução em Portugal, 1398).

---

uma novena a Santa Ana. Termina aí o volume.

<sup>27</sup> Inocência V, p. 447, e XVI, p. 225: aqui se diz que a *Escada de Jacob* foi editada em 1744 e 1747, sob o nome do seu autor; MARQUES, João Francisco, *Confissão*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C), p. 455, afirma: “Confina-se ao género do manual de piedade ascético de coloração sigilista a *Escada Mística de Jacob* (1758), que aponta a eclesiásticos, religiosos e leigos a via da perfeição pela observância da regra e pautada em vinte e seis degraus”.

**Manuel Marques, SJ** (?-?). Escreveu:

- *Defensio cultus SS. Cordis Jesu spectati ut est in se*, Veneza, 1781, etc. (Serafim Leite, t. 12, col. 2624).

**Manuel Monteiro, Pe., CO** (1667-1758). Era natural do Porto. Professou na sua Ordem em 1716, onde aprendeu as ciências eclesiásticas. Devido aos seus dotes académicos, foi eleito membro da Academia Real, em 1738 (Barbosa III, p. 315-316; Pericão, Bibliografia, p. 266). Deixou-nos muitas obras, como por exemplo:

- *Novena de Christo Salvador Nosso no doloroso Passo do Ecce Homo*, Lisboa, Oficina da Música, 1728.  
— Ib., Imprensa Nevesiana, 1835; 54 p.; 13 cm (BNP, R. 35358 P.: não refere autor).
- Traduziu do castelhano: *Arte para servir a Deus, e espelho de pessoas ilustres*, Lisboa, Francisco da Sylva, 1741; autor: Fr. Alonso de Madrid Franciscano.
- *Tributo amoroso do Discípulo amado o Senhor S. João Evangelista para lhe consagrarem na sua Novena os seus devotos*, Lisboa, Oficina da Música, 1720. Saiu em nome de António Ramires e Mello. Ver o autor nos cap. 6.1.1; 9; 10.4; 10.5; 10.7 e 17.

**Mateus Januário Ribeiro, Pe.** (séc. XVIII). Segundo Inocêncio foi presbítero secular (XVII, p. 12). Traduziu do francês:

- *Manual Cristão ou colecção das orações de que usa a Igreja Católica, no santo Sacrifício da Missa em todos os dias, e nas festas mais principais do anno; e também para antes, e depois da confissão, e Sagrada Comunhão*, Lisboa, Oficina Manuel Coelho Amado, 1776; autor: Jacques-Bénigne Boussuet; 372 p.; 15 cm (CBAP, n.º 290; A Tradução em Portugal, 1240). Com outro título:  
— *Manual do Bom Cristão ou colecção de Orações*, Porto, Edit. J. B. Birra, 1890; 13 cm (BNP, R. 26371 P.).

**Matias de Andrade, Pe., CO** (1680-1747). Era natural de Freixo de Espada à Cinta. Foi pregador e mestre de moral empenhado no aproveitamento espiritual do próximo. Foi influenciado pela espiritualidade dos seus irmãos de religião: Pe. Bartolomeu de Quental e Pe. Manuel Bernardes.<sup>28</sup> Assim, escreveu:

- *Filho instruído pelo melhor pay*, 1732.

<sup>28</sup> Sobre o autor, ver Inocêncio XVII, p. 14; Barbosa III, p. 452-453; SANTOS, Eugénio dos, *A Crise de Consciência em Portugal no século XVIII: Uma tentativa de análise e superação. A obra do P. Matias de Andrade (1680-1747)*, em Revista de História, Porto, FLUP, 1978; vol. 1, p. 253-254.

- *Paz interior, tríduo ditoso. Diálogo entre hum velho solitário, e hum mancebo estudante*, 1734.<sup>29</sup>
- *A Guerra Interior*, 1743 (ms). Publicado:
  - *A Guerra Interior de Matias de Andrade, (1743)*. Estudo e Ed. de Sara Augusto; Pref. Marta Teixeira Anacleto, Viseu, Quartzo Editora; Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, 2012; 208 p.; 24 cm (BNP, L. 133016 V.).<sup>30</sup>
- *Viva Jesus*, Salamanca, 1731.
- *Vida de Santa Maria Magdalena historiada*; ms; em 4.º.
- Traduziu do italiano: *Tratado para conduzir a alma à estreita união com Deus, e para a conservar, e perfeição no mesmo amor*.

**Miguel de Amaral**, SJ (1732-?). Segundo Inocêncio, este autor vivia em Macau nos finais do séc. XVII, mas, pela data de nascimento dada pela BNP, deve haver erro (XVII, p. 36). Traduziu do italiano:

- *Exercícios Espirituais de Santo Inácio...*, Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1726; autor: João Pedro Pinamonti; 15 cm (BNP, R. 26945 P.; A Tradução em Portugal, 551).
  - 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1863; 18 cm (BNP, L. 30723 P.).
  - Nova edição, Porto, Manuel Malheiro [18?]; 17 cm (BNP, R. 26297 P.).
  - 3.<sup>a</sup> edição, ib., Tipografia Porto Médico, 1934; 453 p.; 18 cm (BNP, R. 25747 P.).

**Miguel Ferreira de Almeida**, Pe. (1840-1916). Nasceu em Viseu de família modesta. Cursou Teologia no Seminário da sua cidade. Mais tarde, devido aos seus dotes, doutorou-se nesta área na Gregoriana, Roma. Traduziu:

- *Exercícios Espirituais seguidos das instruções e regulamentos para a Congregação dos verdadeiros amantes de Jesus e Maria*, Viseu, Typ. da “Revista Catholica”, 1903; autor: S. Leonardo de Porto Maurício; 23x15 cm (BCapP: t. III).
- *Caminho da Cruz. Instruções sobre a perfeição da vida religiosa ou Manual Sagrado. Resoluções...*, Viseu, Typ. da “Revista Catholica”, 1903; autor: S. Leo-

<sup>29</sup> O autor e as duas obras, em MARQUES, João Francisco, *A palavra e o livro*, em História Religiosa de Portugal II, p. 423.

<sup>30</sup> O manuscrito encontra-se no Fundo Antigo da Biblioteca Municipal de Viseu, com Dedicatória a D. Júlio Francisco de Oliveira, bispo de Viseu (1741-1765). Ver também: SANTOS, Zulmira C., *A Guerra Interior (1743) de Matias de Andrade. Da “missão de interior” à direcção espiritual*, em Via Spiritus 20, 2013, p. 121-132.



nardo de Porto Maurício; 473 p.; 23x15 cm (BCapP). Ver o autor nos cap. 10.4; 10.6; 10.8; 14 e 15.

**Pedro de Santa Clara**, Frei, OFM (séc. XVIII). Era natural de Lisboa; ingressou na sua Ordem no convento de Santa Maria de Xabregas, onde fez estudos eclesiásticos (Barbosa III, p. 567-568; Inocêncio VI, p. 399; XVII, p. 229). Escreveu e traduziu várias obras de tipologia ascética:

- Traduziu do castelhano: *Exercício de Perfeição, e Virtudes Christans, obra utilíssima, e muito proveitosa para todo o estado de pessoas, que aspirão à perfeição, composta pelo venerável Padre Affonso Rodriguez, da Companhia de Jesus... dividida em três partes e com índices mui copiosos e necessários*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1730; autor: Pe. Alonso / Afonso Rodrigues; está dividido em 8 tratados, com índice de conteúdos e índice dos lugares da Sagrada Escritura de todos os livros (10 p.); ca. 800 p.; 30x12 cm (BPH; A Tradução em Portugal, 583).
- Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1742; 4, 452 p.; 15 cm (CBAP, n.º 1866).
- Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1745; 3 partes; 30 cm (BNP, R. 5368 A.).
- Coimbra, 1748; 3 vol. (A Tradução em Portugal, 833).
- Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Ofício, 1749; Parte I: 12, 258 p.; Parte II: 253 p.; Parte III: 264 p.; 33 cm (BNP, Res. 2812 A.).
- Ib., mesmo impressor, 1757; 10, 760 p.; 29 cm (BNP, R. 1797 A.; A Tradução em Portugal, 943; BOCD).
- Ib., mesmo impressor, 1758 (A Tradução em Portugal, 962).
- Ib., mesmo impressor, 1762; 12, 760 p.; 31 cm (BNP, R. 2098 A.).
- Porto, António Dourado, 1887-1890; 3 vol.: 720, 696 e 560 p.; 20x14 cm (BNP, TR. 1530 P. - 1532 P.; BSEA).
- *Edição Revista por José Pinto de Moura*, ib., Liv. Joaquim Maria da Costa, 1886; 3 partes: 1.ª, 720 p.; 2.ª, 696 p.; 3.ª, 552, 8 p.; 19,5x13 cm (BPH).
- *3.ª edição revista e confrontada com o original*, Lisboa, Tip. da União Gráfica, 1927; 6 vol.; 17 cm (BNP, R. 25671 P. - 25682 P.).
- *5.ª edição*, ib., mesmo impressor, 1947; Tomo 1: 1.ª parte: 383 p.; 18 cm (BNP, C.G. 6181 P.).<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Trata-se de uma obra fundamental para compreender a espiritualidade dos Jesuítas, mas também o cristianismo, em geral.

- *Exercícios espirituais*, Lisboa, Pedroso Galvão, 1730; em fol.
- *Cartilha para visitar as Estações da Via-Sacra com hum Tratado para a Oração Mental*, Lisboa, Maurício Vicente de Almeida, 1732.
- *Alma solitária e peregrina no desterro deste mundo que, suspirando pela pátria celeste para gozar do summo bem, intenta dirigir seus passos e segurar seus caminhos por meio das insinuações que aqui expõem*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1734 (BNP, R. 39745 P.).
- *Tributo de vários obséquios a N. S.*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1737.
- *Medula Evangélica Doctrinalis, Moralis Allegoórica, Anagógica, Tropológica literalis Grammaticalis & Ascetica, divisa in 4. Partes:*
  1. *Dominicalis*;
  2. *Moralis*;
  3. *Quadragesimalis*;
  4. *Santoralis*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1745-46; 2 vol.; 20x15 cm (BPNM, 2-4-4-6/7). Deixou alguns manuscritos como:
- *Eccos da divina Misericórdia repartidos em 150 auxílios disfarçados em outros tantos casos raros com suas reflexões*.
- *Opúsculos de exercícios para a Semana Santa*.
- *Exercícios que principião nove dias do Natal, e acabão dia de Reis*.
- *Apologia por parte da modéstia contra os trages, e adornos profanos*.
- *Vozes do Céu contra o peccador adormecido na culpa*.
- *A modéstia vendicada contra as comédias, danças e saraus*.
- *Relógio da vida para mostrar a brevidade com que se caminha para a morte*.
- *Escada do Ceo. Doutrinas da Ven. Maria de Agreda, traduzidas em português e distribuídas em muitos Capítulos segundo as virtudes do que tratão*.
- *Sermoens de Missão*; 2 Tom.
- *Discurso experimental, ou exame prático, no qual brevemente se ponderão os desertados pensamentos, e perigosas declinações de huma República enferma*.
- *Ascensus ad Sacrosanctum montem Sion*. Ver o autor nos cap. 9; 10.3 e 15.

**Pedro Gerardo**, Frei (?-?). Traduziu:

- *Recolhimento espiritual ou Retiro de oito dias: composto de várias meditações...*, Coimbra, 1719; autor: Pe. António Ghuyset; em 12.º (BNP, R. 16293 P.; A Tradução em Portugal, 506).

**Roberto Maciel**, Pe. (ca. 18??). Foi diretor da seguinte publicação:

- *A Verdade: Folhas falantes de Propaganda Católica*, Braga, [s.n., 1896?]; 22 cm (BNP, J. 975//22 P.). Ver o autor nos cap. 10.7; 15 e 22.3.

**Sebastião Neves Borges** (?-?). Foi diácono do hábito de S. Pedro. Traduziu:

- *Compêndio de Oração e Meditação...*, Lisboa, Oficina Joaquiniana de Música de D. Bernardo Fernandes Gayo, 1739; extraído de “Obras do Venerável” Frei Luís de Granada; 20, 464 p.; em 8.º (A Tradução em Portugal, 701).

**Teodoro de Almeida, Pe., CO** (1722-1804). Foi sacerdote católico, escritor e filósofo, uma das mais expressivas figuras do iluminismo de Portugal. Era anti-jansenista assumido. Fugindo de Pombal, foi para Espanha e França. Aqui recebeu influências espirituais do capuchinho Ambroise de Lombez, que escreveu livros sobre a paz e a alegria, que foram traduzidos por este seu discípulo, mas ainda não foram publicados. Regressou a Portugal após a morte do Marquês. Foi autor de vasta obra literária.<sup>32</sup> Deixamos aqui algumas das suas obras:

- *Tesouro de proteccion en la Santíssima Virgen ó estímulos de amor y devocion a la Madre de Dios Senhora Nuestra...*, Barcelona, Imp. de los Herederos de la V. Pla, 1850; 258 p.; 15 cm (BNP, R. 31744 P.).
- *Gemidos da Mãe de Deus aflita, ou estímulos de compaixão das suas dores*, Porto, Oficina de Francisco Mendes Lima, 1763; 12, 336 p.; 13 cm (BNP, R. 26779 P.; DB).
  - Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1768 (BOCD).
  - Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1800; 309 p.; 16x9 cm (BNP, R. 27941 P.; BSEA). Este volume apareceu com o pseudónimo de Dorotheo de Almeida. Com título diferente:
  - *Mãe de Deus aflita...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1800; 15 cm (BNP, R. 27907 P.).
  - 6.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Imprensa Régia, 1815; 381 p.; 13 cm (BNP, R. 4890 P.).
  - Em espanhol: *Gemidos de la madre de Dios afligida y consuelos de sus devotos: Com diferentes Obséquios ofrecidos á la misma Señora*, Salamanca, Francisco de Toxar, 1794; 5 fol., 259, 4 p.; 14 cm; Traducidos del Português al

<sup>32</sup> Sobre o autor, ver SANTOS, Zulmira, *Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2006; MARGERIE, Bertrand de, *Teodoro de Almeida – Un mystique du Coeur de Jésus dans le Portugal et la France du XVIIIe siècle*, em Didaskalia III, 1973, p. 363-366; ver ainda o autor no contexto pombalino em Fortunato de Almeida III, p. 96-98; Inocêncio VII, 301-308.

Castellano, sobre la quinta y última impresión, à la que se ha añadido la Novena (BNP, R. 31986 P.).

— 10.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Viúva Bertrand & Filhos, 1867; 14 cm (BNP, R. 26284 P.).

- *Armonia de la razon y la religion ó respuestas filosóficas á los argumentos de los incredulos: obra escrita en português. Traducido em espanhol por P. Francisco Vazquez...*, Nueva edicion [S.l. : s.n.] 1848 (Alcoy: Impr. Francisco Cabrera); 2 tomos num vol.; 16 cm (BNP, R. 32308 P.).

— Barcelona, Libreria Religiosa, 1850; 2 vol.; 15 cm (BNP, R. 32286 P. - 32287 P.).

- *Entretenimentos do coração devoto com o Santíssimo Coração de Jesus. Ajuntam-se alguns actos de desagravo e outros obséquios para passar devotamente a hora que cada mês se toma de adoração ao Coração Santíssimo*, Lisboa, Oficina Régia, 1790; 315 p.; 16,5x11,5 cm (BPH); reeditado em 1829.<sup>33</sup>

— 4.<sup>a</sup> edição, Porto, Livreria Cathólica Portuense de Manuel Malheiro [18?]; 508 p.; 14 cm (BNP, R. 28800 P.).

— Ib., Livreria Católica Portuense, 1872 (BNP, R. 12417 P.).

- *Thesouro de Paciência nas Chagas de Jesus Christo ou consolação da alma atribulada na meditação das penas do Salvador*, Porto, Francisco Mendes Lima, 1765; 10, 229 p.; 14 cm (BCM, 4/1765). A devoção às chagas de Cristo está na origem da devoção ao Coração de Jesus.<sup>34</sup>

— Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1784; X, 233 p.; 13 cm (CBAP, n.º 75).

— Ib., Oficina António Rodrigues Galhardo, 1804; 233 p.; 14x7,5 cm (BNP, R. 26727 P.; DB).

— 3.<sup>a</sup> Impressão, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1854; 14 cm (BNP, R. 27479 P.).

<sup>33</sup> Segundo MARQUES, João Francisco, *A Palavra e o Livro*, em História Religiosa de Portugal II, p. 423, esta obra “reflecte influências de São João da Cruz e de Santa Margarida Maria Alacoque e constitui uma suma de ‘actos de desagravo e outros obséquios, para passar devotamente’ essa hora de adoração”. Foi traduzido para francês com o título: *Entretiens sur la dévotion au Coeur de Jésus*, Lião, 1826.

<sup>34</sup> Pio XII, na sua encíclica *Haurietis Aquas* de 1956, apresenta os fundamentos bíblico-teológicos da devoção às chagas de Cristo e ao seu Coração. É uma exposição do texto do Evangelho de João 19,33-35: [os soldados], *ao chegarem a Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Porém, um dos soldados traspassou-lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água. Aquele que viu estas coisas é que dá testemunho delas e o seu testemunho é verdadeiro. E ele bem sabe que diz a verdade, para vós crederdes também*. Na encíclica do Papa liga-se este texto à devoção e reparação do Sagrado Coração de Jesus.

- Recife, Typografia de Santos e Companhia, 1855 (BNP, R. 12848 P.).
- 4.<sup>a</sup> edição, *correcta e augmentada*, Porto, Livraria Cathólica Portuense de Aloysio Gomes da Silva, [18?]; 11, 274 p.; em 8° (BSL); Lisboa, [s.n.] 1864 (BNP, R. 11652 P.).
- 4.<sup>a</sup> edição, Porto, Tip. de A. F. Vasconcelos [1896]; 2 vol. (BNP, R. 10973 P. - 10974 P.).
- *O Felix Independente do Mundo e da Fortuna, ou Arte de viver contente em quaesquer trabalhos da Vida, Dedicado a Jesu Crucificado...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1779; com licença da Real Mesa Censória e Privilégio Real; 3 vol.: 347, 307 e 346 p.; 17x10,5 cm (DB: vol. I).
- Ib., Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1786; 13x7 cm (Biblioteca da Universidade dos Açores, RS/A-18-101V.1.2ed; BSEA).<sup>35</sup>
- *Nova edição*, Lisboa, Tip. de José Baptista Morando, 1844; 2 vol. (BNP, L. 11707 P. - 11708 P.).
- *A voz do Evangelho ou Thesouro dos Pregadores*, Porto, Livraria Catholica Portuense, 1899-1900; 2 vol.; vol. I: Homilias evangélicas ou Pastor Evangélico (Domingas desde a I do Advento até à Quinquagésima e festas dos meses de dezembro, janeiro e fevereiro); 288 p.; 19x12,5 cm (BNP, TR. 3784 P.; DB; BSEA).
- *Tratado da Paz Interior*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1783; autor: Ambrozio de Lombez, OFM; 6, 426, 8 p.; 14 cm (BNP, R. 7906 P.; A Tradução em Portugal, 1472; CBAP, n.º 1243).<sup>36</sup>
- *Espírito Consolador ou Tratado Ascético... E Manual Cristão*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1791; 5 fol., 424 p.; 15x11 cm (BNP, R. 25275 P.; BOCD; A Tradução em Portugal, 1901); s.l, s.n., 1829 (A Tradução em Portugal, 4136).
- *Estímulos do amor da Virgem Maria Mãe de Deus*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1759; 8, 288 p.; 12 cm (BNP, R. 1040 P.; BSEA).
- 2.<sup>a</sup> edição revista, Porto, Liv. do Apostolado da Imprensa, 1943; 238 p.; 13x8 cm (BSEA).
- *Recreação Filosófica, ou Diálogo sobre a Filosofia Natural, para instrução de pessoas curiosas, que não frequentarão as aulas*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1758-1800; 3.<sup>a</sup> impressão; 10 vol.; 16 cm (BNP, S.A. 22672 P. - 22681 P.; DB: vol. 1-6; BSEA).<sup>37</sup>

<sup>35</sup> Obra de caráter científico que o seu autor dedicou a Cristo crucificado.

<sup>36</sup> Segundo Inocêncio VII, p. 384, o tradutor foi o próprio Teodoro de Almeida.

<sup>37</sup> Contra esta obra: *Palinodia Manifesta, ou Retractação pública de muitos erros, carocas, e falsidades*,

- *Quarta Impressão muito mais correcta que as precedentes*, ib., mesmo impressor, 1781-; 17x10 cm (BOCD: vol. VI, 504 p.).
- *Quinta Impressão muito mais correcta que as precedentes*, ib., mesmo impressor, 1786-1800; 18 cm (BNP, S.A. 27574 P. - 27583 P.).
- *A Vida Alegre do Filósofo Christão composta pelo author da Morte Alegre do Filósofo Christão T. A. C. O.*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1803; 132 p.; 15 cm (BNP, S.A. 1452//2 V.).
- *Sermões panegíricos*, Lisboa, António Rodrigues Galhardo, 1786; 11x17 cm (BPH: tom. III). Quinze destes sermões são dedicados a Nossa Senhora (t. I), com outros sermões com o mesmo tema (t. III).
- *Sermões completos*, Lisboa, Porto, Liv. Católica Portuense, 1903; 2.<sup>a</sup> edição atualizada; 3 vol.; 19x12 cm (BSEA).
- *Sermões do P. Theodoro de Almeida da Congregação do Oratório, e da Academia Real das Sciências, e da Sociedade Real de Londres, e da de Biscaia*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1787.
  - Tomo I: Sermões de Nossa Senhora.
  - Tomo II: Sermões da Quaresma.
  - Tomo III: Sermões Panegyricos; 18 cm (BNP, R. 28332 P.; BSEA; BPH).
- *O Pastor Evangélico repartindo às ovelhas o pasto da Palavra Divina nos Sermões e Práticas familiares...*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1798; 2 vol.; 18 cm (BNP, TR. 5058 P. - 5059 P.; BSEA).
  - Ib., Impressão Régia, 1824; 4 t.; 15 cm (BNP, R. 6778 P. - 6781 P.); ib., Tip. José Baptista Morando, 1856; 406 p.; 12x7 cm (BSEA; BCapB).
- *Cartas espirituais sobre diversos assuntos... Escritas a diversas pessoas*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1804; 2, 316, 2 p.; 16x10 cm (BSEA).
- *Meditações dos Atributos Divinos para todo o ano com um apêndice com os atributos de Nossa Senhora*, Lisboa, 1796; 4 tomos. Tem como centro espiritual a teologia do Coração de Jesus. Ele tem paciência para esperar a conversão do

---

*que a hum pobre médico, chamado Sylvio, bom homem, máo philosopho, e peor peripátetico se encaixarão na última tarde da Recreação Filosófica, aonde fez a figura de mantenedor pela escola de Aristóteles. De outra sorte breve summario das razoes, que por si allegão os Philosophos da moda, e os antigos nos principes pontos, em que discordão...*, Sevilha, Imprenta de Antonio Buccaferro, 1752; 95 p.; 20 cm (BNP, S.A. 17624//2 P.; BPB, Res. 88 V.; Inocência VI, p. 334). Uma nota da ficha da BNP informa: “Obra anónima publicada em local fictício; crítica à obra *Recreação Philosophica* do padre Teodoro de Almeida e provavelmente saída da casa de S. Roque ou do Colégio de Santo Antão”.

pecador. Em todos os argumentos segue, primeiramente, a Bíblia (Fortunato de Almeida III, 394; BPNM, 2-14-1-21/24).

- *Obras inéditas* em ANTT, ms 1675. Nestes inéditos, segundo Inocêncio VII, p. 307, há dois volumes de *Sermões* e um outro de *Cartas espirituais*.
- *Lisboa Destruída: Poema*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1803; 15, 280 p.; il.; 17x10 cm (BNP, L. 3638 P.; BSEA). Refere-se ao terremoto de 1755.

## Bibliografia

- AZEVEDO, Fernando de, SJ., *A Piety of the enlightenment: the spirituality of truth of Teodoro de Almeida*, Didaskalia V/1, 1975, p. 105-131.
- Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. IV, n.º 4, 1963.
- FIOLHAIS, Carlos, *Os diálogos filosóficos do Padre Teodoro de Almeida*, Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía. ISSN 1888-4067. Vol. 11, n.º 1 (2017), p. 89-110.
- , *Primeiro tratado de física: recreação filosófica ou diálogo sobre a filosofia natural (tomo I) [de] Teodoro de Almeida*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2017; Direção José Eduardo Franco, Carlos Fiolhais; em Coleção: Obras pioneiras da cultura portuguesa, vol. 29.
- MARGERIE, Bertrand de, *Teodoro de Almeida. Un mystique du Coeur de Jésus dans le Portugal et la France du XVIII siècle*, Didaskalia III/2, 1973, p. 363-366.
- NEPUEU, Pe. François, *L'Esprit du Christianisme ou La conformité du Chrétien avec Jesus-Christ...*, Paris, Bailly, Libraire..., 1768; 369 p.; 17x10 cm (BOCD).
- PEREIRA, J. M. Dantas, *Elogio do Padre Teodoro de Almeida*, em História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1831, t. XI, p. XIII-XXIV.
- SANTOS, Zulmira C., *Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)*, Lisboa, Fundação Gulbenkian-FCT, 2007.

**Apreciação.** Teodoro de Almeida foi um brilhante cientista na sua época, um valente defensor da fé católica contra todos os inimigos internos e externos, um mestre de oração e de esperança, um consolador dos que sofrem, a partir da sua experiência sofredora e um seguidor do seu confrade do período anterior, o Padre Manuel Bernardes. Foi igualmente um devoto de Maria, com textos de sermões modelares e um místico de alta espiritualidade, sem deixar de ter os pés bem assentes na história concreta do seu tempo. Sobre este grande homem da Igreja e das ciências, veja-se o cap 1.



**Teotónio Pinto da Fonseca** (séc. XVIII). Inocência apenas refere a obra, sem indicar pormenores biográficos pessoais do autor (VII, p. 315). Traduziu do castelhano:

- *Norte, e guia para o caminho do ceo e definições moraes dos Dez Mandamentos da Lei de Deus que declarão os bens espirituales, e corporaes, que alcança quem os guarda e dos damnos dos seus transgressores: tirados das Divinas e Humanas Lettras*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1761; autor: Frei Affonso Guerreiro; 28, 345 p.; 20 cm (BNP, R. 15317 P.).

**Thomás Bequeman**, Frei, CRT (1660-1729). Era natural de Lisboa. Professou na Ordem dos Clérigos Regulares Teatinos em 1680, onde exercitou, primorosamente, o ministério de orador evangélico. Emigrou depois para Itália (Barbosa III, p. 741). Traduziu do italiano:

- *Combate Espiritual*, Lisboa, Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1707; autor: Lourenço Scupoli; I e II Partes; 492 p.; 15 cm (BNP, R. 29377 P.; CBAP, n.º 1980).
  - Coimbra, Luís Seco Ferreira, 1741; 62, 536 p.; 15 cm (A Tradução em Portugal, 739; CBAP, n.º 1981).
  - Lisboa, Régia Oficina Sylviana, 1744; 28 fol., 430 p.; 16 cm (BNP, R. 18118 P.).
  - Ib., Oficina de José da Costa Coimbra, 1756; 16 cm (BNP, R. 23863 P.; BJPII; A Tradução em Portugal, 921).
  - Ib., Oficina de Joseph Filippe, 1761; 30 fol., 239 p.; 16 cm (BNP, R. 28901 P.; A Tradução em Portugal, 1012).
  - Ib., Régia Officina Typográfica, 1780; 65, 558 p.; 15 cm (BNP, R. 23580 P.; CBAP, n.º 1982).
  - Ib., mesmo impressor, 1783; 14 cm (BNP, R. 28847 P.; BPNM, 2-14-1-5; A Tradução em Portugal, 1475).
  - Porto, [Typ. Portuense, 18?]; 482 p.; 16x11 cm (BNP, R. 24507 P.; BPH).
  - Lisboa, Oficina Tipográfica Rolandiana, 1864 (BNP, R. 23979 P.).
- *Ramalhete sagrado de nove açucenas colhidas do jardim das divinas letras, que contém nove meditações das virtudes do be[n]aventurado padre S. Caietano Thiene...: repartidas em nove dias, que compoem a devota novena, que costumão fazerlhe [sic] os fiéis diante do seu altar, implorando o divino favor debaixo de sua protecção... & agora novamente traduzidas, & acrescentadas em português*, Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1685; autor: Pe. D. Paulo Juliis; 24, 120 p.; 13 cm (BNP, R. 16942 P.).

- *Quotidiano estímulo à reforma da vida mais descuidada, e perdida, qual neste mundo he, e ha sido de T. B.*, Escrito em Roma, 1717; ms; em fol.
- *Oraçam que compoz Isaac Eliot na sua prizam, aprovado pelo seu director espiri-tual: a qual rezou por espaço de oito meses todos os dias, posto de joelhos diante da imagem de Jesus Christo crucificado e no dia de sua morte entregou o seu original de sua própria letra ao dito seu director*, Lisboa, Oficina da Música, 1733; 4 fol.; 20 cm (BNP, Res. 3496 P.). Ver o autor no cap. 14.

**Tomás José de Aquino** (1718?-1804). Escreveu sob o pseudónimo de Germano Paulo (Inocêncio II, p. 40; VII, p. 346). Traduziu:

- *Exercício devoto para pedir o amor de Deus e outras virtudes...*, Lisboa, Manuel Coelho Amado, 1763 (A Tradução em Portugal, 1044; Palau, 388).

**Valério de Oliveira Bernardes**, Pe. (1704-?). Nasceu em Lisboa e foi presbítero do hábito de São Pedro (Barbosa III, p. 770). Traduziu:

- *Solilóquios divinos*, Lisboa, Régia Oficina, 1745; autor: Bernardino Vilhegas; 14 cm (BNP, R. 27047 P.; A Tradução em Portugal, 798). Ver o autor no cap. 10.6.

**Valério do Sacramento**, Dom, Frei, OFM (séc. XVIII). Era natural de Lisboa. Professou na Província de Santo António em 1699 e foi eleito bispo de Angra em 1732 (Barbosa III, p. 771; Inocêncio XIX, p. 315). Compôs:

- *Thesouro seraphico descoberto no campo do Evangelho pelo Patriarcha dos Pobres N. P. S. Francisco, exposto aos seus filhos por hum delles o menor... Dividido em tres partes, na primeira se trata da regra minorítica, e seus preceitos em commum: na segunda, dos preceitos em particular: e na terceira, dos casos reservados na Ordem. No fim se acrescenta hum directório para os noviços...*, Coimbra, Real Collégio das Artes da Companhia de Jesus, 1735; 32, 300, 103 p.; 21 cm (BNP, R. 12171 V.).

— Porto, Oficina Episcopal do Capitão Manuel Pedroso Coimbra, 1755; 20, 392 p.; 20 cm (CBAP, n.º 1897).

**Vasco de Macedo** (?-?). Traduziu:

- *Pensamentos consoladores. Santo Francisco de Sales*, Porto, J. J. de Mesquita Pimentel ed. [17??]; coordenados com notas... pelo Pe. P. Huguet; 355 p.; 20 cm (BNP, R. 29249 P.).
- *Nova edição revista e aumentada...*, ib., mesmo impressor, 1885; 375 p.; 18x12 cm (BPH).

**Vaubert**, Pe. (?-?). Traduziu em português a sua obra, que escreveu em francês:

- *O Santo Exercício da presença de Deus...*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1784; dividido em 3 partes; 15 cm (BNP, R. 26475 P.).

**Vicente da Cruz Trovisqueira** (?-?). Traduziu:

- *O Triunpho da Pureza segundo o Padre Drexelio*, Porto, Livraria Católica Portuense, 1896; 16 cm (BNP, R. 24002 P.; BSL).
- *O Filho de Maria segundo Santo Affonso de Ligório...*, Porto, Livraria Católica Portuense, 1899; autor: Saint Omer; 48 p.; 15 cm (BNP, R. 28400 P.).  
— Ib., mesmo impressor, [18??]; 8, 187, 6, 2 p.; em 8.º (BSL).

#### **Autores anónimos**

- J. D. S. compilou: *Instrução sobre os sacramentos da Penitência e da Sagrada Comunhão do Corpo de Jesus Christo para aqueles, que não têm maiores estudos, extrahida de vários authores...*, Lisboa, Oficina Lino da Silva Godinho, 1789 (BNP, R. 32199 P.).
- *Visitas ao Santíssimo Sacramento* [Manuscrito], 1793; 24 p.; 15 cm; enc. com outros (BNP, C.I.C. 9//4 P.).  
— *Visitas ao Santíssimo Sacramento e a Maria Santíssima para todos os dias do mês. Actos de preparação, e de Acção de Graças para a Sagrada Comunhão: Modo de rezar a Coroa das Dores de Nossa Senhora, e actos, que deve fazer o christão todos os dias...*, Bahia, Typ. de Manoel António da Silva Serva, 1816; 261 p.; 13 cm (BNP, Res. 3004 P.; CBAP, n.º 2249).
- *Nova edição ornada de estampas e augmentada de novas devoções...*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1831; 311 p.; 14x7,5 cm (BSME).
- *Preces a Deus Nosso Senhor pelo trabalho actual da Santa igreja, e que pode cada um dizer em particular*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1794; 8 p.; 19 cm (BNP, H.G. 6576//42 V.).
- *Regras da Vida Cristã para uso da Educação Infantil por uma mãe de família*, Lisboa, Lallemand Frères, 1871; 56 p.; il.; 19x11,5 cm (BSME).<sup>38</sup>
- *Várias oraçoens aprovadas pela Igreja, de que devem usar todos os Cathólicos e devotos de S. Bárbara na ocasião de tormentas e trovoadas*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1729 (BPNM, 2-71-3-10).
- *Compilação de algumas orações e devoções a que estão ligadas diversas indulgências concedidas pelos Summos Pontífices*, Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1875; 2 partes: 2.<sup>a</sup>, 287 p.; 15x11 cm (BPH).

<sup>38</sup> Nesta biblioteca, está encadernado com uma miscelânea de conferências católicas.

- *Sustento espiritual da alma...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1782; 8, 371, 48 p.; 13 cm (CBAP, n.º 2097).
- *Biblioteca do Cristão ou collecção das melhores obras religiosas tanto antigas como modernas, que se têm publicado em latim, italiano, alemão e francês, traduzidas por uma Sociedade propagadora do Evangelho*. Tomo I, Lisboa, Typografia de Manuel de J. Coelho, 1843 (SocBib).

### Tradutores anónimos

- Traduzido do castelhano: *Manual de piedosas meditações aonde não só se manifesta a necessidade, que todos temos de praticar a oração mental...: obra de singular proveito, e doutrina para todo o estado de pessoas...*, Lisboa, Oficina de Francisco Luís Ameno, 1702 (BNP, R. 26911 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1731 (BNP, R. 26886 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1751 (BNP, R. 26798 P.; A Tradução em Portugal, 859).  
— Ib., mesmo impressor, 1780; 584 p.; 21x13 cm (BNP, R. 26361 P.; BSEA).  
— Ib., Typ. de António Rodrigues Galhardo, 1826; 6, 554 p.; 21x15 cm (BNP, R. 846 P.; BOCD).
- *Director espiritual que ensina um método fácil para viver santamente*, 1780; autor: Dr. Gaugerico Hespanhol, CO; 500, 12 p.; 18 cm (A Tradução em Portugal, 1354).
- Traduzido do francês: *Director espiritual... Dedicado à... Imaculada Conceição de Maria Santíssima por um seu indigno escravo*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1778; 15 cm (BNP, R. 23818 P.).
- Traduzido do francês: *Retiro de dez dias, para as pessoas consagradas a Deus...*, Lisboa, Oficina Patr. de Francisco Luís Ameno, 1783; autor: P. Jean Baptiste Elie Avrillon; 451 p.; 15 cm (BNP, R. 12182 P.; CBAP, n.º 146; A Tradução em Portugal, 1469).
- *Moral Cristã extraída da Escritura Sagrada*, Lisboa, Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1791-92; autor: Jacob Besombes; 4 vol.; 16 cm (BNP, TR. 251 P. - 253 P.; A Tradução em Portugal, 1904; CBAP, n.º 221: 1.º e 2.º vol.).
- *O espírito de M. Nicole ou instruções sobre as verdades da religião...*, Lisboa, Oficina de José de Aquino Bulhões, 1785-1786; autor: Pierre Nicole; 2 vol.; 15 cm (BNP, R. 28285 P. - 28286 P.; CBUA, RS/A - 18-131V.1; A Tradução em Portugal, 1580).
- *Reflexões sobre a misericórdia de Deus, em forma de solilóquios*, Lisboa, Typ. Ro-

- landiana, 1786; autora: Duqueza de la Valière (BNP, R. 8870 P.; A Tradução em Portugal, 1639).
- Traduzido do francês: *Elevações a Deus sobre todos os mistérios da religião cristã*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1793; autor: Jacome Benigno Bossuet; 2 t. num volume; 15 cm (BNP, R. 29767 P.; A Tradução em Portugal, 2017).  
— Ib., mesmo impressor, 1794; 18 cm (BNP, TR. 4607 P.; BSEA; A Tradução em Portugal, 2066).
  - *Da Formusura de Deus e sua amabilidade*, Lisboa, 1785.
  - *Escola de prudentes, discretos e virtuosos*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1793; em 12.º (A Tradução em Portugal, 2019).
  - *Motivos da minha fé em Jesus Cristo*, Lisboa, Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos, 1821; autor: Pedro Francisco Mugart de Vouglans; 99 p.; 20 cm (BJPII, MC-712).
  - Traduzido do francês por Fr. A. P. O.: *O Christão por sentimento*, Lisboa, Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos, 1818; 3 vol.; 16x10 cm (BNP, R. 2866 P.; BCapP: t. III, 445 p.; A Tradução em Portugal, 3493). Trata-se de uma reflexão a partir dos livros e passagens bíblicas mais conhecidas do público.
  - *Ramalhete de divinos louvores... em língua portuguesa para aproveitamento dos que não sabem latim* [Veni Sancte Spiritus, Tantum ergo, Pange língua, Te Deum laudamus], Lisboa, Imprensa Nacional, 1825; autor: Bernardo Sierra; 35 p.; em 12.º (BNP; A Tradução em Portugal, 3955).
  - *Retiro de dez dias ou exercícios espirituais para religiosos e religiosas...*, Génova, Oficina de António Scionico, 1725; autor: Luís de Camognoli; 592 p.; 11,5x10 cm (BSEA).  
— Ib., mesmo impressor, 1726; 5 fol., 592 p.; 15 cm (BNP, R. 29552 P.).
  - *Considerações christans sobre as principaes verdades, e obrigações da nossa religião divididas em meditações*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1787; autor: Richard Challoner; 8 fol., 376 p.; 15 cm (BNP, R. 13642 P.; A Tradução em Portugal, 1687).
  - *Meditações sobre os Evangelhos do ano e para as festas de N. Senhor, da SS. Virgem e dos Santos*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1787; autor: Pedro Medaille; 16 cm (BNP, R. 22782 P.).
  - Traduzido por [B.C.D.S.B.] do italiano: “*Miserere*” [Sl 51] *exposto em pensamentos, e affectos de humildade e paciência*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1787; autor: Caetano Maria de Bergamo, Frei, OFMCap. (1672-1753); 22, 354 p.; 15x10 cm (BNP, Var. 1062; BSEA; BPH).

- *A humildade do coração*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1791; autor: Caetano Maria de Bergamo; 363 p.; 16 cm.
- Traduzido do francês: *Os trinta amores sagrados, ou sentimentos sobre o amor de Deus para cada um dos dias do mês*, Lisboa, Imprensa da Viúva Neves e Filhos, 1829; 264 p.; 13 cm (BNP, R. 8860 P.; A Tradução em Portugal, 4143).
- *Sentimentos affectuosos da alma para com Deus...*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo, 1782; autor: Le Chevalier; 2.<sup>a</sup> edição; 16, 552, 2 p.; 16 cm (BNP, R. 23579 P.; CBAP, n.º 1168; A Tradução em Portugal, 1414).
- *Christão do Tempo Presente, confundido pelos Primeiros Christãos* [Marquês de Caraccioli], Lisboa, Typografia Rolandiana, 1792; 4, 340 p.; 15 cm (BNP).
- *A Grandeza d'alma* [Marquês de Caraccioli], Lisboa, Typografia Rolandiana, 1798; 12, 360, 4 p.; 15 cm (BNP, S.A. 1878 P.).
- *A alma contemplando as grandezas de Deus...*, Porto, Oficina António Álvares Ribeiro, 1786; trad. do francês; 8, 236 p.; em 8.º peq. (A Tradução em Portugal, 1628); ib., mesmo impressor, 1787 (BNP; A Tradução em Portugal, 1681).
- Traduzido do francês: *Diário do Christão santificado pela oração e meditação*, Lisboa, Typografia Rollandina, 1807; 11, 12, 358, 6 p. (A Tradução em Portugal, 2770).
- *Reflexões sobre a misericórdia de Deus, escritas em francês por huma Senhora arrependida*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1809 (A Tradução em Portugal, 2903).
- Trad. do italiano por uma senhora: *Prática do Amor a Jesus Cristo extraída das palavras de S. Paulo: Caritas patiens est...* [1 Cor 13,4a], Porto, Liv. Católica Portuense, 1903.  
— *Nova edição* cuidadosamente emendada; autor: Afonso Maria Ligório; 310 p.; 14x9,5 cm (BSEA).
- *Reflexões cristãs sobre as principais verdades da religião...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1777; novamente traduzidas da língua francesa para a portuguesa; 2 tomos; 18x11 cm (BNP, TR. 3405 P.; BOCD: t. II; 3, 566 p.; FacFil).
- *Retiro espiritual que contém várias reflexões christans sobre as verdades principais da religião...*, Lisboa, Régia Oficina, 1778; 2.<sup>a</sup> edição (BNP, TR. 1767 P. - 1769 P.).  
— 4.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1781 (BNP, TR. 1773 P.).  
— 5.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1785; trad. do francês; 2 vol.: 502 e 571 p.; 17x12 cm (BNP, TR. 1770 P.; BSEA); Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1787; 2 vol.: 356 e 403 p.; 15x10 cm (BSEA).

— 7.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1805; vol. II: 571 p.; 17x10,5 cm (BNP, TR. 1774 P.; BCapB).

- *Horas dos cristãos...*; falta folha de rosto; 640 p.; 14x9 cm (BSEA).
- Traduzido do francês: *Sentenças espirituas dos Santos Padres e Doutores da Igreja... obra utilíssima para todos os fiéis se adiantarem no caminho da virtude, e de perfeição evangélica...*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu, 1800; 2 tomos; 14,5x9,5 cm (BPH; BJPPII).
- Traduzida do francês: *Coroa do anno christão, ou meditações sobre as principaes e mais importantes verdades do Evangelho de Jesus Christo, dispostas para todos os dias do anno segundo a ordem do officio da Igreja*; autor: Sr. Luiz Abelly, Bispo de Rhodes; letra do fim do séc. XVIII (BPE, Cod. CXXIII/2-15: 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> partes, respetivamente, de 296 e 266 p.; Cod. CXXIII/2-14: 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> partes, respetivamente, de 153, 285 fol.).<sup>39</sup>
- *Meditações sobre as verdades mais importantes do Evangelho traduzidas da lingua italiana na portuguesa* em 1765; 30 fol. (BPE, Cod. CIX/1-6). “É traducção de pessoa italiana e correctá por Francisco Luís Ameno; traz as licenças para a impressão a requerimento d’este em fevereiro de 1761”.<sup>40</sup>
- *Tratado da Confiança em a Misericordia de Déos...*, Lisboa, Oficina João António da Silva, 1781; autor: arcebispo de Sens; 18 cm (BNP, R. 23574 P.).
- *O Santo Exercício da Presença de Deus dividido em três partes. Primeira, Deus presente em tudo. Segunda, que hé a presença de Deus. Terceira, methodo para conversar familiarmente com Deus*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1784; autor: R. Vaubert; 221, 3 p.; 14 cm (BNP, R. 28661 P.; CBAP, n.º 2205).

#### Igreja Católica, editor literário

- Vv., *Ano Cristão ou exercícios de piedade para todos os dias do anno...*, Lisboa, Tip. Rolandiana, 1796-1826; autor: Jean Croiset; 5 vol. (BPNM, 2-5-5-2/6).
  - Ib., mesmo impressor, 1865; 370, 3 p.; 21 cm (BNP, TR. 672 P. - 676 P.).
  - *Nova edição*, ib., mesmo impressor, 1867; 418, 4 p.: il.; 21 cm (BNP).
  - Ib., Typ. de F. X. de Souza & Filho, 1868; 426 p.; il.; 21 cm (BNP).
  - Ib., Rolland & Semiond, 1873 (BNP, TR. 4892 P.).
  - 2.<sup>a</sup> edição, Porto, 1923.

<sup>39</sup> Em Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 63.

<sup>40</sup> Em Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 64.



- *Ano Cristão, ou exercícios de piedade para todos os domingos, dias de Quaresma e Festas Móveis...*, [S.l.: s.n. 17??] (BNP, TR. 335 V.: vol. 5?).
- *Anno Christão ou exercícios devotos para todos os dias do anno*, Porto, Empreza d'Obras Populares Illustradas, 1885-1886; autor: João Croiset (BNP, R. 28568 V. - 28569 V. ; BPH: vol. I).<sup>41</sup>
- Vv., *Orações sagradas de vários autores*, Coimbra, Imp da Universidade, 1824 (BSEA).

Neste apartado da espiritualidade em geral, encontramos 104 autores com 397 obras, aproximadamente.

### 10.3. Espiritualidade mística

É difícil definir a mística cristã, pois é desta que aqui tratamos; nem aqui pretendemos fazer um tratado sobre este assunto. Pretendemos apenas apontar a mística como um grau mais elevado da espiritualidade cristã, que se caracteriza por certas experiências espirituais extraordinárias. Aqui vamos apresentar as obras espirituais e seus autores, que nos pareceram integrar esta tipologia especial.<sup>42</sup>

**António Caetano de São Boaventura**, Frei, OFM (1669-1749). Era natural de Lisboa. Estudou Teologia e Filosofia, que mais tarde veio a ensinar em diversos lugares. Foi grande pregador e um espiritual místico (Barbosa I, p. 228; Inocêncio I, p. 100). Escreveu:

- *Itinerário Mystico de huma alma pelo caminho de oração cristã*, Porto, 1750; 8, 380, 4 p.; 20 cm (BGUC, 2-5-9-1).<sup>43</sup>
- *Paraíso Mystico da Sagrada Ordem dos Frades Menores plantado no campo fecundo da Igreja Militante*, Porto, Oficina Episcopal de Manoel Pedroso Coimbra, 1750; 14, 812 p.; 31 cm (BNP, H.G. 1192 V.). Ver o autor nos cap. 10.6 e 10.7.

<sup>41</sup> Tomo 1: trad. Dias Freitas; 11 fol., 600 p. a 2 col., 83 estampas; Tomo 2: trad. Francisco Manoel Vaz; 11 fol., 738 p. a 2 col., 83 estampas.

<sup>42</sup> Veja-se sobre este assunto, MOIOLI, G., *Mistica cristiana*, em Nuovo Dizionario di Spiritualità, Ed. Paoline, Roma, 1982, p. 985-1001.

<sup>43</sup> Esta obra foi censurada por BARBOSA, José, CR (1674-1750), [*Censura ao "Livro Intitulado Itinerario Mystico, Composto pelo Padre Leytor Jubilado Frei Antonio Caetano de São Boaventura Religioso da Regular Observança de São Francisco*; Manuscrito], Lisboa, nesta Caza de Nossa Senhora da Divina Providência de Clerigos Regulares, 24 de Agosto de 1744; fol. 9-16; 31 cm (BNP, Cod. 7174/12).

**António da Expectação**, Frei, OCD (1651-1724). Era natural de Manteigas. Sabidamente versado em Sagrada Escritura, que ensinou aos irmãos do seu convento dos Remédios em Lisboa. Deixou muitas obras ascéticas e concionatórias (Barbosa I, p. 264; Inocêncio I, p. 130). Vejamos a seguinte:

- *Crónica divina e História Sagrada, panegírica e ascética. Estímulos do amor divino, deduzidos da contemplação e ponderação das divinas perfeições, atributos e inefáveis excelências de Deus Trino e Uno; a fim de acender a divina chama nas almas católicas, pias e devotas, pelo padre...*, Lisboa, Oficina Joseph António da Sylva, 1736; 40, 875 p.; 2 col.; 30 cm (BNP, R. 5556 A.; BNRJ, 267, 7, 129). Ver o autor nos cap. 10.5; 13.1 e 14.

**António Estêves**, Pe. (?-?). Foi um clérigo de S. Pedro, formado nos sagrados Cânones. Traduziu:

- *Mystica Theologia composta pelo Doutor Seráfico S. Boaventura, do Verdadeiro Caminho do Céu, com algumas declarações feitas pelo Padre Mestre Fr. Jeronymo Gracian da Madre de Deus, Religioso da Ordem do Carmo...*, Lisboa, Oficina da Música, 1731; 326 p.; 16x11 cm (BOCD).
- *Método prático para que todas as almas saibam exercitar-se na oração mental*, Lisboa, 1735.<sup>44</sup>

**Francisco da Anunciação**, Frei, OESA (1668-1720). Era natural da vila de Portel, Alentejo. Foi mestre consumado na Teologia mística. Responsável pela organização, a partir do colégio universitário de Nossa Senhora da Graça, em Coimbra, do movimento de reforma espiritual da *Jacobeia* (Barbosa II, p. 108-109). Escreveu:

- *Breve tratado sobre o uso, e abuso das virtudes, e revelações, e cousas sobrenaturaes e do poder do demónio, e da natureza em ordem a fazer ilusões*, Lisboa, Impressão Régia, 1813; 133, 4 p.; 14 cm (BNP, S.A. 10160 P.).
- *Conclusiones theológicas de divino amore ad mentem fundatissimi Doctoris prae-side D. Fr. Francisco ab Annuntiatione...*, Coimbra, apud Joannem Antunes, 1709; 7 p.; 31 cm (BNP, Cod. 1527//6).
- *Vindícias da virtude e escarmento de virtuosos nos públicos castigos dos hipócritas dados pelo tribunal do Santo Ofício...*, Lisboa, Oficina Ferreyriana, 1725-1727; 3 vol. (BJPII, MC-1236; CBAP, n.º 101: vol. 2). Trata-se do documento fundador do movimento da *Jacobeia*.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, *Espiritualidade*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (C-I), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2002, p. 192.

<sup>45</sup> Sobre o autor e esta obra, ver RIBEIRO, António Vitor, *O império da vontade e a raiz cristã*

**Francisco Rolando** (?-?). Foi um impressor e livreiro francês que veio estabelecer-se em Lisboa, ca. 1770. Verteu algumas obras do francês para português e imprimiu-as por sua conta (Inocêncio III, p. 50). Assim temos:

- *Peregrinação de um christão, ou viagem para a cidade celeste, escripta debaixo da allegoria de um sonho. Trasladata em vulgar...*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1782; em 8.º. Ver o autor no cap. 10.10.

**Joana Maria Angélica Medugis**, Soror, OSC (?-?). Inocêncio não fornece dados biográficos da autora (X, p. 144). Menciona apenas a seguinte obra:

- *Brados ou Silvos do Bom Pastor, com que pretende reformar as suas esposas, offerecendo-lhes as suas sacratíssimas chagas para incentivo da verdadeira observância dos seus votos*, Lisboa, Oficina de Joseph Filipe, 1757; 10, 108, 8 p.; 13 cm (BNP, R. 13975 P).<sup>46</sup>

**João das Chagas**, Frei, OFM (?-1727). Era natural de Guimarães. Foi ministro Provincial da sua Congregação, em 1720, e Comissário Geral da Terra Santa (Barbosa II, p. 635; Inocêncio VI, p. 216). Foi ed. literário de:

- *Verdadeyra e individua relação do que se tem obrado em Constantinopla sobre a reedificação do Templo do Santo Sepulcro de Jesus Christo Senhor Nosso, situado na Santa cidade de Jerusalém*, Lisboa, Oficina de Joseph Manescal, 1722; Fr. André de Montoya, & Fr. Diogo de Andrade, procuradores Geraes da Terra Santa; autor: Marquez de Bonac, embaixador d'el-Rey Christianissimo; 8, 43 p.; 20 cm (BNP, H.G. 6771//3 P.; A Tradução em Portugal, 523).

**João de São José do Prado**, Frei, OFM (?-?). Nasceu em Lisboa. Professou em 1706. Foi mestre de cerimónias no real convento de Santo António de Mafra (Inocêncio III, p. 391). Escreveu:

- *Instrução eclesiástica... da missa rezada como cantada com reflexões místicas e morais...*, Lisboa, 1735.  
— Ib., Oficina Manuel Coelho Amado, 1760; 10 fol., 232 p.; 20 cm (BSEA; BPNM, 2-71-5-10; Pernambuco, 421).
- *Semana Sancta, regulada com o uso da Sancta Igreja Romana, e prática dos es-*

---

*da descristianização*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, p. 290s. Aqui se afirma que a obra “só é comparável ao que se escrevia então em França, fosse pelos solitários de Port-Royal, como Arnould e Nicole...” (p. 293); sobre a *Jacobeia*, ver cap. 10.1.

<sup>46</sup> MORUJÃO, Isabel, *Contributo para uma Bibliografia cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos séculos XVII e XVIII (impressos)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 1995, p. 54; Inocêncio X, p. 144; o mesmo tema encontra-se em *Lusitana Sacra* 7, 2.ª Série, 1995, p. 265-316, no que se refere a este volume.

*criptores modernos, e illustrada com reflexões moraes e mysticas*, Lisboa, Oficina António de Sousa da Silva, 1737; em 4.º.

— Ib., Francisco Borges de Sousa, 1761 (BPNM, 2-71-12-4). Ver o autor no cap. 11.1.

**João Pacheco**, Frei, OSA (1677-?). Segundo Inocêncio, nasceu em Aldeia Galega e foi sucessivamente Prior dos conventos da sua Ordem em Lamego, Vila Viçosa e Lisboa. Ainda era vivo em 1747 (III, p. 430). Traduziu do espanhol:

- *Desenganos místicos para as almas detidas, ou enganadas no caminho da perfeição*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1736; autor: António Arbiol y Díez; 36, 666, 2 p.; 21 cm (A Tradução em Portugal, 649; CBAP, n.º 115).

— Coimbra, Oficina Luís Seco Ferreira, 1746; 32, 655 p.; 21 cm (BNP, R. 26839 P.; BSEA; A Tradução em Portugal, 803).

— *7.ª impressão*, Madrid, Juan Muñoz, 1733; 610 p.; 2 col.; 22 cm (BNP, R. 29555 P.).

— Lisboa, Oficina António Pedroso Galram, 1736; 21 cm (BNP, R. 27062 P.).

— *8.ª impressão*, ib., Oficina de António Vicente da Silva, 1765; 32, 664 p.; 20 cm (BNP, R. 29012 P.; BME, JHT1700).

— Ib., 1786 (A Tradução em Portugal, 1632).

- *Espírito consolador ou tratado ascético... e manual cristão*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1751; 5 fol., 424 p.; 14 cm (A Tradução em Portugal, 858).

— Ib., mesmo impressor, 1791 (BNP, R. 25275 P.).

— Ib., mesmo impressor, 1851 (BNP, R. 25403 P.; BOCD).

**José Inácio Roquete**, Frei, OFM (1801-1870). Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete; foi lente de Sagrada Escritura (Inocêncio IV, p. 373-377; XIII, p. 15). Escreveu:

- *Deus é o amor puríssimo; minha oração e contemplação: por Eckartshausen. Edição do doutor Moura, revista...*, Paris, 1853; em 32.º gr. Ver o autor no cap. 3.2.

**Manuel do Cenáculo Vilas Boas**, Frei, OFM (1724-1814). Foi bispo de Beja e arcebispo de Évora e um dos maiores expoentes da cultura e da religião no Portugal dos séc. XVIII-XIX (Inocêncio V, p. 389; XVI, p. 251). De temática mística escreveu:

- *Método prático da oração mental* (BPE, Cod. CXXIX/1-1). Ver o autor no cap. 9.<sup>47</sup>

**Manuel Guilherme**, Frei, OP (1685-1730). Era natural de Lisboa. Estudou Filosofia em Évora e Teologia no Colégio de Coimbra. Com grande inclinação para o púlpito, que exercitou (Barbosa III, p. 284-286; Inocêncio V, p. 446; XVI, p. 225). Escreveu:

- *Escada mystica de Jacob para subir ao céu da perfeição...*, Lisboa, Oficina de A. Pedroso Galram, 1721; com aprovação de António Caetano de Sousa, Lisboa 10.10.1720; 16, 336 p.; 14x9 cm (BNP, R. 1013 P).

— Coimbra, José Antunes da Silva, 1731.

— Ib., Oficina Alvareense, 1744.

— Ib., Oficina Pinheirense, 1747; saiu com o pseudónimo de Paulo Cardoso. Há pouca diferença entre estas edições.

— *Escada mystica de Jacob para subir ao céu da perfeição. Dedicada à Rainha dos Anjos pelo Padre Presentado, Frei Manuel Guilherme, Religioso da Ordem dos Pregadores. Dada terceira vez à luz e acrescentada pelo padre Frei Joseph da Natividade, pregador...*, Lisboa, Oficina de Ignácio Nogueira Xisto, 1758; 8, 426 p.; 14,5x9 cm.<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Segundo Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 45: “Letra do próprio punho de Cenáculo”.

<sup>48</sup> Ver MORUJÃO, Isabel, *Da Bíblia à Poesia – Jacob e Raquel: outros são os degraus*, em *Via Spiritus* 13, 2006, p. 99; Pericão, Bibliografia, p. 263. Segundo Robert Ricard, este livro da *Escada de Jacob* é um “simples manual de piedade” (RICARD, Robert, *Un Manuel de Piété du XVIII<sup>e</sup> siècle*, em *Études sur l'Histoire Morale et Religieuse du Portugal*, FCG, Paris, 1970, p. 380-393). Portanto, nada tem a ver com a espiritualidade Jacobeica ou outra, em especial. Mas tem um valor demonstrativo da “piedade comum” do séc. XVIII em Portugal, que alimentou a fé de muita gente desta época. Quanto ao conteúdo, trata da simples piedade dos fiéis, mas também dos religiosos e dos seus votos a cumprir. Logo, é para leigos e religiosos; e a Escada tem nada menos de 26 degraus. Dá muito valor ao sacramento da Confissão; no 6.º grau trata da oração mental; o 7.º, sobre o exercício da presença de Deus; 8.º, de orações jaculatórias; 9.º, trata da penitência e mortificação; 10.º, Sacrifício da Eucaristia e vida sacramental em geral; 11.º, sobre a comunhão espiritual; 12.º, Ofício em latim; 13.º, intenção pura; 14.º, sobre os votos religiosos; 15.º, sacramento da confissão; 16.º, comunhão sacramental; 17.º, vários conselhos para a vida espiritual... 21.º, do cumprimento da Regra e Constituições dos religiosos; 22.º, vida de comunidade e assistência ao Ofício divino; 23.º, prova que mostra se uma alma ama ou não a Deus (de Maria da Agreda); 24.º, sobre a Leitura espiritual; 25.º, uma recolha de orações; 26.º, retiros de 9 ou de 10 dias, aconselhando mesmo algumas obras espirituais entre as quais as de Manuel Bernardes, do Pe. Nieremberg, S. João da Cruz, S. Francisco de Sales... A obra apresenta, entretanto, uma perspectiva escatológica de raiz marcadamente otimista, ao terminar com a seguinte observação: “Finalmente, lembremo-nos que todo o Paraíso é a nosso favor. Os Santos rogam por nós; os Anjos sublimam e apresentam as nossas orações ao

- *Conselheyro fiel, com máximas espirituas para convencer o entendimento & combater o coração do pecador esquecido*, Lisboa, Oficina António Pedrozo Galram, 1727-1728; 3 vol.; 21x16 cm (BNP, R. 29116 P. - 29118 P.; BSEA; BOCD). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.4; 13.1; 14 e 15.

**Pedro de Santa Clara**, Frei, OFM (séc. XVIII). Era natural de Lisboa; ingressou na sua Ordem no convento de Santa Maria de Xabregas, onde fez estudos eclesiásticos (Barbosa III, p. 567-568; Inocêncio VI, p. 399; XVII, p. 229). Escreveu:

- *A alma saudosa do seu amante* (ms). Ver o autor nos cap. 9; 10.2 e 15.

**Simão Góis da Santa** (?-?). Escreveu:

- *Vida dolorosa ou subida ao monte da Myrrah...*, Lisboa, Oficina Miguel Manescal da Costa, 1765; 2, 101 p.; 14 cm (CBAP, n.º 1930).

**Victorino José da Costa**, ex-OSB (?-ca. 1752). Era natural de Lisboa e chegou a professar na Ordem de S. Bento, sendo ordenado sacerdote; mas dada a inconstância do seu génio, abandonou a vida religiosa (Barbosa III, p. 789-791). Deixou várias composições, quer sagradas, quer profanas. Vejamos as seguintes:

- *Peregrinação da alma, que procura saudosa a seu esposo Jesus com enternecida contemplação seguindo seus dolorosos passos do Horto de Gethsémani até o monte Calvário, setena em obséquio e veneração da Santíssima Paixão de Christo Senhor nosso*, Lisboa, Oficina da Música e da Sagrada Religião de Malta, 1740.
- *Delícias da alma affectuosa “ad illud Delactare in Domino, & dabit tibi petitiones cordis tui ex Psalm. 36”* (ms). Ver o autor nos cap. 10.6 e 15.

**Autores anónimos**

- *Suspiros da alma na contemplação das chagas de Cristo*, Lisboa, Imprensa de J. de Sousa, 1865; 290 p.; 14x9 cm (BSEA).

**Tradutores anónimos**

- *Livro de Ouro ou Introdução à vida devota. Com a declaração mystica do Cântico dos Cânticos, directoria de Religiosas, exercício espiritual e catecismo das tentações...*, Coimbra, Oficina de António Simoens Ferreira, 1729; autor: São Francisco de Sales; 24, 471 p.; 21 cm (BNP, Res. 4139 V.).

---

Senhor; a Santíssima Virgem nos ampara como a seus filhos; Jesus Cristo nos atende como a seus escolhidos. Consideremos fixamente que a batalha é breve, o socorro infalível e o prémio sem fim”. Sobre o tema da Escada de Jacob, ver vol. III desta coletânea: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 317, 358, 378 e 774.

- Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1758; 24, 497 p.; 21 cm (BJPII, 248.1 SAL-AME; BME, ATP106).
- Ib., Oficina Luís Ameno, 1759; 22, 497 p.; em 4.º (BJPII, 248.1 SAL-SIL; A Tradução em Portugal, 963).
- Ib., Oficina António Vicente da Silva, 1765; 16, 492 p.; 21 cm (A Tradução em Portugal, 1079).
- Ib., Oficina de Domingos Gonçalves, 1784; 490 p.; 21 cm (BNP, Res. 4094 V.; BPMP, Q5-5-41; BOCD; A Tradução em Portugal, 1519).
- Coimbra, António Simoens Ferreira, 1829; 471 p.; 22 cm (BNP, R. 12739 V.).
- *Introdução à vida devota... com outras obras também mysticas do mesmo Sancto...*, Lisboa, Oficina Francisco Luís Ameno, 1784; autor: São Francisco de Sales; 4, 18, 404 p. (BNP, R. 23652 P.; A Tradução em Portugal, 1518).
- Ib., Oficina Domingos Gonçalves, 1784; 21 cm (BNP, R. 23276 P.).
- Traduziu do italiano: *Direcções mysticas da estrada da salvação; breve, fácil e segura, assinada por um religioso*, 1780 (A Tradução em Portugal, 1350).

### 10.3.1. O *Cântico dos Cânticos*, o grande livro da mística

Nos dois séculos que dizem respeito a este volume, o *Cântico dos Cânticos* mereceu especial atenção, sobretudo dos tradutores da Bíblia. O título hebraico deste livro é *Shir hashirîm*, que significa o melhor dos cânticos, o “Cântico perfeitíssimo” ou outros títulos semelhantes. Já o dissemos em volumes anteriores desta coletânea, este livro, de apenas 1250 palavras, é o Cântico ao amor de Deus, apesar de utilizar uma linguagem tão humana, que roça o escandaloso. Foi um dos livros mais comentados e estudados ao longo da história do judaísmo e da Igreja. Por isso, não admira que nestes dois séculos apareçam traduções e peças literários que foram beber a essa fonte o seu conteúdo bíblico-teológico ou a sua inspiração poética.

Com esta linguagem, pretendeu o autor (ou autores) da Bíblia dizer algo da intensidade do amor que Deus tem para com o seu povo de Israel e para com todos os que o reconhecem como seu Deus. É conhecida a metáfora bíblica do amor do *Esposo* (Deus) para com a sua *Esposa* (povo de Israel), ao longo do Antigo Testamento. São Paulo teve a coragem de transportar esta metáfora para o Novo Testamento; agora, o *Esposo* é Cristo e a *Esposa* é o novo povo, a Igreja.

O Cântico dos Cânticos inspirou santos e escritores, como São João da Cruz (*Cântico espiritual*), pintores como Marc Chagal (cinco telas), músicos, como Monteverdi, Palestrina, Hilding Rosenberg, e escritores místicos de toda a histó-



ria da espiritualidade judaica e cristã. É tudo isto que dá a razão fundamental do parágrafo que consagramos a este maravilhoso livro, o mais típico da literatura mística, no interior da própria Bíblia.<sup>49</sup>

O sucesso deste livro esteve patente também nos grandes místicos destes dois séculos, como estamos a constatar. Vejamos agora as principais traduções nos séc. XVII-XIX:

**João Ferreira de Almeida.** Como dizia acima, *o Cântico* aparece sobretudo em traduções, mais ou menos perfeitas. A primeira tradução completa da Bíblia foi a de João Ferreira de Almeida, à qual dedicámos todo o IV volume desta coletânea. E referimo-lo, ainda nestes séculos, porque o seu texto foi revisto e reeditado na missão luterana de Tranquebar, antes de ser editado na sua origem, Batávia (Jakarta, Indonésia, 1748-1753). Encontra-se, tal como no texto hebraico, nos Livros Sapienciais, com o título *Cantares de Salomão*, Tranquebar / Trangambar, 1744.<sup>50</sup>

**Pe. António Pereira de Figueiredo.** A versão que se seguiu a esta foi a do nosso Pe. António Pereira de Figueiredo. Apesar de ser feita a partir da Vulgata Latina, é mais perfeita que a 1.<sup>a</sup> edição de Almeida e mesmo em relação à que foi corrigida em Tranquebar. Está integrada no Antigo Testamento de 1782-1790, em 17 volumes, e o *Cântico dos Cânticos* encontra-se no vol. 11 (1782), juntamente com *Provérbios* e *Eclesiastes*. É uma tradução de carácter literário elegante e de estilo poético, já que o original está em forma e conteúdo poéticos.<sup>51</sup>

**Frei Francisco de Jesus Maria Sarmiento.** A Figueiredo seguiu-se a tradução de Frei Francisco de Jesus Maria Sarmiento (1713-1790), seu contemporâneo, que fez uma tradução parafraseada do *Cântico dos Cânticos*, que podemos ver no tomo XXII da sua *História Bíblica* (1784). Sarmiento faz uma leitura cristológica, pois tem em conta a releitura que o Novo Testamento faz deste livro; mas também eclesiológica como relação simbólica entre Cristo e a Igreja (Ef 5,21-33). Vê no livro do Antigo Testamento uma profecia do Novo, no que está de acordo com toda a tradição cristã a respeito da leitura deste livro bíblico. Além da parafrase mais ou menos próxima do texto original, este tradutor faz ainda

<sup>49</sup> Sobre o Cântico dos Cânticos, ver CARDOSO, Arnaldo Pinto, *História do Cântico dos Cânticos*, em Didaskalia XXII/1, 1992, p. 39-88. Daqui colhemos algumas ideias deste parágrafo.

<sup>50</sup> Ver o que dizemos a propósito das obras de João Ferreira d'Almeida no Oriente, no vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Ameida*, cap. IV, p. 257-448. Há cópias das obras de Almeida, de Batávia e de Tranquebar, na DB. O livro dos *Cantares de Salomão* foi editado apenas em 1753 e tem exatamente 8 páginas.

<sup>51</sup> Ver cap. 26: *Catálogo das Obras Bíblicas de Figueiredo*.

aplicações morais do mesmo, à maneira de anotações, dirigidas ao leitor, não sendo propriamente uma tradução em sentido rigoroso.

— Na sua *História Bíblica Abreviada*, t. V, Lisboa, 1788, também se encontra uma introdução ao *Cântico dos Cânticos*.

**Um códice setecentista da BNP** (Cod. 3225: II Parte). Esta é outra tradução, cujo título completo é:

- *O Cantar dos Cantares ou canto perfeitíssimo sobre todos os mais, em nosso vulgar. Foi esta tradução compilada e metida por ordem por uma sociedade de Lisboa. Anno de 1781*; texto a 2 colunas: latim e português.

Na margem tem as fontes da sua tradução, com sabor poético; apresenta uma breve introdução e tem ao todo 34 páginas. Faz uma leitura cristã do livro e apoia-se em autores portugueses, citando mesmo Frei Amador Arrais, Frei Bernardo de Alcobaça, Frei Bernardo de Brito, Dom Hilarião Brandão, Frei Heitor Pinto e outros.

**Códice 7831 da BNP.** É um códice do séc. XVIII, não é uma tradução propriamente dita, mas uma leitura espiritual do livro bíblico, com o título:

- *Anno affectivo ou Sentimentos sobre o amor de Deus tirados do Cântico dos Cânticos*.<sup>52</sup>

Pretende fazer um apelo ao seu público a ler este texto da Sagrada Escritura com a fé que toda ela merece. Desde o início, avisa que vai fazer uma leitura do livro do Antigo Testamento como profecia do Novo, citando inclusive o texto de São Paulo aos Efésios 5,25-33, texto que conduz ao que ele queria dizer:

*Grande é este mistério [do Esposo-Esposa], mas eu interpreto-o em relação a Cristo e à Igreja (v. 32).*

## Outros autores

**Antero de Quental** (1842-1891). Era natural de S. Miguel (Açores). Deu início aos seus estudos na cidade natal, mudando-se para Coimbra, onde estudou Direito. Escreveu um soneto inspirado no *Cântico dos Cânticos*:

- *A Sulamita*, em “Sonetos Completos”, Porto, 1886, p. 28. Ver o autor nos cap. 4.1; 7.1; 7.3 e 17.

<sup>52</sup> É um manuscrito incompleto que veio do convento da Estrela, Lisboa, e é tradução da obra do Pe. Jean Baptiste Avrillon, *L'Année affective ou sentiments sur l'amour de Dieu tirés du Cantique des Cantiques*, Paris, 1707 e 1866. Contém apenas a 1.<sup>a</sup> Parte, até à 17.<sup>a</sup> semana. Para os dois códices da BNP, ver PINTO CARDOSO, Arnaldo, *História do Cântico dos Cânticos em Portugal*, Didaskalia XXII/1, 1992, p. 53-55.

**Francisco Fernandes de Guimarães Fonseca** (1838-?). Era natural de Guimarães. Foi bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra (Inocência IX, p. 288). Foi autor de:

- *O Cântico dos Cânticos: imitação*, Lisboa, Typ. da Gazeta de Portugal, 1865; 15 p.; em 8.º. Ver o autor em 4.1.

**João de Deus de Nogueira Ramos** (1830-1896). Era natural de Messines (Silves). Conhecido apenas por João de Deus (Inocência X, p. 234; XI, p. 287). Escreveu em verso:

- *Cântico dos Cânticos*, em “Flores do Campo”, Porto, Magalhães & Moniz, 1876, p. 231-265; 2.ª edição. Ver o autor em 12.2 e 17.

**Joaquim José Coelho de Carvalho** (1852-1934). Era natural de Faro, foi jurista e diplomata; estudou na Universidade de Coimbra, onde veio a ser reitor (Inocência XII, p. 80). Deixou uma coletânea com o título *Versos*, onde se integra a tradução de:

- *Cântico dos Cânticos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1878; tradução completa do texto em verso livremente, em forma teatral (atos e cenas), onde os personagens, *Sulamite* e *Salomão*, entram e saem; 64 p.; 26 cm (BNP, L. 587//2 A.; BL, 3091.f.3; BNF, Z RENAN- 8825; BSME).<sup>53</sup>
- *Versos Hervas: o Cântico dos Cânticos (1873-1883)*, Lisboa, Typ. Elzeviriana, 1884; 117 p.; 11 cm (BNP, L. 11282//1 P.).

É uma paráfrase em 5 atos e com um Epílogo. Aí aparecem *Salomão*, *Sulamite*, *Harem*, *Pastor*, coros, irmãos. Ver o autor no cap. 17.

Neste apartado encontramos 24 autores e 53 obras.

#### 10.4. Espiritualidade eucarística

As manifestações de devoção para com o dogma cristão da Presença Real de Cristo na Eucaristia assumiram nesta altura um grande relevo, devido ao avanço do protestantismo, que não tinha este culto, e algumas Igrejas nem sequer acreditavam na Presença Real. Trata-se, portanto – mais do que de uma simples devoção – de um culto de adoração ao próprio Cristo, que aí se faz presente. É claro que este culto assume modalidades devocionais como é o caso da adoração eucarística, das quintas-feiras eucarísticas, das procissões eucarísticas... Estas assumiram especial relevo neste período – apesar de serem muito mais antigas

<sup>53</sup> Na p. 57, há um Epílogo de 2 p. Foi escrito em “Monchique, Quinta do Pinheiro, Agosto, 1877”.

– para responder publicamente ao protestantismo. Nesse sentido, o cardeal D. Américo, bispo do Porto, encorajou e promoveu estas manifestações públicas da fé católica, chegando a afirmar:

“Debalde procurou o erro abalar a crença dos católicos no dogma da Presença Real do Corpo de Deus neste sacramento; a negação da verdade junta com a ofensa ao Corpo de Deus neste sacramento; a negação da verdade, junta com a ofensa ao que na nossa religião temos de mais caro e precioso, foi somente mais uma razão para que, em manifestação, a mais solene e pública, os fiéis católicos testemunhassem a Deus o seu reconhecimento pela dádiva do seu próprio Corpo e, perante os homens, protestassem a sua fé, prestando-lhe culto de adoração, o qual é devido à Divindade. E, finalmente, se a posse constante em que estamos deste augusto sacramento, no-lo tem feito receber alguma vez com menos amor, respeito e santidade do que é nosso dever, será também um acto de reparação da nossa parte a especial homenagem que nesta festividade lhe rendemos”.<sup>54</sup>

Estas palavras não necessitam de comentário e transmitem o sentir do episcopado e do povo de Deus dessa altura. Por isso, numa outra provisão para a mesma festa, mas em junho de 1898, o mesmo D. Américo apresenta a mais profunda teologia, como se falasse depois do concílio Vaticano II:

“Compêndio de todos os mistérios, a Sagrada Eucaristia é o centro da vida cristã e a mais extraordinária e maravilhosa manifestação da bondade e misericórdia divinas; é o sacramento da piedade em que Jesus Cristo se dá aos homens como alimento da vida sobrenatural e manancial inexaurível de graças, que inundam de luz e santidade a nossa alma, o coração d’amor, e de paz a consciência”.<sup>55</sup>

Vejamos agora alguns autores que escreveram sobre esta tipologia de espiritualidade:

**António do Espírito Santo Macabelo (?-?).** Escreveu:

- *Polyanthea eucharistica: per viginti capita distributa, in qua eucharistici sacramenti nomina, et selectiora...*, Lisboa, Typis Dominici Gonçalves, 1733; 20, 452 p.; 2 col.; 31 cm (BNP, R. 4481 A.).
- Foi também o editor literário de: *Alphabetum eucharisticum per capita XX dis-*

<sup>54</sup> Provisão de D. Américo relativa à festa e procissão do Corpo de Deus na cidade do Porto, 15 de maio de 1872, em Obras Pastorais, I, 19; e em ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto (1871-1899) – Igreja e Sociedade no Porto do Fim do século XIX*, em Biblioteca Humanística e Teologia, Porto, 2010, p. 513.

<sup>55</sup> *Ib.*, p. 514.

*tributum: in quo Eucharistici Sacramenti nomina, & selectiora Encomia ex SS. PP. aliorumque Sacrorum Scriptorum, praesertim veterum monumentis collecta juxta Alphabeti seriem omnium oculis exhibentur: opus cunctis Divini Verbi Declamatoribus utile, copiosissimos subministrans conceptus, ac discursus pro Eucharisticis celebritatibus, ubi etiam argumenta varia ad Conciones eformandas in fine Capitum ordine alphabetico subministrantur*, Lisboa, Bernardo Costa Carvalho, 1725; 22, 333 p.; 15 cm (FacFil, C: R67-B-5).

**António José da Encarnação**, Frei, OSST (1741-1780). Nasceu no Porto. Foi doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 167; VIII, p. 199). Escreveu:

- *Horas Eucarísticas em obséquio do Santíssimo Sacramento...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1815; 2.<sup>a</sup> edição; 240 p.; 14 cm (BNP, R. 30508 P.; BSEA). Ver o autor no cap. 14.

**Augusto José Soares** (ca 18??-?). Escreveu:

- *O Mistério da Presença Real de Cristo na Eucaristia*, Lisboa, Tip. da Emp. do Anuário Comercial, 1928; 3.<sup>a</sup> edição; com prefácio de Dom Augusto Eduardo Nunes; 131 p.; 12 cm (BNP, R. 25751 P.).

**Benevenuto António Caetano de Campos**, Pe. (ca 1778-ca 1840). Era natural de Lisboa. Foi Clérigo Regular Teatino e depois padre secular (Inocêncio I, p. 341; VIII, p. 368). Traduziu:

- *Meditações sobre Jesus Christo sacramentado*; autor: Pe. Avrillon. Ver o autor nos cap. 9 e 10.7.

**Carlos de Jesus Maria** - 2, Frei, OFM (?-?). Era natural de Aveiro. Professou no Seminário de Brancanes (Setúbal) a 13 de junho de 1741 (Barbosa IV, p. 87). Deixou-nos:

- *Carta escrita a hum Padre Anonymo, consultando-o sobre o uso da Comunhão frequente à vista de alguns argumentos pela parte contrária*, Lisboa, por Joseph da Costa Coimbra, 1753; em 8.º. Contra esta Carta fez uma resposta Fr. Luís da Encarnação, Carmelita Descalço, a qual impugnou o mesmo Fr. Carlos de Jesus Maria com a seguinte obra:
- *Discurso Filosófico, Theológico, Moral e Mystico, em que com a verdade das Sagradas Escrituras, dos Pontífices, dos Concílios, dos Santos Padres, do Direito Canónico, dos Doutores, e das razões se prova o uso da Comunhão frequente de quotidiano* (ms). Ver o autor no cap. 7.1.

**Constantino Álvares**, Pe. (?-?). Escreveu:

- *A primeira comunhão ou exercícios de preparação para a receber...*, Peniche, Typ. da Propaganda Católica, 1899; 333, 5 p.; 22 cm (BNP, R. 27863 P.; BSEA).

**F. da Conceição P. Cabral** (?-?). Escreveu:

- *O dia mais feliz da vida ou leituras edificantes para... a primeira comunhão*, Einsiedeln, Estabelecimentos Benziger, [18?]; 2.<sup>a</sup> edição; 6, 263 p.; il.; em 8.<sup>o</sup> (BSL).

**Fernando de Sousa e Silva**, Dom (1712-1786). Nasceu em Lisboa. Estudou na Universidade de Coimbra, onde obteve uma licenciatura em Direito Canónico. Foi o quarto cardeal patriarca de Lisboa. Escreveu:

- [*Pastoral do Cardeal de Lisboa, D. Fernando I, sobre o Santíssimo Sacramento*], Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo, 1780; 8 p.; 31 cm (BJPII, 265.3 PSS).<sup>56</sup>

**Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar** / 2.<sup>o</sup> Conde de Samodães (1828-1918). Era natural de Vila Nova de Gaia. Formou-se com o grau de bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra. Foi também um conhecido escritor, defensor do catolicismo (Inocência IX, p. 267; XVIII, p. 251; XIX, p. 162). Traduziu:

- *A paz d'Alma, fructo da devoção à eucharistia e do abandono á providência...*, Porto, José Fructuoso da Fonseca, 1882; vertida do francês da 2.<sup>a</sup> edição; 18 cm (BNP, R. 27424 P).
- 2.<sup>a</sup> edição, Porto, Typ. da Palavra, 1888; 19 cm (BNP, R. 23771 P.). A BJPII dá-nos conta de uma edição de 1901. Ver o autor nos cap. 7.1.; 8; 10.2; 10.7.

**Francisco Lobo Correia de Barros** (ca. 18?). Traduziu:

- *Manual Prático para os que frequentam a Sagrada Comunhão ou Mês Eucarístico*, Lisboa, Liv. Catholica Joaquim António Pacheco, 1884; autor: Bourdon; 8, 383 p.; 15 cm (BNP, R. 2175 P.; BSEA).
- *Mês Eucharístico*, [Lisboa], Livraria Católica, 1884; 14 cm (BNP, R. 25980 P.).<sup>57</sup>

**Francisco Xavier Gomes de Sepúlveda** (1761-1851). Nasceu acidentalmente em Espanha, mas os seus pais eram de Mirandela, onde cresceu. Foi abade de

<sup>56</sup> Sobre o autor, ver <https://www.academia.edu/3441274/2009> - D. Fernando de Sousa e Silva - 1779-1786.

<sup>57</sup> Deste autor, Inocência XIX, p. 181, refere a seguinte obra: *Altos Feitos do Marquês de Pombal*, Lisboa, Matos Moreira & Cardoso, 1882; 4, 116 p.; 21x14 cm (BNP, H.G. 19492 P.).

Rebordões, Bragança, e ainda reitor do Seminário diocesano da mesma localidade (Inocêncio III, p. 84; IX, p. 390). Escreveu:

- *Dissertação histórico-crítica sobre a comunhão frequente e quotidiana, em que se expõe a Doutrina dos Santos Padres, do Concílio Tridentino... para servir de antídoto contra a obra intitulada: "O pão Nosso de cada Dia", modernamente traduzida na língua portuguesa pelo Fr. Caetano da Transfiguração, Menor observante*, Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira, 1803; 294 p.; 15 cm (BJPII, 248.157 SEP).

**João Baptista Bonavie** (séc. XVIII). Inocêncio informa que ele foi um mercador italiano que veio para Lisboa à procura de fortuna, no tempo do Marquês de Pombal (Inocêncio III, p. 294 e X, p. 170). Traduziu:

- *Elevações da Alma e Reflexões Eucharísticas...*, Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1727; 14 cm (BNP, R. 25910 P).
- *Nova edição*, ib., 1734 (BPE, S.L. E. 21-C.1).

**João da Madre de Deus Araújo**, Frei, OSA (1760-1843). Nasceu em Guimarães e morreu em Lisboa. Na sua Ordem exerceu vários cargos. De índole espiritual, escreveu:

- *O fervoroso escravo de Jesus sacramentado...*, Lisboa, Impressão Régia, 1819; 203 p.; 15 cm (BNP, R. 25318 P).
- *3.<sup>a</sup> edição*, ib., 1833; em 8.<sup>o</sup>.
- *Devoção especial do Santíssimo Sacramento da Eucharistia*, Lisboa.... Parece que houve 4 edições, segundo Inocêncio. Ver o autor nos cap. 7.1; 10.2; 14 e 15.<sup>58</sup>

**José Inácio Roquete**, Frei, OFM (1801-1870). Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete; foi lente de Sagrada Escritura. Traduziu:

- *Visitas ao Santíssimo Sacramento... postas em linguagem, aumentadas com mui devotas meditações*, Paris, 1853; autor: Sto. Afonso de Ligório (Fortunato de Almeida III, 394). Ver o autor no cap. 3.2.

**Manuel de Deus**, Frei, OFM (1686-1730). Era natural da cidade de Évora, em cuja Universidade estudou letras humanas e divinas (Barbosa III, p. 245-246; Inocêncio V, p. 408). Escreveu:

- *Visitas ao Santíssimo Sacramento e à Santíssima Virgem para cada um dos dias*

<sup>58</sup> Inocêncio designa o autor por João da Madre de Deus (3.<sup>o</sup>); Inocêncio III, p. 403; X, p. 298-300.



*da semana*, Porto, A. Gomes da Silva, 1910; em 8.º; Extrahida da “Oração mental” de Fr. Manuel de Deus (BNP, R. 1009 P.). Ver o autor nos cap. 10.2 e 10.6.

**Manuel Guilherme**, Frei, OP (1685-1730). Era natural de Lisboa. Estudou Filosofia em Évora e Teologia no Colégio de Coimbra. Com grande inclinação para o púlpito (Barbosa III, p. 284-286; Inocêncio V, p. 446; XVI, p. 225). Escreveu:

- *Novena, ou disposição cathólica, para celebrar a Festa do Santíssimo Sacramento, com outro modo de Novena para se venerar em nove Quintas Feiras o mesmo Senhor Sacramentado*, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1715 (BNP, R. 27959//1 P.). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.3; 13.1; 14 e 15.

**Manuel Marinho**, Mons. (séc. XIX). Escreveu:

- *A Confissão Sacramental e a Sagrada Comunhão*, Porto, Tip. Fonseca & Filho, 1912; 2.ª edição; 15 cm (BNP, R. 26154 P.). Ver o autor nos cap. 4.1; 9; 10.7; 15 e 22.3.

**Manuel Monteiro**, Pe., CO (1667-1758). Era natural do Porto. Professou em 1716 na sua Ordem, onde aprendeu as ciências eclesiásticas (Barbosa III, p. 315-316). Traduziu do castelhano:

- *Considerações para celebrar o Santíssimo Sacrifício da Missa, e receber a Christo Sacramentado*, Lisboa, Oficina da Congregação, 1736; autor: P. António de Molina, monge Cartuxo. Ver o autor nos cap. 6.1.1; 9; 10.2; 10.5; 10.7 e 17.

**Miguel de Azevedo**, Frei, OCarm (17??-18??). Era natural de Évora. Foi cronista da sua Ordem. Segundo Inocêncio VI, p. 225, ainda era vivo em 1809. Escreveu:

*Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento da Eucaristia*, Lisboa, 1792; 2 vol. (BPE, S.L.-E. 20-C.1.).

— *Nova edição* Lisboa, Régia Oficina Typ., 1793-94; 2 t.; 15x9 cm (BNP, TR. 3751 P. - 3752 P.; BCAP: t. II, 391 p.). Ver o autor no cap. 10.6.

**Miguel Dias**, SJ (1636-1724). Nasceu e morreu em Lisboa. Foi provincial da sua Ordem (Inocêncio XVII, p. 50). Escreveu:

- *Aparelho eucarístico ou método de preparar a alma para a sagrada comunhão*, Lisboa, Oficina Pascoal da Silva, 1717; 16, 282 p.; 15 cm (BNP, R. 22553 P.).
- *Ib.*, Oficina Miguel Manescal da Costa, 1743; 22, 443 p.; 14 cm (CBAP, n.º 661). Ver o autor no cap. 10.9.

**Miguel Ferreira de Almeida**, Pe. (1840-1916). Nasceu em Viseu de família modesta. cursou Teologia no Seminário da sua cidade. Mais tarde, devido aos seus dotes, doutorou-se nesta área na Universidade Gregoriana de Roma. Traduziu:

- *A Via do Paraíso. O Tesouro escondido ou as excelências do Santo Sacrifício da Missa*, Viseu, Typ. da “Revista Catholica”, 1903; autor: S. Leonardo de Porto Maurício; 492 p.; 23x15 cm (BCapP). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.6; 10.8; 14 e 15.

**Simão Ferreira Machado** (?-1733). Era natural de Lisboa, mas emigrou para Minas Gerais. Foi testemunha ocular da trasladação do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, para o novo Templo do Pilar (Barbosa III, p. 715). Em memória disso, escreveu:

- *Triunfo eucarístico, exemplar da christandade lusitana em pública exaltação da fé na solemne trasladação do Diviníssimo Sacramento da Igreja do Rosário, para hum novo templo da Senhora do Pilar em Villa Rica [Minas Gerais]...*, Lisboa, Oficina da Música, 1734; 28, 125, 2 p.; il.; 21 cm (BNP, H.G. 1845//7 V.; BSEA).

**Tomás Vitale** (1832-1893). Escreveu:

- *Do uso frequente e diligente da confissão e comunhão*, Porto, Ed. Manoel Malheiro [18??]; 399 p.; 16 cm (BNP, R. 29272 P.).  
— 2.<sup>a</sup> edição, Coimbra, Imprensa Litterária, 1874; 399 p.; 14 cm (BNP, R. 1435 P.).  
— 3.<sup>a</sup> edição, Porto, Livr. de J. C. da Costa Mesquita, 1876; 16 cm (BNP, R. 28443 P.). Ver o autor no cap. 10.8.

### Igreja Católica

- *Modo práctico para os fiéis assistirem ao Santo Sacrifício da Missa, junto com Preparação e Acção de Graças*, Lisboa, Imprensa Régia, 1814; 52 p.; 14 cm (BPARPD, JC Misc. 445/1 Res).

### Autores anónimos

- *Devoção ao SS. Sacramento ou Regras especiaes para inflamar os corações dos seus devotos no seu Ardente Amor*, Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1808; 62 p.; 13 cm (BNP, R. 15509//1 P.).
- *Devoção às Santíssimas Chagas de... Jesus Cristo*, [S.l.: s.n. 17??]; 1 folh.; 10 cm; encadernado com:
- *Novena ou Disposição Católica para celebrar a festa da meditação*, Santo Tirso,

Tip. Tirsense de José Cardoso Santarém, 1915; extraído das obras do Venerável Padre Eymard. Versão portuguesa por E. I.; 505 p.; 15x10 cm (BSEA).

### Tradutores anónimos

- *Visitas ao Santíssimo Sacramento e à Santíssima Virgem*, Lisboa, Typ. J. B. Morando, 1862; autor: M. Arnauld; 15 cm (BNP, R. 26879 P).
- *Sentimentos affectuosos ou meditações deprecatórias em desagravo do augusto Sacramento da Eucharistia*, Lisboa, Imprensa da Viúva Neves e Filhos, 1826; autor: Jean Baptiste Élie Avrillon; 72 p.; em 12.º (BNP, R. 8871//3 P.; A Tradução em Portugal, 3988).
- Traduzido do francês: *Vida de Jesus Cristo em a eucaristia, e a vida dos cristãos, que se alimentam deste divino sacramento... com extracto de uma carta sobre a vida, e paixão de Jesus Cristo, em forma de meditações para todos os dias da semana*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1783; autor: Jean Girard de Villethierry; 439, 7 p.; 16 cm (BNP, Var. 640; BSEA; A Tradução em Portugal, 1467 e 1477).  
— Ib., mesmo impressor, 1793 (A Tradução em Portugal, 2021).

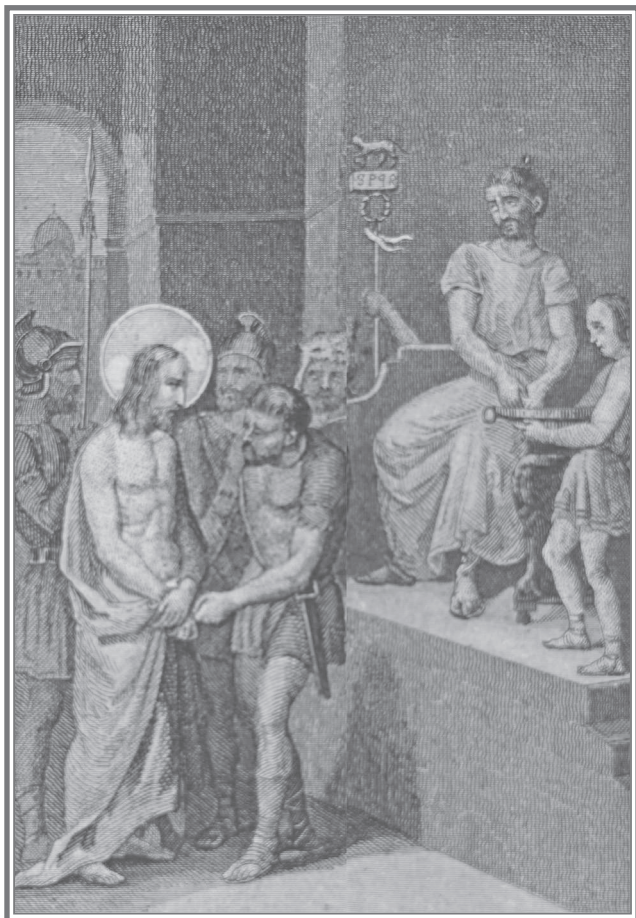
## 10.5. Espiritualidade da Paixão de Cristo

Esta espiritualidade foi sempre muito querida dos cristãos especialmente dos católicos. É uma espiritualidade profundamente bíblica, não apenas porque se encontra narrada nos quatro Evangelhos com todos os pormenores, mas porque aparece no fim da vida de Cristo, como máxima expressão de amor pela humanidade pecadora. A morte de Cristo é, portanto, uma morte redentora dos pecados de toda a humanidade, o máximo sacrifício que Cristo ofereceu ao Pai. Ele próprio tinha dito: *Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos* (Jo 15,13). Portanto, a cruz é a maior expressão do Amor; não apenas porque é o supremo ato de amizade pelos amigos, mas sobretudo pela altíssima dignidade de quem dá a vida. Não é um príncipe, um rei. É, nada menos que o Filho de Deus. Jesus deu-Se à humanidade em toda a sua vida; mas, na sua Paixão e morte deu-Se todo a nós. Os místicos cristãos suspiravam por morrer por Ele, como resposta a esta manifestação do maior amor possível.

Vejamos alguns autores e obras que manifestam um pouco esta espiritualidade mística.

**Alexandre José da Silva de Almeida Garrett** (1797-1867). Era natural da cidade do Porto e irmão do famoso Almeida Garrett (Inocêncio I, p. 37; VIII, p. 38). Traduziu:

- *A Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, Segundo as Meditações de Anna*



*Catherine Emmerich... Traduzida da segunda edição allemã para francez e da terceira edição francesa para português*, Porto, Typ. C. de J. d'A. G. Mendanha, 1842; 85, 283 p.; 20 cm (BNP, R. 33636 P.).

— 2.<sup>a</sup> edição, Porto, Typografia Commercial, 1846 (BNP, R. 729 P.).

— 3.<sup>a</sup> edição com outro título: *História da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Porto, Cruz Coutinho, 1862; 20 cm (BNP, R. 26356 P.).

— 4.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1871; 288 p.; 21x12,5 cm (BNP, R. 26300 P.; BSME). Ver o autor nos cap. 10.7; 10.8 e 22.3.

**António Carneiro**, SJ (1662-1737). Era natural de Lisboa, onde foi admitido na Companhia de Jesus em 1676 (Barbosa I, p. 231-232). Escreveu:

- *Meditações da Paixão de Jesus Christo Nosso Redemptor*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1729; em 12.º. Ver o autor nos cap. 10.2 e 11.1.

**António d'Anunciação Avelino**, Pe. (?-182?). Foi Clérigo Regular Teatino e pároco da freguesia de Santa Isabel de Lisboa (Inocêncio I, p. 87). Traduziu do castelhano:

- *Peregrinação de Philothea ao sancto templo e monte da Cruz...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1806; autor: Palafox y Mendoza (A Tradução em Portugal, 2726).

**António da Expectação**, Frei, OCD (1651-1724). Era natural de Manteigas. Sabidamente versado em Sagrada Escritura, que ensinou aos irmãos do seu convento dos Remédios em Lisboa (Barbosa I, p. 264; Inocêncio I, p. 130). Escreveu:

- *Semana Santa: Exercícios Divinos da Presença de Deus, e Oraçam para cada dia da Semana. Vozes d'alma nas Soledades de Bussaco*, Lisboa, Oficina da Música, 1719; 4 fol., 780 p.; 21 cm (BNP, R. 828 P).
- Ib., Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1734; 4 fol., 780 p.; 21 cm (BNP, R. 3919 V).
- Ib., 1739 (BPE, S.L., E. 69-4).
- Ib., Régia Oficina Sylviana, 1762 (BNP, R. 20997 P.). Ver o autor nos cap. 10.5 e 14.

**Estêvão de Santo Ângelo**, Frei, OCD (1671-1760). Era natural de Lisboa. Foi um frade muito capacitado em Teologia e Filosofia, que ensinou aos seus confrades. Chegou a ser Provincial e Definidor Geral eleito no Capítulo Geral da sua Ordem, que se realizou em Ferrara, 1728 (Barbosa I, p. 751-752). Traduziu:

- *Manjar da Alma, e verdadeira prática da oração mental, ordenada à paixão de Christo por todos os dias do mês, e outros devotos exercícios e meditações*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1726; em 8.º.
- Ib., 1727; autor: José Reinaldo; em 16.º (BNP; A Tradução em Portugal, 553). Ver o autor no cap. 10.6.

**Francisco de Jesus Maria Sarmento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocêncio II, p. 394; IX, p. 309). Escreveu:

- *Meditações sobre a Paixão de Christo*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1782; 16, 22, 350 p.; 15x10 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 3.2.

**Inácio de São Caetano**, Dom Frei, OCD (1718-1788). Nasceu em Chaves e faleceu no Palácio de Queluz. Estudou Filosofia na Universidade de Évora e

Teologia em Coimbra. Chegou a lecionar a cadeira de Sagrada Escritura em Braga. Foi o primeiro e único bispo de Penafiel.<sup>59</sup> Foi autor de um extenso tratado de Teologia Moral com o título:

- *Compêndio de Teologia moral evangélica, para formar dignos ministros do sacramento da penitência*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1776; 6 vol.; 16 cm (BNP, TR. 2470 P.).<sup>60</sup>
  - 2.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1784; 5 tomos; tomo I, 560 p.; 16x10 cm (BSEA: tomo VI; BOCD).
  - 3.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1799; tomo III: 632 p. (BPH).<sup>61</sup> Ver o autor nos cap. 9; 10.10 e 15.

**João Maria Pereira do Amaral e Pimentel**, Dom (1815-1889). Ingressou na vida eclesiástica no Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, mas por expulsão do seu corpo docente foi estudar Direito na Universidade de Coimbra (Inocêncio X, p. 307). Escreveu:

- *O santo exercício da Via Sacra*, Tip. da Virgem Imaculada, Angra, 1881; 44 p.; 15x10 cm (BSEA).
- *A Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Braga, Typografia Luzitana, 1874; 52 p.; 17 cm (BNP, R. 29831//7 P.). Ver o autor nos cap. 7.4.3; 9; 11.1 e 14.

**Joaquim de Azevedo**, Frei, OSA (1746-1808). Era natural de Vila Viçosa. Professoreu no convento da Graça, em Lisboa, 1762. Estudou Teologia na Universidade de Coimbra, onde depois veio a ser lente (Inocêncio IV, p. 68). Escreveu:

- *História da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo os quatro Evangelistas, traduzida do texto latino e do original grego... e ilustrada com várias questões teológicas pertencentes à mesma história*, Coimbra, Real Imprensa, 1786; 460 p.; 15x10 cm (BSEA).
- Ib., mesmo impressor, 1796; 14 cm (BNP, R. 26785 P.; BNPM, 2-1-3-27).<sup>62</sup> Ver o autor no cap. 7.1.

<sup>59</sup> SANTOS, Cândido dos, *Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime*, CITCEM - Ed. Afrontamento, FLUP, Porto, 2011, p. 70-89, apresenta a sua personalidade e doutrina, qualificando-o de *jansenista e regalista*.

<sup>60</sup> A BNP não atribuiu autor a esta obra.

<sup>61</sup> Nesta biblioteca encontram-se ainda o Tomo I, 1897; Tomo IV, 1900; Tomo V, 1801; Tomo VI, 1784.

<sup>62</sup> A Tradução em Portugal 805 refere uma edição de 1746 sem lugar nem impressor; como fonte dá Manuel Ferreira 20. Pelas pesquisas efetuadas sobre este autor e Joaquim da Encarnação, notámos alguma confusão de nomes e obras, quer na Biblioteca Nacional quer em Inocêncio.



**José de São Bernardino Botelho**, Frei, CRSJE (1742-1827). Era natural de Lisboa. Foi processado pela Inquisição de Coimbra em 1792 por maçon (Inocêncio IV, p. 237; XIII, p. 196). Escreveu:

- *Meditação sobre a Paixão de Jesu Christo e SS. Sacramento da Eucaristia divididos em semanas...*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1790; 12, 143 p.; 15 cm (Pernambuco, p. 246). Ver o autor no cap. 10.2.

**Manuel da Madre de Deus** - 2, Frei, OCD (1806-?). Era natural do Luso (Cúria). Presbítero egresso da sua Ordem (Inocêncio VI, p. 44). Escreveu:

- *Piedosas Meditações sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, extrahidas e compendiadas da obra de S. Affonso Maria de Ligório, intitulada Relógio da Paixão. Acrescentadas com algumas outras meditações e devoções e explicação dos mandamentos também quase todo extrahido das obras do mesmo Santo Affonso. Quinta edição mais correcta e augmentada*, Braga, 1852; 682 p.; 14,5x8 cm (DB).
  - *5.<sup>a</sup> edição mais correcta e augmentada*, Porto, Typographia de Sebastião José Pereira, 1855; 605 p.; 14,5x8 cm (BOCD).
  - *7.<sup>a</sup> edição mais correcta*, ib., Tip. Sebastião José Pereira, 1857; 712, 7 p.; 15x9 cm (BOCD).
  - *10.<sup>a</sup> edição mais correcta e acrescentada*, Porto, R. da Cruz Coutinho, 1862; 604 p.; 14x8 cm (DB).
  - Ib., mesmo impressor, 1865; 526 p.; 15x9 cm (BOCD); ib., Livraria Lello Irmão, 1891; 15 cm (BNP, R. 25932 P.).
  - *14.<sup>a</sup> edição*, ib., mesmo impressor, 1870; 526, 47 p. (apêndice sobre as confissões e explicação dos Mandamentos); termina com uma paráfrase da Ave Maria (BCapB).
  - *15.<sup>a</sup> edição*, ib., mesmo impressor, 1876; 567 p.; 14x8 cm (DB).
  - *17.<sup>a</sup> edição*, ib., 1886 (Fortunato de Almeida III, p. 394). Ver o autor nos cap. 11.1 e 15.

**Manuel Monteiro**, Pe., CO (1667-1758). Era natural do Porto. Professou em 1716 na sua Ordem, onde aprendeu as ciências eclesiásticas (Barbosa III, p. 315-316). Escreveu.

- *Triunfo da Paixão de Christo*, Lisboa, Francisco Xavier de Andrade, 1723; saiu com o nome de António Carvalho. Ver o autor nos cap. 6.1.1; 9; 10.2; 10.4; 10.7 e 17.

---

Optámos por respeitar as informações da Biblioteca Nacional, quanto à autoria das obras.



**Teodoro de Almeida, Pe., CO (1722-1804).** Foi sacerdote católico, escritor e filósofo português, uma das figuras mais expressivas do iluminismo em Portugal (Inocêncio VII, p. 305). Escreveu:

- *Thesouro de Paciência nas Chagas de Jesus Christo ou consolação da alma atribulada na meditação das penas do Salvador*, 1768; Lisboa, 1784.

— Ib., Oficina António Rodrigues Galhardo, 1804; 233 p.; 14x7,5 cm (BNP, R. 26727 P.; DB). A devoção às chagas de Cristo está na origem da devoção ao Coração de Jesus.<sup>63</sup>

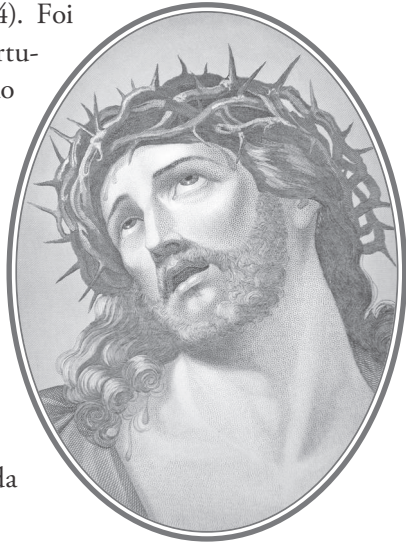
— *Terceira Impressão*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando, 1854; 14 cm (BNP, R. 27479 P.).

— Recife, Tipografia de Santos e Companhia, 1855 (BNP, R. 12848 P.).

— *4.ª edição, correcta e augmentada*, Porto, Livraria Cathólica Portuense de Aloysio Gomes da Silva, [18?]; 11, 274 p.; em 8.º (BSL).

— Lisboa, [s.n.] 1864 (BNP, R. 11652 P.).

— *4.ª edição*, Porto, Tip. de A. F. Vasconcelos [1896]; 2 vol. (BNP, R. 10973 P. - 10974 P.). Ver o autor no cap. 10.2.



**Victório de Santa Maria, Frei, OESA (séc. XVIII).** Era natural de Serpa, Alentejo. Era irmão leigo da ordem dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho (Inocêncio VII, p. 448; XX, p. 17). Escreveu:

- *Breve e devoto exercício da Via Sacra, composto em metro*, Roma, Oficina Archanjo Gafioletti, 1874; 40 p.; em 12.º. Ver o autor no cap. 15.

### **Autores anónimos**

- *Passio Domini Nostri Jesu Christi Secundum Quatuor Omnes Evangelistas pro*

<sup>63</sup> Pio XII, na sua encíclica *Haurietis Aquas* de 1956, apresenta os fundamentos bíblico-teológicos da devoção às chagas de Cristo e ao seu Coração. É uma exposição do texto do Evangelho de João 19,33-35: [os soldados], *ao chegarem a Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Porém, um dos soldados traspassou-lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água. Aquele que viu estas coisas é que dá testemunho delas e o seu testemunho é verdadeiro. E ele bem sabe que diz a verdade, para vós crederdes também*. Na encíclica do Papa liga-se esta devoção à consagração ao Sagrado Coração de Jesus e à reparação.

*determinates diebus Maioris Hedmomadae*, Lisboa, Typographia Régia, 1772; 121 p.; 35x23 cm (BSEA).

— Ib., mesmo impressor, 1777; 2, 121 p.; 35x23 cm (Univ. Nova Lisboa Fac. Ciên. Sociais Hum., Res. 179; BSEA).

- *Meditação da Paixão* [Manuscrito], [1701-1800]; trata-se de uma reflexão sobre a Paixão de Cristo, com base no Salmo 21; 11 fol.; 23 cm (BNP, Cod. 9873//6).
- *Tesouro divino da Paixão sagrada de Jezu-Christo contemplado em 46 meditações*, Lisboa, Imprensa da Viúva Neves e Filhos, 1822 (BNP, R. 10410 P.).
- *O devoto em oração meditando a Paixão de Jesus Christo em todos os dias da semana...*, Porto, Oficina António Alvarez Ribeiro, 1785; 15x9,5 cm (BNP, R. 23686 P.; FacFil).
- *Paixão moralizada*, 1783; 200 p.; 15x10 cm (FacFil).
- *Setenta e Cinco Meditações sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo... Por um Religioso Trappista do Convento das Sete Fontes*, Braga, Typ. de Gouvêa, 1883; 40 p.; 14 cm (BNP, R. 25724 P.).
- Ib., mesmo impressor, 1888 (BNP, R. 27880 P.). Com outro título:
- *Tesouro Divino: Setenta e Cinco Meditações sobre A Sagrada Paixão de Jesus Christo, por um Religioso Trapista*, Porto, Livraria Catholica Portuense, 1899 (BNP, R. 10979 P.).
- *Tesouro Divino da Paixão Sagrada de Jezu-Christo contemplado em 46 meditações*, Lisboa, Imprensa da Viúva Neves e Filhos, 1822 (BNP, R. 10410 P.).

#### Tradutores anónimos

- Tradução: *História da Paixão de N. S. Jesu Christo... por hum devoto theólogo da Ordem dos Eremitas de Sto. Agostinho*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1796 (BPNM, 2-1-3-27).
- Traduzido do francês: *As Estações de Jerusalém para servirem de meditação sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesu Christo*, 1785 (A Tradução em Portugal, 1569).
- Porto, Oficina António Álvares Ribeiro, 1787; autor: Pe. Pavilliers; em 12.º (A Tradução em Portugal, 1641).
- *Testamento mysterioso e admirável, que Jesu Christo Nosso Salvador fez na Cruz orando a seu Eterno Pay; e Disposição, q[ue] fez do Thesouro de seus infinitos merecimentos, e de todos os bens da graça... tirado da Mystica Ciudad de Dios e revelado... Trad. por hum zeloso da salvação das almas*, Lisboa, Oficina Domi-

nicana da Música, 1734; autora: Madre Maria de Jesus de Agreda; 15 p.; em 4.º (BNP, H.G. 6808//6 V.; A Tradução em Portugal, 632).<sup>64</sup>

- *Relicário angélico de Jesus Christo e de Maria Santíssima: oferecido a Jesu Christo Senhor Nosso prezo à columna, augmentado de novas devoções a Nossa Senhora da Conceição, exame de consciência...*, Lisboa, Loja de Joaquim Jozé de Mattos [18?]; 215 p.: il.; 14 cm (BNP, R. 30576 P.).
  - *Augmentado de novas devoções a Nossa Senhora da Conceição*, ib., Typographia de Luís C. da Cunha, 1852; 231, 5 p.: il.; 13 cm (BNP, R. 31240 P.).
  - *Nova edição*, ib., mesmo impressor, 1854, 239 p.; il.; 14 cm (UCPBP, 2-282 R321r).
  - *Ib.*, Tip. Universal, 1888; 304 p.: il.; 13 cm (BNP, R. 25308 P.).
  - *3.ª edição: Novíssimo Relicário Angélico...*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1909; com permissão do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal D. Américo, bispo do Porto; 320 p.; 13,5x9 cm (BPH).
  - *Nova edição melhorada*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1917; 246, 2 p.: il.; 13 cm (BNP, R. 34604 P.).
  - Porto, Lello & Irmão, 1977; 268 p.; 14 cm (BNP, R. 36564 P.).

## 10.6. Espiritualidade penitencial

Poderíamos dizer que este tipo de espiritualidade é profundamente bíblica e cristã. Assim, no que toca ao Antigo Testamento, podemos afirmar que o pecador é continuamente chamado a assumir uma atitude penitencial. Esta penitência não é apenas física, corporal, mas tem mais a ver com termos hebraicos (verbo *shûb* e *ʿchubah*, conversão) que significam “converter-se”, isto é, mudar de “caminho”: deixar o caminho errado em que andava para “voltar” ao caminho certo, ou seja, o caminho indicado pela palavra de Deus.

O Novo Testamento vai ainda mais longe quando define a “penitência” como mudança das ideias, de pensamento, de espiritualidade, com termos gregos (verbo *metanoô* e substantivo *metanoia*). De facto, só mudando as ideias, a mentalidade, para viver segundo as ideias apresentadas por Cristo no Evangelho, é que existe verdadeira conversão, penitência.

Apresentamos seguidamente algumas obras desta tipologia espiritual:

<sup>64</sup> Ver outras obras de Maria de Jesus de Agreda no vol. III desta coletânea: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 644.

**Afonso dos Prazeres**, Frei, OSB / OFM (1690-1759). Era natural de Penamacor e foi batizado com o nome de Afonso Furtado de Mendoça (Barbosa I, p. 49-50; Inocêncio I, p. 12). Escreveu:

- *Carta directiva para hum peccador convertido... Ajunta-se no fim huma novena de canções jaculatórias ao SS. Coração de Jesus*, Lisboa, Oficina de Domingos Gonçalves, 1751; 8, 192 p.; 15 cm (CBAP; n.º 1738).  
— Ib., Francisco da Silva, 1752; em 8.º; saiu com o nome de Sofronio Ferraz Sepedes, puro anagrama do nome do autor.
- *Carta directiva. Primeira, para um pecador convertido, que começou com fervor a vida espiritual, e a deseja continuar com segurança. Accrescentada com II. e III. Carta diretiva...*, Coimbra, Oficina de Luís Secco Ferreira, 1765; 16 cm (CBAP, n.º 1737). Ver o autor no cap. 10.2.

**Agostinho de Santa Maria** - 2, OESA (1642-1728). Nasceu em Estremoz da província do Alentejo. O seu nome de batismo era Manuel Gomes Freire (Barbosa I, p. 69-71; Inocêncio I, p. 39). Traduziu do italiano:

- *O Penitente instruído...*, Lisboa, Oficina António Pedroso Galvão, 1725; autor: Pe. Paulo Seneri; 14 cm (BNP, R. 26507 P.; A Tradução em Portugal, 546).
- *O Confessor instruído*, Lisboa, 1721 (A Tradução em Portugal, 521).  
— Ib., António Pedroso Galvão, 1725; 16.º.
- *Exame de consciência particular, e geral*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1704; em 12.º. Ver o autor nos cap. 10.2 e 10.9.

**Alexandre Perier**, SJ (1651-1730). Ignora-se a nacionalidade deste autor, mas pensa-se que seja estrangeiro. Porém, sabe-se que missionou no Brasil por mais de 30 anos e vivia em Roma em 14 de outubro de 1724. Nesta data assinou a dedicatória, ao cardeal Nuno da Cunha de Ataíde (cardeal português), da obra por ele dirigida (Inocêncio I, p. 39). Apresentamo-la:

- *Desengano dos peccadores, necessário a todo género de pessoas, utilíssimo aos missionários, e aos prégadores desenganados, que só desejão a salvação das almas...*, Roma, Oficina António Rossi, 1724; XXX, 439 p.; em 4.º.  
— *Accrescentado com huma addiçam de hum caso horrível nesta terceira impressão por Lourenço Morganti...*, Lisboa, Oficina de António Pedroso Galvão, 1735; 24, 460 p.; 22 cm (BNP, R. 23348 P.; BPNM, 8-14-5-20).

**António Caetano de São Boaventura**, Frei, OFM (1669-1749). Era natural de Lisboa. Estudou Teologia e Filosofia, que mais tarde veio a ensinar em diversos lugares (Barbosa I, p. 228; Inocêncio I, p. 100). Escreveu:

- *Examen regulare pro confessariis Fratrum Minorum instruendis ad audiendas suorum fratrum confessiones...*, Lisboa, Typografia Congregationis Oratorii, 1736; 2 partes: 403 e 283 p.; 30x20 cm (BNP, R. 6859 A.; BSEA). Ver o autor nos cap. 10.3 e 10.7.

**António da Assumpçam**, Frei, OP (1695-1756). Inocêncio (VIII, p. 81) refere o autor como natural de Lisboa e as respetivas datas de nascimento e morte, mas não a seguinte obra:

- *Vida da Fenis da Penitencia S. Maria Magdalena, assombro dos Desertos e exemplar dos Anachoretas: Historia Panegyrica Ornada com todo o género de erudição, divina, e humana...*, Lisboa, Oficina Alvarense, 1747; 54, 278 p.; 15 cm (BNP, H.G. 3129 P.; BPE, S.L., E.32-C.1).

**António da Ascensão Oliveira** (?-?). Inocêncio apenas nos diz que este autor foi “Cónego da Igreja cathedral da Guarda” (VIII, p. 81). Escreveu:

- *Compêndio Theológico para uso dos novos confessores, em que se trata da justiça e direito das cousas, modo de adquirir domínio, contractos, e restituição, segundo as leis pátrias, direito da natureza, e canones*. Tomo I, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1819; VIII, 304 p.

Inocêncio também informa: “Não consta que sahisse a continuação desta obra”.

**António da Silva Leite** (1759-1833). Foi um músico notável (Inocêncio I, p. 270; VIII, p. 305; XXII, p. 358); mas também escreveu:

- *Modo prático para todo o cathólico se confessar bem, com orações apropriadas para antes e depois da comunhão*, Porto, Imprensa do Gandra, 1826. Ver o autor nos cap. 10.2; 11.1; 12.1 e 12.2.

**António de São Francisco de Paula Cartaxo**, Frei, OFM (17??-18??). Foi lente de Teologia na sua Ordem e examinador sinodal (Inocêncio I, p. 263; VIII, p. 153). Escreveu:

- *Documentos Christãos para o verdadeiro arrependimento dos pecadores que à Majestade Divina Consagra*, Lisboa, Imprensa Régia, 1804; em 8.º (BNP, L. 8567 P.). Ver o autor no cap. 10.2.

**António Luís de Carvalho**, Pe. (?-?). Foi presbítero secular, fundador e diretor do Seminário de Caridade dos Órfãos desamparados (Inocêncio I, p. 191; VIII, p. 228; XX, p. 245; XXII, p. 311). Escreveu:

- *Manual para a confissão, em que praticamente se ensina a hum penitente o modo*

*para bem se confessar...*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1774; 4.<sup>a</sup> impressão reformada e aumentada em vários lugares; 168 p.; 14 cm (CBAP, n.º 417).

— 9.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1793; 12, 235 p.; 13 cm (BNP, R. 32800 P.); ib., 1811. Ver o autor no cap. 10.7.

**Augusto Eduardo Nunes**, Dom (1849-1920). Era natural de Portalegre. Adquiriu o grau de doutor pela Faculdade de Teologia, em Coimbra, 1880. Como bispo de Évora, escreveu:

- *Instrução pastoral. Quaresma de 1910*, Évora, 1910. É um opúsculo de 22 páginas. Ver o autor nos cap. 9; 10.7 e 14.

**Baltasar da Encarnação**, OSPPE (1684-1760). Era natural de Serpa (Alentejo). Foi o fundador da Ordem dos monges descalços de São Paulo primeiro Eremita (Barbosa I, p. 447; Inocêncio I, p. 323). Escreveu:

- *Cidade da Consciência em cinco discursos pelos cinco sentidos do corpo humano*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1751; só foi publicada a 1.<sup>a</sup> parte; 20, XVIII, 408, 3 p.; 20 cm (BNP, R. 16752 V.).

— Ib., mesmo impressor, 1758 (BPNM, 2-14-5-24).

- *Despertador espiritual, em que se mostra a gravidade dos sete vícios capitaes...*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1758 (BPNM, 2-14-5-24).
- *Espelho espiritual... em que difusamente se trata das misteriosas sete petições da oração do Padre nosso*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1759-1762; 2 tomos; 20x13 cm (BNP, R. 6290 V. - 6291 V.; BJPII; CBAP, n.º 723; t. 1); inicia com uma introdução sobre Mt 9,5-9; no fim, tem um grande índice de passagens da Escritura, ordenado segundo os livros canónicos (p. 457-483).

— Outra edição de 1765 (BJPII). Ver o autor no cap. 14.

**Domingos Rodrigues Faia**, Pe. (16??-17??). Nasceu em Portalegre. Foi presbítero da Ordem de S. Pedro. Perito em Teologia Moral (Barbosa I, p. 715-716; Inocêncio IX, p. 149). Traduziu do castelhano:

- *Práctica do confessorário, e explicação das proposições condenadas por Sua Santidade Inocêncio VI. e Alexandre VII...: sua forma, hum diálogo entre o confessor, e penitente*: parte I [-II], Lisboa, Oficina que foi de Miguel Lopes Ferreira administrada por seus sucessores, 1737-[1738]; autor: Frei Jaime de Corella; as duas partes têm paginação e frontispício próprios, respetivamente, 31, 310 e 15, 330, 288 p.; 30 cm (BNP, R. 330 A.; BCapP; A Tradução em Portugal, 662).

— Coimbra, Oficina António Simões Ferreira, 1744; p. 240-292 (A Tradução em Portugal, 777).

**Estêvão de Santo Ângelo**, Frei, OCD (1671-1760). Era natural de Lisboa. Foi um frade muito capacitado em Teologia e Filosofia, que ensinou aos seus confrades. Chegou a ser Provincial e Definidor geral do capítulo da sua Ordem, que se realizou em Ferrara, 1728 (Barbosa I, p. 751-752; Inocêncio II, p. 238; IX, p. 191). Traduziu do italiano:

- *Devotíssimos exercícios de preparação... para antes e depois da confissão, e comunhão*, Antuérpia, 1732 (A Tradução em Portugal, 610).
  - Porto, Oficina do Capitão Manuel Pedrozo Coimbra, 1753; em 12.º; autor: S. Francisco de Sales (BNP, R. 164 P.; A Tradução em Portugal, 888).
  - Ib., mesmo impressor, 1756; 148, 6 p.; em 12.º (A Tradução em Portugal, 920). Ver o autor no cap. 10.5.

**F. A. V. Sequeira** (?-?). Traduziu:

- *Manual dos Confessores*, Porto, Ed. Cruz Coutinho, 1837; autor: Jean Joseph Gaume; 580 p.; 20x13 cm (BSEA).
  - Ib., Typ. Commercial, 1849; 484 p.; 20x12 cm (BNP, R. 28346 P.; BSEA).

**Fortunato de São Boaventura**, Dom Frei, OCist (1778?-1844). Era professor de Teologia na Universidade de Coimbra em 1810. Fugiu para Roma, perseguido por defender os Jesuítas e ser adepto de D. Miguel (Inocêncio II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Traduziu:

- *O jejum da quaresma: tratado histórico e moral*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822; 72 p.; 19 cm (BNP, H.G. 6656//6 V.; A Tradução em Portugal, 3813).<sup>65</sup> Ver o autor nos cap. 4.1; 6.1.2; 8; 9; 10.7; 10.9; 10.10; 13.1; 15 e 22.5.

**Francisco de Santo António** (fl. 755). Escreveu:

- *Arte theórico-prática de confessores: útil e necessária para a recta administração do Sacramento da Penitência*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1755; Tomo II: 12, 446 p.; 21 cm (BNP, TR. 1269 P.).

**Hermenegildo**, Frei, OFM (?-?). Escreveu

- *Despertador Métrico ou incentivos tão eficazes, como verdadeiros, para desengano de peccadores entendidos...*, Madrid, Imprensa António Pérez de Soto, 1752 (BPB, Res. 164 V.).<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Opúsculo extraído da obra de Albano Butler intitulada *Festas móveis*.

<sup>66</sup> Encadernado com vários temas sobre a Igreja, dois dos quais são documentos de Bento XIV.



**Jerónimo de Belém** / Fortunato Lopes de Oliveira, Frei, OFM (1692-1760?). Era natural de Arcos de Valdevez. Exerceu vários cargos na sua Ordem, entre eles o de bibliotecário do convento de Xabregas e cronista da Província. Escreveu:

- *Palestra da Penitência sendo Corifeo, Author, e Mestre o Milagroso Deus Menino*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1736; 31, 400 p.; 15 cm (BNP, R. 23606 P.). Ver o autor nos cap. 10.2; 12.2; 13.1 e 22.4.<sup>67</sup>

**João de Deus**, Frei, OESA (1732-179-). Era natural de Lisboa. Foi pregador geral da Ordem e prior no convento de Tavira e no da Penha de França, em Lisboa (Inocêncio III, p. 361-362). Escreveu:

- *Instruções para novos confessores em que se trata miudamente de toda a prática do Sacramento da Penitência*, Lisboa, 1796; 2 tomos; em 8.º. Ver o autor no cap. 6.

**Joaquim Alberto de Azevedo** / Joaquim da Encarnação, Frei, OSA (1724-1798). Nasceu em Barcelos. Era mais conhecido por D. Joaquim da Encarnação (Inocêncio IV, p. 76). Escreveu:

- *Método prático e instrução para bem se confessar e comungar que expoz no concílio Romano aos confessores de meninos o S. P. Benedicto XII...*, Coimbra, Oficina da Academia Litúrgica, 1764; 8, 103 p.; 16 cm (Pernambuco, p. 417). Ver o autor no cap. 3.2.

**Joaquim do Rosário**, Frei, OFM (?-?). Era natural de Leiria. Inocêncio não fornece dados biográficos do autor, apenas as suas obras (IV, p. 154). Traduziu:

- *Diccionario compendioso dos casos de consciência de João Pontas, no qual se acha um grande número de notas e novas decisões de Pedro Collet: traduzido e posto em boa ordem...*, Lisboa, 1774; em 8.º.
- *Compêndio do Dicionário dos casos de consciência*, Lisboa, Oficina de Simão Traddeo Ferreira, 1794-97; autor: João Pontas; 5 vol.; 15 cm (BNP, R. 28092 P. - 28096 P.; BPH: t. V).  
— *Ib.*, mesmo impressor, 1794-96; 4 vol.: 1.º, 416 p.; 2.º, 622 p.; 3.º, 579 p.; 4.º, 423 p.; 15x10 cm (BNP, TR. 4114 P. - 4116 P.; BSEA; BCapB). Ver o autor nos cap. 10.2 e 10.9.

**José Caetano de Mesquita e Quadros**, Pe. (1726-1799). Era natural da Figueira da Foz. Foi professor de Retórica e Lógica do Colégio Real dos Nobres (Inocêncio IV, p. 283-285; Barbosa IV, p. 203). Traduziu:

<sup>67</sup> Ver MARQUES, João Francisco, em *Biblos: enciclopédia verbo das literaturas da língua portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995; 3.º vol: Le-Pa, col. 1254-1256; Barbosa II, p. 485-486; Inocêncio III, p. 258; X, p. 127.

- *Discurso sobre a penitência dos fracos: doutrina de consolação para os peccadores*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1789; 113 p. (A Tradução em Portugal, 1778). Ver o autor nos cap. 4.1; 9; 14 e 15.

**José da Assunção** - 2, Dom Frei, OFM (1781-1841). Foi bispo de Lamego (Inocência XII, p. 243). Escreveu:

- *Confessor Prático em Confissões Geraes*, Coimbra, Real Imprensa Nacional da Universidade, 1833; 160 p.; 22 cm (BNP, TR. 3491 V.). Ver o autor nos cap. 8; 14 e 15.

**José de Sousa Amado** (1812-1878). Era natural de Assafarge, Coimbra. Foi professor de liceu em Lisboa. Licenciou-se em Teologia em 1843 (Inocência V, p. 139 e 457; XIII, p. 221). Foi o editor literário de:

- *A necessidade da confissão para a felicidade d'este e do outro mundo*, Lisboa, Typ. de Silva, 1856; 27 p.; em 16.º.<sup>68</sup> Ver o autor nos cap. 7.4.2; 10.7; 13.1 e 15.

**José Gonçalves de Aguiar**, Pe. (1831-?). Bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocência XII, p. 349). Escreveu:

- *Tratado da penitência: dividido em três partes*, Lisboa, Typographia Universal, 1888; XIV, 850 p.; 23 cm (BJPII). Ver o autor nos cap. 7.1; 10.8 e 22.3.

**José Inácio Roquete**, Frei, OFM (1801-1870). Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete. Foi lente de Sagrada Escritura (Inocência IV, p. 373-377; XIII, p. 15). Traduziu:

- *Imitação de Christo*, Paris, Typ. Guillard [18??]; autor: Tomás Kempis; Nova edição; 13 cm (BNP, R. 26283 P.).  
— Ib., Va. J. P. Aillaud, 1862; 12 cm (BNP, R. 27397 P.).
- *Exercício da via sacra e outras orações novas para todas as sextas-feiras da Quaresma*, Paris, 1847 (Fortunato de Almeida III, p. 394). Ver o autor no cap. 3.2.

**Luís Botelho Fróis de Figueiredo** (1675-1720). Era natural de Santarém. Estudou Filosofia e Jurisprudência canónica na Universidade de Coimbra. Emigrou para Madrid onde se casou (Barbosa III, p. 63; IV, p. 549; Inocência V, p. 232; XIII, p. 352). Escreveu:

- *Queixas do Amor Divino, sentimentos do coração humano na Morte e Payxão de Christo*, Coimbra, Joseph Antunes da Silva, 1717. Ver o autor no cap. 10.9.

<sup>68</sup> Sobre esta obra, ver MARQUES, João Francisco, *Confissão*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C), p. 457.

**Manuel Agostinho Barreto**, Dom (1835-1911). Era natural de Pedrógão Grande. Licenciou-se em Teologia pela Universidade de Coimbra. Famoso pelos dotes de oratória e escrita. Foi bispo do Funchal. Nas suas pastorais, mostrava-se conservador e preocupava-se com a reafirmação dos valores tradicionais da Igreja, ameaçados pelos turbulentos tempos do liberalismo e anticlericalismo que a sociedade atravessava.<sup>69</sup> Escreveu:

- *Pastoral sobre a penitência*, [S.l.: s.n., 19??]; 24 p.; 22 cm (BNP, R. 11019//8 V.).
- *Quaresma de 1905: Pastoral*, Funchal, Typ. Esperança, 1905; 26 p.; 22 cm (BJP II, 262.852 BARM). Ver o autor no cap. 15.

**Manuel da Silva Morais**, Pe. (?-1742). Nasceu na vila de Santa Catarina, pertencente aos antigos coutos do mosteiro de Alcobaça. Era presbítero secular, tesoureiro da Colegiada de Santa Maria de Alcáçova em Santarém (Inocêncio VI, p. 109; Barbosa III, p. 377). Traduziu:

- *Promptuário da Theologia Moral, muito útil e necessário para todos os que quizerem expor para confessores, e para devida administração do Santo Sacramento da Penitência*, Lisboa, Francisco Xavier de Andrade, 1723; autor: Fr. Francisco Lárraga.  
— Ib., Oficina de Pedro Ferreyra, 1727; 24, 732 p.; 2 col.; 21 cm (BNP, F.G. 1287).  
— Coimbra, Oficina António Simões Ferreira, 1735; 4, 8, 726 p.; 21 cm (BNP, R. 12559 V.; BJPII, 241(02) LAR-MOR; BPB, Res. 872 V.; A Tradução em Portugal, 641).  
— Ib., mesmo impressor, 1749; 8, 692 p.; 2 col.; 31x21 cm (BNP, R. 6852 A.; BSEA).
- *Exame eclesiástico. Contém todas as matérias da Teologia Moral, com as denúncias... instrução da sagrada Penitência...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1736; 2 partes; 30x21 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 13.1.

**Manuel de Deus**, Frei, OFM (1686-1730). Era natural da cidade de Évora, em cuja Universidade estudou letras humanas e divinas (Barbosa III, p. 245-246; Inocêncio V, p. 408). Esta foi a sua obra mais procurada e editada:

- *Pecador Convertido ao Caminho da Verdade instruído com os documentos mais importantes da lei de Deus. Dedicado ao Rey da Glória, e Redemptor do Mundo*

<sup>69</sup> Em *Dicionário Enciclopédico da Madeira, Aprender Madeira*, por Ana Cristina Trindade e Rui Carita, 18.04.2016; SOUSA, Acácio de, et alli (Coordenação), *Dicionário dos Autores do Distrito de Leiria*, Leiria, Edições Magno, 2004, p. 353.

*Jesu Christo Nosso Senhor*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1728; 14, 525 p.; 11x7cm (BPE, S. L. - E. 38 - C. 2).

— Coimbra, António Simões Ferreira, 1728; 24, 456 p.; 15 cm (BGUC, R-41-16; CBAP, n.º 653).

— Lisboa, Miguel Rodrigues, 1730 (BPE, S. L. - E. 65 - C. 1).

— Ib., Oficina Alvareense, 1740; 8 fol., 478 p.; 15 cm (BNP, R. 25727 P.).

— Ib., Oficina de José António Plates, 1743; 20, 478 p.; 15 cm (BNP, R. 26624 P.).

— Ib., Oficina Domingos Gonçalves, 1744 (BSEA).

— Ib., Oficina Luisiana, 1781 (BPE, S. L. / 21-2). Ver o autor nos cap. 10.2 e 10.4.

**Manuel de Santa Ana**, Frei, OFM (1784-1802). Inocêncio refere apenas algumas obras do autor (V, p. 358). Entre elas, temos:

- *Dissertações theológicas medicinaes, dirigidas à instrução dos penitentes, que no sacramento da penitência sinceramente procuram a sua sanctificação*, Lisboa, 1799; 2 t.; em 8.º. Ver o autor nos cap. 3.1 e 7.1.

**Manuel Evangelista**, Frei, OFM (fl. 1762). Foi franciscano da Província do Algarve. Doutorou-se em Teologia na Universidade de Coimbra (Inocêncio V, p. 413). Compôs:

- *Cathecismo dialógico: teatro de desengano em que se representam a doutrina de uma perfeita confissão o penitente e o confessor*, Lisboa, Domingos Gonçalves, 1760; 576 p.; 15x10 cm (BNP, R. 2305b2 P.; Belinquete I, p. 878). Tem muitos atos de piedade: ladainhas, etc.

**Manuel José Gonçalves do Couto**, Pe. (1819-1897). Era natural de Zimão, freguesia de Telões, concelho de Vila Pouca de Aguiar. Foi ordenado sacerdote em 1844. Foi um grande missionário católico das missões populares no norte do país, desde Lamego até ao Alto Minho (Inocêncio XVI, p. 242). A obra que se segue foi chamada a “Bíblia das aldeias”:

- *Missão Abreviada para despertar os descuidados, converter os peccadores e sustentar o fructo das missões*, Porto, Typ. de Sebastião José Pereira, 1859; 648; 20 p.; il.; contém também um Appendice: *Exercício para antes e depois da confissão e comunhão* (20 p.); 17 cm (BNP, R. 15344 P.).<sup>70</sup>

<sup>70</sup> Sobre esta obra, ver GERALDES, Freire José, *Padre Manuel J. G. Couto, autor da Missão Abreviada*, em *Humanística e Teologia* VI, 3, Porto, 1986, p. 369-373; MARQUES, João Francisco, *O rigorismo na espiritualidade popular oitocentista – o contributo da missão abreviada*, em *Colóquio internacional Piedade popular: sociabilidades, representações, espiritualidades*, Lisboa, Centro

- 2.<sup>a</sup> edição mais correcta e augmentada, ib., mesmo impressor, 1861; 719 p.; il.; 17 cm (BNP, R. 15258 P.).
- 4.<sup>a</sup> edição mais correcta e augmentada, ib., mesmo impressor, 1865; 719 p.; il.; 16 cm (BNP, R. 25384 P.).
- No mesmo ano e lugar, outra edição com *Additamento à Missão abreviada: Breves instruções que se devem ler ao povo por ocasião da oração*; 719, 264 p. (BNP, R. 15243 P.).
- 5.<sup>a</sup> edição correcta, ib., mesmo impressor, 1867 (BNP, R. 29065 P.).
- Ib., mesmo impressor, 1868; contém também: *Additamento à Missão abreviada: Breves instruções que se devem ler ao povo por ocasião da oração* (264 p.); 720, 264 p.; 17 cm (BNP, R. 25255 P.).
- 8.<sup>a</sup> edição melhorada, ib., mesmo impressor, 1871; 720, 276 p.; 16 cm (BNP, R. 16319 P.).
- 9.<sup>a</sup> edição melhorada, ib., mesmo impressor, 1873; 16x9 cm (DB).
- Ib., mesmo impressor, 1876; 720, 264 p.; 15x9 cm (BCapB).
- 11.<sup>a</sup> edição melhorada, ib., mesmo impressor, 1878; 719, 276 p.; 16 cm (BNP, R. 16466 P.).
- 12.<sup>a</sup> edição melhorada, ib., mesmo impressor, 1884; 710, 276 p.; 16 cm (BNP, R. 15324 P.).
- 13.<sup>a</sup> edição melhorada, Porto, Livraria Popular Portuense de António José Fernandes, 1891; com segundo *Additamento à Missão abreviada*; 721, 2, 251 p.: il.; 17 cm (BNP, R. 11183 P.).
- 14.<sup>a</sup> edição muito melhorada, ib., mesmo impressor, 1895; 673, VII, 2, 287 p.; 16 cm (BNP, R. 11142 P.).
- 15.<sup>a</sup> edição muito melhorada, ib., mesmo impressor, 1900; 673, VII, 2, 287 p.; 16 cm (BNP, R. 10993 P.). Ver o autor no cap. 8.

**Martinho do Amor de Deus**, Frei, OFM (?-1749). Nasceu e morreu em Lisboa. O seu nome de batismo era Martim Teixeira de Carvalho. Foi doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra. Quis entrar no claustro, desenganado das coisas do mundo (Inocêncio VI, p. 153). Escreveu:

- *Escola de Penitência, caminho de perfeição, estrada segura para a vida eterna... Crónica da Santa Prov. de Santo António*, Lisboa, Herdeiros de António Pedroso Galvão, 1740; 48, 871 p.; 31x20 cm (BPB, Res. 120 P.; BSEA).

---

de História da Cultura - Terramar, 1999, p. 231-242; segundo este autor, houve 16 edições (1940) desta obra, perfazendo um total de mais 100 000 exemplares.

**Miguel de Azevedo**, Frei, OCarm (17??-18??). Era natural de Évora. Foi cronista da sua Ordem (Carmelita Calçado). Ignoram-se as datas de nascimento e falecimento. Segundo Inocêncio VI, p. 225, ainda era vivo em 1809. Escreveu:

- *Ministro de Jesu Christo no Tribunal da Penitência para instruir, absolver, ou condemnar os réos de todos os crimes, em todos os estados e officios da sociedade christã, política, e ecclesiástica, bem instruído nos dictames de todo o direito divino e humano...*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1747-; 10 vol.; 17x11 cm (BSEA).

— Ib., mesmo impressor, 1797-1802; 10 vol.; 17x11 cm (BNP, Var. 659 - 668; BPE, S.L.-E 12-C-4; BSEA; BPH: vol. I, VI-VIII). Ver o autor no cap. 10.4.

**Miguel Ferreira de Almeida**, Pe. (1840-1916). Nasceu em Viseu de família modesta. Coursou Teologia no Seminário da sua cidade. Mais tarde, devido aos seus dotes, doutorou-se nesta área na Universidade Gregoriana, Roma. Traduziu:

- *Casos de consciência*, Viseu, Imprensa da Revista Católica, 1896; autor: João Pedro Gury; 2 vol.: 694 e 778 p.; 22x13,5 cm (BSEA; BPH).

— *Novíssimos casos de consciência*, ib., mesmo impressor, 1897; 3.<sup>a</sup> edição correcta e aumentada; 2 vol.; 22,5x14 cm (BSEA). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.4; 10.8; 14 e 15.

**Serafim da Conceição**, Frei, OCD (1734-1814). Era natural de Vila Real, Trás-os-Montes (Inocêncio VII, p. 255). Escreveu:

- *Novo confessor instruído na prática do confessional*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1814; 483, 34 p.; 15,5x10 cm (BNP, TR. 2655 P.; BSEA; BOCD). Ver o autor nos cap. 9 e 14.

**Valério de Oliveira Bernardes**, Pe. (1704-?). Nasceu em Lisboa e foi presbítero do hábito de São Pedro (Barbosa III, p. 770). Escreveu:

- *Dissertação Sacro-Histórico-Apologética sobre a vida e prodigiosa conversão do esclarecido exemplar da Penitência, S. Maria Magdalena...*, Lisboa, Régia Officina Sylviana, 1745; 31 p.; 21 cm (BNP, H.G. 3175 P.). Ver o autor no cap. 10.2.

**Victorino José da Costa**, ex-OSB (?-ca. 1752). Era natural de Lisboa e chegou a professar na Ordem de S. Bento, sendo ordenado sacerdote; mas dada a inconstância do seu génio, abandonou a vida religiosa (Barbosa III, p. 789-791). Escreveu:

- *Confissão de hum peccador convertido, homilia, ou Paráfrasis sobre o Psalmo Mi-*

*serere*, Lisboa, Oficina Rita-Cassiana, 1756. Saiu com o nome de Padre Vicente Joaquim. Ver o autor nos cap. 10.3 e 15.

### Autores anónimos

- *Cântico Devoto em Honra e Memória das dores de Maria Santíssima, e da Sagrada Paixão e Morte de Jesus Christo, Nosso Deus e Redemptor*, Lisboa, Typ. de Joaquim Manoel Euzebio, 1857; 16 p.; 17 cm (BNP, L. 83949 P.).
- *Vozes no deserto a impulso de um pecador convertido*, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1761; 7 p.; 21 cm (BNP, F. 3213; BPNM, 2-24-12-7).
- *Desengano do Mundo, Desprezo da Vaidade e Meditação para o Domingo do Juízo*, Lisboa, Oficina de Ignacio Nogueira Xisto, [17??]; 8 p.; 20 cm (BNP, L. 25743//3 P.; BPNM, 2-24-12-7).
- *Manual do christão devoto para a Missa e Semana Santa, confissão e principaes devoções para empregar o tempo santamente com o Offício da Immaculada Conceição*, Sexta edição ampliada com muitas orações úteis e adornada com lindas estampas, Lisboa, Tipografia do editor, L. C. da Cunha, 1861; 559, 4 p.; 13 cm (BNP, R. 26780 P.).
  - 10.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1869.
  - 11.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1871; 12 cm (BNP, R. 28555 P.).
- *Manual do christianismo para Missa, Confissão e Semana Santa...*, 1858; 774 p.; 13x8,5 cm (BPH).
  - Lisboa, Artur da Silva, 1864; 774, 7 p.; 14x10 cm (BOCD).
  - Ib., F. A. da Silva, 1872 (BNP, R. 1024 P.).
- Por D. J. M. D. C. R., *O Cathólico Penitente dedicado ao Divino Espírito Santo. Contém a prática do Sacramento da Penitência, modo devoto de ouvir Missa, visitar o Santíssimo Sacramento, e outras pias devoções*, Lisboa, Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos, 1824; 171 p.; 13,5x8 cm (BSME).
- *Philosophia da confissão sacramental*, 1875; trata-se de uma dissertação para a docência em Teologia na Universidade de Coimbra.<sup>71</sup>

### Tradutores anónimos

- *Prática do sacramento da penitência ou método para o administrar utilmente: impresso em francês por ordem do senhor Bispo Conde de Verdun para o uso dos confessores da sua diocese e traduzido por hum eclesiástico para utilidade comum dos portugueses*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1772; autor: Nicola

<sup>71</sup> MARQUES, João Francisco, *Confissão*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C), p. 457.



Terzago; 18, 644, 18 p.; 16x10 cm (BME, JHT1817; BSEA; A Tradução em Portugal 1189).

— *Segunda Impressam*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1777; 20, 644, 16 p.; 15 cm (BNP, Var. 597).

- Trad. da língua francesa: *Conducta de confessores no tribunal da penitência*, Lisboa, Oficina de Manuel Coelho Amado, 1776; Bayeux, ed. lit.; 17 cm (BNP, TR. 1333 P.).

— *3.<sup>a</sup> edição*, Lisboa, Oficina Luisiana, 1780; 2 partes: 1.<sup>a</sup>, 300 p.; 2.<sup>a</sup>, 347, 14 p.; 18x11 cm (BOCD).

— *Ib.*, Tip. Oficina Régia, 1786; 660 p.; 15x10 cm (BSEA).

— *Ib.*, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1794 (A Tradução em Portugal, 2071).

— *Nova edição*, Porto, Livraria Católica Portuense, [18?]; 515, 5 p.; em 8.<sup>o</sup> (BSL).

- *Governo das almas em o caminho da salvação para servir de suplemento à conducta de confessores em o tribunal da penitência*, Lisboa, Régia Oficina Tip., 1795; trad. do francês; t. 2: 6, 309 p.; 14,5x10 cm (BCapB: t. 2).
- *Diccionario dos casos de consciência...*, Lisboa, 1796-97; autor: Dr. Pedro Collet (BSEA: 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> vol.).
- *Casos de consciência a propósito da União Católica em Portugal...*, Coimbra, J. J. Reis Leitão, 1883; 2.<sup>a</sup> edição (BNP, R. 27562//13 P.).
- *Promptuário de Theologia Moral. Composto primeiramente pelo P. M. Fr. Francisco Lárraga. E agora ultimamente acabado de reformar... por Francisco Santos e Grosin... Traduzido e acrescentado com os casos reservados em todos os bispados do Reino, e Conquistas, e hum tratado da Bulla da Cruzada...*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1798; 2 vol.; 15 cm (BNP, TR. 6481 P. - 6482 P.).
- Porto, Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1798-1800; 3 vol.; 17 cm (CBAP, n.<sup>o</sup> 1159).
- Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1801; 15 cm (CBAP, n.<sup>o</sup> 1161: t. 2, 3 e 4).
- *2.<sup>a</sup> edição*, Porto, Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1803; 3 vol.; 17x10 cm (BNP, R. 39906 P. - 39909 P; BCapB: vol. III).
- Lisboa, Impressão Régia, 1808 (BCapB: tomo II).
- *Nova edição correcta, emendada... e acrescentada de huma dissertação preliminar sobre os lugares teológicos...*, *ib.*, mesmo impressor, 1817; 4 vol.; 15 cm (CBAP, n.<sup>o</sup> 1163).
- *Nova edição correcta, emendada à vista do original*, *ib.*, mesmo impressor, 1829; 4 vol.; 15 cm (BNP, R. 32399 P. - 32402).

- *Compêndio do Promptuário da Theologia moral que compoz Fr. Francisco Lár-raga... Ordenado, correcto, e augmentado com vários tratados e muitas notas, por Fr. Ignacio de S. Carlos, Portuense, Franciscano dos Observantes de Portugal...*, Porto, Typografia que foi de António Álvarez Ribeiro, 1813-1814; 4 vol.; 16 cm (BNP, TR. 3331 P. - 3334 P.; BCapB: tomo III; CBAP, n.º 1158).

#### 10.6.1. Espiritualidade do “Contemptus Mundi”.

##### Edições da *Imitação de Cristo*

Tal como fizemos nos volumes II e III desta coletânea de *A Bíblia em Portugal*, procedemos do mesmo modo no presente volume, apresentando as edições em português publicadas nestes dois séculos. De facto, a *Imitação de Cristo* tornou-se um livro universalmente conhecido, muito lido e refletido em todas as confissões cristãs. É um livro típico de uma certa espiritualidade, de uma visão específica do Evangelho, já que é disto que se trata neste capítulo. E dizemos de “uma certa espiritualidade”, porque algumas pessoas, por exemplo, as mais escrupulosas, não o deveriam ler, devido ao rigorismo, por vezes excessivo, da sua linguagem; mas, no fundo, apresenta-nos a seriedade com que os cristãos devem viver o Evangelho. Pelas edições que teve nesta época, o livro continuou a ser objeto de uma enorme aceitação do público português, como vemos seguidamente.<sup>72</sup>

##### Edições do séc. XVIII

- *Imitação de Cristo que vulgarmente se intitula Contemptus Mundi, dividida em quatro livros e escrita pelo Venerável Thomas de Kempis, Cónego Regular de Santo Agostinho, e agora novamente correcto*, Lisboa, Oficina Joseph Lopes Pereira, 1712; 4 fol., 360 p., 8 fol.; com ilustr.; 12,5x7,5 cm (BNP, R. 11859 P.).
- *Imitação de Cristo que vulgarmente se intitula Contemptus Mundi, dividida em quatro livros e escrita pelo Venerável Thomas de Kempis, Cónego Regular de Santo Agostinho...*, Lisboa, Oficina de Filipe de Sousa Vilela, 1723; 4 fol., 391 p., 8 fol.; com ilustr.; 14x7,5 cm (BNP, R. 10401 P.).
- *Imitação de Cristo que vulgarmente se intitula Contemptus Mundi, dividida em quatro livros e escrita pelo Venerável Thomas de Kempis, Cónego Regular de Santo Agostinho; e novamente acrescentada com Oração Mental e mais orações*, Coim-

<sup>72</sup> Para este assunto da *Imitação de Cristo*, ver CEPEDA, Isabel Vilar, *As Versões Portuguesas da Imitação de Cristo*, em Arquivo de Bibliografia Portuguesa, ano VII (janeiro-dezembro), n.º 29-32, Coimbra, Atlântida Editora, 1962; também em Separata (para estes séculos, p. 69-80). Na DB existe uma edição deste livro em latim: *De Imitatione Christi. Libri Quatuor et Vita Thmae a Kempis. Ad usum Scholarum*, Paris, Lyon, Librairie Catholique de Perisse frères, 1847; 168 p.; 9,5x6,5 cm.

bra, Oficina de Francisco de Oliveira, Impressor da Universidade e do Santo Ofício, 1743; 2 fol., 326 p., 5 fol., 108 p.; com ilustr.; 14x7,5 cm (BNP, R. 16640 P.).

- *Imitação de Cristo dividida em três livros escritos em latim pelo Venerável Thomas de Kempis, no ano de 1441 e traduzidos em português por Diogo Vaz Carrilho, natural de Lisboa, conforme a impressão de Lisboa de 1673, sendo emendadas as erratas della e augmentada com os testemunhos da Escritura Sagrada e com índices de doutrina para crer e de Ensinos para viver*, Trangambar, Oficina da Real Missão de Dinamarca, 1744; 2.<sup>a</sup> impressão; 4 fol., 280 p. e índices dos capítulos (BNP, R. 2066 P.).
- *Imitação de Cristo escrita pelo Venerável Thomas de Kempis; Nova edição correcta e emendada por hum Religioso Arrábido; com figuras*, Lisboa, Oficina Rolandiana, 1777; com licença da Real Mesa Censória; 24, 500 p., 2 fol.; 4 gravuras; 13,5x7,5 cm (BNP, R. 25303 P.; BGUC, 4-68-11-1).
- *Imitação de Cristo que o vulgo intitula Contemptus Mundi, dividida em quatro livros e escrita pelo Venerável Thomas de Kempis. Edição novíssima, corrigida com sumo escrúpulo e cuidado*, Lisboa, Oficina Manuel Coelho Amado, 1777; com licença da Real Mesa Censória; 4 fol., 467 p.; 25 ilustr.; 13,5x7,5 cm (BNP, R. 29356 P.; BGUC, 4-1a-14-24).
- Ib., Oficina Rolandiana, 1778; XXIV, 500 p.: il.; 14 cm (BNP, R. 28862 P.).
- *Imitação de Cristo escrita em latim por Thomas de Kempis, e traduzida por Frei António de Pádua e Bellas, Religioso Arrábido. Terceira edição correcta, emendada e adornada com cinco estampas*, Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1791; com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros; 24, 499, 5 p.; 4 grav. e ilustr.; 13,5x7,5 cm (BNP, R. 31698 P.).
- Ib., mesmo impressor, 1797; com licença da Mesa do Desembargo do Paço; 5 grav.; 24 ilustr.; 13,5x7,5 cm (BNP, R. 16501 P.).
- *Imitação de Cristo que o vulgo intitula Contemptus Mundi, dividida em IV livros, escrita pelo Ven. Thomas de Kempis. Terceira impressão oferecida ao Sr. D. Balthesar Garcia*, Lisboa, Oficina Joaquiniana da Música de D. Bernardo Fernandes. Gayo, 1792. Com privilégio Real; 4 fol., 375 p.; com gravuras e 27 ilustr.; 13,5x7,5 cm (BNP, R. 31639; BGUC, 4-68-44).
- *Da Imitação de Cristo, em “Obras Espirituais do Venerável Padre Thomaz de Kempis”*, Lisboa, Régia Officina Tipográfica, 1796; tomo I, p. 363-499; com licença da Mesa do Desembargo do Paço; 2 fol., 719 p.; 42 ilustr.; 20x14,5 cm (BGUC, 3-9-11-182).

## Edições do séc. XIX

- *Imitação de Cristo escrita em latim por Thomás de Kempis, e traduzida por Frei António de Pádua e Bellas, Religioso Arrábido. Nova edição correcta, emendada e adornada com cinco estampas*, Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1801; com licença da Mesa do Desembargo do Paço; 24, 499, 5 p.; 5 grav.; 24 ilustr.; 13,5x7,5 cm (BNP, R. 29287 P.).
- *Imitação de Cristo. Nova edição revista e emendada*, Rio de Janeiro, 1819; com estampas finas; 2 fol., 528 p.; 5 grav. e 23 ilustr.; 15,5x9 cm (BNP, R. 31638 P.).
- *Imitação de Cristo escrita em latim por Thomás de Kempis, e traduzidos por Frei António de Pádua e Bellas, Religioso Arrábido. Nova edição correcta, emendada e adornada com cinco estampas*, Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1826. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço; 24, 499 p., 2 fol.; 5 grav.; 24 ilustr.; 13,5x7,5 cm (BNP, R. 10615 P.; BGUC, 4-26-36).
- *Da Imitação de Cristo. Quatro Livros trasladados de latim em linguagem, por Ernesto Adolfo de Freitas, bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra. Agora novamente saídos à luz e, por ele mesmo, a tradução revista, apurada nesta segunda impressão e alegadas todas as autoridades clássicas, com que vai corroborada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844; 627 p.; 36 ilustr.; 24x17 cm (BNP, R. 2529 P.).
- *Imitação de Cristo escrita em latim por Thomás de Kempis, e traduzidos por Frei António de Pádua e Bellas, Religioso Arrábido. Nova edição correcta, emendada e adornada com cinco estampas*, ib., mesmo impressor, 1845; 6 fol., 468 p., 5 estampas.; 26 ilustr.; 13,5x7,5 cm (BNP, R. 16590 P.).
- *Imitação de Cristo escrita em latim por Thomás de Kempis, e traduzidos por Frei António de Pádua e Bellas, Religioso Arrábido. Nova edição correcta, emendada e adornada com cinco estampas*, ib., mesmo impressor, 1857; 6 fol., 468 p.; 26 ilustr.; 13,5x8,5 cm (BNP, R. 10617 P.).
- *Imitação de Cristo, tradução nova, acompanhada de piedosas reflexões no fim dos capítulos e precedidas de orações para assistir ao Santo Sacrificio da Missa, pelo presbítero J.-J. Roquette*, Paris, Viúva de J.-P. Aillaud, Monlon e C.<sup>a</sup>, 1858; 32, 508 p.; 12x8 cm; 29 ilustr. (BNP, R. 18548 P.).
- *Imitação de Christo. Tomaz de Kempis; Trad. nova... por J. Roquete*, Paris, V.<sup>a</sup> J. P. Aillaud, 1862 (BNP, R. 27397 P.).
- *Imitação de Cristo escrita em latim por Thomás de Kempis, e traduzidos por Frei António de Pádua e Bellas, Religioso Arrábido. Nova edição correcta, emendada e*

*adornada com cinco estampas*, Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1866; 6 fol., 468 p.; 26 ilustr.; 14x8 cm (BNP, R. 16537 P.).

- *Imitação de Cristo, tradução nova, acompanhada de piedosas reflexões no fim dos capítulos e precedidas de orações para assistir ao Santo Sacrifício da Missa, pelo presbítero J.-J. Roquette*, Paris, Viúva de J.-P. Aillaud, Guillard e C.<sup>a</sup>, 1869; 32, 509 p.; 12,5x8 cm; 29 ilustr. (BNP, R. 18745 P.).
- *Imitação de Cristo, tradução nova, acompanhada de piedosas reflexões no fim dos capítulos e precedidas de orações para assistir ao Santo Sacrifício da Missa, pelo presbítero J.-J. Roquette*, Paris, Viúva de J.-P. Aillaud, Guillard e C.<sup>a</sup>, 1873; 1 estampa; 29 ilustr.; 32, 509 p.; 13x8 cm (BNP, R. 10400 P.).  
— *Nova edição*, Paris, Typ. Guillard [18?]? (BNP, R. 26283 P.).
- *Imitação de Cristo, tradução nova, acompanhada de piedosas reflexões no fim dos capítulos e precedidas de orações para assistir ao Santo Sacrifício da Missa, pelo presbítero J.-J. Roquette*.  
— *Ib.*, mesmo impressor, 1877; 32, 509 p.; 1 estampa; 29 ilustr.; 13x8 cm (BNP, R. 27098 P.).
- *Imitação de Cristo. Quatro Livros traduzidos do original latino em linguagem portuguesa, por Ernesto Adolfo de Freitas, bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra*, Lisboa, Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1878; 329 p.; 29 ilustr.; 17,5x12,5 cm (BNP, TR. 3783 P.; CBAP, n.º 1121).
- *Imitação de Cristo, tradução nova, acompanhada de piedosas reflexões no fim dos capítulos e precedidas de Orações para assistir ao Santo Sacrifício da Missa, pelo presbítero J.-J. Roquette*, Paris, Viúva de J.-P. Aillaud, Guillard e C.<sup>a</sup>, 1883; 1 estampa; 29 ilustr.; 32, 509 p.; 3 gravuras; 12x8 cm.  
É uma reprodução da edição de 1869 (BNP, R. 18549 P.).
- *IV livros da Imitação de Jesus Cristo, que alguns atribuem a Jersen, outros Gerson, e outros a Thomaz de Kempis, vertidos em linguagem portuguesa. Segundo uma tradução publicada em 1743, reimpressa em 1877 e agora revista, correcta e confrontada com a edição latina por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, Conde de Samodães. Com a aprovação de Sua Exma., o Snr. Cardeal, bispo do Porto. Editor: Frutuoso da Fonseca*, Porto, Tipografia da Palavra, 1883; 12, 359 p.; 27 ilustr.; 12,5x9,5 cm; p. V-XIII: introdução pelo Conde de Samodães (BNP, R. 16263 P.).  
— *Segunda edição de propaganda*, *ib.*, Rua da Picaria, 74, 1886; 22, 330 p.; 4 estampas; 28 ilustr.; 12,5x9,5 cm; p. V-XIII: introdução igual à da 1.<sup>a</sup> edição de 1883 (BNP, R. 16409 P.).

- *Imitação de Cristo, tradução nova, acompanhada de piedosas reflexões no fim dos capítulos e precedida de Orações para assistir ao Santo Sacrifício da Missa, pelo presbítero J.-J. Roquette*, Paris, Guillard, Aillaud, e C.<sup>a</sup>, s. d.; 32, 509 p.; 4 gravuras e 29 ilustrações (tudo como na edição de 1869; BNP, R. 1460 P.).

Todas estas edições da *Imitação de Cristo* manifestam que os séculos aqui tratados, pela perspectiva cultural e de espiritualidade bíblica, tiveram em grande estima este tipo de espiritualidade penitencial, profundamente evangélica.<sup>73</sup>

### 10.7. Espiritualidade mariana

Este tipo de espiritualidade não é uma simples devoção popular. E assim deve ser já que, para os católicos, Maria é a segunda personagem mais importante da Bíblia. Só Ela, Mulher única, foi a Mãe do Verbo eterno feito homem. Nos Evangelhos, Maria está sempre ao lado de Cristo, no sentido em que faz parte do mesmo projeto divino da salvação da humanidade. Se foi Mãe do Filho de Deus, Ela é justamente chamada, como ficou definido no concílio de Éfeso, a *Theotokos*, aquela que “gerou” o Filho de Deus encarnado.

Portanto, Ela não é Mãe por um simples título adjetivante da sua grandeza, mas realmente Mãe d’Ele e não apenas do seu corpo; pois, em Cristo havia uma só Pessoa com duas naturezas, isto é, um único “eu” pessoal; não havia um “eu” divino metido num outro “eu humano”. Ou seja, as duas naturezas (humana e divina) estavam unidas na mesma Pessoa, que Maria gerou. Aqui está a sua grandeza única, apesar de ser uma simples criatura humana.

É certo que as devoções populares marianas deturpam um pouco esta teologia, que vem dos primeiros séculos da Igreja, vendo Maria mais uma milagreira do que um exemplo vivo para a espiritualidade cristã. Esta consiste na união a Cristo e tem em Maria o modelo mais perfeito possível, já que O gerou no seu ventre materno. Entre todas as festas marianas, merece especial relevo a da Imaculada Conceição, cujo dogma foi definido em 1854; mas já desde 1708 era obrigatória a festa litúrgica com este título mariano.

Vamos agora constatar se, nas obras deste capítulo, se verifica algo desta teologia ou se, pelo contrário, está mais presente o devocionismo mariano. O leitor julgará.

**Alexandre da Sagrada Família**, Dom Frei, OFM (1736-1818). Nasceu no Faial.

O seu nome de batismo era Alexandre da Silva. Foi bispo de Malaca, do Pará e

<sup>73</sup> Para outras edições, ver Inocêncio III, p. 217-218; X, p. 61.

depois de Angola e Angra do Heroísmo. Era tio de Almeida Garret e foi o seu grande educador (Inocência I, p. 40). Escreveu:

- *Devoção das Dores da Virgem Mãe de Deus por um seu devoto...*, Lisboa, Francisco Luís Ameno, 1782 (Pericão, Bibliografia, p. 269). Obra publicada anónima. Ver o autor no cap. 14.

**Alexandre de Sousa Freire** (1670-1741). Nasceu em Lisboa e faleceu na Baía. Estudou na Universidade de Coimbra onde se doutorou em Teologia, saindo depois para a Baía, onde se veio a casar. Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Escreveu:

- *Affectos do Rosário Meditado oferecidos aos devotos da Virgem Maria*, Lisboa, António de Sousa da Silva, 1736 (BNP, R. 8157 V).<sup>74</sup>

**Alexandre José da Silva de Almeida Garrett** (1797-1867). Era natural da cidade do Porto e irmão do poeta Almeida Garrett (Inocência I, p. 37; VIII, p. 38). Traduziu:

- *Novena em Honra da Imaculada Conceição de Maria*, Porto, Edições Tip. Fonseca, [D.L. 1956]; autor: Pe. Paul Dinis; 3.<sup>a</sup> edição; 66, 7 p.; 15 cm (BNP, R. 31764//4 P.). Ver o autor nos cap. 10.5; 10.8 e 22.3.

**António Caetano de São Boaventura**, Frei, OFM (1669-1749). Era natural de Lisboa. Estudou Teologia e Filosofia, que mais tarde veio a ensinar em diversos lugares. Foi grande pregador e um espiritual místico (Barbosa I, p. 228; Inocência I, p. 100). Escreveu:

- *Singularíssima devoção Consagrada a Maria Santíssima na sua Coroa. Origem e princípio desta devoção admirável: modo de rezá-la, e offerecê-la na contemplação dos Mistérios, que nella se contem*; em 4.<sup>o</sup> (ms). Ver o autor nos cap. 10.3 e 10.6.

**António da Silva Vieira** (?-?). Muito devoto de Maria. Como tal, deixou-nos:

- *Oliveira mystica, ou devoção, e obséquios a Maria Santíssima...*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1721 (Barbosa I, p. 391; Pericão, Bibliografia, p. 271).

**António das Onze Mil Virgens Ferreira**, Frei, OFM (1717-1761). Era oriundo do Porto e professou na sua Ordem em 1736. Foi lente de Teologia no convento de Nossa Senhora de Jesus em Lisboa (Barbosa IV, p. 51.560; Inocência I, p. 216). Escreveu:

- *Problema Mariano, que na sessam primeira, que se celebrou no primeiro de Agosto*

<sup>74</sup> Pericão, Bibliografia, p. 262; publicada com o nome suposto de Francisco Xavier Salazar; ver o autor em Inocência VII, p. 104.



*de 1756 recitou na Academia Mariana...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1756; 16, 18 p.; 21 cm (BNP, H.G. 14862//2 P.).

**António Duarte Gomes Leal** (1848-1921). Era natural de Lisboa. Frequentou o curso de Letras, tornando-se um poeta de renome. A sua obra insere-se nas correntes ultra-romântica, parnasiana, simbolista e decadentista (Inocêncio XX, p. 201; XXII, p. 239, 533). Deixou-nos:

- *A Senhora da Melancolia: avatares de um ateu*, Lisboa, Livraria Moderna, 1910; 23 p.; 20 cm (BNP, L. 17528 V.).

Embora esta obra tenha um carácter pouco ortodoxo, segundo a mariologia católica, apresenta um fundo simbólico mariano, segundo a perspetiva de Cristo ressuscitado.

- *A Virgem de Galileia*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XLIX, p. 91. Ver o autor nos cap. 3.2; 17 e 22.2.

**António Luís de Carvalho**, Pe. (?-?). Foi presbítero secular, fundador e diretor do Seminário de Caridade dos Órfãos desamparados (Inocêncio I, p. 191; VIII, p. 228; XX, p. 245; XXII, p. 311). Escreveu:

- *Opúsculo das dores de Nossa Senhora*, Lisboa, s. d. Ver o autor no cap. 10.6.

**Augusto Eduardo Nunes**, Dom (1849-1920). Era natural de Portalegre. Adquiriu o grau de doutor pela Faculdade de Teologia, em Coimbra. Foi nomeado bispo de Évora (Inocêncio XX, p. 282; XXII, p. 465). Escreveu:

- *Regina Martyrum*, Lisboa, M. Gomes, 1895; 30 p.; 23 cm (BNP, R. 11659 V.).  
Panegírico recitado na festividade de Nossa Senhora dos Mártires em Lisboa, no dia 13 de maio de 1895. Ver o autor nos cap. 9; 10.6 e 14.

**Bartolomeu de Portalegre** (?-?). Escreveu:

- *Coroa da Conceição da Mãe de Deus*, Évora, s. n., 1745 (Pericão, Bibliografia, p. 403).

**Benevenuto António Caetano de Campos**, Pe. (ca 1778-ca 1840). Era natural de Lisboa. Foi Clérigo Regular Teatino e depois padre secular (Inocêncio I, p. 341; VIII, p. 368). Traduziu:

- *Novena de Nossa Senhora da Divina Providência*. Ver o autor no cap. 9 e 10.4.

**Bento de Santa Maria**, Frei, CSJE (?-?). Era natural de Lisboa. Ingressou na sua Congregação em 1702. Instruído em Teologia e Sagrada Escritura (Barbosa I, p. 506; IV, p. 560.617; Inocêncio VIII, p. 373). Escreveu:

- *Diadema Marianum in laudem eiusdem Sanctissimae Virginis Mariae, Deique*

*Matris*, Lisboa, Mathiam Pereira da Sylva, & Joannem Antunes Pedrozo, 1720 (Pericão, Bibliografia, p. 269).

- *Arbor Mariana, id est, Maria Sanctissima, vitalis arbor et fructifera producens fructibus oppositos nocivis fructibus illius Paradisiensis arboris, quae in Genesi vocatur Lignum vitae*, Lisboa, Typographia Augustiniana, 1730 (Pericão, Bibliografia, p. 269).
- *Meditações sobre os mystérios do Santíssimo Rosário* (BPE, Cod. CXXIII/2-44 e 45).<sup>75</sup> Ver o autor nos cap. 10.9 e 14.

**Bernardo de Santa Maria Rosa**, Frei, OFM (1714-?). Nasceu em Mezão Frio. Foi mestre de cerimónias no convento da sua Ordem (Inocêncio I, p. 381; VIII, p. 396). Foi autor de:

- *Avé Maria ponderada, novena da Imaculada Conceição da sempre Virgem Maria, Mãe e Protectora dos Frades Menores*, Coimbra, António Simões Ferreira, 1746 (BPB; Pericão, Bibliografia, p. 411). Ver o autor nos cap. 10.10 e 22.3.

**Bernardo Pinto dos Santos** (?-?). Escreveu:

*Novena de Maria Santíssima com o título da Senhora da Piedade e Boa Morte*, Lisboa, Oficina da Música, 1720 (Pericão, Bibliografia, p. 412).

**Custódio da Silva Barbosa** (séc. XVIII). Traduziu:

- *A fraterna caridade oferecida a Maria Santíssima Senhora Nossa...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1788; autor: Frei Caetano Maria de Bergamo; 16 cm (BNP, R. 23683 P.; A Tradução em Portugal, 1727). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.10; 11.1 e 22.4.

**Diogo da Costa**, pseud. (?-?). Segundo Inocêncio, provavelmente o seu nome verdadeiro era André da Luz. Parece que exercia em Lisboa a profissão de mestre de gramática em meados do séc. XVIII (Inocêncio II, p. 153). Traduziu do castelhano:

- *Aqui se contém duas obras admiráveis novamente compostas: a primeira contém huma prática sentida entre o corpo, e alma; e a segunda o Rosário da Virgem Santíssima*, [Lisboa: s.n., 1794]; 21 cm (BNP, Res. 974//3 P.; A Tradução em Portugal, 2062).

**Dionísio Bernardes de Moraes**, Pe., CO (ca. 1680-depois de 1760). Era natural de Lisboa. Foi doutorado em Cânones pela Universidade de Coimbra. Era

<sup>75</sup> Segundo Cunha Rivara, este manuscrito parece ser letra deste autor, em *Catálogo de manuscritos*, vol. IV, p. 63.

sobrinho do Pe. Manuel Bernardes e oratoriano como o tio (Inocêncio II, 178; IX, p. 132; Barbosa, IV, p. 107). Escreveu:

- *Animadversiones criticas dogmaticas pro sustinendo voto tuendi usque ad sanguinem Immaculatam B. V. Mariae Conceptionem contra Antonium Lampridium in libro de superstitione vitanda, & de voto sanguinario*, Lisboa, Tip. Miguel Rodrigues, 1750; 58, 620 p.; 30x21 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 7.2.

**Domingos de Brito** (1674-1740). Escreveu:

- *Os quinze mistérios do Rosário ilustrados*, ca. 1737; 2 vol.: 564 p. e 616 p.

**F. A. Carlos das Neves** (?-?). Escreveu:

- *O rosário e o mês de outubro segundo a doutrina do Evangelho e da Tradição...*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1906; 2.<sup>a</sup> edição; 296 p.; 18x11 cm (BSEA).

**Fortunato de São Boaventura**, Frei, OCist (1777-1844). Era professor de Teologia na Universidade de Coimbra em 1810. Fugiu para Roma, por defender os Jesuítas e ser adepto de D. Miguel (Inocêncio II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Traduziu:

- *Da Imaculada Conceição de Maria. Dissertação Polémica...*, Lisboa, Tip. António José da Rocha, 1849; autor: Luís Lambruschini; 79, 83 p.; 20x12,5 cm (BSEA). Ver o autor nos cap. 4.1; 6.1.2; 8; 9; 10.6; 10.9; 10.10; 13.1; 15 e 22.5.

**Francisco Coelho da Silva** (séc. XVIII). Segundo Inocêncio, exerceu alguns lugares de magistratura, sendo em 1786 Juiz de fora em Mértola. Tornou-se suspeito e, como tal, perseguido pelo intendente Pina Manique (II, p. 365; IX, p. 279-280). Escreveu:

- *Oração à fidelíssima Rainha Nossa Senhora no dia da sua feliz aclamação*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1777; 11 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6576//31 V.; BCM, 2G820-07). Ver o autor nos cap. 7.1 e 8.

**Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar** / 2.º conde de Samodães (1828-1918). Era natural de Vila Nova de Gaia. Foi um conhecido escritor, defensor do catolicismo (Inocêncio IX, p. 267; XVIII, p. 251; XIX, p. 162). Escreveu:

- *A medalha miraculosa. Sua história, difusão e resultados...*, Porto, Imprensa Commercial, 1884; 19, 362 p.; il.; 21x13 cm (BNP, R. 10349 V.; BSEA). A BNP não indica autor, mas a BSEA indica este autor. Ver o autor nos cap. 7.1; 8; 10.2 e 10.4.

**Francisco de Matos**, SJ (1636-1720). Era natural de Lisboa, mas cedo partiu para Baía, onde ingressou na sua Ordem. Dali passou ao Rio de Janeiro, onde

foi reitor do colégio dessa cidade. Faleceu no colégio da Baía, onde também trabalhou (Barbosa II, p. 196; Inocêncio III, p. 7). Escreveu:

- *Manual de meditações para todos os dias do anno offerecido à Santíssima Virgem Maria Nossa Senhora concebida sem a mácula da culpa original*, Évora, Oficina da Universidade, 1717; 236, 4 p.; 14 cm (BNP, R. 9558 P).

— Lisboa, Manescal da Silva, 1719 (BPNM, 2-12-4-2). Ver o autor nos cap. 9; 10.2 e 14..

**Francisco de Santa Rosa de Viterbo** - 1, Frei, OFM (?-1750). Nasceu em Flor da Rosa, vila de Crato. Ensinou Teologia na sua Ordem. Foi bispo de Nanquim, China (Barbosa II, p. 246). Escreveu:

- *Conjuntivo do Venerabilíssimo Nome de Maria, e o Optativo do Santíssimo Nome de Jesus*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1737.
- *Horae Seraphicae Immaculatae ac semper Virginis Mariae ex seraphici doctoris D. Boaventurae opusculis desumptae*, Coimbra, João Antunes, 1711 (Pericão, Bibliografia, p. 411). Ver o autor nos cap. 10.2 e 13.1.

**Hipólito Moreira**, SJ (1687-1746). Era natural de Coimbra. Devoto de Nossa Senhora (Barbosa II, p. 459-460). Deixou-nos:

- *Devoção e culto do sacrossanto Coração de Maria Santíssima*, Lisboa, 1731. Obra publicada anónima (Pericão, Bibliografia, p. 266). Ver o autor no cap. 14.

**Inácio de Melo**, Pe. CO (?-?). Professou na sua Ordem em Goa. Conhecedor da língua latina e da teologia ascética (Barbosa II, p. 544). Segundo Barbosa, publicou, mas sem o seu nome:

- *Três Hymnos Latinos a Nossa Senhora, e hum a sua Mãe a Senhora Santa Ana*, s.l, s.n., s.d. (Pericão, Bibliografia, p. 265).

**João de Nossa Senhora**, Frei, OFM (1701-1758). Era natural de uma aldeia de Alenquer. Conhecido como o “Poeta de Xabregas”. Foi grande pregador popular (Barbosa II, p. 709-710). Compôs:

- *Colar da Virgem Maria Mãe de Deus, e Mãe dos Homens*, Lisboa, Domingos Gonzalves, 1745 (Pericão, Bibliografia, p. 267). Ver o autor nos cap. 10.9; 13.1 e 14.

**João Filippo** (?-?). Escreveu:

- *Maria Santíssima, árvore da vida*, Guaratinguetá, 1898 (BCapP).

**João Franco**, Frei, OP (?-?). Era natural de Lisboa e ainda era vivo em 1759 (Barbosa II, p. 663; Inocêncio III, p. 378-379). Escreveu:

- *Modo de recitar o Rosário de Nossa Senhora*, Lisboa, Manuel Ferreira da Costa, 1730 (Pericão, Bibliografia, p. 406). Ver o autor nos cap. 13.1; 14 e 15.

**João Xavier de Matos / Albano Erythreo** (1730-1789). Supõe-se que nasceu em Lisboa e morreu em Vila de Frades (Alentejo). Era um leigo, poeta português (Inocência IV, p. 54; X, p. 376). Escreveu:

- *Ecloga pastoril com música em que fallão os pastores... para recitar na Academia celebrada em louvor da Immaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria Nossa Senhora...*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Ciências, 1786; 21 p.; 17 cm; o autor da música é José Joaquim dos Santos (BNP, L. 3579//16 P.; Pericão, Bibliografia, p. 384).
- *A Rainha Nossa Senhora: canção*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, [18?]; 8 p.; 21 cm.
- *A Nossa Senhora: canção*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LVII, p. 105.
- *Conceição, hino* [Ct 4,7], ib., Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LXV, p. 130; trata-se de um poema com 34 sextinas, baseado no *Cântico dos Cânticos*. Ver o autor nos cap. 22.1 e 22.3.

**José Agostinho de Macedo**, Pe. (1761-1831). Era oriundo de Beja. Foi escritor, pregador real e uma das principais figuras do séc. XIX. Foi um escritor polémico e prolixo; também falou contra o liberalismo e a maçonaria em Portugal (Inocência IV, p. 183-215). Compôs:

- *Novena da Santíssima Virgem Mãe de Deus, e Senhora Nossa; cuja sacrosanta imagem milagrosamente apparecida em huma gruta junto a Carnaxide...*, Lisboa, Nova Impressão Silviana, 1827; 55 p.; 14 cm (BNP, L. 69135 P.).  
— *Nova edição*, Lisboa, Impressão Régia, 1832; 62 p.; 15 cm (BNP, L. 69168 P.). Ver o autor nos cap. 5.10; 7.1; 8; 14 e 17.

**José Correia de Sá** (séc. XIX). Traduziu:

- *Mês de Maria ou Meditações Práticas para cada dia do mês de maio*, Porto, Tip. Gonçalves & Nogueira, 1935; autor: Abade Berlioux; 3.<sup>a</sup> edição; 346 p.; 14 cm (BNP, R. 25761 P.).

**José da Quietação**, Frei, OFM (?-1751). Era natural de Lisboa. Professou no convento de Xabregas em 1717. Dotado de especial génio para a pregação (Barbosa II, p. 894-895). Deixou-nos:

- *Semana devota em louvor de Maria Santíssima e do glorioso S. Marçal*, Lisboa, Oficina da Música, 1737 (Pericão, Bibliografia, p. 268).

- *Novena da Senhora dos Anjos, e modo de rezar a Seráfica Coroa*, Lisboa, Oficina de Theotónio Antunes de Lima, 1737 (Pericão, Bibliografia, p. 410). Ver o autor nos cap. 13.1 e 14.

**José da Trindade**, Frei, OESA (1709-1759). Era natural de Lisboa, mas foi viver para Estremoz com um tio paterno. Nesta vila abraçou o instituto de Santo Agostinho (Barbosa IV, p. 228-230.507). Deixou-nos:

- *Oraçam panegyrica da gloriosa Conceiçam de Nossa Senhora...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1736; 32 p.; 20 cm (BNP, R. 19122//2 P.). Ver o autor nos cap. 3.1 e 10.2.

**José de Santa Catarina** (?-?). Escreveu:

- *Jardim Doloroso, em que a alma devota da Virgem Mãe dolorosíssima achará várias flores de devotos exercícios para a reverenciar... ordenado de vários autores*, Lisboa, António Correia Lemos, 1736 (Pericão, Bibliografia, p. 269).

**José de Seixas e Vasconcelos** (?-?). Foi cavaleiro da Ordem de Cristo. Escritor místico (Barbosa IV, p. 226-227; Inocêncio XIII, p. 199). Como tal, escreveu:

- *Ano admirável, diário prodigioso e primeiro instante puríssimo de Maria*, 1758.
- *Novena... ao Senhor Jesus Sacramentado... suplicando... a definição canónica do... mistério da Conceição Imaculada de Maria*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1758 (Pericão, Bibliografia, p. 413).
- *Rosário da Virgem Maria Nossa Senhora meditado*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1747 (Pericão, Bibliografia, p. 414). Ver o autor no cap. 15.

**José de Sousa Amado** (1812-1878). Era natural de Assafarge, Coimbra. Foi professor de liceu em Lisboa. Licenciou-se em Teologia em 1843 (Inocêncio V, p. 139 e 457; XIII, p. 221). Foi o ed. lit. de:

- *O mês de outubro ou o mês de Nossa Senhora do Rosário: meditações ácerca do modo de rezar o Rosário com aproveitamento*, Lisboa, Typ. Universal, 1883; 32, 107 p.; 15 cm (BNP, R. 27070 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1886; 107 p.; 13x10 cm (BSEA).
- *Mês de Maria português ou o Mês de maio*, Lisboa, 1867.  
— 2.<sup>a</sup> edição com o título: *O Mês de Maio ou o Mês da Família*, 1887/88 (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- *Rosário vivo, modo novo de rezar o rosário de Maria Santíssima...*, Lisboa, Typ. H. Pires Marinho, 1855; 2.<sup>a</sup> edição; 46 p.; em 16.<sup>o</sup>. Ver o autor nos cap. 7.4.2; 10.6; 13.1 e 15.

**José Jacinto Nunes de Melo**, Pe. (1740-1814). Era natural de Lisboa. Adquiriu o

grau de bacharel na Faculdade de Cânones pela Universidade de Coimbra. Foi cônego da Sé de Évora.<sup>76</sup> Escreveu:

- *Ode Augural na Aclamação da Rainha Nossa Senhora*, [Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo 1777]; 15 p.; 22 cm (BNP, TR. 2149//7 V.; Pericão, Bibliografia, p. 265).
- *Desejos compassivos de contemplar as aflições que padeceu Maria Sanctíssima na Sagrada Paixão e Morte de Jesus Cristo*, Lisboa, Simão Tadeu, 1800. Ver o autor nos cap. 8; 17 e 22.4.

**José Miguel João de Portugal** (1706-1775). Foi o 9.º conde de Vimioso. Instruído nos preceitos da Gramática Latina, tropos da Retórica e primores da Poética, assim como na lição da História Eclesiástica e secular (Barbosa II, p. 878-879; Inocêncio V, p. 74). Escreveu:

- *Discurso à Soledade da Virgem Senhora Nossa*, Lisboa, Oficina de Francisco Luís Ameno, 1750 (BNP, L. 3810 A.). Ver o autor no cap. 10.10.

**José Pimenta, Pe.**, CO (?-1738). Era natural de Lisboa e ingressou na Congregação em 1682 (Barbosa II, p. 891). Escreveu:

- *Devotas considerações sobre os principaes motivos da pena, e dor, que Maria Santíssima Senhora Nossa teve ao pé da Cruz*, Lisboa, Oficina da Congregação, 1737 (Pericão, Bibliografia, p. 268).

**Luís António da Costa Pego de Barbosa, Pe.**, OC (1710-?). Era natural de Guimarães. Estudou Humanidades em Braga e tão proveitosamente se entregou às letras, que estas lhe abriram carreira para os mais elevados cargos que desempenhou (Barbosa IV, p. 233). Escreveu:

- *Directório para os sábados de N. S. Madre de Deus. Pecador contemplativo nas chagas de Jesus Cristo. Afectos dulcíssimos ao coração de Maria...*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1764; 15 cm (BNP, R. 23999 P.). Ver o autor no cap. 10.2.

**Manuel Dias de Sousa, Pe.** (ca. 1755-ca 1822). Era natural de Santa Maria de Souto, concelho de Guimarães. Foi presbítero secular (Inocêncio V, p. 409). Escreveu:

- *Nova Escola de Meninos... Dedicada a Maria Santíssima com o soberano, e devotíssimo título Conceição*, Coimbra, Real Oficina da Universidade, 1784; 210 p.; 20 cm (BNP, L. 5 V.). Ver o autor em 3.2; 4.1 e 15.

<sup>76</sup> Este autor foi um dos tradutores dos salmos de “Os três psaltérios, a saber: Hymnos e psalmos do officio de Nossa Senhora...”, coordenado por José Maria Dantas Pereira de Andrade; ver Inocêncio IV, p. 377; XIII, p. 16.



**Manuel dos Santos** - 1, Frei, OP (16??-17??). Era natural de Lisboa. Estudou Ciências Eclesiásticas e distinguiu-se na arte da pregação (Barbosa III, p. 365). Deixou-nos:

- *Thiara Pontificia dividida pelos Mystérios do Rosário nas canonizaçoens do Filho de Deus, e de sua Santíssima Mãe, no soberano título de Senhora do Rosário...*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galvão, 1727; 12, 19 p.; 20 cm (BNP, H.G. 6741//3 V.).

Foi publicado em nome de António dos Santos, irmão do autor.

**Manuel Inácio Coutinho**, Frei, OCD (?-ca. 1754). Era natural de Lisboa e entrou na sua Ordem em 1718. Depois de estudar, ditou Teologia e Filosofia nos colégios de Coimbra e Évora. Foi doutorado pela Universidade de Coimbra (Barbosa III, p. 288). Deixou-nos, de índole teológica, a seguinte obra:

- *Do peccato originali et immunitate Deiparae a debito illud contrahendi*, Coimbra, Architypographia Académico-Régia, 1767 (BGUC, 4 A-23-1-18). Ver o autor no cap. 9.

**Manuel José / Sabino**, pseud., Pe., CO (?-?). Deste autor, Inocêncio diz-nos apenas que pertenceu à Congregação do Oratório do Porto (XVI, p. 237). Escreveu:

- *Escudo admirável para os males da vida, torre fortíssima para o instante da morte, e patrocínio eficaz no divino tribunal: proposto em hum fervoroso exercício, ou novena para os nove dias antes da festa da Beatíssima Trindade da terra, os Santíssimos Peregrinos Jesus, Maria, Joseph no terníssimo, e affectuoso mystério do seu desterro...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1755; 26, 82 p.; 13 cm (BGUC, 1-(b)-4-17; BNP).
- *2.<sup>a</sup> impressão mais accrescentada com várias novenas, e devoçoens*, Porto, Oficina de Francisco Mendes Lima, 1762; 330 p.; 14 cm (BJPII, 248.12 JOS).
- Ib., António Álvares Ribeiro, 1787 (BGUC).
- *3.<sup>a</sup> edição*, ib., mesmo impressor, 1803; 362 p.; 15 cm (BNP, R. 29003 P.).
- *5.<sup>a</sup> edição*, ib., Imprensa Régia, 1830;
- Ib., Cruz Coutinho, 1870; 15 cm (BNP, R. 28391 P.; BOCD; BCapB).<sup>77</sup>

**Manuel Marinho**, Mons. (séc. XIX). Escreveu:

- *Novena da Imaculada Conceição*, Porto, Tip. Fonseca, 1924; 16 cm (BNP, R. 22593//8 P.). Ver o autor nos cap. 4.1; 9; 10.4; 10.7 e 15.

<sup>77</sup> Pericão, Bibliografia, p. 261; Inocêncio XVI, p. 237, refere apenas a quinta edição.

**Manuel Monteiro, Pe., CO (1667-1758).** Era natural do Porto. Professou em 1716 na sua Ordem, onde aprendeu as Ciências Eclesiásticas (Barbosa III, p. 315-316). Escreveu:

- *Semana Mariana*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1745. Ver o autor nos cap. 6.1.1; 9; 10.2; 10.4; 10.5 e 17.

**Maria Cecília de São Francisco, Soror, OSC (séc. XVIII).** Como devota de Maria, escreveu:

- *Devoçam ao Santíssimo Nome de Maria. Ordenada pela venerável... quarta fundadora do Real Convento do S. Crucifixo das Capuchinhas Francesas*, Lisboa, Inácio Rodrigues, 1748 (BGUC; Pericão, Bibliografia, p. 261).

**Mariano de Jesus Maria (?-?).** Inocência apenas refere a obra deste autor (XVI, p. 368). Escreveu:

- *Suspiros devotos para todos os dias a Maria Santíssima Senhora Nossa com o mysterioso título de Nossa Senhora das Barracas, sita na lameda do Beato António...*, Lisboa, Oficina junto a S. Bento de Xabregas, 1761 (Pericão, Bibliografia, p. 264).

**Martinho António Pereira da Silva, Pe. (1812-1875).** Nasceu no concelho de Braga, tendo sido professor de Teologia no Seminário da mesma cidade. Foi ordenado sacerdote em 1843 (Inocência VI, p. 154). Foi coordenador de:

- *Flores a Maria ou o mês de maio consagrado à Santíssima Virgem Mãe de Deus...*, Braga, Tip. Lusitana, 1859; contém um tema bíblico, uma meditação mariana e uma prática para cada dia do mês mariano; 408 p.; 18x11 cm (BOCD).  
— 3.<sup>a</sup> edição, Porto, 1867.  
— 4.<sup>a</sup> edição, Braga, Tip. Lealdade, 1872; 447 p.; 16x10 cm (BSEA; BJPII, 248.159 SIL-LEA).  
— 7.<sup>a</sup> edição, ib., Tip. Lusitana, 1891; 432 p.; 18x12 cm (BSEA).  
— 8.<sup>a</sup> edição, ib., 1895; 432 p. (BSEA).  
— *Refundido e modificado pelo Padre José Carlos Alves Vieira*, Porto, Tip. de António Pacheco, 1934; 21, 294 p.; 16 cm (BNP, R. 30230 P.). Ver o autor nos cap. 13.1 e 14.

**Martinho Pereira - 2, Pe., CO (séc. XVIII).** Escreveu:

- *Collecção Sacro-Dolorosa, correcta e augmentada, em que se persuade a Terníssima Devoção das Dores da Mãe de Deus, e se ensinão muitos, e diversos modos de obsequiar, que a Jesus Christo Crucificado dedica, e consagra...*, Lisboa, Ofi-

cina de Francisco Luís Ameno, 1791; 8, 376 p.; 13x9 cm (BNP, R. 29394 P.; BSEA).<sup>78</sup> Ver o autor no cap. 10.9.

**Pedro Álvares, Pe., CO (?-1739).** Era natural de Lisboa (Inocência XVII, p. 176). Escreveu:

- *Novena à Virgem N. Senhora com o título da Esperança ou Expectação, que começa nove dias antes do Natal, na igreja paroquial de São Sebastião da Villa de Setúbal...*, Lisboa, Oficina Joseph Lopes Ferreira, 1709; saiu sem o nome do autor; 72 p.; 10 cm (BNP, R. 35265 P.). Ver o autor nos cap. 7.1 e 13.1.

**Pedro de Jesus Maria José, Frei, OFM (1705-1748).** Era natural de Viana do Castelo. Cedo ingressou na sua Ordem onde estudou Ciências Eclesiásticas. Foi nomeado cronista da sua Província em 1748 (Pericão, Bibliografia, p. 264; Barbosa III, p. 585). Como grande devoto de Nossa Senhora, escreveu:

- *Coroa Seráfica Meditada, que em obséquio seu muito agradável inspirou Maria SS. a hum seu Devoto... em duas partes: na primeira praticada pelos Mystérios Gozosos e na segunda pelos Dolorosos...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1742, 1743, 1747, 1750.
  - 5.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1751; 16, 16, 624 p.; 15 cm (BNP, R. 29376 P.; BGUC).
  - 7.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1759; 634 p.; 15 cm (BNP, R. 25312 P.).
  - Ib., mesmo impressor, 1760; 630 p.; 15 cm (BSEA).
- *Mystica Cidade de Deus praticada em meditações para todo o tempo do anno dividida em três partes:*
  - Part. 1. Tom. 1, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1744.
  - Part. 1. Tom. 2, ib., mesmo impressor, 1744; 40, 580 p.; 20 cm (CBAP, n.º 1112).
  - Part. 2. Tom. 3, ib., mesmo impressor, 1746.
  - Part. 2. Tom. 4, ib., mesmo impressor, 1747.
  - Part. 3. Tom. 5, ib., mesmo impressor, 1748.
- *Espelho Mariano da Mystica Cidade de Deus praticado em Meditações para todo o tempo do anno dividido em duas partes: na primeira se praticão as doutrinas,*

<sup>78</sup> No final do volume, encontra-se um poema religioso manuscrito. Da página 368 a 376 encontra-se o “Cântico à senhora das Dores a duas vozes” pautado. Esta obra foi, de acordo com Rui Ferreira, em *A Devoção à Mater Dolorosa na Cidade de Braga*, Revista da Santa Casa da Misericórdia de Braga, n.º 12, dezembro de 2016, p. 101-102; segundo o autor, Martinho Pereira foi “um dos mais relevantes testemunhos da integração da devoção de Nossa Senhora das Dores em Portugal” e “o mais proeminente devoto de Nossa Senhora das Dores no nosso país”.

*que à sua discípula deu a divina Mestra Maria Santíssima em toda a sagrada História da sua vida puríssima: na segunda se praticão as principaes virtudes da mesma Senhora, as dores, e as angústias, que padeceo em todo o discurso da Paixão de seu amado Filho*, Lisboa, António Pedrozo Galvão, 1748; 32, 740, 2 p.; 21 cm (BGUC, J.F.-41-5-6; FacFil).

- *Novena geral para todas as Festas de Maria Santíssima com a forma que nella devem observar os seus devotos*. Sem ano da impressão.

**Pedro Hickey**, Pe. (?-?) Traduziu:

- *Manual do Santo Rosário*, Lisboa, Typ. da Companhia Nacional Editora, 1897; autor: Matthieu Joseph Rousset; 346 p.; 19x12 cm (BNP, R. 26000 P.; BSME).

**Roberto de Jesus Maria do Rosário**, Frei, OP (?-?). Era natural de Lisboa. Ingressou na sua Ordem em 1728. Dotado para a pregação, dedicou-se a promulgar a devoção ao Santíssimo Rosário (Barbosa III, p. 636). Escreveu:

- *Iman do Rosário Santíssimo da Virgem Maria Senhora Nossa que atrahe os homens a serem seus verdadeiros devotos*, Lisboa, Herdeiros de António Pedrozo Galvão, 1743.

**Roberto Maciel**, Pe. (ca. 18??). Escreveu:

- *Novena em Honra da Imaculada Conceição de Maria*, Porto, [s.n.], 1931; 3.<sup>a</sup> edição; 71 p.; 14 cm (BNP, R. 22964/2 P.). Ver o autor nos cap. 10.2; 15 e 22.3.

**Teodoro de Almeida**, Pe., CO (1722-1804). Foi sacerdote católico, escritor e filósofo, uma das mais expressivas figuras do iluminismo em Portugal. Era anti-jansenista assumido. Fugindo de Pombal, em 1760, passou 8 anos no Porto e outros 10 em França. Deixou-nos vasta obra literária de teor espiritual (Inocêncio VII, p. 303).<sup>79</sup> De temática mariana, deixou-nos:

- *Tesouro de proteccion en la Santíssima Virgen ó estímulos de amor y devocion a la Madre de Diós Senhora nuestra...*, Barcelona, Imp. de los Herederos de la V. Pla, 1850; 258 p.; 15 cm (BNP, R. 31744 P.).
- *Gemidos da Mãe de Deus aflita, ou estímulos de compaixão das suas dores*, Porto, Oficina de Francisco Mendes Lima, 1763; 12, 336 p.; 13 cm (BNP, R. 26779 P.; DB).

— Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1768 (BOCD).

<sup>79</sup> Sobre o autor, ver SANTOS, Zulmira, *Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2006; ver ainda o autor no contexto pombalino em Fortunato de Almeida III, p. 96-98.

- *ib.*, Régia Oficina Typográfica, 1800; 309 p.; 16x9 cm (BNP, R. 27941 P.; BSEA). Este volume apareceu com o pseudónimo de Dorotheo de Almeida.
- *Mãe de Deus aflita...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1800; 15 cm (BNP, R. 27907 P.).
- *6.<sup>a</sup> edição*, *ib.*, Imprensa Régia, 1815; 381 p.; 13 cm (BNP, R. 4890 P.).
- *10.<sup>a</sup> edição*, Lisboa, Viúva Bertrand & Filhos, 1867; 14 cm (BNP, R. 26284 P.).
- Em espanhol: *Gemidos de la madre de dios afligida y consuelos de sus devotos: Com diferentes obsequios ofrecidos a la misma Señora*, Salamanca, Francisco de Toxar, 1794; 5 fol., 259, 4 p.; 14 cm; Traducidos del portugués al castellano, sobre la quinta y última impresión, à la que se ha añadido la Novena (BNP, R. 31986 P.).
- *Estímulos do amor da Virgem Maria Mãe de Deus*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1759; 8, 288 p.; 12 cm (BNP, R. 1040 P.; BSEA).
- *2.<sup>a</sup> edição revista*, Porto, Livraria do Apostolado da Imprensa, 1943; 238 p.; 13x8 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 10.2.

**Tomás Pereira Puga** (?-?). Foi autor de:

- *Quinta essência, espiritual estrada real para o céu pelos quinze mistérios do Santíssimo Rosário*, Lisboa, Domingos Rodrigues, 1745 (Pericão, Bibliografia, p. 410).

#### **Autores anónimos**

- *Devoção das Dores da Virgem Mãe de Deus*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno [18??]; 313 p.; 13 cm (BNP, R. 29493 P.).
- *Ib.*, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1817; 311 p.; 12 cm (BNP, R. 29049 P.).
- *Devoção da Virgem das Dores*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1817; 13 cm (BNP, R. 22541 P.).
- *Motivos para Venerar a Senhora do Pilar*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1762; 14 cm (BNP, R. 27257 P.).
- *Novena para a Festa da Assunção da sempre Virgem Maria*, Coimbra, Oficina de António Simões Ferreira, 1740; 15 cm (BNP, R. 22532//4 P.). Tem páginas com música.
- *Novena para a Festa da Conceição da sempre Virgem Maria Nossa Senhora para uso dos Cônegos Regulares do reformado Mosteiro de Santa Cruz de Coim-*

bra, Coimbra, Oficina de António Simões Ferreira, 1740; 15 cm (BNP, R. 22532//7 P.).

— Lisboa, José da Costa Coimbra, 1747 (BNP, R. 26048 P.; Pericão, Bibliografia, p. 267). Tem páginas com música.

- *Novena para a festa da Encarnação do divino verbo... para uso dos Cônegos Regulares do reformado Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra, Oficina de António Simões Ferreira, 1741; 15 cm (BNP, R. 22532//2 P.; Pericão, Bibliografia, p. 267). Tem páginas com música.
- *Novena do sacrosanto Coração da Virgem Maria Nossa Senhora Maria Santíssima...*, Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1767 (BGUC; Pericão, Bibliografia, p. 267).
- *Novena do Santíssimo Rosário da Virgem Maria Senhora Nossa...*, Lisboa, Oficina junto a S. Bento de Xabregas, 1758 (Pericão, Bibliografia, p. 267).
- *Verdadeira, e mais perfeita devoção de Maria Santíssima, Senhora nossa Mãe de Deus e dos peccadores, proposta em huma carta, que do retiro da sua cella envia certo religioso a todos os moradores de Lisboa*, Lisboa, Oficina de Manoel Coelho Amado, 1757; 11 p.; 20 cm (BNP, Res. 1346//8 P.; FCG - Bib. Geral Arte, LT 625; BGUC, ms).
- *Hino de Nossa Senhora das Dores*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1785; 7 p.; 14 cm (BNP, L. 3497//1 P.).  
— Ib., Oficina António Rodrigues Galhardo, 1788.
- *Novena da Santíssima Virgem Maria, Nossa Senhora do Resgate das almas*, Lisboa, Tipografia de Sale, 1867; 45 p.; 15x11 cm (BSEA).
- *Devocionário para o Mês de Maria*, Lisboa, União Gráfica, 1836; autor: M. R.; 2.<sup>a</sup> edição; 182 p.; 15 cm (BNP, R. 25836 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1932 (BNP, R. 22991 P.).
- *Congruências sociais de uma definição dogmática sobre a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria*, Lisboa, Tip. A. J. de Paula, 1853; 23 p.; 19x11,5 cm (BNP, R. 25420//8 P.).<sup>80</sup>
- *Um devoto: Devoção às dores de Maria Santíssima e modo de a praticar: com hum summario das Indulgências que são concedidas aos seus servos...*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1763 ; 96 p.; 96 cm (BNP, R. 25562//2 P.).
- *Origem da devoção das sete dores de Maria Santíssima, e sua propagação no arcebispado de Braga: summário das indulgências dos seus servos, seus estatutos,*

<sup>80</sup> Esta obra encontra-se encadernada numa miscelânea de conferências católicas na BSME.

*e modo de rezar a coroa dolorosa*, Porto, Oficina de Francisco Mendes Lima, 1761; 60 p.: il.; 9 cm (BNP, Res. 3728//1 P.).

- *Ramalhete de devoção em que sobresahe a da cândida e melhor flor de Nazaré Maria... na sua sagrada e milagrosa imagem com o título de Encarnação, colocada no seu Templo da cidade de Leyria*, Lisboa, Domingos Gonçalves, 1756 (BPB; Pericão, Bibliografia, p. 398).
- *Flores da Virgem ou Novo mês de Maria: consagrado à glória da Mãe de Deus*, Lisboa, Livraria Católica, 1894; 279 p.; 16 cm (BJPII, 248.159 NMM).
- *Direcção para se fazerem com perfeição os Exercícios... em memória das sete principais dores da Virgem Mãe de Deus e Senhora Nossa...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1763; 47 p.; 15 cm (BNP, Res. 6518 P.).

### Tradutores anónimos

- Trad. do francês por D. M. de L.: *Epitome Mariano das festas e mystérios principais de Maria Santíssima*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1759; autor: Jean Crioset; 14, 473, 2 p. (BNP, R. 24027 V.).  
— Ib., Oficina Francisco Luís Ameno, 1760 (A Tradução em Portugal, 985).
- *Frágua do Amor de Maria Mãe de Deus e Rainha. Trad. no português por hum escravo da Virgem que o acrescentou com o rosário da meditação sem contas, com ladainha vertida de latim em português...*, Lisboa, Oficina Pinheirense da Música e da Sagrada Religião, 1747; autor: João Eusebio Nieremberg; 7 fol., 293 p.; 15 cm (BNP, R. 28968 P.; A Tradução em Portugal, 822).
- *Vida da Santíssima Virgem Maria Mãe de Deus Nossa Senhora. Ilustrada com notas históricas e reflexões moraes...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1786; autor: Pe. Jean Croiset; 16, 488 p.; em 12.º (BNP; A Tradução em Portugal, 1635).
- *Invocação a Nossa Senhora sobre o Hymno “Ave Maris Stella”*, em Collecção de Livros Lusitanos, Coimbra, 1829, p. 5-13 (A Tradução em Portugal, 4140).
- *O mês de Maio ou mês de Maria*, Porto, Liv. Chardron, s. d.; nova edição muito acrescentada; 336 p.; 13,5x9 cm (BPH).
- *Manual histórico e de instruções e orações para uso dos membros da Archiconfraria do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria...*, Porto, Tip. Comercial, 1848; trad. por um portuense; I Parte: 460 p.; II Parte: 156 p.; a II Parte também tem ofícios litúrgicos; 16x10 cm (BCapB).
- Traduzido do francês por M. de S.: *Imitação da SS. Virgem, pelo estilo da imitação de Jesus Cristo*, Lisboa, Typographia Rolandiana, 1779 (A Tradução em Portugal, 1329).



- *Nova edição*, ib., mesmo impressor, 1830; 391, 5 p.; 13 cm (BJPII, 248.12 ISSV).
- *Visitas ao Santíssimo Sacramento e à Santíssima Virgem*, Lisboa, Typ. da Rev. Popular, 1851; autor: Afonso Maria de Ligório (BNP, R. 23497 P).
- Porto, Typografia de F. P. D’Azevedo, 1854; 13 cm (BNP, R. 26332 P).
- Trad. do italiano por B.C.S.B.: *Louvores de Maria Santíssima*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1786; autor: Afonso Maria de Ligório; 8 fol., 17, 441 p.; 15 cm (BNP, R. 12063 P).
- *Nova Edição: Louvores e glórias a Maria Santíssima*, Lisboa, Tipografia Rolandina, 1865; 427 p.; 15x10 cm (BSEA).

### Igreja Católica

- *Rosarium mysticum, sive psalterium evangelicum Beatissimae Virginis Mariae: scutum validum in quo omnium hostium tela nequissima facillime confringuntur, ad maiorem facilitatem psalterium triplici parte divisum: scilicet, “Rosarium Gaudiosum”, “Rosarium Dolorosum”, “Rosarium Gloriosum”,* Coimbra, Régio Colégio da Companhia de Jesus, 1742; 72 p.; 14 cm (BNP, R. 29549 P.; Fac-Fil, R67-B-4).

### Estampas de devoção Mariana

- *Salutate Mariam* [Rm 16,6], 17??; 121 gravuras; 15x10 cm (BPB, Res. 477 A.).
- *Lingua mea meditabitur laudem tuam* (Sl 34,28), 17??; 57 gravuras; trata-se da Ladainha da Virgem em estampas; 15x10 cm (BPB, Res 476 A.).

**Conclusão.** Maria, a Mãe de Jesus Cristo, é certamente a personagem mais importante da Bíblia, depois de seu Filho. Por isso, o povo cristão, já desde os primeiros séculos, lhe tributou um especial carinho e reverência, pois foi por meio dela que o *Logos* eterno (Jo 1) veio ao mundo, para salvar a humanidade do pecado e da morte. Ela foi a que mais íntima e diretamente participou na obra redentora da humanidade. Como acabamos de ver nesta secção do presente capítulo, o culto mariano não foi, de modo algum, olvidado. Este tem-se manifestado sempre, ao longo da história do cristianismo, de diversos modos e, literariamente, em obras de diversas tipologias. Portugal sempre dedicou um especial carinho à Mãe de Jesus, sendo, por isso mesmo, apelidado de “Terra de Santa Maria”.

Podemos considerar, no que se refere ao culto mariano, as seguintes tipologias: tratados teológicos, compêndios de orações, relatos de festas marianas; o teatro e poesia dedicaram também muitas obras de vulto a Maria, mesmo de autores insuspeitos, no que se refere ao catolicismo. Estas referências a Maria

alargam-se também às festas litúrgicas em honra do seu Filho, como é o caso do Natal, Paixão e Ressurreição; as vidas de Nossa Senhora ganharam também um lugar importante na devoção mariana. Relevo especial ocupou Maria na oração litúrgica da Igreja Católica, dedicando-lhe Missas, Ofícios e Processionários, isto é, uma liturgia própria, condizente com a de Mãe de Jesus Cristo. São também muito abundantes os sermonários marianos, referentes, não apenas à doutrina mariológica, mas também aos títulos que o povo cristão lhe foi atribuindo ao longo dos séculos.

Numa palavra, a bibliografia mariana abrange rubricas como Ascética e Mística, Teologia, Hagiologia, Parenética, Literatura, Liturgia, Devocionários, etc. Convém não esquecer que os nossos missionários, e mesmo o povo simples, levaram para as longínquas terras de missão esta devoção mariana, o que se nota sobretudo em obras produzidas no Brasil.

De tipologia mariana temos 58 autores que escreveram 130 obras.<sup>81</sup>

## 10.8. Espiritualidade devocional

Queremos dizer, com este tipo de espiritualidade, que nem todos os cristãos têm a capacidade ou a possibilidade de viver uma espiritualidade muito elevada, mesmo muito evangélica, no sentido de conhecer e viver as palavras de Cristo. Mas nesta espiritualidade, pode haver uma profunda devoção, um profundo amor a Cristo, pela mediação de imagens de Cristo, da Virgem Maria e mesmo dos santos.

Para falar da piedade popular, na época tratada neste volume de *A Bíblia em Portugal*, vamos tomar como modelo um bispo seguidor da corrente iluminista, um grande intelectual, que soube adaptar-se ao povo simples do Alentejo, nas dioceses de Beja e Évora. Trata-se de Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Na sua diocese de Beja, tentou conservar todos os movimentos de piedade tradicionais, sobretudo nas paróquias rurais.

No entanto, para os mais adiantados na vida espiritual, aconselhava-se a oração mental, impondo mesmo esta prática de oração aos futuros clérigos. Tudo isto parecia normal, para quem foi Provincial da Ordem franciscana. Mas, nas aldeias, o povo, que quase não sabia ler nem escrever, a questão da espiritualidade devia passar por exercícios mais simples: a oração do Rosário, a tradicional devoção aos santos com as suas procissões, as confrarias, nas quais as pessoas as-

<sup>81</sup> Maria da Graça Pericão fala de “911 espécies, num total de 1203 edições”, nos séculos XVII-XVIII (ver PERICÃO, Maria da Graça, *Bibliografia Mariana Portuguesa dos séculos XVII e XVIII*, em Congresso Internacional de História – Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas – Actas, vol. I, UCP, Braga, 1993, p. 195-201).

sumiam determinados compromissos cristãos, o culto à Virgem Maria, etc. Essa era a pastoral para a maior parte dos seus diocesanos.

Como vemos aqui, o seu Iluminismo não se nota nem se pode notar. Onde se evidencia mais é na insistência permanente no estudo do catecismo, tema que tratamos no respetivo capítulo. Aparentemente inovador, na espiritualidade dos seus diocesanos de Beja ou de Évora, são duas devoções mais profundas e mais evangélicas: a devoção à Eucaristia (também importante para um franciscano) e a devoção ao Coração de Jesus.

A propósito da adoração do Santíssimo Sacramento, tomou algumas decisões importantes:

- Imposição a toda a diocese (1778).<sup>82</sup>
- Organizou um tríduo ao Santíssimo Sacramento (1779).
- Instituiu uma hora de adoração, na catedral ou nas matrizes das diferentes vilas, num determinado dia do mês, que valia indulgências para as pessoas.

No que diz respeito ao culto mariano, Cenáculo foi protagonista de um evento interessante: o Papa, em 1777, permitiu aos bispos conceder uma indulgência plenária. Cenáculo marcou-a para a festa do Santo Nome de Maria, na oitava de Natal; e, numa pastoral sobre a Paixão de Cristo, termina com uma invocação a Maria como “Mãe e Senhora do mundo, mediadora divina”. Mas, como franciscano, Cenáculo não esqueceu o tradicional culto à Imaculada Conceição, cujo dogma iria ser definido mais de meio século depois (1854). Mais ainda, colocou-a como padroeira da sua diocese e pedia aos seus diocesanos mais devoção para com aquela que foi a Mãe virginal de Cristo. Aliás, escreveu, no seu diário, o juramento no dogma da Imaculada em 15 de dezembro de 1790, feito por ele e alguns académicos da “sua” *Academia da Imaculada Conceição*:

“Nós, Manuel Bispo de Beja e os Académicos reunidos nesta catedral da mesma cidade, afirmamos que Maria, a Santíssima Mãe de Nosso Senhor, foi isenta do pecado original, tendo sido conservada na graça, pela intercessão de Jesus Cristo, Nosso Senhor, e juramos sobre os Evangelhos que vamos defender [esta nossa fé] com todas as nossas forças e daqui em diante”.<sup>83</sup>

Na mente de Cenáculo, esta Academia tinha como incumbência defender o culto à Imaculada Conceição, perante os ataques de ateus e incrédulos.

<sup>82</sup> Documento manuscrito na BPE, CXXVIII/2-4.

<sup>83</sup> *Diário*, BPE, CXXIX/1-20f. 27.

Este tipo de piedade, mais dirigida ao coração terno de Deus e de Maria, contrastava com o tipo de pregação anterior e do seu tempo em que dominava a imagem de um Deus mais violento do que misericordioso.

No que se refere à pregação, para catequização do povo, Cenáculo deu continuidade às missões populares em todo o Alentejo, pregadas por sacerdotes de várias congregações.<sup>84</sup>

Não podemos perder de vista um facto importante: a piedade devocional ou popular corre a par das mutações culturais e não é monopólio do povo simples e menos instruído na fé cristã. Muitas vezes acontece que gente muito instruída nas ciências humanas é quase analfabeta no conhecimento do cristianismo e, portanto, terá que se socorrer de atos de piedade de tipologia devocional, pois não tem acesso a outro tipo de prática religiosa. Esta caracteriza-se sobretudo por rituais externos, configurados em procissões, irmandades ou confrarias, no culto exterior de Nossa Senhora e dos santos e outras devoções, além, naturalmente, da frequência dos sacramentos.

Os séc. XVIII-XIX, apesar de tantos estudos avançados em determinados domínios das ciências, por meia dúzia de sábios, foi uma época caracterizada pela piedade devocional, devido à ignorância basilar das verdades cristãs fundamentais. Esta piedade vinha já da época pós-tridentina, como reação ao “biblismo” protestante, acessível a muito poucas pessoas.<sup>85</sup>

Um caso típico desta época é o do Rio de Janeiro (como poderia ser o de Lisboa da mesma época): pululam as confrarias e irmandades, com os seus estatutos e as suas festas, umas de gente mais simples, outras de homens e mulheres da Corte. A maior procissão era sempre a do Corpo de Deus, em louvor de Cristo presente na Eucaristia, entre muitas outras. Aí predomina o que hoje poderíamos chamar um certo folclore religioso, mas também uma fé segundo as pessoas que participavam nesses rituais. Não faltava o *Te Deum laudamus*, missas cantadas com grande pompa, para determinados momentos de ação de graças. E as dife-

<sup>84</sup> Veja-se, sobre o aspeto das missões populares, MARCADÉ, J., *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas*, o. c., p. 348-358. Os Padres Lazaristas tiveram também um papel de relevo neste apostolado, tanto na Metrópole como no Ultramar. As suas missões dirigiam-se sobretudo ao povo dos campos, sem descuidar igualmente a formação do clero. O seu lema era: 1.º *Ecclesiasticos adjuvare ad scientias, virtutes quae acquirendas* [Ajudar os eclesiásticos nas ciências e nas virtudes que devem adquirir]; 2.º *Evangelizare pauperibus, maxime rusticis* [Evangelizar os pobres, sobretudo os que vivem no campo]. Sobre o assunto, ver SANTOS, Eugénio dos, *Os Lazaristas e as Missões Populares em Portugal: 1737-1834 – Um balanço* (resumo), em Congresso Internacional de História – Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas – Actas, vol. I, UCP, Braga, 1993, p. 355-356.

<sup>85</sup> Sobre este assunto, ver MADURO, Carlos Alberto de Seixas, *Trento e a Devoção Popular: O caso paradigmático do Rosário*, em Concílio de Trento. Inovar na Tradição – História, Teologia, Projção, Universidade de Alcalá, 2016, p. 213-220.

rentes confrarias rivalizavam nas solenidades. Enfim, manifestações externas de uma fé que só Deus sabe e pode ver!

O mesmo acontecia com simples objetos de culto e de devoções que se compravam e vendiam, como aparece num relatório do negociante Elias Antônio Lopes, onde se encontram joias, roupas e outros objetos relacionadas com devoções populares e mesmo paramentos do culto oficial da Igreja Católica: cálices, paramentos, missais, galhetas, oratórios para ter nas casas particulares, imagens de Cristo, da Virgem e de santos, etc.<sup>86</sup>

Um outro aspeto da piedade popular era o tipo de leituras espirituais utilizadas nas cerimónias, mas sobretudo na leitura individual. Seria útil reparar na lista que uma autora apresenta, numa relação de 133 obras de um editor da Baía. Prevaecem os livros de piedade, com uma Bíblia apenas; 5 catecismos; 4 compêndios de História Sagrada; meditações; manuais de piedade; 3 dissertações; 1 dicionário teológico, em 5 vol.; de Francisco Jesus Sarmiento aparecem duas obras: *Horas Marianas* e a *História da Bíblia abreviada*; vários livros de piedade com o título de *Horas de...*; Manuais de devoções; 9 de novenas, etc., etc.<sup>87</sup>

Vejamos agora alguns autores e respetivas obras.

**Alexandre José da Silva de Almeida Garrett** (1797-1867). Era natural da cidade do Porto e irmão do poeta Almeida Garrett (Inocência I, p. 37; VIII, p. 38). Traduziu:

- *A recolta ou collecção de orações e obras pias*, Porto, Typ. Commercial, 1858; autor: Luiz Prinzivaldi; 2.<sup>a</sup> edição portuguesa feita pela 13.<sup>a</sup> romana; 14, 357, 12, 29 p.; 15 cm (BNP, R. 25546 P.; BSEA).
  - 3.<sup>a</sup> edição portuguesa feita pela 13.<sup>a</sup> romana; ib., mesmo impressor, 1860; 528 p.; 15,5x10 cm (BSEA).
  - Ib., mesmo impressor, 1868; 14, 358, 12, 31 p.; 15x10 cm (BSEA).
  - Ib., mesmo impressor, 1879; 445 p.; 16x10 cm (BSEA). Ver o autor nos cap. 10.5; 10.7 e 22.3.

<sup>86</sup> Veja-se, por exemplo, SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*, em *Brasiliana*, Brasília, 1977; vol. 363, p. 81-183 (BNP, P. 14679 V.). Seguimos aqui algumas ideias desta publicação.

<sup>87</sup> Em SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro*, o. c, p. 88s., é apresentada uma “Notícia dos Livros” que um impressor da Baía vendia no Rio de Janeiro, no séc. XIX. Trata-se de literatura espiritual da mesma tipologia dos séc. XVI-XVIII; portanto, sem grandes novidades.

**António Cerqueira Pinto**, Dom (1679-1744). Nasceu na freguesia de S. Miguel de Godim, concelho de Basto, próximo da vila de Amarante. Foi instruído em Teologia e Filosofia. Foi bispo do Porto (Inocêncio I, p. 109). Escreveu:

- *História da Prodigiosa Imagem de Cristo Crucificado, que com o Título de Bom Jesus de Bouças se venera no lugar de Matosinhos, na Lusitania...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1737; 56, 350, 162 p.; 21 cm (BNP, Res. 4501 P.; BJPII).<sup>88</sup>

**António Fernandes Cardoso** (?-?). Colecionou:

- *Piedosos exercícios de desagravo ao SS. Sacramento para servirem na adoração reparadora das quartas-feiras de cada mês*, Porto, Imprensa Comercial, 1884; 32 p.; 15x10 cm (BSEA).

**Francisco de Jesus Maria Sarmento**, Frei, OFM (1713-1790). Era natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocêncio II, p. 394; IX, p. 309). Escreveu:

- *Devoção das almas do Purgatório*, Lisboa, 1759. Ver o autor no cap. 3.2.

**Joaquim Alberto de Azevedo** / Joaquim da Encarnação, Frei, OSA (1724-1798). Nasceu em Barcelos. Foi abade reservatário da igreja de S. João Batista de Sedavim (Inocêncio IV, p. 76). Escreveu:

- *Novena do Natal*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1788; 45 p.; em 8.º (Pericão, Bibliografia, p. 403). Ver o autor no cap. 3.2.

**José de Jesus Maria** - 2, OFM (16??-17??). Era natural de Lisboa e sabe-se que professou no convento de N. Senhora dos Anjos, Torres Vedras, em 1704 (Inocêncio IV, p. 379; Barbosa II, p. 865). Traduziu:

- *Brognolo recopilado e substanciado com addictamentos de gravíssimos authores: Método mais breve, muy suave e utilíssimo de exorcizar, expelindo demónios e desfazendo feitos segundo os dictames do Sagrado Evangelho... colligido, resumido, e traduzido da língua latina, italiana, e hespanhola na portuguesa para clareza dos exorcistas, & bem estar dos exorcisados*, Lisboa, Oficina Ferreiriana, 1725.

— Coimbra, Oficina de Joseph Antunes da Sylva, 1727; 16, 256 p.; 16 cm

<sup>88</sup> Contém também: *Sermão Evangélico, panegyrico, histórico, e apologetico, que em quatro de Mayo de 1733. Primeiro dia do Tríduo, consagrado à sacrossanta imagem do Senhor de Matosinhos na sua trasladaçam solemne para a Capella Mór do seu grande Templo... prégo u M. R. Manoel dos Reys Bernardes, Cônego Prebendado da Santa Igreja Cathedral do Porto...* - *Sermam da prodigiosa, e admirável imagem do Santo Christo de Matosinhos, que em cinco do mês de Mayo, dia segundo do decantado Tríduo, que na mesma Igreja de Matosinhos, celebrarão os Religiosos Recolectos do Convento da Conceyção... prégo u P. Frey Joam de Deus Monte Alverne...; dado à estampa pelos Irmãos da mesma Confraria.*

(BNP, Res. 6235 P.; BJPII, SARD-0560; A Tradução em Portugal, 559; Palha 22).

**José de Lisboa** (?-?). Escreveu:

- *Direcção para rezar o cântico do SS. Sacramento...*, Lisboa, Oficina de Manuel Fernandes da Costa, 1739; 14, 113 p.; 13 cm (CBAP, n.º 1227).

**José Gonçalves de Aguiar**, Pe. (1831-?). Bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocêncio XII, p. 349). Traduziu:

- *Novíssimo mês das Almas do Purgatório. Meditações práticas para cada dia do mês de novembro*, Lisboa, Joaquim António Pacheco, 1880; autor: Abade Berlioux; 232 p.; 15x10,5 cm (BSEA; BSL).
- *Ib.*, Livr. Católica [19?]; 15 cm (BNP, R. 25916 P.). Ver o autor nos cap. 7.1; 10.6 e 22.3.

**José Nunes de Oliveira e Sousa** (?-?). Traduziu:

- *Mês de S. José, ou meditações práticas para cada dia do mês de março*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1917; autor: Abade Berlioux; 205 p.; 16x10 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 14.

**Manuel Correia de Azambuja**, Frei, CSSJE (1864-1739). Foi doutor em Teologia e lente no colégio da sua Congregação em Coimbra; foi também reitor do mesmo colégio. Inocêncio apresenta-o com o nome de Francisco de Santa Teresa (IX, p. 384). Escreveu:

- *Compêndio de indulgências e devoções*, Coimbra, Oficina de António Simões Ferreira, 1774 (BSEA). Ver o autor no cap. 11.1.

**Manuel de Maria Santíssima**, Frei, OFM (1732-1802). Era natural de Braga. Foi missionário apostólico do Seminário do Varatojo (Inocêncio VI, p. 55; XVI, p. 266, 413-414). Deixou-nos:

- *Devoto Instruído na Vida e na Morte*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1784; 2.ª edição, correcta e acrescentada; XVI, 486 p.; 16 cm (BNP, R. 34874 P.).
- 3.ª edição, *ib.*, Oficina de António Gomes, 1787; XVI, 471 p.; 15 cm (BNP, R. 29460 P.).
- 4.ª edição *mais correcta*, *ib.*, Régia Oficina Typografia, 1792; 471 p.; 15 cm (BNP, R. 34602 P.).
- 5.ª edição, *ib.*, mesmo impressor, 1800; X, 471 p.; 14 cm (BNP, R. 25710 P.; BPNM, 2-14-1-4).
- *Ib.*, Typ. Rolandiana, 1823; 335 p.; 15 cm (BNP, R. 28951 P.).



— *Nova edição*, ib., Tip. de José Baptista Morando, 1855; 15 cm (BNP, R. 27421 P.).

- *Novena da Virgem Mãe de Deus, com o título do Sobreiro...*, Lisboa, Oficina António Rodrigues Galhardo, 1779; 53 p.; 16.º. Ver o autor nos cap. 14 e 15.

**Manuel Marinho Alves da Silva** (séc. XIX). Foi autor de:

- *Breve compêndio ou ramalhete de orações e devoções*, Porto, Tip. da Revista, 1865 (BNP, R. 27394 P.).

**Miguel Arcanjo Ribeiro de Castro Camargo**, Pe. (?-?). Traduziu:

- *Deus meu consolo: devoções cathólicas e manual da Missa para a mocidade de ambos os sexos*, Rio de Janeiro, Eduardo & H. Laemmert, s. d. [séc. XIX]; autor: Crisóstomo Schmid; 304 p.; 13 cm.

**Miguel Ferreira de Almeida**, Pe. (1840-1916). Nasceu em Viseu de família modesta. Coursou Teologia no Seminário da sua cidade. Mais tarde, devido aos seus dotes, doutorou-se nesta área na Gregoriana, Roma. Dedicou-se bastante à evangelização do norte do país, tendo sido denominado como “Missionário Apostólico” pela Santa Sé. Escreveu:

- *Manual de Piedade Cristã*, Porto, Livraria Católica [18??]; 2.ª edição; 16 p.; Porto, Manuel Malheiro [1890]; 12 cm (BNP, R. 27259 P.);  
— 7.ª edição, Porto, A. Gomes da Silva, 1912 (BNP, R. 1030 P.).
- Traduziu do italiano: *Os Quinze Sábados do Santíssimo Rosário*, Viseu, Imprensa da Revista Catholica, 1895; autor: Bartólomé Longo; 4 fol., 423 p., 4 fol; 14 cm (BNP, R. 25555 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1897 (BSEA). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.4; 10.6; 14 e 15.

**Tiago Sinibaldi**, Pe. (1856-1928). Foi autor de:

- *A alma aos pés de Jesus: exercícios devotos*, Coimbra, Typ. França Amado, 1897; 2.ª edição; 783 p.; 15 cm (BNP, R. 11566 P.).  
— 3.ª edição, ib., mesmo impressor, 1899; 752 p.; 16 cm (BNP, R. 11035 P.).  
— 4.ª edição, ib., mesmo impressor, 1904; 752 p.; 15 cm (BNP, TR. 6417 P.).  
— 6.ª edição, ib., mesmo impressor, 1913; 734 p.; 16 cm (BNP, R. 998 P.).  
— 8.ª edição, ib., Gráfica Conimbricense, 1921; 812 p.; 15 cm (BNP, R. 11702 P.).  
— 9.ª edição, Lisboa, Tip. da “União Gráfica”, 1933; 732 p.; 15 cm (BNP, R. 25342 P.).  
— 12.ª edição, ib., mesmo impressor, 1959; 563 p.; 17 cm (BNP, R. 32873 P.).

**Tomás Vitale** (1832-1893). Compilou:

- *Tesourinho das Almas Piedosas*, Covilhã, Typ. Irmão Unidos, 1887; 3.<sup>a</sup> edição; 14 cm (BNP, R. 26035 P.). Ver o autor no cap. 10.4.

#### **Autores anónimos**

- *Jardim espiritual, em que se trata de quinze flores, que distribuídas por quinze dias para proveito das almas, que querem exercitar as virtudes...*, Lisboa, Oficina Herdeiros de António Pedroza Galvão, 1752; 8, 92, 8 p.; 15 cm (CBAP, n.º 1101).
- *Sete ladainhas para todos os dias da semana...*, Lisboa, Impressão Régia, 1806; 64 p.; 15 cm (CBAP, n.º 2016).
- *Devoção para pedir a paz de que necessitamos; Ao glorioso Senhor S. José, Pai putativo de Jesus Christo e verdadeiro Esposo de Maria Santíssima composta por Hum R. P. Mestre da Congregação do Oratório da Villa de Estremoz*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Ofício; 8 p.<sup>89</sup>

#### **Tradutores anónimos**

- *Exercícios de Piedade para todo o cathólico que deseja regular bem a vida...*, Lisboa, Oficina Joseph da Costa Coimbra, 1747; autores: Pe. João Croist e César Calino, SJ; 496, 6 p.; em 12.º (BNP; A Tradução em Portugal, 821).  
— Ib., mesmo impressor, 1753 (BNP; A Tradução em Portugal, 886).
- *Mês das almas do purgatório ou meditações práticas para cada dia do mês de novembro*, Lisboa, Luís António Pacheco, 1880; autor: Abade Berlioux; 232 p.; 15x10 cm (BSEA).  
— Porto, A. Gomes da Silva, 1912; traduzido da 7.<sup>a</sup> edição francesa; em 8.º (BNP, R. 994 P.; BSEA).  
— 3.<sup>a</sup> edição, ib., Carlos Ventura, 1921; 232 p.; 15 cm (BNP, R. 20084 P.).  
— Ib., Porto, Tip. Silva Teixeira, 1928; 13 cm (BNP, R. 26673 P.).  
— 4.<sup>a</sup> edição, ib., Centro de Propaganda, [18?]; 236, 4 p.; em 8.º (BSL).  
— 5.<sup>a</sup> edição, ib., Machado & Ribeiro, 1946; 219 p.; 14 cm (BNP, R. 30780 P.).<sup>90</sup>
- *Mês Teresiano ou o mês de Outubro dedicado a... Santa Teresa de Jesus*, Lisboa, Typ. do Jornal “A Nação”, 1882; vertida da trad. francesa de M. de Valette; 104 p.; 16 cm (BNP, R. 37709 P.).

<sup>89</sup> Obra registada por CADAFAZ DE MATOS, Manuel, em Revista Portuguesa da História do Livro, ano 21, vol. 41-42 (2018), p. 642-643.

<sup>90</sup> Nesta edição diz que o tradutor foi o vigário geral de Grenoble, mas nas outras não é indicado.

- Porto, Liv. Católica Portuense, s. d.; 104, 8 p.; 15x10 cm (BSEA).
- *O mês das almas do purgatório*, Lisboa, Livr. Católica [1821]; autor: Francisco Vitali; 164 p.; 16x10 cm (BNP, R. 3821 P.; BSEA).
  - Ib., Typ. J. B. Morando, 1867; 7, 175 p.; 15 cm (BNP, R. 11690//8 P.).
  - Ib., Oficina Typográfica, 1887; 16 cm (BNP, R. 27977 P.).
  - Ib., Portaria do Convento de S. Alberto, s. d. (BSEA).<sup>91</sup>
  - *O Angelus no século XIX*, Porto e Braga, Liv. Internacional de Ernesto Chardon e Eugénio Chardon, 1874; autor: Jean Joseph Gaume; 18 cm (BNP, R. 28359 P.).
  - *O sinal da cruz no século XIX*, Porto, Ernesto Chardon, 1874; autor: Gaume; 290 p.; 18x12 cm (BSEA).
  - *Tratado de confiança em a misericórdia de Deus...*, Lisboa, Oficina de João António da Silva, 1781; autor: Jean-Joseph Languet de Gergy; 8, 304, 4 p.; 16 cm (CBAP, n.º 1156).

## 10.9. Espiritualidade dos “Últimos fins”

Esta espiritualidade manifesta precisamente a caducidade da natureza, não apenas no aspeto corpóreo, físico, mas também e sobretudo no aspeto espiritual. De facto, o crente sabe, pela Revelação bíblica, que, depois desta curta vida, Deus torna possível uma vida eterna. Deus é um Pai que nos criou com um amor infinito e, portanto, não criou para nos enviar para o cemitério daí a alguns anos. Esse Pai, infinitamente bom, quer ter os seus filhos consigo e não os deixa morrer definitivamente, para sempre, como nos revelou Jesus Cristo:

*Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre* (Jo 11,25-26).<sup>1</sup>

Os catecismos explicam que os *Últimos fins do homem* são quatro: *Morte, Juízo, Inferno, Paraíso*. Para adquirir o Paraíso, para estar com o Pai para sempre, é necessário não o abandonar nesta vida, fazendo da outra vida uma continuidade desta. Daí a espiritualidade dos *Últimos fins*, que insiste na preparação remota e próxima para entrar na vida definitiva. Portanto, este tipo de literatura não pretende, de per si, fazer arte, obra puramente literária, mas levar à prática do bem, ao temor e amor de Deus, em ordem a possuir a Vida eterna. O tema da

<sup>91</sup> Original: *Le mois des âmes du Purgatoire* - Francesco Vitali; trad. par M. l'Abbé de Valette, Paris, Librairie Catholique de P. J. Camus [18?]; 211 p.; il.; 14 cm (BNP, R. 28909 P.).

Morte e, naturalmente, do que se lhe segue, é um dos temas mais comuns em todas as literaturas e também, naturalmente, da portuguesa, como iremos verificar.

Não são numerosas as obras desta tipologia, dado que estamos nos séc. XVIII-XIX, época em que o racionalismo iluminista, ao pretender acabar com “as trevas da ignorância”, confundiu, frequentemente, sob este rótulo, a iliteracia, a Escolástica e também as verdades da fé católica. Este é um dado a ter em conta na época abrangida por este volume.

**Agostinho de Santa Maria** - 2, OESA (1642-1728). Nasceu em Estremoz da província do Alentejo. O seu nome de batismo era Manuel Gomes Freire (Barbosa I, p. 69-71; Inocêncio I, p. 39). Traduziu do italiano:

- *Breve disposição espiritual, que deve fazer todo o Christão para estar sempre aparelhado para a morte*, Lisboa, José Lopes Ferreira, 1716; autor: Pe. Sancti Chiarelli; em 24.º. Ver o autor nos cap. 10.2 e 10.6.

**Alexandre de Santa Isabel** (séc. XVIII). Inocêncio desconhece a vida do autor (VIII, p. 34). Traduziu:

- *Preparação para a morte*, Lisboa, Francisco Luís Ameno, 1784 (BNP; A Tradução em Portugal, 1507).

**António da Costa de Paiva** / Barão do Castelo de Paiva (1806-1879). Foi bacharel em Filosofia pela Universidade de Coimbra e doutor em Medicina pela de Paris. Foi também o 1.º diretor do Jardim Botânico (Inocêncio I, p. 117; VIII, p. 119 e 419). Depois de se converter ao cristianismo, em 1851, escreveu:

- *Novíssimos ou Os Últimos Fins do Homem*, Lisboa, Typ. Universal, 1866; 2 vol.: 436 e 451 p.; 20x14 cm (BSEA; BPH).

**António dos Reis** - 1, Pe., CO (1690-1738). Era natural de Pernes (Santarém). Foi um excelente orador sacro (Barbosa I, p. 367-371; Inocêncio I, p. 243-244). Escreveu:

- *Arte de bem morrer*, Lisboa, Paschoal da Sylva, 1717.  
— Ib., José Lopes Ferreira, 1718.  
— Ib., Pedro Ferreira, 1727. Saiu em nome de seu irmão Luís Cardoso. Ver o autor nos cap. 9; 10.2; 14; 15 e 20.

**António dos Santos Castro** (?-?). Inocêncio apenas refere a seguinte obra (XX, p. 263), que traduziu:

- *O Inferno: se existe, o que é, como poderemos evitá-lo*, Porto, António dos Santos Castro, [1886]; autor: Louis-Gaston de Ségur; 134, 2 p.; em 8.º (BNP, R. 806 P.; BSL).

— Ib., Ed. Avelino de Castro Martines, [1895]; 124 p.; 15 cm (BNP, R. 29526//11 P.).

**António Faria Barreiros** (?-?). Nasceu em Lisboa na segunda metade do século XVII. Gastou grande parte do seu tempo a traduzir livros devotos, para satisfazer a piedade de algumas pessoas (Barbosa I, p. 266-267; Inocêncio VIII, p. 131). Temos assim:

- *Gritos do Inferno para despertar o mundo*, Lisboa, Filipe de Sousa Vilela, 1721; autor: José Bonetta (A Tradução em Portugal, 518). Ver o autor nos cap. 10.2 e 13.1.

**António Luís Coutinho de Abreu**, Pe. (?-?). Traduziu do latim:

- *Testamento e última vontade da alma feito em saúde para segurar-se o cristão das tentações do demónio na hora da morte*, 1731; autor: São Carlos Borromeo (A Tradução em Portugal, 592).

**Bento de Santa Maria**, Frei, CSJE (?-?). Era natural de Lisboa. Ingressou na sua Congregação em 1702. Instruído em Teologia e Sagrada Escritura (Barbosa I, p. 506; IV, p. 560 e 617; Inocêncio VIII, p. 373). Traduziu do francês:

- *Quadro da Morte*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1779; 14, 2, 245, 5 p.; 18 cm (BNP, S.A. 1853 P.). Ver o autor nos cap. 10.7 e 14.

**Bruno de São José** (?-?). Deixou manuscrito:

- *Quomodo tractandus sit, qui moritur, a Fr. Bruno a Sancto Josepho*, 1741; 47 p.; em 12.º (BPE, Cod. CXXIII/2-48).<sup>92</sup>

**Camilo Castelo Branco** (1826-1890). Era natural de Lisboa, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica. Foi um dos grandes escritores portugueses (Inocêncio II, p. 15: IX, p. 7; XVII, p. 55). Traduziu:

- *A Imortalidade, a Morte e a Vida: Estudo ácerca do destino do homem*, Porto, F. G. da Fonseca, 1866; 2.ª edição; autor: Baguenault de Puchesse; 16, 377 p.; 20x13 cm (BNP, R. 35018 P.; BSEA). Ver o autor nos cap. 4.1; 8; 10.2 e 18.

**Camilo Maria Sarmento de Figueiredo** (?-?). Traduziu do italiano:

- *Pensai-o bem ou cuidados da alma penitente mediante a consideração dos Novíssimos do homem para conseguir a vida eterna...*, Porto, Jacinto A. P. da Silva, e Lisboa, Liv. Católica, 1872; autor: Barthélemy Baudrand, SJ (1701-1787), que escreveu em francês; 4.ª edição; 224 p.; 10,5x6 cm (BSME).

<sup>92</sup> Em Cunha Rivara, *Catálogo de Manuscritos*, vol. IV, p. 45.

- *9.<sup>a</sup> edição*, Lisboa, Tip. de Cristóvão Augusto Rodrigues, 1888 (BNP, R. 25924 P.).
- *10.<sup>a</sup> edição*, ib., Adm. do Novo Mensageiro do Coração de Jesus, 1895 (BNP, R. 28437 P.; BJPII).
- *11.<sup>a</sup> edição correcta e augmentada*, ib., mesmo impressor, 1900; 79 p.; 14 cm (BNP, R. 26473 P.; BJPII).
- *18.<sup>a</sup> edição*, Porto, Livr. Apostolado da Imprensa, 1940; 286 p.; 13x8 cm (BSME).
- *19.<sup>a</sup> edição*, ib., mesmo impressor, 1943; com via-sacra e orações várias em suplemento; 312 p.; 13x8,5 cm (BSME).
- *22.<sup>a</sup> edição*, ib., mesmo impressor, 1951; 326 p.; 13x8,5 cm (BPH).
- *23.<sup>a</sup> edição*, ib., mesmo impressor, 1954; 327 p.; il.; 14 cm (BNP, R. 31557 P.).
- *25.<sup>a</sup> edição*, ib., mesmo impressor, 1961; 319 p.; il.; 14 cm (BNP, R. 33503 P.).

**Fortunato de São Boaventura**, Dom Frei, OCist (1778?-1844). Foi professor de Teologia na Universidade de Coimbra. Fugiu para Roma, perseguido por defender os Jesuítas e ser adepto de D. Miguel (Inocência II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Traduziu:

- *Além túmulo: definição do dogma do Inferno*, Porto, António Figueirinhas, 1900; Coleção Biblioteca de Propaganda Católica 1; 123 p.; 15 cm (BNP). Ver o autor nos cap. 4.1; 6.1.2; 8; 9; 10.6; 10.7; 10.10; 13.1; 15 e 22.5.

**Francisco de Jesus Maria Sarmiento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia. Grande conhecedor da língua latina, muito culto e exímio pregador (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocência II, p. 394s; IX, p. 309). Traduziu:

- *O cristão enfermo e moribundo conformando-se a Jesus Cristo...*, Lisboa, 1770; 213 p.; 13,5x7 cm (FacFil).
- Ib., 1773.
- Ib., Régia Oficina Typográfica, 1781; autor: Peronnet; 10, 216 p.; 13 cm (BNP, R. 28677 P.); ib., 1820. Ver o autor no cap. 3.2.

**Francisco Gomes de Sequeira**, Frei (1687?-?). Nasceu na freguesia de Santa Maria de Achete (Santarém). Foi presbítero do hábito de S. Pedro. Perito nas línguas grega, hebraica, francesa e italiana (Barbosa II, p. 159). Traduziu do italiano:

- *Ministro de enfermos para ajudar a bem morrer...*, Lisboa, 1734; autor: Carlos Solfi (A Tradução em Portugal, 633). Ver o autor no cap. 9.

**Francisco José de Campos** (?-?). Foi o autor de:

- *O enfermo assistido na sua última doença com todos os socorros espirituais, e com especialidade na última agonia...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1775; 24, 310 p.; 15 cm (CBAP, n.º 393).

**Guilherme de Aguiar Azevedo** (16?-17?). Era natural de Lisboa. Muito conhecedor dos preceitos da oratória e poética, sendo o seu nome aplaudido em diversas Academias (Barbosa II, p. 422; Inocência III, p. 169). Traduziu:

- *Estado das almas do Purgatório e do modo com que podem, e devem ser ajudadas a sahir de suas penas. Com várias meditações de seus tormentos*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal, 1701; autor: Martín de Roa; 32, 214, 24 p.; 15 cm (BNP, R. 10021 P.; A Tradução em Portugal, 416). Ver o autor no cap. 17.

**Inácio Lopes de Moura** (16?-1709). Era natural de Lisboa, foi cavaleiro da Ordem Militar de Cristo (Barbosa II, p. 541; Inocência III, p. 210). Escreveu:

- *Preparação para a Eternidade*, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1705. Ver o autor no cap. 13.1.

**João de Nossa Senhora**, Frei, OFM (1701-1758). Era natural de uma aldeia de Alenquer. Era também conhecido como o “Poeta de Xabregas”. Foi grande pregador popular (Barbosa II, p. 709-710). Escreveu:

- *Dia e noite com todas as horas para as Almas do Purgatório achadas nos sufrágios da Santa Igreja Romana, e exposta nas mãos de todos os Fiéis Christãos para lembrança das mesmas Almas*, Lisboa, Francisco da Sylva, 1742.
- *Arte de bem morrer*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1737. Saiu com o nome de Constantino da Costa. Ver o autor nos cap. 10.7; 13.1 e 14.

**Joaquim Alves de Sousa** (1825-1892). Traduziu:

- *Teologia do Além*, Porto, Liv. Apostolado da Imprensa, 1953; autor: J. Bujanda; 246 p.; 17 cm (BNP, R. 31599 P.). Ver o autor nos cap. 6.1.1 e 9.

**Joaquim das Neves Ribeiro** (séc. XVIII). Traduziu:

- *Método para assistir ao enfermo e ajudar a bem morrer...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1775; 298 p.; 15x9,5 cm (BOCD).

**Joaquim do Rosário**, Frei, OFM (?-?). Era natural de Leiria. Mestre jubilado de Teologia, guardião, definidor e visitador da Província de Santa Maria da Arrábida; foi também pregador régio da Corte. Inocência não fornece dados biográficos do autor, apenas as suas obras (IV, p. 154). Traduziu:

- *Sanctos desejos da morte, ou collecção de alguns pensamentos dos Padres da Igreja*,



*para mostrar como os christãos devem desprezar a vida, e desejar a morte. Traduzido em portuguez*, Lisboa, 1786; em 8.º. Ver o autor nos cap. 10.2 e 10.6.

**José Aires, SJ** (1672-1730). Escreveu:

- *Breve direcção para o santo exercício da Boa Morte, que se pratica nos Domingos do anno na Igreja dos Padres da Companhia de Jesus...*, Lisboa, Oficina da Música, 1726; 102 p.; em 8.º (Brasiliana I, p. 16).

**José da Madre de Deus, Frei, OFM** (ca. 1766). Escreveu:

- *Avisos para Bem Morrer*, Lisboa, Oficina de Manuel Coelho Amado, 1766; 215 p.; 13 cm (BNP, R. 29278 P.; BPE, S.L.-E. 25-C.1).

**José da Natividade, Frei, OP** (1709-ca. 1759). Tomou o hábito a 30 de setembro de 1727. Foi pregador geral da sua Ordem (Inocêncio V, p. 81). Escreveu:

- *Desengano para a hora da morte que o pecador moribundo deve fazer em vida*, 1744 (?). É um opúsculo com oito “reflexões morais” sobre os perigos do mundo e sobre o futuro de todos os humanos. Ou seja, enquanto vivemos neste mundo, devemos pensar nas consequências eternas do nosso proceder.

O livro termina com uma espécie de devocionário mariano: modo de recitar o Rosário, ladainhas, ritual da comunhão, absolvição, a Bula da Cruzada para a hora da morte, etc. Ver o autor no cap. 13.1.<sup>93</sup>

**Luís Botelho Fróis de Figueiredo** (1675-1720). Era natural de Santarém. Estudou Filosofia e Jurisprudência canônica na Universidade de Coimbra. Emigrou para Madrid onde se casou (Barbosa III, p. 63; IV, p. 549; Inocêncio V, p. 232; XIII, p. 352). Escreveu:

- *Modo efficacíssimo de orar para conseguir a poderosa proteção das Onze mil Virgens, principalmente na hora da morte em que he titular o seu patrocínio*, Lisboa, Bernardo da Costa, 1711; 179 p., 23 fol.; 12 cm (BNP, R. 28974 P.).

— *Ib.*, Miguel Rodrigues, 1745.

- *Ponte Segura para o Golfo da Vida no estreito passo da morte... levantada em três arcos... fabricados dos três soberanos nomes de Jesus, Maria, Joseph...*, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1713 (Pericão, Bibliografia, p. 262).

— *Ib.*, Oficina de Pascoal da Sylva, 1717; 276 p.; 15 cm (BNP, R. 29543 P.; BJPII, GOER-Hb 1362).

<sup>93</sup> Os espirituais do Norte (Louis de Blois, Kempis, Harphius, Eschius, além de S. Francisco de Sales e outros), agora, poucos decênios depois, dão lugar a outros autores espirituais espanhóis: Sta. Teresa, S. João da Cruz, S. João de Ávila, Frei Luís de Granada, etc.; ver esta mística do “Desengano / Desprezo do mundo”, no vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 669 e 697.

— Ib., Oficina de José Filipe, 1759; 16 cm (BNP, R. 23639 P.). Ver o autor no cap. 10.6.

**Manuel Coimbra**, Frei, OFM (1647-1727). Nasceu em Óbidos do patriarcado de Lisboa. Passou parte da sua vida a traduzir obras do latim, para poderem ser lidas por todos (Barbosa III, p. 223-224). Temos assim:

- *Gritos das Almas no Purgatório, e meyo para os aplacar...*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galvão, 1703; autor: Joseph Boneta; 24, 367 p.; 15 cm (BNP, F.A. 1837; A Tradução em Portugal, 420 e 433).

— Coimbra, João Antunes, 1711 (A Tradução em Portugal, 452).

— Lisboa, Oficina de Felipe de Souza, 1715; 367 p.; 14 cm (BNP, R. 28695 P.; A Tradução em Portugal, 475).

— *Nova edição*, Porto, Typ. de J. A. G. M., 1849; Livro primeiro e segundo; 334 p.; 15,5x11 cm (BCapP). Ver o autor no cap. 10.2.

**Manuel dos Anjos**, Frei, OFM (1595-1653). Nasceu em Alcácer do Sal e morreu em Évora (Inocêncio V, p. 356). Traduziu:

- *A Arte da Boa Morte, ou Devoção Quotidiana para com a Virgem Santíssima Mãe de Deus: útil para conseguir todos os bens espirituais, utilíssima para alcançar huma feliz morte...*, Coimbra, Real Collégio das Artes, 1732; autor: R. P. Gabriel Hevenesi; 8, 552 p.; 16 cm (BNP, R. 33960 P.; A Tradução em Portugal, 605).<sup>94</sup>

**Manuel Martins de Anciães** (?-?). Traduziu do castelhano:

- *Considerações dos Quatro Novíssimos do Homem...*, Lisboa, Oficina Francisco Borges de Sousa, 1758; autor: Sebastian Izquierdo; 40, 430 p.; 15x10 cm (BNP, R. 26388 P.; BSEA; A Tradução em Portugal, 961).

**Martinho Pereira** - 2, Pe., CO (séc. XVIII). Escreveu:

- *Moribundo socorrido, por qualquer homem pio, ou mulher devota, que lhe saiba ler esse pequeno livro*, Lisboa, Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1785; 232, 8 p.; 14 cm (BNP, Var. 1055; CBAP, n.º 1670). Ver o autor no cap. 10.7.

**Miguel Dias**, SJ (1636-1724). Nasceu e morreu em Lisboa. Foi Provincial da sua Ordem (Inocêncio XVII, p. 50). Escreveu:

- *Último Instante entre a vida e a morte considerado à luz dos desenganos, que o pecador moribundo conceberá fazendo reflexão sobre a sua vida passada, sobre o*

<sup>94</sup> Ver outras obras de Manuel dos Anjos no vol. III desta coletânea: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 631 e 659.

*seu estado presente, e sobre sua sorte futura*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1716; 13 cm (BNP, R. 28149 P.).

— Coimbra, Colégio das Artes, 1720; 24, 227 p.; 13 cm (CBAP, n.º 662; BPE, SL - E. 25, C. 1).

— Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1740 (BPE, SL - E. 24, C. 1). Ver o autor no cap. 10.4.

**Pedro Paulo de Almeida Serra**, Pe. (?-?). Foi padre secular, bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocência VI, p. 443). Traduziu do latim:

- *Método de ajudar os moribundos recopilado de vários autores*, Lisboa, Oficina António Rodrigues Galhardo, 1802; autor: Pe. João Polanco; 8, 302, 6 p. (BNP; A Tradução em Portugal, 2449).

#### Autor anónimo

- Um devoto das Almas, *Sinais do dia do Juízo e sequência dos defuntos...*, Lisboa, Oficina de José Filipe, 17??; Parte I e II; 20x15 cm (BPB, Res. 162//26 V.).

#### Tradutores anónimos

- *Diferença entre o Temporal e Eterno: Crisol Purificador de desenganos com a memória da eternidade. Trad. do castelhano em portuguez...*, Lisboa, 1701; autor: João Eusebio Nieremberg (A Tradução em Portugal, 415).
  - Ib., António Pedroso Galvão, 1711; 478 p.; 21 cm (BNP, R. 28038 P.; BSEA; A Tradução em Portugal, 453).
  - Coimbra, Oficina de Luís Seco Ferreira, 1741; 4 fol., 478 p., 13 fol.; 22 cm (BNP, R. 10385 V.; CBAP, n.º 1558; A Tradução em Portugal, 736).
  - Ib., António Pedroso Galvão, 1761 (A Tradução em Portugal, 1009).
- *Preparação para a morte ou considerações sobre as verdades eternas, úteis a todos os fiéis para a meditação e aos sacerdotes*, Lisboa, António Maria Pereira, 1873; autor: Afonso Maria de Ligório; 8, 420 p.; 16x11 cm (BNP, R. 20207 P.; BSEA).
  - 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, António Maria Pereira [188-]; 386 p.; 16 cm (BNP, R. 12877 P.; BSL).
  - *Preparação para a morte*, [S.l.]: n. tip. [17??; s.l.]; 17 cm (BNP, R. 27825 P.).
- *Crisol do crisol de desenganos. Compêndio adequado do milagroso livro da diferença entre o temporal e o eterno...* Trad. agora novamente do castelhano em português, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1734; autor: Joseph Boneta; 23, 557 p.; 16 cm (BNP, R. 23587 P.; A Tradução em Portugal, 631).
- *O retrato da Morte, com um diálogo entre um morto e um vivo*, Lisboa, Typo-

grafia Rolandiana, 1785; autor: Louis Antoine Caraccioli; 14, 16-279, 9 p.; 15 cm (BNP, S.A. 10827 P.).

— *2.<sup>a</sup> edição correcta e emendada*, ib., mesmo impressor, 1792; 14, 2, 262, 2 p.; 15 cm (BNP, S.A. 1872 P.).

- *A morte suave e santa: ou preparação para a morte... dedicada ao glorioso... S. José por um seu indigno servo*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1781; 15 cm (BNP, R. 26592 P.; A Tradução em Portugal, 1376).
- *O juízo último: poema em três cantos pelo immortal Young*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1818; autor: Edward Young; 63 p.; 16 cm (BNP, L. 4687 P.; A Tradução em Portugal, 3453).
- *História do antichristo ou exposição dos acontecimentos certos e prováveis que dizem respeito à sua pessoa, ao seu reinado, ao seu fim e ao seu tempo segundo a Escriptura e a Tradição*, Lisboa, Livr. Cathólica, 1869; autor: P. Abade Huchedé; trad. por “um párocho do Patriarcado”; p. 31-156; 14x10 cm (BNP, S.C. 11131//1 P.; BSEA).

## 10.10. Espiritualidade da literatura de espelho

Já nos vol. II e III falávamos deste tipo de literatura, que pretende apresentar “espelhos”, modelos de vida cristã, nos quais as pessoas, com um certo estatuto, se podem rever. É, naturalmente, uma literatura de modelos a imitar, tanto nos valores humanos como nos valores propriamente cristãos. As próprias obras abaixo apresentadas nos explicam melhor esta tipologia de literatura religiosa e cristã, que tem o seu último fundamento nas bases do cristianismo que estão na Bíblia. Esta está cheia de personagens-modelo e de normas morais e espirituais a seguir. Numa palavra, a Bíblia é, para o cristão, a verdadeira *literatura de espelho*.

**Bernardo de Santa Maria Rosa**, Frei, OFM (1714-?). Nasceu em Mező Fria. Foi mestre de cerimónias no convento da sua Ordem (Inocência I, p. 381; VIII, p. 396). Foi autor de:

- *Espelho de Perfeição Religiosa, a que se podem ver as almas que quiserem seguir nos caminhos da vida espiritual as grandezas do amor de Deus...*, Coimbra, Oficina de Luís Secco Ferreira, 1750; 35, 300, 3 p.; 21 cm (BNP, H.G. 5338 V.; CBAP, n.º 1876). Ver o autor nos cap. 10.7 e 22.3.

**Custódio da Silva Barbosa** (séc. XVIII). Traduziu do francês:

- *Conducta de uma senhora christãa para viver no mundo santamente...* “Boa letra

da 2.<sup>a</sup> metade do século XVIII; rica encadernação dourada”; 232 p. (BPE, Cod. CXIII/1-25).<sup>95</sup>

— *Segunda edição, exactamente revista, correcta e emendada*, Lisboa, Oficina de António Gomes, 1788; 4, 367 p.; 15 cm (CBAP, n.º 551). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.7; 11.1 e 22.4.

**Damião de Froes Perim** / João de São Pedro, Frei, OSJ (1692-?). Era natural de Lisboa. Professou na Ordem de São Jerónimo em 1709. Inocêncio diz que as suas obras saíram todas com o nome de Damião de Froes Perim, anagrama perfeito do seu nome. Isto deu alguma confusão de autoria (IV, p. 5; X, p. 325). Traduziu do castelhano:

- *O desejoso, ou espelho de monges, e pessoas religiosas...*, Lisboa, Régia Oficina Silvana e da Academia Real, 1748; autor: Fr. Miguel Comellada; 38, 487 p.; em 8.º (BNP; A Tradução em Portugal, 830). Ver o autor no cap. 15.

**Domingos Ribeiro França** (séc. XIX). Foi um dos muitos escritores que trabalharam logo depois da revolução de 1820, publicando obras cívicas e instrutivas. Inocêncio não nos fornece dados biográficos do autor, apenas indica a seguinte obra (IX, p. 149), que traduziu:

- *Erasto, ou O Amigo da Mocidade: Conversações Familiares nas quae a Mocidade de ambos os sexos se dão suficientes noções sobre a maior parte dos conhecimentos humanos...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822. Segunda edição, de novo traduzida, e conforme com a quinta e última de Paris; autor: Jean-Jacques Fillassier (1745-1799); 275, 3 p.; 15x10,5 cm (BNP, S.A. 2134 P.; BOCD).<sup>96</sup> Ver o autor no cap. 15.

<sup>95</sup> Em Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 63.

<sup>96</sup> É tradução de *Éraste, ou l'Ami de la jeunesse...*, de Jean-Jacques Fillassier. O livro está estruturado em forma de conversações entre Erasto (amável, amoroso), Eugénio (bem-nascido), Eudoxia (de boa reputação), irmã de Eugénio, em clima familiar, como método ideal para fazer do jovem um homem perfeito. O autor apresenta os seguintes capítulos, dos nove de que é composto: “Do Juízo; De Deus; Carateres e Divindade do Testamento Velho; Analise, Carateres e Divindade do Novo Testamento e necessidade de ler a Sagrada Escritura; Criação do mundo, Estado de Inocência, Pecado do primeiro Homem e suas consequências; Quadro histórico da Religião desde o pecado do Homem até à vocação de Abraão; Quadro histórico da Religião desde a Vocação de Abraão até à saída do Egito”. Os outros dois capítulos também têm a ver com a Bíblia: “Utilidade da educação, necessidade de nos instruírmos e Elementos de Lógica ou Princípios próprios para cultivar a Razão antes de a aplicar ao estudo da Religião e da Moral”. No fim de cada conversação há observações diversas sobre o tema tratado e aplicação das figuras do Antigo Testamento ao Novo e à Igreja. Em conclusão, toda a educação da juventude deve partir dos conhecimentos bíblicos. Domingos Ribeiro França assina o intróito.

**Fortunato de São Boaventura**, Dom Frei, OCist (1777-1844). Era professor de Teologia na Universidade de Coimbra em 1810. Foi bispo de Évora (Inocêncio II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Traduziu:

- *Modelos de heroísmo cristão em pessoas de ambos os sexos e nossas contemporâneas... que de vários auctores coligiu...*, Coimbra, Imprensa Christã, 1823; 28 p.; 20 cm (BNP, H.G. 1842//14 V.; A Tradução em Portugal, 3859). Ver o autor nos cap. 4.1; 6.1.2; 8; 9; 10.6; 10.7; 10.9; 13.1; 15 e 22.5.

**Francisco Rolando** (?-?). Foi um impressor e livreiro francês que veio estabelecer-se em Lisboa, ca. 1770. Verteu algumas obras do francês para português e imprimiu-as por sua conta (Inocêncio III, p. 50). Assim temos:

- *História da virtuosa portuguesa ou exemplar das mulheres cristãs*, Lisboa, Rolandiana, 1788; autor: Maydieu; 8, 361, 6 p.; 15x10 cm (BNP, L. 6689 P.; A Tradução em Portugal, 1696). Ver o autor no cap. 10.5.

**Inácio de São Caetano**, Dom Frei, OCD (1718-1788). Nasceu em Chaves e faleceu no Palácio de Queluz. Estudou Filosofia na Universidade de Évora e Teologia em Coimbra. Foi conselheiro e confessor de D. Maria I.<sup>97</sup> Escreveu:

- *Idea de hum Perfeito Pároco instruído nas suas obrigações e instruindo as suas ovelhas na sólida piedade*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1772-1773; 5 tomos.<sup>98</sup> — *Segunda edição corrigida*, ib., mesmo impressor, 1785 (BJPII: 2 vol.).
- *Observações sobre o ministério parochial feitas por hum párocho a instâncias de outro, no anno de 1796*, Lisboa, Impressão Régia, 1815. Ver o autor nos cap. 9; 10.5 e 15.

**João Barba Rica**, Frei, OCist (1673-1729). Natural de Penamacor, foi mestre em Teologia no Colégio de Coimbra (Barbosa II, p. 602-603). Distinto pregador evangélico. Traduziu do latim:

- *Espelho monástico católico que em discursos moraes, e predicavaes sobre os ditames, que para a vida religiosa, e perfeita escreveo o Melifluo Doutor S. Bernardo no seu Tratado do modo de bem viver*, Lisboa, Mathias Pereira da Sylva e Ioão Antunes Pedrozo, 1721 (BNP, R. 637 P.; A Tradução em Portugal, 520).

<sup>97</sup> Cândido dos Santos apresenta a sua personalidade e doutrina, qualificando-o de “jansenista” e “regalista”, em *Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime*, CITCEM - Ed. Afrontamento, FLUP, Porto, 2011, p. 70-89; Inocêncio III, p. 204; Fortunato III, p. 391.

<sup>98</sup> MARQUES, João Francisco, *Confissão*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C), p. 455, refere esta obra, dizendo: “Ao tratar dos sacramentos, em sua quarta parte (cap. X a XIII), pormenoriza as faltas a confessar, o ministro próprio a considerar, e o sigilo a guardar”.

- Ib., Pedro Ferreira, 1751; 40, 510 p.; 20 cm (A Tradução em Portugal, 864; CBAP, n.º 166).<sup>99</sup>
- Coimbra, Colégio da Companhia de Jesus, 1756; 352 p.; com índice de temas da Escritura desde o Génesis ao Apocalipse: 11 fol. (A Tradução em Portugal, 919; BOCD). Ver o autor no cap. 10.2.

**João de Nossa Senhora da Anunciação**, Frei, OSA (1718-?). Era natural de Leiria. O seu nome de batismo era João de Sousa Castelo Branco. Professou em 1738 (Inocêncio III, p. 426-427). Traduziu do francês:

- *Avisos e reflexoens sobre o que deve obrar hum religioso, para satisfazer ao seu estado... por hum Religioso Benedictino da Congregação de S. Mauro... Quarta edição [sic] mais correcta, e mais ampla, que as precedentes, novamente traduzida na língua portugueza*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1751; 2 vol.; 17 cm (BNP, R. 29127 P. - 29128 P.; BPNM, 2-12-4-18/19; A Tradução em Portugal, 856).
- *Avisos e reflexões sobre o que deve obrar um religioso para satisfazer no seu estado, por um religioso da Congregação de S. Marcos [sic]*, Lisboa, 1758.<sup>100</sup>
- *Segunda edição mais correcta, e mais ampla, que as precedentes*, Coimbra, Oficina de Bernardo Ayres da Cunha, 1768; 2 vol.: 564 e 598 p.; 18 cm (BNP, TR. 5110 P. - 5111 P.; BOCD: Tomo I).
- *Nova edição mais correcta, e mais ampla, que as precedentes*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1778; 4 vol.; 17x11 cm (BNP, R. 29484 P. - 29487 P.; A Tradução em Portugal, 1277). Ver o autor no cap. 8.

**Joaquim de Vale dos Prazeres / Pedro Zaquias de Vale de Jerem** (pseud.), Frei, OFM (?-?). Era natural de Vale dos Prazeres, Alpedrinha. Foi guardião do Convento de Nossa Senhora da Caridade, Sardoal (Barbosa IV, p. 171). Atribui-se-lhe a seguinte obra:

- *Espelho mystico, em que se vem as Dores de Maria Santíssima, e se mostra o método práctico de obsequiar esta Senhora em suas sete Dores*, Lisboa, Manuel Soares, 1749; 5 fol., 446 p.; 14 cm (BNP, R. 25476 P.; Pericão, Bibliografia, p. 265).

<sup>99</sup> No Catálogo da Biblioteca Amorim Pessoa, esta obra foi atribuída a Francisco de Penamacor Barba Rica, irmão deste.

<sup>100</sup> Em CONDE, Antónia Fialho, *Expressões de religiosidade e misticismo no “Jardim Fresco e Ameno” de S. Bento de Castris*, em Vozes da Vida Religiosa Feminina - Experiências, Textualidades e Silêncios (séculos XV-XXI), CEHR, Universidade Católica, Lisboa, 2015, p. 95; a autora refere uma edição de 1758, sem autor, e dizendo em vez de Mauro “S. Marcos”.



**Joaquim Inácio de Frias, Pe.** (1749-1805). Era natural de Olivença. Formou-se na Universidade de Coimbra, tendo sido professor de Retórica em Pinhel. Foi poeta e orador distinto (Inocêncio IV, p. 87-88). Traduziu do francês:

- *Thesouro de Meninas: ou Diálogos entre huma sábia aia, e suas discípulas da primeira distinção... Compreende também esta obra um Compêndio de História Sagrada...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1781; 2.<sup>a</sup> impressão; 476 p.; 14 cm (CBAP, n.º 188: 2.º tomo).
  - *Terceira impressão*, ib., mesmo impressor, 1786; 476 p.; 15 cm (CBAP, n.º 189: 2.º tomo).
  - *Quarta impressão*, ib., mesmo impressor, 1797-1799; autor: Jeanne-Marie Leprince de Beaumont; 2 tomos; 15 cm (BNP, S.A. 2081 P. - 2082 P.).
  - *Quinta impressão*, Lisboa, Impressão Régia, 1807; 15 cm (BNP, S.A. 2083 P.).
  - *Oitava impressão, adornada com oito estampas*, ib., mesmo impressor, 1830; 15 cm (BNP, S.A. 2087 P.; BPNM, 2-14-9-4/5).
  - *Nova impressão, adornada com estampas, e muito melhorada*, Lisboa, Typ. de José Baptista Morando..., 1846; 2 tomos num volume; 16 cm (BNP, S.A. 2238 P.).
  - Ib., mesmo impressor, 1852 (BNP, S.A. 2280 P.).
  - Ib., Viúva Bertrand & C.<sup>a</sup>, 1874-1875; 2 vol. (BNP, S.A. 1790 P. - 1791 P.).
  - Ib., mesmo impressor, 1877; 2 vol.; 17 cm; contém: Tomo I: 19, 300 p., 4 estampas; Tomo II: 334, 2 p., 4 estampas (BNP, S.A. 1792 P. - 1793 P.).
  - *Nova impressão adornada com estampas e muito melhorada*, ib., mesmo impressor, 1883; 16 cm (BNP, S.C. 24929 P. - 24930 P.).<sup>101</sup>
- *Thesouro de adultas: ou diálogos entre huma sábia mestra com suas discípulas da primeira distinção...*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1785; autor: Jeanne-Marie Leprince de Beaumont; 2 vol.; 15 cm (BNP, S.A. 2079 P. - 2080 P.).
  - *Segunda edição*, Lisboa, Oficina de J. F. M. de Campos, 1818; 4 t. em 2 vol.; 15 cm (BNP, S.A. 2085 P. - 2086 P.).
  - Lisboa, Typographia de Costa Sanches..., 1859; 2 vol.; 15 cm (BNP, S.A. 2291 P.).

<sup>101</sup> Pormenores desta obra em MENDES, Paula Almeida, *Itinerários Pedagógicos e Civilidade Cristã na Literatura Didática Feminina em Portugal (Séculos XVIII-XIX)*, Via Spiritus, n.º 18, 2011, p. 89-104.

**José de Jesus Maria** - 1, Frei, OFMCap (1690-1752). Era natural de Arcos de Valdevez. Professou no convento de Loures, onde, mais tarde, veio a ensinar Teologia (Barbosa II, p. 864-865). Escreveu:

- *Espelho de Perfeytas Religiosas*, Lisboa, Oficina José Lopes Ferreira, 1718; 15, 214, 9 p.; 15 cm (BNP, S.C. 5077 P.).  
— Porto, Oficina Manuel Pedroso Coimbra, 1743; 12, 262, 10 p.; 15 cm (BNP, R. 39791 P.).
- Traduziu: *Espelho de disciplina para creação de noviços e novos professos*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1740; autor: S. Boaventura; 16, 339 p.; em 4.º (BNP, R. 630 P.; A Tradução em Portugal, 721).

**José Inácio Roquete**, Frei, OFM (1801-1870). Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete. Em 1833 esteve preso por suspeitas políticas e no ano seguinte retirou-se para Londres e depois para Paris. Escreveu:

- *Tesouro da Mocidade Portuguesa ou a Moral em Acção...*, Paris, Edição J. P. Aillaud, 1846; 3.ª edição; 322 p. (Esc. Sup. Educ. Lisboa, R-Rel-Roq).  
— Ib., V.ª J.-P. Aillaud Monlon, 1857; 300 p.; 18 cm (BNP, L. 103480 P.).  
— 6.ª edição, ib, mesmo impressor, 1860; 300 p.; il.; 18 cm (BNP, L. 32119 P.).  
— 7.ª edição, ib., J. P. Aillaud: Typ. A. Parent, 1865; 300 p.; 18 cm (BNP, S.A. 12304 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1875 (BNP, R. 24075 P.).
- *Livro d'Ouro dos Meninos para servir de introdução ao tesouro da adolescência e da juventude*, Paris, Va. J.-P. Aillaud, Guillard, 1864; 20 cm (BNP, L. 592 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1867; 288, 4 p.; 16 cm (BJPII, 244 ROQ).
- *Thesouro de Meninas: ou Lições d'uma Mãe a sua Filha, á cerca dos Bons Costumes e da Religião...*, Paris, Va. J.-P. Aillaud, Monlon e Ca..., 1855; 440 p.; 18 cm (BNP, S.A. 2288 P.).<sup>102</sup> Ver o autor no cap. 3.2.

**José Maria da Fonseca e Évora**, Dom Frei, OFM (1690-?). Era natural de Évora. Estudou nas Universidades de Évora e Coimbra, respetivamente, Artes e Direito Pontifício (Barbosa II, p. 868-872). Escreveu:

<sup>102</sup> Pormenores desta obra em MENDES, Paula Almeida, *Itinerários Pedagógicos e Civilidade Cristã na Literatura Didática Feminina em Portugal (Séculos XVIII-XIX)*, Via Spiritus, n.º 18, 2011, p. 104-111; sobre o autor e outras obras, ver Inocêncio IV, p. 373-377; XIII, p. 15; Fortunato de Almeida III, p. 393.

- *O Párocho práctico e advertido* (ms). Ver o autor nos cap. 7.1; 11.1 e 15.

**José Miguel João de Portugal** (1706-1775). Foi o 9.º conde de Vimioso. Instruído nos preceitos da Gramática Latina, tropos da Retórica e primores da Poética, assim como na lição da História Eclesiástica e Secular (Barbosa II, p. 878-879; Inocêncio V, p. 74). Escreveu:

- *Instruçam, que o conde de Vimioso Dom Joseph Miguel Joam de Portugal, do conselho de Sua Majestade... dá a seu filho segundo D. Manuel Joseph de Portugal, fundada nas açoens christans, moraes, e políticas dos ecclesiásticos, que teve a sua família*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues Impressor do eminente Senhor Card. Patriarca, 1741; 24, 54 p.; 17x10,5 cm (BPB, Res. 556 A.).

— Ib., mesmo impressor, 1744 (BNP, S.A. 1339 P.; BPB, 556//2 A.). Ver o autor no cap. 10.7.

**José Monteiro de Oliveira** (?-1756). Era natural de Peniche. Inocêncio não refere a obra que aqui deixamos (V, p. 75):

- *Menino instruído em todos os mistérios da nossa Santa Fé*, Lisboa, Miguel Marnescal da Costa, 1758 (BPNM, 2-12-1-5).

**Manuel de São José Lisboa**, Frei, OFM (1757-1780). Escreveu:

- *Caminho de perfeição que escreveo para as suas freiras a Santa Madre Teresa de Jesus fundadora dos mosteiros dos Carmelitas Descalços...*, Anno de 1757; 333 p., 4 fol.; 21 cm (BNP, Cod. 5052). Ver o autor nos cap. 8; 9 e 10.2.

**Martinho de Mendonça de Pina e Proença** (?-1743). Era natural da Guarda, fidalgo da Casa Real, deputado do Conselho Ultramarino, Guarda-mor da Torre do Tombo, bibliotecário do rei D. João V, académico da Academia Real de História... (Inocêncio VI, p. 155; XVII, p. 7). Escreveu:

- *Apontamentos para a educação de um menino nobre*, Lisboa, Oficina de Joseph António da Sylva, 1734; 355 p.; 14 cm (BNP, S.A. 2184 P.).<sup>103</sup>

**Miguel Ângelo**, Pe. (?-?). Traduziu do francês:

- *A Perfeita Religiosa: obra útil a todas as pessoas que aspiram à perfeição...*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreyra, 1789; autor: Miguel António Marín; 15 cm (BNP, TR. 797 P. - 798 P.; A Tradução em Portugal, 1783).

<sup>103</sup> Sobre esta obra e o seu autor, veja-se GOMES, Joaquim Ferreira, *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica, com a edição crítica dos "Apontamentos para a educação de um menino nobre"*, Coimbra, Inst. de Estudos Filosóficos, 1964; 472 p.; 23 cm; tese de doutoramento em Filosofia, Univ. de Coimbra (BNP, H.G. 23971).

**Sebastião de Todos os Santos**, Frei, OCD (séc. XVIII). Escreveu uma obra que foi editada em Vilna (Lituânia):

- *Exemplar Vitae Spiritualis et Perfectionis seu exercitia huius vitae practica pro tironibus carmelitis discalceatis...*, Vilnae, Typis S. R. M. Academicis Societatis Jesu; reimpressa, 1741; 516 p.; 17 cm (BNP, R. 16051 P.).

**Victor Felíssimo Francisco Nabantino**, Frei, OCart (?-?). Era natural de Tomar, onde nasceu no início do século XIX. Foi monge da Ordem de São Bruno e o último a professar na Cartuxa de Évora, antes da extinção das Ordens religiosas. Refugiou-se em Itália (Inocêncio VII, p. 444; XIX, p. 335; XX, p. 16). Traduziu do castelhano:

- *Compêndio do desejoso e por outro nome Espelho de Religiosos...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1833 (A Tradução em Portugal, 4304). Ver o autor no cap. 4.1.

#### Autor anónimo

- *O acólito perfeito*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1779; 2 vol.: 24 e 28 p.; 15 cm (BPARPD, JC Misc. 447/5 Res).

#### Tradutores anónimos

- *Perfeito penitente, segundo as máximas do Senhor Bispo Conde de Verdun...*, Porto, Oficina António Álvares Ribeiro, 1789; 2.<sup>a</sup> edição; autor: Bispo-Conde de Verdun; 10, 160, 9 p. (A Tradução em Portugal, 1787).  
— Porto, 1796 (A Tradução em Portugal, 2109).
- Trad. do francês por B. C. B. B.: *Conduta de uma senhora cristã*, Lisboa, Oficina de António Gomes, 1788; 367 p.; 15x10 cm (BSEA).
- *Jesus Cristo, pela sua tolerância, modelo dos legisladores*, Porto, Oficina de Bernardo António Farrop, 1790; autor: Louis Antoine Caraccioli; 2, 404 p.; 16 cm (BNP, S.C. 5739 P.; BSEA).  
— Ib., Impr. P. R. França, 1794; traduzido do francês com notas do tradutor; 404, 12, 2 p.; 17 cm (BNP, R. 35452 P.; A Tradução em Portugal, 2068).
- *Religião do homem honrado* [Marquês de Caraccioli], Lisboa, Typografia Rolandiana, 1792; 4, 211 p.; 15 cm (BNP, S.A. 1875 P.).
- Trad. por um eclesiástico: *Livro d'Oiro da juventude christã ou Guia seguro para dirigir e formar a alma*, Porto, J. J. de Mesquita Pimentel, s. d.; VIII, 244, 3 p.; 12x8 cm (BNP, R. 26594 P.).

## Bibliografia

- BELCHIOR, Maria de Lurdes, CARVALHO, José Adriano de, e CRISTÓVÃO, Fernando (eds.), *Antologia de Espirituais Portugueses*, IN-CM, Lisboa, 1994.
- DANEMARIE, Jeanne, *Histoire du culte de la Sainte Vierge et de ses Apparitions*, em Je sais - Je crois, Encyclopédie du Catholique au XX<sup>ème</sup> Siècle, Paris, Fayard, 1958.
- DIAS, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal: Séculos XVI-XVIII*, Coimbra, 1960; 2 vol.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, *Espiritualidade*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (C-I), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2002, p. 181-193.
- MARQUES, João Francisco, *A privatização da oração: vocal e mental*, em História Religiosa de Portugal, vol. 2, Círculo dos Leitores, 2000, p. 603-664.
- MORUJÃO, Isabel, *Contributo para uma Bibliografia cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos séculos XVII e XVIII (impressos)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 1995.
- PERICÃO, Maria da Graça, *Bibliografia Mariana Portuguesa dos séculos XVII e XVIII*, em Didaskalia 20/1 e 2, 1990 [Pericão, Bibliografia].
- PERRONE, Ioannes, SJ, *De Immaculato B. V. Mariae Conceptu an Dogmatico Decreto Definit Possit Disquisitio Theologica...*, Lisboa, Typografia Regiis Lusitanis, 1849; 278 p; 20x15,5 cm (BPH).
- VIANNA-DIAS, Mário, e MELLO-E-SOUSA, Ana Maria de, *Visões Míticas do Paraíso*, em Congresso Internacional de História – Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas, Actas, vol. II (África Oriental, Oriente e Brasil), Universidade Católica, Braga, 1993, p. 629-646.

## Conclusões

1. Na *Espiritualidade*, estamos a contar com o capítulo mais longo, com 10 subtemas, sobre outras tantas tipologias de espiritualidade. À primeira vista, parece estranho que os séculos das crises sejam também os da espiritualidade. Isto significa que as crises não são alheias, nem sequer contra a espiritualidade. Pelo contrário, quanto maior for a crise mais a espiritualidade cristã é verdadeira, pois é na dificuldade que se prova a virtude. Talvez este fenómeno seja devido igualmente à generalização da escrita e da leitura, por um lado, e ao aperfeiçoamento das artes tipográficas, por outro.

2. Uma segunda conclusão, que o elenco dos subtemas ou tipologias de espiritualidade manifesta, é o seguinte: assemelha-se muito ao que constatámos nos dois séculos anteriores e que está exarado no vol. III, cap. 12, desta coletânea (p. 591-706). Para além do movimento espiritual da *Jacobeia* e do *Contemptus mundi* é praticamente tudo igual.<sup>104</sup> Isto tem um significado: os católicos, sem o acesso direto à Bíblia, seguiram pelas diferentes vias onde ela se encontra, mais ou menos direta ou indiretamente:

- Espiritualidade em geral: 104 autores e 397 obras.
- Espiritualidade mística: 24 autores e 53 obras.
- Espiritualidade eucarística: 22 autores e 39 obras.
- Espiritualidade da Paixão de Cristo: 14 autores e 56 obras.
- Espiritualidade penitencial: 40 autores, com 132 obras.
- Espiritualidade mariana: 58 autores, com 130 obras.
- Espiritualidade devocional: 23 autores, com 55 obras.
- Espiritualidade dos “Últimos fins”: 30 autores e 67 obras.
- Literatura de espelho: 20 autores e 55 obras.

3. Pelo que acabamos de afirmar, é normal que este capítulo assumia um especial relevo no que toca ao número de autores e obras, situando-se em 335 autores com umas 984 obras. Este capítulo bateu o recorde entre todos os outros deste volume. Este recorde quantitativo é-o certamente também qualitativamente, no sentido em que o espírito cristão é capaz de enfrentar todos os inimigos e crises. Concretamente: a Igreja Católica em Portugal, apesar de todas as dificuldades que lhe foram colocadas, soube superá-las, mantendo-se fiel à sua fé, num clima de espiritualidade, de santidade cristã. É a interpretação que se pode dar a este grande número de autores e obras. Mas é também um apelo às gerações atuais que enfrentam dificuldades bem mais perigosas que os católicos dos séc. XVIII-XIX.

4. No que diz respeito aos referidos subtemas, vejam-se ainda as introduções e conclusões que, eventualmente, fizemos para cada um deles.

<sup>104</sup> No que diz respeito ao *Contemptus mundi*, como tem um único autor, contou apenas para o número de obras, com 31 edições (ver 10.6.1.).

## Capítulo 11

### Bíblia e liturgia

O termo grego “leiturgia” significa, normalmente, um serviço público prestado à comunidade. O termo foi utilizado pela Igreja para significar toda a oração da comunidade eclesial; mais tarde, a encíclica *Mediator Dei* (20.09.1947) de Pio XIII designa como liturgia:

“o culto público que o nosso Redentor, como Cabeça da Igreja, presta ao Pai, e também o culto prestado pela comunidade dos fiéis, ao seu Chefe e, por Ele, ao Pai eterno; numa palavra, é o culto integral do Corpo místico de Jesus Cristo, isto é, do seu Chefe e dos seus membros”.<sup>1</sup>

Ora bem, o conteúdo da oração que se faz neste culto cristão é praticamente todo bíblico: os Salmos e os textos de outros livros da Bíblia, além de orações referentes à Bíblia ou nela inspiradas. Portanto, poderíamos dizer que a liturgia cristã é toda ela bíblica; mas com um pormenor importante: não se trata de textos bíblicos para ler e estudar, mas de textos que, depois de estudados, são rezados, meditados, vivenciados, qual alavanca que levanta o homem terreno até ao mundo do divino. Por isso, se fala, por vezes, da “divina liturgia”. Para o crente, e como reafirma o concílio Vaticano II, a liturgia é o lugar mais apropriado para “ler” a Bíblia e é dela que são extraídos os textos utilizados na liturgia. Por este e outros motivos, há uma íntima ligação entre liturgia e Bíblia. A Bíblia tem vários tipos de leitura, mas é na liturgia que ela ganha o sentido cristão mais elevado e o mais tipicamente cristão: a Bíblia foi escrita para um povo, para uma comunidade e é numa comunidade crente que ela ganha todo o sentido:

“É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração litúrgica. A ela se vão buscar os textos para a leitura e explicação na homilia e os Salmos para cantar; com o seu impulso e da sua inspiração nasceram orações, preces e hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação os sinais e as ações sagradas. Para promover a reforma, o progresso e a adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele suave e vivo amor

---

<sup>1</sup> Denzinger, n.º 3841.



da Sagrada Escritura, de que dá testemunho a sagrada tradição, tanto dos ritos orientais como ocidentais” (Concílio Vaticano II, *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, n.º 24).

Isto não significa que os outros modos e espaços de ler a Bíblia não sejam bons e mesmo ótimos; mas, para o cristão, a celebração da Palavra, meditada em clima de fé, é aquele que melhor nos revela os segredos escondidos dessa Palavra, inspirada pelo Espírito de Deus, mediante a qual, Ele fala à humanidade. Não é possível fazer liturgia sem a Bíblia; mas esta também necessita de ser lida em ambiente litúrgico para revelar plenamente aquilo que é: palavra de Deus que fala à comunidade cristã reunida em clima de fé.<sup>2</sup>

Talvez porque a Bíblia “invade” toda a vida litúrgica cristã, este capítulo tem subcapítulos de várias tipologias, que representam os modos como ela é utilizada na Igreja Católica (e também noutras Igrejas cristãs). Estes subcapítulos ajudam-nos a organizar o imenso material litúrgico existente e são os seguintes:

- 11.1. Autores que coordenaram ou editaram obras litúrgicas
- 11.2. Breviários
- 11.3. Horas Canónicas
- 11.4. Ofício Divino
- 11.5. Rituais
- 11.6. Missais
- 11.7. Cerimoniais
- 11.8. Pontificais
- 11.9. Processionários
- 11.10. Saltérios
- 11.11. Obras litúrgicas do Arquivo do Cabido da Sé de Braga.

Vejamos, então, primeiramente os autores que produziram, editaram ou traduziram obras litúrgicas, para verificarmos, depois, a grande quantidade de obras das várias tipologias.

### **11.1. Autores que coordenaram ou editaram obras litúrgicas**

Estas, oficialmente, são da Igreja Católica.

<sup>2</sup> Sobre a relação da Bíblia com a Liturgia, ver *Bible et Liturgie*, em Vv., *Dictionnaire Encyclopédique de la Liturgie*, t. I, Brepols, 1992, p. 129-144. Foi precisamente a renovação do movimento bíblico, no início do séc. XX, que fez da palavra de Deus a alma da liturgia.

**Afonso de Monroy**, Frei, OST (?-1701). Era natural de Lisboa. Devido aos seus dotes oratórios foi escolhido para pregador geral da sua Ordem. Também se dedicou ao estudo das cerimónias eclesíásticas (Barbosa I, p. 46). Assim sendo, escreveu:

- *Ceremonial Eucharístico composto pelo... & Mestre das Ceremónias do Convento de Lisboa*, Lisboa, Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1706; 304 p.; 15,2x12,5 cm (BNP, R. 39479 P).

**António Álvares**, Pe., CO (1735-1807). Nasceu em Lisboa e entrou na sua Congregação em 1753. Como homem de vasta cultura, escreveu obras de carácter jansenista e outras (Inocêncio I, p. 84). Ainda escreveu:

- *Officio da sempre pura e imaculada Virgem Maria... May de Deus e Advogada dos pecadores*, Lisboa, 1763; sem nome de autor. Ver o autor nos cap. 6.1.1; 9 e 13.1.

**António Carneiro**, SJ (1662-1737). Era natural de Lisboa, onde foi admitido na Companhia de Jesus em 1676 (Barbosa I, p. 231-232). Escreveu:

- *Novena do Natal, ou preparação devota para festejar espiritualmente o Nascimento do Menino Deus*, Lisboa, Oficina da Música, 1726. Ver o autor nos cap. 10.2 e 10.5.

**António da Silva Leite** (1759-1833). Nasceu no Porto. Segundo Ernesto Vieira, foi “O mais notável músico portuense dos fins do século XVIII e princípios do século XIX” (Ernesto Vieira II, p. 19-23; Inocêncio I, p. 270; VIII, p. 305; XXII, p. 358). Além de muitas obras de música, escreveu:

- *Novo Directório fúnebre, dividido em duas partes. A primeira contém a tradução litteral de todas as rúbricas das exéquias, não só do Ritual romano de Paulo V, reformado por Benedicto XIV, mas também de algumas outras do Cerimonial dos bispos, e do Pontifical romano, com notas dos mais clássicos liturgistas. A segunda contém as cantorias fúnebres, que são determinadas pelas rubricas, notadas em rigoroso cantochão...*, 1806. Ver o autor nos cap. 10.2; 10.6; 12.1 e 12.2.

**António de São Luís** (?-?). Escreveu:

- *Mestre de cerimónias, que ensina o rito romano, e seráfico aos religiosos da reformada e real província da Imaculada Conceição no reino de Portugal...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1780; 12, 394 p.; 30 cm (CBAP, n.º 1960).

**António Garcia Ribeiro de Vasconcelos**, Pe. (1860-1941). Nasceu na freguesia de São Paio de Gramaços (Oliveira do Hospital). Em 1885, foi ordenado sacerdote. Foi o primeiro Presidente da Academia Portuguesa da História (1936-1941). Doutor e lente catedrático em Teologia pela Universidade do Coimbra. Com a extinção desta faculdade pela 1.ª República, transitou para a Faculdade

de Letras, onde foi o seu primeiro diretor. Foi grande investigador no domínio da Literatura Portuguesa e da Liturgia, deixando vasta obra literária.<sup>3</sup> Desta última temática, temos:

- *Compêndio de liturgia romana*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898; 526, 97, 501 p.; 20x14 cm (BNP, R. 3387 V.: vol. I; BSEA).
  - Ib., mesmo impressor, 1900; 2 vol.; em 8.º (BNP, R. 3436 V. - 3437 V.).
  - 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1902; 501, 47 p.; 21x15 cm (BSG).
- *Calendarium et Ordo Officii Divini recitandi Sacrique peragendi anno Domini MDCCCXVI*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1905; 4 vol.; para as dioceses de Coimbra, Lamego e Bragança e ainda para a Colegiada de Guimarães.
  - Para as dioceses de Coimbra, Lamego e Bragança e ainda para as Colegiadas de Guimarães e Cedofeita, ib., mesmo impressor, 1906; 5 vol.
  - Ib., mesmo impressor, 1907; 5 vol.
  - Para as dioceses de Coimbra, Lamego, Bragança e Funchal, e ainda para a Real Capela da Universidade, para a Colegiada de Guimarães e Cedofeita, ib., mesmo impressor, 1908; 7 vol.
  - Ib., mesmo impressor, 1909; 6 vol.; em 8.º; feito para as mesmas dioceses do anterior.
  - Ib., mesmo impressor, 1910; 6 vol.; para as mesmas dioceses já citadas.
  - Ib., mesmo impressor, 1911.
  - Foi sendo editado no mesmo lugar e mesmo impressor nos anos de 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, etc.
- *Calendarium Ecclesiasticum Brigantinum...* 1906, Conimbrigae, Typis Academicis, 1905 (BNP, R. 4756 V.).
- *Calendarium et Ordo Officii Divini recitandi... ad usum ecclesiarum et clericorum Brigantinae Dioceseos Anno Domini MDCCCXVIII* [1908-1910], Conimbricae, Typis Academicis 1907-09 (BNP, R. 22693 P.; BPMP, SA-A-2 [3]).
- Revisor de: *Pequeno Manual de cerimónias para uso dos seminaristas*, Évora, Gráfica Eborense, 1933; 124 p.; 17 cm (BNP, R. 25346/10 P.). Ver o autor nos cap. 5.9; 6; 8; 9 e 22.3.

<sup>3</sup> Sobre o autor, ver PERES, Damião, *Prof. Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos*, em Revista Portuguesa de História I, 1941, p. 7-9; ib., *Bibliografia do Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos*, p. 11-47; SOARES, Torquato de Sousa, ib., II, 1943, p. 7-23; RODRIGUES, Manuel Augusto, *Memória das Cerimónias da Catedral de Coimbra*, Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, I, p. 267-294; Inocência XX, p. 221.

**António José Afonso** (?-?). Escreveu:

- *Directório prático para a festividade da primeira comunhão dos meninos*, Lisboa, Tip. João Baptista Morando, 1859; 7, 42 p.; 15x10 cm (BSEA).

**António Teixeira de Magalhães** (ca. 1760-1831). Nasceu em Braga ou arredores. Recebeu as Ordens Menores, mas abandonou a carreira eclesiástica. Foi professor de língua grega em Braga e no Porto, por Carta Régia de D. Maia I. Por isso, aparece oficialmente como “Professor Régio de Língua Grega na Cidade do Porto” (Inocêncio I, p. 280; VIII, p. 312-313). Traduziu:

- *As Epístolas e Evangelhos com várias orações próprias que se leem na missa em os Domingos e Festas do anno conforme o uso do Missal Romano... Traduzidas em vulgar...*, Porto, Oficina de Bernardo António Farrop, 1790; 2 tomos; em 8.º.  
— Lisboa, Tip. Rolandina, 1818; 2 vol.: 444, 3, 8 e 439, 5 p. (CBAP, n.º 246: 2.º vol.; A Tradução em Portugal, 3494). Ver o autor no cap. 3.2.

**António Tomás dos Reis**, Pe. (?-?). Segundo Inocêncio, foi “mestre de cerimónias na Sé primacial de Braga” (VIII, p. 314). Refere a seguinte obra:

- *Methodo da liturgia bracarense, em que se expõem fundamentalmente e com clareza o modo de celebrar com a devida perfeição o Sacrossanto Sacrificio da Missa assim rezada como cantada...*, Braga, Typografia Bracarense, 1837; 4, XVI, 46, 248 p.; 20 cm (CBAP, n.º 1810)

**Bernardo da Anunciação**, Frei (1715-1773). Foi professor de Sagrada Escritura (Antigo Testamento) após a reforma pombalina.<sup>4</sup> Foi o compilador de:

- *Collectio Institutionem Academiae Liturgicae Pontificiae exhibens, atque Lucubrationes Anni 1758. In Hanc Formam Redacta per D. Bernardum ab Annuntiatione, Canonikum Regularem Lateranensem Reformatae.*  
— *Collectio Academiae Liturgicae Pontificiae exhibens Lubrationes anni 1759.*  
— Ib., *annus III, anni 1760*; 8, 348 p.; 27 cm (FacFil, R77-D-7).  
— Ib., *annus IV, anni 1761*; 8, 614 p.; 27 cm (FacFil, R77-D-6).  
— Ib., *annus V, anni 1761*; 8, 722 p.; 27 cm (FacFil, R74-F-12).  
— Ib., *annus VI, anni 1762*, Coimbra, ex Praelo Academiae Liturgicae, 1762; 8, 364 p.; 27 cm (FacFil, R74-F-11).
- *Congregationis Sanctae Crucis*, Coimbra, Tipografia da Academia Pontifícia, 1747-1767; 5 vol.; 25 cm (BNP; FacFil, R74-F-10).

<sup>4</sup> Rodrigues, A Cátedra (1640 a 1910), p. 93, n. 11).

**Caetano Maria Merati**, Pe. (?-?). Escreveu:

- *Resumo breve de algumas palavras duvidosas que se acham no Missal... Romano*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Durceu, 1791; 36 p.; 13 cm (BNP, L. 6921//1 P.; BPARPD, JC Misc.452/2 Res.).

**Custódio da Silva Barbosa** (séc. XVIII). Traduziu do francês:

- *Epitome dos princípios da moral, e das regras de direção que um sacerdote deve seguir para bem administrar os sacramentos*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1779; autor: Jean Daguerre; 4 fol., 405 p.; 15 cm (BNP, R. 13149 P.; A Tradução em Portugal, 1328).
  - *2.<sup>a</sup> impressão correcta e augmentada com huma direcção para os confessores, e penitentes*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1785; 8, 432 p.; 15 cm (BNP, S.A. 468 P.).
  - Coimbra, Oficina da Universidade, 1792 (BNP, R. 23433 P.; A Tradução em Portugal, 1963).
- *Explicação das orações e cerimónias da missa*, 1781 (BNP; A Tradução em Portugal, 1378). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.7; 10.10 e 22.4.

**Eduardo Coelho Ferreira** (ca. 18??). Escreveu:

- *O santo sacrificio: esboço apologetico e litúrgico para uso dos fiéis*, Lisboa, Typ. do Anuário Comercial, 1917; com pref. de João Evangelista de Lima Vidal; XX, 404 p.; 20 cm (BNP, R. 34680 P.; BSEA).
  - *2.<sup>a</sup> edição*, ib., Tip. União Gráfica, 1950; 399 p.; 19 cm (BNP, R. 31191 P.).
- *Semana Santa e Semana Paschal: Missas de Todos os Dias: Officios Completos desde Quinta-Feira Santa até Sabbado In Albbis*, Lisboa, Typ. do Annuario Commercial, 1920; texto latino tr. acompanhado de pequenas notas litúrgicas, 6 fol., 500 p.; 17 cm (BNP, R. 35015 P.).

**Fortunato dos Santos Neto** (séc. XVIII). Inocêncio refere o autor, assim como a obra, mas desconhece os seus dados biográficos (II, p. 316). Escreveu:

- *Paraíso de divinas flores, ou Horas Lusitanas, onde existem vinculados a hum aggregado suavíssimo os officios do SS. Sacramento, do Menino Jesus...*, Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1783; 510 p.; il.; 13 cm (BNP, R. 39752 P.).
  - Ib., mesmo impressor, 1816; 440 p.
  - Ib., Oficina de Lacerda, 1825; 14 fol., 442 p.; 12,5 cm (BNP, R. 25477 P.).

**Francisco Alexandre Lobo**, Dom Frei, OSB (1763-1844). Era natural de Beja. Doutorou-se em Teologia na Universidade Coimbra, onde veio a ser lente. Foi

bispo de Viseu (Inocêncio II, p. 324 e 476). Escreveu várias obras de tipologia litúrgica.

- *Instrução Pastoral sobre a administração dos Sacramentos: datada de 20 de Janeiro de 1821*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1821.
- *Declaração breve das rubricas gerais do missal romano*, Lisboa, Impressão Régia, 1828; 136 p.; 18 cm (BNP, R. 8243 P.; BPNM, 2-71-10-10).
- *Declaração Breve do cômputo eclesiástico e rubricas gerais do Breviário romano para uso dos mancebos que se dispõem a receber a ordem do subdiaconado*, Lisboa, Imprensa Régia, 1827; 124 p.; 18x12 cm (BSEA). Ver o autor em 3.1.

**Francisco António Rodrigues de Azevedo**, Pe. (1809-1897). Natural de Coimbra, frequentou a Faculdade de Teologia na sua cidade, doutorando-se em 1838; também aí foi lente (Inocêncio II, p. 343; IX, p. 258). Deixou-nos:

- *Cerimonial simplificado: rito bracarense das três grandes bênçãos: candeias, cinzas e ramos realizadas nas igrejas menores*, Braga, 1955; 48 p.; 18 cm; em apêndice: texto litúrgico das partes responsoriais (BNP, R. 31552//10 P.).
- *Ordo: divini officii recitandi missaeque celebrandae juxta calendarium ecclesiae Bracarensis...* 1956, Bracarae, Tipografia Oficina S. Joseph, 1955; 133, 16 p.; il.; 17 cm (BNP, R. 41721 P.; BPMP, SA-A-2 [17]). Ver o autor nos cap. 6 e 14.

**Francisco de Jesus Maria Sarmento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocêncio II, p. 394; IX, p. 309). Escreveu:

- *Horas preciosas, empregadas na lição e meditação dos venerandis mistérios da paixão e morte do Nosso Redemptor Jesus Christo...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1783; 21, 350 p.; 17 cm (BNP, R. 27925 P.; BJPII, 232 SAR).
- *Horas Marianas, ou Offício Menor da Ss. Virgem Maria Nossa Senhora: Instituído, Reformado, Aprovado pela Santa Igreja, e exposto no idioma português*, Lisboa, Oficina Simão Thadeu Ferreira, 1720.

— 2.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, Régia Officina Typográfica 1775; 389 p.; 15 cm (BNP, R. 29301 P.); ib., 1776.

— Ib., Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1785; 24, 310, 2 p.; 15 cm (BNP, R. 7481//1 P.).

— Ib., mesmo impressor, 1820.

— 19.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1796; 295, 5 p.: il.; 14 cm (BNP, R. 33569 P.).

- 20.<sup>a</sup> impressão, ib., 1798.
  - 22.<sup>a</sup> impressão, ib., Oficina Typográfica, 1803; 13 cm (BNP, R. 27174 P.).
  - Ib., Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1813; 310 p.; 13 cm (CBAP, n.º 1976).
  - Ib., mesmo impressor, 1820 (BNP, R. 28397 P.).
  - 31.<sup>a</sup> impressão, ib., Impr. Régia, 1824; 24, 310 p.: il.; 14 cm (BNP, R. 36294 P.).
  - 32.<sup>a</sup> impressão, ib., 1836; teve outras edições posteriormente (Fortunato de Almeida III, p. 394).
  - *Horas anuais empregadas na lição e meditação da história e da doutrina das principais festividades de Cristo N. S. e de sua Santíssima Mãe*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1776 (BGUC; Pericão, Bibliografia, p. 413).
  - *Horas da Semana Santa, empregados na Lição e Meditação dos Principais Ofícios e Sagrados Mistérios deste Santo Tempo*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1775 (BNP, R. 26135 P.).
  - 2.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1776; 463 p.; 15 cm (BNP, R. 29299 P.).
  - Ib., mesmo impressor, 1786; 570, 6 p.: il.; 14 cm (BNP, Res. 3046 P.).
  - 9.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1793; 584, 4 p.; 14 cm (BNP, Res. 6660 P.).
  - 11.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1799; 584 p.; 13 cm (BNP, R. 33571 P.; A Tradução em Portugal, 2190).
  - 13.<sup>a</sup> impressão, ib., Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1804; 548, 3 p.
  - 15.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1814; 584 p.: il.; 14 cm (BNP, R. 28842 P.; BSME; A Tradução em Portugal, 3136).
  - Ib., 1818.
  - Ib., Imprensa Régia, 1828 (BPNM, 2-71-12-2).
  - *Ofício Pequeno da Santíssima Virgem Maria*, Porto, Tip. de Manuel L. de Saura Ferreira, 1885; 228 p.; 10 cm (BNP, R. 29023 P.). Ver o autor no cap. 3.2.
- Francisco Gomes da Fonseca**, Pe. (ca. 1786). Inocêncio refere o autor e a obra, mas desconhece a sua biografia (II, p. 387). Foi o ed. lit. de:
- *Hymnodia Lusitana, ou os hymnos traduzidos em poema português concernente ao texto e metro latino adjunto, segundo a série do Breviário Romano...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1786; 12, 236 p.; 20x15 cm (BNP; BSEA; A Tradução em Portugal, 1629).



— Ib., mesmo impressor, 1789; 236 p.; 22 cm (BNP, DOD A.3/74).

**Francisco Rafael da Silveira Malhão** (1794-1860). Nasceu em Óbidos, estudou no Seminário de Santarém e veio a ser pároco na sua terra natal, onde sempre viveu (Inocêncio III, p. 40; IX, p. 366-67). Escreveu:

- *Himnos Sagrados a Nossa Senhora da Nazareth para se recitarem na ocasião de sua Festa na Villa de Maíra e Romagem ao Sítio da Nazareth em 1841*, Lisboa, Typ. da A. das Bellas Artes, 1841; 4 p. (BNP, L. 600 A.).
- *Loas ou hymnos sagrados com que os habitantes da Villa d'Obidos conduzem em triunfo ao sítio de Pederneira a imagem de N. S. da Nazareth no anno de 1843*, Lisboa, Imprensa de Galhardo & Irmãos, 1843; 16 p. (BNP, L. 601//8 A.).

— Ib., Imprensa Nacional, 1852 (BNP, L. 1138/54 A.).

- *A lira cristã*, Lisboa, Mattos Moreira, 1876; 288 p.; 21 cm (BNP, L. 22641 P.); nesta obra encontramos:

paráfrases aos *Trenos* ou *Lamentações de Jeremias* (5 cap.), p. 11-65; e a onze

*Salmos* [1-4, 6, 31, 37, 50, 101, 129, 142], p. 67-104;

uma poesia: *Paixão de N. S. Jesus Cristo*, p. 107-108;

uma ode de L. Racine traduzida em verso: *As Lágrimas da Penitência*, p. 109-118;

uma *Oração*, p. 119-123;

*Hymno Eucharístico*, p. 124-130;

uma tradução das poesias: *À Santíssima Virgem*, p. 146-147 e *À Puríssima Conceição de Nossa Senhora*, em 5 cantos, p. 155-173.

Ver o autor nos cap. 12.2; 14 e 22.5.

**Francisco Vilela** (?-?). Escreveu:

- *Horas Portuguesas do Ofício da Virgem Maria Nossa Senhora... e Oratório Manual de celestiais exercícios e orações tiradas de vários santos*, Lisboa, Oficina de João de Aquino Bulhões, 1779; 13 cm (BNP, R. 19251 P.).

— Ib., Oficina de Fernando José dos Santos, 1784 (BNP, R. 8138 P.).

— Ib., Oficina Simão Thaddeo, 1785 (BNP, R. 24467 P.).

— Ib., Oficina Joaquim Rodrigues, 1813; 13 cm (BNP, R. 18899 P.).

**Francisco Xavier de Santana**, Frei, OFM (18??). Editou:

- *Cerimonial eclesiástico segundo o rito romano*, Lisboa, Oficina Manescal da Costa, 1743; 10, 628 p.; 30x20 cm (BSEA). Ver o autor nos cap. 3.2 e 19.

**Inácio Barbosa Machado** (1686-1766). Era natural de Lisboa. Estudou Jurisprudência na Universidade de Coimbra. Exerceu o cargo de juiz de fora em

Almada, indo depois para o Brasil (Baía) com o mesmo cargo. Mais tarde regressou a Portugal (Barbosa II, p. 532; IV, p. 165; Inocêncio III, p. 204). Escreveu:

- *História Crítico-Chronológica da Instituição da Festa, Procissão, e Offício do Corpo Santíssimo de Christo...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1759; 22, 216 p.; 30x21 cm (BNP, H.G. 1071 A.; BSEA).

**João Baptista de Castro, Pe.** (1700-1775). Foi presbítero secular e viveu algum tempo em Roma. Escreveu várias obras de caráter religioso, moralizante e geográfico. Na BPE, encontra-se o seguinte manuscrito:

- *Hymni totius anni festivitatum cum sensu literali seu grammaticali, scripti a Josepho Alz Botelho, salutis anno 1717*. Ulisipone.

“Este título está emendado por letra do Padre João Bautista de Castro, d’esta maneira: ‘Hymni, etc. per Joannem Baptistam de Castro, anno 1739.’ É o texto latino dos hymnos com a versão portuguesa interlinear”; 64 fol.; em 4.º (Cod. CXII/1-19, d. a fl. 23).<sup>5</sup> Ver o autor nos cap. 4.2; 7.4.2; 10.2; 13.1 e 22.1.

**João de São José do Prado, Frei, OFM (?-?).** Era natural de Lisboa. Sabe-se que professou no seu instituto a 19 de março de 1706. Foi mestre de cerimónias no real Convento de Santo António de Mafra (Inocêncio III, p. 391). Escreveu:

- *Instrução eclesiástica ou modo práctico das Cerimónias da Missa*, Lisboa, Oficina dos Herd. de António Pedroso Galram, 1748; 3.ª edição; 20, 279 p.; 20 cm (BNP, Res. 4147 V).

— Ib., Oficina Manuel Coelho Amado, 1760; 232 p.; 20x14 cm BSEA). Ver o autor no cap. 10.3.

- Editou: *Cerimonial moderno da província da Arrábida, segundo o rito romano e seraphico, distribuído em nove tractados do coro e altar, e de algumas acções particulares, dirigidas à reforma da mesma província*, Lisboa, Oficina de Francisco da Silva, 1752. Ver o autor no cap. 10.3.

**João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, Dom** (1815-1889). Ingressou na vida eclesiástica no Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, mas por expulsão do seu corpo docente foi estudar Direito na Universidade de Coimbra. Veio a ser bispo de Angra em 1871 (Inocêncio X, p. 307). Escreveu:

- *O Culto Cathólico com solenidade sem ministros sagrados*, Angra do Heroísmo,

<sup>5</sup> Em Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 45; sobre o autor, ver Barbosa II, p. 596-597; IV, p. 503; Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 263; Inocêncio III, p. 300-302; X, p. 172; Fortunato de Almeida III, p. 393.

Typ. Virgem Immaculada, 1885; 20 cm (BNP, R. 23253 P.; BSEA). Ver o autor nos cap. 7.4.3; 9; 10.5 e 14.

**João Mendes da Fonseca** (?-?). Era natural de Lamego e veio a ser cónego da catedral da mesma cidade (Inocêncio III, p. 420). Foi o editor literário de:

- *Instruções prácticas, e necessárias sobre os ritos, e cerimónias das missas, rezada, e cantada: nas quaes se dá aos sacerdotes hum método fácil, e abbreviado para celebrar com perfeição, e uniformidade os sagrados mysterios: com huma breve explicação dos mystérios de Incruento Sacrificio*, Porto, Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1787; 16, 386, 6 p.; 15 cm (FacFil, R66-D-2).

**João Rebelo Cardoso de Meneses** (1832-1890). Organizou:

- *Cerimonial segundo o rito romano que deve observar se na tercia e missa conventual cantada na capella do seminário conciliar bracarense...*, Braga, Typografia Lusitana, 1879; 29 p.; 22 cm (BNP, R. 11018//10 V.; CBAP, n.º 1375).

**Joaquim Bernardes de Santa Ana**, CRSA (1692-ca. 1770). Era natural de Lisboa. Sobrinho do Pe. Manuel Bernardes. Viveu algum tempo em Madrid onde se destacou na pregação e na poesia (Inocêncio IV, p. 69; XII, p. 24). Escreveu:

- *Dissertação crítica, histórica, e litúrgica sobre a nota do prelado Nicolao Antonelli ao antigo missal romano monástico lateranense em o dia 22 de Fevereiro, em que a universal Igreja celebra a cadeira de S. Pedro em Antiochia*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1769; 12, 19045 [sic] p.; 22 cm (BJPII, 264(049) JSA). Ver o autor nos cap. 8 e 14.

**Joaquim José da Costa e Sá** (ca. 1740-1803). Era natural de Lisboa. Foi aluno de gramática e língua latina do Pe. António Pereira de Figueiredo e, mais tarde, professor destas matérias com grande sucesso (Inocêncio IV, p. 97-102). Traduziu:

- *Officio de defunctos, traduzido em português* (ms). Ver o autor nos cap. 4.1; 15 e 17.

**José Caetano de Sousa**, Frei, OCD (1717-1798). Foi doutor e lente de Teologia na Universidade de Coimbra. Inocêncio refere algumas das suas obras (IV, p. 286), mas não a seguinte:

- *Officia sanctorum*, Lisboa, Francisco Luís Ameno, 1782; 553 p.; 16x10 cm (BSEA).

**José da Assunção** - 1, Frei, OSA (?-1751). Era natural de Lisboa e professou em 1695. Foi prior no Convento da Graça, Torres Vedras, e Definidor da Província (Inocêncio IV, p. 250). Foi autor de:

- *Hymnologia Sacra em seis partes igualmente divididas*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1738-1749; 3 vol.; 20 cm (BJPII, GOER-Hb 208; FacFil, R64-A-10; BPNM, 2-71-6-14/16; BSEA; CBAP, n.º 133 e 134: Parte I e III).
  - Parte I, *na qual com grande variedade de textos da Escritura, autoridade dos Santos Padres e muitas notícias... se explanam todos os hinos do tempo do Breviário Romano e alguns mais de Santos que, por devoção, se acrescentaram*, Lisboa, 1738.
  - Parte II, *na qual de explanam todos os hinos dos Santos que nos primeiros seis meses se contém no Breviário Romano, Augustiniano e dos RR. Padres Carmelitanos e Franciscanos*, Lisboa, 1744.<sup>6</sup>
- *Martyrologium Augustinianum in tres partes aequalitere distributum in quo summa latitudine et amplitudine innumerabiles... sancti, beati et venerabiles qui in augustiniana religione claruerunt per singulos totius anni dies referuntur...*, Lisboa, 1743; 29 cm (BNP, TR. 874 V.: Pars Secunda).

**José Inácio Pinheiro** (?-?). Escreveu:

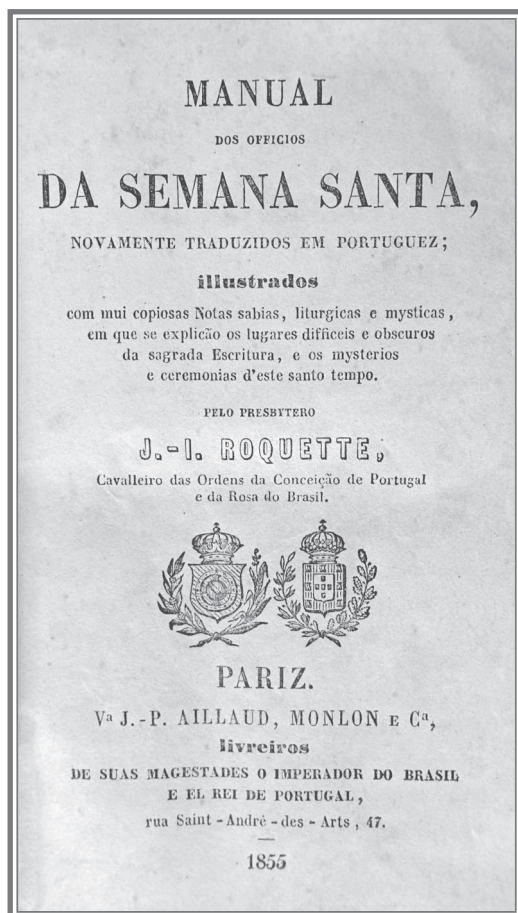
- *Officia nova sanctorum in ecclesia universali et Regno Portugalliae celebranda ordinata*, Lisboa, Livraria Catholica de Joaquim A. Pacheco, [1889]; 6, 197, 5 p.; em 8.º (BSL).

**José Inácio Roquete**, Frei, OFM (1801-1870). Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete. Foi lente de Sagrada Escritura no convento de Xabregas. Em 1833 esteve preso por suspeitas políticas e no ano seguinte retirou-se para Londres e depois para Paris.<sup>7</sup> Escreveu:

- *Novas Horas Marianas ou Offício Menor da Ss. Virgem Maria Nossa Senhora: Novamente Traduzido e Devocionário mui completo de Orações e Exercícios de Piedade*, Paris, 1854; 19, 15, 672 p.; 14x9 cm (BNP, R. 37440 P.; BOCD).
  - *Novíssima edição*, Paris - Lisboa, Aillaud & C.ª, 1908; XIX, 12, 845 p., 2 fol. est.; il.; 12 cm (BGUC, 9-(2)-1-50-25).
- *Horas Marianas pequenas para uso da mocidade contendo exercícios quotidianos, orações para a missa...*, Paris, 1854, seguido de outras edições (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- *Manual da Semana Santa, para assistir aos Offícios que celebra a Santa Igreja nas*

<sup>6</sup> Inocêncio diz: "Parece-me ter visto impressa a parte 3.ª; porém, não ousou affirmá-lo" (IV, p. 250).

<sup>7</sup> Ver Inocêncio IV, p. 373-377; XIII, p. 15; XVI, p. 103; Fortunato de Almeida III, p. 393.



*Horas Matutinas dos Veneráveis, e Principaes dias de Domingo de Ramos, Quarta Feira de Trévas, Quinta Feira Santa e Sexta Feira de Paixão*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1790; 286 p.; 12 cm (BNP).

— Ib., Impr. Régia, 1817; 264 p.; 14 cm (BNP, R. 36292 P.).

— Outro título: *Manual dos Offícios da Semana Santa*, Paris, Livr. Portuguesa de J. P. Aillaud, 1847. Novamente traduzidos em português por J. I. Roquette; 12, 631 p., 2 fol.; 15 cm (BNP, R. 9246 P.).

— Lisboa, Aillaud Alves, [1915?]; 16, 574 p.; 13 cm (BJP II, SARD-0559).

- *Manual da Missa e da Confissão*, Paris, J. P. Aillaud, 1837 (BNP, R. 27381 P.).
- *Manual abreviado da missa e da confissão*, Paris, Aillaud & C<sup>a</sup>, 1837; 9.<sup>a</sup> edição mais aumentada; 320 p.: il.; 9 cm (BNP, R. 27381 P.).

— Ib., 1853, seguida de outras edições (Fortunato de Almeida III, p. 394). Ver o autor no cap. 3.2.

**José Manuel Dantas Pereira** (?-?). Foi o coordenador da seguinte tradução, feita por vários portugueses:

- *Os três psaltérios a saber:*
  - *Hymnos e Psalmos do officio de Nossa Senhora;*
  - *Psaltério de quinta, sexta, e sábado da Semana Santa;*
  - *Psalmos penitenciais*, 1830; 10, 169 p.; em 12.º (A Tradução em Portugal, 4182).

**José Maria da Fonseca e Évora**, Frei, OFM (1690-?). Era natural de Évora. Estudou nas Universidades de Évora e Coimbra, respetivamente, Artes e Direito Pontifício (Barbosa II, p. 868-872). Escreveu:

- *Directorium chori ad usum Ecclesiarum Ordinis Minorum et cantu Gregoriano illustratum* (ms). Ver o autor nos cap. 7.1; 10.10 e 15.

**José Maria Rodrigues Monteiro**, Pe. (1789-?). Nasceu em Idães, filho de António Rodrigues e de Maria da Conceição (Barrosas, Idães), moradores em São Miguel de Silhares. Compilou:

- *Hymni Latini Ecclesiastici* (...), Barrozas [Idães], 1811; 219 p.; 20x15 cm; ms (Catálogo Colofon, n.º 2635).<sup>8</sup>

**José Pedro Soares** (17?-1843). Era natural de Lisboa. Foi professor régio de Gramática Latina em Ponta Delgada (Inocêncio V, p. 91). Compôs:

- *Os sagrados hymnos da Santa Igreja... com medição de seus versos, explicação e notas*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1806; 2 vol.: 379 e 431 p.; latim e português em páginas paralelas; 15x10 cm (BNP, L. 3516 P. - 3517 P.; BSEA; A Tradução em Portugal, 2724).

**Luís do Rosário**, Frei, OCD (séc. XVIII). Foi Definidor Geral da sua Congregação. Inocêncio pouco diz da sua biografia (V, p. 320). Escreveu:

- *Cerimonial dos Religiosos Carmelitas Descalços da Congregação de Portugal. Parte Primeira, onde se trata dos ritos, e cerimónias pertencentes ao Santo Sacrifício da*

<sup>8</sup> No prólogo escrito pelo autor pode ler-se o seguinte: “Sabio e entendido Leitor. Os Hymnos Latinos Ecclesiásticos tirados, e copiados dos Breviários Romano, e Seraphico e Dominicano he o que neste livro te dedico e offereço. Bem sabes que a grave necessidade de uma obra como esta tão útil e interessante à Nação e ao Público demandava isto muito; e eu recordando-me disto mesmo e querendo condescender com os teus desejos (...) propuz com bastante fadiga e trabalho a copiar os ditos Hymnos dos referidos Breviários”.

*Missa, e as outras funções sagradas do culto divino nas suas igrejas*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1788; em texto corrido; 651 p.; 30x19,5 cm (BOCD).

**Luís Miguel Coelho de Albernaz**, Pe. (?-ca. 1792). Foi padre diocesano e pároco em S. Bartolomeu de Lisboa. O seu nome encontra-se ainda no “Almanach” de 1791, mas nos anos seguintes já não (Inocêncio V, p. 308; Fortunato de Almeida III, p. 393).

- *Memorial de ritos para mais fácil, e perfeita execução solemne dos officios divinos do altar, principalmente do Lausperenne, Corpo de Deus, e Semana Santa, conforme as rubricas do missal, ceremonial dos bispos, vários decretos da Sagrada Congregação de ritos, e os AA mais clássicos de liturgia: com trez appendices, das Matinas de trevas, da recitação privada das Horas Canónicas, das medidas do altar e suas alfaías*, Lisboa, Domingos Gonçalves, 1777; XXIV, 256 p.; 15x9,5 cm (FacFil, R66-D-3; BSEA).

— 2.<sup>a</sup> edição correcta e emendada, Lisboa, Typografia Rolandiana, 1792; 15, 239 p.; 16 cm (BNP, R. 1175 P.).

**Manuel Correia de Azambuja**, Frei, CSSJE (1864-1739). Foi doutor em Teologia e professor no colégio da sua congregação em Coimbra; foi também reitor do mesmo colégio. Inocêncio apresenta-o com o nome de Francisco de Santa Teresa (IX, p. 384). Escreveu:

- *Tratado Cerimonial da missa rezada conforme as rubricas do Missal Romano reformado...*, Coimbra, Oficina António Simões Ferreira, 1733; 12, 360 fol.; 13 cm (BPARPD, Conv. 2278 Res.; BPNM, 2-71-2-23/24).

— Ib., Oficina Junto a S. Bento de Xabregas, 1756; 221 p.; 17 cm (BPARPD, Conv. 2303 Res.; CBAP; n.º 1945). Ver o autor no cap. 10.8.

**Manuel da Apresentação**, Frei, OFM (1732-1785). Era natural de Évora. Foi por muitos anos vigário do coro em diversos conventos da sua Congregação (Inocêncio V, p. 364). Traduziu:

- *O Breviário explicado assim o Romano como o Seráfico, com as suas respectivas rubricas, traduzidas em Português, e illustradas com vários decretos, reflexões mysticas, e notas históricas*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1777; 609 p.; 15x10 cm (BNP, R. 26636 P.; BCapP; CBAP, n.º 107).
- *Cerimonial da missa rezada, que contém a instrução das suas respectivas cerimónias, extraídas das rubricas do missal romano, traduzidas em português... dirigido ao novo sacerdote, a fim de celebrar com perfeição a sua primeira missa*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1780; 295 p.; 15 cm (BNP, Var. 604; BSEA; BSG).



**Manuel da Conceição**, Frei, OFM (1640?-1693?). Era natural de Lisboa e professou no convento de S. Francisco de Évora em 17 de março de 1703, onde entrou para ocupar o lugar de organista. Depois passou para o convento de Xabregas, exercendo durante muitos anos o cargo de vigário do coro.<sup>9</sup> Escreveu:

- *Manuale Romano-Seraphicum para uso dos Frades Menores da Província do Algarve*, Lisboa, Imprensa Bernardi Fernandes Payo, 1746; 20 cm (BNP, R. 24736 P.; BPNM, 2-71-8-7).  
— *Editio secunda*, ib., Miguel Manescal da Costa, 1746 (BNP, TR. 4341 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1758 (BPNM, 2-71-8-8).
- Ed. lit. de: *Cerimonial seráfico e romano para toda a Ordem Franciscana, e em especial para a Observância da Província dos Algarves: divididos em vinte tratados de coro, e altar, com outros muitos actos solemnes de Religião: tudo com bastante clareza, e novidade, copiado pela insinuação do Missal, e breviário da Ordem; e por outras muitas determinações da Igreja, expressadas em vários Decretos, e respostas da Sagrada Congregação de Ritos*, Lisboa, Oficina da Música, 1730; 2 partes; 30 cm (BNP, R. 6131 A.; FacFil, R66-E-3).

**Manuel da Madre de Deus** - 1, Frei, OFM (1724-?). Era natural da Baía e professou no convento de Iguaraço, Pernambuco, em 1745 (Inocêncio VI, p. 43). Escreveu:

- *Horas Seráficas do Offício de N. Senhora*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1758; 16, 548; 13 cm (CBAP, n.º 1277; Pericão, Bibliografia, p. 385). Ver o autor no cap. 21.

**Manuel da Madre de Deus** - 2, Frei, OCD (1806-?). Era natural do Luso (Curia). Presbítero que abandonou sua Ordem (Inocêncio VI, p. 44). Escreveu:

- *Práticas mandamentaes: reflexões moraes sobre os mandamentos da lei de Deus*, [S.l. : s.n.], 1861; 420, 32 p.; 17 cm (BJPIL, 248.152 MAD).  
— 3.<sup>a</sup> edição, Porto, Casa de Cruz Coutinho, 1871; 815 p.; 19 cm (BJPIL, 248.152 MAD).
- *Outras práticas e missões sobre as principais festividades do ano e sobre outras matérias muito importantes...*, Braga, Tip. Lusitana, 1862; encadernada com “Práticas mandamentais”; 420 p. (BOCD; BJPIL, 248.152 MAD). Ver o autor nos cap. 10.5 e 15.

<sup>9</sup> As datas de nascimento e falecimento do autor são as que se encontram na ficha da Biblioteca Nacional, que não são as mesmas de Ernesto Vieira. Este dá como data do seu falecimento 1745; não refere data de nascimento. Ver Ernesto Vieira I, 288-289.

**Manuel Dâmaso Antunes**, Pe. (?-?). Era natural da Póvoa de Rio de Moinhos, concelho de Castelo Branco (Inocêncio XVI, p. 170 e 400). Foi o organizador de:

- *Missal Romano em português segundo o Calendário de Portugal e Brazil*, Lisboa, Typ. do Diário da Manhã, 1881; XXVIII, 934 p.; 15x11 cm (BNP, R. 28355 P.; BJPII; BCapB).
- Traduziu: *Cerimonial romano pelo R. P. Le Vavas seur...*, Lisboa, Typographia do “Diário da Manhã”, 1884; LII, 724 p.; 25 cm (BNP, R. 12557 V.; BJPII, 264-7 VAV). Ver o autor nos cap. 9 e 22.4.

**Manuel de Azevedo**, SJ (1713-1796). Era natural de Coimbra. Foi educado por um tio padre, pároco na mesma cidade. Trabalhou em Roma no pontificado de Bento XIV, de quem era colaborador na qualidade de consultor na Congregação dos Ritos. Entre outras obras litúrgicas de que foi autor, deixamos esta:

- *De Divino Officio et Sacrosancto Missae Sacrificio: Exercitationes Selectae...*, Venetiis, Typis Antonii Zatta, 1783; 1.<sup>a</sup> parte (BNP, R. 5181 A.; BPE, S. L. – E-9-C-10).<sup>10</sup>

**Manuel de Oliveira Ferreira** / Manuel de Jesus de Oliveira Ferreira, Frei, OFM (1711-1782). Era natural do Porto. Doutorou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra. Primeiro foi padre secular; mas, dada a admiração que tinha por São Francisco, ingressou na sua Ordem.<sup>11</sup> Foi autor de:

- *Psalmodia sacra, potius recta series Officium Divinum recitandi, atque SS. Missa sacrificium concelibrandi iuxta proprium S. E. Portopolitanae ritum in urbe, & Diaecesi pro anno 1742*, Portopoli, Oficina Costiana, 1741.<sup>12</sup> Ver o autor nos cap. 8; 9; 17 e 22.2.

**Manuel Isaías Abúndio da Silva** (1874-1914). Trata-se de um leigo católico que pretendeu aliar a política miguelista tradicionalista com a liberalista progressista. Era católico militante, como se vê pelas suas obras. Interveio com todas as suas energias espirituais e humanas em duas crises político-religiosas do seu tempo: no liberalismo-miguelismo e na 1.<sup>a</sup> República. Foi autor de várias obras, entre as quais:

<sup>10</sup> Sobre o autor, ver CABECINHAS, Carlos, *Manuel de Azevedo, S.J. – um ilustre exilado (1713-1796)*, em Brotéria 169, ag.-set., 2009, p. 337-347; Barbosa III, p. 185-186; Inocêncio V, p. 369.

<sup>11</sup> Sobre o autor, ver MARQUES, João Francisco, em Biblos: enciclopédia verbo das literaturas da língua portuguesa, Lisboa, Editorial Verbo, 1995; volume 2: D-Le, col. 544; Barbosa III, p. 327-329; Inocêncio VI, p. 9.

<sup>12</sup> Segundo Barbosa III, p. 328, “He o primeiro Kalendario, que se fez próprio para a Diocese do Porto, donde resultou separar-se do Geral do Reino”.

- *O Rito Bracarense: Apontamentos para a sua história e apologia*, Porto, Figueirinhas, 1907; XV, 180 p.; il.; 24 cm (BNP, R. 2585 A.).<sup>13</sup> Ver o autor nos cap. 7.1 e 17.

**Manuel Tavares da Silva** (1829-?). Bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, na qual se graduou a 30 de maio de 1853. Foi cónego da sé episcopal de São Luís do Maranhão (Inocêncio VI, p. 117). Foi o compilador de:

- *Manual eclesiástico ou colecção de fórmulas para qualquer pessoa eclesiástica ou secular, poder regular-se nos negócios que tiver a tractar no foro gracioso ou livre, e contencioso d. egreja...*, São Luís (Maranhão), Typografia do Progresso, 1860; 8, 340 p.; em 8.º gr.
- *2.ª edição correcta e augmentada*, ib., A. P. Ramos de Almeida, 1870; 491, 16 p.; 22 cm (BNP, S.C. 8430 V.).

**Matias de Santa Ana**, Frei, OSA (?-1753). Era natural de Lisboa (Inocêncio VI, p. 157; XVII, p. 17). Foi editor literário de:

- *Cerimonial eclesiástico, segundo o rito romano: para o uso dos religiosos Eremitas Descalços da Ordem de Santo Agostinho da Real Congregação de Portugal, e para os mais eclesiásticos, que seguem o mesmo rito romano: distribuído em cinco tratados de coro, e altar, e de algumas acções particulares da mesma Ordem*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1749; 10, 628 p.; 30 cm (FacFil, R66-E-8).

**Plácido de Andrade Barroco**, Frei, OFM (1750-1813). Era natural de Lisboa. Por influência do bispo de Beja, Manuel do Cenáculo, também ele da mesma Ordem, foi estudar as línguas hebraica e grega, o que fez com aproveitamento (Inocêncio VII, p. 15). Deixou-nos:

- *Dissertação sobre a origem das vestes sagradas na lei da graça*, Lisboa, Régia Oficina Typografia, 1791; 117 p.; 22 cm (BNP, H.G. 1747 P.; BPNM, 2-71-7-15/16).
- *Horas cristãs, para uso da igreja de Beja*, Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1794; em 16.º. Ver o autor no cap. 18.

**Raimundo Ferreira de Abreu**, Pe. (1700-?). Era natural de Lisboa. Aplicou-se ao estudo da música, prática das cerimónias eclesiásticas em que foi perito, como

<sup>13</sup> Sobre o autor e a sua obra, ver FERREIRA, António Matos, *Um Católico Militante diante da Crise Nacional: Manuel Isaias Abúndio da Silva (1874-1914)*, CEHR, UCP - Lisboa, 2007.

também na Teologia Moral. Foi mestre das cerimónias da Santa Casa da Misericórdia (Barbosa III, p. 635).

- *Directório de Cerimónias de Côro e Párocos...*, Lisboa, Oficina António de Sousa da Sylva, 1738; 7 fol., 234 p.; 21x15 cm (BNP, R. 8110 P.; BSG).
- *2ª. Parte que contem a Missa privada, e solemne com assistencia do Prelado com hum appendix de Decretos da sagrada Congregação dos Ritos*, ib., mesmo impressor, 1745; em 4.º.

**Rodrigo de Moura Teles**, Dom (1644-1728). Foi um clérigo, reitor da Universidade de Coimbra, bispo da Guarda e arcebispo de Braga. Mandou reformar o Breviário Bracarense, que apresentamos:

- *Breviarium Bracarense ab illustrissimo domino D. Ruderico de Moura Telles...*, Braga, Tip. do Paço Archiepiscopal, 1724; Pars Hyemalis e Pars Aestivalis; 2 vol.; 20x15 cm.<sup>14</sup>

### Igreja Católica

- *Elogios históricos dos santos, com os mistérios de Nosso Senhor e festas da Santa Virgem para todo o ano...*, Lisboa, Oficina de José de Aquino Bulhoens, 1782-1784; 3 vol.: 13, 406; 14, 343 p.; e 429 p.; 16x11 cm (BNP, H.G. 6133 V. - 6135 V.; BPH; CBAP, n.º 720: t. 3 e 4).
- Tomo IV, Lisboa, Oficina da Academia Real das Ciências, 1785; 416 p.; 16x11 cm (BOCD).
- *Instrução Práticas sobre os ritos e Cerimonias da Missa Privada... ordenadas para o uso do Seminário...*, Coimbra, Oficina Luís Seco Ferreira, 1761; 368 p.; 16x10 cm (BPH).
- *Rosarium Mysticum Sive Psalterium Evangelicum...*, Conimbricæ, Colégio das Artes, 1742; 72 p.; 14 cm (BNP, R. 29549 P.; FacFil, R67-B-4).

### Tradutor anónimo

- *O Hymno Stabat Mater Dolorosa...*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu, 1806; 2 vol.; em 8.º (A Tradução em Portugal, 2723).

## 11.2. Breviários

São livros litúrgicos que contêm tudo o que é necessário para a oração diária do Ofício divino, também chamado *Horas Canónicas*. Aí se encontram os salmos

<sup>14</sup> Em FERREIRA, Mons. J. Augusto, *Estudos Histórico-Litúrgicos – Os Ritos particulares das Igrejas de Braga e de Toledo*, Coimbra, 1924, p. 292.

respetivos para cada um dos dias das quatro semanas em que está dividida a oração litúrgica; há ainda as leituras bíblicas para cada hora canónica e leituras dos Santos Padres e outras escolhidas para cada circunstância.

As Horas são as seguintes: *Laudes* (de manhã), *Hora intermédia* (meio-dia), *Vesperas* (à tarde) e *Completas* (à noite). Deste modo, todo o dia é consagrado a Deus. O termo *Breviário* vem da “abreviação” dos livros litúrgicos medievais, em que as partes da oração litúrgica estavam em vários livros manuscritos. No séc. XIII, isso foi “abreviado” num único livro.

O que acabamos de afirmar faz parte do chamado *Ofício comum*, normal para cada dia da semana. Mas, em dias ou festas especiais, o Breviário tem os *Ofícios próprios* de Santos, de Pastores, etc., assim como o Ofício de festas especiais.<sup>15</sup>

Segue-se uma listagem deste tipo de livros:

- *Breviarium Gothicum ad usum sacelli mozarabum*, Toledo, 1785 (BPE, L. 13 069).
- *Breviarium Bracharense ab illustrissimo domino D. Ruderico de Moura Telles, Archipraesule, ac domino Bracharae Hispaniarum Primate, reformatum, auctum et recognitum. Pars Hyemalis e Pars Aestivalis*, Braga, 1724; 2 vol.; 21 cm (BPB, Res. 868//1 V. - 869//1 V.; BGP I, n.º 14<sup>6</sup>, p. 76 a 82 – 7.<sup>a</sup> edição).<sup>16</sup>
- *Breviarium Romanum*, Lisboa, Oficina E. Vaz Vieira, 1734; 4 vol.<sup>17</sup>
- *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Veneza, Ex. Typ. Balkoniana, 1735; 24 cm (BNP, R. 10155 V).  
— *Ib.*, mesmo impressor, 1755; XIX, 736, CCXXXI, 90 [i.é, 1076] p.; il., 19 cm (FacFil, R67-C-10).
- *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restitutum, S. Pii V. Pontificis maximi iussu editum...*  
— *Pars Autumnalis*, Antuerpiae, ex Architypographia Plantiniana, 1752; 32, 556, 256, 4 p.; il.; 24 cm (BNP, Res. 4375 //1 V).
- *Breviarium Romanum*, Leodii, Oficina da C. Sampaio, 1768.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> Sobre o sentido e a história deste e de outros livros litúrgicos que se seguem, ver Vv., Dictionnaire Encyclopédique de la Liturgie, t. I, Brepols, 1992, p. 663-672.

<sup>16</sup> Na BPB existe um Breviário completo deste mesmo ano (Res. 662-665 A.).

<sup>17</sup> *Ib.*, n.º 4694.

<sup>18</sup> *Ib.*, n.º 4695.

- *Breviarium Romanum, ex Decreto Sacrosancti Conc. Trid. Restitutum; S. Pii V. Pont. Maximi iussu editum.* Lisboa, Off. E. Vaz Vieira, 1791; 4 vol.<sup>19</sup>
- *Breviarium Romanum Ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*
  - *Pars Aestiva... cum Officiis Sanctorum*, Venetiis, Typ. Balleoniana, 1746; 604, 256, 63 p. (BOCD).
  - Mechliniae, H. Dessain, 1766; 32, 584, 291, 46 p. (BSEA).
  - Ib., mesmo impressor, 1884; 32, 339, 35 p.; 16 cm (BNP, R. 25549 P.); Turonibus, Tip. A. Mane et Filiorum, 1898; 568, 74 p.; 15x9 cm (BSEA).
  - *Pars Autumnalis*, Lisboa, Typ. Régia, 1791; 584, 216, 88 p.; 19x12 cm (BPH).
  - Antuérpia, Ex Architypographia Plantiana, 1794; 572, 268, 113, 12, 7 p.; 18x12 cm (BOCD).
  - Ratisbona, Neo Eboraci e Cincinnatii, 1889; 544, 360, 20 p.; segue-se a *Officia Propria*; 44 p. (DB).
  - *Pars Verna*, Veneza, 1756; 596, 286, 88 p.; 19x11 cm (BOCD).
- *Breviarium Romanum...*, Antuerpiae, ex Architypographia Plantiniana, 1780; 628 p., 256, 20 p.; 18 cm (BNP, R. 29567 P.).
- *Breviarium Romanum Ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum. S. Pii V. Pont. Max. Jussu Editum, Clementis VIII. Et Urbani VIII...*
  - *Pars hiemalis*, Lisboa, Typographia Régia, 1786; 66, 700, 242, 55 p.; 19 cm (BNP, R. 25570 P.).
  - Ib., mesmo impressor, 1800 (BPH); Antuérpia, 1794; 372, 256, 97, 16, 7 p. (BOCD).
- *Breviarium romanum ad usum Fratrum Minorum Trium Ordinorum S. P. Francisci officii propriae stationi assignatis, recentioribusque decretis, ac novo kalendario, novisque rubricis ab Innocencio XII approbatis, locupletatum; in quatuor anni tempora divisum. Pars hiemalis* [-aestiva-autumnalis-verna], Veneza, Herdeiros de Nicolai Pezanna, 1778; 4 vol. (CMVIS, 23).
- *Breviarium Romanum...*, Antuerpiae, ex Oficina Plantiniana, 1779; 36, 648, CCLVII, 5, VII, 3, 50, 13 p.; 17 cm (CBAP, n.º 335).
- *Breviarium Romanum...*, Antuerpiae, ex Architypographia Plantiniana, 1781; 4 vol.; 22 cm (CBAP, n.º 336),
- *Breviarium romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini restitutum, S. Pii V, Pontificis Maximi iussu editum, Clementis VIII et Urbani VIII auctoritate*

<sup>19</sup> Ib., n.º 4696.

*recognitum, cum Officiis Sanctorum... Juxta sancitas leges revisum in quatuor anni Tempora divisum.*

— *Pars Aestiva*, Lisboa, Tip. Régia, 1815; 31, 718, 295 p.; 21 cm (BPB, Res. 875/1 V).

— *Pars Verna...*, ib., mesmo impressor e ano; 31, 363 p.; il.; 19 cm (BNP, R. 35964 P.).

— *Pars Hiemalis*, ib., Tipografia Nacional, 1876; 68, 652, CCCXXI, 181 p.; 19,5x12,5 cm (BNP, R. 28822 P.; DB).

- *Breviarium Romanum, ex decreto SS. Concilii Tridentini restitutum, S. Pii V Pontificis Maximi jussu editum Clementis VIII, Urbani VIII et Leonis XIII auctoritate recognitum...*, Mechliniae, H. Dessain, 1887; 4 vol.; 15 cm (BJPII, 264-13 DESS-887).
- *Breviarium Romanum, a Francisco Cardinali Quignonio editum et recognitum juxta editionem venetiis A.D. 1535 impressam curante, Johanne Wickham Legg, Cantabrigiae, Typis atque Impensis Academiae, 1888; LIV, 208 p.; 23 cm (BJPII, 264-13 QUI).*
- *Breviarium Romanum, ex decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restitutum, S. Pii V Pontificis Maximi jussu editum, Clementis VIII, Urbani VIII et Leonis XIII auctoritate recognitum, cum Officiis Sanctorum, novissime per Summos Pontifices usque ad hanc diem concessis*, Turonibus, Typis A. Mame et Filiorum, 1898; 4 vol.; 19 cm (BJPII, 264-13 TUR-898).
- *Breviarium Monasticum Pauli V. Ac Urbani VIII...*, Venetiis, Ex. Typ. Balloniana, 1732; 23 cm (BNP, R. 10156 V).
- *Breviarium Monasticum Pauli V. Ac Urbani VIII...*, Venetiis, sumptibus Pauli Balleonii, 1702; 2 vol.; 14 cm (CBAP, n.º 333).
- *Breviarium Monasticum Pauli V. Ac Urbani VIII...*, Parisiis, Typis Joannis-Baptistae Coignard-Apud Petrum de Bats, 1736; 3 vol.; 17 cm /CBAP, n.º 332).
- *Supplementum breviarii: continens officia propria festorum novissime concessa, tam pro Ecclesia Universali, quam specialiter pro Lusitaniae Regno, nec non pro tribus Ordinibus S. P. Francisci*, Coimbra, ex Typ. Ludovici Secco Ferreira, 1760; 6, 216, 6, 76, 2 [i.é. 306] p.; 15 cm (FacFil, R67-C-4).
- *Supplementum continens non solum omnia officia, quae de novo inveniuntur in reformatione Breviarii Ordinis Minorum: sed etiam alia Officia, quae novissimis temporibus concessa fuere eidem Ordini, ita ut nihil desideretur ad complementum Breviarii antiqui Seraphici*, Lisboa, Typis Patriarch. Francisci Aloysii



Ameno, 1787; 171, 5, 27 [i.é 203] p.; 16 cm (BNP, R. 23309 P.; FacFil, R67-C-5).

### 11.3. Horas Canónicas

Dizer “Horas Canónicas” é falar do que acima dizíamos a propósito do *Breviário*. Este contém as *Horas Canónicas*, isto é, o que está prescrito pela Igreja Católica para a oração ao longo do dia: *Laudes*, de manhã; *Hora Intermédia*, ao fim da manhã; *Vésperas*, à tarde, e *Completas*, à noite. Estas *Horas Canónicas* estão prescritas para todos os clérigos e religiosos. É a oração oficial da Igreja Católica, que não tem apenas a finalidade de santificação pessoal, mas também de levar a Deus todas as preocupações e anseios da humanidade.<sup>20</sup>

- *Horae diurnae propriae Sanctorum Hispanorum: qui generaliter in Hispania, ex Apostolica concessione celebrantur*, Antuérpia, Ex Typographia Plantiniana, 1731; 38, 460, CLXXXII, 55 p.; 11 cm (CBAP, n.º 1063).  
— Ib., mesmo impressor, 1740; 43 p.; 13 cm (FacFil, R26-G-4).  
— Ib., mesmo impressor, 1756; 56, 2, 4, 2, 2 p.; il.; 22 cm (BNP, ENC. 27//2).
- *Horae diurnae Breviarii Romani, ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini...*, Antuerpiae, Architypographia Plantina, 1762; 464, 542, 148, 59 p.; 12,5x7,5 cm (BSEA).  
— Ib., mesmo impressor, 1770; 32, 472, 148 p.: il.; 2 col.; 22 cm (BNP, ENC. 27//1).
- *Horae diurnae propriae sanctorum Trium Ordinum Sancti Francisci, ab Innocentio Papa XII...*, Antuérpia, ex Arquitypografia Plantiniana, 1773; 100, 2 p.; il.; 22 cm (BNP, ENC. 27//3).
- *Veni mecum piorum sacerdotum, sive exercitia, et preces matutinae, vespertinae, ante, et post missam necnon hebdomas Mariana, et aliae selectae devotiones ad B. M. V. ad sacerdotum*, Bassani, Sumptibus Remondinianis, 1756; 191 p. (BNP, R. 8273 P.; CMVIS, 345).
- [*Horas Marianas*]; *Officio I. da Virgem Maria Nossa Senhora...*, [Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1785?].

<sup>20</sup> Sobre o sentido e a história das “Horas Canónicas” ou também chamadas “Liturgia das Horas”, ver *Liturgie des Heures*, em Vv., Dictionnaire Encyclopédique de la Liturgie, t. I, Brepols, 1992, p. 641-658.

## 11.4. Ofício Divino

Este “Ofício” não é uma tarefa material, mas um empenhamento espiritual dos clérigos e religiosos em rezar as *Horas Canônicas*, de que falámos acima. Hoje muitos leigos também rezam o Ofício Divino, muitas vezes abreviado, tendo apenas as *Laudes* e as *Vésperas*, porque também eles fazem parte da Igreja orante. Portanto, a diferença entre *Ofício Divino* e *Horas Canônicas* é apenas de nomenclatura.

Há ainda os Ofícios do Comum de Pastores, Santos, etc., além dos Ofícios próprios de um santo ou de uma festa especial. Além destes, há também livros não oficiais da Igreja que têm outros Ofícios: de Nossa Senhora, de S. José ou de um santo padroeiro, por exemplo. Vejamos alguns:

- *Officia de SS. Nomine Jesu, Eucharistiae Sacramento, Conceptione, B. M. V. et de Sancto Patriarcha Ignatio de Loyola...*, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1704 (BGUC; Perição, Bibliografia, p. 385).
- *Officia propria sanctorum Bracharensis Diocesis: ab iis, qui in ea Breviario Romano utuntur, recitari consueta, de mandato illustrissimorum, ac Reverendissimorum DD. Archipraesulum ejusdem Sanctae Sedis*, Braga, [s.n.], 1713; 9, 191 p.; 18 cm (FacFil, R66-C-9).
- *Officia et festa propria Canoniconum Cathedralis Ecclesiae Conimbricensis... Ope et industria de Michaelis Sotto Maior...*, Coimbra, Typ. do Colégio das Artes, 1716 (BPNM, 2-71-9-2).
- *Officia nova aut innovata...*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1724.  
— Ib., Herdeiros de António Pedroso Galvão, 1728 (BPB; BGUC).
- *Officia nova aut innovata: ab Alexandro VII, Clemente IX...*, Lisboa, Typ. Petri Ferreyra, 1730; 4, 184, 5 p.; 21 cm (BJPII, MC-1298).  
— Ib., Typ. Antonii Pedrozo Galram, 1732; 182, 28 p.; 21 cm. Editado juntamente com: “*Officia propria Sanctorum...*” (BNP, R. 23454 P.).
- *Officia propria ecclesiae eborensis, in ejus Diocesi recitari solita ex consuetudine antiqua...*, Lisboa, Typ. da Música, 1735 (BPNM, 2-71-2-23/24).
- *Ordo Divini Officii recitandi Missaeque celebrandae juxta ritum Breviarii et dispositionem a Sacra Rit. Congregatione pro Ordine Fratrum Minorum S.ti Francisci Capuccinorum approbatum, 23 Januari*, 1740; fol. 97. Aprovação: Ordinis Minorum Sancti Francisci Capuccinorum, 23 de Janeiro, 1740 (fol. 126).
- *Officia Sanctissimi Sacramenti Pentecostis cum suis octavis et Beatae Mariae Virginis*, Lisboa, s.n., 1741 (FLUC).
- *Officia propria Festivitatum, et Sanctorum, quae in toto ordine Santissimae Tri-*

*nitatis...*, Madrid, Antonium Marisa, 1743; 319, 24, 22, 8 p.; 20 cm (BNP, R. 28810 P.).

— Ib., mesmo impressor, 1763 (BNP, R. 27631 P.).

- *Officia Ecclesiae Lisbonensis*, Lisboa, Typis Regalibus Sylvianis 1745; 32 p.; 20 cm (BNP, R. 29565 P.; BPNM, 2-71-6-26).
- *Officia Propria Sanctorum diocesis portucalensis... sumptibus Antonii Pires Henriques...*, Coimbra, Typ. António Simões Ferreira, 1752 (BPNM, 2-71-9-3).
- *Officium Hebdomadae Sanctae secundum Missale & Breviarium Romanum*, Veneta, Ex Typographia Balleoniana, 1728; 540 p.; 14 cm (FacFil, R66-D-5).
- *Officium Hebdomadae Sanctae iuxta ritum Sac. Ord. Praedicat...*, Roma, Typ. Hieronymi Mainardi, 1741; 17 cm (BNP, R. 23413 P.); ib., mesmo impressor, 1753; 363 p.; 17 cm (FacFil, R67-C-8).
- *Officium Sanctissimi Cordis Domini Nostri Jesu Christi...*, Lisboa, Typografia Simão Tadeu Ferreira, 1804; 11 p.; 21 cm (CBAP, n.º 1600).
- *Officia propria sanctorum canonicorum regularium quae in tota congregatione S. Crucis Collimbriae ex apostolica auctoritate celebrantur: ac etiam ex nova concessione ad totum episcopatum collimbriensem extensa: juxta formam breviarii romani*, Lisboa, Apud Josephum da Costa Coimbra, 1753; 22, 440, 134 p.; 21 cm (FacFil, R48-E-4).
- *Officia própria sanctorum olisiponensis ecclesiae...*, Lisboa, Typografia Aloysiana, 1780; 2, 61, 50, 88, 48, 3, 4 p.; 17 cm (CBAP, n.º 1586).
- *Officia propria pro Regno Portugaliae*, Lisboa, Typographia Aloysiana, 1782; 131 p.; 26 cm (BNP, Enc. 35//2; BPNM, 2-71-11-6).
- *Officium B. Mariae Virginis*, Lisboa, A. V. da Silva, 1759 (BPB; Pericão, Bibliografia, p. 386).
- *Officium B. Mariae Virginis, nuper reformatum, et s. Pii V pont. max. jussu editum, ad instar Breviarii Romani sub Urbano VIII recogniti, ubi omnia suis locis sunt extensa...*, Antuérpia, Architypographia Plantiniana, 1797; 32, 116 p.; 4 p. de estampas (CMVIS, 493).
- *Officium dolorum B. Virginis Mariae. Recitandum dominica III. Septembris, duplex. Juxta Ritum almae Bracaraensis Ecclesia...*, Braga, Typografia Bracharensi, 1842; 15 p.; 21 cm (CBAP, n.º 1597).
- *Officio da Semana Santa conforme o Missal e Breviário Romano... Por Ordem e Mandado do Papa Urbano VIII...*, Lisboa, Oficina João António da Silva, 1774; 14 cm (BNP, R. 24107 P.).

— Ib., Régia Oficina Typográfica, 1779; 784 p.; 15x9 cm (BOCD).

- *Officia Propria Sanctorum diocesis portucalensis... de mandato Illustrissimi, ac Reverendissimi D. Nicolai Monteyro...*, Porto, Typ. António Álvares Ribeiro Guimarães, 1783; 319 p.; com um suplemento; 19,5x14,5 cm (BCapP).
- *Officium Hebdomadae Sanctae...*, Malines, H. Dessain, 1785; 406 p.; 15x9,5 cm (BSEA).
- *Officium Hebdomadae Sanctae secundum missale & breviarium romano...*, Antuérpia, Architypographia Plantiniana, 1792; 524 p.; 16 cm (CBAP, n.º 1598).
- *Officia Propria Sanctorum trium ordinum S. P. N. Francisci. Pars Verna*, Lisboa, Typ. Régia, 1787; XVI, 107, 112, 10, 112, 3, 11, 4, 16, 6 [i.é 296] p.; il.; 4 estampas, quadros; 18 cm (BNP, R. 24321 P.; FacFil, R66-C-11).
- *Officia Propria Sanctorum ecclesiae et diocesis portucalensis, una cum aliis, quae pro toto Regno Portucalliae a summis pontificibus approbata, & moviter concessa reperiuntur: Nec non, & alia, Quae ex próprio Sanctorum Hispanorum in hac inveniebantur Ecclesia recitanda: Juxta Breviarium Romanum Olisiponensem, & codicem hujusce Portucalensis Ecclesiae in suis locis disposita, et in quatuor anni tempora distributa*, Porto, Typis Vid. Mallen, Fil. et Soc., 1794; 68, 4, 157, 48 p.; 2 col.; 19x12,5 cm (BOCD).
- *Officia Propria Sanctorum... Fratribus et Sororibus Ordinis Praedicatorum commorantibus...*, Lisboa, Imprensa da Rua dos Fanqueiros, 1830; 19 cm (BNP, R. 23430 P.; BPNM, 2-71-10-11).
- *Ofício de defuntos*, Porto, Tip. Comercial, 1869; *nova impressão emendada*; 282 p.; 16x11 cm (BSEA).
- *Officia votiva per annum a Ss. D. Leone Pp. XIII per Decretum Urbi et Orbi...*, Mechliniae, H. Dessain, 1833; 189 p.; 15x9 cm (BSEA).  
— Ib., mesmo impressor, 1887 (BNP, R. 27160 P.).
- *Officia votiva per annum pro singulis hebdomadae feriis*, Roma, Ex. Typographia Salvincci, 1884; 80 p.; 21 cm (BNP, R. 29536//16 P.).
- *Officia omnia sanctorum nova, et propria a Summis Pontificibus... et concessa pro toto Regno Portugalliae usque ad praesentem annum*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 18??; 4, 236 p.; em 4.º (BPH; BSL).
- *Officia nova aut innovata iuxta ritum almae Bracharensis ecclesiae...*, Porto, Sebastião José Pereira, 1853; p. 85-143; 21 cm (BPB, Res. 869//2 e 3 V.).
- *Officia votiva per annum...*, Mechliniae, P. Dessain, [18?]; 359 p.; em 8.º (BSL).
- *Ofício da Semana Santa, segundo a forma do Missal e Breviário Romano* (papa Pio V), Lisboa, Imprensa Régia, 1804; 594 p.; em 8.º.
- *Ofício da Semana Santa conforme o Missal, e Breviário romano, ultimamente*

*correcto por ordem e mandado do Papa Urbano VIII...*, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1758; 571, 4 p.; 14 cm (CBAP, n.º 1589).

— *Ib.*, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1786; 660 p.; 13x7 cm (BNP, R. 29404 P.; BPH; CBAP, n.º 1590).

- *Officio da Semana Santa em latim e português com as rubricas do Missal e do Breviário romano e com orações para a confissão e comunhão, tiradas da Sagrada Escritura e no fim com o catálogo onde se explicam as cerimónias e palavras difíceis na sua inteligência*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1786; 784 p.; 14x9 cm (Fortunato de Almeida III, p. 394).
- *Officia novíssima a Sanctissimo a D. nostro Leone Papa XIII, per decretum S. R. C.*, Braga, Tipografia Lusitana, 1891; 10 p.; incompleto; 21 cm (BPB, Res. 869//2 V.).
- *Officio B. Mariae...*, Braga, Tipografia Lusitana, 1890; 14 p.; 21 cm (BPB, Res. 868//4 V.).
- *Officia própria Sanctorum trium Ordinum S. P. N. Francisci; Pars Aestiva*, Lisboa, Tip. Régia, 1817; 136 p.; 21 cm (BPB, Res. 875//2 V.).
- *Officia propria festorum, quae sunt novissime concessa pro utroque Regni & Dominiorum Portugalliae...*, Lisboa, Typ. Simão Tadeu Ferreira, s.d. (BPNM, 2-71-11-6).
- *Ordo Divinum officium recitandi missasque celebrandi... ad usum dispositus Provinciae S. Mariae de Arrabida...*, Lisboa, Typ. Simão Tadeu Ferreira, 1796 (BPNM, 2-71-3-31).
- *Ib.*, mesmo impressor, 1810 (BPNM, 2-71-2-26).
- *Ordo Divini Officii recitandi Missaeque celebrandae juxta ritum Breviarii et dispositionem a Sacra Rit. Congregatione pro Ordine Fratrum Minorum S. ti Francisci Capuccinorum approbatum, 23 Januari, 1740*. Aprovação: Ordinis Minorum Sancti Francisci Capuccionorum, 23 de Janeiro, 1740 (126 fol.).
- *Directorium chori ad usum fratrum excalceatorum... Portugalliae*, Lisboa, Tip. Régia, 1798; 390 p.; 20x14 cm (BNP, R. 25396 P.; BSEA).
- *Directório extracto por onde se pode ordenar, e dispor a procissão que a Maria Santíssima com o título do Rosário dedica afectuosa... a sempre augusta, nobre, e antiga corte de Villa-Viçosa...*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1730 (BGUC; Pericão, Bibliografia, p. 387).
- *Proprium sanctorum Ordinis Sancti Patris Nostri Benedicti Portucalensis & aliorum*, Coimbra, ex nova Typographia Académico-Régia, 1760; 4, 241, XXXI, 4 p.; 21 cm (BNP, R. 24320 P.; FacFil, R66-B-13).

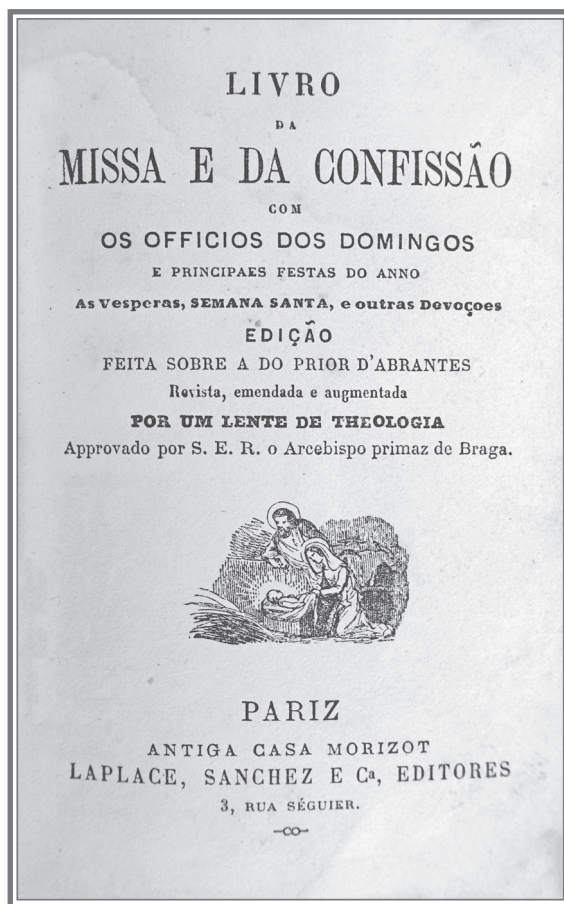
- *Livro dos usos e cerimónias cistercienses da Congregação de Santa Maria de Alcobaca da Ordem de S. Bernardo do Reino de Portugal*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1788; 18 cm (FacFil, R67-B-10).
- *Livro da missa e da Confissão com os officios dos Domingos e principais festas do anno – as Vésperas e outras devoções; edição feita sobre a do Prior de Abrantes, revista emendada e aumentada por um lente de Teologia. Aprovada por S.E.R., o arcebispo Primaz de Braga*, Paris, Morizot, livreiro e editor; Rio de Janeiro, Livraria Imperial; 574 p; 11,5x7,5 cm (SocBib).

## 11.5. Rituais

Este livro litúrgico é assim chamado porque contém a forma de celebrar a liturgia, nas suas diferentes festas, Horas Canónicas, etc.

- *Ritual breve para uso dos párochos e clero...*, Porto, Cruz Coutinho, 1860; novíssima edição; 466 p.; 14x8 cm (BPH).  
— Ib., mesmo impressor, 1877; 400 p.; 14x9 cm (BSEA).
- *Rubricae Missalis In Commodiorem Celebrantium usum...*, Lisboa, Typografia Patriarcal Francisco Luís Ameno, 1784; 233 p.; 12x7 cm (BSEA).  
— Ib., Typ. Régia, 1794; 13 cm (BNP, R. 24310 P.).
- *Rituale Romanum Pauli Quinti...*, Venetiis, Imp. Heredis Nicolai Pezzana, 1770; 2 cores; 448 p.; 19 cm (BNP, R. 25243 P.).  
— Ib., Typografia Balleoniana, 1805; 335 p.; 19 cm (CBAP, n.º 1857).
- *Rituale seu manuale romanum, Pauli V...*, Antuérpia, Architypographia Plantiniana, 1760; 8, 494, 2 p.; 23 cm (CBAP, n.º 1858).
- *Rituale Romanum...*, Florentia, Simão Birindelli, 1846; 22 cm (BNP, R. 136 V.).
- *Rituale Romanum...*, Mechliniae, H. Dessain, 1893 (BNP, R. 28238 P.).
- *Rituale Romanum Pauli V... auctum et castigatum*, Bassani, Tipografia Remondini, 1834; 328 p.; 20x12 cm (BSEA).
- *Rituale Breve ad Clericorum, Maxime Parochorum usum perutile...*, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1854; Editio novissima; 576 p.; 14x7,5 cm (ISTE; CBAP, n.º 1856).
- *Rituale romano illustrato, con comentari appoggiati sulle autorità e Dottrine del Concilio di Trento, Catechismo Romano, Decreti delle Sagre Congregazioni di Roma, e sulle Sentenze di Autori li più Classici e gravi, per uso de Parrochi e*





*Confessori proposta dall'Eminentiss[imo] e Reverendiss[imo] Sig. cardinale Del-fino Patriarca d'Aquileia. Nova edizione... premunito d'Avvisi Pastoralis del me-dessimo a Parrochi della sua diocese, Veneza, Tommaso Bettinelli, 1749; XX, 325, 2 p.; 22 cm (BAJUDA,1-IV-47).*

- *Rituale Romanum Pauli Quinti Pontificis Maximi Jussu Editum, atque a Be-nedicto II Auctum & Castigatum...*, Venetiis, Ex Typographia Remondiniana, 1762; Editio novissima ad romanam Benedicti XIV. Jussu adornatam diligen-ter exacta; XIV, 346 p.; 18 cm (BJPII, 264-15 REM).
- *Rituale Romanum Pauli Quinti...*, Venetiis, Imp. Heredis Nicolai Pezzana, 1770; 448 p.; 19 cm (BNP, R. 25243 P.).
- *Rituale Romanum...*, Florentia, Simão Birindelli, 1846; 22 cm (BNP, R. 136 V.).



- *Rituale Romanum Pauli Quinti Pontificis Maximi jussu editum*, Mechliniae, H. Dessain, 1893; 260, 32, 7 p.; 13,5x8,5 cm (BNP, R. 28238 P.; BPH).
- *Manuale Ad Fratrum Discalceatorum Beatae Mariae Virginis de Monte Carmelo Congregationis Lusitanae*. Tomus Primus: Processionale; Lisboa, Typ. Régia, 1773; 308 p. (BPE, Sala de Leitura: E. 49 – C. 5).
- *Novum Manuale Chori ad Usum Basilicae S. Ecclesiae Patriarchalis Olisiponen-sis...*, Lisboa, Typ. Patriarchal, 1793; 331 p., 7 fol., 34 p. (BPE, SL E. 18 – C. 11).
- *Suplemento do Manual da Ordem de Hospitalidade do N.P. S. João de Deus*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1801 (BPE, SL - E. 7 – C. 5).
- *Livro dos usos e cerimónias cistercienses da congregação de Sta. Maria de Alcobaça da Ordem de S. Bernardo do reino de Portugal*, Lisboa, 1788; 2 vol.; il.; 17 cm (CBAP, n.º 1236).
- *Ripanso ou Offício da Semana Santa em Português: Com Oraçoens para a Confis-são e Sagrada Comunhão, Vezita das Igrejas em Quinta Feira Santa e Novena das Almas*, Lisboa, Vende-se na loja de Matos Livreiro, [17??-?]; com licença da Mesa do Desembargo do Paço; 2, 496 p.; il.; 12 cm (BNP, R. 32443 P.; BOCD).
- *Baptisterium et caeremoniale sacramentorum juxta ritum sanctae Romanae Ec-clesiae, et rituale Pauli V*, Lisboa, Typ. Régia, 1770; 143 p.; 19x13 cm (BPH).  
 — Ib., Typ. Simonis Thaddae Ferreira, 1801; 6, 143, 3 p.; 20 cm (BNP, VAR. 617).  
 — Ib., Typ. Régia, 1828 (BPNM, 2-71-10-9).  
 — *Ad usum fere omnium ecclesiarum dominiorum Lusitaniae [...]* In hac nova editione accurate correctione [...], Lisboa, Typis Simonis Thaddaei Ferreriae, 1817; 3 fol., 143 p.; 22 cm (BNP, R. 8250 P.).  
 — Ib., Typografia Régia, 1828; 3 fol., 144 p.; 21 cm (BNP, R. 7673 P.).  
 — Ib., Typographia Nationali, 1843; 3 fol., 144 p.; 22 cm (BNP, R. 8252 P.).  
 — Ib., Typ. Costa Sanches, 1860 (ISTE-Évora).  
 — *In hac nova editione accurate correctum, auctis aliis valde utilibus, et necessa-riis, et expunctis non necessariis in administratione sacramentorum*, Lisboa, Typ. e Lit. Portuguesa, 1882; 6 fol., 146 p.; 22 cm (BNP, R. 12735 V.; BJPII, 264-15 COL-TLP).
- *Thezouro de cerimónias, que contem as das missas rezadas, e solemnes, assim de fes-tas, como de defuntos e também as da Semana Santa, Quarta Feira de Cinza, das Candeyas, Ramos, e missas de Natal [...]*, Braga, Oficina de Francisco Duarte da Matta, 1734; 12, 642, 136 p.; 21 cm (FacFil, R66-A-2).

## 11.6. Missais

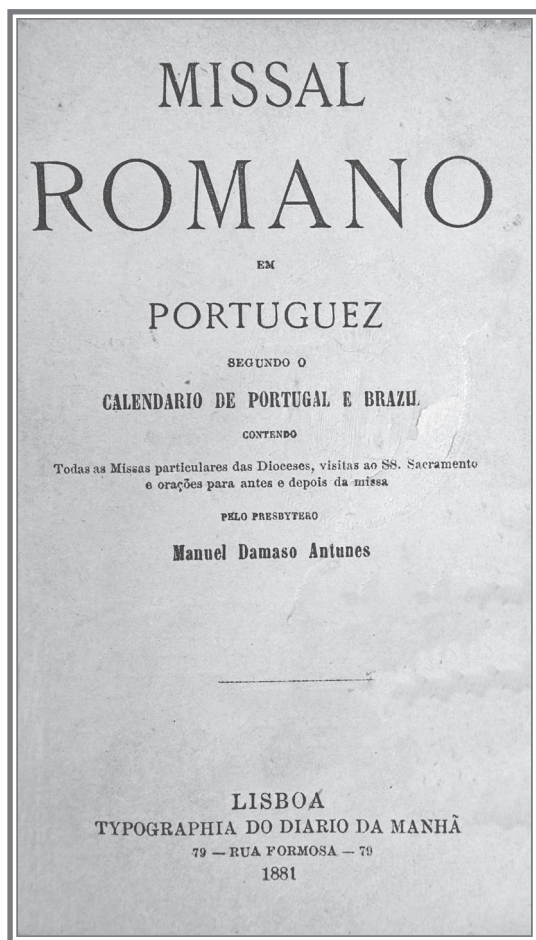
Como o próprio nome indica, o missal é o livro da *missa* ou *celebração eucarística*. Nele se encontram, atualmente, todas as partes necessárias para cada celebração: um ritual introdutório, o chamado “Cânon” ou regra, que é a parte essencial da Eucaristia; as orações próprias para cada tempo litúrgico e para a memória dos santos; seguem-se as orações para as missas próprias, para cada tipo de santos (pastores, Virgens, etc.); e, finalmente, outros tipos de orações para missas chamadas votivas, isto é, para motivos e circunstâncias especiais (sacramentos, etc.).

O missal não tem as leituras (como antigamente, em latim); estas encontram-se nos *Lecionários* e nas línguas modernas, e são proclamadas por um leitor e não pelo celebrante. São proclamadas no ambão, enquanto a parte restante é reservada ao altar da Eucaristia.

Vejamos apenas alguns exemplares de missais:

- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini restitutum. S. Pii V jussu editum. Clementis VIII et Urbani VIII auctoritate recognitum. Et novis missis ex indulto apostolico hucusque concessis auctum*, Antuérpia, Plantiniana, 1706.
- *Missale Romanum, ex decreto sacrosancto Concilii Tridentini... Urbanus VIII*, Antuérpia, 1711; 765, 168, 4 p.; 21x14 cm (SocBib).
- *Missale Romanum, ex decreto sacrosancto Concilii Tridentini...*, Romae, Typis Sacrae Congregationis de Propaganda Fide, 1714; 44, 590, CIX, 31 [i.e.33] p.; 20 páginas de estampas (CMVIS, 2427).
- *Missale Romanum, ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Romae, ex Typ. S. Michaelis ad Ripam, 1716; 36, 468, C, 70 p.: il., estampas; 35 cm (BJPIL, 264-12 AUG-16).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Lisboa, Luís Rodrigues, 1725; 29, 678, CXLIII, 8, 58 p. (BPE, Sala Nova: E. 36 – C. 11).
- *Missale Romanum, ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum, Pii V Pont. Max. Jussu Editum et Clementis VIII Primum, nunc denuo Urbani*, Antuerpia, Typ. Plantiniana, 1728 (BEP, 794/B).
- *Missale Romanum, ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Venetiis, ex Typ. Balleoniana, 1736; LXXII, 548, CXXII, 18 p.; 18 cm (BJPIL, 264-12 BAL-736).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini... et novis missis ex indulto apostolico huc usque concessis auctum*, Antuerpiae, Architypographia Plantiniana, 1738 (BNP, R. 6649//1 A.).

- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini restitutum, S. Pii Pont. Max. Jussu editum, Clementis VIII & Urbani VIII*, Veneza, Tipografia Balleoniana, 1740 (BEP, 20.433).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Veneza, ex Typ. Balleoniana, 1741; 460, 98, 40, 60 p.; 32x24 cm (BCapP).
- *Missale Romanum, ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum, Sancti Pii V Pont. Max. Jussu Editum et Clementis VIII Primum, nunc denuo Urbani Papae Octavi auctoritate recognitum et novis missis ex indulto apostolico concessis auctum*, Antuerpia, Architypographia Plantiniana, 1744; il. com gravuras; 76, 636, 130, 6, 30, 4, 4 p.; il., notação musical (BNP, Res. 4538//1 V.; BEP, 794/B).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Venetiis, Typ. Balleoniana, 1751 (BNP, R. 25537 P.).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Lisboa, Michaelem Manescal da Costa, 1764; 60, 278, 18, 301-658, 94, 104-116, 49, 6, 47-67, 3 p. (CMVIS, 1152).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Antuérpia, ex Architypographia Plantiniana, 1765; 636, 132, 40, 23 p.; 32x24 cm (BCapP).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Lisboa, Typografia Régia, et Privilegio, 1782; com notação musical; “Cum facultate Regiae Curiae Censoriae”; 682, 144, 58 p.; 30x21 cm (BCapP; BEP, 794/B.).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Lisboa, Typ. Régia, et Privilegio, 1784 (BNP, Res. 4453 //1 V.).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Lisboa, Typographia Régia, 1793; 60, 624, CLVI, 56, 4, 83 p.; il., not. mus.; 45 cm (BNP, Res. 1265 A.).
- *Missale Romanum, ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini restitutum, S. Pii V. Pont. Max. jussu editum, Clementis VIII. et Urbani VIII. auctoritate recognitum...*, Lisboa, Ex Typ. Régia, 1797; 52, 624, CCXXII, 66 p.: il., estampas; 30 cm (BJPII, 264-12 OLI-97).
- *Missale Romanum, ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, ib., mesmo impressor, 1808; 58, 354 p.; 30x21 cm (BSEA; BJPII).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, ib., mesmo impressor, 1818; 10, LXIII, 678, CCXXXIX, 67, 6 p.; il.; 31 cm (BNP, R. 6647 A.).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, ib., mesmo impressor, 1820; 974 p.; 2 col.; il.; 28 cm (BNP, R. 28570 V.; CBAP, n.º 1500).



- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Roma, Typis “Mater Amabilis”, 1828; XXXVIII, 2, 505, LXXXII p., 2 fol.; il.; 35 cm (BNP, Res. 1386 A).
- *Missal Romano segundo o calendário de Portugal, Conquistas e Brazil em favor dos que ignoram o latim*, por D. I. H., Lisboa, Imprensa Nacional, 1847; XXXII, 754 p.; 21 cm (BNP, R. 28730 P.).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilli Tridentini Restitutum, S. Pii V... Jussu Editum... Novis Missis Auctum*, Mechliniae, H. Dessain, 1862 (BNP, R. 708 P.).
- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilli Tridentini Restitutum...*, Ra-

tisbonae, Neo Eboraci et Cincinnatii, Sumtibus Chartis & Typis Friderici Pustet, 1876; 1 vol.; pag. vár.: il.; 31 cm (BJPII).

- *Missale Romanum ex decreto sacrosancti Concilii Tridentini...*, Mechliniae, H. Dessain, 1889; 536, 195, 24, 2 p.; 18x11 cm (BPH).
- *Missale pro Defunctis Sacri Ordinis Praedicatorum. Auct. Apost. Approbatum Rev.mi P. F. Antonini Bremond...*, Roma, Hieronymus Mainardi, 1749; 32 p.; il. (BNP, R. 6708 A.).
- *Missale Cisterciense ad usum Sacrae Congregationis Divi Bernardi, in Lusitaniae & Algarbiorum Regnis*, Antuerpiae, Architypographia Plantiniana, 1738; XXIII, 372, LXXXIV p.: il., not. mus.; 35 cm (BNP, Enc. 65).
- *Canon missae et praefationes aliaquae in eius celebratione rite agenda. Additae sunt praeparationes et gratiaraum actiones ad missam episcopalem tam solemnem, quam privatam dicendae*, Veneza, Apud Cieras, 1692; 4, 135 p.; 4 p. de estampas (CMVIS, 2424).
- *Canon missae ad usum episcoporum ac praelatorum solemniter vel private celebrantium; indice, praefationibus fine notis, ac figuris aere incisis, ceteris auctior, ac nobilior. Sub auspiciis SS. Domini Nostri Benedicti XIV Pont. Max...*, Roma, Mariam Salvioni, Joachinum, et Josephum Filios, typographos pontificios Vaticanos, 1745. *Editio tertia*. Indice, Praefationibus sine notis ac Figuris aere incisis, ceteris auctior ac nobilior; 2, 176; 43 cm (BNP, Res. 1295 A.; CMVIS, 2426).  
— Veneza, Tipographia Balleoniana, 1765; 4, 140, 2 fol. de estampas, 13 p. de estampas (CMVIS, 2423).

## 11.7. Cerimoniais

Como o próprio nome indica, são os livros que tratam do modo de celebrar determinado ato litúrgico. Por isso é que há muitos tipos de cerimoniais, como podemos ver abaixo.

- *Cearemoniale Episcoporum Clementis Pape VIII et Innocentii X*, Roma, Typ. & Sampt. Michaelis Angeli & Petri Vincentil de Rubels, 1713; 20x16 cm (BNP, R. 797 P.).  
— Veneza, 1758; 385 p. (BSEA).  
— Lovaina, 1873; 563 p. (BSEA).
- *Caeremoniale Episcoporum Sanctiss. Domini nostri Benedicti Papa XIV...*, Veneza, Tip. Hered. Nicolai Pezzana, 1772; 344 p.; 19x11 cm (BSEA).  
— Ib., Tip. Josephum Orlandelli, 1796; 378 p.; 19x10,5 cm (BSEA).

- *Caeremoniale Episcoporum Clementis VIII. Primum nunc denuo Innocentii Papae I auctoritate recognitum...*, Lisboa, Typ. Régia, 1804 (BPNM, 2-71-8-20).
- *Cerimonial eucarístico...*, Lisboa, Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1706; autor: Afonso de Monroy; 12, 304 p.; 17 cm (BNP, R. 39479 P.; BPNM, 2-71-1-13/14).
- *Ceremonial da Província da Soledade da mais estrita, e regular observância de N.S.P.S. Francisco, do Instituto dos Descalços, neste Reyno de Portugal: dividido em quatro partes*, Coimbra, Oficina de Luís Seco Ferreira, 1755; 22, 519 p.; 22 cm (FacFil, 66-A-1).
- *Ceremoniale Episcoporum, Clementis Papae VII et Innocentii X Jussu Recognitum...*, Romae, Typ. & Sampt. Michaelis Angeli & Petri Vincentil de Rubels, 1713 (BNP, R. 797 P.).
- *Ceremoniale Episcoporum Benedicti papae XII auctoritate...*, Roma, 1727; 2 vol.; 14x9 cm (BSEA).
- *Ceremonial dos Religiosos Carmelitas Descalços, segundo o Rito Romano, para o uso da Congregação de Portugal, traduzido do Hespanhol, correcto, notavelmente accrescentado, e em tudo conforme ás Rubricas do Breviário, e Missal Romano, Decretos da Sagrada Congregação, costumes antiquíssimos, e Privilégios da Religião*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1788; 28 cm (FacFil, R66-E-7).  
— Ib., mesmo impressor, 1799; texto corrido; 534 p.; 30x19,5 cm (BNP, R. 1884 A.; FacFil, R66-E-6; BOCD; A Tradução em Portugal, 2188).
- *Ceremoniale Episcoporum cum indicibus necessariis...*, Veneza, 1796; Bento XIV; 378 p.; 19x10,5 cm (BSEA).
- *Cerimonial para a Sagração dos bispos*, Porto, Tip. de Gandra e Filhos, 1843; 36 p.; 18x12 cm (BSEA).
- *Manuale Sacrarum Caeremoniarum*, Coimbra, Colégio das Artes, 1740; autor: Miguel Bauldry; 791 p.; 20x12,5 cm (BNP, R. 26230 P.; BSEA).
- *Ceremonial eclesiástico segundo o rito romano*, Lisboa, Oficina Miguel Manes-cal da Costa, 1743; 10, 628 p.; 30x20 cm (BSEA).
- *Cerimonial para celebrar o santo sacrificio da missa, rezada e cantada conforme as rubricas do missal romano...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1781; 2 partes; com Apêndice e Advertência; 396 p.; 15x10 cm (BCapB).  
— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1782; com tábuas directivas sobre as missas celebradas em privado; XXVII, 418 p.; 15x10 cm (BPH; CBAP, n.º 1081).  
— 4.<sup>a</sup> edição mais correcta, ib., mesmo impressor, 1790; XXVIII, 402 p.; 15 cm (BCAP, n.º 1082).

- Ib., mesmo impressor, 1796 (BPNM, 2-71-2-8).
- 6.<sup>a</sup> edição, ib., Oficina António Rodrigues Galhardo, 1804; XXVIII, 406 p. (BSEA; CBAP, n.º 1083).
- 7.<sup>a</sup> edição, ib., Imprensa Régia, 1814; 410 p.; 15x10 cm (BSEA).
- Ib., mesmo impressor, 1826; 8, 26, 380 p.; 15 cm (BNP, R. 25912 P.; BSEA; BPNM, 2-71-8-26).
- Nova edição, ib., Typ. de José Baptista Morando, 1854; 356 p.; 16x10 cm (BSEA; BPH).
- Porto, A. R. da Cruz Coutinho, 1875; 224 p.; 19x12,5 cm (BNP, R. 25213 P.; BSEA).
- 8.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Imprensa Régia, 1886; 26, 380 p.; 15x10 cm (BSEA).<sup>21</sup>
- *Manual Fúnebre Trinitário*, Lisboa, 1731.
- *Suplemento do Manual da Ordem Hospitaleira de N. P. S. João de Deus*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira (BPE, Sala de Leitura, E.7-C.5).
- *Livro para assistir ao Santo Sacrifício da Missa com o canon da mesma em portuguez, e orações e devoções tiradas do officio divino...*, Lisboa, Impressão de João Nunes Esteves, 1830; 2, 216 p.; 13 cm (CBAP, n.º 1234).
- *Livro dos usos e cerimónias cistercienses da Congregação de Santa Maria de Alcobaca...*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1788; 2 vol.; 17 cm (CBAP, n.º 1236).

## 11.8. Pontificais

Este nome indica o modo como devem ser celebrados determinados atos litúrgicos próprios do bispo: as ordenações de diáconos, presbíteros, bispos; a administração do sacramento do crisma; a dedicação de um altar ou de uma igreja, a bênção do óleo dos catecúmenos e dos doentes, etc.

Vejamos alguns que existem nas nossas bibliotecas.

- *Pontificale Romanum Clementis VIII ac Urbani VIII...*, Veneza, Tip. Balleoniana, 1758; 473 p. Corrigido e aumentado por ordem Bento XIV; 19x11 cm (BSEA).
- Ib., mesmo impressor, 1765; 490 p.; 18x10 cm (BSEA).
- Ib., mesmo impressor, 1775; 14, 473, 5 p.; 18 cm (CBAP, n.º 1722).
- *Pontificale romanum summorum pontificum jussu editum et a Benedicto XIV...*,

<sup>21</sup> Ver Inocêncio III, p. 227; X, p. 88-89; Fortunato de Almeida III, p. 393.



Roma, Typis Camerae Apostolicae, Apud Salviuccios, 1848; 3 vol.; 44 cm (CBAP, n.º 1722).

- *Pontificale romanum summorum pontificum issu editum, et a Benedicto XIV. Pont. Max. recognitum et castigatum...*, Mechliniae, H. Dessain, 1873; 3 vol.; 20 cm (BJPII, 264.02-14).
- *Pontificale romanum summorum pontificum issu editum, et a Benedicto XIV. et Leone XIII Pont. Max. recognitum et castigatum...*, Ratisbonae, Sumptibus, Chartis et Typis Friderici Pustet, 1891; Editio prima post typicam; XI, 460 p.; 20 cm (BJPII).
- *Pontifical monástico da Congregação do Príncipe dos Patriarchas São Bento deste Reyno de Portugal: composto conforme o Cerimonial Cassinense, Privilégios Pontifícios, e declarações da Sagrada Congregação por mandado da Junta Geral*, Coimbra, Real Collégio das Artes da Companhia de Jesus, 1730; 13, 263 p.; 24 cm (FacFil, R35-C-9).

### 11.9. Processionários

Este nome indica o ritual que deve observar-se nas procissões de carácter litúrgico, isto é, as que celebram os mistérios da vida de Cristo: a procissão de entrada numa eucaristia solene; a procissão do dia de Ramos; a que se faz na Vigília Pascal; há outras procissões que são ocasionais e não propriamente litúrgicas: a procissão de um enterro ao cemitério e outras que se chamam propriamente votivas: procissões eucarísticas, procissão chamada do Encontro ou dos Passos, em tempo da Quaresma; as procissões em honra de Nossa Senhora e outras menos importantes liturgicamente, sobretudo em honra dos santos.<sup>22</sup>

- *Antifonário Processional*, 1729; 52 fol. (BPE, CLI/2-15).
- *Processionale cisterciense ...*, Lisboa, 1757; 309 p. (BPE, SL E. 57 – C. 3).
- *Processional Romano... Pauli V*, Lisboa, 1777; 160 p. (BPE, Sala Nova: E. 1 – C. 6 – liv. 15).
- *Processionale iuxta formam Ritualis Romanani, Pauli V Pontificis Maximi Jussu editi*, Lisboa, [s.n.], 1731; 4, 76 p.: not. mus.; cantochão; 22 cm (BNP, F.C.R. 7 V.; BPNM, 2-71-7-3).  
— Ib., [s.n.], 1734; 4, 75 p.; not. mus.; 22 cm (BNP, F.C.R. 5 V).  
— Coimbra, Typ. Antonii Simoens Ferreyra, 1740; 163, 2 p.; not. mus.; 23 cm (BNP, R. 10597 V).

<sup>22</sup> Sobre o sentido das procissões, ver *Procession*, em ROSSO, Stéfano, Dictionnaire Encyclopédique de la Liturgie, t. II, Brepols, 1992, p. 236-242.

- Lisboa, José da Costa Coimbra, 1749 (BSEA).
- Ib., Ex praelo Antonii Vicentii da Silva, 1761; 134 p.; 20 cm (BNP, R. 28994 P.).
- Ib., Ex Typographia Régia, 1777; 159 p.: not. mus.; 21 cm (BNP, C.I.C. 23 V.).
- *Processionale Cisterciense, Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi...*, Lisboa, Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757; 309 p.; 21 cm (FacFil, R66-C-6).
- *Processionale secundum ritum Romananum, Pauli Quinti Pontificis Maximi Jussu editi*, Lisboa, Tipografia Patriarcal, 1766.
- *Processionale ac Rituale Romano-Seraphicum...*, Lisboa, Typ. Régia, 1826; 21 cm (BNP, R. 27997 P.; BPNM, 2-71-10-8).
- *Diário ecclesiástico e civil do anno de...*, [Lisboa: s.n.], [18?]; 34x45 cm (BPMP, P-C-414 [17]).
- *Diário ecclesiástico para o Reino de Portugal, principalmente para a cidade de Lisboa... para o ano de 1775...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, s.d. (BPNM, 2-71-3-28).
- *Praxis Pontificalis seu Caeremonialis Episcoporum pratica expositio in usum cathedralium, aliarumque majorum ecclesiarum...*, Lovaina, Ex. Vanlinthout Frates, 1873; 3 vol.; 20x13 cm (BSEA).
- *Praxis Pontificalis Sacras Liturgias...*, Lovaina, 1870-73; 8 vol. (BSEA).
- *Praxis Pontificalis Majoris Hebdomadae...*, Roma, Typ. Hicronymi Mainardi, 1726; autor: Horatius Christianus; 14 cm (BNP, R. 23656 P.).
- *Instruções a fim de se rezar perfeitamente o Officio Divino, e de se celebrar com devoção o sacrosanto sacrificio do altar: obra útil não só aos sacerdotes e aos mais ecclesiásticos, mas também a todas as pessoas ou religiosas, ou seculares em todos os seus exercícios de piedade*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1798; 15, 210 p.; 14 cm (BNP, R. 35395 P.).<sup>23</sup>
- *Instruções práticas sobre os Ritos, e Cerimónias da Missa Privada, nas quaes se dá aos sacerdotes hum método fácil e abreviado para celebrar com perfeição e uniformidade os sagrados mystérios*, Coimbra, Oficina de Luís Secco Ferreira, 1761; 368 p.; 15 cm (BJPII, MC-1282; BME, ATP177).

<sup>23</sup> Na ficha da BNP, diz: “Escrita no original em italiano e traduzida em portuguez da traducção Hespanhol.”

- *Instruções práticas e necessárias sobre os Ritos e Cerimónias das missas rezada e cantada...*, Porto, António Alvares Ribeiro, 1787 (BPNM, 2-71-2-8).
- *Livro de Oração Comum e Administração dos Sacramentos e outros ofícios divinos na Igreja Lusitana*, Porto, Tipografia de Fraga Lamares, Ed. Centro Diocesano da Igreja Lusitana, Vila Nova de Gaia, 1884; 17x11 cm.

Recebeu influências de vários lados, inclusive da Liturgia de Braga. Foi o primeiro livro do género editado em Portugal, para algumas Igrejas protestantes existentes no nosso país.<sup>24</sup>

— 3.<sup>a</sup> edição revista, Porto, Portugal, Tipo-Lito de Gonçalves & Nogueira, 1928.

### 11.10. Saltérios

Trata-se de um livro litúrgico que contém os *Salmos* para rezar na liturgia. Antigamente, o Saltério litúrgico constituía um livro independente; mais tarde, os salmos foram colocados e distribuídos por cada dia da semana no *Breviário* (ver acima). Por isso, o termo *Saltério* tem uma conotação litúrgica, diferentemente de um livro com os 150 salmos. Este último não se chamaria, propriamente, *Saltério*.

No Ofício divino ou Horas Canónicas, além dos 150 salmos, que se encontram no livro bíblico com este título, a Igreja colocou também outros “salmos” ou hinos, que estão tanto no Antigo como no Novo Testamento. E são muitos estes hinos ou salmos: uns 110. Por isso, certas obras litúrgicas desta tipologia levam frequentemente o título: *Salmos e Hinos*. Vejamos alguns destes exemplares, que fazem parte integrante da Bíblia.

- *Psalmos e Hymnos*, Lisboa, ca. 1875; 281 p.; impresso em Londres; sem autor, nem editor (BL, 03440.bb.9.).
- *Salmos, hymnos e Cânticos espirituais*, Londres, 1855; IV, 95 p.; em 12.º (BL, 03440.bb.6.).
- *Psalterium dispositum per hebdomadam, cum ordinario officii de tempore*, [S.l.: s. n., 1717?]; 612, 196, 3 p.; 16 cm (CBUA, RS/A-18-152).<sup>25</sup>
- *Psaltério da gloriosa Virgem Maria, composto pelo seráfico S. Boaventura e dis-*

<sup>24</sup> Ver SANTOS, Luís Aguiar, *A Primeira Geração da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica*, em *Lusitania Sacra* 8-9, 2.<sup>a</sup> Série, 1996-97, p. 322-324. Aqui se diz que o *Livro de Oração Comum* foi inspirado no *The book of common prayer and administration of the sacraments, and other rites ceremonies of the Church according to the use of the United Church of England and Irland...*, Londres, 1830.

<sup>25</sup> Data de privilégio, 1692, Bruxelas; data de licença, 1717, Antuérpia.

*tribuído por todos os dias da semana, em forma de ofício. Traduzido do latim na língua portuguesa*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1777; 276 p.

- *Livro da Missa e da Confissão, com os Ofícios dos Domingos e principais festas do ano. As Vésperas, Semana Santa, e outras Devoções*, Paris, Antiga Casa Morizot, 1857; edição feita sobre a do Prior d'Abrantes; Revista, emendada e augmentada; 634 p.; 12x8 cm; dourado, com encadernação de luxo (DB; BSL).

— Outra edição do mesmo ano, Paris, Sanchez, Editor, 1857. Difere da anterior apenas nas imagens e no impressor; 2 cores; 634 p.; 12x8 cm (DB: ex. incompleto).

- *Pequeno Livro da Missa e da Confissão e outras devoções*, Paris, Laplace, Sanchez e C.<sup>a</sup>, [1872]; edição feita sobre a do Prior d'Abrantes (BNP, R. 44363 P.).

### 11.11. Obras litúrgicas do Arquivo do Cabido da Sé de Braga

Este Arquivo é muito rico em obras litúrgicas. Por isso lhe reservámos um espaço próprio neste capítulo. Poderá servir também para uma investigação desse grande espólio. Aqui apresentamos aqueles que nos pareceram mais representativos para a época de que trata o presente volume. Como o leitor pode constatar, trata-se sobretudo de uma grande coleção de Missais, com muitos suplementos para ir adaptando a liturgia, sobretudo de Braga, a outras festas litúrgicas que iam aparecendo na Igreja Católica, canonizações de santos, por exemplo.

- *Missale Romanum*, Coimbra, Oficina de Manuel Rodrigo de Almeida, 1703; 28x20 cm; capa de madeira; Tabela / Calendário; Missal; Comum dos Santos; Missal de festas e santos próprios; Collecta.
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Balthasarem & Moreto, 1715. *Suplemento*: missas novas do papa Clemente XII, Porto, António Álvares Ribeiro Guimarães, 1766; p. 49-57; Festa do Coração de Jesus (sem paginação).
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1716 (Papa Urbano VIII).
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1722. *Suplemento*: Missas novas do Papa Clemente XII, Porto, António Álvares Ribeiro Guimarães, 1766. *Suplemento*: missa da Beata Virgem Maria (8 de dezembro).
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1728; missa do Coração de Jesus. *Suplemento*: Festa de S. Sérvulo (23 de dezembro).
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1728; missas próprias Sanctorum da Diocese de Braga Primaz das Espanias.
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1736. *Suplementos*: Missas pró-

prias dos santos Espanos; missas próprias dos santos; São Francisco Caracciolo (4 junho).

- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1736. *Suplementos*: festas dos santos da diocese de Lisboa, Tip. Joannis Galram, 1683; missas novas, Lisboa, Tip. Emmanuelis Fernandes A'Costa, 1739; 40 p.

Contém também: Mártires de Marrocos (festa em dois sítios diferentes); festa da fuga da Virgem Maria para o Egito (4.º domingo de abril); festa da maternidade da Virgem Maria (maio); festa da pureza da Virgem Maria; festa das 5 Chagas; festa de Santa Pulquéria; festa do Sagrado Coração de Jesus; várias missas próprias.

- *Missale Romanum*, Veneza, Tip. Balleoniana, 1745. *Suplemento*: Festa de S. Vicente de Paulo (19 de julho).
- *Missale Romanum*, Roma, Propaganda Fidei, 1747. Pertencente à capela de S. Pedro de Rates da Sé. *Suplementos*: benções diversas; missas próprias dos santos; missal próprio dos Frades Menores; missas novas e próprias para o reino de Portugal, Brasil e Algarves.
- *Missale Romanum - Epístolas e Evangelhos*, Antuérpia, Plantiniana, 1750; 42x29 cm.
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1754. *Suplemento*: missas dos santos aprovados para o reino de Portugal, Brasil e Algarve, Tipografia Rolandiana, Lisboa, 1824. *Suplemento*: Collecta para o reino de Portugal, Brasil e Algarve. *Suplemento*: orações próprias.
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1754 (2 ex.). *Suplemento*: missas dos santos aprovados para Portugal, Lisboa, Tip. Luisiana, 1782.
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1759. *Suplementos*: missas de festas e dos últimos santos (36 p.); missas especiais para o Patriarcado de Lisboa (8 p.); missa do Coração puríssimo da Beata Virgem Maria (1.º domingo depois da Oitava da Assunção); missa própria dos beatos 40 mártires do Japão; uma oração à mão de Santo Emídio.
- *Missale Romanum - Epístolas e Evangelhos*, Antuérpia, Plantiniana, 1761; 42x29 cm.
- *Missale Romanum*, Antuérpia, Plantiniana, 1765. *Suplementos*: Prefácios com notas musicais (gregoriano); Índice dos santos; missas próprias dos santos; festa do puríssimo coração da Beata Virgem Maria; collecta e novas missas privadas para o Reino de Portugal.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1782 (2 ex.). *Suplementos*: índice dos

santos; calendário das festas dos santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco; missas da Ordem dos Menores.

- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1789. *Suplementos*: índice dos santos; calendário das festas dos santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco; missas da Ordem dos Menores; missa própria a S. Francisco Caracciolo; Missa própria para a festa de Santa Paula (viúva romana).
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1789. *Suplementos*: índice dos santos; Calendário das festas dos santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco; missas da Ordem dos Menores; missa cantada na solenidade de S. Francisco; missas próprias do Reino de Portugal.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1793. Pertencente à capela de S. Pedro de Rates da Sé de Braga. *Suplementos*: índice dos santos; missas da Ordem dos Menores; missas próprias das dioceses; missas próprias dos defuntos; missas próprias dos santos de várias dioceses de Portugal; missas próprias da Ordem Militar de Jesus Cristo no Reino de Portugal; missas próprias da Ordem Militar de S. Bento de Avis; missas próprias da Ordem Militar de S. Tiago de Espada no Reino de Portugal; Calendário das festas dos santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco; outras missas próprias.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1793 (2 ex.). *Suplemento*: missas próprias bracarenses). *Suplementos*: índice dos santos; missas da Ordem dos Menores; missas próprias das dioceses; missas próprias dos defuntos; missas próprias dos santos de várias dioceses de Portugal; missas próprias da Ordem Militar de Jesus Cristo no reino de Portugal; missas próprias da Ordem Militar de S. Bento de Avis; missas próprias da Ordem Militar de S. Tiago de Espada no Reino de Portugal; calendário das festas dos santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco; missa própria da Beata Virgem Maria da Piedade; missa própria do Beato José João da Cruz; missa própria do Beato André Hibernon.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1793; ed. de bolso. *Suplementos*: missas próprias do reino de Portugal, etc.; missas próprias para o Patriarcado de Lisboa; missas próprias de Braga e das Espanhas; missas próprias de vários mártires; missa própria do patrono S. José; outros suplementos com missas próprias; festa de Nossa Senhora do Rosário; missa própria de Nuno Álvares Pereira (21 de setembro).
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1797 (3 ex.); 29x21 cm. *Suplementos*: calendário das festas dos Santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco; várias missas próprias; 1 dos ex. com suplemento de 1895, com os santos de Braga e missa própria com os defuntos de Braga; outro dos ex. com as mis-

sas próprias para o Reino de Portugal, Brasil e Algarve; outro dos ex. com as “Bênçãos do Rosário”, manuscritas.

- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1801. *Suplementos*: várias missas próprias; por exemplo: São Beda, venerável; São Paulo da Cruz; São João Batista de Sale; Evangelia.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1818. *Suplemento*: calendário das festas dos santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1818. *Suplemento*: calendário das festas dos santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco; vários suplementos com missas próprias.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Nacional, 1860 (2 ex.); um dos exemplares é de 35x25 cm. *Suplementos*: missas votivas; missas para remissão dos pecados; missa contra os pagãos; missas para o tempo da guerra; missas para diversas ocasiões; missas pelos defuntos; missas próprias de alguns lugares; missas de festas móveis; *Codex Regni* (coisas próprias do missal romano e outros extras, suplementares ao Missal Romano); calendário próprio das Ordens Militares de Portugal; Adenda et corrigenda do missal romano; calendário das festas dos Santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco; num dos exemplares: missas próprias bracarenses (suplemento de 1907).
- *Missale Romanum*, Turim, Tip. A. Mame, 1861; 40x28 cm. *Suplementos*: Apêndice dos santos; Índice dos apêndices.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Typ. Nacional, 1867; 40x28 cm; índice geral no início. *Suplementos*: lista geral (1-2); *Codex Regni* – missas próprias do reino de Portugal (a partir da página 3); missas próprias de cada uma das dioceses, organizadas por ordem alfabética; missas especiais das dioceses do reino de Portugal, Algarve, ilhas adjacentes e outros territórios dependentes da coroa portuguesa; missas próprias dos santos das 3 Ordens dos Frades Menores; missa de S. Francisco com sequência.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1882; 29x21 cm. *Suplementos*: missas próprias da diocese bracarense, 3.<sup>a</sup> edição, 1895; Collecta do Reino de Portugal; Evangelia.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, 1882. *Suplementos*: missas próprias dos santos das Espanhas, Antuérpia, Plantiniana, 1703; missas novas, Porto, António Álvares Ribeiro Guimarães, 1766; missa do Sagrado Coração de Jesus.
- *Missale Romanum*, Ratisboa, Neo Eboraci, 1896 – 10.<sup>a</sup> edição. Pertencente à paróquia da Sé Primaz de Braga. Boa ilustração com muita cor. *Suplementos*: missas votivas; missas contra os pagãos; missa votiva para a propagação da



fé; orações diversas; missas próprias para Portugal, Algarve e Brasil; colectas próprias para Portugal, Algarve e Brasil; missas próprias de Braga de 1895, aprovado pelo bispo António José de Freitas Honorato.

- *Missale Romanum*, sem folha de rosto. *Suplementos*: missas próprias de Braga de 1895, aprovado pelo bispo António José de Freitas Honorato; outras missas próprias.
- *Missale Romanum*, Lisboa, Tip. Régia, sem folha de rosto; suplemento de 1782. *Suplementos*: calendário das festas dos santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco; missas próprias de Braga.
- *Missale Romanum*; sem folha de rosto; *Suplementos*: missas votivas; missas para remissão dos pecados; missa contra os pagãos; missas para o tempo da guerra; missas para diversas ocasiões; missas pelos defuntos; missas próprias de alguns lugares; missas de festas móveis; calendário próprio das Ordens Militares de Portugal; calendário das festas dos Santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco.
- *Missale Romanum*; sem folha de rosto. *Suplementos*: calendário das festas dos santos das 3 Ordens do Santo Padre Nosso Francisco (até à página 50).
- *Missale Romanum*; sem folha de rosto. *Suplementos*: missas próprias, Lisboa, Petrus Pereira, 1734: missas novas e dos últimos santos (cerca de 40 p.).
- *Missale Romanum*; sem folha de rosto. *Suplementos*: missas novas, Porto, António Álvares Ribeiro Guimarães, 1786; tabela de vozes portuguesas; índice das missas novas.
- *Missal Próprio dos Santos de Portugal*, Porto, António Álvares Ribeiro, 1789; 57 p.
- *Missale in Agenda Defunctorum*, Veneza, Nicolaum Pezzana, 1752 (3 ex.).
- *Missale in Agenda Defunctorum para Portugal*, Lisboa, Tip. Régia, 1782 (7 ex.); 32 p.
- *Missas próprias dos defuntos*, sem folha de rosto; 39 p. *Suplemento*: 3 missas próprias dos defuntos.
- *Missale Bracarense*; sem folha de rosto. *Suplementos*: calendário; sem suplementos finais.
- *Missale Bracarense*; sem folha de rosto. *Suplementos*: calendário; sem suplementos finais.
- *Missale Bracarense*; sem folha de rosto. *Suplementos*: missas próprias e votivas.
- *Missale Bracarense*; sem folha de rosto. *Suplementos*: coletas para o reino de Portugal; missas próprias.

- *Missale Bracarense*; sem folha de rosto. *Suplementos*: missas próprias; missas novas.
- *Rituale Romanum de Paulo V*, Coimbra, João Antunes, 1711.

### Breviários

- *Breviarium Romanum*, Mechliniae, Tip. H. Dessain, 1890 (2 ex.); 15x9 cm.
- *Breviarium Bracarense*, Braga, Tip. Rodrigo de Moura Teles, 1724; 4 vol.; 20x15 cm.
- *Breviário Bracarense – acrescentos ao ofício e modo de rezar o ofício*, Lisboa, Tip. Régia, 1774; 107 p.; Ofício do Coração de Jesus e de São Francisco de Bórgia (11 p.).

### Pontificais

- *Pontificale Romanum* (confirmação, ordenações, consagrações), Venetis, Hieronymi, 1724; 43x29 cm.
- *Pontificale Romanum*, Roma, Vaticana, 1726 (3 partes); 537 p.; 43x29 cm.

### Outras obras

- *Manual de canto* (em pergaminho), 1737; em péssimo estado. 5 livros (capítulos); índice; 478 p.
- *Coleção de Cânones ordenada por São Martinho Bracarense*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1803; texto (424 p.) e índice (3 p.); 30x20,5 cm.
- *Canon Missae Pontificalis*, Roma, Tipografia Vaticano, 1729; 41x27 cm.
- *Psalmos e Hinos*, Rio de Janeiro, 1883; 7.<sup>a</sup> edição; 208, 16 p.; 13x9 cm. Trata-se de um livrinho com cânticos litúrgicos inspirados nos Salmos.

### Bibliografia

- ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia (160-2010)*, Difusora Bíblica, Fátima, 2011; 2.<sup>a</sup> edição corrigida e aumentada; 2239 p.
- BAULDRY, Miguel, *Manuale sacrarum caeremoniarum*, Conimbricae, Colégio das Artes, 1740; 20 cm (BNP, R. 26230 P.; CBAP, n.º 184).
- BURY, Guillaume, *Romanorum pontificum brevis notitia ritus ecclesiasticos a singulis institutos praecipue declarans; accedit onomasticon vocum obscuriorum, quae in missali, breviario...*, Venetiis, Typographia Relondiniana, 1757; 22, 610, 24 p. (BNP, H.G. 2243 P.; CMVIS, 380).
- CAVALIERI, Giovanni Michele, *Opera omnia liturgica seu commentaria in authentica Sacrae Rituum Congregationis decreta ad Romanum praesertim Breviarium, Missale, et Rituale quomodo liber attinentia quinque libros comprehensa*

*ab auctore curis postumis aucta, et emendata, atque integro tomo ex manuscriptis eius schedis nunc primum collecto locupletata. Tomus tertius [-quintus],* Veneza, Typographia Relondiniana, 1758; XII, 135 p.; XXIV, 223 p.; VIII, 141 p. (CMVIS, 850).

GAUANTO, Bartolomeo, *Thesaurus sacrorum rituum... Cui, praeter quadringenta circiter alia decreta, quae sive ante, sive post editam a Merato seriem usque in praesens ab eadem Sac. Rit. Congregatione emanarunt, addita sunt ex ipsomet Gavanto praxis dioecesanæ synodi, et visitationis episcopalis, et manuale episcoporum, brevibus notis illustrata. Tomus primus [-tertius] complectens omnia Gavanti commentaria in rubricas missalis romani... cum novis observationibus, et additionibus R. P. D. Caietani-Mariae Merati*, Veneza, Ex Typographia Balleaniana, 1744; 38 cm (FacFil, R66-F-15; R66-F-15-A).

—, *Editio novissima ceteris omnibus correctior et locupletior*, ib., mesmo impressor, 1762; 2 vol. (CMVIS, 859).

OLALLA Y ARAGÓN, Frutos Bartolomé de, *Ceremonial romano de la missa rezada, conforme el missal más moderno, con las advertencias de todo lo que se opone a las rubricas, para que, con toda la perfección se ofrezca el Santísimo Sacrificio de la misa... Corregido y enmendado de las erratas por su autor en esta tercera impression, añadido al fin un capitulo, o Epitome de lo que se debe observar en el coro en los oficios divinos*, Madrid, Geronimo de Estrada. A costa de los Herederos de Gabriel de León, 1707; 32, 424 [i.e. 414], 18 p. (CMVIS, 4163).

PEREIRA, Isabel et alii, *Livro Antigo*, Museu de Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1999, p. 52-109.

PINTO, Manuel, *O valor teológico da liturgia: Ensaio de um tratado*, Braga, Liv. Cruz, 1952; XLII, 369 p.; 25 cm (BNP, R. 11543 V.).

Vv., *Dictionnaire Encyclopédique de la Liturgie*, t. I, Brepols, 1992.

## Conclusões

1. Como dissemos, a Bíblia, para além dos textos traduzidos expressamente numa obra puramente bíblica (Bíblia completa, Novo Testamento ou partes da Bíblia), encontra-se sobretudo na liturgia, como o *locus* específico do encontro dos cristãos com a palavra de Deus. E acentuamos “específico”, porque, segundo o concílio Vaticano II, a liturgia é o momento próprio para esse encontro da comunidade, não apenas com a Bíblia em si mesma, mas com o Deus da Bíblia que, aí, fala a toda a comunidade reunida na fé.



2. Apesar do que acabamos de dizer, também convém declarar que, sem o conhecimentos da Bíblia, fonte da fé cristã, a liturgia não atinge plenamente o seu objetivo, que é o diálogo de Deus com o seu povo e com cada um dos participantes na ação litúrgica. Se Deus nos fala, mas não entendemos o que Ele nos diz, não pode haver um diálogo pleno entre o Deus falante e o discípulo que O escuta. Infelizmente, a Igreja Católica, a nosso ver, tem descurado este aspeto fundamental do cristianismo, apesar dos apelos constantes dos dois últimos concílios (sobretudo o Vaticano II) e dos papas desde Leão XIII.<sup>26</sup>

3. O que acabamos de afirmar tem como consequência, altamente positiva, uma autêntica proliferação de obras, edições e reedições de livros litúrgicos. Neste capítulo apresentamos uma simples amostragem deste facto eclesial, com 52 autores que organizaram livros de liturgia e as suas 436 obras. As nossas bibliotecas guardam, frequentemente, certos tesouros de obras litúrgicas ricamente apresentadas.

<sup>26</sup> Sobre este assunto veja-se a enorme quantidade de documentos oficiais da Igreja nestes dois séculos em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, o. c., 2.<sup>a</sup> edição, 2011.

“A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor não deixando jamais, sobretudo na sagrada liturgia, de tomar o pão da vida à mesa, tanto da palavra de Deus como do corpo de Cristo, nem de o distribuir aos fiéis (...). É preciso, pois, que toda a pregação eclesial, bem como a própria religião cristã, se alimente e seja orientada pela Sagrada Escritura. Com efeito, nos Livros Sagrados, o Pai que está nos céus vem muito amorosamente ao encontro dos seus filhos e conversa com eles; e, tão grande é a força e a virtude da palavra de Deus, que ela se torna o apoio e o vigor da Igreja e fortaleza da fé para os seus filhos, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual. Por isso, excelentemente convém à Sagrada Escritura estas palavras: A palavra de Deus é viva, eficaz (Heb 4,12) e tem o poder de construir o edifício e de vos conceder parte na herança com todos os santificados (Act 20,32; ver 1 Ts 2,13).”

(Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, n.º 21)

## Capítulo 12

### Bíblia e música litúrgica

Este capítulo pretende mostrar a importância da expressão musical, tanto vocal como instrumental, na liturgia. De facto, a música é um elemento integrante, essencial, da liturgia, porque esta tem como finalidade louvar o Deus criador e redentor da Bíblia. Esta última fala-nos frequentemente da música no Templo de Jerusalém ou mesmo fora dele. Justamente por isso, neste como noutros aspetos, há uma íntima ligação entre a liturgia bíblica do Antigo Testamento e a da Igreja, como não podia deixar de ser. Se a liturgia, em geral, é já uma ação de louvor a Deus, a música intensifica explicitamente esse louvor, tornando-o mais belo e perfeito; ou seja, a música ajuda a elevar mais diretamente o espírito até Deus. O problema está no tipo de música a escolher, mas também na letra a cantar. Os liturgistas de hoje optam, e com razão, pela letra bíblica dos Salmos ou hinos e pela música do gregoriano adaptada ao nosso tempo.

No período que nos toca estudar neste volume, a música litúrgica é sobretudo o cantochão ou o também chamado canto gregoriano. Este tornou-se mesmo o canto litúrgico oficial da Igreja Católica, pelo menos no que diz respeito ao nosso país, e as autoridades eclesásticas vigiaram de perto o cumprimento desta norma, proibindo, frequentemente, a música polifónica, como algo profano para agradar aos sentidos. Tal proibição tinha começado já no séc. XVII, pelo menos nos mosteiros da diocese de Braga, como se a música polifónica impedisse a ascensão da alma a Deus.<sup>1</sup>

A música litúrgica, aqui considerada, terá sempre que adaptar-se às culturas em que a Igreja está presente, assim como ao ritmo musical, muitas vezes acompanhado com a dança, como acontece nas Igrejas de África, por exemplo. Além disso, nestes dois séculos, mereceu especial relevo outro tipo de música religiosa, sobretudo a cantata, que apareceu pela vez primeira na Itália do séc.

---

<sup>1</sup> Ver casos concretos de proibição desta música, sobretudo nas visitas aos conventos femininos, em LESSA, Elisa, *Cantochão ou polifonia? Música e devoção nos mosteiros femininos portugueses no período moderno*, em *Género e Interioridade na Vida Religiosa – Conceitos, Contextos e Práticas*, CEHR, Universidade Católica, Lisboa, 2017, p. 159-168.

XVII; porém, adquiriu especial importância nos séc. XVIII-XIX, sobretudo nos países de língua alemã, dentro da própria celebração dominical. Estas cantatas têm, por isso, um conteúdo bíblico referente às leituras da Escritura do respetivo domingo. Bach já utilizou este tipo de música litúrgica.<sup>2</sup>

Vejam agora os autores portugueses que compuseram ou que nos falaram da música usada nos séc. XVIII-XIX e do estilo e ritmo (apenas) europeu.<sup>3</sup> Este capítulo apresenta-se numa estrutura bipartida:

12.1. Formação musical

12.2. Compositores portugueses de música litúrgica

### 12.1. Formação musical

Consideramos aqui os autores que se dedicaram à teoria e ao ensino da música litúrgica. Especial atenção mereceu ao rei D. João V a Escola de Mafra, orientada pelos Franciscanos Arrábidos, que aí residiam. Esta escola foi um centro importante de formação musical.

#### O Gregoriano Renovado e a Escola de Mafra

D. João V sonhou fazer um convento para os Franciscanos chamados Arrábidos e desde que Mafra foi contruída, aí se fundou, sob a responsabilidade dos mesmos frades, uma escola de música, em que dominava o canto gregoriano.<sup>4</sup> Quando veio de Roma a ordem de se cantar em todos os conventos o canto gregoriano reformado, ele viu aí uma oportunidade de dar novo impulso à dita escola. Esta também praticava dando concertos ou cantando nas liturgias. Foi contratado um mestre italiano, mestre da capela do Papa, para dar as instruções e pôr a escola a funcionar. Após o terremoto de 1755, partiu para Génova, continuando a enviar para a “sua” escola novas composições, o que aconteceu até 1761, pelo que recebia um ordenado mensal.

Quanto a esta escola, sabe-se que, entre 1734-1833, frequentaram-na 993 jovens, sob a responsabilidade dos Franciscanos Arrábidos, com aulas e ensaios diários. Numa palavra, a Escola de Música sacra de Mafra “fez escola” em Portugal, tendo outras Ordens imitado a sua música e estilo litúrgico solene. O franciscano

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, *Bible et musique: De Schütz à Bach (1600-1750)*, em Cahier Évangile – Supplément, hors-série, janeiro, 2009, p. 32-36.

<sup>3</sup> Ver *Chant et Musique*, em Vv., Dictionnaire Encyclopédique de la Liturgie, t. I, Brepols, 1992, p. 169-184..

<sup>4</sup> Apresentamos aqui algumas ideias de VALENÇA, Manuel, *A Escola de Música do Convento de Mafra (1730-1834)*, em Seminário sobre O Franciscanismo em Portugal. Actas, Convento da Arrábida, 1994, Fundação Oriente, Lisboa, 1996, p. 287-299.



arrábido que mais se salientou nesta escola foi Frei Domingos do Rosário, autor do *Theatro Ecclesiástico*, um livro para uso do coro e do altar, com os textos em música gregoriana restaurada, por ordem de D. João V.

Passamos agora a considerar alguns autores individualmente, com as suas respetivas obras:

**António da Silva Leite** (1759-1833). Nasceu no Porto. Segundo Ernesto Vieira, foi “o mais notável músico portuense dos fins do século XVIII e princípios do século XIX” (Ernesto Vieira II, p. 19-23; Inocêncio I, p. 270; VIII, p. 305; XXII, p. 358).

- *Rezumo de todas as regras, e preceitos da cantoria, assim da música métrica, como do cantochão*: dividido em duas partes, Porto, Officina de António Alvarez Ribeiro, 1787; 6, 43, 2 p.; 21 cm (BNP, M.P. 611 V).

— Ib., mesmo impressor, 1796. Ver as composições musicais, abaixo. Ver o autor nos cap. 10.2; 10.6; 11.1 e 12.2.

**António Duarte Moura**, Pe. (1843-1909). Nasceu e morreu em Viseu. Além de jornalista ilustrado e vigoroso, foi polemista ardente e hábil mecânico; ainda foi músico exímio e compositor distinto (Fortunato de Almeida III, p. 420-421). Deixou-nos:

- *Tractado de harmonia e acompanhamento ao alcance de todos*, Porto, Bartholomeu H. de Moraes, 1875; 109 p.; not. mus.; 24 cm (BNP, C.I.C. 41 V).

**António Gaspar Borges**, Pe. (1809-1898). Foi um distinto eclesiástico, professor de música no Seminário de Santarém, onde escreveu um compêndio simples, mas bem organizado, de canto gregoriano. O título é:

- *Breves princípios de cantochão: para uso do Seminário Patriarchal de Santarém*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1855; 16 p.; not. mus.; 22 cm (BNP, M. 50//15 V).

**Bernardo da Conceição**, Frei, OSB (fl. 1788). Segundo Ernesto Vieira I, p. 287, a obra que aqui apresentamos é “seguramente a melhor que existe impressa em português”. Da sua vida, diz nada saber. Inocêncio I, p. 376, também nada acrescenta.

- *O Ecclesiástico Instruído Scientificamente na Arte do Canto-Chão* [música impressa], Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1788; 6, 12, 1091 p.; 20 cm (BNP, M.P. 919 V).
- *Modo fácil e claro para aprender Cantochão*. Publicou-se em Fevereiro de 1789 (MP I, 52).

**Carlos de Jesus Maria** - 1, CRSA (1713-1747). Era natural de Lisboa, mas professou em Santa Cruz de Coimbra, 1734. Foi cantor-mor no Real Colégio de Santa Cruz, Coimbra, e em São Vicente de Fora, Lisboa. Escreveu a seguinte Arte de Cantochão:

- *Arte de Canto Chão que, para uso dos Religiosos da Província da Arrábida mandou compor e imprimir o Senhor Rey D. João V...* Na 1.<sup>a</sup> página, *Resumo das Regras Geraes mais importantes e necessárias para a boa intelligência do Cantocham com uma breve instrução para os presbíteros...*, Coimbra, 1726.

— 2.<sup>a</sup> edição, ib., Oficina António Simões Ferreira, 1741; 92, 2 p.; 24 cm (BNP, Res. 375 V).<sup>5</sup>

**Domingos de São José Varela**, Frei, OSB (17?-183?). Era natural de Guimarães. Deve ter sido um teórico profundo, conhecedor de todos os segredos da sua arte; e, ao mesmo tempo, um dos melhores organistas portugueses deste período. Foi autor de:

- *Compêndio de Música teórica e prática que contém breve instrução para tirar música, lições de acompanhamento em órgão, cravo, guitarra, medidas para dividir os braços das violas, guitarras etc., e para a canaria do órgão...*, Porto, Typ. de António Álvarez Ribeiro, 1806; 8, 104, 8 p.; not. mus.; 21 cm (BNP, C.I.C. 21 V). Ver o autor no cap. 12.2.

**Domingos do Rosário**, Dom Frei, OFM (?-1778). Era natural de Santa Maria dos Olivais. Foi bispo das ilhas de S. Tomé e Príncipe. Foi cantor-mor no seu convento do Palácio de Mafra (Barbosa IV, p. 109; MP II, p. 154; DBMP, p. 21.64; Inocêncio II, p. 198). Foi autor de:

- *Theatro ecclesiástico, em que se acham muitos documentos de canto-chão, para qualquer pessoa dedicada ao culto divino nos officios do coro, e altar...*, Lisboa, Oficina Joaquiniana de Música, 1743.

— 3.<sup>a</sup> impressão, e mais acrescentada, ib., Oficina de António Vicente da Silva, 1758; 16, 494, 2 p.; principalmente música; 21 cm (BNP, F.R. 258; BSEA).

— 4.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1765; 12, 499 p.; not. mus.; 21 cm (BNP, F.R. 259).

— 6.<sup>a</sup> impressão, ib., Oficina Luisiana, 1779; 12, 673, 3 p.; principalmente música; 21x14 cm (BNP, F.G. 265; BPH).

— 7.<sup>a</sup> impressão, ib., Oficina de Simão Thadeo, 1782; 12, 708, 2 p.; 20 cm (BNP, M.P. 916 V).

<sup>5</sup> Segundo Barbosa Machado, a obra saiu com o nome de Pe. Luís da Maia Croesser (anagrama do autor); ver Inocêncio II, p. 32; Barbosa III, p. 111; IV, p. 87; Ernesto Vieira II, p. 62-63.

— 8.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1786; novamente dividido em 2 partes; 1.<sup>a</sup> parte: 552 p.; 21x14,5 cm (BNP, C.I.C. 6 V.; BCapP; DB).

— 9.<sup>a</sup> impressão, ib., Impressão Régia, 1817; 2 vol.: principalmente música; 20 cm (BNP, TR. 393 P. - 396 P.; BOCD).<sup>6</sup>

- *Theatro ecclesiástico, e Manual de Missas oferecido á Virgem Santíssima Senhora Nossa... Parte Segunda*, Lisboa, Impressão Régia, 1817; 560 p.; 20,5x14,5 cm (BOCD). É uma obra com 9 edições, caso único na nossa literatura musical. Ver o autor no cap. 15.

**Domingos José de Paiva** (1817-1895). Nasceu em Viana do Castelo. Esteve para entrar no mosteiro de Rendufe da Ordem de S. Bento, destinando-se à vida claustral, quando a mudança política de 1834 lho impediu. Dedicou-se então à arte musical, que tinha estudado, ocupando o lugar de professor no Seminário arquidiocesano, no Colégio de São Caetano e no Colégio do Espírito Santo. Compôs também alguma música religiosa (Ernesto Vieira II, p. 146). Publicou o seguinte compêndio:

- *Compêndio de cantochão teórico e prático*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858; 88 p.; not. mus.; 24 cm (BNP, M.P. 2693 V.).

**Francisco Inácio Solano** (1720-1800). Parece que era natural de Coimbra. Estudou na escola de música estabelecida por D. João V em Santa Catarina de Ribamar. Foi cantor e organista, dedicando-se também ao ensino musical (Inocêncio II, p. 392; Ernesto Vieira II, p. 332-334). Por isso, foi autor do seguinte manual:

- *Nova instrução musical ou Theórica e Prática da Música Rythmica, com a qual se forma e ordena sobre os mais sólidos fundamentos hum Novo Método e verdadeiro SysHEMA para constituir hum inteligente solfista e destríssimo cantor, nomeando as notas, ou figuras da Solfa...*, Lisboa, Officina de Miguel Manescal da Costa, 1764; 58, 340, 47 p.; 21x14 cm (BNP, M. 1021 V.; BPH).
- *Exame instructivo sobre a música multiforme, métrica e rythmica, no qual se pergunta, e dá resposta de muitas cousas interessantes para o solfejo, contraponto, e composição...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1790; 16, 289, 9 p.; 15 cm (BNP, C.I.C. 7 P.).
- Tradução em espanhol: *Examen instructivo sobre la música multiforme, métrica y rythmica...* escrito en português... por Francisco Ignacio Solano; traducido

<sup>6</sup> Na ficha da BNP, diz-se: “Obra vulgarmente conhecida como Arte de Mafra (ver VIEIRA, Ernesto, *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*, 1: 555”.

al castellano por Don Juan Pedro Almeyda y Motta..., Madrid, Imprenta de Collado, 1818; 4, 240 p.; 23 cm (BNP, C.I.C. 29 V).

- *Dissertação sobre o carácter, qualidades, e antiguidades da música, em obséquio do admirável mystério da Immaculada Conceição de Maria Santíssima Nossa Senhora, feita por Francisco Ignácio Solano, e por elle recitada no dia 24 de Novembro de 1779 para effeito de abrir e estabelecer nesta Corte huma Aula de Música Theórica e Prática...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1780; 27 p.; 20 cm (BNP, M. 224 V).
- *Nova arte, e breve compêndio de música para lição dos principiantes...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1768; 4, 16 p.; 20 cm (BNP, H.G. 6762//3 V).
- *Nova arte, e breve compêndio de música para lição dos principiantes mais purificada e acrescentada n'esta segunda edição...*, Lisboa, 1794.
- *Vindícias do Tono: exame crítico-theórico sobre outro exame theórico-crítico das regras do canto ecclesiástico...*, Lisboa, Régia Officina Typografia, 1793; 50 p.; 27 cm (BNP, M. 808//2 P).

Esta obra foi de polémica contra as *Vindícias do Tritono*, de José do Espírito Santo Monte.

**João da Soledade Morais**, Dom Frei, OSA (1799-1870). Nasceu em Lamego. Foi prior da Azueira, onde faleceu. Antes tinha sido pároco na freguesia de São Pedro dos Grilhões, concelho de Mafra (Inocêncio IV, p. 41; X, p. 357; DBMP, p. 31). De temática musical escreveu:

- *Princípios geraes de Música, redigidos e exemplificados*, Lisboa, 1833; 40 p.; em 4.º. Ver o autor no cap. 15.

**João de Abreu Pessoa** (?-1830). Foi mestre de capela na catedral de Viseu. Escreveu uma arte de cantochão que foi usada até 1910 no Seminário de Viseu (Ernesto Vieira II, p. 168). Apresentamo-la aqui:

- *Arte de Cantochão para o uso do Seminário da cidade de Viseu e para o mais clero do mesmo bispado*, Lisboa, Impressão Régia, 1830; 7, 92, 3 p.; not. mus.; 21 cm (BNP, M.P. 732 V).

**João Vaz Barradas** (1689-1763?). Foi um dos célebres alunos do Seminário de Vila Viçosa (Ernesto Vieira II, p. 103). Escreveu os seguintes manuais de ensino:

- *Flores musicais colhidas no jardim da melhor lição de vários autores. Arte prática de canto de órgão, índice de cantoria para principiantes, com hum breve resumo das regras mais principaes do Cantochão, e regimen do coro, ao uso romano. Para*

*os subchantres e organistas...*, Lisboa, Oficina de Música, 1735; 8, 113, 59 p.; 20 cm (BNP, M.P. 98 P.).

- *Lições contínuas de Canto de Órgão*, Lisboa, Oficina António da Silva, 1747.

**José de Oliveira Trovão e Sousa** (fl. 173?). Foi vigário do coro na catedral de Lisboa em finais do século XVIII (Ernesto Vieira II, p. 342). Escreveu em latim a obra intitulada:

- *Novum Directorium chori, novo ordine contextum et a pluribus mendis expurgatum ad usum Basilicae S. Ecclesiae Patriarchalis Lisbonensis et omnium ecclesiarum lusitano imperio subjectarum, contiens omnia officia usque in hunc diem concessa, cum capitulis, precibus & orationibus*, Lisboa, Typ. Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1791; 24, 470, 122, 6 p.; not. mus.; 22 cm (BNP, M.P. 882 V.).<sup>7</sup>

**José do Espírito Santo Monte**, Frei, OFM (1728-?). Nasceu em Santarém. Foi cantochanista e vigário do coro no convento de Jesus em Lisboa (Ernesto Vieira II, p. 98; Inocêncio IV, p. 312). Escreveu um compêndio de cantochão intitulado:

- *Vindícias do Tritono: com hum exame theórico-crítico das legítimas, sólidas, e verdadeiras regras do canto ecclesiástico*, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791; 8, 92 p.; principalmente música; 21 cm (BNP, M. 316 P.). Esta obra foi contestada por Francisco Inácio Solano em *Vindícias do Tono...*

**José Maurício** (1752-1815). Nasceu em Coimbra e faleceu na Figueira da Foz. Foi professor de música na Universidade de Coimbra e mestre de capela na Sé da mesma cidade. É autor de um “Método de música” e foi um dos mais fecundos compositores portugueses de música religiosa, sobretudo litúrgica, com umas 124 obras (Ernesto Vieira II, p. 68-72). O seu método musical leva o seguinte título:

- *Methodo de Música. Escrito e offerecido a sua Alteza Real o Príncipe Regente...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1806; 35, 65, 3 p.; not. mus.; 20 cm (BNP, M. 1327 V.). Ver o autor no cap. 12.2.

**Manuel da Paixão Ribeiro** (fl. 1789). Sabe-se pelo título que se encontra na seguinte obra, que foi “Professor licenciado de Grammatica Latina, e de ler, escrever, e contar, em a cidade de Coimbra” (Ernesto Vieira II, p. 259). Segundo este autor, nada mais se sabe da sua vida. Escreveu:

<sup>7</sup> Segundo Ernesto Vieira, “Esta obra era destinada a substituir o vulgaríssimo “Theatro Ecclesiastico” ou “Arte de Mafra”, mas não o conseguiu por estarem as matérias distribuídas por uma forma scientifica sim, mas muito incommoda para manusear”.

- *Nova Arte da Viola*, Coimbra, Real Officina da Universidade, 1789; 2, V, 51 p.; not. mus.; 21 cm (BNP, C.I.C. 17 V.).

**Manuel de Moraes Pedroso** (séc. XVIII). Era natural da cidade de Miranda. Compositor estabelecido no Porto a meados do século XVIII (Ernesto Vieira II, p. 156-158). Foi autor do seguinte compêndio:

- *Compêndio de Música ou Arte Abreviada em que se contém as regras mais necessárias da Cantoria. Acompanhamento e Contraponto*, Porto, Oficina Episcopal de Manuel Pedroso Coimbra, 1751; 47 p.; em 4.º;  
— 2.ª impressão, ib., Oficina de António Álvares Ribeiro Guimaraens, 1769; 47 p.; il.; 21 cm (BNP, TR. 4713 P.).

**Manuel Joaquim dos Santos** (1800-1863). Nasceu no Porto, mas foi viver para Lisboa. Foi músico da Real Câmara da Sé Patriarcal (Ernesto Vieira II, p. 281). Traduziu:

- *Princípios geraes de Música*, Lisboa, Oficina de Ziegler, 1842; autor: Gioachino Rossini; 20 p.: il., not. mus.; 28 cm (BNP, M.P. 566//9 V.).  
— 6.ª edição, ib., Imprensa Nacional, 1869; 23 p.: not. mus.; 27 cm (BNP, M.P. 713//3 V.).
- *Grammatica da Música ou Elementos d'esta bella arte compilados por D. Nicolau Eustachio Cattaneo com um artigo sobre a maneira de estudar a música*, Bruxelas, Schott irmãos, 1861.

## 12.2. Compositores portugueses de música litúrgica

Depois de considerarmos sobretudo os teóricos da arte musical de tipologia litúrgica, passamos agora a apresentar os que apenas compuseram peças musicais.

**António da Purificação**, Frei, OCD (?-?). Era natural de Évora. Durante muitos anos exerceu, no seu convento de Lisboa, o cargo de organista, de que é perito. Faleceu em Beja (DBMP, p. 17). Compôs:

- *Tantum ergo* [música manuscrita], 1770-1790; 4 partes vocais; 1 parte instrumental; 2 fol.; 32 cm (BNP, M.M. 264//8).

**António da Silva Leite** (1759-1833). Nasceu no Porto. Segundo Ernesto Vieira, foi “O mais notável músico portuense dos fins do século XVIII e princípios do século XIX” (Ernesto Vieira II, p. 19-23; Inocêncio I, p. 270; VIII, p. 305; XXII, p. 358). A Biblioteca Nacional tem 259 entradas de obras deste autor. Deixamos aqui apenas algumas:

- *Tantum Ergo a 4 Vozes*, flauta obrigada, violinos, viola e baixo, cantado pela

primeira vez, na Cathedral do Porto, no dia em que se deram graças ao Todo Poderoso pela restauração de Portugal.

- *Missa a 4 vozes dous (...) orgam e basso* [música manuscrita]; partitura; 28 fol.; 2 partes vocais (SS), 4 partes instrumentais; 23,5x32,5 cm (BNP, M.M. 304//8).
- *Miserere* [Sl 50] a 3 [música manuscrita], em 1816; 3 partes vocais, 2 partes instrumentais; 23x32 cm (BNP, M.M. 344//1).
- *7.º Responsório de Natal a 4 Vozes com Orgão e Basso* [música manuscrita], Porto, 1802; partitura; 8 fol.; 24x33 cm (BNP, M.M. 343//2).
- *Psalmo, Dixit Dominus* [Sl 109] a 3 vozes e órgão [música manuscrita], Porto, 1824; partitura; 27 p.; 3 partes vocais, 1 parte instrumental (BNP, M.M. 304//1).
- *Laudate dominum omnes gentes* [Sl 116,1; música manuscrita], 1790 e 1820; partitura vocal; 6 fol.; 22x30 cm; 2 partes vocais, 14 partes instrumentais (BNP, M.M. 3464//1-17). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.6; 11.1; 12.1.

**António do Nascimento e Oliveira** (fl. 1865-1880). Era um bom organista, pianista e compositor estabelecido em Setúbal (Ernesto Vieira II, p. 137-138). Deixamos aqui algumas das suas obras litúrgicas:

- *Psalmo para a hora de 5.ª feira da Assunção* [música manuscrita]: hymno da Noa, [Évora], 1877; partitura; 24 p.; 21,5x30 cm; 9 partes vocais; 2 partes instrumentais (BNP, M.M. 334//3).
- *Tantum Ergo* [música manuscrita]: nascimento, 1892; 3 partes vocais; 8 partes instrumentais; 21x30 cm (BNP, M.M. 198//3).
- *Si quis manducaverit* [Jo 6,52]; música manuscrita]: motetto ao SS.<sup>mo</sup> Sacramento: para dois sopranos, 1879; partitura; 4 fol.; 2 partes vocais; 1 parte instrumental; 21,5x30 cm (BNP, M.M. 327//1).

**António do Rosário Sarilho** (?-?). Compôs, de índole bíblica:

- *Noa d'Ascensão* [música manuscrita], 1772; 4 partes vocais, 1 parte instrumental (BNP, M.M. 1897//1-5).
- *Lamentação a 4* [música manuscrita]: que diz *Quomodo obtexit* [Lm 2,1], 1772; 4 partes vocais, 1 parte instrumental; 31 cm (BNP, M.M. 1898//1-5).

**António do Rosário**, OSJ (1682-ca. 1747). Nasceu em Lisboa e foi hábil compositor (Barbosa I, p. 378; DB II, p. 154; Ernesto Vieira II, p. 264). Deixou as seguintes obras:

- *Magnificat* [Lc 2,46-55], sobre o *Cantochão dos oito tons*.
- *Lamentações e motetos da Quaresma e Semana Santa*; a 8, 6 e 4 vozes.



- *Responsórios das Matinas da Imaculada Conceição*; a 4 vozes.
- *Vilancicos*; a 4 e 8 vozes.
- *Oração nova de São José*; posta em cantochão.
- *Ecce Sacerdos magnus*; a 7 vozes (BPE). Ver o autor no cap. 22.3

**António José Soares** (1783-1865). Era natural de Lisboa. Revelou aptidão para a música desde cedo. Foi organista da Capela Real. Escreveu muitas obras de música sacra especialmente para Mafra (Ernesto Vieira II, p. 328). A nossa Biblioteca Nacional regista 249 entradas de obras suas. Vejamos algumas:

- *Laudate pueri* [Sl 112, 1; música manuscrita], 1807; a dois tenores e dois baixos com acompanhamento de órgão; partitura; 14 fol.; 23x31 cm (BNP, M.M. 1758).
- *Te Deum Laudamus* [música manuscrita], 1807; partitura; 42 fol.; 45 cm (BNP, M.M. 2318).
- *Te Deum Laudamus* [música manuscrita]: a 4 vozes, 1820-1863; partitura; 26 fol.; 22x30 cm (BNP, F.C.R. 205//10).
- *Missa a 4 vozes* [música manuscrita], 1800-1865; 5 partes (BNP, F.C.R. 205//5).
- *Cum Sancto Spiritu* [música manuscrita], 1808; partitura; 12 fol.; 23,5x32,5 cm (BNP, M.M. 1294).
- *Kyrios e gloria* [música manuscrita]: *Credo, Sanctus, Benedictus, Agnus Dei*, 1790-1815; partitura; 22, 23 fol.; 22,5x32 cm; partitura; 18, 28 fol.; 22x30 cm (BNP, M.M. 131//2-3).
- *Novena de N. S.a da Conceição* [música manuscrita] [Entre 1810 e 1840]; partitura [2 fol.]; 24x31,5 cm (BNP, M.M. 1448).

**António Leal Moreira** (1758-1819). Foi condiscípulo de Baldi e também músico de grande valor, deixando muitas e variadas obras de caráter litúrgico (Ernesto Vieira II, p. 105-110). Deixamos aqui apenas uma amostragem dos 102 registos de obras suas, que se encontram na nossa Biblioteca Nacional:

- *Missa* [música manuscrita]: com *Gloria, Credo, Sanctus, e Agnus Dei*; a 4 vozes, órgão, e contrabaixo, 1780-1810; 4 partes vocais; 2 partes instrumentais; 22x30,5 cm (BNP, C.N. 14).
- *Mottetto in festo inventionis Sanctae Crucis* [música manuscrita]: a quatro vozes e órgão, 1818; 5 partes; partitura; 9 fol.; 23x32 cm (BNP, F.C.R. 138//7).
- *Salmo in exitu Israel* [Sl 113; música manuscrita]: a 4 concertado: com acompanhamento de órgão, 1778-1819; partitura; 16 fol.; 22,5x30 cm (BNP, F.C.R. 138//12).

- *Psalmo Laudate Dominum* [Sl 116,1]; música manuscrita]: a 4 concertado, 1780-1815; 6 partes vocais; 1 parte instrumental; 32 cm (BNP, M.M. 131//10).
- *Laudate Dominum omnes gentes* [Sl 116,1; música manuscrita]: a 4 concertado, 1778-1819; partitura; 4 fol.; 21x30 cm (BNP, F.C.R. 138//13).
- *Mathinas de Quinta Feira Sancta* [música manuscrita]: para tenores e baixos, 1790-1815; partitura; 42 fol.; 25x32,5 cm (BNP, M.M. 134).
- *Missa a 4 vozes* [música manuscrita]: com violino, viola, flauta, 1840-1849; partitura; 106 fol.; 22,5x32 cm (BNP, M.M. 126).
- *Salmo confitebor tibi Domine* [Sl 85,12] & *Quoniam exaudiste* [música manuscrita]: a 4 concertado, 1778-1819; partitura; 6 fol.; 21x29 cm; 5 partes (BNP, F.C.R. 138//11).

**António Luís Miró** (1815-1853). Era natural de Granada, mas veio em pequeno com os pais para Lisboa, onde recebeu a educação musical. Foi pianista de relevo (Ernesto Vieira II, p. 90-91). Compôs:

- *Psalmo confitebor* [Sl 85,12; música manuscrita]: para 4 vozes com acompanhamento de órgão, 1845; 1 partitura; 16 fol.; 22x30 cm; 5 partes (BNP, F.C.R. 136//4).
- *Psalmo exaltabo te* [Sl 29,2]; música manuscrita]: para 4 vozes com acompanhamento de órgão, 1845; 1 partitura; 15 fol.; 23x33 cm; 5 partes (BNP, F.C.R. 136//5).

**António Xavier de Sousa Monteiro, Dom** (1829-1906). Era natural de Lisboa. Foi cônego da Sé de Coimbra e professor do Seminário da mesma cidade, lugares que desempenhou conjuntamente até 1883. Depois foi nomeado bispo de Beja. Era um hábil pintor (sendo-lhe atribuída a tela da Transfiguração de Cristo na Igreja do Salvador de Beja), bem como um apaixonado compositor de música sacra. Pastoralmente, insistiu muito na formação do clero, pela fundação do Seminário diocesano e, quanto ao laicado, insistiu na catequese, no sacramento da Penitência e na santificação do domingo. Num momento muito difícil em relação ao poder civil, defendeu o diálogo entre a Igreja e o Estado.<sup>8</sup> Compôs:

- *Missa a 4 vozes: com acompanhamento de orchestra: escripta expressamente para se cantar em Sábado de Aleluia*, Lisboa, 1857; [música manuscrita], partitura; 79 fol.; 28 partes; 23x30 cm (BNP, F.C.R. 137//2).

<sup>8</sup> GUERREIRO, Jacinto Salvador, *A diocese de Beja no final do século XIX: A intervenção de D. António Xavier de Sousa Monteiro*, em *Lusitania Sacra* 8-9, 2.<sup>a</sup> Série, 1996-1997, p. 35-169; Inocêncio XX, p. 268.

- *Novena da Immaculada Conceição de Maria* [música manuscrita], Lisboa, 1857; partitura; 24 fol.; 5 partes; 14,5x23 cm (BNP, F.C.R. 137//3).
- *Responsórios das Matinas de Natal* [música manuscrita], 1849-1861; partitura; 59 fol.; 21,5x28,5 cm (BNP, F.C.R. 137//4).
- *Miserere* [Sl 50; música manuscrita], 1849-1906; partitura; 21 fol.; 22x30 cm (BNP, F.C.R. 137//5).
- *Te Deum* [música manuscrita], 1839-1906; partitura; 31, 22, 18 p.; 22x31 cm (BNP, F.C.R. 137//7). Ver o autor nos cap. 9 e 15.

**David Pérez** (1711-ca. 1780). Este notável mestre napolitano passou a última parte da sua vida no nosso país, tendo exercido aqui uma grande e longa influência artística, quer como compositor quer como mestre de música. Veio para Portugal contratado por D. José I para mestre dos seus filhos e compositor da Corte portuguesa. Por isso, merece constar no nosso elenco de músicos (Ernesto Vieira II, p. 162-165). Das suas 168 obras que a BNP nos apresenta, deixamos aqui as seguintes:

- *Officio de Defuntos* [música manuscrita], 1836; a 4 vozes; partitura; 30, 6 p.; 23,5x31 cm (BNP, F.C.R. 156//17).
- *Salve Regina* [música manuscrita]: concertata a 3 voxi, entre 1752 e 1778 (BNP, M.M. 247//10).
- *Responsórios* [música manuscrita]: a 4 da Epiphania, entre 1800 e 1830; partitura (32 p.); 23x33 cm (BNP, M.M. 216//5).
- *Missa de Requiem* [música manuscrita]: a 4 concertada, entre 1800 e 1830; 4 partes vocais; 2 partes instrumentais; 21x29 cm (BNP, M.M. 215//2).
- *In Nativitate Domini Nostri Jesu Christi* [música manuscrita]: responsoria, 1752 e 1778; partitura; 76, 4 p.; 24x33 cm (BNP, M.M. 215//8).
- *Partitura autographa do Te Deum, a oito vozes, órgão, clarins, trompas, violoncello e contrabaixo, escripto expressamente para a aclamação da rainha D. Maria I, 1752-1778* (BNP, F.C.R. 156//26).
- *Laudate Pueri Dominum* [Sl 12,1; música manuscrita]: a 5 e concerto de 2 sopranos e 1 contralto, Lisboa, 1790-1820; 8 partes (fol. 30 a 57); 33,5x23 cm (BNP, C.N. 47//2).

**Domingos de São José Varela**, Frei, OSB (17?-183?). Era natural de Guimarães. Deve ter sido um teórico profundo, conhecedor de todos os segredos da sua arte; e, ao mesmo tempo, um dos melhores organistas portugueses que tem havido. O cardeal Saraiva chega mesmo a dizer que tocava órgão com “admirável perfeição” (MP II, p. 229-230). Escreveu:

- *Missa a 4* [música manuscrita], 1790 e 1820; 4 partes vocais; 1 parte instrumental; 22x30 cm (BNP, M.M. 819//1-5). Ver o autor no cap. 12.1.

**Eleutério Franco Leal** (1758?-1840?). Foi mestre da capela patriarcal e professor de música no Seminário durante os últimos anos do século XVIII e princípio do século XIX. Era também organista e professor de piano (Ernesto Vieira II, p. 15-16). Compôs apenas música religiosa:

- *Memento mei Deus* [música manuscrita]: a 4, 1780-1800; 3 partes vocais; 1 parte instrumental; 22x29,5 cm (BNP, M.M. 159//5).
- *Psalmo confitebor tibi, Domine* [Sl 85,12; música manuscrita]: a 4 concertado, 18??; 1 partitura; 12 fol.; 8 partes 23x32 cm (BNP, F.C.R. 106//4).

**Eugénio Ricardo Monteiro de Almeida** (1826-1898). Era natural de Lisboa. Foi um conceituado mestre de música. Como compositor, foi autor de música sacra em grande quantidade e de outras espécies (Ernesto Vieira II, p. 98-101). Deixamos aqui as seguintes obras:

- *Sábbado Sancto Vésperas* [música manuscrita]: laudate dominum omnes gentes: [Psalmo 116] a 4 vozes e grande orchestra, 1860-1890; partitura; 6 fol.; 33,5 cm (BNP, M.M. 65//2).
- *Matinas de Nossa Senhora da Conceição* [música manuscrita]: a 4 vozes e orchestra, Lisboa, 18 de Outubro de 1864; partitura; 102 fol.; 23x30 cm (BNP, M.M. 7159).
- *Sexta Feira Santa* [música manuscrita]: Paixão a 4 vozes com acompanhamento de fagote, 1882; partitura; 40 fol.; 21,5x30 cm (BNP, M.M. 7162).

**Francisco António Norberto dos Santos Pinto** (1815-1860). Nasceu e faleceu em Lisboa. Foi um dos maiores e mais fecundos compositores portugueses de música sacra (Ernesto Vieira II, p. 173-176). A nossa Biblioteca Nacional apresenta 413 citações de obras suas. Deixamos aqui uma pequena amostragem:

- *Credo a 3* [música manuscrita], Lisboa, 1845; partitura; 24x32 cm (BNP, M.M. 345//10).
- *Te Deum a 3* [música manuscrita], Lisboa, 1844; partitura; 24 fol.; 22x30 cm (BNP, M.M. 223//3).
- *Missa* [música manuscrita]: de dois tenores e baixo, Lisboa, 1862; partitura; 54 fol.; 22x30 cm (BNP, M.M. 223//1).
- *Missa solemne* [música manuscrita], Lisboa, 1852; partitura; 152, 7 fol.; 22x30 cm (BNP, M.M. 220//1).

- *Gloria* [música manuscrita]: para sábado d'alleluia, 1842; partitura; 73 fol.; 29,5 cm (BNP, M.M. 221//4).
- *Responsórios para Sexta-feira Sancta* [música manuscrita], 1850; partitura; 44 fol.; 32,5 cm (BNP, M.M. 4846).
- *Pater Noster* [música manuscrita], 1840-1850; partitura; 2 fol.; 21x29 cm (BNP, M.M. 1343).

**Francisco de Jesus Maria Sarmiento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia. Grande conhecedor da língua latina, muito culto e exímio pregador. Quando faleceu, 1790, era Provincial da sua Ordem. É contemporâneo de Figueiredo (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocência II, p. 394; IX, p. 309). Escreveu:

- *Directório sacro das eclesiásticas cerimónias da bênção e procissão das candeias, da solene imposição das cinzas, da bênção e procissão dos ramos, e de todos os ofícios da Semana Santa até Terça feira da Páscoa inclusivé... Extraído, e abreviado do Directório Eclesiástico de Fr. Veríssimo dos Mártires...* [música impressa]: E de outros rubricistas modernos, com todo o canto-chão, que nos mesmos dias se deve praticar..., Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1772; 6, 350 p.; principalmente música; 20 cm (BNP, M.P. 152 P.).

— *Segunda impressão*, ib., mesmo impressor, 1794; 6, 354 p.; principalmente música; 20 cm (BNP, C.I.C. 34 P.). Ver o autor no cap. 3.2.

**Francisco de Paula e Azevedo** (1815-1834). Foi lente de música na Universidade de Coimbra e mestre de capela na catedral da mesma cidade. Sucedeu nestes cargos a José Maurício, de quem foi fiel imitador na composição de música religiosa que nos deixou (Ernesto Vieira I, p. 77-78). Assim temos:

- *Hymno Veni Creator Spiritus* [música manuscrita], Coimbra, 1822; partitura; 2 fol.; 22x29 cm (BNP, M.M. 1974).
- *Novena de S. Joseph* [música manuscrita], Coimbra, 1827; partitura; 4 fol.; no último fólio a invocação em cantochão para o *Veni Sancte Spiritus* da primeira página; 20,8x29,9 cm (BNP, M.M. 1724).
- *Invitatorium et Responsorium ad Matutinam defunctorum* a 4 vozes, violeta, viola, flauta, oboés, fagotti, corni, baixo. É a composição mais importante e mais extensa deste autor.
- *In Nativitate Domini, ad Matutinam*, para quatro vozes, órgão (baixo cifrado) e duas trompas.
- *Ad Nona*, [salmos de Noa], que se cantam em quinta-feira de Ascensão, para quatro vozes e órgão cifrado. Tem a data de 1819.

**Francisco de São Boaventura**, Frei, OCarm (1773-1802). Foi um Carmelita português calçado. Era bom compositor de música religiosa. Viveu no Porto. As suas partituras, na maior parte autógrafas, têm datas compreendidas entre os anos 1775 e 1794 (Ernesto Vieira II, p. 28). Deixamos aqui a seguinte:

- *Hymno Veni Creator Spiritus* [música manuscrita]: concertado a duo e a 4 [entre 1775 e 1800]; partitura; 3 fol.; 4 partes vocais; 30,5 cm; 8 partes instrumentais; 43 cm (BNP, M.M. 998//1-13).

**Francisco Eduardo da Costa** (1819-1855). Nasceu em Lamego e viveu no Porto desde a infância, onde foi apreciado como músico distinto (Ernesto Vieira I, p. 319-322). Deixou-nos alguma produção musical de carácter litúrgico:

- *Laudamus* [música manuscrita]: solo de tiple com acompanhamento de órgão, 1854; partitura; 4 fol.; 24x32 cm (BNP, M.M. 953).
- *Stabat Mater* [música manuscrita]: a 3 vozes e órgão, 1854; partitura; 10 fol.; 22x28 cm (BNP, M.M. 1195).
- *Missa a 4 vozes e orquestra* [música impressa], Porto, Universidade Católica Portuguesa, 2014; partitura; 230 p.; 24 cm (BNP, M.P. 3020 V.).
- *Qui tollis, a solo de soprano* [música manuscrita]: com acompanhamento de órgão, 1854; partitura; 3 fol.; 1 parte vocal; 1 parte instrumental; 25x32,5 cm (BNP, M.M. 1790//1-3).

**Francisco Rafael da Silveira Malhão** (1794-1860). Nasceu em Óbidos, estudou no Seminário de Santarém e veio a ser pároco na sua terra natal, onde sempre viveu (Inocêncio III, p. 40; IX, p. 366-67). Escreveu:

- *Hymno à Immaculada Conceição de Maria* [música manuscrita], [Lisboa] [entre 1830 e 1840]; partitura [2 fol.]; 22x29 cm (BNP, M.M. 1079). Ver o autor nos cap. 11.1; 14 e 22.5.

**Henrique Carlos Correia**, Frei, OSant (1680-1747). Nasceu em Lisboa, professou no convento de Palmela em 1716 (Barbosa II, p. 445; MP I, p. 55; Ernesto Vieira I, p. 296). Participou na coletânea:

- [*Obras a 4 e órgão*] [música manuscrita], 1765-1775 (BNP, M.M. 5018).
- *Responsórios das Matinas de Quarta, Quinta e Sexta feira da Semana Santa*; a 8 vozes; outro a 4 vozes.
- *Responsórios da Festa do Natal*; a 4 vozes com rabecas e rabecões obrigados.
- *Miserere mei Deus*; a 12 vozes de 4.º tom.  
Outro a 4 vozes do 2.º tom por bemol.  
Outro a 3 vozes do 2.º tom por bemol.

- Motetes de 4 vozes do 7.º tom, um ponto alto, que servem para a Via Sacra e começam assim:

*Bajulans sibi crucem* [Jo 19,17].

*Exeamus ergo, Domine Jesu* [?].

*Angariaverunt Simonem* [Mt 27,32].

*Filiae, Jerusalem* [Lc 23,28].

*Ó vos omnes* [Lam 1,12].

*Defecit guardium Sepulto Domino*. Estes motetes serviam também para a procissão do enterro do Senhor.

**Inácio António Celestino**, Pe. (séc. XVIII). Mestre de capela da Sé de Évora.

Deixou muitas obras manuscritas que se encontram no inventário de 1819 da Sé de Évora (Ernesto Vieira I, p. 275-276). Segundo este autor, compôs:

- *Psalmus responsorius: Domine exaudi vocem* (De profundis a quatro vozes).
- *Duas missas a oito vozes*.
- *Officios de defunctos*.
- *Libera-me, a oito vozes*.
- *Memento, a doze vozes*.
- *Psalmos diversos e uma sequência a oito vozes*.
- *Miserere, a três coros, alem de responsórios, motetes, etc.*

**Inácio António de Almeida** (1760-1825). Era natural de Guimarães. Foi mestre de capela da Sé de Braga e abade de Penedono, Lamego (Ernesto Vieira I, p. 19). Compôs música religiosa, tal como:

- *Ofícios de Defuntos, várias Missas* e ainda um:
- *Stabat Mater e Ofícios da Festa de Ramos da Semana Santa* (Carneiro, *A Música em Braga*, p. 361-362).
- *Matinas da noute de Natal* [música manuscrita], 1800 e 1820; 3 partes vocais; 1 parte instrumental; 22x30 cm (BNP, M.M. 1//6).
- *Te Deum laudamus* [música manuscrita]: a 4 vozes concertadas, 1790 e 1810; 4 partes vocais; 31,5 cm; 2 partes instrumentais (BNP, M.M. 507//1-6).
- *Invitatorium* [música mauscrita]: *Ad Matutinum, in Nativitate Domini*, 1790-1820; 4 partes vocais; 31,5 cm; 2 partes instrumentais; 22x29 cm (BNP, M.M. 1067//1-6).
- *Responsórios a 4* [música manuscrita: para a 6.ª feira S.ta, 1790-1820]; partitura; 14 fol.; 32 cm; 5 partes vocais, 2 partes instrumentais (BNP, M.M. 1236//1-8).



- *Moteto a solo e órgão* [música manuscrita], 1800-1825; 1 parte vocal; 31cm; 1 parte instrumental; 22,5x31 cm (BNP, M.M. 2263//1-2).

**Jerónimo de Belém**, Frei, OFM (1692-1760?). Era natural de Arcos de Valdevez.

O seu nome de batismo era Fortunato Lopes de Oliveira (Barbosa II, p. 485-486; Inocêncio III, p. 258; X, p. 127). Compôs:

- *Preces, que se devem cantar nos dias da novena, e festa da Mulher Forte, a Despozada mais Casta, a Esteril mais Fecunda, a Mãe da mesma Graça Maria Santíssima, e Avó, segundo a natureza humana, de Jesus Christo a Senhora S.ta Anna* [música impressa], Lisboa, Nova Officina Joaquiniana de Música, de D. Bernardo Fernandez Gayo, 1733; 3 partes (BNP, M.P. 945 V. - 947 V.). Ver o autor nos cap. 10.2; 12.2; 13.1 e 22.4.

**Jerónimo Francisco de Lima** (1741-1822). Entrou para a irmandade de Santa Cecília em 1767. Depois de ter completado os estudos no Seminário fez também a viagem a Itália, para se aperfeiçoar na arte musical. No regresso foi nomeado mestre do instituto onde tinha aprendido, continuando ao mesmo tempo a desempenhar o lugar de cantor da Patriarcal que já antes ocupava. Mais tarde, em 1798, passou a mestre de capela, sucedendo a João de Sousa Carvalho (Ernesto Vieira II, p. 34-35). Compôs:

- *Salve Regina* [música manuscrita]: a 4 concertata, 1760 e 1780; 8 partes vocais, 2 partes instrumentais; 32,5 cm (BNP, M.M. 142//11).
- *Te Deum laudamus* [música manuscrita]: a dois coros reais concertado entre si com vários instrumentos, 178- ; partitura; 137 fol.; 45 cm; partes vocais e instrumentais (BNP, M.M. 138//3).

**João de Deus de Nogueira Ramos** (1830-1896). Era natural de Messines (Silves).

Conhecido apenas por João de Deus (Inocêncio X, p. 234; XI, 287). Duas das suas poesias foram musicadas:

- *Invocação à Virgem* [música impressa]: Canção para meio soprano ou barytono, Lisboa, Tip. Lit. Castro, [19--]; música de Pe. F. da Costa Pereira; poesia de João de Deus; 3.<sup>a</sup> edição (BNP, M.P. 1177//9 A.).
- *Mãe do Céu* [música manuscrita]; música de F. V. Soeiro; letra de João de Deus [Entre 1860 e 1890]; partitura; 2 fol.; 29,5 cm (BNP, M.M. 532). Ver o autor em 10.3.1 e 17.

**João de Sousa Carvalho** (1745-1798). Era natural do Alentejo. Há notícia da sua entrada na Irmandade de Sta. Cecília em Lisboa, em 1767. Foi enviado com subsídio para Itália, por D. José I, a fim de aperfeiçoar a arte de compor. Foi

professor no Seminário patriarcal de Lisboa, onde formou músicos distintos (Ernesto Vieira I, p. 228-230). Compôs:

- *Messa a quattro voce* [música manuscrita]: con violini e con strumenti da fiato obligati, 1775; partitura; 32x23,5 cm (BNP, M.M. 5016).
- *Te Deum Laudamus* [música manuscrita], 1769; partitura; 103 fol.; 46 cm; partitura; 156 fol.; 45 cm; 48 partes de coro 22 partes de orquestra (BNP, M.M. 349).
- *Te Deum a due cori* [música manuscrita], 1789; partitura; 160 fol.; 46 cm; partitura; 200 fol.; 45 cm; 48 partes de coro, 23 partes de orquestra (BNP, M.M. 350).  
— Outra edição, 1792; partitura; 390 p.; 46 cm; partitura; 244 fol.; 45 cm; 35 partes de coro 29 partes de orquestra (BNP, M.M. 351).
- *Psalmo Lauda Jerusalem Dominum* [Sl 147; música manuscrita]: a 4.º concertato, entre 1770 e 1800; 4 partes vocais, 2 partes instrumentais; 32 cm (BNP, M.M. 1935//1-6).

**João Domingos Bomtempo** (1775-1842). Foi músico português de fama internacional. Andou por França, Inglaterra, etc. Deixou vasta obra musical (MP I, p. 21). Apresentamos apenas as seguintes:

- *Tantum Ergo, Kyrie, Gloria e Credo* [música manuscrita], [18--]; partitura; 24 fol.; 24x33 cm (BNP, C.I.C. 54).
- *Veni Sancte Spiritus* [música manuscrita] [Entre 1820 e 1840] (BNP, C.N. 724).
- *Missa de Requiem*, feita para as exéquias de D. Maria I.
- *Missa de Requiem*, feita para as exéquias de D. Pedro IV; estas duas missas são composições notáveis (MP I, p. 23).
- *Messe de Requiem* [música impressa]: “À quatre voix, chœurs et grand orchestre avec accompagnement de piano à défaut d’orchestre: Ouvrage consacré à la mémoire de Camões”, Paris, Chez Aug. te LeDuc, [entre 1819 e 1820]; partitura; 205 p.; 36 cm (BNP, C.I.C. 65 V).

**João Evangelista Pereira da Costa** (1798-1832). Era natural de Proença-a-Nova. Foi organista, pianista e compositor dotado de muito talento; mas, dada a sua curta existência, não desenvolveu plenamente esta arte. Estudou no Seminário de Lisboa (Inocêncio XIX, p. 9). Deixou-nos:

- *Laudate pueri Dominum* [Sl 112,1; música manuscrita]: a 4 com instrumental, 1820-1830; 5 partes vocais; 29 cm; 16 partes instrumentais; 30x32 cm (BNP, M.M. 218//7).

**João Jordani** (1793-1860). Nasceu em Lisboa de pais italianos que aí viviam. Foi tocador de violoncelo e contrabaixo, compositor e mestre de capela (Ernesto Vieira II, p. 556-557). Compôs, entre outras obras, as que se seguem:

- *Miserere* [música manuscrita], a 4 vozes, 1820-1860; partitura; 17 fol.; 22x30 cm (BNP, F.C.R. 101//5).
- *Veni Sancte Spiritus* [música manuscrita], 1820-1860; partitura; 2 fol.; 21x30 cm (BNP, F.C.R. 101//6).
- *Missa* [música manuscrita], com *Glória*, *Credo*, *Sanctus*, e *Agnus Dei*: a 4 vozes e instrumental com tympanos, 1830-1870 (BNP, C.N. 516).

**João José Baldi** (1770-1816). Era natural de Lisboa. Recebeu educação musical no Seminário patriarcal de Lisboa, onde aprenderam os melhores músicos. Deixou-nos muitas músicas religiosas, sendo a mais notável uma missa dedicada ao conde/marquês de Borba (Ernesto Vieira I, 83-90). Deixamos aqui uma pequena amostragem das 40 entradas de obras suas que se encontram na nossa Biblioteca Nacional:

- *Magnificat* [Lc 2,46-55; música manuscrita], 1790-1815; 5 partes vocais; 1 parte instrumental; 24x33 cm (BNP, M.M. 566//1-6).
- *Missa de instrumental* [música manuscrita], dedicada ao Ill.mo e Ex.mo Snr. Marquez de Borba, pub. em 1820; partitura; 24 fol.; 22,5x31 cm (BNP, F.C.R. 198//24).
- *Missa a quatro vozes* [música manuscrita], 1800-1816; partitura; 63 fol.; 23,5x32 cm (BNP, M.M. 10//1).
- *Vésperas de Nossa Senhora* [música manuscrita], a 4.º concertadas, 1800-1816; 4 partes vocais; 1 parte instrumental; 21x29 cm (BNP, M.M. 10//2).
- *Matinas da festa do nascimento de N. S. Jesus Christo* [música manuscrita]: a 4 vozes e órgão, 1857; partitura; 50, 2 p.; 22x30 cm (BNP, M.M. 9//7).
- *Laudate Dominum* [música manuscrita], 1800-1816; partitura; 12 fol.; 23x33 cm (BNP, M.M. 10//5).
- *Laudate pueri Dominum* [Sl 112,1; música manuscrita], 1800 e 1850; 6 partes; 23x30 cm (BNP, F.C.R. 14//18).

**João Rodrigues Cordeiro** (1826-1881). Nasceu no Rio de Janeiro, mas veio para Lisboa com 2 anos. Ficou órfão de pai, o que o obrigou, desde cedo, a ter que trabalhar. Foi um autodidata na aprendizagem da música (Ernesto Vieira I, p. 293-294). Compôs:

- *A Redenção* [música manuscrita], [Lisboa] Theatro de D. Maria II, 1871;

partitura; 4 fol.; contém 6 números, com instrumentação variada; 22x30 cm (BNP, M.M. 261//13).

**João Rodrigues Esteves** (ca. 1700-ca. 1755). Foi estudar para Roma a mando de D. João V, entre 1719 e 1726, onde recebeu a influência de compositores do barroco italiano eclesiástico. Foi mestre de capela na Sé de Lisboa (Ernesto Vieira I, p. 397; DBMP, p. 30). Entre as suas obras tem:

- 22 *Salmos* musicados.
- 2 *Te Deum* para se cantarem nas reais presenças, em dia de S. Silvestre. Um deles é a 4 coros.

**Joaquim Casimiro Júnior** (1808-1862). Nasceu e morreu em Lisboa. Foi um dos grandes músicos portugueses do seu tempo. Escreveu muitas peças musicais de caráter religioso de grande valor.<sup>9</sup> Deixamos aqui apenas algumas delas:

- *Hymno ó Gloriosa Virginum* [música manuscrita], 1835-1862; 4 partes vocais; 1 parte instrumental; 21x29 cm (BNP, M.M. 63//5).
- 5.<sup>o</sup> *Responsório de 6.<sup>a</sup> F.a Sancta* [música manuscrita], 1870-1900; 6 partes vocais; 1 parte instrumental (BNP, M.M. 1163//1-7).
- *Quare Fremuerunt Gentes* [música manuscrita]: Verso a três vozes dos responsórios de Sexta-feira Santa, 1840-1860; partitura; 2 fol.; 21x29 cm (BNP, M.M. 70//7).
- *Missa a 4 vozes* [música manuscrita]: para as domingas de Quaresma, 1850-1860; partitura; 20 fol.; 21x28 cm (BNP, M.M. 28//3).
- *Kyrie Eleison* [música manuscrita], 11-12-1858; partitura; 2 fol.; 22x30 cm (BNP, M.M. 27//4).
- *Libera Me, a 8* [música manuscrita], 10-5-1834; partitura; 8 fol.; 21,5x29,5 cm (BNP, M.M. 27//6).
- *Miserere a 4 vozes* [música manuscrita]: com acompanhamento de dois fagottes e órgão, 18-3-1831; partitura; 1, 5, 18 fol.; 21x29 cm (BNP, M.M. 27//7).
- *Grande Missa de Alleluia* [música manuscrita], a grande orchestra, 1835-1862; partitura; 89 fol.; excerto da partitura; 10 fol.; 33,5 cm (BNP, M.M. 65//1).

**Joaquim Cordeiro Galão** (fl. 1789-ca 1830). Foi mestre da Capela Real de Vila Viçosa durante os primeiros vinte e cinco anos do século XIX, ocupando de-

<sup>9</sup> Ernesto Vieira dá-lhe grandes elogios: “É este o mais inspirado músico português, a maior alma de artista que a arte musical tem produzido no nosso País. Nenhum outro dos tempos modernos o igualou no génio, nenhum dos seus contemporâneos lhe pode sofrer a comparação” (Ernesto Vieira I, p. 239).

pois o cargo de cónego tesoureiro da mesma capela (Ernesto Vieira I, p. 444-445). Compôs:

- *Joseph, Fili David* [Mt 1,20; música manuscrita], a 4 concert., Lisboa, 1800-1830; partitura; fol. 87 e 88; 24x32,5 cm; 5 partes (fol. 94 a 98); 32x23 cm (BNP, C.N. 38//9).
- *Laudemus virum gloriosum* [música manuscrita]: a 4 concert., Lisboa, 1800 e 1830; partitura; fol. 93 a 99; 24x32,5 cm; 5 partes (fol. 72 a 83); 32 cm (BNP, C.N. 38//7).

**Joaquim de Meneses e Ataíde**, Frei, OSA (1765-1828). Nasceu no Porto e professou no convento da Graça em Lisboa. As suas composições são sobretudo religiosas (Ernesto Vieira I, p. 63). Deixamos aqui estas:

- *Benedictus* [Lc 1,68-79] a 4 [música manuscrita], 1790 e 1820; 8 partes vocais; 2 partes instrumentais (BNP, M.M. 6//5).
- *Te Deum, a 4 Concert* [música manuscrita], 1841; 5 partes; 29x22 cm (BNP, F.C.R. 10).

**Joaquim Ribeiro da Costa**, Pe. (ca. 1835). Compôs:

- *Psalmo Beati omnes qui timent Dominum* [música manuscrita]: a 4 vozes, 1835; partitura; 6 fol.; 5 partes; 22,5x29 cm (BNP, F.C.R. 60//5).
- *Miserere* [música manuscrita]: a 4 vozes concertado e órgão, 1844; partitura; 14 fol.; 5 partes; 22x30 cm (BNP, F.C.R. 60//6).
- *Matinas da Ressurreição* [música manuscrita]: Matinas de Páscoa, [18--]; partitura; 6 fol.; 23x30 cm; 5 partes (BNP, F.C.R. 60//3).

**José Alves Mosca** (1771-1830). Foi organista da Sé patriarcal desde 1800. Compôs alguma música sacra que existe no arquivo da mesma Sé (Ernesto Vieira II, p. 110). Compôs:

- *Hymnus in Festo Pentecostes* [música manuscrita] [Entre 1810 e 1820]; partitura; 6 fol.; 9 partes vocais e 2 partes instrumentais (BNP, M.M. 301//4).
- *Missa a 4 concertada e breve* [música manuscrita], Lisboa [entre 1790 e 1820]; 6 partes; fol. 72 a 120; 32,5x22,5 cm (BNP, C.N. 62//2).

**José Cláudio de Almeida** (ca. 1802-1815). Era natural de Lisboa (DBMP, p. 32). Compôs:

- *Hymno Te Deum* [música manuscrita], 1814; partitura (10 fol.); 22x30 cm (BNP, M.M. 1//11).

**José da Assunção** - 3, Frei, OSA (séc. XVIII-XIX). Foi um músico frade do convento da Graça em Lisboa. Viveu entre os finais do século XVIII e início

do século XIX. Compôs muita música religiosa e também burlesca, sendo esta usada para distração (Ernesto Vieira I, p. 59-60). Na nossa Biblioteca Nacional encontramos:

- *Tantum Ergo* [música manuscrita]: *composto a duo*, 1790 e 1810; 2 partes vocais, 2 partes instrumentais; 31,5 cm (BNP).
- *Te Deum Laudamus* [música manuscrita]: a 4, 1790 e 1810; 4 partes vocais, 2 partes instrumentais; 22x29,5 cm (BNP).
- *[Miserere]* [música manuscrita], 1790 e 1810; 5 partes vocais; 22x30 cm (BNP)

**José de Santa Rita Marques e Silva**, Frei (1782-1837). Nasceu em Vila Viçosa, em cujo Seminário estudou música. Depois foi para Lisboa, onde exerceu o cargo de mestre da capela no Seminário Patriarcal. Professou na Ordem dos frades Paulistas (Ernesto Vieira II, p. 309-314). Dos 199 registos que a Biblioteca Nacional nos apresenta, deixamos apenas estes de índole litúrgica:

- *Jesu Redemptor omnium* [música manuscrita]: hymno para a festa do Natal, 1834; música, para 4 vozes e acompanhamento de órgão; partitura; 6 fol.; 5 partes; 23x32 cm (BNP, F.C.R. 198//10).
- *Gloria In Excelsis Deo* [música manuscrita]: para Sábado d'Alleluia, 1800-1837; partitura; 14 fol.; 22x30 cm; 5 partes (BNP, F.C.R. 198//3).
- *Benedictus Dominus Deus Israel* [Lc 1,68-79] a 4<sup>o</sup> [música manuscrita], 1809; partitura; 6 fol.; 22,5x30 cm; 5 partes (BNP, F.C.R. 198//7).
- *Magnificat anima mea Dominum* [Lc 2,46-55; música manuscrita]: a 4 vozes e órgão concertado, 1800-1850; 5 partes (BNP, F.C.R. 198//44).

**José de Santo António** - 2, Frei, OFM (séc. XVIII). Este músico esteve ativo entre 1750 e 1775, período que corresponde ao conturbado reinado de D. José I. Acumulou os importantes cargos de primeiro organista e mestre de capela no Convento de Mafra (Inocêncio IV, p. 236). Segundo Ernesto Vieira II, p. 272, na segunda metade do século XVIII, imprimiu-se um folheto de 16 p. com:

- *Elementos de Música*, por Frazenio de Soyto Jenaton, Lisboa, Oficina de Antonio Vicente da Silva, 1761. O nome de Frazenio de Soyto Jenaton é perfeito anagrama de Frei José de Santo António; “é um resumo insignificante, com os exemplos gravados muito toscamente”. Também compôs:
- *Te Deum Laudamus* [música manuscrita]: para se cantar no último dia do ano de 1767 na Real Capella de N. Senhora da Ajuda; a oito vozes concertado [...], Mafra, 1767; partitura; 142 fol.; 46 cm (BNP, M.M. 4956).
- *Novena de N.<sup>a</sup> Senhora do Rosário*; a 4 com violini e baixo (ms).
- *Acompanhamentos de missas, sequências, hymnos e mais cantochão, que he uso,*

*e costume acompanharem os Orgãos da Real Basílica de Nossa Senhora, e Santo António, Junto à Villa de Mafra, com os transportes, e harmonia, pelo modo mais conveniente, para o côro da mesma Real Basílica, Lisboa, Mosteiro de São Vicente de Fora, 1761.*

- “*Christus factus est*” [Fl 2,8s], a 4vv (ms), s. d.
- “*Ó vos omnes*” [Lam 1,12], a 4 vozes (ms), s. d.

**José Joaquim dos Santos** (1748-1801). Era natural de Óbidos. Foi mestre do Seminário da igreja patriarcal e compositor da mesma igreja (MP II, p. 158). Deixamos aqui uma amostragem das suas principais obras, embora na BNP se encontrem ainda outras:

- *Stabat Mater*, Lisboa, Francisco Domingos Milcent, 1792; partitura (66 p.); 25x34 cm; sequência a 3 vozes, 2 sopranos e baixo, 2 violetas (BNP, M.P. 484 V.).
- *Septenário de Nossa Senhora das Dores a 4 vozes, e pequena orchestra* [música manuscrita], [Entre 1780 e 1800]; partitura; 62 fol.; 21x30 cm (BNP, M.M. 193).
- *Hymnus ad Nonam* [música manuscrita], 1780-1800; quatro partes vocais [10, 10, 8, 8]. Uma parte instrumental; 8 fol.; a obra é composta por 1 hino e três salmos (BNP, M.M. 298//1).  
— Com arranjo musical de António Luís Miró, 1830-1853; partitura (40 p.); 21x30 cm (BNP, M.M. 299//5).
- *Responsórios que se cantão na Quinta Feira Sancta* [música manuscrita], 1780-1800; a 4 vozes concertado (BNP, M.M. 298//3).
- *Responsórios que se cantão na Sexta Feira Sancta* [música manuscrita] [entre 1780 e 1790]; 4 partes vocais [8, 7, 8, 6 fol.] e 1 parte instrumental [6 fol.] (BNP, M.M. 298//7).
- *Responsórios que se cantão na Quarta Feira Sancta* [música manuscrita] [entre 1780 e 1790]; 4 partes vocais [8, 8, 8, 6 fol.] e 1 parte instrumental [6 fol.] (BNP, M.M. 298//6).
- *Miserere a 4 vozes concertado* [música manuscrita] [entre 1780 e 1800]; 4 partes instrumentais [4, 4, 4, 4 fol.] e 1 parte instrumental [4 fol.]; 21x29 cm (BNP, M.M. 298//4).
- *Miserere a 4 vozes* [música manuscrita]: concert. breve, [Entre 1780 e 1801]; 4 partes vocais [2, 2, 2, 2 fol.] e 1 parte instrumental; 22x31 cm (BNP, M.M. 299//3).



- *Te Deum* [música manuscrita]: a 4.º concertatto; [Entre 1780 e 1801]; 8 partes vocais e 2 partes instrumentais (BNP, M.M. 299//2).
- *Psalmos: Confitebor Tibi Domine* [Sl 85,12; música manuscrita]: a 6.º concertatto, [entre 1770 e 1801]. Parte instrumental; 32 cm (BNP, M.M. 299//4).
- *Missa a 4 e órgão* [música manuscrita] [Entre 1780 e 1800]; 4 partes vocais e 1 parte instrumental; 21x30 cm (BNP, C.N. 454).
- *Lição 6 do Sábado Santo que se canta na 6.ª Feira Santa* [música manuscrita] [entre 1780 e 1800]. Parte instrumental (órgão) [2 fol.] Parte vocal [1 fol.]; 23x32 cm (BNP, M.M. 477//1-2).
- *Hymnos ad Vesperas* [música manuscrita]: Santissimi Cordis Domini N. S. C., [entre 1770 e 1801]; 8 partes (BNP, F.C.R. 190//2).
- *Primeiro Nocturno, Lectio 1.ª* [música manuscrita]: Lamentação do Ofício de Quarta Feira de Trevas: a 4 vozes, 1840; 5 partes (BNP, F.C.R. 190//3).
- [*Gabriel angelus nuntius est*] [música manuscrita] [entre 1775 e 1800] (BNP, M.M. 2008//1-4).
- *Psalmos: Exaltabo te, Deus Meus Rex* [música manuscrita]: a 4 concertatto, 1793; partitura; 12 fol.; 21x29 cm; 5 partes (BNP, F.C.R. 190//16).
- *Benedictus* [Lc 1,68-79; música manuscrita], Lisboa, [entre 1790 e 1820]; 5 partes (fol. 1 a 10); 31,5x23 cm (BNP, C.N. 46//1).
- *Ave Spina penae remedium* [música manuscrita], 1771; partitura [2 fol.]; 23,5x32 cm; 7 partes vocais (2 conjuntos) e 1 parte instrumental; 32,5 cm (BNP, M.M. 1288//1-5).
- *Psalmi* [música manuscrita]: A 4 voci, Lisboa, [entre 1790 e 1820]; 4 partes (fol. 6 a 9); 33 cm (BNP, C.N. 36//2).
- *Christus factus est pro nobis obediens* [Fl 2,8; música manuscrita]: A 4 pieno, da 6.ª Feira Santa.

**José Luís Gomes de Moura**, Pe. (?-1817). Era natural dos Pousadores no termo de Arganil e foi ordenado presbítero a 19 de março de 1763. Exerceu o sacerdócio no bispado de Coimbra. Ocupou, entre outros, o cargo de mestre de cerimónias na capela da Universidade de Coimbra (Ernesto Vieira II, p. 113). Organizou uma obra de cantochão com o título:

- *Ritual das exéquias extrahido do Ritual Romano, ilustrado com duas pastoraes de dous Bispos de Coimbra, alguns decretos, e a mais coherente doutrina dos authores: ao qual se junta a Missa de Requiem com seus ritos, e cerimónias particulares; huma de Festa; as absolvições ao túmulo na forma do Missal, e Pontifical romano; as cerimónias principaes do acolytho da Missa; e hum Methodo para aprender*

*Canto chão...*, Lisboa, Régia Officina Typographica, 1782; 4 fol., 232 p.; 20 cm; correspondente ao cap. “In expiratione” do Ritual Romano aprovado por Paulo V (BNP, R. 20460 P.; BAJUDA, 1-IV-49).

— *Terceira edição novamente correcta, e acrescentada com huma missa solemne*, Lisboa, Imprensa Imperial e Real, 1825; 8, 280 p.; not. mus.; 20,5 cm (BNP, C.I.C. 25 P.; BPH; BAJUDA, 1-IV-50).

**José Marques de Santa Rita e Silva** (?-1837). Nasceu no Alentejo. Foi mestre de capela da Bemposta, no reinado de D. João VI (MP I, p. 171). Compôs:

- *Nove Missas a 4 vozes com orquestra.*
- *Um Miserere.*
- *Dois Cremos.*
- Um *Te Deum laudamus.*

Na Biblioteca Real da Ajuda ainda existem as seguintes composições autógrafas:

- *Te Deum a 4 vozes e órgão.*
- *Psalmos* com música à capela:
  - Dixit Dominus* [109].
  - Confitebor* [Sl 85,12].
  - Beatus vir* [Sl 1,1].
  - Laudate pueri* [Sl 112,1].
  - Laudate Dominum* [SL 150,1].
  - Beati Omnes* [Sl 2,13].
  - Magnificat* [Lc 2,46-55].

**José Maurício** (1752-1815). Nasceu em Coimbra e faleceu na Figueira da Foz. Foi professor de música na Universidade de Coimbra e mestre de capela na Sé da mesma cidade. É autor de um “Método de música” e foi um dos mais fecundos compositores portugueses de música religiosa, sobretudo litúrgica (Ernesto Vieira II, p. 68-72). Deixamos aqui uma amostragem das 124 obras deste autor apresentadas pela Biblioteca Nacional:

- *Miserere a 3 vozes: soprano, tenor, baixo e órgão obrigado com trompas ad libitum*, Coimbra, 1806; ms (BNP, F.C.R. 129//2-a).
- *Ib.*, 1813 (BNP, F.C.R. 129//2-b).
- *Ib.*, Biblioteca Geral da Universidade, 1996; 63, 2 p., 3 fol.; fac-símile; 30 cm (BNP, M.P. 537 V).

- *Miserere a 4 concertato* [música manuscrita], entre 1780 e 1815; 4 partes vocais; 22,5x29,5 cm; 3 partes instrumentais (BNP, M.M. 157//10).
- *Te Deum breve* [música manuscrita]: a 4 vozes e órgão; com violinos, oboés e clarins, “ad libitum”, Coimbra, 1798 (BNP, M.M. 1292).
- *Motetos para os sermões de Quaresma* [música manuscrita], [ca. 1801] (BNP, F.C.R. 129//1).
- *Ad matutinum* [música manuscrita]: *in festo Corporis Christi*, Coimbra, 1808 (BNP, M.M. 180).
- *Vesp[er]as de N. Senhora a 4 vozes* [música manuscrita]: com violinos e corni, ad libitum: *Dixit dominus* [entre 1790 e 1815]; partitura; 16 fol.; 23x31,5 cm (BNP, M.M. 181).
- *Magnificat* [Lc 2,46-55; música manuscrita], entre 1790 e 1815; partitura; 4 fol.; 22x28 cm (BNP, M.M. 185).
- *Confitebor* [Sl 85,12; música manuscrita]: a 4 vozes, violinos, corni e órgão [entre 1790 e 1815]; 4 partes vocais; 2, 2, 2, 2 fol.; 3 partes instrumentais; 30 cm (BNP, M.M. 184).
- *Psalmos de Noa* [música manuscrita]: a 4 vozes, e órgão, Coimbra, 1849; partitura; 41 p.; 22x31,5 cm (BNP, M.M. 186//3).
- *Invitatório* [música manuscrita]: com responsórios brevíssimos de defuntos: a 4 vozes e órgão, com trompas ad libitum, Coimbra, 1795; partitura; 11 p.; 21x29 cm (BNP, M.M. 186//4).
- *Invitatório e Responsórios das Matinas do Natal* [música manuscrita: a 3 vozes], 1812; partitura; 58, 2 p.; 23x32 cm (BNP, M.M. 179).
- *Missa* [música manuscrita]: n.º 19, 1796; partitura; 9 fol.; 21x28 cm (BNP, M.M. 174).
- *Missa ferial* [música manuscrita]: cantochão, alternado com música: a quatro vozes, 1863; partitura; 12 p.; 22x30 cm (BNP, M.M. 157//9).
- *Messa* [música manuscrita]: concertata a 4 vozes e órgão, Coimbra [entre 1780 e 1815]; parte instrumental; 4 fol.; 22x30,5 cm (BNP, M.M. 157//11).
- *Missa a 4 vozes* [música manuscrita]: n.º 4 [entre 1780 e 1810]; partitura; 7 fol.; 23x32 cm (BNP, M.M. 856).
- *Missa de requiem* [música manuscrita], Coimbra [entre 1780 e 1815]; partitura; 8 fol.; 22x30 cm (BNP, M.M. 157//2).
- *Missa n.º 26* [música manuscrita]: a 3 vozes, 1802; partitura; 65, 3 p.; 22x29,5 cm (BNP, M.M. 156//6).

- *Missa n.º 17* [música manuscrita], [entre 1780 e 1815]; partitura; 11 fol.; 2 partes vocais; 22x29 cm (BNP, M.M. 157//14).
- *Credo* [música manuscrita]: a 4 e órgão, [entre 1800 e 1815]; 4 partes vocais; 3, 3, 3, 3 fol.; 22x30 cm; 2 partes instrumentais (BNP, M.M. 156//27).
- *Sabbatto Sancto* [música manuscrita]: responsórios a 4 e órgão [entre 1790 e 1815]; 4 partes vocais; 1 parte instrumental; 22x29 cm (BNP, M.M. 465//1-5).
- *Feria 5ª in Coena Domini* [música manuscrita]: responsórios a 4 e órgão [entre 1790 e 1815]; 4 partes vocais, 1 parte instrumental; 22,5x29,5 cm (BNP, M.M. 466//1-5).
- *Feria 6.ª* [música manuscrita: [responsórios], [entre 1785 e 1815]; partitura; 12 p. (BNP, M.M. 490).
- *Feria Sexta in Parasceve* [música manuscrita], [entre 1780 e 1815]; partitura; 4 fol.; 22x28,5 cm (BNP, M.M. 1248).
- *Pange lingua* [música manuscrita], [entre 1780 e 1815]; partitura; 1 fol.; 22x27,5 cm (BNP, M.M. 1249).
- *Libera me* [música manuscrita], [entre 1780 e 1815]; partitura; 2 fol.; 22x28,5 cm (BNP, M.M. 1250).
- *Lumen* [Lc 2,32; música manuscrita], [entre 1790 e 1815]; partitura; 1 fol.; 21,6x28 cm; 4 partes vocais; 1 parte instrumental; 13,5x21 cm (BNP, M.M. 1418//1-6).
- *Magnificat* [música manuscrita]: pro defunctis: 7.º tom. [entre 1785 e 1815]; partitura; 2 fol.; 23x32 cm (BNP, M.M. 1501).
- *Benedictus* [Lc 1,68-79; música manuscrita]: 8.º tom ordinário alternado, [entre 1785 e 1815]; partitura; 2 fol.; 23x32 cm (BNP, M.M. 1502).
- *Salmo: In exitu Israel de Egipto* [Sl 113, 1; música manuscrita], [entre 1790 e 1815]; partitura; 3 fol.; 22x29 cm (BNP, M.M. 1522).<sup>10</sup> Ver o autor no cap. 12.1.

**Júlio António Avelino Soares** (1846-1888). Nasceu em Lisboa. Foi cantor, compositor e excelente contrabaixista. Escreveu muita música religiosa (Ernesto Vieira II, p. 330-331). Deixamos aqui uma pequena amostragem:

- *Et incarnatus* [música manuscrita] Benedictus: n.º 3 e n.º 4, 1872; partitura; 4 fol.; 27x35 cm; partitura vocal; 2 fol.; 22x30 cm (BNP, M.M. 1164//1-2)

<sup>10</sup> GEADA, José Joaquim Pinto, *Obras de José Maurício (1752-1815), mestre da Capela na Sé da Guarda* [música impressa], Guarda, Câmara Municipal, 2003; partitura; XXVI, 4, 397 p.; il.; 30 cm (BNP, M.P. 1521 A.).

- *Novena do Coração de Jesus* [música manuscrita, 1870-1888]; partitura; 8 fol.; 22x30 cm (BNP, M.M. 992).
- *Libera me* [música manuscrita]: a uníssono com acomp. de órgão, 1885; partitura; 4 fol.; 21x30 cm (BNP, M.M. 1009).

**Luciano Xavier dos Santos** (1734-1808). Foi um compositor dramático. As suas operas e oratórios foram quase todos ouvidos nos teatros reais de Queluz e Ajuda. Foi compositor e organista do Infante D. Pedro na sua Real Capela dos Paços da Bemposta e mestre da mesma Capela (MP II, p. 159-160). Compôs:

- *Hymno Veni Creator Spiritus* [música manuscrita]: a 4 vozes, 1856; 4 partes vocais e 6 partes instrumentais; 21x28,5 cm (BNP, M.M. 294//2).
- *In Festo Sanctissimi Corporis Christi* [música manuscrita], Motteto, 1775; partitura; 8 fol.; 24x31,5 cm; 8 partes vocais; 1 parte instrumental (BNP, M.M. 295//5).
- *Psalmo 141* [música manuscrita]: A 4 voci ed organo, 1793; partitura; 12 fol.; 23x32 cm (BNP, M.M. 294//7).
- *Psalmo Credidi* [Sl 115,10; música manuscrita]: A 4 voci, 1793; partitura; 10 fol.; 23x32 cm (BNP, M.M. 294//6).

**Manuel Cardoso**, Frei (?-?). Conhecemos apenas a obra seguinte:

- *Liber Primus Missarum. Transcrição e estudo de José Augusto Alegria*, Lisboa, Fundação Caloust Gulbenkian, 1962; 2 vol. (Portugaliae Musica, série A; 5).  
— *Liber secundus Missarum*, ib., 1970 (Portugaliae Musica, série A; 20).  
— *Liber Tertius Missarum*, ib., 1973 (Portugaliae Musica, série A; 22).  
— *Livro de vários motetes*, ib., 1968 (Portugaliae Musica, série A; 13).

**Manuel dos Santos** - 2, Frei, OSP (ca. 1737). Era natural de Lisboa. Foi compositor e organista na Capela Real de D. Pedro II, pelo que era muito bem pago (MP II, p. 160). Compôs:

- *Paixões de S. Mateus e S. João*; a 4 vozes.
- *Texto das Paixões do Domingo de Ramos, Terça, Quarta e Quinta-Feira da Semana Santa*; a 4 vozes.
- *Lições de S. Agostinho e S. Paulo, das matinas de Quinta-Feira, Sexta e Sábado da Semana Santa*; a 8 vozes.
- *Responsórios das Matinas da Quinta, Sexta e Sábado da Semana Santa*; a 8 vozes.
- *Miserere mei Deus* [Sl 50]; a 3 coros.

- *Te Deum laudamus*; a 3 coros; foi composto e cantado em 1708 na Capela Real, quando n'ella foi recebida a rainha Mariana d'Áustria, esposa de D. João V.
- *In exitu Israel de Aegypto* [Sl 113,1]; a 4 vozes de estante.
- *Beatus vir* [Sl 1,1]; a 8 vozes de prolação maior.
- *Vilhancicos da Conceição, Natal e Reis*; a 8 vozes para se cantarem na Capela Real nas matinas d'aquellas festividades.

**Manuel Gaspar**, Frei, OESA (17?-1823). Foi frade eremita de Santo Agostinho. Compôs música sacra muito apreciada (MP I, p. 116). Deixamos aqui algumas das suas composições:

- *Noa para a Assenção* [sic] [música manuscrita], 1835; partitura; 21 fol.; 5 partes; 30x22,5 cm (BNP, F.C.R. 19//2).
- *Miserere* a 3 vozes e órgão [música manuscrita]; n.º 34 [entre 1800 e 1820]; 7 partes vocais e 1 parte instrumental; 30x22,5 cm (BNP, M.M. 326//1).
- *Missa d'Alleluia* [música manuscrita], [entre 1830 e 1863]; partitura; 98, 2 p.; 24 partes; 30x21 cm (BNP, F.C.R. 19//1).
- *Avé Maria* a 4 [música manuscrita; entre 1830 e 1850]; 3 partes vocais, 2 partes instrumentais; 21x29 cm (BNP, M.M. 105//9).

**Manuel Inocêncio Liberato dos Santos** (1805-1887). Era natural de Lisboa. Foi organista na corte real (Ernesto Vieira II, p. 280-282). Compôs, por ocasião do casamento de D. Pedro V, a seguinte obra:

- *Laudate Dominum omnes gentes* [Sl 116; música manuscrita], 1830-1860; partitura; 12 fol.; 22x31 cm (BNP, F.C.R. 191//6b).

**Manuel Patrício de Bastos** (17?-1856). Nasceu em Setúbal. Foi compositor e organista. Compôs muita música religiosa (Ernesto Vieira I, p. 99). Foi autor de:

- *Missa do Santíssimo Coração de Jezus* [música manuscrita], 1800-1850; partitura; 20 fol.; 5 partes (BNP, F.C.R. 18//1).
- *Novena de Nossa Senhora da Boa-Morte* [música manuscrita]; a três vozes e órgão, Lisboa, 1853; partitura; 26 fol.; 21x29 cm (BNP, F.C.R. 18//2).

**Marcos António da Fonseca Portugal** (1762-1830). Nasceu em Lisboa e estudou no Seminário Patriarcal desta cidade. Aos 14 anos já compôs um *Misere* e, logo a seguir, missas e outras obras litúrgicas importantes. Em 1792 foi estudar para Itália a expensas da Fazenda nacional e proteção régia (Ernesto Vieira II, p. 471-473). A nossa Biblioteca Nacional regista mais de três centenas de entradas de obras suas. Deixamos aqui estas:

- *Hymno. Te Deum Ludamus* [música manuscrita]: a quatro com acompanhamento d'órgão..., 1802-1830; 5 partes; 32,5x23 cm (BNP, F.C.R. 168//103-1).
- *Lauda Jerusalem* [música manuscrita], 1800-1830; Sl 147, em latim; 5 partes vocais; 2 partes instrumentais; 23x31,5 cm (BNP, M.M. 243//1).
- *Laudate Pueri Dominum* [Sl 112,1; música manuscrita], 1800 e 1830; 5 partes vocais e 2 instrumentais; 23x32 cm (BNP, M.M. 243//4).
- *Missa a seis vozes e orquestra* [música manuscrita], 1800-1830; partitura; 177 fol.; 31x22 cm (BNP, F.C.R. 168//35).
- *Miserere* [Sl 50; música manuscrita], 1820-1825; 2 partes vocais; 2 partes instrumentais (BNP, M.M. 304//9).
- *Dixit dominus* [Sl 109,1; música manuscrita]: a 4 concertado, 1780-1830; Sl 109 em latim; 5 partes; partitura; 18 fol.; 21x29 cm (BNP, F.C.R. 168//91).
- *Confitebor* [Sl 85,12; música manuscrita]: a 4 concertado, 1780-1830; Sl 110 em latim; partitura para coro misto e órgão; 5 partes; partitura; 14 fol.; 21x28,5 cm (BNP, F.C.R. 168//90).
- *In Epiphania* [música manuscrita]: Bemposta, 1840; partitura para tenor, três baixos e cinco órgãos; 5 partes; partitura; 8 volumes; 22x30 cm (BNP, F.C.R. 168//82).

**Mathias Jacob Osternold** (1811-1849). Era natural de Lisboa, filho de um militar músico alemão. Foi aluno do Seminário Patriarcal de Lisboa. Compôs música sacra (Ernesto Vieira II, p. 142-143). Vejamos algumas peças:

- *Paixão de Sexta-Feira Santa* [música manuscrita], 1830-1849; 3 partes vocais; 1 parte instrumental; 21,5x29 cm (BNP, M.M. 200//3).
- *Te Deum* [música manuscrita]: a 4 concertado, 1831-1849; partitura; 10 fol.; 23x32 cm; 5 partes (BNP, F.C.R. 147//3).
- *Missa a 4 vozes* [música manuscrita], 1830-1849; 3 partes vocais; 24,5x32 cm; 1 parte instrumental; 22x30 cm (BNP, M.M. 200//5).

**Simão António de Santa Catarina**, Frei, OSJ (ca. 1676-1733). Nasceu em Lisboa. Foi lente de Teologia Moral no convento de Belém. Chamava-se Simão Lopes (Inocêncio VII, p. 273; XIX, p. 214). Escreveu:

- *Cítara sagrada de nove casos tirados do psaltério de David nos nove versos do salmo CXI e tocada em cada corda uma bemaventurança do doutor máximo S. Jeronymo*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1758; 14-73 p.; em 8.º. Ver o autor no cap. 15.



**Veríssimo dos Mártires**, Frei, OFM (1699-1767). Era natural de Lisboa. Professore na Ordem seráfica em 1773 no convento de Santarém. Aplicou-se à Arte da Música e tornou-se tão notável que no seu convento exercitou o lugar de “Mestre das Ceremónias” (Barbosa III, p. 779; Inocêncio II, p. 395; VII, p. 418-419). Deixou-nos:

- *Directório Sacro das Ecclesiásticas Ceremónias da Bênção e Procissão das Candeias, da Solemne Imposição das Cinzas, da Bênção e Procissão dos Ramos, e de todos os Offícios da Semana Santa até terça feira de Páscoa inclusivé...* [música impressa], Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1772 (BNP, M.P. 152 P).  
— 2.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, Reg. Oficina Typográfica, 1794; 6, 354 p.; 20x13 cm (BNP, C.I.C. 34 P.; BPH).
- *Director ecclesiástico das Cerimónias da Cinza, Ramos, e de toda a Semana Santa... com todo o canto-chão, que nos sobreditos dias se deve cantar...*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1755; 8, 407 p.; not. mus.; 21 cm (BNP, C.I.C. 18 V; BPNM, 2-71-4-18; CBAP, n.º 1333).
- *Diretor fúnebre de Ceremónias na administração do Sagrado Viático, Extrema-Unção aos enfermos, Enterro e Officio de defuntos*, Lisboa, Oficina de José da Costa Coimbra, 1749; em 4.º (Inocêncio VII, p. 419).  
— *Director fúnebre reformado para se officiar, e administrar com perfeição o Sacrosanto Viático, Extrema-Unção aos enfermos, Enterro, Officio de Defuntos, Procissão das Almas, e outras funções pertencentes aos mortos: com o próprio canto, que nellas se deve observar, segundo o Ritual Romano de Paulo V, Decretos Apostólicos, &c: obra útil para os Párocos, Regentes do Coro, e todos os mais Ecclesiásticos*, Lisboa, 1773 (Fortunato de Almeida III, p. 393).
- Ed. lit. de: *Annotações precisas sobre o Ritual Eucharístico que na ocasião do Lausperenne, ou Oração contínua das Quarenta Horas com exposição do SS. Sacramento mandarão observar os Summos Pontífices, e de novo publicado pelo Santíssimo Papa Clemente XII*, Lisboa, Domingos Rodrigues, 1743.
- *Ritual Eucarístico instrucçam e ordens, que se devem observar no Laus Perenne... que fez e acrescentou...*, Lisboa, Domingos Rodrigues, 1745; 20 cm (BNP, R. 23614 P.; BPNM, 2-71-4-15).

**Vicente José Maria de Roboredo** (17?-1831). Era natural do Porto. Foi mestre de capela na Sé de Braga e professor de música no Seminário da mesma cidade. Escreveu muitas obras de música religiosa para o serviço da catedral (Ernesto Vieira II, p. 260). Deixamos aqui algumas:

- *Te Deum* [música manuscrita]: a 3 vozes, 1790-1810; partitura; 10 fol.; 22,5x32 cm (BNP, M.M. 269//5).

- *Libera me* [música manuscrita]: de respostas a cantochão para 4 vozes e órgão, 1800-1830; partitura; 4 fol.; 21,5x29,5 cm (BNP, M.M. 248//6).
- *Ad matutinum Dominicae Pentecostes* [música manuscrita]: responsória a 4 e órgão, 1800-1830; partitura; 6 fol.; 22x29 cm (BNP, M.M. 248//5).
- *Processione in Festa Sanctissimi Corporis Christi*, Lisboa, 1718 (BPE, SN - E. 42 - C.4).
- *Breviarium Cluniancensis*, 1726; 4 vol. (BPE, SL - E. 8 - C. 2).
- *Preces a cantar na novena de S. José*, Lisboa, Oficina de Música, 1724 (BPE, Sala Nova: E. 45 - C. 1.).

#### Autores anónimos

- *Paixão para 6.<sup>a</sup> feira Santa* [música manuscrita], 1800-1850; 5 partes; Paixões SATB, fag Fá maior (BNP, F.C.R. 311).
- *Paixão para Domingo de Ramos* [música manuscrita], 1800-1850; 4 partes; Paixões SATB Fá maior (BNP, F.C.R. 312).
- *Motetto para o mês do Santíssimo Sacramento* [música manuscrita]: a due voce, côro e orgam obrigado: n.º 75 [entre 1850 e 1880]; partitura; 2 fol.; 2 partes vocais; Motetes Louvado Jesus SS (solo e coro), org Sol Maior; 30x21 cm (BNP, M.M. 1468//1-3).
- *Compêndio de cantochão teórico e prático para uso da aula do Seminário Arquidiocesano de Braga*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1877; 2.<sup>a</sup> edição correcta e aumentada; 166 p.; il.; not. mus.; 28 cm (BNP, M.P. 516 V).  
— 3.<sup>a</sup> edição correcta e augmentada, Lisboa, Companhia Nacional, 1896; 76 p.; not. mus.; 23 cm (BNP, M.P. 196 V).
- *Officio de Defuntos* [música manuscrita]: Matinas, [Entre 1780 e 1810]; partitura (4 fol.); 22x30 cm (BNP, M.M. 4870).
- *Officio de Defuntos, novamente impresso e emendado de alguns defeitos que se notarão na primeira impressão...*, Porto, Typ. Comercial Portuense, 1843; com música gregoriana; 223 p.; 15x10 cm (BCapB).
- *Hymno terceiro à Immaculada Conceição* [música impressa]: para piano e canto, Lisboa, Lit. Privativa da Caza Real, 1859; partitura; 2 p.; 35 cm (BNP, M.P. 3626 A.).

#### Tradutores anónimos

- *O Sacrificio de Abraão [Libreto]: Oratoria Sacra...*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1810; autor do drama: Pietro Metastasio; compositor: Do-

menico Cimarosa Napolitano; partitura ms (só do 1.º acto) em BN C.N. 327; 53 p.; 17 cm (BNP, T.S.C. 1207 P.).

- *A Paixão de Jesus Christo [Libreto]: Oratória sacra...*, Lisboa, Oficina Crespim Sabino dos Santos, 1781; autor: Pietro Metastasio; 23 p.; 17 cm (BNP, M. 1044 P.; A Tradução em Portugal, 1381).
- *Joseph Reconhecido [Libreto]*, [S.l.: s.n., 175-] autor: Pietro Metastasio; 59 p.; 15 cm (BNP, M. 1520 P.); Lisboa, 1782 (A Tradução em Portugal, 1408).
- *Tributo de vários obséquios à honra de S. José...*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1767; na língua italiana e agora traduzido na portuguesa; José Maria Prola, SJ, compil.; 135 p.: not. mus.; il.; 15 cm (BNP, C.I.C. 6 P.).

### Igreja Católica

- *Rituale Romanum Pauli Quinti Pontificis Maximi jussu editum...* [música impressa], Venetiis, Typ. Balleoniana, 1756; 240, 4 p.: principalmente música; 23 cm (BNP, M.P. 870 V.).
- *Canticum Ecclesiasticum Precibus Apud Deum Animas Juvandi, Corporaque Humandi, Defunctorum Officium, Missam, et Stationes Juxta Ritum Sacrosanctae Romanae Ecclesiae omnium Ecclesiarum Matris, & Magistrae / Praeside fraterno...viro D. Francisco Matthaeo Xaverio de Carvalho... Conficere satagunt B. M. Mariae sub titulo Assumptionis, Beatorumque Petri ad vincula, & Philippi nerii Civitatis Portucalensis*, Lisboa, Tip. Augustiniana, 1731; 223 p.; 21x15 cm (BSEA); ib., Francisco Luís Ameno, 1740; 23 cm (BNP, R. 843 V.).  
— Edição: *Nunc denuo in hac secunda editione luculenter castigatum, affluenterque illustratum sumptibus reverendi P. Francisci Alvares Victorii...*, Lisboa, Haered. Antonii Pedrozo Galram, 1753; 4, 155 p.: not. mus.; 20 cm (BNP, C.I.C. 22 P.); ib., Miguel Manescal da Costa, 1768; 214 p.; 20x15 cm (BNP, C.I.C. 33 P.; BSEA); ib., Typ. Patriarch. Francisci Aloysii Ameno, 1785; 108 p.; not. mus.; 20 cm (BAJUDA, 1-IV-41); Porto, Ex Typis Antonii Alvarez Ribeiro, 1789; 3, 203, 4 p.; not. mus.; 20 cm (BAJUDA, 1-IV-42).
- *Canticum Ecclesiasticum*, Porto, 1789.
- *Manuale ad usum Fratrum Discalceatorum Beatae Mariae Virginis de Monte Carmelo Congregationis Lusitanae: continens Exequias Defunctorum, juxta Rubricas Breviarii, Ritualisque Romani*, Lisboa, Typ. Manuel Coelho Amado, 1777; 178 p., pautas musicais, il.; 19 cm (FacFil, R66-B-8).
- *Directório ceremonial*, Lisboa, Oficina de Bernardo da Costa, 1734; 6, 626 p.; il.; pautas musicais; 21 cm (FacFil, R66-B-6).

- *Manuale sacrarum caeremoniarum: iuxta ritum S. Romanae Ecclesiae; in quo omnia, quae ad usum omnium Cathedralium, Collegiatarum Parochialium, Saecularium, & Regularium Ecclesiarum pertinent, accuratissimè tractantur*, Coimbra, Ex Typ. In Regali Artium Collegio Soc. Jesu, 1740; 14, 791 p., pautas musicais; il.; 21 cm (BNP, C.I.C. 24 V.; FacFil, R66-B-11).
- [*Proprium missarum de tempore*], [S.l.: s.n., 1730?]; p. 1-272, 281-636; I-CII, 40; pautas musicais; 2 estampas; il.; 28 cm (FacFil, R67-A-8).

## Bibliografia

- ALEGRIA, José Augusto, *Da Fundação aos Mestres Polifonistas e Legado*, em Escola de Música da Sé de Évora, Évora, Casa do Sul, 2004, p. 11-25.
- , *História da Escola de Música da Sé de Évora*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.
- , *Biblioteca do Palácio Real de Vila Viçosa; Catálogo dos fundos musicais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- ANDRADE, Isabel Freire de, *Impressos Musicais em Portugal, do séc. XVI aos fins do séc. XVIII*, Colóquio do Livro Antigo, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1992, p. 163-173.
- AZEVEDO, João M. B., *Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra. Catálogo dos Fundos Musicais*, Lisboa, Fundação Caloust Gulbenkian, 1985.
- COELHO, Pe. Manuel Rodrigues, *Flores de Música para o instrumento de Tecla & Harpa*. Transcrição e estudo de Macário Santiago Kastner, Lisboa, FCG, 1976; 2.<sup>a</sup> ed; 2 vol. (Portugaliae Musica, série A; 1).
- COTA, Cristina Maria de Carvalho, *A Música no Convento de Cristo em Tomar - Desde finais do século XV até finais do século XVIII*, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, Uiversidade Nova de Lisboa, Edições Colibri, 2017.<sup>11</sup>
- D. JOÃO IV, Rei de Portugal, *Defensa de la Música Moderna Contra la Errada Opinion del Obispo Cyrilo Franco*; Prefácio, Introdução e notas de Mário Sampaio Ribeiro, em Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1965.
- FERNANDES, Cristina, *O sistema produtivo de Música Sacra em Portugal nos finais do Antigo Regime: Capela Real e Patriarcal entre 1750 e 1807*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora, 2009.

<sup>11</sup> Esta obra dá-nos uma visão do passado musical do Convento de Tomar, com um conjunto significativo de compositores, cantores, instrumentos musicais, obras, assim como da prática litúrgico-musical, no contexto das correntes estéticas da música sacra nacional.

- FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* II, nova edição por Damiano Peres, Livraria Civilização, Porto – Lisboa, 1968, p. 483-488 [Fortunato de Almeida II].
- LESSA, Elisa, *Cantochão ou polifonia? Música e devoção nos mosteiros femininos portugueses no período moderno*, em *Género e Interioridade na Vida Religiosa – Conceitos, Contextos e Práticas*, CEHR, Universidade Católica, Lisboa, 2017, p. 159-168.
- , *Os mosteiros beneditinos portugueses (séc. XVII-XVIII): centros de Ensino e Prática Musical*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova, 1998, 389 p.
- MAZZA, José, *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*, Lisboa, Tip. da Editorial Império, Lda., 1944/45 [DBMP].
- VASCONCELLOS, Joaquim de, *Os músicos portugueses: biographia-bibliographia*, Imprensa Portuguesa, Porto, 1870; 2 vol. [MP I e II].
- VAZ, João, *Os seis órgãos da Real Basílica de Mafra*, em *Os Seis Órgãos da Basílica de Mafra*, Lisboa, RTP Edições, 2012.
- VIEIRA, Ernesto, *Diccionario biographico de músicos portuguezes: história e bibliographia da música em Portugal*, Lisboa, Editora Lambertini, 1900; 2 vol. [Ernesto Vieira I e II].

## Conclusões

1. A música litúrgica não é um simples complemento da liturgia cristã, mas é algo essencial à mesma. Não há liturgia solene que não inclua a música. O motivo é simples: o modelo da liturgia cristã são Salmos e outros hinos da Bíblia, tanto do Antigo como do Novo Testamento. De facto, os Salmos e hinos bíblicos foram feitos especialmente e sobretudo para a liturgia do povo de Deus. Estes hinos eram cantados e acompanhados com todo o género de instrumentos musicais (ver o SI 150, etc.).

Neste aspeto, os católicos, tal como os protestantes, têm sido fiéis à fé do povo bíblico, pois toda a liturgia tem como finalidade própria o louvor ao Deus criador do mundo e Senhor da História.

2. Pelos motivos apontados, este capítulo apresenta-nos 76 autores portugueses de obras musicais, dos quais 18 se dedicaram à formação musical. Quanto a obras, encontramos aqui umas 321 de tipologia litúrgica.

“A tradição musical da Igreja é um tesouro de inestimável valor, que excede todas as outras expressões de arte, sobretudo porque o canto sagrado, intimamente unido com o texto, constitui parte necessária ou integrante da liturgia da Liturgia solene. Não cessam de a enaltecer, quer a Sagrada Escritura, quer os Santos Padres e os Romanos Pontífices que, ainda recentemente, a começar em S. Pio X, vincaram com mais insistência a função ministerial da música sacra no culto divino” (SC, n.º 112).

“Os textos destinados ao canto sacro devem estar de acordo com a doutrina católica e inspirar-se sobretudo na sagrada Escritura e nas fontes litúrgicas” (SC, n.º 121).

(*Sacrosanctum Concilium* [SC], Constituição do Concílio Vaticano II  
sobre a Sagrada Liturgia)

## Capítulo 13

### Bíblia e hagiografia

Como temos afirmado nos volumes II e III, quando tratamos hagiografia, este tema não é descabido numa obra que trata da Bíblia na cultura portuguesa. Repetimos, também neste volume 5, que os santos são personagens humanos, mas que viveram com coragem e sobretudo com fé o Evangelho, onde se encontra escrita a Palavra revolucionária, que Jesus Cristo veio oferecer a toda a humanidade. E não tememos utilizar o termo “revolucionária”, porque, efetivamente, o Evangelho apresenta os valores que poderiam mudar o mundo e tornar as pessoas mais humanas e felizes. Quem senão o Evangelho apresenta, por exemplo, o perdão e o diálogo com o inimigo? Se esta norma fosse levada à prática, as guerras – com toda a sua sequência de desastres, calamidades e sofrimentos horríveis – não existiriam, e a humanidade seria uma família de irmãos pacíficos.

Ora, os santos são os que viveram esses valores e, por isso, se tornaram modelos, não apenas dos cristãos, mas de todos os seres humanos. Não se ficaram pelos valores da horizontalidade humana, terrena. Eles voaram mais alto, para tentarem alcançar uma certa união com o divino. Nesta perspetiva, há santos em todas as religiões. Ou seja, os santos são os maiores heróis da humanidade. E os séc. XVIII-XIX não foram nada fáceis para eles: foi precisamente nestes dois séculos que ocorreram vários tipos de crises, nas quais estes heróis mostraram o que valiam. Abaixo damos alguns exemplos de martírios devidos sobretudo à Revolução Francesa e suas sequelas em toda a Europa. Houve centenas, milhares, de mártires!

É claro que não vamos aqui falar diretamente destes mártires, tema que seria descabido no âmbito desta obra. Vamos, simplesmente, verificar alguns casos em que a pessoa de certos santos serviu para ajudar a santificar outras pessoas destes séculos, isto é, tornando-se modelos de vida. Por isso, este capítulo também tem a ver com a espiritualidade e sobretudo com a imitação do Mártir do Gólgota, Jesus Cristo, que deu a vida pela humanidade; não apenas como um herói, mas como um programa para a humanidade: não matando os outros (e há muitos



modos de matar), mas dando a vida uns pelos outros, a fim de que a sociedade seja mais justa e feliz.

Estamos bem convictos de que o tema dos santos, no âmbito religioso, cultural, é muito polémico, sobretudo no relacionamento da Igreja Católica com as Igrejas protestantes, a propósito do tradicional problema das imagens, na sua relação com a própria Bíblia. É um problema que extravasa o âmbito deste trabalho.<sup>1</sup> Por isso, não iremos caminhar por essa via. Vamos caminhar, sim, pela via da cultura portuguesa, onde as imagens tiveram também papel relevante nas artes, sobretudo, na pintura e escultura (ver cap. 16: *Bíblia e Artes*). Há cada vez mais estudos de determinados personagens santos, mesmo que não tenham sido reconhecidos oficialmente pela Igreja Católica. O exemplo cabal de quanto afirmamos é o *Agiológio Lusitano*, que revela uma enorme quantidade de personagens fundamentais da nossa história e da nossa cultura. Desta mesma tipologia existem muitas outras coletâneas.<sup>2</sup>

Na Bíblia, os hagiógrafos viram uma certa “predestinação”, de variadas maneiras: na sua infância, já se adivinhava o futuro daquela pessoa, por meio de fenómenos especiais que ele operava ou que aconteciam à sua volta. Era um género literário como outro qualquer: deste modo, o escritor onisciente avisa o leitor de que aquele personagem vai ter uma ação especial na construção de uma sociedade melhor, pela sua obediência à Palavra e às inspirações de Deus.

É claro que o escritor já conhecia o que determinado personagem tinha realizado ao longo da sua vida. Mas utiliza este modo de falar, para dizer que Deus

<sup>1</sup> O povo da Bíblia vivia num ambiente geral de paganismo, que tinha imagens de muitos deuses. Ora bem, os profetas não se cansaram de atacar essas imagens, com o receio de que o povo de Israel abandonasse o seu Deus e se voltasse para os ídolos. No cristianismo esse problema nunca se colocou, porque a imagem dos santos tem apenas a função de recordar um modelo de santidade cristã, de alguém que seguiu a Cristo e que pode servir de modelo de vivência do Evangelho. É apenas esta a finalidade das imagens de Cristo, de Maria e dos santos: serem modelos de vivência do Evangelho. A própria Igreja desaprova os exageros populares que extravasam esta finalidade. Portanto, este problema nada tem a ver com o contexto bíblico. Para uma visão geral sobre o problema das imagens ao longo a história da Igreja, veja-se, por exemplo, CAMPOS, João Pires de, *Iconografia Mariana e a Senhora da Purificação*, em Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora, Actas vol. II, Évora, 1994, p. 287-307.

<sup>2</sup> Veja-se CARDOSO, Jorge (org.), *Agiológio lusitano*, Porto, Univ. Faculdade de Letras, 2002; Org., estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes; 5 vol.; Fac-simile da ed. de Lisboa, Officina Craesbeekiana, 1652-1744; 28 cm (BNP, R. 22029 V. - 22033 V.). Uma obra que aborda a santidade é a seguinte: ROSA, Maria de Lurdes, *Santos e Demónios no Portugal medieval*, Fio da Palavra, Porto, 2010. Na II Parte – Hagiografia e santidade em Portugal – apresenta vários estudos de caso e o problema dos Breviários bracarense e outros. Coloca também muitas interrogações a certos casos de santidade. Veja-se, por exemplo, um título: “Estudo de caso: Santidade e Loucura no século XIX” (p. 76-80). Diz ainda que durante estes dois séculos foram canonizados ou entraram em processo de canonização 23 portugueses (p. 98-99).

intervém no mundo mediante as capacidades e as qualidades de cada um, desde que elas sejam utilizadas em boas causas, como foram as dos santos. Não deixa de ser interessante este paralelismo entre os personagens bíblicos e as “Vidas” de personagens santos, também na época moderna.<sup>3</sup>

Este capítulo apresenta uma estrutura bipartida:

13.1. Autores e obras

13.2. Igreja Católica. O Martirológio

### 13.1. Autores e obras

**A. C. N. Biscaia** (?-?). Escreveu:

- *Novo mês de março consagrado ao Glorioso Patriarca S. José*, Lisboa, Tip. Sousa & Filho, 1873; 4, 180 p.; 15 cm (BNP, R. 26524 P.).

**António Álvares Carvalho**, Pe. (?-?). Escreveu:

- *Vida da Gloriosa Infanta Santa Quitéria Virgem e Mártir prodígio da Graça, natural da augusta e nobilíssima cidade de Braga... Dedicada a Nossa Senhora do Rosário*, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1712.<sup>4</sup>

**António da Anunciação** - 2, Frei, CRSA (1717-?). Era natural de Évora, onde foi batizado na igreja paroquial de Santo Antão com o nome de António José Calado. Estudou Filosofia na Universidade da sua cidade (Barbosa IV, p. 24). Escreveu:

- *S. Joseph Pay de Cristo e esposo da sempre Virgem Maria Mãe de Deus, protector da Congregação Reformada dos Cónegos Regulares do grande padre S. Agostinho de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra, Oficina de António Simoens Ferreira, 1755; 38 p.; 14,5 cm. Ver o autor nos cap. 14 e 22.1.

**António da Expectação**, Frei, OCD (1651-1724). Era natural de Manteigas. Sabidamente versado em Sagrada Escritura, que ensinou aos irmãos do seu convento dos Remédios em Lisboa. Deixou muitas obras ascéticas e concionatórias (Barbosa I, p. 264; Inocêncio I, p. 130). Vejamos as seguintes:

<sup>3</sup> Para um ótimo e profundo estudo desta temática, referida apenas aos tempos modernos, veja-se MENDES, Paula Almeida, *A Predestinação, a Liberdade e a Submissão em “Vidas” de religiosas portuguesas (séculos XVII-XVIII)*, em *Lusitania Sacra* 37, 2.<sup>a</sup> Série, Janeiro-junho, 2018, p. 93-113; MORUJÃO, Isabel, *Livros e leituras na clausura feminina de Setecentos*, Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas, II Série, XIX, Porto, 2002, p. 111-170; Idem, *Por trás da Grade. Poesia Conventual Feminina em Portugal (séculos XVII-XVIII)*, Flup, 2005.

<sup>4</sup> MENDES, Paula Almeida, *Dedicatórias e Dedicatários de “Vidas” Devotas e de Santos em Portugal (Séculos XVI-XVIII), entre a Proteção e a Devoção*, em *Via Spiritus* 19, 2012, p. 22.

- *A Estrella Dalva a Sublimíssima, e Sapientíssima Mestra da Santa Igreja a An-gélica, e Seráfica Doutora Mística Santa Teresa de Jesus Mãe e filha do Carmelo, Matriarcha, e Fundadora da sua Sagrada Reforma, suas illustres, e heroínas obras; suas raras, e prodigiosas maravilhas em diversos discursos, e Sermoens Pa-negyricos ponderados.*

*Primeiro Tomo*, Lisboa, Oficina Real Desllandeiana, 1710; em fol. com es-tampas; ib., José António da Sylva, 1740.

*Segundo Tomo*, Coimbra, Oficina do Real Collégio das Artes da Compa-nhia de Jesus, 1716; 658 p.; 31x21 cm (BOCD).

*Terceiro Tomo*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1727; 656 p.; 31x21 cm (BOCD).

Com outro título:

*A Estrella da Alva applicada. Breviário de vários assumptos, e ideias predicá-veis de vários Santos, e outros Sermoens de entre anno compostos, e fabri-cados das matérias, provas, e conceitos, que se acharão nos primeiros dous Tomos intitutados A Estrella da Alva Santa Theresa de Jesus.* Ver o autor nos cap. 10.5 e 14.

**António de Mariz Faria**, Pe., CO (1681-ca. 1741). Era natural da Braga (Inocên-cio I, p. 204). Escreveu:

- *Peregrino curioso da vida, morte, trasladação, & milagres do gloriosíssimo Senhor S. João Marcos, na augusta cidade de Braga que retrata em hum diálogo... o Pa-dre António de Mariz Faria....*, Lisboa, Officina de António Pedrozo Galram, 1721; 12, 243 p.; 22 cm (BNP, H.G. 1643 V.). Ver o autor no cap. 22.2.

**António Faria Barreiros** (?-?). Nasceu em Lisboa na segunda metade do século XVII. Gastou grande parte do seu tempo a traduzir livros devotos para satis-fazer a piedade de algumas pessoas.

- *Vida, prerrogativas e excelências da ínclita Matrona a Senhora Santa Ana...*, Lis-boa, Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1716; 16, 342 p.; 15 cm (BNP, H.G. 2340 P.).<sup>5</sup>
- *Graças da Graça; discretas agudezas dos santos... Dedicadas a Maria Santíssima Senhora Nossa*, Lisboa, Oficina de Joseph Lopes Ferreyra, 1718; autor: José Bo-neta; 447 p.; 14x10 cm (BNP, TR. 4324 P.; BCapB; A Tradução em Portugal, 496). Trata de virtudes dos santos. Ver o autor nos cap. 10.2 e 13.1.

<sup>5</sup> Em MENDES, Paula Almeida, *Dedicatórias e Dedicatários de "Vidas" Devotas e de Santos em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, o. c., p. 43; sobre o autor, ver Barbosa I, p. 266-267; Inocêncio VIII, p. 131.

**António Franco**, SJ (1662-1731). Era natural de Montalvão, onde nasceu de uma família nobre. Mudou-se para Évora onde prosseguiu os seus estudos e veio a ingressar na Companhia (Inocência I, p. 145; XX, p. 221). Escreveu:

- *Vida e martyrio do Beato Ignacio de Azevedo e seus bemaventurados companheiros da Companhia de Jesus*: extrahida da “Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra”, Lisboa, Administração do “Novo Mensageiro”, 1890; 8, 143 p.; 18 cm (BNP, H.G. 15889 P.; BSEA).
- *Novena da esclarecida virgem e martyr Santa Bárbara*, Évora, Oficina da Universidade, 1725; em 12.º.
- *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal na qual se contém as vidas & e santas mortes de muitos homens de grande Virtude, que naquela Sancta casa se criaram...* Pelo Pe. (...). Primeiro tomo, Évora, Com as licenças necessárias; na Oficina da Universidade, Coimbra, 1719; 16, 856 p. (Brasiliana 1, p. 273).

**Bernardino das Chagas**, Frei, OFM (?-?). Era natural do Porto. Foi lente de Filosofia e Teologia e o diretor espiritual de Maria de Brito, mais conhecida por irmã Maria do Lado (Inocência I, p. 363). A obra que aqui deixamos versa sobre a vida desta irmã:

- *Compêndio da admirável vida da Venerável Madre Maria do Lado: oferecida à majestade fidelíssima do Senhor D. Jozé I, rei de Portugal &c. pela abbadessa, e religiosas do Convento do Santíssimo Sacramento do Lourisal* [sic], Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentíssimo Cardeal Patriarca, 1762; 56, 516 p.; 20 cm (BNP, H.G. 5289 V.).<sup>6</sup>

**Caetano Brandão**, Dom Frei, OFM (1740-1805). Era natural do concelho de Oliveira de Azeméis. Estudou Teologia na Universidade de Coimbra, onde adquiriu o grau de bacharel. Foi nomeado bispo do Pará, em 1778, e de Braga, em 1789 (Inocência II, p. 7; IX, p. 2). Foi o editor litográfico de:

- *Vida e opúsculos de S. Martinho Bracarense...*, 1803; autor: São Martinho de Dume (A Tradução em Portugal, 2518). Ver o autor no cap. 15.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Ver JACQUINET, Maria Luísa, *Direcção Espiritual, experiência mística e destino hagiográfico: Frei Bernardino das Chagas e a venerável Maria do Lado*, em Lusitania Sacra 28, 2.ª Série, julho-dez., 2013, p. 73-93.

<sup>7</sup> AMARAL, António Caetano do, *Memórias para a história da vida do Venerável Arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão*, Braga, Typ. dos Orfãos, 1847 (BNP, H.G. 26839 V.: vol. I; Brasiliana 1, p. 25; 2 vol.; em 8.º; vol. 1: 457 p.; vol. 2: 623, 7 p.); MARQUES, João Francisco, *Metropolitanos Bracarense na Evangelização do Além-mar Português*, em Cinco Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas, Universidade Católica Portuguesa de Braga, Braga, 2002, p. 20-29.95-135.

**Fernando / Fernão Pereira de Brito** (1640-ca. 1722). Nasceu em Vila Viçosa. Dedicou-se ao estudo, saindo muito versado na História Sagrada e profana, assim como na Oratória e Poética (Inocêncio II, p. 277; IX, p. 218). Traduziu do espanhol:

- *História do Nascimento, Vida e Martyrio do Ven. Padre João de Brito...*, Coimbra, 1722; autor: Fernando de la Cueva; 52, 250 p.; em 4.º (BNP, H.G. 1396 A.).<sup>8</sup>

— *2.ª edição com um importante adiconamento*, Lisboa, Typ. de A. S. Monteiro, 1852; 29, 361, 3 p.; 21 cm (BNP, H.G. 3672 P.; BJPII, SARD-3753).

**Fernando de Abreu e Faria** (1664-1737). Escreveu:

- *O Servo Prudente constituído sobre a família de seu Senhor. Vida e Morte de São José esposo da sempre Virgem Maria e pai putativo de Cristo com reflexões morais de vária doutrina*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1726; 16 fol., 357 p.; 15 cm (BNP, R. 12902 P.).

**Fortunato de São Boaventura**, Dom Frei, OCist (1777-1844). Nasceu em Berrio, perto de Alcobaça, professando no mosteiro do mesmo nome a 25 de agosto de 1795. Era professor de Teologia na Universidade de Coimbra em 1810. Refugiou-se em Roma, depois de ser arcebispo de Évora, por defender os Jesuítas e ser adepto de D. Miguel. Foi homem de confiança do papa Gregório XVI e seu conselheiro em assuntos referentes a Portugal. Faleceu em Roma, 12.12.1844 (Inocêncio II, p. 309-312; IX, p. 236-238).<sup>9</sup> Traduziu:

- *Vida e milagres de Santo António de Lisboa... posta em linguagem e enriquecida de notas críticas e históricas por Fr. Fortunato de S. Boaventura...*, Coimbra, Real Impr. da Universidade, 1830; 288 p.; 21 cm (BNP, H.G. 2185 P.; A Tradução em Portugal, 4183). Ver o autor nos cap. 4.1; 6.1.2; 8; 9; 10.6; 10.7; 10.9; 10.10; 15 e 22.5.

**Francisco de Jesus Maria Sarmiento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocêncio II, p. 394s; IX, p. 309). Foi autor de:

- *Flos sanctorum ou santuário doutrinal que comprehende o extracto e relação dos*

<sup>8</sup> SILVA, J. A. Telles da, *Asiática*, Lista n.º 3, Lisboa, maio, 1975, n.º 26, p. 8. Numa nota diz: “Importante para a história das missões portuguesas na Índia-Oriental durante a segunda metade do séc. XVIII”.

<sup>9</sup> Estando fora do âmbito desta obra, não apresentamos outros aspetos biográficos deste que foi um dos grandes homens da Igreja portuguesa do séc. XIX; aconselhamos a leitura de uma obra de carácter histórico: LAVAJO, Joaquim Chorão, *D. Fortunato de S. Boaventura – entre o trono e o altar*, Eboresnia, Ano XVII (2004) 33, p. 155-184.

*mystérios e festas, e das vidas e obras dos principaes santos...*, Lisboa, Oficina António Gomes, 1789; 29x20 cm (BPH).

— Ib., Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1794-1818; 2 vol.; 30 cm (BNP, H.G. 1423 V. - 1424 V.; BJPII, 235.3 SAR: tomo 1; BME, JHT1984); esta obra foi a que lhe deu mais notoriedade.

— 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Typ. da Academia Real das Ciências, 1859; 2 vol.; 31x22 cm (BPH: t. II, 531 p.).

— Margão (Índia), Typ. do Ultramar, 1867; 101 p.; 28 cm (BNP, H.G. 1422/2 V.).

- *Flos Sanctorum abreviado, ou compêndio das vidas dos sanctos, de especial veneração na igreja de Deus: para se elegerem por advogados, e protectores em qualquer dia do anno. Com várias reflexões, doutrinas moraes e espirituaes, exercícios para se imitarem as suas virtudes: e juntamente algumas devoções em beneficio das almas do purgatório*, Lisboa, 1773.

— Ib., 1780 (Fortunato de Almeida III, p. 405);

— 3.<sup>a</sup> edição, ib., Typografia da Academia Real das Sciencias, 1852; 13,5x7,5 cm (CBAP: vol. 2; BSEA: vol. 1, 181 p.). Ver o autor no cap. 3.2.

**Francisco de Santa Rosa de Viterbo** - 1, Dom Frei, OFM (?-1750). Nasceu em Flor da Rosa, vila de Crato. Ensinou Teologia na sua Ordem. Foi bispo de Nanquim, China (Barbosa II, p. 246). Escreveu:

- *Quinquaginum Sacrum Justissimum, sive Quinarium Encomiasticum de Familia Sacra Jesu, Maria, Joseph, Joachim & Anna in quorum laudem tot Psalmi cum suis Antiphonis recitandi offeruntur, quot sunt Litterae ex quibus cuiuslibet venerabile nomen componitur additis hymnis, et Orationibus congruis*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1736. Ver o autor nos cap. 10.2 e 10.7.

**Francisco José Freire / Cândido Lusitano**, pseud., Pe., CO (1719-1773). Era natural de Lisboa. Este frade oratoriano inspirou o movimento estético-literário da Arcádia Lusitana. Traduziu do latim:

- *Vida do venerável Padre Bartolomeu do Quental...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1741; autor: José Catalani; 40, 194 p.; 16 cm (BNP, H.G. 3497 P.). Ver o autor nos cap. 4.1; 14 e 17.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Original em latim: Giuseppe Catalani (17--), *De Vita Venerabilis Servi dei Bartholomaei de Quental Congregationis Oratorii in Regnis Portugalliae Fundatoris ad Potentissimum, ac Gloriosissimum Lusitaniae Regem Joannem V*, Romae, Typ. Antonii de Rubeis, 1734; 24, 174, 20 p.; 14 cm (BNP, H.G. 3499 P.); ver o autor em Barbosa II, p. 165-167; IV, p. 130.502.

**Inácio Lopes de Moura** (16?-1709). Era natural de Lisboa, foi cavaleiro da Ordem Militar de Cristo. Estudou na Universidade de Coimbra Jurisprudência civil (Barbosa II, p. 541; Inocêncio III, p. 210). Escreveu:

- *Flores da devoção colhidas no campo de Santa Bárbara debaixo da benévola influência de Nossa Senhora das Mercês*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1701; 31, 87 p.; 15 cm (BNP, R. 8000 P.; Pericão, Bibliografia, p. 266).
- Ib., Oficina Manoel Fernandes da Costa, 1738; 19 fol., 152 p.; 15 cm (BNP, R. 32622 P.). Ver o autor no cap. 10.9.

**J. B. de São Vítor** (?-?). Foi autor de:

- *As Flores dos Santos: actas dos Santos Mártires traduzidas sobre documentos originaes recolhidos por D. Ruinart, et alii (...), acompanhados dum compêndio de história romana*, Porto, Tip. Manuel José Pereira, 1866; 304 p.; 28x12 cm (BNP, H.G. 1422//1 V.).
- Ib., Livraria Chardron, 1897; 2 vol.: 1.º, 430 p.; 2.º, 432 p.; 18x12 cm (BCapP; UCPBP, 2-36 F657f).

Trata-se de um *Flos Sanctorum*, extraído do Martirológio Romano, com as festas dos santos por meses e dias do ano litúrgico.

**Jerónimo de Belém** / Fortunato Lopes de Oliveira, Frei, OFM (1692-1760?). Era natural de Arcos de Valdevez. Exerceu vários cargos na sua Ordem, entre eles o de bibliotecário do convento de Xabregas e cronista da província. Escreveu:

- *Pregador Mariano Instruído na Vida e Desenganado na Morte. Vida e principaes acções do P. Fr. João de Nossa Senhora...*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, [1759?]; 38, 454 p.; 20 cm (BNP, H.G. 21344 P.).
- Ib., mesmo impressor, 1760; 40 p., 1 grav., 454 p.: il.; 21 cm (BNP, H.G. 13913 P.). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.6; 12.2 e 22.4.<sup>11</sup>

**João Antunes**, Pe., CO (?-ca. 1747). Entrou na sua Congregação em 1686, mas depois abandonou. Tornou-se padre secular e foi prior da igreja matriz de Atalaia, onde faleceu (Inocêncio III, p. 294). Compilou:

- *Árvore da vida plantada no paraíso da Igreja...: histórias selectas das vidas dos santos...*, Lisboa, Oficina de Mathias Pereyra da Sylva & Joam Antunes Pedrozo, 1720; 32, 580 p.; 21 cm (BNP, H.G. 3231 P.). É uma espécie de *Flos Sanctorum*. Ver o autor no cap. 10.2.

<sup>11</sup> MARQUES, João Francisco, em *Biblos: enciclopédia verbo das literaturas da língua portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995; 3.º vol: Le-Pa, col. 1254-1256; Barbosa II, p. 485-486; Inocêncio III, p. 258; X, p. 127.



**João Baptista de Castro**, Pe. (1700-1775). Era natural de Lisboa. Foi presbítero secular e viveu algum tempo em Roma. Escreveu várias obras de caráter religioso, moralizante e geográfico. As que mais nos dizem respeito são:

- *Elogios ao Snr. S. José e da Virgem, pelo Padre Bautista de Castro* (BPE, Cod. CXII/2-4).<sup>12</sup>
- *Vida do glorioso patriarca S. Joseph: extrahida, e reduzida a compêndio do que escreverão os Sagrados Evangelistas, Santos Padres e Varões Pios*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Ofício, 1761; 77, 19, 5, 352 p. (BNP, H.G. 1603 V.; Palha 8).  
— Porto, 1903, Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca; 352 p.; 19 cm; (BNP, R. 25706 P.).<sup>13</sup>
- *O devoto de São José: Esposo Verdadeiro de Maria Santíssima, e Pai reputado de Jesus Christo: instruído nos motivos mais eficazes para o amar com fervor e nos meios conducentes para o servir com devoção*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Ofício, 1760; 55, 207 p. (BME, ATP324; CBAP, n.º 447).
- *Terço do Santíssimo meditado para rezar no recolhimento de Rilhafolles no outavário do Corpo de Deus* (BPE, Cod. CXII/1-13, d. a fl. 99).<sup>14</sup> Ver o autor nos cap. 4.2; 7.4.2; 10.2; 11.1 e 22.1.

**João de Nossa Senhora**, Frei, OFM (1701-1758). Era natural de uma aldeia de Alenquer, conhecido como o “Poeta de Xabregas”. Foi grande pregador popular (Barbosa II, p. 709-710). Escreveu:

- *Trezena Meditada e Rezada pelas Doze Letras com que se escreve o admirável nome de Santo António nos seus treze dias*, Lisboa, Henrique Zeferino, [1895]; 45 p.; 16 cm (BNP, H.G. 16743//5 P.). Ver o autor nos cap. 10.7; 10.9 e 14.<sup>15</sup>

**João Evangelista da Cruz e Costa** (1755-?). Traduziu do castelhano:

- *S. José por pay de Deus Filho, Pay dos filhos de Deus...*, Lisboa, Oficina Domingos Gonçalves, 1755; autor: Pe. Pedro de Torres; 8, 76 p.; em 4.º (A Tradução em Portugal, 909).

<sup>12</sup> Em Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 45; sobre o autor, ver Barbosa II, p. 596-597; IV, p. 503; Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 263; Inocêncio III, p. 300-302; X, p. 172; Fortunato de Almeida III, p. 393.

<sup>13</sup> Em MENDES, Paula Almeida, *Hagiografias e Biografias devotas individuais editadas em Portugal ou de autoria portuguesa (séculos XVI-XVIII)*, em Lusitania Sacra 28, 2.ª Série, jul-dez., 2013, p. 196.

<sup>14</sup> Em Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 45.

<sup>15</sup> Jerónimo de Belém escreveu uma obra sobre este autor.

**João Franco**, Frei, OP (?-?). Era natural de Lisboa e ainda era vivo em 1759 (Barbosa II, p. 663; Inocêncio III, p. 378-379). Escreveu:

- *Vida Portentosa da Serva de Deus D. Thomazia de Jesus*, Lisboa, Oficina Miguel Manescal da Costa, 1757; 2, 84 p.: il.; 20 cm (BNP, H.G. 1887//4 V.). Ver o autor nos cap. 10.7; 14 e 15.

**João José Pinto de Vasconcelos** (17??-18??). Era natural de Lamego. As datas de nascimento e morte são desconhecidas, mas pensa-se que ainda vivia em Lisboa em 1808 (Inocêncio III, p. 393-394). Traduziu do italiano:

- *Compêndio histórico da vida, acções e milagres de Sancta Margarida Cortona...*, Lisboa, Francisco Luís Ameno, 1780 (A Tradução em Portugal, 1349).
- *Vida de Santa Margarida de Cortona: especial advogada dos grandes peccadores...*, Porto, Alvarez Ribeiro, 1796 (A Tradução em Portugal, 2106).  
— 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1804; 16, 197 p.; 15 cm (BNP, H.G. 15881 P.).

**Joaquim Alberto de Azevedo** / Joaquim da Encarnação, Frei, OSA (1724-1798). Nasceu em Barcelos. Era mais conhecido por D. Joaquim da Encarnação (Inocêncio IV, p. 76). Traduziu do latim e ampliou com aditamentos:

- *Vida do admirável Padre S. Theotónio, cônego regular, e primeiro Prior do Real mosteiro de S. Cruz de Coimbra...*, Coimbra, Typ. da Academia Litúrgica, 1764; 18, 2, 226, 2 p.; 16 cm (BNP, H.G. 15195//1 P.; A Tradução em Portugal, 1057).
- *Pantheon Sacro, templo de Deus vivo. Festas do Senhor, da Virgem Maria, e dos Sanctos para todo o anno. Mostra os Sanctos de todos os estados, edades e condições, protectores, advogados para conseguir quanto podemos desejar nesta vida, e na eternidade*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1790-1793.

É uma espécie de *Flos Sanctorum* não muito vulgar; 4 tomos, cada um compreende três meses: 697, 875, 750 e 675 p.; 21 cm (BNP, H.G. 3232 P. - 3235 P.). Ver o autor no cap. 3.2.

**José António da Conceição Vieira**, Pe. (1831-?). Nasceu na vila de Alcoutim a 13 de dezembro de 1831. Exerceu o lugar de tesoureiro da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, para o qual foi convidado pelo seu Provedor (Inocêncio XII, p. 224). Escreveu:

- *Memória sobre a fase cristã do grande condestável D. Nuno Álvares Pereira*, Lisboa, Typ. Souza e Filho, 1871; 69 p.; 20 cm (BNP, R. 28083//5 P.).
- Ed. lit. de: *Flos Sanctorum ou História das Vidas de Christo e Sua Santíssima Mãe e dos Santos e suas Festas*, Lisboa, Typ. Universal de Thomaz Quintino

Antunes, 1869-1870; autor: Pe. Diogo do Rosário; *Nova edição aumentada com os santos modernos e outros omitidos nas edições anteriores*; 12 vol.; 19x12 cm (BNP, H.G. 1981 P. - 1992 P.; BSEA). Ver o autor nos cap. 4.1 e 7.1.

**José Barbosa**, Frei (1674-1750). Nasceu e morreu em Lisboa. Foi Clérigo Regular Teatino. Era irmão de Diogo Barbosa Machado (Inocêncio IV, p. 262-264). Traduziu do castelhano:

- *Vida de S. Vicente de Paulo, fundador e primeiro Superior Geral da Congregação da Missão...*, Lisboa, Oficina de Joseph António da Sylva, 1738; autor: Fr. João do Santíssimo Sacramento; 2, 611 p.; 35 cm (BCM, 2B8-05).

— Ib., José António da Silva, 1783 (A Tradução em Portugal, 1471). Ver o autor no cap. 14.

**José Bernardino**, SJ (1663-1738). Escreveu:

- *Directório dos exercícios do Glorioso S. José*, Lisboa, Jozé António da Sylva, 1725. Ver o autor nos cap. 9 e 13.1.

**José Clemente**, Pe., CO (1720-1798). Foi mestre de Teologia na sua Congregação e teve como aluno o célebre confrade António Pereira de Figueiredo. Segundo Inocêncio, foi o Pe. Clemente que “o assistiu e confortou no derradeiro trânsito, como seu confessor que era desde alguns anos” (IV, p. 290). Escreveu:

- *Vida da venerável Madre Teresa da Anunciada*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1763; 23, 616 p.; 31 cm (BNP, R. 2185 A.).
- 2.<sup>a</sup> impressão, ib., Régia Officina Typográfica, 1797; 9, 386 p.; il.; 21 cm (BNP, H.G. 1308 A.).
- 4.<sup>a</sup> impressão, ib., Typografia Carvalhense, 1840; 19, 373 p.; il.; 21x14 cm (BNP, H.G. 1738 V.).
- 5.<sup>a</sup> impressão, ib., Typografia de J. J. de Salles, 1845; 12, 373 p.; 22 cm (BNP, H.G. 15987 P.).
- 11.<sup>a</sup> edição, Ponta Delgada, 1926; 269 p.; 20x14,5 cm (BPH).

**José da Natividade**, Frei, OP (1709-ca. 1759). Tomou o hábito a 30 de setembro de 1727, no convento de Azeitão; foi pregador geral da sua Ordem. Dedicou parte da sua atividade a trabalhos literários, continuando os estudos das Vidas dos Santos empreendidos por Fr. Manuel de Lima e Fr. Manuel Guilherme (Inocêncio V, p. 81). Apresentamos a sua obra:

- *Agiológico Dominico das Vidas dos Santos, Beatos, Mártires e Pessoas Veneráveis da Ordem dos Pregadores, por todos os dias do ano Escrito em Quatro Tomos pelo padre Fr. Manuel de Lima da mesma Ordem*; Novamente correcto, e acrescentado

nesta segunda edição, e aumentado com oito volumes mais (...) pelo Padre Fr. Joseph da Natividade, Pregador Geral da mesma Ordem na Província de Portugal, Lisboa, Oficina de Manoel Soares, 1753-1754; 9 vol. (BNP, H.G. 1403 V. - 1411 V.). Ver o autor no cap. 10.9.

**José da Quietação**, Frei, OFM (?-1751). Era natural de Lisboa. Professou no convento de Xabregas em 1717. Dotado com especial génio para a pregação (Barbosa II, p. 894-895). Deixou-nos:

- *Vida, e novena do glorioso S. Marçal, discípulo de Jesu Christo, ínclito bispo, e especial advogado contra os incêndios*, Lisboa, Oficina de Maurício Vicente de Almeida, 1736; 16, 126 p.; 15 cm (BNP, H.G. 15878 P.). Ver o autor nos cap. 10.7 e 14.

**José de Santo António** - 1, Frei, OESA (16??-1727). Escreveu:

- *Flos Sanctorum Augustiniano*, Lisboa, Oficina de Música, 1721-37; dividido em 6 partes; 4 vol.; 31 cm (BNP, TR. 689 V. - 692 V.; BSEA).
- *Devoção a Jesus, Maria e Joseph*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1722 (Pericão, Bibliografia, p. 412).

**José de Sousa Amado** (1812-1878). Era natural de Assafarge, Coimbra. Foi professor de liceu em Lisboa. Licenciou-se em Teologia em 1843 (Inocêncio V, p. 139 e 457; XIII, p. 221). Foi o editor literário de:

- *O Mês de Julho ou o mês da admirável e prodigiosa Santa Isabel, Rainha de Portugal*, Lisboa, Tip. Universal, 1886; 96 p.; 15x10 cm (BSEA). Ver o autor nos cap. 7.4.2; 10.6; 10.7 e 15.

**José Maria de Eça de Queirós** (1845-1900). Nasceu na Póvoa de Varzim e veio a falecer em Neuilly-sur-Seine (perto de Paris). Estudou Direito na Universidade de Coimbra. Exerceu advocacia e jornalismo. Ingressou na administração pública, sendo nomeado administrador do concelho de Leiria.<sup>16</sup> Foi autor de:

- *Diccionario de Milagres. Coordenação inédita por concluir. Outros escriptos dispersos*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira - Livraria Editora, 1900; 37, 392 p.; em 8.º.<sup>17</sup>
- *O Suave Milagre*, Lisboa, Difusão Verbo, cop. 1983; compil.: António Manuel Couto Viana; 28 p.; 29 cm (BNP, P. 6404 V.). Ver *Suplemento 5*.

<sup>16</sup> JORGE, Ana Maria Castelo Martins, *Literatura e Religião nas Conferências do Casino. As conferências de Augusto Soromenho e Eça de Queirós*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.ª Série, 1989, p. 119-148.

<sup>17</sup> Em *Catálogo da Biblioteca de Afonso Lucas*, elaborado por Afonso Lucas, Livreiro - Alfarrabista, Lisboa, 1976, n.º 371, p. 101.

**Manuel da Rocha Cardoso** (?-?). Traduziu do italiano:

- *Tradução da seguinte dissertação e panegyrico de Santa Maria Magdalena...*, Lisboa, Francisco Luís Ameno, 1780; 20, 192 p.; em 8.º peq. (A Tradução em Portugal, 1351).

**Manuel da Silva Morais**, Pe. (?-1742). Segundo Inocêncio, nasceu em Santa Catarina, que pertencia aos antigos coutos do mosteiro de Alcobaça (VI, p. 109). Compilou:

- *Vida admirável do mais raro milagre da natureza... o Seráfico S. Francisco de Assis. Escrita novamente no idioma português e colhida de vários autores...*, Lisboa, Oficina de Manoel Fernandes da Costa, 1732; 19, 437 p.; il.; 21 cm (BNP, H.G. 1578 V.). Ver o autor no cap. 10.6.

**Manuel de Campos**, SJ (1681-1758). Era natural de Lisboa. Entrou no noviciado de Évora em 1698. Foi professor de Matemática em Madrid e depois no colégio de Santo Antão de Lisboa (Barbosa III, p. 212; Inocêncio V, p. 385-386). Escreveu:

- *Relação da Prisão, e Morte dos Quatro Veneráveis Padres da Companhia, Bartholomeo Alvarez, Manoel de Abreu, Vicente da Cunha (portugueses) e João Gaspar Cratz (alemão) mortos em o dia da Fé na Corte de Tunkim aos 12 de Janeiro de 1737. Com hum Breve Summa... [da] Morte de outros Dous Padres da Companhia Italianos... Francisco Maria Buccarelli e João Baptista Massari, com nove christãos tunkins. Tirado tudo das Cartas e Relações dos Missionários e Cathedricistas, que cultivão aquella Gloriosa Missão; e ordenado por hum Religioso da mesma Companhia...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1738; 63 p.; 20 cm (BNP, R. 27222 P.). Ver o autor no cap. 19.6.5.

**Manuel Guilherme**, Frei, OP (1685-1730). Era natural de Lisboa. Estudou Filosofia em Évora e Teologia no Colégio de Coimbra. Várias obras suas saíram sob os pseud. Paulo Cardoso e Manuel Velho (Barbosa III, p. 284-286; Inocêncio V, p. 446; XVI, p. 225). Compilou:

- *Agiólogo Dominicano*, Lisboa, 1709-1712; 4 vol.  
— Continuado por Frei José da Natividade, com os vol. 5-7, em 1759.<sup>18</sup> Ver o autor nos cap. 10.2; 10.3; 10.4; 14 e 15.

**Manuel José dos Santos Farinha**, Pe. (1871-1923). Era natural de Lisboa. Estudou Teologia na Universidade de Coimbra. Foi ordenado presbítero em 1894.

<sup>18</sup> O Dictionnaire de Spiritualité, fasc. XXV, 1958, art. *Echelle Spirituelle*, col. 77, afirma que a 1.ª ed. sob o nome de Cardoso foi de 1721. A menção “terceira vez” na ed. de 1758 refere-se apenas às edições com o nome do padre Guilherme.

Pertenceu à Associação de arqueólogos portugueses (Fortunato de Almeida III, p. 392). Compilou:

- *Flos Sanctorum. Vida de Todos os Santos e Mártires do Cristianismo seguindo dia a dia, a ordem da sua comemoração pela Igreja*, Lisboa, Emp. da História de Portugal, 1909; 27 cm (BNP, TR. 2166 V.). Ver o autor nos cap. 3.1 e 14.

**Mariano de Piano**, Frei, OFMCap (séc. XVIII). Este Capuchinho italiano, residente e falecido em Lisboa, escreveu a vida de São Lourenço de Brindise, também Capuchinho, que faleceu em Lisboa. A obra leva o seguinte título:

- *Compendiosa narração da vida do venerável Padre Frei Lourenço de Brindise...*, Lisboa, Regia Officina Sylviana, 1752; 76 p.; 14 cm (BNP, H.G. 15194//2 P.).

**Martinho António Pereira da Silva**, Pe. (1812-1875). Nasceu no concelho de Braga, tendo sido professor de Teologia no Seminário da mesma cidade. Foi ordenado sacerdote em 1843 (Inocêncio VI, p. 154). Escreveu:

- *Resumo da vida de Santo Afonso Maria de Ligório, fundador da Congregação do Santíssimo Redemptor*, Porto, Tip. Commercial, 1850; 102 p.; 16 cm (BNP, H.G. 1877//1 V.).

— 2.<sup>a</sup> edição, Porto, 1855. Ver o autor nos cap. 10.7 e 14.

**Pedro Álvares**, Pe., CO (?-1739). Era natural de Lisboa (Inocêncio XVII, p. 176). Escreveu:

- *Novena da gloriosa Senhora Santa Anna*, Lisboa, Manuel e José Lopes Ferreira, 1706; em 16.º.

— Ib., Matias Pereira da Silva e João Antunes Pedroso, 1720; em 16.º.

— Ib., Bernardo da Costa, 1731.

— Ib., Régia Officina Typográfica, 1775 (BNP, R. 27346 P.).

— Ib., Impressão Régia, 1819; em 12.º; 91 p. Saiu anónima.

- *Meditações para os nove dias da novena da gloriosa Santa Ana*, Lisboa, José Lopes Ferreira, 1709; em 16.º. Ver o autor nos cap. 7.1 e 10.7.

**Salvador Martiniano**, Pe., CO (?-1754). Era natural de Lisboa e veio a professar na sua Ordem em 1714 (Barbosa III, p. 669). Traduziu do italiano:

- *Vida do Glorioso S. Camillo de Lellis: Fundador dos Clérigos Regulares, Ministros dos Enfermos*, Lisboa, Oficina de Francisco da Silva, 1747; autor: Pe. Sancho Cicatelli; 13, 362 p.; 22 cm (BNP, R. 4834 V.).

**Sebastião de Azevedo**, Pe., CO (16??-1731). Era natural de Sacavém. Professou na sua Ordem em 1681. Como devoto de Santa Ana, escreveu:

- *Céu mystico a gloriosa S. Anna Mãe da Mãe Deus* [sic], & *Avó de Christo...*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1725.<sup>19</sup>

### 13.2. Igreja Católica. O *Martirologio*

Este tipo de livros da Igreja tem uma longa história desde os mártires cristãos dos primeiros séculos. Nessa altura, os mártires eram os grandes santos venerados pelas comunidades cristãs, que tinham sido testemunhas do seu martírio. O *Martirologio*, como o próprio nome indica, continha apenas a vida desses mártires, que até chegaram a ser lidas publicamente na liturgia dos primeiros três séculos do cristianismo, sendo esse costume proibido, depois, no tempo de Santo Agostinho (séc. IV-V), para dar realce total às leituras bíblicas.

O *Martirologio* foi frequentemente renovado, atualizado e também reduzido, segundo os tempos e as circunstâncias, introduzindo também outros santos, que não apenas os mártires. Como se tornou um livro com as festas de outros santos, e estes foram também inseridos em certos livros litúrgicos (*Missal* e *Breviário*, sobretudo), quase perdeu o sentido primitivo. De qualquer modo, ainda no período abrangido por este volume, a Igreja Católica imprimiu obras com este título. Deixamos aqui alguns exemplos:

- *Martyrologio Romano dado à luz por mandado do Papa Gregório XIII e novamente accrescentado por autoridade do Papa Clemente X ajuntou-se a esta edição a memória de todos os santos, que até o presente forão canonizados pelos summos pontífices. Traduzido de latim em português por alguns padres da Companhia de Jesus*, Lisboa, Régia Oficina Sylviana, e da Academia Real, 1748; 48, 418, 122 p.; 22 cm (BJPII, 264-11 SYL; BPNM, 2-71-10-6; A Tradução em Portugal, 832).

Em latim:

- *Martyrologium Romanum Gregorii XIII iussu editum et Clemens X auctoritate recognitum: accessit huic editioni eorum memoria, qui a Summis Pontificibus usque ad hanc diem in Sanctorum numerum relati sunt*, Antuérpia, ex. Typ. Plantiniana 1701; 22 cm (BNP, R. 9905 V).  
— Venetiis, ex Typographia Balleoniana, 1736; 40, 268, 40 p.; not. mus.; 24 cm (BNP, Enc. 31).  
— Ib., Nicolam Pezzana, 1746; 40, 280, 40 p.; 24 cm (BNP, R. 5356 V).

<sup>19</sup> Obra citada em MENDES, Paula Almeida, *Dedicatórias e Dedicatários de “Vidas” Devotas e de Santos em Portugal (Séculos XVI-XVIII), entre a Proteção e a Devoção*, em *Via Spiritus* 19, 2012, p. 22; sobre o autor, ver Barbosa III, p. 680; Inocêncio VII, p. 204.



- Venetiis, ex Typographia Balleoniana, 1749; LXXXVIII, 316, 40 p.; tabelas, pautas musicais; il.; 25 cm (FacFil, R66-A-6).
- *Editio novíssima*, ib., mesmo impressor, 1756; 88, 352, 40 p.; 24 cm (BNP, Enc. 32).
- Bassani, Sumptibus Remondini Veneti, 1768; 64, 344 p.; 25 cm (BNP, R. 10941 V).
- Venetiis, Ex Typographia Balleoniana, 1792; 72, 404, 30 p.; 25 cm (BNP, R. 10935 V).
- *Martyrologium Romanum Gregorii XIII iussu editum, Urbani VIII & Clementis X, auctoritate recognitum*, Venetiis, ex Typographia Balleoniana, 1776. Editio novíssima; 88, 352, 40 p.; 24 cm (BNP, Res. 1490 V).
- Mechliniae, H. Dessain, 1887; 308 p.; 28x20 cm (BPH).
- *Editio novíssima*, ib., mesmo impressor, 1899; LXIV, 2, 308, 2, 5 p. (BNP, R. 6709 A.).
- *Martyrologium Romanum*, Vaticanis, 1830; por Bento XV (Arquivo do cabido da Sé de Braga).
- *Martyrologium Augustinianum: in tres partes aequaliter distributum, in quo summa latitudine & amplitudine, & quasi super arenam multiplicati: sancti, beati et venerabiles, qui in augustiniana religione claruerunt; per singulos totius Anni dies referuntur; additis ad illorum elogium melius comprobanda vastissimis commentariis*, Lisboa, Typ. Dominici Rodrigues, 1749; 30, 606 p.; 30 cm (FacFil, R38-A-11).

#### Autores anónimos

- *Compêndio da vida, virtudes, morte e milagres de São Camilo de Lellis*, s/data [séc. XVIII]; 16 p.; em 8.º (A Tradução em Portugal, 2294).
- *Forma da Procissão de Passos, que na cidade do Porto se ha de celebrar em 25 de julho deste presente anno, em obséquio do preclarissimo portuguez, o Senhor Santo António de Lisboa...*, Porto, Officina Episcopal de Manoel Pedroso Coimbra, 1747; 8 p.; 19 cm (BNP, H.G. 4085//9 P.; BJPII, 2 ANT/L PRO).
- *Novena de Santa Margarida de Cortona... novamente dada à luz por hum dos seus devotos, sacerdote do hábito de S. Pedro*, Lisboa, Officina de Francisco Borges de Souza, 1750; 55 p.; 15 cm (BJPII, 248.143 MAR).

#### Tradutores anónimos

- *Martírio de onze religiosas urselinas de Valencienas [França] guilhotinadas nesta cidade*, s/data [séc. XVIII]; 4 p.; em 4.º (A Tradução em Portugal, 2296).

- *Martyrio de trinta e duas religiosas de diferentes mosteiros condemnadas à morte pelo tribunal de Orange* [França] em 1794, s /data [séc. XVIII]; 10 p.; em 4.º (A Tradução em Portugal, 2297).
- Trad. do francês por um devoto: *O novo mês de março: homenagem a S. José, esposo de Maria Santíssima*, Lisboa, Tip. Nova, 1851; autor: J. F. H. Oudoul; 214 p.; 17 cm (BNP, R. 29271 P.; BJPII).
  - 3.ª edição, ib., Tip. Universal, 1868; 168 p.; 16x11 cm (BSEA).
  - 4.ª edição corrigida, ib., Livraria Católica, 1874; 204 p.; 15x10 cm (BSEA).
- Trad. do castelhano: *O heroe portuguez. Vida, proesas, victórias, virtudes e morte do Exmo. Senhor D. Nuno Álvares Pereira, condestável de Portugal...*, Lisboa, Oficina Pedro Ferreira, 1741; autor: Pe. Fr. António de Escobar; 16, 178 p. (A Tradução em Portugal, 728).
- Traduzido por um devoto: *Resumo da vida e morte admirável do Beato Frei Lourenço de Brindisi*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1789; autor: Fr. Pedro de Veneza; 12, 144 p. (BNP, H.G. 1881//2 V.; A Tradução em Portugal, 1786).
- *Novíssimo mês de São José...*, Lisboa, Livraria Católica [1891]; autor: Abade Berlioux; Joaquim António Pacheco (ed. lit.); 248 p.; 16 cm (BNP, R. 28898 P.).
- *Mês de S. José, ou meditações, exemplos, orações, práticas para cada dia do mês de março*, Porto, Livraria Católica Portuense, 1898; autor: J. F. H. Budoul; 5.ª edição correta; 14 cm (BNP, R. 27909 P.).

## Bibliografia

- ANCHIETA, José de, *Sacra rituum Congregatione... Beatificationis, Canonizationis Ven. Servi Dei P. Iosephi de Anchieta Sacerdotis Professi Societatis Iesu...*, Romae, 1753; 33x22 cm (Brasiliana I, p. 29).
- ANTÓNIO, Nicolas, *Bibliotheca Hispana Nova sive hispanorum scriptorium qui ab anno MC ad MDCCLXXXIV florere noticia*, Matriti, 1783 (Brasiliana I, p. 34).
- ARAÚJO, António de Sousa, *Santo António de Sant'Ana Galvão (1739-1822): primeiro Santo natural do Brasil*, em *Lusitania Sacra* 23, 2.ª Série (janeiro-junho), 2011, p. 243-262.
- MENDES, Paula Almeida, *Paradigmas de papel: A Escrita e a Edição de "Vidas" de santos e de "Vidas" devotas em Portugal (séc. XVI-XVIII)*, CITCEM, Porto, 2017.

—, *A predestinação, a liberdade e a submissão em “Vidas” de religiosas portuguesas (séculos XVII-XVIII)*, em *Lusitania Sacra* 37, 2.<sup>a</sup> Série (janeiro-junho), 2018, p. 93-113.

MOITEIRO, Gilberto Coralejo, *Texto e experiência Religiosa Feminina: Estratégias discursivas Hagiográficas no seio da Observância Dominicana Portuguesa*, em *Vozes da Vida Religiosa Feminina - Experiências, Textualidades e Silêncios (séculos XV-XXI)*, CEHR, Universidade Católica, Lisboa, 2015, p. 31-48.

CARDOSO, Jorge (org.), *Agiolégio lusitano*, Porto, Univ. Faculdade de Letras, 2002; Org., estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes; 5 vol.; fac-simile da ed. de Lisboa, Officina Craesbeekiana, 1652-1744; 28 cm (BNP, R. 22029 V. - 22033 V.).

ROSA, Maria de Lurdes, *Hagiografia e Santidade*, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal (C-I)*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 326-361.

Vv., *A Santidade*, *Lusitania Sacra* 28, 2.<sup>a</sup> Série (julho-dezembro), 2013.

## Conclusões

1. Os santos da Bíblia, como S. José, os Apóstolos e outros ao longo da História da Igreja, são exemplos da vivência da palavra de Deus. Neste caso, as suas “vidas” assumem um caráter de exemplaridade para todos os cristãos, que não olham para eles apenas com um sentimento de admiração pela coragem no caminho da santidade, mas sobretudo com o sentimento de imitação.

2. O período histórico abrangido por este volume não é muito rico em homens e mulheres santos, sobretudo no que diz respeito aos místicos. Por isso, fala-se do final do séc. XVII como sendo a época do “crepúsculo dos místicos”. As causas, segundo António Vítor Ribeiro, situavam-se na desconfiança acerca do conteúdo teológico de certos fenómenos místicos, vigiados pela Inquisição e pelas autoridades eclesiásticas. Por outro lado, os místicos, direta ou indiretamente, constituíam uma dura crítica a uma sociedade materializada pelo lucro a qualquer preço, na qual a vida espiritual não era valorizada.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> A expressão “crepúsculo dos místicos” foi usada por Louis Cognet na obra consagrada à polémica entre Bossuet e Fénelon, em *Crépuscule des mystiques: Le conflit Fénelon-Bossuet*, Paris, Desclée, 1958 (ver RIBEIRO, António Vítor, *Quando os Santos recolhem ao leito: mística, santidade e modernidade em Portugal entre os séculos XVII e XX*, em *Lusitania Sacra* 28 (julho-dezembro), 2013, p. 119-152 (p. 147).

Aqui poderíamos situar a problemática em torno do movimento espiritual da *Jacobeia*, como reação contra este tipo de sociedade e que tratamos no capítulo da Espiritualidade (cap. 10.1). Poderíamos ainda acrescentar a estes um outro motivo não menos válido: a desorganização e o pouco fervor espiritual existente no interior das próprias Ordens religiosas, que se tornaram a causa da sua extinção, em 1834.

3. Os santos, que a Igreja Católica venera (não adora!), não são anjos caídos do céu, nem vieram ao mundo já santificados ou com uma certa predisposição para a santidade. Nada mais errado que isso. Os santos foram (e são) homens e mulheres como todos, mas, talvez, mais corajosos. Aí está a diferença. Por outro lado, os cristãos não devem ter vergonha de honrar os santos; eles são os seus heróis. A sociedade honra os seus próprios heróis, por algum feito extraordinário, levantando-lhes estátuas, dedicando-lhes ruas e mesmo cidades, concedendo-lhes prémios nacionais e internacionais. Com maior razão, os santos/heróis devem ser honrados, não apenas pelos valores humanos, que também representam, mas sobretudo pela sua relação com o divino, com os valores do espírito.

Temos neste capítulo uns 43 autores e 133 obras.

### *Apelo à virtude*

Ora, o fim de todas as coisas está próximo. Sede, portanto, sensatos e sóbrios para vos poderdes dedicar à oração. Acima de tudo, mantende entre vós uma intensa caridade, porque o amor cobre a multidão dos pecados. Exercei a hospitalidade uns com os outros, sem queixas. Como bons administradores das várias graças de Deus, cada um de vós ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu. Se alguém tomar a palavra, que seja para transmitir palavras de Deus; se alguém exerce um ministério, faça-o com a força que Deus lhe concede, para que em todas as coisas Deus seja glorificado por Jesus Cristo. A Ele a glória e o poder por todos os séculos dos séculos. Ámen.

(1.<sup>a</sup> Carta de Pedro, 4,7-11)

## Capítulo 14

### Bíblia e oratória sagrada

Existe uma tipologia de oratória que poderíamos traduzir por “discurso” ou oratória laica. Mas aqui tratamos apenas e só do discurso religioso ou *oratória sagrada*, porque o seu conteúdo é *sagrado*, ou seja, pretende explicar ao povo a palavra de Deus, que está na Bíblia. Este é o motivo fundamental pelo qual ela entra sempre nestes volumes de *A Bíblia em Portugal*. A oratória sagrada é um género literário de carácter profundamente catequético, que pretende, tal como os catecismos, levar a palavra de Deus ao povo cristão, mas com uma linguagem própria, especial na entoação e mesmo nos conteúdos, em ordem a convencer o auditório das verdades cristãs expostas pelo orador. Pretende, por isso, ensinar os conteúdos bíblicos da fé cristã.

À oratória, podemos associar a *homilia*, que é, essencialmente, um anúncio das verdades bíblicas, que se encontram em determinado texto, sobretudo aos domingos e festas; mas o género oratório é mais catequético, com menos pompa oratória e menos cuidado literário. Neste sentido, é um género literário mais catequético do que o sermão propriamente dito.

A oratória desta época, quanto à forma, tornou-se muito palavrosa, perdendo, por vezes, em conteúdo. Isso levou a que os cristãos procurassem alimentar a sua fé, não tanto na palavra de Deus, mas, por vezes, refugiam-se numa piedade emotiva, demasiado subjetiva, sem o conteúdo, absolutamente necessário, da Bíblia, que é Palavra fundamental do cristianismo. Um dos motivos causadores deste tipo de pregação foi a crise em que a Igreja portuguesa (e europeia, em geral) viveu neste período. Por isso, como veremos abaixo, a pregação não assumiu grandes temas teológicos ou de causas importantes do cristianismo, como aconteceu, por exemplo, com os sermões vieirinos, mas refugiou-se em temas mais de carácter devocional e litúrgico (festas de Nossa Senhora, dos santos, procissões...). O leitor atento saberá verificar a verdade de quanto aqui afirmamos.

Também é certo que já aparecem as *conferências* de temática cristã, dirigidas aos intelectuais, ao estilo de um Fénelon e de outros, em lugar dos sermões, que são dirigidos preferentemente às multidões do povo menos culto. Não podemos

igualmente deixar de lembrar a clássica estrutura ternária do sermão: o *exórdio*, mediante a invocação do auxílio divino, a *confirmação*, que desenvolve o tema central ou “conceito predicável”, e, para terminar, a *peroração*. O “conceito predicável” era, normalmente enunciado no exórdio, mediante uma frase em latim. Várias obras de oratória sagrada referem mesmo no título este “conceito predicável”.

A tipologia dos sermões que o leitor vai visitar neste capítulo, tem, pois, os mais variados conteúdos temáticos, sobressaindo os referentes aos domingos e festas, ao longo do ano litúrgico; grande parte são marianos, sobre os diversos títulos conferidos a Nossa Senhora, sobressaindo o de Imaculada Conceição. Há também obras equivalentes a manuais de retórica sagrada; coleções de sermões, etc. Como grandes novidades destes dois séculos, sobressaem os sermões sobre o terremoto de Lisboa, em 1755, e a devoção ao Coração de Jesus, além de alguns que tocam outros problemas típicos desta época, o tema das novas ciências, assim como o da maçonaria.

Vejamos, finalmente, uma série de autores destas peças oratórias.

**Alexandre da Sagrada Família**, Dom Frei, OFM (1736-1818). Nasceu na ilha açoriana do Faial. O seu nome de batismo era Alexandre da Silva. Foi bispo de Malaca, do Pará e depois de Angola e Angra. Este distinto orador era tio de Almeida Garret e adaptou-se aos tempos do liberalismo açoreano (Inocêncio I, p. 40). Inocêncio afirma: “Eu possuo, em copia manuscripta que adquiri ha annos, uma obra inédita d’este sabio bispo, com o título”:

- *Sermão do Corpo de Deus pregado no tríduo de Beja (1776) sendo missionário de Brancannes, seguido da contenda theologica que se levantou entre o auctor e o P. M. Fr. Bartholomeu Brandão, por motivo da censura que este lhe fizera sobre alguns pontos do mesmo Sermão.*<sup>1</sup> Ver o autor no cap. 10.7.

**Alexandre do Espírito Santo Palhares**, Frei, OFM (1749-1811). Era natural de Palhares, Arcos de Valdevez. Foi diretor do colégio das Ursulinas. Foi um grande orador, que pregou perante a rainha D. Maria I na basílica da Estrela, o que o tornou famoso (Inocêncio I, p. 30-31). Escreveu:

- *Sermão... na tarde do 5.º domingo de Quaresma de 1802*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1841; 15 p.; 20 cm (BNP, R. 11298 V.).
- *Sermões... copiados de manuscritos originaes e dados à luz por Lourenço Tavares*

<sup>1</sup> Sobre este grande bispo franciscano, ver MONTEIRO, Ofélia Paiva, *Dom Frei Alexandre da Sagrada Família. A sua espiritualidade e a sua poética*, em “Acta Universitatis Conimbrigensis”, Coimbra, 1974.



*da Paixão e Sousa*, Lisboa, Tip. da Academia Real das Ciências, 1855; 2 tomos: 1.º: 256 p.; 2.º: 255 p.; Coimbra, 1856; 20,5x13 cm (BSEA).

**António Aires de Gouveia** / António Frutuoso Aires de Gouveia Osório, Dom (1828-1916). Era natural do Porto. Foi nomeado bispo de Betsaida e alcançou de Roma o título de arcebispo da Calcedónia. Foi um grande e profundo orador sagrado, literato e distinto vulto dos intelectuais portugueses da sua época.<sup>2</sup> Escreveu:

- *Ensaio do púlpito*, Porto, Livraria Internacional Ernesto Chardron, 1875; 212 p.; il.; 25 cm (BNP, R. 27583 V.; BJPII).  
— *Nova edição corrigida e muito acrescentada*, ib., mesmo impressor, 1880; 347 p.; 20x15 cm (BNP, L. 14496 V.; BPH).
- *Sermão de Nossa Senhora das Dores*, Porto, Magalhães & Moniz, 1909; 32 p.; 24 cm (BNP, R. 20177 V.).
- *A Bula da Santa Cruzada pelo bispo de Betshaida, Comissário-geral*, Porto, 1886. Ver o autor no cap. 4.1.

**António da Anunciação** - 1, Frei, OESA (1691-?). Era natural de Lamego. Foi vigário geral na sua Congregação, doutor em Teologia, fundador de vários colégios e confessor da rainha D. Mariana Victória. Foi ainda professor de História Eclesiástica em Coimbra após a reforma pombalina. Compôs:

- *Sermão Panegyrico do Pay dos Padres de Santo Agostinho...*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues..., 1739; 35 p.; 20 cm (BNP, R. 21750//8 P.).  
— Ib., Oficina de Manuel Coelho Amado, 1752; Doutor Manuel de Santa Anna Freire (ed. lit.); 8, 31 p.; 20 cm (BNP, TR. 5722//3 P.).
- *Colégio abreviado de ordinandos pregadores e confessores, em três classes dividido por lições, ou teologia escolástica, moral, dogmática, polémica... dedicado tudo à Encarnação do Divino Verbo, Sumo Sacerdote, pregador, e supremo confessor*, Lisboa, Oficina Miguel Manescal da Costa, 1765; 10, 1027 p.; 29x20 cm (BNP, R. 6194 A.; BSEA; BCapP).<sup>3</sup>

**António da Anunciação** - 2, Frei, CRSA (1717-?). Era natural de Évora, onde foi batizado na igreja paroquial de Santo Antão com o nome de António José Calado. Estudou Filosofia na Universidade da sua cidade. Passou depois para

<sup>2</sup> Sobre este autor e as suas obras, ver Fortunato de Almeida III, p. 399; Inocência VIII, p. 95; XX, p. 178; XXII, p. 536.

<sup>3</sup> Ver Rodrigues, A Cátedra (1640-1910), p. 93, n. 11; Barbosa IV, p. 23-24; Inocência VIII, p. 79.

a Universidade de Coimbra, onde se doutorou. Recebeu o hábito no mosteiro de Santa Cruz em 1738 (Barbosa IV, p. 24). Escreveu:

- *Oratio Quam Prima Habuit pro Historia Commendanda in Academia Liturgica*, Coimbra, Praelo Academiae Liturgicae, 1757; 15 p.; 31 cm (BNP, L. 1386//6 A.). Ver o autor nos cap. 13.1 e 22.1.

**António da Conceição Penado Godinho**, Frei, OESA (?-?). Era natural de Sousel (Alentejo). Doutorou-se em Coimbra em 1796. O seu nome de batismo era António Felicíssimo de Oliveira Pennado Godinho (Inocêncio VIII, p. 116-117). Foi autor de:

- *Orações sagradas...*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1803; 319 p.; 14 cm (CBAP, n.º 959).

**António da Expectação**, Frei, OCD (1651-1724). Era natural de Manteigas. Sabiamente versado em Sagrada Escritura, que ensinou aos irmãos do seu convento dos Remédios, em Lisboa (Barbosa I, p. 264; Inocêncio I, p. 130). Deixou-nos:

- *Josephina Panegyrica, e Ascética de Sermoens, e Discursos diversos sobre as admiráveis graças, prodígios, excellencias, e maravilhosos títulos do maior dos Patriarchas, do Supremo Monarcha, e do Máximo dos Santos, o Glorioso São José Pay putativo de Christo, Esposo verdadeiro de Maria Santíssima*, Lisboa, Oficina Augustiniana, 1731; 2 tomos. Ver o autor nos cap. 10.5 e 13.1.

**António de Bettencourt**, SJ (1679-1738). Era natural de S. Miguel. Foi para a Índia, onde, na cidade de Goa, professou na Companhia. Voltou depois à Europa, onde era admirado como grande teólogo e pregador (Barbosa I, p. 221). Escreveu:

- *Sermão da Soledade da Mãe de Deus: prégado na Santa Igreja Patriarchal: e oferecido ao Sereníssimo Senhor Infante D. António...*, Lisboa, Oficina de Joseph António da Sylva, 1736; 16, 28 p.; 20 cm (BNP, R. 8094//3 P.).
- *Sermões vários*, Lisboa, Oficina Sylviana da Academia Real, 1739.

**António de Deus Campos**, Pe. (1699-depois de 1740). Era natural do Porto, estudou latim, Filosofia e Teologia (Barbosa I, p. 256). Instruído na arte de pregar, deixou vários sermões, entre os quais:

- *Sermão dos desagravos do Santíssimo Sacramento pelo horrível sacrilégio succedido na igreja de Santiago da Capella, do bispado do Porto na noite de 16 para 17 de dezembro de 1740: prégado na Santa Igreja Cathedral da mesma cidade... por António de Deus Campos, Cónego prebendado...*, Porto, Oficina de Manuel

Pedroso Coimbra, 1741; 18, 28 p.; 20 cm (BNP, R. 29532//19 P.; BGUC, J.F. -43-3 A-26).

**António de Pádua e Belas**, Dom Frei, OFM (1732-1808). Era natural de Belas. Foi nomeado bispo do Maranhão em 1783, para onde partiu de seguida. Regressou à sua pátria em 1787, onde veio a falecer em Setúbal. Algumas das obras publicadas mostram o seu espírito aberto para a espiritualidade erudita (Inocêncio I, p. 217; VIII, p. 266; XXII, p. 335). Vejamos:

- *Thesouro de Pregadores, dividido em vários sermões universaes, d'onde se tiram sermões particulares, assim para muitos santos juntos, como para cada um em particular...*, Lisboa, Oficina Patriarcal, 1765; 2 vol.; 15x9,5 cm (CBAP, n.º 2072: 1.º t.).

— Ib., mesmo impressor, 1776; 2 vol.; 15x9,5 cm (BPH: t. II).

— *Nova edição*, Lisboa, Typografia Rolandiana, 1853; vol. 2: 425 p.; 15x10,5 cm (BNP, TR. 4250 P.; BCapB: vol. 2). Ver o autor nos cap. 8 e 10.2.

**António de Santa Ana**, Frei, OFMCap (16??-ca. 1757). Compôs e pregou:

- *Sermão do grande Patriarca dos Menores, milagre da humana natureza... na presença do muyto alto, e poderoso rey D. João V*, [Lisboa], Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1730; 8, 24 p.; 20 cm (BNP, Res. 4309//8 V).
- *Sermões Quaresmaes...*, Lisboa, Régia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1743; 21 cm (BJPII, GOER-Hc 1705/3; FacFil, R15-C-11).
- Ib., Oficina António Rodrigues Galhardo, 1763; 21 cm (Pernambuco, p. 474).
- *Sermões vários Panegyricos e Moraes...*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1738; 2 vol.: 1.º, 548 p.; 2.º, 569 p.; 20x14 cm (BOCD).
- Ib., Régia Officina Silviana, 1744 (BPNM: tomo IV).

**António de Santo Eliseu**, Frei, OCD (?-?). Deixou a obra seguinte:

- *Sermoens vários, dedicados a S. João da Cruz, filho primogénito da grande madre, a Seráfica Doutora Santa Theresa de Jesus, e depois della primeiro Pay de toda a Reforma*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galram, 1736; Parte I: 576 p.; 20x14 cm (BJPII, GOER-Hb 4526; BOCD).
- Parte II, ib., mesmo impressor, 1737; 649 p.; 20x14 cm (BOCD).

**António do Espírito Santo Andrade**, Frei, OFM (séc. XVIII). Inocêncio apenas fala dos sermões deste autor, que não chegou a ver (VIII, p. 131). Vejamos:

- *Sermões, panegíricos e morais*, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1765; 21 cm (BNP, TR. 3701 P.). Ver o autor no cap. 22.1.

**António dos Reis** - 1, Pe., CO (1690-1738). Era natural de Pernes (Santarém). Foi um dos mais excelentes cultores da língua latina; igual foi o génio e afluência que teve para a poesia vulgar e latina. Foi ainda um excelente orador sacro (Barbosa I, p. 367-371; Inocêncio I, p. 243-244). Deixou-nos:

- *Sermão do Apóstolo S. Thomé...*, Lisboa, Oficina de Manuel Fernandes da Costa, 1734; 23 p.; 20 cm (BNP, R. 8838//9 P.).
- *Orações Latinas da Paixão de Christo recitadas domesticamente nos sábados de Quaresma*. Ver o autor nos cap. 9; 10.2; 10.9; 15 e 20.

**António José da Encarnação**, Frei, OSST (1741-1780). Nasceu no Porto. Foi doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 167; VIII, p. 199). Escreveu:

- *Novena Panegyrica ou Nove Práticas com uma homilia e um Sermão...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1805; 18 cm (BNP, R. 23037 P.). Ver o autor no cap. 10.4.

**António José de Mesquita Pimentel**, Pe. (1741-1821). Nasceu em Alfândega da Fé e foi sacerdote. Era bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 173; VIII, p. 206). Fez o seguinte discurso:

- *Discurso recitado na última sessão pública da Assembleia de Oradores e Escritores Católicos no Porto*, Porto, Tip. A. J. da Silva, 1872; 19 p.; 17x12 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 15.

**António Nicolau de Carvalho**, Pe. (séc. XVIII). Era padre do clero secular. Foi autor de:

- *Exortação, que se fez aos fiéis, no domingo 28 de Outubro de 1756 na Igreja de Nossa Senhora da Lapa...*, Lisboa, Oficina de José da Sylva da Natividade, 1757; 31 p.; 20 cm (BNP, Res. 118//3 V.).

**António Pereira da Câmara**, Pe. (1697-1758?). Era natural da Baía. Sacerdote de hábito do S. Pedro, bacharel formado em Sagrados Cânones e mestre em Artes (Barbosa IV, p. 54). Como grande pregador, deixou-nos:

- *Sermão de N. S. da Lapa na noite da procissão, que fizeram os seus devotos invocando o patrocínio desta Soberana Senhora pelo sucesso de Lisboa... em 3 de Abril de 1756*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, impresso à custa de António de Araújo Braga, 1757; 39 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//12 V.).
- *Sermão da Terceira Domingo da Quaresma, pregado no Real Mosteiro de S. Maria de Lôrvão das Religiosas de S. Bernardo, Bispo de Coimbra...*, Coimbra, Oficina de António Simoens Ferreyra, 1730; 24 p.; 20 cm (BNP, L. 5236//14 V.).

- *Sermão da Conceição da Senhora, pregado na Paroquial da Candelária em 2 de Mayo de 1756*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1757. Ver o autor no cap. 21 e 22.1.<sup>4</sup>

**António Pereira Soares de Albergaria** (175-?). Pregou:

- *Sermão do Santíssimo, no dia de S. Joam Facundo, Prégado na Sé da Bahia em 12 de Junho de 1757...*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1758; 28, 22 p.; 20 cm (BNP, R. 3061//6 V.).

**Augusto Eduardo Nunes**, Dom (1849-1920). Era natural de Portalegre. Adquiriu o grau de bacharel pela Faculdade de Teologia, e em 1880, o de doutor. Foi nomeado bispo de Évora (Inocêncio XX, p. 282; XXII, p. 465). Escreveu:

- *Trilogia da Immaculada: Três Sermões prégados em Braga, Évora e Villa Viçosa...*, Braga, Livraria Escolar de Cruz e Ca., 1905; 61 p.; 29 cm (BNP, R. 5030//2 A.).  
Vários sermões hagiográficos, uns de personagens bíblicos, outros sobre santos canonizados.
- *Sermão de Santo António, recitado na tarde da festividade... na paróquia do Salvador em Santarém*, a 13.06.1871 (p. 7-16).
- *Panegírico do Glorioso S. Bento pregado na igreja das Comendadeiras da Encarnação da Ordem Militar de Avis*, Lisboa, 21.03.1872 (p. 21-28).
- *Panegírico de Santa Marta pregado na paroquial de mesma invocação de Alcanhões*, a 28.07.1872 (p. 33-56).
- *Sermão de S. Francisco de Assis pelo Padre... Seminário Patriarcal [Santarém] em 01.10.1872*.
- *Panegírico de São Francisco de Sales*, s. d. (p. 75-83).
- *Sermão para a festividade da Conversão de Santo Agostinho*, 27.04.1874 (p. 89-96).
- *Sermão de Santa Ana (sobre o amor da família e o amor da religião)*, 1875 (p. 101-109).
- *Panegírico de Santa Isabel (rainha de Portugal), recitado na igreja de Santa Cruz de Coimbra*, 16.07.1876 (p. 115-123); *2.º Panegírico da mesma Santa* a 04.07.1879 (p. 139-149).
- *Panegírico da Beata Joana, Infanta de Portugal*; Aveiro, 18.05.1879 (p. 129-136).
- *Sermão pregado na solenidade Religiosa Comemorativa do Tricentenário de Santa*

<sup>4</sup> Sobre os sermões deste autor, ver MARQUES, João Francisco, *A Acção da Igreja no Terremoto de Lisboa 1755*, em *Lusitania Sacra* 18, 2.ª Série, 2006, p. 312-316.320-324.

*Teresa de Jesus, na igreja conventual de Sta. Teresa*, em Coimbra, 05.10.1882 (p. 155-169).

- *Sermão do Patrocínio de S. José*, Porto, Seminário, 15.04.1883 (p. 175-186).
- *Panegírico de S. Luís Gonzaga recitado na igreja do Seminário Patriarcal de Santarém*, 26.06.1898 (p. 191-206).
- *Sermão de S. Luís, Rei de França, recitado na sua igreja em Lisboa*, 25.08.1904 (p. 211-225). Ver o autor nos cap. 9; 10.6 e 10.7.<sup>5</sup>

**Baltasar da Encarnação**, OSPPE (1684-1760). Era natural de Serpa (Alentejo). Foi o fundador dos monges Descalços de São Paulo Primeiro Eremita. Viveu uma vida mundana e depravada, tendo-se convertido a Deus aos 28 anos (Barbosa I, p. 447; Inocêncio I, p. 323). Pregou muitos sermões, mas só os seguintes foram impressos:

- *Sermão da Paixão... na Igreja das Covas de Mont-Furado...*, Lisboa, Oficina de Domingos Gonçalves..., 1734; 4, 20 p.; 20 cm (BNP, TR. 5603//3 P.).
- *Sermão do juízo, prégado na paroquial igreja de S. Gens termo de Monte-mor...*, Lisboa, Oficina de Domingos Gonçalves, Impressor dos mesmos Monges das Covas de Mont-furado, 1734; 8, 38 p.; 20 cm (BNP, TR. 5517//8 P.). Ver o autor no cap. 10.6.

**Bento da Trindade**, Frei, OSA (1768-?). Foi doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 355; VIII, p. 378). Traduziu:

- *Orações Sagradas oferecidas a... D. João, Príncipe Regente*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1797; autor: Pe. José Mach; 6, 283 p.; 15 cm (CBAP, n.º 2161).  
— Ib., mesmo impressor, 1803-1804; 4 vol.; 15 cm (BNP, R. 24124 P. - 24127 P.).  
— Ib., Oficina J. F. M. de Campos, 1817; com licença da Mesa do Desembargo do Paço; vol. I: 283 p.; vol. II: 251 p.; com índice dos sermões dos vol. I e II; vol. III: 251 p., com 11 sermões; vol. IV: 245 p.; com índice de sermões (11); 15x10 cm (BCapB; BSEA).  
— Porto, Liv. Inter. Ernesto Chardon, 1876; 2 vol.; 22x13 cm (BSEA).

<sup>5</sup> Obra fundamental para o conhecimento deste grande personagem da nossa cultura e da Igreja do fim do séc. XIX e início do XX é a de Dom Francisco José Senra Coelho, também ele arcebispo de Évora: *D. Augusto Eduardo Nunes, Professor de Coimbra, Arcebispo de Évora*, Lisboa, Paulus Editora, 2010; ver recensão sobre a obra por Carlos Moreira Azevedo, em *Lusitania Sacra* 23, 2011, p. 327-331. Ver ainda *D. Augusto Eduardo Nunes – Obra Oratória – I, Panegíricos de Santos*, Publicações da Junta Distrital de Évora, Évora, 1963; 230 p; 25x19,5 cm. Para cada sermão, indicamos as páginas onde se encontram nesta obra (DB).

— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1886 (BSEA).

- *Homilia ou exposição paraphraseada sobre as palavra da oração do “Pater Noster”*, Lisboa, 1738; em 4.º.
- *Homilia ou exposição paraphraseada sobre as palavras da oração da “Ave Maria”*, Lisboa, 1783; em 4.º.
- *Sermão do primeiro dia de quarenta horas, pregado na Sé da Bahia...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1784; 23 p.; 23 cm (CBAP, n.º 2162).

**Bento de Santa Maria**, Frei, CSJE (?-?). Era natural de Lisboa. Ingressou na sua Congregação em 1702. Instruído em Teologia e Sagrada Escritura (Barbosa I, p. 506; IV, p. 560.617; Inocêncio VIII, p. 373). Deixou manuscrito:

- *Panegyrica Oratio de Cruce exaltata*.
- *Funebris Oratio de Christo sepulto*. Ver o autor nos cap. 10.7 e 14.

**Bernardo Coelho de Oliveira** (?-?). Pregou:

- *Sermão do Nascimento de Maria Santíssima...*, Lisboa, Oficina de Joseph António da Sylva, 1732; 15 fol.; 20 cm (BNP, TR. 5545//12 P.).

**Bernardo José Duarte** (?-?). Foi compilador de:

- *Sermões compostos e pregados... pelo R. P. Fr. Valentim da Mãe dos Homens*, Lisboa, Oficina Simão Thadeo Ferreira, 1805; 4 vol.; 15x9 cm (BNP, R. 24392 P. - 24394 P.; BSEA: vol. I).

**Caetano da Fonseca**, SJ (1694-17??). Nasceu em Lisboa e professou em 1710. Foi mestre de Letras humanas e Retórica na Universidade de Évora, onde leu Filosofia e Teologia Moral (Barbosa I, p. 555). Deixou-nos:

- *Sermão do Coração de Jesus...*, Lisboa, s.l., 1738; 7, 31 p.; 20 cm (BNP, R. 21720//1 P.; Palha 147).

**Caetano de Gouvea Pacheco**, Pe. (1696-1768). Era natural da comarca de Pinhel. Foi Clérigo Regular Teatino. Escrevia sob os pseud. de Irmão Alberto Gomes ou Padre Luís de Sousa Rebelo (Inocêncio II, p. 8 e 467; IX, p. 3). Traduziu e pregou:

- *Sermão que pregou no dia de Sancta Luzia... diante do Summo Pontífice Clemente XI... em o qual se persuade a grande obrigação que tem os bispos de pregar o Evangelho*, Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1739; autor: Cardeal Cassini; 8, 30 p.; 19 cm (BJPII, GOER-Hc 215; A Tradução em Portugal, 700).



**Caetano de São José**, Frei, OCD (1657-1745). Nasceu em Lisboa e morreu no convento de Figueiró dos Vinhos (Inocêncio II, p. 9). Pregou:

- *Sermam no acto público da Fé...*, Lisboa, 1715 (Palha 239).

**Carlos do Cenáculo** (?-?). Inocêncio refere o autor, mas desconhece os seus dados biográficos (Inocêncio IX, p. 32). Pregou:

- *Sermão em honra da Imaculada Senhora da Conceição* (BSEA).
- *Sermão pregado na dedicação da capella da invocação de Nossa Senhora da Bonança...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1847; 23 p.; em 4.º.

**Eusébio de Santa Maria**, Frei, OFM (1675-ca. 1728). Era natural de Lisboa e ingressou na sua Ordem em 1695. Ditou Teologia nos conventos de Santarém e Lisboa, onde jubilou em 1728 (Barbosa I, p. 766). Escreveu:

- *Sermão do Santíssimo Sacramento...*, Lisboa, Oficina dos Herdeiros de Paschoal da Sylva, 1725; 10, 17 p.; 20 cm (BNP, R. 8517//6 P.).

**Feliciano Xavier da Conceição**, Frei, OSJ (séc. XVIII). Escreveu:

- *Oração Panegírica a S. João Bautista na trasladação das muyto Religiosas Filhas da Santa Madre Theresa de Jesus para o novo convento de Carmelitas Descalças da cidade de Coimbra... que exposto o Santíssimo...*, Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1746; 10, 13 p.; em 8.º.

**Filipe de Santiago Travassos**, Frei, OSPPE (1746-?). Era natural de Lisboa (Inocêncio II, p. 305; IX, p. 232). Pregou:

- *Sermões panegíricos e morais...*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1794; 347 p.; 18 cm (BNP, TR. 3856 P.: tomo I; BSEA).

**Francisco António Rodrigues de Azevedo** (1809-1897). Era natural de Coimbra, frequentou a Faculdade de Teologia na sua cidade e doutorou-se em 1838; também aí foi lente. Foi ainda orador de grande fama e prestígio pela sua nítida exposição e estilo fluente.<sup>6</sup> Escreveu:

- *Sermão em acção de graças pela definição dogmática da Immaculada Conceição de Nossa Senhora...*, Lisboa, J. P. M. Lavado, 1855; 21 p.; 21 cm (BNP, R. 27297//12 P.; BSEA).

<sup>6</sup> Sobre o autor e a sua obra, ver RAMOS, Luís Maria da Silva, *Elogio histórico do conselheiro Francisco António Rodrigues de Azevedo*, Coimbra, 1897 (separata do Anuário da Universidade de 1897-1898). Os seus sermões foram reunidos numa edição de 1897, com o título: *Tributo de saudade que à memória dos seu dedicado amigo, Francisco António Rodrigues de Azevedo, do Conselho de sua Majestade... paga o Visconde de Taveiro* (em MENDES DOS REMÉDIOS, *História da Literatura Portuguesa*, Coimbra, F. França Amado, 1902, p. 487, n. 1); ver ainda Inocêncio II, p. 343 e 478; IX, p. 258; Fortunato de Almeida III, p. 398; Rodrigues, A Cátedra (1640-1910), p. 127-130.

- *Sermão da Anunciação de Nossa Senhora...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1852; 16 p.; 21 cm (BNP, Var. 3333//18). Ver o autor nos cap. 6 e 11.1.
- *Sermão da Soledade de Nossa Senhora*, Coimbra, Imprensa Litterária, 1872; 13 p.; 25 cm (BNP, R. 2369//30 A.).
- *Sermão da Cinza*, Coimbra, 1859.
- *Sermão sobre o mistério da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1864; 14 p.; 21 cm (BNP, R. 2369//29 A.).
- *Oração sagrada por ocasião do juramento dos lentes na Real Capella da Universidade no dia 1 de Outubro de 1870*, Coimbra, Imprensa Litterária, 1870; 15 p.; 22 cm (BNP, R. 2668//1 A.).
- *Oração Evangélica sobre a Igreja Católica*, Coimbra, 1868 (Fortunato de Almeida III, p. 398).
- *Sermões por vários autores*, Lisboa, J. P. M. Lavado, 1855; com discurso sobre a Infalibilidade Pontificia; 16, 16, 15, 30, 20 p.; 20x13 cm (BSEA).

**Francisco da Boa Hora**, Frei, OFM<sup>Cap</sup> (séc. XVIII). Inocêncio pouco diz da biografia deste autor (Inocêncio II, p. 353; IX, p. 270). Atribui-lhe os seguintes sermões:

- *Panegyrico de Sto. António*, Lisboa, Oficina de Lino Silva Godinho, 1780; 37 p.; em 8.º (BSEA).
- *Sermão da Natividade de Nossa Senhora, e missa nova*, Lisboa, 1799; em 8.º.
- *Sermão que na véspera de Natal pregou na corte, entre padres seráficos reformados um religioso da mesma corporação*, Lisboa, 1793; 42 p.; em 8.º.

**Francisco da Madre de Deus Pontes**, Frei, OFM (?-?). Foi mestre de Teologia na sua Congregação e afamado orador (Inocêncio II, p. 434). Como tal, escreveu:

- *Sermões do P. M. Fr. Francisco da Madre de Deus Pontes... Dados à luz por um seu discípulo, filho da mesma Província*, Lisboa, Oficina Typográfica 1798; 2 vol.; 15 cm (BNP, R. 24625 P. - 24626 P.; BSEA).

Segundo Inocêncio, “E mais sahiram em continuação:

- *Sermões do editor dos dois tomos dos Sermões do R. P. M. Fr. Francisco da Madre de Deus etc.* para lhes servir de tomo III (IV e V).

— Ib., na mesma Offic., 1799-1800; 3 tomos; em 8.º” (IV, p. 434).

**Francisco de Jesus Maria Sarmiento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia. Como exímio orador, deixou-nos:

- *Sermão gratulatório na solemníssima acção de graças que consagrou à Divina*

*Magestade a Venerável Ordem Terceira do Convento... pela milagrosa preservação da preciosíssima vida del Rey D. José I*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1759; 48 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6805//11 V.).

- *Sermam panegyrico da Milagrosa Imagem do Sto Christo Crucificado... na parochial igreja de S. Miguel a cidade de Lisboa...*, Lisboa, Oficina de José da Silva da Natividade, 1742; 53, 2 p.; il.; 20 cm (BNP, R. 9607//3 P.).
- *Sermões panegíricos e morais*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1758; 21 cm (BNP, TR. 1847 P.; FacFil, R16-B-6).
- *Sermões Vários*, Lisboa, 1748. Ver o autor no cap. 3.2.

**Francisco de Matos**, SJ (1636-1720). Era natural de Lisboa, mas cedo partiu para Baía, onde ingressou na Companhia de Jesus (Barbosa II, p. 196; Inocêncio III, p. 7). Deixou-nos:

- *Sermam do grande Patriarcha dos pobres, S. Francisco...*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galvão, 1699 (BNP, R. 2867//25 V.; BGUC, V.T.-17-1-6(24). Ver o autor nos cap. 9; 10.2 e 10.7.

**Francisco de Santa Rosa de Viterbo** - 2, Frei, OFM (1744-1822). Nasceu na povoação de Gradiz, bispado de Viseu, conselho de Aguiar da Beira. Foi pregador na sua Ordem e cronista da sua Província. Escreveu:

- *Sermões apostólicos e originariamente portugueses...*, Porto, Oficina Pedro Ribeiro França, 1791; 444 p.; 15 cm (BNP, R. 23956 P.). Ver o autor no cap. 10.2.<sup>7</sup>

**Francisco de São Luís Rebelo**, Frei, OSP (séc. XVIII). Professou em 1723. Doutorou-se em Teologia pela Universidade de Évora e foi Geral da sua Ordem em 1752 (Inocêncio II, p. 423). Como orador, pregou:

- *Sermões*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1759; 21 cm (FacFil, R13-C-11). Ver o autor no cap. 8.

**Francisco de Sousa de Almada** (1676-?). Era natural de Alenquer e estudou na Universidade de Coimbra. Deixou vasta obra literária poética e não só (Inocêncio III, p. 68 e 435). Vejamos:

- *Arte de Pregar construída e fundada pelos exemplos, sentenças, e documentos do Sol dos Pregadores o grande P. António Vieira: em que se descobre todo o artefacto desta nobilíssima Arte, para se comporem perfeitamente todos os géneros de Ser-*

<sup>7</sup> A BNP não atribui autor a estes sermões, pois saíu anónimo, segundo Inocêncio; ver Inocêncio IV, p. 152-154.

*moens, mostrando tudo nos seus mesmos Discursos*; em fol. Ver o autor nos cap. 10.2; 17 e 18.

**Francisco Gomes**, SJ (1661-1741). Era natural de Lisboa. Ingressou na Companhia em 1676. Ditou Filosofia e Escrituras no Colégio de Coimbra (Barbosa II, p. 159). Foi distinto orador evangélico, mas dos muitos sermões que pregou nos maiores púlpitos, apenas se publicou o seguinte:

- *Sermam do Jubileu das quarenta Horas...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreyra, 1723; 22 p.; 20 cm (BNP, TR. 5694//5 P.).

**Francisco José Freire / Cândido Lusitano**, pseud., Pe., CO (1719-1773). Era natural de Lisboa. Este frade oratoriano inspirou o movimento estético-literário da Arcádia Lusitana (Barbosa II, p. 165-167; IV, p. 130.502). Traduziu do italiano:

- *Máximas sobre a arte oratória, extraídas das doutrinas dos antigos mestres...*, Lisboa, Oficina Patriarchal, 1759 (BNP, L. 1523 P.; BJPII, 82.085 MAX).
- *A Eloquência Christã. Observações expostas aos portugueses por Francisco José Freire*, 1764. Tem 22 capítulos; autógrafo; fol. grande; 102 p. (BPE, Cod. CXIII/2-7).<sup>8</sup> Ver o autor nos cap. 4.1; 10.2 e 14

**Francisco Luís de Seabra**, Pe. (1818-1878). Foi prior da freguesia de Cacia, Aveiro. Fez a seguinte compilação:

- *A Flor dos Pregadores ou Coleção selecta de Sermões dos mais célebres oradores contemporâneos para todas as Domingas e Principais Festas do anno...*, Porto, Braga e Rio de Janeiro, Livr. Internacional de Ernesto Chardron, etc., 1876-1880; 10 vol.; 21x14 cm (BNP, TR. 5009 P.; FacFil, 252.4 (469) Seabra 2; BSEA; BPH; BCAP: t. VIII-IX).<sup>9</sup> Ver o autor nos cap. 10.2 e 15.

**Francisco Martins**, Pe. (ca 18??). Foi, acima de tudo, pregador, servindo-se deste género literário para falar de temas importantes da sua época:

- *Religião e Patriotismo: Sermão que na Solemnidade Inaugural Celebrada com Missa do Espírito Santo e Juramento dos Lentes para a abertura dos Exercícios da*

<sup>8</sup> Em Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 47. A sua obra *Arte Poética ou Regras da Verdadeira Poesia em geral e de todas as suas espécies principais*, Lisboa, Oficina Francisco Luís Ameno, 1748, marcou em Portugal a afirmação da estética neoclássica, que ficaria conhecida na literatura portuguesa pelo nome de arcadismo. Do mesmo género, escreveu também: *Dicionário poético para uso dos que principiam a exercitar-se na Poesia Portuguesa: Obra igualmente útil ao orador principiante*, Lisboa, Oficina Patriarcal Luís Ameno, 1765.

<sup>9</sup> Só o 1.º vol. refere o Rio de Janeiro como local de edição, os restantes referem Braga e Porto.

*Universidade de Coimbra...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1891; 45 p.; 25 cm (BNP, R. 2649//9 A.).

- *Religião e Sciencia: Sermão*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1894; 33 p.; 23 cm (BNP, R. 11019//12 V.). Ver o autor no cap. 7.1.

**Francisco Mendes Alçada de Paiva** (18?-?). Era natural de Castelo Branco. Foi pároco da igreja dos Anjos e da igreja de Carnide, assim como bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocêncio A (153). Escreveu:

- *Sermão do Santíssimo Corpo de Deus*, Lisboa, Typografia Universal, 1874; 16 p.; 25 cm (BNP, R. 2369//12 A.).

**Francisco Rafael da Silveira Malhão** (1794-1860). Nasceu em Óbidos, estudou no Seminário de Santarém e veio a ser pároco na sua terra natal, onde sempre viveu. Foi um dos melhores oradores sagrados do seu tempo (Inocêncio III, p. 40; IX, p. 366-67). Deixou-nos os seguintes sermões:

- *Sermões da Santíssima Virgem Nossa Senhora*, Óbidos, Ed. R. G., 1959; 23 p.; 20 cm (BNP, R. 33150 P.).
- *Sermão de Penitência*, Lisboa, Matos Moreira & Ca, 1874; 1 folheto; 22 cm (BNP, R. 11016//18 V.).
- *Sermões - O Pretório*, Lisboa, Tip. Universal, 1859; 1 folheto; 22 cm (BNP, R. 11016//17 V.).
- *Sermões - O Mandato*, Lisboa, Tip. Universal, 1859; 1 folheto; 22 cm (BNP, R. 11020//6 V.).
- *Sermão de Passos*, Lisboa, Matos Moreira & Ca, 1874; 1 folheto; 22 cm (BNP, R. 11020//7 V.).
- *Sermão do Calvário*, Lisboa, Matos Moreira & Ca, 1874; 1 folheto; 22 cm (BNP, R. 11020//8 V.).
- *Dogma da Conceição: Sermão*, Lisboa, Typ. Universal, 1859; 1 folheto; 23 cm (BNP, R. 15750 V.).
- *Sermões escolhidos...*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1899; 3 vol.: 268, 224, 224 p.; 19x12 cm (BSEA).
- *Sermões inéditos*, Lisboa, 1874; 397 p. (BSEA).
- *A Eucaristia: Sermão*, Lisboa, Typ. Universal, 1859; 23 cm (BNP, R. 15741 V.).
- Foi ed. literário de: *A Voz do Evangelho ou Tesouro dos Prégadores*, Porto, Livraria Católica Portuense, 1899; 20 cm (BNP, TR. 3784 P.: 3.º vol.). Ver o autor nos cap. 11.1; 12.2 e 22.5.

**Francisco Soares Franco Júnior**, Frei (1829-1867). Era natural de Lisboa. Foi bacharel formado em Direito no ano de 1853. Tomou depois ordens sacras e foi provido num canonicato na catedral da Guarda (Inocêncio II, p. 64; IX, p. 378). Deixou-nos:

- *Sermões*, Lisboa, Typ. Universal, 1862; 4 vol. num livro; 20 cm (BNP, R. 24669 P.); ib., Tip. Panorama, 1865; 205 p.; 20x12 cm (BSEA).
- *O Pregador católico. Coleção de sermões inéditos*, Porto, Typografia Viúva Moré, 1865; 456 p.; 20 cm (BNP, R. 27132 P.).

**Francisco Xavier do Rego**, Frei, CR (1692-1738). Era natural de Lisboa. Inocêncio afirma que pouco se sabe deste autor (III, p. 94), mas refere os seguintes sermões de sua autoria:

- *Sermão da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Lisboa, Oficina da Música, 1726; 21, 9 p.; 20 cm (BNP, H.G. 6774//3 V.).
- *Sermão das sete dores de Nossa Senhora...*, Lisboa, Oficina da Música, 1727; em 4.º. Ver o autor no cap. 10.2.

**Gabriel Coutinho**, Pe. (?-?). Pregou muitos sermões, que Manescal da Costa editou com o título:

- *Sermões que pregou o Padre mestre doutor Frei Gabriel Coutinho...*, Lisboa, Manescal da Costa, 1745 (FacFil, R14-C-1-A - R14-C-1-R).

**Gabriel Ferreira Rego**, Pe. (?-ca. 1790). Era presbítero secular (Inocêncio III, p. 104). O seu sermonário foi publicado postumamente:

- *Sermões do Padre...*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1791; 2 vol.; 15x9 cm (BSEA).
- *Nova edição*, Lisboa, Tip. Rolandina, 1848; t. III: Sermões de Nossa Senhora; do SS. Sacramento; e de santos e santas; 15x11 cm (BSEA).

**Garcia da Rocha Dinis** (ca. 18??). Pregou e escreveu:

- *Sermão de Nossa Senhora da Encarnação*, Lisboa, Tip. Universal, 1895; 16 p.; 22x16 cm (BNP, R. 11020//20 V.; BPH).

**Gaspar de Sousa** (?-?). Escreveu:

- *Thesouro de pregadores, dividido em vários sermoens universaes, donde se tirão Sermões particulares, assim para muitos Santos juntos, como para cada hum em particular, comprehendendo também alguns Sermões communs para todas as Domingas, que não forem destinadas à solemnidade de algum Mystério, e outros também communs em que não se solemnizar algum dos seus Mystérios*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1745; 15 cm (FacFil, R12-I-10).

— Ib., mesmo impressor, 1765 (BNP, R. 24488 P.).

**Gregório Xavier Vivas Osório** (séc. XVIII). Inocêncio não conheceu os dados biográficos do autor, mas refere o seguinte sermão (III, p. 167):

- *Sermão sobre o ceo para a segunda domingo da quaresma, e para o dia da Transfiguração...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1775; 82 p.; 15 cm (CBAP, n.º 1619).

**Henrique José de Castro, Pe.** (1764-1829). Nasceu na cidade de Beja. Era doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Foi prior da freguesia e colegiada de São Lourenço de Lisboa (Inocêncio III, p. 184-185; X, p. 12). Escreveu:

- *Socorro evangélico aos párocos e aos pais de famílias...*, Lisboa, Impressão Régia, 1827; 2 vol.; 21x14 cm; vol. 1, 360 p.; vol. II; mesmo ano e medidas, 312 p.; trata-se de homilias edificantes para os párocos (BNP, R. 5386 P. - 5387 P.; BSME; DB).
- *Sermão de Desagravo do Santíssimo Sacramento por ocasião do desacato perpetrado na parochial Igreja de S. Lourenço de Lisboa*, Lisboa, Impressão Régia, 1825; 22 p.; 19 cm (BNP, R. 22600//11 P.). Ver o autor nos cap. 10.2 e 18.

**Hipólito Moreira, SJ** (1687-1746). Era natural de Coimbra. Como bom orador, dedicou-se ao ministério do púlpito (Barbosa II, p. 459-460). Deixou-nos:

- *Sermão do Nascimento de Maria Santíssima Mãe de Deus...*, Lisboa, Oficina José António da Silva, 1732. Ver o autor no cap. 10.7.

**Inácio da Purificação, Frei (?-?).** Escreveu:

- *Sermão em acção de graças à Senhora do Rosário por hum benefício que a mesma Senhora fez a hum seu devoto... Estando o Santíssimo Exposto*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1743; 46 p.; 20 cm (BNP, TR. 5697//8 P.; Palha 181).

**J. Guilhermini (?-?).** Foi autor de:

- *Obras Oratórias*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1905; 2 vol.; 19x12 cm (BSEA).

**Jacinto de São Miguel, Frei, OSJ** (1692-1763). Era natural de Lisboa. Foi reitor do colégio de Coimbra e Geral da sua Ordem em Portugal. O seu nome de batismo é Miguel Joaquina de Freitas (Inocêncio III, p. 244; X, p. 108). Traduziu:

- *Arte de prégar, ou verdadeiro modo de prégar, segundo o espírito do Evangelho*, Lisboa, Oficina da Música e da Sagrada Religião, 1739; autor: Louis Abelly,



bispo de Rodes (A Tradução em Portugal, 697, dá como tradutor Miguel Joachino de Freitas; Id., 710).

— *Nova edição correcta e emendada*, ib., Oficina Rolandiana, 1777; 37, 419 p.; em 8.º peq. (BNP, L. 1332 P.; A Tradução em Portugal, 1250).

- *Sermam do Santíssimo Sacramento...*, Lisboa, Oficina da Música de Theotónio Antunes Lima..., 1737; 8, 16 p.; 20 cm (BNP, R. 21694//16 P.).

**Jerónimo Contador de Argote** / Caetano Maldonado da Gama, Pe. (1676-1749). Pertenceu à Ordem dos Teatinos, onde professou em 1688 (Barbosa II, p. 494; Inocêncio III, p. 260). Pregou:

- *Sermão da Payxão: prégado na casa de N. Senhora da Divina Providência pelo...*, Lisboa, Officina de António Isidoro da Fonseca, 1735; dado à luz, segunda vez, por José António da Guerra; 22 p.; 20 cm (BNP, R. 8094//6 P.). Ver o autor no cap. 6.1.1.

**João da Madre de Deus Araújo**, Frei, OSA (1760-1843). Nasceu em Guimarães e morreu em Lisboa. Na sua Ordem, exerceu vários cargos (Inocêncio III, p. 403; X, p. 300). Escreveu:

- *Homilias para todas as domingos e festividades principaes do anno*. Primeira parte, 1840; em 4.º.
- Traduziu do francês: *Meditações sobre os Evangelhos do anno...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1787; autor: Pe. Pedro Medaille; 16 fol., 479 p.; 15 cm (BNP, R. 25602 P.). Ver o autor nos cap. 7.1.; 10.2; 10.4 e 15.

**João de Nossa Senhora da Porta Siqueira**, Frei, OESA (?-1797). Foi exclaustrado por um breve apostólico. Nos seus últimos anos de vida dedicou-se ao ensino e publicou algumas obras, na maior parte traduções (Inocêncio III, p. 217; X, p. 322). Deixamos aqui as seguintes:

Traduziu do francês:

- *Voz de Jesus Christo pela boca dos párochos, e dos pais de famílias, intimada aos seus fréguezes, e filhos... para os instruir nos pontos essenciaes da moral, e de religião*, Porto, António Álvares Ribeiro, 1786; 402, 2 p.; 15x9,5 cm (BOCD; A Tradução em Portugal, 1631).
- Ib., mesmo impressor, 1791; 2 tomos: 8, 400 e 6, 362, 6 p. (A Tradução em Portugal, 1903; CBAP, n.º 2262).
- Ib., mesmo impressor, 1796; 3 vol.: 23, 427, 9; 4, 480 p. e 4, 324 p.; em 12.º (A Tradução em Portugal, 2102).
- *3.ª edição*, Porto, Oficina António Álvares Ribeiro, 1796; 2 vol.; 15x9,5 cm (BOCD); Lisboa, Typographia Lacerdina, 1815; 2 vol.; 15 cm (BNP,

- R. 31329 P. - 313230 P.; BPNM, 2-3-2-25/26; A Tradução em Portugal, 3205).
- 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Imprensa Régia, 1830; 16 cm (BNP, TR. 3787 P.: 2.º tomo).
  - 5.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1830; 2 vol.; 15 cm (BNP, R. 24249 P. - 24250 P.; A Tradução em Portugal, 4184).
  - 6.<sup>a</sup> edição, ib., Typografia de Maria da Madre de Deus, 1859; 2 vol.; 15 cm (CBAP, n.º 2264).
  - *Voz evangélica de um pároco aos seus fregueses, ou nova colecção de práticas para todos os domingos do ano*, Porto, Oficina de António Álvares Ribeiro, 1788; 2, 257-575, 5 p.; 15 cm (CBAP, n.º 2261: t. 2).
    - 2.<sup>a</sup> edição, ib., Oficina de Pedro Ribeiro França, 1792; 2, 319 p.; 15 cm (CBAP, n.º 2260).
    - 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 1817; 2 tomos.
    - *Nova edição*, ib., Tip. de J. B. Morgado, 1853; 2, 292 p.; 15x11 cm (BSEA).
  - *Voz de Jesus Christo pela boca dos párochos, e dos pais de famílias, intimada aos seus fréguezes, e filhos... para os instruir nos pontos essenciaes da moral, e de religião*, Lisboa, Typographia Lacerdina, 1815; 3.<sup>a</sup> edição; 2 vol.; 15 cm (BNP, R. 31329 P. - 31330 P.; BPNM, 2-3-2-25/26).
    - 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Imprensa Régia, 1830; 2 vol.: o vol. II começa no Pentecostes e vai até ao Domingo XXIV; ainda tem as Festas do ano; 365 p.; 16x10 cm (BNP, TR. 3787 P.: vol. II.; BCapB: vol. II). Ver o autor no cap. 10.2.

**João de Nossa Senhora**, Frei, OFM (1701-1758). Era natural de uma aldeia de Alenquer. Conhecido como o “Poeta de Xabregas”. Foi grande pregador popular (Barbosa II, p. 709-710). Escreveu:

- *Sermam do retiro que faz todos os annos à sempre prodigiosa, e admirável imagem da Virgem Maria Senhora Madre de Deus... pregado na tarde de Domingo de Ramos 18 de março de 1731*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1731; 10, 38 p.; 20 cm (BNP, R. 2873//9 V.). Ver o autor nos cap. 10.7; 10.9 e 13.1.

**João Evangelista de Moraes Sarmiento**, Pe. (1773-1826). Era natural do Porto. Formou-se em medicina. Segundo Inocêncio “tinha também particular inclinação para a oratória sagrada, e afirma-se que compuzera muitos sermões, que foram por alguns prégadores recitados como próprios, tanto nos púlpitos do Porto, como nos de Guimarães” (Inocêncio III, p. 365; X, p. 240; XI, p. 288). Deixamos aqui o seguinte:

- *Panegírico a S. Jerónimo recitado no seu dia... e no ano de 1819...*, Porto, Tip. Comercial, 1846; 19 p.; 17x12 cm (BSEA).

**João Evangelista**, Frei, OSA (1685-1748). Foi doutor em Teologia e reitor do Colégio de Coimbra (Inocêncio III, p. 365). Pregou:

- *Sermões do Padre Doutor D. João Evangelista*, Lisboa, Oficina de Miguel Marnescal da Costa, 1743; 22 cm (FacFil, R16-A-3; BPNM, 2-82-6-20).
- *Panegyrico de S. João Bautista, concorrendo no seu dia o Outavo do Corpo de Deus...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima Rainha Nossa Senhora, 1746; 2, 18 p.; 20 cm (BNP, TR. 5708//3 P.).

**João Franco**, Frei, OP (?-?). Era natural de Lisboa e ainda era vivo em 1759 (Barbosa II, p. 663; Inocêncio III, p. 378-379). Escreveu:

- *Sermões vários...*, Lisboa, Oficina de Maurício Vicente de Almeida, 1734-41; 12 vol.; 20 cm (BNP, TR. 2884 P. - 2893 P.).
- *Ib.*, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1757; 22 cm (FacFil, R15-A-16...).
- *3.<sup>a</sup> impressão*, *ib.*, Oficina de António Pedrozo Galram [1759-61]; 20x15 cm (BNP, TR. 2900 P.; BCapB: t. IX). Ver o autor nos cap. 10.7; 13.1; 15.

**João Maria Pereira do Amaral e Pimentel**, Dom (1815-1889). Ingressou na vida eclesiástica no Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim. Veio a ser bispo de Angra em 1871 (Inocêncio X, p. 307). Pregou:

- *Sermão do Santíssimo Sacramento...*, Braga, 1864 (BSEA).
- *Sermão das Dores de Nossa Senhora...*, Braga, Typographia União, 1861; 25 p.; 22 cm (BNP, R. 10309//14 V.; BSEA).
- *Sermão do Calvário, pregado na igreja de Santo Agostinho.. na cidade de Leiria, por ocasião da procissão dos Passos no anno de 1857*, Braga, Typ. União, 1861; 21 p.; 21 cm (BNP, R. 28468//7 P.).
- *Sermão de Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens...*, Braga, Typ. União, 1864; 24 p.; 20 cm (BNP, R. 29830//15 P.).
- *Sermão da Immaculada Conceição de Nossa Senhora...*, Braga, Typographia União, 1861; 16 p.; 21 cm (BNP, R. 23424//4 P.). Ver o autor nos cap. 7.4.3; 9; 10.5 e 11.1.

**João Pereira Botelho de Amaral e Pimentel**, Dom (1815-1889). Era natural de Oleiros. Foi bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Enveredou pela vida eclesiástica, tendo sido deão da catedral de Leiria. Foi o 28.º bispo de

Angra, entre 1872 e 1889 (Inocêncio X, p. 307). Como grande orador sacro, pregou:

- *Sermão sobre a torpeza do peccado, pregado na Sé Cathedral de Leiria... na Quaresma do anno de 1858*, Braga, Typ. União, 1864; 22 p.; 25 cm (BNP, R. 10410 P.).
- *Sermão das Dores de Nossa Senhora...*, Braga, Typographia União, 1861; 25 p.; 22 cm (BNP, R. 10309//14 V.); ib., mesma tipografia, 1864.
- *Sermão do Santíssimo Sacramento...*, Braga, Typographia União, 1864; 21 p.; 25 cm (BNP, R. 2369//5 A.).
- *Sermão do Calvário... na Igreja de Sancto Agostinho da cidade de Leiria...*, Braga, Typographia União, 1861; 21 p.; 21 cm (BNP, R. 28468//7 P.).
- *Sermão de Nossa Senhora mãe de Deus e dos homens*, Braga, Typ. União, 1864; 24 p.; 20 cm (BNP, R. 29830//15 P.).

**Joaquim Alberto de Azevedo** / Joaquim da Encarnação, Frei, OSA (1724-1798). Nasceu em Barcelos. Era mais conhecido por D. Joaquim da Encarnação. Foi muito versado nas línguas bíblicas e perito em História e Liturgia (Inocêncio IV, p. 76). Traduziu:

- *Instruções da pregação da Palavra de Deus, dadas aos pregadores*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1763; autor: S. Carlos Borromeo; 24, 566, 2 p.; 15 cm (BJPII, GOER-Ke 350). Ver o autor no cap. 3.2.

**Joaquim Alves Mateus**, Pe. (1837-1903). Nasceu e faleceu em Santa Comba Dão. Estudou Teologia em Coimbra. Foi cónego da Sé Catedral de Angra do Heroísmo e na de Braga. No Seminário desta diocese ensinou História Eclesiástica. Ainda foi diretor da Biblioteca Pública de Braga e eleito sete vezes deputado da Nação e Par do Reino, por carta régia de 1898 (Inocêncio X, p. 380; XI, p. 311). Deixou-nos:

- *Sermões escolhidos*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1903; 2 vol.: 220 e 273 p., respetivamente; 19x12 cm (BSEA).
- *Sermão na solene inauguração do Congresso católico pregado na Sé primacial de Braga*, Braga, 1892 (Fortunato de Almeida III, p. 398).
- *A Voz do Evangelho. XXV Sermões escolhidos do cónego Joaquim Alves Matheus*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1903; 18,5x11,5 cm (BSME).

**Joaquim Bernardes de Santa Ana**, CRSA (1692-ca. 1770). Era natural de Lisboa. Sobrinho do Pe. Manuel Bernardes. Viveu algum tempo em Madrid onde se destacou na pregação e na poesia (Inocêncio IV, p. 69; XII, p. 24). Escreveu:

- *Sermão de S. João Nepomuceno, Protomartyr do sigillo...*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues..., 1746; 16, 27 p.; 21 cm (BNP, R. 21764//8 P.). Ver o autor nos cap. 8 e 11.1.

**Joaquim de Santana**, OSP (1720-1782). Era natural de Lisboa. Foi lente de Artes no Colégio dos Eremitas de S. Paulo de Évora. Doutor em Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora. Foi opositor dos estatutos de ensino de Teologia aprovados pelo Marquês de Pombal na Universidade de Coimbra (Inocêncio IV, p. 60-61; XII, p. 145). Pregou:

- *Sermão do Santíssimo Sacramento...*, Évora, Oficina da Universidade, 1751; 12, 29 p.; 21 cm (BNP, Res. 987//5 P.).
- *Oração sagrada, histórica e panegyrica do mystério da Conceição... recitada na real capella de Villa Viçosa, em 8 de dezembro de 1759*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1760; 31 p.; 21 cm (BNP, R. 9608//12 P.).

**Joaquim Ribeiro**, Pe. (?-?). Pregou:

- *Sermão de N. Senhora do Ó, na Igreja do Collegio do Recife em Pernambuco...*, Lisboa, 1746 (Palha, 186).

**José Agostinho de Macedo**, Pe. (1761-1831). Era oriundo de Beja. Primeiramente foi membro da Congregação dos Eremitas Agostinianos, mas não tendo vocação claustral saiu. Foi escritor, pregador real e uma das principais figuras do séc. XIX. Falou contra o liberalismo e a maçonaria em Portugal. Defendeu a pureza da fé católica e o pensamento católico tradicional, anterior ao liberalismo. Era dotado de inteligência viva, memória prodigiosa, o que lhe permitiu deixar uma fecunda produção literária. Foi um homem muito culto, colocando ao serviço da pena e da palavra pregada todo o seu saber e entusiasmo de pregador. A sua vida pública pode resumir-se em duas palavras: orador e escritor. Tudo ao serviço da ortodoxia católica.<sup>10</sup>

**O orador sagrado.** Como tal, atraía multidões, pela força dos seus argumentos, pela vivacidade das imagens e pela correção do estilo. Já que o Marquês de Pombal tinha deixado o país num analfabetismo quase total, devido à expulsão dos Jesuítas, o sermão tornava-se o principal meio de catequizar o povo. Deixamos aqui uma amostragem destas duas qualidades.

Infelizmente poucos são os sermões impressos em relação às centenas que pregou, apesar de lhe pedirem para os imprimir. Ele próprio confessa que só

<sup>10</sup> Adepto do regime miguelista, sempre lutou contra o regime liberal, tal como o bispo de Viseu, Francisco Alexandre Lobo, cisterciense, Dom Frei Fortunato de São Boaventura, Frei José da Sagrada Família e outros seculares como: António Ribeiro Saraiva, Marquês de Penalva e José da Gama e Castro.

em ação de graças pela retirada das tropas do general Junot (1808) pregou uns 40 sermões em quase todas as igrejas da capital. Desta época foram impressos apenas 2 relativos à expulsão do exército ocupante, 1 de teor deprecatório, de 31 de agosto de 1811, quando Massena invadiu novamente as nossas fronteiras; e 2 congratulatórios, em 1814, pela alegria devida à paz na Europa, pondo termo ao imperialismo napoleónico.

Portanto, os seus sermões giravam em torno de dois eixos fundamentais: por um lado, o político, dado o pendor revolucionário que se vivia na Europa, depois da Revolução Francesa, seguida das invasões napoleónicas, e a luta contra a maçonaria que governava o país mediante os homens do liberalismo instalado no poder; por outro lado, preocupava-o a evangelização do povo, mesmo a partir destes acontecimentos, para o levar ao arrependimento, numa Lisboa, moralmente apodrecida. Vejamos alguns desses sermões editados e outras obras:

- *Sermão contra o Filosofismo do Século XIX... na Quinta Domingo de Quaresma do Anno de 1811*, Lisboa, Impressão Régia, 1811; 74 p.; 15 cm (BNP, L. 69162 P).  
— 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Impressão Eugénio Augusto, 1828; 74 p.; 17 cm (BNP, L. 69034 P.).
- *Sermão sobre o Espírito de Seita Dominante no Século XIX*, Lisboa, Impressão Régia, 1811; 54 p.; 15 cm (BNP, L. 69076 P).  
— 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Typ. R. J. de Carvalho, 1828; 54 p.; 17 cm (BNP, L. 69167 P.; BSEA.).
- *Sermão das Dores de Nossa Senhora...*, Lisboa, Impressão Régia, 1813; 49 p.; 16 cm (BNP, L. 69122 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1829; 56 p.; 16 cm (BNP, R. 25125//12 P.; BSEA).  
— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1829; 46 p. (BNP, L. 69170 P.).
- *Sermão em Quarta Feira de Cinza...*, Lisboa, Impressão Régia, 1813; 42 p.; 16 cm (BNP, L. 69165 P.).  
— 2.<sup>a</sup> edição, ib., Typ. Lacerdina, 1827; 42 p.; 17 cm (BNP, L. 69032 P.; BSEA).
- *Sermão sobre a Verdade da Religião Cathólica...*, Lisboa, Impressão Régia, 1818; 62, 2 p.; 15 cm (BNP, L. 69102 P.; Inocêncio IV, 194).
- *Sermão do primeiro Domingo do Advento...*, Lisboa, 1824 (BNP, L. 69124 P.; Palha, 161).
- *Sermão pregado na Real Casa de Santo António, na grande festividade que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senado da câmara de Lisboa fez pela Restauração*

*deste Reino a 28 de setembro de 1808*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1809; 66 p.

- *Sermão de Acção de Graças pelo milagroso benefício da paz geral na Europa, pregado na igreja de S. Julião a 22 de junho de 1814, na grande festividade que o Juiz do Povo e a casa dos Vinte e Quatro da Cidade de Lisboa, a que assistiram os Exmos. Senhores Governadores do Reino, a Corte e as pessoas de distinção em todas as classes*, Lisboa, Impressão Régia, 1814; 45 p.
- *Sermões*: publicados em 1814, 1818, 1819, 1820, 1821, 1824, 1827, 1828, 1829, Lisboa, Typ. Rolandina; Imprensa Régia; Typografia R. de Carvalho (BSEA).
- *Sermão sobre a verdade da religião cathólica pregado na igreja de Nossa Senhora dos Mártires de Lisboa, na Quaresma do anno de 1817*, Lisboa, Impressão Régia, 1818; 62, 2 p.; 15 cm (BNP, L. 69102 P.).
- *Sermão da Magdalena pregado em Lisboa na igreja da mesma Santa a 22 de julho de 1820*, Lisboa, Impressão Régia, 1820; 48 p.; 16 cm (BNP, L. 69131 P.).
- *A Natureza* (poema), Porto, Tip. de F. Pereira d'Azevedo, 1854; 172, 363 p.; 20x13 cm (BSEA; BPH).
- Traduziu: *O Segredo Revelado ou Manifestação do Systema dos Pedreiros-Livres e Illuminados, e sua Influência na fatal Revolução Francesa: Obra Extraída das mesmas para a História do Jacobinismo do Abbade Barruel. Publicada em português para confusão dos ímpios, e cautela dos verdadeiros Amigos da Religião, e da Pátria*, Lisboa, Impressão Régia, 1809-1810; autor: Augustin de Barruel; 3 vol.; 15 cm (BNP, L. 69018 P. - 69020 P.; BME, JHT1535; BJPII, MC-267; A Tradução em Portugal, 2882).

Esta obra é contra a maçonaria.

- *Refutação dos princípios metafísicos e moraes dos Pedreiros Livres iluminados*, Lisboa, Imprensa Régia, 1816; 9, 251 p. (BNP, L. 69009 P.; BME, JHT1221).
- *Os frades ou reflexões filosóficas sobre as corporações regulares*, Lisboa, Imprensa Régia, 1830; 76 p.; 22 cm (BNP, H.G. 6730//9 V.).
- *Manifesto do Grande Oriente Lusitano contra a Loja Regeneração e Circulares e Protestos desta contra o Grande Oriente acompanhado da Censura, e Eruditíssimas Reflexões...*, Lisboa, Typ. de Bulhões, 1829; 45 p.; 22 cm (BNP, L. 23771 V.).
- *Considerações Christãs e Políticas sobre a enormidade dos libellos infamatórios...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1811; 38 p.; 22 cm (BNP, H.G. 12149//13 V.).
- *Demonstração da existência de Deus*, Lisboa, Impressão Régia, 1816; 93, 3 p.; 15 cm (BNP, L. 69112 P.; Palha, 59).



- *Viagem Extática ao Templo da Sabedoria*, Pernambuco, Typ. Santos, 1836; 18, 140 p.; 13 cm (BNP, L. 69136 P.).  
— Braga, Impressa por J. H. d'O. M., 1841; 13, 3, 3 fol.; 16 cm (BNP, L. 44506 P.).
- *Ode sobre a Verdadeira Felicidade*, Lisboa, Oficina Filipe José de França e Liz, 1791; 7 p.; 22 cm (BNP, L. 47180 P.).
- *A Meditação: Poema Filosófico em Quatro Cantos...*, Lisboa, Impressão Régia, 1812; 66 p.; 15 cm (BNP, L. 3667//2 P.).  
— Pernambuco, Typ. de Santos, 1837; 10, 254 p.; 12 cm (BNP, L. 68973 P.).
- *Poema da Creação: canto único* [Manuscrito], Ano de 1804; 62 p.; 22 cm (BNP, Cod. 11183//2).
- *O Homem ou os Limites da Razão: Tentativa Filosófica*, Lisboa, Imp. Régia, 1815; 182 p.; 15 cm (BNP, L. 69000 P.).
- *Cartas Filosóficas a Áttico*, Lisboa, Impressão Régia, 1815; 331 p.; 15 cm (BNP, L. 69021 P.).
- *O Sebastianista Desenganado à sua custa: Comédia representada oito vezes sucessivas no Theatro da Rua dos Condes em 1810*, Lisboa, Imp. Nacional, 1823; 59 p.; 15 cm (BNP, L. 3665//4 P.).
- *Exorcismos contra Periódicos, e outros malefícios...*, Lisboa, Oficina da Viúva de Lino da Silva Godinho, 1821; 34 p.; 15 cm (BNP, L. 69092 P.).
- *A Verdade ou Pensamentos Filosóficos sobre os objectos mais importantes à Religião e ao Estado*, Lisboa, Impressão Régia, 1814; 5, 173, 5 p.; 15 cm (BNP, L. 69017 P.).  
— *Nova edição*, Lisboa, Impressão Silviana, 1828; 6, 173, 5 p.; 16 cm (BNP, L. 69007 P.).
- Traduziu de um catecismo inglês: *Ladainha da Paixão de Nosso Benito Salvador*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1821; 32 p.; 13 cm (BNP, L. 69109 P.; A Tradução em Portugal, 3742).
- *Novena da Santíssima Virgem Mãe de Deus, e Senhora Nossa; cuja sacrosanta imagem milagrosamente apparecida em huma gruta junto a Carnaxide...*, Lisboa, Nova Impressão Silviana, 1827; 55 p.; 14 cm (BNP, L. 69135 P.).  
— *Nova edição*, Lisboa, Impressão Régia, 1832; 62 p.; 15 cm (BNP, L. 69168 P.).
- *Os Jesuítas e as Letras ou a Pergunta Respondida*, Lisboa, Impressão Régia, 1830; 36 p.; 20 cm (BNP, H.G. 15501//11a V.).

- *Parecer... sobre a obra do P. M. Doutor Frei Fortunato de S. Boaventura, monge de Alcobaça*, intitulada “História Cronológica e Crítica da Real Abadia de Alcobaça (...) para servir de continuação à Alcobaça Illustrada do chronista-Mor Frei Manoel dos Santos”, Lisboa, 1827; 14 p.<sup>11</sup>

**José António Monteiro Bravo**, Frei, OSant (1710-depois de 1740). Nasceu na cidade de Lisboa. Professou no Convento de Palmela em 1733. Dotado para a oratória sagrada (Barbosa II, p. 823). Como tal, deixou-nos:

- *Sermão do Santíssimo Sacramento...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1760; 20, 23 p.; 20 cm (BNP, R. 21723//10 P.).

**José Barbosa**, Frei (1674-1750). Nasceu e morreu em Lisboa. Foi clérigo regular Teatino. Era irmão de Diogo Barbosa Machado. Foi orador evangélico pelo largo espaço de quarenta e quatro anos (Inocêncio IV, p. 262-264; Barbosa II, p. 825-829). Deixamos aqui uma pequena amostragem dos sermões que pregou:

- *Sermão da Assumpção da Virgem Maria com o título de Nossa Senhora de todo o bem, na profissão do irmão Manuel Caetano d’Azevedo Coutinho*, Lisboa, Oficina de José António da Silva, 1733; em 4.º.
- *Sermão da Soledade de Maria Sanctíssima, em dia da Encarnação, pregado na capella real*, Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1740; XII, 34, 6 p.; 19 cm (BNP, R. 9608//3 P.).
- *Sermão da puríssima Conceição da Virgem Senhora nossa, pregado na festa que lhe faz a Academia Real*, Lisboa, Oficina de Joseph António da Sylva, 1735; 30 p.; em 4.º.
- *Sermão da Exaltação da Cruz...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1742; 16, 47 p.; 19 cm (BNP, R. 21684//15 P.).
- *Sermão histórico panegyrico da Conceição de N. Senhora, Padroeira do reyno de Portugal...*, Lisboa, Oficina Real Valentim da Costa Deslandes o fez imprimir, 1710; 23, 3 p.; 19 cm (BNP, Res. 3539//8 P.). Ver o autor no cap. 13.1.

<sup>11</sup> Sobre o autor e a sua obra, ver MELO, Joaquim Lopes Carreira de, *Biographia do Padre José Agostinho de Macedo (1854), seguida d’um catálogo alfabético de todas as suas obras*, Porto, Tip. Francisco Pereira de Azevedo, 1854; MARQUES, João Francisco, *A Revolução e as Invasões Francesas no Sermonário do Padre José Agostinho de Macedo*, em *Obra Selecta*, t. I - Religião e Política: vol. II, Roma Editora, Lisboa, 2013, p. 325-338. O mesmo artigo encontra-se em Idem, *A Revolução e as invasões francesas no sermonário...*, Actas do Colóquio “A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil” – II, 2 a 9 de novembro de 1989, Universidade do Porto, 1992, p. 247-264; Inocêncio IV, p. 183-215; Fortunato de Almeida III, p. 397.

**José Botelho Torrezão**, Frei, OSP (17?-1806). Era natural de Lisboa. Foi mestre de Teologia e Filosofia, na sua Ordem, e pregador régio (Inocêncio IV, p. 279; XII, p. 264). Deixou-nos:

- *Orações evangélicas sobre diversos mistérios da nossa Redenção...*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1795; tomo I: 310 p.; 15x10 cm (BSEA).  
— Tomo II, *Discursos oratórios sobre vários assuntos de religião e de piedade*, ib., mesmo impressor, 1797 (CBAP, n.º 2142) .

**José Caetano de Mesquita e Quadros**, Pe. (1726-1799). Era natural da Figueira da Foz. Coursou Direito canónico na Universidade de Coimbra. Foi professor de Retórica e Lógica no Colégio Real dos Nobres (Inocêncio IV, p. 283-285). Escreveu:

- *Instruções de Rhetórica e Eloquência, dadas aos seminaristas do Seminário do Patriarchado*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1795; VI, XXX, 260 p.; em 8.º. Ver o autor nos cap. 4.1; 9; 10.6 e 15.

**José Caetano**, Frei, OSJ (?-1746). Nascido em Lisboa, professou em 1691. Tornou-se um perito nas línguas, artes, poesia e mesmo na mitologia. Dedicou-se também à Sagrada Escritura, doutorando-se em Teologia na Universidade de Coimbra, onde foi regente da Cadeira de Escritura, em 1741. Foi ainda grande orador sacro. Exerceu altos cargos na sua Ordem, sendo Visitador Geral da mesma e reitor do Colégio de Coimbra e examinador do Santo Ofício (Barbosa II, p. 833-835). Sobre temas bíblico-teológicos, escreveu:

- *Theo-Rhetoris Simulacrum seu vera effigies concionatoris Evangelici, opusculum praeivium ad Divini Verbi hierologiam, sive artem theorico-practicam ponderandi Sacram Scripturam per conceptus (ut vocant) praedicabiles...*, Coimbra, Colégio Real das Artes da Companhia de Jesus, 1730-1735; 6 vol. (BPNM, 2-4-8-11/16; BGUC, S.P.-Z-13-9 - S.P.-Z-13-14; BOCD; FacFil).<sup>12</sup>
- *Sermão Gratulatório e Panegírico consagrado a Nossa Senhora de Belém e a seu gloriosíssimo Esposo...*, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1715; 22 p.; 20 cm (BNP, R. 8838//8 P.). Ver o autor no cap. 4.1.

**José da Assunção** - 2, Dom Frei, OFM (1781-1841). Era natural de Nariz (Aveiro). O seu nome de batismo era José Vieira Valério. Foi bispo de Lamego (Inocêncio XII, p. 243). Pregou:

- *Sermão das almas do Purgatório...*, Lisboa, Typografia de F. A. C. T. d'Abranches e Comp.<sup>a</sup>, 1838; 32 p.; 23 cm (BNP, R. 8187//1 V.).

<sup>12</sup> Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 256.

- *Sermão de Santo António de Pádua pregado no Seminário de Varatojo...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1831; 19 p.; 21 cm (BNP, VAR. 3333//12).
- *Exhortação Concionatória ao Clero...*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1831; 20 cm (BNP, R. 23719 P.; BJPII, MC-6266). Ver o autor nos cap. 8; 10,6 e 15.

**José da Conceição**, Frei, OSJ (1654-1754). Com grande inclinação para o púlpito, foi grande pregador (Barbosa II, p. 839-840). Deixou-nos:

- *Sermões de várias festividades*, Lisboa, Régia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1744-; 20 cm (FacFil, R19-E-3).
- *Sermão da Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel...*, Lisboa, Nova Officina de Maurício Vicente de Almeida, 1734; 15, 32 p.; 20 cm (BNP, R. 21772//22 P.).
- Traduziu do italiano: *Método para venerar o Sagrado Coração de Maria SS. por todos os dias da semana... trad. em portuguez, e offerecido à... Madre de Deos e Mãe dos Homens. Juntão-se no fim as Direcções para rezar a Coroa Seráfica, e Cântico do Santíssimo Sacramento, seu author Fr. José da Conceição*, Lisboa, Offic. de Miguel Manescal da Costa, 1755; autor: V. Padre Pedro João Pinamonti da Companhia de Jesus; 8, 374, 8 p.; 15 cm (BJPII, 248.159.4 PIN).

**José da Natividade de Seixas**, Frei, CSSJE (1661-1740). Era natural de Lisboa e recebeu o hábito no convento de S. Salvador de Vilar de Frades. Estudou Filosofia e Teologia e doutorou-se na Universidade de Évora (Barbosa II, p. 881-882). Escreveu:

- *Medalha Evangélica esmaltada com os lustres da palavra de Deus que relação nos Sermoens de manhãs, & tardes dominicaes, & Semana Santa de huma Quaresma*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1722-24; 21x15 cm (BPNM, 2-12-3-24 e 2-82-11-16; BJPII, GOER-Hb 4620/6); 2 vol.:
  - 1.º, *Sermões Quaresmais* (462 p.).
  - 2.º, *Sermões do Advento*.

**José da Purificação**, Frei, OP (1673-1746). Era natural de Setúbal e professou na sua Ordem em Azeitão. Produziu obras poéticas e teológicas, tendo sido mestre em Sagrada Teologia. Perito nas línguas latina e italiana, assim como nos preceitos da Oratória (Barbosa II, p. 894; Inocêncio V, p. 108). Compôs:

- *Sermão de Nossa Senhora das Dores rainha dos Martyres...*, Lisboa, Oficina Augustiniana, 1730; 12, 24 p.; 20 cm (BNP, R. 2873//11 V.; Palha, 182).

**José da Quietação**, Frei, OFM (?-1751). Era natural de Lisboa. Professou no convento de Xabregas em 1717. Dotado com especial génio para a pregação (Barbosa II, p. 894-895). Como tal, deixou-nos:

- *Sermão da... Procissão que fez... A Congregação de Nossa Senhora da Soledade...*, Lisboa, Oficina da Música, 1735; 44 p.; 20 cm (BNP, TR. 5639//13 P.). Ver o autor nos cap. 10.7 e 13.1.

**José de Almeida Dracke**, Frei, OFM (1778-1828). Foi professor de Filosofia e sócio da Academia Real das Ciências. No seu tempo, foi considerado um dos melhores oradores sagrados (Inocêncio IV, p. 218). Como tal, escreveu:

- *Sermão de acção de graças pelo restabelecimento de Sua Majestade fidelíssima ao Augusto trono de seus maiores*, Lisboa, Tip. Patriótica, 1823; 30 p.; 15x9,5 cm (BSEA).

**José de Andrade de Moraes**, Pe. (1701-?). Foi clérigo presbítero, formado em cânones pela Universidade de Coimbra (Barbosa II, p. 820-821). Escreveu:

- *Oração Histórico-Sagrada da Sacrosanta Paixão de Jesu Christo, que na Matriz da Villa do Carmo das Minas do Ouro, no anno de 1738...*, Lisboa, Oficina Joaquiniana da Música de D. Bernardo (BNP, H.G. 14873//1 P.).

**José de Araújo Lima**, Pe. (séc. XVIII). Presbítero versado em Sagrada Escritura e nos Santos Padres (Barbosa IV, p. 199). Compôs sermões:

- *David Penitente. Sermão, que na tarde da primeira sexta feira da Quaresma disse...*, Lisboa, 1752; em 4.º (Palha, 121).
- *Sermão, que na Quarta Domingo da Quaresma expoz em a Cathedral de Mariana nas Minas do Ouro, Anno de 1748...*, Lisboa, Oficina dos Herd. de António Pedrozo Galram, 1749; 12, 15 p.; 19 cm (BNP, R. 8534//13 P.; Brasiliana I, p. 414).

**José de Lima**, Frei, OSA (1759-1847). Provavelmente nasceu e morreu no Porto. Defensor do partido de D. Miguel. Foi mestre e pregador geral da sua Ordem (Inocêncio IV, p. 421). Como tal, pregou o seguinte sermão:

- *Sermão pelo feliz regresso à Patria de... senhor Dom Miguel...*, Lisboa, Impressão de Eugénio Augusto, 1828; 39 p.; 22 cm (BNP, TR. 5492//11 P.; BSEA).

**José do Sacramento Pessoa**, Frei, OFM (17??-18??). Segundo Inocêncio, foi “Franciscano do convento da sua Ordem em Beja, e ahi leitor de filosofia” (Inocêncio V, p. 118; XIII, p. 190). Escreveu:

- *Noções oratórias extrahidas dos melhores mestres de eloquência, para instrucção dos que se destinam ao sagrado ministério do púlpito*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1804; em 8.º (BNP, L. 1301 P.).
- *Sermões do tríduo de 15-18 de Dezembro de 1809 no Convento da Conceição de Beja...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1810; 79 p.; em 8.º (BSEA).

**José Gregório Lopes da Câmara Sinval** (1806-1857). Era natural de Lisboa e foi cavaleiro da Ordem de Cristo. Exerceu a profissão de médico. Pouco antes do fim da sua vida tomou as ordens sacras e exercitou o ofício do púlpito, para o que tinha particular vocação (Inocência IV, p. 365-366). Como tal, deixou-nos:

- *Sermões*, Porto, Viúva Moré Editora, 1864; com introdução de Camilo Castelo Branco; 22, 370 p.; 17,5x11,5 cm (BNP, R. 31449 P.; BSEA).
- *Sermões Completos*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1904; 2 vol.; 19x12 cm (BSEA).
- *À Virgem Mãe, sob o título Senhora do Parto*, [s.l]: [s.n.], 1850.

**José Inácio Roquete**, Frei, OFM (1801-1870). Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete; foi lente de Sagrada Escritura no convento de Xabregas. Em 1833 esteve preso por suspeitas políticas e no ano seguinte retirou-se para Londres e depois para Paris.<sup>13</sup> Como excelente orador, escreveu:

- *Manual de Eloquência Sagrada: Para uso dos Seminários e dos Ecclesiásticos que começam a exercer o Ministério do Púlpito*, Paris, J. P. Aillaud, 1857; 11, 418 p.; 20 cm (BNP, L. 1989 P.; BSEA).  
— Ib., mesmo impressor, 1878; 14, 424 p.; 17x11 cm (BNP, R. 25965 P.; BSEA).
- *Sermão da Bula da Santa Cruzada pregado na Igreja de São Pedro de Alcântara...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1861; 30 p.; 20x13,5 cm (BNP, H.G. 29518//3 P.; BSEA).
- *Sermões em honra de Nossa Senhora e panegíricos dos santos e das santas*, Paris, Typ. de Pillet. Fils Ainé, 1872; 608 p.; 18x15 cm (BSEA); Porto, 1901; 2 vol.
- *Homilias e sermões parochiaes para todas as domingos do anno*, Paris, Typ. V. Goupy et Cie, 1865; 2 vol.; 18x11 cm (BNP, R. 24159 P. - 24160 P.; BCapB: t. 1, 440 p.; BSME: t. 2, 392 p.).  
— Ib., Va. J. P. Aillaud Guillard, 1865; 18 cm (BNP, TR. 3893 P.; BSEA).  
— Ib., Typ. Paulo Dupont, 1877; 18 cm (BNP, R. 24161 P.; BJPII).  
— Ib., Va. J. P. Aillaud Guillard, 1877; 2 t.: 437 e 391 p.; 18x11,5 cm (BPH).<sup>14</sup>  
— Porto, 1901 (Fortunato de Almeida III, p. 398). Ver o autor no cap. 3.2.

<sup>13</sup> Ver Inocência IV, p. 373-377; XIII, p. 15; Fortunato de Almeida III, p. 398.

<sup>14</sup> Nesta biblioteca encontram-se os dois tomos: o 1.º é de 1865; o 2.º de 1877.

**José Joaquim de Sena Freitas**, Pe. (1840-1913). Era natural de Ponta Delgada; foi sacerdote, orador sacro e polemista. Publicou um extenso conjunto de obras, a maior parte sobre questões religiosas e de moral (Inocência XIII, p. 41; XVIII, p. 107; XX, p. 78). Da temática deste capítulo, escreveu:

- *A palavra do semeador: sermões, orações fúnebres, discursos, conferências, allocuções, pronunciados no templo e fora d'elle, 1867-1903*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira - Liv. Editora, 1905-1906; 3 vol.; 20x12 cm (BPH; BJPII, 252 FRE). Ver o autor no cap. 7.1.

**José Manuel Pereira Cortes e Silva** (?-1767). “Presbítero secular, cujas circunstâncias me são desconhecidas” (Inocência V, p. 9). Deixou:

- *Sermoens panegíricos, moraes e de mystérios*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1767; 28, 467 p.; 15 cm (BNP, R. 6463 P.).

**José Maria d’Almeida e Araújo Correia de Lacerda** / **José de Lacerda**, Dom Frei, OSA (1802-1877). Era natural de Vila Real, Trás-os-Montes. Foi deão da Sé patriarcal, sócio efetivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, vogal da Junta Consultiva de Instrução Pública, etc. (Inocência V, p. 15; XIII, p. 79). Pregou:

- *Sermão de Acção de Graças pela Definição Dogmática da Immaculada Conceição de Nossa Senhora...*, Lisboa, Typ. de Silva, 1855; 27 p.; 22x13 cm (BSEA).
- *Sermão da invenção de Santa Cruz pregado na igreja de Nossa Senhora da Graça na solemnidade celebrada no dia 3 de maio de 1869*, Lisboa, Typ. Franco-portuguesa, 1869; 16 p.; em 8.º. Ver o autor nos cap. 7.1 e 15.

**José Maria de Almeida Ribeiro**, Pe. (séc. XVIII). Foi cônego da Sé de Elvas (Inocência XIII, p. 79). Pregou:

- *A Voz do Evangelho ou Tesouro dos pregadores... Sermões selectos de José Maria de Almeida Ribeiro*, Porto, Livraria Católica Portuense, 1903; 2.ª edição; 2 vol. num tomo: 198 e 186 p.; 18,5x11,5 cm (BSME). Ver o autor no cap. 22.4.

**José Maria de Santana Noronha**, Dom Frei (1761-1829). Foi eremita da Ordem de S. Paulo da Congregação da Serra d’Ossa. Foi bispo de Miranda e Bragança entre 1824 e 1829 (Inocência V, p. 22). Como grande pregador que era, deixou-nos:

- *Sermão histórico em acção de graças pelo restabelecimento de Sua Majestade [...]*, Lisboa, Typ. de António Rodrigues Galhardo, 1823; 28 p.; 22 cm (BNP, H.G. 6595/14 V.).
- *Sermão da Natividade de Nossa Senhora, prégado na Santa Igreja Patriarcal...*,





Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1809; 32 p.; 15 cm (BNP, H.G. 15009//4 P).

José Nunes de Oliveira e Sousa (?-?). Foi autor de:

- *Sermões*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1910; 2 vol.; 19x18 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 10.8.

José Pedro da Transfiguração, Frei, OFM (ca. 1760-ca. 1798). Foi professor de uma cadeira de História eclesiástica, no convento de São Francisco do Porto (Inocêncio V, p. 92). Como bom orador, deixou-nos:

- *Sermão de S. Marcos pregado na Real Capela da Ajuda...*, Lisboa, s.n., 1785; 13 p.; 21 cm (BNP, VAR. 1517//12).

- *Sermam do SS. Sacramento da Eucharistia, pregado na Sé de Braga, em a Festa do Corpo de Deos, no anno de 1782*, Lisboa, Oficina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões, 1784; 22 p.; 21 cm (BNP, Var. 1517//13).  
— Ib., 1803; 24 p.; 22 cm (BNP, H.G. 6595//7 V.).
- *Sermões Portugueses, compostos por um indigno filho do P. S. Francisco: dados à luz por um amigo do auctor*, Porto, Typ. de António Álvares Ribeiro, 1790; 136 p.; em 8.º; consta de 8 sermões. Ver o autor no cap. 6.

**José Possidónio Estrada**, Frei, OSST (?-?). Foi pregador e mestre na sua Ordem. Organista no convento da Trindade em Lisboa entre 1820 e 1823 (Inocêncio V, p. 106; XIII, p. 175). Pregou:

- *Sermão constitucional da Natividade de Nossa Senhora...*, Lisboa, Tip. M. Peireira de Lacerda, 1822; em 8.º. Ver o autor no cap. 7.1.

**José Thomas Borges**, SJ (?-?). Foi pregador e poeta. Pregou:

- *Sermão na festividade do glorioso Apóstolo e Evangelista S. Matheus...*, Lisboa, 1741 (Palha, 125).<sup>15</sup>

**Lourenço Bautista Feio**, Dom (1696-?). Era natural de Lisboa. Estudou Filosofia na sua cidade natal, seguindo-se o doutoramento em Teologia pela Universidade de Coimbra (Barbosa III, p. 24-25). Foi distinto entre os oradores sagrados do seu tempo, pelo que nos deixou:

- *Sermão que na dupla solemnidade dos dous Santos, Gonzaga e Stanislaio, em dous dias dividida...*, Lisboa, 1728 (Palha, 145).
- *Sermão da Mãe de Deus Senhora do Monte do Carmo...*, Lisboa, Manuel Fernandes da Costa, 1731; 8, 29 p.; 20 cm (BNP, R. 21821//3 P.).
- *Sermão da Cinza pregado na Sé da cidade de Faro*, Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1759; em 4.º.

**Lourenço de Santa Teresa**, Frei, OFM (1705-?). Era natural do Porto. Segundo Barbosa Machado, “Depois de estudar Filosofia no Convento da Guarda, e Theologia no Collegio de S. Boaventura em Coimbra sahio tão perito nestas Faculdades, que foy eleito para Mestre dos primeiros que as dictarão no Real Convento de Mafra onde na Cadeira da Theologia Moral sustentou seis Conclusoens públicas com grande credito da sua literatura” (III, p. 39). Pregou:

- *Sermoens vários: mysticos, e doutrinaes*, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1760-1763; 4 partes em 4 vol.; a 3.ª e 4.ª partes têm o tít.: *Sermoens*

<sup>15</sup> Referência ao autor, em RODRIGUES, Francisco, *A formação intellectual do Jesuíta*, Livraria Magalhães & Moniz, 1917, p. 447.

*vários panegyricos, mysticos, e doutrinaes*; 21x15 cm (BJPII, GOER-Hb 4507; BCapB: 1.<sup>a</sup> parte, 503 p.).

**Luís do Pilar Pereira de Castro**, Pe. (1809-1864). Nasceu em Monção, Viana do Castelo. Professou na Congregação de Santo Agostinho, passando depois para sacerdote diocesano. Exercia a dignidade de deão na Sé de Braga quando faleceu (Inocêncio V, p. 314; XVI, p. 60). Como distinto orador, deixou-nos:

- *Sermão da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, pregado na Ordem Terceira de São Francisco...*, Porto, Typografia de Gandra & Filhos, 1851; 30 p.; 22 cm (BNP, TR. 5499//7 P.; CBAP, n.º 451).
- *Discurso que na cerimónia da colocação da primeira pedra fundamental para o monumento da Immaculada Conceição de Maria Santíssima, no monte Sameiro...*, Braga, Typ Luzitana, 1863; 20 p.; 21 cm (BNP, R. 29531//7 P.). Ver o autor no cap. 22.3.

**Luís Gonçalves Pinheiro**, Pe. (?-1727). Nasceu em Lisboa. Frequentou a Universidade de Coimbra, onde obteve o grau de bacharel em Teologia (Barbosa III, p. 105). Dotado para a pregação, deixou-nos:

- *Sermam da Encarnação do Verbo Divino...*, Lisboa, Oficina de Joseph Lopes Ferreyra, 1719; 7, 23 p.; 20 cm (BNP, TR. 5717//1 P.).

**Luís Maria da Silva Ramos**, Pe. (1841-1921). Era natural de Braga, doutorou-se na Universidade de Coimbra, onde foi lente de Teologia, até à extinção da Cadeira, e também professor nos Seminários de Braga e Coimbra, (Inocêncio XVI, p. 46; Fortunato de Almeida III, p. 399-400). Escreveu:

- *Sermão sobre a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardon [Typ. de António José da Silva Teixeira], 1877; 24 p.; 25 cm (BNP, R. 11021//5 V.).
- *Sermão da Imaculada Conceição de Maria recitado na real capela da Universidade de Coimbra*, Porto, 1878. Ver o autor nos cap. 7.1; 7.4.2; 8; 9; 15 e 22.3.

**Luís Moreira Maia da Silva / Luís Moreira da Silva**, Pe. (séc. XIX). Foi examinador sinodal na diocese do Porto e também vigário da vara na comarca da Feira (Inocêncio V, p. 310; XVI, p. 50 e 381). Como orador pregou vários sermões, que foram selecionados e publicados:

- *Sermões escolhidos...*, Porto, Liv. Internacional de Ernesto Chardon, 1875; 21x13 cm (BSEA); outra edição em 1879 referida por Inocêncio (XVI, p. 381).  
— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1888; 22 cm (BNP, R. 29132 P.; BJPII, 252 SIL).

**M. Jacob Bernardes, Pe., CO (?-1718).** Pertenceu à Congregação do Porto. Foi “Lente de prima de Teologia e Examinador synodal da mesma cidade”, segundo se lê no frontispício do tomo II da seguinte obra:

- *Sermões & Práticas*, Coimbra, Officina de Joam Antunes, 1714-1716; 2 tomos; 20 cm (BJPII, GOER-Hb 298).

**Manuel da Avé Maria, Frei, OSP (?-1775).** Foi lente jubilado de Teologia e examinador sinodal do patriarcado (Inocêncio XVI, p. 124). Traduziu:

- *Sermões sobre diferentes matérias pregados em ocasiões particulares...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1773; autor: Espirito Flechier, bispo de Nimes; 495 p.; 15x10 cm (BPH: t. III).
- *Advento e Sermões moraes...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1774; autor: Espirito Flechier, bispo de Nimes; 598 p.; 15x10 cm (BPH: t. IV). Ver o autor no cap. 9.

**Manuel da Conceição Argea, Frei, OFM (ca. 1780-ca. 1833).** Era natural do Lavradio. Foi perseguido pelo partido de D. Miguel (Fortunato de Almeida III, p. 396). Como grande orador, deixou-nos:

- *Sermão do Terceiro Domingo de Quaresma, pregado na freguesia de São João da Praça em Lisboa, ao ano de 1827*, Lisboa, Typ. de António Rodrigues Galhardo, 1827; 20 p.; 22 cm (BNP, TR. 5492//4 P.).
- *Sermão da conversão de São Paulo prégado na Igreja de Lisboa 1827...*, Lisboa, Typ. de R. J. de Carvalho, 1827; 23 p.; 22 cm (BNP, TR. 5492//7 P.).

**Manuel da Cruz - 1, Frei, OSPPE (séc. XVIII).** Era natural de Lisboa. Professoreu no Instituto de S. Paulo primeiro Ermitão, em 1706. Estudou as ciências eclesiásticas, que veio a ensinar depois aos seus confrades (Barbosa IV, p. 240). Escreveu:

- *Sermão de Nossa Senhora com o título de Soberana Pastora dos Homens...*, Lisboa, Oficina de Joam Carvalho Roza, 1742; 14, 22 p.; 21 cm (BNP, Res. 4309//1 V.; Palha, 143).

**Manuel da Epifania, Frei, OFM (1712-1767).** Era natural de Coimbra. Frequentou a Universidade da sua cidade, onde estudou Teologia e Filosofia. Também aí foi professor, assim como no convento de Mafra. Foi um grande pregador, adepto do iluminismo e do Marquês de Pombal.<sup>16</sup> Escreveu:

- *Verdadeiro método de pregar, praticado em várias Orações Fúnebres, Sermoens*

<sup>16</sup> Sobre o autor, ver MARQUES, João Francisco, *Manuel da Epifania, Frei*, em Logos, Enciclopédia Verbo das Literaturas..., vol. III, 1999, col. 436-438; Barbosa IV, p. 241; Inocêncio V, p. 410.

*Panegyrynos, e Moraes de Profissoens Religiosas*, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1759-1762; uma das “Licenças” é assinada por Diogo Barbosa Machado; 2 vol.; 21 cm (BJPIL, 251(02) MAN/EP; BPE, S.L., E. 34-C.1).

— Ib., Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, [1760?]-1762; 2 tomos: tomo II, 365 p.; 17x10 cm (BNP, R. 6500 P.; BOCD: t. II).

- *Verdadeiro método de pregar, que contem algumas reflexoens sobre a eloquência sagrada, reparo sobre as orações dos nossos oradores e alguns sermões*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1762; 18 cm (FacFil, R19-C-10). Ver o autor no cap. 22.1.

**Manuel da Rocha**, Frei, OCist (1676-1744). Nasceu em Castelo Branco. Professou no convento de Alcobaça em 1693. Ditou Filosofia no convento de Salzedas. Doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra, onde foi catedrático e explicou o Livro dos Cantares (Inocêncio VI, p. 91). Compôs:

- *Sermão da Canonização dos Gloriosos Santos S. Luís Gonzaga, & S. Estanislao Kostka...*, Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, [1727]; 16, 27 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6761//2 V).
- *Sermão que pregou... festejando a Academia Real a Puríssima Conceição da Virgem Maria...*, Lisboa, 1734 (Palha, 187).

**Manuel da Silveira Tojal** (?-?). Os seus sermões foram compilados e editados:

- *Sermões do P. D. Manoel do Tojal*, Lisboa, Oficina de Joseph António da Sylva, 1738; 21 cm (FacFil, R16-F-1).

**Manuel da Silveira**, Frei, OP (1697-1750). Era natural de Lisboa. Doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocêncio VI, p. 112; Barbosa III, p. 377). Como grande orador, escreveu e pregou:

- *Oração Gratulatória Consagrada a Christo Jesus Crucificado, Applaudido na sua Milagrosa Imagem, Sita na Igreja Parochial de Santiago da Villa de Torres Novas...*, Lisboa, Oficina da Música, 1739; 16, 47 p.; 20 cm (BNP, H.G. 9790//2 P).
- *Sermões posthumos do P. M. Fr. Manuel da Silveira*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa; Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1759-1762; 21 cm (BNP, TR. 4280 P. - 4283 P.; Facfil, R13-F-2; R13-F-2-A; R13-F-2-B; R13-F-2-C).

**Manuel de Figueiredo**, Frei, OESA (16??-1774). Era natural de Campo Maior. Professou na sua Ordem em 1711, onde aprendeu e depois ensinou as ciências eclesíásticas. Como bom orador, deixou:

- *Palestra da oratória sagrada, onde se discutem os fundamentos dos diferentes métodos, e diversos estylos de prégar: theórica em reflexões analyticas, críticas e apoloéticas: prática em sermões aos métodos examinados...*, Lisboa, Ignacio Nogueira Xisto, 1759; 2 vol.: 431 e 460 p.; 20x15 cm (BNP, R. 5546 P.; BPNM, 2-6-4-9).

— Ib., mesmo impressor, 1762; 21 cm (FacFil, R18-E-8).<sup>17</sup>

**Manuel de Gouveia**, Frei, OESA (1659-1730). Era natural de Estremoz. Foi um dos grandes oradores do seu tempo (Barbosa III, p. 281; Inocêncio XVI, p. 224). Escreveu:

- *Feliz gloriosa entre aromas da devoçam renascida, e em annuaes diários eternizada: em práticas, e sermoes, políticos, panegyricos, e moraes*, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1715 (Pericão, Bibliografia, p. 407).

— Ib., Oficina de Bernardo da Costa e Oficina de Miguel Rodrigues, 1727-1730; 2 vol.; 22 cm (FacFil, R18-D-16; R18-D-16-A).

— Ib., Oficina de Joam Bautista Lerzo, 1743; 22 cm (FacFil, R18-D-18).

- *Sermoens vários. Discursos predicáveis, panegíricos, políticos e moraes...*, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1725s; 6 vol.; 20 cm (BNP, TR. 3291 P.: vol. I).

**Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos**, Pe., CO (1726-ca. 1788). Nasceu na colônia do Sacramento, América. Veio para Portugal, onde se formou em bacharel de Cânones, na Universidade de Coimbra. Foi distinto pregador (Inocêncio VI, p. 42; XVI, p. 257). Pregou e escreveu:

- *Discursos e sermões*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1787; 206 p.; 14x10 cm (BSEA).
- *Sermão dos Passos de Jesus Christo, pelo Padre Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos*, Lisboa, 1763 (BPE, CX/1-14).
- *Orações Sacras...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1785-1787; 15 cm (CBAP, n.º 2194).

**Manuel de Maria Santíssima**, Frei, OFM (1732-1802). Era natural de Braga. Foi missionário apostólico do Seminário do Varatojo (Inocêncio VI, p. 55; XVI, p. 266 e 413). Como grande pregador, deixou-nos os seguintes sermões:

- *Vozes de Deus e clamores do Ceo à Terra em Sermões de Missão*. Primeiro Tomo

<sup>17</sup> Sobre o autor, ver MARQUES, João Francisco, em *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995; volume 2: D-Le, col. 834-836; Barbosa III, p. 268; Inocêncio V, p. 429

que contém 16 Sermões [Manuscrito], [ca. 1800]; 9 fol., 489 p.; 22 cm (BNP, Cod. 11619). Ver o autor nos cap. 10.8 e 15.

**Manuel de Santo António Doroteo** (?-?). Foi o autor da seguinte coletânea de sermões:

- *Floresta Evangélica repartida em quinze sermões panegyricos e morais...*, Lisboa, Nova Oficina Almeidiana, 1739-44; 4 tomos; 21x15 cm (BNP, TR. 3991 P. - 3994 P.; BOCD: t. 3, 416 p.; CBAP, n.º 689: t. 1).
- *Floresta Evangélica repartida em treze sermões panegyricos e morais...*, Lisboa, Oficina da Música, e da Sagrada Religião de Malta, 1741; 20 cm (CBAP, n.º 690: t. 4). Ver o autor no cap. 8.

**Manuel de São Galdino / Gualdino**, Dom Frei, OFM (?-1831). Foi eleito bispo de Tonquim em 1801, transferido para Macau em 1803 e depois para Goa em 1805; faleceu aqui (Inocêncio V, p. 440). Escreveu diversas pastorais, entre as quais temos:

- *Pastoral do Arcebispo Metropolitano de Goa, Primaz do Oriente, Dom Frei* [sic] *Manoel de São Galdino, na qual se explica o modo de desempenhar dignamente o Sagrado Ministério da Pregação da Palavra de Deos*, Calcutá, printed at the Hurcaru Press, 1818; 4, 52 p.; 20 cm (BNP, Res. 1524 P.; CBAP, n.º 1957).<sup>18</sup>

**Manuel de São João Baptista**, Frei, OEDSA (?-?). Era natural do Porto e foi missionário em S. Tomé (Inocêncio XVI, p. 307). Traduziu do italiano:

- *Bibliotheca Secreta de Pregadores fundada e erigida no Breviário e Missal Romano*, Lisboa, Oficina Bernardo de Castro, 1727; autor: Frei Paulino de S. José, natural de Luca; 25, 560 p.; 15 cm (BJPIL, GOER-Ke 4565; BPARPD, Conv. 6270 Res.).

**Manuel do Cenáculo Vilas Boas**, Dom Frei, OFM (1724-1814). Foi bispo de Beja e arcebispo de Évora e um dos maiores expoentes da cultura e da religião no Portugal do séc. XVIII (Inocêncio V, p. 389; XVI, p. 251). Como bom orador, deixou uma obra sobre o modo de expor a palavra de Deus na pregação:

- *Memórias Históricas do Ministério do Púlpito por hum Religioso da Ordem Ter-*

<sup>18</sup> Segundo Inocêncio, “Contra esta publicou um anonymo o seguinte opúsculo, raro em Portugal, pois d’elle nunca vi mais que um único exemplar que tenho em meu poder: *A Pastoral examinada, ou reflexões críticas sobre um alfarrábio que se deu à imprensa na officina de Calcutá*, intitulado ‘Pastoral, etc.’ Por um Capacho da Ordem de S. João de Deus, cuja residência é em Londres. Rio de Janeiro, Typ. Nac. 1823. 4.º de 39 pag. – N’este escripto satyrico propoz-se o auctor imitar o estylo de José Agostinho de Macedo, tomando por modelo o opúsculo que este escrevêra com o título de ‘Inventario da Refutação analytica, etc.’” (p. 440); encontra-se um exemplar desta obra na Biblioteca Brasileira Mindlin, acervo digital.



*ceira de S. Francisco*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1776; 10, 316 p.; 30x20 cm (BNP, F. 7045; BSEA; BCR, 1/1776).

— Tradução em espanhol: *Memórias Históricas del Ministério del Púlpito por hum Religioso da ordem Terceira de S. Francisco, Traducidas por Don Vicente Del Seya...*, Madrid, Imprenta Benito Cano, 1804; 21 cm (BNP, R. 32756 P.). . Ver o autor no cap. 9.

**Manuel dos Reis Bernardes**, Pe. (1680-1741). Era natural de Lisboa. Formou-se em Teologia na Universidade de Coimbra. Foi cónego na Sé do Porto. Foi um dos grandes oradores do seu tempo (Barbosa III, p. 350). Como tal, escreveu:

- *Sermão da Cinza no Templo da Misericórdia da cidade do Porto...*, Lisboa, Manuel Carneiro de Araújo, Oficina Ferreiriana, 1729; 15, 45 p.; 20 cm (BNP, L. 41632//13 P.).
- *Sermão Evangélico Consagrado à... Imagem do Senhor de Matosinhos*, Lisboa, Oficina António Isidoro da Fonseca, 1737; 2 fol., 161 p.; 21 cm (BNP, R. 10280//2 V.).
- *Oração Fúnebre no enterro de Jesus Cristo e sepultura*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galram, 1721; 36 p.; 20 cm (BNP, TR. 5549//6 P.).
- *Panegyrico gratulatório, evangélico e philológico: exposto na Solennidade, que em Acção de Graças...*, Coimbra, Real Collégio das Artes da Companhia de Jesus, 1735; 47 p. (CBUA, RS/A-18-57).

**Manuel Eduardo da Mota Veiga**, Pe. (1831-1879). Era natural de Seia. Frequentou a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra entre 1849-54. Foi nomeado cónego da Sé Catedral de Coimbra e professor de Teologia Moral no Seminário. Também foi um dos mais prestigiados lentes de Sagrada Escritura da Universidade de Coimbra no pós-reforma pombalina.<sup>19</sup> Deixou-nos:

- *Conferências Religiosas recitadas na Sé Cathedral de Coimbra em os Domingos de Quaresma*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874 (BNP, R. 887 P.; BME, JHT1117).

**Manuel Ferreira Marnoco e Sousa**, Pe. (?-?). Em 1872 era estudante de Teologia no Seminário de Braga, diocese onde veio a ser ordenado sacerdote. Publicou:

- *Sermões do fallecido Padre José Ferreira Marnoco e Sousa*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1886; 22 cm (BNP, R. 25996 P.).<sup>20</sup> Ver o autor nos cap. 7.1; 10.2 e 15.

<sup>19</sup> O autor é referido por Rodrigues, A Cátedra (1640-1910), p. 131; Inocêncio V, p. 410.

<sup>20</sup> Referência ao autor por, JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em Lusitania Sacra 12, 2.ª Série, 2000, p. 406.

**Manuel Freire Batalha**, Pe. (?-1746). Era natural de Lisboa. Estudou na Universidade de Coimbra os sagrados Cânones. Foi perito na arte do púlpito. Partiu para o Rio de Janeiro, onde continuou a mesma atividade no púlpito, e foi também visitador, governador e vigário geral do bispado da mesma cidade (Inocêncio XVI, p. 218). Escreveu:

- *Sermão, que na funesta e magnífica pompa, com que na sua igreja de Nossa Senhora da Conceição da Villa Real do Sabará das Minas celebrou as memórias do excelentíssimo, e reverendíssimo senhor Bispo do Rio de Janeiro...*, Lisboa, Oficina Alvareense, 1742; 23x17 cm (Brasiliana I, p. 77).
- *Sermoens, que no dia da Apresentação de Nossa Senhora, e nas profissoens da madre Antónia Emerenciana...*, Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia, 1745; 51 p.; 19x14 cm (BNP, R. 3066//15 V.; Brasiliana I, p. 77).

**Manuel Guilherme**, Frei, OP (1685-1730). Era natural de Lisboa. Estudou Filosofia em Évora e Teologia no Colégio de Coimbra. Com grande inclinação para o púlpito, que exercitou (Barbosa III, p. 284-286; Inocêncio V, p. 446; XVI, p. 225). Escreveu:

- *Sermão das Quarenta Horas, prégado no Real Convento de S. Domingos de Lisboa, em 24 de Fevereiro de 1686*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1687, em *Laurea Portuguesa*, p. 112 (BNP, R. 5806 P.).
- *Sermam na canonização dos Santos Estanslao Kostka e Luís Gonzaga...*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galram, 1727; 22 p. (BNP, H.G. 6761//3 V.; Palha, 155). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.3; 10.4; 13.1 e 15.

**Manuel Joaquim Barradas**, Pe. (1824-?). Era natural de Elvas. Estudou Direito na Universidade de Coimbra, tendo depois seguido a carreira eclesiástica (Inocêncio VI, p. 10; XVI, p. 230). Cultivou os estudos da oratória sagrada, deixando muitos sermões:

- *Sermão do Sanctíssimo Coração de Jesus...*, Lisboa, Typ. do Panorama, 1858; 26 p.; 22 cm (BNP, TR. 5499//10 P.).
- *Sermão do Santíssimo Sacramento da Sagrada Eucharistia...*, Lisboa, Typ. de António Henriques de Pontes, 1853; em 8.º.
- *Infalibilidade do Romano Pontífice em suas decisões sobre matérias dogmáticas*, Lisboa, Imprensa União Typográfica, 1856; em 8.º gr.

**Manuel José dos Santos Farinha**, Pe. (1870-1923). Era natural de Lisboa. Estudou Teologia na Universidade de Coimbra. Foi ordenado presbítero em 1894 (Fortunato de Almeida III, p. 392). Proclamou:

- *O Pontífice da Paz: oração fúnebre proferida nas soleníssimas exéquias realiza-*

*das na igreja de Santa Isabel... por alma de sua Santidade o Santo Padre Bento XV*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1922; 30 p.; 28 cm (BNP, H.G. 25822 V.). Ver os cap. 3.1 e 13.1.

**Manuel José Pereira dos Santos** (?-?). Pregou vários sermões, que foram reunidos em:

- *Sermões completos*, Porto, Liv. Católica Portuense, s. d.; 3 vol.: 216, 264 e 197 p.; 19x12 cm (BSEA).

**Manuel Rodrigues**, Frei, OFM (1697-?). Era natural do Funchal, mas com 13 anos foi para casa de um tio no Rio de Janeiro. Entrou na sua Ordem em Buenos Aires. Estudou Filosofia no convento de Córdoba e também Teologia. Era dotado de grande talento para o púlpito, pelo que pregou vários sermões (Barbosa III, p. 356-357). Deixamos aqui estes:

- *Tardes da Quaresma, pregadas na Igreja das Chagas, freguesia dos homens do mar, neste anno de 1738, estando exposto o Ss. Sacramento, e manifesta a milagrosíssima imagem da puríssima Senhora da Piedade...*, Lisboa, Officina Sylviana da Academia Real, 1738; 50, 171 p.: il.; 21 cm (BJPII, MC-989).
- *Sermão da festividade do Coração de Jesus no Real Mosteiro de Nossa Senhora dos Mártires...*, Lisboa, Maurício Vicente de Almeida, 1732; em 4.º.

**Marcos de Santo António** (séc. XVIII). Escreveu:

- *Sermão da Soledade da Mãe de Deus que pregou o Padre Mestre Frei Marcos de Santo António na Igreja de Nossa Senhora da Graça de Lisboa no anno de 1749, por encomendação da Venerável Ordem Terceira Augustiniana*, Lisboa, Nova Officina de Manoel Coelho Amado, na rua das Esteiras junto à Pichelaria, 1750; 6, 24 p.; 19 cm (BNP, R. 21684/5 P.).

**Martinho António Pereira da Silva**, Pe. (1812-1875). Nasceu no concelho de Braga. Foi ordenado sacerdote em 1843 e professor de Teologia no Seminário da mesma cidade. É considerado o fundador do Santuário do Sameiro (1871). Em 1859 foi nomeado examinador pro-sinodal do arcebispado de Braga (Inocêncio VI, p. 154). Deixou-nos:

- *Sermões Selectos... coordenados e enriquecidos com uma notícia biográfica...*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1878; 3 vol.; 22 cm (BNP, R. 895 P. - 897 P.; BSEA). Ver o autor nos cap. 10.7 e 13.1.

**Martinho Pereira** - 1, OMC (1637-1729). Era natural de Óbidos. Doutor jubilado em Teologia. Foi prior do convento de Tomar e Geral da sua Ordem, lente de Véspera e vice-reitor da Universidade de Coimbra, além de ser um dos grandes intelectuais do seu tempo em Portugal (Barbosa III, p. 444). Escreveu:

- *Sermam em Quarta Feyra de Cinza, que pregou o Reverendíssimo Padre Mestre Fr. Martinho Pereyra*, Lisboa, Oficina de Manuel Lopes Ferreira, 1703; 32 p.; 19 cm (BNP, R. 29534//10 P.).
- *Sermam do mandato, que pregou... na Cappella Real da Universidade de Coimbra, o anno de 1691*, Lisboa, Oficina de Manuel Lopes Ferreyra, 1703; 40 p.; 20 cm (BNP, R. 21831//10 P.).

**Matias da Conceição**, Frei, OFM (16??-17??). Era natural de Palmela e professou na sua Ordem em 1704. Foi bibliotecário do convento de Mafra (Barbosa III, p. 453). Foi autor de:

- *Sermão do Juízo Final, prégado na primeira domingo do Advento...*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1739; 44 p.; 20 cm (BNP, R. 10308//1 V.).
- *Sermão da Terceira Domingo da Quaresma prégado no Real Convento de N. Senhora, e Santo António junto a Mafra...*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues..., 1738; 12, 9-36 p.; 20 cm (BNP, R. 21750//3 P.). Ver o autor no cap. 7.1.

**Miguel do Rosário**, OP (?-?). Era natural de Lisboa. Recebeu o hábito da Ordem dos Pregadores em 1708, segundo Barbosa Machado (III, p. 483). Escreveu:

- *Quaresmal selecto e sacro viridário dominico composto, vestido e adornado de várias plantas, flores, e fructos, dos quais costuma brotar o quaresmal tempo e regar com a escriturária secundia os apostólicos cultores, para bem e reforma das almas*, Lisboa, Nova Officina Almeydiana, 1740-; 21 cm (FacFil, R16-D-8).

Ainda segundo Barbosa Machado, o “tomo I contém 20 sermões, a saber, Cinza, Domingas de manhã e tardes, Passos, Calvário, Triunfo da Cruz toda a Semana Santa e Páscoa”.

**Miguel Ferreira de Almeida**, Pe. (1840-1916). Nasceu em Viseu de família modesta. Coursou Teologia no Seminário da sua cidade. Mais tarde, devido aos seus dotes, doutorou-se nesta área na Gregoriana, Roma. Dedicou-se bastante à evangelização do norte do país, tendo sido denominado como “Missionário Apostólico” pela Santa Sé.

- Editou: *A eloquência sagrada, segundo os decretos pontifícios: curso theórico-prático para uso dos seminários*, Viseu, Typ. Viziense, Cónego Miguel Ferreira d'Almeida, 1914; 229 p.; autor: Mons. J. Lucca; 19x13 cm (BNP, S.A. 14586 P.; BPH).
- Traduziu: *Sermões abreviados para todas as domingos do ano de Santo Afonso Maria de Ligório com um volumoso appêndice de sermões sobre diversas matérias do mesmo Santo Doutor*, Viseu, Imprensa da Revista Católica, 1898; 862 p.; 21x13 cm (FCG, ITL 55).

— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1899 (BPH). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.4; 10.6; 10.8 e 15.

**Nicolau de Aquino**, Frei (?-?). Traduziu do espanhol:

- *O púlpito ou reflexões úteis aos novos eclesiásticos*, Porto, Viúva Mellen filhos & Cia, 1784; 429 p.; 15x10 cm (BPNM, 2-6-1-1; BSEA).

**Nicolau Fernandes Colares**, SJ (1662-1723). Era natural de Lisboa. Abraçou o instituto dos Jesuítas em 1677. Foi instruído em Teologia escolástica, moral e ascética (Barbosa III, p. 492-493; Inocêncio VI, p. 273). Escreveu:

- *Medicina: o remédio mais eficaz da república mais enferma, convém a saber, a presença do seu príncipe: Sermam do Paralítico, na Dominga terceira post Epiphaniam*, Lisboa, Oficina de António Pedroso Galvão, 1707; 224 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6662//1 V.).
- *História Prodigiosa da Peccadora Santa, proposta em hum Sermam de S. Maria Magdalena...*, Lisboa, Oficina de António Pedroso Galvão, 1707; 224 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6662//1 V.).

**Pedro Dias** (?-?). Escreveu:

- *Anno panegyrico e moral, ou sermões escolhidos, sobre as virtudes dos Santos, sobre os Mistérios da Religião, e sobre os Deveres da Moral*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1780; 16 cm (BNP, TR. 821 P.).

— Ib., mesmo impressor, 1785; 15 cm (FacFil, R17-H-16).

**S. L. P. Maurício** (séc. XIX). Deixou-nos:

- *Obras Oratórias*, Viseu, 1902; 520 p. (BSEA).

**Sebastião de Santo António**, Frei, OFM (ca. 1720-179?). Era natural de Lisboa. Foi pregador e mestre na sua Ordem (Inocêncio VII, p. 203; XIX, p. 192). Como tal, pregou:

- *Sermões do Padre Mestre Fr. Sebastião de Santo António, da Província de Santa Maria da Arrábida*, Lisboa, Régia Officina Typográfica; Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1764-1784; 2 vol.; 15 cm (FacFil, R17-H-18; R19-G-1).
- *Sermão do Mandato, pregado em 1755, pelo Padre Frei Sebastião de Santo António* (BPE, Cod. CIX/1-2).
- *Conversações familiares sobre a eloquência do púlpito: onde, segundo a doutrina dos Santos Padres e melhores mestres, se instrue em os principais preceitos da Oratória Christã qualquer eclesiástico que pretender ser perfeito Ministro da Palavra ... por hum religioso da P. S. M. da A.[rrábida]*, Lisboa, Oficina de Miguel Ma-

nescal da Costa, impressor do Santo Ofício, 1762; 23, 496 p.; 17 cm (BNP, L. 802 V. - 803 V.; CBAP, n.º 1932).

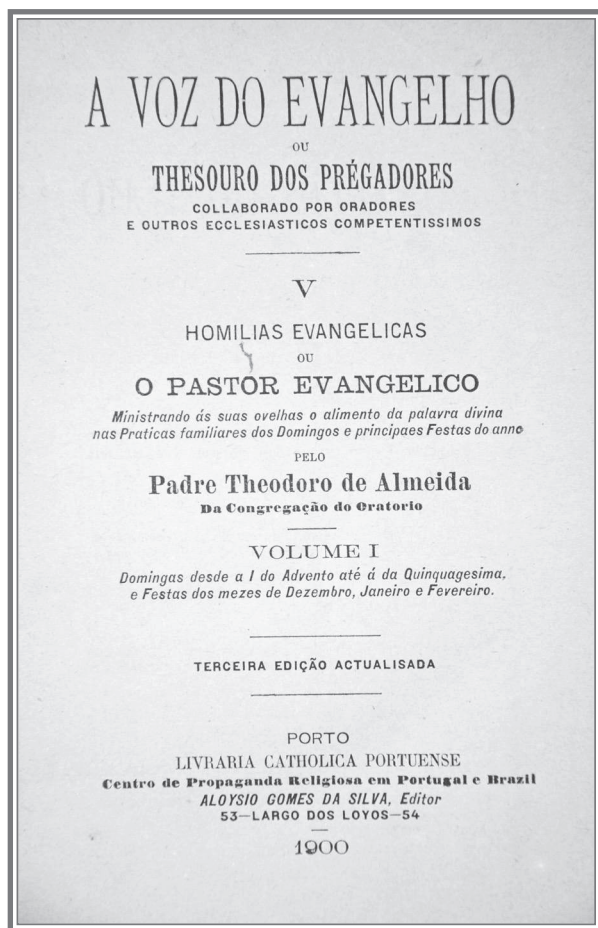
**Serafim da Conceição**, Frei, OCD (1734-1814). Era natural de Vila Real, Trás-os-Montes (Inocêncio VII, p. 255). Pregou:

- *Sermão das Dores de Maria Santíssima Nossa Senhora*, Porto, Typ. à Praça de S. Thereza, 1822; 22 p.; 20 cm (BNP, R. 33131 P.). Ver o autor nos cap. 9 e 10.6.

**Teodoro de Almeida**, Pe., CO (1722-1804). Foi sacerdote católico, escritor e filósofo, uma das mais expressivas figuras do iluminismo em Portugal. Era antijansenista assumido (Inocêncio VII, p. 301-308). Escreveu:

- *A voz do Evangelho ou Thesouro dos Prégadores...*, Porto, Livraria Católica Portuense, 1899-1900; 2 vol.; vol. I: Homilias evangélicas ou Pastor Evangélico (Domingas desde a I do Advento até à Quinquagésima e festas dos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro); 288 p.; 19x12,5 cm (BNP, TR. 3784 P.; DB; BSEA).
- *Sermões panegíricos*, Lisboa, António Rodrigues Galhardo, 1786; 11x17 cm (BAPH: t. III).
- *Sermões completos*, Lisboa, Porto, Liv. Católica Portuense, 1903; 2.<sup>a</sup> edição atualizada; 3 vol.; 19x12 cm (BSEA).
- *Sermões do P. Theodoro de Almeida da Congregação do Oratório e da Academia Real das Sciencias, e da Sociedade Real de Londres, e da de Biscaia*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1787; 18 cm (BNP, R. 28332 P.; BSEA; BPH; FacFil, R18-G-1, 2 e 3). 3 tomos:  
     Tomo I: *Sermões de Nossa Senhora*.  
     Tomo II: *Sermões da Quaresma*.  
     Tomo III: *Sermões Panegyricos*.
- *O Pastor Evangélico repartindo às ovelhas o pasto da Palavra Divina nos Sermões e Práticas familiares...*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1798; 2 vol.; 18 cm (BNP, TR. 5058 P. - 5059 P.; BSEA).
- *Ib.*, Impressão Régia, 1824; 4 tomos; 15 cm (BNP, R. 6778 P. - 6781 P.).
- *Ib.*, Tip. José Baptista Morando, 1856; 406 p.; 12x7 cm (BSEA; BCapB).
- *3.<sup>a</sup> edição*, Porto, 1900; 4 vol. (Fortunato de Almeida III, p. 395). Ficaram famosos os sermões:  
     — *Sobre a Imaculada Conceição*, em 1779.  
     — *Sobre Maria junto à Cruz*, mesmo ano. Ver o autor no cap. 10.2.





Thomás Bequeman, CR (1660-1729). Era natural de Lisboa. Professou na Ordem dos Clérigos Regulares Teatinos em 1680, onde exercitou o ministério de orador evangélico primorosamente. Emigrou depois para Itália (Barbosa III, p. 741). Como devoto de Maria, pregou:

- *Sermam segundo da gloriosíssima virgem Maria N. S. com o título da Divina Providência, pregado na sua mesma casa, estando exposto o Santíssimo Sacramento...*, Lisboa, Oficina Miguel Deslandes, 1691; 19 p.; 20 cm (BNP, R. 2850//12 V.; BME, JHT1194).
- *Sermão da gloriosíssima Virgem Maria Senhora Nossa com o título da Divina Providência, pregado na Dominga segunda post Epiphaniam 14 de Janeiro de 1691*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1691; em 4.º. Ver o autor no cap. 10.2.



**Valentim da Mãe dos Homens**, Frei, OFM (séc. XVIII). Foi jubilado em professor de Teologia. Também exerceu o cargo de examinador do Santo Ofício e sinodal do Patriarcado. Viveu na segunda metade do séc. XVIII (Inocêncio VII, p. 399). Pregou:

- *Sermões compostos e pregados...*, Lisboa, Oficina Simão Thadeo Ferreira, 1805; 4 vol.; 15 cm (BNP, R. 24392 P. - 24395 P.).  
— *Nova edição*, Lisboa, Tip. Rolandiana, 1847; tomo 3: 290 p.; 15x10 cm (BCapB: t. 3).

**Vicente Amado / Vicente Lisbonense** (pseud.), Pe., CO (?-1812). Entrou na congregação do Oratório em 26 de julho 1750 (Inocêncio VII, p. 420; XX, p. 4). Traduziu e ilustrou com a explicação das palavras gregas e algumas notas:

- *Da Instituição do Orador*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1777; autor: Marco Fábio Quintiliano; 362 p.; 16x10 cm (BNP, TR. 5107 P.; BSEA).

**Vicente da Soledade**, Dom Frei, OSB (17??-1822). Era natural do Porto. Doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Foi nomeado arcebispo da Baía em 1819 (Inocêncio VII, p. 443). Foi autor de:

- *Sermão da Epiphania do Senhor*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1809; 30, 2 p.; 20 cm (BNP, H.G. 12145//3 V.).
- *Sermão do Sanctíssimo Coração de Jesus: prégado na capella da Universidade*. Saiu no “Jornal de Coimbra”, vol. V, p. 314-335.

#### Autores vários

- *Colecção dos melhores Sermões escolhidos dos mais célebres pregadores da França e Itália e também dos melhores oradores nacionais*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1771; 9 vol.; 15x10 cm (FacFil, R12-I-2; R12-I-3; R12-I-4; R12-I-5; BSEA).  
— *2.<sup>a</sup> impressão*, ib., mesmo impressor, 1777; 15 cm (BNP, TR. 3070 P.; BOCD); Lisboa, Oficina de Lino da Silva Godinho, 1785 (BNP, TR. 3087 P. - 3089 P.).
- *Sermões escolhidos dos mais célebres Pregadores*, Lisboa, Oficina de Lino da Lisboa Godinho, 1785; 16 cm (BNP, TR. 4992 P.).
- *Collecção dos melhores sermões escolhidos dos mais célebres pregadores que de França e Itália até agora tem chegado ao Nosso Reino...: Também dos melhores oradores nacionaes que, ou já impressos ou ainda manuscritos, se julgarem dignos e conforme ao delicado gosto do presente século*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 177?-1778; 14 vol.; 15x9,5 cm (BCM, 2B1-18/31; BOCD: tomo V; BSEA).

- Ib., mesmo impressor, 1777-1788; 12 vol.; 15 cm (BME, JHT1931).
- Ib., mesmo impressor, 1777-1781; 10 vol.; 15 cm (CBAP, n.º 528).
- Ib., Oficina de Lino da Silva Godinho, 1785; 15 cm (FacFil, R12-I-7). <sup>21</sup>
- *3.ª impressão*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1789; 15 cm (BNP, TR. 3072 P.: tomo 1).

- *Sermões Portugueses trabalhados sobre muitos dos SS. Padres da Igreja... Pregados por um anónimo*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1787; 2 vol.; 15,5x9,5 cm (BSEA).
- *O Orador Sagrado: Jornal dos Pregadores*, Lisboa, Escripório do Jornal dos Pregadores, 1858; 19 cm (BNP, P.P. 7859 P.; BSEA).
- *Sermões Vários modernamente pregados nesta corte e em outros sítios do reino*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu, 1795; 380 p.; 14x9 cm (BSEA).
- *Sermões e Panegíricos sobre diversos assuntos*, Lisboa, Tip. Rolandiana, 1847; 8 sermões; 315 p.; 15,5x10 cm (BSEA; BCapB).

#### Atribuído a Longino

- *Notas sobre a Escritura Sagrada relativas à eloquência sagrada*, 1778 (A Tradução em Portugal, 1283).

#### Traduzido e publicado pela direção da Correspondência de Roma

- *Sermões do Padre Agostinho de Montefeltro... prégados na Egreja de S. Carlos de Roma, durante a Quaresma de 1889*, Roma, Typ. della Pace de Philippe Cuggiani, 1890; 3.ª edição; 2 vol. num tomo: 287 e 331 p.; 16 sermões; 21x14 cm (BNP, R. 892 P.: vol. I-II; BSME; BCapB: vol. I; DB).

#### Versão da Empresa editora da “Revista Católica”

- *Sermões e Panegíricos do príncipe dos oradores...*, Viseu, Tip. da “Revista Católica”, 1909-10; autor: Caetano Zocchi, SJ; 3 vol. (BPH: vol. II e III).

#### Autores anónimos

- *Sermoens Portugueses compostos por hum indigno filho do Padre S. Francisco dos Reformados*, Porto, Oficina de António Álvares Ribeiro, 1790; 4, 243 p.; 15 cm (FacFil, R14-I-3; Pernambuco, p. 423).
- *Sermões sobre os mistérios de Cristo e dos Santos...*; sem folha de rosto (BSEA).
- *Sermões para as principais festividades de Maria Santíssima*, Lisboa, [s.n.], 1806; 513 p.; il.; 15 cm (BNP, Var. 3453).

<sup>21</sup> A Porbase indica a localização na BCM, 2B1-18/31, dizendo que “os vs. 1 e 2 são de 1789 e 1786, da terceira impressão, os vs. 4 e 5 são de 1781 e 1782, da segunda impressão”.

- *Sermões Quaresmais compostos conforme o método e gosto do presente século. Precede um Panegírico do Patriarca dos Pobres* [S. Francisco de Assis], Lisboa, Oficina António Gomes, 1793; 3 vol.; 14,5x9,5 cm (BSEA).
- *Panegíricos e discursos evangélicos*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1784-1785; 4 vol.; 16 cm (BNP, R. 6363 P. - 6366 P.; BSEA; CBAP, n.º 1637).
- *Sermões Quaresmais*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1781; 414 p.; 15x9 cm (BSEA).  
— Ib., Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1793; autor: F. J. D. S. T. C.; 15 cm (BNP, TR. 744 P.).
- *Manual do Clero ou Bibliotheca do orador sagrado: collecção de sermões, panegyricos, homilias e práticas, uns inéditos, outros originaes*, Lisboa, Empreza Editora da Bibliotheca de Livros Uteis, [189?]; em 8.º (BSL).
- *Retórica Evangélica resumida dos melhores auctores, e a mais importante para uso dos oradores*. Tem 6 tratados; letra do séc. XVIII; em 8.º (BPE, Cod. CXIII/1-37).<sup>22</sup>
- *Sermão da Natividade de Nossa Senhora*, Lisboa, Typ. de J. M. Martins [1877]; 11 p.; 20 cm (BNP, R. 29534//6 P.).
- *Sermão do Glorioso Santo Aleixo, escrito pelo singular engenho de uma senhora religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança desta cidade de Lisboa, 1699* (BGUC, ms n.º 325).<sup>23</sup>
- *Sermão da Imaculada Conceição*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1907; 24 p.; 19 cm (BNP, R. 3810//4 V.).

### Tradutores anónimos

- Traduziu do francês: *A verdadeira voz do Pastor ou Homilias sobre os Evange-*

<sup>22</sup> Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 47.

<sup>23</sup> Como este convento era das Irmãs Clarissas, supõe-se que a autora deste sermão é uma clarissa do fim do séc. XVII, mas cujo nome não foi revelado. Parece estranho que uma clarissa tenha escrito um sermão, apenas como obra literária, onde, aliás, são respeitadas as regras e a estrutura dos sermões da época. Todo o sermão gira em torno do conceito predicável seguinte: “Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te” (Mt 19,27). Como as religiosas, nessa altura, se dedicavam a copiar obras, para poderem sobreviver, não era difícil que esta clarissa soubesse a estrutura do sermão e se aventurasse a fazer também um, naturalmente, apenas para ser lido. A autora argumenta em favor de Santo Aleixo, afirmando que ele cumpriu melhor esta palavra do Evangelho do que o próprio Pedro que a pronunciou (sobre este tema, ver MORUJÃO, Isabel, *Uma Tipologia de quase silêncio. Um Sermão de Clarissa: texto e contexto*, em Vozes da Vida Religiosa Feminina - Experiências, Textualidades e Silêncios (séculos XV-XXI), CEHR, Universidade Católica, Lisboa, 2015, p. 63-89).

*lhos...*, Lisboa, Oficina de José de Aquino Bulhões, 1786; autor: José Lambert; 3 vol.; 16x10 cm (BNP, TR. 4259 P.; BSEA; BPH; CBAP, n.º 1152).

— Vol. III, Lisboa, Oficina Francisco Luís Ameno, 1786; com licença da Real Mesa Censória; Domingo XXI-XXVIII; 341 p. (BCapB).

- *Panegyricos e Discursos Evangélicos, trad. dos melhores oradores franceses e italianos*, Lisboa, Typ. Rollandina, 1809; 4 vol.; em 12.º (A Tradução em Portugal, 2902).
- *Sermão contra os Incrédulos do Abade Cambacérés*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1827; 46 p.; 19 cm (BNP, H.G. 14877/13 P.; A Tradução em Portugal, 4065).
- *Sermões do Ilustríssimo e Reverendíssimo João Batista Massillon, Bispo de Clermont, da Congregação do Oratório, e um dos quarenta da Academia Francesa. Conferências e discursos sinodais, sobre as principais obrigações dos eclesiásticos*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1774-1805; 15 t.; 14 cm (BNP, Res. 6599 P.).  
 — Tomo VII. Parte I: Quaresma, Lisboa, Oficina João Rodrigues Neves, 1805; Parte II: do 2.º Domingo da Quaresma à quinta-feira seguinte; 281 p.; 14x10 cm (BCapB: t. I, 1774: 489 p., VI e VII, 1805).
- *Conferências Ecclesiásticas...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859; autor: Massillon; 22 cm (BNP, R. 23673 P.; BSEA).
- *Sermões, orações fúnebres, discursos feitos em profissões religiosas*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1783; autor: Massillon; 9 vol.; 15x10 cm (BSEA).
- *Sermões para os Domingos e Dias Festivos do ano*, Lião, 1769; 8 vol. (BSEA).
- Traduzido do francês: *Sermões Novos sobre as mais interessantes verdades da nossa religião*, Lisboa, Oficina José de Aquino Bulhões; Oficina de João António da Silva, 1775; 3 vol.; 18 cm (FacFil, R14-I-10; R14-I-10-A; R15-J-14; R19-G-10; BPH: t. I: 437 p.).
- *Diálogos sobre a eloquência em geral e a do púlpito em particular escritos em a língua francesa*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1761; autor: François de Fénelon. Num dos diálogos refere a excelência da Sagrada Escritura; 30, 354 p.; 15 cm (BNP, L. 1485 P.).
- Trad. do latim por um padre da mesma Companhia de Jesus: *Evangelhos dos Domingos e das Festas de todo o Anno. Explicação de texto sob a forma de Homílias...*, Porto, Livraria de J. J. de Mesquita Pimentel, 1867; autor: Pe. F. X. Schouppe, SJ; 2 vol.: 608 e 615 p.; 18x12 cm (BNP, R. 28726 P. - 28727 P.; DB: tomo II; BSEA).

- *Conferências pronunciadas na Igreja de Jesus em Roma...*, Porto, Typografia de Francisco P. d'Azevedo, 1853; 143 p.; 21 cm (BNP, R. 25804 P.; CBAP, n.º 1643).

## Bibliografia

- CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, *Vidas exemplares Femininas nas leituras do convento de Santo Alberto, Lisboa (século XVIII)*, em *Vida Religiosa Feminina - Experiências, Textualidades e Silêncios (séculos XV-XXI)*, CEHR, Universidade Católica, Lisboa, 2015, p. 107-124.
- FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, nova edição, vol. III, Porto - Lisboa, Livraria Civilização, 1970, p. 395-400 [Fortunato de Almeida III].
- JACQUINET, Maria Luísa, *Vozes Femininas na Génese de Institutos Regulares: Genoveva Maria do Espírito Santo (1732-1821) e o mosteiro de Vila Pouca da Beira*, em *Vida Religiosa Feminina - Experiências, Textualidades e Silêncios (séculos XV-XXI)*, CEHR, Universidade Católica, Lisboa, 2015, p. 125-138.
- LISBOA, João Luís, *Mots (dits) écrits – Formes et valeurs et la diffusion des idées au 18ème siècle, au Portugal*, Institut Universitaire Européen, Département d'Histoire et Civilisation, Florence, 1998; 553 p.; 30 cm (BNP, S.C. 82773 V.).<sup>24</sup>
- MARQUES, João Francisco, *A palavra e o livro*, em *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Círculo dos Leitores, 2000, p. 393-417.432-442.

## Conclusões

1. A oratória sagrada tem sido, ao longo dos séculos, um dos meios mais usados pela Igreja para levar ao povo a palavra de Deus. Não tem como finalidade propriamente o ensino das verdades bíblicas, pois não é uma escola catequética. A sua finalidade fundamental consiste em partir de uma verdade bíblica ou teológica, mais ou menos já conhecida, para levar os ouvintes a viver segundo essa mesma verdade. Daí a utilização de uma linguagem própria, muito diferente de outros géneros de ensino da Bíblia (catequese, escola bíblica, teatro, liturgia, etc.). A oratória sagrada incluiu também a homilia, que consiste na explicação e na incentivo a viver as verdades cristãs proclamadas em ambiente litúrgico. A sua linguagem é, pois, bastante diferente da do sermão propriamente dito.

<sup>24</sup> Das páginas 504 a 526, apresenta-nos uma listagem a que ele chama “1001 sermons”, onde consta o nome do pregador, o título dos sermões, o lugar de edição e do editor, assim como o formato da edição. Trata-se, pois de um enorme repertório de sermões.

2. Nestes dois séculos é abundantíssima a literatura oratória. Aqui colocá-mos a que mais condizia com a finalidade desta obra, isto é, a Bíblia. Frequentemente encontramos sermões de tipologia encomiástica, que não tivemos em conta; e a que colocámos neste capítulo pretende apenas e só dar uma ideia dos temas, que eram normalmente utilizados, já que as nossas bibliotecas estão cheias de sermões, de sermonários e também de obras de pedagogia sobre a oratória sagrada.

3. Uma entre outras causas que explicam tanta abundância de obras de oratória e mesmo sobre oratória foi, por um lado, a iliteracia do povo que, no sermão, encontrava um modo importantíssimo de conhecer e viver a fé cristã. Como não tinha acesso à Bíblia nem a outra literatura religiosa, o sermão foi a melhor solução encontrada pela Igreja para manter viva a fé do povo católico. Infelizmente, nestes dois séculos, as bibliotecas portuguesas não nos oferecem literatura de oratória protestante e é muito pouca a oratória judaica.

No que se refere às obras e autores apresentados neste capítulo, contam-se 150 autores com 594 sermões ou sermonários.

## Capítulo 15

### Bíblia e literatura catequética

Tal com aconteceu nos vol. II e III, aqui deixamos um capítulo dedicado à literatura catequética. O tempo da Ilustração ou do Iluminismo deveria ser – e, em parte, foi – o tempo mais adequado para que os cristãos “iluminassem” a sua fé, mediante o estudo das razões da mesma (1 Pe 3,15). Se, ao nível do Estado, nem sempre a cultura ocupou o seu devido lugar, ao nível da Igreja, as coisas também não estiveram à altura dos acontecimentos difíceis para a fé dos católicos, no período que tratamos neste volume. De qualquer modo, também não há motivos para derrotismos nem pessimismos, como veremos seguidamente.

Em primeiro lugar, teremos que conhecer o sentido do catecismo no discurso da cultura das *Luzes*, na ideia de reforma das instituições e de ideias novas que caracterizam este período. Estas ideias – já preparadas pelo humanismo naturalista do Renascimento – pretendiam sobretudo “libertar” o homem de um antropocentrismo medieval, abrindo-lhe novos caminhos, para que fosse ele próprio, porém, sem deixar a sua dimensão vertical transcendente. Uma outra característica fundamental era a “iluminação” da fé dos católicos, sendo a catequese uma das principais obrigações do cristão católico. As constituições diocesanas também insistiam muito sobre a obrigatoriedade da catequese.

Uma das características da “catequese iluminista” foi o facto de se tornar uma disciplina obrigatória nas escolas públicas. À primeira vista, parece um facto muito positivo. Mas, se repararmos bem, este ensino desvirtuava, em parte, o sentido da catequese: ao tornar-se mais uma aula, perdia o “espírito” próprio da catequese, que consiste em aproximar o indivíduo, não apenas de uma série de saberes, mas sim de uma Pessoa, a Pessoa de Jesus Cristo. Esta é a finalidade, por excelência, da catequese. Ao mesmo tempo, sendo dada numa escola laica, o próprio espaço não facilitava a aproximação da comunidade cristã, da Igreja. E o cristianismo é essencialmente uma vivência da fé em Cristo, mas também em Igreja.

Perante esta civilização das *Luzes* e da *Razão*, que fez a Igreja Católica? O concílio de Trento tinha deixado uma mensagem forte sobre o ensino da dou-



trina da fé. Daí nasceram os novos catecismos, e a catequese recebeu um forte incremento. Neste período que nos ocupa, nasceram várias organizações de caráter catequético e de missões populares. Exemplos disto são as *Confrarias da Doutrina Cristã*, por iniciativa do arcebispo de Milão, São Carlos Borromeu; na Áustria e Sul da Alemanha, foram as *Missões Catequéticas* que tiveram enorme êxito, por iniciativa dos Jesuítas. No entanto, tais missões foram, por vezes, criticadas por certos bispos, contagiados pelo Iluminismo, devido ao estilo demasiado cerimonioso e folclórico da sua organização.<sup>1</sup>

Podemos, desde já, adiantar que um homem da Igreja, mas também adepto convicto do Iluminismo, como foi Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, bispo de Beja, foi um dos que mais lutou pela cultura dos católicos mediante o catecismo. O esforço de Cenáculo, neste sentido, insere-se no desejo reformador da Ordem Terceira de São Francisco, da qual foi Superior Provincial, mas também como um dos reformadores da Universidade de Coimbra, segundo os planos de Pombal.<sup>2</sup>

Na sua diocese de Beja, preocupa-se com a formação dos leigos, logo a partir de tenra idade, mediante o catecismo, que os sacerdotes deveriam explicar durante meia hora, todos os domingos e festas de guarda, para os leigos. Estas catequeses deveriam ser feitas na missa, além de uma outra sessão para as crianças, uma vez para as meninas, outra para os meninos, separadamente. Cada mês haveria uma espécie de exame e uma recompensa para os que mais aprofundassem. E também, todos os meses, os Vigários da Vara deveriam fornecer, ao bispo, um relatório sobre este assunto. Como alguns párocos não cumpriam este dever, encarregou um grupo, a nível da diocese, de vigiar o andamento das catequeses paroquiais, com reuniões periódicas no Paço episcopal.

Para o bispo Cenáculo, o catecismo fazia parte, não apenas da formação religiosa, mas também da formação cívica: quem não sabe o catecismo, não pode ser bom cidadão – era o seu lema. O catecismo, que já vinha do seu antecessor, D. João Cosme da Cunha, era o assim chamado *Catecismo de Montpelier*, de que falaremos mais abaixo. A sua ideologia estava próxima do jansenismo, que Cenáculo achava muito “seco”, com pouco apelo ao amor a Deus.<sup>3</sup> Por isso, introduziu

<sup>1</sup> Veja-se CHÂTELIER, Louis, *A Religião dos Pobres – as fontes do cristianismo moderno: séc. XVI – XIX*, Ed. Estampa, Lisboa, 1994, p. 225-242.

<sup>2</sup> Sobre o tema da literatura catequética neste período, ver VAZ, Francisco A. Lourenço, *O Catecismo no Discurso da Ilustração Portuguesa do século XVIII*, em *Cultura - Revista de História das Ideias*, Lisboa, vol. X, II série, 1998, p. 217-240.

<sup>3</sup> Sobre a pastoral catequética de Cenáculo, ver MARCADÉ, J., *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, Évêque de Beja, archevêque de Évora (1770-1814)*, FCG - Centro Cultural Português, Paris, 1973, p. 339-345. Sigo aqui algumas das ideias sobre o tema da catequese.

um outro catecismo na sua diocese, o do Pe. Placide Olivier, um francês da sua Ordem, depois de traduzido em português por António da Purificação e Silva.<sup>4</sup> Deixou, assim, de lado, o *Catecismo de Montpelier*.

A literatura catequética desenvolveu-se neste período como resposta às más condições económicas do país, à carga dos impostos, à má distribuição das terras, que levavam as povoações a abandonar a prática cristã e a optar por antigas tradições pseudo-religiosas, como a bruxaria, amuletos, a magia e certos rituais nada condizentes com o cristianismo. Era, pois, urgente “ilustrar”, “iluminar” também o povo simples que vivia nas cidades e nos campos, sem qualquer tipo de cultura. Mas o bispo de Beja dá um sentido amplo ao catecismo:

“O catecismo pode estender-se a todas as relações do homem, pois é a alma de tudo quanto a criatura racional pode obrar virtuosamente. Com ele se materializam as materialidades em que o homem se exercita, referindo-se a Deus, à virtude e ao bem pessoal e do próximo com quem vive, combinando toda a variedade de acontecimentos”.<sup>5</sup>

Daqui se conclui, logicamente, que o catecismo não é só para crianças, mas sobretudo para homens e mulheres adultos, para fazer deles bons cidadãos. Só assim serão também bons cidadãos. De facto, noutro lugar, acrescenta: “Porque não entendemos por catecismo somente o que pertence às perguntas simples dos meninos, mas tudo o que respeita à doutrina da Religião, costumes e disciplina”.<sup>6</sup> Como bom pedagogo, aponta as qualidades que deve ter um bom catequista, adaptando o seu saber às circunstâncias e pessoas que ensina, tal como faz uma mãe ao seu próprio filho. Ainda sobre métodos, aponta que a catequese deve ser feita na base de perguntas e respostas simples. E, quanto ao conteúdo, acrescenta:

“Toda a matéria que o catequista houver de expor seja animada pelo estudo das Santas Escrituras: Nada tente senão depois de ter devorado o Testamento Novo e o seu espírito”.

<sup>4</sup> OLIVIER, Père Placide, *Catéchisme évangélique ou éclaircissement par demandes et par réponses*, Nancy, 1755, em 3 volumes. O usado por Cenáculo seria, talvez, uma edição reduzida do francês (MARCADÉ, J., *Frei Manuel do Cenáculo*, o. c. p. 341; *Dictionnaire de Théologie Catholique*, vol. 2, col. 148); sobre o *Catecismo de Montpelier*, ver RAMOS, Dom António Moiteiro, *Os Catecismos Portugueses. Notas de História*, Lisboa, Paulinas, 1998, p. 66-70.

<sup>5</sup> *Instrução Pastoral do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo de Beja sobre o Catecismo*, Lisboa, Oficina Typográfica, 1786, p. 5.

<sup>6</sup> *Saudação Pastoral do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo de Beja a seus diocesanos*, Lisboa, Oficina Typográfica, 1790, p. 4-5. E aqui acrescenta ainda: “Catecismo é qualquer instrução que se dá a quem ouve. A palavra grega é adaptada hoje na língua pátria (...); catequizar e catecismo são as vozes que significam o ensino dos Princípios e cousas da Religião e tal é a maneira de explicar dos Santos Padres” (p. 8.10-11).

Esta é uma regra de ouro para todo o ensino cristão, que nunca poderá ser esquecida, até nas homilias dominicais, que também fazem parte integrante da pastoral catequética da comunidade cristã.

No séc. XIX, o liberalismo, que teve como sucedâneo o laicismo, pretendeu expulsar a Igreja da vida pública da nação, como uma espécie de “suplemento” que a sociedade e o governo poderiam dispensar; a nível individual, a religião fica marginalizada, já que o cristianismo é essencialmente vivido em comunidade, em *ekklesiá*.

A este respeito falou um outro bispo, D. Américo, bispo do Porto, que se pronunciou contra o modo como a catequese era feita e contra os catecismos. Estes deviam ser controlados e aprovados pela Igreja e não pelo governo liberal, que estava a léguas da capacidade de se pronunciar em matérias de fé:

“Entre nós, é isso urgentíssimo desde que o jansenismo, aliado com o liberalismo, principiou, em 1824, a alterar essencialmente e a pôr de parte a populíssima *Cartilha do mestre Inácio*. Hoje, cada bispado, cada província, cada concelho, cada freguesia e até quase, cada aula de instrução, tem a sua doutrina especial. Qualquer secular, hoje, compõe uma doutrina, que é logo aprovada pelo Conselho de Instrução Pública, sem sequer ouvir os prelados; de modo que os pais que quiserem hoje ensinar a doutrina a seus filhos devem primeiro aprendê-la pelos novos catecismos, deficientíssimos e, muitas vezes, com erros de doutrina”.<sup>7</sup>

Apresentamos seguidamente algumas obras de carácter catequético, tanto de origem portuguesa como apenas editadas ou existentes em Portugal. Sem pretendemos ser exaustivos, apresentamos este tipo de obras, primeiramente em Portugal. Quanto às antigas colónias serão apresentadas nos respetivos capítulos (cap. 19 e 20, Ásia; África e Brasil, respetivamente).

Vejamos então esta tipologia de obras de carácter bíblico-catequético existentes em Portugal, com os respetivos autores:

**A. Simões Lopes** (?-?). Foi autor de:

- *Catecismo Popular de Moral: Instrução Primária*, Porto, Livraria Portuense editora, 1883; 3.<sup>a</sup> edição; 32 p.; 13x9 cm (BSEA).  
— 4.<sup>a</sup> edição, [17??-?]; 14 cm (BNP, R. 22595 P).<sup>8</sup>

**Adrião Pereira Forjaz de Sampaio** (1810-1874). Era natural de Coimbra. Foi doutor e lente de prima jubilado de Direito na Universidade da sua cidade. Le-

<sup>7</sup> ABREU, Adélio Fernando, *D. Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto (1871-1899) – Igreja e Sociedade no Porto do Fim do séc. XIX*, em Biblioteca Humanística e Teologia, 2010, p. 518.

<sup>8</sup> Parece-nos que haja erro na data que a BNP coloca na obra, pois a 3.<sup>a</sup> edição é de 1883.

cionou nesta Universidade durante 30 anos. Também pertenceu à Academia Real das Ciências (Inocêncio I, p. 6; XX, p. 91). Deixou-nos:

- *Catechismo da História Sagrada do Antigo e Novo Testamento*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1857; 48 p.; 20 cm (BNP, H.G. 6724//1 V.). Compreende 50 lições de História Sagrada.
- *Catechismos da doutrina cristã, adotados nas dioceses de Coimbra, Viseu, Bragança, Lamego e Beja*, Coimbra, 1854 (Fortunato de Almeida III, 395; Belinquete I, p. 897).<sup>9</sup>
- *Catechismos da Diocese de Coimbra...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1857; 2.<sup>a</sup> edição; 16, 110, 2 p.; 20 cm (BNP, H.G. 6724//2 V.).

Contém o “Catechismo Pequeno da Doutrina cristã”, com 6 lições; 32 p.; “Catechismo Maior da Doutrina cristã”, dividido em 3 Partes, com 17, 18 e 20 lições, respetivamente; XVI, 110 p.

— 7.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1874; 14 cm (BNP, R. 28396 P.). Encadernado com:

- *Catecismo Pequeno*, Coimbra, 1854; é um resumo do anterior.
- *Catecismo Maior*, Coimbra, 1857; 110 p.; dividido em 2 partes.<sup>10</sup>

**António Barnabé de Elesco Barreto e Aragão** (?-?). Foi bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 95). Traduziu:

- *Catechismo histórico, ou compêndio da História sagrada, e doutrina cristã*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1774; autor: Claude Fleury; 8, 231 p.; 15 cm (BNP; CBAP, n.º 851; A Tradução em Portugal, 1224).<sup>11</sup>

**António da Purificação e Silva**, Frei, OFM (1738-18??). Nasceu em Aveiro. Foi grande pregador. Traduziu o catecismo do francês Placido Olivier a pedido de Frei Manuel do Cenáculo, para uso da diocese de Beja (Inocêncio I, p. 243). Apresentamo-lo:

- *Catecismo Evangélico, Literal e Místico ou explicações...*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1773; com perguntas e respostas; autor: Placido

<sup>9</sup> Belinquete diz: “Não referido na tradução portuguesa, mas adoptado por Monsenhor Sibour para a sua diocese de Paris, em 1852” (p. 897). Ainda segundo o mesmo autor, foi adotado e aprovado para uso das seguintes dioceses: Braga, Lamego, Viseu, Lisboa, Beja, Bragança e Miranda, Funchal e Porto; mais tarde, em 1900 (8.<sup>a</sup> ed.), também foi adotado pelas dioceses de Évora e Angra.

<sup>10</sup> D. Américo, bispo do Porto, aprovou também este catecismo para a sua diocese, por provisão de 2 de abril, 1872 (Abreu, D. Américo, p. 518).

<sup>11</sup> Sobre o Catecismo de Fleury, ver RAMOS, Dom António Moiteiro, *Os Catecismos Portugueses. Notas de História*, Lisboa, Paulinas, 1998, p. 58-60.

Olivier; 326 p.; 15x10 cm (BNP, TR. 1714 P.; BCapB; Belinquete I, p. 896; CBAP, n.º 1609).<sup>12</sup>

**António de Jesus**, Frei, OFM (1774-1841). Nasceu em Parada, Paredes de Coura, e faleceu em Braga. Foi o fundador do Seminário de Falperra (Inocêncio VIII, p. 173). Escreveu:

- *Exposição da fé que professam e da disciplina eclesiástica que abraçam os párocos e presbíteros ortodoxos do reino de Portugal*, Pernambuco, Tipografia de L. Z. Roma, 1841; 48 p.; 19 cm (BNP, R. 27018//1 P.; Belinquete I, p. 884). Ver o autor no cap. 7.1.

**António dos Reis** - 1, Pe., CO (1690-1738). Era natural de Pernes (Santarém). Foi um excelente cultor da língua latina; igual foi o génio e afluência que teve para a poesia em língua vulgar e latina (Barbosa I, p. 367-371; Inocêncio I, p. 243-244). Traduziu do italiano:

- *Cathecismo ou Breve explicação da doutrina Christã*, s. l., s. d.; [antes de 1738] (Belinquete I, p. 877). Ver o autor nos cap. 9; 10.2; 10.9; 14 e 20.

**António José de Mesquita Pimentel**, Pe. (1741-1821). Nasceu em Alfândega da Fé e foi sacerdote católico. Era bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra, sendo mais tarde nomeado desembargador da diocese de Braga. Em 1781, tornou-se pároco de São Gens de Salamonde, Vieira do Minho, ficando conhecido por “Abade de Salamonde”. Dos seus escritos, o mais conhecido é a *Cartilha da Doutrina Cristã*, que serviu, durante muitos anos, como livro de leitura às crianças que então aprendiam a ler (Inocêncio I, p. 173; VIII, p. 206). Apresentamo-la:

- *Cartilha ou Compêndio da Doutrina Cristã ordenada por perguntas e respostas. Contém toda a Doutrina e Orações que se costumam ensinar aos Meninos, explicadas com distinção e clareza...*, Porto, Typografia de S. J. Pereira, 1819 (Belinquete I, p. 882).<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Segundo Inocêncio, saíram os t. I e II, em 1773-1789, e o t. III, em 1790. “Foi mandado imprimir á custa do Bispo de Beja D. Fr. Manuel do Cenáculo, para uso do seu bispado” (I, p. 243).

<sup>13</sup> Título completo: (...) *Juntam-se-lhe Orações para a Missa, Confissão e Comunhão; para rezar o Rosário e Coroa; e Visitar a Via Sacra e os Passos. Acrescentada com a Tábua das Festas Mudáveis, e Calendário dos Meses, Cânticos ao Menino Deus, Novena das Almas, Oração mental, Oração à Senhora da Conceição da Rocha, Modo de visitar a igreja, e várias Orações*; segundo Belinquete I, p. 882: “edições conhecidas: 1819, 1844, 1845, 1850, 1853, 1856, 1858, 1866, 1869, 1871, 1892, 1895, 1896, 1911, 1922”; ver ainda, RAMOS, Dom António Moiteiro, *Os Catecismos Portugueses. Notas de História*, Lisboa, Paulinas, 1998, p. 77-84; MARQUES, João Francisco, *A palavra e o livro*, em *História Religiosa de Portugal* II, p. 393. Esta *Cartilha* também foi adotada

- 12.<sup>a</sup> edição, ib., Livraria da Viúva Jacinto Silva [18??] (BNP, R. 26941 P.).
- 18.<sup>a</sup> edição atualizada, ib., mesmo impressor [D.L. 1954]; 263 p.; 13 cm (BNP).
- Com outro título: *Cartilha da Doutrina Cristã contendo toda a doutrina e orações precisas ao ensino dos meninos e meninas; orações para a missa, confissão e comunhão; modo de ajudar à missa e de rezar o rosário, a coroa e a via sacra...*, Porto, Typografia de A. Pereira Leite, 1866; 11 cm (BNP, R. 26639 P.).
- Ib., Livraria Viúva Jacinto Silva, [18??] (Pernambuco, p. 396).
- Ib., Livraria Portuense de Lopes & C.<sup>a</sup>..., s. d.; 320 p.; 11x8 cm (BCapB). Ver o autor no cap. 14.

**António Manuel dos Ramos**, Pe. (séc. XIX). Foi autor de:

- *Catecismo da Doutrina Cristã*, Porto, [s.n.], 1887; 2.<sup>a</sup> edição (Belinquete I, p. 885).

**António Pereira de Figueiredo**, Pe., CO (1725-1797). Este autor era natural de Mação. Foi o primeiro tradutor de uma Bíblia católica em português, o que lhe granjeou grande notoriedade. Entre as muitas obras que escreveu, traduziu do italiano o seguinte catecismo:

- *Cathecismo dos dois Sacramentos, Penitência e Comunhão, composto de duas instruções em forma de Diálogo, que mandou publicar o Sumo Pontífice Benedito XIII, no concílio romano de 1725*, Lisboa, Oficina Régia, 1778. Traduzido do italiano, sem nome do autor; em 12.º.

A Prefação do tradutor é assinada: “Padre Pereira” (Inocência I, p. 229). Ver o autor nos cap. 24-26.

**António Soares Barbosa**, Pe. (1734-1801). Era natural de Ancião. Foi um dos quatro principais professores de Filosofia, na Universidade de Coimbra, após o decreto de expulsão dos Jesuítas de Portugal (Inocência I, p. 274-275; VIII, p. 311). Traduziu:

- *Educação e instrução cristã em forma de Cathecismo*; também designado por *Catecismo de Nápoles* (ms); 3 vol.
- *Catecismo sobre a Igreja* (ms). É tradução anotada do *Cathécisme sur l'Église pour les temps de trouble, suivant les principes expliqués dans l'Intruction pastorale de M. l'évêque de Senès*, que foi proibido em França por alguns bispos. Apresenta as doutrinas jansenistas ao alcance dos fiéis.

---

na diocese do Porto, por ordem do cardeal D. Américo, aprovando a edição de 1872.

- *Catecismo sobre o Santo Sacrifício da Missa* (ms); em 8.º. Ver o autor nos cap. 3.2; 9 e 10.2.

**António Xavier de Sousa Monteiro**, Dom (1829-1906). Era natural de Lisboa. Foi cónego da Sé de Coimbra e professor do Seminário da mesma cidade, lugares que desempenhou conjuntamente até 1883. Depois foi nomeado bispo de Beja.<sup>14</sup> Estruturou a catequese na sua diocese em três etapas de conhecimento com:

- *Catecismo Elementar (para a infância) em 12 lições*, [s.l., s.n.], 1884 (Belinquete I, p. 885).
- *Catecismo Pequeno (para a primeira Comunhão), em 25 lições*, [s.l., s.n.], 1884 (Belinquete I, p. 885).
- *Catecismo Explicado (para depois da primeira Comunhão) em 51 lições*, [s.l., s.n.], 1884 (Belinquete I, p. 885). Ver o autor nos cap. 9 e 12.2.

**Caetano Brandão**, Dom Frei, OFM (1740-1805). Era natural do concelho de Oliveira de Azeméis. Foi bispo do Pará em 1778 e em 1789 foi nomeado arcebispo de Braga (Inocêncio II, p. 7; IX, p. 2). Foi autor de:

- *Cathecismo da doutrina cristã*; ms (BPE, Cod. CXIII, 1-42).<sup>15</sup> Ver o autor no cap. 13.1.

**Caetano de Gouveia Pacheco**, Pe. (1696-1768). Era natural da comarca de Pinhel. Foi clérigo teatino. Escrevia sob os pseud. de Irmão Alberto Gomes ou Padre Luiz de Sousa Rebelo (Inocêncio II, p. 8; IX, p. 3). Traduziu da língua castelhana:

- *Mysterios da nossa Sancta Fé Catholica...*, Lisboa, Oficina da Música, 1732; autor: Jeronymo Peres; em 24.º (A Tradução em Portugal, 608; Belinquete I, p. 891).

**Carlos João Rademaker**, SJ (1826-1885). Nasceu em Lisboa, mas recebeu a sua educação em Itália (Turim), onde obteve o bacharelato em Direito Civil e Canónico. Foi em 1848, quando regressou a Portugal, que decidiu abraçar a vida eclesiástica, sendo ordenado presbítero em 1851 (Inocêncio II, p. 32-33; IX, p. 37; Fortunato de Almeida III, p. 407). Escreveu:

<sup>14</sup> Sobre o autor, ver GUERREIRO, Jacinto Salvador, *A diocese de Beja no final do século XIX: A intervenção de D. António Xavier de Sousa Monteiro*, em *Lusitania Sacra* 8-9, 1996-1997, p. 35-169; Inocêncio XX, p. 268.

<sup>15</sup> Segundo Cunha Rivara, “Tem 7 capítulos, incompleto, é da letra de D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo de Braga” (Catálogo de manuscritos, vol. IV, p. 43).



- *Breve Instrução para os meninos da primeira comunhão*, Lisboa, Tipografia de António José da Rocha, 1853; 80 p.; em 8.º (Belinquete I, p. 884).
- *Mimo do muito Rev. P. Carlos Rademaker aos meninos portugueses, método muito fácil para ensinar, por meio do canto, as cousas necessárias da doutrina cristã, oferecimento às escolas católicas*, Lisboa, 1854. Ver o autor nos cap. 7.1; 7.4.2; 17 e 22.3.

**Damião de Froes Perim** / João de São Pedro, Frei, OSJ (1692-?). Professou na sua Ordem em 1709. Foi Prior em vários conventos e eleito Geral da Congregação em 1739. Inocêncio diz que as suas obras saíram todas com o nome de Damião de Froes Perim, anagrama perfeito do seu nome. Isto deu alguma confusão de autoria (Inocêncio IV, p. 5; X, p. 325). Escreveu:

- *Instrução breve das obrigações de cristão*, [s.l.], Oficina Lino da Silva Godinho, 1787; com orações próprias, entre outras coisas, ordenado por Damião de Fróis (Belinquete I, p. 879). Ver o autor no cap. 10.10.

**Diogo Barbosa Machado**, Pe., CM (1682-1772). Era natural de Lisboa. Foi abade da igreja de Santo Adrião de Sever, Porto. Foi um apaixonado bibliófilo. É o autor da monumental obra *Bibliotheca Lusitana, Histórica, Crítica, e Chronológica...*; 4 vol. (Inocêncio II, p. 144-147; IX, p. 120). Traduziu do italiano:

- *As Verdades Principaes e mais importantes da Fé e da Justiça Christã explicadas methodicamente segundo a Doutrina da Escritura, dos Concílios, e dos Padres, e Doutores da Igreja... por Luís Abelly (1603-1691), bispo de Rodes, na língua francesa, e traduzidas na italiana, por Monsenhor Mucio Bandini, bispo de Sini-gaglia e ultimamente na portugueza...*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1729; 16, 438 p.; em 4.º (BNP, R. 4852 V.; BSEA; BPNM, 2-12-4-3; A Tradução em Portugal, 569; Belinquete I, p. 891).

— *Nova edição*: s. l., s. n., 18?? (BNP, R. 4871 P.).<sup>16</sup>

**Diogo Luís de Carvalho**, Pe. (1780-1859). Era natural de São Cosme e Damião (Arcos de Valdevez), onde veio a ser pároco já no fim da vida (Inocêncio IX, p. 126). Escreveu:

- *Súmula da doutrina cristã, sumariamente explicada para melhor a entenderem na memória os meninos e rústicos*, Lisboa, Tipografia de Sales, 1843; 68 p.; em 8.º (Belinquete I, p. 884).

<sup>16</sup> A obra saiu anónima, mas Inocêncio II, p. 145, diz que Barbosa Machado a traduziu do italiano.

**Domingos do Rosário**, Dom Frei, OFM (?-1778). Era natural de Santa Maria dos Olivais. Foi bispo das ilhas de S. Tomé e Príncipe (Barbosa IV, p. 109; Inocêncio II, p. 198). Escreveu:

- *Pastoral dando conta da sua elevação à Dignidade Episcopal, exortando os fiéis e mais particularmente os Eclesiásticos, ao cumprimento dos Ensinamentos da Sagrada Escritura e pedindo orações de todos para que o faça um bom pastor*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1783; 16 p.; 32 cm (BNP, R. 5868//21 A.). Ver o autor no cap. 12.1.

**Domingos Lopes da Costa e Cruz**, Pe. (?-?). Era natural do Porto, mas foi para o Brasil. Traduziu:

- *Catecismo para os Párochos, conforme o Decreto do Sacrossancto Tridentino... agora novamente vertido em língua vulgar...*, Pernambuco, Typografia de M. F. de Faria, 1849; 491, 4, 34 p.; 20,5x13,5 cm (DB; Belinquete I, p. 887).

**Domingos Ribeiro França** (séc. XIX). Foi um dos muitos escritores que trabalharam logo depois da Revolução de 1820, publicando obras cívicas e instrutivas (Inocêncio IX, p. 149). A que se segue foi traduzida do francês:

- *Erasto, ou o amigo da mocidade: conversações familiares...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822; 2.<sup>a</sup> edição, de novo traduzida, e conforme com a quinta e última de Paris; 275, 3 p.; 15x10 cm (BNP, S.A. 2134 P.).

Trata-se de uma série de 9 diálogos familiares, sendo o primeiro sobre a utilidade da educação, o segundo sobre a relação entre Razão e Religião e as restantes sobre temas bíblicos (Juízo, Deus, a divindade do Antigo Testamento, do Novo Testamento, criação do mundo e pecado do homem, a religião desde Abraão, história do Povo de Israel desde Abraão até à saída do Egito). O diálogo desenrola-se entre Erasto, o professor, e os irmãos Eugénio e Eudoxia. Ver o autor no cap. 10.10.

**Domingos Vieira**, Frei, OESA (?-1854). Pensa-se que professou no convento da Graça em Lisboa, onde exerceu vários cargos e aí residia na época da supressão das ordens religiosas em Portugal (Inocêncio II, p. 203). Traduziu:

- *Doutrina Cristã em forma de lições de piedade... para uso das casas de educação e das famílias cristãs*, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1841; autor: Charles-François Lhomond; VIII, 552, 8 p.; 15 cm (BNP, R. 28040 P.). Ver o autor no cap. 3.2.

**Egídio José de Lorena** (1802-1863). Era natural do Rio de Janeiro. Depois de estudar em diversos países da Europa, regressou ao Brasil, onde exerceu o cargo de chefe de trabalhos hidráulicos no Rio de Janeiro. Uma grave doença

trouxe-o a Lisboa, onde faleceu (Inocêncio IX, p. 165-166). Verteu do francês:

- *Catecismo Histórico: contendo em abreviado a História Santa e a Doutrina cristã...*, Paris, Typografia Ernest Meyer, 1860; autor: Claude Fleury; 313 p.; 16 cm (BME, JHT1524; CBAP, n.º 463).  
— 2.ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862.
- *Resumo do Cathecismo Histórico, contendo a História Santa e a Doutrina cristã...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867; autor: Claude Fleury; 84 p.; em 18.º.
- *Breve compêndio da doutrina cristã, e instruções para a confissão e comunhão*, Lisboa, 1867; 48 p.; em 32.º.
- *Fiel companheiro do cristão, contendo os principaes e interessantes deveres que lhe oferece sua santa religião; dedicado á immaculada Virgem SS. das Dores...*, Paris, Typografia Ernest Mayer, 1860; VI, 316 p.; 23 estampas;  
— 2.ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862; VIII, 204 p.; em 12.º.

**Emílio Aquiles Monteverde** (1803-1881). Nasceu em Lisboa. Pertencia ao conselho de sua majestade. Foi oficial maior e secretário geral do ministério dos negócios estrangeiros (Inocêncio II, p. 226-227; IX, p. 169). Escreveu em inglês:

- *The catholic christian instructed in the Sacraments, Sacrifice, Ceremonies, and Observances of the Church by way of Questions and Answers*, New York, 1862; 307 p.; 16x10 cm (BPH). Ver o autor nos cap. 3.2 e 9.

**Ezequiel de Figueiredo** (?-?). Foi autor de:

- *Brevíssimo opúsculo de Doutrina cristã* [séc. XIX] (Belinquete, História do Ensino, p. 374).

**Fernando Tomás de Brito, Pe.** (1832-1911). Inocêncio apenas diz que foi “The-soureiro na igreja parochial de N. S. da Encarnação de Lisboa. N. nos estados da Índia” (IX, p. 219). Compôs:

- *Catecismo da Doutrina Cristã, e orações necessárias a todo o cristão, coordenadas, ampliadas e acomodadas à inteligência dos meninos*, Lisboa, Tipografia Universal, 1866 (Belinquete I, p. 884).

**Fortunato de São Boaventura**, Frei, OCist (1778?-1844). Era natural de Alcobça e faleceu aos 66 anos, segundo o que um irmão terá dito (Inocêncio II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Traduziu:

- *Catecismo das principais verdades tocantes ao cisma. Que ao clero e povo do reino de Portugal oferece um sacerdote português...*, Roma, [s.n.], 1835; 20 p.; em 16.º

(Belinquete I, p. 883). Ver o autor nos cap. 4.1; 6.1.2; 8; 9; 10.6; 10.7; 10.9; 10.10; 13.1 e 22.5.

**Francisco António da Cunha de Pina Manique** (1814-1883). Defensor da causa miguelista. Era neto do célebre Pina Manique (Inocência II, p. 338). Foi o coordenador de:

- *Manual civil, moral e religioso para uso da juventude*, Lisboa, Typografia Lisbonense, 1850; 203, 3 p.; 17 cm (BNP, S.A. 2266//1 P.; BPH).

**Francisco da Natividade**, Frei, OSB (?-1765). Foi doutor em Teologia (Inocência III, p. 19). Traduziu:

- *Cathecismo romano abbreviado, ou novo compêndio da doutrina cristã, traduzido e accommodado para uso da mocidade portuguesa*, Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1783 (Belinquete I, p. 888; A Tradução em Portugal, 2292); ib., 1818.
- *Resumo do Catecismo ou Novo Compêndio da Doutrina cristã*, ib., Tipografia Rolandiana, 1833; Nova edição; 248 p.; 15x10,5 cm (Belinquete I, p. 888; DB).

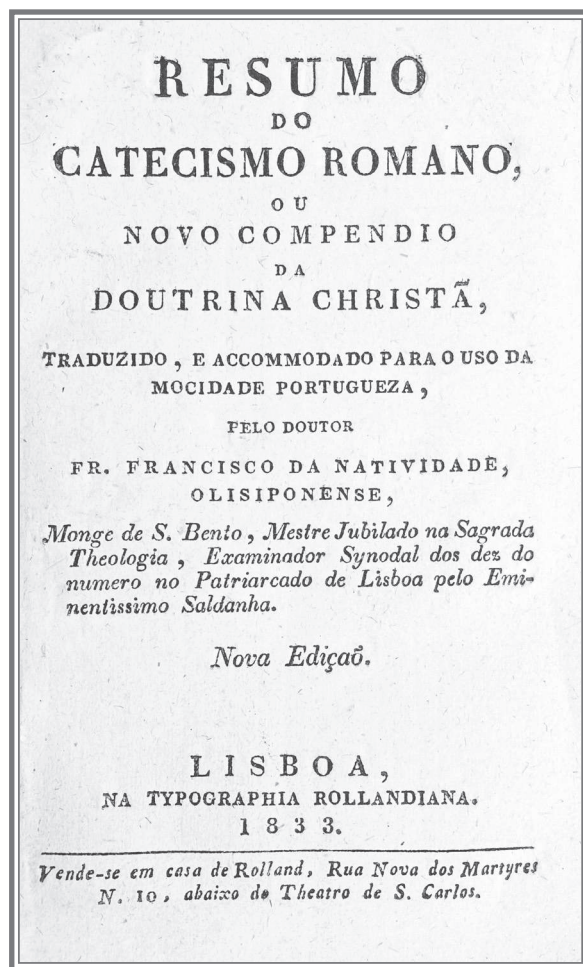
Contém:

- Exposição das provas que fazem crível a religião cristã...;
- Compêndio histórico do Catecismo romano: resumo da Bíblia desde a Criação até aos Atos dos Apóstolos;
- I Parte: Da fé e do símbolo da Fé;
- II Parte: Dos Sacramentos;
- III Parte: Do Decálogo;
- IV Parte: Da Oração e da sua necessidade. Estas eram as verdades fundamentais ensinadas nesta época. Ver o autor no cap. 9.

**Francisco de Jesus Maria Sarmento**, Frei, OFM (1713-1790). Era natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia. Deixou vasta obra literária (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocência II, p. 394s; IX, p. 309). Escreveu:

- *Cartilha doutrinal ou Compêndio da doutrina e principais verdades da nossa Santa Fé Católica*, Lisboa, 1780 (Fortunato de Almeida III, p. 395).
- Ib., Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1805 (Belinquete I, p. 881).
- 8.<sup>a</sup> edição, ib., Typografia da Academia Real das Sciencias, 1864 (Belinquete I, p. 881). Ver o autor no cap. 3.2.

**Francisco de Matos Calado**, Frei (?-1807/12). Foi prior do convento de Nossa Senhora da Encarnação das Comendadeiras d'Avis (Inocência III, p. 8). Escreveu:



- *Fiel instruído nos deveres da religião pelo quotidiano exercício que ensinam das Sagradas letras*, Lisboa, 179-; em 8.º (Belinquete I, p. 881).
- *Igreja militante protegida pelo Omnipotente Deus, desde o princípio dos séculos contra os embates de Lúcifer*, etc., Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1787-88; 6 tomos; em 8.º (BNP, H.G. 1076 P. - 1081 P.).

**Francisco Gomes de Avelar**, Dom Frei, CO (1739-1816). Era natural de Vila Franca de Xira. Foi bispo do Algarve (Inocêncio II, p. 386; IX, p. 300). Escreveu:

- *Compêndio de doutrina cristã*, 1782.

— 2.<sup>a</sup> edição, com o título *Catecismo de doutrina cristã*, [s.d.] (Belinquete I, p. 879).<sup>17</sup> Ver o autor no cap. 10.2 e 14.

**Francisco Luís de Seabra, Pe.** (1818-1878). Foi pároco de Cacia, atualmente da diocese de Aveiro. Traduziu:

- *Explicação Histórica, Dogmática, Moral, Litúrgica e Canónica do Catecismo...*, Porto, Ernesto Chardon, 1874-1875; autor: Abbade Ambrosio Guillois; 4 tomos; em 8.º (BNP, R. 913 P. - 916 P.; Belinquete I, p. 898).<sup>18</sup>
- *Catecismo exemplificado ou Doutrina Católica*, 1878; autor: Miguel Pratmans, bispo de Tortosa, reformado pelo Pe. José Mach (Belinquete I, p. 899).<sup>19</sup> Ver o autor nos cap. 10.2 e 14.

**Henrique da Silva Barbosa, Pe.** (1819-1870) e **António Moreira Belo, Mons.** (ca. 1874). Henrique da Silva Barbosa era natural do Porto. Foi ordenado presbítero em 1850 (Inocência X, p. 19). Traduziram:

- *Catecismo de Perseverança ou Exposição Histórica, Dogmática, Moral, Litúrgica, Apologética, Filosófica e Social da Religião, desde a origem do mundo até nossos dias*, Porto, Tipografia de Francisco Pereira d'Azevedo e por Manuel José Pereira, 1853-1870; 10 tomos em 5 volumes; 22x16 cm; autor: Pe. Jean Joseph Gaume (BNP, R. 22602 P. - 22606 P.; BSME, XIV/09-30 a 34).

— Ib., mesmo impressor e ano; 10 vol. (BNP, R. 22813 P. - 22822 P.).<sup>20</sup>

Descrição dos volumes:

Tomo 1: da 1.<sup>a</sup> até à 18.<sup>a</sup> lição; 264 p.; Porto, Tipografia de Manuel José Pereira, 1865.

Tomo 2: 19.<sup>a</sup> - 44.<sup>a</sup> lição; 280 p.; ib., Francisco Pereira Azevedo, 1865.

Tomo 3: 45.<sup>a</sup> - 52.<sup>a</sup> lição (1.<sup>a</sup> parte); 1.<sup>a</sup> - 20.<sup>a</sup> lição (2.<sup>a</sup> parte); 359 p.; ib., mesmo impressor, 1853.

Tomo 4: 21.<sup>a</sup> - 37.<sup>a</sup> lição; 372 p.; ib., mesmo impressor, 1853.

Tomo 5: 38.<sup>a</sup> - 54.<sup>a</sup> lição; 392 p.; ib., mesmo impressor, 1854.

<sup>17</sup> Sobre o autor, ver OLIVEIRA, Francisco Xavier de Athaide, *Biografia de D. Francisco Gomes de Avelar, arcebispo-bispo do Algarve*, Porto, Tip. Universal, 1902.

<sup>18</sup> O cardeal D. Américo, bispo do Porto, recomendou-o ao clero (Provisão de 28 de abril de 1857), porque fornecia muito material para a explicação da doutrina cristã ao povo (ABREU, Adélio, D. Américo, o. c., p. 519). Os 4 volumes dedicavam-se mais ao clero do que aos leigos.

<sup>19</sup> Segundo Belinquete, deram-lhe aprovação o bispo de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina (ed. de 1890); e o do Algarve, D. António Mendes Belo (ed. de 1891).

<sup>20</sup> Foi aprovado pelo cardeal D. Américo, bispo do Porto, em 1877, a pedido do tradutor Pe. Henrique da Silva Barbosa; temos alguns exemplares na DB.

Tomo 6: 55.<sup>a</sup> - 58.<sup>a</sup> lição; 1.<sup>a</sup>-14.<sup>a</sup> lição (3.<sup>a</sup> parte); 363 p.; ib., mesmo impressor, 1855.

Tomo 7: 17.<sup>a</sup> - 40.<sup>a</sup> lição; 367 p.; ib., mesmo impressor, 1856.

Tomo 8: 41.<sup>a</sup> - 54.<sup>a</sup>; 242 p.; ib., Tipografia de Manuel José Pereira, 1866.

Tomo 9: 1.<sup>a</sup> - 30.<sup>a</sup> (4.<sup>a</sup> parte); 353 p.; ib., Livraria de Viúva Moré, 1868.

Tomo 10: 31.<sup>a</sup> - 53.<sup>a</sup> lição; 322 p.; ib., mesmo impressor, 1868.

Os vol. 1-8 foram traduzidos pelo 1.<sup>o</sup> autor; os vol. 9 e 10, pelo 2.<sup>o</sup>.

Outras edições:

— Ib., Tipografia de Manuel José Ferreira, 1870 (BSEA).

— Ib., Livraria Internacional Ernesto Chardon, 1874 (BSEA).

— Ib., António Dourado, 1897; 8 vol. (BSEA).

— Ib., mesmo impressor, 1899 (BCapB: t. V).

— Ib., mesmo impressor, 1900 (BCapB: t. VII e VIII). Ver o autor nos cap. 4.1; 4.2 e 22.4.

**Inácio de São Caetano**, Dom Frei, OCD (1718-1788). Nasceu em Chaves e faleceu no Palácio de Queluz. Estudou Filosofia na Universidade de Évora e Teologia em Coimbra (Inocêncio III, p. 204). Deixou:

- *Manuscrito sobre o Símbolo Apostólico*, 1770; inédito; esclarece sobre algumas dúvidas; 12 artigos do Símbolo Apostólico; 488 fol. (BOCD). Ver o autor nos cap. 9; 10.5 e 10.1.

**Jerónimo de Beja**, SJ (?-?). Escreveu:

- *Compendiosa Explicação das Virtudes, especialmente das três Teologias, Fé, Esperança e Caridade...*, Coimbra, Real Colégio das Belas Artes da Companhia de Jesus, 1733; ordenada em forma de diálogo entre um instrutor e um instruído (Belinquete I, p. 876).

**Jerónimo Peres** (?-?). Escreveu:

- *Mystérios de nossa Santa fé cathólica...*, Lisboa, Oficina da Música, 1732; 8, 268 p.; 12 cm (CBAP, n.º 1671):

**João António de Moraes** (?-1875). Escreveu:

- *Compêndio de doutrina cristã* [séc. XIX] (Belinquete, História do Ensino, p. 380).

**João Cosme da Cunha**, Frei Dom, OCRSA (1715-1783). Este autor foi arcebispo de Évora, que se identificou com a política de Pombal no combate aos Jesuítas. Foi o tradutor, segundo Inocêncio I, p. 93, do seguinte catecismo:



*Catecismo de Montpellier.* No meio de imensos tipos de catecismos franceses, a partir do séc. XVII, este marca quase uma época. O bispo Colbert de Montpellier entregou ao oratoriano Aimé Pouget a direção do seu Seminário e encarregou-o de redigir um catecismo para a sua diocese. Foi editado em Paris, 1702, na sua 1.<sup>a</sup> edição. Nessa altura, manifestavam-se duas linhas opostas em França: jansenistas e antijansenistas. Os primeiros queriam uma liturgia mais participativa, mesmo na língua vulgar, pois o simples fiel também celebrava com o sacerdote; ao mesmo tempo, difundiam muito a leitura da Bíblia em língua vulgar. Os antijansenistas eram mais tradicionalistas, usando o latim, etc.

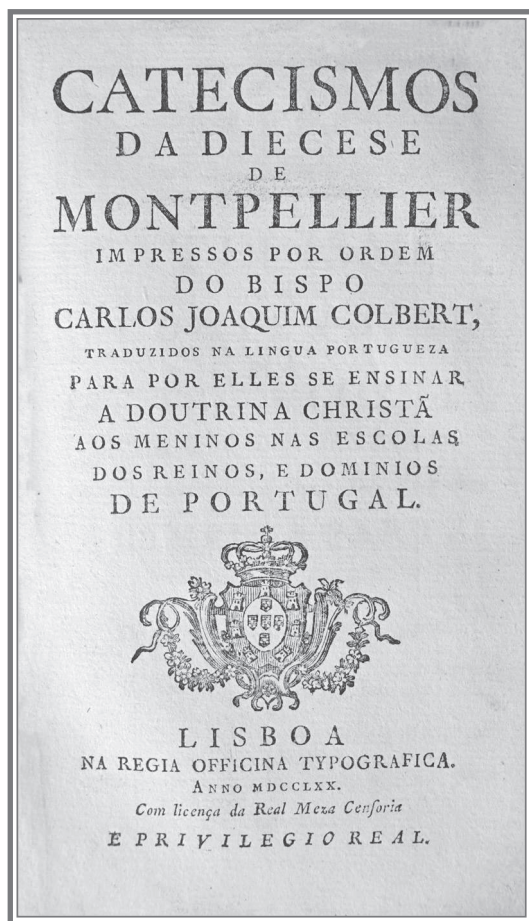
Os jansenistas, teologicamente, eram mais agostinianos, apelando à graça, enquanto os outros apelavam também às obras, um pouco à maneira dos protestantes em relação aos católicos. Mas era uma questão de acentuar mais um aspeto que outro, porque todos eles se confessavam católicos. Apesar disso, os jansenistas não se livraram de serem acusados de protestantismo pelos Jesuítas, que estavam em relação estreita com Roma e o Papa.

O catecismo de Pouget teve grande voga, porque tinha um método pedagógico simples: perguntas e respostas. Em poucos anos teve 30 edições e também traduções no estrangeiro, como foi o caso de Portugal. Tinha 4 volumes com 1323 páginas; em 8.º. Teve que se fazer um *abrégé*, para se tornar prático e manejável. Na nossa BNP temos 16 exemplares, entre a 1.<sup>a</sup> edição no Porto, 1769, e a última em 1884, também no Porto. Há outras edições de Coimbra e de Lisboa.

Alguns bispos portugueses optaram por traduzir este catecismo; mas editaram-no num manual de 216 p., que reúne dois catecismos, no mesmo volume: o 1.º para adolescentes e o 2.º: *Catecismo Pequeno. Para meninos ainda não confirmados*. No fim, apresenta um suplemento de orações, para se fazerem publicamente nas igrejas paroquiais. Mais tarde, Cenáculo abandonou esse catecismo, optando por outro mais adaptado ao sentimento religioso do seu povo.

Como tema fundamental explica o *Símbolo dos Apóstolos* e segue a perspectiva da História Bíblica do Antigo e do Novo Testamento, com um tema mais desenvolvido: o Messias, em 9 lições. Nesta doutrina nada se descortina de heterodoxo.

A última parte é reservada à Graça e ao modo de a obter: sacramentos, oração, “o Santo Sacrifício da Missa”. São 24 lições. Insiste-se muito na comunhão, na “desobriga”, etc. Este catecismo apresenta um ensino graduado e assenta na memorização de certas fórmulas dogmáticas e das orações tradicionais: Pai-nosso, Avé-Maria, Credo... Estas orações aparecem em latim e



português. Como foi dito, insiste também muito na guarda dos domingos e dias santos. Ver o autor no cap. 7.5.

Edições:

**Para uso do bispado de Évora**

- *Instrucções geraes em forma de Catecismo nas quaes se explicão em compêndio pela Sagrada Escritura, e Tradição, a História, e os Dogmas da Religião, a Moral christã... Impressas por ordem do Senhor Carlos Joaquim Colbert, bispo de Montpellier, traduzidas na língua portugueza por mandado do senhor arcebispo de Évora, Dom João, para uso dos Fiéis do seu Arcebispado... com dous catecismos abbreviados para o exercício dos meninos: continuação da terceira parte traduzidas na língua portugueza..., Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa,*

1765; autor: François Aimé Gouget; 4 vol.; 17x10 cm (FacFil, R2-F-15 e16; BSEA; BPH):

- *Primeira Parte e Continuação da Terceira Parte* (A Tradução em Portugal, 1077; Manisola, 1580-1583).
- *Instruções geraes em forma de Cathecismo... traduzidas na língua portuguesa por mandado do senhor arcebispo de Évora, Dom João*, Porto, António Álvares Ribeiro Guimarães, 1769; 2 vol.: 16, 328 e 8, 216 p.; em 4.º (BNP; A Tradução em Portugal, 1147).
- *Segunda Parte*, Lisboa, Oficina Francisco Borges de Sousa, 1769; 16, 431 p. (BNP; BCM, 2A9-24/27A; A Tradução em Portugal, 1148).<sup>21</sup>

### Para uso dos reinos e domínios de Portugal

- *Instruções geraes em forma de Catecismo nas quaes se explicão em compêndio pela Sagrada Escritura, e Tradição a Historia, e os Dogmas da Religião, a Moral christã, os Sacramentos, as Orações, as cerimónias e os usos da Igreja impressas por ordem do Senhor Carlos Joaquim Colbert, Bispo de Montpellier, com dous catecismos abbreviados para o exercício dos meninos... traduzidas na língua portugueza para uso dos Reinos e Domínios de Portugal*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1770; 4 vol.; 17 cm (BOCD; FacFil, R2-F-9 - R2-F-11; CBAP, n.º 1089).<sup>22</sup>
- *Ib.*, mesmo impressor, 1776; 4 vol.; 17 cm (CBAP, n.º 1090).
- *Catecismos da Diocese de Montpellier... traduzido na língua Portuguesa para por eles se ensinar a Doutrina Cristã aos meninos das escolas dos Reinos e Domínios de Portugal*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1788; 216 p.; 15x10 cm (BAEA, A/1/18).
- *Nova edição com um summario da Doutrina christã e o novo Systema Métrico-decimal e augmentada com os Resumos da Geographia e História de Portugal por A. R. da C. C.*, Porto, A. R. da Cruz Coutinho, editor, 1880 (Belinquete I, p. 893-896).<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Sobre este Catecismo, ver SANTOS, Cândido dos, *O Jansenismo em Portugal*, FLUP, Porto, 2007, p. 119-123; para uma descrição pormenorizada deste Catecismo, ver Belinquete I, p. 892-896.

<sup>22</sup> Segundo MARQUES, João Francisco, *A palavra e o livro*, em *História Religiosa de Portugal* II, p. 391, este Catecismo foi ordenado por D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga; segundo a mesma fonte, teve na era oitocentista duas edições.

<sup>23</sup> Segundo Belinquete I, p. 893, “D. Gaspar de Bragança [1716-1789], arcebispo de Braga, expediu acerca deste Catecismo uma Pastoral, com data de 18 de Maio de 1769, em que dizia, entre outras coisas, o seguinte: ‘Todos os clérigos são obrigados a sabê-lo e dele ter de dar contas nos exames para Ordens e confessores.’ Em 1770 mandou publicar para uso do seu Arcebispado 3 volumes ou ‘partes’ ou seja, a versão mais desenvolvida do referido Catecismo”. A abrir o primeiro volume do Catecismo, na impressão de 1770, encontra-se a referida pastoral.

### Para o uso do bispado de Coimbra

- *Instruções geraes em forma de Catecismo nas quaes se explicão em compêndio pela Sagrada Escritura, e Tradição a Historia, e os Dogmas da Religião, a Moral christã, os Sacramentos, as Orações, as cerimónias e os usos da Igreja impressas por ordem do Senhor Carlos Joaquim Colbert, Bispo de Montpellier, com dous catecismos abreviados... traduzidas na língua portugueza para o uso do Bispado de Coimbra*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1770.
  - *Primeira [-terceira] parte*; 3 vol. em 4 tom.; 18x11 cm (BNP, R. 34606 P. - 34609 P.; BJPII, 264 CAT; BSEA; CBAP, n.º 1088; A Tradução em Portugal, 1159; BPNM, 2-12-2-2/5; BAEA, A/1/36-39).

### Para uso do bispado do Porto

Descrição pelo exemplar existente na Biblioteca dos Capuchinhos do Porto:

- 1.º frontispício: *Instruções geraes em forma de catecismo nas quaes se explicão em compendio pela Sagrada Escritura, e tradição a História, e os Dogmas da Religião, a Moral christã... Impressas por ordem do Senhor Carlos Joaquim Colbert, bispo de Montpellier, com dous Catecismos Abbreviados para o exercício dos meninos. Terceira parte. Traduzidas na Língua Portuguesa para uso do Bispado do Porto*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1770; 279 p. Consta de um capítulo preliminar sobre a Graça e cada um dos Sacramentos tratados com muito pormenor.
- 2.º frontispício com os mesmos dizeres do anterior e acrescenta “Continuação da Terceira parte”; 379 p. Consta de “Oração em geral”.
- 3.º frontispício onde se lê: *Catecismos da Diocese [sic] de Montpellier impressos por ordem do bispo Carlos Joaquim Colbert, traduzidos na língua portuguesa para por eles se ensinar a Doutrina christã aos meninos nas escolas dos reinos e domínios de Portugal*; 171 p.; na lombada do livro indica “Tom. III. IV. V”.

Dentro deste Catecismo há uma parte que diz:

- *Catecismo pequeno para os meninos que ainda não estão confirmados* (p. 111-171).
- *Catecismo de Montpellier*, Porto, 1765; 5 vol.; em 4.º (A Tradução em Portugal, 1076).
  - Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1776; 171 p.; 15x9,5 cm (BSEA).
  - Porto, Oficina António Álvares Ribeiro, 1788; 242 p.; em 8.º peq. (BNP; A Tradução em Portugal, 1731).
  - Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1798 (A Tradução em Portugal, 2148).

- Lisboa, Imprensa. Régia, 1806; continuação da 3.<sup>a</sup> parte; 379 p.; 18,5x12 cm (A Tradução em Portugal, 2725; OCD).<sup>24</sup>
- Ib., mesmo impressor, 1813 (A Tradução em Portugal, 3089).
- Ib., Imprensa Régia, 1824; 4 vol.: Primeira - Quarta Parte...; 18 cm (BNP, R. 35480 P. - 35482 P.).
- Ib., Tipografia Rolandina, 1825; 212, 20 p.; 15x9,5 cm (BSEA; CBAP, n.º 464).
- Ib., Simão Tadeu Ferreira, 1828 (BPNM, 2-12-2-15).
- Ib., Imprensa A. J. das Neves, 1836; 176, 16 p.; 15 cm (BNP, R. 25114 P.).
- *Catecismo de Montpellier e rezumo para os meninos das escolas*, Porto, Oficina António Alvarez Ribeiro, 1789 (BNP; A Tradução em Portugal, 1781).
- Ib., mesmo impressor, 1793 (A Tradução em Portugal, 2018).
- Ib., mesmo impressor, 1811 (A Tradução em Portugal, 2977).

**João da Madre de Deus Araújo**, Frei, OSA (1760-1843). Nasceu em Guimarães e morreu em Lisboa. Exerceu vários cargos na sua Ordem (Inocêncio III, p. 403; X, p. 300). Traduziu do francês:

- *A voz do Pastor: discursos familiares de um pároco aos seus fregueses para todos os domingos do anno... por D.I.D.M.D.P.* [D. João da Madre de Deus], Lisboa, Oficina Francisco Luís Ameno, 1783; 4 vol.: 292, 12; 357 e 287 p.; em 8.º (BNP; A Tradução em Portugal, 1468).
- Ib., Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1792; 4 vol.: 314; 292; 374; 287 p. (BSEA).
- Ib., mesmo impressor, 1793; Tomo II: Contém desde o primeiro Domingo da Quaresma até ao Domingo antes de Pentecostes; 292 p.; 15 cm (BJPIL, 252.8 VOZ).
- *2.<sup>a</sup> edição*, Lisboa, Oficina de J. F. M. de Campos, 1817; 16 cm (BNP, TR. 4260 P.).
- Ib., Tipografia J. B. Morando, 1858; 5 vol.; 16x11 cm (BSEA).
- *Catecismo Católico*, Lisboa, Imprensa Régia, 183- (Belinquete I, p. 883; Inocêncio III, p. 403). Ver o autor nos cap. 7.1; 10.2; 10.4 e 15.

**João da Silva Ferreira**, Dom (?-?). Era natural de Vermoim, Barcelos, onde foi batizado em 1685. Formou-se na Universidade de Coimbra em Cânones, com

<sup>24</sup> Nesta 3.<sup>a</sup> parte fala da Graça, dos sacramentos em geral e em especial de cada um, com muitos pormenores particulares interessantes.

o grau de bacharel. Foi bispo do Porto (Inocência IV, p. 36; X, p. 348). Escreveu:

- *Compêndio de doutrina cristã*, Porto, Oficina de Manuel Pedroso Coimbra, 1754; 31 p.; em 8.º (Belinquete I, p. 877).

**João da Soledade Morais**, Dom Frei, OSA (1799-1870). Foi prior da Azueira, onde faleceu. Antes tinha sido pároco na freguesia de São Pedro dos Grilhões, concelho de Maфра (Inocência IV, p. 41; X, p. 357). Foi autor de:

- *Sumário da Doutrina Católica...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860; X, 16 p.; em 8.º gr. (Belinquete I, p. 884). Ver o autor no cap. 12.1.

**João Félix Pereira** (1822-1891). Era natural de Lisboa. Foi médico-cirurgião pela Escola de Lisboa. Homem de saber enciclopédico, que deixou vasta obra literária dos mais variados assuntos (Inocência III, p. 368; X, p. 241-245). Deixamos aqui a seguinte:

- *Princípios de moral e catechismo, ou compêndio da doutrina cristã: para uso das aulas de instrução primária. Aprovado pelo... Cardeal Patriarcha*, Lisboa, Typografia de José da Costa, 1858; 3 fol., 51 p.; 16 cm (BNP, R. 11124//5 P).  
— 3.ª edição, ib., Typografia de José da Costa Nascimento Cruz, 1861; 57 p.; 16 cm (BNP, R. 19775//9 P).  
— 5.ª edição, ib., mesmo impressor, 1865; 57 p.; 16 cm (BNP, R. 11124//7 P).  
— Ib., Tipografia Lucas Evangelista Torres, 1890; 48 p.; 16 cm (BNP, R. 25190//5 P). Ver o autor nos cap. 3.2; 4.1 e 17.

**João Franco**, Frei, OP (?-?). Era natural de Lisboa e ainda era vivo em 1759 (Barbosa II, p. 663; Inocência III, p. 378-379). Escreveu:

- *Mestre da Vida que ensina a viver e a morrer santamente*, Lisboa, Oficina de Maurício Vicente de Almeida, 1732; 2.ª impressão acrescentada com várias devoções, novenas, orações úteis para as trovoadas; 14, 559 p.; 14 cm (CBAP, n.º 882).  
— ... *Instrue-se huma creatura a fazer com perfeição todas quantas obras ordinárias de obrigação, e devoção pode fazer na vida e na morte...*, ib., Oficina Augustiniana, 1732; 34, 360 p.; 14 cm (CBAP, n.º 883).  
— 3.ª impressão, ib., Oficina de Maurício Vicente de Almeida, 1735; 16, 559 p.; 15 cm (CBAP, n.º 884).  
— 6.ª impressão ainda mais acrescentada que todas as impressões antecedentes, ib., Oficina dos Herdeiros de António Pedrozo Galvão, 1740; 14, 560 p.; 15 cm (CBAP, n.º 885).

- Ib., mesmo impressor, 1750; 14, 560 p.; 15 cm (CBAP, n.º 886; BOCD).
- Ib., Régia Oficina Tipográfica, 1758; 12, 387 p.; 15 cm (BNP, L. 90418 P.).
- Ib., Oficina Herdeiros de António Pedroso Galvão, 1745; 16, 464 p.; 16 cm (BNP, R. 14783 P.).
- *I. parte. XVI impressam...*, ib., mesmo impressor, 1750; 16, 458 p.; il.; 15 cm (CBAP, n.º 887).
- *I. parte. 16.<sup>a</sup> ed.*, ib., mesmo impressor, 1754; 16, 453 p.; il.; 15 cm (CBAP, n.º 888).
- *XX. Impressam, acrescentada com húa novena de S. Francisco de Borja, contra os terremotos...*, ib., Oficina de Joam Diaquino Bul, 1762; 16, 605 p.; il.; 15 cm (CBAP, n.º 889).
- *Nova edição*, ib., Rolland & Semiond, [18??]; 7, 417, 7 p.; em 8.º (BSL).<sup>25</sup> Ver o autor nos cap. 10.7; 13.1 e 14.

**Joaquim Alberto de Azevedo** / Joaquim da Encarnação, Frei, OSA (1724-1798). Nasceu em Barcelos. Foi abade reservatário da igreja de S. João Batista de Sedavim. Era mais conhecido por D. Joaquim da Encarnação (Inocêncio IV, p. 76). Escreveu:

- *Catecismo histórico e doutrinal, ou Breve instrucçam dos mystérios da religião christãa...*, Coimbra, Oficina de Luís Seco Ferreira, 1757; 16, 320 p.; 16 cm (BNP, R. 1863 P.; BSEA; Belinquete I, p. 878).<sup>26</sup> Ver o autor no cap. 3.1.

**Joaquim de Macedo**, Pe. (?-?) da Congregação de Milão. Traduziu do latim:

- *Princípios e documentos da vida christã...*, Porto, António Álvares Ribeiro, 1793; autor: Cardeal João Bona; 8, 351, 16 p.; em 8.º (A Tradução em Português, 2016).

**Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré**, Dom Frei, OFM (1776-1851). Era natural do Sítio da Nazaré, faleceu no Maranhão, onde fora bispo. Após a independência do Brasil, veio para Portugal e foi nomeado bispo de Coimbra (Inocêncio IV, p. 137; XII, p. 121). Traduziu:

- *Catechismo da Doutrina christã do Arcebispado de Cambrai...*, Lisboa, Typografia Universal, 1878; autor: Arcebispado de Cambrai; com licença do Sr.

<sup>25</sup> Segundo Belinquete I, p. 876, teve edições em 1734, 1735 (3.<sup>a</sup> impressão), 1736, 1738, 1740, 1741 (7.<sup>a</sup> ed.), 1744 (8.<sup>a</sup> ed.), 1745, 1746, 1748, 1750 (16.<sup>a</sup> ed.), 1756, 1757 (17.<sup>a</sup> ed.), 1758, 1760, 1762, 1782.

<sup>26</sup> Breve resumo da vida e obra do autor, em CASTRO, Eduardo-Felipe Fernandes de, *Notas para um "Índice" de Escriturários Portugueses*, em Biblos 4, 1928, p. 630.



Cardeal Patriarca de Lisboa (Belinquete I, p. 899). Ver o autor nos cap. 3.1 e 20.1.

**Joaquim de Santa Ana Carvalho**, Dom Frei, OMC (1755-1833). Era natural de Setúbal. Homem sábio e letrado. Foi bispo do Algarve (Inocêncio IV, p. 61; XII, p. 145). Escreveu:

- *Catecismo para ensinar em todas as escolas e servir de guia aos párocos nas suas freguesias*, [s.l., s.n.], 1821-1822 (Belinquete I, p. 883).<sup>27</sup>

**Joaquim José da Costa e Sá** (ca. 1740-1803). Era natural de Lisboa. Foi aluno de gramática e língua latina do Pe. António Pereira de Figueiredo e, mais tarde, professor destas matérias com grande sucesso (Inocêncio IV, p. 97-102). Escreveu:

- *Instrução christã de um menino nobre, ou cartilha em francez e portuguez.... Para educação e ensino dos filhos dos Condes de Óbidos*, Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1787. Ver o autor nos cap. 4.1; 11.1 e 17.

**Joaquim Lopes Carreira de Melo** (1816-1885). Era natural da Mealhada. Com vasta obra literária (Inocêncio IV, p. 115-123). Deixamos aqui as seguintes:

- *Compêndio de civilidade extrahido dos melhores authores...*, Lisboa, Typografia de Sotero António Borges..., 1851; 63 p.; 16 cm (BNP, S.A. 2282//2 P.).
- *Compêndio de civilidade ou regras de educação civil, moral e religiosa para uso dos alumnos das escolas de instrucção primária do 1.º e 2.º grau; 2.ª edição revista e augmentada*, ib., Typografia de Castro & Irmão..., 1852; 79, 5 p.; 16 cm (BNP, S.A. 2282//3 P.).
  - 4.ª edição, revista e muito augmentada, ib., Typografia de Castro & Irmão, 1854; 105, 3 p.; 15 cm (BNP, S.A. 2296//1 P.).
  - 6.ª edição, ib., Typografia da Revista Universal, 1856; 4, 100 p.; 15 cm (BNP, S.A. 2296//2 P.).
  - 4.ª edição, (sic), ib., 1857; 56 p.; em 8.º.
  - 7.ª edição, ib., Imprensa União Typographica, 1858; 4, 94, 3, 3 p.; 15 cm (BNP, S.A. 2296//3 P.).
  - 8.ª edição, ib., Typografia Universal, 1861; 4, 100 p.; 15 cm (BNP, S.A. 2296//4 P.).

<sup>27</sup> LOPES, Silva, *Memórias para a História Eclesiástica do Algarve*, p. 486, cit. por Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, p. 464 e 486; Joaquim de Santa Ana Carvalho, segundo Inocêncio, fez ainda o “*Exame crítico da censura de mr Link sobre a estátua, equestre do sr. rei D. José I*” Sahiu no *Jornal de Coimbra*, vol. V, da pag. 341 a 347” (IV, 61).

- 9.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1862; 2, 99 p.; 15 cm (BNP, S.A. 2295//1 P.).
- 10.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1864; 114, 6 p.; 15 cm (BNP, S.A. 2295//2 P.).
- 11.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1867; 134, 2 p.; 15 cm (BNP, S.A. 2295//3 P.).
- 12.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1870 (BNP, S.A. 10975 P.).
- 13.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1874 (BNP).
- 14.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1876 (BNP).
- 15.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1878 (BNP, S.A. 10793 P.).
- 16.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1882; 2, 104, 8 p.; 16 cm (BNP, S.A. 3761 P.). Ver o autor no cap. 3.2.

**Joaquim Pinto de Campos**, Mons. (1819-1887). Foi capelão conventual da Ordem de São João de Jerusalém (Malta). Exerceu vários cargos públicos (Inocêncio IV, p. 145; XII, p. 132). Deixou-nos:

- *Missão de Christo. Obra destinada para uso das Escolas...*, Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1876; VIII-164 p.; em 4.º (BNRJ, Misc. 390, 10). Ver o autor nos cap. 7.4.3 e 21.

**Joaquim Simões da Silva Ferraz** (1834-1875). Era natural do Porto. Foi professor no Liceu Nacional de Lisboa (Inocêncio IV, p. 156). Traduziu:

- *Resumo do Catecismo de Perseverança ou Exposição Histórica, Dogmática, Moral, Litúrgica, Apologética, Filosófica e Social da Religião, desde a Origem do Mundo até aos nossos dias*, Porto, Typografia da Revista, 1853; seguido de uma análise por Camilo Castelo Branco; 340 p.; 14,5x12,5 cm (BCapB).
- Ib., Typografia de António Joaquim da Costa-Francisco Pereira de Azevedo, 1854; 2 vol.; 15 cm (CBAP, n.º 926).
- Ib., Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1901; autor: Jean Joseph Gaume (BNP, R. 27096 P.).
- 5.<sup>a</sup> edição ilustrada, ib., Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1910; com uma análise por Camilo Castelo Branco (p. 369-373); 387 p.; 19x12,5 cm (DB).
- 6.<sup>a</sup> edição ilustrada, ib., Livraria Artes Gráficas, 1926; 19, 387 p.; il.; 20 cm (BNP, R. 34406 P.).

Camilo Castelo Branco fez uma bela *Análise ao Resumo do Catecismo da Perseverança do Padre Gaume*, afirmando nomeadamente, contra os adversários do catolicismo:

“Nos arraiais de Jesus Cristo soa o alerta da milícia dos sábios, dos sábios sem orgulho, dos sábios que o são pela resignação dos seus estímulos vaidosos, dos sábios que o são, não tanto pelos foros académicos, como pela unção do apostolado. Nos arraiais de Lúcifer esbravejam os sanhudos partidários de Voltaire, e reluctam desesperadamente, ao verem-se atraíoados pelos próprios instrumentos com que pelejaram a deícida batalha, cujo triunfo de tão má-fé se atribuíram. Esses instrumentos eram a ciência. Em nome da ciência foi apeada a cruz do seu eterno pedestal. Em nome da ciência é a cruz alteada sobre o Gólgota dos sofrimentos da humanidade que, em conflitos de maiores agonias não tinha – que lho não deixaram – o bálsamo consolador da religião de Jesus...”.

O cardeal D. Américo, bispo do Porto, aprovou-o para a sua diocese em 1877. Este *Catecismo* deve ser o que aparece com outro título:

- *Catecismo Pequeno da Perseverança Ordenado por Perguntas e Respostas*, Porto, A. R. da Cruz Coutinho, 1877<sup>2</sup>. Ver o autor no cap. 7.1.

**José António de Magalhães**, Pe., CM (1786-1860?). Nasceu na diocese de Braga. Ingressou na Congregação da Missão em 1803 (Inocêncio IV, p. 242). Escreveu:

- *Cathecismo da doutrina christãa contra os erros do tempo presente*, Lisboa, Typografia Mathias José Marques, 1841; VI, 327, 12 p.; 20 cm (BNP, VAR. 4609; BJPII, MC-614; BME, JHT418; Belinquete I, p. 884).

**José Antunes Lima** (17??-18??). Foi autor de:

- *Modo de se aprender a ler perfeitamente em pouco tempo. Com um Compêndio da Doutrina christã, para Instrução dos Meninos, e todos os modos de ajudar á missa, e Ladainha de Nossa Senhora em latim e portuguez*, Lisboa, Oficina de Joaquim Thomaz de Aquino, 1803; 56 p.; 15 cm (BNP, L. 644//5 P).
- Ib., Oficina de Joaquim Rodrigues d’Andrade, 1814; 66 p.; 15 cm (BNP, L. 644//8 P).
- Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1832; 16, 48 p.; 16 cm (BNP, L. 6913//1 P).

**José Caetano de Mesquita e Quadros**, Pe. (1726-1799). Era natural da Figueira da Foz. Coursou Direito Canónico na Universidade de Coimbra. Foi professor de Retórica e Lógica do Colégio Real dos Nobres (Inocêncio IV, p. 283-285; Barbosa IV, p. 203). Traduziu:

- *Exposição da doutrina da Igreja Católica sobre as matérias de Controvérsia...*, Coimbra, Luís Seco Ferreira, 1756; autor: Diogo Benigno Bossuet; 46, 211 p.; 20 cm (BNP, R. 23385 P.; BPNM, 2-12-3-2; BSEA; A Tradução em Portugal, 917).
  - Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1768; 49, 211 p.; 16 cm (BNP, R. 29617 P.; A Tradução em Portugal, 1132).
  - Ib., mesmo impressor, 1778 (BSEA).
- *Os Três Livros das Obrigações Christãs, e Civis do grande Padre da Igreja S.to Ambrozio Bispo de Milão*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1768; autor: Sto. Ambrósio (BNP, R. 20 P.; A Tradução em Portugal, 1131).
  - *Reedição em tudo conforme à de 1768*, Lisboa, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1981; com introd. de Joaquim Mendes de Castro; 188 p.; 24 cm (BNP, R. 15058 V.).
- *Cathecismo histórico, que contém a história sagrada, e a doutrina cristã...*, Coimbra, Francisco de Oliveira, 1753; Tomo I; autor: Claude Fleury; em 8.º (Belinquete I, p. 877).<sup>28</sup>
- *Pequeno Catecismo Histórico. Que contem em breve a Istoria Sagrada, e Doutrina cristã...*, Coimbra, Oficina Francisco de Oliveira, 1753; autor: Claude Fleury; 7, 198 p. (BNP; A Tradução em Portugal, 887; Belinquete I, p. 892).
- Com título um pouco diferente: *Pequeno Catecismo histórico, abreviado do de Mr. Fleury ou Compêndio histórico da doutrina cristã, que fez para uso dos seus fregueses*, Lisboa, [s.n.], 1787; [s.p.] (Belinquete I, p. 879; A Tradução em Portugal, 1689). Ver o autor nos cap. 4.1; 9; 10.6 e 14.

**José da Assunção** - 2, Dom Frei, OFM (1781-1841). Era natural de Nariz (Aveiro). O seu nome de batismo era José Vieira Valério. Foi bispo de Lamego (Inocêncio XII, p. 243). Compôs:

- *Catecismo cathólico pelo defensor da religião, ou compêndio abreviado dos principais dogmas*, Lisboa, Typografia P. J. A. S. Amaral, 1838; 222 p.; 21 cm (BNP, R. 12817 V.; Belinquete I, p. 883). Ver o autor nos cap. 8; 10,6 e 14.

**José de Seixas e Vasconcelos** (?-?). Foi Cavaleiro da Ordem de Cristo e escritor místico. Inocêncio indica o nome do autor, mas não a obra (XIII, p. 199; Barbosa IV, p. 226-227). Deixou-nos:

- *Breve compêndio do que para se salvar deve todo o christão crer...*, Lisboa, Régia

<sup>28</sup> Barbosa diz achar-se no prelo o t. II em 1759, mas Inocêncio não teve conhecimento da sua publicação.

Oficina Sylvana e da Academia Real, 1751 (BPNM, 2-12-1-26; Belinquete I, p. 877). Ver o autor no cap. 10.7.

**José de Sousa Amado**, Pe. (1812-1878). Natural de Assafarge, no distrito de Coimbra (Inocêncio V, p. 139 e 457; XIII, p. 221). Escreveu:

- *Compêndio da doutrina cristã, precedido dos princípios gerais de moral. Quarta edição augmentada com o modo de ouvir missa ao alcance dos meninos*, Lisboa, Tipografia de Silva, 1856; 136 p.; em 16.º (Belinquete I, p. 884).<sup>29</sup>  
— 6.ª edição, 1861 (Belinquete, Ensino da Doutrina Cristã, p. 373).
- *Doutrina Cristã, que se deve saber para receber com proveito o sacramento da Confirmação*, Lisboa, Tipografia de G. M. de Martins, 1857; 29 p.; 16.º ou 32.º (Belinquete I, p. 884). Ver o autor nos cap. 7.4.2; 10.6; 10.7 e 13.1.

**José de Urculu**, Pe., OMC (?-1852). Este autor era espanhol, mas perseguido politicamente no seu país refugiou-se em Portugal onde viveu e morreu (Inocêncio V, p. 149; XIII, p. 233). Traduziu:

- *O Cathecismo da Doctrina Christan Explicado ou Explicação do Catecismo de Astete...*, Porto, Imprensa Comercial, 1848; autor: Santiago José Garcia Mazo, magistral da catedral de Valladolid.  
— 2.ª edição, ib., mesmo impressor, 1851; 21 cm (BNP, R. 23027 P.; Belinquete I, p. 896); ib., 1862 (BJPII).
- Ib., Ed. A. R. da Cruz Coutinho, 1877 (BNP, R. 26173 P.); aprovado pelo bispo do Porto, D. Jerónimo José da Costa Rebelo, e também pelo cardeal D. Américo, na sua edição portuguesa do Porto, 1891.<sup>30</sup>
- 5.ª edição, Porto, Imprensa Comercial, 1891; 415 p.; 22x14 cm (BNP, R. 24046 P.; BSME; BSG).

Saiu com adaptações por um pároco do bispado de Aveiro com o título:

- *Cartilha da doutrina cristã, extraída das melhores obras que tratam desta matéria, principalmente do Catecismo explicado por D. Santiago José Garcia Mazo*,

<sup>29</sup> “O *Compêndio da Doutrina Cristã* contava em Maio de 1885, dezesseis [sic] edições” (Inocêncio XIII, p. 221).

<sup>30</sup> Segundo Belinquete, este Catecismo “teve várias edições com adaptações em 1849, aprovado também pelo bispo de Lamego, D. José de Moura Coutinho; 1851, 1862, 1877, 1890, 1891 (5.ª ed.), aprovado também pelo cardeal Patriarca de Lisboa, D. José (III) Sebastião Neto; pelo cardeal D. Américo, bispo do Porto; pelo arcebispo de Évora, D. Augusto Eduardo Nunes, e também pelo Conselho da Instrução Pública; 1905 (6.ª ed.).” (Belinquete I, p. 897). Na BJPII, existe uma edição de 1862. O nome de *Astete* vem do Jesuíta seiscentista Gaspar Astete. O catecismo, publicado em 1838, acrescentava uma explicação às perguntas e respostas do breve catecismo do Pe. Astete.

*e traduzido pelo sr. D. José de Urcullu em 1849, Águeda, 1848 (Belinquete I, p. 897).*

**José Gouveia de Almeida, Pe. (?-?).** Compôs:

- *Doutrina cristã, acrescentada com alguns documentos*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1715 (Belinquete I, p. 876).

**José Inácio Roquete, Frei, OFM (1801-1870).** Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete (Inocêncio IV, p. 373-377; XIII, p. 15). Fez uma nova tradução do Catecismo de Montpellier, para uso das escolas:

- *Cathecismo da diocese de Montpellier, traduzido do francez, para por elle se ensinar a Doutrina christã á mocidade portugueza e brasileira. Nova edição seguida de três tratados resumidos de Geographia, Orthographia e Arithmetica*, Paris, 1855; 12.º (Fortunato de Almeida III, 343).
- *Tesouro da Mocidade Portuguesa ou a Moral em Acção...*, Paris, Edição J. P. Aillaud, 1846; 3.ª edição; 322 p. (Esc. Sup. Educ. Lisboa, R-Rel-Roq).  
— Paris, V.ª J.-P. Aillaud Monlon, 1857; 300 p.; 18 cm (BNP, L. 103480 P.).  
— 6.ª edição, ib, mesmo impressor, 1860; 300 p.; il.; 18 cm (BNP, L. 32119 P.).  
— 7.ª edição, ib., J. P. Aillaud: Typografia A. Parent, 1865; 300 p.; 18 cm (BNP, S.A. 12304 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1875 (BNP, R. 24075 P.).
- *Livro de ouro dos Meninos*, Paris, V.ª J.-P. Aillaud, 1867; 7, 288 p.; 16 cm (BNP, S.A. 13533 P.).
- *Livro de ouro dos Meninos para servir de introdução ao tesouro da adolescência e da juventude*, Paris, V.ª J.-P. Aillaud, Guillard, 1864; 20 cm (BNP, L. 592 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1867; 988, 4 p.; 16 cm (BJPIL, 244 ROQ).
- *Thesouro de Meninas: Ou Lições d'uma Mãe a sua Filha, á cerca dos Bons Costumes e da Religião*, Paris, V.ª J.-P. Aillaud, Monlon e Ca..., 1855; 440 p.; 18 cm (BNP, S.A. 2288 P.). Ver o autor no cap. 3.2.

**José Joaquim Poças, Pe. (178?-18??).** Era natural de Cuba (Alentejo). Foi lente de Teologia na Universidade de Coimbra e cônego na Sé de Évora (Inocêncio XIII, p. 37). Escreveu:

- *Elementos de Doutrina Cristã... Para utilidade dos Meninos das Freguesias de Muimenta (sic) da Beira e de S. Martinho de Mouros, nas quais foi pároco*, Lisboa, Imprensa Régia, 1827 (Belinquete I, p. 883).

**José Luís de Sousa Monteiro** (17?-18?). Foi professor régio de primeiras letras na cidade do Porto, sua pátria (Inocêncio IV, p. 427). Escreveu:

- *Primeiros elementos cristãos com as sílabas, e palavras*, Porto, Oficina de António Álvares Ribeiro, 1797; 35 p.; 17 cm (BNP, L. 617//3 P.).

**José Maria d'Almeida e Araújo Correia de Lacerda** / José de Lacerda, Dom Frei, OSA (1802-1877). Era natural de Vila Real, Trás-os-Montes. Foi deão da Sé patriarcal, sócio efetivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, vogal da Junta Consultiva de Instrução Pública, etc. (Inocêncio V, p. 15; XIII, p. 79). Escreveu:

- *Compêndio da Escriptura Sagrada do Antigo e Novo Testamento e da Doutrina Cathólica... para servir de leitura e ensino-religioso aos alunos das escolas primárias...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1871; 111 p.; 20,5x13 cm (BSME).
- *Compêndio da Escriptura Sagrada do Antigo e Novo Testamento e da Doutrina Catholica, em harmonia com o programa official para o exame dos professores de instrução primária*, Lisboa, Typografia Franco-portuguesa, 1871; 111 p.; em 8.º (Inocêncio XIII, p. 79). Ver o autor nos cap. 7.1 e 14.

**José Maria da Fonseca e Évora**, Dom Frei, OFM (1690-?). Era natural de Évora. Estudou nas Universidades de Évora e Coimbra, respetivamente, Artes e Direito Pontifício. O seu verdadeiro nome era José Ribeiro da Fonseca Figueiredo. Foi professor de Teologia, Filosofia, etc., e sagrado bispo do Porto em 1741. Autor de muitas obras manuscritas e impressas (Barbosa II, p. 868-872). Deixamos aqui:

- *Christão instruído nos Mystérios da Fé e da obrigação própria*; ms (Belinquete I, p. 877). Ver o autor nos cap. 7.1; 10.10 e 11.1.

**José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Mártens**, Dom (1815-1884). Era natural de Lisboa. Foi eleito bispo de Portalegre em 1883, cidade onde veio a falecer. Anteriormente, também tinha sido bispo de Bragança e Miranda (Inocêncio V, p. 48; XIII, p. 108). Escreveu:

- *Exposição doutrinal ácerca do sacramento da confirmação*. Datada de setembro de 1884 (Inocêncio XIII, p. 110).

**José Valério da Cruz**, Dom, CO (1749-1826). Era natural da Covilhã. Foi bispo de Portalegre. Dirigiu e preparou esmeradamente a 2.ª edição do Catecismo Romano (1783), traduzido em 1590 por Cristóvão de Matos (Fortunato de Almeida III, p. 394; Inocêncio II, p. 71; V, p. 150). Apresentamo-lo:

- *Catecismo Romano, ordenado por decreto do Santo Concílio de Trento, publicado*



*por mandado do S. P. Pio Quinto...*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Terreira, 1783; 2 vol. (BNP, R. 23839 P.; Belinquete I, p. 886; BPNM, 2-12-5/6).

- *Catecismo para uso dos párocos feito por autoridade e decreto do Concílio tridentino publicado por mandado do SS. P. Pio V, traduzido em português. Nova edição revista, mais bem ordenada, aumentada com os sumários dos capítulos e um índice geral das matérias; e expurgada de um grande número de frases, que pela sua antiguidade e desuso faziam já pouco agradável a lição de um livro tão excelente*, Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1817; 10 fol., 613 p.; 22 cm (BNP, R. 10299 V.; BSME; A Tradução em Portugal, 3361; Belinquete I, p. 886).<sup>31</sup>

**Lucas Tavares, Pe.** (1757-1824). Nasceu em Lisboa. Entrou na Congregação do Oratório em 1777 e saiu em 1795, passando a presbítero secular. Foi censor da Mesa de Desembargo do Paço e era amigo do Pe. António Pereira de Figueiredo. Jansenista assumido, pertencia ao grupo dos que apoiavam Pombal (Inocêncio V, p. 204; XIII, p. 321). Traduziu:

- *Cathecismo ou Illustração sobre a Matéria da Graça*, Lisboa, Imprensa Régia, 1816 (BNP, R. 1164 P.; Belinquete I, p. 882).

Foi oferecido ao Conde Oeiras, Sebastião José de Carvalho Melo e Noronha. É a tradução de um pequeno livro intitulado *Cathéchisme de la Grace*, aparecido em 1650, e atribuído a vários autores franceses, mas sobretudo a Mr. Feydeau, que o fez, como teólogo da Sorbonne, por encargo do seu bispo. O tradutor português acrescentou cinco “Adições” que são traduções do chamado “Catecismo de Nápoles”.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Sobre a 1.<sup>a</sup> edição deste Catecismo por Cristóvão de Matos, ver vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 711-712. Segundo Belinquete, esta era a sua terceira edição.

<sup>32</sup> Sobre o autor e obras, ver SANTOS, Cândido dos, *Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime*, CITCEM-edição Afrontamento, FLUP, Porto, 2011, p. 99-103; Idem, *O Jansenismo em Portugal*, FLUP, Porto, 2007, p. 16-81.233-251 (*Apologia do Catecismo sobre a Graça de Mr. Feydeau por Lucas Tavares (Ano 1818)*). Aí ataca umas damas que o criticavam e afirma que, para lerem novelas obscenas, não necessitam de licença de ninguém; mas, para lerem a Sagrada Escritura, em português, necessitam de uma licença Apostólica, em latim. Em resumo, faz uma defesa cerrada deste *Catecismo*, dizendo que foi aprovado por vários bispos, pela Universidade de Lovaina, que o mandou traduzir em flamengo, etc. Aí defende, por exemplo, que uma criança que morra sem batismo vai para o inferno; só o batismo resgata da perdição! Defendia igualmente a predestinação gratuita por Deus, a graça eficaz por si mesma, etc. Nega ainda o estado da natureza pura; que Deus queira salvar todos os homens; que Cristo não morreu por todos, etc. Ver ainda, na mesma obra de Cândido dos Santos, p. 253-292, a censura que Lucas Tavares fez ao *Catecismo* do Bispo do Funchal, que protestou contra tal censura, na Real Mesa Censória, e a polémica que a mesma originou. Tudo isto sempre devido ao jansenismo deste censor, amigo de Pombal. Lucas Tavares deu também um parecer sobre a usura, seguindo Santo Agostinho que defendia ser o empréstimo de dinheiro, não como ganho, mas por caridade. Por

— 2.<sup>a</sup> edição, *Nova Exposição das Verdades Consignadas na Escripura e Tradicção Expendidas no Livro Intitulado O Grito da Verdade*, Lisboa, Typografia Carvalhense, 1834; 22, 212, 7 p.; 15 cm (BNP, S.C. 6868 P.).<sup>33</sup> Ver o autor no cap. 8.

**Luís Álvares de Azevedo** (1755-1820?). Inocêncio diz: “Sahiram estes escriptos publicados sob o nome de Luis Alvares d’Azevedo”, mas duvida da autoria do tradutor (V, p. 137). Traduziu do francês:

- *Catecismo das festas e outras solenidades*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1702 (BPNM, 2-12-1-2); ib., José Soares de Avelar, 1751; em 12.º (A Tradução em Portugal, 857).

**Luís Maria da Silva Ramos**, Pe. (1841-1921). Era natural de Braga, doutorou-se na Universidade de Coimbra, foi professor no Seminário de Braga e de Coimbra e lente de Teologia na Universidade de Coimbra, até à extinção da cadeira (Fortunato de Almeida III, p. 399; Inocêncio XVI, p. 46). Traduziu:

- *Conferências de Nossa Senhora de Paris. Exposição do dogma Católico*, Coimbra, J. J. Reis Leitão, 1887s; autor: Jacques Marie Louis Monsabré; 14 vol. (BSEA).
- *Exposição do dogma Católico. Amen. Síntese e conclusão*, ib., mesmo impressor, 1896; 287 p.; 19x13 cm (BSEA).
- *Exposição do dogma Católico. Quaresma 1873*, ib., mesmo impressor, 1887; 384 p.; 18x13 cm (BCapB).
- *Exposição do dogma Católico. Quaresma 1882*, ib., mesmo impressor, 1891; 398 p.; 18x13 cm (BCapB). Ver o autor nos cap. 7.1; 7.4.2; 8; 9; 14 e 22.3.

**M. J. Valente**, Pe. (ca. 18??). Traduziu:

- *Breves e familiares instruções sobre o Symbolo para servir de continuação ás breves e familiares instruções do senhor Joseph Lambert; traduzidas do francez e annotadas pelo padre M. J. Valente*, Porto, José Frutuoso da Fonseca, 1881; IX, 614 p.; 22 cm (BNP, R. 12823 V.: t. 2). Ver o autor no cap. 10.2.

**Manuel Agostinho Barreto**, Dom (1835-1911). Foi bispo do Funchal. Ordenou e aprovou:

- *Catecismo da Doutrina cristã, composto especialmente para a Diocese da Ma-*

---

isso, o autor português trata a usura, ou seja, o empréstimo com lucros, como um “monstro da usura” (ver ib., p. 293-295).

<sup>33</sup> Para explicar o sentido jansenista destas obras, veja-se SANTOS, Cândido dos, *Jansenismo e Antijansenismo*, o. c., p. 104-108.

*deira. Aprovado por D. Manuel Agostinho Barreto*, Funchal, [s.n.], 1880 (Belinquete I, p. 885).<sup>34</sup>

— 6.<sup>a</sup> edição, Funchal, 1890. Ver o autor no cap. 10.6.

**Manuel António Pires**, Pe. (1824-1895). Nasceu em São Pedro dos Sarracenos (Bragança) e faleceu na mesma localidade. Foi professor de ciências eclesásticas no Seminário de Bragança e cônego da Sé da mesma cidade.<sup>35</sup> Compôs:

- *Catecismo explicado - Breviário do christão. Compilado da explicação histórica, dogmática, moral, litúrgica e canónica do Mr. Abade Ambrosio Guillois*, Porto, Typografia António José da Silva Teixeira, 1883; autor: Abade Ambrósio Guillois; 4 vol. num só (Belinquete I, p. 898).
- *Catecismo abreviado da Doutrina Cristã*, 1887 (Belinquete I, p. 885).

**Manuel Correia Valente**, Pe., CM (17??-1804). Era natural do Reguengo (Leiria), onde foi batizado em 1735. Morreu durante uma viagem de Lisboa para Macau (Inocêncio V, p. 403). Escreveu:

- *Instrução de doutrina christã, que mandou fazer o sereníssimo senhor infante D. Pedro para o uso do grão priorado do Crato... Com hum appendix de alguns exercícius importantes, e hum Compêndio da mesma instrução para os meninos*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1767; 235 p.; 15 cm (BNP, R. 37287 P.; Belinquete I, p. 878).

— Ib., Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1783. Com licença da Real Mesa Censória (Belinquete I, p. 879). Ver o autor no cap. 17.

**Manuel da Madre de Deus** - 2, Frei, OCD (1806-?). Era natural do Luso (Cúria). Presbítero egresso da sua Ordem (Inocêncio VI, p. 44). Escreveu:

- *Práticas mandamentais ou reflexões morais sobre os mandamentos da Lei de Deus e sobre os assuntos que lhes são opostos*, Braga, Tipografia Lusitana, 1861; 420, 32 p.; 17x11 cm (BJPII, 248.152 MAD; BOCD).

— Ib., 1864; 413, 36 p.

— Ib., Casa de Cruz Coutinho, 1871; 815 p. Ver o autor nos cap. 10.5 e 11.1.

<sup>34</sup> Na aprovação diz: “Não só autorizamos este Catecismo, mas desejamos que não se ensine por nenhum outro, tanto nas freguezias, como nos collegios, instituições pias, comunidades religiosas e em todos os estabelecimentos de instrução da nossa diocese.” Em 1881, o bispo de Angra aprovou-o para a sua diocese, em 1882, o bispo de Angola e Congo também o aprovou para a sua diocese; por último, 1883, foi aprovado também para o bispado de Cabo Verde e para a diocese de São Tomé e Príncipe (Belinquete I, p. 885).

<sup>35</sup> Sobre o autor, ver CASTRO, José de, *Bragança e Miranda – Diocese*, vol. IV, p. 127.

**Manuel de Maria Santíssima**, Frei, OFM (1732-1802). Era natural de Braga. Foi missionário apostólico do Seminário do Varatojo (Inocêncio VI, p. 55; XVI, p. 266, 413-414). Deixou-nos:

- *Compêndio doutrinal histórico da Escola de Varatojo*, Lisboa, [s.n.], 1821 (Belinquete I, p. 883).
  - 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Impressão Régia, 1830 (BPNM, 2-12-2-12; Belinquete I, p. 883).
- *Devoto instruído na vida, e na morte...*, Lisboa, Oficina Simão Thadeo Ferreira, 1784; Segunda edição, correcta e acrescentada; 16, 486 p.; 16 cm (BNP, R. 34874 P.).
  - 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Oficina de António Gomes, 1787; 16, 471 p.; 15 cm (BNP, R. 29460 P.); ib., Régia Oficina Typográfica, 1792; 471 p.; 15 cm (BNP, R. 34602 P.).
  - 5.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1800; 10, 471 p.; 14 cm (BNP, R. 3977 P.); ib., Typografia Rolandiana, 1823; 335 p.; 15 cm (BNP, R. 28951 P.); ib., J. F. M. de Campos, 1826 (BPNM, 2-12-2-19); ib., Impressão Régia, 1830 (BPNM, 2-12-2-12).
  - *Nova edição*, Lisboa, Tipografia de José Baptista Morando, 1855; 15 cm (BNP, R. 27421 P.). Ver o autor nos cap. 10.8 e 14.

**Manuel Dias de Sousa**, Pe. (1755-ca. 1822). Nasceu na freguesia de Sobradelo, Póvoa do Lanhoso. Era sacerdote diocesano (Inocêncio V, p. 409; XVI, p. 172). Escreveu:

- *Nova Escola de Meninos... Dedicada a Maria Santíssima com o Soberano, e Devotíssimo título Conceição*, Coimbra, Real Oficina da Universidade, 1784; 210 p.; 20 cm (BNP, L. 5 V.).<sup>36</sup> Ver o autor em 3.2; 4.1 e 10.7.

**Manuel do Cenáculo Vilas Boas**, Frei, OFM (1724-1814). Foi bispo de Beja e arcebispo de Évora e um dos maiores expoentes da cultura e da religião no Portugal do séc. XVIII (Inocêncio V, p. 389; XVI, p. 251). Escreveu:

- *Vida Cristã*, Lisboa, 1792 (BNP); reimpressa novamente em 1817 para uso das escolas militares; [S.l.: s.n. 182-]; 53 p.; 15 cm; encadernado com:
- *Huma palavra às almas descuidadas ou extracto da direcção para ter os nove dias de exercícios, de Manuel Fernandes*, Lisboa, Typografia de Simão Thadeo Ferreira, 1824 (BNP, R. 42494 P.). Ver o autor no cap. 9.

<sup>36</sup> Dentro da Primeira Parte desta obra está a “Instrução Cristã e Política” com “Elementos da Doutrina Cristã”.

**Manuel Ferreira Marnoco e Sousa**, Pe (?-?). Em 1872 era estudante de Teologia no Seminário de Braga, diocese onde veio a ser ordenado sacerdote.<sup>37</sup> Escreveu:

- *Explicação completa de toda a doutrina cristã*, Porto, Mesquita Pimentel [18?]; 17 cm (BNP, R. 25286 P.). Ver o autor nos cap. 7.1; 10.2 e 14.

**Manuel Guilherme**, Frei, OP (1685-1730). Era natural de Lisboa. Estudou Filosofia em Évora e Teologia no Colégio de Coimbra (Barbosa III, p. 284-286; Inocêncio V, p. 446; XVI, p. 225). Escreveu:

- *Cartilha nova, tratado utilíssimo, e instrução de huma alma na Doutrina cristã, ordenada á maneira de Diálogo para ensinar aos meninos*, Lisboa, Oficina Joaquiniana da Música, 1735; saiu com o nome de Manuel Velho Algarbiense (Belinquete I, p. 877).

— Ib., Oficina de F. M. de Campos, 1817 (BNP, R. 26625 P.).

— Ib., Typografia Rolandiana, 1819 (BNP, R. 27395 P.). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.3; 10.4; 13.1 e 14.

**Manuel Inácio da Cunha** / Inácio de Santa Teresa, Dom Frei, CRSA (1682-1751). Era natural do Porto. Doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Foi bispo de Goa e depois de Faro. Publicou a seguinte pastoral:

- *Carta Pastoral com ensinamentos catequéticos e recomendações de comportamento para todos em especial aos sacerdotes para os esclarecer e aconselhar*, [S.l.]: [s.n.], [1743]; 11 p.; 29 cm (BNP, R. 2677//12 A.). Ver o autor nos cap. 7.1; 7.2 e 22.2.

**Manuel Joaquim de Mesquita Pimentel** (?-?). Estudou no Seminário do Porto. Foi cônego da Sé de Lamego.<sup>38</sup> Traduziu:

- *Curso Abreviado de Religião ou Verdade e Beleza da Religião cristã*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardon, 1876; autor: François-Xavier Schoupe, SJ (1823-1904); tradução em vulgar da 2.<sup>a</sup> edição; 3 vol.; 21x13 cm (BSEA; BSG).

— 2.<sup>a</sup> ed. rev. e aumentada conforme a 32.<sup>a</sup> ed. francesa, ib., mesmo impressor, 1894; X, 398 p.; 21 cm (BNP, R. 26887 P.). Ver o autor no cap. 7.1.

**Manuel Marinho**, Mons. (séc. XIX). Traduziu:

- *Cathecismo para os Párochos conforme o Decreto do Sacrossanto Concílio Tridentino, mandado publicar pelo S. S. P. S. Pio V e depois pelo Papa Clemente XIII...*,

<sup>37</sup> JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em Lusitania Sacra 12, 2.<sup>a</sup> Série, 2000, p. 406.

<sup>38</sup> Id., ib., p. 406.

Porto, José Frutuoso da Fonseca & Filho, 1906; 2 vol.<sup>39</sup> Ver o autor nos cap. 4.1; 9; 10.4; 10.7 e 22.3.

**Mateus de Assunção Brandão**, Frei, OSB (1778?-1837). Foi doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra e pertenceu à Academia Real das Ciências (Inocêncio VI, p. 162; XVII, p. 9). Traduziu do francês:

- *Quadro da doutrina dos padres e doutores da Igreja, aonde se assentaram as passagens mais interessantes, as mais instructivas e os seus pensamentos os mais tocantes. Obra utilíssima a toda a qualidade de pessoas*, etc.

Tomo I, Porto, Oficina de António Alves Ribeiro, 1796; XIII, 427 p.

Tomo II, 1797; 480 p.

Tomo III, 1797; 324 p. Ver o autor no cap. 7.1.

**Miguel Ferreira de Almeida**, Pe. (1840-1916). Nasceu em Viseu de família modesta. Coursou Teologia no Seminário da sua cidade. Dedicou-se bastante à evangelização do norte do país, tendo sido denominado como “Missionário Apostólico” pela Santa Sé. Traduziu:

- *Catecismo da Doutrina christã*, Viseu, Typografia da Revista Cathólica, 1903; autor: António Maria Claret (BNP, R. 11603//3 P).
- *Cathecismo para os Párochos conforme o Decreto do Sacrossanto Concílio Tridentino, mandado publicar pelo S. S. P. S. Pio V e depois pelo Papa Clemente XIII...*, Viseu, Typografia da Revista Catholica, 1900; 2 t. (BPH; Belinquete I, p. 887).
- *Grande Cathecismo Cathólico: sua explicação clara e fundamental com exemplos escolhidos e adaptados a cada matéria...*, Viseu, Imprensa da Revista Católica, 1897-1898; 4 vol.; autor: P. José Deharbe; foi aprovado por D. José Dias Correia de Carvalho; 22x13,5 cm (Belinquete I, p. 899; C. M. Tondela - Biblioteca Tomás Ribeiro, 2 DEH; BCapB: vol. II-IV; BSME: vol. III).  
— 2.<sup>a</sup> edição portuguesa, ib., mesmo impressor, 1907-1908 (BPH).
- Foi editor lit. de: *O Catecismo Maior de Sua Santidade o Papa Pio X explicado ao povo segundo a norma do Catecismo de Trento pelo presbytero Gilberto Dianda*, Viseu, Typografia Visiense, 1912-1915; 3 vol.: 734, 512 e 640 p.; 22x14 cm (BPH). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.4; 10.6; 10.8 e 14.

**Pedro de Santa Clara**, Frei, OFM (séc. XVIII). Era natural de Lisboa; ingressou na sua Ordem no convento de Santa Maria de Xabregas, onde fez estudos

<sup>39</sup> Este Catecismo é mencionado por CEPEDA, Isabel V., e CAIXEIRO, Maria Helena, *As edições do Catecismo Romano nas coleções da Biblioteca Nacional*, em Revista da Biblioteca Nacional, Lisboa, S. 2, 9 (1) Jan.-Jun., 1994, p. 147.

eclesiásticos (Barbosa III, p. 567-568; Inocêncio VI, p. 399; XVII, p. 229). Escreveu:

- *Cathecismo christão, ou o christão bem instruído nas matérias pertencentes ao conhecimento de Deus, e notícia de todos os Mistérios da nossa Santa Fé Cathólica, e da Doutrina Cristã que crê, confessa e ensina a Santa Madre Igreja Cathólica Romana...*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1744 (Belinquete I, p. 877; BPNM, 2-12-3-8; CBAP, n.º 1937). Ver o autor nos cap. 9; 10.2 e 10.3.

**Pedro de Vilas Boas e Sampaio**, Dom (1691-1743). Nasceu no Porto. Doutorou-se em jurisprudência na Universidade de Coimbra. Foi bispo de Elvas (Barbosa III, p. 626). Escreveu:

- *Compêndio de Doutrina Cristã*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1743.  
— 2.<sup>a</sup> edição, Coimbra, 1753 (Belinquete I, p. 877).

**Roberto Maciel**, Pe. (ca. 18??). Foi autor de:

- *Catecismo Católico*, [s.l., s.n.], 1899 (Belinquete I, p. 885). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.7 e 22.3.

**Sebastião Gonçalves de Moraes**, Pe. (?-1869/70). Foi prior de Santa Luzia no lugar das Feteiras, ilha de S. Miguel (Inocêncio XIX, p. 15). Escreveu:

- *Princípios fundamentais da religião do cathecismo da idade madura: Obra utilíssima, para todos os cathólicos que procuram instruirse nas verdades do christianismo, publicada e addicionada com apontamentos biographicos do mesmo prior por M. J. Cabral...*, Ponta Delgada, Typografia da Chronica dos Açores, 1870; XII, 123 p.; 19 cm (BNP, R. 32229 P.; Belinquete I, p. 884).

**Silvina Ferreira de Azevedo** (?-?). Foi autora de:

- *Catecismo abreviado da Doutrina Cristã...*, Lisboa, Tipografia Universal, 1878 (BNP, R. 26401 P.).

**Simão António de Santa Catarina**, Frei, OSJ (ca. 1676-1733). Nasceu em Lisboa. Foi lente de Teologia moral no convento de Belém. Chamava-se Simão Lopes (Inocêncio VII, p. 273; XIX, p. 214). Traduziu:

- *Luz de Verdades Católicas e explicação da doutrina cristã que segundo o costume da Casa Professa da Companhia de Jesus de México... tem explicado na sua igreja...*, Lisboa, Oficina da Música, 1722-28; autor: João Martin de La Parra; 22 cm (BNP, TR. 3753 P.; BPNM, 2-12-3-10/14; 5 vol.; A Tradução em Portugal, 524).  
— 2.<sup>a</sup> impressão, ib., Oficina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Ofício, 1744; 10, 128, 517 p.; 30,5x20,5 cm (BSEA).



— 3.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1761; 12, 128, 518 p.; 30 cm (BNP, R. 1886 A.; A Tradução em Portugal, 1008). Ver o autor no cap. 12.2.

**Teodoro de Almeida, Pe., CO (1722-1804).** Foi expulso da corte por ordem do Marquês de Pombal, em 1760. Entre 1768 e 1778 esteve exilado em França, no ensino particular. Regressou em 1778, sendo um dos sócios fundadores da Academia das Ciências de Lisboa. Compôs:

- *Catecismo da Doutrina cristã, composto por mandado do EM<sup>o</sup> e Rev.<sup>o</sup> Senhor Cardeal Mendonça, Patriarca de Lisboa e adotado pelo Exmo. Arcebispo de Braga*, Lisboa, Oficina António Rodrigues Galhardo, 1791; 541 p.; 17 cm (BNP, R. 2015 P.; BPE, S.L. E.15-C.3).

Esta edição tem no fim um resumo de 48 páginas, o qual também se imprimiu em separata, durante bastante tempo.

— 2.<sup>a</sup> impressão, ib., Francisco Luís Ameno, 1792; adotado pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão; 415 p.; 15 cm (BNP, R. 29825 P.; Belinquete I, p. 879).

— 3.<sup>a</sup> impressão, ib., 1882; mandado adotar para o patriarcado, pelo cardeal de Lisboa, D. Manuel Bento Rodrigues.<sup>40</sup>

— 6.<sup>a</sup> edição, ib., Livraria de J. P. M. Lavado, 1864 (Belinquete, História do Ensino, p. 374).

O catecismo sempre utilizado depois do concílio de Trento era mais um tratado doutrinal para os párocos – como, aliás, é indicado no seu título – do que para ser utilizado pelos simples fiéis, para os quais foi feito. Por isso, o Patriarca de Lisboa, na introdução ao catecismo que mandou fazer, afirma:

“... porquanto o Catecismo Romano que devia sobre todos ter a preferênci-a, por ser publicado por ordem do Concílio Tridentino, achámos que mais era uma coleção de *Dissertações Theológicas*, própria para instruir solidamente os párocos, do que instrução familiar para o povo, que é o que nós desejamos” (p. IX).

<sup>40</sup> Nesta edição, p. X, n. 2, diz-se o seguinte: “O Catecismo mandado compor pelo Card. Mendonça ‘é em grande parte traduzido do que se publicara para a sua diocese o grande bispo francês João Pedro Biord, como se lê na página VI do supracitado Catecismo; foi ele composto pelo Padre Teodoro de Almeida, como é voz constante””; sobre este Catecismo, veja-se VAZ, Francisco A. Lourenço, *O Catecismo no discurso da Ilustração Portuguesa do século XVIII*, em *Cultura – Revista de História das Ideias*, vol. X, 2.<sup>a</sup> série, Lisboa, 1998, p. 231-238; Inocêncio VII, p. 305; na BNP, Dom Manuel Bento Rodrigues consta como autor de: *Catecismo do Patriarcado*, Paris, Aillaud, 1882; 13 cm (R. 25981 P.).

Foi um sucesso editorial até ao fim do séc. XIX.<sup>41</sup> Além da normal divisão em três partes, apresenta uma outra intitulada *Dos Exercícios do cristão* (p. 353-486). Em relação ao Catecismo de Montpelier ressalta uma outra, que tem a ver com a vida espiritual dos adultos. Na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> partes fala da “Vida do cristão, isto é, dos vícios e das virtudes” e “Da graça e meios para a conseguir, que são os sacramentos e a oração”.

O método é sempre o da pergunta e resposta, sobre os diferentes pontos da doutrina cristã. Pretende com isto fazer do cristão um bom cidadão; pois, sem a doutrina cristã não é fácil ser um bom cidadão. Assim, o ensino religioso é um serviço prestado ao Estado. Esta é uma ideia “iluminista”, tanto da Igreja como do Estado, no século XVIII português. Uma outra característica deste tipo de catecismos é a maior atenção à Bíblia como o grande *locus theologicus* da literatura catequética. Ver o autor no cap. 10.2.

**Teodoro Franco, Pe., CO** (séc. XVIII). Inocêncio refere este autor como oratoriano e natural de Peniche (Inocêncio VII, p. 308). Não teve conhecimento da seguinte obra:

- *Instrução Católica para o Advento e Natal*, Lisboa, 1759 (BPE, S.L., E.33-C.1).

**Tomás de Noronha, Dom, OP** (?-1847). Foi eleito bispo de Cochim e, como tal, sagrado a 7 de março de 1819. Escreveu:

- *Exposição da doutrina cristã*, etc. Ver o autor no cap. 8.<sup>42</sup>

**Vicente da Soledade e Castro, Dom Frei, OSB** (1763-1823). Nasceu no Porto, foi um prelado português, arcebispo da Baía e Primaz do Brasil. Eleito deputado pelo Minho em 28 de agosto de 1820, tomou parte das Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa, tornando-se o primeiro presidente desta Assembleia. Escreveu:

- *Pastoral do Arcebispo da Bahia sobre a Instrução cristã e Constitucional dos seus diocesanos*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1821; 24x16 cm; 29 p. (BNP, R. 10602//4 V.; Brasiliana I, p. 146).

<sup>41</sup> Na primeira edição não aparece o nome do verdadeiro autor. Mas Inocêncio esclarece: “Saiu sem nome; porém é incontestavelmente obra sua [Pe. Teodoro de Almeida] e, como tal, foi sempre havido” (VII, p. 305). Na 6.<sup>a</sup> edição já aparece o nome do autor: *Catecismo da Doutrina cristã, composto por ordem do Eminentíssimo Cardeal de Mendonça, pelo Padre Theodoro d’Almeida e mandado observar pelo eminentíssimo cardeal Rodrigues, Patriarcha de Lisboa, por sua pastoral de 30 de novembro de 1858*, Lisboa, Livraria J. P. M. Lavado, 1864 (122 p.).

<sup>42</sup> Segundo Inocêncio, que “não pode ver exemplar algum d’esta obra, que se diz conter a história da religião desde o principio do mundo, a explicação das suas máximas, dogmas e mystérios, das suas festividades e cerimónias, e dos evangelhos de todos os domingos do anno, com discursos sobre cada um d’elles, etc. etc.” (VII, p. 204).

**Victorino José da Costa**, Frei, ex-OSB (?-ca. 1752). Era natural de Lisboa e chegou a professar na Ordem de S. Bento, sendo ordenado sacerdote; mas dada a inconstância do seu génio abandonou a vida religiosa (Barbosa III, p. 789-791; Inocêncio VII, p. 444; XX, p. 17). Traduziu do francês:

- *Doutrina Christã* do cardeal S. Carlos Borromeo.
- *O menino instruído para com perfeição assistir ao Santo Sacrifício da Missa, e ajudar ao Sacerdote que a celebrar*. Ver o autor nos cap. 10.3 e 15.

**Victório de Santa Maria**, Frei, OESA (séc. XVIII). Era natural de Serpa, Alentejo. Professou na sua Ordem no estado leigo e residiu no hospício da Ordem em Roma; ainda aí vivia em 1789 (Inocêncio VII, p. 448; XX, p. 17; Belinquete I, p. 878-879). Escreveu:

- *Doutrina Cristã, e rosário de Nossa Senhora, composta em metro*, Roma, 1771.
  - 2.<sup>a</sup> impressão, acrescentada com algumas perguntas e respostas, o hymno *Te Deum* e o cântico *Magnificat* [Lc 2,46-55], Roma, Oficina Arcanjo Cesaletti, 1776; 84 p.; em 12.º.
  - 3.<sup>a</sup> edição, correcta e acrescentada pelo mesmo auctor; com o seguinte título: *Compêndio espiritual, que contém: a Doutrina Cristã; o rosário meditado, avisos ao pecador; as paraphrases dos Psalmos do sanctíssimo nome de Maria; as dos Psalmos penitenciais... composto em metro...*, Roma, Oficina Typográfica de Archanjo Cesaletti, 1780; XII, 260 p.; em 12.º.
- *Compêndio de Doutrina Cristã*, Roma, 1775; em prosa; publicado anónimo; 116 p.; em 12.º (Belinquete I, p. 878-79). Ver o autor no cap. 10.5.

### Igreja Católica

- *Catecismo Romano*, Lisboa, António Alvares, 1761 (Belinquete I, p. 886).<sup>43</sup>
- *Pro clericorum examine catechismus ad ordinandos juxta doctrinam Catechismi Concilii Tridentini. Opus per opportunum presbyteris, minoribusque pro se exercendis in sacris ministeriis, muneribusque suis sungendis... Editio prae caeteris omnibus locupletior*, Coimbra, Typografia Académico-Régia, 1778; 15, 462 p.; 15 cm (CMVIS, 900).
- *Catechismus ad parochos, ex decreto Sacrosancti Concilii Tridentini, jussu Pii V., Pontificis Maximi Editus... Editio novíssima...*, Augsburgo, Mateus Rieger, 1752 (BSEA).
  - Coimbra, Tipografia Académico-Régia, 1788; 4 fol., 28, 447 p.; 21 cm (BNP, R. 31435 P).

<sup>43</sup> Foi o papa Clemente XIII, que recomendou o seu uso novamente.

- *O grande Catecismo Catholico*, Viseu, 1897 (BSEA).
- *Index Librorum Prohibitorum...*, Nechliniac, 1871; 372 p.; 19x15,5 cm (BSEA).  
— Romae, Ex Typographia Polyglotta, 1877; 2, 352 p., 2 fol.; 23 cm (BNP, B. 156 V).
- *Catecismo da Doutrina Cristã*, Lisboa, Tipografia de F. Luís Ameno, 1742; 16, 415 p.; 14x9 cm (BSEA).
- *Catecismo ou Compêndio da Doutrina Cristã para uso dos meninos*, [S.l.]: n. tip. [18?]; 16 cm (BNP, R. 26892 P.).
- *Compêndio da Doutrina Cristã e breve instrução para a primeira comunhão para uso das catequeses*, Lisboa, Livraria do Clero [17?]; il.; 12 cm (BNP, R. 26499 P.).
- *Novo catecismo da doutrina christã*, Porto, Livraria Portuense de Clavel, [18?]; 301 p.; em 8.º (BSL).
- *Instrução para o Sacramento da Confirmação*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1777; Com licença da Real Mesa Censória; 20 cm (BNP, L. 3321//28 A.).
- *Catecismo da Doutrina christã composto especialmente para a Diocese da Madeira*, Funchal, [s.n.] 1890; 6.ª edição (BNP, R. 27976 P.).

#### Autores anónimos

- *Breve Catecismo acerca do Scisma, redigido por o Auctor do Opusculo Tripartido De Satatu Ecclesiae Bracharensis...*, 1836; com perguntas e respostas; 24 p.; 15x10 cm (BPP, Res. 518//4 V.).
- *Catechismos ex Decreto SS. Concilii Tridentini...*, Veneza, Typografia Sansoniana, 1796 (BPNM, 2-12-4-23).
- *Cartilha da Doutrina Cristã*, Porto, Typografia da Revista, 1870; 338 p.; il.; 11 cm. Faltam algumas páginas; com gravuras e textos devocionais (UCPBP, 27-28 C315c).<sup>44</sup>
- *Instruçoes sobre muitas verdades da religião christãa: obra utilíssima e tão necessária a todos, quanto hé preciso o conhecimento das mesmas verdades postas na forma em que neste livro se contem por hum ecclesiastico zelozo do bem das almas* [manuscrito], Lisboa, 1776; 10 fol., 595 p.; 23 cm (BNP, Cod. 9602).
- *Homem christão e Político*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1806; [s.p.] (Belinquete I, p. 881-882).<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Pertenceu à biblioteca de Leonardo Coimbra.

<sup>45</sup> Segundo Belinquete, o autor da obra era um sacerdote da Congregação da Missão. Está dividida em duas partes. Na primeira, expõe-se um *Catecismo da Doutrina Cristã*; na segunda, as principais

- *Sumário da doutrina cristã*, 1860. Por um pároco do Patriarcado (Belinquete, História do Ensino, p. 378).
- *Breve resumo da Doutrina christã em verso para os meninos aprenderem de cor*, Lisboa, Typografia de G. M. Martins, 1866 (Belinquete, História do Ensino, p. 380).
- *Práticas e Doutrinas sobre os Sacramentos, Mandamentos, e Mistérios da nossa Santa Fé, Via Sacra, doutrinas contra as superstições e feitiçarias*, 1759 (ms).
- [*Lições de Catecismo*], [s.l.: s.n], [19??-?]; sem folha de rosto; 126 p.; 23 cm (BJPII, 238.1 LC).
- [*Tratado de doutrina cristã...*], S l., s. d.; 541 p.; 14 cm (CBAP, n.º 2158: t. 3).
- *Explicações da boa doutrina e dos Mandamentos da Lei de nosso Deos... a que se junta a ladainha de N. Senhora precedidas de um abc, do modo de aprender a contar e a assentar dinheiro*, Coimbra, Na Imprensa da Universidade, 1842; 64 p.; 15 cm (BNP, R. 42498 P.). Encadernado com outros.

#### Tradutores anónimos

- *Cathecismo ou Illustração sobre a matéria da Graça...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1816; autor: Mathieu Feydeau; em 8.º (BNP, R. 1164 P.). Trata-se de um catecismo de tipologia jansenista.
- *Compêndio doutrinal muito útil e necessário para explicar e saber a doutrina christã*, Coimbra, Oficina de António Simões Ferreira, 1745; autor: Pedro Pinamonti; 451, 5 p.; 13 cm (BNP, R. 29764 P.).  
— Lisboa, Oficina de José da Costa Coimbra, 1753; 496, 4 fol.; 13 cm (BNP, R. 29544 P.).  
— *Augmentado pelo padre Pedro de Calatayud edição mais ampla, e mais correcta*, ib., Oficina de L. da Silva Godinho, 1784; 365 p.; em 8.º (BNP, R. 1217 P.; A Tradução em Portugal, 1511).
- *Deveres do homem ou catecismo moral*, Lisboa, Impressão Régia, 1819; autor: Eusebio Vanezio; em 8.º (BNP, R. 3759 P.; A Tradução em Portugal, 3588).  
— Ib., Typografia Rolandiana, 1837; compilado e traduzido de diversos autores; em 8.º (BNP, S.A. 1829 P.).
- *Credo ou refúgio do cristão nos tempos actuais*, Lisboa, Typografia de G. M.

---

regras de civilidade que se devem praticar em várias ocasiões; como se deve fazer qualquer carta; com um Appendix de alguns exercícios e atos de devoção para bem viver e receber com fruto os sacramentos da confissão e comunhão; obra muito útil para os pais de famílias instruírem seus filhos nos principais deveres da religião cristã e da civilidade.

Martins, 1867; autor: Gaume; 7, 110 p.; 15 cm (BNP, R. 30008 P.; CBAP, n.º 923).

- *Resumo dos provérbios de Salomão para moral instrução da mocidade*, Lisboa, Impressão Régia, 1829; 26, 2 p.; 16 cm (BNP, S.A. 2155//6 P.).
- Este he o *Quicunque Vult* per linguagem [no índice: Trad. do symbolo chamado Athanasiano], em *Collecção de Livros Lusitanos*, Coimbra, 1829, p. 166-168 (A Tradução em Portugal, 4138).
- Trad. do francês: *Conselhos a Minha Filha*, Lisboa, Typographia Rollandiana, 1831; autor: Jean Nicolas Bouilly (1763-1842); 2 tomos num vol.; 15 cm (BNP, S.A. 2101 P.; BPNM, 2-14-9-6/7).
- J. M. J. traduziu: *Resumo do Catecismo Histórico...*, Lisboa, Typografia Cristóvão Augusto Rodrigues, 1884; vários temas, com perguntas e respostas; aprovado pelo Conselho Geral de Instrução Pública. Para uso das escolas; autor: Claude Fleury; 94 p.; 15 cm (BNP, R. 25163//25 P.).
- *Catecismo Histórico... que continua em compêndio da História Sagrada...*, Valência, 1728; autor: Claude Fleury; em 8.º (A Tradução em Portugal, 564).
- *Doutrinas Práticas, que costuma explicar nas suas missoens o Padre Pedro de Calatayud*, Coimbra, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1747-1752; autor: Pedro de Calatayud; 4 vol.: 1.º, 447 p.; 2.º, 544 p.; 3.º, 474 p.; o 4.º vol. foi impresso em Lisboa, 1752; 20x14 cm (BNP, R. 829 P. - 832 P.; BCapB: vol. I-III; A Tradução em Portugal, 819).<sup>46</sup>
- Trad. do francês por uma senhora: *Preparação para a primeira comunhão ou Collecção d'instrucções especiaes, podendo servir de leituras preparatórias para a primeira comunhão*, Lisboa, Typografia Pereira & Faria, 1899; autor: Laden; [324?]; 16 cm (BJP II, BJP II, 268 LAD).
- *Methodo de ser feliz, ou Catecismo de moral, especialmente para uso da mocidade; comprehendendo os deveres do homem, e do cidadão, de qualquer religião, e de qualquer nação que seja. Versão do francez para o idioma vulgar por G. E. F.*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade de Coimbra, 1787; autor: Jean-Jacques-Joseph Calmel; XII, 160 p.; 15 cm (BNP, S.A. 1653 P.; CBAP, n.º 383).

## Cartas Pastorais dos Bispos sobre doutrina catequética

**António Vieira Leitão**, Dom. Foi bispo de Angra entre 1695-1714:

<sup>46</sup> Traduzido por ordem do bispo D. José, arcebispo e senhor de Braga.

- Pastoral de 1 de fevereiro de 1695.

**Manuel Coutinho**, Dom Frei, OC. Foi bispo de Lamego entre 1741-1742:

- Pastoral de 31 de março, 1742.

**Júlio Francisco de Oliveira**, Dom, CO. Foi bispo de Viseu entre 1740-1765:

- Pastoral de 21 de dezembro, 1743.

**Feliciano de Nossa Senhora**, Dom Frei. Foi bispo de Lamego entre 1743-1771:

- Pastoral de 22 de fevereiro, 1747.

**João da Cruz**, Dom Frei. Foi bispo de Bragança-Miranda entre 1750-1756:

- Pastoral de 13 de setembro, 1755.
- Pastoral de 29 de janeiro, 1756.
- Pastoral de 15 de fevereiro, 1756.
- Pastoral de 20 de julho, 1756.

**Miguel da Anunciação**, Dom Frei, CRSA. Foi bispo de Coimbra em 1741:

- Pastoral de 20 de fevereiro de 1756.

**Aleixo de Miranda Henriques**, Dom Frei, OP. Foi bispo de Bragança-Miranda entre 1758-1770:

- Pastoral de 3 julho, 1759.

**Gaspar de Bragança**, Dom. Foi bispo de Braga entre 1758-1789:

- Pastoral de março, 1762.

**Manuel do Cenáculo Vilas Boas**, Dom Frei. Foi bispo de Beja entre 1770-1802.

- Pastoral de 28 de outubro, 1777.
- Pastoral de maio, 1778.
- Instrução Pastoral sobre o Catecismo de 28 de maio, 1786.

**José Francisco Miguel António de Mendonça**, Dom. Foi bispo de Lisboa entre 1786-1808:

- Pastoral de 1791.<sup>47</sup>

**Francisco Gomes do Avelar**, Dom. Foi bispo do Algarve entre 1789-1816:

- Pastoral de 7 de dezembro, 1799.

**António José Cordeiro**, Dom. Foi bispo de Aveiro entre 1801-1813:

---

<sup>47</sup> Esta pastoral foi publicada aquando da publicação do *Catecismo da Doutrina cristã* composto pelo Pe. Teodoro de Almeida (Belinquete II, p. 847).



- Pastoral de 24 de março, 1802.

**Patrício da Silva**, Dom Frei, OSA. Foi bispo de Évora entre 1819-1825:

- Pastoral de 10 de maio, 1820.
- Pastoral de 22 de maio, 1828.

**Patriarcado de Lisboa:**

- Pastoral do “Colégio dos Principais”, 2 de agosto, 1823.

**Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré**, Dom Frei. Foi bispo de Coimbra entre 1824-1834:

- Carta aos párocos, 19 de março, 1829.

**Aviso de El Rei** [D. Miguel]:

- Dirigido aos bispos em 7 de março, 1829.
- Dirigido aos superiores das Ordens Religiosas em 11 de março, 1829.

**Manuel Pacheco de Resende**, Dom. Foi bispo de Aveiro em 1816:

- Em resposta ao *Aviso de El Rei*, este bispo escreve aos párocos, em 29 de abril, 1829.
- Ordem circular, em 8 de novembro, 1831.

**Francisco Alexandre Lobo**, Dom Frei, OSB. Foi bispo de Viseu entre 1819-1844:

- Pastoral de 23 de fevereiro, 1832.

**António Lopes de Moraes**, Dom. Foi Vigário-Geral da diocese de Coimbra:

- Circular de 25 de setembro, 1842; acusava os párocos e capelães do descuido no ensino da doutrina cristã.

**João Manuel de Lemos**, Dom. Foi bispo de Bragança-Miranda entre 1853-1856:

- Pastoral a recomendar o Catecismo de Perseverança, 8 de novembro, 1853.
- Pastoral de 24 de junho, 1854.

**Manuel Bento Rodrigues**, Dom. Patriarca de Lisboa:

- Pastoral de 30 de novembro, 1858.

**Manuel Correia de Bastos Pina**, Dom. Foi bispo de Coimbra em 1872:

- Pastoral de 19 de maio, 1872.

**António Xavier de Sousa Monteiro**, Dom. Foi bispo de Beja entre 1883-1906:

- Pastoral de 7 de outubro, 1884.

**António Mendes Belo**, Dom. Foi bispo do Algarve em 1884:

- Pastoral de 2 de fevereiro, 1885.

**José Sebastião Neto**, Dom. Patriarca de Lisboa:

- Carta-Circular de 7 de fevereiro, 1885.

**Augusto Eduardo Nunes**, Dom. Foi bispo de Évora entre 1884-1920:

- Pastoral de 14 de fevereiro, 1885.

**José Alves de Mariz**, Dom. Foi bispo de Bragança-Miranda entre 1885-1912:

- Pastoral de 31 de dezembro, 1887.
- Pastoral de 6 de outubro, 1888.
- Pastoral de 11 de dezembro, 1892.
- Pastoral de 18 de março, 1893.<sup>48</sup>

## Bibliografia

- ALCALDE DE ARRIBA, Santiago, *Los catecismos de Martín Lutero*, Religión y Cultura, Madrid, vol. 42 (1996), n. 198-199, p. 661-680 (FacFil, a-R).
- BELINQUETE, José, *História da Catequese em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2011; vol. I e II [Belinquete I e II].
- , *História do Ensino da Doutrina Cristã na Escola*, Aveiro, Tempo Novo Editora, 2017 [Belinquete, História do Ensino].
- CRISTÓVÃO, Francisco da Silva, *Catequese e Catecismos*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 302-310.
- FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, nova edição, vol. III, Porto - Lisboa, Livraria Civilização, 1970, p. 394-395 [Fortunato de Almeida III].
- MARQUES, João Francisco, *A palavra e o livro - Catequese*, em História Religiosa de Portugal, vol. 2, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 377-393.
- NIDERNDORFF, Heinrich, *Doctrina ethicae christianae sive morum christianorum recta institutio ex triplici honoris officio erga se, erga proximum, erga Deum, secundum vitam et doctrinam Jesu Christi...* Wirceburgi; Sumptibus Lochneri et Mayeri, typis Joan. Jacobi Christophori Kleyer, 1742; 6, 444, 10 p.; 117 fol. de estampas (CMVIS, 539).

<sup>48</sup> Para o elenco das pastorais aqui apresentadas, ver Belinquete I, p. 842-863.

- RAMOS, Dom António Moiteiro, *Os Catecismos Portugueses. Notas de História*, Lisboa, Paulinas, 1998.
- RESINES, Llorente Luis, *Los catecismos de Claret*, Estudio Agustiniano, Valladolid; vol. 39 (2004), fasc. 1. - p. 33-78 (FacFil, a-E).
- , *Cinco trasvases de la “Doctrina” de Juan de Ávila a otros catecismos*, Estudio Agustiniano, Valladolid, p. 521-534; N.º 50 (2015), fasc. 3 (FacFil, a-E).
- VAZ, Francisco A. Lourenço, *O Catecismo no Discurso da Ilustração Portuguesa do Século XVIII*, em *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, Lisboa, 1998, vol. X, p. 217-240.

## Conclusões

1. A catequese é um género literário especificamente bíblico, porque o seu objetivo é exatamente o ensino das verdades que estão na Bíblia. Não se pode ser cristão sem catequese, seja esta feita de um modo puramente oral ou aprendida por meio de um catecismo. Foi também o modo de ensino cristão mais antigo, já que os primeiros bispos e teólogos cristãos utilizaram este género de literatura para evangelizar judeus e pagãos.

2. A catequese recebe também influências culturais, segundo o momento histórico em que é escrita ou ensinada: insiste-se mais em determinadas verdades e utilizam-se os métodos mais adaptados aos catequisandos. O teatro, por exemplo, foi um método catequético muito usado em terras de missão, quando as pessoas a catequisar não conheciam a língua do catequista. Nesse caso, a linguagem do gesto tornou-se uma linguagem catequética.

No que se refere a catecismos católicos, na época estudada neste volume, teve muita fama em Portugal o chamado *Catecismo de Montpelier*, que sofreu influências jansenistas.

3. No capítulo presente, é bastante relevante este género de literatura, já que encontramos nele 124 autores que trabalharam em catecismos, assim como 380 obras catequéticas. Interessante é também o contributo do episcopado português deste período, com 37 pastorais ou outros documentos catequéticos.

## Capítulo 16

### Bíblia e artes

O estilo barroco é o reflexo de uma sociedade cortesã em mutação e do regime absolutista, numa Europa assolada por conflitos religiosos, que, ao mesmo tempo, vivia num clima de pesado misticismo e de uma revigorada religiosidade saída da reforma tridentina.

O palácio de Versalhes, que acolhia a famosa corte de Luís XIV, o “Rei Sol” de França, é a imagem simbólica do regime absolutista. É uma das construções emblemáticas do barroco, pelo menos em termos de arquitetura civil, pois nela estão condensadas algumas das suas principais características, sendo bem vivo o espírito que preside a este género artístico. Versalhes é um luxuoso palácio, que enfatiza a monumentalidade de uma construção excessivamente decorada e dotada de magníficos jardins, produzida para dignificar e prestigiar o seu promotor e proporcionar conforto e prazer àqueles que dele usufruíam.

O convento / palácio de Mafra, de Ludovice, foi criado para “copiar”, à escala nacional, o palácio francês. Foi patrocinado por D. João V, um monarca que investiu parte das riquezas coloniais brasileiras em obras de arte ao estilo barroco, com o objetivo de engrandecer a nação e a sua própria governação. Para tal, vieram muitos artistas estrangeiros, sobretudo italianos, trabalhar no nosso país, como se pode ver no elenco abaixo. Por isso, este palácio é, por assim dizer, o *ex libris* da arte portuguesa deste período.

Mas aqui interessa-nos, não tanto a arquitetura que, neste período, carece de sentido cristão propriamente dito. São importantes para nós todas as outras manifestações artísticas que fazem transparecer o mistério de Deus presente na Bíblia. Interessa-nos, pois, a arte chamada religiosa, mas não toda. Apenas a que oferece temas ou personagens bíblicos, o que acontece sobretudo na *pintura*, na *escultura*, na arte do *azulejo*, que também é pintura. Neste sentido, vamos apresentar seguidamente a arte portuguesa nos seguintes itens:

#### 16.1. Pintura

#### 16.2. Escultura

- 16.3. Azulejaria ou arte do azulejo
- 16.4. Arte indo-portuguesa. Breve alusão
- 16.5. Arquitetura

## 16.1. Pintura

**Agostino Masucci** (1691-1758). Foi um pintor italiano do final do período barroco, chamado rococó. Pintou em Portugal:

- *Anunciação* (1729; PNM).
- *Sagrada Família* (1729; PNM).<sup>1</sup>
- *Sagrada Família* (1729-1750); pintura retabular; 258x150 cm; prov. Convento de Sta. Cruz de Lamego (ML, 121).

**André Gonçalves** (1680-1762). Nasceu e faleceu em Lisboa. Foi o pintor português responsável pela mudança estética que se operou em Portugal no início do século XVIII. Nos primeiros anos de 1730, participa na obra do Convento de Mafra, ao lado de nomes nacionais como Inácio de Oliveira Bernardes e Vieira Lusitano. Pintou:

- *José lançado no poço* (1746-50; MNAz; Cristo 2000, 33).
- *Passagem do Mar Vermelho*; Academia Militar, Lisboa (Cristo 2000, 35).
- *Moisés recebe as Tábuas da Lei*; Academia Militar, Lisboa (Cristo 2000, 44).
- *Assunção da Virgem* (1730; PNM).
- *Coroação da Virgem* (1759); igreja da Madre de Deus, Lisboa.
- *José dá-se a conhecer a seus irmãos* [Gn 45,1-15], 1746-50; sacristia da mesma igreja.
- Retábulo principal da catedral de Mariana, Minas Gerais; ao centro destaca-se o painel com a representação pictórica da *Imaculada Conceição* (RMG 1).
- Retábulo principal da Sé de Lamego (1753); ao centro painel com pintura da *Assunção da Senhora* que é padroeira da catedral (RDL 36).
- *Retábulo de São Miguel* (1758); na Sé de Lamego (RDL).
- *Nossa Senhora da Conceição* (1752); 238x145 cm (PNQ, 747).
- *Prisão de São Pedro e São Paulo*; 260x140 cm (PNQ, 761).
- *Nossa Senhora do Livramento* (PNM).<sup>2</sup>

<sup>1</sup> PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, Coleção Arte e Património, Lisboa, 2003, p. 11

<sup>2</sup> Ver SALDANHA, Nuno, *O Rei Ergueu-se – de Pedro Alexandrino*, em *Invenire – Revista dos Bens Culturais da Igreja*, n.º 5 (julho-dezembro), 2012, p. 47. Refere-se ao “livramento” do rei D. José, a propósito do tão falado atentado contra ele.

**António Alves Teixeira**, o Vizela (1836-1863). As suas tendências para as Belas-Artes manifestaram-se em tenra idade. Em 1854, matriculou-se na Academia de Belas Artes. Faleceu cedo, tendo deixado ainda algumas obras:

- *Procissão de S. Sebastião*.
- *Um enterro de um pobre* (MNSR, Porto; Inv. 702; Cristo 2000, 366).
- *O Sagrado Viático*.

**António de Oliveira Bernardes** (1662-1732). Foi um pintor e azulejista português dos séculos XVII e XVIII. Nascido no Alentejo, serviu como mordomo da Irmandade de S. Lucas, entre 1686 e 1687. Pintou:

- *Nossa Senhora da Conceição* (ca. 1695); igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, Beja (Falcão II, p. 266).
- *José vendido pelos seus irmãos* (1700-1725); prov. da BPE; 98,7x133 cm (ME, 1419). Ver o autor em 16.3.

**António Maria de Oliveira Monteiro** (1785-1845) e **Joaquim Carneiro da Silva** (1727-1818). Pintaram:

- *Cena bíblica* (séc. XIX); gravura; 14x8,4 cm (ME, 1605).
- *Rei David a tocar harpa* (séc. XIX); gravura; 14,5x9 cm (ME, 1603).

**António Vital Rifarto** (activ. 1700-1738), **Francisco Correia** e **António Pereira**. Pintaram:

- *Retábulo de Nossa Senhora da Purificação* (1729-1730); em madeira dourada; igreja do antigo Colégio de São Lourenço, Porto.<sup>3</sup>

**Aparício Esteban** (séc. XIX). Foi-lhe atribuída a pintura de:

- *Imaculada Conceição* (séc. XIX); 146x100 cm (PNP, 607).

**Armand-Julien Pallière** (1784-1862), Bordéus.

- *São João Batista* (séc. XIX); 174x114 cm (PNQ, 745).

**Cirilo Volkmar Machado** (1748-1823). Foi autor de:

- *Visitação* (1770-1823); desenho; prov. da BNP; 18x26 cm (MNAA, 2500 Des).

**Corrado Giaquinto** (1703-1766). Foi um pintor italiano do rococó. Pintou:

- *Cristo Crucificado*, 1729 (PNM).

<sup>3</sup> LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal – Das origens ao declínio*, p. 103. António Vital Rifarto nasceu em Elvas. Em 1733-1734 fez um contrato de trabalho em azulejoaria da Sé do Porto.

**Domingos António Sequeira** (1768-1837). Era natural de Lisboa e veio a falecer em Roma. Com uma pensão de D. Maria I, em 1788 partiu para Itália, onde estudou na Academia Portuguesa de Roma; aí recebeu aulas de pintura e desenho. Regressou a Lisboa em 1795; mas, depois de vários avatares políticos da época, acabou por se fixar em Roma em 1826, onde se dedicou à pintura religiosa, em visões de luminosidade já romântica.<sup>4</sup> Vejamos algumas das suas muitas pinturas:

- *Ressurreição de Lázaro*; desenho a carvão e giz sobre papel castanho (MNAA).
- *Vida de Cristo*, 1828.
- *Juízo Final*, 1830 (MNAA, Inv. 2045 Des).
- *São Bruno em Oração* (MNAA).
- *Assunção da Virgem*; *Adoração dos Magos* e *Descida da Cruz* (entre 1827-32).
- *Ascensão de Cristo* (séc. XVIII-XIX); em Col. particular, Lisboa (Cristo 2000, 72).
- *Milagre dos cinco pães e dois peixes*.
- *Degolação de São João Batista*.
- *O Batismo do Salvador*.
- *A crucificação de Cristo*.
- *A Fé*.
- *A Santa Verónica*.
- *O Caminho da Cruz*; na igreja da Paz em Roma.
- *A Sagrada Família*.
- *A Virgem em glória* (ca. 1830); óleo sobre tela (MNAA).
- *O Anjo Rafael e Tobias, pai e filho*.
- *Santo António pregando aos peixinhos*.
- *O Salvador*.
- *O Calvário*.
- *A Adoração dos Magos*.
- *Coroação da Virgem* (ca. 1820-1830).<sup>5</sup>
- *São Miguel Arcanjo* (1810-1812); Desenho; 21x14 cm (MGV, 1508).

<sup>4</sup> Em Fortunato de Almeida III, p. 418-419.

<sup>5</sup> Sobre esta obra, ver *Museus do Mundo* I, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, s. d., p. 234-236.



- *Ascensão - Estudo de Composição* (1829- 1832); Desenho; 44x60 cm (MGV, 1534).
- *Santa Maria Madalena* (1789); 99x75 cm (PNQ, 749).

**Domingos José da Silva** (1785-1863) e **Joaquim Carneiro da Silva** (1727-1818). Pintaram:

- *Santíssima Trindade* (séc. XVIII-XIX); gravura; 17x12 cm (ME, 1607).

**Francesco Trevisani** (1656-1746). Foi um pintor italiano. Aluno, em Veneza, de Antonio Zanchi, passou a viver em Roma, onde a sua carreira se desenvolveu. Foi autor da majestosa tela seguinte:

- *Virgem entrega o Menino a Santo António* (1730); Basílica de Maфра, altar-mor.

**Francisco Vieira de Matos / Vieira Lusitano** (1699-1783). Era natural de Lisboa, mais conhecido por Vieira Lusitano. Foi um pintor, ilustrador e académico de mérito da Academia de São Lucas, de Roma. Foi cavaleiro professo da Ordem de Santiago da Espada, pintor histórico da Casa Real portuguesa.<sup>6</sup> Pintou:

- *Sagrada Família* (1771; MNAA).
- *Santo Agostinho calcando aos pés a Heresia* (1770; MNAA).
- *Repouso na fuga para o Egito* (ca. 1770; MNAA).
- *Nossa Senhora do Rosário* (séc. XVIII; MNAA).
- *Assunção da Virgem* (séc. XVIII); desenho; 74x37 cm; prov. da BPE (ME, 671).
- *São João Batista dá de beber ao cordeiro místico* (séc. XVIII); desenho; 34x23,5 cm; prov. da BPE (ME, 678).
- *Jesus no Horto* (séc. XVIII); desenho; 13,5x27,5 cm; prov. da BPE (ME, 678).
- *São José e o Menino* (1760-1761); desenho; 16,7x12,5 cm; prov. da BPE (ME, 678).
- *Anunciação* (séc. XVIII); 27x18 cm; prov. da BPE (ME, 712).
- *Encontro de Jesus e João Batista meninos* (séc. XVIII); desenho; 19,5x26 cm; prov. da BPE (ME, 681).
- *Santíssima Trindade* (1712-1718); desenho; 28x20 cm; prov. da BPE (ME, 688).
- *Sagrada Família* (séc. XVIII); desenho; 20,8x24,3 cm; prov. da BPE (ME, 691).

Muitos dos trabalhos de Vieira Lusitano perderam-se na terrível catástrofe do terremoto de 1755, sendo o mais notável de todos eles o teto da Igreja dos

<sup>6</sup> PEREIRA, Paulo, *Arte Portuguesa - História essencial*, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2014, p. 748.

Mártires, pintado em 1750, em que estava representada a tomada de Lisboa por D. Afonso Henriques.

**Francisco Vieira Júnior / Vieira Portuense** (1765-1805). Era natural do Porto. Foi estudar em Itália com uma pensão cedida pela Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro. Era conhecido por Vieira Portuense, para se distinguir de um seu contemporâneo, Vieira Lusitano.<sup>7</sup> Compôs um quadro com:

- *Nossa Senhora da Piedade* ou do *Descimento da Cruz*, o qual era destinado à capela da embaixada portuguesa em Londres, mas depois foi colocado no oratório do Paço das Necessidades.
- *Últimos momentos de Santa Maria de Cortona*; na sala da Ordem Terceira de São Francisco do Porto.
- *Nossa Senhora da Conceição* (ca. 1800); pintura a óleo; capela da Ordem Terceira de S. Francisco, Porto.
- *Santa Isabel dando esmola aos pobres*.
- *São Luís. Rei da França, em oração*.
- *Cristo crucificado*.
- *São João*.
- *Adoração do Santíssimo*.
- *Descida da Cruz* (1800); pintura a óleo sobre tela (MNAA).
- *Nossa Senhora da Piedade*; na igreja de São Francisco do Porto.
- *O Sacramento da Eucaristia adorado pelos anjos* (MNSR, Inv. 7).
- Coleção de quatro telas: *Os Doutores da Igreja* (encomenda de Francisco Gomes do Avelar, bispo do Algarve).

**Francisco Xavier Lobo** (séc. XVIII). Foi um pintor lisbonense. Pintou:

- *Nossa Senhora da Imaculada Conceição* (1753); igreja de Santa Maria da Devesa de Castelo de Vide; óleo sobre tela; 162x131 cm.<sup>8</sup>

**Giovanni Odazzi** (?-?). Pintou:

- *Coroação da Virgem Maria* (1730-1731); 33x23 cm (PNM, 199).

**Inácio de Oliveira Bernardes** (1697-1781). Nasceu em Lisboa. Foi pintor, arquiteto e cenógrafo. Iniciou os seus estudos com o pai, o pintor de azulejos,

<sup>7</sup> Ver Fortunato de Almeida III, 418; Portugal - Dicionário Histórico; Museus do Mundo I, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, s. d., p. 189.208-211.

<sup>8</sup> LEAL, Lécio (Investigador), *Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Padroeira e Rainha de Portugal*, em *Invenire*, n.º 11, julho-dezembro, 2015, p. 46.

António de Oliveira Bernardes. Pertencendo desde 1718 à confraria dos pintores, a Irmandade de São Lucas. Foi um dos artistas portugueses enviados para Itália, a expensas de D. João V, a fim de se aperfeiçoar nas técnicas de pintura e arquitetura na Academia de Portugal em Roma, onde ingressou em 1720.

A sua obra é conjunta com a de André Gonçalves e Vieira Lusitano no convento de Maфра.

**Jean Thouvenin** (1765-1828) e **Benjamin West** [le Vieux] (1738-1820). Pintaram:

- *A Ceia de Nosso Senhor Jesus Cristo* (séc. XVIII-XIX); 48,5x61 cm; centro de fabrico: Paris; prov. da BPE (ME, 969).

**Jean Thouvenin** (1765-1828). Pintou:

- *L'Assunção de Nossa Senhora* (1780-1828); gravura; 57x43,5 cm; centro de fabrico: Paris; prov. da BPE (ME, 1368).

**Jerónimo da Silva** (1687-1753). Era natural de Évora, onde iniciou a sua formação, passando depois para Lisboa. Sabe-se que no decorrer da sua atividade fez alguns trabalhos com os pintores André Gonçalves e João Nunes de Abreu. Foi um pintor-decorador. Como tal, teve intervenções na capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Pena, em Lisboa. Pintou:

- Representação dos quatro *Doutores da Igreja* (São Jerónimo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Gregório Magno).<sup>9</sup>

**João António Correia** (1822-1896). Era natural do Porto. Foi estudar para Paris de onde regressou, em 1851; então é nomeado professor substituto da aula de Pintura Histórica da Academia Portuense de Belas-Artes. Foi autor de imensas obras, contribuiu para a renovação do retrato da segunda metade do século XIX, sendo também considerado uma figura relevante da arte portuguesa oitocentista. Pintou:

- *Santa Isabel, rainha de Portugal*.

**João António Vila Vicêncio** (1750-1794). Pintou:

- *Retábulo da Senhora da Boa Morte*; na igreja de São Pedro, Funchal; no centro, pintura cujo tema é da *Senhora da Boa Morte* (1770-73; RDF 39).

<sup>9</sup> Sobre o autor, ver MACHADO, Cirilo Volkmar, *Colecção de Memórias...*, Lisboa, 1922, p. 76; MELLO, Magno, *O figurista Jerónimo da Silva e a pintura barroca na Igreja de Nossa Senhora da Pena, em Lisboa*, em Revista de História e Arqueologia, Universidade Estadual de Campinas, n.º 17 – jan/jun, 2012, p. 49-63.

- Retábulo da igreja de Santo António, Funchal; tem ao centro uma pintura representativa da *Santíssima Trindade* (1789-91; RDF 43).
- Dourou e pintou o *altar do Senhor Jesus* (1774-1775); igreja de São Pedro, Funchal.

**João Glama Storberle** (ca. 1708-1792). Pintor austríaco radicado em Lisboa, estudou pintura em Roma e, após o terremoto de Lisboa de 1755 – que testemunhou – veio a fixar-se no Porto, onde deixou vasta obra de trabalhos de âmbito profano e religioso.<sup>10</sup> Deixamos aqui alguns:

- *Virgem com o Menino* (séc. XVIII); Ordem Terceira de São Francisco de Guimarães.
- *Pintura do Terremoto de 1755* (MNAA).<sup>11</sup>
- *Sagrada Família e um Anjo* (1730-1792); prov. do Palácio das Necessidades; 24x28,8 cm (MNAA, 2602 Des).

**João Nunes de Abreu** (?-1738) et alii. Era natural de Lisboa; ainda não se conhece a data precisa de nascimento deste pintor-decorador. No entanto, é provável que tenha nascido entre a década de oitenta e noventa do século XVII. Segundo Cirilo, “era quase pintor universal, mas o seu forte era a perspetiva e ornatos (...) pintou bem figuras e floresceu no princípio do século XVIII”. Pertenceu à Irmandade de S. Lucas.<sup>12</sup> Pintou:

- *Cristo Ressuscitado com S. Francisco de Assis* (1737-38); no tecto da Igreja do Menino Deus, Lisboa.
- Dourou o *retábulo da capela-mor da Igreja do Mosteiro de Arouca* (1733); trabalho em parceria com Manuel Cerqueira Mendes.

**Joaquim Rafael** (1783-1864). Foi um pintor, cenógrafo e escultor, discípulo de Vieira Portuense e professor de desenho da Academia de Belas-Artes de Lisboa. Pintou diversos painéis, entre os quais os das igrejas de Santa Clara, dos Clérigos e da Lapa, todas no Porto. Também temos:

- *Adoração do Santíssimo Sacramento* (séc. XIX); na Ordem do Carmo, Porto (Cristo 2000, 248).

<sup>10</sup> VÍTOR SERRÃO, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 205-206.

<sup>11</sup> Segundo Pereira, *Arte Portuguesa*, p. 73, é “o único registo de pintura artística conhecido que retrata o terremoto”.

<sup>12</sup> MACHADO, Cirilo Volkmar, *Colecção de Memórias...*, Lisboa, 1922, p. 145; e TEIXEIRA, F. A. Garcez, *A Irmandade de São Lucas*, Lisboa, 1931, p. 88.

**Johann Lorenz Rugendas I**, (ca.1730-1799, Augsburg), **Auguste Vindi** e **Georg Philipp Rugendas II** (1701-1774, Augsburg). Foram autores de:

- *Via-sacra*, que vai da estação I até à XIV (2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII); litografia; 25x36,5 cm (PNQ, 732/1 a 732/14).

**Johann-Georg Bergmiller** (1688-1762) e **Johann Andréas Pfeffel**. Pintaram:

- *Adoração do Sagrado Coração de Jesus* (séc. XVIII); gravura; 176,5x93,9 cm; prov. do Convento do Salvador de Évora (ME, 2899).

**José da Costa Negreiros** (1714-1759). Foi um pintor português do século XVIII, discípulo de André Gonçalves e irmão do pintor Manuel da Costa Negreiros. Deixou-nos:

- *Senhora da Piedade*; numa das capelas da Sé de Lisboa, por trás do coro.
- *Imagem do Santo Cristo*; na Casa do Despacho do Menino de Deus, Lisboa.

**José da Fonseca Lima** (?-?). Pintou:

- *Santíssimo Sacramento* (1755); retábulo da igreja do mosteiro de São Bento da Vitória, Porto.<sup>13</sup>

**José Martins Tinoco** (?-?). Pintou:

- *Desterro* ou *Sagrada Família* (1755); retábulo da igreja do mosteiro de São Bento da Vitória, Porto.<sup>14</sup>

**Julião Francisco Ferreira** (1730-1771) e **Manuel Pereira de Almeida** (séc. XVIII). Pintaram:

- *Retábulo da capela do Santíssimo* (1743); igreja matriz de São Pedro, Funchal; dominado por uma pintura central que representa Nossa Senhora de Monserate (RDF 26).<sup>15</sup>

**Julião Francisco Ferreira** (séc. XVIII). Fez o entalhe de:

- Retábulo principal da igreja matriz de São Pedro, Funchal; exemplar eucarístico (1742; RDF 25).

**Lourenço da Cunha** (?-1760). Nasceu em Lisboa, onde também faleceu. Foi considerado, no seu tempo, como o melhor dos pintores portugueses, no género

<sup>13</sup> ALVES, Natália Marinho Ferreira, *Conservadorismo e Modernidade da talha portuense na segunda metade do século XVIII*, em [www.cepese.pt](http://www.cepese.pt/publicações) › publicações.

<sup>14</sup> ALVES, Natália Marinho Ferreira, *Conservadorismo e Modernidade da talha portuense na segunda metade do século XVIII*, em [www.cepese.pt](http://www.cepese.pt/publicações) › publicações.

<sup>15</sup> Em Vv., *Retábulos da Diocese do Funchal*, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Arquivo Regional da Madeira, Funchal, 2014 (RDF).

de arquitetura e perspetiva. Esteve em Roma, onde estudou cenografia e, regressado a Portugal em 1744, pintou para o teatro da Rua dos Condes muitas cenas, que foram calorosamente aplaudidas pelos entendedores.<sup>16</sup> De índole religiosa, pintou:

- *Assunção da Virgem* (ca. 1750); tecto da igreja do Cabo Espichel, Sesimbra.

**Manuel da Câmara** (1735-1756). Pintou:

- *Retábulo da capela do Santíssimo* (1727); igreja matriz da Ribeira Brava; a pintura do centro domina todo o retábulo com a cena da *Adoração do Menino* (RDF 27).
- *Retábulo principal da Ermida de S. Pedro Gonçalves Telmo*, Câmara de Lobos; o centro é dominado pela imagem de *Nossa Senhora da Conceição* (RDF 28).<sup>17</sup>

**Manuel Francisco Lisboa** (1715-1767). Era natural de Odivelas, mas emigrou para o Brasil, onde faleceu. O seu nome está associado às principais obras construídas em Ouro Preto na primeira metade do século XVIII. Assim temos:

- *Retábulo do Bom Jesus de Bouças* (ca. 1725); igreja matriz de Nossa Senhora da Nazaré, Ouro Preto (RMG 6).

**Manuel Gomes de Andrade** (séc. XVIII). Pintou:

- Série do convento de Santa Clara de Guimarães (1733-1734); pinturas a óleo sobre tela, com:
  - *Anunciação*.
  - *Visitação*.
  - *Apresentação no Templo*.
  - *Circuncisão*.
  - *Adoração dos Magos* (Museu de Alberto Sampaio).<sup>18</sup>

**Manuel Pereira da Costa Noronha** (?-?). Pintou:

- *Anunciação de Nossa Senhora* (1750); nave do lado da Epístola; igreja de São Francisco, Porto.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> Cirilo Wolkmar Machado faz honrosa menção deste autor nas suas *Memórias...*, p. 196-198; é também referenciado em Portugal – Dicionário Histórico, vol. II.

<sup>17</sup> Em Vv., *Retábulos da Diocese do Funchal*, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Arquivo Regional da Madeira, Funchal, 2014 (RDF).

<sup>18</sup> Vv., *A colecção de pintura do Museu de Alberto Sampaio - séculos XVI-XVIII*, Instituto Português de Museus, 1996, p. 138-141.

<sup>19</sup> ALVES, Natália Marinho Ferreira, *A Talha da Igreja de São Francisco do Porto (1732)*, em Revista da Faculdade Letras, p. 368.

**Marcello Leopardi** (1750-1795). Pintor italiano. A pedido de Francisco Gomes do Avelar, bispo do Algarve, pintou:

- *O Menino entre os Doutores* (auditório do Museu Municipal de Faro).

**Marco Benefial** (1684-1764 Roma). Pintou:

- *Assunção da Virgem* (séc. XVIII); desenho; 26x16 cm (MGV, 1515).

**Nicolau Ferreira Duarte** (1731-ca. 1800). Era natural do Funchal, onde também faleceu. Assinou algumas obras, com o pseudónimo Nicolau João, apelido que adquiriu do seu trisavô. Os seus trabalhos incidiam sobre temas religiosos e retratos de bispos.<sup>20</sup> Apresentamos o retábulo da igreja de Santa Clara, Funchal, com:

- *São Joaquim e Santa Ana*, encimado por *Nossa Senhora rodeada de Anjos* (1799; RDF 44).
- *Retrato de Nossa Senhora do Monte*; pertenceu à igreja de Nossa Senhora do Monte no Funchal (CMFF 114; 6: Casa-Museu Frederico de Freitas, n.º de Inventário).

**Pedro Alexandrino de Carvalho** (1730-1810). Foi um pintor português que nasceu em Lisboa. Conhecido como pintor dos frades, pelas suas obras de índole religiosa. Realizou trabalhos para várias igrejas na região de Lisboa, reconstruídas após o sismo de 1755 e outras.<sup>21</sup> Pintou:

- *A Última Ceia* (1802); igreja matriz da Póvoa de Santo Adrião.
- *Os Quatro Doutores da Igreja*; no mesmo lugar.
- *A Ceia do Senhor* (altar-mor, inícios século XIX); igreja matriz de São Domingos de Rana.
- *Painel de Nossa Senhora das Graças*; Sé de Belém do Pará.
- *O Pentecostes*; igreja de São Pedro, em Ponta Delgada.
- *São Miguel no Purgatório*; igreja matriz de Belver.
- *Última Ceia*; igreja de Santa Maria, em Beja.
- *Transfiguração de Cristo* (1795); pintura móvel do retábulo da Capela-Mor; no Mosteiro de São Salvador de Grijó, Vila Nova de Gaia.
- *Pregação de S. João Batista* (séc. XVIII-XIX); paróquia de N. S. da Lapa, Patriarcado de Lisboa (Cristo 2000, 90).

<sup>20</sup> Ver *O Pintor Nicolau Ferreira*, em Arquivo Histórico da Madeira, Câmara Municipal do Funchal, Funchal, 1951, vol. 9, n.º 1.

<sup>21</sup> PEREIRA, Paulo, *Arte Portuguesa - História essencial*, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2014, p. 748.



- *O Salvador do Mundo* (1778); elaborado para a Sé de Lisboa (MNAA).
- *Virgem e Santos* (MNSR).
- *Repouso na fuga para o Egipto* (ca. 1770; MNAA).
- *Calvário* (séc. XVIII); 89x52 cm; prov. da BPE (ME, 1398).
- *Última Ceia* (séc. XVIII); 91x55 cm; prov. da BPE (ME 1407).
- *Virgem com o Menino e Santos* (1760- 1800); 193x122 cm (MNMC, 2541; P55).
- *Nossa Senhora do Livramento e o rei D. José*; igreja da Memória [do “atentado” contra o rei], Lisboa, 1785.<sup>22</sup>

**Pedro Peixoto** (séc. XVIII). Pintou:

- *A Ressurreição de Tabita* (1711); Igreja de São Pedro de Peniche.<sup>23</sup>

**Pietro Bianchi** (1694-1740). Era um pintor italiano natural de Roma. Pintou:

- *Cristo Irado*; 1729 (PNM).

**Raphael Morghen** (Florença, 1758-1833). Pintou:

- *Santa Maria Madalena* (XVIII- XIX); gravura; 40x29 cm (ML, 903).

**Sebastiano Conca** (1680-1764). Foi um pintor italiano do período barroco a quem se atribuem os seguintes quadros:

- *Imaculada Conceição* (ca. 1730; BNM, Inv. 201; Cristo 2000, 19).
- *Virgem e Menino em Glória* (ca. 1748; PNM).

**Teodoro António de Lima** (ca. 1780-ca. 1847). Pintou:

- *Ressurreição* (XVIII-XIX); gravura; 14x8,5 cm (ME 1604).

**Autores desconhecidos**

- *Abel e Caim* (séc. XVIII; MNAA, Inv. 474 Pint.; Cristo 2000, 25).
- *Sacrifício de Isaac* (séc. XVIII); paróquia de S. Pedro, Ericeira (Inv. 75; Cristo 2000, 26).
- *Regresso do Egipto* (séc. XVIII); igreja da Ordem Terceira do Carmo, Porto (Inv. 10 A/M.O.C.; Cristo 2000, 40).
- *Transfiguração* (séc. XVIII); Seminário Maior do Porto (Cristo 2000, 45).

<sup>22</sup> Ver SALDANHA, Nuno, *O Rei Ergueu-se – de Pedro Alexandrino*, em *Invenire – Revista dos Bens Culturais da Igreja*, n.º 5 (julho-dezembro), 2012, p. 43.

<sup>23</sup> Sobre o autor, ver VÍTOR SERRÃO, *O pintor Penichense Pedro Peixoto: um contributo para a história do barroco periférico*, em *A Trans-Memória das Imagens. Estudos Iconológicos de Pintura Portuguesa (Séculos XVI-XVIII)*, Edições Cosmos, Chamusca, 2007, p. 259-290.

- *Via sacra*; Terra Santa; 14 quadros em madrepérola gravada a incisão sobre madeira de oliveira; na irmandade das Escravas do Santíssimo Sacramento do mosteiro da Encarnação, Patriarcado de Lisboa (Inv. 63; Cristo 2000, 58).
- *Visita das Santas Mulheres ao sepulcro* (séc. XVIII); Cabido da Catedral de Beja (Cristo 2000, 68).
- *Os últimos fins do homem*: morte, juízo, inferno e paraíso, 4 pinturas (séc. XVIII); paróquia de Bitarães, diocese do Porto (Cristo 2000, 368).
- *Árvore de Jessé* (séc. XVIII, Oficina regional da Madeira); na igreja do Machico, Madeira.
- *São João Batista* (séc. XVIII, Oficina nacional); na igreja do Machico, Madeira.
- *Almas das Purgatório* (séc. XVIII, Oficina regional); na igreja do Machico, Madeira.
- *Triunfo da eucaristia* (séc. XVIII); óleo sobre tela; mosteiro dos Jerónimos.
- *Pintura de Nossa Senhora do Livramento*; oratório real sul (PNM).
- *Sant'Ana, a Virgem e o Menino*; *Anunciação*; *São Joãozinho*; *Santo António com o Menino*; *Cristo da Cruz*: pinturas a óleo sobre tela (séc. XVIII); prov. do convento de Santa Clara de Guimarães.<sup>24</sup>
- *Cristo coroado de espinhos* (séc. XVIII); prov. da BPE; 37x29 cm (ME, 784).
- *Sagrada Família* (séc. XVIII); prov. da BPE; 62x48 cm (ME, 813).
- *S. Pedro* (séc. XVII-XVIII); prov. da BPE; 78x56 cm (ME, 835).
- *Encontro da Virgem e o Menino com Sta. Isabel e São João Batista* (séc. XVIII); prov. da BPE; 49x63 cm (ME, 1122).
- *São José e o Menino* (séc. XVIII); prov. da BPE; 102x78 cm (ME, 1373).
- *A Virgem e o Menino* (séc. XIX); prov. da BPE (ME, 1391).
- *A Virgem Maria* (séc. XVIII); prov. da BPE; 20x16,8 cm (ME, 1569).
- *Cristo e o tributo a César* [parábola de Mt] (séc. XVIII-XIX); prov. da BPE; 46x62 cm (ME, 966).
- *Mãe de Deus* (séc. XIX); ícone; fabricado em S. Petersburgo; 27x22x24 cm (MGV, Inv. 3282).
- *São Pedro* (séc. XVIII); Museu da Terra de Miranda (SMD\_00245).
- *Cristo coroado de espinhos* (séc. XVIII); prov. da BPE; 37x29 cm (ME, 789).

<sup>24</sup> Em Vv., *A colecção de pintura do Museu de Alberto Sampaio - séculos XVI-XVIII*, Instituto Português de Museus, 1996, p. 142-145.

- *A Virgem e o Menino* (séc. XVIII-XIX); gravura; 52,7x35,2 cm; prov. da BPE (ME, 817).
- *São Pedro* (séc. XVIII); 60x51 cm; prov. da BPE (ME, 801).
- São maneiristas os *retábulos da Sé de Évora* e o da *Basílica de Mafra*. Ambos já do séc. XVIII e em materiais pétreos.

## 16.2. Escultura barroca

**Agostinho José Freire** (séc. XVIII). Foi um ourives cuja marca deixou em:

- *Cruz processional* (1799); em prata relevada, incisa, dourada; igreja matriz de Santo Ildefonso, Almodôvar (Falcão III, p. 59).

**Alessandro Giusti** (1715-1799). Escultor italiano, que se fixou em Portugal. A escola de escultura de Mafra, criada por D. José I em 1753, esteve sob a direção deste mestre italiano. Esculpiu:

- *Retábulo do Santo Cristo* (1757); Basílica de Mafra, capela do Santo Cristo; com seis personagens.
- *Retábulo da Coroação de Nossa Senhora* (1769); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1021.
- *Retábulo dos Santos Confessores* (1765); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1007.
- *Retábulo de Nossa Senhora do Rosário* (1759); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1011.
- *Retábulo das Santas Virgens* (1761); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1013.
- *Retábulo dos Santos Mártires* (1763); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 997.
- *Retábulo da Sagrada Família* (1767); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1002.
- *Retábulo da Ceia* (3.º quartel do séc. XVIII); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1018.
- Estátua simbólica da virtude teologal *Fé* (séc. XVIII); Basílica de Mafra.
- Estátua simbólica da *Religião* (séc. XVIII); Basílica de Mafra.<sup>25</sup>
- Estátua de *São Pedro* (1752); igreja das Necessidades, Lisboa.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> SALDANHA, Sandra Costa, *Alessandro Giusti (1715-1799) e a Aula de Escultura de Mafra*, 2012 (artigo on line); para as obras de Mafra, ver PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, p. 39.186.188.190.192.196.198.204

<sup>26</sup> Ver SALDANHA, Sandra Costa, *Estatuária Barroca ao longo de Setecentos*, em *Invenire – Revista dos Bens Culturais da Igreja*, n.º 5 (julho-dezembro), 2012. p. 28.

**Alexandro Tanzi** (séc. XVIII), escultor italiano, natural de Carrara, trabalhou em Portugal e esculpiu:

- *S. Paulo* (1735); igreja do Loreto, Lisboa.<sup>27</sup>

**André Martins Robião** (act. 1713). Foi mestre entalhador de retábulos com oficina em Vila Real. Fez o risco e entalhe de:

- *Retábulo de São João Batista* (ca. 1713); igreja do antigo Convento das Chagas (RDL 20).<sup>28</sup>

**António de Pádua** (séc. XVIII). Esculpiu:

- Retábulo da capela da Quinta de Santa Bárbara em Constância; em mármore (1739-1740).<sup>29</sup>

**António Francisco Lisboa** (1730-1814). Mais conhecido por “Aleijadinho”, nasceu na cidade mineira de Vila Rica, atual Ouro Preto. Aí desenvolveu a sua atividade de arquiteto e escultor. Era filho de pai português e de uma escrava negra. Algumas obras escultóricas que produziu estão no santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo (Brasil). Nesse santuário, temos:

- Representações da *Via Sacra*. As cenas da Paixão de Cristo são formadas por 66 figuras, todas de cedro, em tamanho natural.
- *Os Doze Profetas*: Amós, Abdias, Jonas, Baruc, Isaías, Daniel, Jeremias, Oseias, Ezequiel, Joel, Habacuc e Naum (1794-1804); em pedra-sabão, abundante na região.
- Esculpiu: *Retábulo de Nossa Senhora do Rosário* (ca. 1740); primitiva igreja matriz, hoje catedral de Diamantina, Minas Gerais (RMG 27).

**António Francisco Lisboa e Domingos Marques** (?-?). Esculpiram:

- *Retábulo de São Miguel* (1744-47); igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas, Minas Gerais (Brasil); apresenta duas esculturas: ao centro, o *Senhor Crucificado* e, na base, o *Arcanjo São Miguel* (RMG 26).

**António e Dionísio Ferreira** (?-?). Esculpiram as figuras do presépio da igreja da Madre de Deus, Lisboa (1700-1730):

- *Anunciação*; terracota; 27x16x34 cm (MNAZ, 157 Esc).

<sup>27</sup> Idem, ib., p. 25.

<sup>28</sup> Sobre o artista, ver ALVES, Alexandre, *Artistas e artífices nas Dioceses de Lamego e Viseu*, vol. 3, p. 79.

<sup>29</sup> LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal - das origens ao declínio*, p. 101.

- *Circuncisão do Menino*; terracota; 34x23x49 cm (MNAZ, 161 Esc).
- *Visitação*; terracota; 26x19x37 cm (MNAZ, 159 Esc).
- *Menino Jesus*; terracota; 22x38x23 cm (MNAZ, 140 Esc).
- *Virgem Maria*; terracota; 26x19x37 cm (MNAZ, 141 Esc).
- *S. José*; terracota; 46x28x25 cm (MNAZ, 142 Esc).
- *Jesus entre os Doutores*; terracota; 22,5x15x39 cm (MNAZ, 156 Esc).
- *Anjos músicos*; terracota; 47x53x17 cm (MNAZ, 143 Esc).
- *Anúncio aos pastores*; terracota; 51x63x20 cm (MNAZ, 122 Esc).
- *Fuga para o Egito*; terracota; 40x36x16 cm (MNAZ, 115 Esc).
- *Regresso do Egito*; terracota; 24x12x33 cm (MNAZ, 158 Esc).

**António Ferreira** (séc. XVIII). Esculpiu, em barro, o presépio do Convento do Sacramento, Lisboa. Deixamos aqui as peças fundamentais:

- *Menino Jesus*; 40,5x23,3 cm (MNAA, 358 Esc).
- *Virgem*; 46x32 cm (MNAA, 359 Esc).
- *São José*; 47x28,5 cm (MNAA, 360 Esc).
- *Anunciação aos Pastores*; 31x42 cm (MNAA, 373 Esc).
- *Reis Magos*; 29x53 cm (MNAA, 382 Esc).
- *Adoração do Menino Jesus*; 67x62,5 cm (MNAA, 363 Esc).

**António Gomes e Caetano da Silva Pinto** (séc. XVIII). Esculpiram:

- Retábulo-mor da Igreja de São Pedro de Miragaia, Porto, 1724; o objetivo deste retábulo é a exaltação do Santíssimo Sacramento.<sup>30</sup>

**António Gomes e Filipe da Silva** (entalhadores) e **Manuel Carneiro Adão** (escultor). A respeito dos entalhadores afirma-se: “Dois dos artistas mais famosos da Escola do Porto da época... que sozinhos ou de parceria, arremataram algumas das obras mais importantes de talha no Norte do país”.<sup>31</sup> Foram os autores de:

- *Arvore de Jessé* (1718/19-1721); altar da Virgem da Boa-Viagem, igreja de S. Francisco, Porto.

**António Manuel Soares dos Reis** (1847-1889). Nasceu e morreu em Vila Nova de Gaia. Foi um importante escultor português. Coursou na Academia Por-

<sup>30</sup> PEREIRA, Paulo, *Arte Portuguesa*, p. 700

<sup>31</sup> ALVES, Natália Marinho Ferreira, *Em torno da Talha da Igreja*, em Monumentos, n.º 9, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1998, p. 49.

tuense de Belas-Artes, tendo concluído o curso de escultura em 1866. Mais tarde, foi aqui professor. Esculpiu:

- *Cristo morto*; igreja paroquial de Mafamude, Gaia.
- *Imagens de São José e São Joaquim*; em pedra na fachada da capela da família de José Joaquim Guimarães Pestana, Rua do Almada, Porto.
- *Virgem da Vitória*.<sup>32</sup>

**António Mendes Coutinho** (?-?). Foi mestre pedreiro e entalhador com oficina em Lamego. Foi o possível artista de:

- *Retábulo da capela de Nossa Senhora da Assunção e Santos Mártires da casa da Torre das Pedras* (antes de 1746; RDL 24).<sup>33</sup>

**Antonio Montauti** (?-?). Esculpiu:

- *São Pedro* (1732); Basílica de Mafra, capela do Campo Santo; Inv. n.º 1032.
- *São Paulo* (1732); Basílica de Mafra, capela de Nossa Senhora do Rosário.<sup>34</sup>

**Baptista Vacca** (?-?). De origem italiana. Fez trabalhos em Portugal por encargo de D. João V. Esculpiu:

- *São João Evangelista* (1733); Basílica de Mafra, capela dos Santos Mártires.
- *São Tomé* (1733); Convento de Mafra, capela do Campo Santo.<sup>35</sup>

**Carlo Monaldi** (1683-1760). A sua obra mais famosa foi:

- *Medalhão com a Virgem, o Menino e Santo António* (ca. 1730); Convento de Mafra, portaria.
- *Santo Elias* (séc. XVIII); Basílica de Mafra.<sup>36</sup>

**Claude Laprade** (ca. 1675-1738). Este escultor, de origem provençal, é essencialmente conhecido por ser o autor do túmulo pétreo do bispo de Miranda do Douro, D. Manuel de Moura Manuel, situado na capela da Vista Alegre, em Ílhavo (ca. 1700). Nasceu em Avinhão, mas trabalhou e morreu em Lisboa.

<sup>32</sup> Fortunato de Almeida III, p. 418; aqui diz-se a respeito da Virgem da Vitória: “por motivos de escrúpulo se tem ocultado às vistas dos curiosos: é uma bela obra de arte, mas prejudicada pela falta de emoção religiosa”.

<sup>33</sup> QUEIRÓS, Carla, *Os retábulos da cidade de Lamego...*, Lamego, 2002, p. 128.

<sup>34</sup> Para as duas obras, ver PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, Coleção Arte e Património, Lisboa, 2003, p. 162.164.

<sup>35</sup> Para as duas imagens, ver Id., ib., p. 18.120.121.

<sup>36</sup> Ver Id., ib., p. 29 e 58.

As informações sobre a sua vida parecem perder-se numa nebulosa de contradições.<sup>37</sup> Esculpiu:

- *Retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Pena*, Lisboa (1714-15); em parceria com Miguel Francisco da Silva.
- *Imagem de Nossa Senhora da Conceição*; igreja de Nossa Senhora da Pena, Lisboa.
- *Um altar da Igreja de S. Paulo*. Esta obra terá desaparecido com a ação do terremoto de 1 de novembro de 1755, que derrubou a referida igreja.
- *Imagem de Nossa Senhora da Glória* do retábulo da invocação homónima na Sé de Santarém.
- *São João Evangelista*; Sé de Viseu.

**Colombano Bordalo Pinheiro** (1857-1929). Era irmão de Rafael Bordalo Pinheiro. Iniciou a sua formação na Academia de Belas-Artes de Lisboa, indo, depois, completá-la em Paris. Seguidamente, foi professor de pintura histórica na Academia onde se formara na sua juventude. Em 1914, foi nomeado pelo novo regime republicano, então recentemente instaurado, para o cargo de diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Pintou:

- *Cristo crucificado* (séc. XIX); no Museu do Chiado, Lisboa (Inv. 625; Cristo 2000, 32).

**Custódio de Mesquita** (séc. XVIII). Era natural de Monchique, onde viveu longos anos. Foi o entalhador e dourador de:

- *Retábulo do Senhor Jesus* (1725-1728); igreja matriz da Bordeira, Aljezur.<sup>38</sup>

**Domingos de Almeida e Patrício Malatesta** (?-?). Esculpiu:

- *Retábulo da capela-mor da igreja da Ordem Terceira do Carmo*, Tavira (1780); em madeira dourada e policromada.<sup>39</sup>

**Domingos Queirós** (séc. XVIII). Esculpiu:

- *Cruz-relicário do Santo Lenho* (1719); igreja dos Terceiros de Elvas, em prata dourada; Museu de Arte Sacra. Casa do Cabido, Elvas.<sup>40</sup>

<sup>37</sup> Sobre este autor, ver Cadernos do Arquivo Municipal, vol. 2, n.º 3, Lisboa, junho, 2015; versão on-line ISSN 2183-3176.

<sup>38</sup> Em VENTURA, Ruy (Investigador), *A renovação barroca da igreja matriz de Bordeira (Aljezur)*, em Invenire, Revista de Bens Culturais da Igreja, n.º 11, Jul.-Dez., 2015, p. 38.

<sup>39</sup> LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal - das origens ao declínio*, p. 105.

<sup>40</sup> CABEÇAS, Mário Henrique Z. (Investigador), *Com suas figuras de relevo mil vezes bem feytas*, em Invenire, Revista de Bens Culturais da Igreja, n.º 11, Jul.-Dez., 2015, p. 40.



**Domingos Sequeira** (1768-1837). Era natural de Lisboa. Adepto dos liberais, exilou-se em França com a contra-revolução absolutista da Vila-Francada. Pintou:

- *São Bruno em oração*.
- *Ascensão; Assunção da Virgem; Adoração dos Magos; Descida da Cruz* (1827-1832).<sup>41</sup>

**Félix Adausto da Cunha**, et alli (?-?). Esculpiram:

- *Sagrada Família* (ca. 1760); altar-retábulo do lado da Epístola; talha dourada; igreja do Convento da Madre de Deus, Lisboa.

**Filipe Caetano da Trindade e António de Agreda e Azevedo** (ativos entre 1777-1804). Autores de:

- *Retábulo de São José*; igreja da Sé, Funchal (RDF 40).

**Filipe da Silva e António Gomes** (?-?). Reformularam sobre uma pré-existência:

- O retábulo da capela de Nossa Senhora da Conceição (1718-1721). Trata-se de um retábulo com a *Árvore de Jessé*; igreja de São Francisco, Porto.

**Filippo Giovanni Tanzi** (?-?). Esculpiu a seguinte imagem:

- *São Barnabé* (1732); Basílica de Mafra, capela dos Confessores.<sup>42</sup>

**Francesco Maria Schiaffino** (1688-1763). Escultor italiano natural de Génova. Esculpiu:

- *Cristo do Altar-mor* (3.<sup>a</sup> década do séc. XVIII); Basílica de Mafra, capela-mor.<sup>43</sup>

**Francisco Pereira Campanhã** (?-?). Foi um dos melhores riscadores de talha do país. Esculpiu:

- *Capela de Nossa Senhora da Soledade* (1764); igreja de São Francisco, Porto.<sup>44</sup>

**Francisco Xavier de Brito** (?-1751). Foi um entalhador e escultor português (natural de Lisboa), responsável por diversas talhas de igrejas do período barroco mineiro. Entre as suas obras, destacamos esta:

- *Retábulo de Nossa Senhora da Conceição* (ca. 1740); igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas, Minas Gerais; com representações dos

<sup>41</sup> PEREIRA, Paulo, *Arte Portuguesa*, p. 762-764.

<sup>42</sup> PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, p. 111.

<sup>43</sup> Ver Id., ib., p. 142.

<sup>44</sup> ALVES, Natália Marinho Ferreira, *A talha da Igreja do Convento de São Francisco do Porto: o forro da nave central e do transepto, 1732*, em Revista da Faculdade de Letras: História, II série, vol. 10 (1993), p. 368.

Quatro Evangelistas; ao centro, apresenta as figuras de *Cristo* e de *Deus Pai*, sustentando uma coroa real (RMG 29).

**Francisco Xavier Fabri** (1761-1807). Arquiteto genovês, que, no final do século XVIII (ca. 1790), vem para Portugal a convite do bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avelar. Dirige as obras da Sé de Faro e orienta o restauro de algumas igrejas algarvias danificadas pelo terremoto de 1755. Mais tarde, vai viver para Lisboa.

- *Retábulo da capela do Senhor Jesus*; catedral de Silves (Lameira, 2005).
- *Retábulo da capela-mor da Ermida de São Luís*, em Faro (séc. XIX); madeira dourada e policromada.<sup>45</sup>

**Gioacchino Fortini** (?-?). Foi um dos maiores escultores da Toscana do século XVIII. Esculpiu para Mafra:

- *São Filipe* (3.<sup>a</sup> década do séc. XVIII); Convento de Mafra, capela do Campo Santo.
- *São Tiago Menor* (1732); Convento de Mafra, capela do Campo Santo; Inv. n.º 947.<sup>46</sup>

**Giovanni Battista Maini** (1690-1752). Era natural da Lombardia. Em 1744, estava a trabalhar para D. João V. Esculpiu:

- *São Gabriel* (1731); Basílica de Mafra, capela de São Pedro de Alcântara.
- *São Miguel* (1732); Basílica de Mafra, capela de São Pedro de Alcântara.<sup>47</sup>

**Girolamo Ticciati** (?-?). Foi um escultor natural de Florença. Esculpiu:

- *Santo André* (1732); Convento de Mafra, capela do Campo Santo.
- *São Tiago Maior* (1732); Convento de Mafra, capela do Campo Santo.<sup>48</sup>

**Giuseppe Baratta** (?-?). Esculpiu:

- *São Matias* (3.<sup>a</sup> década do séc. XVIII); Basílica de Mafra, capela dos Santos Confessores.
- *São José* (1732); Convento de Mafra, capela do Campo Santo.

<sup>45</sup> LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal - das origens ao declínio*, p. 110.

<sup>46</sup> Para as duas obras, ver PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, p. 118.124; CARVALHO, Ayres de, *A escultura em Mafra*, Mafra, 1950, p. 19.

<sup>47</sup> Para as duas obras, ver PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, Coleção Arte e Património, Lisboa, 2003, p. 11.21.180.182.

<sup>48</sup> Para as duas obras, ver PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, o. c., p. 160 e 166.

- *São João Batista* (1732); Basílica de Mafra, capela de Nossa Senhora da Conceição.
- *São Bartolomeu* (1732); Basílica de Mafra, capela dos Santos Bispos.
- *São Mateus* (3.<sup>a</sup> década do séc. XVIII); Basílica de Mafra, capela dos Santos Bispos.<sup>49</sup>

**Giuseppe Broccetti** (1684-1733). Foi um escultor florentino e autor da seguinte imagem:

- *S. Marcos* (1732); Convento de Mafra, Inv. n.º 1039.<sup>50</sup>

**Giuseppe Cades** (?-?). Desenhou:

- *A Última Ceia* (1785-1790); desenho; 16x35,6 cm (MNAA, 2206 Des).

**Giuseppe Lironi** (1689-1746). É-lhe atribuída a seguinte obra:

- *Medalhão com a Virgem, o Menino e Santo António* (ca. 1730); Basílica de Mafra, frontão da fachada.<sup>51</sup>

**Giuseppe Piamontini** (1664-1722). Escultor italiano que trabalhou em Florença. Fez a seguinte obra para Mafra:

- *São Lucas* (1732); Basílica de Mafra.<sup>52</sup>

**João António Bellini** (1690?-1755?). É um escultor natural de Pádua, mas que viveu e trabalhou sempre em Portugal. Em 1725, já trabalhava em Évora.<sup>53</sup> Deixou-nos:

- Componente escultórica da capela-mor da Sé de Évora (1725-1734):
  - Quatro alegorias de virtudes: *Fé. Esperança. Caridade. Religião* (1725-1729).
  - Anjos e tabela floral (1730-1733).
  - Dois bustos, figurando *S. Pedro e S. Paulo* (1730-1735?).
- Componente escultórica da igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo, Lisboa (1734-1740):
  - Quatro estátuas de apóstolos (1734-1737).
  - Dois púlpitos (1737).

<sup>49</sup> Para as cinco obras, ver Id., ib., p. 114.138.140.154.156.

<sup>50</sup> Ver Id., ib., p. 110.

<sup>51</sup> Ver Id., ib., p. 56.

<sup>52</sup> Ver Id., ib., p. 27 e 116.

<sup>53</sup> Sobre o autor ver o artigo de VALE, Teresa Leonor M., *João António Bellini de Pádua: a mobilidade de um escultor italiano em Portugal no século XVIII – parcerias artísticas e encomendadores*, p. 505-518 (on line em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6174.pdf>).

– Oito estátuas de apóstolos (1740).

- Sacrário da igreja do colégio de Nossa Senhora da Conceição, Santarém (1734-1739).
- Retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte, na mesma igreja.
- Retábulo da igreja do convento do Louriçal (1737-1739?).

**João Batista Pachini** (?-1740). Veio de Roma nos finais da primeira década do século XVIII e estabeleceu-se no Porto. Aí constituiu família, desenvolve a sua atividade como pintor e, após a sua morte, recebe sepultura na igreja de Santo Ildefonso. A sua presença em obras na Sé do Porto é comprovada várias vezes:

- Tecto da sala capitular, designadamente: dois painéis representando *São Pedro e São Paulo* (1720); e uma série de restauros das pinturas da sacristia que lhe foi encomendada, em 1727.

**Joaquim José de Barros, Joaquim António de Macedo e António Pinto.** Esculpiram:

- *Presépio dos Marquês de Belas* (1796-1812); terracota; 358x422x162 cm (MNAA, 642 Esc).

**Joaquim Machado de Castro** (1731-1822) e **J. Barros Laborão** (?-?). Foram os escultores de:

- *Presépio, dito do Marquês de Belas* (séc. XVIII); estrutura de madeira e cortiça, figuras de barro cozido policromado.

**Joaquim Machado de Castro** (1731-1822). Era natural de Coimbra e veio a falecer em Lisboa. Foi um dos escultores portugueses de maior influência na Europa do século XVIII e princípio do século XIX. Possuía o grau de cavaleiro professo da Ordem de Cristo, com que fora agraciado ao terminar os trabalhos do monumento da estátua equestre de D. José I.<sup>54</sup> Além desta obra que o notabilizou, esculpiu em barro:

- *Presépio do beneficiado Oliveira*; doado à diocese de Lisboa.
- *Presépio da basílica da Estrela*; com 500 figuras.
- *Nossa Senhora e S. José*; apóstolos *Simão, Judas Tadeu e Matias*; Sé Patriarcal.

<sup>54</sup> Foi o primeiro escultor português a escrever sobre escultura, demonstrando preocupação na nobilitação da arte e dos artistas. A sua obra mais vasta é a *Descrição analítica da Estátua Equestre*, Lisboa, Imp. Régia, 1810; é ainda de nomear o *Dicionário de Escultura* (inédito até 1937). Sobre o autor e a sua obra, ver *Portugal – Dicionário histórico*, vol. IV, p. 659-662; Fortunato de Almeida III, p. 418.

- *Sagrada Família* (ca. 1770-1780); museu de Aveiro.<sup>55</sup>
- *Santa Ana a ensinar a Virgem a ler* (1783-1784); 83x41,5x47 cm (MNAA, 584 Esc).

**Johan Friedrich Ludovice** (1673-1752), **Carlos Baptista Garvo** e **Manuel Nunes Negrão** (?-?). Esculpiram:

- Capela-mor da Sé de Évora (1718-1746); capitéis em mármore branco.

**José Álvares de Araújo** (?-?). Escultor bracarense. Foi autor de:

- Arco do retábulo de *Nossa Senhora dos Prazeres* (1756); igreja do Colégio de São Paulo (Braga).
- Retábulo de *Nossa Senhora do Rosário* (1761); igreja do Convento de São Domingos, Viana do Castelo.

**José Coelho de Noronha** (1704-1765). Nasceu em Lisboa, mas trabalhou no Brasil, na região de Minas Gerais, durante o “Ciclo do Ouro”. Foi mestre do Aleijadinho, colaborando, pois, para a produção artístico-religiosa do barroco mineiro. Foi um entalhador de prestígio e fama. Como tal, trabalhou no:

- *Retábulo de Nossa da Conceição* (1747); catedral de Mariana, Minas Gerais (RMG 23).

**José de Almeida** (1708-?). Era natural de Lisboa. Foi em Roma que adquiriu as suas competências artísticas como escultor. Ao regressar a Portugal, esteve durante algum tempo a trabalhar em Mafra, mas fixou-se posteriormente em Lisboa, onde tinha outras oportunidades.<sup>56</sup> Foi o autor de:

- *Presépio em madeira* (séc. XVIII; PNM).
- *Nossa Senhora do Rosário* (1742-1745); em madeira policromada; Santa Casa da Misericórdia de Mafra.<sup>57</sup>
- *Cristo crucificado*; igreja de Santo Estêvão, Lisboa.

**José de Santo António Ferreira Vilaça**, Frei, OSB (1731-1809). Era natural de Braga e foi monge-escultor, tendo dedicado grande parte da sua vida ao embelezamento de igrejas beneditinas das dioceses de Braga e Porto. Tomou o hábito de São Bento no Mosteiro de Tibães (1758), templo onde, um ano

<sup>55</sup> MARQUES, João Francisco, *Orações e Devoções*, em História Religiosa de Portugal II, p. 633.

<sup>56</sup> PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, p. 10.

<sup>57</sup> Semelhante a esta e do mesmo escultor são também *Nossa Senhora do Rosário*, pertencente ao acervo do Museu Nacional de Machado de Castro de Coimbra (Inv. 1960/E230), e *Nossa Senhora do Rosário da igreja matriz de Santiago do Cacém*; ver FALCÃO, José António, e PEREIRA, Fernando António Batista, *José de Almeida Escultor Setecentista*, Lisboa, Estar, 1996.

antes, juntamente com seu pai, conhecido carpinteiro, começou a trabalhar no retábulo da capela-mor. A sua atividade inicia-se em colaboração com André Soares e José Álvares de Araújo, para depois se autonomizar.<sup>58</sup> Deixamos aqui uma pequena referência da sua obra:

- Cadeira dos abades de Tibães (1738 ou 1784). Uma das suas obras-primas.
- Retábulo-mor (1764-1766) e dois retábulos laterais (1764-1766) da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, Lamego.
- Retábulo-mor da igreja do Mosteiro de Refóios de Basto (1764-1767).
- Quatro retábulos laterais da igreja do Mosteiro de Santo Tirso (1767-1770).
- Dois retábulos colaterais (1767-1770) e quatro laterais (1773-1780), da igreja do Mosteiro de Refóios de Basto.
- Retábulo-mor da igreja do Mosteiro de Pombeiro (1770-1773).
- Retábulo-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga (1775-1777).
- Dois retábulos laterais da igreja do Mosteiro de Pombeiro (1777-1780).
- Retábulo-mor (1780-1783) e retábulos laterais (1780-1783), da igreja do Mosteiro de Pendorada / Alpendorada.
- Retábulo-mor da igreja do Mosteiro de Paços de Sousa (1783-1786).

**José Simões de Almeida** (1866-1942). Era natural de Figueiró dos Vinhos. Concluiu o curso na Escola de Belas-Artes de Lisboa, em 1865, com elevada classificação, o que lhe permitiu receber do governo uma bolsa de estudos, com a qual foi aperfeiçoar-se em Itália. Passando pela França, aproveitou a estadia nesse país para cursar a Escola Imperial de Belas-Artes, onde se conservou até 1870. Tem um sobrinho com o seu nome, e que foi um escultor português tal como ele.<sup>59</sup> Esculpuiu:

- *Cristo Crucificado*; altar da capela tumular de Alexandre Herculano (Jerónimos); em pedra e de tamanho natural.
- *S. João Batista*; portal manuelino da igreja de Figueiró.

**Julião Francisco Ferreira** (?-1771). Foi o provável autor de:

- Talha do retábulo da capela-mor de São Pedro, Funchal.
- Talha dos retábulos da capela-mor, colaterais, das paredes laterais e da sacristia da igreja de São Jorge, em Santana, Madeira (década de 1750).

<sup>58</sup> Sobre este monge-escultor e suas obras, ver SMITH, Robert C., *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça - Escultor Beneditino do Século XVIII*, FCG, Lisboa, 1972; 2 vol.; PEREIRA, Paulo, *Arte Portuguesa - História essencial*, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2014, p. 726-727.

<sup>59</sup> Fortunato de Almeida III, p. 418.

- Retábulo principal da ermida de São João da Ribeira, Funchal (1750); no centro apresenta *São João Batista* (RDF 30).
- Retábulo lateral da igreja matriz de S. Jorge (Madeira); no centro sobressai uma pintura temática das *almas do purgatório*, encimada por um anjo (1737; RDF 29).
- Retábulos laterais ao arco triunfal da igreja matriz de Santana e alguns trabalhos na igreja da Camacha, Madeira (1750-1760).<sup>60</sup>

**Laurent de Delvaux** (1696-1778). Era natural de Gant (Bélgica). Foi um escultor de estátuas e esculpiu duas em Mafra:

- Estátua de *S. Rafael*.
- Estátua do *Anjo Tutelar do reino de Portugal* (PNM).

**Manuel Ferreira Esteves** (?-?). Deixou a sua marca de ourives em:

- *Cruz processional* (finais do séc. XVIII); igreja paroquial do Salvador (Falcão II, p. 61).

**Manuel Gouveia e Manuel Martins** (?-?). Foram dois mestres entalhadores com oficina aberta em Lamego. Executaram:

- Arco triunfal retabular da capela de Nossa Senhora do Desterro, Lamego (1738); com uma pintura representativa da *Sagrada Família no regresso do Egito* (RDL 27).<sup>61</sup>

**Manuel Machado** (?-?). Foi mestre entalhador natural de Entre Douro e Minho, mas com oficina aberta no concelho de Trancoso. É possível atribuir-se-lhe o seguinte retábulo:

- *Retábulo do Bom Jesus* (ca. 1736); igreja paroquial de São Sebastião, Vila Nova de Souto d'El Rei; com representações escultóricas do *Senhor Crucificado*, *Nossa Senhora das Dores* e *São João Evangelista* (RDL 30).<sup>62</sup>

**Marcelino de Araújo, André Soares da Silva e José Álvares de Araújo** (?-?). Esculpiram:

- Retábulo da capela de Nossa Senhora dos Prazeres (1754-1756); igreja de Santiago de Braga; madeira dourada e policromada.<sup>63</sup>

<sup>60</sup> LADEIRA, P., *Os retábulos da igreja de São Pedro no Funchal*, Universidade da Madeira (on line, PDF).

<sup>61</sup> QUEIRÓS, Carla, *Os retábulos da cidade de Lamego...*, Lamego, 2002, p. 115 .

<sup>62</sup> ALVES, Alexandre, *Artistas e artífices nas Dioceses de Lamego e Viseu*, vol. 2, p. 165-167.

<sup>63</sup> LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal - Das origens ao declínio*, p. 108.



**Nicolau Salvi e Luigi Vanvitelli** (?-?). Esculpiram:

- Retábulo da capela de São João Batista (1742-1751); igreja de São Roque, Lisboa; lápis-lazúli e outras pedras semipreciosas.<sup>64</sup>

**Rafael Augusto Bordalo Pinheiro** (1846-1905). Era natural de Lisboa. Foi um artista português, de vasta obra dispersa por largas dezenas de livros e publicações. Durante cerca de 35 anos (1870-1905) foi a alma de todos os periódicos que dirigiu quer em Portugal, quer nos três anos que trabalhou em terras brasileiras. Além disso, era um artista plástico, que ficou famoso pela caricatura. Na qualidade de ceramista, deixou-nos as seguintes peças da Paixão de Cristo (1891-1893):

- *Jesus em casa de Caifás. Magistrado*; 89 cm de alt. (MJM, Esc 243.4).
- *Esbirro*; 134 cm de alt. (MJM, Esc 243.5).
- *Cristo e guarda do Templo*; 126 cm de alt. (MJM, Esc 243.6).
- *Guarda do Templo*; 104 cm de alt. (MJM, Esc 243.7).
- *Jesus perante Pilatos*; 156 cm de alt. (MJM, Esc 244).
- *Guarda romano*; 166 cm de alt. (MJM, Esc 244.1).
- *Guardas romanos* (2); 130 cm de alt. (MJM, Esc 244.2).
- *Pôncio Pilatos*; 104 cm de alt. (MJM, Esc 244.3).
- *Guarda romano*; 152 cm de alt. (MJM, Esc 244.4).
- *Jesus no Horto* (1887); 70,5 cm de alt. (MJM, Esc 239).
- *Jesus frente a Herodes*; oferta de Dinis Bordalo Pinheiro; 102x105 cm (MJM, Cer 84).
- *São Mateus ajoelhado com o anjo*; oferta de Dinis Bordalo Pinheiro; 150x90 cm (MJM, Cer 93).
- *São Marcos*; oferta de Dinis Bordalo Pinheiro; 165x110 cm (MJM, Cer 95).
- *Traição de Judas* (1887); 1180 cm; 7 figuras (MJM, Esc 240.1 a 240.7).
- *Passagem do Cedron* (1887); 1070 cm; 2 figuras (MJM, Esc 241 e 241.1).
- *Jesus em Casa de Anás* (1887); 97 cm; 3 figuras (MJM, 242.1 a 242.3).
- *Jesus em Casa de Caifás* (1887); 1185 cm; 7 figuras (MJM, 243 a 243.7).
- *Jesus perante Pilatos* (1893); 1560 cm; 4 figuras (MJM, 244 a 244.4).

**Santos Pacheco** (?-ca. 1765). Foi autor de:

- Retábulo do altar-mor da Igreja dos Paulistas, Lisboa, 1728.

<sup>64</sup> Id., ib., p. 106.

**Valentim da Fonseca e Silva** (1745-1813). Foi o escultor de:

- Retábulo principal da capela do Noviciado (1773); igreja do Carmo no Rio de Janeiro; madeira dourada e policromada.<sup>65</sup>

**Vincenzo Francesco Foggini** (?-1755). Foi um escultor italiano, autor de:

- *São Tadeu* (1732); Basílica de Mafra, capela dos Santos Bispos.<sup>66</sup>

**Vittorio Barbieri** (?-?). Foi o autor de:

- *São Simão* (3.<sup>a</sup> década do séc. XVIII); Basílica de Mafra, capela dos Santos Bispos.<sup>67</sup>

**Escola de escultura de Mafra.** Foi a primeira grande escola de escultura portuguesa. Daqui saíram:

- *Retábulo da Anunciação* (1773); Convento de Mafra, Reservas; Inv. 996.
- *Retábulo de Nossa Senhora da Conceição* (1771); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1016.
- *Apresentação da Virgem no Templo* (luneta; 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII); Basílica de Mafra, capela de Nossa Senhora da Conceição.
- *Cristo no Horto* (luneta; 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1004.
- *Cristo a caminho do Calvário* (luneta; 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII); Basílica de Mafra, capela do Santo Cristo.
- *São Pedro* (luneta; 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1009.
- *Cristo irado com o mundo e os pecadores* (luneta; 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 999.
- *Passo do Apocalipse* (luneta; 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII); Convento de Mafra, Reservas; Inv. n.º 1019.<sup>68</sup>

**Escola de Granada**

- *Senhor Morto* (séc. XVIII); igreja do Santuário, Serpa (Falcão II, p. 187).

**Oficina Machado de Castro**

- *Profeta Elias* (séc. XVIII); na paróquia de Nossa Senhora da Lapa, patriarcado de Lisboa (Inv. 82; Cristo 2000, 71).

<sup>65</sup> LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal - Das origens ao declínio*, p. 118.

<sup>66</sup> PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, o. c., p. 158.

<sup>67</sup> Ver Id., ib., p. 152.

<sup>68</sup> Ver Id., ib., p. 43.200.202.208.210.212.214.216.220.

- *Santo Elias* (1785); fachada da Basílica da Estrela.

### Oficina portuguesa

- *Menino Jesus dormindo sobre a cruz*; paróquia de Almoester, Santarém; em chumbo policromado (MDS).
- *Cristo morto*; igreja de N. S. das Graças, Santarém (MDS).
- *Santa Ana e a Virgem* (séc. XVIII); igreja matriz de Santa Maria da Feira, Beja (Falcão III, p. 225).
- *Nossa Senhora da Conceição* (séc. XVIII); capela do Senhor Jesus dos Quartéis, Moura (Falcão II, p. 293).
- *Nossa Senhora do Rosário* (séc. XVIII); igreja paroquial de São Bartolomeu, Via Glória (Falcão II, p. 322).

### Vários autores

- Interior da Igreja de S. Francisco no Porto.
- Interior da Igreja de Santo António de Lagos, 1770. Forrada a azulejo e ouro.

### Autores desconhecidos

- *Árvore de Jessé* (1705); igreja de São Francisco de Estremoz.
- *Lamentação sobre o corpo de Cristo* (séc. XVIII); em quatro peças:
  - *Cristo jacente*.
  - *Nossa Senhora*.
  - *S. João Evangelista*.
  - *Maria Madalena*; na Santa Casa da Misericórdia de Lamego (Inv. 161; Cristo 2000, 362).
- *Cristo jacente* (ca. 1873); paróquia de Mafamude, diocese do Porto (Cristo 2000, 347).
- *Retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Saúde* (meados do séc. XVIII); ilha de Moçambique; madeira dourada.<sup>69</sup>
- *Retábulo do antigo convento de São Francisco* (início do séc. XVIII); talha dourada (RDF 21).
- *Retábulo de São João Evangelista* (séc. XVIII); catedral de Mariana, Minas Gerais (RMG 7).
- *Retábulo principal da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição* (década de 1730); com vários painéis pintados (RMG 14).

<sup>69</sup> LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal - Das origens ao declínio*, p. 114.

- *Arco triunfal retabular da capela de Santa Ana* (séc. XVIII); Cocaís, Minas Gerais (RMG 20).
- *Retábulo de S. José* (ca. 1745); igreja matriz do Bom Jesus do Monte, Mariana, Minas Gerais (RMG 21).
- *Retábulo da capela do Santíssimo Sacramento* (meados do séc. XVIII); igreja matriz de Santa Cruz; ao centro uma pintura do *Senhor Crucificado*, sobreposta por *Deus Pai e uma pomba, símbolo do Espírito Santo*; na porta do sacrário, surge um relevo escultórico do *Cordeiro Místico* (RMG 28).
- *Retábulo de São João Evangelista* (séc. XVIII); madeira entalhada dourada; com uma composição tripartida representando: São João em Patmos, redigindo o Apocalipse, o Calvário e a comunhão da Virgem (RMG 19).
- *Retábulo de Cristo Ressuscitado ou da Sagrada Família* (ca. 1745); igreja do antigo mosteiro de São João de Tarouca; no eixo da composição está o sacrário, em cuja porta está pintado o *Ecce Homo*; ao centro, para além das representações escultóricas da *Sagrada Família*, está também uma pintura com a imagem de *Cristo Ressuscitado* (RDL 33).
- *S. Mateus, apóstolo e evangelista*; paróquia de Santa Iria da Ribeira de Santarém; em madeira policromada (MDS).
- *Sta. Maria e S. José* (presépio); Seminário de Santarém (MDS).
- *Ceia de Emaús*; Seminário de Santarém; pintura a óleo sobre madeira (Museu Diocesano de Santarém).
- *São Joaquim* (3.<sup>a</sup> década do séc. XVIII); Convento de Mafra, capela do Campo Santo; Inv. n.º 1023.
- *Santa Ana* (3.<sup>a</sup> década do séc. XVIII); Convento de Mafra, capela do Campo Santo; Inv. n.º 1038.
- *São Rafael* (3.<sup>a</sup> década do séc. XVIII); Basílica de Mafra, capela de São Pedro de Alcântara.<sup>70</sup>
- *Custódia* (início do séc. XVIII); igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, Grândola (Falcão II, p. 89).
- *Menino Jesus no berço e Anjo* (início do séc. XVIII); Museu de Arte Sacra e Arqueologia, Vila Alva; Inv. n.º Our 12-A e 12-B (Falcão II, p. 138).
- *Custódia*. Trabalho português (3.º quartel do séc. XVIII); Sé de Beja (Falcão II, p. 174).

<sup>70</sup> Para Santa Ana, São Joaquim e São Rafael, ver PEREIRA, José Fernandes, *A escultura de Mafra*, p. 134.136.178.

- *Custódia* (ca. 1715); igreja de Nossa Senhora da Conceição, Castro Verde (Falcão II, p. 276).
- *São Pedro* (séc. XVIII); escultura em madeira; 108x45x38,5 cm (MGV, 1014).
- *Menino Jesus Salvador do Mundo* (séc. XVIII); escultura em madeira; Museu da Terra de Miranda (SMD - 00309).
- *São Mateus* (séc. XVIII); madeira dourada; prov. da Igreja das Mercês; 60 cm (ME, 113/1).
- *São Marcos* (séc. XVIII); madeira dourada; prov. da Igreja das Mercês; 60 cm (ME 114/1).
- *São João Evangelista* (1726-1775); madeira dourada; prov. da Igreja das Mercês; 60 cm (ME 116/1).
- *Nossa Senhora das Dores* (séc. XVIII); madeira estofada e dourada; 46 cm (ME, 1676).
- *Nossa Senhora da Piedade* (séc. XVIII); madeira estofada e dourada; 70x62 cm (ME, 120).
- *São Paulo* (séc. XVIII); madeira dourada; 60 cm; prov. da Igreja das Mercês (ME, 117/1).
- *Santa Ana e a Virgem* (séc. XVIII); madeira de castanho; prov. Convento das Chagas, Lamego; 77x23 cm (ML, 735).
- *São João Evangelista* (séc. XVIII); madeira de castanho; prov. Convento das Chagas, Lamego; 175x53 cm (ML, 737).
- *São Mateus Evangelista* (séc. XVIII); madeira; 109x44 cm (MGV, 1012).
- *São Paulo* (séc. XVIII); 107x41 cm; madeira (MGV, 1015).
- *São Marcos Evangelista* (séc. XVIII); madeira; 108x44 cm (MGV, 1016).
- *São João Evangelista* (séc. XVIII); madeira; 106x47 cm (MGV, 1013).
- *São Lucas Evangelista* (séc. XVIII); madeira; 102x43 cm (MGV, 1017).
- *São Joaquim, Santa Ana e Virgem Maria* (séc. XVIII); madeira; 46,5x30 cm (MAS, ED 3).
- *Virgem do Calvário* (1801-1810); 27x8,5 cm (BGV, 1100).
- *São João do Calvário* (1801-1810); 27x8,5 cm (BGV, 1101).
- *Calvário* (1730-1734); baixo-relevo; prov. coro-alto do Convento de Jesus de Aveiro; 268x200 cm (MA, 524/B).
- *Anunciação* (séc. XVIII); marfim e madeira; 24,5x14,5 cm (MNMC, 2675A; E570).

### 16.3. Azulejaria ou Arte do azulejo (barroco)

Esta arte é tipicamente portuguesa e tem muito a ver com a pintura; mas os materiais de suporte são especiais. Pena é que os governos, sobretudo a partir de 1834, deixassem tantas destas riquezas de mosteiros, conventos e igrejas ao abandono ou dispostas a roubos e assaltos, para serem vendidas ou ficarem a pertencer a coleções de particulares, amigos dos respetivos regimes políticos.<sup>71</sup>

Apresentamos aqui alguns dos mais conhecidos, conscientes de que é apenas uma amostra das existências desta tipologia artística do nosso país. Primeiramente anotaremos alguns autores e, seguidamente, algumas coleções de igrejas e conventos.

**António de Oliveira Bernardes** (1662-1732). Foi um pintor e azulejista português, nascido no Alentejo. Serviu como mordomo da Irmandade de S. Lucas, entre 1686 e 1687. Integra-se no chamado ciclo dos mestres da produção azulejar portuguesa. Pensa-se que faleceu em 1732, embora não se possa confirmar esse facto. Na sua obra como azulejista destacam-se:

- Capela de São Pedro de Rates (1715).
- Sé de Braga, capela de São Geraldo.
- Igreja das Mercês, Évora: sacristia.
- Igreja das Mercês, Lisboa: sala de passagem para a sacristia (1714).
- Convento dos Lóios, Évora: nave da igreja: painéis historiados com episódios da vida de São Lourenço Justiniano.
- Convento da Esperança, Ponta Delgada: coro-baixo.
- Convento de São Domingos de Benfica, Lisboa: transepto da igreja.
- Igreja de Nossa Senhora do Terço, Barcelos; corpo da igreja: painéis historiados com episódios da vida de São Bento (1713).
- Santuário de Nossa Senhora da Nazaré: sacristia.
- Ermida de Porto Salvo, Paço de Arcos.
- Assinatura de António de Oliveira Bernardes na Capela do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, Peniche.

<sup>71</sup> Obra importante na arte do azulejo, que, aliás, se interessa mais pelas representações do *Cântico dos Cânticos*, é a de Mons. CARDOSO, Arnaldo Pinto, *Representações Artísticas do Cântico dos Cânticos em Portugal*, Alêtheia Editores, Lisboa, 2014. Mais abaixo, apresentamos algumas obras referidas neste livro, pelo seu valor intrínseco e pelos laços de amizade que nos unem ao seu autor.

Na última fase da sua carreira, trabalhou em parceria com Policarpo de Oliveira Bernardes, seu filho e discípulo, sendo de destacar:

- Igreja do Pópulo, Braga: revestimento.
- Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, Peniche, nave e capela-mor. Ver o autor em 16.1.

**Policarpo de Oliveira Bernardes** (1695-1778). Aprendeu a arte de azulejaria com o pai, António de Oliveira Bernardes. Na sua obra como azulejista destacam-se:

- Porta do Convento de S. Francisco, Alenquer.
- Nave e corpo da Igreja da Misericórdia, Viana do Castelo (1719-1721).
- Capela-mor, cúpula e abóboda da nave da Igreja de São Lourenço de Almancil (cerca de 1730).
- Sacristia do Convento de Varatojo, Torres Vedras.
- Frontaria e nave da Ermida de Porto Salvo, Oeiras (1740).
- Capela do Forte de São Filipe, Setúbal.
- Tribuna da capela da Quinta do Bonjardim, Belas, Sintra (atribuído).
- Igreja da Penha, Braga.
- Capela de Nossa Senhora da Cabeça, Évora.
- Revestimento azulejar da igreja da Misericórdia, Viana do Castelo (1714).
- Revestimento em azulejo da igreja de Almancil, Algarve (1730).
- Revestimento a azulejo na igreja de Samora Correia.
- Revestimento azulejar da Igreja do Convento de Jesus, Setúbal (1764).
- *Queda de Jesus a caminho do Calvário*; Seminário de Santarém (MDS).
- *Fuga para o Egipto* (1730); centro de fabrico: Lisboa; 57x99 cm (MNAz 1690 Az).

**Salvador de Sousa Carvalho e Manuel da Costa Brioso** (1708-1773). Foram grandes pintores de azulejos, que deixaram marca em vários painéis. Deixamos aqui este, cujo tema é bíblico:

- *Fuga para o Egipto* (1773-1779); faiança policromada; 125x162,5 cm (MNMC, 12236).

**Willem van der Kloet** (Roterdão, 1666-1747). Foi autor de:

- *Painéis de azulejos azuis e brancos com temas bíblicos...* (1698-1707); nave da Igreja da Madre de Deus.



- *Cristo e a Samaritana* (1707); centro de fabrico: Amesterdão; doação da Associação dos Amigos do Museu Nacional do Azulejo; 65x84,5 cm (MNAz 10041 Az).
- *Entrega das chaves a São Pedro* (1707); centro de fabrico: Amesterdão; doação de Manuel D'Orey Capucho; 65x84,5 cm (MNAz 10042 Az).

### Autores desconhecidos

- *Anjo com hostiário monumental* (ca. 1750; MNMC)
- *A aparição de Cristo a D. Afonso Henriques na véspera da batalha de Ourique*; igreja matriz de Nossa da Conceição, Castro Verde (Falcão I, p. 48).
- *Verónica* (séc. XVIII); centro de fabrico: Lisboa; 70x70 cm (MNAz 9828 Az).
- *Batismo de Cristo* (1700-1730); centro de fabrico: Lisboa; 168x124 cm (MNAz 8904 Az).

### Azulejaria e o Cântico dos Cânticos

Nalguns conventos ou restos de conventos e igrejas, encontramos grandes painéis sobre a temática do Cântico dos Cânticos. São as seguintes:

1. Claustro gótico da Sé do Porto. Autor: Valentim de Almeida (ca. 1729-1733).
  - 1.º Paine: Cant 2,1: *Ego Flos...* e 1,3: *Trahe me post te...*
  - 2.º Paine: Cant 4,4: *Mille clypei pendente ex ea...*; 4,6: *Vadam ad montem myrrhae...*; 1,15: *Hecce tu pulcher es...*; 4,1: *Hecce tu pulchra es amica mea...*
  - 3.º Paine: Cant 4,8: *Veni de Libano, sponsa mea...*
  - 4.º Paine: Cant 2,3: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi...*; 2,7: *Adiuvo vos, filiae Jerusalem...*
  - 5.º Paine: Cant 4,9: *Vulnerasti cor meum, soror mea, sponsa...*; 8,2: *Aprehendam te, et ducam in domum...*
  - 6.º Paine: Cant 6,1: *Dilectus meus descendit...*; 6,3: *Pulchra es, amica mea...*
  - 7.º Paine: Cant 1,6: *Indica mihi ubi pascas...*; 1,7: *Si ignoras te, o pulcherrima inter mulieres...*
2. Convento de São Paulo da Serra de Ossa. Autor: António de Oliveira Bernardes (séc. XVIII).
  - 1.º Paine: Cant 7,12: *(mane) surgamus ad vineas!*
  - 2.º Paine: Cant 2,3: *Sub umbra illius quem desideraveram...*
  - 3.º Paine: Cant 5,7: *Vulneraverunt me, tulerunt...*
  - 4.º Paine: Cant 8,13: *Amici, auscultate...*
  - 5.º Paine: Cant 7,11: *Egrediamur in agrum...*
  - 6.º Paine: Cant 1,5: *Vineam (meam) non custodivi!*

- 7.º Painei: Cant 6,1: *Descendit in hortum suum...*
- 8.º Painei: Cant 2,5: *Fulcite me floribus...*
- 3. Convento dos Congregados. Estremoz. Autor: António de Oliveira Bernardes (séc. XVIII).
  - 1.º Painei: Cant 2,10: *En dilectus meus loquitur...*
  - 2.º Painei: Cant 2,9: *En ipse stat post parietem...*
- 4. Igreja de Nossa Senhora do Monte. Monte da Caparica, Setúbal (séc. XVIII).
  - 1.º Painei: Cant 5,6: *Anima mea liquefacta est...*
  - 2.º Painei: Cant 3,1: *In lectulo meo per noctes...*
  - 3.º Painei: Cant 2,5: *Fulcite me floribus...*
  - 4.º Painei: Cant 5,2: *Ego dormio et cor meum vigilat.*
  - 5.º Painei: Cant 4,8: *Veni..., coronaberis.*
  - 6.º Painei: Cant 7,11: *Veni, dilecte mi...*
  - 7.º Painei: Cant 2,16: *Qui pascis inter lilia...*
  - 8.º Painei: Cant 2,3: *Fructus eius dulcis...*
  - 9.º Painei: Cant 8,13: *Fac me audire vocem tuam.*
  - 10.º Painei: Cant 5,7: *Tulerunt palium meum.*
- 5. Igreja de Santo Estêvão. Mouraria, Lisboa (séc. XVIII).
  - 1.º Painei: Cant 5,8: *Amore langueo...*
  - 2.º Painei: Cant 6,1: *Colligat lilia...*
- 6. Igreja de Santo Agostinho. Marvila, Lisboa. Autor: António de Oliveira Bernardes (séc. XVIII).
  - Painei do lado direito:
    - 1.º Quadro: Cant 5,7: *Vulneraverunt me, tulerunt...*
    - 2.º Quadro: Cant 2,12: *Flores aparuerunt in terra...*
    - 3.º Quadro: Cant 2,3: *Fructus eius dulcis...*
  - Painei do lado esquerdo:
    - 1.º Quadro: Cant 2,7: *Ne suscitatis neque evigilare...*
    - 2.º Quadro: Cant 8,7: *Aquae multae non potuerunt...*
    - 3.º Quadro: Cant 2,14: *Fac me audire vocem tuam...*
- 7. Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Peniche (séc. XVIII).
  - 1.º Painei: Cant 2,3: *Fructus eius dulcis...*
  - 2.º Painei: Cant 5,2: *Ego dormio et cor meum...*
  - 3.º Painei: Cant 8,3: *Laeva eius sub capite meo...*
  - 4.º Painei: Cant 8,13: *Fac me audire vocem tuam...*
- 8. Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, Peniche (séc. XVIII).
  - 1.º Painei: Cant 8,13: *Fac me audire vocem tuam...*

- 2.º Painei: Cant 8,3: *Laeua eius sub capite meo...*
  - 3.º Painei: Cant 2,3: *Fructus eius dulcis...*
9. Convento das Clarissas, Louriçal. Autor: Bartolomeu Antunes (1735-1745).
- 1.º Painei: Cant 2,3: *Fructus eius dulcis...*
  - 2.º Painei: Cant 2,14: *Fac me audire vocem tuam.*
10. Capela de Nossa Senhora da Conceição, Azurém, Guimarães. Autor: Oficina de Oliveira Bernardes (1720-1740).
- 1.º Painei: Cant 5,1: *Venit in Hortum suum...*
  - 2.º Painei: Cant 2,14: *Sonet vox tua in auribus...*
  - 3.º Painei: Cant 2,3: *Fructus eius dulcis...*
  - 4.º Painei: Cant 8,3: *Amplexabitur me*; 8,14: *Fuge, dilecte mi.*
  - 5.º Painei: Cant 3,4: *Tenui eum nec dimittam...*
11. Seminário de Santarém (séc. XVIII).
- 1.º Painei: Cant 2,1: *Eu sou a flor dos campos...*
  - 2.º Painei: Cant 6,10: *Escolhida como o Sol.*
  - 3.º Painei: Cant 5,8: *Amore languéo.*
12. Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Oleiros, Castelo Branco (ca. 1745).
- Lado esquerdo:
- 1.º Painei: Cant 2,14: *Deixa-me ouvir a tua voz...*
  - Painei inferior: Cant 5,8: *Desfaleço de amor.*
- Lado direito:
- 2.º Painei: Cant 2,3: *O seu fruto é doce na minha boca.*
  - Painei inferior: Cant 6,1: *O Amado desceu...*; 6,3: *És bela, amiga minha...*
13. Quinta de Nossa Senhora da Vitória, Camarate, Lisboa. Prov. da Real Fábrica do Rato (séc. XVIII).
- 1.º Painei: Cant 4,7: *Tota pulchra es amica mea, et macula non est in te...*
  - 2.º Painei: Cant 6,2-3: *Ego dilecto meo, et dilectus meus mihi...*
  - 3.º Painei: Cant 4,15: *Puteus aquaram viventium...*
  - 4.º Painei: Cant 2,1: *Ego flos campi et lilium...*
14. Quinta de São José do Marco. Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira (1713).
- 1.º Painei: Cant 5,8: *Amore Languéo...*; 4,12: *Hortus conclusus soror mea; Hortus conclusus Fons signatus...*
  - 2.º Painei: Cant 2,14: *Fac me audire vocem tuam...*
  - 3.º Painei: Cant 6,1: *O Amado desceu até ao jardim*; 6,3: *És bela, amiga minha...*
  - 4.º Painei: Cant 7,11: *Egrediamur in agrum...*

– 5.º Painel: Cant 2,3: *Fructus eius dulcis...*

15. Vila Cacilda / Casa de D. Miguel. Queijas, Oeiras (ca. 1740).

– 1.º Painel: Cant 7,11: *Egrediamur in agrum...*

– 2.º Painel: Cant 2,3: *Fructus eius dulcis guturi meo.*<sup>72</sup>

#### 16.4. Arte indo-portuguesa. Breve alusão

- *Presépio* (séc. XVIII); Índia (Museu de Setúbal, 267/E.47).
- *Menino Jesus Bom Pastor* (séc. XVIII); Índia (Diocese de Lisboa).
- *Cruz relicário* (séc. XVII-XVIII); Índia (Diocese de Viana do Castelo).
- *Nossa Senhora* (séc. XVIII); escultura em marfim; Índia (Lisboa, Col. Américo Almeida Barreto).
- *Nossa Senhora* (séc. XVIII); escultura em madeira e marfim; Índia (Lisboa, MNMC).
- *São José* (séc. XVIII); escultura em madeira e marfim; Índia (Lisboa, MNMC).
- *Nossa Senhora da Conceição* (séc. XVIII); escultura em madeira; Índia (diocese de Lisboa).
- *Nossa Senhora da Conceição* (séc. XIX); escultura em madeira; Índia (Coimbra, Col. Maria do Rosário Martins).
- *Crucifixo* (séc. XVIII); igreja matriz de Santiago Maior, Beja (Falcão II, p. 242).
- *Crucifixo* (séc. XVIII); igreja matriz de São Salvador, Beja (Falcão II, p. 246).
- *Crucifixo* (séc. XVIII); igreja matriz da Vidigueira, Beja (Falcão II, p. 251).
- *Crucifixo* (séc. XVIII); 127,5x48,5 cm (MA, 228/B).
- Retábulo de altar (séc. XVIII); *Senhora com o Menino*; Palácio Nacional de Queluz/IPPAR.
- *Cristo crucificado*; em marfim; igreja do Machico, Madeira (séc. XVIII).<sup>73</sup>

#### 16.5. Arquitetura (barroca)

Desta tipologia artística, que não tem muito a ver diretamente com a Bíblia, deixamos aqui apenas alguns autores com as respetivas obras.

<sup>72</sup> Para este elenco de painéis de azulejos sobre o *Cântico dos Cânticos*, ver CARDOSO, Arnaldo Pinto, *Representações Artísticas do Cântico dos Cânticos em Portugal*, Alêtheia Editores, 2014, p. 85-260.

<sup>73</sup> Sobre a arte na igreja do Machico, ver Vv., *Igreja de Nossa Senhora da Conceição – Machico* (Madeira), Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Região Autónoma da Madeira, Funchal, 2018.

**André Soares** (1720-1769). Foi um criador de obras de arquitetura, talha, ferro, desenho e cartografia.<sup>74</sup> Trabalhou na fachada da:

- Igreja de Santa Maria da Falperra (1753-1755).
- *Caminho do Calvário; Encontro de Cristo e sua Mãe; Verónica; Simão o Cireneu ajudando a levar a cruz*; telas a óleo; igreja dos Santos Passos, Guimarães.
- Retábulo da capela-mor do mosteiro de Tibães (1757-1760).
- Retábulo da capela de Nossa Senhora do Rosário (1760-1762); igreja de São Domingos, Viana do Castelo.

**Gaspar Ferreira** (séc. XVIII). Foi um dos mais prestigiados arquitetos portugueses desta época. Era natural de Coimbra, onde sempre viveu. Entre as suas muitas obras, destacamos:

- Capela-mor da Sé da Guarda (1737).
- Sala do capelo da Universidade de Coimbra (1717-1728).

**Johan Friedrich Ludovice** (1673-1752). Tinha nacionalidade alemã. Foi o arquiteto do Palácio Nacional de Mafra. Obra monumental que ocupa uma área aproximada de quatro hectares (37 790 m<sup>2</sup>). Construído em pedra lioz abundante na região de Mafra, é constituído por 1200 divisões, mais de 4700 portas e janelas, 156 escadarias.

**Nicolau Nasoni** (1699-1773). Foi um artista, decorador e arquiteto italiano que desenvolveu grande parte da sua obra em Portugal, considerado um dos mais significativos arquitetos da cidade do Porto. Foi o arquiteto de:

- *Igreja e Torre dos Clérigos*, Porto, 1731-1763; Palácio do Freixo, Porto, 1750.<sup>75</sup>

Vv., Capela de São João Batista (1751), na Igreja de S. Roque em Lisboa.

- Igreja de São Miguel (ca. 1750); Misericórdia da Ribeira Grande; S. Miguel, Açores.

<sup>74</sup> SMITH, Robert, *André Soares, Arquitecto do Minho*, Lisboa, Livros Horizonte, 1973; PEREIRA, *Arte Portuguesa*, p. 718-720.

<sup>75</sup> Nicolau Nasoni foi um pintor ilusionista chamado ao nosso país para trabalhar na decoração pictórica da Sé portuense, veio a revelar-se um dos principais introdutores deste estilo em Portugal, atuando primordialmente na Região Norte, na cidade do Porto. Naquele núcleo urbano riscou várias igrejas e palácios, entre os quais se destacam o Palácio do Freixo e o de S. João Novo, as igrejas da Misericórdia na Rua das Flores e a igreja e torre dos Clérigos, um conjunto que se assume como o ex-líbris da cidade; ver SMITH, Roberto, *Nicolau Nasoni. Arquitecto do Porto*, Lisboa, 1967; PEREIRA, Paulo, *Arte Portuguesa*, p. 713-716.

## Bibliografia

- A igreja de Nossa Senhora da Conceição – Machico*, Madeira, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Funchal, 2018.
- AFONSO, Pe. John Correia, *Missionação Portuguesa na Índia*, em Encontro de Culturas – Oito séculos de missionação portuguesa, Lisboa, 1994, p. 213-267.
- ANDRADE, António Alberto de, *Verney na Universidade Eborense*, em A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal, n.º 41, 1.ª série, 1959, p. 73-90.
- BORGES, Artur Goulart de Melo, *Dispersão do Património Artístico Conventual Eborense* [no governo liberal], em Eborensia 33, 2004, p.133-144.
- BOTTINEAU, Yves, e BUTLER, Yvan, *Baroque ibérique. Espagne, Portugal, Amérique latine*, Fribourg, Office du livre, 1969; Séries: Architecture universelle.
- BRITO, A. Rocha, *A Vida de São Bernardo em azulejos eborenses*, em A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal, n.º 21, 1.ª série, 1950, p. 53-63.
- CANDEIAS, Tiago Miguel Tito, *A Retabulística Mariana no Concelho de Elvas (1570-1881). Análise e Inventariação*, Faro, 2019; Seminário de Investigação em História da Arte; Licenciatura em Património Cultural e Arqueologia. Em Academia (19.08.2020).
- CAMPOS, João Pires de, *Iconografia Mariana e a Senhora da Purificação*, em Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora, Actas vol. II, Évora, 1994, p. 287-307.
- CARVALHO, Ayres de, *A escultura em Mafra*, Mafra, 1950.
- DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço do Índico*, Círculo dos Leitores, Lisboa, 1999.
- , *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço do Atlântico*, Círculo dos Leitores, Lisboa, 1999.
- , *Arte Portuguesa. Notas de Investigação*, Coimbra, 1988.
- ESPANCA, Túlio, *As colecções de Pintura da Livraria de D. Frei Manuel do Cenáculo e dos Conventos de Évora*, em A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal, n.º 17, 1.ª série, 1949, p. 443-498.
- FALCÃO, José António, *Entre o Céu e a Terra. Arte Sacra da Diocese de Beja*, Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, Beja, 2000; 3 vol. [Falcão].

- FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, nova edição por Damião Peres, vol. III, Livraria Civilização - Editora, Porto / Lisboa, 1970, p. 417-419 [Fortunato de Almeida III].
- GOUVEIA, António Camões, *As Artes e o Sagrado*, em *História Religiosa de Portugal II*, CEHR - Círculo dos Leitores, 2000, p. 462-486.
- IVO, Júlio, e FERREIRA, Santos, *O Monumento de Mafra: Guia Ilustrado*, Lisboa, Typ. A Editora, 1906 (BNP, B.A. 9349 P.).
- LAMEIRA, Francisco, CARDOSO, Pedro Vasconcelos, e LOUREIRO, José João, *Retábulos na Diocese de Lamego*, Promontoria Monográfica História da Arte 14, Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve, 2017.
- LAMEIRA, Francisco, LADEIRA, Paulo, e FREITAS, Renato, *Retábulos na Diocese do Funchal*, Promontoria Monográfica. História da Arte 8, Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve, 2014 (RDF).
- LAMEIRA, Francisco, AZIZ, José de Oliveira Pedrosa, BOHERER, Alex Fernandes, e LOUREIRO, José João, *Retábulos em Minas Gerais*, Promontoria Monográfica. História da Arte 16, Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve, 2018 (RMG).
- LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal – Das origens ao declínio*, Promontoria Monográfica. História da Arte 01, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve. Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005.
- LEANDRO, Sandra, *Amen – A Madeira em nós. Cruzes da Diocese do Funchal: O Sagrado em contexto musicológico*, em FRANCO, José Eduardo, e COSTA, João Paulo Oliveira e (dir.), *Diocese do Funchal – A Primeira Diocese Global – História, Cultura e Espiritualidades*, Esfera do Caos Editores, Lisboa, 2015; vol. II, p. 47-63.
- MACHADO, Cirilo Wolkmar, *Collecção de Memórias Relativas às Vidas dos Pintores e Escultores, Architectos e Gravadores Portugueses e Estrangeiros que estiveram em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922 [Memórias].
- MONTEIRO, Manuel, *Freixo de Espada à Cinta*, em *A Arte e a Natureza em Portugal* 7, Porto, 1907.
- MOREIRA, Francisco de Almeida, *O Pintor Vasco Fernandes: O Grão Vasco*, Viseu, 1921.
- , *Os Quadros da Sé de Viseu. Sua relação com os de Santa Cruz de Coimbra e de S. João de Tarouca*, Porto, 1925<sup>2</sup>.
- , *Museu Regional de Grão Vasco. Catálogo-guia*, Lisboa, 1940.



- , *Museu Regional de Grão Vasco. Roteiro*, Viseu, 1956 e 1969.
- , *Museus do Mundo I*, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, s. d.
- NUNES, Joaquim José Duarte, *Destino do Património Cultural e Artístico da Igreja do Algarve*, em *Eborensia* 33, 2004, p. 145-154.
- PAMPLONA, Fernando, *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, Lisboa: [s.n.], 1954-1959.
- PEREIRA, José Fernandes, *Arquitectura e Escultura de Mafra. Retórica da perfeição*, Lisboa, 1994.
- , *A Escultura de Mafra*, Coleção Arte e Património, Lisboa, 2003.
- PEREIRA, Fernando A. B., *O Museu de Setúbal*, Lisboa, 1990.
- PEREIRA, Paulo, *Arte Portuguesa - História essencial*, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2014.
- , *Renascimento*, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2014.
- , *Barroco*, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2014.
- PEREIRA, Paulo, et alii, *Da Estética Barroca ao fim do Classicismo...*, em *História da Arte*, vol. 8, Círculo dos Leitores, Rio de Mouro, 2008.
- PORFÍRIO, José Luís (coord.), *O Museu Nacional de Arte Antiga*, Instituto Português de Museus, Electa, 1994.
- RODRIGUES, Dalila (coord.), *Grão Vasco e a pintura europeia do Renascimento*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, IPPC, Lisboa, 1992 (Cat. Grão Vasco).
- SANTOS, Reynaldo, *Os Primitivos Portugueses*, Lisboa, 1940 e 1957.
- SOALHEIRO, João, *Azulejo*, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal (A-C)*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000, p. 177-180.
- SOBRAL, Luís de Moura, *Pintura Portuguesa do século XVII*, Museu Nacional de Arte Antiga, 2004.
- TEIXEIRA, José Carlos Cruz, *A Pintura renascentista portuguesa. Ensaio de caracterização*, UNL, Lisboa, 1991. Tese de doutoramento.
- VÍTOR SERRÃO, *A Pintura maneirista e o Desenho*, em *História da Arte em Portugal 7: O Maneirismo*, Lisboa, 1986.
- , *Confluência e Confronto de Correntes Estéticas na Pintura do Renascimento Português, 1510-48*, em *Grão Vasco e a Pintura Europeia do Renascimento*, Lisboa, 1992, p. 233-260.
- , *O Pintor Régio Fernão Gomes, O mosteiro da Anunciada e a Fundação da Irmandade de S. Lucas, Corporação dos pintores de Lisboa, 1602*, em *Monjas*

Dominicanas – Presença, Arte e Património em Lisboa, Aletheia, Lisboa, 2008, p. 103-127

Vv., *Arte Portuguesa*, Porto Editora, 2006.

Vv., *Encontro de Culturas – Oito séculos de Missionaço Portuguesa*, Mosteiro de S. Vicente de Fora, Lisboa, 1994.

Vv., *Exposiço do Grande Jubileu do ano 2000 – Cristo fonte de esperança* (Catálogo), diocese do Porto, Porto, 2000 (Cristo 2000).

XAVIER COUTINHO, B., *Nossa Senhora na Arte – Alguns problemas iconográficos e uma Exposiço Marial*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1959. Temas marianos: Imaculada Conceiço; Senhora das Dores; algumas Invocaço de Nossa Senhora. Todas as imagens se referem aos séc. XVII-XVIII.

## Siglas

MA – Museu de Aveiro

MAS – Museu Alberto Sampaio

MDS – Museu da Diocese de Santarém

ME – Museu de Évora

MGV – Museu Grão Vasco

MJM – Museu José Malhoa

MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga

MNAz – Museu Nacional de Azulejo

MNMC – Museu Nacional Machado de Castro

PNM – Palácio Nacional de Mafra

PNP – Palácio Nacional da Pena

PNQ – Palácio Nacional de Queluz

## Conclusão

Uma primeira nota acerca deste capítulo é o facto de, num tempo de crises sociais, políticas e religiosas, serem muito numerosas as obras de arte bíblica. Como já foi dito, estas obras de arte foram também uma catequese viva para o povo cristão dos séc. XVIII-XIX. Isto é um sinal de que, apesar das referidas crises, o espírito cristão não esteve ausente. Por isso encontrámos, nas diversas tipologias de arte, 128 autores e 408 obras.



*Igreja de São Lourenço de Almancil – obra em azulejo*

## Capítulo 17

### Bíblia e poesia

A razão de colocar neste volume um capítulo sobre *Bíblia e poesia* é tripla. Em primeiro lugar, a Bíblia está em grande parte escrita, não apenas em linguagem poética, mas também em forma poética. Basta olhar com atenção para a disposição do texto hebraico do Antigo Testamento, sobretudo dos livros Sapienciais, em muitíssimos textos proféticos e em muitos outros textos e hinos. Mas a linguagem poética encontra-se por todo o lado, mesmo em textos apresentados como prosa.

Qual o verdadeiro motivo de tanta poesia na Bíblia? Porque a poesia é a única linguagem humana que pode estabelecer laços, pontes, entre o mundo humano, terreno, e o mundo divino, celeste. Só a linguagem poética consegue ultrapassar os limites do visível para captar um pouco do invisível divino. Por este motivo, a linguagem poética da Bíblia utiliza todos os recursos poéticos, desde a metáfora à linguagem simbólica.

Um outro motivo deste capítulo é o facto de muitos escritores e místicos se servirem da poesia para transmitirem os sentimentos divinos que lhes perpassam pela alma. Só esta consegue dizer tais sentimentos interiores, à maneira dos autores bíblicos.

Um terceiro motivo deste capítulo é o facto de muitos poetas se terem exprimido a partir de determinados textos, temas e personagens bíblicos, como veremos seguidamente.

**Abílio Adriano de Campos Monteiro** (1876-1933). Era natural de Torre de Moncorvo (Trás-os-Montes). Foi escritor, jornalista, médico e político português. Em verso, escreveu:

- *Padre-nosso*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 126.

**Abílio Augusto da Fonseca Pinto** (1831-1893). Era natural de Coimbra e morreu subitamente também aí. Foi colaborador em vários periódicos literários e científicos publicados na sua cidade (Inocência VIII, p. 2; XX, p. 68-74). Foi o compilador de:

- *Parnaso Mariano*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1885; 128, 82 p.; 26 cm (BNP, L. 21912 V).
- 2.<sup>a</sup> edição correcta e augmentada, ib., mesmo impressor, 1890; 16, 304 p.; 24 cm (BNP, R. 23371 P.). Contém poesias marianas de vários autores.

**Abílio Manuel Guerra Junqueiro** (1850-1923). Era natural de Freixo de Espada à Cinta. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Polémico no que diz respeito à religião; há muitos escritos de cariz anticlerical da sua autoria (Inocência XX, p. 76 e 306; XXII, p. 504). Deixamos aqui os seguintes:

- *Oração à Luz*, Porto, Livraria Chardon, 1904; 32 p.; 8.º gr. (BNP, Res. 3054 V.; BR. 11449).
- *Oração ao Pão*, Porto, Livraria Chardon, 1902; 19 p.; 8.º gr. (BNP, L. 38157 V.); com uma bela apresentação de Leonardo Coimbra sobre “O Poeta”.
- *Baptismo de Amor*, Lisboa, B. H. Moraes & C.<sup>a</sup> Tip. da Livraria Nacional, 1868.
- 2.<sup>a</sup> edição, Porto, Livraria Cruz Coutinho, 1885; com apreciação por Camilo Castelo Branco; 32 p.; 23 cm (BNP, L. 944//12 V.).
- 4.<sup>a</sup> edição, Porto, Chardron, [ca. 1912]; 32 p.; 20 cm (BNP, L. 36375//2 P.).<sup>1</sup>

**Afonso Celso** (1864-?). Foi autor da seguinte poesia mariana:

- *Minha Nossa Senhora*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 107-108.

<sup>1</sup> A primeira edição desta obra de Junqueiro é de 1868, a última das suas produções de juventude depois de *Duas páginas dos quatorze anos*, 1864, e *Mysticae nuptiae*, reproduzida com alterações em *Vozes sem eco*, 1866-67 – todas raríssimas. No prefácio, encorajante, “no verdor da vida e sem experiência de grandes dores”, Camilo atesta-lhe “duplo talento”, o de sentir e exprimir. A obra traduz a ânsia dolorosa do divino, do eterno, uma das vertentes de Junqueiro, pela oratória, em prosa ou verso – a par da atitude política e social, que foi o Junqueiro polemistista e panfletário. Aqui – no *Baptismo de amor* – é a regeneração pela Fé, mas o final é bem diferente em *A morte de D. João*, que publicará em 1874, já em outro período da sua evolução literária, brado de indignação contra o vício, que acaba em aviltosa agonia. Segunda edição. Prefácio de Camilo Castelo Branco.

**Alexandre António de Lima** (1699-depois de 1759). Era natural de Lisboa. Pouco se sabe deste autor (Inocêncio I, p. 27; VIII, p. 29; Barbosa I, p. 93; IV, p. 7). Escreveu:

- *A Christo Crucificado nos cultos da sua imagem com o título de Senhor Jesus dos Milagres*. Soneto; sem referências (BPNM, 2-24-10-10). Ver o autor em 22.4.

**Alexandre da Conceição** (1842-1889). Era natural de Ílhavo e veio a falecer em Viseu. Inocêncio refere o autor, mas nada sabe da sua vida (Inocêncio VIII, p. 30). Escreveu um hino com o título de:

- *Maria*, em Alvoradas, Nova ed., muito aumentada, Porto, J. E. Cruz Coutinho e Rio de Janeiro, A. A. Cruz Coutinho, 1875 (BNP, L. 53345 P.).

**Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo** (1810-1877). Era natural de Lisboa e veio a falecer em Santarém. Foi escritor, historiador, jornalista e poeta português da era do romantismo. De tal maneira apreciava o valor educativo da Bíblia que, escrevendo sobre a reforma do ensino religioso nas escolas, era de parecer que “no ensino geral, tanto elementar como superior, se não admita mais do que um bom catecismo e a Bíblia.” (Opúsculos, t. VIII). A Bíblia, e em particular os Evangelhos, desejava ele que todos conhecessem: “Para o povo ser livre, é necessário que seja religioso e honesto; não que seja crédulo. Para que seja religioso e honesto, é necessário que conheça as doutrinas do Evangelho...” (Opúsculos, t. I).<sup>2</sup> Deixamos aqui algumas das suas obras:

- *A Harpa do Crente: Tentativas Poéticas. Pelo Auctor da Voz do Propheta*, Lisboa, Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1838; 80, 40 p.; 18 cm (BNP, Res. 561 P.).

É uma obra de carácter religioso, de inspiração bíblica.<sup>3</sup>

— 2.<sup>a</sup> edição, Mem Martins, Europa-América, D.L. 1986; 119 p.; 18 cm (BNP, L. 81490 P.).

- *Deus...*, em “A Harpa do Crente”, que inicia assim: “Nas horas do silêncio – à meia-noite – Eu louvarei o Eterno!”, p. 83-87.
- *A Tempestade*, em “A Harpa do Crente”, que termina com um acto de fé na

<sup>2</sup> Ver Inocêncio I, p. 35-37. Também foi org. de: *Portugaliae Monumenta Historica...: Diplomata et Chartae*, Academia das Ciências de Lisboa, 1867, 2 vol.; Id., *Inquisitiones*, Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1917, 4 vol.; Id., *Leges et Consuetudines*, Academia das Ciências de Lisboa, 1858-1868, 4 vol.; Id., vol. I: *Scriptores*, Academia das Ciências de Lisboa, 1861; 27, 420 p.

<sup>3</sup> Nesta obra temos um poema sobre a “A Semana Santa” e outro sobre “A Cruz mutilada”, em que o belo atinge proporções majestosas; em *Fundo Primitivo da Biblioteca Central* (1919-1928), FLUP, Porto, 1989, p. 92.

vida futura: “... até que suba à pátria do repouso, onde não há morrer”, p. 93-98. Ver o autor no cap. 7.1.

**Alexandre José da Silva Braga / Alexandre Braga** (1829-1895). Nasceu e morreu no Porto. Foi um poeta e jornalista português. Coursou Direito na Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 37; VIII, p. 39). Escreveu:

- *Vozes de Alma*, Porto, Typ. J. L. de Sousa, 1849; 209 p.; 22 cm (BNP, L. 43528 P.).

**Antero Tarquínio de Quental / Antero de Quental** (1842-1891). Era natural de S. Miguel (Açores). Deu início aos seus estudos na cidade natal, mudando-se para Coimbra aos 16 anos, ali estudando Direito e manifestando as primeiras ideias socialistas. Dedicou-se à poesia, filosofia e política.<sup>4</sup> No que respeita a este capítulo, escreveu:

- *Fiat Lux*, em Vv., *Poesias várias*, Lisboa, 1840, p. 54-61 (BNP, L. 2061//7 V.). É um poema sobre a Criação (Gn 1-2).
- *À Virgem Santíssima*; soneto que inicia assim: “Num sonho todo feito de incerteza...”; em ib., mesma edição, p. 88; Lisboa, Couto Martins, 1956; António Sérgio, org. (BNP, L. 14971 V.).
- *A Sulamita*, soneto inspirado no Cântico dos Cânticos, em *Sonetos Completos*, Porto, 1886, p. 28; 2.<sup>a</sup> edição, aumentada, Porto, Livraria Portuense, 1890; 183, 6 p.; 20 cm (BNP, L. 104418 P.).<sup>5</sup>
- *Na mão de Deus* (soneto), que inicia assim: “Na mão de Deus, na sua mão direita”, em ib., ed. 1890, publicada por Oliveira Martins, p. 121. Ver o autor nos cap. 4.1; 7.1; 7.2 e 10.3.1.

**António Augusto Soares de Passos** (1826-1860). Era natural do Porto. Foi bacharel em Direito e advogado de profissão (Inocêncio I, p. 91; VIII, p. 88). Como grande poeta, escreveu:

- *O Firmamento*, em *Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa*. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 50-55. É uma poesia em oitava rima de carácter cósmico que inicia

<sup>4</sup> SILVA, Lúcio Craveiro da, *Antero de Quental. Evolução do seu Pensamento Filosófico*, Braga, Livraria Cruz, 1959; sobre o autor, ver Inocêncio VIII, p. 70; XX, p. 160 e 346; XXII, p. 150.

<sup>5</sup> Na Introdução da edição crítica de “Sonetos completos”, por Oliveira Martins, pode ler-se: “Este homem (Antero de Quental), fundamentalmente bom, se tivesse vivido no séc. VI ou no séc. XIII, seria um dos companheiros de S. Bento ou de S. Francisco de Assis. No século XIX é um excêntrico, mas desse feitio de excentricidade que é indispensável, por que a todos os tempos foram indispensáveis os hereges, a que hoje se chama dissidentes”; citado em Inocêncio XX, p. 160.



assim: “Glória a Deus! Eis aberto o livro imenso”; e termina “O trono de Jehovah e a eternidade!”.

**António de Azevedo Castelo Branco** (1842-?). Nasceu em Vilarinho de Samardã, distrito de Vila Real. Era sobrinho de Camilo Castelo Branco (Inocêncio XX, p. 178 e 350; XX, p. 198). Foi autor da seguinte poesia:

- *Nascimento de Cristo*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XLVIII, p. 90.

**António de Serpa Pimentel** (1825-1900). Foi um prosador e poeta deste século, que se destacou pela sua simplicidade e encanto de linguagem. Escreveu a seguinte paráfrase em poesia:

- *Avé Maria*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, p. 68-69.

**António Dinis da Cruz e Silva / Elpino Nonacriense** (1731-1799). Era natural de Lisboa. Doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 123). Escreveu uma poesia mariana intitulada:

- *À Imaculada Conceição*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XXXIII, p. 59.

**António dos Santos Rino, Pe.** (1779-1849). Foi pároco na Rebolaria, Batalha. Um grande latinista do seu tempo, pelo que foi professor de gramática latina (Inocêncio I, p. 266). Compôs:

- *A Redenção, Poema épico em seis cantos*, Lisboa, 1842; 7, 161, 2 p.

**António Duarte Gomes Leal** (1848-1921). Era natural de Lisboa. Frequentou o curso de Letras, tornando-se um poeta de renome.

- *Christus! Christus!*, em Pátria e Deus e a morte do mau ladrão, Lisboa, Liv. João Carneiro, 1914, p. 13-16; 17 p.; 19x13 cm (BNP, L. 13772 P.).
- *Héli! Héli!*, em Antologia poética. Gomes Leal, Lisboa, Guimarães Editores, 1970, p. 14; 204 p.; 22x15 cm (BNP, L. 20250 V.). Inicia assim: “Quando Ele, enfim, morrendo, Ele, o Cordeiro, Pomba mansa no ar pesado e imundo...”.
- *História de Jesus*, em ib., mesmo impressor, 1970, p. 61-77; 204 p.; 22x15 cm (BNP, L. 20250 V.). Tem os seguintes poemas, quase todos de tipologia bíblica:

*As mães*

*Prefácio*

*A Virgem da Galileia*

*As Bodas de Caná*

*A Tentação do deserto*

*Madalena*

*A Samaritana*

*A Ceia*

*Calvário*

*O Rouxinol do Calvário*

*A Maior dor humana: soneto à Virgem.* Ver o autor nos cap. 3.2; 10.7 e 22.2.

**António Feliciano de Castilho** (1800-1875). Era natural de Lisboa. Foi um escritor romântico português, polemista e pedagogo. Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra (Inocência I, p. 130-135). Como grande poeta, escreveu:

- *Cântico da noite*, em *Estreias poético-musicais para o anno LIII*, Lisboa, Typ. Universal, 1853, p. 21 (BNP, L. 28883 V).<sup>6</sup>
- *À Virgem das Dores*, em *Parnaso Mariano*, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição; n.º VII, p. 30.
- *Senhora da Nazareth*, ib., n.º XXIX, p. 50.
- *Resignação*: soneto, em *O Ermitério: Colecção de Versos*, Lisboa, Typ. Universal, 1875, p. 133-34. Ver o autor nos cap. 8 e 9.

**António Joaquim de Castro Feijó** (1859-1917). Era natural de Ponte de Lima. Formou-se em Direito com o grau de bacharel pela Universidade de Coimbra (Inocência XX, p. 203; XXII, p. 276). Escreveu:

- *Poesias Completas*, Lisboa, Imprensa Portugal-Brasil, [1939]; 2.<sup>a</sup> edição (BNP). Encontram-se aqui as seguintes poesias de índole religiosa:  
*Junto ao altar*, p. 222.  
*Refugium Peccatorum*, p. 236.  
*Bíblica*, p. 261.
- *A vocação de Ibrahim* [Abraão], em *Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa*. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 106-107.

**António José Viale** (1806-1889). Foi um erudito latinista e helenista. Distinguiu-se pelas suas traduções do latim, grego clássico e italiano para português (Inocência I, p. 181; VIII, p. 218; XX, p. 372). Deixou-nos:

- *David Triunfante: Poema heroico offerecido ao illustríssimo e excellentíssimo Senhor D. Vicente de Sousa Coutinho Conde D'Alva*, Lisboa, Imprensa Régia,

<sup>6</sup> Este poema também se encontra em *Parnaso Mariano*, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LI, p. 96.

1819; em 8.<sup>a</sup> rima, com 2 cantos e 23 estrofes; 23 p.; 19 cm (BNP, L. 25459//9 P.).

- *Tristezas e Pressas*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XXII, p. 38.
- *Salvé Rainha*, ib., n.º XCIV, p. 188. Ver o autor nos cap. 9 e 10.2.

**António Lourenço Caminha** (?-1831). Cavaleiro da Ordem de S. Tiago, foi durante muitos anos professor de Retórica e Poética. Obteve do rei D. João VI a nomeação de Oficial da Biblioteca Pública de Lisboa (Inocêncio I, p. 188-190; VIII, p. 227). Compilou:

- *Obras inéditas de Aires Teles de Meneses e de Estêvão Rodrigues de Castro, e de outros anónimos dos mais esclarecidos da literatura portuguesa, dadas à luz fielmente trasladadas dos seus antigos originais*, Lisboa, Oficina Filipe José da França e Liz, 1792; 20 cm (BNP, L. 3378 P.; A Tradução em Portugal, 1965).

Contém os seguintes poemas sobre temas bíblicos

*Ode: Cântico Benedicite*, p. 1-6.

*Coplas ao Juízo Final*, p. 15-20.

*Ode a Nossa Senhora*, p. 36-40.

*À Ascensão de Nossa Senhora*, p. 52-59.

*A S. Pedro*, p. 71-72.

*A Nossa Senhora o qual começa Mostra te esse Matrem*, p. 78-81.

*A Maria Santíssima*, p. 82-83.

*A Visitação de Santa Isabel: soneto*, p. 92.

*A S. Judas: soneto*, p. 93.

*A Madalena: soneto*, p. 94.

*Aos Santos Inocentes: soneto*, p. 96.

*A Apresentação de Nossa Senhora: soneto*, p. 101.

*A Exaltação da Santa Cruz: soneto*, p. 102.

*A Jesus Christo: soneto*, p. 104.

*Ao Profeta Elias: soneto*, p. 105.

*Ao Glorioso S. Miguel: soneto*, p. 112.

*A dolorosa Paixão de Christo Senhor Nosso*, p. 113.

*Ao Nascimento de Christo Senhor Nosso: representação*, p. 130-135.

**António Pereira de Sousa Caldas**, Pe. (1762-1814). Nasceu no Rio de Janeiro numa família portuguesa que aí se tinha instalado recentemente. Cedo veio estudar para Lisboa, ficando ao cuidado de um tio. Em 1790, recebeu em Roma a ordenação sacerdotal, tornando-se um grande orador sacro em Portugal (Inocêncio I, p. 231; II, p. 141; VIII, p. 283). Deixou-nos:

- *Obras Poéticas do Rev. António Pereira de Sousa Caldas. Vertidos em Rhythmo Português pelo Rev. Ant. Pereira de Sousa Caldas*, Paris, Oficina de P. N. Rougeron, 1820-1821; 21 cm (BNP, L. 88070 V.; BL, 1109.c.10); 2 vol.:

Vol. 1: *Psalmos de David, vertidos em rhythmo português, com as notas e observações de seu amigo o tenente-general Francisco de Borja Garção Stockler e dados à luz pelo sobrinho do defuncto poeta traductor, António de Sousa Dias*, Paris, Oficina de P. N. Rougeron, 1820; 53, 411 p.; 20x13,5 cm (BJPIL, 869-12"17/18" Sou; A Tradução em Portugal, 3685; Providence College, USA; BSME; Brasiliana 1, p. 124).

É a tradução de 75 Salmos a partir da Vulgata. Leva uma introdução de Francisco de Borja Garção Stockler, com o título "Discurso sobre a língua e poesia hebraica".<sup>7</sup>

Vol. 2: *Poesias sacras e profanas, com as notas e aditamentos do mesmo seu amigo*, Paris, mesmo impressor, 1821; 246 p.; 20x12 cm (Brasiliana 1, p. 125).

- *Obras poéticas de ... com as notas e aditamentos de F. de B. G. Stockler*, Coimbra, Imprensa de Trovão, 1836; 2 vol.: 1.º, 136 p.; 2.º, 130 p. (BNP, L. 43761 P.; Providence College, USA; Brasilina 1, p. 125).<sup>8</sup>
- *À Virgem Maria*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.ª edição, n.º XIII, p. 19.
- *À Virgem Maria* (Deprecação), ib., n.º LII, p. 98. Ver o autor no cap. 21.

**António Pereira Nobre** (1867-1900). Era natural do Porto. Mais conhecido como António Nobre, foi um poeta português cuja obra se insere nas correntes ultra-romântica, simbolista, decadentista e saudosista da geração finissecular do século XIX (Inocêncio XX, p. 257). Escreveu:

- *Despedidas* (1895-1899), Porto, Lello & Irmão, imp., 1985; 218, 6 p.; 17 cm (BNP, L. 79639 P).
- Lisboa, Vega, [D.L. 1981]; 139 p.; 20 cm (BNP, L. 75263 P.). Nesta obra afirma: "Sol de Junho, queima as minhas estantes, poupa-me a Bíblia, Antero... e pouco mais".

<sup>7</sup> Inocêncio I, p. 231-232, refere uma edição independente do "Discurso sobre a língua e poesia hebraica" de G. Stockler em Londres, 1821. A Tradução em Portugal, 3685, informa: "São de A. P. Caldas os versos dos salmos 1 a 55, 104, 106 e 136; são de Stocker as versões dos salmos 54 a 59, 61 e 63 a 67". Na BSME, existe uma edição dos Salmos em separado.

<sup>8</sup> Neste volume encontramos, nas Poesias sacras, odes e cantatas com os títulos: Sobre a existência de Deus; A Creação; A imortalidade da alma; Sobre a necessidade da Revelação; Sobre a existência do pecado original; Sobre a virtude da Religião cristã; A Paixão de N. S. Jesus Cristo; À Maria Nossa Senhora.

Contém o soneto intitulado:

*Aparição: À Virgem Santíssima*, que inicia assim: “Pelas espadas que tu tens no peito...” e termina: “A Mãe de Deus!”, p. 18.

- *Poesia Completa*, [Lisboa], Círculo dos Leitores, 1988; 364, 8 p.; 25 cm (BNP, L. 39316 V). Contém as seguintes poesias:

*Uma Virgem do Norte*, p. 25.

*Avé, Maria das Dores!*, p. 32.

*A Nossa Senhora*, p. 58.

*O Cristo*, p. 72.

*O Juízo final*, p. 81.

*Contas de rezar*, p. 302-304; é uma poesia em quadras.

- *Canção da Felicidade*, Porto, Tip. J. R. Gonçalves, 1951; 4 p.; 23 cm (BNP, Res. 2136/12 V).

**António Pinto da Fonseca Neves** (1784-1836). Era natural do Porto. Foi segundo tenente de artilharia. Segundo informação colhida no *Parnaso Mariano*, p. 223 “Padeceu muito por se lhe imputar cumplicidade na conjuração de Gomes Freire em 1817”. Foi preso e na prisão escreveu a seguinte poesia mariana:

- *A Nossa Senhora*, em *Parnaso Mariano*, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LXXXV, p. 175.

**António Tomás** (?-?). Tivemos informação da seguinte poesia mariana deste autor:

- *Consolatrix Afflictorum* [Consoladora dos aflitos], em *Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa*. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 112.

**António Xavier Rodrigues Cordeiro** (1819-1896). Era natural de Leiria. Formou-se em Direito com o grau de bacharel pela Universidade de Coimbra (Inocência I, p. 299; XXII, p. 387). Como poeta, escreveu:

- *Os Reis Magos*, em *O trovador*. Collecção de poesias contemporâneas, redigida por uma sociedade d’académicos, Leiria, Typographia Leiriense, 1853; 2.<sup>a</sup> edição, p. 70-73 (BNP, J. 2415 P).
- *Só Deus*, ib., p. 2-3.
- *À sombra da Virgem*, em *Parnaso Mariano*, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LXVII, p. 142.

**Arcangela Maria da Assunção** (?-1737). Nasceu em Sacavém em data incerta. Entrou para o Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila, casa

da Ordem de Santa Brígida, onde professou em 22 de agosto de 1730. Notabilizou-se como poetisa e compositora sacra. Escreveu:

- *Festivo aplauso em que uma religiosa como pastora, e os anjos como músicos... celebrarão o Nascimento do Menino Jesus*, Lisboa, Oficina de Joseph António da Silva, 1737; 21 p.; 20 cm (BNP, L. 652//12 V).

**Augusto César Ferreira Gil** (1873-1929). Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Destacou-se como poeta. Deixou-nos:

- *Oração*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 123-124.<sup>9</sup>

**Baltasar Luís da Fonseca** (séc. XVIII). Inocência ignora a vida deste autor (I, p. 326; VIII, p. 359). Porém, refere que escreveu a seguinte obra:

- *Auto de Santa Genoveva princesa de Brabante*, Lisboa, Herdeiros de Miguel de Almeida Vasconcelos, 1745 (BNP, Res. 974//10 P.; BPNM, 2-24-12-3).  
— Ib., Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1787; 23 p.; 21 cm (BNP, Res. 3206//11 P.).  
— Ib., Typ. Matias José Marques da Silva, 1853 (BNP, L. 2157//6 A.).

**Bartolomeu Soares de Lima Brandão** (1725-1777). Era natural do Porto. Foi graduado em Cânones pela Universidade de Coimbra (Inocência I, p. 337-338). Traduziu:

- *Ode tirada do Salmo 45 de David*, em Obras Poéticas, Porto, Oficina de Viúva Mallen, 1794; vol. I, p. 35-37; 2 vol.: 1.º, 120 p.; 17 cm (BNP, L. 48320 P.; BME, JHT2243; A Tradução em Portugal, 2064). A ode inicia assim: “Deus é nosso refúgio e nossa força...” [Sl 45,2].

**Belchior Manuel Curvo Semedo Torres de Sequeira** / Belmiro Transtagano (1766-1838). Nasceu em Montemor-o-Novo. Era cavaleiro da Ordem de Cristo (Inocência I, p. 340). Escreveu o seguinte soneto:

- *À Virgem Maria da Conceição*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.ª edição, n.º LXVIII, p. 144.

**Caetano Manuel Martins de Barros** (1712-?). Nasceu em Odivelas e frequentou a Universidade de Coimbra (Barbosa IV, p. 84-85). Compôs:

- *Significações das Letras do A, B, C aplicadas à Sagrada Paixão de Cristo, Se-*

<sup>9</sup> Sobre o autor, ver ROMANA, José Manuel Trigo Mota da, *Antologia de escritores da Guarda: século XII a XX*, Guarda, Câmara Municipal da Guarda, 2003.

*nhor Nosso*, Lisboa, Miguel de Almeida e Vasconcelos, 1745; em 4.º (BPNM, 2-24-12-6).

- *Sonetos Cathólicos sobre os quatro fins do homem para desengano de hum peccador engolfado nos vícios, e hum Acto de Contrição para ter dor, e pesar de suas culpas*, Lisboa, por João Batista Lerzo, 1745; em 4.º.

**Carlos João Rademaker**, SJ (1826-1885). Nasceu em Lisboa, foi educado em Turim, onde se formou em Direito canónico e civil. Regressado a Portugal abraçou a sua Congregação. Também foi poeta religioso (Inocência II, p. 32; IX, p. 37; Fortunato de Almeida III, p. 407). Escreveu:

- *Estreia poética, versos a Maria Santíssima*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1849.
- *Flores da Saudade*. Ver o autor nos cap. 7.1; 7.4.2; 15 e 22.3.

**Catarina Michaela de Sousa César e Lencastre** / Viscondessa de Balsemão (1749-1824). Nasceu em Guimarães e faleceu no Porto (Inocência II, p. 63; IX, p. 58). Dotada para a poesia, escreveu:

- *Soneto*, Aveiro, Tip. do Gov. Civil, 1846; 6 p.; 19 cm (BNP, L. 36375//6 P.); inicia e termina assim: “Grande Deus, que do alto desse trono... Dá-me uma venturosa eternidade”.

**Cristóvão Aires** (1813-192?). Como poeta, escreveu uma poesia mariana:

- *Consolatrix, poema mariano*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 98-99; inicia assim: “Doce consoladora dos aflitos, Esposa da nossa alma, Mãe querida...”.

**Delfim de Brito Guimarães** (1872-1933). Foi autor de:

- *Cântico ao Sol*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 121-122. Trata-se de uma paráfrase ao “Cântico das Criaturas”, de São Francisco de Assis.
- *Evangelho: livro de orações*, Lisboa, José Bastos, 1895 (BNP, L. 11294 P.).  
Trata-se de uma poesia religiosa de carácter intimista, não sendo diretamente evangélica, como o título sugere.

**Diogo Brás Ximenes Dardra** (séc. XVIII). Inocência não conhece a identidade do autor, até pensa tratar-se de algum pseudónimo (Inocência II, p. 150; IX, p. 121). Refere a seguinte obra:

- *Loa em louvor do glorioso S. João Baptista*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1750; em 4.º; 8 p. “É escripta em versos de diferentes medidas, sendo interlo-



cutores o Amor, a Fineza, o Agradecimento, e a Lembrança”.<sup>10</sup> Ver o autor no cap. 18.

**Domingos dos Reis Quita** (1728-1770). Nasceu em Lisboa. Foi cabeleireiro de profissão. Segundo Inocêncio, foi “um dos melhores, senão o melhor dos nossos poetas bucólicos” (Inocêncio II, p. 196; IX, p. 148). Foi autor da seguinte poesia mariana:

- *A Conceição*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XIX, p. 31.
- *Salvé Rainha*, paráfrase, ib., n.º XCIII, p. 187.

**Domingos Maximiano Torres / Alfeno Cynthio**, pseud. (1740-1810). Era natural de Rio de Mouro, Sintra. Foi um poeta arcádico, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra (Inocêncio II, p. 191 e 473; IX, p. 146). Escreveu:

- *Ensaio métrico sobre a Paráfrase dos Salmos*, Lisboa, Imprensa Régia, 1806; apenas 4 Salmos: 64, 50, 17 em duas partes, e 103 igualmente em 2 partes; 42 p.; 13,5x9,5 cm (BNP, H.G. 6660//10 V.; A Tradução em Portugal, 2722).

Tem uma introdução a cada Salmo e título conforme a Vulgata Latina; várias estrofes para cada Salmo; por exemplo, o Sl 50 tem 14 estrofes. Numa palavra, o autor faz poesia religiosa a partir dos Salmos.

- *À Immaculda Conceição de Maria Sanctíssima, Senhora Nossa. Cantata pastoril*, Lisboa, Oficina da Acad. R. das Sciencias, 1787; 15 p.; em 8.º. Ver o autor nos cap. 4.1 e 22.3

**Eugénio de Castro e Almeida** (1869-1944). Era natural de Coimbra. Formou-se na Faculdade de Letras em Lisboa e veio a ser professor dessa área na Faculdade de Coimbra. Como poeta, escreveu:

- *Natus est Jesus* [Jesus nasceu], em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligadas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 101-103.

**Evaristo José de Araújo Basto** (1821-1865). Era natural do Porto. Foi bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra (Inocêncio II, p. 249; IX, p. 198). Escreveu uma poesia sobre o juízo final:

- *O Juízo Final*, em O trovador. Collecção de poesias contemporâneas..., Leiria, Tipografia Leiriense, 1853; 2.<sup>a</sup> edição, p. 112.

**Fausto Guedes Teixeira** (1871-1940). Era natural de Lamego. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Viveu algum tempo no Brasil e Mo-

<sup>10</sup> MARQUES, João Francisco, *O Teatro religioso e litúrgico*, em História Religiosa de Portugal II, CEHR - Círculo dos Leitores, 2000, p. 453.

çambique (Inocência A. 126). Com veia poética, deixou-nos o seguinte soneto religioso:

- *O “Angelus” da Noite*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 116.

**Fernandes Costa** (1848-1920). Escreveu a seguinte poesia mariana:

- *Maria*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 74-75.

**Fernando Pereira Palha Osório Cabral** (1824-1890). Era natural de Lisboa. Pertenceu à Câmara dos Pares do Reino. Grande homem da cultura, que nos deixou uma grande biblioteca, vendida à Universidade de Harvard (Inocência XVIII, p. 20). Foi autor de uma poesia mariana:

- *Avé Maria*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XI, p. 15.

**Francisco de Sousa de Almada** (1676-?). Era natural de Alenquer e estudou na Universidade de Coimbra (Inocência III, p. 68 e 435). Escreveu:

- *Triumphus Immaculatae Conceptionis*. Obra em verso e prosa; em fol.
- *Loa para o Nascimento do Menino Deus*, em “Thalia Sacra”, Lisboa, Oficina de Rita-Cassiana, 1736. Ver o autor nos cap. 10.2; 14 e 18.

**Francisco Joaquim Bingre** (1763-1856). Era natural de São Tomé de Canelas, Aveiro (Inocência II, p. 396). Como poeta, deixou-nos:

- *À Encarnação do Verbo: cantata*, em Obras de..., Ed. de Vanda Anastácio, Porto, Lelo Editores, 2003, vol. V.
- *Hino à Virgem Maria Nossa Senhora*, em quadras, ib., vol. V.

**Francisco José Freire / Cândido Lusitano, Frei, CO** (1719-1773). Era natural de Lisboa (Barbosa II, p. 165-167; IV, p. 130.502). Deixou-nos a seguinte poesia mariana:

- *À Virgem da Conceição* (excerto), em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LVIII, p. 109. Ver o autor nos cap. 4.1; 10.2; 13.1; 14.

**Francisco Xavier Cândido Guerreiro** (1871-1953). Nasceu em Alte e faleceu em Lisboa. Foi advogado, poeta e dramaturgo. Escreveu:

- *Genezareth*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 120.

- *Avé Maria*, Évora, Empreza Typográfica Eborense, 1900; 65, 9 p.; 24x16 cm (BNP, L. 43596 V.).

Trata-se de uma coleção de poesias marianas e outras de inspiração simplesmente religiosa.

**Gaspar Leitão da Fonseca** (1680-depois de 1759). Era natural de Tomar. Formou-se em Jurisprudência Pontifícia na Universidade de Coimbra (Barbosa II, p. 359). Foi autor de:

- *Encyclo certame eucharístico, que à devoção, e não ao prémio escreveu Gaspar Leitão da Fonseca*, Lisboa, Offinina [sic] de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Majestade, 1725; 15 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6771//2 V.). Alguns títulos da obra:

*Ponderando as demonstrações do Amor Divino em Cristo Sacramentado*: soneto;

*Ponderando a substância do Sacramento debaixo dos accidentes do mal*: canção real;

*Ponderando os porquês do Sacramento*: romance endecassílabo;

*Ponderando a substância do Corpo de Cristo Sacramentado*: décimas;

*Ponderando as riquezas que se possuem*: romance, etc.

**Guilherme Braga** (1843-1874). Era natural do Porto, irmão de Alexandre Braga. A morte levou-o ainda novo (Inocêncio IX, p. 433). Como poeta, deixou:

- *Post Tenebras* [depois das trevas], em *Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa*. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 64-70.

**Guilherme de Aguiar Azevedo** (16?-17?). Era natural de Lisboa. Muito conhecedor dos preceitos da oratória e poética, sendo o seu nome aplaudido em diversas academias (Barbosa II, p. 422; Inocêncio III, p. 169).

- *Tristezas de hum peccador na falta da graça divina. He huma Canção de 12 ramos*.
- *Quarenta Outavas fallando a Christo Crucificado hum pecador na agonia da morte*. Ver o autor no cap. 10.9.

**Guilhermino Augusto de Barros** (1835-1900). Nasceu em Peso de Régua. Segundo informação colhida no *Parnaso Mariano*, p. 249, “É este um dos nomes mais sympathicos da mocidade académica de 1852, um magistrado administrativo dos mais dintinctos...”. Escreveu uma poesia mariana:

- *A Nossa Senhora: Oração d’uma Mãe*, em *Parnaso Mariano*, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XXXIX, p. 75.

**Henrique Carlos Midosi** (1824-1904). Era natural de Lisboa, de descendência italiana. Foi bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, vindo a exercer advocacia (Inocêncio X, p. 16; XI, p. 261). Escreveu:

- *Poesias selectas nos diversos géneros e composições poéticas; 3.<sup>a</sup> edição conforme a segunda adoptada pelo Conselho Geral de Instrução Pública para servir de texto nas aulas de instrução secundária*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1864 (BNP, L. 1915 V.). Contém:

*Contradições do Ateísmo*, p. 96.

*Artigos do Decálogo*, p. 94.

*Ode Sagrada - Tradução do canto de Ezequiel*, cap. 27, p. 126-129.

**Jerónimo Ezequiel da Costa Freire** (ca 18??). Escreveu a seguinte poesia mariana:

- *A Voz da Gratidão*, em *Parnaso Mariano*, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LXXVI, p. 179.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett** (1799-1854). Nasceu no Porto e faleceu em Lisboa. No período da sua adolescência, foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal. Aí foi instruído cristãmente pelo seu tio paterno, D. Frei Alexandre da Sagrada Família da Silva Garrett (1737-1818), bispo de Angra. Foi poeta, diplomata, grande tribuno e impulsor do teatro em Portugal. Foi uma das maiores figuras do romantismo português; foi ele quem propôs a edificação do Teatro Nacional de D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Durante os exílios a que foi forçado, como paladino da liberdade, nunca perdeu a sua fé, nem na religião católica nem na Pátria, que sempre defendeu. Deixou-nos muitas obras, entre elas citamos algumas das que entram no âmbito deste estudo:

- *Poemas em Flores sem Fruto*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1845; VII, 236 p.; 16 cm (BNP, L. 39673 P.). Tem os seguintes temas:
  - *O Natal de Cristo* (p. 212-217).<sup>11</sup>
  - *O Redentor* (p. 218-220).
  - 3.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1874; VII, 237 p.; 17 cm (BNP, L. 1647 V.).

Outros poemas:

- *As minhas asas... brancas, asas que um anjo me deu*, em *Flores sem Fruto*, Lisboa, 1858, p. 184-186.

<sup>11</sup> Neste poema, faz uma descrição dos passos fundamentais dos Evangelhos da infância de Jesus, segundo Mateus e Lucas.

- *Avé Maria*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º VIII, p. 11.

Obra de moral cristã:

- *Da Educação*, Londres, 1829 (BNP, Res. 2500 P.).

Desta obra podemos destacar as seguintes palavras sobre a verdadeira Justiça:

“Eu quisera que, como base de toda a moral se estabelecesse e firmasse no coração do educando uma única virtude primordial... Esta virtude não pode ser senão a *Justiça*. Justiça é tudo, justiça é as virtudes todas, justiça é religião, justiça é caridade... Venhamos enfim ao mais alto assunto de que podem falar homens: falemos de Deus e de nossos deveres para com Ele. Em que assenta a religião senão em justiça? Como homens, isto é, como criaturas, os nossos deveres religiosos são devidos ao Criador; como cristãos, ao Redemptor....” (Carta I, p. 15.22).

“A homenagem de respeito, de gratidão, de amor e adoração que as criaturas devem ao criador, o que é senão justiça e retribuição?... Amar ainda os próprios inimigos é tolerância transcendente que só tem o cristão e que o filósofo desconhece” (Carta IV, p. 105).

- *Portugal na balança da Europa: do que tem sido e do que ora lhe convém ser na nova ordem de coisas do mundo civilizado*, Porto, Ernesto Chardron, 1884; 3.<sup>a</sup> edição; em 8.º (BNP, L. 10608 P.).

Nesta obra, depois de ter verberado a apostasia de muitos, manifesta o seu apreço pela Bíblia, lamentando:

“Fez-se crime até da leitura dos Livros Santos, chamou-se sacrilégio o próprio estudo da lei de Deus! Ignorância crassa, estúpida, a maior inimiga do cristianismo, incompatível com uma crença que eleva o espírito e exalta o coração: a ignorância foi feita virtude - virtude primeira e cardinal da religião do Redemptor!... O que atualmente me importa observar para o meu objeto é que, assim como pervertido pelos abusos sacerdotais, o cristianismo serviu os tiranos contra os povos, assim, restituído a seu natural espírito, auxiliou os povos contra os tiranos. A história da Alemanha, da Inglaterra, da França, no XVI, XVII e princípios do XVIII século, o tem patente a todos” (p. 20-22).

“...A religião do Evangelho da qual disse Rousseau ‘que se não fosse divina merecia sê-lo’ é a natural protetora dos direitos do homem, declarativa da sua igualdade.... O espírito do cristianismo quebra os ferros dos escravos, consola os oprimidos, conforta os fracos, promete justiça aos agravados; e a espada do seu Deus vingador está, como a de Dâmocles, suspensa por um fio sobre a cabeça dos reis, lembrando-lhes a todo o instante que há leis superiores às deles, leis que igualam os homens na presença do Supremo Árbitro de tudo...” (p. 18-19).

Como amostra de que Garrett foi um grande poeta cristão, apresentamos um excerto da poesia que dedicou ao tema do *Deus Ignoto*:

*“Creio em ti, Deus.  
A fê viva  
De minha alma a Ti se eleva.  
Ês: – o que és não sei! Deriva  
Meu ser do teu: luz... e treva,  
Em que – indistintas! – se envolve  
Este espírito agitado;  
De Ti vem, a Ti devolve.  
O nada, a que foi roubado  
Pelo sopro criador  
Tudo o mais, o há-de tragar.*

*Só vive de eterno ardor  
O que está sempre a aspirar  
Ao Infinito donde veio,  
Beleza és Tu, luz és Tu,  
Verdade és Tu só. Não creio  
Senão em Ti. O olho nu  
Do homem não vê na terra  
Mais que a dúvida, a incerteza,  
A forma que engana e erra.*

*Essência! a real beleza,  
O puro amor – o prazer  
Que não fatiga e não gasta...  
Só por Ti os pode ver  
O que inspirado se afasta,  
Ignoto Deus, das ronceiras,  
Vulgares turbas: despidos  
Das coisas vãs e grosseiras.  
Sua alma, razão, sentidos,  
A Ti se dão, em Ti vida,  
E por Ti vida têm.  
Eu, consagrado  
A Teu altar, me prostro e a combatida  
Existência aqui ponho, aqui votado  
Fica este livro – confissão sincera  
Da alma qua a Ti voou e em Ti só 'spera” (Janeiro de 1853).<sup>12</sup>*

<sup>12</sup> Em *Poetas do Séc. XIX – Almeida Garrett, Antero de Quental, Cesário Verde*, Porto Editora, 1978, p. 9-10.

## Bibliografia

ALMEIDA GARRETT, Francisco Maria da Vitória de Lencastre de (compil.), *Apostamentos sobre a vida do I Visconde de Almeida Garrett: No I Centenário da sua Morte, 9 de Dezembro 1954*, Barreiro, [s.n., D.L. 1955]; 25 p.; 25 cm; Sep. dos artigos publicados no jornal “A Voz Académica” de Queluz.

GARRETT, Francisco Gomes de Amorim, *Memórias biográficas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881-1884; 3 vol.; 23 cm (BGUC, 9-(5) -3-5-60; BNP, H.G. 4156 V. - 4158 V.; digitalizado).

MONTEIRO, Ofélia Paiva, *Garrett e o Liberalismo nos Açores*, em Colóquio: O Liberalismo nos Açores – Do Vintismo à Regeneração. O tempo de Teotónio de Ornelas Bruges (1807-1870), Direção Regional da Cultura, Angra do Heroísmo, 2008, p. 179-189.

—, *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971; 2 vol.

PIMENTEL, Fernando Jorge Vieira, *O escritor como protótipo do homem moderno: releituras de Garrett*, em Colóquio: O Liberalismo nos Açores – Do Vintismo à Regeneração. O tempo de Teotónio de Ornelas Bruges (1807-1870), Direção Regional da Cultura, Angra do Heroísmo, 2008, p. 191-198.

**João Baptista Pinto Saraiva** (1866-1948). Era natural do Porto. Foi figura de relevo na poesia portuguesa contemporânea. Entre muitas poesias, deixou-nos:

- *Natal*: poema de quatro quadras, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães, 1932, p. 109.<sup>13</sup>

**João de Deus de Nogueira Ramos** (1830-1896). Era natural de Messines (Silves). Conhecido apenas por João de Deus, foi um eminente poeta lírico e pedagogo, considerado à época o primeiro do seu tempo e o autor de um método de ensino da leitura, assente numa *Cartilha Maternal* por ele escrita. Estudou no Seminário de Coimbra, mas como não tinha vocação sacerdotal, mudou para a Universidade da mesma cidade, onde estudou Direito.

De João de Deus, refere Trindade Coelho, no prefácio de *A Cartilha Maternal e a Crítica*, que sempre que o visitava o encontrava com o mesmo livro à sua frente (...), a Bíblia. E conversando a esse respeito, afirmava o poeta, um dia, que a Bíblia “dizia tudo”; que os livros maus era melhor não os ler e que

<sup>13</sup> Sobre o autor e a sua obra, ver Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Vol. XXVII. Lisboa / Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, p. 700-701.



dos bons, humanos, apenas tinha pachorra para ler algumas páginas (Inocência X, p. 234; XI, p. 287). Escreveu:

- *Campo de Flores, Poesias Líricas completas. Coordenadas sob as vistas do autor por Teófilo Braga*, Paris-Lisboa, Liv. Aillaud e Bertrand; Liv. Francisco Alves, s. d.; 5.<sup>a</sup> edição (BSEA).

— *10.<sup>a</sup> edição*, Amadora, Bertrand, 1974; 19 cm (BNP, L. 67502 P.); 2 vol.:

Vol. 1:

*Rachel* [Raquel]: elegia em sextinas, p. 213.

Cânticos: *Psalmo*, p. 335.

*Oração*, p. 337.

*Luz da Fé*, p. 339.

*Padre Nosso*, p. 343.

*Maria*, p. 356.

*Crucifixo*, p. 357.

*Deus*, p. 364.

Vol. 2, tradução de alguns livros e textos da Bíblia:

*Psalmos de David*, p. 187.

*Provérbios de Salomão*, p. 192.

*Cântico dos Cânticos de Salomão*, p. 199.

*A caridade* [1 Cor 13,1-7], p. 225.

*Do livro de Ruth*, p. 227.

- *Flores do Campo*, Porto, Magalhães & Moniz, 1876; 2.<sup>a</sup> edição; 270 p.; 19 cm (BNP, L. 4694 V.).
- *Invocação à Virgem* [Música Impressa]: Canção para meio soprano ou barytono. Música do Pe. F. da Costa Pereira; Poesia de João de Deus; Lisboa, Tip. Lit. Castro, [19?]; 3.<sup>a</sup> edição (BNP, M.P. 1177//9 A.).
- *Antologia Cristã. João de Deus*, Lisboa, Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1956; Comp. José Júlio Pires; 42 p.; 18 cm (BNP, L. 44258//3 P.).  
Aqui se encontram textos deste poeta, fundados na Bíblia. Por exemplo:

*Humildade* (Jo 13,15), p. 7-13.

*Severidade Evangélica* (Exortação a um clérigo), p. 13-15.

*A Palavra*, p. 15.

*O Evangelho*, p. 15.

*Exortação a um jovem*, p. 16.

*Do livro de Rute*, p. 17-18.

*Salmos de David*, p. 19-21.

*Pai Nosso*, p. 31-31.

*Salmo*, p. 33-34.

*Oração*, p. 35-36.

*Provérbios de Salomão*, p. 23-27. Trata-se de uma tradução livre e rimada de 17 provérbios.

*A Vida*: elegia, p. 38-39. Trata-se de um poema de fundo bíblico inspirado no Cântico do Cânticos.

- *Provérbios de Salomão...*, Porto, Typ. Elzeviriana, 1887; 15 p.; 13x8 cm (BNP, L. 76479 P.). Trata-se da tradução apenas de 12 desses provérbios de latim para português.
- *Padre Nosso* [Música Impressa]: Andante Religioso para Canto e Piano. Letra de João de Deus, música de Vargas Júnior, Lisboa, Livraria Católica, [entre 1870 e 1900]; partitura (7 p.); 33 cm (BNP, M.P. 544//50 A.).
- Traduziu: *Deveres dos Filhos para com seus Pais*, Lisboa, Livraria Católica, 1878; 3.<sup>a</sup> edição; 15 cm; autor: Theodore H. Barrau; versão de João de Deus (BNP, L. 29067 P.).
- *O Livro de Amor*, Lisboa, Imprensa Portugal-Brasil, 1930; 332 p., 2 fol.; 18 cm (BNP, L. 23007 P.; BJPII, CP-P186).
- Traduziu: *Vida da Virgem Maria*, Lisboa e Porto, Livraria Católica, 1875; 101 p.; 14 cm; autor: Darboy, Arcebispo de Paris (BNP, H.G. 14919//3 P.).
- *Versos de João de Deus: Poesias Religiosas*, Lisboa, Livraria Aillaud, 1912; 69 p.; 26 cm (BNP, L. 14574 V.).<sup>14</sup>
- *Salvé Rainha*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XXV, p. 42.
- *À Virgem Maria*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º L, p. 94.
- *Deus?*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 56-57.

**João de Lemos Seixas Castelo Branco** (1819-1890). Nasceu em Peso da Régua.

Foi bacharel em Direito, jornalista, poeta religioso cristão e dramaturgo (Fortunato de Almeida III, p. 407; Inocêncio III, p. 396; X, p. 249). As suas poesias encontram-se na seguinte obra:

- *Cancioneiro*, Lisboa, Typ. de J. G. de Sousa Neves, 1858; 3 vol. (BNP, L. 8225 P. - 8227 P.).

<sup>14</sup> Nesta obra podem ver-se as seguintes poesias: *Deus?*, p. 9-10; *Amor místico*, p. 11-12; *Crucifixo*, p. 14; *Luz da Fé*, p. 23-27; *Padre Nosso* (comentário), p. 28-32; *Salmo*, p. 33-34; *Deus é artista*, p. 35-39; *Coeli...*, p. 40; *Hino à Virgem*, p. 54-55; *Virgem Mãe*, p. 56-57; *Salvé Rainha*, p. 58-61; *Maria*, p. 62; *Salmos de David*, p. 67.

— Tomo II, ao qual deu o subtítulo: *Religião e Pátria*, Lisboa, 1859; ib., [s.n., 19??] (BNP, L. 24610 P.). Tem as seguintes poesias:

*Deus*; inicia assim: “Minha lyra, eu quero um hymno / Um hymno todo d’amor, Um hymno do coração / Um hymno para o Senhor, p. 1.

*Oração da manhã*, p. 30.

*Oração de Leonor*, p. 41.

*A Cruz*, p. 44.

*Cântico*; inicia assim: “Glória a Deus entre os fumos do incenso...”, p. 57.

*O Juízo de Salomão*, p. 61.

*Nossa Senhora do Pranto*, p. 72.

*Os Magos*, p. 87.

*Hosanna*; termina deste modo: “Hosanna!... E teu nome retumba de imenso / Nas águas, no inferno, na terra, nos céus; / E o canto do bardo, casado co’incenso / Por brisas soprado, se abraça ao seu Deus!”, p. 95.

*São Miguel*, p. 121.

*Natus est Jesus* [Jesus nasceu], p. 124.

*Consumatum est* [tudo está consumado]; inicia assim: “Ei-lo, o Golgotha erguido, e em trono... o mundo!...”, p. 191.

Em *Parnaso Mariano*, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, encontram-se os seguintes poemas:

*Avé Maria*, n.º XXIV, p. 40.

*Stabat Mater*, n.º XXXI, p. 55.

*À Virgem do Presépio*, n.º LXIX, p. 145.

Outros poemas:

- *A Conceição de Maria*, em *Trovador: Collecção de Poesias Contemporâneas*, Leiria, Typographia Leiriense, 1853, p. 341-344.
- *Glória a Deus*, em Vv., “*Collecção de Poesias oferecidas aos assinantes da Revista Popular*”, Lisboa, 1849, p. 82-85 (BNP, L. 16177 P.).
- *O Festim de Baltazar* [Dn 5], ib., p. 98-107. Ver o autor no cap. 8.

**João de Vasconcelos Sousa Castro e Melo** / Dom João de Castro (1871-1955). Nasceu em Azurara. Foi um escritor português que se tornou conhecido como poeta. Escreveu:

- *Noite de Natal*, em *Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa*. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 117-120.

**João Félix Pereira** (1822-1891). Era natural de Lisboa. Foi médico-cirurgião. Homem de saber enciclopédico deixou vasta obra literária dos mais variados assuntos (Inocêncio III, p. 368; X, p. 241-245). Temos:

- *Epitome da História Sagrada em verso rimado hendecassyllabo*, Lisboa, Typ. José da Costa, 1859; 108 p.; 17 cm (BNP, L. 3630//3 P.).  
— 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Imprensa da Bibliotheca da Universidade, 1878; 56 p.; 16 cm (BNP, H.G. 15044//4 P.). Ver o autor nos cap. 3.2; 4.1 e 15.

**João Gonçalves Zarco da Câmara** (1852-1908). Notabilizou-se como poeta e dramaturgo. Foi o primeiro português a ser nomeado para o Prémio Nobel da Literatura, em 1901. Inocêncio não apresenta a sua biografia, apenas fala de algumas peças de teatro da sua autoria representadas no teatro de D. Maria (XVIII, p. 20 e 49). Escreveu a seguinte poesia mariana:

- *Avé-Maria*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 78-81.

**João Joaquim de Almeida Braga** (1836-1871). Nasceu e faleceu em Braga. Na sua obra literária, cultivou sobretudo uma escrita de pendor religioso (Inocêncio III, p. 388; X, p. 282). Vejamos:

- *Madalena*: Poema, Braga, Tip. de A. B. da Silva, 1867; 47 p.; 20 cm (BNP, L. 25743//1 P.). Ver o autor nos cap. 7.3; 8 e 10.2.

**Joaquim Guilherme Gomes Coelho** / **Júlio Dinis**, pseudónimo (1839-1871). Nasceu no Porto. Foi médico de profissão. Em contacto com os grandes poetas da sua época e dado o seu talento, escreveu vários romances (Inocêncio XII, p. 54 e 380). Em *Uma Família Inglesa*, nos faz ouvir, traduzida em português, a linda poesia de Morris, intitulada *A Bíblia de Minha Mãe*, cantada e acompanhada ao piano pela sua heroína Jenny:

*“Este livro é tudo quanto me resta dela, Ao vê-lo, sinto  
rebutarem-me irreprimíveis as lágrimas dos olhos;  
com os lábios trémulos, com a fronte turbada, aperto-o ao coração.  
É esta a árvore da família, à sombra da qual já muitas gerações se  
têm abrigado.*

*As mãos de minha mãe folhearam esta Bíblia;  
Foi ela mesma quem ma legou ao expirar.*

*Ai, como me estão lembrando aqueles, cujos nomes me vêm de  
envolta com estas memórias! Tantos que, em torno do lar,  
costumavam reunir-se após a oração da tarde, a conversar no*

*que dizia este livro, em um tom que me calava no íntimo do  
seio; há muito que eles estão com os mortos silenciosos;  
mas sinto-os viver ainda aqui.*

*Meu pai lia este livro sagrado aos filhos, às filhas, à família  
Toda! Como era sereno o olhar de minha mãe, ao curvar a cabeça  
para escutar a palavra de Deus! Aquela figura angélica! Ainda a  
estou a ver! – Que memórias me ocorrem em tropel neste  
momento! – De novo parece reviver, dentro das paredes deste  
quarto, aquele pequeno grupo.*

*Tu, ó Bíblia! És o mais seguro amigo do homem! Eu tenho já  
experimentado a tua constância! Quando todos me traíam, achei-  
-te fiel; vi em ti um conselheiro, um guia! As minas da terra não  
possuem tesouro que me compre este livro. Ensinando-me a  
maneira de viver, ele também me ensina como se deve morrer”.*

- *A intercessão da Virgem* (abril, 1864), em *Obras Completas de Júlio Dinis*, vol. 2 – Poesias, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1979, p. 133-136. Poesia em linguagem simples.

**Joaquim José Coelho de Carvalho** (1852-1934). Era natural de Tavira, foi jurista e diplomata; estudou na Universidade de Coimbra, onde veio a ser reitor (Inocência XII, p. 80). Deixou uma coletânea com o título *Versos*, onde se integra a tradução de:

- *Cântico dos Cânticos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1878; tradução completa do texto em verso livremente, em forma teatral (atos e cenas), onde os personagens, *Sulamite* e *Salomão*, entram e saem; 64 p.; 26 cm (BNP, L. 587//2 A.; BL, 3091.f.3; BNF, Z RENAN- 8825; BSME).<sup>15</sup>
- *Versos Hervas: o Cântico dos Cânticos (1873-1883)*, Lisboa, Typ. Elzeviriana, 1884; 117 p.; 11 cm (BNP, L. 11282//1 P.); é uma paráfrase em 5 atos e com um Epílogo. Aí aparecem *Salomão*, *Sulamite*, *Harem*, *Pastor*, coros, irmãos.
- *Os Salmos*, Lisboa, Typ. da Companhia Nacional, 1893-; Livro primeiro, 148 p.; 23 cm (BNP, C.G. 16553 V.; BPARPD; LC, C, 4BS 878; Providence College, USA).

É tradução dos primeiros 40 Salmos. Coloca o texto latino em caracteres mais pequenos, traduzindo cada versículo em verso livre e intercalando com o latim. Ver o autor no cap. 10.3.1.

<sup>15</sup> Na p. 57 há um Epílogo de 2 p. Foi escrito em “Monchique, Quinta do Pinheiro, Agosto, 1877”.

**Joaquim José da Costa e Sá** (ca. 1740-1803). Era natural de Lisboa. Foi aluno de gramática e língua latina do Pe. António Pereira de Figueiredo e, mais tarde, professor destas matérias com grande sucesso (Inocêncio IV, p. 97-102). Traduziu do francês:

- *O Heroísmo da Amizade, David e Jonathas*: Poema, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1778; autor: Abbade Bruté, OFM; 32, 214, 12 p.; 15 cm (CBAP, n.º 348; A Tradução em Portugal, 1257).

— Ib., mesmo impressor, 1819 (BME, JHT1495; A Tradução em Portugal, 3545). Ver o autor nos cap. 4.1; 11.1 e 15.

**Joaquim Teófilo Fernandes Braga** (1843-1924). Era natural de Ponta Delgada. Foi um poeta, sociólogo, político, filósofo e ensaísta literário português. Doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra, fixou-se em Lisboa em 1872, onde lecionou literatura no Curso Superior de Letras (atual Faculdade de Letras de Lisboa). Foi o 2.º Presidente da República Portuguesa. Deixou vasta obra literária (Inocêncio XII, p. 402; XX, p. 349).<sup>16</sup> Da temática que mais nos interessa neste volume, apresentamos algumas obras de sabor bíblico:

- Duas poesias: *A Caridade* [1 Cor 13]; e *Os Três Valentes de David* [2 Sm 23,8-17; 1 Cr 11,10-19].
- *Stella Matutina: poema biblico de Theofilo Braga*, Porto, Typ. Sebastião José Pereira, 1863; 14 p.; 22 cm (BNP, L. 16216 V.).
- *A um crucifixo*: soneto, em *Torrentes: Últimos versos*, Porto, Carneiro e Moraes, 1869, p. 142-43.
- *Avé Maria*, em *Parnaso Mariano*, Coimbra, 1980; 2.ª edição, n.º XL, p. 77.
- *Harpa de Israel*, contém 3 poesias:  
*Lágrima d'Eva.*  
*O Vidente.*  
*Salvé dos mareantes*, ib., n.º LXIII, p. 126. Ver o autor no cap. 7.2.

**Jorge Hilário de Almeida** (1829-1883). Foi autor do seguinte poema:

- *A oração*, que inicia assim: “Nesta ermidinha elevada, Consagrada ao Senhor – ao meu Jesus / Quero humilde, reverente, Muito crente / ajoelhar aos pés da cruz...”, p. 49, em *Vozes de Alma: Poesias*, Lisboa, Typ. de Maria Feliciano das Neves, 1851; 76 p.; 16x11 cm (BNP, L. 1792 V.).

<sup>16</sup> Foi também autor de *História da Literatura Portuguesa*, Porto, 1875 (BNP, L. 11345 P.), onde fala de João Ferreira d’Almeida, p. 350.

**José Agostinho de Macedo**, Pe., OESA (1761-1831). Oriundo de Beja. Foi escritor, pregador real e uma das principais figuras do séc. XIX. Falou contra o liberalismo e a maçonaria em Portugal. Defensor da pureza da fé e do pensamento católico tradicional, anterior ao liberalismo (Inocêncio IV, p. 183-215). Como poeta, deixou-nos:

- *A Meditação: Poema Filosófico em Quatro Cantos...*, Lisboa, Impressão Régia, 1812; 66 p.; 15 cm (BNP, L. 3667//2 P.).  
— Pernambuco, Typ. de Santos, 1837; 10, 254 p.; 12 cm (BNP, L. 68973 P.).<sup>17</sup>
- *Poema da Creação: canto único* [manuscrito], Ano de 1804; 62 p.; 22 cm (BNP, Cod. 11183//2); publicado em *Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa*. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães, 1932, p. 41.
- *A Natureza* (poema), Porto, Tip. de F. Pereira d'Azevedo, 1854; 20x13 cm (BSEA; BPH). Ver o autor nos cap. 7.1; 8; 10.2; 10.7 e 14.

**José Amaro da Silva**, Pe. (séc. XVIII). Foi presbítero secular, natural de Guimarães. Vivia na segunda metade do século XVIII (Inocêncio IV, p. 220). Traduziu:

- *A morte de Abel* [manuscrito]: *poema, em cinco cantos*, [depois de 1760]; autor: Salomon Gesner; 3, 207 fol.; 18 cm (BNP, Cod. 13375).
- *A morte de Abel: poema, em cinco cantos*, Lisboa, Francisco Luís Ameno, 1784; autor: Salomon Gesner (CBAP, n.º 945; A Tradução em Portugal, 1487).<sup>18</sup>  
— Ib., Oficina António Álvares Ribeiro Guimarães, 1785; M. Hubér (BNP, L. 4711 P.; A Tradução em Portugal, 1532).

<sup>17</sup> Nesta obra, o autor, fazendo lembrar o capítulo I de Génesis, apresenta com grande relevo o esplendor e a grandeza do Cosmos, como reflexo do poder criador do que ele chama o “Ente Supremo” (Deus); fica deslumbrado com a variedade infinita de seres que habitam toda esta Terra, lembra o esforço dos sábios em descortinar as leis físicas que regem o universo; mas lembra também os factos da história do povo de Israel, pelo qual operou prodígios, sobretudo os referentes a Moisés, ao ouvir uma voz que saía da sarça ardente, sem se consumir: “Eu Sou Quem Sou” (Ex 3,14-15); refere ainda a passagem do Mar Vermelho, ou melhor, o *Mar dos Juncos* (Ex 14-21,28), o milagre que fez brotar água da rocha, no deserto (Ex 17,6)... No Canto IV (p. 241-242), sublinha a imaginação criativa dos poetas, assim como o esforço dos heróis da ciência, relevando a supremacia do homem no meio de toda a Criação divina, ao mesmo tempo que denuncia as imaginárias “teorias” do “Acaso” ou da “fatal necessidade”. Na p. 208, no canto IV, pergunta: “Sei quem sou, onde estou. Que origem tenho? Quem é, da essência minha, Author, ou causa?”. E, na p. 231, começa a resposta a todas estas questões: “Tudo anuncia um Criador Supremo...”. Na p. 233, apresenta a conclusão a todas estas perguntas: “A estupenda união de entes diversos / Nos vai mostrando um Deus...”.

<sup>18</sup> A Tradução em Portugal diz ser uma tradução anónima e mandada imprimir por António de Oliveira Valle.



— Ib., Typ. Rolandiana, 1818; 471 p.; 22 cm (BNP, L. 4713 P.; CBAP, n.º 946; A Tradução em Portugal, 3430).

- Traduziu do inglês: *Paraíso Perdido: poema heroico*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1789; autor: John Milton (BSEA).

— *Nova edição*, ib., mesmo impressor, 1830; 15 cm; 2 vol. (BNP, L. 16302 P. - 16303 P.). Ver o autor no cap. 17.

**José Bonifácio de Andrada e Silva** - 2 (1827-1886). Nasceu em Bordéus, durante o exílio de seu pai. Foi lente substituto na Faculdade Direito em São Paulo (Inocência IV, p. 278; XII, p. 263). Escreveu a seguinte poesia:

- *Aspirações*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães, 1932, p. 84; inicia assim: “Quando eu morrer ninguém venha chorar-me: Lancem meu corpo à solidão sem termos, Eu amo aqueles céus, aqueles ermos, Onde, na tristeza, Deus, vem consolar-me...”

**José da Silva Mendes Leal** (1820-1886). Era natural de Lisboa. Foi escritor, jornalista, diplomata e político português. Foi diretor da nossa Biblioteca Nacional e desempenhou vários cargos políticos (Inocência V, p. 127; XIII, p. 209). De entre as muitas poesias que escreveu, vejamos apenas estas:

- *Stabat Mater* [A Mãe estava de pé], em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; n.º LXIV, p. 129.
- *Christus est sepultus* [Cristo foi sepultado], publicado em “Revista Universal”, tomo V, p. 501.
- *Meditação sobre a Paixão de Cristo*, publicado em ib., tomo III, p. 399. Ver o autor no cap. 8.

**José do Coração de Jesus** / Almeno, pseud., Pe. (séc. XVIII). Nasceu e morreu em Lisboa. Foi um frade missionário de Brancanes de Setúbal. Segundo informação do Parnaso Mariano, “o seu mérito literário foi grande...” (p. 261-262). Como poeta, deixou:

- *Poesias de Almeno publicadas por Elpino Duriense* [António Ribeiro dos Santos], Lisboa, Typ. Lacerdina, 1805-1815; 3 vol.; 20 cm (BNP, L. 3184 P.).
- *Em louvor da Sancta Virgem*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.ª edição, n.º VI, p. 30.
- *À Sancta Virgem*, ib., n.º LV, p. 103.
- *Stabat Mater*, ib., n.º LXXIII, p. 153.

**José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia**, Pe. (17??-1841). Nasceu em Mortágua. Foi padre diocesano, bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra (Inocêncio IV, p. 325; XII, p. 322). Deixou-nos a seguinte poesia mariana:

- *À Virgem Nossa Senhora*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XXII, p. 36.

**José Isidoro Rodrigues** (?-?). Escreveu:

- *Christo e Magdalena*: poemeto, Extremoz, Typ. Samuel, 1897 (BNP, L. 3382 A.). Inicia assim: “Ó Christo, Christo, que paixão infinda...”.

**José Jacinto Nunes de Melo**, Pe. (1740-1814). Era natural de Lisboa. Adquiriu o grau de bacharel na Faculdade de Cânones pela Universidade de Coimbra. Foi cônego da Sé de Évora (Inocêncio IV, p. 377; XIII, p. 16). Foi autor de:

- *Collecção de várias poesias moraes...*, Lisboa, Typ. de M. P. de Lacerda, 1823; 12, 141 p.; 16 cm (BGUC, Abraveia 9-(1)-5-7-23). Contém: *Desejos compassivos de contemplar...* Ver o autor nos cap. 8; 10.7 e 22.4.

**José Maria da Piedade de Lencastre** (1819-1870). Segundo informação do Parnaso Mariano, p. 266, era filho do 4.º Marquês de Abrantes. Deixou-nos a seguinte poesia mariana:

- *Mulier, Ecce Filius Tuus... Ecce Mater Tua* [Jo 19,26.27], em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XCI, p. 184.

**José Ramos Coelho** (1832-1914). Era natural de Lisboa. Trabalhou como amanuense na Torre do Tombo (Inocêncio V, p. 109; XIII, p. 178 e 375). Deixou-nos as seguintes poesias:

- *Jerusalém libertada: poema*, Lisboa, Typ. Universal, 1864; vertido em oitava rima por José Ramos Coelho; autor: Torquato Tasso; 507 p.; em 8.º (BNP, L. 2302 V).

— Ib., Viúva Tavares Cardoso, 1905 (BNP, L. 11460 P.).

- *À Virgem Maria*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LXVI, p. 139.

**José Simões Dias** (1844-1899). Era natural de Benfiteira, Arganil. Foi professor no liceu de Viseu (Inocêncio XIII, p. 217). Como poeta, escreveu:

- *A noite de Natal*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 95-97.

**Júlio de Castilho** (1840-1919). Era natural de Lisboa. Foi o 2.º visconde de Castilho. Como se pode ler no Parnaso Mariano, p. 271, “é um verdadeiro lite-

rato; o génio e o gosto abraçam-se no seu espírito em laço estreito”. Era filho de António Feliciano de Castilho (Inocência XIII, p. 252). Deixamos aqui algumas poesias marianas da sua autoria:

- *Avé Maria*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XCII, p. 186.
- *A Monja*, ib., n.º XCV, p. 190.
- *Avé-Marias*, ib., n.º XCVI, p. 193.
- *O Anel de Joaninha*, ib., n.º XCVIII, p. 198.

**Lourenço Justiniano Pacheco** (1712-?). Era natural de Guimarães. Foi instruído nas letras humanas, cultivando a poética com tão feliz progresso, que as suas metrificações mereceram aplauso universal (Barbosa III, p. 30). Escreveu:

- *Romance a Christo Crucificado no último extremo da vida*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1736.
- *Expressões com que um pecador na hora da sua morte fala a um crucifixo*. Romance, sem referências (BPNM, 2-24-12-6).

**Luís Augusto Palmeirim** (1825-1893). Era natural de Lisboa (Inocência V, p. 228). Escreveu a seguinte poesia mariana:

- *Salvé Rainha*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XLI, p. 78.

**Luís Cipriano Coelho de Magalhães / Luís de Magalhães** (1859-1935?). Era natural de Lisboa. Foi bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra e governador civil do distrito de Aveiro (Inocência XVI, p. 44 e 379). Foi autor da seguinte poesia:

- *Crêde*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 103.

**Luís Maria de Carvalho Saavedra Donas Boto** (1810-1890). Era natural de Ervedosa do Douro. Estudava Direito em Coimbra, quando foi exilado liberal, em 1829; conseguiu formar-se em Medicina por Lovaina. A sua obra poética mais significativa foi composta no exílio (Inocência V, p. 302; XVI, p. 45). As suas poesias foram reunidas em:

- *A Lyra do Douro: Poesias diversas*, Porto, Typ. Faria Guimarães, 1854; 503 p., 2 fol.; 21 cm (BNP, L. 45225 P.).

— Ib., mesmo impressor, 1857; aqui se encontra:

*A leitura repentina – poema lyrico*, onde se pode ler: “Então que disse ao seu mundo aflito / Do mundo e Redemptor? Ah! Ide ler: No Evangelho escrito / Está um céu bem cheio de saber!”. E ainda: “O mundo antigo estava faça-

nhoso / Sem irmandade, nem amor de gente: Mas Christo amoroso / Lhe diz: Eu trago um amor fervente: É o amor dos anjos mavioso...”, p. 131.

- *A Nossa Senhora do Rosário* (quadras), em “Poema socialista”, canto VII (1852).<sup>19</sup>

**Manuel Correia Valente**, Pe., CM (17??-1804). Era natural do Reguengo (Leiria), onde foi batizado em 1735. Morreu durante uma viagem de Lisboa para Macau (Inocêncio V, p. 403; XVI, p. 162). Escreveu:

- *Piedosos sentimentos que exprimem aos pés de Jesus Christo crucificado um coração afflicto e magoado...*, Lisboa, Régia Oficina Typographica, 1780; em oitava rima; 13 p. Ver o autor no cap. 15.

**Manuel de Oliveira Ferreira** / Manuel de Jesus de Oliveira Ferreira, Frei, OFM (1711-1782). Era natural do Porto. Doutorou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra. Primeiro foi padre secular; mas, dada a admiração que tinha por São Francisco, ingressou na sua Ordem.<sup>20</sup> Escreveu, de índole mariana:

- *Poema Epicum de Conceptione B. Mariae... Offert D. Emmanuel Olivius Ferre-rius...*, Coimbra, António Simões Ferreira, 1749; 16, 61 p.; 20 cm (BNP, H.G. 6671//1 V.). Ver o autor nos cap. 8; 9; 11.1 e 22.2.

**Manuel Isaías Abúndio da Silva** (1874-1914). Trata-se de um leigo católico militante que pretendeu aliar a política miguelista e tradicionalista com a liberal, progressista. Compôs, neste género literário:

- *Maria: Poemeto christão*, Braga, Livraria Central, 1895; 16 cm (BNP, R. 37976 P.). Ver o autor nos cap. 7.1 e 11.1.<sup>21</sup>

**Manuel Lopes Salvado Cota** (ca. 18??). Escreveu:

- *Dedicando ao Menino Jesus da Virgem Nossa Senhora do Cabo hum seu devoto huma coroa que pede n'estas métricas súplicas o perdão das suas ousadias: Romance Endecasyllabo*, [S.l.: s.n. 18??]; 3 p. (BNP, L. 601//29 A.).

**Manuel Maria Barbosa du Bocage** (1765-1805). Natural de Setúbal, foi um poeta português e, possivelmente, o maior representante do arcadismo lusitano. Embora ícone deste movimento literário, é uma figura inserida num período de transição do estilo clássico para o estilo romântico, que terá forte pre-

<sup>19</sup> Sobre o autor, ver MARTINS, Francisco, *Donas Boto, Português, Poeta, Primeiro Ideólogo Moderno da União Europeia*, Chaves, Ed. Tartaruga, 2008.

<sup>20</sup> Sobre o autor, ver MARQUES, João Francisco, em Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa, Lisboa, Editorial Verbo, 1995; volume 2: D-Le, col. 544; Barbosa III, p. 327-329; Inocêncio VI, p. 9.

<sup>21</sup> Sobre o autor e a sua obra, ver FERREIRA, António Matos, *Um Católico Militante diante da Crise Nacional: Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914)*, CEHR, UCP - Lisboa, 2007.

sença na literatura portuguesa do século XIX (Inocência VI, p. 45-53; XVI, p. 260, 412; XVIII, p. 44). Bocage inspirou-se na Bíblia em muitas das suas poesias; ver o soneto que alude às profecias de Isaías sobre a vinda de Cristo:

“Não, não sonhou o altíssimo Isaías,  
Ó reis, ajoelhai, correi, pastores!  
Eis a prole do Eterno, eis o Messias”.

- Traduziu: *A descrição do dilúvio*, em Rimas, t. II, p. 297-304; autor: Gessner (A Tradução em Portugal, 2160).
- Traduziu: *A existência de Deus*. Ode extrahida do *Poema da Religião* de Racine, em Rimas, t. II, p. 72-75 (A Tradução em Portugal, 2169).
- *Obras Poéticas de Bocage*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1875; 17 cm (Biblioteca da Atualidade, 19-20); vol. 5: Versões líricas, episódios traduzidos, fastos; 276 p. (UCBPB, 821.134.3 B64o V5).
- *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage...*, Lisboa, A. J. F. Lopes, 1853; 6 vol.; 20 cm (BNP, L. 1121 A. - 1125 A.; BSEA).
- *Sonetos, em Bocage*. Antologia Poética, seleção e introdução por Maria Antónia C. Mourão e Maria Fernanda P. Nunes, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, Braga, 2001; 4.<sup>a</sup> edição.

Vejamos os títulos de alguns dos seus sonetos que mais nos interessam aqui:

*Vendo-se acometido de grave enfermidade* (“Pouco a pouco a letífera doença...”), p. 92.

*A existência de Deus provada pelas obras da criação* (“Os milhões de áureos lustres coruscantes...”), p. 93.

*Afectos de um coração contrito* (“Oh rei dos reis, oh árbitro do mundo...”), p. 93-94.

*Invocando o amparo da Virgem Maria* (“Tu, por Deus entre todas escolhida...”), p. 94.

*Contra os que negam o livre arbítrio nas acções humanas* (“Vós, crédulos mortais, alucinados...”), p. 96.

*Vendo-se exposto a tribulações imerecidas* (“Não sou vil delator, vil assassino...”), p. 96-97.

*Sentimentos de contrição e arrependimento da vida passada* (“Meu ser evaporarei...”), p. 101.

*Deitado entre as agonias do seu trânsito final* (“Já Bocage não sou...”), p. 101-102.

*À Santíssima Virgem, a Senhora da Encarnação*: canção, p. 144-146.

*Soneto* [à hora da morte]; inicia: “Meu ser evaporei na lida insana...”; e termina: “Deus, Oh Deus!... quando a morte a luz me roube / ganhe o momento o que perderam anos / saiba morrer o que viver não soube” (“Obras Poéticas...”, 1853, I, p. 217).

- *À Virgem do Amparo*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º IV, p. 6.
- *À Puríssima Conceição*, ib., n.º LXXII, p. 152.
- *A Deus*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1952, p. 43. Ver o autor no cap. 18.<sup>22</sup>

## Bibliografia

MOURÃO, Maria Antónia C., e NUNES, Maria Fernanda P. (seleção e introdução), *Sonetos, em Bocage*. Antologia Poética, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, Braga, 2001; 4.<sup>a</sup> edição.

SILVA, José Maria da Costa e, *Obras poéticas... precedidas de um discurso sobre a vida e escriptos d'este poeta, ornada com o seu retrato*, Lisboa, Imprensa de J. B. Morando, 1820.

SILVA, Rebelo da, *Memória biográfica e literária acerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage: do character das suas obras, e da influência que exerceu no gosto e nos progressos da poesia portuguesa*, Lisboa, Typ. da Academia, 1854 (BNP, H.G. 20652 V.).

—, *Poesias de Manuel Maria Barbosa du Bocage, coligidas... Com estudo literário...*, Lisboa, F. Lopes, 1853; 6 vol.

**Manuel Matias Vieira Fialho de Mendonça** (1779-1813). Nasceu perto de Alenquer e faleceu em Coimbra. Viveu algum tempo na Baía, mas regressou a Portugal para estudar na Universidade de Coimbra, onde cursou Jurisprudência, em 1807; estabeleceu-se depois em Santarém como advogado e professor de gramática latina. Com inclinação poética (Inocência VI, p. 57; XVI, p. 269). Traduziu:

- *Ode tirada do Salmo Quarenta e Cinco de David*, em Rimas Poéticas (p. 35-37), Lisboa, Typografia Rolandiana, 1805-1806; 2 vol.: 261 e 255 p.; 15 cm (BNP, L. 24766 P. - 24767 P.; A Tradução em Portugal, 2667).

<sup>22</sup> Vejam-se ainda 23 *Sonetos morais e devotos*, em MOURÃO, Maria Antónia C., e NUNES, Maria Fernanda P. (seleção e introdução), *Bocage. Antologia Poética*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, Braga, 2001; 4.<sup>a</sup> edição, p. 88-102.

**Manuel Monteiro, Pe., CO** (1667-1758). Era natural do Porto. Professou na sua Ordem em 1716, onde aprendeu as ciências eclesiásticas. Devido aos seus dotes académicos, foi eleito membro da Academia Real em 1738 (Barbosa III, p. 315-316). Traduziu:

- *Himno em louvor da Virgem N. S. que compoz, e rezava S. Casimiro; traduzido da língua latina*, Lisboa, Oficina Real Sylviana, 1741. Ver o autor nos cap. 6.1.1; 9; 10.2; 10.4; 10.5 e 10.7.

**Manuel Rodrigues da Silva Abreu** (1793-1869). Era natural de Ponte de Lima. Perseguido politicamente emigrou para Inglaterra e França. Foi o primeiro bibliotecário da Biblioteca Pública de Braga (Inocêncio VI, p. 97-98). Traduziu:

- *Eliézer, ou A ternura fraternal*, Braga, Typ. na Rua dos Pelames, 1839; poema em quatro cantos e em prosa sobre o personagem bíblico Eliézer; trad. do francês em versos portugueses por M. R. S. A.; autor: Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794); 108, 2 p.; 20 cm (BNP, L. 82537 P.; BGUC, 5-(4)-1-13-38). Ver o autor no cap. 4.1.

**Manuel Simões Barruncho** (?-?). Era licenciado em Cânones e chantre da colegiada de Ourém (Inocêncio VI, p. 112). Escreveu:

- *Paixão moralizada em sonetos moraes e anagógicos, segundo a narração dos Quatro Evangelistas*, Lisboa, Oficina de Francisco Luís Ameno, 1783; VIII, 192 p.; em 8.º.

**Maria Adelaide Fernandes Prata** (1826-1881). Era natural do Porto e faleceu em Lisboa (Inocêncio VI, p. 135; XVI, p. 350). Foi autora de várias poesias, entre as quais temos:

- *O Filho de Deus*, Porto, Tip. Comercial, 1863; 152 p.; 20x13 cm (BNP, L. 1774 V.).

Trata-se de uma obra poética com géneros variados, onde parafraseou textos dos Evangelhos: vida de Jesus desde o Nascimento à Ascensão.

**Maria do Céu / Marina Clemência** (de Eça), Soror, OSC (1658-1753). Era natural de Lisboa (Inocêncio VI, p. 137; XVI, p. 354).<sup>23</sup> Esta freira franciscana escreveu poesia mística:

- *Rosário dos atributos divinos*, Lisboa, Oficina Joaquiniana da Música, [173-]; 7, 74 p.; 13 cm (BNP, F. 7311). Os seus versos são simples, mas encantadores.

<sup>23</sup> Sobre outras obras da autora, ver vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 805 e 833.



- *Triunfo do Rosário repartido em cinco autos do mesmo, muito devotos e divertidos pelas singulares ideias...*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1733.

— Ib., Miguel Manescal da Costa, 1740 (BNP, F. 7852; Pericão, Bibliografia, p. 404).

**Maria Inácia da Visitação**, Soror, OSC (ca. 1690-?). Era natural de Elvas, onde foi batizada na paróquia da Alcáçova, em 1690. Professou no Convento de Santa Clara de Évora, em 1705. Escreveu:

- *Clara ilustrada em nove Epítetos da vida da mais esclarecida Luz de Assis, Primogénita de S. Francisco, Fundadora da sua sagrada Ordem para o exercício da sua novena*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1739.<sup>24</sup>

**Maria José Furtado de Mendonça** (1826-?). Nasceu numa aldeia de Celorico da Beira. Inocêncio apenas refere o nome da autora, indicando outra obra (XVI, p. 356). Verteu em português:

- *Stabat Mater*, hino; tradução livre, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XC, p. 182.

**Maria Madalena Eufémia da Gama** / Madalena da Glória, Soror (1672-ca. 1760). Era natural de Sintra, tendo professado no convento da Esperança (Barbosa III, p. 160; Inocêncio V, p. 344-345). Esta freira portuguesa escreveu sob o pseud. de Leonarda Gil da Gama, sobretudo poesia de carácter místico, onde o virtuosismo barroco atinge o seu esplendor, em loas a santos e santas, em louvor da religião e outras.

- *Orbe Celeste Adornado de Estrelas e Dois Ramalhetes: Um colhido pela consideração, outro pelo divertimento*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1742; 20 fol., 319 p.; 16 cm (BNP, L. 24441 P.; BPNM, 2-24-4-31; CBAP, n.º 909).<sup>25</sup> Contém:

— *Visão do Apocalipse*. Soneto.

- *Brados do desengano contra o profundo sono do esquecimento em três histórias exemplares para melhor conhecer-se o pouco, que durão as vaidades do mundo, e poder das divinas inspiroações*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1736 (1.<sup>a</sup> parte: 31, 316 p.).

<sup>24</sup> Sobre a autora, ver BARROS, Teresa Leitão de, *Escritoras de Portugal – Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Typographia de António B. Antunes, 1924, vol. II, p. 143-144; Barbosa III, p. 425.

<sup>25</sup> Desenvolve aqui, poeticamente, o ciclo da Ressurreição-Ascensão de Jesus, que tem em Maria Madalena uma personagem importante. Veja-se a importância deste ciclo e as poetisas que o desenvolvem, em MORUJÃO, Isabel, *Por trás da Grade. Poesia Conventual Feminina em Portugal (séculos XVII-XVIII)*, Flup, 2005, p. 584-595.

— Ib., Oficina da Música, e da Sagrada Religião de Malta, 1739 (2.<sup>a</sup> parte: 28, 251 p.); 20 cm (BNP, F. 7287: 2.<sup>a</sup> parte; BGUC, RB-18-11: duas partes).

— Ib., mesmo impressor, 1739, e ib., Domingos Rodrigues, 1749; 2 vol. (BPNM, 2-14-5-21/22).<sup>26</sup>

- *Operas portuguesas que se representaram nos teatros públicos desta Corte*, Lisboa, Inácio Rodrigues, 1746; 2 vol. (BPNM, 2-24-2-14/15).
- *Rimas Sonoras*. Segunda parte das obras académicas de Simeão Antunes Freire, Lisboa, Oficina Augustiniana, 1731 (BPNM, 2-24-2-2).
- *Reino da Babilónia ganhado pelas armas do Empírio. Discurso Moral*, Lisboa, Oficina Pedro Ferreira, 1749.

É uma novela alegórica entre o Bem e o Mal em 16 capítulos: personagem Angélica está renitente em seguir os conselhos do Príncipe (Cristo); é a peregrinação interior da alma humana, que a Contra-Reforma valorizou. No fim, tem uma paráfrase poética dos *Salmos Penitenciais* [Sl 6, 31, 37, 50, 101, 129 e 142]. São quadras castelhanas em heptassílabos, com 23 páginas.

Pode ter circulado independente da novela, que conclui. Segue literalmente os *Salmos*, uma estrofe para cada versículo. Estes serviam para expressar os afetos, pelo que se prestam a arroubos místicos. Portanto, trata-se, nos dois casos, de temas profundamente bíblicos. A *Babilónia* é vencida no Apocalipse (Ap 18) e *Jerusalém* desce do Céu (Ap 21,1-3).<sup>27</sup>

- *Águia Real, Fénix Abrasada, Pelicano Amante, História panegírica e vida prodigiosa do ínclito Patriarca que alcançou ouvir da boca de Deus o título de Santo Agostinho*, Lisboa, Oficina Pinheirense da Música e da Sagrada Religião de Malta, 1744.

**Maria Rita Chiappe Cadet** (18??-1885). Inocência pensa que era natural do Alentejo e poetisa de grande mérito. Toda a poesia desta autora tem um halo religioso (Inocência XVI, p. 360). Deixamos aqui esta:

- *Avé Maria*, em *Sorrisos e Lágrimas: Poesias*, Lisboa, Lallemand Frères Tip., 1875, p. 190-193 (BNP, L. 1105 A.).

<sup>26</sup> D. Joana Teresa de Noronha e D. Mexia Magdalena do Amaral têm poesias incluídas em *Brados de desengano* (MORUJÃO, Isabel, *Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica*, n.º 57, 58, 59, 60...).

<sup>27</sup> Um exemplar do original desta obra encontra-se na Universidade de Yale; ver MORUJÃO, Isabel, *Por trás da Grade. Poesia Conventual Feminina em Portugal (séculos XVII-XVIII)*, Flup, 2005, p. 361-368; ver edição de REIS, Ana Luísa Pêgo, *Reino da Babilónia, de Soror Madalena da Glória: Textos e Paratextos (Reedição e Leitura)*, dissertação de mestrado, FLUP, Porto, 2010 (edição da autora). Para os Salmos, ver MORUJÃO, Isabel, *Por trás da Grade*, o. c., p. 376-393.

**Maria Rita Correia de Sá Benevides Velasco da Câmara** (1821-1868). Era filha do 6.º visconde de Asseca. Foi autora de:

- *A Soledade*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.ª edição, n.º LXXXIX, p. 181.

**Mário de Alencar** / Mário do Rio, pseud. (1871-1925). Foi autor de:

- *Aspiração*: soneto, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 116; inicia assim: “Senhor, se eu, triste humano ser, alcança / erguer a voz ao céu e ser ouvido...”

**Narciso de Lacerda** (1858-1913). Era natural do Porto, mas ainda em criança foi para o Brasil. Aos 17 anos voltou para Portugal onde trabalhou nos caminhos de ferro e nos correios. É autor de belíssimos sonetos, como o seguinte:

- *Se creio em Ti, meu Deus*, em Cânticos da Aurora, Porto – Braga, Liv. Internacional, 1880, p. 9-10.

**Nicolau Tolentino de Almeida** (1740-1811). Era natural de Lisboa (Inocêncio VI, p. 291; XVII, p. 9). Como poeta, deixou-nos:

- *Obras poéticas*, Lisboa, Imprensa Régia, 1802; 2 vol.: 232 e 223 p. (BSEA).  
— Ib., Typ. Rolandiana, 1828; 20 cm (BNP, L. 3194 P.; BPH).  
Contém:  
— *A Nossa Senhora*: Soneto (“Se a febre atraçoada...”), p. 3.

**Nuno Álvares Pereira Pato Moniz** (1781-1826). Era natural de Lisboa. Foi um poeta, escritor, jornalista, político e maçom português. Tem vasta obra literária poética e dramática (Inocêncio VI, p. 304). Traduziu:

- *Ode extraída do Poema da Creação por Vernes*, em Lyra Ingénua, 1818, p. 57 (A Tradução em Portugal, 3449).

**Nuno Caetano da Costa** (17??-1829). Era cavaleiro da Ordem de Cristo (Inocêncio VI, p. 312). Como poeta, escreveu:

- *Poema à Paixão de Jesus Cristo*, Lisboa, Imprensa Régia, 1828; 68 p.; 17 cm (BNP, L. 3442 P.).
- *Ode à Conceição de Nossa Senhora*, Lisboa, Imprensa Régia, 1818; VIII p.; em 4.º.

**Raimundo António de Bulhão Pato** (1829-1912). Nasceu em Bilbau e faleceu na Caparica. Foi amigo de Almeida Garret e Alexandre Herculano (Inocêncio VI, p. 50). Como poeta, escreveu:

- *Flores para a Virgem* (excerto), em Flores Agrestes, Porto, Viúva Moré, 1870, p. 65-71 (BNP, L. 1829 V.).
- *Confissão*: soneto, em Faíscas de Fogo Morto, Lisboa, Typ. da Academia Real das Ciências, 1908, p. 15-16.

**Tomás António Ribeiro Ferreira** (1831-1901). Era natural de Tondela. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra (Inocência VII, p. 325). Foi autor das seguintes poesias religiosas:

- *Stabat Mater*, 1860, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XXX, p. 53.
- *As Três Virtudes*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimaraes & Companhia, 1932, p. 57-58.

**Tomásia Caetana de Santa Maria**, Soror, OSA (1719-?). Era natural de Lisboa e professou no convento de Vila Viçosa, em 1732. Esta religiosa poetisa deixou-nos alguns poemas de carácter laudatório, sobretudo em relação aos membros da Corte; mas neles estão bem patentes as características da literatura conventual feminina, com a sua vertente religiosa, própria da sua condição (Barbosa III, p. 752; IV, p. 273). Deixamos aqui alguns:

- *Cantigas devotas em Obséquio do glorioso nascimento do Precursor, S. João Baptista, escritas para maior glória do mesmo santo por uma religiosa sua mínima serva e grande devota*, Lisboa, Viúva de Inácio Nogueira Xisto, 1767; 8 p. (BGUC, em Misc. vol. XIV, n.º 275).
- *Expressões de um devoto arrependimento à imagem de Cristo Crucificado, que se venera no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa*, Lisboa, Oficina Alvarens, 1743 (BGUC, Misc. vol. IV, n.º 105; BPNM, 2-24-12-6).

A autora aparenta estar arrependida de ter produzido composições de tipologia profana, em vez de dedicar os seus cantos ao querido Esposo, Jesus Cristo, a quem se tinha entregado pela profissão religiosa.

Aqui afirma a religiosa poetisa: “Quizeste-me por Esposa, / deste-me a mão por insígnia / de me querer premiar / com a glória mais subida. / Recebi-vos, he verdade: / mas hay que a fraqueza minha / converteo o amor em ódio, / transformou o affecto em ira. / Faltei-vos à fé de amante, / ultrajei-vos, prenda rica, / quando por vós com excesso / fui para Esposa elegida”.

- *Desafogo da Pena mais sentida... dedicado à Virgem Santíssima da Conceição...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1759; 20,5x15 cm (BNP, H.G. 11441 V.; BPB, Res. 162/17 V.).

- *Relaçam nova, que a pia devoção dedica à soberana imagem da Senhora do Rosário sita no Real Convento de S. Domingos desta cidade, em que se attribui a castigo de Deus pelos pecados do mundo a falta de água que anunciava esterilidade; sahindo em procissão*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1750 (BGUC; Pericão, Bibliografia, p. 388). Ver a autora no cap. 22.1.<sup>28</sup>

**Troilo de Vasconcelos da Cunha** (1654-1729). Era natural do Funchal. Aplicou-se ao estudo das letras humanas e poesia vulgar, em que saiu ilustremente versado (Barbosa III, p. 765-766). Deixou-nos:

- *Espelho do invisível, em que se expoem a Deus, uno e trino no trono da eternidade, as divinas ideias, Cristo & a Virgem, o céu & a terra*, Lisboa, Oficina de José Lopes Ferreira, 1714; poema sacro; 20x15 cm (BNP, L. 2063 V.; BCM, 4Q1-06; BPNM, 2-24-12-8; BPB, Res. 256 V.).

**Vicente da Silva, Pe.** (1707-?). Estudou Direito Pontifício na Universidade de Coimbra e abraçou a vida eclesiástica, sendo ordenado presbítero em 1733. Notabilizou-se como orador e poeta (Barbosa III, p. 787-788). Deixou-nos manuscrito:

- *Psalmo Misere mei Deus* [50/51]; ilustrado em verso e prosa. Ver o autor no cap. 4.1.

**Zeferino Norberto Gonçalves Brandão** (1842-?). Era natural de Santa Comba Dão. Foi bacharel em Matemática (Inocêncio XX, p. 56 e 302). A sua obra poética intitula-se: “Páginas íntimas – Versos da juventude”, de onde foi tirada a seguinte poesia mariana:

- *Avé-Maria*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º LXXXVII, p. 177.

#### **Autores anónimos**

- *Devotas cantigas em louvor do Menino Jesus nascido para salvar todo o Género Humano: Escriptas por hum de voto (sic) do mesmo Senhor. Com um acto de contrição*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1754 (BGUC).
- *Vozes affectuosas com que a devoção, culto e obséquio convidão a todos os fiéis para*

<sup>28</sup> Sobre a autora, ver MORUJÃO, Isabel, *Entre o Convento e a Corte: algumas reflexões em torno da obra poética de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria*, em Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas, Anexo V, Espiritualidade e Corte em Portugal, séculos XVI a XVIII, Porto, 1993, p. 123-142; Id., *Contributo para uma Bibliografia cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos séculos XVII e XVIII (impressos)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 1995, n.º 360 a 367, p. 86-87; ver ainda FRANCO, Frei João, OP, *Vida Portentosa da Serva de Deus D. Thomazia de Jesus*, Lisboa, Oficina Miguel Manescal da Costa, 1757; 2, 84 p.; il.; 20 cm (BNP, H.G. 1887/14 V.).

*os louvores da Santíssima Virgem Senhora do Cabo*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, [18?]; 3 p.; loas; em fol. (BNP, L. 601//17 A.).

### Tradutores anónimos

- *Este mortal profana livremente mil talentos que o céu lhe deu benigno*, 1788; soneto (A Tradução em Portugal, 1699).
- *O hymno de Abel*, em Lyra Ingénua, 1818, p. 52-56 (A Tradução em Portugal, 3429).
- Traduzido do francês por F. J. D. J. B. C.: *O Messias: Poema em dez cantos*; Parte I e II, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1792; autor: Frédéric Gottlieb Klopstock; Parte I, 5 cantos (BNP, L. 4724 P.).  
— Porto, Oficina de Pedro Ribeiro França e Viúva Emery, 1792; 2 vol.: 334 e 455 p.; 14,5x9,5 cm (BNP, L. 8652 P. - 8653 P.; BSEA; A Tradução em Portugal, 1930).

### Bibliografia

- MARTINS, Francisco, *A Mulher mais livre da História na Poesia Portuguesa – Antologia poética sobre a Virgem Maria*, Lisboa, Sinapis Editores, 2015.
- MORUJÃO, Isabel, *Por trás da Grade. Poesia Conventual Feminina em Portugal (séculos XVII-XVIII)*, Porto, Flup, 2005.
- PINTO, Abílio Augusto da Fonseca (coligido por), *Parnaso Mariano*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890; 2.<sup>a</sup> edição; XVI, 304 p.; 24 cm (BNP, R. 23371 P.).
- PIRES, António de Azevedo, *Poesia e Teologia - Poetas de Língua Portuguesa*, Lisboa, União Gráfica, 1973; 2 vol. (BNP, C.G. 10715 V. - 10716 V.).
- REIS, António dos, CO (1690-1738), *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum, qui Latine Scripserunt, Nunc Primum in Lucem Editum ab Antonio dos Reys... Joanni V., Lusitanorum Regi, Consecratum, Nonnullisque Poetarum Vitis Auctum ab Emanuele Monteiro*, Lisbonae, Typis Regalibus Sylvianis, 1745-48; 8 vol.; 25 cm (BNP, TR. 957 V. - 963 V.; aqui falta o vol. 5).<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Segundo Inocêncio, “Esta collecção que, ainda no estado incompleto em que se acha, constitue um monumento indelével levantado ao ingenho portuguez, e um rico thesouro d’espécies para quem houver d’escrever a nossa historia litterária, parou por morte do P. Reis no tomo VII. O Pe. Manuel Monteiro, da mesma Congregação, publicou, depois, o tomo VIII.” (I, p. 245).

## Conclusão

1. Numa época em que começava a grassar na Europa e, mesmo em Portugal, uma certa aversão ao cristianismo e até à religião, torna-se interessante o facto de haver tanto autores e tanta poesia com conteúdos bíblicos. Mais ainda, nomes pouco suspeitos, como Alexandre Herculano, Manuel Maria Barbosa du Bocage, Antero de Quental e muitos outros, não se “dispensaram” de colocar a sua musa ao serviço de um ou vários temas bíblicos. Por isso mesmo, este é um dos grandes capítulos em que a Bíblia está presente na literatura portuguesa. Sim, porque estamos a contas com escritores que escreveram sobre a Bíblia, utilizando o género literário da poesia.

2. Encontramos neste capítulo nada menos de 108 autores portugueses, com 231 pequenas ou grandes obras poéticas, o que diz bem da influência que a Bíblia teve na literatura destes dois séculos e da alma cristã, que se manifestava deste modo em escritores, por vezes, anticristãos, ou melhor, anticlericais.



### *Uma poesia bíblica*

93 <sup>1</sup> יְהוָה מֶלֶךְ גִּאּוֹת לְבִשׁ לְבִשׁ יְהוָה עֹז הַתְּאֲזָר  
אֶפֶר־תַּכּוֹן תִּבֵּל בַּל־תִּמּוֹט: <sup>2</sup> נִכּוֹן כְּסָאָד מֵאֵז מְעוֹלָם אָתָּה:  
<sup>3</sup> נִשְׂאוּ נְהָרוֹת יְהוָה נִשְׂאוּ נְהָרוֹת קוֹלָם יִשְׂאוּ נְהָרוֹת דְּכָיִם:  
<sup>4</sup> מִקְלֹת מַיִם רַבִּים אֲדִירִים מִשְׁבְּרֵי־יָם אֲדִיר בְּמָרוֹם יְהוָה:  
<sup>5</sup> עֲדֹתֶיךָ נֶאֱמָנוּ מֵאֵד לְבֵיתְךָ נֶאֱוָה־קֹדֶשׁ יְהוָה לְאַרְךָ יָמִים:

O Senhor reina!  
Revestido de esplendor  
De esplendor revestido, e de poder cingido.

Verdadeiramente, o mundo está firme. Não vacilará.  
Firme está também o teu trono, desde sempre  
E Tu existes desde a eternidade.

Os “rios” elevam, ó Senhor,  
Os “rios” elevam sua voz,  
Os “rios” elevam o seu fragor marinho.

Mais que os ruídos das águas caudalosas,  
Mais poderoso que o rebentar das vagas,  
Mais poderoso é o Senhor, nas alturas.

Teus mandamentos merecem plena confiança;  
Na Tua Casa reina a santidade;  
Pelos tempos sem fim, ó Senhor! \*

\* Ver Herculano Alves, *Salmo 93. Estrutura e significado*,  
Didaskalia 17, UCP, Lisboa, 1987, p. 397-428.

## Capítulo 18

### Bíblia e teatro

O teatro é a arte que tem a capacidade de tornar visível um acontecimento passado, um tema ou uma ideia, para o tornar presente ao olhar do espectador. Assim, o teatro transporta-nos a um presente, sem passado e sem futuro. Deste modo, esta arte tem a capacidade de meter pelos olhos dentro o tema da representação, com tal intensidade que essa ideia ou esse facto nos entram até ao fundo da alma.

Por este mesmo motivo, a Igreja utilizou sempre o teatro – e ainda utiliza – com uma finalidade religiosa, mesmo catequética. Que o digam os missionários, sobretudo os Jesuítas, tanto no Oriente asiático como no Brasil, nos séc. XVI-XVII. Mesmo sem perceberem a língua, os indígenas percebiam a linguagem do teatro; isto é, captavam a mensagem. O mesmo aconteceu na Idade Média com as representações dos “mistérios”. A representação teatral pode valer mais do que muitos discursos, porque é um discurso dito com outra linguagem, a da representação, que entra mais pelos olhos do que pelos ouvidos.

Por isso, muitos escritores e místicos utilizaram esta expressão para transmitir, não apenas a sua fé na palavra de Deus, mas também para darem aos outros a possibilidade de fazerem a mesma experiência. Vejamos alguns deles:

**António Prestes** (?-1587). Era natural de Torres Novas. Foi um dramaturgo português, cujos autos possuem influências vicentinas (Inocêncio I, p. 241; VIII, p. 288; XXII, p. 348). Deixamos aqui uma das suas obras impressa no século XIX:

- *Auto da Avé-Maria*, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1889; Coleção: Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, 48; 131 p.; 17x11 cm (BNP, L. 41669 P.; BPH).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Embora o autor pertença ao século XVI, não foi referido no vol. III desta coletânea: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*; por isso, deixamos aqui uma das suas obras impressa no século que nos ocupa.

**Arcângela Maria da Assunção**, Soror (?-1737). Era natural de Sacavém. Professoreu no convento de Nossa Senhora da Conceição, Marvila, Lisboa, em 1730 (Inocêncio I, p. 434; Barbosa III, p. 268). Escreveu:

- *Festivo Applauso em que huma Religiosa como pastora, e os Anjos como músicos no Convento de N. Senhora da Conceição das Religiosas da Senhora Santa Brígida... Celebrarão o Nascimento do Menino Jesu...*, Lisboa, Oficina de Bernardo da Costa, Impressor da Religião de Malta, 1728; 21 p.; 20 cm (BNP, H.G. 5146//5 P.).

— Ib., Oficina de Joseph António da Silva, 1737; 21 p.; 20 cm (BNP, L. 652//12 V.).

**Camilo Castelo Branco** (1826-1890). Era natural de Lisboa, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica. Foi um dos grandes escritores portugueses (Inocêncio II, p. 15; IX, p. 7; XVII, p. 55). Escreveu:

- *Purgatório e Paraíso. Drama em três actos*, Porto, 1857; em 8.º gr.  
— 2.ª edição, Porto, Cruz Coutinho - Editor, 1871. Ver o autor nos cap. 4.1.; 8; 10.2; 10.9.

**Diogo Brás Ximenes Dardra** (séc. XVIII). Inocêncio não conhece a identidade do autor, até pensa tratar-se de algum pseudónimo (Inocêncio II, p. 150; IX, p. 121). Escreveu:

- *Entremez do Menino Deus nascido no Presépio...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1750. Ver o autor no cap. 17.<sup>2</sup>

**Domingos Monteiro Torres** (1807-1860). Era natural de Lisboa, mas foi viver para a ilha de São Miguel, Açores (Inocêncio II, p. 194-195). Deixou as seguintes peças de teatro:

- *O banquete do rei Balthazar, ou O propheta Daniel no lago dos leões pelo rei Dario Medo: drama original em cinco actos...*, Ponta Delgada, Typ. de J. J. Botelho & Irmãos, 1858; 67 p.; 21 cm (BGUC, 7-12-8-22).
- *A conversão dos habitantes da Ilha de Malta por S. Paulo apóstolo de N. Senhor Jesus Christo: drama original em quatro actos*, Ponta Delgada, Typ. A. das Letras Açorianas, 1857; 62 p.; 21x15 cm (BGUC, 7-12-8-22; BSEA).
- *Suzanna ou o testemunho falso: drama original em quatro actos...*, Ponta Delgada, Typ. de J. J. Botelho & Irmãos, 1858; 71 p.; 21 cm (BGUC, 7-12-8-22).

<sup>2</sup> Ver MARQUES, João Francisco, *O Teatro religioso e litúrgico*, em História Religiosa de Portugal II, CEHR - Círculo dos Leitores, 2000, p. 453.

**Francisco de Sousa de Almada** (1676-?). Era natural de Alenquer e estudou na Universidade de Coimbra. Deixou vasta obra literária poética e não só (Inocência III, p. 68 e 435). Foi autor de:

- *Thalia Sacra, ou Dramas Sacros de vários Mystérios de Christo Senhor Nosso, da Virgem Santíssima, e de alguns Santos em estilo métrico, allegórico, e mystico*, Lisboa, Oficina do Doutor Manoel Alvares Solano do Valle, 1740 (BNP, L. 5700 V.; BPNM, 2-24-12-21). Ver o autor nos cap. 10.2; 14 e 17.

**Henrique José de Castro**, Pe. (1764-1829). Nasceu na cidade de Beja. Era doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Foi prior da freguesia e colegiada de São Lourenço de Lisboa (Inocência III, p. 184-185; X, p. 12). Escreveu:

- *A inocência triunfante, tragédia de assunto bíblico* (ms). Ver o autor nos cap. 10.2 e 14.

**João Baptista Gomes Júnior** (?-1803). Era natural do Porto. Foi guarda-livros de uma casa comercial (Inocência III, p. 305; X, p. 174). Traduziu:

- *Os Machabeos: Tragédia*, Lisboa, Imprensa de João Nunes Esteves, 1832; autor: Antoine Houdar de La Motte; 20 cm (BNP, L. 5127 P.; A Tradução em Portugal, 3060).

**Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa**, Pe. (17??-1812?). Nasceu em Cascais. Foi presbítero secular na freguesia de Almoester, Santarém. Também era conhecedor de várias línguas estrangeiras, assim como de música, tocando órgão e flauta (Inocência IV, p. 81; XII, p. 42). Foi autor da seguinte obra dramática:

- *A Noite mais Feliz: pequeno drama ao nascimento do Menino Deus*, Lisboa, Oficina Patriarcal Francisco Luís Ameno, 1783; 35 p.; 15 cm (BNP, L. 5742//6 P.).

**José António de Araújo Vellozo** (ca. 1778-1824). Nasceu em Barcelos e morreu em Évora (Inocência IV, p. 237). Traduziu:

- *Abel. Tragédia*. Tradução livre em verso português, em Traducções dramáticas, 1816, p. 9-77 (BNP; A Tradução em Portugal, 3249).

**Manuel Caetano de Pimenta Aguiar** (1765-1832). Nasceu no Funchal. Dramaturgo de ideias liberais vincados. A sua obra, com evidentes traços clássicos, mostra já originalidade ao nível dos temas tratados (Inocência V, p. 382; XVI, p. 146). Entre outras tragédias, escreveu:

- *Destruição de Jerusalém*: tragédia, Lisboa, Impressão Régia, 1817; 114 p.; 20 cm (BNP, L. 5584//2 P.).

**Manuel Maria Barbosa du Bocage** (1765-1805). Foi um poeta português, natural de Setúbal, e, possivelmente, o maior representante do arcadismo lusitano (Inocêncio VI, p. 45-53, etc.). Traduziu:

- *Eufémia, ou o triunfo da religião: drama...*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1793; autor: François Thomas Marie de Baculard d'Arnaud; 108 p.; 17 cm (BNP, L. 82299 P.; BME, JHT244; A Tradução em Portugal, 1991).  
— Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1811 (A Tradução em Portugal, 2944).  
— Lisboa, Imprensa de Alcobia, 1819; 104 p.; 15 cm (BNP, L. 45734 P.; A Tradução em Portugal, 3522; CBAP, n.º 123).  
— Ib., Imprensa da Rua dos Fanqueiros, n.º 129 B, 1825; 78 p.; 15 cm (BNP, Res. 4198 P.; Inocêncio 6, 454).  
— Ib., Imprensa de João Nunes Esteves, 1829 (BNP, L. 11355 P.).  
— Ib., mesmo impressor, 1832; 108 p.; 17 cm (BNP, L. 5128 P.; A Tradução em Portugal, 4232). Ver o autor no cap. 17.

**Plácido de Andrade Barroco**, Frei, OFM (1750-1813). Era natural de Lisboa. Foi grande estudioso das línguas hebraica e grega (Inocêncio VII, p. 15). Escreveu:

- *Sacrifício de Melchisedech: Poema dramático representado em a cidade de Beja... na Igreja Cathedral em o presente anno de 1779*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1779 (BNP, R. 20947/11 P.). Ver o autor no cap. 11.1.<sup>3</sup>

**Silvério Alexandrino** / nome suposto (17??-?). Escreveu a seguinte obra de teatro:

- *Triumpho da devoção do Menino Jesus*.<sup>4</sup>

#### Autores anónimos

- *Diálogo Pastoril e devoto para o Nascimento do Menino Deus, e noite do Natal*, Lisboa, José Filipe, s.d., (BPNM, 2-24-12-7).
- *Novo e curioso Acto Sacramental Collóquio de Pastores ao Nascimento do Menino Deus. Principia no Passo da Anunciaçam...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1744 (BNP, F. 7914; BPNM, 2-24-12-3).  
— Ib., Francisco da Silva, 1746 (FLUC; Pericão, Bibliografia, p. 382).<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Segundo Inocêncio “O bispo de Beja Cenáculo, que foi seu amigo e protector, nos Cuidados Literários, pag. 394, transcreve a tradução por elle feita em verso do Psalmo 59” (VII, p. 15-16).

<sup>4</sup> MARQUES, João Francisco, *O Teatro religioso e litúrgico*, ib., p. 453.

<sup>5</sup> Para o estudo em pormenor deste auto setecentista, veja-se RODRIGUES, Maria Idalina Resina, *A Jornada do Menino Deus para o Egypto: Tradição e inovação*, em *Via Spiritus*, n.º 17, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso, CITCEM, Porto, 2010, p. 59-77. É curioso que esta “I Parte” termina precisamente na intenção de Herodes apanhar o Menino nascido em Belém. O facto de a BNP os juntar no mesmo microfilme pode indicar que se trata

— *Novo e curioso Auto Sacramental da Jornada do Menino Deus para o Egipto e Morte dos Innocentes*. Parte II, Lisboa, Oficina de Francisco da Silva, 1746 (BNP, F. 7914; Sala Jorge de Faria da FLUC).

- *Auto e Collóquio do Nascimento do Menino Jesu*, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1785.
- *Acto Figurado da Degolação dos Innocentes, composto por A.D.S.R.*, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1784.
- *Nova peça intitulada “Os pastores em Belém”*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1791 (BGUC; Pericão, Bibliografia, p. 382).
- *Auto da Paixão*, Lisboa, António Pedroso Galvão, 1739 (BPNM, 2-24-12-3).
- *Isaac, figura do Redemptor*; sem outras referências (BPNM, 2-24-9-15).
- *Auto do Dia do Juízo*, Lisboa, Oficina Francisco Borges de Sousa, 1785; 24 p.; 20 cm (BNP, L. 3321//2 A.; Inocência I, p. 313).
- *Ib.*, António Pedroso Galvão, 1739 (BPNM, 2-24-12-3).
- *Drama pastoril, sobre o Natal do Menino Deus*, Lisboa, Oficina de Caetano Ferreira da Costa, 1774; 12 p.; 21 cm (BNP, L. 2157//1 A.).
- *Loa para o Santíssimo nome de Maria. Figuras: Idolatria, Culpa, Zelo...*, Lisboa, s. d. (BGUC).

#### Coletânea de representações sobre o Natal

- *A Noite mais Feliz. Pequeno drama do nascimento do Menino Jesus*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Jesus Ameno, 1783 (p. 477-502).<sup>6</sup>
- *A Discórdia destruída. Drama feito ao nascimento do Menino Deus*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1750 (p. 327-362).<sup>7</sup>
- *Nova Peça intitulada os Pastores em Belém*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeu Ferreira, 1791 (p. 503-547).
- *Acto Quarto: Vista da cidade de Belém e no fundo com o presépio* (p. 533-547).

---

da mesma obra. Terá sido, portanto, na sua origem, um auto em duas partes. Para melhor compreensão do texto, é necessário ler Mateus 2,1-18. É natural que numa obra literária como esta haja influência dos vários livros apócrifos sobre a Infância de Jesus.

<sup>6</sup> Sobre estas peças de teatro, ver o facsímile de LUCAS, Maria Clara de Almeida, *Drama dos Santos Reis Magos*, Lisboa, INCM, 1985; com introdução e notas de Maria Clara de Almeida Lucas e atualização ortográfica de Jorge Figueiredo; 547, 6 p.; 24 cm (BNP, L. 34841 V.). A autora fez uma seleção de várias peças teatrais de tipologia natalícia, dando-lhe o título geral *Drama dos Santos Reis Magos*.

<sup>7</sup> Esta obra teve outra edição em Lisboa, Francisco Borges de Sousa, 1775.

- *Loa para se representar no dia de Reis* [manuscrito], publicação [1776-1850]; 10 fol.; 21 cm (BNP, Cod. 13479).
- *Loa para se representar na noite dos Reis*, Lisboa, Oficina de Domingos Gonçalves, 1778 (p. 465-475).
- *Loa para o nascimento do Menino Deus*, por Francisco de Sousa de Almada, Lisboa, Officina de Rita-Cassiana, 1736 (p. 445-463).
- *Diálogo Pastoril para se representar ao Menino Deus diante do seu Presépio*, Lisboa, Oficina de Domingos Rodrigues, 1753 (p. 267-315).
- *Drama Régio para celebrar a Epiphania do Menino Deus*, Lisboa, Oficina de Francisco Sabino dos Santos, 1773 (p. 317-326).
- *Entremez para o Natal*, Lisboa, Oficina de Francisco Sabino dos Santos, 1772 (p. 397-409).
- *Entremez das Regateiras de Lisboa, para a Noite de Natal*, Lisboa, Oficina de Francisco Sabino dos Santos, 1775 (p. 411-425).<sup>8</sup>
- *Entremez do Menino Deus nascido no presépio*, por Diogo Brás Ximenes Dardra, Lisboa, Officina de Pedro Ferreira, 1750 (p. 263-396).

#### Tradutores anónimos

- Trad. do italiano: *O Filho Pródigo. Dramma sacro*, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira, 1798; autor: Agostinho Giezzi; 51 p. (A Tradução em Portugal, 2131).
- *O Triunfo de Ezequias ou a morte de Senacherib: drama sacro em dois actos...* [S. Carlos, Quaresma de... 1821], Lisboa, Typografia de Bulhões, 1821; 71 p.; em 8.º (BNP; A Tradução em Portugal, 3711).
- *Moysés no Egypto. Drama trágico-sacro* [para a Quaresma] [S. Carlos], Lisboa, Typ. de Bulhões, 1823; na folha de rosto: “Para se representar no Real Theatro de S. Carlos, na quaresma do anno de 1823”; italiano e português; autor: Rossini; 93 p.; 15 cm (BNP, T.S.C. 977 P.; A Tradução em Portugal, 3834).
- *Moysés no Egypto* [Libreto]: drama sacro [A música é de Rossini], Porto, Imprensa do Gandra, 1826; na folha de rosto: “Para se representar pela Companhia Italiana no R. Theatro de S. João, do Porto, em 22 de Fevereiro de 1826”; italiano e português; 63 p.; 14 cm (BNP, T.S.C. 981 P.).
- *Moysés no deserto. Drama trágico-sacro* [S. Carlos], Lisboa, Typografia de Bulhões, 1826; italiano e português (A Tradução em Portugal, 3973).

<sup>8</sup> Estas peças denominadas “Entremez” revelam que o teatro pastoril tradicional resvalava, frequentemente, para o burlesco, caraterístico de todas as épocas. Já o rei D. Duarte chegou a fazer uma lei que proibia esse teatro nas igrejas, na época de Natal.



## Bibliografia

- AFONSO, Maria João da Rocha, *O teatro português setecentista visto por Carl I. Ruders*, em Revista da Biblioteca Nacional, Lisboa, S. 2, 9 (1) Jan.-Jun., 1994, p. 23-40.
- ALMEIDA, Justino Mendes de, *Teatro Português em Edições e Reimpressões dos séculos XVIII e XIX (Anotações Bibliográficas)*, em separata da Revista de Etnografia 28, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto, Imprensa Portuguesa, julho, 1970, p. 5-26.
- Boletim Bibliográfico da Academia das Sciencias de Lisboa*, vol. I e II – 1910 – 1914 (BNP, B.P.P. 1940 V).
- MARQUES, João Francisco, *O Teatro religioso e litúrgico*, em História Religiosa de Portugal II, CEHR - Círculo dos Leitores, 2000, p. 449-462.

## Conclusão

Este capítulo sobre o teatro religioso é relativamente pobre em relação a outras épocas. A causa deste fenómeno deve residir no facto de assumirem maior relevo outros tipos de teatro laico, como foi o caso da ópera. De qualquer modo, encontramos neste capítulo 14 autores portugueses com 52 obras, o que não deixa de ser um facto muito positivo para a cultura cristã portuguesa.



## Capítulo 19

### Bíblia e cultura nas missões do Oriente asiático

A língua portuguesa é um dos factos mais relevantes a registar no tempo da Expansão. Entre estes dois fenómenos há uma relação de causa-efeito. Pretendemos apresentar aqui alguns testemunhos desta Expansão, sobretudo nos séc. XVIII-XIX, na Ásia. A preocupação cultural nunca esteve ausente desta epopeia portuguesa e constituiu mesmo um dos motivos essenciais da mesma, através da missionação. A expansão da língua portuguesa é certamente o resultado tanto da colonização, por parte dos diplomatas e exploradores, como da missão, por parte das igrejas. Frequentemente, os comerciantes partiram à frente dos missionários e dos políticos, preparando-lhes o terreno para o anúncio do Evangelho.

Tem aqui pleno sentido uma célebre frase de Jaime Cortesão:

“Às missões, e mais que a nenhuma outra, à dos jesuítas, se deve quase tudo aquilo com que os portugueses contribuíram para a acção propriamente civilizadora na Ásia, durante esta época, não esquecendo a continuação dos descobrimentos e a sua valorização científica, prolongados agora no interior dos continentes...”.<sup>1</sup>

A língua portuguesa foi de tal modo assimilada nestes territórios, sobretudo em Ceilão e no Sul da Índia em geral, que o “Rajá Singa Raju Potentíssimo Imperador de Ceilão” se dirige aos holandeses, em 1660, na língua dos antigos colonizadores da Ilha, ou seja, o português. Por isso, o governador holandês de Ceilão afirmava em 1704 que, quem falasse português na Ilha, podia fazer-se entender em qualquer parte da mesma.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> CORTESÃO, Jaime, *História da Expansão Portuguesa*, em Obras Completas, Lisboa, s.d., p. 266. Sobre a bibliografia que os missionários utilizavam, ver CORREIA, José Manuel, *Missionação*, em Os Portugueses no Malabar -1498-1580, Lisboa, s.d., p. 145-147. Sobre a missão dos Jesuítas na Índia, ver MANSO, Maria de Deus, *A Sociedade Indiana e as Estratégias Missionárias (1542-1622)*, em Portuguese Studies Review, 1-2, New Hampshire, 2001, p. 321-333.

<sup>2</sup> Ver *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, 1907, 25.<sup>a</sup> série, p. 25-192. Há aqui dez cartas em português do imperador para os holandeses (p. 29-42); as cartas XI-XX, p. 76-85, no n.º 2; cartas XXI-XXVI, nas p.128-132, no n.º 3; as cartas XA e XXIVA, nas p. 167-192, por

“A história dos descobrimentos e das conquistas portuguesas é também, em geral, a história da propagação da língua portuguesa”; e Mons. Dalgado acrescenta: “Falava-se português, puro ou criouliizado, por toda a Índia, na Malásia, em Pegu, no Bramá, em Ceilão, em Tonquim, na Cochinchina, na China, em Comorão da Pérsia, em Baçorá da Turquia [no atual Iraque], em Meca da Arábia. E falavam-no não somente os portugueses e os seus descendentes, mas hindus, maometanos, judeus, malaio e os próprios europeus doutras nacionalidades entre si, e com os indígenas. Serviam-se dele os missionários holandeses nos seus domínios e ainda hoje o empregam os ministros protestantes ingleses na ilha de Ceilão. Era, pois, por longo tempo, a língua franca do Oriente” (Dalgado, p. XX).<sup>3</sup>

Por isso, ainda em 1877, escrevia o autor de *Memórias de um Soldado da Índia*:

“Lá [em Ceilão] se conserva profundamente impresso o cunho da dominação portuguesa. Ainda hoje a nossa língua é o idioma vernáculo das classes médias nas principais cidades. Uma cristandade numerosa atesta o labor evangélico dos frades franciscanos. Nobres modeliares e pobres pescadores guardam com orgulho os nomes e apelidos que seus avós receberam na pia batismal”.<sup>4</sup>

Os autores de *The Bible of Every Land* (séc. XVII) já diziam que “O indo-português é mais ou menos entendido por todas as classes na ilha de Ceilão e

---

David Lopes. Segundo Baldaeus, companheiro do nosso conhecido João Ferreira d’Almeida, durante as lutas de portugueses e holandeses em Ceilão, o Secretário de Rajá Singa escreve ao general holandês estas significativas palavras: “This day, 22nd March, his imperial Majesty having sent for me, ordered the Letter writ [sic] in Portuguese to be translated in to Dutch, to be send among other to your Excellency” (*A true and exact Description of the most celebrated East-India Coasts of Malabar and Coromandel, as also of the Isle of Ceylon, by Philip Baldaeus, Minister of the Word of God in Ceylon, translated from High-Dutch, printed at Amsterdam, 1672, III; London, 1752, p. 781*). A propósito da “rivalidade” entre portugueses e holandeses, Boxer afirma: “Apart for straightforward fighting and diplomatic chicanery, there is another aspect of 17th-century Luso-Dutch rivalry which deserves a brief mention here. This was the struggle between the two languages, and in this the Portuguese easily bore away the palm. Since the overseas expansion of Europe was pioneered by the Portuguese, their language likewise became the lingua-franca of most of the coastal belt which they opened to Europe trade and enterprise on both sides of the globe” (BOXER, C., *Portuguese and Dutch colonial Rivalry, 1641-1661*, em *Studia* 2, Lisboa 1958, p. 37). Seguidamente dá exemplos concretos em diferentes partes do mundo.

<sup>3</sup> Mons. Dalgado é uma das maiores autoridades no estudo da língua portuguesa no Oriente, também porque foi vigário geral da diocese de Colombo, em Ceilão, no início do séc. XX.

<sup>4</sup> LOBO, António Costa (compil.), *Memórias de um Soldado da Índia, compiladas de um manuscrito português do Museu Britânico...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1877, p. 101-102.

por toda a costa da Índia; a sua extrema simplicidade de construção e facilidade de aquisição, tendo-o posto extensamente em uso como um meio de tráfico”.<sup>5</sup>

Poder-se-ia dizer que, na altura da Expansão, o português era a língua internacional do Oriente, como testemunha também Alexandre Hamilton (*A new account of the East Indies*, Londres, 1744), ao declarar que não pôde encontrar uma pessoa em 10000 habitantes da Índia que fosse capaz de falar suficientemente inglês; e que, pelo contrário, os portugueses deixaram ao longo das costas vestígios da sua língua, apesar de muito corrompida; era a língua que a maior parte dos europeus aprendiam para comunicarem uns com os outros, assim como com os habitantes locais.<sup>6</sup>

Neste período, ao contrário do que aconteceu nos anteriores, a Bíblia, como livro da palavra de Deus, começa a aparecer na evangelização, tanto em Portugal como nas colónias, mas devido sobretudo ao acicatar das Sociedades Bíblicas, que espalharam por todo lado, onde lhes foi possível, a Bíblia nas línguas vulgares, como veremos a seu tempo neste capítulo.

Este capítulo tem a particularidade de “se encontrar” com o tradutor da Bíblia protestante em português no séc. XVII, João Ferreira Annes d’Almeida, que a traduziu precisamente no Oriente asiático. Por isso, irá estar muito presente nas obras editadas em Tranquebar, como veremos abaixo. Mas nem por isso vamos deixar de referir algumas das suas obras, remetendo sempre para o vol. IV desta coletânea, em que a sua tradução foi tratada explicitamente em todo o volume.

Como se trata de um capítulo bastante extenso, vamos apresentá-lo com a seguinte estrutura:

- 19.1. Intervenção das Sociedades Bíblicas (protestantismo)
- 19.2. Obras impressas em português no Oriente: Batávia e Tranquebar  
A missão dinamarquesa de Tranquebar. Um pouco de história
- 19.3. Obras editadas em ou para Tranquebar
  - 19.3.1. A tipografia de Tranquebar
  - 19.3.2. Obras em tamul e noutras línguas orientais
- 19.4. Edições bíblicas e outras em português: de Batávia para Tranquebar

<sup>5</sup> SAMUEL BAGSTER & SONS, *The Bible of Every Land*, London; citado em Dalgado, *Glossário...*, I, p. XVII.

<sup>6</sup> Sobre a Evangelização dos territórios sob o domínio português no Oriente, remetemos o leitor para o que foi escrito no vol. III, *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 889-900. Para alguma bibliografia sobre o mesmo assunto, veja-se: FARINHA, António Lourenço, *A Expansão da Fé no Oriente: Subsídios para a História Colonial*, Lisboa, Agência Geral das Colónias. Divisão de Publicações e Biblioteca, Lisboa, 1942-46, vol. III, p. 331-332. Sobre a presença da Bíblia nos novos mundos descobertos, ver *La Bible de Tous les Temps* [BT], vol. 5, Paris, 1989, p. 489-514.

- 19.4.1. Os missionários de Tranquebar e as edições da Bíblia de João Ferreira d'Almeida
- 19.4.2. Edições litúrgicas e outras: catequética, espiritualidade, controvérsia protestante...
- 19.5. Obras de vários géneros em indo-português
- 19.6. As missões católicas e a (não) ação do Padroado Português
- 19.6.1. As missões e o padroado português
- 19.6.2. Obras religiosas de autores portugueses
- 19.6.3. Autores e obras de tipologia cultural
- 19.6.4. Obras em indo-português de Ceilão. Uma listagem  
Obras de Isac / Jácome Gonçalves
- 19.6.5. Obras escritas na e sobre a China deste período

## 19.1. Intervenção das Sociedades Bíblicas (protestantismo)

Muito cedo, logo a seguir à primeira etapa da evangelização na Ásia, o protestantismo, concretamente o calvinismo holandês, aparece na Ásia, enfrentando a evangelização católica em territórios dominados por Portugal, e não só. Logo a seguir vieram os ingleses. Por isso, o protestantismo vai gozar de um protagonismo importante na evangelização asiática. E um dos grandes representantes dessa evangelização protestante foi o português João Ferreira Annes d'Almeida, que enfrentou, com o seu típico entusiasmo, os missionários católicos do seu tempo.<sup>7</sup>

Portanto, a missão em regiões não cristãs, colonizadas pelos portugueses e espanhóis na Ásia, deu azo à divulgação da Bíblia no Oriente, sobretudo por parte dos protestantes, ainda que estes tenham chegado um século depois. Por isso, deram um cunho tipicamente bíblico às suas missões, como era de esperar, traduzindo mesmo a Bíblia para as línguas locais onde trabalhavam.<sup>8</sup> Assim, a pastoral bíblica protestante deveria cingir-se a pouco mais que citações e explicações morais de textos bíblicos. Na geografia política e missionária que aqui estudamos, são típicos os casos de Batávia, onde sobressai a Bíblia de Almeida, e a missão luterana dinamarquesa estabelecida em Tranquebar / Trangambar (su-

<sup>7</sup> Sobre João Ferreira d'Almeida, sua missão e obras, veja-se o IV volume desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, Edições Esgotadas, Viseu, 2019; sobre as Sociedades Bíblicas protestantes e sua organização, ver, no presente volume, o cap. 7.4.

<sup>8</sup> Assim, em 1629, Albert Cornelius Ruyl, um membro da Companhia Holandesa das Índias, traduziu os *Evangelhos de Mateus e de Marcos* para a língua malaia; em 1646, um comerciante holandês, Jan van Hasel, traduziu os outros dois Evangelhos, *Lucas e João*, e em 1652, os *Salmos* e os *Actos*. Mais tarde, os pastores calvinistas Melchior Leydekker e P. van der Vorm completaram a tradução do *Antigo e Novo Testamento* (1735). O mesmo sucedeu em Ceilão e em Tranquebar.

deste da Índia), onde esta mesma Bíblia foi também impressa, entre 1732-1765. Estes eram os dois grandes polos bíblico-culturais da época.

O relativo êxito da publicação da obra de Almeida deve-se, em grande parte, às incipientes Sociedades Bíblicas, sobretudo no que se refere às edições feitas em Tranquebar. De facto, as Sociedades inglesas ajudaram a editar algumas obras de Almeida em Tranquebar e Ceilão. Vejamos, seguidamente, as obras que foram produzidas, traduzidas ou que circularam em Batávia, Tranquebar e, mais tarde, em Ceilão e noutras regiões.<sup>9</sup>

## 19.2. Obras impressas em português no Oriente: Batávia e Tranquebar

Um dos factos mais marcantes da presença da língua portuguesa no Oriente foi a tipografia. A impressão de obras, tanto para o ensino como para a missão, foi obra de católicos – sobretudo de Jesuítas – e de protestantes.<sup>10</sup> Daí,

“a long series of publications in Portuguese appeared either in Holland or in Batavia itself: translations of the Bible (by *Joan Ferreira d’Almeyda*), of catechisms, regulations, sermons of one of the works by the great Protestant writer *Marnix van St Aldegonde*, vocabularies, etc.”.<sup>11</sup>

Fabício, citando outros autores, deixa-nos também o testemunho da língua e obras portuguesas em Batávia.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Ver ZIMMER, Rudi, *O uso da Bíblia no Ocidente - Evangelização*, em Forum das Ciências Bíblicas, vol. 1, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri (São Paulo), 2006, p. 126-129.

<sup>10</sup> Só de católicos, C. Boxer apresenta 38 obras impressas, na sua *A Tentative check-list of Indo-Portuguese Imprints*, em Arquivos do Centro Cultural Português, FCG, Paris, 1975, vol. IX, p. 567-599.

<sup>11</sup> Ver KEMPERS, A. J. Bernet, *Portuguese and ‘Portuguese’ in Old Batavia*, em *Memoriam António Jorge Dias*, Separata do vol. I (Lisboa, 1974), p. 239.

<sup>12</sup> Fabício, na *Apologia religionis Batavorum contra Stupium* (p. 267), afirma que “La Compagnie des Indes Orientales y a fait prêché l’Évangile, non seulement en flamand, mais aussi en langue Portugaise et Indienne. Ils y ont fait venir des Bibles portugaises et plusieurs livres de piété en langue portugaise et indienne et ils catéchisent en ces deux langues” (Fabício, p. 587). E continua: “Dans la ville de Batavia, qui est la capitale de la Compagnie, et comme l’Académie, aussi bien que la résidence du général, l’on catéchise toutes les semaines huit à neuf fois, en langue indienne et portugaise (...). Et sachez que la Compagnie, pour l’entretien du ministère dans les Indes, fait des dépens qui montent, tous les ans, à plus de soixante mille écus” (FABRICIUS, Johannes Albertus, *Salutaris lux Evangelii toti orbi per divinam gratiam exorients, sive Notitia histórico-chronologica-literaria et geographica propagatorum per orbem totum christianorum sacrorum, delineata a Jo. Alberto Fabricio*, Hamburgi, sumtu (sic) Viduae Felgineriae, typis Stromerianis, 1731, p. 588 [Fabício]).



A propósito dos livros impressos em *Tranquebar*, na Costa de Coromandel, dizem Francke e Freylinghausen:

“A Companhia Dinamarquesa da Índia Oriental faz o seu comércio com aqueles povos da Costa de Coromandel na língua portuguesa, para o que, não somente os dinamarqueses a aprendem a falar, mas fazem imprimir nela livros”.<sup>13</sup>

A missão de Tanquebar expande-se para Cuddalore e para outras comunidades portuguesas católicas, que estes novos pastores tentam levar para o rebanho do luteranismo, a partir de 1737:

“Ziegenbalg had preached in that neighbourhood in 1710, in 1717 Gründler had begun a Tamil and *Portuguese school* there, which Ziegenbalg visited in 1718, preached in the neighbouring villages (...), but it did not succeed” (Fenger, p. 143).<sup>14</sup>

É relativamente abundante a literatura portuguesa editada na missão protestante luterana de Tranquebar, na Costa de Coromandel, escrita pelos missionários dinamarqueses e alemães dessa missão. Muita desta literatura é quase completamente desconhecida pelas bibliotecas portuguesas, mesmo pela Biblioteca Nacional de Lisboa.

“Os missionários evangélicos [de Tranquebar (...)] começaram, pois, no dia 15 de Julho [de 1706] a estudar as línguas portuguesas da Europa e das Índias. Para conhecerem o português da Europa e se aperfeiçoarem nele, mandaram

<sup>13</sup> Em *Der Königlich Danischen Missionarien aus Ost-Indien eingewandter ausführlicher Berichten*, IV (Haia, 1733), p. 893; citado em “A Bem da língua portuguesa”, Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, t. 2 (Março-Abril), n.º 8, 1971, p. 190. Em *Cambridge History of the Bible*, encontramos também uma referência a um tradutor de Tranquebar: “A begining was also made on the languages of Índia by another Danish missionary, Ziegenbalg, who completed the *New Testament* in Tamul in 1715” (ib., III, 385); ver igualmente FENGER, *History of Tranquebar Mission* (Tranquebar, 1863), p. 38: “Ziegenbalg was glad to be able to begin the translation of the New Testament by the end of the year 1708...”. Sobre as obras portuguesas aqui impressas, ver DAVID LOPES, *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos, 1936, p. 147-188. Foi o pietismo de August Hermann Francke que, em Halle, lançou os luteranos para a missão, já que esta, em terras estrangeiras, não constituía parte essencial do seu ideário religioso. Bartholomeus Ziegenbalg imitou mesmo o estilo dos missionários jesuítas, ao aprender e escrever nas línguas locais do território de Tranquebar, entre as quais estava a língua portuguesa. Não lhes agradava uma evangelização pela ciência, segundo o método proposto por Leibnitz, mas uma linguagem adaptada ao povo simples, à maneira dos católicos.

<sup>14</sup> FENGER, J. Ferd., *History of the Tranquebar Mission (...) published in Danish and translated into english from Germano Emil Francke, Dr. Ph. Traquebar*, Evangelical Lutheran Mission Press, 1863. Citaremos o autor por esta edição [Fenger]. Sobre Ziegenbalg e Plutschau, ver Fabrício, *Lux Salutaris Evangelica*, p. 608.

vir uma gramática de Batávia; mas o português das Índias, aprenderam-no nas relações e convívio com os indivíduos que o falavam (...). Por isso, os nossos missionários, no fim de alguns meses já sabiam falar as duas línguas portuguesas e puderam pregar nelas”. “Nota: Como a língua portuguesa é há mais de dois séculos muito usada nas Índias, os missionários entenderam que deviam aprendê-la em primeiro lugar para poderem fazer-se compreender dos pagãos malabares que, na sua maioria, a entendem e falam, posto que de modo muito corrompido” [é um texto de 1745].<sup>15</sup>

Um outro documento de 1787 reza assim:

“...Nos nossos estabelecimentos [franceses], os negócios são geralmente tratados com os naturais e mesmo com as nações europeias por meio da gíria portuguesa, de que acabo de falar”.<sup>16</sup>

Também é importante a obra tipográfica dos holandeses em *Batávia*. Aí se editaram várias obras polémicas e bíblicas de Almeida, além de algumas traduções, que David Lopes enumera, pelo que nos dispensamos de as repetir aqui.<sup>17</sup> Sobre obras portuguesas impressas na Índia, temos ainda outra opinião de Baldaeus:

“I have seen divers books printed with the Portuguese characters, in the Malabar language for the instruction of Parruas, one whereof I keep by me to this day (...). So that I have met with some of the Parruas who spoke as good Portuguese as they do at Lisbon” (*Descrição da Ilha de Ceilão*, cap. XVIII, p. 631).

E mais adiante, ao falar dos parruas e de Tuticorim: “They generally speak Portuguese and are an active fort of people” (ib., cap. XLVIII, p. 717).<sup>18</sup>

<sup>15</sup> NIECAMP, *Histoire de la Mission danoise dans les Indes Orientales* (Genebra 1745), vol. II, p. 3 (tradução do alemão; citação de David Lopes, p. 58, em *A Bem da Língua Portuguesa*, X, p. 190). *A Gazeta de Lisboa* deu conta da presença da língua portuguesa em Tranquebar e do “comércio, o qual fazem [os dinamarqueses] com aqueles povos da Costa de Coromandel, na lingua Portugueza, para o que não somente os Dinamarquezes aprendem a falar, mas fazem imprimir nela livros, e ganham tanto a vontade dos Portugueses que têm actualmente 202 moradores nas terras da sua jurisdição” (*Gazeta de Lisboa*, 1729, 25 de agosto, p. 318).

<sup>16</sup> PERRON, Anquetil du, *Recherches historiques et Géographiques sur l'Inde*, II, p. XII-XIII da *Description historique et géographique de l'Inde* (Berlim, 1787). Citação em David Lopes, p. 60-61.

<sup>17</sup> Ver David Lopes, p. 105-145.

<sup>18</sup> E afirma que o português é mais importante para as missões calvinistas nessa região do que o holandês: “It is beyond all dispute that the Low Dutch tongue is not so proper to propagate our Religion there as the Malabar and Portuguese; and frequently, that the ministers of the Gospel sent into these parts should rather apply themselves to these languages than to impose their own upon the new converts” (Baldeus, p. 793).

## A missão Dinamarquesa de Tranquebar. Um pouco de história

A origem remota da missão de Tranquebar deve-se a A. H. Francke, um professor de línguas orientais que pertencia a um ramo protestante, apelidado “Pietismo”. Este movimento bíblico espiritualista não agradava aos próprios luteranos, que o expulsaram da Universidade de Leipzig, onde fazia reuniões de leitura da Bíblia com outros colegas. Aí começou a imprimir Novos Testamentos para meditação bíblica, a seu modo. A Universidade de Halle recebeu-o e aí instituiu um núcleo de Pietismo, com professores e alunos.

A característica deste movimento era o zelo e a missão pela Bíblia. Foi deste grupo pietista e bíblico que o rei Frederico IV, da Dinamarca, chamou missionários para as suas possessões na Índia. Antes da Sociedade Bíblica inglesa, BFBS, Francke já tinha impresso mais de três milhões de Bíblias e Novos Testamentos, em várias línguas, espalhando-os pela Europa, América e mesmo pela Ásia. Assim se compreende que os missionários de Tranquebar façam contínuas referências à cidade de Halle, na Alemanha. Aí se conservam os arquivos referentes a esta missão, como se pode ver na bibliografia.

Depois da missionação portuguesa na Costa do Malabar, outros países europeus, por motivos vários, chegaram também à Índia. Um desses motivos foi a missionação levada a cabo por Igrejas protestantes, para transmitirem o cristianismo sob o ponto de vista da Reforma. Um desses casos foi da iniciativa da Dinamarca, no período do rei Cristiano IV, que pediu missionários alemães luteranos de Halle para, em seu nome e do seu país, levarem o Evangelho às povoações de Tranquebar e territórios vizinhos, que estavam sob o domínio dinamarquês.<sup>19</sup>

Aqui não nos interessa propriamente a história desta missão, mas o facto de estes missionários conservarem a língua portuguesa e terem escrito nela muitas obras bíblicas, como veremos abaixo. Neste território havia várias línguas, sendo as principais o tamul e o português, e cada uma delas tinha a sua literatura religiosa. Assim, para a língua portuguesa, diz-se que:

“The Portuguese congregation had for a long time had their hymn-book, in which the most beautiful and powerful German hymns were collected and translated; but the natives had, since Ziegenbalg’s time, only a very small collection of hymns, translated from German, so that it was difficult to find suitable hymns on the occasion of church-festivals” (Fenger, p. 131).<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Ver Fabrício, p. 611-613.

<sup>20</sup> Em Fenger encontra-se a declaração do rei Frederico IV, da Dinamarca e da Noruega, para a Missão de Tranquebar, datada de 17.11.1705 (p. 309-311); há ainda uma lista dos missionários luteranos que trabalharam na Índia (p. 312-324). Remete-se para esta lista os dados históricos dos nomes aqui citados.

Diz-se ainda que mal chegaram a Tranquebar / Trangambar iniciaram imediatamente a sua tarefa de evangelização:

“Six days after their arrival they made a beginning with the Portuguese. They learnt to speak this language as it is spoken in Portugal from books, having obtained a Grammar and a New Testament, printed in Batavia” (Fenger, p. 31).<sup>21</sup>

### Colaboração entre Tranquebar e as Igrejas protestantes

A missão dinamarquesa de Tranquebar não estava sozinha na Costa de Coromandel, na Índia. Tinha por trás de si a Universidade de Halle (Alemanha), que, pelo menos alguns dos seus missionários, frequentaram. Vários documentos de Halle provam esta ajuda alemã, já que, pelo menos no início, todos estes missionários eram alemães. Não faltou também o reforço da *British and Foreign Bible Society* (BFBS) de Londres. Fenger, que fez a história da missão, afirma:

“It has been already remarked that the Tranquebar Mission was a result of the cooperation of the Danes, the English and the Germans, and this cooperation lasted throughout the time that we have been considering” (p. 188).<sup>22</sup>

### Colaboração da missão de Batávia / Jakarta com os luteranos de Tranquebar

Foi particularmente preciosa a ajuda dos protestantes calvinistas holandeses, que tinham a sua sede oriental em Batávia, capital da atual Indonésia. Esta ajuda começou por ser apenas material:

“A certain Madame van Cloon in Batavia sent a present of money for his support [Nicolaus Dal, de Tranquebar] from time to time” (Fenger, p. 147).<sup>23</sup>

<sup>21</sup> “In November 1706 they [os missionários de Tranquebar] they began to catechise in Portuguese and in Tamil in January of the following year. They taught the Catechumens daily for two hours in the house where they lodge; using the New Testament and a Catechism printed in Portuguese by the Dutch in Batavia”. Este *Novo Testamento* deve ser, sem dúvida, o de Almeida, 1693, e o “Catecismo de Lutero” é também aí referido (Fenger, p. 36). “The Missionaries obtained a Portuguese translation of the New Testament in a much easier way, for the work had been already done by a Roman Catholic priest [sic], John Ferreira d’Almeida, who had joined the evangelical church in Batavia” (Fenger, p. 82-83).

<sup>22</sup> Sobre este assunto, ver também Fenger, p. 92-93; nas p. 157-158, há uma carta que o arcebispo de Canterbury envia a Schultze, missionário em Tranquebar.

<sup>23</sup> A senhora Van Cloon era, certamente, a esposa de um dos governadores holandeses calvinistas (Van Cloon) de Batávia / Jakarta, a capital do império holandês no Oriente. Por aqui se vê a estreita colaboração entre luteranos, calvinistas e a Igreja da Inglaterra (Church of England) contra a Igreja Católica. Era a Reforma e a Contra-Reforma transportadas para o campo da missão no Oriente. Também numa carta de Nicolaus Dal, de Tranquebar, dirigida a G. A.

Mas a mais importante, como veremos abaixo, foi a cedência do manuscrito da Bíblia de Almeida (Antigo e Novo Testamento), sendo o primeiro corrigido e editado em Tranquebar, antes de ser editado em Batávia.

### Outros factos relevantes de Tranquebar

O lançamento da 1.<sup>a</sup> pedra da igreja de Tranquebar aconteceu em 09.02.1717 (Fenger, p. 100) e foi inaugurada em 11 de outubro do mesmo ano: “The new church was consacrated and named ‘Jerusalém’ like the old one” (ib., p. 105). Aí foi sepultado o pastor Ziegenbalg em 1719.

Gründler ficou sozinho, mas chamou da Alemanha três novos colegas à missão, em setembro do mesmo ano, sempre com o auxílio da *British and Foreign Bible Society* (BFBS) de Londres: “The English Society took Schultze into his service, and determined to found a Mission in Madras” (ib. p. 141). Benjamin Schultze tornou-se tradutor da Bíblia para a língua tugulu (ib., p. 141-143).

Gründler, antes de morrer, em 1720, ordenou Schultze e nomeou-o encarregado da missão (ib., p. 111). Tinha apenas 43 anos, quando morreu, e foi enterrado na igreja “Jerusalém”, junto de Ziegenbalg.

Walther, Bosse e Pressier chegaram a Tranquebar em 19 de junho de 1725 e aprenderam as línguas locais com Schultze (ib., p. 139). Bosse foi encarregado da comunidade portuguesa (ib., p. 148).

Nicolaus Dal e H. Kistenmacher foram outros dois missionários de Tranquebar (ib., p. 110). Estes nunca foram muito numerosos, mas trabalharam com método e boa organização, utilizando a imprensa, em larga escala, para a instrução dos cristãos que lhes estavam confiados.

### Acusações entre católicos e protestantes

Num território, primeiramente evangelizado pela Igreja Católica, era de esperar que acontecessem certas fricções com os protestantes, em Tranquebar, como aconteceu com João Ferreira de Almeida, meio século antes.<sup>24</sup>

---

Francke, em 04.01.1744, aquele afirma: A SPCK “envia-nos todos os Novos Testamentos de que necessitamos para a escola portuguesa”. Neste caso, só pode tratar-se do Novo Testamento de João Ferreira de Almeida, frequentemente impresso em Londres.

<sup>24</sup> Sobre a polémica de Almeida com a Igreja Católica no Oriente, veja-se o vol. IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, p. 133-145; FERNANDES, Luís Henrique Meneses, *Novas descobertas documentais sobre os conflitos religiosos subjacentes à elaboração da primeira tradução da Bíblia em língua portuguesa (1642-1694)*. Este autor defende a tese de que a tradução da Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida só se entende no contexto da sua polémica anticatólica: “Assim, supomos que, somente a partir de uma análise acurada das obras polemistas, apoloéticas e

“The French have brought some papist teachers to Carical, which is not far from Tranquebar, and there they have assembled a small congregation; they do not however build in the strength of Christ; but by worldly advantages, by mammon or money, by errors, by heathen ceremonies and the like wood and sand. What the mind of the Lord is on this point, we cannot tell” (Fenger, p. 171).

Semelhante é o relato de um tal Rajanaikem que mudou da Igreja Católica para a Luterana:

“All palmleaf books which were given to me to read, contained the papal histories of Saints, the miracles of the Virgin Mary, and a few of those of Christ”; mas acrescenta: “We loved the holy Xavier very much, and built a chapel to his honour, in which service was performed morning and evening” (Fenger, p. 175).

E, mais adiante, sobre o mesmo personagem, afirma:

“He could no longer support himself amongst the Roman Catholics, who, unable to oppose him in argument or to silence him by fair promises, took refuge in threats and maledictions. Rayanaiken therefore went with some of his friends to Tranquebar” (Fenger, p. 183).

Acrescenta que, por vingança,

---

catequéticas mencionadas, relativas ao embate teológico, subjacente ao processo de elaboração da primeira versão regular da Bíblia em língua portuguesa, será possível empreender, de facto, uma análise historicamente fundada deste singular processo de tradução bíblica” (em *Lusitania Sacra* 28, 2.ª Série, julho-dezembro, 2013, p. 244). Esta tese de que a Bíblia de Almeida é, de algum modo, mais um documento polémico ou apenas explicado pelos documentos polémicos, é, a meu ver, uma ofensa ao próprio Almeida: como se ele traduzisse a Bíblia, não por zelo apostólico de evangelização dos “portugueses” das costas de África e Ásia, mas para combater católicos. A verdadeira intenção de Almeida foi o seu zelo apostólico, em primeiro lugar; e, em segundo lugar, colocar a língua portuguesa no mapa das línguas aí faladas, mas também para fazer frente aos holandeses, que queriam impor a sua língua naquelas paragens. Daí, as enormes dificuldades com que Almeida se defrontou, exatamente com os holandeses, na sua tradução da Bíblia para a língua portuguesa. Tudo isto mostra também o grande patriotismo de Almeida pela sua pátria de nascença, Portugal. Esta tese parece-me mais verdadeira, sobretudo a partir das lutas que ele manteve com os holandeses para que a sua Bíblia fosse traduzida em bom português. As obras polémicas com os missionários católicos, a meu ver, são algo marginal à própria tradução da Bíblia. Por outro lado, Luís Meneses Fernandes acusa, entre outros, Herculano Alves de falta “de um estrito rigor historiográfico” (ib., p. 245). Isso não parece verdade, como se pode verificar nos capítulos II, III e IV e respetivas fontes bibliográficas, na nossa tese de doutoramento, publicada também em 3.ª edição nesta coletânea de *A Bíblia em Portugal*, vol. IV, 2019. Aí constam também, além de outras obras que ele menciona como polémicas, várias outras, no cap. II, p. 133-145. Tudo indica que Meneses pouco mais encontrou, além do que já constava na nossa tese, editada em 2006.

“This step cost his father, his life, for in 1731 a number of armed papists attacked him and his relations under pretext of a quarrel about some property” (...). The year after, he and his companions were attacked by papists on the road to Tranquebar; a sword was drawn against him, when his wife threw herself between him and it, and he escaped from his enemies” (ib., p. 185-186).

Sobre o culto das imagens, diz-se que Schwartz, em conversa com o rei de Tanjor, ouve deste que “the French and Portuguese worship images”. Respondeu-lhe Schwartz:

“The worship of images is expressly forbidden in the word of God; and it is beaucause the word of God is not given into the hands of the people that they fall into idolatry, and go wrong” (Fenger, p. 216).

C. Frederick Schwartz trabalhou na Índia durante meio século (Fenger, p. 199). Foi instruído por Schultze em tamul

“in order to be useful in the correction of the Tamil Bible which they were preparing to print in Halle (...) Schwartz had gained such freedom in tamil, that ould expound the Gospel according to John fluently” (Fenger, 200-201).

Trabalhou também com a comunidade de língua portuguesa (p. 208; 210-211).

A partir de 1750 a guerra entre ingleses e franceses na Índia deixou Tranquebar à mercê dos mais fortes: foi tomada pelos franceses, que também ocuparam Madras em 1746, levando os missionários a fugir para zonas holandesas – Puliacat (Fenger, p. 248); mas em 1752, os ingleses dão aos protestantes uma Igreja Católica com as suas construções, que tinham sido levantadas “by an Armenian Romanist a few years before in Vepery (...); he had been taken from the Romanists” (Fenger, p. 249).

### Jesuítas em Tranquebar

A polémica é agora entre os protestantes luteranos e os padres Jesuítas

“We hear for the first time of Jesuits in Tranquebar. When Pondichery was taken by the English in 1761 eight or ten Jesuits with other Frenchmen fled to Tranquebar, where the Franciscans have long had a church” (ib., p. 270-73).

Os Jesuítas fazem apenas culto litúrgico privado, mas depois pensam ir para Poreiar, a fim de construírem uma igreja. Não obtiveram ordem para isso, mas alugaram uma casa em Tranquebar e fundaram aí uma escola. Há discussões entre as duas comunidades religiosas.



### 19.3. Obras editadas em ou para Tranquebar

Cremos que a origem remota das traduções bíblicas e respetiva impressão em Tranquebar vem de Gründler e Ziegenbalg, homens de larga visão e de grandes capacidades. O seguinte documento deles, de 1733, pode explicar muito, acerca da língua portuguesa:

“Principiamos a bordo do nosso navio a aprender o português e o tamul, porque estas duas línguas são igualmente necessárias para espalhar o Evangelho naquelas partes (...). Tenho ouvido a pessoas de bordo do nosso navio que têm viajado muito nas Índias Orientais que o português é de uso muito maior e mais extenso do que o próprio tamul, porque o primeiro fala-se em quase todas as partes do Oriente, enquanto o segundo se fala só numa pequena parte. É pena que não tenhamos tido mais facilidades na Alemanha para aprender esta língua na perfeição, visto ser tão universalmente útil para o fim que nos propúnhamos: estaríamos prontos para começar desde logo a nossa tarefa.

Aqui no Cabo [da Boa Esperança] alcançámos um exemplar do *Novo Testamento* em português, impresso em Amsterdão em 1681 [1.<sup>a</sup> ed. de Almeida]; e também nos presentearam com um pequeno tratado naquela língua que contém os princípios do catecismo na língua dos cristãos. Durante os dois meses que passámos a bordo até chegarmos a Tranquebar, estudámos exclusivamente esta língua, na esperança de podermos ser úteis aos que nos tinham precedido. Relativamente ao *Novo Testamento* referido, bem deveis saber que foi traduzido em Batávia por alguns ministros holandeses; mas, como a primeira impressão tinha muitos erros, foi enviada para Amsterdão e impressa segunda vez, depois de revista [é a edição de 1693]. Se pudessem mandar-nos um fundidor e impressor a tempo, com uma coleção de tipo latino, isso auxiliar-nos-ia muito: porque, sendo a língua portuguesa de uso tão grande, o cristianismo verdadeiro e prático seria espalhado por este meio na maior parte destes países orientais...”<sup>25</sup>

Gründler não menciona o nome de João Ferreira Annes d’Almeida, mas somente o coletivo dos “ministros holandeses” de Batávia que trabalharam na edição. No entanto, é natural que a 1.<sup>a</sup> edição do seu Novo Testamento [1681] tivesse chegado ao Cabo da Boa Esperança, e este Novo Testamento em português era certamente o dele, pois nessa altura não havia outro.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> J. E. Gründler vai a caminho de Trangambar e já pensa em fazer lá as edições bíblicas. Aqui dirige-se a amigos da Dinamarca e da Alemanha a partir do Cabo, pedindo ajuda para tal empresa (20 de abril de 1709). A carta foi traduzida do opúsculo *Account of the progress made by some Missionaries at Tranquebar in the East-Indies...*, Londres, 1718, p. 14-15 (David Lopes, p. 48-49).

<sup>26</sup> Veja-se o que foi dito deste *Novo Testamento* de Almeida no vol. IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, p. 271-311.

### 19.3.1. A tipografia de Tranquebar

Facto importante desta missão foi o de possuir uma tipografia própria, a fim de ter autonomia na impressão dos seus livros de carácter cultural ou religioso. Assim, Fenger narra a história da imprensa em língua europeia ter sido assaltada pelos franceses no Brasil, a caminho da Índia (p. 86-87). O pastor Benjamin Schultze foi o responsável pela tipografia de Tranquebar:

“For more than six years he had been obliged to confine his zeal to Tranquebar and its immediate neighbourhood; he had only been able to do anything at a distance by much of books which were printed at Tranquebar press (...). The first Missionaries, Ziegenbalg and Gündler, have left us a good exemple in this. It is true that the proverb says ‘voz scripta manet’ and that what has been written can be read again and often repeated” (Fenger, p. 138).

A tipografia de Tranquebar tornou-se muito conhecida, mesmo em Portugal: “Em Portugal sabe-se já que nós imprimimos aqui em Tranquebar livros portugueses”. Nos jornais portugueses de 1729, veio esta notícia de Copenhaga, com a data de 25 de agosto:

“A Companhia [dinamarquesa] da Índia Oriental faz o seu comércio com aqueles povos da Costa de Choromandel na língua portuguesa, para o que não somente os dinamarqueses a aprendem a falar, mas fazem imprimir nela livros”.<sup>27</sup>

Estes missionários também fizeram uma bela descrição do tipo de portugueses da Índia.<sup>28</sup> O pastor Dal tinha chegado com Schultze à Índia em 1719 (Fenger, p. 144) e dedicou-se, como os outros, ao tamul e ao português, incluindo traduções da Bíblia:

“He considered the revision of the Portuguese translation of the Bible and of the Psalms as his great work, and thought he was ordained in 1730 he says: “I undertook baptisms and marriages for Herr Bosse and was therefore obliged to neglect the work on the Bible and Psalms, which sometimes makes me think whether I have done right in being ordained” (Fenger, p. 145). Numa carta, assina: “Nicolaus Dal, Missionary and Servant of the word of God in the Portuguese congregation” (ib., p. 146).

<sup>27</sup> Sobre as tipografias existentes no Oriente, nos séculos em que se editaram as obras de J. Ferreira de Almeida e outras, ver CADAFAZ DE MATOS (ed.), *Uma edição de Batávia em português do último quartel do século XVII*, Lisboa, Edições Távola Redonda, 2002. p. XXXIII-XL. David Lopes afirma que em Cantão havia uma imprensa portuguesa no séc. XVII (p. 51, n.); ver ainda o vol. III da coletânea “A Bíblia em Portugal”: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 936-937.

<sup>28</sup> Notícia da *Gazeta de Lisboa* de 25 de agosto de 1729, p. 318, citada por David Lopes, p. 53.

Estas traduções eram impressas na tipografia de Tranquebar. Vejamos, então, as obras editadas nesta tipografia protestante no Oriente. Vamos apresentá-las seguidamente.

### 19.3.2. Obras em tamul e noutras línguas orientais

Os missionários de Tranquebar não editaram apenas obras em português. Mas, como a comunidade cristã tinha o tamul / tamil como língua materna, editaram também obras nessa língua. Desde o início, os missionários luteranos desta missão pensaram escrever todas as obras necessárias em língua portuguesa. No entanto, foram aconselhados por Lewis, pastor anglicano em Madras, para escreverem também na língua tamil, língua materna da população, que tinha sido evangelizada em português e por portugueses. Por outro lado, achavam que a língua portuguesa estava corrompida e era necessário investir em escolas e numa tipografia para imprimir livros para a educação e cultura daqueles povos.

A questão do bilinguismo foi, pois, uma questão que se lhes colocou desde o princípio da sua missão em Tranquebar. Em vez de optarem por uma ou por outra, resolveram manter as duas, para maior eficácia da sua missão. Por isso, apresentamos neste capítulo obras nas duas línguas.<sup>29</sup>

Fenger afirma também que, em 1723, Schultze continuou o trabalho de tradução de Ziegenbalg, que tinha ficado em Rute: “This little book was the first part of the Bible which he translated, and he carried it out in this way” (p. 132). Seguidamente apresenta o modo de traduzir (Fenger, p. 132-133).<sup>30</sup> Em 1740, diz-se que “The entire Bible had been printed in the Tamil language, and translation of it into other Indian tongues were in course of preparation” (Fenger, p. 187). Assim, temos as seguintes obras nestas línguas orientais, tal como nos aparecem em vários escritos consultados:

1713. *A História da Paixão e Morte e da Ressurreição e Ascensão de Nosso Senhor e Salvador Christo Jesu segundo os quatro evangelistas*, Tranquebar, Missionários

<sup>29</sup> Para um ótimo estudo sobre esta questão, veja-se: DUVERDIER, G  rald, *Portugais ou Indo-Portugais, le choix des missionnaires de Tranquebar*, em Arquivos do Centro Cultural Português, FCG, Paris, vol. XXII, Separata.

<sup>30</sup> Quanto aos livros do Antigo Testamento de Trangambar, em tamul, Fenger informa ainda que, quando Ziegenbalg acabou o Novo Testamento nesta língua, “he began with the books of the Old Testament, for which he had a short pattern; as in the year 1711 when on a journey, he had found a very old Tamil book amongst some Roman Catholic Missionaries in which the histories of the Old Testament were given in question and answer”; ver ainda a disputa sobre a tradu  o do tamil entre os mission  rios ingleses de Cuddalore e os de Tranquebar. E o padre cat  lico Beschi riu-se da tal tradu  o de Ziegenbalg, que a deixou em Rute, antes de partir para a Europa onde morreu (Fenger, p. 83-85).

Reais da Dinamarca, 1713; 60 p.; em 12.º; compilado por Bartholomaeus Ziegenbalg e Johann Ernst Gründler (BNF, D2.3406(2); BL, c-9125).

— Ib., 1715; em 8.º.

— Ib., 1723; (Biblioteca Dânica).<sup>31</sup>

— Ib., 1790 [1791]; 2, 78 p.; em 8.º (BNC, 2-119; BL, c-9125).<sup>32</sup>

1714. *Quatuor Evangelia et Acta Apostolorum ex originali textu Linguam Damulicam versa in usum gentis malabaricae opera et studio Barth. Ziegenbalg & JO. Ern. Gründler serenissimi Danice Regis Fridrici IV ad Indos Orientales Missionariorum*, Tranquebar, in Littore Coromandelino, typis malabaricis impressit, G. Adler, 1714; em latim e tamul em páginas paralelas.

1719. *Novum Jesu Christi Testamentum: ex originali textu in linguam damulicam versum opere & studio Bartholomaei Ziegenbalgii & Ernesti Gründleri*, Tranquebar, 1719.

— *Editio secunda correctior*, Tranquebariae, in Littore Coromandelino Typis Damulicis Missionis Danicae, 1722; anterrosto em latim (BNP, Bib. 691 P.).

1723. *Antigo Testamento de Ziegenbalg em tamul*, Trangambar, 1723 (Bibliotheca Danica). Foi reeditado em 1726, 1727, 1777, 1791; em 1818, fez-se a 2.ª edição (ver Catálogo de Trinity College - Dublin).<sup>33</sup>

1723. *Biblia Damulica... V. Testamenti, pars prima: Moysis liber - Judicum, Studio et opera Bartholomeus Ziegenbelgy missionarii ad Indies Orientales in linguagem Damulicam versi continentur*, Tangambar, in Littore Coromandelino, Typis et sumptibus Missionis Dan., 1723.

1726. *Biblia Damulica... pars segunda: Rut – Canticorum, Studio et opera B. Ziegenbelgy et Benjamini Schultzi Missionariorum ad Indias Orientales...*, Trangambar, 1726.

1727. *Biblia Damulica, in qua Deus ommiscius de gratiae Jesu Christo, tempore Novi Testamenti revelanda... pars tertia, in qua Prophetas Mayores (...) Prophetas Minores... studio et opera B. Ziegenbelgy et Benjamini Schultzi Missionariorum ad Indies Orientales*, Trangambar, 1727.

<sup>31</sup> A Biblioteca Dânica, I, p. 159-162, apresenta as obras da BNC em português.

<sup>32</sup> Em David Lopes (p. 239-240), fala-se de: *A História da Paixão de Jesu Christo*, 1713; em 12.º. Teve 2.ª edição em 1720. Talvez seja tradução do alemão, por Gründler.

<sup>33</sup> O texto é uma tradução de Almeida para a língua tamúlica. Foi visto pelo autor desta obra na British Library, em Londres.

1727. *Novo Testamento*, Madras, 1727.

1728. *Libri Apocryphy seu libri in quibusdam viris Ecclesiae antiquae judaicae post Prophetas Veteris Testamenti Scriptis continentis partes regulas vitae utiles, partim supplementum historical Ecclesiasticae Veteris Testamenti, scilicet, Liber Sapientiae, Ecclesiasticus sive Sirach, Liber Esdrae, Liber Tobiae, Liber Judith, Adjectiones ad Librum Esther, Liber Baruch, Epistola Jeremiae, Adjectiones Danielelem sententium virorum Hymnologiae, Historia Sosannae, item Belis et Draconis, Maccabeorum Liber primus, secundus et tertius, denique Oratio Manassis, studio et opera B. Ziegenbalgy et Benjamini Schultzi Missionariorum ad Indias Orientales*, Tranganbar, 1728.

1733. [Bíblia. *Ellicitâb* ou os Livros do Velho Testamento], Amesterdam, D. J. Wet & Istein, 1733; 27,5x 22cm; 1208 p. Não contém o Novo Testamento. Está traduzida em malaio (BNP, Bib. 226 V.; BAJUDA, 5-VI-13).

1747. [*Livro dos Salmos de David, em língua tamil*], [Tranquebar (Índia): s.n., 1747]; [2 br., 133] fol.; 5000 ex.; 18 cm (BNP, Res. 248 V.).<sup>34</sup>

1758. *Novum Iesu Christi Testamentum in Linguam Industanica...*, Halle, 1758; por Benjamin Schultz (BMGC, vol. 18, 1406).

s. d. *Epistolae et Apocalypsis, typis paulo minoribus*, Tranquebar; em 4.º.

### Outras obras

1716. Bartolomeu Ziegenbalg (1682-1719), *Gramática portuguesa e malabar*, Tranquebar, 1716; em 4.º.

1727. *Catecismo*, Madras, 1727; em tulugu.<sup>35</sup>

1727. *Catecismo Menor*, 1727; em tulugu.

1727. *Suma Doct. Christiana*, 1727; em tulugu.

1728. Benjamin Schultze (1689-1760). *Gramática tulugu*, Madras, 1728.

- *Vocabulário tulugo-tamulo-bíblico do Novo Testamento*, Madras, 1728.
- *Syllabário*, s/d, Tranquebar.

1738. Costanzo Giuseppe Beschi, SJ (1680-1747) & Christophorus Theodorus Walther, *Grammatica Latino-Tamulica, ubi de vulgari Tamulicae linguae idio-*

<sup>34</sup> Título em latim: *Liber Psalmorum Davidis regis et prophetarum; ex originali texto in linguam Tamulicam versus, opera et studio Benjamin Schultze*, Tranganbar, 1747.

<sup>35</sup> A literatura de Tranquebar em tulugu pode ver-se em Fabrício, *Lux Salutaris Evangelica*, p. 613s.

*mate... dicto ad usum missionariorum Soc. Jesu auctore P. Constantio Josepho Bescho* [Costanzo Giuseppe Beschi, SJ], Trangambariae, 1738; 173 p.

- *Lexicon lusitano-latim-tamulicum*, Madrastra, ca. 1740 (Belinquete I, p. 726).

1739. Christophorus Theodorus Walther (?-?), *Observationes grammaticae, quibus linguae Tamulicae idioma vulgare, in usum operariorum in messe Domini inter gentes vulgo Malabares dictas illustrator a Christophoro Theodosio Walthero*, Trangambariae, 1739.

1745. *Credo em português e tamul*; tirado de um manuscrito feito por um frade Capuchinho, 1745 (Belinquete I, 657).

1750. *Vocabulário tamúlico-lusitano* e *Vocabulário lusitano-tamúlico*, 1750; tamúlico em caracteres próprios; 2 vol.: 111 e 127 fol.; 35x23 cm (Ms na BNParis; David Lopes, p. 99-100).

#### 19.4. Edições bíblicas e outras, em português: de Batávia para Tranquebar

Um testemunho antigo talvez nos possa explicar melhor a origem das edições da Bíblia em Trangambar:

“Lewis era um grande educador e recomendou ao senhor Pitt, governador do Forte S. Jorge, a fundação de dois asilos (...). A ideia de Lewis era fazer do português o meio de instrução. Ele possuía, não só livros de devoção como também o *Catecismo* naquela língua e começara a tradução nela de partes da Bíblia. Mas o seu plano não foi levado ao fim. Todavia essa tradução não foi trabalho completamente perdido. Ele mandou o manuscrito a Ziegenbalg e Gründler, missionários dinamarqueses em Tranquebar, que, por isso, tiveram a ideia de traduzir toda a Bíblia. Exemplares desta tradução foram distribuídos por eles entre os estudantes das escolas portuguesas que criaram, depois, em Tranquebar, o Forte de S. David e Madrastra (...). No ano de 1715, Gründler, missionário em Tranquebar, submetia ao governador do Forte de S. Jorge um plano de escolas a criar que dizia assim, na parte portuguesa...”<sup>36</sup>

Quanto aos livros do Antigo Testamento, os missionários de Tranquebar, segundo Fenger, encontraram:

“A Portuguese translation of the books of the Old Testament”. A Dutch Merchant at Paliacat (Pulicat) lent the 5 books of Moses in Portuguese to the Missionaries, who had them copied; and in a manuscript belonging to the church at Negapatam, they found a translation of nearly all the other books,

<sup>36</sup> Ver o resto do texto em David Lopes, p. 47, e também a obra, na p. 166.

which they also obtained permission to copy. It is not known who made this translation; but it was probably done in Batavia. Gündler went carefully it and prepared it for the press” (p. 83).

Deve tratar-se do manuscrito da tradução da Bíblia de João Ferreira d’Almeida, sem o seu nome.

#### 19.4.1. Edições dos missionários de Tranquebar e de João Ferreira d’Almeida

Em Tranquebar, foram publicadas obras autógrafas de alguns dos missionários que aí trabalhavam; mas estes serviram-se também de outros livros bíblicos ainda manuscritos de João Ferreira de Almeida, que lhes foram emprestados para aí serem copiados e, depois, devolvidos à procedência. Estes dados são importantes para as obras bíblicas e outras, vindas de Batávia, mas corrigidas e editadas em Tranquebar.

Gründler, Schultze, Dal e Walther tinham publicado versões, em sucessivas separatas, do *Pentateuco*, dos *Salmos*, e das *profecias de Daniel* até *Malaquias* (entre 1719 e 1751), que eles traduziram antes de terem conhecimento da versão de Almeida feita em Batávia. A partir daí, os missionários de Tranquebar basearam-se largamente no Antigo e Novo Testamento manuscritos de Almeida.<sup>37</sup> Por isso, apresentamos aqui, conjuntamente, as obras de Almeida revistas e editadas em Tranquebar. Têm duas autorias sempre referidas em cada obra.

Aqui apresentamos todas essas edições – de Tranquebar e de Almeida – por ordem cronológica, numa espécie de catálogo, para melhor seguirmos a evolução das mesmas. Para que o leitor fique com uma visão mais clara dos livros bíblicos aí editados, colocamo-los por setores: *Antigo Testamento*, *Novo Testamento*, etc. Assim, temos as seguintes edições:<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Sobre as revisões de Almeida e outras obras de Tranquebar e de Batávia, ver volume IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, p. 288-358; sobre um pouco da história de Tranquebar, ver David Lopes, p. 147-163.

<sup>38</sup> Para todas estas obras, é imprescindível a consulta do *Catálogo*, anexo ao vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, 2019. Aí se apresentam as bibliotecas onde estas obras de Almeida se encontram, com as repetivas cotas, para que o leitor as possa consultar ou verificar a quantidade de exemplares existentes. Kayserling confunde J. Pereyra de Almeida com o de João Ferreira d’Almeida, atribuindo-lhe mesmo várias obras deste último, como se vê na sua obra *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica*, p. 88. Trata-se de uma opinião que não parece verdadeira, pois não há fundamento para afirmar que João Ferreira Annes d’Almeida tenha a ver com o povo judeu, para constar numa coletânea de autores judeus (Kayserling, *Biblioteca*, p. 88). Sobre o assunto do judaísmo de João Ferreira d’Almeida, ver o que foi dito a este respeito no vol. IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, Viseu, Edições Esgotadas, 2019, p. 147-151.



## Antigo Testamento

1703. *Os CL Psalmos d'el Rey e Propheta David, como tãobém os Cânticos espirituales usados 'na Igreja reformada Belgica, compostos para uso d'a Igreja Portuguesa 'nesta cidade de Batávia em Java Mayor, por Jacobo op den Akker ministro pregador d'o S. Evangelho 'na Igreja d'a mesma cidade.* Em Batávia. Por André Lamberto Lodero, impressor d'a Illustre Companhia e d'esta nobre cidade, 1703; “Este livro dos Psalmos, sendo revisto por ordem da Rv. Congregação eclesiástica d'esta cidade de Batavia, e aprovado por ella”; (baseado na versão poética de Clement Marot e Teodoro de Beza; com notas musicais); 6, 752 p.; 16x10 cm (Darlow, 7466; BL, 3434.c.12; BNH, 488 H 25; NUC, vol. 55, p. 19; WorldCat; David Lopes, 193-194).<sup>39</sup>

Conteúdo: das p. 1-120 tem os Salmos com música; p. 622, a tabuada dos Salmos; p. 623-668: *Catecismo*; p. 669-749: *A liturgia das Igrejas cristãs reformadas* ou formulários usados no seu culto; p. 749-752: Símbolo da Fé ou Confissão de Santo Atanásio.

O editor do *Catalogue* da British Lybrary acrescenta: “Film reproduction of the original in the British Museum; 35 mm; Position II” (NUC).<sup>40</sup>

1719. *Os cinco livros de Moysés, chamados I. Génesis. II. Exodo. III. Levítico. IV. Levítico, V. Deuteronomio. Com privilégio real,* Trangambar, em Índia Oriental na Costa de Coromandel, Estampa da Real Missão de Dennmark, anno de 1719; foram traduzidos por Ziegenbalg e Gründler; 2, 304, 6 p.; a duas colunas; em 4.º; com notas no fundo da página (BNC; BL, 3040.ee.13; Darlow, 7469; Youg 116C; David Lopes, p. 242-244).<sup>41</sup>

1721. *O livro dos Salmos de David, com toda a diligência traduzido de texto original na lingua portuguesa, conferido com as outras translações e em muitos passos declarado pelo Padre Benjamin Schultze, missionário del Rey de Dinamarca e missionário da palavra de Deus,* Trangambar, em Índia Oriental na Costa de Coromandel, na Estampa da Real Missão, 1721; 9 fol., 291 p., 2 fol.; traduzido

<sup>39</sup> Ver Hervormde Kerk, p. 460; no vol. IV desta coletânea (Fontes Holandesas), p. 569.

<sup>40</sup> FERHAN-FERSMAN, Alexander E., Mansell, *The National Union Catalogue Pre-1956 Imprints* [NUC]. Trata-se de uma obra monumental americana onde se reproduziram as fichas das obras encontradas nas bibliotecas americanas. Aí se encontram fichas da Bíblia de Almeida, assim como de Figueiredo, como referimos também no 4.º volume.

<sup>41</sup> Sobre este Pentateuco, ver vol. IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, p. 325-330. Adler (n.º 1792) afirma que esta “versão é de Almeida”, o que não é verdade. A de Almeida, corrigida e impressa em Tranquebar é a de 1757. Ver Jacob Le Long, na sua *Biblioteca Sacra*, p. 968, onde fala de um Pentateuco de Almeida, 1719, editado em Trangambar e existente em Malta. Deve tratar-se de um exemplar desta edição.

por Benjamin Shultze; notas ms; 15x11cm (BNC, 1-110 8.º; BL, 3089.b.11; Darlow, 7470; Adler, n.º 1806; A Tradução em Portugal, 517).<sup>42</sup>

Portanto, *Os Salmos* de Tranquebar, 1721, são de Benjamin Schultz, não de Almeida. A este propósito, diz Santos Ferreira, criticando António Ribeiro dos Santos, quando este afirma que os Salmos foram impressos pela 1.ª vez em Tranquebar em 1719, juntamente com o Pentateuco dessa mesma missão; e que só em 1721 foi feita a tradução do Saltério por Benjamin Schultz. O autor afirma que, se fossem impressos juntamente, isso apareceria no frontispício, onde apenas mencionam os livros do Pentateuco:

“É pois evidente que a primeira edição dos Psalmos, impressa em Tranquebar, foi a de 1721 e que os missionários dinamarqueses não conheciam a que estava no *Livro da Oração Comum* nem tinham feito outra tradução” (Santos Ferreira, *A Bíblia em Portugal. Apontamentos para uma Monografia*, p. 33-34; sobre os Salmos de Oxford, 1695, ver p. 33).

Estes Salmos foram traduzidos para português e, depois, para espanhol, por Luís Alvarado.<sup>43</sup> Portanto, sintetizamos:

1729. *Os Psalmos de David, reduzidos a livro de oração*, Trangambar, Of. da Missão, 1729; em português; 4 p.; em 8.º (BNC 1-110 8º; BL c-9125DCF: T218525).<sup>44</sup>

1732. *Os doze Prophetas Menores convém a saber, Hoseas, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Micheias, Nahum, Habacuc, Sophonias, Haggeo, Zacharias, Malachias. Com toda a diligência traduzidos na lingoa portuguesa pelos Padres Missionários de Trangambar*, Trangambar, na Officina da Real Missão de Dinamarca, 1732; é um trabalho feito por Nicolaus Dal e Th. Walther, segundo Niecamp II, p. 244; 2 col.; algumas remissões; ao contrário de outras obras da mesma tipologia em Tranquebar, esta não tem os sumários dos capítulos; 2, 61 p.;

<sup>42</sup> Dedicatória: “Ao Todo poderoso e Santissimo Senhor Jesu Christo Unigénito Filho de Deus...” (1 p.); “Ao benévolo leitor” (7 p. e meia); “Prefação” (2 p.). Este Saltério leva juntamente os *Psalmos de David reduzidos a livro de oração*, ib., 1729. Ver também o vol. IV desta coletânea, p. 339-340. Pode ler-se em Niecamp, Parte II, informações acerca do tradutor Schultze, p. 103.111-112.114-115.120-128.149-150, etc.

<sup>43</sup> Na *Terceira parte da Gramática Portuguesa*, 1732 (ver abaixo), faz-se uma relação das edições da Bíblia e aí aparece também *O Novo Testamento em português*, Amesterdão, 1681, e *O Novo Testamento na língua portuguesa*, Batávia, 1693. Nenhum exemplar desta última obra existe em Portugal. Num breve resumo que aí se encontra sobre a História da Missão de Tranquebar, referem-se outras edições bíblicas (David Lopes, 177). Sobre as traduções bíblicas que fizeram estes missionários, ver David Lopes, p. 147-163.

<sup>44</sup> Trata-se de um breve guia para o melhor uso da edição portuguesa dos Salmos.

23x17 cm (BNP, Bib. 456 V.; BNC; BL; Darlow, 7471; Young, 116; BSS, 213.D57; BEP, 11232-19-4; Adler, n.º 1793; David Lopes, p. 254).

— *Segunda impressão*, 1793; 2, 70 p.; 23 cm. Apresenta uma tábua cronológica (Darlow, 7485; BSS, 213.D57.2).

Portanto, o Antigo Testamento de Tranquebar tem 5 conjuntos, desde o *Pentateuco* até aos *Profetas Menores*, ou seja, é todo o Antigo Testamento.<sup>45</sup>

1738. *Os Livros Históricos do Velho Testamento, convém a saber o livro de Josué, o livro dos Juízes, o livro de Ruth, o primeiro livro de Samuel, o segundo livro de Samuel, o primeiro livro dos Reis, o segundo livro dos Reis, o primeiro livro das Crônicas, o segundo livro das Crônicas, o livro de Esdras, o livro de Neemias, o livro de Esther: Traduzidos na Língua portuguesa pelo Reverendo Padre João Ferreira A. D'Almeida, Ministro pregador do Santo Evangelho na cidade de Batávia; Revistos e conferidos com o Texto Original pelos padres missionários de Trangambar*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1738; 2, 432 p.; a 2 col.; 24 cm (BNP, Bib. 456 V.; BNC; BL; Darlow, 7472; BSS, 213.D57; BEP, 11229-19-4; Adler, n.º 1794; David Lopes, p. 255-256). Vão encadernados com os fascículos anteriores e seguintes, completando o Antigo Testamento de Tranquebar. Nestes livros em várias páginas há notas explicativas ou remissões ao hebraico, lugares paralelos e resumo dos capítulos.<sup>46</sup>

1740. *O Livro dos Salmos de David, traduzido na língua portuguesa pelo reverendo padre Joam Ferreira A. d'Almeida, Ministro pregador do Santo Evangelho na cidade de Batavia; revisto com o texto original pelos padres missionários de Trangambar*, Trangambar, Officina da Real Missão de Dinamarca, anno de

<sup>45</sup> Em 1731, os missionários de Tranquebar receberam de Batávia o ms da versão de Almeida com os livros da Bíblia traduzidos antes da morte do tradutor, em 1691 (Gênesis-Ezequiel 48,21). Quando souberam desta tradução, deixaram a sua em Josué e seguintes livros. Assim, dois deles, Nicolaus Dal e Christoph Theodosius Walther continuaram a tradução nos *Profetas Menores*, para terminar toda a Bíblia. O ms veio por meio de Van Cloon, alto funcionário em Batávia, que tinha sido governador em Nagapatão, onde conheceu os missionários de Tranquebar. Ao receberem uma cópia do ms começaram imediatamente a revê-la pelo original hebraico, a fim de o imprimir. No prefácio, fala-se da liberalidade de Van Cloon. O texto é seguido de uma cronologia dos profetas. Este fascículo está encadernado com os outros, formando um Antigo Testamento completo.

<sup>46</sup> Sobre estes livros, ver vol. IV, *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, o. c., p. 334-335. O prefácio enaltece Van Cloon que facilitou a cópia da tradução de Almeida, assim como da sua viúva, Antônia Adriana Lengele. Está encadernado com os outros conjuntos do Antigo Testamento num só volume.

1740; 316 p.; 15 cm (BNP, Res. 811 P.; Darlow, 7471, 7473 e 7467; Adler, n.º 800; David Lopes, p. 256-257).<sup>47</sup>

Juntaram à edição o resumo dos capítulos, lugares paralelos e a explicação de algumas palavras.

Esta edição não faz parte do Antigo Testamento de Tranquebar, mas foi revista e corrigida nessa missão e encontra-se com as outras partes do mesmo Antigo Testamento de Tranquebar

1744. *Os Livros Dogmáticos do Velho Testamento, convém a saber, o livro de Job, os Salmos de David, os Provérbios de Salomão, o Eclesiastes de Salomão, os Cantares de Salomão: traduzidos na língua portuguesa pelo reverendo Padre Joam Ferreira A. D'Almeida, ministro pregador do Santo Evangelho, na cidade de Batávia, revistos e conferidos com o texto original pelos Padres Missionários de Trangambar, Trangambar, na Officina da Real Missão de Dinamarca, anno de 1744; 2, 232 p.; 24x17 cm (BEP, 11230-19-4; Darlow, 7474; BNC; BL; BSS, 213.D57; Adler, n.º 1795; David Lopes, p. 258).*<sup>48</sup>

— *Livro dos Salmos de David*, 1744; é a edição dos Salmos que faz parte dos Livros Dogmáticos (David Lopes, p. 338).

1747. *Os cinco livros de Moisés, traduzidos em português pelo padre Joam Ferreira A. D'Almeida, Ministro pregador do Santo Evangelho d'esta cidade; A Parte Primeira em que se contém Génesis, Êxodo e Levítico*. Batávia, Às custas da Ilustre Companhia, MDCCXLVII [1747]; não paginado; 17 cm; sem resumo dos capítulos, sem lugares paralelos, sem explicações; a 2 col. sem filete; letra maiúscula a 2 linhas. Termina no fim do Levítico, com as palavras: "Fim do terceiro livro de Moysés".

No frontispício, diz-se: "Estes livros sahem á Luz com todas as Licenças necessárias; Sendo revistos e conferidos com o Texto Original por Joam Maurits Mohr & Lebrecht August Behmer, Ministros da Palavra de Deus na Igreja Portuguesa da mesma cidade". Foi certamente uma edição experimental, antes da edição completa do *Pentateuco*, que saiu anos depois, em 1757. Desta edição de Batávia só se conhece este exemplar (Biblioteca de Genève, BPU, BB Magasin 4; Adler, n.º 1801; David Lopes, p. 196-197, n. 1).<sup>49</sup>

<sup>47</sup> Sobre esta edição dos Salmos, ver volume IV, *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, p. 337. A edição da BNP terá pertencido a Francisco Rafael de Castro.

<sup>48</sup> A edição de Tranquebar aperfeiçoou a de Almeida.

<sup>49</sup> Esta edição foi conhecida apenas no séc. XX, por Charles Bonnant, num artigo: *Une édition inconnue à la Bibliothèque publique et universitaire* [de Genève]: *La Bible portugaise de J. Ferreira A. d'Almeida*, em *Musées de Genève*, setembro de 1960, p. 9-12. Na DB, existe uma reprodução da obra; ver o que é dito sobre a mesma no vol. IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes*

Joannes Mauritius Mohr e Augusto Lebrecht (ed. lit.); João Ferreira de Almeida e Jacobo op den Akker, tradutores do Antigo Testamento em dois volumes, como se segue:

1748. *Do Velho Testamento o Primeiro Tomo que contém os S.S. Livros de Moyses, Josua, Juizes, Ruth, Samuel, Reys, Crônicas, Esra, Nehemias & Esther. Traduzidos em Portuguez por João Ferreira A. de Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho na Cidade de Batávia*, Batavia... na Oficina do Seminário, por H. Mulder, impressor nella; anno de Christo 1748; sem paginação; a 2 col.; 1.º vol.: 4, 491 fol., i. e., 982 p; 20,5x12 cm (BNP, Res. 1 P.; BPE; BL; Adler, n.º 1802; David Lopes, p. 196-199, para os dois volumes). Contém: vol. 1. Génesis-Deuteronómio; vol. 2. Josué-Ester.

1753. *Do Velho Testamento o Segundo tomo que contém os S.S. Livros de Job, os Psalmos, os Provérbios, o Pregador, os Cantares com os Profetas Maiores e Menores, traduzidos em português por João Ferreira d'Almeida e Jacobo op den Akker*, Ministros pregadores na cidade de Batávia, Batávia, na Oficina do Seminário, por G. H. Heusler, 1753; sem paginação (366 fol.; i. e., 732 p.); 20x12,5 cm. Este volume vai, portanto, de Job a Malaquias: segunda parte do Antigo Testamento. Convém lembrar que nestes volumes foram excluídos os livros Dêutero-canónicos.

Na portada deste vol. 2, diz-se:

“Esta primeira impressão do Velho Testamento sai à luz às custas da Illustrre Companhia Hollandeza da India Oriental por mandado do Illustrissimo Senhor Gustavo Guillelmo Barão d’Imhoff, Governador-Geral, e dos Nobilissimos Senhores Conselheiros da India. Com conhecimento e aprovação do Reverendo Conselho da Igreja. Sendo estes S.S. Livros com toda diligência revistos e conferidos com o texto original por João Mauritz Mohr & Lerbrecht Augusto Behmer, Ministros da palavra de Deus na Igreja Portuguesa da mesma cidade” (BNP, Res. 2 P.; Adler, 1802; Darlow, 7476; BSS, 213.D53.1-2; Inocêncio III, 371; BEP, 11235-19-4, para os 2 volumes).<sup>50</sup>

1751. *Os Quatro Profetas Maiores, convém a saber, Esaías, Jeremias com as suas Lamentações de Jeremias, Ezechiel, Daniel: Dos quais os três primeiros foram traduzidos pelo Reverendo Padre Joam Ferreira A. D'Almeida Ministro Pregador do santo Evangelho na cidade de Batávia; e o quarto pelo Reverendo Padre Christóvão Theodosio Walter, Missionário de Tranquebar: mas todos revistos e conferidos com o texto original pelos Padres Missionários de Trangambar*, Trangambar, Of.

d'Almeida, p. 323-324.

<sup>50</sup> Ver *Catálogo* das obras bíblicas de Almeida, em vol. IV desta coletânea, p. 320-323.685.

da Real Missão de Dinamarca, 1751; 2, 272 p.; 2 col.; 23x17 cm (BNP, Bib. 456 V.; BEP, 11231-19-4; Darlow, 7475; BNC; BL; BSS, 213.D57 e D57.2; Adler, n.º 1796; David Lopes, p. 259).<sup>51</sup>

1757. *Os cinco livros de Moisés, convém a saber I. Génesis. II. Êxodo. III. Levítico. IV. Deuteronomio, Traduzidos na língua portuguesa pelo reverendo Padre Joam Ferreira A. D'Almeida, Ministro pregador do Santo Evangelho na cidade de Batávia; o quarto pelo Reverendo Padre Christovão Theodosio Walther; Revistos e conferidos com o texto original pelos Missionários de Trangambar*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1757; 2 col.; 8, 318 p.; 23x17 cm (BNP, 456 V.; Darlow, 7477; BSS, 213.D57; BL, 3022.f.14; BEP, 11228-19-4; Adler, n.º 1797).<sup>52</sup>

Não é uma nova reedição da de 1719, mas é a tradução de Almeida revista pelos missionários de Tranquebar. Faz parte do Antigo Testamento de Tranquebar e está encadernado com esses livros.

Estes livros, impressos em Tranquebar, estão encadernados juntos num *Antigo Testamento* completo. São eles, por ordem cronológica:

*Os doze Profetas Menores* – 1732.

*Os Livros Históricos do Velho Testamento* – 1738.

*Os Livros Dogmáticos* – 1744.

*Os Quatro Profetas Mayores* – 1751.

*Os Cinco Livros de Moisés* – 1757.

<sup>51</sup> Nesta parte da Bíblia há, portanto, a intervenção de dois grupos de tradutores: João Ferreira d'Almeida traduziu Isaías, Jeremias e uma parte de Ezequiel, sendo a parte restante do livro traduzida por um pastor holandês de Batávia / Jakarta; os missionários de Tranquebar tiveram dois tipos de intervenção:

a) Christovão Theodósio Walter traduziu dos originais o livro de Daniel, que Almeida não tinha traduzido. Nicolau Dal, o principal tradutor de Tranquebar, morreu em 1747, depois de completar a revisão de tudo até Jr 6;

b) o grupo dos missionários desta mesma missão fizeram a revisão, pelos textos originais, da tradução feita em Batávia. Isso significa que não confiavam na tradução de Almeida e dos outros pastores de Batávia, que não tinham a mesma qualidade tradutora dos que vieram da Universidade de Halle (Alemanha), para Tranquebar. Deve notar-se ainda que o Antigo Testamento de Tranquebar saiu em diversas partes ou fascículos e em datas diferentes, entre 1719 e 1732, como se pode verificar pela data de cada um dos “fascículos”. Como saíram dispersos, os colecionadores de obras antigas tiveram dificuldade em encontrá-los para os juntar numa Bíblia (ver *Trésors de Livres Rares et Précieux ou Nouveau Dictionnaire Bibliographique contenant plus de cem mille articles...*, par Jean George Théodore Graesse, Berlim, 1922, “Bíblia Lusitanica”, p. 398). As traduções de Almeida (Batávia) e a dos missionários de Tranquebar, apesar de próximas na cronologia, não se confundem uma com a outra.

<sup>52</sup> Os autores de Tranquebar afirmam, no início, que esta edição é diferente da que os primeiros missionários traduziram nessa missão dinamarquesa em 1719; ver ainda o vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, o. c., p. 330-333.

1900. *Um livro dos Salmos*, Batávia, A. M. Lubberhuizen-van Gelder, 1900; 101 p.; 25 cm; católico.<sup>53</sup>

## Novo Testamento

1681. *O Novo Testamento*. Esta foi a primeira obra bíblica de Almeida. Dos pouquíssimos exemplares conhecidos (apenas três), um estudo feito pelo autor desta obra mostra que há certas diferenças entre eles, pelo que foram classificados da seguinte maneira:

a) *O Novo Testamento, isto he: Todos os Sacrosanctos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo Concerto de nosso Fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido em portuguez pelo Reverendo Padre João Ferreira A. D'Almeida, Ministro Pregador do Sancto Evangelho com todas as licenças*, Amsterdam, por Viúva de J. V. Someren, 1681; 2 col.; 557 p.; em 8.º (BNP, Res. 4465 V.; BNH, 33 E 59; Adler, n.º 1790).<sup>54</sup>

b) *O Novo Testamento, isto he: o Novo Concerto de nosso Fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido na lingua portuguesa*, [s.d., s.l. 1681]. Está corrigido à mão por João Ferreira de Almeida e é o único exemplar que se conhece com estas correções, de uns 50 que ele corrigiu à mão (BNP, Res. 6661 P.).

c) *O Novo Testamento, isto he: o Novo Concerto de nosso Fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido na lingua portuguesa*, em Amsterdam, [s.d. 1681] (BL, 465.a.9.).<sup>55</sup>

Da revisão deste Novo Testamento feita pelo próprio Almeida, antes da sua morte, saiu a edição definitiva, com o título:

1693. *O Novo Testamento, isto he: todos os livros do Novo Concerto de nosso Fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido na lingua portugueza pelo reverendo Padre João Ferreira A. D'Almeida ministro pregador do Sancto Evangelho*

<sup>53</sup> Em *Batávia-Jakarta 1600-2000: A bibliographie compiled by Ewald Ebing and Youetta de Jager with the assistance of James Beek...* [et al.], Leiden, 2000, p. 650, n.º 4286. Os Salmos tiveram as seguintes traduções em língua portuguesa: Oxford, 1695; a sua reedição de Londres, 1715 (no *Livro da Oração Comum*); a de Schultze de Tranquebar, 1721; e em Tranquebar, novamente em 1740, nos “Livros Dogmáticos”; a de João Ferreira D’Almeida, no seu Antigo Testamento, 1753; e a do Livro de Oração Comum de Vépery, 1800.

<sup>54</sup> A edição da Bíblia de Almeida, Londres, BFBS, 1819, a primeira num só volume, reproduziu este Novo Testamento, Batávia, 1773. A versão da Bíblia de Almeida foi revista e completada por João Mauritz Mohr e Lebrecht Augusto Behmer, em Batávia / Jakarta. Para outras informações das obras de João Ferreira Annes d’Almeida, ver o vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, Edições Esgotadas, Viseu, 2019; 3.ª edição.

<sup>55</sup> Na Difusora Bíblica – Fátima, existem cópias dos três exemplares destes Novos Testamentos; sobre este assunto, veja-se o vol. IV: *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, o. c., p. 271-286.



*nesta cidade de Batávia em Java Maior*, Batávia, por João de Vries, impressor da illustre Companhia e d'esta nobre cidade, anno 1693 (BL, 3022. dd. 12; c.127.e.23; BNH, UBM: 1023 E 32; BSS, 213.C93; SBA/NY, B 36886; Adler, n.º 1791).<sup>56</sup>

- 1711-12. *A proposal for printing the New Testament in Portuguese; in order to be dispersed among the natives at Malabar*. Este documento foi impresso em Amsterdão, por Crellius, em 1711 / 1712; em 12.º.

Esta “Proposta” (cópia na DB, 4 p.; 8.º) versa sobre o primeiro Evangelho, com o título:

1711. *O Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesu Christo segundo S. Matheus. Traduzido na língua portuguesa*. Em Amsterdam, por Joam Crellius, 1711 (Adler, n.º 1798).

— *Novo Testamento... traduzido em português pelo padre Joam Ferreira a d'Almeida*; parece que foi editado por Bartolomeus Ziegenbalg: “Propagation of the Gospel in the East: part II”, Londres, 1710; das edições de 1681 e 1693. Portanto, em 1711 imprimiu-se apenas o Evangelho de S. Mateus e, em 1712, todo o Novo Testamento. É uma edição de Almeida feita para Tranquebar (Adler, n.º 1799).

1760. *Primeira Parte do Novo Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que contém os quatro Evangelhistas, convém a saber: S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas, S. João. Traduzidos na língua portugueza pelo Reverendo Padre João Ferreira A. d'Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho na cidade de Batávia. Revistos e conferidos com o texto original pelos Padres Missionários de Trangambar*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1760; 322 p.; formato grande (BNP, Bib. 701 P.; Adler, n.º 1803; David Lopes, p. 260-262). É uma obra rara.<sup>57</sup>

1765. *O Novo Testamento; isto é, todos os Sacrossantos Livros e Escritos Evangélicos e Apostólicos do novo Concerto de Nosso Senhor e Redemptor Jesu Christo, traduzidos na língua portuguesa pelo Reverendo Padre Joam Ferreira A. D'Almeida*,

<sup>56</sup> Sobre esta raríssima edição, ver vol. IV: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, p. 289-295. No verso do título diz-se: “Esta segunda impressão d'o SS. Novo Test. emendada e na margem augmentada com os concordantes passos... por mandado d'a ill. Companhia d'as unidas províncias 'na India oriental, e foy revista pelos ministros pregadores (de Batavia) Theororo Zas, Jacobus op den Akker”. Apresenta também o “Argumento d'o Novo Testamento”.

<sup>57</sup> Esta edição foi feita com base na de 1711-12 que, por sua vez, era reimpressão da de 1693; ver vol. IV desta coletânea: p. 295-298.310-311, e respetivo *Catálogo*, ib., p. 749, onde constam apenas três exemplares. Deveria haver um 2.º volume; mas este não saiu, porque foi impresso todo o *Novo Testamento*, no ano seguinte, 1765.

*ministro pregador do Santo Evangelho na cidade de Batávia, em Java Maior; revistos e conferidos com o Texto Original pelos Padres Missionários de Trangambar, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1765; 8, 765, 5; 19 cm. Os quatro Evangelhos são da edição anterior, de 1760. Tem um prólogo explicativo interessante (ver David Lopes, p. 260-263).*

É, pois, a tradução de Almeida, mas revista pelos missionários de Tranquebar e inserida na Bíblia desta missão dinamarquesa (BNC; BL; BEP, 11233-19-4; Darlow, 7478; BSS, 213.D.65; Adler, n.º 1804).<sup>58</sup>

1773. *O Novo Testamento; isto é, todos os Sacrossantos Livros e Escritos Evangélicos e Apostólicos do novo Concerto de Nosso fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido em portuguez pelo Reverendo Padre Joam Ferreira A. D'Almeida, ministro pregador do Santo Evangelho nesta cidade. Em Batávia, por Egbert Heemen, impressor da Illustre Companhia. Anno de MDCCLXXIII [1773].*

Na página seguinte deste frontispício diz-se: “Esta quarta impressão do Novo Testamento sahe à luz por mandado e às custas do ilustríssimo Senhor Pedro Alberto van der Parra, Governador-Geral da India, Bélgica Oriental, como também com aprovação do Reverendo Conselho da Igreja de Batávia, sendo estes S. S. Livros de novo, com toda a diligência, revistos e emendados por João Maurits Mohr, Ministro Ancião da Palavra de Deus na mesma Cidade”; é a 4.ª impressão (BEP, 11237-19-4; Adler, n.º 1805; David Lopes, p. 199-202).<sup>59</sup>

### Em resumo: Quais são as obras bíblicas originais de Tranquebar e de João Ferreira d'Almeida?

Vejamo-las:

1719. *Pentateuco*; é original de Tranquebar.

— Ib., 1757. Traduzido por João Ferreira D'Almeida e corrigido em Tranquebar.

<sup>58</sup> GRAESSE, George Théodore (ed.), *Trésors de Livres Rares et Précieux ou Nouveau Dictionnaire Bibliographique...*, Berlim, 1922, afirma que é difícil encontrar todas as partes da “Bíblia de Tranquebar” na mesma biblioteca; pois foram editadas em partes separadas, segundo os grandes conjuntos dos livros do Antigo Testamento. Só mais tarde foram encadernadas juntas, num só volume. Sobre esta edição, veja-se o vol. IV desta coletânea, p. 312-313, assim como o respetivo *Catálogo*, ib., p. 749.

<sup>59</sup> Sobre esta edição de Batávia ver vol. IV desta coletânea, p. 298-299, e respetivo *Catálogo*, p. 750. Aí se podem ver as bibliotecas onde se encontra esta obra, com as respetivas cotas.

1721. *Salmos*, por Benjamin Schultze, da Missão Dinamarquesa. Tradução baseada no texto hebraico.  
— Ib., 1810 (revisto).
1732. *Os Doze Prophetas Menores* [Oseias-Malaquias]; traduzidos e publicados em Tranquebar.
1738. *Os Livros Históricos do Velho Testamento* [Josué-Ester]. Traduzidos por João Ferreira D'Almeida e corrigidos em Tranquebar.
1740. *O Livro dos Salmos de David*. Traduzidos por João Ferreira D'Almeida e corrigidos em Tranquebar.
1744. *Os Livros Dogmáticos do Velho Testamento* [Job-Cântico dos Cânticos]. Traduzidos por João Ferreira D'Almeida e corrigidos em Tranquebar.
1751. *Os Quatro Profetas Maiores* [Isaías-Ezequiel]. Traduzidos por João Ferreira D'Almeida e corrigidos em Tranquebar.
1751. *A Prophecia de Daniel*. Traduzido pelo Reverendo Padre Christóvão Theodosio Walter, missionário de Tranquebar.
- 1760-65. *Novo Testamento, traduzido pelo Reverendo padre J. Ferreira A. d'Almeida. Revisto e conferido com o texto original pelos Padres Missionários de Transgamar*. Os Evangelhos têm títulos independentes (BOD, port.1).<sup>60</sup>

**As publicações bíblicas de Tranquebar foram, portanto, as seguintes:**

#### **Antigo Testamento**

1719. *O Pentateuco* (de Tranquebar, por Gründler, Ziegenbalg e Schultze).
1721. *Os Salmos de David* (de Tranquebar, por Benjamin Schultze).
1729. *Os Psalmos de David reduzidos a oração* (de Tranquebar, em português)
1732. *Os Profetas Menores* (de Tranquebar, por Nicolau Dal e Cristóvão Thedosio Walther).
1738. *Os Livros Históricos* (corrigidos; de João Ferreira d'Almeida).
1740. *O livro dos Psalmos de David* (corrigidos; de João Ferreira d'Almeida).
1744. *Os Livros Dogmáticos, Poéticos* (corrigidos; de João Ferreira d'Almeida).

<sup>60</sup> Sobre este *Novo Testamento* de Tranquebar, ver vol. IV, *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, p. 312-313. Dizem que é de Almeida, mas foi revisto pelos missionários de Tranquebar.

1749. *Os Salmos*, 2.<sup>a</sup> impressão (corrigidos; de João Ferreira d'Almeida).

1751. *Os Profetas Maiores* (corrigidos; de João Ferreira d'Almeida).

1757. *Os Cinco Livros de Moisés*

### **Novo Testamento**

1711. *O Santo Evangelho... segundo São Mateus* (corrigido; de João Ferreira d'Almeida).

1760. *Primeira Parte do Novo Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo* (corrigido; de João Ferreira d'Almeida).

1765. *O Novo Testamento; isto é, todos os Sacrossantos Livros e Escritos Evangélicos* (corrigido; de João Ferreira d'Almeida).

Poderíamos concluir, com David Lopes, que as traduções de Almeida não foram feitas pelos “textos originais grego e hebraico – que ele não devia conhecer – ao contrário do que afirmou Ribeiro dos Santos (...), e, por isso, os missionários de Tramgambar, homens doutos – o que Almeida não era – saídos da Universidade de Halle (Alemenha), conferiram as traduções dele com esses textos originais...”, como se vê pelos próprios títulos das suas obras: *Novo Testamento*, 1765; *Os Cinco Livros de Moisés*, 1757; os *Profetas Maiores*, 1751; os *Livros Dogmáticos*, 1744; o *Livro dos Salmos*, 1740; os *Livros Históricos*, 1738. Todas estas são edições de Tranquebar.<sup>61</sup>

Quanto às edições de Almeida feitas em Batávia, também elas foram conferidas por Mohr e Behmer, “ministros da Palavra de Deus”; e supõe-se que estes saberiam, pelo menos, mais que Almeida, das línguas originais da Bíblia. E os próprios missionários de Tranquebar sabiam que Almeida tinha traduzido o seu *Novo Testamento* do latim de Teodoro Beza e do espanhol de Valera, como ele próprio confessa na Dedicatória da *Diferença da Christandade*, no que se refere a Beza.<sup>62</sup>

São doze as obras na língua portuguesa, feitas pelos missionários de Batávia, tanto aqui como em Colombo: *Antigo e Novo Testamento* de Almeida; Jacobo op den Akker, *Daniel*; *Profetas Maiores*, *CL Salmos de David*; *Livrinho de Orações* de

<sup>61</sup> DAVID LOPES, *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os séculos XVI-XVIII*, Porto, Portucalense Impress., 1969. Utilizamos esta edição da referida obra.

<sup>62</sup> Ver o que dizemos, a propósito deste assunto, no cap. 4 do vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira d'Almeida*, p. 286-289.

João Haverman; a *Sancta Cea de Jesu Christo*; tradução das *Fábulas de Esopo*; e outras obras de controvérsia.

Trabalho interessante seria o da análise do trabalho que foi feito pelos autores de Tranquebar sobre as obras bíblicas de Almeida e dos seus revisores de Batávia.

#### 19.4.2. Edições litúrgicas e outras: catequética, espiritualidade, controvérsia protestante...

##### Liturgia

1719. *Hymnologia Sagrada, isto he, espirituales cantigas para excitação da christaã devoção e para a edificação em fé e piedade. Com real licença*, Tranquebar, Índia Oriental, na Costa de Coromandel, Estampa da Real Missão de Dennemark, 1719; 6, 274, 6 p.; 2.<sup>a</sup> edição; a 1.<sup>a</sup> foi em 1713; em 12.<sup>o</sup> (BNF, B.4996; David Lopes, p. 241-242).

— 4.<sup>a</sup> edição, em 1733.

— 5.<sup>a</sup> edição, em 1756.

— 6.<sup>a</sup> edição, em 1779 (BNC, Hjelmst 1314 8<sup>o</sup>; BL, c-9125).

— A BNC possui esta mesma obra em tamul: “Hymnologia tamúlica”, 4.<sup>a</sup> edição, 1733; 5.<sup>a</sup>, 1756; 6.<sup>a</sup>, 1779 (BNC, B. 4996C).

1721. *Solidíssima institutio Sanctae Coenae. Librorum sacrorum ad Communionem compendium*, Tranquebar, 1721; em 8.<sup>o</sup>;

— Ib., 1818; por Benjamin Schultze.

1723. *Hymnologia Damulica, sive de germanico in Damulorum idioma, observatis usque et melodiis et rhythmis odarum translatorum centum et sexaginta hymnorum spiritualium faciculus: in gratiam juventutis damulicae aequae ac Ecclesiae Huius gentis, Christo nomen dantis, exhibita a Missionario ad Indos Orientales*, Tranquebarae, in Littore Coromadelino, Typis et Symptibus Missionis Daniacae, 1723; por Benjaminum Schultze; 14 p.; em 8.<sup>o</sup>.

1726. *Livro da comunhão, ou do Santíssimo Sacramento da Eucharistia. Escrito em latim pelo venerável Thomaz de Kempis e traduzido em português por Diogo Vaz Carrilho, natural de Lisboa*, Trangambar, na Oficina da Real Missão de Dinamarca, anno de 1726; 62, 2 p.; em 12.<sup>o</sup> (BNC, 5-196 8.<sup>o</sup> e Hj 486 8<sup>o</sup>; BNF; BL, c-9125 DCF: T215702; A Tradução em Portugal, 552).

— 2.<sup>a</sup> impressão, Trangambar, 1745; 66 p.; em 12.<sup>o</sup> (BNC, 5-196 8.<sup>o</sup>; BL, c-9125 DCF, T218014).<sup>63</sup>

<sup>63</sup> Selecção da “Imitação de Cristo”.

1744. *Psalmodia evangélica, ou Livro de Cantigas espirituais, tiradas de vários textos e muitos lugares da Escritura Sagrada, da Theologia positiva e moral, e de outros livros ascéticos, para os christãos se exercitarem a hua santa devoção e se edificarem na verdadeira fê e hua pia conversação*; traduzidas pela mayor parte da língua Alemaã pelos padres missionários de Trangambar. Terceira impressão. Trangambar, na Officina da Real Missão de Dinamarca. Anno de 1744; 12, 284, 40 p.; em 8.º; 3 índices (BNC; Inocêncio XVIII, p. 15; David Lopes, p. 257).<sup>64</sup>  
— 6.ª edição, 1810.  
— 7.ª edição, 1821 (BNC, 2 ex.: 1 da 6.ª ed. e outro da 7.ª; David Lopes, p. 181-182).
1767. *Horta de Paraíso ou Livro de oração escrito em língua alemã pelo venerável João Arndio, superintendente de Luneburgo. E agora traduzido em português*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1767; 163 p.; em 12.º.  
— A 2.ª parte desta edição só foi impressa em 1769. “[Paradiessg Artlein. Part 1. Portuguese]” (FS Halle, C: 30:1; BNC, 4-102 8.º; BL, c-9125). A tradução é atribuída a J. P. Fabricius, missionário dinamarquês em Madras: *Arndt's Paradijhofe*.  
— Com apêndice novo, ib., mesmo impressor, 1782; 250, 16 p.; em 12.º.
1810. *Os Livros dos Salmos de David, traduzido por Joam Ferreira A. d'Almeida... revisto e conferido com o texto original pelos Padres Missionários de Trangambar. Editio secunda*, Tranquebar, 1810; 217 p.; 20x12 cm (BNP; Darlow, 7489; BNC).  
— Sétima Impressão, ib., 1821.

### Catequética

1712. *A Ordem da Salvação ou a Doutrina Christaã brevemente em perguntas e respostas declarada e provada com principais testemunhos da Escritura Sagrada. Juntamente com algumas Orações e Cantigas*, Tranquebar, em Índia Oriental na Costa de Coromandel, Estampa dos Missionários del Rey de Dennemark, 1712; 44 p.; em 12.º (BNC, Hjelmst. 486 c 8.º; BL, C-9125 DCF: T126976 // 3 locations; BNH).
1713. *A explicação da Doutrina Christaã segundo a Ordem do Catecismo do B. Luthero, em perguntas e resposta proposta e com necessários testemunhos da Escritura*

<sup>64</sup> Segundo Inocêncio, “Contém o livro 263 cantigas, nas quaes se comprehendem as traducções completas de muitos psalmos, etc. Existia um exemplar na bibliotheca nacional de Lisboa” (XVIII, p. 15). Procurámo-lo nesta biblioteca, mas não foi encontrado.

*Sagrada provada... Traduzida em Lingoa Portugueza pelos Ministros da palavra de Deus e Missionarios del Rey de Dennemark*, Tranquebar, Em India Oriental na Costa de Coromandel, na Estampa dos ditos Missionarios. [B. Ziegenbalg e Johann Ernest Gründler]. No anno de 1713; 15 fol., 332 p., 2 fol.; em 12.º (FS Halle 190 F 21; BNC, 3,-469 8º; BNF; BL, c-9125; Belinquete I, p. 712).<sup>65</sup>  
 — 2.ª impressão revista, ib., 1762; 24, 300 p.; em 12.º (BNC, 3-469 8.º; BL, c-9125; David Lopes, 235-237).

1713. *Manual ou Breve Instrucção que serve por uso d'as Crianças, que aprendem a ler, e começam a rezar n'as escholas portuguezas, que são em India Oriental; e especialmente 'na Costa dos Malabaros, que se chama Coromandel*, Tranquebar, Missionários Reais da Dinamarca, [Londres, SPCK], 1713; 47 p.; 15x9 cm (BEP, 11194-35-4; BL, 1004.a.22; Belinquete I, p. 712; BEP; BNH; David Lopes, p. 263-265).<sup>66</sup>

1713. *Summário das Doutrinas Christaãs para uso dos Catechumenos*, Trangambar, 1713; em português; é uma selecção do Catecismo de Martinho Lutero. Teve várias edições:

— 2.ª edição, ib., 1714.

— 3.ª edição, ib., 1722.

— 4.ª edição, ib., 1724.

— 5.ª impressão, ib., 1731; 24 p.; em 24.º (BNC 3-469 8.º; BL, c-9125).

— *Impressão segunda e revista*, ib., Of. da Real Missão da Dinamarca, 1762; 24, 300 p.; em 12.º; traduzido por Bartholomaeus Ziegenbalg e Johann Ernest Gründler (BNC, 3-469 8º).<sup>67</sup>

1715. *Sumario das doutrinas chistaãs por uso dos Catechumenos*, Tranquebar, no anno de Christo de 1715; texto em português e tamul em paralelo; 35 p.; em 24.º; de Martinho Lutero (BNC; Belinquete I, p. 713).<sup>68</sup>

<sup>65</sup> “...Traduzida em Lingoa Portugueza pelos Ministros da palavra de Deus e Missionarios del Rey de Dennemark. Tranquebar, em India Oriental na Costa de Coromandel, na Estampa dos ditos Missionarios. No anno de 1713”.

<sup>66</sup> David Lopes diz que foi impresso em Londres sob a direcção de um missionário de Trangambar. Neste manual encontra-se a “Oração por a illustrissima Companhia da Índia Oriental” (p. 187-188); ver Santos Ferreira, p. 39-40.

<sup>67</sup> A BL dá como autor Philip Jakob Spener, que, provavelmente, terá sido apenas o revisor. Ver Reverend. van Troostenburg De Bruijn, *Hervormde Kerk*, p. 461; e vol. IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, p. 569.

<sup>68</sup> Ver SILVEIRA, Luís da, *Portugal nos Arquivos do Estrangeiro. I – Manuscritos Portugueses da Biblioteca Estadual de Hamburgo*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1946, p. 33-42. Na p. 33, aparece o



Teve várias edições, tais como:

1731. *Sumario das doutrinas chistaãs por uso dos Catechumenos. Quinta impressão. Trangambar na Oficina da real Missão de Dinamarca. Anno de 1731.*

Em Francke, parte III, p. 928-936, diz-se que a 1.<sup>a</sup> edição saiu em 1713; a 2.<sup>a</sup> em 1714; a 3.<sup>a</sup> em 1722; a 4.<sup>a</sup> em 1724 e a 5.<sup>a</sup> em 1731 (David Lopes, p. 240).

1715. *A verdadeira Religion em hum compêndio sumariamente compendiada e pelos testemunhos da Escritura Sagrada Provada*, Tranquebar, na Estampa dos Missionários Reais, 1715; em 12.<sup>o</sup>. Segundo David Lopes, na p. 253, Francke afirma que a 1.<sup>a</sup> edição desta obra é, de facto, a de 1715 (Parte III, p. 928).

— Ib., mesmo impressor, 1727; em 8.<sup>o</sup>.

— *Segunda impressão*. Tranquebar, na Oficina da Real Missão de Dinamarca. Anno de 1730; 48 p.; em 12.<sup>o</sup>; encadernado com a *Diferença de Cristianidade* de 1728 (NSUG, 8.<sup>o</sup> Th.th.I,450/27; NYPL; BNC, 3-469 8.<sup>o</sup> e 5-196 8.<sup>o</sup>; BL, c-9125).

1717. *Catecismo no qual as primeiras e principaes Doutrinas para Salvação brevemente se tratão, por uso das Malabaricas e Portuguesas escolas*, Tranquebar, na Costa de Coromandel em Índia Oriental, 1717; em tamil e português em colunas paralelas; notas ms; 31 p.; 15,5x9,5 cm; é uma edição bilingue, em português no recto e tamul no verso (BNC, 3-472 8.<sup>o</sup> e Hj 376,8.<sup>o</sup>; BL, c-9125; Belinquete I, p. 713; David Lopes, p. 240-241).

— Ib., 1723; está em língua malabar e é um “Catechismus Minor” (de Lutero; intitulado à mão).

— Ib., 1726. Outra parte final tem título à mão e em dinamarquês com uma dedicatória..., Tranquebar, 1726.

— *Editio IV*, 1730 (à mão), com umas 50 páginas e paginado apenas com letras malabares.

1717. *Brevis Delineatio Missionis operis, quod ad propagandam vivam Christi cognitionem et promovendam verae pietatis praxin inter Damulos Divina tran-*

---

título de um códice de Hamburgo: *Catechismus Lusitanicus, per Missionarios Danicos confectus et Tranquebariae na. 1715 editus*. / *Sumário das Doutrinas Christaãs por uso dos Catechumenos – Tranquebar, no anno de Christo de 1715*; 19x12 cm. Seguem-se os Dez Mandamentos, o Credo (muito resumido), Pai-nosso. Depois, algumas palavras sobre o sacramento do batismo, a Santa Ceia, Oração para a remissão dos pecados, algumas orações para durante o dia e, finalmente, *A Ordem da Salvação*, ou seja, 36 breves perguntas, com as respetivas respostas. Este códice pertenceu à “Bibliotheca Hamburgensis Wolfiana”. Talvez se trate do manuscrito da obra impressa no mesmo ano.

- quebariae genitur a Missionariis Daniais B. Ziegenbalg et Jo. Ernesto Gründler, Tranquebar, typis Missionis Danicae, 1717; em 8.º (Fabrício, p. 616).*
1719. *Perspicua explicatio doctrinae Christianae secundum ordinem quinque capitulum catechismi...*, Tranquebar, 1719; 8-11 fol.; por B. Ziegenbelg e Gründler.
1726. *V capita Cathecismi minoris Lutheri cum brevi illustratione*, Tranquebar, 1726; em tamul; em 8.º. (Call n.º Bibliotheca Danica).
1733. *Nova Cartilha da doutrina Christaã, que contém summario da doutrina Christaã, testemunhos para domingos e festas, ordem da salvação, Abc de ouro e outras algumas cousas. Para o uso dos meninos da escola*, Trangambar, Officina da Real Missão de Dinamarca, Anno de 1733; 8, 80 p.; em 16.º (Belinquete I, p. 713; BNC, 3-469 8.º; Hall, Alemanha, C, 135; 135a; 135b; 135c; 135d; BL, c-9125);
- 2.ª impressão, ib., mesmo impressor, 1763; 8, 80 p.; em 16.º (BNC, 3-469 8.º [2 ex.]; BL, c-9125).
  - 5.ª impressão, ib., mesmo impressor, 1793; 66 p.; em 8.º (BNC, 3-469 8.º; Darlow, 7485; BL, c-9125).<sup>69</sup>
  - *Cartilha*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1812; 46 p.; em 8.º; abecedário e alguns textos soletrados; orações várias (BNC; David Lopes, p. 255-256; Belinquete, I, 710).
1762. *O Catechismo Menor: para o uso da escola portugueza* [Martinho Lutero], Trangambar, na Officina da Real Missão de Dinamarca, anno de 1762; 40 p.; 16 cm.
- *Segunda impressão*, ib., mesmo impressor, 1792; 49 p.; em 12.º (BNC, 3-470 8.º e Hj 443; BL, c-9125: 1.ª e 2.ª ed.).
  - 2.ª edição (David Lopes, p. 260).<sup>70</sup>
1763. Opúsculos encadernados juntos:
- A. *Catechismo, Que significa Forma de Instrução que se ensina nas Escolas e Igrejas Reformadas conforme a Palavra de Deus, posto por perguntas e respostas sobre os princípios da Doutrina Cristã.*
  - B. *A Liturgia d'as Igrejas Christaãs Reformadas, ou os Formulários usados em as mesmas 'no culto e serviço exterior. Isto é, usados:*
    1. Em fazer as orações comuns.

<sup>69</sup> Nota do Darlow, 7485: "Reedição de 1695, mas sem os Salmos".

<sup>70</sup> Poderá tratar-se da edição latina traduzida para português: *V capita Catechismi minoris Lutheri cum brevi illustratione*, Tranquebar, 1762; 40 p.; em 8.º.

2. Em administrar os sacramentos
3. Em exercitar a disciplina eclesiástica.
4. Em confirmar os ministros d'a Igreja.
5. Em confirmar e benzer o matrimónio
6. Em consolar os doentes.

C. *Símbolo ou Forma de Fé, e Confissão de S. Athanasio, Bispo de Alexandria*, escrito no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 333.

O editor do Catalogue informa que o opúsculo B é apresentado na versão métrica de Clément Marot e Théodore de Bèze, 1763; s. autor, s. lugar de impressão. O terceiro opúsculo foi editado também como obra independente, com o seguinte título:

1763. *Símbolo ou Forma de Fé, e Confissão de S. Athanasio, Bispo de Alexandria*, escrito no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 333..., Colombo, 1763 (Belinquete I, p. 713).

Os três opúsculos foram encadernados juntos com os CL Salmos de 1763, editados em Colombo. O opúsculo A, p. 1-54; o B, p. 55-147, e o C, p. 147-151.

1773. *Arquilha de joyas dos filhos de Deus, cujo tesouro está nos céus; compreendendo sentenças escolhidas da Sagrada Escritura e poesias lhes acrescentadas*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1773; por C. H. von Bogazky. Traduzido da língua alemã; XVI, 366 p.; em 12.º (FS Halle 65 H 16).

1813. *Sapientia vera in epistola ad Tamulos explicata*, Trangambar, 1813; Editio 3.<sup>a</sup> (em tamul).

### Sem data

- *Catecismo em português e malaico*; 94 p.<sup>71</sup>
- *Catechismus Lusitanus* de Tranquebar; encontra-se manuscrito na Biblioteca estadual de Hamburgo.<sup>72</sup>

### Espiritualidade

1723. *Imitação de Cristo*, Batávia, 1723; trad. em português por Akker (Hervormde Kerk, p. 463; Fontes Holandesas, p. 19).<sup>73</sup>

<sup>71</sup> Em NIECAMP, João Luca, *História da Missão da Dinamarca*, II, p. 132.

<sup>72</sup> Em SILVEIRA, Luís da, *Manuscritos portugueses da Biblioteca Estadual de Hamburgo*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1946, p. 33-42. Está aí todo transcrito.

<sup>73</sup> A 1.<sup>a</sup> impressão foi feita na Índia conforme a de Lisboa de 1673; com índice.

1724. *Imitação de Christo, dividida em três livros, escritos em latim pelo venerável Thomas de Kempis, no anno de 1441, e traduzidos em portuguez por Diogo Vaz Carrilho, natural de Lisboa. Primeira impressão feita na India. Conforme à de Lisboa de 1673, sendo emendadas as erratas della e augmentada com lugares da Sagrada Escritura e com o índice das cousas mais notáveis*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1724; 16, 273, 22 p.; em 8.º (BL, c-9125; BNC, 5-196 8º; FS Halle 63 F 3; David Lopes, p. 246).

— *Segunda impressão*, ib., mesmo impressor, 1744; 14, 273, 32 p.; 15,5x8,5 cm. 1. Prólogo do Intérprete Portuguez; 2. Versões deste livro; 3. Compêndio da Vida de Kempis; 4. Erratas e Índice dos capítulos; 2500 exemplares publicados (BNP, R. 2066 P.; BNH; BL, c-9125).

— *Quarta impressão*, ib., mesmo impressor, 1798; 8, 208, p.; em 8.º (BNC, 5-196, 8.º; BL, c-9125; Bibliotheca Danica; David Lopes, p. 246-247).

1744. *Kempis pequenino, ou saudáveis ensinos... tirados do livro de Thomás de Kempis da Imitação de Christo, os quaes podem servir a todos os Christãos de despertador, para se excitar a prosseguir o caminho da salvação com fervor e cuydado, todos os dias do anno*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1744; 32 p.; em 12.º (BNC, 5-196, 8.º; BL, c-9125).

1720. *Serman da bemaventurança dos fiéis, o mesmo dia das exéquias da Sepultura do muy reverendo senhor João Ernesto Gründler, ministro da Palavra de Deus e missionário del Rey de Dennemarck, Pregado e composto pelo Benjamin Shultze Ministro da Palavra de Deus e missionário del Rey de Dennemarck*, Tranquebar, Índia Oriental na Costa de Coromandel, Estampa da Real Missão, 1720; em português, tamil e alemão; 13 p.; 21,5x17,5 cm (NUC, vol. 53, 476 p.; BNC; David Lopes, p. 244).<sup>74</sup>

### Controvérsia católico-protestante

1684. *Diferença da Christandade em que claramente se manifesta, I. A grande Disconformidade entre a Verdadeira e Antiga Doctrina de Deus, e a Falsa e nova dos homens. II. A notória contrariedade entre a Sacro Sancta Cea de Christo, Senhor*

<sup>74</sup> Este pequeno livro inicia com uma oração de 1 página; há depois uma 1.ª e 2.ª Partes, uma Conclusão e uma Oração Final. Em cada uma das diferentes línguas se encontram as mesmas imagens no início e no fim. Seria interessante a análise deste português. A morte de Ziegenbalg aconteceu em 24 de fevereiro de 1719. Na igreja onde ficou sepultado encontra-se um epitáfio. Havia então 250 cristãos, com culto em tamil e português, em Tranquebar (LEHMANN, A., *It began at Tranquebar*, Vepery, Madras, 1956, p. 111; o opúsculo tem dois formatos: em 4.º e em 12.º. Este título aparece em Francke, Parte II, p. 509; na Parte III, encontra-se o título em alemão).

*nosso, e a Profana Missa d'õ AntiChristo. III. Quem seja o AntiChristo, e porque Marcos se possa conhecer. Traduzido e acrescentado tudo agora de novo, pelo P. João Ferreira A. D'Almeida, Ministro Pregador d'õ S. Evangelho 'na India Oriental. Segunda impressão, de novo revista e emendada. Em Nova Batávia. Com privilégio d'õ Supremo Conselho da India e aprovação do Consistório Eclesiástico. Por Abraham van den Eede, da Illustre Companhia, n'a rua d'õ Princepe, 1684; 25, 163 p; em 8.º (BNH, 2 ex.; David Lopes, p. 190-192, fala de um exemplar que possuía a Livraria Fernandes de Lisboa, que consultou).*

— Desta edição fez-se também a tradução holandesa; Amesterdão, 1673 com o título: *Ouderscheydt der Christenheidt waere in duydeleyck werdt vertoont*.<sup>75</sup>

1726. *Diferença da Christandade em que claramente se manifesta a grande desconformidade entre a verdadeira e antiga doutrina de Deus, e a falsa e nova doutrina dos homens. Traduzida do castelhano em português pelo Joam Ferreira A. D'Almeida, ministro pregador do S. Evangelho na India Oriental. Conforme à Impressão de Batavia de 1668, Tranquebar, Of. da Real Missão Dinamarca, 1726; em 4.º (Universidade de Salamanca, B-1-GRA-Tre; Graesse, Trésors, vol. VII).*

— *Segunda impressão*, Tranquebar, na Oficina da Real Missão de Dinamarca, anno de 1728; 32 p. (p. 1-29 texto); 30-31 (citações latinas do texto); 31-32 (“dedicação” ao governo de Batávia por João Ferreira d'Almeida); em 8.º (BNC, 3-469 8.º e Hj 486, 8º [2 ex.]; David Lopes, p. 252-253).

— *3.ª impressão*, ib., mesmo impressor, 1773; 32 p.; em 8.º (BNC, 3-469 8º; BL, c-9125).

**Hieronymo de Siqueira / Jerónimo de Sequeira, Pe. (séc. XVII).** Escreveu em defesa da Igreja Católica:

- *Carta Apologética em defensão da Religião Catholica Romana contra João Ferreira de Almeida, predicante da secta calvinista, feita em Bangalla pello muito Reverendo Pe. Hieronymo de Siqueira, Portugues Theologo Pregador. Anno? 1670 [manuscrito] (ANTT, ms 794; DB: 2 cópias).*

**João Bautista Maldonado, Pe.** Escreveu:

- *Diálogo Rústico e Pastoril entre o cura de huma aldeã e hum pastor de ovelhas, tocante o verdadeiro, puro, e legítimo modo de como a Deus Nosso Senhor have-*

<sup>75</sup> Para uma descrição completa e técnica desta edição ver MATOS, Manuel Cadafaz de, *Uma Edição de Batávia em Português no último Quartel do século XVII – Diferença da Christandade (1684), versão do P. João Ferreira de Almeida*, Ed. Távola Redonda, Centro de Estudos da História do Livro e da Edição (C.E.H.L.E.) – VII, Lisboa, 2002, p. CXIII-CVII. 1-199.

*mos de servir e assi infalivelmente conseguir e alcançar a vida, glória e bemaventurança eterna. Compreendendo as razões do muy Reverendo e Docto Padre João Bautista Maldonado, Religioso professo da Companhia de Jesus e missionário apostólico, contra as de João Ferreira A. d'Almeida, Ministro ou Predicante Calvinista, ca. 1700; em 8.º; s. d. nem lugar de impressão (BNH; Francke, parte I, p. 334; David Lopes, p. 186-190).*<sup>76</sup>

### Cartas de João Ferreira d'Almeida.<sup>77</sup>

1. *Duas Epistolas e vinte propostas do Padre João Ferreira A. d'Almeida. Hua a do Snôr Correa de Mizquita, outra a os P. Agostinho de Bengala. E as propostas a todos os Ecclesiásticos dos Reynos e Senhorios de Portugal, dedicada a primeira ao muy illustre Senhor Nicolau Verburg, do Ordinário Supremo do Conselho e Director General, no Estado da India Oriental; com todas as licenças necessárias, Batávia, por Abrahão Kaisero, anno, 1672; 44 p.; em 12.º (BL, 701.a.16).*<sup>78</sup>

2. *Epístola ou Carta do Padre João Ferreira A. d'Almeida, Ministro Pregador do S. Evangelho, a os Padres & Religiosos Agostinhos de Bengala, em que lhes manifesta as justas Causas & urgentes Razões que de todo o convencerão, obrigarão, moverão & em consciência forçarão & constrangerão a deixar a Igreja Romana e a se reduzir à só verdadeira Christã, Católica Apostólica Reformada, Batávia, por Abrahão Kaisero, anno 1672; 85 p.; em 12.º.*

3. *Seis Propostas do Padre João Ferreira A. d'Almeida enviadas no anno de 1665 a os Ecclesiásticos de Goa particularmente a os Loyolitas ou da Companhia de Loyola. Acrescentadas com mais Doze, que agora de novo a eles e a todos os demais dos Reynos e Senhorios de Portugal, lhes propõem para ver se, pois até o presente nada responderam às Seis primeiras, se atrevem, pelo menos, agora, a cousa alguma responder; com todas as licenças necessárias, Batávia, por Abrahão Kaisero, anno 1672; 48 p.; em 12.º.*

Na p. 85 assina: “De todos V.R.S. muy humilde Servo em Christo, João Ferreira A. d'Almeida. Ministro Pregador do Santo Evangelho, Batávia 12 de Agosto de 1671” (BL; único exemplar conhecido).<sup>79</sup>

<sup>76</sup> David Lopes afirma que esta obra deve ter sido impressa antes de 1700, pois fala-se de João Ferreira d'Almeida como se ainda estivesse vivo.

<sup>77</sup> O original destas *Cartas* encontra-se no Museu Britânico (carimbo), hoje, talvez na British Library (há cópia na DB).

<sup>78</sup> Nestas *Cartas*, Ferreira d'Almeida dirige-se ao Cavaleiro João Correia de Mesquita de Bengala, relatando o que se passou entre ele e os Padres católicos João Baptista Maldonado, Frei Manuel de Santa Teresa e Frei Hieronimo de Siqueira (ver DAVID LOPES, *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente, durante os séculos XVI, XVII e XVIII*, Porto, Portucalense Impress., 1969, p. 184-185).

<sup>79</sup> Para tudo o que se refere a João Ferreira Annes d'Almeida, incluindo o *Catálogo* das suas obras,

## Livros de cultura em português

Os missionários portugueses, quando chegavam às várias partes do mundo (Ásia, África e Brasil), aprendiam as línguas dos povos a evangelizar e faziam vocabulários ou dicionários e gramáticas das línguas nativas. Agora, dado o uso corrente da língua portuguesa nesses mesmos lugares, são os missionários protestantes da Dinamarca, Holanda, Bélgica e Inglaterra, etc., que sentem necessidade de terem textos em língua portuguesa. Assim aconteceu, por exemplo, em Tranquebar, como veremos seguidamente.

1715. *A B C D E F G... 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0*, Tranquebar, 1715; 12 p.; em 12.º. *A Portuguese alphabet, largely comprising prayers for catechists. That part of the imprint enclosed in square brackets is from the colophon* (BNC, Hj 486 8º/47-460, 8.º; BL, c-9125).

**Bartolomeu Ziegenbalg** (1683-1719). Este elemento fundamental da missão de Tranquebar foi autor de:

- *Gramática portuguesa e malabar*, Tranquebar, 1716; em 4.º.
- *Primeira Parte da Gramática Portuguesa...*, Trangambar, 1726.<sup>80</sup>

**Nicolau Dal** (séc. XVIII). Recebeu a ordenação de pastor em Tranquebar. Ainda jovem, dedicou-se ao estudo do tamil e do português. Foi autor de uma Gramática em português, publicada em 4 partes entre 1725 e 1731. Apresenta-se assim:

1725. *Primeira Parte da Gramática Portuguesa, convém a saber, as conjugações dos verbos regulares e irregulares, para o uso da escola portuguesa de Trangambar*, Trangambar, na Of. Real Missão de Dinamarca, 1725; 64 p.; em 8.º (BNC, 47- 459 8.º; BSOSL; BL, c-9125; Biblioteca Danica).

— 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1733; 4, 64 p.; em 8.º; notas ms (BNC, 47-459 8.º; BNF; BEP; BL, c-9125).

— 2.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1738.

1726. *Segunda Parte da Gramática Portuguesa, convém a saber, a prosadia ou acentuação das dicções portuguesas, proposta em regras e exemplos como também em vocabulário de nomes acentuados, conforme a ordem do ABC. Para o uso da escola Portuguesa de Trangambar*, Trangambar, na Of. da Real Missão de

---

ver o vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes, d'Almeida*.

<sup>80</sup> Referida por Fabrício, *Lux Salutaris Evangelica*, p. 596; 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edição.



Dinamarca, 1726; 40 p.; em 8.º; por Nicolau Dal, “qui etiam tertiam partem eddidit” (BNC, 47-459 8.º; BSOSL, FS Halle 63 F 11; BNF; BL, c-9125).<sup>81</sup>

— 2.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1751; 40 p.; em 8.º (BNC, 47-459 8.º; BSOSL; BL, c-9125 DCF: T218022; David Lopes, p. 248).

1732. *Terceira Parte da Gramática portuguesa, convém a saber, os adágios mais úteis e mais usados, que em parte, mostram o como as cousas sucedem no mundo, em parte, dão bons avisos para viver no Mundo. Juntamente com algumas frases adagiais e notícias históricas. Para o uso da escola portuguesa de Trangambar. Segunda impressão*, Trangambar, na Oficina da Real Missão de Dinamarca, anno de 1732; 44 p; em 8.º (BNC, Hjelmst. 2036 b).

Sendo esta a Segunda impressão, a primeira foi em 1727 (Niecamp, II, p. 169; Francke, Parte III, p. 935; David Lopes, p. 249). Este autor, que aqui seguimos, apresenta muitas notícias históricas sobre Portugal no Oriente, sobre a Holanda, França e a História de Tranquebar, com uma relação das obras editadas nesta missão dinamarquesa (p. 249-251).

— 3.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1782.

1731. *Quarta Parte da Grammatica portugueza, convém a saber, hum vocabulário em portuguez e malabar, que contem os Nomes, Verbos e Advérbios de ambas as línguas, que são mais usados no trato cotidiano, e dos quaes os vocábulo malabares vão impressos com o carácter tamul, e juntamente com letra portugueza. Para uso da escola portugueza de Trangambar*, Trangambar, na Off. da Real Missão de Dinamarca, 1731 [En Portugisisk A. B. C.]; 72 p.; em 8.º; só teve uma edição (BNP, “Sanskrit 1096”; BNC, Hj 2037, 8º/47-459, 8º (2 ex.); BNF; BSOSL; BEP; BL, c-9125).

1712. *Abcdefghijklmnopqstuvwxyz. Tranquebar, Anno 1712*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, Na estampa dos Missionários del Rey de Denmark, 1712; 12 p.; em 12.º

— 2.<sup>a</sup> edição, 1715; um século depois ainda se imprimia com o nome de “Cartilha”. Ver *Cartilha* de 1812 (BNC; BL, c-9125; David Lopes, p. 234-235).

## Literatura epistolar

**Bartholomaeus Ziegenbalg** (1683-1719). Escreveu:

- *A Letra a o muy reverendo Senhor George Lewis, o ministro da Palavra de Deus em Madraspatnam, na qual se dá aviso da ordem e instrução que se trata nas*

<sup>81</sup> Referida por Fabrício, *Lux Salutaris Evangelica*, p. 615-617.

*escolas da charidade da Igreja chamada Jerusalém, em Tranquebar*, Tranquebar, com letras dos Missionários Reaes de Dennemarck, no anno de Christo de 1713; 16 p.; em 4.º

— A publicação em inglês, em Oxford, leva a data de 1715; Barth. Ziegenbalg e J. E. Gründler foram os editores (BNC, Hjelms, 456 4.º; BL, c-9125; David Lopes, p. 237-239).

O autor da carta afirma que escreve em português para melhor facilitar a tarefa, ou seja, para tornar mais conhecida a sua Carta. Diz que há três escolas em tamil, 1 em português e 1 em dinamarquês, e acrescenta: “Depois do meio-dia, da 1.<sup>a</sup> até à 2.<sup>a</sup> hora todos frequentam a escola portuguesa para aprender lá a língua portuguesa; em todas as ocasiões também se exercitam na fala”. Diz ainda, sobre a escola portuguesa: “Os dinamarqueses também lêem o *Novo Testamento* português”. Na p. 13, ao falar de livros e escolas: “E quem negará que a corrupção da Língua Portuguesa em Índia em maior parte não proceda desta falta das bem ordenadas Escolas e da privança de livros?”. Por isso, apresenta seguidamente uma grande lista de livros presentes na Biblioteca da Missão de Tranquebar (ver abaixo). Em certa passagem afirma-se mesmo:

“We obtain a number of book in the malabar language prepared by Catholics, which almost led us into dangerous heresies, but not into an understanding of the language or a Christian style of writing (...) The best book so necessary and so useful was their Gospel-book (...) and use them in our daily conversation”.

Isto significa que os católicos tinham um Novo Testamento em português? Qual? Só podia ser o de João Ferreira Annes d’Almeida de 1681, o de 1693 ou de 1712. Não existia outro Novo Testamento em português.

Nota: ver também as *Cartas* que se encontram acima na “Literatura de controvérsia católico-protestante”.

### Calendários litúrgicos

- *O calendário polo anno 1713, depois do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo*, Tranquebar, na Estampa dos Missionários Reais, 1712; 8 p. não numeradas; em 16.º (BSOSL; B. Danica 1, p. 159-162).
- *Calendário polo anno de 1726*, Trangambar, Of. da Real Missão de Dinamarca, 1725; 4 p.; em 16.º (SPCK, File 7 f.23; BL, c-9125).
- *Calendário polo anno de 1774, que he hum anno commum, computado conforme o estilo novo*, Trangambar, Of. da Missão, 1773; 16 p.; em 12.º gr. (NSUG, 8.º-H.subs.8830; BL, c-9125).

- *Calendário polo anno de 1781 que he hum anno comum computado conforme o estilo novo*, Trangambar, Of. da Missão, 1780; 16 p.; em 16.º (BSOSL, EA.78.25/l; BNC, 19-192 8º; BL, c-9125).
- *Calendário polo anno de 1781, 1789 e 1792*, Trangambar, Of. da Missão, 1781; em 8.º (BNC, 19-192).
- *Calendário polo o anno de 1789, que he anno commum computado conforme o estilo novo*, Trangambar, Of. da Missão, 1788; 16 p.; em 8.º (BNC, 19-192 8.º; BL, c-9125).
- *Calendário para o anno de 1792 que he anno bissexto computado conforme o estilo novo*, Trangambar, Of. da Missão, 1791; 16 p.; em 8.º (BNC, 19-192; BL, c-9125).
- *Calendário para o anno de 1795 que he anno commum computado conforme o estilo novo*, Trangambar, Of. da Missão, 1794; 16 p.; em 8.º; a folha final tem um índice (BNC, 19-192, 8.º; BL, c-9125).
- *Calendário para o anno de 1798 que he anno commum computado conforme o estilo novo*, Trangambar, Of. da Missão, 1797; 16 p.; em 8.º; a folha final tem um índice (BNC, 19-192, 8.º; BL, c-9125).
- *Calendar of volume containing Notifications (1779 to 1824) issued by the Danish administration at Tranquebar* (Danish records, serial n.º 1), Madras, Governor Press, 1908; 13 p.; 33x21 cm (BNC, As. 38560; fol.). Aqui se afirma:

“Admiral Gjelde built the fort ‘Dansborg’ and surrounded the town with wall to protect the inhabitants... as a result of this Tranquebar as well as the other Danish colony Serampore in Bengal were taken possession of by English in 1808. The colony remained in the hands of the English up to 1815, when it was handed over to Danmark again” (Prefácio).

### Listas de livros de Trangambar / Tranquebar

Em Tranquebar aparecem com alguma frequência listas de livros. Assim, Ziegenbalg enviou um catálogo de livros para Halle, onde constam 14 livros escritos por ele próprio e por outros em tamul, afirmando:

“21 books written by papist authors that is *Roman Catholic Missionaries*, who had been a long time before on that coast, and had studied the language. Amongst these he particularly notices one for the fluency he had acquired, whose equal had not since appeared amongst the Papist Missionaries, ‘for now there are very few amongst them who trouble themselves much about the language or could compose any thing in it’” (Fenger, p. 33).

Há mesmo o título de um catálogo dos livros de Tranquebar, como se segue.

1714. *Catálogo dos livros da Biblioteca da Missão*, Trangambar, Real Missão de Coromandel, 1714; em 8.º (BNC; David Lopes, p. 173).

— 2.<sup>a</sup> edição, ib., 1721; em 8.º. O título encontra-se em Francke, Parte III, p. 930.

Apresentamos a lista de uma carta do missionário inglês Lewis (p. 14-16), que é uma outra relação de livros de Tranquebar, afirmando o seguinte: “... aqueles livros que, passados seis anos, em ambas as línguas temos escritos: Em língua malabárica de nos outros estão escritos e traduzidos os seguintes livros:

1. *O Novo Testamento*
2. *A Theologia*
3. *Compêndio theológico*
4. *História do Velho Testamento*
5. *Os Evangelhos e as Epístolas em dias de festas e Domingos ordenados*
6. *O catecismo de Lutero*
7. *A unidade cristã*
8. *Vinte e seis pregações sobre os artigos de fé*
9. *Onze sermões de diversas matérias*
10. *Quatorze pregações sobre os artigos teológicos*
11. *História de Cristo*
12. *A ordem da Salvação*
13. *A scriagrafia sobre as quatro principais Religiões do Mundo*
14. *História Eclesiástica e perguntas e respostas*
15. *Diversas cartas aos Dâmulos*
16. *As cartas da Europa e os cristãos da nossa Igreja*
17. *A lettra de Madras e os membros da nossa Igreja*
18. *O caminho da Salvação*
19. *Os ritos da Igreja Danica*
20. *O livro das cantigas conforme as melodias da Europa*
21. *O livro das cantigas conforme a música malabárica*
22. *Christaãs orações*
23. *Breve compêndio de toda a Christaã doutrina*
24. *O catecismo com perguntas e respostas*
25. *O dicionário no papel escrito*
26. *O dicionário com observações onde debaixo de cada primitivo estão escritas as derivações*
27. *O dicionário poético*

28. *O livro de Aritmética Malabárico*
29. *O livro de ajuntar as letras*
30. *O livro do ABC com as suas variações*
31. *Christãos. Regras de vida*
32. *Gramática malabárica* em papel, de Ziegenbalg (*Gramática Latino-Tamúlica*), Trangambar, 1738”.

E o referido Ziegenbalg acrescenta: “Além destes livros, possuímos ainda:

- De missionários da Romana Igreja escritos – 14 livros
- De Theologia, Medicina e Philosophia malabárica – 156 livros
- De religião de Mafoma ou dos Mouros – 12”.

“Em língua portuguesa possuímos os seguintes livros:

1. *O livro do ABC*
2. *A Ordem da Salvação ou a doutrina Christã brevemente em perguntas e respostas declarada e provada...*, Tranquebar, Índia Oriental na Costa de Coromandel, Estampa dos Missionários del rey da Dennemark, 1712.
3. *Sumário das Christãs doutrinas por uso dos Catechumenos*, Tranquebar, no ano de Christo de 1715.
4. *Explicação da Doutrina Christã segundo a ordem do Cathecismo, em perguntas e respostas proposta. Estes quatro cadernos na estampa são imprimidos*
5. *O Compêndio Theológico, escrito*
6. *O livro das orações, escrito*
7. *O livro das cantigas, escrito*
8. *Os ritos eclesiásticos conforme o uso da Dennemark, escritos*
9. *O dicionário escrito em 4<sup>to</sup>*
10. *Gramática Portuguesa, escrita*
11. *O Novo Testamento em 8<sup>vo</sup>*
12. *O Novo Testamento em 4<sup>to</sup>*
13. *O livro de Oração conforme o uso de Inglaterra, juntamente com os Salmos de David*
14. *O Cathecismo e Liturgia das igrejas Christãs Reformadas*
15. *Breviário de Religião Christã em maneira de Diálogo*
16. *Compendioso exame dos principais pontos da religião christã*
17. *Gramaticae pro Lingua Lusitana addiscenda latino idiomati*
18. *Diálogo Rústico e Pastoril entre o Cura de hua aldeia e hum pastor de ovelhas... Compreendendo as razoes do... Padre João Bautista Maldonado... contra as de João Ferreira A d’Almeida.*
19. *Primeira parte da História de S. Domingos particular do Reyno e Conquistas de Portugal*

20. *Compêndio e Sumário de confessores, tirado de toda a substância do manual, copiado e abreviado por hum relegioso Frade menor*
21. *Obras espirituais posthumas do venerável Padre Fr. António das Chagas, Missionário*
22. *Dicionário, escrito em fol.*

Em tal maneira se acham agora em nossa Bibliotheca Malabárica e Portuguesa 237 diversos livros e autores (...).

Tranquebar, em Índia Oriental, na Costa de Coromandel, no 7 mez de Abril do anno de 1713.

Por rogos e agradáveis serviços, muito obrigado.

Bartholomeo Ziegenbalg

João Ernesto Gründler”.<sup>82</sup>

1767-1845. *List of Marriages registered in the Danish church register of Sion Church*, Tranquebar, 1767-1845; 9 p.; 33x21,5 cm (com poucos nomes portugueses).

### Fim das publicações em Tranquebar

No início do séc. XIX, as possessões portuguesas no Oriente e Extremo-Oriente ficaram reduzidas à mínima expressão: apenas Goa, Damão e Diu, assim como Macau e Timor, que permaneceram portuguesas até ao séc. XX. Nessa altura, os holandeses perderam também grande parte das suas colónias e os dinamarqueses a sua jóia da coroa, Tranquebar. Tudo a favor do império britânico. O idioma português no Oriente cedeu também ao domínio dos ingleses. Deste modo, as comunidades cristãs europeias e indígenas fundiram-se, ficando muitas vezes a língua portuguesa apenas como língua litúrgica.

Poderíamos resumir, com David Lopes, a ação dos portugueses no Oriente:

“O século XVI no Oriente é só português. Formou-se então em todos os portos onde chegava o tráfico da nossa gente uma “língua franca” ou português simplificado – indo-português e malaio-português, segundo as regiões em que se falava, principalmente – que servia para essas relações comerciais. Assim se supria a dificuldade de saber tantas línguas (...). Um século de vida fortemente activa e empreendedora explica naturalmente aquele facto. O século XVII não é só português. Holandeses, ingleses, dinamarqueses, franceses, espanhóis, etc. vão disputar-nos esse tráfico ou esse domínio político (...). Devido à nossa união com a Espanha, eles não eram só concorrentes comerciais, eram inimigos políticos e religiosos. Foi isso que nos fez perder tantas posições que pareciam sólidas (...). Depois de um século de luta, a acção portuguesa naquelas partes reduziu-se cada vez mais e o século XVIII é todo ele de decadência acentuada”.<sup>83</sup>

<sup>82</sup> Para os livros em português de Tranquebar, ver Fabrício, *Lux Salutaris Evangelica*, p. 615-616.

<sup>83</sup> David Lopes, *A Expansão...*, Barcelos, edição de Portucalense Editora, 1936, p. 25-26.

Apesar da visão bastante pessimista deste estudioso da nossa língua no Oriente, todo este capítulo manifesta que esta decadência foi relativa, tendo em conta sobretudo Batávia, Tranquebar e Ceilão, como estamos a ver e veremos ainda mais abaixo.

### Bibliografia de Tranquebar

- BOER, Hans den, *Spanish and portuguese editions, from the Northern Netherlands in Madrid and Lisbon public collections: Toward a Bibliography of Spanish and portuguese editions from the North of Netherlands – 1580-1820*, em *Studia Rosenthaliana* 23-1 (1989), p. 38-77.
- Catálogo da Bibliotheca Danica*, Copenhaga, 1877, vol. I, coluna 12.
- Catálogo dos livros que se achão na bibliotheca da igreja chamada Jerusalém*, Tranquebar, 1714; 12 p.; em 12.º (Bodleian, MS. Rawl. D. 834; BL, c-9125).
- DAVID LOPES, *A expansão da língua portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*, Porto, Portucalense Impress., 1969, p. 213-233 [David Lopes].
- DE BRUYN, van Troostenburg, *De Hervormde Kerk in Nederl. Oost-Indië ouder de Oost Indië Compagnie*, Arnhemm, 1884 [A Igreja Reformada nas Índias Orientais Neerlandesas sob a Companhia das Índias Orientais].
- Der Königlich Dänisschen Missionarien aus Ost-Indie eingesandten ausführlichen Berichte* [Relatório apresentado pelos missionários da Real Missão da Dinamarca na Índia Oriental]. Com outro título:
- FENGER, J. Ferd., *História da Missão de Tranquebar*, em dinamarquês, inglês e francês, também por Emil Francke.
- History of the Tranquebar Mission, worked out from the original papers by J. Ferd. Fenger, published in Danish and Translated into English from the German of Emil Francke, Dr. Ph.*, Tranquebar, Evangelical Lutheran Mission Press, 1863; 324 páginas [Fenger].
- FRANCKE e FREYLINGHAUSEN (ed.), *Der Königlich Danischen Missionarien aus Ost-Indien eingessandter ausführlicher Berichten*, Halle, 1718-1722 (Bibliotecas de Paris e Londres).
- GRAESSE, Jean George Théodore, *Trésors de Livres Rares et Précieux ou Nouveau Dictionnaire Bibliographique contenant plus de cem mille articles....*, Berlim, 1922; “Biblia Lusitanica”, p. 398.
- Hallesche Berichte* [HB] para *Der Königlich Dänischen Missionarien aus Ost-Indien eingesandter ausführlichen Berichte*, 1-9 Teil, Halle, 1710-1748.



HEUSSEN, Hugo Franciscus van, *Batavia Sacra sive Res Gestae Apostolicorum virorum qui Fidem Bataviae primi intulerunt; in duas partes divisa*, Bruxelas, Francisco Foppens, 1714.

NIEKAMP, Jea Lucas, *Histoire de la Mission Danoise dans les Indes Orientales*, Genebra, Chez Henri-Albert Gosse & Comp., 1745 (traduzida do alemão; ver BEP, 11193-35-3, para o vol. I).

VAN DER CHIJS, J. A., *Proeve eener Nederlandsche Indische Bibliographie (1659-1870)* [Ensaio de uma bibliografia neerlandico-indiana], 1875; Reimpressão, Batávia Haag, 1880.

ZIEGENBALG, Bartholomaeus, & GRÜNDLER, Johann Ernst, *Thirty four Conferences between the Danish Missionaries and the Malabarian Bachmanes or heathen... Translated of the higt Dutch by Mr. Philipps*, London, 1719. Bibliographie Angloise, t. 5, p. 196.

ZIEGENBALG, Bartholomaeus, e PLÜTSCHO, Heinrich, *Propagation of the Gospel in the East: Being an Account of the Success of Two Danish Missionaries, Lately Sent to the East-Indies, for the Conversion of the Heathens in Malabar...*, London, 1711; em 8.º; Acta Erud. 1713, p. 233.

*Ziegenbalg ausführliche Berichte, wie der und seine Collegen das Werk der Evangelien unter den Heiden geführt haben* [Ziegenbalg, Relatórios detalhados, a partir de seus colegas, que trouxeram o trabalho do Evangelho entre as nações].<sup>84</sup>

Vv., *Neue Hallesche Berichte* [NHB] para *Neuere Geschichte der evangelischen Missions-Anstalten zu Bekehrung der Heiden in Ostindien*, Halle, 1710-1848; vol. 1-8.<sup>85</sup>

## 19.5. Obras de vários gêneros em indo-português

Depois de verificarmos as obras de caráter bíblico, religioso e cultural de Tranquebar e de Batávia, vamos agora apresentar as que apareceram num outro espaço geográfico e sobretudo no chamado *indo-português*, ou português crioulo. Uma grande quantidade de obras, de diferentes tipologias, aparece sobretudo em Ceilão. O autor, ou melhor, o tradutor destas obras foi o missionário protestante metodista Robert Newstead.

<sup>84</sup> São os relatórios da Missão de Tranquebar entre 1711-1726 (Santos Ferreira, p. 19). É uma coleção raríssima de 9 volumes in-folio (1000 páginas cada um), impressa em Halle, Saxónia, entre 1718-1772.

<sup>85</sup> Esta grande obra, tal como a anterior, constitui uma fonte fundamental para a história da missão de Tranquebar, já que Halle era a cidade universitária onde estudaram estes missionários e onde estava centralizado o movimento pietista e missionário ao qual pertenciam.

**Robert Newstead** (1788-?). Foi o primeiro missionário metodista wesleyano nomeado e residente na missão (protestante) de Negombo (Ceilão). Enquanto estava em Ceilão, ajudou a traduzir as Escrituras, hinos e orações em idiomas locais, para a língua portuguesa, já criouliizada, que aí se falava, assim como para outras línguas locais. Grande parte destas obras foram editadas em Colombo, antiga e atual capital de Ceilão / Sri Lanka. Este é, pois, o nome mais importante, como veremos seguidamente.

### Obras bíblicas

1739. *Het Heylige Evangelium... Jesu Christi ... Evangelisten Mattheus, Marcus, Lucas en Joannes uyt ... Singaleesche Tale...*, Colombo, Compagnies Boek-Drukkerye, 1739; 125 fol.; 27x21 cm; tradução dos Quatro Evangelhos em singalês, publicada por um editor holandês da capital daquela ilha (BNP, Bib. 135 V.).

1763. *CL Psalmos d'el Rey e propheta David, como tâobém os Cânticos espirituales usados 'na Igreja Reformada. Compostos pelo muy reverendo Padre d'a Igreja Portuguesa 'na cidade Batávia, Jacobo op den Akker e agora para uso da Igreja Portuguesa d'esta cidade. Com autoridade e licença de Magistrado desta Ilha de novo imprimidas pela cuidade [sic] de Sigisb. Abraham. Bronsveld, Ministro do Sancto Evangelho também na lingua Portuguesa e rector de Seminário*, pelo Pieter Bruwaart, Impressor de Illustre Companhia, na cidade de Colombo. Anno 1763; 6, 739 p.; 16,5x10,5.

Da p. 1-717 tem os Salmos com a notação musical; da p. 717 a 738 os seguintes hinos com música:

- A Ley de Deus
- Cântico de Maria
- Cântico de Zacarias
- Cântico de Simeão
- Padre-nosso
- Símbolo dos Apóstolos
- Cantiga pela manhã
- Cantiga para a noite; na p. 739: “Taboada d'os Psalmos que se cantam numa mesma toada” (BEP; BNH, 2117 D 22:1; David Lopes, p. 202-204; Belinquete I, p. 711).

1765. Outra edição da obra anterior: *CL Psalmos d'el Rey e propheta David* (David Lopes, p. 205).

1768. *Os CL Psalmos d'el Rey e Profeta David e outros Cânticos espirituais 'na Igreja Reformada Bélgica usados: em a língua Portuguesa compostos pelo Reverendo Padre Jacobo op den Akker. Aos quaes se acrescentarão o Catechismo, a Confissão d'a Fé e Liturgias d'a mesma Igreja. A quarta impressão. Pelo cuidado de Sigisbertus Abrahamsz Bronsveld, Ministro de S. Evangelho e Reitor d'o Seminario a Colombo*, pelo Johann Fredrik Christoph Dornheim, impressor d'a Illustre Companhia, a Colombo 'no anno, 1768; 22, 668, 8 p. (Museu de Batávia; David Lopes, p. 205-209; BNH, HKIH. 6-27). É uma reedição da edição de Batávia, 1763, também já editada em Colombo (acima).<sup>86</sup>
1778. *Os CL Psalmos d'el Rey e Propheta David como taobem outros canticos es-  
piritaies uzadas na Igreja Reformada. Compostos pelo muy Reverendo Padre da  
Igreja Portuguesa na cidade Batávia, Jacobus op den Akker e agora para uzo da  
Igreja Portuguesa desta cidade, com autoridade licença e magistrado desta ilha  
o terceiro imprimido*, Colombo, pelo Johann Fredrik Christoph Dornheim,  
impressor da ilustre Companhia na cidade, 1778; 8, 798 p.; com música (BL,  
ORB.30/754; BNH, 488 H 25).
1819. *O Evangelho forma de Santo Mattheos, trad. por Robert Newstead ne língua  
Portugueza de Ceylon*, Colombo Auxiliary, Of. Wesleyano, BFBS, 1819; 132  
p.; 21,5x13,5 cm (Darlow, 7612; BSS, 571.E19.1). Encadernado com porções  
do *Prayer Book*, de 44 p., e o Psaltério, Colombo, 1821 (Darlow, 7613).<sup>87</sup>
1821. *O Psaltério ou Psalmos de David, como apontado a ler nas igrejas traduzido  
em língoa portuguesa de Ceylon, e publicado por a Sociedade Bíblica de Colombo*,  
Colombo Auxiliary, Of. Wesleyana Lhitipor, 1821; trad. por Robert News-  
tead; 102 p.; 21,5x13,5 cm (Darlow, 7613).<sup>88</sup>

<sup>86</sup> Ver *Printers and Printing in the East Indies to 1850*, n.º 681, p. 422. Segundo Belinquete I, p. 712 “Esta edição tem também a Confissão da Fé da Igreja Reformada da Bélgica, a Confissão da Fé [Credo] do Concílio de Niceia, a Confissão de Fé de Santo Atanásio [Símbolo ‘Quicumque’] e melodias que vêm nos livros costumados holandeses de salmos e Liturgias d'a mesma Igreja”, citando David Lopes, p. 205-209.

<sup>87</sup> Todos estes livros em indo-português devem ter sido feitos a partir da Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida, neste caso, o Novo Testamento. Agora, a influência era inglesa e, na Inglaterra, João Ferreira de Almeida começou cedo a editar, tanto para Portugal, como para outros territórios de língua portuguesa. Como não havia uma outra tradução em português, era normal que assim tenha sido. A língua destes textos denuncia o português popular que se falava naqueles territórios, que estiveram sob domínio português ou que foram evangelizados na nossa língua.

<sup>88</sup> É um saltério para uso litúrgico e, de facto, é um apêndice de “A Forma da Oração Pública, e Administração dos Sacramentos, conforme a o uso da Igreja da Inglaterra, juntamente com o Psaltério... traduzido pelo Roberto Newstead, Missionário Wesleyano”.

1823. *Novo Testamento de Nosso Senhor e Redemptor, Jesus Christo* [Evangelhos], *traducido na língua Portuguesa usado ne Ilha de Ceylon*, Colombo, impresso na Of. Wesleyana, Compagny Boek drukkewe, BFBS, 1823; Tomo I. *Mattheos, Marcos, Lucas e Joam*; 216 p.; 16x10 cm. Trad. por W. Buckley Fox; “This appears to be an *interim edition*, issued while the complete N. T. was being prepared for publication in 1826” (Darlow, 7614; BSS, 571.E23).
1826. *O Novo Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Christi* [sic] *traduzido em indo-portugueza*, Londres, Of. de Trilling, Chelsea, BFBS, 1826; tradução por Robert Newstead; 502 p.; 22,5x13,5 cm; na capa diz: “Indo Portuguese Testament” (BNP, Bib. 716 P.; BL, 1004.g.2; Bodleian (2 ex.); BSS, 571.E26.1; Genève, RERO R006382119; Harvard Depository: Bi 102.826; Darlow, 7615).<sup>89</sup>
1826. *O Novo Testamento de nosso Senhor e Redemptor, Jesus Christo, Traduzido em Indo-Portugueza*, Londres, J. S. Hughes, 1826. É uma edição de bolso da anterior; 502 p.; 15,5x8,5 cm (Darlow, 7616; BSS, 571.E26.5; BL, 1004.g.2).
1826. *O Primeiro livro de Moyses chamado Génesis*, Londres, Of. de J. S. Hughes, BFBS, 1826; em indo-português; encadernado com os Salmos do mesmo ano; 94 p.; 14,5x8,5 cm (Darlow 7617; BSS, 571. E26.2).
1826. *O livro de os Psalmos*, Londres, Of. de J. S. Hughes, BFBS, 1826; trad. por R. Newstead; em indo-português; 112 p.; 14,5x8,5 cm; encadernado com Génesis referido em Darlow, 7617 (Darlow, 7618; BSS, 571. E26.2).<sup>90</sup>
1831. *O Novo Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Christo, traduzido ne Indo-Portugueza*, Colombo Auxiliary, Impresso na Officina da Missão Wesleyana, 1831; 2500 ex.; 2 col.; letra capitulada a 2 linhas; sem notas nem referências; sem autor; nova edição revista por B. Clough; sem paginação (ca. 400 p.); folha dourada; 22x13,5cm (BSS, 571. E31; Darlow, 7619; WorldCat; LC, BS2176.3).
1832. *O primeiro livro de Moses chamado Génesis*, Colombo Auxiliary, Of. da Missão Wesleyana, BFBS, 1832; trad. por Robert Newstead, B. Clough e ou-

<sup>89</sup> Darlow informa: Neste ano foi feita uma separata deste NT com 1000 ex. dos Evangelhos e Actos; e ainda: O primeiro rascunho desta versão parece ter sido feito por R. Newstead e revisto por uma comissão constituída por 3 europeus e 6 portugueses. Eduardo Moreira diz que “Roberto Newstead era missionário metodista”; fez esta edição “seguida de outra versão melhorada, em 1852, e ainda outra que não a sobrelevou, de J. W. Gomes, em 1885” (em “Versões Bíblicas”, Separata da Grande Enc. Port. e Brasileira, p. 12).

<sup>90</sup> Encontra-se uma nota no Darlow, 7618, que refere deste mesmo ano uma edição completa do “Prayer-Book”, incluindo o Saltério, etc.

tros; indo-português; sem paginação; 22 cm (BSS, 571.E32). É parte do Pentateuco de 1833.

1833. *Os Cinco Livros de Moises* [sic]... e também o Livro de Salmos, traducido no portuguez de Ceylon, por Robert Newstead e B. Clough, Colombo, 1833; 354 p. (Pentateuco); 108 p. (Salmos); 2500 ex.; 22x14 cm (BL, 1108.e.1; Darlow, 7620). Título em inglês:

— *The Pentateuch and Psalms in the Indo-Portuguese language*, Colombo, for the Bible Society, 1833; em 8.º.<sup>91</sup>

A tradução do Antigo Testamento para Colombo foi iniciada por R. Newstead, que foi substituído por B. Clough; em 1831-32 traduziram os livros de Gênesis a Levítico 13,5, que foram impressos em Colombo como edição experimental. Com a ajuda da BFBS em dinheiro e papel, as duas partes da Bíblia deste volume foram impressas em 1833 com 2500 exemplares. Os Salmos vêm como apêndice do livro (Darlow, 7620).

1833. *O Livro de Salmos*, Colombo Auxiliary, BFBS, 1833; 108 p.; em indo-português, separata da edição anterior, com a mesma capa; em 8.º; traduzido por Benjamin Clough; “In supra: Pentateuch [Portuguese-Indo-Portuguese]. *Os Cinco Livros de Moises*, etc.” É certamente parte da obra anterior e não um livro diferente. Por isso, o editor do *Catalogue Darlow and Moule* refere a obra anterior (BL, 1108.e.1).

1848. *Os Dez Mandamentos* (Êxodo 20,3-17), em latim, português, inglês e maratá, Bombaim, 1848; 16 p.; 13 cm (Orbis-Yale University Library - American Oriental Society, Room 329).

1848. *O Novo Testamento*, Colombo, 1848; 1000 ex.; 16, 18, 447 p.; 19 cm (Darlow 7621).

1851. *O Santo Evangelho Conforme de Santo Matheos trad. por Robert Newstead ne Indo-Portugueza*, Londres, Of. R. Clay, BFBS, 1851; 2 col.; letra capitulada a 2 linhas; 57 p.; 22,5x14 cm (BL, 3022.f.4; Darlow, 7622; BSS, 571.E51; LC, BS2574).

1852. *O Novo Testamento de Nossa* [sic] *Senhor e Salvador Jesus Chisto, traduzido ne Indo-Portugueza*, Colombo, Impressado ne Officina da Missão Wesleyano, 1852; é reedição melhorada de 1826; trad. por R. Newstead, mais tarde revisto por Clough, Newstead e outros; 2 col.; sem notas; 2000 ex.; 502 p.; 22x14 cm

<sup>91</sup> O livro dos Salmos aparece como suplemento do Pentateuco. Por isso, o editor do *Catalogue* diz: “Os Cinco Livros de Moises, etc., 1833, 8.º.” E acrescenta: a mesma cota da BL para as duas obras: 1108.e.1.

(BNP, 11234; BEP, 11234; Darlow, 7623; BNM, 2/30952; BL, 3068.c.20; BSS, 571. E52; Swissbib, ID: 030612527; TBSL, BV/491: 440).<sup>92</sup>

1852. *Bíblia Sagrada*, Colombo, Of. da Missão Wesleyana, 1852; em 4.º (BEP, 11234).

1867. *O Evangelho Segundo Mattheus*, Lisboa - Londres, Typographia Eduardo Roza, SGM, 1867; 128 p.; 11 cm; “Guarde-se na algibeira e leia-se diariamente” no frontispício (BSS, 213.E67.7).

1867. *O Evangelho Segundo Lucas*, Lisboa - Londres, Typographia Eduardo Roza, SGM, 1867; 136 p.; 11 cm; “Guarde-se na algibeira e leia-se diariamente” no frontispício (BSS, 213.E67.8).

1867. *O Evangelho Segundo João*, Lisboa - Londres, Typographia Eduardo Roza, SGM, 1867; 103 p.; 11 cm; “Guarde-se na algibeira e leia-se diariamente” no frontispício (BSS, 213.E67.9).

Nota: Estes livros bíblicos em indo-português devem ter sido feitos a partir da tradução de João Ferreira de Almeida, ou, os mais tardios, utilizando as edições de Tranquebar. Não se compreende que tenham sido feitos a partir dos originais para uma língua que era o português falado nos territórios portugueses da Índia. Por isso, os autores mencionados devem ser apenas adaptadores da linguagem do português de Almeida, mudando algumas palavras, de modo semelhante ao que se faz hoje em relação ao português falado em Portugal e no Brasil.

## Obras de liturgia

Nesta altura, a liturgia inglesa influenciou grandemente a liturgia oriental do então império inglês. Por isso, são traduzidas e adaptadas as obras litúrgicas da *Church of England*. Começamos precisamente por este livro litúrgico.

## Livros da Oração Comum (da Igreja Anglicana)

1695. *O Livro de Oração Comum e administração dos Sacramentos e outros ritos & Cerimónias da Igreja, conforme o uso da Igreja de Inglaterra: juntamente com o Saltério ou Salmos de David apontados assim como devem ser cantados ou resados*

<sup>92</sup> Notas: “The revision of the N. T. was eventually completed in Ceylon, and not by R. Newstead in England” e “Though the title is dated 1852, this edition (2000 copies) appears not to have been actually published til 1854” (Darlow, 7623). O catálogo da BL diz que o NT de 1852, com 502 páginas, é de Colombo, e foi revisto por R. Newstead; é uma reedição de 1826, em Colombo (BL, 3068. c. 20).

*nas igrejas, e a forma e modo da ordenação e consagração de bispos, presbíteros e diáconos*, Oxford, Estampa do Teatro, 1695; em fol.; 36x23 cm. Aparentemente, foi feito para os cristãos do Oriente (Darlow, 7467; Adler, n.º 1789).<sup>93</sup>

1783. *O livro da Oração comum...*, Calcutá, Missão inglesa, SPCK, 1783; 182,4 p.; 18 cm (BL).

1793. *O Livro da Oração Comum...*, Calcutá, Of. da Missão Inglesa, 1793; sem os Salmos; em 8.º (Darlow, 7485).<sup>94</sup>

1800. *O livro da Oração comum e administração dos sacramentos e outros ritos e cerimónias da Igreja conforme o uso da Igreja de Inglaterra*. Em Vepery, Of. da Missão Inglesa. Anno de 1800; sem Salmos; 2 col.; 19, 201, 4 p.; em 8.º (BL; BEP; David Lopes, 211-212). É uma reedição do de Oxford, 1695.

Contém:

A ordem da oração da manhã; de cada dia do ano, p. 1-15;

A ordem da oração vespertina; de cada dia por todo o ano, p. 15-27;

O Credo de Santo Atanásio, p. 27-29;

A ladainha, p. 30-37;

As orações, p. 38-42;

As graças, p. 43-45;

As colheitas, p. 46-77;

A santa comunhão, p. 78, etc.

1817. *O Livro da Oração Commum e administração dos Sacramentos e outros ritos... conforme o uso da Igreja de Inglaterra*, Colombo, Missão Wesleyan, 1817; 18, 186, 2 p.; 22 cm (BL; CBAP, n.º 1231).

<sup>93</sup> A edição deste livro litúrgico da Igreja da Inglaterra é mais ou menos a tradução de: *The Book of Common Prayer, According to the use of the United Church of England and Ireland, together with the form and manner of making, ordaining, and consecrating of bishops, priests, and deacons*, Londres, s. d. [fim do séc. XIX]; espécie de missal de altar; folhas douradas; letras capitulares a 8 linhas; imagens a preto e branco; muitas gravuras alusivas aos respetivos tempos litúrgicos; muitas notas de rodapé; XL, 712 p.; 26,5x18 cm (DB); ver o vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira d'Almeida*, p. 340-341. A Tradução em Portugal refere esta tradução portuguesa do presente ritual inglês, no n.º 394 deste ano de 1695. Encontra-se na Bodleyan de Oxford com a cota: C. P. Port. 1695c. Na obra de RODRIGUES, António Gonçalves, *O protestante lusitano: estudo biográfico e crítico sobre o Cavaleiro de Oliveira*, Coimbra ed., 1950, diz-se, na p. 167, o seguinte: "Podemos revelar os autores da versão portuguesa, que foram Benjamim Woodroffe, doutor em Teologia, e o rabi Isaac Abendana que, desde 1680, vivia em Oxford, onde ensinava hebraico. A indicação vem na *Bibliotheca Britannica* de Robert Watt, 1819-1824, col. 992, f. no artigo sobre "Woodroffe".

<sup>94</sup> Darlow, 7485, diz: "In 1793 there appeared at Calcutta 'na Oficina da Missão Inglesa', an octavo edition of de Prayer Book, omitting the Psalter. A similar edition appeared at Vepery in 1800".



1821. *A Forma de Oração Pública e Administração dos Sacramentos conforme a o uso da Igreja de Inglaterra, juntamente com o Psaltério...* Traduzido por Roberto Newstead, *Missionário Wesleyano*, Colombo, 1821; 102 p. (Darlow, 7613).  
— *Nova edição*, Colombo Auxiliary, Of. Wesleyana, 1821; trad. por Newstead; 44 p. (BL).
1826. *O Livro de Oração Comum e administração de os Sacramentos e outros ritos e cerimónias de a Igreja, conforme de o uso de a Egreja de Inglaterra: juntamente com o Psaltério, com Psalmos de David traducido em lingoa de Indo-Portuguesa...*, Londres, G. Ecleston & J. Henderson, BFBS, 1826; inclui os Salmos traduzidos por R. Newstead e impressos na mesma Oficina; 239, 124 p.; 23 cm (BL; SocBib; BSS, 571.E26.3/4).
1844. *O Livro da Oração Commum...*, Londres, SPCK, 1844 (BL). Inclui o Saltério, Epístolas e Evangelhos da liturgia e outras passagens da Escritura.
1844. *O Livro da Oração Commum* (em português), Madras, SPCK, 1844; 28, 174 p.; 18 cm (BL).<sup>95</sup>
1849. *Livro de Oração Comum, administração dos sacramentos e outros ritos e cerimónias da igreja; segundo o uso da igreja unida a Inglaterra e Irlanda; segue-se o Saltério ou Salmos de David apontados assim como devem ser cantados ou resados nas igrejas, e a forma e modo da ordenação e consagração de bispos, presbíteros e diáconos*, Londres, Of. de Guil Watts United, SPCK, 1849; XVI, 18, 447 p.; 19 cm (BSS, 213.E49; WorldCat; CBAP, n.º 1232).
1852. *Livro de Oração Comum, administração dos sacramentos e outros ritos e cerimónias da Igreja; segundo o uso da Igreja unida a Inglaterra e Irlanda; segue-se o Saltério ou Salmos de David...*, Grã-Bretanha, Of. de Guil. Watts, 1852; XVI, 18, 447 p.; 18 cm (BNP, R. 35944 P.).
1874. *Livro de Oração Commum, segundo o uso da Igreja Protestante Episcopal nos Estados Unidos da América, junto com o Saltério...*, NY, publicado pela Igreja

<sup>95</sup> Santos Ferreira, p. 33-34, afirma que Inocêncio não deve ter lido o prólogo da edição de 1661, pois afirma que foi esta a 1.ª edição em português; mas a verdade é que esta edição está em inglês e é dedicada a *sua Magestade*, que é o rei inglês Carlos II e não o nosso rei D. João IV. De todos os modos, esta edição portuguesa foi certamente editada para os protestantes da Índia, que falavam português, pois em Portugal não havia ainda Igrejas protestantes organizadas oficialmente. O livro de 1695 inclui a 1.ª edição do Saltério em português, os Evangelhos e as Cartas dos Apóstolos usadas na liturgia e outros extratos da Escritura. Não se trata, pois, de uma reprodução da edição inglesa. Ver Felix de Alvarado e ainda *Bibliography of Commun Prayer (1549-1999)* na BL de Londres.

Episcopal Protestante da América, 1874; 703 p. O texto bíblico parece ser o da Bíblia de Figueiredo (Darlow, 7541; SocBib).

1866. *Livro de Oração Comum, administração dos sacramentos e outros ritos e cerimónias da igreja; segundo o uso da igreja unida a Inglaterra e Irlanda...*, s. l., SPCK, 1866; XVI, 447 p.; 18 cm (BNP, R. 34975 P.).

1884. *O Livro de Orações, em uso na Igreja Lusitana, com o Saltério em versão atualizada*, Porto, 1884; contém uma versão recente do *Saltério de Figueiredo* (Darlow, 7551).

### Outros livros litúrgicos

1720. *Livrinho de orações de João Havermann emendado para o uso da Igreja Reformada, pelo Senhor Henrico van Diest, Doutor e Professor da SS Teologia na Academia de Hardevico e traduzido por Jacobo op den Akker, Ministro Pregador do Sancto Evangelho na Igreja Portuguesa da cidade de Batávia à petição de Thomé Anthonis Natural e Cidadão da mesma Cidade*, Batávia, Henrico Welzing e Allardo Freuenbroek, à custa do sobredito Thomé Anthonis, 1720; 221 p.; em 12.º (BMBL; BNH: 2.º t.; BNF; A Tradução em Portugal, 511; Belinquete I, p. 711).

1720. *A Sancta Cea de Jesu Christo Senhor, e Salvador nosso...*, Batávia, editado por B. Hakvoord, 1720; trad. por Jacobo op den Akker; 6, 332 p.; em 8.º (BNH).<sup>96</sup>

1723. *A Sancta Cea de Jesu Christo Senhor, e Salvador nosso, proposta em sua verdadeira preparação, actual uso e exercício depois do seu uso: Por hum silolôquio com a Alma, e aplica a os ânimos dos membros da Igreja Reformada como também alguns Psalmos e Hymnos que ordinariamente sob e depois da sua celebração se cantão. Por B. Harkvoord. Traduzida por Jacobo op den Akker, Ministro Pregador do S. Evangelho na Igreja Portuguesa da cidade de Batávia; impressa à custa de Thomé Anthonis, natural e Cidadão Mercador da mesma Cidade*, Batávia, Henrico Welzing e Allardo Frouenbroek, 1723; 6, 332 p.; em 8.º (BL; BNH; A Tradução em Portugal, 529; Belinquete I, p. 711; Davi Lopes, p. 196).<sup>97</sup>

Na última página apresenta: “Décimas em louvor do muy reverendo padre Jacobo op den Akker”. Autor: Aaron Dias da Fonseca. Padre Pregador.

<sup>96</sup> *Printers and Printing in the East Indies to 1850*; vol. I, Batávia, NY 1990.

<sup>97</sup> Também aparece com o título *Church service book* (em *Bibliographie van Nederlands publicaties over Portugal en zijn overzeese gebiedsdelen*, Utrecht, 1957, n.º 772).

1820. *A Forma da Oração Pública e Administração dos Sacramentos conforme o uso da Igreja de Inglaterra*, Colombo, Imp. Of. Wesleyana, 1820; 102 p.; 21 cm (BNP, L. 41428//2 P.).
1823. *Cantigas por Adoração Pública em Língua Portuguesa de Ceylon*, Colombo, Imp. Of. Wesleyana, 1823; trad.: Robert Newstead, missionário Wesleyano; Terceiro [sic] vez impressado; 212, 24 p.; 21 cm (BNP, L. 41428//1 P.; A Tradução em Portugal, 3858).
1855. *Salmos e hinos, e cânticos espirituais*, Londres, 1855; Seleção de Salmos em português; 95 p.; em 12.º (BL, 03440.bb.6.).  
— Lisboa, [impresso em Londres], ca. 1875; 281 p.; em 8.º (BL, 03440.bb.9).

### Obras de catequética

1714. *Sumário da Doutrina christã para uso dos catecúmenos*, Tranquebar, 1714; em 8.º.  
— António Ribeiro dos Santos fez um resumo deste catecismo, que leva o mesmo título (BNP, Cod. 4629).
1763. *Catecismo, que significa forma de instrução que se ensina em as escolas, e igrejas reformadas conforme a Palavra de Deus, posto por perguntas e respostas sobre os princípios da doutrina Christã*, Colombo, 1763; em 8.º; deve tratar-se da tradução do Catecismo de Lutero (de Heidelberg), impresso em Colombo por P. Bruwaert (BNH, 2117 D 22:2).<sup>98</sup>
1765. *Catechismo ou Instrução 'na Doutrina Christã, que se ensina 'nas Igrejas e Escolas d'as Congregaçoens Reformadas Bélgicas como tambem a Confissão d'a Fé e Lyurgia d'as mesmas Igrejas*, Colombo, 1765. Edição de Rogerius? (BNH, 1765: HKI);<sup>99</sup> ib., 1778 (BL, ORB 30/754).
1720. *Breve Compendio da Doutrina e Religião Christã, posto por LXXIII perguntas e respostas para uso daqueles que se querem ajuntar à Igreja de Deus e dignamente participar dos Sacramentos do S. Baptismo e da Sancta Cea; Composto pelos Ministros Pregadores do Sancto Evangelho da Igreja Reformada de Batávia no ano de 1685*, Batávia, por Henrico Welzing e Allardo Fruenbroek, 1720; 39 p.; em 12.º (David Lopes, p. 194-195; Van der Chijs, Suplemento, p. 14; Belinquete I, p. 711).<sup>100</sup>

<sup>98</sup> Encadernado juntamente com dois outros opúsculos (em David Lopes, p. 143-144).

<sup>99</sup> *Printers and Printing in the East Indies to 1850*, n.º 681, p. 422.

<sup>100</sup> David Lopes afirma que encontrou um exemplar na Livraria Fernandes Tomás donde copiou estes dados.

**Johan Maurits Mohr** (1716-1775). Este pastor de Batávia e colaborador na revisão da Bíblia de Almeida, escreveu:

1750. *Breviário de Religião Christãa da Verdade*, Batávia, por H. Mulder, 1750.<sup>101</sup>

1778. *Catechismo ou instrução na doutrina christãa que se ensina nas igrejas e nas escolas das congregações reformadas belgicas. Como também a confissão d'a fé e lyurgia d'as mesmas igrejas*, Colombo, J. F. C. Dornheim, 1778 (ver David Lopes, p. 210, citando W. Kloosterboer, o. c. p. 144).<sup>102</sup>

## 19.6. As missões católicas e a (não) ação do Padroado Português no Oriente

Até agora demos merecido relevo à ação do protestantismo na Ásia, sobretudo a partir de três centros nevralgicos: Batávia, Tranquebar e Ceilão. Mas, no que diz respeito às missões católicas, neste período, não poderíamos deixar no olvido o conhecido problema do Padroado português em terras asiáticas, devido à influência negativa que esta instituição exerceu nas missões católicas desta região. Não vamos aqui dissecar assuntos sobre a definição de Padroado ou sobre obrigações e vantagens do mesmo nessas regiões. Tudo isso é conhecido do leitor médio português. O certo é que, nesta altura, sobretudo no tempo do liberalismo, o referido Padroado foi mais um empecilho do que uma ajuda à evangelização católica.

### 19.6.1. As missões e o Padroado português

Com D. Maria II e o Estado Cartista fez-se uma convenção entre o Estado português e o papa Pio IX, em 1848, que levou a um entendimento sobre os dinheiros da Bula da Cruzada, dos Seminários, dos Cabidos, do Tribunal da Nunciatura Apostólica, dos conventos de freiras, da venda do património dos bens eclesiásticos e do magno problema do Padroado que, na prática, o governo português tinha abandonado. Por outro lado, este último queixava-se de que a romana *Propaganda Fide* enviava os seus missionários para esses territórios.

Antes disso, o governo de Lisboa, nada fazendo por essas Igrejas, proclamava, em calorosos discursos, a soberania religiosa sobre esses territórios asiáticos e africanos. Por isso, o cardeal Pedicini, em 1832, reclamava perante o representante de Portugal junto da Santa Sé que o rei português nomeasse bispos para as dio-

<sup>101</sup> Deste Catecismo fala C. A. L. van Troostenburg de Bruyn, 1893, em *Biographisch Woordenboek van Oost-Indische predikanten*.

<sup>102</sup> Também é anotado em *Les Indes Orientales, Catalogue des Livres sur les Possessions néerlandaises aux Indes... en vente... chez Frederick Muller et Co.*, Amsterdam, 1822, n.º 2114.

ceses vacantes, de que era patrono, e cumprisse outros deveres do seu patronato, ou renunciasse a ele.

Perante a ausência de uma resposta concreta, o papa Gregório XVI, em 1834, nomeou vigários apostólicos para as dioceses de Calcutá e Madrastra e, em 1836, para as dioceses de Maduré e Ceilão. Estes vigários tinham poderes episcopais, tendo o Papa determinado as suas competências. E, em 1838, com o Breve *Multa Praeclare*, suprimiu o padroado português fora dos territórios ultramarinos portugueses. Um percalço, porém, aconteceu: em 1843, Gregório XVI aceitou a nomeação real de D. José da Silva Torres para arcebispo de Goa e, nas Cartas Apostólicas, determinava os limites da sua nova jurisdição, que excluía esses vicariatos apostólicos.<sup>103</sup>

Mas, chegando a Goa, o arcebispo não fez caso e assumiu o encargo das dioceses de tais vicariatos, criando um grave conflito jurisdicional. Repreendido pelo próprio Papa, em 1845, foi acusado de perturbar o governo eclesiástico na região e exortado a sujeitar-se a Roma. Por isso, este *cisma de Goa* foi apenas sanado no governo de Pio IX, depois da concordata celebrada entre o Papa e D. Maria II, transferindo esse arcebispo para Portugal e nomeando-o Comissário da Bula da Cruzada. Logo a seguir foi nomeado sucessor do cardeal Figueiredo, arcebispo de Braga, com direito a sucessão.

O pior é que o bispo de Macau procedeu do mesmo modo que o de Goa, deslocando-se a Bombaim e a Ceilão, agindo como bispo dessas terras, pelo que os vigários apostólicos se queixaram a Pio IX, pedindo a excomunhão do bispo. O Papa respondeu com o Breve *Probe Nobis*, de 9 de maio de 1853, denunciando a atitude do bispo e de seus cúmplices, ao mesmo tempo que confirmava a autoridade dos vigários apostólicos. O governador da Índia pediu ao rei de Portugal para considerar o Breve do Papa como espúrio, sem valor jurídico, por lhe faltar o beneplácito régio. No parlamento de Lisboa, alguns deputados pediram ao

<sup>103</sup> Sobre a questão do Padroado português nos territórios asiáticos em colisão com as normas da *Congregação da Propaganda Fidei* para as missões dos territórios da Ásia, ver PRUDHOMME, Claude, *Problématiques missionnaires Catholiques du XIX<sup>e</sup> siècle*, em Congresso Internacional de História – Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas – Actas, vol. I, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1993, p. 140-144; ver ainda, OLAIO, Nuno, *Carlos Rademaker (1828-1885): Percurso do Restaurador da Companhia de Jesus em Portugal*, em Lusitania Sacra 12, 2.<sup>a</sup> Série, 2000, p. 91-92. A nomeação de vigários apostólicos, no lugar dos bispos, dado que Portugal não os enviava nem lhes pagava, conforme os compromissos assumidos com Roma, levou a esta decisão. Roma esperou também que o poder internacional, de que Portugal gozava até então, se tornasse cada vez mais frágil, para intervir com outras medidas nos territórios tradicionalmente atribuídos ao Padroado português (e à Espanha). Pode dizer-se que, no fim do séc. XIX, a *Propaganda Fidei* de Roma já mantinha sob a sua autoridade todos esses territórios, antes atribuídos ao Padroado dos dois países ibéricos. É então que começa verdadeiramente a formação dum clero indígena, com uma hierarquia própria (sacerdotes e bispos).

governo para dar a nacionalidade portuguesa aos eclesiásticos estrangeiros fiéis ao Padroado e admoestados pelo Papa.

Perante esta situação de *cisma* no Oriente, o núncio apostólico ameaçou sair de Lisboa. No acordo feito entre este e o ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães, ficou estipulado que o Padroado português se mantinha em Goa, Cranganor, Cochim, Meliapor, Malaca e Macau. Mas os conflitos continuavam entre os missionários estrangeiros dependentes da Congregação da Propaganda Fidei e os que dependiam do Padroado português, porque nem sempre os limites territoriais eram claros.

Para responder a estes e outros problemas do Padroado, o papa Leão XIII escreveu ao governo português de D. Luís I para se fazer uma nova concordata. Segundo a tal concordata, a diocese de Goa foi elevada a patriarcado, tendo como dioceses sufragâneas Damão, Cochim e Meliapor. Nas dioceses de Bombaim, Mangalor, Ceilão e Maduré, quando vagasse alguma delas, seria feita uma lista de três nomes, pelos bispos sufragâneos. Esta seria apresentada pelo Patriarca ao governo português, para este, por sua vez, propor um dos nomes ao Papa para futuro bispo. Como conclusão deste processo, os bispos portugueses enviaram ao Papa uma carta de felicitações por este acordo, à qual ele respondeu com a carta *Pergrata Nobis*. Aí denunciava a instrumentalização da religião pelos políticos, aconselhando também os católicos portugueses a unirem-se em favor da sua fé cristã.<sup>104</sup>

Em resumo: Desde o Marquês de Pombal, que expulsou os Jesuítas de todos os territórios portugueses, a degradação das missões portuguesas foi-se acentuando progressivamente com os governos liberais, até ficarem as missões quase todas abandonadas. Os políticos de então estavam mais interessados em manter os territórios sem as missões, o que, de facto, era impensável, nesse momento histórico.<sup>105</sup>

### 19.6.2. Obras religiosas de autores portugueses

Trata-se de autores naturais da Índia ou do Oriente em geral, e de outros portugueses que editaram obras nestas regiões orientais. Alguns deles, sobretudo bispos, podem figurar também noutros capítulos, devido ao género específico

<sup>104</sup> Sobre todos os problemas entre o Padroado português e as missões ultramarinas, ver CRUZ, Manuel Braga da, *Igreja e Estado*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (C-I), Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 401-406.

<sup>105</sup> Para um resumo dos procedimentos governamentais portugueses, nos séc. XVIII-XIX, contra as Ordens religiosas e as missões, ver SANTOS, Eduardo Manuel Cardoso dos, *O Estado Português e o problema missionário*, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1964, p. 9-19.

de obras que publicaram. Nesse caso, uma mesma obra, excepcionalmente, pode figurar em dois capítulos diferentes, como vemos ao longo de vários capítulos, como é o caso da que se segue imediatamente, ao figurar também no cap. 24.3.

**António dos Reis** - 2, Frei, OESA (?-?). Professou na sua Ordem na Índia, sendo um dos seus grandes talentos. Foi muito douto e versado no estudo de Teologia Polémica (Barbosa I, p. 367). Prova-o a seguinte obra, que deixou manuscrita:

- *Refutação das heregias modernas fundada sobre a sólida base da Sagrada Escritura*; 2 t.; em fol.

**António José Nicolau Barreto**, Pe. (ca. 1800-?). Foi um sacerdote natural de Goa. Escreveu:

- *Anno evangélico contendo discursos para todas as domingos e sermões para os diferentes dias, especialmente os penitenciaes da Quaresma, além dos panigiricos dos principaes mistérios e festas do anno eclesiástico*, Margão, Typografia do Ultramar, 1861; 2 vol.; 19 cm (CBAP, n.º 174).

**António Pereira**, SJ (1817-1876). Era natural de Goa. Depois de ter estudado e ensinado no Seminário de Rachol as ciências próprias do estado eclesiástico a que se destinava, veio para a Europa em 1841; depois de curta demora em Lisboa, seguiu para Roma, como aluno da Universidade Gregoriana, onde se doutorou. Mais tarde, veio a ser missionário apostólico em Bombaim e Goa.<sup>106</sup> Escreveu:

- *O devoto das sete dores de Nossa Senhora, traduzido em português* [do italiano] por António Bernardes Pereira, *Consul português em Surrate*, Goa, 1863; XXII, 114 p.
- *Thesouro celeste, ou o christão instruído nos seus deveres, e nos meios para conseguir a perfeição evangélica*, Bombaim, Typ. Bombay Summacher, 1857; 297 p.; em 16.º gr.
- *Estudante de Jesus Crucificado, ou a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, conforme a narração dos quatro evangelistas, exposta e meditada*, Bombaim, 1860; VIII, 126 p.; em 12.º gr.
- *Guia Cristão ou direcções, preces e meditações para encaminhar o cristão conforme as máximas evangélicas*, Bombaim, 1860.
- *Neo-Sacerdos ad rite numes sacerdotale obeundem*, Bombaim, 1860.
- *Neo-confessarius*, Paris, 1850.

<sup>106</sup> Sobre o autor e as suas obras, ver Inocêncio VIII, p. 272; Serafim Leite, tomo 12, col. 2629.



- *O Amante da boa morte*, Goa, Typ. da Índia Portuguesa, 1863; IV, 145 p., e mais cinco de índice e errata; em 16.º.
- *O ano litúrgico das festas, histórica, dogmática e asceticamente exposto*, Goa, Typ. do Ultramar, 1864; 5 vol.; em 8.º. Além da exposição histórica e dogmática das festas e mistérios, contém sermões, práticas, homilias e panegíricos próprios para instrução dos fiéis e acomodados ao púlpito.<sup>107</sup>
- *O sacerdote santificado pelos exercícios espirituais.... Distribuídos para 8 dias de retiro*, Goa, 1861; em 8.º.
- *Pius sacerdos a sancto Missae sacrificio. Opus revisum*, Goa, 1865; 431, 3 p.; em 16.º.
- *Retiro anual para aqueles que desejam conseguir a salvação eterna*, Bombaim, 1866; 159 p.

Consta que quase todos os livros deste autor foram publicados em Bombaim, pois António Pereira terá sido expulso de Goa em 1853.

**Eufrosina Pais de Noronha** (1790-?). Durante a sua presença em Goa, escreveu:

- *A Fé triumphando na Índia Portuguesa com um relato da solene exposição do corpo de S. Francisco Xavier*, em 3-XII-1859, em A Nação, n.º 3686.
- *Os Milagres de S. Francisco Xavier e a Pastoral do governador do arcebispado de Goa*, ib. n.º 3952.<sup>108</sup>

**Eugénio Gomes**, Pe. (?-?). Foi um sacerdote missionário português em Goa. Compôs:

- *Cathecismo da Doutrina Christam – Cristanchi Sastrazza Cathexismo*, Roma, Estamparia da Sagrada Congregação de Propaganda Fide, 1778; em língua portuguesa e marasta / marastra (Belinquete I, p. 435.654.686).

**Eugénio Trigueiros**, Frei (séc. XIX). Escreveu:

- *Nomes de cousas e mezinhas em portuguez e industam, ou persio. É fragmento de um Vocabulario daquellas linguas segundo a ordem do alfabeto portuguez. Chega à letra ff, e palavra Maçãa*. “É obra de Frei Eugenio Trigueiros. A este fragmento alude o Sr. Cenáculo no Elogio de Fr. Joaquim José Pimenta a fl. 23 do original, que se pode ver no n.º 128 do *Panorama* de 8 de Junho de 1844,

<sup>107</sup> Sobre o autor e as suas obras, ver Inocêncio VIII, p. 272; Serafim Leite, tomo 12, col. 2629.

<sup>108</sup> Ver DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1971, p. 266.

p. 179, aonde, por minhas diligências, saiu impresso um trecho do mesmo *Elogio*” (BPE, Cod. CXV/2-9 a fl. 215).<sup>109</sup> Ver o autor em 19.6.3.

**Faustino da Graça**, Frei, OESA (?-?). Era natural de Goa e escreveu várias obras. Entre elas, mencionamos:

- *Ofício Próprio com oitavário de Nossa Senhora da Graça*.
- *Manual de devoções para a manhaã até à noite; para antes e depois da oração e dizer Missa*, Lisboa, 1728.
- *Espelho de orações para todo o dia... No fim se publicará o aureo número, a Epacta, letra Dominical e as festas móveis de cada ano*, Lisboa, 1734.
- *Cerimonial alfabético do culto divino*, Lisboa, Oficina Rita-Cassiano, 1736; 6, 167 p.; 13x7,5 cm (BSEA).<sup>110</sup>

**Feliciano C. Coelho** (1895-?). Foi cónego da diocese de Goa e escreveu muitos artigos e outras obras que não foram publicadas. Merece realce o livro publicado:

- *Deus e Religião*.<sup>111</sup>

**Filoteio Pereira de Andrade** (1864-1934). Foi considerado um dos melhores escritores de Goa e dos mais fecundos. Estudou no seminário de Rachol e mais tarde exerceu a advocacia. Escreveu sobre historiografia, mas também sobre temas religiosos e apologéticos, que enunciamos:

- *Os santos Mártires de Cuncolim. Subsídios para a história da sua vida*, Margão, 1894; 4, 33, VII p.
- *O Apóstolo da Oração*, Bastorá, 1911.  
Artigos apologéticos e espirituais sobre:
  - *A imagem do Sagrado Coração de Jesus*, em Nacionalista, S. Tomé, 23.VI.1908.
  - *O escapulário do Sagrado Coração de Jesus*, ib., 7.VII.1908.
  - *O escapulário do Carmo*, ib., 14, 21, 23, 28.VI.1908.
  - *A grande promessa do Sagrado Coração de Jesus*, ib., 4, 11, 18, 25.VIII e 3, 5.IX.1908.
  - *Glórias de Maria*, em O Anglo-Lusitano, Bombaim, 26.IX; 3, 10, 17, 24.X; 7, 14, 21, 28.IX; 12.XII.1914.

<sup>109</sup> Em Cunha Rivara, Catálogo dos manuscritos, vol. I, p. 345.

<sup>110</sup> Ver DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1971, p. 122-123.

<sup>111</sup> Sobre o autor e uma análise desta obra, ver DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*, o. c., p. 269-270.

**Francisco Rego, Pe. (?-?).** Viveu na Índia. Aí escreveu, em 1686, uma obra que intitulou:

- *Tratado Apologético contra várias calúnias impostas pela malevolência contra a sua Nação Bracmana.*

Trata-se de um problema de castas. Pretende mostrar que, pela fé cristã, todas as castas são iguais.<sup>112</sup>

**Francisco Vaz de Guimarães (séc. XVI).** Este autor, embora não pertença à época que nos ocupa, é aqui incluído com uma obra que não foi mencionada no vol. III. Apresentamo-la:

- *Declaração da muito dolorosa paixão de Jesus Cristo... traduzido em língua concani*, Bombaim, 1845 (em Portugal e os Estrangeiros, vol. II, n.º 342, p. 544).<sup>113</sup>

**Francisco Xavier Rondina, SJ (?-?).** Segundo Inocêncio, parece que nasceu em Itália. Foi missionário do padroado português. Dirigiu o Colégio-seminário de S. José em Macau. Realizou missões na América do Norte, Brasil, Japão e na China (IX, p. 394). Escreveu:

- *A Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo, reivindicada contra Ernesto Renan. Discurso do...*, Macau, Imprensa do Seminário Diocesano, 1864; 4, 61 p.; 25 cm (BNP, R. 2663//1 A.).
- *Pio IX perante a revolução: discurso recitado na Sé de Macau pela ocasião de se solenizar o 25 anno do Pontificado de Pio IX*, Macau, Typ. Mercantil, 1871; 40 p.; 22 cm (BNP, R. 11082//6 V.).
- *Compêndio de Filosofia Teórica e Prática...*, Macau, Typografia do Seminário de S. José, 1869-1870; 2 vol.; 21 cm (BNP, TR. 3831 P. - TR. 3832 P.).<sup>114</sup>

**Gaspar de São Miguel, Frei (séc. XVIII).** Nasceu na região da Índia oriental e escreveu na língua da região, o concani:

- *Paixão de Cristo*, em 3.000 versos.<sup>115</sup>

**João Baptista Morelli de Castelnovo, Frei, OFM (séc. XVIII).** Viveu na Índia e escreveu:

<sup>112</sup> Ver DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*, o. c., p. 115-116.

<sup>113</sup> Ver o autor no vol. III, *A Bíblia nos Séculos XVIII-XIX*, p. 820-821.

<sup>114</sup> OLAIO, Nuno, *Carlos João Rademaker (1828-1885), Percurso do restaurador da Companhia de Jesus em Portugal*, Lusitania Sacra 12, 2.ª Série, 2000, p. 93, n. 88, faz referência ao autor e à sua obra.

<sup>115</sup> Ver DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, o. c., p. 125.

- *Luzeiro evangélico que mostra a todos os Christãos das Índias orientais o caminho único, seguro, e certo da recta Fé, para chegarem ao porto da salvação eterna, ou Instrução dos principais Artigos da Religião christão controvertidos, os quais se explicão com claridade, e se provaõ com evidência pela Escritura Sagrada, pelos sacros Concílios e santos Padres dos primeiros séculos...* Escrita em S. Thomé da Índia Oriental. Anno de 1708 & impressa em México, Cidade da India Ocidental, 1710; 492 p.; 21x15 cm (Brasiliana I, p. 144).<sup>116</sup>

**João Crisóstomo de Amorim Pessoa**, Dom (1810-189?). Nasceu em Cantanhede. Foi bispo de Goa e de Braga (Inocêncio X, p. 222). Escreveu:

- *Catecismo Histórico da Religião Christã para uso das Escolas Parochiaes da Archidiocese de Goa*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1863; 71 p.; 18 cm (CBAP, n.º 464; Belinquete, História do Ensino, p. 369).

**João da Cunha Jaques**, Pe. (?-?). Viveu na Índia e escreveu:

- *Espada de David contra o Golias do Bramanismo, péssimo inimigo de Jesu Christo, Deos e Senhor nosso.*

Pretende defender-se do bramanismo, religião e filosofia indiana, que atacava frequentemente o cristianismo, chegado da Europa.<sup>117</sup>

**João Francisco Caetano José Lobo** (1870-1953). Este escritor tornou-se célebre por uma obra polémica, cujo título revela a defesa do cristianismo:

- *Esboço crítico da erudição científica do autor de “Em boa Paz” (Dr. António de Noronha, Juiz da Relação de Goa), na sua arremetida contra Deus, contra a Bíblia, contra a Igreja*, Bastorá, 1916.<sup>118</sup>

**Joaquim de Santa Ana Fernandes** (1755-1833). Inocêncio não sabe nada da vida do autor; apenas indica a seguinte obra:

- *Catecismo da doutrina christã, em lingua do paiz. Ladainha e outras orações*, Nova Goa, Imp. Nacional, 1868; 42 p.; em 8.º (em português e concani); “tendo seguido, segundo parece, para as suas modificações, o catecismo ma-

<sup>116</sup> Esta obra foi escrita na Índia, cerca de 19 anos depois da morte de João Ferreira d’Almeida. Também escreveu por forma a contradizer a literatura apologética escrita pelo tradutor português, mas não aparenta tê-la redigido para contradizer a pessoa do mesmo tradutor.

<sup>117</sup> Ver DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*, o. c., p. 117. Não se sabe se o livro foi publicado.

<sup>118</sup> O livro atacado, *Em Boa Paz*, era de Nova Goa, 1912. Como o governo da altura estava contra a Igreja, o livro de João Francisco Caetano José Lobo foi proibido de circular. Estávamos numa relação difícil Igreja-Estado, no tempo da República (ver DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*, o. c., p. 268).

rata do bispo Meurin, SJ, de Bombaim” (Belinquete I, p. 436; Inocêncio XII, p. 146).

**Joaquim Filipe Vitorino Botelho** (1852-1932). Era natural de Nachinolá (Goa). Depois de ensinar no Seminário de Rachol formou-se em Letras. Colaborou na imprensa periódica de Goa e, além disso, escreveu:

- *Os Altos feitos do Cristianismo*, Lisboa, 1881; 24 p.

**José Benjamim Rodrigues**, Pe. (séc XIX). Era natural de Tivim (Goa). Foi professor de marata no Seminário de Rachol entre 1830-1886. Compôs:

- *Catecismo da Doutrina Cristã* (em português e concani), s. d.; “tendo seguido, segundo parece, para as suas modificações, o catecismo marata do bispo Meurin, S.J., de Bombaim” (Belinquete I, 436).<sup>119</sup>

**Manuel da Assunção**, Frei, OESA (fl. 1743). Era natural de Évora e foi frade na Congregação da Índia Oriental; foi ainda reitor da missão de Bengala, na atual região da Índia e Paquistão, onde se encontrava em 1734. Aprendeu a língua bengala para atrair os gentios ao cristianismo (Barbosa III, p. 184; Inocêncio V, p. 367; Belinquete I, p. 434-435). Escreveu:

- *Mysterios da fe, ordenado em língua bengala, o manuscrito original, que terá servido para a impressão do Catecismo* (BPE, Cod. CXI/1-1: p. 128-138 da 2.<sup>a</sup> série de numeração; Cod. CXVI/1-1: a p. 28 da 2.<sup>a</sup> série de numeração; Belinquete I, p. 434, n. 255).

Segundo Barbosa Machado, foi editado com o título:

- *Compêndio dos Mistérios da Fé, ordenado em Língua Bengalla pelo Pe. Frei Manoel da Assumpção, sendo actualmente Reitor da Missão de S. Nicoláo Tolentino em Bengalla*, Lisboa, Francisco da Silva, 1743; em forma de diálogo; em bengala e português, em 2 col. paralelas; em 8.<sup>o</sup>.<sup>120</sup>

Foi ainda editado com outro título:

- *Catecismo da doutrina Christãa. Ordenado por modo de diálogo em idioma Bengalla e Portugueza. Pelo Padre Manuel de Assumpçam, religioso eremita de Santo Agostinho e actual reitor da Missão de S. Nicolao Tolentino em Bangala e explicada aos Christãos da dita Missão pelo dito Padre no ano de 1735*, Lisboa, Of. de

<sup>119</sup> Ver em *Memória Histórico-Eclesiástica da Arquidiocese de Goa*, Goa, 1933, p. 223.

<sup>120</sup> “É também em duas columnas, bengalla, e portuguez: e é o que Barbosa dá como noticia a correr impresso em Lisboa por Francisco da Silva, 1743; em 8.<sup>o</sup>” (em Cunha Rivara, Catálogo de manuscritos, vol. I, p. 345).

Francisco da Sylva, Livreiro da Academia Real, e do Senado, 1763; 15, 391 p.; 15 cm (BNP, Res. 241 P.).<sup>121</sup>

— Foi reimpresso em Margão, em 1869. Como se vê, trata-se de um catecismo católico.

Traduziu da língua local para português:

- *Argumento e disputa sobre a Ley, entre hum Chistão ou Cathoólico Romano, e hum bramene, ou Mestre dos gentios; em que se mostra na língua bengalla a falsidade da seita, dos gentios, e verdade infallível da nossa Sancta Fé Cathólica; em que só há o caminho da Salvação, é o conhecimento da verdadeira Ley de Deos.*
- *Composto por aquelle grande cathequista Christão, que converteo tantos gentios, chamado D. António, filho do Rey de Busná: vertida em portuguez... para os Missionários poderem disputar na dita lingua com os bramanes e gentios. Vai por modo de diálogo entre o Romano Catholico e o bramane gentio.* Em bengalla, e portuguez, a 2 colunas. Título e Prólogo do Pe. Fr. Jorge da Apresentação (BPE, Cod. CXVI/1-1; p. 1 da 2.<sup>a</sup> série de numeração). Ver o autor em 19.6.3.

**Manuel da Cruz** - 2 (?-1820). Compôs:

- *Compêndio da Doutrina Christam, por Manuel da Cruz, impressor na cidade de Bombaim*, Bombaim, Typ. de F. M. na Rua do Bazar-Gate, 1820; 2.<sup>a</sup> impressão; 187, 3 p.; 14 cm (BNP, Res. 4313 P.; Belinquete I, 436).<sup>122</sup>
- *Compêndio da doutrina christã em lingua portugueza e geoana*, Bombaim, 1820. “À custa de Manuel da Cruz” (Inocêncio II, p. 93; Belinquete I, 436).

**Sebastião do Rego**, Pe., CO (1699-1785). Era sacerdote de Goa e homem de grande cultura e perfeição da língua portuguesa. Da sua produção literária e teológica, apresentamos:

- *Sermão de Santa Cruz dos Milagres*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1759. Diz-se que foi uma das melhores peças oratórias do seu tempo em Goa, o que lhe valeu o título de “Vieira do Oriente”.
- *Vida do Venerável Padre José Vaz... titular da Congregação do Oratório de Goa*, Lisboa, 1759.

<sup>121</sup> Antes do rosto em português, outra p. de tít. com os mesmos elementos, mas na língua bengala com o título: *Crepar Xaxtrer orth, bhed, xixio gurur bichar*, com a data de 1743 no pé de imprensa. Por baixo do pé de imprensa: “Com todas as licenças necessárias” (nota da ficha da BNP). Muitos outros catecismos foram feitos nos territórios ultramarinos, mas ficaram manuscritos (Fortunato de Almeida II, p. 446).

<sup>122</sup> Belinquete afirma que este catecismo é só em língua portuguesa.

— 2.<sup>a</sup> ed. com notas e aditamentos, Margão, Typ. do “Ultramar”, 1867; 343 p.; 22 cm (BNP, H.G. 5140 P.). Ver o autor em 22.2.

**Teotónio José, SJ** (séc. XVIII). Missionário português das Índias na segunda metade do século XVIII. Escreveu:

- *Compêndio da doutrina cristã, ordenado na língua bramana-goana para ensinar aos meninos*, Lisboa, Of. Francisco Luís Ameno, 1758 (Inocêncio VII, p. 314; Belinquete I, p. 434).

## Em Timor

**Sebastião Maria Aparício da Silva** (1849-?). Escreveu:

- *Catecismo da Doutrina Cristã em Tetum* [Timor Leste], impresso em Macau, Tip. do Seminário, 1885; 13 cm (BNP, R. 26669 P.).<sup>123</sup>

### 19.6.3. Autores e obras de tipologia cultural

Sobre o fenómeno linguístico português, afirma, perentório, Charles R. Boxer:

“Uma vez que a expansão da Europa foi iniciada pelos portugueses, a língua portuguesa (ou uma adaptação dela) tornou-se a língua franca da maioria das regiões costeiras que eles abriram ao comércio e aos empreendimentos europeus em ambos os lados do globo. Por ocasião do confronto com os holandeses, a língua portuguesa já criara raízes demasiado profundas para ser erradicada,

<sup>123</sup> Sobre o estado dos territórios ultramarinos neste período, sobretudo na Ásia e África, veja-se, por exemplo, Fortunato de Almeida, III, p. 183-210. Com a expulsão das Ordens Religiosas de todos os territórios portugueses, as missões foram quase todas abandonadas, já que a grande maioria dos missionários eram membros de Ordens religiosas. Essa era também a vontade do governo liberal português anticatólico, que, assim, deixava campo aberto a outras religiões, sobretudo às variadas Igrejas e seitas protestantes, etc. Assim, diminuía o poder da Igreja Católica, não apenas no Continente português, mas também no Ultramar. Nem o Seminário de Cernache do Bonjardim escapou ao decreto de 1834, que nem era convento nem mosteiro, mas um Seminário para formar missionários para as colónias. No entanto, depois de vários percalços, o Padre Luís da Natividade fez diligências para que as coisas mudassem. Assim, por decreto de 2 de agosto de 1855, o governo entregou o Colégio à Marinha que, por sua vez, o entregou a esse sacerdote, que tomou posse dele no dia 5 de outubro. No dia 8 de dezembro do mesmo ano, abriu ali o Seminário das Missões, com o nome oficial, dado pelo governo, de *Colégio das Missões Ultramarinas*; incorporava também o Colégio das missões na China, chamado de *S. José do Bombarral*. Este colégio missionário estaria ao serviço de todos os missionários do Ultramar, para aí preparar bispos e professores dos Seminários das missões. Esta era já outra política, diferente da de 1834. Sobre o Colégio das Missões Ultramarinas, ver Fortunato de Almeida III, p. 209-212.



mesmo nos domínios coloniais em que os holandeses tentaram substituí-la” (2.<sup>a</sup> Viagem do Pe. Tachard, Amesterdão, 1689).

Nesta secção apresentam-se obras culturais, sobretudo de carácter linguístico: dicionários e gramáticas, onde entra também a língua portuguesa.

### Anónimos jesuítas portugueses em Roma

- *Gramática industana a mais vulgar que se pratica no império do Gram Mogol para uso dos padres missionários do dito império*, Roma, Typ. Congregationis de Propaganda Fide, 1778; 136 p.; em 8.º gr.; Lisboa, Imprensa Régia, 1805; 150 p. (Belinquete I, p. 728; Inocêncio III, p. 161).
- *Gramática marasta para uso dos padres missionários dos ditos reinos*, Roma, Estamparia da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, 1778 (Belinquete I, p. 728).
- *Gramática marasta a mais vulgar que se pratica nos reinos do Nizamaxá e Idalxá, oferecida aos muitos reverendos Padres Missionários dos ditos reinos*, Lisboa, Imp. Régia, 1805; reimpressão da anterior (Belinquete I, p. 728).

### Outros autores anónimos

- *Grammatica hindustana*, anónimo, 1778.
- *Grammatica marastta*, anónimo, 1778.
- *Vocabulaire français, anglais, portugais de l'Inde, persan, maure et bengal*, 1782.
- *Vocabulaire bengal, français et portugais de l'Inde...* par Aussant, interprete-juré du Roy, 1785.
- *Vocabulário tamúlico em luzitano*, 1838; ms.
- *Vocabulário tamúlico, com a significação portuguesa. Impresso em Ambalacata (Índia Oriental)*.
- *Vocabulário tamúlico-lusitano e Vocabulário Lusitano-tamúlico*, 1750.
- *Triumpho da Igreja Romana: notícia certa, e histórica da conversão do Patriarcha da seita nestoriana à Religiam Catholica Romana, cuja notícia se communicou da Palestina...*, Lisboa, Of. de Domingos Rodrigues, 1757; 8 p.; 21 cm (BNP, H.G. 4529//5 A.; BGUC, Misc. 55, 1199).<sup>124</sup>
- *Doutrina cristã em canarim de Goa e em português; séc. XVIII*; 239 p. (BNF, manuscrit indien, n.º 724; Belinquete I, 437, n. 261).

<sup>124</sup> Ignoramos qual será o fundamento desta afirmação; mas não parece assim tão claro que os chamados cristãos de São Tomé da Índia se tenham feito católicos, tema que tratámos no vol. III desta coletânea: *A Bíblia nos séc. XVI-XVII*, 2019, p. 926.

- *A forma de fazer a “Estação” em tamul e português; persignar e benzer, fol. 9, etc.* (Belinquete I, p. 392; p. 437, n. 261).

1782. *Vocabulaire Français, Anglais, Portugais de l’Inde, Persan, Maure et Bengale, contenant de 3700 à 3800 mots... Fait par moi, Aussant... à Chandernagore, l’an 1782* (Ms na BNParis; David Lopes, p. 102).

1785. *Vocabulaire Bengal, Français et Portugais de L’Inde... par Aussant, interprète-juré du Roy, 1785; 94 fol.; 3 col.; a língua de Bengala em caracteres próprios* (Ms da BNParis; David Lopes, p. 102).

1805. *Gramática Indostana, a mais vulgar que se pratica no império do Gram Mogol, para uso dos muitos reverendos Padres Missionários do dito império*, Lisboa, Impressão Régia, 1805. Por ordem superior; 149 p.; em 8.º (BNP, L. 1051 P.).

— É tradução de uma edição feita em Roma pela *Propaganda Fidei* em 1778; em português e indostão; uma parte em 2 col. paralelas e outra em linhas paralelas; 138 p.; 19x13,5 cm (BNP, Res. 4212 V.; BPB, Res. 628 V.).

1805. *Gramática Marastta, a mais vulgar que se pratica nos reinos do Nizmaxá e Idalxá, oferecida aos muitos reverendos Padres Missionários destes reinos*, Lisboa, Impressão Régia. Anno de 1805. Por ordem superior; 50 p.; em 8.º (BNP; David Lopes, p. 100).

— Foi também traduzida com licença da Congregação da Propaganda Fidei, que a tinha feito em 1778 (BNP, Res. 6370 P.).

- *A Vocabulary Portuguese, Hindustani and Persian*, s. d.; em 4.º (David Lopes, p. 102).
- *Rudimenta linguae Persicae. A Grammar of the Persian language in Latin; with a Vocabulary Latin, Portuguese and Persian*, s. d.; em 4º (David Lopes, p. 102).

Elias José Francisco do Vale (?-1777). Coligiu:

- *Diccionario portuguez e malayo*. Parte I: desde a letra A até S [-Parte II: desde a letra S até Z]; a instâncias do Doutor António Ribeiro [manuscrito]; 2 vol.: 30 e 33 fol.; 15 e 16 cm (BNP, Cod. 3050-3051; Belinquete I, p. 729).<sup>125</sup>
- *Diccionario malayo e portug[ue]s*, [1777?]; [manuscrito]; 28 fol.; enc.; 20 cm (BNP, F. 6613).

<sup>125</sup> Uma nota da ficha da BNP diz: “Cópia. Título e autor na f. de rosto de cada volume, e acrescentos ao texto, autógrafos do Dr. António Ribeiro dos Santos. Para a datação, considerou-se a data de 1777, registada no último f. do vol. II, e igualmente referida no Cod. 3142, que contém outra cópia desta obra. Onze f. do códice encontram-se dobrados e fechados”.

**Eugénio Trigueiros**, Frei (séc. XIX). Escreveu:

- *Vocabulário português e hindustani ou persa*, s. d. (Belinquete I, p. 728). Ver o autor em 19.6.2.

**Francisco Xavier de Santana**, Frei, OFM (séc. XIX) escreveu:

- *Diccionario Portuguez-Concani. Composto por um missionário italiano*, Nova Goa, Imp. Nacional, 1868; 230 p.; 24 cm (BNP, L. 30163 V). Ver o autor nos cap. 3.2 e 11.1.

**Francisco Xavier**, Frei, OCarm (séc. XVIII). Tinha nacionalidade italiana, foi missionário na Índia e Vigário Apóstolico de Verapoly, com o título de Arcebispo de Sardes (Inocência IX, p. 390). Escreveu:

- *Grammatica da lingua concani, escripta em português por um missionário italiano*, Nova Goa, Imp. Nacional, 1859; 145, 5 p.; 20 cm (BNP, L. 1167 P.; Belinquete I, p. 724).<sup>126</sup>

**G. de Vasconcelos Abreu** (séc. XIX). Este sábio orientalista português, que foi professor do Curso Superior de Letras em Lisboa, escreveu:

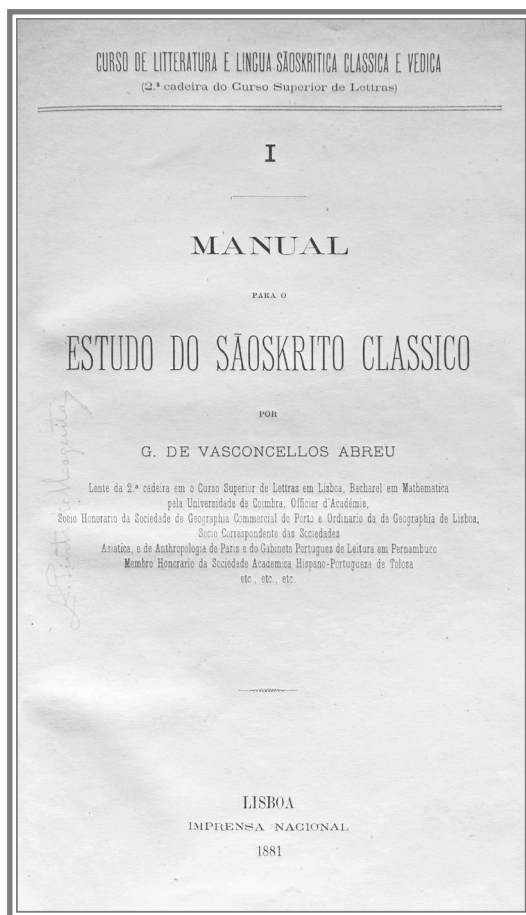
- *Manual para o Estudo do Sânskrito Clássico* – Resumo Gramatical, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881; 186 p.; 24x16,5 cm.
- *Exercícios – Primeiras Leituras de Sânskrito (apêndice ao manual)*, tomo II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1889; 176 p.; 25,5x18 cm (Tomo I, *Gramática e Antologia*).

**João Ernesto Hanxleden**, SJ (?-?). Foi autor de várias obras em português e nas línguas locais da Índia:

- *Vocabulário lusitano-malavárico*, 1730; ms (Belinquete I, p. 727).<sup>127</sup>
- *Dicionário malabárico-lusitano* (Belinquete I, p. 727).
- *Gramática malabárico-portuguesa* (Belinquete I, p. 727).
- *Vocabulário sanscrlâmico-português*, Lisboa, 1906 (Belinquete I, p. 727).
- *Vocabulário malavárico*, 1730; ms (BGUC, Cod. 1081 a 1311).
- *Doctrina Problematica de Solemni reliquarum Gentium conversione adhuc futura, demonstrata a Yuchimo Langio, S. Theologiae in Academ. Hallensis Prof.*

<sup>126</sup> Segundo Inocência “Foi publicado este inédito por diligência do Sr. Rivara, secretario do Governo Geral da India” (IX, p. 390).

<sup>127</sup> Segundo Belinquete “há pelo menos dois manuscritos [deste vocabulário], um na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, no qual se diz fol. 231v. e outro na Biblioteca Central de la Diputación de Barcelona”.



*Ordin.*, Tranquebar, Typis Missionariorum Reg. Danic, 1721; 616 p.; em 8.º.<sup>128</sup>

**Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara** (1809-1879). Foi o autor de várias obras referentes ao Oriente português. A ele se deve grande parte da historiografia sobre Goa e sobre o Oriente, em geral. Isso aparece pelas obras que escreveu e pelos periódicos em que colaborou:

- *Vocabulário português-bengala* (Belinquete I, p. 729; Luís de Matos, p. 160).

<sup>128</sup> Ver BASTOS, Neusa Barbosa (org.), *Língua Portuguesa e Lusofonia-História, Cultura e Sociedade*, Ed. PUC, S. Paulo, 2016.

- *Dicionário de port-malaio-holandês*, Amesterdão, por Abraham Alewyn e Joannes Collé, 1714; 16, 933, 3 p.; em 8.º (BNH).<sup>129</sup>
- *Reflexões sobre o padroado português no Oriente applicadas à proclamação pastoral do Reverendíssimo Frei Angélico* [OFMCAp], Imprensa Nacional, Nova Goa; 1858; 221 p.; com Aditamento às reflexões sobre o Padroado português, do mesmo autor e ano; 83 p.; 24 cm (BNP, H.G. 6724//8 V. e 9 V.; BJPII, 266(547) PAD: Aditamento).

Contém vários documentos do governo português e das autoridades eclesiásticas do Oriente relativos às funções da figura eclesiástica do *Vigário a latere* e aos domínios sob o Padroado português.

**Manuel da Assunção**, Frei, OESA (séc. XVIII). Era natural de Évora e foi frade na Congregação da Índia Oriental; foi ainda reitor da missão de Bengala. É autor de:

- *Vocabulário em idioma bengalla e português. Dividido em duas partes...*, Lisboa, Of. de Francisco da Silva, 1743; a 1.ª parte tem o vocabulário português-bengala; a 2.ª, bengala-português; XII, 592; em 8.º (Inocêncio V, p. 367).

— Reimpressão da 2.ª parte em Calcutá, 1831 (Belinquete I, p. 729).

Este vocabulário é precedido de:

- *Breve Compêndio da gramática bengala*, 1831 (Belinquete I, p. 700, n. 14; p. 729; David Lopes, p. X, 97 e 150). Ver o autor em 19.6.2.

**Philippe Neri Pires** (?-?). Era professor de inglês em Murmugão e exerceu a advocacia. Foi autor de:

- *Grammatica Maratha: Explicada em Lingua Portugueza*, Bombaim, Typ. da Missão Americana, 1854; em 4.º (BNP, L. 1168 P.; BL; CBAP, n.º 1714).

**Sebastião Rodolfo Dalgado**, Mons. (1855-1922). Nasceu em Goa, estudou no seminário de Rachol e em Roma. Foi um sacerdote católico doutorado em Teologia, Direito canónico e romano. Veio para Portugal em 1895, onde foi lente de sânscrito em Lisboa (Inocêncio XIX, p. 191). Escreveu várias obras:

- *Dialecto Indo-Português de Ceilão*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900; XXIX, 259 p.; 24 cm (BNP, L. 5726 V.; Belinquete I, p. 724; SocBib).<sup>130</sup>

<sup>129</sup> Título em holandês: *Woordenschat Der twee Taalen, Portugeesch, En Nederduitsch; Waar in de betekenissen der Portugeesche Woorden, volgens de Rykheid van de Nederduitsche Taalkunde, omstandig aangewezen worden; Een werk- stuk, dat in 't algemeen voor alle liefhebbers der beide Taalen, en bysonderlyk de leeraars en leerlingen derzelve ten hoog- sten dienstig is. Door I Mr. Abraham Alewyn, en Joannes Collé. Tot Amsterdam, By Pieter Vanden Berge, op de Heylige Weg, inde Groene Berg. 1714.*

<sup>130</sup> A obra está dividida em 3 partes: 1.ª, Gramática; 2.ª, Literatura; e a 3.ª, Vocabulário. Nas

- *Dialecto Indo-Português de Damão*, Lisboa: [s.n.] 1903; Sep. da revista Tássio-Yang-Kuo 3, p. 359-367 (1992) (BNP, L. 3960 A.; Belinquete I, p. 727).
- *Dialecto Indo-Português de Gôa*, Rio de Janeiro, Edit. J. Leite, 1922; 22 p.; 23 cm (BNP, L. 17755 V.).
- *Dialecto Indo-Português de Negapatão*, Lisboa, 1917; Separata da Revista Lusitana XX, Porto, 1917, p. 40-53 (Belinquete I, p. 727).
- *Dialecto Indo-Português do Norte, Bombaim e subúrbios*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1906; 62 p.; em 8.º; Separata da Revista Lusitana 9, p. 142-166 e 193-228 (Belinquete I, p. 727).
- Traduziu: *Florilégio de provérbios concanis*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922; 335 p.; 23 cm (BNP, L. 10674 V.).
- *Dicionário Komkani-Português, filológico-etymológico...*, Macau, 1893.  
— Bombaim, Typographia do “Indu-Prakash”, 1893; XXXVII, 3, 561 p.; 22 cm (BNP, L. 5487 V.; Belinquete I, p. 724).  
— Lisboa, Imp. Nacional, 1905 (BNP, L. 4036 A.).
- *Dicionário de português-concani*, Lisboa, 1905 (Belinquete I, 724).
- *Glossário Luso-Asiático*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919-1921; 2 vol. (BNP, L. 11567 V. - 11568 V.; Belinquete I, p. 727.729).  
— 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Academia das Ciências, 1983- (BNP, C.G. 13081 V.).  
— Hamburg, Helmut Buske, 1928; 2 vol.; 25 cm (BNP, 81P 28 (540) DAL).
- *Estudos sobre os crioulos indo-portugueses*, Lisboa, CNCDP, 1998; 187, 2 p.; 24 cm (BNP, L. 58648 V.).
- *Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas: abrangendo cerca de cinquenta idiomas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913; LXXXV, 249 p.; 1 mapa color.; 26 cm (BNP, L. 7750 V.; Belinquete I, p. 727).
- *Gramática concani* (Belinquete I, p. 727).
- *Contribuição para a lexicologia luso-oriental*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1916 (BJPII, 809 Dal/2; Belinquete I, p. 727).
- *Rudimentos da língua sânscrita*, Lisboa, 1920; 78 p.<sup>131</sup>

---

p. 132-137, apresenta uma espécie de sinopse de várias versões em português dos cap. 26-27 do Evangelho de Mateus, com as edições do Novo Testamento de Almeida, 1681; versão indo-portuguesa da versão wesleiana, 1826; da de 1852 e da versão indo-portuguesa de J. W. Gomes, 1885; Idem de Lc 15 (p. 138-143) e outros textos; nas p. 91-175, são apresentados os textos religiosos que se rezaram até ao século XX, tais como os Dez Mandamentos, a meditação dos mistérios do Rosário e a Ladinha de Nossa Senhora.

<sup>131</sup> Sobre estas obras e a personalidade do seu autor, veja-se DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de,

**Suriagy Ananda Rau** (séc. XIX). Foi sócio do Instituto Vasco da Gama e especialista da língua marata. Escreveu em português-marata as seguintes obras:

- *Diccionario Maratha-portuguez*, Nova Goa, 1879; 573 p.; 25 cm.
- *Grammatica da lingua maratha explicada em lingua Portuguesa, ordenada segundo as melhores grammaticas, escriptas em lingua maratha por authores hindus contemporâneos os mais abalizados, e por outros authores inglezes na presidência de Bombaim, disposta por um método novo e dedicada aos estudiosos de Goa*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1875; 306 p.; 24 cm.<sup>132</sup>

**Vamona Narana Sinay Gantgar** (?-?). Este escritor goês escreveu:

- *Diccionario Ilustrado Maratha-Português*.

#### 19.6.4. Obras em indo-português de Ceilão. Uma listagem

“O Sr. Adolpho Coelho deu, no seu primeiro artigo sobre ‘Os dialectos romanos ou neo-latinos na África, Ásia e América’, a seguinte nota bibliográfica das publicações em dialecto português de Ceilão ou relativos a ele, de que até então teve notícia:

##### Obras religiosas

- *Bautismo: sua subjectos e modo de sua administração. Parte primeira. Tocando o bautismo de nocentes*, Colombo, impressado ne officina de Missão Wesleyano, 1864; 44 p.; em 12.º.
- *Bom novas*. N.º 15. March. 1869, p. 57-60. Colombo, Wesleyan Missio Press (Periódico religioso).
- *Cantigas por Adoração Público em Língua Portuguesa de Ceylon*, Colombo, Imp. of. Wesleyana, 1823; trad.: Robert Newstead, missionário wesleiano; Terceiro [sic] vez impressado; 212, 24 p.
- *A Cruz de Christo*, Colombo, Impressado ne officio de A. H. Peterson, 1859; autor: John Arnold Christophelaz; 23 p. (BPE).
- *A Forma da oração público e administração dos Sacramentos conforme ao uso da Igreja Inglaterra*. Traduzido, por o [sic] missão, em língua portuguez de

---

*A Literatura Indo-Portuguesa*, o. c., p. 271-273; para outras obras do autor, veja-se p. 284, n. 57. Sobre os estudos orientalistas de Dalgado, ver TOMÁS, Maria Isabel (Introd.), *Estudos sobre crioulos indo-portugueses*, CNCDP, Lisboa, 1998, p. 10-36.

<sup>132</sup> Sobre o autor, veja-se DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*, o. c., p. 271.



Ceylon. Pelo Robert Newstead, missionario Wesleyano. Em Colombo, Impressado na officina Wesleyano. 1820; 44 p.

- *Horta de paraíso. Em o nome de o Jesus crucificado* (XIV orações). Impressado ne Officio de Baptiste Missionarios, Kandy, Ceilão; 32 p.
- *Hum caminho per inferno*. Folha avulsa, 1 p.
- *Hum catecismo per o ensino de criances ne o principio de relize, e hum curto catecismo de o nomis ne o Escritura*, Colombo, impressado ne officio de Wesleyanos. 1837; 12 p.
- *Meditações e orações (sic) sober difrenti subjectos e por differenti casiãos*, J. Campbell, Printer, Hulfsdorp Press. 50 p. 4.º peq.
- *O Novo Testamento de Nossa [sic] Senhor e Salvador Jesus Christo, traduzido ne indo-portugueza*, Colombo, officina de Missão Wesleyano, 1852; em 8.º.
- *Orações, Dez Mandamentos, O sermão riba da montanha*; 16 p.
- *O Psaltério ou Psalmos de David, como apontando a ler nas igrejas. Traduzido em lingoa portuguesa de Ceylon, e publicado por a Sociedade Bíblica de Colombo*, Colombo, impressado na officina Wesleyano, 1821; em 8.º; 102 p.
- *The singhalese Tract Society*, n.º 6, de 1856, publicou: *O Serpente de Cobre*, 8 p. [Nm 21,8; ver Jo 3,14-15].
- *Voz de verdade*. (Pequeno periódico religioso mensal; temos alguns números desde 1 de Outubro de 1870, em que começou a publicar-se, até Janeiro de 1873. Sem logar de impressão.) 4 p. cada número.

Os números que eu tenho são: 12, Nov. 1895; 16.º, 4 p.; 14, August 1896, 4 p.; 15 December 1896, 8 p. e capa; 16, June 1897, 8 p. People's Printing Press, Galle.

- *Cantigas per adoração pública, em língua portugueza de Ceylon*. De Robert Newstead, missionário wesleyano, 1871; 304 p.; em 16.º.
- *Cantigas per adoração pública em língua portugueza de Ceylão*, de Robert Newstead, 1823; segunda vez impressada; 223 p.; em 12.º.
- *O livro de oração commum e administração de os sacramentos e outros ritos e ceremonias de a igreja conforme de o uso de a Igreja de Inglaterra, juntamente com o psaltério dos psalmos de David*. Traduzido em lingoa de indo-portuguez. Impressado ne a officina de G. Elberton & J. Henderson, 1826; em 8.º.

Por sua vez, Sebastião Rodolfo Dalgado acrescenta ainda:

“Em aditamento a esta lista, dou aqui a nota das outras publicações de que tenho conhecimento:

- *O Novo Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Christo, traduzido em indo-portugueza*, Londres, impressado na oficina de J. Teling, Chelsea, 1826; em 8.º.
- *Bom Novas*. N.º 24, December 1869, p. 93-96. Colombo: printed at the Wesleyan Mission Press.
- *O Bruffador*. Wesleyan Mission Press, Colombo. Periódico religioso mensal de 4 p.; em 4.º. “O primeiro número é de julho de 1883 e o último que possuo é de Janeiro de 1895”.
- *Hum curto ensino em doutrina christão*, traduzido e compilado por J. W. Gomes. Columbo, 1884; 30 p.; em 16.º.
- *Alhumas devoções per o santo tempo de Quaresma*. Traduzido por J. W. Gomes. Columbo, impressado por John E. Holmes, 1885; 66 p.; em 12.º.
- *Meditações sobre as seite Palavras, que nosso Senhor já falla de a Madeira de Cruz: como tem usado em Seista feiras Maior ne a Igreja de São Philipo Neri ne Oustat em Columbo*. Traducido por J. W. Gomes. Impressado no Offiço de “Columbian Press”, Colombo, 1892; 22 p.; em 8.º.
- *Cantigas per público adoração, em lingua portugueza de Ceylon. Hum novo translação de o hymnos escolhido de o colecção de Reverendo João Wesley, per qual tem juntado cantigas e louvores per servicis missionario e outro cantigas traudicido per primeiro vez*, Colombo, impressado ne Officio wesleyano, 1893; 383 p.; em 16.º.
- *O Primeiro catechismo*, Colombo, impressado ne officio wesleyano, 1896; 30 p.; em 16.º.
- *Roma: sua poder; sua grandeza*, 20 de April 1897; 10 p.; em 8.º.
- *O Comer de alma ou oraçans catholicas*, por J. A. Jansz, revisto e augmentado por Rvdo. Padre C. E. Fonseka. Columbo, impresso ne Officio de Examinar de Ceylon per Publicador, Alexandre Martinho Holmes, 1897; VIII, 296, IX p.; em 16.º.
- *Cantigas per dia de Paixão*; s. d, s. l.; 3 p.; em 12.º.
- *Vespera de Pentecostes. Pentecostes. Trinitidade. Oração per o Plagu*; 2 p. destacadas (78 e 86) de um livro, provavelmente calendário da missão protestante, parte em inglês e parte em indo-português.
- *A escada per ceos*. A selection of prayers for morning and evening devotion from the book of common prayer of the church, by S. N. Colombo, 1873.
- *Estorrie de Joseph*, s. l., n. d. São 1681 quadras.

## Obras de gramática portuguesa

- *A Dictionary in the Singhalese, Portuguese and English languages*. Second edition, enlarged. By W. B. Fox, Wesleyan Missionary (Publicado em 1820).
- *Compendium of the Ceylon-portuguese language by W. B. Fox*, Colombo, 1859.
- *A Grammatical Arrangement on the method of learning the corrupted portuguese as spoken in India*, by Berrenger: Sec. edit. Colombo, 1811.
- *Instructions for children*. By the late Rev. John Wesley, A. M. of the University of Oxford. In portuguese and english. (Publicado antes de 1820.)
- *A Vocabulary in the Ceylon Portuguese, and English Languages with a series of Familiar Phrases*. By John Callaway, Wesleyan Missionary. Colombo, Printed at the Wesleyan Mission Press, 1820; 44 p.; em 12.º.

Assim termina a listagem que Rodolfo Dalgado nos deixou escrita.<sup>133</sup>

**Obras de Isac / Jácome Gonçalves, Pe., CO (?-1742).** Era bramane natural da ilha de Diva, Goa. Foi enviado em missão para Ceilão. No seu trabalho de evangelização, refutava os hereges e conquistava muitos para Cristo (Barbosa II, p. 472-473; ARS VII, p. 339-340; Inocêncio X, p. 115-116). Escreveu obras de várias tipologias, com vemos abaixo: catequética, história bíblica, espiritualidade, controvérsia, vocabulários e outras. Como produziu obras de tipologia variada, apresentamo-lo neste apartado especial.

- *Cathecismo Breve sobre os principais Mystérios da Fé, Novíssimos, Sacramentos, com tudo o que o Cristão deve saber, Confessionário com declaração dos pecados, que cada Mandamento incluye, Explicação das Cerimónias da Missa: huma para os Domingos onde há Missa; outra breve para quando o Sacerdote diz Missa para explicar ao povo, e outra segundo a ordem da Payxão para a Quaresma com preparação, e graças para antes e depois da Comunhão*, 1715. Em língua cingala, tamul e portuguesa (Belinquete I, p. 454-455).
- *Alívio da Conciencia na Missão*; em 8.º.
- *Breve Arte Chingala*, s./d.
- *Cançoens para todas as Festas de Christo, Senhora, e Apóstolos, e para os dias de Sábbado, e Domingo*, 1730; em 8.º.

<sup>133</sup> Em DALGADO, Sebastião Rodolfo, *Dialecto indo-português de Ceilão*, Lisboa, 1999, p. 117-129; DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*, o. c., p. 271-272. Sobre obras de Ceilão de influência portuguesa, ver JAYASURIYA, Shihan de Silva, *The Portuguese Cultural Imprint on Sri Lanka*, em Lusophonies Asiatiques, Lusotopie 2000, Ed. Karthala, Paris, s. d., p. 253-259; JACKSON, Kenneth David, *O Folklore do Crioulo Português da Índia e do Sri-Lanka (Ceilão)*, Separata do Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no Mundo, Lisboa, 1985, vol. I, p. 339-346.

- *Controvérsia breve, e eficaz acomodada para os Calvinistas de Ceilão.*
- *Controvérsia em Diálogo contra Reformados;* em 4.º.
- *Creação do mundo até a Ressurreição universal descrita em Versos,* 1725; em 4.º.
- *Controvérsia contra os Reformados.*
- *Crónica da História Sagrada em que contem as principaes cousas do Testamento Novo, e Velho com refutação do Gentilismo por ordem das sete Idades do mundo,* 1725; em fol.; 2. Tom.
- *Demonstração da Igreja Catholica por sete Notas;* em 4.º. Foi mandado para Portugal, em 1720, para ser impresso.
- *Deva Veda Puranaya* (em cingalês). Tit.º port.: *Compêndio de História da Bíblia;* séc. XVIII (BAJUDA, 49-II-11).
- *Diccionario breve de palavras selectas, e deficeis da Cronica, e Evangelhos;* em 8.º.
- *Eschola Christãa;* em 4.º.
- *Espelho de Virtudes em que se explica o modo da Oração mental, desprezo do mundo, pobreza, humildade, paciência, castidade, e outras virtudes principaes mostrando os fundamentos, e excellencias de cada huma com vícios contrárias,* 1730; em 4.º
- *Explicação dos Evangelhos Dominicaes, e Festivaes com exhortações,* 1730; em 4.º.
- *Igreja Catholica e Reformada mostrada por duas partes com declaração das causas, e modos porque se fez a reformação;* em 8.º.
- *Itinerário de Milagres,* 1732; em 4.º.
- *Juízo de Deos em que se mostra a terribilidade de fenecer o mundo, ressurreição dos mortos, acusação de todas as criaturas, e miudeza do juízo primeiro em geral pela lei, e exemplos dos Santos, e obras de cada hum; seguindo em particular aos infieis. Terceiro em particular aos hereges; quarto em particular aos Christãos pelos benefícios geraes, e particulares.* &c; em 4.º.
- *Medecina espiritual dos enfermos em que se dá remédio a todas as enfermidades dos homens, animaes, e as que vem do demónio, e para bichos de Searas com palavras da Igreja, e de Santos contra as Cerimónias, e superstições gentílicas;* em 4.º.
- *Medecina para cegueira dos Gentios em que por modo de Diálogo argumentando hum Sacerdote com hum gentio sabio o alumea das dez ignorâncias, ou dez cegueiras gentílicas que procedem de não conhecer a Deos.* &c; em 4.º.
- *Origem, e refutação da Seita dos Mouros;* em 8.º.
- *Princípios da lei de Buda...*, 1735.

- *Refutação das quatro Seytas: Paganismo, Mourismo, Judaismo, e Calvenismo*; ms; em 4.º.<sup>134</sup>
- *Refutação do Gentilismo breve e eficaz*; em 8.º.
- *Resumo da sobredita Chronica em Diálogo*; em 4.º.
- *Sermoes da Payxaõ de nove Passos*; em 4.º.
- *Suvisesa Visandimaya* (em cingalês). Tit.º port. *Comentário ao Evangelho*; séc. XVIII (BAJUDA, 49-II-13).
- *Veda Kavyaya* (em cingalês). Tit.º port. *História da Bíblia em verso*; séc. XVIII (BAJUDA, 49-II-12, n.º 2).
- *Vida dos Santos*, 1735; em 4.º.
- *Vocabulário Chingala-Lusitano e Lusitano-Chingala*, 1730; em 4.º (Belinquete I, p. 721).
- *Vocabulário Português-Tamulico-Chingala, com a declaração das frases Chingalas*; s. d.; em 4.º (Belinquete I, p. 721).<sup>135</sup>
- *Vocabulário Lusitano-chingala*, 1730 em 4.º (Belinquete I, p. 721).
- *Vocabulário tamulsio e chingala* (Belinquete I, p. 721).<sup>136</sup>

### 19.6.5. Obras escritas na e sobre a China deste período

Carlos José Caldeira (1811-1882). Era natural de Lisboa. Foi um jornalista católico, que escreveu diversos artigos sobre o positivismo (Inocência II, p. 33; IX, p. 38). Foi autor de:

- *Considerações sobre o estado das Missões e da Religião Christã na China*, Lisboa, Typografia de Borges, 1851; 27 p.; em 8.º (BNP, H.G. 1845//12 V.). Ver o autor no cap. 7.1.<sup>137</sup>

<sup>134</sup> Kayserling, Biblioteca, p. 116.

<sup>135</sup> Também contém a *Breve Arte Chingala*. Segundo Belinquete, existe um exemplar na Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa. Aparece também um exemplar com o título: *Vocabulário português, Tamul e Chingala* copeado por hum certo missionário de Ceylão (...). Composto pelo Padre Jácome Gonsalves (...) s/d.

<sup>136</sup> Ver ainda DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa*, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1971, p. 123-124.

<sup>137</sup> Deu muito brado o assunto dos ritos chineses, segundo os quais os Jesuítas se adaptavam ao modo de vestir, de viver e pregar a fé cristã naquela cultura. Uma pequena amostra dessa pequena-grande questão em FRANCO, José Eduardo, *Jesuítas e Controvérsias sobre metodologias Missionárias – A polémica dos Ritos Chineses*, em Cadernos ISTA – Instituto de S. Tomás de Aquino, Lisboa, 2006, p. 46-83.

**Joaquim Afonso Gonçalves**, Pe. (1781-1841). Nasceu em Limões, Vila Real. Sacerdote da Congregação da Missão, onde entrou em 1799; partiu para Macau em 1812, onde passou os últimos trinta anos da sua vida. Estudou e ensinou chinês, a fim de melhor poder evangelizar. Foi membro de várias academias e também da Academia Real das Ciências de Lisboa, eleito em 1840 (Inocêncio IV, p. 57; X, p. 377). Foi autor de:

- *Grammatica latina ad usum sinensium juvenum*, Macau, In Regali Collegio Sancti Joseph, 1828; 230, 3 p.; 16 cm (BNP, L. 50218 P.).
- *Diccionario China-Portuguez, no estilo vulgar mandarim e clássico geral*, Macau, Real Collegio de S. José, 1831 (Belinquete I, p. 722); ib., mesmo lugar, 1833; V, 1028, 2, 126 p.; 21 cm (BNP, Res. 390 V.; Belinquete I, p. 722).
- *Vocabularium latino-sinicum pronuntiatione mandarina latinis litteris*, Macau, 1837.
- *Arte China Constante de Alphabeto e Grammatica Compreendendo Modelos das Diferentes Composições*, Macau, Real Collegio de S. José, 1829; 2, 8, 502, 46, 2 p.; 20 cm (BNP, Res. 389 V.; Samodães, 1433; BM 88, 572; Belinquete I, p. 722).
- *Lexicon Manuale Latino-Sinicum Continens Omnia Vocabula Latina Utilia et Primitiva, etiam Scriptae Sacrae...* [volumen primum]..., Macau, Collegio de S. Joseph., ab Emmanuele Rosa Typis mandatum, 1839; 2 col; em latim e chinês; 6, 498 p.; 21 cm (BNP, Res. 387 V.; BGUC, RB-35-21; Belinquete I, p. 722).
- *Lexico magnum latino-sinicum ostendens etymologiam, prosodiam, et constructionem vocabulorum*, Macau, Colégio Sancti Joseph, Emmanuelle Rosa Typis mandatum, 1841; IV, 779 p.; 33 cm (BNP, Res. 298 A.; Belinquete I, p. 722).
- *Grammatica Latina ad usum sinensium juvenum*, Macau, In Regali Collegio Sancti Joseph, 1828; 230, 3 p.; 16 cm (BNP, L. 50218 P.).
- *Versão do Novo Testamento em língua china* (inédito).
- *Dicionário Sínico-Latino*; inédito (Belinquete I, p. 722).
- *Diccionario Tónico: as pronúncias deste diccionario nem sempre são clássicas*, [Lisboa: s.n., 19?]; 126 p.; 19 cm (BNP, L. 49625 P.; Belinquete I, p. 722).
- *[Diálogos e frases em chinês-português]*, 18?; ms; 185 fol., enc.; 21 cm (BNP, Cod. 7975).
- *Gramática e Diálogos em Português e Chinês: Um manuscrito inédito do Joaquim Afonso Gonçalves*. Introd., Ed. Crítica Anabela Leal de Barros, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2014; 454 p.; 24 cm (BNP, L. 128771 V.).

**Manuel de Campos**, SJ (1681-1758). Era natural de Lisboa. Entrou no noviciado da Companhia de Jesus em Évora, 1698. Foi professor de Matemática em Madrid e, depois, no colégio de Santo Antão de Lisboa (Barbosa III, p. 212; Inocêncio V, p. 385-386). Escreveu a relação de quatro mártires da Companhia de Jesus.

- *Relação da Prisão, e Morte dos Quatro Veneráveis Padres da Companhia, Bartholomeo Alvarez, Manoel de Abreu, Vicente da Cunha (portugueses) e João Gaspar Cratz (alemão) mortos em o dia da Fé na Corte de Tunkim aos 12 de Janeiro de 1737. Com huma Breve Summa... [da] Morte de outros Dous Padres da Companhia Italianos... Francisco Maria Buccarelli e João Baptista Massari, com nove christãos tunkins. Tirado tudo das Cartas e Relações dos Missionários e Cathequistas, que cultivão aquella Gloriosa Missão; e ordenado por hum Religioso da mesma Companhia...*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1738; 63 p.; 20 cm (BNP, R. 27222 P.). Ver o autor no cap. 13.1.

**Rodriguez**, Pe. (séc. XIX). Escreveu:

- *Éléments de la grammaire japonaise par le P. Rodrigue, traduits du portugais*, 1825 (Belinquete I, p. 730).

**Vervier**, SJ (?-?). Escreveu:

- *Doutrina Christán Ordenada pelo Padre Verbier, Religioso da Companhia de Jesu, francez de Nação, Missionário em os Reynos da China*, impressa no ano de 1704; 25x15,8 cm (ACIENL, ms vermelho 950 A).<sup>138</sup>

#### Anónimos

- *Arte China constante de alfabeto e grammatica*, 1829.
- *Diccionario China-Português, no estilo vulgar mandarim e clássico geral*, 1833.
- *Diccionario Chinês-Português-latim-francês*.
- *Diccionario Português-China no estilo vulgar mandarim e clássico geral*, 1831.
- *Prosodia ou Diccionario da [língua] chineza e portuguesa*, 17??; ms.
- *Vocabulário português-chinês*, 1900; ms.
- *Vocabularium latino-sinicum, pronuntiatione mandarina latini litteras*, 1837.
- *Rudimenta Linguae Persicae. A Grammar of the Persian language in Lanini with a Vocabulary, Latin, Portuguese and Persian*, s/d.

#### Bibliografia do Oriente (ver Suplemento 7)

<sup>138</sup> Ver BUESCU, Maria Leonor, *Galáxia das Línguas*, Lisboa, 1992, p. 141.



## Conclusões

1. Como podemos facilmente verificar, é enorme a produção de obras de caráter bíblico, religioso e cultural no Oriente dos séc. XVIII-XIX. Quando o poder político e mesmo religioso de Portugal nessas longínquas paragens tinha praticamente terminado, a nossa influência religiosa e cultural continuava bastante saudável.

É interessante ainda atestar como foi diversificada a produção de obras em língua portuguesa que, frequentemente, se tinha criouлизado, sobretudo no chamado “indo-português”. Importante é ainda notar como, sobretudo em Tranquebar e Ceilão, essa presença portuguesa foi consistente até ao fim do séc. XIX. Para tal, não podemos esquecer dois auxílios importantes:

- a) Os missionários e outros escritores portugueses que trabalhavam no Oriente destes séculos.
- b) O contributo das Sociedades Bíblicas, sobretudo inglesas (a SPCK e a BFBS, etc.), assim como a Dinamarca e a Alemanha, já que os missionários de Tranquebar eram alemães ao serviço dessa colónia dinamarquesa.

Portanto, apesar do atraso que o nosso país mantinha em relação à Europa, nestes dois séculos, a estrela religioso-cultural portuguesa brilhava ainda no longínquo Oriente.

2. No que diz respeito à quantidade de autores, começamos por notar que alguns são estrangeiros, mas escreveram em português. O número total de autores (portugueses e estrangeiros) anda pelos 55. Quanto às obras, de várias tipologias (bíblica, catequética, litúrgica, cultural, etc.), superam o número das 490.

A bibliografia deste capítulo pode consultar-se no *Suplemento 7*.

Sobre o fenómeno linguístico português no Oriente, afirma Charles R. Boxer:

“Uma vez que a expansão da Europa foi iniciada pelos portugueses, a língua portuguesa (ou uma adaptação dela) tornou-se a língua franca da maioria das regiões costeiras que eles abriram ao comércio e aos empreendimentos europeus em ambos os lados do globo. Por ocasião do confronto com os holandeses, a língua portuguesa já criara raízes demasiado profundas para ser erradicada, mesmo nos domínios coloniais em que os holandeses tentaram substituí-la”.

(2.<sup>a</sup> Viagem do Pe. Tachard, SJ, delegado de Luís XIV ao Oriente, Amesterdão, 1689)

## Capítulo 20

### **Bíblia e cultura nas missões do Brasil e da África lusófona**

Já no volume III desta coletânea – *A Bíblia em Portugal* – falávamos de obras bíblicas no Brasil.<sup>1</sup> Tratava-se, porém, de obras feitas por missionários portugueses ou de outras nacionalidades; mas, como não havia ainda uma tradução, na nossa língua, da Bíblia católica, esta não chegou ao Brasil. A Bíblia de Almeida já existia (*Novo Testamento*, a partir de 1681-1693), mas, como era protestante, foi proibida oficialmente. Portanto, é nos dois séculos tratados neste volume, que a Bíblia chega, livre e oficialmente, ao Brasil.

Por outro lado, as obras bíblicas feitas por escritores de nacionalidade brasileira aparecem apenas a partir do séc. XVIII. Como afirma o conhecido monge biblista beneditino, Estêvão Bettencourt, a Escritura no Brasil colonial situava-se mais nos conventos e seminários, para, depois, sair para o grande público e entrar na liturgia, na piedade e nos sermões. Era assim que a Bíblia chegava ao povo. Não havia ainda um estudo, uma investigação científica da Bíblia com muita produção nacional. É no séc. XIX que se pode falar de uma certa produção bíblica e de um estudo mais organizado da Bíblia no Brasil.<sup>2</sup> O que aí fazia falta era suprido pela literatura que ia de Portugal ou então pelas Sociedades Bíblicas que neste período se foram instalando, lenta, mas progressivamente neste grande país.

No que se refere propriamente a uma difusão da Bíblia no Brasil, esta veio das Igrejas protestantes, sobretudo a partir da Inglaterra e dos Estados Unidos. Esta “invasão” de Bíblias ou, simplesmente, de Novos Testamentos ou de outras partes da Bíblia a que se chama “porções”, iniciou-se com um ato político denominado “Abertura dos Portos”, em 1808, devido a uma espécie de ultimato da Inglaterra declarado a Portugal.

---

<sup>1</sup> Ver *A Bíblia em Portugal nos séculos XVI-XVII*, cap. 21, p. 973-991.

<sup>2</sup> Ver BETTENCOURT, Estêvão, OSB, *Os Estudos Bíblicos no Brasil*, em Separata de Decimália, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1959, p. 3-15.

Isso aconteceu devido ao ultimato que Napoleão Bonaparte dirigiu ao Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, António de Araújo Azevedo, Conde da Barca, para fechar os seus portos à Inglaterra, com a ameaça de uma invasão (12.08.1807). Perante esta ameaça, a Inglaterra enviou os seus diplomatas, mas também uma esquadra, que ancorou no Tejo em 6 de novembro do mesmo ano. Traziam duas incumbências: a primeira era proteger a família real, que deveria partir para o Brasil, no caso de não aceitar o ultimato francês; a segunda incumbência era invadir Lisboa, se o dito ultimato fosse aceite por Portugal.

Como Portugal aceitou o ultimato inglês e não o francês, a armada inglesa protegeu a família real a caminho do Brasil, onde chegou a 22 de janeiro de 1808. Seguidamente, a Inglaterra intimou D. João VI a abrir os seus portos, tanto de Portugal como do Brasil. A partir dessa data, a Bíblia começou a chegar a todos os recantos do Brasil, vinda da Inglaterra, mas também dos Estados Unidos pela *American Bible Society* (ABS / SBA).

Seguidamente, apresentaremos o processo da entrada do protestantismo no Brasil, mediante a literatura bíblica. Mas, antes, vejamos o esquema geral deste capítulo, que tem uma estrutura binária, já que inclui a evangelização no Brasil e na África:

## 20.1. No Brasil

### 20.1.1. Intervenção das Sociedades Bíblicas

#### 20.1.2. “Associação da Propagação da Fé” e “Sociedade Católica” (em favor das missões)

#### 20.1.3. Bíblia e obras catequéticas

#### 20.1.4. Autores e obras culturais

## 20.2. Em África lusófona

### 20.2.1. A missão em Cabo Verde e na Guiné

### 20.2.2. A missão em Angola

### 20.2.3. A missão em Moçambique

## 20.1. No Brasil

### 20.1.1. Intervenção das Sociedades Bíblicas

As Sociedades Bíblicas serviram-se deste apoio linguístico português para levarem as suas obras bíblicas e as suas doutrinas para esses territórios onde se falava português. Elas nasceram, portanto, num contexto missionário. Diferentemente dos católicos, os protestantes sentiam, mais profundamente, a necessidade de ensinar a palavra da Bíblia escrita diretamente aos povos a evangelizar. Para esse fim, as Igrejas protestantes organizaram-se de modo a poderem dispor de

fundos materiais e outros, em ordem a enviar Bíblias ou partes dela para as terras de missão, ou para países católicos onde ela era proibida, ou não existia em língua vulgar.

Porque não seguiam as diretivas de Trento nem da Igreja Católica sobre as traduções da Bíblia em línguas vulgares, estas Sociedades, formadas nos séc. XVI a XVIII, tinham, pois, toda a liberdade de agir a seu bel-prazer, neste assunto; por isso, foram condenadas pela Igreja Católica em vários documentos.<sup>3</sup> É nesta época que surge a controvérsia antiprotestante das “Bíblias falsificadas”, tema que irá produzir alguma literatura portuguesa, de que falámos noutro capítulo (cap. 7).<sup>4</sup>

Infelizmente, não existia então o ambiente ecuménico que, hoje, se tornou normal. Tais documentos manifestam-se, ainda nestes séculos, em relação à proibição das traduções bíblicas para as línguas vulgares e também pela condenação das Sociedades Bíblicas.

Deixamos aqui um pequeno extrato de um documento referente à Rússia, onde as Sociedades Bíblicas editaram algumas Bíblias. Trata-se do arcebispo católico Mohilev, que foi repreendido pelo papa Pio VII por promover, no seu país, as traduções em língua vulgar e apoiar as Sociedades Bíblicas protestantes. O Papa enviou-lhe a seguinte mensagem:

“A Igreja Católica Romana, segundo as prescrições do concílio de Trento, aceita a Vulgata Latina e rejeita as traduções feitas para outros idiomas, se não

<sup>3</sup> Sobre estes e muitos outros documentos, ver ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia (160-2010)*, Difusora Bíblica - Gráfica de Coimbra, 2.<sup>a</sup> edição corrigida e aumentada, Fátima, 2011; 2240 p.; documento n.º 39 (03.09.1816), p. 144-145; n.º 40 (05.05.1824), p. 145-147; n.º 41 (24.05.1829), p. 147-148; n.º 42 (08.05.1844), p. 148-157. O primeiro destes documentos afirma claramente que, sendo embora a *Vulgata Latina* a Bíblia oficial da Igreja, esta, quanto às línguas vulgares, permitiu somente “aquelas [Bíblias] que são publicadas com notas tiradas oportunamente dos escritos dos Padres e dos doutores católicos, a fim de que um tão grande tesouro não esteja disposto às corrupções das novidades”. O último documento é dedicado unicamente às Sociedades Bíblicas protestantes, com receio de que a Bíblia, colocada nas mãos de quem não tem estudos bíblicos, possa corromper a sua fé cristã. A este mesmo tema volta o documento n.º 43, nas p. 160-161.

<sup>4</sup> Por exemplo, no Prefácio da sua *História Bíblica* (Novo Testamento), Lisboa, 1875, Frei Francisco de Jesus Sarmento afirma: “Os protestantes, assalariados pela Sociedade Bíblica de Londres, andam-nos metendo à cara quantos disparates há contra a religião que nossos pais nos ensinaram... Eles querem-nos impor quase à força, Bíblias falsificadas, viciadas, truncadas, que falam contra o Papa, contra a Igreja, contra a Confissão, contra a Eucaristia, contra Jesus Cristo, contra Maria Santíssima, contra os santos, contra tudo o que é bom...” (ver MOREIRA, Eduardo Henriques, em *A Reforma Protestante e os seus antecedentes em Portugal*, Lisboa, Sociedade da Língua portuguesa, 1972, p. 8). Sobre a história das Sociedades Bíblicas e discussão com as mesmas, acerca do Cânon bíblico, ver AMSLER, S., et alii, *Le Canon de l'Ancien Testament – Sa formation et son histoire*, Labor et Fides, Genève, 1984, p. 319-338.

estiverem acompanhadas de notas provenientes dos escritos dos Padres e dos doutores católicos, a fim de que tão grande tesouro não seja exposto às corruptelas das novidades... Se não foram poucas as vezes que lamentamos terem homens piedosos e sábios falhado na interpretação das Escrituras, como não deveremos recear grandes riscos se elas forem traduzidas em vernáculo e distribuídas ao povo ignorante que, na maioria dos casos, carece de discernimento e julga com temeridade”.<sup>5</sup>

No fim do séc. XVIII, o Pe. António Pereira de Figueiredo traduziu da Vulgata para português toda a Bíblia (NT, 1778-81; AT, 1783-90). De facto, não se entende porque é que a Igreja não utilizou esta Bíblia e a entregou nas mãos dos protestantes, que já tinham a de João Ferreira de Almeida. No entanto, a Bíblia de Figueiredo não se dirigia ao público das missões portuguesas, mas ao da Metrópole. Mas foram os protestantes ingleses que levaram as primeiras Bíblias para Massachusetts (Estados Unidos). A partir desse impulso missionário protestante, foram nascendo as *Sociedades Bíblicas*.

A primeira foi a inglesa, fundada em Londres, poucos anos depois da morte de Almeida, isto é, 1698: “Sociedade para a Promoção do Conhecimento Cristão”.<sup>6</sup> Seguidamente, apareceu, para a divulgação da Bíblia nas missões protestantes, em 1701, a Sociedade Bíblica de Londres; ao princípio tinha o nome de “Sociedade para promover uma maior circulação das Escrituras, tanto no país como no estrangeiro”.<sup>7</sup> Destas duas e de vários grupos que tinham a mesma finalidade, apareceu, em 4 de março de 1804, a “British and Foreign Bible Society” ou “Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira” (BFBS/SBBE). As características típicas das Bíblias que editou eram:

- a) sem os livros Dêutero-canónicos
- b) sem notas.

Quanto à Bíblia editada em inglês, os Estatutos da Sociedade diziam que devia ser unicamente a *Authorized Version*, que também não tinha os Dêutero-canónicos. A Sociedade Bíblica inglesa pôs em prática esta decisão desde 1632, sob a pressão dos puritanos da Escócia. Mais tarde, o mesmo critério foi seguido pelas edições bíblicas da BFBS. As únicas notas que podem aparecer reduzem-se a assuntos históricos ou geográficos.

<sup>5</sup> Tradução de GIRALDI, Luís António, *A Bíblia no Brasil Império*, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri (S. Paulo), 2013, p. 123; ver ainda ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia (160-2010)*, o. c., p. 144-145; Denzinger, n.º 2710-2712.

<sup>6</sup> Nome original: *The Society for Promoting Christian Knowledge* (SPCK).

<sup>7</sup> Nome original: *The Society for the Propagation of the Gospel in Foreign Parts*.

Em 1831, desagregou-se desta a *Sociedade Bíblica Trinitariana* (TBS / SBT).<sup>8</sup> Mas formaram-se, depois, Sociedades Bíblicas em todos os países, não faltando a da Holanda e da Escócia. Nos Estados Unidos surgiu, em 1816, a *Sociedade Bíblica Americana* (SBA / ABS), que editou frequentemente a Bíblia de Almeida.<sup>9</sup> Outras Sociedades Bíblicas se formaram posteriormente por toda a parte, sobretudo com o patrocínio das duas mais ricas, a americana e a inglesa.

Ao princípio, os protestantes não pregaram abertamente as suas doutrinas, mas instalaram as suas Igrejas, embora com culto em casas particulares. Deste modo, a Igreja Anglicana instalou-se entre 1822 e 1908; seguidamente vieram muitas outras Igrejas protestantes: anglicanos, 1818; luteranos, 1824; congregacionais, 1855; presbiterianos, 1859; metodistas, 1876; batistas, 1881; episcopais, 1890...<sup>10</sup>

Enquanto isso acontecia, a Igreja Católica continuava pouco ativa no campo da evangelização bíblica, contentando-se, por vezes, em criticar os protestantes, mormente por meio de algumas pastorais.

As edições bíblicas em português entravam às centenas de milhares em todo o Brasil, provenientes das únicas traduções bíblicas existentes: a de João Ferreira de Almeida (protestante) e a do Pe. António Pereira de Figueiredo (católica). Esta última será tratada em pormenor na Segunda Parte deste volume.<sup>11</sup> No séc. XVIII, o império português perdeu quase toda a sua influência na Ásia, devido também à expulsão dos Jesuítas, que tinham aí uma grande rede de colégios. Esse facto fez que as Sociedades Bíblicas se voltassem, com grande força, para o Brasil.<sup>12</sup> Ao princípio, imprimiram apenas a Bíblia de Almeida (protestante), passando, depois, a imprimir também o texto da Bíblia católica de Figueiredo.

<sup>8</sup> BROWN, A. J., *The Word of God among all Nations – A Brief History of the Trinitarian Bible Society, 1831-1981*, Trinitarian Bible Society, Londres, 1981. O nome desta Sociedade Bíblica – *Trinitarian Bible Society* – foi adotado em 31 de dezembro de 1831 (ib., p. 22).

<sup>9</sup> Nome original: *American Bible Society* (ABS / SBA).

<sup>10</sup> Ver GIRALDI, Luís António, *A Bíblia no Brasil Império*, Sociedade Bíblica no Brasil, Barueri (S. Paulo), Brasil, 2013, p. 66-68; imigrantes suíços (1818), p. 68-71. Seguidamente, entraram as Sociedades Bíblicas, sendo a primeira e mais importante a BFBS (British and Foreign Bible Society), ou em português, SBBS (Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira), fundada em 1804; ib., p. 77-80; ver ainda Id., ib., p. 53.

<sup>11</sup> A tradução da Bíblia por João Ferreira d'Almeida, a primeira feita em português, foi objeto do vol. IV desta coletânea, que tratou apenas a história desta Bíblia. Aí se apresenta também um *Catálogo* das suas edições, o único existente, que nos oferece uma quantidade enorme de exemplares editados, por volta de 220 milhões, até hoje, sobretudo no Brasil.

<sup>12</sup> Sobre os primeiros *Novos Testamentos* feitos em português para serem exportados para a Costa de Coromandel, na Índia, e para o Brasil, ver GIRALDI, Luís António, *A Bíblia no Brasil Império*, p. 78-82; e as primeiras *Bíblias* (1819-1824), ib., p. 82-87.



Uma das causas mais graves que prejudicou o espírito missionário português foi a expulsão das Ordens religiosas pelo decreto do governo liberal de 1834, que, com este acontecimento, criou um cisma. De facto, o grosso dos missionários pertencia às Ordens religiosas e, sem elas, faltavam vocações. Isso contribuiu para a desertificação espiritual do país e das missões católicas nos territórios ultramarinos, já que a própria pregação era quase toda feita por membros dessas Ordens. Deste deserto espiritual não podia nascer vida missionária em Portugal, nem *ad intra* nem *ad extra*.<sup>13</sup>

**Robert Reid Kalley e a polémica anticatólica.** Este médico escocês (nasceu perto de Glasgow em 1809) trabalhou como missionário em terras onde se falava a língua portuguesa. A intervenção social e religiosa deste militante da Igreja presbiteriana ficou patente no seu trabalho tanto no continente português como na ilha da Madeira e, depois, no Brasil. No Porto, respondeu à pastoral do cardeal D. Américo contra o protestantismo, atacando mesmo as suas ideias a nível cristão (ver cap. 7).

Na Madeira, Kalley fez um trabalho social notável; mas, quando começou a pregar a sua doutrina, lendo um texto bíblico, antes de cada consulta dos seus doentes, além de outras pregações, o povo descobriu que ele era protestante. Por isso, em 1843-1844 foi preso. Em 1846 foi novamente acusado e preso, porque atraía pessoas para as suas celebrações em Santo António da Serra. O povo levantou-se novamente contra ele, certamente com a conivência do clero católico. Deste modo, em 1846, Kalley e alguns dos seus discípulos deixaram a Madeira secretamente num navio inglês rumo às Caraíbas e depois a Inglaterra.

Depois disso, vários grupos de discípulos de Kalley continuaram a partir para as ilhas Trindade y Tobago, pois os ingleses precisavam de trabalhadores. Mas Kalley foi morar nos Estados Unidos e, daí, dirigiu-se para várias missões (Malta...), sendo convidado, seguidamente, a partir para o Brasil, onde trabalhou em diversas atividades da sua Igreja.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Ver REIS, A. do Carmo, *Liberalismo e missões católicas. Leituras da Imprensa do Porto (1848-1850)*, em Congresso Internacional de História – Missionação Portuguesa e encontro de Culturas – Actas, vol. IV, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1993, p. 9-18; Idem, *O Liberalismo em Portugal e a Igreja Católica*, Ed. Notícias, 1988.

<sup>14</sup> Sobre este personagem incontornável do protestantismo do séc. XIX, veja-se GIRALDI, Luís António, *A Bíblia no Brasil Império*, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, S. Paulo, 2013, p. 167-170. Foi considerado o fundador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, porque a sua “Igreja Fluminense” (Rio de Janeiro) foi a primeira a ser reconhecida. As anteriores eram igrejas para emigrantes, que celebravam o culto nas suas línguas, enquanto Kalley falava para todos e em português. Sobre o protestantismo na Madeira, veja-se GUICHARD, F., *Madère, pôle de diffusion do protestantisme dans le monde lusophone*, em Congresso Internacional de História – Missionação

### 20.1.2. “Associação da Propagação da Fé” e “Sociedade Católica”

(em favor das missões)

Todos os constrangimentos feitos à evangelização, tanto interna como externamente, pelo regime liberal, provocou diferentes reações nos católicos mais conscientes e ilustrados na sua fé cristã. Enumeramos aqui apenas as organizações que têm a ver com o espírito missionário *ad extra*, ou seja, que foram criadas para ajudar as missões e os missionários nos territórios ultramarinos. Foram, de facto, criadas duas: *Associação da Propagação da Fé* e *Sociedade Católica*.<sup>15</sup> A primeira publicava os *Anais da Propagação da Fé* e foi fundada em França, em 1820, por uma jovem leiga, Pauline Jericot, a fim de ajudar os missionários que trabalhavam nas missões estrangeiras. A secção portuguesa seguiu os critérios da francesa, e os compromissos eram mínimos: rezar diariamente um Pai-nosso e uma Avé-Maria pelos missionários e entregar 10 reis por semana para as ajudas económicas às missões.

O povo aderiu de tal maneira à iniciativa, que se criou uma rede por todo o país, de modo que se recolhiam todos os anos grandes fundos monetários. Isso levou as autoridades liberais a inventarem suspeitas de que esses fundos pretendiam finalidades políticas em favor dos Jesuítas (sempre eles!) e do regime absolutista de D. Miguel e muitas outras críticas do mesmo jaez. Mal sabia o governo que esses fundos estavam a contribuir para que os nossos territórios, sobretudo em África, pela “ocupação” missionária portuguesa os vinculava definitivamente ao nosso país. Estas associações eram, portanto, ao mesmo tempo, missionárias e patrióticas.<sup>16</sup>

Todas estas polémicas acima apontadas tiveram repercussões altamente negativas na missionação, mas também nas culturas dos povos tratados neste capí-

---

Portuguesa e encontro de Culturas – Actas, vol. IV, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1993, p. 157-171.

<sup>15</sup> Sobre a origem e a obra feitas por estas associações, ver MANUEL CLEMENTE, *Iniciativas missionárias em Portugal depois da extinção das Congregações religiosas: a “Associação da Propagação da Fé” e a “Sociedade Católica”*, ib., p. 55-66.

<sup>16</sup> Sobre o assunto, ver SANTOS, Maria Emília Madeira, e TORRÃO, Maria Manuel Ferraz, *Missões religiosas e poder colonial no séc. XIX*, ib., p. 83-106. Aqui se prova como foi da iniciativa da Igreja a ocupação das terras angolanas por meio das missões, que foram reconhecidas pela Conferência de Berlim como um dos critérios de efetiva ocupação do território africano. Nessa altura, vários países europeus se preparavam para ocupar a maior fatia possível em África. Mas o critério para essa posse era a ocupação efetiva de determinado território. Nesta altura foram os Missionários do Espírito Santo, de origem francesa, que mais contribuíram para essa tarefa em Angola. Sobre este mesmo assunto, ver BRASSEUR, Paule, *Les premiers Spiritains de l'Angola au Congo (1866-1886)*, ib., p. 121-136.

tulo. Por isso, sem missionários e sem missões, não há produção literária cristã possível. Este facto é a causa da pobreza das produções abaixo apontadas.

### 20.1.3. Bíblia e obras catequéticas

Podemos, desde já, adiantar que, neste período, embora a missão portuguesa continue presente no Brasil, há uma hierarquia eclesial já organizada, há Seminários e clero local, pelo que a missão já acontece, em grande parte, com missionários locais. A partir deste pressuposto, vejamos as obras bíblicas produzidas no Brasil deste período.

Por outro lado, o catolicismo brasileiro tinha características familiares e sociais. Toda a vida girava em torno do fenómeno religioso, sobretudo através das confrarias, festas dos santos locais, etc. Por isso, tal cristianismo nem sempre vivia na profundidade de que o iluminismo pretendeu “batizá-lo”. Com uma imigração europeia intensiva, o catolicismo brasileiro tornou-se mais diferenciado. Se, por um lado, a europeização da cultura atuou também na influência religiosa da pessoa do Papa, por outro, sentiu-se a influência da imigração de novos modos de viver o cristianismo, devido às Igrejas protestantes. Mais ainda, com a instalação da República, renascem os antigos cultos afro-asiáticos.

A Igreja Católica reagiu a este estado de coisas com a introdução de novas devoções, próprias destes séculos: a devoção ao Coração de Jesus (junho), o mês do Rosário (outubro), a introdução da solene Primeira Comunhão, etc.<sup>17</sup>

**Alexandre Blackford** (1829-1867). O autor era um missionário dos Estados Unidos e deu início às obras bíblicas protestantes no Brasil. É uma versão feita do original grego:

- *Novo Testamento de Nosso Senhor e Redemptor Jesus Christo, traduzido do original grego. Primeira edição brasileira*, Rio de Janeiro, Sociedade de Literatura Religiosa e Moral, 1879; 631 p.; 21,5x14,5 cm; com índice no início; sem notas nem referências. Este exemplar foi a origem da chamada “Edição Brasileira”, de que falaremos no próximo volume.

Tudo indica que se trata de uma edição do Novo Testamento de João Ferreira Annes d’Almeida, revista a partir do grego pelo referido editor, missionário protestante americano a trabalhar no Brasil. Outras edições de Almeida chegavam nessa altura e antes, mas a partir da BFBS de Londres.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Sobre este assunto, veja-se WERNET, Augustin, *O Impacto da acção missionária no séc. XIX sobre o catolicismo luso-brasileiro*, ib., p. 19-35.

<sup>18</sup> Ver J. Pereira, *Portugaises (Versions)*, em Vigouroux, F., *Dictionnaire de la Bible*, vol. V; col. 568.

**António dos Reis** - 1, Pe., CO (1690-1738). Era natural de Pernes (Santarém). Foi um dos excelentes cultores da língua latina e um grande orador sacro (Barbosa I, p. 367-371; Inocêncio I, 243-245). Deixou-nos:

- *Cathecismo para o Estado do Brasil muito mais acrescentado, que o impresso*. Ver o autor nos cap. 9; 10.2; 10.9; 14 e 15.

**António Pereira de Figueiredo**, Pe. (1725-1797). A sua Bíblia foi editada no Brasil. Tratamos do assunto na II Parte deste volume, no cap. 26.

**Bernardo de Nantes**, Frei, OFMCap (séc. XVIII). Foi grande pregador e missionário apostólico. Escreveu:

- *Katecismo índico da língua kariris acrescentado de várias práticas doutrinárias, e moraes adaptadas ao génio, & capacidade dos índios do Brasil*, Lisboa, Of. de Valentim da Costa Deslandes, 1709; bilingue; em perguntas e respostas; 24, 363 p.; com *Instruções moraes...*; texto em páginas paralelas (p. 168-363); 15,5x9 cm (BNP, Res. 248 P.; BPB, Res. 275 A.; BPMP, H'-1-27; Inocêncio I, 382; Belinquete I, p. 590-591.679; Brasiliana I, p. 88).  
— *Nova edição*; publicada de novo por Júlio Platzmann. Edição facsimilar, Leipzig, por B. G. Teibner, 1896; 6, 12, 363 p.

**Francisco Rodrigues Santos Saraiva**, Pe. (ca. 1834-1900). Sendo padre católico português, emigrou para o Brasil onde aderiu à Reforma protestante e se notabilizou como lexicógrafo e hebraísta. Traduziu os Salmos com o título:

- *Harpa d'Israel. Nova tradução dos Psalmos, tirada do texto hebreu, seguida de anotações, em que são apontadas, discutidas e elucidadas numerosas discrepâncias entre a Vulgata Latina, versão de António Pereira de Figueiredo e o texto original hebreu...*, S. Paulo, Vanorden & Comp., 1898. É uma versão do hebraico, fiel ao original, com notas críticas.

**Inácio Leão de Sá** (?-?). Aprendeu a língua brasílica em criança. Em 1760, foi deportado do Rio para Lisboa e daqui para a Itália, pelo Marquês de Pombal. Ainda vivia em Pésamo, em 1780. Escreveu:

- *Catechismus Brasilicus*. Traduzido para latim (Belinquete I, p. 632).

**João da Silva** (?-?). Nasceu no concelho de Santa Maria da Feira. Foi deportado na perseguição de Pombal, em 1760, do Recife para Lisboa e daqui para Itália. É autor de:

- *Explicação da Doutrina Christã* (Belinquete I, p. 632).

**João Filipe Betendorf**, SJ (1625-1698). Era natural do Luxemburgo. Foi um religioso jesuíta de destacada atuação como missionário na Amazónia durante

a época colonial. Faleceu em Belém do Pará. Era um poliglota que falava alemão, francês, italiano, flamengo, espanhol e latim; é considerado extremamente culto, escreveu para a evangelização:

- *Compêndio da doutrina christãa na língua portugueza, e brasílica, composto pelo P. João Filippe Betendorf antigo missionário do Brasil. E reimpresso de ordem de S. Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor, por Frei José Mariano da Conceição Vellozo*, Lisboa, Of. Simão Tadeu Ferreira, 1800; VIII, 131, 2 p.; 15 cm (BNP, R. 3290 P.; Brasiliana I, p. 91).

**Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré**, Dom Frei, OFM (1776-1851). Era natural da Nazaré e veio a falecer no Maranhão, onde foi bispo. Traduziu:

- *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo...*, Maranhão, Tip. I. J. Ferreira, 1845-47 (DB; SBA; Harvard; Darlow 7509; BL; BNRJ, 5,5,10,17: 1.º e 2.º vol.).

Estamos a referir-nos à primeira tradução do *Novo Testamento* feita no Brasil, a partir da Vulgata, por Dom Frei Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré, bispo de Coimbra e também do Maranhão. Emigrou para o Brasil, depois da vitória de D. Pedro IV, já que era adepto do partido de D. Miguel.

O texto latino acompanha o texto português e foi publicado em São Luís do Maranhão entre 1845-1847. Em 1862, o arcebispo da Baía, Dom Manuel Joaquim da Silveira, em carta pastoral, insurgia-se contra uma edição de Almeida, publicada em Nova Iorque, também reproduzida noutra edição de Nova Iorque, 1882, e Lisboa, 1897.

Temos ainda de recordar que, durante o tempo em que o Brasil foi Império (depois do Brasil-Colónia e antes do Brasil-República), a Bíblia mais difundida foi a de Figueiredo, como se pode ver pelo Catálogo que apresentamos na II Parte deste volume. Por isso, granjeou muitos adeptos, apesar de ser distribuída pela Sociedade Bíblica protestante de Londres e sem os Dêutero-canónicos. Como foi traduzida por um padre católico, era aceite pelos católicos, ao contrário da Bíblia de Almeida, que não era aceite, por ser protestante.

Durante os séc. XVII-XVIII, os protestantes conseguiram introduzir secretamente as suas Bíblias no Brasil, apesar de serem proibidas, mesmo pelas leis do Estado (1500-1808). Mas começaram a entrar livremente durante o tempo do Brasil-Império (1816-1827). Os primeiros Novos Testamentos, em português, que chegaram ao Brasil, vinham da Inglaterra para Tranquebar (Índia), impressos pela Sociedade protestante inglesa “Sociedade de Propaganda do Conhecimento Cristão” (SPCK).<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Em inglês: *Society for the Promoting of Christian Knowledge*.

Entretanto, uma armada francesa estacionada na baía de Guanabara capturou o barco holandês e levou tudo o que quis, libertando o barco logo a seguir. Aí encontraram 150 exemplares do *Evangelho de Mateus*, impressos em Amsterdão, que ficaram certamente no Brasil, mas não se conhece o paradeiro dos mesmos. Juntamente com o *Evangelho de Mateus* seguia também uma máquina impressora, que, resgatada aos franceses, iniciou as impressões das obras bíblicas e outras em Tranquebar (ver cap. 19).

De qualquer modo, entre 1809-1859, a SBBE produziu uma grande quantidade de obras bíblicas, a maior parte das quais foram enviadas para o Brasil: 26.160 Bíblias; 70.180 Novos Testamentos; 6.000 “porções”; no total, 102.340 obras bíblicas.

A partir de 1829, a mesma Sociedade começou a editar as ditas “porções”, ou partes da Bíblia: 1000 exemplares de cada um dos seguintes livros: Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Isaías, Lucas, Atos dos Apóstolos.

No que diz respeito a este capítulo, temos a declarar o seguinte: como reservámos para o capítulo 21 os autores e obras propriamente brasileiros, pouco antes ou depois da independência, aqui consideramos sobretudo os autores e obras de ambiente ainda missionário português, embora alguns destes autores possam já ter nascido no Brasil. Portanto este capítulo vem no seguimento do cap. 21 do volume III desta coletânea (*A Bíblia nos séculos XVI-XVII*). Por este motivo, é possível que um mesmo nome apareça nos dois capítulos. Ver o autor nos cap. 3.1 e 20.1.

**Luiz Maria Buchereli / Bucaleli** (1684-1749). Nasceu em Florença e faleceu no Maranhão. Em 1718 embarcou em Lisboa para o Maranhão. Compôs:

- *Catecismo na língua brasílica* (Belinquete I, p. 632; Serafim Leite, t. VIII, p. 125).

**Manuel Gonçalves Braz, Pe.** (?-?). Traduziu:

- *Catecismo das verdades necessárias composto em francez e illustrado por S. Exa. Rev.ma O Snr. D. A. Le Roy; vertido em portuguez e olunyaneka*, Huilla, Missão Catholica do Real Padroado, 1900; autor: Albert Le Roy; edição bilingue; 34 p.; 40 cm (BJPII).

**Manuel Justiniano Seixas, Pe** (ca. 18??). Foi presbítero secular. Falava corretamente a língua tupi-guarani. Compôs as seguintes obras:

- *Compêndio da Doutrina cristã em língua tupi*, 1874 (Belinquete I, p. 632).

**Nicolas Yapuguay** (?-?). Escreveu:

- *Catecismo de la lengua guarani*, 1724 (Belinquete I, p. 633).

- *História da Paixão de Christo e taboas dos parentescos em língua tupi por Nicolas Yapuguay, com uma resenha dos impressos acerca da dita língua*, Viena, Imp. I. e R. do Estado, 1876; XV, 43 p.; em 8.º grande; com introdução pelo Visconde de Porto Seguro (BNRJ, 315, 2, 36).

**Nuno Marques Pereira** (1652-1728). Escreveu:

- *Compêndio narrativo do peregrino da América em que se tratão vários discursos espirituales, e moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malícia no estado do Brazil*, 1728; Lisboa, Of. de Miguel Manescal da Costa, 1752; 24, 436; 21 cm (BNP, R. 6065 P.).<sup>20</sup>

**Igreja Católica**, *Cânticos espirituales colligidos pelos Padres da Congregação da Missão Brasileira...*, Rio de Janeiro e Paris, H. Garnier, [186?]; 5.ª edição corrigida e aumentada; 31, 394 p.; em 8.º (BSL).

**Autores anónimos**

- *Compêndio da Doutrina cristã que se manda ensinar com preceyto*, 1740 (ms); em língua brasílica; com perguntas e respostas; 12 p. (Belinquete I, 631).
- *Perguntas da Doutrina cristã pela língua Manoa, vertidas ou tiradas da lingoa Geral. E acrescenta “Quem isto escreve não sabe a ditto Lingoa mas hum Manao, que aprendeo a Doutrina pela Lingoa Tupinamba, a verteo na sua lingoage dizendo que algumas das palavras nam heram muy alegantes, mas que as compunha conforme melhor as entendia, e assim se pode perdoar os erros que nellas se acharem; pois se puzeram sem quererem, mas só p[ar]a quem souber a ditto Lingoa se puzeram ou escreveram, e nunca ficara sem fruto, quem a ensinar...”, s. d. (ms); na língua de Manaus e em português; com perguntas e respostas; col. paralelas; 10 p. (Belinquete I, p. 631).<sup>21</sup>*

#### 20.1.4. Autores e obras culturais

Depois das obras que acabámos de apresentar, e que se inserem no universo bíblico-religioso, deixamos aqui também algumas obras que manifestam a ação das missões e missionários na cultura brasileira. A Igreja tem sido, ao longo dos séculos, a grande promotora da cultura e, nestes dois séculos, fez também a sua

<sup>20</sup> Teve cinco edições no séc. XVIII. É uma obra de reflexão moral e religiosa que atesta a necessidade de missionação e catequização, no final da Segunda Escolástica Portuguesa. Manifesta o início de uma consciência da brasilidade cultural e religiosa, ocidental e lusíada.

<sup>21</sup> Segundo Serafim Leite, este texto está feito pelo texto padrão do P. Vidigal de 1740 (Belinquete I, p. 631).



parte neste campo humanista, em favor do povo brasileiro. Vejamos, pois algumas obras de tipologia cultural.

**Antônio Gonçalves Dias** (1823-1864). Era natural do Maranhão. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra com o grau de bacharel (Inocêncio I, p. 150; VIII, p. 157). Foi autor de:

- *Diccionario da Língua Tupy: chamada língua dos indígenas do Brasil*, Lipsia, F. A. Brockhaus, 1858; 6, 191 p.; 15x11 cm (BNP, L. 7862 P.; Brasiliana I, p. 224). Ver o autor no cap. 21.

**João Daniel, SJ** (1722-1776). Compôs:

- *Dicionário manuscrito da língua geral do Brasil*, que deu origem ao:
- *Dicionário português-brasileiro*, Lisboa, 1795.

**João Joaquim da Silva Guimarães** (ca. 1798-1858). Era natural de Minas Gerais, Brasil (Inocêncio III, p. 389; X, p. 283). Compôs:

- *Vocabulário da língua geral dos índios do Brasil para uso do Seminário episcopal do Pará*, Pará, Typ. de Mattos & C., impresso por Joaquim Francisco de Mendonça, 1853; XVI, 66 p.; em 8.º (Inocêncio XIX, p. 342).  
— *Reimpresso e augmentado com diversos vocabulários, e offerecido a Sua Magestade Imperial*, Baía, 1854; em 8.º gr. (Belinquete I, 720).  
— Fez também uma nova reimpressão da *Gramática* do Pe. Luís Figueira.
- *Gramática da língua geral dos índios do Brasil, reimpressa pela primeira vez neste continente depois de tão longo tempo de sua publicação em Lisboa...*, Baía, Typografia de Manuel Feliciano Sepúlveda, 1852; 6 fol., VI, 105, 12 p. (p. 149).<sup>22</sup>

**João Nunes de Andrade** (?-?). Foi autor de:

- *Novo compêndio de gramatica latina, contendo um tractado de analyse, preceitos essenciaes da versão de latim, regras práticas da composição e metrificacão latina...*, Rio de Janeiro, Tipographia do Mercantil, 1845; 199 p.; 16x11 cm (BBM).

**João Severiano Maciel da Costa** (1796-1833). Nasceu em Mariana. Era marquês de Queluz (Inocêncio IV, p. 34; X, p. 347). Escreveu:

- *Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Bra-*

<sup>22</sup> Em GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz (dir.), *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, BN, 1880; vol. VIII. Aqui encontramos um capítulo com o título: “Bibliografia das obras tanto impressas como manuscritas relativas à língua tupi ou guarani também chamada “Língua Geral do Brasil” por Alfredo do Valle Cabral” (p. 143-154). Obras aqui reunidas: Gramáticas (p. 143-154); Dicionários e Vocabulários (p. 154-160); Catecismos (p. 160s).

*sil; sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer; sobre os meios de remediar a falta de braços que ela pode ocasionar*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1821 (Brasiliana I, p. 188).

**José Augusto Caldas** (séc. XIX). Compôs:

- *Vocabulário da língua indígena dos boróros-corôados*, Cuiabá, Tipografia de O Mato Grosso, 1899; 44 p.; 18x 12 cm (BBM).

**Manuel Aires de Casal**, Pe. (1754-1821). Era natural da Baía, mas faleceu em Lisboa, pois veio para Portugal quando a família real regressou. Foi autor de:

- *Vocabulário da língua Geral e do idioma guaycurú*, Rio de Janeiro, na Imprensa Régia, 1817.<sup>23</sup>

**Manuel Justiniano Seixas**, Pe. (ca. 18??). Foi presbítero secular. Falava corretamente a língua tupi-guarani. Compôs:

- *Vocabulário da língua indígena geral para uso do Seminário episcopal do Pará*, Pará, 1853 (Belinquete I, p. 720).

**Pedro Luís Sympson** (1840-1892). Foi autor de:

- *Gramática da língua brasileira, falada pelos aborígenes do Pará e Amazonas...*, Manaus, Typografia de Comércio do Amazonas, 1877; XV, 88 p.; em 4.º (p. 154).<sup>24</sup>

### Alguma bibliografia

AMORIM, Inês, *Sociedade Barroca e Missões guaranis: Do confronto à complementaridade*, em I Congresso Internacional do Barroco, Universidade do Porto, 1991, p. 445-466.

AMSLER et alii, *Le Canon de l'Ancient Testament - Sa formation et son histoire*, Labor et Fides, Genève 1984.

ASSUNÇÃO, Paulo, *O Terramoto provocado por Pombal na América Portuguesa*, em Lusitania Sacra 18, 2.ª Série, 2006, p. 331-351.

BOXER, C. R., *O Império Marítimo Português (1415-1825)*, Edições 70, Lisboa, 1992; sobretudo o cap. VII: "Renascimento e Expansão no Ocidente (1663-1750)", p. 155-178.

<sup>23</sup> Sobre o autor, ver SARAIVA, José Hermano (coord.), *História de Portugal – Dicionário de Personalidades*, Matosinhos, QuidNovi, 2004.

<sup>24</sup> Em GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz (dir.), *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, o. c., vol. VIII, p. 143.

- BRANDÃO, Renato Pereira, *O militar e o religioso sob a mesma cruz: a estratégia do Regimento na conquista da terra Tupi*, em Congresso Internacional de História – Missionação Portuguesa e encontro de Culturas – Actas, vol. II, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1993, p. 711-728.
- FARINHA, António Lourenço, *A Expansão da Fé na África e no Brasil*, Lisboa, Ag. Geral das Colónias, 1942; 3 vol.
- GUEDES, Max Justo, *A relevância da acção missionária na expansão geográfica do Brasil*, em Congresso Internacional de História – Missionação Portuguesa e encontro de Culturas – Actas, vol. II, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1993, p. 675-709.
- KERN, Arno Alvarez, *Ações evangelizadoras e culturais de missionários portugueses e espanhóis no Rio da Prata, nos séc. XVI, XVII e XVIII, em territórios do Sul do Brasil*, ib., p. 469-490.
- LAFITAU, Joseph-François, SJ (?-1740?), *Histoire des Découvertes et Conquestes des portugais dans le Nouveau Monde, avec des figures en taille-douce*, Paris, Jean-Baptiste Coignard, 1733; 2 vol.; XXIV, 616, 48, 693, 88 p.; 26 cm (BPNM, 1-33-10-3/4).
- LEITE, Serafim, e MATOS, Manuel Cadafaz de (ed. lit.), *Anotações dispersas sobre catecismos brasílicos na “História da Companhia de Jesus no Brasil”* (vols. 8 e 9), Revista Portuguesa de História do Livro, Lisboa, ano 12 (2009), vol. 23, p. 181-214.
- LOPES, António, *Heróis da Missão em 500 anos de Evangelização Portuguesa*, Fátima, Editora Missões Consolata, 1995. Fala um pouco da vida dos missionários.
- MATOS, Manuel Cadafaz de, *Os Padres da Companhia de Jesus, os “Catecismos” e o contributo para a história da edição nas missões do Brasil entre os séculos XVI-XVIII: ainda os estudos de Serafim Leite, S.J.*, Revista Portuguesa de História do Livro, Lisboa, Ano 12 (2009), vol. 23, p. 141-180.
- PAULO BRANCO, *Subsídios para uma Bibliografia do Protestantismo no espaço Lusófono*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, ano V, 2006, n.º 9-10, p. 65-66.
- SILVA ESTEVES (ca. 18??), *Missões e Missionários*, Porto, Ed. António Dourado [Typ. Artur José de Sousa & Irmão], 1896; 214 p.; 18x12 cm (BNP, R. 25099 P.; BSEA).
- ZWARTJES, Otto, *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*, Publishing Company, 2012.

**Conclusão.** Nestes dois séculos, sobretudo no séc. XIX, o Brasil já gozava de uma certa autonomia, no que diz respeito às estruturas básicas do catolicismo implantado nos séculos anteriores. Mas sofre as influências negativas de dois tipos: da maçonaria, por um lado, que tentava dominar a Igreja e, por outro, do protestantismo.

Nestes dois séculos, existiram outras formas de levar e consolidar a fé cristã no povo brasileiro, sobretudo no que se refere à piedade popular e ao culto mariano em particular. As mais diversas invocações marianas espalharam-se por todo o país. De facto, para um país onde a maior parte do povo era pouco mais que analfabeta, não se lhe podia meter uma Bíblia na mão; se é que sabia soletrar os seus textos. Um prova disso, foi a devoção mariana, contando-se por centenas as invocações atribuídas à Mãe de Jesus em todo o território do Brasil, entre 1500 e o fim do séc. XIX.<sup>25</sup>

Neste apartado referente ao Brasil, encontramos 27 autores e 48 obras. Veja-se também o que dizemos mais abaixo sobre os autores e obras tipicamente brasileiras, depois do período chamado da missão. No séc. XIX, já aparece uma cultura, que poderíamos chamar tipicamente brasileira. Portanto, estes dois capítulos (20 e 21) devem ler-se um depois do outro, já que constituem uma certa unidade temático-cultural.

## 20.2. África lusófona

Primeiramente, devemos ter em conta que, com a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal (1759) e, depois, com expulsão de todas as Ordens Religiosas pelo governo liberal (1834), as nossas terras ultramarinas, sobretudo a África e a Ásia, ficaram praticamente abandonadas, nos aspetos religioso e cultural. Antes destes tristes acontecimentos, era a Igreja, nas suas diferentes estruturas de evangelização e de alfabetização, que mantinha, não apenas o cristianismo, mas também a portugalidade em praticamente todas as escolas desses imensos territórios. Portanto, a partir desses dois tristes eventos, a cultura e a evangeliza-

<sup>25</sup> É inspirador, nesse sentido, o que afirma SOUZA, Maria Beatriz de Mello e, *O Culto Mariano no Brasil Colonial. Caracterização tipológica das invocações (1500-1822)*, em Congresso Internacional de História – Missão Portuguesa e encontro de Culturas – Actas, vol. III, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1993, p. 337-364. A autora apresenta as diferentes invocações a partir de certos conceitos atribuídos a Maria; por exemplo, como protetora e auxílio (*Senhora da Ajuda, do Amparo...*); como personagem histórica de Nazaré (*Senhora da Natividade, Senhora do Parto...*); as localidades geográficas (*Nossa Senhora do Cabo; Nossa Senhora da Lapa, de Loreto...*); as qualidades de Nossa Senhora (*Madre de Deus, Mãe dos Homens...*); atributos físicos, normalmente paróquias, onde se venerava a imagem (*Nossa Senhora das Brotas; da Pena...*); visões ou aparições de certas imagens suas (*Senhora do Pilar, Senhora da Penha de França...*), etc.

ção ficaram no caos. Longe iam os tempos em que Frei João Santos, na sua obra *Cristandade da Etiópia*, apresentava missões e missionários por todo o território e mesmo no coração do império do Monomotapa.

Foi necessário esperar pela segunda metade do séc. XIX, para recomeçar praticamente tudo de novo. Em Moçambique não havia praticamente nenhuma missão católica a funcionar e havia apenas meia dúzia de sacerdotes do clero secular. Foi graças ao grande missionário D. António Barroso que o catolicismo recomeçou a sua caminhada.

Em Angola, depois das referidas expulsões de missionários pelos dois governos portugueses, foram os Padres Espiritanos que, vindos de França, iniciaram o seu trabalho de base da reevangelização em grande parte do território angolano. É curioso que foi o governo que lhes pagou a passagem para Lisboa, para eles irem evangelizar na África portuguesa.<sup>26</sup> Mas o parlamento português, em eloquentes discursos, em vez de enaltecer o humanismo e a fé desses missionários estrangeiros, imaginaram tramoias dos mesmos contra Portugal. Nessa altura, os jacobinos estavam em plena força no parlamento do nosso país.

O mesmo entusiasmo não tinham mostrado no desenvolvimento das nossas possessões ultramarinas, que era devido, em grande parte, à atividade dos missionários. Por tudo o que aconteceu, Portugal irá pagar caro tal abandono das missões nessas possessões africanas. Livingstone, enviado pela Sociedade Bíblica e pelo governo inglês, jogava nos dois tabuleiros, da religião e do comércio inglês, para ocupação dos territórios a sul de Angola, para os juntar a Moçambique. Foi o início do célebre problema do “Mapa cor-de-rosa”.

Enquanto isso acontecia, o governo liberal de Lisboa fazia grandes discursos a enaltecer o padroado português nesses territórios africanos, depois de o ter abandonado quase completamente, com as suas políticas anticatólicas. Sem a rede das missões antes existente, não havia catolicismo nem cultura portuguesa. Não havia Portugal. Além disso, depois de expulsar os missionários católicos, o governo português nada fazia para prevenir a proliferação de seitas de todo o tipo e de Igrejas cristãs estrangeiras, que iam ocupando o terreno que o governo liberal tinha deixado ao abandono.

Trataremos agora os antigos territórios portugueses, juntamente com os seus autores e obras, se os houver. Seguiremos a ordem seguinte: Cabo Verde e Guiné; Angola e Moçambique.

<sup>26</sup> Fortunato de Almeida III, p. 215, sobretudo nota 4.

### 20.2.1. A missão em Cabo Verde e na Guiné

No que se refere a Cabo Verde neste período, as notícias da missão não eram nada animadoras, pois o catolicismo era vivido mesclado com rituais africanos ancestrais. Por isso, os relatos sobre o assunto da religião e da cultura neste país eram muito negativos.<sup>27</sup>

No fim do séc. XIX, a Guiné sentiu as consequências da extinção das Ordens religiosas em 1834, ficando apenas com o clero local, em número diminuto e, geralmente, mal preparado para exercer dignamente as suas funções; isto foi o mesmo que aconteceu noutros territórios ultramarinos portugueses.

A partir de 1850, devido ao espírito missionário do bispo de Cabo Verde, Dom Frei Patrício Xavier de Moura, apadrinhou a formação de clero indígena. Os padres das missões ultramarinas e outros vindos de Goa deram assistência aos cristãos, distribuindo o pão da Palavra entre 1860 e 1950. Foi precisamente nesta época, maio de 1867, que se criou o primeiro vicariato-geral apostólico, que permitiu à Igreja da Guiné uma relativa independência da diocese de Cabo Verde.<sup>28</sup>

### 20.2.2. A missão em Angola

Este antigo território ultramarino português foi o que mais atenção mereceu por parte da Igreja Católica, desde o séc. XVI até à sua independência. No volume III já falávamos de várias obras feitas por missionários neste grande país africano.<sup>29</sup>

**António Tomás da Silva Leitão**, Dom (?-?). Pouco se sabe da vida deste autor.

Apenas Inocêncio nos diz que foi bispo de Angola e Congo (XX, p. 267) e que escreveu:

<sup>27</sup> Veja-se, por exemplo, SENNA, Manoel Roiz Lucas de, *Dissertação sobre as ilhas de Cabo Verde, 1818*, Lisboa, ed. do autor, 1987; anotada e comentada por António Carreira. Para uma visão global sobre este tema, ver ainda SANTOS, Danilo, *Catolicismo Cabo-verdiano: Retrato da Vida Religiosa dos Cabo-verdianos nos textos portugueses (1784-1844)*, em Lusitania Sacra 15, 2.ª Série, janeiro-junho, 2012. Para uma visão geral das missões em Cabo Verde e Guiné no século XVIII, ver REMA, Henrique Pinto, *Padre Frei Manuel de Vinhais Sarmento. OFM (século XVIII) – O Homem, O Português e O Missionário*, em Congresso Internacional de História. Missionaçã Portuguesa e Encontro de Culturas – Actas, vol. I, UCP, Braga, 1993, p. 601-636; GONÇALVES, Nuno da Silva, *Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde*, Lisboa, Brotéria, 1996 (recensão, em Lusitania Sacra 10, 2.ª Série, 1998, p. 448-451).

<sup>28</sup> Sobre as missões da Guiné, veja-se REMA, Pe. Frei Henrique Pinto, *Guiné*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal, Círculo de Leitores (C-I), Lisboa, 2000, p. 321-325.

<sup>29</sup> Ver vol. III: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 905-912. Para algumas ideias genéricas sobre a evangelização deste país, ver REMA, Pe. Frei Henrique Pinto, *Missionação em Angola*, em Encontro de Culturas - Oito séculos de Missionaçã Portuguesa, Lisboa, 1994, p. 153-177.

- *Regras para mais fácil intelligencia do difficil idioma do Congo, reduzidas á forma de gramatica por Frei Jacinto Brusciotto de Vetralla, pregador Capuchinho e traduzidas do latim, etc., s. d., s. l. (Belinquete I, p. 719).*

**Bernardo Maria de Cannecatim**, Frei, OFMCap (17??-18??). Missionário de nacionalidade italiana. Em 1826 ainda estava em Lisboa, onde era superior dos Capuchinhos italianos. Depois foi trabalhar nas missões de Angola e Congo (Inocêncio I, p. 381; VIII, p. 396). Compôs:

- *Dicionário da Língua Bunda ou Angolense Explicado na Portuguesa e Latina*, Lisboa, 1800 (Belinquete I, p. 718).  
— Ib., 1804; 6, 9, 720, 2 p.; 3 col.; 23 cm (BNP, L. 4338 V).
- *Dicionário Abreviado da Língua Conguesa*, Lisboa, Imprensa Régia, 1804; 218 p.; dedicado a D. João VI (Belinquete I, p. 718); reimpresso em 1805 (Belinquete I, p. 719).
- *Colecção de Observações Gramaticais sobre a Língua Bunda ou Angolense...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1805; em 4.º (BNP, L. 726 V.; Belinquete I, p. 718).  
— 2.ª edição, ib., mesmo impressor, 1859; 18, 174 p.; 22 cm (BNP, L. 727 V).

**Ernesto Lecomte**, Pe. (séc. XIX). Escreveu:

- *Método prático da língua mbundo falada no distrito de Benguela*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897; 124 p.; 24,5x15,5 cm (BNP, L. 3382).

**Francisco de Sales Ferreira** (?-1860). Foi tenente-coronel graduado de infantaria do exército português, fazendo serviço na província de Angola, “em cujos sertões diz ele haver viajado por mais de vinte anos”. Mandou reimprimir, em quarta edição, o Catecismo do Pe. António do Couto (Inocêncio IX, p. 373). Saiu com o seguinte título:

- *Explicações de doutrina christã em portuguez e angolense*, Lisboa, Typ. de Castro & Irmão, 1855; para uso das missões do interior de Angola; 101 p.; 25 cm (BNP, Res. 1338 P.).

**José Pereira do Nascimento** (1861-1913). Era médico-cirurgião pela escola de Lisboa. Como pertencia ao quadro dos facultativos da marinha de guerra foi trabalhar para África (Inocêncio XIII, p. 374). Escreveu:

- *Grammatica do Umbundu ou Língua de Benguella*, Lisboa, Imp. Nacional, 1894; 12, 2, 105, 4 p.; 24 cm (BNP, L. 16284 V).
- *Dicionário Português-Kimbundum*, Typ. da Missão, 1907; 136 p. (Belinquete I, p. 719).



**Saturnino de Sousa e Oliveira (1803-1848) e Manuel Alves de Castro Francina.**

O primeiro autor era bacharel em leis pela Universidade de Coimbra (Inocência VII, p. 199; XVI, p. 109; XIX, p. 9). Escreveram:

- *Elementos gramaticais da língua Mbundu, oferecidos a sua majestade fidelíssima o Sr. D. Luiz I...*, Luanda, Imp. do Governo, 1864; 71 p.; 20 cm (BNP, L. 53217 P.; Belinquete I, p. 718).
- *Vocabulário da língua Kimbundu*, 1864.

**Anónimo**

- *Notícia do estado em que se acha o povo de Angola: destituído de mestres, párochos e egrejas e considerações acerca da necessidade e facilidade de remediar tão grandes males*, Lisboa, Typ. G. M. Martins, 1861; 24 p.; 21 cm (BJPII, 266 POV).<sup>30</sup>

### 20.2.3. A missão em Moçambique

O maior golpe nas missões dos territórios ultramarinos notou-se em Moçambique, que foi o mais abandonado nos séc. XVIII-XIX. Moçambique teve que viver na penúria de missionários, chegando ao ponto de depender de Goa, como uma parte dessa imensa diocese. O golpe mais fatal foi dado em 1834, com o decreto de expulsão emanado por autoridade de Joaquim António de Aguiar. Como o clero era praticamente composto por religiosos e não havia ainda clero local, as missões ficaram abandonadas ou foram ocupadas por Igrejas estrangeiras ou por muçulmanos. O enorme território de Moçambique, outrora semeado de missões, que levavam cultura e cristianismo àqueles povos, chegou ao ponto de ter apenas 4 ou 5 missionários do clero diocesano e todos na orla marítima.

Perante a incúria, e mesmo oposição, do “padroeiro das missões”, que era o governo português, o papa Gregório XVI respondeu com uma política de nomeação de vicariatos apostólicos dependentes da *Propaganda Fide*, pois o “padroeiro” nada fazia para nomear os bispos; e nomeá-los para quê, se quase não havia missionários e missões. E como o Breve *Multa Praeclara*, de 24 de abril de 1838, desligou da jurisdição portuguesa algumas cristandades situadas fora dos domínios de Portugal, isso trouxe consequências para o clero que estava ligado ao *Padroado português* e também para o que dependia da *Propaganda Fide*.<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Para uma visão geral da presença franciscana nas missões da África Ocidental, ver REMA, Henrique Pinto, *A Ordem Franciscana na África Ocidental (1219-2018)*, em Oito Séculos de Vivência Franciscana em Portugal – Memória e Vivência, Jornadas 2018, Lisboa, Itinerarium, Ano 65, n.º 221-222, p. 87-100.

<sup>31</sup> Foram, assim, desligadas do Padroado português as dioceses de Calcutá, Madrasta, Pondichery e Ceilão. Sobre o magno assunto do Padroado português, veja-se MARTINS, Manuel Gonçalves, *O desaparecimento do Padroado Português do Oriente e os agentes externos*, em Congresso

Este facto gerou um problema diplomático entre Portugal e a Santa Sé, sanado apenas com uma concordata entre D. Pedro V e Pio IX, a 21 de fevereiro de 1857, sobre os direitos do Padroado português na Índia e na China (dioceses de Goa, Cranganor, Cochim, S. Tomé de Meliapor, Malaca e Macau). Foi necessário fazer ainda uma nova concordata no tempo de Leão XIII, porque Portugal não conseguia cumprir as suas obrigações de patrono.

Um bispo que teve de enfrentar os problemas gerados pelo Padroado português em Goa foi D. João Crisóstomo Amorim Pessoa, bispo de Goa entre 1862 e 1868. Este encontrou-se com pouco clero, depois do decreto de 1834, que expulsava as Ordens religiosas de Portugal e de todos os seus territórios ultramarinos. Os membros destas Ordens constituíam “a espinha dorsal da atividade evangelizadora, que se desenvolvia no além-mar português”.<sup>32</sup> No entanto, D. João Crisóstomo defendia os direitos de Portugal no Padroado do Oriente, não aceitando senão missionários religiosos portugueses e sujeitos só e unicamente ao Prelado Ordinário português da localidade. Portanto, excluía os missionários da *Propaganda Fide*. Mas, como Goa tinha muito clero local, não necessitava tanto como outras dioceses do Oriente.

Isto, no que se refere à Ásia, porque nos territórios da África, que não tinham clero local, a situação era muito mais dramática. Sem os missionários europeus de Ordens religiosas, devido à sua expulsão pelo governo liberal, não havia missões e, sem elas, os territórios antes ocupados pelas missões católicas, ao serviço de Portugal, tornaram-se alvo de rapina de algumas nações europeias, sobretudo da Inglaterra. Assim, alguns países europeus mandaram para aí muitas centenas de missionários: anglicanos, calvinistas, luteranos, presbiterianos, metodistas, salvacionistas, “enfim, agentes de mil seitas de diversos países, ainda hoje vão para ali fazer propaganda proveitosa só para eles”.<sup>33</sup>

Como já referimos acima, o grande herói das missões de Moçambique foi D. António Barroso, que percorreu esse país nas suas visitas de carácter pastoral, até aos territórios do Norte, que estavam na posse dos ingleses. Esses territórios

---

Internacional de História – Missionação Portuguesa e encontro de Culturas – Actas, vol. III, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1993, p. 649-669. O autor apresenta um pouco de história e também a legislação eclesiástica sobre o assunto entre os séc. XV- XX; ver ainda SILVA, Reginaldo da, *Struggle between Padroado and Propaganda Fide (1886-1928)*, ib. p. 699-709.

<sup>32</sup> Sobre este bispo de Goa, ver MARQUES, João Francisco, *Metropolitan Bracarenses na Evangelização do Além-Mar Português*, em 5 Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas, Faculdade de Teologia-Braga, Braga, 2002, p. 29-39 (30).

<sup>33</sup> GUSTAVO COUTO, *A Obra dos Capitães e Missionários Portugueses nas Terras do Ultramar*, Lisboa, 1926, p. 107. Apresentamos aqui algumas ideias desta obra, cujo autor presenciou os acontecimentos aí narrados.

tinham sido ocupados graças, em parte, ao trabalho do Rvdo. Dr. Livingstone, que tinha sido enviado a África precisamente pelas Sociedades Bíblicas, como missionário.

Este facto “obrigou” o governo liberal a proteger as missões, por motivos políticos. O primeiro decreto nesse sentido foi o que reconhecia o Colégio das Missões de Cernache do Bonjardim (12 de agosto de 1856). Com esse Colégio pretendia-se formar missionários para os territórios ultramarinos portugueses e professores dos Seminários das dioceses existentes nesse espaço. Daí partiram, até 1910, mais de 200 sacerdotes diocesanos, entre os quais três bispos: D. António Barroso, D. Sebastião José Pereira e D. João Gomes Ferreira.

Mais uma vez afirmamos: foi o interesse de ocupação efetiva desses territórios, mediante as missões portuguesas, que levou o nosso governo de então a dar importância às missões católicas. Alguns setores da política pediam mesmo o restabelecimento das Ordens religiosas para o mesmo efeito. A Conferência de Berlim (1884-1885) deu mais um passo na exigência de salvaguardar os nossos territórios, mediante as missões católicas. Poderiam vir outras estrangeiras com intuítos mais políticos que religiosos, ocupar esses espaços.<sup>34</sup>

África estava à mercê da ocupação pelas nações europeias. Por isso, o ultimato inglês tem muito a ver com o abandono dos territórios portugueses, por falta de missões católicas que, efetivamente, os ocupassem.

Este ultimato serviu de lição aos políticos, passando, desde então, a apoiar as missões, com sugestões da Sociedade de Geografia, fundada em 1875, que aconselhou esse apoio por todos os meios disponíveis. Começaram a trabalhar aí os Espiritanos, assim como as Irmãs de S. José de Cluny e as Franciscanas Hospitaleiras portuguesas. Surgiram também publicações periódicas missionárias como: *Anais da Propagação da Fé, Portugal em África, O Clero Português e A Missão Portuguesa*. Assim, no final da monarquia, Portugal, no aspeto missionário, começou a recuperar o que tinha perdido com o Marquês de Pombal e com o liberalismo.<sup>35</sup>

As missões católicas tinham ficado grandemente despovoadas, aquando da expulsão das Ordens religiosas de todos os territórios portugueses, salvo o território de Goa, bem provido de clero local, tendo mesmo socorrido outras regiões que estavam sob a proteção do Padroado português. Moçambique também foi socorrido, neste aspeto, por Goa.

<sup>34</sup> A Conferência de Berlim (1884-1885) levou as potências europeias a ocuparem territórios africanos. A distribuição foi feita entre a Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Portugal. Esta distribuição correspondia à ocupação efetiva do território.

<sup>35</sup> Acabamos de apresentar algumas ideias de GONÇALVES, Nuno da Silva, *A barca de Pedro nas rotas da Expansão portuguesa*, em Brotéria 146, maio-junho, 1998, p. 534-537.

Mas o regime republicano, instalado em Lisboa, voltou à carga contra a Igreja, no Continente e em territórios de missão, destruindo praticamente a “plantazinha missionária” que começava a dar frutos. Trataremos deste assunto no próximo volume desta coletânea: *A Bíblia nos séculos XX-XXI*.<sup>36</sup>

Apresentamos seguidamente algumas obras sobre religião e cultura em Moçambique, por ordem alfabética, como já procedemos no vol. III desta coletânea.<sup>37</sup>

**Augusto Soares Pinheiro**, Pe. (?-?). Foi sacerdote diocesano. Escreveu:

- *Subsídios para a Gramática landica* (xijonga), Lisboa, Tip. de A. E. Barata, 1897 (Belinquete I, p. 731).<sup>38</sup>

**Estêvão Czimermann**, SJ (?-?). Escreveu:

- *Catecismo da Doutrina Cristã, contendo tudo o que devemos crer, praticar, receber e pedir*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1890; em português nas páginas pares e na língua de Tete nas ímpares; 247 p. (Belinquete I, p. 575).

**Gustavo de Bivar Pinho Lopes** (1864-?). Nasceu em Torres Novas. Escreveu:

- *Elementos para um Vocabulário do Dialecto shuabo*, 1889 (Belinquete I, p. 733).<sup>39</sup>

**J. Torrende**, SJ (?-?). Escreveu as seguintes obras:

- *Catecismo sena-portuguez*, Tipografia da Missão de Chipanga, Zambézia, 1898; 76 p. (Belinquete I, p. 575.658.688).
- *Grammaire elementaire du Chinyungwe*, 1907; CXXXVIII, 114 p. (Belinquete I, p. 731).
- *Gramática comparada das línguas bastas da África Meridional*, 1891; 184, 152 p. (Belinquete I, p. 731).

**Victor Joseph Courtois**, SJ (?-?). Foi missionário na Zambézia. Escreveu:

- *Elementos de gramática Tetense* [de Tete], Moçambique, 1887-1888.  
— 2.<sup>a</sup> edição, Coimbra, 1899-1900 (Belinquete I, p. 731).

<sup>36</sup> Para uma visão geral sobre as missões portuguesas na África, ver LEVI, Joseph Abraham, *Missionação em terras africanas, de Cabo Verde a Moçambique: o legado sócio-religioso de S. Francisco Xavier*, em Brotéria 163, nov.-dez., 2006, p. 525-545.

<sup>37</sup> Sobre obras catequéticas e culturais dos séc. XVI-XVII em Moçambique, ver vol. III, *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 913-914.

<sup>38</sup> Segundo José Belinquete, a obra está no idioma landim ou rongga, que faz parte das línguas banto, falado no sul de Moçambique.

<sup>39</sup> Segundo este autor, *shuabo* era um dialeto que se falava em Quelimane.

## Bibliografia

- ALMEIDA, E. de Castro e, *Inventário dos documentos Relativos ao Brasil Existentes no Arquivo da Marinha e Ultramar de Lisboa*, Rio de Janeiro, 1913-1936; 6 volumes.
- ANDRADE, António Alberto de, *Relações de Moçambique Setecentista*, Lisboa, 1955.
- BOLOGNA, Giacinto da, *La pratique missionnaire des Pères Capucins italiens dans les royaumes de Congo, Angola et contrées adjacentes... 1747*, Louvain, AUCAM Paris, Spes, 1931; [Atribuída a Giacinto da Bologna, Triboli; trad. P. Jacques Nothamb]; 118 p.; 24 cm (BNP, R. 19305 V).
- BOXER, C. R., *O Império Marítimo Português (1415-1825)*, Lisboa, Edições 70, 1992; dedica o capítulo X a “O Padroado da Coroa e as Missões Católicas”, p. 227-244.<sup>40</sup>
- CASTRO, Zília Osório de, *Reflexos do Pombalismo no Brasil - Ideias e doutrinas*, em Congresso de História no IV Centenário do Seminário Maior de Évora, vol. I – Atas, Évora, 1994, p. 155-166.
- COIMBRA, Carlos Dias, *Arquivos de Angola*, vol. XVI, segunda série, Luanda, 1959, p. 1-183.
- COURTOIS, Pe. Victor José, *Notes Chronologiques sur les anciennes missions Catholiques en Zambèze*, 1891.
- CUNHA RIVARA, J. H., *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, I: América, África e Ásia, Lisboa, 1850.
- FARIA, Francisco Leite de, *Um vimaranense notável na restauração pernambucana. O Vigário Geral Domingos Vieira de Lima*, Barcelos, 1954, Revista de Guimarães, 44.
- , *Alvoroço na Lisboa Setecentista à volta do Barbadinho, Frei André de Búrgio*, Lisboa, 1958. Separata do Boletim dos do Grupo dos Amigos de Lisboa
- FARINHA, António Lourenço, *A expansão da fé na África e no Brasil*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1942; 23 cm; vol. 1, 551, 3 p.; vol. 3, 496, 3 p. (BNP).

<sup>40</sup> Apresenta uma imagem muito negativa do Padroado português nesta altura, devido à influência do anticlericalismo do próprio governo português, que não zelou pelas suas obrigações na defesa do Padroado na Ásia e na África. Em vez de enviar missionários para esses territórios, como era seu dever, expulsou-os. Tudo isto, junto a outros contendentes na região, sobretudo franceses e ingleses.

- JORDAM, Levi Maria, *Bullarium Patronatus Portugaliae in ecclesiis Africae, Asiae, atque Oceaniae*, Lisboa, Typografia Nacional, 1868. Continuado por Visconde de Paiva Manso, Lisboa, 1873-74.
- LEITE DE FARIA, Francisco, *Os Barbadinhos Italianos em S. Tomé e Príncipe de 1714 a 1794*, Lisboa, [s.n.], 1955; 46 p.; 24 cm; Sep. de Portugal em África, 11, 1954 (BNP, R. 17337 V.).
- LIMA, Joaquim da Costa, *A Acção Missionária dos Jesuítas Portugueses*, em Cenáculo, n.º 145, 2.ª série, Revista dos Alunos da Faculdade de Teologia de Braga, Braga, 1997-1998, p. 63-98.<sup>41</sup>
- LIVINGSTONE, Dr. David, *Missionary Travels in South Africa*, Londres, 1857.
- MARIZ, Joaquim Domingues, *As Ordens religiosas e as missões ultramarinas: Memória apresentada ao Congresso Internacional Cathólico de Lisboa*, Famalicão, Typografia Minerva, 1895; 56 p.; 18 cm (BNP, R. 32905 P.).
- MONTEIRO, José Maria de Sousa, *Dicionário Geográfico das Províncias e Possessões Portuguesas no Ultramar*, Lisboa, 1850.
- PAULO BRANCO, *Subsídios para uma Bibliografia do Protestantismo no espaço Lusófono*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 9-10, ano V, 2006, p. 62-65.
- REIS, A. do Carmo, *Liberalismo e missões católicas. Leituras da Imprensa do Porto (1848-1850)*, em Congresso Internacional de História – Missionação Portuguesa e encontro de Culturas – Actas, vol. IV, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1993, p. 9-18.
- SANTOS, José de Almeida, *Raridades Bibliográficas existentes no Arquivo e na Biblioteca Municipal de Luanda*, Luanda, 1965.
- SANTOS, Eduardo Manuel Cardoso dos, *O Estado Português e o problema missionário*, Lisboa, Ag. Geral do Ultramar, 1964; 185, [1] p.; 24 cm (BNP, R. 12247 V.).<sup>42</sup>
- SERPA PINTO, Alexandre, *Como eu atravessei a África do Atlântico ao Mar Índico. Viagem de Benguela à Contra-Costa, através de Regiões Desconhecidas*, Londres, Sampson Low & Cia, 1881.

<sup>41</sup> Este artigo abrange a ação missionária da Companhia de Jesus, por agentes portugueses, tanto no Brasil como em África e na Ásia. Trata-se de uma conferência pronunciada no 1.º Congresso Missionário Nacional realizado em Barcelos, 1931.

<sup>42</sup> Aqui trata problemas dos séc. XIX e XX. Alguns capítulos: *Os territórios do Ultramar e as Ordens Religiosas*; *Do Colégio de Sernache à Sociedade Portuguesa das Missões Católicas do Ultramar*; *A Igreja e a Primeira República*, etc.

SILVA, Álvaro Cruz da, *Os Franciscanos na África Oriental – Moçambique*, em Oito Séculos de Vivência Franciscana em Portugal – Memória e Vivência, Jornadas 2018, Lisboa, Itinerarium, Ano 65, n.º 221-222, p. 75-86.

SILVA REGO, A. da, *Arquivo Histórico de Angola. Roteiro Topográfico dos Códices*, Luanda, 1966.

SIMÕES, Fernando, *Evangelização e catecumenato em Moçambique*, em Igreja e Missão, n.º 179, setembro-dezembro de 1998, p. 313-334; ib., n.º 180, janeiro-abril de 1999, p. 3-16.

STANLEY, Henry M., *Trough the Dark Continent*, Londres, 1869; e 1875.

*Documentos sobre os Portugueses em Moçambique e na África Central, 1497-1840*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962.

*Documentos Históricos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1928. Tem mais de 120 volumes, sobretudo para o período 1650-1750.

## Conclusões

1. Como se vê, este período é parco em obras bíblico-catequéticas e mesmo de outra tipologia. Isto acontece mesmo em relação ao Brasil, donde, aliás, não tivemos notícias diretas, no que se refere a obras catequéticas e culturais, que se relacionam com o estudo e conhecimento da Bíblia. Aqui fica, pelo menos, esta amostra, pois muitas outras devem ter existido.

2. No que se refere ainda ao Brasil, o que apresentamos neste capítulo é, de facto, muito pouco, já que a grande quantidade de edições da Bíblia completa e de partes da mesma traduzem-se a duas centenas de edições, que apresentamos no *Catálogo de Figueiredo*, na 2.ª parte deste volume, mas também no *Catálogo* do vol. IV, *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*. De facto, no Brasil, a rainha das edições da Bíblia tem sido a de Almeida, pelo menos na segunda parte do séc. XX. E continua, em pleno séc. XXI, a ser vendida anualmente aos milhões de exemplares.

3. No que diz respeito a África, mormente aos dois grandes territórios, Angola e Moçambique, é grande a penúria de produções catequéticas e de outra tipologia cristã. As causas desta carestia – sobretudo de carácter político-social – são conhecidas e foram apontadas acima. Quanto ao Brasil, há mais autores e obras. No total deste capítulo, temos 39 autores e 50 obras.



4. Uma nota final: a língua portuguesa, ainda no séc. XIX, já estava presente em obras, pelo menos de três continentes e em muitas línguas: a Bíblia completa em sete línguas; e partes da Bíblia (*porções*), em mais de 30 línguas.

“A experiência dos séculos passados, os progressos científicos, os tesouros encerrados nas várias formas de cultura humana, os quais manifestam mais plenamente a natureza do homem e abrem novos caminhos para a verdade, aproveitam igualmente à Igreja. Ela aprendeu, desde os começos da sua história, a formular a mensagem de Cristo por meio dos conceitos e línguas dos diversos povos e procurou ilustrá-la com o saber filosófico. Tudo isto com o fim de adaptar o Evangelho a capacidade de compreensão de todos, e às exigências dos sábios. Esta maneira adaptada de pregar a Palavra revelada deve permanecer a lei de toda a evangelização”.

(Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n.º 44)

## Capítulo 21

### **Autores e obras bíblico-culturais da literatura do Brasil**

Dada a importância que o Brasil foi adquirindo desde o séc. XVII, tanto a nível interno como também na cena internacional, é justo que apresentemos, num capítulo especial, a literatura brasileira que se possa integrar nas tipologias dos capítulos que constam deste 5.º volume. Por isso, este capítulo é diferente do cap. 19, na medida em que este último é ainda o seguimento do ambiente missionário português.

No presente capítulo, propomo-nos patentear autores e obras originários do Brasil, ainda que, geralmente, tenham sido impressos em Lisboa. De facto, ao contrário da Ásia, a imprensa só chegou ao Brasil no início do séc. XIX (1808), ano em que começou a *Gazeta do Rio de Janeiro*. A família real, ao chegar ao Brasil, com D. João VI, criou a Impressão Régia, para poder comunicar com os seus súbditos, mediante decretos e outras leis oficiais. Iremos colocar os autores simplesmente por ordem alfabética, sem ter em conta a especificidade tipológica das obras aqui incluídas.

Vejamos, então, alguns dos nomes da literatura brasileira cujos temas são também tratados nos restantes capítulos deste volume.

**A. Estevam da Costa e Cunha** (?-?). Escreveu:

- *A escola. História Sagrada do Antigo e Novo Testamento composta segundo o programma de pontos do imperial Collegio de Pedro II, e dos exames do magistério público e particular por...*, Rio de Janeiro, s. d.; 4 fol., 119 p.; em 8.º (BNRJ, 133, 2, 32).
- *Manual do Examinador de Português: Reportório Filológico, gramatical e literário da língua materna*, por... Rio de Janeiro, Livraria Académica de j. de Azevedo, 1883, 416 p.; 18 cm (BNP, L. 763 P).

**Afonso de Guimarães / Alphonsus de Guimaraens** (1875-1921). Foi um poeta brasileiro, natural de Ouro Preto, Minas gerais. Escreveu o seguinte soneto mariano:

- *Nossa Senhora*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 123.

**António Cândido Gonçalves Crespo** (1846-1883). Era natural do Rio de Janeiro. Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra (Inocência XX, p. 185 e 351; XXII, p. 215). Foi autor de:

- *O Rosário*, em Miniaturas, Lisboa, Emp. Liv. Fluminense, 1922, p. 154-156 (BNP, L. 12609 P.).

**António Cordeiro da Silva** (?-?). Era natural do Rio de Janeiro. Formado em Cânones; foi capitão do regimento da sua cidade natal (Inocência I, p. 114). Com inclinação para a poesia, deixou-nos:

- *Maria Immaculada, Poema Sacro em Romance Hendecasyllabo, Offerecido á Virgem Maria Senhora Nossa, que, com o especioso título de sua Conceição Puríssima, se venera no Real Convento da Conceição de Beja*, Lisboa, Inácio Nogueira Xisto, 1760; p. 32-68; em 4.º (BPNM, 2-24-12-26; BGUC).

**António de Macedo Costa**, Dom (1830-1891). Era natural de Minas Gerais e fez os seus estudos eclesiásticos em França. Foi bispo de Belém do Pará e do Porto. Deixou-nos várias obras, mas a seguinte, foi acolhida com benevolência por sua “Santidade Leão XIII e aprovada por sua Eminência, o cardeal bispo do Porto, por todos os bispos da Suíça, muitos da França, Itália, Brasil e Portugal” (Inocência VIII, p. 231; XX, p. 249). Editada muitas vezes, como se pode ver:

- *Resumo da História Bíblica ou Narrativas do Velho e do Novo Testamento...*, Nova-Iorque, Carlos & Nicolao Benziger Irmãos, 1872; 293 p.; edição em vulgar, ilustrada com cerca de 200 estampas (BNP).
  - Einsiedeln, C. Benzinger, 1872; 8, 293, 3 p.; il.; em 8.º (Bibliotecas Suíças, MUS PED IV 126; FR BCU-Beauregard Magasin; BSL; BL).
  - Ib., Estabelecimentos Benziger & Co. A. G., 1875; 10, 293, 2 p.; il.; 17 cm (BNP, Bib. 1420 P.; Providence College, USA).
  - Porto, Lello e Irmão [1894]; 11, 289, 11 p.; il.; 18 cm (BNP, H.G. 7367 P.).
  - Ib., Livraria Chardron, 1895; 289, 2 p.; il.; 18 cm (BNP, H.G. 16667 P.).
  - Ib., mesmo impressor, 1898; 13, 289 p.; il.; 17 cm (BNP, R. 28539 P.; BSL).
  - 25.ª edição, ib., Machado & Ribeiro, [18?]; 8, 293, 3 p.; em 8.º (BSL).
  - Ib., Livraria Chardron, 1908 (BSME).
  - Ib., mesmo impressor, 1916; 305 p.; 2 gravuras; 16x12 cm (DB).

- Ib., mesmo impressor, 1921 (BFCG, RS 9192).
- Coimbra, Tip. Gráfica Conimbricense, 1927; 4, 310 p.; 18 cm (BNP, Bib. 1114 P.).
- *Nova edição*, Porto, Livraria Chardron Lello & Irmão, 1936; 355 p. (DB).
- Ib., mesmo impressor, 1945 (BCapP).
- Ib., mesmo impressor, 1955; 14, 355 p.; il.; 18 cm (DB; Providence College, USA). Ver o autor no cap. 3.2.

**Antônio Frederico de Castro Alves** (1847-1871). Foi um poeta brasileiro, natural de São Salvador, Baía. Escreveu a seguinte poesia religiosa:

- *Pelas sombras*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 73-74.

Inicia assim:

“Senhor! A noite é brava... a praia é toda escolhos...”; e termina: “Acende, ó Viajor! a Fé no coração!...”.

**Antônio Gonçalves Dias** (1823-1864). Era natural do Maranhão. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra com o grau de bacharel (Inocência I, p. 150; VIII, p. 157). Foi autor de uma poesia religiosa:

- *Sofrimento*; inicia assim: “Meu Deus, Senhor meu Deus, o que há no mundo / Que não seja sofrer...”; em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 82-84.
- *Pio IX: Pontífice e Rei: Exame das principaes objecções contra o Poder Temporal do Papa*, Lisboa, Typ. J. J. de Carvalho, 1861; 83 p.; 19 cm (BNP, R. 9775//4 V.).
- *Direito Contra o Direito ou O Estado sobre Tudo: Refutação da Theoria dos Politicos na Questão Religiosa, seguida da resposta ao Supremo Tribunal de Justiça pelo Bispo do Pará*, Porto e Braga, Livraria Internacional, 1875; 8, 266, 6 p.; 23 cm (BNP, S.C. 4538 P.).
- *As Ordens religiosas julgadas por escriptores protestantes. Breve resposta em favor dessas Ordens pelo Exmo. Bispo do Pará*, Belém, Typ. da Estrela do Norte, 1864; 16 p.; 20 cm (BNRJ).
- *Instrução pastoral sobre o protestantismo premunindo os fiéis contra a propaganda que se tem feito nesta diocese de Bíblias falsificadas e outros opúsculos heréticos...*, Pará, Typ. do Jornal do Amazonas, 1851; 16 p.; 20 cm (BNRJ).

Outra edição:

- *Instrução pastoral sobre o protestantismo...*, Porto, Imprensa Comercial de

Santos Corrêa & Mathias, 1878; 103 p.; 23 cm (BNP, R. 10975 V.; BSEA).  
Ver o autor nos cap. 20.1.3.

**António Pereira da Câmara**, Pe. (1697-1758?). Era natural da Baía. Sacerdote de hábito de S. Pedro, bacharel formado em Sagrados Cânones, mestre em artes (Barbosa IV, p. 54). Como grande pregador, deixou-nos:

- *Sermão na procissão de penitencia, que fêz de noite a Reverenda Irmandade dos Clérigos de S. Pedro da Cidade do Rio de Janeiro por ocasião do Terremoto que houve em Lisboa no primeiro de Novembro de 1755... prégado à porta da Igreja da Cruz ao passar da Procissão*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1757; 45 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//13 V.). Ver o autor nos cap. 14 e 22.1

**António Pereira de Sousa Caldas**, Pe. (1762-1814). Nasceu no Rio de Janeiro numa família portuguesa que aí se tinha instalado recentemente. Cedo veio estudar para Portugal, onde se formou em Direito na Universidade de Coimbra. Depois seguiu a vida eclesiástica (Inocência I, p. 231; II, p. 141; VIII, p. 283). Escreveu:

- *Breves meditações sobre as máximas eternas*, Porto, Imprensa Literária Commercial, 18??; 12 cm; com a paráfrase do *Psalmo Miserere*, pelo Abade Machado (BNP, R. 27053 P.). Ver o autor no cap. 17.

**Auta de Sousa** (1876-1929). Foi uma poetisa mística brasileira, que, dada a sua educação religiosa, escreveu muita poesia desta índole; referimos a seguinte:

- *De joelhos*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 125.

**Bartolomeu Lourenço de Gusmão**, SJ (1685-1724). Era natural de Santos, Brasil. Cognominado o padre voador, foi um sacerdote secular, cientista e inventor luso-brasileiro. Foi famoso por ter inventado o primeiro aeróstato operacional, a que chamou “passarola” (Inocência I, p. 334; Barbosa I, p. 463-464). Dotado para a oratória, deixou-nos:

- *Sermam pregado na festa do Corpo de Deus da freguesia de S. Nicolao desta Cidade...*, Lisboa, Oficina da Música, 1721; 22, 66, 2 p.; 19 cm (BNP, H.G. 6629//1 V.).
- *Sermam da Virgem Maria Nossa Senhora, em huma Festa que a devoção de Sua Majestade que Deus guarde...*, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1712; 40 p.; 20 cm (BNP, R. 2566//2 V.).
- *Sermam que na última tarde do Tríduo, com que os Académicos Ultramarinos fes-*

*teção a Nossa Senhora do Desterro... Parochial de São João de Almedina aos 9 de Janeyro deste anno, estando o Santíssimo Sacramento exposto...*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galram, 1718; 28 p.; 20 cm (BNP, R. 2566//1 V.).

**Bernardino José de Sena Freitas** (1812-1910?). Nasceu no Rio de Janeiro. Foi fidalgo da casa real e comendador da Ordem de Cristo. Viveu algum tempo nos Açores (S. Miguel). Foi o pai do conhecido Pe. Sena Freitas (Inocêncio I, p. 365; VIII, p. 385). Escreveu:

- *Os Cains: drama histórico e político em 3 actos*, Braga, Tip. Imprensa Cathólica, 1890; 107 p.; 20 cm (BNP, S.C. 16812 P.).
- *Religião e Pátria; o papado e a revolução: curiosa collecção de escriptos e documentos históricos e diplomáticos, de direito público e canónico, religiosos, philosóphicos e moraes, offerecida aos cathólicos portuguezes de todos os partidos*, Angra, Typ. de M. J. P. Leal, 1860; 1.<sup>a</sup> série; 3 folhetos (48 p.); 21 cm (BNP, S.C. 10625//5-7 P.).
- *Memórias de Braga. Contendo muitos e interessantes escriptos extrahidos e recopilados de diferentes archivos, assim de obras raras como de manuscritos ainda inéditos e descrição de pedras inscripçionaes*, Braga, 1890; 5 vol.<sup>1</sup>
- *As “Novidades” no Pelourinho*, Coimbra, Edição “Estudos Sociais” Havaneza Académica [19?]; 43 p.; 19 cm (BNP, R. 29539//10 P.). Trata-se de uma resposta ao jornalista Emídio Navarro, que desprestigiava continuamente as Ordens religiosas nos seus escritos, de variadas maneiras; teimava em não querer ver o acervo de obras de diferentes tipologias em favor da humanidade, mormente da sociedade e da cultura portuguesa, que essas mesmas Ordens tinham produzido ou conservado nas suas valiosíssimas bibliotecas.

**Caetano Lopes de Moura** (1780-1860). Foi tradutor, médico, escritor e cientista baiano. Partiu para a Europa no início do século XIX para viver na França napoleónica. Todas as suas obras foram escritas e impressas naquele país devido ao seu exílio. Embora pouco conhecido no Brasil, fazia questão de registrar no frontispício de seus livros “Natural da Baía” (Inocêncio II, p. 11; IX p. 4). Traduziu do francês as seguintes obras:

- *Jesus Christo perante o século ou Triumpfo da Religião Christá, proclamado pelas recentes descobertas naturais*, Paris, Ed. J. P. Aillaud, 1844; autor: Roselly de

<sup>1</sup> Ver vol. I desta coletânea, *As Línguas da Bíblia – 23 séculos de traduções*, 2017, p. 482, n. 55; por lapso foi colocada nesta nota a autoria da obra do Pe. Sena Freitas, enquanto se trata do seu pai, Bernardino José de Sena Freitas (1812-1910?).



Lorgues; trad. sobre a décima quarta edição de Paris; 8, 339 p.; 20x13 cm (BNP, R. 30861 P.; BSEA; BSME).<sup>2</sup>

- *Máximas e Sentenças Moraes*, Paris, Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud, 1840; 2, 134 p.; 14 cm; autor: Duque de La Rochefoucauld (BNP, S.A. 1784 P.).
- *Harmonias da criação, ou considerações sobre as maravilhas da natureza, especialmente sobre o instinto dos animaes, contemplado como provas evidentes e demonstrativas da existência, da sabedoria, da bondade, e da onnipotência do Criador*, Paris, 1846; com estampas; em 12.º.
- Ib., Typ. de Rignoux, 1860 (BNP, S.A. 6462 P.).
- *Deus é todo puro amor. Preces e orações, por Echartsausen, vertidas em portuguez*, Paris, 1849.
- *Mês de Maria, ou nova imitação da Sanctíssima Virgem*, Paris, J. P. Aillaud, 1845; autor: Tarbé des Sablons; 417 p.; 16x10,5 cm (BSEA).

**Carlos Couturier**, Monsenhor (?-?). Compôs:

- *Compêndio da História Sagrada... seguida de um ligeiro esboço de geographia sagrada por...*, Rio de Janeiro, 1885; 144 p.; 125 estampas; em 8.º (BNRJ, 62, 2, 1).

**Casimiro José Marques de Abreu** (1837-1860). Nasceu no Rio de Janeiro. Foi enviado pelos pais para Lisboa, onde ganhou gosto pela poesia, escrevendo poemas em vários jornais da época (Inocência IX, p. 53 e 441). De cariz religioso, escreveu:

- *Deus*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 58.

**D. Maria E. Leal** (?-?). Traduziu:

- *Pequena História Sagrada para a infância...*, Rio de Janeiro, 1886; autor: J. L. C. Renaudin; em 8.º (BNRJ, 248, 2, 39).

**Diogo António Feijó**, Dom (1784-1843). Nasceu em São Paulo e ordenou-se sacerdote da Igreja Católica em 1805. Foi bispo de Mariana (Inocência IX, p. 118). Escreveu:

- *Refugium Peccatorum*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 82.

<sup>2</sup> Veja-se também acima a tradução de Camilo, editada no Porto, com apresentação do tradutor e um título ligeiramente diferente.

**Domingos Caldas Barbosa**, Pe. (ca. 1739-1800). Era natural do Brasil, provavelmente do Rio de Janeiro. Veio para Portugal onde viveu em Viana do Castelo e Lisboa. Além de poeta e prosador, foi também um célebre compositor de modinhas brasileiras, que ele mesmo tocava com viola ou guitarra. Teve vasta produção literária (Inocêncio II, p. 185 e 473; VII, p. 111; IX, p. 139; XVII, p. 354). Deixamos aqui as seguintes:

- *História Sagrada em verso*, Lisboa, Imprensa de Alcobia, 1819; em 8.º (BNP, L. 8594 P.).
- *Recopilação dos principaes sucessos da História Sagrada em versos* [manuscrito] [1792-1793].

Contém: Resumo em verso da versão bíblica da criação, da origem da humanidade, do povo hebreu (até à destruição de Jerusalém por Tito e à Diáspora), da vida de Jesus Cristo e dos Apóstolos; 52 p.; 15 cm (BNP, Cod. 13379).

**Filipe Benício**, Pe. (?-?). Era natural de Recife. Pertenceu à Ordem de S. Pedro. Como orador sacro, escreveu:

- *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma... pregado em 1756*, Lisboa, Oficina Miguel Manescal da Costa, 1757; 6, 40 p.<sup>3</sup>

**Francisco de Arantes** (1783-1870). Era natural de Recife. Foi doutor e antigo lente de Teologia na Universidade de Coimbra (Inocêncio II, p. 346; IX, p. 261). Pregou e escreveu:

- *Sermão de Nossa Senhora da Boa Morte: pregado na Igreja Catedral de Coimbra...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1853; 15 p.; 22 cm (BNP, TR. 5499//2 P.).
- *Sermão sobre a definição dogmática da Conceição Pura e Immaculada da Santíssima Virgem...*, Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1855; 22 p.; 21 cm (BNP, VAR. 3333//11).
- *Sermão para Dia de Reis pregado na santa igreja cathedral de Coimbra*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1832; 16 p.; 19 cm (BNP, R. 32675 P.).
- *Sermão do Patrocínio do glorioso S. José... pregado na... capela da Universidade da Coimbra*, Porto, Imprensa do Gandra, 1826; 17 p.; 22 cm (BNP, TR. 5492//2 P.). Ver o autor no cap. 8.

**Francisco de Paula Ferreira de Resende** (1832-1893). Escreveu:

- *O julgamento de Pilatos ou Jesus Christo perante a razão e os Evangelhos por...*,

<sup>3</sup> Sobre este sermão, ver MARQUES, João Francisco, *A Acção da Igreja no Terremoto de Lisboa 1755*, em *Lusitania Sacra* 18, 2.ª Série, 2006, p. 316-320.

Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1893; XXIII, 78 p.; em 8.º de (BNRJ, 68, 6, 36).

**Francisco de São Carlos**, Frei, OFM (1763-1829). Nasceu no Rio de Janeiro e morreu em Lisboa. Distinguiu-se como orador sagrado, sendo em 1801 nomeado pela sua Ordem professor de eloquência sagrada. Pregou alguns sermões congratulatórios, na sua terra natal, perante autoridades políticas (Inocência II, p. 362-364; IX, p. 275). Dotado para a poesia, escreveu:

- *A Assumpção. Poema composto em honra da Santa Virgem*, Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1819 (BNP, L. 3594 P.; BPNM, 2-24-12-32).
- *A Mãe de Deus* (excertos), em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.ª edição, n.º XXXVII, p. 70.

**Francisco do Monte Alverne**, Frei, OFM (1748-1858). Foi batizado com o nome de Francisco José de Carvalho. Foi um teólogo brasileiro, reconhecido orador e pregador oficial do Império do Brasil. Ocupou vários cargos honoríficos, tendo sempre gozado de prestígio junto do clero e da Corte imperial (Inocência III, p. 14; IX, p. 348-349). Deixou-nos:

- *Obras Oratórias...*, Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, 1852-53; 4 vol.:
- Vol. I: *Sermões Quaresmais e de Mistério*, 255 p. (BPH).
- Vol. II: *Panegíricos de Jesus Cristo e da Santa Virgem*, 210 p.
- Vol. III: *Panegíricos dos Santos*, 228 p.
- Vol. IV: *Panegíricos dos Santos e Discursos e Orações fúnebres*, 288 p.; 22x13,5 cm (BPH).
- Porto, ed. de B. H. de Moraes & Cia, 1867; 4 vol. enc. em 2; esta obra foi apresentada por António Feliciano de Castilho; 19x12,5 cm (BNP, R. 24481 P. - 24482 P.; BJPII, 252 MON; BSEA).
- Ib., Casa P. Podesta & Irmão, 1872 (vol. 1 e 2).
- Ib., Casa de B. H. de Moraes e Co. Editores, 1872 (vol. 3 e 4). Esta última ed. em BSME.

**Francisco do Rego Maia**, Dom (1850-1928). Foi nomeado bispo de Niterói (Rio de Janeiro) pelo papa Leão XIII, no dia 12 de setembro de 1893. Traduziu:

- *O mês de Junho consagrado ao Santíssimo Coração de Jesus*, Lisboa, Novo Mensageiro do Coração de Jesus, 1825; autor: Francisco Vannutelli; trad. da 2.ª ed. italiana; 4.ª edição; em 8.º (BNP, R. 17820 P.).

**Francisco Ferreira Barreto**, Pe. (1790-1815). Nasceu na cidade de Recife, Pernambuco. Foi pároco colado na igreja matriz de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife (Inocência IX, p. 288-289). Escreveu:

- *Inspirações de David. Paraphrase do psalmo L. [Miserere mei Deus], e de alguns psalmos mais, em verso portuguez, e illustrações ao mesmo psalmo Miserere...*, Pernambuco, Typografia Imprensa de L. I. R. Roma, 1844; 92 p.; em 8.º peq. (BNRJ, 31, 1, 40, n.º 3). Ver o autor no cap. 4.1.

**Francisco Leite Bettencourt Sampaio** (1834-1891). Era natural do Brasil, filho de pais portugueses. Estudou Direito no Recife e São Paulo. Foi advogado, poeta, jornalista e político brasileiro (Inocência IX, p. 320). Escreveu:

- *A Divina Epopeia de João Evangelista, em versos heróicos...*, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1882; 15, 554 p.; 25 cm (BNP, L. 3054 A.; BL, 1560/2786).  
— Ib., Livraria Ed. da Federação Espírita Brasileira, 1941; 519 p.; 19 cm (BNP, S.A. 31440 P.). Ver o autor no cap. 22.2.

**Inácio da Conceição**, Frei, OCD (?-ca. 1759). Era natural da cidade de Belém, capital do Grão-Pará (Brasil). Foi mestre em Teologia e vigário geral no estado do Maranhão (Inocência III, p. 206). Pregou e escreveu:

- *Sermam em Açam de Graças, que na tarde de treze de Junho de 1743, em que se abriu, e dedicou a Santo Antônio a Igreja do seu novo Convento de Belém do Pará...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1745; 16, 22 p.; 19 cm (BNP, R. 8821//8 P.; Brasiliana I, p. 169).

**J. F. Verhnes** (?-?). Escreveu uma obra, certamente a pensar também na maçonaria brasileira.

- *História geral da franc-maçonaria desde o seu estabelecimento até aos nossos dias...*, Rio de Janeiro, Typ. Imprensa de Seignot-Plancher, 1832; 4, 139 p.; 15x9 cm (BNP, H.G. 14779//2 P.). Ver o autor em 22.5.

**João Esberard**, Dom (1843-1897). Nasceu em Barcelona de pais franceses, mas cedo foi para o Brasil. Foi bispo de Olinda. Por ocasião da “Questão Religiosa”, colocou-se inteiramente a favor do *Syllabus*, ao lado da Cúria Romana (Inocência X, p. 240). Dirigiu a seguinte pastoral aos seus diocesanos:

- *Do Chefe da Igreja e sua ação social*, Recife, 1894. Também escreveu:
- *Criação de uma Faculdade de Ciências Religiosas: sua organização e plano de estudo*, Rio de Janeiro, 1884.
- *A Igreja Católica, o Sr. Bispo diocesano e o maçonismo*, Rio de Janeiro, Tip. do Apóstolo, 1872; 79 p.; 19,5x13 cm (BSEA).

- *Da Igreja e de Sua Divina Missão*: carta pastoral, Rio de Janeiro, 1891.

**João Honorato, SJ** (1690-1768). Era natural da Baía. Ingressou na Companhia em 1704. Foi professor de Filosofia, Teologia e Moral no colégio da Baía (Barbosa II, p. 674; Inocêncio III, p. 385). Como grande orador evangélico, deixou-nos:

- *Sermam da Immaculada Conceição da Mãe de Deus no dia do Apóstolo S. Mathias, em que celebrou a sua primeira Missa o R. P. Francisco de Almeyda da Companhia de Jesus...*, Lisboa, Oficina de António de Sousa da Sylva, 1735; 12, 21 p.; 20 cm (BNP, R. 6851//10 P.; Brasiliana I, p. 347).

**João Mendes da Silva / Fernando Joaquim de Sousa**, pseud. (1656-1736). Era natural do Rio de Janeiro e faleceu em Lisboa. Foi um dos grandes poetas do seu tempo (Barbosa IV, p. 186; Inocêncio II, p. 273). Da temática que nos interessa, escreveu:

- *Christiados ou Vida de Christo... Poema Sacro dividido em três cantos*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1754; 14, 152 p.; 19 cm (BPNM, 2-24-12-13; BNP, L. 2082 V).
- *Officio da Cruz de Christo*, traduzido em verso português.

[**João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho** (1722-1799) e Junta da Providência Literária de Portugal]. O suposto autor desta obra nasceu no Rio de Janeiro e faleceu em Lisboa (Inocêncio II, p. 94; IV, p. 20). Colaborou, com o seu irmão, Dom Francisco de Lemos, na elaboração dos Estatutos da Universidade de Coimbra e também do seguinte compêndio:

- *Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuítas e dos estragos feitos nas Sciências e nos Professores, e Directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos Novos Estatutos por eles fabricados*, Lisboa, Régia Officina Typographica, 1771; 2, 15, 3, 348, 124, 2 p.; 30 cm (BNP, H.G. 462 A.; CBUA, RS/A-18-84; Brasiliana I, p. 191).
- *Ib.*, mesmo impressor, 1772; 20, 2, 503 p.; 18 cm (BNP, H.G. 12219 P.; Palha 2522).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Esta obra critica a falta de rigor no estudo da Sagrada Escritura, começando pelo estudo rigoroso das línguas da Bíblia, o hebraico e o grego, línguas também necessárias para o estudo da Teologia. Critica igualmente a Teologia Escolástica. Foi orientada e patrocinada pelo Marquês de Pombal. Nota da ficha da BNP: “Inocêncio II, 418; IV, 20; X, 331 refere que D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, depois Bispo de Coimbra e Reitor da Universidade, e seu irmão, o Desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, foram os principais responsáveis pela redacção do texto; Inocêncio I, 43; II, 94; IX, 80; XIX, 21 refere a edição de 1772, em 8.º; ver ainda Rodrigues, A Cátedra (1640-1910), p. 94-96; e FRANCO, José Eduardo, *Os Catecismos*

— *Appendix ao capítulo segundo da segunda parte para servir de suplemento ao sexto dos estragos e impedimentos que a Sociedade jesuítica fez e acumulou para corromper e impossibilitar o estado da Jurisprudência canônica e civil com a introdução e propagação da Moral de Aristóteles* (BPE, Cod. CXI/2-11, n.º 1). Ver o autor no cap. 7.5.

**Joaquim Pinto de Campos**, Mons. (1819-1887). Nasceu em Pernambuco, filho de pais portugueses. Foi capelão conventual da Ordem de São João de Jerusalém (Malta). Desempenhou vários cargos públicos (Inocêncio IV, p. 145; XII, p. 132). Deixou-nos:

- *Polêmica Religiosa - Refutação ao Opúsculo: O Deus dos Judeus o Deus dos Cristãos*, Pernambuco, Tipografia Mercantil, 1858; 290 p.; 22 cm (BNP, R. 10326 V.).

— Ib., mesmo impressor, 1868; 290 p.; 22 cm (BNP, R. 10916 V.).

- *Miscelâneas Religiosas*, Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1859; 6 fol., 109 p., 2 fol.; 24 cm (BNP, R. 10300 V.).<sup>5</sup>
- *Oração Religiosa*, Rio de Janeiro, Typ. do Diário do Rio de Janeiro, 1869; 7, 32 p.; 22 cm (BNP, R. 11084//9 V.).
- *Jerusalém*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874; 17, 507 p.; 28 cm (BNP, H.G. 11715 V.). Apresenta uma vista panorâmica da cidade e estampas (BNRJ, 265, 5, 18).<sup>6</sup>
- *Sermão da Virgem da Piedade na Solemníssima Festa Celebrada...*, Rio de Janeiro, Typ. Universal de Laemmert, 1861; 20 p.; 25 cm (BNP, R. 2369//21 A.).

Traduziu:

- *A Índia Christian ou Cartas Bíblicas contra os livros de Luís Jacolliot, a "Bíblia na Índia" e "Os Filhos de Deus" escriptas por M. R. P. Frei Pedro Gual...*, Paris, E. Plon, 1882; 64, 360 p.; 26x16 cm (BNP, H.G. 13061 P.; BPB; BPH; BNRJ, 265, 6, 5; FLUP; DB; CBAP, n.º 1000).<sup>7</sup>

---

*antijesuíticos pombalinos. As obras fundadoras do antijesuitismo do Marquês de Pombal*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 7/8, Ano IV, Lisboa, 2005, p. 260-265.

<sup>5</sup> Trata de vários assuntos: Parecer em separado sobre a proposta do Governo Imperial, relativamente ao casamento civil; O matrimónio, contracto civil; O matrimónio, arbítrio dos indivíduos; O celibato religioso; Instruções pontificias sobre o matrimónio; termina com uma poesia de A. J. Santos Neves, de 20 de setembro, 1859, acerca dos escritos do autor: "Supremo Ser dos seres, Infinito" (4 p.).

<sup>6</sup> Magnífica obra em que o autor relata a peregrinação que fez aos Lugares Santos da Palestina, descreve tudo o que viu e narra a vida e paixão de Jesus Cristo.

<sup>7</sup> O título original do livro é: HARLEZ, Charles de, *La Bible dans l'Inde et la Vie de Jezus Christna*:

Este livro desenvolve-se em XVII cartas ou capítulos, em que o Padre Gual responde com a Bíblia a todos os falsos argumentos apresentados pelo racionalista francês, Jacoliot, que, na sua obra, tinha colocado a religião do continente indiano como verdadeira religião, da qual teria vindo o cristianismo, que seria apenas um simulacro daquela. Frequentemente, o autor católico argumenta ao contrário, para mostrar que o vedismo é que é um simulacro do cristianismo. Toda esta argumentação, de um lado e do outro, padece do modo de pensar e dos conhecimentos que havia naquele tempo. A *Introdução*, feita por Mons. Pinto de Campos, apresenta um bom resumo desta grande obra, que transporta para o Oriente as polémicas europeias do séc. XIX. Ver o autor nos cap. 7.4.3 e 15.

**José Bonifácio de Andrada e Silva** - 1 (1763-1838). Era natural de Santos, São Paulo. Depois de efetuar os primeiros estudos no Brasil, veio para Portugal onde estudou Filosofia e Direito. Andou por vários países da Europa para se instruir noutras áreas do saber (Inocêncio IV, p. 276; XII, p. 261). Escreveu a seguinte poesia:

- *A Fé*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligadas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães, 1932, p. 81.

**José Cortez Solposto** (17??-18??). Inocêncio apenas diz que era natural da Baía (IV, p. 298) e escreveu:

- *Flores celestes colhidas entre os espinhos da sagrada coroa da augusta, venerável, e soberana cabeça do divino e imortal Rei dos Séculos, Jesus Christo, Deus e homem verdadeiro: tecidas em cinco ramalhetes em honra, e louvor das cinco preciosísimas chagas de nosso adorável e amoroso Redemptor e Salvador*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1807; 243 p.; 20 cm (BNP, L. 3356 P.).<sup>8</sup>

**José de Santa Rita Durão**, Frei, OESA (1722-1784). Foi um poeta e religioso luso-brasileiro, natural de Minas Gerais (Brasil), mas veio para Portugal. Estudou na Universidade de Coimbra, onde se doutorou em Filosofia e Teologia. Posteriormente, acabou por se tornar docente na mesma Universidade, com a cátedra de Teologia. Estudou o hebraico, “com o fim de traduzir o Antigo Testamento para português”. O projeto não chegou a concretizar-se, mas, ape-

---

*vedisme, brahmanisme & christianisme par Mgnr. de Harlez*, Bruxelles, Imp. Alfred Vromant, 18?? (BNP, R. 30830 P.); Jacoliot escreveu *Bíblia na Índia* e *Os Filhos de Deus*; Pedro Gual contestou-as com o título em epígrafe; e Pinto de Campos traduziu a obra de Gual para português.

<sup>8</sup> Ainda segundo Inocêncio “São versos de diferentes espécies, que depõem mais a favor dos sentimentos de devoção do auctor, que do seu talento e vèa poética” (IV, p. 298).



sar disso, assistiu-se ao despertar de um interesse extraordinário pelo “idioma santo”.<sup>9</sup> Foi o autor de:

- *Josephi Duram Theologi Conimbricensis O.E.S.A. pro annua studiorum instauratione: Oratio*, Conimbricae, ex Typographia Académico-Régia, 1778; 26 p.; 22 cm (BNP, L. 592 A.).

**José Eloy Otoni** (1764-1851). Nasceu em Príncipe, Minas Gerais, filho de pai italiano e mãe bracaraense. Poeta brasileiro de merecimento reconhecido na época. Esteve em Portugal onde organizou uma Arcádia, em Lisboa, com os amigos Bocage e Bressane, e sobretudo, com o mação José Joaquim Vieira Couto. Fazia parte do grupo de brasileiros que, em Portugal, trabalhavam pela independência do seu país, na época da ilustração portuguesa. O seu ambiente social e cultural foi a maçonaria (Inocêncio IV, p. 309-310; XII, p. 309). Escreveu:

- *Job traduzido em verso por José Eloy Ottoni dedicado ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Manoel Joaquim da Silveira, Bispo do Maranhão*, Rio de Janeiro, 1852; 42, 104 p.; em 8.º (BL, 11452.ee.23; Biblioteca da Academia Brasileira de Letras [RJ], AO J59).

Está traduzido em verso com valioso introito crítico, mas diminuído como versão pela preocupação da métrica e rima; publicado com:

— *Notícia Histórica sobre a vida e poesias de J. E. Ottoni*.<sup>10</sup>

- *Paráfrase dos Provérbios de Salomão em verso português: dedicada ao sereníssimo Príncipe da Beira, Nosso Senhor*, Baía, Tip. de Manuel António da Silva Serva, 1813 (A Tradução em Portugal, 3087).<sup>11</sup>
- Ib., mesmo impressor, 1815; edição bilingue: português e latim da Vulgata; 357 p.; 16 cm (BNP, R. 22571 P.; BL, 1578/3361; Providence College; Biblioteca da Academia Brasileira de Letras [RJ]; CBAP, n.º 1621).
- *Nova edição*, Rio de Janeiro, Typ. Austral, 1841; nesta edição foi omitido o latim; 167 p.; em 8.º.
- Mariana, J. A. R. de Moraes, 1872; 4 p.; em 4.º (BNRJ, Misc. 159, 33).

<sup>9</sup> Neste projeto, também estiveram envolvidos Frei Manuel do Cenáculo e Frei Nicolau de Belém; ver Rodrigues, A Cátedra (1640-1910), p. 116; sobre a vida e obra do autor, ver Inocêncio V, p. 111-114; XIII, p. 194-195.

<sup>10</sup> Ver OTONI, Teófilo Benedicto, *Notícia Histórica sobre vida e poesias de J. E. Otoni* (Job em verso), 1852; em 8.º (BL, 11452.ee.23).

<sup>11</sup> MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias, *A Parafrase dos Proverbios de Salomão: O código moral dos pedreiros livres impresso na Bahia em 1815*, em Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição, n.º. 35-36, Ano XVI, 2015, 51 p.

É uma obra parafrástica, como diz o seu autor, mas que deixou de fora o “gosto” do original bíblico.

- *Stabat Mater*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, n.º XXXII, p. 57.
- *Quadro das dores de Maria Sanctíssima, considerada na ponta da sua afflictiva soledade, em metro e ordem de meditações...*, Lisboa, Nova Imprensa da Viúva Neves & Filhos, 1823; 12 p.; em 8.º (Inocência IV, p. 310).

**José Pires de Carvalho de Albuquerque** (1701-1760). Era natural da Baía, mas estudou na Universidade de Coimbra, doutorando-se em Jurisprudência canónica. Pertenceu à Ordem Militar de Cristo. Regressou à sua cidade natal e, devido à sua devoção mariana, escreveu:

- *Culto Métrico. Tributo Obsequioso, que às aras da sacratíssima pureza de Maria Santíssima Senhora Nossa, e May de Deus dedica, oferece e consagra pelas sagradas mãos...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1756; consta de 88 oitavas.
- 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1760; 24, 102 p.; 18 cm (BNP, L. 78390 p.).<sup>12</sup>

**Junqueira Freire, Frei, OSB** (1832-1855). Nasceu em São Salvador da Baía. Foi poeta ultrarromântico, autor de:

- *Inspirações do Claustro: Versos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867; 2.<sup>a</sup> edição. Aqui podemos encontrar várias das suas poesias, por exemplo:  
*O Apóstolo entre as gentes* [São Paulo], p. 25-33.  
*O Incenso do Altar*, p. 41-45.  
*O converso*, p. 144-146.

**Leonardo da Senhora das Dores Castelo Branco** (1788-1873). Nasceu no Brasil no estado de Piauí. Viveu alguns anos em Portugal, mas regressou ao seu país. Foi poeta, prosador, cientista, mecânico e revolucionário brasileiro (Inocência V, p. 174). Escreveu:

- *O Ímpio confundido, ou refutação a Pigault Le Brun: poema philosophico em que se demonstra inegavelmente, pela philosophia e pela história, a existência de Deus e a verdade da religião cathólica*, Lisboa, Typ. Viúva Silva e Filhos, 1837; 286 p.; 15x10 cm (BNP, L. 25775 P.; Brasiliana I, p. 143).
- *A criação universal, descripta poética e philosophicamente: poema dividido em seis*

<sup>12</sup> Brasiliana I, p. 16; Barbosa IV, p. 223, refere ed. de 1757; Inocência V, p. 106; XII, p. 174.

*cantos, segundo a ordem da criação relatada no Génesis*, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1856; 153 p.; em 4.º.

**Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior** (1844-1897). Era natural do Rio de Janeiro. Seguiu a carreira diplomática, que exerceu em Lisboa durante algum tempo (Inocêncio XIII, p. 354). Dotado de veia poética, escreveu:

- *No deserto*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa, coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 93-94; inicia deste modo: “Quando a Virgem fugiu à lança dos sicários / Unindo ao casto seio o Redentor...”.

**Luís Gonçalves dos Santos, Pe.** (1767-1844). Foi cônego da Santa Igreja Catedral do Rio de Janeiro. Este escritor brasileiro, de temática apologética católica, escreveu:

- *A impiedade confundida, ou refutação da carta de Talleyrand, escripta ao Papa Pio Séptimo, Offerecida, e dedicada ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Frei António d'Arrábida...*, Rio de Janeiro, Tipografia de Torres, 1830; XIII, 324, 2 p.; 21x14 cm (BNP; BBM).

Na Introdução, apresenta as razões pelas quais escreveu a obra:

“Como Cidadão Brasileiro, que jurei manter a Religião Cathólica, Apostólica, Romana, e como Ministro da mesma Religião, a quem não he dado ser indifferente às maquinações dos ímpios, tomei a resolução de refutar a tão sacrílega, como blasfema *Carta de Talleyrand*, não com a sabedoria dos imortais Apologistas da Religião, tanto antigos como modernos, mas segundo as minhas fracas luzes e ténues forças, esperançado em Deos, que há de fazer proficuo o meu trabalho para maior glória do seu Santo Nome...” (p. XI).<sup>13</sup>

- *Espírito da Bíblia ou moral universal christã, tirada do Antigo e Novo Testamento. Traduzido do espanhol e acrescentado...*, Rio de Janeiro, Typ. Americana, de I. P. da Costa, 1840; 20, 83 p.; em 8.º (BNRJ, 225, 1, 29; BBM).  
— Maranhão, Typ. de I. J. Ferreira, 1846; 65 p.; em 4.º (BNRJ, 225, 1, 30).  
— S. Paulo, Typografia Litterária, 1862; 19, 75 p.; em 8.º peq. (BNRJ, 225, 1, 31).
- *O cathólico e o methodista, ou refutação das doutrinas heréticas e falsas, que os intitulos missionários do Rio de Janeiro, methodista de New York, tem vulgarizado nesta corte do império do Brasil por meio de huns impressos chamados tracts,*

<sup>13</sup> O autor anticatólico da Carta que ele refuta é Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838).

*com o fim de fazer prosélitos para a sua seita, &c...*, Rio de Janeiro, Imprensa Americana, 1839; XXVII, 203 p.; 20,4x13 cm (BBM).

- *Antídoto cathólico contra o veneno methodista ou refutação do segundo relatório do intitulado missionário do Rio de Janeiro. Composto pelo R.P.G. Tilbbury. Com huma analyse do anúncio do vendedor de Bíblias, &c. pelo Padre...*, Rio de Janeiro, Tipografia Americana, 1838; 74 p.; 20x12,8 cm (BBM).

**Luís Nicolau Fagundes Varela** (1841-1875). Era natural do Rio de Janeiro e faleceu em Niteroi (Inocência XVI, p. 52 e 381). Como poeta, escreveu a seguinte poesia:

- *Oração*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 62-63.

**Manuel da Madre de Deus** - 1, Frei, OFM (1724-?). Era natural da Baía e professou no convento de Iguaraço, Pernambuco, em 1745 (Inocência VI, p. 43). Escreveu:

- *Piedosas Meditações sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, extrahidas... da obra de Santo Affonso Maria de Ligório intitulada Relógio da Paixão*, Porto, Tip. Comercial, 1862; 12 cm (BNP, R. 26996 P.).

— 3.<sup>a</sup> edição, Porto, Cruz Coutinho 1871; 814 p.; 18x11 cm (BSEA).

— 4.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1884; 768 p.; 16x10,5 cm (BSEA).

— 17.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1886; 393 p.; 14x7,5 cm (BSEA).

— 18.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1889; 600 p.; 15 cm (BNP, R. 6559 P.).

Ver o autor no cap. 11.1.

**Manuel da Madre de Deus Bulhões**, Frei, OCD (1663-ca. 1742). Nasceu em Salvador da Baía. Doutorou-se em Teologia. Foi procurador da Ordem em Roma, definidor geral, prior no convento da Baía, sua pátria, e provincial. Como notável pregador, compôs vários sermões (Inocência VI, p. 44; XVI, p. 257; Barbosa III, p. 302-303). Vejamos alguns deles:

- *Sermão no Primeyro Synodo Diocesano, que se celebrou no Brasil pelo... Senhor Dom Sebastiam Monteyro da Vide, Arcebispo da Bahia... Prêgou-o na Sé da Bahia o Reverendo Padre Frey Manoel da Madre de Deus...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal, 1709; 23 p.; 19 cm (BNP, Res. 3539//11 P.).
- *Sermão da Soledade da Senhora pregado na Sé da Bahia a 25 de Março de 1701*, Lisboa, Bernardo da Costa de Carvalho, 1702.
- *Sermões em várias solemnidades de Maria Mãe de Deus, e Senhora Nossa. Pre-*

*gados na cidade da Baía...*, Lisboa, Oficina de Manuel Fernandes da Costa, 1737; 12, 427 p.; 19x14 cm (Brasiliana I, p. 116).

Com o mesmo tema deixou ainda mais 2 sermões pregados na mesma Sé: um em abril do mesmo ano e outro em 1708.

**Manuel do Monte Rodrigues de Araújo**, Dom (1798-1863). Foi político e religioso católico brasileiro; ensinou Teologia durante dezasseis anos no Seminário de Olinda. Foi bispo do Rio de Janeiro (Inocêncio VI, p. 16; XVI, p. 271). Autor de várias obras de Teologia, entre elas:

- *Compêndio de Teologia Moral para uso do Seminário de Olinda em Pernambuco*, Rio de Janeiro, Liv. Agostinho de Freitas Guimarães, 1835; 3.<sup>a</sup> edição revista; 3 vol.; 21x12,5 cm (BSEA).
- *Compêndio de Teologia Moral*, Porto, Typ. da Revista, 1858; 2.<sup>a</sup> edição; 2 vol.; 20 cm (BNP, TR. 3328 P. - 3329 P.).  
— 4.<sup>a</sup> edição, Porto, Typ. Manoel José Pereira, 1863; 2 vol.; 20 cm (BNP, R. 9971 V. - 9972 V.).

**Manuel Joaquim da Silveira**, Dom (1807-1875). Oriundo do Rio de Janeiro, foi sacerdote católico e arcebispo da Baía.<sup>14</sup> Além de outras pastorais, foi autor também da seguinte:

- *Carta Pastoral Prevenindo os seus Diocesanos contra os erros Perniciosos de Espiritismo*, Baía, 1827.
- *Carta pastoral do Exmo. e Revdmo. Senhor D. Manuel Joaquim da Silveira...*, Baía, Typ. Camilo de Lelis Masson, 1862; 78 p.  
— Outra edição: *Carta Pastoral do Exm.o e Revd.mo Senhor Dom Manuel Joaquim da Silveira, Metropolitano e Primaz do Brasil, premunindo os seus diocesanos contra as mutilações e adulterações da Bíblia, traduzida em português pelo Padre João Ferreira A. d'Almeida; contra os Folhetos e Livrinhos contrários à Religião que, com a mesma Bíblia, se tem espalhado na Cidade da Baía e*

<sup>14</sup> Sobre o autor, ver Inocêncio VI, p. 23; XVI, p. 236 e 407. Este arcebispo da Baía, perante as Bíblias protestantes, e sobretudo a Bíblia de Almeida, impressa em Nova Iorque, 1852, comparou-a com a Bíblia católica. Achando nela diferenças que lhe pareceram graves, numa Pastoral, preveniu os seus diocesanos contra as Bíblias protestantes. Não conhecemos a edição impugnada (Nova Iorque, 1850), mas quanto à 1.<sup>a</sup> ed. do NT (da qual existe um exemplar na BN de Lisboa) o juízo mais moderado de Ribeiro dos Santos não parece estar longe da verdade, salvo em um ou outro caso, como, por exemplo, Lc 1,28: gozo ajas em graças aceita; à margem: “engraçada”, que edições posteriores emendaram para “agraciada”, em desconformidade com a interpretação das mais antigas versões: “cheia de graça”. Mas, em outros passos incriminados (Ef 5,32; 2 Tm 4,5; etc.), não há erros, pelo menos à luz da exegese moderna. O grande defeito, sob o ponto de vista católico, é a omissão dos Dêutero-canônicos do Antigo Testamento.

*contra alguns erros que se têm publicado no Império do Brasil*, Ponta Delgada, Typ. do Eco Social, 1865; 4, 3, 69 p.; 21 cm (BNP, R. 13116 V.; BPARPD).

**Mateus da Encarnação de Pina**, Frei, OSB (1687-1764). Nasceu no Rio de Janeiro e foi professor de Ciências Eclesiásticas dos seus confrades. Foi notável orador evangélico, deixando muitos sermões (Barbosa III, p. 448-449). Apresentamos aqui as seguintes obras:

- *Theologia Scholástica, et Dogmática*; 6 tomos; em fol. (ms).
- *Viridário Evangélico, em que as flores da virtude se illustrão com discursos moraes e os frutos da santidade se exornão com panegíricos em vários sermões...*, Lisboa, Oficina da Música, 1730-1755; 4 partes; 21 cm (BNP, R. 5847 V. - 5850 V.).
- *Sermão do grande Profeta, e mais que grande, Patriarcha Santo Elias no seu Convento do Carmo do Rio de Janeiro, anno de 1719*, Lisboa, Mathias Pereira da Sylva, e João Antunes Pedroso, 1721. Ver autor no cap. 8.

**Múcio Teixeira** (1857-1926). Era natural de Porto Alegre (Brasil). Em 1889, era cônsul do Brasil na Venezuela, aquando da proclamação da República. Em 1896 mudou-se para a Baía. Seguidamente, foi residir para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer (Inocência XVII, p. 79). Do género de obras que nos interessam neste volume, escreveu:

- *Cântico dos Cânticos*, drama em verso; dividido em 5 atos, em Poesias e Poemas, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1888, p. 151-207; 2.<sup>a</sup> edição ornada com o retrato do autor (BNP, L. 3605 A.).
- *Nova edição, precedida do juízo crítico de escriptores nacionnaes e estrangeiros, de uma apotheosis poética e de notas*, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1903; 2 vol. (BNP, L. 3688 A. - 3689 A.).
- *Quadro Bíblico* (Natal), em Poesias e Poemas, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1888, p. 109-110.
- *O infinito*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 99-100.

**Patrício de Santa Maria**, Frei, OFM (1690-17??). Era natural de Santos, São Paulo, Brasil. No Rio de Janeiro abraçou a sua Ordem, passando depois à Itália (Barbosa III, p. 516). Como devoto da Terra Santa para lá se dirigiu e, ficando lá a morar, escreveu as seguintes obras referentes a esses lugares:

- *Mel de Petra (Sanctissimi Sepulchri Domini Nostri Jesu Christi) oleumque de saxo durissimo (Sacrosancti Montis Calvarii)... quae omnia congesta sunt a P. Patrio de S. Maria, Lusitano Brasiliensi...*, Ulissipone, Typ. Regalibus Sylvianis,

Regiaeque Academiae, 1742; 30, 590 p.; 21x15 cm (BNP, R. 8510 P.; BPNM, 2-1-6-14).

Fala de Jerusalém e dos seus diferentes lugares; está dividido em 14 visitas (visitatio).

- *Elenchus Coeremoniarum Terrae Sanctae...*, Lisboa, Typ. Doctoris Emmanuelis Alvarez Sollano, 1754; 20, 834, 2 p.; 20 cm (BNP, R. 20039 P.; BPNM, 2-71-8-6).

**Raimundo da Mota de Azevedo Correia** (1859-1911). Foi um poeta brasileiro, filho de portugueses. Escreveu, de índole religiosa, a seguinte poesia:

- *Avé Maria*, em Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa. Coligidas por César de Freitas, Lisboa, Guimarães & Companhia, 1932, p. 103.

**Valentim Mendes**, SJ (1689-1759). Era natural da Baía. Abraçou a sua Ordem no convento desta cidade. Foi exímio no púlpito (Barbosa III, p. 768). Como tal, deixou-nos:

- *Sermão do príncipe dos Patriarcas Santo Elias...*, Lisboa, Oficina Manoel Fernandes da Costa, 1735; 8, 28 p.; 20 cm (BNP, R. 5602//5 V.; Palha 166).
- *Sermão panegyrico e parenético no dia do nascimento da Senhora com o título esclarecido da Paz...*, Lisboa, Oficina Manoel Fernandes da Costa, 1738; 10, 32 p.; 20 cm (BNP, R. 6851//7 P.; Palha 167).
- *Sermão que na nova festividade de Nossa Senhora das Portas do Céu, e todo bem, e collocação da sua imagem celebrada na igreja de S. Pedro...*, Lisboa, Oficina de Manoel Fernandes da Costa, 1738; 10, 33 p.; 20 cm (BNP, R. 22746//1 P.).
- *Sermão de Lágrimas na Triste Soledade da May de Deus...*, Lisboa, Oficina de Manoel Fernandes da Costa, 1739; 10, 47 p.; 19 cm (BNP, R. 9608//4 P.).

### Anónimos

- Tradução do francês: *Resumo da História Sagrada, precedido da analyse dos livros santos; seguido da história dos Judeus até a sua dispersão, e da história da Palestina até aos nossos dias, por M. Edom. Traduzido da última edição francesa e ornado de gravuras*, Rio de Janeiro, Serafim José Alves, 1877; em 8.º peq. (BNRJ, 22, 1, 33).
- *História Sagrada pittoresca, ou o livro das famílias religiosas para a sua instrução e edificação... Antigo Testamento*, Rio de Janeiro, s. d.; 75 p.; em 4.º (BNRJ, 13, 7, 15).

— *Ib.*, *Novo Testamento*; 56 p.; em 4.º (BNRJ, 13, 7, 16).



## Conclusão

1. Do que fica exposto, ficamos com a sensação de que valeu a pena elencar as obras de autores brasileiros destes dois séculos. Assim, ficamos com uma ideia aproximada do que terá sido a produção total. Algumas destas obras são mais importantes que muitas produzidas em Portugal, como é o caso da obra bíblica de Macedo Costa. Por outro lado, não podemos levantar uma barreira entre a literatura brasileira e portuguesa nestes dois séculos. De facto, não apenas havia um intercâmbio entre as duas, como muitas destas obras foram escritas e sobretudo editadas em Portugal. Por isso, este capítulo não pretendeu ser nem exaustivo nem exclusivista, já que a literatura brasileira conviveu sempre, de mãos dadas, com a portuguesa, sua mãe e modelo.<sup>15</sup>

2. Para melhor esclarecer o leitor acerca da quantidade de autores e obras “brasileiras”, o capítulo conta nada menos de 53 autores e 140 obras. Estas conclusões deixam-nos a sensação de que foi nestes dois séculos que o Brasil – pela mão dos autores e tipografias portuguesas – arrancou seriamente para uma literatura nacional.

---

<sup>15</sup> No que se refere a obras e autores de temática musical, nesta época, pode ver-se, porexemplo, AZEVEDO, Luís Heitor Corrêa de, *Esplendor da Vida Musical Fluminense no tempo de D. João VI*, em Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Lisboa, 1957, vol. II, p. 77-88.

## Capítulo 22

### Temas específicos dos séculos XVIII-XIX

Como já explicávamos na apresentação deste volume, este capítulo pretende apresentar os temas específicos desta época histórico-cultural e religiosa. Portanto, aqui podem repetir-se temas que já se encontram noutros capítulos, mas que foram colocados neste, devido ao relevo que assumiram nesta época; por isso, mereceram ser objeto de muita literatura específica. Estes temas são os cinco que se seguem:

- 22.1. Obras referentes ao terremoto de Lisboa, 1755
- 22.2. Obras referentes ao profetismo político
- 22.3. Obras referentes ao dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora (08.12.1854)
- 22.4. Obras referentes à devoção ao Coração de Jesus
- 22.5. Obras referentes à maçonaria ou jacobinismo maçónico

#### 22.1. Obras referentes ao terremoto de Lisboa (1755)

O terramoto de Lisboa, para além de ser uma enorme catástrofe para o nosso país, não foi um acontecimento apenas nacional, mas europeu e com variados ecos noutros continentes, sobretudo em territórios ultramarinos de expressão portuguesa, como foi o caso do Brasil. Foi objeto de várias tipologias literárias, mesmo de oratória sagrada (reportagens, declarações, memórias, poemas, sermões...). E é sobretudo este género de literatura que aqui mais nos interessa. Para além do fenómeno natural, que os não crentes afirmavam não passar disso mesmo, para os crentes, um assunto tão catastrófico tornou-se uma espécie de aviso do céu, afirmando que a natureza está ao serviço do Criador, fazendo deste facto uma palavra divina dirigida à humanidade.

No que se refere aos ecos do terremoto no estrangeiro, basta lembrar Voltaire, que escreveu o *Poème sur le désastre de Lisbonne*, onde reafirma as leis da natureza contra as opiniões providencialistas de outros. Os mesmos sentimentos foram

partilhados por Rousseau, Diderot e outros, enquanto Herder e Kant, por exemplo, apesar de atribuírem o fenómeno à natureza, não excluíram completamente o divino.<sup>1</sup>

Outros, como já se disse, atribuíram um papel fundamentalmente religioso ao terremoto, como um aviso de Deus, o que aconteceu mesmo na Inglaterra com John Wesley, nos seus *Serious Thoughts* de 1755. Segundo os judeus, foi um castigo de Deus infligido a Portugal, por causa da Inquisição e perseguição ao seu povo. Acusações semelhantes fez Cavaleiro de Oliveira e o Pe. Malagrida; não andam longe um do outro ao atribuírem o terremoto a um castigo pelos pecados dos habitantes de Lisboa, embora estes “pecados” sejam diferentes num e noutro.<sup>2</sup>

Eis aqui algumas obras de que tivemos conhecimento na pesquisa referente a este volume:

**António da Anunciação** - 2, Frei, CRSA (1717-?). Era natural de Évora. Estudou Filosofia na Universidade da sua cidade. Passou depois para a Universidade de Coimbra, onde se doutorou (Barbosa IV, p. 24). Pregou o seguinte sermão por ocasião do terremoto:

- *Sermão em acção de graças pela Conservação da Casa Real, e por todos os benefícios feitos á Nação Portuguesa entre o commum estrago do Grande Terremoto do 1 de Novembro de 1755. Pregado no dia do Patrocínio de N. Senhora da Cathedral de Coimbra...*, Coimbra, Oficina de António Simoens Ferreira, 1757; 6, 26 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//15 V.).<sup>3</sup> Ver o autor nos cap. 13.1 e 22.1.

**António do Espírito Santo Andrade**, Frei, OFM (séc. XVIII). Inocência apenas refere sermões deste autor, que não chegou a ver (VIII, p. 131). Deixou-nos:

- *Sermão de Jesus Christo Crucificado com o titulo de “Senhor dos Desamparados”, imagem venerável, que ficou illesa na nossa igreja de S. Francisco da Cidade de Lisboa, sem a derribar o Terremoto, nem a offendeu o fogo, que destruirão a tudo o mais...*, Lisboa, Oficina Joseph da Costa Coimbra, 1756; 14, 36 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//14 V.).<sup>4</sup> Ver o autor no cap. 14.

<sup>1</sup> Ver SILVEIRA, Luís da (trad.), *Ensaio de Kant a Propósito do Terremoto*, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1955.

<sup>2</sup> Uma boa exposição da literatura do terremoto de Lisboa encontra-se em PINHARANDA GOMES, A *Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Lisboa, Guimarães Editores, 2.ª edição, 2009, p. 695-722; Inocência XVIII, p. 246-257, apresenta “Relações e outros papéis de vários autores que escreveram à cerca do Terremoto de 1755 ou se referiram a essa catástrophe”.

<sup>3</sup> Sobre este sermão e seu autor, ver MARQUES, João Francisco, *A Acção da Igreja no Terremoto de Lisboa 1755: Ministério espiritual e pregação*, em *Lusitania Sacra* 18, 2.ª Série, 2006, p. 309-312.

<sup>4</sup> Para análise deste sermão, ver MARQUES, João Francisco, *A Acção da Igreja no Terremoto de Lisboa*

**António do Sacramento**, Frei, OFM (1711-1785). Nasceu em Vila Verde de Unhão (Guimarães). Era de família nobre. Professou no Porto em 1729. Pregou e escreveu:

- *Exhortação Consolatória de Jesus Christo Crucificado na Cruz ao Povo Lusitano por se ver nimiammente conturbado por causa do Terremoto do Primeiro de Novembro de 1755 escrita por... E recitada na Real Presença da devotíssima Imagem do “Senhor dos Desemparedados”, collocada na igreja da Barraca dos Religiosos de S. Francisco da Cidade, no Sítio de Campolide...*, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1757; 22, 31 p.; 20 cm (BNP, R. 21851//10 P.).
- *O grande dia nimiammente amargo, o Dia de Todos os Santos de 1755* (ms).
- *Memórias curiosas em que, por estes annos de 1778, se acham as principaes cousas da Corte de Lisboa por ...: descripção do terremoto de Lisboa e estado da reedificação da cidade em 1778, com uma notícia sobre o auctor e sobre o original manuscripto por A. Vieira da Silva*, Lisboa, Tombo Histórico, 1929; 64 p.; 18 cm (BNP, H.G. 27885//6 P.). Ver o autor nos cap. 4.1; 9 e 22.3.<sup>5</sup>

**António Pereira da Câmara**, Pe. (1697-1758?). Era natural da Baía. Sacerdote de hábito de S. Pedro, bacharel formado em Sagrados Cânones, mestre em Artes (Barbosa IV, p. 54). Como grande pregador, deixou-nos:

- *Sermão na procissão de penitência, que fêz de noite a Reverenda Irmandade dos Clérigos de S. Pedro da Cidade do Rio de Janeiro por ocasião do Terremoto que houve em Lisboa no primeiro de Novembro de 1755... prégado à porta da Igreja da Cruz ao passar da Procissão*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1757; 45 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//13 V.). Ver o autor nos cap. 14 e 21.

**António Pereira de Figueiredo**, Pe., CO (1725-1797). Este foi um dos escritores que sentiu e presenciou a catástrofe do terremoto. Por isso, é um testemunho qualificado deste triste acontecimento, escrevendo duas pequenas obras sobre este assunto (Inocêncio I, p. 227):

- *Commentario latino e portuguez sobre o terremoto e incêndio de Lisboa, de que foy testemunha ocular = De terraemotu et incendio Olisiponensi, cujus ipse oculatus testis fuit, commentarius latino-Lusitanus, adjectis ab eodem notis illustratus*,

---

1755, em *Lusitania Sacra* 18, 2.<sup>a</sup> Série, 2006, p. 295-299. Este foi um aspeto importante a realçar, neste assunto: a ajuda às vítimas do mesmo, entre os que mais ajudaram encontrava-se o Pe. Malagrida. Inocêncio VIII, 131, apenas referencia os *Sermões panegíricos e morais*, dizendo: “Não vi os taes sermões, e creio haver com isso perdido pouco, ou nada”.

<sup>5</sup> Ver MARQUES, João Francisco, *A Acção da Igreja no Terremoto de Lisboa 1755*, o. c., p. 291-295; Inocêncio I, p. 264.

Lisboa, Of. de Miguel Rodrigues, 1756; 5, 29 fol.; numeração dobrada, sendo, por isso, 12, 58 p.; com o texto latino paralelo; 16 cm (BNP, H.G. 34697 P.; BL, 10161.a.14; Cat.; BPARPD, JC/A Misc.645/7 RES; BPNM, 2-55-1-22).<sup>6</sup>

O comentário ao terremoto é sóbrio. Aí afirma Figueiredo:

“Penosa fora a fortuna que coube aos ‘miseráveis cidadãos’, pois não tiveram “outro remédio mais que fugirem para os campos vizinhos: saindo todos em bandos, huns abraçados com os tenros filhos, outros com as sagradas imagens; e os mais deles sem saberem ainda, aonde fariam assento” (p. 18).

“Assim se abatera sobre a cidade, soberba e corrupta, a ira de Deus a que as autoridades religiosas e a ‘providência e liberalidade’ do ‘sapiientíssimo monarca’ de pronto acudiram para lhe minorarem os males” (p. 24-26).

- Tradução inglesa: *Narrative of the earthquake and fire of Lisbon by Antóny Pereira of the Congregation of the Oratory, an eye-witness there Illustrated with notes. Translated from the Latin*, Londres, G. Hawkins, 1756.
- *Rerum Lusitanarum Ephemerides ab Olisiponensi terraemotu ad Jesuitarum expulsionem*, Lisboa, Oficina Sylviana, 1761; 4 fol., 48 p.; em 4.º (BNP, H.G. 5802//1 P.; Cat., p. 38; BL; BNF; BNRJ, 38, 20, 19; BPNM, 2-55-8-19 (2.º); ib., 1762 (BL, 4092.b.7.(8)). São notas históricas desde o terramoto, em 1755, e termina em 3 de setembro de 1760. O herói destas linhas ou entrelinhas é o Marquês de Pombal e a sua reconstrução de Lisboa.
- *Diário dos successos de Lisboa desde o terremoto até o extermínio dos Jesuítas, António Pereira de Figueiredo; trad. do idioma latino por Mathias Pereira de Azevedo Pinto*, Lisboa, Of. Francisco Borges de Sousa, 1766; 3 fol., 65 p.; 15 cm (BNP, H.G. 17134 P.; BNRJ; BL, 4091.a.5). Ver o autor nos cap. 24-26, sobretudo cap. 25.3.

**Bento Morganti**, Pe. (1709-?). Era natural de Roma, filho de mãe portuguesa e pai italiano. Foi presbítero secular licenciado em Cânones pela Universidade de Coimbra (Inocêncio I, p. 349; VIII, p. 375). Escreveu:

<sup>6</sup> “Consta que este texto fora reimpresso em Londres com o texto portuguez e traducção ingleza. Na Off. de Hawkins, 1756” (Inocêncio I, p. 227). Nesta obra, Figueiredo alvitra o número de mortos em Lisboa: “Apontar o número certo dos que morrerão na Cidade, he cousa muito dificultosa. Se alguém disser que morrerão 15000, parece-me que não errará muito, porque os que subirão o número a 7.000 não advertirão que a mortandade dos moradores não foi à proporção da ruina dos edificios” (MARQUES, João Francisco, *A acção da Igreja no terremoto de Lisboa de 1755*, o. c., p. 225). Aqui se diz que todos os conventos e clero secular das paróquias da cidade se mobilizaram para atender os doentes e aleijados, além de sepultarem os mortos. Por todo o lado se fizeram procissões e levantaram altares portáteis, para celebrar a missa nos campos, para onde o povo tinha fugido. Sobre o comentário de Figueiredo ao terremoto, ver as p. 272-273 (ver cap. 25: *Figueiredo: Obras Culturais*).

- *Verdade vindicada ou resposta a huma carta escrita de Coimbra, em que se dá notícia do lamentável sucesso de Lisboa no dia 1 de novembro de 1755 escrita por José Acursio de Tavares..*, Lisboa, Officina de Miguel Manescal da Costa, 1756; 32 p.; 20 cm (BNP, H.G. 4560//27 A.). Ver o autor no cap. 10.2.

**Feliciano da Cunha França** (1719-1760). Era natural de Lisboa. Bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra e advogado de causas forenses em Lisboa. Ignora-se a data exata da sua morte; porém, sabe-se que ainda vivia em 1760 (Inocêncio II, p. 256; IX, p. 208). Escreveu:

- *Extensão do dictame, ou parecer do Reverendíssimo P. Mestre Fr. Bento Feijoo do Conselho de S. Majestade Catholica, ácerca das causas dos terremotos, explorado pelo Lic. João de Zuñiga, em carta escripta a hum amigo, por Feliciano da Cunha França Advogado nesta Côrte*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1757; trata das causas do terremoto de Lisboa; 22, 66 p.; 20 cm (BNP, Res. 116//6 V; BOCD).

**Francisco António de São José**, Frei, OFMCap (1720-?). Deste autor, Inocêncio XVIII, p. 249, refere a seguinte obra:

- *Discurso moral sobre os temores que causou o terremoto na gente de Lisboa*, Lisboa, Oficina de José da Costa Coimbra, 1756; 7 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//9 V).

Aqui afirma este pregador:

“Assim como é obrigação dos pregadores evangélicos ensinar e persuadir ao povo o temor de Deus, assim também incumbe aos mesmos Evangélicos pregadores desterrar dos ânimos o medo pânico, e extraordinário: a virtude he o princípio de persuadir e não o terror...” (p. 1-3).

- *Canto Fúnebre ou Lamentação Harmónica na Infeliz Destruição da Famosa Cidade de Lisboa, Metropoli de Portugal, pelo espantoso, e nunca visto Terremoto, que padeceo no primeiro de novembro do anno de 1755. sempre memorável por tão estranho e ruidoso successo...* Lisboa, Offic. de Miguel Rodrigues Impressor do Eminent. Senhor Card. Patriarca, 1756; 2, 34, 35-40 p.; 21 cm (BNP, L. 1305//11 A.).

**Francisco de Pina e de Melo**, Pe. (1695-ca. 1775). Nasceu em Montemor-o-Velho. Estudou Filosofia e Cânones na Universidade de Coimbra. Foi grande poeta e pregador (Barbosa II, p. 221-222; Inocêncio III, p. 33-35). Pregou:

- *Juízo sobre o terremoto*, Coimbra, Oficina de António Simoens Ferreira, 1756; 6, 30 p.; 20 cm (BNP, F. 6415).<sup>7</sup> Ver o autor nos cap. 4.1 e 8.

<sup>7</sup> Este sermão versa sobre Mt 11,25; ver MARQUES, João Francisco, *A Acção da Igreja no Terremoto de Lisboa 1755*, o. c., p. 288-291.

**Francisco Xavier de Oliveira / Cavaleiro de Oliveira (1702-1783).** Era natural de Lisboa. Com 27 anos, é feito Cavaleiro da Ordem de Cristo. A Inquisição proíbe a divulgação das suas obras em Portugal. Escreveu, por ocasião do terremoto:

- *Discours pathétique au sujet des calamités présentes, arrivées en Portugal. Adressé a mes compatriotes et en particulier a sa majesté très-fidèle Joseph I. Roi de Portugal, 1783*, Porto, Typographia Occidental, 1893; 94, V p.; 17 cm (BNP, Res. 32 P.). Ver o autor no cap. 7.1.<sup>8</sup>

**Gabriel Malagrida, SJ (1689-1761).** Foi um jesuíta italiano que esteve em missão no Brasil, onde deixou grandes obras sociais a favor dos pobres e índios. Veio para Portugal pelos anos de 1720, como conselheiro espiritual de D. João V. Preso em 1758 com outros Jesuítas acusados de cumplicidade no atentado contra D. José I; isto custou-lhe a morte por estrangulamento, sendo queimado seguidamente, por ordem do Marquês de Pombal.<sup>9</sup> Escreveu:

- *Juízo da verdadeira causa do Terremoto, que padeceu a Corte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755. Pelo Padre Gabriel Malagrida, da Companhia de Jesus, Missionário Apostólico*, Lisboa, Officina de Manuel Soares, 1756; 31, 5 p.; 20 cm (BNP, H.G. 4560//24 A.).
- 2.<sup>a</sup> edição. *Impresso a primeira vez em Lisboa na Officina de Manoel Soares, no ano de 1756, com todas as licenças necessárias*, Porto, Reimpresso na Typ. Particular do Visconde de Azevedo, 1866; 15 p. e 2 páginas de licenças (Santo Ofício, Ordinário e duas do Paço); 21x13,5 cm (BNP, H. G. 22843 V.; DB). Sobre o “caso Malagrida” ver 1.2.5.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> PORTELA, Artur, *Cavaleiro de Oliveira, aventureiro do século XVIII* – Temas portugueses, INCM, Lisboa, 1982; RODRIGUES, António Gonçalves, *O protestante lusitano: estudo biográfico e crítico sobre o Cavaleiro de Oliveira*, Coimbra Ed., 1950; nesta obra diz-se: “A cerimónia da abjuração realizou-se em 22 de Junho de 1746 ‘dans l’Eglise Française nommé des Grecs’ hoje desaparecida.” (p. 134). Para uma série de bibliografia sobre este personagem, ver PAULO BRANCO, *Subsídios para uma Bibliografia do Protestantismo no espaço Lusófono*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 9-10, ano V, 2006, p. 67; Inocêncio III, p. 90-93.

<sup>9</sup> Segundo Inocêncio IX, p. 408, sobre o “padre Malagrida e o seu desgraçado fim, ocorre mencionar aqui o seguinte: *Malagrida: tragédie en trois actes et en vers, traduite du portugais*. A Lisbonne, de l’Imprimerie de l’Inquisition 1763. 8.º ou 12.º de 58 pag.- Conservo um exemplar d’esta tragedia, cuja composição é por Barbier (*Dictionn. des anonymes*) atribuída ao Abbade de Logchamps, e creio bem que poucos mais haverá em Lisboa. Cumpre advertir, que a indicação que o rosto a dá *traduzida do portuguez* é quanto posso julgar inexacta, e ninguém se acusa de ter visto até hoje o pretendido original. As indicações typographicas são também evidentemente apocryphas”; encontra-se um ex. na BNP (cota: L. 5634 P.); ver ainda Inocêncio III, p. 106; VII, p. 137; XVIII, p. 250.

<sup>10</sup> Ver o que dissemos acerca deste assunto no cap. 1. Não se entende o porquê de tanto ódio de



**Iluminato del Borgo San Sepolcro**, Frei, OFM<sup>Cap</sup> (?-?). Este Franciscano Capuchinho encontrava-se em missão no nosso país, na altura do terremoto. Sobre o mesmo, escreveu:

- *Relação* sobre o terremoto, mas com um tom claramente apocalítico, citando os profetas Jeremias, Joel, o Apocalipse...<sup>11</sup>

**João António Bezerra de Lima**, Pe. (1737-1812). Era natural de Arcozelo, Ponte Lima. Faleceu em Coimbra. Formou-se em Direito civil pela Universidade de Coimbra (Inocêncio III, p. 287; XVIII, p. 248). Pregou:

- *Declamação Sagrada na Ruína de Lisboa, causada pelo Terremoto do Primeiro de Novembro de 1755, e pelo Incendio, que se lhe seguiu...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1757; 10, 14, 4 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//10 V.; BPB, Res. 163//2 V.).

**João António da Costa e Andrade** (1702-?). Era natural de Santarém, formado em Direito e advogado de causas forenses na sua terra natal (Inocêncio III, p. 288). Foi autor de:

- *Conversação erudita, discurso familiar, conferências ascéticas, históricas, políticas e filosóficas sobre os efeitos do terremoto do 1 de Novembro na villa de Santarém*, Lisboa, Officina de Joseph da Costa Coimbra, 1756; 20, 64 p.; 20 cm (BNP, S.A. 2824//10 V.).

**João Baptista de Castro**, Pe. (1700-1775). Nasceu em Lisboa. Foi presbítero secular e viveu algum tempo em Roma. Escreveu várias obras de carácter religioso, moralizante e geográfico. Traduziu:

- *O Salmo LIX em acção de graças a Deus nosso Senhor, por não usar contra nós de toda a sua ira em o fracasso geral do terremoto e incêndio que destruiu a cidade de Lisboa no dia 1 de Novembro de 1755 e deprecação ao mesmo Senhor para que nos livre de semelhante flagelo*, ano de 1756; 20 cm (A Tradução em Portugal,

---

Pombal a este jesuíta que usou uma linguagem muito respeitosa para com a Corte portuguesa. Apenas atribui a tragédia do terremoto aos pecados de Lisboa, segundo a teologia de então e à semelhança de tantos outros autores e pregadores, numa visão providencialista do trágico acontecimento. Visão providencialista teve também Cavaleiro de Oliveira na sua obra sobre o mesmo assunto. Sobre o Pe. Malagrida e o Terremoto, ver MARQUES, João Francisco, *A Ação da Igreja no terremoto de Lisboa de 1755*, o. c., p. 273-280.

<sup>11</sup> Sobre esta Relação e também alguns autores aqui referidos, veja-se o esclarecedor artigo de MARQUES, João Francisco, *A Ação da Igreja no terremoto de Lisboa de 1755: Ministério espiritual e pregação*, o. c., p. 219-329. Trata-se de um artigo que abrange vários aspetos da questão e com muita bibliografia. A *Relação* de Frei Iluminato vem nas p. 270-272.

916; BPARPD: Misc. 645/9 RES). Ver o autor nos cap. 4.2; 7.4.2; 10.2; 12.1 e 13.1.<sup>12</sup>

**João Xavier de Matos** (1730-1789). Escreveu:

- *Romance Heróico ao Terremoto do Primeiro de Novembro de 1755; por...*, Lisboa, Ofic. de Manuel Soares, 1756; 8 p.; 20 cm (BNP, L. 10765//17 V.). Ver o autor nos cap. 10.7 e 22.3.

**Joaquim de Fóios, Pe., CO** (1733-1811). Era natural de Peniche. O seu nome de batismo era Nicolau Mendo Osório. Foi professor de retórica e latinidade na sua Ordem (Inocêncio IV, p. 80-81). Entre as suas muitas obras, destacamos a seguinte:

- *Oitavas ao Terremoto e mais calamidades que padeceo, a cidade de Lisboa, no Primeiro de novembro de 1755 por Nicolao Mendo Osório...*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1756; 8 fol.; 20 cm (BNP, F. 3126).

**Joaquim José Moreira de Mendonça** (1747-1823). Inocêncio referencia o autor e a obra, mas sem outras informações (Inocêncio IV, p. 106; XVIII, p. 250). Escreveu:

- *História universal dos terremotos que tem havido no mundo de que ha notícia, desde a sua criação até o século presente: com huma narraçam individual do terremoto de 1755...: huma dissertação physica sobre as causas geraes dos terremotos, seus effeitos, diferenças e prognósticos; e as particulares do último...*, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1758; 12, 272 p.; 21 cm (BNP, H.G. 2650 V.; BPMP, V3-8-49).

Este estudioso colocou a verdadeira causa do terremoto de Lisboa no domínio das Ciências Naturais e não no domínio do divino, do Deus providencialista, que intervém na natureza.

**José Moreira de Azevedo** (?-?). Inocêncio IV, p. 248, apenas refere a obra que seguidamente se apresenta:

- *Desterro da iniquidade e muito necessária consideração sobre o espantoso terremoto com que a divina justiça avisou aos peccadores...*, Lisboa, Oficina de Manuel Soares, 1756; em verso; 8 p.; 20 cm (BNP, Res. 119//12 V.).

**José Xavier de Valadares e Sousa** (?-1759). Era natural de Alenquer onde também faleceu. Frequentou a Universidade de Coimbra, onde se formou em Ju-

<sup>12</sup> Sobre o autor, ver Barbosa II, p. 596-597; IV, p. 503; Freitas de Carvalho, BTT 7, p. 263; Inocêncio III, p. 300-302; X, p. 172; Fortunato de Almeida III, p. 393.

risprudência Canónica (Barbosa II, p. 910; Inocêncio VII, p. 418). Foi autor de uma obra sobre o terremoto e suas consequências em Alenquer:

- *Terremotus, Qui Kalendis Novembris Praeteriti Alanquerium Oppidum, Omnemque Finitimam Regionem Propemodum Afflixit. Poetica Descriptio, Deque ejus Causis Poetica Itidem Dissertatio...*, Lisbonae, Typis Patriarchal Francisci Ludovici Ameno, 1756; 11 p.; em 4.º (BNP, RES. 119///4 V.).

**Luís José Baiardo** (1775-?). Parece que viveu algum tempo na Madeira ao serviço do bispo D. Joaquim Menezes Ataíde. Compôs e traduziu muitos dramas e comédias. Inocêncio coloca a hipótese de as obras que saíram em seu nome pertencerem ao referido bispo (Inocêncio V, p. 299; XVI, p. 39; XVIII, p. 251). Escreveu:

- *O Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo ou o Terremoto de 1755: drama em 5 actos*, Lisboa, Tip. de António José da Rocha, 1839; 112 p.; 16 cm (BNP, L. 5659//5 P.).

**M. Joaquim Rebelo**, SJ (?-?). Pregou o seguinte sermão na “Igreja do Colégio das Artes da Companhia de Jesus com assistência da Universidade, em préstimo solene, do Senado, da Câmara e de numerosíssimo povo”:

- *Sermão de S. Francisco de Borja, protector principal deste Reino e especial da Universidade de Coimbra contra os Terremotos*, Coimbra, Oficina Francisco de Oliveira, 1758; 8, 15 p.<sup>13</sup>

**Manuel da Epifania**, Frei, OFM (1712-1767). Era natural de Coimbra. Frequentou a Universidade da sua cidade, onde estudou Teologia e Filosofia. Também aí foi professor, assim como no convento de Mafra. Escreveu:

- *Novas e curiosas reflexoens sobre os terremotos e uma oraçam trágica de Lisboa*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1756; 4, 89 p. A *orçam trágica* vai da p. 39-89. Manuel da Epifania afirma a certa altura:

“Houve um rumor de que o terremoto havia de repetir com a mesma atividade e violência, no dia oitavo depois de Todos os Santos, do dia quarenta e outros mais dias (...). Puseram os fanáticos em tal consternação a gente plebeia com estes ditos, que muitos dela desamparou, naqueles dias, as suas casas e foram para os campos (...). Assinalar dias críticos para a repetição dos terremotos é o mesmo que caminhar sem luz, navegar sem leme e querer acertar o alvo sem pontaria” (p. 9-11).

- *Portugal consolado, e instruído com as vozes de Jesus Christo. Depois das fatalida-*

<sup>13</sup> MARQUES, João Francisco, *A Acção da Igreja no terremoto de Lisboa de 1755*, o. c., p. 305, n. 320.

*des de hum terremoto*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1757; 8, 86, 11 p.; em 8.º peq. (Inocêncio XVI, p. 184). Ver o autor no cap. 14.<sup>14</sup>

**Miguel Maurício Ramalho** (ca. 1775). Era natural de Lisboa e foi opositor de Verney (Inocêncio VI, p. 244; XVIII, p. 251). Escreveu o seguinte poema:

- *Lisboa reedificada: poema épico*, Lisboa, Régia Of. Typographica, 1780; 307 p.; em 8º (BNP, L. 22586 P.).

Este poema está ligado à restauração de Lisboa depois do terremoto de 1755.

**Miguel Tibério Pedegache / Pedagache Brandão Ivo** (1730?-1794). Era natural de Lisboa, oriundo de família da Suíça. Seguiu a vida militar chegando ao posto de coronel (Inocêncio VI, p. 249; XVIII, p. 253). Escreveu:

- *Nova e fiel relação do terremoto que experimentou Lisboa, e todo Portugal no 1.º de Novembro de 1755. Com algumas observaçoens curiosas, e a explicação das suas causas*, Lisboa, Oficina de Manoel Soares, 1756; 23 p.; 20 cm (BNP, H.G. 15227//1 P.).
- *Collecção de algumas ruínas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de Novembro do Anno de 1755 debuxadas na mesma cidade por Mm. Paris et Pedegache..., e abertas ao buril em Paris por Jac. Ph. le Bas*. Título paralelo em francês:  
— *Receuil des plus belles ruines de Lisbonnes causées par le tremblement et par le feu du premier novembre 1755, dessiné sur les lieux par Mm. Paris et Pedegache et gravé à Paris par Jac. Ph. le Bas*, Paris, se vend chez Jac. Franc. Blondel Architecte du Roy; chez Jac. Ph. Le Bas graveur du Roy; chez la Veuve Chereau, 1757; 1 fol., 1-6 estampas; 40x56 cm (BNP, E.A. 173 A.). Ver o autor no cap. 7.1.<sup>15</sup>

**Teodoro de Almeida**, Pe., CO (1722-1804). Foi sacerdote católico, escritor e filósofo português, uma das mais expressivas figuras do iluminismo de Portugal (Inocêncio VII, p. 301-308). Escreveu:

- *Lisboa Destruida: Poema*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1803; 15, 280 p.; il.; 17x10 cm (BNP, L. 3638 P.; BSEA). Refere-se ao terremoto de 1755. Ver o autor no cap. 10.2.

<sup>14</sup> Sobre o autor, ver MARQUES, João Francisco, *Manuel da Epifania, Frei*, em Logos, Enciclopédia Verbo das Literaturas..., vol. III, 1999, col. 436-438; Barbosa IV, p. 241; Inocêncio V, p. 410.

<sup>15</sup> Segundo Inocêncio, as 6 estampas representam: 1.º, A torre de S. Roque; 2.º, Igreja de S. Paulo; 3.º, Sé de Lisboa; 4.º, Theatro, ou Casa da Ópera; 5.º, Igreja de S. Nicolau; 6.º, Praça da Patriarchal (VI, p. 251).

**Tomásia Caetana de Santa Maria**, Soror, OSA (1719-?). Era natural de Lisboa e professou no convento de Vila Viçosa, em 1732 (Barbosa III, p. 752; IV, p. 273; Inocêncio XVIII, p. 218).

- *Despertador Quotidianno que compoz a M. R. Madre Soror Tomasias Caetana de Santa Maria Religiosa no convento de Santa Cruz de Vila Viçosa e natural de Lisboa. Dedicado à Virgem Santíssima da Conceição da mesma Vila. Dado à luz por seu pay Manoel de Mira Valadam...*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1758; 8 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6697//17 V.). Este poema é sobre o terremoto, iniciando assim:

- *Fatal ruína! Estrago lamentável.*

Aqui se nota também uma especial devoção às chagas de Cristo:

“Ouve a Jesus que se inflama / no Patíbulo por teu bem, / e por quantas feridas tem, / Por tantas bocas te chama. / Seu sangue vertido clama, / Pronto o perdam para nós; / Ouve-O já menos feroz, / Gosta de Cristo a pureza, / Vê de Jesus a fineza, / Escuta de Deus a voz”.

E, referindo-se expressamente ao terremoto de Lisboa, avisa:

“De que serve no mundo a vã riqueza, / se he sombra, vaidade, pó, loucura? / Em que se pode já fazer firmeza, / se nem a terra he firme, nem segura! / Quem apreço fizer de tal grandeza, / Quem por ela ser santo não procura, / Saiba que castigo foi forçoso. / E creia que este excesso he doloroso”.

Ver a autora no cap. 17.

**Veríssimo António Moreira de Mendonça** (ca. 1774-1756). Era natural de Lisboa. Seguiu a carreira militar e em 1808 era capitão do regimento de infantaria (Inocêncio VII, p. 417; XX, p. 4). Escreveu:

- *Dissertação Philosophica sobre o terremoto de Portugal do primeiro de Novembro de 1755: expendem-se as suas causas physicas, as dos seus effeitos, e prognósticos*, Lisboa, Oficina de Domingos Rodrigues, 1756; 16 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//11 V.).
- *Investigação das causas próximas do terremoto succedido em Lisboa no primeiro de Novembro de 1755. Carta que ao Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Luis de Almeida, Conde de Avintes, escreve o infimo filósofo J. A. da S.*, Lisboa, na Oficina de José da Costa Coimbra, 1756; 14 p.; em 4.º.
- *Relação do grande Terremoto que houve na Praça de Mazagam em o primeiro de Novembro de 1755. Referem-se os seus effeitos e ruínas que causou, e brevemente se mostra de que procedem os tremores de terra*, Lisboa, [s.n.], 1755; 8 p.; 20 cm (BNP, H.G. 9786//8 P.)

— *Ib.*, [s.n.], 1756; 8 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//8 V.).

**Vicente Carlos de Oliveira** (?-1784). Este adepto do regime de Pombal escreveu um poema com o título:

- *Lisboa restaurada pelo grande... Dom José I, oferecido a Dona Maria I*: poema, Lisboa, Of. de Fernando José dos Santos, 1784; 3, 88 p.; 20 cm (BNP, L. 952//11 V.; Inocência VII, p. 421 e XVIII, p. 253).

#### **Autores anónimos**

- *Destruição de Lisboa e famosa desgraça, que padeceo no dia 1.º de Novembro de 1755*, Lisboa, sem designação de Typografia, 1756; 15 p.; 20 cm (BNP, Res. 115//1 V.; Inocência VII, 418). É em prosa, mas termina por um soneto.
- *Degli orrendi tremuoti che nei mesi di novembre e dicembre dell'anno MDCCLV hanno desolato Lisbona, e varie altre citta del Portogallo della Spagna, della Francia, dell'Irlanda, della Germania, dell'África, e d'altre regioni; nonchè delle inondazioni cagionate dal mare e dai fiumi, e dei loro vari effetti delle medesime. Relazione tratta da avvisi pubblici, e lettere particolari: aggiuntavi la descrizione d'alcuni altri tremuoti più notabili accaduti nei secoli passati, e una dissertazione in fine sopra le cagioni del tremuoti. Traduzione dall'Inglese*, Venezia: [s.n.], 1756; 72 p.; 19 cm (BNP, Res. 6778 P.; Inocência XVIII, p. 248).
- *Voz do Céu, retumbando na terra com os formidáveis eccos do horrozo [sic] terremoto, que se ouvio no 1 de novembro de 1755*: soneto de hum anónimo; Glosado por Joseph de Almeida Castello-Branco Bezerra... [S.l.: s.n., 1756?] [4] fol.; 20 cm (BNP, Res. 119//3 V.).
- *Theatro Lamentável Scena Funesta: Relaçam Verdadeira do Terremoto do Primeiro de Novembro de 1755, com a notícia do estrago, que cauzou em lisboa e suas vizinhanças; ruína do Reino do Algarve e sustos de todo Portugal*; “escrevia D. J. F. M. Em A...”, Coimbra, Officina de Francisco de Oliveira impressor da Universidade e S. Officio, 1756; 21 p.; 21 cm (BNP, H.G. 2763//1 V.; UCBG Misc. 5, 6842; Inocência XVIII, 255).

#### **“Profetas” do Terremoto**

Como sabemos, o terremoto foi ocasião para muitas profecias e agoiros, em parte, um aproveitamento indevido de um fenómeno natural. No entanto, Deus pode dar-nos lições importantes por estes sinais, como é o caso da atual pandemia do Covid-19. Vejamos alguns protestos sobre “profetas da desgraça” da altura do terremoto.

**Epicúreo Alexandrino** / Pedro Norberto de Aucourt e Padilha (1704-?). Era natural de Lisboa. Foi cavaleiro professo da Ordem Militar de Cristo, fidalgo da

Casa de sua Majestade e Secretário da Mesa do Desembargo do Paço (Barbosa III, p. 604). Foi autor de:

- *Carta em que se mostra falsa a profecia do Terremoto do primeiro de novembro de 1755*, Sintra, 8 de novembro, 1756.

M. P. R., *Juízo crítico em que se persuade a falácia dos vaticínios do homem chamado vulgarmente o profeta de Leyria. E outros que se atribuem a outros sujeitos, dentro e fora de Portugal e se propõem a cautela que se deve haver na credulidade sobre esta matéria*, 1759.

## Bibliografia

AGUILAR, Francisco de Azeredo Teixeira de / 2.º Conde de Samodães (1828-1918), *O Marquez de Pombal, cem anos depois da sua morte...*, Porto, 1882. Referências ao terremoto de 1755 da p. 36 a 40.

FRANCO, José Eduardo, *O “Terremoto” Pombalino e a Companhia de “desjuitização” de Portugal*, Lusitânia Sacra, 18, 2.ª série, 2006, p. 147-218.

MARQUES, João Francisco, *A acção da Igreja no Terremoto de Lisboa de 1755: ministério espiritual e pregação*, Lusitânia Sacra, 18, 2.ª série, 2006, p. 219-229.

BETTENCOURT, Benedith (trad.), *Escritos sobre o Terremoto de Lisboa. Immanuel Kant*, Coimbra, Almedina, 2005 (BNP, S.A. 41111 P.).

GOUDAR, Ange (1708 -1791), *Rélation Historique du Tremblement de Terre Survenu à Lisbonne Le Premier Novembre 1755: avec un détail contenant la perte en hommes, églises, convents, palais, maisons, diamants, meubles, marchandises, &c.: précédé d’un discours politique sur les avantages que le Portugal pourrait retirer de son Malheur...*, A la Haye [i.e., Paris], Philanthrope, à la Verité, 1756; X, 216 p.; 16 cm (BNP, H.G. 4706 P.).

*Explicacion physico-mechanica de las causas del temblor de tierra como constan de la doctrina del Principe de los philosophos Aristóteles: dada por medio de la vera cava y de sus leyes, cuyo auxilio quita el horror de sus abstractos: meditada por el R. P. Fr. Miguel Cabrera, etc.; En Sevilla, en la imprenta de D. Diego de S. Roman y Codina. Sem data, mas da dedicatória e da licença, vê-se que saiu à luz em abril de 1756; 28 inum., 55 p.; em 4.º de (Inocência XVIII, p. 249).*

PINHARANDA GOMES, *Natureza e História no Terramoto de 1755. A Liberdade Religiosa*, em *História da Filosofia Portuguesa – I. A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Guimarães Editores, 1999, p. 516-537.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Os judeus em Hamburgo e noutras paragens “leram” o terremoto de Lisboa como um castigo contra a Inquisição, que expulsou os judeus do nosso país.



**Conclusão.** Esta quantidade de obras sobre o terremoto apresentam um valor literário em si mesmas. Mas não foi esse o motivo que nos levou a colocá-las aqui. É que na maior parte desta tipologia de obras encontramos um autêntico “sermão”, uma lição moral, uma conclusão teológica mesmo, acerca de conteúdos bíblicos que têm a ver com uma certa imagem de Deus: um Deus providente, que se serve dos fenómenos da natureza para nos dar um “sinal” ou mesmo vários sinais. Em primeiro lugar, o sinal de que Ele é o verdadeiro dono e Senhor da natureza, que criou; em segundo lugar, ele apresenta-nos o que poderíamos chamar sinais negativos, no sentido em que não está contente com a nossa conduta.

Este último tipo de sinais foram os que mais autores souberam ler neste fenómeno catastrófico, apresentando a imagem de um Deus providente, isto é, que pretende o nosso bem, mediante um certo corretivo de carácter pedagógico. De facto, este é o modo normal de proceder do Deus da Bíblia, em fenómenos desta tipologia. Foi o que pretenderam, na generalidade, os 34 autores com as suas 43 obras deste apartado.

Neste apartado, encontramos 31 autores e 52 obras.

## 22.2. Obras referentes ao profetismo político

Não vamos aqui atualizar o que dissemos no vol. III a propósito deste tipo de profetismo político dos séc. XVIII-XIX, referente aos reis D. Afonso Henriques e D. Sebastião, pretensamente semelhante ao profetismo bíblico.<sup>17</sup> Certo é que este profetismo político nada tem a ver com o profetismo bíblico, nem sequer no aspeto puramente formal. O curioso é que, na época tratada neste volume, tal profetismo ainda foi objeto de discussões acesas, como foi o caso de Alexandre Herculano e do próprio Pe. António Pereira de Figueiredo.

Mais do que profetismo, poderíamos chamar a este fenómeno uma questão de filosofia da história ou mitização da história de cada país, já que os grandes países europeus tentaram engrandecer a história do seu presente, recorrendo também a factos grandiosos, mesmo míticos, do seu passado. Aqui está o cerne desta questão: um país pequeno como o nosso sonhou ser grande, mesmo universal. Estamos a contas com a dinâmica da utopia política, própria de qualquer tipo de profecia.

A profecia política tem como específico o chamado providencialismo histórico; isto é, Deus garante ao país em causa vencer todos os obstáculos para ser o que é. Neste caso, Deus acompanha a história de determinado país e assiste-o nos seus problemas de sobrevivência ou de crescimento. Assim, o *milagre de Ourique*

<sup>17</sup> Veja-se o vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos séc. XVI-XVII*, 2019, p. 526-552.

apresentou-se no séc. XV, no início dos Descobrimentos, como promessa de um reino universal pelo próprio Cristo; no séc. XVII, Vieira utilizou esta profecia para garantir a grandeza portuguesa depois do desastre da sujeição de Portugal a Castela, de que o rei D. João IV seria uma espécie de messias salvador. Em pleno séc. XVIII, o século do despertar científico, é o Pe. António Pereira de Figueiredo que utiliza o já estafado milagre de Ourique, para bajular o rei D. José e o governo de Pombal. No séc. XIX, Alexandre Herculano submeteu o milagre a provas históricas irresistíveis, causando, mesmo assim, ainda muita polémica com os defensores do referido milagre. Mas a utopia irá continuar de outras maneiras no séc. XX.

Sem mais delongas, que não fazem parte do nosso programa, apresentamos os autores que, positiva ou negativamente, trataram este assunto, de diminuto valor propriamente bíblico.<sup>18</sup>

**António de Mariz Faria, Pe., CO (1681-ca. 1741).** Era natural da Braga (Inocência I, p. 204). Escreveu:

- *Esdra explicado sobre o 5.º Império em verso heroico latino, dedicada à Magestade de El Rey D. João V por mãos do Excelentíssimo Marquês de Abrantes* (ms).<sup>19</sup> Ver o autor no cap. 13.1.

**António Duarte Gomes Leal (1848-1921).** Era natural de Lisboa. Frequentou o curso de Letras, tornando-se um poeta de renome. A sua obra insere-se nas correntes ultra-romântica, parnasiana, simbolista e decadentista (Inocência XX, p. 201; XXII, p. 239 e 533).

- *O Anti-Christo*, 3.ª edição do poema refundido completo e acrescentado com as Teses selvagens, Lisboa, Francisco Franco, [18??] (BNP, L. 11314 P.).

Tem dedicatória a seus pais. Seguem-se as “Teses selvagens”. O poema começa com o título: “Os Cristos do Mal – As primeiras gargalhadas de Barrabás”. Acaba na p. 368.<sup>20</sup> Ver o autor nos cap. 3.2; 10.7 e 17.

<sup>18</sup> Alguma bibliografia: CINTRA, Luís Filipe Lindley, *Sobre a formação e evolução da lenda de Ourique*, Lisboa, 1957; FIGUEIREDO, Borges, *Onde se deu a Batalha de Ourique*, em *Revista Archeológica* III, p. 67-79.

<sup>19</sup> Esta obra, tal como outras do mesmo género, seguem a perspectiva político-messiânica do Padre António Vieira. Em todas estas interpretações parece claro que o divino desce até aos humanos, e estes adquirem capacidades especiais para a ascensão ao mundo do Além.

<sup>20</sup> Trata-se de uma obra de carácter pessimista no que toca à sociedade do seu tempo, por isso utiliza a figura bíblica do anti-Cristo. Apresenta a história humana dividida em sete épocas, fundando-se nos sete dias da semana de Génesis 1–2,4a. A 1.ª época é caracterizada pelo materialismo representado por Barrabás contra a doutrina de Cristo; a 2.ª época é intitulada “Crepúsculo de Jeová e de Jesus”, que simboliza a crescente incredulidade contemporânea; a 3.ª intitula-se “A Sedução segue-se a Desilusão”; isto é a desilusão da Ciência, à qual se seguem catástrofes e

**António Pereira de Figueiredo, Pe., CO (1725-1797).** Este sacerdote oratoriano, contemporâneo do Marquês de Pombal, foi um regalista de gema e colaborador do Marquês, deixou escritas três obras sobre o tema que nos ocupa neste apartado. Escreveu-as, não tanto, certamente, com finalidade puramente histórica, mas para o engrandecimento do poder dos reis e, no seu caso, do rei D. José. As obras levam os títulos seguintes:

- *Épocas da Batalha de Ourique e das mais que se lhe seguirão na Estremadura e Alentejo, segundo a fê da antiga Chronica chamada dos Godos, de que usou Resende, e da outra do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra*, [s.l., s.d.] (ver Catálogo de 1800 [Cat.]; cap. 25 deste volume).
- *Novos testemunhos da milagrosa aparição de Christo Senhor Nosso a el-rei D. Affonso Henriques antes da famosa batalha do Campo d'Ourique: e exemplos paralelos, que nos induzão á pia crença de tão portentoso caso*, Lisboa, Regia Of. Typográfica, 1786; 40 p.; 21 cm (Cat.; BNP, H.G. 15227//24 P.; BNM; BNRJ, 38, 21, 10; BPB, H.G. 1561//4 V.; BPMP, B-7-48; BPNM, 2-55-8-19 (8.º); BL, 1216.e.14.(1)).<sup>21</sup>
  - *Segunda edição póstuma*, Lisboa, Impressão Régia, 1809; 54 p.; 21 cm; acrescentada com o auto do juramento atribuído a D. Afonso Henriques.
- *Dissertação histórica, e crítica em que se prova a milagrosa aparição de Christo Senhor Nosso a El Rei D. Affonso Henriques antes da famosa batalha do Campo de Ourique, publicada em 1786 por seu auctor o erudito António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Imprensa Régia, 1809; 54 p.; 22 cm (BNP, H.G. 14883//20 P.; BPB, 874//8 V.).

Nestas obras, o Pe. António Pereira de Figueiredo pretende argumentar a favor da origem divina do poder real, em desfavor do poder do Papa. Sobre estas obras, ver o cap. 25.

---

calamidades sucessivas; 4.<sup>a</sup> época: “A Última Ilusão da Humanidade”; haverá um cataclismo planetário sem que a Ciência lhe possa valer; 5.<sup>a</sup> época: “O Homem será sempre o lobo do homem”; os últimos sobreviventes da terra lutarão entre si, regressando à bárbarie primitiva; 6.<sup>a</sup> Época: “Trevas e Águas”; a Terra será privada de fauna e flora, invadida pelas grandes águas; 7.<sup>a</sup> Época: “A Pátria da Consciência”; simboliza, finalmente, o sábado desta semana de destruição. As teses selvagens aí publicadas são um protesto contra o exagero da Ciência e a degradação de outros valores humanos e, sobretudo, religiosos. Deixamos aqui uma citação da segunda tese: “A lei de Cristo está hoje tão deploravelmente interpretada, que, se o Cristo voltasse de súbito à terra, seria condenado e ultrajado pelos Annaz, Caifás, e Barrabás da civilização, e pelos Escribas, Saduceus, e Fariseus da Ciência”. (p. 407)

<sup>21</sup> Nesta obra ele acrescenta mais quatro testemunhos além dos tradicionais da profecia político-messiânica.

**Carlos Vieira da Silva** (séc. XVIII). Escreveu:

- *Os Antisebastianistas: que consagra ao Illustrissimo Senhor J.J.C.P.F.B. Seu author: hum certo rapaz*, Lisboa, Typ. Lacerdina, 1810; Ed. de António Mendes de Sousa; 35 p.; 14x9,5 cm (BNP, L. 3667//3 P.).

**Francisco de Jesus Maria Sarmiento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocêncio II, p. 394; IX, p. 309). Traduziu:

- *Apocalipse de Esdras: ecos nas Letras e na Arte portuguesas*; tradução de Frei Francisco de Jesus Maria Sarmiento, com introdução e notas de Manuel J. Gandra, Mafra, 1994; 87 p.; 22x14 cm (BNP, R. 18321 V.). Ver o autor no cap. 3.2.<sup>22</sup>

**Francisco Leite Bettencourt Sampaio** (1834-1891). Era natural do Brasil, filho de pais portugueses. Estudou Direito no Recife e São Paulo (Inocêncio IX, p. 320). Escreveu:

- *Egrégio Encoberto ou demonstração dos principais fundamentos em que estribam os sebastianistas para esperarem pelo seu D. Sebastião*, Lisboa, Tip. de G. M. Martins, 1849; 166 p. 14,5x7,5 cm (BPE, N. Res. 849). Ver o autor no cap. 21.

**Francisco Recreio**, Pe. (1800-1857). Este intelectual, que viveu no período que nos ocupa neste volume, também aceitou a mesma ideologia do Quinto império e escreveu contra Alexandre Herculano, que pôs a ridículo a crença no episódio de Ourique. Assim intitulou a sua obra:

- *A Batalha de Ourique e a “História de Portugal de A. Herculano”. Contraposição crítico-histórica*, Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1749; obra dividida em seis partes.  
— Ib., 1854 a 1856; 67, 78, 79, 74, 55 e 65 p.; 21 cm (BNP, H.G. 34049 P.; Inocêncio III, p. 42). Ver o autor nos cap. 4.1 e 7.1.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett** (1799-1854). Escreveu a famosa peça de teatro sobre a volta de D. Sebastião de Alcácer-Quibir:

- *Frei Luís de Sousa*, em *Grandes Obras – Livros de Bolso*, Lisboa, 1998. Ver o autor no cap. 17.

<sup>22</sup> Este livro é apócrifo, isto é, nunca foi considerado como inspirado ou canónico. É de carácter apocalítico, ou seja, fala dos últimos acontecimentos da vida humana sobre a terra, mediante revelações pouco credíveis feitas por um anjo ou pelo arrebatamento aos céus, mediante a contemplação da *Mercabah* ou *Carro de Deus*, também presente nas visões iniciais do profeta Ezequiel. Teve bastante influência em alguns géneros de literatura e de arte, mesmo no Sapateiro de Trancoso, e em certa literatura do Quinto Império.

**Manuel da Veiga**, SJ (1548-1638). Era natural de Coimbra e foi lente de Prima na Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra. Na sua Ordem, tornou-se conhecedor de Teologia e de outras ciências sagradas. Escreveu:

- *Vida, Virtudes e Doutrina Admirável de Simão Gomes, portuguez, vulgarmente chamado o 'Sapateiro Santo'...*, Lisboa, Oficina de Joseph Filipe, 1759; 32, 210 p. 14,5x9,5 cm (Catálogo Colofon, n.º 2641).<sup>23</sup>

**Manuel de Oliveira Ferreira** / Manuel de Jesus de Oliveira Ferreira, Frei, OFM (1711-1782). Era natural do Porto. Doutorou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra. Primeiro foi padre secular, mas dada a admiração que tinha por São Francisco, ingressou na sua Ordem.<sup>24</sup> Foi autor de:

- *Portugal vindicado das razoes dos Sebastianistas no anno de 1740*; ms.

“Consta de duas partes: na 1.<sup>a</sup> interpreta no genuíno sentido dos Santos Padres, os lugares de Daniel e Esdras; na 2.<sup>a</sup> desfaz as sonhadas profecias, e fingidas authoridades em huma série dos famosos embusteiros, que tem havido na ocorrência de lastimosos sucessos” (Barbosa III, p. 329).

Ver o autor nos cap. 8; 9; 11.1 e 17.

**Manuel Inácio da Cunha** / Inácio de Santa Teresa, Dom Frei, CRSA (1682-1751). Foi bispo de Goa e teve um comportamento um pouco belicista contra os vice-reis do Oriente e também contra os Jesuítas. Em 1725, afirmou com toda a convicção que estava para chegar a “Monarquia Universal” comandada por Portugal:

<sup>23</sup> Quarta e última edição deste livro sebastianista em que é narrada a vida e as profecias de Simão Gomes, o “sapateiro santo”, natural do Marmeleiro (Tomar). A obra é dedicada à Irmandade de S. Crispim e S. Crispinano (santos padroeiros e protetores dos sapateiros). De acordo com Inocêncio, vol. VI, p. 262-63: “Foi este livro não só proibido, mas também mandado lacerar e queimar na praça pública por mão do algoz (executor da alta justiça). Assim o decretou a Real Mesa Censória pelo seu edital de 10 de Junho de 1768, executando-se á pena na praça do Commercio em 14 do dito mês. Esta condenção recahiu principalmente sobre as profecias que no livro se attribuem a Simão Gomes, as quaes serviam de thema aos sebastianistas para n’ellas cimentarem em parte a sua crença na vida e vinda miraculosa do seu rei encoberto. Veja-se, a este respeito, a *Deduccão chronológica e analytica*, parte 1.<sup>a</sup>, etc”. Ver outras obras de Manuel da Veiga no vol. III desta coletânea: *A Biblia nos séculos XVI-XVII*, p. 448; ver igualmente, CARVALHO, José Adriano Freitas de, *Um profeta da Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o “Sapateiro Santo”*, em Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas. Anexo V – Espiritualidade e Corte em Portugal, séc. XVI-XVIII, Porto, 1993; reeditado em *Espiritualidade e Corte em Portugal (séc. XVI-XVIII)*, Instituto de Cultura Portuguesa, Porto, 1993, p. 233-260.

<sup>24</sup> Sobre o autor, ver MARQUES, João Francisco, em Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa, Lisboa, Editorial Verbo, 1995; volume 2: D-Le, col. 544; Barbosa III, p. 327-329; Inocêncio VI, p. 9.

“E a razão é porque Deus escolheu deliberadamente os Portugueses, de entre todas as outras nações, para governarem e reformarem todo o mundo com comando, domínio e império, tanto puro como mestiço, sobre todas as suas quatro partidas, e com promessas infalíveis para a subjugação de todo o globo, que será unificado e reduzido a um único império, do qual Portugal será a cabeça”.<sup>25</sup> Ver o autor nos cap. 7.1; 7.2 e 15.

**Pedro Inácio Ribeiro Soares** (1789-1848). Era natural de Lisboa (Inocência VI, p. 411 e 465). Escreveu:

- *De feza dos Sebastianistas: Primeira audiência e despacho que nella obtém*, Lisboa, Nova Officina de João Rodrigues Neves, 1810; 14x9,5 cm (BNP, L. 3667//4 P.).

**Por um sebastianista**, M. C. (séc. XIX). Escreveu:

- *O egrégio Encuberto ou demonstração dos principais fundamentos em que se estribam os Sebastianistas, para esperarem pelo seu D. Sebastião; e de que este Reyno, nossa cara pátria, ha de ser a Cabeça do Império e Monarchia Universal*, Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1849; 166 p.; 24 cm (BNP, L. 26658 P.).

**Sebastião do Rego, Pe.**, CO (1669-1785). Era natural de Goa. Primeiramente foi padre diocesano, passando seguidamente à Congregação do Oratório (Inocência VII, p. 222). Pregou um sermão em Goa, dedicado ao rei D. José I. Insere-se no messianismo político português, como vemos no belo texto que se segue:

*“Cristo e os Portugueses*

O fim, para que trouxe Deos os Portuguezes à Índia, he o mesmo, por que fundou o Reino de Portugal. Fundou Christo o Reino de Portugal para tomar os Portuguezes por ministros da propagação da sua Fé e da exaltação do seu santo nome. Assim o declarou o nosso primeiro Monarca com solene juramento, que era justo se gravasse em públicos padrões em todos os Reinos, e

<sup>25</sup> Texto em BOXER, C. R., *O Império Marítimo Português (1415-1825)*, Edições 70, Lisboa, 1992, p. 357. Este bispo, talvez devido a esta profecia, foi enviado para bispo do Algarve, continuando a afirmar que a data de início desta Monarquia Universal seria nada menos na década de 1730-1740. Ora, foi precisamente nesse período que Portugal e o seu império oriental começou a afundar-se a pique, com a vitória do império marata sobre os portugueses. No entanto, o idealismo romântico alimentou ainda um certo idealismo imperialista, em poesias de Guerra Junqueiro (1850-1923) e mesmo de Fernando Pessoa; este idealismo patriótico foi degenerando num patriotismo, que alimentou a posse das antigas colónias até 1974-1975, morrendo definitivamente com a independências das mesmas entre 1962 a 1975, isto é, desde Goa a Cabo Verde, passando por Moçambique, Angola, Guiné e S. Tomé e Príncipe. Daí em diante, Portugal recolheu-se ao seu canto, à sua realidade, nas praias ocidentais da Europa.

Províncias, Cidades e domínios de Portugal, para constar, que o ser Portuguezes, he o mesmo que ser Missionários, o mesmo que ser Apóstolos: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exterar gentes*. [Quero em ti e na tua descendência estabelecer o meu império, para que o meu nome se estenda pelo povos estrangeiros].

E para que não cuidassem os Portuguezes que esta obrigação impoz Christo só aos Reis e não aos vassalos, quando o mesmo primeiro Rei, falando com o Rei dos Reis, lhe rogava pela conservação da nação Portuguesa: *Gentem portugalem salvam custodi*. Então, o supremo Senhor disse: “Não apartarei jamais a minha misericórdia nem de ti, nem de teus vassalos, porque tenho preparado por meio deles uma grande seara para mim, e os tenho escolhido por meus segadores em terras longínquas:

*Annuens Dominus inquit: non recedet ab eis, neque a te unquam misericordia mea; per illos enim paravi mihi messem multam & elegi eos in messoros meos in terris longinquis*. [Respondendo, o Senhor disse: Nunca se afastará deles nem de ti a minha misericórdia; de facto, por meio deles, prepararei para mim uma grande messe e escolhi-os como meus operários em terras longínquas].

E que mais era necessário para Christo instituir e nomear os Portuguezes por Apóstolos do Oriente, e propagadores da sua Fé, do que chamá-los ministros da exaltação do seu nome em gentes estranhas, e operários da sua seara em terras longínquas? A primeira vez que mandou Cristo os seus Discípulos a prégar o Evangelho lhes falou desta sorte: *Messis quidem multa, operarii autem pauci: Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam*. [A messe é grande, mas os operários são poucos; rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe.] Quando escolheu a S. Paulo por Apóstolo das gentes, disse: “*Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus*” [Este é para mim um vaso de eleição, para levar o meu nome aos pagãos.] (...).

Oh singular, e imortal glória de Portugal, ser, não só Reino fundado por Christo, mas como hum novo Collégio Apostólico de tantos Apóstolos, quantos vassalos! Vós, ínclita nação, vós, Portuguezes felicíssimos, sois os novos Pedros e Paulos, escolhidos para exaltar o santo nome de Christo (...). Vós sois os novos Thomés, mandados à Índia (como o mesmo S. Thomé deixou profetizado) para trabalhades nesta grande seara do Senhor: *Rogate Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam. Per illos enim paravi mihi messem multam*. [Rogai ao Senhor da messe para que envie operários para a sua messe; pois por meio deles preparei para mim uma grande messe.] E este he o fim e motivo principal por que os nossos Monarcas emprehêrão com imenso dispêndio dos seus tesouros o descobrimento da Índia, como teatro, que a Providência lhes tinha destinado, para nele propagarem a fé de Cristo, que os escolhera para tão alto emprego”.<sup>26</sup> Ver o autor no cap. 19.6.2.

<sup>26</sup> Sebastião do Rego, *Sermão da Santa Cruz dos Milagres, titular da Congregação do Oratório de Goa*,



### Tradutor anónimo

- *A Besta de Sete Cabeças e Dez Cornos: Visão do Evangelista e Apóstolo S. João... por hum Presbytero Andaluz...*, Lisboa, Impressão Régia, 1809; 34 p.; 21 cm (BNP, H.G. 14883//23 P.; A Tradução em Portugal, 1901).

O autor afirma, a partir do Anti-Cristo do Apocalipse, que Napoleão é a figura e encarnação desse personagem. Trata-se de uma profecia puramente política.

### Bibliografia

- BUESCU, Ana Isabel Carvalhão, *O Milagre de Ourique e a História de Portugal de Alexandre Herculano. Uma polémica Oitocentista*, Lisboa, INIC, 1987.
- BOXER, C. R., *O Império Marítimo Português (1415-1825)*, Edições 70, Lisboa, 1992. O autor dedica a este tema o capítulo XVI desta obra: “Sebastianismo, Messianismo e Nacionalismo”, p. 351-360.<sup>27</sup>

**Conclusão.** É interessante notar que o fenómeno do messianismo político assumiu tanto a faceta do *Encoberto*, reavivando a memória do retorno de um qualquer D. Sebastião, como a lenda de Ourique, a propósito da aparição de Cristo a D. Afonso Henriques. Esta dupla face do messianismo político português aparece como um argumento que dá jeito, para defender ou contradizer qualquer teoria política. Nesta época, a teoria a defender era sobretudo o regalismo, poder absoluto dos reis, o que também servia (imagine-se!) para defender o poder divino dos reis contra as ingerências do Papa, representante de Cristo na terra! A guerra travada contra o chamado “ultramontanismo” tinha, também nestas lendas, a sua fundamentação teórica.

A verdade de quanto acabamos de afirmar é provada pelos 13 autores e pelas 18 obras acima referidos.

---

Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1759, em DEVI, Vimala, e SEABRA, Manuel de, *A Literatura Indo-Portuguesa – Antologia*, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1971, p. 36-37; ver ainda *Catálogo da Coleção de Miscelâneas publicado pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1968; vol. 99, p. 91.

<sup>27</sup> Depois de dedicar algumas páginas ao jovem D. Sebastião e ao sebastianismo, que se seguiu ao desastre de Alcácer Quibir, refere ainda as profecias de Bandarra, o sapateiro de Trancoso, toda a temática do *Encuberto*, assim como do *Quinto Império*, propalado pelo Pe. António Veira, sem esquecer a *visão de Afonso Henriques* antes da batalha de Ourique, lenda criada em Alcobaça, para dignificar, historicamente, o reino de Portugal. Estas crenças tiveram vários adeptos entre os Jesuítas, sobretudo no Brasil: Domingos Coelho, João de Vasconcelos, Nuno da Cunha, Fernão Queirós e o Irmão Pedro de Basto, em Ceilão. O caso mais clamoroso, na época que nos ocupa, foi a de Dom Frei Inácio de Santa Teresa, arcebispo de Goa, de que falámos acima.

### 22.3. Obras referentes ao dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora (08.12.1854)

O dogma da Imaculada Conceição não é propriamente uma novidade absoluta destes dois séculos. Ao longo de toda a História da Igreja, mas sobretudo a partir da Idade Média, os teólogos, em geral, defendiam esta verdade como um dogma. Assim, é conhecido o axioma do teólogo franciscano inglês Duns Scoto, ao afirmar que Deus “potuit, decuit, ergo fecit” (Deus “podia, convinha, portanto, fê-la” Imaculada). A novidade deste sub-capítulo está no facto da definição dogmática ter sido declarada por Pio IX a 8 de dezembro de 1854, portanto no período englobado por este 5.º volume de *A BÍBLIA EM PORTUGAL*. Por isso, ao longo destes dois séculos, foi grande a lista de escritos, dos mais variados géneros literários, sobre este dogma. Eis uma síntese do que se pôde encontrar nas bibliotecas portuguesas, e não só.

Mas, antes de apresentarmos os autores que escreveram sobre a Imaculada Conceição, demos um rápido olhar a algumas palavras do papa Pio IX, que proclamou o dogma da Imaculada Conceição:

#### Bula pontificia do papa Pio IX

- Bula *Ineffabilis Deus* - Dogma da Imaculada Conceição..., 8 de dezembro de 1854. Este documento define *ex Cathedra* o dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria. A declaração dogmática é expressa, sinteticamente na seguinte fórmula:

“A doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante da sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onnipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do género humano, foi preservada imune de toda a mancha de pecado original, essa doutrina foi revelada por Deus, e, por isto, deve ser crida firme e inviolavelmente por todos os fiéis” (n.º 41).

**Alexandre José da Silva de Almeida Garrett** (1797-1867). Traduziu:

- *Novena em Honra da Imaculada Conceição de Maria*, Porto, Edições Tip. Fonseca, [D.L. 1956]; autor: Pe. Paul Dinis; 3.ª edição; 66, 7 p.; 15 cm (BNP, R. 31764//4 P). Ver o autor nos cap. 10.5; 10.7 e 10.8.

**António Dinis da Cruz e Silva** (1731-1799). Fez o seguinte poema:

- *À Imaculada Conceição*, em Parnaso Mariano, Coimbra, 1890; 2.ª edição, n.º XXXIII, p. 59.

**António do Rosário**, OSJ (1682-ca. 1747). Compôs a obra litúrgica e musical:

- *Responsórios das Matinas da Imaculada Conceição*; a 4 vozes. Ver o autor no cap. 12.2.

**António do Sacramento**, Frei, OFM (1711-1785). Nasceu em Vila Verde de Unhão (Guimarães). Era de família nobre. Professou no Porto em 1729 (Inocência I, p. 264). Escreveu:

- *Collecta que no oitavo dia da Immaculada Conceição da Virgem Maria... depois de se ter celebrado huma solemne novena, recitou... aos seus religiosos Fr. António do Sacramento...*, Lisboa, Oficina dos Herd. de António Pedrozo Galvão, 1755; 16, 30, 2 p.; em 24.º (BNP, H.G. 6662//19 V.). Ver o autor nos cap. 4.1; 9 e 22.1.

**António Garcia Ribeiro de Vasconcelos**, Pe. (1860-1941). Nasceu na freguesia de São Paio de Gramaços (Oliveira do Hospital). Doutor e lente catedrático em Teologia pela Universidade de Coimbra. Em 1885, foi ordenado sacerdote.<sup>28</sup> Deixou-nos:

- *A doutrina da Immaculada Conceição e a Universidade de Coimbra: discurso pronunciado na real capella da Universidade na festa da Immaculada Conceição a 8 de dezembro de 1894*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1895; 50 p.; 25 cm (BNP, R. 2530//4 A.).
- *O mistério da Imaculada Conceição e a Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1893.<sup>29</sup>
- *O Mistério da Immaculada Conceição e a Universidade de Coimbra: Memória histórica apresentada no Congresso Universal Mariano de Roma*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904; 102 p.; 24 cm (BNP, R. 4020//2 V.).
- *O pecado original. Discurso (VII) pronunciado na Real Capela da Universidade na festa da Imaculada Conceição, a 8 de dezembro de 1895*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896; 22 p.; 27 cm (BNP, R. 2667//20 A.).
- *Ave Regina caelorum....: discurso (XII) pronunciado na Real Capella da Universidade na festa da Imaculada Conceição, a 8 de dezembro de 1909...*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1910; 23 p.; em 4.º (BNP, R. 664//10 V.).<sup>30</sup> Ver o autor nos cap. 5.9; 6; 8; 9 e 11.1.

<sup>28</sup> Sobre o autor, ver PERES, Damião, *Bibliografia do Doutor António Garcia Ribeiro Vasconcelos*, em Revista Portuguesa de História I, 1941, p. 11-47; Inocência XX, p. 221.

<sup>29</sup> Saiu em *O Instituto*, vol. 40, p. 469-480.889-893.967-970.

<sup>30</sup> Este foi o último discurso pronunciado na Capela da Universidade de Coimbra, porque o *Diário do Governo Republicano* de 24 de janeiro de 1911 suspendia o culto na Capela com a intenção

**Aparício Esteban** (séc. XIX). Foi-lhe atribuída a pintura de:

- *Imaculada Conceição* (séc. XIX); 146x100 cm (PNP, 607).

**Bernardo de Santa Maria Rosa**, Frei, OFM (1714-?). Escreveu:

- *Avé Maria ponderada, novena da Imaculada Conceição da sempre Virgem Maria, Mãe e Protectora dos Frades Menores*, Coimbra, António Simões Ferreira, 1746 (BPB; Pericão, Bibliografia, p. 411). Ver o autor nos cap. 10.7 e 10.10.

**Carlos João Rademaker**, SJ (1826-1885). Nasceu em Lisboa, foi educado em Turim, onde se formou em Direito canónico e civil. Regressado a Portugal, abraçou a sua Congregação (Inocêncio II, p. 32; IX, p. 37; Fortunato de Almeida III, p. 407). Escreveu:

- *O triumpho da Igreja Romana na definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1855; 8 p.; 14 cm (BNP, L. 10888//10 P.); é um poema em forma de ode sáfica.
- *Método de vida para um legionário de Maria Imaculada, que deseja cumprir o seu Regulamento*, Lisboa, 1854.
- *Pio IX, Papa e Rei, ou episódios de uma peregrinação ao Sameiro, pelo autor da Viúva do Ministro*, Comissão de S. Luís Gonzaga, Braga, Typ. Lusitana, 1874. Ver o autor nos cap. 7.1; 7.4.2; 15 e 17.<sup>31</sup>

**Cipriano José Cordeiro** (séc. XIX). Como defensor das causas miguelistas, este poeta dedicou quase toda a sua obra ao rei D. Miguel. Deixamos aqui a seguinte:

- *Ode sáfica à Imaculada Conceição da sempre Virgem Maria que ao... Rei, o senhor D. Miguel...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1830; 6 p.; 22 cm (BNP, L. 4494//30 P.).

**Domingos Maximiano Torres** (1748-1810). Era natural de Sintra. Foi bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1770 (Inocêncio II, p. 191; IX, p. 146).

- *À Imaculada Conceição e Maria Santíssima Senhora Nossa. Cantata pastoril*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Ciências, 1787 (BGUC). Ver o autor nos cap. 4.1 e 17.<sup>32</sup>

---

de fazer desse espaço um museu de arte; ao mesmo tempo, declarava a Capela monumento nacional.

<sup>31</sup> Sobre Rademaker e suas obras, veja-se, OLAIO, Nuno, *Carlos João Rademaker (1828-1885), Percurso do restaurador da Companhia de Jesus em Portugal*, Lusitania Sacra 12, 2.ª Série, 2000, p. 65-119.

<sup>32</sup> Esta cantata também se encontra em *Parnaso Mariano*, Coimbra, 1890; 2.ª edição, n.º LXII, p. 118.

**Francisco Xavier Lobo** (séc. XVIII). Foi um pintor lisbonense. Pintou:

- *Nossa Senhora da Imaculada Conceição* (1753); igreja de Santa Maria da Devesa de Castelo de Vide; óleo sobre tela; 162x131 cm.

**João Xavier de Matos / Albano Erythreo**, pseud. (1730-1789). Supõe-se que nasceu em Lisboa e morreu em Vila de Frades (Alentejo). Era um leigo, poeta português (Inocêncio IV, p. 54; X, p. 376). Escreveu:

- *Hino a Nossa Senhora no inefável mistério da sua Imaculada Conceição*, Lisboa, Oficina de Simão Thadeu Ferreira, 1793; 15 p.; 22 cm; obra póstuma (BNP, L. 477//11 V.). Ver o autor nos cap. 10.7 e 22.1.

**José de São Gualter Lamatite** (pseud.), Frei, OFM (1692-1755). Foi um frade franciscano da província de Portugal, que morreu no terremoto de 1 de novembro, 1755, em Lisboa (Barbosa IV, p. 212; Inocêncio IV, p. 430). Para defender o dogma da Imaculada Conceição, posto em questão por alguns, escreveu:

- *Escudo marianno, crítico-teológico, manejado por hum Soldado do Regimento, em que militou o Alferes de Jesu Christo, e Patriarca dos pobres dado à luz por António Diniz e Sousa...*, Lisboa, Officina dos Herdeiros de António Pedrozo Galvão, 1755; 36, 219 p.; 20 cm (BNP, R. 26871 P.).

**José Gonçalves de Aguiar**, Pe. (1831-?). Foi bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocêncio XII, p. 349). Escreveu:

- *O Dogma da Immaculada Conceição de Maria Santíssima*, Lisboa, Typ. Universal, 1880; 40 p.; 23 cm (BNP, R. 12654 V.).
- *Discurso sobre a religião católica em face da política: pronunciado na Associação Cathólica Portuense por ocasião da academia religiosa que teve lugar no dia da Imaculada Conceição de Maria, a 8 de Dezembro de 1874*, Porto - Braga, Livr. Internacional, 1875; 25 p.; 22 cm (BNP, R. 32006 P.). Ver o autor nos cap. 7.1; 10.6 e 10.8.

**José Inácio Roquete**, Frei, OFM (1801-1870). Era natural do concelho de Cascais. Ao ingressar na Ordem adotou o nome de Fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete; foi lente de Sagrada Escritura no convento de Xabregas. Escreveu:

- *Novena Meditada em honra da Imaculada Conceição da Virgem Maria*, Paris, J. P. Aillaud, 1866; 16, 122 p.; 17,5x11,5 cm (BSEA). Ver o autor no cap. 3.2.<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Sobre o autor, ver Inocêncio IV, p. 373-377; XIII, p. 15; Fortunato de Almeida III, p. 393.

**José Joaquim de Sena Freitas**, Pe. (1840-1913). Era natural de Ponta Delgada, foi sacerdote, orador sacro e polemista português. Escreveu:

- *O milagre e a Crítica Moderna ou a Imaculada Conceição de Lourdes...*, Braga, Typ. Lusitana, 1873; 1 folh.; 17 cm (BNP, R. 28080//5 P.). Ver o autor no cap. 7.1.

**Luís do Pilar Pereira de Castro**, Pe. (1809-1864). Pregou e escreveu:

- *Sermão da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, pregado na Ordem Terceira de São Francisco...*, Porto, Typografia de Gandra & Filhos, 1851; 30 p.; 22 cm (BNP, TR. 5499//7 P.; CBAP, n.º 451). Ver o autor no cap. 14.

**Luís Maria da Silva Ramos**, Pe. (1841-1921). Pregou e escreveu:

- *Sermão da Imaculada Conceição de Maria recitado na real capela da Universidade de Coimbra*, Porto, 1878. Ver o autor nos cap. 7.1; 7.4.2; 8; 9; 14 e 15

**Manuel do Cenáculo Vilas Boas**, Dom Frei, OFM (1724-1814). Foi bispo de Beja e arcebispo de Évora e um dos maiores expoentes da cultura e da religião no Portugal do séc. XVIII. É uma personalidade-chave no complicado contexto cultural e religioso em que viveu (Inocêncio V, p. 389; XVI, p. 251). Escreveu as seguintes obras de caráter mariano:

- *Dissertação Theológica, Histórica, Crítica sobre a Definibilidade do Mystério da Conceição Imaculada de Maria Santíssima*, Lisboa, Oficina de Joseph da Costa Coimbra, 1758; 18, 10, 248, 38 p.; 21 cm (BNP, R. 23665 P.; BGUC, CF G-8-13).
- *Oração que disse o M. R. P. M. Doutor Fr. Manuel do Cenáculo... sendo Presidente em a primeira sessão da Academia Mariana celebrada nesta cidade de Lisboa...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Offício, 1758; 14, 28 p.; 20 cm (BNP, H.G. 36686 P.). Ver o autor no cap. 9.<sup>34</sup>

**Manuel Marinho**, Mons. (séc. XIX). Escreveu:

- *Novena da Imaculada Conceição*, Porto, Tip. Fonseca, 1924; 16 cm (BNP, R. 22593//8 P.). Ver o autor nos cap. 4.1; 9; 10.4; 10.7 e 15.

**Roberto Maciel**, Pe. (ca. 18??). Escreveu:

- *Novena em Honra da Imaculada Conceição de Maria*, Porto, [s.n.], 1931; 3.<sup>a</sup>

<sup>34</sup> O Ofício e Missa em honra da Imaculada Conceição da Virgem Maria foram aprovados pelo papa Xisto IV em 28 de fevereiro de 1476; e, com mais força ainda (contra alguns detratores), a 4 de setembro de 1483. Sobre os argumentos do teólogo Frei Manuel do Cenáculo, para que fosse definido este dogma, ver *Colectânea de Estudos*, n.º 1, 1946, Braga, p. 123-136.

edição; 71 p.; 14 cm (BNP, R. 22964//2 P.). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.7 e 15.

#### **Autores anónimos**

- *Sermão da Imaculada Conceição*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1907; 24 p.; 19 cm (BNP, R. 3810//4 V).
- *Congruências sociais de uma definição dogmática sobre a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria*, Lisboa, Tip. A. J. de Paula, 1853; 23 p.; 19x11,5 cm (BNP, R. 25420//8 P.).<sup>35</sup>

#### **Tradutor anónimo**

- Traduzido do francês: *Director espiritual... Dedicado à... Imaculada Conceição de Maria Santíssima por um seu indigno escravo*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1778; 15 cm (BNP, R. 23818 P.).

**Conclusão.** Este tema representa o ponto de chegada de uma longa caminhada histórica de 14 séculos, na História da Igreja; isto é, desde o concílio de Éfeso (431) até 1854.<sup>36</sup> Ao longo destes séculos houve discussões teológicas renhidas, contra ou a favor da doutrina da conceição imaculada da Mãe de Jesus Cristo. Isto significa que Ela nasceu sem a “mancha” do assim chamado “pecado original”, tema teológico explicado hoje de modo diferente de então. De qualquer modo, este dogma deve ser “lido” a partir de pressupostos bíblicos, teológicos, históricos e também antropológicos, já que a Mãe de Jesus era uma mulher diferente de outra qualquer, porque só Ela foi a Mãe do Filho de Deus; mas não desceu do Céu à Terra, como o seu Filho.

Os 22 autores acima referidos com as suas 33 obras provam a importância que este tema mariano teve no período histórico-cultural que nos ocupa.

### **22.4. Obras referentes à devoção ao Coração de Jesus**

Esta devoção nasceu no séc. XVII e teve um grande incremento a partir do séc. XVIII, sobretudo com o apoio de D. Maria I e dos Padres Jesuítas. O seu início aconteceu nas aparições de Cristo, mostrando o seu coração, como sinal de amor, a Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690). Segundo reza a história,

<sup>35</sup> Esta obra encontra-se encadernada numa miscelânea de conferências católicas na BSME.

<sup>36</sup> Este concílio foi muito importante porque afirmou que o Verbo esteve, desde o primeiro momento da sua conceção virginal, unido à natureza humana, no seio de Maria; por isso, Jesus era Deus e homem desde o primeiro instante da sua conceção. Também Maria poderia levar o título de “Mãe de Deus” (*Theotokos*). Este concílio reconheceu ainda o primado do papa de Roma sobre todas as Igrejas da cristandade.



Jesus apareceu-lhe várias vezes entre 1673 e 1675. Esta devoção era uma espécie de resposta ao rigorismo jansenista, que exigia a perfeição para a receção dos sacramentos, o medo de um Deus justiceiro, além de outros aspetos teológicos menos ortodoxos, que tratamos noutra lugar.<sup>37</sup>

Os Jesuítas, que se colocaram desde o início na frente de combate contra o jansenismo, foram e são ainda os grandes apóstolos do Sagrado Coração de Jesus. Ao mesmo tempo, os novos estudos bíblicos, sobretudo dos Evangelhos, revelaram uma teologia menos racionalista, ao apresentar um Jesus mais como manifestação do Amor infinito de Deus do que como juiz dos nossos pecados e fragilidades humanas. Aliás, o “Amor” é o centro da teologia evangélica, e o autor da 1.<sup>a</sup> Carta de João afirma que *Deus é amor* (‘o theós ’agápê ’estín: 1 Jo 4,8.16). Por isso, surgem nestes séculos muitas obras de piedade, tratados e irmandades sobre o tema do Coração de Jesus. Portugal foi pioneiro nesta devoção ao erguer a primeira basílica em honra do Coração de Jesus. O rei D. Pedro III colocou a primeira pedra e D. Maria I construiu-a: Basílica da Estrela em Lisboa.

É interessante notar ainda que o bispo Cenáculo Vilas Boas, apesar de ser um grande intelectual, no que se refere à devoção ao Coração de Jesus, decidiu um culto especial para o dia 9 de junho de 1777, com missa solene e feita com grande publicidade na diocese de Beja. Como bom iluminista que era, pretendia com isso levar o povo a pensar com a cabeça, sem desprezar o coração, a sensibilidade, o amor a Cristo. Se “Deus é Amor”, o discípulo de Cristo responde-lhe com o amor.

Esta é, pois, uma devoção típica destes dois séculos, que continuou no séc. XX. Foi, portanto, um despertar para uma nova perspectiva da pessoa de Cristo e para uma nova e mais verdadeira imagem do Deus da Bíblia. Na nossa Biblioteca Nacional, encontram-se muitas obras desta tipologia. Apresentamos aqui apenas uma pequena amostragem das mesmas.

**Alexandre António de Lima** (1699-depois de 1759). Era natural de Lisboa.

Pouco se sabe da vida deste autor (Inocêncio I, p. 27; VIII, p. 29; Barbosa I, p. 93; IV, p. 7). Escreveu:

- *Novena do Sacratíssimo Coração no qual se inclue o obséquio do puríssimo Coração de Maria Santíssima Nossa Senhora*, Lisboa, António da Silva, 1747; em 8.º. Ver o autor no cap. 17.

**Antónia Maria da Silveira Pinto de Oliva** (?-?). Foi autora de:

<sup>37</sup> Uma obra sobre esta santa: Frei Jerónimo de Belém, OFM, *Vida da venerável Madre Margarida Maria Alacoque da Ordem da Visitação a quem Christo Senhor Nosso revelou o culto e veneração do seu Coração Santíssimo*, Lisboa, Maurício Vicente de Almeida, s.d.

- *Pequeno Breviário do Sagrado Coração de Jesus*, Coimbra, Typ. da “Ordem”, 1885; 12 cm (BNP, R. 28289 P.).

**António Luís Falcão** (?-?). Foi o coordenador de:

- *Flores ao Santíssimo Coração de Jesus...*, Porto, José Frutuoso da Fonseca [1860]; revisto por Monsenhor Manuel Maria; 14 cm (BNP, R. 27936 P.). Ver o autor no cap. 7.5.

**António Moreira Belo** (ca. 1874). Traduziu várias obras no âmbito da “biblioteca da juventude cristã” e outras.<sup>38</sup> Deixamos aqui esta:

- *Mês do Sagrado Coração de Jesus ou Meditações Práticas para cada dia do mês de Junho*, Porto, Liv. Católica Portuense, 1914; autor: Abade Berlioux; 240 p.; 14x9,5 cm (BSEA). Ver o autor nos cap. 4.1; 4.2 e 15.

**Carlo Borgo**, SJ (1731-1794). Escreveu:

- *Novena do Sagrado Coração de Nosso S[enhor] J[esus] Cristo pelo R[everend]o P[a-dre] Carlos Borgo da Comp[anhi]a de J[esus]* [Manuscrito] [ca. 1896]; 92 fol.; 16 cm (BNP, Cod. 9375).
- *Novena de preparação para a festa do Sagrado Coração de Jesus*, Porto, António Dourado, 1896; fol. em branco: [79-92] (BNP, R. 28218 P.).

**Confraria do Santíssimo Sacramento** da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus. Redigiu os seus estatutos com o seguinte título:

- *Compromisso & Estatutos da Confraria do S.mo Coração de Jesu* [Manuscrito]: *Novamente instituída na capela de S. José das Taipas desta cidade do Porto*, Porto, 1737; 43 p.; 29 cm (BPE, 88/A).
- *Summário das graças, e indulgências concedidas aos confrades da confraria do SS. Coração de Jesus, sita no convento de S. Francisco de Xabregas de Lisboa pelo Santíssimo Padre Clemente XII por uma bulla sua passada em 2 de mayo de 1733*, [s.l. : s.n., 1733]; 4 p.; 32 cm (BNP, R. 5838//2 A.).

**Custódio da Silva Barbosa** (séc. XVIII). Traduziu:

- *Devoção do Coração de Jesus*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1778; autor: João Croiset; 2 vol.: 13, 275 e 8, 260 p.; 16x10 cm (BNP, TR. 2008 P. - 2009 P.; A Tradução em Portugal, 1286; BOCD).
- *Ib.*, Oficina de António Gomes, 1787; 16 cm (BNP, TR. 2011 P. - 2012

<sup>38</sup> JORGE, Ana Maria C. M., *Os Participantes do I Congresso Católico Português (1871-1872)*, em *Lusitania Sacra* 12, 2.<sup>a</sup> Série, 2000, p. 395.

P.; A Tradução em Portugal, 1688). Ver o autor nos cap. 10.2; 10.7; 10.10 e 11.1.

**Fernando de Sousa e Silva**, Dom (1712-1786). Nasceu em Lisboa. Estudou na Universidade de Coimbra, onde obteve uma licenciatura em Direito Canónico. Foi o quarto cardeal patriarca de Lisboa. Escreveu:

- *[Pastoral do Cardeal de Lisboa, D. Fernando I, sobre o Santíssimo Sacramento]*, Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo, 1780; 8 p.; 31 cm (BJPIL, 265.3 PSS).
- *Edital que institui a devoção ao Santíssimo Coração de Jesus Cristo com Ofício e Missa própria com rito de duples maior na primeira sexta-feira de pois do Oitavo da festa do Corpo de Deus*, Lisboa, Officina António Rodrigues Galhardo, 1777; 8 p.; 16 cm (BNP, H.G. 15110//7 P.).<sup>39</sup>

**Francisco Brandão**, Frei (?-?). Escreveu:

- *Devoção ao Santíssimo Coração de Jesus*, Lisboa, 1734; em 8.º (BPE, S.L., E.25-C.2).

**Francisco de Jesus Maria Sarmiento**, Frei, OFM (1713-1790). Natural de uma vila perto de Coimbra, em cuja Universidade estudou Filosofia (Barbosa II, p. 164; IV, p. 133; Inocêncio II, p. 394; IX, p. 309). Escreveu:

- *Obséquio aos Santíssimos Corações de Jesus e de Maria...*, Lisboa, Imprensa de J. B. Morando, 1822; 68 p.; 14 cm (BNP, R. 29771 P.). Ver o autor no cap. 3.2.

**Jerónimo de Belém**, Frei, OFM (1692-1760?). Era natural de Arcos de Valdevez. O seu nome de batismo era Fortunato Lopes de Oliveira (Barbosa II, p. 485-486; Inocêncio III, p. 258; X, p. 127). Escreveu:

- *Coração de Jesus comunicado aos corações dos fiéis...*, Lisboa, Oficina Maurício Vicente de Almeida, 1731; 16 cm (BNP, R. 24016 P.).
- *Escada Mystica dividida em nove degraus para a novena do Santíssimo Coração de Jesus extrahida do livro Coração de Jesus, e segunda vez impressa com as indulgências concedidas a este, e a outros santos exercícios, de que trata*, Lisboa, Oficina Joaquiniana, 1740; em 12.º. Ver o autor nos cap. 10.2; 10.6; 12.2 e 13.1.

**Jerónimo Soares Barbosa**, Pe. (1737-1816). Era natural de Ancião e padre secular. Estudou Cânones na Universidade de Coimbra (Inocêncio III, p. 276). Escreveu:

<sup>39</sup> Sobre o autor, ver <https://www.academia.edu/3441274/2009> - D. Fernando de Sousa e Silva, 1779-1786; SALDANHA, Sandra Costa, *A Basílica da Estrela – Real Fábrica do Santíssimo Coração de Jesus*, Livros Horizonte, 2007.

- *Do Coração de Jesus, ou explicação da abertura do lado de Jesus Christo, segundo o Evangelho de S. João*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1802; 134 p.; em 4.º. Segundo Inocêncio, “Sahiu sem o nome do auctor”. Ver o autor no cap. 6.

**João Agostinho de Mentone**, Frei (?-?). Escreveu:

- *Officio, Novena e Coroinha do S.Smo. Coração de Jesus*, Lisboa, Impressão Régia, 1812; 68 p.; 16 cm (BNP, R. 28080//3 P.).

**João de Monsaraz**, Frei, OFM (séc. XVIII). Era natural da vila do seu apelido. Professou na sua Ordem em 1705. Ensinou Teologia Escolástica e Moral, foi qualificador do Sto. Ofício e examinador Sinodal do bispado de Portugal (Barbosa II, p. 706). Dos sermões que pregou, publicou-se:

- *Sermão do Santíssimo Coração de Jesus que, na primeira Festividade das Religiosas do Mosteiro de Santa Clara da Cidade de Elvas, lhe tributarão em 20 de Junho de 1733*, Lisboa, Oficina Joaquiniana da Música, 1734; 12, 24 p.; 20 cm (BNP, R. 8264//7 P.; Palha 168).

**João Evangelista Braga** (?-?). Escreveu:

- *Novo mez do Sagrado Coração de Jesus com exemplos de um pequeno catechismo sobre esta devoção seguido de um appendice com os actos de fê, etc., da renovação das promessas do baptismo, etc., um exame de consciência, um indicador dos dias de jejum...*, Rio de Janeiro, 1881; XXIX, 2, 316, 3 p.; 15 cm (CBAP, n.º 309).

**Joaquim de Santa Clara Brandão**, Dom Frei, OSB (1740-1818). Era natural do Porto e foi monge no mosteiro de Tibães, onde se encontra uma pintura com o seu retrato. Era destacado orador (Inocêncio IV, p. 73 e 441; XII, p. 146). Como tal, deixou-nos:

- *Sermão do Santíssimo Coração de Jesus recitado diante de Sua Magestade... na primeira festa que se celebrou em 11 de Junho de 1790 na igreja do Real Convento do Coração de Jesus*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791; 74 p.; 22 cm (BGUC, 5-11-77-184; BJPII, MC-803; CBAP, n.º 1936). Ver o autor nos cap. 4.1 e 6.

**José de Goes**, Pe. (?-?). Foi autor de:

- *Cantigas em Louvor do Santíssimo Coração de Jesus*, Rio de Janeiro, Imp. Régia, 1811; 28 p. (BNP, L. 2456//14 V.).

**José Jacinto Nunes de Melo**, Pe. (1740-1814). Era natural de Lisboa. Foi cónego da Sé de Évora (Inocêncio IV, p. 377; XIII, p. 16). Escreveu:

- *Pensamentos devotos, dirigidos à honra e glória do Coração de Jesus; em forma de officio duplex...* Em prosa e verso; 151 p.; ms; em 4.º (BPE, Cod. CXIV/1-16).

Foi impresso com o título:

- *Pensamentos devotos dirigidos em forma de officio à honra e glória do Sanctíssimo Coração de Jesus...*, Lisboa, Tip. de M. P. de Lacerda, 1822; consta de psalmos e cânticos em verso; 80 p.; 15 cm (BNP, R. 25199//18 P.). Ver o autor nos cap. 8; 10.7 e 17.

**José Joaquim de Sena Freitas**, Pe. (1840-1913). Era natural de Ponta Delgada, foi sacerdote, orador sacro e polemista português. Publicou um extenso conjunto de obras, a maior parte sobre questões religiosas e de moral (Inocêncio XIII, p. 41; XVIII, p. 107; XX, p. 78). Desta temática, temos a seguinte:

- *O amor de um Deus: Discurso pronunciado na freguesia de S. José de Ponta Delgada (S. Miguel, Açores) em Agosto de 1897 sobre o Sagrado Coração de Jesus...*, Lisboa, sem Tip., 1897; 20 p.; 20 cm (BNP, R. 32080 P.). Ver o autor no cap. 7.1.

**José Joaquim Nunes** (1859-1932). Era natural de Portimão. Foi um sacerdote católico (embora tenha depois abandonado o sacerdócio e casado) e professor universitário. Destacou-se pelos seus trabalhos de lexicografia dialetal e histórica, pertencendo à geração pioneira da linguística portuguesa. Traduziu:

- *História da Beata Margarida Maria ou origem da devoção ao Coração de Jesus*, Porto, Livraria Chardron, [1879?]; autor: Bougaud, bispo de Laval; 2.ª edição, revista pelo Padre Sena Freitas; XXIII, 526 p.; 19 cm (BNP, H.G. 7960 V.).

**José Maria de Almeida Ribeiro**, Pe. (séc. XVIII). Foi cónego da Sé de Elvas (Inocêncio XIII, p. 79). Pregou:

- *Sermão do Sanctíssimo Coração de Jesus...*, Lisboa, Typ. do Panorama, 1858; 26 p.; 25 cm (BNP, R. 2993//12 A.). Ver o autor no cap. 14.

**Manuel António Pamplona** (?-?). Escreveu:

- *Devoção Prática ou Método de Desagravos do Santíssimo Coração de Jesus...*, Lisboa, Oficina Typográfica, 1782; 15 cm (BNP, R. 24180 P.).

**Manuel Dâmaso Antunes**, Pe. (?-?). Era natural da Póvoa de Rio de Moinhos, concelho de Castelo Branco (Inocêncio XVI, p. 170 e 400). Foi o diretor de:

- *Apostolado de Jesus, Maria, José: Boletim Mensal Ilustrado Consagrado às associações do Sagrado Coração de Jesus...*, Lisboa, Typografia Companhia Nacional Editora, [1890?]-1892; 20 cm (BNP, J. 963//3 P.). Ver o autor nos cap. 9 e 11.1.

**Manuel de Albuquerque**, Pe. (1843-1912). Era natural da Covilhã. Formado em bacharel de Teologia pela Universidade de Coimbra (Inocência XVI, p. 105). Escreveu:

- ... Et alii, *Homenagem ao Sagrado Coração de Jesus pela Archidiocese de Braga*, Porto, Typographia de Fraga Lamares, 1886; 35, 12 p.; il.; 35 cm (BNP, Cod. 9730//4). Ver o autor nos cap. 7.4.2 e 9.

**Miguel de Sotomaior** (1828-1911). Foi um grande polemista católico. Escreveu:

- *Junho Santificado ou Manual de Meditações e Orações: para o mez Consagrado ao Santíssimo Coração de Jesus... Obra aprovada, recommendada e indulgenciada pelo Ex.m e Rev.m Snr. D. António, Bispo do Porto*, Porto, José Frutuoso da Fonseca, 1905; 141 p.; 15x20 cm (BNP, R. 35963 P.).

**Teodoro de Almeida**, Pe., CO (1722-1804). Foi sacerdote católico, escritor e filósofo português, uma das mais expressivas figuras do iluminismo em Portugal (Inocência VII, p. 305). Escreveu:

- *Entretenimentos do coração devoto com o Santíssimo Coração de Jesus. Ajuntam-se alguns actos de desagravo e outros obséquios para passar devotamente a hora que cada mês se toma de adoração ao Coração Santíssimo*, Lisboa, Oficina Régia, 1790; 315 p.; 16,5x11,5 cm (BPE, S.L. E. 35-C.4; BPH).  
— 4.<sup>a</sup> edição, Porto, Livraria Católica Portuense de Manuel Malheiro [18?]; 508 p.; 14 cm (BNP, R. 28800 P.). \_ ib., mesmo impressor, 1872 (BNP, R. 12417 P.). Ver o autor no cap. 10.2.

**Teotónio**, Dom (?-?). Foi autor de:

- *A Verdadeira Religião é Minha Religião de Amor: Sagrado Coração de Jesus, O Apostolado da Oração*: Instrução Pastoral, Madrastra, Typographia the “Premier” 1901 (BNP, R. 7087 V.).

#### **Autores anónimos**

- *A devoção ao Sagrado Coração de Jesus*, Lisboa, Comp.<sup>a</sup> Imprensa Tip. Inglesa, 1922; 15x11 cm (BPH: ex. incompleto).
- *A Semana Santificada em honra e desagravo do Sagrado Coração de Jesus*, [S.l.: s.n. 18?]; 32 p.; 11 cm (BNP, R. 29526//9 P.).
- *Consagração ao Sagrado Coração de Jesus*, Lisboa, Tip. Universal, 1875; 8 p.; 12 cm (BNP, R. 30312//3 P.).
- *Cânticos religiosos adoptados na Associação do Santíssimo Sacramento Coração Agonizante de Jesus*, Porto, Typ. Occidental, [188?-1910]; [12] f.: not. mus.; 29 cm (BNP, M.P. 733//2 V.).

- *Devoto Exercício para se recitar durante o Mês do Sagrado Coração de Jesus*, [S.l., s.n. 18?]; 16 p.; 13 cm (BNP, R. 29526//3 P.).
- *Devoção ao Sagrado Coração de Jesus*, Lisboa, 1778; 2 vol.
- *Estatutos da Associação de Beneficência do Sagrado Coração de Jesus*, Lisboa, A.B.S.C.J., 1896; 9 p.; 22 cm (BNP, S.C. 7400//5 V.).  
— Ib., mesmo impressor, 1928; 134 p. ; 17x11 cm (BSEA).
- *Manual dos Devotos do Divino Coração de Jesus*, Lisboa, Imprensa de J. J. de Sousa Neves, 1870; 239 p.; 14 cm (BNP, R. 31407 P.).
- *Mês novíssimo do Sagrado Coração de Jesus*, Porto, Tip. de F. Fortuna, 1875; 323 p.; 12x16 cm (BSEA).
- *Novena em Reverente Desagravo ao Sagrado Coração de Jesus pelos desacatos cometidos contra seu Amor no Santíssimo Sacramento da Eucaristia*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1838; 36 p.; 15 cm (BNP, R. 30309//5 P.).
- *Ode à solenidade da sagração da Igreja do Real Convento do SS. Coração de Jesus, fundado pela fidelíssima Rainha Senhora Dona Maria I*, Lisboa, Oficina de Felipe José de França e Liz, 1789; 7 p.; 23 cm (BNP, L. 965//17 V.). É a atual basílica da Estrela.
- *Ofício Menor do Sagrado Coração de Jesus*, Lisboa, Administração do Novo Mensageiro do Coração de Jesus 1902; 2.<sup>a</sup> edição; 31 p.; 13 cm (BNP, R. 29789//3 P.).
- *Pastoral Colectiva sobre a Consagração Nacional ao Coração Divino de Jesus*, Lisboa, Tipografia de “União Gráfica” [17?]; 23 cm (BNP, R. 9703//9 V.).
- *Pequeno breviário do Sagrado Coração de Jesus*, [S.l.]: s. tip. [17?]; 187 p.; 11 cm (BNP, R. 25366 P.).
- *Prática da Devoção do Sagrado Coração de N. S. Jesus Cristo...*, Lisboa, Typ. Rolandiana, 1786; 16 cm (BNP, R. 28291 P.).
- *Rosário dos devotos do Sagrado Coração de Jesus*, Lisboa, Liv. Cat. Joaquim António Pacheco, 1879; 32 p.; 12x8,5 cm (BSEA).

#### Tradutores anónimos

- *Manual dos Devotos do Divino Coração de Jesus*, Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves, 1870; compilado e traduzido do italiano; 239 p.; 14 cm (BNP, R. 29770 P.).
- Tradução do espanhol pelo Padre D. F. V: *A Primeira Sexta Feira de cada mês santificada por meio da devoção ao Sagrado Coração de Jesus*, Coimbra, J. J. Reis Leitão [17?]; autor: F. H. Gautrelet; 127 p.; 17 cm (BNP, R. 26011 P.).
- Tradução por um filho de Maria: *Pequeno mês do Sagrado Coração de Jesus*:



*piadosos pensamentos para o mês de Junho*, Guimarães, Centro de Propaganda Católica em Portugal, 1882; 61, 2 p.; 16x10 cm (BNP, R. 43359 P.; BSEA).

### Apostolado da Oração

- *Manual do Apostolado da Oração em união com o Sagrado Coração de Jesus*, Porto, A. Gomes da Silva - Typ. Fonseca & Filho [18?/] (BNP, R. 1155 P.).  
— 5.<sup>a</sup> edição..., 1880; 88 p.; 15x11 cm (BSEA).  
— 8.<sup>a</sup> edição, *acrescentado com meditações e exemplos para as 1.as 6.as Feiras do mês e para a Novena do Sagrado Coração de Jesus*, Lisboa, Typ. Católica, 1888; 246 p.; 16 cm (BNP, R. 1025 P.; BSEA).  
— 9.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Administração do “Novo Mensageiro do Coração de Jesus”, 1899; 14 cm (BNP, R. 27376 P.).
- *O mensageiro do Coração de Jesus: Boletim mensal do Apostolado da Oração*, Porto, Typografia de Alexandre da Fonseca Vasconcellos, 1874-1880; tomo 1 (Abr. 1874) - tom 6 (1879); dir. José Rodriguez Cosgaya e Noriega; 20 cm (BNP, P.P. 15242 V.).
- *Novo mensageiro do Coração de Jesus: órgão do Apostolado da Oração*, Lisboa, Typographia da Cruz do Operário, 1881-; ed. 2.<sup>a</sup>, tomo 1, n.º 1 (Abr. 1881-); 21 cm (BNP, J. 1797 B.).

Em conclusão, estas obras manifestam já uma presença importante e generalizada da devoção ao Sagrado Coração de Jesus na piedade do povo católico português. Não esqueçamos que a basílica da Estrela, em Lisboa, foi a primeira igreja no mundo levantada em honra do Coração de Jesus. O rei D. Pedro III lançou a primeira pedra, tocando à rainha D. Maria I, sua esposa, o início da construção.<sup>40</sup>

Os 27 autores com as suas 53 obras mostram bem a importância que esta devoção teve no período a que o presente volume diz respeito.

## 22.5. Obras referentes à maçonaria

Já falámos no cap. 1 da maçonaria, seita secreta, de carácter puramente político, cujo ideal é precisamente a ocupação do poder civil. Como seita secreta,

<sup>40</sup> Para o lançamento da primeira pedra, por D. Pedro III, escreveu o Pe. António Pereira de Figueiredo uma pequena obra, que apresentamos no cap. 25: *Figueiredo: Obras Culturais*: “A El-Rei Nosso Senhor, lançando por suas Reaes Mãos a primeira pedra ao Majestoso Templo do Coração de Jesus. Oração Encomiástica e Sagrada, Lisboa, Of. de António Rodrigues Galhardo, 1791”. Foi ainda reimpressa no séc. XIX.

foi várias vezes condenada pela Igreja. A maçonaria vem de uma associação dos “Pedreiros livres”, associação antiga que se dedicava a fazer catedrais e outras obras de engenharia e artes, a partir do séc. VIII, e trabalharam sobretudo na França e na Alemanha.

Uma característica desta associação consistia em guardar sigilosamente os segredos da sua arte. Na Inglaterra do séc. XVIII, resolveram admitir outras classes de pessoas, até que a maçonaria inglesa passou a ser constituída exclusivamente por intelectuais e comerciantes e não por arquitetos e pedreiros de igrejas. Foi esse o rosto que assumiu a partir de então até hoje.

Sem querermos apresentar aqui uma história da maçonaria, o que está fora do âmbito deste volume, diremos apenas como primeira nota, que é uma sociedade secreta e esotérica, já que nasceu e se organizou aproveitando certos princípios e sobretudo símbolos mesmo de religiões antigas, do judaísmo e do cristianismo. A maçonaria portuguesa sofreu as primeiras influências da que já existia na Inglaterra e na França. Os próprios judeus fundaram também a sua loja maçónica em Londres, 1793. Do judaísmo, a maçonaria recebeu o espírito filosófico organizativo, mas os judeus não foram os fundadores da maçonaria no séc. XVIII.

Religiosamente, a maçonaria caracteriza-se por um vago deísmo ou agnosticismo e empenha-se em lutas políticas para conseguir o poder. Normalmente, é anti-católica, mas, atualmente, em clima de democracia, segue pela via do diálogo com o cristianismo, embora não esconda o intento principal, o poder político-económico, mediante o domínio das escolas e da comunicação social. Pode mesmo dizer-se que a maçonaria esteve no cerne do regime liberal do séc. XIX, assim como do partido republicano, que tomou o poder em 1910.

Quer queiramos quer não, esta sociedade secreta, nascida já no séc. XVII, teve nestes dois séculos uma enorme expansão, não apenas na Europa, mas também nas Américas. A sua ideologia era, então, claramente anticristã e anti-eclesiástica. Por esse motivo foi tão falada e combatida sobretudo pelos católicos, incluindo com vários documentos papais e episcopais. Depois destas ideias muito genéricas, vejamos agora alguma literatura sobre este grupo sócio-político. São sobretudo obras que se opõem à maçonaria.

**Álvaro Alfredo da Silva Zuzarte de Mendonça** (1877-1967). Escreveu:

- *A Maçonaria: o seu programa e a sua acção*, Póvoa de Varzim, Livr. Povoense, [19??] (BNP, S.C. 11189//6 P.).<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Ver MARQUES, João Francisco, *Apologética*, em *Dicionário de História da Igreja de Portugal* (A-C), Círculo de Leitores, p. 91.

**António de Castro Morais Sarmiento** (?-1840). Inocência ignora os dados biográficos do autor; porém, refere algumas das suas obras (I, p. 109). Foi o ed. lit. da seguinte publicação:

- *O Maçonismo confundido: ou juízo crítico sobre a analyse de todos os cathecismos maçónicos*, Lisboa, Régia Typografia Silviana, 1822-1823; n.º 1 (1822) - n.º 4 (1823); 21 cm (BNP, H.G. 1921//2 V.).
- *Um grito ao Padre Macedo*, Lisboa, Régia Typ. Silviana, 1822; 18 p.; 21 cm (BNP, H.G. 9649//14 P.).

**Faustino José da Madre de Deus** (1773-1833). Era natural de Lisboa. Chegou a ser maçom, mas abandonou e escreveu contra a maçonaria (Inocência II, p. 254). Vejamos a seguinte obra:

- *Epístola à Nação Franceza, na qual se demonstrão os subversivos princípios das constituições modernas, e se prova que a maçonaria tem sido a authora e directora da revolução de Portugal*, Lisboa, Impressão Régia, 1823; 65 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6646//15 V.).

Esta e outras obras anti-maçónicas pretendiam propalar que este grupo, “nascido em França”, era o causador de todas as revoluções.

**Fortunato de São Boaventura**, Dom Frei, OCist (1778?-1844). Era professor de Teologia na Universidade de Coimbra em 1810. Fugiu para Roma, depois de ser arcebispo de Évora, por defender os Jesuítas e ser adepto de D. Miguel (Inocência II, p. 309-312; IX, p. 236-238). Escreveu:

- *A hypiatrica ou aviso ao povo sobre as enfermidades maçónicas*, Lisboa, Impressão Régia, 1831; 31 cm (BNP, H.G. 26057//9 P.).
- Foi o editor literário de: *O punhal dos corcundas*, Lisboa, Oficina da Horrora Conspiração, 1823-1824; n.º 1 (1823) - n.º 33 (1824); 21 cm (BNP, J. 58 B.). Ver o autor nos cap. 6.1.2; 8; 9; 10.6; 10.7; 10.9; 10.10; 13.1 e 15.

**Francisco Correia de Portocarreiro**, Pe. (ca. 18??). Traduziu:

- *Os Mystérios da Franc-Maçonaria revelados por Léo Taxil*, Porto, António Dourado, 1892; il.; 4 vol.; 28 cm (BNP, H.G. 11907 V.; BSEA). Ver o autor no cap. 7.1

**Francisco Rafael da Silveira Malhão** (1794-1860). Nasceu em Óbidos, estudou no Seminário de Santarém e veio a ser pároco na sua terra natal, onde sempre viveu (Inocência III, p. 40; IX, p. 366-67). Escreveu:

- *Diálogo ou Desmaio dos Jacobinos...*, Lisboa, Impressão Régia, 1813; 15 p.; 24 cm (BNP, H.G. 11403 V.). Ver o autor nos cap. 11.1; 12.2 e 14.

**Inácio Xavier Gaioso / Gayoso** (ca. 1823). Inocência apenas diz que este autor era oficial marítimo (X, p. 58). Escreveu:

- *Divertimento em forma de análise sobre a análise dos catecismos dos pedreiros-livres, a qual foi dada pelos senhores Tiburcio & Firmino*, Lisboa, Imprensa de José Baptista Morando, 1823; 141 p.; 16x10 cm (BNP, H.G. 3893//3 P.; BPH).

**J. B. Canaes de F. Castelo Branco / Elmino**, pseud. (?-?). Escreveu:

- *A Maçonaria descoberta, cartas d'Elmino ao seu amigo Constante*, Lisboa, Imprensa Régia, 1829; 8 p.; 21 cm (BNP, VAR. 1517//4).

**J. F. Verhnes** (?-?). Escreveu:

- *História geral da franc-maçonaria desde o seu estabelecimento até aos nossos dias...*, Rio de Janeiro, Typ. Imprensa de Seignot-Plancher, 1832; 4, 139 p.; 15x9 cm (BNP, H.G. 14779//2 P.). Ver o autor no cap. 21.

**Jacinto Fernandes** (1821-1904). Escreveu:

- *O Portugal Jacobino*, Braga, Cruz & Ca. Livreiros-Edit., 1893; 206 p.; 19x12 cm (BSEA).

**Joaquim José Pedro Lopes** (1778-1840). Era natural de Lisboa. Com inclinação para as letras, procurou como orientador o padre José Agostinho de Macedo (Inocência IV, p. 107; XII, p. 93). Traduziu:

- *Atalaia contra os pedreiros-livres: discurso sobre a sua origem, instituto, segredo e juramento...*, Lisboa, Impressão Régia, 1818; 3.<sup>a</sup> edição correcta e acrescentada; 277, 3 p.; 24 cm (BNP, H.G. 3891 P.). Ver o autor no cap. 7.1.

**José Fernando de Sousa** (1855-1942). Nasceu em Viana do Alentejo e morreu em Lisboa. Foi engenheiro, jornalista, escritor, político e militar. Como jornalista, foi redator em vários jornais católicos. Escreveu:

- *A doutrina maçónica*, em “Sciencia e Religião”, vol. 39, 1901.<sup>42</sup>

**José Luís Coelho Monteiro** (?-?). Foi professor de Gramática na cidade do Porto. Inocência não conseguiu apurar outros dados pessoais deste professor (IV, p. 426; XIII, p. 66). Escreveu:

- *Maçonismo desmascarado ou breve opúsculo em que, com factos e raciocínios, se prova como o maçonismo é o judeísmo. Quarta vez impresso, revisto e mui*

<sup>42</sup> Ver MARQUES, João Francisco, *Apologetica*, em Dicionário de História da Igreja de Portugal, Círculo de Leitores, A-C, p. 91.

*acrescentado...*, Lisboa, Typ. Maigrense, 1823; 19 p.; 16 cm (BNP, H.G. 3895//1 P.).<sup>43</sup>

**José Morato Roma, Pe.** (ca. 1757-ca. 1828). Era natural de Lisboa (?). Entrou na Congregação do Oratório, mas abandonou-a em 1796. Escreveu várias obras defendendo as ideias ultramontanas e anti-revolucionárias. Era um anti-jansenista assumido. Foi censurado pelo seu colega Lucas Tavares, sendo condenado à prisão no castelo do Lindoso.<sup>44</sup> Vejamos as suas obras:

- *Conheça o mundo os jacobinos que ignora ou exposição das verdades cathólicas contra os artigos fundamentaes do systema anárquico dos theólogos regalistas do século XVIII e do presente*, Londres, W. Lewis, 1812; 9, 145 p.; 21 cm (BNP, R. 5449 V).
- *Peças justificativas da doutrina, e autor do livro intitulado, “Conheça o mundo dos Jacobinos, que ignora” ou segunda refutação do novo theologismo... para ruína do altar e do throno...*, Lisboa, António Rodrigues Galhardo, 1823; com anotações à demonstração teológica do Pe. António Pereira de Figueiredo; 214, 130, 79, 68 p.; 21x14 cm (BNP, H.G. 6651//9 V.; BSEA).
  - *Peça justificativa 7 ou continuação da defesa do A. e livro intitulado, “Conheça o mundo dos Jacobinos, que ignora”; contém as anotações à Demonstração Theológica do P. António Pereira de Figueiredo, coryphee dos theólogos...*, Lisboa, Typ. de António Rodrigues Galhardo, 1823; 79 p.; 21 cm (BNP, S.C. 6008//2 P.).
  - *Peça justificativa 8, e ultimo do A. e livro intitulado “Conheça o mundo dos Jacobinos, que ignora”; contém as epístolas theológicas, que continuam a refutação das máximas irreligiosas...*, Lisboa, Typ. de António Rodrigues Galhardo, 1824; 68 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6645//7 V.).
- Traduziu do italiano: *Liga da falsa Teologia moderna com a Filosofia para damno da Igreja de Jesus Christo...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1824; 78 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6648//1 V.).
  - Porto, Typ. de S. J. Pereira, 1849.
- *Dissertação anti-revolucionária*, Lisboa, Imprensa Régia, 1810.

**Luís D.** (ca. 1817). Traduziu do castelhano:

<sup>43</sup> Segundo Pinharanda Gomes, em *A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Lisboa, Guimarães Editores, 2.<sup>a</sup> edição, 2009, p. 733; esta obra correu também com os títulos: *Rápido esboço sobre a Maçonaria* e também *Analogia entre Maçonismo e Judaísmo*.

<sup>44</sup> Sobre este autor e obra, ver SANTOS, Cândido dos, *Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime*, CITCEM - Ed. Afrontamento, FLUP, Porto, 2011, p. 217-218; Inocêncio V, p. 77.

- *História certa dos franc-massões: sua origem, doutrina e máximas...*, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1817; 122 p.; 16 cm (BNP, H.G. 3896//1 P.). Esta obra deve ter inspirado a maçonaria portuguesa.

**Martins Pascoal** / Martinets de Pasquallys (?-1774). De família portuguesa e formação judaica, caiu num ecletismo filosófico que o levou à maçonaria. Ele próprio fundou uma loja maçônica judaica. Escreveu uma obra filosófica:

- *Tratado da reintegração dos seres criados nas suas primitivas propriedades, virtudes e poderes espirituais e divinos*, Lisboa, Edições 70, 1979; trad. António Sabler; 270, 3 p.; 22 cm (BNP, F. 7493).<sup>45</sup>

**Vital Maria Gonçalves de Oliveira**, Dom Frei, OFMCap (1844-1878). Este Franciscano Capuchinho foi bispo de Olinda (Brasil) e a maçonaria fê-lo pagar cara a sua atitude antimaçônica.

- *A Maçonaria e os Jesuítas: Instrução Pastoral do Bispo de Olinda...*, Guimarães, Teixeira de Freitas, 1876 (BNP, R. 885 P.; BSEA). Ver o autor no cap. 7.1.

**Igreja Católica.** São vários os documentos da Igreja contra a maçonaria, neste período:

- Clemente XII, *In Eminenti*, 1738 (Denzinger, n.º 2511-2513).
- Bento XIV, *Providas*, 1751.
- Pio VII, *Ecclesiam a Jesu Christo*, 1821.
- Leão XII, *Quo Graviore*, 1825.
- Pio VIII, *Traditi*, 1829.
- Gregório XVI, *Mirari*, 1832.
- Pio IX, *Syllabus*, 1882.
- Leão XIII, *Humanum Genus*, 1884.

#### **Autores anónimos**

- *Ceremónias da maçonaria; simbólica dos antigos maçons livres e aceites de Portugal*, Lisboa, Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1881; 130, 13 p.; 16 cm (BNP, S.C. 13258 P.).
- *O Núncio e a maçonaria ou resposta dada à imprensa liberal às acusações feitas contra Monsenhor Masella... Por um Padre Cathólico verdadeiramente amante*

<sup>45</sup> Sobre o autor e o seu contexto político, religioso e cultural, ver PINHARANDA GOMES, *História da Filosofia Portuguesa – I. A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Guimarães Editores, 1999, p. 496-515. Esta tradução portuguesa é feita do original francês que o autor deixou inacabado, sendo completado pelos seus discípulos. É uma obra de tipologia cabalística e panteísta.

*da sua Pátria*, Lisboa, Livr. Catholica, 1882; 30 p.; 21 cm (BNP, H.G. 6582//7 V.; BSEA).

- *A Maçonaria Desmascarada ou Colecção dos Artigos do Eco de Roma...*, Guimarães, J. A. Ferreira de Freitas Guimarães [17?]; 274 p.; 21 cm (BNP, R. 29838 P.).

— Porto, 1872; 274 p.; 21 cm (BSEA).

— Guimarães, J. A. Teixeira de Freitas Guimarães, 1872; 274 p.; 21 cm (BSEA; BSL; CBAP, n.º 1273).

- *Um Verdadeiro Reformador de Frades [visual gráfico]: Uma esmolla pelo amor de Deus... Os roubados pedindo esmola ao Ladrão...*, Lisboa (?), Litografia de Manuel Antunes, ca. 1846; 22x32 cm (BNP, E. 1584 P.).<sup>46</sup>

### Tradutores anónimos

- *Os Pedreiros-Livres e os Iluminados que mais propriamente se deverião denominar os Tenebrosos, de cujas seitas se tem formado a pestilencial irmandade, a que hoje se chama Jacobinismo*, Lisboa, Imprensa Régia, 1809; 31 p.; 23 cm (BNP, H.G. 11961//8 V.; A Tradução em Portugal, 2875).
- *O véu levantado, ou o maçonismo desmascarado, isto é, o ímpio e execrando sistema dos pedreiros-livres, conspirados contra a Religião Católica, e contra o Trono dos soberanos*, Lisboa, Imprensa Liberal, 1822; autor: Jacques-François Le-franc; 279 p.; 16 cm (BNP, JHT2118).
- Traduzido do francês: *Maçonaria das Senhoras, ou a verdadeira maçonaria de Adopção precedida de algumas reflexões sobre as Lojas irregulares... oferecido às Senhoras portuguesas*, 1823 (A Tradução em Portugal, 3839).
- Traduzido do italiano: *Os Pedreiros Livres descobertos com seus ritos, toques, senhas e cifras...*, Lisboa, D. G. de Mello, 1823 (A Tradução em Portugal, 3841).
- *A franc-maçonaria em si mesma e em suas relações com as outras sociedades secretas da Europa, principalmente com o carbonarismo italiano*, Porto, Typografia de Manuel José Pereira, 1865; autor: Eduard Emil Ecknert; 2 vol.; 21 cm (CBAP, n.º 717).

<sup>46</sup> Nota da BNP: “Caricatura política provavelmente alusiva a Joaquim António de Aguiar (1792-1884), líder cartista alcunhado o “Mata-frades” devido ao seu papel na extinção das Ordens religiosas em Portugal (1834), e que viria a exercer sucessivos cargos de governação, incluindo, por três vezes, a chefia do governo. Data baseada no contexto das lutas liberais entre cartistas e setembristas, em consonância com o período de actividade do impressor”. Parece que a ironia do autor diz o seguinte: António Joaquim de Aguiar é o “reformador de frades”, ou seja, extinguiu-os simplesmente; depois, os frades ficaram à fome e pedem uma “esmola por amor de Deus” ao “ladrão”, que lhes roubou casas e terras, para sobreviverem... Deste modo, o “reformador” dá esmolos aos que ficaram à fome, isto é, “o ladrão” dá esmolos a quem roubou enormes riquezas.



## Conclusões

1. Por tudo o que vimos dizendo e constatando pelas obras acima referidas, neste período, além do regalismo e, sobretudo, depois dele, o “inimigo” que vem a terreiro contra a Igreja Católica é sobretudo a maçonaria. E tornou-se um inimigo mais perigoso que qualquer outro, porque mais hábil e secreto. Aí estava a sua força, em contraste com a fragilidade da Igreja e dos cristãos em geral, para o combater.

Assim, enquanto o poder civil nada tinha contra a maçonaria, a Igreja Católica, pelo contrário, sempre a combateu e condenou. Isto significa que havia, pelo menos neste período, uma santa aliança entre o poder político e a maçonaria.

2. Não é difícil encontrar as origens remotas da maçonaria no mundo novo que foi descoberto no período aqui estudado. Este mundo novo é o mundo das novas ciências, da luta, ou falta de diálogo, entre Razão e Fé cristã; é o mundo que materializou os seres humanos... Numa palavra, é o mundo que inicia um processo de descristianização, de degradação da Europa, cujos graves efeitos estamos a sentir plenamente no séc. XXI. Talvez tenha sido precisamente a maçonaria o principal fautor desta descristianização. Uma Europa sem cristianismo deixou de ser a Europa; perdeu a sua identidade, precisamente porque perdeu as suas raízes cristãs.

Os autores que trataram este tema, normalmente todos antimaçónicos (18), escreveram 43 obras, o que manifesta, por um lado, a força que a maçonaria tinha e, por outro, a oposição que a sociedade mais consciente manifestava contra essa seita secreta.

Como constatámos, cada um destes subtemas constitui praticamente um capítulo autónomo, que englobámos num único título acima referido. O total de autores e de obras ultrapassa o de muitos capítulos autónomos deste volume. Assim temos, nos cinco itens deste capítulo, 113 autores com 200 obras.

## Capítulo 23

### **A encíclica *Providentissimus Deus* de Leão XIII e a leitura da Bíblia (18.11.1893)**

Julgamos que a melhor maneira de terminar este 5.º volume da coletânea de *A BÍBLIA EM PORTUGAL* é um rápido olhar sobre um documento bíblico fundamental no fim deste período. Este documento papal poderá considerar-se mesmo o coroar da investigação feita sobre a Bíblia na cultura portuguesa nos séc. XVIII-XIX. Por isso, com este capítulo, sobre o primeiro grande documento bíblico oficial da Igreja, fechamos este volume, que é, ao mesmo tempo, um resumo do mesmo, assim como uma porta de saída deste período e de entrada no vol. VI, o último da coletânea (séc. XX-XXI).<sup>1</sup>

Esta foi a primeira encíclica bíblica na história da exegese, o mesmo é dizer, na história da Igreja. A encíclica nasce no tempo mais difícil, mas também mais rico e fecundo desta história. Podemos dizer que foi um parto difícil, mas feliz, da Mãe-Igreja, e uma luz para os cristãos do fim do séc. XIX, no que diz respeito à relação Bíblia-Igreja, uma relação, por vezes tensa, mesmo difícil.<sup>2</sup>

Podemos também afirmar que, falando em termos gerais, até então, não existia na Igreja uma autêntica sensibilidade bíblica, um gosto profundo pela Bíblia, uma sincera conversão à palavra de Deus. Não é difícil encontrar exemplos que comprovem esta afirmação. Citemos apenas um: numa coleção de encíclicas, editada pela Ação Católica espanhola, já em 1942 (um ano antes da *Divino Afflante Spiritu* de Pio XII, 1943), a grande encíclica bíblica de Leão XIII é simplesmente

<sup>1</sup> O texto integral desta encíclica aparece em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia (160-2010)*, Difusora Bíblica, Fátima, 2011, n.º 49, p. 168-198; Idem, *As encíclicas Providentissimus Deus de Leão XIII e Divino Afflante Spiritu de Pio XII. Dois marcos na leitura da Bíblia*, em Revista Bíblica-série científica, n.º 2, Difusora Bíblica, Fátima, 1994, p. 7-32; ainda sobre a *Providentissimus Deus*, ver Denzinger, n.º 3280-3294; *Acta Sanctae Sedis* 26, 1893-94, p. 269-292.

<sup>2</sup> Para celebrar este acontecimento, a Pontifícia Comissão Bíblica, em 23 de abril de 1993, entregou ao papa João Paulo II um documento sobre a interpretação da Bíblia, hoje. A resposta do Papa foi publicada na Revista *Bíblica*, n.º 227, julho/agosto, Difusora Bíblica, Lisboa-Fátima, 1993.

ignorada. O organizador da coleção reivindica, no Prólogo, que estas encíclicas “son las que tienen mayor actualidad...”. E continua tributando os maiores elogios a Leão XIII: “en su largo y glorioso pontificado de 25 años, trató casi todas las cuestiones agotadas en su tiempo con tal profundidad que ha merecido pasar a la posteridad con el titulo de ‘papa de las encíclicas’”. Mas não se lembrou desta.

Nem uma palavra é dita sobre a encíclica sobre Sagrada Escritura – *Providentissimus Deus* – nem sobre a importância da Bíblia para Leão XIII. No entanto, o decreto *Lamentabili sane exitu* (de Pio X: 3 de julho de 1907), contra os erros modernos, é integralmente transcrito. Por isso, o livro divide, sintomaticamente, a sua temática nos seguintes setores: *Erros modernos e doutrina política. Doutrina social. Educação e Família. Ação católica*.<sup>3</sup>

### 23.1. Circunstâncias da encíclica *Providentissimus Deus*

Se quisermos saber um pouco das circunstâncias que motivaram esta encíclica, não podemos prescindir de certas orientações que o concílio Vaticano I legou aos exegetas e teólogos católicos, perante a magnitude dos problemas que se lhes eram colocados. Viviam-se numa época especialmente científica e criticista, em que tudo era posto em questão, como temos vindo a constatar ao longo deste volume, acerca dos *ismos*; a história das religiões orientais pretendia dar explicações válidas sobre factos bíblicos controversos.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Ver *Colección de Encíclicas y Cartas Pontificias*, Secretariado de Publicaciones de la Junta Técnica Nacional de la Acción Católica Española, Casa San Pablo, Madrid, 29 de Julio de 1942. Outros exemplos poderíamos acrescentar, em coleções de documentos bíblicos na história da Igreja, onde estes primam pela ausência: Enquiridión Bíblico Bilingue, Ediciones A.F.E.B.E – Magistério oficial de la Iglesia sobre la Sagrada Escritura, Segóvia, 1954: depois do concílio de Trento, tem apenas 7 pequenos documentos, incluindo os de Pio IX acerca do concílio Vaticano I e do *Syllabus*; como documentos bíblicos até esta encíclica, apenas 33 p., numa edição bilingue (16 p.); no *Enchiridion Biblicum – Documenti della Chiese sulla Sacra Scriptura* – Edizione bilingue, EDB, Bolonha, 1993, tem apenas 36 documentos, em 130 páginas, numa edição bilingue (65 p.; em 17x11,5 cm); finalmente, em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, o. c., apresenta 48 pequenos documentos, em 73 páginas (21x15 cm). É claro que estes dados são apenas e só reveladores da falta de documentos, o que não implica, necessariamente, que a Bíblia tenha estado ausente da vida da Igreja; esta *vida* vale mais do que muitos documentos; mas a falta destes pode manifestar ausência de preocupação da hierarquia da Igreja em levar diretamente a Bíblia ao povo.

<sup>4</sup> É o caso, por exemplo, de um tal racionalista francês, chamado Luís Jacolliot que, numa viagem pela Índia, chegou à conclusão que, afinal, a religião desses povos estava na origem do cristianismo, pretendendo mostrar isso com os argumentos que lhe pareciam convincentes. As obras onde esses argumentos são despendidos levam os títulos: *A Bíblia na Índia* e *Os Filhos de Deus*. Mas encontrou pela frente um missionário franciscano, o Pe. Frei Pedro Gual, que lhe rebateu tais argumentos. A obra leva como título *A Índia Christiana ou Cartas Bíblicas contra os Livros de Luis Jacolliot “A Bíblia na Índia e Os Filhos de Deus” escritas pelo M. R. P. Frei Pedro Gual*

A arqueologia do Médio Oriente dava os primeiros resultados palpáveis; as línguas semitas, mormente as da Bíblia, assumiam toda a sua importância; a paleontologia e o evolucionismo antropológico punham em questão a reinante visão historicista da Bíblia; a descoberta de relatos babilônicos de criação e de dilúvios parecia anteceder os relatos bíblicos sobre o mesmo assunto; estes e muitos outros problemas de tipologia científica deixavam os exegetas católicos sem armas para se defenderem. O protestantismo liberal – sem as coações do Magistério da Igreja e na posse plena de todos os dados das ciências auxiliares dos estudos bíblicos – jogava sozinho no tabuleiro da exegese bíblica.

### 23.1.1. O concílio de Trento, antecedente remoto da *Providentissimus Deus*

Não podemos falar da relação da Igreja com a Bíblia, nos tempos modernos, sem um olhar retrospectivo, inclusive para os tempos da Reforma, que antecederam e se seguiram ao concílio de Trento. Este é um marco importantíssimo na história da Igreja e, conseqüentemente, também na relação Bíblia-Igreja, antes da encíclica *Providentissimus Deus*. Efetivamente, o estado da questão Bíblia-Igreja nos seus documentos mais importantes sobre a Bíblia, antes da *Divino Afflante Spiritu* e do concílio Vaticano II, é o reflexo, em grande parte, da atitude apologetica antiprotestante da Igreja, antes, durante e depois do concílio de Trento. Porque o protestantismo tinha relegado para segundo plano a maior parte dos sacramentos, dando o primeiríssimo posto à Bíblia, a Igreja reagiu, limitando o uso da Bíblia aos católicos, por medo de protestantismo.

É sabido que, na posse do princípio da “sola Scriptura”, o protestantismo transformou-se na “religião da Bíblia”, fazendo da mesma o absoluto da sua vida espiritual, da pregação e do seu estudo. Esta convicção levou os seus teólogos a absolutizar a Bíblia como palavra de Deus e como livro, na sua materialidade literária. Deste modo, a inspiração da Sagrada Escritura foi definida como um “ditado” do Espírito Santo. Calvino afirma, a este propósito:

“É este o princípio que distingue a nossa religião de todas as outras: sabemos que Deus nos falou e estamos igualmente seguros de que os profetas não falaram por sua própria iniciativa, mas como *órgãos, instrumentos do Espírito Santo*, que anunciaram apenas aquilo que receberam do Alto... A Lei e os Profetas não são, efetivamente, uma doutrina entregue ao apetite ou à vontade dos homens, mas uma doutrina *ditada pelo Espírito Santo*. As Escrituras... não

---

*e traduzidas por Joaquim Pinto de Campos, Paris, E. Plon et C.<sup>te</sup> e A. Roger et Chernoviz, editores, 1882. Tratava-se, pois, de uma tentativa racionalista de desvirtuar os fundamentos divinos e históricos do cristianismo.*

podem dar plena certeza junto dos fiéis a nenhum outro título, senão a este: quando os fiéis tiverem como dado certo e definitivo que as Escrituras vieram do céu e que, nelas, os cristãos ouvem Deus a falar com a Sua própria boca”.<sup>5</sup>

Esta era também a convicção dos teólogos católicos, que ficou exarada no concílio de Trento (IV Sessão, 8 de abril de 1546). O que distinguia, então, as posições da Igreja das do protestantismo, em matéria de inspiração bíblica? Era a aplicação do conceito de “ditado do Espírito Santo”, não tanto à Bíblia, em geral, e ao Evangelho, em particular, mas às tradições que se referem à fé e aos costumes como sendo “ditadas por Cristo ou pelo Espírito Santo e conservadas na Igreja sem qualquer interrupção”.<sup>6</sup> O “ditado do Espírito Santo”, que era aplicado apenas às tradições orais, será aplicado depois, na *Providentissimus Deus*, aos Livros sagrados, como modo de defender a verdade da Bíblia e a ação de Deus, fonte primária da Escritura:

“Efetivamente, todos os livros que a Igreja recebeu como sagrados e canónicos, em todas as suas partes, foram escritos por ditado do Espírito Santo. Bem longe, pois, que qualquer erro possa ligar-se à inspiração divina; pois, não somente esta, por si mesma, exclui todo o erro, como também exclui e a ele repugna necessariamente, quão necessariamente Deus, suma verdade, não pode ser autor de erro algum”.<sup>7</sup>

O mesmo acontece na *Spiritus Paraclitus*, de Bento XV, que refere a doutrina de S. Jerónimo sobre a inspiração da palavra de Deus:

“Os livros sagrados – afirma ele – foram compostos sob a inspiração, ou sugestão, ou insinuação, ou mesmo ditado do Espírito Santo; muito mais, foi o próprio Espírito quem os redigiu e publicou. Mas, de forma nenhuma, duvida de que cada um dos seus autores tenha, segundo o seu carácter e engenho, prestado livremente o seu concurso à inspiração divina” (n.º 8).<sup>8</sup>

E, nestas palavras de Bento XV, em 1920, estamos já longe da afirmação não só do concílio de Trento, mas também dos teólogos posteriores que, como Dominico Bañes, afirmavam que o Espírito Santo não só ditou o seu conteúdo mas também cada uma das palavras da Bíblia.<sup>9</sup> Estamos muito longe da distinção

<sup>5</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>6</sup> “... Hanc veritatem et disciplinam contineri in libris scriptis et sine scripto traditionibus, quae ab ipsius Christi ore ab Apostolis receptae, aut ab ipsis Apostolis Spiritu Sancto dictante quasi per manus traditae ad nos usque pervenerunt...” (Denzinger, o. c., n.º 1501.

<sup>7</sup> Ver EB 89; 124; ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, Difusora Bíblica, Gráfica de Coimbra, Fátima, 2010, n.º 83, p. 193.

<sup>8</sup> Ver ALVES, H., *Documentos da Igreja*, n.º 100, p. 360.

<sup>9</sup> “Spiritus Sanctus non solum res in Scriptura contentas inspiravit, sed itam singula verba quibus

entre inspiração e modo de falar de Deus aos homens, entre mensagem e linguagem, tema que vai ser apanágio da *Divino Afflante Spiritu*, de Pio XII (1943, no 50.º ano da *Providentissimus Deus*).

Para resumir este polémico assunto, poderíamos dizer que o protestantismo se agarrava a duas coisas essenciais, que lhe deram grande sucesso:

- a) a *sola Scriptura* (unicamente a Escritura) nas línguas vulgares, para que todo o povo pudesse alimentar-se com a palavra de Deus;
- b) a *justificação apenas pela fé*. O primeiro princípio supunha a Escritura sem entraves nem censuras por parte da autoridade eclesiástica. Porque, se foi o Espírito Santo quem inspirou a palavra de Deus, Ele é o único qualificado para a explicar e interpretar. Desta interpretação pelo Espírito, Lutero deduz o princípio da “claridade divina” (*divina claritas*).

Segundo este princípio, a Escritura explicar-se-ia por si mesma, corretamente, sem necessidade das explicações da Igreja, da Tradição e dos peritos na exegese bíblica. De tudo isto, deduziu Lutero o princípio da *autopistia*, isto é, a Escritura é credível em si mesma e por si mesma. Daqui, ao chamado *livre exame* da Escritura, vai um passo. A partir destes princípios, Lutero e os seus seguidores deduziram um outro princípio fundamental: a salvação pela fé, como resultado, não das “obras”, mas “unicamente da graça” (*sola gratia*).

Temos, portanto, três princípios fundamentais, que irão ser – até hoje – os pomos de discórdia na relação da Igreja Católica - Protestantismo, no campo das ciências bíblicas: *sola Scriptura*, *solus Spiritus* e *sola gratia*. Mas, com o movimento ecuménico em ação, estas quesílias teológicas diluíram-se substancialmente entre as grandes Igrejas tradicionais protestantes, por um lado, e a Igreja Católica, por outro.<sup>10</sup>

### 23.1.2. Do concílio de Trento à *Providentissimus Deus*

Para além do que foi referido, sobretudo no vol. III desta coletânea, este período não nos oferece grandes novidades. Separados que estavam os dois campos e extremadas as posições católica e protestante, cada um partiu para o seu campo de ação, só se encontrando, fortuitamente, para ataques recíprocos, em que religião e política andavam frequentemente de mãos dadas. Pelo lado protestante, seguiu-se o chamado período da *ortodoxia protestante* em que os teólogos

scribentur dictavit atque suggestit”, BAÑES, D., *In Primam Partem Summae Theologicae*, q. 1, a. 8.

<sup>10</sup> Ver ALVES, H., *Documentos da Igreja*, p. 49-53; ver ainda o vol. III da coletânea *A Bíblia em Portugal*, p. 67-103 (cap. 2).

sistematizam os grandes princípios de Lutero e dos outros mentores da Reforma, levando-os até às últimas consequências. Agarrados à *veritas hebraica* de S. Jerónimo, chegam mesmo a considerar inspirados os mínimos pormenores do texto original hebraico, contestando todas as traduções, sobretudo a Setenta e a Vulgata de S. Jerónimo, que o concílio de Trento tinha quase canonizado.<sup>11</sup>

Por parte da Igreja Católica houve certamente um despertar para uma maior atenção à Bíblia, sobretudo por meio de grandes comentários, como o de Roberto Belarmino († 1621), o de Cornélio a Lápide († 1637) e, quase um século depois, o de Dom Augustin Calmet (*Commentaire littéral sur tous les livres de l'Ancient et du Nouveau Testament*, de 20.000 páginas); este é uma espécie de enciclopédia de tudo o que então se dizia e sabia sobre cada um dos versículos da Bíblia. No entanto, a Igreja Católica também descansou nas definições dogmáticas e nas orientações legislativas do concílio de Trento.

Por isso, é, no mínimo, curioso que, durante três séculos, a Igreja nada tenha dito oficialmente sobre a Bíblia, em declarações solenes. Consultando a edição do *Enchiridion Biblicum*, encontramos apenas um “breve” de Pio VI (20 de setembro de 1779) sobre a interpretação de Is 7,14 à luz de Mt 1,22.<sup>12</sup> Isto é quase tudo o que existe como documento solene da hierarquia entre a profissão de fé tridentina, de 1564, e o *Syllabus* de Pio IX (8 de dezembro de 1864). São exatamente três séculos em que se considera a Bíblia encerrada em dogmas ou, então, como objeto de grandes e perspicazes discussões, como são as de Melchior Cano, Lessius e a sua Universidade de Lovaina. Temas certamente importantes para a Teologia católica sobre os problemas da inspiração bíblica, mas irrelevantes para o povo católico em geral.

Mas o pior serviço que os teólogos católicos prestaram à Bíblia, tanto neste período como nos seguintes, foi colocá-la ao serviço da Teologia e fazer desta uma apologética. A Teologia converte-se num conjunto de “lugares teológicos” onde se buscam argumentos para atacar e defender o dogma; e a Bíblia torna-se um desses lugares teológicos. Nesse caso, a missão do “exegeta” foi a de preparar os textos bíblicos, que o teólogo-exegeta irá utilizar contra um qualquer inimigo. A Bíblia tornara-se, de facto, “serva da Teologia”. Foi com a *Divino Afflante Spi-*

<sup>11</sup> O Concílio reza assim: “O santo Concílio, considerando que seria de grande utilidade para a Igreja de Deus se, entre todas as edições latinas que andam em circulação, uma delas fosse aceite como autêntica; declara, pois, que a edição antiga, Vulgata, que, pela longa utilização ao longo de tantos séculos, foi aprovada pela Igreja, seja aceite como autêntica, nos cursos de Bíblia, nas dissertações e nas pregações públicas, de modo que ninguém se atreva a repudiá-la sob nenhum pretexto” (Ver ALVES, H., *Documentos da Igreja*, n.º 33, p. 130; Denzinger, n.º 1506).

<sup>12</sup> Ver *Enquiridión Bíblico Bilingue*, Ediciones A.F.E.B.E – Magistério oficial de la Iglesia sobre la Sagrada Escritura, Segóvia, 1954, p. 65-67.



*ritu* e com o Vaticano II que a Bíblia veio ocupar novamente o primeiro lugar, o que acontecia, por direito próprio, nas primeiras comunidades cristãs e nos Padres da Igreja. No Vaticano II, ela passa de serva da Teologia a “alma da Teologia” (DV 24).

### **23.1.3. O racionalismo e o liberalismo protestante, antecedentes imediatos da *Providentissimus Deus***

O segundo período, que condiciona diretamente a encíclica *Providentissimus Deus*, caracteriza-se pelo espírito científico da sociedade, devido ao aparecimento de novas ciências e pelo liberalismo protestante. Cada um destes fatores tem as suas próprias causas; mas os dois conjugam, eventualmente, os seus esforços para um mais profundo estudo científico da Bíblia. Este período pode estender-se, em traços muito gerais, pelos séculos XVIII e XIX, continuando, depois, até meados do séc. XX.

Sabemos que a colonização de outros povos e de outros hemisférios tinha despertado o apetite pelas ciências naturais, e as primeiras descobertas arqueológicas no Médio Oriente tinham feito renascer a curiosidade pelas culturas do povo da Bíblia e dos seus vizinhos. Descobre-se que, afinal, nem tudo o que está escrito na Bíblia caiu do céu, senão que pertence também a um povo, a uma cultura e mesmo a uma série de povos do Médio Oriente Antigo. Nasce, assim, o *orientalismo* e, com ele, os estudos comparados da Bíblia com outras literaturas antigas vizinhas do povo bíblico. Especial atenção recebem, já neste período, a Arqueologia, as Literaturas e a História, que se tornam ciências “obrigatórias” para os estudos bíblicos. Começam a surgir sociedades, revistas e outras publicações de carácter bíblico, sobretudo no campo científico de influência protestante.<sup>13</sup>

Mas o mérito destas investigações, no campo das ciências bíblicas, não estava restrito aos cientistas protestantes; este período teve no padre oratoriano francês Richard Simon (1638-1712) o seu grande precursor. Ele foi justamente considerado pelos exegetas alemães, seus contemporâneos (Joh. David Michaelis, Semler e Herder), o “pai da Crítica moderna”. Antes de H. Gunkel e Wellhausen, devem-se a ele os primeiros estudos críticos da Bíblia, no especto literário e histórico. Homem da Igreja e diferente dos estudiosos racionalistas do seu tempo, R. Simon alia os estudos críticos à fé e à Teologia. No entanto, atacado por Bossuet e por outros espíritos tradicionalistas do seu tempo, e vendo a sua obra, *Histoire*

<sup>13</sup> Em 1795 é fundada a *École Nationale des Langues Orientales* e o *Institut d'Égypte* aparece no seguimento das campanhas napoleónicas naquela região, em 1798; a partir de 1850, são decifrados textos do Egipto e da Assíria; ver cap. 5: *Bíblia e Ciências Modernas*.

*critique de l'Ancien Testament* (1678), ir parar ao *Índice* dos livros proibidos, R. Simon mergulhava num esquecimento injusto.

Deste modo, a exegese católica perdeu uma oportunidade flagrante de sair de um tradicionalismo fechado às ciências, que poderia ter colocado a Bíblia no lugar que lhe cabe na Teologia católica. Desperdiçada esta oportunidade de conciliar, já nessa altura, a Bíblia com a ciência, a Igreja deixou o passo livre ao racionalismo exagerado e, por vezes, ateu, que saiu do campo protestante, onde eram permitidas todas as liberdades de pensamento e de escrita.

Os estudiosos dos séc. XVIII e XIX, na sua generalidade, entusiasmados pelas novas ciências, utilizando como método o comparativismo histórico e deixando de lado a fé, consideraram a Bíblia apenas como um livro humano. A fé não cabia nas novas ciências e teve que sujeitar-se à razão.

Tinha acabado definitivamente o sistema medieval da fé como senhora e dominadora das ciências. Já não era possível um outro Galileu, nem outro R. Simon. A religião, de sacrificadora passa a vítima. É a “vingança” da ciência sobre a fé. A *Weltanschauung* “moderna” pouco tinha a ver com a católica, no campo bíblico. Como já foi dito no primeiro capítulo, podemos dizer que este período tem três características essenciais:

- a) o liberalismo europeu tinha ideias anticlericais, sobretudo na França e na Alemanha (*Kulturkampf*);
- b) a luta política do governo italiano contra os Estados Pontifícios;
- c) o entusiasmo eufórico pelas novas ciências. Estas são endeusadas, como se fossem capazes de oferecer a solução de todos os problemas humanos.

Perante as novas situações, que vai fazer a Igreja? *Mutatis mutandis*, a sua atitude não diferiu muito da posição perante o protestantismo, durante e depois do concílio de Trento: fechou-se, estrategicamente, em afirmações dogmáticas da tradição eclesial e contra-atacou, na defesa dos valores humanos e evangélicos em que acreditava. A prudência foi a sua melhor arma. Assim, suspeitava de tudo o que “cheirava” a novidade e a ciência em relação com a Bíblia. Desconfiava dos novos métodos, tentando provar a historicidade de tudo, inclusive dos 12 primeiros capítulos da Bíblia. As teses de R. Simon não tinham deixado grandes raízes. Esta posição oficial católica está espelhada, no que diz respeito a autores franceses, em obras como o *Manuel Biblique* (1876) de F. Vigouroux e Bacuez, assim como no *Cursus Scripturae Sacrae* (1886), de R. Cornely. Uma certa abertura notou-se, contudo, no *Dictionnaire de la Bible*, dirigido por F. Vigouroux (1891-1912).

### 23.1.4. As traduções da Bíblia em línguas vernáculas

Quanto às traduções e à leitura da Bíblia, em línguas vernáculas, depois da “canonização” da Vulgata Latina pelo concílio de Trento e das regras impostas para a impressão e divulgação da Bíblia e outros livros religiosos, o panorama não era muito mais animador.<sup>14</sup> Por vezes, a severidade dos inquisidores era mais rígida do que a do próprio legislador. Assim, o primeiro *Índice* espanhol, de 1551, mandou queimar todas as Bíblias em vernáculo; Fr. Luís de Leon, que tinha publicado a tradução do Cântico dos Cânticos, mereceu cinco anos de cadeia; e a tradução dos Salmos, feita por Fr. Luís de Granada em 1580, só pôde ser publicada em 1801.

O *Índice* de 1564, que recolhia grande parte das discussões do concílio de Trento, permitia a leitura da Bíblia em língua vulgar com licença do pároco, do confessor ou do superior religioso; e a Bíblia latina era permitida aos doutos, mas com licença do bispo.

A constituição apostólica *Unigenitus Dei Filius*, de Clemente XI, em 1713, condena, num conjunto de 101 proposições, também as que afirmam a necessidade da leitura da Sagrada Escritura para todos os fiéis (proposições 79-85).<sup>15</sup> No fim do séc. XVIII, a Igreja liberalizou um pouco mais esta legislação, com um Breve de Bento XIV, datado de 23 de dezembro de 1757, em que se permitia ler a Bíblia em línguas vulgares, na condição de serem aprovadas pela autoridade eclesiástica, de terem notas explicativas e de serem feitas no espírito de tradição, por sábios católicos. No entanto, em Espanha, por exemplo, a proibição de editar Bíblias em língua vulgar só foi levantada em 1782.<sup>16</sup>

Tudo isto é consequência da Igreja “tridentina”, caracterizada pela oralidade, pelo barroco e pelas devoções, que avança timidamente para uma “Igreja da Escritura impressa”.<sup>17</sup> No séc. XIX, a abertura às traduções e leitura da Bíblia nas línguas do povo foi ainda muito tímida: Gregório XVI, na encíclica *Inter prae-cipuas machinationes*, de 8 de maio de 1844, mostrava grande receio de que tais traduções trouxessem mais males do que proveito para o povo católico e colocava

<sup>14</sup> O decreto de Trento sobre as edições da Bíblia segue, como é compreensível nessa altura, um critério muito restritivo. Todos os documentos que mais interessam a assuntos bíblicos, em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, p. 127-138.

<sup>15</sup> Ver Denzinger, n.º 2400-2502 (sobretudo n.º 2479-2485); DBS XII, col. 471.

<sup>16</sup> Ver DBS XII, col. 471.

<sup>17</sup> Ver DBS, *ibidem*.

grandes interrogações acerca do trabalho das Sociedades Bíblicas.<sup>18</sup> Pio VII, em 1816, e Leão XII, em 1824, tinham manifestado idênticos receios.<sup>19</sup>

Na mesma época, na Alemanha, mais liberal nas ideias, mais protestante e menos católica, surgiram nomes que deram o início ao estudo dos Evangelhos, mas com a marca do racionalismo: W.M.L. de Wette († 1849); F. C. Baur († 1860), D. F. Strauss († 1874) e outros. Era o domínio do racionalismo, em que a figura de Jesus foi des-espiritualizada. Todos esses nomes e muitos outros, com as suas teses, são o verdadeiro pano de fundo do texto da *Providentissimus Deus*.

Ao ler a encíclica, sentimos que o Papa está a responder a todas estas teorias sobre a interpretação da Bíblia, em geral, e dos Evangelhos, em particular. Mas parte delas já tinham sido solenemente condenadas por Pio IX, na encíclica *Quanta cura*, e no seu suplemento, o *Syllabus* ou coleção de erros, de 8 de dezembro de 1864.<sup>20</sup> Curiosamente, os dois documentos são promulgados um ano depois da *Vida de Jesus* de Renan e no mesmo ano da *Vida de Jesus* de Strauss. Era a resposta católica oficial ao liberalismo “bíblico” do século XIX. Trata-se de uma enorme lista de 80 erros, o 7.º dos quais reza assim:

“As profecias e os milagres expostos e referidos nas Santas Escrituras são ficções de poetas; e os mistérios da fé cristã são resultado de investigações filosóficas; nos livros de um e outro Testamento há invenções míticas, e o próprio Jesus Cristo é uma ficção mítica”.<sup>21</sup>

### 23.1.5. O concílio Vaticano I e o contexto de *Providentissimus Deus* (1869-1870)

É nestas circunstâncias, ao mesmo tempo dramáticas e prometedoras, que a Igreja sente a necessidade de reunir um concílio ecuménico. Foi o concílio Vaticano I, celebrado entre 8 de dezembro de 1869 e 20 de outubro de 1870. Com a *Providentissimus Deus*, este Concílio apresenta a resposta da Igreja ao chamado

<sup>18</sup> Ver Denzinger, n.º 2771-2772.

<sup>19</sup> Carta *Magno et acerbo*, de 3 de setembro de 1816, em Denzinger, n.º 2710-2712; encíclica *Ubi Primum*, de 5 de maio de 1824, no n.º 2720, respetivamente.

<sup>20</sup> Ver Denzinger, n.º 2890-2896; *Le Syllabus et l'encyclique - texte officiel et quelques notes*, Paris, 1873.

<sup>21</sup> Ver Denzinger, n.º 2890-2980 (2907); *Doctrina Pontificia*, I, *Documentos Bíblicos*, BAC, Madrid, 1955, p. 192. O concílio Vaticano I fez sua esta proposição (cânon 4.º da III Sessão), mas argumenta, seguindo o concílio de Trento (decreto *Sacrossanta*, de 1546), com a Escritura (ver DBS XII, col. 499). Veja-se o texto português em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 46, p. 164.

*modernismo*. Dadas as graves circunstâncias político-militares em que a cidade de Roma estava envolvida, este Concílio foi interrompido.

Não tendo sido um Concílio com grandes preocupações diretamente bíblicas, pouco mais fez do que reafirmar as questões já definidas no de Trento.<sup>22</sup> Daqui não veio, portanto, um grande contributo bíblico para a Igreja, antes da *Providentissimus Deus* (1893). No entanto, o Concílio respondeu solenemente a um problema que há muito entrava nas discussões de teólogos e exegetas, que era o da relação entre canonicidade, inspiração e autoridade da Igreja, já reafirmado pelo concílio de Trento:

“... E os livros do Antigo e Novo Testamento, integralmente, com todas as suas partes... A Igreja considera-os sagrados e canónicos, não porque foram escritos unicamente pelo esforço humano e depois aprovados com a autoridade da Igreja; nem unicamente porque contêm a Revelação sem erro, senão porque, tendo sido escritos pela inspiração do Espírito Santo, têm Deus por autor e, como tais, foram entregues à Igreja”.<sup>23</sup>

Mas, antes de um breve comentário da encíclica *Providentissimus Deus*, não podemos deixar de referir a famosa *Questão Bíblica*,<sup>24</sup> que deu muito brado na mesma época e que se situava na difícil relação entre as ciências modernas e a inerrância bíblica. Mons. D’Hulst, primeiro reitor do Instituto Católico de Paris, defendia aquilo a que ele próprio chamava, nesta matéria, a “*École large*”, na qual se incluía Renan, recentemente falecido, e o não menos famoso Loisy, também professor na mesma Universidade Católica. Esta “escola” defendia que a inspiração bíblica “garantia ao escrito a ausência de todo o erro, em matéria de fé e de moral; mas não passaria para além disso”.

<sup>22</sup> Ver Const. Dogmática *Dei Filius*, Denzinger, n.º 3000-3045. Os documentos bíblicos em língua portuguesa, que mais nos interessam, encontram-se em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 46, p. 163-164. Sobre Portugal e o concílio Vaticano I, ver BARBOSA, David Sampaio, *O Concílio Vaticano I e o governo português (1869-1870)*, em *Lusitania Sacra* 1, 2.ª Série, 1989, p. 11-40.

<sup>23</sup> Ver ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 46, p. 164; sobre os documentos oficiais do concílio Vaticano I, ver Igreja Católica. Concílio Ecuménico Vaticano, *Acta et Decreta Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani: In Quatuor Prioribus Sessionibus*, Romae, Ex Typ. Vaticana, 1872; V, 359 p.; 25 cm (BNP, R. 220 V.; CBAP, n.º 6); Denzinger, n.º 3000-3075.

<sup>24</sup> *La question biblique* era, efectivamente, o título de um artigo publicado pelo primeiro reitor do Instituto Católico de Paris, Mons. d’Hulst. Este artigo apareceu depois da morte de Renan, em 1892, no jornal *Le Correspondant*, em 25 de janeiro de 1893, p. 201-251 (ver *Le monde Contemporain et la Bible*, BTT 8, Paris, 1985, p. 390, nota 9). No referido artigo, Mons. d’Hulst distinguia, no interior da exegese católica, duas “escolas”: “celle qui reçoit comme histoire vraie, infaillible en vertu de l’inspiration, toute narration qui n’a pas le caractère évident d’une parabole”. A segunda escola é a que ele chama “*École large* qui croit pouvoir faire un triage dans les récits bibliques d’après les procédés de la critique historique” (p. 228); ver DBS XII, col. 499.

Pretendia-se, com esta teoria, resolver o problema da linguagem da Bíblia e das suas deficiências histórico-científicas para transmitir a verdade teológica. Aquela era o “veículo” desta: “Quando o autor humano utiliza documentos humanos, (Deus) só intervém para corrigir as suas imperfeições e inexatidões, na medida em que estas se opõem à finalidade dogmática e moral da inspiração”.<sup>25</sup> A encíclica de Leão XIII, como veremos, irá enfrentar este problema, mas ainda sem os instrumentos da linguística, sobretudo dos géneros literários, que serão apanágio da *Divino Afflante Spiritu*, de Pio XII (1943).

Durante o tempo da *Questão Bíblica*, o clero, em geral, vivia à margem destes grandes problemas, e o estudo da Bíblia não merecia, por parte dos professores dos Seminários, mais que uma hora por semana, para preencher o horário, como se queixava o bispo de La Rochelle em 1901. Por outro lado, grandes professores católicos, sobretudo do Seminário de S. Sulpício, em Paris, dedicaram-se ao estudo das línguas orientais, deixando para os teólogos um concordismo algo grosseiro, entre as ciências e o texto da Bíblia.<sup>26</sup>

Os que pretendiam avançar para uma sã separação de campos entre Bíblia e Ciência, como foi o caso de Alfred Loisy e François Lenormant, eram ameaçados pelos apologistas-teólogos, que levavam as obras daqueles ao *Índice* dos livros proibidos. Apesar de todas estas contradições, surgem nesta altura grandes exegetas católicos, tais como os já citados Mons. D’Hulst.<sup>27</sup> Mas acompanhavam-no, na mesma luta, Alfred Loisy, os Padres Duchesne, Batiffol e sobretudo Lagrange, o maior representante da *Questão Bíblica* e fundador da *École Biblique* de Jerusalém (1890).<sup>28</sup> Este tinha recebido da parte dos seus superiores a incumbência

<sup>25</sup> Sobre a “Questão Bíblica”, ver *Doctrina Pontificia...*, o. c., p. 34-48 (p. 41).

<sup>26</sup> Ver *Le Monde Contemporain et la Bible*, BTT 8, Paris, 1985, p. 394, nota 28.

<sup>27</sup> A prova de que o reitor do Instituto Católico era um homem moderado e pretendia encontrar os caminhos seguros para a exegese católica é que ele tanto se opõe aos homens de ciência, por se servirem da Bíblia para atacar a Igreja, como aos homens da Igreja, por não distribuírem aos fiéis o pão da palavra de Deus. A este propósito, afirma, na linha dos Santos Padres, aquilo que será consagrado pela *Dei Verbum*: “La Bible et l’ Eucharistie sont deux formes du pain vivant descendu du ciel. Y croire est nécessaire pour s’en *nourrir*; mais il faut encore le manger” (em *La Question Biblique, Le Correspondant*, 134 (1893), p. 243; ver *Le Monde Contemporain et la Bible*, BTT 8, Paris, 1985, p. 391); *Dei Verbum*, n.º 21.

<sup>28</sup> O Pe. Lagrange não teve dificuldade em rodear-se de uma plêiade de nomes famosos nos estudos bíblicos, como os padres sulpicianos M. Vigouroux e M. Le Camus; os Jesuítas Cornély, Corluy, Knabenbauer, Van Kasteren; os Dominicanos Didon, Faucher, Lacôme, Ollivier e Scheil; os sacerdotes diocesanos Batiffol, Hyvernat, Thomas e Jacquier (ver *Nouvelle Revue Théologique*, outubro, 1946, p. 650, nota 2).

direta de estudar a Bíblia cientificamente, na dita escola, projeto que o papa Leão XIII abençoou pessoalmente em 1892.<sup>29</sup>

É nessa escola que nascerá a primeira grande revista católica de estudos bíblicos, a *Revue Biblique* (em 1892). Para responder à *Questão Bíblica* (que atingira o seu ponto quente em janeiro de 1893) e a outras, depois de toda esta história atribulada, com as suas luzes e sombras, marcadas pelas curvas da História e pela sempre difícil escolha entre palavra de Deus e palavra dos homens, em 1893, Leão XIII promulgou a primeira encíclica bíblica da História. No seu texto, o Pe. Lagrange deixou, certamente, as marcas do seu génio e da sua profunda obediência à Igreja. Uma nova era começava para os estudos bíblicos.<sup>30</sup>

### 23.1.6. O avanço das ciências modernas

As novas ciências, sobretudo acerca do ambiente cultural e geográfico da Palestina e dos países vizinhos, vinham apresentar novos problemas à interpretação da Bíblia, pondo em causa a tradicional interpretação historicista desses textos antigos. Os cientistas da época punham sob o estigma do ridículo muitas leituras desses textos feitas, não apenas na Igreja Católica, mas também nas Igrejas protestantes (veja-se o que foi dito no cap. 5: *Bíblia e Ciências Modernas*).

### 23.1.7. A inspiração e verdade da Bíblia

O problema coloca-se, se não se tiver em conta a diferença entre verdade histórica e verdade de fé. O perigo da leitura historicista consistia em confundir os dois tipos de verdade. Sabemos hoje que a verdade histórica, ou melhor, a linguagem da história não é mais do que um dos veículos da transmissão da verdade bíblica, a revelada por Deus: a verdade da fé, que não se confunde com a verdade histórica.

Trata-se do problema mais vasto da conceção de inspiração e verdade na Bíblia. O arauto de uma nova conceção foi Augusto Rohling que, a partir de 1872, começou a defender a tese de que a Bíblia é inspirada apenas nos textos que tratam de fé e costumes.<sup>31</sup> Esta teoria, defendida *grosso modo*, também por Lenormant (1837-1883), pelo cardeal Newman e pelo reitor do Instituto Católico

<sup>29</sup> Ver Carta de Leão XIII ao Pe. Lagrange, em ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 48, p. 166-167.

<sup>30</sup> Ver THEOBALD, C., *L'Exégèse catholique au moment de la crise moderniste*, em *Le Monde Contemporain et la Bible*, BTT 8, Paris, 1985, p. 387s.

<sup>31</sup> ROHLING, Augusto, *Die Inspiration der Bibel und ihre Bedeutung für die freie Forschung*, em *Natur und Offenbarung*, 18 (1872), p. 97-108.



de Paris, Mons. D’Hulst, deixava muitos teólogos perplexos, o que levou a uma intervenção do papa Leão XIII. Começava a famosa “Questão Bíblica”.<sup>32</sup>

### 23.1.8. A “Questão Bíblica” e o racionalismo

Esta “Questão” tem origem, em grande parte, na obra de Loisy (1857-1940), professor do Instituto Católico de Paris, onde Mons. D’Hulst era reitor e o defendeu até ao fim. Loisy sofrera influências de Ernest Renan, autor de uma *Vida de Jesus*, que tivera um enorme sucesso e abria novos caminhos à exegese bíblica. Apesar disso, estes dois últimos foram condenados pela Igreja, e Mons. D’Hulst ia tendo o mesmo caminho, se não fosse o acolhimento que teve perante o próprio papa Leão XIII.<sup>33</sup>

Esta encíclica aparece quando as ciências dão passos de gigante, e os exegetas católicos se encontram sem caminhos definidos. Leão XIII, no meio desta tormenta de ideias e de ideologias opostas, assina a encíclica *Providentissimus Deus*, a 18 de novembro de 1893. Era um marco importante numa crise de crescimento da exegese católica.

Duas tendências, no entanto, se perfilam mais definidas, no ambiente francês: uma, conservadora dos valores tridentinos e do Vaticano I, representada pelo *Dictionnaire de la Bible* de F. Vigouroux; outra, mais progressista, representada por Renan, A. Loisy e pelo dominicano Pe. Lagrange. Este, acalentado pelo papa Leão XIII, parte, em março de 1890, para Jerusalém, a fim de aí fundar a *École Biblique et Archéologique Française*, o mais importante centro de irradiação da exegese católica, nessa época, e onde será editada a *Revue Biblique*. Foi ele, certamente, quem mais influenciou, direta ou indiretamente, na doutrina da *Providentissi-*

<sup>32</sup> Esta expressão – *La Question Biblique* – teve a sua origem num artigo de Mons. D’Hulst publicado em *Le Correspondant*, de 25.01.1893. Neste artigo, o reitor do Instituto Católico de Paris defendia Loisy (e muitos outros), ao apresentar uma conceção “larga” de inspiração, para resolver o impasse em que tinha caído a exegese católica confrontada com as novas ciências e o estudo das línguas e literaturas semitas: a inspiração bíblica seria limitada apenas a questões de fé e de costumes. François Lenormant, um leigo católico de Paris, contesta também o historicismo bíblico reinante nos biblistas católicos, teoria que expõe na obra: *Les origines de l’Histoire d’après la Bible et les traditions des peuples orientaux*, Paris, 1880-1882, em três volumes; 2.<sup>a</sup> edição, 1880-1884; com uma tradução em inglês, NY, 1882. Lenormant entra mesmo na análise do texto bíblico com a obra: *La Genèse, traduction d’après l’hébreu avec distinction des éléments constitutifs du texte, suivie d’une restitution des livres primitifs dont s’est servi le dernier rédacteur*, Paris, 1883; tradução inglesa, Londres, 1886. Sobre este autor, ver DBS V, col. 354-359.

<sup>33</sup> Sobre Alfred-Firmin Loisy e sua obra, pode consultar-se BONSIRVEN, J., em DBS V, col. 530-544. Sobre Joseph-Ernest Renan, (1823-1892), ib., X, col. 277-344 (de Y. Marchasson); ver também GILBERT, Maurice, *Cinquant’anni di magistero romano sull’ermeneutica biblica – Leone XIII (1893) – Pio XII (1943)*, em Vv., *Chiesa e Sacra Scrittura – un secolo di magistero ecclesiastico e studi Biblici*, Subsídium Biblica 17, Ed. Pontificio Istituto Bíblico, Roma, p. 12-13.

*mus Deus*, como já dissemos. Entretanto, Loisy será condenado por desobediência à Igreja; Lagrange, por seu lado, apesar de muitos sofrimentos, manteve-se fiel à ortodoxia e foi um dos luminares dos estudos bíblicos na época moderna.

### 23.1.9. As soluções da encíclica

Falámos do contexto da encíclica. Mas quais foram as soluções que ela trouxe para a exegese católica? Ao longo de 99 parágrafos ou números, Leão XIII fala da inspiração da Bíblia e da inerrância, ou seja, da ausência de erros na Bíblia; oferece critérios de hermenêutica teológica e normas de crítica histórica; insiste na necessidade de estudos bíblicos aprofundados nas escolas católicas e nos Seminários; em relação ao Cânon dos livros inspirados, assume os dos concílios de Trento e do Vaticano I.

“A finalidade de Leão XIII era dupla: antes de mais, queria promover os estudos bíblicos na Igreja, mais precisamente, nos Seminários, nos quais são formados os futuros sacerdotes; em segundo lugar, pretendia assegurar a defesa da Bíblia perante os ataques que lhe eram dirigidos. Sobre estes dois pontos – promover e defender – o papa pretendia apresentar uma direção clara. Antes de o fazer, recordava, com factos concretos, como a Igreja, seguindo o exemplo de Cristo e dos Apóstolos, ao longo dos séculos, tinha sempre lido com assiduidade a Escritura e aí tinha encontrado luz e fonte de vida”.<sup>34</sup>

### 23.2. Como ler a encíclica *Providentissimus Deus*

Depois do que foi dito até agora, creio que podemos perceber melhor o texto de *Providentissimus Deus*. Ela não caiu do céu, mas teve um contexto e uma história, um contexto difícil da história da Igreja em que esta se viu obrigada a dar uma resposta minimamente válida aos problemas que então se colocavam, não apenas à comunidade eclesial, mas também aos cristãos em particular e mesmo aos não cristãos. É esse contexto que faz com que esta encíclica esteja, parcialmente, “desatualizada”, depois da *Divino Afflante Spiritu* e, sobretudo, da *Dei Verbum* do concílio Vaticano II.

No entanto, devemos ler devotamente este primeiro grande documento da Igreja sobre os problemas relacionados com a Bíblia numa época tão difícil como a do fim do século XIX. Tão-pouco nos deve admirar a sua *linguagem apologética*, de defesa das verdades da fé, contra o pretenso “assalto” das ciências modernas ou a renitência do protestantismo em aceitar o magistério da Igreja acerca

<sup>34</sup> GILBERT, Maurice, *Cinquant'anni di magistero romano...*, o. c., p. 14; sobre um breve comentário à encíclica, ver as p. 14-22.

da Bíblia. Nem nos podemos escandalizar com certas imagens belicosas que têm como função realçar a defesa da fé católica (ver n.º 62, por exemplo).<sup>35</sup>

Dizendo pretender apenas a renovação do movimento bíblico, o Papa afronta, no entanto, uma série de questões colocadas pela crítica histórica, as quais se vinham arrastando no meio de controvérsias de todo o género, desde o séc. XVII: sobretudo os problemas da inspiração e da inerrância. Além disso, sente-se na sua leitura uma certa tensão, por um lado, entre a liberdade oferecida para seguir as ciências na sua relação com a Bíblia e o controlo da Igreja para evitar erros, por outro:

“Em nada a Igreja impede ou contraria as pesquisas da ciência bíblica; porém, mantém-na ao abrigo de todo o erro e contribui poderosamente para os seus verdadeiros progressos” (n.º 47).

Esta afirmação tem a ver com um princípio fundamental que é a leitura da Bíblia *na Igreja* (n.º 48). Um outro princípio importante é o da *Escritura, alma da Teologia*, e que foi consagrado, posteriormente, pela encíclica *Spiritus Paraclitus*, de 1920, e pela *Dei Verbum* do concílio Vaticano II, em 1965:

“Muito desejável e muito necessário é sobretudo que o uso da divina Escritura se difunda através de toda a Teologia, e se lhe torne, por assim dizer, a alma” (n.º 58).<sup>36</sup>

Pertinente é também a insistência do Papa nos estudos bíblicos, mormente nos Seminários e Universidades Católicas, em ordem à formação de pastores, um meio fundamental para a instrução bíblica dos fiéis católicos.

Sobre o tema das ciências auxiliares dos estudos bíblicos, afirma o Papa:

“Porém, lutar plena e perfeitamente, com o auxílio de ciências tão importantes, para estabelecer a santidade da Bíblia, é certamente superior ao que é justo esperar da simples erudição dos intérpretes e teólogos. É, pois, desejável que se proponham o mesmo objetivo e se esforcem por atingi-lo, todos os católicos que tenham adquirido alguma autoridade nas Ciências Auxiliares” (n.º 89).

### 23.2.1. Uma rápida leitura da *Providentissimus Deus*

Na impossibilidade de fazermos um comentário formal desta encíclica do papa Leão XIII, deixamos aqui simplesmente um esquema completo da mesma,

<sup>35</sup> Os textos, tanto de encíclica *Providentissimus Deus* (PD) como da *Divino Afflante Spiritu* (DAS), são citados por números, na edição portuguesa de ALVES, H., *Documentos da Igreja*, n.º 49, p. 168-198, e n.º 114, p. 417-442, respetivamente.

<sup>36</sup> Ver EB 114; *Spiritus Paraclitus*: EB 483; DV, n.º 24.

que achamos suficiente para que o leitor fique com uma ideia do seu conteúdo. Depois de referir a excelência da Bíblia e os motivos para a estudar (n.º 1-9), o Papa trata seguidamente os assuntos que acha mais pertinentes para a sua época. Para o efeito, deixamos aqui o elenco temático da sua encíclica, em seis pontos essenciais:

### 1. Questões introdutórias

- *Excelência e valor da Sagrada Escritura*: n.º 1-5.
- *Motivos para estudar a Sagrada Escritura*: n.º 6-9.
- *Vantagens desta Ciência*: n.º 10-14.
- Para os sacerdotes: n.º 15-16.
- Para a Igreja em geral: n.º 17-23.
- *Condições necessárias para tirar proveito da Sagrada Escritura*: n.º 24.

### 2. O recurso ao passado da Igreja

- *Providência que a Igreja teve no ensino da Sagrada Escritura*: n.º 25.
- *Principais comentadores da Sagrada Escritura*: n.º 26-34.
- *Edições da Vulgata, de Pio IV a Clemente VIII*: n.º 35-38.

### 3. Parte propriamente apologética

- *Argumentos dos adversários contra a Sagrada Escritura*: n.º 39-40.
- *Meios propostos pela Santa Sé para os combater*: n.º 41-43.

Seguindo o método do Prólogo da constituição *Dei Filius* do concílio Vaticano I, o Papa sublinha, logo de início, a importância da exegese dos Padres, numa atitude apologética contra os protestantes que, fundamentados na *sola Scriptura*, recusavam o magistério da Igreja e a Tradição.

### 4. Parte positiva da encíclica: estudo, ensino e interpretação da Bíblia

- *Ensino da Sagrada Escritura por professores escolhidos e conforme determinados métodos*: n.º 48-56.
- *Estudo da Escritura, segundo a fé, a interpretação dos Padres e a Igreja*: n.º 48-56.
- *Necessidade de fundar a Teologia sobre as divinas Escrituras*: n.º 57-67.
- *Necessidade de estudar as línguas antigas e orientais*: n.º 68.
- A ciência crítica: n.º 69-70.
- As ciências naturais e físicas: n.º 71-79.
- As ciências históricas: n.º 80-81.

### 5. Problemas teológicos

- *O problema da inerrância*: “A Sagrada Escritura não tem erros, pois foi ditada pelo Espírito Santo”: n.º 82-83

–*A Inspiração divina dos Livros Santos*: n.º 84-93.

–*Os teólogos, recurso para dificuldades surgidas*: “Em caso de contradição aparente, recorrer aos teólogos para encontrar uma explicação”: n.º 94-97.

## 6. Avisos e encorajamentos finais: n.º 98-100.

O Papa insiste com os pastores a fim de que estas orientações sejam levadas ao grande público e, sobretudo nos Seminários e nas Universidades, se incrementem os estudos sobre a Sagrada Escritura. E termina o Papa, dizendo:

“Com paternal amor advertimos, enfim, todos os discípulos e todos os ministros da Igreja a cultivarem as Sagradas Letras com grande afeto de reverência e piedade, uma vez que a sua inteligência não pode abrir-se de maneira salutar, como convém, se eles não afastarem a arrogância da ciência terrena e se não empreenderem com ardor o estudo dessa sabedoria, *que vem do alto*. Uma vez iniciado nessa ciência, esclarecido e fortalecido por ela, o seu espírito poderá reconhecer e evitar os erros da ciência humana, colher os seus frutos sólidos e referi-los aos interesses eternos. A alma tenderá, assim, com mais ardor, para as vantagens da virtude e será mais vivamente animada pelo Espírito do amor divino: *Felizes os que cumprem os seus preceitos e O procuram com todo o coração* (Sl 119,2).

Dada em Roma, junto a S. Pedro, a 18 de novembro de 1893; 16.º ano do Nosso pontificado”.<sup>37</sup>

## Conclusões da I Parte

1. Podemos dizer que, num momento de grande “fervor bíblico”, tanto dentro como fora da Igreja, a encíclica *Providentissimus Deus* veio, por um lado, abrir caminhos e encorajar os que olhavam apenas para as certezas dogmáticas dos concílios de Trento e Vaticano I e, por outro, travar a marcha dos que pretendiam andar depressa demais. Deste modo, pretendeu, oficialmente, acertar o passo da Igreja na sua totalidade e acalmar as ondas da tempestade bíblica, levantadas nos séculos XVIII e XIX. Foi também para acertar o passo da Igreja e responder às muitas solicitações sobre problemas bíblicos que o mesmo papa Leão XIII instituiu, em 30 de outubro de 1902, a *Pontificia Comissão Bíblica*, de que falaremos no próximo volume (séc. XX-XXI).<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Para um breve comentário à *Providentissimus Deus*, veja-se DBS XII, col. 499-503.

<sup>38</sup> Sobre o decreto *Vigilantiae*, que instituiu a Pontificia Comissão Bíblica, veja-se EB, n.º 137-148; DBS II, col. 103-113; em português, ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja*, n.º 55, p. 205-209. Para celebrar o centenário desta encíclica de Leão XIII, a própria Comissão Bíblica, com sede em Roma, publicou um documento fundamental em 1993, com o título: *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, Secretariado Geral do Episcopado, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1994.

2. Mas, neste mar encapelado dos problemas bíblicos do início do séc. XX, não tardaram a levantar-se novamente as vagas do assim chamado “modernismo”, porque a *Questão Bíblica*, relacionada com os “teólogos críticos”, principais visados na *Providentissimus Deus*, não tendo encontrado respostas válidas, continuavam a agir na penumbra. Podemos, pois, afirmar que a curva da crise nos estudos bíblicos – que tem nesta encíclica o seu ponto mais elevado – vai sofrer uma certa descida, precisamente no período imediato à sua promulgação.

Este período, qual parto doloroso na história dos estudos bíblicos, é, ao mesmo tempo, o momento da vivência de uma certa euforia bíblica, provocada pela encíclica e a preparação, ainda que remota, de uma nova encíclica – a *Divino Afflante Spiritu* de Pio XII, em 1943, depois de passar por uma outra, muito específica, a *Spiritus Paraclitus* de Bento XV (1920).

3. Depois desta encíclica, muitos outros documentos publicou, oficialmente, a Igreja Católica, sobre o livro dos cristãos, a Bíblia. Esta foi o ponto de partida de mais de um século fecundo em documentos bíblicos, a iluminar os católicos e os cristãos em geral, sobre a leitura e vivência da palavra de Deus. Mais de um século depois desta encíclica, ao folhearmos, mesmo ao acaso, qualquer *Enchiridion Bíblico*, assim como a já citada obra *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, notamos que a maior parte dos documentos bíblicos aparecem na sequência da *Providentissimus Deus* de Leão XIII.<sup>39</sup> É curioso que o Papa apresente na sua encíclica umas palavras que poderíamos considerar proféticas e que têm sido repetidas, mais ou menos à letra, nos documentos da Igreja publicados até hoje:

“Muito desejável e muito necessário é sobretudo que o uso da divina Escritura se difunda através de toda a Teologia, e se lhe torne, por assim dizer, a alma: tal foi, em todas as épocas, a doutrina de todos os Padres e dos mais notáveis teólogos, doutrina que eles apoiaram pelo seu exemplo” (n.º 58).

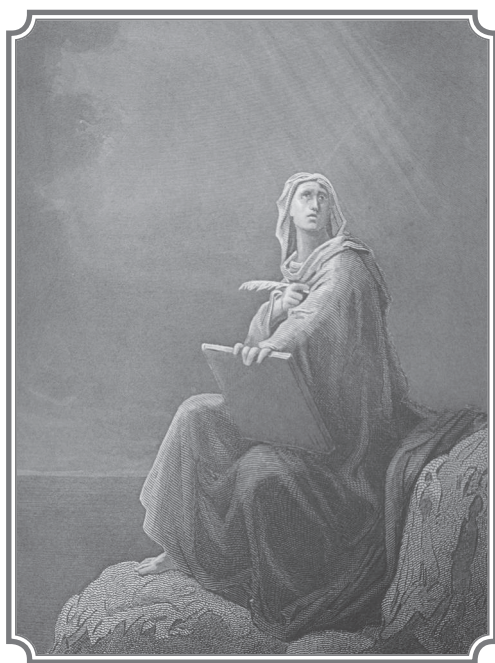
Esta encíclica representa, portanto, uma viragem da Igreja Católica em relação aos estudos bíblicos: a Escritura deve ser como que a “alma da Teologia”; recomenda os novos métodos da Crítica Histórica para aplicação à exegese bíblica; a Bíblia não pretende explicar os fenómenos científicos, apenas os descreve com a linguagem comum e popular daquele tempo.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> Sobre as encíclicas de carácter bíblico, ver COURTADE G., *Lettres Encycliques*, em DBS V, col. 375-387. Aqui fala-se sobretudo das encíclicas *Providentissimus Deus*, de Leão XIII, e *Divino Afflante Spiritu*, de Pio XII. Estas pretenderam responder aos problemas colocados pelas ciências, sobretudo pela Arqueologia e pela História, a partir do séc. XVIII. O problema tinha-se agudizado com a chamada “Questão Bíblica”, expressão criada por Mons. D’Hulst.

<sup>40</sup> Para um estudo mais amplo desta 1.ª encíclica da história da Igreja, veja-se ALVES, Herculano, *As*

Depois de tudo o que vimos nesta complicada época em que Leão XIII exerceu o seu papado, fica-nos a convicção de que, para evitar tantas lutas em torno da Bíblia, não há outro caminho senão o estudo científico da mesma, com todos os instrumentos hoje à nossa disposição, acompanhado certamente também pelo conhecimento interior que a fé cristã proporciona ao leitor da mesma.<sup>41</sup>

4. Para uma visão geral desta I Parte, assim como da II, veja-se o resumo dos capítulos de todo o volume apresentado nas *Conclusões Gerais*, onde se oferece a quantidade de autores e obras de cada um dos capítulos.



*Na imagem, João, o vidente da ilha grega de Patmos, escreve o Apocalipse, enraizando, no passado da história do povo de Israel, o futuro do novo povo, a Igreja de Cristo.*

---

*encíclicas “Providentissimus Deus” e “Divino Afflante Spiritu”, dois marcos da leitura da Bíblia, em Bíblica, série científica, n.º 2, Fátima, Difusora Bíblica, 1994, p. 7-32.*

<sup>41</sup> Para uma compreensão da ação de Leão XIII em relação à Igreja Católica e à política internacional europeia, ver FÜLÖP-MILLER, René, *Leão XIII e o nosso tempo – Potência da Igreja. Poder do Mundo*, tradução de Marina Guaspari, Edição da Livraria Globo, Porto Alegre (Brasil), 2.<sup>a</sup> edição, 1941. Foram tempos difíceis os seus, mas aos quais soube responder com sabedoria e coragem.



## II PARTE

Como dizíamos na *Introdução Geral*, este volume foi projetado para ter uma estrutura em duas partes. A I Parte foi dedicada aos temas gerais, isto é, aos 23 capítulos que apresentam as obras bíblicas e outras, direta ou indiretamente relacionadas com a Bíblia. Esta II Parte é mais específica, pois é dedicada exclusivamente a apresentar o primeiro tradutor da Bíblia completa (católica) em português, o Pe. António Pereira de Figueiredo e as suas obras. Tem apenas 3 capítulos e pensamos ser suficiente, já que não iremos expandir-nos em análises textuais da Bíblia do mesmo tradutor, tarefa que não está no âmbito deste estudo.

Estes 3 capítulos pretendem responder a três questões que o grande público normalmente coloca:

1. Quem foi o Pe. António Pereira de Figueiredo? A resposta encontra-se no conteúdo do cap. 24: *Pe. António Pereira de Figueiredo, tradutor da Bíblia*.
2. Que obras escreveu que o capacitassem para fazer, sozinho, uma tradução de toda a Bíblia? A esta questão responde o cap. 25: *Pe. António Pereira de Figueiredo: obras culturais*.
3. Que edições teve e em que séculos foi editada a sua Bíblia? A esta pergunta responde o cap. 26: *Catálogo das Obras Bíblicas de Figueiredo*.

Portanto, nesta II Parte do presente volume de *A BÍBLIA EM PORTUGAL*, o grande nome entre centenas ou até milhares, que se notabilizaram nas ciências eclesiásticas e sobretudo bíblicas, o nome do Pe. António Pereira de Figueiredo brilha na cultura e brilha, sobretudo, como o primeiro tradutor católico a traduzir uma Bíblia completa. Depois desta breve apresentação, é tempo de desenvolver a temática relativa a estes três capítulos finais.



## Capítulo 24

### **Pe. António Pereira de Figueiredo, tradutor da Bíblia**

Este capítulo é fundamental para recolher as principais características deste grande personagem do séc. XVIII, assim como a obra que o notabilizou.

Vai apresentar uma estrutura em três pontos fundamentais:

24.1. Quem foi o Padre António Pereira de Figueiredo?

24.2. Tradução da Bíblia em língua portuguesa a partir da Vulgata Latina

24.3. Cronologia das edições da sua tradução.

Cada um destes pontos tem, naturalmente, as respetivas subdivisões.

#### **24.1. Quem foi o Padre António Pereira de Figueiredo?**

##### **24.1.1. Alguns traços da sua vida (1725-1797)**

O nosso autor era filho de António Pereira e de Maria de Figueiredo e nasceu na vila de Mação em 14 de fevereiro de 1725, de família humilde. Foi batizado a 22 do mesmo mês. Aos 11 anos, em 1736, foi estudar para o Colégio Ducal de Vila Viçosa, pela mão de alguém que viu nele uma inteligência rara. Aí se estudava gratuitamente e deve ter permanecido lá todo o tempo que o Regulamento permitia – 8 anos – onde estudou latim e música. Findos esses anos, voltou para a sua terra, onde viveu pouco tempo, aparecendo seguidamente como noviço no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; aqui praticou a música como organista, mas apenas meio ano, o tempo necessário para ganhar algum dinheiro para pagar os estudos. Em 1744, entrou para o Oratório na Casa do Espírito Santo, em Lisboa (no lugar dos antigos “Armazéns do Chiado”).<sup>1</sup> Figueiredo fez aí o noviciado, no

---

<sup>1</sup> A Congregação do Oratório foi fundada por São Filipe Neri em Roma, 1565, como uma Sociedade de vida comum para os clérigos seculares, sem terem que fazer propriamente votos religiosos. Tinham apenas os votos dos padres diocesanos; e dedicavam-se sobretudo ao ensino. Também se chamavam “Congregados”. Quem a introduziu em Portugal foi o Pe. Bartolomeu de Quental (1626-1692), que foi antepassado do grande escritor Antero de Quental. Seus primeiros companheiros foram o Pe. João Duarte do Sacramento e o Pe. Nicolau Monteiro, professor do

ano de 1745, sob as orientações de um homem santo, o Padre Francisco Manuel, de família nobre e, posteriormente, Cardeal Patriarca de Lisboa, durante o reinado de D. João V. Mais tarde, Figueiredo fará o elogio do seu mestre.<sup>2</sup>

A partir do noviciado, o nosso Figueiredo entrou no ciclo dos estudos filológicos (1746-1749), sob a direção do Pe. Clemente Alexandrino, que seguia um ensino bastante tradicionalista da Lógica. Seguiu-se a Teologia, nos anos 1748-1752. Foi nesta altura que escreveu a sua primeira obra, e logo contra Verney, que tinha um irmão na sua própria Congregação, pelo que a escreveu anónima e editou em Paris. Leva o título seguinte:

- *Carta de hum Amigo a outro Amigo, na qual se defendem os Equívocos contra o indiscreto juízo, que deles faz o moderno Crítico, Autor da Obra intitulada, “Verdadeiro Método de estudar”. De caminho, se impugnham outros assertos do mesmo Autor concernentes à mesma matéria; em 4.º.*<sup>3</sup>

Já em plena juventude (aos 21 anos), Figueiredo manifestava os dons de escritor e intelectual em temas que haveriam de pautar a sua vida pública, num futuro próximo. Viveu na Congregação desde 17 de setembro de 1744 até 3 de janeiro de 1768; portanto, 28 anos. Deixou a Congregação do Oratório de S. Filipe Neri, por um decreto real, para se dedicar, a tempo inteiro, às traduções latinas, como *Oficial Maior de Línguas na Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra*, além de outras funções no governo de Pombal; por exemplo: *Deputado Ordinário da Real Mesa Censória*, desde a sua fundação em 5 de abril de 1768; *Deputado da Junta da Coleta do Subsídio Literário*, em novembro de 1772; e *Sócio efetivo da Real Academia de Ciências - Classe de Literaturas*, recebendo em 1 de abril de 1797 o título de “Veterano”.

Agora, como presbítero secular, já podia assinar o seu nome completo (*António Pereira de Figueiredo*), pois, na sua Congregação, só se podiam usar dois nomes (*António Pereira*), como aparece em algumas obras suas ou em referência

---

príncipe D. Afonso e do infante D. Pedro. Seguiram-se muitos outros como o Pe. Manuel da Costa, Pe. Manuel de Lima, Pe. António de Vasconcelos, Pe. José do Vale e o Pe. Teodoro de Almeida. A Rainha D. Luísa de Gusmão cedeu-lhes a Casa das Necessidades.

<sup>2</sup> *Elogio do Padre Francisco Manoel, Prepósito da Congregação do Oratório de Lisboa*, Lisboa, Of. de Miguel Rodrigues, 1764.

<sup>3</sup> SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição e Polémica na segunda metade do século XVIII*, Lisboa, Roma Editora, 2005, p. 25-26; aqui resume-se a resposta de Figueiredo a Verney. Ver ainda o que é dito em ANDRADE, António Alberto de, *Verney e a Cultura do seu tempo*, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra, 1966, p. 472. Figueiredo responde a uma crítica que Verney faz a uma obra do seu professor, quando escreve (Verney): *Vera Theópolis seu coelestis Urbis Jerusalem descriptio per aequivoca*. Figueiredo mostra a Verney todos os tipos de *equivocos* na literatura eclesiástica, e não só.

à sua pessoa. Este pode ser um indício para marcar a cronologia das suas obras, pois só depois desta data vai utilizar todo seu nome de batismo.

Talvez seja útil prestar atenção ao elogio feito pelo Doutor Levy Maria Jordão, sócio efetivo da Academia de Ciências – da qual Figueiredo foi um dos membros mais conhecidos – apenas 62 anos depois da sua morte (em 20.02.1859):

“... Não deixarei, porém, no esquecimento a tradução e comentário à Sagrada Escritura, sobre a qual fizera desde a sua mocidade um estudo constante, sem ousar todavia equipará-lo aos trabalhos imensos da erudição alemã e holandesa, beneditina e franciscana; e quer-me parecer que o génio de António Pereira se iluminou ao contacto com esse livro divino, e que a ele deveu, como Bossuet, as inspirações que lhe despertaram a dedicação e a coragem com que sempre entendeu combater pela pureza da fé e da disciplina, e a firme perseverança com que soube defender a dignidade da sua terra.

A Bíblia é, com efeito, a inspiração mais elevada e fecunda para o homem. Se ela não houvera tocado o génio de Milton, como admiraríamos o *Paraíso Perdido*, que nasceu desse contacto? Se o sentimento evangélico não refletira no espírito sensível e elevado de Klopstock, como conceber o hino religioso da *Messíada*? Se o espírito bíblico não houvera reanimado em Racine, o génio que parecia extinto, mas que o fizera igualar a Sófocles, e exceder a Eurípedes, se a harpa de Israel não lhe tivera comunicado alguma de suas notas proféticas, como teria o autor de *Ifigénia* e de *Athalia* transportado para a cena francesa a magnificência do salmista e o entusiasmo dos profetas? Se a Bíblia, enfim, não houvera tocado com a sua mágica influência o cantor das *Harmonias* e das *Meditações*, como poderia este século surpreender na lira de Lamartine um eco longínquo da lira de David?

Não é encarecido, Senhores, o pensamento; e se, com Philarete Charles, podemos afirmar que tudo o que há de original nas literaturas modernas provém da Bíblia ou do génio germânico, esta filiação não é menos evidente e predominante nas artes modernas, na pintura e na escultura de Itália e Espanha, e no desenvolvimento da música e da arquitetura cristã. Se a influência pagã se revela por vezes, as obras mais sublimes são filhas da inspiração bíblica; o *Juízo Final* de Miguel Ângelo será sempre superior à *Vénus* de Corrêgio.

(...) Que mais poderia desejar o sacerdote humilde e virtuoso, o sábio modesto? Não podendo denegrir a sua virtude, e ainda menos o seu saber, os detratores, que nunca faltam ao homem grande, acusam-no de jansenista e irreligioso, apontando para a censura que algum dos seus escritos mereceu aos olhos da Santa Sé!

Mas não nos tome de sobressalto, Senhores, uma acusação em que o ódio ou a inveja podem acaso desafogar-se; a história não é como o espelho que reflete somente os objetos, é o juiz consciencioso que vê, ouve e pronuncia. Entre a *censura*, que pode significar apenas a inconveniência ou inoportunidade da

ideia, e a *excomunhão*, que fulmina o erro na doutrina e a pertinácia no homem, há um abismo profundo. O nome de António Pereira não é como o de Lutero, que à força divina de uma palavra saída do fundo do Vaticano, corre, como a faísca do raio, sobre todos os lábios do mundo católico, para ir estalar do Mediterrâneo ao Báltico numa explosão de maldições, e confundir-se no pó onde jazem as cinzas de Lucrécio e de Vanini.

(...) O catolicismo profundo, de que jamais deslizou, revela-se constantemente até ao fechar de uma existência de setenta e dois anos de virtude, que eu devera por certo patentear, se este elogio versara sobre a vida íntima de um coração, e não sobre o viver literário de um homem (...).<sup>4</sup>

Instado pelo nuncio do Vaticano em Lisboa a retratar-se da sua doutrina antirromana e antipapista, negou-se terminantemente a fazê-lo, com a ajuda do seu sobrinho, que o acompanhava nos últimos tempos da sua vida, na Casa do Oratório das Necessidades. Mas também é certo que o contrário sucedeu com o seu amigo alemão, Febrónio, que se retratou oficialmente antes da morte, isto já durante o reinado de D. Maria I:

“O Principal Furtado ficou tão entusiasmado com a retratação de Febrónio, que resolveu publicá-la à sua custa. O nuncio em Lisboa, Mons. Muti, Arcebispo de Petra, partilhou do regozijo e pediu-lhe que tirasse mais duzentos ou trezentos exemplares por sua conta”.

Ao folheto foi dado o seguinte título:

- *Acta in Consistorio Secreto habito a Sanctissimo Domino nostro Pio Divina Providentia Papa Sexto, Feria VI Decembris 1779. Solemni Dominicae Nativitatis die statim post missam Pontificalem in Basilica Vaticana Prope B. M. V de Columnae et S. Leonis Magni Altaria (...) absoluto*, Lisboa, Tipografia Régia, 1779.

Aqui se dá conta das condenações da doutrina de Febrónio: em 27.02.1764; 03.02.1766; 24.05.1771 e 29.03.1773. Seguidamente apresenta-se o ato de retratação feito em Treveris a 01.11.1778, onde Febrónio afirma, entre outros assuntos, o seguinte:

“(...) Sustento que este primado (...) não é somente de ordem, inspecção e direcção, mas também de verdadeira autoridade e jurisdição (...)”.

A anuência da retratação pelo Papa aconteceu em 19.12.1778, onde se diz:

<sup>4</sup> Publicado em *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Classe de Ciências Morais, Políticas e de Belas-Letras. Nova Série. T. II, Parte II, Lisboa, 1863; CÂNDIDO DOS SANTOS, *Padre António Pereira de Figueiredo*, o. c., p. 347-355.

“(...) Com singular diligência rejeita os seus erros e quis escrever com sua própria mão, o livro de retratação e corroborá-lo com lugares seletos dos Padres e com razões”.<sup>5</sup>

Se Figueiredo, nem sequer à hora da morte, se retratou das suas ideias jansenistas e sobretudo regalistas, que tanta polémica causaram nas relações com a Santa Sé e com a instituição papal, é porque realmente estava convencido dessas ideias, que defendia com toda a firmeza. Por isso, pode afirmar-se que o nosso Figueiredo era um regalista (e, talvez, jansenista) convicto.

Contra a filosofia regalista, levantou-se a “Escola do Direito Natural”, o único que é eterno e imutável, derivado das próprias exigências racionais da natureza humana. Definir e formular esse Direito é o único objeto digno da verdadeira jurisprudência, irmã da Ética e da Filosofia. Esta escola teve o seu início nos séc. XVI-XVII, e Luís António Verney já a defendera em Portugal.<sup>6</sup>

#### 24.1.2. O Pe. António Pereira de Figueiredo e Pombal

Não podemos desligar a vida e ação de Figueiredo da pessoa e do governo de Pombal, como já se disse e reafirmámos noutros lugares. Podemos mesmo dizer que grande parte das obras de Figueiredo foram, direta ou indiretamente, encomendadas por Pombal, para combater inimigos seus e do seu governo ou ao serviço das ideias regalistas reinantes. No entanto, Pombal também teve atitudes agressivas para com a própria Congregação de Figueiredo, o Oratório.

Assim, no fim de perseguir os Jesuítas e outros elementos pertencentes à Jacobeia, Pombal começou a atacar também os Oratorianos, entre os quais tinha muitos apoiantes e que, de algum modo, substituíam os Jesuítas no ensino em Portugal e seus territórios.<sup>7</sup> Qualquer grupo organizado, mesmo de carácter religioso, como era o caso da Jacobeia, para Pombal, era sempre um potencial inimigo a abater. Mas a Congregação do Oratório, como tal, também não apoiava Pombal nas suas ideias regalistas. Por isso, este fechou as suas escolas da Casa das Necessidades e prendeu o Pe. Valentim de Bulhões, acusando-o de propagar o ceticismo.<sup>8</sup> Coibiu os Ordinários de quase todas as dioceses onde havia Oratoria-

<sup>5</sup> Ver o assunto em ANDRADE, António Alberto de, *Verney e a Cultura do seu tempo*, Acta Universitatis Conimbricensis, Coimbra, 1966, p. 332.

<sup>6</sup> Cabral de Moncada, em ANDRADE, António Alberto de, *Verney e a Cultura do seu Tempo*, o. c., p. 332-333. Sobre a vida e obra do Pe. António Pereira de Figueiredo, veja-se também: *Compêndio da Vida e Escritos de A. P. de Figueiredo*, Ms 9842 da BNP.

<sup>7</sup> Sobre o movimento espiritual da Jacobeia, veja-se *Bíblia e Espiritualidade*, cap. 10.1.

<sup>8</sup> Ver AZEVEDO, Ferdinand, *Padre Teodoro de Almeida: Um Oratoriano no Iluminismo Português*, Brotéria 109, 1979, p. 302; ANDRADE, António Alberto, *Processo Pombalino contra os Oratorianos*,



nos a proibi-los de ensinar e confessar. Logo a seguir, obrigou o oratoriano, Pe. António Pereira de Figueiredo, a sair da sua Congregação, por decreto de D. José, passando a ser sacerdote diocesano. Assim, poderia trabalhar mais livremente às ordens de Pombal. Há documentos que provam que Pombal chegou a escrever o decreto para o rei assinar a expulsão dos Oratorianos. Isso não aconteceu, certamente devido às forças sociais e políticas que os defendiam perante D. José.

De qualquer modo, Figueiredo continuava ligado aos seus confrades, correspondendo-se com eles, como aparece numa carta escrita para Goa.<sup>9</sup> Aí tenta prevenir os seus antigos irmãos, porque temia que Pombal suprimisse os Oratorianos, como fez aos Jesuítas, mediante pressões permanentes junto do Papa.<sup>10</sup> Além disso, no fim da sua vida, talvez com algum arrependimento pelo que escreveu contra o Papa e certos bispos, pediu para residir, embora como hóspede, na Casa das Necessidades, onde entregou a alma ao Criador. Em certo sentido, Figueiredo voltou à sua família religiosa, pedindo mesmo para ser sepultado com o hábito de oratoriano, o que lhe foi concedido, morrendo como bom cristão e católico, em 1797.

#### 24.1.3. António Pereira de Figueiredo, jansenista?

Diz-se, frequentemente, na literatura especializada acerca deste tradutor português da Bíblia, que as notas desta têm resquícios de jansenismo. Por isso, essas notas foram condenadas, como sendo de carácter jansenista.<sup>11</sup>

#### O que é o jansenismo?

O problema do jansenismo é complicado, porque é difícil de definir, além de haver diferentes graus, segundo a evolução e as circunstâncias do mesmo. Este movimento teológico e filosófico vem do séc. XVII, mas é no séc. XVIII que a polémica sobre ele se instala um pouco por toda a Europa. Por isso, o tratamos aqui, a propósito do Pe. António Pereira de Figueiredo.<sup>12</sup> Toda a questão gira em

---

em Arquivo do Centro Cultural Português, I, 1969, p. 251-255.

<sup>9</sup> *Cartas de Luís António Verney e António Pereira de Figueiredo aos Padres da Congregação do Oratório de Goa*, prefácio de J. H. da Cunha Rivara, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1858; 2, 22, 2 p.; 25 cm (BNP, H.G. 6862//4 V.).

<sup>10</sup> Documento da expulsão dos Jesuítas, pelo papa Clemente XIV: *Breve Dominus ac Redemptor* de 31.01.1773.

<sup>11</sup> Sobre o jansenismo do Pe. António Pereira de Figueiredo não há grandes consensos entre os autores que tratam deste grande escritor do séc. XVIII. Vejam-se também as referências feitas no cap. 1: “A Igreja Católica e o Jansenismo”, etc.

<sup>12</sup> Ver também SANTOS, Cândido dos, *Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime*,

torno da teologia do pecado e da graça, a propósito da criação dos seres humanos em Adão e Eva. Como se resolve o problema da salvação da humanidade, depois que o pecado de Adão corrompeu a natureza humana? Qual o papel de Jesus Cristo, que veio ao mundo para salvar a humanidade decaída em Adão?

As respostas eram muitas, umas insistindo mais no pecado de Adão e na pecabilidade da natureza humana (jansenistas, como Jansénio, Miguel Baio, Antoine Arnauld, etc.), outras, mais ortodoxas, sobretudo representadas pelos teólogos Jesuítas, insistiam mais na graça de Deus e na liberdade humana: o homem salva-se, se colaborar com a graça de Deus. O maior representante desta corrente foi Luís Molina (SJ), que defendeu a teoria da “Ciência média”, baseada nos chamados “futuríveis” ou teoria dos “ante previsa merita”, como ele explica:

“Deus vê o que o homem faria, usando da sua liberdade, se fosse colocado em determinadas circunstâncias ou se se realizasse tal ou tal condição. A ciência média de Deus, infalível, não supõe qualquer decreto predeterminante. A predestinação dos eleitos e a condenação dos ímpios explica-se pela ação livre da criatura (...). Os pontos fundamentais da doutrina jansenista podem resumir-se assim: Adão no estado de justiça; Adão depois do pecado original; Graça suficiente e graça eficaz; A predestinação; universalidade da Redenção.”<sup>13</sup>

Os dois grupos acusavam-se mutuamente: os jansenistas aos “molínistas”, de semipelagianismo; por sua vez, os seus adversários “molínistas” acusavam os jansenistas de protestantes e calvinistas, porque a sua teologia levava à predestinação.<sup>14</sup> Apesar do que acabamos de afirmar, os próprios jansenistas diziam, como foi o caso de Antoine Arnauld, um dos mais importantes jansenistas, que

“o jansenismo é um fantasma, porque não há ninguém na Igreja que sustente alguma das 5 proposições [condenadas pelo papa Inocêncio X, em 1653] e haveria de comprovar se essas cinco proposições foram, na realidade, redigidas por Jansénio”.<sup>15</sup>

---

CITCEM – Edições Afrontamento, Flup, Porto, 2011. Aí defende que se encontram nas bibliotecas portuguesas numerosas obras jansenistas, tanto estrangeiras como nacionais, e que entraram em conventos e Seminários de todo o país. Havia, portanto, uma mentalidade jansenista e regalista, no tempo de Pombal e depois dele.

<sup>13</sup> SANTOS, Cândido dos, *O Jansenismo em Portugal*, FLUP, Porto, 2007, p. 5.

<sup>14</sup> Sobre estes assuntos, ver as obras de Cândido dos Santos, acima citadas.

<sup>15</sup> ARNAUD, Antoine, *O Fantasma do jansenismo*, citado por SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição e Polémica na Segunda Metade do Século XVIII*, Roma Editora, Lisboa, 2005, p. 136; Idem, *O Jansenismo em Portugal*, FLUP, Porto, 2007, p. 27-36; Idem, *Jansenismo e Antijansenismo em Portugal*, UCP-Porto, Biblioteca Humanística e Teológica, Porto, 2014. Algumas obras de JANSENIUS, Corneille: *Annotationes in librum Sapientiae Salomonis...*

É certo que António Pereira de Figueiredo escreveu obras que parecem de caráter jansenista. Uma delas leva o nome de:

- *De non definita in concilio Tridentino nec ab Ecclesia adhuc probata sufficientia attritionis ad gratiam in sacramento poenitentiae impetrandum.*

Trata-se aqui de uma dissertação histórico-teológica de tipo rigorista, contra os neo-escolásticos, segundo ele, mais laxistas: não bastava a *atrição*, mas era necessária a *contrição* e o propósito de mudança, para celebrar dignamente o sacramento da confissão. Neste e noutros problemas, Figueiredo correspondia-se frequentemente com jansenistas de toda a Europa. Ao escrever a Manuel do Cenáculo refere “o grande empenho que tinha [o jansenista] Bellegarde na difusão em Portugal das obras de Arnauld e confessa a ‘estimação que o Marquês e o Arcebispo [Cenáculo] fizeram sempre das obras de toda a Escola de Port-Royal’”.<sup>16</sup> Aliás, os bispos mais zelosos pelo seu povo tinham, direta ou indiretamente, influências deste movimento criado em Port-Royal, o que não quer dizer que fossem, estruturalmente, jansenistas, mas simples renovadores das suas dioceses. O próprio movimento católico das *Luzes* pretendia a renovação da Igreja.

O jansenismo de Figueiredo aparece sobretudo nas notas da Bíblia, onde cita Fleury, *Discursos sobre História Eclesiástica* (Discurso 1.º, etc.); Fénelon, *Diálogos sobre a eloquência*; *Discours sur l'excellence intrinsèque des Saintes Écritures...* Ao mesmo tempo, aproveita para criticar o comunismo (de que então já se falava), os calvinistas e os anabatistas (séc. XVI), acerca do problema dos bens materiais. Para confirmar as suas ideias cita o jansenista Dupin, na sua *Histoire de l'Église*; e ainda João Opstraët, *De locis theologicis, Dissertatio I*; *De Scriptura Sacra, Quaestio XI*; P. Tamburini, *De Fontibus Sacrae Theologiae, Dissertatio V*, etc.

---

*Nunc primum in lucem editae*, Duai, 1577; 77 p.; *Commentaria in Proverbia Salomonis*, 1567 (?); 10, 518 p.; in 4.º.

<sup>16</sup> Este espaço era uma espécie de sede dos jansenistas franceses. Sobre estes assuntos, ver SANTOS, Cândido dos, *Pombal e o iluminismo*, o. c., p. 316-318. Acusado de jansenista foi Louis Ellies du Pin (tal como Febrônio), que foi atacado na célebre pastoral manuscrita do bispo de Coimbra, Dom Miguel da Anunciação, o que lhe valeu os calabouços da prisão de Pedrouços, por ordem do Marquês de Pombal. O certo é que Figueiredo tomou a peito a vigorosa defesa destes e de outros jansenistas: “Nós esperamos que os ministros de sua Majestade Fidelíssima dispensarão a atenção particular aos assuntos importantes que acabámos de pôr sob os seus olhos e que sentirão a necessidade indispensável de dar aos jovens teólogos portugueses mestres afetos à sã doutrina e impor silêncio sobre bulas de que é tão fácil fazer um uso pernicioso. Nós temos a experiência em França dos males de toda a espécie que o desejo de fazer valer estes decretos da Corte Romana causou na Igreja e no Estado...”. Acerca da influência de Arnauld em Portugal, ver SILVA DIAS, José Sebastião da, *Portugal e a Cultura Europeia (séc. XVI-XVIII)*, Coimbra, 1953, p. 72.133.137.179.225.237-238.

## Quais eram as características doutrinárias do jansenismo?

As suas teorias insistem sobre os seguintes aspetos: a natureza humana corrompida, a graça eficaz por si mesma, a predestinação gratuita por parte de Deus, a reprobção / condenação, o molinismo, o probabilismo e a moral relaxada, a atrição, o destino das crianças que morrem sem o batismo, a vontade salvífica universal de Deus...

Figueiredo referiu-se a todos estes problemas, nas obras publicadas, nas “Censuras”, como membro da Real Mesa Censória e também nas notas da sua tradução da Bíblia (aí cita Arnauld, Sacy, Estio e outros), na *Carta a Galindo*, nas doutrinas da Igreja sacrilegamente defendidas pela moral jesuítica, etc. Nestas e noutras questões, Figueiredo não esconde as suas ideias jansenistas, sobretudo o ponto de vista de Quesnel. Evoca ainda a autoridade da Bíblia de Mons, que tem a mesma ideologia. Além disso, combatia, na sua tradução da Bíblia, a chamada “graça geral” que Deus concede a todos para superar a natureza decaída. Aí defende também a predestinação gratuita de Deus, de estilo calvinista, assim como também nega a vontade salvífica universal de Deus.<sup>17</sup>

É sobretudo numa “Censura” que fez ao opúsculo *Princípios da Religião Verdadeira*, que Figueiredo expende todas as suas ideias jansenistas, em longas considerações, por um lado, atacando o “molinismo” dos Jesuítas e, por outro, defendendo as doutrinas do jansenismo europeu da mesma altura. Para eles, as posições de Santo Agostinho sobre a graça, ou melhor, a leitura que fazem das mesmas, são como um “evangelho”, do qual ninguém se pode desviar.<sup>18</sup>

De qualquer modo, em todas estas ideias, Figueiredo não manifesta um jansenismo militante, mas uma salada de ideias iluministas, antijesuítas, regalistas, galicanas e também jansenistas. O que teria dificultado a implantação de um jansenismo rigoroso foi certamente Pombal, pois, para ele, qualquer movimento

<sup>17</sup> Assim, no comentário à passagem de 1 Tm 2,4: “Deus omnes homines vult salvos fieri”, escreve: “O grande Doutor da predestinação e da graça, Santo Agostinho, vendo, por uma parte, que são inumeráveis os que se perdem e por outra que, segundo as Escrituras, tudo o que Deus quer que se faça se faz infalível e irresistivelmente, expõe este célebre lugar do Apóstolo, não de todos os indivíduos do género humano, mas de todos os géneros de homens (...). Deus quer salvar a toda a classe ou a toda a condição de homens, a saber, Reis, Príncipes, nobres, plebeus...”. Neste caso, parece que Jesus não morreu por todas as pessoas, mas só por algumas. Jansénio afirmou que é semipelagianismo dizer que Cristo morreu por todos, mas a aplicação dessa morte Deus só a concede apenas a um certo número, aos que escolheu e predestinou. Esta proposição de Jansénio é, portanto, partilhada por Figueiredo. Era a 5.ª proposição de Jansénio, condenada por Inocêncio X.

<sup>18</sup> Veja-se a longa “Censura” de Figueiredo, como Deputado da Real Mesa Censória, ao opúsculo *Princípios da Religião Verdadeira*, em SANTOS, Cândido dos, *Jansenismo em Portugal*, FLUP, Porto, 2007, p. 28-36.

fortemente organizado seria considerado mais um inimigo a abater, como foi o caso da Jacobeia. O rigorismo económico, defendido por este movimento, também não poderia ser aceite por Pombal, empenhado em desenvolver a economia do país. A acusação de “jansenistas” poderá ter acontecido a alguém que atacava os Jesuítas, já que estes os atacaram em França e noutros lugares, pelos motivos conhecidos de galicanismo, que era também uma das características dos jansenistas.

Um episódio fundamental da luta por e contra o jansenismo religioso foi a publicação da bula *Unigenitus Dei Filius* do papa Clemente XI (08.09.1718), que condenava 101 proposições do jansenista Pasquier Quesnel, oratoriano francês, na sua obra *Reflexões Morais sobre o Novo Testamento*.<sup>19</sup> Ora, Figueiredo chega a dizer, na Real Mesa Censória, acerca desta bula “... que eu detesto e desacredito”; segundo ele e Pombal, tal bula teria sido uma manobra que os Jesuítas conseguiram para estabelecer em Portugal os novos princípios de Molina, em lugar da velha e sã doutrina de Santo Agostinho.<sup>20</sup>

É curioso que o bispo de Montpelier, Carlos Joaquim Colbert, tenha sido dos 4 bispos franceses jansenistas que se recusaram a aceitar a bula *Unigenitus*, apelando do Papa para o Concílio, por causa da condenação do seu colega jansenista Quesnel. Ora bem, o nosso Marquês de Pombal mandou substituir a *Cartilha* do Pe. Marcos Jorge pelo Catecismo mandado fazer por Colbert, o chamado *Catecismo de Montpelier*, de que damos conta noutro lugar.

Mais ainda: Pombal mandou recolher todas as *Cartilhas*, por onde ele próprio deve ter estudado o catecismo, certamente para as queimar.<sup>21</sup> Pombal metia-

<sup>19</sup> Sobre a aceitação desta bula pela Universidade de Coimbra e o juramento em cumpri-la, ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição na segunda metade do Século XVIII*, Roma Editora, Lisboa, 2005, p. 7-16. Pombal, 55 anos depois, vai a Coimbra para “obrigar” a Universidade a fazer exatamente o contrário.

<sup>20</sup> Ver as 101 proposições condenadas pelo papa Clemente XI em Denzinger, n.º 2400-2502. O documento papal leva como título: “Erros jansenistas de Pasquier Quesnel”. Figueiredo rejeitou a condenação do Papa, sinal de que as aceitava em bloco. A censura final do Papa é muito forte em relação ao autor das proposições, referindo-se expressamente a Jansénio e à condenação deste pela constituição *Vineam Domini Sabaot* de 16.07.1705 (Denzinger, n.º 2390). O molinismo tem origem em Molina que publicou em Lisboa a famosa obra *De concordia liberi arbitrii cum divinae gratiae donis*, Lisboa, 1588. À “predestinação gratuita”, Molina opunha a “predestinação em vista dos méritos”, pois Deus conhece o passado, o presente e o futuro; era o que se chama *Ciência média* (ver vol. III desta coletânea, p. 381, n. 73; p. 686, n. 25). Ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição*, o. c., p. 137. Sobre o mesmo assunto do jansenismo de Figueiredo, ver as p. 137-150, nas suas sentenças como deputado da Real Mesa Censória.

<sup>21</sup> Ver LEITE, António, *A Ideologia Pombalina - Despotismo Esclarecido e Regalismo*, em Como Interpretar Pombal? Lisboa, Ed. Brotéria, 1983, p. 45. Algumas dioceses portuguesas aceitaram

-se em todos os assuntos da Igreja, inclusive nos catecismos que mais interessavam à sua ideologia.

Não há dúvida que Figueiredo, pelo menos alguma vez, escreveu a favor das *Reflexões Morais sobre o Novo Testamento de Quesnel*, numa das suas censuras da bula *Unigenitus Dei Filius*, dizendo que a detestava e desacreditava, como foi dito acima.<sup>22</sup> Um outro ativista, adepto de Jansénio, foi Gabriel Duparc de Bellegarde, também defendido por Figueiredo. Poderíamos concluir este ponto do jansenismo do Pe. Figueiredo, com uma afirmação de um estudioso na matéria:

“(...) ele teve uma evolução, mas que, sobretudo a partir de 1765, é ineludível a sua adesão ao jansenismo e às propostas dos seus mais consagrados autores, não se confinando a asseverar a filiação jansenista das propostas regalistas e episcopalistas, admitindo mesmo que, do ponto de vista da teologia da graça, a sua adesão às teses jansenistas fica evidente, tanto nos tratados escritos depois de 1765, como, principalmente, nos pareceres que produziu no âmbito da atividade na Real Mesa Censória”.<sup>23</sup>

Concluimos estas ideias com palavras de Evergton Sales:

“Rappelons que c’est principalement à travers des ouvrages portant sur des questions ecclésiologiques que Pereira de Figueiredo acquiert sa célébrité et sa renommée de grand théologien, qui, à partir de la seconde moitié des années 1760, dépasseront largement les frontières du royaume. Autrement dit, il est impossible d’étudier la pensée de ce théologien sans passer par des questions ecclésiologiques qu’il a traitées dans son oeuvre. Cependant (...), la seule annalyse du discours ecclésiologique tenu para Pereira de Figueiredo tend à s’avérer insuffisante, étant donné que le jansénisme ne peut être réduit à une ecclésiologie; comme l’a souligné Jean Delumeau, le jansénisme est aussi une théologie et un “rigorisme” – nous préférierions dire une morale”.<sup>24</sup>

Segundo este autor, o Jansenismo português seria uma espécie de *Aufklärung* católico, o que nos parece muito pouco.

---

este catecismo, certamente por pressão de Pombal. Assim, entendemos que o Pe. Teodoro de Almeida também tenha feito um catecismo, a pedido do arcebispo de Lisboa (ver cap. 15: Literatura catequética).

<sup>22</sup> ANTT, Real Mesa Censória, maço 592.

<sup>23</sup> SOUZA, Evergton Sales, *Jansénisme et Réforme de l’Église dans l’Empire Portugais: 1640-1790*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2004 (sobretudo o cap. V); recensão por José Pedro Paiva, em *Lusitania Sacra* 18, 2.ª série, 2006, p. 631.

<sup>24</sup> SOUZA, Evergton Sales, *Jansénisme et Réforme de l’Église dans l’empire portugais 1640 à 1790*, Paris, FCG, 2004, p. 396; OSÓRIO, Zília de Castro, *O regalismo em Portugal: António Pereira de Figueiredo....*, em *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (J-P), o. c., p. 7-10.

## Bibliografia jansenista

- ÁLVARES, António, e PORTELLI, José, *De Primi parentis Peccato, De Praedestinatione atque Iesu Christi Gratia...*, Lisboa, Typ. Régia, 1788.
- ARNAULD, Antoine, *De la Fréquence Communion*, Paris, 1643.
- BOSSUET, Jacques Bénigne, *Defensio Declarationis Cleri Galicani*, Luxemburgo, 1730.
- CASTRO, Zília Osório de, *Jansenismo*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal (J-P), p. 7-10.
- Dictionnaire des livres Jansénistes, ou qui favorisent le Jansénisme*, Antuérpia, 1752; 4 volumes.
- Jansénisme*, em Dictionnaire de Théologie Catholique, t. 10, col. 318-448.
- RODRIGUES, Manuel Augusto, *D. Frei Joaquim de Santa Clara Brandão, lente de Coimbra e Arcebispo de Évora*, em Separata da Revista Theologica, 20 (tem a ver com o jansenismo).<sup>25</sup>
- SANTOS, Cândido dos, *História e Cultura na Época Moderna. Estudos e Documentos*, Publicações da Universidade do Porto, 1998.<sup>26</sup>
- , *António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung, ensaio sobre o regalismo e o jansenismo em Portugal, na segunda metade do século XVIII*, em Revista de História das Ideias, vol. 4, t. 1 (1982), p. 167-203.

### 24.1.4. Pe. António Pereira de Figueiredo: regalismo e eclesiologia

Figueiredo foi, possivelmente, o adepto de Pombal que melhor defendeu o regalismo iluminista, ou melhor, a monarquia absoluta. A propósito das ideias do Marquês de Pombal, Fortunato de Almeida afirma:

“A sua fórmula característica do exercício do poder encontra-se na sofisticada declaração de que o monarca recebera imediatamente de Deus a autoridade, legislava de seu *motu proprio*, certa ciência, poder real pleno e supremo (Lei de 29.07.1773)” (III, p. 110).

<sup>25</sup> Para outra bibliografia jansenista, ver SANTOS, Cândido dos, em *O Jansenismo em Portugal*, FLUP, Porto, 2007, p. 299-303.

<sup>26</sup> Sobretudo os cap. “Pombal e o Iluminismo”, onde aparecem 26 cartas de e a Figueiredo (p. 238-272); “António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung” (p. 273-309); “Do Jansenismo teológico do Pe. António Pereira de Figueiredo” (p. 327-339). No fim há quatro cartas de Figueiredo para seu amigo jansenista Duparc de Bellegarde (p. 340-346). Aí se fala também de intercâmbio de livros entre os dois autores amigos.



O *regalismo* é um conceito bastante genérico muito utilizado em Portugal e Espanha, mas expresso na história da Europa com outros nomes diferentes: *galicanismo* em França, *febronianismo* (do teorizador Febrônio), na Alemanha, *josefismo*, na Áustria. Deste modo, a lei da origem do poder, segundo a Igreja Católica, era completamente subvertida e colocada ao sabor do domínio despótico do poder dos reis.

Um dos episódios mais marcantes da nossa história foi o corte de relações de Pombal, em nome de Portugal, com a Santa Sé em julho de 1760. Parece claro que Pombal procurava um qualquer pequeno motivo para realizar este seu intento e manifestar, assim, o seu poder perante o Papa. O motivo foi o facto do nuncio em Lisboa (Acciajuoli, já nomeado cardeal) não ter iluminado a fachada da nunciatura, por ocasião do casamento da princesa do Brasil, a futura rainha D. Maria I, com o Infante Dom Pedro.<sup>27</sup>

O nuncio tomou tal atitude por não ter recebido qualquer comunicação oficial sobre o acontecimento – diferentemente do que Pombal fez com outros diplomatas europeus – nem ter sido convidado para o evento político-religioso. Isto foi uma provocação de Pombal, entre outras ofensas ao representante do Papa em Portugal. Mas a verdadeira causa da rutura foi o facto de o Papa não ter aprovado a expulsão dos Jesuítas no ano anterior (1759), além de outras medidas despóticas.

Consumado o corte de relações, não podia haver comunicação entre a Igreja portuguesa e a Santa Sé, o que causava graves problemas, mesmo aos bispos que apoiavam Pombal. O maior problema era o das dispensas matrimoniais, muito numerosas nessa altura, dispensas reservadas ao Papa. Pombal recorreu ao Pe. António Pereira de Figueiredo, para justificar teologicamente que, em casos como este, os bispos tinham direito a dar as ditas dispensas. Isto acontecia, sobretudo, com os casamentos entre pessoas com a mesma consanguinidade. E como se tratava de pessoas nobres, que casavam entre si, Pombal ficou preocupado (o que não aconteceria, talvez, se fossem pessoas pobres e simples).

O “teólogo de Pombal” pôs mãos à obra e apresentou a *Tentativa Teológica*, em 1766, com esta finalidade. Aí defende que, quando não se pode recorrer à Santa Sé, os bispos devem ter, por direito próprio, o poder de dispensar nos impedimentos do matrimónio e de resolver outros casos, normalmente reservados ao Papa. Nessa obra, recorre à constituição da Igreja, ao primado do Papa e aos (amplos) poderes dos bispos. Por isso, foi dedicada “Aos Excelentíssimos

<sup>27</sup> Seguimos aqui algumas ideias de LEITE, António, *As teorias eclesiológicas do Pe. António Pereira de Figueiredo*, em Estudos Teológicos – Para uma Eclesiologia total, Atas da III Semana Portuguesa de Teologia, Lisboa, 1963, p. 17-21.

e Reverendíssimos Senhores Arcebispos e Bispos do Reino de Portugal e seus Domínios”. Figueiredo utilizou todas as armas da sua enorme cultura e saber, colocando-as ao serviço de Pombal e da teoria política do regalismo. Recorreu sobretudo a argumentos teológicos e não tanto canónicos. O título completo da obra é o seguinte:

- *Tentativa Theológica em que se pretende mostrar que, impedido o recurso à Sé Apostólica, se devolve aos Senhores Bispos a faculdade de dispensar nos impedimentos públicos do matrimónio e de prover, espiritualmente, em todos os mais Casos Reservados ao Papa, todas as vezes que assim o pedir a pública e urgente necessidade dos súbditos.* Foi publicada em Lisboa no ano de 1766, e dedicada “Aos Excelentíssimos e Reverendíssimos Senhores Arcebispos e Bispos do Reyno de Portugal e seus Dominios”.

Assim, estabeleceu 10 princípios que resumem a sua argumentação:

1. “A jurisdição episcopal considerada em si mesma, isto é, na sua instituição feita por Cristo, e prescindindo de lei, uso, ou reservação em contrário, é uma jurisdição absoluta e ilimitada a respeito de cada diocese” (p. 1).

Ora, à luz da história da Igreja, esta afirmação constituía uma falsidade.

2. “Antes de haver na Igreja algum corpo de leis ou cânones, que como direito comum regulasse universalmente todos os pontos da disciplina, eram os Bispos que, nos seus Sínodos Provinciais, estabeleciam os impedimentos do matrimónio, uns mais cedo, outros mais tarde, conforme o pedia a necessidade e utilidade das Dioceses que governavam” (p. 44).

3. “Por muitos séculos se conservaram os Bispos na posse de dispensar até nas leis dos Concílios Gerais e dos Romanos Pontífices, e por conseguinte nos impedimentos de Matrimónio” (p. 53).

4. “Em todo o Corpo do Direito Canónico, e ainda no Concílio de Trento, não há texto algum que negue ou tire aos Bispos a faculdade de dispensar nos impedimentos do Matrimónio. Só por costume ou tolerância dos Bispos, se foram pouco a pouco reservando à Sé Apostólica estas e outras dispensas” (p. 88).

O contrário é que é verdade: era de tal modo antigo o recurso ao Papa, que o concílio de Trento não teve necessidade de se pronunciar sobre este assunto.

5. “Sem o consentimento dos Bispos não podia o Papa privá-los do poder de dispensar nos impedimentos do Matrimónio e mais leis canónicas” (p. 98).

6. “Quando os Bispos consentiram nas reservas do Papa (se acaso é que consentiram, ou se consentiram em todas), foi logo com a condição, de que em-

baraçado por qualquer via o recurso a Roma, tornasse para eles interinamente a jurisdição e poder que demitiam” (p. 189).

Esta afirmação tão-pouco está provada.

7. “Embraçado pelos Reis e Príncipes Soberanos o acesso e recurso a Roma, não toca aos Bispos averiguar a justiça da causa; mas sim obedecer e prover interinamente o que for necessário para o bem espiritual dos súbditos” (p. 195).

8. “Enquanto a não deverem, ou a não poderem licitamente dispensar sem justa causa, tão obrigados estão o Papa como os Bispos. Porque a necessidade ou utilidade dos súbditos é a regra, por onde uns e outros devem medir as dispensas” (p. 203).

A utilidade de que tipo de *súbditos*? Apenas os grandes do Reino?

9. “Presentemente há em Portugal não só causa suficiente, mas também necessária e urgentíssima, e essa pública, para se dispensar nos impedimentos do Matrimónio” (p. 207).

10. “Não devem rechar os nossos Bispos que o Sumo Pontífice leve a mal ou reprove as dispensas matrimoniais, que eles concederem. Porque o espírito da Sé Apostólica e o de toda a Igreja (ao qual se deve conformar o Supremo Pastor) é assentir às dispensas episcopais, quando para elas concorrem tão urgentes razões, como as que de presente concorrem em Portugal” (p. 213).<sup>28</sup>

Quem lhe disse que esse é “o espírito da Sé Apostólica? Não será o contrário?

António Pereira de Figueiredo procura demonstrar estes princípios com numerosos argumentos teológicos, canónicos, históricos, etc. Em toda a obra revela uma notável acuidade de engenho e grande erudição, de que sempre deu provas. Pela argumentação apresentada, vê-se claramente como o autor procura exaltar o poder episcopal, em detrimento da autoridade do Papa, chegando, na prática, a negar a verdadeira jurisdição do Romano Pontífice sobre os demais bispos.

Figueiredo manifesta aqui uma grande erudição em teologia, em história e em cânones, mas interpreta estas ciências para provar o improvável, insistindo no poder dos bispos e reduzindo à mínima expressão o poder do Papa, mesmo sobre os próprios bispos. É a inversão dos valores tradicionais da eclesiologia católica. Além disso, Figueiredo, ao querer provar tudo, utiliza argumentos que provam muito pouco, já que parte de premissas eclesiológicas erradas.

<sup>28</sup> Veja-se este texto e comentários em SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, o. c., p. 86-89; LEITE, António, SJ, *As Teorias eclesiológicas do P. António Pereira de Figueiredo*, em *Semanas Portuguesas de Teologia – Estudos Teológicos*. Para uma Eclesiologia Total, Braga, 1964, 245-249.

Em 1770, as *Nouvelles Ecclésiastiques* deram grande relevo a esta obra de Figueiredo.<sup>29</sup> Em Portugal, também altos responsáveis da Igreja o elogiaram, não vendo na sua *Tentativa Teológica* nada contra o dogma católico. E vários bispos o apoiaram explicitamente, por causa das dispensas a propósito dos casamentos.

O livro teve uma grande retumbância, pois estava inteiramente dentro da linha do galicanismo e do regalismo, então no seu apogeu, nos principais países europeus. Figueiredo não se quedava no campo das meras teorias, mas descia a um caso bem concreto e apaixonante. Por isso, além de, pelo menos, duas edições portuguesas (1766, 1769), fizeram-se dele várias traduções no estrangeiro (Inocêncio I, p. 229). São conhecidas as versões italiana, latina, francesa, alemã e espanhola, algumas com mais que uma edição, além de vários resumos.

Porém, não lhe faltaram também algumas impugnações, ainda que tímidas, pois os tempos não corriam propícios à difusão da doutrina oficial da Igreja.

Para se defender, o autor publicou em Lisboa, no ano de 1768, um

- *Appendix e Ilustração da Tentativa Teológica sobre o poder dos Bispos em tempo de Rotura*, onde insiste nas mesmas ideias, esforçando-se por as demonstrar melhor.

Diretamente contra os seus impugnadores, publicou:

- *Resposta Apologética ao Padre Gabriel Galindo, theólogo de Madrid, ou à censura que este fez à Tentativa Teológica* (Lisboa, 1768); depois foi reimpressa em apêndice à terceira edição portuguesa da *Tentativa*.<sup>30</sup>

Escreveu ainda a obra:

- *Anonimi Romani qui de Primatu Papae nuper scripsit Vana Religio et Magna Fides, hoc est Defensio Tentaminis Theologici de auctoritate Episcoporum tempore scissurae, adversus italicum libellum Ravennae seu versus Romae nuper e vulgatum* (Lisboa, 1770).

Neste volume insurge-se contra as acusações que lhe tinham sido feitas pelo “Anónimo Romano”, atribuindo-as, em grande parte, à má tradução italiana da *Tentativa Teológica*, pelo que declara ter em mãos uma versão latina exata deste livro.

Condensa as acusações que lhe eram feitas pelo “Anónimo Romano” em cinco pontos, que vêm a reduzir-se à que negava o Primado de jurisdição do

<sup>29</sup> O jornal *Nouvelles Ecclésiastiques* era o órgão oficioso do jansenismo francês.

<sup>30</sup> Frei José Inácio Roquete traduziu a decisão do Conselho de Espanha, a propósito da *Tentativa Teológica* de Figueiredo, com o seguinte título: *Consulta do Supremo Conselho de Castella sobre a “Tentativa Teológica” do Padre Antônio de Figueiredo trad. em portuguez por Fr. J. D. N. S. D. C. R.* [Frei José de Nossa Senhora do Cabo Roquete] Coimbra, Real Impressão da Universidade, 1832; 171 p.; 20 cm (BNP, R. 30889 P.).

Romano Pontífice e à constituição monárquica da Igreja. Em boa verdade, deve dizer-se que estas acusações eram inteiramente fundadas. É certo que, habilmente, António Pereira de Figueiredo não afirmava talvez de forma categórica aqueles erros; mas não há dúvida de que eles se encontravam subjacentes a toda a sua argumentação e exposição.

Em vez de repudiar abertamente aqueles erros, como seria natural, se estivesse de boa fé, toda a sua defesa consiste em repetir as afirmações dúbias que fizera na *Tentativa* e no *Appendix*, agora traduzidas em primoroso latim, mas fugindo sempre de expor clara e perentoriamente a verdadeira doutrina.

Ideias semelhantes encontram-se ainda em outras obras do mesmo autor, em especial na seguinte:

- *Demonstração Theológica, Canónica e Histórica do Direito dos Metropolitanos de Portugal para confirmar a mandar sagrar os Bispos Sufragâneos nomeados por Sua Majestade* (Lisboa 1773).

Idêntica doutrina reafirma na conhecida:

- *Analyse da Profissão de Fé do Sancto Padre Pio IV* (Lisboa 1791, p. 68-82).

Estas teorias eclesiológicas não eram inteiramente originais. Pode dizer-se que eram mais ou menos comuns aos galicanos e regalistas da época, que aparentavam manter-se dentro da ortodoxia católica, evitando, assim, serem considerados cismáticos ou hereges. No entanto, António Pereira de Figueiredo teve o mérito de as expor com notável brilho e erudição, assim como de as aplicar ousadamente a um caso bem concreto: a faculdade dos bispos, em caso de rotura das relações com Roma, assumirem, unilateralmente, poderes reservados ao Papa, apenas com o apoio do governo português.

Segundo o nosso autor refere no prólogo do livro citado contra o “Anónimo Romano”, os bispos portugueses, a começar pelos três Metropolitanos, aceitaram as suas conclusões e começaram a conceder as dispensas dos impedimentos matrimoniais, reservadas normalmente a Roma.

Em abono de António Pereira de Figueiredo, devemos dizer, no entanto, que veio a morrer de modo edificante, depois de ter regressado à Congregação do Oratório que abandonara por ordem de Pombal, mas não arrependido dos muitos desvarios que tinha cometido ao serviço do ministro de D. José.

Para complemento do estudo das teorias eclesiológicas de António Pereira de Figueiredo, seria muito oportuno compará-las com as de outros autores portugueses da época, e em especial com esse monumento do regalismo que são os *Estatutos da Universidade de Coimbra*, de 1773, que haveria de influenciar fortemente a orientação dos estudos naquela Universidade e, consequentemente, a mentalidade de muitos eclesiásticos e leigos que ali se formaram depois. Assim,

talvez pudéssemos compreender melhor muitos dos tristes factos ocorridos em Portugal, sobretudo no século XIX, em matérias relacionadas com a Igreja. O bom povo português, e mesmo a generalidade do clero, manteve-se fielmente unido ao Papa e com profunda veneração pelo Vigário de Cristo, apesar da mentalidade contrária a Roma de muitos homens ilustres, tanto leigos como eclesiásticos.<sup>31</sup>

#### 24.1.5. O tempo da *Viradeira*

Dá-se este nome ao tempo depois da morte do rei D. José e à consequente queda do governo de Pombal. Foi, de facto, um tempo de mudança em que muitas coisas “viraram” de rumo. Mas não todas. Por isso, esta época é política e religiosamente bastante atípica, no sentido em que alguns nomes sonantes saíram do governo, e a rainha D. Maria I procurou acalmar os ânimos mais exaltados contra o Marquês e o seu regime. Mas as ideias não se mudam com leis ou com outras pessoas no governo.<sup>32</sup>

No entanto, mudaram o nome de *Real Mesa Censória* para *Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros*, reconhecendo aos bispos certa capacidade de intervenção nas decisões da dita comissão; mas o príncipe regente, de facto e de direito, mudou novamente o nome para Real Mesa Censória, em 1794, entregando ao Desembargo do Paço, ao Ordinário e à Inquisição os poderes que lhes tinham sido retirados. Portanto, a Censura passava novamente para as mãos da Igreja. É nesta situação favorável à Igreja que o Papa, por um decreto de 26 de janeiro de 1795, colocou no *Index* dos livros proibidos a *Analyse da Profissão de Fé*, tendo já tido acontecido o mesmo à *Tentativa Teológica*. Assim, estes dois livros de Figueiredo, devido às ideias que veiculavam, foram retirados do grande público.<sup>33</sup>

#### 24.1.6. Luta entre “os dois poderes”?

No fundo, a questão que se colocava nesta altura era uma questão tradicional, mas essencial para os cidadãos, católicos ou não, em todas as épocas da história do cristianismo: era a relação entre os dois poderes, o da Igreja (Papa e bispos)

<sup>31</sup> Para o tratamento destas questões veja-se um ótimo trabalho de SEABRA, João, *A Teologia ao serviço da Política Religiosa de Pombal: Episcopalismo e Conceção do Primado Romano na Tentativa Teológica do Padre António Pereira de Figueiredo*, Lusitania Sacra 7, 2.ª série, 1995, p. 359-402; CASTRO, Zília Osório de, *Emergência do temporal no sagrado: A “Analyse da Profissão de Fé do Santo Padre Pio IV” de Pereira de Figueiredo*, Lusitania Sacra 18, 2.ª série, 2006, p. 353-372.

<sup>32</sup> Sigo aqui algumas ideias de CASTRO, Zília Osório de, *Emergência do Temporal no Sagrado*, o. c.

<sup>33</sup> Ver ALMEIDA, Cândido Mendes de, *Direito Civil Eclesiástico Brasileiro*, t. 1, 3.ª Parte, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro Editor, 1866, p. 1293.

e o das autoridades civis, na altura, personificado nos reis. Tradicionalmente, o principal dos dois poderes era o do Papa, pelo facto de ser espiritual, o qual, segundo os critérios de então, deveria estar acima do poder temporal dos príncipes.

Este estado de coisas vinha já do tempo do papa Gregório VII, que escreveu e institucionalizou, por assim dizer, o supremo poder do Papa. Esta atitude de Gregório VII veio a propósito da conhecida questão das investiduras e da luta deste Papa com o imperador Henrique IV. Mas a questão já se colocava antes, desde a era constantiniana, e depois com o Sacro Império Romano-Germânico, de Carlos Magno e seus sucessores. Teólogos e juristas estavam de acordo em que o poder espiritual deveria estar acima do poder temporal, isto é, dos reis ou poder civil.

Assim, a instituição papal era considerada a máxima autoridade, não apenas no seu campo específico, o espiritual, mas também no campo civil. Assim, na prática, era o Papa que reconhecia a independência, ou não, dos Estados europeus, o que aconteceu com Portugal no tempo de D. Afonso Henriques; mas dirimia outras questões de carácter político entre os reis católicos europeus, como foi, por exemplo, a questão do tratado de Tordesilhas, que demarcava as regiões do mundo onde Portugal e Espanha poderiam exercer a sua influência militar, mas também evangelizadora.

Com o Renascimento, como vimos no vol. III desta coletânea, começam a levantar-se ideias contrárias, a mais extremista das quais foi a do dominicano italiano Savonarola, que tentou justificar o poder absoluto, mesmo discricionário, dos príncipes. A atitude pertinaz nesta teoria valeu-lhe a fogueira da Inquisição.

Com o iluminismo, o cientismo e os estudos históricos, a questão atingiu o paroxismo, na medida em que se chegou a colocar a questão da relação entre os dois poderes precisamente ao contrário: o poder civil vinha diretamente de Deus, tal como o do Papa, mas nos territórios do domínio do rei, o Papa não tinha autoridade praticamente nenhuma. O rei, que (ainda) se considerava protetor da Igreja, deveria legislar em tudo o que se referia à Igreja como instituição humana, deixando para o Papa apenas o que era do domínio puramente espiritual.

Esta foi a grande “questão europeia” do tempo do iluminismo, filosofia que gerou o regalismo, no campo das relações Igreja-Estado, na qual António Pereira de Figueiredo enfileirou e se viu diretamente envolvido. Trata-se da eterna questão da autonomia humana e das instituições, questão levantada pelo Renascimento e agudizada pelo iluminismo racionalista. Esta autonomia das instituições humanas, temporais, em abstrato, não nega a autonomia do intemporal, isto é, do divino, que necessita de pessoas e instituições para se tornar presente no nosso mundo.



É também o tema teológico da “Lei da Encarnação”, colocado no contexto político-religioso dos dois poderes: o divino só desce ao mundo, incarnando em pessoas e instituições. Portanto, este assunto cria sempre o problema dos limites entre um e outro “poder”, o que, no concreto da história, pode criar conflitos entre os dois. Foi o que aconteceu nesta altura com mais acuidade, porque faltou um diálogo franco, institucional, entre as duas partes, para o bem de toda a coletividade dos cidadãos. Portanto, a questão colocada pelo “iluminismo regalista” ou “regalismo iluminista”, nem é única nem é nova. Simplesmente, faz parte da pessoa humana e das duas instituições em que a mesma se insere e vive.

De qualquer modo, Figueiredo teve, pelo menos, a boa intenção de distinguir, na doutrina cristã, aquilo que é temporal, ou seja, circunstancial – dependendo das circunstâncias históricas em que a Igreja viva a sua peregrinação sobre a terra – daquilo que é eterno, situado no mundo do atemporal, divino, a que chama dogma de fé. No primeiro caso, haveria na Igreja muitas coisas que foi uma das muitas vítimas das ideias que circulavam por essa altura e que encandearam a sua inteligência. Ele tentou destrinçar o temporal, o historicamente circunstancial do eterno, divino, dogmático. Mas, como em todas as coisas humanas acontece, nem sempre foi feliz, exagerando e radicalizando as suas posições, sobretudo no que se refere à eclesiologia, favorecendo, apesar de ser clérigo, as posições extremistas do filosofismo de então.

O grave da questão em tudo isto foi o extremar de opiniões e de modos de agir, dando mais importância à questão teórica dos poderes em causa, do que às pessoas concretas que sofriam as consequências desse duelo de poderes em conflito. Por isso, cada um dos dois poderes tinha os seus apoiantes e os seus opositores, facto que gerou uma imensa literatura representada, resumidamente, nos diferentes capítulos deste volume. Figueiredo, como dizíamos, encontrava-se no meio desta fogueira de ideias, com a correspondente literatura. Por isso, como arriscou lutar por um dos contendores, teve também os seus opositores.

#### 24.1.7. Figueiredo e seus opositores

A *Tentativa Teológica* de Figueiredo foi uma das obras que mais inimigos lhe grangeou, muitos dos quais expressaram esse sentimento com queixas formais por escrito. Vejamos algumas obras contra às suas teorias:

##### 1. Dr. Gregório João de Brito:

- *Reflexões sobre o papel intitulado “Analyse da Profissão de Fé”, composto pelo Rdo. Pe. António Pereira de Figueiredo, Deputado da Real Mesa da Comissão Geral sobre o exame e Censura dos Livros*, Beja, 17 de julho de 1793.

Esta obra foi atribuída ao Dr. Gregório João de Brito, em nota inserida no final do livro. Tem uma *Adição* com 2 páginas, cujos temas são a legitimidade de se “rogar a Deus pelas almas do Purgatório” e de se “aplicar por elas uma indulgência”.<sup>34</sup>

E continua o seu discurso dizendo que, contrariamente ao que foi afirmado por “Lutero e outros hereges”, o autor, fundamentando-se em “muitos Concílios, SS. PP. e DD Cathólicos, que cita, segue o Curso Salmantisense” e refere “como dogma de fé”, que “os sufrágios aproveitam às almas do Purgatório”. Além disso, apresenta-se contra as ideias do livro de Figueiredo, sobretudo no que se refere à infalibilidade do Papa, à superioridade deste sobre o Concílio e ainda acerca das indulgências, do Purgatório e da consubstanciação. Esta era uma parte da doutrina defendida pela *Analyse da Profissão de Fé*, de Figueiredo, contra as doutrinas do concílio de Trento. De facto, a *Profissão de Fé do Santo Padre Pio IV* é chamada também *Credo Piano*, isto é, uma versão abreviada das doutrinas defendidas em Trento.<sup>35</sup>

## 2. Frei Joaquim Rebelo de Santa Ana, monge Jerónimo:

- *Queixas da religião sobre uma “Tentativa Theológica” da qual se diz autor António Pereira, presbytero e theólogo lisbonense.*<sup>36</sup>

## 3. Frei Nicolau da Assunção Becquer, OP (séc. XVIII):

- *Discurso Crítico e Apologético sobre as Doutrinas do Livro Tentativa Theológica: Em que se pretende mostrar nam poderem os Ex.mos e R.mos Senhores Bispos de Portugal, Estando Impedido o Recurso à Santa Sé Apostólica, dispensar nos impedimentos dirimentes públicos de matrimónio, nem ainda em caso de urgentíssima necessidade* [Manuscrito], 1768; 176 fol.; 24 cm (BNP, Cod. 10629).<sup>37</sup>

<sup>34</sup> Sigo aqui algumas ideias e obras citadas por CASTRO, Zita Osório de, *Emergência do Temporal no Sagrado...*, o. c., p. 353-373.

<sup>35</sup> Sobre a doutrina aprovada pelo papa Pio IV acerca do concílio de Trento (1559-1565), ver Denzinger, n.º 1725-1880. A chamada *Profissão de Fé* encontra-se nestes últimos números (n.º 1862-1870), pela bula *Iniunctum nobis*, de 13.11.1564. Mas este documento não é considerado como fazendo parte da doutrina de Trento, já que é um simples credo em forma mais extensa, mas sobre essas mesmas doutrinas.

<sup>36</sup> O autor chama ao escrito de Figueiredo “produção de mal empregados estudos” e “aborto infeliz de venenosos sentimentos” (SANTOS, Cândido dos, *Pombal e o iluminismo*, o. c., p. 305).

<sup>37</sup> Referido em SANTOS, Cândido dos, *António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung: ensaio sobre o Regalismo e o Jansenismo em Portugal na 2.ª metade do séc. XVIII*, Revista de História das Ideias, vol. 4, t. I (1982), 167-203.

#### 4. Frei Manuel de Santa Ana:

- *Análise sobre a Analyse da Profissão de Fé do Santo Padre Pio IV* (BGUC, ms 2825).

#### 5. Mariano Tinoco Foientes:

- *Elucidação da Verdade ou Analyse da Protestação da Fé do Santo Padre Pio IV (...) explicada e reivindicada de alguns erros que lhe fizeram...*, Lisboa, 1791 (BGUC, ms 583; BPB, ms 598; BPE, CI/2-8 e 2-9).<sup>38</sup>

#### 6. Matias da Conceição:

- *Reflexões críticas à “Tentativa Theologica”, feitas pelo..., a instância de hum seu discípulo* [manuscrito] [Depois de 1766]; 352 fol.; 25 cm (BNP, Cod. 8537).<sup>39</sup>

### Figueiredo defende-se das acusações

Para se defender destas e de outras acusações, Figueiredo escreveu:

- *Apêndice e Ilustração da Tentativa Teológica sobre o poder dos bispos em tempo de Rotura*. Aqui insiste nas mesmas ideias com a pretensão de melhor as explicar e para se justificar, sobretudo porque negava a doutrina teológica comum do primado do Papa e que iria ser definida, logo a seguir, pelo concílio Vaticano I. Insistindo, escreveu ainda contra os seus detratores:
- *Resposta Apologética ao Padre Gabriel Galindo, teólogo de Madrid, ou à censura que este fez à Tentativa Teológica*, Lisboa, 1768.<sup>40</sup>
- *Anonimi Romani qui de primatu Papae nuper scripsit Vana Religio et Mala Fides, hoc est, Defensio Tentaminis Theologici de auctoritate Episcoporum tempore scissurae adversus italicum libellum Ravennae seu verius Romae nuper evulgatum*, Lisboa, 1770.

Aqui insurge-se contra o *Anónimo*, que o ataca devido à má tradução italiana da sua *Tentativa*, declarando que tem em mãos uma, mas em latim. No Prólogo,

<sup>38</sup> No prefácio da obra *Sentimentos Cathólicos ou Portugal Ortodoxo contra a Tentativa Teológica do P. António Pereira de Figueiredo, Presbítero Lisbonense, Offerecida aos excelentíssimos bispos de Portugal e seus domínios*, por seu autor Marianno Tinoco Foientes, é afirmado que este nome é o anagrama de Frei António do Nascimento, lente de Filosofia, de Teologia e Prior Geral dos Carmelitas Descalços (BGUC, ms 1588). É interessante notar que esta resposta a Figueiredo mereceu também ela uma resposta, certamente na defesa de Figueiredo: *Resposta à Censura que aos “Sentimentos Cathólicos ou Portugal Ortodoxo” faz um reverendo Censor pela Autoridade Ordinária* (BGUC, ms 1621).

<sup>39</sup> Referido em SANTOS, Cândido dos, *António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung...*, o. c., p. 183.

<sup>40</sup> Esta obra foi publicada como suplemento da 3.ª edição portuguesa da *Tentativa Teológica*.

Figueiredo escreve que os três arcebispos metropolitanos portugueses (Évora, Lisboa e Braga), assim como a generalidade dos bispos portugueses, começaram a conceder as dispensas acima referidas.

O “Anónimo Romano” atacava-o por negar uma verdade teológica fundamental: o primado do Papa e a constituição monárquica da Igreja. Figueiredo, na sua argumentação, não nega *ipsis verbis* as grandes verdades teológicas acerca da Igreja, mas tal negação aparece implícita no modo como argumenta, não afirmando clara e explicitamente a doutrina tradicional da Igreja. Por isso, o seu *Appendix* é pouco mais do que a repetição do que tinha dito na *Tentativa*.

A prova de quanto acabamos de afirmar é o facto de repetir, ainda outra vez, as mesmas ideias, mas sobre o aspeto das doutrinas episcopalianas numa outra obra do mesmo jaez, já acima referida:

- *Demonstração Theológica, Canónica e Histórica do Direito dos Metropolitanos de Portugal para confirmar e mandar sagrar os Bispos Sufragâneos, nomeados por Sua Majestade e do direito dos Bispos de cada Província para confirmarem e sagrarem os seus metropolitanos, também nomeados por sua Majestade, ainda fora do caso de rutura com a Corte de Roma*, Lisboa, 1769 e 1773 (edição de 1769: BPE, S.L. E. 26-C.7).

Aqui defende, portanto, “o direito dos Metropolitanos de Portugal para confirmarem e mandarem sagrar os bispos sufragâneos, nomeados por sua Majestade, e o direito dos bispos de cada Província para confirmarem e sagrarem os seus respetivos Metropolitanos, também nomeados por Sua Majestade, mesmo fora do caso de rutura com Roma”. Estas doutrinas episcopalistas eram comuns a outros países católicos, e Figueiredo defende-as ainda numa outra obra:

- *Analyse da Profissão de Fé do Santo Padre Pio IV.*

Com esta doutrina, a Igreja portuguesa ficava nas mãos do rei e sobretudo nas mãos de Pombal, que nomeava os seus amigos clérigos para bispos, portanto, sem as condições exigidas pela Sé Apostólica. Por isso, muitos consideravam Pombal e o próprio rei como tendo caído sob a excomunhão fulminada pela *Bula da Ceia*. Esta continha 20 excomunhões “*latae sententiae*”, sendo uma delas contra os violadores das imunidades eclesiásticas.<sup>41</sup>

Para justificar a atuação regalista de Pombal em relação à Igreja, Figueiredo escreveu ainda:

- *Compêndio da Vida e Acções do Venerável João Gerson* (que foi bispo de Ypres).

Nesta obra defende a separação do poder do Papa em relação aos reis, afirmando, ao mesmo tempo, que ninguém defendeu melhor estas ideias do que

<sup>41</sup> António Leite, *Despotismo*, o. c., p. 43.

João Gerson: “Ninguém explicou melhor os limites do poder eclesiástico e secular que no seu tratado do *Poder da Igreja e Origem do Direito...*”.

Em todas estas e outras obras, é toda a pirâmide eclesiástica tridentina que é posta em causa. Se Lutero tinha defendido a tese conciliarista sobre a autoridade do Papa, antes e durante Trento, agora, Figueiredo e outros voltam à carga com novos argumentos, colhidos do regalismo, do jansenismo e sobretudo do galicanismo. É, no mínimo, interessante que toda esta gente pretendia renovar a Igreja, não a partir de dentro, como era o caso da *Jacobeia*, mas a partir de fora, isto é, com a “ajuda” e sob a proteção do poder do rei!

Figueiredo chega ao ponto de defender a veracidade histórica da aparição de Cristo crucificado a Dom Afonso Henriques antes da batalha de Ourique, para provar a origem divina do poder do rei, D. José. Assim diz um autor:

“A aparição de Cristo ao santo rei D. Afonso Henriques não tem a menor impossibilidade física, nem moral e tem a seu favor monumentos e tradição constante”.

Ultimamente respondeu a todas as dúvidas a este respeito o Padre António Pereira de Figueiredo, na sua obra intitulada:

- *Novos Testemunhos da Milagrosa Aparição de Cristo a ElRei D. Afonso Henriques*, Lisboa, 1786. A nova edição de 1809 insiste em novos documentos sobre o mesmo assunto.<sup>42</sup>

O que realmente Figueiredo pretende com esta obra, e em diferentes edições, não é certamente fazer um ato de fé histórico sobre o acontecimento / lenda de Ourique, para justificar as suas teses regalistas. O que ele pretende realmente, tal como outros autores de que falávamos no volume III desta coletânea, numa circunstância histórica difícil do domínio espanhol, era enaltecer, não apenas a monarquia enquanto tal, mas a origem sagrada da mesma e, portanto, o regime absoluto e de direito divino.<sup>43</sup>

Numa palavra, Figueiredo pretende justificar o carácter sagrado do regime absoluto de D. José e de Pombal. Uma realeza que tem como fundamento e origem as palavras de Cristo poderia arrogar-se todos os direitos humanos e mesmo divinos... É a insistência na origem divina e imediata do poder real que volta à

<sup>42</sup> Sobre este tema, veja-se CANAVEIRA, Manuel Filipe Cruz de Moraes, *A Legitimação Histórica da Monarquia Absoluta na obra do Padre António Pereira de Figueiredo*, em Separata da Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas 5, Lisboa, 1992, p. 171-187. Recolhi neste parágrafo algumas ideias e bibliografia desta exposição.

<sup>43</sup> Ver volume III da coletânea de “A Bíblia em Portugal”: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 521-534.

cena da história, a partir das monarquias antigas egípcias e outras, mas, agora, por diferentes motivações.

Este discurso absolutista volta de vez em quando à cena nos escritos de Figueiredo, de Ribeiro dos Santos e de outros apaniguados de Pombal. Assim afirma o primeiro na sua *Dissertação Histórica e Crítica*:

“O Reino de Portugal, grande pela sua origem, e admirável pelas suas conquistas, com que se tem feito respeitar no Mundo, não cede a nenhum outro, nem na glória do seu princípio, nem mesmo na com que se estabeleceu a sua Monarquia. Que querem, ou pretendem querer os opositores dela que eu lhes conceda? Maior antiguidade? Maior grandeza? Maior poder? Maior política? Maior Arte Militar? Maiores Exércitos e tudo o que pode fazer hum ou muitos Estados-Maiores? Tudo isso, concederei sem disputa, nem controvérsia. Mas haverá algum Reino ou Nação que tenha da boca de Cristo estas palavras ditas ao primeiro Afonso: ‘Eu quero estabelecer em ti, e na tua Descendência o meu império? (...)’. Se esta prerrogativa é singular de Portugal porque lhe hão de querer tirar o que Deus lhe prometeu? E porque hão de querer outra prova ou segurança disto que a mesma promessa?”<sup>44</sup>

Ao mesmo tempo, Figueiredo pretendia, com essa obra de investigação de testemunhos históricos, que vai acrescentando, não somente arranjar mais testemunhos antigos, mesmo de outros países, como, por exemplo, o do imperador Constantino, mas também enaltecer o orgulho nacional contra a presença dos exércitos estrangeiros, que podiam ameaçar o nosso país, numa espécie de “cruzada”.

Por tudo isto, o Padre Figueiredo advoga a canonização de D. Afonso Henriques, que, desde D. João III, vinha sendo pedida à Santa Sé, aludindo mesmo ao processo formal que se fez em Coimbra no tempo do bispo D. João Soares, perante muitas testemunhas. Com a morte de D. João III, o dito processo não continuou os seus trâmites legais. Assim, a argumentação de Figueiredo (e de outros adeptos da mesma ideologia real) ficou mais debilitada, sem o argumento que seria fundamental para provar a monarquia portuguesa aureolada como realidade sacral, o que não teria acontecido com outras monarquias europeias.

Mas Figueiredo procura ainda outros argumentos para enaltecer o poder real, a propósito da inauguração da basílica da Estrela, em Lisboa:

- *Oração Encomiástica a El Rei Nosso Senhor, lançando pelas suas Reais Mãos a Primeira Pedra do Majestoso Templo do Coração de Jesus*, Lisboa, 1791.

<sup>44</sup> *Dissertação Histórica, e Crítica em que se prova a milagrosa Aparição de Christo Senhor Nosso a El Rei D. Affonso Henriques antes da Famosa Batalha do Campo de Ourique, publicada em 1786 por seu auctor o erudito P. António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Imp. Régia, 1809, p. 17.

Aqui, o rei consorte, D. Pedro III, casado com D. Maria I, é comparado a David, que mandou erigir o templo de Jerusalém. Por sua vez, D. Maria I, que continuou as obras da referida basílica, é comparada ao rei Salomão, que edificou o templo mandado construir por seu pai, o rei David. Numa palavra, D. Pedro III teria sido o “David” português!

Em *O Reinado do Amor*, Figueiredo contradiz o que tinha defendido no tempo do Marquês de Pombal, ao afirmar, com grandes elogios, a diarquia D. Pedro III e D. Maria I. Isto poderia comparar-se à existente numa época da Roma imperial, no tempo do imperador Diocleciano com uma diarquia e depois com uma tetrarquia. Figueiredo, se fosse lógico com as ideias da monarquia absoluta, que defendeu no tempo do Marquês, diria que esta era uma época da decadência e não de um bom governo para Portugal.

O que acabamos de afirmar comprova-se com um discurso laudatório intitulado:

- *Paralelo de Augusto César e Dom José, o Magnânimo Rei de Portugal*, escrito em 1775.

Aqui, o fraco rei D. José é comparado, ou melhor, igualado (!), nada menos que ao César de Roma. Mais ainda, num outro discurso laudatório, Figueiredo reclama para os reis portugueses o título de “divos”, tal como acontecia com os imperadores de Roma.<sup>45</sup>

Para concluir estas breves ideias sobre o Pe. António Pereira de Figueiredo e o regalismo, direi que este autor português mais parece um opositor à Igreja do que um defensor da mesma à qual pertencia pelas Ordens sacras. De facto, enquanto, por um lado, aproveita todas as louvaminhas para enaltecer o poder real, na pessoa do rei, por outro, aproveita igualmente todas as ocasiões para criticar o poder do Papa, pelo menos alguns Papas, enaltecendo o *episcopalismo* e o *galicanismo*.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Em *Sessões Litterárias da Academia dos Obsequiosos do lugar de Sacavém*, Ed. Oficina de António Rodrigues Galhardo, Lisboa, 1790, t. II, p. 150-151. Aqui aproveita para comparar as obras grandiosas dos imperadores de Roma com as dos nossos reis, apresentando um enorme elenco de obras e instituições em favor do povo português, sobretudo de Lisboa, promovidas, como era de esperar, pelo rei D. José e pelo seu ministro todo-poderoso, o Marquês de Pombal.

<sup>46</sup> Veja-se FIGUEIREDO, Pe. António Pereira de, *Elogios dos Reis de Portugal em Latim e em Português, Ilustrados com Notas Históricas e Críticas*, Lisboa, Of. de Simão Taddeo Ferreira, 1785, p. 213-215. Figueiredo critica mesmo o papa Eugénio IV por não pedir o beneplácito régio a D. Afonso V para a provisão no bispado de Viseu a D. Luís Coutinho. E afirma que a queixa do rei recebeu do Papa “uma carta injuriosa e indecente que bem se colhe dela, que não queria Eugénio instruir a ElRei como pastor, mas sim aterrá-lo como senhor despótico. Diz-lhe que os ministros da corte de Portugal não entendiam o que na presente matéria dispunham as leis e os cânones. Que como a Rei menino, que ignora os Direitos, ele lhe quer ensinar que aos Romanos



De facto, o galicanismo em Portugal manifestou-se através do poder atribuído aos bispos. Pombal pretendia uma espécie de “Igreja episcopaliana”, que pudesse ter sob a sua alçada, longe de um poder superior e universal, como era o do Papa, chefe supremo da Igreja Católica. Esta era, no fundo, a ideologia de um *galicanismo* e de um *jansenismo* importados, sobretudo da França, para o nosso país.<sup>47</sup>

- *Doctrinam Veteris Ecclesiae de suprema Regum etiam in clericis potestate*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1765.

Com esta obra, Figueiredo pretende justificar o poder dos reis, que vem diretamente de Deus, sobre o clero e a Igreja “nacional”. Esta teoria defende, aprioristicamente, que, se o poder real vem diretamente de Deus, não é discricionário, pois pretende o bem de todos os cidadãos, no que respeita aos negócios temporais, estando fora de causa a intromissão do Papa no poder real. O poder papal também vem de Deus, mas unicamente para a esfera espiritual. Assim, os bispos, e o clero em geral, estão sujeitos ao rei em todos os assuntos de caráter temporal: impostos, etc., já que a pessoa do rei é sagrada e inviolável, segundo a teoria regalista. As 16 teses em que expõe a sua teoria tiveram grande voga no estrangeiro, e Pombal investiu muito dinheiro nessa propaganda.<sup>48</sup> Estas 16 proposições podem resumir-se nos seguintes pontos:

1. O poder real tem Deus como autor e instituidor.
2. O objeto do poder real é tudo aquilo que diz respeito à sociedade civil, enquanto civil, e ao que lhe está anexo, a felicidade e a tranquilidade temporal dos homens.
3. A Igreja não está menos obrigada a obedecer às leis da conservação da sociedade humana do que a República.
4. Na administração das coisas civis e temporais, os reis não reconhecem nenhum superior, exceto Deus.

---

Pontífices compete a disposição plena e livre de todas as Igrejas, sem que para isso seja necessário esperar pelo consentimento dos Reis. E, como se fossem alguns ímpios os conselheiros delRei, conclui Eugénio a carta, exortando-o a que se não sirva senão de Ministros tementes a Deus, Católicos e devotos; e que, contradizendo ao Vigário de Cristo, incorreria na indignação do mesmo Deus...”. Seguidamente fala mesmo de “usurpações da Corte Romana... aos Príncipes Católicos” (ver ainda *Demonstração Theológica, Canónica e Histórica do Direito dos Metropolitanos de Portugal para confirmarem e mandarem sagrar os Bispos sufragâneos nomeados por sua Majestade e do Direito dos Bispos de cada Província...*, o. c., p. 168-170.251.258-259.

<sup>47</sup> MARCADÉ, Jacques, *Le Jansénisme au Portugal. Notes d'approche*, em Revista Portuguesa de História XVIII, 1980, p. 1-30.

<sup>48</sup> Esta fama no estrangeiro chegou sobretudo através do jornal jansenista *Nouvelles Ecclésiastiques*.

5. Deus distinguiu estes dois poderes, régio e pontifício, por atos e funções próprias, de tal modo que cada um fosse supremo no seu género e independente do outro.

6. O pontífice romano não pode direta nem indiretamente privar os reis do direito (iure), do império (domínio), posse ou administração das coisas temporais.

7. Assim como o direito e o exercício do gládio espiritual que consiste na censura eclesiástica compete apenas aos Pontífices, assim o direito e o exercício do gládio material, pelo qual se aplicam as penas corporais, só compete aos Príncipes seculares.

8. Os Reis podem e devem usar do gládio material, isto é, da autoridade e severidade das suas leis, não só para conservarem a República, mas também para protegerem a religião, no que está contido tudo o necessário, quer à proteção e execução dos sagrados cânones, quer à extirpação e punição dos abusos dos próprios eclesiásticos.

9. Quando os tribunais eclesiásticos abusam do seu poder contra a dignidade natural ou contra os cânones, aqueles que sofreram violência ou injúria podem implorar o socorro dos Reis. Não sem fundamento, chamam os espanhóis a esta maneira de proceder, em uso desde os primeiros séculos da Igreja, “recurso ao Príncipe” e os gauleses “apelação do abuso”.

10. Nas coisas temporais, de igual modo estão sujeitos ao poder régio clérigos e leigos; igualmente os bispos e os clérigos menores.

11. Por lei divina, estão proibidos todos e cada um dos súbditos, por qualquer pretexto que seja, tramar ou fazer alguma coisa contra os reis, de tal modo que é réu perante Deus, de sacrilégio abominável, aquele que ousa violar as sagrações das pessoas dos reis ou a sua majestade.

12. À parte o privilégio real, estão sujeitos ao poder da realeza, de igual modo, os bens dos sacerdotes como os bens dos leigos, no que respeita ao pagamento de tributos.

13. Nas calamidades públicas e graves, bem como nas necessidades do Reino, nas quais se cobram aos leigos contributos extraordinários, o rei pode exigir do clero cômgruos subsídios ou contribuições, mesmo sem consultar o Pontífice romano.

14. Tudo o que de bens temporais possui a Igreja possui-o por direito dos reis.

15. A isenção concedida aos clérigos no Direito Canónico, quer quanto aos bens, quer quanto aos crimes civis, não tem a sua origem e vigor no Romano Pontífice, mas na graça e privilégio dos príncipes seculares, nem por tal isenção deixam os clérigos de ser súbditos dos mesmos príncipes.

16. A isenção dos clérigos nas causas temporais não é de direito divino.<sup>49</sup>

Ao lermos estas teses, choca-nos, hoje, o facto de Figueiredo não falar da pessoa sagrada do Papa, já que exerce um poder religioso; mas, ao contrário, coloca o sagrado na pessoa do rei. Há aqui uma inversão de valores: o sagrado fica sujeito ao profano (poder real), que é sacralizado, na pessoa do rei. A fundamentação de Pereira é de natureza teológica: pela Sagrada Escritura, pelos Santos Padres, Concílios e Doutores católicos...

Mas é claro que Figueiredo faz uma leitura “interessada” dos textos da Escritura, ou seja, lê a Escritura sem o respetivo contexto e forçando os textos, obrigando-os a dizer o que ele quer. Hoje, nenhum bom conhecedor da Bíblia a utilizaria desta maneira. O argumento da antiguidade é o seu terreno privilegiado. Daí a necessidade do conhecimento da História Eclesiástica, de que dependia a Sagrada Teologia, doutrina que também expôs noutra obra sua, já referida: a *Doctrina Veteris Ecclesiae*, reimpressa em Paris na coletânea intitulada *Collectio Thesium*, no primeiro volume, e foi noticiada nas *Nouvelles Ecclésiastiques* em 23 de Janeiro de 1766 (notícia de Lisboa):

“Deixamos – diz o autor da notícia – aos conhecedores o apreciar a exatidão e a precisão desta tese. Se Portugal se liberta de todos os outros preconceitos que os Jesuítas tinham aí introduzido, e os felicitamos de todo o coração. E seria talvez útil comparar esta tese com o que se diz sobre o mesmo assunto nas *Actas* da última Assembleia do Clero de França (...).

O articulista manifesta ainda o seu prazer por ter visto a tese anunciada na *Gazeta de França* de 20 de dezembro último (notícia de Lisboa); mas desvaloriza o voto de submissão que faz o Padre Pereira de Figueiredo à decisão da Igreja e ao “repúdio de tudo o que fosse contrário à doutrina ortodoxa”. Ou seja, apesar do que fez e escreveu, o Pe. Figueiredo tinha a consciência segura que agira segundo a doutrina ortodoxa, católica.

## Conclusões

1. Figueiredo, pelo que temos vindo a afirmar, foi um ideólogo revolucionário, talvez não propriamente contra o Papa, mas contra um certo *status quo* de tal maneira arraigado nos espíritos que não permitia outros voos no esclarecimento dos dogmas, nem distinguia uma certa piedade da doutrina do Evangelho. Se o seu contributo neste campo da doutrina abalou a fé de muita gente, isso não significa que a sua intervenção, nesse preciso momento histórico, tenha sido

<sup>49</sup> Ver SANTOS, Cândido dos, *Erudição e Polémica*, o. c., p. 74-75.

muito prejudicial para a Igreja e para Portugal, como entidade político-religiosa. A Igreja, de vez em quando, necessita de sentir um pequeno terramoto, para sacudir o pó que a história vai depositando nas suas instituições e pessoas, mesmo nas de mais alta dignidade e responsabilidade.

2. Quanto à justificação do regime pombalino, que ele apoiava indefetivelmente, já não seríamos tão otimistas em relação a este seu proceder. Uma coisa é certa em tudo isto: Figueiredo teve sempre a seu lado um acérrimo apoiante, colega e amigo, embora mais circunspeto, um alto dignatário da Igreja: Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, Geral da Ordem Terceira Franciscana, bispo de Beja e, mais tarde, arcebispo de Évora. Não era, pois, um apoio qualquer e que, em certos momentos, se afirmava explicitamente; isto, por exemplo, quando Figueiredo lhe enviou a *Analyse da Profissão de Fé*:

“Tudo quanto é dar aos povos ideias da religião claras e desembaraçadas é um negócio de homens sábios e digno das suas fadigas, particularmente em tempo de controvérsias” – afirmava Cenáculo.<sup>50</sup>

O bispo Cenáculo, não somente apoiou esta obra, mas pediu grande quantidade de exemplares para distribuir aos seus seminaristas. Tudo isto porque nenhum deles negava a *Profissão de Fé de Pio IV*, mas os dois estavam de acordo em separar o circunstancial do dogmático, o histórico do doutrinal, o mutável do imutável. Por isso, Figueiredo colocava muitos pontos de interrogação em certas fórmulas da dita *Profissão de Fé*, para ver “o que é que nela se nos propõe como dogma de fé divina, e o que não nos é proposto como tal” (p. 9). Assim, na sua *Analyse*, cita e segue a *Regra de Fé* do Padre Veron, teólogo francês de Seiscentos, de pendor jansenista:

“Tudo aquilo e só aquilo é de Fé Católica, que se acha revelado na palavra de Deus, isto é, na Escritura Sagrada, ou Tradição Apostólica, e proposto a todos pela Igreja Universal, como coisa que se deve crer de Fé divina”.<sup>51</sup>

3. Mas temos contra Figueiredo o facto de se ter deixado levar de tal maneira pela sujeição ao poder político instituído, que chegou a elogiar, por tudo e por nada, um ditador violento como Pombal e um rei débil e sem personalidade – segundo parece. De tal modo bajulou esta pessoa, pouco honesta, pouco fiel à

<sup>50</sup> *Carta do bispo de Beja, Frei Manuel do Cenáculo, a António de Figueiredo de 20 de maio de 1791*, p. 41 (BPE, CX 1/1-2).

<sup>51</sup> François Véron, “Regle Générale de la Foy Catholique - La Règle totale et unique de la foy catholique, c’est à dire, à laquelle tous sont obligés sous peine d’hérésie et de séparation de l’Église Catholique est la Révélation divine faite aux Prophètes et Apôtres, proposée par l’Église Universelle en ses conciles généraux ou par sa pratique universelle” (citado na p. 4 da sua *Analyse*).

sua esposa (segundo se diz), que lhe atribuiu poderes divinos e a adornou de um carácter sacral! Onde estava a inteligência e a honestidade histórica e humana de Figueiredo? A única resposta a esta e outras questões parece ser: a política corrompe... mesmo as ideias.

Poderíamos concluir, afirmando que, no séc. XVIII português, confluíram várias correntes ideológicas que alguns decénios antes já tinham atravessado diversos países europeus, provocando, por isso, um grande sobressalto na política e na Igreja portuguesa desse século.

## 24.2. Tradução da Bíblia em Língua Portuguesa a partir da Vulgata Latina

Depois de verificarmos a vida agitada e a enorme e multifacetada cultura do Pe. António Pereira de Figueiredo, iremos agora debruçar-nos sobre o objetivo fundamental que nos propomos para esta Segunda Parte: a sua tradução da *Bíblia Sagrada*. É por este motivo que Figueiredo é recordado muito brevemente na *Enciclopédia Judaica*, nos seguintes termos:

“The only notable early Portuguese translations of the Old Testament were the protestant edition of *João Ferreira d’Almeida* (Batavia, 2 vol., 1748-1753)” and a Catholic Bible based on the Vulgate, by *António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, 23 vol., 1778-90 (Enc. Judaica, vol. 4, p. 879).

Este assunto é central, motivo pelo qual o deixámos para a Segunda Parte deste volume. Com efeito, é sabido que a Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida não foi uma Bíblia completa, por dois motivos:

- a) Morreu antes de terminar a tradução, quedando-se em Ez 48,21; ou seja, traduziu uns 90% do Antigo Testamento, além do Novo Testamento de 1681 e da 2.<sup>a</sup> edição de 1693, que preparou antes de falecer.
- b) Não traduziu os Dêutero-canónicos, que Figueiredo, aliás, traduziu; isso aconteceu pelo facto de Almeida ser protestante calvinista convicto e estar ao serviço da Igreja calvinista holandesa.

Portanto, pode dizer-se que a 1.<sup>a</sup> tradução da Bíblia completa na nossa língua teve que esperar pelo final do século XVIII, na pessoa do Padre Figueiredo, o “herói” deste 5.<sup>o</sup> volume da coletânea *A BÍBLIA EM PORTUGAL*.<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Sobre todos os assuntos que se referem à *Bíblia de João Ferreira Annes D’Almeida*, veja-se o nosso volume IV, numa edição melhorada, depois da 1.<sup>a</sup> edição de 2006, e que constituiu uma tese de doutoramento em Teologia Bíblica.

Figueiredo, tendo sido teólogo “oficial” do Marquês de Pombal e também o seu tradutor de documentos latinos, estava minimamente habilitado para a tradução da Bíblia a partir da Vulgata Latina. Este trabalho ocupou grande parte da sua vida e foi publicado em vários volumes, entre 1778-1790. Tem grande valor literário e filológico, sendo, por isso, uma das obras-primas da nossa literatura do séc. XVIII.<sup>53</sup>

#### 24.2.1. O Pe. António Pereira de Figueiredo e o decreto da Sagrada Congregação do Índice (1757)

Era tempo de a Igreja, a nível universal, anular as proibições das edições da Bíblia em língua vulgar, pois Portugal, como vimos no vol. III, levava um século de atraso em relação ao que se passava, a este nível, nos outros países europeus.<sup>54</sup> As circunstâncias tinham mudado radicalmente desde então; os bispos de todo o mundo reclamavam traduções para o seu trabalho pastoral, e os novos espaços evangelizados dos outros quatro continentes exigiam uma nova atitude pastoral

<sup>53</sup> Sobre esta Bíblia, ver RIBEIRO DOS SANTOS, António, *Memória sobre algumas Traducções, e Edições Bíblicas menos vulgares em Língua Portuguesa, especialmente sobre as Obras de João Ferreira de Almeida*, em *Memória da Literatura Portuguesa*, Academia Real das Ciências, vol. VII, Lisboa, 1806, p. 17-59. Ao falar da Bíblia de João Ferreira Annes D’Almeida, deixa apenas uma menção indireta à Bíblia de Figueiredo, escrevendo, em 1806: “Deixamos de fazer memória das traducções que se publicarão nos nossos dias, porque são assaz conhecidas e correm pelas mãos de todos com grande crédito dos seus autores e muita edificação dos fiéis, o que se deve dizer mui particularmente da que saiu da pena do ilustre *Teólogo Pereira*, para quem serão sempre diminutos todos os elogios que se derem a seus escritos, como foi grande a perda, que teve este Reino em sua morte, e grandes as saudades que nos deixou” (nota da p. 58-59). António Ribeiro dos Santos dispensou muitos mais elogios à Bíblia de Almeida do que à do seu contemporâneo Figueiredo. Porquê? Apenas porque não a apreciou? Por sua vez, SANTOS FERREIRA, em *A Bíblia em Portugal – Apontamentos para uma monografia (1495-1850)*, Lisboa, 1906, depois de nos fazer uma apresentação das várias edições desta Bíblia (p. 68-79), não perde ocasião de deixar a sua crítica de sempre a tudo o que seja católico: “... Mas a justa apreciação que fazemos do valor da obra e dos méritos do autor, não importa o reconhecermos como verdadeiras certas afirmações e teorias que, embora apresentadas como genuínas e ortodoxas, contrariam a doutrina bíblica e a verdade histórica” (p. 79). Nas páginas seguintes (p. 82-123), apresenta-nos uma resenha das Bíblias que circularam em Portugal no séc. XIX, incluindo as edições de Figueiredo. Mas um dos ataques dirigidos à Bíblia de Figueiredo, acusada de herética, veio do Padre Francisco Recreio (ver Inocêncio III, p. 42-43). Sobre Figueiredo e as diferentes edições, ver ainda CARVALHO, Freitas de, *La Bible au Portugal*, em *La Bible de Tous les Temps (BTT)* 7, Paris, Beauchesne, 1986, p. 260-262; VIGOUROUX, *Versions Portugaises de la Bible*, em *Dictionnaire de la Bible*, vol. V, col. 565-567. Uma obra indispensável para conhecer as várias facetas do Pe. Figueiredo: SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição e Polémica na Segunda Metade do Século XVIII*, Roma Editora, Lisboa, 2005; Idem, *Pombal e o Iluminismo*, em *Humanística e Teologia* 3 (1982), p. 299-343.

<sup>54</sup> Ver vol. III desta coletânea: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 125-137.

que incluísse a Bíblia, também pela pressão do mundo protestante. Por isso, os novos *Estatutos da Universidade de Coimbra*, de 1772, consagravam o estudo das três línguas “bíblicas”: latim, hebraico e grego.

O decreto de Trento não proibia radicalmente a leitura da Bíblia em línguas vulgares, pois seria possível se a tradução fosse feita por autores católicos e com licença explícita, por escrito, do bispo da própria diocese, do inquisidor e a conselho do pároco ou confessor.

É costume apontar as cláusulas do concílio de Trento como sendo a base da proibição das traduções da Bíblia em língua vulgar. Ora, isto não aconteceu de modo tão simplista. O que se passou realmente foi que as traduções ficavam ao critério da autoridade episcopal; mas esta, frequentemente, demitiu-se desse encargo, deixando a questão ao sabor da repressão inquisitorial, que as proibiu simplesmente. O pároco e o confessor também tinham o poder de autorizar “a leitura da Bíblia vertida em vulgar por autores católicos àqueles de quem entenderem que dessa lição podiam receber, não dano, mas sim aumento da fé e da piedade; a qual licença deverão ter dado por escrito” (A. P. Figueiredo, fim da *Prefacção Geral* da Bíblia).

Ora bem, no período em que nos encontramos, as circunstâncias sociais, culturais e políticas tinham mudado completamente. Por isso, a famosa 4.<sup>a</sup> Regra que funcionou desde a bula *Dominici Gregis Custodia*, de 24.03.1564, foi modificada em 13 de junho de 1757, pelo papa Bento XIV; assim, foi eliminada a proibição de edições bíblicas em língua vulgar, acrescentando à referida Regra alguns termos e deixando-a do seguinte modo:

“Tendo-se evidenciado pela experiência que, se se permite a leitura da Sagrada Escritura em língua vernácula de maneira ordinária e indiscriminada, costuma originar-se, em virtude de temeridade dos homens, mais detrimento do que utilidade; é necessário, neste particular, seguir o juízo do Bispo ou do Inquisidor, a fim de que, ouvido o pároco ou confessor, se conceda a leitura da Bíblia em língua vernácula àqueles que se possa prever retirarão de tal leitura aumento de fé e de piedade sem prejuízo algum espiritual (...)”.

“... Porém, se estas versões da Bíblia forem aprovadas pela Sé Apostólica ou publicadas com Anotações tiradas dos Santos Padres da Igreja ou de Varões doutos e católicos, concedam-se”.<sup>55</sup>

Portanto, a Igreja não “proibiu” a leitura da Bíblia em línguas vulgares, em termos absolutos, como, por vezes, se ouve dizer. O que fez foi não facilitar nem

<sup>55</sup> O Papa acrescentou à *Quarta Regra* de Trento as palavras latinas: “Quod si huiusmodi Bibliorum versiones vulgari lingua fuerint ab Apostolica Sede appobatae, aut editae cum annotationibus desumptis ex Sanctis Ecclesiae Patribus vel ex doctis, Catholicisque viris, conceduntur”.



aconselhar tais leituras, o que é um pouco diferente. E fê-lo porque temia que isso desse mau resultado em pessoas que não tinham a mínima formação bíblica e numa altura em que poucas pessoas sabiam ler. Por isso, é que havia as tais restrições de leitura. Por outro lado, a iliteracia geral de então dificultava as traduções da Bíblia para as ditas línguas, pois ninguém iria fazer uma tradução da Bíblia para um número reduzido de leitores entendidos na matéria, os tais que teriam licença de a ler. E, mais ainda, o clero e os entendidos em assuntos bíblicos não necessitavam muito dessas traduções, pois liam facilmente a Bíblia em latim.

Num outro Breve de 1778, o papa Pio VI dirige-se ao abade António Martini, arcebispo de Florença, em termos de louvor e agradecimento por um exemplar da versão italiana do *Novo Testamento*, que este lhe ofereceu. Deste modo, Pio VI confirma a decisão do seu imediato antecessor, elogiando uma tradução da Bíblia para a língua italiana. Estavam permitidas e mesmo aconselhadas, oficialmente, as traduções da Bíblia para as línguas vulgares. Por esse facto, a IV Regra foi praticamente abolida.<sup>56</sup>

Figueiredo soube desta modificação legislativa por um seu confrade de Roma, o Padre Francisco Pozzo, que lhe deu esta notícia, assim como do grande regozijo das autoridades do Vaticano pela decisão tomada pelo Papa. O motivo fundamental de tal alegria vinha do facto de haver muitos pedidos de traduções da Bíblia para o ensino da Teologia e, sobretudo, para uma catequese mais bíblica. Os tempos em que se vivia, tempos em que a cultura se pautava por critérios científicos, não se compadeciam com o desconhecimento da Bíblia pelos cristãos católicos. Quando o mundo científico e cultural, em geral, procurava ir ao passado para encontrar a justificação do presente, sobretudo na área da His-

<sup>56</sup> O Breve, dirigido por Pio VI ao arcebispo António Martini, diz o seguinte, segundo o original latino: *Dilecte Fili, Salutem, etc. In tanta Librorum colluvie, qui Catholicam Religionem oppugnant, et tanta cum animarum pernicie per manus etiam imperitorum circumferuntur, optime sentis, Christi Fideles ad Lectionem Divinarum Litterarum magnopere excitandos existimas: Illi enim sunt Fontes uberrimi, qui cuique patere debent ad hauriendam Morum et Doctrinae sanctitatem depulsis erroribus, qui his corruptis temporibus late disseminantur. Quod abs te opportune factum existimes, cum easdem Divinas Litteras ad captum cujusque vernaculo sermone redditas, in lucem emisisti: praersertim cum profitearis, et prae te feras, eas addidisse animadversiones, quae a Sanctissimis Patribus repetitae, quodvis abusus periculum amoveant. In quo a Congregationis Indicis Legibus non recessisti, neque ab ea Constitutione, quam in hanc rem edidit Benedicus XIV immortalis Pontifex, quem Nos et in Pontificatu Praedecessorem, et cum in eius Familiam feliciter olim asciti fuimus, Ecclesiasticae eruditionis Magistrum optimum habuisse gloriamur. Tuam igitur non ignotam Doctrinam cum eximia pietate conjunctam collaudamus, et tibi de hisce Libris, quos ad Nos transmittendos curasti, gratias quas debemus agimus, illos etiam siquando possimus, cursim perlecturi. Interim Pontificiae benevolentiae testem accipe, Apostolicam Benedictionem, quam tibi, dilecte Fili, peramanter, impertimur. Datum Romae, apud Sanctum Petrum, XIV Kal. Aprilis, MDCCLXXVIII [1778] Pontificatus Nostri Anno IV. Philippus Bonamicus, ab Epistolis Latinis Sanctitatis Suae.*

tória, a Igreja não podia deixar de lado o seu *Livro*, o único que dá as razões da sua fé e esperança:

*No íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça* (1 Pe 3,15).

A Bíblia de Figueiredo preencheu a enorme lacuna que se sentia em Portugal, entre o fim do séc. XVIII e o início do séc. XX, isto é, até à Bíblia do Pe. Matos Soares, de 1930, da qual falaremos no próximo volume. Na sua Bíblia, Figueiredo irá trabalhar uns 18 anos, sobre o texto da Vulgata e com outras traduções à vista.

#### 24.2.2. Critérios de tradução do Pe. Figueiredo

Que método seguiu na sua tradução, ele mesmo o revela explicitamente: “Traduzido em português da Vulgata”; e confessa, no *Prólogo*, que:

“Não sendo eu nem ainda medianamente instruído nas línguas originais, hebraica e grega, em que foram escritos respetivamente os *Evangelhos*, mal poderia sair exata e perfeita esta minha tradução”.

Explica ainda que nem o latim traduziu à letra porque:

“Deve muitas vezes o tradutor sagrado, em vez da frase que vem no original, substituir por outra que seja própria da língua em que traduz, sob pena de que, se não fizer assim, ficará a tradução obscura ou indecente e a Palavra de Deus, não poucas vezes, ficaria exposta ao riso e ludíbrio de quem a lê” (ib.).

Para provar a sua asserção, citou textos em que S. Jerónimo, na sua Vulgata, traduziu livremente o hebraico, como, por exemplo, Gn 23, 3: “E Abraão se levantou de cima da face do seu defunto”, que verteu por “.... se levantou do ofício das exéquias”. “Contudo, em hebraico, não está ofício nem exéquias”.

Declara mais que, além desta liberdade, se serviu de traduções católicas francesas das mais eruditas, para aferir por elas o latim e, a seu exemplo, acrescentou palavras e frases que dessem sentido claro ao texto.

“Traduzir da Vulgata – afirma ele – não significa tirar autoridade ou diminuir a fé nos originais hebraico e grego nem repreender o seu uso quando, à luz da boa crítica, se ofereçam dúvidas quanto à exatidão da frase latina. E tanto é certo que o latim da Vulgata pode não ser exato, porque depois do Concílio de Trento, foram umas duas mil passagens bíblicas emendadas às ordens dos papas Sixto V e Clemente VIII. Tradutores da Vulgata confessam que, em certos textos, tiveram de seguir o grego, em vez do latim, porque era ambíguo, não exprimia todo o sentido do original e tinham contra ele suspeitas bem fundadas de se tratar de descuido dos copistas, etc.” (ib.).

Figueiredo afirma que se serviu de outras Bíblias estrangeiras e seus comentadores dos séc. XVII-XVIII, tais como a Bíblia de Port Royal e a do bispo Antônio Martini, a primeira que apareceu em italiano nesta altura e que fora aprovada pelo papa Pio VI em 1778, no Breve acima referido. Figueiredo regista precisamente esta Bíblia, numa edição de Turim, 1769. Serviu-se ainda de uma outra espanhola da sua época, a de Filipe Scio de San Miguel, ex-provincial da Ordem das Escolas Pias, antigo mestre e confessor da rainha D. Carlota Joaquina, quando esta ainda era infanta. Por isso, Figueiredo faz o elogio destas edições, reconhecendo que os tempos tinham mudado na Igreja. Os bispos reclamavam continuamente a necessidade de instruir os católicos.<sup>57</sup>

De qualquer modo, havia algumas condições para se fazerem tais traduções em língua vulgar:

- a) que se traduzisse da Vulgata Latina;
- b) serem aprovadas pela Sé Apostólica;
- c) serem acompanhadas de notas tiradas dos Santos Padres da Igreja ou de Varões doutos e católicos;
- d) que a autoridade episcopal desse o seu beneplácito a tal tradução.

Como se vê, era necessário o *imprimatur* do bispo da diocese. Daí a proibição da leitura das Bíblias que o não tivessem, sinal de que eram protestantes, como, normalmente, acontece ainda hoje.

De que exemplar da Vulgata Latina se serviu Figueiredo? Os editores da edição de 1857 respondem a esta questão, no que lhes diz respeito:

“O exemplar latino de que os editores Silva e Sousa, por determinação dos Censores, se resolveram servir, a fim de emendar alguns erros tipográficos, que se encontram no texto da Vulgata da Bíblia de Pereira é o da: *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V, Pont. Max., auctoritate recognita. Nunc vero Jussu Cleri Gallicani denuo edita, Paris, Antonius Vitre, Regis et Cleri Gallicani Typographus, 1652*”.

### 24.2.3. Obras bíblicas traduzidas

Quando inicia a tradução da Bíblia – a partir da Vulgata, corrigida por ordem do concílio de Trento – já havia duas traduções bíblicas: a italiana de Martini e a espanhola do Pe. Scio de San Miguel, além da de Torres Amat. Figueiredo

<sup>57</sup> Assim, Fénelon, bispo de Cambrai, afirmou que “era necessário instruir os cristãos na Escritura, mais do que mandá-la ler” (em NASCIMENTO, Aires A. do, *A Bíblia em Português*, em Igreja e Missão 207, 2008, p. 46).

inicia esse trabalho em 1772, e a tradução já estava pronta para ser impressa, antes de 1778. Iniciou a tradução da Bíblia pelo Novo Testamento, cujo primeiro volume leva o seguinte título:

- *O Novo Testamento de Jesu Christo, traduzido em português, segundo a Vulgata com várias anotações históricas, dogmáticas e morais*, Lisboa, Régia Of. Tipográfica, entre 1778 e 1781.

Nos seus Prolegómenos aos Salmos, Figueiredo afirma:

“Depois de ter acabado, com o favor e ajuda de Deos, a tradução de todo o Testamento Novo, era a minha vontade passar a traduzir o Velho, começando pelo Pentateuco, que são os seus primeiros cinco Livros, compostos por Moysés. Mas aterrava-me a vastidão da Obra, que he mais de três tantos maior, e na Parte Profética dificultosíssima de verter, principalmente numa Língua, como a Portuguesa, em que eu não sei que haja para isso socorro algum”.

Por isso, Figueiredo começou a tradução do Antigo Testamento exatamente pelos Salmos, em dois volumes. Ele que tinha traduzido tantas obras ao serviço do governo de Pombal – pois era o especialista das traduções de português para latim dos documentos diplomáticos – deve ter sentido uma espécie de “calafrio”, quando se propôs traduzir toda a Bíblia de latim para português, pois não era especialista nas ciências bíblicas.

É isto que Figueiredo confessa ao arcebispo de Évora, D. João da Cunha, na dedicatória da sua obra:

“Ao Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. João da Cunha, Arcebispo Metropolitano d’Évora, do Conselho de Estado e de Gabinete de S. Magestade Fidelíssima &c. &c. &c.

EM.<sup>mo</sup> e Rmo. Senhor.

Seis anos há que tive a honra de Vossa Eminência me permitir que esta minha versão do Novo Testamento saísse autorizada com o seu, por tantos títulos, grande e respeitável nome. Não foi culpa minha, foi infelicidade demorar-se por tanto tempo a sua publicação. Agora que ela finalmente sai à luz espero que, aprovando-a Vossa Eminência, se comprometam no mesmo voto os mais Senhores Bispos de Portugal. E, então, nenhuma inveja deverei ter ao célebre Padre Amelote, de que a sua Versão fosse aprovada por nove Bispos de França (...), Lisboa, 8 de Janeiro de 1778” (em *O Novo Testamento*: BNP, R. 24205 P.).

Este atraso na publicação da sua tradução serviu ao nosso tradutor para resolver vários problemas:

a) Aproveitou para corrigir muitas gralhas “que acumulei umas sobre as outras”, antes que a obra entrasse no prelo.

b) Um outro motivo não menos importante foi certamente o facto de Figueiredo ser criticado por se meter a traduzir a Bíblia sem conhecer as suas línguas originais (hebraico, aramaico e grego), mas era exímio na língua latina. Aliás, ele próprio confessa na *Apresentação* da sua Bíblia a ignorância dessas línguas, como vimos antes. Porém, a defesa que faz das acusações de que foi alvo não parece muito convincente, quando afirma:

“Deve-se com certeza estimar muito o conhecimento das línguas, de que se tiram grandes luzes, mas não se deve pensar que, para refutar, por exemplo, as licenciosas interpretações de Grócio, seja necessário saber tanto do hebreu e do grego, da História e da Crítica quanto ele revela nos seus escritos. A ciência da tradição é a verdadeira ciência eclesiástica; o resto fica para os curiosos, como, durante séculos, foi para os gentios, a filosofia”.<sup>58</sup>

Perdoamos a Figueiredo a relativa ligeireza com que fala destes assuntos, esquecendo-se que “a verdadeira ciência eclesiástica” é a Bíblia, palavra de Deus e verdadeira ciência humana e divina. Se tivesse vivido depois do concílio Vaticano II, o nosso autor não faria afirmação tão superficial. Neste caso, Figueiredo não tem a craveira dos comentadores da Bíblia em latim dos dois séculos anteriores, cujos nomes e obras referimos no volume III desta coletânea.<sup>59</sup>

Mas Figueiredo tem razão quando afirma que o bom tradutor – de acordo com Horácio e o próprio São Jerónimo – não deve fazer uma tradução literal, mas segundo o sentido, sem esquecer a letra do texto sagrado: *Do melhor modo de traduzir* (carta a Pamáquio).

c) Outra observação prévia é que ele considera a sua edição de 1797 – a chamada *Edição Nova* e dedicada ao príncipe do Brasil, D. João VI – como uma edição que “se pode ter e estimar por uma nova versão”.

Quando a tradução ainda estava na imprensa, já António Pereira de Figueiredo anunciava ao jansenista Bellegarde (27.05.1777) que, no seu trabalho de tradutor, se serviu, como termo de comparação, das traduções de Amelote, Sacy e outros autores franceses.<sup>60</sup> Todos seguiam regras comuns – como era de esperar nessa altura – pois em cada época há diferentes instrumentos e modos de traduzir. Figueiredo fala ainda de Mons. Godeau, cuja tradução era considerada

<sup>58</sup> Ver SANTOS, Cândido dos, *Pe. António Pereira de Figueiredo*, o. c., p. 190.

<sup>59</sup> *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, cap. 5, p. 231-330.

<sup>60</sup> Acrescenta ainda que lhe foram de muita utilidade as duas Apologias da versão bíblica de Mons, feitas por Arnauld: “Habeo quidem sub praelo lusitanam versionem quatuor Evangeliorum, in qua conficienda, praeter Amelotum, Sacium et alios interpretes Gallos, máxime mihi auxilio fuit duplex *Apologia Montensis* versionis ab Arnaldo composita” (em SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, o. c., p. 193).

modelo nessa época em França, embora não seguisse à risca os critérios do tradutor francês.<sup>61</sup>

Apesar de tudo o que vimos dizendo a propósito dos autores que serviram de suporte à sua tradução, Figueiredo afirma que não os seguiu servilmente e apresenta os argumentos da sua tese:

“Porque a combinação atenta da minha versão com a deles bastará para desenganar os leitores, de que, aproveitando-me de todas, a nenhuma transcrevi servilmente. E ainda que o amor-próprio me faz crer que ela a nenhuma das outras cederá na clareza e propriedade, e a todas excederá na fidelidade e exatidão” (*Prólogo*, p. 194).

### 24.3. Cronologia das edições da sua tradução da Bíblia

Vejamos seguidamente o processo cronológico da tradução do Pe. António Pereira de Figueiredo. Como já dizíamos antes, Figueiredo iniciou o seu trabalho pela tradução do *Novo Testamento*. Este facto é curioso, mas foi, talvez, porque achasse que estes livros eram mais necessários e mais fáceis de ler para o público português do seu tempo.

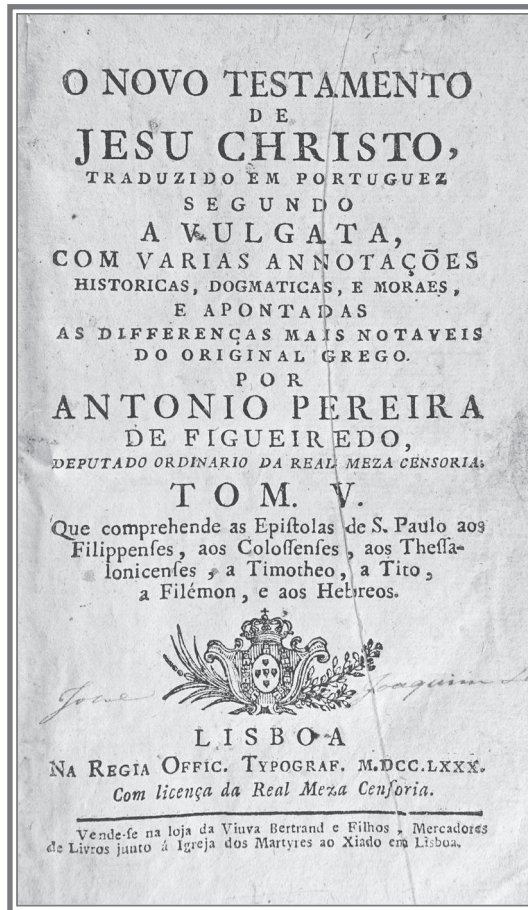
#### 24.3.1. Novo Testamento. Primeira edição: 6 volumes

Esta primeira parte da sua tradução da Bíblia leva o seguinte título genérico:

- *O Novo Testamento de Jesu Christo, traduzido em português, segundo a Vulgata com várias anotações históricas, dogmáticas e morais*, Lisboa, Régia Of. Tipográfica, entre 1778 e 1781; 6 vol. (BAJUDA, 2-I-31 a 36; BPE, S. N. XLII/2).

Ainda antes de iniciar a tradução do AT (1781), talvez porque se tivessem esgotado os volumes I e II do NT (4 Evangelhos), ele aproveitou para os corrigir e reeditar. O título é o seguinte:

<sup>61</sup> “Je fais une traduction pure et exacte, quand je ne trouve rien de difficile, qui mérite d’être expliqué. Mais, aux lieux où je rencontre quelque chose d’obscur, ou qui a besoin de liaison, j’ajoute quelques mots, que j’ai fait renfermer des parenthèses, et imprimer de caractère italique, qui, à mon avis, éclaircissent la difficulté sans rompre la suite du texte” (ib., p. 193). Figueiredo preferiu não seguir esta regra, mas a do seu colega de Congregação, Amelote, e a de Quesnel, que, em textos difíceis, preferiam acrescentar palavras, para dar sentido à frase bíblica, segundo o contexto, não utilizando os itálicos e os parêntesis, como fez Sacy e os tradutores da Bíblia de Mons (que seguiam a mentalidade jansenista de Port-Royal). Estes autores citados, pelo menos alguns, estão conotados com o jansenismo francês. Por isso, o autor das notas desta tradução foi acusado de jansenismo, como veremos. Sobre a instituição de Port-Royal, ver SILVA DIAS, José Sebastião da, *Portugal e a Cultura Europeia (séc. XVI-XVIII)*, Coimbra, 1953, p. 99.130.137-140.149.

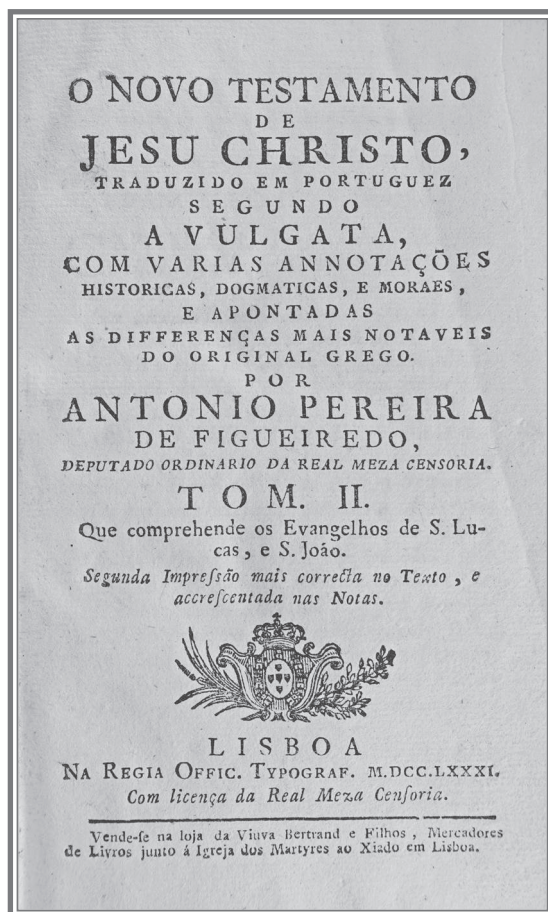


Vol. I: *O Novo Testamento de Jesu Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata, com várias annotações históricas, dogmáticas, e moraes, e apontadas as differenças mais notáveis do original grego, por Antônio Pereira de Figueiredo, deputado ordinário da Real Meza Censória. Tomo I, que comprehende os Evangelhos de S. Mateus e S. Marcos. Segunda impressão mais correcta no Texto, e accrescentada nas Notas, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1781.*

Vol. II: *O Novo Testamento de Jesu Christo... Tomo II que comprehende os Evangelhos de S. Lucas e S. João. Segunda impressão mais correcta no Texto, e accrescentada nas Notas, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1781.*

Conhecem-se poucos exemplares desta edição, se é que existiram muitos.





#### 24.3.2. Antigo Testamento: 17 volumes

Seguiu-se o *Antigo Testamento* (1782-1790), iniciando-o pelo Livro dos Salmos, em 2 volumes (1782), com o seguinte título:

- *Testamento Velho, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina, Illustrado de Prefações Notas, e Lições variantes por António Pereira de Figueiredo Deputado ordinário da Real Meza Censória Tom. IX. Que contem os Salmos desde I até LXVII, inclusive*, Lisboa, Régia Officina Typográfica M. DCC.LXXXII. Com licença da sobredita Real Meza. É frequentemente citado apenas como *Salterio* do Pe. António Pereira de Figueiredo; 2 vol. (BPE, S.N. E.30. C.3).
- *Testamento Velho, traduzido em portuguez... Tom. X. Que contém os Salmos*

desde LXVIII até CL, Lisboa, Régia Officina Typográfica M. DCC.LXXXII. Seguiram-se os restantes livros do Antigo Testamento.

A BNP apresenta o título geral assim:

- *Testamento Velho traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... notas e lições variantes por António Pereira de Figueiredo...* Tom. I [-XVII], Lisboa, Régia Of. Typográfica, 1782-1790; 17 vol. (BNP, Bib. 1 P. - 17 P.).

Portanto, a 1.<sup>a</sup> edição da Bíblia de Figueiredo saiu entre 1778 e 1790. Foram doze anos de duro trabalho.

Após a publicação da 1.<sup>a</sup> edição, Figueiredo propôs-se, imediatamente, a revisão e reedição da mesma. Esta reedição recebeu o nome de *Segunda edição ou primeira edição reimpressa*. Manteve o mesmo número de volumes, medidas e estrutura do texto. O autor apresenta-a como:

**24.3.3. Segunda Impressão Revista e Retocada pelo mesmo Autor:**  
1791-1805

- **Antigo Testamento** (1791-1803): 17 volumes.
- **Novo Testamento** (1803-1805): 6 volumes. Portanto, toda esta edição *reimpressa* apareceu entre 1791 e 1805.

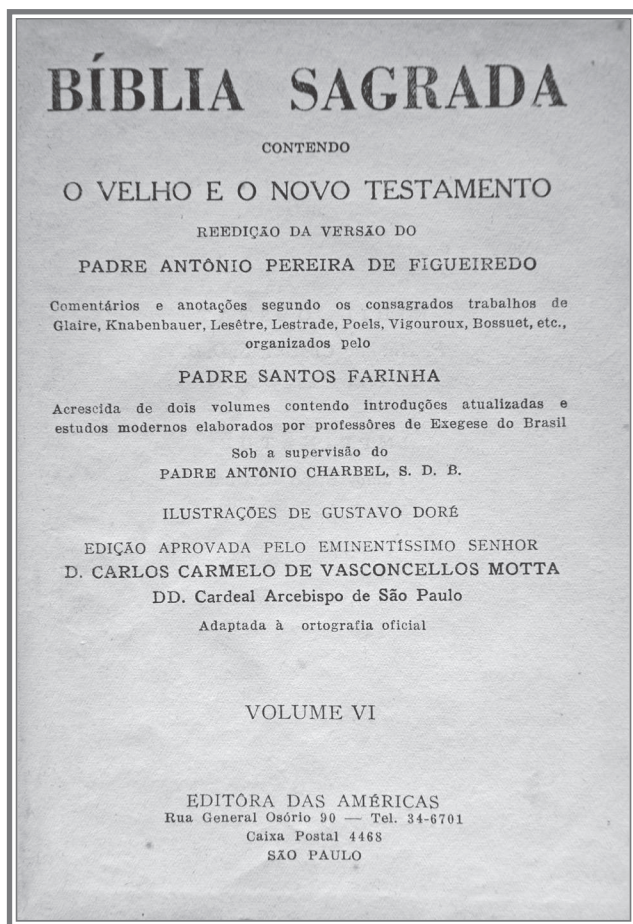
**24.3.4. “Edição nova” – 1794-1819**

Em 7 volumes; em 4.<sup>o</sup>, portanto, em volumes maiores. Esta foi considerada pelo autor como a 2.<sup>a</sup> edição, certamente no sentido rigoroso do termo, em que o texto foi completamente revisto e, sobretudo, porque também lhe juntou o texto latino, sendo, portanto, uma edição bilingue. Apresenta-se do seguinte modo:

- *A Bíblia Sagrada, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina illustrada com prefações, notas, e lições variantes. Dedicada ao Príncipe, Nosso Senhor, por António Pereira de Figueiredo. Official que foi das Cartas Latinas de Secretaria d’Estado e Deputado da Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros*, Lisboa, Of. Simão Thaddeo Ferreira e outros, 1794-1819; “Edição nova, pelo Texto Latino que se lhe ajuntou, e pelos muitos lugares que vão retocados na Tradução e Notas”.

É apresentada a duas colunas sem filete; texto paralelo em português e latim; muitas notas de rodapé; dedicada a D. João VI; 26,5x20 cm.

Esta é, pois, a sua edição definitiva, a sua tradução propriamente dita, sendo uma parte da mesma publicada já depois de ter falecido. Foi bem acolhida entre católicos e protestantes. Apareceu em 7 volumes: 1.<sup>o</sup>, 1794; 2.<sup>o</sup>, 1797; 3.<sup>o</sup>, 1800; 4.<sup>o</sup>, 1800; 5.<sup>o</sup>, 1807; 6.<sup>o</sup>, 1818; 7.<sup>o</sup>, 1819. Como a sua morte aconteceu em 1797, só



nesse ano apareceu o 2.<sup>o</sup> volume; mas toda a Bíblia ficou pronta para impressão antes da sua morte.

A versão em volume único só foi publicada em 1821 pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, com todos os livros originais traduzidos pelo autor, incluindo, portanto, os *Livros Apócrifos / Déutero-canônicos*, como uma Bíblia católica normal, mas sem as notas de Figueiredo. Estes livros só foram removidos na edição em 1828, segundo a norma das Bíblias protestantes.

Por ser uma versão com português mais recente, foi considerada melhor que a de Almeida, apesar de não ter sido baseada nos idiomas originais. A Sociedade Bíblica de Portugal foi fundada em 1835 e já distribuiu, além da Bíblia de Almeida, também a do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, que era impressa na Inglaterra.

Aparece com alguma frequência nas nossas bibliotecas.

### 24.3.5. Edições posteriores ao Pe. António Pereira de Figueiredo

Depois da “Edição Nova” apareceram muitas edições da Bíblia de Figueiredo, não apenas católicas, mas também e, sobretudo, protestantes. No capítulo 26 apresentamos um grande elenco de todas as edições da Bíblia de Figueiredo, isto é, as que foi possível encontrar. Penso que é mais uma amostragem do que um catálogo propriamente dito, como fizemos na Bíblia de Almeida.<sup>62</sup> Entre estas Bíblias sobressai a edição revista pelo Pe. Dr. Santos Farinha, em três volumes. O seu trabalho foi sobretudo o da correção das notas. Estas tinham sido alvo de críticas, embora algumas vezes sem grande motivo, como afirmamos noutro lugar.

Esta Bíblia continuou a ser editada pelos protestantes. Mas não deixaremos de constatar um facto estranho: a Igreja Católica aprovou a Bíblia de Figueiredo, traduzida da Vulgata Latina, pois satisfazia todos os requisitos exigidos pelas suas normas; mas, mesmo assim, não a aproveitou para a colocar nas mãos do povo, fazendo dela um instrumento imprescindível de formação cristã. Pelo contrário, até esta tradução da Bíblia foi parar a mãos das Igrejas protestantes, que fizeram dela também a sua Bíblia, juntamente com a de Almeida. Mas é esta última que os protestantes, ainda hoje, editam aos milhões em todos os países de língua portuguesa.

Vejamos também uma apreciação feita em *The Bible of every Land*, a propósito da Bíblia de Figueiredo:

“A Catholic Portuguese version of the entire Scriptures, from the Vulgate, was published in 23 vols. 12<sup>mo</sup>, with annotations, at Lisbon, 1781-1783, by Don Antonio Pereira de *Figueiredo*, a Portuguese ecclesiastic. This translator possessed great learning, and his writings were so numerous as to fill a catalogue of seventy-six pages. He was brought up among the Jesuits, but afterwards became one of their strong opponents. He engaged with much ardour in state affairs, and for a time laid aside his religious habit; but he resumed it a few hours before his death. Trough adhering to the Church of Rome, he was a bold opposer of the claims of papal authority; and his translation, so far from being a servile imitation of the Vulgate, differs from it in several passages, and follows the Greek. An edition, containing his latest corrections, was commenced at Lisbon in 1794, but was not completed at press until 1819. In this edition the corrections are so numerous, that it may almost be regarded as a new version”.<sup>63</sup>

<sup>62</sup> Ver o “Catálogo das obras bíblicas de João Ferreira Annes d’Almeida”, no vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*.

<sup>63</sup> Em Vv., *The Bible of every land: a history of the Sacred Scriptures in every languages and dialects*, Londres, Samuel Bagster and Sons, 1860, p. 273. Este texto, apesar de algumas pequenas incorreções, faz um bom resumo da vida e obra do Pe. António Pereira de Figueiredo.

Quanto ao tempo em que foi publicada, podemos dizer que o foi até meados do séc. XX. A certa altura, foi preterida em relação à Bíblia de João Ferreira d'Almeida. O maior problema que teve foi o abuso que dela fizeram os protestantes, publicando apenas o texto sem as suas notas, que faziam parte integrante da Bíblia; e praticamente sempre sem os Dêutero-canônicos (Tobite, Judite, Ester, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc e 1 e 2 Macabeus), que também foram por ele traduzidos. A Sociedade Bíblica de Londres foi a que mais “deturpou” a Bíblia de Figueiredo, neste sentido.

#### 24.3.6. *Dicionário Bíblico da Bíblia de Figueiredo*

Tem-se perguntado, com certa acuidade, se Figueiredo fez realmente o *Dicionário Bíblico* que prometeu na “Advertência” da 1.<sup>a</sup> edição do *Antigo Testamento* (no fim do t. XVII), com estas palavras:

“Os Editores desta importante Obra ficam cuidando na publicação dos Livros Apocryfos da Escritura Sagrada, e de hum Index, ou Lexicon Bíblico, a fim de ser esta Edição em tudo completa: o que eles ainda esperão em Deos Senhor nosso, que seja Obra da mesma mão”.

Como a obra não foi editada durante a sua vida, surgiu a dúvida entre vários dicionários que, entretanto, foram aparecendo. Elencamos aqui os dicionários bíblicos conhecidos, a fim de podermos chegar a uma possível identificação entre a intenção de Figueiredo e a edição do seu Dicionário:

1. *Index Bíblico do Antigo e Novo Testamento, que traduzirão em linguagem portugueza o R. P. M. Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento e o R. Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Obra que pode servir de último Tomo a qualquer das duas traduções*, Porto, Oficina de Viúva Mallen, Filhos e Companhia, Impressores da Relação, 1797; 2 col. sem filete; notas de rodapé; Com licença de Sua Majestade; IV, 144 p.; 21,5x15,5 cm (BPMP, Y3-1-128; BPB, R. 1112 V.; BPARPD, Conv.8225 Res; BNRJ, 147, 4, 22).<sup>64</sup>

No Cat.: Notícia sobre o *Index ou Lexicon Bíblico*:

“Os Livros Apócrifos da Escritura Sagrada, traduzidos e illustrados; e o Index, ou Lexicon Bíblico. Esta Obra que Pereira prometteo na Advertência, que se acha no fim do Tomo XVII do Testamento Velho, está completa em poder

<sup>64</sup> A meu ver, este Dicionário, apesar de apresentar o nome de Figueiredo e de Sarmento, poderá pertencer a um anônimo que o traduziu de uma obra estrangeira, sem a identificar.

de Jorge Bertrand, e se ha de imprimir como fazendo parte e continuação da mesma Tradução do Testamento Velho” (p. 66).<sup>65</sup>

Deste *Index*, só temos conhecimento, nas bibliotecas acima indicadas, da sua publicação em volume separado e nunca em conjunto com outras obras como é referido na citação anterior.

2. Por seu lado, Sarmiento publicou na sua obra um Dicionário com o seguinte título:

- *Thesouro Bíblico, ou Dicionário Histórico, e Etymológico...*, publicado no volume Suplementar de “Historia bíblica e doutrina moral da religião catholica extrahida dos livros santos do Antigo Testamento...”, Lisboa, Regia Oficina Typográfica, 1785; 20x13,5 cm; 298 p.

— O mesmo *Thesouro Bíblico* também foi publicado na 2.<sup>a</sup> edição, no volume Suplementar da “História Bíblica”, Porto, Typographia da Revista, 1868; 22x13,5 cm; 236 p.

Este dicionário nada tem a ver com o de Figueiredo. Aliás, que necessidade tinha Sarmiento de “combinar” com Figueiredo fazer um *Dicionário* comum, se ele tinha o seu e muito maior? Além disso, o dele próprio foi editado em 1785, portanto, seis anos depois. Vejamos seguidamente aquele que, a nosso parecer, deve ser o *Dicionário* de Figueiredo:

3. *Diccionario Histórico, Theológico, Etimológico, Crítico e Moral da Bíblia Sagrada obra indispensável para a perfeita intelligência do Velho e Novo Testamento, publicado sob os auspícios do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca*, Lisboa, Empreza de Silva & Sousa, Typ. Joaquim Germano de Souza Neves, s. d.; 215 p.; 31,5x22 cm (BNP, R. 307 A.; BPB, R. 3051). Aparece na Bíblia Sagrada, Edição Suplementar, 1852-1857. Encadernado com a *Vida de Cristo*, traduzida por Luís Filipe Leite. É, pois, de maior dimensão e tem muito mais páginas que o anterior.<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Ver CARREIRA, José Nunes, *Dicionário Bíblico. Um manuscrito de António Pereira de Figueiredo. No Centenário da morte do autor*, em Cadmo, Revista do Instituto Oriental, Universidade de Lisboa, 4/5, 1995, p. 123-140.

<sup>66</sup> Esta obra de Figueiredo é referida como manuscrito inédito por José Nunes Carreira, *Exegese Bíblica*, em Dicionário de História Religiosa de Portugal, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 228: “em Portugal... produziram-se dois Dicionários Bíblicos – o manuscrito inédito de António Pereira de Figueiredo, *Dicionário Histórico, Teológico, Etimológico e Crítico* (Anexo à Bíblia Sagrada traduzida da Vulgata ou versão latina) e o de Francisco de Jesus Maria Sarmiento, *Thesouro Bíblico, ou Dicionário Histórico, Etymológico e Bibliográfico da Sagrada Escritura*, Lisboa, 1785); ambos os lexicógrafos se deram à tradução da Bíblia, a partir da Vulgata...”.



Segundo, F. M. Trigos de Aragão Morato, no *Catálogo das Obras impressas e manuscritas de A. P. F.*, Lisboa, 1859, Figueiredo teria deixado manuscrito um *Index Bíblico*, que entregou a Jorge Bertrand para ser impresso como continuação das traduções do Antigo Testamento. Entretanto, parece que se perdeu. Parece-nos que o testemunho de Trigos é altamente fiável para a solução deste problema, pois ele é da mesma época de Figueiredo e fez o Catálogo das suas obras.

Mas, em 1978, José Luís Aparício adquiriu num leilão uma cópia desse manuscrito precioso, que foi objeto de uma comunicação na Academia de História, por José Nunes Carreira:

- *Dicionário Bíblico. Um manuscrito de António Pereira de Figueiredo.* São 542 fólhos em dois volumes, que tratam de história bíblica e profana, teologia, etimologias, crítica e moral; vol. I: A-I (256 fólhos) e vol. II: J-Z (286 fólhos).

Nunes Carreira descreve a obra, mas aponta-lhe os defeitos próprios da época em que foi escrito, sobretudo tomando a linguagem mítica da Bíblia como histórica. Numa palavra, não é uma obra para estudo científico da Bíblia, mas conserva um valor arqueológico e histórico inestimável, para o conhecimento da história dos Dicionários bíblicos e da exegese bíblica destes dois séculos (XVIII-XIX).<sup>67</sup>

Portanto, não podemos confundir o *Dicionário* de Figueiredo com o de Sarmento, que eram da mesma época, com o manuscrito encontrado e acima referido, nem com o que leva o nome de *Index Bíblico* que foi, de facto, impresso, como vimos acima.

Estou convencido de que o manuscrito referido por Nunes Carreira corresponderá, realmente, ao que foi editado na *Edição Suplementar* da Bíblia de Figueiredo. Não parece haver outra hipótese. Pelo contrário, parece haver grandes coincidências entre um e outro documento, pela descrição que o próprio faz do manuscrito – que só ele conheceu pessoalmente, pois não se encontra em nenhuma biblioteca.

Fomos verificar as entradas do Dicionário, referido acima no n.º 3, e, cotejando as entradas com as indicadas por Nunes Carreira no manuscrito, nota-se que as diferenças são poucas. A maior parte do número de entradas do manuscrito corresponde ao que foi editado na Bíblia de 1852-57. As diferenças entre os dois podem explicar-se ou pela contagem pouco rigorosa de Nunes Carreira – como ele confessa – ou por alguma adaptação pelo editor do dito manuscrito, tirando-lhe ou acrescentando algumas entradas, 60 anos depois da morte do autor, António Pereira de Figueiredo. A conclusão mais lógica parece ser esta. Se

<sup>67</sup> A comunicação de José Nunes Carreira foi publicada em *Anais da Academia de História*, II série, 40, 2002, p. 201-222, e ainda na *Cadmo – Revista do Instituto Oriental*, Universidade de Lisboa, Ed. Colibri, 4/5, p. 123-140.



esta hipótese é verdadeira, o dicionário do manuscrito foi editado e encontra-se na referida edição da Bíblia.

Foi pena Nunes Carreira não ter comparado o manuscrito com o impresso e marcado, com rigor, as diferenças. Ficamos mesmo sem saber, com certeza, se o autor da comunicação viu o Dicionário de Figueiredo impresso ou não, pois fala do Dicionário como de um “manuscrito inédito”.

Portanto, a questão continua confusa; mas, para esclarecer melhor o assunto, confrontámos o Dicionário referido no n.º 3 com o ms descrito por Nunes Carreira. Daí ressalta à vista que as coincidências são mais que as diferenças, como vemos pelo seguinte quadro:

| Entradas do <i>Index</i> manuscrito do Nunes Carreira a comparar com o <i>Dicionário da Bíblia de Figueiredo</i> (BNP, R. 307 A.) |         |                     |         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|---------------------|---------|
| Manuscrito                                                                                                                        |         | Dicionário impresso |         |
| A = 395                                                                                                                           | N = 88  | A = 354             | N = 91  |
| B = 119                                                                                                                           | O = 26  | B = 117             | O = 26  |
| C = 119                                                                                                                           | P = 83  | C = 161             | P = 84  |
| D = 69                                                                                                                            | Q = 2   | D = 70              | Q = 2   |
| E = 154                                                                                                                           | R = 31  | E = 155             | R = 31  |
| F = 24                                                                                                                            | S = 139 | F = 24              | S = 141 |
| G = 90                                                                                                                            | T = 66  | G = 90              | T = 85  |
| H = 105                                                                                                                           | U = 5   | H = 106             | U = 7   |
| I = 34                                                                                                                            | V = 11  | I = 34              | V = 23  |
| J = 138                                                                                                                           | X = 3   | J = 140             | X = 3   |
| L = 89                                                                                                                            | Z = 15  | L = 92              | Z = 15  |
| M = 284                                                                                                                           |         | M = 286             |         |

O Dicionário que se segue está numa Bíblia de Figueiredo, mas os editores confessam que é o de Sarmento:

4. *Dicionário Bíblico. Complemento indispensável para a compreensão do Velho e Novo Testamento por Francisco de Jesus Maria Sarmento*, Edição revista e aumentada, Editora das Américas, São Paulo, 1951; Vol. XIII. Aqui se diz que foi adaptado da obra de Sarmento.<sup>68</sup>

<sup>68</sup> Este Dicionário está no vol. XIII, da *Bíblia Sagrada. Versão Clássica do Padre António Pereira de Figueiredo*, 1950-1951 (17 volumes). Deixamos aqui uma nota da Editora sobre este Dicionário: “Encarecer a oportunidade, ou melhor, a necessidade de anexar à versão clássica da Bíblia Sagrada, do Pe. António Pereira de Figueiredo, cuja publicação vem constituindo para nós um motivo de justa e real satisfação, um complemento ao texto sagrado, é tarefa quase que indispen-

### 24.3.7. Oposições à Bíblia de Figueiredo

É sabido que algumas das obras de Figueiredo foram condenadas pela Congregação do Índice. Quanto à sua Bíblia, não houve condenação direta das respectivas notas, que apenas mereceram algumas observações. Os seus principais opositores foram:

1. Um outro oratoriano, chamado, simplesmente, “Padre Antônio Pereira”, do Oratório de Braga, se opôs às notas da Bíblia de Figueiredo, escrevendo:

- *Reflexões teológicas ou refutação das notas heterodoxas que se encontram na tradução da Bíblia do Padre Antônio Pereira de Figueiredo*, Lisboa, 1794.

— Nova edição, Braga, Tipografia Lusitana, 1859.

Normalmente, apontavam-lhe como falsas ou menos católicas as interpretações de: Mt 16,18; Jo 10,26; e, de sabor jansenista, por exemplo, 1 Tm 2,6a; regalistas: Jo 18,36; 1 Pe 5,1. Estas acusações são feitas sobre a edição de 1794, sobretudo do tomo VI, e também da Prefação Geral do tomo I, p. XXXIII, ao falar da “irresistível força da divina graça”. O crítico Antônio Pereira pensou que esta tese era semelhante à segunda proposição jansenista condenada por Inocência X: “No estado da natureza *lapsa* nunca se resiste à graça interior”.

Figueiredo exprime sempre o seu pensamento, com toda a liberdade, sem ter em conta os problemas de consciência do leitor. Assim, afirma a propósito do Evangelho de S. João (18,36, nota I):

---

sável. De facto, a carência de tal ajuda é reconhecida por todos aqueles que desejam entregar-se ao estudo das Sagradas Letras, não somente visando o aprimoramento de sua cultura intelectual, como também procurando dilatar as fronteiras da sua visão espiritual, no descortino, cada vez mais amplo, do grande plano divino da Redenção. Assim é que, buscando preencher essa lacuna, apresentamos com este volume o Dicionário Bíblico, que não é senão uma obra baseada, porém atualiza-a, no conhecido e consagrado *Tesouro Bíblico ou Dicionário Histórico e Etimológico de Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento* (...). Seu livro foi meticulosamente refundido e atualizado, respeitada, porém, a essência e o sentido de suas exposições, sem qualquer outra preocupação senão a daquela mesma diretriz traçada no plano de publicação da Bíblia Sagrada, que é proporcionar ao povo brasileiro o ensejo de um maior conhecimento da Revelação Divina, sob os auspícios e sob orientação da Igreja. O Dicionário Bíblico que ora apresentamos não é uma obra completa. Procuramos, entretanto, torná-lo um precioso auxiliar do leitor da Escritura, isto sem nenhuma pretensão de eruditismo. É, ao contrário, seguindo o pensamento do Autor, uma contribuição modesta ao estudo das Escrituras, sujeito a futuros melhoramentos, mesmo porque uma parte da matéria que o compõe é de natureza instável, como a questão da toponímia geográfica e da arqueologia, sujeitas a variações com a luz de novas descobertas. Mesmo nesse sentido fizemos o possível, conscienciosamente, procurando tornar o Dicionário Bíblico um valioso instrumento de orientação, ao alcance de todas as inteligências e de todas as categorias de leitores” (vol. XIII, p. 5-6).

“Se o Reino de Jesus Cristo, como Ele diz, não é deste mundo, nenhum reino mundano deixou Jesus aos seus Vigários; e, consequentemente, não têm estes algum direito divino para disporem dos Impérios e estados na terra”.

É clara a referência direta à sua tão querida doutrina do regalismo e do direito divino dos reis sobre os seus domínios e súbditos, mesmo eclesiásticos, como vimos no capítulo anterior, a propósito do regalismo de Figueiredo. Mas o seu contendor prova-lhe o contrário com inúmeros casos da Alta até à Baixa Idade Média, em que o Papa era uma espécie de suserano de reis e imperadores europeus, para dirimir assuntos que poderiam dar origem a guerras. Tudo isto porque ainda se vivia numa Europa cristã em que o Papa era visto como autoridade suprema, devido às suas prerrogativas de carácter divino, ou seja, como máximo representante da “Cidade de Deus”.

Por isso, em algumas edições posteriores da Bíblia de Figueiredo, estas notas foram suprimidas ou substituídas. Esta questão das notas deu origem a duas expressões, que aparecem nas Bíblias de Figueiredo:

- “Tradução de... enriquecida com várias notas do mesmo autor”.
- “... excepto aquelas que foram condenadas em Roma”.

2. **Philaletes** (Amigo da Verdade) escreveu em Londres um opúsculo de 15 p., fazendo reparos à Bíblia de Figueiredo. Leva o seguinte título, bastante malicioso:

- *Waht is the Bible? Can an erroneous translation be the Word of God? An examination of the Portuguese version of Figueiredo da Pereira [sic], by Philalethes*, London, [1864]. *Bible. Appendix. Portuguese* (BL, 3125.aa.25).

O autor, pela linguagem utilizada é, possivelmente, um membro da “Church of England”, ao afirmar que as línguas originais do texto bíblico são as verdadeiras e, portanto, a Vulgata não o é. Ataca igualmente a SBBE / BFBS por colocar em circulação a Bíblia de Figueiredo da edição de 1783 (1.<sup>a</sup> ed.) e a 2.<sup>a</sup> com algumas alterações depois da morte do tradutor. De facto, a BFBS editou a 1.<sup>a</sup> edição de Figueiredo em 1828 e a 2.<sup>a</sup> em 1858. O autor tenta compará-la com a *Authorized version* e encontra erros em Figueiredo. Finalmente, afirma, como era de esperar, que a melhor Bíblia em português é a de Almeida, mas, mesmo assim, esta tradução deveria ser atualizada (p.14).

E continua, afirmando que, normalmente, trata-se, não tanto de erros doutrinais, mas de cerimónias litúrgicas da que ele chama a “corrupta Igreja Romana”; também porque se refere a vários sacramentos que diz não estarem na Escritura. Por tudo isso, a Bíblia de Figueiredo deveria ser abandonada como tradução. Foi talvez por isso que a SBBE, a partir de 1863, manifestou a vontade

de não a reimprimir. Apesar disso, continuou a não cumprir esse propósito, mas tirou-lhe todas as notas, o que é um modo de a “deturpar” ou “corromper” – segundo a linguagem dos católicos de então. De facto, a Bíblia de Figueiredo, como qualquer outra Bíblia, não é constituída apenas pelo texto, embora este seja o essencial.

Portanto, os críticos por Figueiredo, tanto são católicos como protestantes.

Por seu lado, Figueiredo, em relação à Bíblia de Almeida, também lhe atribui um defeito: apesar de a aceitar naquilo que ela tem de positivo, não lhe poupou um aspeto menos positivo, o literalismo:

“No mesmo defeito [de literalismo] caíram, entre os italianos, Nicolau Ma-  
larmi; entre os castelhanos, Cassiodoro de La Reyna; entre os portugueses, João  
Ferreira de Almeida” (Tomo I, 1781, p. XXXVII).

Vejam-se outros autores que se opõem a Figueiredo, no próximo capítulo.

#### **24.3.8. A Sociedade Bíblica de Londres (BFBS): entre a Bíblia de Almeida e a de Figueiredo**

Desde que a Bíblia de Figueiredo se tornou conhecida no estrangeiro como Bíblia católica traduzida da Vulgata, no fim do séc. XVIII, a Sociedade Bíblica de Londres (fundada logo a seguir, em 1804) tinha mais uma opção de Bíblias em português, além da de Almeida. A escolha umas vezes recaía em Almeida outras em Figueiredo. Em Almeida, por dois motivos:

- a) era protestante;
- b) dizia-se que era traduzida dos originais. Assim diz o 5.º Relatório da mesma BFBS, a propósito de fazer uma edição para os portugueses que residiam em Inglaterra, sobretudo em Portsmouth:

“(…) Depois de uma conversa com um emigrante português, o Sr. da Costa, que fora recomendado à Direção da BFBS, para ser o revisor das provas tipográficas, este insistiu bastante para que se usasse a versão de António Pereira de Figueiredo, isto é, a mais recente edição da mesma, em vez da versão de João Ferreira de Almeida... Mas quando os membros da Comissão verificaram que a versão de João Ferreira de Almeida tinha sido feita do original grego, e por um protestante, foi claramente preferível à versão de Pereira de Figueiredo, feita da Vulgata e por um católico (...). O Sr. Uzielli foi, pois, contratado para fazer as necessárias correções [da Bíblia de Almeida], sujeitas à supervisão do Dr. Adam Clark e do Sr. Blair. Assim, foi feita uma edição de 5.000 exemplares do *Novo*

*Testamento*, logo seguida de uma outra de 10.000 exemplares, em 1810, também corrigida por Uzielli”.<sup>69</sup>

Por outro lado, a escolha da Bíblia de Figueiredo era justificada por ser mais recente e ter um vocabulário mais atualizado. Mas tinha também dois aspetos em contra:

- a) era católica;
- b) era traduzida da Vulgata Latina e não dos originais. Foi entre estes prós e contras que a BFBS teve que resolver publicar uma ou outra versão portuguesa da Bíblia.

É interessante notar que, desde o início, a Sociedade Bíblica Trinitariana (SBT / TBS) se negou a editar Bíblias que não fossem de Almeida, porque, segundo a mesma Sociedade, esta era a única “versão protestante satisfatória”.<sup>70</sup> Esta Sociedade só aceitava versões que fossem feitas a partir dos textos originais; as outras, na sua visão fundamentalista, não eram consideradas “palavra de Deus”. O seu primeiro projeto foi, pois, a revisão e edição de Almeida por Thomas Boys a partir de 1819.<sup>71</sup>

No meio desta polémica entre as duas Sociedades inglesas, ficou estabelecido que as duas edições portuguesas receberam o *agrément* de uma ou outra Sociedade. Mas o certo é que apenas a BFBS distribuiu largamente a Bíblia de Figueiredo, quando isso lhe interessava, isto é, em ambientes católicos, para dar a ideia de que as Bíblias protestantes eram iguais às dos católicos. Foi sobretudo a BFBS que se deixou conduzir por este princípio pragmático: “For the use of Catholics”. No início da atividade bíblica protestante no nosso país e nas colónias, incluindo o Brasil, este princípio foi posto em prática com certa frequência, mas sobretudo no Continente e na Madeira. A Bíblia de Figueiredo foi muito recomendada à

<sup>69</sup> Estas palavras foram recolhidas de resumos de relatórios da BFBS, que se encontram na Sociedade Bíblica em Lisboa. Para um estudo específico sobre as difíceis escolhas, pela BFBS, entre a Bíblia de Almeida e a de Figueiredo, veja-se LEITE, Rita Mendonça, *A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e as Escrituras em português: debate entre a “Bíblia protestante” de Almeida e a “Versão autorizada” de Figueiredo (1804-1940)*, em *Lusitania Sacra* 35, janeiro-junho, 2017, p. 15-54.

<sup>70</sup> ANDREW, J. Brown, *The Word of God among all nations. A brief History of the Trinitarian Bible Society 1831-1981*, London, Trinitarian Bible Society, 1981, p. 38.

<sup>71</sup> Sobre a revisão da Bíblia de Almeida de 1819, por Thomas Boys, ver vol. IV: *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, p. 363-366. Trata-se da edição chamada *Revista e Reformada*. Sobre esta matéria veja-se ANDREW, J. Brown, *The Word of God among all nations*, o. c., p. 40-44; *Report respecting certain versions of the Bible, which are circulated by the British and Foreign Bible Society*. É neste relatório que a Bíblia de Figueiredo recebe o qualificativo de “a versão portuguesa”.

BFBS, pedindo os responsáveis dos diferentes grupos protestantes cada vez mais exemplares a Londres.<sup>72</sup>

“A discussão sobre a versão a circular em língua portuguesa prolongar-se-ia até ao estabelecimento oficial da Agência da BFBS em Lisboa, em 1864, assumindo, entretanto, ao longo dos anos 30-40, contornos que não se restringiam já à valorização da qualidade e funcionalidade do texto de Figueiredo, mas também à crítica aberta da tradução de Almeida”.<sup>73</sup>

A partir deste mau estar a propósito da Bíblia de Almeida, Whitley, capelão anglicano no Porto, e os que comungavam das mesmas ideias, propuseram-se fazer, urgentemente, uma nova revisão da Bíblia de Almeida, argumentando que esta, pelo menos, era mais próxima dos originais do que a de Figueiredo, que tinha traduzido da Vulgata Latina.<sup>74</sup> O motivo mais importante para uma revisão de Almeida era o da ortografia e linguagem obsoletas. Com esta revisão, Whitley sonhava fazer de Almeida a Bíblia “autorizada” para a língua portuguesa. Sonhava ainda que outras Sociedades pudessem expandi-la pelos territórios de língua portuguesa. Em 1837, a BFBS concordou com Whitley, publicando uma edição do *Novo Testamento* com a revisão apenas dos termos “obsoletos e ordinários”, feita por um conhecedor da língua portuguesa.

Depois de negociações entre o representante português e a BFBS, decidiu-se imprimir uma edição do *Novo Testamento*, numa “revised edition of Almeida’s Protestant Portuguese version of the New Testament”, segundo um relatório da BFBS de 1839. Este *Novo Testamento* aparecerá no Porto com 2000 exemplares, sendo alguns enviados para Inglaterra e outros para várias partes do Brasil. Ora, tanto esta como a da SBT / TBS foram um fracasso, dada a diminuta procura e as críticas da Igreja Católica portuguesa.

Toda esta questão fez que a Bíblia de Figueiredo ganhasse pontos perante a de Almeida, e Whitley não teve pejo em dizer que não havia problema nenhum em editar Figueiredo, “a man who is branded as an ‘Apostate’ by the Priests”,

<sup>72</sup> LEITE, Rita Mendonça, *A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira*, o. c., p. 25-38.

<sup>73</sup> LEITE, Rita Mendonça, *A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira*, o. c., p. 28. Assim escrevia John Baley, de Lisboa, ao Secretário da BFBS: “I wish now communicate to you for the information of the Committee of the BFBS that the Portuguese Bibles Almeida’s Edition is so very incorrect in this translation that it has been deemed advisable not to issue any more of them” (Lisboa, 7 de junho, 1827). Mais ainda: O conhecido Edward Whiteley confessava, no Porto: “Almeida’s translation is justly condemned by the Portuguese” (ib.), considerando Almeida muito inferior a Figueiredo.

<sup>74</sup> Não é seguro que Almeida tenha traduzido dos originais. Nem sequer consta que conhecesse o hebraico; mas serviu-se de Bíblias, essas sim, traduzidas do hebraico e do grego (sobre este assunto, ver vol. IV desta coletânea, *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*, p. 449-470).

afirmando, ao mesmo tempo, que a Bíblia da SBT / TBS iria ter ainda mais problemas em ser aceite, por apresentar o texto com a língua portuguesa pouco correta. Depois de todo este processo e das dúvidas que o acompanharam, a Bíblia de Figueiredo assumiu, finalmente, o primeiro lugar na escolha da BFBS. A sua posição saiu reforçada pelo facto das edições anteriores “protestantizadas” não serem condenadas pela Igreja Católica e terem mesmo sido aprovadas pelo cardeal Patriarca de Lisboa e pelo governo português no reinado de D. Maria II.<sup>75</sup>

Apesar de ter subido na escala, Figueiredo foi, no entanto, sujeito a uma revisão, cuja impressão foi anunciada em 1843, mas só em 1850 se veriam os resultados, que não foram satisfatórios, porque essa edição teve problemas com uma tipografia de Lisboa, não entrando sequer em circulação.

No entanto, a BFBS continuava a preferir Figueiredo, apoiada também pelo missionário escocês, Robert Kalley, que, já no Brasil, prometeu fazer uma viagem aos Estados Unidos, onde tinha uma grande comunidade de emigrantes madeirenses, que tinham sido seus discípulos na ilha da Madeira. Ele pedia a Bíblia de Figueiredo, tanto para essas comunidades como para as do Brasil. Kalley insistia que apenas a BFBS podia satisfazer esse desejo, já que a Sociedade Bíblica Americana distribuía apenas Bíblias de Almeida.<sup>76</sup>

Figueiredo ainda ganhou pontos com Francis Roughton na presidência da agência da BFBS em Portugal, ao afirmar:

“The translation of Pereira which has been printed here is very good and very much liked. This I hear from all parties. And therefore, for the present, I

<sup>75</sup> Trata-se da portaria de Costa Cabral de 17 de outubro de 1842, onde consta que, dada a aprovação pelo cardeal Patriarca de Lisboa, o governo também não impedia que a tradução de Figueiredo circulasse no país como Bíblia permitida. Desde aí, todas as Bíblias protestantes de Figueiredo mostram no anteposto: “... *Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*”.

<sup>76</sup> Kalley, que fora expulso, ou melhor, fugira da ilha da Madeira e também da ilha da Trindade, por provocar tumultos religiosos, depois de ser preso uma vez e temendo outra prisão, foi interpelado pelas autoridades brasileiras de Petrópolis. Entre os argumentos apresentados para se defender da acusação de proselitismo protestante, afirmou que a Bíblia que distribuía era a Bíblia católica do Padre António Pereira de Figueiredo (ver SANTOS, Lyndon de Araújo, *Um Escocês Protestante no Mundo Luso-Brasileiro na Ilha da Madeira e no Rio de Janeiro (1838-1859)*, em *Lusitania Sacra* 35, janeiro-junho de 2017, p. 66. É curioso como Kalley utilizou também o mesmo argumento da Bíblia de Figueiredo na ilha da Madeira, para arranjar adeptos sem ser incomodado pelas autoridades, o que levou o bispo da diocese, nessa altura, a proibir a posse dessas Bíblias sob pena de excomunhão, por serem versões “adulteradas”, isto é, sem notas e com possíveis incorreções no texto (FERREIRA FERNANDES, *Madeirenses errantes...*, p. 46, em *Um Escocês protestante no Mundo*, o. c., p. 66). É interessante notar que Kalley mentiu às autoridades do Brasil, dizendo que nunca tinha sido expulso de nenhuma ilha nem nação e tinha pautado a sua ação religiosa pelas leis do país. Sobre a acusação a Kalley no Brasil, ver *ib.*, p. 62-70.



think it would be advisable to confine ourselves to this” (Lisboa, 3 de novembro de 1864).

Assim, a Bíblia de Figueiredo era rainha nas mãos dos protestantes no início da década de 1870. Mas Almeida não tinha perdido todos os seus trunfos: por ter a fama de tradução dos originais, esperava-se que ressuscitasse, a partir do seu mau e envelhecido português, ganhando, assim, uma nova vida, com uma revisão em curso. Esta edição saiu em Lisboa em 1875, com a adjetivação de “Nova Edição Revista e Correcta”.<sup>77</sup> Foi, portanto, uma versão “Nova” em todo o sentido, já que eliminava alguns elementos que se encontravam no início de edições anteriores.

Apesar disso, a Bíblia de Figueiredo era a que mais se utilizava em Portugal e no Brasil, mas a de Almeida também era aceite em vários setores do protestantismo de língua portuguesa. No fim do séc. XIX, as edições da Bíblia, que eram feitas praticamente todas em Londres, passaram a ser editadas em Portugal, como se pode ver pelos respetivos Catálogos.<sup>78</sup> Devemos acrescentar ainda que a agência de Lisboa passou mesmo a fornecer Bíblias ao protestantismo brasileiro, sobretudo devido ao lugar que ocupava o agente em Lisboa, Robert Stewart, como intermediário entre Portugal e Brasil e a própria BFBS de Londres.<sup>79</sup>

Muitas vezes, algumas editoras serviram-se do nome de Figueiredo para entregarem ao seu público a Bíblia de Almeida.<sup>80</sup>

<sup>77</sup> É uma edição, hoje, muito rara (veja-se o *Catálogo* do vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, onde se apresentam as suas principais características).

<sup>78</sup> O *Catálogo* da Bíblia de Almeida encontra-se na Segunda Parte do vol. IV desta coletânea, enquanto o de Figueiredo se encontra na Segunda Parte deste volume. Aí se pode constatar a quantidade de Bíblias que Almeida editou, calculando-se o número de exemplares nos 200 milhões, enquanto o de Figueiredo não teve a mesma sorte, por não ser protestante, mas também por ter vivido na época em que realmente viveu. O *Catálogo* das edições de Figueiredo é o tema do próximo cap. 26.

<sup>79</sup> Robert Stewart (1828-1906) era capelão presbiteriano inglês e tornou-se agente da BFBS, além de dinamizador do Depósito de literatura bíblica que a BFBS possuía em Lisboa. Mais tarde, aí se editaram Bíblias, como podemos constatar no *Catálogo* de Almeida. Dessa agência da BFBS em Lisboa, nasceria a futura Sociedade Bíblica Portuguesa. Robert Stewart viveu 36 anos em Portugal; por isso, a Sociedade Bíblica de Portugal deve-lhe muito.

<sup>80</sup> “Uma relativamente recente versão de Figueiredo e que leva o Imprimatur do card. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, arcebispo de Aparecida, s.l. s.n., Difusão Cultural do Livro, “não é mais que uma mistificação, fazendo passar com o nome do Oratoriano o que não é mais que a versão de J. Ferreira da Almeida” (NASCIMENTO, Aires A. do, *A Bíblia em Português*, em Igreja e Missão 207, 2008, p. 44, n. 126).

### 24.3.9. Uma edição da Bíblia a partir de Almeida e Figueiredo?

Enquanto nas últimas décadas do séc. XIX, as duas Bíblias conviviam pacificamente no “Depósito” de Lisboa e nos carros e sacos dos colportores, as instâncias protestantes de Londres e de Lisboa pensaram fazer uma aliança editorial entre as duas Bíblias; ou seja, fazer uma nova Bíblia que combinasse as melhores qualidades das duas. Isto equivalia a combinar “the excellences of the translations now in use and be free from their defects”, a fim de serem aceites “on both sides of the Atlantic”; isto é, entre Portugal e Brasil.<sup>81</sup>

A partir desta ideia, formou-se uma comissão constituída por ingleses que viviam em Portugal, assim como, naturalmente, de portugueses e brasileiros, que representavam as Igrejas Episcopaliana, Presbiteriana, Batista e Metodista. Stewart assumiu a presidência da Comissão, chamada “Translation Committee”, assim como a supervisão da tradução e da revisão. A BFBS ficava apenas com a alta responsabilidade e com as despesas do projeto, chamando-lhe “New version” ou “New translation”, diferente, tanto da de Figueiredo como da de Almeida. No entanto, com o andar dos tempos, chegou-se à conclusão de que se tratava apenas de uma revisão de Almeida, o que alterava o projeto concebido inicialmente.

Esta nova revisão de Almeida foi publicada apenas em “porções” e até à Carta aos Hebreus; portanto, nem sequer o Novo Testamento completo chegou a sair para o grande público de Portugal e do Brasil. De qualquer modo, esta versão de Almeida corrigida era uma “traição” à Bíblia de Figueiredo, segundo o projeto inicial. Por isso, quis o destino que a dita edição da Bíblia completa nunca chegasse a realizar-se, sendo o projeto abandonado pela própria BFBS.

A partir deste fracasso, a mão todo-poderosa da BFBS pôs em marcha ainda um outro projeto, que dará lugar à chamada “Bíblia Brasileira” ou “Edição Brasileira”, mas cujo desenvolvimento deixaremos para o volume VI, já que estaremos no início do séc. XX. A BFBS pretendia fazer uma Bíblia definitiva, que fosse o grande instrumento de expansão sobretudo no Brasil, um imenso espaço, onde o protestantismo via perspectivas de futuro aliciantes. No próximo volume, estudaremos, “per longum et per latum”, a história desta Bíblia, a “Edição Brasileira”, que tão-pouco irá ter longa vida.

Depois destas ideias genéricas sobre a Bíblia de Figueiredo, não queremos deixar no olvido uma apreciação dos editores Silva e Sousa da Bíblia de Figueiredo, quando afirmam que a sua edição desta Bíblia pretende:

“... fazer barreira a esse contínuo aluvião de Versões bíblicas heterodoxamente viciadas, que a Propaganda Protestante não cessa de introduzir por todos

<sup>81</sup> *Eighty-first Report of the BFBS*, Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, 1879, p. 77.

os países; é um meio necessário, pronto e eficaz a reimpressão de Traduções Ortodoxas canonicamente aprovadas, na língua vulgar, que exclusivamente andem nas mãos de todos os Fiéis católicos Romanos” (em *Prefação aos Leitores*, Bíblia Sagrada – Novo Testamento da Edição Suplementar, 1857, p. XXVIII).

## Bibliografia

*Jansenismo*, Enc. Luso-Brasileira de Cultura, vol. 11, p. 325-326.

MONCADA, Luís Cabral de, *Mística e Racionalismo em Portugal no século XVIII. Uma página de História religiosa e Política*, Coimbra, Casa do Castelo, 1952 (BNP, R. 17178 V).

MORATO, José, *Conheça o mundo dos jacobinos que ignora, ou exposição das verdades católicas, contra os artigos fundamentais do systema anárchico dos teólogos regalistas do século XVIII e do presente*. Em quatro folhetos, Londres, impresso por W. Lewis, 1812.

SANTOS, Cândido dos, *História da Cultura na Época Moderna*, Porto, publicação da Universidade do Porto, 1998.

—, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição e polémica na Segunda Metade do Século XVIII*, Lisboa, Roma Editora, 2005.

—, *Jansenismo e Antijansenismo nos finais do Antigo Regime*, Porto, CITCEM - Edições Afrontamento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2007.

—, *Jansenismo e Antijansenismo em Portugal*, Porto, Universidade Católica Editora, 2014.

—, *O Jansenismo em Portugal*, FLUP, Porto, 2007.

SILVA DIAS, José Sebastião da, *Portugal e a Cultura Europeia (séc. XVI-XVIII)*, Coimbra, 1953; sobre o Pe. António Pereira de Figueiredo, ver p. 130.141-142.145-146.154.158.218.272.281.

SOUSA, Evergton Sales, *Jansénisme et Réforme de l'Église dans l'Empire Portugais, 1640 à 1790*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004; 503 p. (BNP, R. 23111 V).<sup>82</sup>

Vv., *The Bible of Every Land: a history of the Sacred Scriptures in every languages and dialects*, Londres, Samuel Bagster and Sons, 1860, p. 271-275.

---

<sup>82</sup> Dedicar todo o cap. VII a Figueiredo, com o título: *L'Oeuvre d'António Pereira de Figueiredo: Synthèse d'un projet réformateur*, p. 391-456.

## Conclusões

1. O Pe. António Pereira de Figueiredo, apesar de latinista de nomeada no seu tempo, parece ter tido à vista a versão francesa de Sacy e de outros jansenistas franceses, como ele próprio afirmou. A sua versão é ainda hoje modelo de português e, com ela, o tradutor granjeou um nome como nosso último clássico setecentista. A Sociedade Bíblica de Londres reproduziu, sempre sem notas e quase sempre sem a *Apócrifa*, esta versão de Figueiredo; e empresas várias fizeram reproduções integrais da sua Bíblia.

2. Além destas, apareceram outras reedições enriquecidas de novas anotações exegéticas e com novos contributos para a exatidão do texto de Figueiredo; é o caso da edição do Pe. Santos Farinha, que em 1902, numa edição anotada e ilustrada, reviu o texto de Figueiredo confrontando-o com o francês de Glaire, tal como em 1852, Frei Luís da Assunção Costa o revira em confronto com o texto castelhano de Felipe Scio de San Miguel.

3. O autor sofreu as influências regalistas e jansenistas do seu tempo, ideologias que manifesta nas suas obras: “Tentativa Teológica” e “Análise da Profissão de Fé do S. Padre Pio IV”, colocadas no Índice (26.01.1795). Ele recusou sempre retratar-se das suas ideias. Por isso, as suas notas foram condenadas, embora a maior parte não tenham nada contra a fé da Igreja, por serem de carácter científico. A edição de Santos Farinha já apresenta as notas depuradas, tal como outras edições feitas no Brasil.<sup>83</sup>

Neste capítulo encontramos apenas 35 obras, já que as principais vão aparecer sobretudo no cap. 26.

---

<sup>83</sup> Sobre estas edições, veja-se o *Catálogo* do cap. 26.

## Capítulo 25

### **Pe. António Pereira de Figueiredo: obras culturais**

Para ter a capacidade de traduzir toda a Bíblia, como foi o caso do oratoriano, Pe. António Pereira de Figueiredo, é necessário possuir as capacidades técnicas e culturais necessárias para essa tarefa específica. Neste capítulo, dedicado à cultura do nosso tradutor, vamos apresentar brevemente as suas obras de carácter cultural, que manifestam precisamente a sua vasta cultura. Esta cultura é um pressuposto do objetivo fundamental desta II Parte do presente volume: a tradução da Bíblia pelo Pe. António Pereira de Figueiredo. O pressuposto cultural justifica e credibiliza o tradutor para uma obra deste calibre. É o que constatamos, quando abordamos diretamente a sua tradução e o elenco das edições da mesma (ver cap. anterior e seguinte).

Seguidamente vamos apresentar um elenco das obras que Figueiredo escreveu sobre a teoria e a prática da língua latina e muitas outras da mais variada tipologia. A cultura do Pe. Figueiredo é multifacetada, abrangendo um leque de ciências humanas e eclesiásticas muito alargado. Grande parte das suas obras foi encontrada num catálogo de 1800 [Cat.], cujo título referimos em nota.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Catálogo de Catálogo das Obras Impressas e Manuscritas de António Pereira de Figueiredo da Congregação do Oratório; Deputado Ordinário da Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, desde a sua Creação pelo senhor Rei D. José; Oficial de Cartas Latinas da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra; e sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, na Officina de Simão Taddeu Ferreira, 1800; 2, 74 p.; 21 cm [Cat.]. O autor real deste Catálogo é Francisco Manuel Trigo Morato (SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, o. c., p. 33). Aqui se explica como foi descoberto o seu autor. As obras de Figueiredo apresentadas neste capítulo foram todas conferidas por este Catálogo. Não esquecemos aqui o grande contributo que nos deu a obra de SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição e Polémica na Segunda Metade do século XVIII*, Lisboa, Roma Editora, 2005, p. 253-399, donde respigámos as principais obras, procurando também nas bibliotecas portuguesas as respetivas cotas. Ver ainda Inocêncio I, p. 224; VIII, p. 279. Não entramos aqui em grandes pormenores, já que a nossa intenção neste, como noutros volumes desta coletânea, é a Bíblia.

Apresentaremos as suas obras, de acordo com a respetiva temática, no seguinte esquema de 12 itens:

- 25.1. Obras de Gramática Latina e Latinidade (1.1 a 1.12)
- 25.2. Obras de Retórica, Eloquência e Língua Nacional (2.1 a 2.7)
- 25.3. Obras de História (3.1 a 3.23)
- 25.4. Dissertações sobre a História Antiga de Portugal. Lidas em várias sessões da Academia Real das Ciências (4.1. a 4.18)
- 25.5. Obras de Teologia e outras Ciências Eclesiásticas (5.1 a 5.23)
- 25.6. Traduções para latim (6.1 a 6.10)
- 25.7. Obras de música (7.1 a 7.26)
- 25.8. Obras de polémica (8.1 a 8.9)
- 25.9. Literatura encomiástica (9.1 a 9.19)
- 25.10. Epigramas e Inscrições (10.1 a 10.7 e 10.8 a 10.20)
- 25.11. Catálogos das obras de Figueiredo (11.1 a 11.6)
- 25.12. Outras obras relacionadas com Figueiredo (12.1 a 12.7)

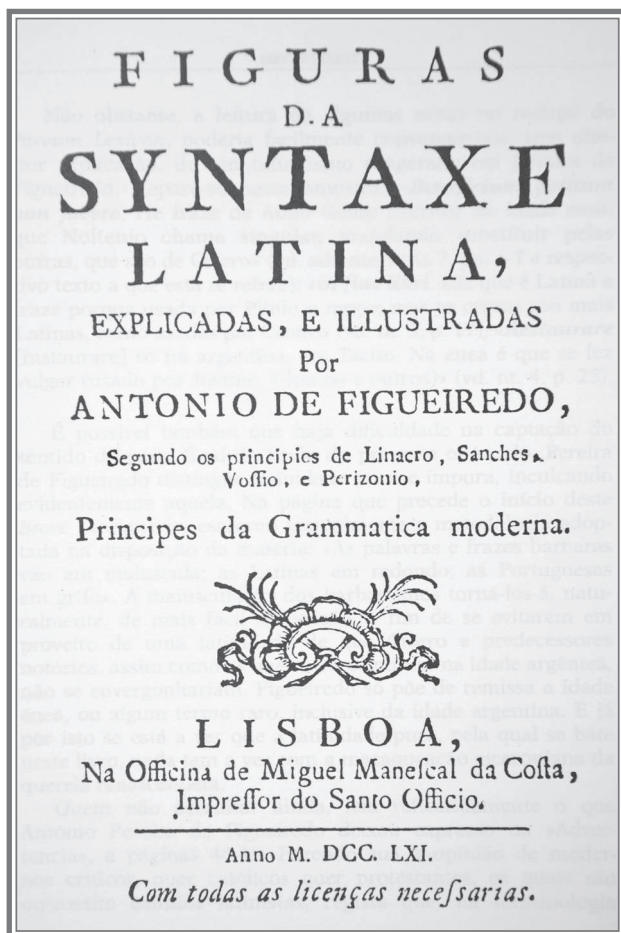
Passamos, então, à apresentação desenvolvida dos referidos 12 itens com as respetivas obras, que apresentamos por volumes.

## 25.1. Obras de Gramática Latina e Latinidade

Nos séculos XVIII-XIX, o latim era ainda a língua usada, não apenas para a leitura de obras consideradas fundamentais na cultura europeia, mas também na correspondência diplomática entre países. Portanto, o governo do Marquês de Pombal necessitava de bons latinistas para esse efeito, porque, no bom latim, se revelava também a cultura do país em causa.

Ora, o Padre António Pereira de Figueiredo era, não só um bom teórico da gramática e da sintaxe latina – como o demonstram as suas obras – mas também um perito na literatura clássica latina. Por isso, o seu latim pode considerar-se um latim clássico. O Marquês de Pombal ao escolhê-lo para chefe dos latinistas do seu governo, não errou o alvo, mas acertou em cheio, não apenas tecnicamente, mas também nas ideias. Enumeramos algumas obras desta temática:

- *Exercícios da língua Latina e Portuguesa, acerca de diversas cousas, para uso das escolas da Congregação do Oratório na Casa de Nossa Senhora das Necessidades... Ordenados pela mesma Congregação*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1748 (BPNM, 2-12-2-14).



— Ib., mesmo impressor, 1751; 20 cm (Cat., p. 21; BNP, L. 395 P.; BL, 12935. aaaa.5.(1).

Esta edição não apresenta ainda o nome completo do seu autor. Em latim e português, em páginas paralelas, e dividido em três partes. Cada parte com folha de rosto e paginação próprias.<sup>2</sup>

1.<sup>a</sup> parte: 15, 80, 80, 6 p.

2.<sup>a</sup> parte: *Exercícios da língua latina, e portugueza, que constão de saudaçoens, e diálogos para uso das escolas...*; 7, 23, 23 p.

<sup>2</sup> Título em latim: *Exercitationes linguae latinae ac lusitanae de diversis argumentis: in usum Scholarum Congregationis Oratorii Olisiponensis primum scriptae: deinde pro tota Lusitania eiusque Coloniis a fidelissimo rege approbatae. Collegit ex uno cicerone, emendavit, praefationem et notas adiecit Antonius Pereria, presbyter eiusdem Congregationis*, Lisboa, Francisco da Silva, 1751.



3.<sup>a</sup> parte: *Exercícios da língua latina, e portugueza, acerca de diversas cousas.*

*Para uso das escollas...*; 11, 124, 124 p.

- 2.<sup>a</sup> edição mais acrescentada, e correcta, feita depois que a primeira foi introduzida em todas as Escolas de Portugal, por Decreto de Sua Magestade, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1765; 134 p.; 16x10 cm (Cat., p. 21; BNP, L. 3418 P.; BPB, L. 484 A.; BL, 12935.aaaa.5(2); BOCD).

No Cat. diz: “Tem de novo uma Prefação e já traz o nome do autor. Aqui afirma ainda que esta é a sua primeira obra.”

- 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Oficina Régia, 1785; em 8.<sup>o</sup> (Cat., p. 21).

— Ib., mesmo impressor, 1820; 20 cm (BNP, L. 397 P.).

— Ib., Imprensa Nacional, 1821; 10 cm (BNP, L. 398 P.; BPB, L. 388 A.).

Estes “Exercícios” são uma coleção de textos de Cícero, em latim e português, lado a lado.

— *Edição de Rio de Janeiro*, por L. M. Pessegueiro, 1862 (BL, 12935.df.8.(9)).

- *Novo Método da Grammatica Latina, para uso das Escolas da Congregação do Oratório, ordenado e composto pela mesma Congregação*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1752; CVIII, 319, 2 p.; 20 cm (Cat., p. 22; BNP, L. 415 P.; BPARPD, Conv.5107 Res).<sup>3</sup>

— *Parte Segunda. Syntaxe*, ib., mesmo impressor, 1753; em 8.<sup>o</sup> (BNP, L. 416 P.; Cat.; BL; BPB, L. 56 A.).

No Cat.: Tem “hum Prologo, em que refuta o Papel intitulado *Mercúrio Grammatical &c.*, que appareceo neste mesmo anno e cujo Author, segundo a voz constante, foi o Padre Francisco António, Jesuíta”, com 107 p.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Ver ANDRADE, António Alberto de, *Verney e a cultura do seu tempo*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1966, p. 261. Os títulos de algumas edições aparecem assim: *Novo Método da Grammatica Latina dividido em duas partes...*

<sup>4</sup> É obra de um jesuíta de 1752, talvez do aqui citado. Aqui apresenta grandes gramáticos latinos de vários países europeus. Mas pretende fazer melhor que eles nesta área do ensino do latim. Na lista inclui o jesuíta Pe. Manuel Álvares e a sua famosíssima Gramática latina, reservando-lhe um grande elogio: “Foi o Pe. Manuel Álvares hum homem de erudição rara, assim nas Letras gregas, como nas Latinas: poeta insigne, gramático doutíssimo e, como tal, merecedor de muitos e honoríficos elogios, que lhe fizeram Vossio, Scioppio (...). Foi finalmente hum daqueles famosos Heroes que, no século XVI, illustrarão com a sua literatura o nosso Reino, servindo de glória aos nacionais, de inveja aos estranhos e a huns e outros de admiração” (ib., p. 28). Apesar de tão grande elogio, não deixa de apresentar as grandes lacunas e mesmo erros da Gramática do jesuíta, apontando-lhe uns 150 erros. Isso deu origem a uma grande polémica gramatical com os Jesuítas (ver ib., p. 29-32). Os Jesuítas respondem com o *Mercúrio Gramatical*, 1753, sob o pseudónimo de Philiarco Pherepeno, e o *Anti-prólogo Crítico e Apologético* do Pe. Francisco Duarte, SJ, também sob o pseudónimo de Manuel Mendes Moniz.

— 2.<sup>a</sup> edição em hum só volume [e deste modo se fizeram as seguintes], ib., mesmo impressor, 1754; em 8.º (Cat., p. 22).

— 3.<sup>a</sup> impressão, ib., Oficina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, 1756; em 8.º (Cat., p. 22; BNP, L. 12898 P.).

No Cat.: “Tem as Advertencias separadas do corpo da Obra; e no Prologo da Syntaxe cortou-se-lhe o que dizia respeito ao *Mercúrio Grammatical*. Já tem o nome do Author”.

— Ib., mesmo impressor, 1759; 15,5x10,5 cm (BPB, L. 19 A.).

— 4.<sup>a</sup> edição, ib., Oficina Patriarcal Luís Ameno, 1760; em 8.º (Cat., p. 22).

— 5.<sup>a</sup> edição, ib., Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1765; 20 cm (Cat., p. 22; BNP, L. 435 P.).

— 6.<sup>a</sup> edição, ib., Oficina Régia, 1777; em 8.º (Cat, p. 22.).

— 7.<sup>a</sup> edição, ib., Régia Oficina Typográfica, 1779; 20 cm (Cat., p. 22; BNP, L. 438 P.).

No Cat. diz-se: “Cortou-se o Prólogo da primeira Parte”.

— 8.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1783; em 8.º (BNP, Res. 6687 P.; Cat., p. 22; BPB, L. 13 A.).

— 9.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1788, em 8.º (Cat., p. 22).

— 10.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1797 (BNP, L. 443 P.; BPB, L. 313 A.; Cat., p. 23).

— [S.l., s.n., 18--]; 20 cm (BNP, L. 439 P.).

No Cat., diz-se: “Veja-se sobre esta Obra a *Gazeta de Hollanda* do mez de Junho de 1753 citada por Pereira na *Defensa do Novo Methodo*, p. 6”.

— 11.<sup>a</sup> impressão, ib., Impressão Régia, 1805; 378, 2 p.; 15 cm (BPARPD, EC AR.5 A/65 Res).

— Ib., mesmo impressor, 1806; 20 cm (BNP, L. 437 P.).

— Ib., mesmo impressor, 1811 (BPB, L. 55 A.).

— 7.<sup>a</sup> impressão [sic], ib., mesmo impressor, 1813; 20 cm (BNP, L. 441 P.).

— 12.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Imprensa Régia, 1814; 378 p; em 8.º (Inocência I, p. 225).

— 13.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1817; 378, 2 p.; 16 cm (BNP, L. 42188 P.; BPB, L. 14 A.).

— Ib., mesmo impressor, 1817; 20 cm (BNP, L. 444 P.).

— 8.<sup>a</sup> impressão [sic], ib., mesmo impressor, 1816; 20 cm (BNP, L. 442 P.; BPB, L. 3494 A.).

- Ib., mesmo impressor, 1825; 14 cm (BNP, L. 24684 P.).
- 14.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1828 (BPNM, 2-2-17).
- Ib., Typografia de José Baptista Morando, 1844; 20 cm (BNP, L. 445 P.).
- s. d.; dois exemplares sem folha de rosto; 386 p. (BPB, L. 9 A.: incompleto; BNP, L. 3525 V.).
- *Novíssima ed. melhorada e aumentada, por F. R. dos Santos Saraiva*, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1900; 324 p. (BNP, sem ex. neste local).

É curioso que o Pe. Manuel Monteiro, do Oratório, tenha publicado, antes de Figueiredo, *O Novo methodo para aprender a Gramática Latina*, 1746, e era destinado “às Escolas da Congregação do Oratório de Nossa Senhora das Necessidades” e com dedicatória “a El Rei Nosso Senhor D. João V”. Será que o *Novo Método* de Figueiredo o superava, para ser adotado imediatamente? Este leva o seguinte título: *O Novo Método de Gramática Latina* de António Pereira de Figueiredo, que seguia as novas orientações do ensino da gramática latina na Europa, conseguiu destronar a mais que famosa *Gramática Latina* do Padre Manuel Álvares, que foi rei e senhor durante dois séculos na latinidade das escolas portuguesas e mesmo estrangeiras; exatamente entre 1572 e 1759.<sup>5</sup>

A 2.<sup>a</sup> parte desta obra apareceu alguns anos mais tarde (1749). De qualquer modo, deu muita polémica sobretudo em ambiente jesuíta, pois combatia, direta ou indiretamente, a *Gramática* do Padre Manuel Álvares, SJ, de que falámos no vol. III.

Era a “guerra” dos “Pereiristas” contra os “Alvaristas”. Esta “guerra” só acabou em 1759, quando o *Método* de Figueiredo foi imposto em todas as escolas do país, por decreto real, Alvará de 28 de junho de 1759. Este foi o *Método* oficial de latim até 1834. Os Jesuítas sentiram-se feridos pelas afirmações de Figueiredo contra a *Gramática Latina* do Pe. Manuel Álvares, SJ, no prólogo da sua obra.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Essa gramática tem o seguinte título latino: *De Institutione Grammatica Libri Tres*, Olissipone, Excudebat Ioannes Barrerius Typographus Regius, M. D. LXXII. Esta edição princeps saiu fac-similada com o título: “P. Manuel Álvares, Gramatica Latina”, Funchal, 1974, com introd. de J. Pereira da Costa. Sobre o contexto do *Novo Método* do Pe. António Pereira de Figueiredo, ver AMADEU TORRES, *Parvum Lexicon de António Pereira de Figueiredo - Comemorando o bicentenário (1797-1997)*, Braga, Facfil, Ed. Humanitas, 1998, p. 19-37.

<sup>6</sup> Segundo Inocêncio I, p. 225, Figueiredo afirma: “Este methodo é tido por impróprio para o ensino, e vicioso por sua redundância, e por ser carregado de notas, posto que eruditíssimas, fóra do alcance dos estudantes e podendo só servir a pessoas mais adiantadas”. Talvez por isso os Jesuítas, pela pena do Padre Madureira Feijó, responderam ao *Novo Método* de Figueiredo no suplemento da sua *Arte Explicada*, 1730. O mesmo fez o Pe. António Franco com a sua enérgica resposta, na *Contramina Gramatical*, sob o pseudónimo de Francisco da Costa Eborense. Mas foi

- *Novo methodo da grammatica latina, reduzido a compêndio*, Lisboa, Oficina Miguel Rodrigues, 1758; em 8.º (Cat., p. 25).
  - 2.<sup>a</sup> edição *para uso das Escolas deste Reino, e suas conquistas, por Decreto de Sua Magestade*, ib., Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1759; em 8.º (BNP, L. 420 P.; Cat., p. 25; BL; BNF). Pelo decreto de 28 de junho de 1759.
  - 3.<sup>a</sup> edição, ib., Oficina de Miguel Manescal, 1760; em 8.º (BNP, L. 421 P.; Cat., p. 25).
  - 4.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1780; 6, 98 p.; 15 cm (Cat., p. 25; BNP, L. 6966 P.).
  - 5.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1788; 20 cm (Cat., p. 25; BNP, L. 424 P.).
  - 6.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1795; 20 cm (Cat., p. 25; BNP, L. 425 P.).
  - 7.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1800; em 8.º (Cat., p. 25).
- No Cat. Diz-se: “Veja-se o *Decreto de 28 de Junho, e as Instruções que o acompanham*. Título dos Professores de Grammatica Latina” (p. 25).
  - Ib., mesmo impressor, 1803; 20 cm (BNP, L. 426 P.).
  - 9.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1807; 6, 90 p. (BNP, L. 3876 P.).
  - Ib., mesmo impressor, 1811; 20 cm (BNP, L. 427 P.).
  - 12.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1814; 15 cm (CBAP, n.º 838).
  - 13.<sup>a</sup> edição [sic], ib., Imprensa Régia, 1817 (BPMP, X3-9-138).
  - 13.<sup>a</sup> impressão, ib., mesmo impressor, 1825; 6, 98 p.; 16 cm (BNP, L. 8596//1 P.; BPB, L. 583 A.).
  - 14.<sup>a</sup> impressão, ib., Imprensa da Viúva Neves e Filhos, 1831; 6, 98 p.; 20 cm (BNP, L. 429 P.).
  - [Lisboa: s.n., 1831]; 92 p. ; 14 cm (BPARPD, EC AR.5 A/27 Res).
  - 15.<sup>a</sup> impressão, Pernambuco, Typografia Pinheiro e Faria, 1834; 100 p.; 17 cm (BNP, L. 63761 P.).
  - *Novíssima edição*, Porto, Typografia de S. J. Pereira, 1848; 20 cm (BNP, L. 430 P.).
  - 15.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Typ. de Mathias José Marques da Silva, 1851; 20 cm (BNP, L. 431 P.).
  - Ib., Typ. de José Baptista Morando, 1853; 20 cm (BNP, L. 432 P.).

---

o *Verdadeiro Método de Estudar* (2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Cartas) que deu o último golpe na *Grammatica Latina* do Padre Manuel Álvares, SJ (sobre o *Novo Método* e outros da Congregação do Oratório, ver ANDRADE, Antônio Alberto de, *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1966, p. 681-682).

- 3.<sup>a</sup> edição [sic], ib., Imprensa Nacional, 1865; 20 cm (BNP, L. 434 P.).
- *Novíssima edição revista, correcta e muito aumentada / Manuel Bernardes Branco*, Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves, 1868; 20 cm (BNP, L. 433 P.).
- 3.<sup>a</sup> edição com acréscimentos por J. J. Martins, Nova Goa, 1865 (BL, 12935. aa.43).<sup>7</sup>
- *Novíssima edição melhorada e algo aumentada pelo presbytero...*, Rio de Janeiro, 1872; em 8.º.
- *Compêndio de gramática latina*, Lisboa, Lallement Frères, 1877; 3.<sup>a</sup> edição; 16 cm (BNP, L. 14605 P.; BPE, S. N. E. 8 - C. 1).
  - 3.<sup>a</sup> edição, *Revisto e muito acrescentado por Manuel Bernardes Branco*, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1877; 171 p.; 16 cm (BPARPD, ML/E9P5/58; BPH, ML/E9P5/58).
- *Apparato Crítico para a Correção do Dicionário intitulado “Prosodia in Vocabularium bilingue digesta”. Offerecido aos que seriamente quizerem cuidar da sua emenda; reimpressão por André Lucio de Resende*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, anno 1755; 67 p.; 20 cm (Cat., p. 24; BPARPD, JC/A AR.4 A/380 RES; CBAP, n.º 828). Saiu com o nome de André Lúcio de Resende (Inocência I, p. 225).
- Título geral: *Collecção de Palavras Familiares, assim Portuguezas como Latinas, que para o uso das escolas da Congregação do Oratório coordenou e illustrou com notas António Pereira, Padre da mesma Congregação. = Collectio verborum familiarium cum Lusitanorum tum latinorum, quae in usum scholarum Congregationis Oratorii digessit ac notis illustravit Antonius Pereria ejusdem Congregationis*.
  - *Collecção de Palavras Familiares assim Portuguezas, como Latinas para o uso das Escolas de Portugal e suas conquistas. Illustrada com Notas*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1755; em 8.º. Edição bilingue: português e latim. Era uma obra didática para melhor conhecer o latim; tinha, por exemplo, termos latinos referentes às partes da casa, etc. (Cat., p. 24; BPB, R. 235 A.).
  - *Segunda Edição mais correcta, e augmentada*, ib., mesmo impressor, 1757; 24, 165, 3 p.; 15 cm (BNP, Res. 4246 P.; Cat., p. 24; CBAP, n.º 1659). No Cat., diz-se:

<sup>7</sup> Segundo Inocência VIII, p. 276, “há também três reimpressões feitas em Nova Goa, na Imp. Nacional. Não me consta a data precisa duma dellas; porém sei que outra é de 1855; 16.º gr. – e a terceira de 1865, no mesmo formato”.

“Responde nas Notas a hum folheto, que publicou o Professor José Caetano, intitulado ‘Carta d’hum Velho honrado a hum sobrinho seu, & c.’, Lisboa, Oficina de Manoel da Sylva, 1755; em 4.º” (p. 24).

- 3.<sup>a</sup> edição mais correcta, que as primeiras para uso das Escolas de Portugal, e suas Conquistas com Approvação de Sua Magestade, ib., Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1759; 24, 165 p.; 15 cm (Cat., p. 24; BNP, L. 396 P.; CBAP, n.º 831; BPMP, Y3-2-9; BPNM, 2-18-3-13).
- 4.<sup>a</sup> impressão, ib., Imp. Régia, 1820; bilingue: português e latim; em 8.º (BPB, L. 731 A.).
- Ib., Imprensa Nacional, 1821; 193 p.; em 8.º.
- 5.<sup>a</sup> edição, ib., Ex Typographia Nationes, 1821; 193, 3 p.; 15 cm (BNP, L. 8628 P.; CBAP, n.º 1660).
- 6.<sup>a</sup> edição, ib., Typografia Morandiana, 1839; 20 cm (BNP, L. 400 P.).

Em conclusão, este era o método pedagógico da altura: aprender, ao mesmo tempo que a gramática latina, também uma série de significados das palavras latinas mais necessárias. A obra foi feita para as escolas dos Oratorianos; mas, a partir da 3.<sup>a</sup> edição, tornou-se oficial para todas as escolas do país.

- *Breve Dicionário da Latinidade pura e impura, com a significação Portuguesa de ambas. Illustrado com várias Notas Críticas*, Lisboa, Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1760; em latim e português; XVI, 50 p.; 20 cm (Cat., p. 25; BNP, L. 305//2 P.; BPB, L. 369 A.; BPNM, 18-3-15).

Tradução latina:

- *Parvum Lexicon purae et impurae Latinitatis*, Lisboa, Tipografia de Francisco Luís Ameno, 1760; 50 p.; 16x10 cm. Aí enumera alfabeticamente frases de latim bárbaro, substituindo-as pelo latim clássico, com a respetiva tradução portuguesa.<sup>8</sup>

Referindo-se a esta obra, diz o Cat.:

“Para ser grande Obra (diz o Erudito Ignacio Barbosa Machado na sua Censura), basta ser produção do mais insigne homem, que neste genero de Estudos conhece Portugal, e authorisão os favores, com que Vossa Magestade tem honrado as suas Obras, &c.” (p. 25-26).

- *Diálogo sobre os autores da língua latina, com o juízo crítico das suas obras, idades, estylos e impressões, para o uso das escolas da Congregação do Oratório*, Lisboa,

<sup>8</sup> *Parvum Lexicon de António Pereira de Figueiredo*, Ed. facsimilada da edição príncipe de “Parvum Lexicon”, 1760, por Amadeu Torres, Braga, Humanitas, 1998 (BNP, L. 61360 V.).

Régia Oficina Silviana, 1760; 16, 99 p.; 15 cm (Cat., p. 26; BL, 11850.a.2; BNRJ, II,363,1,3).

— Ib., mesmo impressor, 1769; 20 cm (BNP, L. 305 P.).<sup>9</sup>

- *Figuras da Syntaxe Latina, explicadas e illustradas segundo os princípios de Lina-cro, Sanches, Vossio e Perizonio*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1761; 20 cm (Cat., p. 26; BNP, L. 559 P.).

— 2.<sup>a</sup> edição, ib., Régia Oficina Typográfica, 1781; 74 p.; 15x10 cm (Cat., p. 26; BPB, L. 16 A.; BPNM, 1-18-9-27).

— 3.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1789; 20 cm (Cat., p. 26; BNP, L. 560 P.; BPE, S N. E. 29 - C. 1.).

— *Reimpressão*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1813 (BPARPD, JC Misc.571/8 Res).

Segundo Inocênciao,

“Esta edição traz um índice apurado de erratas, feito cuidadosamente pelo professor Joaquim Ignácio de Freitas, que corregio com desvelo os descuidos do autor, e as faltas da imprensa” (I, p. 225).

— Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1816; 80 p.; 20 cm (BNP, L. 562 P.; BPB, L. 370 A.; CBAP, n.º 836).

— 9.<sup>a</sup> edição, ib., Typ. de José B. Morando, 1836; 4, 80 p.; 16 cm (BNP, L. 6921//3 P.; CBAP, n.º 837; BPMP, Y3-1-87).

— Saíram duas edições no Rio de Janeiro, ampliadas com algumas regras e corrigidas por Lourenço Maximiano Pessegueiro; impressas à custa dos editores, E. & H. Lammert, Rio de Janeiro, 1855 e 1862.

- *Observações sobre a Língua, e Orthografia Latina, tiradas dos Mármores, Bronzes, e Medalhas dos Antigos Césares, principalmente desde Augusto até os Antoninos*, Lisboa, Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1765; 28, 180 p.; 24x17,5 cm (BNP, L. 4484 V.; Cat., p. 26; BPB, L. 885 V.; BL, 12933.h.3; BNF; BNM; CBUA; BPARPD, JC/A AR.5 B/89 RES; BPNM, 2-19-5-1).<sup>10</sup>
- *Breve Demonstração de como em Portuguez se deve escrever, e pronunciar o nome de Jesus, quando immediatamente se lhe segue o nome de Christo*, Lisboa, Régia

<sup>9</sup> É uma espécie de história da literatura latina com os seus períodos (quatro) e obras mais acessíveis aos “provetcos” ou aos estudantes. Está em forma de diálogo, como método mais pedagógico de aprendizagem (ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 34-35).

<sup>10</sup> Para justificar esta obra, Figueiredo argumenta: “Para sabermos de certo de que modo escreviam os antigos romanos a sua língua, não há documentos mais autorizados e autênticos que Mármores ou Bronzes daquele tempo” (em SANTOS Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 36).



Officina Typográfica, 1784; 11 p.; 21 cm (Cat., p. 31; BPARPD, JC/A AR.4 A/426 Res; BL, 12943.bb.15; BPNM, 2-55-8-19 (5.º).

## Manuscritos de Gramática Latina e Latinidadee

- *Selectarum Observationum in Latinam Linguam, ejusque Scriptores*. Libri quatuor (Cat., p. 26).

No Cat., diz-se:

“Desta obra estavam compostos quinze cadernos: constava de grandes *Provas do Novo Methodo*, e de muitas *Observações exquisitas sobre a Lingua Latina, que tinham escapado á diligencia dos Borrachios, Célarios, e Vossios*” (p. 26).

- *Dissertação Crítica sobre a decadência, que em Portugal tem experimentado a Língua Latina, com as causas della* (Cat., p. 27).

No Cat., diz-se: “Estava com todas as Licenças pronta para a Impressão” (p. 27).

- *Reflexões sobre como se deve ensinar a grammatica latina, por António Pereira de Figueiredo* (BPE, CXI/2-11, n.º 8).

## 25.2. Obras de Retórica, Eloquência e Língua Nacional

Neste segundo elenco de obras de Figueiredo, continuamos com uma temática relacionada com a linguagem, ou seja, com o modo de dizer. Esta ciência tinha grande importância na época que nos ocupa, em ordem ao conhecimento da língua portuguesa (ou latina) e ao modo de falar corretamente e com elegância. Figueiredo mostrou-se exímio nestas duas línguas, sobretudo na latina.

- *Carta de hum Amigo a outro Amigo, na qual se defendem os “Equívocos” contra o indiscreto juízo, que delles faz o moderno Crítico, Author da Obra intitulada, “Verdadeiro Methodo de estudar”. De caminho, se impugnão outros assertos do mesmo Author concernentes á mesma matéria*, 1751; 3, 45 p.; 22x17 cm (Cat., p. 28; BPNM, 2-19-10-4; BPB, S.A. 1845//33 V.; BL, 11824.f.33.(1)).

No Cat., é dito:

“Não tem nome de Author, nem lugar, ou anno da Impressão; mas na Obra *De Verbo Dei*, páginas 68, a reconhece Pereira por sua, e diz se imprimirá em Paris no anno de 1751; e nos *Catalogos Manuscritos* afirma que fora a primeira das suas Composições, e que, por attenção aos Irmãos vivos de Luiz Antonio Verney, Autor da Obra referida [*Verdadeiro Método de Estudar*], não fizera menção della no Catalogo, que deu ao Abbade Barbosa: talvez que este mesmo fosse o motivo, pelo qual, na Prefação da segunda *Edição dos Exercícios da Lingua Latina e Portuguesa*, diz o mesmo Pereira, que esta foi a primeira Obra das que

se tem publicado, ou descobrindo, ou occultando o seu nome: seja qual for a ordem da Composição destes Opusculos, he certo, que tanto hum como outro se imprimirão em 1751” (p. 28-29).

- *Elementos de invençam e locuçam retórica, ou Princípios da eloquência ilustrados com breves notas*, Lisboa, Oficina Patriarchal de Francisco Luís Ameno, 1759; 22, 92 p.; 17x10,5 (BNP, L. 1484 P.; BL; BSEA; Cat., p. 29).

No Cat., diz-se:

“Ilustrados com breves notas. Esta Obra he uma Postilla, que Pereira ditou aos seus Discípulos no anno de 1756, em o qual regeio a Cadeira de Rhetorica, e que depois imprimio dedicando a ao Conde de Oeiras. O Abbade Barbosa ainda a refere na classe dos Manuscritos, e assim mesmo a traz erradamente o Author do Summário da Bibliotheca. Pereira preparava para imprimir os Elementos da Disposição, e Pronunçiação Rhetorica, os da Poesia, e os da Arte Crítica, que nunca chegarão a ver a Luz pública” (p. 29).

- *Valasci Ferdinandi, utriusque juris Consulti, Illustrissimi Regis Portugaliae Oratoris, ad Innocentium VIII, Pontificem Maximum de Obedientia Oratio* (Cat., p. 27).

No Cat., diz-se, a este propósito:

“Desta oração, que o nosso Garcia de Resende com razão chama muito elegante, havia um exemplar impresso em Letra Gótica, que não apontava nem o lugar, nem o ano da Impressão, o qual se conservou na Livraria de Nicoldo Francisco Xavier da Silva até ao incêndio de 1755”.

E diz ainda:

“Deste Exemplar a copiou Pereira com muita exacção, notando á margem como se deviam emendar varios erros typographicos que descobrio, e acrescentou no fim huma Nota em que se dá por Author deste trabalho que elle fizera em 1749. Conservamos huma Cópia, que nos comunicou o Reverendo António de Castro. Vejam-se ‘Novos Test. da Apparição de Christo, & c.’, p. 12” (p. 27-28).

- *Espírito da Língua e Eloquência Portugueza, extrahido das “Décadas” do insigne Escripitor João de Barros, e reduzido a hum Diccionario Crítico das suas palavras, e frases mais especiaes, confirmadas ou ilustradas juntamente com as de Frei Bernardo de Brito, de Frei Luiz de Sousa, do Padre António Vieira: seu Author &c. o dedica e consagra ao Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor Visconde de Vila Nova da Cerveira, Secretário e Ministro de Estado dos Negócios do Reino*, Lisboa, 1777-1792 (Cat., p. 32; BNM).

Sobre a não impressão desta obra, Figueiredo, no Catálogo de 1780, afirma: “Sumiram-ma da Mesa Censória”. Foi publicado em *Memórias da Literatura Portuguesa*, vol. III, Real Academia das Ciências, Lisboa, 1792, p. 111-226.

Segue-se:

- *Dissertação Prévia sobre o merecimento de João de Barros, e sobre os Neoterismos, Arcaísmos e Idiotismos da Língua Portuguesa*, em *Jornal de Coimbra*, 1813, vol. IV, p. 8-19 (BPB, L. 392//4 V.).

No Cat.: “Immediatamente vem o Diccionario, e no fim três Catálogos, hum de Brito, outro de Sousa, outro de Vieira”. Diz ainda:

“Esta Obra offereceo Pereira á Impressão, mas ficou-lhe suprimida na Meza; e o estava ainda em 1780, quando elle escrevia o segundo Catalogo Manuscripto. Porém, no anno de 1781 offereceo á Real Academia das Sciencias o corpo do Diccionário, para servir de socorro aos Sócios della, que trabalhavão em compôr hum Diccionário da nossa Língua; e com effeito se imprimiu no Tomo terceiro das Memórias de Literatura em 1792. O resto conserva-se Manuscripto em poder do Professor Francisco José dos Santos Marrocos, que actualmente cuida em o imprimir”.

- *João de Barros, Exemplar da mais sólida Eloquência Portuguesa. Dissertação Académica escrita, e recitada no anno de 1781*, [s.l., s.n.], em *Memórias de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Academia das Ciências, 1793, t. IV, p. 1-25 (Cat., p. 33).
- *Etymologia do nome de “Pyrenéos”; e quaes fossem as chamadas “Columnas de Hércules”*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 45).
- *Elementos da invenção e locução retóricas ou princípios da eloquência*, Lisboa, Francisco Luís Ameno, 1759; 16,5 cm (Cat.; BPB, L. 2093 A.; BL, 11826. bb.12).

### 25.3. Obras de História

Figueiredo não foi apenas um historiador. Ele foi sobretudo um teórico da História, mormente da História eclesiástica, ao defender que, sem conhecimentos de História minimamente suficientes, não se pode chegar ao conhecimento dos dogmas ou verdades fundamentais do cristianismo. Por isso, compreendemos o número impressionante de obras históricas ou de carácter histórico que indicamos seguidamente.

- *Commentario latino e portuguez sobre o terremoto e incêndio de Lisboa, de que foy testemunha ocular = De terraemotu et incendio Olisiponensi, cujus ipse oculus testis fuit, commentarius latino-Lusitanus, adjectis ab eodem notis illustratus*,

Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1756; 5, 29 fol.; bilingue: português e latim; 16 cm (BNP, H.G. 34697 P.; BL, 10161.a.14; Cat., p. 38; BPARPD, JC/A Misc.645/7 RES; BPNM, 2-55-1-22).<sup>11</sup>

No Cat.:

“Dedicado ao Duque de Lafões D. Pedro de Bragança. Foi reimpresso em Londres com o texto em português, convertido em inglês, Oficina de G. Hawkins, 1756. Veja-se a *Biblioteca Lusitana*, e o *segundo Catálogo Manuscrito*. Desta obra fazem honorífico juízo os *Authores das Notícias da República Litterária para o anno de 1757, impressas em Veneza*” (p. 38).

Aparece encadernado com outros. O comentário ao terramoto é sóbrio, como o autor afirma nas p. 24-26:

“Penosa fora a fortuna que coube aos ‘miseráveis cidadãos’, pois não tiveram outro remédio mais que fugirem para os campos vizinhos: saindo todos em bandos, huns abraçados com os tenros filhos, outros com as sagradas imagens; e os mais deles sem saberem ainda, aonde fariam assento” (p. 18). “Assim se abatera sobre a cidade, soberba e corrupta, a ira de Deus a que as autoridades religiosas e a ‘providência e liberalidade’ do ‘sapientíssimo monarca’ de pronto acudiram para lhe minorarem os males”.

### Tradução inglesa

- *Narrative of the earthquake and fire of Lisbon by Antóny Pereria of the Congregation of the Oratory, na eye-witness there* Oficina Illustrated with notes. Translated from the Latin, Londres, G. Hawkins, 1756.

Sobre o assunto do terremoto ver este autor em 22.1.

- *Rerum Lusitanarum Ephemerides ab Olisiponensi terraemotu ad Jesuitarum expulsionem*, Lisboa, Oficina Sylviana, 1761; 4 fol., 48 p.; em 4.º (BNP, H.G. 5802//1 P.; Cat., p. 38; BL; BNF; BNRJ, 38, 20, 19; BPNM, 2-55-8-19 (2.º); ib., 1762 (BL, 4092.b.7.(8)).

<sup>11</sup> “Consta que fôra reimpresso em Londres com o texto portuguez e traducção ingleza. Na Off. de Hawkins, 1756” (Inocêncio I, 227). Nesta obra, Figueiredo alvitra o número de mortos em Lisboa: “Apontar o número certo dos que morrerão na Cidade, he cousa muito dificultosa. Se alguém disser que morrerão 15.000, parece-me que não errará muito, porque os que subirão o número a 7.000 não advertirão que a mortandade dos moradores não foi à proporção da ruina dos edificios” (MARQUES, João Francisco, *A acção da Igreja no terramoto de Lisboa de 1755*, Lusitania Sacra 18, 2.ª série, 2006, p. 225); sobre o seu comentário ao terramoto, ver ib., p. 272-273. Aqui se diz que todos os conventos e clero secular das paróquias da cidade se mobilizaram para atender os doentes e aleijados, além de sepultarem os mortos. Por todo o lado se fizeram procissões e levantaram altares portáteis, para celebrar a missa nos campos, para onde o povo tinha fugido.

São notas históricas desde o terramoto, em 1755, e termina em 3 de setembro de 1760. O herói destas linhas ou entrelinhas é o Marquês de Pombal e a sua reconstrução de Lisboa.

No Cat. diz-se:

“Esta Obra appareceo reimpressa, e traduzida em Italiano n’hum Collecção de dezoito Volumes, que tem por título: ‘Delle cose del Portogallo rapporto a PP. Gesuiti’; impressa em Lugano no Volume 18, a qual Collecção conservamos em nosso poder, e talvez seja a mesma de que Pereira faz menção no primeiro Catalogo Manuscrito. Tambem ouvimos a pessoa fidedigna, que n’hum Obra que se imprimio em Italia com o Titulo – De restituta nostris temporibus Latinitate – se lêem as Ephemerides em Latim, e em Italiano, e além disso hum Nota do Traductor, em que diz, que este Sabio tivera a gloria de restaurar no seu Seculo o gosto e estilo de Cornelio Nepote. Appareceo tambem deste Opusculo hum Traducção Portugueza por Matthias Pereira de Azevedo Pinto, Oficina de Francisco Borges, 1766. Delle faz menção o Author da Gazeta Litteraria no numero 13 do 1.º Volume, e o da Bibliotheca Historica de Portugal, e do Ultramar impresso em 1797, que tambem se lembra de outros pertencentes á nossa Historia, mas não de todos os que Pereira escreveo sobre ella” (p. 38-39).<sup>12</sup>

### Tradução portuguesa

- *Diário dos successos de Lisboa desde o terremoto até o extermínio dos Jesuítas, António Pereira de Figueiredo; trad. do idioma latino por Mathias Pereira de Azevedo Pinto*, Lisboa, Oficina Francisco Borges de Sousa, 1766; 3 fol., 65 p.; 15 cm (BNP, H.G. 17134 P.; BNRJ; BL, 4091.a.5; BPARPD, JC Misc.271/5 Res).

25.3.3. *Princípios da mythologia escritos e illustrados com breves notas por António de Figueiredo...*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1761; VI, 110 p.; 16 cm (Cat., p. 11; BNP, H.G. 15196//1 P.; BL, 017099627).

Esta obra constituía um ensaio, uma espécie de prólogo às suas aulas de Teologia. Começa, portanto, pela teologia pagã. Foi publicada com o nome de António de Figueiredo.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Sobre a descrição do terramoto de Lisboa, ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 47-56. Nas p. 55-56 há uma crítica de Cavaleiro de Oliveira à descrição do terramoto feita por Figueiredo, à qual ele não respondeu. Nestas “Efemérides” encontram-se os factos relativos aos Jesuítas cercados nas suas casas, seguidos da sua expulsão; a morte pela fogueira do Pe. Malagrida, o degredo de vários padres oratorianos, que Figueiredo não defendeu perante o ódio de Pombal, etc.

<sup>13</sup> Ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 69.

- *Princípios da História Ecclesiástica, escritos em forma de diálogo por António Pereira de Figueiredo, Presbytero e Theologo Lisbonense. Dedicados ao Senhor Joseph Francisco da Cruz Alagoa, &c.*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1765; 2 t.; 16 cm (Cat., p. 39; BNP, H.G. 4805 P.; BPB, R. 6377 A.; BL; BPE, S. N. E 28 - C. 2; BPMP, E-1-11; BPNM, 2-69-1-4).

Nesta obra afirma que quem ignora a História Ecclesiástica não merece o nome de teólogo, porque esta é necessária para a compreensão dos dogmas.

No Cat., diz-se:

“Tomo I, contém os *Princípios da Chronologia*. Tomo II, os *Princípios da Geografia Sagrada*. Pereira prometeu um Tomo III, que continha a *História dos Concílios*; e o Tomo IV, que continha os *Escritos dos Santos Padres*; mas não se imprimiram. Cada um dos impressos apresenta o seu prólogo. Figueiredo defende a teoria de que sem a História da Igreja não podemos compreender os seus dogmas; ou seja, pelos Santos Padres, pelos Concílios, Decretais e outros documentos oficiais da Igreja” (p. 39).

Nesta obra não perde ocasião de manifestar a sua inclinação para o janse-nismo, quando afirma:

“De dois modos se podem considerar os dogmas catholicos, que são todo o objeto da Theologia: ou pelo que são em si mesmos, ou por ordem às suas fontes, que são unicamente a Escritura e a Tradição”.

- *Compêndio da vida e acções do venerável João Gerson, Cancellario da Universidade de Paris... o Doutor Christianissimo, formado dos seus próprios escritos, das Actas do Concílio de Constança e outros documentos originaes*, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1769; Prólogo sem paginação; 22, 231 p.; 14x11 cm (Cat., p. 39; BNP, H.G. 12379 P.; BPB, R. 1732 A.; BPE, E 65, C. 3; BNRJ, III-1,1,4; BNF; BNM; BSEA; BL, 4866.a.62.(1); BPNM, 2-66-2-1; BPAPD, Conv.8183 Res).

No Cat.: “Obra dedicada ao Conde de Oeiras em 20 de Julho de 1768” (p. 40).<sup>14</sup>

— Edição em 2 vol., ib., mesmo impressor e ano (BPB, H.G. 783-784 A.).

<sup>14</sup> Nesta Dedicatória declara, a propósito de Gerson: “São (...) os livros de Gerson, tanto pelo que toca ao político como pelo que toca ao eclesiástico, digníssimos de que todos os leiam: os Papas, os Reis, os Bispos, os Ministros do Estado, os Teólogos, os Juristas...”. É também, ao falar deste autor, que Figueiredo manifesta a sua inclinação para a doutrina jansenista. Esta doutrina não era completamente estranha ao regalismo português, já que este se fundamenta em autores eclesiásticos e não propriamente numa filosofia política. Tais são: Bossuet, Gerson, Richer, Quesnel, Van Espen e outros.

- *Compêndio dos escritos e doutrina do venerável João Gerson Cancellario da Universidade de Paris, chamado por antonomasia o Doutor Christianissimo*, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1769; LIII, 205 p.; 17x11 cm (Cat., p. 40; BNP, H.G. 9435 P.; BPB, R. 4011 A.; BPE, S. I. E. 65-C. 3.; CBUA, RS/A-18-123; BPARPD, JC/A AR.5 A/65 Res; BL; BNF; BNM; BNRJ, III,3,24; BSEA; CBAP, n.º 834; BMF, B-8-5; BL, 4866.a.62.(2).

No Cat.:

“Obra dedicada ao Conde de Oeiras em 20 de Julho de 1768. Destas duas obras referentes fazem honorifico juízo os Authores das *Novas Ecclesiasticas* de 7 de Agosto de 1775” (p. 40).

Trata-se do jornal jansenista francês *Nouvelles Ecclesiastiques*.<sup>15</sup>

- *Dissertatio Historica et Theologica de Gestis ac Scriptis Gregorii Papae VII* [1015-1085] *adversus Henricum IV Imperatorem*, Lisboa, M. Rodrigues, 1766 (BPB, R. 219 A.).
- *Ib.*, Oficina Régia, 1769; 10, 122 p.; 20 cm (Cat., p. 40; BPB, H.G. 338 V.; BNF; BNM; BVat; BNRJ, 36, 0, 23; Orbis catalog, Yale University, 899387; BL, RB.23.a.495; BPNM, 2-69-6-5).

No Cat., diz-se:

“Dedicada ao Marquês de Pombal em 20 de Novembro de 1768. Foi reimpressa em Viena de Áustria na Oficina Imperial, em 1772, como diz Pereira nos seus Catalogos Manuscritos, ainda que a Edição de Vienna, que citão Eybel, e Dannenmayr, de 1773. Della fazem menção Eybel, *Introd. In Jus Ecclesiasticum*, Tom. I. Lib. 4. Cap. 2., 82. e Tom. II Lib. 1 Cap. 2., 88. Cap. 5., 100, etc.; Lackics, *Jus Publicum Ecclesiasticum*, Pars Gener., *De Ecclesia Christiana*, Sess. 2 Cap. 1. 97; Dannenmayr, *Historia Ecclesiastica*, Tom. II. Per. 4. Cap. 2., 2; Febronio, Tom. IV pag. 186 e 187” (p. 40).

- *Origem do título e da Dignidade dos Condes, por António Pereira de Figueiredo, Deputado da Real Mesa Censoria*, Lisboa, Oficina Luisiana, 1780; 32 p.; 21 cm (Cat., p. 40; BNP, H.G. 9788//3 P.; BPARPD, JC/A AR.4 A/426 Res; BPNM, 2-55-8-19 (3.º)).

— *Ib.*, mesmo impressor, 1880; 32 p.; 20 cm (BNP, H. G., 23576//13 P.).

No Cat., diz-se: “Esta Obra foi citada por Pascoal José de Mello, *Institution Jur. Civ. Lusit. L. II Tit. 3*” (p. 40).<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Sobre as “devações” do Pe. Figueiredo a Gerson, ver *Dos significados da Divulgação de Gerson como “profeta” do Portugal pombalino pelo Padre António Pereira de Figueiredo*, em Revista da Univ. de Coimbra XXXI, 1984, p. 337-372.

<sup>16</sup> Ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 183-184.



- *Compêndio das épocas e successos mais illustres da História Geral*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1782; VI, 412 p.; 15x10 cm (Cat., p. 41; BNP, H.G. 198 V.; BPB, H.G. 122 A.; BNF; BNM; BOCD; BL, 9004.aaa.2). É uma História de Portugal escrita com função pedagógica e estilo leve.

— 2.<sup>a</sup> impressão, revista e retocada pelo mesmo author, Lisboa, Typ. da Academia Real das Ciências, 1800; VI, 420 p.; 15x10 cm (Cat., p. 41; BNP, H.G. 4617 P.; BPB, H.G. 1632 A.; BSEA; BPMP, V3-10-43).

— 3.<sup>a</sup> impressão, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1825; VIII, 376 p.; 15 cm (BNP, H.G. 200 V.; BPE, S. N. XXXI/3.: 2 ex.).

- *Origem da insigne Ordem Militar do Tusão d'Ouro, e como o seu Grão Mestrado recahio nos Reis de Hespanha*, Lisboa, Régia Officina Typographica, 1785; 41 p.; 20 cm (Cat., p. 41; BNP, H.G. 4095//7 P.; BPARPD, JC/A AR.4 A/426 Res; BPNM, 2-55-8-19 (7.º); BMF, A-1-8; BL, 9917.ccc.26; BNRJ, 38, 21, 8). Encadernado com outros.<sup>17</sup>

O Cat. afirma: “Ficou por acabar, e ignoramos onde existe, mas delle dá noticia o Reverendo António de Castro” (p. 41).

- *Elogios dos Reis de Portugal, em latim e em portuguez, illustrados de notas históricas e críticas até ao reinado de D. Maria I = Elogia regum lusitanorum latine et lusitane...*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1784; com página de rosto própria; 328, 2 p.; 20 cm (Cat., p. 41; BNP, H.G. 22834 P.; BNRJ, 071,04,12; BNF).

São elogios breves, mas com muitas notas eruditas. Como era de esperar terminam com a rainha D. Maria I e seu consorte D. Pedro III.

— Ib., mesmo impressor, 1785; 328 p.; 20x14 cm (Cat., p. 41; BNP, H.G. 4122 V.; BPB, H.G. 2099 A.; BPARPD, EUGC/A A/274 Res; BNF; BNRJ; BL, 9195.c.41; BPNM, 2-55-4-5).

No Cat., é dito o seguinte:

“Dedicado a D. José Príncipe do Brasil. Sobre os Elogios dos Reis de Portugal (assim me escreve o Reverendo Francisco José da Serra em carta datada de 31 de Março de 1800) existe huma Obra Manuscrita fóra de mão de quem a escreveu; a qual, se bem digo, tem por Titulo: *Ensaio para a Historia das Conquistas Ultramarinas de Portugal*” (p. 41).

- *Novos testemunhos da milagrosa aparição de Christo Senhor Nosso a el-rei D. Affonso Henriques antes da famosa batalha do Campo d'Ourique: e Exemplos*

<sup>17</sup> Esta Ordem foi fundada em Bruges, 1431, pelo duque da Borgonha, Filipe, o Bom, que casou com Isabel de Portugal, filha de D. João I. A política europeia de casamento entre famílias reais levou a que a Ordem ficasse, nessa altura, pelo menos no reino de Espanha (Cat.).

*paralelos, que nos induzão á pia crença de tão portentoso caso*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1786; 40 p.; 21 cm (BNP, H.G. 15227//24 P.; Cat., p. 41; BNM; BNRJ, 38, 21, 10; BPB, H.G. 1561//4 V.; BPMP, B-7-48; BPNM, 2-55-8-19 (8.º); BL, 1216.e.14.(1).<sup>18</sup>

— 2.<sup>a</sup> edição *póstuma*, Lisboa, Impressão Régia, 1809; 54 p.; 21 cm (BPB, 874//8 V.); acrescentada com o auto do juramento atribuído a D. Afonso Henriques. Esta é a mesma da anterior, apenas com título diferente: *Dissertação histórica e crítica*, etc.; 55 p.; em 4.º; com uma estampa que representa a aparição de Cristo antes da batalha.

No Cat., diz-se:

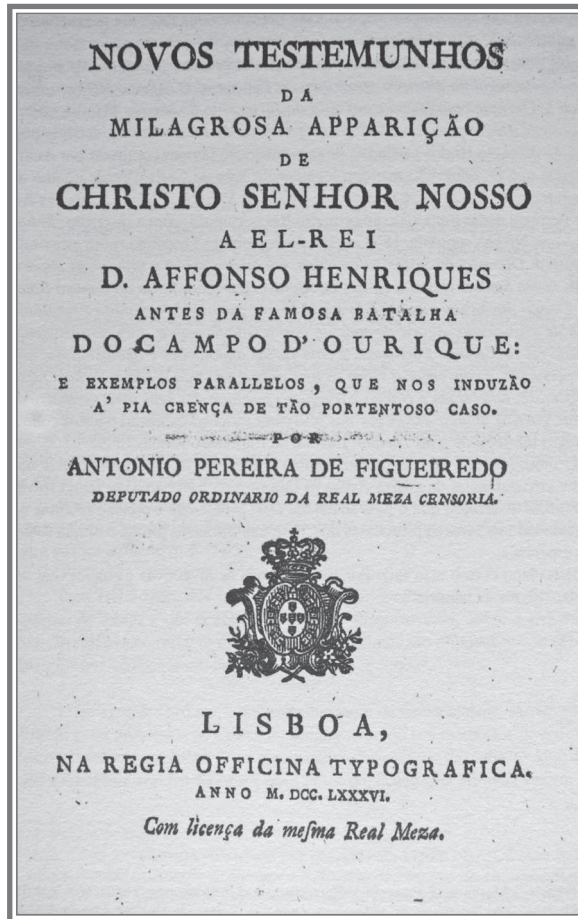
“Desta Obra faz menção o Bispo de Beja em ‘*Cuidados Litterarios, etc.*’, impressa em 1791. Onde acrescenta reflexões muito judiciosas e eruditas sobre a mesma matéria. Também vem louvada na *Memória sobre os Códices Manuscritos e Cartório do Real Mosteiro de Alcobaça*, impressa no Tomo V das Memórias de Literatura da Academia Real das Ciências. O autor da *Thebaida Portuguesa*, Tomo II, p. 111 e seguintes, cita com os maiores elogios a Dissertação de Pereira” (p. 41-42).

É, no mínimo curioso, que Figueiredo recorra, ainda nesta altura, aos argumentos do profetismo e milenarismo do Pe. António Vieira e de muitos outros autores, mas agora com a finalidade de justificar o regalismo vigente no nosso país. Enquanto o milenarismo e o profetismo político dos séc. XVI-XVII pretendiam justificar a expansão portuguesa ou a liderança de um império universal cristão, perante o perigo muçulmano, Figueiredo vinha agora recorrer a argumentos semelhantes, mas para justificar o regalismo de Pombal e o seu regime. Pombal proibiu e mandou queimar obras semelhantes como a *Restauração de Portugal Prodigiosa* – de D. Gregório de Almeida Ulyssiponense, Lisboa, António Álvares, 1643 – mas permitiu que o seu apaniguado utilizasse argumentos semelhantes em favor do “Novo Regime”.

D. João V tinha também utilizado argumentos profético-messiânicos em favor do seu regime, até ao ponto de permitir que a 1.<sup>a</sup> edição da *Crónica de D. Afonso Henriques* fosse publicada ainda em 1726 e fazendo “*démarches*” a favor da canonização do mesmo, exatamente neste contexto político.<sup>19</sup> Que a obra de

<sup>18</sup> Nesta obra, ele acrescenta mais quatro testemunhos além dos tradicionais da profecia político-messiânica. Sobre esta obra de Figueiredo, ver a crítica de Alexandre Herculano, em SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 221-230.

<sup>19</sup> Acerca do que escreveu o Pe. António Pereira de Figueiredo sobre a veracidade da visão de D. Afonso Henriques em Ourique, é curioso que foi traduzida e impressa em Portugal, precisamente no seu tempo, uma tradução inglesa da História de Portugal, com o título: *História de Portugal*



Figueiredo tem um fim político, não há qualquer dúvida, para além dos pre-  
tensos argumentos históricos que apresenta.<sup>20</sup> Devemos ter em conta que esta

---

*composta em inglez por uma sociedade de literatos com as addiçoens da versão franceza e notas do tradutor portuguez, António Moraes Silva, Lisboa, Ed. da Academia de Ciências, 1788; 3 vol.; aqui já se negavam esses e outros factos semelhantes da nossa história. Nessa altura, alguns europeus ainda acreditavam em lendas antigas referentes à fundação da sua nacionalidade. São os chamados “mitos fundacionais”; sobre este assunto, ver vol. III da coletânea “Bíblia em Portugal”: A Bíblia nos séculos XVI-XVII, p. 521-531.545-552.*

<sup>20</sup> Sobre a argumentação apresentada por Figueiredo e outros teóricos do regime absolutista de Pombal, ver CANAVEIRA, Manuel Filipe Cruz de Moraes, *A Legitimação Histórica da Monarquia Absoluta na Obra do Padre António Pereira de Figueiredo*, Comunicação apresentada no colóquio “A Construção Social do Passado” realizado em novembro de 1987, em Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas 5, FLUP, 1990-1991, p. 171-187.

passagem, tal como outras referentes aos mitos de fundação de Portugal, eram tradicionais na literatura portuguesa e estrangeira. Basta recordar o *De Antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende. Com este tipo de literatura, Figueiredo e outros pretendiam levar o povo português a aceitar o regime absolutista de Pombal, como uma monarquia de carácter sagrado, perante a grandeza de outros países europeus daquela época. Mais tarde, no tempo das invasões francesas, esta literatura servirá para animar a resistência ao invasor.

Contra Alexandre Herculano, que pôs a ridículo a crença nesse episódio de Ourique, escreveu o Padre Francisco Recreio a obra:

- *A Batalha de Ourique e a “História de Portugal de A. Herculano”. Contraposição crítico-histórica (obra dividida em seis partes)*, Lisboa, Typ de G. M. Martins, 1749; ib., 1854 a 1856; 67, 78, 79, 55 e 65 p.; em 8.º (BNP, H. G. 34049 P.).
- *Portuguezes nos Concílios Geraes. Isto he, relação dos embaixadores, prelados, e doutores portuguezes, que tem assistido nos Concílios Geraes do Occidente, desdos primeiros Lateranenses até o novíssimo Tridentino...*, Lisboa, Oficina de António Gomes, 1787; 134, 2, 10 p.; 22x14,5 cm (Cat., p. 42; BPB, H.G. 1561//5 V.; BNP, H.G. 2498 P.; BPE, S.L. E. 44-C5; BL, 5015.c.20; BNF; BNRJ, 036,00,22; BSEA; CMSTR, K 114; FacFil, R20-E-1; BMF, A-1-8; BPMP, E-1-56; BPNM, 2-55-8-19 (9.º).
- *Novos retoques aos Portuguezes nos Concílios Geraes*, Lisboa, António Gomes, 1787; 10 p. Encadernado com outros; em 8.º (BPB, H.G 1561//6 V.; BPE, S. l. E. 44-C. 5; BPARPD, JC/A Misc.642/1 Res; BNRJ).
- *Ib.*, mesmo impressor, 1788; 10 p.; encadernado com outras obras suas (BNP, H.G. 2498 P.; BNRJ; Cat., p. 42; CMSTR, 33/3/27; BL; BNF; BPNM, 2-55-8-20).

Segundo o Cat., foi impresso também separadamente, como é o caso do exemplar da BNRJ.

- *Dissertação da Religião das Estátuas*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 42). No Cat., é dito o seguinte:

“Esta Dissertação que Pereira compôs não se sabe se está completa. Estava em poder de Joaquim José da Costa e Sá. ‘Della apenas pude conseguir a noticia, que me communicou huma pessoa fidedigna, a saber, que fora principiada em Latim com este título *Descriptio Numismatum, etc.* e depois continuada em Portuguez e restringida tão sómente á Illustração, e conhecimento das Estatuas da Europa, e particularmente do Reino de Portugal” (p. 43).<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Ver *Antiguidade e Religião das Estátuas*, Prefácio e notas de J. A. Ferreira de Almeida, I parte, Porto, 1967; 72 p.; 24 cm. Este inédito pertence à Biblioteca Pública de Évora e é aqui publicado.

- *Vetera Chronica Hispaniae minora, in unum corpus redacta, ad fidem Editionis Floresianæ*, [s.l.], 1782 (Cat., p. 43).

No Cat.: “Estava em poder de Jorge Bertrand, com as licenças para a impressão” (p. 43).

- *Diccionario Etymológico e Histórico de Títulos, Sobrenomes e Alcnhas de Príncipes Antigos*, [s.l., s.d.]; ms (Cat., p. 43; ACIENL, ms azul 657).

No Cat.:

“Tem esta Epigrafe: *Felix qui potuit rerum cognoscere causas*. Esta obra já vem citada na versão do *Testamento Velho*, Tomo XII, p. 383. Existe também em poder de Jorge Bertrand com as licenças para a Impressão, que datam de 6 de Maio de 1784” (p. 43).

- *Prerogativas, e Grandezas da Casa de Bragança*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 43).

No Cat.:

“Manuscrito em que Pereira trabalhava no anno de 1785, e que interrompeu para escrever a *Origem da Ordem Militar do Tusão d’Ouro*” (p. 43).

- *Catálogo dos Legados a latere, Nuncios, e Colleitores da Sé Apostólica, que até o presente tem havido em Portugal, para servir de prelúdio á Lusitania Sacra*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 44).
- *Lusitania Sacra: isto he, antigo, moderno, novíssimo, e actual estado da Igreja de Portugal, em quanto ás origens, número, e divisões dos Bispados. Obra dividida em quatro partes, em que também se dá huma exacta notícia das Collegiadas insignes deste Reino, e do tempo em que cada huma das Ordens, e Congregações Religiosas entrárão nelle. Offerecida ao Excellentissimo Bispo Inquisidor Geral em 16 de Novembro de 1791*, [s.l.], 1791 (Cat., p. 44; ACIENL, ms azuis, 6 a 9).

No Cat., diz-se:

“Este Manuscrito ainda que se completasse neste anno foi muito accrescentado pelo Author até o anno de 1795, donde datam muitos factos que refere no corpo da Obra. Existe em poder de Jorge Bertrand, com as licenças para a Impressão” (p. 44).<sup>22</sup>

- *Apologia por El Rei Dom Sancho I de Portugal; em contraposição d’huma Carta, que lhe escreveo o Papa Innocencio III*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 47).

---

É o códice CXI/2-12 dedicado a D. José e ao Marquês de Pombal. Ver FLUP, separata da Revista Cale, 7; 72 p.; 24 cm (BPMP, C7-5-22; BUA).

<sup>22</sup> Sobre esta obra, ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 248-251.

No Cat., diz-se:

“Foi a última peça que o autor recitou na *Academia das Sciencias*, como consta numa nota escrita em sua letra a 3 de Julho de 1795” (p. 47).<sup>23</sup>

- *Breve discurso sobre a origem da dignidade dos Condes*, Lisboa, 1769. Também com este título:
  - *Breve discurso sobre a origem da dignidade dos Pares para servir de illustração á preposição do Exmo. Arcebispo Bispo de Elvas digno par do reino feita na Camara dos mesmos*, Lisboa, Nova Impressão Silviana, 1827; 19 p.; 22 cm (BNP, S.C. 10668 V.; BPARPD, JC Misc.309/5 Res.; Inocêncio I, 231).
- *Compêndio das Épocas e sucessos mais illustres da História Geral...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1782; 8, 410 p.; 16 cm (BNP, H.G. 198 V.; BPARPD, JC/A AR.5 A/17 Res; BCM, 3H1-39/40; BME, ATP 226; CBAP, n.º 832; BNF; BNM).
  - *Segunda impressão revista e retocada pelo mesmo autor*, ib., Typ. da Academia Real de Sciencias, 1800; VI, 420 p.; 15 cm (BNP, H.G. 4617 P.; BCM, 3H1-41/42; BPARPD, EUGC/A A/56 Res - EU4115; BSEA; CBAP, n.º 833; CMSTR, J120).
  - *3.ª impressão*, ib., Typ Rolandiana, 1825; 8, 376 p.; 15 cm (BNP, H. G. 200 V.).
- *Elogio a D. Júlio Francisco de Oliveira, Bispo de Viseu*, oratoriano, por ocasião da permanência de Figueiredo nessa cidade para se curar na doença, 1758. Perdeu-se este elogio.

## 25.4. Dissertações sobre a História Antiga de Portugal.

### Lidas em várias sessões da Academia Real das Ciências

- *Os Phenícios em Hespanha, mil e quatrocentos e mais anos, antes da era de Christo*, em *História das Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Tomo IX, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1825, p. 63-87; Dissertação 1 (Cat., p. 45; CMSTR, 29/7/12).

<sup>23</sup> Trata da autonomia dos dois poderes: o civil e o religioso. A bula de Inocêncio III, *Si diligenter atenderes* (23.02.1211), pode ver-se em COSTA, Avelino de Jesus, e MARQUES, Maria Alegria F., *Bulário Português. Inocêncio III (1198-1216)*, INIC, Coimbra, 1989, p. 295. Encontra-se autógrafa na BPE (Cod. CXI/2-13). Ver ainda SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 216-220.



- *Etymologia destes quatro nomes: Ibéria, Celtibéria, Hispania e Lusitania*, em História e Memórias da Academia Real de Ciências de Lisboa, t. IX, 1825, p. 80s; Dissertação 2 (Cat., p. 45).
- *Os Gregos em Hespanha já desdos tempos heroicos, isto he, antes da guerra de Troia, e immediatamente depois della*, em História e Memórias da Academia Real de Ciências de Lisboa, t. IX, Lisboa, 1825, p. 86s; Dissertação 3 (Cat., p. 45).
- *Das éguas da Lusitania, de que se crêo, que concebião do Zéfiro, e onde era nos campos de Lisboa, que ellas pastavam*, em História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa, t. IX, Lisboa, 1825, p. 100 (Cat., p. 45).
- *De hum notável lugar do Arcebispo de Toledo Dom Rodrigo Ximenes na História de Hespanha, donde se mostra contra Frei António Brandão, e o Padre D. José Barbosa, que não era contra a Etiqueta das Cortes de Hespanha dar-se o Titulo de Infantes, e ainda o de Rainhas ás filhas bastardas dos Reis*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 46).
- *Sobre dois lugares notáveis de Herodoto ácerca dos Focences, e Samios, vindos de Tartesso; e sobre hum de Estrabão igualmente memorável á cerca da antiguidade, que nossos Maiores se attribuiam*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 45).
- *Império dos Carthaginezes em Hespanha, quando começou, e quanto durou*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 45).
- *Império dos Romanos em Hespanha, expulsos della os Carthaginezes*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 46).
- *Das diversas divisões, que os Romanos fizerão da Hespanha; da civilidade, e policia [sic] a que reduzirão os seus Povos*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 46).
- *Entrada dos Godos, Suevos, Alanos, e Vândalos em Hespanha, com o summário das consequências desta entrada*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 46).
- *Do Ceremonial, e Legislação dos Reis Godos, extrahido hum, e outro assumpto immediatamente da antiga História, e antigos monumentos da mesma Nação*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 46).
- *Destruição do Reino Godo em Hespanha pela entrada dos Mouros. Princípios da restauração de Hespanha por Dom Pelagio. Summario dos Sucessos mais notáveis dos Mouros*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 46).
- *Princípios do Reino de Portugal no Casamento do Conde Dom Henrique com a Rainha D. Tareja. Soberania deste Estado transmittida a ElRei D. Affonso Henriques seu filho; e na pessoa delle a todos os seus Sucessores*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 46).
- *Segundo Casamento da Rainha Dona Tareja com o Conde da Transtamára Dom Fernando Perez*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 47).
- *Verdadeira Época da morte de São Giraldo, Arcebispo de Braga, em tempo da*



*Rainha Dona Tareja, contra Fr. António Brandão, e Dom Rodrigo da Cunha, [s.l., s.d.] (Cat., p. 47).*

- *Incerteza do anno em que nasceo Dom Affonso Henriques, e certeza do anno, em que elle começou a reinar, [s.l., s.d.] (Cat., p. 47).*
- *Sobre de que Casa era a Rainha Dona Mafalda, mulher d'ElRei Dom Affonso Henriques, [s.l., s.d.] (Cat., p. 47).*
- *Épocas da Batalha de Ourique, e das mais que se lhe seguirão na Estremadura, e Alemtêjo, segundo a fé da antiga Chronica chamada dos Godos, de que usou Resende, e da outra do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, [s.l., s.d.] (Cat., p. 47).<sup>24</sup>*

## 25.5. Obras de Teologia e outras Ciências Eclesiásticas

O que dizíamos, no elenco anterior, acerca da importância da História Eclesiástica, verifica-se, em parte, neste tema. Figueiredo não era apenas um historiador, mas também e sobretudo um teólogo, com uma cultura fora do comum. Estava a par dos escritores clássicos gregos e latinos, mas também dos escritores europeus do seu tempo, dos escritores e da História da Igreja Antiga. Por isso, estas serão as grandes fontes que ele vai utilizar sobretudo na literatura de tipologia polémica. É o que vamos ver no grande elenco que se segue.

- *In Acta Magni Concilii Nicaeni Selectae Animadversiones Historicae, Criticae, & Dogmaticae; quibus & Arianismi historia maxime illustratur, & Jesu Christi Divinitas loculenter asseritur adversus Arianos, & Socinianos. Beato Athanasio Alexandrino Episcopo dedicat, & publice propugnadas suscipit Joachimus à Nobrega, Lisboa, Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1763; em fol. (Cat., p. 48; BNM).*
- *In Acta Concilii Constantinopli I. et Ephesini I. selectae animadversiones historicae, criticae, et dogmaticae adversus Macedonianos, & Nestorianos. Sanctissimis Episcopis Basilio Caesariensi, & Cyrillo Alexandrino a se dicatas, publice pugnandas suscipit Joachimus Costius, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1765; 6 fol.; 27 cm (Cat., p. 48; BNP, Var. 4130//1).*
- *In Acta Graecarum Synodorum Trium, Quintae, Sextae, & Septimae selectae Animadversiones Historicae, Criticae, & Dogmaticae, quas Mariae Dei Genitricem de Necessitabus dedicat & publice propugnandas suscipit Joachinus a Nobrega..., Lisboa, Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1762; em fol. (Cat., p. 48; BNM).*
- *Doctrina Veteris Ecclesiae de Suprema Regum etiam in Clericos potestate, ex Sanc-*

<sup>24</sup> Foram publicadas pela Academia Real das Ciências, t. IX, Lisboa, 1825, p. 63-312 (18 dissertações).

*tis Patribus, incorruptisque priorum saeculorum monumentis deprompta et tum Recensorum Theologorum suffragiis, tum Christianorum Principum exemplis illustrata*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1765 (Cat., p. 49; BL; BNM).

— *Secunda editio tertiam fere partem auctior & per omnia emendatior*, ib., 1766 (Cat., p. 49).

— *Tertia editio*, ib., Typografia Régia, 1796 (Cat., p. 49).

É, ao mesmo tempo, um tratado de Direito Público, mas também de eclesiologia, ao defender o poder real sobre a Igreja. Deste modo, a Igreja faz parte do Estado e não vice-versa. Daí tira as devidas consequências, que se podem resumir em 16 proposições, que tratamos no capítulo respetivo (cap. 24). Foi reimpressa em Paris segundo a edição de Lisboa, em 1772, e integrada na Coleção de Teses, chamada *Collectio Thesium insigniorum*.

Estas quatro teses foram defendidas na Real Casa de N. Senhora das Necessidades, presidindo o próprio Figueiredo. Portanto, são obras suas. O rei D. José assistiu à defesa desta última tese, com o Marquês de Pombal e outros ministros da Corte, o que denota que o autor já era conhecido na Corte pela sua ideologia regalista. Pombal irá colocá-lo às suas ordens para justificar teologicamente a sua política regalista em Portugal. Aliás, o seu *Novo Método* já tinha sido oficializado pelo rei D. José, para todos os territórios portugueses, anos antes. Estas teses foram reimpressas no estrangeiro, devido ao sistema regalista reinante, o que facilitava a sua divulgação.<sup>25</sup>

- *De non definita in Concilio Tridentino, nec ab Ecclesia adhuc probata sufficientia Attritionis ad Gratiam in Sacramento Poenitentiae impetrandam. Dissertatio Historico-Theologica adversus Recentiores Scholasticos*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1761; com introduções de Frei Manuel do Cenáculo, Frei Francisco de S. Bento e outros; 268 p.; 15,5x11 cm (BPE, S. I. E. 12 C. 1; BNF; BNM).<sup>26</sup>

— *Nova edição*, ib., mesmo impressor, 1766; 48, 268 p.; 17 cm (Cat., p. 52; BPE, S.L. E. 12-1; BNRJ, V-415,03,07; CMSTR, 22/6/12; BNF; BL; BPNM, 72-1-16; BPARPD, FM/A-03270).

<sup>25</sup> Contra o regalismo foi escrita a *De Suprema Romani Pontificis Autoritate Hodierna Ecclesiae Gallicane Doctrina*, In Regia Universitate Taurinense, 1747; obra anónima; tomus primus: 229 p.; tomus secundus: 230 p.; 26x19,5 cm (BPB, R. 111).

<sup>26</sup> O título do manuscrito é: *De insufficientia attritionis servilis, hoc est, omni Dei amore imperfecto expertis ad gratiam in Sacramento poenitentiae impetrandum libri duo: quorum primus ostendit de sufficientia prefatae Attritionis nihil definivisse Synodum Tridentinam: alter nec moraliter certam, nec practice tutam esse illam doctrinam* (BPE, CXI/2-11, n.º 5). O ms é de 1757, mas foi impresso em 1761, sob os auspícios do bispo de Coimbra, Dom Miguel da Anunciação.

Nesta obra, Figueiredo defende uma posição de moral rigorista semelhante à dos jacobinos. Por isso, foi impressa com o beneplácito do bispo de Coimbra. No Cat., diz-se:

“Disputas, que sobre esta materia houve na Congregação do Oratorio, forão a causa da presente Obra, que Pereira compoz em 1757 para se defender a si, e aos seus Sócios, que seguião a insufficiencia da Atrição, mas vendo o afferro que neste tempo ainda tinha Portugal ás Doutrinas Escolasticas e Jesuiticas, se resolveo a deixar então de a publicar. No anno seguinte, sahio á luz o *Cathecismo*, que para uso da Diocese de Coimbra mandou fazer o Bispo Dom Miguel da Annunciação, e lendo Pereira em Viseu, onde ainda estava, este Cathecismo, cuja doutrina era conforme á sua na presente questão, se resolveu logo a publicar a sua Obra, a qual dedicou áquelle Prelado em trinta de Novembro de 1764 (...).

Advirtamos, por fim, que o Plano desta Dissertação era mais extenso; seu Author a queria dividir em duas partes, mostrando na primeira, que o Concílio de Trento não tinha definido a suficiencia da Atrição; e na Segunda, que esta doutrina não he moralmente certa, nem segura na prática. Conforme este plano, communicou Pereira o Titulo da Obra ao Abbade Barbosa, que o refere na *Bibliotheca Lusitana*; mas as occupações com que se distrahiu lhe embarçaram a sua execução; quanto mais, que a segunda parte se deduz com muita facilidade do que se acha expellido e exuberantemente provado na primeira” (p. 51-52).

O problema da *atrição* no sacramento da Confissão significava que se pedia perdão, apenas e só, pelo medo do Inferno e pela perda do Céu. Ou seja, faltava uma verdadeira *contrição*, que tem em conta o amor de Deus e não o medo dele. Os catecismos da época, na Europa, colocavam este problema na própria catequese das crianças. Figueiredo utilizou dezenas de nomes de teólogos para provar a sua tese, que fazia parte do *Augustinus*, de Jansénio. Perante tantas autoridades na matéria, Figueiredo defende que é necessária a *contrição*, porque o concílio de Trento não tinha dado uma solução clara ao problema. A mesma tese era defendida pelos jansenistas.

- *Tentativa Theológica em que se pretende mostrar que, impedido o recurso á Sé Apostolica, se devolve aos senhores Bispos a faculdade de dispensar nos impedimentos públicos do Matrimonio, e de prover espiritualmente em todos os mais casos reservados ao Papa, todas as vezes que assim o pedir a pública e urgente necessidade dos súbditos*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1764 (BNP, R. 9744 V.).

Esta obra pode apelar-se de “catecismo regalista” de Figueiredo, onde defende, ao mesmo tempo, o episcopalismo ou maior poder dos bispos em relação ao Papa. Manifesta ainda afinidades naturais com o galicanismo e mesmo

jansenismo. Estes atributos granjearam a Figueiredo grandes simpatias por toda a Europa. Por isso, foi traduzida em várias línguas.

- 2.<sup>a</sup> edição, ib., mesmo impressor, 1766; 48, XI, 286, 46 p.; 22 cm (Cat., p. 52; BNP, R. 9800 V.; BL; BNM; CBAP, n.º 840; CMSTR, 25/5/30; LC, BX1905. F5; BMF, n.º 301, A-2-6; BPMP, V3-3-18; BL, 700.k.14-15).

Esta foi uma edição de 2000 exemplares, que se esgotou em 3 anos.

- 3.<sup>a</sup> edição revista, e emendada, ib., Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1769; XLVIII, XI, 286, XLIV, 43 p.; em 4.º (Cat., p. 52; BPB, R. 1060 V.; BPE, S.L. E.44-C 2; BPARPD, JC/A AR.5 B/85 Res). Esta edição contém:

- *Resposta apologética de António Pereira... ao Padre Gabriel Galindo, Theologo de Madrid, ou à censura que este fez à sua "Tentativa Theologica"...*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, impressor e livreiro da Real Meza Censória, 1768; 2, 106 p.; 17 cm (Cat.; BNP, L. 8705 P.; BNM; CBUA, RS/A-18-26; BPB, R. 999 V.).

### Tradução latina

- *Tentamen theologicum, in quo demonstrare conatur auctor, ubi Apostolica Sedes adiri non possit devolvi ad Dominos Episcopos facultatem dispensandi in publicis impedimentis Matrimonii providendique spiritualiter in ceteris rebus omnibus Romano Pontifici reservatis, quoties id publica urgensque subditorum necessitas postularit: se primum Lusitanice scriptum, semelque & iterum typis commissum deinde à Venetiis Italice versum, denuo recensuit, latinitate donavit crebrisque adnotationibus illustravit... ad calcem operis subjungitur ejusdem auctoris Responsio Apologetica ad censuram Gabrielis Galindi...*, Olissipone, apud Antonium Vincentium Silvium, 1769; LXXI, 470 p.; 18 cm (Cat., p. 56; BPB, R. 1692 A.; BNRJ, V-148,03,04; FacFil, R4-G-22; CBAP, n.º 839; BL, 5175.a.16; BPNM, 2-77-2-2). Edição com a resposta a Galindo.

No Cat., diz-se:

“Pereira escreveu, com este título, e a Obra começou-se a espalhar por toda a Europa, e a ser anunciada em vários Catálogos de França, e Itália; e debaixo do mesmo deu dela notícia o Padre Vezzosi na sua *Bibliotheca dos Escriitores Theatinos*, impressa em Roma em 1780, parte 1, p. 228” (p. 56).<sup>27</sup>

### Tradução francesa

A propósito desta tradução, o Cat. afirma:

<sup>27</sup> Sobre esta obra episcopalista, o seu contexto e repercussões, veja-se o capítulo IV da obra de SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 83-115.

“Em 1772 se imprimio em Leão huma nova Versão em Francez sobre hum exemplar da terceira Edição da *Tentativa* Portuguesa. Foi ella feita por Mr. Pinault, Advogado do Parlamento de París, a instâncias do Abbade Bellegarde, Cónego de Utrech, amigo e correspondente de Pereira” (p. 53).

### Tradução italiana

- *Della podestà dei vescovi circa le dispense ne' pubblici impedimenti di matrimonio, e l'assoluzione dei casi riservati al Papa... Dissertazione teológico-canonico-critica d'Antonio Pereira sacerdote... Traduzione dal Portoghese di D. Marcolino Romano*, Veneza, 1767; 22 cm (Orbis Catalog, Yale University, USA).

### Tradução alemã

- *Abhandlung von der Macht der Bischöfe von António Pereira... in portugiesischer sprache vorgetragen, nachmalen in die französische Sprache, un isst aus dieser in das Teutsche übersetzt*, Frankfurt; Leipzig, bey Dodsley und Compagnie, 1773 (Columbia Univ. Library, UB87. 3P43).

### Tradução inglesa

- *Tentativa Theologica. Episcopal rights and ultramontane usurpations. Translated from portuguese, with notes and some additional matter, by E. H. Landon*, Londres, J. Masters, 1847 (Columbia Univ. Library, UB87.3 P43e; BL, 1354i12).<sup>28</sup>

Frei José Inácio Roquete traduziu a apreciação do Conselho de Espanha à *Tentativa Teológica* de Figueiredo, com a seguinte obra:

- *Consulta do Supremo Conselho de Castella sobre a “Tentativa Theologica” do Padre António de Figueiredo trad. em portuguez por Fr. J. D. N. S. D. C. R.* [Frei José de Nossa Senhora do Cabo Roquete], Coimbra, Real Impressão da Universidade, 1832; 171 p.; 20 cm (BNP, R. 30889 P.; BPB, R. 1058 V).

Francisco Xavier de Oliveira / Cavaleiro de Oliveira escreveu, com um pseudónimo, em apoio à obra de Figueiredo, o seguinte:

- *Reflexoens de Felix Vieyra Corvina de Arcos* [Cavaleiro de Oliveira]... *sobre a Tentativa Theologica composta pello reverendo e douto Padre António Pereyra, da Congregação do Oratorio de Lisboa*, Londres, Oficina de Jacob Lister, 1767; 95 p.; 17 cm (BNP, Res. 66/11 P.; BL, 3901.bb.46).<sup>29</sup>

<sup>28</sup> O Cat., depois de referir as várias traduções da obra para línguas europeias, afirma: “Em fim para me servir das mesmas palavras de Pereira em outro lugar, he esta Obra citada com respeito, e seguida com louvor pelos maiores Theologos, e Canonistas da Germania, da Toscana, da Lombardia, e de outras partes de Itália. Nenhum livro nestes nossos tempos deu tanto que cuidar aos Curiaes, escrevia de Roma para Lisboa o Abbade Botari” (p. 54).

<sup>29</sup> Inocêncio afirma: “O nome do supposto auctor forma incontestavelmente o anagramma perfeito

— *Nova edição*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929; prefácio de Eduardo Moreira; XXV, 95 p.; 17 cm (BNP, R. 22741 P.).

O espanhol, Pe. Galindo, escreveu sobre a obra de Figueiredo:

- *Responsio Apologetica ad Censuram Gabrielis Galindi Theologi Matritensis in Tentamen Theologicum, etc.*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1768; 15 cm (Cat., p. 55; BNP, R. 24196 P.).

— 2.<sup>a</sup> editio, ib., Oficina de António Vicente da Silva, 1769 (Cat., p. 55). Aqui se diz: “Vem junta à versão Latina da Tentativa”.

Resposta de Figueiredo ao Pe. Galindo:

- *Resposta Apologética ao Padre Gabriel Galindo, ou á Censura, que este fez á sua “Tentativa Theologica”, etc. Tanto a Censura, como a sua Resposta traduzio do Latim e do Portuguez o mesmo Author da Tentativa*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1768; 2, 106 p.; 17 cm (Cat., p. 55; BNP, L. 8705 P.; BNM).

— 2.<sup>a</sup> edição, *que vem junta à terceira Edição da Tentativa Portugueza*, [s.l., s.n.], 1769 (Cat., p. 55).

No Cat. afirma-se:

“Esta Obra foi traduzida em Castelhana, e impressa em Madrid em 1768 e ElRei de Hespanha mandou desterrado quarenta legoas para fôra da Corte ao Padre Galindo” (p. 55).

Frei Matias da Conceição (OFM) foi também autor de umas reflexões sobre a *Tentativa Teológica* com o seguinte título:

- *Reflexões críticas à Tentativa Theologica, feitas pelo P. M. Fr[ei] Mathias da Conceição, a instancia de hum seu discipulo* [manuscrito] [depois de 1766]; 352 fol.; 25 cm (BNP, Cod. 8537).<sup>30</sup>

Encontra-se um manuscrito inédito na BOCD, contra a *Tentativa Teológica*, com o seguinte título:

- *Veteris Ecclesiae Placita sive Lusitania Orthodoxa adversus Tentativam Theologi-*

---

de Francisco Xavier de Oliveira. Este, tomando por thema o livro do P. Pereira, vai muito mais adiante que elle, pois ataca com a maior virulência, e a descoberto, a primasia papal, e estabelece princípios e máximas próprias do protestantismo estreme, que já então professava, encaminhando bem claramente os portuguezes a apartarem-se da communhão da igreja romana, e a desligarem-se de toda a obediência ao papa. Se esta obra lhe foi encomendada pelo ministério portuguez (como tenho alguma razão de suppôr), foi sem duvida muito alem do que se queria, escrevendo em termos taes, que não era possível que a leitura d’ella fosse permitida no reino” (III, p. 92).

<sup>30</sup> Referido em SANTOS, Cândido dos, *António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung: ensaio sobre o Regalismo e o Jansenismo em Portugal na 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII*, em *Revista de História das Ideias*, vol. 4, tomo I, Coimbra, 1982, p. 183.

*cam P. Antonii Pererii, ac eorum doctrinam qui supremam Romanorum Pontificum Potestatem restringere et coangustare nituntur*; sem data; 188 fol. (BOCD). O autor identifica-se como “ex-general da Ordem” dos Carmelitas Descalços, António da Natividade.

- *Appendix e ilustração da Tentativa Theológica, sobre o poder dos Bispos em tempo de Rotura*, Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1768; 383, 4 p.; 24 cm (Cat., p. 55; BNP, R. 9710 V.; BNM; BCM, 2A4-17; BJPII, 265.5 PER; BPARPD, JC/A AR.5 B190 Res.; BNRJ; BPB, R. 1003 V.; LC, BX1905.F52 Pre-1801 Coll.; Columbia Univ. Library, UB87.3 P43ta; BMF, A-2-6; BPMP, V3-3-20; BPNM, 2-77-6-6).
- *Carta do Clero de Liège escripta nos princípios do século XII, em forma de Manifesto, por ocasião de outra que a Flandres escreveu a Summo Pontífice Pascoal II, declarando excomungados os cônegos de Liège; tradução feita por António Pereira de Figueiredo, com algumas notas...*, Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo, 1769; 2, XVI, 114 p.; 16 cm (Cat., p. 56; BPB, R. 4215 A.; A Tradução em Portugal, 1144; BNRJ, V-139,01,08; CMSTR, 26/1/23).
- 2.<sup>a</sup> edição, ib., Régia Oficina Typ., 1793; 74 p.; 22 cm (Cat, p. 56.; BNP, H.G. 6684//2 V.; BNRJ; CBAP, n.º 830; BL, 3901.bbb.48; BPNM, 2-55-8-19 (10.º).

No Cat., diz-se o seguinte:

“Desta obra fazem hum bom extracto as *Novas Ecclesiásticas de sete de Fevereiro de 1770* (...) assim como também a *Demonstração Theologica* no folheto em 4.º intitulado – *Nouveaux Temoignages en faveur des Evêques d’Utrecht, tirés des Lettres Pastorales & autres Ecrits authentiques d’Auteurs célèbres donnés depuis peu au Public*” (p. 56).

- *Demonstração Theológica, Canónica e Histórica do Direito dos Metropolitanos de Portugal para confirmarem, e mandarem sagrar os Bispos suffragâneos nomeados por Sua Magestade e do Direito dos Bispos de cada província para confirmarem e sagrarem os seus respectivos metropolitanos também nomeados por sua magestade, ainda fóra do caso de Rotura com a Corte de Roma*, Lisboa, Régia Oficina Typ., 1769; XLIV, 4, 474 p.; 23x19 cm (BNP, R. 7407 P.; Cat, p. 56.; BPNM, 2-16-8-19; BPB, H. 2475; BL, 700.k.16; BNF; BVat; BNRJ, V-69,6,9; BPARPD, EUGC/A B/7 Res; CBAP, n.º 835; BPE, S. I. E. 26 C.7; FacFil, R45-D-3; LC, BX1905. F5 Pre-1801 Coll.; BPMP, V3-3-19); ib., 1773.

No Cat., afirma-se:

“Obra dedicada ao Sereníssimo Senhor Dom Gaspar, Arcebispo de Braga em dois de Abril de 1769, e impressa a expensas suas em o mesmo anno... He



(diz Pereira nos seus Catálogos) a Obra mais trabalhada, e mais farta de erudição de todas as que em este género tenho publicado.

Foi reimpressa em Veneza por Bruno Ardente, em 1771. Em relação à obra apareceu logo um extracto incluído numa Carta de que talvez fosse autor algum dos clérigos de Utrecht, inserida na *Gazeta de Amsterdão no Artigo de Paris de vinte e nove de Setembro de 1769*.

Os autores das *Novas Ecclesiásticas* fizeram um bom extrato desta obra, num artigo de onze de janeiro de 1770. Também a cita, Lakics, Praecogn, *Jur. Eccles. Univ.*, Sess. 2, Cap. 4. Os Jesuítas puseram nas *Gavetas de Leyde, e de Colonia*, que a ‘Demonstração Theologica tinha sido condemnada pelo Papa, o que é hum feia impostura, como se conclue da Gazeta de França de vinte e oito de Agosto de 1769, Artigo de Roma; vejão-se as *Novas Ecclesiasticas* de sete de Fevereiro de 1770” (p. 57).

### Tradução espanhola

- *Demostración teológica, canónica e histórica de los derechos de los metropolitanos de Portugal: para mandar confirmar y mandar consagrar a los obispos sufragáneos nombrados por S.M. y de los derechos de los obispos de cada provincia...* por Antonio Pereira de Figueiredo, Madrid, Imprenta del Colegio de Sordo-Mudos, 1836; XL, 252 p.; 22 cm (Deusto, Biblioteca Bilbao, Sótano 3. Fondo Reservado 348.324(469) P 44 a; LC, 4BX 30).

Antes desta obra de Figueiredo, em 1763, apareceu uma na Alemanha de carácter galicano, que se tornou famosa na Europa de então. Leva o seguinte título:

- *De Statu Ecclesiae deque legitima potestate Romani Pontificis*, Bullioni, apud Guillelmum Revrardi 1763; junto tem: appendix secunda; 23 fol., 643 p.; 21 cm (BNP, R. 29573 P).

O autor da obra era o bispo auxiliar de Treveris, João Nicolan de Honteim, que ficou conhecido pelo pseudónimo de Justino Febrónio. Por ordem de Pombal, esta obra foi traduzida em português por Miguel Tibério Pedegache (1730?-1794):

- *Do estado da Igreja e do poder legítimo do Romano Pontífice. Resumo da excelente obra de Febrónio, que, da língua francesa traduziu na vulgar...*, Lisboa, Oficina Patriarcal, 1770; 2 vol. Acrescentou-lhe uma introdução sobre os efeitos da superstição, hipocrisia, fanatismo e ignorância; e terminava com um compêndio da vida dos Papas.<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Como membro da Real Mesa Censória, Cenáculo foi chamado a dar a sua opinião para a aprovação da impressão, que foi positiva, mas coloca condições a determinadas passagens. Sobre este assunto, ver ANDRADE, António Alberto de, *Verney e a Cultura do seu Tempo*, o. c., p. 326-

- *Anonymi Romani, qui de Primatu Papae nuper scripsit vana religio & mala fides: hoc est, Defensio "Tentaminis thelologicis" de auctoritate episcoporum tempore scissurae adversus Italicum libellum Ravennae seu verius Romae nuper evulgatum scribebat Antonius Pereria Figeredius. Offerecida aos Bispos de Portugal em o primeiro de Janeiro de 1770, Olisipone, ex Typographia Régia, anno 1770; IV, 367 p.; 20 cm (Cat., p. 58; BPB, R. 2476 A.; BL; BNF; BNM; BVat; Univ. de Yale, 899388 [Orbis Catalog].*

É uma apologia da *Tentativa Teológica* contra os ataques de um teólogo romano, que o acusa de impugnar o primado do Papa. A mesma defesa de Figueiredo fizeram os autores do *Jornal de Florença* (ver abaixo 5.13).

No Cat., diz-se:

“Depois do corpo da Obra vem a *Encyclica de Clemente XIV*, publicada por ocasião da sua elevação ao Pontificado; e no fim huma Petição á Meza Censoria para que deixe correr livremente o *Livro do Anonymo*. Foi este, segundo se disse, o Padre Carrara, Theatino, o qual imprimia em Roma com data de Ravenna em 1769 – *Il Primato del Romano Pontifice difeso contro il Libro della Potesta del Vescovi circa le dispense composto dal Padre Antonio Pereira*. Os Autores das *Novas Ecclesiasticas* de treze de Fevereiro de 1773 fazem o extracto desta Obra, que tornam depois a elogiar no Artigo de vinte de Novembro de 1775, e della se serviu muito Febronio nos Tomos que imprimio posteriores á sua publicação, não só citando-a com elogio, como, por exemplo, Tom. IV p. 89, 36, 143; mas transcrevendo parágrafos inteiros no Latim de Pereira” (p. 58).

- *Breve do Santíssimo Padre Clemente XIV pelo qual a Sociedade chamada de Jesus se extingue, e supprime em todo o Orbe*, Lisboa, Oficina Régia, 1773; em fol.; latim e português em col. paralelas (Cat., p. 58; BNP, R. 5868//28 A.; BJPII, SARD-0641).
- *Cathecismo dos dois Sacramentos, Penitência e Comunhão, composto de duas instruções em forma de Diálogo, que mandou publicar o Sumo Pontífice Benedito XIII, no concílio romano de 1725*, Lisboa, Oficina Régia, 1778 (Cat., p. 59). Traduzido do italiano, sem nome do autor; em 12.º. A Prefação do tradutor é assinada: “Padre Pereira” (Inocência I, p. 229).
- *Artigo do “Jornal de Florença” traduzido do Italiano em Portuguez em defesa das doutrinas de Antônio Pereira censuradas modernamente por hum calumnioso Livro impresso em Fulgino*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1785; 83 p.; 20 cm (BNP, L. 1682//2 P.; Cat., p. 60; BPB, H.G. 1561//3 V.; BPARPD,

---

-327. Assim, Cenáculo confessa indiretamente as suas opiniões febronianas, ainda por um escrito seu: *Continuação das Notícias Ecclesiásticas de cinco de junho de 1771 para servir de Suplemento à obra de Justino Febrônio* (BPE, CXXVIII 2-5).

JC/A AR.4 A/426 Res; BPNM, 2-55-8-19 (6.º); A Tradução em Portugal, 1565; CMSTR, 31/2/1).

— Ib., mesmo impressor, 1791 (A Tradução em Portugal, 1869).<sup>32</sup>

Este artigo defendia Figueiredo de uma obra publicada em Fulgino, que atacava a sua *Tentativa Teológica*; logo, Figueiredo traduziu-o para português para que fosse conhecido no seu país; edição bilingue: português e italiano (BNP, H.G. 6762//1 V.).

No Cat. é dito o seguinte:

“Intitula-se este livro – *Dottrine false ed erronee sopra le due potestà... trate da due Libri del P. Antonio Pereira*, Fulgino, 1783. No fim da tradução do artigo referido, seguem-se algumas notas a vários lugares do texto. Depois vem a continuação das *Novas Ecclesiásticas de vinte e seis de Junho de 1783*, em que se responde a outra Crítica ainda mais infame contra Pereira, que no *Jornal Historico e Litterario do Luxemburgo do mez de Dezembro de 1782 publicou o Ex-Jesuita Feller, trasladando palavra por palavra o que outro seu confrade tinha escrito pouco antes na Gazeta de Colonia*” (p. 60-61).

- *Analyse da Profissão da Fé do Santo Padre Pio IV*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791; 92 p.; 20 cm (BNP, R. 9954//3 V.; BL, 3505.e.39; BNF; Cat., p. 61; CBAP, n.º 827; BPARPD, EUGC/A A/148 Res; CBUA, RS/A-18-49; BSEA; CMSTR, H 136; FacFil; BPB, R.O. 275//1 A.).<sup>33</sup>
- *Analyse da Profissão da Fé do Santo Padre Pio. IV. por Antonio Pereira de Figueiredo Deputado da Real Meza da Comissão Geral sobre o exame, e censura dos livros* [manuscrito]; 65 fol., enc.; 21 cm. Cópia da obra impressa em “Lisboa: Offic[ina] de Simão Thedeo an[o] 1791. Com licença da sobredita Real Meza.” (BNP, Cod. 1649).

— *Análise da profissão de Fé do Santo Padre Pio IV*, Bombaim, 1851; 1 folheto em 8.º; com outros formando 1 vol. (BPE, S. N. XXXII / 4; ANTT, Mesa Censória, ms 1481; ib., outros manuscritos: ms 243, 941, 1692).

Talvez por isso, o Cat. acrescenta:

<sup>32</sup> Foi extraído de *Annali Ecclesiastici* (n.º 42/44); 15, 20, 29 de Out. 1784.

<sup>33</sup> Com um prefácio sobre concílios de definição de Fé (p. 1-3). Explica a regra de Fé proposta pelo concílio de Trento: “*Illud omme et solum est de fide catholica, quoad est revelatum in Verbo Dei, et propositum omnibus ab Ecclesia catholica, fide divina credendum*”. Depois analisa a dita profissão de Fé do Papa; segue falando sobre o credo de Niceia-Constantinopla. No fim, há algumas “Adições” ao que foi dito antes. Mais tarde foi retirada e proibida a sua leitura, recolhidos os exemplares que apareceram, pelo que se tornou uma edição rara. Em Espanha fez-se uma contrafação desta, mas distingue-se do original pelo tipo de caracteres (Inocêncio I, p. 230).

“Esta Obra pode-se considerar como manuscrita, porque o original, que se ofereceu à Censura era muito mais extenso e acrescentado” (p. 61).

Será este ms o exemplar original? Esta obra de Figueiredo foi condenada em Roma, sendo colocada no *Índice* dos livros proibidos, em 26 de janeiro de 1795, como tinha acontecido à sua *Tentativa Teológica*, sendo mais tarde levantada a proibição.<sup>34</sup>

Com esta obra, fechava Figueiredo a sua enorme produção literária e teológica, pois faleceu em 1797, sem renunciar às suas ideias regalistas e jansenistas, que marcaram e influíram na relação do Estado com a Igreja no período pombalino. De facto, nesta obra relembra a primeira sobre o mesmo assunto, a *Tentativa Teológica* e o *Appendix e Illustração* da mesma, o que é significativo do percurso ideológico do escritor, colocado ao serviço do regime pombalino.

- *De Verbo Dei scripto et Tradito, libri duo, quos ille auditoribus suis dictavit*, Lisboa, Oficina Régia, 1792; 301 p.; 17x11 cm (Cat., p. 62; BPNM, 2-77-2-1; BPE, S. I. E 64-C.2; CMSTR, 26/2/20).

— Ib., mesmo impressor, 1794; 301 p.; 17x11 cm (BSEA). Contém:

Livro I: Do Cânon em geral e também dos Dêutero-canónicos, contra calvinistas e luteranos; Cap. I: *De divina auctoritate et veracitate Librorum canonicorum*; Cap. II: *De canone Hebraeorum*; cap. III: *De cânone Ecclesiae catholicae*; Cap. VII: *De Apocryphis Novi Testamenti*; cap. VIII: *De vesionibus graecis Sacrarum Scripturarum*.

Livo II: *De Verbo Dei Tradito*; não terminou esta exposição.

No Cat. diz-se a origem deste escrito:

“É a *Postilla* que Pereira ditou em 1761 e 1762, sendo Mestre de Teologia na Real Casa das Necessidades, e que publicou seu discípulo, o Padre João de Andrade, da Congregação do Oratório, dedicando-a ao Excelentíssimo Bispo do Algarve, a cujas expensas foi impressa. O segundo livro desta Obra está incompleto, e a Edição saiu errada pela razão que dá Pereira na *Prefação Geral à Sagrada Biblia*, Parte I, Cap. 2” (p. 62-63).

Tem, pois, muitos erros e gralhas, pois Figueiredo não teve tempo de a corrigir, por andar ocupado com a tradução da Bíblia e outros negócios oficiais. Aí

<sup>34</sup> Trata-se de uma obra de carácter jansenista, como o próprio Figueiredo confessa, a propósito das indulgências e referindo-se certamente ao “concílio” de Pistoia: “Novissimamente, no ano de 1786 imprimiu em Pistoia o douto Abade Palmieri um extenso e profundo *Trattato Storico Dogmatico Critico delle Indulgenze* (...), onde impugna nervosamente este, que ele chama quimérico tesouro”. Fala seguidamente do *Breve Catecismo sulle Indulgenze, Secondo la vera Dottrina della Chiesa* impresso em Pavia no ano de 1789 (*Analyse da Profissão de Fé...*, 1791, p. 66, em *Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime*, o. c., p. 213).

fala já da Escritura e Tradição como fonte dos dogmas católicos. Parece haver uma outra edição de 1791. Nesta obra, a sua posição teológica aproxima-se da doutrina galicana, contra o ultramontanismo dos Jesuítas, por exemplo.<sup>35</sup>

### Manuscritos de obras de Teologia e outras Ciências Eclesiásticas

- *De antiqua Communionem domestica. Dissertatio Historica*, [s.l, s.n., s.d.] (Cat., p. 63).

- *De Canone Hebraeorum, Dissertatio Critica*, [s.l, s.n., s.d.] (Cat., p. 63).

No Cat., diz-se desta obra:

“Destas duas Obras [*De antiqua* e *De canone*] faz menção o Abbade Barbosa, e dá ambas por perdidas no Incêndio de Novembro de 1755” (p. 63).

- *De Partu Virginis. Locubrationes domesticæ*, [s.l, s.n., s.d.] (Cat., p. 63).

No Cat., explica-se o seguinte:

“São umas Teses privadas a que presidio Antonio Pereira dia da Conceição, tendo por Defendente o Reverendo Joaquim da Nobrega Cão, e Aboim, que então era da Congregação do Oratório, o qual não as conservou em seu poder, nem se lembrava do ano em que as defendeu. Talvez seria o de 1762” (p. 63).

- *Doutrina Moral da Igreja oposta á dos Jesuítas*, [s.l, s.n., s.d.] (Cat., p. 63).

No Cat., diz-se:

“Este se não he o Titulo, he ao menos o Objecto de huma Obra, que Pereira compoz certamente quando se tratava da extinção da Companhia; a qual se não deve confundir com nenhuma das outras, que neste tempo se imprimirão entre nós relativas ao mesmo assumpto. Constava ella de trinta, ou talvez mais cadernos de Hollanda escriptos pelo Amanuense de que elle então se servia, segundo affirma o Reverendo Antonio de Castro, que o vio pelos annos de 1785, ou 1786. E o mesmo Antonio Pereira lhe disse, que nunca a tinha chegado a completar, por se ter distrahido com outras Composições, e que grande parte das authoridades dos Casuistas que nella referia, as tinha extrahido das célebres *Cartas Provinciaes de Pascal*” (p. 64).

- *Dissertação crítica e apologética sobre o antigo e moderno Calendário Bracarense, para servir de plano à emenda e refformação que no Missal e Breviário da mesma Santa Igreja meditava fazer o Sereníssimo Senhor D. Gaspar, Arcebispo Primaz, Lisboa, 1771. Inédito.*

Figueiredo fala aqui de dois Breviários que ele designou pelos nomes de “Breviário de Velasco” e “Breviário de letra miúda” e utiliza sobretudo os cap.

<sup>35</sup> O ms é de 1761, mas um dos seus alunos publicou-o em 1792 (ver IAN/TT, Cx. 14, doc. 24 (1790); e em *Série Vermelha*, Livro 846).

4, 6, 17, 18 e 25 (ACIENL, ms Azul, 259; cópia na BPE, CXI/2-14-CXII/2-16).<sup>36</sup> É uma obra em 20 capítulos. Analisa a história deste calendário, assim como a doutrina e as normas que deveriam presidir à organização dos mesmos.

O autor do *Catálogo* (Cat.), que a procurou em 1780, diz desta obra: “Sumiram-na da Mesa Censória”. E acrescenta também:

<sup>36</sup> Ver o vol. II desta coletânea, *A Bíblia na Idade Média*, p. 482. Este “Borrador” de Figueiredo deve ser o que se encontra nesta BPE e também foi analisado, mais tarde, por Bernardino José de Sena Freitas (1810-1912?), pai do famoso Pe. José Joaquim de Sena Freitas. O autor destas linhas fez a mesma coisa, a fim de encontrar algo que tivesse interesse bíblico e o que encontrou nestes dois códices foi o seguinte: Codice CXI/2-14: cap. 1: “Quam antigo seja na Igreja o uzo dos calendários, e da autoridade que, nas suas dioceses, têm os bispos para os formarem ou os reformarem” (p. 48-63); cap. 2: “Do grande cuidado que antigamente punham os bispos com que, no culto dos santos, não houvesse abusos nem se introduzissem superstições nos povos. Dá-se uma ideia do modo como antigamente se faziam as canonizações” (p. 63-81); cap. 3: “Mostra-se, de vários e ilustres exemplos, que, não obstante a vigilância e cautela que os pastores eclesiásticos tiveram sempre...” (p. 82-94); cap. 4: “Do calendário de que usou a santa Igreja Primacial de Braga, desde o princípio do séc. XII até ao fim do XV. Com a notícia dos manuscritos e primeiras impressões, donde dele se estraviou” (p. 95-109); cap. 5: “Das adições que no antigo calendário se fizeram desde o princípio até o meio do século 15. Com a notícia dos Breviários e Missaes, que neste meio tempo se imprimiram” (p. 110-116); cap. 6: “Observações sobre os referidos calendários da santa Igreja Primacial de Braga e outras sobre os Missaes” (p. 117-123); cap. 7: “Resultam da combinação proposta, nos capítulos antecedentes, em que é conferido o calendário impresso com o manuscrito: Primeira: Sabe-se quantos arcebispos santos seus celebrava a Igreja de Braga no meio do século 14, em que foi escrito o *Breviário de Soeiro* até o fim do 15, em que foram impressos, a primeira vez, o *Manual* e *Missal* do Senhor D. Jorge da Costa. Segunda: que festas se acrescentaram de novo no calendário de Braga entre o meio e o fim do século 15. Terceira: Que festas se acrescentaram entre o fim do século e o meio do 16” (p. 124s); cap. 18: “Além dos santos anunciados no calendário, celebrava a Igreja de Braga, até ao meio do século XVI, outros muitos que, no Próprio dos Santos, apontam os (... ilegível, em parte). Expoem-se vários ritos notáveis da Igreja de Braga. E de tudo se conclui com evidência que, tirados os poucos santos que se acrescentaram depois da morte de Geraldo, foi este santo arcebispo o autor e reformador do antigo calendário e Santoral da Igreja de Braga, o que condicionou os seus Breviários e Missais” (p. 190-205); cap. 19: “Do moderno calendário da santa Igreja de Braga, segundo o representam os Breviários dos Senhores D. Rodrigo da Cunha e D. Rodrigo Telles. Origem e causa das fábulas que se lhe introduziram pelo jesuíta Jerónimo Roman de Sá e Figuera convencido Fabricador e Introdutor d’estas imposturas. Primeiro iludido, o Sr. Arcebispo Primaz D. Frei Agostinho de Jesus de Castro” (p. 206-215); cap. 20: “Conferidos os modernos Breviários de Braga com a história moderna da mesma Igreja, fica palpavelmente demonstrado que tem mais fundamento que o das falsas canonizações (...) e introduziram de novo nos referidos Breviários quinze santos arcebispos e se começaram a celebrar como bracarenses outros muitos santos que, ou nunca existiram ou, por nenhum documento certo, pertencem a Braga” (p. 215-241). Sobre a história dos livros litúrgicos da diocese de Braga, há vários estudos do grande historiador COSTA, Avelino de Jesus da, em *Cónego Avelino de Jesus da Costa no Diário do Minho*, Braga, 2008, p. 131-194. Ver ainda FERREIRA, Mons. J. Augusto, *Estudos Histórico-Litúrgicos – Os Ritos particulares das Igrejas de Braga e de Toledo*, Coimbra, 1924, p. 295-297.

“Esta Obra que António Pereira compôs com imenso trabalho entre 1769 e 1771, sendo metida nas licenças da Real Meza Censoria, ficou suprimida no secreto da Meza. Em 1787, entregaram ao autor, ‘truncada n’uma boa quarta parte; mas os Capítulos cortados conservava ainda Pereira no seu Borrador, o qual ainda hoje se conserva adicionado com varias Cartas, que lhe escrevera o Senhor Dom Gaspar, louvando-lhe o trabalho da Obra, e recommendando-lhe a brevidade da conclusão e publicação della. E, no fim, acha-se huma Nota escrita de letra do Author em 1 de Abril de 1788, na qual se refere o destino desta Dissertação” (p. 64).<sup>37</sup>

Em 1773, foi impressa uma impugnação a esta obra, que leva o título seguinte:

- *Dissertação Crítica e Apologética da authenticidade do primeiro Concílio Bracharense em 411... Philopatrio Lusitano*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1773; 22 cm (BNP, R. 23071 P.; BPE, S.L. E. 8 - C. 3).<sup>38</sup>

[D. Frei Inácio de São Caetano, bispo de Penafiel] escreveu também:

- *Dissertação Crítica e Apologética da authenticidade do primeiro Concílio Bracharense em 411 vendicada contra os vãos esforços, que, para provar a sua suposição, fizerão Gaspar Estaço, o Padre Mestre Macedo, o Doutor Manoel Pereira da Silva Leal e, ultimamente, hum Sábio Moderno, Autor Lusitano Filopátrio* [Figueiredo]; ms (BPE, Cod. CXI/2-17).
- *Dissertação Crítica e Apologética a favor do Culto de S. Pedro de Rates e outros muitos santos que se veneram da Igreja de Braga. Resposta à Dissertação Crítica que contra o culto dos mesmos santos para servir de plano à Reforma do Breviário da mesma catedral compôs um sábio crítico moderno, seu autor Lusitano Filopátrio* (ACIENL, ms Azul 641; BPE, CXI/2-17; TT, Ms da Livraria, 2198).<sup>39</sup>

<sup>37</sup> SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 169. Ficou preso na Real Mesa Censória e não foi impresso. A obra fazia parte do programa iluminista do arcebispo Dom Gaspar.

<sup>38</sup> Um artigo do Dicionário de História – Portugal – Portal de História, São Caetano (frei Inácio de), afirma o seguinte: “Com este livro deu-se um caso curioso. Frei Caetano pretendia refutar nessa obra vários escritores, e entre eles um sábio moderno. Ora esse sábio era António Pereira de Figueiredo, que procurara demonstrar a falsidade do sobredito concílio numa Dissertação que nunca pôde publicar, porque a Mesa Censória a que pertencia Frei Inácio não lhe deu as necessárias licenças. De forma que se publicou a refutação duma obra que ficou inédita”.

<sup>39</sup> Toda esta polémica entre o “Filopátrio” e o bispo de Penafiel resume-se na questão da atualização dos Breviários e Missais de Braga, nos quais constavam muitos santos antigos, que o arcebispo D. Gaspar, nas suas ideias iluministas, achava que deviam ser suprimidos como lendários. Exemplo flagrante era o culto a S. Pedro de Rates. D. Gaspar entregou esse trabalho ao Padre António Pereira de Figueiredo, homem da sua confiança, como consta da correspondência entre os dois (carta que o bispo D. Gaspar de Bragança dirigiu ao Pe. António Pereira Figueiredo em 30 de



- *Força intrínseca, e irresistível das Leis Seculares ainda penaes para obrigarem no foro da consciencia não menos, que as Ecclesiásticas*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 66).
- *Princípios Teológicos de Luís António Muratori* (BPE, Cod. CXI/2-11, n.º 5).

Aqui defende o italiano Muratori de jansenismo, na obra que este escreveu: *De ingeniorum moderatione in Religionis negotio*. Entre outras coisas, também condenava o chamado “voto de sangue” ou juramento em favor da doutrina da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. O livro de Muratori deu muita polémica, também em Portugal, sobretudo pela obra em latim do Padre Dionísio Bernardes de Moraes, Doutor pela Universidade de Coimbra e sobrinho do Pe. Manuel Bernardes. Bernardes acusava Muratori de jansenista, por ter defendido os bispos acusados de jansenismo. A obra de Bernardes leva o título:

- *Coruscationes dogmaticae universo orbi terrae pro recta Sacramenti Paenitentiae Administratione refulgentes in vários distributae raios, quibus noxia praxis detegendi complices destruitur, atque variae propositiones tum Morini tum Muratori, tum aliorum dissipantur...*, Lisboa, Typis Michaelis Rodrigues, Eminentissimi Domini Cardinalis Patriarchae Typog., 1748; 29, 587 p.; 22 cm (C. M. Ton-dela - Biblioteca Tomás Ribeiro, 2 MOR). Sobre esta obra e autor, ver 7.2 e 10.7.

Aqui defende a infalibilidade do papa e outras doutrinas católicas. As *Coruscationes* atacam Muratori que tinha escrito um folheto intitulado:

- *Lusitaniae ecclesiae religio in administrando poenitentiae sacramento et Decretalis ea de re Sanctissimi Patris Benedicti XIV Pontificis propugnata...*

Figueiredo refuta as acusações contra Muratori, pela Escritura, pelos Padres da Igreja e pela Tradição. Tem cinco breves dissertações contra Dionísio Bernardes de Moraes. Esta apologia de Figueiredo é de natureza puramente teológica, onde manifesta uma enorme erudição nesta área e também de cultura geral.<sup>40</sup>

---

março de 1769). Inácio de São Caetano reprovou estas intenções, nas obras referidas.

<sup>40</sup> Sobre este assunto, ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, o. c., p. 39-41. No Cat., p. 67-68, lê-se: “N.B. Antes de concluirmos este Artigo d’hum Manuscrito incompleto de António Pereira, do qual nos deo huma exacta noticia o Reverendo Francisco José da Serra na Carta já citada. Eis-aqui a Cópia do parágrafo, que diz respeito à obra de que fallamos: Pouco depois do grande Terremoto, visitei por dependência minha litteraria, o Padre Pereira na quinta que hoje dizem de Giraldes. Alli, fallando comigo, tanta era a sua virtude para com alguns sobre a Obra que pouco antes tinha deixado em poder de meus Padrinhos, os Senhores Barbosas, accrescentou que nunca se imprimiria, porque os Padres do Governo não convinhão, em que da Congregação sahisse Obra contra hum Sobrinho do seu, e nosso, Padre Manoel Bernardes.

- *Doctrina Fidei & morum Ecclesiae Hispano Lusitanae, sub Romanis, Suevis, & Gothis. Ex solis fere Patribus & Conciliis Hispanicis ad verbum collegit, digessit, Rubricis & Scholiis illustravit Antonius Pereriae Figueredius, Regiae Curiae decemvir ordinarius reginaeque fidelissimae ab epistulis latinis, Anno, 1776; ms (Inocência VIII, p. 278; Cat., p. 65).*<sup>41</sup>

## 25.6. Traduções para latim

Colocamos seguidamente as traduções que António Pereira de Figueiredo verteu para a língua latina, já que estas tinham os mais variados temas: simples cartas a enviar pelo governo de Pombal para o estrangeiro ou as que eram re-

---

Então, pedi-lhe a licença de tirar huma cópia, e que logo me foi concedido... Continha o Manuscrito cinco Dissertações breves contra Dionysio Bernardes de Moraes, Prelado da Santa Igreja Patriarcal, como Author da Obra publicada com o plausível, e brilhante nome de – *Coruscationes Dogmaticae Universo Orbi terrae pro recta Sacramenti Penitentiae administratione refulgentes*... Ulissipone, apud Michaellem Rodrigues, 1748; em 4.º. Conservados por mim os três cadernos, a que reduzi a cópia; succedeo que, por estarem juntos a algumas Obras minhas, e de minha letra, hum deles foi lançado no fogo.... Ficaram salvos dois: segundo e terceiro, e de hum destes transcreverei o que baste para dar huma ligeira ideia do que parece, e conservo”.

<sup>41</sup> Inocência transcreveu o seguinte texto do autor, a propósito desta obra: “É um volumoso e espesso manuscrito, pela maior parte da mão do meu amanuense, que então era, e em outra mão pequena da minha: que impresso em quarto grande, que chamamos francez, pode dar 800 paginas. Vai a obra dividida em alguns setenta titulos, e cada titulo contém uma materia Theologica, e todos juntos formam um corpo de doutrina ao modo do livro do *Mestre das Sentenças*, cujas provas respectivamente são todas tiradas dos nossos padres hespanhoes, Parciano de Barcelona, Martinho de Dumi, Isidoro de Sevilha, Ildefonso e Julião de Toledo, de Prudencio, de Paulo Orosio, do Missal e Breviario mosarabicos, dos Concilios Toletanos, Bracarenses, Hispalenses, etc., tudo por palavras formaes. Os logares mais illustres ou difficeis vão illustrados no fim dos titulos com escólios meus. As rubricas declaram os nomes dos padres não hespanhoes anteriores, donde os nossos tomáram as sentenças, e até as palavras. Precede a tudo uma longuíssima prefação ao leitor de trinta e quatro meias folhas, isto é, de 68 paginas, que se occupam parte em dar uma idéa da obra, e da sua singularidade, parte em caracterisar cada um dos padres e monumentos hespanhoes, de que ordinariamente se transcrevem largos textos. Tendo por vezes buscado dentro e fóra de Portugal quem acceitasse ser Mecenas de semelhante collecção, ainda até agora o não achei, nem me resta esperança alguma provável que o acharei, se não for que v. em.<sup>cia</sup> tendo della tão individual noticia, e que tanto tem dilatado o seu grande nome com a edição dos nossos monumentos gothicos mais venerandos, e dignar conceder-me esta glória: bem entendido que um manuscrito desta natureza, escripto todo em lingua latina e em diversa letra, não convem imprimir-se fóra da vista do seu auctor. Se as disposições em que v. em.<sup>cia</sup> actualmente se acha me forem favoráveis e propicias, eu com aviso seu manifestarei de novo a todo o orbe litterario em uma nova dedicatória quanto v. em.<sup>cia</sup> me merece de agradecimento e louvor. Lisboa 4 de Outubro de 1795. - Prostrado aos pés de v. em.<sup>cia</sup> beijo com todo o acatamento as sagradas mãos e sagrada purpura de v. em.<sup>cia</sup> = Antonio Pereira de Figueiredo” (VIII, p. 278). O Cat. esclarece que o “Mecenas” a quem Figueiredo escreveu esta carta é o Cardeal de Lorenzana, Arcebispo de Toledo.

cebidas em Lisboa; obras que tinham sido escritas em português, mas que era necessário divulgar pela Europa fora; e tantas outras obras latinas que encontramos neste enorme elenco em que ele interveio como escritor ou como simples tradutor. Apresentamo-las seguidamente:

- *Sententia Lusitanae Inquisitionis adversus Gabrielem Malagridam, ejusque errores. De Lusitano in Latinum versa*, Lisboa, Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1762; em 4.º. Com huma Prefação do tradutor (Cat., p. 69).
- *Deductio Chronologica, et Analytica: Pars Prima [-Secunda] In Lucem Edidit Doct. Josephus de Seabra Silvius...; Latinitate donavit Antonius Pereria Figueiredius...*, Lisboa, Oficina Régia, 1771; 2 vol.: 10, VI, 408; e 4, XI, 663 p.; 20 cm (BNP, H.G. 5659/1 P. - 5660 P.; Cat., p. 69).<sup>42</sup>

Trata-se de uma obra de um amigo de Figueiredo, José de Seabra da Silva, por ordem do Marquês de Pombal, que ele traduziu em latim, para maior projeção europeia. Figueiredo não perde tempo em enviar exemplares e recomendar a leitura do livro atribuído ao seu protetor e amigo.<sup>43</sup>

<sup>42</sup> Título em português: José de Seabra da Silva (1732-1813), *Dedução chronológica e analytica. Parte primeira, na qual se manifestão pela sucessiva série de cada hum dos Reynados da Monarquia Portuguesa que decorreram desde o governo do Senhor Rey Dom João III, até o presente, os horrorosos estragos que a Companhia, denominada de Jesus, fez em Portugal e todos os seus domínios, por hum Plano e Systema por Ella inalteravelmente seguido desde que entrou neste Reyno, até que delle foy proscripta e expulsa pela justa, sábia e providente Ley de 3 de Setembro de 1759, dada à luz pelo Doutor Joseph Seabra da Sylva, para servir de instrução e fazer parte do recurso que o mesmo ministro interpoz e se acha pendente na Real presença do dito Senhor sobre a indispensável necessidade que sente pela urgente Reparação de algumas das mais atendíveis entre as ruínas, cuja existência se acha deturpando a Autoridade Régia e oprimindo o Público*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1767.

(2.º volume) *Parte segunda na qual se manifesta o que sucessivamente passou nas diferentes épocas da Igreja sobre a censura, proibição e impressão dos livros: demonstrando-se os intoleráveis prejuizos que, com o abuso delas se tem feito à mesma Igreja de Deus: a todas as Monarquias, a todos os Estados soberanos; e ao socego publico de todo o Universo; dado à luz pelo Doutor Joseph Seabra da Silva*, Lisboa, 1767.

(3.º volume) *Colecção das Colecções das provas que foram citadas na Parte Primeira e Segunda da Dedução Cronológica e Analítica e nas suas petições de recurso do Doutor Joseph Seabra da Silva*, Lisboa, 1768; 3 vol.; 28 cm (BNP, H.G. 2566 V.; Facfil, R-79-F-1); ib., mesmo impressor, 1768; 5 vol.; 18 cm (BNP, H.G. 5471 P., etc.; FacFil, R-79-F); ib., mesmo impressor, 1768; 2 vol.; 17 cm (FLUP, 09:93S58d; FacFil, R70-B-23; R70-B-22). Figueiredo fez a tradução para latim, a fim de que a obra fosse conhecida no estrangeiro; mas pode ter ajudado também nas provas referentes à História Eclesiástica e à Teologia. Esta obra teve três edições em português, como se pode ver.

<sup>43</sup> Assim, em acta de 26 de abril de 1774, diz que envia a Duparc de Bellegarde um exemplar da *Deductio Chronologica et Analytica*, feita pelo Marquês de Pombal, sob o nome do Procurador Régio. E ao Pe. Nicolau Francisco, Procurador da casa do Oratório em Goa, diz-lhe para obter um exemplar dos que foram enviados para lá pelo próprio Marquês (em *Cartas de Luís António*

No Cat., diz-se:

“Dedicada ao Conde de Oeiras em 12 de Julho de 1769. Desta versão dão notícia as *Novas Ecclesiasticas* de trinta de Outubro de 1775, que referem o ‘*Extracto d’huma Prefação do Traductor relativa á petição de recurso do Procurador da Coroa, sobre o Estado de Portugal depois da expulsão dos Jesuitas*’. Não sabemos o que deu motivo a este equívoco; o que é certo é que, examinando com toda a diligencia a edição Latina, não achamos semelhante Prefação. Immediatamente depois da 2.<sup>a</sup> *Parte da Dedução Chronologica*, traduziu Pereira estas duas Leis” (p. 69).

A obra leva, não o nome do próprio Pombal, mas o do seu Procurador, José de Seabra e Silva.

- *Regia lex de suppressendis et in perpetuum abolendis, in Lusitania, Bulla Caenae, ceterisque Bullis quibus superstructi sunt indices Expurgatorii et de non recipiendis amplius ipsis indicibus*, [s.l.], 6 de abril de 1768 (Cat., p. 69).
- *Regia Lex de creanda nova Curia Censorum Regionum cui privativa & exclusiva sit jurisdictio in totam rem librariam*, [s.l.], 8 de Abril de 1768 (Cat., p. 70).
- *Series Monumentorum in utraque parte Deductionis Chronologicae & Analyticae, adjunctaque duplici petitione recursus citatorum*, Lisboa, Oficina Régia, 1772; em 8.º (Cat., p. 70).

No Cat.: “Estes *Monumentos* estão copiados nas línguas respectivas, como se encontram na *Colecção das Próvas, etc.*” (p. 70).

- *Litterae Josephi I pro abolenda odiosa novorum Christianorum & veterum Christianorum distinctione, & c.*, Lisboa, Oficina Régia, 1773; em 8.º (Cat., p. 70).

No Cat.: “Por ordem de Sua Majestade. Esta tradução vem anunciada nas *Novas Ecclesiasticas* de quatorze de Novembro de 1773” (p. 70).

- *Statuta Academiae Conimbricensis, etc. Jussu Regis latine redita*, Lisboa, Oficina Régia, 1773-1777; 18 cm (Cat., p. 70; BNP, S.C. 4638 P.-4640 P.). É a tradução dos 3 volumes dos *Estatutos da Universidade de Coimbra*:

Liber Primus, *Theologiam complectens* (1773).

Liber Secundus, *Curricula Juridica pro Canonibus, & Legibus complectens* (1775).

Liber Tertius, *Curricula Scientiarum Naturalium & Philosophicarum complectens* (1777).

---

Verney e António Pereira de Figueiredo aos Padres da Congregação do Oratório de Goa, p. 18). Sobre este livro, ditado por Pombal ao seu Procurador, veja-se SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 151-155.

No Cat.: “Esta tradução vem anunciada nas *Novas Ecclesiasticas* de quatorze de Novembro de 1773” (p. 70).<sup>44</sup>

- *Breviarium Historicum de Statu in quo erat Academia Conimbricensis, quo tempore in illam invaserunt denominati Jesuitae...*, Lisboa, Oficina Régia, 1774; 2 vol.; 18 cm (Cat., p. 71; BNP, H.G. 10090 P.; BJPII, MC-9918).

No Cat.: “Em 8.º; *Jussu Regis*” (p. 71).

- *Probationes Appendicis Breviario Historico subjecae: ubi quid de singulis moralis doctrinae capitibus impie & nefarie tradiderint ac dogmatisarint Theologi Aristotelico Athaeo Jesuitici, productis & descriptis ad verbum ipsorum testimoniis plane ac decretorie demonstratur*, Lisboa, Oficina Régia, 1776; em 8.º (Cat., p. 71).

Estas provas foram compiladas por Figueiredo, contra os Jesuítas, às ordens de Pombal. Por isso, o Cat., diz:

“Em 8.º. *Jussu Regis*. Estas Provas forão coordenadas debaixo da inspecção de Pereira, que accrescentou huma Prefação” (p. 71).

- *Regiae Litterae legem continentes de infamiae & confiscationis poenis non irrogandis iis qui crimina confessi ab Ecclesia recipiuntur...*, Lisboa, Oficina Régia, 1775; em 8.º (Cat., p. 71).

No Cat., afirma-se:

“Por ordem de Sua Majestade. ‘N. B. Attribuem-se com razão a Pereira algumas outras traduções, as quaes nós, de propósito, omittimos neste Catalogo” (p. 71).

## 25.7. Obras de Música

Todos os autores que estudaram Figueiredo e a sua obra estão de acordo em que a música, nem de longe, era a sua grande especialidade. No entanto, o elenco que seguidamente apresentamos ao leitor é, pelo menos quantitativamente, relevante. Mas, talvez o mais importante a ressaltar neste parágrafo seja a constatação da cultura polivalente, multifacetada, do nosso herói. Aprendeu música com os Jesuítas no colégio de Vila Viçosa e praticou-a no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra durante os seus estudos nessa cidade.

<sup>44</sup> Esta tradução (em latim) foi feita um pouco apressadamente, quando Figueiredo estava a descansar na sua terra, e o Marquês insistia, por carta, para que traduzisse depressa, para serem impressos quanto antes. É uma obra em 3 volumes, e Figueiredo ia traduzindo, caderno por caderno, e enviando pelo correio, de Abrantes para Lisboa. A este respeito afirma-se: “Parece impossível, que não tendo mais que o seu Breviário, lhe saísse uma tão excelente tradução daqueles Estatutos” (em *Voz da Minha Terra*, Mação, n.º 002, p. 9).

- *O Salmo “Lauda Jerusalem”, a quatro vozes com Trompas, e Rabecas*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 72).

No Cat.: “Esta obra aparece mencionada na *Bibliotheca Lusitana*, mas não existe” (p. 72).

- *O Hymno Tantum ergo Sacramentum, a quatro com Rabecas*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 72).
- *O Hymno a S. Filipe Neri: Pangamus Neri: Pangamus Nerio, a quatro com Rabecas*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 72).
- *Motete: Plorans ploravit in nocte, a quatro*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 72).
- *Motete: Adjuva nos Deus, a quatro*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 72).
- *Motete: Ó quam suavis est Domine Spiritus tuus*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 72).
- *Motete: Attolite portas*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 72).
- *Motete: Victimae Paschalis*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 72).
- *Motetes Latinos para se cantarem na Procissão de Passos na Cidade de Viseu, feitos por recommendação do Bispo D. Júlio*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 72).
- *Música Vocal e Instrumental para a Festa da Dedicção da Igreja da Congregação do Oratório de Viseu*, [s.l.], 1759 (Cat., p. 72).
- *Motete: Concaluit cor meum, a São Filipe Neri, de dois Típles com Rabecas*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).
- *Motete: Stabat Mater dolorosa, a quatro*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).
- *Motete: Ó Jesu mi dulcissime*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).
- *A Oração de Jeremias, que se canta no primeiro Nocturno de Sabbado Santo, a dois Típles*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).

No Cat.: “Destas quatro obras faz menção a *Bibliotheca Lusitana*” (p. 73).

- *Terceira Lição do I. Nocturno de Quinta-feira Santa*, [s.l.], 1764 (Cat., p. 73).
- *Terceira Lição do I Nocturno de Sexta-feira Santa*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).
- *O Salmo Misere por duas Músicas diversas*, [s.l., s.d.] (Cat.).
- *Os dois Versos: Et secundum multitudinem, e Amplius Lava me, do mesmo Salmo com outra Musica*, [s.l.], 1765 (Cat., p. 73).
- *Motete: Ó vos omnes qui transitis*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).
- *Motete: Plorans ploravit, com outra musica*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).
- *Motete: Popule meus*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).
- *Motete: Bajulans sibi Crucem*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).
- *Motete: Jesus clamans*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 73).
- *Motete: Christus factus est*, [s.l.], 1762 (Cat., p. 74).

- *Motete: Tristis est anima mes*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 74).
- *Commemoração a Santo António em Cantochoão*, [s.l.], 1762 (Cat., p. 74).<sup>45</sup>

## 25.8. Obras de polémica

Como homem de uma cultura multifacetada, que escreveu sobre os mais variados assuntos, tinha, necessariamente, de encontrar opositores a muitas das suas ideias e opiniões. As oposições e contestações partem sobretudo das ideias regalistas e jansenistas, colocadas ao serviço do ditador Pombal e do seu governo. As obras polémicas, que seguidamente apresentamos, são, pois, tanto de defesa em relação aos seus opositores como de ataque destes a Figueiredo.

- *Três novos Impugnadores de António Pereira de Figueiredo convencidos de manifesta falsidade e calumnia*, [s.l., s.n., s.d.] (Cat.). São três autores italianos.<sup>46</sup>

No Cat., explica-se quem são os impugnadores:

“Estes Impugnadores são: Emygdio Cancelli Antifebroniae *Theses de Romani Pontificis Primatu, etc.*, Ancona, 1787; Luiz Litta, Conego de Milão, *Del Diritto di stabilire Impedimenti Dirimenti per il Matrimonio*, Pavia, 1783; o “Anonymo de Faença”, na Dissertação: *Commandi chi può, ubbidisca chi deve*, Faença, 1788. Conserva-se o Autografo desta Obra em poder de Jorge Bertrand, mas não está de todo completa a resposta ao segundo Impugnador”.

Francisco Sanches (pseud.). Escreveu:

- *Defensa do Novo Methodo da Grammatica Latina contra o Anti-prólogo Crítico. Dividida em duas partes*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1754; 191 p.; 19 cm (Cat., p. 23; BNP, L. 12898 V.; BPARPD, JC/A AR.4 A/530 Res - JC14025; BL, 12934.bbb.8; BPNM, 2-18-12-29).

No Cat., afirma-se: “Sahio com o nome de Francisco Sanches”.

Figueiredo “defende-se” de obras que o atacavam ou denegriam o seu *Novo Método*. Eram elas:

“O *Antiprólogo Crítico e Apologético*, foi impresso em 1753 na Officina de Miguel Manescal com o supposto nome de Manoel Mendes Moniz, que era o Guarda dos Estudos do Colégio de Santo Antão; mas o seu verdadeiro Author, segundo se diz, foi o Padre Francisco Duarte, jesuíta. Além desta *Crítica*, havia o *Mercurio Grammatical*, impresso em 1753 e atribuído ao Pe. Francisco António, SJ. Estas críticas foram as únicas a que Pereira deu resposta, pois surgiram muitos outros folhetos contra o seu *Novo Methodo*. Tais como:

<sup>45</sup> Sobre a música do nosso autor, ver RIBEIRO, Mário de Sampaio, *A Obra Musical do Padre António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Tip. Inglesa, 1932.

<sup>46</sup> Ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 395.



- *Sessão da Academia Grammatical – Novas Declinações – Advertencias necessárias para a intelligencia do Prólogo.*
- *Defensa Apologética á Arte do Padre Manuel Alvares* (todos impressos em 1753).
- *Juízo Grammatical* em 1754, atribuído ao mesmo autor do *Anti-Prólogo.*
- e o *Additamento ao mesmo*, pelo Professor José Caetano, em 1757” (p. 23).

O método do Pe. Manuel Álvares era tão comum, que o de Figueiredo causou uma espécie de terramoto gramatical entre ele e os Jesuítas, que continuavam a defender o do seu confrade: *De Institutione Grammatica Libri Tres*. No Prólogo do seu livro, Figueiredo louva, mas também ataca o de Manuel Álvares. Daí a reação dos Jesuítas.

O Cat. diz, a propósito:

“A todas estas Críticas fúteis, e insulsas respondeo Pereira com o desprezo, e com o silêncio”.<sup>47</sup>

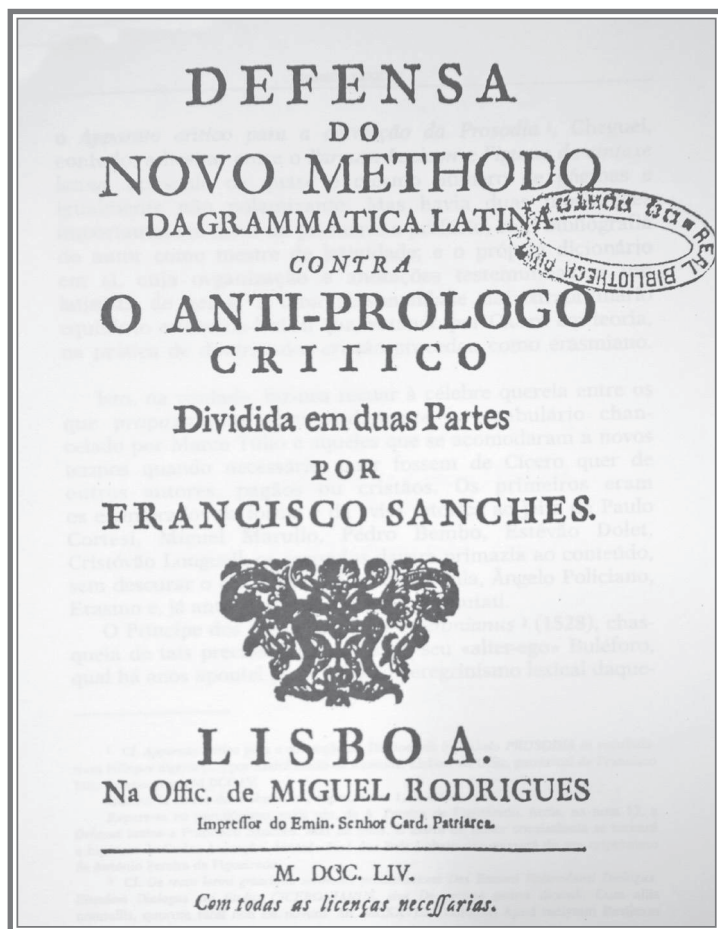
**Pascoal José de Mello.** Escreveu:

- *Censura de António Pereira de Figueiredo á “Historia de Direito Civil Lusitano”,* [s.l.], 26 de Outubro de 1786 (Cat., p. 44).

No Cat.:

“Sendo esta Censura communicada oficialmente a Pascoal José de Mello, escreveu este huma larga *Apologia da sua Obra*, com a qual se não satisfez Antonio Pereira, antes requereu que o Tribunal fizesse sobre isto huma *Consulta a Sua Magestade*, offerecendo huma *Memoria das cousas*, que elle queria se consultassem. Desta *Memoria* conservamos huma cópia, que tirou do Autografo o Reverendo Antonio de Castro” (p. 34).

<sup>47</sup> Sobre toda esta problemática do ataque e da *Defensa* de Figueiredo, a propósito do *Novo Methodo*, é necessário ver uma obra fundamental desta questão: ASSUNÇÃO, Carlos da Costa, *Para uma Gramatologia Portuguesa: I – Edição Crítica da “Arte da Gramática” da Língua Portuguesa de António José Reis Lobato* (230 p.); II - *António José Reis Lobato, Gramático Iluminista* (332 p.); III – *Manuscritos e outros textos subsidiários* (234 p.), Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1997. Diz-se aí que a Gramática latina de Figueiredo ultrapassou as 30 edições ou impressões, enquanto a que leva o nome de Reis Lobato, tendo a mesma proteção régia do tempo do Marquês, alcançou mais uma dezena de edições do que a sua congénere de Figueiredo. Ver ainda GUEIFÃO, Carlos, e CADAFAZ DE MATOS, Manuel, *António Pereira de Figueiredo e a autoria de A Arte da Grammatica da Língua Portuguesa de Reis Lobato*, em *Revista Portuguesa de História do Livro*, n.º 12-13-14, ed. Távola Redonda, anos VI-VII (2002-2003), Lisboa, 2004, p. 309-321. Também aceitam a tese de Carlos da Costa Assunção, *Para uma Gramatologia...*, pensando que esta Gramática é de Figueiredo, com o pseud. de António José dos Reis Lobato. De facto, o autor da tese chegou a duas conclusões: a) António José dos Reis Lobato deve ser considerado pseudónimo; b) António José dos Reis Lobato deverá considerar-se o Pe. António Pereira de Figueiredo (p. 222).



Título do manuscrito:

- *Censura feita por António Pereira de Figueiredo, datada de Lisboa, 26 de Out. de 1786, à obra de Pascoal José de Melo Freire, "Historiae Juris Civilis Lusitani Liber singularis", publicado em 1788 (BNP, Cod. 13369, p. [77-88]).*<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Segundo a ficha da BNP, Cod. 13369, contém: *Reyno da estupidez* [ms]: Poema herói-cómico de Francisco de Melo Franco e José Bonifácio de Andrada e Silva, s.l., [depois de 1786]; 22 cm. É uma cópia. Segundo o Cat.: "Trata-se de um poema herói-cómico em 4 cantos, anónimo, que circulou manuscrito em Coimbra, em 1785, e que constitui uma sátira ao reitor e alguns lentes da Universidade de Coimbra. O autor é Francisco de Melo Franco (1757-1823), tendo tido, segundo alguns, a colaboração de José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838). O nome dos

- *Resposta de Pascoal José de Mello contra a censura do compêndio “Historia Juris Civilis Lusitani”*, Lisboa, Imp. Régia, 1809; 38 p.; 20 cm (BNP, S.C. 14574//11 P.; BL, 5384.bbb.31.(2)).

**Manuel de Santa Ana**, Frei, OFM (1784-1802), escreveu:

- *Analyse sobre a “Analyse da profissão de fé do Santo Padre Pio IV” que deu à luz o Pe. António Pereira de Figueiredo*, [depois de 1791]; ms; 453, 8 p.; 22 cm (BNP, Cod. 13262 e 12900). Contra a obra *Analyse da profissão de fé do Santo Padre Pio IV* de Figueiredo.<sup>49</sup>

— *Analyse sobre a Analyse da profissão de fé do Santo Padre Pio IV* [Ms] *que deu a luz o Pe. Antonio Pereira de Figueiredo...*, s.l., [depois de 1791]; 185 fol.; encadernado; 22 cm (BNP, Cod. 13262 [cópia] e Cod. 12900C; BGUC, ms 2825).

No Cat., diz-se:

“É uma Cópia comprada a José Manuel Rodrigues (Livr. Antiquária do Calhariz). Datação estabelecida com base na data da edição da obra do Pe. António Pereira de Figueiredo (Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791) 4 fol. inumeradas entre as p. 110 e 111. Encadernado em pele com ferros gravados a ouro na lombada. Rótulo: “Analyse sobre Analyse”.

No Cat., é dito o seguinte:

“Foi Traduzida em Castelhana por Antonio Bernabeu, como consta d’hum Carta, que elle escreveo a Antonio Pereira datada de Alicante aos 29 de Setembro de 1792, na qual lhe dava parte do seu trabalho, e da resolução em que estava de o publicar; para que se com este motivo quizesse fazer algum additamento á mesma Analyse, lho communicasse; ao que respondeo Pereira,

---

autores foi acrescentado a lápis na folha de rosto (fol. 2), apresentando a fol. 1, também a lápis e na mesma letra, a relação das cinco obras que integram o códice publicado em Paris, Oficina de A. Bobée, 1818”. O códice contém também outras obras em verso, igualmente anónimas, que poderão incluir-se no conjunto de obras satíricas, que circularam manuscritas, e com as quais, aqueles que tinham sido objecto de sátira no “Reino da Estupidez” pretendiam atacar os presumíveis autores deste poema (Inocência III, p. 11): “Dialogo entre A., e I.” (p. 1-10); “Soneto. Ao Author Antonio Izidoro” (p. 11); “Soneto Outro [a]o mesmo Author” (p. 12); três sonetos (p. 13-15); “Soneto Anachroistico do Author da Estupidez” e “Soneto Tambem Acrostico” (a António Ribeiro dos Santos) (p. 16-17); quatro sonetos, epigrama, e petição (p. 18-24); “Diálogo do Burro com os Frades que o levarão para os Geraes” (p. 25-29). Contém ainda um poema em três cantos (“Amalia”) (p. [33-51]); “Satira espalhada contra hum Religioso de S. Felipe Neri por occasião de hum pratica que disse na abertura da Accademia das Sciencias em Lisboa 1783” e “Resposta à precedente satira” (p. [53-76]). Ver a história da polémica em SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 236-239.

<sup>49</sup> Inocência V, p. 358; VI, p. 178, apresenta-nos um autor com este nome e frade da província da Arrábida, mas com obras diferentes desta. Pensamos tratar-se deste autor.

que se contentava com que ella saísse conforme ao Original. Esta Tradução porém ainda se não imprimio. O Abbade Montou, Author das *Novas Ecclesiasticas*, acabou ha pouco huma Versão Franceza desta Obra, e cuida actualmente n'outra Latina; foi esta noticia remettida por pessoa fidedigna residente na Hollanda ao R. P. M. Doutor Fr. Joaquim de Jesus. No anno de 1792 se imprimiu em Napoles na Oficina de Nicoláo Russo em 4.º, huma Traducção Italiana da Analyse, feita por D. Leonor Pimentel a instancias de Januario Gestari, que lhe accrescentou huma Prefação, e algumas Notas. Quando Pereira vio esta Traducção reflectindo, que n'alguns lugares não exprimia bem a força do Original Portuguez, escreveo huns breves Retoques, que communicou aos seus amigos, e dos quaes conservamos huma Cópia. Advertimos tambem que tanto a Analyse, como o Prologo que á Traducção della ajuntou Cestari, forão asperamente criticados no Supplemento ao *Jornal Ecclesiastico de Roma* do mez de Setembro, e Outubro de 1792, outra vez no *Artigo de Napoles* dos mezes de Maio, e de Junho de 1793, e ultimamente no *Artigo de Bolonha* do mez de Março de 1794".

A resposta a esta censura do Arrábido diz:

- *Censura da obra que se pretende imprimir, intitulada "Analyse sobre a Análise do Pe. António Pereira de Figueiredo" composto pelo Padre Mestre Frei Manuel de Santa Ana, Religioso da Província da Arrábida* (BNP, Cx. 187, n.º 1).<sup>50</sup>
- *Duas cartas sobre a nova analyse da profissão da fé do Santo Padre Pio IV* [ms], s.l., [depois de 1791]; 40 fol.; 25 cm (BNP, Cod. 1433).<sup>51</sup>

**António Pereira, Pe., CO (?-1850).** Foi um acérrimo analista da Bíblia de Figueiredo, escrevendo:

- *Reflexões teológicas ou refutação das notas heterodoxas, que se encontram na tradução da Bíblia do padre António Pereira de Figueiredo - edição nova de Lisboa, ano de 1794 e seguintes, obra posthuma do padre António Pereira, da Congregação do Oratório de Braga; [prólogo do editor], Lisboa, 1794; Braga, Typ. Lusitana, 1859; VII, 163 p.; 21 cm (BNP, R. 10059 V.; BPB, R. 793 V.; BJPII, 22.07(04) PER; Biblioteca da Academia Brasileira de Letras - RJ; CBAP, n.º 1662).*<sup>52</sup>

<sup>50</sup> Sobre todas as propostas e contrapropostas, ver CASTRO, Zília Maria Osório de, *Emergência do Temporal no Sagrado: a "Análise da profissão de Fé do Santo Padre Pio IV" de Pereira de Figueiredo*, em *Lusitania Sacra* 18, 2.ª série, 2006, p. 360.

<sup>51</sup> Notas da ficha da BNP: "Comenta-se a obra Analyse da profissão de fé do Santo Padre Pio IV, por Antonio Pereira de Figueiredo. - Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791. O a. da primeira identifica-se como Doutor Balduino e o da segunda como Doutor Gaufrido. A primeira data de 14 de Junho de 1791 e a segunda de 28 de Julho do mesmo ano, respectivamente de Lisboa e Coimbra. Enc. em pele. Lombada com frisos dourados".

<sup>52</sup> A obra apresenta vários títulos: "Reflexão sobre as palavras de Pereira", nas passagens bíblicas que ele acha mal interpretadas por Figueiredo.

O autor era da Congregação de Figueiredo e têm em comum apenas os dois primeiros nomes. Este oratoriano de Braga faz uma análise às notas da Bíblia do seu correligionário de Lisboa, não lhe perdoando nenhum deslize para o jansenismo e o galicanismo ou regalismo. Chega mesmo a exagerar na sua análise, ou melhor, na sua interpretação das palavras de Figueiredo. Muitas destas observações foram o efeito natural do desconhecimento da nova hermenêutica bíblica, que deve ter em conta diferentes fatores, sobretudo a cultura e a religião dos povos antigos, assim como do Antigo Testamento.<sup>53</sup>

- *Refutação das doutrinas heterodoxas do Lugudonense nas suas “Instituições Theologicas”; Reflexões sobre algumas opiniões de Tournely no seu tractado “De Capite ecclesiae”, obras teologicas [de] Antonio Pereira da Congregação do Oratório de Braga*, Braga, Typographia de Domingos G. Gouvea, 1863; XIX, 201 p.; 22 cm (BJPII, 231.133.2 PER).
- *Appendix ao capítulo segundo da segunda parte para servir de suplemento ao sexto dos estragos e impedimentos que a Sociedade jesuítica fez e acumulou para corromper e impossibilitar o estudo da Jurisprudência Canónica e Civil com a introdução e propagação da Moral Aristotélica.*

Este *Apêndice* refere-se, pois, à obra *Compêndio Histórico dos males dos Jesuítas no ensino em Portugal* e é uma adaptação da obra francesa do mesmo género: *Assertions des Jésuites*, qualificadas de “dangereuses et pernicieuses”. O *Breviarium Historicum de Statu Academiae Conimbricensis* é a tradução, feita pelo Pe. António Pereira de Figueiredo, do *Compêndio Histórico*, acerca do ensino dos Jesuítas.<sup>54</sup>

O *Appendix* foi também traduzido pelo próprio Figueiredo, por ordem real, e leva como título:

- *Probationes Appendicis Breviario Historico subjectae*. Há apenas um exemplar em Évora.

<sup>53</sup> Estamos a referir-nos, por exemplo, à divergência entre os dois “Pereira” no famoso texto da Carta de S. Paulo aos Romanos 3,28: *Pois estamos convencidos de que é pela fé que o homem é justificado, independentemente das obras da Lei*. Parece evidente que Paulo fala aos cristãos de Roma no contexto do judaísmo rabínico, que colocava nas muitíssimas *obras* a cumprir a salvação das pessoas. Paulo, agora convertido totalmente a Cristo, afirma que a fé em Cristo é que salva as pessoas e não a Lei judaica. Sobre a polémica entre os dois “Pereira” do Oratório, pode ver-se com proveito a análise de SOUSA, Evergton Sales de, *Jansénisme et Réforme de l’Église dans l’Empire Portugais, 1640-1790*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 433-456.

<sup>54</sup> Outras obras deste jaez apareceram contra os Jesuítas nesta altura, porque se tornara uma moda, talvez, por motivos diversos; por exemplo: *Assertions Soutenues, Enseignées & Publiées Persévérément & dans tous les temps par les soi-disans Jésuites, extraites de auteurs de la Société...* [S.l.: s.n., 1761]; 155 p. (BNP, H.G. 2545/1 P.).

- *Força intrínseca e irresistível das Leys Seculares ainda Penaes, para obrigarem no Foro da Consciência não menos que as Eccleziásticas. O tempo não está para ser bem recebida esta doutrina, quando grassam tantos contrabandos.* Também não foi editada.<sup>55</sup>

**Mariano Tinoco de Fontes** escreveu:

- *Elucidação da Analyse que, sobre a profissão da Fé do santo Padre Pio IV, deo á luz o António Pereira de Figueiredo Deputado da Real Meza da Comissão Geral... explicada e reivindicada de alguns erros que lhe fizeram; dividida em três partes,* [17--]; 2 vol.; 204, 111 fol.; 21 cm (ANTT, ms da Livraria, n.º 2187 (vol. I); 916 (vol. I); BPMP, Cod. 974; BPE, Cod. CI/2-8 e 2-9: 2 vol.). Desconhece-se a localização do vol. III.
- *Elucidação que fez Mariano Tinoco Foientes à Analyse que sobre a Analyse da Profissão de Fé do Santo Padre Pio quarto fez o Padre Mestre Frei Manuel de Santa Ana da Província da Arrábida...* (BPMP, Cod. 661); é dedicado “À Augustíssima Senhora Princesa Dona Carlota Joaquina”, acompanhado da Carta dedicatória.

**José de Santa Escolástica**, Dom Frei, OSB (1742-1814). Escreveu:

- *Parecer sobre o ms. intitulado: “Analise da Profissão de fé do Santo Padre Pio IV”* (BNP, Cod. 3012).

**Luigi Cuccagni** (1740-1798). Escreveu:

- *Esame del libro Portoghese Uscito l'Anno scorso in Lisbona col titolo “Analyse da Profissão da Fé do Santo Padre Pio IV” por António Pereira de Figueiredo Deputado da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e a Censura dos Livros... dell'abate Luigi Cuccagni...*, Roma, Presso Giovann Zempel, 1792; 87 p.; 19 cm (BNP, H.G. 16291 P.).<sup>56</sup> Aqui o autor afirma explicitamente:

“Quando credevasi che il famoso sig. António Pereira de Figueiredo già Oratoriano Portoghese, nell'estrema sua vecchiezza atendesse a riparare lo scandolo e a far penitenzza di tanti errori che ha insegnato in altre sue opere, eccolo nuovamente in scena com una peggiore forse di tutte”.

<sup>55</sup> Esta é a última obra ditada ou conferida pelo próprio Padre Figueiredo do catálogo de 28 de junho de 1780 e que reviu e assinou em 3 de julho do mesmo ano: “Antonio Per.<sup>a</sup> de Fig.do”.

<sup>56</sup> Luigi Cuccagni era o reitor do Colégio Irlandês de Roma. Em Roma, Nápoles e Bolonha publicaram-se outras obras a contestar a de Figueiredo. Sobre a *Analyse da Profissão da Fé*, ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 239-248. O original autógrafa encontra-se na Torre do Tombo, Real Mesa Censória, ms 1481; outros exemplares: ms 243, 941 e 1692.

O autor pensava que, pelo menos ao fim da vida, Figueiredo fizesse bem o seu exame de consciência e se retratasse das ideias regalistas, ficando admirado com a última das suas obras, agora traduzida em italiano, a insistir nas mesmas ideias de outras obras anteriores. De facto, o regalismo não se contentava em negar o poder temporal do Papa sobre os soberanos, como vinha sendo tradição desde a Idade Média, e mesmo antes, na era constantiniana; mas agora defendia, em vários aspetos, a submissão do poder religioso ao poder dos reis. Esta ideologia regalista vai acentuar-se com a Revolução Francesa, concretamente na “Constituição Civil do Clero” (1790).

- *Lettera di risposta di un teólogo ad un suo amico, il quale ricera quali impressioni abbia fatta in lui il libro stampato in Lisbona col titolo: Analisi della professione di fede di Pio IV, del Padre A. Pereira tradotta dal idioma portoghese nel italiano*, Bolonha, 1789 (BL, 3902.b.47).

Gregório João de Brito escreveu:

- *Reflexões sobre o papel intitulado “Análise da Profissão de fé” composto pelo Rdo. Pe. António Pereira de Figueiredo, Deputado da Real Mesa da Comissão Geral sobre o exame e Censura dos Livros* (BPE, Cod. CXX 1/2-18, n.º 3).

“O documento não está assinado, mas consta que é este autor numa nota final do texto, à qual segue uma Adição de 2 páginas, com a letra igual à do documento. Nesta se fala da legitimidade de se ‘rogar a Deus pelas almas do Purgatório’, assim como ‘aplicar por elas alguma indulgência’. Está contra ao que foi afirmado por ‘Lutero e outros hereges’, firmando-se em ‘muitos concílios, SS. PP. e DD. Catholicos que cita, segue o Curso Salmantisense’; e refere ‘como de fé’, que ‘os sufrágios aproveitão as almas do Purgatório’”.<sup>57</sup>

## 25.9. Literatura encomiástica

Figueiredo, que vivia e trabalhava na órbita do governo de D. José e do seu ministro Pombal, não poupou encómios, louvores e elogios a quem o favorecia ou ao serviço de quem trabalhava, sobretudo ao rei e ao Marquês de Pombal / Conde de Oeiras. O que nos parece um pouco estranho, à primeira vista, é que um homem com esta cultura e personalidade se deixasse resvalar por tanta bajulação em relação àqueles a quem servia, não tendo a mesma atitude ou semelhantes elogios para a Igreja Católica, de quem era um membro ativo. Pelo contrário, criticou-a duramente, mas sem nunca abjurar a fé católica. Como explicamos noutro lugar

<sup>57</sup> Ver CASTRO, Zília Maria Osório de, *Emergência do Temporal no Sagrado: a “Análise da profissão de Fé do Santo Padre Pio IV” de Pereira de Figueiredo*, em *Lusitania Sacra* 18, 2.ª série, 2006, p. 357.



deste volume, isso deveu-se à sua mentalidade regalista e jansenista. Apresentamos seguidamente a enorme listagem deste tipo de literatura.

- *Lusitaniae redivivae decora ac tropaea, Iosepho I rerum potente, Pombaliensi Marchione administrante; ad Posterorum memoriam litterarum monumentis consignabat gratus cliens Olisiponensis*, (A. P. F.): [António Pereira de Figueiredo], Lisboa, Oficina Régia, 1774; 30x21 cm (Cat., p. 29; BPB, H.G. 1013//1 P.). São 26 painéis com as respetivas inscrições em louvor do monarca e do seu governo; uma história abreviada de D. José e do Marquês.
- *Breve discurso sobre a reedificação de Lisboa e sobre a dedicação da Estátua Régia: ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal, no dia felicissimo dos seus annos, 13 de Maio de 1775 = AD Locutio de instauratione Olissiponis dedicationeque regiae statuae...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1775; 2 col.; bilingue: português e latim lado a lado; as iniciais do autor no fim: A. P. F.; 16 p.; 29 cm (Cat., p. 30; BNP, H.G. 6915//1 A.; BL, 12301.l.10.11).<sup>58</sup>
- *Parallelo de Augusto César, e de Dom José o Magnânimo Rey de Portugal...*, Lisboa, Régia Officina Typográfica, 1775; 36 p.; 30 cm (Cat., p. 30; BNP, H.G. 4822 A.; BPB, H.G. 1013//3 P.; CMSTR, L/12/1; BL). Encadernado com outras obras do tempo de Pombal.

No Cat.: Tem, no fim, uma “Inscrição honorária ao Busto do Marquês de Pombal” (p. 30).

- *O dia das três inaugurações: Breve discurso sobre a Régia função do dia 6 de junho de 1775 dirigido ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Oeyras, gentil-homem da Camara Delrey Nosso Senhor, e do Serenissimo Príncipe da Beira, e Presidente do Serrado de Lisboa...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1775; 10, 2 p.; 27 cm (Cat., p. 30; BNP, L. 32862 V.; BL, 9930.gg.48).

No Cat.: “No fim tem um Epigrama intitulado: *Statua Iosephi Lusitani cum Statua Memnonis Aethiopici comparata*” (p. 30).

- *Preces e Votos da Nação Portuguesa ao Anjo da Guarda do Marquez de Pombal*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1775; 17, 2 p.; 31 cm (Cat., p. 30; BNP, H.G. 3808//9 A.; BL, 10632.h.5). Não tem nome do autor, mas é certamente de Figueiredo e foi escrito a propósito de um pretenso atentado, atribuído injustamente a João Baptista Pele, por suposta inspiração jesuítica – como de costume!

<sup>58</sup> Sobre a inauguração da estátua do rei D. José, veja-se mais um elogio de Plácido de Andrade Barroco, Frei, OFM (1750-1813). Era natural de Lisboa. Foi grande estudioso das línguas hebraica e grega (Inocêncio VII, 15). Escreveu: *Ode, soneto e epigrammas por ocasião da solemne inauguração da estátua d’el-rei D. José I. Sahiram na Academia celebrada pelos religiosos...*

No Cat. é dito: “No fim, tem uma inscrição, que começa por estas palavras: *Magno ac Caelesti Genio, Marcibionis Pombaliensis Custodi, sacrum*” (p. 30).<sup>59</sup>

- *Joseph Magnanimi Lusitanorum Regis Statua Vocalis*, Olissipone, Régia Oficina Typográfica, 1775; 62 p; 2 col.; il.; 31x21 cm (Cat., p. 30; BPB, H.G. 1013//2 P.; BNP, H.G. 3702 A.; BL; BNF; BVat). Pereira põe a estátua de D. José erguida na Praça do Comércio, a falar, a narrar, ela mesma, os feitos do seu governo de Portugal (06.08.1775), depois da reedificação de Lisboa (BL, 815.l.13.(1).

No Cat., diz-se: “*Enriquecida de eruditas notas*. Foi logo esta obra reimpressa em Roma, como diz Pereira no *segundo Catalogo Manuscrito*” (p. 30).<sup>60</sup>

- *A virtude coroada na felicíssima aclamação da Rainha Nossa Senhora no sempre memorável dia 13 de Maio de 1777*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1777; 11 p.; 22 cm; encadernado com outros (Cat., p. 30; BNP, H.G. 5912//27 P.; BPB, H.G. 1561//1 V.; BPNM, 2-55-8-19 (2.º); BPARPĐ, JC/A AR.4 A/426 Res; BL, 9195.c.34).

— Ib., mesmo impressor e ano; 14 p.; 21 cm (BNP, L. 22663//27 P.).<sup>61</sup>

- *Elogio fúnebre do Senhor D. Tomaz de Lima, XV Visconde de Villa-Nova de Cerveira*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1781; 11 p.; 20 cm (BNP, L. 950//8 V.; Cat., p. 31; BPNM, 2-55-8-19 (4.º); BPB, H.G. 1561//2 V.; BL, 10632.d.19; BPARPD, JC/A AR.4 A/426 Res); encadernado com outros.<sup>62</sup>

<sup>59</sup> Ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 165-166. Sobre o suposto atentado contra D. José, alguns setores da Igreja sentiram com certa acuidade o problema que se vê no sermão de Tomás Caetano de Bem, CR (1718-1797), natural de Lisboa. Entrou na congregação dos religiosos teatinos. Mestre em Teologia, pertenceu à Academia Real de História e Academia das Ciências. Foi pregador de mérito e de reconhecida erudição (Inocência VII, p. 337-340). Pregou: *Sermão em acção de graças ao altíssimo, e à singular protecção da Virgem Senhora Nossa pela milagrosa conservação da preciosíssima vida de S. Magestade, sendo assaltado por tres assassinos...*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1759; 34 p.; 21 cm (BNP, H.G. 14889//4 P.).

<sup>60</sup> Sobre toda esta questão, ver SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 159-164.

<sup>61</sup> Nesta altura, já depois da morte de D. José e no fim do “reinado” do Marquês de Pombal, Figueiredo volta a bajular, neste caso, a rainha, sendo um dos motivos o facto de soltar os presos e por “restituir ao estado eclesiástico as antigas franquezas... e a soltura dos presos do Estado; autorizou a Toga, restituindo aos seus tribunais os Ministros deles afastados; enxugou as lágrimas de muitas famílias que choravam inconsolavelmente a perda dos seus chefes, a falta de meios para subsistirem com honra”; em resumo, “quase em um instante fez mudar de uma triste face para um geral contentamento toda a Lisboa”. Figueiredo dá, agora, “uma no cravo, outra na ferradura”, já que, ao elogiar as primeiras obras da rainha, está a atribuir os males, agora remediados, ao seu (antigo) amigo, o Marquês de Pombal. É o tempo chamado da *Viradeira*.

<sup>62</sup> Esta obra também pode ver-se em *Voz da Minha Terra*, Separata n.º 002, Mação, p. 19-23. Neste

- *O Reinado do Amor: Dissertação filológica e encomiástica, a que deu ocasião o novo cunho de ouro, em que vemos esculpidos os rostos e nomes dos dous augustos consortes D. Maria I e D. Pedro III, composto em 1788*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1789; 26 p.; 23 cm (Cat., p. 31; BNP, H.G. 14107//12 V.; BPARPD, JC/A AR.4 A/426 Res; BL, 9055.cc.23; BPNM, 2-55-8-19 (11.º). Encadernado com outros.

No Cat., é dito:

“Esta obra foi feita no ano de 1778, e não se imprimiu logo por ficar sumida na Meza Censoria, como diz Pereira no *segundo Catalogo Manuscrito*. Reimprimiu-se no *Segundo Tomo* das Sessões Litterarias dos Alumnos da ‘Academia dos Obsequiosos do Lugar de Sacavem’, impresso em 1790, Oficina de António Rodrigues Galhardo” (p. 31).

- *Oração aos Felicíssimos anos da Augusta Rainha Dona Maria Francisca, Nossa Senhora, em 17 de Dezembro de 1790*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1790; 2.º Tomo (Cat., p. 31). Reimpressa no Tomo II de “Academia dos Obsequiosos do Lugar de Sacavem”.
- *A El-Rei Nosso Senhor, lançando por suas Reaes Mãos a primeira pedra ao Majestoso Templo do Coração de Jesus. Oração Encomiástica e Sagrada*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1791. Reimpressa no Tomo III de “Academia dos Obsequiosos do Lugar de Sacavem” (Cat., p. 31).<sup>63</sup>

mesmo número, p. 24-33, pode ler-se o *Elogio do Padre António Pereira de Figueiredo, recitado na Sessão Pública da Academia no dia 20 de fevereiro de 1859 pelo Dr. Levy Maria Jordão, sócio efectivo da Academia*. Nas p. 34-38, há algumas cartas de bispos portugueses dirigidas ao Padre Figueiredo. Na capa, encontramos um soneto de António Ribeiro dos Santos, a propósito da sua coragem na hora da morte, depois de lhe ter sido pedido (a Figueiredo) que se retratasse das suas doutrinas. Aqui transcrevemos o soneto do seu amigo a propósito desse assunto:

Nestes fatais momentos em que a morte  
Traz diante de si remorso e susto,  
Assalta o fanatismo ao varão justo,  
Com temor da futura infeliz sorte.

Não cede o Grão Pereira à voz horrenda:  
Não temo, disse firme, oh! Monstro impuro,  
Que me venças nesta hora tão tremenda.

Brada que arrependido o espírito forte  
Retrate os dogmas seus a todo o custo:  
E que esses Livros, que escreveu injusto,  
Condene a maldição, e mortal corte.

Ensinei a verdade, e o dogma puro:  
Nada escrevi que as Santas Leis ofenda,  
Por esta alma, que sobe aos céus, o juro.  
(Elpino Duriense)

<sup>63</sup> D. Maria I casou em 1769 com o tio, D. Pedro III, e prometeu edificar uma basílica ao Sagrado Coração de Jesus, se tivesse um filho. O Infante D. José nasceu a 20 de agosto de 1761 e a rainha cumpriu o voto. A devoção ao coração de Jesus deve-se a uma aparição do mesmo Coração de Jesus a Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690). Logo em 1672 esta devoção entrou na liturgia, com Ofício e missa, para certos Institutos. Este culto foi apoiado e divulgado pelos Jesuítas. Pelo breve de Pio IV (06.06.1780) foi dado a Portugal o privilégio de celebrar a festa com vigília. A rainha D. Maria I quis cumprir o voto e, com o seu marido, D. Pedro III, edificou a

— *Oração encomiástica e sagrada a El Rei Nosso Senhor, lançando por suas reaes mãos a primeira pedra ao magestoso Templo do Coração de Jesus*, [s.l., s.n., 18--]; p. 425-437 (BNP, L. 653//11 V.)

- *Dissertação histórica, e crítica em que se prova a milagrosa aparição de Christo Senhor Nosso a El Rei D. Affonso Henriques antes da famosa batalha do Campo de Ourique, publicada em 1786 por seu auctor o erudito António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Imprensa Régia, 1809; 54 p.; 22 cm (BNP, H.G. 14883//20 P.).

Nesta obra, Figueiredo pretende argumentar a favor da origem divina do poder real, em desfavor do poder do Papa.

- *O dia vinte e quatro de Agosto do fausto anno de mil oitocentos e vinte*, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1821; 26 p.; 20 cm (BNP, H.G. 23577//7 P.).
- *O dia 24 de Agosto do fausto anno de 1820, inaugurado, e o brilhante 15 de Setembro...*, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1821; 26 p.; 19 cm (BNP, H.G. 23770//12 P.; BPB, B.O. 320//11 A.).

### Manuscritos de literatura encomiástica

- *Três Sermões. Forão os únicos que prégou. Hum delles he huma Prática de Santo António, a qual Pereira descendo da Cadeira deu a hum seu amigo, que ainda hoje vive. Os outros não sabemos onde poderão estar, e de todos três nos deu notícia o Reverendo António de Castro* [s.l., s.d., s.n.] (Cat., p. 33).

---

basílica da Estrela com um convento de irmãs carmelitas ao lado. Mais tarde, o papa Clemente XIII aprovou o culto para toda a Igreja, 1765. O decreto que ordena a construção da Basílica com o dinheiro do Erário Real é de julho de 1779 e o lançamento da 1.ª pedra é de 24.10.1779. Os arquitetos foram Mateus Vicente de Oliveira (1706-1785) e Reinaldo Manuel dos Santos, arquiteto das Obras Públicas. O sermão da festa do lançamento da 1.ª pedra foi feito pelo Pe. António Pereira de Figueiredo, 1779, depois da morte de D. José: “Oração encomiástica e Sagrada a el-Rei, nosso Senhor D. Pedro III...”, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1786. Extrato da Oração encomiástica de Figueiredo: “O Senhor Rei D. Pedro III, que pra o novo Templo, consagrado ao Sacratissimo Coração de Jesu delineou a planta, deo a área do seu chão, e em presença de toda a sua Côrte, lança por suas Reaes mãos, a primeira pedra a este Magestoso Edifício”. Mais adiante, prossegue o seu discurso referindo: “Digo dos nossos Principes: porque he verdade, que El Rei Nosso Senhor deo a planta para este templo; doôu o chão, que lhe havia de servir de área; e lançou nelle a primeira pedra. Mas a Rainha Nossa Senhora he a que o prometteo a Deos por voto; he a que o edifica; he a que faz as despezas. El Rei delineou a obra, designou o sitio, e fez apromptar os materiaes, como David: a Rainha a prosegue, e ha de acabar, como Salomão”. Inácio de S. Caetano, futuro bispo de Penafiel, por ordem de Pombal, foi o confessor e conselheiro da rainha para assuntos religiosos. A ele se devem os documentos papais sobre os privilégios desta devoção, cedo implantada em Portugal. Ver SALDANHA, Sandra Costa, *A Basílica da Estrela – Real Fábrica do Santíssimo Coração de Jesus*, Livros Horizonte, Lisboa, 2007.

- *Elogio ao Bispo de Viseu D. Júlio Francisco de Oliveira* [s. l.], 1758 (Cat., p. 33).  
No Cat., diz-se: “Este elogio escrito em Prosa Portuguesa perdeu-se, e apesar das maiores diligencias, não se tem descoberto; porém, ainda vive em Viseu quem fez a Cópia, que Pereira entregou àquele Prelado” (p. 33).
- *Discurso Gratulatório e Político aos annos do Marquez de Pombal, em o dia 13 de Maio de 1776*. (Cat., p. 33). Está recheado de exemplos da literatura clássica, de autores e imperadores romanos.<sup>64</sup>  
No Cat.: “Deste manuscrito dá notícia Joaquim José da Costa e Sá, Oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha” (p. 34).
- *Oração para ser recitada no princípio de humas Conclusões de Filosofia defendidas por hum Religioso Augustiano* (Cat., p. 34).  
No Cat., diz-se: “Esta oração está incompleta, e dela temos uma cópia extraída do Autógrafo, que conserva o Reverendo António de Castro, amigo particular de Pereira, e também nosso” (p. 34).
- *Elogio do Padre Francisco Manoel, Prepozito da Congregação do Oratório de Lisboa*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1759; 4 fol., 29 p.; 30,5 cm (Cat., p. 29; BPNM, 2-11-8-15 (6.º)).<sup>65</sup>  
No Cat.: “Dedicado à Marqueza de Tancos, Dona Constança Manoel” (p. 29). Esta senhora devia pertencer à família do elogiado.  
— *Nova edição*, ib., mesmo impressor, 1764; 4 fol., 29 p.; 20 cm (BNP, H.G. 9795//1 P.; BNRJ, 024, 2, 3 n. 28).

## 25.10. Epigramas e Inscrições

O epigrama é uma breve composição ou inscrição, em prosa ou em verso, de carácter comemorativo que, normalmente, é gravada em templos, arcos de triunfo, monumentos funerários ou noutros edifícios. Figueiredo, como grande latinista

<sup>64</sup> SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 166-168. Deixamos aqui mais uma obra deste tipo: João de S. Bernardino Justiniano da Costa, Frei, CSSJE (séc. XVIII), *Oração gratulatória a Deus, Nosso Senhor, pelo incomparável, beneficio a preservar... a respeitabilíssima pessoa e preciosíssima vida do... Marquês de Pombal...*, Lisboa, Oficina Régia Typografica, 1775; 15 p.; 29 cm (BNP, L. 11266//1 V.; BGUC, Misc. 660, 10228).

<sup>65</sup> O texto pode ver-se em *Voz da Minha Terra*, Separata 001, Mação, Fevereiro, 2000, p. 14-22. Seguem-se testemunhos de um sobrinho seu com o mesmo nome do tio padre, acerca dos esforços que o núncio do Papa em Lisboa fez para arrancar uma confissão de arrependimento pelas obras escritas contra a Igreja. Quando lhe foi apresentado o documento para ele colocar simplesmente a sua assinatura, o Padre Figueiredo chamou pelo sobrinho que o acompanhava a pedir socorro contra esse atentado à liberdade. O testemunho escrito pelo sobrinho é de 1857 (ver ib., p. 23-25).

que era, tinha muitos pedidos deste género literário. Era moda fazê-las em latim, porque dava mais importância ao monumento ou ao personagem a quem diziam respeito. Colocamos seguidamente os epigramas e depois as simples inscrições.

- *Julio Francisco ab Oliva, Visensium Antistiti Magnificentissimo, post Absolutum Congregationis Oratorii Templum Pulcherrimum, Publici Valetudinarii Fundamenta jacenti. Congregationi Visensi absolutam Templi fabricam de nocte luminibus celebranti* (Cat., p. 34; CMSTR, 20/1/3).

No Cat.: “Debaixo destes Títulos, ou dedicatórias vem cinco Epigramas impressos em fol.”. E tem no fim: “*Pangetat Antonius Pereria de Congregatione Oratorii Olisiponensis, 9 Calendas Januarias, Anno 1758*” (p. 34).

- *Civilis Apotheosis Augusti Regis Josephi Primi Statua Equestris posita; Civilis Apotheosis Maximi Administri Statua Regis supposita. Epigramma*, [s.l.], 1775; em fol. (Cat., p. 34).
- *Epigramma ao Padre Vicente Amado, defendendo humas Conclusões privadas; offerecido por hum seu Condiscipulo*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 35).
- *Epigramma feito a hum Estudante de pouca idade defendendo humas Conclusões de Filosofia, a que presidia o Padre Theodoro d’Almeida*, [s.l., s.d.] (Cat., p. 35).
- *A Batholomaeo Costio fuso ex aere rege statuario celeberrimo. Epigramma*. Impresso no mesmo ano [1775] (Cat., p. 34).
- *Illustrissimo ac Excellentissimo Domino Sebastiano Josepho Carvalio Mello Oeriensi Comiti Regis Fidelissimi primario Administro Olisiponenses Musas sua praesentia & attentione dignato. Epigramma* [s.l., s.d.] (Cat., p. 35).

No Cat.: “Existe o Autógrafo em poder do Reverendo Francisco José da Serra” (p. 35).

- *Cinco Epigrammas, que se lêem em hum painel, que representa o Marquez de Pombal, e o Abbade João Baptista de Araujo* [s.l., s.d.] (Cat., p. 35).

No Cat.: “Existe este quadro na *Livraria do Desembargador Marcello Antonio Leal Arnaut*” (p. 35).

## Inscrições

- *Inscrição para o Retrato do Padre Joaquim Álvares da Congregação do Oratório de Viseu* [s.l.], 1757 (Cat., p. 35).
- *Para o túmulo, nas exéquias de Paulo de Carvalho e Mendonça, irmão do Marquês de Pombal*, 1769 (Cat., p. 35).
- *Inscrições para a função fúnebre da Transladação do Corpo da Senhora D. Ma-*

*ria Anna d'Austria, Rainha de Portugal, para o Mausoléu erigido na Igreja de S. João Nepomuceno* [s.l.], 1780 (Cat., p. 35).

No Cat., diz-se:

“Imprimiram-se no segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa 5 de Agosto de 1780; porém o Author que para isto não tinha concorrido, vendo que as ditas Inscrições se não tinham publicado como sahirão da sua mão, requereu se publicassem de novo, e com effeito se imprimirão no segundo Supplemento á Gazeta 23 de Setembro do mesmo anno” (p. 35).

- *Inscrições para a função fúnebre da Transladação do Corpo da Senhora D. Marianna Victória, Rainha de Portugal, para o Mausoléu erigido na Igreja de S. Francisco de Paula* [s.l.], 1783 (Cat., p. 36).

– *Por cima do arco cruzeiro*

– *No frontispício da rua*

– *Para a porta da Igreja*

– *Para os três altares do lado do Evangelho*

- *Inscrição para o Túmulo da mesma Senhora... para o mausuléu erigido na igreja de S. João Nepomuceno*, 1780 [s.l., s.d.] (Cat., p. 36).

No Cat.: “Existia em poder do P. M. Fr. José Mayne, e é diversa da que se gravou, que não é obra de Pereira” (p. 36).

– *Para a porta da Igreja*

– *Para o lado direito*

– *Para o lado esquerdo*

- *Inscrição para o Obelisco, levantado no Jardim do Tenente Coronel Governador do Forte de Vila Viçosa, Manoel António Viegas* [s.l.], 1785 (Cat., p. 36).

- *Inscrição para o Túmulo do Sereníssimo Senhor D. José, Príncipe do Brasil* [s.l.], 1788 (Cat., p. 36).

- *Inscrição para a Sepultura do Marquez de Angeja, Dom Pedro José de Noronha*, [s.l.], 1789 (Cat., p. 36).

- *Inscrição para hum Retrato do mesmo Marquez*, [s.l.], 1790 (Cat., p. 36).

- *Inscrição, que se gravou no Frontespício do Seminário do Crato, novamente estabelecido por Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor*, [s.l.], 1791 (Cat., p. 36).

- *Inscrição para debaixo do Desenho d'huma Estampa, que fez Gaspar de Frois Machado para celebrar o Nascimento da Sereníssima Senhora Princeza da Beira, Dona Maria Tereza*, [s.l.], 1793 (Cat., p. 37).

– *Dístico para debaixo da pintura da mesma estampa.*



- *Inscrição para se gravar no Frontespício do Real Theatro de S. Carlos*, [s.l.], 1793 (Cat., p. 37).

No Cat.: “Advertimos que não é de Pereira a que efectivamente se gravou”.

- *Inscrição, que se gravou n’hum Obelisco, erigido na Quinta do Excellentissimo Conde de Pombeiro, em Belas*, [s.l.], 1795 (Cat., p. 37).<sup>66</sup>

Nota geral no Cat.:

“N. B. Todos estes epigramas, e Inscrições, escritos em Lingua Latina, que attribuímos a Pereira fundados na autoridade não suspeita das pessoas, que no-lo affiançaram, brevemente sairão impressos e, entretanto, decidiremos se alguns outros, que temos visto e se attribuem ao mesmo Autor, são effectivamente Obra da sua penna” (p. 37).

## 25.11. Catálogos das Obras de Figueiredo

Como Figueiredo escreveu tantas obras importantes (ou menos importantes), era normal que delas se fizessem catálogos. O próprio Figueiredo teve a iniciativa de os fazer ou lhe pediram para que os fizesse, a fim de que as suas obras não se extraviassem e fossem mais conhecidas.

- *Catálogo de todas as Obras impressas de António Pereira de Figueiredo, que elle mesmo mandou escrever*, [s.l.], 1776 (Cat., p. 42).

No Cat.: “Feito, e acabado em 3 de Junho de 1776. Existia na Livraria do Excelentíssimo Marques de Angeja” (p. 42). Não se sabe onde se encontra.

- *Catálogo das Obras de António Pereira de Figueiredo mandado fazer por elle mesmo em 28 de Junho de 1780*, [s.l. s.n., s.d.] (Cat., p. 42). Foi revisto (ms da Livraria, 1938).

No Cat.: “Existe na Livraria do Convento de Xabregas” (p. 42).<sup>67</sup>

- *Catálogo das Obras Impressas e Manuscritas de António Pereira de Figueiredo da Congregação do Oratório...*, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800; 2, 74 p., 21 cm (BNP, B. 749 P.; BNRJ, V-058,06,10; CMSTR, Q74).

É este *Catálogo* que citamos sempre com a sigla *Cat.*

- *Catálogo das obras críticas a respeito do Novo Método da Gramática latina e mais obras dos Padres da Congregação do Oratório*; ms (BAJUDA, 50-1-66, n.º 76).

<sup>66</sup> Estes epigramas e inscrições encontram-se reproduzidos em SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo*, p. 357-367.

<sup>67</sup> Este *Catálogo* foi editado por SANTOS, Cândido dos, em *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição e Polémica na Segunda Metade do Século XVIII*, Roma Editora, 2005, p. 373-377.

- *Compêndio da vida e escritos de António Pereira de Figueiredo da Congregação do Oratorio de São] Filipe Neri deputado ordinário da Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros...* [manuscrito], Lisboa, 1798; atribuído a Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (1777-1838); IV, 303, 3 p., enc.; 37 cm (BNP, Cod. 9842).
- *Catálogo da Correspondência dirigida a Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas*, Évora, 1956.

## 25.12. Outras obras relacionadas com o Pe. António Pereira de Figueiredo

As obras que se seguem têm alguma relação com Figueiredo, pelo que as colocamos no fim deste capítulo. Muitas são da sua autoria, outras são traduções para latim. Vejamo-las:

- *Cartas de Luiz Antonio Verney [1713-1792] e António Pereira de Figueiredo aos Padres da Congregação do Oratorio de Goa*, [pref. J. H. da Cunha Rivara], Nova Goa, Imprensa Nacional, 1858; 4, 22, 2 p.; 21x14,5 cm (BNP, H.G. 6862//4 V.; BNRJ, 38, 18, 4; BL, 4767.ff.8).

Na BPB estas *Cartas* estão encadernadas com *Arquivo Português Oriental*, fasc. 1.º - Livro 1.º das Cartas que os Reis de Portugal escreveram à cidade de Goa, Imprensa Nacional, Nova Goa, 1857; 154 p. (BPB, 2664 V.).

- *Obras teológicas do Padre António Pereira, da Congregação do Oratório de Braga*, Braga, Typ. Domingos G. Gouveia, Braga, 1863; IX, 200 p.; 22 cm (BNP, Var. 4081//2).

Embora sendo da mesma Congregação, este António Pereira atacou o seu confrade (ver Inocêncio I, p. 221).<sup>68</sup>

- *Doutrina moral da Igreja oposta à dos Jesuítas*. O título original deve ter sido: *Doutrinas da Igreja sacrilegamente ofendidas pelas atrocidades da moral dos Jesuítas*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1772; 367 p.; 16 cm (BNP, H.G. 2867 P.; Inocêncio II, 131).
- *Exposição feita a D. Maria I em favor de pessoas da sua família, que viviam pobres* (BNP, Ms. Caixa 13, n.º 9).
- *Censuras de António Pereira de Figueiredo* (TT, Real Mesa Censória).
- *Reflexões sobre como se deve ensinar a Gramática Latina; Reflexões sobre o modo*

<sup>68</sup> Grande parte destas obras de Figueiredo encontram-se também no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (RGL-RJ), que foram vistas pelo autor desta obra. Dispensamo-nos de colocar as respetivas cotas para não sobrecarregar o texto.

*como se deve ensinar a Retórica; Reflexões sobre o modo de ensinar as Primeiras Letras* (BPE, Cod. CXI/2-11, n.º 8).

- *Carta do Reverendo Padre Mestre António Pereira de Figueiredo em resposta ao comendador Sá Pereira*, 1795; trata da Bíblia já traduzida (BNP, Cod. 8549, fol. 154-155).<sup>69</sup>

## Bibliografia

- ANDRADE, António Alberto de, *Verney e a cultura do seu tempo*, Coimbra, por ordem da Universidade, 1966.
- , *Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*, Lisboa, INCM, 1981.
- , *A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771)* - 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Partes, Coimbra, por ordem da Universidade, 1981.
- AZEREDO, João Pereira Ramos de, *Tratado sobre o poder dos bispos nomeados por sua Magestade no tempo de ruptura com Roma, para poderem administrar os seus respetivos bispados antes de obterem as confirmações pontifícias segundo o que estabelecerem os cânones e os louváveis costumes destes Reinos, composto pelo Doutor...*, 1766.
- BUESCU, Ana Isabel Carvalhão, *O Milagre de Ourique e a História de Portugal de Alexandre Herculano. Uma polémica Oitocentista*, Lisboa, INIC, 1987.
- CADAFAZ DE MATOS, *O Pe. António Pereira de Figueiredo (...)*, em *Revista de História do Livro*, n.º 17, Ano IX, 2006, p. 5-195.
- CANAVEIRA, Manuel Filipe Cruz, *A Legitimação Histórica da Monarquia Absoluta na Obra do Padre António Pereira de Figueiredo*, em *Separata da Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 1991-1992, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1992; vol. 5, p. 171-187; com muitos pormenores das obras de Figueiredo.
- CARVALHO, José Adriano de, *Dos significados da divulgação de J. Gerson como profeta do Portugal Pombalino pelo Pe. António Pereira de Figueiredo*, Coimbra, 1984.

<sup>69</sup> Para uma visão geral e também analítica destas e de outras obras de Figueiredo, é justo citar aqui Cândido dos Santos na sua grande obra sobre este autor, no que toca à sua pessoa e obras de cultural geral. Esta não é a nossa perspetiva sobre Figueiredo; no entanto, é de realçar sobretudo a *Segunda Parte – Coleção Documental* (ver *Padre António Pereira de Figueiredo*, o. c., p. 269-399).

- CASTRO, Zília Maria Osório de, *Emergência do Temporal no Sagrado: A “Análise da profissão de Fé do Santo Padre Pio IV” de Pereira de Figueiredo*, em *Lusitania Sacra* 18, 2.<sup>a</sup> série, 2006, p. 353-372.<sup>70</sup>
- Collecção das leys promulgadas e sentenças proferidas nos casos da infame pastoral do bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação: das seitas dos jacobeus e sigilistas*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1769.
- FEBRÓNIO, Justino (pseudónimo de João Nicolau de Hontheim), *De Statu praesenti Ecclesiae et legitima potestate R. pontificis liber singularis ad reuniendos dissidentes in religione christiana compositus*, Franckfurt, 1763; 1770-1773; 4 vol.
- FREIRE, António, SJ, “A Gramática Latina” do padre Manuel Álvares e os seus impugnadores, em *As Grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Ed. Verbo, 1964; vol. I, p. 335-389.
- GOMES, Joaquim Ferreira, *Marquês de Pombal e as Reformas do Ensino*, Coimbra, INIC, 1969.
- JANSENII, Cornelii, *Augustinus seu doctrina sancti Augustini de humanae naturae sanitate, aegritudine, medicina, adversus Pelagianos et Massilianos tribus tomis comprehensa*, Lovaina, 1640.
- JORDÃO, Levy Maria, *Elogio do P. A. P. F.*, Lisboa, 1859; também com catálogo das suas obras (BMSTR, 30/7/3).
- KNOB, P., *Jansenismo e Antijansenismo em Portugal por ocasião da bula Unigenitus (1713-1721)*, em *Itinerarium* V, fasc. 26, Braga, 1959.
- LEITE, António, *A Ideologia Pombalina. Despotismo Esclarecido e Regalismo*, em *Brotéria* 114, maio-junho, 1982, p. 487-514.
- MORATO, F. M. Trigoso de Aragão, *Catálogo das Obras impressas e manuscritas de A. P. F.*, Lisboa, 1859 (BL, 11900.cc.37. (1)).<sup>71</sup>

<sup>70</sup> Este artigo apresenta várias obras a favor ou contra a *Analyse* do Pe. António Pereira de Figueiredo.

<sup>71</sup> Depois da morte de D. José e já no tempo da Viradeira, este escritor diz de Figueiredo: “Este sábio foi, na verdade, um notável exemplo das vicissitudes a que estão sujeitos os homens e as ciências. Respeitado e aplaudido no ministério de El-Rei D. José, por ter sido o primeiro que ensinou e defendeu vigorosamente os princípios do Direito Público Eclesiástico, que outras nações já professavam e, entre nós, foram, depois, vulgares, sofreu uma contradição e perseguição surda, mas dolorosa, no reinado de D. Maria I e, assim que ele morreu, cuidou que em agosto de 1797, aumentou-se de tal maneira aquela perseguição que a Academia de Ciências não se atreveu a conceder-lhe a honra do elogio histórico, que ele tanto merecia, até pelos serviços feitos à sociedade. Hoje, nos escritos do Pe. José Morato, que assaz conheci na Congregação, como conheci o Pe. António Pereira, é este escritor taxado de hereje e cismático” (em *Memórias de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, p. 37-

- MOURA, José Vicente de, *Notícia sucinta dos monumentos da língua latina e dos subsídios necessários para o estudo da mesma*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1823.<sup>72</sup>
- PEREIRA, António, e FOLQMAN, Carlos, *Nomenclatura latina dos objectos mais vulgares e das coisas mais comuns editadas no século XVIII*, Lisboa, Livr. Ave-lar Machado, 1938; revista e atualizada por Nicolau Firmino; 88 p.; 19 cm (BNP, L. 31915 P.; BPB, L. 91496a).
- PEREIRA, José Esteves, *O Pensamento político em Portugal no século XVIII. António Ribeiro dos Santos*, Lisboa, INCM, 1983.
- RIBEIRO, Mário de Sampaio, *A Obra Musical do Padre António Pereira de Figuei-redo*, Lisboa, Tip. Inglesa, 1932.
- SANCHES, Francisco, *Minerva, seu de causis linguae latinae Commentarius*, Lisboa, 1760.
- SANTOS, António Ribeiro dos, *De sacerdocio et Imperio selectae Dissertationes*, Lis-boia, Tipografia Régia, 1770.
- SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição e Polémica na segunda metade do Século XVIII*, Roma Editora, Lisboa, 2005.
- *História e cultura na época moderna – Estudos e Documentos*, Publicações da Universidade do Porto, 1998 (sobretudo p. 238-346).
- SILVA, Domingos Maria da, *A eclesiologia do Padre António P. de Figueiredo*, Braga, Livraria Cruz, 1983; Dissertação de licenciatura em Teologia; 88, 2 p.; 21 cm (BNP, R. 15203 V.).
- SILVA, Frei António Pereira da, *A Questão do Sigilismo em Portugal no século XVIII. História, Religião e Política nos Reinados de D. João V e D. José*, Braga, Edit. Franciscana, 1964.
- SOUSA, Evergton Sales de, *Jansénisme et Réforme de l'Église dans l'Empire Portu-gais, 1640-1790*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, 503 p.
- VEIGA, Manuel Eduardo da Mota, *Esboço histórico-literário da Faculdade de Theo-logia*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872.
- ANÓNIMO, *Assertions des Jésuites*, vol. 2 du Recueil par ordre de dates de tous les arrêts do Parlement de Paris, P. G. Simon, 1766; 8 vol.

---

-38). De facto, só mais tarde, a meados do séc. XIX, a Academia fez o elogio oficial de Figueiredo, por Levy Maria Jordão, como referimos noutra parte deste trabalho.

<sup>72</sup> Esta obra apareceu no contexto das disputas entre os defensores da *Gramática Latina* do Pe. Manuel Álvares, SJ, e os Oratorianos, que defendiam o *Novo Método de Gramática Latina* do Pe. António Pereira de Figueiredo.

## Conclusões

1. Apesar de tantos trabalhos e canseiras para servir o governo de Pombal, Figueiredo morreu pobre, porque não chegou sequer a ser pago pelos trabalhos que fazia nos cargos governamentais. Por isso, depois da morte de D. José, dirigiu uma petição à rainha D. Maria I, a pedir, não para ele, mas para a sua família, que era pobre, sobretudo irmãos e vários sobrinhos, alguma ajuda oficial. A propósito, lembra as muitas obras que escreveu ou traduziu (BNP, Res. Ms Cx. 13, n.º 9). No documento diz-se: “Foi copiado do próprio original”.

2. Uma questão que nos fica no ar é a seguinte: Como pôde Figueiredo abarcar tantos domínios do saber e sobretudo escrever obras das mais variadas tipologias, com tanta segurança, convicção e autoridade? Se não era um génio, não andava muito longe disso.

3. Uma outra questão importante: Como foi possível que um homem com esta personalidade se deixasse conduzir na vida pelas ideias dos livros que lia, sobretudo acerca do jansenismo e regalismo? Ficamos um pouco com a impressão de que Figueiredo foi vítima das ideias do seu tempo, sem deixar a marca das suas próprias ideias, da sua própria filosofia de vida e de pensamento; numa palavra, sem a sua própria mundividência. O que lhe ficou certamente foi a convicção firme na sua fé cristã, que manteve até ao fim, apesar de algumas divergências com a ortodoxia da Igreja do seu tempo.<sup>73</sup>

4. É enorme a produção literária, teológica e cultural do Pe. António Pereira de Figueiredo:

- *Gramática e Latinidade*, 12 obras;
- *Retórica e Eloquência*, 7.
- *História*, 23.
- *Dissertações sobre a História Antiga de Portugal*, 18.
- *Teologia e outras ciências eclesiásticas*, 23.
- *Traduções latinas*, 10.
- *Obras musicais*, 26.
- *Obras de polémica*, 13.
- *Literatura encomiástica*, 19.

<sup>73</sup> Ver SEABRA, João Maria Félix da Costa, *Jansenismo e Regalismo na Obra de António Pereira de Figueiredo*, em *Eborensia* 35, 2005, p. 83-114.

- *Epigramas e inscrições*, 20.
- *Catálogos de obras suas*, 6.
- *Outras obras*, 7.

Segundo estes números, a soma de toda esta produção cultural de Figueiredo atinge o número de 344, incluindo também as suas reedições. É certo que nem todas têm o mesmo valor cultural e bíblico. No entanto, é para causar admiração a qualquer pessoa que tenha um mínimo de conhecimentos acerca da época em que lhe tocou viver. São vários milhares de páginas, numa época em que tudo era escrito à mão e depois passava para tipografias com tecnologia muito primitiva, em relação ao nosso tempo.

5. No que se refere à defesa do caráter sagrado da monarquia portuguesa, não podemos perder de vista que Figueiredo não foi o único que se empenhou nessa batalha em favor do regime pombalino, como afirmamos noutro lugar (cap. 1). Figueiredo, ao mesmo tempo que colocava Pombal e o seu regime no trono do poder e da glória, tentava destronar o Papa dos privilégios que, segundo ele, tinha subtraído aos bispos. Estas teorias defendidas por Figueiredo deixam-nos muitas interrogações acerca do seu saber teológico e bíblico, para não falar da leitura que ele próprio fez das passagens históricas em que se apoiou, quando escrevia sobre assuntos da máxima relevância.

6. Uma conclusão final para deixar claro que, apesar de ter sido um luminar de inteligência, de saber e de produção literária e bíblica no seu tempo, o Pe. António Pereira de Figueiredo continua a ser, talvez, o mais desconhecido entre os grandes vultos da cultura portuguesa do seu século. Alguns – apenas alguns – ainda sabem que ele traduziu a Bíblia para português. Mas o Pe. Pereira de Figueiredo fez isso e muito mais. Este nosso trabalho pretende contribuir, na medida do possível, para fazer justiça a este grande português e grande tradutor da Bíblia para a língua de Camões.<sup>74</sup>

7. Podemos, finalmente, terminar com uma observação certamente pertinente: O Pe. António Pereira de Figueiredo, por meio do grande leque de obras

<sup>74</sup> Com razão afirmava o revisor do *Parvum Lexicon* de Figueiredo, o Desembargador Inácio Barbosa Machado, sobre essa pequena obra: “Para ser grande obra bastara ser produção do mais insigne homem que neste género de estudos conhece o Reino de Portugal (...), obra que, sendo pequena em volume, he muy grande nos frutos, que da sua lição promete aos discípulos das nossas escolas” (em Amadeu Torres, *Parvum Lexicon*, o. c., p. 47-48).



aqui apresentadas, pode, com todo o mérito, considerar-se um reformador; isto, não apenas na cultura humanista portuguesa, mas sobretudo na Teologia. Apesar de não ter os princípios da Teologia católica de hoje, no seu tempo, tentou puxar pela Igreja, levando-a a olhar para novos horizontes, deixando a atitude fixista em que se encontrava.



## Capítulo 26

### **Pe. António Pereira de Figueiredo: catálogo das obras bíblicas**

Depois do que foi dito no capítulo anterior, estamos agora em posição de entrar diretamente na tradução bíblica de Figueiredo. Não devemos esquecer um facto: a projecção que a Bíblia de Figueiredo teve na Igreja e na cultura portuguesas deve-se ao seu real valor, mas também à sua superioridade em relação ao texto da Bíblia de Almeida. A este valor intrínseco acresce a posição de que Figueiredo gozava na Corte portuguesa, como conselheiro teológico de Pombal.

A propósito do teor da sua tradução, não conhecendo as línguas originais, como ele próprio confessa, temos que afirmar, no entanto, que se deixou influenciar demasiado pela Vulgata Latina. Latim sabia ele muito bem. Faltava-lhe saber o contexto e o conteúdo das palavras, não apenas dos textos originais (hebraico, aramaico e grego), mas também da própria Vulgata que utilizou, certamente a edição reformada depois do concílio de Trento. No entanto, o seu português é correto e literariamente muito bom, como é afirmado por todos os autores do seu tempo e posteriores. A Bíblia de Figueiredo é, pois, a 1.<sup>a</sup> tradução portuguesa completa e, ao mesmo tempo, a primeira tradução de uma Bíblia católica na nossa língua.

Depois de termos visto, no cap. 24, algumas ideias gerais sobre a tradução da Bíblia feita pelo Pe. António Pereira de Figueiredo, iremos agora verificar a tradução editada durante a sua vida e, posteriormente, até meados do séc. XX. Frequentemente encontramos-nos com edições, que são reedições de outras, e estas, por sua vez, vão dar origem a novas edições. Trata-se, pois, de edições em cadeia, o que dificulta, por vezes, a identificação de uma determinada obra bíblica, no nosso caso.

Mas, antes da apresentação das edições, seja-nos permitido fazer ainda algumas breves observações pessoais:

1. As edições da Bíblia do Pe. António Pereira de Figueiredo eram pouco práticas para o grande público; ou por se apresentarem em muitos volumes ou

por serem pouco manejáveis devido ao tamanho e peso, neste caso feitos sobretudo para marcar presença numa estante de biblioteca e não para levar numa viagem, por exemplo.

Tendo isto em conta, as Igrejas protestantes e as Sociedades bíblicas, sobretudo a BFBS de Londres, “apoderam-se” desta Bíblia, editando-a em volumes portáteis: umas vezes a Bíblia completa, outras em partes, a que chamaram “porções”, Novos Testamentos, etc. Para que se tornassem portáteis, tiraram-lhe as notas, introduções e outros elementos. Aliás, as Bíblias protestantes nunca tiveram notas ou tiveram muito poucas. A propósito das notas, Lutero tinha afirmado que, lendo a Bíblia com fé, o Espírito Santo inspirava ao leitor (mesmo ignorante em assuntos bíblicos) a verdade do texto em causa. Mas, não querendo entrar nesta problemática, o certo é que, apesar dos princípios hermenêuticos apresentados por Lutero, as Igrejas protestantes preocupam-se em instruir os seus cristãos no estudo da Bíblia, assunto que não é muito frequente na Igreja Católica.<sup>1</sup>

2. Esta obra de Figueiredo é dedicada a D. João, cardeal da Cunha, arcebispo de Évora, que pertencia ao Conselho de Estado do rei D. José, ao qual o autor expõe os motivos que o levaram a tão espinhosa empresa.<sup>2</sup> Esta dedicatória diz-nos também algo do ambiente em que nasceu e cresceu esta Bíblia: sob a proteção de Pombal e de toda Corte do rei D. José. Deste modo, o Pe. Figueiredo – também ele funcionário da Corte – tinha todos os ingredientes políticos e sobretudo económicos para singrar no meio do público português. Este foi um dos fatores do seu sucesso como escritor e como tradutor. Um outro foi, certamente, a sede que o grande público português sentia de um livro que tivesse em si mesmo a palavra de Deus na sua própria língua.

3. A estas edições feitas e / ou editadas, ainda em vida de Figueiredo, seguiram-se inúmeras outras, a maior parte das quais publicadas pelos protestantes, distinguindo-se, como exceção, a que foi corrigida e anotada pelo Pe. Dr. Santos Farinha e editada em três volumes, já nos inícios do séc. XX (1902-1904). Esta foi uma reedição da Bíblia – como católica – com notas de Glaire, Knabenbauer, Lesêtre, Lestrade, Poel, Vigouroux, etc., e com aprovação do Cardeal Patriarca de Lisboa.

<sup>1</sup> Sobre este assunto, ver vol. III desta coletânea: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, p. 68-94.

<sup>2</sup> A dedicatória encontra-se no início do vol. 1 da primeira edição da Bíblia de Figueiredo, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1778.

As notas de Figueiredo tinham sido alvo de críticas, embora algumas vezes sem grande motivo, como afirmamos noutro lugar. Assim, a edição de Santos Farinha corrigiu os possíveis desvios doutrinários do autor da Bíblia, refez as notas e prefácios, assim como os arcaísmos da linguagem de Figueiredo, tornando-se, assim, uma Bíblia de referência. No entanto, as correções do texto poderiam aprofundar-se ainda mais.

A Igreja da Inglaterra, concretamente a BFBS, influenciada pelos protestantes, começou a editá-la já em 1820, a par da Bíblia de Almeida. Basta consultar os catálogos que apresentamos na bibliografia, para nos darmos conta disso. No Brasil, a determinada altura, suplantou mesmo a de Almeida, até que, finalmente, pensaram fazer uma Bíblia que fosse uma espécie de sùmula do melhor que têm as duas. Foi o início da conhecida “Bíblia Brasileira” de que falaremos no próximo volume (vol. VI).

Finalmente, foi abandonada antes de meados do séc. XX, em favor da Bíblia de Almeida, continuamente revista. Não será fácil encontrar os motivos do abandono completo de Figueiredo, pelas Igrejas protestantes.

4. Por seu lado, a Igreja Católica também não “aproveitou” bem a Bíblia de Figueiredo (teve mais edições protestantes que católicas). Esta peça fundamental da tradução da Bíblia em Portugal e da nossa cultura comum foi “arrecadada” nas velhas estantes das bibliotecas, como uma peça de museu. A Igreja preocupou-se mais em condenar as edições da mesma, feitas pelos protestantes, do que em explicá-la e entregá-la ao povo católico. Por exemplo, nunca ninguém, em Portugal, depois de Santos Farinha, pensou em revê-la e distribuí-la ao público português, antes que chegasse a do Pe. Matos Soares, nos anos 30 a 50 do século passado, aliás, pior que a de Figueiredo, exceto na atualização do português.

5. O maior problema que teve esta Bíblia foi o abuso que dela fizeram os protestantes, publicando apenas o texto sem as suas notas, que eram parte integrante da mesma; pior ainda, quase sempre eliminaram os Dêutero-canônicos, a que chamam “Apócrifos” (Tobite, Judite, parte de Ester, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc e 1 e 2 Macabeus, partes de Daniel), que também foram por ele traduzidos. E a Sociedade Bíblica de Londres foi aquela que mais “deturpou” a Bíblia de Figueiredo, neste sentido. Por outro lado, se não fossem as Sociedades Bíblicas protestantes, sobretudo a BFBS de Londres, a Bíblia de Figueiredo ficaria apenas nas mãos da Igreja Católica e duvido que tivesse o êxito obtido nas mãos do povo protestante.

No capítulo anterior já apresentávamos os títulos das diferentes edições da Bíblia do tradutor português. Agora toca-nos apresentar um “Catálogo” das mes-

mas, com os respetivos volumes. Por ser uma versão em português mais recente, foi considerada melhor que a de Almeida, apesar de não ter sido baseado nos idiomas originais. Note-se que a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira editou as revisões de 1821 (completa) e 1828 (sem os Apócrifos / Déutero-canónicos). A Sociedade Bíblica de Portugal foi fundada em 1835 e distribuiu essa, além da versão de Almeida. Foi bem acolhida por católicos e protestantes.

Como apresentámos, no fim do cap. 24, o esquema geral da tradução da Bíblia pelo Pe. António Pereira de Figueiredo, dispensamo-nos de o repetir, começando imediatamente a apresentar as primeiras edições, além de muitas outras, publicadas depois da sua morte. Informamos ainda que o autor, na primeira edição, começa pelo Novo Testamento; mas, nas seguintes, segue a ordem lógica da cronologia, começando pelo Antigo Testamento.<sup>3</sup>

6. Uma última observação: António Pereira de Figueiredo, depois de ter conhecimento da modificação que Bento XIV fez à famosa “Quarta Regra” do concílio de Trento, onde proibia a leitura da Bíblia nas línguas vulgares, exceto se se tivesse licença do bispo ou dos inquisidores (13.07.1757), diz que recebeu uma boa notícia de Roma:

“No ano seguinte de 1758, recebi eu uma carta de Roma do Reverendo Padre Francisco Pozzo da Congregação do Oratório (hoje defunto), na qual ele, juntamente com a notícia que me dava da recente publicação deste decreto, me informava também do grande gosto e aplauso com que fora recebido de toda a Cúria. Tanta era a impaciência com que todos desejavam esta permissão! Tanto o proveito que dela esperavam todos!” (*Prefação Geral a toda a Sagrada Bíblia*, p. 94).

Foi a partir deste decreto do papa Bento XIV que Figueiredo teve a iniciativa de fazer também a sua tradução da Bíblia para a nossa língua.<sup>4</sup>

Vamos agora apresentar as edições católicas e protestantes por ordem cronológica, a fim de podermos verificar em que séculos esta Bíblia foi mais ou menos editada. Iniciamos por um esquema das diferentes edições, que nos oferece, não apenas as edições da Bíblia completa, mas também as diferentes “porções” ou partes dela, tal como foram editadas, o que é interessante do ponto de vista editorial.

<sup>3</sup> Ver Inocêncio I, p. 229-230, para as edições da Bíblia de Figueiredo.

<sup>4</sup> Seguidamente, Figueiredo fala da edição do bispo Martini que foi oferecida a Pio VI e do Breve do mesmo papa a agradecer esta tradução em língua vulgar. Fala ainda dessa Bíblia de Martini editada em Turim, 1769 e da de Felipe Scio de San Miguel de Valença 1791. Foi neste contexto que nasceu e cresceu a Bíblia de Figueiredo.

- 26.1. Edições da Bíblia durante a vida de Figueiredo e revistas por ele
  - 26.1.1. Primeira edição
  - 26.1.2. *Segunda Impressão mais correcta no Texto, e accrescentada nas Notas* (1781)
  - 26.1.3. *Segunda Impressão revista e retocada pelo mesmo autor* (1782 [Salmos], 1791-1804)
  - 26.1.4. “*Edição Nova*” e definitiva do autor (1794-1819)
- 26.2. Edições da Bíblia depois da sua morte
  - 26.2.1. Bíblias completas
  - 26.2.2. Antigo Testamento e suas partes (“porções”)
  - 26.2.3. Novo Testamento e suas partes
  - 26.2.4. Outras obras

## **26.1. Edições da Bíblia durante a vida de Figueiredo e revistas por ele**

### **26.1.1. Primeira Edição**

O Pe. António Pereira de Figueiredo iniciou a tradução completa da Bíblia pelo Novo Testamento, porque, certamente, esta parte era a mais esperada pelo público católico. A tradução total já estava terminada em 1772, como se pode constatar pela Dedicatória que ele faz ao Cardeal da Cunha, arcebispo de Évora († 1773). No entanto, a impressão foi feita apenas em 1778, “não por culpa do autor, mas por infelicidade” (Prólogo, de 8 de janeiro, 1778).

**Novo Testamento** (1778-1781) – 6 volumes

#### **Título geral**

- *O Novo Testamento de Jesu Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata, com várias anotações históricas, dogmáticas, e moraes, e apontadas as diferenças mais notáveis do original grego. Por António Pereira de Figueiredo, deputado ordinário da Real Meza Censoria, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1778-1781; 17x10,5 cm.*

#### **Caraterísticas**

Apresenta o texto corrido, com muitas notas; frontispício próprio para cada livro bíblico; letra capitular ornamentada no início de cada livro, a 5 linhas, e maiúscula, a 2 linhas, ao princípio de cada capítulo. Cada capítulo tem uma breve introdução em itálico; no fim, há um índice pormenorizado dos capítulos.



Os vol. 1-4 dizem: “Vende-se na loja da Viúva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros junto à Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, ao Xiado em Lisboa”. Estes dizeres mantêm-se nos vol. 5 e 6, mas sem a expressão “de Nossa Senhora”.<sup>5</sup>

### Descrição de cada volume

1778. 1.º vol., *Evangelho de São Marcos e São Mateus*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1778; dedicado *Ao eminentíssimo... Senhor D. João, Cardeal da Cunha, Arcebispo Metropolitano d’Evora...*; 7 fol. (prefácio e índice do conteúdo dos capítulos); XIII-LXXV, 355 p.

1778. 2.º vol., *Evangelhos de São Lucas, e S. João*, ib., mesmo impressor, 1778; XVI, 384 p.

1779. 3.º vol., *Actos dos Apóstolos e Romanos*, ib., mesmo impressor, 1779; XXXVI, 398 p.<sup>6</sup>

1779. 4.º vol., 1 e 2 *Coríntios, Gálatas e Efésios*, ib., mesmo impressor, 1779; 305 p.

1780. 5.º vol., *Filipenses; Col; 1 e 2 Tes; 1 e 2 Tim; Tit; Film; Heb*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1780; 290 p.<sup>7</sup>

1781. 6.º vol., *Epístolas de S. Tiago, de S. Pedro, de S. João, e o Apocalipse*, ib., mesmo impressor, 1781; 338 p.

### 26.1.2. Segunda Impressão mais correcta no Texto e acrescentada nas Notas (1779-1781)

#### Novo Testamento – 6 volumes

Esta edição parcial tem as mesmas características que a anterior, sendo diferente dela apenas nos vol. 1 e 2 – os que contêm os Evangelhos – pois foram revisitos e levam no título “Segunda impressão mais correcta no Texto e acrescentada nas Notas”. Também diferem, naturalmente, no número de páginas, e os dois foram reimpressos em 1781, pois devem ter-se esgotado os exemplares da 1.ª edição, e Figueiredo, ao reimprimi-los, fez logo as correções que achou necessárias. Os outros volumes (3-6) são precisamente iguais aos da 1.ª edição. Por este motivo,

<sup>5</sup> As notas de rodapé das duas primeiras edições foram condenadas pela Igreja, em Roma, que ele corrigiu, mais tarde, na edição de sete volumes, que veremos mais abaixo.

<sup>6</sup> Este volume tem uma Prefação geral a todas as Cartas de Paulo (xx p.); seguem-se depois os índices.

<sup>7</sup> Os volumes 4.º e 5.º encontram-se na BEP.

frequentemente, as bibliotecas apresentam os volumes destas duas edições conjuntamente, como se de uma única edição se tratasse, o que não é muito correto (ver Darlow, 7481). Apresentamos os 2 volumes diferentes (os únicos):

1781. 1.º vol., *O Novo Testamento de Jesu Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata, com várias anotações históricas, dogmáticas, e moraes, e apontadas as diferenças mais notáveis do original grego. Tom. I. Que comprehende os Evangelhos de São Mateus e de São Marcos. Segunda Impressão mais correctta no Texto, e accrescentada nas Notas*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1781; 7 fol. (título e dedicatória); XV-LXXV (Prefácio e índice); texto (355 p.); 16,5x10 cm.<sup>8</sup>

1781. 2.º vol., *O Novo Testamento de Jesu Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata, com várias anotações históricas, dogmáticas, e moraes, e apontadas as diferenças mais notáveis do original grego. Tom. II. Que comprehende os Evangelhos de S. Lucas, e S. João. Segunda Impressão mais correctta no Texto, e accrescentada nas Notas*, Lisboa, Régia Officina Tipográfica, 1781; XVIII, 395 p.; mesmas medidas do vol. anterior.

### Principais bibliotecas onde se encontra

BNP, R. 24205 P. - 24210 P.; BPB, R. 7038 A. - 7043 A.: vol. 1- 6; R. 7310 A.: vol. 2; Darlow, 7480; BL, 1408.g.10-15; BPG, n.º 4688: vol. III, IV, V e VI; BPMP, A²-7-3 (1-23): AT e NT; BSS, 213.D81.1-6; SMS; BAJUDA, 2-I-31-36; BNRJ, 147, 4, 1-5; BPE, S. N. XL II/2 [ficha manual que diz haver 6 tomos repetidos de Lisboa, 1781]; FacFil: vol. 1-3; DB: vol. II (1781) e V-VI; CBAP, n.º 251: vol. VI; CBUA, RS/A-18-144V.6: vol. VI; MB, V-378,2,1: vol. I-III; BGUC, J.F.-37-1-8/13; BOCD; BPARPD, EC/A AR.12 A/197 Res - 202; EC AR.7 A/53 Res - 54; WorldCat; BS das Missões de Cernache do Bonjardim).<sup>9</sup>

### Antigo Testamento (1782-1790) – 17 volumes

Tal como tinha feito para o Novo Testamento, editando-o, em primeiro lugar, por ser mais esperado pelo público, o mesmo procedimento seguiu Figueiredo, ao iniciar a tradução do Antigo pelos Salmos. Este livro da Bíblia foi impresso em dois volumes em 1782 (vol. IX e X). Era certamente o mais neces-

<sup>8</sup> Darlow, 7481, afirma que este volume não é uniforme com os outros volumes, que estão ligados uniformemente com a primeira cópia. Outra cópia deste volume impresso por BFBS. Tem a mesma dedicatória “Ao eminentíssimo... Senhor D. João, Cardeal da Cunha”, como tinha o volume da 1.ª edição.

<sup>9</sup> As bibliotecas consultadas não distinguem, infelizmente, os volumes da 1.ª edição desta “segunda impressão...”. No entanto, colocamos aqui as bibliotecas onde consta a presença dos mesmos.

sário, o que é compreensível, pois é o livro da oração por excelência de judeus e cristãos. É isto e muito mais o que afirma o tradutor na introdução ao 1.º volume do Saltério desta 1.ª edição.

### Título geral

- *Testamento Velho, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina, illustrado de Prefações, Notas, e lições variantes, por António Pereira de Figueiredo, deputado ordinário da Real Meza Censoria*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica e outras, 1782, 1783-1790; 17 vol.; 17x10,5 cm.

### Caraterísticas

Tem um índice dos capítulos e dos livros; breve introdução no início de cada capítulo, em itálico; letra capitular ornamentada, de 3 linhas, no início de cada livro; vinhetas e texto corrido, com muitas notas. Os volumes foram impressos em diferentes tipografias, como se pode ver abaixo.

### Descrição de cada volume

1783. 1.º vol., *Génesis*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1783; X, XVIII, 376 p.
1784. 2.º vol., *Êxodo e Levítico*, ib., mesmo impressor, 1784; XI, VII, 455 p.
1785. 3.º vol., *Números e Deuteronomio*, ib., mesmo impressor, 1785; XI, 484 p.
1786. 4.º vol., *Josué, Juizes, Rute*, ib., mesmo impressor, 1786; VI, III, 329 p.
1786. 5.º vol., *1 e 2 Samuel*, ib., mesmo impressor, 1786; X, 365 p.
1786. 6.º vol., *1 e 2 Reis* [3 e 4 Reis], ib., Oficina António Gomes, 1786; XVI, 414 p.
1786. 7.º vol., *1 e 2 Crónicas* [1 e 2 Paralipómenos], ib., mesmo impressor, 1786; XXI, 424 p.
1787. 8.º vol., *Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Ester e Job*, ib., Régia Oficina Typográfica, 1787; XVI, 589 p.
1782. 9.º vol., *Livro dos Salmos ou Saltério. Salmos I-LXVII*, ib., mesmo impressor, 1782; CIX, 258 p.
1782. 10.º vol., *Salmos LXVIII-CL*, ib., mesmo impressor, 1782; 326 p.;
1787. 11.º vol., *Provérbios, Ecclesiastes, Cântico dos Cânticos*, ib., mesmo impressor, 1787; XI, VI, 268 p.

1787. 12.º vol., *Livro da Sabedoria, Ecclesiástico*, ib., mesmo impressor, 1787; XI-XXIII, 269-639 p.
1788. 13.º vol., *Isaiás*, ib., Oficina António Gomes, 1788; XVI, 495 p.
1789. 14.º vol., *Jeremias, Lamentações, Profecia de Baruc*, ib., Régia Oficina Typográfica, 1789; XV, 517 p.
1789. 15.º vol., *Ezequiel*, ib., Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1789; XI, V, 399 p.
1790. 16.º vol., *Daniel – Malaquias*, ib., mesmo impressor, 1790; XVIII, XI, 535 p.
1790. 17.º vol., *1 e 2 Macabeus*, ib., Régia Oficina Typográfica, 1790; XI, 387 p.; no fim deste volume lê-se: “Fim do Velho Testamento”.

### O Saltério

Figueiredo valorizou sobremodo o *Saltério*, não somente porque lhe dedicou dois volumes, mas também lhe incluiu vários prólogos. Foi precisamente por este livro bíblico que ele iniciou a tradução do Antigo Testamento, como já se disse. Começa por afirmar que está com a saúde muito debilitada e com receio de não conseguir terminar a tradução do Antigo Testamento. Mas, se não a puder terminar, ficarão traduzidos, pelo menos, os Salmos, afirmando:

“ (...) ao menos, na tradução do Saltério, darei ao nosso povo um excelente resumo do que se contém no Testamento Velho. Porque, dividindo-se este em três classes de livros, uns Históricos, outros Proféticos, outros Morais, de todas as três encerra em si o Saltério o que é como o suco mais substancial e mais delicioso de cada uma (...). Ali tudo está cheio de profecias, as mais sublimes, tocantes a Jesus Cristo e à Igreja. Que, por isso, mais do que de nenhum outro livro da Escritura é que Jesus Cristo e os Apóstolos tiraram as autoridades e as provas para estabelecerem a Religião Evangélica (...)”.

No fim, acrescenta:

“Comecei a tradução do Saltério a 22 d’Outubro de 1779 e acabei-a a 12 de Janeiro de 1780. Seja Deos bemdito para sempre. António Pereira de Figueiredo”.

### Título completo

- Tomo IX (1.º vol. do Saltério): *Testamento Velho, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina, Illustrado de prefações Notas, e Lições variantes por António Pereira de Figueiredo Deputado ordinário da Real Meza Censória Tom.*

*IX. Que contém os Salmos desde I até LXVII, inclusive*, Lisboa, Régia Officina Tipográfica, 1782. Com licença da sobredita Real Meza.

O tradutor coloca seguidamente perante o leitor vários “Prolegómenos”, atribuindo, portanto, especial valor e importância a este livro de oração da Bíblia. São os seguintes:

*Prolegómeno I*: “Etimologia de Salmo e de Saltério; em quantas partes o dividem os hebreus; quem foi o seu compilador; a sua ordem” (p. IV-XV).

*Prolegómeno II*: “Do texto original e das antigas versões dos Salmos” (p. XVI-XXXVII).

*Prolegómeno III*: “Dos títulos dos Salmos” (p. XXXVI-L).

*Prolegómeno IV*: “Dos autores dos Salmos” (p. L-LIX).

*Prolegómeno V*: “Se os Salmos foram originalmente compostos em verso... Da música dos Hebreus; Da Nota que chamam *Diapsalma*” (p. LIX-LXVIII).

*Prolegómeno VI*: “Do poético e sublime estilo dos Salmos. Produzem-se algumas passagens das mais belas, valentes, que neles se acham; Análise do Salmo CXXXVIII, pelo Senhor Abade Fleury” (p. LXIX-LXXXIX).

*Prolegómeno VII*: “Extrato das grandes utilidades que, particularmente, traz consigo a lição dos Salmos, tirado da célebre Carta de Santo Atanásio, arcebispo de Alexandria, a Marcelino” (p. LXXXIX-CVII).

*Prolegómeno VIII*: “Dos socorros de que me vali na tradução do Saltério” (p. CVII-CIX).

Aqui apresenta o texto da Vulgata anotada por Bossuet, Paris, 1743; uma *Enarratio* dos Salmos por Santo Agostinho; O Saltério das edições Romana e Galicana; a versão francesa de Sacy, a partir da Vulgata e do hebraico, t. II da edição de Bruxelas, 1700; a versão francesa com comentários de Calmet, t. IV da edição de Paris, 1724; a versão francesa de Le Gros sobre o hebraico, t. III, Bruxelas, 1757; a versão francesa de Carrières, t. VII, em latim e francês, Avinhão, 1767-1770, “com prefações, dissertações e notas curiosíssimas e importantíssimas”; o Breviário Romano em latim e francês, Paris, 1688.

E termina, dizendo:

“Ainda que tinha sempre à vista as referidas edições, de nenhuma me apropriei e a nenhuma me liguei. Os que cotejarem com todas elas a minha, verão quanto eu pus da minha casa” (p. CIX).

Seguem-se os Salmos (1 - 67); cada um inicia com uma letra capitulada artística a 2 linhas; todos com uma breve introdução; alguns com muitas notas de rodapé e variantes; em texto corrido (258 p.).

- Tomo X. Este 2.º volume dos Salmos (Sl 68-150) é apresentado do mesmo modo e saiu no mesmo ano (326 p.).

### Principais bibliotecas onde se encontra

BNP, Bib. 1 P. - 17 P.; TR. 3211 P. - 3212 P.: vol. 9-10; Darlow 7484 (AT); ib., 7482: vol. 9-10 (Salmos); BNRJ, 001E,002,001-014; 001E,001,003 (Salmos); BSS, 213.D90.1-17; BEP, 8341-17-6; WorldCat; BPARPD, RES- EC7515-7531 (16 vol.); CBAP, n.º 241: vol. 1-2, 4, 8-10; FacFil: vol. 1-9, 12-13, 15-17; SMS: vol. 2-3, 9-11, 13-14, 16-17; BPMP, Y3-1-98: vol. 7; Y3-2-46: vol. 13; V3-7-15: t. II; Y3-2-71: t. 8; BSM Cernache do Bonjardim: vol. 1-2, 5-7, 9-12, 16-17; DB: vol. 9-10; BMSTR, 23/3/16-17: vol. 9-10; MB: vol. 1-4; BM de Mação; BCapP: vol. 1-8 e 11-16; BPB, R. 6952 A.: vol. 1; R. 6959 A. - 6965 A.: vol. 8-14; R. 7045 A. - 7049 A.: vol. 12-13, 15-17; R. 7062 A. - 7063 A.: vol. 1-2; R. 7120 A. - 7127: vol. 3-11; R. 7296 A.: vol. 12; R. 7313 A. - 7325 A.: vol. 3-16; BNM, 2/25422-44 (Antigo e Novo Testamento: 1779-1801).<sup>10</sup>

### 26.1.3. *Segunda Impressão revista e retocada pelo mesmo autor*

(1782 [Salmos], 1791-1804) – 17 volumes

#### Antigo Testamento

#### Título geral

- *Testamento Velho, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina, ilustrado de prefações, notas, e lições variantes, por António Pereira de Figueiredo... Segunda Impressão revista e retocada pelo mesmo autor*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica e outras, 1782, 1791-1804.

Nos vol. 1-4, acrescenta-se ao título: "...deputado da Real Meza da Comissam Geral sobre o exame, e censura dos Livros (...). Com licença da sobredita Real Mesa". Os restantes volumes dizem: "Com licença da Mesa do Desembargo do Paço e Privilégio Real"; 17 volumes; 16,5x10,5 cm. A edição dos Salmos (vol. 9 e 10) são uma reimpressão de 1782. Os outros volumes têm várias datas entre 1791-1804. No fundo, trata-se da *segunda edição* da sua tradução, com os mesmos volumes, várias datas e tipografias, como acontecia na 1.ª edição.

<sup>10</sup> Pelas datas da edição da Biblioteca Nacional de Madrid deve haver volumes da 1ª e 2ª edição.

## Caraterísticas

Cada volume tem um índice no início, para cada livro e capítulo, e uma Prefação ao respetivo livro; tem muitas notas, texto corrido, frontispício próprio para cada livro bíblico; letra capitular a negrito no início de cada livro, a 3 linhas, e maiúscula a 2 linhas também no início de cada capítulo. A maior parte dos volumes foram editados na Real Oficina Tipográfica; apenas os vol. 12, 16 e 17 o foram na Oficina de Simão Tadeu Ferreira. Em todos os volumes desta edição se diz: “Vende-se na loja da Viúva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros, junto á Igreja dos Martyres ao Xiado em Lisboa”.

## Descrição de cada volume

- 1.º vol., *Génesis*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1791; X, XVII, 357 p.
- 2.º vol., *Êxodo, e o Levítico*, ib., mesmo impressor, 1791; XII, VII, 441 p.
- 3.º vol., *Números e Deuteronomio*, ib., mesmo impressor, 1792; 468, XI p.<sup>11</sup>
- 4.º vol., *Josué, Juízes e Rute*, ib., mesmo impressor, 1793; VIII, III, 329 p.
- 5.º vol., *I e II Livro dos Reis* [1 e 2 de Samuel], ib., mesmo impressor, 1795; X, III, 377 p.<sup>12</sup>
- 6.º vol., *III e IV Livro dos Reis* [I e II dos Reis], ib., mesmo impressor, 1796; XVI, 397 p.
- 7.º vol., *Os Dous Livros dos Paralipómenos*, ib., mesmo impressor, 1797; XIV, VI, 392 p.
- 8.º vol., *Esdras, Nehemias, Tobias, Judith, Esther, e Job*, ib., mesmo impressor, 1798; XVI, XIV, 588 p.
- 9.º vol., *Salmos I-LXVII*, ib., mesmo impressor, 1782; CIX, 258 p.
- 10.º vol., *Salmos LXVIII-CL*, ib., mesmo impressor, 1782; 326 p.
- 11.º vol., *Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos*, ib., mesmo impressor, 1799; XI, VI, 375 p.

<sup>11</sup> Este volume tem o índice no fim.

<sup>12</sup> Numa edição encontrada na BPB, viu-se um volume V deste mesmo ano (1795), que não tem indicação de “Segunda Impressão revista e retocada pelo mesmo autor”; será uma reedição da 1.<sup>a</sup> sem indicação disso, talvez por esquecimento, pois tem as mesmas caraterísticas e paginação da *Segunda Impressão* revista... (BPB, R. 7265 A.).



12.º vol., *Sabedoria e Eclesiástico*, ib., Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1799; XV, 556 p.

13.º vol., *Isaias*, ib., Régia Oficina Typográfica, 1800; X, XVI, 478 p.

14.º vol., *Jeremias e Baruch*, ib., mesmo impressor, 1802; XV, IV, 465 p.

15.º vol., *Ezequiel*, ib., mesmo impressor, 1803; XV, V, 361 p.

16.º vol., *Daniel e os Doze Profetas Menores*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1803; XVIII, XI, 545 p.<sup>13</sup>

17.º vol., *1 e 2 Macabeus*, ib., mesmo impressor, 1804; XV, VI, 391 p.<sup>14</sup>

### Principais bibliotecas onde se encontra

DB: vol. 2-8; 12-17; BPB, R. 7274 A. - 7277 A.: vol. 14-17; R. 7109 A.: vol. 6; R. 7261 A. - 7268: vol. 1-4; 6-8; R. 7309 A. - 7312 A.: vol. 1-4; WorldCat; Darlow, 7486; Dewey, 221.47; BSS, 213.E04.1-17 e E04.18; BNF, A-5271 - Tolbiac: vol. XIII; SMS: vol. 2-8; 15; BPARPD, NC14-29 RES - NC19-34 (16 vol.), falta vol. 13; BPMP, Y3-2-44: vol. 12; BPG, n.º 4689: vol. 2-6; 11-17; BAJUDA: 2-I-14 a 30; BGUC, J.F.-37-1-14/30; BPNM, 2-1-5-4/20; BSM Cernache do Bonjardim: vol. 1-8; 11; 13-15; BNRJ, 146, 3, 2-16; BJPII, 22.05=690 Fig/2; CBAP, n.º 242: vol. 7 e 13).<sup>15</sup>

**Novo Testamento** (1801-1805) – 6 volumes.

*Segunda impressão revista e retocada pelo mesmo autor.*<sup>16</sup>

### Título geral

- *Novo Testamento, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina, illustrado*

<sup>13</sup> Profetas Menores: Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naúm, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

<sup>14</sup> Esta edição termina com “Advertência e oração do tradutor” (p. 535). Aí afirma que “Foi Deus servido que eu acabasse esta versão dos Profetas no dia de hoje, 10 de fevereiro de 1790. Por tudo, sejam dadas ao Senhor infinitas graças e eternos louvores... Lembra-te de mim Deus Meu, para bem, em atenção a tudo o que eu fiz em proveito deste vosso povo (Ne 5,19)”.

<sup>15</sup> Na ficha da BGUG, este AT é datado de 1782-1791; na nota diz “Os vol. 1 a 3 são da 2.ª edição. Impressor dos vol. 6, 7 e 13: Oficina de António Gomes. Impressor dos vol. 15 e 16: Oficina de Simão Tadeu Ferreira”; portanto há uma mistura de volumes da 1.ª edição e da 2.ª; para o exemplar da BNRJ, ver *Annaes da Bibliotheca...*, p. 195.

<sup>16</sup> Esta chamada “impressão”, como é *mais correcta no Texto, e accrescentada nas Notas*, para nós trata-se de uma nova edição, a 2.ª, como, aliás, referem os Catálogos Darlow and Moule e o Catálogo das Obras Impressas de Figueiredo, 1800.

*de Prefações, Notas e lições variantes, por António Pereira de Figueiredo. Segunda Impressão revista, e retocada pelo mesmo Author*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1801-1805; 6 vol.; 17,5x11 cm.

Os livros do Novo Testamento apresentam as mesmas características do Antigo. Os volumes dos Evangelhos (1.º e 2.º) são uma 3.ª edição. Todos foram impressos na Oficina de Simão Tadeu Ferreira.

### Descrição de cada volume

1805. 1.º vol., *O Primeiro e Segundo Livro de S. Matheus, e S. Marcos*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1805; XVIII, 442 p.
1805. 2.º vol., *O Terceiro, e Quarto Livro de S. Lucas e S. João*, ib., mesmo impressor, 1805; XIX, 471 p.
1801. 3.º vol., *Actos dos Apóstolos, e a Epístola de S. Paulo aos Romanos*, ib., mesmo impressor, 1801; XVIII, VI, 416 p.
1802. 4.º vol., *Epístolas de S. Paulo aos Coríntios, Gálatas, Efésios*, ib., mesmo impressor, 1802; XVI, VI, 301 p.
1802. 5.º vol., *Epístolas de S. Paulo aos Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, a Timóteo, a Tito, a Filémon, aos Hebreus*, ib., mesmo impressor, 1802; XVI, II, 298 p.
1803. 6.º vol., *Epístolas de S. Tiago, S. Pedro, S. João, S. Judas, Apocalipse*, ib., mesmo impressor, 1803; XV, V, 353 p.

### Bibliotecas onde se encontra

BNP, Bib. 547 P. - 551 P. (falta o vol. 1); BPMP, A'7-3 (1-23): AT e NT; BL, 3006.ppp.1.: AT e NT: FacFil: vol. 6; Darlow, 7487; DB: 6 vol.; BSS, 213. E05.1-6; Princeton Theological Seminary Libraries, BS275.5 1801; WorldCat; BSM de Cernache de Bonjardim: vol. 4; BNRJ, V-019,01,19-20; BPARPD, NC 30 Res - 35; BPNM, 2-1-5-21/26; BPB, R. 7278 A.; R. 7281 A. - 7282 A.: vol. 1, 5, 6).<sup>17</sup>

### Outras edições

Na Biblioteca Pública de Braga, constámos que a *Segunda Impressão revista e retocada pelo mesmo autor* foi reeditada depois da “Edição Nova”, feita ainda por Figueiredo, como terceira impressão:

<sup>17</sup> Nesta biblioteca o vol. 1 é da 2.ª impressão do NT.

## Antigo Testamento

1808. 9.º vol., Sl 1-67, Lisboa, Oficina João Rodrigues Neves, 1808; com licença do Desembargo de Paço (R. 7269 A.).

1808. 10.º vol., Sl 68-150, ib., mesmo impressor, 1808 (R. 7270 A.).

1851. 11.º vol., Pr; Ecl.; Cant. *Terceira impressão*, ib., Typ. de José Baptista Morando, 1851 (R. 7271 A.).

1849. 12.º vol., Sab; Ecli. *Terceira edição, feita sobre a segunda revista e retocada pelo mesmo Author*, ib., mesmo impressor, 1849 (R. 7272A.).

1861. 13.º vol., Isaías. *Terceira impressão*, ib., mesmo impressor, 1861 (R. 7273 A.).

## Novo Testamento

1829. 3.º vol., *Actos dos Apóstolos, e a Epístola de S. Paulo aos Romanos. Terceira Impressão revista e correcta pelo mesmo autor*, Lisboa, Viúva Neves e Filhos, 1829; XVIII, VI, 382 p.; 17x11,5 cm (BPB, R. 7179 A.).

1850. 4.º vol., *Cor, Gal e Ef. Terceira Edição, feita sobre a segunda, revista e retocada pelo mesmo Author*, Lisboa, Typ. José Baptista Morando, 1850; XVI, V, 270 p.; 17x11,5 cm (BPB, R. 7280 A.).

Na BAJUDA há um exemplar com um título um pouco diferente:

- *Bíblia Sagrada, traduzida em português segundo a Vulgata Latina, ilustrada com prefácões, notas e lições variantes, em 17 volumes, com a 2.ª edição revista e aperfeiçoada pelo tradutor*, publicados nos anos 1791 a 1803.

### 26.1.4. “Edição Nova” (1794-1818/1819) – 7 volumes

#### Título geral

- *A Bíblia Sagrada, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina illustrada com Prefações, Notas, e Lições Variantes. Dedicada a El Rei, Nosso Senhor, por António Pereira de Figueiredo, Official que foi das Cartas Latinas de Secretaria d’Estado e Deputado da Real Meza da Conmissão Geral sobre o Exame e Censura dos livros...*, Lisboa, Oficina da Viúva Neves e Filhos. Com licença da Meza de Desembargo do Paço e Privilégio. Vende-se na Loja da Viúva Bertrand e Filhos, aos Martyres, 1794-1818/1819; 26,5x20 cm.

## Caraterísticas

Esta edição – a definitiva de Figueiredo – teve uma revisão completa, com as últimas correções do tradutor e com a adição do texto da Vulgata Latina. Está, portanto, em duas colunas, apresentando o texto latino, em caracteres menores que o português, lado a lado, de modo que, vendo as duas páginas abertas, o latim fica sempre no centro e o português nas margens exteriores; não há filete a separar as colunas do texto, embora as notas já o tenham; estas são geralmente muito abundantes, chegando a ocupar meia página; nas margens laterais, ao lado do texto em português, encontram-se as referências ou lugares paralelos. Com prefácios a cada livro da Bíblia, que não ocupam mais de uma ou duas páginas; cada capítulo tem sempre uma breve introdução em itálico de várias linhas. No início, apresenta um Prefação Geral a toda a Bíblia. Assim fala o próprio Figueiredo acerca desta edição:

“E deverá também (se Deos Nosso Senhor assim o quiser) esta minha obra em Língua Portuguesa da segunda Edição a qual *agora sai incomparavelmente mais correcta e aumentada que a da primeira; e com razão se pode ter e estimar por uma nova versão*” (sublinhado nosso).

Além do texto latino, que acompanha a tradução portuguesa, muitos textos e notas foram retocados pelo autor. Próprio desta edição é o título do tomo I, presente num belo frontispício, com a figura de Moisés, típica do Antigo Testamento, e a de Cristo Ressuscitado com a cruz, figura central do Novo. Ao fundo, três figuras alegóricas das virtudes teologais: Fé, Esperança e Caridade. Eis as palavras do frontispício:

*BÍBLIA / SAGRADA / traduzida em Portuguez segundo a Vulgata Latina / Illustrada com Prefações, Notas e Lições Variantes / Dedicada / AO PRÍNCIPE NOSSO SENHOR / POR ANTÓNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO / Deputado da Real Meza da Comissão / Geral sobre o Exame e Censura dos Livros / EDIÇÃO NOVA / Pelo Texto Latino que se lhe ajuntou, e pelos / muitos lugares que vão retocados na Tradução / e Notas / TOM. I / Que contém o Pentateuco. LISBOA, MDCCXCIV [1794]. Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Com licença da sobredita Real Meza e Privilégio. Vende-se na Loja da Viúva Bertrand e Filhos, aos Martyres.*

Em página paralela ao frontispício, encontra-se o retrato do futuro D. João VI legendado com as palavras “JOANNES BRASILIAE / PRINCEPS”.

Segue-se uma grande dedicatória ao mesmo Príncipe, com o título seguinte:

“A SUA ALTEZA REAL / O PRÍNCIPE DO BRASIL / D. JOÃO / NOSSO SENHOR, / PIO, MAGNÂNIMO VENTUROSO, BEM AMADO. (Assinatura) Antônio Pereira de Figueiredo” (p. I-II).

Segue-se a *Prefação Geral a toda a Sagrada Bíblia por Antônio Pereira de Figueiredo*, feita em 1794, 3 anos antes da sua morte (95 páginas). Termina com o Breve de Pio VI dirigido ao arcebispo italiano, Martini, louvando-o pela sua tradução do latim para italiano. Segue-se imediatamente a “Prefação ao livro do Gênesis” (p. 96-98).

Esta grande *Prefação Geral a toda a Sagrada Bíblia* está dividida em quatro partes e estas em capítulos:

Parte Primeira: “Da divina autoridade dos Livros Canônicos”: quatro capítulos (p. 5-34).

Parte Segunda: “Da inspiração e infalibilidade dos autores canônicos”: três capítulos (p. 34-49).

Parte Terceira: “Da autoridade e autenticidade da Vulgata Latina”: quatro capítulos (p. 49-78).

Parte Quarta: “Da utilidade que todos podem tirar da lição da Sagrada Escritura”: quatro “Provas” (p. 79-95).

Estas características são as marcas essenciais desta última e definitiva edição trabalhada pelo próprio autor, antes da sua morte, mas que acabou de ser impressa apenas em 1819; foi considerada a versão-padrão de Figueiredo: *4.<sup>a</sup> edição*; portanto, é uma “editio typica”, isto é, a mais perfeita. As anteriores, em relação a esta, são uma espécie de edições experimentais. Foi revista em 1902 e 1904 pelo Padre Santos Farinha, que alterou bastante as notas e comentários, purificando-os de tendências regalistas e jansenistas. É a *editio nova*, que continuou a publicar-se. Tem ainda muitos comentários feitos pelo autor, que, não sendo um especialista na Bíblia, se inspirou em traduções francesas do séc. XVII. Curiosamente, Figueiredo apresenta, na margem de algumas páginas, as datas, pretensamente relativas aos acontecimentos aí narrados.<sup>18</sup>

<sup>18</sup> O editor desta Bíblia também faz elogios a D. João V, que teve iniciativas no campo bíblico, ao pedir ao seu plenipotenciário em Londres que recolhesse uma coleção de Bíblias hebraicas e quanto tivesse a ver com a cultura judaica. Ora, tal incumbência recaiu precisamente em Sebastião José de Carvalho, que foi o futuro Marquês de Pombal.

## Descrição de cada volume

1794. 1.º vol., *Gênesis a Deuteronomio*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1794; XCVIII, 610, XI p.; a questão preliminar inclui a dedicação do tradutor “A Sua Alteza Real o Príncipe do Brazil D. João nosso Senhor...”.
1797. 2.º vol., *Josué - 2 Paralipómenos*, ib., mesmo impressor, 1797; 733, XIV p.
1800. 3.º vol., *Esdra, Tobias, Judith, Esther, Job, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos*, ib., mesmo impressor, 1800; 738, XX p.
1803. 4.º vol., *Sabedoria, Eclesiástico, Isaías, Jeremias e Baruch*, ib., mesmo impressor, 1803; 658, XIV p.
1807. 5.º vol., *Livros de Ezequiel, Daniel, os dos Doze Profetas Menores e 1 e 2 Macabeos*, ib., mesmo impressor, 1807; 569, XIII p.
1818. 6.º vol., *Que contém os quatro Evangelhos, os Actos dos Apóstolos e a Epístola aos Romanos*, Lisboa, Oficina da Viúva Neves e Filhos, 1818; 610, XVII p.
1819. 7.º vol., *1 Coríntios – Apocalipse*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1819; II, 399, XIII p.

## Bibliotecas onde se encontra

BNP, Bib. 41 V. - 47 V.; DB: vol. 6; BPNM, 1-17-16/21; Darlow, 7494; BPMP, AF-899[1]-[7]; BAJUDA, 1-VI-2 a 8; BNRJ, 146, 5, 2-8; BL, 3022.f.2.; Harvard, Bi 102.794; WorldCat; BSS, 213.E19.1-7; BPAAH, F.M./B-0425; BGUC, 9-(4)-A-370 a 376; FacFil: vol. 3-6; BEP, 2800-8-4; BMF, n.º 350-356; BPB, R. 2737 V. - 2743 V.; BCapB; BCap de Salvador (Baía): vol. 2, 5, 7; Catálogo da Gulbenkian, AP 7416 (6 vol.); SMS: falta o vol. 1; Academia Brasileira de Letras-RJ, AO B477; Seminário de Lamego: vol. 1-6; BPB, R. 2737-43 V.; BAEA, A/1/1-4.6-7B; BPARPD, Conv.; CBAP, n.º 228).

- *Prefação Geral a toda A Sagrada Bíblia*, Lisboa, Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1794; foi a grande *Prefação* feita para a Bíblia que saiu neste mesmo ano (*Edição Nova*), em volume separado, três anos antes da sua morte; p. V-XCV; 26,5x20 cm (BNP, Bib. 277 V.; BPNM, 1-17-15).

No Instituto Superior de Teologia de Évora foi encontrada uma edição, um pouco diferente da anterior. Será uma reedição da Bíblia anterior? Vejamos como se apresenta:

1807. vol. 1-6, Lisboa, Oficina Simão Tadeu Ferreira; com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

1818. vol. 7, ib., Oficina da Viúva Neves e Filhos; com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

O vol. 1 não apresenta o retrato do Príncipe D. João VI, mas tem a dedicatória ao mesmo Príncipe. Os vol. 2, 3, 4, 5 e 6 têm todos o mesmo frontispício, erradamente: *Que contém os livros de Ezequiel, Daniel, Os dos Doze profetas menores e os dous dos Maccabeos*, embora o conteúdo seja o mesmo da edição anterior; o vol. 7 tem também o frontispício errado, porque apresenta o conteúdo do vol. 6, e não as Cartas aos Coríntios a Apocalipse, como deveria ser.

- Na Biblioteca João Paulo II (Univ. Católica-Lisboa) há uma edição com os 7 volumes, mas com os vol. 6-7 encadernados juntos. Em todos os volumes se encontra o frontispício do 1.º com modificações manuais. Também não tem o retrato de D. João VI (BJPII, GOER-G 60).

O facto de se ter utilizado o mesmo frontispício adaptado, por vezes à mão, na numeração dos volumes, pode dever-se a um problema económico; isto é, para não se imprimir um frontispício próprio para cada volume, como acontecia na edição original.

## 26.2. Edições da Bíblia depois da sua morte

Como acima referíamos, a Bíblia de Figueiredo tornou-se um *best-seller*, não na mão dos católicos, mas dos nossos irmãos protestantes. Como poderemos verificar abaixo, a maior parte das edições são protestantes, os quais estavam mais interessados no texto do que nas explicações oferecidas ao leitor nas notas de rodapé. Assim, “desfiguraram-na” e “deturparam-na”, para utilizarmos termos muito comuns na polémica antiprotestante dos séculos XVII-XX.<sup>19</sup>

Passamos, agora, a apresentar uma visão geral das edições desta que foi a primeira tradução católica completa da Bíblia na língua portuguesa. Certamente haverá muitas mais, porque, ao contrário do que fiz para o estudo da Bíblia de Almeida, desta vez, não me foi possível percorrer as bibliotecas de outros países e continentes, como então aconteceu.<sup>20</sup>

A Bíblia que se segue é da Sociedade Bíblica de Londres, num só volume; pois, para as pessoas, não era cómodo utilizar nem muitos nem grandes volu-

<sup>19</sup> Um tal Mr. Fox afirmava a propósito da publicação da Bíblia católica de Figueiredo: “Foi um clérigo católico romano, mas adversário das pretensões da autoridade papal e inimigo dos Jesuítas. Além disso, não é tradutor servil da Vulgata, mas atreveu-se a seguir o texto grego e, portanto, tem o espírito quase protestante” (ROSSI, Agnelo, *A Acção Bíblica Protestante no Brasil*, Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 7, fasc. 1, 1947, p. 47).

<sup>20</sup> Ver o Catálogo das edições da Bíblia de Almeida, no vol. IV desta colectânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, p. 673-868.



mes. Como veremos imediatamente a seguir, a primeira edição de Figueiredo, num só volume, foi feita precisamente por esta Sociedade Bíblica de Londres. Apresentamo-las por ordem cronológica, dentro dos setores “Bíblia”, “Antigo Testamento”, “Novo Testamento”, etc.

O incremento das edições de Figueiredo deve-se também ao facto da ocupação de Portugal por tropas britânicas, cujo governo favoreceu a Casa Bertrand e as editoras inglesas que publicaram várias edições.

### 26.2.1. Bíblias completas

Primeira edição num único volume.

1821. *A Sancta Biblia contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzidos em português pelo Padre António Pereira de Figueiredo*, Londres, BFBS, na Oficina B. Bensley, em Bolt-Coult, Fleet-Street, 1821; índices dos livros; NT com frontispício próprio; títulos em itálico; maiúsculas de entrada a duas linhas e a negrito; sem notas nem referências; sem espaço entre capítulos; breve resumo dos mesmos em itálico; com Dêutero-canónicos na ordem da Vulgata; 2 col.; IV, 926, IV, 251 p.; 22x13,5 cm (BNP, Bib. 288 V.; BPB, R. 1119 V.; BPMP, A<sup>2</sup>-9-17; BL, 842.f.4.; NUC, vol. 53, p. 655; Darlow, 7496; BSS, 213.E21; DB; WorldCat; SMS; Yale University Library, MLn76 819pb; BPH, ML/E8P8/22; BPARPD, EC AR.4 B/82 Res; Casa Museu José Régio, Portalegre; BSME; SocBib; BEP).<sup>21</sup>

1828. *A Santa Bíblia: contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzidos em português segundo a Vulgata pelo Padre António Pereira de Figueiredo*, Londres, BFBS, Typ. Bagster e Thoms, 1828; índice do Antigo e Novo Testamento; 2 col.; breve introdução a cada capítulo; com frontispício próprio para o NT; sem notas; no final do Antigo Testamento, um índice do número de capítulos; sem os Dêutero-canónicos; a ortografia foi corrigida, alguns dos capítulos e passagens no texto foram revistos; 751, 239 p.; 22 cm (BNP, Bib. 581 V.; BPB, R. 2552 V.; Darlow, 7501; A Tradução em Portugal, 4110; UCPBP, 27-23

<sup>21</sup> Uma edição de 5000 exemplares, sendo o AT da 2.<sup>a</sup> impressão revista de 1782, 1791-1804, sem as notas (Darlow, 7486); e o NT da edição de 1819 (Darlow, 7493). A sigla BFBS é abreviatura de “British and Foreign Bible Society” = “Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira” (SBBE). A partir desta edição da BFBS, por determinação do seu comité central e por pressão de outras Igrejas e grupos protestantes, esta Sociedade, por decreto de 3 de maio de 1826, nunca mais colocou os livros Dêutero-canónicos, o que se verifica já na próxima Bíblia de 1828. Este é um dos modos de distinguir uma Bíblia católica de outra protestante. A leitura destas Bíblias de Figueiredo, mas editadas pelos protestantes, foi permitida aos católicos por um documento do Ministério do Reino, datado de 17 de outubro de 1842 (*Revista Universal Lisbonense*, 1.<sup>a</sup> série, t. II, p. 521).

B477s; BL, 1214.c.10.; NUC, vol. 53, p. 655; CUL, CB88 1828; BSS, 213. E28; Harvard: Teol. Depository Brittle Book 307 556 G 43 (Paris ou Haia); SMS; WorldCat; PTSL, BS275. 1828; BNM, U/4576; SocBib; BEP, 2876).<sup>22</sup>

1831. *A Santa Bíblia, contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina...*, Londres, Samuel Bagster, 1831; 2 vol. num tomo; NT com frontispício próprio (1827); 585, 188 p.; 16,5x11 cm (Darlow, 7503; BSS, 213E. 93.3; NUC, vol. 53, p. 655; Humanities, Rm 315; Harvard, 307 Port 1831; TBSL, BV/49:402; BL, 3015.e.9.; SocBib).<sup>23</sup>

1849. *A Bíblia Sagrada. Traduzida em Portuguez segundo a Vulgata Latina...*, Lisboa, BFBS, 1849; sem Dêutero-canônicos; 4, 805, 254 p.; 22x13,5 cm (Darlow, 7512).<sup>24</sup>

1850. *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Londres, BFBS, Oficina G. Watts, Crown Court, 1850; NT com frontispício próprio; sem referências, nem notas; sem Dêutero-canônicos; 2 col., com filete; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; 4, 805, 254 p.; 22x13,5 cm (BNP, Bib. 770

<sup>22</sup> Esta edição tem uma pequena, mas interessante história: em 1840, um exemplar da mesma foi oferecido pelo vice-cônsul inglês, em nome da BFBS, ao governador da Terceira (Açores), com um pedido para ser distribuída nas ilhas desse arquipélago. Como era, oficialmente, proibida, por ter origem numa Sociedade Bíblica não católica, o governador encaminhou o assunto para o governo de Lisboa. Este, por sua vez, apresentou o assunto ao então Patriarca, Dom Francisco de São Luís, o conhecido Cardeal Saraiva. Embora a Bíblia não tivesse notas, nem tão-pouco os livros Dêutero-canônicos, o Patriarca despachou favoravelmente o assunto. Ao fazer isto, ignorou o que estava prescrito pelo decreto de Bento XIV, que exigia essas duas condições, além da aprovação por um bispo. Isto aconteceu durante o reinado de D. Maria II, que só aprovou a Bíblia depois de consultar a autoridade competente. Desde 1890, os editores das Bíblias protestantes colocaram, frequentemente, no frontispício: "(...) da edição aprovada, em 1842, pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa". Era uma maneira de fazer que esta Bíblia fosse aceite pelos católicos. Sobre este assunto, veja-se GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, S. Paulo, 2013, p. 89-90. Sobre esta Bíblia, possivelmente, os relatórios do BFBS de Londres dizem que em outubro de 1824 a sua Comissão de Traduções recomendou uma nova impressão de Figueiredo, mas sem os *Livros Apócrifos*. Mas a BFBS, em setembro seguinte, nomeou uma comissão para verificar quais as Bíblias que continham livros adicionais às Escrituras Canônicas. Assim, no cumprimento desta resolução, a impressão da Bíblia foi adiada até que aquele exame fosse feito. Deve tratar-se desta Bíblia, pois já não apresenta os Dêutero-canônicos.

<sup>23</sup> Em 1831, Samuel Bagster publicou esta Bíblia, sem os Dêutero-canônicos. A versão é reputada por ser de Figueiredo, mas difere do texto comum. Esta Bíblia poliglota é acompanhada com uma série de Bíblias em várias línguas vulgares, publicada pelo mesmo Samuel Bagster e intitulada "Biblia Polyglotta" (Darlow, 7502). No fim, tem os "Psalms of David in Metre", 52 p.; ver NT em 1927 e 1929 (abaixo).

<sup>24</sup> É uma reimpressão do texto da edição de 1794-1819 (Darlow, 7494).

P.; BSS, 213.E50; Darlow, 7513; BPB, R. 2691 P.; WorldCat; NUC, vol. 53, p. 655).

**1852-1853.** *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, tradução do Padre António Pereira de Figueiredo; enriquecida com várias notas do mesmo traductor (excepto aquellas que foram condemnadas em Roma) e por D. Filippe Scio de S. Miguel, Bispo de Segovia, Bossuet, etc., ornada com gravuras*, Lisboa, Typ. de José Carlos de Aguiar Vianna, Typ. Universal, 1852-1853; 33x23 cm (BNP, Bib. 137 V. - 138 V.; NUC, vol. 53, p. 655; BSEA; DB: 3 ex.; LC, BS275 1852; BJPII, MC. 529; BMF, S 4-E 5-P 8; CMSTR, 7/6/30-31; BM de Mação: vol. 2; BPMP, A5-5-11; Seminário de Lamego; RGPL, vol. I; Biblioteca do Paço – Funchal: vol. I; Seminário do Funchal; Seminário da Guarda).

### Caraterísticas

Texto a 2 colunas, com o latim à esquerda e o português à direita, separado com filetes verticais; as notas não estão separadas do texto por filete, apenas têm um tamanho de letra menor; breve introdução a cada capítulo; no fim de cada volume, apresenta um índice cronológico de todos os capítulos e respetivos títulos. Dedicada a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca Guilherme I.

Trata-se de uma edição católica, porque reproduz a Bíblia de Figueiredo (texto e notas). Foi feita sob a direção de Eduardo Faria, autor de um dicionário. Leva outras notas, como é dito no título, e foi aprovada pelo cardeal Patriarca de Lisboa, a 9 de janeiro de 1852. Foi bastante criticada devido a apresentar muitos erros tipográficos, à supressão das indicações cronológicas, que Figueiredo tinha colocado em cada página referentes aos anos dos acontecimentos narrados, à supressão de uma parte dos prefácios e também de muitas notas.<sup>25</sup>

### 2 volumes

Vol. 1, *Génesis - Salmos*, Lisboa, Typ. de José Carlos de Aguiar Vianna, 1852; XXXVII, 897 p.; inicia com figura de Jesus coroado de espinhos, dentro de uma coroa de espinhos, seguida de *Prefação Geral a toda a Bíblia*, em quatro partes (p. I-XXXVII), e “Prefação ao Livro do Genesis”; depois vem o texto ornado com duas figuras: Moisés com a Lei; Adão e Eva com a serpente; breves prefácios a cada livro; com os 8 prolegómenos ao Livro dos Salmos da 1.<sup>a</sup> edição; índice cronológico deste volume, muito pormenorizado, por livros e capí-

<sup>25</sup> Ver PEREIRA, J., *Portugaises (versions) de la Bible*, em F. Vigouroux, *Dictionnaire de la Bible*, t. V, col. 566.

tulos, datas dos acontecimentos e as páginas correspondentes (p. 877-897). No fim do índice, aparecem as prefações ao Levítico, Números e Êxodo.<sup>26</sup>

Vol. 2, *Provérbios - II Macabeus; Novo Testamento*, Lisboa, Typ. Universal, 1853; 1100, 30 p.; inicia com a mesma figura do vol. 1; a ornar o início do texto tem apenas Moisés com a Lei; com prefações a todos os livros; NT com frontispício próprio, que inicia na p. 653; no final, há um índice cronológico semelhante ao do primeiro.

1852-1857. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, Illustrada com prefações, notas, lições variantes, etc., Edição da Empreza da Livraria Popular e História. Publicada sob os auspícios do Eminentíssimo Cardeal Patriarcha...*, Lisboa, Empreza da Silva & Sousa, Typ. Joaquim Germano de Souza Neves, 1852-1857; 31,5x22 cm (BNP, Bib. 271 V. - 272 V.: AT; BPB, R. 3048-3050; DB: 3 ex. do vol. 1; 3 ex. do vol. 2; 2 ex. do vol. 3; BNF, A-15301 – Tolbiac; SMS; Seminário da Guarda: vol. 2 e 3; Arq. Hist. de Luanda: A-H-N: vol. II; BSMP: O1-a-7-5d-5f; OCD: vol. III).<sup>27</sup>

### Caraterísticas

Latim e português em duas colunas; o latim nesta edição vai ao centro das duas páginas e com o mesmo tamanho de letra, diferentemente da “Edição Nova”; prefação a todos os livros; notas de rodapé a 2 colunas separadas do texto por um filete horizontal; índices de todos os capítulos dos respectivos livros; tem ainda um novo Prefácio, tanto ao Antigo como ao Novo Testamento, da autoria de Francisco Recreio.

O Patriarca de Lisboa aprovou-a (04.06.1852) na condição de que ela fosse a reprodução da edição de 1794-1819, por Simão Taddeo Ferreira, com os seus prefácios e notas integrais, e que fosse corrigida por um biblista competente,

<sup>26</sup> Na Difusora Bíblica há três exemplares desta Bíblia que apresentam pequenas diferenças no volume I: A *Prefação Geral* a toda a Bíblia, assim como a *Prefação do livro do Pentateuco* encontram-se em 2 exemplares no fim; no terceiro exemplar, encontra-se no início. As *Prefações* dos restantes livros do Pentateuco estão também no fim do volume.

<sup>27</sup> Esta Bíblia é, pois, uma reimpressão da edição padrão de 1794-1819 (Darlow, 7494). Há um exemplar na DB do vol. III (NT), que não tem o Suplemento com a Vida de Cristo (XXXI, 808 p.) e outro que tem o referido Suplemento (XXXI, 808, 126 p.); mas nenhum tem o Dicionário. Neste último exemplar faltam as p. 744-803. Inocêncio III, p. 42, diz que Francisco Recreio fez a “Prefação aos leitores. [que] Acha-se á frente da nova edição da Bíblia Sagrada, feita, conforme a versão de Antônio Pereira de Figueiredo, pelos editores da Livraria Popular, Silva & Sousa, e concluída no anno de 1857”. Ver Francisco Recreio: 7.1 e 22.2.

ajudado por outros dois revisores. Um dos revisores mais competentes foi o Pe. Francisco Recreio.

### 3 volumes

Vol. 1, *Géneseis - Job*, Lisboa, Empreza de Silva & Sousa, Typ. Joaquim Germano de Souza Neves, 1852; Prefação aos Leitores (p. 1-11); Prefação Geral (p. 13-46); no início de Génesis apresenta a imagem de Adão e Eva e a serpente; 800 p.

Na Prefação aos leitores, Francisco Recreio advertia que essa edição se publicava com todo o cuidado, porque “a Propaganda Protestante fazendo-a sahir a seu modo de impuros, e refalsados prelos, tem sinistramente introduzido em Portugal e seus domínios. A fidelidade das Versões Bíblicas em todos os tempos foi reconhecida como valioso antidoto, justamente aplicado pelo Catholicismo, contra o veneno das inovações dos heterodoxos” (p. 11).

Vol. 2, *Salmos - Macabeus.*, ib., mesmo impressor, 1854. Começa com os 8 Prolegómenos aos Salmos (p. 5-19); índice por livros e capítulos (p. 805-822); 822 p.

Vol. 3. Contém todo o Novo Testamento com o seguinte frontispício:

*Bíblia Sagrada - Novo Testamento e a Edição Suplementar.*

O 2.º frontispício diz: *Novo Testamento - Vida de Nosso Senhor Jesus Christo, contendo os Santos Evangelhos, Actos dos Apóstolos, Epístolas e Apocalipse...*, ib., mesmo impressor, 1857; 793 p.; índice (794-808 p.). Com Prefação aos Leitores (p. IX-XXXI).<sup>28</sup>

Este volume tem, em *Suplemento* e com paginação separada, o seguinte frontispício que reza assim:

*Bíblia Sagrada – Edição Suplementar. Vida de N. S. Jesu-Christo Escripita pelos Quatro Evangelistas ou o Evangelho na sua Unidade por Pedro Lachèze... Trad. de Luís Filipe Leite*, ib., mesmo impressor, s. d. Tem os seguintes conteúdos:

Quadro Syntético da Vida de Nosso Senhor Jesu-Christo... (p. 9-18).

Vida de Nosso Senhor Jesu-Christo: XLIII cap. (p. 19-58).

Vida Evangélica, época segunda: XLIV cap. (p. 59-83).

Vida Perseguida, época quarta: XXXII cap. (p. 84-106).

<sup>28</sup> A *Prefação aos Leitores* é da autoria de Francisco Recreio, como se pode ver: “Esta e a outra Prefação (Velho Testamento) aos Leitores foram escritas a pedido dos editores pelo P. Francisco Recreio (ex-Oratoriano), Examinador synodal, sócio e bibliotecário da Academia Real das Sciencias e um dos Censores desta nova edição da Bíblia” (p. XXXI).

Vida Dolorosa ou Paixão e Morte, época quinta: XVI cap. (p. 107-115).

Vida Gloriosa ou Ressurreição, época sexta: XIII cap. (p. 117-123).

O Espírito Santo, época sétima: III cap. (p. 125-126).

Tabela dos Evangelistas. Refere cada uma das partes em que o autor dividiu a obra (p. 127-134).

O livro tem ótimas gravuras a preto e branco, do tamanho da página, nos frontispícios e ao longo de todo o volume; tem outras gravuras menores.

Esta edição saiu também com mais um volume, que passamos a descrever, conforme o exemplar da BPB:

Vol. 4. *Bíblia Sagrada – Dicionário da Bíblia*, ib., mesmo impressor, s. d.; contém: *Dicionário Histórico, Teológico, Etimológico, Crítico e Moral da Bíblia Sagrada...*, ib., mesmo impressor e ano do vol. 3; 215 p. Segue-se outro frontispício: *Bíblia Sagrada – Edição Suplementar...*, com o conteúdo e paginação mencionados acima no vol. 3. Por fim, tem também uma segunda *Vida de Cristo* com frontispício próprio, datado de 1858; dividida em XII capítulos; 58 p. (BPB, R. 3051; BNP, R. 307 A.; BSME). Na Biblioteca do Seminário Maior de Évora existe um volume igual a este, mas sem indicação de volume IV; encadernação própria.<sup>29</sup>

1855. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Londres, W. de Clowes, 1855; 2 tomos, num volume; 2 col.; sem notas nem referências; NT com frontispício próprio; 738, 235 p.; 22x 13,5 cm (NUC, vol. 53, p. 655; RGPL – RJ: s/cota; Colégio dos Salesianos – Pio XII – S. Paulo).

1855. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Londres, BFBS; índices do AT e NT no início; 1.<sup>a</sup> letra dos cap. a 2 linhas e maiúscula; 633, 203; 18x11 cm (BSS, 213.E 58).

1858. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Londres, Oficina de Spottiswoode e Cia, BFBS, 1858; sem Dêutero-canônicos; “A stereotype edition”; reedição de 1821; 633, 203 p.; 18,5x11 cm. (TBS, BV/49:402;

<sup>29</sup> A indicação de IV volume para o *Dicionário* de Figueiredo aparece apenas na BPB. O exemplar da Biblioteca Nacional não indica que é o 4.<sup>o</sup> volume da *Bíblia Sagrada*, tal como o de Évora. Outras edições colocam a *Vida de Cristo*, mas não o *Dicionário*. Vem depois da *Vida de Cristo*, com 134 p.; e pertence à “Edição Suplementar”. Há, pois, bastante confusão, não propriamente nos referidos textos desta edição, mas nas encadernações em que os mesmos aparecem (ou não).

BPARPD, JBC/39 RES; CBAP, n.º 829; BSS, 212.E58; BPB, R 3206 V.; BL, 3022.ccc.5.; NUC, vol. 53, p. 655; BPB, R. 3206 V.; Darlow, 7520).<sup>30</sup>

1860. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo...*, Londres, BFBS, W. Clows and Sons, 1860; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; sem notas nem referências; NT com frontispício próprio; sem Dêutero-canônicos; 744 p.; 2 col.; 19x11cm (Harvard: Teol. Depósito Brittle Book 307; BSS, 213E60; Darlow, 7521; BMF, Dep/27-23-BIB-R; WorldCat; SocBib).<sup>31</sup>

1860? *A Santa Bíblia, contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzido em portuguez segundo a Vulgata...*, Londres, S. Bagster and Sons, 1860; sem Dêutero-canônicos; 585, 188 p.; 16x10 cm (Darlow, 7522; BSS 213.E60.2; WorldCat).<sup>32</sup>

1863. *A Bíblia Sagrada traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina...*, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1863; muitas notas explicativas e aprovada pelo arcebispo da Baía.<sup>33</sup>

1864. *A Bíblia Sagrada traduzida... por António Pereira de Figueiredo... seguida de notas pelo Revdo. Cônego Delaunay... d'um dicionário explicativo dos nomes caldaicos, siríacos e gregos e d'um dicionário geográfico e histórico e aprovada por mandamento de S<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>. Revma. o Arcebispo da Bahia. Edição com gravuras sobre aço abertas por Ed. Willmann segundo Raphael, Leonardo de Vinci, Ticiano, Poussin, Horacio Vernet, Murillo, Vanloo, etc.*, Rio de Janeiro, Livraria O. B. L. Garnier, 1864; 2 vol.; il.; 2 col.; muitas notas; 27,5x17,5 cm (Darlow, 7523; NUC, vol. 53, p. 655; BNF, A-10569 - Tolbiac; BNRJ: 71, 6, 38-39; BSS, 213.E64; LC, BS275 1864; BEP, 2791; WorldCat; ABS, 1864; Harvard, Bi 102.864; Salesianos - Pio XI, S. Paulo: vol. 2; BEP, 2791; Bib. Cap. Salvador da Baía: vol. 2; BPMP, V-113, 5, 20-21; SocBib, tomo I: Gênesis-Eclesiástico).<sup>34</sup>

<sup>30</sup> O exemplar que se encontra na BPARPD está autografado por Antero de Quental.

<sup>31</sup> Foi reimpressa em 1864 e 1885; sem Dêutero-canônicos.

<sup>32</sup> Esta Bíblia é uma reimpressão da de Bagster, Londres, 1831 (Darlow, 7503); sem Dêutero-canônicos; reimpressa várias vezes, por exemplo, em 1893, por H. HART, em Oxford, para a SPCK.

<sup>33</sup> Esta Bíblia é referida por BETTENCOURT, Estêvão, em *Estudos Bíblicos no Brasil*, separata de Decimália, Rio de Janeiro, 1959, p. 5.

<sup>34</sup> Delaunay foi cônego e pároco de Saint Étienne du Mont, Paris. Esta Bíblia já foi editada sem as notas condenadas em Roma. Trata-se, em parte, de uma deturpação da Bíblia de Figueiredo, porque: a) não tem o texto latino; b) Tem poucas notas do referido autor, somente no Pentateuco, em Josué, Ester, Daniel e Amós; as notas dos Profetas e do Novo Testamento são do cônego Delaunay, pároco de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris; além disso, encontram-se no fim do



## 2 volumes

Vol. 1: Prefação Geral e prefácio ao Gênesis; *Gênesis - Eclesiástico*; 772 p.; 13 estampas; Introdução (63 p.; fim na p. 812).

Vol. 2: *Isaías - Apocalipse e Dicionário geográfico e histórico*; 17 estampas; 753 p.

1864. *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Londres, [Spottiswoode & C<sup>ia</sup>], 1864; NT com frontispício próprio; 744 p.; 18 cm (DB: ex. sem folha de rosto; BSS, 213.E64.5; TBS, BV/49:402; NUC, vol. 53, p. 655; WorldCat).

1865. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Typ. Universal, SFBS, 1865; 2 col.; sem Dêutero-canônicos; índice do AT e NT no início; sem notas nem referências; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; NT com frontispício próprio; 805, 254 p.; 22x14 cm (BNP, Bib. 518 P.; BPB, R. 2761 P; Darlow, 7527; BSS, 213.E65; RERO: R0043163119; WorldCat; BPMP).

1865. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Londres, BFBS, W. Clowes & Sons, 1865, 2 vol.: 1.º Gen.-Job, 554 p.; 2.º: Salmos-MI (p. 555-927); Novo Testamento (p. 929-1223). Deve ser a mesma edição da seguinte, mas com anomalias e páginas em branco. Pois tem as mesmas páginas.

1865. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Londres, BFBS, W. Clowes & Sons, 1865; 1223 p.; sem Dêutero-canônicos; em 8.º (BL, 3021.cc.4; SBTB (S. Paulo); Darlow, 7528; NUC, vol. 53, p. 655; MB; WorldCat; BNM, 1/72983).<sup>35</sup>

1866. *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Londres, Oficina de Harrison e Filhos, 1866; 1223 p.; 24x14 cm (BPB, R. 2575 V.; BSS, 213.E66.2; Biblioteca da Academia Brasileira de Letras [RJ]: MA-078; WorldCat; BNM, 1/47801).<sup>36</sup>

---

volume, sem nenhuma nota de reenvio dentro do próprio texto sagrado. Foi aprovada pelo arcebispo da Baía, à data primaz do Brasil, em 1863.

<sup>35</sup> Reproduzida várias vezes, por exemplo, em 1866.

<sup>36</sup> Reimpressão da British and Foreign Bible Society's (BFBS), 1865.

1866. *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento, por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Tip. Universal, 1866; 2 tomos num volume; 805, 253 p.; 21 cm (BNP, R. 31702 P.; BPMP, RJ – 1597 (assinada por Ricardo Jorge); BM de Vila Real de Sto. António: 27-23-Bib).
1867. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Typ. Universal de Thomas Quintino Antunes, 1867; 2 col. com filete; sem notas nem referências; NT com frontispício próprio; 805, 254 p.; 21,5x14 cm (BPARPD, EUGC B/139 Res - 1107; DB: 2 ex.; FLUP, PV/23140; BSMP, O1-a-2-20,a; BPG, n.º 465; SocBib).
1867. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Typographia Universal de Tomaz Quintino Antunes, 1867; 4, 1062 p.; 22x14 cm (BNP, Sem informação exemplar; BPAAH, B.33/S.3; BSME; WorldCat; SocBib, 2 ex.).
1867. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Londres, Spottiswoode, BFBS, 1867; 744 p. (NUC, vol. 53, p. 656; WorldCat; TBS, BV/49:402).
1877. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, S. C. P., 1877; 1252 p. (Colégio dos Salesianos – Pio XII – S. Paulo).
- 1878-1879. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida segundo a Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, BFBS, Lallémant Frères, 1878-1879; 2 col.; com referências, datas, etc. nas margens; sem Dêutero-canônicos; NT com frontispício próprio, 1878; 870, 283 p.; 24x16 cm (BNP, Bib. 397 V.; BPB, R. 1476 V.; BCapP, PPPMC-POR 22 BIB; NUC, vol. 53, p. 656; BSS, 213.E79; SBA; Darlow, 7545; BNRJ, 2 G 22; FLUP, 2/III/76; MB, SocBib: 5 ex.).<sup>37</sup>
1881. *A Bíblia Sagrada traduzida... por António Pereira de Figueiredo... seguida de notas pelo Revdo. Cônego Delaunay e um Dicionário explicativo...*, Rio de Janeiro, J. L. Garnier, Livreiro, Editor, 1881; Tomo I: Gn-Ecl; Tomo II: Is- Ap; 1425 p.; com notas, dicionário explicativo e índice, perfaz 1559 p.; 17x27,5 cm (Seminário do Funchal; Colégio dos Salesianos – Pio XI – S. Paulo; BNRJ, Coll. D. Thereza Christina Maria).

<sup>37</sup> Foi editada por Robert Stewart, agente do BFBS em Lisboa. O título geral é datado de 1879; o NT é de 1878 e foi editado também em separado; a BNP tem 2 exemplares iguais: Bib. 396 V. e 397 V.

1885. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento...*, Lisboa, Depósito, Janelas Verdes [s.n.], 1885; 744 p.; em 8.º (BL, 3022.c.26.; SocBib; reeditada em 1892).<sup>38</sup>
1885. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Adolpho, Modesto & C.ª, 1885; 2 col.; com referências e algumas palavras marginais traduzidas segundo o hebraico e o grego; NT com frontispício próprio; sem notas; sem introduções aos livros nem aos capítulos; inicial dos capítulos a 2 linhas; sem Dêutero-canónicos; deve ser reedição da de 1879, mas em caracteres menores; 1272 p.; 17x11 cm (DB; Darlow, 7552; NUC, vol. 53, p. 656; WorldCat; BPARPD, FG 28/1052; Yale University Library, MLn76 819ph; SocBib).<sup>39</sup>
- 1891-1892. *Bíblia Sagrada Ilustrada, contendo o Velho e o Novo Testamento; com referências... segundo a Vulgata Latina*; Índice dos livros no início; a 2 col.; e 2 col. nas margens com referências; 1020, 317 p.; 23,5x16 cm: o NT é de Londres, 1891 (SocBib).<sup>40</sup>
1892. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento...*, Lisboa, Depósito, Janelas Verdes [s.n.]; 744 p.; em 8.º (BL, 3022.c.26.; SocBib, reedição da de 1885).
- 1891-1896. *Bíblia Sagrada Ilustrada, contendo o Velho e o Novo Testamento segundo a Vulgata ou versão latina, trad. do Padre António Pereira de Figueiredo; com cerca de novecentas a mil gravuras finíssimas*, Porto, “Empresa da Ed. da Bíblia Sagrada Ilustrada”; “Da Edição Nova”, 1891-1896; 4 vol. em 3 tomos; il.; 2 col.; breve introdução a cada capítulo; texto bilingue, estando o latim no rodapé da página com caracteres mais pequenos; sem notas nem referências; 32x25 cm (BNP, Bib. 305 A - 307 A.; BPMP, D6-6-44[1]; DB; BSS, 213.E96.2; e BSS, 213.E96; Darlow, 7566; NUC, vol. 53, p. 656; WorldCat; FLUP, 09R-F484b-V.1 - V.2; BPMP, D6-6-44[1] a [3]; MB; BMF, S7-E3-P7).<sup>41</sup>

<sup>38</sup> Deve ser cópia de outra edição, devido às anomalias dos frontispícios.

<sup>39</sup> Há uma edição semelhante de Lisboa, 1879 (Darlow, 7545), mas impressa em tamanho menor. Sem Dêutero-canónicos.

<sup>40</sup> Com “algumas referências segundo o texto grego”.

<sup>41</sup> No início da obra, tem a seguinte nota: “Esta nova e soberba edição popular, illustrada com perto de 1000 gravuras finissimas e numerosos mapas, é reimpressão da edição approvada e da qual existe um exemplar archivado na Bibliotheca Municipal do Porto, sendo esta a traducção, pelo Padre António Pereira de Figueiredo, da Vulgata, ou versão latina dos originaes hebraico e grego,

## 4 volumes

Vol. 1, *Génesis - Paralipómenos*, Porto, “Empresa da Ed. da Bíblia Sagrada Illustrada”, 1891; 4, 748 p.; com 400 gravuras explicativas do texto; 12 mapas.

Vol. 2, *Esdras - Malaquias*, ib., mesmo impressor, 1893; 705, 3 p.; com 315 gravuras explicativas do texto; 2 mapas; índice dos livros com as respetivas abreviaturas e páginas e índice alfabético dos assuntos das gravuras do 1.º e 2.º volumes.

Vol. 3, *Novo Testamento*, ib., mesmo impressor, 1896; 6, 456 p.; com índices; Harmonia dos Quatro Evangelhos (p. 434-438); Nomes, Títulos e Atribuições de Cristo por ordem alfabética (439-440); Rios, Lagos, etc. das Escrituras Sagradas; Montanhas da Bíblia; Milagres de Nosso Senhor de Jesus Cristo; Parábolas de Nosso Senhor Jesus Cristo; Breve tabela cronológica da Bíblia; Índice alfabético dos assuntos das gravuras do 3.º volume; vários mapas bíblicos (p. 453-455). O volume 4 está encadernado neste tomo e tem o seguinte conteúdo:

Vol. 4, *Appendice à Biblia Sagrada Illustrada... Livros Dêutero-canónicos*, ib., mesmo impressor, Porto, 1896; texto apresentado como nos volumes anteriores, tendo o resumo dos capítulos em negrito; 4, 214 p.<sup>42</sup>

1891-1892. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento com referências traduzida em portuguez por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Tip. Adolfo Modesto e C.ª, 1892; inicia com índice dos livros; letra inicial de capítulo a 2 linhas; 2 col. de texto; e 2 col. mais estreitas laterais ao texto com referências alternativas; datas dos acontecimentos no alto das mesmas colunas; sem notas; Novo Testamento com frontispício próprio, ib., mesmo impressor, 1891; 1020, 317 p.; 25x17 cm (DB; MB; ISTE; CMSTR, F.R.154 A; BPA, F. G./A-13251).

---

feita pela primitiva igreja cristã. A disposição artística da obra obedece ao plano da versão italiana (Milão, 1889)” ; versão de Figueiredo, reimpressa a partir da edição de 1794-1819, com o texto em latim. Uma grande edição em 4.º, ilustrada com gravuras e mapas retirados de uma Bíblia inglesa publicada por Cassell and Co.; na DB, existem 3 exemplares completos e ainda o vol. 3 repetido. Um dos exemplares apresenta encadernação de luxo.

<sup>42</sup> Os livros Dêutero-canónicos situam-se aqui nas páginas seguintes: Tobias (p. 1-13); Judith (p. 14-30); Sabedoria (p. 31-51); Eclesiástico (p. 52-113); Baruc (p. 114-123); Partes Dêutero-canónicas de Daniel: Cântico dos Três Mancebos; Daniel III; História de Suzanna; Daniel XIII; História de Bell e Dragão; Dn 14 (p. 124-132); Capítulos Dêutero-canónicos do Livro de Esther: cap. 10-16 (p. 133-139); Macabeus I (p. 140-182); Macabeus II (p. 183-214). Índice dos Livros Dêutero-canónicos, no fim do volume. Nalgumas Bíblias aparece um registo de Família: chefes de família, nascimentos, casamentos, óbitos, etc.

1893. *A Santa Bíblia, contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzido em portuguez segundo a Vulgata...*, Londres, SPCK, Samuel Bagster, 1893; 585, 188 p.; em 8.º (BL, 3022.cc.14.).<sup>43</sup>
1894. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, tr. em Portuguez segundo a Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, [s.n.], 1894; 2 vol. num tomo (WorldCat).
- 1895-1896. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e Novo Testamento*, Lisboa, Barata & Sanches, Impressores, 1895; com referências; NT com frontispício e paginação próprios... com algumas palavras na margem segundo o texto grego, Porto, Typ. de José da Silva Mendonça, 1896; 1020, 317 p.; 2 col.; 25 cm (BGUC, 9-(2)-1-12-8).
1896. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1896; 2 col.; 1098 p; 25 cm (BNP, Bib. 614 V.; MB: 2 ex.; Harvard, Teol. Depository Brittle Book 507; BSS, 213.E96.3).
1896. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida segundo a Vulgata Latina, com referências e, na margem, algumas palavras segundo o hebraico e o grego...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1896; sem Dêutero-canônicos; 1020, 317 p.; 25 cm (BSS, 213.E96.3; Darlow, 7567; WorldCat).<sup>44</sup>
1898. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento com referências traduzida em portuguez por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Tip. Vicente da Silva, 1898; a 2 col.; com filete; 2 col. laterais com referências; 1020, 317 p.; 24x16,5 cm (SocBib; BEP).
1900. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Porto, SBBE, Depósito das Escrituras Sagradas, 1900; 4 mapas a cores; 816, 4 p.; 18 cm (BPAAH; BSS, 213.F00.5; SocBib).<sup>45</sup>

<sup>43</sup> É uma reedição da Bíblia de 1821.

<sup>44</sup> Reimpressão das referenciadas por Darlow, 7559 e 7562; com referências, datas e indicações alternativas nas margens.

<sup>45</sup> Foi a partir de 1890 que a SBBE decidiu colocar em todas as Bíblias de Figueiredo as palavras: “Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II, com a consulta do Patriarca arcebispo de Lisboa”. Os 3 exemplares da SocBib não têm mapas a cores, mas unicamente 816 páginas.

1900. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, BFBS, 1900; 2 índices: AT e NT; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; sem notas nem referências; “algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto hebraico e grego”; 743 p.; 18x11cm (BSS, 213.F00.8.).

1902. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1902; 2 col. de texto; e 2 col. mais estreitas laterais ao texto com referências alternativas; datas dos acontecimentos no alto das mesmas colunas; sem notas; NT com frontispício próprio; sem Dêutero-canónicos; 4, 1296 p.; 31x23,5 cm (BNP, Res. 1362 A.; BGUC, V.T.-8-3-12; BMS, F.R. 25A; MB: 2 ex.; BSS, 213.F02; BSMP, O1-a-7-1; Darlow, 7578; BPH, E16PE/25 F; BPARPD, ACR 3027 Res; WorldCat).<sup>46</sup>

“Nova edição com as referências revistas e com divisões e subdivisões dos livros indicadas respetivamente por meio de letras capitais e versaletes”.

1902. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa. Nova edição com as referências revistas e com as divisões e subdivisões dos livros indicadas prospectivamente por meio das capitais e versaletes*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, BFBS, 1902; 2 col. de texto; e 2 col. mais estreitas laterais ao texto com referências alternativas; datas dos acontecimentos no alto das mesmas colunas; letra inicial do capítulo a 2 linhas; NT com frontispício próprio; “Figueiredo’s version new edition; revised references” (Darlow manuscrito); 1349 p.; 25x18 cm (BPMP; BM de Mação; BCapP, PPPMC-POR 22 BIB; DB; Darlow, 7582a; BSS, 213.F02.7; BPARAH; BPB, R. 1478 V.; BSME: 2 ex.).

1902. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo Eleito de Lisboa*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, BFBS,

<sup>46</sup> Reproduzida da ed. de Lisboa, 1896 (Darlow, 7567). Nota inicial: “Present to his Majesty the king of Portugal on the occasion of his Majesty’s visit to England, 1904 by the British and Foreign Bible Society”.

1902; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; 4 mapas; 2 col.; sem Dêutero-canônicos; sem notas nem referências; com algumas variantes de tradução; índices do AT e NT; 1090 p.; 18x11,5 cm (BNP, sem informação exemplar; BSS, 213.F02.2; Darlow, 7579; BPMFunchal, D2,B37,E9,Pe-8; DB). “Nova edição com as divisões e subdivisões dos livros indicadas por meio de letras capitais e versaletes”.<sup>47</sup>

1902. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e Novo Testamento. Da edição aprovada em 1842, trad. em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo padre António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1902; 1000 p.; 18 cm. “Nova edição com as divisões e subdivisões dos livros indicadas por meio de letras capitais e versaletes” (BNP, sem ex. neste local; SocBib).

1902. *Bíblia Sagrada contendo o Velho e Novo Testamento...*, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1902; 943 p. (BPH, BM/E21P4/5F).

1902-1904. *Bíblia Sagrada contendo o Velho e Novo Testamento, versão do Padre António Pereira de Figueiredo. Comentários e anotações segundo os modernos trabalhos de Glaire, Knabenbauer, Lesêtre, Lestrade, Poels, Vigouroux, etc. pelo Rev. Santos Farinha. Edição Popular Ilustrada, aprovada pelo Exmo-Cardeal Patriarca*, Lisboa, Empresa da História de Portugal, Livraria Moderna Typographia, 1902-1904; 29 cm (BNP, Bib. 159 V. - 161 V.; DB; NUC, vol. 53, p. 656; BPARAH, BM/E21P4/5F; WorldCat; SocBib).

### Caraterísticas

Os Prefácios de Figueiredo foram substituídos pelos de Santos Farinha; foram feitas correções de arcaísmo e faltas de exatidão nos termos utilizados; os comentários são quase sempre diferentes dos de Figueiredo e são baseados nos autores citados no título. Nem sempre são muito felizes; 2 col.; notas de rodapé; muitas gravuras; numeração romana nos capítulos; breve resumo destes em versalete; sem o texto latino. “Edição popular ilustrada aprovada pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha. Examinada pelo Ex.<sup>mo</sup> Cónego Senna Freitas.”

<sup>47</sup> Uma edição em tamanho menor do mencionado (Darlow, 7578), mas sem referências; no Seminário do Funchal ex. sem folha de rosto: começa em Gn 8,23 acaba em Ap 10,8; o exemplar da DB, também não tem folha de rosto; começa em Gn 3,2 e acaba no fim do Novo Testamento; sem mapas.



### 3 volumes

Vol. 1, *Gênesis - Salmo 43*; dedicada ao Patriarca D. José III; Introdução à Sagrada Escritura (2 p.); Introdução Geral ao Pentateuco (2 p.); introdução a cada livro; breve índice no final; 942 p.

Vol. 2, *Salmo 44 - Macabeus*; 804 p.; com introdução no início e índice no fim de cada livro da “História de Jesus Cristo”.

Vol. 3, *Novo Testamento*; com advertência (p. 1-5); introdução a todos os livros; 640 p.

Suplemento, *História de Jesus Christo segundo os Quatro Evangelhos*; elenco temático dos 4 Evangelhos em 3 partes, colocado sinoticamente (p. 643-647); termina com o índice dos livros.

1902. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo Eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1902; com algumas referências; 1090 p.; 18x12 cm (SocBib; 3 ex.). “Nova edição com as divisões e subdivisões dos livros indicadas por meio de letras capitais e versaletes”.

1902. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo Eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, Tipografia José da Silva Mendonça, 1902; 2 colunas com filete; mais 2 colunas laterais com referências; com registo de família; 1296 p.; 30x23 cm (SocBib). “Nova edição com as referências revistas e com as divisões e subdivisões dos livros indicadas respetivamente por meio de letras capitais e versaletes”.

1903. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo Eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, [Impresso na Grã-Bretanha], 1903; edição especial do Novo Testamento; com mapas; com Dêutero-canónicos; 19 cm (WorldCat).

1903. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo Eleito de Lisboa...*, Lisboa, [Impressão em Londres?], BFBS, Depósito das Escrituras Sagradas, 1903; 2 col.; referências no centro; NT com frontispício

próprio; títulos em itálico; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; sem Dêutero-canônicos; 938, 310 p.; 19x13 cm (SBA; BPMP, II-411,3,13; BL, 03025.g,2; NUC, vol. 53, p. 656; Darlow, 7584; BSS, 213.F03.2; SocBib; 2 ex). “Nova edição com as referências revistas e com as divisões e subdivisões dos livros indicadas respectivamente por letras capitais e versaletes”.<sup>48</sup>

1909. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1909; 2 col.; mapas; 1097 p.; 20 cm (NUC, vol. 53, p. 656; WorldCat).

1911. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, BFBS, Depósito das Escripturas Sagradas, 1911; 2 col.; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; 1097 p.; 20x13 cm (BNP, Bib. 1464 P.; BGUC, 22 BIB; BSS, 213.F11; Darlow, 7609a).

1913. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, BFBS, Depósito das Escripturas Sagradas, 1913; 2 col.; referências numa coluna ao centro; 938, 310 p.; 18,5x13,5 cm (MB; SocBib). “Nova edição com as referências revistas e com as divisões e subdivisões dos livros indicadas respectivamente por letras capitais e versaletes”.

1913. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, BFBS, Depósito das Escripturas Sagradas, Impressa na G. Bretanha, Billing & Sons; 1913; notas de rodapé; 2 col.; 1098 p., 8 de mapas; 19x13 cm (Benedictinos-RJ).

1916. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Depósito das Escripturas Sagradas, Tipografia a Vapor de Eduardo Rosa, 1916; 1097 p.; 2 col.; s/ notas nem referências; 19x13 cm (BM de Vila Real de Sto. António; CMSTR, F.R. 354 B; BPE, S. L. E.30, C.2).

<sup>48</sup> É uma reedição de 1902 (Darlow, 7579).

1918. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1918; 1097 p.; 8 mapas; 19x13 cm (CMSTR, F.R. 531 B; Bneditinos-RJ).
1918. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Tip. da Universidade de Oxford- nova edição (Gulbenkian, RS 9187).
- 1917-1918. *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II com a consulta do Pastricharcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, [Impressa na Grã-Bretanha], Depósito das Escripturas Sagradas, 1917-1918; 2 tomos num vol.; mapas; sem Dêutero-canónicos; 19 cm (NUC, vol. 53, p. 657 e vol. 55, p. 688; LC, BS275 1917).
- 1919-1920. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo Eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, [Impresso na Grã-Bretanha por Billing and Sons, Ltd, Guildford and Esther], 1920; 1098 p.; 2 col.; índice do AT e NT não paginado, no início; AT, de 1920; NT, 1919; sem notas nem referências; 19x13 cm (DB).
1920. *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento: traduzida em português segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Depósito, Praça de Luiz de Camões, Nova ed., 1920; 938, 309 p., 8 mapas; 19 cm (WorldCat). “Nova edição com as referências revistas e com as divisões e subdivisões dos livros indicadas prospectivamente por letras capitais e versaletes”.
1920. *A Bíblia Sagrada Contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzido em português segundo a Vulgata Latina [Por] António Pereira De Figueiredo, Edição Aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito da Escrituras Sagradas, 1920; 1218 p.; 19 cm (BNP, Sem informação exemplar). “Nova edição com as referências revistas e com as divisões e subdivisões dos livros indicadas respectivamente por letras capitais e versaletes”.
1921. *A Bíblia Sagrada...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1921; 1098 p.; 20 cm (BPH, BM/E3/11-AF-1; BPARAH, ML/E9P5/17).

1922. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo Eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, [Impressa na Grã-Bretanha, por Billing and Sons], 1922; 2 col.; no início, índice dos livros com as abreviaturas usadas e as páginas em que começam; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; algumas referências; NT com frontispício próprio; 1098 p.; 19x13 cm (BPAAH; BSS, 213.F22.11; DB; BSMP, O1-a-7-1; BSEA; SocBib).
1923. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1923; 2 col.; no início, índice dos livros com as abreviaturas usadas e as páginas em que começam; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; algumas referências; NT com frontispício próprio; reimpressão da anterior; 1098 p.; 19x13 cm (DB; BSS, 213.F23).
1924. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, trad. em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo...*, Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, Imprensa Limitada, 1924; reimpressão da anterior; 2 col.; 1098 p.; 19x13 cm (BPB, R. 3533 V.; BMF, Dep / 27-23-bib-R; SocBib: 2 ex).
1924. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, trad. em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito[s.n.]; impresso na Universidade de Oford; 1924; 2 columnas e uma outra central, com referências; 938, 310 p.; 6 mapas a cores; 19x13 cm (BNP, Bib. 1108 P.; WorldCat; Basileia, UB, Bib GC 837; SocBib). “Nova edição com as referências revistas e com as divisões e subdivisões dos livros indicadas respectivamente por letras capitais e versaletes”.
1926. *A Bíblia Sagrada: Contendo o Novo Testamento... Traduzida do latim por Antônio Pereira de Figueiredo...*, Beccles, William Clowes & Sons, 1926; 1020, 317 p.; 24 cm (BNP, R. 9731 V.).<sup>49</sup>
1926. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, trad. em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo...*, Londres,

<sup>49</sup> Na BNP existem 2 exemplares iguais: R. 9731 V. e 9732 V.

Lisboa, Rio de Janeiro, SBBE, 1926; 2 col.; 4, 1020, 317 p.; 20 cm (BNP, Bib. 295 V.)

1926. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre António Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1926; 2 col.; no início, índice dos livros com as abreviaturas usadas e as páginas em que começam; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; algumas referências; NT com frontispício próprio; 1098 p.; 19x13 cm (BNP, Bib. 1102 P.; DB: 2 ex.).
1927. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre António Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, Imprensa na Grã-Bretanha, por Billing and Sons, 1927; 2 col.; 1098 p.; 19x13 cm (Benedictinos-RJ).
1928. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre António Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1927; 2 col.; sem notas; algumas traduções alternativas; 1098 p.; 18x12,5 cm (DB).
1929. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre António Pereira de Figueiredo. Com numerosas notas do Pe. Pereira, cónego Delauney, Calmet, Sacy, Corneley; Merk, etc.; Edição da Cúria Episcopal do Rio de Janeiro 1929; 24 tomos em fascículos; 28x19 cm; ilustrada com fotos (Benedictinos-RJ).*
1930. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre António Pereira de Figueiredo*; Lisboa, Londres e Rio de Janeiro, Imprensa na Grã-Bretanha; 2 colunas laterais para citações; 1020, 317 p.; 24x16 cm (MB, 2 ex.; Colégio dos Salesianos, S. Paulo)
1931. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, BFBS, Depósito das Escrituras Sagradas, 1931; índices do AT e do NT; NT com frontispício próprio; 2 col.; títulos só no alto da página; sem notas; algumas traduções alternativas; 1098 p.; 19x13 cm (BSS, 213.F31; WorldCat).

1931. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzido em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas [Impresso na Grã-Bretanha], 1931; no início, índice dos livros com as abreviaturas usadas, as páginas em que começam e o número de capítulos; sem notas; 2 col.; 938, 310 p.; 8 mapas; 19,5x13,5 cm (DB). “Nova edição, com as referências revistas e com as divisões e subdivisões dos livros indicadas prospectivamente por meio de letras capitais e versaletes”.
1932. *Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento versão do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Anotações e Commentários segundo os trabalhos de Crampon, Glaire, Knabenbauer, Lesêtre, Lestrade, Poels, Basilio Pereira, Vigoureux, etc. e baseada na edição do Rev. P. Santos Farinha*, Rio de Janeiro, Livraria Catholica, R. Rodrigo Silva, 7, edição Popular, 1932; 24x16,5 cm (Biblioteca dos Beneditinos-RJ): 1.º vol.).<sup>50</sup>
1933. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzido em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas [Impresso na Grã-Bretanha, Bill & Sons], 1933; no início, índice dos livros com as abreviaturas usadas, as páginas em que começam e o número de capítulos; sem notas; 2 col.; 1098 p.; 19x13 cm (SocBib).
1936. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Antônio Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1936; índices do AT e do NT; NT com frontispício próprio; 2 col.; títulos só no alto da página; sem notas; algumas traduções alternativas. Deve tratar-se de uma reedição da anterior; 1098 p.; 19x13 cm (SocBib).

<sup>50</sup> Desconhecemos quantos volumes tinha a edição; mas sabemos que houve uma reedição em S. Paulo, 1950-52, com 17 volumes, em tamanho menor, como se pode ver seguidamente. Numa carta escrita por um responsável da Sociedade Bíblica do Brasil a outro da Sociedade Bíblica Americana, encontrada por mim na sede desta última, confirma a existência do início desta edição do Rio de Janeiro primeiramente em fascículos. O autor brasileiro da carta envia ao americano a cópia do frontispício dos fascículos 1 e 10, onde consta “Livraria Catholica, Rua Rodrigo Silva, 7, Rio de Janeiro – preço \$600”. Esta notícia confirma o título do 1.º fascículo aprovado pela Cúria Archiepiscopal do Rio de Janeiro com a data de 4 de fevereiro de 1929 (MB).



1937. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina, pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarca Arcebispo eleito de Lisboa*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1937; sem notas nem referências; índices dos livros no início; 1218 p.; 20 cm (BPB, R. 3599 V.; SBA; BSS, 213.F37; Darlow, 1937=213 F36; WorldCat).<sup>51</sup>
1937. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzido em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha, Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas [impressa na Grã-Bretanha], 1937; no início, índice dos livros com as abreviaturas usadas, as páginas em que começam e o número de capítulos; 2 col.; no centro, uma coluna mais estreita com referências; números dos capítulos a negrito e 2 linhas; NT com frontispício próprio; 8 mapas; 938, 310 p.; 19x13,5 cm (DB).
1938. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, trad. em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Oficina Gráfica, 1938; 4, 1218 p.; 19 cm (BNP, Bib. 965 P.).
1939. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, trad. em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo...*, Londres, Lisboa, Rio de Janeiro, SBBE, 1939; 1098 p.; 19x12,5 cm (MB; ISTE).
1940. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento: traduzida em português segundo a Vulgata Latina, pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarca Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, BFBS, Depósito das Escrituras Sagradas, 1940; impresso em Lisboa; 2 col.; algumas variantes; sem notas; índice do Antigo e Novo Testamento no início; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; NT com frontispício próprio; 2, 1218 p.; 19x13,5 cm (BSS, 213.F40; BPARPD, AP730 Res.; SocBib).<sup>52</sup>
1940. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento: traduzida em português segundo a Vulgata Latina, pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarca Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, SBBE, Depósito das Escrituras Sagradas, 1940; impressa na Grã-Bretanha; 2 col.; algumas variantes; sem notas; 19x13 cm (MB, 2 ex).

<sup>51</sup> Publicada pela BFBS: "Figueired's version in revised orthography".

<sup>52</sup> Reimpressão da edição de 1937 de Figueiredo, revista ortograficamente e publicada pelo BFBS.



1943. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento: traduzida em português segundo a Vulgata Latina, pelo António Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarca Arcebispo eleito de Lisboa...*, SBBE, Londres, Lisboa, Rio de Janeiro; impresso na Inglaterra, por Billing & Sons, 1943; 2 col.; 1098 p.; 19x12,5 cm (SocBib: 2 ex.).
1945. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarca Arcebispo eleito de Lisboa...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1945; 2 col.; no início, índice dos livros com as abreviaturas usadas, as páginas em que começam; a primeira palavra é em maiúsculas; letra inicial de capítulo a 2 linhas; sem notas nem referências; mas com algumas opções de tradução; NT com frontispício próprio; 1218 p.; 20x14 cm (DB; SocBib: 3 ex.).
1945. *A Bíblia sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, trad. em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo...*, Londres, Lisboa, Rio de Janeiro, SBBE; Impressa na Grã-Bretanha; com ilustrações; 938, 310 p.; 14,5x11 cm (BSMP, O1-a-2-20).
1947. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Londres, Nova-York, Lisboa, Rio de Janeiro, Sociedades Bíblicas Unidas [impresso na Grã-Bretanha por Billing and Sons Ltd. Guildford and Esthe], 1947; mesmas características da anterior; 2 col.; 1098 p.; 18,5x12,5 cm (BNP, Sem informação exemplar; DB; MB).<sup>53</sup>
1947. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, trad. em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito[s.n.]; impresso na Universidade de Oford; 1924; 2 col. de texto e outra central, com referências; 938, 310 p.; 8 p. de mapas a cores; 19x13 cm (SocBib) “Nova edição com as referências revistas e com as divisões e subdivisões dos livros indicadas respectivamente por letras capitais e versaletes”.
- 1950-52. *A Bíblia Sagrada, versão clássica do Pe. António Pereira de Figueiredo*, São Paulo, Editora das Américas [Impresso pela Gráfica Mercúrio S.A.], 1950-52; 17 vol.; com Dêutero-canónicos; notas e comentários de rodapé; breve intro-

<sup>53</sup> O exemplar que aparece descrito da ficha da BNP foi editado em Londres, Lisboa e Rio de Janeiro, Sociedades Bíblicas Unidas, 1947; 1248 p.: il., 8 mapas; 19 cm.

dução a cada livro; 19,5x13,5 cm (DB: vol. 6, 8-9 e 13; MB). Seguem-se aqui apenas três volumes como amostragem dos 17 que a integram:

Vol. 6, *Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento reedição da versão do Padre António Pereira de Figueiredo. Comentários e anotações segundo os consagrados trabalhos de Glaire, Knabenbauer, Lesêtre, Lestrade, Poels, Vigouroux, Bossuet, etc., organizados pelo Padre Santos Farinha. Acrescida de dois volumes contendo introduções atualizadas e estudos modernos elaborados por professores de Exegese do Brasil. Sob a supervisão do Padre António Charbel, S.D.B., Ilustrações de Gustavo Doré. Edição aprovada pelo eminentíssimo senhor D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta DD. Cardeal Arcebispo de São Paulo. Adaptada à ortografia oficial, São Paulo, Editora das Américas, 1950; 39 gravuras; 447 p.*

Tem no início do volume uma explicação das abreviaturas e sinais usados nesta edição da Bíblia, mesmo os que não constam neste volume. Começa no livro dos Provérbios, cap. 20, e termina em Isaías 11,16; notas e comentários de rodapé; pequena introdução a cada capítulo em itálico; introdução a cada livro; índice de gravuras; no final, um outro, para indicar o início de cada livro.

Vol. 8, mesmo título e características do anterior; contém Introdução ao livro de Baruc e termina em Oseias 14,10; 60 gravuras; 379 p.

Vol. 9, mesmo título e características do anterior; contém Introdução ao livro de Joel e termina com as Profecias Messiânicas; 40 gravuras; 389 p.

Vol. 13, *Dicionário Bíblico complemento indispensável para a compreensão do Velho e Novo Testamento por Frei Francisco de Jesus Maria Sarmiento. Edição revista e aumentada, São Paulo, Editora das Américas, 1951; 380 p.; 19,5x13,5 cm. Tem no início deste volume uma explicação das abreviaturas e sinais usados nesta edição, em todos os livros da Bíblia. Tem uma nota da Editora e começa em Aarão e termina em Zorobabel. Tem várias tabelas e, no fim da obra, um índice das mesmas.<sup>54</sup>*

Vol. 14, 15 e 16 são dedicados à *Introdução Geral* e em especial aos livros do Antigo e Novo Testamento com estudos bíblicos especiais.

Vol. 16 contém a vida dos Papas desde Pedro, considerado o 1.º Papa pela Igreja Católica, até Pio XII, Papa vigente na ocasião da edição desta obra. Trata-se, sem dúvida, de uma obra de inestimável valor histórico e de

<sup>54</sup> Este *Dicionário Bíblico* é baseado, porém atualizado, no *Tesouro Bíblico* ou *Dicionário Histórico e Etimológico* de Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento (1713-1790), escritor e pregador português; contém ainda a Cronologia da Vida de Cristo, Comentários sobre as primeiras civilizações, Eclipses do Sol entre 610 e 563 a. C. e outras curiosidades.

pesquisa, pois contém informações extraídas da tradição da igreja e de factos históricos.

1953. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzido em português segundo a Vulgata Latina pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, [impresso na Grã-Bretanha], 1955; 3 col., sendo a central mais estreita e com referências; 8 mapas a cores; 938, 310 p.; 18,5x15,5cm (BCapP; MB; SocBib; DB).
1955. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzido em português segundo a Vulgata Latina pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa...*, Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, [impresso na Grã-Bretanha], 1955; 3 col., sendo a central mais estreita e com referências; 4 mapas a cores; 938, 310 p.; 18,5x15,5cm (BCapP; MB; SocBib: 4 ex.). “Nova edição com as divisões e subdivisões dos livros indicados por meio de letras capitais e versaletes”.
1957. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzido em português segundo a Vulgata Latina pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo*; em 3 vol.: 1.º, Gênesis-2 Samuel; 2.º, 1 Reis-Salmos; 3.º, Prov-Apocalipse; com notas e índices; 1602 p.; 18,5x13 cm (Benedictinos-RJ).
1958. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e Novo Testamento, traduzido em português segundo a Vulgata Latina pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II...*, Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, 1958; 3 col., sendo a central mais estreita e com referências revistas; sem notas; 938, 310 p.; 4 mapas a cores; 19x13,5 cm (BNP, sem exemplar local; SocBib: 2 ex.). “Nova edição com as divisões e subdivisões dos livros indicados por meio de letras capitais e versaletes”.
1960. *A Bíblia Sagrada... traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo, etc.* [Com ilustrações], Rio de Janeiro, [s.n.], 1960; XVI, 1529 p.; em 8.º (BL, 3042.i.23).
1962. *A Bíblia Sagrada. Antigo e Novo Testamento traduzida em Português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Edição completa comentada e dotada de notas de eminentes teólogos, ilustrações célebres de Gustavo Doré, e inúmeras gravuras a cores dos afamados pintores: Rafael, Rembrandt, Botticelli, Tintoretto, Leonardo da Vinci, Correggio, Veronese...*, Rio de Janeiro, Livros do Brasil S. A., Edição Especial Comemorativa ao IV Cente-

nário da Cidade do Rio de Janeiro, 1962; edição numerada; 2 col. divididas por uma espécie de linha decorativa; inicial dos capítulos a 2 linhas; algumas gravuras; notas de rodapé; Bíblia católica; esta publicação foi autorizada por Stringa Editore – Génova – “Vaticano e Chiesa Cattolica”; 28x19 cm (DB; Beneditinos-RJ).

#### 4 volumes

Vol. 1, *Génesis - 1 Paralipómenos* (Crónicas). Tem uma imagem do papa João XXIII e a sua bênção para este trabalho; uma introdução à Bíblia, com a explicação de todos os livros e com as respetivas divisões por categorias; no final há um caderno com 16 fotografias intitulado “Os Esplendores da Basílica de São Pedro em Roma”; XXXII, 4, 454, 16 p.

Vol. 2, *2 Paralipómenos - Lamentações*; 472, 16 p. No fim deste volume, há um caderno com 15 fotografias e um índice das mesmas.

Vol. 3, *Baruc - 2 Macabeus*; 212, XXXII, XLVI, LIV, XLIII, XLVI, 16 p. Apresenta também várias encíclicas: a *Rerum Novarum*, do papa Leão XIII, sobre a condição dos operários; a *Quadragesimo Anno*, do papa Pio XI, sobre a ordem social; a *Mater et Magistra*, do papa João XXIII, sobre a recente evolução da Questão Social à luz da Doutrina Cristã, 1963; e a *Ecclesiam suam*, Carta Encíclica do Sumo Pontífice Paulo VI, 6 de agosto de 1964. No final do volume, há um caderno com 15 fotografias e um índice das mesmas.

Vol. 4, *Novo Testamento*; 512, XLVI, XVI, 56 p. Tem ainda *Esboço histórico da Bíblia*, que termina como uma listagem dos Papas até ao início do papado de Paulo VI; uma carta escrita pelo Prof. Antenor Vieira de Mello, um especial dos 400 anos da cidade do Rio de Janeiro, com o tema *Sua Religião*. Por último, uma separata intitulada “Miles Christi”, que resume os concílios ecuménicos, desde o de Jerusalém até ao Vaticano II, com quadros do Prof. Marcello Liberati; encerra com um índice dos 4 volumes.<sup>55</sup>

<sup>55</sup> Na referida separata “Miles Christi”, encontra-se uma breve resenha (1 p. cada) e um quadro de cada um dos seguintes Concílios ecuménicos: de Jerusalém (anos 49-50); de Niceia I (ano 325); de Constantinopla I (ano 381); de Éfeso (ano 431); de Calcedónia (ano 451); de Constantinopla II (ano 553); de Constantinopla III (680-681); de Niceia II (787); de Constantinopla IV (869-870); de Latrão I (1123); de Latrão II (1139); de Latrão III (1179); de Latrão IV (1215); de Lião I (1245); de Lião II (1274); de Vienne (1311); de Constança (1414-1417); de Florença [Ferrara] (1438-1443); de Latrão V (1512-1517); de Trento (1545-1563); do Vaticano I (1869-1870); do Vaticano II (1962).

1962. *Bíblia Sagrada. Texto adaptado e revisto por eminentes teólogos para o linguajar de nossos dias baseado na tradução Antônio Pereira de Figueiredo*, S. Paulo, O.E.S.P., Gráfica S.A., 1962; [Imprimatur em Milão]; sem notas, nem referências; títulos e números de capítulos em negrito; 1175 p.; 27x20,5 cm (DB).
1963. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Antônio Pereira de Figueiredo, da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo Eleito de Lisboa*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, BFBS, [Impressa em Oxford], 1963; 2 col.; sem notas nem referências; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; índice de todos os livros no início; o NT com frontispício próprio e índice; “texto revisado” (BFBS), da versão de Figueiredo, na nova ortografia preparada por Eric H. Barker; 1197 p.; 19,5x13 cm (BNP, Bib. 1422 P.; SBA; Suissbib ID: 149783876; SBTB (S. Paulo); BSS, 213.F63.6; BL, 4409.w.49.; WorldCat; DB: 2 ex.; SocBib).
1964. *Bíblia Sagrada. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Com notas e um completo Dicionário Prático por Mons. José Alberto L. de Castro Pinto, Professor de Sagrada Escritura no Seminário Arq. de São José, Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Edição Barsa, 1964; texto a 2 col; 3 col. no *Dicionário* e caracteres menores (285 p.); il.; edição católica; XXII, 2, 820, 239, 12, 285 p. (1380 p.); 25,5x18 cm (LC; BS275 1964; DB).<sup>56</sup>

<sup>56</sup> Concretamente, no que se refere ao texto bíblico, afirma: “Apesar de muito se ter desejado seguir as orientações de S.S. o Papa Pio XII (Encíclica *Divino Afflante Spiritu*), não se pôde usar uma tradução direta dos textos originais, porque na língua portuguesa só há, por enquanto, traduções parciais. Preferiu-se, por isso, adotar a tradução clássica do Padre Antônio Pereira de Figueiredo feita em Lisboa (1778-1790) e exarada naquela linguagem que a enfileirou entre os clássicos da língua portuguesa. No entanto, para o livro dos Salmos foi adotada uma outra tradução, a que o Pe. Leonel Franca (...) fez sobre a nova tradução latina que os professores do Pontifício Instituto Bíblico de Roma fizeram sobre os textos originais, uma vez que esta se vai tornando mais comum entre nós” (Introd., p. V). Quanto às notas, parece que são novas, deixando de lado as de Figueiredo. De facto, as desta Bíblia são muito menos que as de Figueiredo. Interessaram aos autores notas de caráter histórico, geográfico, espiritual, litúrgico, doutrinal e textual (ib., p. V-VII). Ao longo do texto, deparamo-nos com todo o tipo de ilustrações, quase sempre de figuras bíblicas ou mesmo referentes a devoções como o terço mariano. A data do *Imprimatur* é 1958 e da aprovação, pelo papa João XXIII, é de 1959, portanto, anterior ao Concílio Vaticano II. Provavelmente, esta Bíblia foi uma reedição da publicada pela “Livreria Garnier, 1864, com notas de Delaunay, que foi aprovada por mandamento do Arcebispo da Baía” (por ato de 1963); ver ROSSI, Pe. Agnelo, *A Acção Bíblica Protestante no Brasil*, em *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 7, Março de 1947, p. 47.

1966. *Bíblia Sagrada*, [Rio de Janeiro], Edição Barsa, nova edição, 1966; il.; 2 col.; mapas; XXII, 820, 239, 285 p.; 31 cm (LC, BS275 1966).
1967. *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento. Tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo. Com notas e um completo dicionário prático por José Alberto L. de Castro Pinto*, Rio de Janeiro, Ed. Barsa, 1967; 2 col.; edição católica; com poucas notas; reedição de 1964; 22, 820, 239, 285 p.; 25,5x18 cm (WorldCat).
1967. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzido em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarca Arcebispo eleito de Lisboa*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, [Impressa em Oxford], 1967; 2 col.; sem notas nem referências; 1197 p.; 19,5x13cm (DB).
1968. *Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento. Tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo. Com notas e um completo dicionário prático por José Alberto L. de Castro Pinto*, Rio de Janeiro, Ed. Barsa, nova ed., 1968; il.; mapas; 22, 820, 239, 285, 214 p.; 31 cm (WorldCat; LC, BS275 1968, OcoLC8232174).
1968. [Rio de Janeiro], Edição Barsa, nova edição, 1968; 2 col.; com notas e ilustrações; 820, 285 p.; 25x18 cm (MB; Beneditinos-RJ).
1969. Rio de Janeiro, SBB, 1969; 1478 p.; 18,5 cm (Salesianos do Col. Pio XII – S. Paulo).
1971. *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento. Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarca Arcebispo Eleito de Lisboa...*, Lisboa, 1971; com Dêutero-canônicos; 1179 p.; 20 cm; impresso na Grã-Bretanha para a SocBib (WorldCat; LC, BS275; DB: 2 ex.; MB).
1977. *Bíblia Sagrada, tradução de Antônio Pereira de Figueiredo; com notas e um completo dicionário da Bíblia por José Alberto L. de Castro*, [Rio de Janeiro], Barsa, Ed. ecuménica, 1977; il.; mapas; LXXX, VII, 820, 239, 144, 222 p.; 30 cm (Brown University Library, RIBG85-B4722; WorldCat).
1979. *Bíblia Sagrada, tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo*, São Paulo, ed. Paumape; encadernação de luxo; folha dourada; 1102 p.; 28x21cm (DB).
1980. *Bíblia Sagrada, tradução de Antônio Pereira de Figueiredo; com notas e um completo dicionário da Bíblia por José Alberto L. de Castro*, [Rio de Janeiro], Mirador, Ed. ecuménica, 1980; il.; mapas; LXXX, VII, 820, 239, 144 p., 222 p.; 30 cm (Brown University Library, RIBG85-B4720; WorldCat).

1982. *Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento, traduzida em Português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo...*, São Paulo, Livros Irradianes, 1982; il. inseridas; encadernação de luxo; folha dourada; algumas notas; 1213 p.; 28 cm (WorldCat; DB).
1986. *Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento, traduzida em Português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Depósito (BFBS), 1986; 1020, 317 p.; 24 cm (SBTB, V/49:402).
1997. *Bíblia Sagrada, contém o Antigo e Novo Testamento, tradução portuguesa segundo a Vulgata Latina... pelo Padre António Pereira de Figueiredo...*, São Paulo, Editora Rideel, 1997; 2 col.; il.; mapas; 1345 p., LXIV p.; 18 cm (WorldCat).
- s.d. (1864?). *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em Portuguez Segundo a Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo e algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto hebraico e grego*, Lisboa, Depósito; Oficina de Spotishwood e Cia; Londres; 2 col.; capítulos com numeração latina e sem títulos; letra inicial dos mesmos a duas linhas e primeira palavra em maiúsculas; 744 p; 18x11,5 cm (DB).

### 26.2.2. Antigo Testamento e suas partes (“porções”)

Seguem-se agora as diferentes partes do Antigo Testamento, como é normal, e segundo o esquema colocado no início deste capítulo.

#### Gênesis

1901. *O livro de Gênesis, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina, pelo António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Tipografia Imprensa Nacional Editora, SBBE, 1901; 2 col.; sem notas nem referências, com filete; títulos dos capítulos sem numeração; 50 p.; 18x11,5 cm (Darlow, 7577b; Biblioteca da Universidade dos Açores; BSS, 213.F01.3; WorldCat).
1925. *O livro de Gênesis, trad. da Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1925; 144 p.; 14x8 cm (BNP, Bib. 1125//11 P).

#### Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Isaías

1823. *Os Livros Sagrados dos Psalmos, dos Provérbios, do Ecclesiastes, e das Prophcias de Isaías, traduzidos da Vulgata Latina em portuguez, pelo Padre António Pereira de Figueiredo*, Londres, BFBS, J. S. Hughes, 1823; texto corrido;



edição de bolso; 557 p.; 12,5x8 cm (BNP, Bib. 137 P.; BPARPD, AQ/8 RES; Gulbenkian: Fundo British Council: BC. 2596; Darlow, 7499; RGPL-RJ, 36-F-5 e 5 (2 ex.); BSS, 213.E23.3; WorldCat).<sup>57</sup>

## Salmos

1782. *O livro dos Salmos ou Saltério pelo mesmo tradutor António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Régia Oficina Typográfica, 1782; vol. I: I-LXVII; vol. II: LXVIII-CL; 16,5x11 cm (BNP, R. 28423 P. - 28424 P.; BPB, R. 6847 A. - 6848 A.).<sup>58</sup>

1904. *O livro dos Psalms (harpa d'Israel)*, Rio de Janeiro, SBBE, 1904; 92 p.; 18 cm (BL, D-03068.ff.13; Darlow, 7592; ver ib., 7571).<sup>59</sup>

1907. *O Livro dos Salmos...*, Lisboa, Livraria Evangélica, 1907; nova edição; 2.<sup>a</sup> impressão; com Psalms e Hinos; 444 p.; 11x8 cm (BPMP, M<sup>41</sup> 104).

1968. *O Livro dos Salmos...*, Rio de Janeiro, Editora Ouro, 1968; 262 p. (BNRJ, IV-160, 6, 48).

## Isaías

1848. *O Livro de Isaías*, 1848; 147 p.; edição pequena em cartolina, (FLUP).

1925. *O Livro de Isaías, traduzido da Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1925; 147 p.; 14x9cm (BNP, Bib. 1125/11 P.; FLUP, PV/19652).

## 26.2.3. Novo Testamento

[18?-?]. *O Novo Testamento de Jesus Christo tradução em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre António Pereira de Figueiredo e algumas palavras margi-*

<sup>57</sup> Esta obra é semelhante ao Novo Testamento da versão de Londres, 1823 (BNP, Bib. 385 P.; Darlow, 7498). Um relatório da BFBS de Londres, 1822, diz o seguinte: "Foram feitas edições de bolso dos livros dos *Salmos*, *Provérbios*, *Eclesiastes* e *Isaías*, 5000 exemplares de cada uma".

<sup>58</sup> Este Saltério foi editado na 1.<sup>a</sup> edição do Antigo Testamento de Figueiredo (vol. IX e X). Também foi editado em separado com a mesma data (vol. I e II).

<sup>59</sup> "Reimpresso a partir da edição 1898, S. Paulo: Vanorden & comp., com ligeiras alterações, por exemplo, na ortografia de nomes próprios (de modo a concordar com o adotado em edições da versão de Figueiredo) e na omissão das rubricas para os Salmos e sem anotações: 'Nova tradução, tirada do texto hebreu por F. R. dos Sanctos Saraiva, com os nomes das pessoas e lugares segundo Figueiredo'" (Darlow, 7571).

*naes, tradução segundo o texto grego*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, [18--?]; 12 cm (BNP, R. 28714 P.).<sup>60</sup>

1818. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Londres, BFBS, Bensley e Filhos, 1818; sem notas nem referências; conservaram os sumários dos capítulos; edição de bolso; 351 p.; 2 col.; título dos capítulos em itálico; 18x10,5 cm (Darlow, 7493; Gulbenkian: British Council: BC 796; BSS, 213.E18 /2; Haia, Code: (SISO) 227.1; NUC, vol. 55, p. 686; WorldCat; BNY, Humanities-Rm315; BPARPD, CONV 6458 Res.).<sup>61</sup>

1821. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Londres, Officina de Tilling, Chelsea [BFBS], 1821; 5, 351 p.; 18 cm (BPB, R. 644 A.; Basileia: UB, FG VIII 119; BAJUDA, 109-II-21; NUC, vol. 55, p. 686; WorldCat).

1821. *O Novo Testamento de Senhor Jesus Christo...*, Londres, Impressa na Oficina de B. Bensley, 1821; 251 p.; 22 cm (BPARPD, Conv. 5951 Res).

1823. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesu Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata, pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo...*, Londres, Oficina de Tilling, Chelsea [BFBS], 1823; sem notas nem referências; 2, 351 p.; 18x11 cm (BNP, Bib. 410 P.; BPB, R. 4723 A.; Darlow, 7497; BL, 3025.d.1; Harvard: Teol. Depository Brittle Book 507; TBS, BV/49:442; RGPL-RJ, 33N38 e 18F-31; BSS, 213.E23; WorldCat).<sup>62</sup>

1823. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesu Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata, pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo...*, Londres, Oficina de Tilling, Chelsea [BFBS], 1823; sem notas nem referências; 2, 848 p.; 12,5x7,5 cm (BNP, Bib. 385 P.; Darlow, 7498; BPMP, RJ: 1588; Gulbenkian: British Council, 2526; RGPL-RJ, 63-K-1; BSS, 213.E23.2; BMGPL [Torres Novas]: FA 760; BPRM [Funchal]; BPARPD, JC A/1495 Res; BNY, Humanities-Rm315; BL; BAEA, A/1/1).<sup>63</sup>

<sup>60</sup> Segundo Eduardo Moreira, a 1ª edição popular do *Novo Testamento* feita pela Soc. Bíblica Britânica e Estrangeira, 1909: “Em 1809 apareceu em Londres a 1.ª edição popular do Novo Testamento feita pela Soc. Bíblica Brit. e Estrangeira (SBBE). A versão usada foi a de Almeida (...). Em 1811, era publicado o Novo Testamento na versão de Figueiredo. Será esta edição? Mas as edições onde se menciona “segundo o original grego” são de Almeida corrigido.

<sup>61</sup> Reimpressão da edição de 1805. Segundo Darlow foram feitos 5000 exemplares. Por outro lado, segundo o autor de *Bible of Every Land*, p. 225, a TBS de Londres fez uma emissão deste Novo Testamento também com 5000 exemplares.

<sup>62</sup> Reimpressão de 1818.

<sup>63</sup> Num relatório da BFBS de Londres desta altura, diz-se, que desta edição foi feita “uma edição

1827. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Londres, Samuel Bagster, 1827; 188 p.; 17 cm (Harvard, Teol. Depository Brittle Book 507 Port 1827; WorldCat; NUC, vol. 55, p. 686).
- 1829-1831. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata inserido na Bíblia Sacra Polyglotta...*, Londres, Samuel Bagster, 1829-1831 (Darlow, 7502; BSS, 100.E31 e 100.E32).<sup>64</sup>
1839. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata, pelo António Pereira de Figueiredo*, Nova Iorque, edição de J. S. Redefielel, ABS, 1839; 2 col.; sem notas nem referências; 282 p.; 20x13cm (BPB, R. 5652 A.; SBA; Harvard; BSS, 213.E39; NUC, vol. 55, 686 p.; Darlow, 7505; BNY, Humanities-Rm315; WorldCat; Yale University Library, 805203).<sup>65</sup>
1847. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata...*, pelo António Pereira de Figueiredo, Londres, BFBS, R. Clay, 1847; 2 col.; sem notas nem referências; 320 p.; 18x10,5 cm (BPB, R. 7545 A.; Darlow, 7511; RGPL – RJ: V, 423,2,28; NUC, vol. 55, p. 686; BPARPD, JC A/1080 RES – JC5124; Bodleian, BOD Bookstack, N.T. Port. e. 4; BSS, 213. E47.44; BNRJ; DB; WorldCat).<sup>66</sup>
1855. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Londres, Oficina de W. Clowes e Filhos, Stamford Street, 1855; 2 col.; sem notas nem referências; 317 p.; 18x12 cm (RGPL-RJ: 21-A-14).
1855. *Novo Testamento de Jesu Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata...*, Londres, Bagster, 1855; 188 p. (NUC, vol. 55, p. 687).<sup>67</sup>
1856. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Londres, BFBS, W. M. Watts, 1856; 2 col.; sem notas nem referências;

---

do Novo Testamento em formato pequeno, 10.000 exemplares”.

<sup>64</sup> Na poliglota de Bagster, encontra-se o NT de Figueiredo, mas corrigido, de modo que não é bem igual ao texto das suas edições. Ver a nota da Bíblia de Bagster, 1831.

<sup>65</sup> Darlow informa que a ABS pediu à BFBS 100 Bíblias e 200 NT para enviar a Cabo Verde; diz também que em 1839 a ABS publicou uma edição do NT de Almeida e outra de Figueiredo, sem elementos analíticos da edição (Darlow, 7504).

<sup>66</sup> Reimpressão da publicada em Londres, em 1823, com 5.000 exemplares (BNP, Bib. 410 P.; Darlow, 7497).

<sup>67</sup> Reimpressão de uma parte da Bíblia da edição de 1831, correspondente ao Novo Testamento (Darlow, 7503).

11x7 cm (Darlow, 7515; NUC, vol. 55, p. 687; SBA; BSS, 213.E56; World-Cat).<sup>68</sup>

1857. *Novo Testamento: vida de Nosso Senhor Jesus Christo contendo os Santos Evangelhos, Epistolas, e Apocalypse, tradução do Padre António Pereira de Figueiredo, illustrada com prefações, notas, lições variantes, etc.*, Lisboa, Silva & Sousa, Typ. Joaquim Germano de Sousa Neves, 1857; il.; 2 col.; anterrosto gravado com figuras da Bíblia; XXXI, 808 p.; 30 cm (BJP II, 22.04=71=690 Fig 3; WorldCat).<sup>69</sup>

1858. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata Latina...*, Londres, 1858; 506 p.; 15 cm (RERO, R004316833; WorldCat).

1860. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata Latina...*, Londres, 1860; da Bíblia de 1858.

1864. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata Latina...*, Lisboa, Typ. Universal, 1864; 506 p.; 14,5x10 cm (BPB, R. 6342 A.; TBS, BV/49:442; BSS, 213.E64.2; Darlow, 7524; WorldCat; BPH, TL/E23P4/24-27-246 Nov).<sup>70</sup>

1865. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata Latina...*, Lisboa, BFBS, Typ. Universal, 1865; 392 p.; 15 cm (BNP, Bib. 761 P.; BSS, 213.E65.3; Darlow, 7530; WorldCat).

1866. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Lisboa, Typographia Universal, 1866; 2 col.; sem notas nem referências; reedição de 1864; 506 p.; 14,5x10 cm (BPB, R. 6341 A.; BSS, 213.E66; WorldCat; BPH, BM/E8P2/12; DB).

1866. *O Novo Testamento de Jesu Christo traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo...*, Londres, Spottiswoode e Cie., 1866; 505 p.; em 24.º (NUC, vol. 55, p. 687; BNY, Humanities-Rm315; WorldCat).

1867. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Lisboa, Typographia Universal, 1867; 2 col.; sem notas nem referências.

<sup>68</sup> Reedição do NT da Bíblia de 1850.

<sup>69</sup> Este exemplar é igual ao vol. III (NT) da Bíblia de 1852-1857, mas sem o Suplemento da Vida de Cristo.

<sup>70</sup> Foi o primeiro editado pela sucursal oficial de BFBS em Lisboa. É o início da futura Sociedade Bíblica de Portugal; foi reimpresso em 1866 e 1867.

- cias; 506 p.; 15,5x11 cm (BPB, 6340 A.; BSS, 213.E67.3; NUC, vol. 55, p. 687; DB; LC, BS2175 1867).
1872. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Lisboa, Typ. Luso-Britânica de W. T. Wood, 1872; 368 p.; 15 cm (NUC, vol. 55, p. 687; LC, BS2175 1872).
1873. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Lisboa, Typ. Luso-Britânica de W. T. Wood, 1873; sem notas nem referências; 2 col.; 568 p.; 15,5x10 cm (BMF, S2-E1-P2; 2-1-2; 8-12-5; RGPL-RJ, sem cota; Bodleian BOD Brookstack, NT.T. Port. g. 1).
1873. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Lisboa, 1873 (BMF, S8-E12-P5).
1874. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Lisboa, Lallemand Frères, 1874; 2 col.; 618 p.; 15x9,5 cm (BSS, 213.E74; Darlow, 7541; BSEA; BJPII, 225.05=690 FIG-LAL).<sup>71</sup>
1877. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata Latina...*, Lisboa, Lallemand Frères, 1877; inicia com índice dos livros; 2 col.; sem notas nem referências; 1.<sup>a</sup> palavra em maiúsculas e 1.<sup>a</sup> letra a duas linhas; 501 p.; 15,5x11 cm (BPB, R. 6538 A.; Darlow, 7544; BSS, 213.E77; BPARAH, F. G. / A-9380; WorldCat).<sup>72</sup>
1878. *O Novo Testamento de Jesus Christo traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, BFBS, Lallemand Frères, Fornecedores da Casa de Bragança, 1878; 2 colunas laterais em cada página com referências; no alto das mesmas, indicação do ano das ocorrências; 283 p.; 24x16 cm (BSS, 213.E79.2; DB (2 ex.); BMAlcobaça, 1-A-6-1-364; Darlow, FA5; WorldCat).<sup>73</sup>

<sup>71</sup> Em 1874, a Igreja protestante episcopal da América publicou, aparentemente em Nova Iorque, uma edição portuguesa do seu livro de oração comum, intitulado: *O Livro de Oração Commum... segundo o uso da Igreja Protestante Episcopal nos Estados Unidos d'America; junto com o Psaltério...*; 703 p. A biblioteca da Casa da Bíblia possui uma cópia deste livro. Edição de bolso; 2 col. com filete; letra inicial dos capítulos a 2 linhas; "De Figueiredo's version". Isto significa que os textos bíblicos são da Bíblia de Figueiredo; ver cap. 19 nesta secção de livros (SocBib).

<sup>72</sup> A edição da Biblioteca de Angra do Heroísmo diz ser "edição da Casa de Bragança".

<sup>73</sup> Este NT aparece integrado na Bíblia de 1878-1879, mas também foi editado em separado (Darlow, 7545).

1880. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Lisboa, BFBS, [Impresso em Londres?], 1880; edição de bolso; 2 col.; sem notas; 506 p.; 14,5x9 cm (BSS, 213.E80 / 2; Darlow, 7549; WorldCat).
1881. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata...*, Lisboa, BFBS, Lallemand Frères, 1881; edição em letra grande; 569 p.; 22x15 cm (BSS, 213.E81; Darlow, 7550; WorldCat).
1884. *O Novo Testamento de Jesus Christo tradução em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo... E algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego*, Lisboa, BFBS, [Impresso em Londres?], 1884; 506 p.; 14x9,5 cm (BL, 3022.aa.37; BSS, 213.E84; Darlow, 7551; WorldCat; Bodleian, BOD Bookstack, N.T. Port. f. 12).<sup>74</sup>
1885. *O Novo Testamento de Jesus Christo tradução em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo... E algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, BFBS, 1885; 11 cm (BL, 3022.aa.35; Bodleian, BOD Bookstack, N.T. Port. g. 2; WorldCat).
1885. *O Novo Testamento de Jesus Christo tradução em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo*, Londres, Bagster, 1885 (?), 188 p. (Darlow, 7552; NUC, 55, p. 687).
1886. *Novo Testamento... Nova edição revista e correcta*, Lisboa, [Impresso em Londres], BFBS, 1886; revisão por R. Stewart, com a ajuda de Francisco Lemos, em português do Brasil; com algumas referências; 511 p.; 14x9,5 cm (Darlow, 7553).
1887. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo tradução segundo a Vulgata*, Lisboa, BFBS, Tip. Adolpho, Modesto & C<sup>ia</sup>, 1887; 671 p.; 23x16 cm (BSS, 213.E87; Darlow, 7555).<sup>75</sup>
1889. *O Novo Testamento de Jesus Christo tradução em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo e algumas palavras marginaes, traduzidas segundo o texto grego*, Lisboa, BFBS, Tip. J. da Silva Mendonça, 1889; 538 p.; 15,5x11,5 cm (BSS, 213.E89; Darlow, 7557; WorldCat).

<sup>74</sup> Este NT é uma nova edição do de 1880 (Darlow, 7549); com referências alternativas, com base no grego, em certas passagens. Esta edição tem um livro de orações emitido para o uso da Igreja Lusitana e impresso no Porto em 1884; inclui uma nova versão do Saltério.

<sup>75</sup> Não tem título geral, começa com o Evangelho de São Mateus, datado de 1887. Com algumas referências alternativas. Surgiu uma edição separada do Evangelho de São Mateus, 1887, com 88 p. A biblioteca da casa da Bíblia possui uma cópia deste livro. Em letra grande.

1891. *O Novo Testamento... E algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego. Da edição aprovada em 1842...*, Lisboa, BFBS, Tip. Adolpho Modesto & C<sup>ia</sup>, 1891; 506 p.; 14,5x9,5 cm (BSS, 213.E91; Darlow, 7562; WorldCat).
1892. *O Novo Testamento... E algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego. Da edição aprovada em 1842...*, Lisboa, Tipografia Adolfo Modesto, 1892; 2 col.; sem notas nem referências; 671 p.; 23x16 cm (RGPL-RJ, 33L30).
1894. *Novo Testamento em umbundu e português de Figueiredo* [Romanos - Apocalipse], 1894; 2 col.; notas de rodapé; p. 458-789; 19 cm (Darlow, 6765d; BSS, 389.F27).<sup>76</sup>
1895. *Novo Testamento de Jesu Christo: traduzido em Portuguese segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, William Clowes and Sons, 1895; 506 p.; 16 cm (CUL, CB88 1895).
1895. *O Novo Testamento de Jesu Christo: da edição aprovada 1842 pela Rainha D. Maria II, com a consulta do Patriarcha, arcebispo eleito de Lisboa*, Lisboa, Typographia de Vicente da Silva & C.<sup>a</sup>, 1895; 506 p.; 16 cm (BPARPD, NC 90 Res).
1900. *O Novo Testamento... E algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego. Da edição aprovada em 1842...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1900; 2 col.; sem notas nem referências; 677 p.; 23,5x16,5 cm (SBA / NY: 16/456).
1900. *O Novo Testamento... Figueiredo*, Lisboa, Typ. Nacional Editora, 1900; 677 p.; 22x15 cm (SocBib).
1900. *O Novo Testamento... traduzido em Portuguese segundo a Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Typographia da Companhia Nacional Editora, 1900; 677 p. (NUC, vol. 55, p. 687; WorldCat; Yale University Library, WC 8885).

<sup>76</sup> Tanto a *Bíblia de Almeida* como a de *Figueiredo* tiveram várias edições em línguas africanas de Angola, que fazem parte das línguas bantu. Em Angola há algumas dezenas de línguas com seus dialetos. As mais importantes são o kimbundu e o umbundo. Assim, encontramos línguas destes grupos como o fiote de Cabinda, o nganguela de Menongue e o kicongo do Uíge ou o chokwe das Lundas e do Moxico. O kimbundu é falado pelos povos do Norte e Centro (Luanda, Caxito, Malanje, Kwanza Norte e Sul); o umbundo é falado pelos povos do planalto central, onde vivem os ovimbundus (Huambo, Kwito-Bié, Benguela, etc.).



1903. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria I...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, J. Ferreira Medeiros, 1903; 2 col.; em caracteres grandes; 677 p.; 23x15 cm (BFBS; BPARPD, F488n - 31643; BSS, 213.F03.3; Darlow, 7585; DB).
1904. *O Novo Testamento... E algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego. Da edição aprovada em 1842...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, BFBS, 1904; 511 p.; 15x10 cm; 2 col. com filete (BSS, 213.F04; Darlow, 7590; BSME; BPH, FCR/NOV; WorldCat).
1907. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, [Impresso em Guildford], BFBS, 1907; sem notas nem referências; 2 col.; 509 p.; 15x10 cm (SBA; BL, 03025.f.15; BSS, 213.F07.2; LC, BS2175 1907; Darlow, 7604).
1907. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, BFBS, [s.n.], Billing and Sons [impressor], 1907; 509 p.; 16 cm (WorldCat).
1907. *O Novo Testamento... E algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego. Da edição aprovada em 1842...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, BFBS, 1907; sem notas nem referências; ed. de 5000 ex.; 2 col.; 389 p.; 11,5x7,5 cm (SBA; NUC, vol. 55, p. 688).
1907. *O Novo Testamento, tr. pelo Padre A. Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1907; 509 p.; 17 cm (Bodleian, BOD Brookstact, N.T. Port. e.6).
1908. *O Novo Testamento de Jesus Christo, traduzido em portuguez... algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego... da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, [Impresso em Londres], Depósito das Escripuras Sagradas, BFBS, 1908; 389 p.; 11,5x7 cm (BSS, 213.F08.2 e 3; Darlow, 7606).<sup>77</sup>
1910. *O Novo Testamento de Jesus Christo*, Versão brasileira de Almeida e Figueiredo, 250 p. (BL, 030068.ee.14).

<sup>77</sup> A data é dada no verso do título: "10.000 ex. reimpresso Janeiro 1908". A biblioteca da casa da Bíblia possui uma cópia de uma edição semelhante, sem data, de 389 p.

1912. *O Novo Testamento de Jesus Christo...*, Londres, Rio de Janeiro, SBBE, 1912; versão brasileira; nova versão baseada na tradução de Almeida e Figueiredo; 502 p. (BL, 03068.ff.67).<sup>78</sup>
1913. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, trad. em portuguez segundo a Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo... da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1913; reimpressão da edição de 1907; 509, 2 p.; 2 col.; 16 cm (BNP, Bib. 982 P.; BSS, 213.F13.2).
1919. *O Novo Testamento de Jesus Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... e algumas palavras marginaes, traduzidas segundo o texto grego. Da edição approvada em 1842 pela rainha d. Maria II...*, Lisboa, [Impressa na Grã-Bretanha], Depósito das Escripturas Sagradas, 1919; 389, p.; 11 cm (NUC, vol. 55, p. 688; LC, BS2175 1919).
1921. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1921; 2 col.; 509 p; 10x15 cm (BCapP, 225 Nov; CMSTR, F.R. 530 B; BPMP, H7-6-149; BEP).
1923. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, trad. em portuguez segundo a Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1923; 2 col.; 509 p.; 15 cm (BNP, Bib. 1373 P.).
1925. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, trad. em portuguez segundo a Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1925; 2 col.; 509, 2 p.; 15 cm (BNP, Bib. 1113 P.; FLUP, Pv/18969; NUC, vol. 55, p. 688; WorldCat).
1927. *Usendo Waha wa mwene wetu kanda chilamwina chetu Yesu Kristu: O Novo Testamento*, Londres, BFBS, 1927; é uma diglota em chokwe e português de Figueiredo, em colunas paralelas; com notas de rodapé; 789 p.; 19 cm (BSS, 391.1.F27).<sup>79</sup>
1932. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina, por António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1932; 2 col.; 509 p.; 15 cm (BPMP, AF-521).

<sup>78</sup> Reimpressão do NT da Bíblia de 1911.

<sup>79</sup> Este é o primeiro *Novo Testamento* em chokwe, com os Salmos. Traduzido nesta língua por Frederick S. Olford, Herbert W. Griffiths e Malcolm B. MacJannet.

1937. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, publicado com divisões e notas pelo Padre Carmelo Ballester Nieto, C.M., Sociedade de S. João Evangelista*, Tournai (Bélgica), Desclée e C.<sup>a</sup>, editores Pontifícios da SAGR. Congr. dos Ritos, 1937. “O texto é o da tradução bem conhecida do clássico Pe. António de Figueiredo”; edição de bolso; 863 p.; 14x9 cm (DB).<sup>80</sup>
1939. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1939; 2 col.; 547 p.; 15,5x10 cm (DB; BJPII).
1952. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo traduzido em português segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1952; 2 col.; sem notas nem referências; 642 p.; 14x9,5 cm (BCapP, 225 Nov; BJPII).
1952. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo traduzido em português segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, Impresso na Grã-Bretanha, por Billing & Sons, 1952; 2 col.; sem notas nem referências; 509 p.; 14x10 cm (SocBib).
1963. *O Novo Testamento...*, Lisboa, BFBS, 1963; 548 p.; 14 cm (TBS, BV/49:542).
1979. *O Novo Testamento...*, Lisboa, SocBib, [Impresso na Grã-Bretanha], 1979; edição de 1963 revista; 2 col.; sem notas nem referências; tiragem de 10 000 ex.; 548 p.; 14,5x9,5 cm (SBA/NY, B 204007).
1985. *O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo: traduzido em português segundo a Vulgata Latina...*, [s.l.], Sociedades Bíblicas Unidas, 1985; texto revisado, na nova ortografia, por Eric H. Barker; 548 p.; 15 cm (WorldCat).

<sup>80</sup> Nas palavras “Ao leitor”, o autor do livro pretende convencê-lo a fazer dos Evangelhos o seu tesouro mais precioso. Depois destas considerações, dá-nos também a origem desta tradução: “O texto é o da tradução bem conhecida do clássico Pe. António de Figueiredo, que se reproduziu, compulsando as edições mais seguras, particularmente a do Pe. Santos Farinha [1902-1904], transcrevendo-o segundo as regras modernas da ortografia portuguesa (...). Todas as notas explicativas, assim como as divisões centrais e marginais, foram tiradas das diversas edições do Novo Testamento, que o Senhor me deu a graça de publicar” (p. VIII).

## Partes do Novo Testamento

### Os Quatro Evangelhos

1855. *O Santo Evangelho segundo S. Mattheus (S. Marcos, S. Lucas, S. João), traduzido por António Pereira de Figueiredo...*, Londres, Of. de W. Clowes, 1855; 317 p. (BPMP).
1862. *O Santo Evangelho segundo S. Mattheus (S. Marcos, S. Lucas, S. João), traduzido por António Pereira de Figueiredo...*, Londres, BFBS, 1862; 4 partes; em 32.º (BL, 3022.a.42.).
1885. *Os Evangelhos do Novo Testamento, traduzidos em portuguez segundo a Vulgata Latina... E algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1885; 2 col.; 229 p.; 15x9,5 cm (BSS, 213.E85.2; BL, 3022.aa.38; WorldCat).
1954. *Os Evangelhos do Novo Testamento, traduzidos em portuguez segundo a Vulgata Latina... E algumas palavras marginaes traduzidas segundo o texto grego*, Lisboa, Tip. da Casa Nun'Alvares, 1954; 340 p.; 14 cm (CMSTR, 27-247 Bib).

### Evangelho segundo São Mateus

1826. *O Santo Evangelho de Jesus Christo segundo S. Matheus. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa Depósito das Escrituras Sagradas, 1826; 110 p.; 11x7 cm (BPB, R. 6130 A.).
1862. *O Santo Evangelho de Jesus Christo segundo S. Matheus. Traduzido da Vulgata Latina...*, Londres, BFBS, 1862; sem paginação; em 32.º (BL, 3022.a.42).
1881. *O Santo Evangelho de Jesus Christo segundo S. Matheus. Traduzido segundo a Vulgata Latina... Algumas palavras na margem, segundo o texto grego*, Lisboa, [s. n.], 1881; em 16.º (BL, 3022.b.50).
1886. *O Evangelho segundo S. Matheus traduzido do original*, Lisboa, BFBS, 1886; 2 col.; algumas notas de rodapé e traduções alternativas na margem; não paginado; "Tentative edition", baseado em Figueiredo (Darlow, 7554).<sup>81</sup>

<sup>81</sup> Tem como base o texto de Figueiredo e é uma edição experimental do comité português para uma nova tradução da Bíblia para Portugal e Brasil.

1887. *O Sancto Evangelho de Jesus Christo segundo S. Mattheus*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, Typographia Adolpho, Modesto & C<sup>a</sup>., Impressores, 1887; 88 p.; 22 cm (BSS, 213.E87.2; WorldCat).<sup>82</sup>
1890. *O Evangelho de São Matheus traduzido da Vulgata Latina... da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II... Com algumas palavras na margem, segundo o texto grego*, Lisboa, BFBS, Adolpho, Modesto & C<sup>ia</sup>, 1890; sem paginação; 10,5x7,5 cm (BSS, 213.E90; Darlow, 7559; WorldCat).<sup>83</sup>
1892. *O Evangelho de São Matheus traduzido da Vulgata Latina... da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II... Com algumas palavras na margem, segundo o texto grego*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, Adolpho, Modesto & C<sup>a</sup>., Impressores, 1892; sem paginação; com traduções alternativas; 10,5x7,5 cm (BSS, 213.E92; WorldCat).<sup>84</sup>
1900. *O Evangelho de São Matheus traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, BFBS, 1900; em letra grande; 2 col.; 87 p.; 23 cm (BSS, 213.F04.6).
1907. *O Evangelho segundo S. Mateus, tradução da Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1907; sem notas; algumas anotações de tradução; 2 col.; 112 p.; 11x8 cm (BPMP, M41 104).
1914. *O Evangelho segundo S. Mateus. Tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1914; 94 p.; 14 cm (BPMP, K3-5-223).
1922. *O Evangelho segundo S. Mateus traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1922; texto corrido; 94 p.; 13,5x9 cm (BNP, R. 29222 P.; BPMP, K3-5-224; BSS, 213.F22).
1927. *O Evangelho segundo S. Mateus traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1927; 94 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1125//7 P.).
1928. *O Evangelho segundo S. Mateus, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1928; 94 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1125//8 P.; BPMP, K3 - 5 - 212).

<sup>82</sup> Uma edição de Mateus separada do Novo Testamento de 1887, publicado pela BFBS (Darlow, 7555).

<sup>83</sup> Edições similares dos outros três Evangelhos apareceram no mesmo ano.

<sup>84</sup> É uma edição similar à de 1890, de Marcos (Darlow, 7559); reedição da de 1890.

1930. *O Evangelho segundo S. Mateus, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, BFBS, 1930; texto corrido; 94 p.; 13,5x9 cm (SBA).
1931. *O Evangelho segundo S. Mateus, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1931; 94 p.; 14 cm (BNP, R. 22911//6 P.; BPB, R. 6201//9 A.).
1932. *O Evangelho segundo S. Mateus, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1932; 94 p.; 13,5x8,5 cm (BPMP, K3 - 5 - 210).
1933. *O Evangelho segundo S. Mateus, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1933; texto corrido; 94 p.; 13,5x8,5 cm (BPMP, K3 - 5 - 209; BPB, R. 6176//13 A.; BCapP).
1935. *O Evangelho segundo S. Mateus, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1935; texto corrido; 95 p.; 13,2x8,5 cm (BPMP, K3 - 5 - 209; BPB, R. 6149//8 A.; BCapP).
1938. *O Evangelho segundo S. Mateus, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Oficina Gráfica, 1938; 110 p.; 13 cm (BNP, R. 29222//41 P.; BPMP, K3 - 5 - 211).
1938. *O Evangelho segundo S. Mateus traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1938; texto corrido; 110 p.; 13,5x8,5 cm (DB; BPMP: K3 - 5 - 211).
1940. *O Evangelho segundo S. Mateus traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1940; sem notas nem referências; 110 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1944. *O Evangelho segundo S. Mateus, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1944; 110 p.; 17 cm (BNP, Bib. 1197 P.).
1944. *O Evangelho segundo S. Mateus traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1944; texto corrido; sem notas nem referências; 110 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1949. *O Evangelho segundo S. Mateus traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1949; texto corrido; sem notas nem referências; 112 p.; 13,5x8,5 cm (DB).

1956. *O Evangelho segundo S. Mateus traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1956; 112 p.; 13 cm (ULFL(1/ 0)).
1960. *O Evangelho segundo São Mateus traduzido da Vulgata Latina pelo António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1960; texto corrido; sem notas nem referências; 110 p.; 13x9 cm (SBA).
1960. *O Evangelho segundo São Mateus. Tradução António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1960; 110 p.; 13 cm (BNP, R. 33136 P.; BPMP, K7-1-16).

### Evangelho segundo São Marcos

1881. *O Santo Evangelho de Jesus Christo segundo S. Marcos. Traduzido segundo a Vulgata Latina... Algumas palavras na margem, segundo o texto grego*, Lisboa, [Impresso em Londres], BFBS, 1881; em 16.º (BL, 3022.b.51.).
1885. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Rio de Janeiro, Typ. Universal de Lallement Frère & C, 1885; 31 p.; em 16.º (BNRJ, Misc. 471, 38).
1888. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, BFBS, 1885; “A new translation”, baseada em Figueiredo; sem paginação; 15x10,5 cm (Darlow, 7556).
1890. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II... Com algumas palavras na margem, segundo o texto grego*, Lisboa, Tip. Adolpho Modesto e C<sup>a</sup>, Impressores, 1890; 12 cm (BSS, 213.E90; WorldCat; Darlow, 7559).<sup>85</sup>
1900. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1900; em caracteres grande; p. 88-142; 2 col.; 22,5x15,5cm (BSS, 213.F00.11; WorldCat).
1907. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1907; sem notas; apenas algumas anotações de tradução; 2 col.; 71 p.; 11x8 cm (BPMP, M<sup>41</sup> 104).
1913. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1913; 60 p.; 14 cm (BPMP, K3-5-227).

<sup>85</sup> Edições similares dos outros três Evangelhos apareceram no mesmo ano.



1922. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II... Com algumas palavras na margem segundo o texto grego*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1922; ortografia revista; texto corrido; edição de bolso; 60 p.; 13,5x9 cm (BSS, 213. F22.2; BPMP, K3-5-228).
1923. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1923; 61 p.; 13 cm (BPMP, K3-5-229).
1926. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1926; 61 p.; 17 cm (BNP, Bib. 1196 P.).
1927. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1927; 61, 2 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1125//4 P.).
1928. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1928; 61 p.; texto corrido; 13,5x8,5 cm (BNP, R. 22747/2 P.; BPMP, K3 – 5 – 217).
1930. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1930; 61 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1165 P.; BPMP, K3 – 5 – 213).
1931. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1931; 61 p.; 13x8,5 cm (BNP: R. 22911// 5 P.; BPMP, K3 – 5 – 216.).
1933. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1933; 61 p.; 13x8,5 cm (BPMP, K3 - 5 - 215; BPB, R. 6176//3 A.).
1934. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1934; sem notas nem referências; 63 p.; 13,5x8,5 cm (BPB, 6159//10 A.).
1935. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Tip. Portugal Novo, 1935; 63 p.; 13 cm (BNP, B. 1182 P.).
1935. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1935; 63 p.; 13x8,5 cm (BNP, Bib. 1166 P.; BPB, R. 6159//9 A.; R. 6201//8 A.; BSS, 390.1.F35; Darlow, 6404 A1).<sup>86</sup>

<sup>86</sup> “As primeiras Escripturas em chiLuimbu. Com muito poucas notas de rodapé no português, texto em colunas paralelas. Traduzido para chiLuimbi por C. W. Scott da missão irmãos, assistido por Bernardo Lopi e Kutaha. Uma diglota em chiLuimbi e o português de Figueiredo, em páginas opostas”.

1936. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1936; da edição de 1842; com algumas palavras na margem; 63 p.; 13,5x8,5 cm (BPMP, K3 - 5 - 214).
1938. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1938; texto corrido; sem notas nem referências; 71 p.; 13,5x8,5 cm (BPB, R. 6152//9 A.; DB).
1940. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1940; sem notas nem referências; 71 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1943. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1943; sem notas nem referências; 71 p.; 13,5x8,5 cm (BPB, R. 6146//10 A.).
1944. *O Evangelho de São Marcos traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Oficina Gráfica, 1944; 71 p.; 13 cm (BNP, R. 30728//7 P.).
1945. *O Evangelho segundo S. Marcos traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1945; sem notas nem referências; 71 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1949. *O Evangelho segundo São Marcos traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Tip. Papelaria Fernandes, 1949; 72 p.; 13 cm (BNP, R. 31133//3 P.; BPB, R. 6141//13 A.).
1957. *O Evangelho segundo S. Marcos, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1957 (30 000 ex.); 72 p.; 13x8,5 cm (BNP, R. 32041 P.).
1959. *O Evangelho segundo S. Marcos...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1959; 72 p.; texto corrido; sem notas nem referências; 12,5x9 cm (SBA / ABS).

### Evangelho segundo São Lucas

1826. *O Santo Evangelho de Jesus Christo segundo S. Lucas. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa Depósito das Escrituras Sagradas, 1826 (BPB, R. 4115//3 A.).
1881. *O Santo Evangelho de Jesus Christo segundo S. Lucas. Traduzido da Vulgata Latina... Algumas palavras na margem traduzido segundo o texto grego*, Lisboa, 1881; em 16.º (BL, 3022.b.52).

1890. *O Evangelho segundo S. Lucas, traduzido da Vulgata Latina... da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II... Com algumas palavras na margem, segundo o texto grego*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, Adolpho Modesto & C<sup>a</sup>., Impressores, 1890; 12 cm (BSS, 213.E90.3; Darlow, 7559; WorldCat).
1904. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1904; 142-235 p.; 23x 15,5 cm (BSS, 213.F04.7).
1913. *O Evangelho Segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1913; 103 p.; 14 cm (BPMP, K3-5-225).
1922. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1922; texto corrido; edição de bolso; com referências ao grego; 103 p.; 13,5x9 cm (BSS, 213.F22.2).
1922. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1922; texto corrido; 103 p.; 13,5x9 cm (BSS, 213.F22.3).
1923. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1923; 103 p.; 14 cm (BPMP, K3-5-226).
1926. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1926; 103 p.; 17 cm (BNP, Bib. 1195 P.).
1927. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1927; 103 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1125//5 P.).
1928. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1928; 103 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1125//6 P.).
1930. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1930; texto corrido; reedição de 1928; 103 p.; 13,5x9 cm (BNP, R. 22758//17 P.; SBA).
1931. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1931; 103 p.; 14X9cm (BNP, R. 22911//7 P.; BPMP, H7-3-164).
1932. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1932; 103 p. (Basileia: UB: Bib GC 1087:4).
1933. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1933; 103 p.; texto corrido; 13,5x8,5 cm (BPMP, K3-5-205; BCapP).

1934. *O Evangelho segundo S. Lucas, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1934; texto corrido; 103 p.; 13,5x8,5 cm (BPMP: K3 - 5 - 209; BPB, R. 6159//5 A.; BCapP).
1935. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1935; 103 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1156 P.).
1938. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1938; sem notas nem referências; 122 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1940. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1940; sem notas nem referências; 122 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1943. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1943; 122 p.; 13x8,5 cm (DB).
1945. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Oficina Gráfica, 1945; 122 p.; 13 cm (BNP, R. 30627 P.).
1945. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1945; texto corrido; sem notas nem referências; 122 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1951. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1951; 122 p.; 14 cm (WorldCat).
1960. *O Evangelho segundo S. Lucas, tradução da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1960; texto corrido; sem notas nem referências; 86 p.; 13x9cm (SBA).
1960. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1960; 123 p.; 13 cm (BNP, R. 33032 P.; BPMP, K7-3-19).
1962. *O Evangelho segundo S. Lucas traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1960; 123 p.; 13 cm (BNP, R. 33755 P.).

### Evangelho segundo São João

1881. *O Santo Evangelho segundo S. João. Traduzido segundo a Vulgata Latina... Algumas palavras na margem traduzidas segundo o texto grego*, Lisboa, [Impresso em Londres], BFBS, 1881; em 16.º (BL, 3022.b.53).

1890. *O Evangelho de S. João traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1890; 12 cm (BSS, 213.E90.4; Darlow, 7560; WorldCat).<sup>87</sup>
1904. *O Evangelho de S. João traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, BFBS, 1904; separata dos Evangelhos da p. 235-304; 23x15,5 cm (BSS, 213. F04.8).
1907. *O Evangelho de S. João traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1907; 2 col.; sem notas; com algumas anotações de tradução; 83 p.; 11x8 cm (BPMP, M41 104).
1913. *O Evangelho Segundo São João traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Sagradas Escrituras, 1913; 77 p.; 14 cm (BPMP, K3-5-198).
1922. *O Evangelho Segundo São João traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1922; texto corrido; edição de bolso, com referências ao grego “In the revised official orthography”; 77 p.; 13,5x9 cm (BSS, 213.F 22.4).
1923. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Sagradas Escrituras, 1923; 77 p.; 14 cm (BPMP, K3-5-199).
1924. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1924; texto corrido; 77 p.; 13,5x8,5 cm (BPMP, K' - 9 - 46 (2)).
1927. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1927; 77 p.; 14x9 cm (BNP, Bib. 1125//9 P.).
1928. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1928; 77 p.; 14x9 cm (BNP, Bib. 1125//4 P.; BPMP, K3-5-199).
1929. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1929; 77 p.; texto corrido; 13,5x8,5 cm (BNP, R.22747//4 P.)
1930. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1930; 77 p.; texto corrido; 13,5x8,5 cm (BNP, R 22767//34 P.; BPB, R. 6152//17 A.; BPMP, K' - 9 - 46 (3)).

<sup>87</sup> Semelhante à edição de 1890 de Marcos (Darlow, 7559).

1931. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1931; 77 p. (BNP, R. 22911//4 P.).
1933. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1933; texto corrido; 77 p.; 13,5x8,5 cm (BCapP).
1935. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1935; 79 p.; 13,5x8,5 cm (BNP, Bib. 1161 P.; BPMP, K<sup>o</sup> - 9 - 46 (4); BPB, R. 6156//2 A.).
1936. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1936; texto corrido; 79 p.; 13,5x8,5 cm (BNP, R. 27017//2 P.; BPB, R. 6149//9 A.; BPMP, K3 - 5 - 206).
1938. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1938; sem notas nem referências; 87 p.; 13,5x8,5 cm (BNP, Bib. 1178 P.; BPB, R. 6325//4 A.; DB).
1940. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1940; texto corrido; 87 p.; 13,5x8,5 cm (BPMP, K3 - 5 - 207; BPB, R. 6159//7 A.).
1943. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1943; 87 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1945. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1945; 87 p.; 14 cm (WorldCat).
1949. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1949; sem notas nem referências; 87 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1952. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1952; 88 p.; 14 cm (BPA, FG/A-19838//6).
1956. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripturas Sagradas, 1956; sem notas nem referências; texto corrido; 86 p.; 13 cm (SBA / ABS).
1958. *O Evangelho Segundo São João. Traduzido da Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Marinha Grande, Cruzada Pró-

-Evangelificação de Portugal, 1958; sem notas nem referências; texto corrido; 60 p.; 16x10 cm (BNP, R. 40115 P.; DB; BCapP, 226 EVA).

1963. *O Evangelho de S. João traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1963; 88 p.; 13 cm (BNP, R. 33915 P.; BPMP, J7-5-8[7]).

### Evangelhos e Actos

1923. *Os Quatro Evangelhos e os Actos dos Evangelhos*, Londres, BFBS, 1923; 457 p.; 2 col.; 18x12,5cm; português e umbundo em colunas paralelas; “texto da ortografia revista no português de Figueiredo e impresso em páginas alternativas para atender ao desejo do governo português” (BSS, 389.F23; Darlow, 6765c).<sup>88</sup>

1956. *Os Quatro Evangelhos e os Actos dos Evangelhos*, [s.l.], 1956 (BPB, R. 7455 A).

### Atos dos Apóstolos

1890. *Actos dos Apóstolos. Traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina...*, Lisboa, BFBS, Adolpho Modesto & Ca., 1890; “A new translation”; sem paginação; 13,5x9 cm (Darlow, 7561).

1904. *Actos dos Apóstolos. Traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, BFBS, 1904; p. 304-394; 23 cm (BSS, 213.F04.9).

1914. *Actos dos Apóstolos. Traduzido da Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, 1914; 99 p.; 14 cm (BPMP, K3-5-230).

1922. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1922; com revisão ortográfica; 98 p.; 14 cm (BSS, 213. F22.5).

1926. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1926; 98 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1125//1 P.).

<sup>88</sup> Com referências nos Evangelhos, notas de rodapé no umbundu e notas de rodapé ocasionais no português. Uma nova revisão da edição 1898 de Mateus e Marcos, a edição 1907 de Lucas e Atos e a edição 1889 de João, por Wesley, M. Stover, assistidos por M. W. Ennis e John T. Tucker, e todo o Conselho americano de comissários para as missões estrangeiras.



1927. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1927; 98 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1172 P.).
1928. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1928; 98 p.; 13,5x8,5 cm (BNP, Bib. 1125//2 P.; BPB, R. 6202//6 A.; BPMP, K3 - 5 - 219).
1932. *Actos dos Apóstolos com algumas palavras anotadas segundo o texto grego; trad. da Vulgata Latina por...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1932; 98 p.; 13,5 cm (ULMC( 1/ 0)).
1935. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1935; 99 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1170 P.).
1935. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Tip. Portugal Novo, 1935; 99 p.; 14 cm (BNP, Bib. 1171 P.).
1936. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II... Com algumas palavras anotadas segundo o texto grego*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1936; 99 p.; 13,5x8,5 cm (DB).
1938. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1938; sem notas nem referências; 112 p; 13,5x8,5 cm (DB; BNP, R. 29741//1 P.).
1944. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1944; 112 p; 13,5x8,5 cm (DB).
1946. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1946; 112 p.; 14 cm (WorldCat).
1949. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1949; sem notas nem referências; 112 p.; 13,5x8,5 cm (DB).

1956. *Actos dos Apóstolos, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1956; 112 p.; 13 cm (BNP, R. 31864 P.; BGUC, 5-54-22-9).
1959. *Actos dos Apóstolos... traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1959; 111 p.; 13 cm (BNP, R. 32676 P.; BGUC, 5-46-46-26; BPMP, H7-6-32).

### Evangelho de São Lucas e Actos dos Apóstolos

1823. *O Sancto Evangelho segundo Sam Lucas e os Actos dos Apóstolos...*, Londres, BFBS, J. S. Hughes, 1823; edição de bolso; separata do Novo Testamento do mesmo ano; 227 p.; 12,5x7,5 cm (Darlow, 7500; BSS, 213.E23.4; World-Cat).<sup>89</sup>

### Epístolas e Apocalipse

1901. *Epístola de S. Thiago Apóstolo; 1.ª e 2.ª de S. Pedro Apostolo; 1.ª 2.ª e 3.ª de S. João Apóstolo; de S. Judas Apóstolo; Apocalypse de S. João Apóstolo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, BFBS, 1901; p. 595-677; 23 cm (BSS, 213.F04.14).
1904. *Primeira e Segunda Epistola de S. Paulo Apóstolo aos Corinthios, traduzido em portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, BFBS, 1904; p. 431-491; 23 cm (BSS, 213.F04.11).
1904. *Epístolas de S. Paulo: 1.ª e 2.ª a Timótheo; a Tito; a Philemon; aos Hebreus, traduzidas em portuguez segundo a Vulgata Latina. Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, BFBS, 1904; p. 544-595; 23 cm (BSS, 213.F04.13).
1904. *Epístola de S. Paulo aos Gálatas; aos Ephésios; aos Philipenses; aos Colossenses; aos Thessalonicenses; traduzidas em portuguez segundo a Vulgata Latina... Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II...*, Lisboa, Depósito das Escripuras Sagradas, BFBS, 1904; p. 491-544 p.; 23 cm (BSS, 213.F04.12).
1927. *Epístolas e Apocalipse [Romans-Revelation]. Ovikanda la Espistululo*, BFBS, Londres, 1927; português e umbundu de Benguela, em páginas paralelas; re-

<sup>89</sup> Esta obra é semelhante ao Novo Testamento da versão de Londres, 1823 (BNP, Bib. 385 P.; Darlow, 7498).

- visão por M. W. Enis e J. T. Toker; 458-789 p.; 18,5x11,5 cm (BSS, 389.F27; Darlow, 6765d; BL, 03068.ee.116).
1951. *1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Epístolas Universais do Apóstolo S. Pedro*, Lisboa, Tip. Colonial, 1951; 16 p.; 6,5x6 cm (BPB, R. 6102 A.).
1954. *1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Epístolas Universais do Apóstolo S. Pedro, segundo a Vulgata Latina...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1954; 20; 12 cm (BJPII).
1956. *Primeira, Segunda e Terceira Epístolas Universais de São João...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1956; 16 p.; 12 cm (BNP, R. 31874 P.).
1958. *Primeira, Segunda e Terceira Epístolas Universais de São João. Trad. de António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1958; 16 p.; 12 cm (BNP, R. 32634 P.; BPMP, H7-6-44[7]).
1958. *Primeira, Segunda Epístolas universais de São Pedro. Trad. de António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1958; 12 p.; 12 cm (BNP, R. 32633 P.; BPMP, H7-6-44[7]).
1960. *A Genuína Epistola Católica de São Tiago. Trad. de António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1960; sem notas nem referências; 2 col.; 12 p.; 12 cm (BNP, R. 33073; BPMP, K7-3-2[28]).
1963. *Epístola universal de São Tiago. Trad. de António Pereira de Figueiredo...*, Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1963; 12 p.; 12 cm (BNP, R. 33796 P.).
1986. *Apocalipse de Albrecht Durer [recriação de] Agustina Bessa Luís; com a versão portuguesa do "Apocalipse" de acordo com a trad. do Padre António Pereira de Figueiredo*, Lisboa, Guimarães Editores, 1986; muito ilustrado; 131, 4 p.; 30 cm (BNP, L. 37565 V.; BPMP).<sup>90</sup>

#### 26.2.4. Outras presenças da Bíblia de Figueiredo

1829. Figueiredo na *Bíblia Poliglota de Samuel Bagster*. Um motivo de honra para Figueiredo é o facto de figurar na *Bíblia Poliglota de Samuel Bagster* (Londres, 1831).<sup>91</sup> Foi orientada por Samuel Lee (1783-1852) e editada por Samuel Bags-

<sup>90</sup> Nota: Comentários sobre a revelação de São João, obra ilustrada e gravada em 1498 por Albrecht Dürer.

<sup>91</sup> *Biblia Sacra Polyglotta, textus archetypus versionesque paecipuas ab Ecclesia antiquitus receptas complectentia. Accedunt prolegomena in eorundem crisin literalem auctore Samuele Lee...* (Darlow, 1455; BSS, 100.E31.2). Há uma outra edição de um só volume, de 1831, que tem no Novo Testamento as seguintes línguas: grego, latim, inglês, português, siríaco, francês, italiano,

ter (1772-1851). Esta poliglota, para o Antigo Testamento, tem as seguintes línguas: hebraico, grego, latim e inglês. Por seu lado, o Novo Testamento tem grego, latim, inglês, espanhol, português, e siríaco, no fim. Este *Novo Testamento* é de 1829:

- *Novum Testamentum Polyglotum: Textum archetipum versionesque praecipuas ab Ecclesia receptas complectens...*, 1829. O mesmo Bagster publicou ainda a Bíblia de Figueiredo, já acima citada, com o título:

1831. *A Sancta Bíblia, contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzido em português segundo a Vulgata*, Londres, Officina de Samuel Bagster, 1831; 2 vol., num só. O volume 2 tem o título: *Novo Testamento de Jesu Christo* (SocBib).

S. d. *Os Livros Apócrifos da Escritura Sagrada, traduzidos e ilustrados; e o Index, ou Lexicon Bíblico* [s.l., s.n., s.d.] (Cat., p. 66).<sup>92</sup>

- *Prefação Geral a toda a Bíblia* (BNP, Bib. 277 V.). O texto original encontra-se no 1.º volume da edição definitiva de 1794-1819. Neste caso, foi editada separadamente.
- *Breve de Pio VI* a confirmar as traduções da Bíblia em línguas vulgares. Apesar de não ter uma relação direta com o tradutor português, este *Breve* foi a ocasião da tradução de Figueiredo. Foi dirigido ao bispo italiano Martini, por ter traduzido *O Novo Testamento* em italiano, depois da permissão dada por Bento XIV. Deixamo-lo aqui na sua língua original, o latim:

*“Delecte Fili, Salutem, &c. In tanta Librorum colluvie, qui Catholicam Religionem oppugnant, & tanta cum animarum pernície per manus etiam imperitorum, optime sentis si Christi Fideles ad Lectionem Divinarum Litterarum magnopere excitandos existimas: illi enim sunt Fontes uberrimi, qui cuique patere debent ad hauriendam Morum & Doctrinae sanctitatem depulsis erroribus, qui his corruptis temporibus late disseminantur. Quod abs te opportune factum existimes, cum easdem Divinas Litteras ad captum cujusque vernaculo sermone redditas, in lucem emisisti: praesertim cum profitearis, & prae te feras, eas addiisse animadvertiones, quae a Sanctissimis Patribus repetitae, quodvis abusus periculum amoveant. In quo a Congregationis Indicis Legibus non recessisti, neque ab ea Constitutione,*

---

espanhol e alemão; portanto, podemos dizer que é a Poliglota com mais línguas modernas (Cambridge University Library, Rare Books Room, Young 15). Houve outra edição desta Poliglota em 1840 (ca.), com a seguinte paginação: 585, 187, 39, 51 p.: il.; mapas; 17 cm; o texto inglês é o da *Versão Autorizada*; o Novo Testamento tem paginação separada para cada livro. O português é da Bíblia de Figueiredo. Sobre esta edição da Bíblia, o Darlow afirma que não é exatamente o mesmo texto do autor português (“but it differs from the ordinary text”). Talvez tenha sido revisto (Darlow 7503).

<sup>92</sup> Sobre o *Lexicum Biblico*, ver 24.3.6.

*quam in hanc rem edidit Benedictus XIV, immortalis Pontifex, quem Nos & in Pontificatu Praedecessorem, & cum in ejus Familiam feliciter olim asciti fuerimus, Ecclesiasticae eruditionis Magistrum optimum habuisse gloriamur. Tuam igitur non ignotam Doctrinam cum eximia pietate conjunctam collaudamus, & tibi de hisce Libris, quos ad Nos transmitendos curasti, gratias quas debemus agimus, illos etiam siquando possimus, cursim perlecturi. Interim Pontificiae benivolentiae testem accipe Apostolicam Benedictionem quam tibi, dilecte Fili, peramanter impertimur. Datum Romae, apud Sanctum Petrum, XIV. Kal. Aprilis, 1778. Pontificatus Nostri Anno IV.*

*Philippus Bonamicus, ab Epistolis Latinis Sanctitatis Suae*".<sup>93</sup>

### Observações a este *Catálogo* de Figueiredo

1. Este catálogo nasceu de uma aturada investigação em muitas bibliotecas portuguesas e estrangeiras, assim como de vários catálogos. Houve sempre a preocupação de provar as respetivas existências pelo nome da biblioteca ou do catálogo. Ao todo, foi possível recolher edições, tanto católicas como protestantes, no total de **396 edições**, entre 1772 e 1963, além de outras presenças da sua Bíblia. Consideramos aqui “edição”, tanto os volumes editados com o nome de António Pereira de Figueiredo, mesmo quando fazem parte de uma Bíblia completa. Temos, assim, uns 400 volumes.

2. Antes de 1821, a Bíblia era católica; mas quando, em 1821, a Bíblia completa foi editada – embora com o mesmo texto católico, mas sem notas – pela BFBS, a Igreja passou a considerá-la “protestante” e por isso deixou de a editar; ou então não achou necessário editá-la. Recolhendo o essencial deste catálogo, podemos concluir o seguinte:

3. Nos séc. XVIII-XIX fizeram-se apenas umas 40 edições, sendo as restantes do séc. XX.

4. Quanto à ordem decrescente de número de edições, temos as seguintes:

- 242 volumes de *Bíblías completas*
- 66 edições do *Novo Testamento* completo
- 27 edições do *Evangelho de Mateus*

<sup>93</sup> Fontes: Prefação Geral à Bíblia de Figueiredo da *Versão Nova*, parte quarta, p. 95; CASTRO, *Biblioteca Espanhola*, tomo I. p. 453. A tradução espanhola do documento de Pio VI encontra-se na Biblioteca de Angra com o título: *Apologia del Breve de Pio VI sobre a Sagrada Escritura em língua vulgar*, 1784; 288 p. (BPARAH, F. M. A-02242).

- 27 edições do *Evangelho de Marcos*
- 26 edições do *Evangelho de Lucas*
- 25 edições do *Evangelho de João*
- 16 edições dos *Atos dos Apóstolos*
- 13 edições das *Cartas dos Apóstolos e Apocalipse*
- 4 edições de *Salmos*
- 4 edições dos *Quatro Evangelhos*
- 2 edições do *Gênesis*
- 2 edições de *Isaías*
- 2 edições de *Evangelhos e Atos*
- 1 edição de *Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Isaías*
- 1 edição de *Lucas e Atos*

No total do Catálogo encontramos 278 obras em 458 volumes de edições bíblicas, o que dá uma pequena biblioteca; mas, se acrescentarmos as dos dois capítulos anteriores (24 e 25), chegamos ao belo número de 837 obras, que lhe são justamente atribuídas.

## Bibliografia

DARLOW, T. H. and MOULE, H. F., *Historical Catalogue of the Printed Editions of Holy Scriptures in The Library of The British and Foreign Bible Society, London, England* [Darlow].

PHILALETES (pseud.), *What is the Bible? An examination of the Portuguese version of Figueiredo da Pereira* (sic), Londres, 1864; 15 p.; em 8.º.<sup>94</sup>

SANTOS FERREIRA, G. L., *A Bíblia em Portugal – 1495-1850*, Lisboa, Typ. Ferreira de Medeiros, 1906.

<sup>94</sup> O autor inglês anónimo, depois de afirmar algumas coisas genéricas sobre a Bíblia de Figueiredo, diz que examinou certas passagens desta Bíblia, comparando-a com a inglesa Authorized Version (p. 4-12). Aí fala de “corruptions” em muitas passagens da Bíblia portuguesa, chegando a afirmar que não se trata de simples gralhas, mas de má e defeituosa tradução. Mas no fundo, o que o dito Philaletes pretende atacar não é o autor da tradução, mas a Vulgata donde ela foi traduzida. Segundo ele, uma tal versão não deveria circular, como Bíblia protestante, ao contrário da Bíblia de Almeida. Por isso, acrescenta que a de Figueiredo deveria ser revista ou rejeitada. E aproveita para afirmar que a versão italiana de Martini tão-pouco teve o sucesso esperado e, por isso, não deve ser publicada pela BFBS. Aliás, um outro autor, J. D. Halles, no mesmo Boletim da BFBS, fala de “the corruption of God’s word in the Italian version of Martini”, comparando este a Diodati, para provar o que pretende: as Bíblias protestantes são melhores que as católicas... Parece que esta voz não foi ouvida pelos responsáveis da BFBS, já que editaram a Bíblia de Figueiredo durante longos anos e mais do que os católicos (Newton Library Catalogue, University of Cambridge, 8.34.61).

*The National Union Catalog, Pre-1956 Imprints; a cumulative author list representing Library of Congress printed cards and titles reported by other American libraries. Compiled and edited with the cooperation of the Library of Congress and the National Union Catalog Subcommittee of the Resources Committee of the Resources and Technical Services Division, American Library Association, Londres, Mansell, 1968-1981; 754 vol.; 36 cm; vol. 53, p. 655-657; vol. 55, p. 686-688 [NUC].*<sup>95</sup>

SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo. Erudição e Polémica na segunda metade do Século XVIII*, Roma Editora, Lisboa, 2005; sobretudo as p. 189-206.

STUART, Clarence Esme (1823-1903), *The Bible and the versions of the Bible, or, The Vulgate compared with the Original Scriptures*, Londres, Wertheim and Macintosh, 1856; 75 p.; 22 cm (BFBS, Londres; BSH.700.60(22)).<sup>96</sup>

Para outra bibliografia referida nas obras, ver Siglas, no início deste volume, assim como a *Bibliografia geral*, no fim do mesmo.

## Conclusões

1. Depois desta quantidade de obras bíblicas de Figueiredo, algumas das quais presentes em grande parte das bibliotecas europeias, para não falar das portuguesas, fica-nos a sensação de que este grande homem da cultura portuguesa, em pleno séc. XVIII, colmatou o grande *deficit* de Bíblias, de que sofriam a Igreja e a nossa cultura de então.

No meio de tanta penúria de traduções e mesmo de comentários bíblicos, nestes dois séculos, o Pe. António Pereira de Figueiredo foi chamado a salvar a face da Igreja portuguesa que, na época aqui tratada, pouco mais produziu que “literatura religiosa”, entendendo-se esta expressão no sentido positivo; ou seja, literatura inspirada na Bíblia e citando continuamente a Bíblia, como é, por exemplo, o caso da *Oratória Sagrada, da Literatura Catequética*, etc. De facto, em

<sup>95</sup> Os vol. 686-754 são suplementos.

<sup>96</sup> Este protestante inglês, que trabalhou em Portugal, critica as edições que não sejam feitas a partir das línguas originais; e, no seu tempo, um opúsculo com o título – *Translations from the Vulgate in the French, Italian, Spanish and Portuguese languages* – era dirigida “to the Committee of the British and Foreign Bible Society, 1863, which urged the Society to cease to circulate ‘unfaithful’ versions of the Bible (meaning Catholic versions made from the Vulgate) and presents arguments in support of this petition (BFBS, BSH.700.74)”. Este apelo não foi ouvido, porque as edições bíblicas em causa continuaram a ser editadas.



toda essa imensa literatura, de que falámos ao longo dos capítulos deste volume, a Bíblia está direta ou indiretamente presente. Está diretamente presente, não apenas na literatura que trata temas expressamente bíblicos (ver cap. 3 e 4), mas também em literatura que tem como tema básico a Bíblia. Todas essas tipologias literárias vão beber, fundamentalmente à Bíblia, os seus conteúdos teológicos e espirituais.

Mas não podemos embandeirar em arco, se dermos uma simples vista de olhos às centenas de traduções e milhares de edições bíblicas em toda a Europa destes dois séculos, como se pode verificar, a título de exemplo, no capítulo das Bíblias *Estrangeiras* (cap. 2). Portugal, perante a enorme quantidade de traduções bíblicas de outras nações, fica muito pequenino.

2. Dando um olhar a este catálogo, notamos que, apesar da concorrência da Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida, Figueiredo venceu barreiras e foi editado até meados do séc. XX. No entanto, devemos notar o seguinte:

- a) Dos cerca de 460 volumes das edições de Figueiredo (segundo este catálogo), a maior parte não foram edições católicas.
- b) A “protestantização” da Bíblia de Figueiredo iniciou-se logo a seguir à sua última edição (1819), em 1821, e só terminou em 1963.
- c) Isto significa, em primeiro lugar, que os católicos, só esporadicamente editaram esta Bíblia, depois da *Edição Nova* de 1894-1819; depois das primeiras edições, até esta data, abandonaram praticamente a “sua” Bíblia, que foi editada sucessivamente até ao ano 1963, mas sempre pelas Sociedades Bíblicas protestantes; isto é, a Igreja Católica “entregou” a Bíblia de Figueiredo às Igrejas protestantes. Infelizmente, não a entregou ao povo católico, que tanto precisava dela. Isso mostra, ao mesmo tempo, que, na prática, Figueiredo traduziu a Bíblia... para os protestantes. O povo católico esperou por uma Bíblia mais de um século, como um instrumento indispensável da sua cultura e da sua fé.

3. A edição num único volume da Bíblia completa de Figueiredo foi feita apenas em 1821 e terá muitas edições protestantes e sempre sem notas, sobretudo pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BFBS: British and Foreign Bible Society). No que se refere aos livros a que os protestantes chamam *Apócrifos* ou *Apócrifa*, e os católicos, *Dêutero-canónicos*, inicialmente estavam incluídos na referida edição de 1821, sendo depois removidos de todas as edições protestantes, já em 1828. Foi sobretudo a partir daí que a Igreja Católica começou a

reagir, falando das “Bíblias falsificadas” pelas Igrejas protestantes, porque, de facto, faltavam-lhes esses sete livros, além das notas e outros elementos (lugares paralelos, etc.). De facto, essas Bíblias não eram já a de Figueiredo, porque lhes faltavam elementos importantes.

Ainda sobre as Bíblias feitas em Londres, isso só aconteceu antes de 1849. A partir dessa data, muitas já são feitas em Portugal. Entre 1920 e 1960, quase todos os anos saía uma edição, normalmente, segundo o texto de 1921.

4. Figueiredo, apesar de latinista de nomeada no seu tempo, parece ter tido à vista a versão francesa de Sacy, como, por vezes, acontece com os tradutores. A sua versão é ainda hoje modelo de português, e com ela o tradutor conquistou o nome de nosso último clássico setecentista. A Sociedade Bíblica de Londres reproduziu-a sempre sem notas e quase sempre sem os Dêutero-canónicos, equiparando-a à de João Ferreira Annes d’Almeida; mas esta última já não tinha notas na sua origem; e empresas várias fizeram de ambas reproduções integrais.

O mesmo fez a Sociedade Bíblica Americana (American Bible Society: SBA/ABS), que começou a editar a Bíblia de Almeida (Novo Testamento de 1712), para os emigrantes da Madeira, em 1839; uma 2.<sup>a</sup> edição foi feita a partir da Bíblia de Figueiredo, para o Brasil e para outras colónias de língua portuguesa, em 1790. Sempre sem notas e sem os livros Dêutero-canónicos.<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> Sobre as primeiras edições da Sociedade Bíblica Americana, ver GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, o. c., p. 114-115.

“O Padre António Pereira de Figueiredo, ‘uma das mais fortes inteligências que Portugal tem gerados’, no dizer de [Alexandre] Herculano, impõe-se como um dos grandes vultos da cultura portuguesa, pela sua enorme erudição e fecundidade produtiva. Latinista de renome europeu, historiador, canonista e teólogo, serviu apaixonadamente a política pombalina. Combateu os Jesuítas e denunciou os abusos da Cúria Romana. Tomou posição sobre problemas eclesiológicos e teológicos do seu tempo, no que desagradou a muitos que, por isso, tentaram sepultá-lo no esquecimento. Trabalhou pela implantação de uma Igreja nacional, à imagem da anglicana, mas nunca defendeu o Cisma ou a separação da Igreja Romana.

A tradução da Vulgata Latina, em 23 volumes, é um monumento literário que honra a cultura nacional. As suas obras estão espalhadas pelas grandes bibliotecas estrangeiras e foram editadas e reeditadas, vezes em conta, em alguns países”.

(Cândido dos Santos, em *Pe. António Pereira de Figueiredo – erudição e polémica na 2.ª metade do séc. XVIII*, Roma Editora, Lisboa, 2005; contracapa)

## SUPLEMENTOS

Como afirmávamos na Introdução Geral a este volume, os *Suplementos* são determinados textos ou seriação de textos que, tematicamente, estão integrados em determinado capítulo de um livro. Assim, no que se refere a este 5.º volume, temos os seguintes suplementos e os respetivos capítulos onde de inserem:

Suplemento 1. *“Acerca da proibição e censura dos livros”, do papa Leão XIII*  
(no contexto do cap. 3 e outros).

Suplemento 2. *Duas alocações do papa Gregório XVI referentes a Portugal*  
(relações do governo liberal com a Santa Sé: cap. 7).

Suplemento 3. *Bíblías Latinas em Portugal* (temática do cap. 6).

Suplemento 4. *Bíblías Hebraicas e Gregas em Portugal* (temática do cap. 6).

Suplemento 5. *Suave Milagre* (Eça de Queirós).

Suplemento 6. *A Fé e a Razão* (*Fides et Ratio*: encíclica de João Paulo II;  
14.09.1998); temática referida no cap. 5.

Suplemento 7. *Bibliografia do Oriente* (cap. 19).



## Suplemento 1

### **“Acerca da proibição e censura dos livros”, do papa Leão XIII**

Este documento do papa Leão XIII mostra como, ainda no fim do séc. XIX, a Igreja oficial receava que a Bíblia fosse mal interpretada pelos católicos. Mas não nos podemos admirar, já que este problema é ainda do nosso tempo, dada a falta de instrução religiosa, mormente bíblica, do povo, em geral, e dos católicos em particular.

“LEÃO XIII, PAPA, Servo dos Servos de Deus.

Entre os deveres e encargos que temos a cumprir com muito cuidado e escrúpulo, como chefe supremo da hierarquia da Igreja, é Nossa obrigação principal, que contém as outras, velar assiduamente e empregar todos os Nossos esforços para que a fé e os costumes não sofram dano algum. Se esta tarefa foi alguma vez necessária, muito mais o é numa época em que os espíritos são presa d’uma desenfreada licença, e quase todas as doutrinas, que o Salvador Jesus Cristo confiou á guarda da sua Igreja para salvação do género humano, são diariamente atacadas e postas em perigo.

Nesta luta têm os inimigos da fé variados ardis, inumeráveis armas, d’entre as quais uma das mais perigosas é a intemperança d’escrever que atualmente se dá e a difusão dos maus escritos entre as massas. Nada se pode imaginar mais funesto, efetivamente, nada mais próprio para corromper as almas pelo desprezo da religião e pela exposição dos numerosos e enganosos atrativos do pecado.

Temendo tão grande mal e cumprindo o seu dever de guarda e protetora da fé e dos costumes, a Igreja acertadamente compreendeu que era necessário opor remédios a tão grande flagelo; fez sempre quanto lhe era possível para desviar os homens da leitura dos maus livros, que são um terrível veneno. Os primeiros tempos do cristianismo presenciaram o zelo que neste ponto desenvolveu o bem-aventurado Paulo, e os séculos seguintes conheceram a vigilância dos Padres, as providências dos Bispos e os decretos dos concílios tendentes ao mesmo fim.

Mas numerosos documentos escritos provam o cuidado e empenho que principalmente os Pontífices romanos puseram em que as obras dos heréticos se não espalhassem, com grande detrimento do publico. A história antiga da Igreja está cheia de exemplos desta vigilância. Anastácio I condenou, por meio d’um rigoroso édito, os perniciosos livros de Orígenes; Inocêncio I os de Pelágio e Leão Magno todos os dos Maniqueus. São também conhecidas as *Decretales* que Gelásio oportunamente publicou a respeito dos li-

vros que se podiam e os que se não podiam aceitar. Igualmente, no decorrer dos séculos, sentenças da Sé Apostólica condenaram os funestos livros dos Monothelitas, d'Abelardo, de Marsílio de Pádua, de Wicleff e de João Huss.

No décimo-quinto século, depois da invenção da imprensa, tiveram que se ocupar não só dos maus escritos que já tinham aparecido, mas também de tomar providências para que nenhuma obra d'esse género se publicasse posteriormente. Não era por motivos infundados que então se tornava precisa esta providência, mas por absoluta necessidade de proteger a honestidade pública e assegurar a salvação da sociedade; pois que uma arte em si excelente, fecunda em grandes adiantamentos e própria para difundir o cristianismo pelas nações, fora prestes transformada por grande número de pessoas em potente fautor de ruínas. Os funestos efeitos dos maus escritos eram agravados e apressados pela rapidez da difusão. Foi, pois, muito avisadamente que Alexandre VI e Leão X, Nossos antecessores, estabeleceram leis precisas muito apropriadas ao tempo e aos costumes, para conter os livreiros no cumprimento do seu dever.

Depressa, porém, se levantou uma temerosa tempestade e foi necessário com mais vigilância e energia fazer opposição ao contágio das heresias. Por isso, o mesmo Leão X, e depois Clemente VII, declaram que a todos era proibido, sob as mais graves penas, ler ou conservar os livros de Lutero. Mas como em consequência da desgraça dos tempos a aluvião impura dos maus livros havia crescido desmedidamente e alastrara por todos os países, pareceu necessária uma repressão mais vasta e mais eficaz.

O primeiro a aplicar com muita oportunidade este remédio, isto é, a publicação do catálogo dos livros que os fiéis não deviam ler, foi o nosso predecessor Paulo IV. Pouco depois os Padres do Concílio de Trento curaram de opor um novo dique à crescente licença dos escritos e das leituras. Por sua ordem escolheram-se inspetores especiais e teólogos que não só trataram d'aumentar e imprimir o *Index* que Paulo IV tinha publicado, mas também estabeleceram as regras que se deviam observar na edição, leitura e uso dos livros. Pio IV deu a estas regras a força da sua autoridade apostólica.

Mas o cuidado do interesse público, que no princípio inspirou as regras do Concílio de Trento, fez também que no decurso dos séculos se lhes introduzissem algumas modificações. Assim foi que os Pontífices romanos, especificadamente Clemente VIII, Alexandre VII e Bento XIV, conhecendo as necessidades da sua época e obedecendo às leis da prudência, adotaram varias resoluções com o fim d'explicar essas regras ou de as apropriar às circunstâncias.

Todos estes factos provam que os cuidados dos Pontífices romanos se dirigiram sempre a este fim: afastar da sociedade as opiniões errôneas e a corrupção dos costumes – vergonha e ruína dos Estados – que os maus livros engendram e espalham. O resultado não desmentiu os seus esforços enquanto a lei eterna presidiu às ordens e proibições dos governantes dos Estados, e enquanto estes obraram de comum acordo com as autoridades sagradas.

O que depois aconteceu ninguém o ignora. Tendo mudado os homens e as circunstâncias, a Igreja com a sua costumada prudência fez, depois d'examinar as necessidades da época, o que lhe pareceu mais útil e vantajoso para os homens. Das muitas prescri-



ções do *Index*, que pareciam ter perdido a sua primitiva oportunidade, umas foram reproduzidas por decreto, outras a Igreja as deixou com benevolência e sabedoria cair em desuso. Mais recentemente, em cartas dirigidas aos Arcebispos e Bispos, em virtude de sua autoridade apostólica, Pio IX suavizou, em muitos postos, as regras de Leão X.

Além d'isto, quando já estava próximo o Concílio Vaticano, deu missão a homens doutos e especialmente escolhidos, para examinar e apreciar todas as regras do *Index* e determinar o que se devesse fazer. Concordaram eles em que as regras deviam ser modificadas. A maior parte dos Padres declararam francamente que eram da mesma opinião e que faziam o mesmo pedido ao Concílio. Existe uma carta dos Bispos da França a este respeito, cujo sentido é que sem hesitar se deve providenciar de modo que “aquelas regras e tudo quanto respeita ao *Index* se apresente em forma inteiramente nova, mais adaptada ao nosso século e mais fácil d'observar”. Esta foi igualmente naquela época a opinião dos Bispos da Alemanha, que pediam claramente que “as regras do *Index*... fossem submetidas a uma revisão e nova redação”. Numerosos Bispos da Itália e d'outros países os acompanhavam.

Todos estes Bispos, se se atender à época, às instituições civis e aos costumes dos povos, fazem sim um pedido legítimo e inteiramente conforme com a materna caridade da Santa Igreja. De facto, no caminhar tão rápido dos espíritos, não há um só ponto do vasto campo das ciências em que os escritores não façam livres incursões, e d'aí a quotidiana enchente dos mais funestos livros. O que é grave é que as leis públicas não só absolvam tão grande mal, mas até lhes facultem uma ampla liberdade. O resultado é que por um lado muitos espíritos se desligaram da religião, e por outro se pode impunemente ler tudo quanto se quiser.

Para remediar estes males, pensamos ser necessário adotar duas medidas que a todos deem uma regra de proceder fixa e clara a tal respeito. Em primeiro lugar, ordenámos que o *Index* dos livros fosse revisto com muita atenção: e, depois de maduro exame, que o dito *Index* fosse publicado. Em seguida demos a essas mesmas regras um novo carácter e resolvemos, respeitando contudo a sua natureza, torná-las um pouco mais suaves, de modo que o cumprimento d'elas não seja difícil nem penoso, a não se estar em más disposições. Não só seguimos nisto os exemplos dos Nossos predecessores, mas imitamos a maternal solicitude da Igreja. Esta realmente nada deseja tanto como mostrar-se benévola, e sempre teve e tem muito interesse em tratar com afeto e zelo as fraquezas de seus filhos padecentes.

Portanto, depois de diligente exame e tendo tomado conselho com os Cardeais da Sagrada Congregação do *Index*, resolvemos publicar os decretos gerais que abaixo vão reproduzidos e juntos a esta Constituição, únicos que de futuro esta Sagrada Congregação applicará e com os quais devem conformar-se os católicos de todo o universo. Queremos que só eles tenham força de lei, ficando derogadas “as regras” do santo Concílio de Trento, bem como “as Observações, Instruções, Decretos, Advertências” e todas as decisões tomadas sobre este ponto pelos Nossos antecessores, à exceção somente da Constituição de Bento XIV, *Sollicita et Provida*, que queremos continue a ser integralmente applicada como tem sido até ao presente.

## DECRETOS GERAES Sobre a proibição e censura de livros

### TÍTULO I Da proibição de livros

#### CAPÍTULO I *Da proibição dos livros dos apóstatas, dos heréticos, cismáticos e outros escritores*

1.º—Todos os livros que antes do ano 1600 os Soberanos Pontífices ou os Concílios ecuménicos condenaram e que não são designados no novo *Index*, devem ser considerados como condenados da mesma maneira que outrora, à exceção dos autorizados por estes Decretos Gerais.

2.º—Os livros dos apóstatas, dos heréticos, dos cismáticos e de qualquer outro escritor, que propaguem heresia ou cisma, ou abalem de qualquer maneira os fundamentos da religião, são rigorosamente proibidos.

3.º—Igualmente são proibidas as obras de autores não católicos que tratem da religião *ex professo*, salvo se houver certeza de que nelas se não encontra coisa alguma contra a fé católica.

4.º—Os livros dos mesmos autores, que não tratem *ex professo* da religião, mas que só de passagem toquem nas verdades da fé, não são considerados como proibidos *jure ecclesiastico* enquanto não o forem por decreto especial.

#### CAPÍTULO II *Das edições do texto original e das versões em língua não vulgar da Sagrada Escritura*

5.º—O uso das edições do texto original e das versões antigas e católicas da Sagrada Escritura, inclusive as da Igreja oriental, publicadas por escritores não católicos, quaisquer que sejam, ainda que pareçam fiéis e íntegras, só é permitido aos que se ocupam d'estudos teológicos ou bíblicos, se elas todavia não atacarem, nem em prefácios nem em notas, os dogmas da fé católica.

6.º—Do mesmo modo e sob as mesmas condições são autorizadas as outras versões da Sagrada Bíblia editadas por escritores não católicos e publicadas quer em latim quer noutra língua não vulgar.

#### CAPÍTULO III *Das versões vernáculos da Sagrada Escritura*

7.º—Sendo manifesto que se a Bíblia em língua vulgar for autorizada sem discernimento, d'aí resultarão, por causa da imprudência dos homens, mais inconvenientes que vantagens, são absolutamente proibidas todas as versões em língua vernáculo, inclusivamente as publicadas por católicos, se não houverem sido aprovadas pela Santa

Sé, ou editadas sob a vigilância dos Bispos com anotações tiradas dos Padres da Igreja e d'escritores doutos e católicos.

8.º—São também proibidas todas as versões dos Livros Sagrados, feitas por escritores não católicos, em qualquer língua vulgar — e nomeadamente as publicadas pelas Sociedades Bíblicas, que por mais d'uma vez os Pontífices romanos têm condenado, pois na edição d'estes livros têm sido absolutamente descuradas as salutaríssimas leis da Igreja. Contudo o uso d'estas versões é permitido aos que se ocupam d'estudos teológicos e bíblicos, observadas as condições acima estabelecidas (n.º—5).

## CAPÍTULO V

### *De certos livros de género especial*

11.º—São condenados os livros que contêm ataques a Deus, à Bem-aventurada Virgem Maria, ou aos Santos, à Igreja Católica e seu Culto, aos Sacramentos ou à Sé Apostólica. Na mesma reprovação incorrem os livros em que se desfigura a noção da inspiração da Sagrada Escritura, ou nos quais esta inspiração é demasiadamente restringida. São também proibidas as obras que intencionalmente infamam a Hierarquia Eclesiástica, o estado clerical ou religioso.

12.º—É proibido publicar, ler ou conservar livros em que se ensinem ou recomendem sortilégios, adivinhações, magia, evocação d'espíritos e outras superstições d'este género.

13.º—O livros ou os escritos que narrem novas aparições, revelações, visões, profecias, novos milagres, ou que introduzam novas devoções, ainda a pretexto de serem particulares, sejam proibidos quando publicados sem autorização dos Superiores Eclesiásticos.

14.º—São igualmente proibidas as obras que defendem como lícitos o duelo, o suicídio ou o divórcio, as que tratam das seitas maçónicas ou d'outras associações do mesmo género e dizem que são úteis e não funestas à Igreja e à sociedade, e as que sustentam erros condenados pela Sé Apostólica.

## TÍTULO II

### Da censura dos livros

## CAPÍTULO II

### *Do dever dos censores no exame prévio dos livros*

39.º—Saibam os censores que devem julgar das diversas opiniões e pareceres (segundo o preceito de Bento XIV) com espírito absolutamente livre de preconceitos. Portanto, abandonem todo o espírito de nacionalidade, de família, d'escola, d'instituto, afastem toda a preferência de partido. Ponham unicamente diante dos olhos os dogmas da Santa Igreja e a doutrina comum dos católicos, contida nos decretos dos concílios gerais, nas constituições dos Pontífices romanos e no consenso dos Doutores.

40.º—Terminado o exame, se nada parece opor-se à publicação do livro, o Ordinário deverá conceder ao autor, por escrito e gratuitamente, a licença para a publicação, licença que deverá ser impressa no princípio ou no fim da obra.

### CAPÍTULO III

#### *Dos livros que devem ser submetidos à censura prévia*

41.º—Todos os fiéis são obrigados a submeter à prévia censura eclesiástica, pelo menos os livros que tratem das divinas Escrituras, da sagrada teologia, da história eclesiástica, do Direito canônico, da Teologia natural, da ética e d'outras matérias religiosas ou Moraes do mesmo género; e, em geral, todos os escritos em que principalmente se fale da religião e da honestidade dos costumes.

### CAPÍTULO IV

#### *Dos impressores e editores d'obras*

43.º—Não se imprima nenhum livro submetido à censura eclesiástica, sem que tenha no frontispício o nome ou apelido tanto do autor como do editor, e bem assim o lugar e o ano da impressão ou da edição. Se em certos casos, por justos motivos, parecer conveniente ocultar o nome do autor, não se faça isto sem permissão do Ordinário.

44.º—Os impressores e livreiros devem saber que toda a nova edição d'uma obra aprovada exige uma aprovação nova, e que a autorização concedida ao texto original não é válida para as traduções em qualquer outra língua.

45.º—Os livros condenados pela Sé Apostólica serão considerados como proibidos em todo o mundo e em qualquer língua que sejam traduzidos.

46.º—Abstenham-se todos os livreiros, principalmente os que prezam ser católicos, de vender, emprestar ou conservar livros que tratem *ex professo* de coisas obscenas. Quanto aos outros livros proibidos, não os devem vender, se para isso não obtiverem autorização da Sagrada Congregação do Index; e neste caso só os devem vender a pessoas que razoavelmente possam considerar-se no direito de os comprar.

### CAPÍTULO V

#### *Das penas cominadas contra os transgressores dos decretos gerais*

47.º—Quem lê cientemente, sem autorização da Sé Apostólica, livros d'apostatas ou de heréticos que sustentam uma heresia, bem como livros de qualquer autor nominalmente condenados por Letras apostólicas; e quem conserva os mesmos livros, os imprime ou os protege de qualquer modo, incorre *ipso facto* em excomunhão especialmente reservada ao Pontífice Romano.

48.º—Aqueles que, sem aprovação do Ordinário, imprimem ou fazem imprimir livros d'Escritura Sagrada, ou anotações ou comentários a esses livros, incorrem *ipso facto* em excomunhão não reservada.

49.º – Aqueles que transgredirem os outros preceitos contidos nestes Decretos Gerais serão repreendidos severamente pelo seu Bispo, segundo o grau da sua culpabilidade; e se se julgar conveniente, serão castigados com penas canónicas.

Decretamos que as presentes letras e quanto nelas se contém não possam em tempo algum ser acoimadas ou acusadas d'aumento, de subtração, ou de qualquer falta d'intenção da Nossa parte; mas que sejam sempre válidas e em toda a sua força, e observadas inviolavelmente *in judicio et extra*, por todas as pessoas seja qual for a sua dignidade e preeminência. Declaramos nulo e sem força para lhes fazer qualquer alteração tudo quanto neste sentido se faça, seja qual for a autoridade e o pretexto invocados ciente ou inconscientemente, e não obstante todas as disposições contrárias.

Queremos que os exemplares d'estas letras, mesmo impressos, mas assinados pelo punho do Nosso notário e com o selo d'alguma dignidade eclesiástica, façam fé da Nossa vontade como se presentes fossem estas mesmas letras.

Ninguém tem o direito d'alterar esta constituição no que ela preceitua, restringe, derroga ou ordena, nem de temerariamente a contraditar. Se alguém o tentar fazer, saiba que incorre na indignação de Deus Onnipotente e dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo.

Dada em Roma, em S. Pedro, no ano da encarnação do Senhor, mil oitocentos e noventa e sete, a 2 de Janeiro, décimo nono ano do Nosso pontificado.

A. Panici, Subdatário

A. Card. Macchi. Visto.

De Curia I. De Aquila e Vicecomitibus.

Logar do Sello

Reg. na Secret. dos Breves, I. Cugnonius.”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> FONSECA, José Frutuoso da, *Cartas Encíclicas do Santo Padre Leão XIII*, Porto, 1900, p. 39-57.



## Suplemento 2

### **Duas alocações do papa Gregório XVI referentes a Portugal**

Este Suplemento deve considerar-se dentro do contexto do cisma produzido pelo liberalismo contra o Vaticano, depois da expulsão do Núncio papal de Lisboa. Estes dois discursos representam a resposta de Gregório XVI ao desprezo do governo português pelo representante do Papa em Portugal.

#### **Alocução do Santo Padre Gregório XVI (Consistório de 1 de agosto de 1834)**

“Veneráveis Irmãos:

Recordando em a nossa solicitude pastoral os atos do governo estabelecido em Lisboa pelos fins de Julho do ano próximo passado, os quais, com bastante dor, já vos expusemos neste mesmo lugar a 30 de Setembro último; nada com mais ardor desejávamos, que poderemos anunciar a esta Venerável Assembleia alguma notícia consoladora para nós, e para vós que tomais tanta parte em nossa dor; não era sem razão que nos lisonjeávamos de que esta esperança não seria iludida, atendendo aos clamores que com tão altas vozes fizemos soar contra semelhantes procedimentos, e à longanimidade com que até agora temos aguardado que as Nossas vozes fossem ouvidas.

Mas bem podeis julgar quão longe estamos de vos poderemos anunciar alguma coisa que seja conforme aos Nossos desejos, e à Nossa esperança, quando refletirdes em tudo quanto este mesmo governo tem praticado desde aquele tempo, e não cessa ainda de praticar; bem como na audácia sempre progressiva dos maus, que com atentados criminosos se encaminham, como é assaz notório, à destruição da Religião Católica. É por isto, Veneráveis Irmãos, que somos obrigados a comunicar-vos de novo a Nossa dor, a qual é tanto mais viva, as suas causas se hão tornado mais graves.

Oxalá que Nós pudéssemos exprimir por palavras a veemente aflição de que Nos achamos penetrados, vendo esta Igreja lamentar, já a confiscação e venda em hasta pública dos objetos mais sagrados, e de suas propriedades de toda a espécie; já a profanação, ou ocupação com mão armada dos templos mais célebres pelo concurso dos Fiéis, e pela magnificência do culto; já a expulsão do Santuário dos ministros mais respeitáveis, dos



quais uns têm sido banidos, e outros encerrados em cruéis masmorras, ao mesmo passo que as instituições mais santas e úteis são abolidas; em uma palavra, coisas inacreditáveis, e qual delas mais terrível; e para cúmulo da desgraça, ao passo que esta Igreja as sofre, vê-se privada das consolações que, em meio de tão grandes males, lhe podia dar aquele, que para tal fim era por Nós encarregado; porque vós bem sabeis que a pessoa encarregada de fazer as vezes de Nosso Núncio em Portugal foi violentamente expulsa e constrangida a retirar-se daquele Reino.

Mas, por muito deploráveis que sejam estes males, os quais devemos chorar com a aflita Igreja de Portugal, outros há que ainda despertam mais a nossa dor: são estes os que não somente envolvem o desprezo das coisas e pessoas sagradas, e a ofensa à Sé Apostólica, mas compreendem o aniquilamento dos direitos que exclusivamente só pertencem ao Poder Eclesiástico, e atacam a Constituição Divina da mesma Igreja, de modo que não resta uma só coisa consagrada pela Religião que não seja violada por mãos profanas. Neste número devem certamente incluir-se a instituição ilegal de um novo tribunal, encarregado de fazer a chamada reforma geral dos Negócios Eclesiásticos, e a colação de benefícios paroquiais por autoridade leiga, sem nenhuma atenção à necessidade da instituição canônica; as censuras ilegais, infligidas por este mesmo tribunal aos que recusarem exercer uma jurisdição Eclesiástica conferida por leigos; a tentativa feita para se obter o Episcopado em Portugal; a lei profana pela qual se ordena aos Inspectores das Igrejas (governadores dos bispados postos pelo governo) que não permitam o exercício das ordens sacras e a administração dos sacramentos, senão àqueles que forem aprovados pelo governo e que dele tiverem recebido faculdade; outra lei, pela qual é despojada da dignidade de Patriarcado a célebre Igreja de Lisboa com o título da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria, dignidade a que havia sido elevada pelo Nosso Beatíssimo Predecessor Clemente XI, em testemunho de consideração para com El-Rei D. João V, que tão benemérito se havia tornado do mundo cristão; e finalmente, o decreto que suprime indistintamente todos os conventos, colégios e hospícios de religiosos, e confisca seus bens em proveito da nação; lei tanto mais iníqua e digna de graves arguições, quanto é maliciosa em induzir a erro os espíritos incautos com a falsa aparência de pretendidos motivos: queremos falar, Veneráveis Irmãos, do relatório que precede esta lei, relatório que contém imputações tão falsas e tão criminosas, que era impossível inventar coisa mais injuriosa às Ordens Religiosas, mais errôneas, mais contrária aos monumentos inexpugnáveis da História Eclesiástica, ainda mesmo em a boca do homem mais contrário à Religião e às suas santas Instituições.

Não podemos cabalmente exprimir todas as angústias de que a nossa Alma tem sido oprimida à vista de um tão grande transtorno das Instituições Católicas. Por uma parte, temos receio de usar de rigor, mas pela outra, consideramos o estado da Religião já tão mudado neste Reino, onde os bons Pastores em vão se têm esforçado por remediar o mal; neste Reino, onde outrora a piedade, a santidade da disciplina, a fidelidade e a dedicação à Cadeira de S. Pedro brilhavam tão admiravelmente, que julgamos não ser bastante chorar os males da Igreja, e ser necessário proceder com vigor para a libertar. Invocamos o auxílio do Céu, para que nenhuma razão, nenhuma afeição humana prevaleça ao Nosso dever; invocamos o auxílio do Céu, para que nos não seja imputado o havermos traído a liber-

dade da Igreja, e cobardemente abandonado a causa da Religião e de Deus: invocamos o auxílio do Céu, para que o receio de grave conflito ou de perigo iminente nos não obrigue a lançar mão e providências que nos parecerem mais conformes à dignidade da Santa Sé, e à defesa da Igreja. Altamente declaramos que nos daríamos por felizes se, à semelhança dos Apóstolos, alguma coisa devêssemos sofrer por causa da justiça. Fortalecidos, como é nossa esperança, com aquela coragem que vem do Alto, elevamos de novo a Nossa voz pastoral, novo desempenho, com liberdade apostólica, do Cargo que nos foi confiado.

Portanto, não só desaprovamos, condenamos e declaramos nulos, e como se não existissem, todos os decretos do sobredito governo, publicados em prejuízo dos direitos e da autoridade da Religião, da Igreja e da Sé Apostólica; mas ainda admoestamos seriamente a todos aqueles em cujo nome, e por obra e ordem de quem estes decretos têm sido publicados, e os convidamos a refletir nas penas e censuras estabelecidas pelas Constituições Apostólicas, pelos Cânones dos Santos Concílios, e pelas máximas do Concílio de Trento (Sess. XXII, cap. XI) contra os profanadores e espoliadores das coisas santas; contra os que violam o poder e liberdade eclesiástica; e contra os usurpadores dos direitos da Igreja e da Santa Sé.

Se, apesar de tudo isto, acontecer que os atentados contra o poder e as imunidades eclesiásticas não cessem; que se não reparem os inumeráveis males feitos à Igreja e ao mundo Católico em geral, por um exemplo tão culpável, declaramos, que não hesitaremos um só momento em proceder com a maior severidade contra os autores de tão grandes males, e em nos servirmos contra eles das *armas que Deus concedeu ao Nosso Santo Ministério*: Praza ao Céu afastar a necessidade, para Nós tão penosa, de empregar estas armas; praça ao Céu que aqueles que tanto mal têm causado à Igreja prestem ouvidos dóceis às palavras do Senhor, cujo Vigário Somos, e que não esperem até ao ponto de experimentarem a severidade, com que o Senhor, deixando de ser Pai, para ser Juiz, trata aqueles que ousaram profanar o seu Santo Templo!

Que se recordem das importantes palavras de S. Cipriano: “Que aquele que não quer reconhecer a Igreja por sua Mãe, não poderá ter a Deus por seu Pai”; e que se lancem nos braços da Igreja, que chorosa lhes mostra as feridas que deles tem recebido. Se algum sentimento de piedade ainda lhes resta, comovam-se com a vista desta Mãe consternada, que ainda lhes oferece os braços como a seus filhos, cujo arrependimento só a pode consolar, e cujas lágrimas só podem cicatrizar suas feridas.

E Nós dirigimos nossas fervorosas preces ao Pai de toda a Misericórdia, e ao Deus de toda a Consolação, a fim de que se digne conduzi-los ao caminho da Verdade e da Justiça, de que tanto se hão desviado. Possa o Bem-aventurado Príncipe dos Apóstolos tomar debaixo da sua proteção as Nossas rogativas na presença do Senhor cheio de Misericórdia, que tão milagrosamente o libertou de suas Cadeias, quando seus inimigos menos o esperavam; prodígio cuja memória hoje celebramos. Pela nossa parte, ainda que herdeiros indignos de tão Grande Autoridade, lhe rogamos seja ele quem nos restitua, e à sua Igreja, a liberdade que ele mesmo nos há concedido, aniquile os desígnios perversos e despedace os laços em que nos achamos envolvidos pela criminosa conspiração dos ímpios.

Dada em Roma, na Basílica de S. Pedro, no 1.º de Agosto de 1834”.

## **Nova alocução do Santo Padre o Papa Gregório XVI (Consistório secreto do 1.º de fevereiro de 1836)**

“Veneráveis Irmãos! Principiou a decorrer o sexto ano em que Nós, sem o merecer, nos achamos colocados, pelos impenetráveis desígnios de Deus, na Cadeira de S. Pedro. Prouvera ao Senhor que os votos que vós ides oferecer-NOS, segundo o costume e com a vossa natural benevolência, por ocasião do aniversário da nossa exaltação, pudessem ser recebidos por Nós com alegria correspondente à expressão dos vossos sentimentos! Mas quanto é contrária a nossos desejos e condição dos tempos! Porque os males que já no princípio do nosso Pontificado tinham invadido a Igreja, não só não têm diminuído, mas têm de tal sorte aumentado de dia para dia, que Nós não podemos comprimir a dor que Nos aflige, mesmo quando Nos vemos rodeados das vossas felicitações e votos.

Vós sabeis, pondo o mais de parte, em que estado se achavam os negócios da Igreja no Reino de Portugal, quando, primeira e segunda vez, Nos queixámos amargamente no meio de vós das injúrias feitas à mesma Igreja e dos atentados cometidos contra o seu poder sagrado e a sua liberdade. Coisa deplorável e com efeito indigna de uma Nação que se gloriava de obedecer a Reis que prezavam o título de FIDELÍSSIMOS! Depois de nossas instâncias e admoestações reiteradas, depois de tantas provas, dadas por Nós, de longa paciência, não se tem desistido de vergonhosos atentados contra a Igreja e seus respeitáveis direitos, não se tem reparado o mal feito ao mundo católico por exemplos perversos; ao contrário, tem a obstinação chegado a tal ponto, que o funesto cisma formado pelas diligências dos inimigos da Religião e da Igreja, é com audácia protegido, colocando por violência, à frente das Igrejas, homens cúmplices de tais iniquidades, um dos quais levou sua criminoso animosidade a excesso tal, que, fingindo um poder que não tinha, proibiu aos Fiéis, sob pena de excomunhão, toda a comunicação com a Sé Apostólica. Vós compreendeis quanto tudo isto agrava a dor de que Nos achamos penetrados e Nos confirma no propósito, há tanto tempo formado, de remediar, quanto em Nós couber, tantos males, conforme o dever do nosso cargo Apostólico e do poder que recebemos do Altíssimo.

Mas não é a isto só que se limitam os nossos motivos de dor. Vós mesmos, Veneráveis Irmãos, que sois chamados a ter parte nos nossos cuidados, compreendeis muito bem que ao mesmo passo que deplorámos amargamente estes infortúnios, se elevam em outra parte novas e tristes causas para as nossas lágrimas. Porque, quem pode ignorar as calamidades que têm produzido na Igreja de Jesus Cristo as perturbações que abalam desgradadamente o Reino de Espanha, até aqui tão distinto por sua Religião e pelo seu respeito a esta Santa Sé? Tendo-se ali suscitado uma disputa relativa aos direitos do Trono, Nós, propusemo-nos, seguindo o exemplo de nossos Predecessores, adotar normas que em nada atacassem os direitos de ninguém, mas instigados ao mesmo tempo pelo desejo da paz e querendo prover às necessidades dos Fiéis deste extenso Reino, fazendo conhecer o nosso plano àqueles a quem interessava, manifestámos também a intenção de conciliar as coisas de modo que as relações recíprocas dos negócios ficassem de uma e outra parte no mesmo pé em que anteriormente se achavam.

Como, porém, não se conviesse nisso senão em condições opostas aos nossos justos desígnios, dispusemos que o nosso Venerável Irmão Luís, Arcebispo de Niceia, que havia sucedido ao Nosso caro filho Francisco, Cardeal Bispo de Iési, que estava próximo a partir para a sua Diocese, fosse admitido como Núncio enviado por Nós e pela Sé Apostólica para tratar dos negócios espirituais, sem tomar parte alguma na política. Mas as nossas intenções encontraram obstáculos em condições, aparentemente diferentes das primeiras, mas essencialmente semelhantes e que tendiam a desviar-nos da linha que nos havíamos prescrito. Resultou de tudo que a presença daquele que tínhamos enviado para nos representar, se tornava com efeito inútil em Espanha e até podia de futuro acarretar humilhação à Santa Sé e detrimento à Religião.

Porquanto, caindo em confusão os negócios da Igreja, começaram-se a decretar reformas que violam os seus direitos, roubam os seus bens, atormentam os seus ministros e testemunham o desprezo da Sé Apostólica. Tais são as Leis que tiraram em grande parte aos Bispos a censura dos livros, e que permitiram apelar de suas sentenças para um tribunal leigo; tal foi a Comissão formada para propor uma reforma geral dos negócios eclesiásticos; tal a lei que proibiu primeiro a admissão de noviços nos Conventos dos Regulares, suprimiu depois muitos Mosteiros, pôs seus bens à disposição do Tesouro e pretendeu subtrair, segundo as circunstâncias, os religiosos à jurisdição de seus superiores, ou reduzi-los ao estado secular.

Acrescentai a isto a separação de Pastores das suas Dioceses, a expulsão de párocos, a opressão violenta de todo o clero, o desprezo de todos os direitos da imunidade eclesiástica e a proibição feita aos Bispos de conferirem livremente, no futuro, as Ordens Sacras. Entretanto, estas tentativas tão funestas e repreensíveis eram audaciosamente praticadas à vista do Arcebispo de Niceia, sem que lhe fosse permitido defender a causa da Igreja e da Santa Sé por legítimas representações. Daqui nasceria grande ofensa para as pessoas religiosas, que do silêncio do Núncio podiam concluir, ou a conivência, ou ao menos a tolerância da Sé Apostólica.

Como repugnava à Santidade do Nosso Ministério sofrer por mais tempo esta humilhação da autoridade eclesiástica, julgámos dever ordenar ao mesmo venerável Irmão que saísse de Espanha, o que ele praticou há meses. Ao mesmo tempo, cumprindo o Nosso dever segundo a gravidade das circunstâncias, não hesitámos em dirigir reiteradas reclamações contra as injúrias feitas à Igreja e à Cadeira de S. Pedro, e queixarmo-nos àqueles de quem podia esperar-se a reparação do mal. Contudo, dizemo-lo com dor e pesar, os gritos e as queixas da voz Apostólica nada têm obtido. É por este motivo que aproveitámos a ocasião da vossa reunião neste dia, e entendemos dar-vos parte de tudo que se tem passado, a fim de que todos vejam que reprovamos altamente e consideramos como absolutamente nulos e sem força aqueles decretos Promulgados com tanto desprezo do poder eclesiástico e da Santa Sé, e com tão grande prejuízo da Religião.

Exortamos-vos, pois, em comemoração solene deste dia, em que a Virgem de Deus entrou no Templo para apresentar ao Pai Celeste Seu Filho único, o Anjo do Testamento, o Rei pacífico desde tão longo tempo esperado sobre a terra, exortamos-vos a todos que participais aqui da Nossa dor a aproximar-vos suplicantes da Santa Virgem e a pedir-

-Lhe connosco por Orações comuns o seu socorro na aflição da Igreja, a fim de que, pela Mesma Virgem, a Quem pertence destruir todas as heresias, as discórdias se desvançam, as perturbações cessem, o descanso e a tranquilidade renasçam, e a Filha de Sião abandone o seu luto, se despoje de suas manchas e tome vestes de alegria”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Fontes destes discursos: *A Voz da Igreja ou Decisões da Santa Sé Apostólica (...). Segunda edição, acrescentada com algumas decisões, a sua Defensão e um Appendice*, Porto, Typografia Comercial Portuense, 1838 (BPB, Res. 387 A.). É neste Apêndice que se encontram estes dois discursos, que foram também publicados por Fortunato de Almeida, em *História da Igreja em Portugal IV*, Nova Edição, Livraria Civilização, Lisboa, 1971, p. 282-285.

## Suplemento 3

### Bíblias latinas em Portugal

Os séc. XVIII-XIX, ao contrário do que poderia parecer, foram pródigos em edições latinas da Bíblia.

Já não estamos no tempo da proibição das edições da Bíblia em língua vulgar, permitidas, documentalmente, pelo papa Bento XIV no fim do séc. XVIII. O real motivo de tantas edições de Bíblias em latim, por toda a Europa, reside sobretudo na investigação científica da Bíblia. Tal investigação está ligada ao domínio de várias ciências bíblicas, mormente ao da crítica textual e à hermenêutica. A primeira consistia em verificar se a “*veritas hebraica*” se encontrava espelhada nas Bíblias então editadas. Por isso se fizeram muitas Bíblias diglotas e mesmo políglotas, a fim de se compararem os originais – hebraico e grego – com o latim e com outras línguas modernas.

Um outro motivo desta proliferação de Bíblias latinas reside num facto cultural, neste volume referenciado a propósito de António Pereira de Figueiredo. Como grande latinista que era, foi nomeado pelo governo de Pombal para traduzir a correspondência diplomática com outras nações europeias de então: o latim era ainda uma língua internacional, para intelectuais, diplomatas e eclesiásticos. Por este motivo, numa boa biblioteca existia sempre uma boa Bíblia em latim.

Este capítulo é colocado em Suplemento, para não perturbar o leitor do texto principal, já que poucos portugueses, infelizmente, conhecem esta língua-mãe do português. Apresentamos apenas um pequeno número de edições, como prova de que nas nossas bibliotecas se encontram muitíssimos outros exemplares e edições, por vezes, muito mal tratados.

Apresentamos, em primeiro lugar, algumas obras medievais que resistiram à passagem dos séculos, das ideologias e das pedagogias, sendo editadas ainda em pleno século XVIII. Esta resistência é sinal da alta qualidade que encerravam nas suas páginas escritas em latim medieval. Mas estas são uma breve amostragem

de tantas outras que jazem, talvez esquecidas e mesmo abandonadas, em muitas das nossas bibliotecas portuguesas.<sup>1</sup>

Seguidamente, apresentamos as Bíblias latinas dos séc. XVIII-XIX, que devem considerar-se dentro do contexto do cap. 6: *Bíblia e Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos*. Procederemos do seguinte modo:

1. Bíblias e comentários bíblicos mais antigos
2. Bíblias Latinas dos séc. XVIII-XIX
3. Bíblias de outras línguas traduzidas em latim
4. Concordâncias latinas

## 1. Bíblias e comentários bíblicos mais antigos

1751. GIUSTINIANO, Santo Lorenzo, *Sancti Laurentii Justiniani... Opera omnia in duos tomos distincta, et ad meliorem harmoniam nunc primum redacta, atque aucta. Tomus primus [-secundus]*, Venetiis, Excudebant Jo. Baptista Albritius, et Joseph Rosa, 1751; 8, LXXII, 467, 19; XVI, 538, 18 p. (CMVIS, 666).

1754. LOMBARDUS, Petrus, Bispo de Paris, *Petri Lombardi Novariensis... sententiarum libri quatuor quibus author ille in Divinis Scripturis exercitatissimus, universae theologiae summam, ex orthodoxorum patrum decretis, atque sententiis mirabili compendio et arte complexus est: ut jure optimo magister sententiarum... accessit etiam recens tabula in primum sententiarum librum F. Roberti Wiarti...*, Antuerpiae, Sumptibus Marci-Michaelis Bousquet et sociorum, 1754; XXX-VIII, 2, 685 p. (CMVIS, 533).

1703. Comentários de Hugo de Saint-Cher

- Tomus Primus: *In libros Genesis, Exodi, Levitici, Numeri, Deuteronomii, Josue, Judicum, Ruth, Regum IV Paralipomenon II... opus admirabile, omnibus concionatoribus, ac sacrae theologiae professoribus pernecessarium.... Editio ultima prae caeteris recognita*, Venetiis, apud Nicolaum Pezzana, 1703; 12, 459 fol.; 35 cm (BPNM, 1-4-1-7).
- Tomus Secundus: *In Psalterium Universum Davidis Regis, & Prophetarum. Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 355 fol. (BPNM, 1-4-1-8).
- Tomus Tertius: *In libros Proverbiorum, Ecclesiastae, Canticorum, Sapien-*

<sup>1</sup> Ver GOTTLIEB, Masch Andrea; GEBAUER, Johann Jakob; LE LONG, Jacques; BÖRNER, Christian Friedrich, ed. lit., *Bibliotheca Sacra post Cl. W. Jacobi le Long et C. F. Boerneri iteratas curas ordine disposita, emendata, suppleta continuata ab Andrea Gottlieb Masch... Pars I [-II]* de editionibus textus originalis, Halae, Sumptibus Joannis Jac. Gebaveri, 1778-1790; 5 vol. (CMVIS, 389).



- tiae, Ecclesiastici. Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 267 fol. (BPNM, 1-4-1-9).
- Tomus Quartus: *In Libros Prophetarum Isaiae, Jeremiae, & Ejusdem Threnorum, Baruch. Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 319 fol. (BPNM, 1-4-1-10).
- Tomus Quintus: *In Libros Prophetarum Ezechielis, Danielis, Oseae, Joelis, Amos, Abdiae, Jona...* *Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 263 fol. (BPNM, 1-4-1-11).
- Tomus Sextus: *In Evangelia Secundum Matthaeum, Lucam, Marcum, & Joannem; Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 399 fol. (BPNM, 1-4-1-12).
- Tomus Septimus: *In Epistolas Omnes D. Pauli, Actus Apost. Epistolas Septem Canonicas, Apocalypsim B. Joannis; Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 429 fol. (BPNM, 1-4-1-13).
- Tomus Octavus: *Index Generalis Rerum, Ac Verborum Omnium, Quae In Septem Tomis Complectuntur*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 165 fol. (BPNM, 1-4-1-14).

### 1732. Nova edição

- Tomus Primus: *In Libros Genesis, Exodi, Levitici, Numeri, Deuteronomii, Josue, Judicum, Ruth, Regum IV Paralipomenon II... opus admirabile, omnibus concionatoribus, ac sacrae theologiae professoribus pernecessarium.... Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 10, 459 fol. (BPNM, 1-4-2-1).
- Tomus Secundus: *In Psalterium Universum Davidis Regis, & Prophetarum. Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 355 fol. (BPNM, 1-4-2-2).
- Tomus Tertius: *In Libros Proverbiorum, Ecclesiastae, Canticorum, Sapientiae, Ecclesiastici. Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 267 fol. (BPNM, 1-4-2-3).
- Tomus Quartus: *In Libros Prophetarum Isaiae, Jeremiae, & Ejusdem Threnorum, Baruch. Editio ultima prae caeteris recognita*, ib., mesmo impressor, ano e medidas; 319 fol. (BPNM, 1-4-2-4).
- Tomus Octavus: *Index copiosissimus rerum, ac verborum Omnium Notabilium, quae in Septem Tomis Domini Ugonis Cardinalis Continentur. Nunc Primum in Germania post Venetas, Coloniae Agrippinae, Sumptibus Ioannis Gymnici, 1621; 247 fol.; 36 cm (BPNM 1-4-1-6 (2.º)).*

## 2. Bíblias Latinas dos séc. XVIII-XIX

1701. DU HAMEL, J. B., *Liber Psalmorum, cum selectis annotationibus in loco difficiliora*; Paris, 1701; 16,5x9 cm; 8 fol., 321 p., 4 fol. (BPNM, 2-1-1-21).
1702. S. MIGUEL, Fr. Josephum de, et BURGENSEM, Barco, *Bíblia Mariana (...)* per..., Genuae, ex Typ. Lertiana 1702 (BAJUDA, 5-IX-27).
1703. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis, Sixti V. Pont. Max. Jussu Recognita Atque Edita: Versiculis Distincta*, Lugduni, sumpt. Barthol Martin, 1703; 6, 914 p. (BNP, Bib. 907 P.).
1706. DU HAMEL, J. B., *Biblia Sacra Vulgatae Editionis, Sixti V. & Clementis VIII. Pontif. Max. auctoritate recognita, versiculis distincta: una cum selectis annotationibus...*, Parisiis, apud Joannem Mariette, 1706; 2 partes num volume (BNP, Bib. 118 A.).
1707. *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V Pont. Maximi iussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita*, Rothomagi, apud Jacobum Besongne, 1707; 40, 980, 52 p; em 8.º (FacFil, A-3-3).
1709. BOS, Lambert van den (ed. lit.), *Vetus Testamentum ex vers. septuaginta interpretum...*, Franequerae, Execud. Franciscus Halma, 1709; 2 vol.; 38, 1326 p. (BNP, Bib. 326 V. - 327 V.; BJPII, 22.04=75 BOS).
1710. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis, Sixti V Pontif. Max. Jussu Recognita, Clementis Viii Auctoritate Edita...*, Lugduni, sumptibus Andrae Laurens, 1710; 2 col.; 8, 912 p. (BNP, Bib. 528 P.).
1710. KNITTEL, Franciscus Antonius (compilador), *Ulphilae Versionem Gothicam Nonnullorum Capitum Epistolae Pauli ad Romanos Venerandum Antiquitatis Monumentum... Ervit Commentatus Est Datque Foras...*, [Brunovici], L.H.E.C., princ., apud Brunovicenses Orphanotropheu, [1710]; 532 p.; 25 cm (BJPII, 227.12=399 UL-K).
1715. *Biblia Sacra Vulgata Editionis Sixti V, Pont. Max...*, Antuérpia, Joan. Baptista Verdussen, 1715; 24, 624 p.; 22x13 cm (BPARAH; BJPII; BNRJ, 146, 5, 1).
1716. *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V & Clementis VIII Pont. Max. auctoritate recognita. Sacrorum Bibliorum, Pars Altera, complectens Prophetas cum libris Machabaeorum et Novum Testamentum*, Antuerpiae, Joannes Baptista Verdussen, 1716 (BGUC, 4 A-16-20-14).
1716. *Biblia Sacra cum glossa ordinaria Primum quidem a Strabo Fuldensi monacho Benedicto; Nunc vero novis Patrum, cum Graecorum, tum Latinorum*

- Explicationibus locupletata, et postilla Nicolai Lyrani Franciscani, nec non additionibus Pauli Burgensis Episcopi, et Mathiae Thoringi replicis, opera et studio Theologor. Duacensium diligentissime emendatis. Tomis Sex comprehensa...*, Antuérpia, 1716; 6 vol.; em fol. (BNRJ, 253, 10, 1-6). Exemplar igual ao de 1634 (BNRJ, 5, 10, 7-12).
- 1718? [*Psalterium Dispositum per Hebdomam, cum Ordinario Officii de Tempore*], Veneza?, s.n., 1718?; 656, CCXXIX p.; 23 cm (BJPII, 264-068 PSAL)
1720. *Biblia Sacra Vulgata Editionis, Sixti V, Pontificis Max. jussu recognita, et Clementis VIII auctoritate edita; versiculis distincta, et ad singula Capita Argumentis aucta; pluribusque Imaginibus, ad Historiarum notitiam. politissime elaboratis, ornata; Indiceque Epistolarum & Evangeliorum locupletata*, Veneza, apud Nicolaum Pezzana, 1720; 24, 998, 52 p.; em 8.º (BNP, Bib. 769 P.; Fac-Fil, C-7-12; BNRJ, 146, 4, 28).
1723. *Biblia Sacra; illustrata*, Veneza, Tip. Nicolau Pezzana, 1723; nova edição; 17, 1060, 54 p.; 26,5x16 cm (BMF).
1727. *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V. Pont. Max. Jussu recognita, et Clementis VIII auctoritate edita; versiculis distincta, et ad singula capita argumentis aucta; pluribusque imaginibus, ad Historiarum notitiam politissime elaboratis, ornata, & vangeliiorum locupletata*, Venetiis, apud Nicalaum Pezzana, 1727; 22, 964, 52 p. (BNP, Bib. 284 V.; BPE, E - 49 - C7). É uma Bíblia católica.
1727. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis, Sixti V. Pont. Max. Jussu Recognita, Et Clementis Viii Auctoritate Edit*a, Lugduni, sumptibus Fratrum Bruyset, 1727; 3 vol. (BNP, Bib. 402 P. - 404 P.).
- 1729-1745. Vatable, François, *Biblia Sacra, cum universis Franc. Vatabli, regii hebraicae linguae quondam professoris et variorum interpretum, annotationibus. Latina interpretatio duplex est: Altera Vetus, Altera Nova. Editio postrema multo quam antehac emendatior et auctior*, Parisiis, Sumptibus Societatis, 1729-1745; 2 vol.; 34 cm (BNP, Bib. 172 A. - 173 A.; BGUC, J.F.-70-6-10 e 11; CMVIS, 397; BPNM, 1-1-6-8/11 e 1-4-13/15; BSMP, J-c-11 21-22).<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Nota da BPNM: "Falta o 1.º volume, que se encontrava no quarto de D. Pedro, então com uns 9 anos de idade. Este 1.º volume era muito belo e com muitas gravuras. Na precipitação da família real para o Brasil, este tomo foi também para lá". A edição que se encontra nesta biblioteca apresenta-se em 4 volumes. Deve ser a que se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – "Coleção D. Theresa Cristina Maria" (ver Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o. c., p. 247).

1730. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis, Sixti V. Pontificis Max. Jussu Recognita Et Clementis Viii Auctoritate Edita...: Versiculis Distincta: Argumentis Ad Singula Capita...*, Venetiis, apud Christophorum Zane, 1730; 26, 1172, 66, CLXXVI p.; 2 col. (BNP, Bib. 449 V.).
- 1730-1732. *Vetus Testamentum Ex Versione Septuaginta Interpretum... Summo Studio...*, Tiguri Helvetiorum, ex Off. Joannis Heideggeri & Soc., 1730-1732; John Ernest Grabe (ed. lit.); 4 vol. (BNP, Bib. 392 V. - 395 V.).
1731. *Biblia Sacra, Vulgatae editionis, Sixti V et Clementis VIII Pont. Max. auctoritate recognita, versiculis distincta una cum selectis annotationibus ex optima quibusque interpretibus excerptis, tabulis chronologicis, historicis et geographicis illustrata, indiceque Epistolarum et Evangeliorum aucta. Tomus I [-II]*, Paris, apud Joannem Baptistam Delespine..., 1731; 2 vol.; 8, 907; e 2, 384 [i.e.488] p. (BNRJ, 147, 9, 11-12; CMVIS, 2410).
1731. DU HAMEL, Jo. Baptista, *Biblia Sacra Vulgata: editionis, Sixti V & Clementis VIII, Pontif. Max. auctoritate recognita, versiculis distincta: una cum selectis annotationibus e Optimis quibusque Catholicis Interpretibus, & etiam ex auctoribus heterodoxis in his, quae Catholica veritati non sunt contraria, excerptis: Prolegomenis, novis Tabulis Chronologicis, Historicis & Geographicis illustrata. Accedunt Libelli duo ab eruditissimo Francisco Luca Brugense exarati: quorum primus Loca insigniora Romane Correctionis complectitur; alter vero alias Correctiones, qua fieri possent, denotat...*, Veneza, Ex Typ. Balleoniana, 1731; 2 vol.: 76, 866 e 888, II p.; 31x21 cm (BNP, Bib. 313 V. - 314 V.; BPE, S. L. 12-7; BNRJ, 146, 6, 5-6; BPNM, 2-1-13-9/10; CBUA, RS/A-18-9V.1 e 2).
- *Pars Altera* (tomo II), ib., mesmo impressor, 1741.
1731. *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V & Clementis VIII. Pontif. Max. auctoritate recognita. Editio nova... Notis Chronologicis, Historicis, et Geographicis illustrata, iuxta editionem parisiensem Antonii Vitré*, Veneza, por Nicolau Pezzana, 1731; 10 fol., 1060, LXIII p.; 29x19 cm (Bib. 122 V.; BJPII, 22.04=71 VIT-PEZ; BPNM, 1-1-11-4; 2-1-10-3; 2-1-13-1...: 20 ex.).
1737. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis, Sixti V Pontificis Max. Jussu Recognita, Et Clementis VIII Auctoritate Edita: Versiculis Distincta, Et Ad Singula Capita Argumentis Aucta...*, Venetiis, apud Nicolaum Pezzana, 1737; 22, 924, 52 p. (BNP, Bib. 441 V.).
- 1740-1741. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis...*, Paris, Typis Jacobi Vincent, 1740-1741; 7 vol. (BNP, BIB. 326 P. - 332 P.).

1740. DU HAMEL, J. B., *Biblia sacra vulgatae editionis cum selectis annotationibus ex optimis quibusque interpretibus excerptis. Pars prima [-secunda]*, Lovanii, apud Martinum van Overbeke, 1740; Editio secunda ccuratissima, exemplaria Vaticana fideliter recognita...; 2 vol.: 1.º, 24, XXXI, 520 p.; 2.º, 506, 44 p.; 45 cm (BNP, Res. 2566 A. - 2567 A.).
1740. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis...: notis chronologicis, historicis, et geographicis illustrata juxta editionem... Antonii Vitré*, Antuérpia, Ioanem Baptista Verdussen, 1740; 2 partes num vol. (BNP, Bib. 222 V.; Museu de Lamego, 22-AA-Bib.).
1740. *Novum Testamentum Domini Nostri Jesu Christi, Ex Graeco In Latinum Ad Literam Versum, Et Subjecta Quadruplici Editione Vulgata, In Usus Theologiae Candidatorum Accuratum*, Viennae Austriae, Typis Leopoldi Joannis Kaliwoda, 1740; 2 vol.; 22 cm (BJPII, 225.04=75 KAL).
1741. *Biblia Sacra Vulgatae, editionis, Sixti V et Clementis VIII Pontif. Max. Auctoritate recognita, versiculis distincta. Pars prima [-secunda], una cum selectis annotationibus ex optimis quibusque catholicis interpretibus... Accedunt libelli duo ab eruditissimo viro Francisco Luca Brugensi*, Veneza, Typographia Balleoniana, 1741; 2 vol.; o 2.º vol. tem 888 p., mais 72 de correções de Francisco Lucas da Bíblia Vulgata por ordem de Sisto V; 29,5x21 cm (BNP, Bib. 67 V.; BAJUDA, B-8-13/14 e C-8-1/2; CMVIS, 390; DB, 2.º vol.).
1741. *Biblia Sacra tam Veteris quam Novi Testamenti, cum apocryphis, secundum fontes hebraicas et graecas, ad optimos codices collata, praetereaue ita adornata, ut qua singulas paginas exactissime respondeant Bibliis germanicis, Halae saxo-num Impressum quae Cansteiniana... cum praefatione... D. Christiani Benedicti Michaelis...*, Zullichau, Sumpt. Orphanotrophei, apud Gottlob. Beniam. Frommannum, 1741; NT com frontispício próprio e data de 1740; 18, 1079 p. e 16, 308 p.; 25x20 cm (BNP, Bib. 317 V.; BPNM, 2-1-7-2).
1741. *Biblia Sacra Vulgata, editionis Sixti V. Elementis VIII... Max. Ivssv Recognita Atq Edita*, Lugduni, apud Fratres De Ville, 1741; Editio Nova; 912 p.; 20 cm (BJPII, 22.04=71 BS-DEV).
1741. DU HAMEL, Jo. Baptista, *Biblia Sacra Vulgatae Editionis...*, 1741; *Isaias – Apocalypse*; 2 col.; muitas notas; introdução aos capítulos; 3.º e 4.º Esdras; com um grande índice temático-bíblico; 888, 72 p. (índices); 30x21 cm (FacFil).
1741. DU HAMEL, Jo. Baptista, *Biblia Sacra Vulgatae Editionis, Sixti V. & Clementis VIII, Pontif. Max. auctoritate recognita, versiculis distincta: Una Cum Selectis Annotationibus... Prolegomenis, Novis Tabulis Chronologicis, Historicis,*

*Geographicis Illustrata...*, Venetiis, Ex Typographia Balleoniana, 1741 (BNP, Bib. 67 V. - 68 V.; FacFil: vol. 2).

1743. *Bibliorum Sacrorum latinae versiones antiquae seu Vetus Italica... Quae cum vulgata latina, & caeterae quaecumque in codicibus mss et antiquorum libris reperiri potuerunt; Quae cum Vulgata Latina et cum texto graeco comparantur... Accedunt Praefationes, Observationes ac Notae...* Opera & studio D. Petri Sabatier, Reims, apud Reginaldum Florentain, 1743; 3 vol.; 38x25 cm (BPNM, 1-1-6-6/8).

1743-1749. *Bibliorum sacrorum Latinae versiones antiquae, seu Vetus Italica, et caetera quaecumque in codicibus mss. & antiquorum libris reperiri potuerunt: quae cum Vulgata Latina, & cum textu graeco comparantur...* Opera & studio..., Reims, apud Reginaldus Florentain, 1743-1749 (BPNM, 1-4-10/12).

1743-1747. *Lex... Prophetarum... Hagiographi canonici Veteris nempe Testamenti libri, qui originario nobis... ore loquuntur; ex hebraico in latinum ad litteram versi...*, Viennae Austriae, Joannis Ignatii Heylinger, 1743-1747; letras iniciais ornadas; 4 vol.; 20x12 cm (BPNM, 2-1-15-7/10).

1745-1757. *Biblia Sacra Vulgatae editiones Sixti V, Pontificis Maximi iussu recognita...*, Venetiis, Modestus Fentius, 1745-1757; 28 vol.; vários autores: Van Est, Willem; Maldonado, Juan (ca. 1485-1554); Gagny, Jean de; Sá, Manuel de; Mariana, Juan de (1536-1624); Lansselius, Pierre; Malvenda, Tommaso; Menochio, Giovanni Stefano (1575-1655); Tirini, Giacomo; Gordon, James; Bossuet, Jacques-Bénigne (1627-1704) (BGUC, S.P.-Aa-3-1 a 18: vol. 1 a 18; S.P.-Aa-4-1 a 10: vol. 11 a 28; UCLEBC, CF E-6-1/22).

1747. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis Sixti V: Pont. Max. Recognitaatque Edita*, Lugduni, Typ. Jacobi Carteron, [1747] (BJPII, 22.04=71 BS-JC).

### “Bíblia de Veneza”

1747-1757. *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V, Pontificis Maximi iussu recognita, & Clementis VIII auctoritate edita cum selectissimis Litteralibus Commentariis*, Veneza, Excuderunt Modestus Fentius et Ioannis Tiberninus; excudit Modestus Fentius..., 1747-1757; vários autores: Ioannis Gagnaei; Ioannis Maldonati; Emmanuelis de Sá; Guilielmi Estii; Ioannis Mariana; Petri Lansselii; Thomae Malvendae; Io. Stephani Menochii; Iacobi Tirini; Iacobi Gordoni, & Iacobi Benigni Bossuet. Accedunt Romanae Correctiones ac Lectionum Varietates a Francisco Luca Brugensi observatae, & Notationes in loca variantia ab eodem concinnatae, in sua singulae capita tributae: necnon selecta variorum Prolegomena, nunc primum in unum collecta: indices denique plures ac-

curatissimi; Cum permissu Superiorum et Privilegio; 2 col.; 28 vol.; 24,5x17,5 cm (BNRJ, 147, 5, 2-29; BPNM, 1-1-10-1/24 e 1-1-11-1/2; FacFil).<sup>3</sup>

Tomus I: *Génesis*, Veneza, Excuderunt Modestus Fentius et alii, 1747; 571 p.

Tomus II: *Êxodo e Levítico*, ib., 1747; 594 p.

Tomus III: *Números e Deuteronomio*, ib., 1747; 590 p.

Tomus IV: *Josué, Juízes e Rute*, ib., 1747; 556 p.

Tomus V: *1 e 2 Reis*, ib., 1747; 610 p.

Tomus VI: *1 e 2 Reis*, ib., 1748; 535 p..

Tomus VII: *1 e 2 Crônicas*, ib., 1748.

Tomus VIII: *Esdras-Neemias; Tobite, Judite, Ester*, ib., 1748; 569 p.

Tomus IX: *Job*, ib., 1748; 552 p.

Tomus X: *Salmos 1-50*, ib., 1749; 576 p.

Tomus XI: *Salmos 51-100*, ib., 1750; 516 p.

Tomus XII: *Salmos 101-150*, ib., 1750; 480 p.

Tomus XIII: *Eclesiastes*, ib., 1750; 664 p.

Tomus XIV: *Cântico dos Cânticos e Sabedoria*, ib., 1751; 478 p.

Tomus XV: *Eclesiástico*, ib., 1751; 708 p.

Tomus XVI: *Isaías, 1-28*, ib., 1752; 520 p.

Tomus XVII: *Isaías 29-66*, ib., 1752; 579 p.

Tomus XVIII: *Jeremias 1-32*, ib., 1753; 496 p.

Falta apenas o volume XIX.

Tomus XX: Fim de *Ezequiel*, ib., 1754; 640 p..

Tomus XXI: *Daniel – Jonas*, ib., 1754; 531 p.

Tomus XXII: *Miqueias - Malaquias*; e 1 e 2 *Macabeus*, ib., 1755; 568 p.

Tomus XXIII: *Evangelho de Mateus e Marcos*, ib., 1756; 588 p.

Tomus XXIV: *Evangelho de Lucas e João*, ib., 1756; 623 p.

Tomus XXV: *Atos dos Apóstolos e Carta aos Romanos*, ib., 1756; 543 p.

Tomus XXVI: *Epist. B. Pauli Apost. Ad Corinthios, Ad Galatas, Ad Ephesios, Ad Philippenses, & Ad Colossenses*, ib., 1757; 476 p.

Tomus XXVII: *Epist. Beati. Pauli Apost. Ad Thessalonicenses, Ad Timotheum, Ad Philemonem, Ad Haebraeos; Epist. Catolicae B. Iacobi Apost., B. Petri Apost, Epist. B. Iudae*, ib., 1757; 576 p.

Tomus XXVIII: *Biblia Sacra Vulgatae Editionis... complectens Apocalypsim, & Liberos III et IV Esdrae* (os dois últimos são apócrifos), ib., 1756; 356 p., índices (87 p.).

<sup>3</sup> Como se trata de uma Bíblia completa editada em Veneza, damos-lhe este título.



No fim desta Bíblia, encontramos índices das leituras para o ano litúrgico; tradução dos nomes hebraicos e gregos; índice temático; índice geográfico da Terra Santa.

1748. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis... versiculis distincta et ad singula capita argumentis aucta, pluribusque imaginibus... ornata. Indicique epistolarum & Evang. Locupletata*, Venetiis, apud Nicolaum Pezzana, 1748; 26, 924, 54 p.; 22x14 cm (BNP, Bib. 307 V.; BSEA; BJPII, 22.04=71 BS-JC).
1748. DU HAMEL, J. B., *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V & Clementis VIII...*, Veneza, Of. Antonius Cominus, 1748; 3 vol.; 23 cm (BSEA; BPE, E. LXXI C.6; CBAP, n.º 226).
1748. DU HAMEL, J. B., *Biblia Sacra Vulgatae editionis, Sixti V. & Clementis 8VIII. Pontif. Max. auctoritate recognita, versiculis disincta: una cum selectis annotationibus... accedunt libri duo ab eruditissimo viro Francisco Luca Brugensi... Pars prima [-altera]*, Venetiis, ex Typographia Balleoniana, 1748; 2 vol.; il.; 30 cm (BNP, Bib. 125 V. - 126 V.)

#### Outras Bíblias

1749. *Evangeliarum quadruplex latinae versionis antiquae seu Veteris Italicae... a Josepho Blanchino Veronensi...*, Romae, Typis Antonii de Rubeis, 1749; 4 vol.; 43,5x28 cm (BNP, Bib. 137-140 A.; BGUC, J.F.-71-3-7/10).
1750. *Biblia Sacra ex Sebastiani Castellionis interpretatione eiusque postrema recognitione praecipue in usum studiosae iuventutis denuo evulgata*, Lipsiae, apud Bernhard. Christoph. Breitkopf, 1750; 6 fol., 720, 320, 272 p.; 20,5x12,5 cm (BNP, Bib. 775 P.).
1751. *Bibliorum Sacrorum latinae versiones antiquae seu Vetus Italica... Quae cum Vulgata Latina, & caeterae quaecumque in codicibus mss cum textu graeco comparantur... Opera & studio D. Petri Sabatier*. Tomos I [- VII], Paris, apud Franciscum Didot, ad Ripam Augustinianorum..., Ex. Regia Reginaldi Florentain, 1751; 6 vol.; 40,5x26 cm (BNP, Var. 233).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> As antigas versões latinas da Bíblia anteriores aos trabalhos de S. Jerónimo (séc. IV-V), conhecidas pela designação global de *Vetus Latina*, são hoje consideradas de grande importância para a reconstituição do texto original bíblico, em especial do Novo Testamento. O beneditino setecentista, Pedro Sabatier, recolheu todo o material que pôde (códices e citações de antigos autores) e publicou a obra: *Bibliorum Sacrorum latinae versiones antiquae*, cuja primeira edição apareceu entre 1739 e 1743. Os beneditinos alemães da Arquibadia de Beuron começaram a publicar em 1949 uma nova edição da *Vetus Latina*, com material muito mais vasto e maior rigor científico.

1751. *Novum Testamentum: additis argumentis uniuscujusque capitis evangeliorum metro expositis...*, Venetiis, apud Antonium Bortoli, 1751; 792 p. (BNP, Bib. 336 P.).

1754. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis...*, Vicenza, 1754; com gravuras; 2 col.; referências na coluna da direita. Apresenta vários índices, tábua geográfica e cronológica (49 p.); *Breviarium totius Chronologiae Sacrae* (23 p.); 1036 p.; 31x20 cm (FacFil).

1754. *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V & Clementis VIII Pont. Max. Auctoritate Recognita. Notis Chronologicis, Historicis, et Geographicis Illustrata, juxta editionem Parisiensem Antonii Vitae. Nunc Denuo Revista, et Optimis Exemplaribus Adaptata. Cum Indicibus Copiosissimis*, Venetiis, apud Nicolaum Pezzana, 1754; Editio novissima prae ceteris correctior; Cum Privilegio; 12, 1028 p. (FacFil).

1755. DU HAMEL, Jo. Baptista, *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti Quinti et Clementis VIII Pont. Max. Auctoritate recognita versiculis distincta... Accedunt libelli duo ab eruditissimo Francisco Luca Brugensi exarati...* Pars Prima, Veneza, Tip Balleoniana, 1755; 2 vol.; 866 p.; 30x22 cm (BNP, Bib. 127 V. - 128 V.; DB; CMVIS, 391).

2.º Tomo (*Editio altera*), mesmas características, editor e ano; Isaías - Apocalipse (p. 1-797); Oratio Manassés regis Juda, cum captus teneretur in Babylonia (p. 797); Liber Esdrae Tertius (p. 798-808); Liber Esdrae quartus; Index Epistolarum et Evangeliorum, quae ex Veteri et Novo Testamento excerpta in Ecclesia Dominicis & aliis festis diebus leguntur, iuxta missalis reformationem ex decreto sacro-sancti concilii tridentini restituti...; Index Biblicus; Tabulae Chronologiae Sacrae (p. 875-888); Romanae Correctionis in Latinis Bibliis Editionis Vulgatae, jussu Sixti Quinti Pontificis Maximi recognitis, Loca Insigniora; Observata a Francisco Luca Brugense... (p. 1-58); Libellus alter continens alias lectionum varietates in eisdem Bibliis Latinis ex Vetustis manuscriptis exemplaribus collectas, quibus possit... Observatore & Collectore eodem Francisco Luca Brugense ecclesiae Cathedralis Audomaropolitanae Theologo Decano (p. 59-72).

1755. *Biblia Sacra Vulgatae editions, Sixti V. Pontif. Max. Jussu recognita et Clemente VIII... Editio noviter revisa, correcta et variantibus lectionibus ornata... accedunt perpetui P. Menochii e S.J. commentarii...*, Viena de Austria, Typis Joan. Thom. Trattner, 1755; 8 vol.; il.; 22 cm (CBAP, n.º 224).

1760. *Biblia Sacra Vulgatae editionis, Sixti V et Clementis VIII Pontif. Max. auctoritate recognita, versiculis distincta. Pars prima [-secunda], una cum selectis annotationibus... Accedunt libelli duo ab eruditissimo viro Francisco Luca Brugensi. Editio novissima post ultimam parisiensem recognita*, Venetiis, Ex Typographia Balleoniana, 1760; 2 vol. (BNP, Bib. 131 V. - 132 V.; CMVIS, 392; FacFil, B-8-2/10).  
— *Editio novissima prae ceteris correctior*, Venetiis, apud Nicolaum Pezzana, 1775; 12, 744 p. (CMVIS, 396).
- 1760-1761. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis, Sixti V. Pont M. Jussii Recognita Et Clementis Viii. Auctoritate Edit*a, Vindobonae, excudebat Joa. Thomas Trattner Caes. Reg. Ap. Maj. Aulæ Typ. & Bibliop., 1760-1761; 4 vol.; 16 cm (BNP; BOCD: 1.º tomo).
1763. DU HAMEL, Joannes Baptista, *Biblia Sacra, Vulgatae Editionis... editio Novissima*, Venetiis, Tip. Remondiniana, 1763; 2 vol.: 60, 575 p. e 4, 656 p.; 33x22 cm (BSEA; BNP, Bib. 236 V.: 1.ª parte).
1768. *Vetus Testamentum juxta exemplar Vaticanum. Tomus I [-XIV]... ad usum Collegii S. Congregationis de Propaganda Fide*, Romae, ex eiusdem Sacrae Congregationis typographio, 1768; 14 vol. (CMVIS, 321).
1769. DU HAMEL, Jo. Baptista, et BLANCHINI, Josephi, *Biblia Sacra Vulgatae editionis, Sixti V. & Clementis VIII. Pontif. Max. auctoritate recognita: annotationibus, prolegomenis, tabulis chronologicis, historicis & geographicis illustrate...*, Venetiis, ex Typ. Balleoniana, 1769; Ed. Novissima (BNP, Bib. 78 V. - 79 V.).
1773. *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V et Clementis VIII Pont. Max. jussu recognita atque edita, Editio Nova, versiculis distincta...*, Rothomagi, Ric. Lallemand, Regis Typographus, 1773; 602 p. (AT); O Novo Testamento está paginado em numeração latina (p. 1-162); Oratio Manasses (p. 162); Liber tertius Esdrae (p. 162-171); Liber Quartus Esdrae (p. 172-187); Prólogos de S. Jerónimo (p. 187-199); Index Apistolarum et Evangeliorum (p. 200-205); Index Testimoniorum a Christo et Apostolis in Novo Testamento citatorum ex Veteri (p. 206-208); Hebraicorum, Chaldaeorum, Graecorumque nominum interpretativo (p. 209-213); Index Biblicus (p. 213-223); 20x12 cm (DB).
1774. *Biblia Sacra Sixti V jussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita. Ed. Nova*, Avenione, 1774 (Catálogo da Biblioteca Pública de Guimarães, de 1888, n.º 4649).
1774. DU HAMEL, Jo. Baptista, *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V et Clementis VIII Pont. Max. Auctoritate recognita versiculis distincta, una cum selectis an-*

*notationibus... accedunt libelli duo ab eruditissimo viro Francisco Luca Brugensi exarati... editio novissima... summa diligentia a mendis omnibus expurgata*, Veneza, Remondini, 1774; 2 vol.; em 8.º (FacFil, C-8-6).

1774. *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V & Clementis VIII, versiculis distinctis, selectis annotationibus. Accedunt libelli duo a Francisco Luca Brugense. Editio novissima*, Bassani - Veneza, apud Remondini, 1774; 2 vol.; 34x23 cm (FacFil; DB; BJPII, 22.04=71 HAM; BSEA).

I Pars: *Génesis - Eclesiástico* 1-48 (538 p.).

II Pars: *Isaiás - Apocalipse* (504 p.); *Liber Esdras*, 3.º e 4.º (p. 505-518); Index Epistolarum et Evangeliorum, quae ex Vetero et Novo Testamento... (p. 519-542); Index Geographicus (p. 543-550); Tabulae Chronologicae Veteris ac Novi Testamenti (p. 552-562); Romanae Correctionis in Latinis Bibliis Editonis Vulgatae... A Francesco Luca Brugense... (p. 563-604); Libellus Alter continens alias lectionum varietates in eisdem Bibliis Latinis a Francesco Luca Brugense (p. 605-616).

1776. *Biblia Sacra Vulgate editionis Sixti V et Clem. VIII, Pont. Maximus auctoritate recognita*, Venetiis, apud Pezanna, 1776; 4, 462 p. (CMVIS, 322).

1781. *Novum Testamentum Domini Nostri Jesu Christi*, Londres, 1781; 347 p.; 16 cm (FLUP, Fundo Primitivo, Porto, 1989, p. 42).

1784. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis Sixti V. Pontificis Max. iussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita: versiculis distincta et ad singula capita...*, Venetiis, apud Antonium Cominum, 1784; 2 col.; XXXII, 966 p. (BNP, Bib. 308 V.; FacFil, C-7-7/9).

1785. *Bibliorum Sacrorum Vulgatae versionis editio. Tomus primus [-octavus] jussu christianissimi regis ad institutionem serenissimi Delphini*, Parisiis, Excudebat Fr. Amb. Didot, 1785; 8 vol. (CMVIS, 325).

1794. DU HAMEL, Jo. Baptista, *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti Quinti et Clementis VIII Pont. Max. Auctoritate recognita versiculis distincta... una cum selectis annotationibus... accedunt libelli duo ab eruditissimo viro Francisco Luca. Editio novissima... a mendis expurgata*, Veneza, Raimondini, 1794; 2 vol. (FacFil, B-8-13/14; C-8-1/2).

1797. DU HAMEL, Jo. Baptista, *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V et Clementis VIII Pont. Maximi auctoritate recognita, annotationibus prolegomnis, tabulis chronologicis, Historicis et Geographicis illustrata... accedunt libelli duo Francisci Luca... et Josephi Blanchini... Editio novissima...*, Veneza, Balleoniana, 1797; 2 vol.; em 8.º.

- 17??. *Biblia Sacra Vulgatae editionis*, Colónia, sumptibus Tornaesiorum, 17??; XXII, 632, 4, 256, p.; em 8.º.
1804. *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V. pontificis maximi jussu recognita et Clementis VIII... et prolegomenis Ferdinandi Koph sacrae theologiae doctoris*, 1804 (BJPII).
1817. *Biblia Sacra, Veteris et Novi Testamenti, repraesentata centum imaginibus... una cum expositione dilucidativa*, Augustae Vindelicorum, Prostat, apud Antonium Klauber, 1817; 1-100 fol.; in-4.º.
1836. *Novum Testamentum Domini Nostri Jesu Christi. Editio stereotypa*, Londini, Prostat venalis apud Longman, Orme, Brown, Green, et T. W. Longman... [et alii], [1836]; 2, 246 p. (CMVIS, 370).
1851. *Biblia Sacra, Vulgatae Editionis, Sixti V Pontificis Maximi jussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita*, Paris, apud Mequignon Junioem, 1851; 978 p.; 22x13,5 cm (BSME).
1856. *Vetus Testamentum Vulgatae editionis, sixti V et Clementis VIII Pontificum Maximorum Jussu Recognitum atque editum. Editio Nova, versiculis distincta*, Coimbra, Typis Academicis, 1856; 2 col.; 1067, XXIII p.; 20,5x13 cm (BNP, R. 24572 P.; DB).
1859. *Biblia Pauperum... Reproduced in fac-simile... with an introduction by J. Phil. Berjeau*, Londres, J. Russell, 1859; em fol. (BNRJ, 70 p, 7, 25).
1862. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis Sixti V, Pont. Max. Jussu Recognita et Clementis Viii Auctoritate Editata*, Barcinone, Livr. Religiosa, 1862; 8, 894, 4 p.; 2 col. (BNP, Bib. 788 P.).
1866. *Novum Testamentum Domini Nostri Jesu Christi. Vulgatae editionis...*, Conimbricae, Typis Academicis, 1856; 278, LXXVI p.; 22x16 cm (BSG).
1868. *Biblia Sacra, Vulgatae Editionis, Sixti V Pontificis Maximi jussu recognita et Clementis VIII, auctoritate edita; Nova editio accuratissime emendata... Archiepiscopo Parisiensi approbata*, Paris, apud Garnier Fratres Bibliopolas, 1868 (DB). Tem apenas o Cânon católico, até ao fim do *Apocalipse* (1275 p.); Oração de Manassés (p. 1276); Liber Tertius Esdrae (1277-1291); Liber Quartus Esdrae (1292-1318); Index Testimoniorum a Christo et Apostolis in Novo Testamento Citatorum ex Veteri (p. 1319-1323); Hebraicorum, Chaldaeorum, Graecorumque nominum interpretatio (p. 1324-137399); Índice final (p.1375-1376).

1869. *Biblia Sacra Vulgatae editionis. Edição Nova; ed., accuratissime emendata*, Parisiis, apud Garnier Fratres, 1869; imprimatur de 1868; XXVIII, 1373 p. (BGUC, 9-(5)-1-1-53).
1884. *Biblia Sacra Vulgatae*, Paris, Roger et Chernoviz Editores, 1884; 978 p. (BCap, PPPMC-POR 22 Bib).
1887. *Biblia Sacra juxta Vulgatae exemplaria et correctoria romana; denuo edidit divisionibus logicis analysique continua sensum... Aloisius Claudius Fillion...*, Paris, Librairie Letouzey et Ané, 1887; 6.<sup>a</sup> ed.; com a Oração de Manassés e 3-4 Esdras (28 p.); X, 1366, 28 p.; 22x14 cm (BJPII, 22.04=71 FIL; BSME).
1895. *Biblia Sacra Vulgatae Editionis Sixti V. Pont. M. Jussu Recognita, et Clementis VIII Auctoritate Edita*, Parisiis, apud Victorem Lecoffre, 1895; 12, 875, 49 p.; 2 col. (BNP, Bib. 860 P).
1899. I. E. Rahmani (ed. lit.), *Testamentum Domini Nostri Jesu Christi nunc primum edidit latine reddidit et illustravit Ignatius Ephraem II Rahmani*, Moguntiae, Sumptibus Francisci Kirchheim, 1899; LII, 231 p.; 22 cm (BJPII, 264-011 RAH).
- s. d. *Biblia Sacra, Vulgatae Editionis... Sixti V et Clementis XVIII*, Londres, Samuel Bagster and Sons, Ltd., Paternoster Row, s. d.; 585, 188 p.; 17x11 cm; Novo Testamento com frontispício próprio (FCG, AP 8166).
- s. d. *Biblia Sacra Vulgatae editions...*, Colónia, Sumptibus Tornaesiorum, s. d.; 22, 632, 2, 256 p.; 21 cm (CBAP, n.º 227).

### 3. Bíblias de outras línguas traduzidas em latim

1712. *Bibliorum Codex Sacer* (Bíblia suiça?), Tigurí, Cromweli Hortimer, Excudebat Christophorus Froschoverus Junior, 1712 (BAJUDA, 7-V-13).
1716. *Novum testamentum aegyptium vulgo copticum ex mss. Bodleianis descripsit, cum Vaticanis et parisiensibus contulit et in latinum sermonem convertit. David Wilkins...*, Oxonii, Theatro Sheldoniano Typis et Sumptibus Academiae, 1716; 26x21 cm; 40, 676 p. Muito importante para a reconstituição do texto grego do Novo Testamento (BNP, Bib. 451 V).
1727. *AL-áhad Al-jadid* (=Novo Testamento), Impr. Muçihia, 1727. Em árabe (BAJUDA, 3-VII-42).
1752. *Biblia Sacra in lingua arábica. Tomo I [- III]*, S. l., Typ. Real, 1752; 2 vol.; 28x20 cm (BNP, Bib. 315 - 316 V).

#### 4. Concordâncias latinas

As *concordâncias* colocam todas as palavras fundamentais da Bíblia por ordem alfabética, com as respectivas citações onde se encontram. Servem, ainda hoje, para sabermos o lugar onde se encontra qualquer tema, por meio dos termos bíblicos apresentados.

1718. *Sacrorum Bibliorum Vulgatae Editionis Concordantiae; ad recognitionem jussu Sixti V Pont. Max. Bibliis adhibitam recensitae, atque emendata a Francisco Luca, Theologo & Decano Audomaropolitano*, Antuaerpie, apud Joannem Baptistam Verdussen, 1718.

1733. *Sacrorum Bibliorum Vulgatae Editionis Concordantiae; ad recognitionem jussu Sixti V Pont. Max. Bibliis adhibitam recensitae, atque emendata a Francisco Luca... nunc vero secundum Huberti Phalesii... observata accuratissime...*, Antuérpia, apud Joannem Baptistam Verdussen, 1733; sem paginação; 3 col. (BNP, Bib. 181 V).

1733. *Sacrorum Bibliorum Vulgatae Editionis Concordantiae Hugonis Cardinalis, O.P., ad recognitionem jussu Sixti V. Pont. Max. Bibliis adhibitam recensitae, atque emendatae: Primum a Francisco Luca Theologo, & Decano Audomaropolitano, nunc denuo variis locis expurgatae, ac locupletatae cura & studio V. D. Huberti Phalesii*, Veneza, apud Nicolaum Pezzana, 1733; Superiorum Permisso ac Privilegio; 3 col.; 1028 p.; 31x20,5 cm (FacFil; BNRJ, 152, 6, 13).

1734. NOLDII, Christiani, *Concordantiae particularum hebraeo-chaldaicarum in Partium indeclinabilium quae Occurrunt in Fontibus et hactenus non expositae sunt in Lexicis aut Concordantiis. Natura et Sensuum Varietas Ostenditur... Huc etiam particulae graecae conferuntur. Versiones et multa Scripturae loca ita explicantur... Annotationes et Vindiciae*, Jenae, Ioh. Gottfr. Tymphius, 1734; 2 col.; com vários índices; 984 p. Segue-se o *Lexicon Particularum Haebraicarum*, com 37 p. e índices; 28,5x22 cm (FacFil).

1741. *Sacrorum Bibliorum Concordantiae Hugonis cardinalis Ordinis Praedicatorum ad recognitionem iussu Sixti V Pont. Max. Bibliis adhibitam recensitae atque emendatae...* Francisco Luca, Veneza, apud Nicolaum Pezzana, 1741; "Cum privilegio excelentissimi senatus"; 1028 p.; 3 col.; 31x21 cm (BEP, 2986-14-4; BPH).

1747. CALASIO, R. P. Doct. F. Mario de, *Concordantiae Sacrorum Bibliorum Hebraicorum; in quibus Chaldaicae, etiam librorum Esdrae & Danielis suo loco inseruntur...*, Londini, apud Jacobum Hodges, 1747; 4 vol.; 42x27 cm (BNP, Bib. 182 A. - 185 A.).



1751. *Repertorium Biblicum seu Concordantiae Sacrae Scripturae...* iuxta... Sixti V... *Opera et studio... Patrum Ordinis S. Benedicti... Monasterii Wessofontani*, Augusta Vindelicorum, Jacobi Philippi Veith. & Wolff Bibliopolarum, 1751 (BAJUDA, 103-VIII-8 a 10).
1754. *Sacrorum Biblicorum Vulgatae editionis concordantiae Hugonis cardinalis Ordinis Praedicatorum; ad recognitionem jussu Sixti V Pont. Max. Biblii adhibitam recensitae, atque emendatae: primum a Francisco Luca... postea variis locis expurgatae, ac locupletatae. Editio Novissima prae ceteris correctior*, Venetiis, apud Nicolaum Pezzana, 1754; 3 col.; com referências marginais à esquerda; cum privilegio; 12, 1028 p.; 30,5x21 cm (CMVIS, 395; FacFil).
1754. *Sacrorum Biblicorum Vulgatae editionis concordantiae Hugonis cardinalis Ordinis Praedicatorum; ad recognitionem jussu Sixti V Pont. Maximus Biblii adhibitam recensitae, atque emendatae: primum a Francisco Luca... postea variis locis expurgatae ac locupletatae. Editio Novissima prae ceteris correctior*, Venetiis, apud Nicolaum Pezzana, 1754; 12, 1028 p. (CMVIS, 394; CBAP, n.º 235).
1768. *Sacrorum Biblicorum Vulgatae editionis concordantiae Hugonis cardinalis*, OP, *ad recognitionem jussu Sixti V Pont. Max. Biblii adhibitam recensitae, atque emendatae primum a Francisco Luca... postea variis locis. Novissima et locupletatae. Editio novissima prae ceteris correctior*, Venetiis, apud Nicolaum Pezzana, 1768; 12, 744 p. (CMVIS, 671).
1775. *Sacrorum Biblicorum Vulgatae editionis concordantiae Hugonis cardinalis Ordinis Praedicatorum; ad recognitionem jussu Sixti V., Pont. Max., Biblii adhibitam recensitae, atque emendatae: primum a Francisco Luca... postea variis locis expurgata ac locupletata. Editio Novissima prae ceteris correctior*, Venetiis, apud Franciscum et Nicolao Pezzana, 1775; 12, 744 p.; 36x26 cm (CMVIS, 396).
1864. *Concordantiarum SS. Scripturae Manuale...* P. P. De Raze, De Lachaud et Flandrin..., Barcelona, Libreria Religiosa, 1864; 751 p.; 19,5x12,5 cm (DB).
1872. DUTRIPON, F. P., *Biblicorum Sacrorum Concordantiae ad recognitionem jussu Sixti V. Pontif. Max...: Vulgatae Editionis. Cura et Studio F. P. Dutripon, Barri-Ducis*, Ludovicus Guerin, Editor, 1872; 3.<sup>a</sup> ed. (BJPII).

## Conclusão

Junto a estas Bíblias em latim, poderíamos apresentar muitas outras edições. Esta é, pois, uma simples amostragem, mas também a prova de que, ainda nestes dois séculos (XVIII-XIX), a Bíblia em latim era muito usada, sobretudo pelos cientistas da Bíblia, para estabelecer comparações entre o texto latino de S. Jerônimo, corrigido por ordem do concílio de Trento, e os textos originais, o hebraico e o grego. De qualquer modo, deveriam marcar presença no capítulo das “Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos”. Seria aí o seu lugar. Por outro lado, como a Bíblia não foi escrita em latim, esta língua não tem uma relação direta com os seus textos originais, que são o hebraico, aramaico e grego.

Neste 3.º Suplemento, encontramos 144 Bíblias latinas e 13 concordâncias; no total, 157 obras destas tipologias.

## Suplemento 4

### Bíblias hebraicas e gregas em Portugal

Este Suplemento também deve considerar-se como parte integrante do cap. 6: *Bíblia e Ciências Auxiliares dos Estudos Bíblicos*. As obras em hebraico e grego foram aqui colocadas porque, talvez, sejam pouco interessantes para o público de cultura média. De qualquer modo, o lugar que ocupam neste volume não lhes retira interesse tanto no aspeto bíblico como na cultura em geral. Este Suplemento abrange um largo espetro de literatura hebraica e grega. Procederemos, pois, pela ordem seguinte:

1. Bíblias hebraicas
2. Bíblias gregas e greco-latinas
3. Bíblias políglotas
4. Outras Bíblias
5. Gramáticas e dicionários hebraicos

#### 1. Bíblias hebraicas

1701: *Biblia Hebraica sine punctis versibus, capitibus & sectionibus interstincta, notisque Masoretarum Quas Kri & Ktif appellant, instructa, Ad Leusdenianam Editionem adornata*, Amstelaedami, Ultrajecti, Gerardus Borstius, Franciscus Halma, Guilielmus van de Water, 1701; Leusden, Jan (1624-1699), ed. lit.; Borstius, Gerardus (16??-17??), impr.; Halma, François (1653-1722), impr.; De Water, Willem van (1686-1728), impr.; 5, 306, 2 fol.; 2 col.; 2 vol.; 16 cm (BNP, Bib. 933 P. - 934 P.; BGUC, 3-1-9-21).

1705: *Biblia Hebraica, secundum ultimam editionem Jos. Athiæ, a Johanne Leusden denuo recognitam, recensita, atque ad Masoram et correctiones... editiones, exquisite adornata, variisque notis illustrata, ab Everardo Van Der Hooght*, Amstelædami et Ultrajecti, ediderunt Boom, Waesberge, Goethals, Borstius, Wolters, Halma, van de Water et Broedelet, 1705; Boom, Hendrick, fl. 1670-1709, ed. com.; Borstius, Jacobus (1676-1750), ed. com.; De Water, Willem van (1686-

-1728), ed. com.; Leusden, Jan, 1624-1699, ed. lit.; Hooght, Everhard van der, 1642-1716, ed. lit.; Editio longe accuratissima; 2 vol.: 21, 333 fol.; 352, 24 fol.: il.; 21x13 cm (BNP, Bib. 519 P.; BAJUDA, 1-II-7; BGUC, RB-12-5 e 6; BPNM, 2-1-15-3).

— *Nova edição*, Leipzig, 1831.

— *Edição corrigida e emendada*, Londres, Judah D'Allemand, Impensis Jacobi Buncan, Paternoster Row, 1833; “secundum ultimam editionem Jos. Athiae”; 634 p.; 22x14 cm (DB).

1709: *Biblia Hebraica*, Amsterdão, por Abraam filho de Jezkia Atias, 1709; em 8.º (BNRJ, 146, 5, 20).

1715. WILKINS, Davide, *Paraphrasis Chaldaica in librum priorem et posteriorem Chronicorum, ... cum versione latina in lucem missa a Davide Wilkins*, Amstelædami, apud Johannem Boom, 1715; 26 fol., 415 p.; 20x15 cm (BNP, Bib. 794 P.).

1716. *Biblia Hebraica, ad optimorum tam Impressorum, speciatim Clodii, Leusdenii, Iablonski, Opitii, quam manuscriptorum aliquot codicum fidem collata. Dirigit opus, novas capitum inscriptiones praefationemque adposuit D. Ioh. Henr. Maius... Collationem vero sedulam Instituit, annotationem ac interpretationem vocum...*, Francofurti ad Moenum; impensis Ioannis Philippi Andreae, typis Joannis Koelneri, 1716; 10, 10, 2 p., 686, 2 fol.; il.; 22 cm (BNP, Bib. 781 P.).

1720. *Biblia Hebraica, ex aliquot Manuscriptis et compluribus impressis Codicibus, item Masora tam Edita, Quam Manuscripta, Aliisque Hebraeorum Criticis Diligenter Recensita... Selectae Variantes Lectiones Subiiciuntur; cura ac studio D. Io. Heinr. Michaelis...*, Halae Magdeburgicae, typis & sumtibus Orphanotrophei, 1720; Tít. em latim e hebraico; 2 vol.; il.; 32 cm (BNP, Bib. 123 V. - 124 V.; BGUC, 4 A-32-11-2; 4 A-32-12-3; BPNM, 2-1-7-1; NUC, NBi 0016769).

1739. *Biblia Hebraica ad Optimorum Codicum et Editionum Fidem Recensita et Expressa adjectis notis Masorethicis Aliisque Observationibus, Numeris et Summariis accurrante M. Christiano Reineccio...*, Lipsiae, apud Bernh. Christ. Breitkopfium, 1739; Editio altera; 12, 516, 580, 4 p.; 17 cm (BNP, Bib. 742 P.; FacFil).

1740. *Torah Nevi'im ûKhetuvim*, Lipsiae, Sumptibus Wolfgang Deer, 1740; 50, 666, 705, 55 p. (CMVIS, 3941).

1743. *Biblia Hebraica: Prophetæ, Hagiographi Canonnici Veteris nempe Testamenti Libri*, Viena de Austria, Typ. Joannis Ignatii Heyinger, 1743; em hebraico e latim; 4 vol. (BAJUDA, 1-II-9 a 12).

- 1743-47. *Torah (Lex) Nebiim (Prophetae) ûKetubim (Hagiographi canonici), Veteris nempe Testamenti Libri qui originario nobis etiamnum ore loquuntur; ex Hebraico in latinum ad literam versi, & in usum Theologiae candidatorum Vulgati, adjecta editione Vulgata ad exemplar Sixtinum, 1592, Viena de Áustria, 1743 (BSME). Contém:*  
 Pars I, Pentateuco, 1743.  
 Pars II, Js, Jz, 1 e 2 Sm, 1 e 2 Reis, 1744.  
 Pars III, Is, Jr, Ez, Dn, Profetas Menores (Os-Ml), 1745.  
 Pars IV, Sl, Prov, Job, Cant, Rut, Est, Esd-Ne, 1 e 2 Paralipómenos, 1747.
1750. *Biblia Hebraica*, Oxonii, Typographeo Clarendoniano, Typis et sumtibus Academicis, 1750; 2 vol.; 24 cm (BNP, Bib. 386 V. - 387 V.; BGUC, 4 A-29-5-11).
1753. HOUBIGANT, Carolo-Francisco, *Biblia Hebraica cum notis criticis et versione latina ad notas criticas facta. Accedunt Libri Graeci, qui Deutero-Canonici vocantur, in tres classes distributi*, Lutetiae Parisiorum, apud Antonium Claudium Briasson, sub signo Scientiae & Laurentium Durand, sub signo Gryphi, 1753; texto em hebraico; 4 vol.; il.; 40 cm (BNP, Bib. 105 A. - 108 A.; BGUC, 2-5-24-(3/6); 3-1-14-(336/339); S.P.-Ac-1-(4/7); BAJUDA, 100-IX-26 a 28 e 101-IX-1).
1753. HOUBIGANT, Carolo-Francisc, *Veteris Testamenti versio nova ad hebraicam veritatem facta; accedunt libri deutero-canonici ex graeca editione translati...*, Parisiis, apud Antonium Claudium Briasson et Laurentium Durand, 1753; 8 t. em 5 vol. (BNP, Bib. 824 P. - 828 P.).<sup>1</sup>
1753. *Biblia Hebraica Manualia: ad Hooghtianam & optimas quasque editiones recensita, atque cum Brevis Lectionum Masorethicarum, Kethiban et Krijan, Resolutione ac Explicatione, ut et cum Dictionario Omnium Vocum Veteris Testamenti Hebraicarum et Chaldaicarum, in usum studiosae iuventutis edita a Iohanne Simonis*, Amstelaedami, apud Jacobum a Wetstein, 1753; 2 vol. em 3 partes: 12, 640; 320 p. e 384, 72, 79 p., respetivamente; il.; 20x12,5 cm (BNP, Bib. 777 P. - 780 P.; BNRJ, 146, 4, 30; BPNM, 2-1-4-8; 2-1-4-11/12; 2-1-4-9/10).
1756. *Torah Neviim ûKhetuvim*, Lipsiae, apud Bernh. Christ. Breitkopfium, 1756; Editio tertia; 8, 516, 580, 4 p. (CMVIS, 3940).

<sup>1</sup> O Pe. Carlos Francisco Houbigant, oratoriano francês, nascido em 1686 e falecido em 1783, dedicou-se inteiramente ao estudo das línguas orientais. Os seus trabalhos sobre o texto hebraico da Bíblia não tiveram a aceitação que era lícito esperar dele, por ter aderido ao sistema Masclef, que suprimia os pontos-vogais do hebraico.

1756. *Biblia Hebraica ad Optimorum Codicum et Editionum Fidem Recensita et Expressa adjectis Notis Masorethicis, necnon Versum et Capitum Distinctionibus, Numeriis et Summariis*, Lipsiae, apud Bernh. Christ. Breitkopfium, 1756; editio tertia; 8, 516, 580, 4 p.; 17 cm (BNP, Bib. 409 P.).
1762. *Biblia Hebraica, in gratiam philologorum recens edita: Ex Officina D. E. Jablonski, D. cuius Praefatiuncula Praemittitur*, Berolini et Halae [D. E. Jablonski], 1762; 12, 256, 225, 524 p.; 15 cm (BNP, Bib. 555 P.).
1767. *Biblia hebraica manualia ad praestantiores editiones accurata. Accesserunt... Cura et studio Johannis Simonis...*, Halle, João Simonis, sumptibus Orphanotrophei, 1767; editio secunda emmendatior; XVI, 1334; 80; 48; 75 p.; 21 cm (BNP, Bib. 836 P.; BGUC, 1-(a)-9-12; BPNM, 2-1-4; FacFil). 4 partes num vol.:
  - I. *Analysis et explicatio variantium lectionum, quas Kethibh et Krijan Vocant.*
  - II. *Interpretatio Epicriseon Masorethicarum singulis libris biblicis subiectarum.*
  - III. *Explicatio notarum marginalium Textui Sacri hinc inde additarum.*
  - IV. *Dictionarium omnium vocum Veteris Testamenti hebraicarum et chaldaicarum denuo emendatius editum cura et studio Johannis Simonis...*
1772. *Biblia Parva Hebraeo-Latina*, Lipsiae, por Enrich Optiz, sumptibus..., 1772 (BGUC, 4 A-14-14-23).
1793. *Biblia Hebraica olim a B. Christiano Reineccio edita et ad optimorum codicum et editionum fidem recensita et expressa; nunc denuo ad fidem recensionis massoreticae et I. B. de Rossi collatorum ediderunt D. Io. Christoph Doederlein... et Ioannes Henricus Meisner...*, Lipsino, impensis I.C.I. Breitkopzii, 1793; 5 vol.; 18x11 cm (BPNM, 2-1-4-2/6).
1820. *Biblia hebraica versibus, capitibus et sectionibus interstincta: notisque masoretarum Keri et Chetib instructa. Ad editionem Hooghtianam accuratissime adornata. Adjiciuntur variae Lectiones Pentateuchi Hebraei et Hebraeo-Samaritani*, Londres, S. Bagster, 1820; ed. by Jacob and J. D'Allemand; 17 cm (BL, 8816. d251).
1837. DUNCAN, Jacobi, *Biblia Hebraica: secundum ultimam editionem Jos. Athiae a Johanne Leusden...*, 1837 (BJPII).
1838. *Biblia Hebraica; ad optimas editiones Everardi van der Hooght; ex recensione Fr. Car. Resenmüller*, Lipsia, Sumptibus et typis Caroli Tauchnitii, 1838; VI, 1036 p.; 16,5x10 cm (BSEA).
1839. *Biblia Hebraica secundum editiones Ios. Athiae, Ioannis Leusden, Io. Simonis aliorumque inprimis Everardi van der Hooght recensuit sectionum propheticarum*

*recensum et explicationem clavemque masorethicam et rabbinicam addit Augustus Hahn. Editio stereotypa quartum recognita et emendata*, Paris, Typ. Caroline Tauchnitti, 1839; em 8.º (BNRJ, 69, 6, 3).

1870. *Biblia hebraica. Les Saintes Écritures de l'Ancien Testament d'après la version revue par J. F. Ostervald*, Londres, BFBS, 1870; edição bilingue: hebraico e francês, em páginas paralelas; 2 vol.: 1.º, Gn-2 Rs, 481 p.; 2.º, Is-2 Cr, 483-1023 p.; 18x11 cm (BNP, Bib. 505 P. - 506 P.).

S.d. *Biblia Hebraica secundum ed. Jos. Athiae a Johanne Leusden, per Everardo van Hooght*: Génesis - 2 Reis; com tradução latina na margem da página; 23x13,5 cm acFil).<sup>2</sup>

Neste elenco temos 30 obras em hebraico.

## 2. Bíblias gregas e greco-latinas

1703. *He Kaine Diatheke*, Londini e Oxonii, Theatro Sheldoniano, Impensis Tho. Bennet, 1703; Gregory, John; Aldrich, Henry; Grabe, Johann Ernst; Bennet, Thomas, ed. lit.; 4, 344, 6 p., 1 folha de estampa (CMVIS, 4004).

1703. *Vetus Testamentum Graecum Interpretum...*, Amstelodami, David Millius, Sumptibus Societatis, 1725. Brunet recomenda-a (BAJUDA, 1-I-10 e 11).

1709. *He Pallaia Diathêkê katá tous Ebdomêkonta - Vetus Testamentum ex versione Septuaginta interpretum, secundum Exemplar Vaticanum, Romae editum, accuratissime denuo recognitum, una cum Scholiis eiusdem Editionis, Variis MStorum. Codicum Veterumque Exemplarium Lectionibus, necnon Fragmentis Versionum Aquilae, Symmachi & Theodotionis. Summa cura edidit Lambertus Bos, L. Gr. in Acad. Franeq. Professor, Franequerae (Franecker), excudit Franciscus Halma...*, 1709; 1 tomo em 2 vol. (BNRJ, 146, 5, 14-15).

1721. NYON, João Lucas, e BROCAS, João Batista, *Novum Testamentum* [Kainê Diathekê], Paris, 1721; 2, 616 p.; 13,5x6,5 cm (BSEA).

1725. *Vetus Testamentum Graecum Interpretum...*, Amsterdão, David Millius, Sumptibus Societatis, 1725 (BAJUDA, 1-I-10 e 11).

1740. *He kainê Diathêkê. Novum Testamentum in quo tum selecti versiculi 1900, quibus omnes Novi Testamenti voces continentur, asteriscis notantur; tum omnes & singulae voces... Editio nova, accuratissime recognita*, Amstelaedami, apud J.

<sup>2</sup> Segundo um manuscrito de Ribeiro dos Santos, na Biblioteca da Universidade de Coimbra, existiam várias Bíblias em latim e hebraico, referentes aos anos: 1705, 1712, 1720, 1728, 1740, 1742, 1750, 1753, 1767 1776, 1781 (BNP, Cod. 4629).



- Wetstenium, & G. Smith, 1740; auctore Johanne Leusden; 4, 337 p., front. grav. e mapa desdobr.; 15x8,5 cm (BNP, Bib., 118 P.).<sup>3</sup>
1741. *He kainê Diathêkê. Novum Testamentum...*, Turim, Ex. Typographia Régia, 1741; 695 p.; 17x9,5 cm (BNP, Bib. 1147 P.).
1741. LEUSDEN, Johannes, *Hê Kainê Diathekê. Novum Testamentum cum versione latina Ariae Montani... tum omnes de singulae voces, semel vel saepius occurrentes, peculiari notae distinguuntur...*, Amstelodami, apud J. Wetstenium de G. Smith, 1741; em 12.º (BNRJ, 4, 10, 9).
1741. LEUSDEN, Johannes, *Novum Testamentum graecum cum Versione Latina Ariae Montani: In quo tum selecti versiculi 1900, quibus omnes Novi Testamenti Voces continentur, asteriscis notantur...*, Amstelaedami, apud J. Wetstenium, & G. Smith, 1741; Ed. nova accuratissime recognita; 6, 2 map. desdobr., 674 p. (BNP, Bib. 318 P.).
1745. LEUSDEN, Johannes, *He Kainê Diathêkê - Novum Testamentum, cum Versione Latina Ariae Montani, in quo tum selecti versiculi (1900) quibus omnes Novi Testamenti Voces continentur, asteriscis notantur; tum omnes et singulae Voces, semel vel saepius occurrentes pecculiari nota distinguuntur*, Lipsiae et Lubbenae, apud Io. Gottlob Vossium, 1745; grego e latim, em col. paralelas; Cum Privil. Regis Poloniae et Electoris Saxoniae; 674 p. e índices das perícopas dos Evangelhos e Epístolas; 15x8,5 cm (FacFil).
- 1751-1752. *He Kainê Diathêkê*, Amstelaedami, Officina Dommeriana, 1751-1752; Wettstein, Johann Jakob, ed. lit.; 2 vol. (CMVIS, 4014).
- *Editio nova accuratissime recognita*, Lugduni Batavorum e Londini, apud Wetstenios et apud Johannem Nourse, 1772; 6, 699, p.; folha de estampa (CMVIS, 3911).
1753. *He Kainê Diathêkê sive Novum Domini Nostri Jesu Christi Testamentum, graecum cum variantibus lectionibus, quae demonstrant Vulgatam latinam... Accedit index epistolarum et evangeliorum spicilegium, apologeticum et lexicon graeco-Latinum. Cura et opera P. Hermannii Goldhagen...*, Moguntiae, Sump-tib. Francisci Varrentrapp, 1753; Editio catholica Novissima; 2 vol. encad. juntos; 19x11 cm (BNP, Bib. 220 P.).
1789. *He Kainê Diathêkê - Novum Testamentum*, 1789 (BPNM, 21-7-15).

<sup>3</sup> Johanne Leusden (1624-1699), holandês, foi muito versado em línguas bíblicas, mas esta edição de Wettstein, não tem ainda um texto grego crítico, que só veio a aparecer com o filólogo berlinense C. Lachmann, em 1831.

1809. *He kainê Diathêkê - Novum Foedus - cum version latina J. Leusdenii et Griesbachii editum a Henrico Arnoldo Aitton*, Lugduni Batavorum et Amstelodami, 1809; latim e grego em col. paralelas; 713 p.; 16x9,5 cm (BSME).
- 1816-1828. *Vetus Testamentum graecum e codice ms. Alexandrino, qui Londini in Bibliotheca Musei Britannici asservatur, typis ad similitudinem ipsius codicis Scripturae fideliter descriptum cura et labore Henrici Herveii Baber, A.M.*, Londini, ex prelo Ricardi et Arthuri Taylor, 1816-1828; 6 vol.; 50 cm (BNP, Res. 3167 A. - 3172 A.).
1859. *Codex Vaticanus: Novum Testamentum Graece, ex Antiquissimo Codice Vaticano*, Londini, Edinburgae, Williams & Norgate, 1859; Angelus Maius (ed. lit.); IV, 504 p.; 25 cm (BJPII, 225.04=75 MAI).
1865. *He Kainê Dathêkê - The Geek Testament: from Cardinal Mai's Edition of The Vatican Bible*, Robert Ornsby, 1865 (BJPII).
- 1869-1872. TISCHENDORF, Constantinus, *Novum Testamentum Graece: Ad Antiquissimos Testes Denuo Recensuit: Apparatum Criticum Omni Studio Perfectum Apposuit Commentationem Isagogicam Praetexuit*, Lipsiae, Giesecke & Devrient, 1869-1872; Editio octava critica maior; 2 vol.: XXII, 968; 1044 p.; 22 cm (BJPII, 225.04=75).
1869. BAER, Seligmann (1825-1897), *Liber Genesis: Textum Masorecticum accuratissime expressit e Fontibus Masorae Varie Illustravit, Notis Criticis Confirmavit... Praefatus est Edendi Operis Adjutor Fr. Delitzsch*, Lipsiae, Ex Officina Bernhardi Tauchnitz, 1869; 23 cm (BJPII).
1887. TISCHENDORF, Constantinus, *Vetus Testamentum Graece Iuxta LXX Interpretes*, Lipsiae, F. A. Brockhaus, 1887; 7.<sup>a</sup> editio; 616 p.; 23 cm (BJPII).
1887. NESTLE, Eberardo, *Veteris Testamenti Graeci: Codices Vaticanus et Sinaiticus*, Lipsiae, F. A. Brockhaus, 1887; 203 p.; 23 cm (BJPII).
1890. WESTCOTT, Brooke Foss, e HORT, Fenton John Anthony (the texte revised), *The New Testament in the original greek*, Cambridge e London, 1890; vol. 1: *Text*; 595 p.; vol. 2: *Introduction e Appendix*; 330, 180 p.; 19x12 cm (DB).
1890. *Novum Testamentum graece et latine*, Lipsiae, sumptibus Bernhardi Tauchnitz, 1890; com o texto latino da Vulgata corrigida depois de Trento e o grego é um texto normal da época; 983 p.; 16,5x10,5 cm (DB).
1896. WESTCOTT, B. F. (1825-1901), *The New Testament in The Original Greek*, London, Macmillan and Co. Ltd Cambridge, Printed by J. & C. F. Clay, 1896; XXXI, 180 p.; 19 cm (BJPII).

1890-1907. WESTCOTT, Brooke Foss, e HORT, Fenton John Anthony, *The New Testament in The Original Greek...*, London, MacMillan, 1890-1907; 2 vol.; 20 cm (BJPII, 225.05 NTOG).

Este elenco consta de 26 Bíblias em grego.

### 3. Bíblias políglotas

1713. *Biblia Sacra quadrilingua Novi Testamenti Graeci cum versionibus Syriaca, Graeca Vulgari, Latina et Germanica. Universa ad optimas quasque editiones recognita. Adiectis variantibus lectionibus tum Graecis ex ed. Nov. Test. Iohannis Millii S. T. P. praecipue excerptis, tum Syriacis ex Polyglottis Anglicanis et ed. Schaafii Petitis, tum etiam Germanicis nonnullis e diversis B. Lutheri editionibus annotatis. Quibus accedunt loca parallela uberrima tantoque numero ex Bibliis et Commentariis comportata quantum nulla adhuc editio protulit et Annotationes philologicae et exegeticae ad loca difficiliora pleraque...* Accurante M. Christiano Reineccio SS. Theol. Baccal., Paris, 1713; in-fol. (BNRJ, 147, 8, 11).

1746. *Sacra Biblia variarum translationum juxta exemplar Antuerpiae: impressum anno 1616. Complectens praeter Vulgatam, Sanctis Pagnini ex Hebraeo, Septuaginta Interpretum, & Chaldaica Paraphrasis Versiones; insuper in Libris Josue, Judicum, & Ruth loco Chaldaicae Paraphrasis, alteram ex Hebraeo Francisci Vatabli Translationem*, Veneza, Typis Nicolau Pezzana, 1746; 4 vol.; in-fol.

Este título, com algumas variantes, encontra-se nos três primeiros volumes. O quarto traz o seguinte:

*Novum Jesu Christi Testamentum complectens praeter Vulgatam, Guidonis Fabricii e Syriaco, & Benedicti Ariae Montani Translationes, insuper Desiderii Erasmi Roterodami Auctoris damnati Versionem permissam. Tomus Quartus* (BNRJ, 146, 6, 1-4).

1747-1751. *Biblia Sacra quadrilingua veteris testamenti hebraici cum versionibus e regione positis utpote versione graeca LXX interpretum...* accurante M. Christiano Reineccio... accessit praefatio Salomonis Deylingii, Lipsiae, sumtibus Haeredum Lanckisianorum, 1747-1751; 3 vol.; 36,5x23,5 cm (BNP, Bib. 27 A. - 29 A.).

1747. *Sacra Biblia variarum translationum juxta Exemplar Antuerpiae: impressum anno 1616. Complectens praeter Vulgatam, Sanctis Pagnini ex Hebraeo, Septuaginta Interpretum & Chaldaica Paraphrasis...*, Veneza, Nicolau Pezzana, 1747; Superiorum permissu ac privilegio...; com referências laterais; 32x23 cm (BPNM, 1-1-6-8/11; FacFil).

Tomus primus: *Génesis - Rute*.

Tomus secundus: *3 Reis, 1 e 2 Crônicas; Esdras, Tobite, Ester e Job*; 474 p.

Tomus tertius: *Salmos - Malaquias*; 499 p.

1749. *Evangeliarium quadruplex latinae versionis antiquae seu Veteris Italicae... a Josepho Blanchino Veronensi...*, Romae, Typis Antonii de Rubeis, 1749; 4 vol.; 43,5x28 cm (BNP, Bib. 137 A. - 140 A.).

1751. *Novum Testamentum: additis argumentis uniuscujusque capitis Evangeliorum metro expositis...*, Venetiis, apud Antonium Bortoli, 1751; frontispício em latim; 792 p. (BNP, Bib. 336 P.).

1831. *Biblia Sacra Poliglotta, textus archetipos versionesque praecipuas... auctore Samuel Lee*, Londres, Samuel Bagster, 1831; 2 vol. O Antigo Testamento em hebraico, grego, latim, inglês; o Novo, em grego, latim, inglês, português e siríaco; em 4.º (BL, 3015.e.9).

— Outra poliglota de Samuel Bagster, na BL: s. l., s. d.; em grego, latim, francês, alemão, italiano, espanhol e português.

Aqui apresentamos 11 exemplares de Bíblias políglotas.

#### 4. Gramáticas e dicionários hebraicos

1710. BUXTORF, Johann (1564-1629), *Lexicon Hebraicum & Chaldaicum: Com- plectens omnes voces, tam primas quam derivatas, quae in sacris Bibliis, hebraea, & ex parte chaldaea lingua scriptis, extant... accessit lexicon breve rabbinico- -philosophicum ... cum indice locorum Scripturae & vocum latino*, Basileae, sumpt. Joh. Philippi Richteri Haered., 1710; Editio undecima, de novo recog- nita & innumeris in locis aucta & emendata; 16, 976, 76 p.; 17 cm (BNP, L. 7816 P.).

1712. MEINIGIUS, Christ. Gottlieb, *Lexicon Hebraicum in Compendium Redac- tum*, Lipsiae, Sumpt. J. L. Gleditschil & M. G. Weldmann, 1712 (BNP, L. 4433 V.).

1737. Propaganda Fide, *Lexicon Hebraicum et Chaldaico-Biblicum ordine alpha- betico ad usum Collegii Urbani de Propaganda Fide*, Romae, Typis, & sumpt- ibus Hieronymi Mainardi, 1737; auctore presbytero priore Johanne Bouget; 37 cm (BPNM 1-2-2-6 e 7: *Pars Prima*: 8, 859 p.; *Pars Tertia*: 431 p.; BNP, L. 2641 A.: 3 part. num vol.).

1743. NOLTE, Johann Friedrich (1694-1754), *Lexicon Latinae Linguae Antibar- barum in quo, ex Optimis Hujus Linguae Auctoribus Vera Via Ad Puritatem Scribendi Loquendique Panditur. Auctore Joanne Friderico Noltenio Anna-*

-*Sophiano Scheningensi Correctore. Praemittitur Ejusdem Oratio De Hodierno Latinae Linguae Cultu Negligentiori*, Venetiis, apud Jo. Baptistam Recurti, 1743; XXIV, 844, 4 p.; 18 cm (BNP, L. 7494 P.).

1746. Anónimo, *Lexicon Hebraicum Chaldeo-Biblicum, in quo non solum voces primigenia, seu radicales, verum etiam derivatae, cum omnibus earum ordine alphabetico disponuntur; & Latinis earum interpretationibus quas exhibent optima.... Vocabularia Hebraica, Chaldaica... Graeca... Aquilae, Symmachi Theodocionis... Accedunt nomina própria virorum, mulierum, idolorum, populorum, urbium, montium, fluviorum...*, Lutetiae Parisiorum, Typis Jacobi Francisci, 1746; *Pars Prima e Pars Secunda*; 26x19 cm (FacFil).
1747. ZANOLINI, Antonio (1693-1762), *Lexicon Chaldaico-rabbinicum, cum rabbinorum abbreviaturis in duas partes distributum... collectum, in quo pro vocabulorum opportunitate res ad Sacram Scripturam, rempublicam & religionem hebraicam pertinentes, aliaeque multae exponuntur, accedit disputatio de targumin, sive paraphrasibus chaldaicis, talmude, cabbala, commentariis rabbinorum & lingua chaldaica...*, Patavii, Typis Seminarii, 1747; XXVIII, 916 p.; 27 cm (BJPII, 221(03)=922 ZAN).
1761. Anónimo, *Compendiaria Graecae Grammatices institutio, in usum Seminarii Patavini*, Pádua, 1761; 228 p.; 18x11,5 cm (DB).
1779. BIEL, Johann Christian (1687-1745), *Novus Thesaurus Philologicus: Sive Lexicon in LXX et alios Interpretes et Scriptores Apocryphos Veterius Testamenti Jo. Christiani Biel; Ex B. Autoris Mscto. Edidit E. H. Mutzenbecher, V. D. M. Eccl. Luth. Haganae*, Hagae Comitum, Sumtibus J. A. Bouvink, 1779-; 22 cm (BJPII).
1819. SCHLEUSNER, Johann Friedrich (ed. lit.), *Novum Lexicon Graeco-Latinum in Novum Testamentum. Congessit et variis Observationibus Philologicis Illustravit...*, Lipsiae, Libraria Weidmannia, 1819; Editio quarta emendatior; 3 vol. em 2 tomos; 23 cm (BJPII, 225(03)=75 SCHL).
1829. PARKHURST, John, *A Hebrew and English Lexicon, without points: in which the Hebrew and Chaldee words of the Old Testament are explained in the leading and derived senses,.. and frequently illustrated and confirmed by citations from various authors, are prefixed, a Hebrew and a Chaldee Grammar, without points*, London Dublin, Glasgow, Thomas Tegg, J. Cumming e Richard Griffin, 1829. A new ed. corrected, enlarged, and improved by John Parkhurst; LXIV, 574 p.; 22 cm (BJPII, 221(03)=924 PAR).

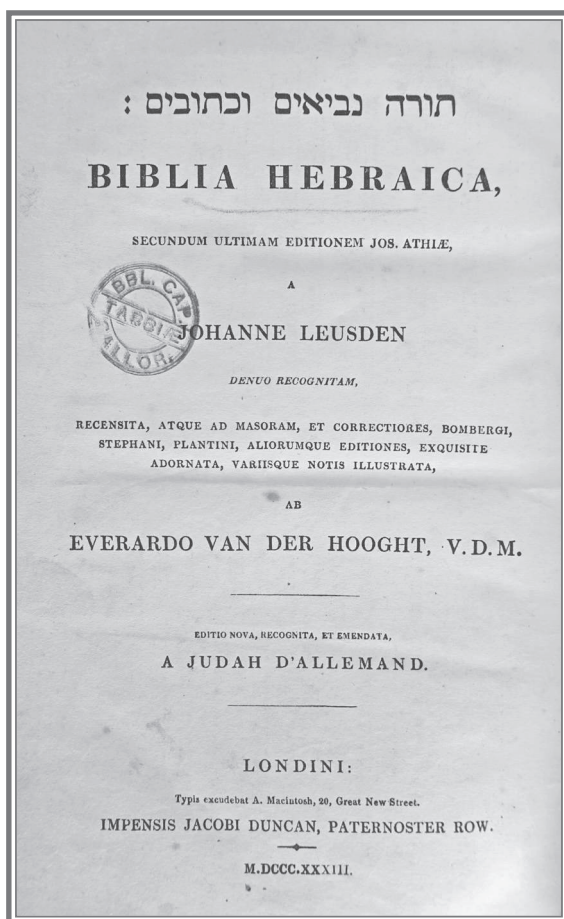
1833. BUXTORF, Johann (1564-1629), *Lexicon Hebraicum & Chaldaicum: Com-  
plectens Voces Omnimodas, Quae in Sacris Bibliis Exstant: Exemplorum Biblio-  
rum copia et Locorum Difficilium ex Hebraeorum Commentariis Explicatione,  
Auctum et Illustratum. Accesserunt, Lexicon Breve Rabbinico-Philosophicum et  
Index Latinus...*, Londini, Impensis Whittaker, Treacher, et Soc., 1833; *Editio  
nova, sedulo recensita*; XII, 616 p.; 22x14 cm (BJPII, 221(03)=924 Bux).
1843. GLAIRE, J. B., *Lexicon manuale hebraicum et chaldaicum in quo omnia li-  
brorum Veteris Testamenti vocabula ad ordinem alphabeticum digesta, necnon...,  
cum quatreme dedicatum*, Parisiis, Mequignon Junior et J. Leroux, 1843;  
— *Editio altera multisque modis emendata*; 722 p.; 22 cm (BNP, L. 13348 V;  
BJPII, 221(03)=922 GLA).  
— *Editio altera multisque modis emendata, aucta atque locupletissima*; IV, 724  
p.; 22 cm (BJPII, 221(03)=922 GLA).
1843. GLAIRE, Jean Baptiste, *Principes de grammaire hébraïque et chaldaïque,  
accompagnés d'une chrestomathie hébraïque et chaldaïque: avec une traduction  
française et une analyse grammaticale*, Paris, Imp. de Wittersheim, 1843; 3<sup>ème</sup>.  
éd. (BNP, L. 1181 P.; BSEA).
- 185?. TREGELLES, Samuel Prideaux (trad.), *Gesenius's Hebrew and Chaldee Lexicon  
to the Old Testament Scriptures*, London, Samuel Bagster and sons, Paternoster  
row, [185-?]; 610 p.; 24 cm (BJPII, 221.1 GHC).
1850. LEOPOLD, E. F., *Lexicon Hebraicum et Chaldaicum in Libros Veteris Testa-  
menti*, Lipsiae, Typ. Caroli Fauchnitii, 1850; 13 cm (BNP, R. 24109 P).
1858. WILKE, Christiano Gottlob, *Lexicon Graeco-Latinum in libros Novi Testa-  
menti... Auctore Christiano Gottlob Wilke. Editionem perficit Valentinus Loch*,  
Ratisbonae, Sumptibus G. Josephi Manz, 1858; VIII, 852, 2 p.; 24x14,5 cm  
(BNP, Bib. 364 V).<sup>4</sup>
1862. TISCHENDORF, Constantinus, *Biblorum Codex Sinaiticus Petropolitanus...  
Ex tenebris protraxit in Europam transtulit adjuvandas atque illustrandas Sacras  
Litteras...*, Petropoli, [s.n.], 1862 (BNP, Bib. 214 A.). Seguiu-se a edição do  
Novo Testamento.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> É uma edição católica do teólogo alemão Wilke, *Novi Testamenti Philologica*, 1.<sup>a</sup> edição, 1839, aperfeiçoada por W. Grimm em várias edições seguintes.

<sup>5</sup> Este códice do séc. IV é um dos mais antigos e melhores manuscritos da Bíblia. Contém a versão grega do Antigo Testamento; o do Novo Testamento foi também publicado por Tischendorf em 1863. Este cientista da Bíblia encontrou-o no mosteiro de Santa Catarina no Sinai. Ver também 1869-1894, para o Novo Testamento.



São 19 os dicionários hebraicos em Portugal. O total das obras deste 4.º Suplemento é de 86, mas as nossas bibliotecas têm um número muito superior a este.





## Suplemento 5

### *Suave Milagre* (Eça de Queirós)

Deixamos aqui um excerto deste belo conto de Eça de Queirós, por ser muito conhecido, mas também porque tem a ver com assuntos bíblicos, tendo a pessoa de Cristo no centro.

“Entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada que todas as mulheres de Israel. O seu filho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara, para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada.

E sobre ambos, espessamente a miséria cresceu, como o bolor sobre sacos perdidos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho secara, havia muito, o azeite. Dentro da arca pintada, não restava grão de côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento!

Um dia, um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse Rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a Corte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava?

O mendigo suspirou. Ah! Esse doce Rabi! Quantos o desejavam, que se des-esperançavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia, como o sol, que até por qualquer velho muro se estende e se goza, mas, para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles que o seu desejo escolhia. Obede, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galileia, para que procurassem Jesus, O chamassem com pro-

messas a Enganim. Sétimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus e O conduzissem por seu mando à Cesareia. Errando, esmolando por tantas estradas, ele topara os servos de Obede, depois os legionários de Sétimo. E todos voltavam, como derrotados e as sandálias rotas, sem terem descoberto em que mata ou cidade, em que local ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar duma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse Rabi, que amava as criancinhas ainda as mais pobres, sarava os males os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh! Filho! Como queres que te deixe e me meta nos caminhos, à procura do Rabi da Galileia? Obede é rico e tem servos, debalde buscaram Jesus, por areias e colinas, desde Corazin até ao país de Moab. Sétimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hebrón até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe, e a nossa dor mora connosco dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que O encontrasse, como convençeria eu o Rabi tão desejado por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho, tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

— Oh, mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

— Oh! Meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães ladrariam entre a porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado e me apontaria a morada do doce Rabi. Oh, filho! Talvez Jesus morresse. Nem mesmo os ricos e os fortes O encontram. O céu O trouxe, o céu O levou. E com Ele para sempre morreu a esperança dos tristes. Dentre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas, que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança: — Aqui estou”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Em *O suave Milagre e outras páginas*, Livros Unibolso, Lisboa, Editores Associados, [D.L. 1973], p. 9-19 (BNP, L. 65899 P.); MOURA, Helena Cidade, *Obras de Eça de Queiroz – Contos*, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, s. d., p. 253-255.

## Suplemento 6

### ***A Fé e a Razão*** (14.09.1998). Uma leitura

Em 1998, o papa João Paulo II publicou uma encíclica fundamental sobre o pensamento humano na sua relação com a fé. Resolvemos deixar aqui algumas ideias desse documento como apêndice ou suplemento ao cap. 5, que trata precisamente da relação da *Bíblia e Ciências Modernas*. O seu título é:

- *Carta Encíclica Fides et Ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II sobre as relações entre Fé e Razão, Ed. Paulinas, Lisboa, 1998. 1

Dada a sua importância neste volume sobre *A Bíblia em Portugal*, apresentamos aqui simplesmente os títulos dos seus 7 capítulos e algumas ideias mais pertinentes sobre este documento.

- I. *A revelação da Sabedoria de Deus*
- II. *Credo ut intelligam* [creio para entender]
- III. *Intelligo ut credam* [entendo para crer]
- IV. *A relação entre a Fé e a Razão*
- V. *Intervenções do Magistério em matéria filosófica*
- VI. *Interação da Teologia com a Filosofia*
- VII. *Exigências e tarefas atuais*

Eis algumas reflexões pessoais deste tema a partir da leitura do documento.

O Papa afirma que é dever da Igreja anunciar a verdade e o seu fundamento em relação com a fé (p. 13). Esta verdade caracteriza-se por ser um ponto de referência essencial que dá sentido à vida humana. O caráter fragmentário da verdade é uma característica da vida humana atual: “Fé e razão, duas asas pelas quais o espírito humano se eleva à contemplação da verdade”. Deus colocou o anseio da verdade no coração de todos seres humanos.

---

<sup>1</sup> Faremos as citações da Encíclica por esta edição.

## 1. Meios para alcançar a Verdade

A filosofia é conatural ao espírito humano. Este quer conhecer o sentido da sua vida e do mundo em que vive. Cada cultura e cada povo tem a sua cosmovisão, ou conhecimento do mundo material e espiritual: Ocidente, Oriente, África, América. Tal conhecimento do mundo começa pelo assombro perante a criação e perante os seus semelhantes, que fazem parte do mesmo mundo (n.º 4).

A capacidade reflexiva do intelecto humano levou a diferentes sistemas filosóficos. Em todos eles aparece um património comum, a humanidade, a que podemos chamar *a filosofia implícita*. Uma afirmação importante: *A filosofia é essencial* para alcançar a profundidade da fé e comunicar a verdade do Evangelho. Por seu lado, *a filosofia moderna concentrou-se sobre o ser humano*: nos progressos da cultura e da história, em ciências como antropologia, história, linguística, ciências da natureza e do cosmos...

Mas esta maneira de focar o ser humano tornou-se uma espécie de *narcisismo*. O homem não tem sentido em si mesmo, mas numa realidade que o transcende... (n.º 5). Critérios pragmáticos, técnica, experiência... não exprimem toda a riqueza do ser humano. Isso seria um terrível empobrecimento da humanidade.

“Conhece-te a ti mesmo” [*gínoske seauton*]; assim estava escrito no dintel do templo de Delfos, na Grécia do séc. V a. C. Conhecer-se a si mesmo implica conhecer os outros, o mundo e o Outro. Porque existe uma unidade essencial entre estas três componentes. O “eu” e o “tu” no mundo exigem a mesma dinâmica entre o “eu” e o “TU”... Quanto mais e melhor conheço o *eu*, tanto mais e melhor conheço o *TU*. O verdadeiro intelectual e cientista é o que tem mais capacidade para conhecer a Deus e as pessoas, com uma fé mais esclarecida

## 2. Uma sociedade sem valores

Numa sociedade sem valores tudo é relativo, subjetivo, não são os valores que regem a vontade das pessoas, mas “o que me apetece”. Daí que *O Valor*, o próprio Deus, esteja também sujeito ao que me apetece... Temos o exílio do homem em relação a Deus; pior ainda é a falta de saudade de Deus: o homem que veio de Deus, como sua pátria, ao deixar de ter saudades dessa *Pátria*, tornou-se, em terminologia política, um “renegado”. “O Exílio de Israel não começou no ano X, mas quando Israel deixou de ter saudades da pátria”. O agnosticismo (p. 11) é “a moda” que hoje traduz esta falta de saudade de Deus. “A legítima pluralidade de posições cedeu o lugar a um pluralismo indefinido, baseado no pressuposto de que todas as posições são equivalentes: trata-se de um dos sintomas mais difusos, no contexto actual de desconfiança da verdade” (p. 11-12). Desta desconfiança da verdade, surge

“a falsa modéstia... das verdades parciais e provisórias, desistindo o homem de formular as perguntas radicais sobre o sentido e o fundamento último da vida humana, pessoal e social. Em suma, esmoreceu a esperança de se poder receber da filosofia respostas definitivas a tais questões” (p. 11).

Por isso, o Papa reafirma a verdade essencial: *Jesus caminho, verdade e vida* (Jo 14,6). A Igreja, assistida pelo Espírito Santo, tem no mundo “a diaconia da verdade” (p. 6, “Redemptor Hominis”, n.º 19). Esta missão profética da Igreja colabora com toda a humanidade na procura da verdade, que encontraremos totalmente na vida em Deus (1 Cor 13,12). Esta vida consiste no *mistério escondido revelado em Cristo...* (1 Cor 2,7; Ef 1,9).

### 3. Quem sou eu? Onde venho? Para onde vou?

As teses racionalistas que defendiam uma resposta apenas humana a esta questão foram combatidas pelo concílio Vaticano I (*Dei Filius*, III), que insistiu na existência do *conhecimento da fé*. O Vaticano II afirma que Deus se revela a si mesmo... (*Prólogo*). As duas vias para chegar ao conhecimento da Verdade não se opõem, não se contradizem, mas complementam-se (p. 16-17). A filosofia e as ciências pertencem à ordem da razão natural, enquanto a fé pertence à ordem sobrenatural, porque é guiada pelo Espírito Santo e leva à plenitude da Verdade, revelada pelo Filho de Deus (Jo 1,14). Esta revelação da Verdade aconteceu na História, no “fim dos tempos”. Daí a importância do tempo (*Dei Verbum*, 2 e 4). A Encarnação realiza a revelação da Verdade (n.º 12). “Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente” (*Gaudium et Spes*, 12). Só Ele explica os mistérios do sofrimento, da dor, da morte.

No entanto, a revelação está inscrita no mistério. Jesus é o rosto mais claro de Deus, mas vemos ainda num espelho... Exige a fé. “A Deus, que revela, é devida a obediência da fé. Esta é resposta obediente à revelação de Deus. Pela fé, prestamos assentimento à revelação de Deus, ou seja, à Verdade. Mas a fé envolve a pessoa inteira: na sua razão, inteligência e vontade, e no seu coração. É a nossa opção fundamental. A fé é expressão de liberdade, e esta nunca se poder realizar contra Deus. Porque isso seria ir contra a própria natureza da liberdade: Deus é a raiz da pessoa e, portanto, da própria liberdade. No ato de fé, realiza-se a verdadeira liberdade, porque se acredita na raiz do próprio ser.

#### 4. A verdade da Revelação foi sempre transmitida indiretamente, através de pessoas e sinais

É o aspeto sacramental da Verdade: união indivisível entre a realidade e o respetivo sinal, como na Eucaristia. Portanto, o conhecimento da fé não anula o mistério, mas torna-o mais evidente e relaciona-o com a nossa vida. Portanto, *a verdade que a Revelação nos dá a conhecer não é o fruto maduro de um pensamento elaborado pela razão*, mas está revestida de gratuidade e exige ser acolhida como expressão de amor.

##### 4.1. A verdadeira sabedoria compreende todas as coisas

Os livros da sabedoria aliam razão humana e fé de Israel. Além disso, trazem-nos o pensar de outras culturas do tempo e mesmo anteriores à Bíblia (ver Ecl 14,20-27). O povo bíblico não divide a razão e a fé. Há uma unidade profunda entre as duas. Uma não coloca de lado a outra. A fé aperfeiçoa o olhar da razão, e cada uma tem o seu espaço e método próprios. Separar uma da outra é privar-se do conhecimento de si próprio, de Deus e do mundo (Sl 139,17-18).

Israel deu espaço à razão no caminho do mistério e descobriu que ela deve respeitar algumas regras:

- a) O caminho do homem não permite descanso.
- b) Não se pode percorrer tal caminho com o orgulho de quem descobre a verdade por si próprio, com as suas próprias forças
- c) O temor de Deus, que reconhece o Deus transcendente e o seu amor solícito no governo do mundo.

##### 4.2. Deus também se dá a conhecer na natureza

(ver n.º 20; Sb 7,17.19-20; 13,5)

A descoberta de Deus pela natureza é o primeiro livro da Revelação. Mas somente orientada pela fé poderá atingir o seu objetivo (Pr 20,4). *O temor de Deus e o princípio da sabedoria* (Pr 1,7). O Antigo Testamento apresenta-nos, pois, os dois caminhos da revelação pela observação do mundo, do homem e da história. Deste modo, o homem bíblico descobre a sua relação com o mundo e com Deus.

A Carta aos Romanos 1,20 fala dos *olhos da mente* para conhecer a Deus. O Apóstolo dá a entender que o homem tem capacidade filosófica para atingir o conhecimento de Deus, mas o pecado deitou tudo a perder. Quis ser autónomo! (Gn 2,17). Agora, a capacidade humana de conhecer a Deus ficou ofuscada (Rm 1,21-22). A vinda de Cristo redimiu o homem desta sua incapacidade. A morte de Cristo desafia toda e qualquer filosofia humana (1 Cor 1,20.27-28). A razão humana não sabe descortinar a sabedoria presente na cruz. Todas as filosofias

encontram aqui o seu escândalo ou a sua própria superação. É o espaço onde se encontram a razão e a fé.

#### 4.3. Paulo em Atenas (Act 17,22-27)

Neste famoso discurso, Paulo mostrou que no coração de cada homem existe a nostalgia de Deus. Todas as artes exprimem esta procura. Só o ser humano o sabe e tem consciência de que sabe o sentido do que vê e sente; isto é, tem consciência da sua própria existência, o que o distingue dos animais irracionais. E a pessoa sente-se feliz, se agir segundo a verdade ética. Daí a necessidade de procurar bens verdadeiros, porque só estes nos tornam felizes.

#### 4.4. O sentido da vida: para onde vamos?

Esta é a grande questão que se coloca ao ser humano. Será o tempo definitivo; depois não haverá mais tempo, o tempo de recomeçar de novo a existência. É necessário investigar bem o caminho que leva à *Verdade*, ao *Verdadeiro*, porque este é o problema mais profundo e mais importante da nossa existência sobre a terra. Todo o ser humano procura uma verdade universal. Que seja sempre verdade e que o seja para todos, como um valor definitivo e isento de dúvidas...

#### 4.5. Diferentes modos de procurar a Verdade

As limitações da razão e a inconstância do coração levam a uma deficiente procura da Verdade. Mesmo assim, é a Verdade que o ser humano procura, porque teme colocar o sentido da sua vida numa mentira. Por isso, *pode-se definir o homem como aquele que procura a verdade* (p. 42, n.º 28). O facto de se perguntar *O que é a verdade?* é já um modo de a procurar, porque não se pergunta pelo nada...

### 5. Espécies de verdade

São conhecidas as diferentes espécies de verdade. Mas todas elas dependem da única *Verdade*. Assim, temos sobretudo três:

5.1. *Verdades científicas ou não.*

5.2. *Verdades filosóficas* – especulativas.

5.3. *Verdades religiosas.*

São as apresentadas pelas diferentes *religiões*: oferecem as questões mais profundas do ser humano.



A maior parte das verdades são recebidas da sociedade, porque ninguém vive sozinho, e sozinho também não conseguiria grande capacidade de investigação. Esta é a componente social, coletiva, da verdade, que se impõe a todo o ser humano. Portanto, “o homem, ser que busca a verdade, é também aquele que vive de crenças” (p. 45, n.º 31). Quanto mais o homem confia nas verdades e na Verdade, mais confia em si mesmo e vence todas as dificuldades. É o caso dos mártires. Portanto, o homem procura não só a verdade, mas a *Verdade* total, absoluta. Para isso, recebeu as capacidades próprias.

As verdades da filosofia não estão em contradição com a Verdade. O próprio Galileu escreveu: “... Procedendo igualmente do Verbo Divino, a Escritura Santa e a natureza, a primeira como ditada pelo Espírito Santo, a segunda como executora fidelíssima das ordens de Deus (21.12.1613).

## 6. Relação entre Verdade revelada e filosofia

A Revelação divina tem de ser compreendida também pela razão. De facto, este conhecimento aconteceu em várias etapas.

Os primeiros cristãos utilizaram a filosofia para falar de Deus aos pagãos, sem poderem usar o Antigo Testamento (ver Act 14,16-17; 17,18; Rm 1,19-21; 2,14-15). Os homens, para explicarem o universo, começaram por inventar as teogonias ou nascimento dos próprios deuses. Era a ligação entre razão e religião natural. Os Padres da Igreja estabeleceram um diálogo fecundo com as filosofias do seu tempo. São Paulo advertia:

*Procurai que ninguém vos seduza com falsas e vãs filosofias fundadas nas tradições humanas, os elementos do mundo e não em Cristo (Cl 2,8).*

Foi o cristianismo que aboliu o carácter elitista na busca da verdade. Esta era reservada apenas a alguns privilegiados (gnose). Se todos somos iguais perante Deus (segundo o cristianismo), então todos temos as mesmas possibilidades da verdade. Estes Padres (São Justino, Clemente de Alexandria e outros) chamavam à filosofia grega uma *praeparatio evangelica*. A filosofia grega não completa a Verdade cristã, mas serve para a defender (ver p. 54). Por outro lado, os sistemas filosóficos foram cristianizados pela filosofia dos Padres Capadócijs, Dionísio e Sto. Agostinho... (p. 56). Este último elaborou a síntese filosófico-teológica mais perfeita da Alta Idade Media.

Portanto, a fé requer a ajuda da razão, e a razão admite como necessário aquilo que a fé apresenta. As duas vêm de Deus. Não se podem contradizer entre si. A fé supõe a razão, como a graça supõe a natureza e a leva à perfeição. O Espírito Santo é o que introduz o pensador nas realidades divinas, na Verdade absoluta.

### 6.1. Separação entre Fé e Razão

Na Idade Média, não havia separação entre as duas; no entanto, cada uma seguia os seus próprios métodos em ordem aos próprios objetivos. A separação-oposição aconteceu na Baixa Idade Média: começam a desconfiar uma da outra. Toda a construção patrística e medieval foi deitada por terra. Isto deu origem ao nascimento do pensamento filosófico moderno, que nasceu à margem e muitas vezes em oposição ao pensamento cristão (p. 65). O humanismo ateu nasce aí, dando origem a outras formas de pensamento.

No domínio científico, a investigação afastou-se da relação com a fé, da relação entre ciência e moral, perdendo a dimensão metafísica (p. 65). O *nihilismo* é a filosofia em que a vida é simples oportunidade de sensações, onde não se assumem compromissos definitivos, porque tudo é fugaz e provisório.

Por outro lado, a filosofia, que era a ciência universal da procura da verdade, tornou-se apenas mais uma forma do saber humano, sendo progressivamente marginalizada perante as ciências exatas. Deste modo, a razão ficou impossibilitada de conhecer a Verdade e de procurar o Absoluto. Deste modo, a razão ficou reduzida ao sentimento e à experiência, correndo o risco de deixar de ser considerada universal.

A fé e a filosofia deveriam recuperar a sua unidade, no respeito mútuo da sua autonomia.

## 7. Intervenções do Magistério em filosofia

A Igreja não canonizou nenhum sistema filosófico, porque a filosofia procura a verdade. E os métodos da teologia e da filosofia são especificamente diferentes. Não se podem impor métodos ou fins, porque as duas têm perspetivas diferentes e tendem à Verdade.

A Igreja só interveio quando os sistemas filosóficos discutíveis punham em causa valores fundamentais da Verdade. A Igreja tem o dever de indicar o que em determinado sistema filosófico é incompatível com a fé. Essa é a sua função essencial: defender a Verdade.

Esta função não deve ser vista do ponto de vista negativo, como se a Igreja não quisesse a descoberta da verdade. Todos os filósofos sabem que é necessária uma permanente autocritica e a correção de desvios. Pois nenhum sistema filosófico pode ter a pretensão de alcançar a verdade total. Quando a Igreja intervém para dizer que determinada afirmação filosófica é contra a verdade do mistério cristão, onde estão escondidos *todos os tesouros da sabedoria e da ciência* (Cl 2,3), é para que não se obstrua o caminho que leva à Verdade.

Desde o início que a Igreja combateu heresias e afirmações contra a verdade, e sobretudo no século passado (XIX). A Igreja combateu igualmente os dois extremos: *fideísmo* e tradicionalismo radical, pela falta de confiança na razão; e *racionalismo* e *ontologismo*, pelo excesso de confiança na razão. A constituição *Dei Filius* (Vaticano I) foi a que interveio, pela primeira vez solenemente, no conflito Fé e Razão. Este documento diz que são irredutíveis entre si e, ao mesmo tempo, inseparáveis, o conhecimento natural de Deus e a Revelação; isto é, a Razão e a Fé. A *Gaudium et Spes*, 59 (Vaticano II) diz que há duas ordens de conhecimento distintas, não apenas pelo seu princípio, mas também pelo seu objeto. Era necessário afirmar, contra o racionalismo, a distinção entre os mistérios da fé e as conclusões filosóficas e ainda a precedência destes sobre aquelas. Contra os fideístas, era necessário afirmar a unidade da verdade.

A *Dei Filius* afirma que a fé está acima da razão e, por isso, não pode existir uma verdadeira divergência entre elas, porque é o mesmo Deus que comunica a fé e dá a luz da razão. E Deus não pode negar-se a si mesmo, pondo a verdade em contradição consigo mesma. A Igreja combateu igualmente o *racionalismo* (*Humani Generis*), assim como certas linhas de pensamento do *evolucionismo*, *existencialismo*, *agnosticismo* e *comunismo*.

Mais tarde, combateu os exageros da *Teologia da Libertação*, que se fundamentava em teses marxistas. Hoje há tendências fideístas e também as que afirmam ser apenas na Sagrada Escritura que se encontra a verdade. Identifica-se Escritura e palavra de Deus... Estas duas e o Magistério constituem uma unidade indissolúvel. Além disso, os princípios hermenêuticos têm por detrás uma determinada filosofia. É preciso examiná-los, antes de os aplicar. Também se despreza, por vezes, a teologia especulativa e a filosofia clássica, que deu à Teologia o vocabulário usado há muitos séculos.

Atualmente, encontramos-nos no declínio da filosofia e da investigação racional: esta desconfiança leva a focar-se em pequenos problemas, muitas vezes regionais, e noutras filosofias, mesmo de outras culturas, relativizando tudo. A filosofia é *praeparatio fidei*.

## 8. Interação Teologia - Filosofia (cap. VI, p. 87s).

A Teologia vive de dois princípios: *auditus fidei* e *intellectus fidei*. O primeiro destaca os conteúdos da Revelação, o segundo a reflexão sobre os mesmos. A filosofia ajuda-as, quando estuda o pensamento e as diferentes linguagens em que a teologia trabalha ao longo dos séculos. O *intellectus fidei* investiga as estruturas das proposições e põe em destaque o aspeto salvífico das mesmas. Estas ajudam a

teologia dogmática a formular os mistérios da Sma. Trindade, a ação criadora de Deus no mundo, a relação entre Deus e o homem e a identidade de Cristo (p. 89).

A *Teologia fundamental* dá a razão da fé, a partir da Escritura, e explica a relação entre fé e reflexão filosófica.

Também a *Teologia moral* tem necessidade de um conhecimento filosófico. Apesar de receber da Antiga e Nova aliança os princípios do comportamento, tem de os viver numa visão correta da natureza humana, situá-los no contexto cultural... A *Gaudium Spes*, 15, e a *Ad Gentes*, 22, sublinham a relação com outras culturas... e não apenas com a filosofia grega. Outros dizem que se deveria recorrer mais às ciências: mas é necessário um saber filosófico, isto é, universal: princípios filosóficos e teológicos que tenham valor para todos e para sempre (não se ficar no caso isolado). Esta verdade objetiva é diferente do pensar de cada um ou de determinada ciência.

## 9. A relação da fé com outras culturas

Esta relação está bem patente desde o início da Igreja (semita e grega; ver Ef 2,13-41). A unidade das duas culturas faz que todos sejam uma só família (v.19). Cada cultura em que vivemos está aberta a outras influências, e a fé vive-se sempre em determinada cultura, estando todas preparadas para aceitar a revelação divina (Act 2,7-11). O Evangelho não impede de continuar a vivê-lo na sua própria cultura, e uma cultura nunca é modelo da vivência da fé. Isto leva-nos ao princípio da *inculturação da fé*. Aconteceu no Antigo Testamento, no início e ao longo da história da Igreja. A Índia, a China e o Japão, por exemplo, têm culturas diferentes das nossa, mas não há oposição. Podem enriquecer o cristianismo, dito em termos culturais e filosóficos greco-latinos.

Princípios a ter em conta na inculturação:

1. Universalidade: as tendências do coração humano são iguais em todas as culturas. A Igreja não deve pôr de parte a terminologia cultural tradicional. Isso seria negar o princípio da encarnação, onde a fé encarna.
2. Nenhuma tradição deve enclausurar-se nas suas diferenças.

## 10. Diferentes estádios da Filosofia (p. 100)

Apresentamos três:

- a) *Filosofia independente*: antes do cristianismo, ou depois, mas em lugares onde se desconheciam. É legítima.

- b) *Filosofia separada*, onde se afasta positivamente do cristianismo, reivindicando autonomia completa, como princípio único de verdade. Deste modo, prejudica-se a si mesma.
- c) *Filosofia cristã* é legítima, mas no sentido em que é um modo cristão de filosofar, em união vital com a fé.

Tem dois aspetos:

- Subjetivo: purificação da razão pela fé. Liberta do orgulho. Pois a fé ilumina problemas: o mal, o sofrimento, a identidade pessoal de Deus e o sentido da vida...
- Objetivo: sem a fé, nunca chegaríamos ao conceito de Deus, como ser pessoal, criador...

A teologia necessita da filosofia para argumentar e como interlocutora para verificar a verdade universal das suas asserções. Por isso, ela é *ancilla Theologiae*; mas apenas no sentido em que as duas são diferentes, mas ajudam-se. Também Aristóteles usava o mesmo termo em relação com as ciências-filosóficas. Se a teologia prescindisse da filosofia, estaria a fazer filosofia, sem o saber, e se a filosofia prescindisse da teologia, estaria a apoderar-se dos conteúdos da fé, como aconteceu nas filosofias modernas.

São Tomás aparece como modelo de síntese entre uma e outra (n.º 78). Nenhuma se pode arvorar de ter os conhecimentos da verdade total.

## 11. Exigências e tarefas atuais (cap. VII)

A Sagrada Escritura diz que o mundo criado não é auto-suficiente. Foi criado, tal como os seres humanos, à *Imagem de Deus*. O mal moral não é apenas não vida, mas ferida, mau uso da liberdade. Não há qualquer forma de relativismo, panteísmo, materialismo, nihilismo. O mistério da Encarnação explica o sentido do mundo e do homem. Em Cristo, resume-se a divindade e a humanidade.

A maior crise filosófica moderna é a da *fragmentação do saber*, devido ao progresso das ciências. A pluralidade de teorias pode levar à perda de sentido e a todas as formas de relativismo e de nihilismo. Privada de sentido, a razão pode tornar-se instrumento de opções pessoais, sem paixão pela busca da verdade. É a filosofia que, no emaranhado saber científico, unifica o ser e o sentido da vida humana. Ela ajuda a explicar a própria Revelação, no sentido em que mostra a religiosidade de cada pessoa como seu fundamento. A filosofia atinge, por caminhos próprios, o mesmo objeto do conhecimento, que é Deus.

A filosofia faz passar do *fenômeno* ao *fundamento*, ultrapassando a experiência. Como também a palavra de Deus alude às mesmas verdades que ultrapassam a experiência.

“Uma teologia privada da dimensão metafísica não conseguiria chegar além da análise da experiência religiosa, não permitindo ao *intellectus fidei* exprimir coerentemente o valor universal e transcendente da verdade revelada” (p. 113).

A importância da metafísica está ainda na ligação das ciências hermenêuticas com a palavra de Deus. O mesmo se diga da linguagem em geral. A fé supõe que é possível exprimir os mistérios em linguagem humana (analógica).

O homem é capaz de atingir uma visão unitária do saber. A fragmentação do sentido e da verdade leva à divisão do homem interior. Esta visão unitária do saber vem também da tradição, de todo o envolvimento cultural do passado, que deu forma ao pensar moderno.

Perigos de algumas correntes de pensamento, já muito antigas: *ecletismo*: ideias tiradas do seu contexto histórico. Oculta erros do *historicismo*, porque, para compreender uma doutrina do passado, é necessário enquadrá-la no seu contexto histórico e cultural. Afirmam que o que era verdade numa época deixou de o ser noutra. Ao agarrar-se a uma teoria histórica, nega-se o valor perene da verdade. O historicismo pode também referir-se ao mais actual e “moderno”, como se apenas agora se soubesse a verdade total.

O *cientificismo* é o erro que consiste em nada admitir para além do que se pode constatar por experiência. Tudo o mais é objeto da imaginação. No passado, era o *positivismo* e *neo-positivismo*. Hoje, os valores são reduzidos à emotividade, e a noção de *ser* reduz-se ao *facto* puro e simples. Tudo o mais pertence ao irracional e fantástico. Isto empobrece o ser humano, destruindo tudo o que faz parte da sua reflexão desde sempre. Daí advêm consequências éticas graves: seria moralmente *bom* tudo o que faz parte da investigação e é tecnicamente realizável.

O *pragmatismo* é outro perigo semelhante ao anterior: é atitude mental, que exclui *a priori* o recurso a reflexões abstratas ou avaliações fundadas em princípios éticos. As consequências são graves: uma conceção de democracia que não tem em conta valores imutáveis: o voto popular justifica tudo: aborto, eutanásia, divórcio... A própria antropologia fica diminuída, condicionada a propostas unidimensionais de povos e instituições humanas. Estas teses são partilhadas por certas “filosofias” que não têm em conta o sentido do ser: o *nihilismo*, que nega qualquer verdade objetiva. Apagam-se, assim, os traços da face do homem, que revelam a sua *semelhança com Deus*. Privar o ser humano da verdade é tirar-lhe o direito à liberdade. Estas ou caminham juntas ou desaparecem.

A época chamada “pós-modernidade” caracteriza-se pelo aparecimento de novos fatores que, pela sua extensão e novidade, revelaram mudanças significativas.

Refere-se sobretudo a valores estéticos, sociais e técnicos. No entanto, não está ainda bem definido o conteúdo da expressão; mas caracteriza-se, negativamente, pela ausência de certezas; só vale o provisório e efêmero. Ausência de sentido da vida e mesmo das certezas da fé.... Este *nihilismo* vem da experiência do mal, tão comum na época moderna: guerras, fome... O otimismo racionalista e marxista, que previa o paraíso na terra, fracassou profundamente. E ainda há filosofias que afirmam poder o homem dominar o seu destino, com o domínio das técnicas...

## 12. Tarefas da Teologia (n.º 93)

Ela pretende escutar a Palavra e os apelos das culturas para evangelizar estas últimas. Hoje tem a mesma missão. A filosofia, como procura da verdade objetiva, tem os mesmos propósitos, seguindo embora metodologias diferentes. O objetivo da teologia é apresentar a compreensão do Deus Uno e Trino, assim como a *kenose de Deus*, em Jesus. Daqui se impõe uma análise atenta dos textos bíblicos, dos Padres da Igreja e a Tradição.

A filosofia tem uma palavra a dizer neste estudo, distinguindo a Verdade e a linguagem que a exprime:

- *Relação entre o significado e a verdade.* O teólogo encontra nos textos sagrados o significado, que é a verdade profunda acerca de Deus, que ele deve expor em linguagem do nosso tempo.
- *A Verdade dos Evangelhos* não consiste em factos neutros ou meros acontecimentos históricos (positivismo historicista; ver documento do Vaticano de 21.04.1964). A sua verdade está para além da história. Está no seu significado *para e dentro* da História da Salvação. A filosofia tem algo a dizer sobre a ligação do facto ao significado.
- *A ligação entre enunciados dogmáticos gerais e a linguagem* da época em que foram elaborados é também um campo aberto à filosofia, na procura da verdade que se quis transmitir. A linguagem humana, histórica, exprime verdades que transcendem o fenómeno linguístico. A verdade é conhecida dentro da História, mas supera-a.
- Deste modo, *as definições conciliares guardam valor perene* (ver *Humani Generis*; Comissão Teológica Internacional, 1989, etc.). Em primeiro lugar, porque as palavras guardam, geralmente, o mesmo sentido; se assim não fosse, a comunicação entre as diferentes ciências seria impossível. A filosofia ajuda a relação entre linguagem conceptual e verdade.



- É preciso evitar o *pragmatismo dogmático*, segundo o qual, a dogmática tem apenas valor funcional. Assim, uma *cristologia* “de baixo para cima” ou uma *eclesiologia* baseada no modelo das sociedades civis cairia num reducionismo perigoso.
- *A filosofia ajuda ainda a moral*, ou agir dos crentes. A falta da “consciência do ser” levou à falta de uma consciência universal da *verdade moral*, que deveria abrir caminhos para todas as consciências. Hoje, cada consciência pretende arvorar-se em consciência ética... (p. 130, *Veritatis Splendor*). A palavra de Deus é a base da moral.

Numa palavra: Cristo é a plenitude da Verdade (Act 4,12; 1 Tm 2,4-6). Além da Teologia, a própria catequese deve ser ajudada pela filosofia, porque é transmissão da verdade em linguagem humana, para levar a *Palavra à vida*: a filosofia ajuda a ligar a verdade e a vida.

## Conclusão

Portanto, fé e razão “ajudam-se mutuamente” (Vat. I), no discernimento crítico e no estímulo da procura da verdade. A teologia ocidental prova isso mesmo. O desenvolvimento do pensamento filosófico promove a defesa da dignidade humana e ajuda a compreender a mensagem evangélica. A sua tarefa é levar os homens a procurar a verdade, a terem saudades da *Pátria*. O problema de Deus é Ele já não ser problema para o homem. Deste modo, a filosofia é a intermediária na descoberta de Cristo, onde o homem encontra o sentido do seu agir e do seu viver.

A filosofia é ainda um grande instrumento na evangelização das culturas (*Evangelii Nuntiandi*, 20). Os filósofos saberão utilizá-la para o encontro dos autênticos valores. A filosofia é ainda o campo privilegiado de encontro entre crentes e não crentes, entre cristãos e não-cristãos. Neste campo, o filósofo cristão, servindo-se também da Revelação fará da filosofia uma atividade evangelizadora. Este trabalho tem especial incidência em problemas graves, como são a ecologia, a paz e a convivência entre raças. Estes e outros problemas devem reunir esforços de cristãos e não cristãos (ver *Gaudium et Spes*, 92).

*Maria, geradora da Verdade*, que é Cristo, nos ajude a caminhar nesta vida ao encontro da Verdade total.

“... Oxalá que Nós pudéssemos exprimir por palavras a veemente aflição de que Nos achamos penetrados, vendo esta Igreja lamentar, já a confiscação e venda em hasta pública dos objetos mais sagrados, e de suas propriedades de toda a espécie; já a profanação, ou ocupação com mão armada dos templos mais célebres pelo concurso dos Fiéis, e pela magnificência do culto; já a expulsão do Santuário dos ministros mais respeitáveis, dos quais uns têm sido banidos, e outros encerrados em cruéis masmorras, ao mesmo passo que as instituições mais santas e úteis são abolidas; em uma palavra, coisas inacreditáveis, e qual delas mais terrível; e para cúmulo da desgraça, ao passo que esta Igreja as sofre, vê-se privada das consolações que, em meio de tão grandes males, lhe podia dar aquele, que para tal fim era por Nós encarregado; porque vós bem sabeis que a pessoa encarregada de fazer as vezes de Nosso Núncio em Portugal foi violentamente expulsa e constrangida a retirar-se daquele Reino...”

(Do discurso do papa Gregória XVI,  
sobre os ataques do governo liberal à Igreja Católica)

## Suplemento 7

### Bibliografia do Oriente

*A jurisdição diocesana do bispado de S. Thomé de Meliapor nas possessões inglezas e francezas: averiguação de successos antigos por occasião de outros modernos na igreja de Royapuram de Madrasta*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1867; 458 p.; 20 cm (BJP II, 266(547) PAD).

ADLER, Jakob Georg Christian, 1756-1834, *Bibliotheca biblica serenissimi Württembergensium ducis olim Lorckiana...*, Alonae, Ex. Officina J. D. A. Eckardti, 1787; 10, 408, 2, 222, 152, 2, 151 p.; 21 cm (BNP, B. 9107 V).

AERTSZ, Jacob, *Atlas marítimo o Mundo aquático*, Colombo - Amsterdam, 1669; em 2.º.<sup>1</sup>

ALMEIDA, M. Lopes de, *Conquista do Reino de Pegú pelos portugueses*, Portucalense Editora, Barcelos, 1936.

ALVES, Herculano, *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, Viseu, Edições Esgotadas, 2019.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Título original: *Atlas of Werelts-Water-deel*.

<sup>2</sup> João Ferreira Annes d'Almeida foi missionário e escritor calvinista (Torre de Tavares, Mangualde, 1628 - Batávia, 1691). Órfão de pai e mãe, veio, com tenros anos, para casa de um tio clérigo residente em Lisboa, de onde emigrou, aos catorze anos, para a Holanda. Daí foi para Malaca, recentemente conquistada pelos holandeses (1641), onde residiu alguns anos. Em 1642 casou-se com a filha de um pastor calvinista holandês. Foi lá também que apostatou da religião católica, para abraçar o calvinismo, depois de ter lido um panfleto espanhol anticatólico, que veio a traduzir em português: *Diferença da Christandade...* Batávia, capital de Java, parece ter sido a base das suas atividades. Aí teria ingressado na igreja protestante portuguesa (que existiu entre 1633 e 1808), para ser “ordenado” como ministro pregador em 1656. Nunca haveria sido sacerdote católico e o título de “padre”, que aparece desde as suas mais antigas edições, não passaria de adaptação pouco feliz dos editores holandeses. De 1656 a 1663 pregou em várias línguas na ilha de Ceilão (Colombo, Porto de Gale, etc.) e nas costas indostânicas (Coromandel, Malabar). Em 1663, voltou a Batávia onde veio a falecer. Para completar a sua obra de polémica acima referida, J. F. A. escreveu: *Appendice à Diferença da Christandade* (Amesterdão, 1673). Estas obras valeram-lhe, da parte dos correligionários, o título de “defensor da verdade”. Porém, o que mais o notabilizou foi a tradução portuguesa da Bíblia, a primeira publicada na nossa língua. Mas só o NT foi impresso em vida do autor (Amesterdão 1681: inclui os Dêutero-canónicos). Edição

- , *A Bíblia nas Missões Portuguesas (séculos XVII-XVIII)*, Lisboa, Didaskalia, vol. XXV, 2005, p. 701-720.
- , *A Língua Portuguesa no Oriente (séc. XVI-XVIII)*, em *Las Razones del Corazón*, ed. Naturaleza y Gracia, Salamanca, 2004, p. 311-329.
- ANDRADE, Pereira de, *The Apostle St. Thomas*, Masdras, 1972.
- ARASARATNAM, Sinnappah, *Ceylon and the Dutch, 1600-1800: external influences and internal change in early modern Sri Lanka*, Aldershot, 1996 (BL, Ceylon 5 d 96).
- ARAÚJO, Horácio Peixoto de, *Processo de aculturação e métodos missionários no Império da China*, em *A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*, Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria, em 1977, Brotéria, Fundação Oriente, Lisboa, 2000, p. 85-101.
- ASSUNÇÃO, Carlos, e FERNANDES, Gonçalves, *Lusofonia e Francofonia. A Aliança da Latinoesfera – Contributos da Língua Portuguesa para as Descrições das Línguas do Oriente*, Porto, Ed. Afrontamento, 2017.
- AZEVEDO, Pedro de, *O calvinista português, Ferreira de Almeida*, em *Boletim de Segunda Classe da Academia de Ciências de Lisboa*, vol. XII, fasc. 2, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.
- BAIÃO, António, *Inquisição de Goa*, Academia das Ciências, Lisboa, 1930, 1949; 2 vol.
- BALDAEUS, Philipus, *Descrição da Ilha de Ceilão*, Amsterdam, 1672 [Baldeus].
- BARRETO, Joaquim Rafael dos Remédios, *Passos de S. Tomé na Índia*, Goa, 1957.
- Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, I-XII, Bruxelles-Paris, 1890-1960.

---

cheia de erros, devido à incompetência dos revisores, do que o autor se queixou numa *Advertência* publicada em Batávia (1683), com um índice de mais de 1000 erros. Quanto ao AT, só lhe pôde fazer a tradução até quase ao fim de Ezequiel (48,21), tendo o restante sido completado por um confrade. Após algumas edições parciais (*Livros Históricos do Velho Testamento*, em 1738; *Livro dos Salmos*, em 1740), saíram os dois tomos do Antigo Testamento completo, sem os Dêutero-canónicos (Batávia, 1753). Às edições acima referidas seguiram-se muitas outras, parciais ou totais (Batávia, Trancambar, Londres, Nova Iorque, Lisboa, etc). As traduções foram feitas com o auxílio da versão holandesa do Sínodo protestante de Drodeck (1618) e da castelhana de Cipriano de Valera (1602). “A sua interpretação he em tudo muy Christãa, e Catholica”, comenta Ribeiro dos Santos, que acrescenta ser a língua muito rica, mas a gramática e a construção bastante defeituosas, dada a lateralidade da tradução e a influência do idioma falado no ambiente em que vivia. Notaram-lhe bastantes arcaísmos e suspeitaram da utilização de uma versão portuguesa mais antiga (séc. XVI); ver vol. IV desta coletânea: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, Viseu, Edições Esgotadas, 2019; 3.<sup>a</sup> edição. Trata-se da 3.<sup>a</sup> edição de uma tese de Doutoramento em Teologia bíblica apresentada à Universidade de Salamanca em 2005, agora integrada nesta coletânea.

- BONNANT, Georges, *The Honorable East India's Company. Une imprimerie britannique à Macao (1814-1834)*, Arquivo de Bibliografia Portuguesa, Coimbra, 1958.
- , *Une édition inconnue à la Bibliothèque publique et universitaire – La Bible portugaise de J. Ferreira A. d'Almeida*, em *Revue des Musées et Collections de la ville de Genève*, Setembro, 1960; n.º 8, p. 9-12.
- BOXER, Charles R., *O império marítimo português*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- , *A Tentative check-list of Indo-Portuguese Imprints*, em Arquivo do Centro Cultural Português, FCG, Paris, vol. X, Paris, 1975.
- , *O Império Marítimo Português (1415-1825)*, Edições 70, Lisboa, 1992; sobretudo o cap. VI: Estagnação e Contracção no Oriente (1663-1750), p. 135-153.
- , *Ib.*, *O Padroado da Coroa e as Missões Católicas*, cap. X, p. 227-244.<sup>3</sup>
- , *The Church Militant and Iberian Expansion (1440-1770)*, The Johns Hopkins University Press, Baltimore and London, 1978.
- , *Four Centuries of Portuguese Expansion, 1415-1825: A succinct Survey*, Joanesburgo, Witwatersrand University Press, 1961.
- BRASIO, António, *História e Missiologia*, Inéditos, Lisboa, 1973.
- BROU, Alexandre, *Les origines du clergé indigène de l'Inde*, *revue d'Histoire des Missions* 7, 1930, p. 46-73.
- BRUM, António Taveira de Neiva, *Constituciones Synodales Goanae, Cranganorenses et Coccinenses, 1788* [de Goa, Cranganor e Cochim], Lisboa, 1810.
- CÂMARA, Manuel Jerónimo da, *Missões dos Jesuítas no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Sociedade de Geografia, Lisboa 1984.
- CAMPOS, J. J., *A History of Portuguese in Bengal with maps*, Calcutá - London, 1919.
- CARDON, R., *Portuguese in Malaca*, *Sep. Journal Malayan Branch*, vol. XII, parte II, 1934.
- CASTRO, Afonso de, *As possessões portuguesas na Oceânia*, Lisboa, 1867.
- Catalogue Générale des livres françois, latins, italiens, espagnols et portugais, etc., avec des notes bibliographiques*, Londres, 1811.

<sup>3</sup> BOXER apresenta aqui uma visão muito pessimista das missões católicas asiáticas, sob a autoridade do Patrono, o governo português, que, em vez de enviar missionários para essas imensas regiões, não se preocupava com isso e, em 1834, expulsou-os a todos. A isso acresciam as contendas com os novos senhores daqueles territórios, sobretudo os franceses e os ingleses.

- CÉSAR, Amândio, *Primavera e morte na costa do Malabar*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1966.
- CHAVES, Luís, *O Português de Ceilão*, Revista de Portugal, vol. II, série A – Língua Portuguesa, 1943, p. 82-85.
- CHERIYAN, C. V., *History of Christianity in Kerala from the mission of St. Thomas to the arrival of Vasco da Gama (A.D. 52-1498)*, Kerala Historical Society, 1973.
- Church Archives retainning to Goa and portuguese in India*, Hambye, E.R., S.J. em Henry Scholberg, *Bibliography of Goa and portuguese in India*, New Delhi, Promilla and Co. Publichers.
- Colecção das notícias para a História e Geografia das nações Ultramarinas, que vivem nos domínios portuguezes ou lhes são vizinhas*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1812-1841; 7 vol.
- Congresso do mundo português*, Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários, 1940; vol. IV, p. 213-236.
- CUNHA RIVARA, Joaquim Heliodoro da (1809-1879), *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1871; 4 vol. [Cunha Rivara, Catálogo dos manuscritos].
- , *Catálogo dos manuscritos da biblioteca pública eborense*, I: América, África, Ásia, Lisboa, 1850.
- , *Reflexões sobre o padroado português no Oriente applicadas à proclamação pastoral do Reverendíssimo Frei Angélico* [OFMCap], Nova Goa, Na Impr. Nacional, 1858; 221 p.; com Aditamento às reflexões sobre o Padroado português, do mesmo autor e ano (83 p.); 24x cm (BNP, H.G. 6724//8 V. e H.G. 6724//9 V.: Aditamento). Contém vários documentos do governo português e das autoridades eclesiásticas do Oriente relativos às funções do *vigario a latere* e os domínios sob o padroado português.
- CUNHA, J. Gerson da, *Concany Language and Litterature - Notes on the History and Antiquities of Chaul an Bassein*, Bombay, 1876.
- DALGADO, Rodolfo Sebastião, *Dialeto Indo-Português de Ceilão*, Lisboa, 1900, p. 164-175 [Dalgado].
- DAVID LOPES, *A Expansão da Língua Prtuguesa no Oriente, durante os séculos XVI, XVII e XVIII*, Portucalense Impress., Porto, 1969 [David Lopes].
- DE BRUYN, Van Troostenburg, *De Hervormde Kerk in Nederl. Oost-Indië ouder de Oost Indië Compangie*, Arnhem, 1884 (A Igreja Reformada nas Índias orientais holandesas, sob o domínio da Companhia das Índias Orientais) [De Bruyn].

—, *Biographisch Woordenboek van Oost-Indische Predikanten* (desde o séc. XVII-XIX).

DELLON, Charles, *Narração da Inquisição de Goa*, Lisboa, 1996.

*Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, Alfa, Lisboa, 1986, p. 48-49; 70-71.

DUVERDIER, Gérard, *Apparition de l'imprimerie à Madras et sa disparition à Pondichéry*, 1782; 250, 16 p.; em 12.º (BNC, 4 102 8.º).

- *Portugais ou Indo-Portugais, le Choix des missionnaires de Tranquebar*, Lisboa - Paris, FCG, 1986, em Separata do Arq. Centro Cultural Português, vol. 22, p. 115-144 (BNP, L. 37919 V).

EDUARDO FRANCO, José, *O mito dos Jesuítas em Portugal – séculos XVI-XX*, em Revista Lusófona das Religiões, n.º 9-10, Ano V, 2006, p. 303-304.

—, *O mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente (séculos XVI a XX)*, Gradiva, Lisboa, 2006; 2 vol.

—, *Jesuítas e Controvérsias sobre metodologias missionárias – A polémica dos ritos malabares e dos ritos chineses*, em Cadernos ISTE, Instituto São Tomás de Aquino, n.º 19, Ano XI, 2006, p. 46-83.

*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (ed. Verbo); no vol. 5, trata de João Ferreira e sua Bíblia, p. 1379-1380; no vol. 18, p. 949-951, de algumas versões modernas da Bíblia.

*Encyclopaedia Judaica*, by Keter Publishing House Jerusalem, Ltd., 1972.

FABRICIUS, Johannes Albert, *Salutaris Lux Evangelii toti orbi per divinam gratiam exoriens sive Notitia Historico Chronologica Litteraria et Geographica Propagatorum, per totum orbem Christianorum Sacrorum: delineata a Jo. Alberto Fabricio, SS. P eol. D. Professore Publ. in Gymnasio Hamburgensi...*, Hamburgi, sumtu [sic] Viduae Felgineriae, typis Stromerianis, a. C. M.D.C.C.XXXI (BNP, H.G. 1740 P.) [Fabrício].

FENGER, J. Ferdinand, *History of Tranquebar Mission* (publicado em dinamarquês, traduzido em inglês e francês (BJPII, 284.1 Fen) [Fenger].

FENN, Eric, *The Bible and the missionary*, em The Cambridge History of the Bible: vol. III: The West from the Reformation to the present day, ed. By S.L., Greenslade, Cambridge University Press, 1963.

FERREIRA, Guilherme Luís Santos, *A Bíblia em Portugal: apontamentos para uma monografia (1495 - 1850)*, Lisboa, Tipografia de Ferreira de Medeiros, 1906.

FITZLER, M. A. H., *Ceylon and Portugal – I*, Leipsig, 1927.



- FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal. Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres*, Porto - Lisboa, Livraria Civilização Editora, 1971; vol. III [Fortunato de Almeida III].
- FRANCKE, G. A., e FREYLINGHAUSEN, G. A., *Der Königlich Dänischen Missionarien aus Ost-Indien eingesandter ausführlicher*, Halle, 1718-1772 [Francke].
- GONÇALVES, Diogo, *História do Malabar*, Münster, 1955.
- HEYLIGERS, J. C. Th., *Traces de Portugais dans les principales langues des Indes Orientales Néerlandaises*, La Haye, Belinfante Frères, 1889 (BNP, L. 65882 V).<sup>4</sup>
- HUARD, *Les Portugais et l'Indochine*, Congresso do Mundo Português IV, p. 257-282 (Viet-Nam).
- HUET, G., *La communauté portugaise de Batavia*, em Revista Lusitana XII, Lisboa, 1909, p. 149s.
- JACOLLIOT, Louis, *La Bible dans l'Inde - Vie de Jezeus Christna, par Louis Jacolliot, autor de "Fils de Dieu", e de "L'Histoire des Vierges"*. Sixième édition, Paris, A. Lacroix et Comp. (Imp. Eugène Heutte et Comp.), 1876; em 8.º (BPB, HG 2226; Flup, R. B. 68, 4, 30).
- KEMPERS, A. J. Bernet, *Portuguese and 'Portuguese' in Old Batavia*, em In Memoriam António Jorge Dias, Separata do vol. I, Lisboa, 1974.
- LAVAL, Francisco Payrard de, *Viagem às Índias Orientais*, Nova-Goa, 1858; traduzida por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.
- LEMONS, Jorge, *História dos cercos de Malaca*, ed. fac-similada, Lisboa, BNP, 1992.
- LOGAN, William, *Malabar*, Madras, at The Government Press, 1887; 3 vol.
- LOMBA, Affonso Dias da, *An account of the siege laid to Colombo by the King of Kandy*, Colombo, 1930.
- LOPES, David, *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente, durante os séculos XVI, XVII e XVIII*, Lisboa, Aliança Nacional das A.C.M.S de Portugal, 1979.
- LOPES, Maria de Jesus dos Mártires (coord.), *O Império Oriental (1660-1820)* tomo I – Em Nova História da Expansão Portuguesa de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.), Lisboa, Ed. Estampa, 2006.
- LOPES-GAY, Jesus, SJ, *Métodos misioneros en el Japón*, em A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente, Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria, em 1977, Brotéria - Fundação Oriente, Lisboa, 2000, p. 103-116.

<sup>4</sup> Apresenta cinco páginas de palavras portuguesas que influenciaram várias línguas asiáticas: 55-59.

- LUZ, Francisco Paulo Mendes da, *Livro das Cidades e fortalezas que a Coroa de Portugal tem nas partes da Índia, e nas capitanias e mais cargos que nela há, e da importância deles*, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1960.
- Macau: *Letras e Artes do século XVI ao século XX - Catálogo de Exposição*, BNP, 1979.
- MACHADO, Everton V., (org), *Goa Portuguesa e pós-colonial: literatura, cultura e sociedade*, V. N. Famalicão, Húmus, 2014; 348 p.; 23 cm (BNP, L. 128735 V.).
- MACHADO, Joaquim Alegria, *Comunidades Portuguesas da Igreja Reformada nas Índias Orientais Holandesas*, em Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique, XXXV, n.º 147, Lourenço Marques, 1966, p. 113-127.
- MANUEL, Jerónimo P. A. da Câmara, *Missões dos Jesuítas no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Lisboa, Sociedade de Geografia, 1984.
- MARCHAND, Chanoine, *Une troublante figure, Calvin*, Paris, P. Téqui, 1936.
- MARQUES, João Francisco, *O carmelita D. Frei Manuel de Santa Catarina - um prelado bracarense na arquidiocese de Goa, nos finais do Antigo Regime (1779-1812)*, em Theologica 33/2 (1998), p. 501-513.
- MARTINS, Manuel Gonçalves, *O Padroado Português no Oriente e os Factores Exógenos*, Separata Nação e Defesa, Instituto de Defesa Nacional; execução gráfica do Cegraf/Ex.; s. d.; 21 p.; 21x14,5 cm.
- MARTINS, Mário, *Os Portugueses e a literatura dos cristãos malabares*, Brotéria, vol. 45, 1947, p. 265-282.
- , *Os percalços das aldeias e terras de Baçaim vistos e julgados pelo P. Francisco Rodrigues, SJ*, (p. 1570). Sep. “Instituto Vasco da Gama”, n.º 76, Goa, 1959.
- MASCH, A. G., *Bibliotheca Sacra*, vol. I-IV, Halle, 1778-1790.
- MATOS, Luís de, *Printing at Tranquebar, 1712-1845*.
- MATOS, Manuel Cadafaz de (ed.), *Uma edição de Batávia em português do último quartel do século XVII*, Lisboa, Edições Távola Redonda, 2002.
- MCGRATH, Alister E., *Giovani Calvino. Il riformatore e la sua influenza sulla cultura occidentale*, Claudiana, Torino, 1991.
- MELO, Carlos Garcês de, *The recruitment and formation of the native clergy in India, 16th-19th century. An historical-canonical study*, 1955.
- MENDES, António Lopes, *A Índia Portuguesa*, Fundação Oriente, 1992.
- MERAULT, A.-J., *Resumé de l'Histoire des Établissements Européens dans les Indes Orientales*, Paris, Lecointe et Durey, 1825 (BNP, H.G. 16945 P.).

- MORAIS, A. Faria de, *Sólor e Timor*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1944.
- MOREIRA, Eduardo, *O Defensor da Verdade: João Ferreira de Almeida, o primeiro tradutor da Bíblia em língua portuguesa*, Lisboa, Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, 1928.
- MORINEAU, Michel, *Les Grandes Compagnies des Indes Orientales, XVI-XIX*, Moinean, Mich, 1994 (BNP, S.C. 34414 P.).
- MOUZINHO, Manuel de Abreu, *Breve discurso em que se conta a conquista do Reino do Pegú na Índia Oriental*, Europa-América, 1989.
- NAZARETH, Cazimiro Christovam da, *Mitras Luzitanas no Oriente*, 1887.
- NEONAN, Laurance A., *Biographisch Woordenboek van Oost-Indische Predikanten* [Dicionário Biográfico dos Pregadores nas Índias Orientais]; desde o início do séc. XVII ao XIX, e editado na Holanda em 1884 e 1893.
- NIECAMP, João Lucas, *Historie de la Mission Danoise dans les Indes Orientales*, Genebra, 1745 (trad. do alemão), vol. I-II.
- O padroado portuguez no Oriente: discursos proferidos na Câmara dos Dignos Pares do Reino nas sessões de 31 de Maio e 1 de Junho de 1887*, Lisboa, Imp. Nacional, 1887; 32 p.; 22 cm (BNP, S.C. 4511//8 V.).
- PALAU y DULCET, António, *Manual del Librero Hispanoamericano*, [Bibliografía general española e hispanoamericana desde la invención de la imprenta hasta nuestros tiempos]; vol. I-XXVIII (1977), 1-7 (Índices); vol. Suplementar I (1990), Barcelona - Londres, 1948-1990.
- PERERA, A. B. de Bragança, *Os Portugueses em Baçaim*, Sep. de “O Oriente português”, Bastorá, 1935.
- PERERA, S. G. (SJ), *The Oratorian Mission in Ceylan*, Colombo, The Clareton Works, 1936; 2 Fasc.
- , *The Temporal and Spiritual conquest of Ceylon* (trad. de Father S. G. Perera, S.J.), 3 vols., Colombo, 1935.
- PERY, André, *Le Catéchisme de Heidelberg*, Labor et Fides, Genève, 1959.
- PISSURELNCAR, Panduronga, *Os Portugueses e os Maratas - IV, Como se perdeu Baçaim*, Sep. do “Boletim do Int. Vasco da Gama” n.º 9-12, Nova Goa, 1932.
- QUEIROZ, Fernão de (SJ), *Conquista de Ceilão*, Colombo, 1916.
- RADULET, Carmen M., *Fontes Jesuíticas relativas à Índia: documentação e projeção internacional*, em A Companhia de Jesus e a Missionaçāo no Oriente, Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria, em 1977, Lisboa, Brotéria - Fundação Oriente, 2000.

- RAULIN, João Facundo, *Historia Ecclesiae Malabaricae cum Diamparitana Synodo, apud Indos Nestorianos, S. Thomae Christianos nuncupatos, coacta ab Alexio de Meneses, augustinensi, Anno Domini MDXCIX. Nunc primum e Lusitano in Latinum versa, cui accedunt, cum Liturgia Malabarica, tum Dissertationes variae: omnia perpetuis animadversionibus illustrata*, Romae, 1745.
- REGO, António da Silva (ed.), *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*, Lisboa, Agência Geral das Colónias – Índia, 1949; II, XVII, 390 p.
- REIS, A. do Carmo, *Liberalismo e missões Católicas. Leituras da Imprensa do Porto (1848-1850)*, em Congresso Internacional de História – Missionaçã Portuguesa e Encontro de Culturas – Actas, vol. I, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1993, p. 9-18.
- RIBEIRO DOS SANTOS, António, *Memória sobre algumas traduções e edições bíblicas menos vulgares em língua Portuguesa, especialmente sobre as obras de João Ferreira de Almeida*, em Memórias de Literatura Portuguesa publicadas pela Academia de Ciências de Listoa, Lisboa, 1806; t. VII, p. 17-59.
- RICHARD, Robert, *Études de l'Histoire morale e religieuse du Portugal*, Paris, FCG, 1970.
- RODELES, Cecílio Gomez, *Imprentas de los Antiguos Jesuitas en las misiones de Levante*, Madrid, 1912; 2.<sup>a</sup> edição.
- RODRIGUES, Francisco, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, Porto, 1935.
- RUIZ-DE-MEDINA, Juan (SJ), *Métodos misionales para la evangelización de Corea*, em A Companhia de Jesus e a Missionaçã no Oriente, Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria, em 1977, Brotéria - Fundação Oriente, Lisboa, 2000, p. 133-159.
- SÁ, Artur Basílio e, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente. Insulíndia*, Lisboa, 1954-1958; 5 volumes.
- SALDANHA, António Vasconcelos de, *A Índia Portuguesa e a política do Oriente de Setecentos*, Alfa, Lisboa, 1989.
- SAMPAIO, M. de, *Catalogue d'une belle collection de livres de différentes langues, sur l'Histoire et la littérature de l'Espagne, de Portugal et de leurs colonies*, Paris, 1842.
- SANTOS FERREIRA, G. L., *A Bíblia em Portugal. Apontamentos para uma bibliografia: 1495-1850*, Lisboa, 1906 [Santos Ferreira].

- SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario (1842-1927), *Über die Lautgesetze. Gegen die Junggrammatiker* (Sobre as leis fonéticas: contra os neogramáticos), Berlim, 1885.<sup>5</sup>
- SHERRING, M. A., *The history of Protestant Missions in India from their commencements in 1706 to 1871*, Londres, Trubner, 1875.
- SILVA REGO, António, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente, Índia*, Lisboa, 1947; 12 volumes.
- , *Le Patronage Portugais de l'Orient – Aperçu historique*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1957.
- SINKER, Marguerat, *The Bible in Índia, Pakistan and Ceylan*, Londres, BSBS, 1953. Sobre Tranquebar aparece algo nas p. 12-17.
- SMITH, Vicente, A., *The Oxford History of India*, 3.<sup>a</sup> ed. de Percival Spear, Oxford, Clarendon Press, 1958.
- SOUSA, Padre Caetano Francisco de, *Instituições portuguesas de Educação e Instrução no Oriente*, Bombaim, 1890.
- SOUZA, Teotónio R., *O Ensino e a Missionaçã jesuítica na Índia*, em A Companhia de Jesus e a Missionaçã no Oriente, Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria, em 1977, Lisboa, Brotéria - Fundação Oriente, 2000, p. 117-132.
- , *O Padroado português do Oriente visto da Índia - instrumentalizaçã política da religiã*, em Revista Lusófona de Ciência das Religiões, n.º 13-14, Ano VII, 2008, p. 413-430.
- SWELLENGREBEL, Jan Lodwijk, *João Ferreira a D'Almeida, de eerst vertaler van de Bijbel in het Portugees. Gegevens over zijn leven werk*, Amsterdam, 1960 (BL, 3040.a.48).
- The Bible in indonesian* [séc. 17-18: malayce et lusitane; séc. 19] BibelWelt 6, 1963, p. 110-123.
- TOMÁS, Maria Isabel, *Os Crioulos Portugueses do Oriente – Uma Bibliografia; 2. Documentos e Ensaíos*, Lisboa, Instituto Cultural de Macau, 1992, 247 p.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Foi um importante linguista dos séculos XIX-XX. Ficou conhecido, principalmente, pelas pesquisas sobre as línguas crioulas de origem portuguesa. Eduardo Moreira informa: “O prof. alemão Hugo Schuchardt produziu, em 1889, paradigmas de várias formas dialectais do crioulo português, e o “pápiã-cristão” de Malaca e outras relíquias da ação portuguesa infiltrando-se no subcontinente indiano e nas ilhas da Insulíndia. Para isso, utilizou a parábola do Filho Pródigo” (Enc. Portuguesa e Brasileira, art. “Versão”, p. 760).

<sup>6</sup> A autora apresenta bibliografia sobre os seguintes crioulos e temas: *Os Crioulos Portugueses do Oriente, em geral; Os Crioulos Portugueses da Índia; Diu; Damão; Bombaim e Baçaim; Korlai;*

- TRAVANCORE, T. K. Joseph, *Malabar Christians and the Ancient Documents*, Trivandrum, 1929.
- VAN DER CHIJS, J. A., *Proeve Eener Ned. Indische Bibliographie (1659-1870)*, Separata de Verhandelingen van het Bataviaasch Genootschap van Kunsten en Wetenschappen, t. XXXVII, Batavia e Haia, 1875 e 1880.
- VASCONCELOS, Frazão de, *O primeiro malabar que se baptizou*, Lisboa, 1938.
- VEIGA, Gerson Soares da, *A Comparative Study of five Major Versions of the Portuguese Old Testament*, Dissertation Northwestern University, Michigan, 1969, 221 p.
- VIANNA-DIAS, Mário, e MELLO-E-SOUSA, Ana Maria de, *Visões Míticas do Paraíso*, em Congresso Internacional de História – Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas, Actas, vol. II (África Oriental, Oriente e Brasil), Universidade Católica, Braga, 1993, p. 629-646.
- VITERBO, Sousa, *O Tesouro do Rei de Ceilão*, Lisboa, Real Academia das Ciências de Lisboa, 1904.
- WICKI, Josef, *Documenta Indica*, Roma, 1948 ; 10 volumes. As melhores informações sobre o Oriente, devido às «Cartas anuas».
- ZINADIM, *História dos portugueses no Malabar*, Lisboa, Antígona, 1998; Trad. e anot., 2.<sup>a</sup> ed. (BNP, S.C. 82521 V.).
- Vv., *Fontes para a História do Antigo Ultramar Português: vol. I: Estado da Índia*, Tomo 1: Bibliotecas Nacional de Lisboa, da Ajuda e Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1978.
- Vv., *II Seminário Internacional de história Indo-portuguesa*, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 1985.
- Vv., *O Cristianismo na China – Percursos e Proximidades*, Actas do Colóquio, Seminário do Verbo Divino, Fátima 22-23 de novembro de 2003.
- Vv., BASTOS, Neusa Barbosa (org.), *Língua Portuguesa e Lusofonia-História, Cultura e Sociedade*, Ed. PUC, S. Paulo.

---

Goa; Cochim; Sri Lanka (Ceilão); Jaão; Malaca e Singapura; Malaca; Os Crioulos portugueses da Indonésia; Macau e Hong Kong; Outras Línguas Orientais. No total, a autora apresenta 903 obras bibliográficas.





## Bibliografia geral

Além da bibliografia apresentada nos respetivos capítulos, deixamos aqui alguns obras que, pela sua amplitude ou pelo sua utilização neste volume, merecem figurar nesta *Bibliografia geral* do mesmo.

*Academia das Ciências de Lisboa – Memórias da Literatura Portuguesa publicadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Oficina da mesma Academia, 1792-1856; 4 vol. (8 tomos); 21 cm.

ADLER, Jakob Georg Christian (1756-1834), *Bibliotheca biblica serenissimi Württembergensium ducis olim Lorckiana...*, Alonae, Ex. Officina J.D.A. Eckardti, 1787; 10, 408, 2, 222, 152, 2, 151 p.; 21 cm (BNP, B. 9107 V).

ALVES, Herculano, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia (160-2010)*, Difusora Bíblica-Gráfica de Coimbra, Fátima, 2011.

— *A Bíblia em Portugal*:

— Vol. 1: *As Línguas da Bíblia. 23 séculos de traduções*, Fátima, 2016.

— Vol. 2: *A Bíblia na Idade Média*, ib., 2017.

— Vol. 3: *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, ib., 2019.

— Vol. 4: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, ib., 2019.

*Arquivo Português Oriental*, vol. IV: *Os concílios de Goa e o Sínodo de Diamper*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1862; IV, 557, III p.

BELINQUETE, José, *História da Catequese em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2011; vol. I e II [Belinquete I e II].

— *História do Ensino da Doutrina Cristã na Escola*, Aveiro, Tempo Novo Editora, 2017 [Belinquete, História do Ensino].

BENEDICTI XIV, *Opera*, Romae, 1747.

BOER, Harm den, *Spanish and Portuguese Printing in the Northern Netherlands, 1584-1825* [Documento Electrónico]; Descriptive Bibliography, Leiden, IDC Publishers, 2003 (BNP, S.A. 40539 P.).

- *La Literatura Sefardí de Amsterdam*, Alcalá, Inst. Internacional de Estudios Sefardíes y Andalusíes, 1996; 420, 3 p.; bibliografia, p. 347-399 (BNP, L. 83199 V.).
- *Spanish and Portuguese editions, from the Northern Netherlands in Madrid and Lisbon public collections: Toward a Bibliography of Spanish and Portuguese editions from Northern Netherlands – 1580-1820*.
- BOSSUET, Jacques Bénigne, *Defensio Declarationis Cleri Galicani*, Luxemburgo, 1730.
- BOXER, C. R., *O Império Marítimo Português (1415-1825)*, Lisboa, Edições 70, 1992.
- CALAFATE, Pedro, *A Religião natural no século XVIII em Portugal*, em *Religião, História e Razão da Aufklärung ao Romantismo*, Lisboa, Ed. Colibri, 1994.
- CARREIRA, José Nunes, *Bíblia e Cultura Moderna: Mitologia, História e Direito no Antigo Testamento*, em *Separata da revista Teológica*, Braga, 1970.
- CARVALHO, Rómulo de, *História da Fundação do Real Colégio dos Nobres de Lisboa (1761-1772)*, Coimbra, Livraria Atlântida, 1959.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Perfil do Marquês de Pombal*, Porto, Lopes e Companhia, 1900; 2.<sup>a</sup> edição; 316 p. (BSME).
- CIDADE, Hernani, *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929.
- *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1959; 2 vol.; 4.<sup>a</sup> edição.
- CLEMENTE, Manuel, *Laicização da sociedade e afirmação do laicado em Portugal (1820-1840)*, *Lusitania Sacra* 3, 2.<sup>a</sup> série, 1991, p. 111-153.
- *O Congresso Católico do Porto e a emergência do Laicado em Portugal (1820-1840)*, em *Lusitania Sacra* 1, 1989, p. 179-195.
- COSTA, Avelino de Jesus, *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos séculos XV a XVIII*, Braga, Empresa do Diário do Minho, 1985; 364, 3 p.; 23 cm; *Separata de Theologica* 18 (BNP, B.A.D. 3972 V.).
- CRUZ, Manuel Braga da, *Os católicos e a política nos finais do séc. XIX, em O séc. XIX em Portugal*. Comunicações ao colóquio organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa, Presença, 1979, p. 289-300.
- DELUMEAU, Jean, *L'aveu et le pardon. Les difficultés de la confession au XIIIe-XVIII siècle*, Paris, Fayard, 1990.
- DENZINGER, Heinrich, *Enchiridion Symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum* (edizione bilingue), Edizioni Dehoniane, Bologna, 1996 [Denzinger; Dz].

- DIAS, José Sebastião da Silva, *Portugal e a cultura europeia (séculos XVI a XVIII)*, Lisboa, Campo das Letras, 2006; 351 p.; 22 cm (BNP, H.G. 56912 V.).
- Enchiridion Biblicum – Documenti della Chiese sulla Sacra Scriptura – Edizione bilingue*, Bolonha, EDB, 1993 [EB].
- FERREIRA, António Matos, *A questão religiosa: um aspecto das relações Igreja-Estado no Portugal oitocentista*, em Estudos Contemporâneos 4, Lisboa, 1982; p. 113-135.
- *Perspetivas sobre o Catolicismo no Portugal Contemporâneo (1820-1956)*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1988.
- FERRÃO, António, *A Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra e sua apreciação por alguns eruditos espanhóis*, em Estudos Pombalinos 2, 1.ª série, Coimbra, 1926.
- FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal, Nova Edição preparada e dirigida por Damião Peres*, Porto - Lisboa, Liv. Civilização Editora, 1970; vol. III [Fortunato de Almeida III].
- FLOREZ, Frei Henrique, *España Sagrada*, Madrid, 1754.
- FONSECA, Martinho Augusto da, *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico Português de Inocêncio Francisco da Silva, por...*; Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917; 377 p.; 23x15 cm (Brasiliana 1, p. 269).
- FRANCO, José Eduardo, *O “Terremoto” Pombalino e a Companhia de “desjuitização” de Portugal*, Lusitania Sacra 18, 2.ª série, 2006, p. 147-218.
- FREITAS DE CARVALHO, José Adriano, *La Bible au Portugal*, em Le Siècle des Lumières et la Bible, BTT 7, Beauchesne, Paris, 1986, p. 253-265 [Freitas de Carvalho, BTT 7].
- GRAESSE, Jean George Théodore, *Trésor de Livres Rares et Precieux ou Nouveaux Dictionnaire Bibiographique*, contenant plus de cent mille articles de Livres Rares..., Berlim, 1922; item “Biblia Lusitanica”, p. 398.
- GRAINHA, Manuel Borges, *História da franco-maçonaria em Portugal: 1733-1912*, Lisboa, Vega, imp. 1976. Título em francês:
- *Histoire de la Franc-Maçonnerie au Portugal, 1733-1912*, Lisboa, Imp. A Editora, 1913.
- GRAMOZA, José Pedro Ferraz, *Sucessos de Portugal. Memórias históricas, políticas e civis em que se descrevem os mais importantes sucessos ocorridos em Portugal desde 1742 até o ano de 1804*, Lisboa, Typ. do Diário da Manhã, 1882.
- GOURLIN, Pedro Estêvão, *Tractatus Theologicus de gratia Christi salvatoris et de Praedestinatione*, 1781; 3 tomos.

— *Institution et Instruction Chrétienne*, Nápoles, 1779.

*História Ecclesiae Lusitanae per singula saecula ab Evangelio promulgato...*, Coimbra, 1759-1762; 3 vol. (Brasiliana I, p. 414; BOCD: vol. I e III).

IBOT, António, *Un Tesoro bibliográfico: Fuentes históricas españolas en la Biblia del Palacio de Mafra*, CSIC, Madrid, 1942; 151 p.

JORGE, Ana Maria Castelo Martins, *Literatura e Religião nas Conferências do Casino. As Conferências de Augusto Soromenho e Eça de Queirós*, Lusitania Sacra 1, 2.<sup>a</sup> série, Lisboa, 1989, p. 121-148.

KAYSERLING, Meyer, *Biblioteca espanhola, Portuguesa, Judaica; Dictionnaire Bibliographique des auteurs juifs, de leurs ouvrages espagnoles et portugais et des oeuvres pour et contre les juifs et le judaïsme, avec un aperçu sur la littérature des juifs espagnols et une collection des proverbes espagnols*, Estrasburgo, 1890; reprod., Nieuwkoop, 1968, Pamplona, Analecta Editorial, 2001 [Kayserling, Biblioteca].

LEITE, Serafim, *Les Ciencias sacrées au Portugal*, em *Dictionnaire de Théologie Catholique*, t. 12/2, artigo “Portugal”, 1933, col. 2624-2630 [Serafim Leite].

MARTINS, António Manuel, *Recepção em Portugal das encíclicas sobre o liberalismo: “Mirari vos”, “Quanta cura” e “Immortale Dei”*, Lusitania Sacra 1, 2.<sup>a</sup> série, 1989, p. 41-80.

MONCADA L. Cabral de, *Mística e racionalismo em Portugal no século XVIII*, em *Boletim da Faculdade de Direito* 28, 1952, p. 1-98.

MORAES, Rubens Borba de, *Bibliographia Brasiliana; A Bibliographical essay on rare books about Brasil published from 1504 to 1900 and works of brasilian authors published abroad before the independence of Brasil in 1822*; Colibris Editora, Amsterdam – Rio de Janeiro, 1958; vol. 1 [Brasiliana I].

NORMAN, Cleveland, *The 500 th anniversary pictorial census of the Gutenberg Bible; with introduction on the life and work of Johannes Gutenberg by Aloys Ruppel*, Chicago, the Coverdale Press, 1961; XVI, 263 p.; 42 cm (BNP, Res. 1632 A.).

*Nouvelles Ecclésiastiques. De 1755 a 1790*; publicação periódica dos jansenistas franceses, com muitas alusões a Portugal (BNP).

OLIVEIRA, Pe. Miguel de, *História Ecclesiástica de Portugal*, Lisboa, União Gráfica, 1940.

PEREIRA, J., *Portugaises (versions) de la Bible*, em F. Vigouroux, *Dictionnaire de la Bible*, t. V, col. 563-569.

- PEREIRA, João Manuel Esteves, e RODRIGUES, Guilherme, Portugal; “Portugal” em *Diccionario histórico, chorographico, heráldico, biographico, bibliographico, numismático e artístico*, Lisboa, J. Romano Torres, 1904-1915; 7 vol. [Portugal – Dicionário histórico].
- PEREIRA, José Esteves, *O Pensamento Político em Portugal no Século XVIII: António Ribeiro dos Santos*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983; 403, 9 p.
- PINHARANDA GOMES, *A Filosofia Hebraico-Portuguesa. I. História da Filosofia Portuguesa*, Lisboa, Guimarães Editores, 2009; 2.<sup>a</sup> edição.
- POLICARPO, João Francisco de Almeida, *Para ler a história de um pequeno grande problema. O descanso dominical no pensamento social do grupo católico d'A Palavra*, em *Biblos LXII*, Lisboa, 1896; p. 487-496.
- POMPEIA, Raul d'Ávila (Pub.), *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1895, vol. XVII, Fasc. I, p. 1-337 [Annaes, BNRJ].
- RIBEIRO DOS SANTOS, António, *Diversas Memórias sobre a Literatura Sagrada dos Judeus portugueses nos séc. XV a XVIII*, em *Memórias de Literatura Portuguesa*, vol. II e III.
- *Ensayo de huma Bibliotheca Lusitana anti-rabbinica, ou Memorial dos Escriitores Portuguezes que escreverão de Controversia anti-judaica*, em *Memórias de Literatura Portuguesa*, vol. VII.
- *Memórias da Literatura Sagrada dos Judeus Portuguezes, no presente século [XVIII]*, vol. IV, p. 306-338.
- RODRIGUES, A. A. Gonçalves, *A tradução em Portugal – Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950*, Imprensa Nacional - Casa de Moeda, 1992 *volume primeiro (1495-1834)* [A Tradução em Portugal].
- RODRIGUES, Ernesto, *Cultura Literária Oitocentista*, Porto, Lello editores, 1999.
- RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de 1640 a 1910*, Coimbra, 1974 (Rodrigues, A Cátedra [1640-1910]).
- SANTOS, Cândido dos, *Padre António Pereira de Figueiredo – Erudição e Polémica na Segunda Metade do século XVIII*, Lisboa, Roma Editora, 2005.
- *História da Cultura na Época Moderna*, Porto, publicação da Universidade do Porto, 1998.

- *Jansenismo e Antijansenismo nos finais do Antigo Regime*, Porto, CITCEM - Edições Afrontamento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2007.
- *Jansenismo e Antijansenismo em Portugal*, Porto, Universidade Católica Editora, 2014.
- *O Jansenismo em Portugal*, FLUP, Porto, 2007.
- SANTOS, Luís Aguiar, *A Primeira geração da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (1876-1902)*, em *Lusitania Sacra* 8-9, 1996-1997, p. 299-360.
- SANTOS FERREIRA, G. L., *A Bíblia em Portugal. Apontamentos para uma bibliografia: 1495-1850*, Lisboa, 1906 [Santos Ferreira].
- SEGUR, *Conversas sobre o protestantismo hodierno*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardon, 1879; 226 p.; 17x10 cm (CBAP, n.º 1987; BCapB).
- SILVA REGO, António da, *Les missions portugaises (Apperçu général)*, Lisboa, 1958; 135 páginas.
- SILVA, Frei António Pereira da, *A questão do Siglismo em Portugal no século XVIII*, Braga, 1964; XI, 558 p.
- SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa e Provas da História*, Lisboa, 1735.
- TORRES, João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e, & SANCHES, Visconde de Baena de, *Memórias Histórico-Genealógicas dos Duques Portuguezes do século XIX*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1883; VIII, 807 p.; em 4.º. O texto que decorre da p. 737 em diante é da autoria do Visconde de Sanches de Baena. Trabalho histórico-genealógico de considerável importância.
- TAMBURINI, Pietro, *De Summa Catholica de gratia Christi doctrinae praestantia, utilitate ac necessitate dissertatio...*, Ticini, 1790; Editio VII.
- VACANT, A., & MANGENOT, E. (dir.), *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris, Letouzey et Ané, 1903-
- VAN-ESPEN, Zegero Bernardo, *Jus Ecclesiasticum Universum...*, Lovaina, 1700.
- *Scripta Omnia*, Lovaina, 1753.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sotelo (coord.), *La Biblia en la Literatura Española – III. Edad Moderna*, Ed. Trotta, Madrid, 2010.
- VICENTE, António Pedro, *Aspectos da sociedade portuguesa nos finais do século XVIII*, em *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, 1972, vol. IV, p. 288-315.

- Vv., *Le Monde de la Bible* (BTT), vol. 7: Le Siècle des Lumières et la Bible, Paris, Beauchesne, 1985.
- Vv., *Le Monde de la Bible* (BTT), vol. 8: Le Monde Contemporain et la Bible, Paris, Beauchesne, 1986.
- Vv., *Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas – Congresso Internacional de História*, Braga, Universidade Católica, 1993; Actas, vol. I-IV.
- Vv., *Congresso de História do IV Centenário do Seminário de Évora*, Actas I-II, ISTE, Évora, 1994.
- Vv., *Encontro de Culturas – Oito séculos de missionação portuguesa*, Lisboa, Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1994.
- Vv., *História e Antologia da Literatura Portuguesa. Século XVIII*, Vol. IV, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2013; 845 p.

### Catálogos e Dicionários

- BARBOSA MACHADO, *Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica e Cronológica, na qual se comprehende a notícia dos Autores Portuguezes e das Obras, que compuseram desde o tempo da Lei da Graça, até o presente* (tomo 1-4), Lisboa Ocidental, na Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1741-1759 [Barbosa].
- Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967; tomo 1: LXXX, 767, 1 p.; Tomo 2: VIII, 926, II p.; tomo 3: 798, II, p.; Tomo 4: 721, VI p. No fim tem vários índices: dos nomes; dos apelidos e das pátrias dos autores, das Ordens Religiosas, das dignidades eclesiásticas ou seculares, que os autores tiveram, e das matérias sobre que escreveram. Nesta obra aparecem pelo menos 400 obras de carácter bíblico, desde o concílio de Trento.
- British Museum General Catalogue of Printed Books to 1955*, Londres, 1965; vol. 17 [BMGC].
- BRUNET, Jacques-Charles (1780-1867), *Manuel du Libraire et de l'amateur de livres contenant: 1.º Un nouveau Dictionnaire bibliographique dans lequel sont décrits les Livres Rares...; 2.º Une table en forme de catalogue raisonné où sont classés, selon l'ordre des matières, tous les ouvrages portés dans le Dictionnaire... Cinquième édition original entièrement refondue et augmentée d'un tiers par l'auteur*, Paris, Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Comp<sup>ie</sup>, imprimeurs de l'Institut, 1878; 8 vol.; 25x15 cm.
- Catálogo da Biblioteca Afonso Lucas*, elaborado por Manuel Ferreira, Livreiro - Alfarrabista, Lisboa, 1976.



- Catálogo da Biblioteca Amorim Pessoa*, Câmara Municipal de Cantanhede / Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1989 [CBAP].
- Catálogo da Livraria Duarte de Sousa, Séc. XV-XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1974.
- Catálogo do Livro Antigo da Biblioteca da Universidade de Aveiro - Séc. XVIII*. On line (CBUA).
- Catálogo Geral da Biblioteca do Gabinete Português de Leitura em Pernambuco*, Imprensa Portuguesa, Porto, 1882.
- Catálogo por ordem cronológica das Bíblias, Corpos de Bíblia, Concordâncias e Comentários existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, publicado por Dr Raul d'Ávila Pompeia*, Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1895, vol. XVII, fasc. I
- CUNHA RIVARA, Joaquim Heliodoro da, *Catálogo dos manuscriptos da Biblioteca Pública Eborense*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1871; 4 vol. [Cunha Rivara, Catálogo dos manuscritos].
- DARLOW, M. A. T. H., & MOULE, M. A. H. F., *Historical Catalogue of the Printed Editions of Holy Scripture in the Library of the British and Foreign Bible Society, II. – Polyglots and Languages Other than English*, Londres, 1911 [Darlow].
- Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et Mystique*, Paris, Beauchesne, 1937-1995; 22 volumes.
- Fundação da Casa de Bragança, *Inventário da Biblioteca de D. Manuel II*, Impressos no séc. XV – 1834, Vila Viçosa, 1982.
- GIL DO MONTE, *Livros dos séculos XVII e XVIII impressos em Évora na Imprensa da Universidade*, Évora, 1944 (BPE, B 5656).
- Historical Cathalogue of the Printed editions of Holy Scriptures in the Library of the British and Foreign Bible Society*, Part I, Londres, 1903.
- MATTOS, Ricardo Pinto de (coord.), *Manual Bibliográfico Português de Livros Raros, Clássicos e Curiosos*, Revista e prefaciada por Camilo Castelo Branco, Porto, Livraria Portuense de Manuel Malheiro, 1878; XII, 582, 1 p. (BNP, B. 5327 V.).
- MORAES, Rubens Borba de, *Bibliographia Brasiliana*, vol. I, Colibris Editora, Amsterdam – Rio de Janeiro, 1958 [Brasiliana, 1]
- MONIZ, António (compil.), *Catalogue de la Bibliothèq̃ue de M. Fernando Palha*. 2 vol. em 4 partes (1.<sup>a</sup> parte: Teologia), Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1896.

- OLIVEIRA LIMA, *Catalog of the Oliveira Lima Library, The Catholic University of America*, Washington, D. C. G. K. Hall & Co. Boston, Massachusetts, 1970; 2 vol.: IV, 780 e VI, 775 p.; vol. I: A-L; vol. II: M-Z e Appendices).
- PIROT, Louis (dir.), *Dictionnaire de la Bible, contenant les noms de personnes, de lieux, de plantes, d'animaux mentionnés dans les Saintes Écritures... Supplément* (DBS), Paris, Librairie Letouzey et Ané, 1928-2019; vol. 1-13 [DBS I-XIII].
- SILVA, Inocêncio Francisco da, *Diccionario bibliographico portuguez: estudos [...] aplicáveis a Portugal e ao Brasil continuados e ampliados por Brito Aranha*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923. 22 vol. In-8.º. Do 10.º ao 20.º vol. os frontispícios apresentam mais os seguintes dizeres: Continuados e ampliados por Brito Aranha em virtude do contrato celebrado com o Governo Portuguez; no 21.º: e com um amplo estudo acerca da obra monumental de Alexandre Herculano por J. J. Gomes de Brito... Tem Aditamentos da autoria de Martinho da Fonseca... Todos os volumes que constituem o Suplemento vêm enriquecidos com fac-símiles de portadas, frontispícios, folhas de livros, gravuras, assinaturas, etc. [Inocêncio].
- SILVA, J. A. Telles da, *Asiática*, Lista n.º 3, Lisboa, maio, 1975.
- The National Union Catalog, pre-1956 imprints; a cumulative author list representing Library of Congress (...) and the National Union Catalog Subcommittee of the Ressources (...), American Library Association*, London, Mansell, 1968-1981 [NUC].
- VERRI, Gilda Maria Whitaker, *Tinta sobre papel: livros e leituras em Pernambuco no século XVIII*, volume 2 - Catálogo, Recife, Edição Universitária da UFPE / Secretaria da Educação e Cultura, Pernambuco, 2006 [Pernambuco].
- VIGOUROUX, F. (dir.), *Dictionnaire de la Bible, contenant les noms de personnes, de lieux, de plantes, d'animaux mentionnés dans les Saintes Écritures, les questions théologiques, archéologiques, scientifiques, critiques relatives à l'Ancien et au Nouveau Testament et des notices sur les commentateurs anciens et modernes... avec le concours de collaborateurs*; Paris, Letouzey et Ané ed., 1895-1908; vol. 1-4; 27 cm (BNP, TR. 1869 V. – 1872 V.).
- Vv., *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo dos Leitores, 2000; 4 vol.: A-C; C-I; J-P; P-V e apêndices; Carlos Moreira Azevedo (dir.).
- Vv., *História Religiosa de Portugal*, Círculo dos Leitores, 2000-2002; vol. 1-3; Carlos Moreira Azevedo (dir.).
- Vv., *Catholicisme, hier, aujourd'hui et demain*, Paris, Latouzey et Ané, Boulevard Raspail, 1948-2000 [Catholicisme].



## Conclusões finais

Nesta conclusão final do volume, pretendemos apenas recolher algumas das ideias-chave que foram expostas ao longo dos seus 26 capítulos e 7 suplementos, para que o leitor fique com uma ideia geral desta longa exposição da presença da Bíblia na cultura e na religião dos portugueses durante os séc. XVIII-XIX.

1. Estes séculos marcam uma certa estagnação dos estudos bíblicos, tanto em Portugal como noutros países europeus, devido à Revolução Francesa e suas sequelas, assim como à expulsão das Ordens religiosas, que eram o maior expoente no desenvolvimento dos mesmos. Um olhar sobre os *Documentos da Igreja sobre a Bíblia* dá-nos uma ideia sobre a estagnação em que caiu a Igreja, depois do concílio de Trento. O movimento restaurador irá começar com homens de grande craveira como foram Cornely, Knabenbauer e Hummelauer, com o seu *Cursus Sacrae Scripturae*; sem esquecer Lagrange, com muitas obras de carácter bíblico, e Vigouroux, com o famoso *Dictionnaire de la Bible*. Mas este tema leva-nos até Leão XIII, com a sua primeira encíclica bíblica da história da Igreja – *Providentissimus Deus*, de 18 de novembro de 1893.<sup>1</sup>

2. As Bíblias de Almeida e de Figueiredo. As edições da *Bíblia* João Ferreira de Almeida entraram em Portugal “pela porta do cavalo”, ou seja, quando se fez sentir aqui a presença dos ingleses, durante e depois das invasões napoleónicas. De todos os modos, a Sociedade Bíblica de Londres editou-as, sem mencionar o seu autor. Para fugir ao estigma protestante? Tudo indica que o mesmo aconteceu no Brasil, numa edição do Rio de Janeiro, 1879.<sup>2</sup>

Este é ainda é o período da suspensão das traduções bíblicas, da proibição da sua leitura em língua vulgar, por parte da Igreja Católica, devido ao “perigo

<sup>1</sup> Ver *Acta Sanctae Sedis*, 26, 1893-94, p.269-292.

<sup>2</sup> SANTOS FERREIRA diz a propósito: “Resolveu a Sociedade Bíblica de Londres iniciar aqui a sua propaganda pela distribuição gratuita de muitos exemplares do Novo Testamento, da versão de João Ferreira de Almeida, a cuja reimpressão mandou proceder sobre a edição de Amsterdam, 1711” (o. c., p. 82). Seguem-se as várias edições de Almeida e de Figueiredo.

protestante”. Os católicos estavam sujeitos a muitas restrições neste campo da sua vida cristã. Por isso, estes séculos caracterizam-se pelas traduções protestantes da Bíblia, em toda a Europa ou nas línguas europeias. Mas foi também neste período que nasceu a tradução católica da Bíblia do Padre António Pereira de Figueiredo (1725-1797). Porque esta tradução da Bíblia nos mereceu um tratamento especial, ocupou este volume os últimos três capítulos e a de Almeida mereceu-nos todo o 4.º volume.<sup>3</sup>

**3. Neste período, o protestantismo deu “um pontapé na crise bíblica”.** Isso aconteceu no sentido em que tentou eliminar o que poderíamos chamar de “complexo bíblico católico”, isto é, o receio de que a Bíblia fosse uma fonte de heresias. De facto, Lutero tinha proclamado contra Roma dois grandes princípios que têm a ver com a Bíblia: esta é a única fonte da Revelação divina e é suficiente para ser bom cristão; é o princípio da *Sola Scriptura*. Lutero tinha-se dedicado apaixonadamente à Bíblia, ensinou a exegese bíblica durante trinta anos na Universidade de Wittenberg e, finalmente, traduziu-a para o povo alemão.

Em poucos anos, a “Bíblia de Lutero” teve dez edições com mais de 100 000 exemplares. No seu estudo da Bíblia, Lutero descobre outros dois critérios hermenêuticos da leitura da mesma: o cristocentrismo: sem Cristo, a Bíblia fica vazia de sentido; ela é inspirada porque nos “inspira” Cristo, nos fala de Cristo. O segundo critério é o do Espírito Santo inspirador: lendo a Bíblia, o crente experimenta, pessoalmente, o testemunho do Espírito, o qual assegura que ela é palavra de Deus. Com isto, Lutero quis evitar que a Bíblia estivesse dependente do subjetivismo de cada cristão ou do juízo da Igreja. O Evangelho não pode estar “submetido ao espírito do homem, nem mesmo ao do Papa”.

É só depois do Concílio de Trento, sobretudo devido ao Iluminismo e à expansão do livro impresso, que a Bíblia chega às mãos do povo. Em Portugal, este facto acontece com a Bíblia de João Ferreira de Almeida, para o mundo protestante, e com a do Padre António Pereira de Figueiredo, para o mundo católico. Mas não deixaremos de constatar um facto estranho: mesmo aprovando a Bíblia de Figueiredo, traduzida da Vulgata latina e com todos os requisitos exigidos pelas demais normas da Igreja, nem assim esta a aproveitou, levando-a ao povo e fazendo dela um instrumento imprescindível de formação cristã. Pelo contrário, devido a questões que aqui nem sequer referimos, até esta Bíblia foi parar às mãos dos protestantes, que fizeram dela também “a sua” Bíblia, juntamente com a de Almeida. E foram estas duas que os protestantes editaram aos milhões em todos os países de língua portuguesa. Foi preciso chegar ao séc.

<sup>3</sup> Sobre a Bíblia de Figueiredo, ver, por exemplo, VIGOUROUX, *Dictionnaire*, V, col. 565-567.

XX, para aparecer uma outra Bíblia “católica”, a do Padre Matos Soares, também esta (ainda) traduzida da Vulgata latina.

Sem querermos ser pessimistas, tudo isto nos deixa um certo amargo de boca e a impressão de que a ideia de alguns teólogos espanhóis do tempo do Concílio de Trento continuou pelos tempos fora na mentalidade de muitos homens da Igreja: que a Bíblia em línguas vulgares pode tornar-se uma fonte de heresias. Sem negar rotundamente tal afirmação, temos, no entanto, que lhe responder, dizendo que isso acontece quando a Bíblia não é explicada ao povo. E o que falta ainda hoje na Igreja é uma estrutura pastoral que responda a esta mais que tradicional lacuna. As encíclicas dos Papas – *Providentissimus Deus* e *Divino Afflante Spiritu* – e nem sequer a *Dei Verbum* do Vaticano II tiveram, na acção pastoral da Igreja, as ressonâncias que justamente se esperavam.

**4. O século XVIII, no aspeto bíblico, é devedor da reforma da Universidade de Coimbra.** E as traduções bíblicas são disso o melhor exemplo. Mas estas traduções são geralmente parafraseadas e todas elas publicadas depois de 1762; os *Salmos* e os *Provérbios* têm a preferência, havendo muita influência francesa. Não há, por isso, muita originalidade nas traduções bíblicas para a nossa língua. Como sabemos, a única tradução completa da Bíblia feita em Portugal é a do Padre António Pereira de Figueiredo, à qual damos, neste volume, o devido valor.

Da mesma época da de Figueiredo é a tradução portuguesa da Bíblia feita por Peter Rahmeyer (1699-1757), um comerciante de Hamburgo, cujo texto se perdeu durante a II Grande Guerra.<sup>4</sup> Em fins do séc. XVIII escasseavam as traduções bíblicas e era difícil fazê-las entre nós. As versões de Ferreira d’Almeida e de Figueiredo ainda não tinham encontrado grande divulgação, e em 1817, o bispo Frei Manuel de S. Gualdino em Goa proibia a Bíblia em português por ser editada pelos protestantes ingleses em Calcutá.

**5. No séc. XVIII, pouca gente sabia ler.** Por isso, o povo não podia ler a Bíblia. Mas o pior é que se desconfiava de quem lia a Bíblia, sobretudo por parte dos leigos. Esta desconfiança nasceu a partir das heresias bíblicas da Idade Média em que certos movimentos laicais promoviam uma leitura da Bíblia fora do âmbito eclesial. Seguiu-se o movimento protestante, que agravou toda esta questão e provocou mesmo a rutura com a Igreja Católica.

No fim do séc. XVIII, a Bíblia católica de António Martini deu o sinal de liberdade na tradução e impressão de Bíblias para as línguas vulgares, portanto,

<sup>4</sup> A DB possui uma cópia deste Antigo Testamento manuscrito.

no período investigado neste volume. De facto, em 1757, permitiram-se as traduções da Vulgata, desde que fossem aprovadas e tivessem notas explicativas. A de Martini baseava-se na Vulgata, e a primeira tradução católica portuguesa a partir dos originais apareceu apenas na primeira metade do séc. XX.

No que diz respeito ao movimento bíblico, ou pastoral bíblica, era permitido e acalentado pelos documentos dos Papas e não tinha grandes entraves por parte das autoridades eclesiásticas. Este período é, pois, o período de abertura da Igreja à leitura e estudo da Bíblia, como exigiam as novas ciências, apesar da iliteracia bíblica reinante.

**6. Polémica católico-protestante.** Apesar da Igreja abrir de par em par a porta à Bíblia, isso não evitou polémicas, por vezes, virulentas, com os nossos irmãos protestantes. Não poderíamos esquecer também um aspeto altamente negativo destes séculos: os ataques recíprocos entre a Igreja Católica e o Protestantismo. Este foi um testemunho tão negativo que, perante os de fora, foi altamente escandaloso, sobretudo para os sem religião ou com pouca religião. A Igreja Católica atacava com pastorais dos bispos, e os Papas com outros documentos oficiais. Os protestantes, divididos em tantas Igrejas e seitas, sem uma autoridade central, utilizavam os seus escritos e os seus lugares de culto, assim como os seus vendedores de literatura bíblica (os colportores), para se dirigirem aos católicos.

Oxalá estes tristes espetáculos entre discípulos do mesmo Cristo e com a mesma Bíblia na mão tenham o seu fim, já que Cristo pediu ao Pai para haver um só rebanho e um só pastor e que todos fossem um como Ele e o Pai são um só (Jo 17,20-23).

Quais as causas desta minúscula produção de literatura diretamente bíblica, sobretudo de traduções da Bíblia? Seria muito interessante avançar demoradamente por este caminho e verificar todos os porquês. No entanto, atrevemo-nos a lançar, muito brevemente, as seguintes hipóteses:

**7. A crise no ensino.** Não basta dizer que Pombal renovou o ensino e sobretudo a metodologia e os estatutos da Universidade de Coimbra. E dizemos Pombal, porque ele, direta ou indiretamente, foi o que mais influiu na crise do ensino, durante o reinado de D. José e depois. As suas deficientes reformas ainda tiveram consequências no tempo do liberalismo.

Esta crise foi devida, em grande parte, à expulsão dos Jesuítas. Estes dedicavam-se ao ensino, sobretudo das classes mais desfavorecidas, com uma rede de colégios nos principais pontos do país, onde era ministrado o ensino médio, que preparava para a Universidade. A expulsão desta Ordem religiosa foi um rude golpe no ensino público português, pois Pombal não encontrou quem os subs-



tituísse cabalmente, embora tivesse uma leve esperança de que os Oratorianos ocupassem o seu lugar. E, talvez, o mais grave é que a expulsão abrangia todos os territórios de domínio português na altura: na Ásia, na África e no Brasil. A cultura portuguesa, a partir daí, perdeu o fôlego que vinha do séc. XVI. Outras congregações religiosas não se dedicavam ao ensino como os Jesuítas, que também viram encerrada a “sua” Universidade em Évora. O país ficou apenas com a Universidade de Coimbra, e a cultura universitária no sul do país deixou praticamente de existir.

Ora bem, não havendo ensino, não há cultura; e não havendo cultura, não há produção literária, muito menos bíblica. Por isso, Portugal começou a depender quase completamente do estrangeiro também no aspeto cultural e bíblico. As tão propaladas “luzes” da nova cultura desta época iluminavam o nosso país, mas a partir de fora. Deste modo, Portugal tornou-se cada vez mais dependente do estrangeiro, sobretudo da França, em todos os aspetos da cultura, como se pode verificar nos capítulos deste volume.

**8. A crise na Igreja.** A Igreja vive na sociedade e faz parte dela. Ora bem, uma sociedade sem cultura capaz vai colocar dificuldades aos membros da Igreja, pois esta nunca é, nem deve ser, uma sociedade à parte, mas integrada nos problemas reais de cada cultura e de cada época histórica. Como diz Jesus no Evangelho de Mateus, a Igreja deve ser *sal da Terra e luz do mundo* (Mt 5,13-16); e deve ser também *fermento* no meio da *massa* humana para a transformar positivamente (Mt 13,33). Portanto, entre a Igreja e a sociedade, na qual ela vive a sua história na dimensão da fé, há uma permeabilidade constante, em todos os aspetos, positivos e negativos, sobretudo na cultura.

**9. A Igreja e as ideologias.** A crise na Igreja portuguesa, em especial, foi causada, em grande parte, pela entrada das ideologias político-religiosas estrangeiras, não apenas nos simples cristãos, mas sobretudo na própria hierarquia da Igreja. O episcopado encontrava-se profundamente dividido em relação ao regalismo, jansenismo e a outros “ismos” da época. Uma Igreja nestas circunstâncias não podia produzir talentos, com cultura e espiritualidade cristã capazes de fazer traduções ou comentários bíblicos de relevo.

A isto temos de acrescentar, como consequência do que acabamos de afirmar, que a grande maioria da população nem sequer sabia ler. Para quê editar uma Bíblia ou um comentário bíblico, se muito poucos sabiam ler em Portugal? É que, diferentemente dos séc. XVI-XVII, os nossos escritores (se os houvesse capazes disso), mesmo se escrevessem comentários bíblicos em latim, para serem lidos na Europa, não encontrariam grandes leitores, porque as bibliotecas estrangei-

ras já tinham grandes comentários latinos destes séculos e dos anteriores, assim como muitíssima literatura bíblica nas suas próprias línguas.<sup>5</sup> Só se aparecesse um génio português é que seria aceite no resto da Europa. Como acabamos de dizer, este génio não podia surgir no meio das crises acima enunciadas. Por isso mesmo, não se podia esperar grandes resultados, tanto no aspeto cultural como espiritual, para alimentar a fé dos católicos portugueses.

A oposição política de Pombal às tentativas de renovação espiritual da Igreja, sobretudo ao movimento da *Jacobeia*, presidida por Frei Francisco da Anunciação, tendo como programa *Vindícias da Virtude*, falhou redondamente, deixando a Igreja portuguesa entregue aos movimentos religiosos que agradavam a Pombal e que tinham no seu ideário o episcopalismo antiultramontanista.<sup>6</sup> Por isso, Pombal protegeu sempre um “galicanismo à portuguesa”, que era meio caminho andado para o regalismo.

**10. O galicanismo e outros *ismos*.** De facto, em Portugal, não se pode falar rigorosamente de galicanismo, pois trata-se de um movimento político-religioso francês, que tentava uma certa independência da Igreja francesa em relação à Igreja “ultramontana”, isto é, a Igreja de Roma, centro da Igreja universal. Esta relativa independência tinha como consequência um especial relevo dado ao episcopado francês, que, por sua vez, ficava sujeito ao poder do Estado. Daí a associação que se faz, normalmente, entre galicanismo e regalismo, embora sejam dois conceitos diferentes.

Curiosamente, os dois movimentos tiveram as suas raízes em França: o card. Richelieu deu o golpe de misericórdia no chamado movimento dos *Dévots* e do jansenismo; portanto, o regalismo do governo de Pombal, e mesmo de alguns dos nossos bispos, era um prolongamento do galicanismo francês.<sup>7</sup> Em Portugal, o movimento jansenista francês traduziu-se, apenas, e em parte, na *Jacobeia*, que nasceu no ambiente dos Eremitas de Santo Agostinho, concretamente no convento de Nossa Senhora da Graça em Coimbra, como já foi referido.

<sup>5</sup> Veja-se o vol. III desta coletânea, *A Bíblia nos séculos XVI-XVIII*, p. 217-429.

<sup>6</sup> A obra foi aprovada em 1702 e 1703, mas foi publicada apenas em 1725. O livro insiste em separar os mundanos, apelidados de relaxados, imperfeitos, tédios, carnis, túbios, dos perfeitos, pios, devotos, beatos, virtuosos. Insistiam também na Confissão sacramental, mas a absolvição estava ligada à contrição, não bastando a atrição. A oração mental era outro elemento essencial da *Jacobeia*, assim como a comunhão frequente, para aqueles que desejavam mesmo alcançar as virtudes cristãs.

<sup>7</sup> MARCADÉ, Jacques, *Les Courants Religieux au Portugal au XVIII<sup>e</sup> siècle*, em *Histoire du Portugal Histoire Européenne*, Actes du Colloque, Paris, 22-23 mai 1986, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1987, p. 147-162.

**11. Importância dos leigos católico.** Podemos ver nestes dois séculos uma intervenção decisiva dos leigos na vida da Igreja e mesmo na defesa desta, sobretudo a propósito do papado, ao defenderam a unidade da mesma, a favor do chamado ultramontanismo. Como vimos em vários capítulos, as suas obras e a sua militância foram marcadas sobretudo no 1.º Congresso de leigos católicos do Porto, assim como no jornal católico portuense *A Palavra*. O discurso e a ação dos leigos nesse período conturbado da contestação papal e nos ataques permanentes à Igreja por ideólogos, ligados à *maçonaria*, ao *liberalismo*, ao *cientismo* e a outros *ismos*, foi fundamental para apresentar um novo rosto da Igreja e da fé católica que eles professavam.

**12. Onde se encontrava a Bíblia nos séculos XVIII-XIX?** Depois destes 26 capítulos com mais 7 *Suplementos*, que se estendem ao longo de quase 1500 páginas, com 1905 autores e 8290 obras, o leitor poderá perguntar: *Afinal, onde se encontrava a Bíblia nos séculos XVIII-XIX?*

A esta pertinente questão, respondo, apresentando os principais *topoi* da cultura e da religião dos portugueses, começando por abordar o *contexto político-religioso e cultural*, que ajuda a compreender os capítulos seguintes (**cap. 1**). Assim:

- Na Europa, como contexto da cultura portuguesa, a *Bíblia era publicada* às centenas de milhares (**cap. 2**).
- Em Portugal traduziram-se e *publicaram-se algumas partes da Bíblia* de uma certa importância, e sobretudo muitas *Histórias Sagradas* (**cap. 3**).
- Foram ainda *publicadas obras* que tinham uma relação direta com a Bíblia (**cap. 4**).
- A Bíblia tornou-se, por vezes, um pomo de discórdia perante os argumentos das *ciências modernas* (**cap. 5**).
- A compreensão da Bíblia recebeu um grande impacto com as novas ciências; mas estas, por seu lado, ajudaram enormemente a compreensão da Bíblia, tornando-se “auxiliares” do seu estudo (**cap. 6**).
- A Bíblia foi ainda *motivo de polémica* no que toca aos princípios hermenêuticos da sua leitura, sobretudo entre católicos e protestantes e entre exegetas católicos e cientistas anticristãos (**cap. 7**).
- Por esse mesmo motivo, torna-se objeto de *obras apologéticas*, por parte dos autores católicos (**cap. 8**).

- Assim, a Bíblia dá mais um passo em frente e torna-se mesmo, já nesta época, parte integrante ou suporte necessário das *ciências eclesiásticas* (cap. 9).
- Mais ainda, a Bíblia vai tornar-se o ponto de partida e o âmago da *espiritualidade cristã* (cap. 10).
- A Bíblia foi sempre e também nestes dois séculos, o conteúdo da *oração litúrgica cristã* (cap. 11).
- Para abrilhantar esta liturgia e tornar mais solene o louvor ao Deus Criador e providente, as *artes e instrumentos musicais* tornaram-se importantes neste papel da Igreja (cap. 12).
- A vivência da Bíblia, na dimensão espiritual de palavra de Deus, tornou-se o conteúdo essencial da santidade cristã (*hagiografia*; cap. 13).
- A Bíblia foi sempre – e também nestes dois séculos – o cerne da evangelização dos cristãos pela pregação ou *oratória sagrada* (cap. 14).
- A par da oratória sagrada, a *literatura catequética* teve um papel fundamental no conhecimento e vivência da fé cristã, já que a catequese consiste na explanação das principais verdades da Bíblia (cap. 15).
- A Bíblia torna-se mesmo a fonte principal da inspiração das várias tipologias de *obras artísticas* deste período (cap. 16).
- A *poesia* foi também buscar à Bíblia – obra profundamente poética – muitos dos seus temas (cap. 17).
- O mesmo acontece com *o teatro*, embora em menor escala neste período (cap. 18).
- Muito interessante é ainda a apresentação da ação dos *portugueses no Oriente*, cuja cultura e religião cristãs estavam ainda bem vivas nestes dois séculos (cap. 19).
- O capítulo seguinte lança também um olhar cultural e religioso à África e ao Brasil, regiões de missão portuguesa (cap. 20).
- Quisemos ainda ressaltar o início da *autonomia religiosa e cultural no Brasil* deste período (cap. 21).
- Para alertar o leitor para os problemas específicos desta época histórico-cultural e religiosa, apresentamos cinco questões específicas (e respetiva literatura), que, em geral, não apareciam nos volumes anteriores: *O terremoto*

*de Lisboa* (1755); *o profetismo político; a definição do dogma da Imaculada Conceição; a devoção ao Coração de Jesus; a maçonaria* (cap. 22).

- Para fechar a I Parte do presente volume, apresentámos resumidamente a primeira encíclica sobre a Bíblia na história da Igreja: a *Providentissimus Deus* de Leão XIII (18.11.1893; cap. 23).
- Reservámos para a II Parte o tema mais importante deste volume: em 3 capítulos apresentámos a vida e obra do *Padre António Pereira de Figueiredo*, que traduziu a 1.<sup>a</sup> Bíblia católica completa em toda a história da fé e da cultura do povo português. Colocámos no fim do volume este grande vulto da nossa cultura para, assim, fechar, com chave de ouro, este 5.<sup>o</sup> volume da coletânea A BÍBLIA EM PORTUGAL (cap. 24-26).
- Colocámos ainda no fim do volume sete *Suplementos*, que se relacionam diretamente com alguns dos respetivos capítulos aqui referidos.

*Afinal, onde se encontrava a Bíblia nos séc. XVIII-XIX?* Era nestes diferentes campos da cultura e da religião dos portugueses e nelas marcou a sua presença de um modo mais ou menos evidente e profundo. Mais, pensamos que foi precisamente a Bíblia, que se tornou *sal e luz* (Mt 5,13-16) destas duas dimensões fundamentais da pessoa humana, já que ela é o fundamento e o coração de um verdadeiro humanismo.

O elenco final dos autores e respetivas obras, apresentados neste volume, podem ajudar o leitor a fazer uma ideia minimamente aproximada dos conteúdos destes 26 capítulos e 7 suplementos. É o que apresentamos seguidamente. Informamos ainda que esses números são relativos, isto é, alguns repetem-se em vários capítulos. Deste modo, o número absoluto de autores é o que consta do *Índice de autores* deste volume, isto é, 1319.

No número total de autores desta grelha, foram considerados apenas os que têm nome próprio; isto é, não entraram na contagem nem autores nem tradutores anónimos; destes contámos apenas as obras.

|                                                                                            | Autores/<br>Tradutores | Obras      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|------------|
| 1. Contexto português: principais características deste período                            | 16                     | 136        |
| 2. Contexto bíblico europeu: traduções da Bíblia na Europa dos séc. XVIII-XIX <sup>8</sup> | 110                    | 972        |
| 3. Obras bíblicas mais importantes neste período                                           | 59                     | 432        |
| 4. Outras obras bíblicas                                                                   | 47                     | 107        |
| 5. Bíblia e ciências modernas, nas várias tipologias                                       | 38                     | 115        |
| 6. Bíblia e Ciências Auxiliares dos estudos bíblicos: várias tipologias                    | 59                     | 209        |
| 7. Bíblia e literatura de controvérsia: várias tipologias                                  | 141                    | 365        |
| 8. Bíblia e literatura apologética                                                         | 72                     | 199        |
| 9. Bíblia e ciências eclesiais                                                             | 73                     | 253        |
| 10. Bíblia e espiritualidade                                                               |                        |            |
| 10.1. <i>A Jacobeia</i> , um movimento espiritual setecentista. <sup>9</sup>               |                        |            |
| 10.2. Espiritualidade em geral                                                             | 104                    | 397        |
| 10.3. Espiritualidade mística                                                              | 24                     | 53         |
| 10.4. Espiritualidade eucarística                                                          | 22                     | 39         |
| 10.5. Espiritualidade da Paixão de Cristo                                                  | 14                     | 56         |
| 10.6. Espiritualidade penitencial                                                          | 40                     | 132        |
| 10.7. Espiritualidade mariana                                                              | 58                     | 130        |
| 10.8. Espiritualidade devocional                                                           | 23                     | 55         |
| 10.9. Espiritualidade dos “Últimos fins”                                                   | 30                     | 67         |
| 10.10. Espiritualidade da “Literatura de espelho”                                          | 20                     | 55         |
| <b>Total do cap. 10</b>                                                                    | <b>335</b>             | <b>984</b> |
| 11. Bíblia e liturgia: variados tipos de obras <sup>10</sup>                               | 52                     | 436        |
| 12. Bíblia e música litúrgica: teóricos da música e compositores                           | 76                     | 321        |

<sup>8</sup> Foram contados apenas os autores e obras francesas em particular, como um modelo do que acontecia na Europa de então. Dos outros países colocámos apenas alguns representantes, juntando as obras citadas às francesas.

<sup>9</sup> Este movimento espiritual não tem propriamente obras. Aparece citado em muitas obras, porque era, oficialmente, atacado.

<sup>10</sup> O número de autores é reduzido porque a maior parte das obras litúrgicas são atribuídas à “Igreja Católica”.

|                                                                                                      | Autores/<br>Tradutores | Obras       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|-------------|
| 13. Bíblia e hagiografia: martirológios                                                              | 43                     | 133         |
| 14. Bíblia e oratória sagrada: sermões e sermonários                                                 | 150                    | 594         |
| 15. Bíblia e literatura catequética                                                                  | 124                    | 380         |
| 16. Bíblia e artes: vários géneros                                                                   | 128                    | 408         |
| 17. Bíblia e poesia                                                                                  | 108                    | 231         |
| 18. Bíblia e teatro                                                                                  | 14                     | 52          |
| 19. Bíblia e cultura nas missões do Oriente asiático                                                 | 55                     | 490         |
| 20. Bíblia e cultura nas missões do Brasil e da África lusófona                                      | 39                     | 50          |
| 21. Obras bíblico-culturais da literatura do Brasil                                                  | 53                     | 140         |
| 22. Temas específicos dos séculos XVIII-XIX:                                                         |                        |             |
| 22.1. Obras referentes ao terremoto de Lisboa, 1755                                                  | 29                     | 52          |
| 22.2. Obras referentes ao profetismo político                                                        | 13                     | 18          |
| 22.3. Obras referentes ao dogma da Imaculada Conceição                                               | 22                     | 33          |
| 22.4. Obras referentes à devoção ao Coração de Jesus                                                 | 27                     | 53          |
| 22.5. Obras referentes à maçonaria                                                                   | 18                     | 44          |
| <b>Total do capítulo 22</b>                                                                          | <b>109</b>             | <b>200</b>  |
| 23. A encíclica Providentissimus Deus de Leão XIII e a leitura da Bíblia (18.11.1893). <sup>11</sup> | 1                      | 1           |
| 24. Pe. António Pereira de Figueiredo, tradutor da Bíblia                                            | 1                      | 35          |
| 25. Pe. António Pereira de Figueiredo: obras culturais de vários géneros e edições                   | 1                      | 344         |
| 26. Pe. António Pereira de Figueiredo: Catálogo das obras bíblicas                                   | 1                      | 460         |
| Suplementos 3 e 4: total de obras de vários géneros                                                  |                        | 243         |
| <b>TOTAL DOS AUTORES DESTE VOLUME</b>                                                                | <b>1905</b>            |             |
| <b>TOTAL DAS OBRAS DESTE VOLUME</b>                                                                  |                        | <b>8290</b> |

<sup>11</sup> O único autor é o papa Leão XIII.



***Cristo, mediador da criação  
e da redenção da humanidade***

<sup>17</sup> É Ele a imagem do Deus invisível,  
o primogénito de toda a criatura;

<sup>16</sup> porque foi nele que todas as coisas foram criadas,  
no céu e na terra,  
as visíveis e as invisíveis,  
os Tronos e as Dominações,  
os Poderes e as Autoridades,  
todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele.

<sup>17</sup> Ele é anterior a todas as coisas  
e todas elas subsistem nele.

<sup>18</sup> É Ele a cabeça do Corpo,  
que é a Igreja.  
É Ele o princípio,  
o primogénito de entre os mortos,  
para ser Ele o primeiro em tudo;

<sup>19</sup> porque foi nele que aprovou a Deus  
fazer habitar toda a plenitude

<sup>20</sup> e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas,  
pacificando, pelo sangue da sua cruz,  
tanto as que estão na terra  
como as que estão no céu.

(Hino a Cristo das primeiras comunidades cristãs,  
*Carta aos Colossenses*, 1,15-20)

## Índice de Autores

### A

- Abbé Drioux, 178, 225.  
Abílio Adriano de Campos Monteiro (1876-1933), 913.  
Abílio Augusto da Fonseca Pinto (1831-1893), 914.  
Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923), 914.  
A. C. N. Biscaia (?-?), 757.  
Adolf von Harnack (1851-1930), 298.  
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio (1810-1874), 828.  
A. Estevam da Costa e Cunha (?-?), 1073.  
Afonso Celso (1864-?), 914.  
Afonso de Guimarães / Alphonsus de Guimaraens (1875-1921), 1073.  
Afonso de Monroy, Frei, OST (?-1701), 673.  
Afonso dos Prazeres, Frei, OSB / OFM (1690-1759), 547, 612.  
Agostinho de Santa Maria - 1, Frei, OSST (?-1736), 208.  
Agostinho de Santa Maria - 2, OESA (1642-1728), 547, 612, 654.  
Agostinho Ferreira, Pe. (1709-?), 548.  
Agostinho José Freire (séc. XVIII), 884.  
Agostino Masucci (1691-1758), 872.  
A. José das Neves Maldonado Bandeira (?-?), 222.  
Albert Rilliet, 156.  
Aleixo de Miranda Henriques, Dom Frei, OP, 867.  
Alessandro Giusti (1715-1799), 884.  
Alexandre António de Lima (1699-depois de 1759), 915, 1120.  
Alexandre Blackford (1829-1867), 1052.  
Alexandre da Conceição (1842-1889), 915.  
Alexandre da Sagrada Família, Dom Frei, OFM (1736-1818), 628, 776.  
Alexandre de Santa Isabel (séc. XVIII), 654.  
Alexandre de Sousa Freire (1670-1741), 629.  
Alexandre do Espírito Santo Palhares, Frei, OFM (1749-1811), 776.  
Alexandre Herculano (1810-1877), 102, 103, 113, 114, 211, 388, 451, 452, 482, 487, 894, 915, 947, 951, 1106, 1107, 1109, 1113, 1233, 1235, 1276.  
Alexandre José da Silva Braga / Alexandre Braga (1829-1895), 465, 916.  
Alexandre José da Silva de Almeida Garrett (1797-1867), 604, 629, 648, 1114.  
Alexandre Perier, SJ (1651-1730), 612.  
Alexandro Tanzi (séc. XVIII), 885.  
Almeida Silvano, Pe. (ca. 18?-?), 465, 480.  
Álvaro Alfredo da Silva Zuzarte de Mendonça (1877-1967), 1128.  
Amador do Desengano (fl. 1761), 480.

- Américo Ferreira dos Santos Silva, Dom (1830-1899), 452.
- André Gonçalves (1680-1762), 872.
- André Martins Robião (act. 1713), 885.
- André Soares (1720-1769), 907.
- André Soares da Silva (?-?), 895.
- Ângelo dos Santos, Frei (?-?), 389.
- Ángel Sánchez, 182.
- A. Nicolas (?-?), 480.
- Anselmo Petite, 182.
- Antero Tarquínio de Quental / Antero de Quental (1842-1891), 253, 389, 430, 916.
- Antónia Maria da Silveira Pinto de Oliva (?-?), 1120.
- António Aires de Gouveia / António Frutuoso Aires de Gouveia Osório, Dom (1828-1916), 254, 777.
- António Álvares Carvalho, Pe. (?-?), 757.
- António Álvares, Pe., CO (1735-1807), 371, 507, 673.
- António Alves Martins, Dom Frei, OFM (1808-1882), 460.
- António Alves Teixeira, o Vizela (1836-1863), 873.
- António Augusto Soares de Passos (1826-1860), 916.
- António Barnabé de Elesco Barreto e Aragão (?-?), 829.
- António Caetano de São Boaventura, Frei, OFM (1669-1749), 588, 612, 629.
- António Caetano do Amaral (1747-1819), 481, 548.
- António Cândido Gonçalves Crespo (1846-1883), 1074.
- António Cardoso, Pe., CO (1727-1798), 481.
- António Carneiro, SJ (1662-1737), 548, 605, 673.
- António Cerqueira Pinto, Dom (1679-1744), 649.
- António Cordeiro - 1, SJ (1641-1722), 64, 508.
- António Cordeiro - 2 (17??-18??), 481.
- António Cordeiro da Silva (?-?), 1074.
- António Correia de Menezes (1869-1919), 481.
- António da Anunciação - 1, Frei, OESA (1691-?), 777.
- António da Anunciação - 2, Frei, CRSA (1717-?), 757, 777, 1094.
- António da Ascensão Oliveira (?-?), 613.
- António da Assumpção, Frei, OP (1695-1756), 613.
- António da Conceição Penado Godinho, Frei, OESA (?-?), 778.
- António da Costa de Paiva / Barão do Castelo de Paiva (1806-1879), 654.
- António da Costa Sousa de Macedo (1824-1892), 481.
- António da Expectação, Frei, OCD (1651-1724), 589, 606, 757, 778.
- António d'Anunciação Avelino, Pe. (?-182?), 606.
- António da Purificação e Silva, Frei, OFM (1738-18??), 829.
- António da Purificação, Frei, OCD (?-?), 726.
- António da Silva Leite (1759-1833), 549, 613, 673, 721, 726.
- António da Silva Vieira (?-?), 629.
- António da Silveira, Frei, OSST (1709-?), 208.
- António das Onze Mil Virgens Ferreira, Frei, OFM (1717-1761), 629.
- António da Trindade de Vascelos Pereira de Melo, Dom (1812-1895), 460.
- António de Agreda e Azevedo, 889.
- António de Almeida Portugal / 5.º Marquês do Lavradio (1794-1874), 482.

- António de Azevedo Castelo Branco (1842-?), 917.
- António de Bettencourt, SJ (1679-1738), 778.
- António de Castro Morais Sarmiento (?-1840), 1129.
- António de Deus Campos, Pe. (1699-depois de 1740), 778.
- António de Jesus, Frei, OFM (1774-1841), 390, 830.
- António de Macedo Costa, Dom (1830-1891), 222, 447, 1074.
- António de Macedo Neto e Melo, SJ (1702-?), 549.
- António de Mariz Faria, Pe., CO (1681-ca. 1741), 758, 1107.
- António de Nossa Senhora do Carmo, OC/OSA (1689-1749), 549.
- António de Oliveira Bernardes (1662-1732), 873, 901.
- António de Pádua e Belas, Dom Frei, OFM (1732-1808), 482, 550, 779.
- António de Pádua (séc. XVIII), 885.
- António de Santa Ana, Frei, OFM Cap (16?-ca. 1757), 779.
- António de Santa Bárbara, Frei, OSA (?-?), 392.
- António de Santa Clara, Frei, CRSA (1676-1730), 208.
- António de Santo Eliseu, Frei, OCD (?-?), 779.
- António de São Francisco de Paula Cartaxo, Frei, OFM (17?-18?), 550, 613.
- António de São José e Castro / António José de Castro, Dom Frei, OCart (1741-1814), 483.
- António de São Luís (?-?), 673.
- António de Serpa Pimentel (1825-1900), 917.
- António Dinis da Cruz e Silva / Elpino Nonacriense (1731-1799), 917, 1114.
- António do Espírito Santo Andrade, Frei, OFM (séc. XVIII), 779, 1094.
- António do Espírito Santo Macabelo (?-?), 598.
- António do Nascimento e Oliveira (fl. 1865-1880), 727.
- António do Rosário, OSJ (1682-ca. 1747), 727, 1115.
- António do Rosário Sarilho (?-?), 727.
- António do Sacramento, Frei, OFM (1711-1785), 254, 508, 1095, 1115.
- António do Santíssimo Sacramento Tomás de Almeida e Silva Saldanha / D. António de Almeida (1821-1900), 483.
- António dos Reis - 1, Pe., CO (1690-1738), 508, 551, 654, 780, 830, 1053.
- António dos Reis - 2, Frei, OESA (?-?), 1021.
- António dos Remédios, Frei, OFM (?-?), 392.
- António dos Santos Castro (?-?), 654.
- António dos Santos Rino, Pe. (1779-1849), 917.
- António Duarte Gomes Leal (1848-1921), 223, 630, 917, 1107.
- António Duarte Moura, Pe. (1843-1909), 721.
- António e Dionísio Ferreira (?-?), 885.
- António Estêves, Pe. (?-?), 589.
- António Faria Barreiros (?-?), 551, 655, 758.
- António Feliciano de Castilho (1800-1875), 483, 508, 918.
- António Félix Mendes (1706-1790), 371.
- António Fernandes Cardoso (?-?), 649.
- António Ferreira (séc. XVIII), 886.
- António Francisco Lisboa (1730-1814), 885.
- António Franco, SJ (1662-1731), 759.

- António Frederico de Castro Alves (1847-1871), 1075.
- António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Pe. (1860-1940), 360.
- António Gaspar Borges, Pe. (1809-1898), 721.
- António Gil Gomes (séc. XIX), 330.
- António Gomes (?-?), 886, 889.
- António Gonçalves Dias (1823-1864), 1057, 1075.
- António Inácio Coelho de Moraes (1805-?), 360.
- António Isidro da Nóbrega (1708-1759), 484.
- António João de França Bettencourt, Pe. (1827-1881), 511.
- António Joaquim de Castro Feijó (1859-1917), 918.
- António Joaquim Pereira (1862-1939), 551.
- António José Afonso (?-?), 675.
- António José Boavida, Dom (1838-1910), 485.
- António José Cordeiro, Dom, 867.
- António José da Encarnação, Frei, OSST (1741-1780), 599, 780.
- António José de Carvalho (ca. 1800), 485.
- António José de Mesquita Pimentel, Pe. (1741-1821), 780, 830.
- António José dos Reis Lobato (?-?), 372.
- António José Nicolau Barreto, Pe. (ca. 1800-?), 1021.
- António José Soares (1783-1865), 728.
- António José Viale (1806-1889), 511, 552, 918.
- António Leal Moreira (1758-1819), 728.
- António Lopes de Moraes, Dom, 868.
- António Lourenço Caminha (?-1831), 919.
- António Lourenço da Silveira Macedo (1819-1891), 223.
- António Luís Coutinho de Abreu, Pe. (?-?), 655.
- António Luís de Carvalho, Pe. (?-?), 613, 630.
- António Luís Falcão (?-?), 466, 1121.
- António Luís Miró (1815-1853), 729.
- António Manuel dos Ramos, Pe. (séc. XIX), 831.
- António Manuel Soares dos Reis (1847-1889), 886.
- António Maria d'Almeida Neto (?-?), 511.
- António Maria de Oliveira Monteiro (1785-1845), 873.
- António Maria do Couto (1778?-1843), 392.
- António Maria Ferreira, Pe. (séc. XIX), 392.
- António Marques Gomes (séc. XVIII), 549.
- António Martini, 178, 179, 197, 1190, 1192, 1447.
- António Mendes Belo, Dom, 868.
- António Mendes Coutinho (?-?), 887.
- António Mesquita (ca. 1800), 485.
- Antonio Montauti (?-?), 887.
- António Moreira Belo (ca. 1874), 115, 254, 268, 838, 1121.
- António Nicolau de Carvalho, Pe. (séc. XVIII), 780.
- António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), 55.
- António Osório, Frei, OP (1778-1865), 393.
- António Pereira da Câmara, Pe. (1697-1758?), 780, 1076, 1095.
- António Pereira de Castro, Pe. (?-?), 223.
- António Pereira de Figueiredo, Pe., CO (1725-1797), cap. 24-26, 1157-1357.
- António Pereira de Paiva e Pona (?-?), 225.
- António Pereira de Sousa Caldas, Pe. (1762-1814), 919, 1076.

- António Pereira Nobre (1867-1900), 920.  
 António Pereira, SJ (1817-1876), 1021.  
 António Pereira Soares de Albergaria (175-?), 781.  
 António Petite, 182.  
 António Pinto, 892.  
 António Pinto da Fonseca Neves (1784-1836), 921.  
 António Prestes (?-1587), 953.  
 António Ribeiro da Costa e Almeida (1828-1903), 511.  
 António Ribeiro dos Santos, Pe. (1745-1818), 208, 225, 393, 485.  
 António Soares Barbosa, Pe. (1734-1801), 225, 512, 552, 831.  
 António Teixeira de Magalhães (ca. 1760-1831), 226, 675.  
 António Tomás (?-?), 921.  
 António Tomás da Silva Leitão, Dom (?-?), 1062.  
 António Tomás dos Reis, Pe. (?-?), 675.  
 António Venâncio da Costa, Pe. (?-ca. 1817), 373.  
 António Vieira Leitão, Dom, 866.  
 António Vital Rifarto (activ. 1700-1738), 873.  
 António Xavier de Sousa Monteiro, Dom (1829-1906), 512, 729, 832, 868.  
 António Xavier Rodrigues Cordeiro (1819-1896), 921.  
 Aparício Esteban (séc. XIX), 873, 1116.  
 Apolinário da Conceição, Frei, OFM<sup>Cap</sup> (1629-ca. 1759), 552.  
 Apostolado da Oração, 1125, 1127.  
 Arcângela Maria da Assunção, Soror (?-1737), 921, 954.  
 Armand-Julien Pallière (1784-1862), 873.  
 Artur Eduardo de Almeida (?-?), 512.  
 A. Simões Lopes (?-?), 828.  
 Association Anglaise et Étrangère de La Bible, 154.  
 Auguste Vindi, 879.  
 Augustin / Augustino Calmet, Frei, OSB (1672-1757), 148, 380, 512.  
 Augusto César Ferreira Gil (1873-1929), 922.  
 Augusto Eduardo Nunes, Dom (1849-1920), 513, 614, 630, 781, 869.  
 Augusto José Soares (ca. 18?-?-?), 599.  
 Augusto José Vieira (1861-1919), 394.  
 Augusto Pereira de Moura (?-?), 227.  
 Augusto Soares Pinheiro, Pe. (?-?), 1067.  
 Auta de Sousa (1876-1929), 1076.
- B**
- Balbán Rivera, 182.  
 Baltasar da Encarnação, OSPPE (1684-1760), 614, 782.  
 Baltasar Luís da Fonseca (séc. XVIII), 922.  
 Baptista Vacca (?-?), 887.  
 Bartolomeu Brandão, Frei, OESA (1747-1804), 395.  
 Bartolomeu de Portalegre (?-?), 630.  
 Bartolomeu Lourenço de Gusmão, SJ (1685-1724), 1076.  
 Bartolomeu Soares de Lima Brandão (1725-1777), 922.  
 Bartolomeu Ziegenbalg (1682-1719), 977.  
 Belchior Manuel Curvo Semedo Torres de Sequeira, 922.  
 Belmiro Transtagano (1766-1838), 922.  
 Benevenuto António Caetano de Campos, Pe. (ca. 1778-ca. 1840), 485, 514, 599, 630.  
 Benjamin Schultze (1689-1760), 977.  
 Benjamin West [le Vieux] (1738-1820), 877.  
 Bento da Trindade, Frei, OSA (1768-?), 782.  
 Bento de Santa Maria, Frei, CSJE (?-?), 630, 655, 783.  
 Bento Morganti, Pe. (1709-?), 553, 1096.

- Bernardino das Chagas, Frei, OFM (?-?), 759.
- Bernardino José de Sena Freitas (1812-1910?), 1077.
- Bernardo Augusto de Madureira (1842-1926), 514.
- Bernardo Coelho de Oliveira (?-?), 783.
- Bernardo da Anunciação, Frei (1715-1773), 675.
- Bernardo da Conceição, Frei, OSB (fl. 1788), 721.
- Bernardo de Nantes, Frei, OFM<sup>Cap</sup> (séc. XVIII), 1053.
- Bernardo de Santa Maria Rosa, Frei, OFM (1714-?), 631, 661, 1116.
- Bernardo José Duarte (17?-18?), 783.
- Bernardo Maria de Cannecatim, Frei, OFM<sup>Cap</sup> (17?-18?), 1063.
- Bernardo Pinto dos Santos (?-?), 631.
- Bonnet, L., 156.
- Bossuet, Jacques Bénigne, 82, 175, 317, 318, 319, 320, 321, 461, 462, 473, 525, 552, 585, 772, 850, 1141, 1159, 1168, 1230, 1292, 1304, 1324, 1384, 1436.
- Braam, H., 201.
- Brás José Rebelo Leite, Pe. (séc. XVIII), 255, 395.
- Braun-Allioli, 200.
- Brentano, D., 201.
- Brooke Foss Westcott (1825-1901), 328.
- Bruno de São José (?-?), 655.
- Caetano Lopes de Moura (1780-1860), 1077.
- Caetano Manuel Martins de Barros (1712-?), 922.
- Caetano Maria Merati, Pe. (?-?), 675, 676.
- Camilo Castelo Branco (1825-1890), 46, 76, 255, 267, 408, 432, 486, 487, 553, 655, 803, 848, 849, 914, 917, 954.
- Camilo Maria Sarmiento de Figueiredo (?-?), 655.
- Carlo Borgo, SJ (1731-1794), 1121.
- Carlo Monaldi (1683-1760), 887.
- Carlos Baptista Garvo, 893.
- Carlos Couturier, Monsenhor (?-?), 1078.
- Carlos da Cunha e Meneses, Dom (1759-1825), 488.
- Carlos de Jesus Maria - 1, CRSA (1713-1747), 722.
- Carlos de Jesus Maria - 2, Frei, OFM (?-?), 395, 599.
- Carlos de Santo António, Frei, OFM (?-?), 553.
- Carlos do Cenáculo (?-?), 784.
- Carlos João Rademaker, SJ (1826-1885), 395, 440, 832, 923, 1116.
- Carlos José Caldeira (1811-1882), 396, 1040.
- Carlos Pinto de Almeida (1831-1899), 431, 433.
- Carlos Vieira da Silva (séc. XVIII), 1109.
- Carrières, Pe., 151, 1292.
- Casimiro José Marques de Abreu (1837-1860), 1078.
- Catarina Michaela de Sousa César e Lencastre (1749-1824), 923.
- Charles-François Bailargeon (1798-1870), 155.
- Charles François Houbigant, Pe., CO (1686-1784), 296.
- Charles Le Cène, 147.
- Christian Hermann Weisse (1801-1866), 313.

## C

- Caetano Brandão, Dom Frei, OFM (1740-1805), 112, 548, 759, 832, 861.
- Caetano da Fonseca, SJ (1694-17?), 783.
- Caetano da Silva Pinto (séc. XVIII), 886.
- Caetano de Gouvea Pacheco, Pe. (1696-1768), 783, 832.
- Caetano de São José, Frei, OCD (1657-1745), 784.



Christophorus Theodorus Walther (?-?), 978.  
 Cipriano de Valera, 180, 181, 188, 189, 190, 191, 192, 1424.  
 Cipriano José Cordeiro (séc. XIX), 1116.  
 Cirilo Volkmar Machado (1748-1823), 873.  
 Claude Laprade (ca. 1675-1738), 887.  
 Collingwood, Samuel, 194.  
 Colombano Bordalo Pinheiro (1857-1929), 888.  
 Confraria do Santíssimo Sacramento, 1121.  
 Constantino Álvares, Pe. (?-?), 599.  
 Corrado Giaquinto (1703-1766), 873.  
 Costanzo Giuseppe Beschi, SJ (1680-1747), 977.  
 Crampon, A., 156, 382, 1321.  
 Cristóvão Aires (1813-192?), 923.  
 Custódio da Silva Barbosa (séc. XVIII), 553, 631, 661, 676, 1121.  
 Custódio de Mesquita (séc. XVIII), 888.  
 Custódio M. Veloso, Pe. (1845-1910), 396.

## D

Damião de Froes Perim / João de São Pedro, Frei, OSJ (1692-?), 662, 833.  
 Darby, J. N., 155.  
 David Durand, 153.  
 David Friedrich Strauss (1808-1874), 306.  
 David Martin, 159, 169, 170, 171, 172, 173.  
 David Pérez (1711-ca. 1780), 730.  
 Delfim de Brito Guimarães (1872-1933), 923.  
 Diodati, 178, 1356.  
 Diogo António Feijó, Dom (1784-1843), 1078.  
 Diogo Barbosa Machado, Pe., CM (1682-1772), 833.

Diogo Brás Ximenes Dardra (séc. XVIII), 923, 954.  
 Diogo da Costa, pseud. (?-?), 631.  
 Diogo Luís de Carvalho, Pe. (1780-1859), 833.  
 Diogo Soares, SJ (1684-1748), 209.  
 Dionísio Bernardes de Moraes, Pe., CO (ca. 1680-depois de 1760), 424, 631, 1253.  
 Divoisin, J., 182.  
 D. Maria E. Leal (?-?), 1078.  
 Domingos António Sequeira (1768-1837), 874.  
 Domingos Caldas Barbosa, Pe. (ca. 1739-1800), 1079.  
 Domingos de Almeida e Patrício Malatesta (?-?), 888.  
 Domingos de Brito (1674-1740), 632.  
 Domingos de São José Varela, Frei, OSB (17?-183?), 722, 730.  
 Domingos do Rosário, Dom Frei, OFM (?-1778), 722, 834.  
 Domingos dos Reis Quita (1728-1770), 924.  
 Domingos José da Silva (1785-1863), 875.  
 Domingos José de Paiva (1817-1895), 723.  
 Domingos Lopes da Costa e Cruz, Pe. (?-?), 834.  
 Domingos Marques (?-?), 885.  
 Domingos Maximiano Torres / Alfeno Cynthio, pseud. (1740-1810), 257, 924, 1116.  
 Domingos Monteiro Torres (1807-1860), 954.  
 Domingos Queirós (séc. XVIII), 888.  
 Domingos Ribeiro França (séc. XIX), 662, 834.  
 Domingos Rodrigues Faia, Pe. (16?-17?), 614.  
 Domingos Sequeira (1768-1837), 889.

Domingos Vieira, Frei, OESA (?-1854),  
227, 834.  
Durand, 93, 151, 153, 170, 171, 173, 351,  
433, 535, 1397.

## E

Edmond Stapfer, 155.  
Édouard Reuss, 152.  
Eduardo Augusto Salgado (1833-1870),  
397.  
Eduardo Coelho Ferreira (ca. 18??), 676.  
Eduardo Pimenta (1865-1922), 397.  
Egídio José de Lorena (1802-1863), 834.  
Eleutério Franco Leal (1758?-1840?), 731.  
Elias José Francisco do Vale (?-1777),  
1030.  
Emanuel Vieira (?-?), 376.  
Emílio Aquiles Monteverde (1803-1881),  
227, 515, 835.  
Epicúreo Alexandrino (1704-?), 1104.  
Ernesto Lecomte, Pe. (séc. XIX), 1063.  
Ernest Renan (1823-1892), 267, 302,  
308, 397, 401, 431, 433, 1148.  
Escola de escultura de Mafra, 897.  
Escola de Granada, 897.  
Estêvão Czimermann, SJ (?-?), 1067.  
Estêvão de Jesus Maria, Dom (séc. XIX),  
554.  
Estêvão de Santo Ângelo, Frei, OCD  
(1671-1760), 606, 615.  
Estêvão de Santo António, Frei (?-?), 554.  
Eufrosina Pais de Noronha (1790-?),  
1022.  
Eugène Arnaud, 156.  
Eugène Ledrain, 157.  
Eugénio Bartolomeu Bocanera  
(séc. XIX), 488.  
Eugénio de Castro e Almeida  
(1869-1944), 924.  
Eugénio García, 182.  
Eugénio Gomes, Pe. (?-?), 1022.

Eugénio Ricardo Monteiro de Almeida  
(1826-1898), 731.  
Eugénio Trigueiros, Frei (séc. XIX),  
1022, 1031.  
Eusébio de Santa Maria, Frei, OFM  
(1675-ca. 1728), 784.  
Evaristo José de Araújo Basto  
(1821-1865), 924.  
Ezequiel de Figueiredo (?-?), 835.

## F

F. A. Carlos das Neves (?-?), 632.  
Faustino da Graça, Frei, OESA (?-?),  
1023.  
Faustino José da Madre de Deus  
(1773-1833), 1129.  
Fausto Guedes Teixeira (1871-1940), 924.  
F. A. V. Sequeira (?-?), 615.  
F. da Conceição P. Cabral (?-?), 600.  
Feliciano C. Coelho (1895-?), 1023.  
Feliciano da Cunha França (1719-1760),  
1097.  
Feliciano de Nossa Senhora, Dom Frei,  
867.  
Feliciano Xavier da Conceição, Frei, OSJ  
(séc. XVIII), 784.  
Félix Adausto da Cunha, et alli (?-?), 889.  
Félix Moreno de Monroy y Ros (?-?), 554.  
Félix Torres Amat († 1847), 182, 187,  
188.  
Fenton John Anthony Hort (1828-1892),  
328.  
Ferdinand Christian Baur, 314.  
Fernandes Costa (1848-1920), 925.  
Fernando de Abreu e Faria (1664-1737),  
760.  
Fernando de Sousa e Silva, Dom  
(1712-1786), 600, 1122.  
Fernando / Fernão Pereira de Brito  
(1640-ca. 1722), 760.  
Fernando Pereira Palha Osório Cabral  
(1824-1890), 925.

- Fernando Teles da Silva Caminha e Meneses / 4.º Marquês de Penalva (1754-1818), 397.
- Fernando Tomás de Brito, Pe. (1832-1911), 835.
- F. F. da Silva Vieira (1831-1885), 397.
- Filipe Benício, Pe. (?-?), 1079.
- Filipe Caetano da Trindade (ativo entre 1777-1804), 889.
- Filipe da Silva (?-?), 886, 889.
- Filipe de Santiago Travassos, Frei, OSPPE (1746-?), 784.
- Filipe Scio de San Miguel, 182, 1192.
- Filippo Giovanni Tanzi (?-?), 889.
- Filoteio Pereira de Andrade (1864-1934), 1023.
- Fortunato de São Boaventura, Dom Frei, OCist (1778?-1844), 257, 376, 405, 488, 515, 615, 632, 656, 663, 760, 795, 835, 1129.
- Fortunato dos Santos Neto (séc. XVIII), 676.
- F. Preto Pacheco (?-?), 554.
- Francesco Maria Schiaffino (1688-1763), 889.
- Francesco Trevisani (1656-1746), 875.
- Francisca de Chantal Álvares, Soror, VSM (séc. XVIII), 515.
- Francisco Alexandre Lobo, Dom Frei, OSB (1763-1844), 210, 676, 868.
- Francisco António da Cunha de Pina Manique (1814-1883), 836.
- Francisco António de São José, Frei, OFMCap (1720-?), 1097.
- Francisco António de São José Garcia (?-?), 554.
- Francisco António Ferreira (?-?), 515.
- Francisco António Norberto dos Santos Pinto (1815-1860), 731.
- Francisco António Rodrigues de Azevedo, Pe. (1809-1897), 361, 677, 784.
- Francisco Brandão, Frei (?-?), 1122.
- Francisco Coelho da Silva (ca. 1786), 398, 489, 632.
- Francisco Correia (?-?), 873.
- Francisco Correia de Portocarreiro, Pe. (ca. 18??), 398, 1129.
- Francisco da Anunciação, Frei, OESA (1668-1720), 589.
- Francisco da Boa Hora, Frei, OFMCap (séc. XVIII), 785.
- Francisco da Conceição, Frei, OFM (fl. 1779), 554.
- Francisco da Madre de Deus Pontes, Frei, OFM (?-?), 785.
- Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho, Dom Frei, OESA (1780-1859), 515.
- Francisco da Natividade, Frei, OSB (?-1765), 516, 836.
- Francisco da Paz, OFM, Frei (1731-1798), 377.
- Francisco da Trindade, Frei, OFM (séc. XVIII), 210, 516.
- Francisco da Visitação de Massarelos, Frei, OFM (1702-1750), 210.
- Francisco de Almeida, Pe. (1701-1745), 516.
- Francisco de Arantes (1783-1870), 489, 1079.
- Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar / 2.º Conde de Samodães (1828-1918), 398, 474, 489, 554, 600, 632.
- Francisco de Jesus Maria Sarmiento, Frei, OFM (1713-1790), 216, 227, 228, 234, 238, 251, 361, 362, 517, 555, 595, 606, 649, 656, 677, 732, 760, 785, 836, 1109, 1122, 1201, 1202, 1204, 1205, 1324.
- Francisco de Matos Calado, Frei (?-1807/12), 836.
- Francisco de Matos, SJ (1636-1720), 517, 555, 632, 786.

- Francisco de Paula e Azevedo (1815-1834), 732.
- Francisco de Paula Ferreira de Resende (1832-1893), 1079.
- Francisco de Penamacor Barba Rica, Frei, OFM (?-?), 556.
- Francisco de Pina e de Melo, Pe. (1695-1773), 490.
- Francisco de Pina e de Melo, Pe. (1695-ca. 1775), 257, 1097.
- Francisco de Salazar, SJ (?-?), 556.
- Francisco de Saldanha da Gama (1723-1776), 490.
- Francisco de Sales Ferreira (?-1860), 1063.
- Francisco de Santa Rosa de Viterbo - 1, Dom Frei, OFM (?-1750), 556, 633, 761.
- Francisco de Santa Rosa de Viterbo - 2, Frei, OFM (1744-1822), 557, 786.
- Francisco de São Boaventura, Frei, OCarm (1773-1802), 733.
- Francisco de São Carlos, Frei, OFM (1763-1829), 1080.
- Francisco de São Luís Rebelo, Frei, OSP (séc. XVIII), 490, 786.
- Francisco de Sousa de Almada (1676-?), 557, 786, 925, 955.
- Francisco de Toledo, SJ (1694-1784), 466.
- Francisco Dias Gomes (1745-1795), 211.
- Francisco do Monte Alverne, Frei, OFM (1748-1858), 1080.
- Francisco do Rego Maia, Dom (1850-1928), 1080.
- Francisco Eduardo da Costa (1819-1855), 733.
- Francisco Fernandes de Guimarães Fonseca (1838-?), 258, 597.
- Francisco Ferreira Barreto, Pe. (1790-1815), 258, 1081.
- Francisco Forjaz, Frei, OSA (ca. 1814), 401.
- Francisco Gomes da Fonseca, Pe. (ca. 1786), 678.
- Francisco Gomes de Avelar, Dom Frei, CO (1739-1816), 557, 837.
- Francisco Gomes de Sequeira, Frei (1687-?), 517, 656.
- Francisco Gomes do Avelar, Dom, 867.
- Francisco Gomes, SJ (1661-1741), 787.
- Francisco Inácio Solano (1720-1800), 723.
- Francisco Jacinto Jevoy (?-?), 518.
- Francisco Joaquim Bingre (1763-1856), 925.
- Francisco José de Campos (?-?), 657.
- Francisco José Duarte de Macedo (?-?), 558.
- Francisco José Freire / Cândido Lusitano, pseud., Pe., CO (1719-1773), 64, 258, 558, 761, 787.
- Francisco Leite Bettencourt Sampaio (1834-1891), 1081, 1109.
- Francisco Lobo Correia de Barros (ca. 18?), 600.
- Francisco Lourenço Rosado (?-ca. 1820), 491.
- Francisco Luís de Seabra, Pe. (1818-1878), 558, 787, 838.
- Francisco Manuel do Nascimento / Filinto Elísio, pseud., Pe. (1734-1819), 268, 491.
- Francisco Manuel Vaz (?-?), 491.
- Francisco Martins, Pe. (ca. 18?), 398, 787.
- Francisco Mendes Alçada de Paiva (18?-?-?), 441, 788.
- Francisco Pereira Campanhã (?-?), 889.
- Francisco Rafael da Silveira Malhão (1794-1860), 679, 733, 788, 1129.
- Francisco Recreio, Pe. (1800-1857), 258, 399, 1109.
- Francisco Rego, Pe. (?-?), 1024.

- Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva (ca. 1834-1900), 211, 363, 399, 518.  
 Francisco Rolando (?-?), 590, 663.  
 Francisco Soares Franco Júnior, Frei (1829-1867), 789.  
 Francisco Vaz de Guimarães (séc. XVI), 1024.  
 Francisco Vieira de Matos / Vieira Lusitano (1699-1783), 875.  
 Francisco Vieira Júnior / Vieira Portuense (1765-1805), 876.  
 Francisco Vilela (?-?), 679.  
 Francisco Xavier Cândido Guerreiro (1871-1953), 925.  
 Francisco Xavier de Brito (?-1751), 889.  
 Francisco Xavier de Meneses (1673-1743), 54.  
 Francisco Xavier de Oliveira / Cavaleiro de Oliveira (1702-1783), 399, 1098.  
 Francisco Xavier de Santana, Frei, OFM (18??), 679, 1031.  
 Francisco Xavier do Rego, Frei, CR (1692-1738), 558, 789.  
 Francisco Xavier Fabri (1761-1807), 890.  
 Francisco Xavier, Frei, OCarm (séc. XVIII), 1031.  
 Francisco Xavier Gomes de Sepúlveda (1761-1851), 600.  
 Francisco Xavier Lobo (séc. XVIII), 876, 1117.  
 Francisco Xavier Rondina, SJ (?-?), 1024.  
 François Pierre Mésenguy, 169.  
 Friedrich-Daniel-Ernst Schleiermacher (1768-1834), 311.  
 Fulcran Grégoire Vigouroux (1837-1915), 328.
- G**
- Gabriel Coutinho, Pe. (?-?), 789.  
 Gabriel Ferreira Rego, Pe. (?-ca. 1790), 789.  
 Gabriel Malagrida, SJ (1689-1761), 1098.  
 Garcia da Rocha Dinis (ca. 18??), 789.  
 Gaspar de Bragança, Dom, 867.  
 Gaspar de São Miguel, Frei (séc. XVIII), 1024.  
 Gaspar de Sousa (?-?), 789.  
 Gaspar Ferreira (séc. XVIII), 907.  
 Gaspar Leitão da Fonseca (1680-depois de 1759), 926.  
 Gaston Camille Charles Maspero (1846-1916), 330.  
 Gaume, Cónego, 146, 151, 152, 254, 403, 406, 503, 504, 536, 615, 653, 838, 848, 849, 866.  
 G. de Vasconcelos Abreu (séc. XIX), 1031.  
 Genoude, 146, 168, 169, 434.  
 George Smith (1840-1876), 324.  
 Georg Philipp Rugendas II (1701-1774), 879.  
 Georg Wilhem-Friedrich Hegel (1770-1831), 310.  
 Gertrudes Margarida de Jesus (fl. 1761), 491.  
 Gioacchino Fortini (?-?), 890.  
 Giovanni Battista Maini (1690-1752), 890.  
 Giovanni Diodati, 178.  
 Giovanni Odazzi (?-?), 876.  
 Girolamo Ticcianti (?-?), 890.  
 Giuseppe Baratta (?-?), 890.  
 Giuseppe Broccetti (1684-1733), 891.  
 Giuseppe Cades (?-?), 891.  
 Giuseppe Lironi (1689-1746), 891.  
 Giuseppe Piamontini (1664-1722), 891.  
 Glaire, Jean Baptiste, 173, 214, 215, 328, 329, 1214, 1284, 1315, 1321, 1324, 1405.  
 Gotthold Ephraïm Lessing (1729-1781), 304.  
 Gregório João de Brito, 1176, 1177, 1266.  
 Gregório Salas, 181.

Gregório Xavier Vivas Osório  
(séc. XVIII), 790.  
Guilherme Braga (1843-1874), 926.  
Guilherme de Aguiar Azevedo (16?-17?),  
657, 926.  
Guilherme Dias da Cunha (ca.  
1844-1907), 441.  
Guilherme Eusébio Andrews (?-?), 400.  
Guilhermino Augusto de Barros  
(1835-1900), 926.  
Guillermo Norton, 180.  
Gustavo de Bivar Pinho Lopes (1864-?),  
1067.

## H

H. A. Perret-Gentil, 155.  
Heinrich Eberhard Gottlob Paulus  
(1761-1841), 308.  
Henri Lasserre, 174.  
Henrique Carlos Correia, Frei, OSant  
(1680-1747), 733.  
Henrique Carlos Midosi (1824-1904),  
927.  
Henrique da Silva Barbosa, Pe.  
(1819-1870), 838.  
Henrique de Andrea (?-?), 492.  
Henrique José de Castro, Pe.  
(1764-1829), 559, 790, 955.  
Hermann Günkél (1862-1932), 300.  
Hermann Samuel Reimarus (1694-1768),  
303.  
Hermenegildo, Frei, OFM (?-?), 615.  
Hieronymo de Siqueira / Jerónimo de  
Sequeira, Pe. (séc. XVII), 998.  
Hipólito Moreira, SJ (1687-1746), 633,  
790.  
Hugues Oltramare, 146.

## I

Ildefonso da Madre de Deus, Frei, OSA  
(1737-?), 559.

Iluminato del Borgo San Sepolcro, Frei,  
OFMCap, 1099.  
Inácio António Celestino, Pe.  
(séc. XVIII), 734.  
Inácio António de Almeida (1760-1825),  
734.  
Inácio Barbosa Machado (1686-1766),  
679.  
Inácio da Conceição, Frei, OCD  
(?-ca. 1759), 1081.  
Inácio da Purificação, Frei (?-?), 790.  
Inácio de Melo, Pe., CO (?-?), 633.  
Inácio de Oliveira Bernardes (1697-1781),  
876.  
Inácio de São Caetano, Dom Frei, OCD  
(1718-1788), 518, 606, 663, 839.  
Inácio Ferreira do Souto (séc. XVIII),  
400.  
Inácio Leão de Sá (?-?), 1053.  
Inácio Lopes de Moura (16?-1709), 657,  
762.  
Inácio Monteiro, SJ (1724-1812), 64, 82.  
Inácio Xavier Gaioso / Gayoso (ca. 1823),  
1130.  
Inocêncio das Sete Dores, Frei  
(séc. XVIII), 559.  
Isaac de Beausobre, 147.  
Isaac Delgado (?-?), 272.  
Isac / Jácome Gonçalves, Pe., CO  
(?-1742), 1038.

## J

Jacinto de São Miguel, Frei, OSJ  
(1692-1763), 790.  
Jacinto Fernandes (1821-1904), 1130.  
Jacinto, Pe. (?-?), 519.  
Jacob de Andrade Velosino (1675-?), 273.  
Jacob de Selomoh Hisquijahu Saruco  
(?-1756), 273.  
Jacob / Henrique de Castro Sarmento  
(1691-1761/62), 273.  
Jacques Bénigne Bossuet, 175, 525, 552.

- Jacques Lenfant, 147.  
 Jaime de Magalhães Lima (1859-1936), 239.  
 J. A. X. de Magalhães (1833-1902), 401.  
 J. Barros Laborão (?-?), 892.  
 J. B. Canaes de F. Castelo Branco / Elmino, pseud. (?-?), 1130.  
 J. B. de São Vítor (?-?), 762.  
 J. Divoisin, 182.  
 Jean Astruc (1684-1766), 323.  
 Jean Jacques Bourassé, 175.  
 Jean Le Clerc, 169.  
 Jean Thouvenin (1765-1828), 877.  
 Jerónimo Contador de Argote / Caetano Maldonado da Gama, Pe. (1676-1749), 373, 791.  
 Jerónimo da Silva (1687-1753), 877.  
 Jerónimo de Beja, SJ (?-?), 839.  
 Jerónimo de Belém / Fortunato Lopes de Oliveira, Frei, OFM (1692-1760?), 560, 616, 735, 762, 1122.  
 Jerónimo Ezequiel da Costa Freire (ca. 18??), 927.  
 Jerónimo Francisco de Lima (1741-1822), 735.  
 Jerónimo Peres (?-?), 839.  
 Jerónimo Soares Barbosa, Pe. (1737-1816), 363, 1122.  
 J. F. Verhnes (?-?), 1081, 1130.  
 J. F. X. Wurth, 154.  
 J. Guilhermini (?-?), 790.  
 J. N. Darby, 155.  
 Joana Maria Angélica Medugis, Soror, OSC (?-?), 590.  
 João Agostinho de Mentone, Frei (?-?), 1123.  
 João António Bellini (1690?-1755?), 891.  
 João António Bezerra de Lima, Pe. (1737-1812), 1099.  
 João António Correia (1822-1896), 877.  
 João António da Costa e Andrade (1702-?), 1099.  
 João António de Moraes (?-1875), 839.  
 João António Vila Vicêncio (1750-1794), 877.  
 João Antunes, Pe., CO (?-ca. 1747), 560, 762.  
 João Baptista Bonavie (séc. XVIII), 601.  
 João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854), 76, 389, 604, 629, 648, 927, 929, 930, 1109, 1114.  
 João Baptista de Castro, Pe. (1700-1775), 268, 442, 560, 680, 763, 1099.  
 João Baptista, Frei, OSA (1733-1788), 401, 560.  
 João Baptista Gomes Júnior (?-1803), 955.  
 João Baptista Morelli de Castelnovo, Frei, OFM (séc. XVIII), 1024.  
 João Baptista Pinto Saraiva (1866-1948), 930.  
 João Barba Rica, Frei, OCist (1673-1729), 561, 663.  
 João Batista Pachini (?-1740), 892.  
 João Campos Lima (18??), 433.  
 João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun / Duque de Saldanha (1790-1876), 519.  
 João Cosme da Cunha, Frei Dom, OCRSA (1715-1783), 466, 826, 839.  
 João Crisóstomo da Veiga, Pe. (1796-18??), 240, 561.  
 João Crisóstomo de Amorim Pessoa, Dom (1810-189?), 1025.  
 João da Apresentação Campeli, Frei, OFM (?-1756), 363-384.  
 João da Cruz, Dom Frei, 867.  
 João da Cunha Jaques, Pe. (?-?), 1025.  
 João da Encarnação, Dom Frei, CRSA (?-?), 377.  
 João da Madre de Deus Araújo, Frei, OSA (1760-1843), 401, 561, 601, 791, 844.  
 João Daniel, SJ (1722-1776), 1057.



- João das Chagas, Frei, OFM (?-1727), 590.
- João da Silva (?-?), 1053.
- João da Silva Ferreira, Dom (?-?), 844.
- João da Soledade Morais, Dom Frei, OSA (1799-1870), 724, 845.
- João de Abreu Pessoa (?-1830), 724.
- João de Almeida Portugal / 2.º Marquês de Alorna (1726-1802), 466.
- João de Deus de Nogueira Ramos (1830-1896), 597, 735, 930.
- João de Deus, Frei, OESA (1732-179?), 363.
- João de Faro, Dom Frei, OFM (1676-1741), 259.
- João de Jesus Cristo, Frei, OFM (?-?), 561.
- João de Lemos Seixas Castelo Branco (1819-1890), 492, 932.
- João de Monsaraz, Frei, OFM (séc. XVIII), 1123.
- João de Morais Madureira Feijó, SJ (1688-1741), 373.
- João de Nossa Senhora da Anunciação, Frei, OSA (1718-?), 492, 664.
- João de Nossa Senhora da Porta Siqueira, Frei, OESA (?-1797), 562, 791.
- João de Nossa Senhora, Frei, OFM (1701-1758), 633, 657, 763, 792.
- João de Santa Helena, Frei, CRSA (1700-1756), 364.
- João de São José do Prado, Frei, OFM (?-?), 590, 680.
- João de São Pedro, Frei, OSJ (1692-?), 662, 833.
- João de Sousa Carvalho (1745-1798), 735.
- João de Sousa, Frei, OFM (1734-1812), 364.
- João de Vasconcelos Sousa Castro e Melo / Dom João de Castro (1871-1955), 933.
- João Domingos Bomtempo (1775-1842), 736.
- João Duarte Beltrão, Pe. (1769-1851), 401.
- João Ernesto Hanxleden, SJ (?-?), 1031.
- João Esberard, Dom (1843-1897), 1081.
- João Evangelista Braga (?-?), 1123.
- João Evangelista da Cruz e Costa (1755-?), 763.
- João Evangelista de Lemos (?-?), 402.
- João Evangelista de Morais Sarmiento, Pe. (1773-1826), 792.
- João Evangelista, Frei, OSA (1685-1748), 793.
- João Evangelista Pereira da Costa (1798-1832), 736.
- João Félix Pereira (1822-1891), 240, 259, 845, 934.
- João Ferreira de Almeida, 32, 205, 208, 394, 437, 447, 595, 970, 979, 984, 986, 998, 1010, 1013, 1048, 1049, 1188, 1207, 1430, 1431.
- João Filipe Betendorf, SJ (1625-1698), 1053.
- João Filippo (?-?), 633.
- João Francisco Caetano José Lobo (1870-1953), 1025.
- João Franco, Frei, OP (?-?), 633, 764, 793, 845.
- João Glama Storberle (ca. 1708-1792), 878.
- João Gonçalves Zarco da Câmara (1852-1908), 934.
- João Honorato, SJ (1690-1768), 1082.
- João Jacinto de Magalhães, Pe. (1722-1790), 364, 493.
- João Joaquim da Silva Guimarães (ca. 1798-1858), 1057.
- João Joaquim de Almeida Braga (1836-1871), 432, 562, 934.
- João Joaquim Pinto, Cónego (?-?), 259.
- João Jordani (1793-1860), 737.
- João José Baldi (1770-1816), 737.
- João José Pinto de Vasconcelos (17??-18??), 764.

- João Manuel Correia (?-?), 519.
- João Manuel de Lemos, Dom, 868.
- João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, Dom (1815-1889), 459, 520, 607, 680, 793.
- João Martins (?-?), 562.
- João Mendes da Fonseca (?-?), 681.
- João Mendes da Silva / Fernando Joaquim de Sousa, pseud. (1656-1736), 1082.
- João Nunes de Abreu (?-1738) et alii, 878.
- João Nunes de Andrade (?-?), 1057.
- João Pacheco, Frei, OSA (1677-?), 591.
- João Pereira Botelho de Amaral e Pimentel, Dom (1815-1889), 793.
- João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho (1722-1799), 466, 1082.
- João Piçarra (?-?), 562.
- João Ramos de Azevedo Coutinho (séc. XVIII), 59.
- João Rebelo Cardoso de Meneses (1832-1890), 681.
- João Rodrigues Chaves (1704-?), 520.
- João Rodrigues Cordeiro (1826-1881), 737.
- João Rodrigues Esteves (ca. 1700-ca. 1755), 738.
- João Rosado Vilalobos e Vasconcelos (?-ca. 1786), 520, 562.
- João Severiano Maciel da Costa (1796-1833), 1057.
- João Soares da Cunha (?-?), 563.
- João Tedeschi (1811-1856), 240.
- João Vaz Barradas (1689-1763?), 724.
- João Vieira (?-?), 442.
- João Xavier de Matos / Albano Erythreo (1730-1789), 634, 1100.
- Joaquim Afonso Gonçalves, Pe. (1781-1841), 1041.
- Joaquim Alberto de Azevedo / Joaquim da Encarnação, Frei, OSA (1724-1798), 212, 240, 365, 616, 649, 764, 794, 846.
- Joaquim Alves da Hora (?-?), 442.
- Joaquim Alves de Sousa, Pe. (1825-1892), 374, 520, 657.
- Joaquim Alves Mateus, Pe. (1837-1903), 794.
- Joaquim António de Macedo (?-?), 892.
- Joaquim Bernardes de Santa Ana, CRSA (1692-ca. 1770), 493, 681, 794.
- Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818), 873, 875.
- Joaquim Casimiro Júnior (1808-1862), 738.
- Joaquim Cordeiro Galão (fl. 1789-ca. 1830), 738.
- Joaquim das Neves Ribeiro (séc. XVIII), 657.
- Joaquim de Azevedo, Frei, OSA (1746-1808), 402, 607.
- Joaquim de Fóios, Pe., CO (1733-1811), 1100.
- Joaquim de Macedo, Pe. (?-?), 846.
- Joaquim de Meneses e Ataíde, Frei, OSA (1765-1828), 739.
- Joaquim de Miranda Rebelo (?-ca. 1821), 563.
- Joaquim de Nossa Senhora da Nazaré, Dom Frei, OFM (1776-1851), 212, 214, 251, 438, 460, 846, 868, 1054.
- Joaquim de Santa Ana Carvalho, Dom Frei, OMC (1755-1833), 847.
- Joaquim de Santa Ana Fernandes (1755-1833), 1025.
- Joaquim de Santa Clara Brandão, Dom Frei, OSB (1740-1818), 59, 60, 61, 259, 365, 366, 395, 1123, 1168.
- Joaquim de Santana, OSP (1720-1782), 795.
- Joaquim de Santa Rita, Frei, OSA (174?-1770), 563.

- Joaquim de Vale dos Prazeres / Pedro Zaquias de Vale de Jerem, pseud., Frei, OFM (?-?), 664.
- Joaquim do Rosário, Frei, OFM (?-?), 563, 616, 657.
- Joaquim Filipe Vitorino Botelho (1852-1932), 1026.
- Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa, Pe. (17?-1812?), 955.
- Joaquim Gomes Teixeira (séc. XVIII), 402.
- Joaquim Guilherme Gomes Coelho / Júlio Dinis, pseud. (1839-1871), 934.
- Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879), 1032.
- Joaquim Inácio de Frias, Pe. (1749-1805), 665.
- Joaquim José Coelho de Carvalho (1852-1934), 597, 935.
- Joaquim José da Costa e Sá (ca. 1740-1803), 260, 681, 847, 936.
- Joaquim José de Barros (?-?), 892.
- Joaquim José Moreira de Mendonça (1747-1823), 1100.
- Joaquim José Pacheco e Sousa, Dom (1769-1857), 402.
- Joaquim José Pedro Lopes (1778?-1840), 403, 1130.
- Joaquim Lopes Carreira de Melo (1816-1885), 242, 847.
- Joaquim Machado de Castro (1731-1822), 892.
- Joaquim Pais de Sobral (ca. 18?), 521.
- Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894), 521.
- Joaquim Pinto de Campos, Mons. (1819-1887), 446, 448, 449, 848, 1083, 1137.
- Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), 330.
- Joaquim Rafael (1783-1864), 878.
- Joaquim Rebelo de Santa Ana, 1177.
- Joaquim Ribeiro da Costa, Pe. (ca. 1835), 739.
- Joaquim Ribeiro, Pe. (?-?), 795.
- Joaquim Simões da Silva Ferraz (1834-1875), 403, 848.
- Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843-1924), 403, 936.
- Johan Friedrich Ludovice (1673-1752), 893, 907.
- Johan Gottfried Eichhorn (1752-1827), 296.
- Johan Maurits Mohr (1716-1775), 1018.
- Johann Andréas Pfeffel, 879.
- Johann Dietenberger, D., 200.
- Johann-Georg Bergmiller (1688-1762), 879.
- Johann Gottfried Herder (1744-1803), 296.
- Johann Jakob Griesbach (1745-1812), 312.
- Johann Lorenz Rugendas I, (ca. 1730-1799), 879.
- Johann Tobias Beck (1804-1878), 298.
- Joly de Fleury, 177.
- Jorge Hilário de Almeida (1829-1883), 936.
- José Acúrsio das Neves (1766-1834), 260.
- José Agostinho de Macedo, Pe., OESA (1761-1831), 331, 404, 493, 564, 634, 795, 937.
- José Aires, SJ (1672-1730), 658.
- José Álvares de Araújo (?-?), 893, 895.
- José Alves de Mariz, Dom, 869.
- José Alves Mosca (1771-1830), 739.
- José Amaro da Silva, Pe. (séc. XVIII), 521, 937.
- José António da Conceição Vieira, Pe. (1831-?), 260, 405, 764.
- José António da Silva Rego (séc. XVIII), 215.
- José António de Araújo Vellozo (ca. 1778-1824), 955.

- José António de Magalhães, Pe., CM (1786-1860?), 849.
- José António Monteiro Bravo, Frei, OSant (1710-depois de 1740), 799.
- José António Uriarte, 182.
- José Antunes Lima (17?-18?), 849.
- José Augusto Caldas (séc. XIX), 1058.
- José Barbosa, Frei (1674-1750), 765, 799.
- José Barbosa Leitão (?-?), 564.
- José Benjamim Rodrigues, Pe. (séc. XIX), 1026.
- José Bernardino, SJ (1663-1738), 522, 564, 765.
- José Bonifácio de Andrada e Silva - 1 (1763-1838), 1084.
- José Bonifácio de Andrada e Silva - 2 (1827-1886), 938.
- José Botelho Torrezão, Frei, OSP (17?-1806), 800.
- José Caetano de Mesquita e Quadros, Pe. (1726-1799), 260, 522, 616, 800, 849.
- José Caetano de Sousa, Frei, OCD (1717-1798), 681.
- José Caetano, Frei, OSJ (1670-1746), 260, 800.
- José Cláudio de Almeida (ca. 1802-1815), 739.
- José Clemente, Pe., CO (1720-1798), 765.
- José Coelho de Noronha (1704-1765), 893.
- José Correia de Sá (séc. XIX), 634.
- José Cortez Solposto (17?-18?), 1084.
- José da Assunção - 1, Frei, OSA (?-1751), 681.
- José da Assunção - 2, Dom Frei, OFM (1781-1841), 493, 617, 800, 850.
- José da Assunção - 3, Frei, OSA (séc. XVIII-XIX), 739.
- José da Conceição, Frei, OSJ (1654-1754), 801.
- José da Costa Negreiros (1714-1759), 879.
- José da Fonseca Lima (?-?), 879.
- José da Madre de Deus, Frei, OFM (ca. 1766), 658.
- José da Natividade de Seixas, Frei, CSSJE (1661-1740), 801.
- José da Natividade, Frei, OP (1709-ca. 1759), 658, 765.
- José da Purificação, Frei, OP (1673-1746), 801.
- José da Quietação, Frei, OFM (?-1751), 634, 766, 801.
- José da Silva Mendes Leal (1820-1886), 494, 938.
- José da Trindade, Frei, OESA (1709-1759), 215, 564, 635.
- José de Almeida (1708-?), 893.
- José de Almeida Dracke, Frei, OFM (1778-1828), 802.
- José de Andrade de Moraes, Pe. (1701-?), 802.
- José de Araújo Lima, Pe. (séc. XVIII), 802.
- José de Araújo, SJ (1681-1759), 425, 494, 522.
- José de Beringel, Frei, OFM (?-?), 261.
- José de Castro (1868-1929), 467.
- José de Goes, Pe. (?-?), 1123.
- José de Jesus Maria - 1, Frei, OFMCap (1690-1752), 666.
- José de Jesus Maria - 2, OFM (16?-17?), 649.
- José de Lima, Frei, OSA (1759-1847), 802.
- José de Lisboa (?-?), 650.
- José de Mesquita Falcão (?-1773), 261.
- José de Oliveira Trovão e Sousa (fl. 173?), 725.
- José de Santa Catarina (?-?), 635.
- José de Santa Escolástica, Dom Frei, OSB (1742-1814), 1265.
- José de Santa Rita Durão, Frei, OESA (1722-1784), 1084.
- José de Santa Rita Marques e Silva, Frei (1782-1837), 740.

- José de Santo António - 1, Frei, OESA (16?-1727), 766.
- José de Santo António - 2, Frei, OFM (séc. XVIII), 740.
- José de Santo António Ferreira Vilaça, Frei, OSB (1731-1809), 893.
- José de São Bernardino Botelho, Frei, CRSJE (1742-1827), 564, 608.
- José de São Gualter Lamatite, pseud., Frei, OFM (1692-1755), 1117.
- José de Seabra da Silva (1732-1813), 426, 467, 1255.
- José de Seixas e Vasconcelos (?-?), 635, 850.
- José de Sousa Albuquerque (1857-1933), 242.
- José de Sousa Amado (1812-1878), 405, 442, 466, 617, 635, 766, 851.
- José de Urculu, Pe., OMC (?-1852), 851.
- José de Virués, 182.
- José do Coração de Jesus / Almeno, pseud., Pe. (séc. XVIII), 938.
- José do Espírito Santo Monte, Frei, OFM (1728-?), 725.
- José do Sacramento Pessoa, Frei, OFM (17?-18?), 802.
- José Eloy Otoni (1764-1851), 1085.
- José Felisberto da Silva Trigueiros (1767-1845), 494.
- José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia, Pe. (17?-1841), 939.
- José Fernando de Sousa (1855-1942), 1130.
- José Francisco Miguel António de Mendonça, Dom, 867.
- José Francisco Trindade Coelho (1861-1908), 405.
- José Franco de Sousa (?-?), 495.
- José Gonçalves de Aguiar, Pe. (1831-?), 406, 617, 650, 1117.
- José Gouveia de Almeida, Pe. (?-?), 852.
- José Gregório Lopes da Câmara Sinval (1806-1857), 803.
- José Henriques de Almeida (séc. XVII-XVIII), 274.
- José Inácio de Abreu e Lima (1795-1869), 448, 449, 460.
- José Inácio Pinheiro (?-?), 682.
- José Inácio Roquete, Frei, OFM (1801-1870), 242, 522, 591, 601, 617, 666, 682, 803, 852, 1117.
- José Isidoro Rodrigues (?-?), 939.
- José Jacinto Nunes de Melo, Pe. (1740-1814), 495, 635, 939, 1123.
- José Joaquim de Azevedo e Moura, Dom (1794-1876), 459.
- José Joaquim de Nossa Senhora (séc. XVIII), 564.
- José Joaquim de Sena Freitas, Pe. (1840-1913), 331, 406, 443, 495, 565, 804, 1118, 1124, 1251.
- José Joaquim dos Santos (1748-1801), 741.
- José Joaquim Nunes (1859-1932), 1124.
- José Joaquim Pires de Moraes, Pe. (1803-?), 523.
- José Joaquim Poças, Pe. (178?-18?), 852.
- José Joaquim Rebelo Maia (?-?), 409.
- José Joaquim Rodrigues de Bastos (1777-1862), 565.
- José Luís Coelho Monteiro (?-?), 1130.
- José Luís de Sousa Monteiro (17?-18?), 853.
- José Luís Gomes de Moura, Pe. (?-1817), 742.
- José Maine, Frei, OFM (1723-1792), 495.
- José Manuel Dantas Pereira (?-?), 684.
- José Manuel de Lemos, Dom, 459.
- José Manuel Groot (séc. XIX), 432.
- José Manuel Pereira Cortes e Silva (?-1767), 804.
- José Marcelino Temudo (?-?), 409.

- José Maria da Cunha Seixas (1836-1895), 523.
- José Maria da Fonseca e Évora, Dom Frei, OFM (1690-?), 410, 666, 684, 853.
- José Maria d'Almeida e Araújo Correia de Lacerda / José de Lacerda, Dom Frei, OSA (1802-1877), 409, 804, 853.
- José Maria Dantas Pereira de Andrade (1772-1836), 215.
- José Maria da Piedade de Lencastre (1819-1870), 939.
- José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Mártens, Dom (1815-1884), 853.
- José Maria de Almeida Ribeiro, Pe. (séc. XVIII), 804, 1124.
- José Maria de Eça de Queirós (1845-1900), 766.
- José Maria de Santana Noronha, Dom Frei (1761-1829), 804.
- José Maria de Sousa Monteiro (1846-1909), 495.
- José Maria do Casal Ribeiro (1825-1896), 496.
- José Maria Rodrigues Monteiro, Pe. (1789-?), 684.
- José Marques de Santa Rita e Silva (?-1837), 743.
- José Martins Tinoco (?-?), 879.
- José Maurício (1752-1815), 725, 743, 745.
- José Máximo Lopes da Silva Rebelo (?-?), 245.
- José Máximo Rangel (17??-1823), 410.
- José Miguel João de Portugal (1706-1775), 636, 667.
- José Monteiro de Oliveira (?-1756), 667.
- José Morato Roma, Pe. (ca. 1757-ca. 1828), 1131.
- José Moreira de Azevedo (?-?), 1100.
- José Nunes de Oliveira e Sousa (?-?), 650, 805.
- José Pedro da Transfiguração, Frei, OFM (ca. 1760-1792), 366, 805.
- José Pedro Soares (17?-1843), 684.
- José Pereira de Sampaio / Sampaio Bruno, pseud. (1875-1915), 410.
- José Pereira do Nascimento (1861-1913), 1063.
- Joseph Benoliel (1888-1937), 274.
- José Pimenta, Pe., CO (?-1738), 636.
- José Pires de Carvalho de Albuquerque (1701-1760), 1086.
- José Possidónio Estrada, Frei, OSST (?-?), 411, 806.
- José Ramos Coelho (1832-1914), 939.
- José Roberto Monteiro de Campos Coelho e Sousa (ca. 1778-1791), 523.
- José Rodrigues da Costa (séc. XVIII), 245.
- José Romano (1825-1887), 566.
- José Sebastião Neto, Dom, 869.
- José Simões de Almeida (1866-1942), 894.
- José Simões Dias (1844-1899), 939.
- José Thomas Borges, SJ (?-?), 806.
- José Valério da Cruz, Dom, CO (1749-1826), 853.
- José Vieira Caldas de Vasconcellos, Pe. (ca. 18??), 523.
- José Vitorino de Sousa Albuquerque (1843-1916), 245.
- José Vitorino Pinto de Carvalho, Pe. (1838-?), 261, 496.
- José Xavier de Valadares e Sousa (?-1759), 1100.
- J. Torrende, SJ (?-?), 1067.
- Juan de Valdés, 182.
- Juan Haraneder, 181.
- Julião Francisco Ferreira (1730-1771), 894, 879.
- Júlio António Avelino Soares (1846-1888), 745.
- Júlio de Castilho (1840-1919), 939.

Júlio Francisco de Oliveira, Dom, CO,  
573, 867, 1237, 1271.  
Julius Wellhausen (1844-1918), 299.  
Junqueira Freire, Frei, OSB (1832-1855),  
1086.

## K

Karl David Ilgen (1763-1834), 297.  
Karl Friedrich Bahrdt, 305.  
Karppe, S., 157.  
Kautzch, 201.

## L

L'abbé de Vence, 148.  
Lallemant, Pe., 147, 408, 583, 946, 1310,  
1334, 1335, 1388.  
Laurent de Delvaux (1696-1778), 895.  
Laurent Helbigensis, 380.  
L. Bonnet, 156.  
Leonardo da Senhora das Dores Castelo  
Branco (1788-1873), 1086.  
Leonor de Almeida Portugal e Lencastre  
/ Marquesa de Alorna / Alcipe, pseud. /  
Condessa de Oyenhausen (1750-1839),  
261, 496.  
Loch, V., 201, 1405.  
Louis Auguste Sabatier (1839-1901), 329.  
Louis Segond, 174, 175.  
Lourenço Bautista Feio, Dom (1696-?),  
806.  
Lourenço da Cunha (?-1760), 879.  
Lourenço de Santa Teresa, Frei, OFM  
(1705-?), 806.  
Lourenço Justiniano Pacheco (1712-?),  
940.  
Lucas Tavares, Pe. (1757-1824), 497, 854.  
Luciano Xavier dos Santos (1734-1808),  
746.  
Luigi Cuccagni (1740-1798), 1265.  
Luís (?-?), 524, 673.  
Luís Álvares de Azevedo (1755-1820?),  
855.

Luís António da Costa Pego de Barbosa,  
Pe., OC (1710-?), 566, 636.  
Luís António de Azevedo (1755-1820?),  
566.  
Luís António Verney, Pe. (1713-1792),  
49, 51, 52, 70, 371, 375, 1161, 1162,  
1255.  
Luís Augusto Palmeirim (1825-1893),  
940.  
Luís Augusto Rebelo da Silva  
(1822-1871), 270.  
Luís Augusto Rodrigues Viana, Pe.  
(séc. XIX), 524.  
Luís Botelho Fróis de Figueiredo  
(1675-1720), 617, 658.  
Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior  
(1844-1897), 1087.  
Luís Cardoso Coelho (?-?), 524.  
Luís Carlos Moniz Barreto (?-1791), 524.  
Luís Cipriano Coelho de Magalhães /  
Luís de Magalhães (1859-1935?), 940.  
Luís Correia Júnior (?-?), 245.  
Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque  
(1792-1846), 331.  
Luís D., (ca. 1817), 1131.  
Luís do Pilar Pereira de Castro, Pe.  
(1809-1864), 807, 1118.  
Luís do Rosário, Frei, OCD (séc. XVIII),  
684.  
Luís Filipe Leite (1828-1898), 270.  
Luís Gonçalves dos Santos, Pe.  
(1767-1844), 1087.  
Luís Gonçalves Pinheiro, Pe. (?-1727),  
807.  
Luís José Baiardo (1775-?), 1101.  
Luís Maria da Silva Ramos, Pe.  
(1841-1921), 412, 444, 497, 525, 807,  
855, 1118.  
Luís Maria de Carvalho Saavedra Donas  
Boto (1810-1890), 940.  
Luís Marques Lagoa, Pe. (1762-1842),  
412.



Luís Miguel Coelho de Albernaz, Pe.  
(?-ca. 1792), 685.  
Luís Moreira Maia da Silva / Luís  
Moreira da Silva, Pe. (séc. XIX), 807.  
Luís Nicolau Fagundes Varela  
(1841-1875), 1088.  
Luís Paulino da Silva e Azevedo, OMC  
(1690-1755), 245.  
Luiz Maria Buchereli / Bucaleli  
(1684-1749), 1055.  
Luzzato, Samuele David, 180.

## M

Maistre de Sacy, 139, 142, 143, 144, 145,  
247.  
Manuel Agostinho Barreto, Dom  
(1835-1911), 618, 855.  
Manuel Aires de Casal, Pe. (1754-1821),  
1058.  
Manuel Álvares Queirós, Frei, ex-CO  
(1739-1777), 525.  
Manuel Alves de Castro Francina (?-?),  
1064.  
Manuel António Monteiro de Campos  
Coelho da Costa Branco (séc. XVIII),  
525.  
Manuel António Pamplona (?-?), 1124.  
Manuel António Pires, Pe. (1824-1895),  
856.  
Manuel Bento Rodrigues, Dom Frei,  
CRSJE (1800-1869), 459, 868.  
Manuel Borges Carneiro (1774-1833),  
248.  
Manuel Borges Grainha (1862-1925), 412.  
Manuel Caetano de Pimenta Aguiar  
(1765-1832), 955.  
Manuel Cardoso, Frei (?-?), 746.  
Manuel Carneiro Adão, 886.  
Manuel Coelho de Sousa, OC (?-1736),  
375, 567.  
Manuel Coimbra, Frei, OFM  
(1647-1727), 567, 659.  
Manuel Correia de Azambuja, Frei,  
CSSJE (1864-1739), 650, 685.  
Manuel Correia de Bastos Pina, Dom,  
868.  
Manuel Correia Valente, Pe., CM (17??-  
1804), 856, 941.  
Manuel Coutinho, Dom Frei, 867.  
Manuel da Anunciação, Frei, OP  
(1643-1690), 262.  
Manuel da Apresentação, Frei, OFM  
(1732-1785), 685.  
Manuel da Assunção, Frei, OESA (séc.  
XVIII), 1026, 1033.  
Manuel da Avé Maria, Frei, OSP  
(?-1775), 525, 808.  
Manuel da Câmara (1735-1756), 880.  
Manuel da Conceição Argea, Frei, OFM  
(ca. 1780-ca. 1833), 808.  
Manuel da Conceição, Frei, OFM  
(1640?-1693?), 686.  
Manuel da Consciência, Pe., CO  
(1669-1739), 567.  
Manuel da Cruz - 1, Frei, OSPPE (séc.  
XVIII), 808.  
Manuel da Cruz - 2 (?-1820), 1027.  
Manuel da Epifania, Frei, OFM  
(1712-1767), 808, 1101.  
Manuel da Madre de Deus - 1, Frei,  
OFM (1724-?), 686, 1088.  
Manuel da Madre de Deus - 2, Frei,  
OCD (1806-?), 608, 686, 856.  
Manuel da Madre de Deus Bulhões, Frei,  
OCD (1663-ca. 1742), 1088.  
Manuel Dâmaso Antunes, Pe. (?-?), 526,  
687, 1124.  
Manuel da Paixão Ribeiro (fl. 1789), 725.  
Manuel da Rocha Cardoso (?-?), 767.  
Manuel da Rocha, Frei, OCist  
(1676-1744), 809.  
Manuel da Silva Moraes, Pe. (?-1742),  
618, 767.

- Manuel da Silveira, Frei, OP (1697-1750), 809.
- Manuel da Silveira Tojal (?-?), 809.
- Manuel da Veiga, SJ (1548-1638), 1110.
- Manuel de Albuquerque, Pe. (1843-1912), 445, 526, 1125.
- Manuel de Azevedo Fortes (1660-1741), 54.
- Manuel de Azevedo, SJ (1713-1796), 687.
- Manuel de Campos, SJ (1681-1758), 767, 1042.
- Manuel de Deus, Frei, OFM (1686-1730), 568, 601, 618.
- Manuel de Figueiredo, Frei, OESA (16?-1774), 809.
- Manuel de Gouveia, Frei, OESA (1659-1730), 810.
- Manuel de Jesus Lino, Pe. (1845-1912), 366.
- Manuel de Jesus Maria, Frei, OFM (?-?), 366.
- Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos, Pe., CO (1726-ca. 1788), 810.
- Manuel de Maria Santíssima, Frei, OFM (1732-1802), 650, 810, 857.
- Manuel de Moraes Pedroso (séc. XVIII), 726.
- Manuel de Nossa Senhora da Glória, Frei, CR (ca. 1829), 497.
- Manuel de Oliveira Ferreira / Manuel de Jesus de Oliveira Ferreira, Frei, OFM (1711-1782), 497, 526, 687, 941, 1110.
- Manuel de Santa Ana, Frei, OFM (1784-1802), 216, 413, 619, 1178, 1262, 1263, 1265.
- Manuel de Santana e Vasconcelos (1798-1851), 412, 445.
- Manuel de Santo António, Dom Frei, OSB (1671-1749), 499.
- Manuel de Santo António Doroteo (?-?), 811.
- Manuel de São Galdino / Gualdino, Dom Frei, OFM (?-1831), 811.
- Manuel de São Jerónimo, Frei, OSJ (1702-1746), 216.
- Manuel de São João Baptista, Frei, OEDSA (?-?), 811.
- Manuel de São Joaquim Maia, Frei (séc. XVIII), 413.
- Manuel de São José Lisboa, Frei, OFM (1757-1780), 499, 527, 569, 667.
- Manuel de São José Seixas, Frei (?-?), 378.
- Manuel de Sousa (1737-?), 570.
- Manuel de Sousa Barbosa (ca. 1800), 248.
- Manuel Dias de Sousa, Pe. (1755-ca. 1822), 248, 263, 636, 857.
- Manuel do Cenáculo Vilas Boas, Dom Frei, OFM (1724-1814), 49, 57, 59, 60, 78, 87, 119, 527, 545, 591, 645, 647, 811, 826, 857, 867, 1118, 1186, 1275.
- Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, Dom (1798-1863), 1089.
- Manuel dos Anjos, Frei, OFM (1595-1653), 659.
- Manuel dos Reis Bernardes, Pe. (1680-1741), 812.
- Manuel dos Santos - 1, Frei, OP (16?-17??), 637.
- Manuel dos Santos - 2, Frei, OSP (ca. 1737), 746.
- Manuel dos Santos - 3, Frei, OFM (1712-1760), 367.
- Manuel dos Santos Carvalho (1821-1916), 570.
- Manuel Eduardo da Mota Veiga, Pe. (1831-1879), 812.
- Manuel Evangelista, Frei, OFM (fl. 1762), 619.
- Manuel Fernandes de Santana, SJ (1864-1910), 216, 413.
- Manuel Ferreira Esteves (?-?), 895.

- Manuel Ferreira Marnoco e Sousa, Pe. (?-?), 413, 570, 812, 858.
- Manuel Filipe Coelho (?-?), 458.
- Manuel Francisco Lisboa (1715-1767), 880.
- Manuel Freire Batalha, Pe. (?-1746), 813.
- Manuel Gaspar, Frei, OESA (17?-1823), 747.
- Manuel Gomes de Andrade (séc. XVIII), 880.
- Manuel Gonçalves Braz, Pe. (?-?), 1055.
- Manuel Gouveia e Manuel Martins (?-?), 895.
- Manuel Guilherme, Frei, OP (1685-1730), 570, 592, 602, 767, 813, 858.
- Manuel Inácio Coutinho, Frei, OCD (?-ca. 1754), 531, 637.
- Manuel Inácio da Cunha / Inácio de Santa Teresa, Dom Frei, CRSA (1682-1751), 414, 426, 858, 1110.
- Manuel Inocêncio Liberato dos Santos (1805-1887), 747.
- Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914), 116, 414, 687, 688, 941.
- Manuel Joaquim Barradas, Pe. (1824-?), 813.
- Manuel Joaquim da Silveira, Dom (1807-1875), 447, 1089.
- Manuel Joaquim de Mesquita Pimentel (?-?), 415, 858.
- Manuel Joaquim dos Santos (1800-1863), 726.
- Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895), 271, 331.
- Manuel José da Silveira Lara (?-1784), 571.
- Manuel José dos Santos Farinha, Pe. (1871-1923), 217, 767, 813.
- Manuel José Ferreira, Frei (1746-ca. 1800), 367.
- Manuel José Gonçalves do Couto, Pe. (1819-1897), 499, 619.
- Manuel José Pereira dos Santos (?-?), 814.
- Manuel José / Sabino, pseud., Pe., CO (?-?), 637.
- Manuel Justiniano Seixas, Pe. (ca. 18??), 1058.
- Manuel Lopes Salvado Cota (ca. 18??), 941.
- Manuel Machado (?-?), 895.
- Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), 941, 943, 951, 956.
- Manuel Marinho Alves da Silva (séc. XIX), 651.
- Manuel Marinho, Mons. (séc. XIX), 263, 531, 602, 637, 858, 1118.
- Manuel Marques, SJ (?-?), 572.
- Manuel Martins de Anciães (?-?), 659.
- Manuel Martins Manso, Dom (1793-1878), 458.
- Manuel Matias Vieira Fialho de Mendonça (1779-1813), 943.
- Manuel Monteiro, Pe., CO (1667-1758), 376, 532, 572, 602, 608, 638, 944.
- Manuel Nunes da Fonseca, Pe. (1778-1826), 499.
- Manuel Nunes Negrão (?-?), 893.
- Manuel Pacheco de Resende, Dom, 868.
- Manuel Patrício de Bastos (17?-1856), 747.
- Manuel Pedro Henriques de Carvalho (ca. 18??), 499.
- Manuel Pereira da Costa Noronha (?-?), 880.
- Manuel Pereira de Almeida (séc. XVIII), 879.
- Manuel Pinto Coelho Cota de Araújo (?-ca. 1852), 499.
- Manuel Rodrigues da Silva Abreu (1793-1869), 263, 944.
- Manuel Rodrigues, Frei, OFM (1697-?, 814).
- Manuel Simões Barruncho (?-?), 944.
- Manuel Tavares da Silva (1829-?), 688.

- Marcelino de Araújo, 895.
- Marcelino Mesquita / Marcelino António da Silva Mesquita (1856-1919), 415.
- Marcello Leopardi (1750-1795), 881.
- Marco Benefial (1684-1764), 881.
- Marcos António da Fonseca Portugal (1762-1830), 747.
- Marcos Casteli (?-?), 367.
- Marcos de Santo António (séc. XVIII), 814.
- Maria Adelaide Fernandes Prata (1826-1881), 944.
- Maria Cecília de São Francisco, Soror, OSC (séc. XVIII), 638.
- Maria do Carmo Osório Cabral Pereira de Meneses (1828-?), 248.
- Maria do Céu / Marina Clemência (de Eça), Soror, OSC (1658-1753), 944.
- Maria Inácia da Visitação, Soror, OSC (ca. 1690-?), 945.
- Maria José Furtado de Mendonça (1826-?), 945.
- Maria Madalena Eufémia da Gama / Madalena da Glória, Soror (1672-ca. 1760), 945.
- Mariano de Jesus Maria (?-?), 638.
- Mariano de Piano, Frei, OFM Cap, 768.
- Mariano Tinoco Fontes / Foientes, 1178, 1265.
- Maria Rita Chiappe Cadet (18?-1885), 946.
- Maria Rita Correia de Sá Benevides Velasco da Câmara (1821-1868), 947.
- Mário de Alencar / Mário do Rio, pseud. (1871-1925), 947.
- Martinho António Pereira da Silva, Pe. (1812-1875), 638, 768, 814.
- Martinho de Mendonça de Pina e Proença (?-1743), 667.
- Martinho do Amor de Deus, Frei, OFM (?-1749), 620.
- Martinho Pereira - 1, OMC (1637-1729), 814.
- Martinho Pereira - 2, Pe., CO (séc. XVIII), 638, 659.
- Martins Pascoal / Martinets de Pasquallys (?-1774), 1132.
- Mart. Luther / Lutero, Martinho, 65, 93, 147, 161, 192, 200, 267, 286, 287, 288, 302, 439, 450, 456, 869, 969, 993, 994, 995, 1004, 1017, 1139, 1140, 1160, 1177, 1180, 1266, 1284, 1364, 1446, 1489.
- Mateus Augusto, Pe. (?-?), 433, 500.
- Mateus da Encarnação de Pina, Dom Frei, OSB (1687-1764), 500, 1090.
- Mateus de Assunção Brandão, Frei, OSB (1778?-1837), 415, 859.
- Mateus Januário Ribeiro, Pe. (séc. XVIII), 572.
- Mathias Jacob Osternold (1811-1849), 748.
- Matias da Conceição, Frei, OFM (16?-17??), 416, 815, 1178, 1244.
- Matias de Andrade, Pe., CO (1680-1747), 572.
- Matias de Santa Ana, Frei, OSA (?-1753), 688.
- Matthieu de Barneville, 148.
- Mésenguy, François Pierre, 169.
- Miguel Ângelo, Pe. (?-?), 667.
- Miguel António Dias (1805-1878), 416.
- Miguel Arcanjo Ribeiro de Castro Camargo, Pe. (?-?), 651.
- Miguel da Anunciação, Dom Frei, CRSA (1703-1779), 416, 426, 867.
- Miguel de Amaral, SJ (1732-?), 573.
- Miguel de Ataíde Corte Real, Pe. (?-?), 427.
- Miguel de Azevedo, Frei, OCarm (17?-18??), 602, 621.
- Miguel de São Bento, Frei, OSB (?-1718), 264.

Miguel de Sotomaior, Dom (1828-1911), 417, 500, 1125.  
 Miguel de Távora, Dom Frei, OESA (?-?), 427.  
 Miguel Dias, SJ (1636-1724), 602, 659.  
 Miguel do Rosário, OP (?-?), 815.  
 Miguel Ferreira de Almeida, Pe. (1840-1916), 573, 603, 621, 651, 815, 859.  
 Miguel Maurício Ramalho (ca. 1775), 1102.  
 Miguel Tibério Pedegache / Pedagache Brandão Ivo (1730?-1794), 418, 1102, 1246.  
 Ministres de la Parole de Dieu, 152, 153.  
 M. Jacob Bernardes, Pe., CO (?-1718), 808.  
 M. Joaquim Rebelo, SJ (?-?), 1101.  
 M. J. Valente, Pe. (ca. 18??), 567, 855.  
 M. L'Abbé A. Crampon, 156.  
 M. M. d'Almeida, Pe. (?-?), 567.  
 Múcio Teixeira (1857-1926), 1090.

## N

Narciso de Lacerda (1858-1913), 947.  
 Nicolas Le Gros, 153.  
 Nicolas Yapuguay (?-?), 1055.  
 Nicolau da Assunção Becquer, 1177.  
 Nicolau Dal (séc. XVIII), 1000.  
 Nicolau de Aquino, Frei (?-?), 816.  
 Nicolau Fernandes Colares, SJ (1662-1723), 816.  
 Nicolau Ferreira Duarte (1731-ca. 1800), 881.  
 Nicolau Nasoni (1699-1773), 907.  
 Nicolau Salvi e Luigi Vanvitelli (?-?), 896.  
 Nicolau Tolentino de Almeida (1740-1811), 947.  
 Nuno Álvares Pereira Pato Moniz (1781-1826), 947.  
 Nuno Caetano da Costa (17??-1829), 947.

Nuno Marques Pereira (1652-1728), 1056.

## O

Olivetán, 152.  
 Ostervald, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 172, 1399.

## P

Pablo Olavide, 182.  
 Padre Amelote, 1193.  
 Padre Barneville, 148.  
 Padre Carrières, 151, 1292.  
 Papa Pio IX (1792-1878), 104, 106, 114, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 197, 270, 343, 396, 419, 430, 431, 472, 483, 558, 1018, 1019, 1024, 1065, 1075, 1114, 1116, 1132, 1136, 1140, 1144, 1365.  
 Pascoal José de Mello, 1231, 1260, 1262.  
 Patriarcado de Lisboa, 418, 504, 525, 711, 712, 868, 881, 883.  
 Patrício da Silva, Dom Frei, OESA (1756-1840), 418, 868.  
 Patrício de Santa Maria, Frei, OFM (1690-17??), 1090.  
 Paul Passy, 157.  
 Pedro Alexandrino de Carvalho (1730-1810), 881.  
 Pedro Álvares, Pe., CO (?-1739), 418, 639, 768.  
 Pedro António Pérez de Castro, 182.  
 Pedro de Amorim Viana (1822-1901), 419.  
 Pedro de Jesus Maria José, Frei, OFM (1705-1748), 639.  
 Pedro de Santa Clara, Frei, OFM (séc. XVIII), 532, 574, 593, 859.  
 Pedro de Sousa de Castelo Branco, OC (1678-1755), 367.  
 Pedro de Vilas Boas e Sampaio, Dom (1691-1743), 860.

Pedro Dias (?-?), 816.  
 Pedro Dinis (?-1896), 500.  
 Pedro Gerardo, Frei (?-?), 575.  
 Pedro Guerra (séc. XIX), 431.  
 Pedro Hickey, Pe. (?-?), 640.  
 Pedro Inácio Ribeiro Soares (1789-1848), 1111.  
 Pedro José da Fonseca (1737-1816), 368, 532.  
 Pedro Luís Sympson (1840-1892), 1058.  
 Pedro Nicolau de Andrade (16?-17??), 419.  
 Pedro Paulo de Almeida Serra, Pe. (?-?), 660.  
 Pedro Peixoto (séc. XVIII), 882.  
 Pedro Rahmeyer (1699-1757), 217.  
 Philippe Neri Pires (?-?), 1033.  
 Pierre-Désiré Janvier (1817-1888), 175.  
 Pietro Bernabó Silorata, 180.  
 Pietro Bianchi (1694-1740), 882.  
 Plácido de Andrade Barroco, Frei, OFM (1750-1813), 688, 956, 1267.  
 Policarpo de Oliveira Bernardes (1695-1778), 902.  
 Porfírio António da Silva (séc. XIX), 532.  
 Prat Colom, 182.

## R

Rafael Augusto Bordalo Pinheiro (1846-1905), 896.  
 Rafael Bluteau (1638-1734), 54, 368.  
 Rafael da Purificação, Frei, OFM (1691-1744), 264, 533.  
 Raimundo António de Bulhão Pato (1829-1912), 947.  
 Raimundo da Mota de Azevedo Correia (1859-1911), 1091.  
 Raimundo Ferreira de Abreu, Pe. (1700-?), 688.  
 Raphael Morghen (1758-1833), 882.  
 Raúl de Matos Ferreira (ca. 18??), 370.  
 Reischl, W. K., 201.

Ribeiro de Carvalho (1880-1942), 420.  
 Richard Simon (1630-1712), 316.  
 Robert Jamieson, 195.  
 Robert Lowth (1710-1787), 328.  
 Robert Newstead (1788-?), 1009.  
 Roberto de Jesus Maria do Rosário, Frei, OP (?-?), 640.  
 Roberto Guilherme Woodhouse Barreto de Lencastre (1828-1876), 264, 533.  
 Robert Olivetan, 152.  
 Roberto Maciel, Pe. (ca. 18??), 575, 860, 1118.  
 Robert Reid Kalley, 445, 1050.  
 Rodrigo de Moura Teles, Dom (1644-1728), 689.  
 Rodriguez, Pe. (séc. XIX), 1042.  
 Royaumeont, 95, 177, 192, 245, 246, 247.  
 Rudolf Cornely, SJ (1830-1908), 335.

## S

Salvador de Sousa Carvalho e Manuel da Costa Brioso (1708-1773), 902.  
 Salvador Martiniano, Pe., CO (?-1754), 768.  
 Samuele David Luzzato, 180.  
 Santiago José Garcia Mazo, 851.  
 Santos Pacheco (?-ca. 1765), 896.  
 Saturnino de Sousa e Oliveira (1803-1848), 1064.  
 Schögl, N., 201.  
 Sebastiano Conca (1680-1764), 882.  
 Sebastião de Azevedo, Pe., CO (16?-1731), 768.  
 Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928), 501.  
 Sebastião de Santa Clara, Frei, OFM (séc. XIX), 501.  
 Sebastião de Santo António, Frei, OFM (ca. 1720-179?), 816.  
 Sebastião de Todos os Santos, Frei, OCD (séc. XVIII), 668.

Sebastião do Rego, Pe., CO (1699-1785), 1027, 1111.  
 Sebastião Gonçalves de Moraes, Pe. (?-1869/70), 860.  
 Sebastião José de Carvalho e Melo / Marquês de Pombal (1699-1782), 470.  
 Sebastião José Ribeiro de Sá (1822-1865), 249.  
 Sebastião Maria Aparício da Silva (1849-?), 1028.  
 Sebastião Neves Borges (?-?), 576.  
 Sebastião Rodolfo Dalgado, Mons. (1855-1922), 1033, 1036.  
 Serafim da Conceição, Frei, OCD (1734-1814), 533, 621, 817.  
 Shelomoh Yehudah Leão Templo (?- ca. 1733), 370.  
 Silvério Alexandrino / nome suposto (17?-?-?), 956.  
 Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846), 534.  
 Silvina Ferreira de Azevedo (?-?), 860.  
 Simão António de Santa Catarina, Frei, OSJ (ca. 1676-1733), 748, 860.  
 Simão Ferreira Machado (?-1733), 603.  
 Simão Góis da Santa (?-?), 593.  
 Sionnet (M. l'Abbé), 152.  
 S. Karpe, 157.  
 S. L. P. Maurício (séc. XIX), 816.  
 Sulzbach, 201.  
 Suriagy Ananda Rau (séc. XIX), 1035.

## T

Teodoro António de Lima (ca. 1780-ca. 1847), 882.  
 Teodoro de Almeida, Pe., CO (1722-1804), 30, 61, 62, 63, 64, 70, 87, 331, 332, 420, 534, 543, 576, 578, 579, 580, 609, 640, 817, 861, 862, 867, 1102, 1125, 1158, 1161, 1167.  
 Teodoro Franco, Pe., CO (séc. XVIII), 862.

Teodósio de Santa Marta, Frei, CSSJE (séc. XVIII), 221.  
 Teotónio, Dom (?-?), 1125.  
 Teotónio José, SJ (séc. XVIII), 1028.  
 Teotónio Pinto da Fonseca (séc. XVIII), 581.  
 Theodoro de Bussières, Visconde (1802-1865), 420.  
 Thomás Bequeman, Frei, CRT (1660-1729), 581, 818.  
 Thomas Boys (1792-1880), 221, 278.  
 Thomaz Delany (?-?), 221.  
 Tiago Sinibaldi, Pe. (1856-1928), 651.  
 Tomás António Ribeiro Ferreira (1831-1901), 948.  
 Tomás de Carvalho (1819-1897), 432.  
 Tomás de Noronha, Dom, OP (?-1847), 501, 862.  
 Tomásia Caetana de Santa Maria, Soror, OSA (1719-?), 948, 1103.  
 Tomás José de Aquino (1718?-1804), 582.  
 Tomás Pereira Puga (?-?), 641.  
 Tomás Vitale (1832-1893), 603, 652.  
 Tomé Rodrigues de Almeida Cabral (séc. XIX), 249.  
 Troilo de Vasconcelos da Cunha (1654-1729), 949.

## V

Valart, Pe., 153.  
 Valentim da Fonseca e Silva (1745-1813), 897.  
 Valentim da Mãe dos Homens, Frei, OFM (séc. XVIII), 819.  
 Valentim Mendes, SJ (1689-1759), 1091.  
 Valério de Oliveira Bernardes, Pe. (1704-?), 582, 621.  
 Valério do Sacramento, Dom Frei, OFM (séc. XVIII), 582.  
 Vamona Narana Sinay Gantgar (?-?), 1035.  
 Van den Palm, J. H., 200.



Van Hamelsveld, I., 200.  
 Van Rhijn, H., 200.  
 Vasco de Macedo (?-?), 582.  
 Vaubert, Pe. (?-?), 582.  
 Veríssimo Antônio Moreira de Mendonça  
 (ca. 1774-1756), 1103.  
 Veríssimo dos Mártires, Frei, OFM  
 (1699-1767), 749.  
 Vervier, SJ (?-?), 1042.  
 Vicente Amado / Vicente Lisbonense,  
 pseud., Pe., CO (?-1812), 819.  
 Vicente Carlos de Oliveira (?-1784), 1104.  
 Vicente da Cruz Trovisqueira (?-?), 583.  
 Vicente da Silva, Pe. (1707-?), 264, 949.  
 Vicente da Soledade, Dom Frei, OSB  
 (17?-1822), 819.  
 Vicente da Soledade e Castro, Dom Frei,  
 OSB (1763-1823), 862.  
 Vicente José Maria de Roboredo (17?-  
 1831), 749.  
 Vicente Maria, Dom (?-?), 221.  
 Victor Felíssimo Francisco Nabantino,  
 Frei, OCart (?-?), 264, 668.  
 Victorino José da Costa, ex-OSB (?-ca.  
 1752), 593, 621, 863.

Victório de Santa Maria, Frei, OESA  
 (séc. XVIII), 609, 863.  
 Victor Joseph Courtois, SJ (?-?), 1067.  
 Vincenzo Francesco Foggini (?-1755),  
 897.  
 Viscondessa de Balsemão (1749-1824),  
 923.  
 Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Dom  
 Frei, OFM<sup>Cap</sup> (1844-1878), 420,  
 1132.  
 Vittorio Barbieri (?-?), 897.

## W

Weizäker, C. Von, 201.  
 Wilhelm Martin Leberecht de Wette  
 (1780-1849), 298, 313.  
 Willem van der Kloet (1666-1747), 902.

## Y

Yshac de Ab.[natar] Díaz, 180.

## Z

Zeferino Norberto Gonçalves Brandão  
 (1842-?), 949.

## Índice Temático e Onomástico

Colocamos neste Índice alguns temas mais relevantes, para além daqueles que aparecem no Índice Geral. O mesmo se diga de alguns nomes de pessoas que nos mereceram especial importância. A consulta deste Índice não dispensa a consulta do Índice de Autores e do Índice Geral.

### A

- A Palavra* (jornal), 115, 398, 456, 1451.  
A Questão Romana, 128, 485, 502.  
Abertura dos portos, 1045.  
Absolutismo, 47, 65, 89, 106, 108.  
Academia de Ciências, 63, 113, 394, 410, 518, 527, 1158, 1159, 1277.  
Academia litúrgica, 417, 545.  
Açores, 79, 98, 99, 120, 223, 253, 389, 464, 508, 542, 596, 907, 916, 927, 954, 1077, 1303.  
Afonso Henriques, rei, 1180, 1181.  
Aguiar, Joaquim António de, 96, 1064, 1133.  
Alemanha, 48, 73, 138, 147, 292, 300, 303, 323, 326, 335, 342, 435, 471, 826, 928, 968, 969, 970, 973, 981, 1043, 1066, 1128, 1142, 1144, 1169, 1246, 1365.  
Anglicanos, 1049, 1065.  
Angola, 126, 629, 776, 856, 1046, 1061, 1062, 1063, 1070, 1336.  
Anticlericalismo, 70, 97, 101, 105, 110, 114, 410, 541, 618, 1068.  
Anticristão, 49, 79, 114, 122, 308, 386, 410, 430, 478, 479, 503, 951, 1451.  
Antijesuitismo, 90, 386, 465, 469, 478.  
Apócrifos / Apócrifa, 140, 157, 170, 219, 438, 957, 1199, 1201, 1214, 1285, 1286, 1303, 1358.  
Apologética, 33, 46, 117, 132, 264, 413, 458, 479, 484, 486, 489, 490, 491, 495, 497, 500, 504, 507, 518, 539, 1087, 1137, 1140, 1149, 1151, 1244, 1250, 1252.  
Apostolado da Oração, 1125, 1127.  
Arnauld, Antoine, 92, 93, 590, 1163, 1164, 1165, 1199, 1194.  
Ascetismo / ascética, 543, 574, 575, 589, 633, 645, 778, 816.  
Assembleia do clero galicano, 66, 390, 1185.  
Associação Católica (Porto), 115.  
*Augustinus* (de Jansénio), 90, 1241.  
Azevedo, Carlos Moreira, 47, 102, 782, 1443, etc.  
Azevedo, Dom José Pegado de, 99.

### B

- Baio, Miguel, 90, 1163.  
Barroso, António, 1061, 1065, 1066.  
Basílica da Estrela, 518, 776, 892, 898, 1120, 1126, 1127, 1181, 1270.

Batávia, 205, 595, 963, 964, 965, 967,  
 969, 970, 973, 978, 979, 980, 990,  
 991, 996, 998, 999, 1008, etc.  
 Belinquete, José, 245, 249, 250, 619, 829-  
 838, 844-865, 978, 993-996, 1009, etc.  
 Bento XIV, papa, 107, 130, 137, 138,  
 181, 183, 342, 490, 544, 546, 687,  
 706, 1132, 1143, 1189, 1286, 1354,  
 1364, 1365, 1367, 1377.  
 Bíblia católica, 29, 55, 183, 197, 200,  
 201, 206, 831, 1045, 1049, 1199, 1207,  
 1283, 1326, 1381, 1447, 1453.  
 Bíblia da Boémia, 201.  
 Bíblia da Dinamarca, 201.  
 Bíblia de Genebra, 157, 159, 166, 167,  
 169, 170, 171, 194.  
 Bíblia do Rabinato, 156.  
 Bíblia em Hebraico e Grego; ver suple-  
 mento 4, 1395-1403.  
 Bíblia em Latim; ver suplemento 3,  
 1377-1394.  
 Bíblia Polaca, 201.  
 Bíblias Políglotas, 1353, 1402, 1403.  
 Bíblia protestante, 32, 180, 195, 196,  
 280, 510, 963, 1356.  
 Bíblia sinodal (holandesa), 200.  
 Bíblias alemãs, 200.  
 Bíblias de influência germânica, 201.  
 Bíblias espanholas, 180.  
 Bíblias falsificadas, 206, 214, 438, 447-  
 450, 460, 1047, 1075, 1359.  
 Bíblias flamengas, 199.  
 Bíblias francesas, 138, 139.  
 Bíblias holandesas, 199.  
 Bíblias inglesas, 117, 192, 194.  
 Bíblias truncadas, 206, 214, 437, 438,  
 446, 450, 460.  
 Brasil, 33, 79, 81, 85, 93, 103, 107, 114,  
 117, 121, 203, 208, 211, 212, 215, 225,  
 227, 264, 278, 281, 330, 363, 421, 441,  
 446, 447, 451, etc.

Breviário(s), 559, 677, 678, 682, 685,  
 689, 690, 693, 695, 715.

## C

Cabo Verde, 121, 127, 259, 856, 1061,  
 1062.  
 Calendário litúrgico, 50.  
 Cânon, 129, 132, 299, 305, 345, 449,  
 450, 451, 701.  
 Cântico dos Cânticos, 131, 342, 594,  
 595-597, 634, 903, 916, 935, 1090,  
 1143.  
 Cantochão, 237, 673, 707, 719, 721-725,  
 727, 728, 732, 740, 742, 744, 750, 753.  
 Carta Pastoral, 418, 427, 447, 449, 456,  
 458, 459, 485, 1054, 1082, 1089.  
 Casamento civil, 102, 482, 519, 1089.  
 Catecismo de Lutero, 969, 1004, 1017.  
 Catecismo de Montpelier, 78, 91, 826,  
 827, 840, 862, 870, 1166.  
 Ceilão (Sri Lanka), 961, 962, 965, 967,  
 1007-1009, 1919, 1020, 1033, 1035,  
 1036, 1038, 1043.  
 Cerimoniais, 689, 704.  
 Cernache do Bonjardim, 459, 520, 607,  
 680, 693, 1028, 1066.  
 China, 556, 633, 761, 962, 1024, 1040,  
 1041, 1065, 1417.  
 Cidade de Deus, 530, 639, 1206.  
 Cidade dos Homens, 530.  
 Ciências auxiliares, 291, 357, 360, 384,  
 1137, 1150, 1394.  
 Ciências bíblicas, 290, 291, 295, 302,  
 308, 319, 324, 339, 353, 357, 376, 384,  
 1139, 1141, 1193, 1377.  
 Ciências eclesásticas, 259, 266, 300,  
 392, 507, 519, 539, 572, 602, 608, 637-  
 639, 808, 809, 856, 944, 1090, 1155,  
 1239, 1250, 1452.  
 Ciências modernas, 285, 286, 325, 331,  
 341, 345, 352, 353, 355, 358, 384, 430,  
 1145, 1147, 1149.

Cientismo, 61, 125, 287, 302, 357, 386,  
430, 478, 1175, 1451.  
Cisma, 61, 103, 391, 419, 835, 1019,  
1020, 1050, 1366, 1371, 1374.  
Clemente, Dom Manuel, 97, 99, 102,  
115, 389, 483, 521, 1051.  
Colbert, Carlos Joaquim, 93, 840-843,  
1166.  
Colégio de Mafra, 72.  
Colégio Real dos Nobres, 72, 260, 368,  
522, 532, 616, 800, 849.  
Colportor(es), 440, 446, 448, 464.  
Companhia das Vinhas do Douro, 67.  
Concani, 1024-1026, 1031, 1034.  
Concordância, 140, 228, 229, 232, 519.  
*Concordantia*, 1392, 1393.  
Conferências do Casino, 112, 113, 389,  
475, 496, 766.  
Confissão, 244, 424, 426, 427, 429, 438,  
441, 450, 455, 480, 542-544, 546, 562,  
572, 602, 603, 613, 615, 617, 619, 621,  
622, 683, 697, 698, 710, 831, 835, 948,  
980, 996, 1010, 1164, 1241.  
Congregação do Oratório, 87, 211, 227,  
316, 331, 371, 376, 400, 412, 420, 497,  
534, 817, 819, 822, 854, etc.  
Congresso Católico, 114, 115, 254, 268,  
330, 397, 413, 483, 794.  
*Conimbricenses*, 48, 64, 73, 81.  
*Contemptus Mundi*, 624, 625, 670.  
Convento de Mafra, 210, 366, 367, 416,  
740, 806, 808, 815, 872, 877, 884, 887,  
890, 891, 897, 899, 1101.  
Conventos, 59, 97, 98, 100, 387, 388,  
478, 492, 591, 685, 720, 784, 833, 901,  
903, 1018, 1045, 1372, 1375.  
Conversão, 579, 611, 1135.  
Crítica histórica, 113, 285, 291, 294, 296,  
308, 311, 316, 1149, 1150, 1153.  
Criticismo bíblico, 293.  
Cunha Rivara, 276, 277, 1032, 1275.  
Cyran, Saint, 92.

## D

D. João VI, rei, 98, 127, 183, 262, 743,  
919, 1046, 1063, 1073, 1194, 1198,  
1298, 1301.  
D. José I, rei, 105, 235, 376, 377, 470,  
730, 735, 740, 884, 892, 1098, 1111.  
D. Maria I, rainha, 69, 89, 208, 226,  
518, 545, 663, 736, 776, 874, 1119,  
1120, 1127, 1160, 1169, 1174, 1182,  
1232, 1275, 1279.  
D. Maria II, rainha, 402, 737, 927, 1018,  
1019, 1210.  
D. Miguel, rei, 96, 103, 257, 387, 398,  
488, 615, 632, 656, 760, 808, 868,  
1051, 1054, 1116, 1129.  
D. Pedro III, rei consorte, 495, 1120,  
1127, 1182, 1232, 1269.  
D. Pedro IV, rei, 212, 736, 1054.  
D. Pedro V, rei, 271, 331, 747, 1065.  
D'Hulst, Mons., 343, 346, 1148.  
David Lopes, 967, 978, 983, 984, 988,  
990-995, 997-999, 1001, 1002, 1006,  
1009, 1014, 1018, 1033.  
*Dedução Cronológica e Analítica*, 75, 78,  
467, 469, 470, 475, 1255, 1256.  
*Dei Filius* (Vaticano I), 92, 124, 126,  
342, 1143, 1151, 1166, 1167, 1411,  
1416.  
Deísmo, 48, 61, 112, 123, 132, 287, 316,  
398, 410, 486, 502, 1128.  
*Denzinger*, 32, 90, 94, 109, 110, 122-125,  
129, 337, 338, 342, 343, 403, 424, etc.  
Dêutero-canônicos, 32, 39, 143, 144-  
146, 154, 155, 159-162, 164-166, 168,  
171, etc.  
Devoções / devoção, 31, 235, 342, 457,  
552, 555, 583, 608, 611, 628, 646-648,  
650, 651, 698, 706, 710, 761, 845, etc.  
Dinamarca, 201, 435, 625, 968, 1043.  
*Divino Afflante Spiritu* (Pio XII), 132,  
134, 327, 337, 1135, 1137, 1139, 1146,  
1149, 1153, 1154, 1447.

*Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, 33, 123, 125, 129-133, 207, 293, 325, 343, 341, 348, 717, etc.

## E

École Biblique et Archéologique Française, 327, 346, 1146, 1148.  
École Large, 345, 1145.  
Edições críticas, 285, 294, 328, 355.  
*Enchiridion Biblicum*, 1136, 1140, 1437.  
*Encyclopédie*, 47, 55, 70, 87, 109, 110.  
Episcopalismo, 56, 62, 78, 101, 126, 1182, 1241, 1450.  
Escada de Jacob, 543, 571, 592, 593.  
Escócia, 107, 120, 435, 1048, 1049.  
Escola de Maфра, 720.  
Espiritualidade da Paixão, 542, 604, 670.  
Espiritualidade devocional, 542, 645, 670.  
Espiritualidade eucarística, 542, 597, 670.  
Espiritualidade mariana, 542, 628, 670.  
Espiritualidade mística, 542, 588, 604, 670.  
Estados pontifícios, 62, 80, 104, 111, 122, 128, 1142.  
Estatutos (da Universidade), 30, 52, 57, 58, 422, 467, 1082, 1173, 1189, 1256, 1448.  
Estudos bíblicos, 29, 31, 36, 134, 194, 285, 292, 293, 295, 296, 302, 303, 311, 317, 318, 323, 324, 335, 341, 344, 347, 348, 357, 360, 364, 384, 430, 1120, 1137, 1141, 1147, 1149, 1150, 1153, 1324, 1394.  
Extinção das Ordens religiosas, 29, 48, 68, 96, 98, 264, 418, 501, 545, 668, 773, 1062.

## F

Fé e Razão, 125, 285, 338, 339, 1409, 1415, 1416, 1421.

Febrônio, 56, 124, 409, 418, 1160, 1169, 1246, 1247.  
Fortunato de Almeida, 67, 83, 84, 97, 98, 104, 112, 210, 217, 227, 235, 236, 237, 239, 243, 244, 254, 270, 366, 385, 391, 404, 412, etc.  
França, 47-49, 54, 55, 61, 62, 68, 73, 87, 90, 91, 93, 103, 104, 105, 107-111, 135, etc.  
Franco, Eduardo, 82, 83, 89, 332, 468, 471.

## G

Galicismo, 49, 51, 56, 57, 62, 65, 66, 78, 90, 91, 94, 101, 104, 123, 125, 1166, 1169, 1172, 1180, 1182, 1183, 1241, 1264, 1450.  
Gêneros literários, 287, 290, 300, 301, 303, 341, 346, 354, 1114, 1146.  
Gérson, João, 69, 93, 627, 1179, 1180, 1230, 1231, 1276.  
Goa, 276, 364, 414, 426, 633, 778, 811, 158, 999, 1006, 1019, 1020, 1021, 1023, 1025-1027, 1029, 1032, etc.  
Gomes, Simão (sapateiro de Trancoso), 238, 1109, 1110, 1113.  
Gramática grega, 361, 365.  
Gramática hebraica, 323, 376.  
Gramática latina, 370, 371-373, 375, 376, 395, 491, 636, 667, 684, 917, 943, 1057, 1217, 1220, 1222, 1223, 1225, 1260, 1274, 1275, 1277, etc.  
Gregório XVI, papa, 32, 40, 103, 130, 342, 387, 391, 421, 422, 516, 760, 1019, 1064, 1132, 1143, 1365, 1371, 1374.  
Guiné, 1046, 1061, 1062, 1111.

## H

Hagiografia, 755.  
Hegel, 297, 306, 310, 314, 316, 541.

Hermenêutica, 30, 185, 285, 286, 290,  
292, 294, 295, 311, 322, 341, 355, 366,  
1149, 1264, 1377.  
História da Igreja, 30, 34, 36, 63, 133,  
207, 210, 336, 348, 353, 405, 451, 530,  
542, 772, 1114, 1119, 1135, 1137, 1149,  
1170, 1230, 1239, 1417, 1445, 1453.  
História da Redação, 316.  
História das Formas, 301, 316.  
História Eclesiástica, 55, 95, 364, 366,  
419, 469, 534, 636, 667, 777, 794, 801,  
1004, 1164, 1185, 1227, 1230, 1368,  
1372.  
História(s) Sagrada(s), 35, 207, 210, 222,  
223, 225, 227, 239, 240, 242, 245,  
247-249 251, 1451.  
Holanda, 119, 138, 318, 319, 399, 435,  
1000, 1001, 1049, 1430.  
Homilia, 671, 775, 783, 823.  
Horas Canônicas, 672, 685, 689, 693,  
694, 698, 709.

## I

Igreja Anglicana, 469, 1013, 1049.  
Igreja Católica, 29, 31, 36, 39, 45, 79, 90,  
96, 98, 102, 103, 107, 110, 112-117,  
119, 121, 129, 131, 134, 206, 207, 267,  
285, 288, 289, 290, etc.  
Igrejas Protestantes, 117, 119, 124, 283,  
386, 435, 437, 453, 455, 478, 709, 756,  
968, 969, 1045, 1046, 1049, 1052,  
1147, 1200, 1284, 1285, 1358, etc.  
Ilha da Madeira, 79, 120, 121, 412, 445,  
1050, 1210.  
Iluminismo, 45, 47-52, 54, 55, 58, 59,  
64, 70, 79, 87, 94, 97, 108, 110, 119,  
207, 293, 331, 368, 369, 386, 388,  
420, 465, 477, 534, 576, 609, etc.  
Imaculada Conceição, 121, 509, 510,  
565, 584, 628, 629, 631, 632, 637, 640,  
642, 646, 673, 728, 776, 803, 807,  
817, 821, 872, 873, 876, 882, 911, etc.

*Imitação de Cristo*, 624-628, 996.  
*Immortale Dei* (Leão XIII), 97, 103, 105,  
106, 109, 1438.  
Imprensa Católica, 115, 116, 385, 541.  
Índia, 107, 235, 278, 420, 474, 778, 835,  
906, 961-963, 965-969, 973-977, 980,  
984, 988, 998, 1002, 1013, 1019, 1020,  
etc.  
Indo-português, 962, 964, 1006, 1008,  
1013, 1033, 1035, 1426.  
Infalibilidade (do Papa), 60, 66, 114, 121,  
123, 125, 128, 396, 456, 503, 785, 813,  
1177, 1253, 1299.  
Inocência, 57, 60, 113, 208, 211, 212,  
215, 221-227, 237, 239, 240, 241, 244,  
245, 248, 249, 253, 254, etc.  
Inquisição, 46, 56, 68, 70, 71, 79, 83-85,  
118, 119, 181, 205, 268, 273, 399, 428,  
475, 482, 491, 517, 544, 564, 772,  
1094, 1098, etc.  
Inspiração, 286, 291, 294, 300-303,  
308, 309, 341, 345, 346, 378, 455,  
915, 1137-1140, 1145-1147, 1149, 1150,  
1152, 1159, 1299, 1367.

## J

Jacobeia, 59, 93, 94, 424, 427, 541-546,  
569, 589, 592, 670, 773, 1161, 1166,  
1180, 1450.  
Jansênio, 90, 472, 1163, 1167, 1241.  
Jansenismo, 49, 61, 78, 88-94, 122, 500,  
826, 828, 1120, 1162-1167, etc.  
Jesuítas, 29, 46, 54, 55, 60, 66-69, 71-86,  
89, 91, 93, 96, 98, 114, 135, 182, 203,  
225, 257, etc.  
Judeus, 85, 98, 113, 225, 253, 272, 282,  
303, 308, 319, 321, 325, 339, 393, 479,  
870, 962, 1083, 1091, 1128.

## K

King James Bible, 193, 194.  
King James Version, 193.

## L

Lagrange, Pe., 31, 310, 327, 336, 346, 347, 348, 1146-1149, 1445.  
 Lavajo, Joaquim Chorão, 58, 73, 102, 427, 545, 760.  
 Leão XIII, papa, 34, 39, 40, 105, 106, 109, 121, 127, 130, 133, 222, 272, 292, 327, 336, 344, 346, 348, 353, 357, 525, 717, 1020, etc.  
 Liberalismo, 30, 48, 69, 96, 99, 102, 103, 105, 106, 107, 111, 114, 115, 122, 127, 129, 134, 306, 322, 386, 404-406, 430, etc.  
 Línguas vulgares, 31, 118, 129, 130, 133, 137, 138, 181, 183, 207, 342, 343, 358, 439, 963, 1047, 1139, 1143, 1189, 1190, 1286, etc.  
 Literatura de controvérsia, 33, 45, 119, 287, 385, 446, 479, 1002.  
 Literatura de espelho, 542, 661, 670.  
 Lovaina, 56, 60, 90, 93, 94, 416, 940, 1140.  
 Luís XIV, 66, 92, 135, 323, 871.  
 Luteranos, 968, 969, 972, 975, 1049, 1065, 1249.  
 Luzes, 48-52, 62, 74, 77, 83, 86, 89, 302, 303, 825, 1164.

## M

Maçonaria, 70, 98, 101-103, 106, 107, 108, 110, 112, 117, 122, 126, 404, 420, 448, 480, 564, 634, 776, 795-797, 937, 1060, 1081, etc.  
 Magyar Biblia, 201.  
 Malagrida, Pe., 81, 83-85, 118, 1094, 1098.  
 Marques, João Francisco, 108, 270, 391, 396, 405, 409, 412, 413, 426, 441, 442, 453, 496, 498, 514, 526, 533, 560, 571, 573, etc.

Médio Oriente, 65, 287, 293, 295, 298, 308, 324, 325, 337, 338, 353, 358, 1137, 1141.

*Memórias Históricas do Ministério do Púlpito*, 59, 87.

Missais, 49, 50, 648 (ver cap. 11.6.).

Missale Romanum, 701-704, 710-714.

Moçambique, 1046, 1061, 1064, 1065-1067, 1070.

Modernismo, 207, 299, 343, 345, 1145, 1153.

Morujão, Isabel, 590, 592, 757, 821, 945, 946, 949.

Mosteiros, 97, 98, 478, 492, 719, 901, 1375.

## N

Napoleão, 107, 111, 117, 127, 413, 927, 1046, 1113.

Noruega, 435, 968.

*Nouvelles Ecclésiastiques* (jornal periódico), 75, 76, 1172, 1185, 1231.

Núncio Apostólico, 69, 396, 1020.

## O

Ofício Divino, 672, 689, 694, 706, 709.

Oratorianos, 48, 61, 63, 64, 71, 74, 93, 371, 374, 516, 544, 557, 1161, 1162, 1223, 1449.

Ordem Franciscana, 1159, 1186.

Orientalismo, 285, 293, 294, 308, 324, 355, 1141.

## P

Padroado português, 1018, 1019, 1020, 1024, 1033, 1061, 1064-1066.

Palácio das Necessidades, 63, 878.

Pictorial Family Bible, 198.

Pio IX, papa, 33, 104, 106, 114, 121-124, 126-130, 197, 343, 396, 419, 430, 431, 472, 489, 558, 1018, 1019, 1024, etc.

Polónia, 436.



Pombal, Marquês de, 29, 30, 39, 45, 46, 48, 50-52, 54-57, 59-80, 83, 86-91, 93-97, etc.  
 Pontificais, 672, 706, 715.  
 Pontifícia Comissão Bíblica, 337, 1135, 1152.  
 Porções (partes da Bíblia), 191, 437, 1010, 1045, 1055, 1071, 1212, 1284, 1286, 1287, 1329.  
 Predestinação, 90, 93, 756, 1163, 1165.  
 Processionários, 645, 672, 707.  
 Procissões, 457, 597, 645, 647, 707, 775.  
 Profetismo político, 39, 1093, 1106, 1233, 1453.  
*Propaganda Fidei*, 1020, 1030.  
 Protestantismo, 36, 91, 93, 107, 116, 117-119, 206, 267, 278, 288, 289, 291, 306, 323, 399, 406, 436, 439, 445-447, 450, etc.  
*Providentissimus Deus*, 34, 39, 121, 132, 133, 343-345, 353, 357, 1135-1152.

## Q

*Quanta Cura* (Pio IX), 104, 106, 112, 114, 129, 343, 430, 1144.  
 Quarta Regra (Trento), 129, 1189, 1286.  
 Quesnel, Pasquier, 92, 93, 500, 1165-1167.  
 Questão Bíblica, 345, 346, 348, 436, 1148, 1153.  
 Quinto Império, 238, 1109, 1113.

## R

Racionalismo, 104, 122, 123, 267, 285, 287, 288, 292, 293, 295, 301, 308, 317, 329, 335, 337, 339, 340, 341, 343, 344, etc.  
 Racionalismo protestante, 294, 317.  
 Real Mesa Censória, 51, 56, 57, 60, 70, 71, 75, 94, 112, 134, 228, 372, 417, 419, 544, 1165-1167, 1174.

Regalismo, 30, 46, 51, 52, 56, 57, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 78-80, 82, 85-91, 94, 105, 112, 121-123, 125, 126, 129, 135, etc.  
 Revised version, 194.  
 Revolução Francesa, 87, 100, 101, 107-110, 112, 116, 122, 295, 403, 404, 755, 796, 797, 799, 1266, 1445.  
 Revue Biblique, 327, 348, 1147, 1148.  
 Rituais, 672, 698.  
 Rússia, 32, 107, 120, 142, 206, 415, 435, 1047.

## S

S. Tomé e Príncipe, 722, 834, 1111.  
 Sacra Biblia das ist Die ganse Heilige Scherift (alemã), 200.  
 Sagrado Coração de Jesus, 518, 713, 879, 1023, 1120, 1121, 1123-1127, 1269.  
 Saltérios, 709-710 (ver cap. 11.10.).  
 Santa Margarida Maria Alacoque, 577, 1119, 1120, 1269.  
 Santo Ofício, 63, 85, 88, 110, 332, 568, 574, 589, 800, 819.  
 Santos, Cândido dos, 51, 56, 63, 71, 75, 77, 88, 93, 94, 411, 416, 462, 481, 497, 507, 552, 607, 842, 854, 855, 1131, 1158, 1162-1166, 1168, 1171, 1177, 1178, 1185, 1188, 1194, 1215, 1224, etc.  
 Seminários, 76, 87, 111, 210, 244, 346, 358, 514, 803, 807, 815, 1018, 1045, 1052, etc.  
 Sigilismo, 417-429, 478, 543, 544 (ver cap. 7.2.).  
 Sociedades Bíblicas, 29, 32, 119, 120, 130, 143, 160, 187, 205, 206, 278, 342, 344, 435, 436, 440, 448, 963, 964, 965, etc. (ver cap. 19.1.).  
 Stewart, Robert, 281, 1211, 1212, 1335.  
 Suécia, 435.

*Syllabus*, 104, 112, 114, 123, 129, 343,  
430, 431, 1081, 1132, 1140, 1144.

## T

Tamul, 963, 968, 973-978, 993-996,  
1001, 1003, 1030, 1038, 1040.

*Tentativa Theológica*, 245, 400, 416, 1170,  
1172, 1177, 1178, 1241-1244, 1249.

Terremoto (1755), 39, 217, 720, 776, 875,  
878, 888, 890, 1076, 1117, 1227-1229,  
1253, 1452, 1093-1106.

Thomas Boys, 118, 221, 278-280, 1208.

Tranquebar, 280, 595, 963, 965-1008,  
1013, 1017, 1018-1032, 1043, 1054,  
1055 (ver 19.2.-19.4.1.).

## U

Ultimato, 1045, 1046, 1066.

Últimos fins do homem, 653, 654, 883.

Ultramontanismo, 46, 61, 62, 66, 67, 78,  
80, 452, 501, 1113, 1250, 1245.

Umbundo, 1336, 1350.

## V

Vaticano, 54, 69, 114, 127, 128, 289, 387,  
1160, 1190, 1326, 1365, 1371, 1420.

Vaticano I, Concílio, 114, 121, 122, 124,  
127, 129, 131, 132, 293, 344, 1136,

1144, 1148, 1149, 1151, 1152, 1178,  
1411, 1416.

Vaticano II, Concílio, 37, 126, 127, 132,  
204, 284, 437, 438, 505, 598, 671,  
672, 716-718, 754, 1072, 1137, 1141,  
1149, 1150, 1194, 1326, 1411, 1416,  
1447.

Verdade, 55, 57, 64, 78, 84, 222, 289,  
290, 292, 302, 305, 308, 319, 322,  
335, 352, 411, 438, 451, 598, 796,  
etc.

Vidas de Jesus, 253, 266, 268, 271, 282,  
285, 303, 311, 355.

Viradeira, 69, 73, 79, 1174, 1268, 1277.

Voltaire, 47, 61, 75, 83, 110, 112, 267,  
384, 545, 849, 1093.

Vulgata Latina, 31, 179, 183-189, 191,  
202, 211, 212, 214, 437, 595, 924,  
1047, 1053, 1143, 1157, 1187, 1188,  
1192, 1197, 1198, 1200, 1208, 1209,  
1283, etc.

## W

Whitley, Edward, 1209.



*“Digno és, Senhor e nosso Deus, de receber a glória, a honra e a força; porque criaste todas as coisas, por tua vontade foram criadas e existem.” (Ap 4,11)*



## Obras de Frei Herculano Alves

- *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1992.
- *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida* (Separata da tese de Doutoramento), Salamanca, Universidade Pontifícia de Salamanca, 2005.
- *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida* (tese de doutoramento), Fátima /Lisboa / S. Paulo, Difusora Bíblica / Sociedade Bíblica de Portugal /Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- *Símbolos na Bíblia*, Fátima, Difusora Bíblica, 2010.
- *Símbolos en la Biblia* (trad. espanhola do anterior), Salamanca, Sígueme, 2007.
- *Símbolos e Gestos Penitenciais*, Fátima, Difusora Bíblica, 2007.
- *Sementes da Palavra – Antigo Testamento*, Difusora Bíblica / Gráfica de Coimbra, Fátima / Coimbra, 2009.
- *Sementes da Palavra – Novo Testamento*, Difusora Bíblica / Gráfica de Coimbra, Fátima/Coimbra, 2009.
- *Sementes da Palavra – Evangelhos*, Difusora Bíblica / Gráfica de Coimbra, Fátima/Coimbra, 2009.
- *Dá-me dessa Água... — Métodos de Leitura da Bíblia*, Difusora Bíblica /Gráfica de Coimbra, Fátima / Coimbra, 2009.
- *Documentos da Igreja sobre a Bíblia* (2.<sup>a</sup> edição corrigida e aumentada), Difusora Bíblica / Gráfica de Coimbra, Fátima / Coimbra, 2011.
- *S. Francisco e a Palavra de Deus*, Difusora Bíblica, Fátima, 2011.
- *A Bíblia em Portugal* – coletânea em 6 volumes:
  - A Bíblia em Portugal, volume I, *As Línguas da Bíblia. 23 séculos de traduções*, Esfera do Caos Editores, Lisboa, 2016; 2.<sup>a</sup> edição, Edições Esgotadas, 2019.
  - A Bíblia em Portugal, volume II, *A Bíblia na Idade Média*, Esfera do Caos Editores, Lisboa, 2017.
  - A Bíblia em Portugal, volume III, *A Bíblia nos séculos XVI-XVII*, Manufatura-Europress, Lisboa, 2019.
  - A Bíblia em Portugal, volume IV, *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida e Catálogo das suas obras*, Edições Esgotadas, 2019.

